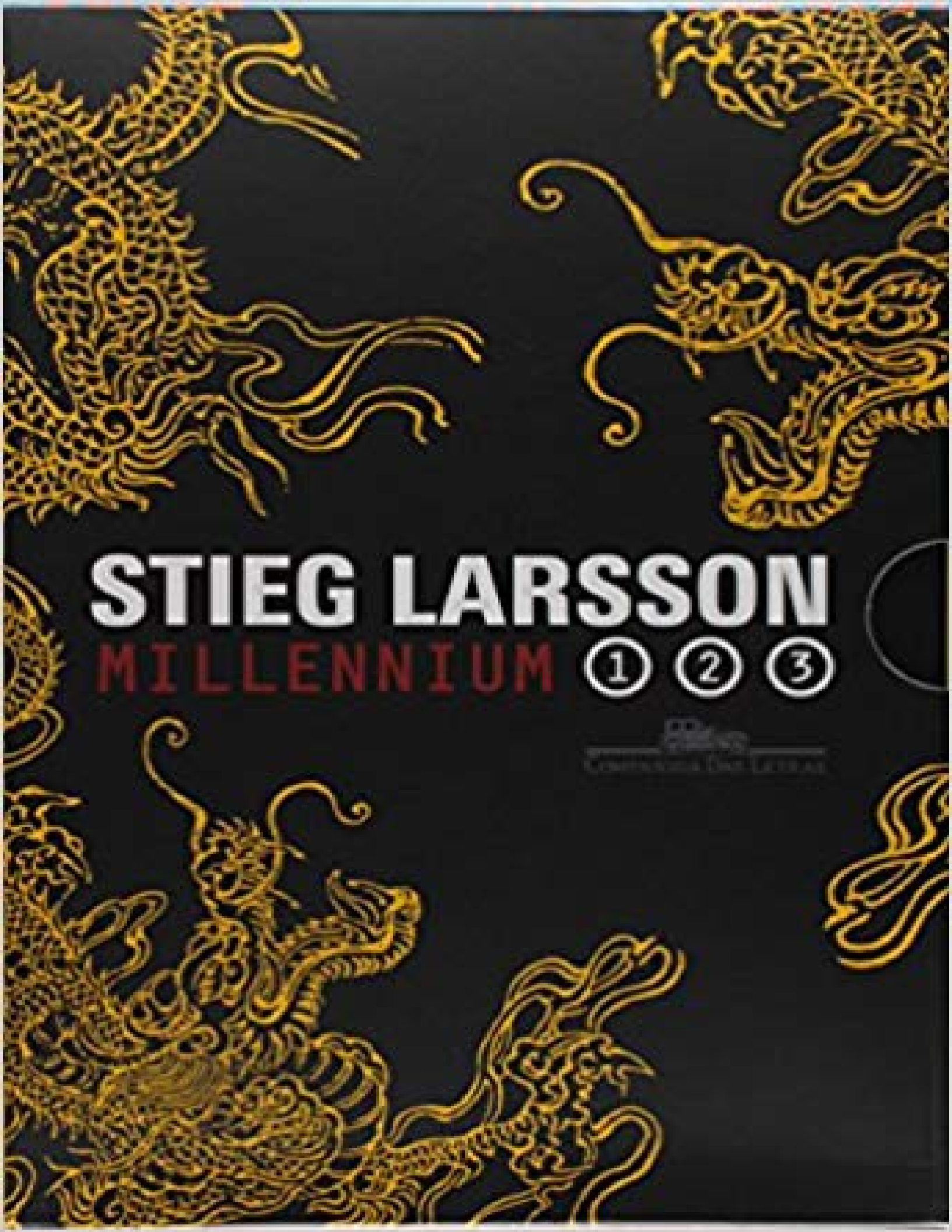

STIEG LARSSON
MILLENNIUM
1 2 3

STIEG LARSSON

OS HOMENS QUE NÃO AMAVAM AS MULHERES

Tradução

Paulo Neves



Copyright © 2005 by Stieg Larsson

Título original sueco
Män som hatar kvinnor

Traduzido da edição francesa (Les hommes qui n'aimaient pas les femmes)

Capa
Retina 78

Preparação
Maria Cecília Caropreso

Revisão
Marise S. Leal
Carmen S. da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Larsson, Stieg, 1954-2004

Os homens que não amavam as mulheres / Stieg Larsson ; tradução Paulo Neves, — São Paulo : Companhia das Letras, 2008. — (Millennium ; 1)

Título original : Man som hatar kvinnor.

ISBN 978-85-359-1524-8

1. Ficção policial e de mistério (Literatura sueca) 2. Romance sueco I. Título. II. Série.

08-08796 CDD-839.737

Índice para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura sueca 839.737

[2009]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj.
32 04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500 Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

PRÓLOGO – SEXTA-FEIRA 1º DE NOVEMBRO

Acontecia todos os anos, quase como um ritual. O homem que recebia a flor festejava naquele dia seus oitenta e dois anos. Ele abriu o envelope e retirou o papel de presente do embrulho. Depois pegou o telefone e digitou o número de um ex-inspetor de polícia que desde sua aposentadoria instalara-se na Dalecarlia, perto do lago Siljan. Os dois homens não só tinham a mesma idade mas haviam nascido no mesmo dia — o que, nessas circunstâncias, parecia irônico. O inspetor sabia que receberia esse telefonema após a passagem do carteiro por volta das onze da manhã, e tomava seu café enquanto aguardava. Nesse ano, o telefone tocou às dez e meia. Ele atendeu e foi direto ao assunto.

— Ela chegou, suponho. E então, qual é a flor deste ano?

— Não faço a menor idéia. Vou mandar identificá-la. Uma flor branca.

— Nenhuma carta, como sempre?

— Não. Apenas a flor. A moldura é a mesma do ano passado. Uma dessas molduras baratas do tipo faça-você-mesmo.

— Selo do correio?

— Estocolmo.

— Escrita?

— Como sempre, maiúsculas de imprensa. Letras retas e bem traçadas.

Haviam esgotado o assunto e ficaram em silêncio durante quase um minuto. O inspetor aposentado inclinou-se para trás na cadeira da cozinha e aspirou seu cachimbo. Sabia muito bem que não se esperava dele uma pergunta concisa ou um comentário perspicaz que lançassem uma nova luz sobre o caso. Essa época acabara havia anos, e a conversa entre os dois homens idosos tinha o caráter de um ritual em torno de um mistério que ninguém mais no mundo, a não ser eles, estava disposto a resolver.

O nome latino da planta era *Leptospermum rubinette (Myrtaceae).* Uma planta de mato, relativamente comum, com folhas pequenas que lembram as da urze, e uma flor branca de dois centímetros com cinco pétalas. Comprimento total: cerca de dez centímetros.

Era encontrada no mato e nas regiões montanhosas da Austrália, onde brotava sob a forma de grossos tufos de erva. Lá, chamavam-na *desert snow.* Mais tarde, uma especialista do jardim botânico de Uppsala constataria se tratar de uma planta rara, muito pouco cultivada na Suécia. Em seu relatório, a botânica escreveu que a planta era aparentada da murta de apartamento, seguidamente confundida com sua prima bem mais comum, a *Leptospermum scoparium,* abundante na Nova Zelândia. Segundo a especialista, a diferença consistia num número restrito de microscópicos pontos rosados na extremidade das pétalas, que davam à flor uma leve tonalidade rósea.

De maneira geral, a *rubinette* era uma flor particularmente insignificante. Não tinha valor comercial nem virtudes medicinais conhecidas, e não era alucinógena. Não comestível, inutilizável como condimento e desprovida de propriedade colorante. Contudo, tinha certa importância para os aborígenes da Austrália, que, por tradição, consideravam sagradas a região

e a flora ao redor de Ayers Rock. Assim, a única finalidade dessa flor parecia ser valorizar agradavelmente o entorno com sua beleza caprichosa.

Em seu relatório, a botânica de Uppsala constatava que, se na Austrália a *desert snow* era pouco difundida, na Escandinávia, então, era raríssima. Ela própria nunca vira nenhum exemplar, mas, por informações obtidas com alguns colegas, sabia de tentativas de introdução da planta num jardim em Göteborg, e não se excluía a possibilidade de que jardineiros amadores e fanáticos da botânica a cultivassem em pequenas estufas pessoais. A principal dificuldade de sua aclimatação na Suécia era que ela exigia um clima suave e seco, e devia passar os seis meses do inverno protegida. Os solos calcários não lhe convinham e ela necessitava de uma irrigação subterrânea, diretamente absorvida pela raiz. Exigia conhecimento e habilidade no cultivo.

Em tese, o fato de essa planta ser rara na Suécia devia facilitar o rastreamento da origem desse exemplar, mas, concretamente, era uma tarefa impossível. Não existiam nem registros a consultar nem licenças a examinar. Ninguém sabia quantos horticultores amadores podiam ter importado aleatoriamente uma planta tão difícil — poucas pessoas ou até mesmo centenas de apaixonados por flores podiam ter tido acesso às sementes e às plantas. Qualquer jardineiro poderia tê-las comprado de um colega sem nota fiscal, ou por correspondência, ou de algum jardim botânico na Europa. Ela podia até mesmo ter entrado na Suécia com alguém que estivesse retornando de uma viagem à Austrália. Ou seja, identificar esses cultivadores entre os milhões de suecos proprietários de uma pequena estufa ou de um vaso de flores no peitoril da janela era uma tarefa destinada ao fracasso.

Ela não passava de mais um número na série de flores inexplicáveis que chegavam todos os anos, sempre num grande envelope acolchoado, no dia 1º de novembro. A espécie mudava de ano para ano, mas eram sempre flores lindas e em geral bastante raras. Como sempre, a flor estava prensada em um vidro, cuidadosamente fixada sobre papel de desenho e emoldurada no formato 29 por 16.

O mistério dessas flores nunca fora divulgado à imprensa e só era conhecido por um círculo limitado. Três décadas antes, a chegada anual da flor fora objeto de análises — do laboratório criminológico do Estado, de peritos em impressões digitais e grafologistas, de criminologistas formados e de um certo número de familiares e amigos do destinatário. Agora, os atores desse drama não eram mais que três: o velho herói aniversariante, o policial aposentado e, naturalmente, a pessoa desconhecida que enviava o presente. Como pelo menos os dois primeiros haviam atingido uma idade mais que respeitável, chegava o momento de se preparar para a inelutável diminuição, em breve, desse círculo de iniciados.

O policial aposentado era um veterano fortalecido pela profissão. Nunca esquecera sua primeira ocorrência: a detenção de um bêbado — um mecânico ferroviário —, violento e disposto a colocar sua vida ou a de qualquer um em jogo. Ao longo de sua carreira, o policial pusera na prisão gatunos, homens que batiam na mulher, vigaristas, ladrões de carro e motoristas embriagados. Confrontara-se com assaltantes, ladrões, traficantes, estupradores e um dinamitador com uma certa dose de problemas mentais. Participara de nove inquéritos sobre crimes e assassinatos. Em cinco deles, o próprio culpado, atormentado pelo remorso, chamara a polícia para confessar o assassinato da mulher, do irmão ou de algum outro familiar. Três casos haviam exigido investigações; dois tiveram seu desfecho depois de alguns dias e um, com o auxílio da Polícia Federal, passados dois anos.

O nono inquérito não tinha bases policiais sólidas, isto é, os investigadores sabiam quem era o assassino, mas as provas eram tão insignificantes que o procurador decidiu deixar o caso em suspenso. Para grande prejuízo do inspetor, o caso acabou prescrevendo. No todo, porém,

ele deixara atrás de si uma carreira impressionante e, claro, deveria se sentir satisfeito pelo trabalho realizado.

Mas ele não estava nada satisfeito.

Para o inspetor, o *caso das flores secas* era um espinho que continuava encravado — o inquérito frustrante, jamais resolvido, ao qual indiscutivelmente dedicara mais tempo.

A situação era duplamente absurda porque, após milhares de horas de reflexão, tanto em serviço como em seu tempo livre, ele não estava sequer seguro de ter havido um crime.

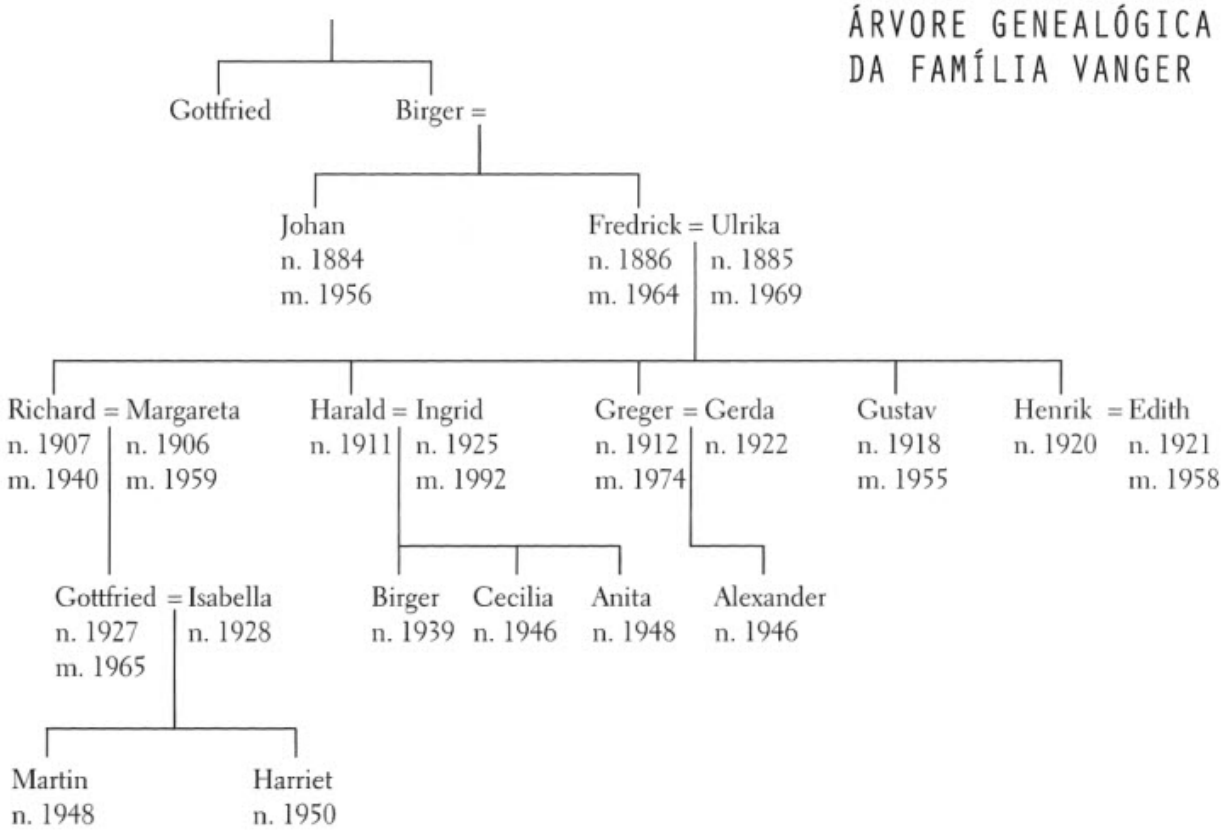
Os dois homens sabiam que a pessoa que colara a flor seca utilizara luvas, porém não havia impressões nem na moldura nem no vidro. Sabiam que era impossível descobrir o remetente. Sabiam que a moldura era vendida em lojas de fotografias ou em papelarias do mundo inteiro. Simplesmente não havia como seguir a menor pista. E o selo do correio sempre mudava; com mais frequência era de Estocolmo, mas três vezes foi de Londres, duas de Paris, duas de Copenhague, uma de Madri, uma de Bonn e uma vez, a mais intrigante, de Pensacola, nos Estados Unidos. Enquanto todas as outras cidades eram capitais, Pensacola era um nome tão desconhecido que o inspetor foi obrigado a procurar a cidade num atlas.

* * *

Depois de desligar o telefone, o homem que festejava seus oitenta e dois anos permaneceu imóvel por um longo momento, contemplando a bela mas insignificante flor cujo nome ainda não conhecia. Em seguida ergueu os olhos para a parede acima da escrivaninha. Havia ali quarenta e três flores penduradas, prensadas sob o vidro e emolduradas, formando quatro fileiras de dez flores e uma fileira inacabada de quatro. Na fileira superior, faltava um quadro. O número 9 estava vazio. A *desert snow* ia ser o número 44.

Pela primeira vez, no entanto, ocorreu algo que quebrou a rotina de todos aqueles anos. De repente, de forma inesperada, ele começou a chorar. Ele mesmo se surpreendeu com essa súbita efusão sentimental depois de quase quarenta anos.

ÁRVORE GENEALÓGICA DA FAMÍLIA VANGER



I. INCITAÇÃO – 20 DE DEZEMBRO A 3 DE JANEIRO

Na Suécia, 18% das mulheres foram ameaçadas por um homem pelo menos uma vez na vida.

1. SEXTA-FEIRA 20 DE DEZEMBRO

O processo estava definitivamente encerrado e tudo que podia ser dito fora dito. Ele não duvidara um só instante que seria declarado culpado. A sentença fora pronunciada às dez da manhã desta sexta-feira e agora não restava senão ouvir a opinião dos jornalistas que aguardavam no corredor do tribunal.

Mikael Blomkvist os viu pela fresta da porta e deteve-se alguns segundos. Não tinha vontade de discutir o veredicto cuja cópia acabava de obter, mas as perguntas eram inevitáveis e ele sabia — melhor que ninguém — que elas deviam ser feitas e que era preciso respondê-las. *Eis o que é ser um criminoso,* pensou. *Do outro lado do microfone.* Endireitou-se, pouco à vontade, e tentou sorrir. Os repórteres o receberam e o cumprimentaram gentilmente, um pouco constrangidos.

— Vejamos... *Aftonbladet, Expressen,* TT, TV4 e... você de onde é?... Ah, sim, *Dagens Industri.* Parece que virei uma celebridade — constatou Mikael Blomkvist.

— Uma declaração, por favor, Super-Blomkvist! — disparou o enviado de um dos jornais vespertinos.

Mikael Blomkvist, cujo nome completo era Carl Mikael Blomkvist, forçou-se a não levantar os olhos para o céu como fazia todas as vezes que ouvia esse apelido. Certa vez, vinte anos antes, quando tinha vinte e três anos e iniciava-se na profissão de jornalista como substituto de férias de verão, Mikael Blomkvist descobrira por acaso uma gangue de assaltantes de bancos, autores de cinco ações violentas muito noticiadas naqueles últimos dois anos. Tratava-se, com toda a certeza, do mesmo grupo; sua especialidade era chegar de carro em cidades pequenas e assaltar um ou dois bancos com precisão militar. Usavam máscaras de borracha dos personagens de Walt Disney e foram batizados — segundo uma lógica policial não de todo absurda — de o Bando do Pato Donald. Os jornais, porém, preferiram chamá-los de os Irmãos Metralha, apelido um pouco mais sério, já que em duas ocasiões haviam disparado, sem escrúpulos, tiros de advertência, sem se importar com a segurança das pessoas, ameaçando transeuntes e curiosos.

O sexto ataque à mão armada ocorreu num banco de Östergötland, em pleno verão. Um repórter da rádio local achava-se no banco no momento do assalto e reagiu de acordo com as regras da profissão. Assim que os assaltantes deixaram o banco, ele correu até uma cabine telefônica e se comunicou com a rádio para transmitir ao vivo a informação.

Mikael Blomkvist passava alguns dias com uma amiga na casa de campo dos pais dela, não muito distante de Katrineholm. Quando a polícia o interrogou, ele não soube dizer exatamente por que fizera a ligação, mas no momento em que escutava as informações no rádio lembrou-se de quatro sujeitos numa casa de veraneio a poucas centenas de metros dali. Já os vira dois dias antes, quando passeava com a amiga: os sujeitos jogavam *badminton* no jardim.

Ele vira apenas quatro jovens louros e atléticos, de bermuda e peito nu, visivelmente adeptos do *body-building,* mas algo nesses jogadores de *badminton* o fizera olhar uma segunda vez — talvez porque jogassem, sob um sol escaldante, com uma energia e uma violência espantosas. Não parecia um jogo, e isso chamara a atenção de Mikael.

Não havia nenhum motivo racional para suspeitar que aqueles homens fossem os assaltantes do banco; no entanto, depois do *flash* na rádio, Mikael Blomkvist saiu para dar uma volta e se posicionou numa colina com vista para a casa, de onde constatou que tudo ali parecia vazio até o momento. Depois de uns quarenta minutos, ele viu o grupo chegar num Volvo e estacionar. Pareciam apressados, cada um carregava uma sacola, o que apenas podia significar que eles haviam saído para tomar banho em algum lugar. Mas um deles voltou ao carro e pegou um objeto, que se apressou a cobrir com o blusão do abrigo. Mesmo de seu posto de observação relativamente afastado, Mikael viu que se tratava de um rifle AK4, do tipo dos que ele mesmo manipulara havia não muito tempo durante seu ano de serviço militar. Foi o que o levou a chamar a polícia e a relatar suas observações. Começaram então três dias de uma intensa vigilância da casa, com Mikael na primeira fila, sustentado por copiosos honorários de *freelance* pagos por um dos jornais vespertinos. A polícia montou seu quartel-general num *trailer* estacionado no terreno da casa de campo onde Mikael passava férias.

O caso dos Irmãos Metralha deu a Mikael a incontestável condição de vedete, que ele tanto necessitava como jornalista iniciante. O reverso da celebridade foi que o outro jornal vespertino não pôde deixar de dar a manchete: "Super-Blomkvist resolve o mistério dos Metralha". O texto gozador, escrito por uma redatora não muito jovem, continha várias referências ao herói dos romances juvenis de Astrid Lindgren. Para completar, o jornal ilustrava o artigo com uma foto não muito clara, em que Mikael, de boca aberta e dedo indicador erguido, parecia dar instruções a um policial de uniforme. Na realidade, o que ele indicava nesse momento eram os sanitários no fundo do jardim.

A partir desse dia, para seu grande desespero, seus colegas jornalistas passaram a chamá-lo de Super-Blomkvist. Era um apelido pronunciado com um toque malicioso, nunca maldoso, mas também nunca verdadeiramente carinhoso. Ele não tinha nada contra a pobre Astrid Lindgren — adorava seus livros e as aventuras de seu jovem herói detetive —, porém detestava o apelido. Haviam sido necessários vários anos e méritos jornalísticos bem mais consistentes para que o apelido começasse a se diluir, e Mikael ainda hoje se contraía toda vez que o chamavam de Super-Blomkvist.

Assim, armou um sorriso tranquilo e olhou o enviado do jornal vespertino bem nos olhos.

— Você só precisa inventar alguma coisa. Não é o que costuma fazer quando escreve?

O tom não era áspero. Todos se conheciam um pouco, e os críticos mais ferrenhos de Mikael não tinham vindo. Ele já havia trabalhado com um dos rapazes que estavam ali; quanto à moça da Tv4, por pouco não transara com ela numa festa anos antes.

— Eles não acreditaram em você — constatou o *Dagens Industri,* que parecia ter enviado um foca.

— Pode-se dizer que sim — reconheceu Mikael. Dificilmente poderia responder outra coisa.

— Como está se sentindo?

Apesar da gravidade da situação, nem Mikael nem os jornalistas credenciados puderam deixar de esboçar um sorriso ao ouvir a pergunta. Mikael trocou um olhar com a

moça da TV4. *Como está se sentindo?* Pergunta que os jornalistas sérios dizem ser a única que os repórteres esportivos sabem fazer ao Esportista Sem Fôlego que cruzou a linha de chegada. Mas ele voltou a ficar sério.

— É evidente que só posso lamentar que o tribunal não tenha chegado a outras conclusões — respondeu um tanto formal.

— Três meses de prisão e cento e cinquenta mil coroas por perdas e danos. Não é pouco — disse a moça da TV4.

— Sobreviverei.

— Você pretende se desculpar com Wennerström, apertar-lhe a mão?

— Não, nem imagino uma coisa dessas. Minha opinião sobre a moralidade do senhor Wennerström nos negócios não mudou muito.

— Então continua afirmando que ele é um escroque? — perguntou vivamente o *Dagens Industri.*

Uma declaração acompanhada de uma manchete potencialmente devastadora anunciava-se por trás da pergunta, e Mikael poderia ter pisado na casca de banana se o repórter não tivesse assinalado o perigo ao avançar o microfone com demasiada pressa. Ele refletiu sobre a resposta por alguns segundos.

O tribunal acabara de concluir que Mikael Blomkvist caluniara o financista Hans-Erik Wennerström. Ele fora condenado por difamação. O processo terminara e Mikael não pretendia recorrer. Mas o que aconteceria se, por imprudência, reiterasse suas acusações ao sair da sala do tribunal? Decidiu que não tinha vontade de saber.

— Julguei ter tido boas razões para publicar as informações de que eu dispunha. A opinião do tribunal foi outra e evidentemente sou obrigado a aceitar que o processo siga seu curso. Agora vamos discutir esse julgamento a fundo na redação da revista antes de decidir o que faremos. Não posso dizer mais nada.

— Mas você está esquecendo que nós, como jornalistas, devemos ter como provar nossas afirmações — disse a moça da TV4 com um tom de voz levemente cáustico. Ponto difícil de contestar. Eles haviam sido amigos. Ela exibia um rosto neutro, mas Mikael teve a impressão de vislumbrar uma sombra de decepção em seus olhos.

Ainda durante alguns dolorosos minutos, Mikael Blomkvist respondeu às perguntas. A que pairava no ar e que nenhum repórter decidia-se a fazer — talvez porque de tão incompreensível se tornava incômoda — era como Mikael pudera escrever um texto tão sem substância. Os repórteres ali presentes, com exceção do foca do *Dagens Industri,* eram todos veteranos, com grande experiência profissional. Para eles, a resposta a essa pergunta achava-se além do limite do compreensível.

A moça da TV4 pediu que ele ficasse em frente à porta do Palácio de Justiça e fez suas perguntas à parte, diante da câmera. Ela foi mais amável do que ele merecia, e Mikael deu declarações suficientes para satisfazer a todos os jornalistas. O caso renderia grandes manchetes — era inevitável —, mas ele se forçou a pôr na cabeça que não se tratava, de modo algum, do maior acontecimento do ano na mídia. Quando os repórteres conseguiram o que queriam, foram embora para suas respectivas redações.

Tinha a intenção de voltar a pé para casa, mas ventava muito naquele dia de dezembro e ele sentia frio. Ao sair sozinho do Palácio de Justiça, viu William Borg descer

de um carro no qual permanecera durante a entrevista. Seus olhares se cruzaram, William Borg exibia um grande sorriso.

— Valeu a pena vir até aqui para vê-lo com esse documento na mão. Mikael não respondeu. William Borg e Mikael Blomkvist se conheciam havia quinze anos. Durante algum tempo trabalharam juntos como jornalistas substitutos na seção de economia de um diário matutino. Talvez pela falta de química entre os dois, esse período estabelecera uma hostilidade permanente entre eles. Aos olhos de Mikael, Borg era um jornalista execrável, um sujeito fatigante e vingativo, de espírito curto, que aborrecia os que estavam a sua volta com gracejos imbecis e que insinuava desprezo pelos jornalistas mais velhos, portanto mais experientes. Borg parecia ter particular aversão por jornalistas mulheres de uma certa idade. Eles discutiram uma primeira vez, depois outras, até que suas diferenças adquiriram um caráter profundamente pessoal.

No decorrer dos anos, Mikael e Borg haviam se cruzado com regularidade, mas só se indispuseram de fato no final dos anos 1990. Mikael escrevera um livro sobre jornalismo econômico e extraíra mais de uma citação absurda dos artigos assinados por Borg. Segundo Mikael, Borg era um presunçoso que entendera de maneira errada a maior parte das informações e elevara às nuvens empresas "pontocom" que não tardariam a sucumbir. Borg não gostou da crítica de Mikael e, quando se encontraram por acaso num bar em Söder, por pouco não chegaram às vias de fato. Borg abandonara o jornalismo e agora trabalhava como relações-públicas, recebendo um salário consideravelmente mais alto, numa empresa que, para completar, pertencia à esfera de interesses do industrial Hans-Erik Wennerström.

Eles se encararam por um bom tempo antes de Mikael virar as costas e ir embora. Vir ao Palácio com a única finalidade de tirar um sarro era bem típico de Borg.

Mikael tinha começado a caminhar quando o 40 chegou e ele subiu no ônibus, antes de mais nada para sair dali. Desceu em Fridhemsplan e ficou indeciso no abrigo de ônibus, sempre segurando na mão a cópia de sua sentença. Decidiu enfim ir a pé até o café Anna, ao lado da garagem da delegacia.

Menos de um minuto depois de pedir um *caffè latte* e um sanduíche, o noticiário do meio-dia começou pelo rádio. O assunto foi o terceiro, depois de um atentado suicida em Jerusalém e da notícia de que o governo formara uma comissão de inquérito para investigar aparentes cartéis ilícitos na construção civil.

> O jornalista Mikael Blomkvist, da revista *Millennium,* foi condenado nesta sexta-feira a três meses de prisão por difamação contra o industrial Hans-Erik Wennerström. Num artigo sobre o suposto caso Minos, que há alguns meses chocou a opinião pública, Blomkvist acusava Wennerström de ter desviado fundos sociais, destinados a investimentos industriais na Polônia, para o tráfico de armas. Mikael Blomkvist também foi condenado a pagar

cento e cinquenta mil coroas por perdas e danos. O advogado de Wennerström, Bertil Camnermarker, disse que seu cliente estava satisfeito com a sentença. "Trata-se de um caso de difamação particularmente grave", declarou.

A sentença ocupava vinte e seis páginas. Ela apresentava as razões pelas quais Mikael fora julgado culpado em quinze pontos, por difamação agravada contra o financista Hans-Erik Wennerström. Mikael constatou que cada uma das acusações que o condenavam custava dez mil coroas e seis dias de prisão. Sem contar as custas do processo e suas próprias custas com advogado. Ele não tinha sequer a coragem de começar a refletir sobre o tamanho da conta, mas também dizia a si mesmo que podia ter sido pior; o tribunal o inocentara em sete itens.

A medida que lia o enunciado da sentença, uma sensação de peso cada vez mais desagradável ia se instalando em seu estômago. Ficou surpreso com isso. Desde o início do processo, sabia que só um milagre o livraria da condenação. Não tinha a menor dúvida a respeito e acostumara-se com a idéia. Permanecera com o espírito relativamente tranquilo durante os dois dias em que transcorrera o julgamento, e por onze dias esperou, sem sentir nada de especial, que o tribunal acabasse de refletir e formulasse o texto que ele segurava na mão. Mas só agora, encerrado o julgamento, é que o mal-estar se insinuara.

Mordeu um pedaço do sanduíche, mas o pão pareceu inchar dentro de sua boca. Teve dificuldade de engolir e o cuspiu no prato.

Era a primeira vez que Mikael Blomkvist era condenado por um delito — a primeira vez que se via acusado de alguma coisa ou chamado a comparecer em juízo. Pensando bem, a sentença era insignificante. Um delito peso-pena. Afinal, não se tratava de roubo à mão armada, de assassinato ou estupro. Mas, do ponto de vista financeiro, a condenação teria consequências. A *Millennium* não era nenhum carro-chefe do mundo da mídia, nem dotada de recursos ilimitados — a revista atuava com uma estreita margem de lucro —, mas a condenação também não era uma catástrofe. O problema é que Mikael era ao mesmo tempo um dos acionistas da *Millennium* e, estupidamente, redator e editor responsável pela publicação. Ele pretendia tirar do próprio bolso as cento e cinquenta mil coroas por perdas e danos, o que reduziria a zero sua poupança. A revista se encarregaria dos custos judiciais. Navegando com perspicácia, dava para seguir em frente.

Ocorreu-lhe vender o apartamento, mas essa hipótese ficou atravessada em sua garganta. No final dos felizes anos 1980, numa época em que tinha emprego fixo e um salário relativamente alto, adquirira um imóvel. Visitou uma porção de apartamentos e recusou todos, até encontrar uma água-furtada de sessenta e cinco metros quadrados, bem no começo da Bellmansgatan. O ex-proprietário havia começado a transformá-la em algo habitável, mas fora contratado por uma empresa de informática no exterior e Mikael adquiriu seu projeto de reforma por um preço irrisório.

Mikael não quis plantas desenhadas por arquitetos, preferiu ele mesmo terminar as obras, reservando dinheiro para a cozinha e o banheiro, e deixando o resto como estava. Em vez de substituir o piso e instalar divisórias para criar dois ambientes, poliu o assoalho,

passou cal nas grosseiras paredes originais e cobriu os defeitos mais graves com algumas aquarelas de Emanuel Bernstone. O resultado foi um *loft* arejado, com um quarto atrás de uma estante de livros, um canto para refeições e uma sala com uma pequena cozinha americana. O apartamento tinha duas janelas de mansarda e outra triangular com vista para os telhados, para as águas do Riddarfjarden e para a cidade velha. Ele até podia avistar uma ponta do Slussen e do paço municipal. Levando em conta os preços de mercado, agora ele não podia mais pagar um apartamento como aquele, por isso tinha muita vontade de conservá-lo.

Mas o risco de perder o apartamento não era nada comparado à enorme bofetada profissional que sofrera, cujos danos levaria algum tempo para reparar, supondo que fossem reparáveis.

Era uma questão de confiança. Num futuro próximo, muitos redatores hesitariam em publicar artigos em sua revista. Ele ainda tinha amigos capazes de entender que fora vítima do azar e das circunstâncias, mas não poderia mais se dar ao luxo de cometer o menor erro.

O mais doloroso, porém, era a humilhação.

Tivera todos os trunfos na mão, mas perdera para uma espécie de gangster vestido de Armani. Um especulador safado. Um *yuppie* defendido por um advogado do *jet-set* que passou o processo inteiro rindo.

Como as coisas tinham dado tão errado?

O caso Wenneström, no entanto, começara de forma bastante promissora um ano e meio antes na cabine de um veleiro Mälar-30 amarelo, numa noite de São João. Tudo porque o acaso fizera um ex-colega seu jornalista, na época relações-públicas da prefeitura, alugar um Scampi, sem muito refletir, para impressionar a mais recente namorada, levando-a a um cruzeiro romântico de alguns dias pelo arquipélago de Estocolmo. A garota, que tinha vindo de Hallstahammar para estudar em Estocolmo, após certa resistência, concordou em ir, mas com a condição de que sua irmã e o namorado dela também fossem. O problema é que os três nunca tinham estado num veleiro, e o relações-públicas era um marujo mais entusiasmado que experiente. Três dias antes da partida, desesperado, ele chamou Mikael e o convenceu a ser o quinto tripulante, por ter mais experiência que ele em navegação.

A princípio reticente, Mikael acabou cedendo diante da oportunidade de ter pela frente alguns dias de descanso no arquipélago e da anunciada perspectiva de boa comida e companhia agradável. As promessas se revelaram falsas, e o cruzeiro acabou sendo uma catástrofe que superou seus piores pesadelos. Eles haviam navegado, a menos de dez nós, de Bullandö até o estreito de Furusund — bonito, é verdade, mas pouco excitante —, o que não impediu que a namorada do relações-públicas enjoasse desde o início. Sua irmã brigou com o namorado e ninguém mostrava o menor interesse em aprender o mínimo que fosse de navegação. Logo ficou evidente que esperavam que Mikael fizesse o barco funcionar, enquanto eles se limitavam a dar conselhos bem-intencionados porém totalmente inúteis. Após a primeira noite ancorado numa enseada de Ängsö, ele estava decidido a descer em Furusund e pegar o primeiro ônibus de volta para casa. Somente as súplicas desesperadas do relações-públicas o convenceram a permanecer a bordo.

Na manhã seguinte, por volta do meio-dia, cedo ainda para que encontrassem alguns lugares, eles atracaram ao cais dos visitantes em Arholma. Prepararam uma refeição e tinham acabado de comer quando Mikael avistou um M-30 com casco de poliéster entrando na enseada com apenas a vela mestra. O barco deu uma volta tranquila enquanto seu piloto procurava uma vaga no cais. Mikael deu uma olhada ao redor e constatou que o espaço entre o seu Scampi e um iate a estibordo era provavelmente o único lugar disponível, suficiente e na medida exata, para o estreito M-30. Foi até a proa e agitou o braço; o piloto do M-30 ergueu a mão em sinal de agradecimento e virou em direção ao cais. Um solitário que não usa o motor para atracar, observou Mikael. Ele ouviu o ruído da corrente da âncora e, segundos depois, a vela mestra foi arriada, enquanto o piloto saltava de um lado a outro para manter o leme em posição e, ao mesmo tempo, preparar a ancoragem na proa.

Mikael saltou para o cais e estendeu a mão para oferecer ajuda. O recém-chegado corrigiu a rota uma última vez e o barco veio com seu impulso colocar-se suavemente ao longo do Scampi. No momento em que o piloto lançou a amarra a Mikael, eles se reconheceram e sorriram, encantados.

— Olá, Robban — disse Mikael. — Se utilizasse o motor, evitaria arranhar outros barcos no porto.

— Olá, Micke. Eu disse a mim mesmo que conhecia esse cara. Sabe, eu teria usado o motor se tivesse conseguido fazê-lo funcionar. Essa droga pifou há dois dias perto de Rödöga.

Apertaram-se as mãos por cima da amurada.

Uma eternidade antes, no colégio de Kungsholmen nos anos 1970, Mikael Blomkvist e Robert Lindberg haviam sido companheiros, e até mesmo muito bons amigos. Como acontece com frequência entre velhos colegas de escola, a amizade acabou depois da conclusão do secundário. Cada um seguiu seu caminho e eles se viram raras vezes nos vinte anos seguintes. O último encontro antes deste, inesperado, no cais de Arholma, ocorrera sete ou oito anos atrás. Agora os dois se examinavam com curiosidade. Robert estava bronzeado, com cabelos emaranhados e uma barba de quinze dias.

De repente, Mikael recobrou o ânimo. Quando o relações-públicas e seu bando de imbecis partiram para dançar em volta do mastro de são João erguido diante do armazém, do outro lado da ilha, ele ficou na cabine do M-30 batendo papo com seu velho companheiro de colégio, em volta do tradicional arenque regado a aquavita.

À noite, em dado momento, depois de muitos tragos e de terem desistido de lutar contra os tristemente famosos mosquitos de Arholma e irem se refugiar na cabine, a conversa se transformou numa altercação amistosa sobre a moralidade e a ética no mundo dos negócios. Os dois tinham escolhido carreiras que, de um modo ou de outro, estavam focalizadas nas finanças do país. Robert Lindberg passara do colégio aos estudos de comércio e depois ao mundo financeiro. Mikael Blomkvist cursara a faculdade de jornalismo e dedicara grande parte de sua vida a denunciar negócios duvidosos justamente do mundo financeiro. A conversa girava em torno da imoralidade de alguns pára-quedas dourados (as famosas indenizações milionárias de demissão) surgidos ao longo dos anos 1990. Depois de ter valentemente defendido alguns dos mais espetaculares, Lindberg acabou admitindo, a contragosto, que no mundo das finanças provavelmente havia alguns especuladores corruptos disfarçados. Ele ficou sério de repente e olhou Mikael bem nos olhos.

— Já que você é jornalista investigativo e vasculha delitos econômicos, por que não escreve alguma coisa sobre Hans-Erik Wennerström?

— Não sabia que havia algo a escrever sobre ele.

— Pelo amor de Deus, que espécie de bisbilhoteiro você é? Então não conhece o programa CAI?

— Bem, era uma espécie de programa de apoio, nos anos 1990, para reabilitar a indústria dos ex-países do Leste Europeu. Foi extinto há alguns anos. Nunca escrevi nada a respeito.

— Isso, CAI, Comitê de Apoio Industrial. O projeto tinha o aval do governo, e a tramóia era gerenciada por representantes de uma dezena de grandes empresas suecas. O CAI obteve garantias do Estado para uma série de projetos firmados em acordos com os governos da Polônia e dos países bálticos. A confederação operária participava, para garantir que o movimento operário dos países do Leste Europeu se fortalecesse graças ao modelo sueco. Na teoria, o projeto significava um apoio baseado no princípio de ajuda ao desenvolvimento, e supostamente oferecia aos regimes do Leste Europeu uma possibilidade de sanear suas economias. Na prática, equivalia a conceder subvenções do Estado para que empresas suecas estabelecessem parcerias com empresas do Leste Europeu. Lembra daquele ministro cristão cretino? Era um defensor ardoroso do CAI. Falava-se de construir uma fábrica de papel na Cracóvia, de restabelecer a indústria metalúrgica em Riga, de montar uma usina de cimento em Tallinn, e por aí afora. O dinheiro era distribuído pelo conselho do CAI, exclusivamente formado por pesos pesados do mundo financeiro e industrial.

— Ou seja, dinheiro do contribuinte?

— Cerca de cinquenta por cento eram subvenções do Estado, o resto vinha dos bancos e da indústria. Mas não se pode realmente falar de uma atividade desinteressada. Os bancos e as empresas contavam com um lucro consistente, caso contrário não teriam por que se lançar no negócio.

— Qual era o montante desses fundos?

— Espere um minuto, escute. O CAI era constituído principalmente por empresas suecas sólidas, desejosas de penetrar no mercado do Leste Europeu. Empresas de peso, como ABB, Skanska e outras do gênero. Nada de capital especulativo, se entende o que quero dizer.

— Você está dizendo que a Skanska não faz especulação? Como explicar então a demissão de seu diretor-executivo, depois que um de seus rapazes perdeu meio bilhão especulando com títulos de curto prazo? E como não rir de seus negócios imobiliários histéricos em Londres e Oslo?

— Sim, claro, há cretinos em todas as empresas do mundo, mas você sabe o que estou querendo dizer. Trata-se de empresas que pelo menos produzem alguma coisa. A coluna vertebral da indústria sueca, como se diz.

— E Wennerström, onde ele entra no esquema?

— Wennerström é o curinga da história. Ou seja, um cara surgido do nada, sem nenhum passado na indústria pesada e que, na realidade, nada tem a ver com esse meio. Mas ele acumulou uma fortuna colossal na Bolsa e investiu em empresas estáveis. Entrou, por assim dizer, pela porta de serviço.

Mikael tornou a encher seu copo com a aquavita Reimersholms e inclinou-se para trás na cadeira, refletindo sobre o que sabia a respeito de Wennerström. Era magro. Nascido na região do Norrland, onde criou uma empresa de investimentos nos anos 1970, juntou algum dinheiro e se transferiu para Estocolmo, fazendo ali uma carreira fulgurante nos gloriosos anos 1980. Criou o Wennerströmgruppen, rebatizado de Wennerström Group quando foram abertos os escritórios de Londres e Nova York, e quando nos jornais a empresa começou a ser mencionada no mesmo nível que a Beijer. Negociando com ações, participações e operações rápidas, passou a figurar na imprensa VIP como um dos novos bilionários suecos, proprietário de um *loft* em Strandwägen, de uma suntuosa residência de verão em Värmdö e de um iate de vinte e três metros, comprado de uma ex-estrela do tênis em decadência. Um calculista esperto, certamente, mas os anos 1980 foram sobretudo a década dos calculistas e dos especuladores imobiliários, e Wennerström não se destacou mais que os outros. Pelo contrário, permaneceu de certo modo à sombra dos figurões. Não tinha a lábia de um Stenbeck nem se exibia na imprensa como Barnevik. Desprezando os bens imobiliários, focalizou seu interesse em investimentos maciços no ex-bloco do Leste Europeu. Quando, nos anos 1990, a bolha murchou e os empresários foram obrigados, um após outro, a recolher seus pára-quedas dourados, as empresas de Wennerström continuaram em ótimo estado. Nenhuma sombra de escândalo. A *Swedish success story,* foi assim que o *Financial Times* resumiu seu caso.

— Foi em 1992 que Wennerström, de repente, recorreu ao CAI. Ele precisava de ajuda financeira. Apresentou um projeto que aparentemente atendia gente interessada na Polônia: tratava-se de estabelecer um setor de fabricação de embalagens para a indústria alimentícia.

— Quer dizer, uma fábrica de latas de conserva?

— Não exatamente, mas algo do tipo. Não faço a menor idéia das pessoas que ele conhecia no CAI, mas saiu de lá com sessenta milhões de coroas no bolso, sem problema.

— A história começa a me interessar. Deixe-me adivinhar: ninguém mais voltou a ver a cor desse dinheiro.

— Errado — disse Robert Lindberg.

E sorriu como quem sabe das coisas, antes de beber as últimas gotas de sua aquavita.

— O que se passou depois foi o clássico em matéria de balanço financeiro. Wennerström de fato montou uma fábrica de embalagens na Polônia, mais precisamente em Lodz. A empresa chamava-se Minos. O CAI recebeu alguns relatórios entusiasmados em 1993. E então, em 1994, a Minos faliu de repente.

Robert Lindberg bateu o copo vazio na mesa, com um golpe seco, para sublinhar a que ponto a empresa afundara.

— O problema do CAI é que não havia procedimentos bem definidos para avaliar os relatórios sobre os projetos. Lembre-se do espírito da época. Todo mundo estava otimista com a queda do muro de Berlim. Iam introduzir a democracia, a ameaça de uma guerra nuclear não existia mais e os bolchevistas se tornavam verdadeiros capitalistas da noite para o dia. O governo queria ancorar a democracia no Leste Europeu. Todos os capitalistas desejavam contribuir para a construção da nova Europa.

— Eu nunca soube de capitalistas propensos à caridade.

— Acredite, era o sonho tropical de todo capitalista. Agora a Rússia e os países do Leste Europeu são os maiores mercados depois da China. Os industriais não hesitavam em ajudar o governo, sobretudo quando as empresas só precisavam contribuir com uma parte ínfima dos gastos. Somando tudo, o CAI abocanhou mais de trinta bilhões de coroas do contribuinte. O dinheiro voltaria sob a forma de ganhos futuros. No papel, o CAI era uma iniciativa governamental, mas a influência da indústria era tão grande que, na prática, o conselho do CAI desfrutava de uma completa liberdade de ação.

— Entendo. Mas há material para um artigo também sobre esse ponto?

— Calma. Quando os projetos começaram, não havia problema de financiamento. A Suécia ainda não conhecia o choque das taxas de juros. O governo estava feliz de poder pedir, através do CAI, uma contribuição sueca importante em favor da democracia do Leste Europeu.

— Era um governo de direita.

— Não misture política com isso. Trata-se de dinheiro, e pouco importa saber se são os socialistas ou os moderados que indicam os ministros. Então, com os cofres cheios, surgiram os problemas de câmbio, e em seguida aqueles novos democratas imbecis — lembra-se da Nova Democracia? — começaram a se lamentar, achando que faltava transparência às atividades do CAI. Um deles confundiu o CAI com a Swedish International Development Authority, imaginando um projeto de desenvolvimento para boas obras, como a ajuda à Tanzânia. Na primavera de 1994, uma comissão foi encarregada de investigar o CAI. A essa altura, já se faziam críticas a vários projetos, mas um dos primeiros a ser investigados foi o da Minos.

— E Wennerström não conseguiu justificar a utilização dos fundos.

— Pelo contrário. Wennerström apresentou um excelente relatório financeiro, mostrando que mais de cinquenta e quatro milhões de coroas haviam sido investidas na Minos. Mas alegou que os problemas estruturais de um país a reboque como a Polônia eram grandes demais para que uma fábrica de embalagens moderna pudesse dar certo, e ela acabou desbancada pela concorrência de um projeto alemão similar. Os alemães estavam comprando tudo no bloco do Leste Europeu.

— Você disse que ele obteve sessenta milhões de coroas.

— Isso mesmo. O dinheiro do CAI funcionava na forma de empréstimos sem juros. A idéia, evidentemente, era que as empresas reembolsassem uma parte depois de alguns anos. Mas a Minos faliu e o projeto fracassou. Wennerström não podia ser responsabilizado. É aqui que entram as garantias do Estado: a dívida de Wennerström foi apagada. Ele simplesmente não precisou reembolsar o dinheiro perdido na falência da Minos e conseguiu demonstrar que perdera a mesma quantia do próprio bolso.

— Deixa eu ver se entendi bem toda essa história. Além de fornecer bilhões do contribuinte, o governo oferecia diplomatas para abrir portas. A indústria recebia o dinheiro e o utilizava para investir em *joint ventures* que lhe permitiam, em seguida, acumular um lucro recorde. Em outras palavras, as negociatas de sempre. Alguns enchem os bolsos enquanto outros pagam a conta, e conhecemos bem os atores dessa peça.

— Meu Deus, como você é cínico! Os empréstimos deviam ser devolvidos ao Estado.

— Você disse que não corriam juros. Isso significa que os contribuintes não receberam nenhum dividendo pelo que pagaram. Wennerström obteve sessenta milhões e investiu cinquenta e quatro. O que fez com os outros seis milhões?

— No momento em que ficou evidente que os projetos do CAI passariam a ser controlados, Wennerström enviou um cheque de seis milhões para reembolsar a diferença. Assim o caso estava resolvido do ponto de vista jurídico.

Robert Lindberg calou-se e lançou um olhar inquieto a Mikael.

— Wennerström certamente desviou um pouco de dinheiro do CAI, mas, comparado ao meio bilhão que desapareceu da Skanska ou à história do pára-quedas dourado de um bilhão do diretor da ABB — coisas que realmente revoltaram as pessoas —, não me parece um caso realmente digno de uma reportagem — constatou Mikael. — Os leitores, hoje, estão fartos de textos sobre especuladores incompetentes da Bolsa, mesmo aqueles que operam com fundos públicos. Há algo mais na sua história?

— Ela está apenas começando.

— Como você ficou sabendo desses negócios do Wennerström na Polônia?

— Eu trabalhei no Banco do Comércio nos anos 1990. Adivinhe quem conduziu as investigações como representante do banco no CAI?

— Entendo. Continue.

— Bem... resumindo: o CAI recebeu uma explicação de Wennerström. Documentos foram redigidos. O dinheiro restante foi reembolsado. Esse retorno de seis milhões foi esperto. Se alguém chega na sua casa insistindo em te dar um saco de milho, você diz que aquele é um bom sujeito, não é mesmo?

— Vamos aos fatos.

— Mas, meu velho, o fato é exatamente esse. O CAI ficou satisfeito com o relatório do Wennerström. O investimento fracassou, mas não havia nada a dizer sobre a maneira como fora conduzido. Examinamos faturas, transferências e um monte de papelada. Tudo estava minuciosamente justificado. Eu acreditei. Meu chefe acreditou. O CAI acreditou e o governo nada teve a acrescentar.

— E onde é que a coisa tropeça?

— A história entra agora na sua fase sensível — disse Lindberg com um tom de voz subitamente fúnebre. — Levando em conta que você é jornalista, o que vou dizer agora é *off the record.*

— Espere aí. Você não pode começar a me contar falcatruas e depois me dizer que não posso divulgá-las.

— Claro que posso. Tudo que contei até agora é de conhecimento público. Você mesmo pode consultar o relatório, se quiser. Concordo que escreva sobre o resto da história — que ainda não contei —, mas quero ser tratado como fonte anônima.

— Ah, melhor assim, porque, na terminologia habitual, *off the record* significa que obtive uma informação confidencial, mas que não tenho o direito de escrever sobre ela.

— Pouco importa a terminologia. Escreva o que quiser, contanto que eu seja sua fonte anônima. Estamos de acordo?

— Claro — respondeu Mikael.

Considerando o que houve depois, sua resposta foi naturalmente um erro.

— Bem, esse caso Minos aconteceu há dez anos, logo após a queda do Muro e quando os bolcheviques começaram a virar capitalistas frequentáveis. Eu era um dos que investigavam Wennerström, e sempre tive uma puta impressão de que toda a história estava mal contada.

— E por que não disse nada na época?

— Discuti com o meu chefe. A questão é que não havia nada de sólido. Todos os papéis estavam em ordem. Nada mais fiz que pôr minha assinatura no final do relatório. Mas em seguida, sempre que eu topava com o nome de Wennerström na imprensa, Minos me vinha à lembrança.

— E aí?

— Acontece que alguns anos mais tarde, em meados dos anos 1990, meu banco fez alguns negócios com Wennerström. Na verdade, altos negócios. E a coisa não foi muito bem.

— Ele roubou vocês?

— Não, eu não diria isso. As duas partes lucraram. Tratava-se de... Não sei bem como explicar. É que agora começo a falar do homem que me contratou e isso não me agrada. Mas a impressão que ficou — a impressão geral e duradoura, como dizem — não foi nada positiva. Na mídia, Wennerström é apresentado como um considerável oráculo da economia. É disso que ele vive. É seu capital de confiança.

— Entendo o que quer dizer.

— Eu tinha a impressão de que o sujeito era simplesmente um blefe. Que não tinha nenhum dom especial para as finanças. Ao contrário, achei-o de uma estupidez assombrosa em certas áreas, embora estivesse cercado de alguns jovens tubarões de fato astutos como conselheiros. Eu o detestava cordialmente.

— Continue.

— Há cerca de um ano, fui à Polônia por outro motivo. Nossa delegação jantou com alguns investidores de Lodz e na minha mesa estava o prefeito. Discutimos sobre o quanto era difícil repor a economia da Polônia nos trilhos et cetera, e mencionei o projeto Minos. O prefeito me pareceu totalmente perplexo por um momento — como se nunca tivesse ouvido falar de Minos —, depois lembrou que era um pequeno negócio de merda que dera em nada. Despachou o assunto com um sorrisinho, dizendo que — reproduzo exatamente suas palavras — se isso fosse tudo que os investidores suecos sabiam fazer, nosso país entraria em falência rapidamente. Está me acompanhando?

— Essa declaração revela que o prefeito de Lodz é um homem sensato. Mas continue.

— Essa declaração, como você diz, não parou de me azucrinar. No dia seguinte, eu tinha uma reunião de manhã, mas estava com a tarde livre. Só para remexer na merda, resolvi visitar, numa pequena aldeia perto de Lodz, a fábrica abandonada da Minos, situada dentro de uma granja com latrinas no pátio. A grande fábrica Minos era um depósito arruinado prestes a desabar, um velho hangar com telhas onduladas, montado pelo Exército Vermelho nos anos 1950. Encontrei um guarda no local que falava algumas palavras em alemão, e soube que um de seus primos trabalhara na fábrica. O primo morava quase ali ao lado e fomos até a casa dele. O guarda serviu de intérprete. Está interessado em ouvir o que ele disse?

— É óbvio que sim.

— A Minos começou a funcionar nó outono de 1992. Ela tinha quinze empregados, quando muito, na maior parte mulheres velhas. O salário equivalia a cento e cinquenta coroas por mês. No começo não havia máquinas, os empregados se ocupavam fazendo a limpeza do local. No início de outubro chegaram três máquinas de cartonagem compradas em Portugal. Estavam velhas, deterioradas e totalmente ultrapassadas. No ferro-velho, não valeriam mais que algumas notas de mil. Funcionavam, é verdade, mas pifavam a todo instante. Evidentemente não havia peças de reposição, de modo que a Minos sofria de eternas paradas de produção. Em geral era um empregado que consertava as máquinas, como podia.

— Agora está começando a parecer uma matéria de verdade — reconheceu Mikael. — O que a Minos fabricava realmente?

— Em 1992 e na primeira metade de 1993, as clássicas embalagens de sabão em pó, caixas de ovos e coisas do gênero. Depois passaram a produzir sacos de papel. Mas sempre faltava matéria-prima e o volume de produção era mínimo.

— Nada que correspondesse a um investimento gigantesco.

— Fiz as contas. O custo total do aluguel em dois anos equivale a quinze mil coroas. Os salários podem ter chegado a cento e cinquenta mil no máximo — e estou sendo generoso. Compra de máquinas e meios de transporte... uma caminhonete que entregava as caixas de ovos... vamos pôr uns duzentos e cinquenta mil. Mais taxas de autorização, alguns custos de viagem — aparentemente, só uma pessoa veio da Suécia algumas vezes para visitar a aldeia. Digamos que todo o negócio custou menos de um milhão. Num dia do verão de 1993, o contramestre foi até a fábrica, anunciou que ela seria fechada e, algum tempo depois, um caminhão húngaro recolheu e levou embora a maquinaria. *Bye-bye,* Minos.

Durante o processo, Mikael recordara várias vezes essa noite de São João.

De modo geral, a conversa transcorrera como uma discussão entre dois colegas, em tom de camaradagem, exatamente como nos tempos de colégio. Adolescentes, eles haviam compartilhado os fardos que se carrega nessa idade. Adultos, eram na verdade estranhos um para o outro, seres totalmente diferentes. Durante a noitada, Mikael refletiu que não conseguia de fato se lembrar do que os havia aproximado no colégio. Lembrava-se de Robert como um rapaz taciturno e reservado, tímido ao extremo com as meninas. Adulto, ele era... bem, um talentoso alpinista do universo bancário. Para Mikael, não havia dúvida que seu colega tinha opiniões diametralmente opostas à sua própria concepção de mundo.

Mikael quase nunca bebia a ponto de se embriagar, mas esse encontro fortuito transformara um cruzeiro malsucedido numa noitada agradável, em que o nível da garrafa de aquavita se aproximava aos poucos do fundo. Justamente porque a conversa teve esse tom ginasiano, de início ele não levou a sério o relato de Robert sobre Wennerström, mas no final seus instintos jornalísticos despertaram. De repente, escutava atentamente a história de Robert, e as objeções naturais apareceram.

— Espere um pouco — disse Mikael. — Wennerström é uma estrela entre os investidores da Bolsa. Se não estou enganado, ele deve ser bilionário...

— O capital do Grupo Wennerström é de cerca de duzentos bilhões. Você deve estar querendo saber por que um bilionário roubaria as pessoas por uns magros cinquenta milhões, quase um dinheiro de bolso.

— O que quero saber antes de mais nada é por que ele arriscaria tudo com uma fraude tão evidente.

— Não sei se se pode dizer que se trata de uma fraude evidente, já que o conselho do CM, os representantes dos bancos, o governo e os auditores do Parlamento aceitaram as contas apresentadas por Wennerström.

— Mesmo assim é uma soma ridícula.

— Certo. Mas veja: o Grupo Wennerström é uma empresa de investimentos que lida com qualquer coisa que possa dar lucro a curto prazo — imóveis, títulos, opções, moedas... Wennerström entrou em contato com o CAI em 1992, no momento em que o mercado estava a ponto de atingir o fundo. Lembra do outono de 1992?

— E acha que posso esquecer? Eu tinha feito empréstimos a taxas variáveis para comprar meu apartamento, quando os juros do Banco da Suécia atingiram quinhentos por cento em outubro. Tive que arcar com juros de dezenove por cento durante um ano.

— Não foi fácil! — disse Robert sorrindo. — Também perdi um bocado naquele ano. E Hans-Erik Wennerström — como todos os outros no mercado — enfrentava os mesmos problemas. A empresa tinha bilhões aplicados em contratos de diferentes tipos, mas muito pouca liquidez. E aí fica impossível conseguir facilmente novos empréstimos. Numa situação dessas, em geral se vendem alguns imóveis para lamber as feridas — só que em 1992 não havia ninguém para comprar imóveis.

— *Cash-flow problem.*

— Exatamente. E Wennerström não era o único a enfrentar esse tipo de problema. Qualquer homem de negócios...

— Não diga homem de negócios. Chame como quiser, mas qualificá-los de homens de negócios é ofender uma categoria profissional séria.

— ... qualquer investidor da Bolsa, então, tinha *cash-flow problems...* Considere as coisas assim: Wennerström obteve sessenta milhões de coroas. Devolveu seis, e somente depois de três anos. Os gastos com a Minos dificilmente ultrapassaram um milhão. Mas os juros de sessenta milhões durante três anos representam uma boa quantia. Dependendo da maneira como foi investido, o dinheiro do CAI pode ter sido dobrado ou multiplicado por dez. E aí não estamos mais falando de bagatelas. A propósito, um brinde ao nosso encontro!

2. SEXTA-FEIRA 20 DE DEZEMBRO

Dragan Armanskij tinha cinquenta e seis anos e nascera na Croácia. Seu pai era um judeu armênio da Bielo-Rússia. A mãe, uma muçulmana bósnia de ascendência grega. Como ela é que se encarregara de sua educação cultural, na idade adulta ele se viu incluído no grande grupo que a mídia define como muçulmanos. Estranhamente, os serviços de imigração o registraram como sérvio. O passaporte estabelecia que ele era cidadão sueco, e a foto mostrava um rosto quadrado com poderosas mandíbulas, um fundo de barba escuro e cabelos grisalhos nas têmporas. Frequentemente chamavam-no de árabe, embora não houvesse a menor gota de sangue árabe em seu passado. Por outro lado, era um autêntico cruzamento do tipo que os aficionados por biologia racial descreveriam, sem a menor hesitação, como matéria humana inferior.

Seu rosto lembrava vagamente o de um gangster de filme americano. Na realidade, ele não era um traficante de drogas nem um assassino mafioso; era um economista de talento que começara como assistente da Milton Security no início dos anos 1970, e três décadas mais tarde chefiava todas as operações como diretor-executivo.

O interesse por questões de segurança crescera aos poucos até se transformar em fascínio. Era como um jogo de estratégia — identificar situações de ameaça, desenvolver contra-estratégias e sempre se antecipar aos espiões industriais, aos vigaristas e aos fraudadores. Tudo começou quando descobriu a maneira como tinha se dado um engenhoso golpe contra um cliente, com o auxílio de uma contabilidade sutilmente maquiada. Conseguiu apontar, num grupo de umas doze pessoas, quem estava por trás da manipulação, e hoje, decorridos trinta anos, lembra-se de como ficou surpreso ao se dar conta de que o desvio só ocorrera porque a empresa em questão omitira alguns pontos nos processos de segurança. Desde então, passou de simples contador a responsável pelo desenvolvimento da empresa, e mais tarde a especialista em crimes financeiros. Cinco anos depois, já fazia parte da direção e, passados dez anos, tornou-se — não sem alguma relutância — diretor-executivo. Agora a relutância havia muito se acalmara. Durante seus anos de chefia, tinha transformado a Milton Security numa das empresas de segurança mais competentes e mais consultadas da Suécia.

A Milton Security contava com trezentos e oitenta funcionários trabalhando em tempo integral e com mais de trezentos *freelancers,* remunerados por tarefa. Uma pequena empresa, portanto, se comparada com a Falck ou com a Svensk Bevakningstjänts, o Serviço de Proteção Sueco. Quando Armanskij entrou na empresa, ela ainda se chamava Companhia de Vigilância Geral Johan Fredrik Milton e sua clientela era formada por centros comerciais que tinham necessidade de controladores e seguranças musculosos. Sob sua direção, a empresa passou a se chamar Milton Security, nome mais propício para um ambiente internacional, e investiu em tecnologia de ponta. Houve uma renovação de pessoal; guardas-noturnos em fim de carreira, fetichistas do uniforme e estudantes apenas interessados em bicos foram substituídos por pessoas mais competentes. Armanskij contratou ex-policiais já de uma certa idade como chefes de operações, cientistas políticos especializados em terrorismo internacional, em proteção pessoal e em espionagem industrial e, principalmente, técnicos em telecomunicações e informática. A empresa deixou Solna e a periferia para se instalar em prédios mais prestigiosos do Slussen, no centro de Estocolmo.

No começo dos anos 1990, a Milton Security estava pronta para oferecer um novo tipo de sistema de segurança a um círculo exclusivo de clientes, sobretudo empresas de médio porte com volume de negócios extremamente elevado, e novos-ricos — astros do rock em evidência, investidores da Bolsa e chefes de empresas "pontocom". Grande parte da atividade estava centrada na oferta de proteção pessoal e soluções de segurança para empresas suecas no exterior, sobretudo no Oriente Médio. Essas atividades representavam atualmente cerca de setenta por cento do volume de negócios. Durante o reinado de Armanskij, o volume de negócios passou de quarenta milhões de coroas para cerca de dois bilhões. Vender segurança era um ramo extremamente lucrativo.

A atividade estava distribuída em três áreas principais: *consultoria em segurança,* que consistia na identificação de perigos possíveis ou imaginados; *medidas preventivas,* que em geral consistiam na instalação de câmeras de vigilância custosas, alarmes contra roubo ou incêndio, sistemas eletrônicos de bloqueio e equipamentos de informática; e, por fim, *a proteção pessoal* de indivíduos ou empresas que se julgavam vítimas de ameaças, reais ou imaginárias. Este último mercado mais que quadruplicara na última década, e nos últimos anos surgira um novo tipo de clientela: mulheres ricas querendo proteger-se de um ex-namorado ou marido, ou de molestadores desconhecidos que as teriam visto na televisão e se teriam fixado em sua blusa colante ou no batom de seus lábios. Além disso, a Milton Security trabalhava em parceria com empresas que gozavam da mesma boa reputação que ela em outros países europeus e nos Estados Unidos, encarregando-se da segurança de personalidades internacionais em visita à Suécia, como uma célebre atriz americana em filmagem durante dois meses em Trollhättan, cujo agente achou que seu status exigia que ela estivesse acompanhada de seguranças em seus raríssimos passeios em volta do hotel.

Uma quarta área, bem mais restrita, que ocupava apenas alguns funcionários de tempo em tempo, era constituída pelas chamadas IP, isto é, as investigações pessoais. Armanskij não era um adepto incondicional desse setor de atividade. Além de ser menos lucrativo, era um ramo delicado, que exigia do funcionário mais discernimento e habilidade do que conhecimento em técnica de telecomunicações ou em instalação discreta de aparelhos de vigilância. As investigações pessoais eram aceitáveis quando se tratava de simples informações sobre a solvência de alguém, de verificar o currículo de um futuro colaborador ou a conduta de um empregado suspeito de deixar vazar informações sobre sua empresa ou de se entregar a uma atividade criminosa.

Nesses casos, as IP caíam no âmbito operativo.

Mas a toda hora os clientes vinham lhe apresentar problemas de ordem pessoal que tendiam a trazer consequências indesejadas. *Quero saber quem é o vagabundo com quem minha filha está saindo... Acho que minha mulher está me traindo... O rapaz é legal, mas está se envolvendo com más companhias... Estão me chantageando...* Na maioria das vezes, Armanskij respondia com um não categórico. Se a filha era maior de idade, ela tinha o direito de sair com o vagabundo que quisesse, e na sua opinião a infidelidade devia ser resolvida entre os cônjuges. Por trás de todas essas demandas, havia armadilhas dissimuladas que podiam potencialmente conduzir a escândalos e causar problemas jurídicos para a Milton Security, razão pela qual Dragan Armanskij exercia um controle rigoroso sobre essas missões, que, além do mais, só geravam rendimentos modestos no volume total de negócios da empresa.

O assunto desta manhã, por azar, era justamente uma investigação pessoal, e Dragan Armanskij arrumou o vinco da calça antes de se inclinar para trás na sua confortável poltrona do escritório. Com ceticismo, contemplou Lisbeth Salander, sua colaboradora trinta e dois anos mais jovem, e pela milésima vez constatou que ninguém parecia mais mal instalada que ela numa prestigiosa empresa de segurança. Seu ceticismo era ao mesmo tempo refletido e irracional. Aos olhos de Armanskij, Lisbeth Salander era indiscutivelmente a *researcher* mais competente que ele encontrara em todos os seus anos naquele ramo. Durante os quatro anos em que trabalhava para ele, Lisbeth Salander não havia falhado em uma única missão nem produzido um só relatório medíocre.

Ao contrário, o que ela realizava podia ser classificado como fora de série. Armanskij estava convencido de que Lisbeth Salander possuía um dom único. Qualquer um era capaz de obter informações bancárias ou efetuar um controle fiscal, mas Salander tinha imaginação e trazia sempre algo mais do que era esperado. Ele realmente nunca entendeu como ela conseguia; às vezes sua capacidade de obter informações parecia magia pura. Familiarizada ao extremo com os arquivos administrativos, ela sabia desencavar as informações mais obscuras. Tinha sobretudo a capacidade de se infiltrar na pele da pessoa investigada. Se houvesse merda a revelar, atingia o alvo como um míssil programado.

Sem dúvida, ela possuía o dom.

Seus relatórios podiam se revelar uma verdadeira catástrofe para a pessoa detectada por seu radar. Armanskij nunca se esqueceu de uma missão que uma vez lhe dera, uma investigação de rotina sobre um pesquisador da indústria farmacêutica que estava prestes a se associar a uma empresa. O trabalho, que devia durar uma semana, prolongava-se. Depois de quatro semanas de silêncio e de várias chamadas que ela ignorou, Salander apareceu com um relatório especificando que o objeto da pesquisa era a pedofilia. Duas vezes, pelo menos, o sujeito recorrera a uma prostituta de treze anos em Tallinn, e havia indícios de que estava interessado na filha menor de idade da companheira com quem vivia.

Salander tinha qualidades que em alguns momentos levavam Armanskij à beira do desespero. Quando descobriu que o homem era pedófilo, ela não telefonou para avisar Armanskij, não correu até seu escritório para terem uma conversa. Ao contrário: sem indicar por uma palavra sequer que o relatório continha informações explosivas de proporções quase nucleares, colocou-o certa noite sobre a mesa, no momento em que Armanskij se preparava para deixar o escritório e voltar para casa. Ele levou consigo o relatório e só o abriu mais tarde, no momento em que, finalmente descontraído, dividia uma garrafa de vinho com a mulher diante da tevê, na sua casa de campo em Lidingö.

Como sempre, o relatório era de uma minúcia quase científica, com notas de rodapé, citações e indicações exatas das fontes. As primeiras páginas reconstituíam o passado do objeto, sua formação, carreira e situação econômica. Somente na página 24, num parágrafo intermediário, é que Salander soltava a bomba das escapadas a Tallinn, no mesmo tom objetivo utilizado para dizer que ele morava numa casa de campo em Sollentuna e que dirigia um Volvo azul-marinho. Para sustentar suas afirmações, ela remetia a um anexo volumoso, com fotografias da menor de idade em companhia do objeto. A foto fora tirada no corredor de um hotel em Tallinn e a mão dele estava debaixo da blusa da menina. Além disso, Lisbeth Salander conseguira, não se sabe como, encontrar a menina e convencê-la a prestar um depoimento detalhado, gravado em fita cassete.

O relatório desencadeou exatamente o caos que Armanskij queria evitar. Para começar, ele foi obrigado a tomar dois comprimidos que o médico receitara para sua úlcera de estômago. Depois, convocou o pesquisador farmacêutico para uma conversa sinistra e breve. Para terminar — e apesar dos veementes desmentidos deste —, viu-se obrigado a transmitir imediatamente as informações à polícia. O que significava que a Milton Security corria o risco de se envolver num processo de acusações e contra-acusações. Se o dossiê não fosse aceito ou se o homem fosse absolvido, a empresa podia ser processada por difamação. Desastre total!

No entanto, não era a surpreendente falta de emoção em Lisbeth Salander que mais o perturbava. A época exigia investimento na imagem, e a imagem da Milton era a de uma estabilidade conservadora. E Lisbeth Salander correspondia tão pouco a essa imagem quanto uma escavadeira num salão náutico.

Armanskij teve dificuldade de se habituar ao fato de seu melhor cão de caça ser uma jovem pálida, de uma magreza anoréxica, com cabelos quase raspados e *piercings* no nariz e nas sobrancelhas. Tinha a tatuagem de uma vespa no pescoço e uma faixa tatuada ao redor do bíceps do braço esquerdo. Nas poucas vezes em que Lisbeth usara uma regata, Armanskji constatara que ela também tinha uma tatuagem maior na omoplata, representando um dragão. Originalmente ruiva, tingira os cabelos de preto. Parecia estar sempre chegando de uma semana de farra na companhia de uma banda de *heavy-metal.*

Ela não sofria de distúrbios alimentares — Armanskij estava convencido disso. Ao contrário, parecia consumir qualquer tipo de comida. Simplesmente nascera magra, com uma ossatura fina que indicava um aspecto frágil e delicado de menina, com mãos pequenas, tornozelos estreitos e seios que mal despontavam sob as roupas. Tinha vinte e quatro anos, mas parecia ter catorze.

A boca era larga, o nariz pequeno e as maçãs do rosto altas, o que lhe dava um vago ar oriental. Tinha movimentos rápidos e aracnídeos, e quando trabalhava no computador seus dedos voavam excitados sobre as teclas. O corpo não se prestava a uma carreira de modelo, mas, com uma maquiagem adequada, um primeiro plano de seu rosto não faria má figura num cartaz publicitário. Embora às vezes passasse nos lábios um repugnante batom preto, e apesar das tatuagens e dos *piercings,* ela era... digamos... atraente. De um modo totalmente incompreensível.

O fato de Lisbeth Salander trabalhar para Dragan Armanskij era, em si, assombroso. Ela não era o tipo de mulher com quem ele cruzava habitualmente, muito menos a quem pensaria oferecer trabalho.

Ele lhe oferecera um emprego no escritório depois que Holger Palmgren, um advogado semi-aposentado que cuidava dos assuntos pessoais do velho J. F. Milton, os informara que Lisbeth Salander era uma *moça perspicaz, apesar do seu comportamento um pouco perturbado.* Palmgren pedira que Armanskij desse uma oportunidade à menina, o que ele prometera, a contragosto. Palmgren era desses homens que um não só faz redobrar esforços, de modo que o mais simples era dizer sim imediatamente. Armanskij sabia que Palmgren se encarregava de crianças problemáticas e de outras insignificâncias sociais do gênero, mas que possuía, apesar de tudo, um bom julgamento.

Ele se arrependeu no instante em que viu Lisbeth Salander.

Ela não só parecia perturbada — aos olhos dele, ela era o próprio sinônimo da perturbação — como também abandonara a escola e não tinha nenhum tipo de estudo superior.

Nos primeiros meses, ela trabalhou em tempo integral, ou melhor, quase em tempo integral; só de vez em quando aparecia no trabalho. Preparava o café, cuidava da correspondência e tirava fotocópias. O problema é que não dava a mínima para os horários normais do escritório ou os métodos de trabalho.

Em compensação, tinha uma grande capacidade de irritar os funcionários. Era chamada de *a moça de dois neurônios,* um para respirar, o outro para se manter de pé. Nunca falava de si mesma. Os colegas que tentavam iniciar uma conversa raramente obtinham uma resposta e logo desistiam. As tentativas de brincar com ela nunca davam certo — ou porque contemplava o gracejador com grandes olhos inexpressivos, ou porque reagia com uma irritação manifesta.

Logo ganhou a reputação de irascível, de mudar drasticamente de humor se enfiasse na cabeça que alguém estava zombando dela, comportamento bastante comum num ambiente de trabalho. Sua atitude não encorajava confidências nem amizade, e ela rapidamente se tornou um fenômeno ocasional que vagava como um gato perdido pelos corredores da Milton. Consideravam-na totalmente irrecuperável.

Depois de um mês de confusões ininterruptas, Armanskij chamou-a à sua sala com a intenção de despedi-la. Ela ouviu passivamente a enumeração de seus erros, sem objeções e sem sequer levantar a sobrancelha. Ele terminou por dizer que ela não tinha a *atitude correta,* e estava a ponto de lhe sugerir outro emprego, no qual soubessem *tirar proveito da sua competência,* quando foi interrompido no meio de uma frase. Pela primeira vez, ela não falou apenas com palavras esparsas.

— Olha, se é um criado que o senhor quer, procure alguém na agência de empregos temporários. Quanto a mim, posso descobrir qualquer coisa sobre qualquer pessoa, e se quer me usar apenas para separar a correspondência, então o senhor é um idiota.

Armanskij ainda lembrava o quanto ficou mudo de cólera e de surpresa, enquanto ela continuava, sem prestar atenção nele.

— Há na sua empresa um sujeito que dedicou três semanas a escrever um relatório completamente nulo sobre esse *yuppie* que estão pensando em recrutar como presidente do conselho administrativo de uma "pontocom", o senhor sabe do que estou falando. Fotocopiei ontem à noite o relatório de merda dele e, se não estou enganada, é esse que está aí na sua mesa.

Armanskij pôs os olhos no relatório e, o que não era de seu feitio, elevou o tom de voz.

— Você não está autorizada a ler relatórios confidenciais.

— Provavelmente não, mas as rotinas de segurança na sua empresa deixam um pouco a desejar. Segundo suas instruções, ele mesmo deve tirar a fotocópia, mas ele me passou o relatório antes de sair para o almoço. Aliás, há algumas semanas o relatório anterior que ele tinha feito ficou esquecido na cantina.

— Como assim, esquecido? — exclamou Armanskij, chocado.

— Não se preocupe. Guardei-o no cofre dele.

— Ele te passou a combinação do seu cofre pessoal? — perguntou Armanskij, sufocado.

— Não exatamente. Mas anotou num papel que deixa sobre sua mesa de trabalho, com a senha do computador. Mas o ponto aonde quero chegar é que o relatório que ele fez, esse seu detetive particular de araque, não tem o menor valor. Ele não descobriu que o cara tem dívidas monumentais, que cheira coca mais que um aspirador, e que sua companheira precisou se refugiar no SOS-Mulheres porque ele a espancou.

Depois, silêncio. Armanskij não disse nada durante alguns minutos, distraído em folhear o relatório. Ele era apresentado com competência, escrito numa prosa compreensível e carregada de referências, fontes e declarações de amigos e conhecidos do objeto. Por fim, levantou os olhos e pronunciou duas palavras:

— Prove isso.

— Quanto tempo me dá?

— Três dias. Se não conseguir provar suas afirmações até sexta-feira ao meio-dia, está despedida.

Três dias depois, ela entregou um relatório com referências de fontes igualmente explícitas, que transformavam o agradável jovem *yuppie* numa pessoa não confiável. Armanskij leu o relatório várias vezes durante o fim de semana e passou parte da segunda-feira numa contraverificação pouco entusiasmada de algumas daquelas afirmações. Antes mesmo de começar o controle, sabia que as informações se revelariam exatas.

Armanskij estava perplexo e irritado consigo mesmo por tê-la manifestamente julgado mal. Achou-a estúpida, talvez até um pouco retardada. Não esperava que uma menina que falhara nos estudos e que não tinha sequer notas no final do colégio pudesse escrever um relatório não somente correto do ponto de vista linguístico mas que apresentava também observações e informações que o faziam se perguntar como ela as tinha obtido.

Ele sabia que ninguém na Milton Security poderia conseguir um trecho do diário confidencial de um médico do SOS-Mulheres. Quando lhe perguntou como procedera, só obteve uma resposta evasiva. Ela disse que não pretendia queimar suas fontes. Aos poucos, ficou claro para Armanskij que Lisbeth Salander também não tinha a intenção de discutir seus métodos de trabalho, nem com ele nem com qualquer pessoa. Isso o inquietou, mas não o bastante para resistir à tentação de pô-la à prova.

Refletiu sobre esse ponto durante alguns dias.

Lembrou-se das palavras de Holger Palmgren quando a enviou. *Todo mundo deve ter sua chance.* Pensou em sua própria educação muçulmana, que lhe ensinara que o dever para com Deus era ajudar os excluídos. Embora ele não acreditasse em Deus e nunca tivesse posto os pés numa mesquita desde a adolescência, tinha a impressão de que Lisbeth Salander era alguém que precisava de ajuda e de um apoio sólido. Na verdade, ele não realizara muitas ações desse gênero em sua vida.

* * *

Em vez de despedi-la, convocou Lisbeth Salander para uma conversa particular, na qual tentou entender qual era realmente o problema daquela moça complicada. Sua convicção de que ela sofria de um distúrbio sério se reforçou, mas ele descobriu que por trás de seu perfil problemático escondia-se uma pessoa inteligente. Achava-a frágil e complicada, mas também começava — não sem espanto — a gostar dela.

Nos meses seguintes, Armanskij pôs Lisbeth Salander debaixo de suas asas. Se fosse sincero consigo mesmo, diria que se encarregava dela como de um pequeno projeto social. Dava-lhe tarefas de pesquisa simples e procurava instruí-la sobre a melhor maneira de proceder. Ela escutava com paciência, ia embora e realizava a missão totalmente à sua maneira. Ele pediu ao responsável pelos serviços técnicos da Milton para dar-lhe um curso básico de informática; Salander permaneceu sem protestar em sua cadeira durante toda uma tarde, antes que o responsável, um pouco deslumbrado, viesse relatar que ela parecia ter mais conhecimentos de informática que a maioria dos funcionários da empresa.

Armanskij rapidamente percebeu que, apesar das conversas sobre plano de carreira, ofertas de desenvolvimento interno e outros meios de persuasão, Lisbeth Salander não tinha a intenção de se adaptar às rotinas da Milton. Isso o colocou diante de um dilema complicado.

Ela continuava sendo um elemento de irritação para os colegas. Armanskij tinha consciência de que não aceitaria tais horários aleatórios de outro colaborador, e que numa situação normal lhe teria dado um ultimato, exigindo uma mudança. Imaginava também que, se desse um ultimato a Lisbeth Salander ou ameaçasse despedi-la, ela apenas encolheria os ombros. Portanto, teria ou que se separar dela, ou aceitar que ela não funcionava como as pessoas normais.

O maior problema para Armanskij, porém, é que ele não conseguia definir seus sentimentos em relação à moça. Ela era como uma comichão desconfortável, repulsiva e atraente ao mesmo tempo. Não se tratava de atração sexual — pelo menos não de algum tipo que Armanskij quisesse reconhecer.

As mulheres que ele cobiçava eram geralmente louras e opulentas, com lábios carnudos que atiçavam sua imaginação. Além do mais, estava casado havia vinte anos com uma finlandesa chamada Ritva, que, mesmo tendo passado dos cinquenta, ainda satisfazia essas exigências. Ele nunca fora infiel — digamos que vivera só alguns raros momentos que a mulher poderia interpretar mal se ficasse sabendo —, tinha um casamento feliz e duas filhas da idade de Salander. Seja como for, não se interessava por meninas sem peito que de longe podiam ser confundidas com rapazes magricelas. Não era seu estilo.

Não obstante, começou a pegar-se em flagrante delito tendo sonhos acordados com Lisbeth Salander, e admitiu que não era totalmente indiferente à presença dela. Mas a atração, dizia Armanskij a si mesmo, vinha do fato de Salander ser para ele uma criatura exótica. Ele poderia ter se enamorado também do quadro de uma ninfa grega. Salander representava uma vida irreal que o fascinava mas que ele não podia compartilhar — e que de todo modo ela o impedia de compartilhar.

Um dia, Armanskij estava no terraço de um café na praça Stortorget, na cidade velha, quando Lisbeth Salander chegou e instalou-se numa mesa na outra ponta do terraço. Estava acompanhada de três moças e de um rapaz, todos vestidos de forma semelhante.

Armanskij a observou com curiosidade. Parecia tão reservada como no escritório, mesmo assim sorriu quando uma das moças, de cabelo roxo, lhe contou alguma coisa.

Armanskij perguntou-se como Salander reagiria se ele chegasse ao escritório com cabelos verdes, um jeans rasgado e um blusão de couro com rebites e pingentes. Seria aceito como um dos seus? Talvez — ela parecia aceitar tudo ao redor com um ar de *tanto faz, não estou nem aí* —, mas o mais provável é que zombasse dele.

Ela estava de costas e não olhou uma única vez para o lado dele, parecendo ignorar que ele estivesse ali. Mas Armanskij sentiu-se estranhamente perturbado pela presença dela quando, passado um momento, levantou-se para sair de mansinho e ela virou a cabeça, o mirou bem nos olhos, como se soubesse o tempo todo que ele estava ali e o tivesse sob vigilância. Seu olhar o atingiu tão de repente que ele o sentiu como um ataque; fingiu não vê-la e deixou o terraço com passos rápidos. Ela não o chamou, mas o seguiu com os olhos, e esse olhar não cessou de arder em suas costas até ele dobrar a esquina.

Ela raramente ria. Armanskij, no entanto, tinha a impressão de haver notado um abrandamento nela. Seu humor era seco e eventualmente acompanhado de um leve sorriso irônico.

Às vezes, Armanskij sentia-se tão provocado pela falta de resposta emocional de Lisbeth Salander que tinha vontade de sacudi-la e abrir uma passagem nessa carapaça para conquistar sua amizade ou pelo menos seu respeito.

Numa única ocasião, quando fazia nove meses que ela trabalhava para ele, tentou discutir esses sentimentos com ela. Foi numa noite de dezembro, na festa de Natal da Milton Security, e dessa vez ele bebera bastante. Nada de inconveniente se passou — ele apenas tentou dizer que gostava muito dela. Sobretudo, quis explicar que tinha um instinto de proteção por ela e que, se um dia ela precisasse de alguma coisa, podia procurá-lo com toda a confiança. Tentou mesmo abraçá-la — amigavelmente, é claro.

Ela se desvencilhou desse abraço desajeitado e foi embora da festa. Não apareceu mais no escritório nem atendia o celular. Dragan Armanskij viveu sua ausência como uma tortura — quase como uma punição pessoal. Não tinha ninguém com quem dividir seus sentimentos, e pela primeira vez compreendeu, com uma lucidez aterradora, o poder devastador que Lisbeth Salander tinha sobre ele.

Três semanas depois, numa noite de janeiro, quando Armanskij fazia hora extra para verificar o balancete do ano, Salander voltou. Entrou na sala suavemente como um fantasma e de súbito ele a percebeu junto à porta, observando-o dali da penumbra. Não tinha a menor idéia de quanto tempo fazia que ela estava ali.

— Quer café? — ela perguntou, estendendo-lhe um copinho da máquina de café expresso da cantina.

Sem dizer uma palavra, ele pegou o copinho e sentiu ao mesmo tempo alívio e temor quando ela fechou a porta com a ponta do pé e instalou-se na poltrona dos visitantes, olhando-o bem nos olhos. A seguir, fez a pergunta tabu de tal modo que ele nem pôde despachá-la com um gracejo nem contorná-la.

— Dragan, você sente tesão por mim?

Armanskij ficou como que paralisado, refletindo como um louco sobre que resposta dar. Seu primeiro impulso foi negar, com ar ofendido. Depois, viu o olhar dela e entendeu

que, pela primeira vez, ela perguntava alguma coisa. Uma pergunta séria e, se ele tentasse se safar com um gracejo, ela tomaria aquilo como um insulto pessoal. Ela queria falar com ele, e ele se perguntou há quanto tempo ela estava reunindo coragem para fazer essa pergunta. Depositando a caneta bem devagar sobre a mesa, ele se reclinou na poltrona e, por fim, conseguiu relaxar.

— O que a faz supor isso? — perguntou.

— A maneira como me olha e a maneira como não me olha. E às vezes em que esteve a ponto de estender a mão para me tocar e se conteve.

Ele sorriu de repente.

— Eu tinha a impressão de que você morderia a minha mão se eu tocasse um dedo em você.

Ela não sorriu. Esperava.

— Lisbeth, sou seu chefe e, mesmo que estivesse atraído por você, nunca faria um gesto.

Ela continuava esperando.

— Entre nós, sim, houve momentos em que me senti atraído. Não consigo explicar, mas aconteceu. Por uma razão que eu mesmo não entendo, gosto imensamente de você. Mas não é nada físico.

— Melhor assim. Porque nunca haverá nada entre nós.

Armanskij soltou uma risada. Mesmo dando a informação mais negativa que um homem podia receber, Salander acabava de lhe falar, de certa maneira, com intimidade. Ele buscou as palavras apropriadas.

— Lisbeth, entendo que não esteja interessada em um velho com mais de cinquenta anos.

— Não estou interessada num velho com mais de cinquenta anos *que é meu chefe.* — Ela ergueu a mão. — Espere, deixe-me falar. Às vezes você é tacanho e insuportável com esse seu jeito de burocrata, mas o fato é que também é um homem atraente e... eu também posso me sentir... Só que você é meu chefe, eu conheci sua mulher, quero conservar esse emprego na firma, e a pior coisa que eu poderia fazer seria ter um caso com você.

Amanskij ficou em silêncio, ele mal ousava respirar.

— Estou perfeitamente consciente do que fez por mim, e não sou uma ingrata. Aprecio de verdade que tenha passado por cima dos preconceitos e tenha me dado uma chance aqui. Mas não o quero como amante e você não é meu pai.

Ela se calou. Depois de um momento, Armanskij suspirou, desamparado.

— O que quer de mim então?

— Quero continuar trabalhando para você. Se acha isso conveniente. Ele assentiu com a cabeça e em seguida respondeu com a maior franqueza possível.

— Realmente, tenho muita vontade que trabalhe para mim. Mas também quero que sinta alguma forma de amizade e de confiança por mim.

Ela concordou com a cabeça.

— Você não é uma pessoa que incite à amizade — ele disparou de repente. Ela se contraiu um pouco, porém ele prosseguiu, inexorável. — Entendi que não quer que se envolvam com a sua vida e tentarei não fazer isso. Mas tudo bem se continuo a gostar de você?

Salander refletiu por um bom tempo. Sua resposta, então, foi se levantar, contornar a mesa e abraçá-lo. Ele ficou paralisado. Somente quando ela o soltou, ele pegou sua mão.

— Podemos ser amigos? — ele perguntou. Ela concordou com a cabeça mais uma vez.

Foi a única ocasião em que ela lhe mostrara ternura e a única em que o tocara. Um momento de que Armanskij se lembrava sempre com emoção.

Quatro anos haviam transcorrido agora, e ela quase nada revelara a Armanskij sobre sua vida pessoal ou sobre seu passado. Uma vez, ele direcionou a ela sua própria competência na arte da investigação. Teve também uma longa conversa com Holger Palmgren — que não pareceu surpreso de ouvi-lo —, e o que acabou por saber em nada contribuiu para aumentar sua confiança. Nunca discutiu esse assunto com ela, nunca fez a menor alusão nem lhe deu a entender que vasculhara sua vida privada. Em vez disso, ocultou sua inquietação e reforçou a vigilância.

Antes que essa memorável noitada terminasse, Salander e Armanskij chegaram a um acordo. Ela passaria a trabalhar para ele como *freelancer.* Receberia um pequeno pagamento mensal fixo, quer realizasse ou não missões; os verdadeiros rendimentos viriam das faturas que apresentasse em cada missão. Trabalharia como bem entendesse; em contrapartida, ela se comprometeria a nunca fazer nada que prejudicasse ou criasse problemas para a Milton Security.

De acordo com Armanskji, era uma solução vantajosa para a empresa, para ele mesmo e para Salander. Ele restringiu o penoso serviço das IP a um único funcionário fixo, um colaborador muito jovem que desempenhava corretamente as tarefas rotineiras e cuidava das informações sobre solvência. Todas as missões complicadas e duvidosas, ele reservou a Salander e a outros *freelancers* que — se as coisas saíssem mal — eram seus próprios patrões e pelos quais a Milton Security não precisava responder. Como ele lhe passava missões com frequência, ela obtinha rendimentos confortáveis. Rendimentos que até poderiam ser bem mais elevados, porém ela trabalhava somente quando tinha vontade, segundo o princípio de que, se Armanskij não gostasse, bastava dispensá-la.

Armanskij a aceitou tal como era, com a condição de que não devia se encontrar com os clientes. Quase nunca havia exceções a essa regra, mas o caso que hoje se apresentava era, infelizmente, uma delas.

Naquele dia, Lisbeth Salander vestia uma camiseta preta com uma imagem do E. T. exibindo dentes ferozes e as palavras I *am also an alien.* Usava saia preta com a bainha desfeita, uma jaqueta curta de couro também preta e ralada, cinto com rebites, botas Doc. Martens e meias com listas transversais vermelhas e verdes, subindo até os joelhos. A maquiagem indicava que talvez fosse daltônica. Ou seja, apresentava-se com o maior esmero.

Armanskij suspirou e dirigiu o olhar à terceira pessoa presente na sala — um visitante de aspecto antiquado e óculos com lentes espessas. O advogado Dirch Frode tinha sessenta e oito anos e insistira para se encontrar com o autor do relatório, a fim de lhe fazer algumas perguntas. Armanskij tentou evitar o encontro recorrendo a falsos expedientes, dizendo que Salander estava gripada, que estava viajando e às voltas com outros trabalhos. Frode respondera despreocupadamente que não tinha pressa — o caso não era urgente e ele podia esperar mais alguns dias sem problema. Armanskij praguejou em voz baixa e não achou outra saída senão reuni-los. Agora Frode observava Lisbeth Salander com evidente fascínio. Salander respondeu com um olhar furioso, sua expressão indicando claramente que não nutria a menor simpatia por ele.

Armanskij suspirou mais uma vez e olhou para o dossiê que ela depositara em cima da mesa, com o título *Carl Mikael Blomkvist.* O nome era acompanhado de um número de registro, meticulosamente escrito na capa. Ele pronunciou o nome em voz alta. Frode saiu de seu estado de enfeitiçamento e voltou os olhos para Armanskij.

— Bem, o que pode me dizer sobre Mikael Blomkvist? — perguntou.

— Esta é a senhorita Salander, que redigiu o relatório. — Armanskji hesitou um segundo e prosseguiu com um sorriso destinado a transmitir confiança a Frode, mas que sobretudo pedia desculpas desamparadas. — Não se surpreenda com a juventude dela. É sem dúvida nossa melhor investigadora.

— Estou certo disso — respondeu Frode com uma voz seca que indicava o contrário. — Conte-me o que ela descobriu.

Evidentemente o advogado não fazia a menor idéia de que comportamento adotar com Lisbeth Salander e procurava pisar um terreno mais seguro dirigindo a pergunta a Armanskij, como se ela não estivesse na sala. Salander aproveitou a ocasião para fazer uma grande bola com seu chiclete. Antes que Armanskij tivesse tempo de responder, ela falou ao chefe como se Frode não existisse.

— Pode ver com o seu cliente se ele deseja a versão longa ou a resumida?

Na mesma hora Frode percebeu a gafe que cometera. Seguiu-se um breve e penoso silêncio, então ele se virou para Lisbeth Salander e tentou corrigir o erro adotando um tom gentilmente paternal.

— Eu ficaria muito grato, senhorita, se pudesse me fazer um resumo do que descobriu.

Salander parecia uma fera cruel das savanas espreitando Dirch Frode para devorá-lo. Havia em seu olhar um ódio tão intenso e inesperado que Frode sentiu um arrepio nas costas. Rapidamente o rosto dela suavizou-se. Frode se perguntou se o que vira naquele olhar fora imaginação. Quando ela começou a falar, seu tom de voz era o de um funcionário de Estado.

— Antes de mais nada, permita-me dizer que essa missão não foi especialmente complicada, a não ser pelo fato de que a descrição das tarefas a cumprir era bastante vaga. O senhor queria que bisbilhotássemos por toda parte para descobrir tudo a respeito dele, mas esqueceu de indicar se buscava algo em particular. Razão pela qual chegamos a uma espécie de amostra de sua vida. O relatório contém cento e noventa e três páginas, mas cento e vinte são, na verdade, cópias de artigos que ele escreveu ou recortes de imprensa nos quais aparece. Blomkvist é uma figura pública com poucos segredos e não tem muito a esconder.

— Mas então ele tem segredos? — perguntou Frode.

— Todo mundo tem segredos — ela respondeu, imperturbável. — Trata-se apenas de descobrir quais.

— Sou todo ouvidos.

— Mikael Blomkvist nasceu em 18 de janeiro de 1960, portanto logo completará quarenta e três anos. Nasceu em Borlänge, mas nunca morou lá. Seus pais, Kurt e Anita Blomkvist, tinham cerca de trinta e cinco anos quando ele nasceu; atualmente os dois são falecidos. O pai era instalador de máquinas e devia se deslocar bastante; a mãe nunca foi senão dona de casa, pelo que entendi. A família mudou-se para Estocolmo quando Mikael começou a escola. Ele tem uma irmã três anos mais nova, ela se chama Annika e é advogada. Tem também tios e primos... E esse café, vem ou não vem?

A última frase era dirigida a Armanskij, que sem demora abriu a garrafa térmica que ele pedira para a reunião. Com um gesto, convidou Salander a continuar.

— Em 1966, portanto, a família se mudou para Estocolmo. Moravam em Lilla Essingen. Blomkvist cursou a escola primária e secundária em Bromma, depois fez o colegial em Kungsholmen. Suas notas de final de curso foram excelentes, encontrará cópias delas no dossiê. Quando estava no colégio, fazia música, tocava baixo num grupo de rock, os Bootstrap, que teve até um compacto tocado no rádio, no verão de 1979. Depois do colégio, trabalhou como vigia no metrô, juntou dinheiro para viajar ao exterior. Esteve fora um ano, passeando principalmente pela Ásia — Índia, Tailândia e uma breve estadia na Austrália. Começou a estudar jornalismo em Estocolmo quando tinha vinte e um anos, mas interrompeu o curso ao cabo de um ano para prestar o serviço militar no regimento de caçadores, em Kiruna. Uma espécie de unidade de machos, da qual saiu com notas 10-9-9, o que é um bom resultado. Depois do serviço militar, formou-se jornalista e começou a trabalhar. Até onde devo ir com os detalhes?

— Conte tudo que lhe pareça essencial.

— Certo. Ele é sobretudo o tipo primeiro da classe. Até hoje tem sido um jornalista talentoso. Nos anos 1980, fez uma série de serviços temporários, primeiro na imprensa do interior, depois em Estocolmo. A lista está no dossiê.

Mas se tornou realmente conhecido com a história dos Irmãos Metralha — o bando de assaltantes que ele ajudou a prender.

— Super-Blomkvist.

— Ele detesta esse apelido, o que é compreensível. Eu deixaria alguém de olho roxo se me chamassem de Píppi Meialonga numa manchete de jornal.

Ela lançou um olhar sombrio para Armanskij, que engoliu em seco. Mais de uma vez, ele pensara em Lisbeth Salander justamente como Píppi Meialonga, e felicitou-se por nunca haver soltado esse gracejo. Fez sinal para que ela prosseguisse, agitando o indicador no ar.

— Uma fonte diz que até então ele queria ser repórter criminal, chegou mesmo a fazer um trabalho temporário nessa seção num jornal vespertino, mas o que o tornou famoso foi sua atuação como investigador político e econômico. Trabalhou principalmente como *freelancer* e teve um único emprego fixo num jornal vespertino, no final dos anos 1980. Pediu demissão em 1990, quando participou da criação da revista mensal *Millennium.* Ela começou como zebra, sem um editor de peso que a bancasse. A tiragem

aumentou, hoje está em torno de vinte e um mil exemplares. A redação está instalada na Götgatan, a poucas ruas daqui.

— Uma publicação de esquerda.

— Tudo depende de como se define esquerda. A *Millennium* é tida como uma revista de crítica à sociedade, mas algo me diz que os anarquistas a vêem como uma publicação pequeno-burguesa do mesmo filão da *Arena* ou da *Ordfront,* enquanto a União dos Estudantes Moderados provavelmente pensa que a redação é composta de bolchevistas. Nada indica que Blomkvist tenha exercido uma atividade política, mesmo durante a onda esquerdista do seu tempo de colégio. Quando estava na faculdade de jornalismo, viveu com uma militante sindicalista que hoje ocupa uma cadeira no Parlamento pelo partido da esquerda. O rótulo de esquerdista se deve sobretudo ao fato de ele ter se especializado, como jornalista econômico, em reportagens que revelaram a corrupção e negócios suspeitos no mundo empresarial. Ele fez algumas descrições devastadoras de empresários e políticos, sem dúvida nenhuma bem merecidas, e está na origem de um bom número de demissões e processos jurídicos. O mais conhecido é o caso Arboga, que resultou na demissão forçada de um político conservador e na sentença de um ano de prisão dada a um ex-tesoureiro municipal, por desvio de verba. Denunciar delitos dificilmente pode ser considerado uma atitude de esquerda.

— Entendo o que quer dizer. E o que mais?

— Ele escreveu dois livros. Um sobre o caso Arboga e outro sobre jornalismo econômico, intitulado *Os templários* e publicado há três anos. Não li, mas, a julgar pelas críticas, o livro é bastante controvertido e suscitou muitos debates na mídia.

— E quanto a dinheiro?

— Ele não é rico, mas não tem do que se queixar. Suas declarações de renda estão anexadas ao dossiê. Tem pouco mais de duzentas e cinquenta mil coroas no banco, aplicadas num plano de aposentadoria e num fundo de poupança. Dispõe de cerca de cem mil coroas na conta corrente, que usa para as despesas normais, viagens et cetera. Possui um apartamento que comprou financiado e já terminou de pagar. Sessenta e cinco metros quadrados na Bellmansgatan. Não fez empréstimos nem dívidas.

Salander levantou um dedo.

— Ele possui ainda um outro bem: uma propriedade rural em Sandhamn. É uma cabana de vinte e cinco metros quadrados, que funciona como casa de férias, situada à beira-mar, na parte mais atraente da aldeia. Ao que parece foi comprada por um dos tios nos anos 1940, quando os simples mortais ainda podiam se oferecer esse tipo de coisa, e foi por causa da herança que a cabana passou a pertencer a Blomkvist. Ele e a irmã dividiram os bens, ela ficou com o apartamento dos pais em Lilla Essingen e Mikael Blomkvist com a cabana. Não sei quanto ela vale hoje, com certeza alguns milhões, mas ele não parece querer vendê-la e vai para lá com bastante frequência.

— Seus rendimentos?

— É co-proprietário da *Millennium,* mas retira apenas doze mil coroas de salário mensal. Compensa com atividades de *freelancer;* no final, a soma é variável. Atingiu um pico há três anos, quando recebeu muitas solicitações da mídia, o que lhe rendeu cerca de quatrocentas e cinquenta mil coroas no ano. No ano passado, seus honorários não foram além de cento e vinte mil.

— Ele vai ter que pagar cento e cinquenta mil por perdas e danos, mais as custas do advogado e coisas desse tipo — constatou Frode. — Pode-se dizer que a soma será elevada, sem esquecer que ele não terá rendimentos enquanto estiver cumprindo a pena de prisão.

— O que significa que sairá sem nada no bolso — observou Salander.

— Ele é honesto? — perguntou Dirch Frode.

— E o seu capital de confiança, por assim dizer. Ele insiste em se apresentar como um sólido guardião da moral no mundo das empresas, e seguidamente é convidado a ir à televisão para comentar diversos casos.

— Certamente não restará muita coisa desse capital após o julgamento de hoje — disse Frode com ar pensativo.

— Não estou muito por dentro do que se exige de um jornalista, mas depois dessa bofetada certamente vai demorar muito até o Super-Blomkvist receber o Grande Prêmio de Jornalismo. Ele se queimou magistralmente — constatou Salander com lucidez. — Mas se me permite uma reflexão pessoal...

Armanskij abriu bem os olhos. Nos anos em que Lisbeth Salander vinha trabalhando para ele, nunca emitira a menor reflexão pessoal numa investigação sobre um indivíduo. Para ela, contavam apenas os fatos brutos, mas hoje abria uma exceção.

— Não competia à minha missão examinar o caso Wennerström, mas acompanhei o processo e confesso que fiquei perplexa. Todo o caso parece muito mal contado, e é totalmente... totalmente improvável que Mikael Blomkvist publicasse algo a tal ponto sem fundamento.

Salander coçou o queixo. Frode parecia aguardar com paciência. Armanskij se perguntou se estava enganado ou se Salander não sabia realmente como prosseguir. A Salander que ele conhecia nunca se mostrava indecisa nem hesitante. Por fim ela se decidiu.

— Isto ficará fora do relatório... realmente não mergulhei no caso Wennerström, mas acho que o Super-Blomkvist... perdão, Mikael Blomkvist, caiu numa armadilha. Acho que há nessa história algo bem diferente daquilo que a sentença indica.

Dessa vez, foi Dirch Frode que se ergueu de repente na poltrona. O advogado examinou Salander com atenção e Armanskij notou que, pela primeira vez desde o início da exposição, ele mostrava um interesse que ia além da simples polidez. De início, Armanskij achou que o caso Wennerström representava aparentemente algo bem preciso para Frode. Mas logo se corrigiu. *Na verdade, o caso Wennerström não interessa a Frode — foi somente quando Salander insinuou que Blomkvist se deixou pegar que Frode reagiu.*

— O que está querendo dizer exatamente?

— Simples especulação, mas estou convencida de que alguém o enganou.

— E o que a faz supor isso?

— Tudo no passado de Blomkvist indica que ele é um jornalista muito prudente. Todas as revelações passíveis de controvérsia que ele fez sempre foram muito bem documentadas. Assisti a uma sessão do julgamento. Ele não forneceu argumentos contraditórios; pareceu ter abandonado a luta, o que não combina com seu caráter. A acreditar no tribunal, ele fabricou uma história sobre Wennerström sem nenhuma prova e a

publicou como se fosse um jornalista camicase, e esse não é de modo algum o estilo de Blomkvist.

— O que aconteceu, na sua opinião?

— Posso apenas especular. Blomkvist acreditou na sua história, mas algo aconteceu no caminho e a informação se revelou falsa. Isso significa que a fonte era alguém em quem ele confiava, ou então que alguém deliberadamente lhe passou informações erradas, o que me parece complicado e inverossímil. A alternativa pode ser ele ter sido exposto a uma ameaça tão grave que preferiu jogar a toalha e passar por um imbecil incompetente em vez de entrar na luta. Mas, como eu disse, são só especulações.

Salander se preparava para prosseguir seu relato, quando Dirch Frode a interrompeu com um gesto. Ficou um momento silencioso tamborilando com a ponta dos dedos no braço da cadeira, antes de se voltar novamente para ela com alguma hesitação.

— Se quiséssemos contratá-la para desvendar o caso Wennerström... quais seriam suas chances de descobrir alguma coisa?

— Não sei dizer. Talvez não haja nada para descobrir.

— Mas aceitaria tentar? Ela encolheu os ombros.

— Não cabe a mim decidir. Trabalho para Dragan Armanskij e é ele quem decide que tarefas deseja me atribuir. Depois, depende do tipo de informação que o senhor quer descobrir.

— Deixe-me pôr as coisas assim... Presumo que esta conversa seja confidencial, não? — Armanskij assentiu com a cabeça. — Nada sei sobre esse caso, mas sei, de forma incontestável, que Wennerström foi desonesto em outros contextos. Esse caso teve um impacto enorme na vida de Mikael Blomkvist e eu gostaria de saber se suas especulações poderiam conduzir a algum lugar.

A conversa tomara um rumo inesperado e Armanskij imediatamente ficou alerta. O que Dirch Frode pedia era que a Milton Security aceitasse investigar um caso judiciário já julgado, no qual talvez tivesse ocorrido alguma forma de ameaça ilícita contra Mikael Blomkvist e no qual a Milton potencialmente se arriscava a entrar em colisão com o exército de advogados de Wennerström. Armanskij não estava nem um pouco tentado pela idéia de lançar Lisbeth Salander em tal situação, como um míssil descontrolado.

Não se tratava apenas de preocupação com a tarefa. Salander já dissera claramente que não queria ver Armanskij desempenhando o papel de pai adotivo angustiado, e depois do acordo que fizeram ele evitava comportar-se como tal, mas interiormente nunca deixaria de se preocupar com ela. Às vezes, surpreendia-se comparando Salander com as próprias filhas. Considerava-se um bom pai que não interferia inutilmente na vida das filhas, mas sabia que jamais aceitaria que elas se comportassem ou vivessem como Lisbeth Salander.

No fundo do seu coração croata — ou bósnio, talvez, ou armênio —, ele nunca conseguira se libertar de uma convicção de que a vida de Salander era uma corrida rumo ao desastre. A seus olhos, ela se oferecia como vítima ideal para alguém com más intenções, e ele temia ser despertado uma manhã com a notícia de que alguém lhe fizera mal.

— O custo de uma investigação como essa pode ser muito alto — disse Armanskij com prudência, para sondar a seriedade da proposta de Frode.

— Precisamos apenas fixar um teto — replicou Frode, perspicaz. — Não estou pedindo o impossível, mas é evidente que sua colaboradora, como você afirmou, é competente.

— Salander? — disse Armanskij, erguendo uma sobrancelha em direção a ela.

— Não tenho nenhum outro trabalho em andamento.

— Certo. Mas eu gostaria que chegássemos a um acordo sobre algumas formalidades. Vamos ouvir o resto do relatório.

— Não há muita coisa mais, exceto detalhes sobre a vida privada dele. Em 1986 casou-se com uma tal Monica Abrahamsson, e no mesmo ano tiveram uma filha chamada Pernilla, hoje com dezesseis anos. O casamento não durou muito, em 1991 eles se divorciaram. Abrahamsson voltou a se casar, mas parece que os dois continuam tendo boas relações. A filha mora com a mãe e não vê Blomkvist com muita frequência.

* * *

Frode pediu uma segunda xícara de café e voltou-se outra vez para Salander.

— Há pouco você deu a entender que todo mundo tem segredos. Descobriu algum?

— Eu quis dizer que as pessoas têm coisas que consideram privadas e que não costumam expor. Blomkvist parece apreciar o convívio com as mulheres. Teve várias histórias de amor e muitas ligações ocasionais. Em suma, tem uma vida sexual intensa. No entanto, existe uma pessoa em sua vida já há muitos anos e o relacionamento deles é bastante incomum.

— Em que sentido?

— Ele tem um relacionamento sexual com Erika Berger, diretora da *Millennium;* filha da alta sociedade, de mãe sueca e pai belga radicado na Suécia. Berger e Blomkvist se conheceram na faculdade de jornalismo e desde então têm uma ligação mais ou menos constante.

— Não parece tão incomum — observou Frode.

— Certamente não. Mas Erika Berger é casada com o artista plástico Lars Beckman, um sujeito ligeiramente famoso, que espalhou uma porção de instalações horrorosas em lugares públicos.

— Ou seja, ela é infiel.

— Não. Beckman sabe do relacionamento deles. É um *ménage à trois,* aparentemente aceito pelas partes. Às vezes ela dorme na casa de Blomkvist, às vezes na casa do marido. Não sei bem como a coisa funciona, mas sem dúvida foi o que fez acabar o casamento de Blomkvist e de Monica Abrahamsson.

3. SEXTA-FEIRA 20 DE DEZEMBRO — SÁBADO 21 DE DEZEMBRO

Erika Berger levantou as sobrancelhas quando um Mikael Blomkvist visivelmente morto de frio chegou à redação já no final da tarde. O escritório da *Millennium* ficava na Götgatan, na parte alta da rua, um andar acima da sede do Greenpeace. O aluguel, na verdade, era um pouco superior aos recursos da revista, mas Erika, Mikael e Christer julgavam que deviam conservar o local.

Ela olhou seu relógio: cinco e dez. Já havia algum tempo que escurecera em Estocolmo. Achando que ele voltaria mais cedo, ela o esperara para o almoço.

— Desculpe o atraso — ele falou, antes que ela tivesse tempo de dizer alguma coisa. — Eu queria ficar sozinho, não estava com vontade de falar. Saí andando por aí para pensar.

— Ouvi a sentença pelo rádio. Uma moça da TV4 telefonou, queria uma declaração minha.

— E o que você disse?

— Mais ou menos o que já tínhamos decidido, que vamos estudar o veredicto detalhadamente antes de nos pronunciarmos. Ou seja, não disse nada. E a minha opinião continua a mesma: acho que não é uma boa estratégia nos colocarmos numa posição de fraqueza e perdermos o apoio da mídia. A tevê deve abordar o assunto hoje à noite.

Abatido, Blomkvist assentiu com a cabeça.

— Como está se sentindo?

Ele encolheu os ombros e deixou-se cair em sua poltrona preferida em frente à janela da sala de Erika. A peça era escassamente mobiliada: uma mesa de trabalho, uma estante funcional e móveis de escritório baratos. Foram comprados na Ikea, com exceção de duas poltronas confortáveis e extravagantes, e de uma pequena mesa baixa — uma concessão à minha educação, como ela costumava gracejar. Quando queria fazer uma pausa Erika geralmente se instalava numa das poltronas, com os pés recolhidos. Mikael olhava pela janela. Embaixo, na penumbra, pedestres apressados galopavam pela Götgatan. A histeria das compras de Natal chegava à reta final.

— Suponho que vai passar — disse ele. — Mas neste momento é como se eu acabasse de levar uma tremenda surra.

— Sim, é mais ou menos isso, e o mesmo vale para todos nós. Janne Dahlman foi embora hoje de manhã para casa.

— Imagino que ele não tinha ilusões quanto à sentença.

— Não é exatamente o homem mais otimista que eu já conheci. Mikael assentiu com a cabeça. Janne Dahlman era secretário de redação da *Millennium* havia nove meses. Entrou quando o caso Wennerström estava começando e viu-se numa redação em crise. Mikael tentou lembrar a conversa que tiveram, ele e Erika, quando decidiram contratá-lo.

Era um jovem competente, sua passagem pela TT o familiarizara com as assessorias de imprensa, e trabalhara como temporário em jornais vespertinos e na rádio. Mas não era alguém pronto para enfrentar tempestades. Durante o ano que terminava, Mikael se arrependeu várias vezes de ter contratado Dahlman, que tinha uma tendência profundamente irritante de ver tudo sob os aspectos mais negativos.

— Teve notícias do Christer? — perguntou Mikael sem desviar o olhar da rua.

Christer Malm, responsável pela ilustração e diagramação da *Millennium,* era co-proprietário da revista com Erika e Mikael, e no momento estava no exterior, viajando com o namorado.

— Ele telefonou, te mandou um abraço.

— Ele vai ter de ficar no meu lugar como editor.

— Espere aí, Micke, você deveria saber que um editor responsável leva muitos socos no nariz, faz parte do jogo.

— Sim, eu sei. Mas acontece que eu é que redigi o texto que foi publicado na revista da qual eu sou o redator-chefe, ou, mais exatamente, o editor responsável. Isso muda tudo. Isso se chama erro de avaliação.

Erika Berger sentiu que a ansiedade que o acompanhara o dia todo estava a ponto de explodir. Antes do julgamento, nas últimas semanas, Mikael Blomkvist estivera mal-humorado, mas ela não o sentira tão tristonho e resignado como parecia estar agora, no momento da derrota. Ela contornou a mesa de trabalho, sentou-se de pernas abertas sobre os joelhos dele e passou os braços em volta de seu pescoço.

— Mikael, escute. Sabemos bem como tudo aconteceu. Sou tão responsável quanto você. Temos que enfrentar essa tempestade.

— Não há tempestade para enfrentar. Essa sentença significa que levei um tiro na nuca, que estou morto do ponto de vista da mídia. Não posso continuar dirigindo a *Millennium.* A credibilidade da revista está em jogo, é preciso reduzir os prejuízos. Você sabe tão bem quanto eu.

— Se acha que pretendo deixá-lo assumir o erro sozinho, então você nunca entendeu, nesses anos todos, como eu funciono.

— Sei exatamente como você funciona, Ricky. Você é de uma lealdade cega com seus colegas. Se pudesse se lançar contra os advogados de Wennerström, faria isso até também perder sua credibilidade. Precisamos ser mais inteligentes.

— E acha inteligente abandonar o navio como se eu tivesse te despedido?

— Já falamos sobre isso centenas de vezes. Se a *Millennium* deve sobreviver, cabe a você comandar. Christer é um cara ótimo, um sujeito que entende de fotografia e diagramação, mas enfrentar bilionários não é o forte dele. É preciso que eu desapareça da *Millennium* por algum tempo como publisher, jornalista e membro da equipe; você fica no meu lugar. Wennerström sabe que eu sei o que ele faz, e estou convencido de que, enquanto eu estiver ligado à revista, fará o possível para afundá-la. Não podemos permitir isso.

— Mas por que então não contar o que se passou? Ou vai ou racha!

— Porque não podemos provar nada e porque neste momento não tenho credibilidade nenhuma. Wennerström ganhou esse *round.* Ponto final.

— Está bem, eu despeço você. E o que vai fazer em seguida?

— Preciso de um tempo, só isso. Estou completamente esgotado, entrei de cabeça na parede, como se diz. Vou cuidar de mim durante algum tempo. Depois veremos.

Erika estreitou Mikael com força nos braços e encostou a cabeça no peito dele. Ficaram em silêncio por alguns minutos.

— Quer companhia esta noite? — ela perguntou. Mikael assentiu com a cabeça.

— Eu já tinha avisado Lars que dormiria na sua casa hoje.

A única fonte de luz do quarto era a iluminação da rua que entrava pela janela. Erika adormecera pouco depois das duas da manhã e Mikael, ainda acordado, observava o perfil dela na penumbra. A colcha a cobria até a cintura e ele observou os seios erguendo-se e abaixando-se num ritmo lento. Estava apaziguado e a bola de angústia no estômago se dissolvera. Erika produzia esse efeito nele, sempre fora assim. E ele sabia que produzia exatamente o mesmo efeito nela.

Vinte anos, pensou. Fazia vinte anos que ele e Erika mantinham uma ligação. E ele esperava que continuassem fazendo amor por mais vinte anos ainda. Pelo menos. Nunca haviam tentado a sério esconder essa relação, mesmo quando ela criou situações um pouco ambíguas com os outros. Ele sabia que as pessoas em volta falavam e faziam perguntas, às quais tanto Erika quanto ele davam respostas evasivas, sem se preocupar com os comentários.

Conheceram-se numa festa na casa de amigos comuns. Ambos estavam no segundo ano da faculdade de jornalismo e cada um, na época, tinha um parceiro regular. De início foi só uma paquera divertida, se é que as lembranças eram exatas. Depois, levaram mais longe o jogo de sedução mútua e, antes de se separar, trocaram os números de telefone. Os dois sabiam que iam se reencontrar na cama e, menos de uma semana depois, executaram esse plano sem que os respectivos parceiros soubessem.

Mikael tinha certeza de que não se tratava de amor — pelo menos não do amor tradicional, que acaba num domicílio comum, em compromissos comuns, árvore de Natal e crianças. Algumas vezes, nos anos 1980, chegaram a pensar em alugar um apartamento juntos. Mikael teria gostado. Mas Erika sempre desistia no último instante, argumentando que não daria certo e que não deviam arriscar destruir sua relação se apaixonando um pelo outro.

Sabiam que a relação se baseava no sexo, e Mikael várias vezes se perguntou se era possível sentir mais desejo por uma mulher do que o que sentia por Erika. A relação funcionava como uma verdadeira droga.

Às vezes viam-se com tanta frequência que tinham a impressão de ser um casal; outras vezes transcorriam semanas, meses, entre cada encontro. Mas, como os alcoólatras atraídos pela prateleira de bebidas após um período de abstinência, retornavam sempre um para o outro em busca de mais.

A coisa, evidentemente, não funcionava. Uma relação como essa só podia ser uma fonte de dor. Erika e ele haviam deixado pelo caminho promessas não cumpridas e ligações frustradas — o próprio casamento de Mikael acabou porque ele não conseguiu se manter afastado de Erika. Nunca mentiu à mulher sobre a existência desse caso, mas ela pensou que, com o casamento e o nascimento da filha, ele terminaria. Além do mais, praticamente na mesma época, Erika se casou com Lars Beckman. Mikael também pensou que o caso terminaria e, nos primeiros anos do casamento dela, ele e Erika só se viram

profissionalmente. Aí veio a *Millennium* e, menos de uma semana depois, todas as resoluções vieram abaixo quando, no final de um dia de trabalho, os dois fizeram amor selvagemente em cima da mesa de Erika. Seguiu-se um período difícil, no qual Mikael queria viver com a família e ver a filha crescer, ao mesmo tempo que, contra a vontade, era atraído para Erika como se não conseguisse mais comandar seus atos. O que, evidentemente, era só uma questão de força de vontade, como Lisbeth Salander bem percebeu: foi essa perpétua infidelidade que levou Monica a querer acabar com o casamento.

O estranho é que Lars Beckman parecia aceitar totalmente a ligação deles. Erika sempre foi clara sobre sua relação com Mikael e imediatamente informou o marido quando os dois recomeçaram. Talvez só uma alma de artista pudesse suportar isso, um artista voltado à sua criação, ou talvez voltado somente a si mesmo, que não reagia quando sua mulher dormia na casa de outro homem ou até mesmo interrompia as férias para passar uma semana com o amante na cabana em Sandhamn. Mikael não gostava muito de Lars e nunca entendeu por que Erika havia se ligado a ele. Mas apreciava que Lars aceitasse que ela pudesse amar dois homens ao mesmo tempo.

Ele suspeitava que Lars considerava que a ligação da mulher trazia uma excitação extra ao casamento. Mas nunca abordou esse assunto com Erika.

Mikael não conseguia dormir e por volta das quatro da manhã levantou-se. Instalou-se na cozinha e mais uma vez leu o veredicto do começo ao fim.

A leitura do dossiê lhe permitia enxergar com mais clareza, e ele percebia o quanto o encontro em Arholma tinha a ver com o destino. Nunca conseguiu descobrir se Robert Lindberg revelara a fraude de Wennerström apenas como uma boa história durante uma conversa entre dois tragos, ou se a intenção fora de fato fazê-la vir a público.

Espontaneamente, Mikael pendia a favor da primeira possibilidade, mas também era possível imaginar que Robert, por razões altamente particulares ou profissionais, desejasse atingir Wennerström e aproveitou a oportunidade de ter um jornalista disposto a escutá-lo numa cabine fechada. Robert talvez tivesse bebido um pouco, o que não o impediu de cravar os olhos em Mikael no instante decisivo da história, quando evocou as palavras mágicas que o transformariam numa fonte anônima. Com isso, Robert tinha a certeza de que Mikael podia divulgar o que quisesse, mas nunca se permitiria revelar o nome de seu informante.

No entanto Mikael estava certo de uma coisa: se o encontro em Arholma tinha sido organizado por um conspirador com o objetivo de atrair sua atenção, a atuação de Robert fora perfeita. Só que o encontro em Arholma acontecera por puro acaso.

Robert não tinha a menor idéia da extensão do desprezo de Mikael por gente como Hans-Erik Wennerström. Depois de anos de observação, Mikael estava convencido de que não havia um único diretor de banco ou dono de empresa célebre que não fosse também um escroque.

Mikael nunca ouvira falar de Lisbeth Salander e ignorava completamente o relatório que ela fizera naquele dia, mas, se o tivesse lido, teria balançado a cabeça em concordância quando ela afirmou que a aversão dele pelos tubarões das finanças não era um mero acesso de radicalismo de esquerda. Mikael não era um desinteressado de política, mas encarava os *ismos* políticos com a maior desconfiança. Na única eleição em que votou — as legislativas de 1982 —, escolhera sem muita convicção os

socialdemocratas simplesmente porque para ele nada podia ser pior do que mais três anos com um moderado como Gösta Bohman nas finanças, um centrista como Thorbjörn Fälldin e um liberal como Ola Ullsten no comando do governo. Assim, votou em Olof Palme sem grande entusiasmo, para depois deparar com o assassinato do primeiro-ministro, o escândalo da venda de armas de Bofors em Omä e as intrigas sórdidas de Ebbe Carlsson no inquérito sobre o assassinato de Olof Palme.

O desprezo de Mikael pelos jornalistas econômicos se devia a algo tão elementar, a seus olhos, como a moral. Para ele era uma equação simples. Um diretor de banco que perde algumas centenas de milhões em especulações tresloucadas não deveria permanecer no cargo. Um empresário que monta firmas fictícias para seus negócios pessoais devia ser preso. Um proprietário de imóveis que obriga jovens a pagar, sem nota, o aluguel de um quarto com banheiro no quintal devia ser pendurado pelos pés no pelourinho.

Mikael Blomkvist acreditava que a missão do jornalista econômico era investigar e desmascarar os tubarões financeiros capazes de provocar crises de juros e de especular com o dinheiro do pequeno poupador. Acreditava que sua verdadeira missão jornalística era investigar os donos de empresa com o mesmo zelo implacável que os jornalistas políticos vigiam o menor passo em falso de ministros e parlamentares. Jamais ocorreria a um jornalista político transformar em ícone um chefe de partido, e Mikael tinha dificuldade em entender por que tantos jornalistas econômicos, dos mais importantes veículos do país, estavam prontos a elevar medíocres arrivistas à categoria de vedetes do *showbiz.*

Essa atitude um tanto atípica no jornalismo econômico o levou a ter, mais de uma vez, conflitos abertos com colegas, entre os quais William Borg, que virou seu inimigo ferrenho. Mikael erguera a cabeça e criticara os colegas, acusando-os de não cumprir sua missão e de fazer o jogo dos arrivistas financeiros. O papel de crítico da sociedade certamente dera a Mikael algum status e o transformara no arroz-de-festa das câmeras de tevê — era sempre convidado a dar sua opinião quando se sabia que algum empresário se safara de dificuldades com um pára-quedas no valor de alguns bilhões —, porém isso também lhe angariava um círculo fiel de inimigos jurados.

Mikael bem podia imaginar que algumas redações haviam estourado champanhe naquela noite.

Erika tinha a mesma postura que ele diante do papel do jornalista, e desde que se formaram os dois se divertiam juntos pensando numa publicação com esse perfil.

Mikael não podia imaginar um chefe melhor do que Erika. Perfeita organizadora, ela transmitia calor e confiança aos funcionários, mas ao mesmo tempo não temia o confronto e sabia se mostrar intratável quando necessário. Sua sensibilidade se exacerbava sobretudo na hora de tomar decisões sobre o conteúdo da edição que estava sendo preparada. Ela e Mikael tinham muitas vezes opiniões contrárias e os dois às vezes discutiam abertamente, mas nutriam uma confiança inabalável um pelo outro e formavam uma equipe imbatível. Ele fazia a coleta, ela encaixotava e vendia.

A *Millennium* era uma criação dos dois, mas nunca teria existido sem a capacidade de Erika de levantar um financiamento. Um filho de operário e uma filha de burguês reunidos. Erika dispunha de uma boa herança. De início, lançou mão de seus recursos e convenceu o pai e amigos a investir quantias consideráveis no projeto.

Muitas vezes Mikael se perguntou por que Erika apostara na *Millennium.* É verdade que ela era acionista — majoritária — e diretora de sua própria revista, o que lhe dava prestígio e uma liberdade editorial que ela não teria em nenhum outro local de trabalho. Diferentemente de Mikael, ela se encaminhara para a tevê depois da faculdade de jornalismo. Tinha coragem, apresentava-se com competência diante da câmera e sabia se afirmar entre os concorrentes. Possuía, além disso, bons contatos no governo. Se tivesse continuado, certamente teria alcançado um cargo de direção na tevê, com um salário muito alto. Mas preferiu abandonar tudo e apostar na *Millennium,* um projeto de alto risco iniciado em instalações precárias no bairro de Midsom-markransen, mas que deu suficientemente certo para se transferir, poucos anos depois, para salas mais amplas e agradáveis na Götgatan, a dois passos do centro da cidade, no Södermalm.

Erika também convencera Christer Malm a se associar à revista; celebridade do mundo gay, exibicionista nas horas vagas, aparecia de vez em quando nas colunas sociais em companhia do namorado. O interesse da mídia voltou-se para ele quando passou a viver com Arnold Magnusson, conhecido por Arn, um ator de teatro que só se revelou verdadeiramente ao desempenhar o próprio papel num *reality show* na tevê. A vida de Christer e Arn virou então um folhetim na mídia.

Aos trinta e seis anos, Christer Malm, fotógrafo profissional e *designer* muito requisitado, sabia dar à *Millennium* um padrão gráfico moderno e atraente. Seu escritório ficava no mesmo andar que a redação da *Millennium,* e ele cuidava da diagramação em tempo parcial, uma semana por mês.

Além desses três, a *Millennium* contava com dois colaboradores fixos, três em tempo parcial e um temporário. Era o tipo de publicação que estava sempre no vermelho, porém muito prestigiosa e na qual os colaboradores adoravam trabalhar.

A *Millennium* não era um negócio lucrativo, mas havia conseguido equilibrar suas despesas, e tanto a tiragem quanto as receitas publicitárias não cessavam de aumentar. Até o momento, a revista mantinha a imagem de um produto com estilo editorial franco e confiável.

Provavelmente agora as coisas iam mudar. Mikael lia o breve comunicado que ele e Erika haviam escrito algumas horas antes e que logo se transformou num despacho da agência de notícias TT veiculado nas páginas da *Aftonbladet,* na internet.

CONDENADO NA JUSTIÇA, MIKAEL BLOMKVIST ABANDONA A *MILLENNIUM*

Estocolmo (TT). O jornalista Mikael Blomkvist deixa o cargo de editor responsável da revista mensal *Millennium,* anuncia Erika Berger, diretora e acionista majoritária.

Mikael Blomkvist deixa a *Millennium* por decisão própria. Esgotado após o período

dramático que acaba de viver, ele precisa de um descanso, diz Erika, que assume o cargo de editora responsável da publicação.

Mikael Blomkvist foi um dos criadores da *Millennium* em 1990. Segundo Erika Berger, o caso Wennerström não deverá interferir no futuro da revista.

"A *Millennium* sairá normalmente no mês que vem", ela acrescenta. "Mikael Blomkvist teve um papel fundamental no desenvolvimento da revista, mas agora vamos virar a página. Considero o caso Wennerström como uma sucessão de circunstâncias infelizes e lamento os dissabores causados a Hans-Erik Wennerström."

Não foi possível encontrar Mikael Blomkvist para obter seu depoimento.

— Acho isso terrível — dissera Erika após enviar por e-mail o comunicado de imprensa. — A maioria das pessoas vai concluir que você é um cretino incompetente e que eu não passo de uma puta que aproveita a ocasião para te acertar um tiro pelas costas.

— Considerando todos os outros boatos que circulam, pelo menos nossos amigos terão algo de novo com que se divertir — tentou gracejar Mikael. Mas Erika não achou graça.

— Não tenho um plano B, mas acho que estamos cometendo um erro.

— É a única solução — replicou Mikael. — Se a revista quebrar a cara, todos os nossos esforços terão sido inúteis. Você sabe que a partir de agora vamos perder muitas receitas. Aliás, qual foi a decisão daquela empresa de informática?

Ela suspirou.

— Hoje de manhã eles comunicaram que não vão anunciar na edição de janeiro.

— E, não por acaso, Wennerström detém muitas cotas dessa empresa.

— Podemos cortejar outros anunciantes. Por mais que Wennerström seja um figurão das finanças, ele não possui tudo neste mundo, e nós também temos nossos contatos.

Mikael estreitou Erika no peito.

— Um dia vamos torpedear Hans-Erik Wennerström a ponto de fazer tremer Wall Street. Mas não hoje. A *Millennium* deve sair do campo minado. Não podemos nos arriscar a perder a confiança que alguns depositam em nós.

— Eu sei, eu sei, mas vou ser vista como a bruxa de plantão e você ficará numa pior se dermos a entender que houve um rompimento entre nós.

— Eu, você e Ricky confiamos um no outro, temos uma chance. Precisamos tocar o barco, e chegou a hora de eu me retirar.

Ela reconheceu, a contragosto, que havia uma triste lógica nessa conclusão.

4. SEGUNDA-FEIRA 23 DE DEZEMBRO — QUINTA-FEIRA 26 DE DEZEMBRO

Erika passou o fim de semana na casa de Mikael Blomkvist. Praticamente só saíram da cama para ir ao banheiro e comer alguma coisa, mas nem por isso ficaram o tempo todo fazendo amor; passaram horas um junto do outro, discutindo o futuro e pesando consequências, possibilidades e probabilidades. Na segunda-feira de manhã — faltavam dois dias para o Natal —, Erika beijou Mikael, despediu-se com um "até breve" e voltou para a casa do marido.

Mikael começou a segunda-feira lavando a louça e pondo um pouco de ordem no apartamento, depois foi caminhando até a redação, para recolher seus papéis no escritório. Não tinha a menor intenção de romper com a revista, mas acabou convencendo Erika que durante algum tempo era importante separar Mikael Blomkvist da *Millennium.* A partir de agora, ele trabalharia no seu apartamento da Bellmansgatan.

Estava sozinho na redação, fechada por causa do Natal e com os funcionários de folga. Selecionava alguns papéis e livros para pôr numa pasta quando o telefone tocou.

— Gostaria de falar com Mikael Blomkvist — disse uma voz desconhecida mas cheia de expectativa na outra ponta da linha.

— É ele.

— Sinto muito perturbá-lo na véspera de Natal. Meu nome é Dirch Frode. — Instintivamente, Mikael anotou o nome e a hora. — Sou advogado e represento um cliente que gostaria muito de conversar com o senhor.

— Bem, diga a seu cliente que ele mesmo me telefone.

— O que quero dizer é que ele gostaria de encontrá-lo.

— Tudo bem, marque um encontro e mande-o vir até o meu escritório. Mas seja rápido, pois estou esvaziando a mesa.

— Meu cliente gostaria muito que fosse encontrá-lo na casa dele. Ele mora em Hedestad, são apenas três horas de trem.

Mikael parou de selecionar os papéis. A imprensa tem a capacidade de atrair as pessoas mais malucas, detentoras das informações mais absurdas. Todas as redações do mundo recebem chamados de fanáticos por óvnis, grafólogos, cientologistas, paranóicos e outros teóricos da grande conspiração.

Um dia, Mikael ouvia uma conferência do escritor Karl Alvar Nilsson, organizada pela universidade popular na época do aniversário do assassinato de Olof Palme. A conferência era absolutamente séria e na platéia se achavam Lennart Bodström e outros velhos amigos de Palme. Mas muitas pessoas comuns também compareceram, entre elas uma mulher de uns quarenta anos, que se apoderou do microfone quando chegou o inevitável momento das perguntas. Com exceção da voz baixa, como num cochicho, nada fazia prever uma sequência interessante, e ninguém ficou especialmente surpreso quando a mulher começou sua intervenção anunciando: *"Sei quem matou Olof Palme".* Os que estavam à mesa responderam, com uma ponta de ironia, que, se ela possuía aquela informação tão

decisiva, seria do maior interesse comunicá-la à comissão de inquérito. Ao que ela vivamente retrucou, num murmúrio quase inaudível: *"Não posso, é perigoso demais!".*

Mikael se perguntou se Dirch Frode também não seria um desses profetas ansiosos por revelar a existência de um hospital psiquiátrico secreto, onde a Polícia Federal se dedicava a experimentos de controle mental.

— Não atendo em domicílio — respondeu secamente.

— Nesse caso, espero convencê-lo a abrir uma exceção. Meu cliente tem mais de oitenta anos e vir a Estocolmo representa para ele uma viagem penosa. Se o senhor insiste, creio que poderíamos encontrar outra solução, mas, para ser bem franco, seria preferível que tivesse a gentileza de...

— Quem é o seu cliente?

— Alguém de quem o senhor nunca deve ter ouvido falar na sua profissão, imagino: Henrik Vanger.

Mikael fez um movimento para trás, surpreso. Henrik Vanger — claro que ouvira falar dele. Grande industrial e ex-diretor administrativo do grupo Vanger, um império cujos negócios eram serrarias, florestas, minas, fábricas de aço, empresas metalúrgicas e têxteis, produção e exportação. Henrik Vanger fora um dos grandes de seu tempo, com a reputação de um honesto patriarca à antiga que não se curvava diante da tempestade. Fazia parte dos fundamentos da vida econômica sueca, bravo seguidor da velha escola, ao lado dos Matts Carlgren, de MoDo e de Hans Werthen, da antiga Electrolux. A coluna vertebral da indústria democrática sueca, por assim dizer.

O grupo Vanger, ainda hoje uma empresa familiar, fora sacudido nos últimos vinte e cinco anos por reestruturações, catástrofes na Bolsa, crises de juros, concorrência asiática, declínio das exportações e outros problemas que, somados, relegaram Vanger ao pelotão da rabeira. A empresa agora era dirigida por Martin Vanger, cujo nome Mikael associava a um sujeito gordo de cabelos fofos que ele vira na televisão, mas que na verdade não conhecia. Fazia bem uns vinte anos que Henrik Vanger estava fora de circuito e Mikael ignorava que ainda estivesse vivo.

— Por que Henrik Vanger quer me ver?

— Sinto muito. Sou o advogado de Vanger há muitos anos, mas cabe a ele contar o que deseja. Por outro lado, posso adiantar que Henrik Vanger gostaria de discutir com o senhor um possível trabalho.

— Um trabalho? Não tenho nenhuma intenção de passar a trabalhar para as empresas Vanger. Estão precisando de um assessor de imprensa?

— Não se trata em absoluto desse tipo de trabalho. Não sei como me exprimir... tudo que posso dizer é que Henrik Vanger está particularmente interessado em vê-lo e consultá-lo sobre um assunto particular.

— O senhor não poderia ser mais direto?

— Peço que me perdoe. Mas me diga: existe alguma possibilidade de o senhor fazer uma visita a Hedestad? Claro que reembolsaremos sua viagem e lhe daremos uma remuneração razoável.

— Seu telefonema chega numa péssima hora. Estou bastante ocupado... e suponho que viu as notícias sobre mim nesses últimos dias.

— O caso Wennerström? — e Dirch Frode deixou escapar um risinho abafado na outra ponta da linha. — Sim, ele teve o mérito de interessar bastante o público. Mas, para dizer a verdade, foi justamente a publicidade em torno desse processo que atraiu a atenção de Henrik Vanger para o senhor.

— E mesmo? E quando é que Henrik Vanger gostaria que eu fosse visitá-lo? — quis saber Mikael.

— O mais cedo possível. Amanhã à noite é véspera de Natal e suponho que o senhor não esteja livre. Mas que tal 26 de dezembro? Ou um dos dias seguintes?

— Então é urgente mesmo. Sinto muito, mas se não me der uma pista aceitável da finalidade da visita...

— Eu lhe garanto que o convite é totalmente sério. Henrik Vanger gostaria de consultá-lo, ao senhor e não a uma outra pessoa. Gostaria de lhe propor um trabalho como *freelancer,* se isso lhe interessa. Quanto a mim, sou apenas um intermediário. Cabe a ele explicar do que se trata.

— É um dos chamados mais estranhos que já recebi. Vou pensar no assunto. Como posso contatá-lo?

Após desligar o telefone, Mikael ficou contemplando a desordem em sua mesa. Não conseguia entender por que Henrik Vanger desejava encontrá-lo. Uma viagem a Hedestad não lhe despertava nenhum entusiasmo, mas o advogado Frode conseguira despertar sua curiosidade.

Ligou o computador, conectou-se no www.google.com e digitou "empresas Vanger". Centenas de páginas estavam disponíveis. Embora o grupo Vanger agora andasse a reboque, ele figurava praticamente todos os dias na mídia. Salvou uma dúzia de artigos de análise do grupo e passou em seguida às pesquisas sobre Dirch Frode, Henrik Vanger e Martin Vanger.

Martin Vanger aparecia com frequência, na qualidade de atual diretor do grupo. O advogado Dirch Frode estava aposentado, era membro da Associação de golfe de Hedestad e seu nome estava associado ao Rotary. Henrik Vanger só era encontrado em textos ligados ao grupo Vanger, com uma única exceção. Dois anos antes, o *Hedestads-Kuriren,* jornal local, celebrara o octogésimo aniversário do ex-magnata da indústria e o jornalista traçara um breve perfil dele. Mikael imprimiu alguns textos que pareciam conter informações sólidas e constituiu assim um dossiê de umas cinquenta páginas. Depois terminou de arrumar sua mesa, encheu as pastas e foi para casa. Não fazia a menor idéia de quando iria voltar.

Lisbeth Salander passava a véspera de Natal na casa de saúde de Appelviken, em Upplands-Väsby. Trouxera de presente um frasco de água-de-toalete Dior e um bolo inglês comprado na Ahlens. Ela contemplava a mulher de quarenta e cinco anos que, com dedos inábeis, tentava desfazer o laço do embrulho. Havia ternura nos olhos de Salander, embora sempre lhe causasse espanto que aquela mulher estranha diante dela *pudesse* ser sua mãe. Por mais que tentasse, não conseguia encontrar a menor semelhança física ou de personalidade.

A mãe por fim abandonou seus esforços e olhou o embrulho com ar desamparado. Ela não estava num de seus bons dias. Lisbeth Salander empurrou a tesoura que estava bem à vista em cima da mesa e a mãe se iluminou como se despertasse de repente.

— Você deve me achar uma estúpida.

— Não, mamãe. Você não é estúpida. A vida é que é injusta.

— Tem visto sua irmã?

— Falei com ela há pouco tempo.

— Ela nunca vem me ver.

— Eu sei, mamãe. Ela também não vem me ver.

— Você trabalha?

— Sim, mamãe. Estou me virando bem.

— Está morando onde? Eu nem sei onde você mora.

— Moro no nosso antigo apartamento da Lundagatan. Estou ali há muitos anos. Paguei as contas atrasadas.

— Quem sabe no verão vou visitar você.

— Claro. No verão.

A mãe acabou abrindo a embalagem e aspirou o perfume, deliciada.

— Obrigada, Camilla — disse.

— Lisbeth. Sou a Lisbeth. Camilla é a minha irmã.

A mãe pareceu incomodada. Lisbeth Salander propôs que elas fossem até a sala de tevê.

* * *

Os programas Disney de Natal eram retransmitidos a toda hora na televisão quando Mikael Blomkvist passou para ver sua filha Pernilla na casa da ex-mulher Monica e do novo marido dela, em Sollentuna. Trazia presentes para Pernilla; após discutir o assunto com Monica, eles concordaram em dar à filha um iPod, um MP3-player bastante caro e não maior que uma caixa de fósforos, capaz de abrigar toda a sua volumosa coleção de discos.

Pai e filha passaram uma hora juntos no quarto dela, no andar de cima. Mikael e a mãe de Pernilla se divorciaram quando ela tinha somente cinco anos, e dois anos depois ela ganhara um novo pai. Mikael não havia de modo algum evitado o contato; Pernilla ia visitá-lo algumas vezes por mês e todo ano, durante as férias, passava temporadas de uma semana na cabana de Sandhamn. Monica nunca tentou impedir que os dois se encontrassem, e Pernilla nada tinha contra rever o pai — ao contrário, os dias que eles passavam juntos costumavam ser bons momentos. Ainda assim, Mikael deixou a filha decidir em que medida desejava vê-lo, sobretudo depois que Monica voltou a se casar. Houve alguns anos, no início da adolescência, em que o contato praticamente cessou e Pernilla só havia pedido para voltar a vê-lo com mais frequência nos últimos dois anos.

A filha acompanhara o processo convicta de que Mikael afirmava a verdade: ele era inocente mas não podia provar.

Ela falou de um eventual namorado no colégio e o surpreendeu ao revelar que se tornara membro de uma Igreja local e que se considerava uma devota. Mikael se absteve

de qualquer comentário.

Foi convidado para jantar, mas recusou a oferta; já combinara com a irmã passar a véspera de Natal com ela e a família no subúrbio *yuppie* de Stäket.

De manhã, também fora convidado a passar o Natal com Erika e o marido em Saltsjöbaden. Recusou o convite com polidez, certo de que havia sem dúvida um limite na boa vontade de Lars para com os dramas triangulares, e ele não tinha vontade nenhuma de descobrir até onde ia esse limite. De acordo com Erika, a proposta partira do próprio marido, e ela criticou sua timidez em participar dos jogos de um trio. Mikael rira — Erika sabia que ele era um heterossexual inflexível e que o convite não era a sério —, mas a decisão de não festejar o Natal na companhia do marido da amante era irrevogável.

Em vez disso, ele foi bater à porta da irmã Annika Blomkvist, agora Annika Giannini. O marido de origem italiana, os dois filhos e vários outros membros da família do marido cortavam naquele momento o peru de Natal. Annika cursara direito sem a menor vontade, depois trabalhara alguns anos como estagiária no tribunal e como substituta de promotor, antes de abrir seu próprio escritório de advocacia, associada a alguns amigos e numa sala com vista para o bairro de Kungsholmen. Especializou-se em direito de família e, sem que Mikael percebesse, sua irmã mais nova começou a aparecer nas páginas das revistas e em debates da televisão como feminista célebre e advogada dos direitos da mulher. Defendia com frequência mulheres ameaçadas ou importunadas por ex-maridos ou ex-namorados.

Quando Mikael a ajudava a preparar o café, ela pôs a mão em seu braço e lhe perguntou como ele estava.

— Nunca me senti tão por baixo, se quer saber.

— Da próxima vez arranje um advogado de verdade — disse ela.

— Acho que nesse caso nem o melhor advogado do mundo mudaria a situação.

— O que realmente aconteceu?

— Depois eu conto, maninha.

Ela o abraçou com ternura e deu-lhe um beijo na bochecha antes de voltarem para junto dos outros com o bolo e o café.

Por volta das sete da noite, Mikael se desculpou e pediu licença para utilizar o telefone na cozinha. Chamou Dirch Frode e ouviu sua voz na outra ponta da linha, com uma algazarra de vozes ao fundo.

— Feliz Natal! — saudou Frode. — Então, decidiu?

— Não tenho nada de especial para fazer e o senhor conseguiu despertar minha curiosidade. Irei no dia 26, se lhe convém.

— Perfeito. Não sabe o quanto sua decisão me alegra. Desculpe-me, mas estou cercado de filhos e netos e mal consigo ouvir o que diz. Posso ligar amanhã para marcar uma hora?

Mikael Blomkvist se arrependeu da decisão antes mesmo que a noite terminasse, mas como agora lhe parecia muito complicado voltar atrás, na manhã do dia 26 instalou-se num trem rumo ao Norte. Mikael tinha carteira de habilitação, porém nunca se dera o trabalho de comprar um carro.

Frode tinha razão, a viagem era curta. Ele passou por Uppsala, depois percorreu as pequenas cidades industriais espalhadas ao longo da costa. Hedestad era uma das menores, a pouco mais de uma hora ao norte de Gävle.

Durante a noite houvera fortes precipitações de neve, mas o céu limpara e o ar estava gelado quando ele desceu na estação. Mikael logo percebeu que suas roupas não estavam adequadas ao inverno rigoroso do Norrland. Dirch Frode o identificou imediatamente, o acolheu com simpatia na plataforma e o fez entrar depressa no interior aquecido de um Mercedes. Na cidade, o trabalho de desobstrução da neve era intenso, e Frode manobrou com prudência entre as grandes escavadeiras. A neve criava um contraste exótico com Estocolmo, teriam dito em outro país, embora não houvesse mais de três horas de distância até a capital e seus enfeites de Natal na cidade velha. Mikael olhava furtivamente o advogado: um rosto anguloso, cabelos brancos bem curtos, óculos de lentes grossas sobre um nariz volumoso.

— É a primeira vez que vem a Hedestad? — perguntou Frode. Mikael assentiu com a cabeça.

— É um velho burgo industrial. Não muito grande, tem apenas oitenta mil habitantes. Mas as pessoas gostam daqui. Henrik mora em Hedeby, na parte antiga, a aldeia, como é chamada. Fica logo na entrada sul da cidade.

— O senhor também mora aqui? — perguntou Mikael.

— Atualmente, sim. Nasci em Skane, mas comecei a trabalhar para Vanger logo depois que me formei, em 1962. Especializei-me em direito comercial e, com o passar dos anos, Henrik e eu nos tornamos amigos. Hoje estou aposentado, mas Henrik continua sendo meu cliente, o único. Ele também está aposentado e não precisa dos meus serviços com muita frequência.

— A não ser para aliciar jornalistas de má reputação.

— Não se subestime. Você não é o único que perdeu uma parada contra Hans-Erik Wennerström.

Mikael olhou Frode de soslaio, não sabendo muito bem como interpretar essa observação.

— Esse convite tem algo a ver com Wennerström? — perguntou.

— Não — respondeu Frode. — Henrik Vanger não faz parte exatamente do círculo de amigos de Wennerström, e ele acompanhou o processo com grande interesse. É para um caso bem diferente que ele deseja vê-lo.

— Sobre o qual o senhor não quer me falar.

— Sobre o qual não me cabe falar. Ajeitamos as coisas de modo que possa passar a noite na casa de Henrik Vanger. Se não lhe convém, podemos fazer uma reserva no Grande Hotel da cidade.

— Bem, é possível que eu volte a Estocolmo de trem esta noite.

Na entrada de Hedeby, a aldeia, a escavadeira de neve ainda não havia passado, e Frode fez o carro avançar por trilhas congeladas deixadas pelas rodas. Havia ali um pequeno núcleo de velhas casas de madeira, no estilo das antigas aglomerações mineiras ao longo do golfo de Botnia. Ao redor viam-se mansões modernas maiores. A aldeia começava em terra firme e, cruzando uma ponte, prosseguia numa ilha de relevo acidentado — Hedebyön. No lado do continente, uma igrejinha de pedra pintada de branco

erguia-se junto à ponte e defronte cintilava um velho cartaz luminoso anunciando *Pães e doces. Café Susanne.* Depois de atravessar a ponte, Frode continuou por mais uma centena de metros até entrar numa esplanada diante de uma casa de pedra. A casa era pequena demais para ser qualificada de solar, embora fosse maior que as outras construções, e tratava-se, evidentemente, dos domínios senhoriais.

— Eis a casa Vanger — disse Dirch Frode. — Antigamente havia muita animação, mas hoje apenas Henrik e uma governanta moram aqui. E não é por falta de quartos de hóspedes.

Desceram do carro. Frode apontou com o dedo para o norte.

— A tradição exige que quem dirige o grupo Vanger more aqui, mas Martin Vanger, o sobrinho-neto de Henrik, queria algo mais moderno e mandou construir uma mansão na ponta do promontório.

Mikael olhou ao redor e se perguntou que loucura o fizera aceitar o convite do advogado Frode. Prometeu-se tentar a qualquer preço voltar a Estocolmo naquela mesma noite. Uma escada de pedra conduzia até a entrada e, antes que tivessem tempo de chegar, a porta se abriu. Mikael reconheceu prontamente Henrik Vanger, cujas fotos vira na internet.

As fotos o mostravam mais jovem, mas ele parecia surpreendentemente vigoroso para os seus oitenta e dois anos; um corpo musculoso, rosto severo e de traços marcantes, grossos cabelos grisalhos penteados para trás, provando que seus genes não o destinavam à calvície. Vestia uma calça escura cuidadosamente passada, camisa branca e uma malha marrom um tanto gasta. Tinha um bigode estreito e usava óculos com armação de metal.

— Sou Henrik Vanger — ele se apresentou. — Obrigado por ter concordado em vir me ver.

— Bom dia. Admito que achei o convite surpreendente.

— Vamos entrar. Mandei preparar um quarto de hóspedes. Quer descansar um pouco? Passaremos à mesa mais tarde. Esta é Anna Nygren, que lhe prestará os serviços necessários.

Mikael cumprimentou com um breve aperto de mão uma mulher de uns sessenta anos. Ela pegou seu sobretudo para pendurá-lo num cabide e propôs que ele usasse pantufas para proteger os pés das correntes de ar do chão.

Mikael agradeceu e voltou-se para Henrik Vanger:

— Não estou certo se ficarei até o almoço. Depende um pouco do objetivo deste encontro.

Henrik Vanger trocou um olhar com Dirch Frode. Havia uma conivência entre os dois que Mikael não conseguiu entender bem.

— Bem, vou deixá-los agora — disse Frode. — Preciso voltar para casa e impor um pouco de disciplina antes que meus netos destruam tudo.

E, dirigindo-se a Mikael:

— Moro à direita, do outro lado da ponte. Daqui até lá são cinco minutos a pé; passando a padaria, é a terceira casa do lado da praia. Se precisar de mim, telefone.

Mikael pôs a mão no bolso e acionou um gravador. *Virei paranóico?,* pensou. Não tinha a menor idéia do que Henrik Vanger queria, mas, depois do que acontecera com Hans-Erik Wennerström, fazia questão de ter evidências precisas de todas as coisas estranhas que se passassem a sua volta, e esse inesperado convite a Hedestad pertencia, definitivamente, a tal categoria.

O ex-industrial bateu no ombro de Dirch Frode para se despedir e fechou a porta de entrada, antes de se voltar para Mikael.

— Então irei diretamente ao que interessa. Não se trata de um jogo. Gostaria de falar com você, mas o assunto exige uma longa conversa. Peço-lhe que escute o que tenho a dizer e depois decida. O senhor é jornalista e eu gostaria de contratá-lo para um trabalho. Anna serviu o café no meu escritório, no andar de cima.

Henrik Vanger indicou o caminho e Mikael o acompanhou. Entraram num gabinete comprido, de cerca de quarenta metros quadrados, situado na extremidade da casa. Uma das paredes estava coberta por prateleiras de livros, dez metros de comprimento do chão ao teto, numa mistura curiosa de romances, biografias, livros de história, manuais de comércio e de pesca, folhas de ofício encadernadas. Os livros estavam dispostos sem uma classificação aparente, mas pareciam ser consultados com regularidade, e Mikael concluiu que Henrik Vanger era um homem que lia. No lado oposto, havia uma mesa de carvalho escuro, posicionada de modo a deixar um espaço livre entre a cadeira e a parede, e nela estava pendurada uma coleção bastante considerável de flores emolduradas e meticulosamente alinhadas.

Pela janela ao fundo, Henrik Vanger podia contemplar a ponte e a igreja. Havia um sofá, poltronas e uma mesa baixa sobre a qual Anna dispusera xícaras, uma garrafa térmica e biscoitos caseiros.

Com um gesto, Henrik Vanger convidou Mikael a se sentar, gesto que Mikael fingiu não perceber, o que lhe permitiu observar um pouco mais o ambiente. Primeiro notou a biblioteca, depois a parede com os quadros. A mesa estava arrumada, com exceção de alguns papéis empilhados. Numa das pontas havia uma foto emoldurada de uma menina bonita e morena, de olhos inteligentes. *Uma mocinha que vai causar estragos,* pensou Mikael. Parecia uma foto de primeira comunhão, descolorida, que dava a impressão de estar ali havia muitos anos. Mikael percebeu, de repente, que Henrik Vanger o observava.

— Lembra-se dela, Mikael? — perguntou.

— Como assim? — Mikael levantou as sobrancelhas.

— Sim, você a conheceu. Aliás, você já esteve neste escritório. Mikael olhou ao redor e negou com a cabeça.

— Não? Como poderia se lembrar? Conheci seu pai. Contratei Kurt Blomkvist em várias ocasiões nos anos 1950 e 1960, para instalar máquinas e cuidar da manutenção. Era um homem talentoso. Tentei convencê-lo a prosseguir os estudos e a ser engenheiro. E você... você esteve aqui no verão de 1963, quando renovamos o maquinário da fábrica de papel aqui em Hedestad. Como foi difícil achar um alojamento para sua família, solucionamos o problema instalando vocês numa pequena casa de madeira do outro lado da estrada, que pode ser vista dessa janela.

Henrik Vanger se aproximou da mesa e pegou o retrato.

— Esta é Harriet Vanger, a neta do meu irmão Richard. Ela brincou com você mais de uma vez naquele verão. Você ia completar, ou talvez já tivesse, três anos, não lembro bem. Na época ela tinha doze.

— Desculpe, mas não me lembro de nada do que o senhor diz, do que você diz, se me permite tratá-lo assim.

— Naturalmente. Posso entender que não se lembre, mas eu me lembro muito bem de você correndo por todos os lados, com Harriet nos seus calcanhares. Eu ouvia você chorar quando tropeçava em alguma coisa. Lembro que dei um brinquedo de presente para você, um trator de metal amarelo, que eu mesmo tive quando era garoto, e que você recebeu com um entusiasmo incrível. Acho que foi por causa da cor.

Mikael sentiu um arrepio gelado. De fato, ele se lembrava do trator amarelo. Quando cresceu, o trator continuou enfeitando uma prateleira do seu quarto.

— Lembra? Lembra desse brinquedo?

— Lembro. E talvez você fique feliz de saber que esse trator ainda existe, no Museu do Brinquedo em Estocolmo. Há uns dez anos, fiz a doação quando eles procuravam brinquedos antigos.

— É mesmo? — Henrik Vanger riu, encantado. — Deixe-me mostrar... O velho foi buscar um álbum de fotografias numa das prateleiras baixas da estante. Mikael notou que ele tinha dificuldade de se inclinar e que foi obrigado a se apoiar na prateleira para se reerguer. Henrik Vanger fez sinal para que Mikael se sentasse no sofá enquanto ele mesmo folheava o álbum. Ele parecia saber o que procurava e, quando encontrou, depositou o álbum sobre a mesa baixa. Mostrou uma foto de amador, em preto-e-branco, na base da qual se percebia a sombra do fotógrafo. No primeiro plano, um garotinho louro olhava para a objetiva com ar perturbado e um pouco inquieto.

— É você naquele verão. Seus pais aparecem ao fundo, nas cadeiras de jardim. Harriet está um pouco encoberta pela sua mãe, e o rapaz à esquerda de seu pai é o irmão de Harriet, Martin Vanger, que atualmente dirige o grupo.

Mikael não teve nenhuma dificuldade em reconhecer seus pais. A mãe, visivelmente grávida — a irmã de Mikael estava a caminho. Contemplou a foto, não sabendo bem o que pensar, enquanto Henrik Vanger servia o café e lhe oferecia o prato com biscoitos.

— Sei que seu pai morreu. E sua mãe, ainda está viva?

— Não — disse Mikael. — Morreu há três anos.

— Era uma mulher agradável. Lembro muito bem dela.

— Mas estou certo de que não me chamou aqui para falar dos meus pais e dos bons velhos tempos.

— Tem razão. Há vários dias venho preparando o que vou lhe dizer, mas agora que você finalmente está diante de mim não sei por onde começar. Bem, você sabe que houve um tempo em que tive uma grande influência sobre a indústria sueca e o mercado de trabalho. Hoje sou um velho que não deveria tardar a morrer, e a morte é talvez um ponto de partida bastante conveniente para esta conversa.

Mikael tomou um gole de café. Um autêntico café fervido e amargo do Norrland, pensou, perguntando-se aonde aquilo tudo ia levar.

— Sofro de lombalgia, não consigo mais fazer grandes caminhadas. Um dia você também verá que a força acaba nos faltando, mas não sou hipocondríaco nem senil.

Tampouco obcecado pela morte, porém estou na idade em que devo aceitar que meu tempo está chegando ao fim. Há um momento em que se tem vontade de fazer um balanço e resolver o que ficou inacabado. Entende o que quero dizer?

Mikael assentiu com a cabeça. Henrik Vanger falava com voz clara e firme, e Mikael já concluíra que o velho não era nem senil nem irracional.

— O que me intriga é a razão pela qual estou aqui — ele repetiu.

— Pedi que viesse porque gostaria que me ajudasse nesse balanço de que falei. Tenho algumas questões que precisam ser resolvidas.

— E por que eu? Quero dizer... por que imagina que posso ajudá-lo?

— É que no momento em que eu estava pensando em chamar alguém, seu nome começou a aparecer no caso Wennerström. Eu sabia quem você era. E também porque subiu nos meus joelhos quando era um garotinho.

Ele agitou a mão como para apagar suas palavras.

— Não me entenda mal. Não espero que me ajude por razões sentimentais. Quis apenas explicar por que tive o impulso de procurá-lo.

Mikael sorriu afavelmente.

— Bem, não tenho a menor lembrança desses joelhos. Mas como soube quem eu era? Afinal, isso aconteceu no começo dos anos 1960.

— Desculpe, não me expliquei bem. Você foi para Estocolmo quando seu pai assumiu o cargo de chefe de seção na Zarinder. Era uma das muitas empresas do grupo Vanger e fui eu que lhe arranjei esse emprego. Ele não tinha diploma, mas eu sabia o quanto valia. Encontrei seu pai várias vezes quando tinha assuntos a tratar na Zarinder. Talvez não fôssemos amigos íntimos, mas sempre ficávamos um bom tempo conversando. A última vez que o vi foi um ano antes de sua morte, e ele me disse que você havia entrado na faculdade de jornalismo. Estava muito orgulhoso. Depois você ficou famoso no país com aquela história da gangue — Super-Blomkvist e tudo aquilo. Acompanhei sua carreira e li muitos artigos que escreveu ao longo dos anos. Leio a *Millennium* com bastante frequência.

— Certo, entendo. Mas o que quer exatamente que eu faça?

Henrik Vanger examinou suas mãos por um breve instante e tomou um gole de café, como se precisasse de uma pequena pausa antes de entrar no assunto.

— Mikael, antes de chegar aos detalhes, eu gostaria que fizéssemos um acordo. Que você fizesse duas coisas por mim. Uma é um pretexto e a outra é o meu verdadeiro pedido.

— Que espécie de acordo?

— Vou contar uma história em duas partes. Uma parte fala da família Vanger: é o pretexto. E uma história longa e sombria, mas tentarei me ater à estrita verdade. A outra parte da história envolve o meu verdadeiro pedido. Acho que em alguns momentos interpretará meu relato como... loucura. O que desejo é que escute minha história até o fim — meu pedido e minha oferta — antes de tomar a decisão de aceitar ou não o trabalho.

Mikael suspirou. Evidentemente, Henrik Vanger não pretendia expor seu pedido de maneira breve e concisa, para que ele pudesse embarcar no trem da tarde. Mikael tinha

certeza de que, se chamasse Dirch Frode e lhe pedisse para levá-lo à estação, o motor do carro se recusaria a pegar por causa do frio.

O velho devia ter dedicado muito tempo pensando num meio de amarrá-lo. Mikael sentia como encenação tudo o que se passara desde que entrou naquela casa; a começar pela surpresa de ficar sabendo que já estivera com Henrik Vanger quando criança, depois a foto de seus pais no álbum e a ênfase no fato de seu pai e Henrik Vanger terem sido amigos; depois, ainda, quando o velho o lisonjeou ao contar ter acompanhado sua carreira à distância ao longo dos anos... No todo certamente havia um fundo de verdade, mas se tratava também de psicologia das mais elementares. Em outras palavras: Henrik Vanger era um bom manipulador, habituado havia anos a lidar com pessoas inflexíveis atrás das portas fechadas das salas de negociação. Não por acaso ele se tornara um dos mais eminentes magnatas da indústria sueca.

Mikael concluiu que Henrik Vanger queria que ele fizesse algo que, com certeza, não tinha a menor vontade de fazer. Restava descobrir do que se tratava e em seguida dizer não. Quem sabe, a tempo ainda de pegar o trem da tarde.

— Sinto muito, senhor Vanger, sem acordo — respondeu Mikael, olhando seu relógio. — Estou aqui há vinte minutos e lhe dou mais trinta para me contar o que deseja. Depois pego um táxi e volto para casa.

Por um instante, Henrik Vanger abandonou seu papel de patriarca benevolente e Mikael entreviu o dono de empresas ameaçador, do tempo de seus amplos poderes, que acabava de sofrer um revés ou que era obrigado a se haver com um funcionário recalcitrante. Sua boca contraiu-se rapidamente num sorriso severo.

— Entendo.

— É simples. Não há necessidade de tantos rodeios. Diga o que quer que eu faça e sem dúvida vou poder julgar se quero ou não fazer.

— Você quer dizer que, se eu não conseguir convencê-lo em trinta minutos, tampouco conseguirei em trinta dias?

— É mais ou menos isso.

— Mas a verdade é que meu relato é longo e complicado.

— Abrevie e simplifique. É o que fazemos no jornalismo. Vinte e nove minutos.

Henrik Vanger ergueu uma das mãos.

— Está bem, entendi. Mas também não exagere, por favor. O fato é que preciso de alguém dotado de espírito crítico que saiba fazer pesquisas, e que seja igualmente íntegro. Acho que você é tudo isso, e não o estou adulando. Um bom jornalista deve possuir minimamente essas qualidades, e li seu livro *Os templários* com grande interesse. Sou bastante honesto quando digo que escolhi você porque conheci seu pai e porque sei quem você é. Se entendi bem, você foi licenciado da *Millennium* depois do caso Wennerström — ou decidiu afastar-se por conta própria. Isso significa que por ora não tem emprego, e não é preciso ser muito inteligente para entender que provavelmente seu dinheiro está curto.

— O que lhe permite tirar proveito da minha situação, não é o que está querendo dizer?

— Talvez. Mas não pretendo mentir nem inventar falsos pretextos, Mikael. Estou muito velho para esse tipo de coisa. Se não gosta do que eu disse, basta cair fora. E então

terei que procurar outra pessoa que aceite trabalhar para mim.

— Está bem, em que consiste esse trabalho que quer me oferecer?

— O que você sabe sobre a família Vanger? Mikael afastou as mãos.

— Mais ou menos o que tive tempo de ler na internet depois do telefonema de Frode na segunda-feira. O grupo Vanger chegou a ser, na sua época, um dos grupos industriais mais importantes da Suécia, hoje a empresa está consideravelmente enfraquecida, Martin Vanger é o diretor-executivo. Bem, sei mais duas ou três coisas além disso, mas aonde está querendo chegar?

— Martin... é um bom sujeito, mas no fundo só gosta de navegar com vento fraco. Deixa muito a desejar como diretor-executivo de um grupo em crise. Ele quer modernizar e especializar, o que é razoável, porém tem dificuldade de transmitir suas idéias e mais ainda de financiá-las. Há vinte e cinco anos, o grupo Vanger era um concorrente sério do império Wallenberg. Tínhamos cerca de quarenta mil funcionários na Suécia. Produzíamos emprego e rendimentos ao país inteiro. Hoje a maior parte desses empregos deslocou-se para a Coréia ou para o Brasil. Atualmente, temos pouco mais de dez mil funcionários e dentro de um ano ou dois — se Martin não conseguir decolar — cairemos para cinco mil funcionários, essencialmente em pequenas manufaturas. Ou seja, o grupo Vanger está a ponto de ser relegado a lixo da história.

Mikael concordou, balançando a cabeça. O que Henrik Vanger contava era aproximadamente o que ele concluíra após a pesquisa em seu computador.

— O grupo Vanger continua sendo uma das raras empresas familiares do país, com uns trinta membros da família como acionistas mais ou menos minoritários. Isso foi sempre a força do grupo, mas também nossa maior fraqueza.

Henrik Vanger fez uma pausa retórica e então passou a falar com mais intensidade na voz.

— Mikael, faça perguntas depois, mas quero que acredite na minha palavra quando digo que detesto a maioria dos membros da minha família. Ela é principalmente formada por trapaceiros, aproveitadores, fanfarrões e incapazes. Dirigi o grupo durante trinta e cinco anos, praticamente sempre envolvido em lutas implacáveis com os demais membros da família. Eles é que eram os meus piores inimigos, não os concorrentes. Fez uma pausa.

— Eu disse que desejo contratá-lo para que faça duas coisas. Gostaria que escrevesse uma crônica ou uma biografia da família Vanger. Para simplificar, digamos a minha biografia. O resultado não será um texto a ser lido numa igreja, mas uma história de ódio, disputas familiares e cobiça imensuráveis. Porei à sua disposição todos os meus diários íntimos e meus arquivos. Terá livre acesso aos meus pensamentos mais secretos e poderá publicar exatamente toda a merda que encontrar, sem restrição. Acho que essa história fará de Shakespeare um mero divertidor do grande público.

— E qual a finalidade disso?

— Por que quero publicar uma história de escândalos sobre a família Vanger? Ou qual é minha motivação para pedir que escreva essa história?

— As duas coisas.

— Sinceramente, pouco me importa saber se o livro será publicado ou não. Mas acho que essa história merece ser escrita, nem que seja num único exemplar, que você depositará na Biblioteca Real. Quero minha história acessível à posteridade quando eu estiver morto. Minha motivação é a mais simples que se pode imaginar — vingança.

— E de quem você quer se vingar?

— Você não é obrigado a acreditar em mim, mas tentei ser um homem honesto, mesmo sendo um capitalista e um dirigente industrial. Tenho orgulho de que meu nome esteja associado a um homem que cumpriu sua palavra e suas promessas. Nunca me envolvi em jogos políticos. Nunca tive problemas para negociar com os sindicatos. E mesmo um socialdemocrata inveterado como Tage Erlander me respeitava. A meu ver, tratava-se de uma questão de ética; eu era responsável pelo ganha-pão de milhares de pessoas e cuidava dos meus empregados. É curioso, Martin tem a mesma atitude, embora seja um tipo de homem bem diferente. Ele também tentou agir de maneira correta. Talvez nem sempre tenhamos sido bem-sucedidos, mas de modo geral me envergonho de poucas coisas. Infelizmente, Martin e eu somos exceções em nossa família — prosseguiu Henrik Vanger. — Há muitas razões que explicam por que o grupo Vanger está hoje à beira da bancarrota, mas uma das mais importantes é a avidez de curto prazo de muitos membros da família. Se aceitar esse trabalho, explicarei direitinho como eles levaram o grupo a afundar.

Mikael refletiu por um instante.

— O.k. Mas também não vou mentir. Escrever um livro como esse exigirá meses de trabalho. Não tenho vontade nem força para isso.

— Acho que posso convencê-lo.

— Duvido. Mas você disse que há duas coisas que deseja que eu faça. Acabou de me dar o pretexto. Qual é o objetivo real?

Henrik Vanger levantou-se, mais uma vez com dificuldade, e foi buscar na mesa a fotografia de Harriet Vanger. Colocou-a na frente de Mikael.

— Se desejo que escreva uma biografia da família Vanger, é porque quero que trace um panorama das pessoas com olhos de jornalista. É também um pretexto para esquadrinhar a história da família. O que desejo realmente é que me resolva um mistério. Esse é o seu trabalho.

— Um mistério?

— Harriet, como eu disse, era a neta do meu irmão Richard, filha do filho dele. Éramos cinco irmãos. Richard o mais velho, nascido em 1907, e eu o mais novo, nascido em 1920. Não entendo como Deus pôde produzir um grupo de irmãos que...

Durante alguns segundos, Henrik Vanger perdeu o fio da meada e pareceu mergulhar nos próprios pensamentos. Depois virou-se para Mikael com uma nova resolução na voz.

— Deixe-me falar um pouco do meu irmão Richard Vanger. É também uma amostra da crônica que quero que escreva.

Serviu-se de café e ofereceu a Mikael uma segunda xícara.

— Em 1924, com dezessete anos, Richard era um nacionalista fanático. Antisemita notório, aderiu à Liga nacional-socialista sueca pela liberdade, um dos primeiros grupos nazistas suecos. É fascinante como os nazistas sempre conseguem colocar a palavra "liberdade" em sua propaganda, não é mesmo?

Henrik Vanger pegou outro álbum de fotografias e o folheou até encontrar a página buscada.

— Aqui está Richard na companhia de Birger Furugard, um veterinário que rapidamente passou a liderar o chamado Movimento de Furugard, principal grupo nazista dos anos 1930. Mas Richard não permaneceu nele. Um ano mais tarde, aderiu à SFKO, organização de luta fascista sueca. Ali conheceu Per Engdahl e outros indivíduos que ao longo dos anos haveriam de ser a vergonha da nação.

Virou uma página do álbum. Richard Vanger de uniforme.

— Em 1927, ele se juntou ao Exército, contra a vontade do nosso pai, e durante os anos 1930 aderiu à maior parte dos grupos nazistas do país. Você poderá encontrar seu nome na lista de membros até mesmo do menor grupo de conspiração. Em 1933 foi fundado o Movimento de Lindholm, isto é, o Partido Operário Nacional-socialista. Você está um pouco familiarizado com a história do nazismo sueco?

— Não sou historiador, mas li alguns livros.

— Bem, a Segunda Guerra começou em 1939 e a Guerra de Inverno da Finlândia em 1940. Muitos ativistas do Movimento de Lindholm se engajaram como voluntários a favor da Finlândia. Richard estava entre eles; era capitão do Exército sueco. Foi morto em 1940, pouco antes do acordo de paz com a União soviética. O movimento nazista o transformou num mártir e seu nome foi dado a um grupo de luta. Ainda hoje, alguns fanáticos se reúnem num cemitério de Estocolmo no dia do aniversário da morte de Richard Vanger para homenageá-lo.

— Entendo.

— Em 1926, quando tinha dezenove anos, ele frequentava uma certa Margareta, filha de um professor de Falun. Viam-se em contextos políticos e tiveram uma ligação da qual nasceu um filho, Gottfried, em 1927. Richard se casou com Margareta quando seu filho nasceu. Durante a primeira metade dos anos 1930, meu irmão instalou a mulher e o filho aqui em Hedestad, enquanto eu servia no regimento de Gävle. Ele ocupava quase todo o seu tempo com viagens de propaganda pró-nazismo. Em 1936, teve um sério atrito com meu pai. O resultado é que meu pai retirou toda a ajuda financeira a Richard, que a seguir foi obrigado a se manter sozinho. Ele se mudou para Estocolmo com a família, onde viveram em relativa pobreza.

— Ele não tinha seu próprio dinheiro?

— A parte que lhe cabia no grupo estava bloqueada. Não podia ser vendida fora da família. É preciso também dizer que Richard, em casa, era um tirano brutal. Batia na mulher e maltratava o filho. Gottfried era uma criança submissa e humilhada. Tinha treze anos quando Richard morreu na guerra; acho que foi o dia mais feliz da vida de Gottfried. Meu pai se compadeceu da viúva e do neto e os chamou de volta a Hedestad, alojando-os num apartamento e cuidando para que Margareta tivesse uma existência decente. Se Richard representava o lado sombrio e fanático da família, Gottfried representava seu lado preguiçoso. Quando completou dezoito anos, eu me encarreguei dele, afinal, era filho do meu falecido irmão, ainda que a diferença de idade entre nós não fosse grande. Eu era apenas sete anos mais velho que meu sobrinho, mas já estava na direção do grupo e era evidente que assumiria o comando depois do meu pai, enquanto Gottfried era praticamente considerado um intruso na família.

Henrik Vanger refletiu por um momento.

— Meu pai não sabia muito bem como se comportar com o neto e fui eu que insisti para que cuidássemos dele. Arranjei-lhe trabalho no grupo, isso depois da guerra. Sem dúvida ele tentou desempenhar honestamente suas tarefas, mas tinha dificuldade em se concentrar. Era um cabeça-tonta, charmoso e festeiro, sempre às voltas com mulheres, e havia épocas em que bebia muito. Eu não sabia definir meus sentimentos por ele... não era um incapaz, mas estava longe de ser confiável, e muitas vezes me decepcionou profundamente. Com os anos tornou-se alcoólatra e, em 1965, morreu afogado num acidente. Aconteceu aqui, na outra extremidade da ilha, onde construíra uma cabana para a qual se retirava seguidamente a fim de beber.

— Então ele é o pai de Harriet e de Martin? — perguntou Mikael, apontando para o retrato sobre a mesa baixa. A contragosto, foi obrigado a reconhecer que o relato do velho o interessava.

— Exatamente. No fim dos anos 1940, Gottfried conheceu uma mulher chamada Isabella Koenig, uma jovem alemã que havia chegado à Suécia depois da guerra. Isabella era uma mulher linda, tão linda como Greta Garbo ou Ingrid Bergman. Sem dúvida Harriet herdou genes mais de Isabella que de Gottfried. Como você pode ver na foto, ela já era muito bonita com apenas catorze anos.

Imitando Henrik Vanger, Mikael contemplou a foto.

— Mas deixe-me prosseguir. Isabella nasceu em 1928 e ainda está viva. Tinha onze anos quando estourou a guerra, e você bem pode imaginar o que era ser adolescente em Berlim com a aviação aliada despejando bombas sobre a cidade. Imagino que, quando desembarcou na Suécia, ela teve a impressão de estar chegando ao paraíso. Infelizmente, tinha muitos vícios em comum com Gottfried: era esbanjadora e vivia o tempo todo em festas; ela e Gottfried mais pareciam companheiros de bebida que marido e mulher. Viajava sem parar, na Suécia e no exterior, e de maneira geral não tinha o menor senso de responsabilidade. O que evidentemente afetou os filhos. Martin nasceu em 1948 e Harriet em 1950. A infância deles foi caótica, com uma mãe que a toda hora os abandonava e um pai que afundava no alcoolismo. Em 1958 resolvi intervir. Gottfried e Isabella moravam em Hedestad e forcei-os a se mudar para cá. Eu estava começando a ficar cansado daquilo e decidi romper aquele círculo infernal. Martin e Harriet viviam ao deus-dará. Henrik Vanger olhou seu relógio.

— Meus trinta minutos se esgotaram, mas estou chegando ao final da história. Concede-me alguns minutos mais?

Mikael balançou a cabeça e falou:

— Continue.

— Vou ser breve então. Eu não tinha filhos, um contraste considerável com os outros irmãos e membros da família, que pareciam obcecados pela necessidade estúpida de perpetuar a linhagem. Gottfried e Isabella vieram morar aqui, mas o casamento começou a se desfazer. Depois de um ano, Gottfried se instalou em sua cabana, onde passava longos períodos sozinho, só retornando à casa de Isabella quando estava muito frio. Acabei me encarregando de Martin e de Harriet. Em mais de um aspecto eles passaram a ser os filhos que nunca tive. Martin era... Para dizer a verdade, houve um momento em sua juventude em que temi que seguisse as pegadas do pai. Era indolente, introvertido e hipocondríaco, mas também podia ser charmoso e entusiasta. Passou por alguns anos difíceis na adolescência, mas se endireitou ao começar a universidade. Ele... bem, apesar de tudo ele é o diretor-executivo do que resta do grupo Vanger, o que deve ser encarado como um saldo razoável.

— E Harriet? — perguntou Mikael.

— Harriet tornou-se a menina dos meus olhos. Tentei dar a ela segurança e, a partir daí, confiança em si mesma. Nós dois nos entendíamos muito bem. Considerava-a como filha e ela passou a ser mais próxima de mim que dos próprios pais. Entenda, Harriet era uma menina muito especial. Introvertida como o irmão, na adolescência teve uma atração romântica pela religião, o que a distinguia de todos os outros membros da família. Mas também tinha talentos evidentes e uma inteligência rara. Um grande senso moral e uma grande honestidade. Quando estava com catorze, quinze anos, eu tinha a certeza de que ela, mais do que o irmão e todos os primos e sobrinhos ao meu redor, seria um dia chamada para dirigir o grupo Vanger ou, pelo menos, para desempenhar algum papel central nele.

— E o que aconteceu?

— Chegamos agora à verdadeira razão pela qual eu gostaria de contratá-lo. Quero que descubra quem, na família, assassinou Harriet Vanger e há quase quarenta anos vem tentando me fazer mergulhar na loucura.

5. QUINTA-FEIRA 26 DE DEZEMBRO

Pela primeira vez desde que Henrik Vanger iniciara seu monólogo, o velho conseguiu surpreender Mikael, que pediu mesmo que ele repetisse, para estar certo de ter ouvido bem. Nenhuma das informações que colhera na internet sugeria que um assassinato tivesse ocorrido na família Vanger.

— Foi em 22 de setembro de 1966. Harriet tinha dezesseis anos e acabava de se classificar em primeiro lugar no colégio. Era um sábado e foi o pior dia da minha vida. Reconstituí o desenrolar dos acontecimentos tantas vezes que penso ser capaz de descrever minuto a minuto o que se passou naquele dia, exceto o mais importante.

Fez um gesto com a mão, como se varresse o ar.

— Grande parte da família estava reunida aqui nesta casa. Era um daqueles terríveis jantares anuais de família, quando sócios do grupo Vanger se reuniam para discutir negócios. Meu avô criara essa tradição na sua época, e o resultado, na maioria das vezes, eram reuniões mais ou menos detestáveis. A tradição chegou ao fim nos anos 1980, quando Martin decidiu, pura e simplesmente, que todas as discussões relativas à empresa ocorreriam nas reuniões e nas assembléias regulares. Foi a melhor decisão que tomou na vida. Faz vinte anos que a família não se reúne para esse tipo de encontro.

— Você disse que Harriet foi assassinada...

— Espere. Deixe-me contar o que aconteceu. Era um sábado, portanto. Era também a Festa das Crianças, com um desfile organizado pelo clube de atletismo de Hedestad. Harriet foi à cidade, durante o dia, para assistir ao desfile com alguns colegas do colégio. Voltou um pouco depois das duas da tarde; o jantar estava previsto para as cinco e ela era esperada, como todos os outros jovens da família.

Henrik Vanger levantou-se e foi até a janela. Fez um sinal para que Mikael o acompanhasse e apontou com um dedo:

— As duas e quinze, alguns minutos depois de Harriet ter chegado em casa, um acidente terrível aconteceu ali na ponte. Um certo Gustav Aronsson, irmão de um proprietário rural de Östergarden, uma fazenda aqui da ilha, entrou de carro na ponte e colidiu de frente com um caminhão-tanque que se dirigia à ilha para fornecer óleo doméstico. Nunca se chegou a estabelecer realmente como o acidente ocorreu, pois há boa visibilidade nos dois sentidos, mas ambos vinham muito depressa, e o que podia ter sido um acidente menor se transformou em uma catástrofe. O motorista do caminhão tentou evitar a colisão girando instintivamente o volante. O caminhão-tanque bateu na grade lateral e virou, ficando atravessado na ponte com a traseira em grande parte para fora da beirada... Uma barra de metal furou o tanque, e óleo inflamável começou a vazar. Enquanto isso, Gustav Aronsson, prensado no carro e sofrendo terrivelmente, berrava sem parar. O motorista do caminhão-tanque também se feriu, mas conseguiu sair da cabine.

O velho fez uma pausa e voltou a se sentar.

— Na verdade, o acidente não teve relação alguma com Harriet. Mas, de certo modo, desempenhou seu papel. Pois foi um caos completo quando as pessoas correram para ajudar. Havia ameaça de incêndio, e o alerta foi dado. A polícia, uma ambulância, as primeiras pessoas aproximando-se depressa para socorrer, os bombeiros, jornalistas e

curiosos acorreram na maior desordem ao local. Evidentemente, todos se amontoavam do lado do continente, enquanto na ilha fazíamos o possível para tirar Aronsson dos destroços, o que acabou sendo uma tarefa terrivelmente difícil. Ele estava prensado e seriamente ferido. Tentamos retirá-lo das ferragens com a força das mãos, mas não adiantou. Era preciso usar uma serra. O problema é que não podíamos fazer nada que produzisse fagulhas, estávamos no meio de um mar de óleo ao lado de um caminhão-tanque virado. Se ele explodisse, seria o nosso fim. Demorou algum tempo até chegarem reforços do continente; o caminhão atravessado obstruía a ponte, e passar por cima do tanque era o mesmo que escalar uma bomba.

Mikael teve a impressão de que o velho fazia um relato minuciosamente ensaiado e calculado com a intenção de captar seu interesse. E foi obrigado a admitir que Henrik Vanger era um excelente contador de histórias. Sabia *cativar o ouvinte. No entanto, ele continuava* sem ter a menor idéia de que rumo a história tomaria.

— O importante nesse acidente é que a ponte permaneceu fechada durante as vinte e quatro horas seguintes. Só no fim da tarde de domingo é que conseguiram bombear o óleo que restava no tanque, remover o caminhão e reabrir a ponte para circulação. Durante essas vinte e quatro horas, a ilha esteve separada do mundo. O único meio de se chegar ao continente era através de uma canoa dos bombeiros, mobilizada para transportar as pessoas do porto de recreio na ilha até o velho porto atrás da igreja. Durante várias horas, o barco só foi utilizado pelos socorristas. Só bem tarde no sábado, à noite, é que começaram a transportar os moradores. Entende o que isso significa?

Mikael assentiu com a cabeça.

— Suponho que alguma coisa aconteceu a Harriet na ilha e que o número de suspeitos se limita às pessoas que estavam aqui. Uma espécie de versão insular do mistério do quarto fechado?

Henrik Vanger deu um sorriso irônico.

— Mikael, você não sabe o quanto tem razão. Eu também li Dorothy Sayers. Eis os fatos comprovados: Harriet chegou aqui por volta das duas e dez. Se contarmos também as crianças e os casais não casados, ao todo haviam chegado cerca de quarenta pessoas durante o dia. Contando empregados e moradores fixos, havia sessenta e quatro pessoas aqui ou nos arredores da casa. Alguns, os que pretendiam passar a noite, ocupavam-se em se instalar nas casas vizinhas ou nos quartos de hóspedes. Harriet havia morado antes numa casa do outro lado da estrada, mas, como já contei, nem seu pai Gottfried nem sua mãe Isabella eram muito estáveis, e percebi o quanto Harriet andava atormentada. Não conseguia se concentrar nos estudos e, em 1964, quando completou catorze anos, fiz que viesse se instalar aqui em casa. Isabella certamente achou cômodo poder desembaraçar-se dos cuidados que a filha representava. Harriet tinha um quarto no andar de cima, e passamos dois anos juntos. Assim, foi para cá que ela veio naquele dia. Sabemos que trocou algumas palavras com Harald Vanger no pátio, ele é um dos meus irmãos. Depois, subiu a escada e veio até aqui, a este cômodo, me dar um alô. Disse que queria me contar alguma coisa. Outros membros da família estavam comigo nesse momento e não tive tempo para escutá-la. Mas ela parecia tão preocupada que prometi ir ao seu quarto sem demora. Ela concordou com a cabeça e saiu por aquela porta. Foi a última vez que a vi. Um minuto mais tarde, houve o choque na ponte e o caos que se seguiu alterou todos os outros planos do dia.

— Como ela morreu?

— Espere. A coisa é mais complicada e devo contar a história em ordem cronológica. Quando ocorreu a colisão, as pessoas deixaram tudo o que estavam fazendo e se precipitaram ao local do acidente. Eu era... digamos que assumi a direção das operações, não pensei em outra coisa nas horas seguintes. Sabemos que Harriet também foi até a ponte depois da colisão, várias pessoas a viram, mas o risco de explosão me fez ordenar que todos que não estavam ajudando a retirar Aronsson dos destroços se afastassem. Éramos somente cinco pessoas no local do acidente: eu e meu irmão Harald; Magnus Nilsson, espécie de empregado faz-tudo em minha casa; um operário da serraria chamado Sixten Nordlander, que morava numa cabana junto ao porto de recreio; e um jovem chamado Jerker Aronsson. Este tinha dezesseis anos e eu devia tê-lo mandado embora, mas era o sobrinho do Aronsson prensado dentro do carro e chegara de bicicleta um minuto ou dois após o acidente; ele estava indo para a cidade. Por volta das vinte para as três, Harriet estava na cozinha, aqui em casa. Bebeu um copo de leite e trocou algumas palavras com Astrid, a cozinheira. Juntas, elas ficaram olhando pela janela o que se passava na ponte. As cinco para as três, Harriet atravessou o pátio. Foi vista, entre outros, pela mãe, Isabella, mas elas não se falaram. Um minuto depois, ela cruzou com Otto Falk, o pastor de Hedeby. Nessa época, o presbitério ficava onde hoje Martin Vanger tem a sua casa, do lado de cá da ponte. O pastor, resfriado, fazia uma sesta quando a colisão ocorreu; não vira o acidente, acabavam de informá-lo e ele se dirigia apressado à ponte. Harriet o deteve no caminho, queria falar com ele, mas o pastor a interrompeu com um gesto de mão e prosseguiu em seu caminho. Otto Falk é a última pessoa que a viu viva.

— Como ela morreu? — repetiu Mikael.

— Não sei — respondeu Henrik Vanger com um olhar atormentado. — Só conseguimos retirar Aronsson do carro por volta das cinco da tarde (aliás, mesmo gravemente ferido, ele sobreviveu) e as seis a ameaça de incêndio já não existia. A ilha continuava isolada, mas as coisas começavam a se acalmar. Só nos demos conta da ausência de Harriet no momento em que nos sentamos à mesa para um jantar tardio, às oito da noite. Enviei uma de suas primas para chamá-la no quarto, mas ela voltou dizendo que não a encontrara. Isso não me deixou muito inquieto; achei que ela resolvera dar uma volta ou que não fora informada de que o jantar estava servido. E durante a noite estive ocupado com diversas disputas familiares. Só na manhã seguinte, porque Isabella a procurava, é que percebemos que ninguém sabia onde ela estava e que ninguém a vira desde a véspera.

Ele abriu amplamente os braços.

— Desde esse dia, Harriet Vanger continua desaparecida, sem que haja o menor sinal dela.

— Desaparecida? — ecoou Mikael.

— Em todos esses anos não conseguimos descobrir nada, nem um fragmento microscópico dela.

— Mas, se ela desapareceu, então não se pode afirmar que tenha sido assassinada.

— Entendo sua alegação. Meus pensamentos seguiram o mesmo caminho. Quando alguém desaparece sem deixar sinal, quatro coisas podem ter acontecido. A pessoa resolveu desaparecer por livre e espontânea vontade e está escondida. Pode ter sofrido um acidente fatal. Pode ter se suicidado. E, por fim, pode ter sido vítima de um crime. Pesei todas as possibilidades.

— E por que acha que alguém a matou?

— Porque é a única conclusão plausível. Henrik Vanger levantou um dedo e continuou:

— No início achei que ela tivesse fugido. Mas os dias se passaram e todos nós percebemos que não era esse o caso. Quero dizer: uma jovem de dezesseis anos que vivia num ambiente relativamente protegido, mesmo sendo esperta, como poderia se virar, se esconder e permanecer escondida sem ser descoberta? Onde conseguiria dinheiro? E, mesmo se arranjasse trabalho em algum lugar, precisaria de um documento de identidade e de um endereço.

Levantou dois dedos.

— Meu segundo raciocínio, evidentemente, é que ela tenha sofrido um acidente. Faça-me um favor, abra a gaveta de cima da escrivaninha. Vai encontrar um mapa ali.

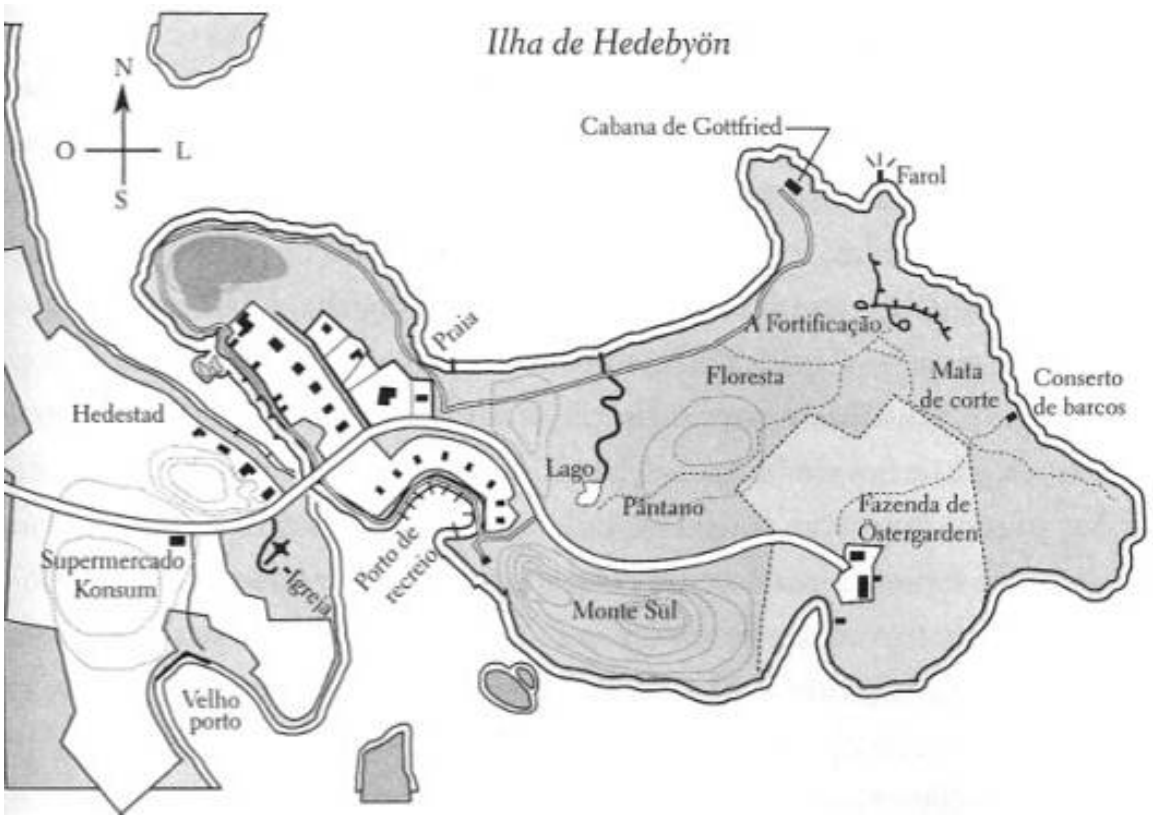
Mikael fez o que ele pedia, depois abriu o mapa sobre a mesa baixa. Hedebyön, a ilha, era uma massa de terra irregular de cerca de três quilômetros de comprimento e um e meio em sua parte mais larga. Um bom trecho da ilha era constituído de floresta. As moradias se concentravam ao redor da ponte e do porto de recreio; na outra extremidade da ilha havia uma fazenda, Östergarden, de onde o infeliz Aronsson iniciara seu trajeto de carro.

— Lembre que ela não deixou a ilha — sublinhou Henrik Vanger. — Aqui em Hedebyön pode-se morrer num acidente como em qualquer lugar do mundo. A pessoa pode ser atingida por um raio, embora naquele dia não tivesse desabado nenhuma tempestade. Pode ser pisoteada por um cavalo, cair num poço ou numa furna. Certamente há inúmeras maneiras de se sofrer um acidente aqui. Refleti sobre tudo isso.

Ele ergueu um terceiro dedo.

— Resta um problema, e equivale também à terceira possibilidade: que, contra todas as expectativas, ela tenha se suicidado. Mas então o corpo teria sido encontrado em alguma parte desta área tão limitada.

Henrik Vanger espalmou a mão no meio do mapa.



— Nos dias seguintes ao desaparecimento, organizamos uma batida, primeiro num sentido, depois no outro. Os homens vasculharam o menor fosso, a menor porção de mato, tudo que se assemelhasse a uma furna ou a um monte de terra. Examinamos cada construção, cada chaminé, cada poço, cada granja, cada celeiro.

O velho moveu a cabeça e olhou para fora. Começava a escurecer. Sua voz ficou mais baixa e mais intimista.

— No outono continuei procurando-a, depois que as buscas tinham se encerrado e todos já haviam desistido. Quando eu não estava ocupado com meu trabalho, percorria a ilha em todas as direções. O inverno chegou sem que tivéssemos encontrado o menor sinal dela. Na primavera eu prossegui, mesmo sabendo que meus esforços eram irracionais. O verão chegou, contratei três peritos em floresta, que reiniciaram as buscas com cães. Eles rastrearam sistematicamente cada metro quadrado da ilha. Eu começava a considerar que alguém podia ter feito mal a ela. Assim, eles buscavam uma espécie de cova onde a tivessem enterrado. Procuraram por três meses. Não encontramos o menor sinal de Harriet. É como se ela tivesse evaporado.

— Há outras possibilidades — lembrou Mikael.

— Diga.

— Ela pode ter se afogado, acidental ou voluntariamente. Estamos numa ilha e a água pode ocultar muitas coisas.

— E verdade. Mas não é muito provável. Veja: se Harriet sofreu um acidente e se afogou, isso logicamente deve ter acontecido muito perto do povoado. Lembre que a confusão na ponte era o maior drama que Hedebyön vivia desde muitas décadas, e seria estranho uma jovem de dezesseis anos escolher bem esse momento para ir passear do outro lado da ilha. Mais importante ainda — prosseguiu — é que não há muitas correntes

por aqui, e nessa época do ano os ventos costumam soprar do norte e do nordeste. Qualquer coisa que caísse na água teria sido lançada à praia do lado da terra firme, onde há construções praticamente ao longo de toda a costa. Claro que pensamos nisso e investigamos todos os locais onde ela poderia ter caído na água. Também contratei jovens de um clube de mergulho de Hedestad. Passaram o verão esquadrinhando o fundo do canal e das praias próximas... Nenhum sinal. Estou convencido de que ela não está no mar, senão a teríamos encontrado.

— E se ela sofreu um acidente em outra parte? A ponte estava fechada, é verdade, mas a distância entre a ilha e o continente não é grande. Ela pode ter atravessado a nado ou de barco.

— Era final de setembro, a água estava muito fria. Se Harriet decidisse tomar banho no meio da confusão geral, teria sido vista e chamaria a atenção. Havia gente na ponte e, do lado da terra firme, duzentas ou trezentas pessoas observavam a cena.

— E um barco?

— Naquele dia havia exatamente treze barcos em Hedebyön. A maioria já havia deixado o mar. No porto de recreio, apenas dois estavam na água. Havia sete barcos, cinco dos quais já trazidos para a praia. Abaixo do presbitério, havia um bote recolhido em terra e um na água. Todos esses barcos foram verificados e se achavam exatamente em seus respectivos lugares. Se ela tivesse feito a travessia a remo, teria sido obrigada a deixar a embarcação do outro lado.

Henrik Vanger levantou um quarto dedo.

— Só resta uma possibilidade verossímil, a de que Harriet desapareceu contra a sua vontade. Alguém lhe fez mal e deu sumiço no corpo.

Lisbeth Salander passou a manhã de Natal lendo o controvertido livro de Mikael Blomkvist sobre jornalismo econômico. O livro tinha duzentas e dez páginas e chamava-se *Os templários,* com o subtítulo *O jornalismo econômico em questão.* A capa, de *design* muito moderno, assinada por Christer Malm, representava a Bolsa de Estocolmo. Christer trabalhara no Photoshop e o observador levava algum tempo para perceber que o prédio flutuava livremente no ar. Não havia fundo. Difícil imaginar uma capa mais explícita e eficaz para dar o tom do que viria a seguir.

Salander constatou que Blomkvist tinha um estilo excelente. O livro era escrito de maneira direta e envolvente, e mesmo pessoas que não conheciam os meandros do jornalismo econômico podiam ler e tirar proveito. O tom era mordaz e sarcástico, mas sobretudo convincente.

O primeiro capítulo era uma espécie de declaração de guerra em que Blomkvist falava sem papas na língua. Os analistas econômicos suecos haviam se tornado, nos últimos anos, um grupo de lacaios incompetentes, que se julgavam importantes e não possuíam o menor pensamento crítico. Mikael chegava a essa conclusão depois de mostrar que os jornalistas econômicos se contentavam o tempo todo, e sem a menor objeção, em reproduzir as afirmações transmitidas por dirigentes de empresas e especuladores da Bolsa — mesmo quando essas afirmações eram claramente falaciosas e errôneas. Esses jornalistas, portanto, ou eram ingênuos e crédulos que deviam ser demitidos de seus cargos, ou, pior, gente que traía deliberadamente sua missão jornalística

por não proceder a exames críticos e por não fornecer ao público uma informação correta. Blomkvist escrevia que muitas vezes se envergonhava de ser qualificado como jornalista econômico, pois se arriscava a ser confundido com pessoas que ele não considerava nem mesmo jornalistas.

Blomkvist comparava as contribuições dos analistas econômicos com o trabalho dos jornalistas especializados em assuntos criminais ou dos correspondentes no exterior. Traçava um panorama dos protestos que se levantariam se um jornalista jurídico de um grande jornal passasse a publicar, sem o menor senso crítico, afirmações do promotor, dando-as automaticamente como verídicas, por exemplo, no processo de um assassinato, sem buscar as informações da defesa e sem entrevistar a família da vítima, para formar uma idéia do que seria plausível ou não. Dizia que as mesmas regras deviam se aplicar aos jornalistas econômicos.

O restante do livro trazia uma série de provas que reforçavam o discurso da introdução. Um longo capítulo examinava declarações sobre uma empresa "pontocom" em seis importantes jornais, bem como nas revistas *Finanstidningen, Dagens Industri* e no programa de tevê *A-ekonomi.* Primeiro ele reproduzia essas citações e depois acrescentava o que os repórteres tinham dito e escrito, antes de comparar com a situação real. Descrevendo o desenvolvimento da empresa, várias vezes ele mencionava perguntas simples que um *jornalista sério* teria feito, mas que o grupo de especialistas da economia não fizera, numa clara omissão.

Outro capítulo abordava a privatização da Telia — era a parte mais cômica e irônica do livro, na qual articulistas econômicos declaradamente citados eram reduzidos a pó, entre os quais um certo William Borg, contra quem Mikael parecia sentir uma particular hostilidade. Outro capítulo, mais no final do livro, comparava o nível de competência entre jornalistas econômicos suecos e estrangeiros. Blomkvist descrevia a maneira como *jornalistas sérios* do *Financial Times, The Economist* e de alguns periódicos econômicos alemães haviam noticiado os mesmos assuntos em seus países. A comparação não era muito favorável aos jornalistas suecos. O último capítulo esboçava uma proposta para corrigir essa lamentável situação. A conclusão do livro remetia de volta à introdução:

> Se um repórter, no Parlamento, realizasse sua tarefa do mesmo modo, sustentando sem a menor crítica cada moção proposta, ainda que totalmente insensata, ou se um jornalista político carecesse de uma forma semelhante de julgamento, esse jornalista seria despedido ou pelo menos transferido a um serviço no qual ele ou ela não pudesse causar prejuízos. No jornalismo econômico, porém, não é a missão jornalística natural que prevalece, ou seja, oferecer aos leitores análises críticas e um relato objetivo dos resultados. Não, aqui se celebra o vigarista mais bem-sucedido. E é assim que o futuro da Suécia está sendo moldado, minando-se a última confiança ainda depositada nos jornalistas como categoria profissional.

Não havia rodeios. O tom era áspero e Salander não teve dificuldade em entender o debate enfurecido que se seguiu tanto no *Journalisten,* o órgão da categoria, em alguns jornais de economia como também nos artigos de fundo das revistas especializadas. Mesmo que apenas um número pequeno de jornalistas econômicos tivesse sido

mencionado no livro, Lisbeth Salander supunha que a corporação era bastante pequena para que todos soubessem exatamente quem era visado quando se citavam as diferentes publicações. Blomkvist arranjara sérios inimigos, o que se refletia também nas dezenas de comentários que se alegravam de maneira maldosa com a sentença do caso Wennerström.

Ela fechou o livro e observou a fotografia do autor na quarta capa. Mikael Blomkvist aparecia numa foto pequena. Uma mecha castanho-clara pendia displicentemente sobre a testa, como se uma rajada de vento tivesse passado bem na hora em que o fotógrafo acionou o botão da máquina, ou como se (o que era mais provável) o ilustrador Christer Malm tivesse feito algum retoque. Ele olhava para a objetiva com um sorriso irônico e um olhar que certamente pretendia ser charmoso e travesso. *Um cara bastante atraente. Tirado de circulação por três meses de prisão.*

— Muito bem, Super-Blomkvist — disse ela em voz alta. — Você só quis se divertir um pouco, não foi?

* * *

Por volta do meio-dia, Lisbeth Salander ligou seu notebook e abriu o programa Eudora para passar um e-mail. Digitou uma única e eloquente linha:

[Vc tem tempo?]

Assinou Wasp e enviou a mensagem para Praga_xyz_666@hotmail.com. Por precaução, passou pelo programa de encriptação PGP.

Depois vestiu um jeans preto, botas de inverno, malha de gola alta, jaqueta escura, luvas, um gorro e um cachecol da mesma cor amarelo-pálido. Tirou os anéis das sobrancelhas e do nariz, passou nos lábios um batom cor-de-rosa e examinou-se no espelho do banheiro. Estava parecida com qualquer pessoa que fosse passear num domingo e achou que sua indumentária era uma camuflagem de combate adequada para uma incursão às linhas inimigas. Tomou o metrô de Zinkensdamm na Östermalmstorg e depois foi a pé para a Strandvägen. Caminhou pelo canteiro central enquanto ia lendo o número dos prédios. Um pouco antes de chegar à ponte de Djurgarden, deteve-se e contemplou a porta que procurava. Atravessou a rua e esperou a alguns metros da entrada.

Observou que a maioria das pessoas que havia saído para passear nesse dia frio de Natal andava no meio da rua; somente uns poucos utilizavam a calçada diante dos prédios.

Foi preciso esperar cerca de meia hora até que uma mulher já de uma certa idade se aproximasse, com uma bengala, vindo da Djurgarden. A mulher parou e lançou um olhar desconfiado a Salander, que sorriu amavelmente e cumprimentou-a com um breve movimento de cabeça. A senhora com a bengala devolveu o cumprimento e pareceu tentar se lembrar de onde conhecia a jovem. Salander deu-lhe as costas e se afastou da porta com alguns passos, como se estivesse andando para lá e para cá à espera de alguém. Quando se virou de novo, a senhora já estava diante da porta, digitando o código de acesso com muita aplicação. Salander não teve dificuldade em vê-la digitar 1260.

Esperou mais cinco minutos antes de se aproximar da porta. Quando acionou o código, a fechadura emitiu um estalo. Ela abriu a porta e olhou para dentro. No *hall* havia

uma câmera de segurança, ela deu uma espiada e depois a ignorou; o modelo, vendido pela Milton Security, só era ativado em caso de arrombamento. No fundo, à esquerda, passando um elevador antigo, havia outra porta com um código de segurança; ela testou 1260 e constatou que a combinação da porta de entrada era a mesma da porta de acesso ao subsolo e ao depósito de lixo. *Que negligência!* Levou exatamente três minutos para examinar o subsolo, onde localizou uma lavanderia destrancada e um local de triagem do lixo. Depois utilizou um conjunto de chaves falsas que havia pegado "emprestadas" do serralheiro da Milton para abrir uma porta trancada que dava para o que parecia ser a sala de reuniões do condomínio. Bem ao fundo havia um local para jogos e passatempos. Por fim encontrou o que procurava — o quadro de luz do prédio. Examinou os relógios, os fusíveis e as junções, tirou do bolso uma máquina fotográfica digital, uma Canon do tamanho de um maço de cigarros. Tirou três fotos do que a interessava.

Ao sair, passou os olhos pela lista de nomes junto ao elevador e leu o do último andar: *Wennerström.*

Depois deixou o prédio e andou com passos rápidos até o Museu Nacional. Entrou na cafeteria para se aquecer e tomar um café. Meia hora depois, retornou ao Söder e subiu ao seu apartamento.

Ela recebera uma resposta de Praga_xyz_666@hotmail.com. Descriptografou-a em PGP, e a resposta lacônica formava simplesmente o número 20.

6. QUINTA-FEIRA 26 DE DEZEMBRO

O prazo de trinta minutos fixado por Mikael Blomkvist fora amplamente ultrapassado. Eram quatro e meia e não havia mais como cogitar o trem da tarde. Mas Mikael ainda podia pegar o trem das nove e meia da noite. De pé diante da janela, ele massageou a nuca enquanto contemplava a fachada iluminada da igreja do outro lado da ponte. Henrik Vanger mostrara-lhe um álbum de recortes com artigos sobre o acontecimento publicados tanto nos jornais da região quanto na imprensa nacional. O interesse da mídia fora relativamente grande durante algum tempo — a filha de uma célebre família industrial desaparecida sem deixar vestígios era uma notícia e tanto. Mas, como o corpo não foi encontrado e as investigações não avançaram, o interesse foi diminuindo. Embora o caso Harriet Vanger envolvesse uma ilustre família industrial, passados mais de trinta e seis anos era uma história esquecida. A teoria preponderante nos artigos do final dos anos 1960 era de que ela se afogara e fora arrastada ao largo — uma tragédia que podia atingir qualquer família.

Curiosamente, Mikael ficara fascinado com o relato do velho, mas, quando Henrik Vanger pediu uma pausa para ir ao banheiro, Mikael voltou a ficar cético. No entanto o velho ainda não concluíra a história e Mikael prometera escutá-lo até o fim.

— E o que aconteceu a ela, na sua opinião? — perguntou Mikael quando Henrik voltou.

— Normalmente, cerca de vinte e cinco pessoas tinham domicílio permanente aqui, mas por causa da reunião familiar havia umas sessenta pessoas na ilha naquele dia. Dessas, entre vinte e vinte e cinco podem ser excluídas. Creio que um desses que restam, muito provavelmente alguém da família, matou Harriet e escondeu o corpo.

— É preciso levar em conta algumas coisas.

— Diga.

— Bem, uma, evidentemente, é que mesmo que alguém tivesse escondido o corpo, ele teria sido descoberto se as buscas foram mesmo tão minuciosas como você disse.

— Para falar a verdade, as buscas foram ainda mais amplas do que descrevi. Só quando comecei a pensar que Harriet podia ter sido vítima de um assassinato foi que me dei conta de que o corpo podia ter desaparecido de outras formas. Não posso provar que o que digo é verdade, mas estamos dentro dos limites do possível.

— Certo, continue.

— Harriet desapareceu por volta das três da tarde. As cinco para as três, o pastor Otto Falk a viu, quando se dirigia apressado ao local do acidente. Mais ou menos no mesmo instante, um fotógrafo do jornal local passou a tirar um grande número de fotos de todo o drama. Nós, isto é, a polícia, examinamos essas fotos e constatamos que Harriet não aparecia em nenhuma delas; em compensação, todas as outras pessoas que moravam na ilha podiam ser vistas em pelo menos uma fotografia, com exceção das crianças muito pequenas.

Henrik Vanger foi buscar outro álbum, que colocou sobre a mesa diante de Mikael.

— São as fotos daquele dia. A primeira foi tirada em Hedestad, durante o desfile das crianças. Pelo mesmo fotógrafo. Foi tirada à uma e quinze e nela Harriet aparece.

A foto fora tirada do primeiro andar de uma casa e via-se uma rua por onde passava o desfile — caminhões com palhaços e meninas com maio de banho. Espectadores amontoavam-se na calçada. Henrik Vanger mostrou uma pessoa na multidão.

— Aqui está Harriet. Mais ou menos duas horas antes do desaparecimento, ela está na cidade com algumas colegas da escola. É sua última foto. Mas há outra interessante.

Henrik folheou algumas páginas. O restante do álbum continha pouco mais de cento e oitenta fotos — seis rolos — da catástrofe na ponte. Depois de ouvido o relato, era quase desconfortável ver tudo ali de repente, sob a forma de fotografias em preto-e-branco. O fotógrafo que imortalizara o caos do acidente era um bom profissional. Um grande número de imagens focalizava as atividades em torno do caminhão-tanque tombado. Mikael não teve dificuldade de identificar um Henrik Vanger de quarenta e seis anos gesticulando, manchado de óleo.

— Este é o meu irmão Harald. — Henrik indicou um homem em mangas de camisa meio inclinado para a frente e que apontava com o dedo alguma coisa nos destroços onde Aronsson estava esmagado. — Meu irmão Harald é um homem desagradável, mas creio que se pode riscá-lo da lista de suspeitos. Com exceção de um breve momento, quando foi obrigado a correr até a casa para trocar de sapato, esteve o tempo todo na ponte.

As fotos se sucederam. Primeiro plano do caminhão-tanque. Plano geral dos espectadores à beira d'agua. Detalhe do carro destroçado de Aronsson. Panorâmicas. Fotos indiscretas com teleobjetiva.

— Esta foto é muito interessante — disse Henrik Vanger. — Pelo que calculamos, foi tirada entre 15h40 e 15h45, portanto quarenta e cinco minutos depois que Harriet foi vista pelo pastor Falk. Se observar nossa casa, a janela do meio, no primeiro andar, é a do quarto de Harriet. Aqui ela aparece aberta.

— Então alguém estava no quarto de Harriet nesse momento.

— Perguntei isso a todos; ninguém admitiu ter aberto a janela.

— O que significa que foi Harriet mesmo que a abriu, e portanto estava viva naquele momento, ou que alguém mentiu. Mas por que um assassino entraria no quarto dela para abrir a janela? E por que alguém mentiria?

Henrik Vanger balançou a cabeça. Ele não tinha a resposta.

— Harriet desapareceu por volta das três, ou um pouco depois. Essas fotos dão uma idéia do lugar onde as pessoas estavam naquela hora. Por isso posso riscar algumas da lista de suspeitos. Pela mesma razão, posso dizer que outras que não aparecem nas fotos na hora em questão devem ser acrescentadas à lista de suspeitos.

— Você não respondeu à minha pergunta: como acha que o corpo desapareceu? Sei que já tem uma resposta: algum passe de mágica.

— Há várias maneiras bastante realistas de se fazer isso. Por volta das três, o assassino age. Ele ou ela provavelmente não utilizou uma arma, senão teríamos encontrado sinais de sangue. Suponho que Harriet foi estrangulada e que a coisa aconteceu aqui: atrás do muro do pátio, um lugar que o fotógrafo não pôde ver e que forma um ângulo oposto em relação à casa. Há um atalho dissimulado para quem vem do presbitério a pé para a casa, último lugar onde ela foi vista. Hoje existe uma pequena plantação e um gramado nesse lugar, mas nos anos 1960 era um terreno coberto de saibro

e usado como estacionamento de carros. Tudo o que o assassino precisava fazer era abrir o porta-malas e pôr Harriet ali. Quando começamos as buscas no dia seguinte, ninguém imaginava que um crime tivesse sido cometido; nos concentramos nas praias, nas construções e na parte arborizada mais próxima do povoado.

— Então ninguém examinou os porta-malas.

— E, na noite seguinte, o assassino estava livre para pegar seu carro, atravessar a ponte e esconder o corpo em outro lugar.

Mikael assentiu com a cabeça.

— Nas barbas de todos os que participavam das buscas. Se foi o que aconteceu, trata-se de um canalha com muito sangue-frio.

Henrik Vanger deixou escapar um riso amargo.

— Você acaba de dar uma descrição perfeita de um grande número de membros da família Vanger.

Eles continuaram a discussão durante o jantar, às seis. Anna serviu lebre assada com batatas e geléia de groselha. Henrik Vanger abriu uma garrafa de vinho tinto seco. Mikael ainda tinha tempo de pegar o último trem. Sua intenção era encerrar a conversa.

— Reconheço que me contou uma história fascinante. Mas não consigo realmente entender por que me contou.

— Eu já disse. Quero descobrir quem foi o canalha que matou minha jovem sobrinha. É para isso que quero contratá-lo.

— Mas por que agora? Henrik Vanger depôs os talheres.

— Mikael, vai fazer trinta e sete anos que eu me consumo refletindo sobre o que aconteceu com Harriet. Com os anos, passei a usar cada vez mais meu tempo livre para procurá-la.

Calou-se, retirou os óculos e contemplou uma mancha invisível no copo. Depois levantou os olhos e disse a Mikael:

— Para ser bem honesto, o desaparecimento de Harriet foi o que me levou a abandonar progressivamente a direção do grupo. Perdi toda a motivação. Sabia que havia um assassino na minha família, e as especulações e a busca da verdade se tornaram um peso para o meu trabalho. O pior é que o fardo não aliviou com o tempo; ao contrário. Por volta de 1970, houve um período em que quis, sobretudo, ser deixado em paz. Nessa época Martin entrou para o conselho administrativo e foi se encarregando aos poucos do meu trabalho. Em 1976 aposentei-me e Martin se tornou o diretor-executivo. Continuei participando do conselho administrativo, mas não fiz grande coisa depois dos meus cinquenta anos. Nos últimos trinta e sete anos, não houve um dia em que eu não tivesse levantado hipóteses sobre o desaparecimento de Harriet. Você deve achar que isso beira a obsessão. Em todo caso, é o que pensam a maioria dos membros da nossa família. E eles provavelmente têm razão.

— O que aconteceu foi terrível.

— Mais do que isso. Destruiu minha vida. E fui tomando cada vez mais consciência disso à medida que o tempo passava. Você... você acha que se conhece bem?

— Acho que sim.

— Eu também. Não consigo esquecer o que aconteceu. Mas minhas motivações mudaram com os anos. No começo era mais um sofrimento profundo, uma aflição. Queria encontrá-la para pelo menos poder enterrá-la. Tratava-se de reabilitar Harriet.

— O que mudou então?

— Hoje se trata mais de descobrir o canalha que a matou. Mas o estranho é que quanto mais envelheço, mais isso se transformou numa espécie de hobby para mim.

— Hobby?

— Sim, a palavra cai bem. Depois que a investigação da polícia não deu em nada, continuei por conta própria. Tentei proceder de maneira sistemática e científica. Coletei todas as informações que consegui encontrar: as fotos que você viu, o inquérito policial, anotei tudo o que as pessoas me disseram ter feito naquele dia. Ou seja, dediquei quase metade da minha vida a coletar informações relativas a um único dia.

— Você tem consciência de que o próprio assassino, trinta e seis anos depois, já pode estar morto e enterrado?

— Não acredito nisso.

Mikael ergueu as sobrancelhas diante dessa declaração categórica.

— Vamos terminar a refeição e depois voltaremos ao meu escritório. Resta um detalhe para eu completar minha história. E é o mais desconcertante.

Lisbeth Salander estacionou o Corolla automático junto à estação ferroviária de Sundbyberg. Ela havia pegado emprestado o Toyota da frota de veículos da Milton Security. Não pedira exatamente permissão, mas Armanskij tampouco nunca a proibira, de forma explícita, de utilizar os veículos da Milton. Cedo ou tarde, ela pensou, vou precisar de um carro. Possuía apenas uma moto, uma Kawasaki 125 de segunda mão, que usava no verão. Durante o inverno, a moto ficava na garagem.

Caminhou até a Högklintavägen e tocou o interfone pontualmente às seis da tarde. A porta abriu depois de alguns segundos, ela subiu a escada até o primeiro andar e bateu na porta onde se lia o nome banal Svensson. Não fazia a menor idéia de quem era Svensson, nem mesmo se essa pessoa havia morado no apartamento.

— Oi, Praga — ela saudou.

— Wasp. Você só aparece quando precisa de alguma coisa.

O homem, que tinha três anos mais que Lisbeth Salander, media um metro e oitenta e nove e pesava cento e cinquenta e dois quilos. Ela, que media um metro e cinquenta e quatro e pesava quarenta e dois quilos, sempre se sentia uma anã ao lado de Praga. Como de costume, o apartamento estava na penumbra, só se entrevia a frouxa claridade de uma única lâmpada acesa no quarto que ele usava como escritório. Cheirava a mofo.

— É porque você nunca toma banho e fede como um macaco que te chamam de Praga? Se um dia você resolver sair à rua, eu te digo onde comprar sabão.

Ele esboçou um sorriso, mas não disse nada e fez a ela um sinal para acompanhá-lo até a cozinha. Instalou-se à mesa sem acender a luz. A única claridade vinha de um poste de iluminação pública diante da janela.

— Também não sou muito chegada a limpeza doméstica, mas quando caixas de leite vazias começam a atrair moscas, eu junto tudo e jogo fora.

— Recebo uma pensão por invalidez — ele disse. — Sou socialmente incompetente.

— E por isso que o Estado te deu uma moradia e rapidamente te esqueceu. Você não tem medo que os vizinhos se queixem e chamem a inspeção sanitária? Desse jeito vai acabar num asilo de loucos.

— Tem alguma coisa para mim?

Lisbeth Salander abriu o zíper da jaqueta e tirou cinco mil coroas.

— É tudo o que posso dar. Estou sacando dos meus fundos pessoais e não posso incluí-lo como dependente.

— O que você quer?

— O cabo de que me falou dois meses atrás. Conseguiu fazê-lo? Ele sorriu e pôs um objeto sobre a mesa diante dela.

— Me explica como funciona.

Durante uma hora, ela escutou com atenção. Depois testou o cabo. Praga podia ser socialmente incapaz, mas sem dúvida nenhuma era um gênio.

De volta a seu escritório, Henrik Vanger esperou ter novamente a atenção de Mikael. Este consultou seu relógio.

— Você comentou sobre um detalhe desconcertante. Henrik concordou com a cabeça.

— Nasci num 1º de novembro. Quando Harriet tinha oito anos, ela me deu um quadro de presente de aniversário. Uma flor prensada sob um vidro dentro de uma moldura simples.

Henrik deu a volta ao redor da mesa e mostrou a primeira flor. Campânula. Emoldurada sem muita habilidade.

— Foi o primeiro quadro, que recebi em 1958. Ele mostrou o quadro seguinte.

— 1959, ranúnculo. 1960, margarida. Passou a ser uma tradição. Ela preparava o quadro durante o verão e o guardava para o meu aniversário. Sempre os pendurei aqui, nessa parede. Em 1966 ela desapareceu e a tradição foi interrompida.

Henrik Vanger calou-se e mostrou uma lacuna no alinhamento dos quadros. Mikael sentiu os cabelos se eriçarem na nuca. A parede inteira estava coberta de flores prensadas.

— Em 1967, um ano após o desaparecimento dela, recebi esta flor no meu aniversário. Uma violeta.

— Recebeu como? — perguntou Mikael em voz baixa.

— Num pequeno embrulho de presente dentro de um envelope enviado pelo correio. Postado em Estocolmo. Sem remetente. Nenhuma mensagem.

— Quer dizer que... — Mikael fez um gesto largo com a mão.

— Exatamente. No meu aniversário, todo maldito ano! Entende o que sinto? É dirigido contra mim, como se o assassino quisesse me torturar. Mortifiquei-me com especulações, dizendo a mim mesmo que Harriet foi eliminada por alguém que talvez quisesse me atingir, a mim. Todos sabiam que Harriet e eu tínhamos uma relação especial e que eu a considerava como filha.

— O que quer que eu faça? — perguntou Mikael, com a voz de repente mais dura.

Depois de deixar o Corolla na garagem do subsolo da Milton Security, Lisbeth Salander aproveitou para subir ao escritório com a intenção de ir ao banheiro. Usou o cartão com senha no elevador e foi direto para o segundo andar, sem passar pela entrada principal no primeiro, onde trabalhavam os que estavam de guarda. Ao sair do banheiro, pegou um café na máquina de *espressos* que Dragan Armanskij por fim resolvera adquirir, ao entender que Lisbeth jamais prepararia bem um café. Em seguida foi até sua sala e estendeu a jaqueta de couro no encosto de uma cadeira.

Seu lugar de trabalho era um cubículo de dois metros por três, atrás de uma divisória de vidro. Havia uma mesa com um computador Dell bastante antigo, uma cadeira giratória, um cesto de lixo, um telefone e uma estante com uma porção de listas telefônicas e três blocos de notas não usados. As duas gavetas da mesa continham algumas canetas esferográficas usadas, clipes de papel e um bloco. No parapeito da janela, um vaso com uma planta murcha de folhas castanhas e secas. Lisbeth Salander examinou a planta com ar pensativo, como se a visse pela primeira vez. Um momento depois, jogou-a decididamente no cesto de lixo.

Ela quase nunca tinha o que fazer em seu escritório e passava por ali não mais que umas seis vezes por ano, principalmente quando sentia necessidade de ficar a sós e de trabalhar num relatório antes de entregá-lo. Dragan Armanskij insistira que ela tivesse seu próprio espaço, acreditando que assim ela se sentiria parte da empresa, mesmo trabalhando como freelancer. Mas Lisbeth suspeitava que Armanskij queria mesmo era ficar de olho nela e acompanhar seus passos. De início fora instalada em outro ponto do corredor, numa sala maior que deveria dividir com um colega, mas, como nunca estava presente, Armanskij acabou por lhe destinar esse cubículo, que não servia a ninguém.

Lisbeth Salander pegou o cabo que trouxera do apartamento de Praga. Depositou o objeto à sua frente, na mesa, e o contemplou, refletindo e mordendo o lábio inferior.

Passava das onze da noite, ela estava sozinha no andar. Sentiu-se de repente muito cansada.

Alguns minutos depois, levantou-se e foi até o fim do corredor, onde testou a porta da sala de Dragan Armanskij. Trancada. Olhou ao redor. A probabilidade de alguém surgir no corredor à meia-noite daquele 26 de dezembro era quase zero. Abriu a porta com uma cópia do cartão com a senha principal da empresa, pirateado alguns anos antes.

O escritório de Armanskij era amplo, com escrivaninha, cadeiras para visitantes e uma pequena mesa de reunião de oito lugares num canto. Limpeza impecável. Fazia tempo que não revistava as coisas dele, mas já que estava ali... Passou uma hora no escritório e coletou os últimos dados do dossiê de um provável espião industrial, folheou um outro de colegas estúpidos destacados para uma empresa onde agiam ladrões bem organizados, e tomou conhecimento das medidas secretas adotadas para proteger uma cliente que temia que o filho fosse sequestrado pelo próprio pai.

Ao terminar, recolocou todos os papéis exatamente no mesmo lugar, trancou a porta do escritório de Armanskij e voltou a pé para sua casa na Lundagatan. Estava satisfeita com sua jornada.

Mikael Blomkvist balançou de novo a cabeça. Sentado atrás de sua escrivaninha, Henrik Vanger contemplava Mikael com olhos calmos, como se já estivesse preparado para todas as suas objeções.

— Não sei se algum dia descobriremos a verdade, mas não quero descer ao túmulo sem fazer ao menos uma última tentativa — disse o velho. — Gostaria de contratá-lo para que percorresse uma última vez todo o material reunido nessa investigação.

— Isso é totalmente insano — constatou Mikael.

— Por que insano?

— Ouvi com atenção, Henrik, entendo seu pesar, mas vou ser franco. O que você me pede é uma perda de tempo e de dinheiro. Pede que eu solucione, como por magia, um mistério que a polícia e investigadores experientes, dispondo de recursos bem mais completos, não encontraram em todos esses anos. Pede que eu solucione um crime quase quarenta anos depois de ele ter sido cometido. Como eu conseguiria?

— Ainda não falamos de seus honorários — replicou Henrik Vanger.

— Não vale à pena.

— Se recusar, não poderei forçá-lo. Mas escute o que ofereço. Dirch Frode já redigiu um contrato. Podemos discutir detalhes, porém o contrato é simples e a única coisa que falta é sua assinatura.

— Henrik, isso não vai servir para nada. Não posso resolver o enigma do desaparecimento de Harriet.

— O contrato não estipula isso. Tudo o que peço é que faça o melhor possível. Se fracassar, será a vontade de Deus ou, se não crê em Deus, do destino.

Mikael suspirou. Começava a se sentir cada vez menos à vontade e queria pôr um ponto final na sua visita a Hedeby, mas mesmo assim cedeu.

— Vá lá, diga.

— Quero que durante um ano more e trabalhe aqui em Hedeby. Quero que percorra toda a investigação sobre o desaparecimento de Harriet, documento após documento. Quero que examine tudo com olhos novos, totalmente novos. Quero que questione todas as antigas conclusões, como deve fazer um jornalista investigative Quero que examine o que eu mesmo, a polícia e outros investigadores podem ter deixado escapar.

— Está pedindo que eu abandone a minha vida e a minha carreira para me dedicar durante um ano a uma coisa que será uma completa perda de tempo?

Henrik Vanger sorriu.

— No que se refere à carreira, admita que por ora ela está bastante atravancada.

Mikael não soube o que responder.

— Quero comprar um ano da sua vida, oferecer-lhe um trabalho. O salário é superior a qualquer outra oferta que você jamais receberá. Pagarei duzentas mil coroas por mês, ou

seja, dois milhões e quatrocentas mil coroas, se aceitar e permanecer por um ano.

Mikael emudeceu de espanto.

— Não tenho ilusão. Sei que a probabilidade de êxito é mínima, mas se, contra todas as expectativas, você resolver o enigma, ofereço um bônus — emolumentos dobrados, isto é, quatro milhões e oitocentas mil coroas. Sejamos generosos: cinco milhões para arredondar.

Henrik Vanger cedeu o corpo para trás e inclinou de lado a cabeça.

— Posso depositar o dinheiro na conta bancária de sua escolha, em qualquer lugar do mundo. Você também pode receber o dinheiro em papel-moeda, numa valise, cabendo-lhe decidir se quer ou não declarar a soma ao fisco.

— Não é... correto — gaguejou Mikael.

— E por quê? — perguntou Henrik calmamente. — Tenho mais de oitenta anos e continuo dono da minha cabeça. Tenho uma imensa fortuna pessoal e disponho dela como quiser. Não tenho filhos e não sinto a menor vontade de dar dinheiro a parentes que odeio. Meu testamento estipula que a maior parte do meu dinheiro irá para o World Wildlife Fund. Algumas poucas pessoas que me são próximas vão receber quantias merecidas — entre elas Anna, do andar de baixo.

Mikael Blomkvist balançou negativamente a cabeça.

— Tente me entender. Estou velho e em breve morrerei. Só desejo uma coisa no mundo: uma resposta à questão que me atormenta há quase quatro décadas. Não acredito que acharei a resposta, mas possuo meios suficientes para fazer uma última tentativa. Diga-me o que há de extravagante em utilizar parte da minha fortuna para essa finalidade. É uma dívida para com Harriet. E também para comigo.

— Vai gastar vários milhões de coroas para nada. Tudo o que preciso fazer é assinar o contrato e ficar numa boa durante um ano.

— Você não fará isso. Ao contrário, trabalhará mais duro do que jamais trabalhou em toda a sua vida.

— Como pode ter certeza?

— Porque posso lhe oferecer algo que deseja mais do que qualquer outra coisa no mundo e que dinheiro nenhum conseguirá comprar.

— O quê?

Os olhos de Henrik Vanger se estreitaram.

— Posso lhe entregar Hans-Erik Wennerström. Posso provar que ele é um vigarista. Começou sua carreira na minha empresa há trinta e cinco anos e posso lhe oferecer a cabeça dele numa bandeja. Resolva esse mistério e poderá transformar a sua derrota no tribunal na reportagem do ano.

7. SEXTA-FEIRA 3 DE JANEIRO

Erika estava de costas para Mikael. De pé em frente à janela da casa dele, ela olhava a cidade velha. Eram nove da manhã do dia 3 de janeiro. Toda a neve desaparecera com a chuva que caíra durante as festas de fim de ano.

— Sempre gostei da vista da sua casa — ela disse. — Só um apartamento como este poderia me fazer abandonar Saltsjöbaden.

— Você tem as chaves. Nada contra você deixar seu condomínio classe A para vir morar aqui — disse Mikael. Ele fechou a mala e colocou-a na entrada. Erika voltou-se e olhou para ele com ar incrédulo.

— Isso não faz sentido! — disse. — Estamos na pior das crises e você enche duas malas e vai embora para se instalar num fim de mundo.

— Em Hedestad. A algumas horas de trem. E não estou indo para sempre.

— Poderia ser também Ulan Bator! Não entende que dará a impressão de estar fugindo com o rabo entre as pernas?

— É exatamente o que estou fazendo. Sem esquecer que este ano também terei de cumprir uma pena de prisão.

Christer Malm estava sentado no sofá de Mikael. Sentia-se pouco à vontade. Desde o começo da *Millennium,* era a primeira vez que via Mikael e Erika divergindo tanto. Ao longo dos anos, os dois haviam se tornado inseparáveis.

Se eventualmente entravam em furiosas discussões, elas sempre se referiam a questões cujo ponto litigioso se dissolvia antes de caírem nos braços um do outro e saírem para fazer um lanche. Ou irem para a cama. O último outono não fora fácil, e agora era como se um abismo tivesse se aberto. Christer Malm se perguntou se assistia ao começo do fim da *Millennium.*

— Não tenho escolha — disse Mikael. — Nós não temos escolha. Atravessou a sala e foi sentar-se junto à mesa da cozinha. Erika balançou a cabeça e sentou-se diante dele.

— E você, Christer, o que pensa disso? — ela perguntou.

Christer Malm afastou as mãos. Ele esperava a pergunta, temendo o momento em que seria obrigado a tomar posição. Era o terceiro sócio, mas os três sabiam que a *Millennium* era Mikael e Erika. Só lhe pediam conselho quando estavam realmente em desacordo.

— Com toda a franqueza — respondeu Christer —, vocês dois sabem que o que eu penso não tem a menor importância.

Calou-se. Ele adorava criar imagens. Adorava trabalhar com formas gráficas. Nunca se considerara um artista, mas sabia que era um *designer* de primeira. Em compensação, era uma nulidade quando se tratava de intrigas e decisões políticas.

Erika e Mikael se olharam. Ela, com uma cólera fria. Ele, refletindo.

Não estou assistindo a uma discussão, pensou Christer, mas a um divórcio. Foi Mikael que rompeu o silêncio.

— Bem, deixem-me expor os argumentos mais uma vez. — Ele fitou Erika. — Ir embora não significa que estou abandonando a *Millennium.* Trabalhamos duro demais para eu agora querer abandoná-la.

— Mas não estará na redação, eu e Christer é que carregaremos o fardo. Não entende que está se auto-exilando?

— Esse é o outro aspecto. Preciso dar um tempo, Erika. Estou fora de combate. Completamente estressado. Férias remuneradas em Hedestad talvez seja exatamente o que eu preciso.

— Toda essa história é muito estranha, Mikael. É como se você resolvesse ir trabalhar num circo.

— Eu sei. Mas me darão dois milhões e quatrocentos mil para ficar com a bunda numa cadeira por um ano, e não estarei inativo. Esse é o terceiro aspecto. O primeiro *round* contra Wennerström terminou e ele ganhou. O segundo já está em andamento: ele tentará afundar definitivamente a *Millennium,* pois sabe que, enquanto a revista existir, há pessoas na redação que sabem o que ele está fazendo.

— Sei muito bem disso. É o que venho constatando há seis meses nas receitas publicitárias, todo fim de mês.

— Exatamente. Por isso mesmo é que eu preciso me afastar da redação. Eu represento uma ameaça para ele. Ele fica paranóico comigo. Enquanto eu permanecer, ele prosseguirá na sua campanha. Nós agora temos que nos preparar para o terceiro *round.* Se quisermos ter uma chance mínima contra Wennerström, precisamos dar marcha a ré e elaborar uma nova estratégia. Precisamos descobrir alguma coisa em que possamos bater firme. Será o meu trabalho durante este ano.

— Eu entendo tudo isso — replicou Erika. — Mas por que simplesmente você não tira férias? Vá viajar, pegar sol numa praia durante um mês, fazer uma pesquisa sobre a vida amorosa das espanholas. Relaxe, passe um tempo em Sandhamn olhando para o mar.

— E quando eu voltar nada terá mudado. Wennerström vai esmagar a *Millennium.* Você sabe. A única coisa capaz de detê-lo é descobrirmos algo sobre ele que possa derrubá-lo.

— E acha que descobrirá isso em Hedestad?

— Verifiquei recortes de imprensa. Wennerström trabalhou para o grupo Vanger de 1969 a 1972. Fazia parte do estado-maior, responsável pelos investimentos estratégicos. Saiu muito de repente. Não se pode excluir a possibilidade de que Henrik Vanger saiba de fato alguma coisa sobre ele.

— Mas se Wennerström cometeu um delito há trinta anos, dificilmente isso poderá ser provado hoje.

— Henrik Vanger prometeu contar tudo o que sabe. Ele é obcecado pela sobrinha desaparecida. Eu diria que nada mais no mundo lhe interessa e, se isso significa queimar Wennerström, acho que há muita chance de que o faça. Em todo caso, não podemos nos

dar ao luxo de deixar escapar essa chance. Ele é o primeiro a se dizer disposto a revelar toda a merda sobre Wennerström.

— Mesmo que você volte com provas de que Wennerström estrangulou a menina, não poderíamos utilizá-las. Não depois de tanto tempo. Ele nos massacraria no tribunal.

— Eu também pensei nisso, mas sinto muito: ele cursava a escola superior de comércio quando ela desapareceu e não tinha nenhuma ligação com o grupo Vanger. — Mikael fez uma pausa. — Erika, não vou deixar a *Millennium,* mas é importante que as pessoas tenham essa impressão. Você e Christer devem continuar levando adiante a revista. Se puderem... se tiverem a possibilidade de propor um acordo de paz com Wennerström, proponham. Não vão poder fazer isso se eu estiver na redação.

— Tudo bem, a situação está ruim, mas acho que você está indo atrás de nada em Hedestad.

— Tem uma idéia melhor para me propor? Erika encolheu os ombros.

— Deveríamos buscar informantes. Retomar a investigação desde o início. Sem cometer erros desta vez.

— Esqueça, Ricky, o assunto está morto.

Erika deixou a cabeça pender sobre as mãos em cima da mesa, num gesto de abandono. Quando voltou a falar, no início teve dificuldade de olhar para Mikael.

— Estou muito irritada com você. Não por ter escrito o que escreveu, eu me envolvi no caso tanto quanto você. E não por abandonar seu cargo de editor, essa é uma decisão prudente na atual situação. Não me importo que pensem que houve um conflito ou uma luta de poder entre nós. Entendo a lógica de fazer Wennerström supor que eu sou apenas uma figura inofensiva e que a ameaça é você.

Fez uma pausa e olhou diretamente nos olhos dele, com os dentes cerrados.

— Mas acho que está enganado. Wennerström não morderá a isca. Continuará tentando afundar a *Millennium.* A única diferença é que a partir de agora terei de enfrentá-lo sozinha, e você sabe o quanto é necessário aqui na redação. Está certo, também quero levar adiante a guerra contra Wennerström, mas me incomoda você abandonar o navio desse jeito, nos deixando no meio da tempestade.

Mikael estendeu a mão e acariciou-lhe os cabelos.

— Você não está sozinha. Pode contar com Christer e com o resto da redação.

— Não com Janne Dahlman. Aliás, por falar nele, acho que foi um erro contratá-lo. É competente, mas faz mais mal do que bem. Não confio nele.

Passou o outono inteiro com aquele sorriso falso nos lábios. Não sei se apenas está esperando uma chance para pegar o seu lugar ou se simplesmente há uma incompatibilidade de humor entre ele e o resto da redação.

— Acho que você tem razão — disse Mikael.

— E o que devo fazer? Demiti-lo?

— Erika, você é a diretora e a principal acionista da *Millennium.* Se acha que deve demiti-lo, demita-o.

— Nunca demitimos ninguém, Micke. E agora você também joga para cima de mim essa decisão. Não vejo mais graça em sair de manhã para ir trabalhar.

Nesse instante Christer Malm decidiu se levantar.

— Se quer pegar mesmo o trem, Mikael, precisamos ir. — Erika esboçou um protesto, mas ele a interrompeu com um gesto de mão. — Espere, Erika, você me perguntou o que eu pensava. Acho que é uma situação fodida. Mas se o que Mikael diz é verdade, ou seja, que não há outra saída, deixe que ele vá, nem que seja só por ele mesmo. Devemos isso a ele.

Tanto Mikael quanto Erika olharam Christer surpresos, enquanto este lançava um olhar aborrecido a Mikael.

— Vocês dois sabem que a *Millennium é* vocês. Sou sócio, vocês sempre foram legais comigo, adoro a revista e tudo o mais, mas poderiam me substituir por qualquer outro *designer* sem o menor problema. Vocês me perguntaram o que eu penso e vou dizer. No que se refere a Janne Dahlman, sou da mesma opinião. Se está querendo demiti-lo, Erika, posso fazer isso no seu lugar. Precisamos apenas de um motivo razoável.

Fez uma pausa antes de continuar.

— Concordo com você, de fato pega mal Mikael desaparecer justamente agora. Mas acho que não temos muita escolha. — Olhou para Mikael. — Vou com você até a estação. Erika e eu seguraremos as pontas até a sua volta.

Mikael balançou devagar a cabeça.

— Meu medo é que Mikael não volte — disse Erika em voz baixa.

Dragan Armanskij despertou Lisbeth Salander ao chamá-la ao telefone à uma e meia da tarde.

— O que é? — ela perguntou, meio dormindo. Sua boca estava com gosto de alcatrão.

— A história de Mikael Blomkvist. Acabo de falar com o nosso cliente, o senhor Frode.

— E aí?

— Ele telefonou para dizer que podemos abandonar a investigação sobre Wennerström.

— Abandonar? Mas eu já comecei a trabalhar no caso.

— Entendo, mas Frode não está mais interessado.

— Assim, sem mais?

— Ele é quem decide. Se não quer continuar, paciência.

— Havíamos acertado uma remuneração.

— Você trabalhou quanto tempo? Lisbeth Salander refletiu.

— Um pouco mais que três dias completos.

— Acertamos um teto de quarenta mil coroas. Vou fazer uma fatura de dez mil; você ficará com a metade, o que é razoável para três dias desperdiçados. É o preço que ele terá de pagar por ter iniciado o caso.

— E o que faço com o material que encontrei?

— É alguma coisa importante? Ela refletiu um pouco.

— Não.

— Frode não pediu um relatório. Guarde o material em algum lugar, caso ele volte. Ou então jogue fora. Tenho um outro trabalho para você na semana que vem.

Lisbeth Salander permaneceu um momento com o telefone na mão depois que Armanskij desligou. Foi até seu canto de trabalho na sala de estar e olhou as anotações que espetara na parede e o monte de papéis amontoados na escrivaninha. Sua coleta consistia principalmente de recortes da imprensa e textos copiados da internet. Pegou os papéis e os enfiou numa gaveta da escrivaninha.

Franziu as sobrancelhas. O estranho comportamento de Mikael Blomkvist na sala do tribunal lhe parecera um desafio interessante e Lisbeth Salander não gostava de interromper o que havia começado. Todo mundo tem segredos. Trata-se apenas de descobrir quais são.

II. ANÁLISE DAS CONSEQUÊNCIAS – 3 DE JANEIRO A 17 DE MARÇO

Na Suécia, 46% *das mulheres sofreram violência de um homem.*

8. SEXTA-FEIRA 3 DE JANEIRO – DOMINGO 5 DE JANEIRO

Quando Mikael Blomkvist desceu do trem em Hedestad pela segunda vez, o céu estava azul-pastel e o ar gelado. Um termômetro na fachada da estação indicava dezoito graus negativos. Mais uma vez ele usava sapatos pouco adaptados ao frio. Ao contrário da visita anterior, o amável advogado Frode não viera esperá-lo com um carro aquecido. Mikael apenas dissera o dia em que chegaria, sem especificar o horário do trem. Supôs que haveria um ônibus para a aldeia, mas não teve vontade de carregar duas malas pesadas e uma sacola atrás de um ponto de ônibus. Dirigiu-se a um ponto de táxi do outro lado da esplanada em frente à estação.

Entre o Natal e o Ano-novo, as precipitações de neve haviam sido violentas e as montanhas acumuladas ao longo do caminho provavam que o serviço de desobstrução da prefeitura de Hedestad trabalhara sem parar. O motorista de táxi, que a placa de identificação no pára-brisa dizia chamar-se Hussein, concordou com a cabeça quando Mikael perguntou se o tempo causara muitos problemas. Com o mais puro sotaque do Norrland, contou que fora a pior tempestade de neve havia décadas e que se arrependia de não ter tirado férias de inverno para passar o Natal na Grécia.

Mikael indicou o caminho ao taxista até o pátio amplo em frente à casa de Henrik Vanger e, depois de subir com as malas até a entrada, olhou o carro desaparecendo em direção a Hedestad. Sentiu-se de repente muito só e indeciso. Erika talvez tivesse razão em dizer que todo esse projeto era insensato. Ouviu a porta se abrir às suas costas e se virou. Henrik Vanger estava ali, vestindo um espesso casaco de couro, calçando botas forradas e tendo na cabeça um boné com orelheiras. Mikael vestia apenas jeans e uma jaqueta leve de couro.

— Já que vai morar aqui, primeiro precisa aprender a se vestir nesta época do ano. — Apertaram-se as mãos. — Tem certeza de que não quer ficar na casa principal? Não? Então vamos acomodá-lo em sua nova moradia.

Uma das exigências nas negociações com Henrik Vanger e Dirch Frode fora que Mikael pudesse morar num lugar onde ficasse independente e pudesse ir e vir à vontade. Henrik guiou Mikael em direção à ponte e abriu o portão de um pátio recentemente desobstruído diante de uma pequena casa de madeira. Não estava trancada, e o velho abriu a porta. Entraram num pequeno vestíbulo, onde Mikael depositou as malas com um suspiro de alívio.

— Aqui está o que chamamos a casa dos convidados, onde hospedamos as pessoas que ficam por algum tempo. Foi aqui que você e seus pais se instalaram em 1963. É uma das construções mais antigas do povoado, embora modernizada. Cuidei para que Gunnar Nilsson, o meu faz-tudo, pusesse o aquecimento para funcionar esta manhã.

A casa consistia em uma grande cozinha e dois pequenos quartos, ao todo uns cinquenta metros quadrados. A cozinha ocupava a metade da área; moderna, tinha fogão elétrico, uma pequena geladeira, um balcão com pia, e junto à parede que dava para o vestíbulo havia também um velho aquecedor de metal fundido, no qual já ardia um bom fogo.

— Só precisará usar esse aquecedor se fizer muito frio. Há um baú com lenha no vestíbulo e um pequeno depósito nos fundos da casa. Estava desativado desde o último

outono e voltamos a acendê-lo esta manhã para aquecer as paredes. Mas os aquecedores elétricos deverão ser suficientes durante o dia. Evite apenas pôr roupas em cima deles, para não provocar um incêndio.

Mikael assentiu com a cabeça e olhou ao redor. Havia janelas em três lados; da mesa da cozinha avistava-se a ponte a uns trinta metros. Além da mesa, a cozinha era equipada com dois armários, cadeiras, um antigo banco de madeira e uma prateleira com jornais. No alto da pilha, um número de Se, datado de 1967. Num canto próximo à mesa, um aparador podia servir de escrivaninha.

A porta de entrada da cozinha ficava próxima ao aquecedor a lenha. Do outro lado, duas portas estreitas conduziam a dois pequenos cômodos. O da esquerda, mais próximo da parede externa, estava mobiliado com uma mesa de trabalho, uma cadeira e uma estante ao longo da parede. O outro cômodo, entre o vestíbulo e o escritório, era um quarto relativamente pequeno, com uma cama de casal bastante estreita, um criado-mudo e um armário. Nas paredes havia alguns quadros com cenas da natureza. Os móveis e os papéis de parede da casa estavam velhos e descoloridos, mas tudo cheirava a limpeza. O soalho fora cuidadosamente encerado. O quarto tinha outra porta, que levava diretamente ao vestíbulo, onde um velho cubículo fora transformado em banheiro com ducha.

— A água pode vir a ser um problema — disse Henrik. — Verificamos que está funcionando bem hoje de manhã, mas como a tubulação é muito superficial, se o frio persistir, pode congelar. Há um balde no vestíbulo. Se for necessário, vá buscar água na minha casa.

— Vou precisar de um telefone — disse Mikael.

— Já fiz o pedido. Virão instalar depois de amanhã. E então, o que acha? Se mudar de opinião, pode se transferir para a casa principal quando quiser.

— Tudo vai correr bem — respondeu Mikael, longe de estar convencido de que a situação na qual se metera era razoável.

— Ótimo. Ainda temos uma hora antes que escureça. Podemos dar uma volta para você conhecer o povoado. Sugiro que use botas e meias grossas de lã, que poderá encontrar no armário do vestíbulo.

Mikael aquiesceu, mas decidiu que no dia seguinte percorreria as lojas para comprar ceroulas e calçados próprios para o inverno.

O velho começou o passeio explicando que o vizinho de Mikael do outro lado da estrada era Gunnar Nilsson, o empregado que Henrik insistia em chamar de seu faz-tudo. Mas Mikael logo entendeu que ele cuidava da manutenção das construções da ilha e também de várias residências em Hedestad.

— O pai dele, Magnus Nilsson, trabalhou do mesmo modo em minha casa nos anos 1960, e foi um dos que prestaram ajuda no dia do acidente na ponte. Magnus ainda está vivo, mas se aposentou e mora em Hedestad. Gunnar vive nessa casa com a mulher, chamada Helen. Os filhos partiram para viver sua vida.

Henrik Vanger fez uma pausa e refletiu um momento antes de prosseguir.

— Mikael, a explicação oficial para sua presença aqui é que você vai me ajudar a escrever a minha biografia. Isso permitirá que você investigue em todos os cantos e faça perguntas às pessoas. Mas a verdadeira missão é um assunto restrito a você, a mim e a Dirch Frode. Somos os únicos que a conhecem.

— Entendo. E repito o que já disse: é uma perda de tempo. Não vou poder resolver o enigma.

— Peço apenas que tente. Devemos, no entanto, prestar atenção ao que dizemos quando houver pessoas por perto.

— Tudo bem.

— Gunnar tem cinquenta e seis anos agora, portanto tinha dezenove quando Harriet desapareceu. Há uma questão para a qual nunca obtive resposta: Harriet e Gunnar eram bons amigos e creio que houve uma espécie de flerte adolescente entre os dois. Em todo caso, ele estava bastante interessado nela. No dia do desaparecimento, Gunnar estava em Hedestad, é um dos que ficaram presos em terra por causa do acidente na ponte. Considerando-se a relação dos dois, evidentemente ele foi investigado com cuidado. A polícia verificou seu álibi e ele é sólido. Passou o dia com colegas e só voltou para cá no começo da noite.

— Imagino que você tenha uma lista completa de quem estava na ilha e de quem fez o que durante o dia.

— Isso mesmo. Continuamos?

Detiveram-se na subida, no cruzamento dos caminhos diante da casa Vanger, e Henrik indicou o porto de recreio.

— Toda a ilha de Hedeby pertence à família Vanger, ou, para ser mais preciso, a mim. A não ser pela fazenda de Östergarden e algumas casas particulares aqui no povoado. As pequenas cabanas ali embaixo, onde antigamente ficava o porto de pesca, são propriedades privadas, mas funcionam como casas de veraneio e, de modo geral, permanecem desabitadas no inverno. A única exceção é a cabana bem ali na ponta. Está vendo a fumaça da chaminé?

Mikael fez que sim com a cabeça. Já estava gelado até os ossos.

— Aquele barraco miserável está cheio de frestas, mas serve de habitação o ano todo. Quem mora ali é Eugen Norman. Tem sessenta e sete anos, é uma espécie de artista, pintor. Acho as pinturas dele um tanto kitsch, mas ele é bastante conhecido por suas paisagens. É um pouco o tipo excêntrico da aldeia.

Henrik guiou os passos de Mikael ao longo do caminho em direção ao promontório, apontando cada uma das casas pelas quais passavam. O povoado tinha seis casas do lado oeste da estrada e quatro do lado do Leste Europeu. A primeira, muito próxima da casa dos convidados onde Mikael se instalara e defronte à casa Vanger, pertencia a Harald, irmão de Henrik. Era um sobrado retangular, de pedra, aparentemente abandonado. As cortinas nas janelas estavam corridas e meio metro de neve se acumulava no caminho que subia até a casa. Examinando mais de perto, porém, marcas de passos revelavam que alguém pisara a neve entre a estrada e a porta.

— Harald é um misantropo. Nunca nos entendemos bem, eu e ele. Com exceção dos conflitos relacionados às empresas — ele é acionista —, mal nos falamos nos últimos sessenta anos. É mais velho que eu, tem noventa e dois anos e é o único dos meus cinco irmãos ainda vivo. Contarei os detalhes mais tarde, mas ele estudou medicina e trabalhou principalmente em Uppsala. Voltou a morar em Hedebyön ao completar setenta anos.

— Entendi que não gosta dele. No entanto são vizinhos.

— Acho-o detestável e teria preferido que continuasse em Uppsala, mas a casa lhe pertence. Estou falando como um verdadeiro crápula, não?

— Fala apenas como alguém que não gosta do seu irmão.

— Passei os primeiros vinte e cinco, trinta anos da minha vida desculpando pessoas como Harald apenas porque éramos da mesma família. Depois descobri que o parentesco não é uma garantia de amor e que eu tinha muito poucas razões para defender Harald.

A casa seguinte pertencia a Isabella, a mãe de Harriet Vanger.

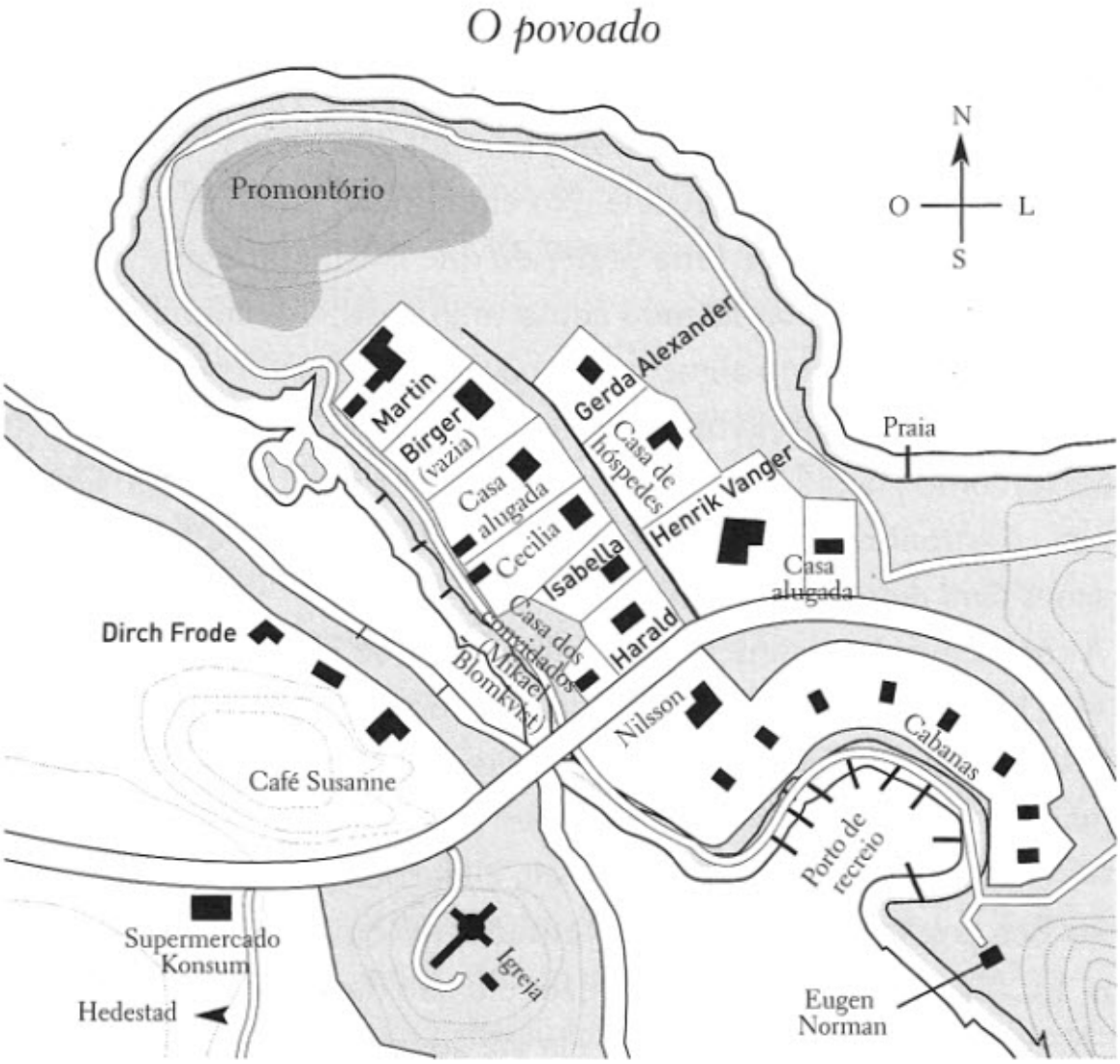
— Ela completará setenta e cinco este ano, continua sendo uma mulher vistosa e elegante. É a única no povoado que fala com Harald e o visita de vez em quando, mas eles não têm muita coisa em comum.

— Como eram as relações entre ela e Harriet?

— Boa pergunta. As mulheres também devem entrar no círculo de suspeitos. Eu disse a você que muitas vezes ela não dava a menor atenção aos filhos. Não sei muito bem, acho que ela até gostaria mas era incapaz de assumir responsabilidades. Harriet e ela não tinham intimidade, porém não eram inimigas. Isabella pode se mostrar um pouco insensível, às vezes também é um pouco individualista. Você vai entender o que estou querendo dizer quando a vir.

A vizinha de Isabella era Cecilia Vanger, filha de Harald Vanger.

— Enquanto esteve casada, ela morou em Hedestad, mas há pouco mais de vinte anos separou-se do marido. A casa me pertence e propus a ela que viesse morar aqui. Cecilia é professora e é o oposto do pai em muitos aspectos. Posso acrescentar que ela e o pai se falam apenas o necessário.



— Qual a idade dela?

— Nasceu em 1946. Tinha então vinte anos quando Harriet desapareceu. E era uma das pessoas que estavam na ilha naquele dia.

Refletiu por um momento.

— Cecilia pode parecer meio cabeça-tonta, mas na realidade é bastante esperta. Não a subestime. Se alguém vier a descobrir o que você está realmente fazendo aqui, será ela. Eu diria que é um dos membros da família que mais aprecio.

— Isso significa que não suspeita dela?

— Não chegaria a tanto. Gostaria que considerasse o caso sem a menor restrição, independentemente do que eu penso ou acredito.

A casa ao lado da de Cecilia pertencia a Henrik Vanger, mas estava alugada a um casal de idade que trabalhara na direção do grupo Vanger. Como vieram morar na ilha nos anos 1980, nada tinham a ver, portanto, com o desaparecimento de Harriet. A casa seguinte era propriedade de Birger Vanger, o irmão de Cecilia. Estava vazia havia anos, desde que Birger se instalara numa mansão moderna em Hedestad.

Em sua maior parte, as construções ao longo da estrada eram sólidas casas de pedra que datavam do começo do século anterior. A última, porém, era de outro tipo, uma casa de arquitetura moderna, de tijolos brancos, portas e janelas escuras. Sua localização era excelente. Mikael calculava que a vista do primeiro andar devia ser magnífica: o mar no Leste Europeu e Hedestad ao norte.

— É aqui que mora Martin Vanger, o irmão de Harriet e atual diretor-executivo do grupo Vanger. Antigamente era aqui que o presbitério estava situado, mas foi parcialmente destruído por um incêndio nos anos 1970 e Martin resolveu construir essa casa quando assumiu o comando.

Bem ao fundo, do lado do Leste Europeu da estrada, morava Gerda Vanger, viúva de Greger, um outro irmão de Henrik, e seu filho Alexander Vanger.

— Gerda é inválida, sofre de reumatismo. Alexander tem uma pequena participação no grupo Vanger, mas possui também alguns negócios próprios, restaurantes, por exemplo. Costuma passar vários meses do ano em Barbada, nas Antilhas, onde investiu dinheiro no turismo.

Entre a casa de Gerda e a de Henrik havia duas casas pequenas, vazias, utilizadas para hospedar membros da família em visita. Do outro lado da casa de Henrik, havia outra, alugada para um ex-empregado do grupo, agora aposentado, e sua mulher. Mas o casal passava o inverno na Espanha, e a casa estava desabitada.

Voltaram ao cruzamento dos caminhos e o passeio terminou. Começava a escurecer. Mikael tomou a iniciativa.

— Henrik, só posso voltar a dizer que nos lançamos numa aventura que não dará resultado, mas farei aquilo para o qual fui contratado. Escreverei sua biografia e, conforme me pediu, lerei o material sobre Harriet Vanger com o máximo de atenção e cuidado. Quero simplesmente que entenda que não sou detetive particular, portanto não deposite em mim esperanças sem fundamento.

— Não espero nada. Como eu disse, quero apenas que seja feita uma última tentativa para descobrir a verdade.

— Então, perfeito.

— Deito-me cedo — explicou Henrik. — Poderá me encontrar depois do café-da-manhã e ao longo do dia. Vou preparar um local de trabalho aqui para você, do qual poderá dispor à vontade.

— Não, obrigado. Já tenho um lugar de trabalho na casa dos convidados e é lá que tenho a intenção de trabalhar.

— Como quiser.

— Quando eu precisar de informações, conversaremos no seu escritório, mas não vou começar com perguntas já esta noite.

— Entendo. — O velho deixava transparecer uma timidez enganadora.

— Vou precisar de algumas semanas para ler todos os dossiês. Trabalharemos em duas frentes: nos veremos algumas horas por dia, quando farei perguntas para coletar material para a biografia. Quando eu tiver perguntas sobre Harriet, virei discuti-las com você.

— Parece razoável.

— Trabalharei com bastante liberdade, sem horários fixos.

— Organize-se como quiser.

— Você não deve ter esquecido que, dentro de alguns meses, vou precisar cumprir uma pena de prisão. Não sei ainda quando será, mas não vou recorrer. O que significa que acontecerá durante este ano.

Henrik Vanger franziu o cenho.

— Isso é ruim. Teremos que achar uma solução quando chegar o momento. Poderia pedir um *sursis.*

— Se tudo correr bem e eu já tiver elementos suficientes sobre a família, poderei trabalhar na prisão. Mas vamos esquecer isso por enquanto. Outra coisa: continuo sendo sócio da *Millennium,* que neste momento é uma revista em crise. Se acontecer algo que exija minha presença em Estocolmo, serei obrigado a deixar o que estou fazendo aqui para ir até lá.

— Não o contratei como escravo. Quero que trabalhe de forma racional e leve adiante a tarefa que lhe passei, mas é evidente que deve se organizar como bem entender, trabalhar de acordo com seus próprios métodos. Se precisar licenciar-se, faça-o, mas se eu notar que está negligenciando o trabalho, considerarei como um rompimento de contrato.

Mikael concordou com a cabeça. Henrik Vanger olhava em direção à ponte. O homem era magro e Mikael de repente teve a impressão de que ele parecia um espantalho.

— No que se refere à *Millennium,* deveríamos ter uma conversa sobre a crise, para ver se posso ser útil de alguma forma.

— O melhor meio de ser útil é entregar-me a cabeça de Wennerström logo.

— Ah, não, essa não é a minha intenção. — O velho lançou um olhar severo a Mikael. — A única razão pela qual aceitou minha proposta é que prometi desmascarar Wennerström. Se eu entregá-lo agora, poderia ficar tentado a abandonar o trabalho. Terá essa informação dentro de um ano.

— Henrik, perdoe-me falar assim cruamente, mas nada me garante que você estará vivo daqui a um ano.

— Entendo. Vou falar com Dirch Frode e veremos como arranjar isso. Mas, no que se refere à *Millennium,* talvez eu possa intervir de outro modo. Pelo que entendi, o problema é que os anunciantes estão saindo.

Mikael assentiu lentamente com a cabeça antes de responder:

— Os anunciantes são o problema mais imediato, porém a crise é mais profunda. E uma questão de confiança. Pouco importa o número de anunciantes que temos se as pessoas não quiserem mais comprar a revista.

— Sim, entendo. Mas continuo sendo membro do conselho administrativo de um grupo importante, mesmo como membro passivo. Também temos necessidade de divulgar nossas informações em algum lugar. Discutiremos isso mais tarde. Quer comer alguma coisa...?

— Não. Vou me instalar na casa, fazer algumas compras e me familiarizar com o lugar. Amanhã irei a Hedestad comprar roupas de inverno.

— Boa idéia.

— Gostaria que transferisse os arquivos relativos a Harriet para minha casa.

— Eles devem ser manipulados...

— ... com o maior cuidado, imagino eu.

* * *

Mikael retornou à casa dos convidados batendo os dentes. Um termômetro diante da janela indicava quinze graus negativos, e ele não lembrava de alguma vez ter sentido tanto frio como após esse passeio de apenas meia hora.

Ele dedicou a hora seguinte a se instalar na que haveria de ser a sua moradia naquele ano. Tirou as roupas da mala e as colocou no armário do quarto. Artigos de toalete, no móvel do banheiro. A segunda bagagem era uma volumosa mala com rodinhas; dela tirou livros, CDs, um MP3, blocos de anotações, um gravador Sanyo, uma máquina fotográfica digital Minolta e vários outros objetos que julgara indispensáveis para um exílio de um ano.

Distribuiu os livros e os CDs na estante da saleta de trabalho, ao lado de dois arquivos contendo documentos relativos à sua investigação sobre Hans-Erik Wennerström. O material não tinha valor, mas Mikael não conseguia se desembaraçar dele. Como se os dois arquivos devessem se transformar, de uma maneira ou de outra, em elementos determinantes na continuação de sua carreira.

Abriu por fim a bolsa e tirou de lá o notebook, que pôs sobre a mesa de trabalho. Depois deteve-se e olhou ao redor, com uma expressão estúpida no rosto. Da vantagem da vida no campo! Acabava de perceber que não havia tomada para o cabo. Não havia sequer uma entrada de telefone para ligar um velho modem.

Mikael voltou à cozinha e, usando seu celular, ligou para a companhia telefônica Telia. Depois de insistir um pouco, conseguiu convencer alguém a localizar o pedido que Henrik Vanger fizera para a casa dos convidados. Perguntou se a linha tinha capacidade para ADSL e responderam-lhe que era possível através de um ponto retransmissor em Hedeby, mas que levaria alguns dias.

Eram pouco mais de quatro da tarde quando Mikael terminou a arrumação. Pôs as meias grossas de lã, as botas e vestiu um pulôver suplementar. Quando ia sair, deteve-se diante da porta: não lhe haviam dado as chaves da casa, e seu instinto de habitante de Estocolmo revoltava-se contra a idéia de deixar a porta de entrada aberta. Voltou à cozinha e vasculhou as gavetas. Acabou por encontrar a chave pendurada num prego no guarda-comida.

O termômetro descera a menos dezessete. Mikael atravessou a ponte com passos rápidos e subiu a encosta diante da igreja. O supermercado Konsum ficava a apenas trezentos metros. Encheu duas sacolas de papel com produtos básicos, que transportou para casa. Antes de cruzar a ponte uma segunda vez, passou pelo Café Susanne. Perguntou a uma mulher de cinquenta anos, atrás do balcão, se ela era a Susanne do letreiro e apresentou-se dizendo que provavelmente viria com regularidade durante algum tempo. Era o único freguês e Susanne ofereceu-lhe café para acompanhar o sanduíche que ele pediu. Mikael comprou também pão e croissants. Pegou o *Hedestads-Kuriren* do mostruário de jornais e instalou-se numa mesa, de onde avistava a ponte e a igreja, cuja fachada estava iluminada e parecia, na obscuridade, um cartão de Natal. Quatro ou cinco minutos foram suficientes para ler o jornal. A única informação interessante era um artigo

curto que dizia que um representante da comunidade, Birger Vanger (liberal), queria investir no IT TechCent — um centro de desenvolvimento tecnológico em Hedestad. Ficou ali por meia hora, até que o café fechasse, às seis.

Às sete e meia, Mikael ligou para Erika, mas só obteve como resposta uma voz dizendo que o telefone procurado não estava disponível. Sentou-se no banco da cozinha e tentou ler um romance, que, pelo que dizia a quarta capa, era a estréia sensacional de uma adolescente feminista. O romance narrava as tentativas da autora de pôr ordem em sua vida sexual durante uma viagem a Paris, e Mikael se perguntou se o chamariam de feminista se ele próprio escrevesse um romance com um vocabulário de colegial sobre sua vida sexual. Provavelmente não. Uma das razões que levaram Mikael a comprar o livro era que o editor descrevia a estreante como "uma nova Carina Rydberg". Logo constatou que não era nada disso, nem no estilo nem no conteúdo. Fechou o livro e começou a ler uma novela sobre Hopalong Cassidy numa *Rekordmagasinet* dos anos 1950.

Cada meia hora era pontuada por um breve toque do sino da igreja. Havia luz nas janelas da casa de Gunnar Nilsson, o faz-tudo do outro lado da estrada, mas Mikael não distinguia ninguém no interior. A casa de Harald Vanger estava mergulhada na escuridão. Por volta das nove da noite, um carro atravessou a ponte e desapareceu em direção ao promontório. Cerca de meia-noite, a iluminação da fachada da igreja se apagou. Aparentemente, resumiam-se a isso as distrações que Hedeby oferecia numa noite de sexta-feira naquele começo de janeiro. O silêncio era impressionante.

Tentou falar com Erika mais uma vez, e ouviu uma voz pedindo que deixasse uma mensagem. Fez isso, depois apagou a luz e foi se deitar. Seu último pensamento antes de dormir foi que corria o sério risco de enlouquecer com o isolamento em Hedeby.

Despertar num silêncio total foi completamente inusitado para ele. Mikael passou do sono profundo a um estado de vigília absoluta numa fração de segundos e em seguida permaneceu tranquilo, escutando. O frio reinava no cômodo. Virou a cabeça e olhou o relógio que pusera num banquinho ao lado da cama: 7h08. Nunca acordava cedo e precisava de duas chamadas do despertador para levantar. Mas ali, despertado sem alarme, sentia-se repousado.

Esquentou água para o café antes de tomar um banho, onde foi subitamente invadido pela sensação prazerosa da autocontemplação. Super-Blomkvist, o explorador das causas perdidas.

Ao mais leve toque, o misturador passava de uma água escaldante para uma água gelada. Não havia jornal para ler no café-da-manhã. A manteiga congelara e não havia fatiador de queijo na gaveta dos talheres. Lá fora, ainda estava tudo escuro. O termômetro indicava vinte e um graus negativos. Era um sábado.

O ponto de ônibus na aldeia Hedeby ficava diante do supermercado Konsum, e Mikael iniciou seu exílio indo às compras. Em Hedestad, desceu em frente à estação e foi até o centro da cidade para comprar calçados de inverno, duas ceroulas, algumas camisas de

flanela, uma jaqueta espessa, gorro de lã e luvas forradas. Na Teknikbutiken, encontrou um pequeno aparelho de televisão com antena telescópica. O vendedor garantiu que na aldeia ele conseguiria captar pelo menos a rede nacional, e Mikael o fez prometer um reembolso caso não fosse verdade.

Inscreveu-se na biblioteca e emprestou dois romances policiais de Elizabeth George. Numa papelaria, adquiriu canetas e blocos de notas. Comprou também uma mochila para carregar suas novas aquisições.

Para terminar, comprou um maço de cigarros. Parara de fumar dez anos antes, mas tinha recaídas episódicas e estava sentindo uma necessidade súbita de nicotina. Pôs o maço no bolso da jaqueta sem abri-lo. A última visita foi a uma ótica, onde procurou um produto de limpeza e encomendou novas lentes de contato.

Aproximadamente às duas da tarde, já de volta à ilha, estava retirando as etiquetas das roupas, quando ouviu a porta de entrada ser aberta. Uma mulher loura de uns cinquenta anos bateu na porta da cozinha ao entrar. Trazia um pão-de-ló num prato.

— Bom dia, venho desejar as boas-vindas. Meu nome é Helen Nilsson, moro do outro lado da estrada. Somos vizinhos agora.

Mikael apertou-lhe a mão e se apresentou.

— Sim, já vi você na tevê. É agradável ver luz acesa à noite na casa dos convidados.

Mikael preparou café — ela primeiro o recusou, mas acabou sentando-se à mesa da cozinha. Olhou pela janela.

— Aí vem vindo Henrik com meu marido. Estão trazendo caixas para o senhor, acredito.

Henrik Vanger e Gunnar Nilsson detiveram-se diante da casa com um carrinho de mão e Mikael saiu depressa para cumprimentar os dois homens e ajudar a carregar quatro pesadas caixas. Depuseram-nas no chão, ao lado do aquecedor a lenha. Mikael serviu mais xícaras de café e cortou em fatias o pão-de-ló de Helen.

Gunnar e Helen Nilsson eram pessoas simpáticas. Não pareciam muito curiosos de saber por que Mikael se achava em Hedestad — trabalhar para Henrik Vanger parecia-lhes uma explicação suficiente. Mikael constatou que os Nilsson e Henrik Vanger tratavam-se de maneira muito natural, sem distinção entre patrão e empregados. Falavam da aldeia e de quem construíra a casa onde Mikael habitava. O casal corrigia Vanger quando sua memória falhava; este, por sua vez, contou com humor a vez em que Gunnar Nilsson, ao voltar para casa tarde da noite, avistou o retardado mental da aldeia tentando entrar pela janela da casa dos convidados, e então perguntou ao pobre-coitado por que não entrava pela porta, que não estava trancada. Gunnar Nilsson observou com ceticismo o pequeno aparelho de televisão e convidou Mikael a ir à casa deles à noite, quando quisesse ver algum programa. Tinham uma parabólica.

Henrik Vanger ficou mais um momento depois que os Nilsson foram embora. O velho explicou que preferia deixar o próprio Mikael fazer uma seleção dos arquivos e que viria vê-lo se surgisse um problema. Mikael agradeceu, certo de que seria melhor assim.

Quando voltou a ficar a sós, Mikael levou as caixas para a saleta de trabalho e começou a examinar seu conteúdo.

As investigações pessoais de Henrik Vanger sobre o desaparecimento de sua jovem sobrinha haviam sido feitas ao longo de trinta e seis anos. Mikael tinha dificuldade de determinar se o interesse devia-se a uma obsessão doentia ou se, com o passar do tempo, transformara-se num jogo intelectual. O certo é que o velho patriarca pusera mãos à obra com a aplicação de um arqueólogo amador. As pastas, enfileiradas, chegavam a quase sete metros.

Vinte e seis arquivos compunham a base do inquérito policial sobre o desaparecimento de Harriet. Era difícil para Mikael imaginar que um desaparecimento "normal" produzisse um resultado tão volumoso. Henrik Vanger provavelmente exercera bastante influência para que a polícia de Hedestad seguisse todas as pistas, tanto as plausíveis como as inconcebíveis.

Além do inquérito policial, havias pastas com recortes de imprensa, álbuns de fotografias, mapas, suvenires, artigos de jornais sobre Hedestad e as empresas Vanger, o diário íntimo de Harriet Vanger (relativamente pequeno), livros de escola, atestados de saúde et cetera. Havia também uns quinze volumes encadernados, formato ofício, de cem páginas cada um, que poderiam ser definidos como o diário de bordo pessoal das investigações de Henrik Vanger. Nesses papéis o patriarca anotara, com letra cuidadosa, suas próprias reflexões, suas idéias, suas pistas que não levaram a nada e suas observações. Mikael folheou-os ao acaso. O texto era bem redigido e ele teve a impressão de que esses volumes eram cópias passadas a limpo de cadernos mais antigos. Para terminar, havia uns dez arquivos com material sobre diferentes membros da família Vanger; as páginas estavam datilografadas e haviam sido claramente redigidas por um longo período.

Henrik Vanger conduzira a investigação contra a própria família.

Por volta das sete da noite, Mikael ouviu um miado alto e abriu a porta da entrada. Um gato ruivo, diante dele, entrou correndo em busca de calor.

— Eu te entendo — disse Mikael.

O gato ficou algum tempo farejando tudo pela casa. Mikael despejou um pouco de leite numa travessa que o convidado não tardou a lamber. Depois o gato saltou para cima do banco e se enrolou, quieto, decidido a não sair dali.

Passava das dez da noite quando Mikael conseguiu ter uma idéia clara do material e dispor tudo nas prateleiras numa ordem compreensível. Foi até a cozinha, esquentou água para o café e preparou dois sanduíches. Ofereceu um pouco de presunto e patê de fígado ao gato. Não comera de forma adequada durante o dia, mas sentia-se estranhamente pouco preocupado com a alimentação. Depois de comer, tirou o maço de cigarros do bolso da jaqueta e o abriu.

Ouviu as mensagens do celular. Erika não chamara e ele tentou localizá-la. Novamente obteve como resposta apenas a secretária eletrônica.

Uma das primeiras providências de Mikael em sua investigação particular foi escanear o mapa de Hedebyön. Colocou o nome dos moradores em cada casa, enquanto ainda os tinha na memória após a visita guiada por Henrik. Logo percebeu que o clã Vanger oferecia uma galeria de personagens tão vasta que ele precisaria de tempo para se familiarizar com cada um.

Um pouco antes da meia-noite, agasalhou-se, pôs os calçados novos e saiu para um passeio do outro lado da ponte. Tomou a estrada que costeava o canal abaixo da igreja. O gelo cobria o canal e o velho porto, mas ao longe podia-se ver uma faixa mais escura de água livre. A iluminação da fachada da igreja se apagou nesse meio-tempo e ele ficou cercado pela escuridão. O frio era intenso e o céu estrelado.

De repente, Mikael sentiu-se muito deprimido. Não conseguia entender como pudera se deixar convencer a aceitar aquele trabalho insensato. Erika tinha razão, era perda de tempo. Ele deveria estar em Estocolmo agora — na cama com Erika, por exemplo —, preparando a ofensiva contra Hans-Erik Wennerström. Mas mesmo isso não o animava e ele não fazia a menor idéia de como iniciar uma estratégia de ataque.

Se não fosse tão tarde, teria procurado Henrik Vanger para romper o contrato e voltar para casa. Do alto da colina da igreja, podia constatar que a casa Vanger já estava em silêncio e com as luzes apagadas. Da igreja, via todas as moradias da ilha. A casa de Harald também estava às escuras, mas havia luz na de Cecilia e na mansão de Martin na ponta do promontório, e também uma lâmpada acesa na casa alugada. Próximo ao porto de recreio, via-se luz na casa de Eugen Norman, o pintor que morava no barraco com frestas, cuja chaminé expelia fagulhas. Também o andar superior do Café Susanne estava iluminado e Mikael se perguntou se ela morava ali e, nesse caso, se vivia sozinha.

Mikael dormiu até tarde no domingo e despertou, assustado, com um alarido irreal dominando toda a casa. Precisou de um segundo para se localizar e entender que eram os sinos chamando para a missa, e que portanto deviam ser quase onze horas. Ficou mais um pouco na cama, sem vontade de nada. Quando ouviu um miado exigente diante da porta, levantou-se e deixou o gato sair.

Perto do meio-dia, tomou um banho e fez o desjejum. Entrou decididamente na saleta de trabalho e pegou o primeiro arquivo do inquérito policial. Depois hesitou. Da janela lateral da casa, avistou o letreiro do Café Susanne, pôs o arquivo na bolsa e vestiu a jaqueta. Ao chegar ao café, viu que estava abarrotado de fregueses e então teve a resposta a uma pergunta que lhe martelava a cabeça: como um café pode sobreviver num buraco como a aldeia de Hedeby? Susanne contava com os fiéis que iam à igreja e com as refeições ligeiras após os enterros e outras cerimônias.

Optou por uma caminhada. Como o Konsum fechava aos domingos, andou mais umas centenas de metros pela estrada de Hedestad, onde comprou jornais na loja de conveniências de um posto de gasolina. Dedicou uma hora andando a pé pela aldeia e se familiarizando com os arredores em terra firme. A área mais próxima da igreja e diante do Konsum constituía o núcleo, com edificações antigas, sobrados de pedra que Mikael julgou construídos nos anos 1910 ou 1920, alinhados para formar uma pequena rua. No começo da via de acesso a Hedestad, erguiam-se pequenos prédios de apartamento para famílias com filhos e, mais adiante, junto à margem e do lado sul do supermercado, algumas mansões. A aldeia Hedeby era sem dúvida onde moravam as pessoas abastadas de Hedestad.

Quando voltou a se aproximar da ponte, o Café Susanne já não estava tão cheio, mas a proprietária ainda limpava as mesas.

— Rush de domingo? — ele comentou ao entrar.

Ela concordou com a cabeça e ajeitou uma mecha de cabelos atrás da orelha.

— Bom dia, senhor Mikael.

— Lembra o meu nome?

— Difícil não lembrar — ela respondeu. — Eu o vi na tevê, no julgamento antes do Natal.

Mikael sentiu-se constrangido.

— Eles precisam ocupar os noticiários com alguma coisa — murmurou, apressando-se em direção à mesa de canto, de onde podia avistar a ponte. Quando seu olhar cruzou com o de Susanne, ela sorria.

Às três da tarde, Susanne avisou que o café ia fechar. Após a afluência de clientes depois da missa, raros fregueses apareceram. Mikael lera pouco mais de um quinto do primeiro arquivo do inquérito policial sobre o desaparecimento de Harriet. Tornou a fechá-lo, pôs o bloco de anotações na bolsa e atravessou a ponte com passos rápidos, de volta para casa.

O gato esperava junto à porta e Mikael olhou ao redor perguntando-se a quem pertencia aquele gato. Mesmo assim deixou que ele entrasse, afinal era alguma companhia.

Tentou outra vez o celular de Erika, mas de novo caiu na secretária eletrônica. Ela estava certamente furiosa com ele. Poderia ter ligado direto para a redação ou para a casa dela, mas, teimoso como era, decidiu não fazer isso. Já deixara mensagens suficientes. Preparou um café, conduziu o gato ao banco da cozinha e abriu o arquivo em cima da mesa.

Lia devagar, concentrando-se para não deixar escapar detalhes. Quando voltou a fechar o arquivo, tarde da noite, enchera várias páginas do seu bloco com pontos de referência e perguntas cuja resposta esperava encontrar nos arquivos seguintes. Tudo estava organizado em ordem cronológica; não sabia ao certo se Henrik Vanger classificara assim ou se era esse o sistema da polícia nos anos 1960.

A primeira folha era a fotocópia de um formulário de declaração, preenchido à mão, do comissariado central da polícia de Hedestad. O agente que atendera o chamado assinara Ap Ryttinger, o que Mikael interpretou como "agente de plantão". Henrik Vanger fora designado como declarante, seu endereço e número de telefone estavam anotados. O relatório trazia a data: domingo, 23 de setembro de 1966, 11h 14. O texto era breve e seco:

Chamado de Hrk Vanger inf. que sua sobrinha (?) *Harriet Ulrika Vanger, nascida em 15 jan. 1950 (16 anos), desapareceu do seu domicílio na ilha Hedeby desde sábado à tarde. O declarante demonstra grande inquietação.*

Às 11h20, uma nota estabelecia que P-014 (policial? patrulha? piloto de uma lancha?) fora despachado ao local.

Às 1 lh35, outro texto, mais difícil de interpretar que o de Ryttinger, acrescentava que *Magnusson inf. ponte Hedeby ilha cont. fechada. Transp. por barco.* Na margem, a assinatura era ilegível.

Às 12hl4, Ryttinger novamente: *Chamada tel. Magnusson em H-by inf. que Harriet Vanger, 16 anos, está ausente desde começo tarde de sábado. Fam. demonstra grande inquietação. Aparentemente não dormiu em sua cama. Não pôde deixar ilha por causa acidente na ponte. Nenhum dos membros da família sabe onde HV se encontra.*

Às 12h l9: G. M. *informado do caso por tel.*

A última informação fora anotada às 13h42: G. M. *chegou a H-by; encarrega-se do caso.*

A folha seguinte revelava que as misteriosas iniciais G. M. referiam-se a Gustav Morell, um inspetor de polícia que chegara de barco à ilha Hedeby, assumira o comando das operações e fizera uma declaração formal sobre o desaparecimento de Harriet Vanger. Ao contrário das notas preliminares com suas abreviações, os relatórios de Morell estavam escritos à máquina e numa prosa legível. Nas páginas seguintes, ele relatava as medidas que haviam sido tomadas com uma objetividade e uma riqueza de detalhes que surpreenderam Mikael.

Morell fora sistemático. Primeiro interrogara Henrik Vanger em companhia de Isabella Vanger, a mãe de Harriet. A seguir falara sucessivamente com Ulrika Vanger, Harald Vanger, Greger Vanger, com o irmão de Harriet, Martin Vanger, e Anita Vanger. Mikael concluiu que essas pessoas haviam sido interrogadas segundo uma espécie de escala de importância decrescente.

Ulrika Vanger era a mãe de Henrik e parecia ter um estatuto semelhante ao de uma rainha-mãe. Ulrika morava na casa Vanger e não tinha nenhuma informação para dar. Fora deitar-se cedo na véspera e fazia dias não via Harriet. Na verdade, ela só insistira em falar com o inspetor Morell para expressar sua opinião de que a polícia devia agir imediatamente.

Harald Vanger era o irmão de Henrik e o número dois na lista dos membros influentes da família. Ele explicava que tinha visto Harriet muito rapidamente quando ela voltou do desfile em Hedestad, mas que não a vira desde que o acidente ocorrera na ponte e não sabia onde ela se encontrava no momento.

Greger Vanger, irmão de Henrik e Harald, declarava que vira a jovem desaparecida quando ela tinha ido ao escritório de Henrik pedir para conversar com o tio-avô após sua ida a Hedestad, na manhã de sábado. Greger acrescentava que não dirigira a ela senão um bom-dia. Não sabia onde ela podia estar, mas achava que decerto fora à casa de alguma colega sem avisar ninguém e que seguramente não tardaria a voltar. Não soube responder à pergunta de como, então, ela teria deixado a ilha.

Martin Vanger fora interrogado às pressas. Aluno do último ano num colégio de Uppsala, morava nessa cidade na casa de Harald Vanger. Como não houve lugar para ele no carro de Harald, viera de trem a Hedeby. Chegou tão tarde que ficou preso do outro lado da ponte e só pôde chegar à ilha tarde da noite, de barco. Fora interrogado na esperança de que a irmã pudesse ter se aberto com ele e talvez confessado a intenção de fugir. A pergunta fora recebida com protestos da mãe de Harriet, mas o inspetor Morell julgou naquele instante que uma fuga representava antes uma esperança. Martin, porém, não falava com a irmã desde as últimas férias e não tinha nenhuma informação importante a dar.

Anita Vanger, a filha de Harald, era apresentada, de maneira errônea, como "prima" de Harriet— na realidade, Harriet era filha do primo de Anita. Estava no primeiro ano da faculdade em Estocolmo e passara o verão em Hedeby. Tinha quase a mesma idade que

Harriet e as duas eram muito amigas. Ela declarava que chegara à ilha com o pai no sábado, que se alegrara em poder rever Harriet, mas que não tivera tempo para isso. Anita dizia-se inquieta porque não era próprio de Harriet desaparecer sem dizer nada à família. Nisso concordava tanto com Henrik quanto com Isabella Vanger.

Enquanto interrogava os membros da família, o inspetor Morell ordenara aos agentes de polícia Magnusson e Bergman — a patrulha 014! — que organizassem uma primeira busca antes do anoitecer. A ponte continuava fechada, era difícil trazer reforços do continente; o primeiro grupo de busca foi formado por cerca de trinta pessoas disponíveis, homens e mulheres de idades variadas. Até o final da tarde foram examinadas as cabanas desabitadas no porto de recreio, as praias do promontório e as margens do canal, a parte arborizada perto do povoado e também o monte Sul, acima do porto de recreio, isso depois de alguém sugerir que Harriet talvez tivesse subido lá para obter uma boa visão geral do acidente na ponte. Patrulhas foram igualmente enviadas a Östergarden e ao chalé de Gottfried do outro lado da ilha, para onde Harriet ia de vez em quando.

No entanto as buscas não deram em nada e foram interrompidas com a noite já avançada, por volta das dez horas. Na madrugada, a temperatura caíra a zero grau.

Durante a tarde, o inspetor Morell instalara seu QG numa sala que Henrik Vanger pusera à sua disposição no andar térreo da casa Vanger. Ele tomou uma série de providências.

Acompanhado de Isabella Vanger, inspecionou o quarto de Harriet para tentar descobrir se faltava alguma coisa, roupas, uma sacola ou algo semelhante que pudesse indicar que Harriet fugira, Isabella, pouco prestativa, não parecia ter a menor idéia do guarda-roupa da filha. *Ela geralmente veste jeans, mas são todos parecidos.* A bolsa de Harriet foi encontrada em cima da escrivaninha. Continha sua carteira de identidade, um porta-moedas com nove coroas e cinquenta centavos, um pente, um espelhinho e um lenço. Após a inspeção, o quarto de Harriet foi lacrado.

Morell interrogou outras pessoas, tanto membros da família quanto empregados. Todos os interrogatórios foram minuciosamente registrados.

Como os participantes da primeira batida iam voltando aos poucos e sem informações proveitosas, o inspetor decidiu realizar buscas mais sistemáticas. No começo da noite, reforços foram chamados; Morell entrou em contato, entre outros, com o presidente do clube de orientação de Hedestad, pedindo-lhe que convocasse seus membros para uma batida. Por volta da meia-noite, responderam-lhe que cinquenta e três atletas ativos, sobretudo da categoria júnior, estariam na casa Vanger às sete da manhã do dia seguinte. A contribuição de Henrik Vanger fora convocar, pura e simplesmente, toda a equipe da manhã da fábrica de papel Vanger local, cinquenta homens, além de providenciar bebida e comida para todo esse pessoal.

Mikael Blomkvist não teve nenhuma dificuldade em imaginar as cenas que devem ter se passado na casa Vanger durante aqueles dias repletos de acontecimentos. Estava claro que o acidente na ponte contribuíra para a confusão das primeiras horas, seja complicando a possibilidade de obter reforços eficazes, seja porque todos achavam que dois acontecimentos tão dramáticos ocorridos no mesmo lugar e na mesma hora tinham necessariamente uma ligação. Depois que retiraram o caminhão-tanque da ponte, contra todas as probabilidades, o inspetor Morell fora certificar-se pessoalmente de que Harriet não se achava sob os destroços. Foi a única ação irracional que Mikael identificou nos procedimentos do inspetor, pois a jovem desaparecida fora comprovadamente vista na ilha depois de ocorrido o desastre. No entanto, sem que pudesse explicar a si mesmo por quê, o

responsável pelas investigações não conseguia tirar da cabeça a idéia de que um dos acontecimentos havia, de algum modo, provocado o outro.

As primeiras vinte e quatro horas viram minguar as esperanças de um desfecho rápido e feliz do caso, substituídas gradualmente por duas especulações. Apesar das dificuldades evidentes de poder abandonar a ilha sem ser vista, Morell não queria excluir a possibilidade de Harriet ter fugido. Decidiu ampliar as buscas e ordenou que os policiais da patrulha em Hedestad ficassem de olhos abertos. Também passou a um colega da divisão criminal a tarefa de interrogar motoristas de ônibus e o pessoal da ferrovia, para o caso de alguém a ter visto.

Quanto mais respostas negativas chegavam, mais parecia provável que Harriet fora vítima de um acidente. Essa hipótese passou a dominar a organização das buscas nos dias seguintes.

Dois dias depois do desaparecimento, uma grande batida foi realizada, e, de acordo com a avaliação de Mikael Blomkvist, com a maior competência. Policiais e bombeiros com experiência em casos semelhantes comandaram as buscas. Embora houvesse algumas áreas de difícil acesso, a superfície era limitada e a ilha inteira foi submetida a uma operação pente-fino. Um barco da polícia e dois de recreio, voluntários, sondaram da melhor maneira possível as águas ao redor da ilha.

No dia seguinte, as buscas foram retomadas com uma equipe reduzida. Dessa vez, patrulhas foram enviadas a uma segunda batida nos pontos de acesso mais difícil, bem como numa área chamada "A Fortificação" — um conjunto de bunkers abandonados que a defesa costeira havia montado durante a Segunda Guerra. Assim foram examinados nesse dia todos os pequenos redutos, poços, grutas, depósitos e porões do povoado.

Podia-se ler uma certa frustração numa nota de serviço que anunciava a interrupção das buscas no terceiro dia após o desaparecimento. Naturalmente Gustav Morell ainda não tinha consciência disto, mas naquele instante, na realidade, ele havia atingido o ponto culminante de suas buscas, o qual jamais ultrapassaria. Mergulhado na maior perplexidade, não sabia como recomendar a próxima etapa lógica ou um local onde as buscas devessem recomeçar. Harriet Vanger aparentemente sumira no ar, e o calvário de Henrik Vanger, que haveria de prosseguir por quarenta anos, estava apenas começando.

9. SEGUNDA-FEIRA 6 DE JANEIRO – QUARTA-FEIRA 8 DE JANEIRO

Mikael continuou lendo até o amanhecer e levantou-se tarde no Dia de Reis. Um Volvo azul-marinho, último tipo, estava estacionado diante da casa de Henrik Vanger. No momento em que Mikael punha a mão na maçaneta da porta, ela se abriu e um homem de uns cinquenta anos saiu. Por pouco não colidiram. O homem parecia apressado.

— Sim, posso ajudá-lo?

— Vim ver Henrik Vanger — respondeu Mikael.

O olhar do homem se abrandou. Ele sorriu e estendeu a mão.

— Você deve ser Mikael Blomkvist, o homem que vai ajudar Henrik a fazer a crônica da família, não?

Mikael assentiu com a cabeça e apertou-lhe a mão. Aparentemente, Henrik já começara a espalhar a história que, para todos os efeitos, explicaria a presença de Mikael em Hedestad. O homem tinha excesso de peso — resultado dos muitos anos de estresse em escritórios e salas de reunião —, mas Mikael notou imediatamente em seu rosto traços que lembravam Harriet Vanger.

— Sou Martin Vanger — ele confirmou. — Bem-vindo a Hedestad.

— Obrigado.

— Vi você na televisão não faz muito tempo.

— Tenho a impressão de que o mundo todo me viu na televisão.

— Wennerström não é... muito popular nesta casa.

— Foi o que Henrik me disse. Estou esperando o desenrolar da história.

— Ele me contou outro dia que o havia contratado. — Martin Vanger deu uma risada. — Disse-me que foi provavelmente por causa de Wennerström que você aceitou este trabalho.

Mikael hesitou um segundo antes de se decidir a falar com franqueza.

— Admito que é uma das razões. Mas, para ser franco, estava precisando me afastar de Estocolmo, e Hedestad apareceu na hora certa, acho. Não posso fazer de conta que o processo não existiu. Terei que cumprir uma pena de prisão.

Martin Vanger assentiu com a cabeça e voltou a ficar sério.

— Você tem a possibilidade de recorrer?

— No meu caso não adiantaria nada. Martin consultou seu relógio.

— Preciso estar em Estocolmo hoje à noite. Estou com pressa, voltarei dentro de alguns dias. Vá jantar lá em casa qualquer dia. Tenho muita vontade de ouvir o que realmente se passou nesse processo.

Apertaram-se de novo as mãos antes de Martin descer e abrir a porta do Volvo. Ele se virou e disse a Mikael:

— Henrik está no andar de cima. Vá até lá.

Henrik Vanger estava sentado no sofá de seu escritório com o *Hedestads-Kuriren,* o *Dagens Industri,* o *Svenska Dagbladet* e os dois jornais vespertinos sobre a mesa diante dele.

— Encontrei Martin na entrada.

— Está partindo em socorro do império — respondeu Henrik, brandindo a garrafa térmica. — Café?

— Sim, aceito — respondeu Mikael. Sentou-se, perguntando-se por que Henrik Vanger parecia divertir-se tanto.

— Estão falando de você no jornal.

Henrik Vanger empurrou um dos jornais da noite, aberto na manchete "Curto-circuito jornalístico". O artigo era escrito por um ex-cronista do *Finansmagasinet Monopol,* o perfeito insípido de terno e gravata, especialista na arte de denegrir todos os que se engajavam em alguma causa ou que ousavam levantar a cabeça. Feministas, anti-racistas e militantes do meio ambiente podiam contar com suas farpas, sem que ele próprio emitisse nenhuma opinião passível de controvérsia. Mas agora, aparentemente, convertera-se em crítico; semanas após o julgamento do caso Wennerström, passou a focalizar suas energias contra Mikael Blomkvist, que descrevia com todas as letras como um verdadeiro idiota. Erika Berger era pintada como um vaso decorativo da mídia, perfeitamente incompetente:

> Corre o rumor de que a *Millennium* está sucumbindo, embora sua diretora seja uma feminista de minissaia e desfile seu mau humor na tevê. Por vários anos a revista sobreviveu da imagem que a redação conseguiu vender — a de jovens repórteres ávidos por investigações que desmascaram os vigaristas do mundo dos negócios. O truque comercial talvez funcione com jovens anarquistas desejosos de ouvir essa mensagem, mas não funciona no tribunal. E o Super-Blomkvist acaba de comprovar isso.

Mikael verificou no celular se havia alguma chamada de Erika. Não havia nenhuma. Henrik Vanger esperava, silencioso. Mikael percebeu de repente que o velho pretendia que ele interrompesse o silêncio.

— Ele é um cretino — disse Mikael.

Henrik riu, mas acrescentou um comentário desprovido de qualquer sentimentalismo:

— É possível. Mas não foi ele que foi condenado pela Justiça.

— É verdade. E também nunca será. Não é o tipo que gosta de investigar, pega sempre o trem em marcha e joga a última pedra nos termos mais degradantes possíveis.

— Cansei de encontrar gente assim na minha vida. Um bom conselho, se é que quer aceitar um conselho meu: ignore-o quando ele estiver provocando, nunca esqueça nada e dê-lhe o troco quando puder. Mas não agora que ele ataca em posição de força.

Mikael o interrogou com o olhar.

— Tive numerosos inimigos ao longo dos anos e aprendi uma coisa: não aceitar o combate quando é certo que se vai perder. Em compensação, jamais dê folga a quem o demoliu. Seja paciente e responda quando estiver em posição de força, mesmo que não haja mais necessidade de responder.

— Obrigado por essa aula de filosofia. Mas agora gostaria que me falasse da sua família. — Mikael colocou um gravador na mesa entre os dois e acionou a tecla.

— O que deseja saber?

— Li o primeiro arquivo, sobre o desaparecimento de Harriet e as buscas dos primeiros dias. Mas há tantos Vanger que não consigo distinguir um do outro.

Imóvel no *hall* do elevador vazio, Lisbeth Salander permaneceu durante cerca de dez minutos com o olhar fixo na placa de metal amarelo que anunciava Dr. N. E. Bjurman, advogado, antes de tocar a campainha. A fechadura da porta emitiu um pequeno estalo.

Era terça-feira. Era o segundo encontro e ela tinha maus pressentimentos.

Não que tivesse medo do dr. Bjurman — Lisbeth Salander raramente tinha medo das pessoas ou das coisas. Mas sentia um profundo mal-estar diante desse novo tutor. O predecessor de Bjurman, o dr. Holger Palmgren, tinha uma índole bem diferente; correto, cortês e amável. Sua relação com ele terminara brutalmente três meses antes, Palmgren sofrera um derrame cerebral. E Nils Erik Bjurman o sucedera segundo uma lógica administrativa que ela não entendia.

Durante os doze anos em que Lisbeth Salander foi objeto de cuidados sociais e psiquiátricos, dois deles passados numa clínica pediátrica, em nenhum momento ela respondeu — nem uma vez sequer — à simples pergunta "Como você está se sentindo hoje?".

Lisbeth Salander tinha treze anos quando o tribunal de primeira instância, cumprindo a lei de proteção a menores, decidiu que ela deveria ser internada na clínica de psiquiatria infantil Sankt Stefan, em Uppsala. A decisão se baseava principalmente num parecer segundo o qual ela apresentava distúrbios psiquiátricos e era considerada potencialmente perigosa para seus colegas de classe e eventualmente para si mesma.

Essa suposição se apoiava mais em julgamentos empíricos do que numa análise cuidadosa. Cada tentativa de médicos e professores para iniciar uma conversa sobre seus sentimentos, seus pensamentos ou seu estado de saúde sempre esbarrara, para grande frustração deles, num silêncio compacto, obtuso e num olhar obstinadamente dirigido ao chão, ao teto e às paredes. Ela cruzava os braços de modo sistemático e se recusava a participar de testes psicológicos. Sua total resistência a todas as tentativas de medi-la,

pesá-la, cartografá-la, analisá-la e educá-la se aplicava também aos trabalhos escolares — as autoridades podiam levá-la a uma sala de aula e acorrentá-la à carteira, mas não podiam impedi-la de tapar os ouvidos e de se recusar a pegar uma caneta na hora dos testes. Ela deixou a escola sem um boletim de avaliação.

O simples estabelecimento de um diagnóstico sobre seus problemas mentais revelou-se, portanto, algo complicado. Lisbeth Salander era tudo, menos uma pessoa manejável.

Tinha treze anos quando foi tomada também a decisão de atribuir-lhe um administrador *ad hoc* para zelar por seus interesses e bens até a maioridade. O administrador designado, o advogado Holger Palmgren, apesar de um começo relativamente difícil, foi bem-sucedido onde psiquiatras e médicos fracassaram. Aos poucos, ganhou não apenas uma certa confiança mas também uma pequena afeição dessa menina complicada.

Quando completou quinze anos, os médicos puseram-se mais ou menos de acordo sobre ela não ser violenta e perigosa e não constituir um perigo para si mesma. Como sua família fora declarada incompetente, e não havendo mais ninguém que pudesse se responsabilizar por seu bem-estar, decidiu-se que Lisbeth Salander poderia deixar a clínica de Uppsala e retornar à sociedade por intermédio de uma família substituta.

A operação não foi simples. Ela fugiu da casa da primeira família substituta já na segunda semana. As famílias número 2 e número 3 também foram descartadas rapidamente. Palmgren teve então uma conversa séria com ela e explicou que, se prosseguisse naquele caminho, fatalmente acabaria voltando a uma instituição. A falsa ameaça fez que ela aceitasse a família número 4 — um casal idoso que morava em Midsommarkransen.

Isso não quis dizer que ela se transformou em uma moça bem-comportada. Com dezessete anos, Lisbeth Salander foi detida pela polícia quatro vezes, duas delas num estado de embriaguez tão avançado que precisou ser levada ao hospital, e uma vez sob o efeito de drogas. Numa dessas ocasiões, encontraram-na completamente bêbada e com as roupas em desordem no banco traseiro de um carro estacionado na Söder Mälarstrand. Estava acompanhada de um homem também embriagado e consideravelmente mais velho que ela.

A última intervenção ocorrera três semanas antes de ela completar dezoito anos, quando desferiu um pontapé na cabeça de um passageiro na estação de metrô de Gamla Stan. Estava perfeitamente sóbria. O incidente lhe valeu um indiciamento por insulto e agressão. Salander justificou o gesto dizendo que o homem a bolinara e, como sua aparência era de alguém de doze e não de dezoito anos, ela achou que o bolinador tinha tendências pedófilas. Na medida, é claro, em que conseguiu explicar alguma coisa. Contudo, suas declarações foram sustentadas por testemunhas e o promotor arquivou o caso.

Mesmo assim, com base em informações sobre seu passado, o tribunal ordenou um exame psiquiátrico. Fiel a seus hábitos, ela se recusou a responder às perguntas e a participar dos exames, e os médicos consultados pela direção de Saúde e Assistência Social acabaram dando um parecer sobre "suas observações da paciente". O que exatamente se podia observar no caso de uma jovem sempre calada, sentada de braços

cruzados e com expressão amuada, era um tanto vago. Ficou estabelecido apenas que ela sofria de problemas psíquicos que requeriam tratamento. O relatório médico-legal preconizava um acompanhamento numa instituição psiquiátrica. Paralelamente, um subdiretor da comissão de assistência social redigiu um relatório no qual constavam as conclusões da perícia psiquiátrica.

Referindo-se ao quadro de Lisbeth Salander, o relatório mencionava *um grande risco de abuso de álcool ou de drogas e falta de instinto de preservação.* Seu caso era descrito em termos categóricos: *introvertida, socialmente limitada, ausência de empatia, egocêntrica, comportamento psicopata e anti-social, dificuldades de colaboração e de aprendizado.* Quem lesse o dossiê podia facilmente concluir que ela tinha um grave retardo. Outro fato também a prejudicava: a equipe de intervenção dos serviços sociais a observara diversas vezes na companhia de diferentes homens nos arredores da rua Mariatorget. Certa vez, fora também interpelada no parque Tantolunden, de novo acompanhada de um homem consideravelmente mais velho. Supunha-se que, de uma forma ou de outra, Lisbeth Salander praticava, ou corria o risco de começar a praticar, a prostituição.

No dia em que o tribunal de primeira instância — a jurisdição à qual cabia determinar seu futuro — se reuniu para tomar uma decisão sobre o caso, a saída parecia traçada de antemão. Sendo manifestamente uma jovem com problemas, era pouco provável que os magistrados seguissem outro caminho que não as recomendações dadas pelo inquérito social e pelo inquérito de psiquiatria legal.

Na manhã do dia em que deveria comparecer ao tribunal, foram buscar Lisbeth Salander na clínica psiquiátrica onde ela estava internada desde o incidente na estação de Gamla Stan. Ela se sentia como um boi no matadouro, sem a menor esperança de sobrevivência. A primeira pessoa que avistou na sala de audiência foi Holger Palmgren, e ela demorou um momento até entender que ele não estava ali na qualidade de administrador, mas como seu advogado e conselheiro jurídico. Descobriu então um novo aspecto desse homem.

Para sua grande surpresa, Palmgren estava a seu lado no canto do ringue e argumentou vigorosamente contra a proposta de internação. Ela não deixou transparecer surpresa nem sequer erguendo uma sobrancelha, mas escutou intensamente cada palavra pronunciada por ele. Palmgren mostrou-se brilhante durante as duas horas em que interrogou o dr. Jesper H. Löderman, o médico que assinara a recomendação de encerrar Salander numa instituição. Tudo o que o relatório dizia foi discutido e o médico chamado a explicar o fundamento científico de cada afirmação. Aos poucos ficou evidente, visto que a paciente se recusara a se submeter aos testes, que as conclusões médicas se baseavam apenas em suposições e não numa certeza.

No final das deliberações do tribunal, Palmgren deu a entender que, muito provavelmente, uma internação coercitiva não apenas se opunha às decisões do Parlamento sobre questões desse gênero mas também podia se tornar um cavalo de batalha para os políticos e a mídia. Portanto, era do interesse de todos encontrar uma alternativa conveniente. Tal linguagem não era habitual nas deliberações desse tipo de caso, e os membros do tribunal manifestaram certa inquietação.

A solução foi, de fato, um acordo político. O tribunal de primeira instância estabeleceu que Lisbeth Salander sofria de doença mental, mas que sua loucura não requeria necessariamente internação. Em troca, levou-se em conta a recomendação, feita

pelo diretor da assistência social, de uma tutela. Ao que o presidente do tribunal se virou com um sorriso venenoso em direção a Holger Palmgren, que até então fora o administrador *ad hoc* de Salander, perguntando-lhe se aceitava assumir esse papel. O presidente esperava evidentemente que o advogado recuasse e tentasse tirar o corpo fora, mas Palmgren declarou, ao contrário, que se encarregaria com prazer da tarefa de tutoriar a srta. Salander — com uma condição.

"Isso pressupõe, evidentemente, que a senhorita Salander tenha confiança em mim e me aceite como tutor."

E virou-se para ela. Lisbeth Salander estava um pouco perplexa após as trocas de réplicas disparadas acima de sua cabeça ao longo de toda a jornada. Até então, nunca ninguém pedira sua opinião. Ela olhou demoradamente para Holger Palmgren e então assentiu com a cabeça uma vez.

Palmgren era uma mistura estranha de jurista e trabalhador social da velha escola. No início da carreira, fora membro da comissão de assistência social e dedicara quase toda a vida a lidar com crianças difíceis. Um respeito constrangido, que beirava a amizade, se estabeleceu entre o advogado e sua protegida incomparavelmente mais difícil.

A relação dos dois durou onze anos, desde os treze anos de Lisbeth até o final do ano anterior, quando ela fora à casa de Palmgren algumas semanas antes do Natal, já que ele não comparecera a um de seus encontros marcados. Como ele não abriu a porta, embora se ouvissem ruídos no apartamento, ela entrou por fora, escalando um tubo de escoamento pluvial até a sacada do quarto andar. Encontrou-o estendido no vestíbulo, consciente mas incapaz de falar e de se mover após um derrame cerebral. Ela chamou a ambulância e o acompanhou ao hospital com uma sensação crescente de pânico no estômago. Durante três dias e três noites, ela praticamente não deixou o corredor da UTI. Como um cão de guarda fiel, vigiava cada passo dos médicos e enfermeiras que entravam e saíam. Andava pelo corredor de um lado para o outro e cravava os olhos em cada médico que se aproximava dela. Finalmente, um médico, cujo nome ela nunca soube, a introduziu numa sala e lhe explicou a gravidade da situação. O estado de Holger Palmgren era crítico após uma grave hemorragia cerebral. Provavelmente não recuperaria a consciência. Tinha apenas sessenta e quatro anos. Ela não chorou nem demonstrou o menor sentimento. Levantou-se, deixou o hospital e nunca mais retornou.

Cinco semanas depois, a comissão de tutelas convocou Lisbeth Salander para um primeiro encontro com o novo tutor. Seu primeiro impulso foi ignorar a convocação, mas Holger Palmgren inculcara cuidadosamente em sua consciência que todo ato acarreta consequências. Nesse estágio, ela aprendera a analisar as consequências antes de agir e, refletindo melhor, concluiu que a saída mais indolor para aquele dilema era satisfazer a comissão de tutelas, comportando-se como se a opinião deles realmente importasse.

Assim, em dezembro apresentou-se docilmente — uma curta pausa na investigação sobre Mikael Blomkvist — no escritório de Bjurman na rua Sankt Eriksplan, onde uma mulher de idade, representante da comissão, entregara o volumoso dossiê ao advogado. A senhora perguntou-lhe gentilmente como estava e pareceu satisfeita com o silêncio obstinado que obteve como resposta. Ao cabo de meia hora, deixou Salander aos cuidados de Bjurman.

Lisbeth Salander detestou o advogado cinco segundos depois de apertar-lhe a mão.

Examinou-o furtivamente enquanto ele lia o dossiê. Pouco mais de cinquenta anos. Corpo atlético, de quem joga tênis às terças e sextas-feiras. Louro. Cabelos finos. Covinha no queixo. Loção de barba Boss. Terno azul. Gravata vermelha com alfinete dourado e botões no punho da camisa com as iniciais N. E. B. Óculos com armação metálica. Olhos cinzentos. A julgar pelas revistas em cima de uma mesa baixa, interessava-se por caça e tiro.

Durante os dez anos em que se encontrara regularmente com Palmgren, ele lhe oferecia café e conversava com ela. Mesmo suas piores fugas das famílias substitutas ou suas ausências sistemáticas da escola não conseguiram desestabilizá-lo. A única vez que Palmgren ficou realmente furioso foi quando a indiciaram por insulto e agressão ao sujeito nojento que a tinha bolinado no metrô. Percebe o que fez? Você atacou um ser humano, Lisbeth. Parecia um velho professor e ela pacientemente ignorou cada palavra da descompostura.

Bjurman não estava disposto a conversar. Logo de início constatou que havia incompatibilidade entre os deveres de Holger Palmgren previstos pelo regulamento da tutela e o fato de ele aparentemente ter deixado que a própria Lisbeth Salander administrasse seu apartamento e seu orçamento. Fez uma espécie de interrogatório. Quanto você ganha? Quero uma cópia da sua contabilidade. Quem são seus amigos? Paga o aluguel em dia? Costuma beber? Palmgren estava de acordo com esses anéis que tem no rosto? É cuidadosa em matéria de higiene?

Vá se foder!

Palmgren tornara-se seu administrador *ad hoc* pouco depois que todo o Mal aconteceu. Ele insistira em vê-la pelo menos uma vez por mês em encontros fixos, e às vezes com mais frequência. Desde que ela retornara à Lundagatan, eles eram praticamente vizinhos. Palmgren morava na Hornsgatan, perto da casa dela, e quase sempre se cruzavam e iam tomar um café no Giffy ou em outra parte do bairro. Palmgren nunca fora importuno, mas às vezes passava para vê-la com um presentinho de aniversário, por exemplo. Ela tinha o convite permanente para visitá-lo a qualquer momento, privilégio que raramente usou, mas nos últimos anos passara as vésperas de Natal na casa dele depois de visitar a mãe. Comiam peru de Natal e jogavam xadrez. Esse jogo de modo nenhum a interessava, mas, depois que aprendeu as regras, não perdeu uma só partida. Palmgren era viúvo e Lisbeth Salander encarava como um dever seu ter piedade dele e de sua solidão nesses dias de festa.

Achava que lhe devia isso, e ela sempre pagava suas dívidas.

Palmgren é que sublocara o apartamento da mãe na Lundagatan até que Lisbeth tivesse necessidade de lugar próprio para morar. O apartamento de quarenta e nove metros quadrados estava decrépito e sujo, mas ainda assim era um teto.

Agora Palmgren se fora, e outro laço com a sociedade normal acabava de ser desfeito. Nils Bjurman era outro tipo de gente. Ela não imaginava passar uma véspera de Natal na casa dele. A primeira medida que ele tomou foi estabelecer novas regras sobre o acesso à conta bancária na qual era depositado seu salário. Palmgren fechara gentilmente os olhos para o regime das tutelas e deixara que ela mesma administrasse seu orçamento. Lisbeth pagava as contas e podia utilizar sua poupança quando bem entendesse.

Tendo se preparado para o encontro com Bjurman na semana anterior ao Natal, ela tentou explicar a ele que seu predecessor confiara nela e que ela nunca o decepcionara. Palmgren deixara-a conduzir o barco sem se intrometer em sua vida particular.

— Esse é justamente um dos problemas — respondeu Bjurman, tamborilando sobre a pasta do dossiê.

Depois fez um longo discurso a respeito das regras e dos decretos administrativos referentes às tutelas, antes de informá-la que uma nova ordem entraria em vigor.

— Ele deixou que você agisse à vontade, não foi? Eu me pergunto como conseguiu não bater com o martelo nos dedos.

Porque fazia quarenta anos que o velho cuidava de adolescentes com problemas, seu imbecil!

— Não sou mais uma criança — disse Lisbeth Salander, como se isso bastasse como explicação.

— Não, não é mais uma criança. Mas fui designado para ser seu tutor e, como tal, sou jurídica e economicamente responsável por você.

A primeira medida de Bjurman foi abrir uma nova conta bancária em nome dele, que ela devia indicar à contabilidade da Milton e que seria utilizada daí em diante. Salander se deu conta de que os dias felizes tinham acabado: agora Bjurman pagaria suas contas e ela teria uma quantia fixa para os gastos mensais e lhe forneceria os recibos das despesas. Ele decidiu que ela receberia mil e quatrocentas coroas por semana — "para alimentação, roupas, cinema e coisas do gênero".

Conforme escolhesse trabalhar muito ou pouco, Lisbeth Salander podia ganhar até cento e sessenta mil coroas por ano. Podia facilmente dobrar essa quantia se trabalhasse em tempo integral e aceitasse todas as missões que Dragan Armanskij viesse a propor. Por outro lado, tinha poucas contas a pagar e não gastava muito. O apartamento custava-lhe duas mil coroas por mês e, apesar de seus rendimentos modestos, tinha noventa mil coroas na conta de poupança. Poupança da qual não ia mais poder dispor livremente.

— Eu sou o responsável pelo seu dinheiro — ele explicou. — Você deve reservar um dinheiro para o futuro. Mas não se preocupe, eu me encarregarei disso.

Eu mesma me encarrego disso há dez anos, seu babaca!

— Está se saindo suficientemente bem de um ponto de vista social para não precisar ser internada, mas a sociedade é responsável por você.

Ele a interrogou em detalhe sobre suas tarefas na Milton Security. Instintivamente, ela mentiu sobre seu trabalho. A resposta que forneceu era uma descrição do que havia feito nas primeiras semanas de trabalho. Assim, Bjurman teve a impressão de que ela apenas fazia o café e selecionava a correspondência — atividades de uma pessoa de pouca inteligência — e pareceu satisfeito com as respostas.

Ela não sabia por que mentira, mas estava convencida de que agira bem.

Mesmo que o advogado Bjurman figurasse numa lista de espécies de insetos ameaçadas de extinção, não teria hesitado em esmagá-lo com o calcanhar.

Mikael Blomkvist passou cinco horas na companhia de Henrik Vanger e dedicou uma parte da noite e a terça-feira toda para organizar suas notas e montar o quebra-cabeça genealógico dos Vanger. A história familiar que resultava das conversas com Henrik era uma versão muito diferente da que era dada no retrato oficial da família. Mikael sabia

perfeitamente que todas as famílias têm esqueletos no armário. A família Vanger tinha um cemitério inteiro.

Mikael precisou lembrar-se várias vezes de que seu trabalho real não era escrever uma biografia da família Vanger, mas desvendar o que acontecera com Harriet Vanger. Aceitara a missão convencido de que, na realidade, desperdiçaria um ano com a bunda numa cadeira e de que os esforços que faria por Henrik Vanger não levariam a nada. Ao cabo de um ano, receberia um salário extravagante — o contrato redigido por Dirch Frode fora assinado. Mas o verdadeiro salário, ele esperava, seria a informação sobre Hans-Erik Wennerström, que Henrik afirmava possuir.

Depois da conversa com Henrik Vanger, ele começou a dizer a si mesmo que podia não ser um ano perdido. Um livro sobre a família Vanger tinha lá seu valor — era simplesmente um assunto interessante.

Não lhe passava pela mente, nem por um único segundo, que pudesse descobrir o assassino de Harriet Vanger — se é que ela fora mesmo assassinada; podia ter sido vítima de um acidente absurdo ou desaparecido de outra maneira. Mikael concordava com Henrik sobre a quase improbabilidade de uma jovem de dezesseis anos desaparecer por vontade própria e conseguir permanecer oculta a todos os sistemas de vigilância oficiais durante trinta e seis anos. Em contrapartida, Mikael não excluía a possibilidade de Harriet Vanger ter fugido, para Estocolmo talvez, e de alguma coisa ter acontecido no caminho — drogas, prostituição, uma agressão ou simplesmente um acidente.

Por seu lado, Henrik estava convencido de que Harriet fora assassinada e de que um membro da família era o responsável — talvez em colaboração com outro. A força do seu raciocínio se baseava no fato de Harriet ter desaparecido durante as horas dramáticas de isolamento da ilha, quando todos os olhos estavam voltados para o acidente.

Erika teve razão em dizer a Mikael que seu trabalho era mais do que insensato se o objetivo era resolver o mistério de um crime, mas ele começava a entender que o destino de Harriet Vanger tivera um papel central na família, principalmente para Henrik Vanger. Justificadas ou não, as acusações de Henrik contra seus familiares eram de grande importância para a história dessa família. Ele os acusava abertamente havia mais de trinta anos e essa suspeita marcara as reuniões familiares e criara oposições inflamadas que contribuíram para desestabilizar o grupo. Examinar o desaparecimento de Harriet, portanto, seria um capítulo à parte e até mesmo um fio condutor da história da família — e as fontes eram abundantes. Um ponto de partida lógico seria estabelecer uma galeria de personagens — sem se importar se Harriet Vanger era sua principal missão ou se ele se contentaria em escrever uma crônica familiar. Foi esse o tema da conversa com Henrik naquele dia.

A família Vanger era constituída de uma centena de pessoas, contando os filhos de primos de primeiro e segundo grau de todos os ramos. A família era tão numerosa que Mikael foi obrigado a criar um banco de dados no notebook. Utilizou o programa NotePad (www.ibrium.se), um desses produtos completos que dois rapazes do KTH [Real Instituto de Tecnologia], de Estocolmo, haviam criado e disponibilizado na internet em troca de quase nada. Programas como esse, tão indispensáveis a um jornalista investigativo, eram raros, pensou Mikael. Cada membro da família ganhou sua própria ficha.

A árvore genealógica podia ser reconstituída com segurança até o começo do século XVI, época em que o nome era Vangeersad. Segundo Henrik Vanger, o nome talvez se originasse do holandês Van Geerstad; nesse caso, a árvore genealógica retrocedia ainda mais no tempo, até o século XII.

Numa época mais recente, a família se estabelecera no norte da França e chegara à Suécia com Jean-Baptiste Bernadotte no começo do século XIX. Alexander Vangeersad não conheceu pessoalmente o rei, mas destacou-se como chefe militar e, em 1818, recebeu as terras de Hedeby em agradecimento por seus longos e fiéis serviços. Alexander Vangeersad obteve assim uma fortuna pessoal que utilizou para adquirir áreas florestais bastante extensas no Norrland. Seu filho Adrian nasceu na França, mas, a pedido do pai, veio morar no canto perdido de Hedeby, longe dos salões parisienses, para administrar a propriedade. Explorando as terras e as florestas com novos métodos importados da Europa, fundou a fábrica de papel em torno da qual Hedestad se desenvolveu.

O neto de Alexander chamava-se Henrik e reduziu o nome para Vanger. Montou uma rede comercial com a Rússia e criou uma pequena frota de escunas mercantis que assegurava a ligação com os países bálticos, a Alemanha e a Inglaterra das metalurgias, em meados do século XIX. Henrik Vanger, o antigo, diversificou a empresa familiar e iniciou uma modesta exploração de minas e as primeiras indústrias metalúrgicas do Norrland. Deixou dois filhos, Birger e Gottfried, que deram início às atividades financeiras da família Vanger.

— Você conhece alguma coisa sobre as antigas leis da herança? — perguntara Henrik Vanger.

— Não é exatamente a minha área de competência.

— Entendo. É algo que também me deixa perplexo. De acordo com a tradição familiar, Birger e Gottfried eram como cão e gato, concorrentes legendários em luta por poder e influência. Essa disputa tornou-se uma ameaça à sobrevivência da empresa e o pai deles decidiu, pouco antes de morrer, criar um sistema em que cada membro da família teria uma parte na herança da empresa. Isso provavelmente partiu de um bom sentimento, mas provocou uma situação insustentável. Em vez de atrair pessoas competentes e possíveis parceiros do exterior, deparamo-nos com uma direção composta de membros da família, cada qual com um ou dois por cento de direito de voto.

— A regra se aplica ainda hoje?

— Totalmente. Se um membro da família quiser vender sua parte, terá que ser para alguém da família. A assembléia geral reúne hoje uns cinquenta membros da família. Martin possui pouco mais de dez por cento das ações. Eu tenho cinco por cento, pois as vendi, entre outros, a Martin. Meu irmão Harald tem sete por cento, mas a maioria dos que comparecem às assembléias tem apenas um ou um e meio por cento.

— Não acredito. Parece coisa da Idade Média.

— É completamente absurdo. Significa que, se Martin quiser hoje adotar determinada política, ele é obrigado a fazer um lobby em grande escala para conseguir o apoio de pelo menos vinte e cinco por cento dos co-proprietários. É uma mixórdia de alianças, divisões e intrigas.

Henrik Vanger prosseguiu.

— Gottfried Vanger morreu sem filhos em 1901. Perdão: na verdade era pai de quatro filhas, mas naquela época as mulheres não contavam. Possuíam cotas, porém eram os homens da família que recebiam os juros. Foi só com a introdução do direito de voto, no século XX, que as mulheres passaram a assistir às assembléias gerais.

— Muito liberais, pelo que vejo.

— Não zombe. Eram tempos diferentes. Seja como for, o irmão de Gottfried, Birger, tinha três filhos homens: Johan, Fredrik e Gideon Vanger, todos nascidos no final do século XIX. Podemos eliminar Gideon: ele vendeu sua parte e emigrou para a América, onde seguimos tendo um ramo. Mas Johan e Fredrik fizeram da empresa o grupo Vanger moderno.

Enquanto narrava, Henrik Vanger pegou um álbum com fotos desses personagens. As fotos do começo do século passado mostravam dois homens de queixos vigorosos e cabelos lisos de brilhantina olhando para a câmera sem a menor sombra de um sorriso. Depois prosseguiu:

— Johan Vanger era o gênio da família. Estudou engenharia e desenvolveu a indústria mecânica com várias novas invenções que patenteou. O aço e o ferro passaram a ser a base do grupo, mas a sociedade estendeu seus negócios a outras áreas, como a têxtil. Johan Vanger morreu em 1956 e deixou três filhas, Sofia, Märit e Ingrid, que foram as primeiras mulheres a ter acesso automático à assembléia geral do grupo. O outro irmão, Fredrik Vanger, era meu pai. Ele foi o homem de negócios, o capitão de indústria que transformou as invenções de Johan em rendimentos. Meu pai só morreu em 1964. Participou ativamente da direção até sua morte, ainda que, já nos anos 1950, tivesse me passado a direção do dia-a-dia da empresa. Johan Vanger, ao contrário da geração precedente, teve apenas filhas. — Henrik Vanger mostrou fotos de mulheres com seios generosos, usando sombrinhas e chapéus de abas largas. — E Fredrik, meu pai, teve apenas filhos homens. Éramos cinco irmãos. Richard, Harald, Greger, Gustav e eu.

Para tentar situar-se entre todos os membros da família, Mikael desenhou uma árvore genealógica em algumas folhas tamanho ofício coladas pelas pontas. Assinalou com um marca-texto o nome dos membros presentes na ilha de Hedeby durante a reunião de família em 1966 e que, portanto, ao menos teoricamente, poderiam ter alguma ligação com o desaparecimento de Harriet.

Mikael deixou de lado as crianças com menos de doze anos — partia do princípio de que, qualquer que tenha sido a sorte de Harriet Vanger, ele devia se limitar ao que era plausível. Sem colocar-se muitas questões, omitiu também Henrik Vanger — se o patriarca estivesse implicado no desaparecimento da neta do irmão, seus procedimentos nos últimos trinta e seis anos eram um caso psicopatológico. A mãe de Henrik Vanger, que em 1966 tinha a venerável idade de oitenta e um anos, podia razoavelmente ser riscada também. Os vinte e dois membros restantes da família, segundo Henrik, deviam entrar no grupo dos "suspeitos". Sete já haviam morrido e alguns atingiam idades respeitáveis.

Contudo, Mikael não estava disposto a aceitar sem exame a convicção de Henrik de que um membro da família era o responsável pelo desaparecimento de Harriet. A lista de suspeitos deviam ser acrescentadas outras pessoas.

Dirch Frode começara a trabalhar como advogado de Henrik na primavera de 1962. E, quando Harriet desapareceu, o faz-tudo da época, Gunnar Nilsson — não importa se com um álibi ou não —, tinha dezenove anos e, assim como seu pai, Magnus Nilsson, estava na ilha de Hedeby, do mesmo modo que o artista pintor Eugen Norman e o pastor Otto Falk. E esse Falk, era casado? O fazendeiro de Östergarden, Martin Aronsson, assim como seu filho Jerker Aronsson, se encontravam na ilha e foram próximos de Harriet Vanger ao longo de toda a sua infância. Quais eram as relações deles? Martin Aronsson era casado? Havia outras pessoas na fazenda?

Quando Mikael escreveu todos os nomes, o grupo chegou a umas quarenta pessoas. Com um gesto de frustração, jogou longe o marca-texto. Já eram três e meia da manhã e o termômetro indicava vinte e um graus negativos. A onda de frio parecia querer se instalar. Seu desejo era estar na cama, em sua cama na Bellmansgatan.

Mikael Blomkvist despertou às nove da manhã da quarta-feira, quando o técnico da Telia bateu à sua porta para instalar a linha telefônica e o modem ADSL. Às onze já podia se conectar e não se sentia mais em total desvantagem profissional. O telefone, porém, permanecia mudo. Fazia uma semana que Erika não respondia a seus chamados. Devia estar realmente zangada. Ele também começava a se sentir um pouco teimoso e recusava-se a chamá-la na redação; ao ligar para ela do celular, ela podia ver que era ele e decidir se queria atender ou não. Portanto, ela não queria.

FREDRIK VANGER
(1886-1964)
esp. **Ulrika** (1885-1969)

JOHAN VANGER
(1884-1956)
esp. Gerda (1888-1960)

Richard (1907-1940)
esp. Margareta (1906-1959)

Gottfried
(1927-1965)
esp. **Isabella** (1928-)

Martin (1948-)
Harriet (1950-)

Sofia (1909-1977)
esp. **Åke Sjögren** (1906-1967)

Magnus Sjögren
(1929-1994)

Sara Sjögren (1931-)

Erik Sjögren (1951-)

Håkan Sjogren (1955-)

Harald (1911-)

esp. **Ingrid**
(1925-1992)

Birger (1939-)

Cecilia (1946-)

Anita (1948-)

Märit (1911-1988)

esp. **Algot Giinther**
(1904-1987)

Ossian Gunther (1930-)

esp. **Agnes** (1933-)

Jakob Gunther (1952-)

Greger (1912-1974)

esp. **Gerda**(1922-)

Ingrid (1916-1990)

esp. **Harry Karlman**
(1912-1984)

Alexander (1946-)

Gunnar Karlman (1942-)

Maria Karlman (1944-)

Gustav (1918-1955)

solteiro, sem filhos

Henrik(1920-)

esp. Edith (1921-1958)

sem filhos

Seja como for, ele abriu sua caixa de mensagens e passou os olhos pelos trezentos e cinquenta e-mails que lhe haviam sido enviados na última semana. Conservou uma dúzia deles, o resto eram spams ou mailings dos quais era assinante. O primeiro e-mail que abriu era de demokrat88@yahoo.com e dizia: "Espero que nesse buraco te façam chupar muitos paus, seu comunista sujo". Mikael arquivou o e-mail numa pasta intitulada Crítica Inteligente.

Escreveu uma breve mensagem a erika.berger@millenium.se.

[Oi, Ricky. Suponho que está com muita raiva de mim, pois não atende os meus chamados. Quero apenas te dizer que agora estou na internet e podemos conversar por e-mail, se você quiser me perdoar. Fora isso, Hedeby é um lugarzinho rústico que vale uma visita. M.]

Na hora do almoço, pôs o notebook na bolsa e foi até o Café Susanne, onde se acomodou na habitual mesa de canto. Quando Susanne lhe serviu um café com sanduíche, ela lançou um olhar de curiosidade ao computador e perguntou no que ele estava trabalhando. Mikael utilizou pela primeira vez seu pretexto e explicou que Henrik Vanger o contratara para escrever uma biografia. Trocaram algumas palavras polidas. Susanne convidou Mikael a procurá-la quando estivesse preparado para as verdadeiras revelações.

— Atendo os Vanger há trinta e cinco anos e conheço a maior parte dos mexericos da família — ela falou, antes de voltar à cozinha com um passo meio gingado.

O quadro que Mikael desenhou indicava que a família Vanger não cessava de produzir novos rebentos. Somando os filhos, netos e bisnetos — que ele nem se deu o trabalho de mencionar —, os irmãos Fredrik e Johan Vanger tinham cerca de cinquenta descendentes. Mikael constatou também que havia na família uma tendência à longevidade. Fredrik Vanger morrera com setenta e oito anos, seu irmão Johan com

setenta e dois. Ulrika Vanger falecera com oitenta e quatro. Dos dois irmãos ainda vivos, Harald tinha noventa e dois anos e Henrik Vanger oitenta e dois.

A única exceção fora Gustav, o irmão de Henrik, morto de uma doença pulmonar aos trinta e sete anos. Henrik explicou que Gustav sempre tivera a saúde frágil e seguira seu próprio caminho, um pouco à margem do resto da família. Não se casou nem teve filhos.

Quanto aos demais, os que morreram jovens não sucumbiram a doenças, mas por outros motivos. Richard Vanger foi morto como voluntário durante a guerra de Inverno da Finlândia, com trinta e quatro anos. Gottfried Vanger, o pai de Harriet, havia se afogado um ano antes do desaparecimento da filha. E a própria Harriet tinha então somente dezesseis anos. Mikael notou a estranha coincidência nesse ramo da família em que avô, pai e filha foram vítimas de acidentes. De Richard restava apenas Martin Vanger, que aos cinquenta e cinco anos continuava solteiro e sem filhos. Henrik Vanger informou, porém, que Martin tinha uma companheira, uma mulher que morava em Hedestad.

Martin tinha dezoito anos quando a irmã desapareceu. Fazia parte dos raros parentes próximos que, com toda a certeza, não podiam ter ligação alguma com o desaparecimento. Naquele outono, ele morava em Uppsala, onde concluía o colegial. Devia participar da reunião de família, mas só chegou no fim da tarde e ficou retido do outro lado da ponte durante a hora crítica em que a irmã evaporou.

Mikael notou duas outras particularidades na árvore genealógica. A primeira é que os casamentos pareciam ser vitalícios; nenhum membro da família Vanger se divorciara nem voltara a se casar, mesmo quando o parceiro havia morrido jovem. Perguntou-se qual a frequência disso em termos estatísticos. Cecilia Vanger estava separada do marido havia vários anos, mas, se Mikael tinha entendido bem, ainda eram casados.

A outra particularidade é que a família parecia geograficamente dividida entre "homens" e "mulheres". Os descendentes de Henrik Vanger, aos quais Henrik pertencia, tradicionalmente haviam desempenhado papel de destaque na empresa e morado principalmente em Hedestad ou arredores. Os membros do ramo Johan Vanger — apenas mulheres na primeira geração — espalharam-se por outros cantos do país; moravam em Estocolmo, Malmö e Göteborg ou no exterior, e só vinham a Hedestad para as férias de verão e as reuniões importantes do grupo. A única exceção era Ingrid Vanger, cujo filho Gunnar Karlman morava em Hedestad. Era o redator-chefe do jornal local, o *Hedestads-Kuriren.*

Na conclusão de seu inquérito pessoal, Henrik observava que o "motivo por trás do assassinato de Harriet" devia ser buscado, talvez, na estrutura da empresa e no fato de ele ter assinalado muito cedo as qualidades excepcionais de Harriet. A intenção talvez fosse prejudicar o próprio Henrik, ou então Harriet descobrira uma espécie de informação delicada relativa ao grupo e se convertera numa ameaça para alguém. Tudo isso não passava de especulação, mas, partindo dessa hipótese, ele identificou um círculo de treze pessoas que apresentava como "particularmente interessantes".

A conversa da véspera com Henrik Vanger também esclarecera Mikael sobre outro ponto. Desde a primeira conversa, o velho falara da família em termos tão desdenhosos e degradantes que chegava a ser estranho. Mikael se perguntara se as suspeitas do patriarca sobre a família, quanto ao desaparecimento de Harriet, haviam afetado seu juízo, mas agora começava a entender que a avaliação de Henrik era, na verdade, de uma clarividência estupenda.

A imagem que começava a se esboçar revelava uma família bem-sucedida social e economicamente, mas claramente cheia de disfunções no cotidiano.

O pai de Henrik Vanger, homem frio e insensível, trouxera os filhos ao mundo e depois delegara à esposa o cuidado com sua educação e seu bem-estar. Eles raramente viam o pai antes de completarem dezesseis anos, exceto nas festas de família às quais deviam comparecer e ficar invisíveis. Henrik Vanger não se lembrava do pai manifestando, de alguma maneira, algum tipo de amor; ao contrário, várias vezes Henrik fora chamado de incompetente e recebera críticas arrasadoras. Castigos corporais eram raros por serem desnecessários. Só veio a ganhar o respeito do pai mais tarde, quando passou a trabalhar para o grupo Vanger.

O irmão mais velho, Richard, se revoltara. Após uma disputa cujo motivo nunca foi discutido em família, Richard partiu para Uppsala com a intenção de lá estudar. Foi quando iniciou sua carreira nazista, já mencionada por Henrik a Mikael, e que mais tarde o levaria às trincheiras da guerra de Inverno da Finlândia.

O que o velho ainda não havia contado é que dois outros irmãos tomaram caminhos idênticos.

Harald Vanger e seu irmão Greger seguiram os passos do irmão mais velho em Uppsala, em 1930. Harald e Greger eram muito próximos, mas Henrik Vanger não sabia dizer se conviveram muito com Richard. O certo é que os irmãos aderiram ao movimento fascista de Per Engdahl, a Nova Suécia. Harald Vanger manteve-se leal a Per Engdahl ao longo dos anos, primeiro na União Nacional da Suécia, depois na Oposição sueca e, por fim, no Movimento neo-sueco, desde sua fundação, no final da guerra. Continuou como membro até a morte de Per Engdahl nos anos 1990 e em alguns períodos foi um dos mais importantes financiadores do fascismo sueco remanescente.

Harald Vanger formou-se médico em Uppsala e em seguida envolveu-se com grupos entusiastas por higiene e biologia racial. Em certa época, trabalhou no instituto sueco de biologia das raças e, como médico, foi um agente de primeira ordem na campanha de esterilização dos elementos indesejáveis da população.

Declaração de Henrik Vanger, cassete 2, 02950:

Harald foi mais longe ainda. Em 1937, foi co-autor — sob pseudônimo, graças a Deus! — de um livro intitulado A Nova Europa dos povos. *Fiquei sabendo disso só nos anos 1970. Tenho uma cópia que você pode ler. E provavelmente um dos livros mais ignóbeis já publicados na Suécia. Harald não argumenta apenas a favor da esterilização, mas também da eutanásia — uma ajuda ativa para morrer direcionada às pessoas que perturbavam seu*

gosto estético e não se adaptavam à sua imagem do sueco perfeito. Ou seja, um arrazoado a favor do massacre, redigido numa prosa acadêmica impecável e contendo todos os argumentos médicos necessários. Livremo-nos dos retardados. Não deixemos a população dos lapões aumentar; eles possuem genes mongóis. Os doentes mentais aceitarão a morte como uma libertação, não é mesmo? Mulheres de maus costumes, vagabundos, ciganos e judeus — pode-se ter uma idéia do quadro. Nos fantasmas do meu irmão, Auschwitz podia ser aqui mesmo, na Dalecarlia.

Depois da guerra, Greger Vanger se tornou professor e mais tarde diretor do colégio de Hedestad. Henrik achava que ele havia abandonado o nazismo após a guerra e se tornado apolítico. Morreu em 1974, e só quando Henrik examinou seus papéis é que ficou sabendo, pelas cartas conservadas, que nos anos 1950 seu irmão aderira ao Partido Nórdico Nacional, o NRP, uma seita sem importância política mas totalmente desmiolada, da qual foi membro até falecer.

Declaração de Henrik Vanger, cassete 2, 04167: *"Três dos meus irmãos eram, portanto, politicamente dementes. Até onde iria a doença deles em outras circunstâncias?"'.*

O único irmão benquisto, em certa medida, por Henrik Vanger, era Gustav, de saúde frágil e vítima de uma doença pulmonar em 1955. Gustav não se interessava por política e era visto sobretudo como um espírito artístico distante do mundo, sem o menor interesse pelos negócios nem por uma atividade no grupo Vanger. Mikael perguntou a Henrik:

— Restam apenas você e Harald hoje. Por que ele voltou a morar em Hedeby?

— Ele voltou em 1979, pouco antes de seus setenta anos. A casa lhe pertence.

— Deve ser estranho viver tão perto de um irmão odiado. Henrik Vanger olhou Mikael, surpreso.

— Você me entendeu mal. Não odeio meu irmão. Na verdade, tenho pena dele; é um perfeito imbecil. E ele quem me odeia.

— Ele odeia você?

— Muito. Acho que foi por isso que voltou a viver aqui. Para poder passar seus últimos anos me odiando de perto.

— Por que ele te odeia?

— Porque me casei.

— Acho que terá que me explicar isso.

Henrik Vanger perdera o contato com os irmãos mais velhos bastante cedo. Era o único dos cinco que revelava talento para os negócios — a última esperança do pai. Não se interessava por política e evitou Uppsala, tendo preferido estudar economia em Estocolmo. Desde os dezoito anos, passou todas as suas férias estagiando num dos muitos escritórios do grupo Vanger ou colaborando nos conselhos de administração. Ficou conhecendo todos os labirintos da sociedade familiar.

Em 10 de junho de 1941 — no auge da Segunda Guerra —, Henrik foi enviado à Alemanha para uma visita de seis semanas aos escritórios comerciais do grupo Vanger em Hamburgo. Tinha vinte e um anos, e o representante alemão das empresas Vanger, um veterano idoso chamado Herman Lobach, serviu-lhe de protetor e mentor.

— Não vou fatigá-lo com todos os detalhes, mas naquele momento Hitler e Stalin ainda eram bons amigos e não havia até então combates no fronte oriental. Todos achavam Hitler invencível. Havia um sentimento de... otimismo e desespero, acho que são as palavras adequadas. Mais de meio século depois, continua sendo difícil encontrar palavras apropriadas. Não me entenda mal: nunca fui nazista e Hitler me parecia um personagem ridículo de opereta. Mas era difícil não se contaminar pela fé no futuro que reinava entre as pessoas comuns de Hamburgo. A guerra se aproximava lentamente e vários bombardeios ocorreram em minha temporada na cidade; apesar disso, todos pareciam pensar que era um momento de irritação passageiro: a paz logo chegaria e Hitler ia instaurar sua Neuropa, a nova Europa. As pessoas queriam acreditar que Hitler era Deus: é o que a propaganda dava a entender. Henrik Vanger abriu um de seus numerosos álbuns fotográficos.

— Este é Hermann Lobach. Ele desapareceu em 1944, provavelmente morto e sepultado durante um bombardeio. Nunca soubemos que destino ele teve. Na minha temporada em Hamburgo, fiquei muito amigo dele. Eu tinha um quarto na sua suntuosa residência, num bairro onde só moravam famílias ricas. Nós nos víamos diariamente. Era tão pouco nazista quanto eu, mas filiara-se ao partido por comodidade. A carteira de membro abria portas e facilitava suas chances de negócio em favor do grupo Vanger, e negócios era exatamente o que fazíamos. Construíamos vagões para trens, e ainda hoje me pergunto se esses vagões partiam com destino à Polônia. Vendíamos tecidos para os uniformes e tubos catódicos para aparelhos de rádio, mas oficialmente não fazíamos idéia de para que servia a mercadoria. E Hermann Lobach sabia como agir para obter um bom contrato, tinha uma boa lábia e era jovial. Um perfeito nazista. Aos poucos, entendi que era também um homem que tentava desesperadamente esconder um segredo. Na noite de 22 de junho de 1941, Hermann Lobach bateu na porta do meu quarto e me acordou. Meu quarto ficava ao lado do quarto de sua mulher e com um sinal ele me pediu que eu não fizesse barulho, me vestisse e o acompanhasse. Descemos ao térreo e nos instalamos numa pequena sala de fumar. Lobach certamente estivera acordado a noite toda. Ligou o rádio e compreendi que algo dramático acontecera. Tivera início a operação "Barbarossa", a Alemanha atacara a União Soviética no fim de semana em que o verão se iniciava.

Henrik Vanger fez um gesto resignado com a mão.

— Hermann Lobach pegou dois copos e despejou uma dose generosa de aquavita em cada um. Pareceu-me meio embriagado. Quando lhe perguntei quais poderiam ser as consequências, respondeu-me com lucidez que aquilo significava o fim para a Alemanha e

para o nazismo. Só acreditei em parte — Hitler parecia invencível —, mas Lobach brindou comigo a derrota da Alemanha. Em seguida pôs-se a falar de assuntos práticos.

Mikael balançou a cabeça para indicar que acompanhava a história.

— Em primeiro lugar, ele descartou a possibilidade de entrar em contato com meu pai para pedir instruções e por conta própria decidiu interromper minha temporada na Alemanha, mandando-me de volta para casa o mais cedo possível. Em segundo lugar, queria que eu lhe prestasse um serviço.

Henrik mostrou um retrato amarelecido e com os cantos rasgados, em tamanho três por quatro, de uma mulher morena.

— Herman Lobach era casado havia quarenta anos, mas em 1919 conhecera uma mulher que tinha a metade da sua idade, uma pobre e modesta costureira, de uma beleza avassaladora. Apaixonou-se por ela. Cortejou-a e, como tantos outros homens ricos, tinha os meios de instalá-la num apartamento a pouca distância de seu escritório. Ela passou a ser sua amante. Em 1921, deu à luz uma menina, que foi chamada Edith.

— Um homem rico já de alguma idade, uma mulher pobre e uma filha desse amor: isso não deveria causar um grande escândalo, mesmo nos anos 1940 — comentou Mikael.

— É verdade. Se não houvesse um problema. A mulher era judia e Lobach, portanto, pai de uma menina judia em plena Alemanha nazista. Concretamente, ele era um *traidor de sua raça.*

— Ah! isso muda tudo. O que aconteceu?

— A mãe de Edith foi detida em 1939. Desapareceu e pode-se imaginar o que lhe aconteceu. Todos sabiam que tinha uma filha que ainda não fora inscrita nas listas de transporte, e essa moça judia era procurada pela unidade da Gestapo encarregada de capturar judeus fugitivos. No verão de 1941, na mesma semana em que cheguei a Hamburgo, fez-se a ligação entre a mãe de Edith e Hermann Lobach, e convocaram-no para um interrogatório. Ele admitiu a ligação e a paternidade, mas declarou que não fazia a menor idéia do lugar onde se encontrava a filha e que havia dez anos não tinha contato com ela.

— E onde ela estava?

— Eu a via diariamente na casa de Lobach. Uma moça de vinte anos, meiga e calma, que fazia a limpeza do meu quarto e ajudava a servir o jantar. Em 1937, as perseguições aos judeus já duravam vários anos e a mãe de Edith suplicou a Hermann que a ajudasse. E ele ajudou — amava a filha ilegítima tanto quanto seus filhos legítimos. Escondeu-a no lugar mais improvável — diante do nariz de todo mundo. Providenciou-lhe falsos documentos e a contratou como empregada.

— A mulher dele sabia quem ela era?

— Não, não fazia a menor idéia.

— E depois, o que houve?

— A coisa funcionou durante quatro anos, mas Lobach sentia que o cerco se estreitava. Em breve a Gestapo viria bater à sua porta. Foi tudo o que me contou naquela noite, poucas semanas antes de eu voltar à Suécia. Depois, mandou chamar a filha e fomos apresentados. Era muito tímida e não ousou sequer me olhar nos olhos. Lobach me suplicou que salvasse a vida dela.

— Como?

— Ele arranjara tudo. Segundo seus planos, eu devia ficar por mais três semanas e em seguida tomar o trem noturno para Copenhague, depois o *ferryboat* para atravessar o estreito de Oresund — uma viagem sem muita importância, mesmo em tempo de guerra. No entanto, dois dias depois da nossa conversa, um cargueiro de propriedade do grupo Vanger devia deixar Hamburgo com destino à Suécia. Lobach resolveu enviar-me com o cargueiro, para que eu deixasse a Alemanha sem demora. Qualquer alteração dos projetos de viagem devia ser aprovada pelos serviços de segurança; problemas burocráticos, mas não insuperáveis. Lobach insistiu para que eu fosse naquele navio.

— Com Edith, suponho.

— Edith embarcou ilegalmente, escondida numa das trezentas caixas contendo peças para máquinas. Minha tarefa era protegê-la se fosse descoberta antes de deixarmos as águas territoriais da Alemanha, e impedir o capitão de fazer uma besteira. Não havendo problemas, eu devia esperar até estarmos a uma boa distância da Alemanha e então deixá-la sair.

— E aí?

— Parecia simples, mas a viagem foi um pesadelo. O capitão chamava-se Oskar Granath e não estava nem um pouco encantado com a responsabilidade de conduzir o herdeiro do seu patrão. Deixamos Hamburgo às nove horas de uma noite de verão. Estávamos saindo do porto quando as sirenes de alerta antiaéreo puseram-se a uivar. Um raide inglês: o pior que vivi, e o porto era evidentemente um alvo estratégico. Não exagero ao dizer que por pouco não me mijei quando as bombas começaram a explodir muito perto. Mas, de um modo ou de outro, conseguimos sair e, após uma pane de motor e uma noite horrível de tempestade nas águas recheadas de minas, chegamos à Suécia, em Karlskrona, no dia seguinte à tarde. Agora você vai me perguntar o que aconteceu com a moça.

— Acho que já sei.

— Meu pai ficou furioso, claro. Coloquei muita coisa em risco com meu ato insensato. E a moça podia ser extraditada a qualquer momento — lembre que estávamos em 1941. Mas nesse meio-tempo também me apaixonei por ela, como Lobach se apaixonara pela mãe dela. Pedi-a em casamento e dei um ultimato a meu pai: ou aceitava o casamento, ou que procurasse outra jovem esperança para a empresa da família. Ele cedeu.

— Mas ela morreu?

— Sim, morreu muito jovem. Em 1958. Vivemos juntos pouco mais de dezesseis anos. Ela tinha um problema cardíaco, de nascença. E eu me revelei estéril — nunca tivemos filhos. É por isso que meu irmão me odeia.

— Porque se casou com ela.

— Porque me casei — são os termos dele — com uma prostituta suja judia. No entender dele, eu traí a raça, o povo, a moral e tudo o que ele defendia.

— Mas ele é completamente louco.

— Eu são saberia dizer melhor.

10. QUINTA-FEIRA 9 DE JANEIRO – SEXTA-FEIRA 31 DE JANEIRO

A julgar pelo *Hedestads-Kuriren,* o primeiro mês de Mikael no exílio foi o mais frio já registrado na memória ou, pelo menos (segundo Henrik Vanger), desde o inverno da guerra em 1942. Mikael estava inclinado a acreditar nessa informação. Após uma semana em Hedeby, aprendera tudo a respeito de ceroulas, meias de lã e camisetas forradas.

Viveu alguns dias e noites terríveis em meados de janeiro, quando a temperatura baixou a inconcebíveis trinta e sete graus negativos. Nunca enfrentara nada semelhante, mesmo no ano que passou em Kiruna durante o serviço militar. Uma manhã, a tubulação da água congelou. Gunnar Nilsson arranjou-lhe dois grandes baldes de plástico para que pudesse cozinhar e se lavar, mas o frio era paralisante. Rosáceas de gelo formaram-se nas vidraças da janela, do lado interno, e, por mais que alimentasse o aquecedor a lenha, sentia-se continuamente gelado. Todos os dias passava longos minutos rachando lenha no depósito dos fundos da casa.

Em alguns momentos, tinha vontade de chorar e pensava em tomar um táxi até a cidade e embarcar no primeiro trem com destino ao Sul. Em vez disso, enfiava mais um pulôver e se enrolava num cobertor, sentado à mesa da cozinha com seu café e os velhos relatórios da polícia.

Depois a tendência se inverteu e a temperatura subiu para agradáveis dez graus negativos.

Mikael começou a conhecer as pessoas em Hedeby. Martin Vanger cumpriu sua promessa e lhe ofereceu um jantar que ele mesmo preparou — assado de carne de alce regado a vinho tinto italiano. O chefe da empresa não era casado, porém convivia com uma certa Eva Hassel, que os acompanhava. Eva era uma mulher calorosa e divertida, que Mikael achou muito atraente. Era dentista e morava em Hedestad, mas passava os fins de semana na casa de Martin. Mikael ficou sabendo que fazia muitos anos que eles se conheciam, mas começaram a conviver somente na idade madura e julgaram não haver necessidade de casamento.

— A verdade é que ela é a minha dentista — disse Martin Vanger.

— E misturar-me a essa família de malucos não é bem o que eu quero — disse Eva, batendo afetuosamente com os dedos no joelho de Martin.

Desenhada por um arquiteto, a mansão de Martin Vanger era o sonho de todo celibatário, com móveis pretos, brancos e de metal cromado. Peças dispendiosas e com um *design* que teria fascinado Christer Malm, o ilustrador da *Millennium.* A cozinha tinha equipamentos de um cozinheiro profissional. Na sala de estar havia uma aparelhagem de som estereofônico com, entre outras preciosidades, uma excelente coleção de jazz em vinil, de Tommy Dorsey a John Coltrane. Martin tinha dinheiro e seu lar era suntuoso e funcional, embora um pouco impessoal. Mikael notou que os quadros nas paredes eram simples reproduções e pôsteres encontrados em grandes lojas, como a Ikea — bonitos

mas sem nada de especial. As estantes, pelo menos na parte da casa que Mikael viu, estavam cuidadosamente ocupadas pela *Enciclopédia Nacional* e por alguns livros desses que as pessoas oferecem como presente de Natal na falta de idéia melhor. Em suma, Mikael conseguiu perceber apenas duas paixões na vida de Martin Vanger: a música e a culinária. A primeira se manifestava em cerca de três mil álbuns de trinta e três rotações. A segunda podia-se ver na carne opulenta de Martin Vanger.

Como pessoa, Martin era uma estranha mistura de estupidez, causticidade e amabilidade. Não era preciso ser um grande analista para concluir que o chefe da empresa era um homem com problemas. Enquanto escutavam *Night in Tunisia,* a conversa se voltou para o grupo Vanger, e Martin não tentou esconder que lutava pela sobrevivência do grupo. A escolha desse assunto deixou Mikael perplexo; Martin não ignorava que tinha por convidado um jornalista econômico que ele conhecia muito pouco, no entanto discutia os problemas internos da empresa com tanta franqueza que havia nisso alguma imprudência. Ele parecia considerar Mikael como alguém da família, já que trabalhava para Henrik, e, a exemplo do ex-diretor-executivo, achava que a família só podia culpar a si mesma pela situação na qual a empresa se encontrava. Contudo, não compartilhava a amargura e o desprezo intransigente do velho em relação à família, parecendo antes achar graça da loucura incurável dela. Eva Hassel assentiu com a cabeça, mas não fez comentários. Certamente já haviam conversado sobre essa questão.

Martin Vanger sabia, portanto, que Mikael fora contratado para escrever uma crônica familiar e perguntou como estava indo o trabalho. Mikael respondeu, sorrindo, que tinha dificuldade de lembrar os nomes dos membros da família, depois perguntou a Martin se podia voltar para entrevistá-lo em outra ocasião. Em vários momentos tentou dirigir a conversa para a obsessão do velho pelo desaparecimento de Harriet Vanger. Supunha que Henrik devia ter aborrecido o irmão de Harriet mais de uma vez com suas teorias. Martin certamente sabia que, se a incumbência de Mikael era escrever uma crônica familiar, ele não podia ignorar o fato de que um membro da família desaparecera sem deixar vestígios. No entanto, Martin não mostrou a menor intenção de entrar no assunto e Mikael decidiu esperar. Oportunamente, teriam razões para conversar sobre Harriet.

Depois de várias rodadas de vodca, encerraram a noitada por volta das duas da manhã. Mikael estava um tanto bêbado e titubeou no percurso de trezentos metros de volta para casa. De maneira geral, fora uma noite agradável.

Uma tarde, na segunda semana de Mikael em Hedeby, bateram à porta de sua casa. Mikael deixou de lado o arquivo do inquérito policial que acabara de abrir — o sexto — e fechou a porta da saleta de trabalho atrás de si, antes de ir abrir a porta da frente para uma mulher loura de uns cinquenta anos, vestida como para o Pólo Norte.

— Bom dia. Vim conhecê-lo. Sou Cecilia Vanger.

Apertaram-se as mãos e Mikael foi pegar xícaras para o café. Cecilia Vanger, filha do nazista Harald Vanger, parecia uma mulher aberta e encantadora sob muitos aspectos. Mikael lembrou que Henrik falara dela com estima e mencionara que raramente via o pai, embora morasse quase ao lado da casa dele. Conversaram por alguns momentos antes que ela mencionasse o motivo da visita.

— Fiquei sabendo que vai escrever um livro sobre a família. Não acho que seja uma idéia que me agrada — disse. — Quis saber que tipo de pessoa é o senhor.

— Bem, Henrik Vanger me contratou. E um assunto dele, por assim dizer.

— E o bom Henrik não é lá muito objetivo quando se trata de dar seu ponto de vista sobre a família.

Mikael examinou seus olhos, não sabendo muito bem aonde ela queria chegar.

— Opõe-se a que escrevam um livro sobre sua família?

— Eu não disse isso. E certamente minha opinião não tem a menor importância. Mas acho que já deve ter percebido que nem sempre foi muito fácil ser uma Vanger.

Mikael não tinha nenhuma idéia do que Henrik dissera e em que medida Cecilia conhecia seu trabalho. Afastou as mãos num gesto de escusa:

— Fui procurado por Henrik para escrever uma crônica familiar. Henrik tem opiniões acirradas sobre vários membros da família, mas pretendo me ater aos fatos comprovados.

Cecilia Vanger sorriu, porém de forma pouco calorosa.

— O que eu gostaria de saber é se devo escolher o exílio e emigrar quando o livro sair.

— Creio que não — respondeu Mikael. — As pessoas são capazes de ver a diferença entre uma pessoa e outra.

— Como meu pai, por exemplo.

— Seu pai, o nazista? — perguntou Mikael. Cecilia Vanger levantou os olhos para o céu.

— Meu pai é louco. Só o vejo uma ou duas vezes por ano, embora nossas casas sejam vizinhas.

— Por que não quer vê-lo?

— Antes de me fazer um monte de perguntas, diga: tem a intenção de citar o que estou dizendo? Ou podemos ter apenas uma conversa normal sem que eu precise ter medo de ser apresentada como uma imbecil?

Mikael hesitou um segundo, não muito seguro de que esclarecimento devia dar.

— Meu trabalho é escrever um livro que começa quando Alexander Vangeersad desembarca com Bernadotte e vem até os dias de hoje. Ele acompanhará o império industrial dos Vanger ao longo de muitas décadas, mas evidentemente também falará da razão pela qual o império está desmoronando e das divergências que existem no seio da família. Nesse tipo de relato, é impossível evitar que a lama venha à tona. O que não significa que farei um retrato abominável da senhora nem que traçarei uma imagem infame da família. Estive com Martin Vanger, por exemplo. Achei-o um homem simpático e pretendo descrevê-lo como tal.

Cecilia Vanger não respondeu.

— Tudo que sei a seu respeito é que é professora...

— Pior que isso; sou diretora de colégio em Hedestad.

— Desculpe. Sei que Henrik a quer muito bem, que é casada mas está separada... e é mais ou menos tudo. Claro que poderá falar comigo sem medo de ser citada ou lançada ao escândalo. Contudo, com certeza a procurarei algum dia para pedir que me conte sobre determinado acontecimento, porque necessito da sua versão. Mas direi claramente quando fizer uma pergunta desse gênero.

— Então posso lhe falar... *off the record,* como dizem.

— Com certeza.

— E isto é *off the record?*

— A senhora é apenas uma vizinha que veio me dar bom-dia e tomar uma xícara de café, nada mais.

— Perfeito. Será que posso lhe perguntar uma coisa?

— Fique à vontade.

— Até que ponto esse livro falará sobre Harriet Vanger?

Mikael mordeu o lábio inferior e hesitou. Tentou permanecer tranquilo.

— Para ser sincero, não sei. É verdade que haverá talvez um capítulo... afinal foi um acontecimento dramático, não se pode negar, e que influenciou pelo menos Henrik Vanger.

— Mas não está aqui para investigar o desaparecimento dela?

— O que a faz pensar assim?

— Bem, o fato de Gunnar Nilsson ter trazido para cá quatro caixas volumosas. Suponho que seja o conjunto das pesquisas pessoais de Henrik ao longo dos anos. Quando dei uma espiada no antigo quarto de Harriet onde Henrik costuma guardar sua coleção, ela não estava mais lá.

Cecilia não era boba.

— Preferiria que discutisse isso com Henrik e não comigo — respondeu Mikael. — De todo modo, é claro que Henrik me falou bastante sobre o desaparecimento da menina, e acho interessante ler os documentos a respeito.

Cecilia mais uma vez esboçou um sorriso triste.

— Às vezes me pergunto quem é o mais louco, se meu pai ou meu tio. Cansei de ouvi-lo falar milhares de vezes sobre o desaparecimento de Harriet.

— O que acha que aconteceu com ela?

— Essa pergunta faz parte da entrevista?

— Não — disse Mikael, rindo. — Apenas curiosidade.

— O que eu gostaria de saber é se o senhor também é maluco. Se aderiu ao raciocínio de Henrik ou se está instigando Henrik.

— Está querendo dizer que Henrik é maluco?

— Não me entenda mal. Henrik é um dos homens mais calorosos e gentis que conheço. Gosto imensamente dele. Mas, quando se trata desse assunto, ele é obsessivo.

— Uma obsessão, cá para nós, que parece ter fundamento. Harriet realmente desapareceu.

— É que estou simplesmente farta de toda essa história. Ela envenenou nossas vidas durante tantos anos e não acaba nunca.

Levantou-se de repente e vestiu seu casaco de pele.

— Preciso ir. O senhor me pareceu simpático. Foi o que Martin também disse, mas o julgamento dele nem sempre é o melhor. Passe para tomar um café quando quiser. À noite estou quase sempre em casa.

— Obrigado — disse Mikael. Quando ela se encaminhava para a porta de entrada, ele falou às suas costas: — Não respondeu à minha pergunta, que, afinal, não era uma pergunta de entrevista.

Ela se deteve diante da porta e respondeu sem olhar para ele:

— Não faço a menor idéia do que aconteceu a Harriet. Mas acho que foi um acidente com uma explicação tão simples e banal que vamos ficar surpresos quando um dia soubermos a resposta.

Virou-se e sorriu para ele — pela primeira vez com calor. Depois acenou com a mão e partiu. Mikael permaneceu imóvel à mesa, pensativo. Cecilia Vanger era uma das pessoas relacionadas na lista de membros da família presentes à ilha quando Harriet Vanger desapareceu.

Se conhecer Cecilia Vanger foi relativamente agradável, o mesmo não aconteceu com Isabella Vanger. Com setenta e cinco anos, a mãe de Harriet Vanger era uma mulher muito elegante, uma espécie de Lauren Bacall idosa. Magra, vestindo um casaco de astracã preto e um gorro que combinava com ele, apoiava-se numa bengala preta quando Mikael topou com ela, uma manhã, ao dirigir-se ao Café Susanne. Ele pensou num vampiro começando a envelhecer, de uma beleza impressionante mas venenosa como uma serpente. Isabella parecia estar voltando para casa após uma caminhada; ela o chamou quando se cruzaram.

— Você aí, moço! Venha cá.

Difícil equivocar-se quanto ao tom de comando. Mikael olhou ao redor e concluiu que ele é que estava sendo chamado. Aproximou-se.

— Sou Isabella Vanger — anunciou a mulher.

— Bom dia, meu nome é Mikael Blomkvist. — E estendeu uma mão que ela ignorou soberbamente.

— Você é o sujeito que está remexendo na história da nossa família?

— Digamos que sou o sujeito que Henrik Vanger procurou para ajudá-lo a fazer o histórico da família Vanger.

— Não é um assunto que lhe compete.

— Qual é o problema? O fato de Henrik ter me procurado ou de eu ter aceitado? No primeiro caso, acho que isso diz respeito a Henrik; no segundo, o problema é meu.

— Sabe muito bem o que estou querendo dizer. Não gosto de gente vasculhando a minha vida.

— Não vou vasculhar a sua vida. Além do mais, deve discutir isso com Henrik.

Isabella Vanger ergueu subitamente a bengala e bateu no peito de Mikael com o castão. Um golpe sem violência, mas a surpresa o fez recuar um passo.

— Mantenha-se a uma boa distância de mim.

Isabella Vanger girou os calcanhares e prosseguiu em direção à sua casa. Mikael continuou pregado no lugar, com o rosto imóvel como se tivesse acabado de conhecer um personagem de quadrinhos em carne e osso. Mikael moveu os olhos e avistou Henrik Vanger na janela de seu escritório. Tinha uma xícara de café na mão, que levantou com

ironia. Mikael afastou as mãos num gesto de impotência, balançou a cabeça e retomou o caminho em direção ao Café Susanne.

A única viagem que Mikael fizera durante o primeiro mês foi uma excursão de um dia às margens do lago Siljan. Tomou emprestado o Mercedes de Dirch Frode e rodou numa paisagem nevada para passar uma tarde em companhia do inspetor Gustav Morell. Mikael tentara fazer uma idéia de Morell baseando-se na impressão que emanava do inquérito policial; encontrou um velho encurvado que se movia devagar e falava ainda mais devagar. Mikael rabiscara num bloco umas dez perguntas que lhe ocorrera fazer depois da leitura do inquérito. Morell forneceu uma resposta didática a cada pergunta. No final, Mikael deixou o bloco de lado e explicou ao inspetor aposentado que aquelas perguntas tinham sido apenas um pretexto para visitá-lo. O que ele queria realmente era conversar e poder lhe fazer a única pergunta fundamental: havia algo no inquérito que ele não pusera no papel, alguma reflexão ou intuição que pudesse lhe transmitir?

Como Morell, do mesmo modo que Henrik Vanger, havia passado trinta e seis anos refletindo sobre o mistério do desaparecimento de Harriet, Mikael esperava encontrar certa reticência ao novato que vinha se embrenhar no matagal onde ele se perdera. Mas Morell não mostrou a menor sombra de hostilidade. Encheu cuidadosamente o cachimbo e riscou um fósforo antes de responder.

— Sim, é claro que tenho minhas teorias. Mas são tão vagas e fugazes que não consigo formulá-las muito bem.

— O que aconteceu a Harriet, na sua opinião?

— Creio que foi assassinada. Nesse ponto, concordo com Henrik. É a única explicação plausível. Mas nunca entendemos o motivo. Acho que foi morta por alguma razão precisa. Não foi obra de um louco nem de um estuprador, ou coisa que o valha. Se conhecêssemos o motivo, saberíamos quem a matou.

Morell refletiu um instante.

— O assassinato pôde ser cometido de improviso. Quero dizer com isso que alguém aproveitou a ocasião quando uma possibilidade surgiu na confusão ocasionada pelo acidente. O assassino escondeu o corpo e o transportou mais tarde, enquanto todos saíam para procurá-la.

— Nesse caso, falamos de alguém que agiu com sangue-frio.

— Há um detalhe. Harriet foi ao gabinete de Henrik pedir para falar com ele. Isso me parece um comportamento estranho. Ela sabia que ele estava às voltas com os membros da família que não paravam de chegar. Acho que Harriet significava uma ameaça para alguém, acho que ela quis contar alguma coisa a Henrik e o assassino percebeu que ela ia... digamos, denunciá-lo.

— Henrik estava ocupado com alguns membros da família...

— Havia quatro pessoas no cômodo, além de Henrik. Seu irmão Greger, o filho de uma prima chamado Magnus Sjögren e os dois filhos de Harald Vanger, Birger e Cecilia. Mas isso não significa nada de especial. Vamos supor que Harriet descobriu que alguém estava desviando dinheiro da empresa. Apenas uma hipótese. Ela pode ter guardado essa informação por meses, ou mesmo tê-la discutido várias vezes com a pessoa em questão. Pode ter tentado chantageá-la ou ter se compadecido dela, sem saber se deveria

denunciá-la. Pode ter tomado uma decisão repentina, informou o assassino disso, e ele, assustado, a eliminou.

— O senhor disse "assassino"?

— Do ponto de vista estatístico, os assassinos são em geral homens. Mas não se pode negar que a família Vanger tem algumas mulheres que são verdadeiras víboras.

— Conheci Isabella.

— É uma delas. Mas há outras. Cecilia Vanger pode se mostrar bastante inflexível. Conheceu Sara Sjögren? — Mikael fez que não com a cabeça. — É a filha de Sofia Vanger, uma das primas de Henrik. Uma mulher realmente desagradável e sem escrúpulos, eu lhe garanto. Mas ela morava em Malmö e, até onde consegui descobrir, não tinha razão para eliminar Harriet.

— Humm.

— O único problema é que, por mais que tenhamos virado e revirado essa história, jamais entendemos o motivo. Esse é o ponto. Quando descobrirmos o motivo, saberemos o que houve e quem foi o responsável.

— O senhor trabalhou a fundo nesse caso. Há alguma pista que não tenha seguido?

Gustav Morell deu uma risadinha.

— Ah, não, Mikael. Dediquei um tempo danado a esse caso e não há o menor detalhe que eu não tenha rastreado tão longe quanto possível. Mesmo depois que fui promovido e que deixei Hedestad.

— Deixou?

— Sim, não sou originário de Hedestad. Fui destacado para lá entre 1963 e 1968. Depois fui nomeado delegado e trabalhei o restante da minha carreira na polícia de Gävle. Mas mesmo em Gävle continuei trabalhando no desaparecimento de Harriet.

— Henrik Vanger não largou do seu pé, imagino.

— Sim, é claro, mas não foi por isso. O enigma Harriet me fascina até hoje. Quero dizer... entenda, todo tira tem seu próprio mistério não resolvido. Lembro que quando eu estava em Hedestad meus colegas mais velhos falavam do caso Rebecka na hora do café. Havia um policial chamado Torstensson, ele já morreu há muitos anos, que voltava a esse caso ano após ano. Durante seu tempo livre e nas férias. Quando as coisas estavam calmas com os delinquentes locais, ele pegava os arquivos e punha-se a refletir.

— Também se tratava de uma jovem desaparecida?

O comissário Morell pareceu surpreso por um segundo. Depois sorriu quando percebeu que Mikael buscava uma espécie de ligação.

— Não, não o mencionei por esse motivo. Falo da alma de um policial. O caso Rebecka data de bem antes do nascimento de Harriet Vanger e está prescrito há muito tempo. Nos anos 1940, uma mulher de Hedestad foi atacada, violentada e assassinada. Isso não é nada raro. Durante sua carreira, todo policial tem que elucidar esse tipo de acontecimento pelo menos uma vez. O que quero dizer é que há casos que se incrustam, se enfiam debaixo da pele dos investigadores. Essa moça foi morta de uma forma particularmente brutal. O assassino atou-lhe as mãos e os pés e afundou sua cabeça nas brasas de uma lareira. Não sei quanto tempo a pobre moça levou para morrer, nem que dores foi obrigada a suportar.

— Que horror!

— Exatamente. Um horror total. O pobre Torstensson foi o primeiro investigador a chegar quando a descobriram, e o crime nunca foi elucidado, mesmo com o reforço de peritos de Estocolmo. Ele nunca conseguiu abandonar o caso.

— Entendo.

— O meu caso Rebecka é Harriet. Não sabemos como ela morreu. Tecnicamente, não podemos sequer provar que houve um crime. Mas jamais consegui abandoná-lo.

Ele refletiu por um momento.

— O ofício de investigador criminal talvez seja o mais solitário do mundo. Os amigos da vítima ficam revoltados e desesperados, mas cedo ou tarde, ao cabo de algumas semanas ou meses, a vida volta ao normal. Para os familiares próximos, leva mais tempo, porém eles também acabam superando o desgosto e o desespero. A vida continua. Mas os crimes não resolvidos permanecem nos corroendo por dentro. No final das contas, uma única pessoa permanece pensando na vítima e tentando lhe fazer justiça: o tira encarregado do inquérito.

Três outras pessoas da família Vanger viviam na ilha. Alexander Vanger, nascido em 1946 e filho de Greger, morava numa casa de madeira reformada, construída no começo do século XX. Henrik informou a Mikael que Alexander encontrava-se atualmente nas Antilhas, onde se dedicava a suas atividades favoritas — velejar e viver à toa. Henrik demoliu o sobrinho com tamanho vigor que Mikael concluiu que Alexander Vanger era um de seus principais suspeitos. Alexander tinha vinte anos quando Harriet Vanger desapareceu e era um dos que estavam no local.

Com Alexander morava sua mãe Gerda, de oitenta anos e viúva de Greger Vanger. Mikael nunca a via; tinha a saúde frágil e permanecia a maior parte do tempo na cama.

A terceira pessoa era, evidentemente, Harald Vanger. Durante o primeiro mês, Mikael não conseguiu avistar sequer a sombra do velho biologista das raças. A casa de Harald, o vizinho mais próximo de Mikael, tinha um aspecto lúgubre com suas janelas cobertas por espessas cortinas. Várias vezes Mikael teve a impressão de ver um leve movimento dessas cortinas, e uma noite, já bem tarde, quando se preparava para deitar-se, viu luz no quarto do andar de cima. A cortina estava semi-aberta. Durante mais de vinte minutos, ficou ali fascinado, na escuridão da cozinha, observando a luz, antes de desistir e ir para a cama tiritando de frio. De manhã, a cortina estava novamente fechada.

Harald Vanger parecia um espírito invisível mas eternamente presente, marcando a vida do povoado com sua ausência. Na imaginação de Mikael, Harald adquiria cada vez mais a forma de um Gollum malévolo que espionava os arredores atrás das cortinas e se entregava a atividades misteriosas em seu covil hermeticamente fechado.

Uma vez por dia, Harald recebia a visita de uma empregada doméstica, uma mulher de idade que vinha do outro lado da ponte e chafurdava, com cestos carregados de alimentos, na neve amontoada até a porta, já que ele se recusava a desobstruir a entrada. Gunnar Nilsson, o faz-tudo, balançou a cabeça quando Mikael o questionou. Explicou que se propusera limpar a neve, mas que Harald não queria ninguém pondo o pé no seu terreno. Uma única vez, no primeiro inverno depois que Harald retornou à ilha, Gunnar Nilsson dirigiu-se automaticamente com o trator à casa de Harald para desobstruir a neve

da entrada, como fazia diante de todas as casas. A iniciativa lhe valeu ver Harald Vanger sair de casa, vociferando, gesticulando, exigindo que ele fosse embora.

Por outro lado, Nilsson lamentava não poder limpar o pátio de Mikael, pois o trator não passava naquela entrada estreita. Ali era preciso uma pá de neve e trabalho braçal.

Em meados de janeiro, Mikael Blomkvist encarregou seu advogado de tentar saber quando ele deveria cumprir os três meses de prisão. Queria se livrar da pena o mais rápido possível. Ir para a prisão revelou-se mais fácil do que imaginava. Após uma semana de lengalenga, ficou decidido que Mikael se apresentaria no dia 17 de março à prisão de Rullaker, perto de Östersund, penitenciária em regime aberto para condenações leves. O advogado de Mikael informou também que a pena provavelmente seria reduzida.

— Ótimo — disse Mikael sem grande entusiasmo.

Estava sentado à mesa da cozinha acariciando o gato de pêlos ruivos, que se habituara a surgir a intervalos regulares para passar a noite na casa dele. Helen Nilsson, do outro lado da estrada, disse-lhe que o gato se chamava Tjorven, que não pertencia a ninguém em particular, mas fazia a ronda de casa em casa.

* * *

Mikael se reunia com Henrik Vanger quase todas as tardes. Às vezes para uma breve conversa, às vezes para discutir durante horas o desaparecimento de Harriet e diferentes detalhes da investigação particular de Henrik.

Quase sempre Mikael formulava uma teoria que Henrik se aplicava em torpedear. Mikael tentava manter distanciamento de sua missão, mas em alguns momentos se sentia terrivelmente fascinado pelo mistério do desaparecimento de Harriet.

Mikael prometera a Erika montar também uma estratégia que lhes permitisse retomar a luta contra Hans-Erik Wennerström, mas, depois de um mês em Hedestad, não havia sequer aberto as pastas sobre o caso que o levara ao tribunal. Ao contrário — rechaçava inteiramente o problema. Toda vez que começava a refletir sobre Wennerström e sua própria situação, caía num desânimo profundo. Nos momentos de lucidez, perguntava-se se não estaria ficando maluco como o velho Vanger. Sua carreira profissional desabara como um castelo de cartas e sua reação fora refugiar-se num vilarejo do campo para expulsar seus fantasmas. Sem contar a falta que sentia de Erika.

Henrik Vanger observava seu colega de investigação com uma discreta inquietude. Notava que Mikael nem sempre exibia um equilíbrio perfeito. Em fins de janeiro, o velho tomou uma decisão que surpreendeu a si próprio. Pegou o telefone e ligou para Estocolmo. A conversa durou vinte minutos e girou principalmente em torno de Mikael Blomkvist.

Foi necessário cerca de um mês para que a cólera de Erika se abrandasse. Às nove e meia de uma das últimas noites de janeiro, ela telefonou.

— Então está mesmo disposto a continuar aí? — perguntou de supetão. O telefonema pegou Mikael tão de surpresa que de pronto não soube o que responder. Depois sorriu e estreitou o cobertor junto ao corpo.

— Oi, Ricky. Você também devia vir aqui experimentar.

— Por quê? Há algum atrativo particular em morar nesse fim de mundo?

— Acabo de escovar os dentes com água gelada. Isso faz minhas obturações berrarem.

— A culpa é toda sua. Mas confesso que aqui em Estocolmo também está fazendo um frio danado.

— Me conte as novidades.

— Perdemos dois terços dos nossos anunciantes fixos. Ninguém tem vontade de dizer claramente, mas...

— Eu sei. Guarde o nome de todos que pularam fora. Um dia faremos uma boa reportagem sobre eles.

— Micke... fiz uns cálculos e, se não conseguirmos novos anunciantes, afundaremos no outono. Simples assim.

— O vento vai mudar.

Ela deu uma risada cansada do outro lado da linha.

— Você não pode dizer uma coisa como essa e se contentar em ficar aí nesse inferno lapão.

— Não exagere, a aldeia lapônia mais próxima fica a mais de quinhentos quilômetros daqui.

Erika calou-se um momento e depois prosseguiu:

— Eu sei. Homem que é homem executa seu trabalho, patati, patatá, conheço bem essa história. Não estou pedindo que se justifique. Me desculpe por ter sido grossa e por não ter respondido aos seus telefonemas. Será que podemos recomeçar? Seria muita ousadia minha eu ir visitá-lo?

— Quando você quiser.

— Devo levar um fuzil para enfrentar os lobos?

— De jeito nenhum. Contrataremos alguns lapões com trenós puxados por cães. Quando você vem?

— Sexta-feira à tarde. Está bem?

De um momento para o outro, a vida pareceu infinitamente mais alegre para Mikael.

Com exceção do estreito caminho desobstruído até a porta, o terreno estava coberto por cerca de um metro de neve. Mikael olhou demoradamente a pá, pensando no que precisaria fazer, depois foi perguntar aos Nilsson se Erika podia estacionar o BMW na casa deles durante a permanência dela ali. Não havia problema. A garagem era ampla e eles até ofereceram um aquecedor de bloco para o motor.

Erika fez o trajeto à tarde e chegou por volta das seis. Os dois se olharam com certa reserva por alguns segundos e depois se estreitaram um nos braços do outro durante um tempo bem mais longo.

A não ser pela igreja iluminada, não havia muito o que ver na obscuridade do anoitecer. O supermercado Konsum e o Café Susanne já estavam fechando as portas. Eles se apressaram a entrar em casa. Enquanto Mikael preparava o jantar, Erika bisbilhotava

todos os cantos, lançando comentários sobre os *Rekordmagasinet* dos anos 1950 e folheando os arquivos na saleta de trabalho. Jantaram costeletas de carneiro com batatas à *la creme* — muitas calorias — e beberam vinho tinto. Mikael tentou retomar o assunto, mas Erika não estava disposta a conversar sobre a *Millennium.* Em vez disso, falaram durante duas horas de si mesmos e das atividades de Mikael. Depois foram verificar se a cama era bastante larga para dois.

O terceiro encontro com o advogado Nils Bjurman fora cancelado, transferido e finalmente marcado para as cinco da tarde da mesma sexta-feira. Nas reuniões anteriores, Lisbeth Salander fora recebida por uma cinquentona perfumada de almíscar que funcionava como secretária. Desta vez, ela não estava presente e o advogado Bjurman exalava um leve cheiro de álcool. Ele fez sinal para Salander se sentar numa poltrona e ficou folheando distraidamente papéis até parecer de repente se dar conta da presença dela.

Seguiu-se um novo interrogatório. Ele indagou Lisbeth acerca de sua vida sexual, que ela considerava definitivamente um assunto privado, sem ter a menor intenção de discuti-lo com quem quer que fosse.

Depois do encontro, viu que havia conduzido mal a conversa. Silenciosa de início, evitara responder às perguntas dele, que interpretara aquilo como timidez, deficiência mental ou uma tentativa de dissimulação, enquanto a pressionava para obter respostas. Percebendo que ele não desistiria, dera respostas sumárias ou anódinas, do tipo que supunha combinar com seu perfil psicológico. Mencionou Magnus — descrito como um programador nerd da sua idade que se comportava como um gentleman com ela, que a levava ao cinema e às vezes para a cama. Magnus era pura ficção e foi tomando forma à medida que ela falava, mas Bjurman aproveitou o pretexto para traçar um mapa detalhado da vida sexual dela na hora seguinte. Com que frequência você faz amor? De tempo em tempo. Quem toma a iniciativa, você ou ele? Eu. Vocês usam preservativos? Claro — ela ouvira falar do HIV. Qual é a sua posição preferida? Geralmente de costas. Gosta de fazer sexo oral? Ei, espera aí... Já praticou sexo anal?

— Não, não acho nem um pouco divertido me foderem por trás, mas isso não é da sua conta, de modo nenhum!

Era a segunda vez que se irritava com Bjurman. Consciente de que ele poderia interpretar seu olhar de modo equivocado, ela o fixou no teto para tentar controlar a raiva. Quando voltou a olhá-lo, ele estava rindo do outro lado da mesa. Lisbeth Salander entendeu de repente que sua vida tomaria um rumo dramático. Deixou o advogado Bjurman com um sentimento de nojo. Não estava preparada para isso. Jamais ocorreria a Palmgren fazer esse tipo de pergunta; ao contrário, ele estava sempre disposto a escutá-la, oferecimento que ela raramente aproveitou.

Bjurman era um *problema sério* em vias de se tornar um problema *muito sério.*

11. SÁBADO 1º DE FEVEREIRO —TERÇA-FEIRA 18 DE FEVEREIRO

Aproveitando as breves horas de luz do sábado, Mikael e Erika fizeram um passeio que os levou das cabanas do porto à fazenda Östergarden. Embora estivesse na ilha havia um mês, Mikael ainda não visitara seu interior; o frio e várias tempestades de neve o dissuadiram de tais exercícios. Mas o sábado estava ensolarado e agradável, como se Erika tivesse trazido um começo de primavera ao horizonte. A temperatura era de cinco graus negativos. Às margens da estrada, elevava-se um metro de neve arrastada pelos tratores. Assim que deixaram a região das cabanas, entraram num bosque de pinheiros denso e Mikael ficou surpreso ao constatar que o monte Sul, que dominava o porto de recreio, era bem mais alto e inacessível do que diria quem o visse do povoado. Por um momento perguntou-se quantas vezes Harriet Vanger fora brincar ali quando criança, depois não pensou mais nisso. Alguns quilômetros adiante, o bosque terminava de modo brusco diante do cercado da fazenda de Östergarden. Viram uma casa branca de madeira e um imponente celeiro vermelho. Decidiram não ir até a fazenda e voltaram pelo mesmo caminho.

Passavam em frente ao acesso da casa Vanger, quando Henrik bateu palmas na janela do andar de cima e, com gestos, os convidou a subir. Mikael e Erika se olharam.

— Quer conhecer um industrial legendário? — perguntou Mikael.

— Ele morde?

— Não aos sábados.

Henrik Vanger os recebeu à porta de seu escritório com um aperto de mão.

— Acho que sei quem você é, deve ser a senhorita Berger — disse. — Mikael não comentou que viria a Hedeby.

Uma das maiores qualidades de Erika era sua capacidade de criar vínculos de amizade com as mais diversas pessoas. Mikael já a vira despejar seu charme sobre garotinhos de cinco anos que, dez minutos depois, não queriam mais saber da mãe. Velhos com mais de oitenta anos não pareciam ser exceção. Suas covinhas sorridentes eram só o aperitivo. Passados dois minutos, Erika e Henrik Vanger ignoravam totalmente Mikael e conversavam como se fossem velhos amigos de infância — digamos, da infância de Erika, considerando a diferença de idade deles.

Sem nenhum constrangimento, Erika começou censurando Henrik por ter atraído seu melhor redator para aquele buraco. O velho replicou que, segundo entendera ao ler os diversos comunicados de imprensa, ela já o havia dispensado e, se não o tivesse feito, seria um ótimo momento para aliviar a redação. Fingindo-se de interessada, Erika examinou Mikael com olhar crítico. De todo modo, uma pausa no campo seria proveitosa ao jovem Blomkvist, acrescentou Henrik Vanger. Erika estava inteiramente de acordo.

Durante cinco minutos, eles fizeram piada sobre os reveses de Mikael. Afundado na poltrona, calado, fingindo-se ofendido, ele fez cara feia quando Erika lançou alguns

comentários equívocos que podiam eventualmente se aplicar aos seus defeitos como jornalista, mas também ao seu desempenho sexual. Com a cabeça para trás, Henrik gargalhava muito.

Mikael ficou estupefato; eram apenas chacotas amistosas, mas nunca tinha visto Henrik tão descontraído e à vontade. Ocorreu-lhe então que um Henrik Vanger cinquenta anos mais jovem — digamos, com trinta anos — devia ter sido um homem sedutor e atraente. Não voltara a se casar. Certamente tivera mulheres pelo caminho, mas continuara solteiro por quase meio século.

Mikael tomou um gole de café e voltou a prestar atenção na conversa, que de repente tinha ficado séria e tratava da *Millennium.*

— Mikael deu a entender que vocês estão com problemas na revista. Erika voltou-se para Mikael.

— Não, ele não falou de assuntos internos, mas seria preciso ser surdo e cego para não perceber que tanto a revista de vocês como as empresas Vanger estão em dificuldades.

— Acredito que podemos dar um jeito na situação — respondeu Erika com prudência.

— Duvido — replicou Henrik.

— É? Por quê?

— Vejamos: quantos funcionários vocês têm, seis? Uma tiragem de vinte e um mil exemplares com circulação mensal, custos de impressão e de distribuição, aluguel... Precisam de algo em torno de dez milhões, digamos. Metade dessa quantia é assegurada pelos anunciantes.

— E...?

— Hans-Erik Wennerström é um safado, vingativo, mesquinho que não vai esquecer de vocês tão cedo. Quantos anunciantes vocês perderam nos últimos meses?

Erika aguardou o que viria a seguir, observando Henrik Vanger. Mikael surpreendeu-se de respiração contida. Quando ele e o velho falavam da *Millennium,* era apenas para fazer comentários insignificantes ou para falar do quanto a situação da revista podia depender da capacidade de Mikael fazer um bom trabalho em Hedestad. Mikael e Erika eram co-fundadores e co-proprietários da *Millennium,* mas era evidente que naquele momento Vanger dirigia-se exclusivamente a Erika, de patrão para patrão. Uma conversa que seguia um código que Mikael não conseguia entender nem interpretar e que talvez se devesse ao fato de, no fundo, ele ser apenas um filho de operário pobre do Norrland e ela uma filha da aristocracia, dotada de uma bela árvore genealógica internacional.

— Posso tomar mais um café? — perguntou Erika. Henrik a serviu imediatamente.

— Bem, vamos admitir que o senhor seja perspicaz. A água está começando a subir nos porões da *Millennium.* Mas estamos sobrevivendo.

— Por quanto tempo?

— Temos seis meses pela frente para dar meia-volta. Oito, nove meses no máximo. Mas não temos liquidez suficiente para nos manter à tona por mais tempo que isso.

O rosto do velho estava insondável quando olhou pela janela. A igreja continuava em seu lugar.

— Sabem que já fui proprietário de um jornal?

Mikael e Erika balançaram negativamente a cabeça ao mesmo tempo. Henrik deu uma risada.

— Possuíamos seis jornais do Norrland. Foi nos anos 1950 e 1960. Idéia do meu pai; ele achava que podia haver vantagens políticas em participar da mídia. Ainda somos proprietários do *Hedestads-Kuriren,* Birger Vanger é presidente do conselho administrativo do jornal. É o filho de Harald — acrescentou, dirigindo-se a Mikael.

— Ele também é vereador — observou Mikael.

— Martin também faz parte do conselho. Procura manter Birger sob controle.

— Por que não participa mais dos jornais? — perguntou Mikael.

— Reestruturação nos anos 1960. A atividade jornalística era mais um hobby do que um interesse. Quando precisamos reduzir o orçamento, foi um dos primeiros bens que pusemos à venda nos anos 1970. Mas sei o que significa estar à frente de um periódico... Posso fazer uma pergunta pessoal?

A pergunta era dirigida a Erika, que levantou uma sobrancelha e com um gesto convidou Vanger a prosseguir.

— Não perguntei a Mikael sobre isso e, se não quiserem responder, não se sintam obrigados. Gostaria de saber por que se meteram nesse lodaçal. Havia ou não uma história?

Mikael e Erika trocaram olhares. Desta vez, Mikael é que parecia ter um ar insondável. Erika hesitou um segundo antes de falar.

— Tínhamos uma história. Mas na verdade estávamos abordando outra. Henrik Vanger balançou a cabeça, como se entendesse perfeitamente.

Mas o próprio Mikael não entendia.

— Não quero falar sobre isso — interveio Mikael. — Fiz minhas investigações e escrevi o texto. Tinha todas as fontes necessárias. E aí a coisa desandou.

— Mas tinha uma fonte para tudo o que escreveu?

Mikael assentiu com a cabeça. A voz de Henrik tornou-se incisiva de repente.

— Não vou fingir que entendo como conseguiu meter o pé em cima dessa mina. Não conheço nenhuma história similar, exceto talvez o caso Lundhall no *Expressen,* nos anos 1960, se é que já ouviram falar dele, pois são muito jovens. Seu informante também era um perfeito mitômano? — Ele balançou a cabeça e voltou-se para Erika, baixando a voz. — Já fui editor de periódicos e posso voltar a ser. O que acha de ter mais um sócio?

A pergunta foi como um relâmpago num céu azul, mas Erika não pareceu nem um pouco surpresa.

— O que está querendo dizer?

Henrik Vanger evitou a pergunta fazendo outra.

— Quanto tempo ficará em Hedestad?

— Até amanhã.

— O que é que você acha — você e Mikael, claro — de fazer um velho feliz e vir jantar comigo esta noite? Às sete?

— Por mim tudo bem. Viremos com prazer. Mas o senhor se esquivou da pergunta que eu fiz. Por que deseja se associar à *Millennium?*

— Não me esquivei da pergunta. Achei que poderíamos falar sobre isso no jantar. Preciso discutir com meu advogado, Dirch Frode, antes de propor algo mais concreto. Mas, para resumir, digamos que tenho dinheiro para investir. Se a revista sobreviver e começar a ser rentável, terei lucro. Caso contrário... bem, já sofri perdas bem maiores que essa na vida.

Mikael ia abrir a boca quando Erika pôs a mão em seu joelho.

— Mikael e eu sempre lutamos para ser inteiramente independentes.

— Bobagem. Ninguém é inteiramente independente. Mas não estou querendo me apossar da revista e não estou interessado no conteúdo. Aquele cretino do Stenbeck encheu os bolsos publicando *Moderna Tider;* por que não posso ajudar a *Millennium,* que, além do mais, é uma boa revista?

— Há alguma relação com Wennerström? — perguntou Mikael subitamente. Henrik Vanger sorriu.

— Mikael, tenho mais de oitenta anos. Há coisas que lamento não ter feito e pessoas que lamento não ter importunado um pouco mais. Mas, voltando ao assunto — e virou-se novamente para Erika —, esse investimento inclui pelo menos uma condição.

— Qual? — disse Erika.

— Mikael deve reassumir seu posto de editor responsável.

— Não — disse Mikael de pronto.

— Sim — disse Henrik Vanger num tom igualmente firme. — Wennerström terá um ataque se divulgarmos um comunicado à imprensa anunciando que as empresas Vanger apóiam a *Millennium* e que, ao mesmo tempo, você reassume como editor responsável. Será o sinal mais claro que podemos enviar. Todo mundo vai entender que não se trata de tomada de poder e que a política editorial permanecerá a mesma. E isso dará aos anunciantes que pensam em se retirar uma razão para refletir um pouco mais. Wennerström não é todo-poderoso. Ele também tem inimigos, e algumas empresas vão achar que é o momento de buscar espaço na revista.

— Afinal, que história maluca é essa? — disparou Mikael no momento em que Erika fechou a porta de entrada.

— É o que chamam de sondagem preliminar tendo em vista um acordo comercial — ela respondeu. — Você não me contou que Henrik era tão irresistível.

Mikael plantou-se bem na frente dela.

— Ricky, você já sabia exatamente qual seria o tema dessa conversa.

— Acalme-se, meu bem! São apenas três da tarde e quero que se ocupem muito bem de mim antes do jantar.

Mikael Blomkvist fervia de cólera. Mas ele nunca conseguiu ficar furioso com Erika por muito tempo.

Erika usava um vestido preto, um casaquinho e escarpins, que, por precaução, pusera na sacola de viagem. Insistiu para que Mikael vestisse paletó e gravata. Ao chegarem na hora marcada à casa de Henrik Vanger, viram que Dirch Frode e Martin Vanger também tinham sido convidados, ambos de terno e gravata, enquanto Henrik vestia gravata-borboleta e uma malha de lã marrom.

— A vantagem de ter mais de oitenta anos é que ninguém ousa criticar a sua maneira de vestir — ele observou.

Erika mostrou excelente humor durante todo o jantar.

A discussão só começou de fato quando passaram a uma sala com lareira e o conhaque foi servido em todos os copos. Falaram durante cerca de duas horas, até o rascunho de um acordo ser esboçado.

Dirch Frode criaria uma sociedade em nome de Henrik Vanger, cujo conselho administrativo seria formado por ele mesmo, Frode e Martin Vanger. Durante quatro anos, a sociedade investiria uma soma de dinheiro que cobriria a diferença entre as receitas e as despesas da *Millennium.* O dinheiro viria dos recursos pessoais de Henrik Vanger. Em contrapartida, ele teria uma posição determinante no conselho administrativo da revista. O acordo seria válido por quatro anos, mas poderia ser rescindido pela *Millennium* depois de dois. Tal rescisão, porém, custaria caro, pois a parte de Henrik só poderia ser resgatada adquirindo-se a totalidade da soma investida.

Em caso da morte súbita de Henrik Vanger, Martin Vanger o substituiria no conselho administrativo durante o período de vigência do contrato. Martin decidiria, chegado o momento, se estenderia ou não o acordo além desse prazo. Martin parecia tentado pela possibilidade de dar o troco a Hans-Erik Wennerström, e Mikael se perguntou em que realmente consistia a disputa entre eles.

Estabelecido o acordo preliminar, Martin encheu novamente os copos com conhaque. Henrik aproveitou para se inclinar em direção a Mikael e explicar em voz baixa que o acordo não afetava de maneira nenhuma o contrato entre os dois.

Também ficou decidido que para que essa reorganização tivesse o máximo de repercussão na imprensa ela seria anunciada em meados de março, no mesmo dia em que Mikael Blomkvist fosse para a prisão. Associar um acontecimento necessariamente negativo com uma reestruturação era tão estranho do ponto de vista da comunicação, que só poderia confundir os detratores de Mikael e dar o máximo de audiência à chegada de Henrik Vanger à *Millennium.* O sinal seria claramente percebido deste modo: retirava-se a bandeira amarela da peste que pairava sobre a redação e a revista tinha protetores que não estavam dispostos a ceder. Por mais que as empresas Vanger estivessem em crise, elas continuavam sendo um grupo industrial de peso e capaz de ter atuação pública se necessário.

Toda a conversa foi uma discussão entre Erika, de um lado, e Henrik e Martin, de outro. Ninguém pediu a opinião de Mikael.

Mais tarde, à noite, Mikael estava apoiado sobre o peito de Erika e a fitava com olhos inquiridores.

— Há quanto tempo você e Henrik vinham discutindo esse acordo? — perguntou.

— Há cerca de uma semana — ela respondeu sorrindo.

— Christer está sabendo?

— Claro.

— Por que não me disse nada?

— E por que eu deveria dizer? Você foi demitido, abandonou a redação e veio se instalar neste fim de mundo.

Mikael refletiu um momento sobre o que ela tinha dito.

— Está querendo me dizer que mereço ser tratado como um cretino?

— Isso mesmo — ela disse, marcando as palavras.

— Você ficou mesmo muito zangada comigo?

— Mikael, eu nunca me senti tão furiosa, abandonada e traída como no momento em que você deixou a redação. Nunca tive tanta raiva de você. — E o pegou firmemente pelos cabelos e o empurrou mais para baixo na cama.

Quando Erika deixou a aldeia no domingo, Mikael estava tão zangado com Henrik Vanger que não queria correr o risco de topar com ele ou com outro membro do clã. Partiu então para Hedestad e passou a tarde dando voltas pela cidade, foi à biblioteca, tomou café numa confeitaria... A noite foi ao cinema assistir a *O senhor dos anéis,* que ainda não tinha visto, embora o filme já estivesse há um ano em cartaz. Disse a si mesmo que os orcos, diferentemente dos humanos, eram criaturas simples, nada complicadas.

Encerrou a noitada no McDonald's de Hedestad e voltou à ilha à meia-noite, no último ônibus. Preparou café e instalou-se à mesa da cozinha para examinar um arquivo. Ficou lendo até as quatro da manhã.

Alguns pontos de interrogação no inquérito sobre Harriet Vanger revelavam-se cada vez mais estranhos à medida que Mikael avançava na leitura da documentação. Não se tratava de nenhuma descoberta revolucionária que acabara de fazer, mas de problemas que haviam mantido o inspetor Gustav Morell ocupado por longos períodos, sobretudo em seu tempo livre.

No último ano de sua vida, Harriet Vanger havia sofrido uma transformação. Mudança explicável, em certa medida, pela metamorfose que todos os jovens passam na adolescência. Harriet começava, certamente, a se tornar adulta, mas várias pessoas, tanto colegas de classe quanto professores e membros da família, afirmaram que ela se tornara mais fechada e reservada.

A menina que dois anos antes era uma adolescente perfeitamente normal e brincalhona parecia ter se distanciado de seu meio. Na escola, continuou a estar com os amigos, mas de um modo definido como "impessoal" por uma das colegas. Um termo bastante incomum para que Morell o registrasse e fizesse outras perguntas. A explicação que lhe deram é que Harriet deixara de falar de si mesma, de comentar as últimas fofocas ou de fazer confidências.

Na juventude, Harriet Vanger fora cristã como a maioria das crianças — culto aos domingos, orações à noite etc. No último ano, pareceu ter virado crente. Lia a Bíblia e ia regularmente à igreja. No entanto não se confiou ao pastor Otto Falk, amigo da família Vanger, e na primavera passou a frequentar uma congregação de pentecostais de

Hedestad. Sua ligação com a Igreja pentecostal não durou muito. Dois meses depois, deixou a congregação e passou a ler livros sobre catolicismo.

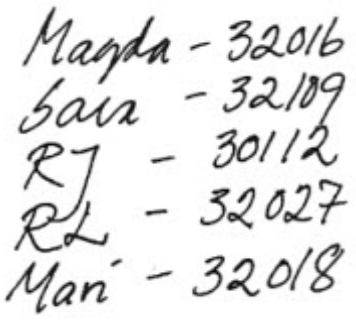
Exaltação religiosa da adolescência? Talvez, mas ninguém na família Vanger havia sido crente, e era difícil saber que impulsos guiaram seus pensamentos. Uma explicação do interesse por Deus podia ser, evidentemente, a morte do pai, afogado num acidente um ano antes. Em todo caso, Gustav Morell concluiu que algo ocorrera na vida de Harriet que a oprimira e a influenciara, mas ele não sabia determinar o quê. Assim como Henrik Vanger, Morell dedicou muito tempo a conversar com as amigas de Harriet, na esperança de encontrar alguém a quem ela pudesse ter feito confidências.

Havia muita expectativa a respeito de Anita Vanger, a filha de Harald Vanger que passou o verão de 1966 na ilha, que se dizia amiga íntima de Harriet e era dois anos mais velha que ela. Mas tampouco Anita tinha alguma informação pessoal a dar. As duas se viram durante o verão, tomaram banho juntas, passearam, falaram de filmes, grupos de rock e livros. Harriet várias vezes acompanhou Anita em suas aulas de habilitação de motorista. Um dia, se embriagaram levemente com uma garrafa de vinho surrupiada da adega. Também passaram várias semanas sozinhas na pequena casa de Gottfried na extremidade da ilha, uma cabana rústica construída pelo pai de Harriet no começo dos anos 1950.

As questões sobre os pensamentos íntimos e os sentimentos de Harriet permaneciam sem resposta. Mikael notou, porém, uma discordância nas opiniões sobre ela: aqueles que achavam seu caráter fechado eram em grande parte colegas de classe e, em certa medida, membros da família, mas Anita Vanger não a achara de modo algum retraída. Ele anotou esse ponto para discuti-lo eventualmente com Henrik Vanger.

Um problema mais concreto, que levara Morell a se fazer muitas perguntas, era uma página misteriosa da agenda finamente encadernada de Harriet Vanger, um presente de Natal recebido um ano antes de seu desaparecimento. A primeira metade da agenda continha anotações diárias com horários de encontros, datas de provas no colégio, deveres de casa e coisas do gênero. Havia espaço para anotações pessoais, mas só muito esporadicamente Harriet escrevia um diário íntimo. Começou em janeiro com muita ambição, com observações sobre pessoas encontradas durante as férias de Natal e alguns comentários sobre os filmes que tinha visto. Depois, não escreveu mais nada de pessoal até o fim do ano escolar, quando parece — é assim que se pode interpretar as anotações — ter se interessado de longe por um rapaz cujo nome não revelou.

O verdadeiro mistério, porém, estava na lista de endereços e telefones. Minuciosamente caligrafados em ordem alfabética, apareciam os nomes de alguns de seus familiares, colegas de classe, professores, membros da Igreja pentecostal e outras pessoas de seu meio facilmente identificáveis. Na última página da lista, depois de um espaço em branco e fora de ordem alfabética, havia cinco nomes associados a números telefônicos. Três nomes de mulheres e duas iniciais.



Os números de cinco algarismos que começavam por 32 correspondiam a telefones de Hedestad nos anos 1960. A exceção iniciada por 30 era de Norrbyn, perto de Hedestad. O único problema, depois que o inspetor Morell contatou sistematicamente todo o círculo de conhecidos de Harriet, era que ninguém tinha a menor idéia de a quem pertenciam esses números de telefone.

O primeiro, "Magda", parecia promissor. Levou a uma loja de retrós na rua do Parque, número 12. O telefone estava em nome de uma Margot Lundmark, cuja mãe chamava-se Magda e que de vez em quando trabalhava na loja. No entanto Magda tinha sessenta e nove anos e não fazia idéia de quem era Harriet Vanger. Nada indicava também que Harriet tivesse ido lá fazer compras. A costura não fazia parte de suas atividades.

O segundo número, "Sara", levou a uma família com filhos pequenos, os Toresson, que moravam em Väststan, do outro lado da ferrovia. A família era formada por Anders, Monica e seus filhos Jonas e Peter, que na época ainda não tinham idade de ir à escola. Não havia nenhuma Sara na família e eles tampouco sabiam quem era Harriet Vanger, a não ser pelo que tinham lido nos jornais sobre seu desaparecimento. A única ligação muito vaga entre Harriet e a família Toresson era que Anders, pedreiro, trabalhara durante algumas semanas, um ano antes, na reforma do telhado da escola em que Harriet cursava o último ano do colegial. Teoricamente, portanto, havia uma possibilidade de que tivessem se encontrado, ainda que isso fosse bastante improvável.

Os três outros números telefônicos conduziam a becos sem saída idênticos. O número 32027 pertencera de fato a uma Sosemaroe Larsson, mas ela falecera havia muitos anos.

Durante o inverno de 1966-1967, o inspetor Morell dedicou grande parte de suas investigações a tentar explicar por que Harriet anotara esses nomes e números.

Uma primeira suposição era que os números telefônicos seguiam uma espécie de código pessoal — e Morell se esforçou para raciocinar como uma adolescente. Como a série iniciada por 32 se aplicava claramente a Hedestad, ele tentou inverter os outros três algarismos. Mas nem tentando 32601, nem 32160, conseguiu chegar a alguma Magda. Obstinado em resolver o mistério dos números, descobriu que, se modificasse bastante os algarismos, cedo ou tarde acabaria encontrando alguma ligação com Harriet. Por exemplo, se somasse 1 a cada um dos três últimos algarismos de 32016, obteria o número 32127, que era o do escritório do advogado Frode em Hedestad. O problema era que tal ligação não significava absolutamente nada. Além do mais, ele nunca descobriu um código que pudesse explicar os cinco números ao mesmo tempo.

Morell ampliou seu raciocínio. Será que os algarismos podiam significar outra coisa? Os números das placas dos veículos nos anos 1960 tinham uma letra associada a uma região, e cinco algarismos — novo impasse.

Depois o inspetor abandonou os algarismos para se concentrar nos nomes. Chegou a fazer uma lista de todas as pessoas de Hedestad chamadas Mari, Magda e Sara e outras com nomes iniciados pelas letras RL e RJ. Obteve um repertório de trezentas e sete pessoas. Entre elas, vinte e nove tinham alguma conexão com Harriet; por exemplo, um colega de classe do colégio chamava-se Roland Jacobsson, RJ. Mas eles não eram particularmente próximos e haviam deixado de ter contato desde que Harriet fora para o colegial. Além disso, não existia nenhuma ligação com o número de telefone.

O mistério da agenda telefônica continuou sem solução.

O quarto encontro com o dr. Bjurman não fora marcado com antecedência. Ela é que foi obrigada a entrar em contato com ele.

Na segunda semana de fevereiro, o computador portátil de Lisbeth Salander sofreu um acidente tão estúpido que ela esteve a ponto de assassinar o planeta Terra inteiro. Ao chegar de bicicleta para uma reunião na Milton Security, estacionou atrás de um pilar e pôs a mochila no chão para pegar o cadeado. Um Saab vermelho-escuro escolheu bem esse momento para dar marcha a ré. Ela estava virada de costas e ouviu o estalo. O motorista não se deu conta de nada e tranquilamente subiu a rampa para desaparecer pela saída da garagem.

A mochila continha seu iBook Apple 600, branco, com um disco rígido de 25 gigas e memória RAM de 420 megas, fabricado em janeiro de 2002 e com tela de 14 polegadas. Quando o adquiriu, era o que havia de melhor na Apple. Os computadores de Lisbeth Salander dispunham das configurações mais recentes e às vezes bastante caras — seu equipamento de informática era o único item extravagante de suas despesas.

Ela abriu a mochila e constatou que a tampa do computador estava quebrada. Tentou fazê-lo funcionar, mas ele não emitiu sequer um último suspiro. Levou os restos à MacJesus Shop de Timmy, na Brännkyrkagatan, na esperança de que pelo menos uma parte do disco rígido pudesse ser recuperada. Após um breve exame do aparelho, Timmy balançou a cabeça.

— Sinto muito, não há o que fazer — anunciou. — Pode encomendar o enterro.

A perda do computador era um golpe moral, mas não uma catástrofe. Lisbeth Salander se entendera perfeitamente bem com ele ao longo de um ano de convivência. Fizera cópias de todos os documentos e ainda possuía um velho computador de mesa Mac G3 e outro Toshiba portátil que poderia usar. Mas ela precisava de uma máquina rápida e moderna.

Optou, como era de se esperar, pela melhor escolha possível: o novo Apple Powerbook G4 de 1 Ghz, com tampa de alumínio e dotado de um processador PowerPC 7451, AltiVec Velocity Engine, memória RAM de 960 megas e disco rígido de 60 gigas. Tinha Bluetooth e um gravador de CD e DVD integrado.

Mais que isso, era o primeiro notebook do mundo com tela de 17 polegadas, uma placa Nvidia e resolução de 1440 por 900 pixels que deixavam embasbacados adeptos dos PC e faziam esquecer tudo o que havia de novo no mercado.

Era o Rolls-Royce dos computadores portáteis, mas o que mais aguçou a vontade de Lisbeth Salander de possuí-lo foi um teclado esperto provido de retro-iluminação, que permitia enxergar as letras das teclas mesmo na escuridão total. Simples, não? Por que ninguém pensara nisso antes?

Foi um caso de amor à primeira vista.

Custava trinta e oito mil coroas, mais as taxas.

Aí havia um problema sério.

Mesmo assim fez a encomenda na MacJesus, onde sempre comprava seus equipamentos de informática e que lhe concedia um desconto razoável. Alguns dias depois, Lisbeth Salander fez as contas. O seguro do computador acidentado cobriria boa parte da compra, mas, considerando a franquia e o preço elevado da nova aquisição, faltava-lhe ainda um pouco mais de dezoito mil coroas. Em casa, ela guardava dez mil coroas num pote de café para ter sempre dinheiro líquido à mão, mas isso não cobria toda a soma. Mesmo amaldiçoando-o, decidiu telefonar para o dr. Bjurman e explicar que precisava de dinheiro para uma despesa imprevista. Bjurman respondeu que não tinha tempo de recebê-la naquele dia. Salander explicou que ele não demoraria mais de vinte segundos para passar um cheque de dez mil coroas. Ele retrucou que não podia fazer um cheque com tão poucos elementos, mas depois acabou cedendo e, após um instante de reflexão, marcou um encontro com ela após o expediente, às sete e meia.

Mikael admitia não ter competência para avaliar um inquérito criminal, mas ainda assim concluiu que o inspetor Morell fora excepcionalmente consciencioso e movera céus e terras muito além do que seu trabalho exigia. Deixando de lado o inquérito policial, Mikael via Morell retornar às anotações de Henrik; uma amizade desenvolvera-se entre os dois e Mikael se perguntou se Morell se tornara tão obsessivo quanto o empresário. Mas concluiu que nada de importante escapara a Morell. A solução do mistério Harriet Vanger não podia estar num inquérito policial praticamente perfeito. Todas as questões imagináveis haviam sido levantadas e todos os indícios verificados, mesmo os mais absurdos.

Ele ainda não lera todo o inquérito, mas, quanto mais avançava, mais os indícios e as pistas exploradas se tornavam obscuros. Não esperava descobrir algo que seu predecessor não tivesse percebido, e não via sob que novo ângulo atacar o problema. Uma conclusão se impunha aos poucos: o único caminho possível era tentar descobrir as motivações psicológicas das pessoas implicadas.

O ponto de interrogação mais evidente dizia respeito à própria Harriet. Quem era ela afinal?

Da janela de sua casa, Mikael viu acender-se, por volta das cinco da tarde, a luz no andar de cima da casa de Cecilia Vanger. Bateu à sua porta às sete e meia, no momento em que o noticiário começava na tevê. Ela vestia um penhoar quando abriu a porta, e tinha os cabelos molhados sob uma toalha amarela. Assim que a viu, Mikael desculpou-se por incomodá-la e já se preparava para partir quando ela o convidou a entrar na cozinha. Ligou a cafeteira elétrica e desapareceu no alto da escada durante alguns minutos, para depois descer vestindo um jeans e uma camisa de flanela xadrez.

— Eu já estava começando a achar que você não teria coragem de vir. Podemos nos tratar por você?

— Claro. Sim, eu deveria ter telefonado antes, mas, quando passei e vi a luz acesa, me deu uma vontade repentina.

— E eu tenho visto que a luz fica acesa a noite toda na sua casa. E que geralmente você sai para passear depois da meia-noite. Você é uma ave noturna?

Mikael encolheu os ombros.

— Foi o ritmo que adotei aqui. — Seus olhos dirigiram-se a alguns livros escolares empilhados na beira da mesa. — Continua dando aulas, senhora diretora?

— Não, como diretora não tenho mais tempo. Mas já dei aulas de história, religião e de educação cívica. E só me restam uns poucos anos.

— Poucos? Ela sorriu.

— Estou com cinquenta e seis. Em breve me aposento.

— Sinceramente, eu lhe dava uns quarenta.

— Bondade sua. E você, que idade tem?

— Um pouco mais de quarenta — sorriu Mikael.

— E ainda ontem você tinha apenas vinte. Como passa depressa... a vida, eu quero dizer.

Cecilia Vanger serviu o café e perguntou se Mikael estava com fome. Ele respondeu que já tinha comido; o que era verdade, a não ser por um detalhe: ele andava se alimentando de sanduíches em vez de preparar refeições de verdade. Mas não estava com fome.

— Então, o que o traz aqui? Chegou a hora de me fazer as famosas perguntas?

— Para falar a verdade... não vim fazer perguntas. Acho que estava simplesmente com vontade de vê-la.

Cecilia Vanger sorriu, surpresa.

— Você foi condenado à prisão, trocou Estocolmo por Hedeby, anda mergulhado nos arquivos favoritos de Henrik, não dorme à noite, faz longas caminhadas noturnas debaixo de um frio de rachar... esqueci alguma coisa?

— Minha vida é um trem fora dos trilhos. — Mikael retribuiu o sorriso.

— Quem é a mulher que veio vê-lo no fim de semana?

— Erika... a dona da *Millennium.*

— Sua namorada?

— Não exatamente. Ela é casada. Sou mais um amigo e um amante ocasional.

Cecilia Vanger deu uma gargalhada.

— O que é tão engraçado?

— O modo como você disse isso. Amante ocasional. Adorei a expressão. Mikael riu. Essa Cecilia Vanger decididamente lhe agradava.

— Gostaria muito de ter um amante ocasional — ela disse.

Descalçou as pantufas e pôs o pé sobre o joelho de Mikael. Maquinalmente ele pegou o pé dela e acariciou sua pele. Hesitou um segundo — sentiu que navegava em águas inesperadas e incertas. Mas com o polegar começou a massagear com suavidade a planta do pé de Cecilia Vanger.

— Também sou casada — disse ela.

— Eu sei. Ninguém se divorcia no clã Vanger.

— Não vejo meu marido há quase vinte anos.

— O que aconteceu?

— Não te interessa. Não faço amor há... humm... digamos, há uns três anos.

— Você me surpreende.

— Por quê? É uma questão de oferta e procura. Não estou nem um pouco interessada em ter um namorado, um marido legítimo ou um companheiro. Sinto-me bem comigo mesma. Com quem eu faria amor? Com um dos professores da escola? Duvido. Com um aluno? Seria um assunto delicioso para as fofocas da cidade. Todos vigiam de perto os Vanger. E aqui em Hedebyön moram apenas membros da família ou pessoas já casadas.

Ela se inclinou para a frente e enlaçou os braços no pescoço dele.

— Estou chocando você?

— Não. Mas não sei se é uma boa idéia. Trabalho para o seu tio.

— E eu seria certamente a última pessoa a contar para ele. Mas é bem provável que Henrik não tivesse nada contra.

Ela sentou de pernas abertas sobre os joelhos de Mikael e o beijou na boca. Os cabelos ainda estavam úmidos e cheiravam a xampu. Ele demorou um pouco para abrir os botões da camisa de flanela, descobrindo-lhe os ombros. Ela não se dera o trabalho de pôr sutiã. Quando ele tocou seus seios, ela estreitou o corpo contra o dele.

O advogado Bjurman contornou a mesa e mostrou-lhe o extrato da conta, cujo saldo ela conhecia até o último centavo, mas do qual não podia mais dispor livremente. Ele se mantinha de pé às suas costas. Súbito, começou a acariciar a nuca de Lisbeth, deslizando a mão sobre o ombro esquerdo e o seio dela. Pôs a outra mão sobre o seio direito e a deixou ali. Como ela não protestou, ele apertou o seio. Lisbeth Salander não se mexia. Sentiu o hálito dele em sua nuca e olhou para o cortador de papel em cima da mesa; poderia facilmente atingi-lo com a mão livre.

Mas não fez nada. Uma coisa que Holger Palmgren lhe ensinara ao longo dos anos era que atos impulsivos traziam problemas, e problemas podiam trazer consequências desagradáveis. Ela nunca fazia nada sem antes pesar as consequências.

Esse primeiro abuso sexual — em termos jurídicos podia ser qualificado como abuso sexual e de poder sobre uma pessoa dependente, e teoricamente podia significar até dois anos de prisão para Bjurman — durou apenas alguns segundos. O suficiente, porém, para transpor, sem volta, uma fronteira. Lisbeth Salander entendeu isso como a demonstração de força de uma tropa inimiga — um modo de deixar claro que, para além da relação jurídica cuidadosamente estabelecida, ela estava à mercê da boa vontade dele, e desarmada. Quando seus olhos se cruzaram alguns segundos depois, a boca de Bjurman estava entreaberta e ela viu desejo em seu rosto. O rosto de Salander não traía o menor sentimento.

Bjurman contornou novamente a mesa e sentou-se em sua confortável cadeira de couro.

— Não posso te passar cheques assim, sem mais — disse abruptamente. — Por que você precisa de um computador tão caro? Há equipamentos bem mais baratos nos quais você pode instalar seus jogos.

— Quero dispor do meu dinheiro como antes. Bjurman lançou-lhe um olhar cheio de piedade.

— Veremos isso mais tarde. Primeiro você precisa aprender a ser sociável e a se entender com as pessoas.

O sorriso do dr. Bjurman certamente teria se contraído um pouco se ele pudesse ler os pensamentos de Lisbeth por trás de seus olhos inexpressivos.

— Acho que podemos ser bons amigos — disse Bjurman. — Precisamos confiar um no outro.

Como ela não respondeu, ele foi mais explícito.

— Você agora é uma mulher adulta, Lisbeth.

Ela fez que sim com a cabeça.

— Venha cá — disse ele, estendendo-lhe uma mão.

Lisbeth Salander pôs novamente os olhos no cortador de papel por alguns segundos antes de se levantar e ir até lá. Consequências. Ele pegou a mão dela e a pôs em seu púbis. Ela sentiu o membro através da calça de gabardine escura.

— Se for gentil comigo, serei gentil com você — ele disse.

Ela estava rígida como um tronco quando ele pôs a outra mão atrás de sua nuca e forçou-a a ajoelhar-se, o rosto diante do púbis.

— Já fez esse tipo de coisa, não fez? — ele perguntou, abrindo a braguilha. Ela percebeu que ele se lavara com água e sabonete.

Lisbeth Salander virou o rosto para o lado e tentou se levantar, mas ele a reteve com firmeza. Na força pura, não podia medir-se com ele; pesava quarenta e dois quilos contra os noventa e cinco dele. Ele pegou a cabeça de Lisbeth com as mãos e virou-lhe o rosto para vê-la bem nos olhos.

— Se você for gentil comigo, serei gentil com você — repetiu. — Se me criar problemas, posso fazê-la ficar internada com os loucos o resto da sua vida. Gostaria disso?

Ela não respondeu.

— Gostaria disso? — ele repetiu.

Ela balançou negativamente a cabeça.

Bjurman esperou até que ela abaixasse o olhar, submissa, ele pensou. Depois a puxou para junto de si. Lisbeth Salander descerrou os lábios e pôs o membro na boca. Em momento nenhum ele deixou de segurá-la pela nuca e de pressioná-la violentamente. Ela se sentiu como que amordaçada ao longo dos dez minutos em que ele se agitou até finalmente ejacular; ele a segurara com tanta força que ela mal pôde respirar.

Bjurman deixou-a usar um pequeno banheiro anexo ao gabinete. O corpo inteiro de Lisbeth Salander tremia quando ela lavou o rosto e tentou limpar as manchas do pulôver. Usou o dentifrício dele para tirar o gosto da boca. Ao voltar ao gabinete, encontrou-o instalado à mesa, folheando papéis, como se nada tivesse acontecido.

— Sente-se, Lisbeth — ele disse, sem olhar para ela. Ela sentou-se. Finalmente ele olhou para ela e sorriu.

— Você agora é adulta, não é, Lisbeth?

Ela assentiu com a cabeça.

— Então deve ser capaz de jogar jogos de adultos — ele disse, como se falasse com uma criança.

Lisbeth não respondeu. Uma pequena ruga se formou na testa de Bjurman.

— Acho que não seria uma boa idéia falar dos nossos jogos a outra pessoa. Pense bem: quem acreditaria em você? Há papéis que comprovam sua irresponsabilidade. — Como ela não respondeu, ele prosseguiu: — Seria a sua palavra contra a minha. Qual delas você acha que pesaria mais?

Ele suspirou diante da obstinação dela em não responder. De repente ficou irritado de vê-la sentada ali, muda, com os olhos fixos nele. Mas controlou-se.

— Seremos bons amigos, você e eu. Foi muito sensata em vir me procurar. Conte sempre comigo.

— Preciso de dez mil coroas para o meu computador — ela falou de repente, em voz baixa, como se retomasse a conversa iniciada antes da interrupção.

O dr. Bjurman ergueu as sobrancelhas. Que puta mais dura de roer! É totalmente retardada. Estendeu-lhe o cheque que havia preparado enquanto ela estava no banheiro. É mais que uma puta; ela se paga com o próprio dinheiro! Dirigiu-lhe um sorriso superior. Lisbeth Salander pegou o cheque e foi embora.

12. QUARTA-FEIRA 19 DE FEVEREIRO

Se Lisbeth Salander fosse uma cidadã comum, ela provavelmente iria à polícia denunciar o estupro no instante em que deixava o escritório do dr. Bjurman. Os hematomas na nuca e no pescoço, bem como as manchas de esperma com o DNA de Bjurman em seu corpo e em suas roupas, teriam sido provas materiais pesadas. Mesmo que o advogado se esquivasse, alegando que *ela concordou* ou *foi ela que me seduziu,* ou *foi ela que quis a felação* e outras afirmações para as quais os estupradores apelam sistematicamente, ainda assim ele seria culpado de tantas infrações do código de tutelas, que lhe teriam retirado de imediato o controle que exercia sobre ela. Uma denúncia teria provavelmente permitido a Lisbeth Salander conseguir um verdadeiro advogado, bem informado a respeito dos abusos de poder sobre as mulheres, o que por sua vez poderia levar a uma discussão do problema central — sua condição de tutelada.

Desde 1989, a noção de maior de idade incapaz deixou de existir.

Há dois níveis de assistência — a curadoria e a tutela.

Um curador intervém para ajudar, com benevolência, pessoas que por diversas razões têm dificuldade de lidar com suas atividades cotidianas, pagar contas ou cuidar da saúde. O curador designado em geral é um parente ou amigo próximo. Se a pessoa não tem ninguém na vida, as autoridades sociais se encarregam de encontrar alguém que cumpra essa função. A curadoria é uma forma moderada de tutela em que a pessoa interessada conserva o controle de seus recursos e em que as decisões são tomadas em comum.

A tutela é uma forma de controle bem mais estrita. A pessoa é impedida de dispor livremente de seu dinheiro e de tomar decisões em diferentes áreas. A formulação exata declara que o tutor *administra os bens e efetua todos os atos cívicos ou jurídicos* da pessoa em questão. Na Suécia, cerca de quatro mil pessoas se encontram nessa situação. As causas mais frequentes que levam alguém a ser posto sob tutela são uma doença psíquica manifesta ou uma doença psíquica ligada a forte dependência de álcool ou drogas. Os dementes senis constituem uma parcela menor. Não deixa de ser surpreendente que haja, entre as pessoas colocadas sob tutela, muitas relativamente jovens, com menos de trinta e cinco anos. Uma delas era Lisbeth Salander.

Privar uma pessoa do controle de sua vida, ou seja, de sua conta bancária, é uma das medidas mais degradantes a que pode recorrer uma democracia, ainda mais quando se trata de um jovem. E degradante, mesmo que a intenção seja considerada boa e socialmente justificável. As questões de tutela, portanto, são um problema político que pode se revelar bastante delicado, cercadas de disposições rigorosas e controladas por uma comissão de tutelas. Esta depende do conselho geral, submetido por sua vez ao procurador geral.

Via de regra, a comissão de tutelas trabalha em condições difíceis. Levando em conta as questões delicadas de que se ocupa essa administração, é surpreendente que tão poucas reclamações ou escândalos tenham sido divulgados nos meios de comunicação.

De vez em quando se toma conhecimento de uma ação na Justiça contra um curador ou um tutor que desviou dinheiro ou que vendeu indevidamente o apartamento do cliente para embolsar o dinheiro. Mas são casos relativamente raros, e isso por duas possíveis razões: ou porque a administração cumpre muito bem suas tarefas, ou porque as pessoas em questão não têm a possibilidade de prestar queixa e de se fazerem ouvir de modo convincente por jornalistas e autoridades.

A comissão de tutelas é obrigada a avaliar, todos os anos, se há alguma razão para solicitar a suspensão de uma tutela. Como Lisbeth Salander persistia em sua recusa obstinada de submeter-se a exames psiquiátricos — não dirigia sequer um polido bom-dia aos médicos —, a administração nunca encontrou razões para modificar sua decisão. Mantido o *statu quo,* sua tutela era renovada anualmente.

O texto da lei estipula, porém, que a determinação de uma tutela *deve se adaptara cada caso.* Quando Holger Palmgren era o responsável, ele interpretou isso à sua maneira e deixou a Lisbeth Salander a responsabilidade de administrar seu dinheiro e sua vida. Ele cumpria meticulosamente as exigências da administração e fazia um relatório mensal e uma revisão anual. Fora isso, tratava Lisbeth Salander como qualquer jovem normal e não se imiscuía em suas escolhas de vida ou amizades. Achava que não cabia nem a ele nem à sociedade decidir se aquela jovem queria ter um *piercing* no nariz e uma tatuagem no pescoço. Essa atitude um tanto permissiva em relação à decisão do tribunal de instância era uma das razões pelas quais Lisbeth e ele se entendiam tão bem.

Enquanto Holger Palmgren foi seu tutor, Lisbeth Salander não se preocupou muito com seu estatuto jurídico. Mas o dr. Nils Bjurman interpretava a lei de tutela de modo radicalmente diferente.

Seja como for, Lisbeth Salander não pertencia à categoria das pessoas normais. Tinha um conhecimento rudimentar em direito — área na qual nunca se interessou em se aprofundar — e sua confiança no serviço de manutenção da ordem quase não existia. Para ela, a polícia era um poder inimigo relativamente imperfeito, cujas intervenções concretas ao longo dos anos haviam sido detê-la ou humilhá-la. A última vez que havia se defrontado com a polícia fora numa tarde de maio do ano anterior. Caminhava pela Götgatan para ir à Milton Security, quando de repente viu-se cara a cara com um policial munido de capacete com viseira, que, sem a menor provocação da parte dela, aplicou-lhe um golpe de cassetete no ombro. Seu instinto de defesa a levou imediatamente à ofensiva com a garrafa de Coca-Cola que trazia na mão. Por sorte, antes que ela tivesse tempo de reagir, o policial já virara as costas e partia para reprimir outras pessoas. Mais tarde, ficou sabendo que naquele dia a associação A Rua Nos Pertence organizara uma manifestação no bairro.

A idéia de ir ao QG dos capacetes-com-viseira ou de denunciar Nils Bjurman por abuso sexual não lhe passava pela cabeça. Aliás, denunciar o quê? Bjurman tocara-lhe os seios. Qualquer policial a examinaria com os olhos para constatar que, com seus peitinhos de menina, aquilo parecia improvável e, mesmo que houvesse acontecido, ela devia mais era se orgulhar de *alguém* tê-la tocado. Quanto à história de chupar — era a palavra dela contra a de Bjurman e, geralmente, a palavra dos outros contava mais que a dela. A *polícia não era uma boa alternativa.*

Depois de deixar o escritório de Bjurman, foi para casa, tomou um banho, devorou dois sanduíches de queijo com picles, e então instalou-se para refletir no sofá da sala com seu tecido puído e embolotado.

Qualquer indivíduo normal talvez tivesse considerado sua falta de reação como um elemento de acusação — uma prova de que, de certo modo, Lisbeth era tão anormal que mesmo um estupro não conseguia provocar nela uma resposta emocional satisfatória.

Seu círculo de amizades era bastante restrito e também não abrangia jovens de classe média protegidos por seus condomínios fechados do subúrbio. Desde a maioridade, Lisbeth Salander não conhecia uma única garota que, pelo menos uma vez, não tivesse sido forçada a realizar algum tipo de ato sexual. Eram abusos cometidos quase sempre por namorados mais velhos que, usando de alguma persuasão, davam um jeito de conseguir o que queriam. Pelo que ela sabia, tais incidentes resultavam às vezes em crises de choro e de raiva, mas jamais numa queixa levada à delegacia.

No mundo de Lisbeth Salander, era esse o estado natural das coisas. Enquanto mulher, ela era uma presa autorizada, sobretudo a partir do momento em que vestia uma jaqueta de couro preto e gasto, tinha *piercings* nas sobrancelhas, tatuagens e um status social nulo.

Não havia por que derramar lágrimas por isso.

Por outro lado, estava fora de questão que o dr. Bjurman pudesse obrigá-la a chupar seu pau *impunemente.* Lisbeth Salander nunca esquecia uma afronta e estava disposta a tudo, menos a perdoar.

Mas seu estatuto jurídico trazia um problema. Desde suas lembranças mais remotas, fora considerada uma menina obstinada e de uma violência injustificável. As primeiras anotações a seu respeito haviam sido feitas pela enfermeira da escola primária. Fora mandada para casa por ter batido num colega de classe e por tê-lo empurrado com tanta força contra um cabide que ele se machucou. Ela ainda se lembrava com irritação da vítima, um menino gordo chamado David Gustavsson que não parava de provocá-la e de atirar-lhe coisas na cabeça, e que com o passar do tempo tornou-se um perfeito algoz, embora na época ela não conhecesse a palavra. De volta à escola, David prometeu vingar-se em tom ameaçador e ela o derrubou com um soco bem dirigido e reforçado por uma bola de golfe no punho, o que resultou em mais sangue derramado e em um novo registro de mau comportamento.

As regras da vida em comum na escola sempre a deixaram perplexa. Ela se ocupava de seus afazeres e não se intrometia na vida dos outros. Mas havia sempre alguém disposto a jamais deixá-la em paz.

No ensino primário, foi mandada várias vezes para casa em virtude de violentas disputas com colegas. Os garotos de sua classe, bem mais fortes que ela, logo descobriram que podia ser desagradável implicar com aquela menina franzina — ao contrário das outras meninas, ela nunca batia em retirada e não hesitava um segundo em usar os punhos ou instrumentos diversos para se defender. Sua atitude significava que ela preferia ser maltratada até a morte a aceitar qualquer abuso.

Além disso, vingava-se.

No ginásio, Lisbeth Salander desentendeu-se com um rapaz bem mais alto e mais forte que ela. Do ponto de vista puramente físico, ela não representava um grande obstáculo para ele. Várias vezes o rapaz divertiu-se em fazê-la cair, para depois esbofeteá-

la quando ela tentava reagir. Mas, apesar dessa superioridade, a idiota insistia em reagir e, depois de algum tempo, mesmo os outros alunos começaram a achar que a coisa estava indo longe demais. Ela era tão visivelmente indefesa que dava pena. O rapaz acabou por acertar-lhe um soco magistral que cortou seu lábio e a fez ver estrelas. Ficou caída no pátio do ginásio. Passou dois dias em casa. Na manhã do terceiro dia, esperou seu algoz com um taco de beisebol e o desferiu contra sua orelha. Isso lhe valeu uma convocação do diretor, que decidiu apresentar queixa contra ela por agressão física, o que resultou num inquérito social.

Seus colegas de classe diziam que ela era maluca e a tratavam como tal. Ela também despertava pouca simpatia entre os professores, que em alguns momentos achavam-na insuportável. Nunca fora especialmente loquaz e era considerada a aluna que nunca levantava a mão e que em geral não respondia quando o professor lhe fazia uma pergunta. Ninguém sabia se era porque ela não conhecia a resposta ou se a razão era outra, mas suas notas refletiam uma situação de fato. Com certeza ela tinha problemas, porém, curiosamente, ninguém quis se encarregar dessa menina difícil, embora seu caso fosse discutido várias vezes entre os professores. Assim, mesmo eles a deixavam de lado, enclausurada num silêncio intratável.

Certo dia, um substituto que não conhecia seu comportamento peculiar a intimou a responder a uma questão de matemática; ela teve uma crise histérica e atacou o professor com socos e pontapés. Ao terminar o ginásio, foi cursar o colegial em outra escola sem ter um único colega a quem dizer adeus. Uma menina de comportamento desviante que ninguém amava.

Depois, quando estava no auge da adolescência, aconteceu-lhe todo o Mal no qual não queria pensar, a última crise que veio completar o quadro e que fez com que reabrissem os arquivos do ginásio. Desde então foi considerada, do ponto de vista jurídico... enfim, maluca. *Uma doente mental.* Lisbeth Salander nunca teve necessidade de documentos para saber que era diferente. No entanto, ninguém a aborreceu enquanto seu tutor foi Holger Palmgren, um homem que ela podia conduzir à vontade, se necessário.

Com a chegada de Bjurman, a tutela corria o risco de virar um peso dramático em sua vida. Não importa para quem se voltasse, haveria armadilhas potenciais em seu caminho, e o que aconteceria se perdesse o combate? Seria levada a uma instituição? Encerrada num asilo de loucos? *Bela alternativa!*

Mais tarde na noite, quando Cecilia Vanger e Mikael se aquietaram, pernas entrelaçadas, Cecilia repousando a cabeça no peito de Mikael, ela levantou os olhos para ele.

— Obrigada. Fazia muito tempo. Você não é ruim de cama.

Mikael sorriu. Esse tipo de elogio sempre lhe causava uma satisfação pueril.

— Foi bom — disse Mikael. — Inesperado, mas gostoso.

— Gostaria que se repetisse — disse Cecilia. — Se isso lhe agrada.

Mikael olhou para ela.

— Está dizendo que gostaria de ter um amante?

— Um amante ocasional, como você disse. Mas quero que vá dormir em sua casa. Não quero acordar de manhã com você aqui, antes de eu poder recompor meus músculos e meu rosto. E também não seria bom você sair espalhando pelo povoado o que fazemos juntos.

— Acha que eu faria isso? — disse Mikael.

— Sobretudo não quero que Isabella saiba. É uma mulher muito maldosa.

— E sua vizinha mais próxima... eu sei, já nos encontramos.

— Ainda bem que da casa dela não se vê minha porta de entrada. Seja discreto, Mikael, por favor.

— Serei.

— Obrigada. Você bebe?

— Às vezes.

— Estou com vontade de beber um gim-tônica. Que tal?

— Ótimo.

Ela se envolveu no lençol e desceu a escada. Mikael aproveitou para ir ao banheiro e lavar o rosto. Nu, ele observava os livros na estante quando ela voltou com uma garrafa de água gelada e dois gins-tônicas com limão. Fizeram um brinde.

— Por que veio à minha casa? — ela perguntou.

— Por nada de especial. Simplesmente eu...

— Estava na sua casa lendo o inquérito de Henrik e depois vem me ver. Não é preciso ser muito inteligente para perceber o que o atormenta.

— Você leu o inquérito?

— Em parte. Passei toda a minha vida adulta às voltas com esse inquérito. Não se pode conviver com Henrik sem ser contaminado pelo mistério Harriet.

— A verdade é que é um problema fascinante. Quero dizer, é a versão insular do mistério do quarto fechado. E nada no inquérito me parece seguir a lógica normal. Todas as questões continuam sem resposta, todos os indícios levam a um beco sem saída.

— Humm, essas coisas tornam as pessoas obsessivas.

— Você estava na ilha naquele dia.

— Sim. Estava aqui e presenciei os acontecimentos. Na época eu estudava em Estocolmo. Preferia ter ficado em casa naquele fim de semana.

— Como era Harriet de fato? As pessoas parecem tê-la interpretado de tantas maneiras diferentes.

— É *off the record* ou...?

— *Off the record.*

— Não faço a menor idéia do que se passava na cabeça de Harriet. Suponho que você queira falar do último ano. Num dia era uma crente, no dia seguinte maquiava-se como uma puta e ia à escola com a blusa mais colante que encontrava. Não é preciso ser psicólogo para perceber que estava profundamente infeliz. Mas eu não vivia aqui, como eu disse; apenas ouvia as histórias.

— O que desencadeou esses problemas?

— Gottfried e Isabella, sem dúvida. Que desgraça de casamento! Levianos e sempre dispostos a brigar. Não fisicamente. Gottfried não era do tipo que bate em mulher, e ele até tinha medo de Isabella. No começo dos anos 1960, instalou-se de modo mais ou menos definitivo em sua cabana na extremidade da ilha, onde Isabella nunca punha os pés. De tempos em tempos surgia aqui na aldeia parecendo um mendigo. Depois voltava ao normal e vestia-se com cuidado, tentando retomar seu trabalho.

— Não havia ninguém disposto a ajudar Harriet?

— Henrik, claro. Ela acabou vindo morar na casa dele. Mas não esqueça que ele andava ocupado em desempenhar seu papel de grande industrial. Geralmente estava viajando a negócios para algum lugar e não tinha muito tempo de se dedicar a Harriet e a Martin. Não acompanhei bem essa história, pois morei primeiro em Uppsala e depois em Estocolmo — e também não tive uma juventude muito fácil com Harald como pai, posso lhe assegurar. Mas aos poucos entendi que o problema vinha do fato de Harriet nunca se abrir com ninguém. Ao contrário, ela procurava manter as aparências e fingir que eles eram uma família feliz.

— Negação sistemática.

— Exatamente. Mas ela mudou depois que o pai se afogou. Não podia mais fingir que estava tudo bem. Até então ela fora... não sei como dizer, superdotada e precoce, mas de modo geral uma adolescente bem comum. No último ano, continuou sendo de uma inteligência brilhante, tirava as melhores notas do colégio, mas era como se não tivesse uma verdadeira personalidade.

— Como seu pai se afogou?

— Gottfried? Da maneira mais banal possível. Caiu de um barco que estava próximo da sua cabana. A braguilha estava aberta e verificou-se uma taxa de álcool extremamente alta no sangue, dá pra imaginar o que aconteceu. Martin foi quem o encontrou.

— Eu não sabia.

— É engraçado. Martin evoluiu, tornou-se uma pessoa saudável. Se me perguntassem isto trinta e cinco anos atrás, eu teria dito que, de todos na família, ele é que precisava de um psicólogo.

— Por quê?

— Harriet não era a única a sofrer com a situação. Durante anos Martin foi tão taciturno e fechado que podia ter sido apelidado de urso. As duas crianças viviam momentos penosos. Mas não era muito diferente com todos nós. Eu tinha problemas com meu pai, você deve ter percebido que ele é louco de dar nó. Minha irmã Anita tinha os mesmos problemas, assim como Alexander, meu primo. Era duro ser jovem na família Vanger.

— O que aconteceu com sua irmã?

— Anita mora em Londres. Foi para lá nos anos 1970, a fim de trabalhar numa agência de viagens sueca, e lá ficou. Viveu com um sujeito que ela nunca quis apresentar à família e de quem depois se separou. Hoje é chefe de escala na British Airways. Nos damos bem, eu e ela, mas temos muito pouco contato, nos vemos mais ou menos de dois em dois anos. Ela nunca vem a Hedestad.

— Por quê?

— Nosso pai é louco. Basta como explicação?

— Mas você ficou aqui.

— Eu e Birger, meu irmão.

— O político.

— Está tirando um sarro? Birger é mais velho que Anita e eu. Nunca nos entendemos muito bem. Ele se considera um político muito importante com um futuro no Parlamento e talvez um cargo de ministro, se os conservadores ganharem. Na realidade, é um vereador medíocre num povoado perdido, o que deveria representar ao mesmo tempo o auge e o fim de sua carreira.

— Uma coisa que me fascina na família Vanger é o ódio recíproco de todos os lados.

— Não é bem assim. Gosto muito de Martin e de Henrik. E sempre me dei bem com minha irmã, mesmo nos vendo pouco. Detesto Isabella, não tenho muita simpatia por Alexander. E não falo com meu pai. Eu diria que é mais ou menos meio a meio na família. Mas sei o que você quer dizer. Entenda assim: quando se é da família Vanger, aprende-se muito cedo a falar às claras. Costumamos dizer o que pensamos.

— Sim, percebi que você foi muito franca. — Mikael estendeu a mão e tocou os seios dela. — Bastaram quinze minutos na sua casa para você pular em cima de mim.

— Para ser bem franca, já na primeira vez que o vi eu me perguntei como você seria na cama. E me pareceu muito normal eu querer fazer o teste.

Pela primeira vez na vida, Lisbeth Salander sentiu uma necessidade premente de pedir um conselho. No entanto havia um problema: para se aconselhar com alguém, ela seria obrigada a confiar na pessoa, o que significava ser obrigada a se entregar e a contar seus segredos. Com quem poderia falar? Não era muito boa em se relacionar com as pessoas.

Quando passou mentalmente em revista seu caderninho de endereços, Lisbeth Salander contou não mais que dez pessoas que, de um modo ou de outro, pertenciam a seu círculo de conhecidos. Uma estimativa generosa, ela mesma admitiu.

Podia falar com Praga, um ponto mais ou menos fixo em sua existência. Mas não se tratava de um amigo, e ele seria o último a poder ajudá-la a resolver seus problemas. Não era uma boa solução.

Na verdade, a vida sexual de Lisbeth Salander não era tão modesta como dera a entender ao dr. Bjurman. E, na maioria das vezes, seus relacionamentos se desenrolaram de acordo com suas condições e por iniciativa sua. Desde os quinze anos, teve uns cinquenta parceiros, ou seja, algo como cinco por ano, o que era normal para uma mulher solteira da idade dela que considerava o sexo como um passatempo.

Mas ela conheceu a maioria desses parceiros ocasionais num período de dois anos, na época tumultuosa do fim da adolescência. Lisbeth Salander viu-se então numa encruzilhada, sem controle real sobre sua vida, e seu futuro poderia ter se transformado numa nova série de ocorrências relacionadas com drogas, álcool e internação em diferentes instituições. Depois dos vinte anos e de seu início na Milton Security, ela se acalmara consideravelmente e julgava estar no comando de sua vida.

Não se sentia mais obrigada a retribuir favores a quem lhe tivesse pago três cervejas num bar, nem a menor obrigação de acompanhar um bêbado, cujo nome mal lembrava, até a casa dele. No último ano, teve um único parceiro regular, o que dificilmente se podia

qualificar de atitude desavergonhada, como insinuavam os documentos médicos do final de sua adolescência.

Fora isso, para ela o sexo estava ligado ao fato de pertencer a um grupo de garotas do qual na realidade não fazia parte, mas que a aceitara por ser amiga de Cilla Norén. Ela conhecera Cilia no final da adolescência, quando, a pedido insistente de Holger Palmgren, tentou obter o certificado de conclusão do segundo grau em um curso supletivo. Cilla tinha cabelos vermelhos com mechas escuras, vestia calça de couro preto, tinha um piercing no nariz e um cinto com rebites, como Lisbeth. Elas se olharam com desconfiança na primeira aula.

Por uma razão que Lisbeth não conseguia entender, começaram a se ver. Lisbeth não era das que logo faziam amizade, sobretudo naquela época, mas Cilla ignorou seu silêncio e a levou a um bar. Por intermédio dela, Lisbeth tornou-se membro das Evil Fingers, originalmente um grupo da periferia composto de quatro adolescentes de Enskede que gostavam de *hard rock* e que, dez anos depois, formavam um grupo considerável de amigas que se reuniam no Moulin, terças-feiras à noite, para falar mal dos rapazes, conversar sobre feminismo, ciências ocultas, música e política, e beber quantidades enormes de cerveja. Elas, de fato, faziam jus ao nome.

Salander gravitava na periferia desse grupo e raramente dava sua contribuição às discussões, mas era aceita do jeito que era, podia ir e vir à vontade e ficar a noite toda com um copo de chope na mão sem dizer nada. Também era convidada para os aniversários de uma ou outra, Natal e festas do gênero, embora quase nunca comparecesse.

Durante os cinco anos em que frequentou as Evil Fingers, as meninas sofreram transformações. As cores dos cabelos foram voltando ao normal e as roupas agora provinham mais das lojas H&M que dos brechós do Exército da Salvação. Todas ou estudavam ou trabalhavam, e uma deu à luz um menino. Lisbeth tinha a impressão de ser a única que não mudara em nada, o que talvez significasse que patinava no mesmo lugar.

Mas elas se divertiam sempre que se encontravam. Se havia um lugar ao qual sentia uma espécie de pertencimento, era na companhia das Evil Fingers e, por extensão, na companhia dos rapazes que constituíam o círculo de amigos do grupo.

As Evil Fingers a escutariam e se mobilizariam a seu favor. Mas elas ignoravam que Lisbeth Salander estava submetida a uma decisão da Justiça que a declarava juridicamente irresponsável. Não queria que elas também passassem a olhá-la torto. *Não era uma boa alternativa.*

Quanto ao resto, nem um único colega de classe de antigamente figurava no seu caderninho de endereços. Ela não dispunha de nenhuma rede de apoio ou de contatos políticos. Haveria alguém a quem pudesse contar seus problemas com Nils Bjurman?

Sim, talvez houvesse alguém. Ela refletiu demoradamente sobre a idéia de se abrir com Dragan Armanskij, de procurá-lo para expor sua situação. Ele dissera que se ela precisasse de qualquer tipo de ajuda não devia hesitar em procurá-lo. Ela estava convencida de sua sinceridade.

Armanskij também a tocara uma vez, mas fora um gesto gentil, sem más intenções, não tivera nada de demonstração de força. No entanto ela relutava em lhe pedir ajuda. Ele era seu chefe, e isso a tornaria devedora. Lisbeth Salander sorriu ao pensar em como seria sua vida se tivesse Armanskij como tutor em vez de Bjurman. A idéia não era desagradável, mas Armanskij certamente levaria tão a sério a missão que a sufocaria com sua solicitude. *Era... humm... uma alternativa possível.*

Embora estivesse perfeitamente a par do papel do SOS-Mulheres, nunca lhe passou pela cabeça utilizar esse recurso. Para ela, esses centros de apoio destinavam-se às *vítimas* e ela nunca tinha se considerada como tal. Portanto, a única boa alternativa que lhe restava era agir como sempre agira — resolver ela mesma seus problemas. *Essa, sim, era a boa solução.*

E uma solução que nada de bom prometia ao dr. Nils Bjurman.

13. QUINTA-FEIRA 20 DE FEVEREIRO –SEXTA-FEIRA 7 DE MARÇO

Na última semana de fevereiro, Lisbeth Salander confiou a si mesma uma missão, que tinha o dr. Nils Bjurman, nascido em 1950, como objeto principal. Trabalhou cerca de dezesseis horas por dia e fez uma investigação mais minuciosa do que nunca. Utilizou todos os arquivos e todos os documentos oficiais que conseguiu encontrar. Vasculhou as relações familiares e pessoais, verificou as contas e reconstituiu em detalhe a carreira e os trabalhos realizados pelo advogado.

O resultado foi desanimador.

Ele era jurista, membro da Ordem dos Advogados e autor de uma tese verborrágica e especialmente tediosa sobre direito comercial. Sua reputação era impecável. O dr. Bjurman nunca recebera uma crítica. Uma única vez foi chamado à Ordem dos Advogados — teria intermediado negócios imobiliários escusos dez anos antes —, mas comprovou sua inocência e o caso foi arquivado. Suas contas estavam em ordem; Bjurman era rico, dispunha de pelo menos dez milhões de coroas. Pagava mais impostos que o necessário, era membro do Greenpeace e da Anistia Internacional, e fazia doações regulares à Fundação para o Coração e os Pulmões. Seu nome raramente aparecia na mídia, mas várias vezes assinou petições a favor de prisioneiros políticos do Terceiro Mundo. Morava num apartamento de cinco quartos da Upplandsgatan, perto da Odenplan, e era secretário do conselho de condôminos de seu prédio. Divorciado, sem filhos.

Lisbeth Salander dirigiu o foco para sua ex-mulher, chamada Elena. Nascera na Polônia, mas sempre vivera na Suécia. Trabalhava num centro de reeducação e voltara a se casar, aparentemente um casamento melhor, com um colega de Bjurman. Nada a investigar desse lado. O casamento durara catorze anos e o divórcio fora amigável.

Bjurman se ocupava regularmente do controle de jovens com problemas na Justiça. Fora curador de quatro menores de idade antes de ser nomeado tutor de Lisbeth Salander. Cada uma dessas missões terminou por simples decisão do tribunal no dia em que alcançaram a maioridade. Um desses clientes ainda tinha Bjurman como advogado, mas também aí não parecia haver nada de importante a descobrir. Se Bjurman montara um sistema para tirar proveito de seus protegidos, pelo menos nada aparecia na superfície, e, por mais que Lisbeth pesquisasse em profundidade, também nada encontrou de errado. Os quatro tinham vidas regulares com um namorado ou namorada, emprego, casa e um monte de cartões de crédito.

Ela entrou em contato com os quatro, apresentando-se como secretária de assuntos sociais encarregada de pesquisar jovens que no passado estiveram sob regime de curadoria, para saber como estava a vida deles comparada à de outros jovens. *Sim, com certeza, é uma pesquisa completamente sigilosa.* Montou um questionário com dez itens. Várias das perguntas eram formuladas de modo a incitar os interlocutores a dar sua opinião sobre o funcionamento da curadoria — se tivessem algo a dizer sobre Bjurman, isso certamente teria transparecido em pelo menos um dos entrevistados. Mas ninguém tinha nada de negativo a declarar.

Terminada a pesquisa, Salander enfiou toda a documentação num saco de papel de supermercado e o pôs, com um monte de jornais velhos, na entrada de seu prédio. O dr. Bjurman era, aparentemente, irreprochável. Nada havia em seu passado que Lisbeth pudesse usar como alavanca. No entanto, e ela tinha motivos para pensar isto, o cara não passava de um canalha estúpido e nojento. Ainda assim, não encontrava nada que pudesse utilizar como prova.

Chegou o momento de considerar outras possibilidades. Depois de passar em revista todas as análises, restava uma solução relativamente tentadora — ao menos muito realista. O mais simples seria Bjurman desaparecer de vez da sua vida. Um infarto fulminante. Fim dos problemas. A questão é que mesmo sujeitos viciosos de cinquenta e cinco anos não estavam tão vulneráveis a um infarto.

Mas se podia dar um jeito nisso.

Mikael Blomkvist conduzia seu relacionamento com Cecilia Vanger na maior discrição. Ela estabelecera três condições: não queria que ninguém soubesse que eles se encontravam. Queria que ele fosse à casa dela somente quando o chamasse pelo telefone e quando ela estivesse de bom humor. E queria que ele fosse embora antes da meia-noite.

A atitude de Cecilia deixava Mikael perplexo. Quando a via casualmente no Café Susanne, ela se mostrava amável, porém fria e distante. Mas, quando se encontravam em seu quarto, ela ardia de paixão.

Mikael não tinha nenhum motivo especial para revolver a vida particular dela, mas fora contratado para investigar a de toda a família Vanger. Sentia-se dividido e ao mesmo tempo curioso. Um dia, perguntou a Henrik Vanger com quem ela se casara e o que acontecera. Fez a pergunta quando eles falavam do passado de Alexander, de Birger e de todos os outros membros da família presentes na ilha no dia em que Harriet desapareceu.

— Cecilia? Pelo que sei, ela não se relacionava com Harriet.

— Fale-me do passado dela.

— Veio morar aqui depois de seus estudos e começou a trabalhar como professora. Conheceu um certo Jerry Karlsson, que infelizmente trabalhava no grupo Vanger. Casaram-se. Pensei que fosse um casamento feliz — ao menos no começo. Mas depois de alguns anos percebi que as coisas não andavam bem. Ele batia nela. A história de sempre: ele batia, mas ela concedia-lhe circunstâncias atenuantes. Até que um dia ele bateu demais. Ela ficou gravemente ferida e precisou ser hospitalizada. Falei com ela e ofereci-lhe ajuda. Ela veio morar na ilha e desde então se recusa a ver o marido. Encarreguei-me de despedi-lo.

— Mas eles continuam casados.

— Só no papel. Não sei por que ela não pediu o divórcio. Como não quis se casar de novo, nunca houve problema.

— Esse Jerry Karlsson tinha alguma relação...

— ... com Harriet? Não, ele não morava em Hedestad em 1966 e ainda não havia entrado para o grupo.

— Certo.

— Mikael, eu gosto de Cecilia. Ela pode ser complicada, mas é uma das raras pessoas boas da minha família.

Tão sistemática como um perfeito burocrata, Lisbeth Salander dedicou uma semana planejando a morte do dr. Nils Bjurman. Considerou — e rejeitou — diferentes métodos, até dispor de um número de roteiros realistas entre os quais escolher. *Não agir impulsivamente.* Seu primeiro pensamento foi tentar forjar um acidente, mas, refletindo bem, logo concluiu que pouco importava que falassem de homicídio.

Apenas uma condição era necessária. Bjurman devia morrer sem que jamais a associassem com o crime. Suspeitava que cedo ou tarde, quando os tiras examinassem as atividades de Bjurman, seu nome apareceria num inquérito policial. Mas ela era somente um grão de areia numa galáxia de clientes atuais e antigos, encontrara-se com ele raras vezes e, a menos que Bjurman tivesse anotado na agenda que a forçara a chupar seu pinto — o que era bastante improvável —, não tinha razão para assassiná-lo. Não haveria a menor prova de que a morte dele tinha alguma relação com seus clientes; poderiam pensar em ex-namoradas, parentes, conhecidos e um monte de outras pessoas. Poderiam mesmo classificar o caso como *violência casual,* quando assassino e vítima não se conhecem.

Mas digamos que o nome dela aparecesse. E aí? Ela seria apenas uma pobre menina sob tutela, amparada por documentos que provavam que era uma retardada mental. O ideal, portanto, é que a morte de Bjurman se desse num esquema bastante sofisticado, para que não fosse plausível pensar que uma retardada mental pudesse ser a autora do crime.

De saída rejeitou a solução arma de fogo. Não teria muitos problemas de ordem prática para obter uma, mas os tiras sabem como descobrir a origem das balas.

Considerou uma arma branca; embora uma faca pudesse ser comprada em qualquer bazar, rejeitou também essa solução. Mesmo que agisse com presteza e lhe cravasse a faca nas costas, nada garantia que ele fosse morrer em seguida e sem ruído, nem mesmo que morreria. Pior: poderia haver luta, o que chamaria a atenção, e suas roupas manchadas de sangue poderiam incriminá-la.

Considerou também uma bomba, coisa, porém, ainda mais complicada. Preparar uma bomba não seria problema — a internet está cheia de manuais que ensinam a fabricar os objetos mais mortíferos. Difícil seria achar um jeito de explodir o canalha sem atingir também um inocente. Sem contar, mais uma vez, que nada garantiria a eliminação do canalha.

O telefone tocou.

— Oi, Lisbeth, é Dragan. Tenho um trabalhinho para você.

— Estou sem tempo.

— É importante.

— Estou ocupada. E desligou.

Por fim, decidiu-se por uma solução inesperada — o veneno. A escolha a surpreendeu, mas, pensando bem, era perfeita.

Lisbeth Salander dedicou alguns dias e noites a pesquisar na internet um veneno adequado. A escolha era ampla. Primeiro aparecia o veneno mais mortal conhecido pela ciência, considerando todas as categorias — o ácido cianídrico, também chamado de ácido prússico.

O ácido cianídrico era utilizado na indústria química, entre outras, como componente de algumas tintas. Alguns miligramas bastariam para liquidar alguém; um litro despejado no reservatório de água de uma cidade de porte médio poderia destruí-la completamente.

Por razões evidentes, tal substância mortal sofria um controle rigoroso. Mas se um fanático com projetos de assassinato político não podia entrar na farmácia mais próxima e pedir dez mililitros de ácido cianídrico, era possível fabricá-lo em quantidades quase ilimitadas numa cozinha qualquer. Um modesto equipamento de laboratório, disponível num jogo infantil como O *pequeno químico,* custa duzentas coroas e não requer mais que alguns ingredientes, que podem ser extraídos de produtos domésticos comuns. A receita estava disponível na internet.

Havia também a nicotina. De um único maço de cigarros, Lisbeth poderia extrair miligramas suficientes da substância para preparar um xarope não muito viscoso. Melhor ainda, embora um pouco mais difícil de fabricar: o sulfato de nicotina, que tinha a vantagem de ser absorvido pela pele; bastaria pôr luvas de borracha, encher uma pistola d'agua e dispará-la no rosto do dr. Bjurman. Em vinte segundos ele perderia a consciência e em alguns minutos estaria morto.

Até então Lisbeth Salander não imaginava que tantos produtos domésticos perfeitamente comuns, encontrados em drogarias, pudessem se transformar em armas mortais. Examinando a fundo o assunto durante alguns dias, convenceu-se de que não haveria obstáculos técnicos para acertar as contas com seu tutor.

Só havia dois problemas: a morte de Bjurman não lhe devolveria o controle de sua vida e não havia garantia de que o sucessor de Bjurman não fosse dez vezes pior. *Análise das consequências.*

O que ela precisava era descobrir um meio de controlar seu tutor e desse modo controlar sua própria situação. Estendida no velho sofá da sala, passou a noite reconsiderando mentalmente as possibilidades. Por volta das dez, havia eliminado os projetos de assassinato por envenenamento e elaborado um plano B.

O plano não era atraente e compreendia deixar Bjurman atacá-la mais uma vez. Mas, se chegasse até o fim, ganharia a parada.

Pelo menos é o que acreditava.

Nos últimos dias de fevereiro, a temporada de Mikael em Hedeby já adquirira uma rotina. Levantava-se às nove todos os dias, tomava o café-da-manhã e trabalhava até meio-dia, lendo e reunindo novos dados. Depois dava uma caminhada de uma hora, qualquer que fosse o tempo. A tarde retomava o trabalho, em casa ou no Café Susanne, aprofundando o que lera de manhã ou escrevendo passagens do que haveria de ser a biografia de Henrik. Estabeleceu seu tempo livre entre três e seis da tarde, para fazer compras, lavar a roupa, ir a Hedestad e cuidar de outros assuntos. Por volta das sete da noite, passava na casa de Henrik e lhe expunha os pontos de interrogação que haviam surgido durante a jornada. Às dez já estava em casa e lia até uma ou duas da manhã. Examinava sistematicamente os documentos fornecidos por Henrik.

Descobriu com surpresa que o trabalho de redação da biografia de Henrik avançava rapidamente. Já dispunha, num primeiro jato, de cerca de cento e vinte páginas da crônica familiar — o vasto período desde o desembarque de Jean-Baptiste Bernadotte na Suécia

até por volta dos anos 1920. A partir daí precisaria avançar mais lentamente e começar a pesar suas palavras.

Na biblioteca de Hedestad, conseguiu livros que tratavam do nazismo nessa época, entre outros a tese de doutorado de Helene Lööw A *suástica e o feixe dos Wasa.* Rascunhou mais quarenta páginas sobre Henrik e seus irmãos, tendo Henrik como personagem principal. Tinha uma lista extensa de pesquisas a fazer sobre as empresas do começo do século, sua estrutura e seu funcionamento, e descobriu que a família Vanger esteve intimamente envolvida com o império de Ivar Kreuger — mais uma história paralela para investigar. Calculou que ao todo faltava escrever umas trezentas páginas. Planejara apresentar um primeiro esboço a Henrik no começo de setembro e previa utilizar o outono para dar acabamento ao texto.

Em contrapartida, Mikael não avançou um milímetro na investigação sobre Harriet. Por mais que lesse e refletisse sobre detalhes dos numerosos documentos, não encontrou um só que fizesse as coisas andarem.

Num sábado à noite, no fim de fevereiro, teve uma longa conversa com Henrik, na qual prestou contas de seus inexistentes progressos. Pacientemente, o velho o escutou enumerar todos os becos sem saída que visitara.

— Ou seja, Henrik, não encontrei nada no inquérito que já não tenha sido explorado a fundo.

— Entendo o que quer dizer. Também refleti sobre isso até ficar doente. E ao mesmo tempo tenho certeza de que deixamos escapar alguma coisa. Não existe crime perfeito.

— Mas nem somos capazes de afirmar que houve realmente um crime. Henrik Vanger suspirou e fez um gesto vago com a mão.

— Continue — disse. — Vá até o fim.

— Não vai adiantar nada.

— Talvez. Mas não desista. Mikael suspirou.

— Os números de telefone — acabou dizendo.

— Sim.

— Eles significam necessariamente alguma coisa.

— Sim.

— Foram anotados com alguma intenção.

— Sim.

— Mas não sabemos interpretá-los.

— Não.

— Ou os interpretamos mal.

— Exatamente.

— Não são números de telefone. Querem dizer alguma outra coisa.

— Talvez.

Mikael suspirou novamente e voltou para casa a fim de continuar a ler.

O dr. Nils Bjurman deu um suspiro de alívio quando Lisbeth Salander lhe telefonou para explicar que precisava de mais dinheiro. Ela não comparecera ao último encontro marcado alegando que precisava trabalhar, e uma pequena inquietação começara a perturbá-lo. Estaria lidando com uma criança-problema intratável? Ao cancelar o encontro marcado, ela ficara impedida de receber a mesada e cedo ou tarde seria obrigada a entrar em contato. Ele se preocupava também com a possibilidade de ela ter aberto a boca para alguém.

Seu breve telefonema para dizer que precisava de dinheiro confirmou de maneira satisfatória que a situação estava sob controle. Mas essa menina precisava ser domada — concluiu Nils Bjurman. Ia ter que aprender quem é que decidia, somente então poderia haver uma relação mais construtiva. Foi o que o levou a indicar, desta vez, que se vissem em sua casa, perto da Odenplan, e não no escritório. Ao ouvir essa exigência, Lisbeth Salander ficou um bom momento calada na outra ponta da linha — *essa tonta tem dificuldade de entender* — antes de aceitar.

O plano de Lisbeth era se encontrar com ele no escritório, como da outra vez. Agora seria obrigada a vê-lo em território desconhecido. O encontro foi marcado para sexta-feira à noite. Ele lhe passou a senha de entrada e às oito e meia ela tocou a campainha, meia hora depois do combinado. Foi o tempo que ela precisou para, na obscuridade do *hall* do edifício, revisar uma última vez seu plano, considerar alternativas, blindar-se e reunir a coragem necessária.

Por volta das oito da noite, Mikael desligou o computador e agasalhou-se para sair. Deixou a luz acesa na saleta de trabalho. O céu estava estrelado e a temperatura em torno de zero grau. Subiu a encosta com passos ligeiros, passou em frente à casa de Henrik Vanger, na estrada em direção a Östergarden. Logo depois da casa de Henrik, pegou uma bifurcação à esquerda e seguiu por um caminho que costeava a praia. As bóias luminosas piscavam na água e as luzes de Hedestad cintilavam na noite. Era bonito. Ele tinha necessidade de ar fresco, mas queria sobretudo evitar os olhos inquisidores de Isabella Vanger. Junto à casa de Martin Vanger, voltou para a estrada e chegou à casa de Cecilia pouco depois das oito e meia. Logo subiram para o quarto dela.

Viam-se uma ou duas vezes por semana. Cecilia tornara-se não apenas sua amante naquele fim de mundo mas também a pessoa com quem começava a se abrir. Discutia muito mais sobre Harriet Vanger com ela do que com Henrik.

O plano começou a fracassar quase imediatamente.

O dr. Nils Bjurman vestia um robe ao abrir a porta do apartamento. Ficara nervoso com o atraso dela e fez-lhe um sinal para que entrasse. Ela vestia jeans preto, uma camiseta preta e sua indefectível jaqueta de couro. Botas pretas, uma pequena mochila nas costas, com alças a tiracolo sobre o peito.

— Não sabe ler as horas? — perguntou Bjurman, irritado.

Salander não disse nada. Olhou ao redor. O apartamento era o que havia imaginado depois de examinar a planta nos arquivos municipais. Os móveis eram de madeira clara.

— Entre — disse Bjurman num tom mais amável. Pôs o braço sobre os ombros dela e a guiou através de um pequeno vestíbulo. *Não vale a pena perder tempo com conversa.* Abriu a porta de um quarto. Não havia nenhuma dúvida sobre os favores que esperava de Lisbeth Salander.

Ela deu uma rápida olhada na peça. Quarto de solteiro. Cama de casal com uma cabeceira alta de aço inox. Uma cômoda também fazia às vezes de mesa-de-cabeceira. Luzes indiretas. Um espelho ao longo da parede. Uma poltrona de vime e uma mesa baixa no canto, junto à porta. Ele pegou sua mão e a conduziu até a cama.

— Conte-me por que precisa de dinheiro desta vez. Mais equipamentos para o computador?

— Para comprar comida — ela respondeu.

— Claro. Eu sou mesmo um estúpido. Mas você faltou ao nosso último encontro. — Pôs a mão sob o queixo dela e ergueu-lhe o rosto para que seus olhos se encontrassem. — Como vai? Ela encolheu os ombros.

— Refletiu sobre o que falei outro dia?

— O quê?

— Lisbeth, não se faça de mais boba ainda. Quero que você e eu sejamos bons amigos e que nos ajudemos.

Ela não respondeu. O dr. Bjurman resistiu ao impulso de dar-lhe uma bofetada para despertá-la.

— Gostou da brincadeira de gente adulta que fizemos da outra vez?

— Não.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Lisbeth, não seja idiota.

— Preciso de dinheiro para comprar comida.

— É exatamente do que falamos na última vez. Basta ser gentil comigo que serei gentil com você. Mas se insistir em me contrariar... — Apertou-lhe com mais força o queixo e ela se soltou.

— Quero meu dinheiro. O que está querendo que eu faça?

— Sabe muito bem o que eu quero. — Pegou-a pelo ombro e jogou-a sobre a cama.

— Espere — disse rápido Lisbeth.

Dirigiu a ele um olhar resignado, depois balançou secamente a cabeça. Tirou a jaqueta de couro e olhou ao redor. Jogou a jaqueta em cima da poltrona de vime, pôs a mochila em cima da mesinha e deu alguns passos hesitantes em direção à cama. Então se deteve, tomada de uma apreensão súbita. Bjurman se aproximou.

— Espere — disse ela outra vez, como se tentasse fazê-lo ser razoável. — Não quero ser obrigada a te chupar toda vez que preciso de dinheiro.

O rosto de Bjurman mudou de expressão. De repente, esbofeteou-a com a palma da mão. Salander arregalou os olhos, mas, antes que tivesse tempo de reagir, ele a pegou pelo ombro e a pôs de bruços na cama. Ela ficou sem ação diante dessa violência repentina. Como tentasse se virar, ele a comprimiu contra a cama e sentou-se sobre ela com os joelhos abertos.

Assim como da outra vez, ela foi uma presa fácil para ele do ponto de vista puramente físico. Sua única possibilidade de resistir seria enfiar-lhe as unhas nos olhos ou usar uma arma. Mas o plano que previra fracassara. *Merda,* pensou Lisbeth Salander quando ele lhe arrancou a camiseta. Com uma lucidez aterradora, se deu conta de como havia sido ingênua.

Ouviu-o abrir uma gaveta da cômoda ao lado da cama, depois um ruído de metal. De início não entendeu o que estava acontecendo, até ver a argola fechar-se em volta de seu punho. Ele ergueu o braço dela, passou as algemas em volta de um dos pilares da cabeceira da cama e prendeu sua outra mão. Num abrir e fechar de olhos, arrancou-lhe as botas e o jeans. Por fim retirou-lhe a calcinha, que brandiu no ar.

— Vai aprender a confiar em mim, Lisbeth — disse. — Vou ensinar a você as regras desse jogo de adultos. Se não cooperar comigo, será punida. Se for gentil, seremos amigos.

E sentou-se novamente de joelhos abertos em cima dela.

— Então não gosta de sexo anal... — falou.

Lisbeth Salander abriu a boca para gritar. Ele a pegou pelos cabelos e enfiou-lhe a calcinha na boca. Ela sentiu que ele punha alguma coisa em volta de seus tornozelos, que abria suas pernas e as atava de modo a deixá-la totalmente vulnerável. Ela o ouvia andar pelo cômodo, mas não podia vê-lo. Os minutos passaram. Ela mal conseguia respirar. Por fim sentiu uma dor horrível quando ele brutalmente lhe enfiou alguma coisa no ânus.

A regra de Cecilia Vanger era que Mikael não devia ficar para dormir. Pouco depois das duas da manhã, ele tornou a se vestir, enquanto ela permanecia nua na cama sorrindo-lhe carinhosamente.

— Você me agrada, Mikael. Gosto da sua companhia.

— Você também me agrada.

Ela o puxou de volta para a cama e tirou-lhe a camisa que ele acabara de vestir. Mikael ficou mais uma hora.

Quando por fim Mikael passou diante da casa de Harald Vanger, teve a nítida impressão de ver a cortina se mexer no andar de cima. Mas estava muito escuro para ter absoluta certeza.

Lisbeth Salander só conseguiu voltar a vestir suas roupas às quatro da manhã do sábado. Pegou a jaqueta de couro, a mochila e dirigiu-se, manquejando, até o vestíbulo, onde ele a esperava depois de já ter tomado um banho e se vestido com cuidado. Ele entregou-lhe um cheque de duas mil e quinhentas coroas.

— Eu levo você para casa — ele falou, abrindo a porta.

Ela saiu do apartamento e se virou para ele. Seu corpo parecia alquebrado, o rosto estava inchado com olhos avermelhados de lágrimas, e ele quase fez um movimento de recuo ao cruzar seu olhar. Nunca na vida havia se deparado com um ódio tão seco e

inflamado. Lisbeth Salander tinha realmente o aspecto da doente mental que sua ficha indicava.

— Não — ela disse em voz tão baixa que ele mal conseguiu distinguir as palavras. — Posso voltar para casa sozinha.

Ele pôs a mão em seu ombro.

— Tem certeza?

Ela fez que sim com a cabeça. A mão em seu ombro a apertou com mais força.

— Lembre-se do nosso acordo. Volte no sábado que vem. Ela balançou de novo a cabeça, submissa. Ele a soltou.

14. SÁBADO 8 DE MARÇO — SEGUNDA-FEIRA 17 DE MARÇO

Lisbeth Salander passou a semana na cama com dores no abdome, hemorragias no ânus e outras feridas, menos visíveis, que levariam mais tempo para curar. O que ela vivera ultrapassara de longe o primeiro abuso no escritório; não se tratava mais de um ato de coerção e de humilhação, mas de uma brutalidade sistemática.

Percebia tarde demais que havia subestimado Bjurman, e muito.

Tomara-o como um homem de poder que gostava de dominar, e não como um sádico total. Ele a mantivera algemada a noite toda. Várias vezes ela pensou que fosse ser morta, e houve um momento em que ele pressionou o travesseiro sobre seu rosto até ela quase desmaiar.

Não chorou.

Afora as lágrimas causadas pelas dores físicas, não derramou uma lágrima sequer. Após deixar o apartamento de Bjurman, claudicou até o ponto de táxi da Odenplan, voltou para casa e subiu com dificuldade a escada até chegar a seu apartamento. Tomou um banho e lavou o sangue dos genitais. Depois bebeu meio litro de água, ingeriu dois soníferos e desabou na cama com o cobertor puxado até a cabeça.

Despertou por volta do meio-dia de domingo com a cabeça dolorida e vazia, com dores nos músculos e no baixo-ventre. Levantou-se, bebeu dois copos de leite e comeu uma maçã. Tomou mais dois soníferos e voltou a se deitar.

Só teve forças para sair da cama na terça-feira. Foi comprar uma pizza Billy Pan, aqueceu-a no microondas e encheu uma garrafa térmica com café. Depois passou a noite lendo na internet artigos e teses sobre a psicopatologia do sadismo.

O que mais chamou sua atenção foi um artigo publicado por um grupo de mulheres americanas. A autora afirmava que o sádico escolhia suas *ligações* com uma precisão quase intuitiva: sua melhor vítima era a que se prestava voluntariamente a todos os seus desejos por acreditar que não tinha outra escolha. O sádico escolhia indivíduos que dependiam de outra pessoa, e tinha uma capacidade inquietante de identificar as presas que lhe convinham.

O dr. Bjurman a escolhera como vítima.

Isso a fez refletir.

Isso também indicava que idéia as pessoas faziam dela.

Na sexta-feira, uma semana após o segundo estupro, Lisbeth Salander saiu de casa para ir a um tatuador em Hornstull. Havia telefonado para marcar hora e ele não tinha outros clientes na loja. Ele a saudou com um movimento de cabeça quando a reconheceu.

Ela escolheu uma pequena tatuagem, simples, na forma de uma estreita faixa, e pediu que ele a pusesse no tornozelo. Mostrou o lugar.

— A pele é muito fina. Vai doer um bocado — disse o tatuador.

— Não faz mal — Lisbeth respondeu, levantando a calça e apresentando a perna.

— Está certo, uma faixa. Você já tem muitas tatuagens. Tem certeza de que quer mais uma?

— É um lembrete — ela disse.

Mikael Blomkvist deixou o Café Susanne na hora em que ele ia fechar, às duas da tarde do sábado. Estivera passando a limpo suas anotações no notebook, e foi até o Komsun comprar comida e cigarros antes de voltar para casa. Havia descoberto a especialidade local: a *pölsa* cozida com batatas e beterrabas vermelhas — um prato que jamais apreciara, mas que por uma estranha razão combinava perfeitamente bem com uma pequena casa no campo.

Por volta das sete, pôs-se a refletir enquanto olhava pela janela da cozinha. Cecilia Vanger não havia telefonado. Ele a vira brevemente no café, no começo da tarde, quando ela fora comprar pão, porém estava mergulhada em seus próprios pensamentos. Tudo indicava que não ia telefonar naquele sábado à noite. Olhou para o pequeno aparelho de tevê que quase nunca ligava, mas preferiu instalar-se no banco da cozinha e abrir um romance policial de Sue Grafton.

Lisbeth Salander retornou ao apartamento de Bjurman na Odenplan na hora combinada, sábado à noite. Ele a fez entrar com um sorriso polido e acolhedor.

— E hoje, como vai, minha cara Lisbeth? Ela não respondeu.

— Acho que exagerei um pouco na última vez — ele disse. — Você me pareceu meio nocauteada.

Ela apenas sorriu com o canto dos lábios e ele sentiu uma súbita inquietação. *Essa menina é maluca. Não posso me esquecer disso.* E perguntou-se se ela poderia se adaptar.

— Vamos para o quarto? — perguntou Lisbeth Salander.

Por outro lado, parece que ela só sabe pedir isso... Pôs-lhe o braço sobre o ombro como fizera no encontro anterior, para levá-la até o quarto. *Hoje vou mais devagar com ela. Para criar confiança.* Ele já havia deixado as algemas em cima da cômoda. Foi só quando se aproximaram da cama que o dr. Bjurman percebeu que alguma coisa não ia bem.

Era ela que o conduzia à cama, não o contrário. Ele se deteve e, com perplexidade, viu-a tirar algo do bolso que a princípio acreditou ser um telefone celular. Depois viu os olhos dela.

— Diga boa-noite — ela disse.

Pôs o bastão elétrico debaixo da axila esquerda dele e disparou setenta mil volts. Quando as pernas dele começaram a ceder, ela aproximou seu ombro e mobilizou todas as forças para fazê-lo cair sobre a cama.

Cecilia Vanger sentia-se ligeiramente bêbada. Decidira não telefonar para Mikael Blomkvist. A ligação deles adquirira a aparência de uma ridícula farsa de alcova que obrigava Mikael a rodeios e desvios para poder encontrá-la sem ser notado. Ela se

comportava como uma adolescente apaixonada incapaz de controlar seu desejo. Sua conduta nas últimas semanas fora absurda.

O problema é que comecei a gostar muito dele, pensou. Vou sofrer com isso. E passou um bom tempo desejando que Mikael Blomkvist nunca tivesse vindo a Hedeby.

Ela havia aberto uma garrafa de vinho e bebido dois copos sozinha. Ligou a tevê para ver o noticiário e tentar entender o que acontecia no mundo, mas imediatamente se cansou dos comentários racionais que explicavam por que o presidente Bush devia esmagar o Iraque com bombas. Instalou-se então no sofá da sala com o livro de Gellert Tama sobre o louco que matara onze pessoas em Estocolmo por motivos racistas. Só conseguiu ler algumas páginas antes de ser obrigada a pôr o livro de lado. O assunto a fez pensar imediatamente em seu pai, em quais seriam os fantasmas dele.

A última vez em que tinham se visto fora em 1984, quando o acompanhou, com Birger, numa caça à lebre ao norte de Hedestad, para que Birger testasse um novo cão de caça — um hamilton stövare adquirido recentemente. Harald Vanger tinha setenta e três anos e ela fizera o possível para aceitar sua loucura, essa loucura que transformara sua infância num pesadelo e afetara toda a sua vida adulta.

Cecilia nunca fora tão frágil como naquela época. Seu casamento se desfizera três meses antes. Mulher que apanha do marido — expressão banal. Para ela, isso significava maus-tratos leves porém contínuos. Ameaças, bofetadas, empurrões, ser derrubada no chão da cozinha. As explosões do marido eram sempre inexplicáveis, mas os golpes nunca eram fortes o suficiente para feri-la a sério. Ele evitava bater nela com o punho, e ela se acostumou.

Até o dia em que Cecilia revidou e ele se descontrolou. No final, enlouquecido, ele a atacara com golpes de tesoura nas costas.

Arrependido e em pânico, conduziu-a ao hospital, onde inventou a história delirante de um acidente, que a equipe de emergência logo decifrou à medida que ele ia pronunciando as palavras. Ela sentiu-se envergonhada. Deram-lhe doze pontos de sutura e ficou dois dias no hospital. Então Henrik Vanger foi buscá-la e levou-a para a casa dele. Nunca mais falou com o marido.

Naquele dia ensolarado, três meses depois do fim do casamento, Harald Vanger estava bem-humorado, quase amável. Mas de uma hora para a outra, em pleno bosque, passou a insultar grosseiramente a filha, fazendo comentários vulgares sobre sua vida e seus hábitos sexuais, terminando por dizer que era natural que uma puta como ela não soubesse conservar um homem.

O irmão nem sequer reparou que as palavras do pai a atingiam como uma chicotada. Birger Vanger limitou-se a rir e a passar o braço em volta de seus ombros, tentando desanuviar a situação a seu modo, com um comentário do gênero *Sabemos bem como são as mulheres.* Deu uma piscadela para Cecilia e aconselhou Harald Vanger a ficar atento a uma pequena elevação do terreno.

Houve um segundo, um instante gélido, em que Cecilia olhou para o pai e o irmão com a consciência súbita de que trazia na mão uma espingarda de caça carregada. Fechou os olhos. Se não tivesse feito isso, teria levantado a arma e disparado os dois cartuchos. Sua vontade era matar o pai e o irmão. Mas abaixou a espingarda, girou os calcanhares e voltou ao lugar onde haviam estacionado o carro. Deixou-os ali e voltou sozinha para casa. Desse dia em diante, passou a falar com o pai só em raríssimas

ocasiões, quando obrigada pelas circunstâncias. Negara-lhe acesso à sua casa e nunca ia vê-lo na casa dele.

Você arruinou a minha vida, pensou Cecilia Vanger. *Arruinou a minha vida desde a infância.*

Às oito e meia da noite, Cecilia Vanger pegou o telefone e pediu que Mikael Blomkvist fosse vê-la.

O dr. Nils Bjurman sofria um martírio. Seus músculos não respondiam, o corpo parecia paralisado. Não tinha certeza de haver perdido a consciência, mas estava desorientado e sem a menor lembrança do que havia acontecido. Quando recuperou lentamente o controle do corpo, viu que estava nu, deitado de costas na cama, com os punhos atados por algemas e as pernas dolorosamente afastadas. Tinha queimaduras no local onde os eletrodos haviam tocado seu corpo.

Lisbeth Salander trouxera a poltrona de vime para perto da cama e, com as botas em cima do colchão, esperava pacientemente, fumando um cigarro. Quando Bjurman tentou falar, ele percebeu que sua boca estava coberta por uma fita adesiva larga. Virou a cabeça. Ela havia aberto e esvaziado uma das gavetas da cômoda.

— Descobri seus brinquedinhos — disse Salander.

Brandiu um chicote e remexeu na coleção de objetos eróticos, mordaças e máscaras de borracha espalhadas no chão.

— Para que serve este treco? — E mostrou um enorme *pênis anal.* — Não, não tente falar, não estou entendendo o que você diz. Foi o que utilizou em mim na semana passada? Basta balançar a cabeça. — Ela se inclinou para ele, divertindo-se antecipadamente com a resposta.

Nils Bjurman sentiu um súbito calafrio de terror no peito e se descontrolou. Forçou as algemas. *Ela assumiu* o *controle. Impossível.* Estava impossibilitado de fazer o que quer que fosse quando Salander se inclinou e pôs o tampão anal entre suas nádegas.

— Não é assim que um sádico faz? — ela perguntou. — Gosta de enfiar coisas nas pessoas, não é verdade? — Fitou-o. O rosto dele era uma máscara inexpressiva. — Sem lubrificante, não é mesmo?

Bjurman urrou através da fita adesiva quando Lisbeth Salander afastou brutalmente suas nádegas e enfiou o tampão no lugar previsto.

— Pare de berrar — disse Lisbeth Salander imitando a voz dele. — Se não se comportar, serei obrigada a te punir.

Levantou-se e contornou a cama. Ele a acompanhou com o olhar... *Merda, o que é isso?* Lisbeth Salander havia trazido a tevê de tela grande da sala para o quarto. O aparelho de DVD estava no chão. Ela olhou para ele, sempre segurando o chicote na mão.

— Está prestando bastante atenção? — perguntou. — Não tente falar, basta balançar a cabeça. — Entende o que estou dizendo?

Ele assentiu com a cabeça.

— Certo. — Ela se inclinou para pegar sua mochila. — Reconhece isto? — Ele aquiesceu com a cabeça. — É a mochila que eu trazia quando vim te ver na semana

passada. Peguei emprestada da Milton Security. — Ela abriu um zíper na parte inferior. — Aqui tem uma câmera digital. Você costuma assistir de vez em quando *Insider* na Tv3? Os repórteres sacanas utilizam uma mochila como esta para filmar cenas com uma câmera oculta.

Tornou a fechar a mochila.

— Deve estar se perguntando onde fica a objetiva. O detalhe está todo aí. Grande angular com fibra ótica. A lente parece um botão e está disfarçada na fivela da alça. Você deve estar lembrado que eu pus a mochila bem aqui, em cima desta mesa, antes que você começasse a me tocar. Tomei o cuidado de verificar se a objetiva estava dirigida para a cama.

Ela mostrou um DVD e a seguir o introduziu no aparelho. Depois virou a poltrona e se instalou de modo a poder ver a tela da tevê. Acendeu mais um cigarro e acionou o controle remoto. O advogado Bjurman viu-se abrindo a porta a Lisbeth Salander. *Não sabe ler as horas?,* ele perguntava, irritado.

Ela passou o DVD inteiro. O filme tinha noventa minutos de duração e terminou no meio de uma cena em que o dr. Bjurman, nu e encostado à cabeceira da cama, bebia um copo de vinho enquanto contemplava Lisbeth Salander estendida com as mãos atadas nas costas.

Ela desligou a tevê e continuou sentada na poltrona sem dizer nada por uns dez minutos e sem olhar para ele. Bjurman nem ousava se mexer. Ela se levantou, foi até o banheiro, depois voltou e sentou-se de novo na poltrona: Sua voz era como lixa.

— Cometi um erro na semana passada — disse. —Achei que mais uma vez seria obrigada a te chupar, o que é absolutamente nojento, mas não ultrapassa demais minhas capacidades. Achei que fosse obter, de modo muito tranquilo, provas inquestionáveis, evidentes, de como você é um canalha perverso e imundo. Eu o subestimei. Não percebi o quanto você é um sujeito podre e doente. Vou ser bem clara — ela continuou. — Esse filme mostra você estuprando uma jovem de vinte e quatro anos, retardada mental, da qual você é o tutor responsável. Com certeza você nem imagina o quanto posso ser retardada mental quando é necessário. Qualquer um que vir esse DVD vai entender que você não só é um lixo mas também um sádico louco furioso. Um filme bem instrutivo, não acha? Eu diria que você, e não eu, é que seria internado. Concorda comigo?

Esperou. Ele não reagiu, mas ela viu que ele tremia. Pegou o chicote e desferiu um golpe seco nos órgãos sexuais dele.

— Concorda comigo? — repetiu com voz mais forte. Ele assentiu com a cabeça.

— Ótimo. Assim estamos nos entendendo.

Ela puxou a poltrona e sentou-se de modo a poder olhá-lo bem nos olhos.

— Bem, o que você e eu poderíamos fazer para remediar essa situação? — Ele não podia responder. — Não tem algumas idéias? — Como ele não reagisse, ela esticou a mão, pegou seus testículos e puxou até o rosto de Bjurman se contorcer de dor. — Tem ou não tem algumas boas idéias? — repetiu.

Ele balançou negativamente a cabeça.

— Melhor assim. Porque, se por acaso vier a ter alguma idéia no futuro, eu ficarei muito zangada com você.

Jogou o corpo para trás e acendeu outro cigarro.

— Então eu vou te contar, *eu,* o que vai acontecer. Na semana que vem, assim que você conseguir expulsar esse brinquedinho de borracha do seu cu, você vai dar instruções ao meu banco de que somente eu — *e mais ninguém*

— terá acesso à minha conta daqui pra frente. Entende o que estou dizendo?

O advogado Bjurman concordou com a cabeça.

— Perfeito. Você não entrará mais em contato comigo. No futuro só nos veremos se eu tiver vontade. Que fique bem claro que você está proibido de me visitar.

Ele concordou com a cabeça várias vezes e deu um suspiro. *Ela não tem a intenção de me matar.*

— Se tentar entrar em contato comigo, cópias desse DVD vão chegar a todas as redações dos jornais de Estocolmo. Está entendendo?

Ele assentiu com a cabeça várias vezes. *Preciso pôr as mãos nesse filme.*

— Uma vez por ano, enviará o relatório sobre o meu estado à comissão de tutelas. Escreverá que levo uma existência perfeitamente normal, que tenho um trabalho fixo, que ajo de maneira conveniente e que você não vê nada de anormal no meu comportamento. Certo?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Todo mês você escreverá um relatório fictício sobre os nossos encontros. Contará em detalhe o quanto sou confiável e o quanto estou progredindo. Enviará uma cópia para mim, certo?

Ele balançou de novo a cabeça. De passagem, Lisbeth Salander notou gotas de suor surgindo em sua testa.

— Dentro de um ano ou dois, iniciará conversações com o juiz para obter a revogação da minha tutela, usando para isso os relatórios fictícios dos nossos encontros mensais. Encontrará um psicólogo que prestará juramento de que sou absolutamente normal. Você se esforçará nesse sentido. Fará exatamente tudo que estiver ao seu alcance para que eu seja declarada emancipada.

Ele assentiu com a cabeça.

— E sabe por que fará o melhor possível? Porque tem uma razão fodida para você agir assim. Se não fizer o melhor possível, mostro esse filminho pra todo mundo.

Ele escutava cada sílaba pronunciada por Lisbeth Salander. Um brilho súbito de ódio passou por seus olhos. Disse a si mesmo que ela cometia um erro em deixá-lo viver. *Vai pagar caro, sua puta suja. Cedo ou tarde, vou te esmagar.* Mas continuou balançando a cabeça com entusiasmo a cada pergunta.

— O mesmo vale se tentar entrar em contato comigo. — E passou a mão pelo pescoço num gesto de degola. — Adeus, belo apartamento; adeus, trabalho; adeus, seus milhões em contas do exterior.

Os olhos de Bjurman se arregalaram ao ouvi-la mencionar o dinheiro. *Merda, como ela sabe disso?...*

Ela sorriu, deu uma tragada no cigarro, depois o jogou no carpete e o esmagou com o calcanhar.

— Você me dará cópias das suas chaves daqui e do escritório. Bjurman franziu as sobrancelhas. Ela se inclinou com um sorriso hipócrita.

— Daqui em diante eu controlarei a sua vida. Quando menos esperar, talvez quando estiver dormindo, vou entrar de repente aqui no seu quarto com isto nas mãos. — Mostrou o bastão elétrico. — Vou vigiar você. — Se alguma vez eu te encontrar com uma mulher — e pouco importa que ela esteja aqui de livre e espontânea vontade ou não —, se alguma vez eu te encontrar com uma mulher, qualquer que seja...

E Lisbeth passou novamente os dedos pelo pescoço.

— Se eu morrer... se eu sofrer um acidente, for atropelada, seja lá o que for... cópias desse filme serão enviadas aos jornais. Junto com uma história detalhada onde eu conto como é ter você como tutor. Outra coisa. — E ela se inclinou para a frente, para que seu rosto ficasse a poucos centímetros do dele. — Se me tocar outra vez, eu te mato. Pode ter certeza.

O dr. Bjurman acreditou nessas palavras. Não havia lugar para blefe nos olhos dela.

— Lembre-se de que eu sou maluca.

Ele assentiu com a cabeça.

Então ela o fitou com um olhar circunspecto.

— Não acho que vamos ser bons amigos, eu e você — disse Lisbeth Salander com voz grave. — Você deve estar todo alegre de eu ser suficientemente idiota para te deixar viver. Embora seja meu prisioneiro, acha que está no controle porque imagina que a única coisa que eu posso fazer, se não te matar, é te soltar. Então tem a esperança de recuperar em breve seu poder sobre mim, não é mesmo?

Ele balançou negativamente a cabeça, tomado de súbito por um mau pressentimento.

— Vou te presentear com uma coisa para você se lembrar sempre do nosso acordo.

Sorriu com o canto dos lábios, subiu em cima da cama e se ajoelhou entre as pernas dele. O advogado Bjurman não entendeu o que ela quis dizer, mas ficou aterrorizado.

Depois viu a agulha na mão dela.

Moveu violentamente a cabeça e tentou se virar, mas ela apoiou o joelho sobre seu escroto como advertência.

— Não se mexa. É a primeira vez que utilizo esses instrumentos.

Ela trabalhou concentradamente durante duas horas. Quando terminou, ele não emitia mais som algum. Parecia estar num estado próximo ao da apatia.

Ela desceu da cama, abaixou a cabeça e examinou sua obra com olhar crítico. Seus talentos artísticos eram limitados. As letras, irregulares, lembravam um desenho impressionista. Ela utilizara o vermelho e o azul para tatuar a mensagem, escrita com letras maiúsculas e em cinco linhas que cobriam todo o ventre dele, desde os mamilos até o púbis: SOU UM PORCO SÁDICO, UM CANALHA ESTUPRADOR.

Recolheu as agulhas e guardou as bisnagas de cor na mochila. Depois foi lavar as mãos no banheiro. Sentia-se consideravelmente melhor ao voltar para o quarto.

— Boa noite — disse.

Antes de partir, abriu uma das algemas e pôs a chave sobre o ventre de Bjurman. Ao sair, levou o DVD e o molho de chaves de Bjurman.

Foi no momento em que compartilhavam um cigarro, pouco depois da meia-noite, que Mikael contou que eles não iam poder se ver durante algum tempo. Cecilia virou-se para ele espantada.

— O que está querendo dizer? — perguntou.

Ele pareceu envergonhado.

— Segunda-feira que vem vou cumprir minha pena de três meses na prisão. Mais explicações eram desnecessárias. Cecilia permaneceu um longo tempo silenciosa. Estava prestes a chorar.

Dragan Armanskij já tinha perdido as esperanças, quando Lisbeth Salander o procurou na segunda-feira à tarde. Não a via desde que a investigação do caso Wennerström fora cancelada no começo de janeiro, e toda vez que tentou chamá-la, ou ela não respondera ou telefonara de volta dizendo que estava ocupada.

— Tem algum trabalho para mim? — ela perguntou sem perder tempo com saudações inúteis.

— Olá! Quem bom te ver. Achei que estava morta ou algo do gênero.

— Eu tinha umas duas ou três coisinhas para resolver.

— Você sempre tem umas coisinhas para resolver.

— Era urgente. Mas estou de volta. Tem algum trabalho para mim?

Armanskij negou com a cabeça.

— Sinto muito. No momento, não.

Lisbeth Salander o contemplou com um olhar tranquilo. Depois de alguns segundos, ele continuou.

— Lisbeth, você sabe que eu a quero bem e que sempre que posso lhe ofereço trabalho. Mas você desapareceu por dois meses, quando eu estava com um monte de solicitações de trabalho. É simples, não se pode contar com você. Fui obrigado a recorrer a outras pessoas para cobrir a sua ausência, e no momento não tenho nada.

— Aumente o volume.

— Quê?

— Do rádio.

... a revista Millenium*. O anúncio de que o veterano da indústria Henrik Vanger tornou-se co-proprietário da* Millenium *e de que fará parte do conselho administrativo da revista chega no mesmo dia em que o ex-editor responsável da publicação, Mikael Blomkvist,*

começa a cumprir três meses de prisão por difamação contra o financista Hans-Erik Wennerström. Erika Berger, diretora da Millenium*, explicou na coletiva de imprensa que Míkael Blomkvist reassumirá o cargo de editor-chefe assim que deixar a prisão.*

— Qual é? — disse Lisbeth Salander em voz tão baixa que Armanskij nem ouviu, apenas notou os lábios dela se mexendo. Ela se levantou de repente e foi saindo.

— Espere. Aonde você vai?

— Para a minha casa. Tenho duas ou três coisas para verificar. Me chame quando tiver alguma coisa para mim.

A notícia de que a *Millennium* recebera o reforço de Henrik Vanger era um acontecimento bem mais importante do que Lisbeth Salander imaginara. *A Aftonbladet* já havia publicado na internet um longo comunicado da agência de notícias TT, fazendo um balanço da carreira de Henrik Vanger e constatando que era a primeira vez em mais de vinte anos que o velho magnata da indústria aparecia em público. O anúncio de que investia seu capital na *Millennium* era tão inimaginável quanto ver de repente os velhos conservadores Peter Wallenberg ou Erik Penser virarem a casaca para se associar à ETC ou para patrocinar a revista *Ordfront.*

O acontecimento era tão incomum que a edição das sete e meia de *Rapport,* na tevê, transformou-o num dos principais assuntos, dedicando-lhe três minutos. Erika Berger era entrevistada por jornalistas na redação da *Millennium.* De uma hora para outra, o caso Wennerström voltava às manchetes.

— No ano passado cometemos um erro grave, que resultou na condenação da revista por difamação. Evidentemente é uma coisa que lamentamos... e temos a intenção de retomar esse caso num momento propício.

— O que você quer dizer com retomar o caso? — perguntou um repórter.

— Quero dizer que vamos contar a nossa versão dos fatos, o que não fizemos até agora.

— Mas poderiam ter feito durante o processo.

— Preferimos não fazer. Mas é claro que vamos manter nossa linha editorial crítica.

— Significa que continuam sustentando a versão pela qual foram condenados?

— Não tenho comentários a fazer sobre isso.

— A senhora demitiu Mikael Blomkvist após o julgamento.

— Está completamente enganado. Leia o nosso comunicado de imprensa. Ele precisava de uma pausa e de um descanso merecido. Ainda este ano reassumirá a

publicação.

A câmera fez uma panorâmica da redação, enquanto o repórter enumerava alguns dados sobre a agitada história da *Millennium,* revista conhecida por sua independência e por suas críticas contundentes. Mikael Blomkvist não pôde ser ouvido. Acabava de ser preso no centro de detenção de Rullaker, situado à beira de um pequeno lago, em plena floresta, a uma dezena de quilômetros de Östersund, no Jämtland.

Lisbeth Salander viu Dirch Frode aparecer de repente, pela fresta de uma porta da redação, ao fundo da imagem televisionada. Ela franziu o cenho e mordeu pensativamente o lábio inferior.

A segunda-feira fora pobre em acontecimentos e Henrik Vanger pôde dispor de quatro minutos no noticiário das nove. Foi entrevistado num estúdio da tevê local em Hedestad. O repórter começou observando que, *após duas décadas de silêncio, o mítico industrial Henrik Vanger voltou às luzes da ribalta.* Na introdução, a reportagem apresentava um pouco da vida de Henrik Vanger mostrando imagens antigas de tevê, em preto-e-branco, nas quais ele era visto na companhia do primeiro-ministro Tage Erlander inaugurando fábricas nos anos 1960. A seguir a câmera mostrou um sofá no estúdio de gravação, onde Henrik Vanger aparecia tranquilamente instalado, de pernas cruzadas. Vestia camisa amarela, uma gravata verde fina e casaco esporte marrom. Não escapava a ninguém que estava descarnado e envelhecido, mas se expressava com uma voz sonora e firme. E com franqueza. O repórter começou perguntando o que o levara a se associar à *Millennium.*

— *A Millennium* é uma boa publicação que venho acompanhando com interesse há vários anos. Hoje ela está sofrendo alguns ataques. Tem inimigos poderosos que organizam um boicote de anunciantes com o objetivo de torpedeá-la.

O repórter, com certeza, não estava preparado para uma resposta como essa, mas percebeu de imediato que a história, já bastante interessante em si mesma, ganhava dimensões inesperadas.

— O que há por trás desse boicote?

— E uma das coisas que a *Millennium* vai verificar minuciosamente. Mas aproveito para declarar que a revista não pretende se deixar afundar ao primeiro tiro.

— E por essa razão que entrou como sócio?

— A liberdade de expressão sofreria um duro golpe se interesses particulares tivessem o poder de reduzir ao silêncio vozes que os incomodam na mídia.

Henrik Vanger agia como se tivesse passado a vida toda defendendo radicalmente a liberdade de expressão. Mikael Blomkvist começou a rir de repente na sala de televisão do centro de detenção de Rullaker, que ele inaugurava naquela noite. Seus colegas de prisão lançaram-lhe olhares inquietos.

Mais tarde, deitado em sua cela que lembrava um quarto de motel, com uma pequena mesa, uma cadeira e uma prateleira fixa à parede, ele foi obrigado a admitir que Henrik e Erika estavam certos sobre a maneira de lançar essa informação no mercado.

Sem ter falado com ninguém, ele sabia que alguma coisa havia mudado na atitude com relação à *Millennium.*

A aparição de Henrik Vanger era nada mais nada menos que uma declaração de guerra a Hans-Erik Wennerström. A mensagem, muito clara — daqui em diante você não vai mais lutar contra uma revista com seis funcionários e um orçamento anual equivalente a um jantar de negócios do grupo Wennerström. Vai enfrentar também as empresas Vanger, que certamente são apenas a sombra de sua grandeza de outrora, mas que ainda assim representam um desafio bem mais árduo. Agora Wennerström podia escolher: ou se retirava do conflito ou encarava a tarefa de reduzir também a migalhas as empresas Vanger.

Henrik Vanger acabava de anunciar na tevê que estava disposto a lutar. Talvez não tivesse nenhuma chance contra Wennerström, mas a guerra ia custar caro.

Erika escolhera cuidadosamente as palavras. Na verdade não dissera grande coisa, mas sua afirmação de que a revista ainda não "apresentara sua versão dos fatos" fazia supor que havia uma versão a dar. Embora Mikael tivesse sido julgado e no momento estivesse preso, ela não se constrangera em dizer — sem dizer — que na realidade ele era inocente e que existia uma outra verdade.

Mesmo sem usar a palavra "inocência", tornou a inocência dele ainda mais tangível. O anúncio de que ele reassumiria o cargo de responsável pela publicação sublinhava que a *Millennium* não tinha do que se censurar. Aos olhos do grande público, a verdade não era um problema — todo mundo adora a teoria do complô e, entre um homem de negócios cheio de ases na manga e uma bonita diretora de revista, não era difícil adivinhar para que lado tenderiam as simpatias. A mídia decerto não endossaria facilmente a história, mas Erika desarmara alguns críticos que agora não ousariam levantar a cabeça.

Nenhum dos acontecimentos do dia alterou fundamentalmente a situação, mas eles conseguiram ganhar tempo e modificar um pouco o equilíbrio de forças. Mikael imaginou que Wennerström passara uma noite desagradável. Wennerström não tinha como saber em que medida — em que pequeníssima medida — eles sabiam de alguma coisa, e, antes de mover seu próximo peão, seria obrigado a descobrir o que eles sabiam de fato.

Com expressão séria, Erika desligou a tevê e o videocassete depois de assistir primeiro a suas próprias declarações e depois à gravação da entrevista de Henrik Vanger. Olhou o relógio, quinze para as três da manhã, e conteve o impulso de ligar para Mikael. Ele estava preso e era pouco provável que estivesse com seu celular na cela. Ela chegara tão tarde em casa, em Saltsjöbaden, que seu marido já estava dormindo. Levantou e se serviu de uma dose de uísque Aberlour — ingeria álcool só uma ou duas vezes por ano —, sentou-se diante da janela e contemplou o mar e o farol na entrada do estreito de Skurusund.

Mikael e ela haviam trocado palavras ásperas quando se viram sozinhos depois do acordo que ela fizera com Henrik Vanger. Ao longo dos anos, eles discutiram muitas vezes sobre a orientação a dar a um texto, o visual da revista, a avaliação da credibilidade das fontes e várias outras coisas relacionadas à produção de um periódico. Mas a discussão na casa dos convidados de Henrik fora sobre princípios, e ela sabia estar pisando num terreno incerto.

— Não sei o que vou fazer agora — dissera Mikael. — Henrik Vanger me contratou para escrever sua biografia. Até agora fui livre para me levantar e ir embora no momento

em que ele tentasse me forçar a escrever algo que não fosse a verdade ou procurasse me convencer a orientar a história para um lado ou outro. Agora ele é um dos proprietários da nossa revista, e mais: o único com recursos financeiros para salvá-la. Com isso me vejo de repente servindo a dois senhores, numa posição que a comissão de ética profissional não apreciaria nada.

— Tem uma idéia melhor a propor? — perguntou Erika. — Se tem, o momento de dizer é agora, antes de seguirmos adiante e assinarmos o acordo.

— Ricky, Vanger está nos usando numa espécie de vendeta particular contra Hans-Erik Wennerström.

— E daí? Também não estamos numa vendeta particular contra Wennerström?

Mikael evitou olhar para ela e acendeu um cigarro com um gesto irritado. A discussão prosseguiu por um bom tempo, até Erika entrar no quarto de Mikael, despir-se e se deitar na cama. Ela fingiu que dormia quando, duas horas depois, Mikael foi se encolher ao lado dela.

Naquela noite, um repórter do *Dagens Nyheter* lhe fizera a mesma pergunta:

— Até que ponto, agora, a *Millennium* poderá manter sua credibilidade e afirmar sua independência?

— Como assim?

O repórter ergueu as sobrancelhas. Ele achou sua pergunta suficientemente clara, mas ainda assim explicou-a.

— A missão da *Millennium* é, entre outras coisas, avaliar se as empresas estão se conduzindo bem. Como é que a revista vai poder, agora, garantir que está mesmo de olho na boa conduta das empresas Vanger?

Erika o encarou com ar estupefato, como se a pergunta fosse totalmente inesperada.

— Você está insinuando que a credibilidade da *Millennium* pode diminuir porque um empresário conhecido e de recursos entrou em cena?

— Sim, me parece bastante evidente que vocês perderão a credibilidade como observadores das empresas Vanger.

— E essa regra se aplica somente à *Millennium?*

— Desculpe, não entendi.

— O que eu quero dizer é que você trabalha para um jornal que está totalmente nas mãos dos grandes interesses econômicos. Por acaso isso significa que nenhum dos jornais pertencentes ao grupo Bonniers é digno de crédito? A *Aftonbladet* pertence a uma grande empresa norueguesa que, por sua vez, tem grande influência na área da informática e da comunicação. Por acaso isso significa que as análises da indústria eletrônica feitas pela *Aftonbladet* não têm credibilidade? O *Metro* pertence ao grupo Stenbeck. Está querendo dizer que nenhum jornal sueco sustentado por grandes interesses econômicos é digno de crédito?

— Não, claro que não.

— Nesse caso, por que está insinuando que a *Millennium* perderia credibilidade por contarmos também com o apoio de financistas?

O repórter desculpou-se.

— Está bem, retiro a pergunta.

— Não, não retire. Quero que você reproduza exatamente o que acabo de dizer. E pode acrescentar que, se o *Dagens Nyheter* decidir se concentrar mais particularmente nas empresas Vanger, nós também vamos nos concentrar um pouco mais no grupo Bonniers.

Apesar de tudo, havia, de fato, um dilema ético.

Mikael trabalhava para Henrik Vanger, que, por sua vez, se achava numa posição em que podia, numa canetada, afundar a *Millennium.* O que aconteceria se Mikael e Henrik Vanger se indispusessem por qualquer razão?

E mais: que preço ela fixava para sua própria credibilidade e em que momento passaria de diretora independente a diretora corrupta? Ela não gostava nem das perguntas nem das respostas.

Lisbeth Salander desconectou-se da internet e fechou seu Powerbook. Estava sem trabalho e com fome. A primeira coisa não a perturbava diretamente desde que retomara o controle de sua conta bancária e que o dr. Bjurman adquirira o caráter de um vago estorvo do passado. A fome ela remediou indo até a cozinha e ligando a cafeteira. Preparou três grossos sanduíches com queijo, atum e ovo cozido, sua primeira refeição depois de muitas horas. Devorou os sanduíches noturnos encolhida no sofá da sala e ao mesmo tempo concentrada na informação que acabava de obter.

Dirch Frode, de Hedestad, a contratara para investigar Mikael Blomkvist, condenado à prisão por difamar o financista Hans-Erik Wennerström. Poucos meses depois, Henrik Vanger, também de Hedestad, entra no conselho administrativo da *Millennium* e afirma haver uma conspiração destinada a afundar a revista. Tudo isso no mesmo dia em que Mikael Blomkvist começa a cumprir sua pena. O mais fascinante: um pequeno artigo publicado dois anos antes — "Com as duas mãos vazias" — sobre Hans-Erik Wennerström, que ela descobriu na edição *on-line* do *Finansmagasinet Monopol.* O artigo dizia que ele começara sua ascensão no mundo das finanças justamente nas empresas Vanger, no final dos anos 1960.

Não era preciso ser nenhum gênio para concluir que os acontecimentos estavam de alguma forma interligados. Havia um segredo no negócio, e Lisbeth Salander adorava desvendar segredos. Ainda mais quando não tinha outra coisa para fazer.

III. FUSÕES – 16 DE MAIO A 14 DE JULHO

Na Suécia, 13% das mulheres foram vítimas de violências sexuais cometidas fora de uma relação sexual.

15. SEXTA-FEIRA 16 DE MAIO — SÁBADO 31 DE MAIO

Mikael Blomkvist deixou o centro de detenção de Rullaker na sexta-feira 16 de maio, dois meses depois de ter sido preso. No mesmo dia em que se apresentou na prisão, ele havia entrado, sem muitas expectativas, com um pedido de redução da pena. Nunca soube dos segredos administrativos de sua libertação, mas imaginou um relatório mencionando que ele não utilizara as licenças de fim de semana e que o centro de detenção abrigava quarenta e duas pessoas, quando o número máximo de vagas era trinta e um. O fato é que o diretor da prisão — um ex-exilado polonês de quarenta anos chamado Peter Sarowski com quem Mikael se entendeu muito bem — assinou uma recomendação de redução da pena.

O período passado em Rullaker foi calmo e agradável. O estabelecimento, como dizia o próprio Sarowski, era uma prisão para vadios e motoristas embriagados, e não para criminosos de verdade. As rotinas diárias lembravam o funcionamento de um albergue da juventude. Os quarenta e um companheiros de Mikael, metade dos quais imigrantes da segunda geração, viam-no como uma espécie de ave exótica — e com toda a razão. Ele era o único prisioneiro de quem falavam na tevê, o que lhe conferiu alguma importância, embora nenhum deles o considerasse um criminoso de peso.

Tampouco a direção do estabelecimento. Desde o primeiro dia, Mikael foi chamado para algumas conversas; propuseram-lhe diferentes atividades, cursos de treinamento ou possibilidades de outros estudos, bem como uma orientação profissional. Mikael respondeu que não precisava de inserção social, que concluíra os estudos havia muitos anos e que já tinha um emprego. Em contrapartida, pediu autorização para conservar seu notebook na cela, a fim de continuar trabalhando no livro que estava sendo pago para escrever. O pedido foi aceito imediatamente e Sarowski ofereceu-lhe até mesmo um armário com cadeado para que ele pudesse deixar o computador na cela sem o risco de roubo ou vandalismos. Mas era mínimo o risco de um dos detentos querer se divertir com esse tipo de coisa — ao contrário, eles estendiam uma mão protetora sobre Mikael.

Foi o que lhe permitiu passar dois meses relativamente agradáveis, trabalhando cerca de seis horas por dia na crônica da família Vanger, com interrupções para algumas horas de trabalho ou de recreação. Mikael e dois colegas, um proveniente de Skövde e o outro com raízes no Chile, tinham como tarefa limpar diariamente o ginásio do centro de detenção. Recreação significava ver tevê, jogar cartas ou fazer musculação. Mikael descobriu que não se saía tão mal no pôquer, mas todos os dias costumava perder algumas moedas de cinquenta centavos. O regulamento autorizava o jogo desde que a bolada não ultrapassasse cinco coroas.

O anúncio de sua libertação foi comunicado na véspera; Sarowski o convocou à sua sala para um brinde com aquavita. À noite, Mikael juntou suas roupas e seus cadernos.

Uma vez libertado, Mikael foi diretamente para sua casa em Hedeby. Ao cruzar a ponte, ouviu um miado e andou os últimos metros acompanhado pelo gato ruivo, que lhe dava boas-vindas esfregando-se em suas pernas.

— Certo, entre — disse. — Mas não tive tempo de comprar leite.

Desfez a mala. Tinha a impressão de estar voltando de férias e se deu conta de que a companhia de Sarowski e dos outros detentos lhe fazia falta. Podia parecer estranho, mas a temporada em Rullaker fora agradável. E a libertação ocorrera de forma tão inesperada que não havia avisado ninguém.

Eram pouco mais de seis da tarde. Correu até o supermercado para comprar produtos básicos, antes que fechasse. Na volta, ligou para Erika no celular, mas só ouviu a voz da secretária eletrônica informando que no momento ela não estava disponível. Deixou um recado propondo que se falassem no dia seguinte.

Depois foi visitar Henrik Vanger. O próprio Henrik abriu a porta e ficou estupefato ao vê-lo.

— Você fugiu? — exclamou o velho.

— Liberdade antecipada, coisa absolutamente legal.

— Ah, mas que surpresa boa!

— Para mim também. Fiquei sabendo ontem.

Olharam-se durante alguns segundos. Então o velho surpreendeu Mikael enlaçando-o e estreitando-o com força nos braços.

— Eu estava me preparando para jantar. Não quer me fazer companhia?

Anna serviu omelete com toicinho e salada verde. Ficaram na sala de jantar por cerca de duas horas. Mikael contou até onde chegara na crônica familiar e indicou os pontos onde havia lacunas e falta de informação. Não falaram de Harriet Vanger, mas estenderam-se demoradamente sobre a *Millennium.*

— Fizemos três reuniões do conselho administrativo. A senhorita Berger e seu sócio Christer Malm tiveram a delicadeza de realizar duas reuniões aqui, e Dirch representou-me numa reunião em Estocolmo. É muito cansativo para mim deslocar-me para tão longe, confesso que gostaria de ter alguns anos a menos. Mas tentarei ir até lá no próximo verão.

— Eles podem fazer as reuniões aqui sem problema — disse Mikael. — E o que está achando de ser sócio da revista?

Henrik Vanger fingiu um sorriso.

— É uma das coisas mais divertidas que me aconteceram em muitos anos, você sabe. Examinei as finanças e a coisa não está tão mal. Não precisarei investir tanto dinheiro quanto eu pensava. A lacuna entre receitas e despesas está diminuindo.

— Falei com Erika por telefone na semana passada. Pelo que entendi, a publicidade voltou a crescer.

Henrik concordou com a cabeça.

— A tendência está se invertendo, mas levará algum tempo. No início, foram empresas do grupo Vanger que compraram páginas. Mas dois ex-clientes, uma operadora de telefonia e uma agência de viagens, já estão de volta. — Ele deu um sorriso largo. — Também fizemos uma campanha mais personalizada junto aos velhos inimigos de Wennerström. E a lista é comprida, acredite.

— Tem notícias de Wennerström?

— Não, não exatamente. Mas espalhamos a informação de que Wennerström está organizando um boicote contra a *Millennium.* E as pessoas estão começando a achá-lo mesquinho. Parece que um jornalista do *Dagens Nyheter* tocou nessa questão e levou uma descompostura.

— Você se diverte com isso.

— Não é a palavra exata. É o que eu deveria ter feito vários anos atrás.

— Mas o que há entre você e Wennerström?

— Não se apresse. Saberá isso no fim do ano.

O ar transmitia uma agradável sensação de primavera. Quando Mikael deixou Henrik por volta das nove, já era noite. Hesitou um instante, depois foi bater à porta de Cecilia Vanger.

Não tinha certeza de que a encontraria. Cecilia arregalou os olhos e imediatamente pareceu incomodada, mas o convidou a entrar no vestíbulo. Ambos estavam embaraçados. Ela também perguntou se ele fugira e ele explicou o que houve.

— Queria só lhe dar um alô. Estou atrapalhando?

Cecilia evitou o olhar dele. Mikael logo percebeu que ela não estava particularmente feliz em vê-lo.

— Não... não, entre. Quer um café?

— Seria ótimo.

Acompanhou-a até a cozinha. Ela virou-lhe as costas enquanto punha água na cafeteira. Mikael aproximou-se e pôs a mão em seu ombro. Ela ficou dura.

— Cecilia, eu diria que você não está com nenhuma vontade de me oferecer um café.

— Eu te esperava daqui a um mês — disse ela. — Você me pegou desprevenida.

Ele a sentia pouco à vontade. Girou o corpo dela para olhá-la nos olhos. Ficaram calados por um breve instante. Ela continuava recusando-se a olhar para ele.

— Cecilia, esqueça o café. O que está havendo? Ela balançou a cabeça e respirou fundo.

— Mikael, quero que vá embora. Não pergunte nada. Simplesmente vá embora.

Mikael voltou para casa, mas ficou indeciso diante da cerca do jardim. Em vez de entrar, foi até a beira da água ao lado da ponte e sentou-se numa pedra. Acendeu um cigarro, perguntando-se o que podia ter modificado tão radicalmente a atitude de Cecilia Vanger com relação a ele.

Nesse momento, ouviu o ruído de um motor e avistou um barco grande, branco, entrando no canal sob a ponte. Quando o barco passou à sua frente, Mikael viu que quem o manobrava era Martin Vanger, com o olhar atento para evitar eventuais baixios. Tratava-se de um iate de cruzeiro de doze metros — um mastodonte impressionante. Mikael levantou-se e seguiu o caminho que costeava a praia. Viu então que muitos barcos já haviam sido postos na água, amarrados em diferentes poitas, tanto barcos a motor quanto

veleiros, especialmente vários Pettersson e um IF que se pôs a oscilar após a passagem do iate. Havia também barcos maiores e mais caros, entre os quais um Hallberg-Rassy. A boa estação estava de volta e Mikael pôde fazer uma idéia dos recursos financeiros dos aficionados náuticos de Hedeby — Martin Vanger possuía indiscutivelmente o barco maior e mais caro do lugar.

Deteve-se abaixo da casa de Cecilia e espiou as janelas iluminadas no andar de cima. Depois voltou para fazer um café em casa. Examinou sua saleta de trabalho enquanto esperava o café ficar pronto.

Antes de se apresentar na prisão, devolvera a maior parte dos arquivos de Henrik Vanger sobre Harriet. Julgou prudente não deixar toda a documentação numa casa desocupada durante um período tão longo. Agora as prateleiras pareciam vazias. Tudo o que lhe restava do inquérito eram cinco cadernos de anotações de Henrik que ele levara para Rullaker e que neste momento já conhecia de cor. E, como constatou naquele momento, um álbum de fotografias que esquecera na prateleira de cima.

Pegou o álbum e voltou para a cozinha. Serviu-se de café, sentou e começou a folheá-lo.

Eram fotos tiradas no dia do desaparecimento de Harriet. A primeira era a última foto de Harriet, no desfile da Festa das Crianças em Hedestad. Seguiam-se cento e oitenta fotos, muito nítidas, do acidente do caminhão-tanque na ponte. Foto por foto, ele já examinara o álbum com lupa, várias vezes. Agora o folheava distraidamente; sabia que não encontraria nada que representasse um avanço. De repente sentiu-se farto do enigma Harriet Vanger e fechou o álbum com um golpe seco.

Irritado, aproximou-se da janela da cozinha e olhou a escuridão lá fora.

Depois tornou a olhar para o álbum de fotos. Não conseguiu explicar a sensação, mas um pensamento fugaz de repente se apresentou, como se reagisse a algo que acabara de ver. Como se um ser invisível lhe soprasse suavemente no ouvido, e os cabelos em sua nuca se eriçaram de leve.

Sentou-se de novo e tornou a abrir o álbum. Percorreu, uma por uma, todas as fotos da ponte. Contemplou um Henrik Vanger mais jovem manchado de óleo e um jovem Harald Vanger, esse homem que ele ainda não vira. A amurada destruída da ponte, as construções, as janelas e os veículos que se viam nas imagens. Não teve nenhuma dificuldade em identificar Cecilia Vanger, com vinte anos, no meio dos espectadores. Usava um vestido claro e um casaco escuro, e aparecia em cerca de vinte fotos.

Sentiu uma brusca excitação. Ao longo dos anos, Mikael aprendera a confiar em seus instintos. Ele reagira a alguma coisa no álbum, mas não conseguia saber exatamente a quê.

Por volta das onze da noite, continuava sentado na mesa da cozinha examinando as fotos, quando ouviu a porta da frente ser aberta.

— Posso entrar? — perguntou Cecilia Vanger.

Sem esperar a resposta, sentou-se diante dele do outro lado da mesa. Mikael teve um estranho sentimento de *déjà-vu.* Ela usava um vestido claro, apertado na cintura, e um casaco cinza-azulado, roupas quase idênticas às que trazia nas fotos de 1966.

— O problema é você — ela disse. Mikael levantou as sobrancelhas.

— Sinto muito, mas me pegou de surpresa esta noite quando bateu na minha porta. Agora estou tão agitada que não consigo dormir.

— Por que agitada?

— Você não percebe?

Ele fez que não com a cabeça.

— Se eu disser, promete que não vai rir de mim?

— Prometo.

— Quando eu o seduzi no inverno, não refleti, apenas cedi aos meus impulsos. Queria me divertir, nada mais. Na primeira noite eu estava bastante bêbada e não tinha a menor intenção de iniciar algo duradouro com você. Depois virou outra coisa. Quero que saiba que as semanas em que foi meu amante ocasional foram as mais agradáveis de toda a minha vida.

— Eu também achei muito bom.

— Mikael, eu menti para você e para mim o tempo todo. Nunca fui especialmente atirada em matéria de sexo. Se tive cinco ou seis parceiros em toda a minha vida, foi muito. A primeira vez, eu tinha vinte e um anos. Depois veio meu marido, que conheci quando tinha vinte e cinco e que se revelou um canalha. A seguir, mais três homens que conheci com alguns anos de intervalo. Mas você... você fez brotar não sei o que em mim. Nunca me canso. Certamente porque com você não há a menor exigência.

— Cecilia, você não é obrigada...

— Psiu... não me interrompa. Senão nunca vou conseguir dizer o que tenho a dizer.

Mikael ficou em silêncio.

— No dia em que você partiu para a prisão, me senti terrivelmente infeliz. De repente você não estava mais aqui, como se nunca tivesse existido. Não havia mais luz na casa dos convidados. E a minha cama ficou fria e vazia. De uma hora para a outra voltei a ser uma velha de cinquenta e seis anos.

Calou-se um instante e olhou Mikael bem nos olhos.

— Apaixonei-me por você neste inverno. Sem querer, apenas aconteceu. E então me dei conta de que você estava aqui apenas temporariamente e que um dia iria partir de vez, enquanto eu iria continuar aqui o resto da vida. Isso me fez tanto mal, me doeu tanto, que decidi não deixar você entrar quando voltasse da prisão.

— Sinto muito.

— Não é culpa sua.

Ficaram calados durante um momento.

— Quando você foi embora hoje à noite, eu chorei. Queria uma chance de voltar à vida. Então pensei numa coisa.

— No quê?

— Que eu seria totalmente doida se deixasse de te ver só porque um dia você vai embora. Mikael, será que podemos recomeçar? Será que você pode esquecer o que se passou há pouco?

— Está esquecido — disse Mikael. — E obrigado por ter me contado. Ela continuou a olhar a mesa.

— Se você me quiser, estou com muita vontade.

Ergueu os olhos e encontrou os dele. Depois levantou-se e dirigiu-se até o quarto. Deixou cair o casaco no chão e foi retirando o vestido pela cabeça enquanto andava.

Mikael e Cecilia foram despertados ao mesmo tempo pelo ruído da porta da frente se abrindo e pelos passos de alguém na cozinha. Ouviram o baque surdo de uma sacola jogada no chão ao lado do aquecedor. Então Erika apareceu à porta do quarto com um sorriso que logo se transformou em susto.

— Ó meu Deus! — Ela deu um passo para trás.

— Oi, Erika — disse Mikael.

— Oi. Desculpe. Peço mil desculpas por ter entrado desse jeito. Eu deveria ter batido antes.

— Deveríamos ter trancado a porta. Erika, esta é Cecilia Vanger. Cecilia, Erika Berger: a diretora da *Millennium.*

— Bom dia — disse Cecilia.

— Bom dia — disse Erika.

Ela parecia não saber se devia se aproximar para apertar educadamente a mão de Cecilia ou se devia apenas ir embora.

— Bem, eu... posso sair e dar uma volta...

— E que tal se antes preparasse um café? — Mikael olhou o despertador em cima da mesa-de-cabeceira. Passava do meio-dia.

Erika fez que sim com a cabeça e voltou a fechar a porta do quarto. Mikael e Cecilia se olharam. Cecilia estava embaraçada. Haviam feito amor e conversado até as quatro da manhã. Depois Cecilia disse que passaria a noite ali e que daí em diante não daria a mínima de mostrar a todo mundo que trepava com Mikael. Ela dormira de costas para o ventre dele, o braço de Mikael envolvendo-lhe o peito.

— Não se preocupe, está tudo bem — disse Mikael. — Erika é casada e não é minha namorada. Nos vemos de vez em quando, e ela não se importa de saber que você e eu temos um caso. E provavelmente está se sentindo bastante envergonhada neste momento.

Na cozinha, Erika preparou um desjejum com café, suco de frutas, geléia de laranja, queijo e pão grelhado. O cheiro era bom. Cecilia dirigiu-se a ela e estendeu-lhe a mão.

— Foi muito rápido há pouco. Bom dia.

— Cecilia, desculpe ter chegado assim, como um elefante — disse Erika realmente chateada.

— Deixe pra lá, esqueça. Vamos ao café.

— Sabe — disse Mikael, estreitando Erika nos braços antes de sentar-se. — Como você veio para cá?

— Vim de carro esta manhã, o que você acha? Li sua mensagem às duas da madrugada e tentei ligar.

— Desliguei o celular — disse Mikael, dirigindo um sorriso a Cecilia Vanger.

Depois do café, Erika pediu licença e deixou Mikael e Cecilia a sós, alegando que precisava ir cumprimentar Henrik Vanger. Enquanto Cecilia limpava a mesa, Mikael se aproximou dela por trás e a abraçou.

— E agora, o que vai acontecer? — perguntou Cecilia.

— Nada. Tudo continua do mesmo jeito. Erika é minha melhor amiga. Temos uma ligação esporádica que já dura vinte anos e que espero dure ainda mais vinte. Mas nunca formamos um casal e nunca nos impedimos de ter aventuras pessoais.

— É o que existe entre nós? Uma aventura?

— Não sei o que existe entre nós, mas parece que estamos bem um com o outro.

— Onde ela dormirá esta noite?

— Arranjarão um quarto em algum lugar. Um quarto de hóspedes na casa de Henrik. Ela não vai dormir na minha cama.

Cecilia refletiu um instante.

— Não sei se vou saber lidar com isso. Você e ela talvez funcionem bem assim, mas eu não sei... eu nunca... — Ela balançou a cabeça. — Vou para casa agora. Preciso refletir um pouco.

— Cecilia, você me fez perguntas a esse respeito e eu falei da minha relação com Erika. A existência dela não pode ser uma surpresa para você.

— É verdade. Mas enquanto ela estava a uma distância confortável, lá em Estocolmo, eu podia ignorá-la.

Cecilia vestiu o casaco.

— A situação é cômica. — Ela sorriu. — Venha jantar esta noite. Com Erika. Acho que vou gostar muito dela.

Erika já havia resolvido a questão da hospedagem. Nas vezes em que visitara Henrik Vanger, dormira num dos quartos de hóspedes, e pediu muito singelamente se podia utilizá-lo de novo. Henrik mal conteve o entusiasmo e assegurou que ela era bem-vinda sempre que quisesse vir.

Após essas formalidades, Mikael e Erika atravessaram a ponte e se instalaram no terraço do Café Susanne antes da hora de fechamento.

— Estou superchateada — disse Erika. — Venho aqui para comemorar sua liberdade e o encontro na cama com a mulher fatal da aldeia.

— Desculpe.

— Há quanto tempo você e a senhorita Tetuda... — Erika fez um movimento com o indicador.

— Mais ou menos desde que Henrik se associou a nós.

— Ah, é?

— Como assim ah, é?

— Simples curiosidade.

— Cecilia é uma mulher querida. Gosto dela.

— Não estou criticando. Estou apenas chateada. Uma guloseima ao alcance da mão e sou obrigada a fazer regime. E a prisão, como foi?

— Tipo férias de estudo. E a revista, como vai?

— Melhor. Ainda estamos ziguezagueando no vermelho, mas pela primeira vez em um ano o volume de anúncios aumentou. Continuamos bem abaixo do que tínhamos antes, mas já estamos nos recuperando. Graças a Henrik. E o mais estranho é que as assinaturas também aumentaram.

— E normal, sempre há uma oscilação.

— De algumas centenas a mais ou a menos. Mas tivemos três mil assinantes a mais nos últimos meses. O aumento se mantém constante com duzentos e cinquenta novos assinantes por semana. Primeiro achei que fosse coincidência, mas novos assinantes continuam afluindo. É o maior aumento de tiragem já obtido por uma revista mensal. Representa mais que as receitas dos anunciantes. Ao mesmo tempo, nossos antigos anunciantes parecem em geral dispostos a renovar.

— Como se explica isso? — perguntou Mikael, confuso.

— Não sei. Nem nós estamos entendendo. Não fizemos campanha publicitária. Christer passou uma semana verificando sistematicamente o perfil desses novos assinantes. Em primeiro lugar, são novos mesmo. Em segundo, setenta por cento são mulheres. Em geral, os assinantes são setenta por cento de homens. Em terceiro, pode-se caracterizar esse tipo de assinante como um assalariado médio dos subúrbios com um trabalho qualificado: professores, pequenos executivos, funcionários públicos.

— A revolta da classe média contra o capitalismo?

— Não sei. Mas se a tendência prosseguir vamos assistir a uma enorme mudança na nossa lista de assinantes. A redação se reuniu há duas semanas e decidimos ir incluindo aos poucos novos temas na revista; quero mais artigos sobre o mundo do trabalho, relacionado a sindicatos como o dos funcionários públicos, por exemplo, e também mais reportagens investigativas, sobre feminismo e outros assuntos do momento.

— Mas cuidado para não mudar demais — disse Mikael. — Se temos novos assinantes, é provavelmente porque gostam do que já existe na revista.

Cecilia Vanger também convidara Henrik Vanger para o jantar, talvez para diminuir o risco de assuntos mais melindrosos. Preparou um assado de carne de veado e serviu vinho tinto para acompanhar. Erika e Henrik monopolizaram grande parte da conversa comentando a recuperação da *Millennium* e os novos assinantes; depois, aos poucos, passou-se a se falar de outras coisas. De repente Erika se voltou para Mikael e perguntou como ia seu trabalho.

— Em aproximadamente um mês, espero terminar um primeiro rascunho completo da crônica familiar, que Henrik já vai poder ler.

— Uma crônica no espírito da família Adams — disse Cecilia sorrindo.

— Ela inclui alguns aspectos históricos — admitiu Mikael. Cecilia lançou um olhar de soslaio para Henrik Vanger.

— Mikael, na verdade Henrik não está nem um pouco interessado nessa crônica familiar. Ele quer é que você resolva o enigma do desaparecimento de Harriet.

Mikael não disse nada. Desde que começara a se relacionar com Cecilia, falara mais ou menos abertamente com ela acerca de Harriet. Cecilia já entendera que era esse o verdadeiro trabalho dele, embora Mikael nunca tivesse admitido. Por outro lado, ele nunca dissera a Henrik que discutia isso com Cecilia. As grossas sobrancelhas de Henrik se contraíram ligeiramente. Erika se calou.

— Querido tio — disse Cecilia a Henrik —, eu não sou idiota. Não sei exatamente que tipo de acordo você e Mikael fizeram, mas a temporada dele aqui em Hedeby tem a ver com Harriet, não tem?

Henrik assentiu com a cabeça e olhou para Mikael.

— Bem que eu lhe disse que ela era esperta. — Depois virou-se para Erika. — Suponho que Mikael já lhe explicou o que ele faz aqui em Hedeby.

Ela fez que sim com a cabeça.

— E suponho que deve achar essa tarefa insensata. Não, não é obrigada a responder. É realmente uma tarefa absurda e insensata. Mas tenho necessidade de saber.

— Não tenho opinião a respeito — disse Erika, diplomática.

— É óbvio que tem. — Henrik voltou-se para Mikael. — Em breve metade do ano terá passado. Conte. Descobriu algo que ainda não averiguamos?

Mikael evitou o olhar de Henrik. Pensou imediatamente na sensação estranha que tivera na noite anterior, ao folhear o álbum de fotografias. A sensação não o abandonara durante o dia, porém ele não tivera tempo de abrir novamente o álbum. Não sabia se estava imaginando coisas, mas sabia que havia uma idéia no caminho. Estivera a ponto de pensar em algo de decisivo. Por fim levantou os olhos para Henrik e balançou a cabeça.

— Não descobri a menor pista.

O velho o examinou com expressão atenta. Absteve-se de comentar a resposta de Mikael e por fim balançou a cabeça.

— Não sei o que vocês, jovens, pensam disto, mas para mim chegou a hora de me retirar. Obrigado pelo jantar, Cecilia. Boa noite, Erika. Passe para me ver antes de ir embora amanhã.

Depois que Henrik fechou a porta da frente, o silêncio se instalou. Foi Cecilia que o rompeu.

— Mikael, o que isso quer dizer afinal?

— Quer dizer que Henrik Vanger é tão sensível às reações das pessoas como um sismógrafo. Ontem à noite, quando você foi à minha casa, eu estava olhando o álbum de fotos.

— E?

— Eu vi alguma coisa. Não sei o quê, e não consigo pôr o dedo em cima. Alguma coisa que se tornou quase um pensamento, só que me escapou.

— Mas você estava pensando em quê?

— Não sei. Logo depois você chegou e eu... humm... passei a ter coisas mais interessantes na cabeça.

Cecilia corou. Evitou os olhos de Erika e foi até a cozinha a pretexto de fazer um café.

Era um dia quente e ensolarado de maio. A vegetação estava brotando e Mikael surpreendeu-se a assobiar *Blossom time is coming.*

Erika passou a noite no quarto de hóspedes de Henrik. Depois do jantar, Mikael perguntara a Cecilia se queria companhia. Ela respondeu que devia preparar a reunião dos conselhos de classe, que estava cansada e preferia ir dormir. Na segunda-feira de manhã bem cedo, Erika depositou um beijo no rosto de Mikael e partiu.

Quando Mikael foi para a prisão, em meados de março, a neve ainda cobria a paisagem. Agora as videiras já exibiam folhas e a relva em volta da casa verdejava, abundante. Pela primeira vez, ele tinha a oportunidade de passear pela ilha. Por volta das oito, passou na casa de Henrik para pedir uma garrafa térmica a Anna. Conversou um pouco com Henrik e pediu-lhe emprestado um mapa da ilha. Queria ver de perto a cabana de Gottfried, mencionada de maneira indireta no inquérito policial, pois Harriet estivera ali várias vezes. Henrik explicou que a cabana pertencia a Martin Vanger, mas estava desocupada havia vários anos. De vez em quando um parente de passagem a ocupava.

Mikael encontrou Martin Vanger a tempo, antes de ele ir para Hedestad trabalhar, e perguntou se podia emprestar a chave da cabana. Martin olhou para ele com um sorriso brincalhão.

— Suponho que a crônica familiar chegou agora ao capítulo sobre Harriet.

— Eu só queria dar uma olhada...

Martin Vanger foi buscar a chave e voltou em seguida.

— Posso ir então? Sem problemas?

— Por mim, pode até se instalar lá, se quiser. A não ser pelo fato de ficar no outro extremo da ilha, é um lugar bem melhor que a casa onde você está hospedado.

Mikael preparou café e sanduíches. Encheu uma garrafa com água e pôs as provisões numa mochila que jogou sobre o ombro. Seguiu um caminho estreito e em parte invadido pelo mato, ao longo da baía na costa norte da ilha. A cabana de Gottfried ficava num promontório a cerca de dois quilômetros do povoado, e ele fez o trajeto em meia hora, sem pressa.

Martin Vanger tinha razão. Ao sair de uma curva do caminho, Mikael viu abrir-se um lugar verdejante em frente ao mar, com uma ampla vista de Hedestad que abarcava a embocadura do rio, a marina à esquerda e o porto comercial à direita.

Achou surpreendente que ninguém tivesse se apossado da cabana de Gottfried. Era uma construção rústica de toras de madeira horizontais, coberta de telhas, com os caixilhos das janelas pintados de verde e uma pequena varanda na entrada. A manutenção da casa e do jardim mostrava sinais de abandono; a pintura das portas e das janelas

estava descascando, e o que devia ter sido uma relva transformara-se em arbustos de um metro de altura. Seria necessário um dia de trabalho com foice e cortador de grama para pôr tudo em ordem.

Mikael destrancou a porta, entrou e abriu as janelas. Parecia o interior de um celeiro de uns trinta e cinco metros quadrados. Era uma única e grande peça, forrada de lambris, com amplas janelas que davam para o mar de um lado e de outro para a porta da frente. No fundo da peça, uma escada conduzia a um quarto-mezanino que ocupava metade da superfície da casa. Debaixo da escada havia um pequeno nicho com um fogão a gás, um balcão e um lavabo. A mobília era simples; à esquerda da entrada, um banco fixado à parede, uma escrivaninha em mau estado e uma ampla estante de madeira. Mais adiante, do mesmo lado, um armário de três portas. A direita da entrada, uma mesa redonda com cinco cadeiras de madeira e, no centro, uma lareira.

Várias lamparinas indicavam que a eletricidade não chegara até ali. No parapeito de uma janela descansava um velho transistor Grundig com a antena quebrada. Mikael acionou o botão *on,* mas as pilhas estavam gastas.

Subiu a escada estreita e deu uma espiada no mezanino: uma cama de casal, um colchão sem colcha, uma mesa-de-cabeceira e uma cômoda.

Mikael ficou um momento vasculhando a casa. A cômoda estava vazia, com exceção de algumas toalhas de rosto e roupas de cama cheirando a mofo. No armário havia algumas roupas de trabalho, um avental, um par de botas de borracha, um tênis gasto e uma pequena lamparina a querosene. Nas gavetas da escrivaninha encontrou papel, lápis, um bloco de desenho não usado, um baralho e alguns marcadores de página. O armário da cozinha continha louças, xícaras de café, copos, velas e pacotes esquecidos de sal, saquinhos de chá e coisas do gênero. Numa gaveta da mesa havia talheres.

Os únicos vestígios de caráter intelectual estavam na prateleira acima da escrivaninha. Mikael subiu numa cadeira para ver melhor. Na prateleira de baixo havia números antigos de *Se, Rekordmagasinet, Tidsfördriv* e *Lektyr,* do final dos anos 1950 e início dos 1960; *Bildjoumalen* de 1965 e 1966, *Mitt Livs Novell* e algumas revistas em quadrinhos: *91:an, Fantomen* e *Romans.* Mikael abriu um número da *Lektyr* de 1964 e constatou que a *pin-up* tinha um aspecto relativamente inocente.

Uns cinquenta livros também, a metade deles romances policiais em formato de bolso da série Manhattan de Wahlström; alguns Mickey Spillane com títulos evocadores como *O beijo da morte,* nas capas clássicas de Bertil Hegland. Encontrou ainda seis *Kitty,* alguns *Clube dos cinco* de Enid Blyton e um volume dos *Detetives gêmeos* de Sivar Ahlrud — O *mistério no metrô.* Mikael sorriu com nostalgia. Três livros de Astrid Lindgren: *Nós, os filhos de Bullerbyn, Super Blomkvist e Rasmus* e *Píppi Meialonga.* Na prateleira de cima havia um rádio de ondas curtas, dois livros de astronomia, um sobre aves, um intitulado O *império do mal,* que falava da União Soviética, um sobre a guerra de inverno na Finlândia, o *Catecismo* de Lutero, o livro de hinos da Igreja sueca e uma Bíblia.

Mikael abriu a Bíblia e leu no interior da capa: *Harriet Vanger, 12/5/1963.* A Bíblia da crisma de Harriet. Consternado, devolveu o livro à estante.

Logo atrás da casa havia um pequeno depósito que abrigava lenha e ferramentas, uma foice, um ancinho, um martelo, uma caixa contendo pregos, uma plaina, uma serra e outras ferramentas. O sanitário estava situado a uns vinte metros para o Leste Europeu, no bosque. Mikael olhou um pouco por ali e depois voltou para a casa. Puxou uma cadeira, sentou-se na varanda e abriu a garrafa térmica para tomar café. Acendeu um cigarro e contemplou a baía de Hedestad através da cortina do matagal.

A cabana de Gottfried era bem mais modesta do que ele imaginara. Era esse então o lugar onde o pai de Harriet e de Martin se recolhera quando o casamento com Isabella começou a desmoronar no final dos anos 1950. Onde tinha ido viver e onde se embriagava. E mais abaixo junto ao pontão onde havia se afogado com uma taxa elevada de álcool no sangue. A vida na cabana certamente era agradável no verão, mas, quando a temperatura se aproximava do zero, devia ser bastante fria e penosa. De acordo com Henrik, Gottfried continuou a trabalhar no grupo Vanger — com interrupções nos períodos de auge da bebedeira — até 1964. O fato de morar nessa cabana de forma mais ou menos permanente e não obstante apresentar-se ao trabalho barbeado e de terno e gravata indicava, apesar de tudo, certa disciplina pessoal.

Mas também era um lugar aonde Harriet ia com frequência, tanto assim que foi um dos primeiros onde a procuraram. Henrik contou que no último ano ela tinha ido várias vezes à cabana, nos fins de semana ou nas férias. No último verão, havia morado ali durante três meses, embora fosse ao povoado todos os dias. Fora ali também que sua amiga Anita Vanger, irmã de Cecilia, lhe fizera companhia por seis semanas.

O que ela fazia na solidão? As revistas e os livros de literatura juvenil falavam por si mesmos. O bloco de desenho talvez tenha lhe pertencido. Mas havia também a Bíblia.

Queria ficar perto do pai afogado e passar ali um período de luto? Era só essa a explicação? Ou o isolamento tinha a ver com suas dúvidas religiosas? A cabana era monacal; ela vivia ali como num convento?

* * *

Mikael seguiu pela praia na direção sudeste, mas o terreno, barrado por muitas ravinas e juníperos, era quase impraticável. Retornou e andou um pouco em direção a Hedeby. De acordo com o mapa, devia haver uma picada através do bosque que levava à chamada Fortificação, e ele levou uns vinte minutos para achar o acesso, invadido pela vegetação. A Fortificação eram restos da defesa costeira que datavam da Segunda Guerra: bunkers de concreto com trincheiras distribuídas em volta de uma construção de comando. Tudo coberto de mato.

Mikael continuou no caminho até chegar a um depósito de barcos numa clareira junto ao mar. Ao lado do depósito encontrou restos de um veleiro. Retornou à Fortificação e seguiu até ir dar num cercado — eram as terras da fazenda de Östergarden.

Continuou no caminho que serpenteava através do bosque, em alguns pontos paralelo ao campo pertencente à fazenda. O caminho era de difícil acesso e ele foi obrigado a contornar alguns lodaçais. Por fim chegou a um pântano junto a um celeiro. Aparentemente o caminho terminava ali, mas ele estava a apenas cem metros da estrada de Östergarden.

Do outro lado da estrada, se elevava o monte Sul. Mikael escalou uma encosta íngreme e precisou do apoio das mãos nos últimos metros. O monte Sul terminava numa falésia quase vertical sobre o mar. Mikael retornou a Hedeby seguindo pela crista, de onde

avistou as cabanas, o velho porto dos pescadores, a igreja e a pequena casa em que estava hospedado. Sentou-se numa pedra e serviu-se de um último resto de café morno.

Não tinha a menor idéia do que fazia em Hedeby, mas a vista lhe agradava.

Cecilia Vanger mantinha distância e Mikael não quis parecer insistente. Mas depois de uma semana resolveu ir visitá-la. Ela o recebeu e foi preparar um café.

— Deve estar me achando uma idiota, uma professora respeitável de cinquenta e seis anos se comportando como uma adolescente.

— Cecilia, você é uma mulher adulta e tem o direito de agir como quiser.

— Eu sei. Por isso decidi não te ver mais. Não consigo administrar...

— Você não me deve nenhuma explicação. Espero que continuemos bons amigos.

— É o que desejo também. Mas um caso com você é muito complicado para mim. Relacionamentos amorosos nunca foram o meu forte. Acho que preciso ficar só por algum tempo.

16. DOMINGO 1º DE JUNHO — TERÇA-FEIRA 10 DE JUNHO

Após seis meses de especulações infrutíferas, uma brecha se abriu no caso Harriet Vanger quando Mikael, em apenas alguns dias da primeira semana de junho, descobriu três novas peças do quebra-cabeça. Duas completamente sozinho, a terceira com um pouco de ajuda.

Depois da visita de Erika, ele reabrira o álbum de fotografias e por várias horas examinara as fotos uma após outra, tentando entender o que o fizera reagir. Depois deixou tudo de lado e voltou a trabalhar na crônica familiar.

Num dos primeiros dias de junho, Mikael foi a Hedestad. Estava pensando em outra coisa, quando o ônibus entrou na rua da Estação, e foi então que subitamente se deu conta do que havia germinado em seu cérebro. A luz o atingiu como um relâmpago num céu sem nuvens. Ficou tão abalado que continuou até o terminal da estação ferroviária e voltou imediatamente a Hedeby para verificar se suas lembranças eram exatas.

Tratava-se da primeira foto do álbum. A última de Harriet, tirada na rua da Estação em Hedestad naquele dia funesto, quando ela assistia ao desfile da Festa das Crianças.

A foto destoava no álbum. Estava ali porque fora tirada no mesmo dia, mas era a única entre as outras cento e oitenta que não mostrava o acidente na ponte. Sempre que Mikael e (supunha ele) todos os outros olhavam o álbum, eram as pessoas e os detalhes das fotos da ponte que lhes chamavam a atenção. Nada havia de dramático na fotografia de uma multidão assistindo ao desfile da Festa das Crianças em Hedestad, várias horas antes dos acontecimentos decisivos.

Henrik Vanger devia ter olhado para aquela foto milhares de vezes, constatando com pesar que nunca mais tornaria a ver Harriet. Provavelmente se irritou por a foto ter sido tirada de tão longe e de Harriet Vanger só aparecer como uma figura qualquer na multidão.

Mas não foi isso que tinha feito Mikael reagir.

A foto fora tirada do outro lado da rua, provavelmente de uma janela do primeiro andar. A grande-angular captava a frente de um dos caminhões do desfile. Sobre a carroceria, vestidas com maios de banho cintilantes e pantalonas exóticas, mulheres lançavam bombons aos espectadores. Algumas pareciam dançar. Diante do caminhão saltitavam três palhaços.

Harriet estava na calçada, na primeira fila de espectadores. A seu lado, três colegas de classe e, ao redor, pelo menos uns cem outros habitantes de Hedestad.

Foi isso que o subconsciente de Mikael registrara e que de repente veio à tona quando o ônibus passou exatamente no local onde a foto fora tirada.

Os espectadores se comportavam como costumam se comportar. Os olhos dos espectadores sempre seguem a bolinha numa partida de tênis ou o disco de borracha no hóquei sobre gelo. Os que estavam mais à esquerda olhavam os palhaços bem à frente deles. Os mais próximos do caminhão dirigiam o olhar para a carroceria com as moças escassamente vestidas. Seus rostos estavam sorridentes. Crianças apontavam com o dedo. Alguns riam. Todos pareciam felizes.

Todos exceto uma pessoa.

Harriet Vanger olhava para o lado. Suas três colegas e as pessoas ao redor olhavam os palhaços. O rosto de Harriet estava voltado uns trinta ou trinta e cinco graus para a direita. Seu olhar parecia fixo em alguma coisa do outro lado da rua, mas que não aparecia no canto inferior à esquerda da foto.

Mikael pegou a lupa e tentou distinguir os detalhes. A foto fora tirada de muito longe para que ele tivesse absoluta certeza, mas, ao contrário de todos os outros, o rosto de Harriet não exprimia nenhuma alegria. A boca era um traço estreito. Olhos muito abertos. Mãos repousadas frouxamente ao longo do corpo.

Ela parecia estar com medo. Com medo ou com raiva.

Mikael tirou a foto do álbum, enfiou-a numa folha de plástico e pegou o ônibus com destino a Hedestad. Desceu na rua da Estação e colocou-se no local onde a foto provavelmente fora tirada. Era numa das pontas do que constituía o centro da cidade. Tratava-se de um sobrado de madeira que agora abrigava uma videolocadora e uma loja de moda masculina, Sundström, existente desde 1932, conforme informava uma placa acima da porta de entrada. Ele entrou e logo percebeu que a loja ocupava os dois andares; uma escada em caracol conduzia à parte de cima.

No alto, duas janelas davam para a rua. Foi ali que o fotógrafo se instalara.

— Posso ajudá-lo? — perguntou um vendedor de certa idade, quando Mikael tirou do bolso o plástico com a fotografia. Havia pouca gente na loja.

— Bem, na verdade eu gostaria apenas de verificar de onde esta fotografia foi tirada. Posso abrir um instante a janela?

Deram-lhe permissão e ele estendeu a foto à sua frente. Podia ver o local exato onde Harriet Vanger estivera. Uma das duas casas de madeira que se viam atrás dela desaparecera, substituída por uma de tijolos. A outra casa, que sobreviveu, abrigava uma papelaria em 1966; atualmente havia ali uma loja de produtos dietéticos e um solário. Mikael fechou a janela, agradeceu e desculpou-se pelo incômodo.

Embaixo, na rua, foi se colocar no lugar onde Harriet estivera. Não teve dificuldade em se orientar entre a janela do primeiro andar da loja e a porta do solário. Virou a cabeça e reconstituiu a linha de mira de Harriet. Pelo que Mikael pôde avaliar, ela dirigira o olhar a um canto da casa que abrigava a loja de moda masculina. Era um canto de casa inteiramente comum, de onde saía uma rua lateral. *O que Harriet teria visto lá?*

Mikael guardou a fotografia na mochila e foi a pé até a entrada da estação, onde sentou-se num terraço e pediu um *caffè latte.* Sentia-se subitamente agitado.

Nos romances policiais ingleses, isso se chamava uma *new evidence, o* que era bem mais que um "novo dado". Ele acabava de ver algo novo, que ninguém mais observara numa investigação que se arrastava havia trinta e sete anos.

O único problema é que ele não sabia muito bem qual o valor dessa nova descoberta, nem mesmo se havia algum. No entanto ela lhe parecia importante.

O dia de setembro em que Harriet desapareceu fora dramático de diversas maneiras. Era um dia de festa em Hedestad com milhares de pessoas nas ruas, tanto jovens como velhos. E havia a reunião familiar anual na ilha. Só esses dois acontecimentos já quebravam a rotina do lugar. E o acidente na ponte, como a cereja no bolo, veio lançar sua sombra sobre o resto.

O inspetor Morell, Henrik Vanger e todos os que refletiram sobre o desaparecimento de Harriet haviam se concentrado nos acontecimentos da ilha. O próprio Morell escrevera que não conseguia afastar a suspeita de que havia uma ligação entre o acidente e o desaparecimento de Harriet. De repente Mikael se convenceu de que isso era inteiramente falso.

A cadeia de incidentes não começara na ilha, mas na cidade de Hedestad, várias horas antes naquele dia. Harriet Vanger tinha visto alguma coisa ou alguém que lhe causara medo e que a fizera voltar para casa e procurar de imediato Henrik Vanger, que infelizmente não teve tempo de lhe dar atenção. Depois aconteceu o acidente na ponte. Em seguida o assassino agiu.

Mikael fez uma pausa. Era a primeira vez que formulava conscientemente a suposição de que Harriet havia sido morta. Hesitou, mas logo percebeu que concordava com a convicção de Henrik Vanger. Harriet fora morta e agora ele buscava um assassino.

Retornou ao inquérito policial. Nos milhares de páginas, só uma parte mínima falava das horas em Hedestad. Harriet estava com três colegas de classe, e todas foram interrogadas. Elas se encontraram na entrada da estação ferroviária às nove da manhã. Uma das meninas precisava comprar um jeans e as outras a acompanharam. Tomaram um café no restaurante das lojas EPA e depois foram até a feira na praça de esportes, onde passearam entre as bancas e os pequenos lagos com patos, e onde também cruzaram com outros colegas de escola. Ao meio-dia, dirigiram-se ao centro da cidade para ver o desfile da Festa das Crianças. Um pouco antes das duas, Harriet anunciou repentinamente que precisava voltar para casa. Elas se separaram num ponto de ônibus perto da rua da Estação.

Nenhuma das colegas observou algo fora do comum. Uma delas, Inger Stenberg, afirmou que Harriet se tornara "impessoal", ao descrever sua mudança no último ano. Disse que naquele dia Harriet estava taciturna como de costume e que apenas acompanhava as outras.

O inspetor Morell entrevistou todos os que tinham visto Harriet naquele dia, mesmo os que apenas a cumprimentaram na feira ou na rua. Sua foto foi publicada nos jornais da região quando a deram por desaparecida. Vários habitantes de Hedestad entraram em contato com a polícia para dizer que julgavam tê-la visto durante o dia, mas ninguém observou nada de incomum.

Mikael passou a noite refletindo sobre como continuar investigando a pista que acabava de formular. Na manhã seguinte, foi se encontrar com Henrik Vanger no momento em que ele tomava o café-da-manhã.

— Você me disse que a família Vanger sempre teve participações no *Hedestads-Kuriren.*

— Isso mesmo.

— Preciso consultar os arquivos fotográficos do jornal. De 1966. Henrik Vanger pousou o copo de leite e enxugou o lábio superior.

— Mikael, o que você descobriu? Ele olhou o velho bem nos olhos.

— Nada de concreto. Mas acho que podemos ter cometido um erro de interpretação no que se refere ao desenrolar dos acontecimentos.

Mostrou a foto e relatou suas conclusões; Henrik não disse nada por um longo tempo.

— Se tenho mesmo razão, devemos nos concentrar no que se passou em Hedestad naquele dia, não apenas no que se passou na ilha — disse Mikael. — Não sei o que foi feito delas depois de tantos anos, mas muitas fotografias das festividades certamente nem foram publicadas. São essas fotos que quero ver.

Henrik Vanger utilizou o telefone de parede na cozinha. Chamou Martin Vanger, explicou o que procurava e perguntou quem era hoje o responsável pelo arquivo fotográfico do *Kuriren.* Dez minutos mais tarde, a pessoa foi localizada e a autorização obtida.

A responsável pelo arquivo fotográfico do *Hedestads-Kuriren* chamava-se Madeleine Blomberg, mais conhecida por Maja, e tinha sessenta anos. Era a primeira mulher nessa função que Mikael encontrava em sua carreira, numa profissão em que ainda se julgava a fotografia como um domínio artístico reservado aos homens.

Era um sábado e a redação estava vazia, mas Maja Blomberg morava a apenas cinco minutos a pé dali e recebeu Mikael na porta do jornal. Ela havia trabalhado no *Hedestads-Kuriren* a maior parte de sua vida. Começou como revisora em 1964, a seguir trabalhou na preparação das fotos e passou muitos anos no laboratório, sendo enviada também para algumas coberturas fotográficas quando os efetivos faltavam. Acabou sendo promovida a editora e, dez anos antes, quando o ex-responsável pelo setor de fotografia se aposentou, ela assumiu a chefia do departamento. Mas isso não significava que dirigisse um vasto império. O departamento de fotografia fora integrado ao de publicidade dez anos antes e contava com apenas seis pessoas, todas encarregadas do mesmo trabalho por turno.

Mikael perguntou como os arquivos estavam organizados.

— Na verdade, o arquivo está uma grande bagunça. Depois dos computadores e das fotos digitais, passamos a arquivar tudo em CDs. Um dos nossos estagiários escaneou as fotos antigas importantes, mas isso só representa um ou dois por cento das fotos catalogadas. As mais antigas estão organizadas em arquivos de negativos, por data. Estão ou aqui na redação, ou no depósito.

— O que me interessa são as fotos tiradas no desfile da Festa das Crianças de 1966, mas também, de modo geral, fotos tiradas naquela semana.

Maja Blomberg perscrutou Mikael com o olhar.

— Não é a semana em que Harriet Vanger desapareceu?

— A senhora conhece a história?

— Impossível ter trabalhado a vida inteira no *Hedestads-Kuriren* e não conhecê-la, e quando Martin Vanger me chamou hoje de manhã, no meu dia de folga, tirei minhas

próprias conclusões. Revisei artigos que falavam do caso nos anos 1960. Por que está investigando? Haveria novas revelações?

Maja Blomberg também parecia ter faro. Mikael balançou a cabeça com um breve sorriso e lançou seu pretexto.

— Não, e duvido muito que algum dia tenhamos a resposta para o que aconteceu com ela. Peço que não espalhe, mas estou escrevendo a biografia de Henrik Vanger. O desaparecimento de Harriet é um assunto à parte, mas também um capítulo que não se pode ignorar. Procuro fotos que possam ilustrar aquele dia, de Harriet e de suas colegas.

Maja Blomberg pareceu cética, porém como a explicação era plausível ela não tinha por que duvidar do que ele dizia.

O fotógrafo de um jornal utiliza em média entre dois e dez filmes por dia. Em épocas de grandes acontecimentos, esse número pode facilmente dobrar. Cada filme contém trinta e seis negativos, portanto não é incomum um jornal acumular mais de trezentas fotos todos os dias, das quais poucas são publicadas. Uma redação bem organizada divide os filmes em seis e põe cada tira dessas em seis envelopes numa página. Com isso, um filme equivale a mais ou menos uma página num arquivo de negativos. Um arquivo contém pouco mais de cento e dez filmes. Em um ano, acumulam-se entre vinte e trinta arquivos. Ao longo dos anos, isso acaba se transformando numa quantidade espantosa de arquivos, geralmente sem o menor valor comercial, atulhando as prateleiras da redação. No entanto, todos os fotógrafos e editores de fotografia estão convencidos de que as imagens representam um *documento histórico de valor inestimável* e não jogam nada fora.

Fundado em 1922, o *Hedestads-Kuriren* dispunha de uma editoria de fotografia desde 1937. O depósito do *Kuriren* abrigava mais de mil e duzentos arquivos de fotos, classificados por data. As imagens de setembro de 1966 representavam quatro arquivos de encadernação barata.

— Como eu faço? — perguntou Mikael. — Vou precisar de um negatoscópio e também copiar as fotos que me interessarem.

— Não temos mais laboratório. Escaneamos tudo. Sabe usar um escâner de negativos?

— Sim, já fiz fotos, eu mesmo tenho um Agfa em casa. Trabalho com o Photoshop.

— Então está tão bem equipado como nós.

Maja Blomberg levou Mikael para dar uma volta rápida pela redação, indicou-lhe um lugar diante de um negatoscópio e ligou um computador e um escâner. Mostrou-lhe também onde preparar café na copa. Arrumou tudo para que Mikael pudesse trabalhar sozinho e livremente, mas ele devia chamar Maja Blomberg quando fosse embora da redação, para que ela viesse trancar tudo e ligar o alarme. Ela o deixou com um jovial "Divirta-se".

Mikael precisou de várias horas para percorrer os arquivos. Dois fotógrafos trabalhavam no *Hedestads-Kuriren* naquela época. O que trabalhou no dia em questão foi Kurt Nylund, que Mikael já conhecia. Na época, Nylund tinha vinte anos. Mais tarde foi morar em Estocolmo e tornou-se um fotógrafo profissional reconhecido, atuando como *freelancer* mas também com a Pressens Bild, em Marieberg. Seus caminhos se cruzaram várias vezes nos anos 1990, quando a *Millennium* comprou fotos da Pressens Bild. Mikael

tinha a lembrança de um homem magro de cabelos finos. Kurt Nylund utilizara um filme pouco sensível usado por muitos repórteres-fotográficos.

Mikael tirou dos envelopes as fotos do jovem Nylund e as pôs no negatoscópio, examinando uma por uma com a lupa. Mas ler negativos é uma arte que requer algum hábito, coisa que Mikael não tinha. Para saber se as fotos continham alguma informação valiosa, ele percebeu que seria obrigado a escanear cada imagem para observá-la depois no computador. Isso levaria horas. Decidiu então fazer um levantamento dos negativos que poderiam interessá-lo.

Começou selecionando as fotografias do acidente com o caminhão-tanque. Mikael constatou que o arquivo de cento e oitenta fotos de Henrik Vanger não estava completo; a pessoa que copiara a coleção — talvez o próprio Nylund — eliminara cerca de trinta fotos, ou porque estavam desfocadas, ou porque sua qualidade era medíocre para publicação.

Mikael deixou o computador do *Hedestads-Kurirem* e ligou o escâner em seu próprio notebook. Passou duas horas escaneando o restante das fotos.

Uma delas chamou de imediato sua atenção. Num certo momento entre 15hl0 e 15hl5, exatamente nos minutos em que Harriet desapareceu, alguém abrira a janela do quarto dela; Henrik Vanger tentara em vão descobrir quem foi. De repente, Mikael tinha na tela uma foto que devia ter sido tirada no momento em que a janela estava aberta. Era possível ver uma silhueta e um rosto, mas imprecisos, desfocados. Concluiu que a análise dessa foto poderia esperar até que ele escaneasse o resto.

Nas horas seguintes, Mikael examinou as fotos da Festa das Crianças. Kurt Nylund usou seis filmes, isto é, tirou mais de duzentas fotos. Era uma série descontínua de crianças com balões, adultos, vendedores de cachorro-quente, o desfile propriamente dito, um artista local sobre um estrado e uma distribuição de prêmios.

Mikael decidiu, por fim, escanear o conjunto de fotos. Ao cabo de seis horas, tinha um dossiê com noventa fotografias. Ele seria obrigado a voltar ao *Hedestads-Kuriren.*

Às nove da noite, ligou para Maja Blomberg, agradeceu e voltou para sua casa na ilha.

Ele regressou às nove da manhã do domingo. Também não havia ninguém quando Maja Blomberg o fez entrar. Mikael não se dera conta de que era feriado de Pentecostes e que o jornal só sairia na terça-feira. Pôde utilizar a mesma mesa de trabalho da véspera e passou o dia escaneando. Por volta das seis, ainda restavam quarenta fotos da Festa das Crianças. Mikael examinou os negativos e concluiu que os belos primeiros planos com crianças ou as fotos de artistas em cena não tinham o menor interesse para ele. O que lhe interessava era a animação das ruas e da multidão.

Mikael passou toda a segunda-feira de Pentecostes examinando o novo material fotográfico. Fez duas descobertas. A primeira o encheu de consternação. A segunda fez seu coração bater mais rápido.

A primeira descoberta era sobre o rosto na janela do quarto de Harriet Vanger. A foto estava desfocada por causa da movimentação e por isso fora eliminada da coleção. O fotógrafo se posicionara diante da igreja e visara a ponte. As casas se achavam no plano de fundo. Mikael enquadrou a imagem de modo a recortar apenas a janela em questão, e a seguir fez diversas tentativas, ajustando o contraste e aumentando a precisão, até obter o que julgou ser a melhor qualidade possível.

O resultado foi uma imagem granulada de tons cinza, que mostrava uma janela retangular, uma cortina, a ponta de um braço e um rosto difuso em forma de meia-lua um pouco recuado no cômodo.

Constatou que o rosto não pertencia a Harriet Vanger, que tinha cabelos pretos, mas a uma pessoa com cabelos bem mais claros.

Constatou ainda que se podia distinguir partes mais escuras onde ficavam os olhos, o nariz e a boca, mas que era impossível obter traços nítidos do rosto. Estava convencido, porém, de que via uma mulher; a parte mais clara ao lado do rosto continuava até os ombros e indicava uma cabeleira feminina. Constatou que a pessoa usava roupas claras.

Fez uma estimativa da altura dela tomando por base a janela; uma mulher de cerca de um metro e setenta.

Ao fazer desfilar outras fotos do acidente da ponte, constatou que uma pessoa correspondia exatamente aos sinais que distinguia — Cecilia Vanger, aos vinte anos.

Kurt Nylund tirara ao todo dezoito fotos postado à janela do primeiro andar da Sundström, Moda Masculina. Harriet Vanger aparecia em dezessete. Harriet e suas colegas haviam chegado à rua da Estação no mesmo instante em que Kurt Nylund começara a fotografar. Mikael calculou que as fotos deviam ter sido tiradas num lapso de tempo de cinco minutos. Na primeira, Harriet e suas colegas estavam descendo a rua e entraram no campo da imagem. Nas fotos de 2 a 7 estavam imóveis, observando o desfile. Depois se deslocaram cerca de seis metros adiante na rua. Na última foto, talvez tirada um pouco mais tarde, o grupo inteiro havia desaparecido.

Mikael reuniu uma série de imagens na qual enquadrou Harriet da cintura para cima, tentando obter o melhor contraste. Colocou as fotos numa nova pasta, abriu o programa Graphic Converter e executou a função Diaporama. O efeito foi um filme mudo e entrecortado em que cada imagem aparecia durante dois segundos.

Harriet chega, foto de perfil. Harriet se detém e olha a calçada. Harriet vira o rosto para a rua. Harriet abre a boca para dizer alguma coisa à sua colega. Harriet ri. Harriet toca a orelha da colega com a mão esquerda. Harriet sorri. Harriet parece de repente surpresa, o rosto num ângulo de aproximadamente vinte graus à esquerda da objetiva. Harriet arregala os olhos e pára de sorrir. A boca de Harriet se transforma num traço estreito. Harriet fixa o olhar em alguma coisa. Em seu rosto se pode ler... o quê? Aflição, choque, raiva? Harriet baixa os olhos. Harriet não está mais lá.

Mikael repassou a sequência várias vezes.

Ela confirmava nitidamente a hipótese que ele formulara. Alguma coisa ocorreu na rua da Estação em Hedestad. A lógica era evidente.

Ela vê alguma coisa — alguém — do outro lado da rua. Está chocada. Mais tarde vai procurar Henrik Vanger para uma conversa particular que nunca aconteceu. Depois desaparece sem deixar vestígios.

Alguma coisa ocorreu naquele dia. Mas as fotos não explicavam o quê.

Às duas da manhã de terça-feira, Mikael fez café e preparou sanduíches que comeu sentado no banco da cozinha. Estava ao mesmo tempo desanimado e excitado. Contra todas as expectativas, ele havia descoberto novos indícios. O problema era que, se eles

jogavam uma nova luz sobre os acontecimentos, não o faziam avançar um milímetro na solução do enigma.

Refletiu muito sobre o papel que Cecilia Vanger desempenhara no drama. Henrik Vanger descrevera em detalhe as atividades de todos os protagonistas naquele dia e Cecilia não fora exceção. Em 1966 ela morava em Uppsala, mas chegou a Hedeby dois dias antes daquele sábado funesto. Estava hospedada num quarto de hóspedes da casa de Isabella Vanger. Declarou ter visto Harriet de manhã, mas não chegou a falar com ela. No sábado foi a Hedestad fazer compras. Não viu Harriet e regressou à ilha por volta da uma da tarde, no momento em que Kurt Nylund tirava a série de fotos na rua da Estação. Trocou de roupa e às duas começou a ajudar a preparar a mesa para o almoço.

Como álibi, era fraco. As horas eram aproximadas, sobretudo no que dizia respeito a seu retorno à ilha, mas Henrik Vanger nunca duvidou um segundo de que ela pudesse ter mentido. Cecilia era uma das pessoas da família que Henrik queria bem. Além disso, fora amante de Mikael. Ele tinha dificuldade de ser objetivo e não podia de modo algum imaginá-la no papel de uma assassina.

E eis que agora uma foto na janela vinha insinuar que ela mentira ao dizer que não havia entrado no quarto de Harriet. Os pensamentos se engalfinhavam na cabeça de Mikael.

Se ela mentiu sobre isso, que outras mentiras teria contado?

Mikael fez um balanço do que sabia sobre Cecilia. Via-a como uma pessoa apesar de tudo reservada, aparentemente marcada pelo passado, e o resultado é que vivia sozinha, carente de vida sexual e com dificuldade de se aproximar das pessoas. Guardava distância dos outros e, quando por um momento se deixou levar e se lançou sobre um homem, escolheu Mikael, um estranho de passagem. Cecilia disse que estava rompendo a relação deles por não suportar a idéia de que ele ia desaparecer de sua vida de uma hora para a outra. Mas foi exatamente pela mesma razão, talvez, que ousou dar um passo e iniciar um caso com ele. Como se tratava de um caso passageiro, ela não precisava temer uma transformação radical de sua vida. Mikael suspirou e deixou essas especulações psicológicas de lado.

Ele fez a segunda descoberta nessa mesma noite. A chave do enigma — ele estava convencido — era o que Harriet tinha visto na rua da Estação em Hedestad. Mikael nunca saberia o que era, a não ser que inventasse uma máquina do tempo e se colocasse atrás de Harriet para olhar por cima de seu ombro.

No momento mesmo em que esse pensamento lhe aflorou ao espírito, ele bateu na testa com a palma da mão e precipitou-se ao notebook. Clicou para fazer surgir a série de imagens não recortadas da rua da Estação e... *ali estava!*

Atrás de Harriet Vanger, cerca de um metro à direita dela, havia um jovem casal, ele de suéter listado e ela com uma blusa clara. Ela segurava uma máquina fotográfica na mão. Mikael ampliou a foto e teve a impressão de ver uma Kodak Instamatic com flash embutido — um aparelho barato para pessoas que não entendem de fotografia.

A mulher mantinha o aparelho na altura do queixo. Depois o levantava e fotografava os palhaços, no momento em que o rosto de Harriet mudava de expressão.

Mikael comparou a posição da máquina com a direção do olhar de Harriet. A mulher havia fotografado quase exatamente o que Harriet Vanger estivera olhando.

De repente, Mikael tomou consciência de que seu coração batia com força. Jogou o corpo para trás e tirou o maço de cigarros do bolso da camisa. *Alguém havia tirado uma foto.* Mas como identificar essa mulher? Como obter sua foto? Teria o filme sido aproveitado e, nesse caso, a foto existiria em algum lugar?

Mikael abriu a pasta com as fotos que Kurt Nylund havia tirado da multidão. Passou a hora seguinte ampliando cada fotografia e examinando-a centímetro quadrado por centímetro quadrado. Reencontrou o casal exatamente na última. Kurt Nylund havia fotografado outro palhaço, com balões na mão, posando diante da objetiva com um eternizado sorriso nos lábios. A foto fora tirada no estacionamento junto à praça de esportes onde se realizava a festa. Deve ter sido depois das duas da tarde — a seguir Nylund fora avisado do acidente com o caminhão-tanque e interrompera a cobertura da Festa das Crianças.

A mulher estava quase inteiramente oculta, mas via-se com clareza o perfil do homem de suéter listado. Ele tinha chaves na mão e se inclinava para abrir a porta de um carro. A imagem mostrava o palhaço em primeiro plano e a foto estava ligeiramente desfocada. Não se via toda a placa, mas ela começava por AC3 alguma coisa.

As placas dos veículos nos anos 1960 começavam com a letra das regiões, e Mikael aprendera, quando criança, a identificar a proveniência dos carros. AC designava o Västerbotten.

Depois Mikael identificou outra coisa. No vidro traseiro havia um adesivo. Deu um *zoom,* porém o texto desapareceu numa mancha. Realçou o adesivo e levou algum tempo trabalhando no contraste e na nitidez. Não conseguia ler o texto, mas se baseou nas formas imprecisas para determinar a que letras podiam corresponder. Muitas se assemelhavam. Um O podia ser tomado por um D, um B por um E ou várias outras letras. Trabalhando com papel e lápis, e após eliminar algumas letras, deparou com um texto incompreensível.

A C NAR A DE R JÖ

Fixou a imagem até seus olhos doerem. E então o texto apareceu: MARCENARIA DE NORSJÖ, seguido de sinais menores e impossíveis de ler, mas que formavam, provavelmente, um número telefônico.

17. QUARTA-FEIRA 11 DE JUNHO — SÁBADO 14 DE JUNHO

Quanto à terceira peça do quebra-cabeça, Mikael recebeu uma ajuda inesperada.

Depois de trabalhar nas fotos a noite toda, dormiu pesadamente até o meio-dia. Acordou com uma dor de cabeça difusa, tomou um banho e foi até o Café Susanne fazer seu desjejum. Não conseguia juntar as idéias. Deveria ir ver Henrik Vanger e relatar suas descobertas. Em vez disso, foi bater à porta de Cecilia. Queria lhe perguntar o que fora fazer no quarto de Harriet e por que mentira, dizendo que não havia ido lá. Ninguém atendeu.

Ele estava deixando o local quando ouviu uma voz.

— A sua puta não está em casa.

O Gollum acabava de sair da caverna. Era alto, quase dois metros de altura, mas tão curvado pela idade que os olhos ficavam na altura dos de Mikael. A pele estava manchada de sardas escuras. Vestia um pijama e um robe marrom e se apoiava numa bengala. Parecia a versão hollywoodiana do velho rabugento.

— Que foi que o senhor disse?

— Eu disse que a sua puta não está em casa.

Mikael se aproximou até quase tocar o nariz de Harald Vanger.

— E de sua própria filha que está falando, seu velho indecente.

— Não sou eu que venho vagar aqui à noite — respondeu Harald Vanger com um sorriso desdentado. Seu hálito fedia. Mikael desviou-se dele e prosseguiu seu caminho sem se virar. Foi até a casa de Henrik Vanger e o encontrou em seu escritório.

— Acabo de encontrar seu irmão — disse Mikael —, e ele mal pôde conter sua rabugice.

— Harald? Ora vejam, então ele ousou uma saída! Isso acontece uma ou duas vezes por ano.

— Eu batia à porta de Cecilia quando ele apareceu. Ele falou, abre aspas: A sua puta não está em casa. Fecha aspas.

— É bem coisa do Harald — disse Henrik Vanger calmamente.

— Ele chama de puta a própria filha!

— Há anos age assim. Por isso não se falam mais.

— Por quê?

— Cecilia perdeu a virgindade quando tinha vinte e um anos. Aconteceu aqui em Hedestad, uma história de amor que ela teve durante o verão, um ano após o desaparecimento de Harriet.

— E aí?

— O homem que ela amava chamava-se Peter Samuelsson, trabalhava no grupo Vanger como assistente financeiro. Um rapaz inteligente. Hoje trabalha para a ABB. Eu me orgulharia de tê-lo como genro se ela fosse minha filha. Mas ele tinha um defeito.

— Acho que posso adivinhar qual é.

— Harald mediu-lhe o crânio, ou verificou sua árvore genealógica, ou qualquer coisa que o valha, e descobriu que tinha antepassados judeus.

— Santo Deus!

— Desde então passou a chamá-la de puta.

— Ele sabia que Cecilia e eu...

— Todo o povoado sabe, imagino, talvez com exceção de Isabella, porque nenhuma pessoa razoável iria lhe contar qualquer coisa e por sorte ela tem o hábito de ir dormir às dez da noite. Harald provavelmente acompanhou o menor dos seus passos.

Mikael sentou-se. Sentia-se meio estúpido.

— Quer dizer então que todo mundo está sabendo...

— Evidentemente.

— E você não tem nada contra?

— Querido Mikael, isso realmente não me diz respeito.

— Onde está ela, Cecilia?

— O ano escolar terminou. No sábado passado ela viajou a Londres para visitar a irmã e depois vai partir de férias para... humm... a Flórida, acho. Voltará daqui a um mês.

Mikael se sentiu ainda mais estúpido.

— Resolvemos, digamos assim, suspender a nossa relação.

— Entendo, mas também não é da minha conta. Como vai o trabalho?

Mikael serviu-se de café da garrafa térmica de Henrik. Olhou para o velho.

— Descobri uma novidade e vou precisar que alguém me empreste um carro.

Mikael passou longo tempo expondo suas conclusões. Tirou o notebook da mochila e apresentou a série de fotos que mostravam a reação de Harriet na rua da Estação. Mostrou também como descobrira os fotógrafos amadores e seu carro com o adesivo da Marcenaria de Norsjö. Quando terminou sua exposição, Henrik pediu para rever a sequência de fotos. Mikael tornou a passar.

Quando Henrik levantou os olhos da tela do computador, seu rosto estava pálido. Mikael sentiu um medo súbito e pôs a mão no ombro dele. Henrik fez-lhe um sinal para tranquilizá-lo e permaneceu silencioso por um momento.

— Você fez o que eu achava impossível! Descobriu algo totalmente novo. O que vai fazer agora?

— Preciso encontrar essa foto, se é que ainda existe.

Mikael nada disse sobre o rosto na janela e a suspeita contra Cecilia. O que provavelmente indicava que estava longe de ser um detetive particular objetivo.

Quando Mikael saiu, Harald Vanger havia desaparecido, certamente de volta à sua caverna. Ao fazer a curva, viu alguém de costas junto à entrada de sua casa, lendo um jornal. Por um segundo, imaginou que fosse Cecilia Vanger, mas logo viu que não. Ao se aproximar, reconheceu imediatamente a própria filha.

— Oi, papai — disse Pernilla Abrahamsson. Mikael estreitou a filha nos braços.

— Mas de onde você está vindo?!

— De casa, é claro. Vou a Skelleftea. Vim passar uma noite aqui.

— E como me descobriu?

— Mamãe sabia e perguntei ali no café onde você morava. Indicaram-me esta casa. Está contente de me ver?

— Claro que sim. Entre. Devia ter me avisado, eu teria comprado alguma coisa gostosa para comer.

— Pensei em te avisar, mas depois resolvi fazer uma surpresa para comemorar a sua saída da prisão, e você também nunca me telefonou.

— Desculpe.

— Tudo bem. Mamãe diz que você está sempre mergulhado nos seus pensamentos.

— É isso que ela fala de mim?

— Mais ou menos. Mas não faz mal. Mesmo assim eu te amo.

— Eu também, mas quero que você saiba...

— Eu sei. Acho que sou bastante madura para a minha idade.

Mikael preparou chá e serviu alguns petiscos. De repente percebeu que o que a filha dissera era verdade. Ela não era mais uma menina, tinha quase dezessete anos e em breve seria uma mulher adulta. Ele precisava aprender a não tratá-la mais como uma criança.

— E então, como foi?

— O quê?

— A prisão.

— Acredita se eu disser que foi como umas férias remuneradas para apenas pensar e escrever?

— Acredito. Acho que não há muita diferença entre uma prisão e um convento, e as pessoas sempre entram no convento para evoluir.

— Bem, é uma maneira de ver as coisas. Espero que não venha a ter problemas porque seu pai esteve na prisão.

— De modo nenhum. Estou orgulhosa e não perco uma ocasião para sublinhar que você foi preso por suas convicções.

— Minhas convicções?

— Vi Erika Berger na tevê.

Mikael empalideceu. Ele não pensara na filha quando Erika montou a estratégia, e ela o julgava totalmente inocente.

— Pernilla, eu não sou inocente. Lamento não poder falar do que se passou, mas não fui injustamente condenado. O tribunal emitiu a sentença baseado no que ficou sabendo durante o processo.

— Mas você não contou sua versão.

— Não, porque não posso prová-la. Cometi uma gafe monumental e por isso fui obrigado a ir para a prisão.

— Certo. Mas responda à minha pergunta: Wennerström é ou não é um crápula?

— É um dos crápulas mais sinistros que já conheci.

— Está vendo? Isso basta. Trouxe um presente para você.

Tirou um pacote da sacola. Mikael abriu e encontrou um CD com as melhores músicas do Eurythmics. Ela sabia que era uma de suas bandas favoritas. Ele transferiu imediatamente o CD para o notebook e escutaram juntos "Sweet dreams".

— O que vai fazer em Skelleftea? — perguntou Mikael.

— É uma reunião de estudos bíblicos com uma congregação chamada Luz da Vida — respondeu Pernilla, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Mikael sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo.

Percebeu o quanto sua filha e Harriet se assemelhavam. Pernilla tinha dezesseis anos, assim como Harriet quando desapareceu. Ambas tinham um pai ausente. Ambas sentiram uma atração religiosa por seitas menores; Harriet na comunidade local dos pentecostais e Pernilla na sucursal de algo tão bizarro como essa Luz da Vida.

Mikael não sabia muito bem como lidar com o interesse novo da filha pela religião. Tinha medo de interferir no seu direito de decidir por si mesma o caminho que queria seguir na vida. Por outro lado, Luz da Vida era exatamente o tipo de congregação sobre a qual ele e Erika não hesitariam em fazer uma reportagem de denúncia na *Millennium.* Decidiu debater a questão com a mãe de Pernilla na primeira oportunidade.

* * *

Pernilla dormiu na cama de Mikael e ele passou a noite no banco da cozinha. Despertou com torcicolo e com os músculos doloridos. Como Pernilla tinha pressa de prosseguir sua viagem, Mikael preparou logo o café-da-manhã e a acompanhou até a estação. Restavam-lhes alguns momentos antes de o trem partir. Compraram café numa lanchonete e instalaram-se num banco na extremidade da plataforma, conversando sobre vários assuntos. Pouco antes da chegada do trem, Pernilla falou:

— Acho que você não está gostando muito de eu ir a Skelleftea. Mikael não soube o que responder. Ela continuou:

— Não se preocupe. Mas você não é crente, é?

— Não. Pelo menos não um bom crente.

— Não acredita em Deus?

— Não, não acredito. Mas respeito a sua crença. Todo mundo precisa acreditar em alguma coisa.

Quando o trem chegou à estação, eles se abraçaram demoradamente. No momento em que subia a bordo, Pernilla se voltou.

— Papai, não estou querendo fazer proselitismo. Você é livre para acreditar no que bem quiser que eu vou sempre te amar. Mas acho que deveria perseverar nos seus estudos bíblicos.

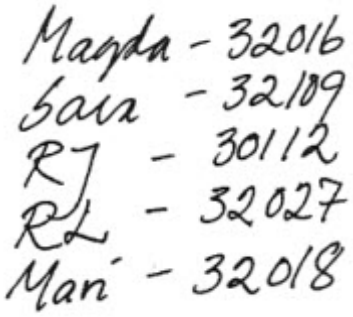
— Como assim?

— Vi as citações na parede do seu quarto — ela disse. — Por que você foi procurar passagens tão sinistras? Um beijo. Tchau.

Ela acenou com a mão e entrou no trem. Perplexo, Mikael ficou na plataforma vendo o trem sumir em direção ao norte. O último vagão já desaparecia na curva quando finalmente o significado do comentário dela lhe aflorou à consciência, junto com uma sensação gelada no peito.

Mikael se precipitou para fora da estação e consultou as horas. Só haveria ônibus para Hedeby dali a quarenta minutos. Seus nervos não suportariam a espera. Correu até o ponto de táxi do outro lado da esplanada da estação e encontrou Hussein com seu sotaque carregado.

Dez minutos depois, Mikael pagava a corrida e entrava em sua saleta de trabalho. O pedaço de papel estava preso com durex acima da escrivaninha.



Olhou ao redor. Depois lembrou onde poderia encontrar uma Bíblia. Pegou o pedaço de papel, encontrou as chaves que deixara dentro de uma tigela na beirada da janela e correu até a cabana de Gottfried. Suas mãos estavam quase tremendo quando pegou a Bíblia de Harriet na prateleira.

Não eram números telefônicos que Harriet havia anotado. Os algarismos indicavam capítulos e versículos do *Levítico,* o terceiro livro do Pentateuco. Os castigos.

(Magda), *Levítico,* capítulo XX, versículo 16:

"Se uma mulher se aproximar de um animal para se prostituir com ele, será morta juntamente com o animal. Serão mortos e levarão a sua iniquidade."

(Sara), *Levítico,* capítulo XXI, versículo 9:

"Se a filha de um sacerdote se desonrar pela prostituição, ela desonra o pai; será

queimada no fogo."

(Rj), *Levítico,* capítulo I, versículo 12:

"A *seguir a vítima será cortada em pedaços, com a cabeça e a gordura, que o sacerdote disporá sobre a lenha colocada sobre o fogo do altar."*

(RL), *Levítico,* capítulo XX, versículo 27:

"Qualquer homem ou mulher que evocar os espíritos ou fizer adivinhações será

morto. Serão apedrejados e levarão a sua culpa."

(Mari), *Levítico,* capítulo XX, versículo 18:

"Se um homem dormir com uma mulher durante o tempo de sua menstruação e vir a sua nudez, descobrindo o seu fluxo e descobrindo-o ela mesma, serão ambos cortados do meio de seu povo."

Mikael saiu e sentou-se no patamar em frente à casa. Sem dúvida, era a isso que Harriet se referia quando anotou os algarismos na sua agenda de telefones. Cada citação estava cuidadosamente sublinhada na Bíblia de Harriet. Ele acendeu um cigarro e ficou escutando o canto dos pássaros.

Havia entendido os números, mas não os nomes: Magda, Sara, Mari, RJ e RL.

De repente, um abismo se abriu quando o cérebro de Mikael deu um salto intuitivo. Lembrou-se do sacrifício pelo fogo em Hedestad de que lhe falara o inspetor Gustav Morell: o caso Rebecka nos anos 1940, a jovem violentada e assassinada. Para matá-la, haviam posto sua cabeça sobre carvões ardentes. "A *seguir a vítima será cortada em pedaços, com a cabeça e a gordura, que o sacerdote disporá sobre a lenha colocada sobre o fogo do altar."* Rebecka. RJ. Qual era o sobrenome dela?

Santo Deus! Com que história de gente maluca Harriet havia se metido?

Henrik Vanger adoecera e fora se deitar à tarde, explicaram a Mikael quando ele bateu à sua porta. Mesmo assim Anna o fez entrar e ele viu o velho durante alguns minutos.

— Um resfriado de verão — explicou Henrik, fungando. — O que o traz aqui?

— Uma pergunta.

— Diga.

— Ouviu falar de um assassinato cometido aqui em Hedestad nos anos 1940? Uma moça chamada Rebecka, que foi morta por terem posto sua cabeça numa lareira?

— Rebecka Jacobsson — disse Henrik sem hesitar um segundo. — Jamais vou esquecer esse nome, mas fazia anos que eu não ouvia ninguém mencioná-lo.

— Lembra como foi o assassinato?

— E como! Rebecka Jacobsson tinha vinte e três ou vinte e quatro anos quando foi morta. Isso deve ter acontecido... acho que foi em 1949. Houve um grande inquérito, no qual tive uma pequena participação.

— Você? — exclamou Mikael, surpreso.

— Sim. Rebecka Jacobsson trabalhava num dos escritórios do grupo Vanger. Uma moça bastante conhecida, e muito bonita. Mas por que essas perguntas sobre ela de repente?

Mikael não sabia bem o que dizer. Levantou-se e se aproximou da janela.

— Não sei exatamente, Henrik, talvez eu tenha descoberto alguma coisa, mas primeiro preciso refletir um pouco.

— Está querendo me dizer que existe uma ligação entre Harriet e Rebecka? Transcorreram... mais de dezessete anos entre os dois acontecimentos.

— Dê-me mais algum tempo para refletir. Voltarei amanhã, se você estiver melhor.

Mikael não encontrou Henrik Vanger no dia seguinte. Um pouco antes da uma da manhã, ainda estava sentado à mesa da cozinha lendo a Bíblia de Harriet, quando ouviu o ruído de um carro atravessando a ponte em alta velocidade. Olhou pela janela e viu a luz giratória azul de uma ambulância.

Tomado de um mau pressentimento, Mikael precipitou-se atrás da ambulância. Ela estacionara em frente à casa de Henrik. Havia luz no andar de baixo e Mikael logo percebeu que algo acontecera. Subiu depressa a escada da frente e deu de cara com Anna Nygren, muito perturbada no vestíbulo.

— O coração — ela disse. — Ele me chamou há pouco e se queixou de dor no peito. Depois desmaiou.

Mikael estreitou nos braços a leal governanta e ali permaneceu até que os enfermeiros descessem com um Henrik Vanger inconsciente numa padiola. Martin Vanger, visivelmente aflito, logo chegou. Já havia se deitado quando Anna o avisou; estava com os pés nus metidos num par de pantufas e com a braguilha aberta. Saudou Mikael brevemente e se voltou para Anna.

— Eu vou com ele para o hospital. Chame Birger e tente entrar em contato com Cecilia em Londres. E avise Dirch Frode.

— Posso ir até a casa de Frode — propôs Mikael. — Anna fez um sinal de agradecimento com a cabeça.

Bater à porta de alguém depois da meia-noite em geral significa más notícias, pensou Mikael ao pôr o dedo na campainha de Dirch Frode. Esperou vários minutos até que ele viesse abrir a porta, ainda sonolento.

— Tenho más notícias. Acabam de levar Henrik Vanger para o hospital. Parece que foi um infarto. Martin me pediu que eu viesse até aqui avisá-lo.

— Meu Deus — disse Frode. Consultou o relógio. — Hoje é sexta-feira 13 — acrescentou, com uma lógica incompreensível e um ar de perplexidade.

Mikael voltou para casa às duas e meia da manhã. Hesitou um instante, mas depois resolveu não telefonar para Erika naquele momento. Só por volta das dez da manhã, depois de falar brevemente com Dirch Frode pelo celular e de ficar sabendo que Henrik Vanger continuava vivo, é que chamou Erika para informar que o novo sócio da *Millennium* fora hospitalizado, vítima de um infarto. Como era de se esperar, seu anúncio foi recebido com tristeza e inquietação.

Mais tarde, Dirch Frode passou na casa de Mikael levando notícias detalhadas sobre o estado de saúde de Henrik.

— Ele está vivo, mas nada bem. Teve um infarto sério, agravado por uma espécie de infecção.

— Chegou a vê-lo?

— Não. Está na UTI. Martin e Birger estão com ele.

— Qual é o prognóstico?

Dirch Frode balançou a mão de um lado para o outro.

— Ele sobreviveu ao infarto, e isso é sempre um bom sinal. Seu estado geral de saúde é excelente, mas é um homem idoso. Só nos resta esperar.

Calaram-se, refletindo por um momento. Mikael serviu café. Dirch Frode parecia desanimado.

— Preciso lhe fazer algumas perguntas sobre como vão ficar as coisas — disse Mikael.

Frode olhou para ele.

— Nada vai mudar no que diz respeito ao seu emprego. As condições estão definidas num contrato válido até o fim do ano, esteja Henrik Vanger vivo ou não. Não se preocupe.

— Não me refiro a isso. Gostaria de saber a quem devo entregar meus relatórios na ausência dele.

Dirch Frode suspirou.

— Mikael, você sabe tão bem quanto eu que toda essa história de Harriet Vanger é um passatempo para Henrik.

— Não estou tão certo disso.

— O que está querendo dizer?

— Descobri novos indícios — respondeu Mikael. — Ontem falei um pouco sobre isso com Henrik. Receio até que possa ter contribuído para provocar seu infarto.

Dirch Frode lançou um olhar estranho para Mikael.

— Você está brincando.

Mikael balançou negativamente a cabeça.

— Dirch, nos últimos dias desenterrei mais material sobre o desaparecimento de Harriet do que fez o inquérito oficial em trinta e cinco anos. Meu problema agora é que não definimos a quem entrego meu relatório na ausência de Henrik.

— Pode entregá-lo a mim.

— Certo. Preciso prosseguir nesse caminho. Você dispõe de algum tempo? Mikael relatou suas novas descobertas tão didaticamente quanto possível.

Mostrou a sequência de fotos da rua da Estação e expôs sua teoria. A seguir explicou como sua própria filha o levara a elucidar o mistério da agenda telefônica de Harriet. Para terminar, mencionou o brutal assassinato de Rebecka Jacobsson ocorrido em 1949.

A única informação que omitiu foi sobre o rosto de Cecilia Vanger na janela de Harriet. Queria primeiro falar com ela, antes de deixá-la numa posição em que pudessem suspeitar dela.

Rugas grossas de preocupação apareceram na testa de Dirch Frode.

— Está querendo me dizer que o assassinato de Rebecka tem algo a ver com o desaparecimento de Harriet?

— Não sei. Parece improvável, mas ao mesmo tempo há o fato de Harriet ter anotado as iniciais RJ na sua agenda com a remissão à lei bíblica sobre os holocaustos ritualistas. Rebecka Jacobsson foi queimada viva. A ligação com a família Vanger é evidente: ela trabalhava para o grupo Vanger.

— E como explica tudo isso?

— Ainda não sei. Mas quero seguir em frente e vou considerá-lo o representante de Henrik. Tomará as decisões no lugar dele.

— Talvez devêssemos informar a polícia.

— Não. De qualquer forma, não sem a autorização de Henrik. O assassinato de Rebecka está prescrito há muito tempo e o caso foi arquivado. Eles não vão reabrir o inquérito de um crime cometido há cinquenta e quatro anos.

— Entendo. E o que pretende fazer então? Mikael levantou-se e deu a volta ao redor da mesa.

— Primeiro gostaria de seguir a pista da foto. Se conseguirmos ver o que Harriet viu, acho que teremos aí uma chave. Em segundo lugar, preciso de um carro para ir a Norsjö e ver até onde essa pista me leva. E, em terceiro, gostaria de pesquisar essas citações bíblicas. Fizemos a ligação entre uma delas e um assassinato particularmente terrível. Restam outras quatro. Para conseguir isso... vou precisar de ajuda.

— Que espécie de ajuda?

— Preciso de um assistente de pesquisa que saiba vasculhar arquivos antigos de imprensa e encontre Magda, Sara e os outros nomes. Se eu não estiver enganado, Rebecka não foi a única vítima.

— Está querendo que mais alguém participe desse segredo...

— De repente estamos com uma quantidade enorme de pesquisas para serem feitas. Se eu fosse o tira responsável por alguma investigação, poderia poupar tempo e recursos e destacar muita gente para essas pesquisas. Preciso de um profissional que entenda de arquivos e que ao mesmo tempo seja de confiança.

— Entendo... Na verdade, conheço uma pessoa realmente competente. Foi ela quem fez a investigação sobre você — disse Frode, antes de se dar conta do que tinha dito.

— Fez o quê? — perguntou Mikael com voz imperiosa.

Dirch Frode percebeu tarde demais que falara mais do que devia. Estou ficando velho, pensou.

— Pensei em voz alta. Não é nada — tentou dizer.

— Mandou fazer uma investigação sobre mim?

— Nada de dramático, Mikael. Como queríamos contratá-lo, fomos verificar que tipo de homem você é.

— Então é por isso que Henrik Vanger sempre parece saber exatamente qual é a minha situação. E essa investigação? Foi muito aprofundada?

— Sim, bastante aprofundada.

— Levantou os problemas da *Millennium?* Dirch Frode encolheu os ombros.

— Era necessário.

Mikael acendeu um cigarro. O quinto do dia. Percebeu que aquilo estava virando um hábito.

— Houve um relatório por escrito?

— Mikael, não dê tanta importância a isso.

— Quero ler esse relatório — disse.

— Veja, Mikael, não há nada de extraordinário. Apenas quisemos saber um pouco mais sobre você antes de contratá-lo.

— Quero ler esse relatório — repetiu Mikael.

— Somente Henrik pode dar a permissão.

— Ah é? Então vou dizer de outro modo: quero esse relatório nas minhas mãos dentro de uma hora. Do contrário, peço demissão imediatamente e pego o trem da noite para Estocolmo. Onde está o relatório?

Dirch Frode e Mikael Blomkvist mediram-se com os olhos por alguns segundos. Frode então suspirou e baixou os olhos.

— Na minha casa, na minha mesa.

O caso Harriet, sem dúvida, era a história mais bizarra com a qual Mikael Blomkvist já se envolvera. De modo geral, o último ano, desde a publicação da história de Hans-Erik

Wennerström, não fora senão uma longa série de montanhas-russas — com grandes quedas livres. E aparentemente não havia terminado.

Dirch Frode ainda tentou ganhar tempo e Mikael só pôs as mãos no relatório de Lisbeth Salander às seis da tarde. Um pouco mais de oitenta páginas de análise e cem páginas de cópias de artigos, diplomas e outros detalhes marcantes da vida de Mikael.

Foi uma experiência estranha ver-se descrito no que podia ser considerado uma combinação de biografia com relatório de serviço secreto. Mikael ficou pasmo de ver como o relatório era detalhado. Lisbeth Salander apresentava detalhes que ele acreditava enterrados para sempre no húmus da história. Revelava uma ligação de sua juventude com uma sindicalista brilhante, atualmente dedicada em tempo integral à política. *Quem contou a ela essa história?* Mencionava seu grupo de rock Bootstrap, do qual certamente ninguém mais devia se lembrar. Examinava com detalhes suas finanças. *Mas que diabos! Como ela conseguiu?*

Como jornalista, Mikael passara anos buscando informações com diferentes pessoas e por isso era capaz de avaliar profissionalmente a qualidade desse trabalho. Lisbeth Salander era, sem a menor dúvida, um ás da pesquisa. Ele mesmo não se achava capaz de produzir um relatório como aquele, sobre uma pessoa totalmente desconhecida.

Mikael concluiu que não houve razão para que ele e Erika tivessem mantido uma distância polida na frente de Henrik Vanger; ele conhecia muito bem a relação dos dois e o triângulo que formavam com Lars Beckman. Lisbeth Salander também avaliara com espantosa exatidão a situação da *Millennium;* Henrik Vanger sabia o quanto as coisas iam mal quando entrou em contato com Erika e se ofereceu como sócio. *Qual era exatamente o jogo dele?*

O caso Wennerström era abordado apenas superficialmente, mas Lisbeth Salander com certeza assistira a algumas audiências no tribunal. Ela também comentava a estranha recusa de Mikael em se pronunciar durante o processo. *Uma garota esperta, seja ela quem for.*

Um segundo depois, Mikael ficou estarrecido, sem acreditar no que lia. Lisbeth Salander escrevera um breve texto sobre como vira a sequência de acontecimentos depois do processo. Reproduzia quase literalmente o comunicado de imprensa que ele e Erika enviaram quando ele deixou o cargo de editor responsável da *Millennium.*

Lisbeth Salander teria usado o rascunho original dele? Ele olhou outra vez a primeira página do relatório. A data era anterior ao comunicado à imprensa, três dias antes de Mikael Blomkvist receber sua sentença. *Impossível.*

Até então o comunicado só existia num único lugar do mundo: no computador de Mikael. Em seu notebook pessoal, não no computador que ele usava na redação. O texto nunca fora impresso. A própria Erika Berger não tinha uma cópia dele, embora os dois tivessem discutido em linhas gerais o assunto.

Mikael Blomkvist pousou lentamente o relatório que Lisbeth Salander fizera sobre ele. Decidiu não fumar mais um cigarro. Em vez disso, pôs um blusão e saiu na noite clara, uma semana antes do solstício de verão. Seguiu pela praia ao longo do canal, passou em frente da casa de Cecilia Vanger, depois diante do luxuoso iate ancorado defronte à casa de Martin Vanger. Caminhava devagar e refletia. Por fim, sentou-se numa pedra e olhou as luzes das balizas piscando na baía de Hedestad. Só havia uma conclusão possível.

Você entrou no meu computador, senhorita Salander, disse a si mesmo em voz alta. *Você é uma hacker fodida!*

18. QUARTA-FEIRA 18 DE JUNHO

Lisbeth Salander emergiu sobressaltada de um sono sem sonhos. Sentia uma ligeira náusea. Não precisou virar a cabeça para saber que Mimmi já fora trabalhar, mas o cheiro dela permanecia no ar confinado do quarto. Havia bebido cerveja demais na reunião de terça à noite no Moulin com as Evil Fingers. Pouco antes de o bar fechar, Mimmi aparecera e a acompanhara até sua casa e até sua cama.

Ao contrário de Mimmi, Lisbeth Salander nunca se considerou uma autêntica lésbica. Nunca se preocupou em saber se era hétero, homo ou talvez bissexual. De modo geral, dava pouca importância a rótulos e achava que não competia a ninguém saber com quem ela passava a noite. Se fosse absolutamente necessário escolher, sua preferência sexual seria os rapazes — pelo menos eles lideravam as estatísticas. O único problema era encontrar um que não fosse um debilóide e fosse bom de cama, e Mimmi representava uma boa solução-tampão, capaz de mantê-la acesa. Ela a conhecera um ano antes numa barraca de cerveja da festa do Orgulho Gay, e fora a única pessoa que Lisbeth tinha apresentado às Evil Fingers. A relação se manteve com altos e baixos ao longo do ano, mas ainda não ia além de um passatempo para ambas. Mimmi era um corpo gostoso junto ao qual Lisbeth podia se aquecer, e também um ser humano em cuja companhia era bom acordar de manhã e fazer o desjejum.

O relógio na mesa-de-cabeceira indicava nove e meia e ela se perguntava o que a fizera acordar, quando a campainha da porta tocou de novo. Atônita, sentou-se na cama. *Ninguém* jamais tocava a sua campainha àquela hora da manhã. Aliás, quase ninguém tocava a sua campainha. Ainda sonolenta, enrolou-se no lençol e foi cambaleando até o vestíbulo para abrir a porta. Viu-se cara a cara com Mikael Blomkvist, sentiu o pânico invadir seu corpo e sem querer deu um passo para trás.

— Bom dia, senhorita Salander — ele saudou cordialmente. — Vejo que a noite foi movimentada. Posso entrar?

Sem esperar ser convidado, ele passou pela porta e a fechou atrás de si. Contemplou com curiosidade as roupas espalhadas no chão do vestíbulo, as pilhas de jornais, e lançou um olhar pela porta do quarto, enquanto o mundo de Lisbeth Salander parecia oscilar — *quem, o quê, como?* Mikael Blomkvist divertia-se com o olhar espantado dela.

— Como achei que você ainda não havia tomado o café-da-manhã, trouxe uns sanduíches. Um de rosbife, um de peru com mostarda de Dijon e um vegetariano com abacate. Não sei qual você prefere. O de rosbife? — Ele desapareceu na cozinha e logo encontrou a cafeteira elétrica. — Onde guarda o café? — perguntou. Salander permaneceu como que paralisada no vestíbulo até ouvir a torneira ser aberta. Deu três passos rápidos.

— Pare! — Percebeu que dera um grito e baixou o tom. — Não pode ir entrando assim na casa das pessoas, porra! Aqui não é a sua casa. Nós nem nos conhecemos.

Mikael Blomkvist parou de pôr água na cafeteira e virou a cabeça na direção dela. Respondeu com uma voz grave.

— Negativo! Você me conhece melhor que a maioria das pessoas. Não é mesmo?

E virou-se para continuar enchendo a cafeteira com água. Depois começou a abrir as portas do armário da cozinha.

— Aliás, eu sei como você faz. Conheço os seus segredos.

Lisbeth Salander fechou os olhos e quis que o chão se abrisse sob seus pés. Sentia-se num estado de paralisia mental. Estava com a boca seca. A situação era irreal e seu cérebro recusava-se a funcionar. Nunca antes havia estado face a face com um de seus objetos de investigação. *Ele sabe onde eu moro!* Ele estava em sua cozinha. Impossível! Isso não podia estar acontecendo. *Ele sabe quem eu sou!*

De repente ela se deu conta de que o lençol escorregara e o apertou ainda mais em volta do corpo. Ele disse alguma coisa que ela no começo não entendeu.

— Eu e você precisamos conversar — ele repetiu. — Mas tenho a impressão de que primeiro você precisa tomar um banho.

Ela tentou se expressar de modo coerente.

— Olha aqui, se veio criar problema, não é comigo que deve falar. Fiz um trabalho. Vá discutir com o meu chefe.

Ele se plantou diante dela e levantou as mãos, com as palmas à vista. *Não estou armado.* Um sinal de paz universal.

— Já falei com Dragan Armanskij. Aliás, ele pediu para você ligar, mas você não respondeu à chamada dele no celular ontem à noite.

Ele se aproximou. Ela não se sentiu ameaçada, mas recuou alguns centímetros quando ele roçou em seu braço e indicou a porta do banheiro. Não gostava de que a tocassem sem autorização, mesmo com intenção amistosa.

— Não vim criar problema — disse ele com uma voz calma. — Mas preciso muito falar com você. Assim que tiver despertado, é claro. O café estará pronto quando estiver vestida. Vamos, vá tomar seu banho.

Ela obedeceu passivamente. *Lisbeth Salander nunca é passiva,* pensou.

No banheiro, ela se apoiou contra a porta e tentou juntar os pensamentos. Estava mais abalada do que achava que devia ficar. Depois, lentamente tomou consciência de que sua bexiga estava a ponto de explodir e de que um banho não era apenas um bom conselho mas uma necessidade após a noite agitada. Quanto terminou, entrou no quarto, vestiu uma calcinha, um jeans e uma camiseta com a inscrição *Armageddon was yesterday — today we have a serious problem.*

Após um segundo de reflexão, pegou a jaqueta de couro que deixara sobre uma cadeira. Tirou do bolso o bastão elétrico, verificou se estava carregado e o colocou no bolso de trás do jeans. Um cheiro de café se espalhou pelo apartamento. Ela respirou fundo e voltou para a cozinha.

— Nunca limpa a casa? — perguntou Mikael em tom brincalhão.

Ele havia posto toda a louça suja na pia, esvaziado os cinzeiros, jogado fora as caixas de leite vazias, limpado a mesa atulhada de jornais de cinco semanas, distribuído nela as xícaras e — viu que não tinha sido brincadeira — os sanduíches prontos. Pareciam apetitosos e Lisbeth realmente tinha fome depois da noite com Mimmi. *Está bem, veremos aonde tudo isso vai levar.* Ela se instalou diante dele, com um pé atrás.

— Não respondeu à minha pergunta. Rosbife, peru ou vegetariano?

— Rosbife.

— Fico então com o de peru.

Comeram em silêncio, observando-se mutuamente. Quando ela terminou o sanduíche, devorou também a metade do vegetariano. Encontrou um maço de cigarros amarrotado na beirada da janela e tirou um de lá.

Ele rompeu o silêncio.

— Talvez eu não seja tão bom como você em investigações pessoais, mas noto que não é nem vegetariana nem — como pensava Dirch Frode — anoréxica. Vou incluir esses dados no meu relatório a seu respeito.

Salander o encarou, mas ao ver sua expressão percebeu que ele estava brincando com ela. Parecia divertir-se tanto que ela não pôde deixar de retribuir com um sorriso de esguelha. A situação era absurda. Ela afastou o prato. Os olhos desse cara eram amistosos. Concluiu, por fim, que não era um mau sujeito. A investigação que ela fizera também não dava a entender que fosse um cafajeste pronto para espancar suas companheiras, ou coisa do gênero. Lembrou que ela é que sabia tudo a respeito dele — não o contrário. *Conhecimento é poder.*

Do que está rindo? — ela perguntou.

— Desculpe. É que não imaginei que fosse ser assim. Não tinha a intenção de assustá-la, mas foi o que aconteceu. Precisava ter visto a sua cara quando abriu a porta. Impagável. Não resisti à tentação de brincar um pouco com você.

Silêncio. Para a sua grande surpresa, Lisbeth Salander achou aceitável, de repente, a companhia daquele intruso — ou pelo menos não desagradável.

— Considere que me vinguei por você ter vasculhado a minha vida — disse ele num tom alegre. — Está com medo de mim?

— Não — respondeu Salander.

— Melhor. Não estou aqui para lhe fazer mal nem para criar problemas.

— Se tentar me tocar, eu lhe farei muito mal. Sério.

Mikael a observou. Ela media pouco mais de um metro e meio e parecia não ter como se defender se ele fosse um malfeitor que tivesse entrado em seu apartamento. Mas os olhos dela eram inexpressivos e calmos.

— Não será necessário — ele disse por fim. — Minhas intenções são boas. Preciso falar com você. Se quiser que eu vá embora, é só dizer. — Refletiu um segundo. — E curioso, tenho a impressão de... não, nada — ele se interrompeu.

— Diga.

— Não sei se o que vou dizer faz sentido, mas há quatro dias eu nem sabia da sua existência. Depois li a avaliação que você fez de mim — remexeu dentro da bolsa e

encontrou o relatório —, o que não foi exatamente uma leitura divertida.

Calou-se e olhou um momento pela janela.

— Será que posso filar um cigarro seu? — Ela empurrou o maço na direção dele.

— Você disse agora há pouco que não nos conhecíamos e eu respondi que não era verdade. — Ele mostrou o relatório. — Ainda não alcancei você, fiz apenas algumas checagens de rotina para saber seu endereço, data de nascimento, estado civil et cetera. Mas você sabe muito a meu respeito. Boa parte são coisas pessoais que só meus amigos íntimos conhecem. E agora eu estou aqui na sua cozinha, comendo sanduíches com você. Faz meia hora que nos conhecemos e tenho a sensação de que nos conhecemos há anos. Entende o que quero dizer?

Ela assentiu com a cabeça.

— Você tem olhos lindos — ele disse.

— Você tem olhos gentis — ela respondeu.

Ele não conseguiu definir se era uma ironia.

Silêncio.

— O que está fazendo aqui? — ela perguntou.

Super-Blomkvist — o apelido lhe ocorreu e ela conteve o impulso de dizê-lo em voz alta — assumiu de repente um ar sério. Ela captou cansaço em seu olhar. A segurança que demonstrara ao entrar no apartamento dela havia desaparecido e ela concluiu que as brincadeiras tinham acabado ou pelo menos estavam suspensas. Pela primeira vez, sentiu que ele a examinava com intensidade e reflexão. Não conseguiu imaginar o que se passava na cabeça dele, mas sentiu imediatamente que a visita adquiria um tom mais sério.

Lisbeth Salander tinha consciência de que sua calma era apenas aparente. Ela não controlava de fato seus nervos. A visita inesperada de Blomkvist mexera com ela de um modo que nunca sentira antes em seu trabalho. Ganhava a vida espionando as pessoas. Na realidade, nunca classificara o que fazia para Dragan Armanskij como um *trabalho de verdade,* e sim como um passatempo complexo, quase um *hobby.*

Fazia tempo que chegara à conclusão de que na verdade gostava de fuçar a vida dos outros e revelar segredos que as pessoas tentavam esconder. Agia assim — de uma forma ou de outra — desde que se conhecia como gente. E era o que continuava fazendo não só quando Armanskij lhe passava missões, mas às vezes apenas por prazer. Aquilo lhe dava uma espécie de satisfação — exatamente como num videogame complicado, com a diferença de que se tratava de pessoas reais. E eis que de repente seu *hobby* estava instalado na sua cozinha oferecendo-lhe sanduíches. Uma situação absurda.

— Tenho um problema fascinante — disse Mikael. — Me diga uma coisa: quando você fez suas investigações sobre mim para Dirch Frode, sabia qual era a finalidade delas?

— Não.

— O objetivo era obter informações a meu respeito porque Frode — ou, melhor, o seu cliente — queria me contratar para um trabalho *freelance.*

— *Entendo.*

Ele dirigiu-lhe um breve sorriso.

— Algum dia eu e você teremos uma conversa sobre os aspectos éticos de bisbilhotar a vida dos outros. Mas por enquanto preciso resolver um problema... O trabalho que me passaram, e que por uma razão incompreensível aceitei, é sem dúvida a missão mais estranha que já tive. Será que posso confiar em você, Lisbeth?

— Como assim?

— Dragan Armanskij disse que você é uma pessoa totalmente confiável. Mesmo assim eu pergunto: se eu te contar alguns segredos, você promete que não os divulgará, não importa a quem for?

— Espere um pouco. Então você falou com Dragan; foi ele que te mandou aqui?

Vou *acabar com a raça daquele armênio cretino.*

— Não exatamente. Você não é a única pessoa que sabe levantar um endereço. Na verdade fiz isso sozinho. Pesquisei nos registros do cartório. Há três pessoas chamadas Lisbeth Salander, e as outras duas estavam fora de cogitação. Mas ontem entrei em contato com Armanskij e tivemos uma longa conversa. No começo, ele também pensou que eu quisesse vir aqui criar problemas por você ter se intrometido na minha vida, mas depois acabou entendendo que o meu objetivo é bastante legítimo.

— O que você quer dizer?

— Bem, um cliente de Dirch Frode me contratou para um trabalho e cheguei a um ponto em que preciso da ajuda de um investigador qualificado, e com urgência. Frode me falou de você e da sua competência. Ele bateu com a língua nos dentes e acabei sabendo que você tinha feito uma investigação a meu respeito. Ontem falei com Armanskij e expliquei o que queria. Ele autorizou e tentou falar com você por telefone, mas você não respondeu. E assim... aqui estou eu. Pode ligar para Armanskij e confirmar tudo, se quiser.

Lisbeth Salander precisou de alguns minutos para localizar seu celular debaixo das roupas que Mimmi a ajudara a tirar na noite anterior. Mikael Blomkvist contemplou sua busca caótica com interesse, enquanto andava pelo apartamento. Todos os móveis, sem exceção, pareciam ter sido pegos na rua. Numa pequena mesa de trabalho destacava-se uma imponente instalação de informática. Havia um aparelho de CD numa prateleira, mas a coleção de discos era pequena e formada por bandas das quais Mikael jamais ouvira falar, com artistas na capa que pareciam vampiros saídos dos confins do espaço. Música, de fato, não era o forte de Lisbeth.

Salander constatou que Armanskij a chamara pelo menos sete vezes durante a noite e duas de manhã. Ela digitou o número dele enquanto Mikael se encostava no batente da porta para escutar a conversa.

— Sou eu... Desculpe, desliguei o celular... Sei que ele quer me contratar... Não, está aqui em casa... — Ela levantou a voz. — Dragan, estou com a boca seca e com dor de cabeça, por favor, fale logo; você autorizou ou não?... Obrigada.

Lisbeth Salander espiou Mikael Blomkvist pelo vão da porta. Ele olhava seus CDs e tirava livros das prateleiras; viu-o pegar um frasco de remédio marrom, sem etiqueta, e examiná-lo contra a luz com curiosidade. Quando se preparava para abrir a tampa, ela estendeu a mão e tomou-lhe o frasco; depois foi para a cozinha, sentou-se, massageou as têmporas e esperou que Mikael voltasse a se sentar.

— As regras são simples — ela disse. — Nada do que conversar comigo ou com Dragan chegará a alguém de fora. Vamos assinar um contrato no qual a Milton Security se

compromete a manter sigilo. Quero saber em que consiste o trabalho antes de decidir se vou querer ou não trabalhar para você. Isso significa que manterei sigilo sobre o que me contar, quer aceite ou não o trabalho, contanto que não se trate de uma atividade criminosa séria. Nesse caso, farei um relatório a Dragan, que, por sua vez, avisará a polícia.

— Certo. — Ele hesitou. — Armanskij talvez não saiba exatamente por que quero contratá-la...

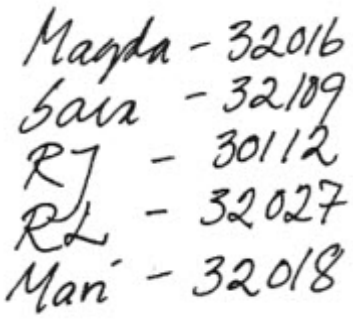
— Ele disse que você precisa de ajuda para uma pesquisa histórica.

— Sim, isso mesmo. Mas o que eu quero que você faça é me ajudar a descobrir um assassino.

Mikael levou mais de uma hora contando todos os detalhes confusos do caso Harriet Vanger. Não omitiu nenhum. Tinha a autorização de Frode para contratá-la e, para tanto, via-se na obrigação de conquistar sua inteira confiança.

Falou também do seu relacionamento com Cecilia Vanger e de como descobrira seu rosto na janela de Harriet. Deu a Lisbeth o máximo de informações possíveis sobre a personalidade dela. Começava a admitir que Cecilia figurava entre os principais suspeitos. Mas estava longe de entender como Cecilia podia estar ligada a um assassino em atividade, numa época em que ela ainda era jovem.

Depois, entregou a Lisbeth Salander uma cópia da lista da agenda telefônica de Harriet.



— O que quer que eu faça?

— Identifiquei RJ, Rebecka Jacobsson, e fiz a conexão entre ela e uma citação da Bíblia que fala dos sacrifícios por imolação. Ela foi morta de um modo semelhante ao que está descrito na citação — sua cabeça foi posta sobre brasas. Se eu não estiver enganado, encontraremos outras quatro vítimas — Magda, Sara, Mari e RL.

— Acredita que foram mortas?

— Por um assassino que agia nos anos 1950, talvez 60. E que, de uma maneira ou de outra, está ligado a Harriet Vanger. Examinei números antigos do *Hedestads-Kuriren.* O assassinato de Rebecka é o único crime monstruoso que, pelo que descobri, tem a ver com Hedestad. Quero que continue pesquisando em toda a Suécia.

Lisbeth Salander permaneceu mergulhada em pensamentos e num silêncio inexpressivo tão longo que Mikael começou a se impacientar. Perguntava-se se havia escolhido a pessoa certa quando ela por fim ergueu os olhos.

— Está certo, aceito o trabalho. Mas primeiro assine o contrato com Armanskij.

Dragan Armanskij imprimiu o contrato que Mikael Blomkvist ia levar a Hedestad para que Dirch Frode o assinasse. Ao voltar à saleta de trabalho de Lisbeth Salander, viu, através da divisória envidraçada, que ela e Mikael Blomkvist estavam inclinados sobre o Powerbook dela. Mikael pousava a mão em seu ombro — *ele a tocava* — e lhe indicava alguma coisa. Armanskij esperou algum tempo.

Mikael disse algo que pareceu surpreender Salander e ela riu ruidosamente.

Armanskij nunca a ouvira rir, embora tivesse tentado ganhar sua confiança naqueles anos todos. Mikael Blomkvist a conhecia havia poucas horas e ela já ria na companhia dele.

De repente detestou Mikael Blomkvist com uma intensidade que o surpreendeu. Pigarreou ao cruzar a porta e depositou sobre a mesa o envelope de plástico com o contrato.

Mikael teve tempo para fazer uma rápida visita à redação da *Millennium* à tarde. Era a primeira vez que entrava lá desde que fora limpar sua mesa antes do Natal, e de repente lhe pareceu estranho subir aquelas escadas tão familiares. O código de acesso não tinha sido alterado; entrou pela porta da redação sem ser notado e ficou um instante comprazendo-se em olhar tudo por ali.

A sede da *Millennium* tinha a forma de um L. A entrada propriamente dita era um grande *hall* que ocupava uma ampla área inutilizada. Havia ali um canapé e poltronas para os visitantes. Atrás do canapé abria-se uma copa com quitinete, sanitários e dois cubículos onde eram guardados os arquivos. Havia também uma mesa para o estagiário. A direita da entrada, uma divisória envidraçada dava para o estúdio de Christer Malm, cuja empresa, com entrada separada no corredor do edifício, ocupava uma área de oitenta metros quadrados. A esquerda ficava a redação, cerca de cento e cinquenta metros quadrados com vista para a rua Götgatan.

Erika concebera o projeto e instalara divisórias envidraçadas para criar três ambientes individuais e uma ampla sala comum para os outros três colaboradores. Ficara com a maior, no fundo da redação, e Mikael fora colocado na outra ponta. Era a única sala que se podia ver da entrada. Ele notou que ninguém havia se instalado ali.

A terceira peça, um pouco afastada, era ocupada por Sonny Magnusson, de sessenta anos, o eficiente vendedor de publicidade da *Millennium* já há alguns anos. Erika descobriu Sonny quando ele se viu desempregado após a reestruturação da empresa onde trabalhou a maior parte de sua vida. Sonny estava então na idade em que não era fácil conseguir emprego. Erika o escolheu de propósito; ofereceu-lhe um pequeno salário fixo e uma porcentagem sobre as receitas publicitárias. Sonny aceitou e os dois ficaram satisfeitos. Mas no último ano, por melhor vendedor que fosse, as receitas tinham desabado. Os rendimentos de Sonny diminuíram demais; contudo, em vez de tentar outra coisa, ele apertou o cinto e permaneceu fiel a seu cargo. *Diferentemente de mim, que sou a causa dessa degringolada toda,* pensou Mikael.

Ele reuniu coragem e entrou por fim na redação, quase vazia naquela hora. Viu Erika em sua sala, com um telefone colado à orelha. Somente dois colaboradores estavam na redação. Monika Nilsson, de trinta e sete anos, experiente repórter geral, especializada em vigilância política e provavelmente a pessoa mais entendida em cinismo que Mikael já conhecera. Trabalhava na *Millennium* havia nove anos e divertia-se imensamente. Henry Cortez tinha vinte e quatro anos e era o mais jovem colaborador da redação; dois anos antes, assim que se formou no instituto de jornalistas JMK, procurou Erika e disse que queria trabalhar na *Millennium* e em nenhum outro lugar. Erika não tinha dinheiro para contratá-lo, mas propôs-lhe um estágio, ofereceu-lhe uma sala num canto e depois o absorveu como *freelancer* fixo.

Os dois gritaram de contentamento ao ver Mikael, que foi recebido com beijos e tapas nas costas. Logo lhe perguntaram se estava voltando ao trabalho, mas se decepcionaram quando ele explicou que lhe restavam mais seis meses no Norrland, e que apenas estava passando para dar um alô e falar com Erika.

Erika também ficou contente em vê-lo, serviu café e fechou a porta de sua sala. Começou pedindo notícias de Henrik Vanger. Mikael não sabia muito mais do que Dirch Frode relatara; o estado dele era grave, mas o velho continuava vivo.

— O que você está fazendo na cidade?

Mikael sentiu-se subitamente embaraçado. Passara na redação sem pensar muito, a Milton Security ficava a poucos passos dali. Pareceu-lhe difícil explicar a Erika que tinha acabado de contratar a consultora particular em segurança que invadira seu computador. Limitou-se a encolher os ombros e dizer que fora obrigado a vir a Estocolmo por causa de alguns assuntos ligados a Vanger e que já estava voltando para o norte. Perguntou como iam as coisas na redação.

— Junto com as boas notícias do volume de publicidade e do número de assinantes que não param de crescer, há uma nuvem escura se formando no horizonte.

— Quem?

— Janne Dahlman. Fui obrigada a ficar de olho nele logo depois que soltamos a notícia da entrada de Henrik Vanger na sociedade. Não sei se é apenas a natureza dele ou se tem a ver com alguma coisa mais profunda. Ele está fazendo uma espécie de jogo.

— O que aconteceu?

— Não confio mais nele. Depois que assinamos o acordo com Henrik Vanger, Christer e eu ficamos pensando se informávamos imediatamente toda a redação de que não corríamos mais o risco de fechar no outono ou se...

— Ou se informavam apenas alguns colaboradores.

— Exatamente. Talvez eu seja paranóica, mas não queria que Dahlman espalhasse a história. Então decidimos avisar toda a redação só no dia em que o acordo se tornasse público. Portanto, guardamos segredo por um mês.

— E?

— Bem, eram as primeiras boas notícias que a redação recebia depois de um ano. Todos festejaram, com exceção de Dahlman. Claro, não somos a maior redação do mundo, mas três pessoas se alegraram, o estagiário também, e uma se zangou por não termos passado a informação mais cedo.

— Ele teve um pouco de razão...

— Eu sei. Mas o fato é que continuou falando disso o tempo todo e despejando mau humor pela redação. Depois de duas semanas, chamei-o à minha sala e expliquei que, se eu não havia informado a redação, é porque não tinha confiança nele e não estava certa de que ele guardaria segredo.

— Como ele reagiu?

— Ficou muito magoado, claro, e furioso. Não recuei e dei a ele um ultimato: ou fazia um esforço para melhorar ou começasse a procurar outro emprego.

— E ele?

— Resolveu se esforçar. Mas permanece distante e há muita tensão entre ele e o resto da equipe. Christer não o suporta mais e demonstra isso claramente.

— E o que suspeita que Dahlman esteja fazendo? Erika suspirou.

— Não sei. Nós o contratamos há um ano, quando já estávamos em campanha contra Wennerström. Não posso provar absolutamente nada, mas pressinto que ele não trabalha para nós.

Mikael assentiu com a cabeça.

— Confie nos seus instintos.

— Talvez não passe de um pobre-coitado cheio de mau humor por não estar no seu lugar.

— É possível. Mas concordo com você que cometemos um erro de avaliação ao contratá-lo.

Vinte minutos depois, Mikael pegava as vias expressas do Slussen rumo ao norte, no carro que emprestara da mulher de Dirch Frode, um Volvo de dez anos que ela nunca utilizava e que Mikael agora podia usar quando quisesse.

Os detalhes eram mínimos e sutis, e Mikael poderia nem tê-los percebido se não estivesse atento. Uma pilha de papéis um pouco mais inclinada do que antes. Um arquivo um pouco fora de lugar na prateleira. A gaveta da escrivaninha inteiramente fechada — Mikael lembrava-se muito bem de tê-la deixado um pouco entreaberta na véspera, quando foi para Estocolmo.

Ficou imóvel por um momento, em dúvida. Depois, uma certeza se impôs: alguém entrara na casa.

Foi até o patamar de entrada e olhou ao redor. Ele trancara a porta, mas como se tratava de uma fechadura velha e bastante comum provavelmente podia ser aberta com uma chave de fenda, e não havia como saber se existiam cópias daquela chave. Voltou a entrar na casa e passou em revista, sistematicamente, a saleta de trabalho para verificar se algo desaparecera. Depois de algum tempo, concluiu que tudo parecia ainda estar ali.

Mas o fato é que alguém havia entrado, se instalado em sua saleta de trabalho e folheado seus papéis e arquivos. Ele levara o computador consigo, portanto a pessoa não tivera acesso a ele. Duas questões se apresentavam. Quem? E será que o visitante misterioso tinha podido concluir alguma coisa do que vira ali?

Os arquivos eram uma parte dos que ele trouxera de volta da casa de Henrik Vanger após sair da prisão. Não havia nenhum material novo. Os cadernos de anotações eram indecifráveis para um não-iniciado. Mas será que a pessoa que vasculhara sua mesa era uma não-iniciada?

O mais preocupante era o pequeno envelope de plástico em cima da mesa, onde ele pusera a lista de números da agenda telefônica de Harriet e uma cópia das citações bíblicas às quais eles se referiam. A pessoa que vasculhara a saleta agora sabia que ele havia decifrado o código da Bíblia.

Quem?

Henrik Vanger estava no hospital. Ele não suspeitava de Anna, a governanta. Dirch Frode? Mas Mikael já havia lhe contado todos os detalhes... Cecilia Vanger adiara a viagem à Flórida e voltara de Londres com a irmã. Ele a vira na noite anterior, atravessando a ponte de carro. Martin Vanger? Harald Vanger? Birger Vanger regressara para participar de uma reunião de família, à qual Mikael não fora convidado, no dia seguinte ao infarto de Henrik. Alexander Vanger? Isabella Vanger? Ela era tudo menos simpática.

Com quem Frode havia falado? Deixara escapar alguma coisa? Quantos, dos mais próximos, haviam percebido que Mikael descobrira algo novo nas investigações?

Passava de oito da noite. Ele telefonou para um serralheiro em Hedestad e pediu uma nova fechadura. O serralheiro explicou que só poderia ir na manhã seguinte. Mikael prometeu pagar o dobro se ele fosse imediatamente, e ele concordou em passar às dez e meia para instalar uma nova fechadura na casa.

Enquanto esperava o serralheiro, Mikael foi até a casa de Dirch Frode, por volta das oito e meia. A mulher de Frode apontou para o jardim atrás da casa e lhe propôs uma cerveja gelada, que Mikael aceitou com prazer. Ele pediu a Frode notícias de Henrik.

— Foi operado. Tem arteriosclerose nas coronárias. O médico disse que seu estado continua crítico, mas que ainda há esperanças.

Ficaram um instante em silêncio, bebendo cerveja.

— Suponho que não conseguiu falar com ele.

— Não, não está em condições de falar. E como foi lá em Estocolmo?

— Lisbeth Salander aceitou. Eu trouxe o contrato de Dragan Armanskij. Precisa assiná-lo e enviá-lo de volta.

Dirch Frode leu o documento.

— Ela não cobra barato — constatou.

— Henrik pode pagar.

Frode foi buscar uma caneta e assinou.

— Ainda posso assinar este contrato por Henrik enquanto ele estiver vivo. Pode deixá-lo na caixa de correspondência do Konsum quando voltar para casa?

* * *

A meia-noite, Mikael já estava na cama, porém não conseguia dormir. Até então, sua temporada na ilha de Hedeby limitara-se a desencavar extravagâncias históricas. Mas quem sabe o passado não estivesse mais próximo do presente do que ele imaginava, se

alguém suficientemente interessado no que ele fazia foi capaz de se introduzir na sua saleta de trabalho?

De repente lhe ocorreu que outras pessoas fora da ilha também podiam estar interessadas nas atividades dele. A súbita entrada de Henrik Vanger no conselho administrativo da *Millennium* não devia ter passado despercebida a Hans-Erik Wennerström. Ou esse tipo de pensamento indicava que ele estava ficando paranóico?

Mikael levantou-se, postou-se completamente nu diante da janela da cozinha e olhou pensativo para a igreja do outro lado da ponte. Acendeu um cigarro.

Não conseguia entender Lisbeth Salander. Ela tinha um comportamento estranho, fazia longas pausas no meio da conversa. Seu apartamento era um caos, com montanhas de jornais no vestíbulo e uma cozinha que não passava por uma limpeza havia bem um ano. Roupas espalhadas pelo chão, com certeza ele a tinha encontrado depois de uma noite de farra. No pescoço havia vestígios de chupadas, reveladoras de grande atividade noturna. Tinha várias tatuagens pelo corpo, *piercings* no rosto e provavelmente também em lugares que ele não vira. Ou seja, uma criatura especial.

Por outro lado, Armanskij garantira que ela era indiscutivelmente a melhor investigadora de sua empresa, e a investigação que fizera sobre ele indicava com certeza que ela ia fundo nas coisas. *Uma garota estranha.*

Lisbeth Salander estava diante do seu Powerbook refletindo sobre como reagira a Mikael Blomkvist. Em toda a sua vida adulta, jamais deixara entrar em sua casa alguém que não tivesse sido expressamente convidado, e podia-se contar tais pessoas nos dedos de uma mão. Sem a menor cerimônia, Mikael se intrometera em sua vida e ela não reagira senão com uns protestos frouxos.

E não foi tudo — ele havia mexido com ela, zombado dela.

De hábito, esse tipo de comportamento a teria levado a mentalmente engatilhar uma arma. No entanto, não sentiu a menor ameaça, nenhuma hostilidade vinda de Mikael Blomkvist. Ele tinha todos os motivos para estar zangado — e até mesmo para processá-la depois de ter descoberto que ela invadira seu computador. Mas não, levou isso também na brincadeira.

Foi a parte mais delicada da conversa que tiveram. Como se Mikael propositalmente não quisesse tocar no assunto. Por fim, ela mesma não conseguiu evitar.

— Você disse que sabe o que eu fiz.

— Você invadiu o meu computador, é uma *hacker.*

— Como sabe disso? — Lisbeth tinha a certeza de que não havia deixado vestígios e de que não seria descoberta, a menos que alguém muito experiente em segurança estivesse escaneando o disco rígido no momento em que ela o invadiu.

— Você cometeu um erro. — Ele explicou que ela reproduzira um texto que só existia no computador dele e em nenhum outro lugar.

Lisbeth Salander ficou em silêncio por um bom tempo. Por fim, fixou nele uns olhos inexpressivos.

— Como conseguiu? — ele perguntou.

— Segredo. O que pretende fazer? Mikael encolheu os ombros.

— O que eu posso fazer? No máximo, deveria levar um papo com você sobre ética e moral, e sobre os perigos de bisbilhotar a vida alheia.

— Que é exatamente o que você faz como jornalista. Ele concordou com a cabeça.

— Sem dúvida. É justamente por isso que nós, jornalistas, temos um comitê de ética nos vigiando nas questões morais. Quando escrevo um texto sobre um corrupto do mundo financeiro, deixo de lado, por exemplo, sua vida sexual. Não escrevo que uma estelionatária é lésbica ou que sonha trepar com seu cachorro, ou coisas do gênero, ainda que seja verdade. Mesmo os corruptos têm direito a uma vida privada, e é muito fácil prejudicar alguém atacando sua maneira de viver. Entende o que quero dizer?

— Sim.

— Portanto, você atentou contra a minha integridade. Henrik Vanger não precisava saber com quem eu faço amor. É problema meu.

Um sorriso acanhado despontou nos lábios de Lisbeth Salander.

— Acha então que eu não devia ter falado disso?

— No que me diz respeito, não faz muito diferença. Metade da cidade sabe da minha ligação com Erika. Estou falando é do princípio.

— Talvez você ache divertido saber que eu também tenho princípios que correspondem ao do seu comitê de ética. É o que chamo de Princípio Salander. Na minha opinião, um corrupto sempre será um corrupto e, se posso prejudicá-lo desencavando sujeiras a seu respeito, ele tem o que merece. Não faço senão dar-lhe o troco.

— Certo — disse Mikael Blomkvist sorrindo. — Meu raciocínio não é inteiramente diferente do seu, mas...

— A verdade é que ao fazer uma investigação levo em conta também o que a pessoa me inspira. Não fico neutra. Se julgo que se trata de uma pessoa boa, posso ser discreta no meu relatório.

— É mesmo?

— No seu caso, fui discreta. Poderia ter escrito um livro sobre a sua vida sexual. Poderia ter contado a Frode que Erika Berger tem um passado no clube Xtreme e que flertava com o BDSM nos anos 1980, o que inevitavelmente teria criado algumas associações de idéias sobre a vida sexual de vocês.

Mikael Blomkvist encarou o olhar de Lisbeth Salander. Depois de um momento, olhou pela janela e deu uma gargalhada.

— Realmente nada te escapa. Por que não pôs isso no relatório?

— Você e Erika Berger são adultos e parecem gostar muito um do outro. O que fazem na cama não interessa a ninguém, e tudo que eu conseguiria, ao falar dela, seria só prejudicar você ou oferecer material de chantagem a alguém. Sei lá, não conheço Dirch Frode, e esse material poderia chegar às mãos de Wennerström.

— E você não quer fornecer material a Wennerström?

— Se eu precisasse escolher entre você e ele, escolheria o seu lado do ringue.

— Eu e Erika temos um... nosso relacionamento é...

— Estou pouco me lixando para o relacionamento de vocês. Mas não respondeu à minha pergunta: o que pretende fazer agora que sabe que eu invadi o seu computador?

A pausa de Mikael foi quase tão longa quanto a dela.

— Lisbeth, eu não vim aqui para aborrecê-la, não vou denunciar você.

Estou aqui para pedir sua ajuda numa investigação. Responda sim ou não. Se disser não, vou embora, procuro outra pessoa e não terá mais notícias de mim. — Ele refletiu um segundo e depois sorriu. — Com a condição de eu não pegar você de novo no meu computador, é claro. Ela o olhou com uma expressão vazia.

19. QUINTA-FEIRA 19 DE JUNHO — DOMINGO 29 DE JUNHO

Mikael passou dois dias estudando seus documentos, enquanto aguardava notícias sobre se Henrik Vanger sobreviveria ou não. Permanecia em contato com Dirch Frode. Na quinta-feira à noite, Frode foi vê-lo na casa dos convidados para anunciar que a crise parecia superada por enquanto.

— Ele está fraco, mas consegui falar um pouco com ele hoje. Quer te ver o mais breve possível.

A uma da tarde do sábado, dia do solstício de verão, Mikael foi ao hospital de Hedestad e dirigiu-se ao setor onde Henrik Vanger estava internado. Deparou com Birger Vanger, muito irritado, que lhe barrou o caminho dizendo, com muita autoridade, que Henrik não estava em condições de receber visitas. Sem perder a calma, Mikael contemplou o conselheiro municipal.

— E estranho. Henrik Vanger me mandou um recado muito claro de que desejava me ver hoje.

— Você não é da família e não tem nada o que fazer aqui.

— É verdade, não faço parte da família. Mas vim atender um pedido expresso de Henrik, e só recebo ordens dele.

A troca de palavras poderia ter virado uma disputa violenta se Dirch Frode não tivesse saído do quarto de Henrik justamente naquele momento.

— Ah, aí está você. Henrik acabou de perguntar onde você estava. Frode manteve a porta aberta e Mikael entrou no quarto, passando por

Birger Vanger.

Henrik parecia ter envelhecido dez anos em uma semana. Suas pálpebras permaneciam semicerradas, um tubo de oxigênio entrava pelo nariz e seus cabelos estavam mais emaranhados do que nunca. Uma enfermeira deteve Mikael, pondo a mão em seu braço.

— Só dois minutos. E evite emoções. — Mikael assentiu com a cabeça e sentou-se numa cadeira de modo a poder ver o rosto de Henrik. Ficou surpreso por sentir-se tão enternecido e estendeu a mão para apertar suavemente a do velho, muito frouxa. Henrik Vanger falou com voz fraca, entrecortada.

— Novidades?

Mikael fez que sim com a cabeça.

— Farei um relatório assim que você melhorar. Ainda não resolvi o mistério, mas descobri novos elementos e estou seguindo algumas pistas. Dentro de uma semana ou duas, poderei dizer se isso nos leva a algum lugar.

Henrik tentou balançar a cabeça. Foi com um bater de pálpebras que indicou haver entendido.

— Vou me ausentar por alguns dias.

As sobrancelhas de Henrik se contraíram.

— Não, não estou abandonando o navio. Vou fazer uma investigação. Combinei com Dirch Frode de passar meus relatórios a ele. Está de acordo?

— Dirch é... meu mandatário... em todos os assuntos. Mikael assentiu com a cabeça.

— Mikael... se por acaso... eu vier a... quero que termine... o trabalho assim mesmo.

— Prometo que vou terminar.

— Dirch tem todas as... procurações.

— Henrik, quero que se restabeleça logo. Eu ficaria muito chateado com você se desaparecesse agora que avancei tanto em meu trabalho.

— Dois minutos — disse a enfermeira.

— Preciso ir. Da próxima vez que eu vier, espero ter uma longa conversa com você.

Birger Vanger esperava Mikael quando ele saiu no corredor e o deteve pondo uma mão em seu ombro.

— Não quero que perturbe Henrik outra vez. Ele está gravemente doente e não deve ser incomodado, seja qual for o motivo.

— Entendo sua preocupação. Não vou mais perturbá-lo.

— Todos sabem que Henrik o contratou para investigar seu pequeno *hobby...* Harriet. Dirch Frode me contou que Henrik ficou muito perturbado depois de uma conversa que vocês tiveram pouco antes do infarto. Disse que você mesmo achou que ela pode ter deflagrado a crise.

— Não penso mais assim. Henrik Vanger tem uma arteriosclerose nas coronárias. Poderia ter sofrido um infarto ao ir ao banheiro. Tenho certeza de que você também sabe muito bem disso.

— Quero ter o direito de fiscalizar todas essas bobagens. É na minha família que você está se metendo.

— Bem, como eu disse... trabalho para Henrik, não para a sua família.

Birger Vanger não estava aparentemente habituado a que alguém o contrariasse. Por um breve instante, encarou Mikael com um olhar destinado a lhe inspirar respeito, mas que lhe dava sobretudo o aspecto de um alce presunçoso. Depois, girou os calcanhares e entrou no quarto de Henrik.

Mikael conteve o riso. Não era muito conveniente rir no corredor tão perto do leito onde Henrik se achava enfermo, que também poderia vir a ser seu leito de morte. Mas Mikael se lembrou de repente de uma estrofe de um abecedário rimado de Lennart Hyland, divulgado no rádio nos anos 1960, e que por uma razão incompreensível ele memorizara quando estava sendo alfabetizado: Era a letra A: o *Alce soberbo e solitário insiste/ em olhar o bosque arruinado e triste.*

Na entrada do hospital, Mikael topou com Cecilia Vanger. Havia ligado para o celular dela dezena de vezes desde que ela retornara de suas férias interrompidas, mas não obtivera resposta. Ela também não estava em sua casa na ilha quando ele passou por lá e bateu na porta.

— Oi, Cecilia — ele disse. — Lamento o que aconteceu com Henrik. Ela agradeceu com um gesto de cabeça. Mikael tentou captar seus sentimentos, mas não percebeu nem calor nem frieza.

— Precisamos conversar.

— Sinto muito ter te excluído daquela forma. Entendo que esteja furioso, mas estou passando por um momento difícil.

Mikael franziu o cenho até entender o que ela queria dizer. Pôs a mão no braço de Cecilia e sorriu.

— Espere, não é isso, Cecilia. Não estou nem um pouco furioso com você. Queria muito continuar seu amigo, mas se não tem vontade de me ver... se for essa a sua decisão, eu respeitarei.

— Os relacionamentos nunca foram o meu forte — ela disse.

— Nem o meu. Vamos tomar um café?

Ele fez um sinal com a cabeça em direção à cafeteria do hospital. Cecilia hesitou.

— Não, hoje não. Gostaria de ver Henrik agora.

— Tudo bem, mas mesmo assim preciso falar com você. Sobre trabalho.

— O que está querendo dizer? — Ela se pôs em guarda.

— Lembra-se quando nos vimos pela primeira vez, quando você veio me ver em janeiro? Eu disse que tudo o que falássemos seria *off the record* e que quando eu tivesse perguntas de verdade para lhe fazer, eu avisaria. É sobre Harriet.

O rosto de Cecilia inflamou-se num furor súbito.

— Seu filho-da-puta!

— Cecilia, descobri coisas sobre as quais preciso falar com você. Ela deu um passo para trás.

— Você não entende que essa maldita investigação dessa maldita Harriet é só uma maneira de Henrik se ocupar? Não entende que ele talvez esteja morrendo lá em cima e que a última coisa que ele precisa agora é ser perturbado e que lhe dêem falsas esperanças?...

Ela se calou.

— Talvez seja um *hobby* para Henrik, mas o fato é que descobri novos elementos que não tinham sido descobertos em trinta e cinco anos. Há questões nessa investigação que ficaram sem resposta, e estou trabalhando de acordo com as instruções de Henrik.

— Se Henrik morrer, esta droga de investigação vai acabar em seguida e você será o primeiro a cair fora — disse Cecilia, afastando-se e cruzando a porta.

* * *

Tudo estava fechado, Hedestad praticamente deserta. A população parecia ter ido ao campo para as festividades de São João. Mikael encontrou por fim o terraço do Grande Hotel e ali pediu um café e um sanduíche enquanto lia os jornais da tarde. Nada de importante acontecera no mundo.

Deixou os jornais e refletiu sobre Cecilia Vanger. Não havia contado nem a Henrik nem a Dirch Frode que suspeitava que ela tinha aberto a janela do quarto de Harriet. Não queria transformá-la em suspeita e a última coisa que desejava era prejudicá-la. Mas cedo ou tarde seria preciso tocar nessa questão.

Permaneceu no terraço por uma hora até decidir deixar de lado aquele problema e dedicar o Dia de São João a outra coisa que não à família Vanger. Seu celular permanecia silencioso. Erika viajara no fim de semana e se divertia em algum lugar com o marido, e ele não tinha com quem falar.

Regressou à ilha por volta das quatro da tarde e tomou outra decisão — parar de fumar. Ele se exercitava com regularidade desde a época do serviço militar, ginástica e *jogging* ao longo da Söder Mälarstrand, mas parara completamente quando os problemas com Hans-Erik Wennerström começaram. Em Rullaker tentou desenferrujar o corpo, sobretudo como terapia, mas desde que deixara a prisão não fizera muitos progressos. Era hora de recomeçar. Com determinação, vestiu um abrigo e se pôs a correr em marcha lenta pelo caminho que conduzia à cabana de Gottfried, pegou a trilha para a Fortificação e empregou um ritmo mais forte fora da pista. Não praticava corrida de percurso desde o serviço militar, mas sempre preferira correr no bosque do que nas pistas de treinamento. Passou pela fazenda de Östergarden para voltar ao povoado. Sentia-se exausto quando completou, bufando, os últimos metros até a casa dos convidados.

Às seis da tarde tomou um banho. Adepto, mesmo contra a vontade, do tradicional jantar de São João, pôs algumas batatas para cozinhar, preparou o arenque marinado com cebolinha e ovos duros e instalou-se numa mesa frágil, fora de casa, no lado que dava para a ponte. Serviu-se de aquavita e brindou sozinho. Depois abriu um romance policial intitulado O *canto das sereias,* de Vai McDermid.

Por volta das sete da noite, Dirch Frode passou para vê-lo e instalou-se pesadamente numa cadeira do jardim diante dele. Mikael ofereceu-lhe uma dose de aquavita.

— Você causou muitos ressentimentos hoje — disse Frode.

— Eu percebi.

— Birger Vanger é um fanfarrão.

— Eu sei.

— Mas Cecilia Vanger não é, e está furiosa com você. Mikael assentiu com a cabeça.

— Ela me falou que você precisa parar de remexer nos assuntos da família.

— Entendo. E o que você respondeu?

Dirch Frode olhou seu copo de aquavita e o esvaziou num trago.

— Respondi que Henrik deu instruções muito claras sobre o que deseja que você faça. Enquanto ele não modificar essas instruções, você segue o contrato que fizemos. Espero que faça o possível para cumprir sua parte no contrato.

Mikael concordou com a cabeça. Olhou o céu, onde nuvens de chuva se acumulavam.

— Há uma tempestade no ar — disse Frode. — Se os ventos começarem a soprar muito fortes, estarei aqui para ajudá-lo.

— Obrigado.

Ficaram um instante em silêncio.

— Pode me servir mais um trago? — pediu Frode.

Alguns minutos depois de Dirch Frode ter voltado para casa, Martin Vanger estacionou o carro em frente à casa dos convidados. Desceu e foi cumprimentar Mikael, que lhe desejou boa Festa de São João e lhe ofereceu uma bebida.

— Não, obrigado. Vim à ilha só para trocar de roupa. Vou voltar agora à cidade para passar a noite com Eva.

Mikael esperou.

— Falei com Cecilia. Ela está um pouco perturbada, é muito apegada a Henrik. Espero que a perdoe se ela disse coisas... desagradáveis.

— Gosto muito de Cecilia — respondeu Mikael.

— Eu sei. Mas ela tem lá seus humores. Saiba apenas que Cecilia é totalmente contra você remexer no passado.

Mikael suspirou. Todo mundo em Hedestad parecia saber por que Henrik o contratara.

— E você?

Martin afastou as mãos num gesto de perplexidade.

— Há décadas Henrik está obcecado com essa história da Harriet. Não sei o que dizer... Harriet era minha irmã, mas de certo modo já está distante de mim. Dirch Frode me disse que você tem um contrato que somente Henrik pode romper. Considerando seu atual estado de saúde, creio que isso cause mais mal do que bem.

— E você, quer que eu continue?

— Descobriu alguma coisa?

— Desculpe, Martin, mas eu quebraria o contrato se lhe contasse alguma coisa sem a autorização de Henrik.

— Entendo. — Ele sorriu de repente. — Henrik gosta muito de conspirações, tem um monte de teorias a respeito, mas eu não gostaria que você lhe desse falsas esperanças.

— Fique tranquilo. A única coisa que apresento a ele são fatos que posso comprovar através de documentos.

— Bem... Aliás, por falar nisso, precisamos pensar também no outro contrato. Como Henrik está doente e impossibilitado de cumprir suas obrigações no conselho administrativo da *Millennium,* me ofereço para ficar no seu lugar.

Mikael esperou.

— Precisamos convocar uma reunião para avaliar a situação.

— É uma boa idéia, mas, pelo que entendi, a próxima reunião já foi marcada para agosto.

— Sim, mas talvez possamos antecipá-la. Mikael sorriu polidamente.

— Sem dúvida. Mas está falando com a pessoa errada. Por enquanto não faço parte do conselho administrativo da *Millennium.* Deixei a revista em dezembro e nada posso dizer sobre as decisões tomadas pelo conselho. Sugiro que converse com Erika Berger sobre isso.

Martin Vanger não esperava essa resposta. Refletiu um momento antes de se levantar.

— Tem razão, claro. Vou telefonar para ela. — Deu um tapinha no ombro de Mikael para se despedir e foi se encaminhando para o carro.

Mikael olhou para ele pensativamente. Nada de preciso fora dito, mas pairava no ar uma clara ameaça. Martin Vanger havia colocado a *Millennium* na balança. Um instante depois, Mikael serviu-se de uma nova dose de aquavita e voltou à sua leitura de Vai McDermid.

Por volta das nove da noite, o gato ruivo chegou e se esfregou em suas pernas. Ele o acariciou atrás das orelhas.

— É isso aí, meu velho. Vamos nos aborrecer juntos na noite de São João — disse.

Quando caíram as primeiras gotas de chuva, entrou para se deitar. O gato preferiu ficar lá fora.

Lisbeth Salander passou o Dia de São João fazendo uma boa revisão na sua Kawasaki. Uma moto de 125 cilindradas não era a máquina ideal, mas ela sabia conduzi-la e a reformara, peça por peça, inclusive ajustando-a para poder correr um pouco acima da velocidade autorizada.

À tarde, pôs o capacete e a jaqueta de couro e foi até a casa de saúde de Äppelviken, onde passou algumas horas com sua mãe no jardim. Saiu de lá com uma ponta de preocupação e com maus pressentimentos. A mãe parecia mais ausente do que nunca. Durante as três horas em que ficaram juntas, só trocaram umas poucas palavras, e sua mãe nem parecia saber com quem falava.

Mikael passou dias tentando identificar o carro com placa AC. Embora tenha ficado um pouco perdido no início, acabou encontrando um mecânico aposentado em Hedestad que identificou o veículo como um Ford Anglia, modelo aparentemente comum, do qual, porém, Mikael nunca tinha ouvido falar. Depois entrou em contato com um funcionário do Departamento de Trânsito, para ver se era possível conseguir uma relação de todos os Ford Anglia de 1966 com placa iniciada por AC3 alguma coisa. Estava tentando seguir outras pistas, quando veio a resposta de que um exame de registros até era possível, só que demoraria algum tempo por ser algo muito diferente do que se podia considerar como informação de interesse público.

Vários dias depois do fim de semana de São João, Mikael sentou-se ao volante do Volvo emprestado e pegou a rodovia E4 rumo ao norte. Dirigia sem pressa, como sempre. Pouco antes da ponte de Härnösand, parou para tomar um café na confeitaria de Vesterlund.

A parada seguinte foi Umea, onde pediu o prato do dia num hotel. Comprou um mapa rodoviário e prosseguiu até Skelleftea, entrando depois à esquerda em direção a

Norsjö. Chegou por volta das seis da tarde e hospedou-se no hotel Norsjö.

Começou suas pesquisas logo cedo na manhã seguinte. Não existia nenhuma Marcenaria de Norsjö no anuário da cidade. A recepcionista desse pequeno hotel nos confins do norte, uma jovem de uns vinte anos, nunca ouvira falar dessa marcenaria.

— Quem poderia me informar?

Por um instante ela pareceu um pouco confusa, mas em seguida disse que ia telefonar para o pai. Dois minutos depois, voltou e explicou que a Marcenaria de Norsjö fechara no começo dos anos 1980. Se Mikael quisesse conversar com alguém que sabia um pouco mais sobre a empresa, devia procurar um tal de Hartman que trabalhara ali como contramestre e agora morava no bairro dos Girassóis.

Norsjö era um vilarejo nascido ao longo de uma rua que, muito apropriadamente, fora batizada de Rua Principal; os estabelecimentos comerciais atravessavam a localidade de ponta a ponta, enquanto as moradias ficavam nas ruas transversais. Na entrada do vilarejo havia uma pequena zona industrial e estrebarias; na saída, a oeste, erguia-se uma bela igreja de madeira. Mikael notou que a aldeia abrigava também uma congregação de missionários e uma de pentecostais. Um cartaz fixado num painel do ponto de ônibus falava de um Museu da Caça e de um Museu do Esqui. Outro anunciava que Veronika cantaria na Festa de São João. Ele percorreu o vilarejo de ponta a ponta, a pé, em pouco mais de vinte minutos.

O bairro dos Girassóis era um condomínio residencial situado a uns cinco minutos do hotel. Hartman não estava em casa. Eram nove e meia da manhã e ele supôs que o homem estivesse trabalhando ou saíra para fazer compras.

A etapa seguinte foi o armazém da Rua Principal. Quem mora em Norsjö deve passar, uma hora ou outra, no armazém, pensou Mikael. Havia dois vendedores; Mikael escolheu o mais velho, de uns cinquenta anos.

— Bom dia, estou procurando um casal que deve ter morado aqui em Norsjö nos anos 1960. O homem parece que trabalhava na marcenaria. Não sei como se chamavam, mas tenho aqui duas fotos deles, de 1966.

O vendedor olhou demoradamente as fotos, mas disse que não conhecia nem o homem nem a mulher.

Na hora do almoço, Mikael pediu um cachorro-quente no quiosque ao lado do ponto de ônibus. Depois das lojas, passou pela prefeitura, pela biblioteca, pela farmácia. Não havia ninguém na delegacia e ele começou a conversar ao acaso com pessoas mais velhas. Por volta das duas da tarde, abordou duas mulheres mais jovens que, mesmo não reconhecendo o casal da foto, lhe deram uma boa idéia.

— Se a foto foi tirada em 1966, essas pessoas devem ter hoje uns sessenta anos. Por que não vai até a Casa da Terceira Idade em Solbacka?

Mikael foi até lá e apresentou-se a uma mulher de uns trinta anos, explicando o que queria. Ela o olhou desconfiada, mas acabou cedendo. Acompanhou Mikael à sala de convivência, onde ele passou meia hora mostrando as fotos a um grande número de pensionistas de setenta anos ou mais. Apesar da amabilidade deles, ninguém identificou as pessoas fotografadas em Hedestad em 1966.

Por volta das cinco, retornou ao bairro dos Girassóis e dessa vez encontrou Hartman em casa. Ele e a mulher, ambos aposentados, haviam passado o dia fora. Fizeram-no entrar na cozinha, onde a mulher imediatamente foi preparar um café enquanto Mikael explicava o que procurava. Como nas outras tentativas do dia, não teve sorte. Hartman coçou a cabeça, acendeu o cachimbo e depois de um momento admitiu que não reconhecia as pessoas da foto. Marido e mulher falavam num dialeto local que Mikael às vezes tinha dificuldade em compreender. A mulher certamente quis dizer "cabelos encaracolados" quando comentou que a moça da foto tinha *"knövelhära".*

— Mas o senhor não se enganou, é um adesivo da marcenaria — disse o marido. — Soube reconhecê-lo muito bem. O problema é que distribuíamos esses adesivos a torto e a direito. Aos motoristas, aos clientes que compravam ou forneciam madeira, aos técnicos das máquinas e a muitas outras pessoas.

— Então vai ser mais difícil encontrá-los do que eu imaginava.

— Por que precisa encontrá-los?

Mikael havia decidido dizer a verdade se as pessoas perguntassem. Qualquer história que ele tentasse inventar sobre o casal da foto soaria de todo modo inverossímil e só criaria confusão.

— É uma longa história. Estou investigando um crime ocorrido em He-destad em 1966, e acho que há uma possibilidade, embora pequena, de que as pessoas dessa foto tenham visto o que aconteceu. Elas não são suspeitas de absolutamente nada e acredito que talvez nem saibam que possuem informações que poderiam solucionar esse crime.

— Um crime? Que tipo de crime?

— Sinto muito, mas não posso dizer mais nada. Sei que deve parecer misterioso alguém vir aqui procurar essas pessoas quarenta anos depois, mas o crime nunca foi solucionado e só há pouco tempo alguns novos elementos vieram à tona.

— Entendo. Sim, de fato é uma pesquisa estranha essa que está fazendo.

— Quantas pessoas trabalhavam na marcenaria?

— A equipe completa tinha quarenta pessoas. Trabalhei ali desde os dezessete anos, em meados dos anos 1950, até a empresa fechar as portas. Depois virei motorista de caminhão.

Hartman refletiu por um momento.

— Posso garantir que o rapaz da foto nunca trabalhou na marcenaria. A menos que fosse um motorista, mas acho que mesmo assim eu o teria reconhecido. Quem sabe não era pai desse moço da foto ou alguém da família que trabalhava na fábrica? Talvez o carro não fosse dele.

Mikael assentiu com a cabeça.

— E verdade, as possibilidades são muitas. O senhor sabe de alguém com quem eu possa falar?

— Sim — disse Hartman, levantando o indicador. — Passe aqui amanhã de manhã, e daremos uma volta para conversar com os velhos.

Lisbeth Salander estava diante de um problema metodológico. Ela era uma especialista na arte de obter informações sobre qualquer pessoa, mas sempre dispunha, como ponto de partida, do nome e do número de identidade de um indivíduo ainda vivo. Se a pessoa figurasse num banco de dados, o que inevitavelmente acontecia com todo mundo, poderia ser localizada bem rápido em sua teia de aranha. Se possuísse um computador conectado à internet, e-mail e até mesmo um site, o que era o caso de quase todos que se encaixavam em seu tipo de pesquisa, ela podia penetrar em seus segredos mais íntimos.

O trabalho que aceitara fazer para Mikael Blomkvist era completamente diferente. Desta vez a tarefa consistia em identificar quatro números pessoais a partir de dados extremamente vagos. Além disso, essas pessoas tinham vivido várias dezenas de anos atrás, o que talvez eliminasse a possibilidade de constarem num banco de dados.

A tese de Mikael, baseada no caso Rebecka Jacobsson, era que essas pessoas haviam sido assassinadas. Portanto, deveriam estar em inquéritos policiais não resolvidos. Ela não dispunha de nenhuma pista sobre a data e o lugar onde esses crimes teriam sido cometidos, exceto que ocorreram, sem dúvida, antes de 1966. Do ponto de vista da pesquisa, uma situação inteiramente nova.

Bem, o que é que eu faço então?

Ligou o computador e entrou no Google com as palavras-chave Magda + crime. Era a forma de pesquisa mais simples que podia fazer. Para sua grande surpresa, uma porta abriu-se imediatamente em suas investigações. A primeira ocorrência era a programação da TV-Värmland em Karlstad, que indicava um episódio da série *Crimes no Värmland* levada ao ar em 1999. Depois, ela encontrou um breve artigo no *Värmlands Folkblad.*

Um novo episódio da série *Crimes no Värmland* focaliza o caso Magda Lovisa Sjöberg, de Ranmoträsk, um crime misterioso e abominável que mobilizou a polícia de Karlstad dezenas de anos atrás. Em abril de 1960, a proprietária rural Lovisa Sjöberg, de quarenta e seis anos, foi encontrada no estábulo de seu sítio, assassinada de maneira brutal. O repórter Claes Gunnars reconstitui seus últimos momentos e a busca infrutífera do criminoso. Esse crime provocou muita comoção na época e inúmeras teorias sobre o culpado. No programa, um parente mais jovem, suspeito do crime, conta o quanto sua vida foi destruída por essa acusação. 20 horas.

Lisbeth encontrou informações mais consistentes no artigo "O caso Lovisa abalou toda uma região", publicado na revista *Värmlandskultur,* cujo texto aparecia na net reproduzido na íntegra. Num tom persuasivo e envolvente, contava como o marido de Lovisa, o lenhador Holger Sjöberg, encontrara a mulher morta ao voltar do trabalho, às cinco da tarde. Ela fora violentada, apunhalada e por fim morta com um forcado. O crime ocorrera no estábulo da família, mas o que causara mais comoção é que o assassino, depois de cometer o crime, a pusera de joelhos numa baia de cavalo.

Mais tarde, descobriu-se que um dos animais do sítio, uma vaca, recebera uma facada no pescoço.

De início suspeitaram do marido, mas ele apresentou um álibi sólido. Estava com os colegas de trabalho desde as seis da manhã numa área de corte a quarenta quilômetros do sítio. Lovisa Sjöberg ainda estava viva às dez da manhã, quando uma vizinha passou para vê-la. Ninguém viu nem ouviu nada; o sítio mais próximo ficava a cerca de quatrocentos metros.

Depois de abandonar o marido como principal suspeito, o inquérito policial voltou-se para um sobrinho da mulher assassinada, um jovem de vinte e três anos. Ele já tivera vários problemas com a Justiça, estava seriamente endividado e quase sempre pedia dinheiro emprestado à tia. Seu álibi era bem mais frágil. Ele foi detido para investigações e depois solto por falta de provas. Mesmo assim, muitos habitantes da aldeia o consideravam o mais provável culpado.

A polícia também seguiu outras pistas. Grande parte das investigações girou em torno de um misterioso caixeiro-viajante visto na região; circulava ainda um boato sobre um grupo de supostos ciganos que teriam praticado uma série de roubos. Nada se falava, porém, sobre a razão que os teria levado a cometer um assassinato brutal de caráter sexual, sem que nada tivesse sido roubado.

Por um momento, o interesse se voltou para um vizinho da aldeia, um homem solteiro que na juventude fora suspeito de um crime homossexual — isso numa época em que a homossexualidade ainda era crime — e que, segundo várias declarações, tinha a reputação de ser "estranho". Mas tampouco ficou esclarecido por que um eventual homossexual cometeria um crime sexual contra uma mulher. Nenhuma dessas ou outras pistas jamais levou a uma detenção ou condenação.

Lisbeth Salander achou que a ligação com a lista da agenda telefônica de Harriet era evidente. A citação do *Levítico* XX, 16 dizia: *"Se uma mulher se aproximar de um animal para se prostituir com ele, será morta juntamente com o animal. Serão mortos e levarão a sua iniquidade."* Impossível atribuir ao acaso o assassinato de uma camponesa de prenome Magda, proprietária de um estábulo, e seu corpo ter sido colocado numa baia de cavalo.

Mas por que Harriet Vanger anotara o prenome Magda, e não Lovisa, como a vítima era mais conhecida? Se o nome completo dela não estivesse na programação de tevê, Lisbeth nada teria percebido.

E permanecia, claro, a questão fundamental: havia uma ligação entre o assassinato de Rebecka em 1949, o de Magda Lovisa em 1960 e o desaparecimento de Harriet Vanger em 1966? Em caso afirmativo, como Harriet Vanger soube disso?

No sábado, Hartman acompanhou Mikael em um passeio sem muitas expectativas até Norsjö. De manhã, visitaram cinco ex-funcionários da marcenaria que moravam suficientemente perto um do outro para que pudessem ir a pé. Três moravam no centro e dois em Sörbyn, na periferia do vilarejo. Todos ofereceram café. Todos examinaram as fotos e sacudiram negativamente a cabeça.

Após um almoço trivial na casa dos Hartman, saíram de carro para mais uma volta. Foram a quatro aldeias nos arredores de Norsjö onde moravam outros ex-funcionários da marcenaria. A cada parada, Hartman era calorosamente recebido, mas ninguém foi capaz de ajudá-los. Mikael começava a se desesperar e a achar que a viagem a Norsjö não serviria para nada.

Por volta das quatro da tarde, Hartman estacionou o carro em frente a uma casa pintada de vermelho, típica do Västerbotten, em Norsjövallen, ao norte de Norsjö, e apresentou Mikael a Henning Forsman, marceneiro aposentado.

— Sim, é o filho de Assar Brännlund — disse Henning Forsman assim que Mikael mostrou a fotografia.

Bingo!

— E onde posso encontrá-lo?

— Esse rapaz? Bem, vai ter que cavar. Chamava-se Gunnar, morreu numa explosão em meados dos anos 1970.

Droga!

— Mas a mulher dele ainda está viva. É essa da foto. Chama-se Mildred e mora em Bjursele.

— Bjursele?

— Fica a uns dez quilômetros logo que se pega a estrada de Bastuträsk. Mora numa casinha vermelha à direita, na entrada na aldeia. A terceira casa. Conheço bem a família.

"Bom dia, meu nome é Lisbeth Salander. Estou fazendo uma tese de criminologia sobre a violência contra as mulheres no século XX e gostaria de saber se é possível passar no distrito policial de Landskrona para examinar documentos sobre um caso de 1957. Trata-se do assassinato de uma mulher de quarenta e cinco anos chamada Rakel Lunde. Por acaso sabe onde esses documentos podem estar hoje?"

Bjursele parecia uma publicidade viva da vida rural do Västerbotten. A aldeia era composta de umas vinte casas, relativamente próximas, que formavam um semicírculo na extremidade de um lago. No meio da aldeia havia um cruzamento com uma placa indicando Hemmingen, 11 km, e outra apontando para Bastuträsk, 17 km. Ao lado do cruzamento, uma pequena ponte cruzava um riacho que Mikael supôs ser o *sele* de Bjursele. Nessa época, em pleno verão, era tão bonito como um cartão-postal.

Mikael estacionou no pátio de um supermercado Konsum definitivamente fechado, do outro lado da estrada, a pouca distância da terceira casa à direita. Quando bateu à porta, ninguém atendeu.

Andou durante uma hora pela estrada de Hemmingen. Passou num lugar onde o riacho se transformava numa torrente impetuosa, viu dois gatos e uma cabra antes de retornar, mas nenhum ser humano. A porta de Mildred Brannlund continuava fechada.

Num poste junto à ponte, um pequeno cartaz convidava para assistir ao BTCC, o *Bjursele Tukting Car Championship 2002.* Mikael olhou pensativamente para o cartaz. *Tukt a car* parecia ser uma distração de inverno que consistia em conduzir um veículo sobre o lago gelado até arrebentá-lo.

Esperou até as dez da noite antes de desistir e retornar a Norsjö, onde jantou tarde e recolheu-se para terminar de ler o policial de Vai McDermid.

Um final abominável.

* * *

Às dez da noite, Lisbeth Salander acrescentou outro nome à lista de Harriet Vanger. Fez isso com muita hesitação, depois de refletir por horas.

Ela descobrira um atalho. Regularmente eram publicados artigos sobre crimes não solucionados, e no suplemento de um jornal vespertino topou com um artigo de 1999 intitulado "Matadores de mulheres continuam em liberdade". O artigo era conciso, mas trazia os nomes e as fotos de várias vítimas que fizeram correr muita tinta. O caso Solveig em Norrtälje, o assassinato de Anita em Norrköping, o de Margareta em Helsingborg e uma série de outros mistérios.

Os casos mais antigos datavam dos anos 1960 e nenhum dos crimes figurava na lista que Mikael passara a Lisbeth. No entanto, um deles chamou sua atenção.

Em junho de 1962, uma prostituta de trinta e dois anos, Lea Persson, de Göteborg, foi a Uddevalla para visitar sua mãe e seu filho de nove anos de quem a mãe tinha a guarda. Alguns dias depois, Lea abraçou a mãe, despediu-se e partiu para pegar o trem de volta a Göteborg. Foi encontrada dois dias depois atrás de um contêiner abandonado num terreno baldio industrial. Fora violentada e seu corpo sofrera sevícias particularmente brutais.

O assassinato de Lea foi objeto de várias matérias folhetinescas na imprensa, mas o culpado jamais foi identificado. O nome Lea não estava na lista de Harriet Vanger e nenhuma das citações bíblicas correspondia a esse crime.

Contudo, um detalhe muito bizarro levantou as antenas de Lisbeth Salander. A cerca de dez metros do local onde o corpo de Lea foi encontrado, descobriram um vaso de flores com um pombo dentro. Alguém pusera um cordão em volta do pescoço do pombo e o puxara pelo buraco no fundo do vaso. Depois, o vaso foi colocado sobre um pequeno fogo entre dois tijolos. Nada provava que essa crueldade com o animal tivesse relação com o assassinato de Lea; talvez apenas crianças se divertindo dessa maneira ignóbil. Na imprensa, porém, o caso ficou conhecido como "O crime do pombo".

Lisbeth Salander não lia a Bíblia — nem mesmo possuía uma —, mas no fim da tarde foi até a igreja de Högalid e, depois de insistir um pouco, emprestaram-lhe uma Bíblia. Ela se instalou num banco no adro da igreja e leu o *Levítico.* Ao chegar ao capítulo XII, versículo 8, levantou as sobrancelhas. O capítulo XII falava da purificação da mulher que deu à luz:

"Se as suas posses não lhe permitirem trazer um cordeiro, ela tomará duas rolas ou dois pombinhos, um para o holocausto e outro para o sacrifício pelo pecado. O sacerdote fará por ela a expiação e ela será purificada."

Lea poderia perfeitamente ter figurado na lista de Harriet Vanger como Lea 31208.

De repente Lisbeth Salander percebeu que as investigações que fizera até então não possuíam, nem de longe, as dimensões de sua atual missão.

Mildred Brännlund, que voltara a se casar e agora tinha o nome Berggren, atendeu Mikael Blomkvist quando ele bateu à sua porta às dez horas da manhã do domingo. Com quarenta anos a mais, a mulher parecia ter engordado também uns quarenta quilos. Mas Mikael a reconheceu de imediato.

— Bom dia, meu nome é Mikael Blomkvist. É Mildred Berggren, imagino.

— Sim, sou eu.

— Desculpe incomodá-la, mas há algum tempo venho tentando encontrá-la por causa de um assunto bastante difícil de explicar. — Mikael sorriu. — Será que posso entrar e tomar um pouquinho do seu tempo?

Como o marido de Mildred e seu filho de trinta e cinco anos estavam em casa, sem muita hesitação ela convidou Mikael a entrar e a se sentar na cozinha. Mikael bebera mais café do que nunca nos últimos dias, mas sabia que uma recusa, no Norrrland, seria uma descortesia. Quando as xícaras foram postas na mesa, Mildred sentou-se e perguntou, muito curiosa, o que podia fazer por ele. Como Mikael não compreendia bem seu dialeto de Norsjö, ela passou a falar no sueco de Estocolmo.

Mikael respirou fundo.

— E uma longa e estranha história. Em setembro de 1966, a senhora estava em Hedestad com seu marido, na época Gunnar Brännlund.

Ela parecia estupefata. Ele esperou até que ela assentisse com a cabeça e depois colocou na mesa a foto tirada na rua da Estação.

— E então tiraram essa foto. Lembra-se da ocasião?

— Santo Deus — disse Mildred Berggren. — Faz uma eternidade. O segundo marido e o filho olharam a foto por cima de seu ombro.

— Era uma viagem de núpcias. Fomos a Estocolmo e a Sigtuna de carro, estávamos voltando e simplesmente paramos em qualquer lugar. O senhor disse Hedestad?

— Sim, Hedestad. Essa foto foi tirada por volta da uma da tarde. Já há algum tempo venho tentando identificar a senhora. Não foi nada fácil.

— Descobriu uma velha foto minha e me encontrou. Nem consigo imaginar como fez isso.

Mikael mostrou-lhe a foto do estacionamento.

— Foi graças a esta outra foto, tirada um pouco mais tarde no mesmo dia, que pude seguir sua pista. — Mikael explicou como, através da Marcenaria de Norsjö, encontrara

Hartman, que, por sua vez, o levou a Henning Forsman em Norjösvallen.

— Suponho que tenha uma boa razão para estar fazendo essa estranha pesquisa.

— De fato. A jovem na foto diante da senhora chamava-se Harriet. Ela desapareceu nesse dia e muitos acham que foi morta. Por favor, deixe que eu lhe mostre.

Mikael pegou seu notebook e, enquanto o computador iniciava, foi explicando todo o contexto da história. Depois passou a sequência que mostrava a mudança de expressão do rosto de Harriet.

— Foi ao examinar essas fotos antigas que eu a vi. A senhora está bem atrás de Harriet, tem na mão uma máquina fotográfica e parece estar fotografando justamente o que ela está vendo e que provocou essa reação nela. Sei que é uma aposta insensata. Mas a razão que me levou a procurá-la é que talvez a senhora ainda conserve as fotos desse dia.

Mikael esperava que Mildred Berggren abanasse as mãos dizendo que não sabia o que fora feito das fotos, que as jogara fora ou que o filme nunca fora revelado. Em vez disso, ela fitou Mikael com seus olhos azul-claros e anunciou, como se fosse a coisa mais natural do mundo, que ainda guardava todas as fotos de suas viagens.

Foi até outro cômodo e voltou depois de um minuto ou dois com uma caixa contendo álbuns onde havia um grande número de fotos. Não demorou muito para encontrar as da viagem a Hedestad. Ela tirara três fotos na cidade. Uma estava desfocada e mostrava a rua principal. Na outra estava seu ex-marido. Na terceira, viam-se os palhaços no desfile.

Mikael se aproximou, muito excitado. Viu uma pessoa do outro lado da rua. A foto não lhe dizia absolutamente nada.

20. TERÇA-FEIRA 1º DE JULHO — QUARTA-FEIRA 2 DE JULHO

A primeira coisa que Mikael fez de manhã assim que chegou a Hedestad foi procurar Dirch Frode para ter notícias de Henrik Vanger. O estado de saúde do velho havia melhorado consideravelmente durante a semana. Ainda estava fraco e frágil, mas já podia se sentar na cama. Seu estado não era mais considerado crítico.

— Graças a Deus! — disse Mikael. — Descobri que gosto muito dele.

— Eu sei. Henrik também gosta de você — respondeu Frode balançando a cabeça. — E a viagem ao Grande Norte, como foi?

— Bem-sucedida e insatisfatória. Mais tarde eu conto. Agora tenho uma pergunta a lhe fazer.

— Diga.

— O que acontecerá à *Millennium* se Henrik falecer?

— Nada de especial. Martin assumirá o lugar dele no conselho administrativo.

— Há um risco, mesmo hipotético, de que Martin crie problemas para a *Millennium* se eu não parar de investigar o desaparecimento de Harriet Vanger?

Dirch Frode lançou um olhar inquiridor a Mikael.

— O que aconteceu?

— Para dizer a verdade, nada. — Mikael relatou a conversa que teve com Martin na noite de São João. — Quando voltei de Norsjö, Erika me telefonou para dizer que Martin entrou em contato com ela e lhe pediu que insistisse comigo que eles estão precisando de mim na redação.

— Entendo. Suponho que Cecilia foi importuná-lo. Mas não acredito que Martin faria barganhas. Ele é muito honesto para isso. E lembre-se que eu também participo do conselho administrativo da pequena sociedade paralela que criamos no momento que entramos na *Millennium.*

— Mas, caso a situação se complique, qual seria a posição dele?

— Contratos são feitos para ser respeitados. Trabalho para Henrik. Ele e eu somos amigos há quarenta e cinco anos e atuamos mais ou menos da mesma forma nesse tipo de contexto. Se Henrik morrer, serei eu, e não Martin, o sucessor dele na sociedade paralela. O contrato estipula claramente que nos comprometemos a gerar recursos para a *Millennium* durante quatro anos. Se Martin quiser criar obstáculos — o que não acredito —, poderá, teoricamente, barrar a entrada de alguns novos anunciantes.

— O que é a base da existência da *Millennium.*

— Sim, mas considere as coisas deste modo: entregar-se a tais baixezas toma tempo. Martin está lutando por sua própria sobrevivência industrial e trabalha catorze horas por dia. Não tem tempo de se dedicar a outras coisas.

Mikael ficou em silêncio, pensativo.

— Se me permite uma pergunta: sei que isto não me diz respeito, mas qual é a situação geral do grupo?

Dirch Frode assumiu um ar mais grave.

— Estamos com problemas.

— Certo, mesmo um simples jornalista econômico como eu percebeu isso. Mas até que ponto são problemas sérios?

— Promete que fica entre nós?

— Com certeza.

— Nas últimas semanas perdemos dois grandes pedidos na indústria eletrônica e estamos sendo ejetados do mercado russo. Em setembro, seremos obrigados a demitir mil e seiscentos funcionários em Örebro e em Trollhättan. Uma triste recompensa para pessoas que trabalham há tantos anos no grupo. Sempre que fechamos uma fábrica, a confiança no grupo fica abalada.

— Martin está sob pressão?

— É um boi de carga pisando em ovos.

Mikael voltou para casa e ligou para Erika. Ela não estava na redação e ele discutiu o assunto com Christer Malm.

— E o seguinte: Erika me telefonou ontem quando voltei de Norsjö. Martin Vanger conversou com ela e a estimulou, por assim dizer, a propor que eu voltasse a trabalhar na redação.

— É o que eu também acho — disse Christer.

— Entendo. Mas o fato é que tenho um contrato com Henrik Vanger que não posso romper e Martin age a pedido de uma pessoa que deseja que eu pare de investigar e desapareça da aldeia. A proposta dele, portanto, não passa de uma tentativa de me afastar daqui.

— Entendo.

— Diga a Erika que só voltarei para Estocolmo quando eu tiver terminado tudo, não antes.

— Está bem, transmitirei seu recado. Mas você é completamente louco.

— Christer, está acontecendo algo aqui, e eu não tenho a menor intenção de recuar.

Christer deu um forte suspiro.

Mikael foi procurar Martin Vanger. Eva Hassel abriu a porta e o saudou amigavelmente.

— Bom dia. Martin está?

Em resposta à pergunta, Martin apareceu com sua pasta de executivo na mão. Beijou o rosto de Eva e cumprimentou Mikael.

— Estou indo para o escritório. Quer falar comigo?

— Posso esperar, se está com pressa.

— Vamos, fale.

— Não tenho a intenção de voltar para a redação da *Millennium* antes de terminar o trabalho que Henrik me confiou. Aviso desde já, para que não conte comigo no conselho administrativo antes do fim do ano.

Martin Vanger balançou-se nos calcanhares para a frente e para trás.

— Entendo. Acha que estou querendo me livrar de você. — Fez uma pausa. — Mikael, falaremos disso mais tarde. Não tenho realmente tempo para me dedicar a uma atividade no conselho administrativo da revista e preferia não ter aceitado a proposta de Henrik. Mas, acredite, farei o melhor que puder para que a *Millennium* sobreviva.

— Nunca duvidei disso — respondeu Mikael polidamente.

— Faremos uma reunião na semana que vem para avaliar toda a situação financeira e depois eu lhe darei uma opinião a esse respeito. Mas acredito sinceramente que a *Millennium* não pode se dar ao luxo de ter um de seus principais representantes ocioso aqui em Hedebyön. Gosto da revista e estou certo de que poderemos recuperá-la, mas você é indispensável para esse trabalho. Quanto a mim, vejo-me pressionado por um conflito de interesses: seguir a vontade de Henrik ou cumprir meu trabalho no conselho administrativo da *Millennium.*

Mikael vestiu uma roupa esportiva e saiu para praticar *jogging* até a Fortificação. Depois passou pela cabana de Gottfried antes de voltar, num ritmo mais lento, beirando a praia. Dirch Frode estava sentado à mesa do jardim. Ele esperou pacientemente que Mikael esvaziasse uma garrafa de água e enxugasse o rosto.

— Tem certeza de que é bom para a saúde com esse calor?

— Ora, vamos! — respondeu Mikael.

— Eu me enganei. Não é Cecilia quem está importunando Martin. É Isabella que está mobilizando todo o clã Vanger para arrancar as suas penas e, se possível, assar você na panela. Ela é apoiada por Birger.

— Isabella?

— É uma mulher maldosa e mesquinha que, de modo geral, não gosta de ninguém. Neste momento, o ódio dela se dirige a você em particular. Espalhou boatos de que você é um vigarista que convenceu Henrik a contratá-lo e que o excitou a ponto de causar-lhe um infarto.

— E alguém acreditou nisso?

— Há sempre gente pronta a acreditar nas más-línguas.

— Estou tentando descobrir o que aconteceu com a filha dela e ela me odeia. Se fosse a minha filha, acho que eu reagiria de outro modo.

* * *

Por volta das duas da tarde, o celular de Mikael tocou.

— Bom dia, meu nome é Cony Torsson, trabalho no *Hedestads-Kuriren.* Teria um tempinho para responder a algumas perguntas? Obtivemos informações confidenciais de

que está morando aqui na aldeia.

— Nesse caso as informações demoraram um pouco a chegar. Estou morando aqui desde 1º de janeiro.

— Eu não sabia. E o que faz em Hedeby?

— Estou escrevendo. E tendo uma espécie de ano sabático.

— Está escrevendo sobre o quê?

— Saberá quando for publicado.

— Você acaba de sair da prisão...

— E...?

— Qual é a sua opinião sobre jornalistas que falsificam dados?

— Jornalistas que falsificam dados são imbecis.

— Está querendo dizer que é um imbecil?

— Por que eu diria isso? Nunca falsifiquei dados.

— Mas foi condenado por difamação.

— E...?

O repórter Conny Torsson hesitou tanto tempo que Mikael foi obrigado a explicar.

— Fui condenado por difamação, não por ter falsificado dados.

— Mas publicou esses dados.

— Se telefonou para falar da minha condenação, não tenho nenhum comentário a fazer.

— Gostaria de entrevistá-lo.

— Sinto muito, nada tenho a dizer sobre esse assunto.

— Então não quer conversar sobre o processo?

— Isso mesmo — respondeu Mikael, pondo fim à conversa. Ele refletiu um bom tempo antes de voltar ao computador.

Lisbeth Salander seguiu as instruções que lhe deram e cruzou a ponte na sua Kawasaki. Parou diante da primeira casa à esquerda. Era um lugar distante, mas estaria disposta a ir ao Pólo Norte se estivesse sendo paga para isso. Além do mais, fora bom correr a toda a velocidade pela rodovia E4. Estacionou a moto e desatou a correia que prendia sua sacola de viagem.

Mikael Blomkvist abriu a porta e acenou com a mão. Saiu e inspecionou a moto com um assombro sincero.

— Uau! Você veio de moto!

Lisbeth Salander não disse nada, mas observou-o atentamente tocar o volante e experimentar o acelerador. Ela não gostava que mexessem nas suas coisas, mas viu o sorriso dele, um sorriso de garoto, e considerou aquilo como uma circunstância atenuante. Em geral, as pessoas interessadas por motocicletas sentiam desprezo pela sua moto de baixa cilindrada.

— Quando eu tinha dezenove anos, tive uma moto — disse Mikael virando-se para ela. — Obrigado por ter vindo. Entre. Vou mostrar a casa.

Mikael pedira emprestada uma cama de armar a Nilsson, do outro lado da estrada, e a instalara na saleta de trabalho. Desconfiada, Lisbeth Salander deu uma volta pela casa, mas relaxou após constatar que não havia nenhuma armadilha. Mikael indicou o banheiro.

— Não quer tomar um banho e se refrescar?

— Preciso me trocar. Não pretendo ficar com este macacão de couro.

— Vá, enquanto isso eu vou fazendo o jantar.

Mikael preparou costeletas de cordeiro ao molho de vinho tinto e pôs a mesa fora, enquanto Lisbeth tomava um banho e trocava de roupa. Saiu de pés descalços, vestindo uma regata preta e uma saia jeans curta. O cheiro da comida era bom e ela devorou duas porções. Mikael observou discretamente sua tatuagem nas costas.

Cinco mais três — disse Lisbeth Salander. — Cinco casos da lista da sua Harriet e mais três que, na minha opinião, também deveriam figurar.

— Me conte tudo.

— Faz apenas onze dias que trabalho nisso e não tive tempo de ver todos os inquéritos policiais. Alguns foram transferidos para os arquivos nacionais, outros ainda estão no distrito responsável pelo caso. Em um dia visitei três distritos diferentes, não deu tempo de fazer mais. Mas os cinco estão identificados.

Lisbeth Salander pôs uma pilha impressionante de papéis sobre a mesa, mais de quinhentas folhas de papel ofício. Rapidamente distribuiu o material em diferentes partes.

— Vamos ver por ordem cronológica. — Ela entregou uma lista a Mikael.

1949 — Rebecka Jacobsson, Hedestad (30112)

1954 — Mari Holmberg, Kalmar (32018)

1957 — Rakel Lunde, Landskrona (32027)

1960 — (Magda) Lovisa Sjöberg, Karlstad (32016)

1960 — Liv Gustavsson, Estocolmo (32016)

1962 — Lea Persson, Uddevalla (31208)

1964 — Sara Witt, Ronneby (32109)

1966 — Lena Andersson, Uppsala (30112)

— O primeiro caso dessa série parece ser Rebecka Jacobsson, 1949, do qual você já conhece os detalhes. O caso seguinte que encontrei é Mari Holmberg, uma prostituta de

trinta e dois anos de Kalmar, morta em sua casa em outubro de 1954. Não se sabe exatamente quando ela foi assassinada, pois só foi encontrada algum tempo depois, provavelmente nove ou dez dias.

— E como você fez a ligação entre ela e a lista de Harriet?

— Ela tinha as mãos e os pés amarrados e o corpo coberto de ferimentos terríveis, mas a causa da morte foi asfixia. O assassino enfiou um guardanapo na garganta dela.

Mikael ficou em silêncio antes de abrir a Bíblia no local indicado, capítulo XX do *Levítico,* versículo 18.

"Se um homem dormir com uma mulher durante o tempo de sua menstruação e vir a sua nudez, descobrindo o seu fluxo e descobrindo-o ela mesma, serão ambos cortados do meio de seu povo."

Lisbeth concordou com a cabeça.

— Harriet Vanger fez a mesma ligação. Bem, vamos ao próximo.

— Maio de 1957, Rakel Lunde, quarenta e cinco anos. Era dona de casa e considerada uma espécie de excêntrica da região. Via a sorte das pessoas consultando as cartas, lendo a mão e coisas do gênero. Rakel morava numa casa bem isolada na periferia de Landskrona, onde foi morta ao amanhecer. Encontraram-na nua e amarrada a um varal de roupa no pátio, com a boca tapada por uma fita adesiva. Causa da morte: foi agredida com uma pedra pesada várias vezes. Apresentava várias contusões e fraturas.

— Que horror, Lisbeth! Tudo isso é monstruoso.

— E é só o começo. As iniciais RL coincidem — achou a citação?

— É evidente. *"Qualquer homem ou mulher que evocar os espíritos ou fizer adivinhações, será morto. Serão apedrejados e levarão a sua culpa."*

— A seguir vem Lovisa Sjöberg em Ranmo, perto de Karlstad. É a que Harriet se refere como Magda. Seu nome completo era Magda Lovisa, mas todos a chamavam de Lovisa.

Mikael escutou com atenção Lisbeth relatar os detalhes bizarros do assassinato de Karlstad. Quando ela acendeu um cigarro, ele a interrogou com o olhar, mostrando o maço. Ela o empurrou para ele.

— Então o assassino também atacou o animal?

— A Bíblia diz que, se uma mulher se acasala com um animal, os dois serão mortos.

— Mas é pouco provável que essa mulher tenha se acasalado com uma vaca!

— A citação pode ser interpretada em sentido amplo. Basta que ela tenha entrado em contato com um animal, o que uma proprietária rural certamente precisa fazer todos os dias.

— Certo. Continue.

— O próximo caso da lista de Harriet é Sara. Identifiquei-a como Sara Witt, trinta e sete anos, residente em Ronneby. Foi morta em janeiro de 1964. Encontraram-na amarrada à cama. Sofreu graves sevícias sexuais, mas a causa da morte foi asfixia. Morreu estrangulada. O assassino também provocou um incêndio criminoso. A intenção era que a casa toda queimasse, só que uma parte do fogo só extinguiu sozinha e outra parte foi controlada pelos bombeiros.

— E a ligação?

— Escute mais um pouco. Sara Witt era filha de pastor e mulher de pastor. O marido estava fora justamente naquele fim de semana.

— *"Se a filha de um sacerdote se desonrar pela prostituição, ela desonra o pai; será queimada no fogo."* De fato, confere com a lista. Você disse que descobriu outros casos.

— Descobri outras três mulheres mortas em circunstâncias tão estranhas que poderiam ter figurado na lista de Harriet. O primeiro caso é o de uma jovem chamada Liv Gustavsson. Ela tinha vinte e dois anos e morava em Farsta.

Era apaixonada por equitação; participava de competições e era muito bem-dotada. Tinha também uma pequena *pet shop* com a irmã.

— E?

— Foi encontrada na loja, onde ficara sozinha até mais tarde fazendo a contabilidade. Deve ter deixado o assassino entrar voluntariamente. Foi estuprada e estrangulada.

— Isso não parece ter muito a ver com a lista de Harriet.

— Não, se não fosse por uma coisa. O assassino encerrou seu trabalho enfiando um periquito na vagina dela e soltando todos os animais que havia na loja. Gatos, tartarugas, *hamsters,* coelhos, aves. Até os peixes do aquário. Imagine o espetáculo terrível que a irmã presenciou na manhã seguinte.

Mikael assentiu com a cabeça.

— Ela foi morta em agosto de 1960, quatro meses depois do assassinato de Magda Lovisa em Karlstad. Nos dois casos, trata-se de mulheres cuja profissão as punham em contato com animais, e em ambos houve sacrifício de animais. A vaca em Karlstad sobreviveu, é verdade, mas imagino que seja bem difícil matar uma vaca com uma simples facada. Matar um periquito é mais fácil. Sem contar que há um outro sacrifício de animal na lista.

— Qual?

— Lisbeth contou do estranho "Crime do pombo" de Lea Persson em Uddevalla. Mikael ficou refletindo tanto tempo em silêncio que Lisbeth se impacientou.

— Certo, concordo com a sua teoria — ele acabou por dizer. — Há mais um caso.

— Um dos que descobri. Não sei quantos outros me escaparam.

— Me conte.

— Fevereiro de 1966, em Uppsala. A vítima, a mais jovem de todas, foi uma colegial de dezessete anos chamada Lena Andersson. Desapareceu após uma festa da sua turma e foi encontrada três dias depois numa vala da planície de Uppsala, bastante longe da cidade. Foi morta em outro lugar e levada para lá.

Mikael assentiu com a cabeça.

— Esse assassinato deu o que falar, mas as circunstâncias exatas sobre a morte nunca foram divulgadas. A moça foi torturada de maneira atroz. Li o relatório do legista. Foi torturada com fogo; as mãos e os seios estavam gravemente queimados e o corpo apresentava queimaduras em diversos pontos. Foram encontradas manchas de estearina, sugerindo que uma vela deve ter sido utilizada, mas as mãos estavam tão carbonizadas

que certamente foram postas num fogo mais intenso. Para terminar, o assassino serrou a cabeça e a deixou ao lado do corpo. Mikael empalideceu.

— Meu Deus! — disse.

— Não encontrei nenhuma citação bíblica que encaixe, mas há várias passagens que falam de imolação e de sacrifício pelo pecado, e em alguns trechos se preconiza que o animal de sacrifício, geralmente um touro, seja decepado de modo que *a cabeça se separe da gordura.* A utilização do fogo lembra também o primeiro assassinato, o de Rebecka aqui em Hedestad.

Quando os mosquitos começaram sua dança noturna, Mikael e Lisbeth deixaram a mesa de jardim e se instalaram na cozinha para continuar a conversa.

— O fato de você não ter encontrado uma citação bíblica exata não quer dizer grande coisa. Não se trata de citações, mas de uma paródia grotesca do que diz a Bíblia; são mais associações com versículos esparsos.

— Eu sei. Um exemplo dessa falta de lógica é a citação de que os dois devem ser exterminados se um homem faz amor com uma mulher menstruada. Se interpretarmos literalmente, o assassino deveria ter se suicidado.

— E tudo isso nos leva a quê? — perguntou Mikael.

— Ou a sua Harriet tinha o estranho *hobby* de colecionar citações bíblicas para associá-las a vítimas de crimes dos quais ouviu falar, ou ela sabia da existência de uma ligação entre os crimes.

— Entre 1949 e 1966, talvez antes e depois também, teria existido um louco furioso e sádico que andou com uma Bíblia debaixo do braço matando mulheres durante dezessete anos sem que ninguém tivesse feito uma ligação entre os crimes. Parece inacreditável.

Lisbeth Salander afastou a cadeira e foi buscar café no fogão. Acendeu um cigarro e soprou a fumaça ao redor. Mikael praguejou por dentro e lhe pediu mais um cigarro.

— Não, não é nada inacreditável. Primeiro — disse ela erguendo o polegar —, há dezenas e dezenas de assassinatos de mulheres não solucionados na Suécia do século XX. Certa vez ouvi Persson, o professor de criminologia, dizer na tevê que os assassinos seriais são muito raros na Suécia, embora alguns jamais tenham sido identificados.

Mikael assentiu com a cabeça. Ela levantou um segundo dedo.

— Esses crimes foram cometidos num período muito longo e em diferentes regiões do país. Dois ocorreram sucessivamente em 1960, mas em circunstâncias relativamente diferentes — uma camponesa em Karlstad e uma moça de vinte e dois anos apaixonada por equitação em Estocolmo.

Três dedos.

— Não há um esquema claro, marcante. Os crimes foram cometidos de formas diferentes e não há uma verdadeira assinatura, apesar de alguns elementos retornarem toda vez. Animais. Fogo. Violências sexuais graves. E, como você disse, uma paródia de conhecimentos bíblicos. Mas, pelo que se sabe, nenhum dos investigadores da polícia usou a Bíblia para interpretar os crimes.

Mikael concordou com a cabeça e a examinou discretamente. Com seu corpo frágil, sua regata preta, as tatuagens e os piercings no rosto, Lisbeth Salander era de fato uma figura estranha na casa dos convidados em Hedeby. Quando ele tentara ser sociável durante o jantar, ela permaneceu taciturna e mal respondeu. Mas trabalhando era uma profissional dos pés à cabeça. Seu apartamento em Estocolmo parecia uma ruína após um bombardeio, porém Mikael foi obrigado a reconhecer que Lisbeth Salander tinha a cabeça muito bem organizada. *Que estranho!*

— É difícil ver a relação entre uma prostituta de Uddevalla assassinada atrás de um container num terreno baldio industrial e a mulher do pastor de Ronneby estrangulada e vítima de um incêndio criminoso. A menos que encontremos a chave que Harriet nos deixou, é claro.

— O que nos leva à próxima questão — disse Lisbeth.

— Como Harriet foi se envolver com toda essa merda? Ela, uma menina de dezesseis anos que vivia num meio bastante protegido.

— Só há uma resposta — disse ela. Mikael assentiu com a cabeça outra vez.

— Existe, necessariamente, uma ligação com a família Vanger.

Por volta das onze da noite, eles haviam repassado a série de crimes e discutido relações e detalhes curiosos, a ponto de os pensamentos girarem sem parar na cabeça de Mikael. Ele esfregou os olhos, se espreguiçou e perguntou se Lisbeth não tinha vontade de dar uma caminhada. Ela pareceu achar esse tipo de exercício uma perda de tempo, mas, depois de refletir um instante, concordou. Mikael sugeriu que ela vestisse uma calça comprida por causa dos mosquitos.

Deram uma volta pelo porto de recreio, passaram junto à ponte e seguiram em direção ao promontório onde Martin Vanger morava. Mikael apontou as casas e contou quem eram seus moradores. Teve dificuldade de falar sobre Cecilia Vanger quando mostrou sua casa. Lisbeth olhou para ele discretamente.

Passaram em frente ao luxuoso iate de Martin Vanger e chegaram ao promontório, onde se sentaram numa pedra e dividiram um cigarro.

— Há um outro tipo de ligação entre as vítimas — disse Mikael de repente. — Talvez já tenha lhe ocorrido isso.

— O quê?

— Os prenomes.

Lisbeth Salander refletiu por um instante e depois balançou negativamente a cabeça.

— Todas têm prenomes bíblicos.

— Não, não é verdade — respondeu Lisbeth vivamente. — Não há nem Liv nem Lena na Bíblia.

— Pois eu digo que sim — replicou Mikael. — Liv significa "viver", que é o sentido bíblico do prenome Eva. E, pense um pouco, Lisbeth: Lena é uma redução de quê?

Lisbeth Salander contraiu os olhos com força, irritada consigo mesma. Mikael raciocinara mais rápido que ela, e ela não gostava disso.

— De Magdalena, assim como Magda. Ou seja, Madalena — ela disse.

— A pecadora, a primeira mulher, a Virgem Maria... eis todas elas reunidas. É uma história bem maluca, capaz de fundir a cabeça de qualquer psicólogo. Mas, na verdade,

ainda estou pensando em outra coisa sobre os prenomes.

Lisbeth aguardou pacientemente.

— São também prenomes femininos judaicos tradicionais. A família Vanger teve um bom contingente de doidos anti-semitas, nazistas e teóricos da conspiração. Harald Vanger, no topo da lista, tem mais de noventa anos e estava no auge de sua forma nos anos 1960. A única vez em que o encontrei, disse com desprezo que sua filha era uma puta. Ele claramente tem problemas com as mulheres.

De volta à casa, eles prepararam sanduíches e esquentaram o café. Mikael lançou um olhar às quinhentas páginas que a investigadora favorita de Dragan Armanskij havia produzido.

— Fez um trabalho de pesquisa fantástico num tempo recorde. Obrigado. E obrigado também pela gentileza de vir até aqui me trazer o relatório.

— E o que faremos agora? — perguntou Lisbeth.

— Falarei com Dirch Frode amanhã de manhã para que paguem você.

— Não foi isso que eu quis dizer. Mikael olhou para ela.

— Bem... o trabalho de pesquisa para o qual eu a contratei terminou — ele disse com prudência.

— Ainda não acabei de resolver essa história.

Mikael inclinou-se para trás no banco da cozinha e sondou os olhos dela. Não conseguiu detectar absolutamente nada. Durante seis meses havia trabalhado sozinho no desaparecimento de Harriet e de repente outra pessoa — uma investigadora habilidosa — captava todas as implicações do caso. Ele tomou uma súbita decisão.

— Entendo. Essa história também está mexendo com os meus nervos. Falarei com Dirch Frode amanhã. Contrataremos você por mais uma semana ou duas como... humm... assistente de pesquisa. Não sei se ele está disposto a pagar o mesmo que paga a Armanskij, mas daremos um jeito de conseguir uma remuneração satisfatória.

Lisbeth agradeceu com um breve sorriso. Ela não tinha a menor vontade de ficar inativa e teria aceitado de bom grado o trabalho de graça.

— Vou dormir — ela anunciou. E, sem dizer mais nada, foi para o quarto e fechou a porta.

Dez minutos depois, abriu a porta e pôs a cabeça para fora.

— Acho que você está enganado. Ele não é um assassino serial, um doente que leu a Bíblia demais. É simplesmente um canalha ordinário que odeia as mulheres.

21. QUINTA-FEIRA 3 DE JULHO — QUINTA-FEIRA 10 DE JULHO

Lisbeth Salander acordou antes de Mikael, às seis da manhã. Pôs a água do café para esquentar e tomou um banho. Quando Mikael acordou por volta das sete e meia, encontrou-a lendo seu resumo do caso Harriet Vanger no notebook. Foi até a cozinha, com uma toalha de banho em volta da cintura, e esfregou os olhos para espantar o sono.

— O café está pronto — disse Lisbeth. Mikael olhou por cima do ombro dela.

— Esse documento estava protegido por uma senha de acesso — disse. Ela virou a cabeça e olhou para ele.

— Em trinta segundos pode-se baixar um programa na internet que abre as senhas do Word — ela disse.

— Nós dois precisamos ter uma conversinha sobre o que lhe pertence e o que me pertence — disse Mikael, e foi tomar seu banho.

Quando voltou, Lisbeth já havia fechado e recolocado o computador de Mikael na saleta de trabalho, e trabalhava no seu próprio Powerbook. Ele podia jurar que ela já havia transferido todo o conteúdo do seu computador para o dela.

Lisbeth Salander era uma *junkie* da informática com uma concepção muito liberal a respeito de moral e ética.

* * *

Mikael tinha acabado de se sentar à mesa para tomar o café-da-manhã, quando bateram à porta. Ao abrir, deu com um Martin Vanger tão crispado que, por um instante, acreditou que ele vinha anunciar a morte de Henrik.

— Não, o estado de Henrik continua o mesmo. Venho por outro motivo. Será que posso entrar um momento?

Mikael o fez entrar e o apresentou à sua "colaboradora" Lisbeth Salander. Ela o cumprimentou com um breve aceno de cabeça antes de voltar ao computador. Martin Vanger respondeu com uma saudação automática, mas dava a impressão de estar tão distraído que nem pareceu notá-la. Mikael serviu-lhe uma xícara de café e o convidou a se sentar.

— O que aconteceu?

— Você é assinante do *Hedestads-Kuriren?*

— Não. Leio o jornal de vez em quando no Café Susanne.

— Então não leu a edição de hoje?

— Pelo jeito, acho que eu deveria ter lido.

Martin Vanger pôs o *Hedestads-Kuriren* em cima da mesa, na frente de Mikael. Havia duas colunas dedicadas a ele na primeira página, com uma continuação na página 4. Ele leu a manchete.

JORNALISTA CONDENADO POR DIFAMAÇÃO SE ESCONDE ENTRE NÓS

O texto era ilustrado por uma foto de Mikael saindo de casa, tirada da igreja, do outro lado da ponte, com teleobjetiva.

O repórter Conny Torsson traçava um perfil grosseiro e devastador de Mikael. O artigo recapitulava o caso Wennerström, sublinhava que Mikael deixara a *Millennium* com o rabo entre as pernas e que acabava de amargar uma pena de prisão. O texto terminava informando, segundo a fórmula-padrão, que Mikael se recusara a conceder uma entrevista ao *Hedestads-Kuriren.* A idéia da matéria era fazer o habitante de Hedestad acreditar que um vagabundo da capital, um indivíduo perigoso, se encontrava nas imediações. Nenhuma das afirmações era abertamente caluniosa, mas todas procuravam jogar uma luz suspeita sobre Mikael; a foto e o texto adotavam a linha "descrição de terroristas políticos". *A Millennium* era apresentada como uma "revista de agitadores" pouco digna de crédito, e o livro de Mikael sobre jornalismo econômico como um amontoado de afirmações destinadas a denegrir jornalistas respeitados.

— Mikael... não tenho palavras para dizer o que senti quando li esse artigo. É ignóbil.

— É cobra mandada — respondeu Mikael calmamente. Ele perscrutou Martin Vanger com o olhar.

— Espero que não pense que eu tenho algo a ver com isso. Mal consegui engolir meu café hoje de manhã, ao ler o jornal.

— Quem teria sido?

— Dei alguns telefonemas agora há pouco. Conny Torsson está cobrindo férias de verão. Mas ele fez esse trabalho a pedido de Birger.

— Não sabia que Birger tinha influência na redação. Pensei que fosse apenas conselheiro municipal e político.

— Formalmente não tem influência alguma. Mas o redator-chefe do *Kuriren* é Gunnar Karlman, filho de Ingrid Vanger, do ramo Johan Vanger. Birger e Gunnar são amigos íntimos há muitos anos.

— Entendo.

— Torsson será despedido imediatamente.

— Que idade ele tem?

— Não sei. Para dizer a verdade, nunca o vi.

— Não o demita. Quando ele me telefonou, parecia bastante jovem e um repórter pouco experiente.

— Mas isso não pode ficar assim.

— Se quer saber minha opinião, acho um pouco absurdo o redator-chefe de um jornal que pertence à família Vanger atacar outro periódico que tem Henrik Vanger como sócio e de cujo conselho administrativo você participa. O redator-chefe Karlman está atacando Henrik e você.

Martin Vanger pesou as palavras de Mikael e assentiu lentamente com a cabeça.

— Entendo o que quer dizer. Eu deveria apurar melhor as responsabilidades. Karlman tem participações no grupo e sempre tentou me atacar pelas costas, mas isso está me parecendo mais uma vingança do Birger por você ter batido boca com ele no corredor do hospital. Para ele, você é uma pedra no sapato.

— Sim, e é por isso que acho Torsson o mais inocente de todos. É muito raro um jovem jornalista substituto dizer não quando o redator-chefe lhe ordena que escreva desse ou daquele modo.

— Posso exigir que lhe apresentem desculpas públicas nas páginas de amanhã.

— Não faça isso. O único resultado seria uma luta interminável, o que só pioraria a situação.

— Está querendo me dizer que não devo fazer nada?

— Sim, será melhor. Karlman inventará histórias, e você corre o risco de ser classificado como um proprietário com vontade de influenciar de maneira ilícita a opinião do público.

— Desculpe, Mikael, mas não concordo com você. Também tenho o direito de emitir minha opinião. Acho esse artigo imundo e tenho a intenção de deixar bem claro o que penso. Afinal, sou o suplente de Henrik na direção da *Millennium* e não posso me calar diante dessas insinuações.

— Tudo bem.

— Vou exigir direito de resposta. E, se eu fizer Karlman parecer um idiota, a culpa é dele.

— Certo, aja de acordo com as suas convicções.

— Para mim também é importante que você saiba que eu nada tive a ver com esse ataque infame.

— Acredito em você — disse Mikael.

— Além do mais, não vou discutir o assunto agora, mas isso remete à nossa conversa de antes. E importante que você volte à redação da *Millennium* para que possamos montar uma frente unida. Enquanto estiver ausente, os boatos vão continuar. Acredito na *Millennium* e estou convencido de que podemos vencer essa batalha juntos.

— Entendo seu ponto de vista, mas agora é a minha vez de discordar. Não posso romper meu contrato com Henrik e na verdade também não desejo rompê-lo. Gosto dele, você sabe. E essa história da Harriet...

— Sim?

—— Sei que é uma história penosa para você e sei que Henrik está obcecado há anos por ela.

— Cá entre nós, gosto de Henrik e ele é o meu mentor, mas, no que diz respeito a Harriet, essa obsessão virou uma ocupação de aposentado.

— Quando comecei esse trabalho, achei que seria uma perda de tempo. Mas o fato é que, contra todas as expectativas, encontramos novidades. Acho que estamos perto de uma descoberta e que talvez seja possível explicar o que aconteceu.

— Não quer me dizer o que foi que descobriu?

— De acordo com o contrato, não posso falar disso com ninguém sem o consentimento de Henrik.

Martin Vanger pôs a mão no queixo. Mikael viu dúvida nos olhos dele, mas por fim Martin se decidiu.

— Certo, nesse caso o melhor a fazer é resolver primeiro o mistério de Harriet. Darei todo o apoio que puder para que você termine o trabalho de forma satisfatória, o mais rápido possível, e em seguida retorne à *Millennium.*

— Que bom. Não tenho vontade de ser obrigado a lutar contra você também.

— Não será necessário. Tem meu inteiro apoio. Pode me procurar quando quiser, se tiver problemas. Pressionarei Birger para que não crie mais obstáculos. E tentarei acalmar Cecilia.

— Obrigado. Preciso fazer umas perguntas a ela, mas há um mês vem evitando minhas tentativas de conversa.

Martin Vanger sorriu.

— Talvez tenha outras coisas a acertar com ela. Mas não é da minha conta.

Despediram-se com um aperto de mão.

Lisbeth Salander havia escutado em silêncio a conversa entre Mikael e Martin Vanger. Assim que o industrial foi embora, ela pegou o *Hedestads-Kuriren* e leu o artigo. A seguir, largou o jornal sem fazer nenhum comentário.

Mikael não disse nada. Ele refletia. Gunnar Karlman nascera em 1942, portanto tinha vinte e quatro anos em 1966. Também era uma das pessoas presentes na ilha quando Harriet desapareceu.

Depois do café-da-manhã, Mikael incumbiu sua colaboradora de ler o inquérito policial. Fez uma triagem do material e lhe passou os arquivos que enfocavam o desaparecimento de Harriet. Passou-lhe também todas as fotos do acidente na ponte, bem como a longa síntese que escreveu com base nas investigações particulares de Henrik.

Depois Mikael foi à casa de Dirch Frode e o convenceu a redigir um contrato determinando a contratação de Lisbeth como colaboradora por um mês.

Ao voltar à casa dos convidados, encontrou Lisbeth no jardim, mergulhada no inquérito policial. Mikael entrou para esquentar o café e a espiou pela janela da cozinha. Ela parecia percorrer o inquérito superficialmente, não dedicando mais que dez ou quinze segundos a cada página. Folheava o documento de maneira automática. Mikael achou estranha essa negligência, ainda mais considerando a aplicação com que realizara sua própria investigação. Levou duas xícaras de café ao jardim e juntou-se a ela.

— O que você escreveu sobre o desaparecimento de Harriet foi escrito antes de perceber que estamos atrás de um assassino serial.

— Exato. Anotei o que me pareceu importante, perguntas que gostaria de fazer a Henrik Vanger et cetera. Como você deve ter percebido, está bem mal estruturado. Na verdade, até agora andei tateando no escuro, e ao mesmo tempo tentando escrever uma história, um capítulo da biografia de Henrik Vanger.

— E agora?

— No começo, todas as investigações estavam centradas em Hedebyön. Agora estou convencido de que a história começou mais cedo no mesmo dia, não na ilha, mas em Hedestad. Isso muda a perspectiva.

Lisbeth assentiu com a cabeça e refletiu por um momento.

— É fantástico o que descobriu com as fotos — ela disse.

Mikael levantou as sobrancelhas. Lisbeth Salander não parecia ser do tipo pródigo em elogios e Mikael sentiu-se estranhamente lisonjeado. Mas, do ponto de vista jornalístico, tratava-se mesmo de uma proeza bastante in-comum.

— Preciso de mais alguns detalhes. Conte o que descobriu sobre a fotografia que foi buscar em Norsjö.

— Está me dizendo que *não* viu essa foto no meu computador?

— Não tive tempo. Preferi me concentrar nos resumos, nas conclusões que tirou.

Mikael suspirou, abriu seu notebook e depois a pasta de fotos.

— A viagem a Norsjö foi ao mesmo tempo um avanço e uma decepção total. Encontrei a foto, mas ela não revela grande coisa. A tal Mildred Berggren conservou todas as suas fotos de viagem num álbum, e ali colou com cuidado toda a coleção. A foto que eu procurava estava lá, tirada com um filme colorido barato. Depois de trinta e sete anos, a cópia está bastante apagada e amarelada, mas Mildred também conservou os negativos numa caixa de sapatos. Ela me emprestou os de Hedestad e eu os escaneei. Aqui está o que Harriet viu.

Ele clicou num arquivo chamado harriet/bd-19.eps.

Lisbeth entendeu a decepção dele. Era uma foto em plano geral, bastante mal enquadrada, mostrando os palhaços no desfile da Festa das Crianças. Ao fundo via-se o canto da loja Sundström. Umas dez pessoas apareciam na calçada em frente à loja.

Mikael apontou com o dedo.

— Acho que foi este o sujeito que ela viu. Primeiro, porque tentei calcular o que ela via baseando-me no rosto dela e na direção para a qual ele estava voltado; fiz um desenho exato do local. Depois, porque ele é a única pessoa que parece olhar diretamente para a máquina fotográfica, ou seja, para Harriet.

Lisbeth viu uma figura imprecisa um pouco recuada atrás dos espectadores, na rua transversal. Vestia uma jaqueta escura com um tom diferente nos ombros, vermelho, e uma calça escura, provavelmente um jeans. Mikael ampliou a imagem para que a figura ocupasse toda a tela a partir da cintura. A imagem ficou ainda mais imprecisa.

— É um homem. Mede cerca de um metro e oitenta, corpulência normal. Cabelos castanho-claros, não muito curtos, sem barba. Mas é impossível distinguir as feições ou mesmo calcular a idade. Pode ser tanto um adolescente quanto um quinquagenário.

— Podemos retocar a foto...

— Já retoquei. Inclusive enviei uma cópia a Christer Malm da *Millennium,* que é um craque em tratamento de imagens. — Mikael clicou em outra foto. — O que vemos aqui é o que se pode obter de melhor. O problema é que a máquina fotográfica é muito ruim e a distância muito grande.

— Mostrou essa foto a alguém? As pessoas podem reconhecer a atitude...

— Mostrei a Dirch Frode. Ele não tem a menor idéia de quem possa ser.

— Dirch Frode não é o cara mais esperto de Hedestad.

— Mas é para ele e para Henrik que eu trabalho. Quero mostrar a foto a Henrik antes de fazê-la circular.

— Talvez seja apenas um simples espectador.

— É possível. Mas nesse caso ele soube provocar uma reação bem estranha em Harriet.

Na semana seguinte, Mikael e Lisbeth trabalharam no caso Harriet praticamente o tempo todo. Lisbeth continuou lendo o inquérito e fez uma série de perguntas às quais Mikael tentou responder. Só podia haver uma verdade e as respostas pouco claras, os dados equívocos os levavam a aprofundar a discussão. Passaram um dia inteiro verificando os horários das pessoas durante o acidente na ponte.

Lisbeth Salander deixava Mikael cada vez mais perplexo. Embora percorresse superficialmente os textos do inquérito, ela parecia deter-se nos detalhes mais obscuros e incompatíveis.

Eles faziam uma pausa à tarde, quando o calor os impedia de continuar no jardim. Várias vezes foram tomar banho no canal ou beber alguma coisa no Café Susanne. Susanne passou a olhar Mikael com uma frieza ostensiva. Ele se deu conta de que Lisbeth parecia mais jovem do que era e estava hospedada em sua casa, o que aos olhos de Susanne o transformava num velho safado que gosta de menininhas. Era desagradável.

Mikael continuava praticando *jogging* todos os fins de tarde. Lisbeth não fazia nenhum comentário sobre esses exercícios quando ele voltava ofegante para casa. Correr não era bem a idéia que ela fazia de um lazer de verão.

— Passei dos quarenta — disse Mikael. — Sou obrigado a fazer exercício para não engordar.

— Ah!

— Não pratica nenhuma atividade física?

— Um pouco de boxe de vez em quando.

— Boxe?

— Sim, sabe, com luvas.

Mikael foi tomar banho e tentou imaginar Lisbeth num ringue. Ela talvez estivesse zombando dele. Uma pergunta se impunha.

— Você boxeia em que categoria de peso?

— Em nenhuma. Sirvo de *sparring* para uns rapazes de um clube de boxe de Söder.

Por que será que eu não me surpreendo?, pensou Mikael. Mas ele constatou que, de qualquer modo, ela acabava de contar alguma coisa sobre si. Ele continuava sem nenhuma informação sobre ela; por que começara a trabalhar para Armanskij, qual era a sua formação ou o que faziam seus pais. Assim que Mikael tentava conversar sobre a vida privada dela, Lisbeth se fechava como uma ostra e respondia por monossílabos ou o ignorava totalmente.

Uma tarde, Lisbeth Salander depositou na mesa um arquivo e olhou para Mikael com uma ruga entre as sobrancelhas.

— O que sabe sobre Otto Falk? O pastor.

— Muito pouco. Encontrei o pastor atual, uma mulher, algumas vezes na igreja no começo do ano. Ela disse que Falk ainda está vivo, mas numa casa de saúde em Hedestad. Alzheimer.

— De onde ele é?

— Daqui, de Hedestad. Estudou em Uppsala e aos trinta anos retornou.

— Ele não era casado. E Harriet o via.

— Por que está perguntando isso?

— Apenas notei que o tira, esse Morell, foi bastante indulgente com ele nos interrogatórios.

— Nos anos 1960, os pastores ainda gozavam de um outro status social. Era natural que ele quisesse morar aqui na ilha, mais perto do poder, digamos assim.

— Fico me perguntando se os policiais realmente revistaram o presbitério. As fotos mostram que era uma grande construção de madeira; lá devia haver muitos lugares onde esconder um corpo por algum tempo.

— É verdade. Mas nada indica que ele tenha tido alguma ligação com assassinatos em série ou com o desaparecimento de Harriet.

— Você se engana — disse Lisbeth com um sorriso no canto dos lábios. — Em primeiro lugar, ele era um pastor, e os pastores, mais do que ninguém, possuem uma relação especial com a Bíblia. Em segundo, foi o último a ter visto Harriet e falado com ela.

— Mas ele foi correndo ao local do acidente e permaneceu ali várias horas. É visto em muitas fotos, sobretudo durante o lapso de tempo em que Harriet deve ter desaparecido.

— Pfff, posso desmontar esse álibi num instante! Mas eu estava pensando em outra coisa. Estamos diante de um matador de mulheres sádico.

— E?

— Eu fui... eu tive um tempo livre na primavera passada e pesquisei coisas sobre sádicos num contexto bem diferente. Um dos documentos que li era um manual do FBI americano que afirmava que um número impressionante de assassinos seriais capturados vêm de lares problemáticos e na infância se comprazem em torturar animais. Além disso, muitos *serial killers* americanos foram presos por incêndios criminosos.

— Sacrifício de animais e sacrifício pelo fogo, é isso que está querendo dizer?

— Sim. Os animais torturados e o fogo constam em vários casos registrados por Harriet. Mas eu pensava mais no presbitério, que foi incendiado no final dos anos 1970.

Mikael refletiu por um momento.

— É muito vago — disse por fim. Lisbeth balançou a cabeça.

— Concordo. Mas vale a pena anotar. Não encontrei nada no inquérito sobre a causa do incêndio e gostaria muito de saber se houve outros incêndios misteriosos nos anos

1960. Seria interessante também descobrirmos sobre se houve casos de crueldade com animais ou amputações de animais nessa época, na região.

Quando Lisbeth foi se deitar na sétima noite em Hedeby, ela estava um pouco irritada com Mikael Blomkvist. Durante uma semana, estivera praticamente todos os minutos do dia com ele, quando em geral sete minutos na companhia de qualquer pessoa bastavam para fazê-la ter dor de cabeça.

Fazia tempo ela constatara que as relações sociais não eram o seu forte e se preparara para uma vida solitária. Sentia-se perfeitamente satisfeita quando as pessoas a deixavam em paz. Mas as pessoas não eram muito perspicazes e compreensivas, o que sempre a obrigava a prevenir-se contra autoridades sociais, autoridades de proteção da infância e da comissão de tutelas, contra o fisco, contra a polícia, curadores, psicólogos, psiquiatras, professores e seguranças que nunca queriam deixá-la entrar nas boates, embora já tivesse vinte e cinco anos (com exceção dos seguranças da Moulin, que a conheciam). Havia todo um exército de gente que parecia não ter mais o que fazer a não ser tentar comandar a sua vida e, se possível, mudar o modo como ela escolhera viver.

Aprendera muito cedo que não adiantava nada chorar. Também aprendera que, sempre que tentou alertar alguém para alguma coisa de sua vida, a situação só piorava. Portanto, ela mesma é que devia resolver seus problemas com os métodos que julgasse necessários. Atitude que o dr. Nils Bjurman pagou caro para descobrir.

Mikael Blomkvist tinha a mesma tendência irritante de todos os outros de fuçar sua vida privada e de fazer perguntas que ela não queria responder. Só que ele não reagia como a maioria dos homens que ela conheceu.

Quando ela ignorava as perguntas, ele se contentava em encolher os ombros, desistia do assunto e a deixava tranquila. *Surpreendente.*

A prioridade de Lisbeth, quando conseguiu se apoderar do notebook dele em seu primeiro dia na casa, era evidentemente transferir todos os dados para o seu próprio computador. Desse modo, seria menos ruim se ele a despedisse; ela continuaria tendo acesso ao material.

Mas em seguida ela o provocou de propósito, lendo ostensivamente os documentos do notebook dele. Esperava que ele fosse ficar furioso. No entanto ele pareceu resignado, resmungou alguma coisa levemente sarcástica e foi tomar um banho, só voltando a abordar o assunto mais tarde. *Cara estranho.* Ela quase concluiu que ele confiava nela.

Mas o fato de ele estar a par de seus talentos como *hacker* era grave. Lisbeth Salander sabia muito bem que o termo jurídico aplicado ao tipo de pirataria que ela praticava, profissionalmente e por conta própria, era intrusão informática ilegal, que lhe podia valer até dois anos de prisão. Era um ponto sensível: ela não queria ser presa porque uma pena de prisão significaria que muito provavelmente lhe confiscariam o computador, única ocupação na qual se distinguia. Nunca pensou em contar a Dragan Armanskij ou a quem quer que fosse como obtinha as informações que eles compravam.

Com exceção de Praga e de algumas poucas pessoas conectadas que, como ela, se dedicavam profissionalmente à pirataria — e quase todas só a conheciam pelo codinome Wasp, ninguém sabia quem ela era nem onde morava —, somente Super-Blomkvist descobrira seu segredo. E a tinha desmascarado porque ela cometeu um erro que mesmo iniciantes com poucos anos no ramo não cometem, o que provava que seu cérebro andava

falhando e que merecia ser castigada. Mas ele não ficou furioso nem ameaçou processá-la; em vez disso a contratou.

Assim, ela estava ligeiramente irritada com ele.

Um pouco antes de ela se retirar para o quarto, tinham acabado de comer um sanduíche quando ele perguntou, de repente, se ela era uma boa *hacker.* E ela respondera com naturalidade:

— Sou provavelmente a melhor da Suécia. Há talvez uns dois ou três do meu nível.

Não hesitou nem um pouco sobre a veracidade de sua resposta. Numa certa época, Praga fora melhor que ela, mas fazia muito tempo que o superara.

No entanto Lisbeth espantou-se consigo mesma por pronunciar essas palavras. Nunca fizera isso. Nem tinha um interlocutor para esse tipo de conversa, e de repente saboreou o fato de ele parecer impressionado com seus conhecimentos. Mas ele estragou tudo ao levantar a questão problemática: como ela aprendera a pirataria.

Ela não sabia o que responder. Eu *sempre soube.* Preferiu ir se deitar sem dizer boa-noite.

Para irritá-la ainda mais, Mikael não pareceu reagir quando ela virou as costas. De sua cama, ela o escutou mexer-se na cozinha, limpar a mesa e lavar a louça. Ele sempre ficava de pé mais tempo que ela, mas agora estava claramente indo se deitar. Ela o ouviu no banheiro, o ouviu entrar no quarto e fechar a porta.. Um momento depois, ouviu o rangido da cama quando ele se deitou, a cinquenta centímetros dela, do outro lado da parede.

Durante a semana que passou na casa dele, ele não tentou abordá-la sexualmente. Trabalhou com ela, pediu sua opinião, criticou-a quando raciocinava errado e apreciou suas objeções quando ela o corrigia. Tratou-a, nem mais nem menos, como um ser humano.

De repente, ela percebeu que gostava da companhia de Mikael Blomkvist e que até mesmo confiava nele. Nunca confiara em ninguém, com exceção de Holger Palmgren. Mas por razões bem diferentes. Palmgren fora uma boa alma previsível.

Levantou-se, foi até a janela e ficou olhando, nervosa, a escuridão lá fora. O que mais a paralisava era mostrar-se nua diante de alguém pela primeira vez. Estava convencida de que seu corpo raquítico era repulsivo. Os seios, patéticos. Não tinha quadris que merecessem esse nome. A seus próprios olhos, não tinha grande coisa a oferecer. No entanto, era uma mulher perfeitamente normal, com os mesmos desejos e pulsões sexuais que as outras. Refletiu durante cerca de vinte minutos antes de se decidir.

Mikael estava deitado e lia um romance de Sara Paretsky quando ouviu a maçaneta da porta girar e viu Lisbeth Salander aparecer. Estava envolvida num lençol e se mantinha no vão da porta sem dizer nada, como se refletisse.

— Algum problema? — perguntou Mikael. Ela fez que não com a cabeça.

— O que você quer?

Ela se aproximou dele, pegou seu livro e o pôs na mesa-de-cabeceira. Depois se curvou para a frente e o beijou na boca. As intenções dela não podiam ser mais claras. Sentou-se na cama e ficou olhando-o de um jeito perscrutador. Pôs uma mão sobre o lençol acima do ventre dele. Como ele não protestasse, ela se inclinou e mordiscou um de seus mamilos.

Mikael Blomkvist estava totalmente perplexo, mas não indiferente. Depois de alguns segundos, pegou-a pelos ombros e afastou-a um pouco para poder ver seu rosto.

— Lisbeth... não sei se é uma boa idéia. Devemos trabalhar juntos.

— Quero fazer sexo com você. E não vejo problema algum em trabalharmos juntos; ao contrário, terei um problema sério se me mandar embora.

— Mas nem nos conhecemos direito.

Ela riu, um riso abrupto que mais parecia uma tosse.

— Quando fiz minha investigação sobre você, percebi que nunca teve esse tipo de problema. Ao contrário, você é daqueles que têm dificuldade de ficar longe das mulheres. Que está havendo? Não pareço bastante *sexy?*

Mikael balançou a cabeça e tentou encontrar algo inteligente para dizer. Como ele não respondeu, ela afastou o lençol e sentou-se de pernas abertas sobre ele.

— Não tenho preservativos — disse Mikael.

— Não faz mal.

Quando Mikael despertou, Lisbeth já estava de pé. Ouviu-a mexendo nas louças da cozinha. Eram quase sete da manhã. Ele dormira apenas duas horas e continuou de olhos fechados.

Não conseguia entender Lisbeth Salander. Em nenhum momento ela havia insinuado, nem mesmo através de um olhar, que estivesse interessada nele.

— Bom dia — disse Lisbeth à porta. Ela sorria. Um pouco, é verdade.

— Oi — disse Mikael.

— Não temos mais leite. Vou até o supermercado. Eles abrem às sete. E afastou-se tão depressa que Mikael nem teve tempo de responder. Ele a ouviu calçar-se, pegar a mochila, o capacete da moto e sair pela porta da frente. Ele fechou os olhos. Depois ouviu a porta ser aberta de novo e em alguns segundos ela reapareceu. Desta vez não sorria mais.

— Venha, você precisa ver uma coisa — disse com uma voz estranha. Mikael saltou imediatamente da cama e enfiou a calça. Durante a noite alguém viera lhe trazer um presente indesejado. No terraço da entrada, jazia o cadáver semicarbonizado de um gato esquartejado. As patas e a cabeça haviam sido cortadas, o ventre aberto e as entranhas removidas; os restos do gato estavam ao lado do cadáver, que parecia ter sido posto no fogo. A cabeça estava intacta e fora colocada em cima do assento da moto de Lisbeth. Mikael reconheceu a pelagem ruiva.

22. QUINTA-FEIRA 10 DE JULHO

Eles tomaram o café-da-manhã no jardim, em silêncio e sem leite no café. Lisbeth havia apanhado uma pequena Canon digital e fotografado a cena macabra antes de Mikael trazer um saco de lixo para levar tudo. Ele pôs o gato no porta-malas do carro que lhe emprestaram, mas não tinha muita certeza do que fazer com o cadáver. O lógico seria apresentar queixa por crueldade contra os animais, talvez também por ameaças, mas não sabia muito bem como explicar o porquê da ameaça.

Por volta das oito e meia, Isabella Vanger passou a pé e dirigiu-se à ponte. Não os viu ou fingiu não vê-los.

— Como está se sentindo? — perguntou finalmente Mikael a Lisbeth.

— Bem. — Ela olhou para ele, surpresa. *Entendi. Ele gostaria que eu estivesse nervosa.* — Quando encontrar o canalha que torturou um pobre gato inocente só para nos deixar uma advertência, vou acertá-lo com um taco de beisebol.

— Acha que é uma advertência?

— Tem explicação melhor? Claro que significa alguma coisa. Mikael assentiu com a cabeça.

— Seja o que for, a verdade é que acabamos inquietando muito alguém, a ponto de deixar essa pessoa doente. Mas há um outro problema — disse ele.

— Eu sei. E um sacrifício de animal semelhante aos de 1954 e 1960. E parece impossível que um matador em atividade há cinquenta anos continue por aí, deixando animais torturados na sua porta.

— Os únicos que podem figurar na lista, nesse caso, são Harald Vanger e Isabella Vanger. Existem alguns parentes mais velhos do ramo Johan Vanger, mas nenhum mora na região.

Mikael suspirou antes de prosseguir.

— Isabella é uma mulher estúpida que certamente não hesitaria em matar um gato, mas duvido que passasse o tempo matando mulheres em série nos anos 1950. Harald Vanger... não sei, parece tão decrépito que mal consegue andar e é difícil acreditar que saia sorrateiramente à noite para achar um gato e fazer isso.

— A não ser que sejam duas pessoas, uma velha e uma jovem.

Mikael ouviu um carro passar, ergueu os olhos e viu Cecilia Vanger desaparecer no final da ponte. *Harald e Cecilia,* pensou. Mas havia um grande ponto de interrogação: pai e filha não se viam e raramente se falavam. Apesar de Martin Vanger ter prometido falar com ela, Cecilia continuava sem responder aos telefonemas de Mikael.

— Com certeza é alguém que sabe que estamos investigando e que fizemos progressos — disse Lisbeth, levantando-se e entrando na casa.

Ao voltar, ela vestia sua roupa de motoqueira.

— Vou a Estocolmo. Volto à noite.

— O que você vai fazer?

— Umas pesquisas. Se um cara é bastante louco para matar um gato desse jeito, ele, ou ela, pode nos atacar da próxima vez. Ou pôr fogo no barraco enquanto dormimos. Quero que vá a Hedestad comprar dois extintores e dois detectores de incêndio hoje. Um dos extintores deve ser com halon.

Sem dizer mais nada, pôs o capacete, acionou a moto e desapareceu pela ponte.

Mikael jogou o cadáver no coletor de lixo do posto de gasolina, antes de ir a Hedestad comprar os extintores e os detectores de incêndio. Pôs as compras no porta-malas do carro e foi para o hospital. Havia telefonado para Dirch Frode e marcado um encontro com ele na cafeteria. Contou o que havia acontecido de manhã. Dirch Frode empalideceu.

— Mikael, nunca pensei que essa história pudesse se tornar perigosa.

— Por que não? Afinal, o objetivo é desmascarar um assassino.

— Mas quem poderia... É pura loucura. Se não estão em segurança, você e a senhorita Salander, devemos parar tudo. Posso falar com Henrik.

— Não, de jeito nenhum. Não vamos provocar outro infarto nele.

— Ele pergunta o tempo todo o que você está fazendo.

— Diga a ele que continuo desembaraçando os fios.

— O que vai fazer agora?

— Tenho algumas perguntas. O primeiro incidente ocorreu pouco depois do infarto de Henrik, quando eu estava em Estocolmo. Alguém vasculhou minha saleta de trabalho. Foi logo depois de eu decifrar o código da Bíblia e descobrir as fotos da rua da Estação. Falei disso com você e com o Henrik. Martin estava sabendo, pois foi ele que me facilitou o acesso ao *Hedestads-Ruriren.* Quem mais estava a par?

— Bem, não sei exatamente para quem Martin falou. Mas Birger e Cecilia também sabiam. Conversaram entre si sobre a sua caçada às fotos. Até Alexander está sabendo. E Gunnar e Helen Nilsson também. Vieram visitar Henrik e ouviram a conversa. E Anita Vanger.

— Anita? A de Londres?

— A irmã de Cecilia. Ela veio de avião com Cecilia quando Henrik teve o infarto, mas ficou no hotel; que eu saiba, não pôs os pés na ilha. Assim como Cecilia, ela não quer se encontrar com o pai. Mas voltou há uma semana, quando Henrik saiu da UTI.

— Onde Cecilia está morando? Eu a vi esta manhã atravessando a ponte, mas sua casa continua fechada.

— Suspeita dela?

— Não, só quero saber onde está morando.

— Na casa do irmão, Birger. Da casa dele pode-se ir a pé ao hospital.

— Sabe onde ela está agora?

— Não. Em todo caso, com Henrik não está.

— Obrigado — disse Mikael e levantou-se.

A família Vanger gravitava em torno do hospital de Hedestad. No saguão de entrada, Birger Vanger dirigia-se aos elevadores. Mikael não quis cruzar com ele e esperou que desaparecesse antes de passar pelo saguão. Mas deu de cara com Martin Vanger na entrada, quase no mesmo lugar onde encontrara Cecilia Vanger na visita anterior. Eles trocaram um aperto de mão.

— Foi ver Henrik?

— Não, só passei aqui para falar com Dirch Frode rapidamente.

Martin tinha olheiras e parecia fatigado. Mikael notou que ele envelhecera consideravelmente desde que se conheceram, havia seis meses. A luta para salvar o império Vanger e a súbita doença de Henrik lhe pesavam.

— E como vão as coisas com você? — perguntou Martin.

Mikael anunciou que não tinha a intenção de interromper sua temporada para voltar a Estocolmo.

— Bem, obrigado. A cada dia estão ficando mais interessantes. Quando Henrik melhorar, espero poder satisfazer a curiosidade dele.

Birger Vanger morava num conjunto de casas geminadas, de tijolos brancos, a apenas cinco minutos de caminhada do hospital. Ninguém atendeu quando Mikael bateu à porta. Tentou o celular de Cecilia, mas não obteve resposta. Ficou um momento no carro tamborilando os dedos sobre o volante. Birger Vanger era uma página em branco na coleção. Nascido em 1939, tinha apenas dez anos quando Rebecka Jacobsson foi morta. Mas tinha vinte e sete quando Harriet desapareceu.

Segundo Henrik Vanger, Birger e Harriet pouco se viram. Birger cresceu com sua família, em Uppsala, e veio para Hedestad a fim de trabalhar no grupo, mas alguns anos depois se afastou para entrar na política. Estava em Uppsala quando Lena Andersson foi assassinada.

Mikael não conseguia deslindar a história, mas o incidente com o gato lançara um sentimento de ameaça iminente e sugeria que o tempo começava a correr rápido.

O ex-pastor de Hedeby Otto Falk tinha trinta e seis anos quando Harriet desapareceu. Estava com setenta e dois agora, era mais jovem que Henrik Vanger, porém se achava numa condição intelectual bem inferior. Mikael o encontrou na casa de saúde A Andorinha, um prédio amarelo situado numa elevação às margens do Hede, no outro extremo da cidade. Mikael apresentou-se na recepção e pediu para falar com o pastor Falk. Disse saber que o pastor sofria de Alzheimer e pediu informações sobre seu nível de comunicação. Uma atendente respondeu-lhe que o pastor recebera o diagnóstico três anos antes e que a evolução da doença fora rápida. Falk podia comunicar-se, mas tinha uma péssima memória imediata, não reconhecia alguns membros da família e estava entrando numa completa alienação. Mikael também foi prevenido contra crises de angústia que o velho tinha quando lhe faziam perguntas às quais não conseguia responder.

O velho pastor estava sentado num banco de jardim com três outros pacientes e um enfermeiro. Mikael passou uma hora tentando falar com ele.

O pastor Falk disse que se lembrava muito bem de Harriet Vanger. Seu rosto iluminou-se e ele a descreveu como uma menina encantadora. Mikael logo percebeu,

porém, que o pastor esquecera que ela estava desaparecida havia quase trinta e sete anos; falava dela como se tivesse acabado de vê-la e pediu que Mikael lhe mandasse um abraço e a encorajasse a vir visitá-lo. Mikael prometeu fazer isso.

Quando Mikael comentou o que tinha acontecido no dia em que Harriet desapareceu, o pastor se mostrou perplexo. Era evidente que não se lembrava do acidente na ponte. No entanto, no final da conversa, mencionou algo que fez levantar as orelhas de Mikael.

Mikael havia conduzido a conversa para o interesse de Harriet pela religião, e o pastor de repente ficou pensativo. Como se uma nuvem tivesse passado sobre seu rosto. Pôs-se a balançar para a frente e para trás por um momento, depois olhou fixamente Mikael e perguntou quem ele era. Mikael apresentou-se de novo e o velho refletiu mais um instante. Por fim, balançou a cabeça e pareceu irritado.

— Ela ainda está procurando. Precisa estar atenta e você deve preveni-la.

— Devo preveni-la do quê?

O pastor ficou subitamente agitado. Balançou a cabeça, franzindo as sobrancelhas.

— Ela deve ler *sola scriptura* e compreender *sufficientia scripturae.* Só assim poderá manter uma *sola fide.* José os exclui formalmente. Eles nunca foram incluídos no cânone.

Mikael não compreendeu nada, mas registrou. A seguir, o pastor Falk inclinou-se para ele e cochichou em tom confidencial:

— Acho que ela é católica. Está apaixonada por magia e ainda não encontrou seu Deus. E preciso guiá-la.

A palavra "católica" parecia ter uma conotação negativa para o pastor Falk.

— Eu achava que ela estava interessada no pentecostalismo.

— Não, não, no pentecostalismo não. Ela busca a verdade proibida. Não é uma boa cristã.

Nesse ponto, o pastor pareceu esquecer tanto Mikael quanto a conversa e voltou-se para falar com um dos outros pacientes.

Mikael voltou à ilha pouco depois das duas da tarde. Foi bater à porta de Cecilia Vanger, mas sem sucesso. Tentou o celular, não obteve resposta.

Instalou um detector de incêndio na cozinha e outro no vestíbulo. Colocou um dos extintores junto ao aquecedor, ao lado da porta do quarto, e o outro junto à porta do banheiro. Preparou então uma refeição leve, sanduíches e café, e sentou-se no jardim para passar ao notebook o registro de sua conversa com o pastor Falk. Refletiu por um longo momento, depois ergueu os olhos na direção da igreja.

O novo presbitério de Hedeby era uma casa moderna, sem nada de especial, a algumas centenas de metros da igreja. Mikael bateu à porta do pastor Margareta Strandh por volta das quatro e explicou que vinha fazer uma consulta sobre uma questão teológica. Margareta era uma mulher da idade de Mikael, de cabelos castanhos, e vestia jeans e camisa de flanela. Estava descalça e tinha as unhas dos pés pintadas de vermelho. Ele já a encontrara algumas vezes no Café Susanne e lhe falara do pastor Falk. Mikael foi gentilmente recebido e convidado a se sentar no jardim da casa dela, bem como a tratá-la sem cerimônia.

Mikael contou que conversara com Otto Falk e repetiu as respostas dele, acrescentando que não entendera seu significado. Margareta Strandh escutou e pediu que Mikael repetisse palavra por palavra o que Falk dissera. Ela refletiu por um instante.

— Comecei a trabalhar aqui em Hedeby há apenas três anos e nunca vi o pastor Falk. Ele já havia se aposentado vários anos antes, mas soube que era bastante tradicionalista. O que ele disse significa mais ou menos que devemos nos ater unicamente aos escritos — *sola scriptura* — e que eles são *sufficientia scripturae.* Para os crentes tradicionalistas, essa última expressão significa o reconhecimento da Sagrada Escritura como única fonte de autoridade. *Sola fide* significa "a única fé", ou "a fé pura".

— Entendo.

— Tudo isso pertence, por assim dizer, aos dogmas fundadores. É a base da Igreja e nada tem de extraordinário. Ele disse simplesmente: *Leia a Bíblia — ela oferece o conhecimento suficiente e garante a fé pura.*

Mikael sentiu-se um pouco desconfortável.

— Mas permita que eu lhe pergunte: em que contexto ocorreu essa conversa?

— Fiz perguntas sobre alguém que ele conheceu há muito tempo e sobre quem estou escrevendo.

— Alguém numa busca religiosa?

— Algo do gênero.

— Certo. Acho que percebo a relação. O pastor Falk disse duas outras coisas — que *José os exclui formalmente* e que *eles nunca foram incluídos no cânone.* Será que você não entendeu mal e ele disse Josefo em vez de José? Na verdade, é o mesmo nome.

— É possível — disse Mikael. — Gravei a conversa, se quiser escutar.

— Não, acho que não é necessário. As duas frases estabelecem de maneira clara o que ele quis dizer. Josefo era um historiador judeu e a frase *eles nunca foram incluídos no cânone* provavelmente indica que nunca fizeram parte do cânone hebraico.

— E o que isso quer dizer?

Ela riu.

— O pastor Falk afirmou que essa pessoa tinha uma atração por fontes esotéricas, mais precisamente pelos apócrifos. A palavra *apokryphos* significa "oculto", e os apócrifos são livros ocultos que alguns contestam fortemente e que outros consideram como parte do Antigo Testamento. São os livros de Tobias, Judite, Ester, Baruc, Sirac, os Macabeus e mais outros dois ou três.

— Desculpe a minha ignorância. Já ouvi falar dos apócrifos, mas nunca os li. O que eles têm de especial?

— Na verdade, nada de especial, a não ser que foram escritos um pouco mais tarde que o restante do Antigo Testamento. Por isso os apócrifos foram riscados da Bíblia hebraica. Não que os doutores da lei desconfiassem de seu conteúdo, mas simplesmente porque foram escritos depois da época em que a obra da revelação de Deus estava terminada. Em contrapartida, os apócrifos figuram na velha tradução grega da Bíblia. Portanto, não são controvertidos na Igreja católica.

— Entendo.

— Contudo, são particularmente controvertidos na Igreja protestante. Na época da Reforma, os teólogos buscavam se aproximar ao máximo da velha Bíblia hebraica. Martinho Lutero retirou os apócrifos da Bíblia da Reforma, e mais tarde Calvino afirmou que os apócrifos não deviam em hipótese alguma servir de base para as confissões de fé, por conterem afirmações que contradiziam a *claritas Scripturae* — a clareza das Escrituras.

— Ou seja, livros censurados.

— Exatamente. Os apócrifos afirmam, por exemplo, que se pode praticar a magia, que a mentira é autorizada em alguns casos e outras coisas semelhantes, que evidentemente indignam os exegetas dogmáticos das Escrituras.

— E não é nada impossível, se alguém sente uma atração pela religião, que os apócrifos apareçam na sua lista de leitura, para a grande irritação de homens como o pastor Falk.

— Isso mesmo. È quase inevitável o confronto com os apócrifos se nos interessamos pela Bíblia ou pelo catolicismo, e é muito provável que alguém interessado pelo esoterismo, de maneira geral, os leia.

— Por acaso teria um exemplar dos apócrifos? Ela riu mais uma vez. Um riso aberto, amistoso.

— Claro. Os apócrifos foram editados pela comissão bíblica nos anos 1980 por ocasião de um estudo nacional.

Dragan Armanskij perguntou-se o que poderia estar havendo quando Lisbeth Salander pediu uma conversa particular. Ele fechou a porta e fez sinal para ela se sentar na poltrona dos visitantes. Ela contou que o trabalho para Mikael Blomkvist estava terminado — Dirch Frode pagaria antes do fim do mês —, mas que decidira prosseguir a investigação. Mikael lhe oferecera um salário mensal consideravelmente inferior.

— Em suma, é uma questão pessoal — disse Lisbeth Salander. — Até agora nunca aceitei trabalho a não ser de você, segundo nosso acordo. O que quero saber é o que será da nossa relação se eu começar a pegar trabalhos por conta própria.

Dragan Armanskij afastou as mãos.

— Você é seu patrão, pode pegar os trabalhos que quiser e cobrar como quiser. Fico contente de que tenha fontes próprias de dinheiro. Mas seria desleal atrair para você clientes que conheceu por nosso intermédio.

— Não tenho essa intenção. Fiz o trabalho conforme o contrato que estabelecemos com Blomkvist. Esse trabalho está terminado. Agora *eu* é que quero continuar no caso. Faria até mesmo de graça.

— Nunca faça nada de graça.

— Entenda, estou querendo dizer que quero saber aonde vai dar essa história. Convenci Mikael Blomkvist a pedir a Dirch Frode um contrato suplementar como assistente de pesquisa.

Ela estendeu o contrato a Armanskij, que o percorreu com os olhos.

— Esse salário equivale quase a trabalhar por nada. Lisbeth, você tem talento. Sabe que pode ganhar bem mais trabalhando comigo, se aceitasse um regime de tempo integral.

— Não quero trabalhar em tempo integral. Mas continuarei fiel a você, Dragan. Você tem sido correto comigo desde que comecei aqui. Quero saber se para você está bem esse tipo de contrato, porque não quero que haja problemas entre nós.

— Entendo. — Ele refletiu um instante. — Para mim está certo. Obrigado por me procurar. Se outras situações como essa surgirem no futuro, peço que me avise, para não haver mal-entendidos.

Lisbeth Salander ficou em silêncio por um minuto ou dois, calculando se havia algo a acrescentar. Fixou os olhos em Armanskij sem dizer nada. Depois balançou a cabeça, levantou-se e saiu, como de hábito sem se despedir. Uma vez obtida a resposta que esperava, o interesse por Armanskij tinha evaporado. Ele sorriu com serenidade. O fato de ela ter vindo se aconselhar com ele significava um avanço em seu processo de socialização.

Abriu uma pasta com um relatório sobre a segurança de um museu onde estava prevista uma exposição de impressionistas franceses. Depois deixou a pasta de lado e olhou para a porta por onde Salander acabara de sair. Lembrou-se do dia em que a vira rindo na companhia de Mikael Blomkvist e perguntou-se se ela estava ficando adulta ou se era Blomkvist que a atraía. Mas sentiu também uma inquietação. Ele nunca conseguira se livrar da sensação de que Lisbeth Salander era uma vítima perfeita. E eis que agora ela seguia a pista de um assassino furioso numa aldeia perdida.

Retornando em direção ao norte, Lisbeth sentiu vontade de passar na casa de saúde de Äppelviken para ver sua mãe. Exceto pela visita no Dia de São João, ela não via a mãe desde o Natal e culpava-se por visitá-la tão pouco. Essa nova visita, apenas algumas semanas depois, era incomum.

A mãe estava na sala de convivência. Lisbeth ficou pouco mais de uma hora e a levou para passear no laguinho dos patos, no jardim em frente à instituição. A mãe continuava confundindo-a com a irmã. Como de hábito, não estava inteiramente presente, embora a visita parecesse agitá-la.

Quando Lisbeth despediu-se, a mãe não quis soltar sua mão. Lisbeth prometeu voltar em breve, mas a mãe a olhou com inquietação e um ar muito infeliz.

Como se estivesse pressentindo uma catástrofe iminente.

Mikael passou duas horas no jardim dos fundos da casa, folheando os apócrifos, sem chegar a outra conclusão senão a de que estava perdendo tempo.

Mas de repente lhe ocorreu uma pergunta: Harriet teria sido mesmo tão crente como parecia? Seu interesse pelos estudos bíblicos se revelou no último ano antes de seu desaparecimento. Ela fizera a ligação entre um certo número de citações bíblicas e uma série de assassinatos, a seguir lera com aplicação não somente a Bíblia mas os apócrifos, e se interessara pelo catolicismo.

Teria iniciado a mesma investigação a que Mikael Blomkvist e Lisbeth Salander se dedicavam trinta e sete anos mais tarde? Teria sido a busca de um assassino que estimulara seu interesse, e não a religiosidade? O pastor Falk, em todo caso, dera a entender que ela parecia alguém em busca, e não uma boa cristã.

Suas reflexões foram interrompidas por um chamado de Erika no celular.

— Queria apenas te dizer que eu e Lars vamos tirar férias na semana que vem. Estarei fora por um mês.

— Aonde vocês vão?

— Nova York. Lars tem uma exposição e depois vamos ao Caribe. Um amigo nos emprestou uma casa em Antígua, onde ficaremos duas semanas.

— Maravilha! Divirtam-se. E dê lembranças ao Lars.

— Não tiro férias de verdade há três anos. A próxima edição está pronta e o número seguinte já está quase terminado. Gostaria que você supervisionasse, mas Christer prometeu se encarregar disso.

— Ele pode me chamar, se precisar de ajuda. E como ficou o caso de Janne Dahlman?

Ela hesitou um instante.

— Ele sai de férias na semana que vem. Pus Henry como secretário de redação temporário. Ele e Christer vão conduzir o barco.

— Certo.

— Não confio em Dahlman, mas ele está se esforçando. Estarei de volta no dia 7 de agosto.

Eram cerca de sete da noite, e Mikael havia tentado falar com Cecilia Vanger cinco vezes. Deixara um bilhete na casa dela pedindo que entrasse em contato com ele, mas não obtivera resposta.

Fechou decididamente os apócrifos, vestiu uma roupa esportiva e trancou a porta antes de sair para o seu *jogging* de todos os dias.

Seguiu pelo caminho estreito ao longo da praia, depois tomou a direção do bosque. Atravessou o mais depressa que pôde uma zona de matagal e árvores desenraizadas até chegar exausto à Fortificação, com a pulsação bastante acelerada. Deteve-se num ponto da trincheira, ao sol, e fez alongamentos por alguns minutos.

De repente, ouviu uma forte detonação, ao mesmo tempo que uma bala atingia a parede de concreto a alguns centímetros de sua cabeça. Depois sentiu uma dor na raiz dos cabelos, onde os estilhaços abriram uma ferida profunda.

Mikael ficou petrificado durante o que lhe pareceu uma eternidade, incapaz de entender o que havia acontecido. Em seguida jogou-se no chão na trincheira, machucando o ombro ao aterrissar. O segundo tiro ocorreu no instante em que mergulhava. A bala cravou-se na parede de concreto, bem no lugar onde ele havia estado.

Mikael levantou a cabeça e olhou em volta. Estava mais ou menos na metade da Fortificação. À direita e à esquerda, passagens estreitas, com profundidade de um metro e cobertas de vegetação, conduziam a abrigos de tiro espalhados numa linha de duzentos e cinquenta metros de comprimento. Pôs-se a correr, curvado, na direção sul do labirinto.

Então, ouviu ressoar dentro dele a voz inimitável do capitão Adolfsson no dia de um exercício de inverno na escola de infantaria em Kiruna. *Puta que pariu, Blomkvist, baixe a cabeça se não quiser ter o rabo arrancado por uma bala!* Vinte anos depois, se lembrava dos ensinamentos do capitão Adolfsson.

Cerca de sessenta metros adiante, parou, sem fôlego e com o coração palpitando. Não ouvia outros ruídos a não ser o da própria respiração. O *olho humano percebe os movimentos mais rapidamente que as formas e as silhuetas. Não fique afoito quando se desloca!* Mikael levantou os olhos alguns centímetros acima da borda do abrigo. O sol estava bem à sua frente e o impedia de distinguir os detalhes, mas ele não percebeu nenhum movimento.

Baixou a cabeça e prosseguiu até o último abrigo. *Pouco importa se o inimigo tem armas muito boas. Enquanto não puder te ver, ele não pode te tocar. Proteja-se, proteja-se! Não se exponha!*

Mikael achava-se agora a uns trezentos metros das terras da fazenda de Östergarden. Quarenta metros à frente, estendia-se um espesso matagal de arbustos. Mas, para alcançar esse matagal partindo da trincheira, ele seria obrigado a descer uma encosta onde estaria totalmente exposto. Era a única saída. Às suas costas havia o mar.

Mikael agachou-se e raciocinou. De repente teve consciência da dor nas têmporas; percebeu que sangrava abundantemente, sua camiseta estava molhada de sangue. Fragmentos da bala ou estilhaços da parede haviam aberto uma ferida profunda na raiz dos cabelos. As *feridas do couro cabeludo sempre sangram muito e por muito tempo,* pensou, antes de se concentrar novamente na situação. Um único tiro poderia ter sido um disparo acidental. Dois tiros significavam que alguém tentara matá-lo. Não sabia se o atirador ainda estava nas proximidades, com o rifle recarregado esperando que ele se mostrasse.

Tentou se acalmar e pensar de forma racional. Suas opções eram esperar ou abandonar o local de uma maneira ou de outra. Se o atirador ainda estivesse à espreita, a segunda possibilidade não convinha de modo algum. Mas, se ficasse ali esperando, o atirador poderia tranquilamente subir até a Fortificação, encontrá-lo e matá-lo à queima-roupa.

Ele (ou ela?) não pode saber se fui para a direita ou para a esquerda. Um rifle, talvez para a caça de alce. Provavelmente com mira telescópica. Isso significava que o atirador tinha um campo de visão limitado se observasse Mikael através da lente.

Se estiver encurralado, tome a iniciativa. É melhor do que esperar. Ele espreitou o momento favorável e escutou os ruídos por dois minutos; então ergueu-se sobre a borda da trincheira e correu encosta abaixo o mais rápido que pôde.

Ouviu um terceiro disparo, mas bem atrás de suas costas, quando estava na metade do caminho para o matagal. Um instante depois, lançou-se de barriga na cortina de arbustos e rolou num mar de urtigas. Imediatamente voltou a ficar de pé e, ainda curvado, começou a se afastar do atirador. Cinquenta metros adiante, parou e escutou. Ouviu um galho estalar em alguma parte entre ele e a Fortificação. Suavemente, estendeu-se de novo no chão.

Sobre os cotovelos, cambada! Não de quatro patas! Era uma das expressões favoritas do capitão Adolfsson. Mikael percorreu os cento e cinquenta metros seguintes rastejando na vegetação do matagal. Avançou sem fazer ruído, muito atento aos galhos. Em dois momentos, ouviu estalos no matagal. O primeiro parecia vir de perto, talvez uns vinte metros à direita de onde estava. Ficou totalmente imóvel, como que petrificado. Ao cabo de um momento, ergueu devagar a cabeça e espiou; não viu ninguém. Continuou

imóvel por muito tempo, com os nervos alertas, pronto para fugir ou mesmo lançar um contra-ataque se o *inimigo* viesse em sua direção. O estalo que ouviu a seguir vinha de mais longe. Depois nada, silêncio.

Ele sabe que estou aqui. Mas terá se instalado em algum lugar à espera de que eu comece a me mexer ou terá ido embora?

Mikael continuou avançando no matagal até chegar ao cercado do pasto de Östergarden.

Começava outro momento crítico. Um caminho costeava o cercado no lado de fora. Ele ficou de bruços no chão, à espreita. Viu as construções à sua frente, a cerca de quatrocentos metros, num terreno com ligeiro declive; à direita, viu umas dez vacas pastando. *Como se explica que ninguém tenha ouvido os disparos e tenha vindo ver o que aconteceu? Verão. Não deve haver ninguém na fazenda neste momento.*

Nem pensar em se aventurar pelo pasto — estaria totalmente exposto —, e o caminho ao longo do cercado era o lugar onde ele mesmo teria se posicionado para ter o campo livre para atirar. Retrocedeu discretamente pelo matagal e prosseguiu até chegar a um bosque de pinheiros.

Mikael contornou as terras de Östergarden e dirigiu-se ao monte Sul para regressar. Ao passar pela fazenda, constatou que o carro não estava lá. Deteve-se no alto do monte Sul e contemplou Hedeby. As pequenas cabanas do antigo porto dos pescadores estavam ocupadas por veranistas; algumas mulheres de maio conversavam num pontão. Ele sentiu o cheiro de carne assada num braseiro. Crianças brincavam na água em volta dos pontões.

Mikael consultou o relógio. Pouco mais de oito da noite. Os tiros haviam sido disparados cinquenta minutos atrás. Gunnar Nilsson regava o jardim, de calção e nu da cintura para cima. *Há quanto tempo você está aí?* A casa de Henrik Vanger estava desabitada, com exceção da governanta Anna Nygren. A de Harald Vanger parecia deserta como sempre. Viu Isabella Vanger sentada no jardim dos fundos de sua casa. Falava com alguém. Mikael demorou um pouco para perceber que era Gerda Vanger, nascida em 1922 e de saúde frágil, que morava com o filho Alexander numa das casas atrás da de Henrik. Nunca a encontrara, mas algumas vezes a vira em seu terreno. A casa de Cecilia Vanger parecia vazia, porém de repente Mikael viu uma luz se acender na cozinha. *Ela está em casa. Será que o atirador poderia ser uma mulher?* Não duvidava que Cecilia Vanger soubesse manejar um rifle. Mais adiante viu o carro de Martin Vanger na esplanada diante de sua casa. E *você, há quanto tempo está em casa?*

Ou teria sido alguma outra pessoa, em quem ele ainda nem sequer pensara? Frode? Alexander? Possibilidades demais.

Desceu o monte Sul, seguiu o caminho até o povoado e foi diretamente para casa, sem encontrar ninguém. A primeira coisa que viu foi a porta da casa entreaberta. Contraiu-se instintivamente. Depois sentiu cheiro de café e viu Lisbeth Salander pela janela da cozinha.

* * *

Lisbeth ouviu Mikael no vestíbulo e virou-se para ele. Ficou paralisada. O rosto de Mikael tinha um aspecto assustador, com sangue por toda parte começando a coagular. O

lado esquerdo da camiseta estava molhado de sangue.

— Foi só um ferimento no couro cabeludo; está sangrando muito, mas não é grave — disse Mikael antes que ela tivesse tempo de abrir a boca.

Ela se virou e foi buscar o estojo de primeiros socorros no guarda-louças, um estojo que continha apenas dois rolos de algodão, gaze e uma caixinha de curativos adesivos. Ele tirou as roupas, deixou-as espalhadas no chão e foi se olhar no espelho do banheiro.

O ferimento na têmpora tinha uns três centímetros de comprimento e era tão profundo que Mikael pôde ver um bom pedaço de carne. Continuava sangrando e provavelmente precisaria de alguns pontos, mas um simples curativo resolveria, ele pensou. Umedeceu a toalha e enxugou o rosto.

Apoiou a toalha sobre a têmpora e entrou no chuveiro para uma ducha, fechando os olhos. Deu então um murro tão forte na parede que seus dedos doeram. *Filho-da-puta!*, pensou. *Vou pegar você!*

Quando Lisbeth tocou seu braço, ele sentiu um sobressalto, como se tivesse recebido uma descarga. Olhou-a com tanta raiva nos olhos que, sem querer, ela deu um passo para trás. Lisbeth entregou-lhe um sabonete e voltou para a cozinha sem dizer uma palavra.

Mikael pôs três curativos adesivos ao sair do chuveiro. Entrou no quarto, vestiu uma calça e uma camiseta limpas, pegou uma pasta com as fotos que copiara na impressora. A raiva o fazia quase tremer.

— Fique aqui! — ordenou, áspero, a Lisbeth Salander.

Foi até a casa de Cecilia Vanger e calcou a mão na campainha. Depois de um minuto e meio ela atendeu.

— Não quero falar com você — ela disse. Depois, viu o rosto dele e o sangue que já começava a vazar dos curativos. — O que aconteceu?

— Deixe-me entrar. Precisamos conversar. Ela hesitou.

— Não temos nada a nos dizer.

— Agora temos, sim, coisas a nos dizer e podemos discuti-las aqui na porta ou na cozinha.

A voz de Mikael deixava transparecer sua raiva contida e Cecilia Vanger deu um passo para o lado, deixando-o entrar. Ele foi se sentar à mesa da cozinha.

— O que aconteceu? — ela perguntou novamente.

— Você diz que as minhas investigações sobre o desaparecimento de Harriet são um passatempo terapêutico para Henrik. É possível, mas uma hora atrás alguém tentou acertar um tiro na minha cabeça e, na noite passada, alguém pôs um gato cortado em pedaços na entrada de casa.

Cecilia Vanger abriu a boca, mas Mikael a interrompeu.

— Cecilia, pouco me importa quais são as suas idéias fixas e o que a preocupa, ou por que agora você me odeia. Não vou mais me aproximar de você, não precisa ter medo que eu a importune ou a persiga. Neste momento, eu gostaria de nunca ter ouvido falar de

você nem da família Vanger. Mas quero que responda às minhas perguntas. Quanto mais depressa responder, mais depressa se livrará de mim.

— O que quer saber?

— Primeiro: onde você estava uma hora atrás? O rosto de Cecilia turvou-se.

— Eu estava em Hedestad. Voltei faz meia hora.

— Há testemunhas que comprovem isso?

— Sei lá. Não preciso me justificar para você.

— Segundo: por que abriu a janela do quarto de Harriet Vanger no dia em que ela desapareceu?

— O que você disse?

— Você ouviu minha pergunta. Durante todos esses anos, Henrik tentou descobrir quem abriu a janela do quarto de Harriet exatamente nos minutos críticos do seu desaparecimento. Todo mundo negou ter feito isso. Alguém está mentindo.

— E o que o faz pensar que fui eu?

— Esta foto — disse Mikael, jogando a fotografia em cima da mesa. Cecilia Vanger aproximou-se para olhar a foto. Mikael teve a impressão de ver surpresa e medo. Ela levantou os olhos para ele. Mikael sentiu um pequeno filete de sangue escorrer pelo rosto e pingar na camiseta.

— Havia umas sessenta pessoas na ilha naquele dia — ele disse. — Vinte e oito eram mulheres. Cinco ou seis tinham cabelos louros e um pouco compridos. Só uma usava um vestido claro.

Ela olhou intensamente a foto.

— E acha que sou eu nesta foto?

— Se não é, eu gostaria muito de saber quem você acha que é. Ninguém sabe da existência dessa foto até agora. Há várias semanas a tenho comigo, mas não mostrei a Henrik nem a qualquer outra pessoa, porque tinha um medo terrível de transformar você em suspeita ou de prejudicá-la. Mas preciso de uma resposta.

— Terá a sua resposta. — Ela pegou a foto e a estendeu a ele. — Nesse dia não fui ao quarto de Harriet. Não sou eu nessa foto. Não tenho absolutamente nada a ver com o desaparecimento dela.

Dirigiu-se à porta de entrada.

— Essa é a minha resposta. Agora quero que vá embora. E acho que deveria mostrar esse ferimento a um médico.

Lisbeth Salander o levou ao hospital de Hedestad. Mikael levou dois pontos, puseram-lhe um grande curativo sobre a ferida e deram-lhe uma pomada de cortisona para os arranhões de urtiga no pescoço e nas mãos.

Ao deixar o hospital, Mikael refletiu demoradamente se não deveria avisar a polícia. Mas logo imaginou as manchetes: "Jornalista condenado por difamação é alvo de atirador misterioso". Ele balançou a cabeça.

— Vamos para casa — disse a Lisbeth.

Ao regressarem à ilha já estava escuro, o que convinha bem a Lisbeth Salander. Ela pôs uma sacola em cima da mesa da cozinha.

— Peguei emprestado um equipamento da Milton Security e chegou a hora de utilizá-lo. Prepare um café enquanto isso.

Ela espalhou quatro detectores de movimento ao redor da casa e explicou que, se alguém se aproximasse a menos de seis, sete metros, um sinal de rádio dispararia o bipe que havia instalado no quarto de Mikael. Na mesma hora, duas câmeras de vídeo ultra-sensíveis colocadas nas árvores, na frente e atrás da casa, começariam a enviar sinais a um laptop dentro do armário do vestíbulo. Ela dissimulou as câmeras com um tecido escuro, deixando apenas as objetivas descobertas.

Colocou uma terceira câmera numa gaiola de passarinho em cima da porta. Para introduzir o cabo ali, fez um buraco na parede. A objetiva estava apontada para a estrada e para o caminho do portão até a porta de entrada. A câmera tirava uma foto de baixa resolução por segundo, armazenada no disco rígido de um segundo laptop no armário.

Em seguida, instalou um capacho com captores de pressão no vestíbulo. Se alguém burlasse os detectores de movimento e entrasse na casa, um alarme de cento e quinze decibéis dispararia. Lisbeth mostrou como fazer para desativar os detectores com a chave de um pequeno cofre colocado no armário. Ela também emprestara um binóculo de visão noturna, que deixou na mesa da saleta de trabalho.

— Você parece ter pensado em tudo — disse Mikael, servindo-lhe uma xícara de café.

— Outra coisa, nada mais de *jogging* até que a gente tenha resolvido tudo isso.

— Pode crer que perdi todo o interesse pelo treinamento.

— Não estou brincando. Esse caso começou como um enigma histórico, mas hoje de manhã havia um gato morto na entrada e no fim da tarde alguém tentou estourar os seus miolos. Nós cutucamos alguém do esconderijo.

Eles fizeram uma refeição fora de hora, com carne fria e salada de batatas. Mikael estava muito cansado e com uma dor de cabeça terrível. Não conseguia falar mais nada e foi se deitar.

Lisbeth Salander permaneceu ali de pé e depois continuou lendo o inquérito até as duas da manhã. A missão em Hedeby havia se transformado em algo ameaçador e complicado ao mesmo tempo.

23. SEXTA-FEIRA 11 DE JULHO

Mikael despertou às seis da manhã com o sol batendo direto no rosto porque a cortina não fora bem fechada. A cabeça estava vagamente dolorida e ele sentiu uma dor aguda ao tocar o curativo. Lisbeth Salander dormia de bruços, com um braço em cima dele. Ele olhou o dragão que se estendia em suas costas, do ombro direito às nádegas.

Contou as tatuagens. Além do dragão nas costas e de uma vespa no pescoço, havia uma tira em volta do tornozelo, outra em volta do bíceps esquerdo, um macaco chinês no quadril e uma rosa na panturrilha. Afora o dragão, todas as tatuagens eram pequenas e discretas.

Mikael saiu lentamente da cama e puxou a cortina. Foi ao banheiro e voltou para a cama sem fazer ruído, para não despertar Lisbeth.

Algumas horas depois, tomavam o café-da-manhã no jardim. Lisbeth olhou para Mikael.

— Temos um mistério para resolver. Como faremos?

— Vamos fazer um balanço das informações que já temos e tentar descobrir outras.

— Uma das informações é que alguém da vizinhança está tentando te acertar.

— A questão é saber *por quê.* É porque estamos prestes a resolver o mistério de Harriet ou porque descobrimos um assassino serial até então desconhecido?

— Deve haver uma ligação. Mikael concordou com a cabeça.

— Se Harriet descobriu um assassino serial, era, necessariamente, alguém do seu meio. Se examinarmos a galeria dos personagens dos anos 1960, havia pelo menos duas dúzias de candidatos possíveis. Hoje não resta praticamente ninguém, com exceção de Harald Vanger, e não dá para acreditar que ele, com quase noventa e cinco anos, anda pelos bosques com um rifle. Não teria força sequer para levantar uma espingarda de caça. Hoje todos são ou muito velhos para ser perigosos, ou muito jovens para terem agido nos anos 1950. O que nos leva de volta ao ponto de partida.

— A menos que dois colaborem um com o outro. Um velho e um jovem.

— Harald e Cecilia. Não creio. Acho que ela disse a verdade quando afirmou que não estava na janela.

— Quem seria então?

Abriram o notebook de Mikael e passaram a hora seguinte examinando com atenção todas as pessoas que apareciam nas fotos do acidente.

— Imagino que a aldeia inteira veio ver o acidente. Era setembro. A maioria está de casaco ou pulôver. Só uma pessoa tem cabelos louros compridos e vestido claro.

— Cecilia Vanger aparece em muitas fotos. Dá a impressão de estar o tempo todo em movimento, entre as casas e as pessoas que observam o acidente. Aqui ela está falando com Isabella. Aqui está com o pastor Falk. Aqui com Greger, o irmão de Henrik.

— Espere! — interrompeu Mikael. — O que é isso na mão dele, Greger?

— Uma coisa quadrada. Parece uma caixinha.

— É uma Hasselblad! Ele também estava com uma máquina fotográfica.

Repassaram as fotos mais uma vez. Greger era visto em várias, mas em geral encoberto. Numa das fotos, via-se claramente que ele tinha uma caixa quadrada na mão.

— Acho que você está certo. É uma máquina fotográfica.

— O que significa que podemos nos lançar a uma outra caça às fotos.

— Vamos deixar isso pra lá por enquanto — disse Lisbeth Salander. — Posso levantar uma hipótese?

— Diga.

— O que acha disto: alguém da jovem geração descobre que alguém da velha geração era um assassino serial, mas não quer que ninguém saiba. A honra da família, et cetera e tal. Isso significaria que existem duas pessoas envolvidas na história, mas que não agem juntas. O assassino pode estar morto há muito tempo, enquanto o nosso perseguidor quer simplesmente que a gente abandone o caso e saia daqui.

— Também pensei nisso — disse Mikael. — Mas, nesse caso, por que pôr um gato esquartejado na nossa porta? É uma referência direta aos assassinatos. — Mikael tocou a Bíblia de Harriet. — Mais uma paródia das leis sobre os sacrifícios por imolação.

Lisbeth Salander inclinou-se para trás e olhou a igreja enquanto citava a Bíblia com ar pensativo. Parecia falar sozinha.

— *"Depois imolará o novilho diante do Senhor, e os sacerdotes, filhos de Aarão, oferecerão o sangue e o derramarão ao redor sobre o altar que está à entrada da Tenda da Reunião. Depois esfolará a vítima e a cortará em pedaços."*

Ela se calou e de repente percebeu que Mikael a olhava com o rosto tenso. Ele abriu a Bíblia no início do *Levítico.*

— Conhece o versículo 12 também? Lisbeth permaneceu calada.

— A seguir... — começou Mikael, balançando a cabeça para estimulá-la a continuar.

— "A *seguir a vítima será cortada em pedaços, com a cabeça e a gordura, que o sacerdote disporá sobre a lenha colocada no fogo do altar."* A voz dela estava gelada.

— E o seguinte?

Ela se levantou de repente.

— Lisbeth, você tem memória fotográfica! — exclamou Mikael, estupefato. — É por isso que lê as páginas do inquérito em segundos.

A reação dela foi quase explosiva. Fulminou Mikael com tanta raiva no olhar que ele ficou perplexo. Depois, os olhos de Lisbeth se encheram de desespero; virou-se e saiu correndo em direção ao portão do jardim.

— Lisbeth! — chamou Mikael, completamente atônito.

Ela desapareceu na estrada.

* * *

Mikael levou o computador para dentro de casa, ativou o alarme e trancou a porta antes de sair atrás de Lisbeth. Encontrou-a vinte minutos depois sentada num pontão do

porto de recreio molhando os pés na água e fumando um cigarro. Lisbeth o ouviu chegar e ele percebeu os ombros dela se enrijecerem um pouco. Deteve-se a dois metros de onde ela estava.

— Não sei o que fiz de mal, mas não tive a intenção de deixá-la nesse estado.

Ela não respondeu.

Ele se aproximou, sentou-se ao lado dela e pôs docemente a mão sobre o seu ombro.

— Por favor, Lisbeth, fale comigo. Ela virou a cabeça e olhou para ele.

— Não há nada a dizer. Sou um monstro, só isso.

— Eu ficaria feliz se tivesse a metade da sua memória. Ela jogou o toco de cigarro na água.

Mikael permaneceu um bom tempo em silêncio. *Que devo dizer? Você é uma menina perfeitamente normal. E qual é o problema se for um pouco diferente? Por que essa auto-imagem te perturba?*

— Percebi que você é diferente das outras mulheres desde o primeiro instante em que eu te vi — ele falou. — E vou dizer uma coisa: fazia muito tempo que eu não gostava naturalmente de alguém assim desde o primeiro instante.

Crianças saíram de uma cabana em frente ao porto e se atiraram na água. Eugen Norman, o artista pintor com quem Mikael ainda não trocara uma só palavra, estava sentado numa cadeira diante de sua casa, fumando um cachimbo e observando Mikael e Lisbeth.

— Tenho vontade de ser seu amigo, se me quiser como amigo — disse Mikael. — Mas cabe a você decidir. Vou para casa preparar um café. Volte quando tiver vontade.

Levantou-se e a deixou tranquila. Estava na metade do caminho, na subida, quando ouviu os passos dela às suas costas. Voltaram juntos em silêncio.

Ela se deteve no momento em que chegavam em frente à casa.

— Eu estava pensando... dissemos que tudo é uma paródia da Bíblia. Certo. Ele cortou em pedaços um gato, mas imagino que não era fácil achar um novilho. De todo modo, está seguindo o enredo básico. Eu me pergunto...

Ela levantou os olhos para a igreja.

— *"...os sacerdotes oferecerão o sangue e o derramarão ao redor sobre o altar que está à entrada da Tenda da Reunião..."*

Atravessaram a ponte e subiram em direção à igreja, olhando ao redor. Mikael verificou a porta da igreja: trancada. Continuaram andando mais um pouco, olhando ao acaso os túmulos do cemitério, até chegar à capela situada à beira d'agua. Mikael arregalou os olhos. Não era uma capela, era um jazigo. Acima da porta podia-se ler gravado na pedra o nome Vanger, seguido de uma frase em latim que ele não soube decifrar.

— *"Para repousar até o fim dos tempos"* — disse Lisbeth. Mikael olhou-a admirado. Ela encolheu os ombros.

— Já li essa frase em algum lugar — disse.

Mikael deu uma risada. Ela ficou rígida e a princípio pareceu furiosa, mas logo relaxou ao perceber que ele não tinha zombado dela. A situação é que era cômica.

Mikael verificou a porta. Trancada. Ele refletiu um instante e disse a Lisbeth para sentar-se ali e esperar. Foi bater à porta de Henrik, e Anna Nygren veio abrir. Explicou que queria conhecer a capela mortuária da família Vanger e perguntou onde Henrik guardava a chave. Anna pareceu hesitar, mas cedeu quando Mikael lembrou a ela que trabalhava diretamente para Henrik. Ela foi buscar a chave no gabinete.

No momento em que Mikael e Lisbeth abriram a porta, viram que estavam certos. O fedor de cadáver queimado e de restos carbonizados pairava, pesado, no ar. Mas o torturador do gato não acendera o fogo. Num canto havia um maçarico semelhante ao usado pelos esquiadores para derreter a cera dos esquis. Lisbeth pegou a máquina digital do bolso da saia jeans e tirou algumas fotos. Pegou também o maçarico.

— Pode ser uma prova. Talvez tenha deixado impressões digitais — ela disse.

— Claro, podemos pedir a todos os membros da família Vanger que nos forneçam suas impressões digitais — ironizou Mikael. — Gostaria de vê-la tentando obter as de Isabella.

— Existem meios — retrucou Lisbeth.

No chão havia sangue em abundância e uma tesoura de latoeiro que eles deduziram ter servido para cortar a cabeça do gato.

Mikael olhou ao redor. Um túmulo principal, mais elevado, era certamente o de Alexander Vangeersad; outros quatro, no chão, abrigavam os ancestrais da família. Depois deles, a família Vanger optara, aparentemente, pela cremação. Uns trinta pequenos nichos de parede traziam nomes de membros do clã. Mikael seguiu a história familiar na ordem cronológica e perguntou-se onde estariam enterrados os membros que não tinham lugar na capela — os que talvez não fossem considerados suficientemente importantes.

— Agora temos certeza — disse Mikael, quando atravessaram de volta a ponte. — Estamos atrás de um louco furioso.

— Explique.

Mikael parou no meio da ponte e se apoiou na amurada.

— Se fosse um doido comum que quisesse nos amedrontar, teria matado o gato na sua garagem ou no bosque. Mas ele foi à capela da família. Há algo de compulsivo nisso. Imagine o risco que correu. É verão e as pessoas andam por aí até tarde. O caminho do cemitério é um atalho muito usado pelos habitantes de Hedeby. Mesmo que o sujeito tenha fechado a porta, não é fácil calar um gato e evitar o cheiro de queimado.

— Quem?

— Não consigo imaginar Cecilia indo lá à noite com um maçarico. Lisbeth encolheu os ombros.

— Não confio em nenhum desses doidos, nem mesmo em Frode e no seu amigo Henrik. Toda essa gente é capaz de enrolar você. Que vamos fazer agora?

Houve um momento de silêncio. Mikael disse então:

— Consegui descobrir muitos segredos a seu respeito. Quantas pessoas sabem que você é uma *hacker?*

— Ninguém.

— Exceto eu, quer dizer.

— Aonde você quer chegar?

— Quero saber se está comigo. Se confia em mim.

Ela o olhou por um bom tempo. Acabou encolhendo novamente os ombros.

— Não sei o que responder.

— Confia em mim? — insistiu Mikael.

— Até agora, sim — ela respondeu.

— Bem. Vamos fazer um pequeno passeio até a casa de Dirch Frode.

Sorrindo educadamente, a mulher do advogado Frode, que não conhecia Lisbeth Salander, arregalou os olhos quando a viu. Indicou-lhes o jardim nos fundos da casa. O rosto de Frode iluminou-se ao ver Lisbeth. Ele se levantou e a saudou com cortesia.

— Estou feliz de vê-la — disse. — Estava me sentindo culpado de não ter expressado suficientemente minha gratidão pelo trabalho extraordinário que fez para nós. Tanto no último inverno quanto agora.

Lisbeth o encarou desconfiada.

— Fui paga para isso — disse.

— Não foi isso que eu quis dizer. Julguei-a mal quando a vi pela primeira vez. Gostaria de me desculpar.

Mikael ficou surpreso. Dirch Frode era capaz de pedir desculpas a uma jovem de vinte e cinco anos coberta de *piercings* e tatuagens, por algo de que nem precisava se desculpar. O advogado subiu alguns pontos na estima de Mikael. Lisbeth Salander olhava para a frente e o ignorava.

Frode voltou-se para Mikael.

— O que aconteceu na sua testa?

Sentaram-se. Mikael resumiu os acontecimentos dos últimos dias. Quando contou que alguém havia disparado três tiros contra ele, Frode ergueu-se bruscamente. Sua indignação parecia incontestável.

— Mas isso é uma loucura! — Fez uma pausa e olhou fixamente para Mikael. — Sinto muito, mas temos que parar. Não posso colocar a vida de vocês em perigo. Preciso falar com Henrik e anular o contrato.

— Sente-se — disse Mikael.

— Você não entende...

— O que eu entendo é que Lisbeth e eu chegamos tão perto do alvo que quem está por trás de tudo isso entrou em pânico e começou a agir de maneira irracional. Lisbeth e eu gostaríamos de lhe fazer algumas perguntas. Em primeiro lugar: quantas chaves existem da capela funerária da família Vanger e quem possui uma?

Frode refletiu um instante.

— Na verdade, não sei. Eu diria que vários membros da família têm acesso à capela. Sei que Henrik possui uma chave e que Isabella vai até lá às vezes, mas desconheço se ela tem sua própria chave ou se usa a de Henrik.

— Certo. Você continua fazendo parte do conselho administrativo do grupo Vanger. Existem arquivos da empresa? Uma biblioteca ou algo semelhante, onde haja recortes de imprensa e informações sobre o grupo de ano em ano?

— Sim. Na sede da empresa em Hedestad.

— Precisamos ter acesso a tudo isso. Há também velhos boletins do grupo diretivo, esse tipo de material?

— Mais uma vez sou obrigado a responder que não sei. Há trinta anos não ponho os pés no departamento de arquivos. Mas eu o porei em contato com Bodil Lindgren. Ela é a responsável pelo arquivamento de todos os documentos do grupo.

— Pode telefonar para ela e conseguir que Lisbeth comece a percorrer os arquivos já a partir de hoje à tarde? Ela quer ler todos os velhos recortes de imprensa sobre o grupo Vanger. Eu disse todos, e caberá a ela julgar o que pode ter interesse.

— Não há problema. Algo mais?

— Sim. Greger Vanger estava com uma Hasselblad na mão no dia do acidente da ponte. Isso significa que também pode ter tirado fotos. Onde elas foram guardadas depois da morte dele?

— O mais provável é que estejam com a viúva.

— Será que você poderia...

— Vou telefonar para Alexander e perguntar.

— E você quer que eu procure o quê? — perguntou Lisbeth quando eles deixaram Frode e atravessaram a ponte para voltar à ilha.

— Recortes de imprensa e publicações do tipo boletim do grupo empresarial. Quero que leia tudo que se relacione com as datas em que os assassinatos foram cometidos nos anos 1950 e 1960. Anote tudo o que lhe parecer um pouco estranho. Acho melhor você se encarregar dessa pesquisa. Pelo que percebi, sua memória é melhor do que a minha.

Ela desferiu-lhe um soco muito profissional nas costelas. Cinco minutos depois, sua Kawasaki atravessava a ponte.

Mikael apertou a mão de Alexander Vanger. Ele estivera viajando na maior parte do tempo da estadia de Mikael em Hedeby, que só o avistara rapidamente. *Ele tinha vinte anos quando Harriet desapareceu.*

— Dirch Frode disse que você queria ver umas fotografias antigas.

— Seu pai possuía uma Hasselblad.

— Exato. Ela ainda existe, mas ninguém a usa mais.

— Você deve estar sabendo que estou pesquisando o que aconteceu a Harriet, a pedido de Henrik.

— Foi o que entendi. Há muita gente que não está gostando disso.

— É bem possível. Evidentemente, não é obrigado a me mostrar nada.

— Ora, não há problema! O que deseja ver?

— Fotos que seu pai possa ter tirado no dia do desaparecimento de Harriet.

Subiram até o sótão. Alexander precisou de alguns minutos para localizar uma caixa com um monte de fotografias soltas e misturadas.

— Pode levar a caixa — disse. — Se existir alguma das que procura, deve estar aí dentro.

Mikael passou uma hora selecionando as fotos da caixa que Alexander lhe entregara. Para ilustrar a crônica familiar, a caixa continha algumas verdadeiras preciosidades, entre as quais um grande número de fotografias de Greger Vanger na companhia do grande líder nazista sueco dos anos 1940, Sven Olof Lindholm. Mikael as separou.

Encontrou vários envelopes com fotos que o próprio Greger certamente tirara e que mostravam diferentes pessoas e reuniões de família, bem como fotos típicas de férias, pesca em torrentes nas montanhas e uma viagem à Itália com a família. Entre outros lugares, haviam visitado a torre de Pisa.

Acabou encontrando quatro fotografias do acidente do caminhão-tanque. Embora a máquina fosse de excelente qualidade, Greger era um péssimo fotógrafo. As fotos mostravam ou apenas o caminhão, ou pessoas de costas. Somente numa delas via-se Cecilia Vanger de perfil.

Mikael escaneou as fotos, mesmo sabendo que nada de novo ofereciam. Pôs tudo de volta na caixa e comeu um sanduíche enquanto refletia. Por volta das três da tarde, foi ver Anna Nygren.

— Eu gostaria de saber se Henrik tem outros álbuns de fotografias além dos que fazem parte das investigações dele sobre Harriet.

— Sim, Henrik sempre gostou de fotografia, desde jovem, que eu saiba. Há muitos álbuns no escritório dele.

— Eu poderia vê-los?

Anna Nygren hesitou. Uma coisa era dar a chave da capela funerária — lá quem reinava era Deus —, outra permitir que Mikael entrasse no gabinete de Henrik Vanger — o domínio de Deus não chegava até lá. Mikael sugeriu que Anna telefonasse a Dirch Frode, se tinha dúvidas. Por fim, a contragosto, ela deixou Mikael entrar. Um metro da prateleira de baixo, junto ao chão, continha unicamente pastas com fotografias. Mikael sentou-se na mesa de Henrik e abriu o primeiro álbum.

Henrik Vanger guardava todo tipo de fotografia de família. Muitas datavam de seus antepassados. As mais antigas remontavam aos anos 1870 e mostravam homens austeros e mulheres rígidas. Havia fotos dos pais de Henrik e de outros membros da família. Numa, o pai de Henrik festejava o Dia de São João com amigos em Sandhamn, em 1906. Uma outra de Sandhamn mostrava Fredrik Vanger e sua mulher Ulrika na companhia do pintor Anders Zorn e do escritor Albert Engström, em volta de uma mesa. Viu um Henrik Vanger adolescente, de terno, numa bicicleta. Viu o capitão Oskar Granath que, no auge da guerra, transportara com segurança Henrik e sua bem-amada Edith Lobach a Karlskrona.

Anna subiu para servir-lhe uma xícara de chá. Ele agradeceu. Chegou aos tempos modernos e passou rapidamente por algumas fotos que mostravam Henrik na flor da idade, inaugurando fábricas ou apertando a mão de Tage Erlander. Uma foto do início dos anos 1960 mostrava Henrik e o grande industrial e financista Marcus Wallenberg. Os dois capitalistas olhavam-se com ar carrancudo; visivelmente não havia uma relação cordial entre eles.

Seguiu folheando um pouco mais e deteve-se numa página que Henrik rotulara de *Conselho de família 1966,* escrito a lápis. Duas fotos coloridas mostravam homens discutindo e fumando charuto. Mikael reconheceu Henrik, Harald, Greger e os genros de Johan Vanger. Duas fotos do jantar, em que cerca de quarenta homens e mulheres estavam à mesa e olhavam para a máquina fotográfica. Mikael se deu conta de que essas fotos tinham sido tiradas após o drama na ponte, mas antes que soubessem do desaparecimento de Harriet. Examinou as fisionomias. Era desse jantar que ela deveria ter participado. Um daqueles homens já sabia que ela desaparecera? As fotos, claro, não forneciam nenhuma resposta.

De repente, Mikael viu algo que o fez engasgar-se com o chá. Tossiu e endireitou-se na cadeira.

Sentada num canto da mesa com um vestido claro, Cecilia Vanger sorria para a câmera. Ao lado dela estava sentada outra mulher loura de cabelos compridos e com um vestido claro idêntico. Eram tão parecidas que poderiam passar por gêmeas. E então a peça do quebra-cabeça se encaixou. Não era Cecilia Vanger na janela de Harriet — era sua irmã Anita, dois anos mais jovem e que hoje morava em Londres.

O que foi mesmo que Lisbeth dissera? *Cecilia Vanger aparece em muitas fotos. Dá a impressão de estar o tempo todo andando entre as pessoas.* Não. Eram duas mulheres diferentes e o acaso quis que nunca aparecessem juntas na mesma foto. Nas fotos em preto-e-branco tiradas de longe, pareciam idênticas. Henrik provavelmente sempre distinguiu as irmãs, mas para Mikael e Lisbeth elas eram tão semelhantes que pensaram numa única pessoa. E ninguém lhes apontou o erro, pois nunca ocorreu a eles perguntar nada.

Mikael virou as páginas e sentiu os cabelos se arrepiarem na nuca. Como se uma corrente de ar gelado tivesse entrado no escritório.

Eram fotografias tiradas no dia seguinte, quando as buscas de Harriet começaram. Um jovem inspetor de polícia, Gustav Morell, dava instruções a um grupo com dois policiais uniformizados e uns dez homens de botas, reunidos para a batida. Henrik Vanger vestia uma capa de chuva que descia até os joelhos e um chapéu inglês de aba longa.

Bem à esquerda havia um jovem um pouco gordo, de cabelos louros não muito curtos. Vestia uma jaqueta escura com um tom vermelho nos ombros. A foto estava bem nítida. Mikael reconheceu-o imediatamente — e a jaqueta —, mas, para ter certeza, pegou a foto e desceu para perguntar a Anna Nygren se ela sabia quem era.

— Sim, claro, é Martin. Devia ter uns dezoito anos nessa foto.

Lisbeth Salander percorreu, por ordem cronológica, as diversas notícias divulgadas na imprensa sobre o grupo Vanger, ano após ano. Começou em 1949 e foi avançando metodicamente. O problema era a imensidão de arquivos de recortes. O grupo era mencionado na imprensa quase todos os dias durante esse período — na imprensa nacional e sobretudo na local. Havia análises econômicas, comentários dos sindicatos, notícias de negociações e ameaças de greve, inaugurações e fechamentos de fábricas, balanços anuais, mudanças de diretoria, lançamentos de novos produtos no mercado... uma quantidade enorme de informações. *Clique. Clique. Clique.* Seu cérebro trabalhava a pleno vapor quando focalizava e absorvia a informação de um recorte antigo.

Esfalfava-se havia já uma hora, quando teve uma idéia. Dirigiu-se à responsável pelos arquivos, Bodil Lindgren, e perguntou se havia um quadro das implantações das fábricas das empresas Vanger nos anos 1950 e 1960.

Bodil Lindgren olhou Lisbeth Salander com uma desconfiança e uma frieza evidentes. Não apreciava de modo algum que uma pessoa estranha tivesse sido autorizada a introduzir-se nos arquivos sagrados do grupo para examinar o que bem entendesse — ainda mais uma moça com aquela aparência de uma anarquista de quinze anos de idade, completamente doida. Mas Dirch Frode lhe dera instruções bem claras. Lisbeth Salander podia examinar o que quisesse. E era urgente. Bodil Lindgren foi buscar os balanços anuais do período solicitado por Lisbeth; cada balanço trazia um mapa com os tentáculos do grupo por toda a Suécia.

Lisbeth olhou o mapa e observou que o grupo tinha inúmeras fábricas, escritórios e pontos de venda. Constatou que em cada localidade onde um assassinato fora cometido havia igualmente um ponto vermelho, ou vários, indicando a presença do grupo Vanger.

Encontrou a primeira ligação em 1957. Rakel Lunde, em Landskrona, fora encontrada morta um dia depois de a sociedade V. & C. Construções arrebatar uma grande encomenda de vários milhões de coroas para a construção de um novo centro comercial na região. V. & C. significava Vanger & Carlen Construções e fazia parte do grupo Vanger. O jornal local havia entrevistado Gottfried Vanger, que fora assinar o contrato.

Lisbeth lembrou-se de uma coisa que lera no inquérito policial nos arquivos do condado de Landskrona. Rakel Lunde, cartomante nas horas vagas, era faxineira. Havia trabalhado na V. *&* C. Construções.

Às sete da noite, Mikael chamou Lisbeth umas dez vezes e constatou que seu celular estava desligado. Ela não queria ser interrompida enquanto vasculhava os arquivos.

Ele andava de um lado para o outro na casa. Havia retornado às anotações de Henrik sobre o que Martin Vanger fazia na época do desaparecimento de Harriet.

Martin Vanger cursava o último ano do colegial em Uppsala, em 1966. *Uppsala. Lena Andersson, colegial de dezessete anos. A cabeça separada da gordura.*

Henrik mencionara a certa altura — mas Mikael precisou consultar suas anotações para encontrar a passagem — que Martin fora um rapaz fechado. As pessoas preocupavam-se com ele. Quando o pai morreu afogado, sua mãe, Isabella, decidiu enviá-lo a Uppsala — uma mudança de ambiente, e ele foi acolhido por Harald Vanger. *Harald e Martin?* Não combinava.

Não havia lugar no carro para Martin Vanger ir à reunião de família em Hedestad. Ele perdeu o trem e só chegou à tarde; foi um dos que estavam retidos no outro lado da ponte na hora do acidente. Só conseguiu chegar à ilha por volta das seis, de barco. Foi recebido, entre outros, pelo próprio Henrik Vanger. Por causa disso, Henrik colocou-o bem embaixo na lista dos que podiam ter alguma relação com o desaparecimento de Harriet.

Martin Vanger afirmou não ter encontrado Harriet naquele dia. Ele mentia. Chegou a Hedestad mais cedo e foi visto pela irmã na rua da Estação. Mikael podia refutar sua mentira com fotos que haviam ficado enterradas durante quase quarenta anos.

Harriet Vanger viu o irmão e isso a chocou. Ela voltou à ilha e tentou falar com Henrik Vanger, porém desapareceu antes que a conversa ocorresse. O *que pretendia contar?*

Uppsala? Mas Lena Andersson, Uppsala, não estava na sua lista. Você não estava sabendo.

A história ainda não fazia sentido para Mikael. Harriet desapareceu por volta das três da tarde. Havia provas de que Martin estava do outro lado da ponte nessa hora. Ele é visto em fotografias tiradas do pátio da igreja. Era impossível que pudesse ter feito mal a Harriet na ilha. Faltava ainda uma peça do quebra-cabeça. *Um cúmplice então? Anita Vanger?*

Os arquivos permitiram a Lisbeth constatar que a posição de Gottfried Vanger no grupo havia mudado ao longo dos anos. Ele nascera em 1927. Aos vinte anos, conheceu Isabella e logo a engravidou. Martin Vanger nasceu em 1948 e os dois jovens não tiveram outra saída senão casar.

Gottfried tinha vinte e dois anos quando Henrik o introduziu no escritório central do grupo. Era muito talentoso e começavam a considerá-lo um futuro líder. Aos vinte e cinco anos, assegurou um lugar na direção, como diretor adjunto da área de desenvolvimento de empresas. Uma estrela em ascensão.

Em determinado momento, em meados dos anos 1950, sua carreira se interrompeu. *Passou a beber. O casamento com Isabella se deteriorava. Os filhos, Martin e Harriet, padeciam com isso. Henrik deu um basta.* A carreira de Gottfried atingira seu ponto culminante. Em 1956, outro cargo de diretor adjunto de desenvolvimento foi criado. Dois diretores adjuntos — um que trabalhava e outro que bebia e permanecia ausente por longos períodos.

Mas Gottfried continuava sendo um Vanger, além disso charmoso e bem-falante. De 1957 em diante, sua missão parecia ter sido percorrer o país para inaugurar fábricas, resolver conflitos locais e mostrar a todos que a direção do grupo levava a sério os problemas e se preocupava. *Enviamos um de nossos filhos para escutar as queixas de vocês.*

Ela descobriu a segunda ligação por volta das seis e meia da tarde. Gottfried havia participado de negociações em Karlstad, onde o grupo Vanger adquirira uma empresa de madeiras para construção. No dia seguinte, a proprietária rural Magda Lovisa Sjöberg foi encontrada assassinada.

A terceira ligação foi descoberta quinze minutos depois. Uddevalla, 1962. No mesmo dia em que Lea Persson desapareceu, o jornal local entrevistava Gottfried acerca de uma possível extensão do porto.

Três horas depois, Lisbeth Salander constatava que Gottfried Vanger, pelo menos em cinco dos oito crimes, estivera nas localidades nos dias que antecediam ou sucediam ao acontecimento. Não obteve nenhuma informação sobre os assassinatos de 1949 e 1954. Examinou uma foto dele num recorte de imprensa. Um homem magro de cabelos castanhos; lembrava um pouco Clark Gable em ...E o *vento levou.*

Em 1949, Gottfried tinha vinte e dois anos. O primeiro crime ocorreu em terreno conhecido, Hedestad. Rebecka Jacobsson, empregada de escritório do grupo Vanger. Onde se encontraram? O que teria prometido a ela?

Quando Bodil Lindgren quis fechar o local e voltar para casa às sete, Lisbeth lhe respondeu secamente que não havia terminado. Que fosse embora e deixasse uma chave; ela fecharia tudo ao sair. A responsável pelos arquivos ficou tão irritada com o fato de uma

moça se achar no direito de lhe dar ordens, que telefonou a Dirch Frode para pedir instruções. Frode decidiu prontamente que Lisbeth podia ficar a noite toda, se julgasse necessário. A srta. Lindgren poderia fazer a gentileza de avisar o guarda do escritório para que a acompanhasse no momento em que ela quisesse sair?

Lisbeth Salander mordeu o lábio inferior. O problema, evidentemente, era que Gottfried se afogara numa noite de bebedeira em 1965, enquanto o último crime ocorrera em Uppsala em fevereiro de 1966. Teria cometido um engano ao incluir a colegial de dezessete anos, Lena Andersson, na lista? *Não. A assinatura não era exatamente a mesma, porém a paródia bíblica era idêntica. Havia com certeza uma ligação.*

Nove da noite, anoitecia. O ar estava mais fresco e uma chuva miúda começou a cair. Mikael estava sentado na cozinha, tamborilando na mesa com os dedos, quando o Volvo de Martin Vanger atravessou a ponte e desapareceu em direção ao promontório. De certo modo, as coisas estavam caminhando rápido.

Mikael não sabia como agir. Todo o seu corpo ardia de vontade de fazer perguntas — de confrontar. Uma atitude certamente pouco razoável, se suspeitava que Martin Vanger era um louco que assassinara a irmã e uma jovem em Uppsala, além de haver tentado matar o próprio Mikael. Mas Martin Vanger funcionava também como um ímã. E ele não sabia que Mikael sabia. Mikael podia perfeitamente passar na casa dele com um pretexto... digamos, devolver a chave da cabana de Gottfried? Mikael trancou a porta e dirigiu-se ao promontório.

A casa de Harald Vanger estava, como de hábito, mergulhada na mais completa escuridão. Também não havia luzes na casa de Henrik, com exceção de um quarto que dava para o pátio. Anna fora deitar-se. A casa de Isabella, às escuras. Cecilia não estava em casa. Havia luzes no primeiro andar da casa de Alexander Vanger, mas elas estavam apagadas nas duas casas habitadas por pessoas que não pertenciam à família Vanger. Ele não avistou ninguém.

Hesitante, deteve-se diante da casa de Martin Vanger, pegou o celular e digitou o número de Lisbeth Salander. Continuava não atendendo. Desligou o celular para evitar que tocasse.

Luzes estavam acesas no andar de baixo. Mikael atravessou a relva e parou a alguns metros da janela da cozinha, porém não viu nenhum movimento. Contornou a casa detendo-se diante de cada janela, mas não via Martin Vanger. Contudo, percebeu que a porta lateral da garagem estava entreaberta. *Não vá fazer uma besteira agora.* Mas não resistiu à tentação de dar uma espiada rápida.

A primeira coisa que viu, numa bancada de marceneiro, foi uma caixa aberta com munição para rifle de caça. A seguir, viu dois galões de gasolina no chão, embaixo da bancada. Está *preparando outra visita noturna, Martin?*

— Entre, Mikael. Vi você na estrada.

O coração de Mikael parou. Ele virou lentamente a cabeça e viu Martin Vanger na penumbra de uma porta que levava ao interior da casa.

— Não conseguiu se conter, precisava vir até aqui, não é mesmo? A voz era calma, quase amistosa.

— Oi, Martin — respondeu Mikael.

— Entre — repetiu Martin. — Por aqui.

Deu um passo para o lado e estendeu a mão esquerda num gesto convidativo. Levantou a mão direita e Mikael viu um reflexo de metal fosco.

— Para a sua informação, é uma Glock. Não faça besteira. A essa distância eu não costumo errar o alvo.

Mikael se aproximou devagar. Quando estava bem perto de Martin Vanger, parou e o olhou nos olhos.

— Eu precisava vir. Tenho uma porção de perguntas a lhe fazer.

— Entendo. Pela porta, venha.

Mikael entrou lentamente na casa. A passagem conduzia ao vestíbulo e depois à cozinha, mas antes de chegar lá Martin o deteve pondo de leve a mão em seu ombro.

— Não, na cozinha não. Entre à direita. Abra a porta ao lado.

O porão. Mikael havia descido metade da escada quando Martin girou um interruptor e as luzes se acenderam. A direita ficava a caldeira. A sua frente, sentiu o cheiro da lavanderia. Martin Vanger o conduziu à esquerda, a um pequeno quarto com velhos móveis e pastas. Bem ao fundo havia outra porta. Uma porta blindada de aço com uma fechadura de segurança.

— Tome — disse Martin, jogando um molho de chaves para Mikael. — Abra.

Mikael abriu a porta.

— Há um interruptor à esquerda. Mikael acabava de abrir a porta do inferno.

Por volta das nove da noite, Lisbeth foi buscar um café e um sanduíche numa máquina automática que havia no corredor dos arquivos. Continuou a folhear velhos documentos, tentando encontrar algum sinal de Gottfried Vanger em Kalmar, em 1954. Não encontrou nada.

Pensou em ligar para Mikael, mas antes de ir embora decidiu dar uma olhada também nos boletins de diretoria; então seria o suficiente para essa noite.

A peça media cerca de cinco metros por dez. Mikael calculou que, geograficamente, ela ficava no lado norte da casa.

Martin Vanger montara com capricho sua câmara de tortura particular. A esquerda, correntes, argolas de metal no teto e no chão, uma mesa com correias de couro onde podia amarrar suas vítimas. Havia também um equipamento de vídeo. E um estúdio de gravação. No fundo da peça via-se uma jaula de aço onde seus hóspedes podiam ficar aprisionados por longos períodos. A direita da porta, uma cama e um aparelho de tevê. Numa prateleira, Mikael viu uma grande quantidade de videocassetes.

Assim que entraram, Martin Vanger apontou a pistola para Mikael e ordenou que se deitasse de bruços no chão. Mikael se recusou.

— Como quiser — disse Martin. — Nesse caso, vou dar um tiro no seu joelho.

Apontou a arma. Mikael capitulou, não tinha escolha.

Ele havia esperado que Martin se descuidasse por um décimo de segundo — sabia que numa luta corporal o venceria. Houvera uma pequena oportunidade no corredor, no momento em que Martin pôs a mão em seu ombro, mas ele hesitou. Depois Martin não voltou a se aproximar. Sem rótula, ele não teria a menor chance. Assim, estendeu-se no chão.

Martin aproximou-se por trás e mandou Mikael pôr as mãos nas costas. Imobilizou-as com algemas. Começou então a lhe dar pontapés na virilha e a lhe desferir socos violentos.

O que se passou a seguir foi como um pesadelo. Martin Vanger oscilava entre a racionalidade e a loucura. Em alguns momentos parecia calmo. No instante seguinte, começava a andar de um lado para o outro do porão como uma fera enjaulada, voltando a chutar Mikael. Tudo que ele conseguiu fazer foi tentar proteger a cabeça e receber os golpes em outras partes do corpo, que, depois de alguns minutos, apresentavam diversos ferimentos.

Durante a primeira meia hora, Martin não disse uma só palavra e permaneceu insensível a tudo o que Mikael dissesse. Depois pareceu se acalmar. Foi buscar uma corrente, passou-a em volta do pescoço de Mikael, fixou-a a uma argola no chão e depois fechou com um cadeado. Deixou Mikael sozinho por quinze minutos. Ao retornar, trazia uma garrafa plástica com água. Sentou-se numa cadeira e contemplou Mikael enquanto bebia.

— Posso beber um pouco de água? — perguntou Mikael.

Martin Vanger inclinou-se e pôs a garrafa na boca de Mikael. Ele bebeu sofregamente.

— Obrigado.

— Sempre bem-educado, Super-Blomkvist.

— Por que todos esses chutes? — perguntou Mikael.

— Porque me deixou muito zangado e merece ser punido. Por que simplesmente não voltou para a sua casa? Precisavam de você na *Millennium.* Falo sério, poderíamos ter feito dela uma grande revista. Poderíamos ter trabalhado juntos por muitos anos.

Mikael fez uma careta e procurou acomodar o corpo numa posição confortável. Estava sem defesa. Só lhe restava a voz.

— Imagino que esteja querendo dizer que a ocasião já passou — disse Mikael.

Martin Vanger riu.

— Sinto muito, Mikael. Sim, você entendeu bem: você não vai sair vivo daqui.

Mikael assentiu com a cabeça.

— Mas como fizeram para me desmascarar, você e aquela múmia anoréxica que se envolveu na história?

— Você mentiu sobre o que fez no dia em que Harriet desapareceu. Posso provar que estava em Hedestad no desfile da Festa das Crianças. Foi fotografado olhando para Harriet.

— Por isso você foi a Norsjö?

— Sim, para buscar essa foto. Foi tirada por um casal que estava por acaso em Hedestad. Apenas de passagem.

Martin Vanger balançou a cabeça.

— Não, você está tentando me enganar — disse.

Mikael refletia intensamente no que poderia dizer para impedir, ou ao menos retardar, sua morte.

— Onde está essa foto agora?

— O negativo? No meu cofre no Handelsbank, aqui em Hedestad... Não sabia que tenho um cofre no banco? — Ele mentia com desenvoltura. — As cópias estão em vários lugares: no meu computador e no de Lisbeth, no servidor de imagens da *Millennium* e no da Milton Security, onde Lisbeth trabalha.

Martin Vanger calou-se por um momento, tentando descobrir se Mikael blefava ou não.

— O que ela sabe, a múmia Salander?

Mikael hesitou. Por enquanto, Lisbeth era sua única esperança de salvação. O que ela faria ao voltar para casa e descobrir que ele não estava? Ele deixara a foto de Martin vestido com sua jaqueta na mesa da cozinha. Ela faria a ligação? Dispararia o alarme? *Ela não é do tipo que chama a polícia.* O pesadelo seria se ela fosse à casa de Martin e batesse à porta para tentar saber onde Mikael estava.

— Responda — disse Martin com uma voz gelada.

— Acho que Lisbeth sabe o mesmo que eu, talvez até mais. Eu diria que ela sabe mais que eu, é muito esperta. Foi ela quem fez a ligação com Lena Andersson.

— Lena Andersson? — Martin Vanger pareceu perplexo.

— A adolescente que você torturou até a morte em Uppsala, em fevereiro de 1966. Não me diga que se esqueceu dela.

Pela primeira vez o olhar de Martin Vanger deixou transparecer o quanto ele estava perturbado. Ele não imaginava que alguém pudesse fazer essa ligação — Lena Andersson não constava na agenda telefônica de Harriet.

— Martin — disse Mikael com a voz mais calma possível. — Acabou, Martin. Você pode me matar, mas acabou. Muita gente está sabendo, e desta vez você será pego.

Martin Vanger ergueu-se rapidamente e começou a andar de um lado para o outro. De repente desferiu um murro na parede.

Preciso me lembrar de que ele é irracional. O gato. Poderia ter trucidado o gato aqui, mas o levou à capela da família. Ele não age de maneira racional.

Martin Vanger deteve-se.

— Acho que você está mentindo. Só você e Salander estão sabendo. Não falaram para mais ninguém. Senão a polícia já teria aparecido. Um bom incêndio na casa dos convidados e as provas vão virar fumaça.

— E se você estiver enganado? Ele sorriu.

— Se eu estiver enganado, então de fato acabou. Mas não acredito nisso. Aposto que você está blefando. Que outra escolha me resta? — Ele refletiu. — É essa putinha anoréxica que está me atrapalhando. Preciso encontrá-la.

— Ela foi para Estocolmo ao meio-dia. Martin Vanger deu uma risada.

— É mesmo? Então por que passou a tarde nos arquivos do grupo Vanger?

O coração de Mikael saltou no peito. *Ele sabia. Sabia desde o início.*

— É verdade. Ela primeiro ia passar nos arquivos e depois seguir para Estocolmo — respondeu Mikael o mais calmamente que pôde. — Eu não sabia que ia ficar tanto tempo lá.

— Cale-se. A responsável pelos arquivos me contou que Dirch Frode a autorizou a deixar Salander ficar lá até tarde, se ela quisesse. Isso significa que ela voltará a qualquer momento esta noite. O guarda me avisará assim que ela deixar o escritório.

IV. *TAKEOVER* HOSTIL — 11 DE JULHO A 30 DE DEZEMBRO

Na Suécia, 92% das mulheres que sofreram violências sexuais após uma agressão não apresentaram queixa a polícia.

24. SEXTA-FEIRA 11 DE JULHO — SÁBADO 12 DE JULHO

Martin Vanger se abaixou para vasculhar os bolsos de Mikael e pegou as chaves.

— Esperteza sua trocar a fechadura. Vou me encarregar da sua namorada quando ela voltar.

Mikael não respondeu. Lembrou-se que Martin Vanger era um negociador com experiência em muitas batalhas industriais. Sabia quando estavam blefando com ele.

— Por quê?

— Por que o quê?

— Por que tudo isto? — Mikael tentou indicar a peça com um gesto de cabeça.

Martin Vanger se abaixou, pôs a mão sob o queixo de Mikael e ergueu-lhe a cabeça para que seus olhares se cruzassem.

— Porque é muito fácil — disse. — Mulheres desaparecem o tempo todo. Elas não fazem falta a ninguém. Imigrantes, prostitutas russas. Milhares de pessoas passam pela Suécia todos os anos.

Soltou a cabeça de Mikael e levantou-se, quase orgulhoso de poder esclarecer seu visitante.

As palavras de Martin atingiram Mikael como uma bofetada. *Meu Deus, então não se trata de um enigma histórico. Martin Vanger mata mulheres até hoje. E eu, como um idiota, me lancei em...*

— Não tenho nenhuma convidada no momento. Mas talvez você ache divertido saber que no inverno passado e na primavera, enquanto você e Henrik quebravam a cabeça com suas histórias, eu tinha uma mulher aqui. Chamava-se Irina e era da Bielo-Rússia. No dia em que você veio jantar comigo, ela estava presa aqui na jaula. Foi uma noitada agradável, não foi?

Martin Vanger sentou em cima da mesa e deixou pender as pernas. Mikael fechou os olhos. Sentiu regurgitações ácidas na garganta e engoliu várias vezes.

— O que faz com os corpos?

— Meu barco está amarrado no pontão logo abaixo. Levo-as para longe, ao largo. Ao contrário do meu pai, não deixo vestígios. Mas ele também era esperto. Suas vítimas se espalhavam por toda a Suécia.

As peças do quebra-cabeça começavam a se juntar na mente de Mikael. *Gottfried Vanger. De* 1949 *a* 1965*. Martin Vanger a partir de* 1966*, em Uppsala.*

— Você admirava seu pai.

— Foi ele quem me ensinou. Fui iniciado aos catorze anos.

— Uddevalla. Lea Persson.

— Isso mesmo, eu estava lá. Fui apenas um espectador, mas estava lá.

— Em 1964, Sara Witt, em Ronneby.

— Eu tinha dezesseis anos. Foi a primeira vez que tive uma mulher para mim. Gottfried me ensinou. Fui eu que a estrangulei.

Ele se orgulha! Meu Deus, que família de psicopatas!

— Não percebe que é patológico?

Martin Vanger encolheu ligeiramente os ombros.

— Você não entende que sensação divina é ter o controle absoluto sobre a vida e a morte de alguém.

— O prazer de torturar e matar mulheres...

O industrial refletiu um instante, com o olhar fixo num ponto vazio da parede atrás de Mikael. Depois exibiu seu sorriso charmoso.

— Não é bem assim. Se eu fosse fazer uma análise racional do meu estado, eu diria que sou um estuprador serial, não um assassino serial. Na verdade, sou um sequestrador serial. Matar é apenas o desfecho natural, porque devo ocultar o crime, entende?

Mikael não soube o que responder e limitou-se a assentir com a cabeça.

— Evidentemente meus atos não são aceitáveis pela sociedade, mas meu crime é em primeiro lugar um crime contra as convenções sociais. A morte só acontece no final da temporada de minhas hóspedes aqui, quando estou cansado. É sempre fascinante ver a decepção delas.

— Decepção? — perguntou Mikael, estupefato.

— Exatamente. *Decepção.* Elas imaginam que, porque me satisfazem, vão sobreviver. Começam a confiar em mim e a criar uma camaradagem, e até o final esperam que essa camaradagem signifique algo. A decepção vem quando descobrem, de repente, que foram enganadas.

Martin deu a volta em torno da mesa e se apoiou na jaula de aço.

— Você, com suas convenções pequeno-burguesas, nunca vai entender, mas é planejar o sequestro que produz a excitação. Não se deve agir impulsivamente; sequestradores desse tipo sempre se dão mal. É uma verdadeira ciência, com muitos detalhes a se levar em conta. Devo identificar uma presa e catalogar toda a sua vida. Quem é ela? De onde vem? Onde pegá-la? Como fazer para estar a sós com ela sem que meu nome apareça num futuro inquérito policial?

Chega, pensou Mikael. Martin Vanger falava de sequestros e assassinatos num tom quase acadêmico, um pouco como se tivesse expondo sua opinião contrária numa questão de teologia esotérica.

— Será que isso realmente te interessa, Mikael?

E inclinou-se para a frente acariciando o rosto de Mikael. O contato da mão era suave, quase terno.

— Tenho certeza de que você compreende que esse caso só pode terminar de uma maneira. Se importa que eu fume?

Mikael disse não com a cabeça.

— Pode me dar um cigarro também? — perguntou Mikael.

Martin Vanger atendeu o pedido. Acendeu dois cigarros e pôs um deles entre os lábios de Mikael, deixando-o dar uma longa tragada.

— Obrigado — disse Mikael automaticamente. Martin Vanger riu de novo.

— Veja só, você já começou a se adaptar ao princípio da submissão.

Tenho a sua vida em minhas mãos, Mikael. Sabe que posso matá-lo de um momento para o outro. Suplicou que eu melhorasse sua qualidade de vida e fez isso utilizando a razão e as boas maneiras. Foi recompensado.

Mikael assentiu com a cabeça. Seu coração batia desordenadamente, era quase insuportável.

Às onze e quinze da noite, Lisbeth Salander bebeu um gole de água da sua garrafa enquanto virava as páginas. De repente viu algo que a fez arregalar os olhos, mas, ao contrário do que acontecera com Mikael naquele mesmo dia, não engasgou quando estabeleceu a relação.

Clique!

Durante duas horas ela percorrera boletins administrativos das várias empresas do grupo Vanger. A publicação principal intitulava-se *Informações do grupo Vanger* e trazia o logotipo do grupo — uma bandeira sueca flutuando ao vento e cuja ponta formava uma flecha. A revista fora claramente concebida pelo departamento de comunicação do grupo como veículo de propaganda destinado a garantir que os funcionários se sentissem membros de uma grande família.

Nas férias de inverno de fevereiro de 1967, Henrik Vanger, num gesto magnânimo, convidara cinquenta funcionários da sede para passar uma semana na estação de esqui de Härjedalen com suas famílias. Motivo do convite: o grupo obtivera resultados recordes no ano precedente e ele queria agradecer os esforços de todos. O departamento de comunicação, também presente, fazia uma reportagem fotográfica do evento.

Havia muitas fotos das pistas de esqui com legendas divertidas. Algumas foram tiradas no bar, onde se viam homens risonhos, com o rosto marcado pelo frio, erguendo canecas de cerveja. Duas fotos de uma pequena cerimônia matinal em que Henrik Vanger premiava, como "A Funcionária de Escritório do Ano", uma secretária chamada Ulla-Britt Mogren, de quarenta e um anos. Ela recebia um prêmio de quinhentas coroas e uma saladeira de vidro.

A entrega do prêmio fora no terraço do hotel, aparentemente pouco antes de as pessoas se lançarem de novo nas pistas de esqui. Havia umas vinte pessoas na foto. A direita, logo atrás de Henrik Vanger, achava-se um homem de cabelos compridos louros. Vestia uma jaqueta escura com um tom diferente nos ombros. Embora a foto fosse em preto-e-branco, Lisbeth Salander teve a certeza e podia apostar que era vermelho.

A legenda dizia: *Bem à direita, Martin Vanger, 19 anos, estudante de Uppsala. Já é considerado alguém com um futuro muito promissor na direção do grupo.*

— Agora te peguei, safado — disse Lisbeth Salander em voz baixa.

Ela apagou a luz da sala e deixou os boletins administrativos espalhados em cima da mesa — *aquela cretina da Bodil Lindgren que dê um jeito nisto amanhã!*

Foi para o estacionamento por uma porta lateral. Enquanto se encaminhava para a sua moto, lembrou que havia prometido avisar o guarda quando saísse. Parou e olhou para

o estacionamento. O guarda estava do outro lado do prédio. Isso significava que ela seria obrigada a retornar e dar toda a volta. *Foda-se!*

Ao chegar à moto, pegou o celular e chamou o número de Mikael. Uma voz anunciou que o aparelho não estava disponível. Mas ela descobriu que Mikael havia tentado chamá-la treze vezes entre as três e meia da tarde e às nove da noite. Nas últimas duas horas ele não fizera chamadas.

Lisbeth digitou o número do telefone fixo da casa dos convidados, mas ninguém atendeu. Franziu o cenho, pôs a mochila com o computador nas costas, o capacete, e ligou a moto. Levou dez minutos para ir do escritório Vanger, na zona industrial de Hedestad, até a ilha. Havia luz na cozinha, porém a casa estava vazia.

Lisbeth Salander saiu para dar uma espiada no lado externo da casa. Seu primeiro pensamento foi que Mikael fora à casa de Dirch Frode, mas da ponte constatou que as luzes da casa de Frode, na outra margem, estavam apagadas. Olhou seu relógio: onze e quarenta.

Voltou para casa, abriu o armário e examinou os laptops que armazenavam as imagens das câmeras de segurança. Não precisou mais de um momento para estabelecer a sequência dos acontecimentos.

Às 15h32, Mikael chegou em casa.

Às 16h03, saiu para beber um café no jardim. Levava consigo uma pasta, que examinava. Deu três breves telefonemas durante a hora em que esteve no jardim. Pelo horário, as três chamadas correspondiam, aproximadamente, às que ela não atendera.

Às 17h21, Mikael saiu. Voltou um pouco menos de quinze minutos depois.

Às 18h20, foi até o portão e olhou para o lado da ponte.

Às 21h03, saiu outra vez. Não voltou mais.

Lisbeth passou rapidamente as imagens do segundo computador, que mostravam o portão e a estrada. Ela podia ver as idas e vindas de outras pessoas durante o dia.

Às 19h12, Gunnar Nilsson chegou em sua casa.

Às 19h42, alguém no Saab da fazenda de Östergarden partiu em direção a Hedestad.

Às 20h02, o carro estava de volta — uma ida até a loja de conveniências do posto de gasolina?

A seguir, nada mais até as nove em ponto, quando o carro de Martin Vanger passou. Três minutos depois, Mikael saiu de casa.

Cerca de uma hora depois, às 21h50, Martin Vanger apareceu de repente no campo da objetiva. Ficou diante do portão por um minuto, contemplando a casa e olhando pela janela da cozinha. Depois dirigiu-se à porta da frente, tentando abri-la com uma chave. Deve ter percebido que a fechadura fora trocada e ficou imóvel por um instante, antes de se virar e ir embora.

Lisbeth Salander sentiu, de repente, um frio na barriga.

Mikael fora deixado novamente sozinho por longo tempo. Estava estendido, imóvel, em sua posição desconfortável, com as mãos algemadas às costas e o pescoço preso à

argola no chão por uma corrente fina. Moveu as algemas, mesmo sabendo que não conseguiria abri-las. Estavam tão apertadas que ele perdera a sensibilidade nas mãos.

Não tinha nenhuma chance. Fechou os olhos.

Não soube dizer quanto tempo transcorreu até ouvir de novo os passos de Martin Vanger. O empresário surgiu em seu campo de visão. Tinha um ar preocupado.

— Desconfortável? — ele perguntou.

— Sim — respondeu Mikael.

— É o único culpado por isso. Deveria ter voltado para Estocolmo.

— Por que você gosta de matar, Martin?

— É uma escolha que eu fiz. Poderia ficar aqui discutindo com você a noite toda sobre os aspectos morais e o sentido racional dos meus atos, e isso não alteraria em nada os fatos. Tente ver as coisas desse modo: o ser humano é um invólucro de pele que acondiciona células, sangue e componentes químicos. Algumas pessoas, raras, conservam-se nos livros de história. A grande maioria sucumbe e desaparece sem deixar sinal.

— Você mata mulheres.

— Nós, que matamos por prazer, pois não sou o único a me dedicar a esse passatempo, levamos uma vida de intensidade máxima.

— Mas por que Harriet, sua própria irmã?

O rosto de Martin alterou-se de repente. Num salto, aproximou-se de Mikael e o pegou pelos cabelos.

— O que aconteceu a ela?

— Que está querendo dizer? — arquejou Mikael.

Tentou virar a cabeça para diminuir a dor no couro cabeludo. A corrente logo se esticou em volta de seu pescoço.

— Você e Salander. O que vocês descobriram?

— Solte-me, não consigo falar.

Martin Vanger soltou os cabelos de Mikael e sentou-se diante dele com as pernas cruzadas. Então pegou uma faca e pôs a ponta dela na pele bem debaixo do olho de Mikael, que fez um esforço para olhar Martin.

— O que aconteceu a ela, seu filho-da-puta?

— Não entendo. Achei que você a tivesse matado.

Martin Vanger fixou Mikael por um longo momento, depois relaxou. Levantou-se e pôs-se a caminhar pelo porão enquanto refletia. Então jogou a faca no chão, riu e voltou-se para Mikael.

— Harriet, Harriet, sempre essa maldita Harriet. Tentamos... convencê-la. Gottfried tentou ensiná-la. Achamos que era uma das nossas e que aceitaria seu dever, mas ela não passava de uma... *putinha* ordinária. Achei que a tinha sob controle, mas ela estava planejando avisar Henrik e percebi que não podia confiar nela. Cedo ou tarde ela falaria de mim.

— E então a matou.

— Eu *quis* matá-la. Tinha a *intenção* de fazer isso, mas cheguei tarde demais. Não consegui vir para a ilha.

O cérebro de Mikael tentava assimilar a informação, mas era como se uma janela se abrisse e anunciasse: *memória insuficiente.* Martin Vanger não sabia o que acontecera à irmã!

De repente, Martin tirou o celular do casaco, examinou a tela e o colocou sobre a cadeira ao lado da pistola.

— Chegou a hora de liquidar esse assunto. Preciso de um tempo para me encarregar também da sua companheira anoréxica ainda esta noite.

Abriu um armário, tirou uma correia de couro e passou-a com um nó corrediço em volta do pescoço de Mikael, desatando a corrente que o prendia ao chão. Fez Mikael levantar-se e o empurrou contra a parede. Passou a correia por uma argola acima da cabeça de Mikael e a esticou, obrigando-o a ficar na ponta dos pés.

— Está muito apertado? Não consegue respirar? — Afrouxou um centímetro ou dois e prendeu a ponta da correia mais abaixo na parede. — Não quero que morra asfixiado daqui a pouco.

O laço apertava o pescoço de Mikael com tanta força que ele não conseguia falar. Martin Vanger o observou atentamente.

Com um gesto brusco, desatou o cinto da calça de Mikael e a abaixou juntamente com a cueca. Mikael perdeu o equilíbrio e pendeu por um segundo no nó corrediço, antes que os dedos do pé voltassem a tocar o chão. Martin Vanger foi buscar uma tesoura num móvel. Cortou a camiseta de Mikael e jogou os retalhos no chão. Depois postou-se a alguma distância e contemplou sua vítima.

— Nunca tive um homem aqui — disse Martin com uma voz grave. — Nunca toquei outro homem... a não ser meu pai. Era meu dever.

As têmporas de Mikael latejavam. Ele não podia apoiar o peso do corpo nos pés sem se estrangular. Tentou achar um ponto onde se segurar na parede de concreto às suas costas, mas não encontrou nada.

— Chegou a hora — disse Martin Vanger.

Pôs a mão sobre a correia e a pressionou. Mikael sentiu o laço apertar ainda mais seu pescoço.

— Sempre quis saber qual é o gosto de um homem.

Pressionou ainda mais a correia, inclinou-se para a frente e beijou Mikael na boca, bem no momento em que uma voz cortante soou no porão.

— Seu canalha... Você deveria saber que só eu tenho o direito de fazer isso.

Mikael ouviu a voz de Lisbeth através de uma neblina vermelha. Conseguiu focalizar os olhos e a viu de pé à porta. Ela fitava Martin Vanger com um olhar inexpressivo.

— Não... corra! — grasnou Mikael.

Ele não viu a expressão de Martin Vanger, mas sentiu fisicamente o choque que percorreu o corpo dele quando se virou. Por um segundo, Martin ficou imóvel, depois estendeu a mão para alcançar a pistola que deixara em cima da cadeira.

Num relâmpago, Lisbeth deu três passadas e ergueu um taco de golfe que trazia escondido. O taco descreveu um amplo círculo no ar e atingiu Martin na clavícula. O golpe

foi fortíssimo, Mikael ouviu quebrar-se alguma coisa. Martin Vanger urrou.

— Gosta de dor? — perguntou Lisbeth Salander.

Sua voz era áspera como uma lixa. Enquanto vivesse, Mikael jamais esqueceria o rosto dela no momento do ataque. Lisbeth mostrou os dentes como uma fera. Os olhos eram negros e brilhantes. Movia-se com a rapidez de uma aranha e parecia inteiramente concentrada em sua presa quando desferiu um novo golpe em Martin Vanger, nas costelas.

Ele tropeçou na cadeira e estatelou-se no chão. A pistola caiu diante de Lisbeth, que, com o pé, atirou-a para longe.

Ela o golpeou então uma terceira vez, no momento em que Martin tentava se levantar. Um estalo indicou que o atingira no quadril. Martin emitiu um som terrível. O quarto golpe se abateu sobre suas costas.

— Lis... errth... — arquejou Mikael.

Ele estava perdendo a consciência, e a dor nas têmporas era quase insuportável.

Lisbeth virou-se para ele e viu seu rosto vermelho, cor de tomate, os olhos esbugalhados de pavor e a língua começando a sair pela boca.

Lançou um olhar rápido em volta e viu a faca no chão. Olhou brevemente para Martin Vanger, que havia se ajoelhado e tentava escapar, com um braço pendendo frouxamente. Ele não seria um problema muito sério nos próximos segundos. Soltou o taco e pegou a faca. Embora tivesse a ponta afiada, ela estava quase sem fio. Lisbeth ficou na ponta dos pés e tentou febrilmente cortar a correia. Demorou alguns segundos até Mikael conseguir se apoiar no chão. Mas o nó corrediço continuava prendendo seu pescoço.

* * *

Lisbeth Salander voltou a olhar para Martin Vanger. Ele conseguira ficar de pé, porém estava curvado sobre si mesmo. Ela o ignorou e tentou enfiar os dedos entre a correia e o pescoço de Mikael. No início não ousou utilizar a faca, mas por fim decidiu introduzir a ponta dela ali, esfolando a pele ao tentar desfazer o nó. Este acabou cedendo e Mikael, num estertor, aspirou um pouco de ar.

Por um breve instante, Mikael teve a maravilhosa sensação de união entre corpo e espírito. Sua visão voltou a ficar perfeita, ele conseguia enxergar o menor grão de poeira no cômodo. Era como se cada respiração, cada roçar de roupa saíssem de alto-falantes direto para seus ouvidos; ele também sentia o cheiro da transpiração de Lisbeth e do couro de sua jaqueta. Depois, como um raio luminoso, o sangue afluiu novamente à cabeça e seu rosto recuperou a cor normal.

Lisbeth Salander virou a cabeça no momento em que Martin fugia pela porta. Ergueu-se num salto e pegou a pistola no chão, verificando se estava carregada. Destravou-a. Mikael notou que ela parecia familiarizada com as armas. Olhando em volta, os olhos dela se detiveram por meio segundo nas chaves das algemas em cima da mesa.

— Eu cuido dele — disse enquanto corria em direção à porta. No caminho apanhou as chaves e as fez deslizar pelo chão, até onde Mikael estava.

Ele tentou lhe pedir que esperasse, mas só conseguiu emitir um som rouco quando ela já havia desaparecido pela porta.

Lisbeth não esquecera que Martin Vanger possuía um rifle em algum lugar. Segurando a pistola engatilhada, ela se deteve ao chegar à passagem entre a garagem e a cozinha. Ficou prestando atenção, mas nenhum ruído revelou onde se achava a sua presa. Instintivamente dirigiu-se à cozinha. Quando já estava quase lá, ouviu um carro dar a partida.

Deu meia-volta e correu para o pátio, onde viu as luzes traseiras de um carro passando diante da casa de Henrik Vanger em direção à ponte. Correu o mais rápido que pôde até a casa dos convidados, pôs a pistola no bolso da jaqueta e não perdeu tempo com o capacete quando ligou a moto. Alguns segundos depois, atravessava a ponte.

Ele estava talvez uns noventa segundos à sua frente quando ela chegou ao viaduto de acesso à rodovia E4. Não o viu. Freou e desligou o motor para escutar.

O céu estava carregado de nuvens. No horizonte despontava um começo de aurora. Então avistou os faróis do carro de Martin Vanger na E4, na direção sul. Lisbeth acionou a moto e passou sob o viaduto. Estava a oitenta quilômetros por hora quando saiu da curva de acesso e entrou na pista, sem tráfego naquele momento. Acelerou tudo. Depois de uma curva, num longo declive da estrada, atingiu cento e setenta quilômetros por hora, o máximo que sua máquina de baixa cilindrada podia alcançar. Dois minutos depois, avistou o carro de Martin Vanger a cerca de quatrocentos metros.

Análise dos parâmetros. Que devo fazer agora?

Reduziu para cento e vinte quilômetros por hora, mantendo a mesma velocidade que a dele. Em algumas curvas perdeu-o de vista por alguns segundos. Depois pegaram um longo trecho reto. Ela estava a uns duzentos metros atrás de Martin Vanger.

Certamente ele viu o farol da moto, pois acelerou a marcha. Ela voltou a exigir o máximo da moto, mas nas curvas perdia terreno.

De longe ela viu os faróis de um caminhão. Martin Vanger também viu. Inesperadamente, ele acelerou ainda mais e passou para a pista da esquerda cento e cinquenta metros antes do choque. Lisbeth viu o caminhão frear e dar repetidos sinais de farol, mas a colisão foi inevitável. O carro de Martin Vanger chocou-se contra o caminhão com um estrondo terrível.

Lisbeth freou instintivamente ao ver o caminhão virar na pista. Na velocidade em que estava, levou dois segundos para chegar ao local do acidente e por pouco não foi atingida pela traseira do caminhão. Quando passou, viu com o canto do olho labaredas surgindo na parte dianteira.

Continuou por mais uns cento e cinquenta metros antes de parar e se virar. Viu o motorista do caminhão saltar da cabine. Então seguiu até Akerby, dois quilômetros ao sul, onde entrou à esquerda para pegar a estrada velha rumo ao norte, paralela à E4. Passou pelo local do acidente e viu que dois carros haviam parado. O de Martin estava totalmente esmagado debaixo do caminhão, envolto em labaredas enormes. Um homem tentava apagar o fogo com um pequeno extintor.

Ela acelerou e logo estava de volta a Hedeby. Cruzou a ponte, estacionou em frente à casa dos convidados e retornou a pé para a casa de Martin Vanger.

* * *

Mikael continuava tentando se livrar das algemas. Suas mãos estavam tão dormentes que ele não conseguia pegar a chave. Lisbeth abriu as algemas e o manteve

apertado contra o peito até o sangue voltar a circular por suas mãos.

— E Martin? — perguntou Mikael com uma voz rouca.

— Morto. Chocou-se de frente, a cento e cinquenta por hora, contra um caminhão a poucos quilômetros daqui, na E4.

Mikael fitou-a espantado. Não fazia muito tempo que ela havia saído.

— Precisamos... chamar a polícia — arquejou Mikael antes de ser tomado por um violento acesso de tosse.

— Para quê? — perguntou Lisbeth Salander.

Mikael não conseguia se levantar. Permaneceu sentado no chão ainda por dez minutos, nu e encostado à parede. Massageou-se no pescoço e ergueu a garrafa de água com dedos insensíveis. Lisbeth esperou pacientemente ele se recuperar. Aproveitou para refletir.

— Vista-se.

Ela utilizou a camiseta cortada de Mikael para limpar as impressões digitais nas algemas, na faca e no taco de golfe. Pegou a garrafa de água.

— O que está fazendo?

— Vista-se. Está amanhecendo. Vamos, depressa.

Mikael ergueu-se sobre as pernas cambaleantes e conseguiu vestir a cueca e a calça. Enfiou os pés nos tênis. Lisbeth pôs as meias dele no bolso da jaqueta e perguntou:

— Tocou em alguma coisa aqui no porão?

Mikael olhou ao redor, tentando se lembrar. Por fim, disse que não havia tocado em nada a não ser na porta e nas chaves. Lisbeth encontrou as chaves no casaco que Martin Vanger deixara no encosto da cadeira. Limpou meticulosamente a maçaneta da porta e o interruptor, depois apagou a luz. Conduziu Mikael até o alto da escada e pediu-lhe que esperasse na passagem, enquanto ela recolocava o taco de golfe no lugar. Ao voltar, trazia uma camiseta escura que pertencera a Martin Vanger.

— Vista. Não quero que alguém te veja passeando sem camisa de madrugada.

Mikael percebeu que estava em estado de choque. Lisbeth assumira o comando e ele obedecia a suas ordens sem discutir. Deixaram a casa de Martin Vanger. Enquanto caminhavam, ela o amparava com seu corpo. Quando cruzaram a porta de Mikael, ela voltou-se para ele e disse:

— Se alguém nos viu e perguntar o que estávamos fazendo lá fora esta noite, diga que fomos dar um passeio até o promontório e depois transamos por lá.

— Lisbeth, não posso...

— Agora vá tomar um banho!

Ajudou-o a tirar as roupas e apontou-lhe o banheiro. Depois foi preparar um café e meia dúzia de torradas com queijo, patê de fígado e pepino em conserva. Estava sentada à mesa da cozinha, mergulhada numa intensa reflexão, quando Mikael retornou, mancando. Ela examinou os ferimentos e as escoriações visíveis em seu corpo. A correia deixara uma mancha vermelha-escura em volta da garganta e a faca produzira um corte no lado esquerdo do pescoço.

— Venha — ela disse. — Deite-se na cama.

Foi buscar curativos e cobriu a ferida com uma compressa. Depois serviu-lhe café e estendeu-lhe uma torrada.

— Não estou com fome — disse Mikael.

— Coma! — ordenou Lisbeth Salander, enquanto ela mesma dava uma grande bocada na torrada de queijo.

Mikael fechou os olhos por alguns segundos. Depois sentou-se e mordeu a torrada. Sua garganta doía tanto que mal conseguia engolir.

— Deixe o café esfriar um pouco. Deite-se de bruços.

Ela ficou cinco minutos massageando-lhe as costas com uma pomada. Depois virou-o de frente para ela e administrou o mesmo tratamento na parte frontal do corpo.

— Vai ficar com alguns sérios hematomas durante um bom tempo.

— Lisbeth, precisamos chamar a polícia.

— Não — ela disse, e com tal determinação na voz que Mikael arregalou os olhos. — Se você chamar a polícia, eu vou embora. Não quero nada com eles. Martin Vanger está morto. Morreu num acidente de carro. Há testemunhas. Deixe a polícia ou quem quer que seja descobrir aquela maldita câmara de tortura. Você e eu não sabemos de nada, assim como os outros habitantes do povoado.

— Por quê?

Ela ignorou a pergunta e continuou a massagear-lhe as coxas doloridas.

— Lisbeth, mas é simplesmente impossível...

— Se você continuar me aborrecendo, eu te levo de volta à masmorra de Martin e te acorrento de novo.

Nem havia terminado a frase quando Mikael adormeceu, tão subitamente como se tivesse desmaiado.

25. SÁBADO 12 DE JULHO — SEGUNDA-FEIRA 14 DE JULHO

Mikael despertou sobressaltado às cinco da manhã e levou desesperadamente as mãos ao pescoço para tirar a correia. Lisbeth foi vê-lo, segurou-lhe as mãos e o acalmou. Ele abriu os olhos e a fitou com um vago olhar. Não sabia que você jogava golfe — murmurou, voltando a fechar os olhos.

Ela permaneceu ao lado dele por alguns minutos, ate ter certeza de que ele adormecera de novo. Enquanto Mikael estivera dormindo, ela havia retornado ao porão de Martin Vanger para inspecionar o local do crime. Além dos instrumentos de tortura, havia encontrado uma coleção enorme de revistas de pornografia violenta e uma série de fotos polaróide coladas em álbuns.

Não havia um diário íntimo. No entanto ela achou duas pastas com fotos três por quatro e anotações sobre mulheres escritas à mão. Trouxe consigo essas pastas num cesto de náilon, junto com o laptop de Martin Vanger, que havia encontrado numa mesinha, no andar de cima. Depois que Mikael voltou a dormir, Lisbeth continuou a explorar o computador e as pastas de Martin. Eram mais de seis da manhã quando desligou o computador. Acendeu um cigarro e mordeu pensativamente o lábio inferior.

Ela e Mikael haviam se lançado à caça do que julgavam ser um assassino serial do passado, mas depararam com uma história bem diferente. Ela mal conseguia imaginar os horrores que haviam acontecido no porão de Martin Vanger, em meio àquele lugar idílico e bem-apresentado.

Ela tentava entender.

Martin Vanger havia matado mulheres desde os anos 1960, nos últimos quinze anos ao ritmo de uma ou duas vítimas por ano. A matança fora tão discreta e bem organizada que ninguém sequer percebera que havia um assassino serial em atividade. Como era possível?

As pastas sugeriam parte da resposta.

Suas vítimas eram mulheres anônimas, geralmente recém-imigradas, que não tinham amigos nem contatos sociais na Suécia. Havia também prostitutas e mulheres socialmente marginalizadas, com abuso de drogas, álcool e outros problemas existenciais.

Em seus estudos sobre a psicologia do sadismo sexual, Lisbeth Salander aprendera que esse tipo de assassino gostava de colecionar objetos das vítimas. Eles serviam de suvenires utilizados para recriar em parte o gozo sentido. Martin Vanger desenvolvera essa tendência redigindo uma compilação necrológica. Catalogara minuciosamente suas vítimas, com anotações que comentavam e descreviam seus sofrimentos, juntando a seus crimes filmes de vídeo e fotografias.

A violência e o assassinato eram o objetivo final, mas Lisbeth concluiu que, na realidade, a caça era o que interessava a Martin Vanger. Em seu laptop ele criara um

banco de dados com o registro de centenas de mulheres. Havia empregadas do grupo Vanger, dos restaurantes onde ele fazia suas refeições, recepcionistas dos hotéis onde se hospedava, funcionárias da previdência social, secretárias de homens de negócios com quem se relacionava e uma série de outras mulheres. Era como se Martin Vanger registrasse e catalogasse praticamente todas as mulheres que encontrava.

Só uma parte ínfima delas havia sido assassinada, mas todas eram vítimas potenciais que ele anotava e examinava. Esse catálogo tinha o caráter de uma distração passional, à qual ele devia dedicar muitas horas.

Ela é casada ou solteira? Tem filhos e uma família? Onde trabalha? Onde mora? Que carro dirige? Experiência profissional? Cor dos cabelos? Cor da pele? Corpulência?

Lisbeth percebeu que a coleta de dados pessoais das possíveis vítimas devia ocupar uma parte importante das fantasias sexuais de Martin Vanger. Ele era primeiro um caçador, depois um matador.

Quando Lisbeth terminou de ler, encontrou um pequeno envelope numa das pastas. Dentro dele havia duas fotos polaróide com as pontas amassadas e amarelecidas. Na primeira via-se unia jovem morena sentada a uma meia. Vestia uma calça escura e estava com o torso nu, deixando ver pequenos seios. Ela desviava o rosto da objetiva e fazia menção de levantar um braço para se proteger, como se o fotógrafo a tivesse surpreendido com a máquina. Na segunda foto, ela também estava com o torso nu, mas deitada de bruços numa cama com uma colcha azul. O rosto também fugia da objetiva.

Lisbeth pôs o envelope com as fotos no bolso da jaqueta. Então introduziu as pastas no aquecedor a lenha, riscou um fósforo, deixou que se consumissem e retirou as cinzas. Chovia forte quando ela saiu de casa para jogar, discretamente, o laptop de Martin Vanger nas águas sob a ponte.

Quando Dirch Frode abriu com um golpe seco a porta da frente, Lisbeth fumava um cigarro diante de seu café à mesa da cozinha. O rosto de Krode estava cor de cinza e ele parecia alguém que fora despertado brutalmente.

— Onde está Mikael? — perguntou.

— Dormindo.

Dirch Frode desabou numa cadeira. Lisbeth encheu uma xícara de café e a empurrou na direção dele.

— Martin... Acabo de saber que Martin se matou quando dirigia seu carro esta noite.

— Que triste — disse Lisbeth antes de beber um gole de café.

Dirch Frode ergueu os olhos. Primeiro olhou-a perplexo. Depois seus olhos se arregalaram.

— Como...?

— Houve um acidente. Um acidente estúpido.

— Você sabe o que aconteceu?

— Ele se atirou na frente de um caminhão. Suicidou-se. A pressão, o estresse e um império financeiro em declínio, tudo isso deve ter sido demais para ele. Em todo caso, acho que é o que dirão as manchetes.

Dirch Frode parecia a ponto de um ataque de fúria. Levantou-se vivamente e foi abrir a porta do quarto.

— Deixe-o dormir — disse Lisbeth com voz firme.

Frode olhou o corpo adormecido. Viu hematomas e ferimentos no torso de Mikael, a marca vermelha deixada pela correia no pescoço. Lisbeth tocou o braço dele e voltou a fechar a porta. Frode recuou e sentou-se devagar, prostrado, no banco.

Lisbeth Salander contou rapidamente o que se passara durante a noite. Fez uma descrição detalhada da câmara de horrores de Martin Vanger e explicou que encontrara Mikael suspenso por um nó corrediço e o diretor administrativo do grupo Vauger de pé na frente dele. Contou o que descobrira no dia anterior nos arquivos do grupo e de que maneira fizera a ligação entre o pai de Martin e pelo menos sete assassinatos de mulheres.

Dirch Frode não a interrompeu uma única vez. Quando ela terminou de falar, permaneceu mudo por um longo tempo antes de suspirar profundamente e de balançar lentamente a cabeça.

— O que vamos fazer?

— Não é problema meu — disse Lisbeth num tom inexpressivo.

— Mas...

— Quer que eu te diga? Nunca pus os pés em Hedestad.

— Não estou entendendo.

— Em hipótese alguma quero aparecer num relatório policial. Eu não existo nessa história. Se meu nome for mencionado e relacionado ao que aconteceu, negarei ter vindo aqui e não responderei a pergunta nenhuma.

Dirch Frode tentava entendê-la.

— Não entendo.

— Não precisa entender.

— Que vou fazer então?

— Você é que decide, contanto que não nos envolva nisso, nem a mim nem a Mikael.

Dirch Frode estava lívido.

— É só considerar as coisas assim: tudo o que você sabe é que Martin morreu num acidente na estrada. Desconhece completamente que ele também era um assassino psicopata e nunca ouviu falar daquele porão.

Ela pôs a chave diante dele, em cima da mesa.

— Você ainda tem tempo antes que alguém vá examinar o porão de Martin e descubra aquele cômodo. Certamente não vai acontecer agora.

— Nós temos que chamar a polícia.

— Nós, não. Chame a polícia se quiser. A decisão é sua.

— Não podemos abafar esse caso.

— Não estou propondo que o abafe, apenas que não envolva a Mikael e a mim. Quando tiver visto o porão, vai tirar suas próprias conclusões e decidir com quem quer falar.

— Se o que você diz é verdade, isso significa que Martin sequestrou e matou mulheres... portanto há famílias desesperadas que não sabem onde estão suas filhas. Não podemos simplesmente...

— É verdade. Mas há um problema: os corpos desapareceram. Talvez você encontre passaportes ou carteiras de identidade numa gaveta. Algumas vítimas poderão ser identificadas pelos vídeos. Mas você não é obrigado a tomar nua decisão hoje. Reflita um pouco mais.

Dirch Frode parecia em pânico.

— Meu Deus! Isso vai ser o tiro de misericórdia do grupo. Quantas pessoas vão ficar desempregadas se for revelado que Martin...

Frode balançava-se para a frente e para trás, pressionado por um dilema moral.

— Esse é um dos aspectos. Se Isabella Vanger assumir o cargo de Martin, não seria bom que ela fosse a primeira a saber do passatempo do filho.

— Preciso ir ver...

— Na minha opinião, você deveria se manter longe daquele porão hoje — disse Lisbeth com autoridade.

— Há muitas providências a tomar. Você precisa avisar Henrik, precisa convocar a diretoria para uma reunião extraordinária e fazer o que fariam se o diretor administrativo tivesse falecido em circunstâncias normais.

Dirch Frode ponderou sobre as palavras dela. Seu coração deixou-se levar. Ele, o velho advogado que resolvia problemas e de quem se esperava um plano pronto diante de qualquer obstáculo, sentia-se totalmente paralisado. De repente se deu conta de que estava aceitando orientações de uma jovem. De um modo ou de outro, ela assumira o comando da situação e traçava as linhas de ação que ele não conseguia formular.

— E Harriet...?

— Mikael e eu ainda não terminamos. Mas pode dizer a Henrik Vanger que acho que vamos resolver isso também.

O desaparecimento inesperado de Martin Vanger era o destaque do noticiário das nove da manhã, quando Mikael despertou. Nada foi mencionado sobre os acontecimentos da noite, a não ser que o industrial deixara a pista da direita de forma inexplicável, em alta velocidade.

Ele estava sozinho no carro. A emissora de rádio local demorava-se mais sobre as inquietações quanto ao futuro do grupo Vanger e quanto às consequências financeiras que essa morte traria ao grupo.

Ao meio-dia, um despacho da TT, redigido às pressas, anunciava na tevê "Uma região em estado de choque" e resumia as repercussões imediatas para o grupo Vanger. Não escapava a ninguém que, só em Hedestad, três mil vinte e quatro mil habitantes eram empregados do grupo Vanger ou dependiam indiretamente da saúde financeira do grupo. O atual diretor morrera e o ex-diretor era um velho tentando se recuperar de um infarto recente. Faltava um herdeiro natural. Tudo isso num período considerado como o mais crítico da história da empresa.

Mikael Blomkvist tinha a possibilidade de ir à delegacia de polícia para explicar o que acontecera durante a noite, mas Lisbeth Salander já havia traçado o caminho. Uma vez que ele não chamara a polícia imediatamente, tornava-se cada vez mais difícil fazer isso a cada hora que passava. Durante a manhã, ele ficou afundado no banco da cozinha, num silêncio mal-humorado, enquanto contemplava a chuva e as grossas nuvens que cobriam o céu. Por volta das dez, desabou uma nova tempestade, mas ao meio-dia a chuva parou e o vento acalmou um pouco. Ele saiu, enxugou as cadeiras do jardim e sentou-se com uma xícara de café. Teve o cuidado de levantar a gola da camisa.

Como era de se esperar, a morte de Martin estendeu uma sombra sobre o cotidiano do povoado. Carros começaram a estacionar diante da casa de Isabella Vanger, indicando que o clã se reunia. Pessoas apresentavam suas condolências. Lisbeth contemplava o desfile com indiferença. Mikael permanecia mudo.

— Como está se sentindo? — ela perguntou enfim.

Mikael refletiu um momento antes de responder.

— Acho que ainda estou em estado de choque — disse. — Fiquei totalmente indefeso por várias horas. Achei que ia morrer. A angústia de morrer me revolvia as tripas e eu me sentia totalmente impotente.

Estendeu a mão e a pousou sobre o joelho de Lisbeth.

— Obrigado — disse. — Se você não tivesse chegado, ele teria me matado.

Lisbeth retribuiu com um sorriso enviesado. Mikael prosseguiu:

— Só que... eu não consigo entender como pôde ser tão louca de enfrentá-lo sozinha. Eu estava ali, no chão, rezando para que você visse a foto, fizesse a ligação e chamasse a polícia.

— Se eu esperasse a polícia chegar, você não teria sobrevivido. Eu não podia deixar aquele canalha te trucidar.

— Por que você não quer ver a polícia?

— Não falo com as autoridades.

— Por que não?

— Problema meu. Mas, no que diz respeito a você, não acho que seria muito interessante para a sua carreira te apresentarem como o jornalista violentado por Martin Vanger, o conhecido assassino serial. Se já não gosta do Super-Blomkvist, imagine os novos apelidos que viriam.

Mikael olhou-a intensamente, depois abandonou o assunto.

— Temos um problema — disse Lisbeth.

Mikael assentiu com a cabeça, sabia a que ela estava se referindo.

— O que aconteceu a Harriet?

Lisbeth pôs as duas fotos polaróide em cima da mesa diante dele. Explicou onde as encontrara. Mikael examinou as fotos com atenção antes de levantar os olhos.

— Pode ser ela — disse por fim. — Não posso jurar, mas a corpulência e os cabelos lembram todas as fotos que vi dela.

Mikael e Lisbeth ficaram no jardim por uma hora, encaixando as peças do quebra-cabeça. Descobriram que ambos, cada um de seu lado, haviam identificado Martin Vanger como o elo perdido.

Lisbeth não chegara a ver a foto que Mikael havia deixado em cima da mesa da cozinha. Na noite anterior, depois de examinar as imagens das câmeras de segurança, ela concluíra que Mikael fizera algo estúpido e fora até a casa de Martin pelo caminho que margeava a água. Observou todas as janelas e não viu ninguém. Muito discretamente, verificou todas as portas e janelas do térreo e então foi escalando a parede até alcançar uma sacada aberta no andar de cima. Levou tempo, e ela agiu com a maior prudência, examinando cômodo por cômodo da casa. Por fim, descobriu a escada que levava ao porão. Martin fora negligente: deixara entreaberta a porta de sua câmara de torturas e ela logo entendeu tudo.

— Você ficou escutando por algum tempo o que ele dizia?

— Não muito. Cheguei quando ele estava te interrogando sobre o que havia acontecido a Harriet, pouco antes de te suspender como um porco. Me afastei só por um minuto e subi para buscar uma arma. Encontrei o taco golfe num armário.

— Martin Vanger não tinha a menor ideia do que aconteceu a Harriet.

— E você acredita?

— Sim — disse Mikael sem hesitar. — Martin estava mais enlouquecido do que uma doninha furiosa... não sei de onde me veio essa imagem... mas ele admitiu todos os crimes que cometeu. Falava à vontade. Tive até a impressão de que queria me impressionar. Mas, no que se refere a Harriet, estava tão desesperadamente em busca da verdade quanto Henrik Vanger.

— E então... isso nos leva aonde?

— Sabemos que Gottfried estava por trás da primeira série de assassinatos, entre 1949 e 1965.

— Certo. E que ele iniciou Martin.

— Estamos falando de uma família com problemas — disse Mikael. — Na verdade, Martin não tinha chance nenhuma.

Lisbeth Salander lançou um olhar estranho a Mikael.

— O que Martin me contou, embora aos pedaços, é que o pai começou a iniciá-lo na época da puberdade. Ele assistiu ao assassinato de Lea em Uddevalla, em 1962. Na época tinha catorze anos. Assistiu ao assassinato de Sara, em 1964. Dessa vez participou ativamente. Tinha dezesseis anos.

— E?

— Ele me disse que não era homossexual e que nunca havia tocado um homem, exceto o pai. Isso me faz pensar... bem, a única conclusão que se pode tirar é que o pai o violentava. Os abusos sexuais devem ter prosseguido por muito tempo. Ele foi iniciado, por assim dizer, pelo pai.

— Você está dizendo bobagem — falou Lisbeth Salander.

Sua voz de repente ficou dura como pedra. Mikael olhou para ela surpreso. Havia algo de inflexível no olhar dela, sem a menor compaixão.

— Martin poderia resistir como qualquer outra pessoa. Ele fez sua escolha. Matava e violentava porque gostava disso.

— Concordo. Mas Martin era um menino maltratado, influenciado pelo pai, assim como Gottfried foi maltratado pelo seu pai nazista.

— Ah, sei, você parte do princípio de que Martin não tinha vontade própria e que as pessoas se tornam aquilo para o qual foram educadas.

Mikael sorriu prudentemente.

— E um ponto sensível para você?

Os olhos de Lisbeth flamejaram numa súbita cólera contida. Mikael prosseguiu rápido.

— Não estou afirmando que as pessoas são influenciadas apenas pela educação que recebem, mas acho que ela desempenha um papel importante. O pai de Gottfried o espancou, e seriamente, por anos e anos. Isso deixa marcas.

— Você está dizendo bobagem — repetiu Lisbeth. — Gottfried não foi o único coitado no mundo a ter sido surrado. O que também não lhe dava carta branca para assassinar mulheres. Foi uma escolha que ele mesmo fez. E isso também vale para Martin.

Mikael ergueu uma mão.

— Não vamos discutir.

— Não estou discutindo. Simplesmente acho patético que sempre concedam circunstâncias atenuantes aos canalhas.

— Concordo. Eles têm mesmo uma responsabilidade pessoal. Passaremos isso a limpo depois. O fato é que Gottfried morreu quando Martin tinha dezessete anos e ele ficou sem ninguém para guiá-lo. Tentou prosseguir nas pegadas do pai. Fevereiro de 1966, Uppsala.

Mikael inclinou-se para pegar um dos cigarros de Lisbeth.

— Não vou nem começar a especular sobre que pulsões Gottfried estava tentando satisfazer, nem de que maneira interpretava seus atos. Ele se apoiou numa algaravia bíblica que um psiquiatra, talvez, pudesse esclarecer que fala de castigos e de purificação num sentido ou noutro. Não importa. Ele era um assassino serial.

Refletiu um segundo antes de continuar.

— Gottfried queria matar mulheres e revestia os crimes numa espécie de raciocínio pseudo-religioso. Mas Martin nem sequer fingia ter uma desculpa. Era organizado e matava de maneira sistemática. Além disso, tinha dinheiro para se dedicar a seu *hobby.* E era mais astuto que o pai. Toda vez que Gottfried deixava para trás um cadáver, isso significava um inquérito policial e o risco de alguém chegar até ele, ou pelo menos de fazer a ligação entre os diferentes assassinatos.

— Martin Vanger mandou construir sua casa nos anos 1970 — disse Lisbeth pensativamente.

— Acho que Henrik disse 1978. Ele provavelmente encomendou um porão de segurança para arquivos importantes ou algo do gênero. Obteve uma peça à prova de som, sem janelas e com uma porta blindada.

— Usou esse lugar por vinte e cinco anos.

Calaram-se por alguns momentos e Mikael pensou que atrocidades não teriam se passado naquela idílica ilha de Hedeby durante um quarto de século. Lisbeth não precisou imaginar; tinha visto a coleção de vídeos. Ela percebeu que Mikael tocava involuntariamente o próprio pescoço.

— Gottfried odiava as mulheres e ensinou o filho a também odiar as mulheres, enquanto o violentava. Mas havia algo mais... acho que Gottfried imaginava que os filhos deviam compartilhar sua visão pervertida do mundo, para dizer o mínimo. Quando perguntei a Martin sobre Harriet, sua própria irmã, ele disse: *Tentamos convencê-la. Mas ela não passava de uma putinha ordinária. Estava planejando avisar Henrik.*

Lisbeth assentiu com a cabeça.

— Eu ouvi. Foi mais ou menos nesse momento que eu cheguei ao porão. Isso significa que agora conhecemos o motivo da misteriosa conversa que ela queria ter com Henrik.

Mikael franziu a testa.

— Não exatamente. Pense na cronologia dos fatos. Não sabemos quando Gottfried violentou o filho pela primeira vez, mas ele levou Martin a Uddevalla para matar Lea Persson em 1962. Gottfried afogou-se em 1965. Antes disso, ele e Martin haviam tentado *convencer* Harriet. O que se pode deduzir daí?

— Que Gottfried não violentou apenas Martin. Ele atacou também Harriet.

Mikael assentiu com a cabeça.

— Gottfried era o professor, Martin o aluno. E Harriet era o joguete dos dois, digamos assim.

— Gottfried ensinou Martin a ter intimidades com a irmã. — Lisbeth mostrou as fotos polaróide. — É difícil determinar a atitude dela por essas duas fotos, pois só vemos seu rosto tentando se esconder da objetiva.

— Digamos que tudo começou quando ela tinha catorze anos, em 1964. Ela se defendeu — *não conseguia aceitar* —, segundo Martin. Era isso que ela ameaçava contar. Martin certamente não tinha grande experiência na época, ele consultava o pai, mas Gottfried e ele firmaram uma espécie de pacto através do qual tentavam iniciar Harriet.

Lisbeth assentiu com a cabeça.

— Você escreveu, nas suas anotações, que Henrik Vanger insistiu para que Harriet fosse morar na casa dele no inverno de 1964.

— Henrik percebeu que algo não ia bem naquela família. Para ele, a causa eram discussões e desavenças entre Gottfried e Isabella, por isso acolheu Harriet em sua casa para que ela pudesse ficar tranquila e se dedicar aos estudos.

— Um contratempo para Gottfried e Martin. Eles não podiam mais dispor dela facilmente, nem controlar sua vida. Mas de tempo em tempo... Onde aconteciam esses abusos?

— Provavelmente na cabana de Gottfried. Tenho quase certeza que as fotos foram tiradas lá. Vai ser fácil verificar. A casa tem uma localização perfeita, é isolada e longe do povoado. Até que um dia Gottfried bebeu demais e acabou se afogando como um imbecil.

Lisbeth balançou pensativamente a cabeça.

— O pai de Harriet tinha ou tentava ter relações sexuais com ela, mas aposto que não a iniciou nos assassinatos.

Mikael entendeu que esse era um ponto a ser esclarecido. Harriet anotara os nomes das vítimas de Gottfried e os associara a citações bíblicas, mas seu interesse pela Bíblia só havia se manifestado no último ano, quando Gottfried já havia morrido. Refletiu um momento, tentando encontrar uma explicação lógica.

— E então, um dia, Harriet descobre que Gottfried não é apenas um pai incestuoso como também um assassino serial furioso — disse.

— Não sabemos quando ela descobriu os assassinatos. Talvez um pouco antes de Gottfried se afogar, talvez depois, se ele tinha um diário ou se guardou recortes de jornal sobre os assassinatos. Alguma coisa a colocou na pista.

— Mas não era isso que ela ameaçava contar a Henrik — insistiu Mikael.

— Era sobre Martin — disse Lisbeth. — O pai havia morrido, mas Martin continuava a assediá-la.

— Exatamente — disse Mikael balançando a cabeça.

— Mas ela levou um ano para se decidir.

— O que você faria se descobrisse que seu pai é um assassino serial que estupra o seu irmão?

— Eu massacraria um lixo desses — disse Lisbeth com uma voz tão fria que Mikael percebeu que ela não estava brincando. De repente se lembrou do rosto de Lisbeth quando ela saltou sobre Martin Vanger. Esboçou um sorriso não muito alegre.

— Certo. Mas Harriet não é você. Gottfried morreu em 1965, antes que ela tivesse tempo de fazer o que quer que fosse. Faz sentido. Com a morte de Gottfried, Isabella enviou Martin a Uppsala. Ele talvez voltasse para casa no Natal e nas férias, mas no ano seguinte não encontrou muito Harriet. Ela pôde se distanciar um pouco dele.

— E passou a estudar a Bíblia.

— E, pelo que sabemos hoje, não necessariamente por razões religiosas. Talvez quisesse apenas tentar entender o que o pai fizera. Ela ficou remoen-do isso até a Festa das Crianças em 1966. E aí, de repente, vê o irmão surgir na rua da Estação e se dá conta de que a coisa vai recomeçar. Não sabemos se eles se falaram e se ele disse algo a ela. Seja como for, Harriet voltou depressa para casa querendo falar com urgência com Henrik.

— E em seguida desapareceu.

Reconstituída assim a sequência dos acontecimentos, a solução do quebra-cabeça parecia próxima. Mikael e Lisbeth fizeram as malas. Antes de partir, Mikael ligou para Dirch Frode e explicou que Lisbeth e ele precisavam deixar Hedeby por algum tempo, mas que fazia questão de se despedir de Henrik Vanger antes de ir embora.

Mikael quis saber o que Frode contara a Henrik. Pela voz, o advogado parecia tão estressado que Mikael se preocupou com ele. Frode demorou um momento para dizer que somente contara que Martin havia morrido num acidente de carro.

Quando estacionou na frente do hospital, Mikael ouviu novas trovoadas num céu carregado de nuvens que anunciavam chuva. Apressou o passo no estacionamento ao sentir as primeiras gotas.

Henrik Vanger estava sentado em frente à janela do quarto, vestindo um robe. A doença certamente o marcara, mas ele readquiria alguma cor nas faces e parecia *a* caminho da recuperação. Apertaram-se as mãos. Mikael pediu que a enfermeira particular os deixasse a sós por alguns minutos.

— Você não veio me ver — disse Henrik Vanger.

— Não pude. Sua família não quer me ver aqui no hospital, mas hoje estão todos com Isabella.

— Pobre Martin — disse Henrik.

— Henrik, você me pediu para descobrir a verdade sobre o que aconteceu a Harriet. Esperava que a verdade não doesse?

O velho olhou para ele. Depois abriu bem os olhos.

— Martin?

— Ele faz parte da história. Henrik fechou os olhos.

— Agora preciso lhe fazer uma pergunta.

— Qual?

— Você ainda quer saber o que aconteceu? Mesmo que doa e mesmo que a verdade seja pior do que você sempre imaginou?

Henrik Vanger olhou Mikael demoradamente. Depois balançou a cabeça.

— Quero saber. É o objetivo do seu trabalho.

— Certo. Acho que sei o que aconteceu a Harriet. Mas ainda falta uma última peça do quebra-cabeça.

— Me conte tudo.

— Não, hoje não. Agora quero que continue repousando. O médico disse que o alerta já deixou de soar e que logo você estará curado.

— Não me trate como uma criança.

— Ainda não terminei minha investigação. Só tenho suposições por enquanto, mas vou tentar achar essa última peça do quebra-cabeça. Da próxima vez contarei a história toda. Pode demorar um pouco, mas quero que saiba que eu voltarei e que você saberá a verdade.

Lisbeth cobriu a moto com uma lona, deixou-a do lado da casa oposto ao sol e instalou-se com Mikael no carro emprestado. A chuva aumentou e, ao sul de Gävle, enfrentaram um aguaceiro tão forte que Mikael mal via a estrada à frente. Por cautela, resolveu parar num posto de gasolina. Tomaram um café enquanto esperavam a chuva acalmar e só chegaram a Estocolmo por volta das sete da noite. Mikael deu a Lisbeth o código do seu prédio e a deixou numa estação de metrô. O apartamento pareceu-lhe estranho quando entrou.

Passou o aspirador e um pano de pó, enquanto Lisbeth ia ver Praga em Sundbyberg. Ela chegou à casa de Mikael cerca de meia-noite e passou dez minutos examinando cada detalhe do apartamento. Depois ficou um longo tempo diante da janela, olhando a vista do Slussen.

Armários e estantes comprados na Ikea serviam de divisória entre a sala e o quarto do *loft.* Eles se despiram e dormiram algumas horas.

Quando no dia seguinte aterrissaram em Gatwick por volta do meio-dia, foram recebidos pela chuva. Mikael havia reservado um quarto no hotel James perto do Hyde Park, um excelente hotel comparado às espeluncas de Bayswater onde sempre se hospedava em suas visitas a Londres. As despesas corriam por conta de Dirch Frode.

Às cinco da tarde, um homem de uns trinta anos encontrou-se com eles no bar do hotel. Era quase calvo, tinha uma barba loura, vestia um *casaco* muito largo, jeans e *dockside.*

— Wasp? — ele perguntou.

— Trinity? — ela rebateu. Cumprimentaram-se com um aceno de cabeça. Ele não perguntou o nome de Mikael.

O parceiro de Trinity foi apresentado como Bob the Dog. Ele esperava numa velha kombi estacionada na esquina. Entraram pela porta lateral e sentaram-se em bancos dobráveis. Enquanto Bob ziguezagueava pelo trânsito londrino, Wasp e Trinity conversavam.

— Praga me disse que se trata de um *crash-bang job.*

— Escuta telefônica e controle de e-mails num computador. Pode ser coisa rápida ou levar alguns dias, depende da pressão dele. — Lisbeth apontou para Mikael com o polegar. — Vocês conseguem?

— Os cachorros têm pulgas? — respondeu Trinity.

Anita Vanger morava numa das pequenas casas alinhadas em fila e de aspecto asseado do subúrbio de St. Albans, ao norte de Londres, um trajeto de pouco mais de uma hora de carro. Da kombi, viram-na chegar e abrir a porta às sete da noite. Esperaram uni pouco para que ela tomasse banho, comesse alguma coisa e se instalasse na frente da tevê, antes de Mikael tocar a campainha.

Uma cópia quase idêntica de Cecília Vanger abriu a porta, o rosto formando um cortês ponto de interrogação.

— Boa noite, Anita. Meu nome é Mikael Blomkvist. Henrik Vanger pediu-me que viesse vê-la. Suponho que soube de Martin.

O rosto dela passou da surpresa à vigilância. Assim que ouviu o nome Mikael Blomkvist, ela soube exatamente quem ele era. Estava em contato com Cecília Vanger, que talvez tivesse manifestado uma certa irritação com Mikael. Mas mencionar Henrik Vanger a obrigou a abrir a porta. Convidou Mikael a se instalar na sala. Ele olhou ao redor. A decoração da casa, embora bastante discreta, indicava uma pessoa com dinheiro e unia vida profissional. Observou uma litografia assinada por Auders Zorn acima de uma lareira transformada em aquecedor a gás.

— Desculpe eu ter vindo sem avisar, eu estava em Londres c tentei telefonar durante o dia.

— Entendo. Do que se trata? — A voz estava na defensiva.

— Está pretendendo ir ao funeral?

— Não. Martin e eu não éramos muito próximos e não posso me afastar do trabalho.

Mikael assentiu com a cabeça. Anita Vanger fizera o possível para se manter distante de Hedestad durante trinta anos. Desde que o pai voltara à ilha de Hedeby, ela praticamente não pusera mais os pés lá.

— Quero saber o que aconteceu a Harriet Vanger. A hora da verdade chegou.

— Harriet? O que está querendo dizer?

Mikael fez um trejeito, dando a entender que não estava disposto a se deixar enganar.

— Você era a amiga mais próxima de Harriet na família e foi a pessoa que ela procurou para contar sua terrível história.

— Você está completamente doido — disse Anita Vanger.

— Talvez você esteja certa — disse Mikael com a voz tranquila. — Anita, você esteve no quarto de Harriet naquele dia. Tenho fotos provando isso. Daqui a alguns dias farei um relatório a Henrik e depois ele assumirá o meu lugar. Por que não me conta o que aconteceu?

Anita Vanger levantou-se.

— Saia imediatamente da minha casa.

Mikael levantou-se.

— Tudo bem, mas cedo ou tarde será obrigada a me contar.

— Não tenho nada a lhe dizer.

— Martin está morto — disse Mikael com firmeza. —— Você nunca gostou dele. Acredito que veio morar em Londres não apenas para ficar longe de seu pai mas também para não ser obrigada a encontrar Martin. Isso significa que você também estava sabendo, e a única que pode ter lhe contado Harriet. A questão é saber o que você fez depois de ficar sabendo.

Anita Vanger bateu a porta na cara de Mikael.

Lisbeth Salander dirigiu um sorriso de satisfação a Mikael enquanto retirava o microfone que ele trazia sob a camisa.

— Ela deu um telefonema trinta segundos depois de ter batido a porta na sua cara — disse Lisbeth.

— A indicação do país é Austrália — acrescentou Trinity, repondo o aparelho de escuta em cima da mesinha dentro da kombi. Preciso verificar qual é o código da área.

Digitou alguma coisa no teclado de seu laptop.

— Aqui está, ela chamou este número: é um telefone numa localidade chamada Tennant Creek, ao norte de Alice Springs, no Território do Norte. Quer escutar a conversa?

Mikael fez que sim com a cabeça.

— Que horas são na Austrália agora?

— Mais ou menos cinco da manhã. — Trinity acionou a gravação digital e um alto-falante. Mikael contou oito chamadas antes de uma voz atender. Conversavam em inglês.

— Oi, sou eu.

— Humm, está certo que eu sou madrugador, mas...

— Eu quis te ligar ontem... Martin morreu. Matou-se num acidente de carro anteontem.

Silêncio. Depois, algo semelhante a uma ligeira tosse, mas que podia ser interpretado como "melhor assim".

— Só há um problema. Um jornalista detestável que Henrik contratou acabou de sair aqui de casa. Fez perguntas sobre o que aconteceu em 1966. Ele sabe de alguma coisa.

Silêncio outra vez. Depois, uma voz de comando.

— Anita, desligue agora. Devemos evitar qualquer contato por algum tempo.

— Mas...

— Escreva cartas. Mantenha-me informado do que se passa. — E a conversa foi interrompida.

— Cara esperto! — disse Lisbeth Salander com admiração na voz. Voltaram ao hotel um pouco antes das onze. A recepção encarregou-se de reservar lugares no primeiro voo disponível para a Austrália. Em quinze minutos, conseguiram lugar num avião que sairia às 19h05 no dia seguinte, com destino a Canberra, Nova Gales do Sul.

Resolvidos todos os detalhes, deitaram-se na cama, exaustos.

Era a primeira visita de Lisbeth Salander a Londres e eles saíram para passear de manhã, da Tottenham Court Road ao Soho. Pararam para beber um *caffe latte* na Old

Compton Street. Por volta das três, voltaram ao hotel para pegar as malas. Enquanto Mikael fechava a conta, Lisbeth viu que havia uma mensagem de texto urgente no seu celular.

— Dragan Armanskij precisa falar com você.

Ela usou um telefone da recepção para falar com seu chefe. Mikael estava a seu lado e de repente viu Lisbeth virar-se para ele com o rosto paralisado.

— O que aconteceu?

— Minha mãe morreu. Preciso voltar.

Lisbeth parecia tão desesperada que Mikael abraçou-a. Ela o afastou. Beberam um café no bar. Quando Mikael disse que mudaria as reservas para a Austrália e a acompanharia a Estocolmo, ela balançou a cabeça.

— Não — disse secamente. — Não podemos abandonar o trabalho agora. Você irá sozinho à Austrália.

Separaram-se em frente ao hotel e cada um tomou o seu ônibus, com destino a aeroportos diferentes.

26. TERÇA-FEIRA 15 DE JULHO — QUINTA-FEIRA 17 DE JULHO

Mikael pegou um voo doméstico de Canberra a Alice Springs, única possibilidade de que dispunha no meio da tarde. Depois, pôde escolher entre um voo particular e um carro alugado. Escolheu o carro para enfrentar os quatrocentos quilômetros restantes.

Um desconhecido com o nome bíblico de Joshua, e que fazia parte da rede web internacional de *Praga,* ou talvez de Trinity, deixara um envelope destinado a Mikael na recepção do aeroporto de Canberra.

O número de telefone para o qual Anita ligara era de uma fazenda, Cochran Farm. Uma breve nota acompanhava a informação: criação de ovelhas.

Um artigo extraído na internet fornecia detalhes sobre a criação de ovelhas na Austrália.

O país tem 18 milhões de habitantes, entre os quais 53 mil criadores de ovelhas cuidando de cerca de 120 milhões de animais. Somente a exportação de lã rende mais de 3,5 bilhões de dólares por ano, sem contar a exportação de 700 milhões de toneladas de carne de ovelha e mais as peles para a indústria do vestuário. A produção de carne e de lã é um dos setores econômicos mais importantes do país.

A Cochran Farm, fundada em 1891 por um certo Jeremy Cochran, era a quinta maior empresa agropecuária da Austrália, com cerca de sessenta mil *merino sheep,* cuja lã era considerada de excelente qualidade. Além de ovelhas, a fazenda criava também vacas, porcos e galinhas.

Mikael constatou que a Cochran Farm era uma empresa com um volume anual de negócios impressionante, que exportava para os Estados Unidos, China, Japão e Europa, entre outros.

As biografias eram ainda mais interessantes.

Em 1972, a Cochran Farm passou das mãos de Raymond Cochran para seu herdeiro Spencer Cochran, formado em Oxford, na Inglaterra. Spencer falecera em 1994 e desde então a fazenda era dirigida por sua viúva. Ela aparecia numa foto de baixa resolução extraída do site da Cochran Farm, que mostrava uma mulher loura de cabelos curtos. Parte de seu rosto estava virado um cordeiro, que ela acariciava. Segundo Joshua, Spencer e ela haviam se casado na Itália em 1971.

Ela se chamava Anita Cochran.

Mikael passou a noite num lugarejo perdido e desértico com um nome que exalava esperança: Wannado. Num bar de esquina, comeu carne de carneiro assada e bebeu três

pints, na companhia de alguns tipos locais que o chamavam de *mate, e* que falavam com um sotaque engraçado. Ele tinha a impressão de estar em plena filmagem de *Crocodilo Dundee.*

Na noite anterior, antes de ir dormir, ele havia telefonado para Erika em Nova York.

— Desculpe, Ricky, mas andei tão ocupado que nem tive tempo de ligar.

— Mas o que está havendo em Hedestad, criatura?! — ela explodiu. — Christer me telefonou para dizer que Martin morreu num acidente de carro.

— E uma longa história.

— E por que você não atende o telefone? Estou chamando sem parar há dois dias.

— Aqui não pega.

— Aqui onde?

— Neste momento, a uns duzentos quilômetros ao norte de Alice Springs. Na Austrália, portanto.

Mikael quase nunca conseguia surpreender Erika, mas desta vez ela emudeceu por uns dez segundos.

— E o que você está fazendo na Austrália, ainda que mal pergunte?

— Estou terminando o trabalho. Voltarei à Suécia daqui a alguns dias. Liguei apenas para contar que a missão para Henrik Vanger está quase no fim.

— Quer dizer que descobriu o que aconteceu a Harriet?

— Acho que sim.

Ele chegou à Cochran Farm no dia seguinte, ao meio-dia, e ficou sabendo que Anita Cochran se encontrava num distrito de produção, numa localidade chamada Makawaka, cento e vinte quilômetros a oeste.

Eram quatro da tarde quando Mikael encontrou o lugar, após percorrer um grande número de estradas vicinais. Parou diante de uma cerca onde um grupo de peões estava reunido em volta do capo de um jipe, comendo alguma coisa. Mikael desceu, apresentou-se e disse que procurava Anita Cochran. Os rapazes olharam para um homem musculoso, de uns trinta anos, que parecia ser quem tomava as decisões. Tinha o torso nu e bronzeado, exceto nas partes normalmente cobertas pela camiseta. Usava um chapéu de caubói.

— *Well, mate,* a patroa está uns dez quilômetros para lá — disse, apontando com o dedo.

Ele olhou para o carro de Mikael com ceticismo e acrescentou que não era uma boa ideia prosseguir na estrada com aquele brinquedinho japonês. Mas disse que de todo modo ele precisava ir até lá e que podia levar Mikael no jipe, único veículo adaptado ao tipo de terreno que os esperava. Mikael agradeceu e teve o cuidado de pegar a sacola com seu notebook.

O homem disse que se chamava Jeff e contou que era o *studs manager al the station.* Mikael perguntou o que aquilo significava. Jeff olhou-o curioso, percebendo que Mikael não devia ser do país. Explicou que *studs manager* equivalia a um gerente de banco, só que lidava com ovelhas, e que *station* era a palavra australiana para "rancho".

Continuaram conversando enquanto Jeff manobrava o jipe com tranquilidade a vinte quilômetros por hora, num declive impressionante até o fundo de um desfiladeiro. Mikael agradeceu sua boa estrela por não ter tentado prosseguir no carro alugado. Ficou sabendo que na base do desfiladeiro havia pastagens para cerca de setecentas ovelhas.

— Se entendi bem, Cochran Farm é uma grande empresa agropecuária.

— Uma das maiores da Austrália — respondeu Jeff com algum orgulho na voz. — Temos cerca de nove mil ovelhas aqui no distrito de Makawaka, mas possuímos também *stations* na Nova Gales do Sul e na Austrália Ocidental. Ao todo, são mais de sessenta e três mil ovelhas.

Saíram do desfiladeiro para um terreno ondulado mais suave. De repente Mikael ouviu tiros. Viu ovelhas mortas, grandes braseiros e uns dez peões, todos com espingardas na mão. Pareciam ocupar-se do abate de animais.

Involuntariamente, Mikael fez a associação com os cordeiros do sacrifício bíblico.

Então viu uma mulher vestindo jeans e camisa xadrez branca e vermelha, de cabelos louros curtos. Jeff estacionou a poucos metros dela.

— *Hi boss. We got a tourist* — disse.

Mikael desceu do jipe e olhou para ela, que o encarou com olhos interrogativos.

— Bom dia, Harriet. Faz um bom tempo que não nos vemos — disse Mikael em sueco.

Nenhum dos homens que trabalhavam para Anita Cochran entendeu que ele disse, mas eles viram a reação dela. Anita Cochran deu um passo para trás, amedrontada. Os empregados tiveram o reflexo instantâneo de proteger a patroa. Viram-na empalidecer, calaram-se e se aproximaram, prontos para se interpor entre ela e aquele estranho que claramente a perturbava. A amabilidade de Jeff havia desaparecido por completo quando ele deu um passo na direção de Mikael.

Mikael deu-se conta de que estava num lugar inacessível do outro lado do planeta, cercado por um bando de criadores de ovelhas encharcados de suor com espingardas na mão. Uma palavra de Anita Cochran, e eles o encheriam de chumbo.

Mas o instante havia passado. Harriet Vanger ergueu a mão num gesto de apaziguamento e seus homens recuaram. Ela se aproximou de Mikael e o olhou nos olhos. Estava molhada de suor e com o rosto sujo. Mikael notou raízes mais escuras sob os cabelos louros. Tinha o rosto mais envelhecido e macilento, mas se tornara exatamente a bela mulher que sua fotografia de crisma havia pressagiado.

— Nós já nos encontramos? — perguntou Harriet Vanger.

— Sim. Meu nome é Mikael Blomkvist. Você foi minha babá num verão, quando eu tinha três anos. Você tinha doze ou treze na época.

Alguns segundos se passaram e então o olhar dela se iluminou e Mikael percebeu que ela se lembrava dele. Parecia estupefata.

— O que você quer?

— Harriet, não sou seu inimigo, não estou aqui para lhe fazer mal. Mas precisamos conversar.

Ela se virou para Jeff e pediu-lhe que a substituísse, depois fez um sinal para que Mikael a acompanhasse. Andaram uns duzentos metros até um grupo de barracas de lona branca num pequeno bosque. Ela indicou uma cadeira dobrável em frente a uma mesa pouco firme, despejou água numa bacia, lavou o rosto, enxugou-se e entrou na barraca para trocar de camisa. Pegou duas cervejas numa caixa de isopor com gelo e sentou-se diante de Mikael.

— Pronto. Agora fale, estou escutando.

— Por que estão matando as ovelhas?

— Há uma epidemia. Provavelmente a maioria dessas ovelhas está saudável, mas não podemos correr o risco de a epidemia se alastrar. Seremos obrigados a abater mais de seiscentas ovelhas esta semana. Por isso não estou de muito bom humor.

Mikael aquiesceu com a cabeça.

— Seu irmão se matou dirigindo um carro dias atrás.

— Eu soube.

— Através de Anita, que telefonou para você.

Ela o fitou por um bom tempo. Depois assentiu com a cabeça. Percebeu que era inútil negar as evidências.

— Como me encontrou?

— Grampeamos o telefone de Anita. — Mikael também achou que não havia razão para mentir. — Estive com seu irmão um pouco antes de ele morrer.

Harriet Vanger franziu o cenho e o interrogou com o olhar. Então ele retirou o lenço ridículo que havia posto no pescoço, baixou a gola da camisa e mostrou a marca do nó corrediço. Uma cicatriz de um vermelho-vivo que provavelmente ficaria como lembrança de Martin Vanger.

— Seu irmão suspendeu-me num nó corrediço e só fui salvo porque minha companheira chegou para dar a maior surra que aquele canalha já levou na vida.

Alguma coisa se acendeu nos olhos de Harriet.

— Acho melhor você me contar essa história desde o início.

Mikael levou mais de uma hora para contar tudo. Começou se apresentando e resumindo suas desventuras profissionais. Depois contou como Henrik Vanger o incumbira daquela missão e por que tinha sido conveniente para ele instalar-se em Hedeby. Falou do inquérito policial que não dera em nada e de como Henrik fizera sua investigação pessoal durante todos aqueles anos, convencido de que alguém da família havia matado Harriet. Ligou o computador e explicou como descobriu as fotos da rua da Estação e como ele e Lisbeth começaram a buscar um assassino serial que eles acabaram brindo que eram dois.

Enquanto ele falava, começou a anoitecer. Os homens se preparavam para passar a noite ali, acendendo fogueiras e pondo marmitas para aquecer. Mikael observou que Jeff permanecia perto de sua chefe e que continuava a olhá-lo com desconfiança. O cozinheiro

serviu Harriet e Mikael. Abriram outra cerveja. Quando Mikael terminou seu relato, Harriet ficou em silêncio por um momento.

— Meu Deus — disse ela.

— Você não anotou na agenda o assassinato de Uppsala.

— Nem mesmo investiguei. Estava aliviada por meu pai ter morrido e a violência acabar. Nunca me passou pela cabeça que Martin... — Ela se calou. — Estou contente que tenha morrido.

— Eu te entendo.

— Você só não me explicou como vocês concluíram que eu estava viva.

— Depois que descobrimos o que se passou, não foi muito difícil deduzir o resto. Para poder desaparecer, você precisou de ajuda. Anita Vanger era sua confidente e vocês haviam passado alguns dias do verão na cabana de Gottfried. Se fosse contar a alguém, seria para ela, e ela acabava de receber sua habilitação de motorista.

Harriet Vanger olhou para ele com uma expressão indefinida.

— Agora que você sabe que eu estou viva, o que vai *fazer?*

— Vou contar a Henrik. Ele merece saber.

— E depois? Você é um jornalista.

— Harriet, não tenho nenhuma intenção de entregá-la à mídia. Cometi tantas faltas profissionais nessa triste história que a Associação dos Jornalistas provavelmente me expulsaria se ficasse sabendo. — Ele tentou fazer graça. — Uma falta a mais ou a menos não faz diferença, e não quero prejudicar minha ex-babá.

Ela não pareceu achar graça.

— Quantas pessoas sabem a verdade?

— De que você está viva? Neste momento, apenas eu, você, Anita e a minha parceira Lisbeth. Dirch Frode conhece uns dois terços da história, mas continua achando que você morreu em 1966.

Harriet Vanger parecia refletir sobre alguma coisa. Olhou ao longe, na obscuridade do campo. Mikael teve de novo a sensação de estar exposto a uma situação desagradável e lembrou que Harriet tinha uma espingarda apoiada contra a lona da barraca, ao alcance da mão. Mas procurou afastar esses pensamentos. Mudou de assunto.

— Como você virou criadora de ovelhas na Austrália? Deduzi que Anita Vanger ajudou-a a abandonar a ilha, provavelmente no porta-malas do carro dela, quando a ponte foi reaberta um dia depois do acidente.

— Na verdade, apenas fiquei deitada no banco de trás do carro com um cobertor por cima de mim. Eu disse a Anita que precisava fugir. Você deduziu bem. Entreguei-me a ela, ela me ajudou e foi uma amiga leal durante todos esses anos.

— Como veio parar aqui na Austrália?

— Primeiro, antes de deixar a Suécia, morei por algumas semanas no quarto de estudante de Anita em Estocolmo. Anita tinha um dinheiro dela, que generosamente me emprestou. Também me deu seu passaporte. Éramos parecidas, e tudo que precisei fazer foi mudar a cor do cabelo para ficar loura. Morei num convento na Itália por quatro anos. Não como freira; existem conventos onde é possível alugar celas a um preço baixo, só para ficar ali em paz, meditando. Depois conheci Spencer Cochran por acaso. Era alguns

anos mais velho que eu, concluíra seus estudos na Inglaterra e passeava pela Europa. Me apaixonei e ele também. Foi isso que aconteceu. *Anita* Vanger casou-se com ele em 1971. Nunca me arrependi, era um homem maravilhoso. Mas ele morreu há oito anos e de repente me tornei proprietária da empresa.

— E o passaporte? Alguém poderia notar que havia duas Anita Vanger.

— Não. Por que notariam? Uma sueca chamada Anita Vanger casou-se com Spencer Cochran. O fato de morar em Londres ou na Austrália não tem importância nenhuma. Em Londres, ela é a mulher separada de Spencer Cochran. Na Austrália, é sua esposa. Os cartórios de Canberra e Londres não se comunicam. Além disso, obtive um passaporte australiano com o nome Cochran. E um arranjo que funciona perfeitamente bem. O plano só não daria certo se Anita quisesse se casar. Meu casamento precisou ser registrado num cartório sueco.

— E ela não se casou.

— Disse que nunca encontrou ninguém, mas sei que se absteve por minha causa. Foi uma verdadeira amiga.

— O que ela fazia no seu quarto?

— Eu não estava raciocinando muito bem naquele dia. Tinha medo de Martin. Enquanto ele esteve em Uppsala, deixei o problema de lado, mas quando o vi na rua em Hedestad percebi que nunca mais estaria segura. Hesitei entre contar a Henrik e fugir. Henrik não pôde falar comigo, então saí andando à toa pelo povoado. Claro que o acidente na ponte fez todo mundo esquecer tudo mais, é natural. Mas não foi esse o meu caso. Eu tinha meu próprios problemas e mal tomei consciência do acidente. Tudo parecia irreal. Então encontrei Anita, que estava hospedada num anexo da casa de Gerda e Alexander. Por fim tomei uma decisão e pedi que ela me ajudasse. Fiquei no quarto dela e não ousei mais sair dali. Mas havia uma coisa que eu precisava levar comigo: um diário íntimo onde eu tinha anotado tudo o que aconteceu. Também precisava de roupas. Anita foi buscar.

— E suponho que ela não resistiu à tentação de abrir a janela para dar uma olhada no acidente. — Mikael refletiu um momento. — O que eu não entendo é por que você não foi ver Henrik, como era a sua intenção.

— O que você acha?

— Não sei, não entendo. Estou certo de que Henrik a teria ajudado. Martin não tinha como prejudicá-la imediatamente, e Henrik não a trairia. Teria conduzido o caso com discrição, encaminhando-o para uma espécie de terapia ou tratamento.

— Você não entendeu o que se passou.

Até então, Mikael mencionara apenas o abuso sexual que Martin sofrera de Gottfried, sem mencionar o caso de Harriet.

— Gottfried abusou de Martin — disse Mikael discretamente. — Imagino que tenha abusado também de você.

Harriet Vanger não mexeu um só músculo. Depois respirou profundamente e escondeu o rosto nas mãos. Em menos de três segundos, Jeff apareceu ao lado dela, perguntando se tudo estava *all right.* Harriet Vanger olhou para ele e dirigiu-lhe um breve

sorriso. Então surpreendeu Mikael ao se levantar e abraçar seu *studs manager,* dando-lhe um beijo no rosto. Virou-se para Mikael, com o braço no ombro de Jeff.

— Jeff, este é Mikael, um velho... amigo de muito, muito tempo atrás. Ele está me trazendo problemas e más notícias, mas nunca devemos matar o mensageiro. Mikael, este é Jeff Cochran, meu filho mais velho. Tenho também outro filho e uma filha.

Mikael balançou a cabeça. Jeff tinha uns trinta anos. Harriet Vanger deve ter engravidado logo após o casamento com Spencer Cochran. Ele se levantou, estendeu a mão para Jeff e disse que sentia muito perturbar a mãe dele, mas que infelizmente era necessário. Harriet trocou algumas palavras com Jeff e o mandou embora. Tornou a sentar-se com Mikael e pareceu tomar uma decisão.

— Chega de mentira. Acho que agora acabou. De certo modo, eu estava esperando por esse dia desde 1966. Durante muitos anos, minha angústia era que alguém se dirigisse a mim pelo meu verdadeiro nome. E não me importa mais que você saiba. Meu crime está prescrito. E estou pouco ligando para o que as pessoas vão pensar.

— Que crime? — perguntou Mikael.

Ela o fitou bem nos olhos, mas ele ainda não sabia do que ela estava falando.

— Eu tinha dezesseis anos. Estava com medo, envergonhada, desesperada. E sozinha. Somente Anita e Martin sabiam a verdade. Contei a Anita sobre os abusos sexuais, mas não consegui contar que meu pai também era um psicopata assassino de mulheres. Anita nunca soube. Em troca, confessei-lhe o crime que eu mesma havia cometido e que era suficientemente horrível para que afinal não ousasse contá-lo a Henrik. Pedi perdão a Deus e me escondi num convento por vários anos.

— Harriet, seu pai era um estuprador e um assassino. Você não é culpada de nada.

— Eu sei. Meu pai abusou de mim durante um ano. Fiz de tudo para evitar que ele... mas ele era meu pai e eu não podia me recusar a fazer alguma coisa com ele sem lhe dar uma explicação. Então menti e aceitei participar da comédia, como se aquilo fosse natural, cuidando sempre para que houvesse outras pessoas quando eu me encontrava com ele. Minha mãe sabia o que ele fazia, mas não se importava.

— Isabella sabia? — exclamou Mikael, consternado.

A voz de Harriet Vanger ficou mais dura.

— Claro que sim. Nada se passava em nossa família sem que Isabella soubesse. Mas ela nunca dava atenção às coisas desagradáveis ou que pudessem depreciá-la. Meu pai podia me estuprar na sala diante de seus olhos sem que ela visse. Era incapaz de reconhecer que algo não ia bem na minha vida ou na dela.

— Cheguei a conhecê-la. É uma víbora.

— E o que foi a vida inteira. Muitas vezes refleti sobre o relacionamento entre meu pai e ela. Concluí que depois do meu nascimento eles raramente, ou nunca mais, tiveram relações sexuais. Meu pai tinha mulheres, mas estranhamente temia Isabella. Estava afastado dela sem poder se divorciar.

— Ninguém se divorcia na família Vanger.

Ela riu pela primeira vez.

— É verdade. O fato é que eu não tive coragem de contar. O mundo inteiro ficaria sabendo. Meus colegas de escola, todos na família...

Mikael pôs a mão sobre a de Harriet.

— Harriet, estou arrasado.

— Eu tinha catorze anos quando ele me violentou pela primeira vez. Levava-me regularmente à cabana. Várias vezes Martin também estava lá. Forçava nós dois a fazer coisas com ele. Segurava-me nos braços para que Martin... se satisfizesse em cima de mim. E assim, depois da morte do meu pai, Martin estava pronto para assumir o papel dele. Queria que eu fosse sua amante e achava natural que eu me submetesse. E nesse momento não tive mais escolha, fui obrigada a fazer o que Martin queria. Havia me livrado de um carrasco para cair nas garras de outro, e tudo o que podia fazer era procurar nunca ficar a sós com ele.

— Henrik teria...

— Você ainda não entendeu — ela disse, elevando a voz.

Mikael viu os homens na tenda ao lado virarem-se para eles. Ela baixou de novo a voz e inclinou-se para ele.

— Está com todas as cartas agora. Tire você mesmo as conclusões. Levantou-se e foi buscar mais duas cervejas. Quando voltou, Mikael disse uma única palavra.

— Gottfried?

Ela fez que sim com a cabeça.

— No dia 7 de agosto de 1965, meu pai me obrigou a acompanhá-lo até a cabana. Henrik estava viajando. Meu pai havia bebido e tentou me forçar. Mas não conseguiu gozar e começou a delirar. Ele era sempre... grosseiro e violento comigo quando estávamos a sós, mas dessa vez ultrapassou os limites. Urinou em cima de mim. A seguir contou-me o que gostaria de fazer comigo. Um pouco antes havia falado das mulheres que matara. Vangloriava-se. Citava a Bíblia. Aquilo durou horas. Não entendi a metade do que ele dizia, mas percebi que ele estava completamente maluco.

Ela tomou um gole de cerveja.

— A certa altura, por volta de meia-noite, ele teve uma crise. Parecia um louco furioso. Estávamos no mezanino. Ele pôs uma camiseta em volta do meu pescoço e apertou com toda a força. Vi tudo preto. Não duvido um segundo que ele realmente tentou me matar e, pela primeira vez naquela noite, conseguiu me estuprar.

Harriet Vanger pôs uns olhos suplicantes em Mikael.

— Mas estava tão bêbado que consegui me livrar, não sei como. Saltei do mezanino até a peça de baixo e saí correndo, em pânico. Estava nua e corri sem refletir, até chegar ao pontão. Ele chegou cambaleando atrás de mim.

De repente, Mikael desejou que ela parasse de contar.

— Eu era suficientemente forte para derrubar um bêbado na água. Utilizei um remo para mante-lo debaixo da água até que parasse de se mexer. Bastaram alguns segundos.

O silêncio foi ensurdecedor quando ela fez uma pausa.

— E, assim que levantei os olhos, Martin estava ali. Parecia aterrorizado e, ao mesmo tempo, divertia-se. Não sei desde quando nos espionava em frente à casa. E assim eu fiquei entregue à sua vontade. Ele se aproximou de mim e me pegou pelos cabelos, me levou de volta para a cabana e me jogou na cama de Gottfried. Me amarrou e me violentou, enquanto nosso pai ainda flutuava na água junto ao pontão. Não pude sequer me defender.

Mikael fechou os olhos. Sentiu vergonha e desejou ter deixado Harriet Vanger em paz. Mas a voz dela adquirira uma nova força.

— Desse dia em diante caí sob seu poder. Fazia o que ele me dizia, estava como que paralisada. Se escapei da loucura, foi porque Isabella decidiu que Martin precisava mudar de ares após o desaparecimento trágico do pai e o enviou a Uppsala. Evidentemente, era porque ela sabia o que ele fazia comigo; era sua maneira de resolver o problema. Você pode imaginar a decepção de Martin.

Mikael assentiu com a cabeça.

— No ano seguinte, ele só voltou nas férias de Natal, e consegui ficar distante. Acompanhei Henrik numa viagem a Copenhague entre o Natal e o Ano-novo. E, quando chegaram as férias de verão, Anita estava lá. Abri-me com ela e ela permaneceu o tempo todo comigo, o que o impediu de se aproximar de mim.

— E então você o viu na rua da Estação.

— Sim, fiquei sabendo que não viria à reunião de família e que permaneceria em Uppsala. Mas parece ter mudado de ideia e então eu o vi ali, do outro lado da rua, olhando fixamente para mim. Sorrindo para mim. Como um pesadelo. Eu assassinara meu pai e me dei conta de que nunca me libertaria do meu irmão. Até então, só havia pensado em me matar, mas finalmente preferi fugir.

Ela olhou para Mikael com um olhar aliviado.

— Como é bom contar a verdade... Agora você sabe de tudo. Como pretende utilizar o que sabe?

27. SÁBADO 26 DE JULHO — SEGUNDA-FEIRA 28 DE JULHO

Mikael se encontrou com Lisbeth Salander na frente do seu prédio na Lundagatan às dez da manhã e a levou ao crematório do cemitério norte. Fez-lhe companhia durante a cerimônia. Por um bom tempo, Lisbeth e Mikael foram as únicas pessoas presentes além do pastor, mas, quando o ritual funerário começou, Dragan Armanskij apareceu. Dirigiu um breve aceno de cabeça a Mikael, colocou-se atrás de Lisbeth e pôs suavemente a mão em seu ombro. Ela inclinou a cabeça sem olhar para ele, como se soubesse quem havia chegado às suas costas. Mas logo o ignorou, assim como ignorava Mikael.

Lisbeth não havia contado nada sobre a mãe, mas o pastor aparentemente falara com alguém da casa de saúde onde ela falecera, e Mikael entendeu que a causa da morte fora uma hemorragia cerebral. Lisbeth não disse uma só palavra durante a cerimônia. O pastor perdeu o fio da meada por duas vezes quando se dirigiu diretamente a Lisbeth, que o olhava bem nos olhos sem responder. Ao terminar, ela virou as costas e foi embora sem agradecer nem se despedir. Mikael e Dragan respiraram fundo e se olharam de soslaio. Eles ignoravam totalmente o que se passava na cabeça dela.

— Ela não está nada bem — disse Dragan.

— Acho que eu a entendo — respondeu Mikael. — Foi bom o senhor ter vindo.

— Não estou tão certo disso. Armanskij fixou o olhar em Mikael.

— Vocês vão voltar para o Norte? Cuide dela.

Mikael prometeu. Eles se separaram em frente à porta da igreja. Lisbeth já esperava no carro.

Ela precisava retornar a Hedestad para buscar a moto e o equipamento que pegara emprestado da Milton Security. Só rompeu o silêncio depois que passaram de Uppsala, para perguntar como tinha sido a viagem à Austrália. Mikael desembarcara no aeroporto de Arlanda na noite anterior e só dormira algumas horas. Enquanto conduzia o carro, ele contou a história de Harriet Vanger. Lisbeth Salander ficou em silêncio por meia hora, e só depois abriu a boca.

— Cretina — disse.

— De quem você está falando?

— Da Harriet Cretina Vanger. Se ela tivesse feito alguma coisa em 1966. Martin Vanger não teria continuado a matar e a estuprar durante trinta e sete anos.

— Harriet sabia dos assassinatos do pai, mas não que Martin participara deles. Ela fugiu de um irmão que a violentava e que ameaçava contar que ela afogara o pai, se não obedecesse a suas ordens.

— Conversa mole.

O resto da viagem a Hedestad transcorreu em silêncio. Lisbeth estava com um humor particularmente sombrio. Mikael estava atrasado para o encontro que havia

marcado e pediu que ela descesse no cruzamento antes da ponte, perguntando-lhe se estaria ainda ali quando ele voltasse.

— Pretende passar a noite aqui? — ela perguntou.

— Acho que sim.

— Quer que eu esteja aqui quando você voltar?

Ele desceu do carro, deu a volta e se aproximou para abraçá-la. Lisbeth o rechaçou quase com violência. Mikael recuou,

— Lisbeth, você é minha amiga. Ela o olhou sem expressão.

— Quer que eu fique só para que você possa trepar com alguém esta noite?

Mikael olhou demoradamente para ela. Depois virou-se, entrou no carro e ligou o motor. Baixou o vidro. A hostilidade de Lisbeth era palpável.

— Quero ser seu amigo — disse. — Se está imaginando outra coisa, não vale nem a pena estar aqui quando eu voltar.

Henrik Vanger estava sentado numa poltrona quando Dirch Frode convidou Mikael a entrar em seu quarto no hospital. Ele logo perguntou como Henrik estava.

— Eles estão pretendendo me deixar ir ao enterro de Martin amanhã.

— Que parte da história Dirch contou a você? Henrik Vanger baixou o olhar.

— O que Martin e Gottfried fizeram. Pelo que entendi, a coisa foi mais longe do que eu imaginei nos meus piores pesadelos.

— Eu sei o que aconteceu a Harriet.

— Conte-me como ela morreu.

— Harriet não morreu. Está viva. Se estiver de acordo, ela gostaria muito de revê-lo.

Num mesmo movimento, Henrik Vanger e Dirch Frode olharam Mikael como se o mundo tivesse acabado de virar de pernas para o ar.

— Levei algum tempo até convencê-la a vir comigo, mas ela concordou. Está bem e neste momento se encontra em Hedestad. Chegou hoje de manhã e poderá estar aqui dentro de uma hora. Se você quiser vê-la, é claro.

Mais uma vez, Mikael precisou contar a história do começo ao fim. Henrik Vanger escutou com tanta concentração, como se escutasse um Sermão da Montanha moderno. Em algumas raras ocasiões, fez uma pergunta ou pediu que Mikael repetisse. Dirch Frode não abriu a boca.

Terminado o relato, o velho permaneceu quieto. Embora os médicos tivessem garantido que Henrik tinha se restabelecido do infarto, Mikael temia o instante da revelação de toda a história — temia que o velho não aguentasse. Mas Henrik não demonstrou nenhum sinal de emoção. Apenas sua voz parecia um pouco pastosa quando quebrou o silêncio.

— Pobre Harriet. Se tivesse vindo falar comigo... Mikael olhou a hora. Eram cinco para as quatro.

— Quer vê-la? Ela tem medo que você a rejeite, agora que sabe o que ela fez.

— E as flores?

— Perguntei isso a ela no avião. Só havia uma pessoa que ela amava na família: você. Evidentemente, era ela quem enviava as flores. Disse que esperava fazê-lo entender que ela estava viva, e bem, sem ser obrigada a se revelar. Mas, como sua única fonte de informação era Anita, que nunca vinha a Hedestad e que foi morar no exterior depois de terminar seus estudos, Harriet sabia muito pouco do que se passava aqui. Nunca soube o quanto você sofria nem que se acreditava perseguido pelo assassino dela.

— Imagino que Anita era quem postava as flores.

— Ela trabalhava para uma companhia aérea e as enviava de onde se encontrava.

— E como você descobriu que era Anita que a ajudava?

— Pela fotografia na qual ela aparece na janela do quarto de Harriet.

— Mas ela podia estar envolvida... poderia ser a assassina. Como deduziu que Harriet estava viva?

Mikael olhou demoradamente para Henrik Vanger. Depois sorriu pela primeira vez desde que voltara a Hedestad,

— Anita estava envolvida no desaparecimento de Harriet, mas não poderia tê-la matado.

— Como teve a certeza disso?

— Porque isto não é um romance policial e de mistério. Se Anita tivesse matado Harriet, você já teria encontrado o corpo há muito tempo. Portanto, o mais lógico é que ela tivesse ajudado Harriet a fugir e a se manter distante. Quer vê-la?

— Mas é claro que quero ver Harriet.

Mikael foi buscar Harriet, que o aguardava em frente aos elevadores do saguão de entrada. No primeiro momento não a reconheceu; depois que eles haviam se separado no aeroporto, na véspera, ela refizera a cor escura original de seus cabelos. Vestia calça preta, camisa branca e um casaco cinza elegante. Estava magnífica e Mikael inclinou-se para lhe dar um beijo de encorajamento no rosto,

Henrik levantou-se da poltrona quando Mikael abriu a porta para deixar Harriet Vanger passar. Ela respirou fundo.

— Bom dia, Henrik.

O velho a examinou dos pés à cabeça. Depois Harriet avançou *e o* beijou no rosto. Mikael fez um sinal com o queixo para Dirch Frode, fechou a porta e deixou os dois a sós.

Lisbeth Salander não estava mais em casa quando Mikael voltou à ilha. O equipamento de vídeo e a moto haviam desaparecido, assim como a sacola com as roupas e os produtos de toalete dela no banheiro.

Ele percorreu os cômodos. A casa de repente lhe pareceu sinistra, estranha, irreal. Olhou as pilhas de papéis na saleta de trabalho, que ele devia distribuir em pastas e entregar a Henrik Vanger, mas não teve ânimo de começar a arrumação. Foi até o Konsum para comprar pão, leite, queijo e alguma coisa para beliscar à noite. Ao voltar, preparou um café, instalou-se no jardim e leu os jornais da tarde com a cabeça vazia, sem pensar em nada.

Por volta das cinco e meia da tarde, um táxi passou pela ponte e voltou três minutos depois. Mikael avistou Isabella Vanger no banco traseiro.

Por volta das sete, estava cochilando na cadeira do jardim quando Dirch Frode chegou e o despertou.

— Como foi o encontro de Henrik e Harriet? — perguntou Mikael.

— Essa triste história tem também seu lado divertido — respondeu Frode com um sorriso contido. — Isabella irrompeu de repente no quarto de Henrik. Ela ficou sabendo que você havia voltado e estava uma fera. Berrou que era preciso acabar com essas imbecilidades sobre Harriet e que você era um investigador de merda que causara a morte do filho dela.

— De certa forma ela tem razão.

— Ordenou que Henrik demitisse você, obrigasse você a sumir daqui e que parasse de procurar fantasmas.

— Uau!

— Ela nem sequer olhou para a mulher que estava com Henrik. Certamente a tomou como uma funcionária do hospital. Não esquecerei jamais o instante em que Harriet se levantou, olhou para Isabella e disse: *Bom dia, mamãe.*

— E o que aconteceu?

— Foi preciso chamar o médico para reanimar Isabella. Agora ela está negando que se trata mesmo de Harriet; você é acusado de ter trazido uma impostora.

Dirch Frode estava indo anunciar a Cecília e a Alexander que Harriet ressuscitara dos mortos. Ele seguiu seu caminho e deixou Mikael a sós.

Lisbeth Salander parou para pôr gasolina num posto um pouco antes de Uppsala. Estivera dirigindo com os dentes cerrados e o olhar fixo à frente. Pagou rápido, deu a partida na moto e avançou até a saída, onde se deteve mais uma vez, indecisa.

Ainda se sentia mal. Estava furiosa quando deixou Hedeby, mas a raiva lentamente se dissolvera ao longo do trajeto. Não sabia muito bem por que estava tão *zangada* com Mikael Blomkvist, nem mesmo se era com ele que estava *zangada.*

Só tinha na cabeça Martin Vanger, aquela maldita Harriet Vanger e aquele maldito Dirch Frode, toda aquela maldita família Vanger bem instalada em Hedestad, que reinava em seu pequeno império fazendo intrigas uns contra os outros. Eles haviam precisado da ajuda dela. Normalmente não a teriam sequer cumprimentado, muito menos lhe confiado segredos.

Família de merda!

Inspirou profundamente e pensou na mãe enterrada naquela manhã. Aquilo, sim, não tinha solução. A morte da mãe significava que a ferida jamais seria curada, pois Lisbeth jamais teria resposta às perguntas que gostaria de ter feito a ela.

Pensou em Dragan Armanskij atrás dela durante o enterro. Deveria ter dito alguma coisa a ele. Pelo menos ter enviado um sinal de que sabia que ele estava ali. Mas aí ele teria usado aquilo como pretexto para querer organizar a vida dela. Se lhe desse a pontinha do dedo, ele iria pegar o braço inteiro. Ele nunca entenderia.

Pensou no dr. Nils Canalha Bjurman, seu tutor, que, ao menos por enquanto, estava neutralizado e fazendo o que ela mandava.

Sentiu um ódio implacável e cerrou os dentes.

Pensou em Mikael Blomkvist e perguntou-se qual seria a reação dele se soubesse que ela estava sob tutela e que toda a sua vida não passava de um maldito ninho de ratos.

Percebeu que não queria mal a ele. Mikael fora simplesmente a pessoa de quem ela dispunha para descarregar sua raiva, sobretudo quando sentia vontade de matar alguém. Não adiantava nada culpá-lo.

Sentia-se estranhamente ambígua em relação a ele.

Ele metia o nariz em toda parte, fuçava a vida privada dela e... Mas ela também tinha gostado de trabalhar com ele. E essa era uma sensação estranha — trabalhar *com* alguém! Não tinha esse hábito, mas fora algo surpreendentemente sem dor. Ele não ficava martelando nos ouvidos dela, não ficava tentando lhe dizer como deveria viver sua vida.

E fora ela que o seduzira, não o contrário.

Sem contar que havia sido bom.

Então por que essa vontade de chutá-lo?

Suspirou e contemplou com olhos infelizes um caminhão enorme que passava pela rodovia E4.

Mikael ainda estava no jardim por volta das oito da noite quando ouviu o barulho da moto e viu Lisbeth Salander passar pela ponte. Ela estacionou e tirou o capacete. Aproximou-se da mesa do jardim e examinou a cafeteira, que estava fria e *vazia.* Mikael olhou para ela surpreso. Ela pegou a cafeteira e entrou na casa. Quando voltou, havia tirado o macacão de couro e posto um jeans e uma camiseta com a inscrição *I can be a regular bitch. Just try me.*

— Achei que já estivesse em Estocolmo — disse Mikael.

— Dei meia-volta em Uppsala.

— Um passeio longo.

— Estou com a bunda dolorida.

— Por que deu meia-volta?

Ela não respondeu. Mikael não insistiu e esperou que ela falasse enquanto tomavam o café. Passados dez minutos, ela rompeu o silêncio.

— Gosto da sua companhia — ela reconheceu a contragosto. Eram palavras que nunca havia pronunciado.

— Foi... interessante trabalhar com você nesse caso.

— Também gostei de trabalhar com você — disse Mikael.

— Humm.

— Nunca trabalhei com um pesquisador tão competente. Certo, sei que você é uma *hacker* terrível e conhece círculos suspeitos com os quais, depois de um simples telefonema, pode montar urna escuta telefônica em Londres em vinte e quatro horas, mas de fato você obtém resultados.

Ela o olhou pela primeira vez desde que se sentara ali. Ele conhecia muitos dos seus segredos. Como era possível?

— E simples. Conheço computadores. Nunca tive problema para ler um texto *e* entender exatamente o que está escrito lá.

— E a sua memória fotográfica — ele disse tranquilamente.

— Acho que sim. Não sei bem como a coisa funciona. Não é só com computadores e redes telefônicas, mas também com o motor da minha moto, aparelhos de tevê, aspiradores de pó, processos químicos e fórmulas astrofísicas. Admito, sou meio maluca, uma verdadeira *freak.*

Mikael franziu as sobrancelhas. Não disse nada por um bom tempo.

A síndrome de Asperger, pensou. *Ou algo parecido. Um talento para ver esquemas e entender raciocínios abstraías onde os outros não vêem senão a mais completa desordem.*

Lisbeth olhou fixamente a mesa.

— A maioria das pessoas pagaria caro para ter esse dom.

— Não quero falar sobre isso.

— Tudo bem, deixa pra lá. Por que você voltou?

— Não sei. Talvez tenha sido um erro. Ele a perscrutou com o olhar.

— Lisbeth, pode me dar uma definição da palavra "amizade"?

— Gostar muito de alguém.

— Sim, mas o que faz gostar muito de alguém? Ela encolheu os ombros.

— Minha definição da amizade se baseia em duas coisas — ele disse. — O respeito e a confiança. Esses dois fatores precisam necessariamente estai presentes. E deve ser recíproco. Pode-se ter respeito por alguém, mas se não houver confiança, a amizade vira pó.

Ela continuou calada.

— Tudo bem você não querer falar de si mesma comigo; só que, mais cedo ou mais tarde, vai precisar decidir se tem confiança em mim ou não. Quero que sejamos amigos, mas não posso ser seu amigo sozinho.

— Gosto de trepar com você.

— O sexo não tem nada a ver com a amizade. Claro que amigos podem fazer amor, mas ouça, Lisbeth: se eu tiver que escolher entre sexo e amizade com você, sei muito bem o que escolherei.

— Não entendo. Quer fazer amor comigo ou não?

Mikael mordeu o lábio. Por fim, suspirou.

— Não é bom que pessoas que trabalham juntas façam amor juntas — ele murmurou. — Acaba dando problemas.

— Posso estar enganada, mas me parece que você e Erika trepam assim que surge uma chance. E além disso ela é casada.

Mikael ficou um momento em silêncio.

— Eu e Erika... temos uma história que começou muito antes de trabalharmos juntos. O fato de ela ser casada não lhe diz respeito.

— Está vendo? Agora é você que não quer falar dos seus assuntos. A amizade não era uma questão de confiança?...

— Sim, mas o que eu quero dizer é que não falo de uma amiga nas costas dela. Seria trair sua confiança. Também não falaria de você com Erika nas suas costas.

Lisbeth Salander pensou sobre o que ele disse. A conversa havia ficado complicada e ela não gostava de conversas complicadas.

— Gosto de trepar com você — repetiu.

— E eu também... mas já tenho idade para ser seu pai.

— Não dou a mínima para a sua idade.

— Você não pode ignorar nossa diferença de idade. Ela não é um bom ponto de partida para uma relação duradoura.

— Quem falou de algo duradouro? — disse Lisbeth. — Acabamos de resolver um caso em que homens com uma sexualidade pervertida de merda desempenharam um papel e tanto. Se dependesse de mim, homens como esses seriam exterminados, todos.

— Bem, pelo menos você não faz concessões.

— Não — disse ela, com seu sorriso enviesado que não era bem um sorriso. — Mas você não é como eles.

Levantou-se.

— Vou tomar um banho e depois pretendo me deitar nua na sua cama. Se você se sente muito velho, pode ir dormir na cama de armar.

Mikael olhou para ela. Quaisquer que fossem os problemas de Lisbeth Salander, a timidez não era um deles. Ele sempre saía perdendo nas discussões que tinha com ela. Foi lavar as xícaras de café e depois entrou no quarto.

Levantaram-se por volta das dez, tomaram banho juntos e se instalaram no jardim para o café-da-manhã. Aproximadamente às onze horas, Dirch Frode telefonou e disse que o enterro seria às duas. Perguntou se tinham a intenção de ir.

— Acho que não — disse Mikael.

Frode perguntou se poderia passar por volta das seis da tarde para terem uma conversa. Mikael disse que não havia problema.

Passou algumas horas guardando os papéis nas pastas e depois levando-as ao escritório de Henrik. Por fim, restaram só seus próprios cadernos de anotações e as duas pastas sobre o caso Hans-Erik Wennerström, que havia seis meses ele não abria. Suspirou e colocou-as na mala.

Dirch Frode se atrasou e só chegou às oito da noite. Ainda vestia a roupa de enterro e parecia muito preocupado quando se sentou no banco da cozinha. Aceitou com prazer a xícara de café que Lisbeth lhe serviu. Ela se sentou na outra mesa e concentrou-se em seu computador, enquanto Mikael perguntava como a ressurreição de Harriet repercutira na família.

— Pode-se dizer que eclipsou a morte de Martin. Mas a mídia também ficou sabendo do caso dela.

— E como vocês estão explicando a situação?

— Harriet conversou com um jornalista do *Kuriren.* Sua versão c que fugiu de casa porque não se entendia com a família, mas que, afinal, acabou se dando bem, pois hoje dirige uma empresa com um volume de negócios tão grande quanto o do grupo Vanger.

Mikael assobiou.

— Percebi que ovelhas australianas davam dinheiro, mas não sabia que chegava a tanto.

— A criação de ovelhas vai muito bem, mas não é a única fonte de renda. As empresas Cochran possuem também minas, refinam opalas, atuam no setor de transporte, de eletrônica e se dedicam a uma série de outras coisas.

— Não diga! E como foi a sequência dos acontecimentos?

— Para dizer a verdade, não sei. Pessoas foram chegando no transcorrer do dia e a família está reunida pela primeira vez depois de muitos anos. Vêm tanto do lado de Fredrik Vanger quanto do de Johann Vanger, e há muitos da nova geração, os que têm entre vinte e trinta anos. Deve haver uns quarenta Vanger em Hedestad agora à noite; uma metade está no hospital com Henrik, esgotando-o, e a outra metade no Grande Hotel, conversando com Harriet.

— Harriet é a grande sensação. Quantas pessoas estão sabendo da verdade sobre Martin?

— Por enquanto, somente eu, Henrik e Harriet. Tivemos uma longa conversa a sós. Essa história de Martin e de... suas perversões é a nossa principal preocupação hoje. A morte de Martin gerou uma crise enorme no grupo.

— Entendo.

— Não há um sucessor natural, mas Harriet vai ficar em Hedestad durante algum tempo. Entre outras coisas, precisamos ver quem possui o quê, como as heranças serão divididas, coisas do gênero. Harriet tem direito a uma parte da herança, que teria sido bem maior se ela tivesse ficado aqui o tempo todo. E uma situação complicada.

Mikael riu. Dirch Frode permaneceu sério.

— Isabella passou mal no enterro. Foi hospitalizada. Harriet se recusa a vê-la.

— Entendo.

— Por outro lado, Anita vai chegar de Londres. Convocamos um conselho de família para a próxima semana. Será a primeira vez em vinte e cinco anos que ela participa.

— Quem será o novo diretor-executivo?

— Birger luta pelo cargo, mas está fora de questão. O que vai acontecer é que Henrik reassumirá como diretor temporário até que alguém de fora seja contratado, ou então alguém da família...

Não terminou a frase. Mikael levantou as sobrancelhas.

— Harriet? Não está falando sério.

— Por que não? E uma mulher de negócios muito competente e respeitada.

— Ela tem uma empresa para dirigir na Austrália.

— Sim, mas seu filho Jeff Cochran dirige o negócio na ausência dela.

— Ele é *studs manager* numa criação de ovelhas. Se entendi direito, cuida para que as ovelhas se reproduzam bem.

— Também diplomou-se em economia pela Oxford e em direito em Melbourne.

Mikael pensou no homem musculoso e sem camisa que o conduzira pelo despenhadeiro e tentou imaginá-lo de terno e gravata. Por que não?

— Isso não se resolverá de uma hora para a outra — disse Frode. — Mas ela seria uma diretora-executiva perfeita. Com um apoio apropriado, poderia orientar o grupo para uma nova direção.

— Ela não tem experiência...

— E verdade. Claro que Harriet não pode surgir do nada depois de décadas e começar a dirigir tudo em detalhe. Mas o grupo Vanger é internacional e poderíamos trazer para cá um executivo americano que não fala uma palavra de sueco... para tocar o *business,* como dizem.

— Cedo ou tarde vocês vão ter que enfrentar o problema do porão de Martin.

— Eu sei. Mas não podemos revelar nada sem arruinar Harriet... Alegro-me de não ser eu a ter que tomar uma decisão sobre isso.

— Que merda, Dirch! Vocês não podem silenciar sobre Martin ter sido um assassino serial.

Dirch Frode contorceu-se em silêncio. Mikael sentiu de repente um gosto ruim na boca.

— Mikael, encontro-me numa... situação muito desconfortável.

— Fale.

— Tenho um recado de Henrik. É muito simples. Ele agradece a você pelo seu trabalho e diz que considera o contrato encerrado. Isso significa que o está liberando de outras obrigações e que você não está mais obrigado a viver e a trabalhar aqui em Hedestad et cetera. Ou seja, pode partir imediatamente para Estocolmo e dedicar-se a seus compromissos.

— Ele quer que eu desapareça de cena?

— De modo nenhum. Quer que mais tarde venha visitá-lo para conversarem sobre o assunto. Disse que espera poder manter sem restrições seus compromissos na direção da *Millennium.* Mas...

Dirch Frode pareceu ainda mais constrangido.

— Mas não quer mais que eu escreva uma crônica sobre a família Vanger, não é?

Frode assentiu com a cabeça. Pegou um caderno, abriu-o e entregou a Mikael.

— Ele escreveu esta carta para você.

Prezado Mikael!

Tenho o maior respeito pela sua integridade e não vou ofendê-lo tentando ditar o que deve escrever. Pode escrever e publicar exatamente o que quiser, não tenho a intenção de exercer a menor pressão sobre você.

Nosso contrato permanece em vigor, se quiser reivindicá-lo. Tem elementos suficientes para terminar a crônica sobre a família Vanger. Mikael, nunca implorei nada a ninguém em toda a minha vida. Sempre achei que um homem deve seguir sua moral e sua convicção. Mas desta vez não tenho escolha.

Peco-lhe, tanto como amigo quanto como co-proprietário da *Millennium,* que não revele a verdade sobre Gottfried e Martin. Sei que não é correto, mas não vejo nenhuma saída nessa escuridão. Devo escolher entre dois males, e só há perdedores.

Peco-lhe que não escreva nada que prejudique Harriet. Você viveu isso na pele, sabe o que significa ser objeto de uma campanha da imprensa. A campanha dirigida contra você foi de proporções relativamente modestas, mas imagine o que será de Harriet se a verdade for conhecida. Ela viveu um calvário durante quarenta anos e não precisa sofrer ainda mais pelos atos que o irmão e o pai dela cometeram. Então eu lhe peço que reflita nas consequências que essa história poderá ter para milhares de funcionários do grupo. Isso destruiria Harriet e nos aniquilaria.

Henrik

— Henrik disse também que, se você quiser exigir uma indenização pelas perdas ocasionadas pela não-publicação da história, ele está totalmente aberto a discutir isso. Pode propor as condições financeiras que quiser.

— Henrik Vanger está tentando me comprar. Diga-lhe que eu teria preferido que ele nunca tivesse me feito essa oferta.

— Essa situação é tão penosa para Henrik quanto para você. Ele gosta imensamente de você e o considera um amigo.

— Henrik Vanger é um sujeito esperto — disse Mikael, voltando a se irritar. — Ele quer abafar a história. Joga com os meus sentimentos e sabe que eu também gosto dele. O que ele está dizendo é que na prática eu tenho as mãos livres para publicar o que quiser, mas, se eu fizer isso, ele será obrigado a rever sua postura com relação à *Millennium.*

— Tudo mudou depois que Harriet reapareceu.

— E agora Henrik quer saber qual é o meu preço. Não vou entregar Harriet às feras, mas *alguém* precisa falar sobre as mulheres que Martin levou para o porão. Dirch, não sabemos quantas mulheres ele massacrou. Quem vai falar em nome delas?

Lisbeth Salander levantou de repente os olhos do computador. Sua voz tinha uma doçura desagradável quando ela se virou para Dirch Frode.

— No grupo de vocês não há ninguém com a intenção de comprar a *mim* também?

Frode olhou-a surpreso. Mais uma vez, ele havia ignorado a existência dela.

— Se Martin Vanger estivesse vivo neste instante, eu o entregaria às feras — ela prosseguiu. — Seja qual fosse o arranjo de vocês com Mikael, eu iria contar tudo sobre ele

ao jornal mais próximo. E, se pudesse, o arrastaria à sua própria sala de tortura, o prenderia naquela mesa e lhe enfiaria agulhas nos colhões. Mas ele está morto.

Ela se virou para Mikael antes de continuar.

— O arranjo podre deles me convém. Nada do que fizermos poderá reparar o mal que Martin Vanger causou a suas vítimas. Mas por outro lado surgiu uma situação interessante. Você está numa posição em que pode continuar prejudicando mulheres inocentes, especialmente essa Harriet que você defendeu tão calorosamente quando voltávamos de carro para cá. Minha questão é a seguinte: o que é pior? Que Martin Vanger a tenha violentado na cabana ou que você faça isso em papel impresso? Você está diante de um belo dilema. O comitê de ética da Associação dos Jornalistas talvez possa te dar uma ideia de que caminho seguir.

Ela fez uma pausa. Mikael não conseguiu mais sustentar o olhar de Lisbeth Salander. Baixou os olhos para a mesa.

— Só que eu não sou jornalista — disse ela por fim.

— O que está querendo? — perguntou Dirch Frode soltando um suspiro

— Martin filmou suas vítimas. Quero que tentem identificar o maior número possível dessas mulheres e dêem às famílias delas uma compensação apropriada. E depois quero que o grupo Vanger faça uma doação anual e permanente de dois milhões de coroas ao SOS-Mulheres Vítimas de Maus-tratos. Por um minuto, Dirch Frode meditou no preço a pagar. Depois assentiu com a cabeça.

— Pode viver com isso, Mikael? — perguntou Lisbeth.

Mikael sentiu-se subitamente desesperado. Passara toda a sua vida profissional denunciando o que outros tentavam esconder, e sua moral o proibia de participar da ocultação dos crimes terríveis cometidos no porão de Martin Vanger. O objetivo de seu trabalho era justamente denunciar o que ele sabia. Não hesitava em criticar colegas que não contassem a verdade. No entanto, ali estava ele discutindo o abafamento do caso mais macabro de que jamais ouvira falar.

Permaneceu calado por um bom tempo. Depois também assentiu com a cabeça.

— Melhor assim. — Dirch Frode virou-se para Mikael. — E quanto à oferta de Henrik de uma compensação financeira...

— Enfie naquele lugar — disse Mikael. — E agora quero que vá embora, Dirch. Entendo sua posição, mas neste momento estou tão furioso com você, com Henrik e com Harriet que, se ficar, vamos deixar de ser amigos.

Dirch Frode permaneceu sentado à mesa sem fazer menção de se levantar.

— Ainda não posso ir — disse. — Não terminei. Tenho outro recado que você também não vai gostar. Henrik insistiu para que eu o transmitisse esta noite. Amanhã você pode ir ao hospital esfolá-lo, se quiser.

Mikael levantou devagar a cabeça e olhou Dirch bem nos olhos.

— E provavelmente a coisa mais difícil que já precisei fazer na vida — disse Frode. — Mas acho que agora apenas uma sinceridade total e todas as cartas na mesa podem salvar a situação.

— Diga logo.

— Quando Henrik o convenceu a aceitar esse trabalho no Natal passado, nem ele nem eu pensamos que iria dar em alguma coisa. Foi exatamente o que ele disse: queria

fazer uma última tentativa. Ele examinou minuciosamente a sua situação, baseando-se muito no relatório feito pela senhorita Salander. Contou com seu isolamento, propôs uma boa remuneração e utilizou uma boa isca.

— Wennerström — disse Mikael. Frode assentiu com a cabeça.

— Vocês blefaram?

— Não.

Lisbeth Salander levantou uma sobrancelha, interessada.

— Henrik vai cumprir todas as suas promessas — continuou Frode. —Dará uma entrevista e lançará publicamente um ataque frontal contra Wennerström. Você terá todos os detalhes mais tarde, mas em linhas gerais o fato é o seguinte: quando Wennerström esteve ligado ao departamento financeiro do grupo Vanger, ele utilizou vários milhões de coroas para especular com moedas estrangeiras. Isso bem antes desse tipo de especulação se generalizar. Agiu por conta própria, sem pedir a autorização da direção. Os negócios não iam bem e ele se viu de uma hora para a outra com um déficit de sete milhões de coroas, que tentou cobrir, de um lado, mexendo na contabilidade e, de outro, especulando ainda mais. Foi desmascarado e despedido.

— Ele obteve ganhos pessoais nessas operações?

— Sim, desviou cerca de meio milhão de coroas, e o mais cômico dessa história, se é que se pode dizer assim, é que essa quantia serviu para fundar o grupo Wennerström. Temos provas de tudo. Você pode utilizar essa informação à vontade e Henrik sustentará publicamente suas afirmações. Mas...

— Mas essa informação não tem o menor valor! — disse Mikael, batendo com a mão na mesa.

Dirch Frode assentiu com a cabeça.

— Aconteceu há trinta anos e é um capítulo encerrado — disse Mikael.

— Mas você terá a confirmação de que Wennerström é um escroque.

— Wennerström se aborrecerá que isso venha a público, porém não será atingido mais que por uma bolinha de papel soprada num canudo. Dará de ombros e divulgará um comunicado de imprensa dizendo que Henrik Vanger é um velho ultrapassado que implica com ele sem motivo, depois afirmará que na verdade agiu por ordem de Henrik. Mesmo que não possa provar sua inocência, saberá espalhar fumaça suficiente para que a história logo perca o interesse.

Dirch Frode tinha um aspecto sinceramente pesaroso.

— Vocês me enganaram — disse Mikael por fim.

— Mikael... não era nossa intenção.

— A culpa é minha. Eu buscava indícios de falsidade e deveria ter entendido que esse era um deles. — Deu uma risada brusca, um riso seco. — Henrik é um velho tubarão. Tinha um produto para vender e me disse o que eu precisava ouvir.

Mikael levantou-se e foi até a bancada da cozinha. Virou-se para Frode e resumiu seus sentimentos em duas palavras.

— Vá embora.

— Mikael... lamento que...

— Caia fora, Dirch!

Lisbeth Salander não sabia se devia se aproximar de Mikael ou deixá-lo em paz. Ele resolveu o problema para ela ao pegar de repente a jaqueta, sem dizer nada, e bater a porta atrás de si.

Durante mais de uma hora, ela andou de um lado para o outro na cozinha. Sentia-se tão inquieta que limpou a mesa e lavou a louça — tarefa que normalmente deixava para Mikael. Várias vezes foi até a janela espiar. Por fim, resolveu pôr sua jaqueta de couro e ir procurá-lo.

Primeiro foi até o porto de recreio, onde havia luzes ainda nas janelas, mas não viu sinal de Mikael. Seguiu o caminho da praia, onde eles faziam seus passeios noturnos. A casa de Martin Vanger estava às escuras e já se notava que não era mais habitada. Foi até a pedra do promontório, onde Mikael e ela costumavam se sentar, depois retornou para casa. Ele ainda não tinha voltado.

Lisbeth foi procurar do lado da igreja. Nenhum sinal de Mikael também. Ela hesitou um momento, perguntando-se o que devia fazer. Resolveu pegar a moto, pôs uma lanterna no estojo debaixo do assento e partiu pelo caminho da praia outra vez. Demorou um pouco até pegar o atalho invadido em parte pela vegetação e mais algum tempo até encontrar a trilha que conduzia à cabana de Gottfried. Avistou-a de repente na escuridão, atrás de algumas árvores, quando estava quase chegando. Não viu Mikael na varanda e a porta estava trancada.

Já ia voltar ao povoado, quando se deteve ao avistar a silhueta de Mikael no escuro, no pontão onde Harriet afogara o pai. Deu um suspiro de alívio.

Mikael percebeu que ela se aproximava pelo barulho das tábuas e se virou. Ela sentou ao lado dele sem dizer nada. Por fim ele rompeu o silêncio.

— Desculpe. Eu precisava ficar um pouco sozinho.

— Eu entendo.

Ela acendeu dois cigarros e estendeu um a ele. Mikael olhou para ela. Lisbeth Salander era a pessoa mais anti-social que ele conhecera; recusava-se a falar de coisas pessoais e nunca aceitara a menor demonstração de simpatia dele. Tinha salvado sua vida e agora saía no meio da noite para procurá-lo pela ilha. Ele pôs um braço em torno dela.

— Agora sei o quanto valho. Abandonamos todas aquelas mulheres — disse. — Eles vão abafar a história. Tudo que há no porão de Martin vai desaparecer.

Lisbeth não respondeu.

— Erika tinha razão — ele continuou. — Teria sido melhor se eu tivesse ido à Espanha dormir com as espanholas por um mês, depois voltar a me encarregar de Wennerström. Foram meses jogados fora.

— Se você tivesse ido à Espanha, Martin Vanger continuaria agindo no seu porão.

Silêncio. Eles ficaram ali juntos por bastante tempo até que Mikael se levantou e propôs que voltassem.

Mikael adormeceu antes de Lisbeth. Ela ficou acordada escutando a respiração dele. Esperou um momento, depois foi à cozinha fazer café. Sentou-se no banco, no escuro, e fumou vários cigarros enquanto refletia intensamente. Para ela, era evidente que Vanger e

Frode iam enganar Mikael. Essa gente era assim por natureza. Mas o problema era de Mikael, e não dela. Ou era?

Acabou tomando uma decisão. Esmagou o cigarro, foi para junto de Mikael, acendeu a lâmpada de cabeceira e sacudiu-o até que despertasse. Eram duas e meia da manhã.

— Que foi?

— Tenho uma pergunta pra te fazer. Sente-se. Mikael sentou-se, ainda sonolento.

— Quando você foi condenado por difamação, por que não se defendeu? Mikael sacudiu a cabeça e olhou para ela. Depois olhou para o despertador.

— É uma longa história, Lisbeth.

— Conte. Não tenho pressa.

Ele permaneceu um bom tempo em silêncio, refletindo sobre o que deveria dizer. Por fim decidiu contar a verdade.

— Eu não tinha como me defender. O conteúdo do artigo estava errado.

— Quando pirateei seu computador e os e-mails que você trocou com Erika Berger, havia muitas referências ao caso Wennerström, mas sempre para discutir detalhes práticos do processo e nunca o que realmente aconteceu. O que foi que não deu certo?

— Lisbeth, não posso revelar a verdadeira história. Caí numa armadilha. Erika e eu estamos totalmente de acordo que seria ainda mais prejudicial à nossa credibilidade se tentássemos contar o que de fato se passou.

— Então me diga, Super-Blomkvist. Ontem à tarde você me passou um sermão sobre amizade, confiança e não sei mais o quê. Acha que estou pretendendo divulgar a sua história pela internet?

Mikael protestou uma ou duas vezes. Lembrou a Lisbeth que era madrugada e que não tinha ânimo para pensar no assunto. Ela permaneceu obstinadamente sentada até ele ceder. Mikael foi lavar o rosto e esquentar o café. Então voltou para a cama e contou como, dois anos antes, seu ex-colega de classe Robert Lindberg havia despertado sua curiosidade na cabine de um veleiro atracado na marina de Arholma.

— Quer dizer que seu colega mentiu?

— Não, de modo nenhum. Ele contou exatamente o que sabia e verifiquei cada palavra do que ele disse em documentos existentes no Comitê de Apoio Industrial. Cheguei a ir à Polônia fotografar o hangar onde a empresa Minos tinha sido instalada. E entrevistei várias pessoas que haviam sido contratadas. Todas disseram exatamente a mesma coisa.

— Não entendo.

Mikael suspirou. Demorou um pouco para prosseguir.

— Eu tinha uma ótima história. Ainda faltava colocar Wennerström na parede, mas a história era consistente e, se eu tivesse publicado na hora, teria desestabilizado o cara. Ele talvez não fosse condenado por fraude, o caso já tinha o aval dos auditores, mas pelo menos eu teria abalado sua reputação.

— E o que impediu isso?

— Nesse meio-tempo alguém percebeu a jogada e Wennerström ficou sabendo da investigação. E um monte de coisas estranhas começaram a acontecer. Primeiro recebi ameaças. Telefonemas anônimos feitos de cabines públicas impossíveis de localizar. Erika

também recebeu ameaças. Os absurdos de sempre: pare de investigar senão vamos te pegar, coisas desse tipo. Ela evidentemente ficou irritada.

Ele pegou um dos cigarros de Lisbeth.

— Depois aconteceu algo muito desagradável. Uma noite, ao sair da re-dação bem tarde, fui atacado por dois sujeitos que me deram uma surra. Eu estava completamente desprevenido, eles me espancaram pra valer e desmaiei. Não consegui identificá-los, mas um deles me pareceu ser um motoqueiro.

— E?

— Bem, todas essas manifestações de simpatia acabaram deixando Erika mais furiosa e eu mais obstinado. Reforçamos a segurança da *Millennium. O* problema é que eram ataques desproporcionais em relação ao conteúdo da nossa história. Não entendíamos por que tudo aquilo estava acontecendo.

— Mas a história que você publicou era muito diferente.

— Exato. De repente descobrimos uma brecha. Fizemos contato com uma fonte, um Garganta Profunda do círculo de Wennerström. O sujeito estava borrado de medo e só nos encontrávamos com ele em quartos de hotéis anônimos. Contou que o dinheiro do caso Minos fora utilizado para comprar armas destinadas à guerra na Jugoslávia. Wennerström tinha feito negócios com o grupo de direita croata Ustacha. E mais: o cara nos deu cópias de documentos que confirmavam suas denúncias.

— E vocês acreditaram?

— Ele foi habilidoso. Também nos passou informações suficientes para nos levar a uma outra fonte que podia confirmar a história. Tivemos inclusive uma foto que mostrava um dos mais próximos colaboradores de Wennerström apertando a mão do comprador, diante de caixas com a etiqueta "Explosivos". Tudo parecia verídico, e publicamos.

— Era uma isca.

— Uma isca do começo ao fim — confirmou Mikael. — Os documentos haviam sido habilmente falsificados. E o advogado de Wennerström provou que a foto do subalterno de Wennerström e do chefe da Ustacha era uma montagem de duas fotos diferentes feita no Photoshop.

— Fascinante — disse Lisbeth Salander, assentindo com a cabeça pensativamente. Tudo estava muito claro para ela.

— Não é mesmo? Depois foi fácil ver como havíamos sido manipulados. Nossa história original teria prejudicado Wennerström, no entanto ela se perdeu numa falsificação e caiu numa armadilha. Publicamos uma história que permitiu a Wennerström desmantelá-la ponto por ponto e provar sua inocência. *Foi* um golpe de mestre.

— E vocês não podiam voltar atrás e contar a verdade. Não tinham nenhuma prova de que Wennerström fizera a falsificação.

— Pior que isso. Se tentássemos contar a verdade e cometêssemos a imbecilidade de acusar Wennerström de estar por trás de tudo, ninguém acreditaria em nós. Interpretariam isso apenas como uma tentativa desesperada de culpar um grande empresário inocente. Seríamos vistos como uns obcecados por complô e doidos completos.

— Entendo.

— Wennerström estava duplamente protegido. Se o truque fosse revelado, ele poderia dizer que um de seus inimigos quisera arrastá-lo para *a* lama. E nós da *Millennium* perderíamos mais uma vez a credibilidade, pois teríamos engolido informações que depois se revelaram falsas.

— Então você escolheu não se defender e encarar uma pena de prisão.

— Mereci a pena — disse Mikael com voz amarga. — Fui culpado por difamação. É isso, agora você já sabe. Posso dormir?

Mikael apagou a luz e fechou os olhos. Lisbeth estendeu-se ao lado dele. Não disse nada por um momento.

— Wennerström é um gângster.

— Eu sei.

— Não, eu quis dizer que eu *sei* que ele é um gângster. Ele negocia com tudo, desde a máfia russa até o cartel de Medellín na Colômbia.

— O que está querendo dizer?

— Quando entreguei meu relatório a Frode, ele me incumbiu de uma missão suplementar. Pediu que eu tentasse descobrir o que realmente havia acontecido no processo. Eu estava envolvida nisso quando Armanskij me chamou para cancelar o trabalho.

— Suponho que não precisavam mais da investigação depois que você aceitou a proposta de Henrik Vanger. Não havia mais interesse.

— Sim, e daí?

— Bem, não gosto de deixar as coisas pela metade. Tive algumas semanas... digamos, livres na primavera, num período em que Armanskij não tinha trabalho para mim. Então, para me distrair, comecei a escavar o caso Wennerström.

Mikael empertigou-se, acendeu a lâmpada e olhou para Lisbeth. Os olhares dos dois se cruzaram. Ela parecia realmente alguém que tinha feito algo errado.

— Descobriu alguma coisa?

— Tenho todo o disco rígido dele no meu computador. Se te interessa, posso fornecer quantas provas você quiser de que ele é um verdadeiro gângster.

28. TERÇA-FEIRA 29 DE JULHO — SEXTA-FEIRA 24 DE OUTUBRO

Fazia três dias que Mikael Blomkvist estava debruçado sobre as cópias dos fichários de Lisbeth Salander — pastas repletas de documentos. O problema é que as evidências seguiam em todas as direções. Uma negociação com títulos em Londres, outra com moedas estrangeiras em Paris através de um agente. Uma empresa-fantasma em Gibraltar. O saldo de uma conta no Chase Manhattan Bank, em Nova York, de repente multiplicado por dois.

E também vários pontos de interrogação: uma empresa comercial com duzentas mil coroas numa conta sem movimentação aberta cinco anos antes em Santiago do Chile — uma entre trinta outras semelhantes em doze países diferentes — e sem a menor indicação da atividade principal. Empresas em estado latente? A *espera de quê?* Biombos para ocultar outras atividades? O computador não fornecia respostas para o que Wennerström guardava na cabeça, e que certamente era muito evidente para que precisasse estar num documento eletrônico.

Salander tinha se convencido de que jamais encontrariam resposta para a maior parte dessas questões. Eles podiam ver a mensagem, mas não podiam interpretar seu sentido sem o código. O império Wennerström era como uma cebola cujas peles podiam ser retiradas uma a uma; um conjunto de empresas proprietárias umas das outras. Companhias, contas, fundos, valores. Eles constatavam que ninguém, nem mesmo Wennerström, conseguiria ter uma visão global. O império Wennerström era dotado de vida própria.

Havia uma estrutura, ou pelo menos um esboço de estrutura. Um labirinto de empresas interdependentes. O império Wennerström podia ser avaliado, de acordo com a pessoa que fizesse o cálculo e de acordo com a maneira de calcular, entre 100 bilhões e 400 bilhões de coroas. Mas, no caso de empresas proprietárias umas das outras, que valor têm, afinal, essas empresas?

Quando Lisbeth lançou a pergunta, Mikael olhou-a com um ar atormentado.

— Tudo isso é esotérico — respondeu ele antes de passar ao exame das contas bancárias.

Eles deixaram a ilha de Hedeby às pressas, de manhã, depois que Lisbeth Salander soltou a bomba que agora absorvia Mikael o tempo todo. Foram direto para a casa de Lisbeth e passaram dois dias e duas noites diante do computador dela, enquanto Mikael era conduzido ao universo de Wennerström. Ele tinha muitas perguntas a fazer. Uma delas por pura curiosidade.

— Lisbeth, como você pode pilotar o computador dele?

— E uma pequena invenção fabricada pelo meu colega Praga. Wennerström trabalha num laptop IBM, tanto em casa como no escritório. Isso quer dizer que toda a informação fica guardada num único disco rígido. O cabo de banda larga está na casa dele. Praga inventou uma espécie de tubo que se conecta ao cabo propriamente dito e que venho

testando para ele; tudo o que Wennerström vê é registrado por esse tubo, que envia a informação a um servidor em algum lugar.

— Ele não tem um *firewall?*

— Sim, tem, mas a ideia é que o próprio tubo funcione também como uma espécie de *firewall.* Demora um pouco para piratear desse modo. Digamos que Wennerström receba um e-mail; ele chega primeiro ao tubo de Praga e podemos lê-lo antes mesmo que seja captado pelo *firewall* de Wennerström. Mas o engenhoso é que a mensagem é reescrita e injetamos alguns *bytes* de um código-fonte. A operação repete-se toda vez que ele faz um *download* em seu computador. A coisa funciona ainda melhor com imagens. Ele navega muito na internet. Sempre que baixa uma foto pornô ou abre um novo site, acrescentamos alguns sinais desse código-fonte. Depois de um certo tempo, algumas horas ou dias, conforme o uso que ele fizer do computador, Wennerström terá baixado um programa inteiro de cerca de três megabytes, em que os *bits* foram se somando uns aos outros.

— E?

— Depois que os últimos *bits* foram instalados, o programa se integra ao navegador da internet do laptop. Ele pensa que o computador travou e é obrigado a reiniciar. Ao fazer isso, está carregando um novo programa. Wennerström usa o Microsoft Explorer. Na próxima vez que abrir o Explorer, na verdade abrirá um programa diferente, invisível no seu computador e semelhante ao Explorer. Funciona como o Explorer, mas faz também um monte de outras coisas. Esse programa começa a escanear o computador e envia *bits* de informação sempre que Wennerström clica no mouse ao navegar. Depois de um tempo, e dependendo do período que ele passa navegando, acumulamos um espelho completo do conteúdo do disco rígido dele num outro servidor. E então que o TH intervém.

— TH?

— É como Praga chamou: *Takeover hostil.*

— Ah!

— O engenhoso é o que vem a seguir. Quando a estrutura está pronta, Wennerström tem dois discos rígidos completos, um em sua própria máquina e outro no nosso servidor. Na verdade, quando ele inicia o computador, está iniciando o computador-espelho. Não trabalha mais no próprio computador, e sim no nosso servidor. Seu computador vai rodar um pouco mais lento, mas nem se percebe. E, quando estou conectada ao servidor, posso acompanhar o computador dele em tempo real. Toda vez que Wennerström digita uma tecla, aparece no meu monitor.

— Vejo que o seu colega também é um *hacker.*

— Foi ele que montou a escuta telefônica em Londres. Socialmente falando, é um incompetente, mas na internet é legendário.

— Certo — disse Mikael com um sorriso resignado. — Pergunta número dois: por que não me falou de Wennerström antes?

— Você nunca me pediu.

— E se eu nunca tivesse pedido — digamos que não tivéssemos nos conhecido — então você teria se calado sobre as atividades ilícitas de Wennerström, enquanto a

Millennium caía em desgraça?

— Ninguém nunca me pediu para denunciar Wennerström — respondeu Lisbeth com uma voz sentenciosa.

— Mas e se pedissem?

— Ora, já contei a você! — ela retrucou na defensiva. Mikael deixou o assunto de lado.

Mikael estava totalmente absorvido pelo que descobria no computador de Wennerström. Lisbeth gravara o conteúdo do disco rígido de Wennerström

— cerca de cinco gigabytes — nuns dez CDs, e tinha mais ou menos a impressão de ter se mudado para a casa de Mikael. Esperava pacientemente e respondia às perguntas que ele não parava de fazer.

— Não entendo como ele pode ser tão imbecil a ponto de guardar todas as informações dos seus negócios suspeitos num disco rígido — disse Mikael.

— Se caísse nas mãos da polícia...

— As pessoas não são racionais. Eu diria que ele nem imagina que a polícia possa querer confiscar seu computador.

— Acima de qualquer suspeita. Concordo que ele é um sujeito arrogante, mas deve estar bem cercado de consultores em segurança que lhe dizem como lidar com seu computador. Vi arquivos de 1993.

— O computador é bastante recente. Foi fabricado há um ano, mas Wennerström parece ter transferido toda a sua velha correspondência e coisas do gênero para o disco rígido, em vez de salvar em CDs. Mas ele se previne com programas de encriptação.

— Precaução totalmente inútil, já que você está dentro do computador dele e lê as senhas toda vez que ele digita.

Fazia quatro dias que eles tinham voltado a Estocolmo, quando Christer Malm ligou para o celular de Mikael e o despertou às três da manhã.

— Henry Cortez foi a uma festa com uma namorada esta noite.

— Ah, sim? — respondeu Mikael, ainda tonto de sono.

— Antes de voltarem para casa, passaram no bar da Estação central.

— Não é o melhor lugar para namorar.

— Escuta esta: Janne Dahlman está de férias e Henry o viu numa mesa junto com um homem.

— E?

— Henry reconheceu imediatamente o tal homem. Krister Söder.

— O nome me diz alguma coisa, mas...

— Trabalha no *Finansmagasinet Monopol,* que pertence ao grupo Wennerström — prosseguiu Malm.

Mikael ergueu-se na cama.

— Está me ouvindo?

— Sim, estou. Pode não significar nada. Söder é jornalista, talvez seja um velho colega de Dahlman.

— Talvez eu esteja sendo meio paranóico, mas há três meses a *Millennium* comprou a reportagem de um *freelancer.* Uma semana antes de nós a publicarmos, Söder publicou uma notícia quase idêntica. Era o mesmo assunto sobre um fabricante de celulares. Ele ocultava a informação de que utilizavam um componente defeituoso que pode causar curtos-circuitos.

— Entendo. Mas essas coisas acontecem. Comentou isso com Erika?

— Não, ela está viajando, só volta a semana que vem.

— Não faz mal. Volto a te ligar — disse Mikael e desligou o celular.

— Problemas? — perguntou Lisbeth Salander.

— A *Millennium* — disse Mikael. — Preciso dar uma saída. Quer vir comigo?

A redação estava deserta às quatro da manhã. Lisbeth precisou de três minutos para descobrir o código de acesso do computador de Janne Dahlman e mais dois para transferir seu conteúdo para o notebook de Mikael.

A maior parte dos e-mails, porém, achava-se no laptop pessoal de Dahlman, ao qual não tinham acesso. Mas no computador dele na *Millennium* Lisbeth encontrou um endereço hotmail de Dahlman, e ela levou seis minutos para entrar na conta dele e transferir toda a sua correspondência do ano anterior. Cinco minutos depois, Mikael tinha provas de que Janne Dahlman deixara vazar informações sobre a situação da *Millennium* e de que informara o redator do *Finansmagasinet Monopol* sobre as reportagens que Erika programava publicar nos próximos números. A espionagem prosseguira pelo menos até o outono anterior.

Eles desligaram os computadores e voltaram ao apartamento de Mikael para dormir mais algumas horas. Ele chamou Christer Malm por volta das dez da manhã.

— Tenho provas de que Dahlman trabalha para Wennerström.

— Eu tinha certeza disso. Certo, vou despedir esse canalha ainda hoje.

— Não faça isso. Não faça absolutamente nada. — Nada?

— Christer, confie em mim. Até quando Dahlman estará de férias?

— Ele volta na segunda-feira de manhã.

— Há quantas pessoas na redação hoje?

— Mais ou menos a metade.

— Será que pode anunciar uma reunião para as duas da tarde? Não diga qual o assunto. Estarei aí.

Seis pessoas estavam sentadas em volta da mesa de reunião diante de Mikael. Christer Malm tinha um ar cansado. Henry Cortez exibia aquela felicidade que só os jovens apaixonados de vinte e quatro anos conseguem sentir. Monika Nilsson parecia ansiosa, à espera de revelações bombásticas; Christer Malm não dissera uma palavra sobre o tema da reunião, mas ela já trabalhava na redação havia bastante tempo para entender que algo incomum estava sendo tramado, e não saber de nada a deixava aborrecida. A única que

exibia um comportamento normal era Ingela Oskarsson, funcionária de tempo parcial encarregada da administração, das assinaturas e de outras tarefas que lhe ocupavam dois dias da sua semana, embora ela não parecesse muito folgada desde que se tornara mãe dois anos antes. A outra funcionária de tempo parcial era a jornalista *freelancer* Lotta Karim, com um contrato semelhante ao de Henry Cortez e que acabava de voltar de férias. Christer também conseguira trazer para a reunião Sonny Magnusson, embora ele ainda estivesse de férias.

Mikael começou cumprimentando a todos e desculpando-se por ter estado fora durante o ano.

— Nem Christer nem eu tivemos tempo de informar Erika sobre o que nos preocupa hoje, mas posso garantir que nesse assunto falo também em nome dela. Hoje vamos decidir o futuro da *Millennium.*

Fez uma pausa e deixou as palavras produzirem efeito. Ninguém fez perguntas.

— Este ano foi pesado. Estou surpreso de que nenhum de vocês tenha ido procurar emprego em outro lugar. Só posso concluir que vocês são ou completamente loucos ou excepcionalmente leais e que gostam de trabalhar na revista. Por isso vou botar as cartas na mesa e pedir uma última contribuição.

— Ultima contribuição? — espantou-se Monika Nilsson. — É como se você tivesse a intenção de fechar a *Millennium.*

— Isso mesmo — respondeu Mikael. — Quando voltar das férias, Erika convocará nós todos para uma triste reunião, na qual anunciará que a *Millennium* vai deixar de circular no Natal e que todos serão dispensados.

Desta vez, uma certa inquietação se espalhou no ar. Mesmo Christer Malm acreditou, por um segundo, que Mikael falava sério, antes de notar seu sorriso satisfeito.

— Durante este outono, vocês vão desempenhar um duplo papel. Devo dizer que o nosso caro secretário de redação, Janne Dahlman, andou passando informações nossas para Hans-Erik Wennerström. O que significa que o inimigo está sempre muito bem informado do que se passa aqui, e isso explica muitos dos reveses que sofremos neste ano. Sobretudo você, Sonny, pois alguns anunciantes que pareciam firmes se retiraram subitamente.

— Dahlman, aquele merda! Não me surpreende — disse Monika Nilsson.

Janne Dahlman nunca fora muito popular na redação e a revelação não chegou a chocar ninguém. Mikael interrompeu os murmúrios.

— Só estou contando isso porque tenho inteira confiança em vocês. Trabalhamos juntos há vários anos e sei que vocês têm a cabeça no lugar, por isso sei também que aceitarão participar desse jogo, não importa o que acontecer neste outono. E fundamental que Wennerström seja levado a acreditar que a *Millennium* está afundando. E o trabalho de vocês será fazê-lo acreditar nisso.

— Qual é a nossa verdadeira situação? — perguntou Henry Cortez.

— Resumindo: foi um período difícil para todos e ainda não estamos livres das dificuldades. Tudo levava a crer que a *Millennium* ia acabar. Mas garanto que isso não vai acontecer. A *Millennium* hoje está mais forte do que há um ano. Depois desta reunião, vou

desaparecer novamente por dois meses. Lá pelo fim de outubro estarei de volta. Então cortaremos as asas de Hans-Erik Wennerström.

— De que maneira? — quis saber Cortez.

— Sinto muito, mas não posso revelar detalhes. Vou escrever uma nova história sobre Wennerström, só que desta vez faremos tudo direitinho. Então começaremos a preparar a festa de Natal da revista. Espero ter como prato principal do cardápio Wennerström assado e diversos críticos como sobremesa.

A descontração logo tomou conta do ambiente. Mikael se perguntou como estaria se sentindo se estivesse ali, sentado, escutando a si mesmo naquela mesa de reunião. Cético? Provavelmente. Mas parecia que ele contava com um capital de confiança entre os colaboradores da *Millennium.* Levantou a mão outra vez.

— Para que isso aconteça, é importante que Wennerström acredite que a *Millennium* está afundando. Não quero que ele monte uma campanha defensiva ou que elimine provas no último minuto. Por isso vamos traçar um roteiro para os próximos meses. Em primeiro lugar, é fundamental que nada do que discutimos aqui hoje seja registrado por escrito em e-mails ou comunicado a alguém fora desta sala. Não sabemos até que ponto Dahlman tem acesso aos nossos computadores, e descobri que é bastante fácil ler os e-mails particulares dos colaboradores. Portanto, faremos tudo verbalmente. Se nas próximas semanas quiserem discutir alguma coisa, falem com Christer na casa dele. Com extrema discrição.

Mikael escreveu numa lousa: *nenhuma mensagem eletrônica.*

— Em segundo lugar, vocês farão fofocas. Quero que comecem a me denegrir toda vez que Janne Dahlman estiver por perto. Não exagerem. Apenas dêem vazão ao ego naturalmente avacalhador de vocês. Christer, gostaria que você e Erika tivessem uma discussão séria. Usem a imaginação e guardem mistério sobre as razões, mas dêem a impressão de que a revista está rachando e que todos estão se indispondo uns contra os outros.

Ele escreveu *Avacalhem* na lousa.

— Em terceiro lugar: quando Erika voltar, você, Christer, a informará sobre a trama. Caberá a ela, em seguida, fazer Janne Dahlman acreditar que nosso acordo com o grupo Vanger, que nos mantém à tona no momento, afundou porque Henrik Vanger está gravemente doente e porque Martin Vanger morreu num acidente de carro.

Escreveu a palavra *Desinformação.*

— Então isso significa que o acordo é sólido? — perguntou Monika Nilsson.

— Pode acreditar em mim — disse Mikael sério. — O grupo Vanger está empenhado em que a *Millennium* sobreviva. Daqui a algumas semanas, digamos, no final de agosto, Erika convocará uma reunião para avisar das dispensas. E importante que todos entendam que é uma isca e que o único a desaparecer daqui será Janne Dahlman. Mas vocês precisam continuar fingindo. Comecem a dizer que estão procurando emprego e falem da referência ruim que a *Millennium* representa no currículo.

— E você acha que essa comédia vai salvar a *Millennium?* — perguntou Sonny Magnusson.

— Tenho certeza que sim. Sonny, quero que faça um relatório mensal fictício mostrando que a tendência dos anunciantes se inverteu nos últimos meses e que o número de assinantes caiu outra vez.

— Vai ser divertido — disse Monika. — Isso vai ficar só dentro da redação ou deixaremos vazar para outras mídias?

— Só dentro da redação. Se a história vazar, saberemos quem é o responsável. Se daqui a alguns meses alguém nos pedir explicações, poderemos simplesmente dizer: Não, meu velho, você ouviu boatos sem fundamento; de modo nenhum, nunca se falou em fechar a *Millennium.* O melhor que pode acontecer é Dahlman ventilar a informação para outras mídias. Então, ele é que passará por imbecil. Se puderem soprar a Dahlman uma história plausível mas completamente idiota, têm carta branca.

Passaram duas horas montando um roteiro e distribuindo o papel de cada um.

Depois da reunião, Mikael foi tomar um café com Christer Malm no Java, no centro da cidade.

— Christer, é muito importante que vá esperar Erika no aeroporto, para colocá-la a par da situação. Terá que convencê-la a jogar o jogo. Se eu bem a conheço, ela vai querer se confrontar com Dahlman imediatamente, mas isso não pode acontecer. Não quero que Wennerström suspeite de alguma coisa e dê sumiço nas provas.

— Certo.

— E diga a Erika que se mantenha longe do correio eletrônico até ter instalado o encriptador PGP e ter aprendido a utilizá-lo. E provável que, através de Dahlman, Wennerström esteja lendo todos os nossos e-mails internos. Quero que usem o PGP, você e todo mundo na redação. Como se fosse a coisa mais natural. Darei o nome de um técnico de informática, você vai chamá-lo e ele virá dar uma olhada na rede interna e nos computadores da redação. Deixe-o instalar o programa como se fosse um serviço normal.

— Farei o melhor possível. Mas diga, Mikael, o que você está tramando exatamente?

— Vou acabar com a carreira de Wennerström.

— De que maneira?

— Sinto muito, por enquanto é segredo. Só posso dizer que tenho informações sobre ele que farão nossa denúncia anterior parecer uma coisa à-toa.

Christer Malm pareceu incomodado.

— Sempre confiei em você, Mikael. Você não confia em mim? Mikael riu.

— Claro que confio. Mas neste momento estou envolvido numa atividade criminosa muito séria, que pode me valer uns dois anos de prisão. É que os procedimentos da minha pesquisa são, por assim dizer, um pouco duvidosos... Utilizo métodos tão ilícitos quanto os de Wennerström. Não quero que nem você nem Erika nem ninguém da *Millennium* se envolva nisso.

— Você tem o dom de me deixar preocupado.

— Fique tranquilo. E pode dizer a Erika que essa história vai repercutir. Muito.

— Erika vai querer saber o que você está tramando... Mikael refletiu um segundo, depois sorriu.

— Diga a ela que, na última primavera, ela deixou muito claro para mim, quando assinou o contrato com Henrik Vanger à minha revelia, que eu não passava de um reles e

mortal *freelancer,* sem lugar no conselho administrativo da revista e sem nenhuma influência na linha seguida pela *Millennium.* Isso também significa que não sou obrigado a informá-la de nada. Mas prometo que, se ela se comportar direitinho, vai ser a primeira a saber da história.

Christer deu uma risada.

— Ela vai ficar furiosa — comentou, divertido.

* * *

Mikael sabia muito bem que não dissera a verdade a Christer Malm: ele estava evitando Erika propositalmente. O normal teria sido avisá-la de imediato das informações de que dispunha. Mas Mikael não queria falar com ela. Chegou a digitar seu número uma dezena de vezes no celular. Sempre desistia.

Sabia qual era o problema: não podia olhá-la nos olhos.

Ter concordado em abafar o caso de Hedestad era jornalisticamente imperdoável. Ele não sabia como explicar isso sem mentir, e se havia uma coisa que nunca queria fazer era mentir para Erika Berger.

Além do mais, não tinha coragem de enfrentar esse problema e ao mesmo tempo atacar Wennerström. Assim adiou o confronto, desligou o celular e poupou-se de falar com ela. Sabia que era um descanso de curta duração.

Logo depois da reunião da redação, Mikael foi se instalar em sua cabana em Sandhamn, onde não punha os pés havia mais de um ano. Na bagagem, levou duas caixas de folhas impressas e os CDs que Lisbeth lhe dera. Fez provisões, trancou-se ali, abriu o notebook e pôs-se a escrever. Todos os dias saía para passear e aproveitava para comprar jornais e mantimentos. Ainda havia muitos veleiros no porto, e vários daqueles jovens que tinham pedido emprestado o barco do papai estavam, como sempre, enchendo a cara no Bar do Mergulhador. Alheio a tudo a sua volta, Mikael passava os dias na frente do computador, desde o momento em que abria os olhos até cair de cansaço à noite.

Mensagem eletrônica encriptada da diretora de publicação erika.berger@millennium.se ao editor licenciado mikael.blomkvist@millennium.se:

> [Mikael. Preciso saber o que está acontecendo — entenda, voltei de férias e caí em pleno caos. Primeiro fico sabendo o que Janne Dahlman andou fazendo, depois o jogo duplo que você bolou. Martin Vanger está morto. Harriet Vanger está viva. O que está havendo em Hedeby? Onde você está? Temos uma história para publicar? Por que não atende o celular? E.
>
> P. S. Entendi a sua alfinetada que Christer divertiu-se muito em me transmitir. Você me paga. Está zangado comigo de verdade?]

De mikael.blomkvist@millennium.se

A erika.berger@millennium.se:

[Oi, Ricky. Não, fique tranquila, não estou zangado. Perdoe-me por não ter tido tempo de esclarecer as coisas para você, é que nos últimos meses minha vida virou uma montanha-russa. Contarei tudo quando nos virmos, mas não por e-mail. Agora estou em Sandhamn. Há uma história para ser publicada, mas não se trata de Harriet Vanger. Vou ficar aqui enfurnado por algum tempo. Até terminar, confie em mim. Bjs. M.]

De erika.berger@millennium.se

A mikael.blomkvist@ millennium.se:

[Sandhamn? Vou aí te ver assim que eu puder.]

De mikael.blomkvist@millennium.se

A erika.berger@ millennium.se:

[Não venha já. Espere algumas semanas, pelo menos até eu ter um texto consistente. Além disso, estou esperando uma visita.]

De erika.berger@millennium.se

A mikael.blomkvist@millennium.se:

[Certo, não vou impor a minha presença, claro. Mas tenho o direito de saber o que está acontecendo. Henrik Vanger tornou-se membro do conselho, mas ele não responde quando chamo. Se o acordo com Vanger deu em nada, você precisa me dizer. Não sei o

que fazer. Preciso saber se a revista vai continuar ou não. Ricky.

P. S. Como ela se chama?]

De mikael.blomkvist@millennium.se

A erika.berger@millennium.se:

[Primeiro: fique tranquila, Henrik não vai sair. Mas ele teve um infarto sério e só tem trabalhado poucas horas por dia, e suponho que o impacto causado pela morte de Martin e a ressurreição de Harriet absorveu todas as suas forças.

Segundo: a *Millennium* vai continuar. Estou trabalhando na reportagem mais importante da nossa vida e, quando a publicarmos, liquidaremos Wennerström de uma vez por todas.

Terceiro: minha vida está de pernas para o ar neste momento, mas entre mim, você e a *Millennium* nada mudou. Confie em mim. Bjs. Mikael.

P. S. Te apresentarei a ela assim que der. Você vai se surpreender.]

Quando Lisbeth Salander chegou a Sandhamn, foi recebida por um Mikael de olheiras e com uma barba de alguns dias. Ele a abraçou rapidamente e pediu que preparasse um café enquanto terminava uma passagem do texto.

Lisbeth deu uma olhada na cabana e percebeu quase imediatamente que se sentia bem ali. O chalezinho ficava junto a um pontão, com o mar a dois metros da porta. Media apenas seis metros por cinco, mas a construção tinha altura suficiente para um mezanino, ao qual se chegava por uma escada em caracol. Lisbeth podia ficar de pé ali, porém Mikael era obrigado a baixar um pouco a cabeça. Ela inspecionou a cama e constatou que era suficientemente larga para os dois.

A cabana tinha uma janela ampla que dava para o mar, bem ao lado da porta de entrada. A mesa da cozinha também servia como mesa de trabalho para Mikael. Na parede ao lado dela, havia uma pequena prateleira com um aparelho de CD e alguns discos de Elvis Presley e de *hard rock,* dois gêneros que ela não teria posto no topo da sua lista.

Num canto havia um aquecedor a lenha. O resto da mobília resumia-se a um grande armário embutido, para guardar roupas, lençóis e toalhas, e uma bancada de cozinha que prosseguia, separada por uma cortina, até uma pia e um chuveiro. Acima da bancada abria-se uma pequena janela. Sob a escada em caracol, Mikael montara um banheiro com vaso sanitário. Toda a cabana lembrava a cabine de um barco, com arranjos e compartimentos engenhosos.

Na sua investigação particular sobre Mikael Blomkvist, ela dissera que ele mesmo havia reformado a cabana e cuidado da decoração — dedução baseada no e-mail que um amigo de Mikael, impressionado com sua habilidade, lhe enviara após uma visita a Sandhamn. Tudo era limpo, modesto e simples, quase espartano. Ela entendeu por que gostava tanto daquela cabana.

Depois de duas horas, ela conseguiu distrair a atenção de Mikael do trabalho. Ele deixou o computador com ar frustrado, barbeou-se c levou-a para conhecer Sandhamn. O tempo estava chuvoso e ventava, e eles logo foram para o albergue. Mikael contou o que havia escrito, e Lisbeth lhe entregou um CD com informações atualizadas do PC de Wennerström.

Depois voltaram para a cabana, e no mezanino ela conseguiu despi-lo e distraí-lo ainda mais. Lisbeth despertou tarde da noite sozinha na cama e, ao dar uma espiada para baixo, o viu debruçado sobre o teclado. Ficou um bom tempo com a cabeça apoiada na mão, olhando-o. Ele parecia feliz e ela, por sua vez, sentiu-se estranhamente satisfeita com a vida.

Lisbeth só ficou cinco dias. Depois voltou a Estocolmo, atendendo a um chamado de Dragan Armanskij ao telefone, que, desesperado, a convocava para um novo trabalho. Dedicou a esse trabalho onze dias, fez seu relatório e regressou a Sandhamn. A pilha de folhas impressas ao lado do notebook de Mikael crescera.

Desta vez ficou quatro semanas. Eles acabaram criando uma espécie de rotina. Levantavam-se às oito e tomavam o café-da-manhã juntos por uma hora. A seguir, Mikael trabalhava intensamente até depois do meio-dia quando, então, saíam para passear e conversar. Lisbeth passava a maior parte do dia na cama lendo livros ou navegando na internet pelo modem ADSL de Mikael. Evitava perturbá-lo durante o dia. Jantavam bem tarde e somente então Lisbeth tomava a iniciativa e o forçava a subir até o mezanino, onde queria todo tipo de atenção dele.

Lisbeth tinha a impressão de viver as primeiras férias de sua vida.

Mensagem eletrônica encriptada de erika.berger@millennium.se a mikael.blomkvist@millennium.se:

> [Oi, Mikael. E oficial agora, Janne Dahlinan pediu demissão e começa a trabalhar no *Finansmagasinet Monopol* dentro de três semanas. Segui suas instruções, não disse nada e todos estão representando a farsa. E.
>
> P. S. De qualquer maneira, todos estão se divertindo um bocado. Outro dia, Henry e Lotta trocaram injúrias a ponto de quase se

agredir. Levaram a brincadeira tão longe com Dahlman que me espanta ele não ter sacado que era um blefe.]

De mikael.blomkvist@millennium.se

A erika.berger@millennium.se:

[Deseje-lhe boa sorte e deixe-o ir embora. Mas guarde a prataria num armário fechado a chave. Bjs. M.]

De erika.berger@millennium.se

A mikael.blomkvist@millennium.se:

[Estou sem secretário de redação a duas semanas de sair o próximo número e meu repórter investigativo está recolhido em Sandhamn e se recusa a falar comigo. Micke, ponho-me de joelhos. Será que pode nos ajudar? Erika.]

De mikael.blomkvist@millennium.se

A erika.berger@millennium.se:

[Aguente mais algumas semanas, e aí chegaremos a um porto tranquilo. E comece a preparar o número de dezembro, que será diferente de tudo o que já publicamos. Meu texto ocupará cerca de quarenta páginas da revista. M.]

De erika.berger@millennium.se

A mikael.blomkvist@millennium.se:

[Quarenta páginas!!! Você ficou louco?]

De mikael.blomkvist@millennium.se

A erika.berger@millennium.se:

[Será uma edição temática. Preciso de mais três semanas. Será que você pode: (1) criar uma estrutura editorial em nome da *Millennium,* (2) conseguir um número ISBN, (3) pedir a Clirister a criação de um belo logotipo para nossa nova editora e (4) encontrar uma boa gráfica que possa lançar um livro de bolso rápido e barato? Aliás, precisaremos de dinheiro para os custos de impressão do nosso primeiro livro. Bjs. Mikael.]

De erika.berger@millennium.se

A mikael.blomkvist@ millennium.se:

[Edição temática. Editora. Custos de impressão. As suas ordens, meu comandante. Que mais quer que eu taça? Dançar nua na Slussplan? E.

P. S. Suponho que saiba o que está fazendo. Mas o que eu faço com Dahl-man?]

De mikael.blomkvist@millennium.se

A erika.berger@millennium.se:

[Não faça nada com Dahlman. Deixe-o ir embora. O *Monopol* não sobreviverá por muito tempo. Arranje substitutos para esse número. E contrate uni novo secretário de redação, pelo amor de Deus! M.

P. S. Gostaria muito de te ver dançar nua na Slussplan,]

De erika.berger@millennium.se

A mikael.blomkvist@millennium.se:

[Para o *strip-tease* em público, não conte comigo. Mas sempre fizemos as contratações juntos. Ricky.]

De mikael.blomkvist@millennium.se

A erika.berger@millennium.se:

[Sempre estivemos de acordo sobre a pessoa a contratar. E continuaremos de acordo, seja quem for que você contrate. Vamos encurralar Wennerström. A história toda é essa. Mas deixe-me terminá-la em paz. M.)

No começo de outubro, Lisbeth Salander leu um pequeno artigo que encontrou no *site* do *Hedestads-Kuriren,* e informou Mikael. Isabella Vanger havia falecido após uma breve doença. Sua morte era lamentada pela filha, Harriet Vanger, que recentemente voltara da Austrália.

Mensagem eletrônica encriptada de erika.berger@millennium.se a mikael.blomkvist@millennium.se.

[Oi, Mikael.

Harriet Vanger passou hoje na redação para me ver. Telefonou cinco minutos antes de chegar e me pegou totalmente desprevenida. Uma bela mulher, muito elegante e de olhar frio.

Veio anunciar que participaria do conselho administrativo no lugar de Martin Vanger, que estava substituindo Henrik. Mostrou-se cortês, amável, e me garantiu que o grupo Vanger não tem nenhuma intenção de abandonar nosso acordo; ao contrário, a família apoia os compromissos de Henrik com

a revista. Pediu para ver a redação e quis saber como estavam as coisas.

Eu disse a verdade. Que tenho a impressão de estar andando sobre areia movediça, que você me proibiu de ir a Sandhamn e que eu não sei sobre o que você está escrevendo, a não ser que espera encurralar Wennerström. (Acho que eu podia dizer isso. Afinal, ela faz parte do conselho.) Ela levantou uma sobrancelha, sorriu e perguntou se eu tinha dúvidas sobre o seu êxito. Como responder a essa pergunta? Eu disse que estaria bem mais calma se soubesse o que você está tramando. E que evidentemente confio em você, mas que você me deixa louca!

Perguntei se ela sabia o que você está escrevendo. Ela respondeu que não, mas acrescentou que o achava muito perspicaz, com uma maneira de refletir inovadora (palavras dela).

Eu também disse ter concluído que algo de dramático havia acontecido em Hedestad no passado, e que estava muito curiosa para saber mais. Ela respondeu que eu e você parecíamos ter uma relação especial e que você me contaria tudo assim que tivesse tempo. Depois me perguntou se podia confiar em mim. O que eu podia dizer? Ela faz parte do conselho da *Millennium* e você não me deu nenhuma informação para que eu pudesse estabelecer uma conduta nesse caso.

Então ela disse uma coisa estranha: me pediu que eu não julgasse nem a ela nem a você com demasiada severidade. Que tinha uma dívida de gratidão com você e que gostaria

muito de que ela e eu fôssemos amigas. E prometeu me contar a história oportunamente, se você não contasse. Acho que gosto muito dela, mas não sei muito bom se posso confiar. Erika.

P. S. Sinto sua falta. Tenho a impressão de que aconteceu algo terrível em Hedestad. Christer disse que você está com uma marca estranha — de estrangulamento? — no pescoço.]

De mikael.blomkvist@millennium.se

A erika.berger@millennium.se:

[Oi, Ricky. A história de Harriet é tão triste, tão lamentável, que você nem vai acreditar. Seria melhor que ela mesma te contasse. De minha parte, coloquei-a um pouco de lado na minha cabeça.

Mas pode confiar em Harriet Vanger, eu garanto. Ela *é* sincera quando diz ter uma dívida de gratidão comigo, e pode crer que ela nunca fará nada que possa prejudicar a *Millennium.* Se gosta dela, seja sua amiga; se não gosta, deixe pra lá. Mas ela merece respeito. *É* uma mulher que passou por duras provas e sinto uma grande simpatia por ela. M.]

No dia seguinte, Mikael recebeu mais um e-mail.

De harriet.vanger@vangerindustries.com

a mikael.blomkvist@millennium.se:

[Oi, Mikael. Há semanas venho tentando encontrar uma horinha para te dar notícias,

mas o tempo passa rápido. Você saiu tão depressa de Hedeby que nem pude me despedir.

Desde que voltei à Suécia, estou soterrada por uma quantidade de impressões e por muito trabalho. As empresas Vanger estão um caos só, e trabalhei duro com Henrik para pôr ordem nos negócios. Ontem visitei a *Millennium;* daqui em diante representarei Henrik no conselho. Ele me descreveu em detalhe a situação da revista e a sua.

Espero que aceite me ver desembarcar assim. Se não me quer no conselho (ou a alguém mais da família), vou entender, mas garanto que farei tudo para servir a *Millennium.* Tenho uma enorme dívida com você e asseguro que minhas intenções serão sempre as melhores. Conheci sua amiga Erika Berger. Não sei muito bem qual foi a opinião dela a meu respeito e fiquei surpresa de que não tenha contado a ela o que aconteceu.

Quero muito ser sua amiga. Se está disposto, é claro, a frequentar os membros da família Vanger. Um abraço. Harriet.

P. S. Erika deu a entender que você pretende atacar novamente Wennerström. Dirch Frode me contou como Henrik te levou na conversa. Que posso dizer? Apenas que sinto muito. Se houver algo que eu possa fazer, diga-me.]

De mikael.blomkvist@millennium.se

A harriet.vanger@vangerindustries.com

[Oi, Harriet. Desapareci de repente de Hedeby e neste momento estou trabalhando

no que deveria ter feito este ano. Você será informada antes de o texto ir para a impressão, mas acho que posso adiantar que os problemas deste último ano logo vão terminar.

Espero que você e Erika se tornem amigas e evidentemente não há problema nenhum de você "desembarcar" no conselho da *Millennium.* Vou contar o que aconteceu a Erika. Só que neste momento não tenho disposição nem tempo, ainda gostaria de manter uma certa distância.

Continuamos em contato. Um abraço. Mikael.]

Lisbeth não mostrava muito interesse pelo que Mikael estava escrevendo. Ela levantou a cabeça do seu livro. Mikael acabara de dizer algo que ela não ouvira. Pediu que ele repetisse.

— Desculpe. Estava pensando em voz alta. Eu dizia que é o cúmulo.

— O que é o cúmulo?

— Wennerström teve um caso com uma servente de vinte e dois anos que ele engravidou. Não leu a correspondência dele com o advogado?

— Querido Mikael, existem dez anos de correspondências, e-mails, contratos, relatórios de viagens e não sei mais o que no disco rígido. O seu Wennerström não me fascina a ponto de eu querer guardar na cabeça seis gigas de bobagens. Li uma parte ínfima, apenas para satisfazer a minha curiosidade, e foi o suficiente para entender que esse cara é um gângster.

— Concordo. Mas escute isso: ele a engravidou em 1997. Quando ela exigiu uma compensação, os advogados de Wennerström despacharam alguém para convencê-la a abortar. Suponho que a intenção era oferecer-lhe dinheiro, mas ela não aceitou. Então a persuasão tomou outro caminho: um capanga qualquer manteve a cabeça dela mergulhada numa banheira até que aceitasse deixar Wennerström em paz. E esse advogado idiota do Wennerström escreveu isso num e-mail! Encriptado, é verdade, mas mesmo assim... O nível de inteligência dessa gente é muito baixo.

— O que aconteceu com a moça?

— Abortou. Wennerström ficou satisfeito.

Lisbeth Salander não disse nada durante dez minutos. Seus olhos ficaram de repente sombrios.

— Mais um homem que odiava as mulheres — murmurou enfim. Mikael não a ouviu.

Ela pegou os CDs e passou os dias seguintes vasculhando o correio eletrônico de Wennerström, assim como outros documentos. Enquanto Mikael continuava seu trabalho, Lisbeth estava no mezanino com seu Powerbook sobre os joelhos, refletindo sobre o estranho império Wennerström.

Ocorrera-lhe um pensamento curioso, do qual agora não conseguia mais se afastar. Antes de mais nada, perguntou-se por que não havia tido essa ideia antes.

Num dia de fins de outubro, Mikael imprimiu a última página e desligou o computador por volta das onze da manhã. Sem uma palavra, subiu até o mezanino e entregou a Lisbeth uma pilha de papéis. Depois foi dormir. Ela o despertou no final da tarde e passou-lhe suas observações.

Pouco depois das duas da manhã, Mikael fez uma última correção no texto.

No dia seguinte, fechou as janelas da cabana e trancou a porta. As férias de Lisbeth haviam terminado. Voltaram juntos para Estocolmo.

Antes de chegar a Estocolmo, Mikael precisava conversar com Lisbeth sobre uma questão delicada. Entrou no assunto quando tomavam café na balsa de Vaxholm.

— A questão é o que devo contar a Erika. Ela vai se recusar a publicar isto se eu não explicar como obtive as informações.

Erika Berger! A amante de Mikael há muitos anos e sua chefe. Lisbeth nunca a vira e não tinha muita certeza se queria vê-la. Erika Berger era um ligeiro aborrecimento em sua vida.

— O que ela sabe de mim?

— Nada. — Ele suspirou. — Venho evitando Erika desde o verão. Não consegui contar a ela o que houve em Hedestad porque estou muito envergonhado. Ela está frustrada com a pouca informação que lhe dei. Sabe, evidentemente, que me recolhi em Sandhamn para escrever esse texto, mas não faz ideia do seu conteúdo.

— Humm.

— Daqui a algumas horas ela estará com o texto nas mãos e vai me encher de perguntas. A questão é: o que devo dizer a ela?

— O que você tem vontade de dizer?

— A verdade.

Uma ruga surgiu entre as sobrancelhas de Lisbeth.

— Escute, Lisbeth: eu e Erika discutimos o tempo todo, isso já é um hábito nosso. Mas temos uma confiança ilimitada um no outro. Ela é absolutamente confiável. Você é uma fonte. Ela preferiria morrer a traí-la.

— E a quem mais você vai precisar contar?

— A ninguém mais. Nós dois levaremos isso para o túmulo. Se você se opuser, não revelarei o segredo a ela. Contudo, não tenho a intenção de mentir para Erika e de inventar uma fonte.

Lisbeth refletiu até a balsa atracar ao pé do Grande Hotel. *Análise das consequências.* Com relutância, ela acabou permitindo que Mikael a apresentasse a Erika. Ele ligou o celular e chamou.

Erika recebeu o telefonema de Mikael em meio a um almoço profissional com Malu Eriksson, que ela pretendia contratar como secretária de redação. Malu tinha vinte e nove anos e havia trabalhado como substituta durante cinco anos. Nunca teve emprego fixo e começava a perder as esperanças de encontrar um. Nenhum anúncio havia sido feito para o cargo; Erika entrou em contato com Malu através de um velho colega jornalista. Chamou-a no mesmo dia em que Malu terminava uma substituição, para saber se lhe interessava um bico na *Millennium.*

— É apenas por três meses — disse Erika. — Mas, se der certo, posso vir a contratá-la.

— Ouvi boatos de que a *Millennium* em breve vai fechar.

— Não acredite em boatos.

— Esse Dahlman que devo substituir... — Malu hesitou. — Ele vai para um dos jornais de Hans-Erik Wennerström...

Erika assentiu com a cabeça.

— Não é segredo para ninguém nesse meio que estamos em litígio com Wennerström. Ele não gosta de pessoas que trabalham na *Millennium.*

— Isso significa que, se eu aceitar o cargo, também vou ser incluída nessa categoria.

— É muito provável que sim.

— Mas Dahlman conseguiu trabalho no *Finansmagasinet...*

— Pode-se dizer que é a retribuição de Wennerström pelos serviços prestados por Dahlman. Ainda está interessada?

Malu refletiu um instante e depois assentiu com a cabeça.

— Quer que eu comece quando?

Foi nesse momento que Mikael Blomkvist chamou, interrompendo a entrevista de contratação.

Erika utilizou as próprias chaves para abrir a porta do apartamento de Mikael. Era a primeira vez, desde a breve aparição dele no final de junho, que ela o encontrava. Entrou na sala e viu uma jovem de uma magreza anoréxica sentada no sofá, vestindo uma jaqueta de couro gasto e com os pés apoiados na mesinha de centro. A princípio, deu uns quinze anos à moça, até ver seus olhos. Contemplava essa aparição quando Mikael chegou trazendo café e biscoitos.

Mikael e Erika se examinaram.

— Desculpe meu comportamento estranho — disse Mikael.

Erika inclinou *a* cabeça para o lado. Alguma coisa havia mudado em Mikael. Parecia mais sofrido, mais magro. Seus olhos estavam envergonhados, e por um breve segundo

ele evitou o olhar dela. Erika olhou para o pescoço, onde se via uma mancha amarelada, pálida mas muito distinta.

— Andei evitando você. É uma longa história e não estou muito orgulhoso do meu papel nela. Mas falaremos disso mais tarde... Agora, gostaria de apresentá-la a essa jovem. Erika, essa é Lisbeth Salander. Lisbeth, Erika Berger é a diretora de publicação da *Millennium* e minha melhor amiga.

Lisbeth observou as roupas elegantes e a aparência segura de Erika, e em menos de dez segundos concluiu que ela não seria sua melhor amiga.

A reunião durou cinco horas. Erika telefonou duas vezes para desmarcar outras reuniões. Dedicou uma hora à leitura de algumas partes do texto que Mikael lhe pôs nas mãos. Tinha mil perguntas a fazer, mas percebeu que levaria semanas antes de obter uma resposta. O importante era o texto, que ela acabou colocando a seu lado. Se uma parte mínima daquelas afirmações fosse correta, eles estavam diante de uma situação totalmente nova.

Erika olhou para Mikael. Nunca duvidara da honestidade dele, mas bastou um segundo para sentir uma vertigem e se perguntar se o caso Wennerström não teria afetado a mente dele — se não o fizera imaginar coisas. No mesmo instante, Mikael lhe mostrou duas caixas cheias de dados impressos. Erika empalideceu. Naturalmente quis saber como havia obtido aquele material.

Foi preciso um bom tempo para convencê-la de que a estranha jovem, que ainda não pronunciara uma só palavra, tinha acesso irrestrito ao computador de Hans-Erik Wennerström. E não só isso: também havia pirateado vários dos computadores de seus advogados e colaboradores próximos.

A reação natural de Erika foi dizer que eles não podiam utilizar esse material, pois fora obtido por meios ilícitos.

Mas isso não era um empecilho. Mikael lembrou-a de que eles não eram obrigados a declarar como haviam obtido as informações. Podiam muito bem contar com uma fonte que tivera acesso ao computador de Wennerström e copiara seu disco rígido em alguns CDs.

Erika logo se deu conta da arma que tinha nas mãos. Sentia-se exausta e gostaria de fazer algumas perguntas, mas não sabia por onde começar. Por fim, deixou-se cair no sofá e balançou a cabeça.

— Mikael, o que aconteceu em Hedestad?

Lisbeth Salander levantou vivamente a cabeça. Mikael ficou em silêncio por um longo tempo. Respondeu fazendo outra pergunta.

— Como está se entendendo com Harriet Vanger?

— Bem, eu acho. Estive com ela duas vezes. Christer e eu fomos a Hedestad na semana passada para uma reunião do conselho administrativo. Exageramos um pouco no vinho, ficamos bem embriagados.

— E como foi a reunião?

— Harriet cumpre suas promessas.

— Ricky, sei que você está frustrada de ver que estou me esquivando e inventando pretextos para não falar. Nunca tivemos segredos um para o outro e, de repente, tenho seis meses da minha vida que... não consigo te contar.

Erika olhou Mikael bem nos olhos. Conhecia-o de cor, mas o que viu em seus olhos era algo completamente novo. Ele parecia suplicar, implorar que ela não perguntasse. Ela abriu a boca e olhou para ele totalmente desamparada. Lisbeth observava essa conversa muda com um olhar neutro. Não se intrometeu.

— Foi tão catastrófico assim?

— Pior. Tenho medo dessa conversa. Prometo te contar, mas passei vários meses reprimindo meus sentimentos e deixando meu interesse se voltar todo para Wennerström... Ainda não estou inteiramente preparado. Preferiria que Harriet tivesse te contado.

— O que são essas marcas no pescoço?

— Lisbeth salvou a minha vida. Se não fosse ela, eu estaria morto agora. Erika arregalou os olhos. Ela olhou a moça da jaqueta de couro.

— E agora você precisa fazer um acordo com ela. Ela é a nossa fonte. Erika ficou imóvel durante um bom tempo, refletindo. Então fez uma coisa que desconcertou Mikael e chocou Lisbeth, e que surpreendeu a ela própria também. O tempo todo em que estivera junto à mesa da sala de Mikael, ela sentira o olhar de Lisbeth Salander. Uma moça taciturna com vibrações hostis.

Erika levantou-se, contornou a mesa e tomou Lisbeth nos braços. Lisbeth defendeu-se como uma minhoca sendo enfiada num anzol.

29. SÁBADO 1° DE NOVEMBRO — TERÇA-FEIRA 25 DE NOVEMBRO

Lisbeth Salander navegava no ciberimpério de Hans-Erik Wennerström, Estava grudada à tela do computador havia mais de onze horas. A ideia vaga que se materializara num canto inexplorado de seu cérebro, na última semana em Sandhamn, transformara-se numa atividade obsessiva. Durante quatro semanas, isolou-se em seu apartamento e ignorou todos os chamados de Dragan Armanskij. Passou de doze a quinze horas por dia na frente do monitor e, no resto do tempo em que estava acordada, pensava no mesmo problema.

Ao longo do mês, teve contatos esporádicos com Mikael Blomkvist; ele estava tão obcecado e ocupado quanto ela com seu trabalho na redação da *Millennium.* Duas ou três vezes por semana conversavam por telefone e ela o mantinha continuamente informado sobre a correspondência de Wennerström e de seus outros negócios.

Pela centésima vez, repassou cada detalhe. Não temia ter esquecido alguma coisa, mas não estava certa de haver entendido o que reunia todas aquelas conexões complexas.

O império Wennerström, tão badalado na mídia, era um organismo vivo, informe, pulsante, que não parava de mudar de aparência. Consistia em títulos, ações, parcerias, juros de empréstimos, juros de receita, hipotecas, contas, transferências e uma série de outras operações. Uma parte imensa dos ativos estava aplicada em empresas-fantasmas imbricadas umas nas outras.

As análises mais entusiasmadas dos economistas calculavam o valor do grupo Wennerström em mais de novecentos bilhões de coroas. Era um blefe, ou pelo menos um número muito exagerado. Mas Wennerström certamente não tinha do que se queixar. Lisbeth Salander calculou os verdadeiros recursos em noventa ou mesmo cem bilhões de coroas, o que também não era pouco. Um exame sério do grupo exigiria anos. Ao todo, Salander identificou cerca de três mil contas e ativos bancários diferentes no mundo inteiro. Wennerström dedicava-se à fraude em tão grande escala que não se tratava mais de crime, e sim de negócios.

Em alguma parte desse organismo Wennerströmiano, havia também substância. Três fundos apareciam continuamente na hierarquia. Os ativos suecos eram inatacáveis e autênticos e estavam disponíveis para o exame *de* todos, com balanços e auditorias. A atividade americana era sólida, e um banco em Nova York servia de base para a movimentação de todo o dinheiro. Mas o interessante da história eram as empresas-fantasmas em cantos do mundo como Gibraltar, Chipre e Macau. Wennerström era como um bazar onde se praticava o tráfico de armas, a lavagem de dinheiro de empresas suspeitas na Colômbia e de negócios muito pouco ortodoxos na Rússia.

Uma conta anônima nas ilhas Caimãs tinha uma particularidade: era controlada pessoalmente por Wennerström e não estava conectada às demais empresas. Algumas frações de milésimo de cada negócio feito por Wennerström pingava o tempo todo na conta das ilhas Caimãs através das empresas-fantasmas.

Salander trabalhava como que hipnotizada. Contas — *clique* — e-mails — *clique* — balanços — *clique.* Anotou as últimas transferências. Acompanhou a trajetória de uma pequena transação do Japão a Cingapura, depois para as ilhas Caimãs através de Luxemburgo. Percebeu seu funcionamento. Ela era como uma parte dos impulsos do ciberespaço. Minúsculas mudanças. O último e-mail, uma breve mensagem que tratava de uma questão acessória, fora enviado às dez da noite. O programa de encriptação PGP era uma piada para ela, que parasitava o computador. Leu claramente a mensagem:

> [Berger parou de correr atrás de anúncios. Ela desistiu ou tem outra coisa no bolso? O informante na redação confirmou que eles estão em queda livre, mas parece que contrataram alguém. Informe-se sobre o que está havendo. Blomkvist passou as últimas semanas escrevendo como um louco em Sandhamn, mas ninguém sabe o quê. Ele apareceu na redação há poucos dias. Pode me conseguir as provas do próximo número? HEW.]

Nada de dramático. Ele que fique matutando. — *Você já tá fodido, meu caro!*

Às cinco e meia ela se desconectou, desligou o computador e procurou outro maço de cigarros. Havia bebido cinco Cocas durante a noite, foi pegar uma sexta e instalou-se no sofá. Vestia só calcinha e camiseta de camuflagem desbotada da Soldier of Fortune Magazine, com os dizeres: *Kill them all and let God sort them out.* Começou a sentir frio e pegou uma manta para se cobrir.

Sentia-se meio chapada, como se tivesse ingerido algum entorpecente. Fixou o olhar numa lâmpada diante da janela e ficou sem se mexer enquanto seu cérebro trabalhava sob pressão. Mamãe — *clique* — irmãzinha — *clique* — Mimmi — *clique* — Holger Palmgren. Evil Fingers. E Armanskij. O trabalho. Harriet Vanger. *Clique.* Martin Vanger. *Clique.* O taco de golfe. *Clique.* Dr. Nils Bjurman. *Clique.* Um monte de detalhes que ela não conseguia esquecer nem se tentasse.

Perguntou-se se Bjurman ainda estaria se despindo diante de uma mulher e, nesse caso, como estaria explicando a tatuagem na barriga. E como faria para não tirar a roupa da próxima vez que fosse ao médico.

E depois Mikael Blomkvist. *Clique.*

Ela o considerava um homem bom, em alguns momentos com um complexo de primeiro aluno da classe um pouco exagerado. E, infelizmente, de uma ingenuidade insuportável em algumas questões morais elementares. Ele tinha uma natureza indulgente e pronta a perdoar, que buscava explicações e desculpas psicológicas para as atitudes dos

outros e que jamais entenderia que as feras deste mundo só conhecem uma linguagem. Ela sentia quase um desconfortável instinto de proteção quando pensava nele.

Não se lembrou em que momento adormeceu, mas despertou às nove da manhã seguinte com torcicolo, a cabeça apoiada de mau jeito na parede atrás do sofá. Foi cambaleando para o quarto e voltou a dormir.

* * *

Sem dúvida nenhuma, era a reportagem da vida deles. Pela primeira vez em um ano e meio, Erika estava feliz como só pode estar um proprietário de veículo que tem um furo sensacional no forno. Ela revisava uma última vez o texto com Mikael, quando Lisbeth Salander o chamou no celular.

— Esqueci de te dizer que Wennerström está começando a se preocupar com o que você andou escrevendo nesse tempo e pediu as provas do próximo número.

— Como é que você soube... Ah, esqueça! Tem ideia do que ele pretende fazer?

— Não. Apenas uma suposição lógica. Mikael refletiu alguns instantes.

— A gráfica! — exclamou. Erika levantou as sobrancelhas.

— Se o pessoal da redação ficou mesmo de boca fechada, não há muitas outras possibilidades. A menos que um dos capangas dele faça uma visita noturna à redação.

Mikael virou-se para Erika.

— Arranje outra gráfica para a próxima edição. Agora. E ligue para Dragan Armanskij: quero vigias noturnos para a semana que vem.

Ligou de volta para Lisbeth.

— Obrigado, Sally.

— Isso vale quanto?

— O que quer dizer?

— A informação, quanto vale?

— Quanto quer?

— Gostaria que discutíssemos isso tomando um café. Agora.

Encontraram-se no Bar-Café na Hornsgatan. Salander tinha um ar tão sério que Mikael, ao sentar-se no banquinho ao lado dela, sentiu uma certa inquietação. Como sempre, ela foi direto ao ponto.

— Preciso de um dinheiro emprestado.

Mikael exibiu um de seus sorrisos mais retardados e puxou a carteira.

— Claro. Quanto quer?

— Cento e vinte mil coroas.

— Uau! — Repôs a carteira no bolso. — Não tenho tanto assim comigo.

— Não estou brincando. Preciso de um empréstimo de cento e vinte mil coroas por... digamos, seis semanas. Surgiu uma oportunidade de investimento, mas não tenho a quem recorrer. Você tem uma conta com cento e quarenta mil coroas no momento. Devolverei o dinheiro.

Mikael não comentou nada sobre Lisbeth ter quebrado o sigilo bancário de sua conta e descoberto quanto dinheiro ele tinha. Ele acessava o banco pela internet e a resposta era evidente.

— Não precisa me pedir dinheiro emprestado — ele respondeu. — Ainda não discutimos a sua parte, mas ela é bem maior do que esse empréstimo que está querendo.

— Que parte?

— Sally, tenho honorários insanos para receber de Henrik Vanger e vamos acertar isso no final do ano. Sem você eu estaria morto e a *Millennium* teria afundado. Pretendo dividir meu pagamento com você. Meio a meio.

Lisbeth Salander o examinou com o olhar. Havia uma ruga em sua testa. Mikael já estava se habituando com essas pausas silenciosas. Por fim ela balançou a cabeça.

— Não quero o seu dinheiro.

— Mas...

— Não quero uma única coroa. — Ela sorriu de esguelha, de repente. — A menos que elas venham sob a forma de um presente de aniversário.

— Agora é que me dei conta que não sei quando é o seu aniversário.

— O jornalista é você. Descubra.

— Sinceramente, Sally, estou falando sério quando digo que quero dividir o dinheiro com você.

— Eu também estou falando sério. Não quero o seu dinheiro. Quero as cento e vinte mil coroas emprestadas, e preciso delas para amanhã.

Mikael Blomkvist calou-se. *Ela nem quer saber qual é o valor da sua parte.*

— Sally, irei hoje ao banco com você e emprestarei o que você me pede. Mas no fim do ano teremos uma outra conversa sobre a sua parte. — Ele levantou a mão. — Por falar nisso, quando é o seu aniversário?

— Trinta de abril — ela respondeu. — Não é perfeito? Sempre saio com uma vassoura entre as pernas para festejar com as feiticeiras a noite de santa Walpurgis.

Ela aterrissou em Zurique às sete e meia da noite e tomou um táxi até o hotel Matterhorn. Havia feito uma reserva sob o nome de Irene Nesser e apresentou um passaporte norueguês com esse nome. Irene Nesser tinha cabelos louros um pouco compridos. Ela comprara a peruca em Estocolmo e utilizara dez mil coroas do empréstimo de Mikael Blomkvist para adquirir dois passaportes através de seus contatos obscuros com a rede internacional de Praga.

Subiu para o seu quarto, trancou a porta e se despiu. Estendeu-se na cama e ficou olhando para o teto do quarto, cuja diária era de mil e seiscentas coroas. Sentiu-se vazia. Já havia gasto a metade da quantia que Mikael emprestara e, embora tivesse juntado o

que tinha em sua própria poupança, seu orçamento era estreito. Parou de pensar e adormeceu imediatamente.

Despertou pouco depois das cinco da manhã. Primeiro tomou um banho e depois passou um bom tempo camuflando a tatuagem do pescoço com uma espessa camada de base e pó. O segundo item da lista era uma hora marcada num salão de beleza, no saguão de um hotel consideravelmente bem mais caro, às seis e meia. Comprou mais uma peruca loura, com franja reta, depois foi à manicure para aplicar falsas unhas vermelhas sobre suas unhas roídas, falsos cílios, mais pó, *blush,* batom e outros embelezamentos. Custo: um pouco mais de oito mil coroas.

Pagou com um cartão de crédito de Verônica Sholes e apresentou como identidade um passaporte inglês com esse nome.

A parada seguinte foi na *Camille's House of Fashion*, cento e cinquenta metros adiante. Uma hora depois, saiu vestida com botas pretas, saia cor de areia combinando com a blusa, casaco curto e boina. Apenas peças caras, de grife. Teve o cuidado de deixar que a vendedora escolhesse as roupas. Comprou ainda uma luxuosa maleta de couro e uma bolsa de mão Samsonite. Para completar, brincos discretos e uma corrente de ouro ao redor do pescoço. O cartão de crédito acusou um débito de quarenta e quatro mil coroas.

Pela primeira vez na vida, Lisbeth Salander tinha também um busto que, quando se olhou no espelho da porta, a fez perder a respiração. Os seios eram tão falsos como a identidade de Verônica Sholes. Eram de borracha e tinham sido comprados numa loja de Copenhague frequentada por travestis.

Lisbeth Salander estava pronta para o combate.

Pouco depois das nove, ela caminhou duas quadras até o respeitável hotel Zimmertal, onde reservara um quarto em nome de Verônica Sholes. Deu o equivalente a cem coroas de gorjeta a um rapaz que carregou a maleta que acabara de comprar e onde estava sua sacola de viagem. A suíte era pequena e a diária era de apenas vinte e duas mil coroas. Ela fizera a reserva para uma noite. Quando ficou sozinha, olhou ao redor. A janela oferecia uma vista esplêndida para o lago de Zurique, o que não a interessou nem um pouco. Passou os cinco minutos seguintes examinando-se, de olhos arregalados, num espelho. Via uma pessoa totalmente diferente. Verônica Sholes, de peitos generosos e cabelos com franja reta, tinha mais maquiagem no rosto que a que Lisbeth usaria em um mês. Ela parecia... diferente.

Às nove e meia, desceu ao bar do hotel para tomar o café-da-manhã, que consistiu em duas xícaras de café e um *bagel* com geléia. Custo: duzentas e dez coroas. *Mas não são mesmo doidas as pessoas que pagam isso?*

Pouco antes das dez da manhã, Verônica Sholes pousou sua xícara de café na mesa, pegou seu telefone celular e digitou um número que a conectava ao Havaí. Depois de três chamadas, ouviu um sinal que confirmava a conexão via modem. Verônica Sholes respondeu digitando um código de seis algarismos no celular e enviou uma mensagem de texto com a instrução para que fosse aberto um programa que Lisbeth Salander havia preparado exatamente para essa finalidade.

Em Honolulu, o programa foi acionado num site anônimo de um servidor formalmente situado na universidade. O programa era simples. Sua única função consistia em enviar

instruções que abriam outro programa em outro servidor, no caso um site comercial muito conhecido que oferecia serviços pela internet na Holanda. Esse programa, por sua vez, tinha como tarefa procurar o disco rígido espelhado de Hans-Erik Wennerström e assumir o comando do programa que gerenciava o conteúdo de mais de três mil contas bancárias no mundo inteiro.

Somente uma apresentava algum interesse. Lisbeth Salander observara que Wennerström verificava essa conta duas ou três vezes por semana. Se ele fosse buscar justamente esse arquivo em seu computador, tudo pareceria normal. O programa assinalava pequenas mudanças esperadas, calculadas segundo a evolução da conta nos últimos seis meses. Se Wennerström entrasse na conta nas próximas quarenta e oito horas e emitisse ordens de pagamento ou de transferência, o programa registraria obedientemente esses pedidos. Mas na verdade a mudança ocorreria apenas no disco rígido espelhado na Holanda.

Verônica Sholes desligou seu celular no momento em que ouviu quatro breves sinais confirmando que o programa fora acionado.

Ela deixou o Zimmertal e foi até o Bank Hauser General, em frente ao hotel, onde havia marcado um encontro com um certo Herr Wagner, diretor, às dez da manhã. Chegou três minutos antes e utilizou esse tempo de espera para ficar bem em frente à câmera de segurança, que a fotografou quando ela se dirigiu às salas de consultas privadas.

—Estou precisando de ajuda para algumas transações — disse Verônica Sholes num impecável inglês de Oxford. Quando abriu sua pasta de documentos, deixou cair sem querer uma caneta com o logotipo do hotel Zimmerhil, que indicava que ela estava hospedada lá. O diretor Wagner gentilmente pegou a caneta e lhe devolveu. Ela lançou-lhe um sorriso malicioso e anotou o número da conta num bloco colocado à sua frente na mesa.

O diretor Wagner a examinou rapidamente e a classificou como a filha mimada de algum ricaço.

— São algumas contas no Banco de Kroenenfeld nas ilhas Caimãs. Transferência automática mediante códigos de compensação bancária.

— *Fräulein* Sholes, imagino que a senhorita tenha todos os códigos de compensação...

— *Aber natürlich* — ela respondeu, com um sotaque tão pronunciado que ficou evidente seu conhecimento mínimo do alemão.

Ela começou a recitar séries de números de dezesseis algarismos sem recorrer ao papel uma única vez. O diretor Wagner viu que a manhã ia ser trabalhosa, mas por quatro por cento sobre as transferências estava disposto a atrasar o almoço.

Levou mais tempo do que ela previa. E somente depois do meio-dia, um pouco atrasada em seus horários, é que Verônica Sholes deixou o Bank Hauser General para retornar ao hotel Zimmertal. Exibiu-se na recepção antes de subir ao quarto e tirar as roupas que acabara de comprar. Conservou os seios de borracha, mas substituiu a peruca pela de cabelos louros mais compridos de Irene Nesser. Vestiu roupas mais familiares: botas de salto alto, calça preta, uma blusa e uma elegante jaqueta de couro comprada na Malungsboden, em Estocolmo. Examinou-se no espelho. Sua aparência continuava bem-

cuidada, mas sem sinais da herdeira rica. Antes de deixar o quarto, Irene Nesser contou algumas debêntures, que acomodou numa pequena pasta.

À uma e cinco da tarde, com alguns minutos de atraso, entrou no Bank Dorffmann, situado a cerca de setenta metros do Bank Hauser General. Irene Nesser marcara um encontro com um certo Herr Hasselmann, diretor. Desculpou-se pelo atraso num alemão perfeito com sotaque norueguês.

— Não há problema, *Fräulein* — disse o diretor Hasselmann. — Em que posso ajudá-la?

— Gostaria de abrir uma conta. Tenho algumas debêntures que desejo resgatar.

Irene Nesser pôs a pasta em cima da mesa.

O diretor Hasselmann percorreu o conteúdo, primeiro bem depressa, depois mais e mais devagar. Levantou uma sobrancelha e sorriu educadamente.

Ela abriu cinco contas que podia movimentar pela internet e cujo titular era uma empresa-fantasma particularmente anônima em Gibraltar, que um intermediário local abrira para ela mediante cinquenta mil coroas emprestadas de Mikael Blomkvist. Ela converteu cinquenta debêntures em dinheiro, que foi depositado nas contas. Cada debênture tinha o valor de um milhão de coroas.

Seus negócios no Bank Dorffmann demoraram muito tempo e ela se atrasou ainda mais no seu cronograma. Não teria tempo para concluir as demais operações antes do fechamento dos bancos no dia. Irene Nesser voltou então ao hotel Matterhorn, onde passou uma hora exibindo-se e marcando presença. Mas estava com dor de cabeça e em seguida se retirou. Comprou analgésicos na recepção, pediu para ser acordada às oito da manhã seguinte e voltou ao quarto.

Eram quase cinco da tarde e todos os bancos da Europa já estavam fechados. No continente americano, porém, os bancos acabavam de abrir. Ela pôs seu Powerbook para funcionar e conectou-se à internet pelo celular. Passou uma hora esvaziando as contas recém-abertas no Bank Dorffmann.

O dinheiro foi dividido em partes e utilizado para pagar faturas de um grande número de empresas-fantasmas no mundo inteiro. Quando terminou, o dinheiro fora curiosamente transferido de novo para o Bank of Kroenenfeld nas ilhas Caimãs, mas desta vez numa conta diferente daquela de onde saíra mais cedo naquele mesmo dia.

Irene Nesser considerou que essa primeira etapa estava segura e que era quase impossível de ser rastreada. Fez uma única retirada dessa conta; um pouco mais de um milhão de coroas foi transferido para uma conta vinculada a um cartão de crédito que ela utilizava. O titular da conta era uma sociedade anônima com o nome Wasp Enterprises, registrada em Gibraltar.

Alguns minutos depois, uma loura de franja deixou o Mattherhorn por uma porta lateral do bar do hotel. Verônica Sholes foi ao hotel Zimmertal, cumprimentou o recepcionista com um educado gesto de cabeça, pegou o elevador e subiu até seu quarto.

Dedicou-se então a vestir o uniforme de combate de Verônica Sholes, refazendo a maquiagem e pondo uma camada suplementar de base sobre a tatuagem, antes de descer

ao restaurante do hotel para comer um delicioso peixe. Pediu uma garrafa de vinho do Porto do qual nunca ouvira falar mas que custava mil e duzentas coroas, bebeu apenas um copo e deixou negligentemente o resto, antes de dirigir-se ao bar do hotel. Distribuiu quinhentas coroas de gorjeta, o que lhe valeu a atenção dos atendentes.

Passou três horas flertando com um jovem italiano bêbado, com um nome aristocrático que ela nem se deu o trabalho de guardar. Dividiram duas garrafas de champanhe, das quais ela consumiu apenas um copo.

Por volta das onze da noite, o sedutor de bigodes inclinou-se e apalpou seus seios sem o menor constrangimento. Satisfeita, ela afastou sua mão. Ele parecia não ter notado que apalpara seios de borracha. Em vários momentos, comportaram-se de maneira bastante indiscreta para causar uma certa indignação nos outros hóspedes. Pouco antes da meia-noite, notando que o segurança começava a ficar de olho neles, Verônica Sholes ajudou seu amigo italiano a subir ao quarto dele.

Enquanto ele estava no banheiro, serviu-lhe um último copo de vinho tinto. Abriu um saquinho de papel e adicionou ao vinho uni comprimido de sonífero triturado. Ele bebeu e, um minuto depois, jazia de bruços sobre a cama. Ela desatou-lhe o nó da gravata, tirou seus sapatos, lavou os copos no banheiro e os enxugou. Então deixou o quarto.

No dia seguinte, Verônica Sholes tomou o café-da-manhã em seu quarto às seis, deixou uma gorjeta generosa, pagou a conta e foi embora do Zirnmertal quando não eram ainda sete horas. Antes de deixar o quarto, passou cinco minutos apagando as impressões digitais em maçanetas de porta, armários, pia do banheiro, aparelho de telefone e em outros objetos que havia tocado.

Irene Nesser fechou sua conta no hotel Matterhorn por volta das oito e meia, pouco depois de acordar. Tomou uni táxi e deixou suas malas num guarda-volumes da estação ferroviária. Passou as horas seguintes indo a nove bancos, nos quais depositou partes das debêntures das ilhas Caimàs. Às três da tarde, havia convertido cerca de dez por cento das debentures em dinheiro, depositado em cerca de trinta contas. Guardou o restante dos títulos num cofre bancário.

Irene Nesser teria de voltar a Zurique, mas não havia pressa.

Às quatro e meia, Irene Nesser tomou um táxi até o aeroporto. Foi ao banheiro e com uma tesoura destruiu o passaporte e o cartão de crédito de Verônica Sholes, fazendo-os sumir com a descarga de água na privada. Jogou a tesoura num cesto de lixo. Depois do 11 de setembro de 2001, não era aconselhável chamar a atenção com objetos pontiagudos na bagagem de mão.

Irene Nesser embarcou no voo CD 890 da Lufthansa para Oslo, depois pegou um ônibus até a estação ferroviária central da cidade, onde foi ao banheiro fazer uma triagem de suas roupas. Pôs todos os pertences da personagem Verônica Sholes — a peruca e as roupas de grife — em três sacos plásticos, que jogou em diferentes lixeiras da estação. Deixou a bolsa Samsonite, vazia, num compartimento aberto do guarda-volumes. A corrente de ouro e os brincos eram objetos de *designer* cuja pista poderia ser seguida; ela os fez sumir numa boca de lobo.

Após um momento de uma angustiada hesitação, Irene Nesser decidiu conservar os seios falsos de borracha.

Dispondo de pouco tempo, fez um lanche rápido, um hambúrguer no McDonald's, enquanto transferia o conteúdo da luxuosa maleta de couro para sua sacola de viagem. Ao sair, deixou a maleta vazia em cima da mesa. Comprou um copo de *caffè latte* num quiosque e correu para pegar o trem noturno com destino a Estocolmo bem no momento em que anunciavam a partida. Havia reservado uma cabine no vagão-leito.

Só depois que trancou a porta da cabine é que sentiu sua adrenalina baixar a um nível normal pela primeira vez em dois dias. Abriu a janela e, desrespeitando a proibição de fumar, acendeu um cigarro para acompanhar o café enquanto o trem se afastava de Oslo.

Repassou mentalmente sua *cheklist,* para ter certeza de que não esquecera nenhum detalhe. Um momento depois, franziu o cenho e tateou os bolsos da jaqueta. Tirou de lá a caneta do hotel Zimmertal, avaliou-a pensativamente por um minuto ou dois e em seguida jogou-a pela janela.

Quinze minutos depois, esticou-se no leito e dormiu quase instantaneamente.

EPÍLOGO: ACERTO DE CONTAS – QUINTA-FEIRA 27 DE NOVEMBRO A TERÇA-FEIRA 30 DE DEZEMBRO

A edição temática da *Millennium* sobre Hans-Erik Wennerström tinha quarenta e seis páginas e caiu como uma bomba na última semana de novembro. A matéria principal era assinada por Mikael Blomkvist e Erika Berger. Nas primeiras horas, a imprensa não soube muito bem como lidar com esse furo; um texto do mesmo gênero, publicado um ano antes, condenara Mikael Blomkvist a uma pena de prisão por difamação e ocasionara seu aparente afastamento da revista *Millennium.* Sua credibilidade, portanto, era bastante frágil. E eis que o mesmo jornalista voltava na mesma revista com uma história carregada de acusações bem mais pesadas que o texto pelo qual fora condenado. O conteúdo parecia às vezes tão absurdo que alguns suspeitaram da saúde mental dos autores. Assim, a imprensa sueca permaneceu desconfiada e na expectativa.

Mas, no começo da noite, o programa *Ela,* da TV4, mostrou seus trunfos, resumindo em onze minutos os pontos fortes das acusações de Blomkvist. Erika Berger almoçara com a apresentadora do programa dias antes e lhe apresentara as provas com exclusividade.

O furo dado pela TV4 eclipsou as tevês públicas, que só mencionaram as informações nos noticiários das nove da noite. A TT emitiu um primeiro comunicado, prudentemente intitulado: "Jornalista condenado acusa financista de crimes graves". O texto retomava o essencial da reportagem da TV4, mas o fato de a TT abordar o assunto desencadeou uma atividade febril nas redações do jornal matutino conservador e de uma dúzia de outros grandes diários da província, que decidiram modificar às pressas sua primeira página antes que as rotativas começassem a rodar. Até então os jornais haviam mais ou menos decidido ignorar as acusações da *Millennium.*

O jornal matutino liberal comentou o furo da *Millennium* num editorial escrito pelo próprio redator-chefe na mesma tarde. Esse redator compareceu depois a um jantar no momento em que iam ao ar as informações da TV4 e ignorou os insistentes apelos de seu secretário de redação — para quem "podia haver alguma coisa" nas afirmações de Blomkvist — com uma frase que ficaria famosa: "Bobagem, nossos repórteres de economia já teriam descoberto isso há muito tempo". Resultado: seu jornal foi a única voz na mídia do país a negar totalmente as afirmações da *Millennium.* O editorial continha expressões como *perseguição pessoal, imprensa marrom, atitude* criminosa, e reclamava *medidas contra os que lançam afirmações contrárias à lei e atacam cidadãos honestos.* Mas foi a única contribuição desse redator-chefe ao debate que começaria a seguir.

Ninguém arredou pé da redação da *Millennium* à noite. Estava previsto que apenas Erika Berger e Maln Eriksson, a nova secretária de redação, ficariam para atender eventuais chamados. Mas às nove da noite todos os colaboradores ainda estavam por ali, além de quatro ex-associados e meia dúzia de *freelancers* fiéis. Por volta da meia-noite, Christer Malm abriu uma garrafa de champanhe, depois que um velho amigo de um jornal vespertino lhe passou uma primeira cópia de um dossiê de dezesseis páginas dedicado ao

caso Wennerström sob o título "A máfia das finanças". Quando os jornais vespertinos saíram no dia seguinte, uma investigação sem precedente havia começado na mídia.

A secretária de redação Malu Eriksson concluiu que ia se divertir muito na *Míllennium.*

Nos dias seguintes, a Bolsa da Suécia tremeu quando o departamento de polícia especializado em crimes financeiros começou a se envolver no caso, com procuradores sendo chamados para participar do inquérito, e uma lufada de pânico desencadeou uma onda de vendas. Dois dias após a denúncia, o caso Wennerström transformou-se em assunto governamental, obrigando o ministro da Indústria a se pronunciar.

A investigação não significou que a mídia engoliu as denúncias da *Millennium* sem questionamento — eram revelações sérias demais para isso. Mas, diferentemente do primeiro caso Wennerström, desta vez a *Millennium* respaldou seu dossiê com provas muito consistentes: o correio eletrônico pessoal de Wennerström e cópias do conteúdo de seu computador, com movimentos de fundos secretos nas ilhas Caimãs e em vinte e tantos outros países, acordos sigilosos e outros disparates que um criminoso mais prudente jamais teria deixado no disco rígido de seu computador. Ficou rapidamente estabelecido que, se as afirmações da *Millennium* fossem levadas à Corte Suprema — e todos concordavam que cedo ou tarde o caso acabaria chegando lá —, seria sem dúvida nenhuma a maior bomba a explodir no mundo sueco das finanças desde o colapso financeiro de Kreuger em 1932. Em comparação com o caso Wennerström, as negociatas do Banco Gota e *a* fraude de Trustor pareciam amenas. Tratava-se agora de um crime de dimensões tão amplas que ninguém ousava sequer especular sobre o número de infrações à lei que ele implicava.

Pela primeira vez no jornalismo econômico sueco foram usadas expressões tais como *criminalidade sistemática, máfia e reinado de gângsteres.* Wennerström e seu círculo de jovens corretores, associados e advogados em traje Armani foram comparados a um bando qualquer de assaltantes de banco ou traficantes de droga.

Durante os primeiros dias da investigação na mídia, Mikael Blomkvist permaneceu invisível. Não respondia a e-mails nem atendia telefone. Todas as declarações foram dadas por Erika Berger, que ronronava como um gato ao ser entrevistada por representantes das principais mídias do país, por jornais de províncias importantes e, aos poucos, também pela imprensa internacional. Sempre que lhe perguntavam como a *Millennium* tivera acesso àquela documentação interna altamente privada, ela respondia com um sorriso misterioso que se transformava depressa em cortina de fumaça: "Não podemos, evidentemente, revelar nossas fontes".

Quando lhe perguntavam por que a denúncia do ano anterior contra Wennerström fora um fiasco, ela se mostrava ainda mais enigmática. Não mentia, mas também não dizia toda a verdade. *Off the record,* quando não tinha um microfone sob o nariz, deixava escapar algumas frases impenetráveis que, quando ligadas entre si, incitavam a conclusões apressadas. Assim, surgiu um boato que logo adquiriu proporções legendárias, segundo o qual Mikael Blomkvist não se defendera no processo e deixara-se voluntariamente condenar a uma pena de prisão para proteger a sua fonte. Ele foi comparado a modelos da mídia americana que preferem a prisão a ter que revelar uma

fonte, e descreveram-no como um herói em termos tão lisonjeiros que ele se aborreceu. Mas não era momento de desmentir mal-entendidos.

Todos concordavam sobre uma coisa: a pessoa que passara as informações era certamente alguém do círculo mais íntimo de confiança de Wennerström. Assim teve início um debate paralelo interminável para saber quem seria o "Garganta Profunda". Colaboradores descontentes, advogados, e mesmo a filha viciada em cocaína de Wennerström e outros membros de sua família foram apontados como possíveis informantes. Nem Mikael Blomkvist nem Erika Berger disseram nada. Nunca comentavam o assunto.

Erika exibiu um grande sorriso de satisfação e soube que eles haviam ganhado quando um dos jornais vespertinos, no terceiro dia da investigação, deu a manchete "A revanche da *Millennium".* O texto apresentava uma imagem muito positiva da revista e de seus colaboradores e era ilustrado com uma foto em que Erika aparecia muito bem. Ela era chamada de a rainha do jornalismo investigativo. Isso significava pontos na hierarquia das personalidades colunáveis e já se cogitava no Grande Prêmio de Jornalismo.

Cinco dias depois de a *Millennium* ter disparado a primeira salva de canhão, o livro de Mikael Blomkvist, O *banqueiro da máfia,* chegou às livrarias. O livro, escrito durante os dias febris em Sandhamn nos meses de setembro e outubro, fora impresso a toque de caixa e no maior sigilo pela Hallvigs Reklam em Morgongava, uma gráfica de folhetos: publicitários. Era o primeiro livro lançado por uma nova editora que trazia o logotipo Millennium. A dedicatória era misteriosa: A *Sally, que me apresentou aos benefícios do golfe.*

Tratava-se de um calhamaço de seiscentas e quinze páginas em formato de bolso. A pequena tiragem de dois mil exemplares antevia um lançamento a fundo perdido, mas a primeira edição esgotou-se em poucos dias e Erika rapidamente providenciou uma reimpressão de mais dois mil exemplares.

Os críticos constataram que desta vez Mikael Blomkvist não havia economizado munição no que se referia à divulgação de suas fontes, e nisso tinham toda a razão. Dois terços do livro eram dedicados a anexos, com cópias diretas da documentação proveniente do computador de Wennerström. Juntamente com a publicação do livro, a *Millennium* disponibilizou em seu site trechos dessas páginas sob forma de dados que podiam ser baixados no formato PDF. Qualquer um que se interessasse podia ter acesso a esses dados.

A estranha ausência de Mikael Blomkvist fazia parte da estratégia de mídia que Erika e ele haviam montado. Todos os jornais do país o procuravam. Para o lançamento do livro, porém, Mikael concedeu uma entrevista exclusiva ao programa *Ela* da TV4, que mais uma vez saiu na frente das tevês públicas. Não se tratava, porém, de uma conversa entre amigos, e as perguntas foram tudo menos obsequiosas.

Ao assistir ao vídeo da entrevista, Mikael ficou particularmente satisfeito com seu desempenho numa troca de réplicas. A entrevista fora realizada ao vivo no momento em que a Bolsa de Estocolmo estava em queda livre e jovens arrivistas do mundo financeiro ameaçavam se jogar pela janela. Perguntaram-lhe sobre a responsabilidade da *Millennium* no naufrágio da economia sueca que ocorria naquele momento.

— Afirmar que a economia da Suécia está naufragando é um contra-senso — respondeu Mikael sem pestanejar.

A entrevistadora da TV4 mostrou-se perplexa. A resposta não seguia o esquema previsto e ela foi obrigada a improvisar. A pergunta seguinte foi exata-mente a que Mikael esperava: "Estamos passando pelo maior desastre individual da história da Bolsa sueca e o senhor afirma que é um contra-senso?".

— Veja, não podemos misturar estas duas coisas: a economia sueca e o mercado da Bolsa sueca. A economia sueca é a soma de todas as mercadorias e de todos os serviços produzidos neste país diariamente. São os telefones da Ericsson, os veículos da Volvo, os frangos da Scan e os transportes marítimos de Kiruna a Skövde. Essa é a economia sueca, e hoje ela continua tão forte ou tão fraca quanto uma semana atrás.

Fez uma pausa retórica e bebeu um gole de água.

— A Bolsa é algo bem diferente. Nela não há economia, nenhuma produção de mercadorias ou de serviços. Há somente fantasias nas quais, de uma hora para outra, decide-se que essa ou aquela empresa vale alguns bilhões a mais ou a menos. Isso não tem nada a ver com a realidade nem com a economia sueca.

— Quer dizer então que não tem a menor importância que a Bolsa esteja cm plena queda livre?

— Isso mesmo, não tem a menor importância — respondeu Mikael com uma voz tão cansada e resignada que ele parecia uma espécie de oráculo. Sua frase seguinte seria citada mais de uma vez ao longo do ano. Ele prosseguiu: — Significa apenas que os grandes especuladores estão transferindo suas aplicações financeiras em empresas suecas para empresas alemãs. Se comportam como as hienas das finanças que um repórter um pouco mais corajoso deveria saber identificar e levar ao pelourinho como traidores da pátria. São eles que, de forma sistemática e deliberada, minam a economia sueca para satisfazer os interesses de seus clientes.

Em seguida, a entrevistadora da TV4 cometeu o erro de fazer exatamente a pergunta que Mikael desejava ouvir.

— Então está querendo dizer que a mídia não tem nenhuma responsabilidade?

— Ao contrário, a mídia tem uma enorme responsabilidade. Durante pelo menos vinte anos, um grande número de jornalistas econômicos se omitiu de examinar o caso Hans-Erik Wennerström. Em vez disso, esses jornalistas ajudaram a construir o prestígio dele através de retratos idólatras e delirantes. Se tivessem trabalhado corretamente durante todos esses anos, não estaríamos nessa situação hoje.

Sua aparição significou uma mudança de atitude. Erika foi percebendo que somente no instante em que Mikael defendia calmamente suas acusações na televisão é que a imprensa sueca ia entendendo, embora a *Millennium* figurasse nas manchetes havia uma semana, que a história era consistente e que as alegações da revista eram de fato reais. A atitude dele determinou o rumo da história.

Depois dessa entrevista, o caso Wennerström passou imperceptivelmente da área de economia para a da reportagem policial. Houve também uma mudança na maneira de pensar da imprensa. Antes, os repórteres policiais raramente, ou nunca, escreviam sobre crimes econômicos, exceto para falar da máfia russa ou dos contrabandistas de cigarros iugoslavos. Não se esperava que repórteres policiais investigassem as operações escusas

da Bolsa. Um jornal vespertino chegou a levar ao pé da letra o que Mikael havia dito e abriu duas páginas duplas com fotos de um dos corretores mais importantes de agências financeiras adquirindo títulos alemães. A manchete do jornal: "Eles estão vendendo o país". Os corretores foram convidados a comentar as acusações. Todos se recusaram. Mas o volume de transações diminuiu consideravelmente nesse dia e alguns corretores desejosos de parecer progressistas começaram a remar contra a corrente. Mikael Blomkvist divertia-se a valer.

A pressão foi tão forte que homens sérios de terno escuro assumiram um ar grave e pecaram contra a regra número um do círculo mais fechado das finanças suecas — pronunciaram-se sobre um colega. De repente, dirigentes aposentados da Volvo, industriais e diretores de banco apareceram na tevê respondendo às perguntas e tentando diminuir os prejuízos. Todos admitiam a gravidade da situação e queriam se distanciar o mais rápido possível do grupo Wennerström, desembaraçando-se de suas ações. Wennerström (eles constataram quase por unanimidade) não era um verdadeiro industrial e nunca fora inteiramente aceito no "clube". Alguém lembrou que, no fundo, era apenas um filho de operário do Norrland que talvez tivesse se deixado levar pelo sucesso. Outro descreveu suas ações como *uma tragédia pessoal.* Não faltou quem dissesse que sempre duvidara de Wennerström — era muito arrogante e mal-educado.

Nas semanas seguintes, à medida que os documentos que a *Millennium* apresentara eram examinados com lupa e o quebra-cabeça remontado, foi estabelecida a ligação entre o império wernnerströmiano de empresas obscuras e a máfia internacional, que englobava tudo, desde o tráfico de armas e a lavagem de dinheiro vindo do tráfico sul-americano de drogas até a prostituição em Nova York e até mesmo, indiretamente, o comércio sexual de crianças no México. Uma empresa de Wennerström sediada em Chipre suscitou uma indignação colossal quando se divulgou que ela havia tentado comprar urânio enriquecido no mercado negro da Ucrânia. Por toda parte, uma ou outra das inúmeras empresas-fantasmas de Wennerström parecia surgir num contexto nebuloso.

Erika Berger constatou que o livro sobre Wennerström era o que Mikael já havia escrito de melhor. O estilo era desigual e a própria linguagem era pobre em alguns momentos — ele não tivera tempo de cuidar da forma —, mas Mikael dava o troco e o livro inteiro era movido por uma raiva que seria forçosamente percebida por qualquer leitor.

Por acaso, Mikael Blomkvist topou com seu antagonista, o ex-repórter de economia William Borg, à porta do Moulin, onde Mikael, Erika Berger e Christer Malm foram festejar com seus colaboradores o Dia de Santa Luzia, numa noitada generosamente regada a bebidas, patrocinada pela revista. Borg estava acompanhado de uma garota completamente bêbada, da idade de Lisbeth Salander.

Mikael deteve-se e o encarou. Borg sempre lhe despertara seus piores impulsos e ele foi obrigado a se controlar para não dizer ou fazer algo inconveniente. Os dois mediram-se com o olhar sem dizer uma palavra.

A aversão de Mikael por Borg era visível. Erika interrompeu esse comportamento de machos tomando Mikael pelo braço e conduzindo-o para dentro do bar.

Mikael decidiu que, numa próxima ocasião, pediria que Lisbeth Salander fixasse uma de suas investigações pessoais sobre Borg. Apenas formalidade.

Durante toda a tempestade na mídia, o personagem principal do drama, o financista Hans-Erik Wennerström, permaneceu praticamente invisível. No dia cm que a reportagem da *Millennium* saiu, o magnata das finanças comentou o texto numa entrevista coletiva de imprensa já marcada para tratar de outro assunto. Wennerström declarou que as acusações não tinham fundamento e que a documentação apresentada era falsa. Lembrou que o mesmo repórter fora condenado por difamação um ano antes.

Depois disso, somente os advogados de Wennerström responderam às perguntas da imprensa. Dois dias após o lançamento do livro de Mikael Blomkvist, rumores insistentes indicavam que Wennerström havia deixado a Suécia. Os jornais vespertinos usaram a palavra "fuga" nas manchetes. Quando, durante a segunda semana, a polícia de crimes financeiros tentou entrar em contato com Wennerström, constatou-se que ele não se encontrava mais no país. Em meados de dezembro, a polícia confirmou que Wennerström estava sendo procurado e, na véspera do Dia de São Silvestre, um comunicado de busca formal foi expedido para as polícias internacionais. Nesse mesmo dia, um dos conselheiros próximos de Wennerström foi detido quando tentava pegar um avião para Londres.

Várias semanas depois, um turista sueco disse ter visto Hans-Erik Wennerström entrando num carro em Bridgetown, capital de Barbada, nas Pequenas Antilhas. Para provar o que dizia, o turista enviou uma foto tirada a grande distância que mostrava um homem de óculos escuros vestindo uma camisa branca desabotoada e calça clara. O homem não podia ser identificado com certeza, mas os jornais vespertinos enviaram repórteres que tentaram, sem êxito, seguir a pista de Wennerström nas ilhas antilhanas. Foi o começo de uma perseguição fotográfica do bilionário em fuga.

Seis meses mais tarde, a caçada foi interrompida. Hans-Erik Wennerström foi encontrado morto num apartamento em Marbella, na Espanha, onde residia sob o nome de Victor Fleming. Fora morto com três tiros na nuca disparados à queima-roupa. A polícia espanhola seguiu a hipótese de que ele fora vítima de um assaltante.

A morte de Wennerström não foi surpresa para Lisbeth Salander. Ela tinha boas razões para suspeitar que sua morte estava relacionada ao fato de ele não ter mais acesso ao dinheiro de um certo banco nas ilhas Caimãs, que teria necessitado para pagar algumas dívidas na Colômbia.

Se alguém tivesse se dado o trabalho de pedir a ajuda de Lisbeth Salander para localizar Wennerström, ela teria podido dizer exatamente onde ele estava quase todos os dias. Ela acompanhara pela internet sua fuga desesperada por cerca de dez países e observara seu pânico crescente através do correio eletrônico, quando ele conectava seu computador em algum lugar. Mas nem Mikael Blomkvist teria acreditado que o ex-bilionário em fuga fosse tão cretino a ponto de levar consigo o mesmo computador que fora tão cuidadosamente invadido.

Depois de seis meses, Lisbeth cansou-se de seguir Wennerström. A pergunta que ela devia responder agora era até onde ia seu envolvimento.

Wennerström era certamente um vigarista de primeira categoria, mas não era seu inimigo pessoal; ela não tinha interesse em interferir na vida dele. Poderia avisar Mikael Blomkvist, mas ele se contentaria em publicar uma boa história. Poderia avisar a polícia,

mas a probabilidade de Wennerström ser avisado a tempo e desaparecer era muito grande. Além disso, por princípio ela não falava com a polícia.

Mas havia outras contas a acertar. Ela pensava na servente de vinte e dois anos cuja cabeça fora mantida mergulhada na banheira.

Quatro dias antes de encontrarem o corpo de Wennerström, ela tomou uma decisão. De seu celular, ligou para um advogado em Miami, na Flórida, que parecia ser uma das pessoas que Wennerström mais tentava evitar. Falou com uma secretária e pediu que lhe transmitisse uma mensagem sibilina. Um nome, Wennerström, e um endereço em Marbella. Nada mais.

Quando a tevê anunciou a morte de Wennerström, ela abandonou a reportagem pela metade. Foi preparar um café e um sanduíche de patê de fígado com pepinos em conserva.

Erika Berger e Christer Malm ocupavam-se dos costumeiros preparativos para o Natal. Sentado na cadeira de Erika, Mikael olhava os dois enquanto bebia um vinho quente. Todos os colaboradores c muitos dos *freelancers* regulares receberam de presente de fim de ano uma sacola de couro com o logotipo da *Mlllennium.* Depois de prepararem os pacotes, eles se lançaram ao trabalho de escrever e selar mais de duzentos cartões de Natal destinados à imprensa, fotógrafos e colegas.

Mikael tentou resistir à tentação, mas não conseguiu. Pegou um último cartão de Natal e escreveu: *Feliz Natal e Feliz Ano* Novo. *Obrigado por sua inestimável contribuição no longo deste ano.*

Assinou e endereçou o cartão a Janne Dahlman, aos cuidados da redação do *Finansmagasinet Monopol.*

Quando Mikael voltou para casa à noite, encontrou um aviso do correio na caixa de correspondência. Foi buscar a encomenda na manhã seguinte e a abriu assim que chegou à redação. O pacote continha um repelente contra mosquito e meia garrafa de Reimersholm Aquavita. Um bilhete dizia: *Se não tiver programa melhor, estarei ancorado em Arholma no próximo solstício de verão.* Estava assinado por seu ex-colega de classe Robert Lindberg.

Tradicionalmente, a redação da *Millennium* parava de trabalhar antes do Natal e durante as festas de fim de ano. Desta vez as coisas não puderam ser assim; a pequena redação estava sendo muito solicitada, e jornalistas do mundo inteiro continuavam a procurá-la diariamente. Dois dias antes do Natal, Mikael Blomkvist leu quase por acaso um artigo no *Financial Times* que resumia a situação atual da comissão bancária c financeira internacional, constituída às pressas para investigar o império Wennerström. O artigo dizia que a comissão trabalhava com a hipótese de que Wennerström recebera no último momento uma advertência de que seria desmascarado.

De fato, suas contas no Bank of Kroenenfeld nas ilhas Caimãs, com duzentos e sessenta milhões de dólares, haviam sido esvaziadas na véspera da denúncia publicada pela *Millemium.*

Esse dinheiro encontrava-se em contas que somente Wennerström podia movimentar. Ele nem tinha necessidade de ir ao banco; bastava apresentar uma série de códigos de compensação para que o dinheiro fosse transferido a qualquer banco de qualquer lugar do mundo. O dinheiro fora transferido para a Suíça, onde uma colaboradora convertera a soma em obrigações nominativas anônimas. Todos os códigos de compensação estavam em ordem.

A Europol expedira um comunicado de busca internacional da mulher desconhecida que utilizara um passaporte inglês roubado em nome de Verônica Sholes e que teria se hospedado num dos hotéis mais caros de Zurique. Uma foto relativamente nítida, tirada por uma câmera de segurança, mostrava uma mulher de baixa estatura com cabelos de franja reta, uma boca grande, seios generosos, roupas de grife e jóias de ouro.

Mikael Blomkvist examinou a foto, primeiro com uma rápida olhada, depois com expressão cada vez mais cética. Passados alguns segundos, pegou uma lupa na gaveta de sua mesa e tentou distinguir detalhes do rasto na foto do jornal.

Por fim, largou o jornal e ficou de boca aberta por alguns minutos, até soltar unia gargalhada tão histérica que Christer Malm levantou a cabeça e perguntou o que estava acontecendo. Mikael conseguiu apenas agitar a mão como resposta.

* * *

Na manhã da véspera de Natal, Mikael foi a Arsta se encontrar com a ex-mulher e a filha Pernilla para a troca de presentes. Pernilla recebeu o computador que estava no topo da sua lista e que Mikael e Monika haviam comprado juntos. Mikael ganhou uma gravata de Monika e, da filha, um romance policial de Ake Edwardson. Diferentemente do Natal anterior, todos estavam excitados com a atenção que a *Millennium* despertava na imprensa.

Almoçaram juntos. Mikael olhava Pernilla com o rabo do olho. Não via a filha desde que ela passara por Hedestad. Deu-se conta de que não havia conversado com Monika sobre a atração de Pernilla por aquela seita tradicionalista em Skelleftea. Tampouco podia contar que foram os conhecimentos bíblicos dela que o puseram finalmente na pista certa sobre o desaparecimento de Harriet Vanger. Não havia falado com a filha desde então e sentia uma ponta de remorso.

Ele não era um bom pai.

Depois do almoço, despediu-se da filha com um beijo e foi se encontrar com Lisbeth Salander no Slussen, para irem juntos a Sandhamn. Pouco haviam se visto desde que a *Millennium* soltara a bomba. Chegaram lá tarde da noite e ficaram até depois do Natal.

Como sempre, Mikael era uma companhia divertida, mas Lisbeth Salander teve a desagradável sensação de que ele a olhou de um modo particularmente estranho quando ela devolveu, com um cheque de cento e vinte mil coroas, o dinheiro que ele lhe emprestara. Mikael se absteve, porém, de qualquer comentário.

Fizeram um passeio até Trovill (o que Lisbeth considerou uma perda de tempo) e na volta compartilharam a ceia de Natal no albergue. Depois recolheram-se à cabana de Mikael, acenderam o aquecedor a lenha, puseram um disco de Elvis e se entregaram a brincadeiras sexuais tranquilas. De tempo em tempo, quando Lisbeth voltava à tona, ela tentava compreender o que estava sentindo.

Ela não tinha nenhum problema com Mikael como amante. Eles se divertiam na cama, era um entendimento físico muito espontâneo. E ele nunca tentava se impor.

O problema é que ela não entendia o que sentia por ele. Desde a puberdade, nunca baixara a guarda desse modo, deixando outra pessoa se aproximar tanto. Mikael Blomkvist tinha uma capacidade impressionante de transpor seus mecanismos de defesa e de levá-la, mais de uma vez, a falar de assuntos e sentimentos pessoais. Mesmo tendo o bom senso de ignorar a maior parte das perguntas dele, ela falava de si mesma como não podia imaginar que o faria com alguém, nem se ameaçada de morte. Isso a inquietava e a fazia se sentir nua e entregue à vontade dele.

Ao mesmo tempo — quando o olhava adormecido e escutava os seus roncos —, sentia que nunca confiara tão incondicionalmente em alguém. Sabia com uma certeza absoluta que Mikael Blomkvist jamais se aproveitaria do que sabia dela para feri-la. Não fazia parte da natureza dele.

A única coisa de que não falavam era da relação deles. Lisbeth não ousava falar e Mikael nunca tocava no assunto.

Na manhã seguinte à noite de Natal, tudo lhe pareceu de uma clareza assustadora. Ignorava como isso havia acontecido e tampouco não sabia o que iria fazer. Estava apaixonada pela primeira vez na vida.

Pouco importava que ele tivesse quase o dobro da sua idade. Nem que ele fosse, no momento, uma das pessoas mais badaladas da Suécia, que tinha inclusive sido capa da *Newsweek* — tudo não passava de blablablá. Mikael Blomkvist, porém, não era nem uma fantasia erótica nem um sonho acordado. Aquilo teria um fim e não poderia dar certo. Que necessidade ele tinha dela? A rigor, ela era apenas um passatempo enquanto ele aguardava a chegada de alguém cuja vida não fosse um maldito ninho de ratos.

De repente ela percebeu que o amor era o instante em que o coração fica a ponto de explodir.

Quando Mikael acordou, quase no final da manhã, ela já havia preparado o café e posto a mesa para o desjejum. Ele a acompanhou à mesa e logo percebeu que alguma coisa mudara na atitude dela — ela estava um pouco mais reservada. Quando ele perguntou o que havia, ela o olhou com uma expressão indefinida, como quem não está entendendo.

Depois do Natal, Mikael Blomkvist tomou o trem para Hedestad. Estava bem agasalhado e com verdadeiros calçados de inverno quando Dirch Frode foi buscá-lo na estação e o felicitou em voz baixa por seu sucesso jornalístico. Desde agosto não vinha a Hedestad e fazia quase uni ano que aparecera ali pela primeira vez. Os dois trocaram um aperto de mão, trataram-se cortesmente, mas havia entre eles muitas coisas não ditas, e Mikael sentia-se pouco à vontade.

Tudo fora preparado e a transação na casa de Dirch Frode durou apenas alguns minutos. Frode propôs que o dinheiro fosse depositado numa conta no exterior, mas Mikael quis que o pagamento fosse feito como honorários comuns.

— Não disponho de meios para receber o pagamento de outra forma — respondeu, seco, quando Frode insistiu.

Não era uma visita de natureza meramente econômica. Mikael tinha deixado roupas, livros e alguns objetos pessoais na casa dos convidados, quando ele e Lisbeth saíram às

pressas de Hedeby.

Henrik Vanger continuava frágil desde o infarto, mas deixara o hospital de Hedestad e estava de volta à sua casa. Era constantemente acompanhado por uma enfermeira particular que o proibia de fazer longas caminhadas, subir escadas c discutir qualquer coisa que pudesse lhe causar fortes emoções. Bem naqueles dias ele pegara um resfriado e tinha ordens de não sair da cama.

— Além de tudo, ela custa caro — queixou-se Henrik Vanger. Mikael Blomkvist não ficou especialmente comovido; achou que o velho tinha condições de pagar, considerando o número de coroas que sonegara na vida. Henrik Vanger olhou para ele, contrariado, mas logo começou a rir.

— Dane-se! Você valeu todo esse dinheiro. Eu sabia.

— Para falar a verdade, não achei que pudesse resolver o mistério.

— Não pretendo te agradecer — disse Henrik.

— E eu nem esperava por isso — respondeu Mikael.

— Você foi regiamente pago.

— Não me queixo.

— Fez um trabalho para mim e o salário deveria bastar como agradecimento.

— Vim apenas para dizer que considero o trabalho encerrado. Henrik Vanger fez um trejeito de fingida contrariedade.

— Você ainda não terminou o trabalho — disse.

— Eu sei.

— Não escreveu a crônica da família Vanger, como está no nosso acordo.

— Eu sei. E não vou escrever.

Refletiram em silêncio sobre essa quebra de contrato. Depois Mikael continuou:

— Não posso escrever essa história. Não posso falar da família Vanger e deixar deliberadamente de lado os acontecimentos essenciais das últimas décadas: Harriet, seu pai, seu irmão e os assassinatos. Como poderia escrever um capítulo sobre o empresário Martin Vanger e fazer de conta que não sei o que havia no porão da casa dele? E tampouco posso escrever a história sem destruir mais uma vez a vida de Harriet.

— Entendo seu dilema e agradeço a escolha que fez.

— Portanto vou jogar essa história no lixo. Henrik Vanger assentiu com a cabeça.

— Parabéns — disse Mikael. —Você conseguiu me corromper. Vou destruir todas as minhas anotações e os registros das nossas conversas.

— Não acho que tenha sido corrompido — disse Henrik.

— E como estou me sentindo. E acho que é isso mesmo.

— Precisou escolher entre seu trabalho como jornalista e seu trabalho como ser humano. Eu não teria conseguido comprar seu silêncio. Tenho certeza de que teria escolhido seu papel de jornalista e nos exposto à degradação pública, se Harriet estivesse de algum modo implicada no caso ou se você me considerasse uma pessoa baixa.

Mikael não disse nada. Henrik olhava para ele.

— Informamos Cecília de tudo. Em breve Dirch Frode e eu não estaremos mais aqui e Harriet vai precisar do apoio de alguns membros da família. Cecília passará a participar de forma ativa do conselho administrativo. Ela e Harriet é que dirigirão o grupo no futuro.

— Como ela reagiu quando soube?

— Ficou chocada, evidentemente. Viajou ao exterior por algumas semanas. Achei que não fosse voltar.

— Mas voltou.

— Martin era um dos raros membros da família com quem Cecília sempre havia se dado bem. Foi duro para ela saber a verdade a respeito dele. Cecília agora também sabe o que você fez por nossa família.

Mikael encolheu os ombros.

— Obrigado, Mikael — disse Henrik Vanger.

Mikael encolheu novamente os ombros e depois falou:

— De qualquer forma, eu não conseguiria escrever essa história. A família Vanger me dá náuseas.

Refletiram um pouco, antes de Mikael mudar de assunto.

— Qual a sensação de voltar a ser diretor-executivo depois de vinte e cinco anos?

— E temporário, mas... eu gostaria de ser mais jovem. Agora só trabalho três horas por dia. Todas as reuniões se realizam aqui neste cômodo e Dirch Frode reassumiu seu lugar como meu homem de confiança, caso haja algum problema.

— Os jovens executivos devem estar tremendo. Demorei para entender que Dirch Frode não era apenas um fiel conselheiro econômico, mas alguém que resolve problemas para você.

— Exatamente. Mas todas as decisões são tomadas com Harriet, é ela quem fica no escritório.

— Como ela está? — perguntou Mikael.

— Herdou as partes do irmão e da mãe. Juntos controlamos mais de trinta e três por cento do grupo.

— É o suficiente?

— Não sei. Birger está resistindo e tentando fazê-la tropeçar. Alexander descobriu que tem uma possibilidade de ser importante c aliou-se a Birger. Meu irmão Harald tem um câncer e não vai viver muito. E ele que ocupa o segundo lugar com sete por cento das ações, que passarão aos filhos. Mas Cecília e Anita vão se aliar com Harriet.

— Então controlarão mais de quarenta por cento.

— Nunca houve uma tal aliança de votos na família. E há muitos pequenos acionistas, com um ou dois por cento, que votarão conosco. Harriet deverá me suceder como diretora em fevereiro.

— Fia não fitará feliz.

— Não, mas é necessário. Precisamos de novos parceiros c de sangue novo. Temos também a possibilidade de trabalhar com o grupo dela na Austrália. Os meios existem.

— Onde está Harriet agora?

— Você não teve sorte. Ela está em Londres. Mas tem muita vontade de ver você.

— Eu a verei na reunião do conselho da *Millennium* em janeiro, se ela o substituir.

— Certo.

— Diga-lhe que nunca falarei com ninguém sobre o que aconteceu em 1966, exceto com Erika Berger.

— Sei disso, e Harriet também sabe. Você é um homem honesto, Mikael.

— Mas diga-lhe também que tudo o que fizer a partir de agora pode aparecer nas páginas da revista se ela não tomar cuidado. O grupo Vanger não estará livre de observação.

— Eu a prevenirei.

Mikael deixou Henrik Vanger quando ele começou a pegar no sono. Pôs seus pertences em duas malas. Fechou a porta da casa dos convidados pela última vez, hesitou um instante, depois foi bater na porta de Cecília Vanger. Ela não estava. Ele pegou sua agenda de bolso, arrancou uma página e rabiscou algumas palavras. *Perdoe-me. Desejo-lhe uma vida feliz.* Deixou a folhinha de papel com seu cartão de visita na caixa de correspondência. A casa de Martin Vanger estava vazia. Havia uma luminária de Natal acesa na janela da cozinha.

Ele voltou a Estocolmo no trem da noite.

Entre o Natal e o Ano-novo, Lisbeth Salander desconectou-se do mundo. Não atendeu o telefone e não ligou o computador. Passou dois dias lavando suas roupas e arrumando o apartamento. Embalagens de pizza e jornais velhos de um ano foram empacotados e jogados fora. Ao todo, utilizou nessa triagem seis sacos pretos de plástico, grandes, e uns vinte sacos de papel com jornais. Parecia ter decidido começar vida nova. Pretendia comprar um apartamento — quando encontrasse um que lhe conviesse —, mas até lá seu apartamento atual estaria tão reluzente como ela não se lembrava de ter visto.

Depois, ficou como que paralisada, refletindo. Nunca sentira uma vontade como aquela. Queria que Mikael Blomkvist tocasse a campainha e... o quê? Que a erguesse nos braços? Que a levasse apaixonadamente até o quarto e arrancasse suas roupas? Não, na verdade desejava apenas a companhia dele. Queria ouvi-lo dizer que gostava dela como ela era. Que ela era uma pessoa especial no mundo e na vida dele. Queria que lhe fizesse um gesto de amor, não apenas de amizade e camaradagem. Estou *ficando doida,* pensou.

Ela duvidava de si mesma. Mikael Blomkvist vivia num mundo habitado por pessoas com profissões respeitáveis, que tinham vidas organizadas e talentos de gente adulta. Os amigos de Mikael faziam coisas, apareciam na tevê e produziam grandes manchetes. *Para que eu serviria?* O maior terror de Lisbeth Salander, tão grande e negro que assumia proporções fóbicas, era que as pessoas rissem de seus sentimentos. E de repente teve a impressão de que todo o seu amor-próprio, tão laboriosamente construído, desmoronava.

Então decidiu-se. Levou várias horas mobilizando a coragem necessária, mas sentia-se na obrigação de vê-lo e de dizer a ele o que sentia.

Todo o resto era insuportável.

Ela precisava de um pretexto para ir à casa dele. Não lhe dera uni presente de Natal, mas sabia o que comprar. Tinha visto num antiquário uma série de cartazes publicitários de metal dos anos 1950, com figuras em relevo. Um dos cartazes mostrava Elvis Presley apoiando a guitarra no quadril e os dizeres: *Heartbreak Hotel,* Hotel do Coração Partido. Ela não tinha o menor jeito para a decoração, mas sabia que o cartaz caberia perfeitamente na cabana de Sandhamn. Custava setecentas e oitenta coroas e, por princípio, regateou o preço c baixou para setecentas. Fizeram-lhe um pacote, ela o pôs debaixo do braço e foi a pé para o apartamento de Mikael na Bellmansgatan.

Quando passava pela Hornsgatan, olhou para o Bar-Café e viu Mikael saindo dali acompanhado de Erika Berger. Ele disse alguma coisa, Erika riu, passou o braço pela cintura dele e beijou seu rosto. Eles desapareceram pela Brannkyrkagatan em direção à Bellmansgatan. A linguagem corporal dos dois não dava margem a falsas interpretações — era óbvio o que eles tinham em mente.

A dor foi tão instantânea e insuportável que Lisbeth se deteve imediatamente, incapaz de se mexer. Uma parte dela quis correr para alcançá-los. Ela queria usar a borda afiada do cartaz de metal para cortar a cabeça de Erika Berger. Não fez nada, enquanto os pensamentos se agitavam em sua cabeça. *Análise das consequências.* Acabou se acalmando.

Salander, que ridícula, que idiota você é!, disse a si mesma em voz alta.

Virou as costas e tomou o caminho de volta ao seu reluzente apartamento. Passava pelo hotel Zinkensdamm quando começou a nevar. Jogou o Elvis num coletor de lixo.

STIEG LARSSON

A MENINA QUE BRINCAVA COM FOGO

Tradução

Dorothée de Bruchard



5ª reimpressão
Copyright © 2006 by Stieg Larsson
Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.
Título original
Flickan som lekte med elden
Traduzido da edição francesa (La filie qui rêvait d'un bidon d'essence et d'une allumette)
Capa Retina_78
Preparação
Maria Cecília Caropreso
Revisão Marise Leal Carmen S. da Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Larsson, Stieg, 1954-2004
A menina que brincava com fogo / Stieg Larsson; tradução Dorothée de Bruchard. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009. — (Millennium; 2)
Título original : Flickan som lekte med elden, ISBN 978-85-359-1422-1
1. Ficção policiai e de mistério (Literatura sueca) 2. Romance sueco II. Titulo.
09-01234 CDD-839.737
Índice para catálogo sistemático:
1. Romance : Literatura sueca 839.737

[2009]
Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32 04532-002 - São Paulo - SP
Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

PRÓLOGO

Estava amarrada numa cama estreita de estrutura de aço. Correias de couro a prendiam e um arreio tolhia sua caixa torácica. Estava deitada de costas. Tinha as mãos atadas com tiras de couro de um lado e outro da cama.

Já havia muito abandonara qualquer tentativa de se soltar. Estava acordada, mas mantinha os olhos fechados. Quando os abria, achava-se no escuro, e a única fonte de claridade visível era um fino clarão acima da porta. Tinha um gosto ruim na boca e sentia uma necessidade imperiosa de escovar os dentes.

Parte de sua consciência espreitava o barulho de passos avisando que *ele* estava vindo. Sabia que já anoitecera, mas não tinha a menor idéia de que horas eram, só sentia que estava ficando muito tarde para uma de suas visitas. Sentiu uma súbita vibração na cama e abriu os olhos. Parecia que algum tipo de máquina começara a funcionar em algum lugar do prédio. Segundos depois, já não saberia dizer se estava imaginando ou se o barulho era real.

Assinalou mentalmente mais um dia.

Era o seu quadragésimo terceiro dia de cativeiro.

Sentiu coceira no nariz e virou a cabeça para esfregá-lo no travesseiro. Estava suando. O ar da sala era quente e abafado. Vestia uma camisola simples de tecido liso, embolada debaixo de seu corpo. Deslocando o quadril o pouco que dava, conseguiu segurar o tecido entre o indicador e o dedo médio e puxar a camisola para o lado, centímetro por centímetro. Tentou com a outra mão. Mas a camisola continuava formando pregas sob suas costas. O colchão era cheio de calombos e desconfortável. O absoluto isolamento a que estava submetida aumentava tremendamente as mínimas sensações, que numa situação normal ela teria ignorado. O arreio, embora apertado, estava folgado o suficiente para que ela pudesse mudar de posição e se deitar de lado, mas então era obrigada a ficar com uma mão nas costas, e o braço logo entorpecia.

Se havia um sentimento dominando sua mente, era talvez o da raiva acumulada.

Por outro lado, era torturada por seus próprios pensamentos, que, apesar de todas as suas tentativas em contrário, transformavam-se em desagradáveis fantasias sobre o que iria acontecer com ela. Detestava aquele estado de vulnerabilidade forçada. Por mais que tentasse se concentrar em algum tema que a ajudasse a passar o tempo e abstrair aquela situação, a angústia escorria assim mesmo e pairava em volta dela feito uma nuvem tóxica, ameaçando penetrar seus poros e envenenar sua existência. Descobrira que o melhor jeito de manter a angústia afastada era fantasiar sobre uma coisa mais forte que seus pensamentos.

Quando fechava os olhos, mentalizava o cheiro de gasolina. *Ele estava sentado num carro com o vidro lateral abaixado. Ela corria para o carro, jogava a gasolina pelo vidro aberto e riscava um fósforo. Era questão de um segundo. As chamas surgiam instantaneamente. Ele se contorcia de dor e ela ouvia seus gritos de terror e aflição. Podia sentir o cheiro de carne queimada e aquele, mais cáustico, do plástico e do revestimento do banco se carbonizando.*

Devia ter caído no sono, pois não o escutou chegar, mas despertou completamente quando a porta se abriu. A claridade da abertura a cegou. Então ele veio mesmo.

Era alto. Não sabia qual era a sua idade, mas era adulto. Tinha um cabelo ruivo e volumoso e usava óculos de armação preta e um cavanhaque ralo. Cheirava a loção pós-barba.

Detestava o seu cheiro.

Ele ficou em silêncio ao pé da cama e contemplou-a demoradamente. Detestava o seu silêncio.

Seu rosto não recebia a claridade e ela só o percebia como uma silhueta na contraluz. De repente, ele falou. Sua voz era grave e clara e ele acentuava cada palavra com afetação.

Detestava a sua voz.

Ele disse que queria lhe dar os parabéns, já que era o dia do seu aniversário. A voz não era nem desagradável nem irônica. Era neutra. Ela percebeu que ele sorria.

Ela o detestava.

Ele se aproximou e contornou a cama até ficar junto de sua cabeça, pôs as costas da mão úmida em sua testa e deslizou os dedos pela raiz dos cabelos, num gesto que decerto pretendia ser amigável. Era o seu presente de aniversário.

Ela detestava que ele a tocasse.

Estava falando com ela. Ela viu sua boca se mexer mas não deixou entrar o som da voz dele. Não queria ouvir. Não queria responder. Ouviu quando ele ergueu a voz. Uma ponta de irritação, causada por sua recusa em responder, se introduzira nas palavras. Ele falava em confiança mútua. Ao fim de vários minutos, calou-se. Ela ignorou seu olhar. Então ele deu de ombros, contornou a cama pela cabeceira e ajustou as correias de couro. Apertou o arreio e inclinou-se sobre ela.

Ela se virou de repente para o lado esquerdo, afastando-se dele o quanto pôde e tanto quanto as correias permitiam. Dobrou uma perna e desfechou-lhe um violento pontapé. Mirou no pomo-de-adão e atingiu-o com a ponta do dedão em algum lugar debaixo do queixo, mas ele esperava por isso e se esquivou. O golpe foi bem leve, apenas perceptível. Ela fez uma nova tentativa, só que ele já estava fora de alcance.

Ela deixou cair as pernas sobre a cama.

O lençol tinha escorregado e se amontoara no chão. Ela sentiu que a camisola subira bem acima dos quadris. Não gostava disso. Não podia cobrir sua nudez.

Ele ficou um bom tempo parado sem dizer nada. Depois, contornou a cama e colocou a tira dos pés. Ela tentou encolher as pernas, mas ele agarrou seu tornozelo e com a outra mão empurrou com força o joelho, prendendo seu pé com a correia de couro. Foi para o outro lado da cama e amarrou o outro pé.

Ela agora estava totalmente à sua mercê.

Ele juntou o lençol e a cobriu. Contemplou-a em silêncio por uns dois minutos. No escuro, ela podia sentir sua excitação, embora ele a dissimulasse ou, pelo menos, tentasse. Sabia que ele estava tendo uma ereção. Sabia que ele queria estender a mão e tocá-la.

Depois ele deu meia-volta, saiu e fechou a porta atrás de si. Ela escutou quando ele deu a volta na chave, gesto um tanto exagerado já que ela não tinha a menor possibilidade de se soltar da cama.

Permaneceu imóvel vários minutos e olhou para o fino raio de luz acima da porta. Então se mexeu e tentou sentir se as correias estavam mesmo apertadas. Podia erguer um pouco os joelhos, mas o arreio se esticou em seguida. Relaxou. Permaneceu deitada, completamente imóvel, olhos fixos no nada.

Ela esperava.

Sonhava com um galão de gasolina e um fósforo. Ela o via, encharcado de gasolina. Podia sentir fisicamente a caixa de fósforos na sua mão. Chacoalhava a caixa de fósforos, que fazia um barulhinho. Ela a abria e escolhia um fósforo. Ouvia-o dizer alguma coisa, mas tapava os ouvidos e não escutava as palavras. Via a expressão no rosto dele enquanto riscava o fósforo. Escutava o roçar do enxofre no riscador. Parecia um trovão demorado. Via a ponta do fósforo se inflamar.

Esboçou um sorriso totalmente desprovido de alegria e se endureceu. Aquela era a noite de seus treze anos.

I – EQUAÇÕES IRREGULARES 16 A 20 DE DEZEMBRO

A equação recebe um nome segundo a potência das incógnitas (valor do expoente). Se esta for um, a equação será de primeiro grau; se a potência for dois, a equação será de segundo grau etc. As equações de grau superior ao primeiro atribuem diferentes valores às incógnitas. Esses valores são chamados de raízes.

Equação de primeiro grau (equação linear): $3x-9 = 0$(raiz: $x = 3$)

1 - QUINTA-FEIRA 16 DE DEZEMBRO - SEXTA-FEIRA 17 DE DEZEMBRO

Lisbeth Salander puxou os óculos escuros sobre o nariz e olhou por baixo da aba do chapéu. Viu a mulher do quarto 32 vindo da entrada lateral do hotel e dirigir-se a uma das espreguiçadeiras de listras brancas e verdes à beira da piscina. Seu olhar estava firmemente voltado para o chão à sua frente e seu semblante, compenetrado. Dava a impressão de estar com as pernas meio bambas.

Salander, até então, só a tinha visto de longe. Dava-lhe uns trinta e cinco anos, mas sua aparência neutra e indefinida situava-a num ponto qualquer na faixa dos vinte e cinco aos cinquenta. Tinha cabelos castanhos semilongos, rosto oval e um corpo maduro que poderia ter saído diretamente das páginas de roupa íntima de um catálogo de vendas por correspondência. A mulher usava sandalinhas, biquíni preto e óculos escuros de tartaruga com lentes roxas. Era americana e falava com sotaque do Sul. Seu chapéu de sol era amarelo e ela o deixou cair ao lado da espreguiçadeira antes de fazer um sinal ao garçom do bar de Ella Carmichael.

Lisbeth Salander pôs o livro no colo, pegou seu copo e bebericou um gole de café antes de se inclinar para apanhar o maço de cigarros. Sem virar a cabeça, deslocou o olhar para o horizonte. Do seu lugar na área da piscina, avistava uma nesga do mar do Caribe em meio a um conjunto de palmeiras e rododendros em frente ao muro do hotel. Um veleiro singrava ao largo rumo ao norte, na direção de Santa-Luzia ou Dominica. Mais adiante, distinguia o vulto de um cargueiro cinzento a caminho das Guianas ou de algum país vizinho. Uma brisa ligeira lutava contra o calor da tarde, mas ela sentiu uma gota de suor escorrer devagar para a sobrancelha. Lisbeth Salander não era do tipo que gostava de se deixar fritar ao sol. Na medida do possível, passava o dia todo na sombra, de modo que se colocara decididamente sob a proteção do toldo. No entanto, estava bronzeada como uma avelã, pelo menos nas partes do corpo que expunha. Usava um short cáqui e uma regata preta.

Escutava os sons estranhos dos *steel drums* difundidos pelos alto-falantes do bar. Embora a música não fosse especialmente a sua praia - era incapaz de distinguir Nick Cave de uma orquestra de baile popular -, os *steel drums* a fascinavam. Achava incrível que alguém conseguisse afinar um barril de petróleo, e mais incrível ainda que o barril produzisse sons controláveis que não se pareciam com nenhum outro som e que, para ela, tinham diretamente a ver com magia.

Súbito, sentiu-se irritada e desviou o olhar para a mulher, a quem acabavam de entregar um copo com um drinque alaranjado.

Lisbeth Salander não queria nada com aquela morena. Mas simplesmente não conseguia entender por que a mulher continuava ali. Por quatro noites, desde a chegada do casal, Lisbeth Salander escutara vindo do quarto vizinho, uma voz masculina vigorosa e violenta usando o registro da intimidação. Escutara choros, sussurros duros e, em várias oportunidades, sons de bofetadas. O homem que estava na origem dos tabefes - Lisbeth supunha que era o marido - tinha cerca de quarenta anos. Cabelos castanhos lisos repartidos no meio, um penteado meio careta, e parecia estar na Ilha de Granada por motivos profissionais. Lisbeth Salander não fazia idéia de qual poderia ser a profissão do fulano, mas toda manhã ele aparecia bem vestido, de gravata e paletó, para tomar um café no bar do hotel, e depois pegar seu porta-documentos e ir até o táxi que o esperava.

Em geral, voltava ao hotel no final da tarde, tomava banho e ficava com mulher à beira da piscina. Jantavam juntos, e qualquer observador podia perceber a harmonia cheia de intimidade e amor que emanava deles. A mulher talvez tomasse um ou dois copos além do que deveria, mas sua embriaguez não era aflitiva nem espalhafatosa.

As brigas no quarto vizinho começavam ritualmente entre dez e onze da noite, mais ou menos a hora em que Lisbeth ia para a cama com um livro sobre mistérios matemáticos. Nunca eram maus-tratos sérios. Até onde Lisbeth conseguia perceber, tratava-se de uma discussão azeda e exaustiva, com o homem não tolerando nenhum protesto, embora provocasse a mulher, incitando-a às recriminações. Na noite anterior, Lisbeth fora para a sacada e

escutara a discussão. Durante mais de uma hora, o homem ficara andando de um lado para o outro do quarto, reconhecendo que era um traste que não a merecia. Diversas vezes, como que em plena crise emocional de inferioridade, dissera que ela devia achá-lo um hipócrita. Todas às vezes ela respondera que não pensava isso e procurava acalmá-lo. Ele foi ficando mais e mais exaltado, chegando a ponto de sacudi-la. Por fim, ela disse o que ele esperava... *sim, você é um hipócrita.* E ele imediatamente usou aquela confissão forçada como pretexto para atacá-la, atacar seu comportamento e seu caráter. Chamou-a de puta, palavra que arrepiou Lisbeth Salander. Ela própria não teria hesitado em partir para a desforra se lhe dirigissem uma acusação daquelas. Mas não era esse o caso e, concretamente, o problema não era seu. Assim, era difícil para ela decidir se deveria ou não intervir de alguma maneira.

Perplexa, Lisbeth escutara o homem repetir suas acusações e, de repente, mandar ver as bofetadas. Acabava de decidir ir até o corredor e abrir a porta do 32 com um superpontapé, quando o silêncio voltou a se instalar no quarto.

Observando a mulher perto da piscina, notou um leve hematoma no ombro e um arranhão no quadril, mas nenhum ferimento óbvio.

Nove meses antes, tinha lido um artigo numa *Popular Science* esquecida por um passageiro no aeroporto Leonardo da Vinci, em Roma, e no mesmo instante tomara-se de um fascínio absoluto por astronomia esférica, um assunto absolutamente espinhoso. Num impulso, fora até a livraria universitária de Roma e comprara algumas das teses mais importantes sobre a matéria. Para entender astronomia esférica, porém, tinha sido obrigada a mergulhar nos mistérios relativamente complicados da matemática. Nos últimos meses, dera a volta ao mundo e visitara regularmente livrarias especializadas à procura de outros livros sobre o tema.

De modo geral, os livros tinham ficado enfiados nas malas, e seus estudos haviam sido pouco sistemáticos e um tanto hesitantes, até que passou por acaso na livraria universitária de Miami e saiu de lá com *Dimensíons in Mathematics* do Dr. L. C. Parnault (Harvard University, 1999). Encontrara o livro poucas horas antes de iniciar um périplo pelas Antilhas.

Estivera em Guadalupe (dois dias num fim de mundo inacreditável); Dominica (simpática e descontraída; cinco dias); Barbados (uma noite num hotel americano onde sentiu que sua presença era particularmente indesejada); e Santa-Luzia (nove dias). Poderia ter cogitado ficar algum tempo em Santa-Luzia, não fosse ter se indisposto com um jovem delinquente nativo de mente obtusa que insistia em se apossar do bar do seu hotel de segunda categoria. Certa noite, ela pusera fim às hostilidades esmagando-lhe um tijolo na cabeça, pagara a conta e tomara uma balsa com destino a São Jorge, capital de Granada. Até o momento de embarcar, nunca tinha ouvido falar naquele país.

Desembarcara em Granada debaixo de uma chuva tropical por volta das dez horas de uma manhã de novembro. A leitura do *Caribbean Traveller* lhe informara que Granada era conhecida como *Spice Island,* a ilha das especiarias, e era um dos maiores produtores mundiais de noz-moscada. A capital se chamava São Jorge. A ilha contava cento e vinte mil habitantes, mas cerca de outros duzentos mil granadinos estavam expatriados nos Estados Unidos, Canadá e Inglaterra, o que dava uma boa idéia do mercado de trabalho na ilha. A paisagem era montanhosa, em volta de um vulcão extinto, a Lagoa Grande.

Granada, historicamente falando, era uma das inúmeras e insignificantes antigas colônias britânicas, onde o capitão Barba Negra talvez tivesse, ou não, desembarcado e enterrado um tesouro. Esta imagem tinha o mérito de atiçar as fantasias. Em 1795, Granada atraiu a atenção política depois que um exescravo alforriado chamado Julian Fedon, inspirando-se na Revolução Francesa, fomentou uma revolta, obrigando a Coroa a enviar tropas para fazer picadinho, enforcar, encher de bala e mutilar um grande número de rebeldes. O problema do regime colonial era que uma boa quantidade de brancos pobres tinha aderido à revolta de Fedon sem a menor consideração pelas hierarquias ou fronteiras raciais. A revolta foi esmagada, mas Fedon nunca foi capturado; refugiado no maciço do Lago Grande tornou-se uma lenda local ao estilo Robin Hood.

Cerca de dois séculos depois, em 1979, o advogado Maurice Bishop deu início a outra revolução inspirada, segundo o guia, na

communist dictatorship in Cuba and Nicarágua, mas da qual Lisbeth Salander tivera rapidamente uma visão bem diferente depois de conversar com Philip Campbell, professor, bibliotecário e pregador batista, em cuja *guesthouse* se hospedara em seus primeiros dias na ilha. A história podia ser resumida assim: Bishop foi um líder extremamente popular que derrubara um ditador maluco, e ainda por cima fanático por óvnis, que dilapidava parte do magro orçamento do Estado perseguindo discos voadores. Bishop defendia uma democracia econômica e introduziu no país as primeiras leis sobre igualdade dos sexos, antes de ser assassinado em 1983 por uma horda de stalinistas desmiolados, que desde então permaneciam encarcerados na ilha.

Depois do assassinato, incluído no massacre de cerca de cento e vinte pessoas, entre as quais o ministro das Relações Exteriores, o ministro da Condição Feminina e importantes líderes sindicais, os Estados Unidos intervieram, desembarcando na ilha a fim de restabelecer a democracia. Conseqüência direta para Granada: o desemprego passou de seis para quase cinquenta por cento e o tráfico de cocaína voltou a constituir a maior fonte de renda em todas as categorias. Philip Cambell assentira com a cabeça ao ler a descrição do guia de Lisbeth e dera-lhe bons conselhos sobre as pessoas e os bairros que ela deveria evitar depois do anoitecer.

Com Lisbeth Salander, bons conselhos eram relativamente inúteis. Em compensação, ela escapara do perigo de conhecer a criminalidade de Granada ao se apaixonar pela praia de Angra Grande, logo ao sul de São Jorge, praia de uns dez quilômetros de extensão de areia, pouquíssimo frequentada e onde podia, se lhe desse vontade, passear durante horas sem ser obrigada a conversar ou encontrar com ninguém. Hospedara-se no Keys, um dos raros hotéis americanos de Angra Grande, e lá ficara por sete semanas sem fazer muito mais que passear na praia e comer *chinups,* fruta nativa cujo gosto lhe lembrava o da groselha e com a qual se entusiasmara totalmente.

Era baixa estação e apenas um terço do hotel estava ocupado. O problema é que tanto a tranqüilidade de Lisbeth como suas veleidades de estudos matemáticos foram bruscamente perturbadas pelo barulho das discussões no quarto ao lado.

Mikael Blomkvist pressionou o indicador na campainha do apartamento de Lisbeth Salander na Lundagatan. Não esperava que ela atendesse, mas criara o hábito de passa por ali uma ou duas vezes por mês, só para dar uma conferida. Espiando pela abertura da porta destinada à correspondência, viu a pilha de prospectos acumulados. Passava das dez da noite e, com a pouca luminosidade, era difícil avaliar se a pilha aumentara desde a última vez.

Por um momento, permaneceu indeciso no vão da escada, até que, frustrado, deu meia-volta e deixou o prédio. Voltou para o seu apartamento na Bellmansgatan caminhando sem pressa. Ao chegar em casa, ligou a cafeteira e abriu os jornais da tarde, enquanto assistia à edição noturna de *Rapport* com olhar distraído. Estava deprimido e se perguntava aonde andaria Lisbeth Salander. Sentia uma vaga preocupação, mas não tinha nenhum motivo para achar que ela estava morta ou em maus lençóis. No entanto, perguntou-se pela milésima vez o que teria acontecido.

No ano anterior, convidara Lisbeth Salander para passar os feriados de Natal em sua cabana de Sandhamn. Tinham dado longos passeios juntos, conversando com calma sobre a repercussão dos acontecimentos dramáticos em que ambos haviam se envolvido recentemente, numa época em que Mikael vivia o que considerava uma crise existencial. Condenado por difamação passara alguns meses preso, sua carreira de jornalista atolara na lama e, com o rabo entre as pernas, abandonara seu cargo de editor responsável da revista *Millennium.* Em poucos meses, porém, tudo mudara. Convidado a escrever a biografia do industrial Henrik Vanger, o que ele vivenciou como uma terapia escandalosamente bem remunerada deixou de lado sua depressão para se lançar à caça desenfreada de um assassino em série ardiloso e muito bem escondido.

O acaso pusera Lisbeth Salander em seu caminho. Mikael tocou distraidamente, debaixo da orelha esquerda, na cicatriz deixada pelo nó corrediço. Lisbeth não salvara apenas sua carreira - simplesmente salvara-lhe a vida.

Em mais de uma oportunidade ela o surpreendera com seus talentos extraordinários - memória fotográfica e fabulosos

conhecimentos em computação. Mikael Blomkvist considerava-se relativamente competente no assunto, mas Lisbeth Salander manejava computadores como se tivesse feito uma aliança com o diabo. Aos poucos, ele fora compreendendo que ela era uma *hacker* de padrão internacional e que, dentro do clube exclusivo que se dedicava, no mundo inteiro, a uma atividade ilegal em computação de altíssimo nível, ela era uma lenda, mesmo que anônima e só conhecida pelo codinome Wasp.

A capacidade de Lisbeth para passear pelos computadores alheios é que fornecera a Mikael o material necessário para transformar seu fracasso jornalístico no caso Wennerström - um furo que, um ano depois, ainda era fonte de investigações policiais sobre crimes financeiros e levava Mikael regularmente aos sofás dos estúdios de televisão.

Um ano antes, ele vivera esse furo com uma satisfação colossal - enquanto vingança e brilhante reabilitação após sua estada na sarjeta do jornalismo. A satisfação, porém, o abandonara rapidamente. Passadas algumas semanas, já estava saturado de responder às mesmas e eternas perguntas dos jornalistas e dos tiras da divisão financeira. *Sinto muito, mas não posso revelar minhas fontes.* E no dia em que um jornalista do *Azerbahdzian Times* se dera ao trabalho de ir até Estocolmo para fazer apenas as mesmas perguntas idiotas, ele se cansara. Reduzira as entrevistas ao mínimo necessário, e nos últimos meses só se dispunha a aceitá-las quando quem ligava era a Moça da **TV**4, e isso depois que a investigação já estava em outra fase bem específica.

A colaboração de Mikael com a Moça da **TV**4 tinha, além disso, outra dimensão. Ela fora a primeira jornalista a dar importância à revelação e, sem sua ajuda já na primeira noite em que a *Millennium* soltara o furo, nada garante que a história tivesse tido aquele impacto. Só mais tarde Mikael ficou sabendo que ela tivera de brigar com unhas e dentes para convencer sua redação a deixá-la contar a história. Ninguém estava disposto a dar espaço àquele tratante da *Millennium* e até o momento de ela entrar ao vivo ninguém podia garantir que a bateria de advogados da redação a deixaria falar. Vários de seus colegas mais velhos tinham baixado o polegar, alertando que se ela estivesse enganada sua carreira estaria

enterrada. A Moça aguentara firme e acabara desencadeando a história do ano.

Na primeira semana, ela naturalmente continuou acompanhando o caso - já que era, a bem dizer, a única repórter que tinha se aprofundado no assunto - mas, às vésperas do Natal, Mikael se deu conta de que todos os comentários e novos pontos de vista tinham sido transferidos para seus colegas homens. Por volta do ano-novo, Mikael descobriu por vias indiretas que haviam simplesmente afastado a moça sob o argumento de que o maior acontecimento midiático do ano tinha de ser tratado por jornalistas de economia sérios, e não por uma menina originária da Ilha de Gotland, ou sabe-se lá de onde. Isso irritou Mikael, e quando, mais tarde, a TV4 lhe pediu uma declaração, ele retrucou de cara que só falaria com a Moça, o que resultou em alguns dias de silêncio carrancudo antes de os sujeitos capitularem e ela reassumir seu lugar.

O interesse decrescente de Mikael pelo caso Wennerström coincidia também com o desaparecimento de Lisbeth Salander. Ele continuava sem entender o que havia acontecido.

Haviam se despedido um dia depois do Natal, e nos dias seguintes não tinham se visto. Na véspera do réveillon, Mikael ligou para ela bem tarde da noite. Ela não atendera. No dia do réveillon, passara duas vezes na casa dela e tocara a campainha. Na primeira, viu luz no apartamento, mas ela não abrira a porta. Na segunda, estava tudo escuro. No dia do ano-novo, tentara ligar mais uma vez, porém a única resposta que obteve foi a mensagem gravada dizendo que o número estava indisponível no momento.

Nos dias que se seguiram, encontrou-a duas vezes. Preocupado, ainda sem conseguir falar com Lisbeth, foi até seu apartamento no início de janeiro e sentou-se num degrau da escada em frente à porta. Tinha levado um livro e esperou persistentemente por quatro horas até ela chegar, pouco antes das onze da noite. Carregava uma caixa de papelão e parou de repente quando o avistou.

—Oi, Lisbeth - disse ele, fechando o livro.

Lisbeth contemplou-o sem a menor expressão no olhar, sem calor nem amizade. Depois passou por ele e enfiou a chave na

fechadura.

—Me oferece um café? -perguntou Mikael. Ela virou-se para ele e falou em voz baixa.

—Vá embora. Não quero mais te ver.

Então fechou a porta na cara de um perplexo Mikael Blomkvist, que ficou escutando ela girar a chave na fechadura.

Três dias depois, encontrou-a uma segunda vez. Ele pegara o metrô de Slussen na Centralen, e quando o trem parou na Gamla Stan, ao olhar pela janela, avistou-a na plataforma, a menos de dois metros de distância. Avistou-a no exato momento em que as portas se fechavam. Por cinco segundos, ela olhou bem dentro de seus olhos, mas como se ele fosse transparente, antes de dar meia-volta e se afastar de seu campo de visão enquanto o trem se punha em marcha.

A mensagem era clara. Lisbeth Salander não queria nada com Mikael Blomkvist. Riscara-o de sua vida com a mesma eficiência com que apagava um arquivo do seu computador, sem explicação ou negociação. Mudara o número do celular e não respondia aos e-mails.

Mikael suspirou, desligou a tevê, aproximou-se da janela e contemplou o prédio da prefeitura.

Perguntou-se se não estaria errado, insistindo em passar assim regularmente em frente ao apartamento de Lisbeth. Até então, a atitude de Mikael, se uma mulher sinalizasse de forma tão clara que não queria mais ouvir falar nele, era ir embora. Para ele, não respeitar uma mensagem dessas equivalia a não respeitar a mulher em questão.

Na época do caso, tinham estado juntos na cama. Acontecera por iniciativa de Lisbeth, e a relação havia durado seis meses. Se era decisão dela terminar aquela história do mesmo modo surpreendente como começara, a Mikael só restava aceitar. Cabia a ela romper. Mikael não via dificuldades no papel de ex-namorado - se era assim que ele agora tinha de se considerar -, mas estava perplexo com a forma como Lisbeth Salander o deixara.

O único problema é que Mikael gostava imensamente de Lisbeth Salander. Não estava nem um pouco apaixonado por ela - combinavam tão pouco quanto duas pessoas podem combinar -,

mas gostava dela e sentia mesmo falta daquela mulherzinha danada de complicada. Imaginara que a amizade deles fosse recíproca. Em suma, sentia-se um idiota.

Depois de passar um longo tempo diante da janela, sua decisão estava tomada.

Se Lisbeth Salander o detestava a ponto de não conseguir sequer cumprimentá-lo quando se encontravam no metrô, a amizade entre eles provavelmente acabara e o dano era irreversível. A partir de agora, não passaria mais pelo seu apartamento nem faria o menor gesto para retomar o contato com ela.

Lisbeth Salander consultou seu relógio e constatou que, mesmo ficando comportadamente à sombra, estava encharcada de suor. Eram dez e meia. Memorizou uma fórmula matemática de três linhas e fechou o Dimensíons in Mathematics, depois pegou a chave do quarto e seu maço de cigarros em cima da mesa.

Seu quarto era no primeiro andar, o último andar do hotel. Tirou a roupa e entrou no chuveiro.

Um lagarto verde de uns vinte centímetros a espreitava da parede, logo abaixo do teto. Lisbeth, por sua vez, olhou-o de soslaio, mas não fez nenhum gesto para expulsá-lo. Concluíra que o lagarto era hóspede ali havia muito mais tempo que ela e provavelmente ainda seria muito tempo depois de ela ter ido embora de Granada. Havia lagartos por toda a ilha, eles se esgueiravam no quarto pelas persianas das janelas abertas, por baixo da porta ou pela ventilação do banheiro. Gostava da companhia deles, de modo geral não a perturbavam e pareciam mais inteligentes que certos humanos que ela conhecia. A água estava fria, mas não gelada, e ela ficou debaixo do chuveiro uns cinco minutos para se refrescar.

Ao voltar para o quarto, deteve-se nua diante do espelho do armário e examinou seu corpo, maravilhada. Ainda pesava quarenta e dois quilos e media quase um metro e cinquenta. Não havia muito que fazer. Tinha membros finos como os de uma boneca, mãos pequenas e quadris acanhados.

Mas tinha seios.

A vida inteira ela fora ridiculamente reta, como se ainda não tivesse entrado na puberdade. Seus mamilos eram pequenos, mas muito normais. O problema é que estavam situados sobre o que

poderia ser descrito, quando muito, como esboços de saliência. Tinham um aspecto absolutamente ridículo e ela sempre achara desagradável se mostrar nua.

E então, de repente, lá estava ela com seios. Não se tratava de melões (o que ela não desejava, e teria ficado ainda mais ridículo no seu corpo miúdo), mas de dois seios redondos e firmes do tamanho de, pelo menos, uma tangerina. A mudança acontecera gradualmente e as proporções eram plausíveis. Uma diferença radical, tanto para o seu aspecto físico como para o seu bem-estar pessoal.

Lisbeth passara cinco semanas numa clínica próxima a Gênova, na Itália, para fazer os implantes que constituíam a base dos seus seios novinhos. Escolhera a clínica e os médicos de melhor reputação na Europa, que normalmente praticavam intervenções por razões clínicas mais do que estéticas. Sua médica, uma mulher de fibra encantadora chamada Alessandra Perrini, concluíra que seus seios eram subdesenvolvidos e que havia justificativas médicas para aceitá-la como paciente.

A cirurgia não tinha sido indolor, mas os seios pareciam naturais, ao olhar e ao toque. Os mamilos estavam tão sensíveis como antes da intervenção, e as cicatrizes, quase invisíveis. Em momento algum se arrependera de sua decisão. Estava satisfeita. Seis meses depois, ainda não conseguia passar nua na frente de um espelho sem se sobressaltar e começar a apalpar os seios. Sentia-os como um aporte à sua qualidade de vida.

Aproveitando sua estada na clínica de Gênova, mandara remover uma de suas nove tatuagens - um marimbondo de dois centímetros no lado direito do pescoço. Gostava de suas tatuagens, principalmente do enorme dragão que se estendia da escápula até a nádega, mas ainda assim decidira livrar-se do marimbondo, ponderando que uma marca tão visível e ostensiva a tornava fácil de identificar e lembrar. Lisbeth Salander não queria ser nem identificada nem lembrada. A tatuagem fora removida a laser e, quando passava o dedo indicador pelo pescoço, podia sentir uma leve cicatriz. Uma inspeção mais aprofundada mostraria que sua pele bronzeada era um tantinho mais clara no local da tatuagem, mas uma olhada rápida nada revelava. Ao todo, sua estada em

Gênova lhe custara o equivalente a cento e noventa mil coroas. Era algo que ela podia se permitir.

Parou de sonhar na frente do espelho e vestiu uma calcinha e um sutiã. Dois dias depois de deixar a clínica de Gênova entrara, pela primeira vez nos seus vinte e cinco anos de vida, numa loja de lingerie e comprara o objeto de que até então nunca tinha precisado. De lá para cá, completara vinte e seis anos e ainda usava aquela peça com certa fascinação.

Enfiou um jeans e uma camiseta preta com os dizeres *Consider this a fair warning.* Pegou as sandálias e o chapéu de palha e pendurou uma sacola de náilon preto no ombro.

Ao dirigir-se para a saída, notou um pequeno grupo de clientes discutindo na recepção. Diminuiu o passo e apurou o ouvido.

—*Just how dangerous is she?* - gritou uma mulher negra com sotaque *british.*

Lisbeth a reconheceu fazia parte de um grupo de veranistas que tinham chegado de Londres dez dias antes.

Freddie McBain, o recepcionista grisalho que invariavelmente brindava Lisbeth Salander com um sorriso simpático, parecia chateado. Explicou que todos os clientes do hotel receberiam instruções e que não havia motivo para se preocupar se todo mundo seguisse essas instruções à risca. Sua resposta foi recebida com uma torrente de perguntas.

Lisbeth Salander franziu o cenho e foi ter com Ella Carmichael atrás do balcão do bar.

—O que está acontecendo? - perguntou, indicando o ajuntamento na recepção.

—Mathilda está ameaçando nos fazer uma visita.

—Mathilda?

—Mathilda é um ciclone que se formou há quinze dias ao largo da costa brasileira e hoje de manhã passou reto por Paramaribo. É a capital do Suriname. Não se sabe muito bem que direção ele vai tomar - provavelmente mais ao norte, rumo aos Estados Unidos. Mas se continuar seguindo a costa no sentido oeste vai topar com Trinidad e Granada no caminho. Ou seja, é possível que a gente pegue vento.

—Pensei que a temporada dos ciclones tivesse acabado.

—E tinha. Em geral, os alertas de ciclone nos chegam em setembro e outubro. Mas o clima anda tão desregulado com essas histórias de efeito estufa que não dá para prever mais nada.

—Entendi. E o Mathilda está previsto para quando?

—Para logo.

—E eu devo estar preparada para quê?

—Lisbeth, com ciclone não se brinca. Tivemos um ciclone nos anos 1970 que causou estragos imensos aqui em Granada. Eu tinha onze anos e morava numa aldeia, lá em cima, para os lados da Lagoa Grande, na estrada de Grenville. Nunca vou esquecer aquela noite.

—Ahã.

—Mas não se preocupe. Fique perto do hotel no sábado. Prepare uma sacola com o que lhe parece indispensável - estou pensando no computador em que vejo você brincando - e esteja pronta para levá-la se vier o aviso de ir para um abrigo. Só isso.

—Está bem, não vou esquecer.

—Quer tomar alguma coisa?

—Não, obrigada.

Lisbeth Salander saiu sem se despedir. Ella Carmichael sorriu resignada. Levara algumas semanas para se acostumar com os modos daquela moça estranha e acabara entendendo que Lisbeth Salander não era arrogante - era simplesmente de outro planeta. Mas pagava o que consumia sem reclamar, mantinha-se mais ou menos sóbria, cuidava da própria vida e nunca causava nenhum problema.

Os transportes coletivos de Granada constituíam-se basicamente de micro-ônibus com uma decoração extravagante que circulavam sem preocupação com horário ou outras formalidades. Ainda assim, asseguravam trajetos regulares durante o dia. Em compensação, depois que anoitecia era praticamente impossível se deslocar quando não se dispunha de um carro.

Lisbeth Salander não esperou mais que um minuto na estrada para São Jorge até um ônibus parar. O motorista era rastafári e as caixas de som tocavam “No Woman, no Cry” a todo volume. Ela tapou os ouvidos, pagou o seu dólar e se meteu no ônibus entre

uma senhora robusta de cabelos grisalhos e dois meninos de uniforme escolar.

São Jorge situava-se numa baía em forma de U que constituía *the Carenage.* Ao redor do porto erguiam-se colinas escarpadas com edifícios, antigas construções coloniais e uma fortaleza, o Forte Rupert, na ponta do promontório à beira de uma falésia.

São Jorge era uma cidade extremamente compacta e densa, com ruas estreitas e inúmeras vielas. As casas iam subindo pelas colinas e quase não existiam superfícies planas, com exceção de um campo de críquete que também fazia às vezes de hipódromo, na orla norte da cidade.

Ela desceu do ônibus no meio do porto e foi a pé até a MacIntyre's Electronics, no alto de uma pequena ladeira de matar. Quase todos os produtos vendidos em Granada eram importados dos Estados Unidos ou da Inglaterra e, consequentemente, custavam duas vezes mais que em qualquer outro lugar, mas em compensação a loja dispunha de ar-condicionado.

Chegara, finalmente, a bateria que ela tinha encomendado para o seu Apple PowerBook G4 titanium com tela de dezessete polegadas. Ela comprara em Miami um computador de mão Palm, fácil de carregar na sacola, com o qual podia consultar seu correio eletrônico; ele a dispensava de andar com o Powerbook, mas era um substituto medíocre para a tela de dezessete polegadas. A bateria original estava começando a enfraquecer e só aguentava meia hora, o que era realmente um saco quando ela queria ficar à beira da piscina, e também considerando-se que o fornecimento de energia de Granada deixava um pouco a desejar. Nas semanas em que estivera ali, faltara luz duas vezes e por um período bastante longo. Pagou com um cartão de crédito da Wasp Enterprises, pôs a bateria na sacola e tornou a sair ao sol do meio-dia.

Passou no Barclays Bank e sacou trezentos dólares, depois foi ao mercado comprar cenouras, seis mangas e um litro e meio de água mineral. A sacola começou a pesar e, quando voltou ao porto, estava com fome e sede. De início, pensou no Nutmeg, mas o restaurante parecia ter sofrido uma invasão. Seguiu até o Turtleback, mais tranquilo, na extremidade do porto, acomodou-se na esplanada e pediu um prato de lula com batatas *sautées* e uma

garrafa de Carib, a cerveja local. Pegou um exemplar abandonado do *Grenadian Voice* e percorreu-o por uns dois minutos. O único artigo mais interessante exagerava a possível passagem do Mathilda. O texto era ilustrado com a foto de uma casa destruída, recordação dos prejuízos causados pelo último grande ciclone que devastara o país.

Dobrou o jornal, tomou um gole de Carib no gargalo, recostou-se na cadeira e viu o homem do quarto 32 vindo do bar em direção à esplanada. Trazia a pasta de couro marrom numa mão e um copo grande de Coca-Cola na outra. Seus olhos passaram por ela sem reconhecê-la, e ele foi sentar-se na extremidade oposta do terraço, de onde ficou contemplando a água em frente ao restaurante.

Lisbeth Salander ergueu uma sobrancelha e pôs-se a examinar o homem, que ela via de perfil. Ele parecia totalmente alheio, e permaneceu imóvel durante sete minutos. Então de repente ergueu o copo e tomou três goles grandes. Descansou o copo sobre a mesa e voltou a contemplar a água. Instantes depois, Lisbeth abriu a sacola e pegou o *Dimensions in Mathemathics.*

Ela sempre tinha adorado quebra-cabeças e enigmas. Aos nove anos, ganhara um cubo mágico da mãe. O objeto desafiara seu senso de lógica por quarenta minutos, até ela entender seu funcionamento. Depois disso, não fora difícil solucioná-lo. Nunca tinha errado uma resposta nos testes de inteligência dos jornais; por exemplo, cinco figuras com formas esquisitas, faltando assinalar que forma teria a sexta figura. Para ela a resposta era sempre óbvia.

Na escola primária, aprendera a somar e subtrair. Multiplicação, divisão e geometria eram um prolongamento natural. Sabia somar de cabeça a conta de um restaurante, preencher uma fatura e calcular a trajetória de um obus de artilharia lançado de um determinado ângulo a uma determinada velocidade. Eram coisas óbvias. Antes de ler o artigo na *Popular Science,* nunca fora fascinada por matemática, nem sequer considerava a tabuada de multiplicação como matemática. Era algo que ela havia decorado certa tarde na escola, e não conseguia entender por que o professor ficava reprisando aquilo o ano inteiro.

De repente, percebera a lógica implacável que necessariamente existia por trás dos raciocínios e fórmulas

apresentadas, o que a conduzira às prateleiras de matemática das livrarias. Mas quando abriu o *Dimensions in Mathematics,* um mundo totalmente novo descortinou-se diante dela. A matemática, na verdade, era um quebra-cabeça lógico com variações ao infinito - enigmas possíveis de solucionar. O interessante não era resolver contas. Cinco vezes cinco sempre dava vinte e cinco. O interessante era tentar compreender a composição das regras que possibilitavam resolver qualquer problema matemático.

Dimensions in Mathematics não era estritamente um manual de matemática, e sim a versão de bolso de um tijolão de mil e duzentas páginas sobre a história da matemática desde a Antiguidade grega até as tentativas contemporâneas de dominar a astronomia esférica. Era considerado uma bíblia, comparável ao que um dia representara, e ainda representava para os matemáticos sérios, o *Aritmética* de Diofante. A primeira vez que abrira o *Dimensions fora* na esplanada do hotel da praia de Angra Grande, e se vira de repente num mundo encantado dos números, num livro escrito por um autor que não só era um bom pedagogo como sabia surpreender o leitor com anedotas e problemas desconcertantes. Conseguira acompanhar a evolução da matemática de Arquimedes até os contemporâneos Jet Propulsion Laboratories da Califórnia. Compreendia seus métodos para solucionar os problemas.

Vivenciara o encontro com o teorema de Pitágoras ($x^2 + y^2 - z^2$), formulado cerca de quinhentos anos a. C, como uma espécie de revelação. De repente, compreendera o significado do que havia decorado na escola, numa das raras aulas a que havia assistido. *Num triângulo retângulo, o quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos lados do ângulo reto.* Estava fascinada pela descoberta de Euclides por volta de 300 a. C, enunciando que *um número perfeito é sempre múltiplo de dois números, sendo um deles uma potência de 2 e o outro o mesmo número na potência seguinte de 2 menos 1.* Era um aperfeiçoamento do teorema de Pitágoras e ela compreendia a infinidade de combinações possíveis.

$6 = 2^1 \times (2^2 - 1)$ $28 = 2^2 \times (2^3 - 1)$ $496 = 2^4 \times (2^5 - 1)$ $8.128 = 2^6 \times (2^7 - 1)$

Ela podia continuar indefinidamente sem achar um só número que atentasse contra a regra. Havia nisso uma lógica que agradava

ao senso de absoluto de Lisbeth Salander. Rapidamente, e com um prazer manifesto, ela assimilara Arquimedes, Newton, Martin Gardner e mais uma dúzia de matemáticos clássicos.

Então chegara ao capítulo de Pierre de Fermat, cujo enigma matemático, o teorema de Fermat, a desconcertara por sete semanas. Um prazo até razoável, considerando-se que Fermat levara alguns matemáticos à loucura por quase quatro séculos, até que um inglês chamado Andrew Wiles conseguisse, e isso apenas em 1993, resolver o quebra-cabeça.

O teorema de Fermat era um postulado de uma simplicidade enganosa.

Pierre de Fermat nasceu em 1601 em Beaumont-de-Lomagne no sudoeste da França. Por ironia da história, ele não era sequer matemático, e sim um magistrado que se dedicava à matemática como uma espécie de excêntrico passatempo. Ainda assim, era considerado um dos mais talentosos matemáticos autodidatas de todos os tempos. Tal como Lisbeth Salander, gostava de resolver quebra-cabeças e enigmas. O que parecia diverti-lo mais que tudo era debochar de outros matemáticos elaborando problemas sem se dar ao trabalho de oferecer a solução. O filósofo René Descartes qualificou Fermat com uma série de epítetos degradantes, ao passo que seu colega inglês John Wallis o chamava de “esse maldito francês”.

Nos anos 1630, foi publicada uma tradução francesa do *Aritmética* de Diofante, que reunia todas as teorias formuladas por Pitágoras, Euclides e outros matemáticos da Antiguidade. Foi trabalhando no teorema de Pitágoras que Fermat, num *insight* genial, propôs seu problema imortal. Formulou uma variante do teorema de Pitágoras. Em vez de ($x^2 + y^2 = z^2$), Fermat transformou o quadrado em cubo ($x^3 + y^3 = z^3$).

O problema era que a nova equação não parecia ter solução com números inteiros. Assim, mediante uma pequena modificação teórica, Fermat tinha transformado uma fórmula que propunha um número infinito de soluções perfeitas num impasse sem solução nenhuma. Seu teorema era exatamente isto - Fermat afirmava que em lugar nenhum do universo infinito dos números existia um número inteiro em que o cubo pudesse se expressar como sendo a

soma de dois cubos, e que essa era a regra para todos os números com potência superior a 2, ou seja, justamente, o teorema de Pitágoras.

Os demais matemáticos logo concordaram. Recorrendo ao método da tentativa e erro, constataram que não encontravam nenhum número que refutasse a afirmação de Fermat. O único problema era que, mesmo que ficassem fazendo cálculos até o final dos tempos, não conseguiriam verificar todos os números existentes, de modo que os matemáticos não podiam afirmar que o próximo número não iria invalidar o teorema de Fermat. Em matemática, com efeito, as afirmações precisam ser matematicamente demonstráveis e se expressar por uma fórmula genérica e cientificamente correta. O matemático deve ser capaz de subir numa tribuna e pronunciar as palavras “é assim porque...”.

Fermat, como era de seu feitio, zombou dos colegas. Nas margens do seu exemplar de *Aritmética,* o gênio rabiscou algumas hipóteses, concluindo com as seguintes linhas: *Cuius rei demonstrationem mirabilem sane detexihanc marginis exiquitas non caperet.* Ou seja: *Descobri uma demonstração maravilhosa. Não cabe na estreiteza desta margem.*

Se sua *intenção* era enlouquecer seus colegas, conseguiu. Desde 1637, praticamente todos os matemáticos que se respeitam dedicaram tempo, e às vezes muito tempo, tentando demonstrar a conjectura de Fermat. Gerações de pensadores quebraram a cara até que em 1993 Andrew Wiles realizasse a demonstração que todos *esperavam*. Fazia vinte e cinco anos que ele vinha refletindo sobre o enigma, e nos últimos dez, quase que em tempo integral. Lisbeth Salander estava absolutamente perplexa.

Na *verdade*, a resposta não a interessava nem um pouco. A busca da solução é que a mantinha em suspense. Quando lhe propunham um enigma, ela o resolvia. Levava um tempo elucidando os mistérios matemáticos até compreender o princípio dos raciocínios, mas sempre chegava à solução certa antes de conferir a resposta.

Assim é que, depois de ler o teorema de Fermat, pegara um papel e se pusera a rabiscar uns números. Com certa surpresa, não conseguira decifrar o enigma.

Proibindo a si mesma de olhar a resposta, pulou o trecho que oferecia a solução de Andrew Wiles. Ao invés, terminou a leitura de *Dimensions* e constatou que nenhum dos demais problemas formulados no livro oferecia alguma dificuldade especial. Depois disso, dia após dia, debruçou-se sobre o enigma de Fermat com uma irritação crescente, perguntando-se que "demonstração maravilhosa" Fermat teria encontrado. Atolava o tempo todo em novos impasses.

Ergueu os olhos quando, de súbito, o homem do quarto 32 se levantou e dirigiu-se para a saída. Consultou o relógio e reparou que o homem ficara sentado sem se mexer por duas horas e dez minutos. Franziu o cenho e, pensativa, ficou olhando enquanto ele se afastava.

Ella Carmichael pôs o copo sobre o balcão diante de Lisbeth Salander, concluindo que os drinques cor-de-rosa com sombrinhas ridículas definitivamente não eram a praia daquela garota. Lisbeth Salander sempre pedia a mesma coisa - uma cuba-libre. Certa noite, Salander exagerara um pouco na cerveja e Ella precisou pedir a um funcionário que a levasse para o quarto. Afora esta única vez, seu consumo normal se resumia a *caffè latte,* algumas cubas-libres e a Carib local. Como de costume, ela se sentou sozinha na ponta direita do bar e abriu um livro cheio de estranhas fórmulas matemáticas, o que, na opinião de Ella Carmichael, era uma curiosa escolha literária para uma moça solteira da idade dela.

Constatou também que Lisbeth Salander não parecia nem um pouco interessada em paquerar. Os poucos caras que tinham feito uma tentativa foram gentil, mas firmemente repelidos, um deles sofrendo algumas perdas e danos. O tal Chris MacAllen que Lisbeth mandara às favas com aspereza era, diga-se, um vagabundo da região que merecia se dar mal. Ella Carmichael não ficara muito surpresa ao vê-lo tropeçar inexplicavelmente e cair na piscina depois de ter tentado cantar Lisbeth Salander a noite inteira. Em favor de MacAllen, era preciso dizer que ele não era rancoroso. Voltara na noite seguinte, sóbrio, e oferecera a Salander uma cerveja que ela aceitara depois de uma breve hesitação. Desde então, cumprimentavam-se educadamente quando se cruzavam no bar.

—Está tudo bem? - perguntou Ella.

Lisbeth Salander assentiu com a cabeça e pegou o copo.

—Novidades sobre o Mathilda? - ela perguntou.

—Continua vindo em nossa direção. Pode ser que a gente tenha um fim de semana movimentado.

—Quando vamos saber?

—Na verdade, só depois que ele passar. Pode vir direto sobre Granada e resolver bifurcar para o norte na última hora. Os ciclones são assim, vão e vêm. No mais das vezes, passam ao largo - felizmente, senão não haveria mais ilha. Mas não se preocupe.

—Não estou preocupada.

Súbito, ouviram uma risada meio forçada e voltaram-se para a mulher do quarto 32, aparentemente encantada com alguma coisa que o marido lhe contava.

—Quem é?

—O doutor Forbes? São uns americanos de Austin, no Texas.

Ella Carmichael pronunciou a palavra “americanos” com evidente desgosto.

—Eu sei que eles são americanos. O que estão fazendo aqui? Ele é médico?

—Não, não esse tipo de doutor. Está aqui por causa da Fundação Santa Maria.

—O que é isso?

—Eles financiam os estudos de crianças superdotadas. Um homem bacana, esse doutor. Está em negociações com o Ministério da Educação para a construção de um novo colégio em São Jorge.

—Um homem bacana, mas que bate na mulher - disse Lisbeth Salander.

Ella Carmichael não respondeu e lançou um olhar atento a Lisbeth. Depois meneou a cabeça e foi até o outro lado do bar servir umas Carib a alguns clientes locais.

Lisbeth ficou cerca de dez minutos no bar, o nariz enfiado no *Dimensions.* Antes mesmo de chegar à adolescência, compreendera que era dotada de memória fotográfica e era consequentemente, diferente de seus colegas de sala. Nunca revelara essa singularidade a ninguém - a não ser a Mikael Blomkvist, num momento de fraqueza. Já sabia de cor o texto do

Dimensions e continuava levando o livro a toda parte principalmente porque constituía um vínculo visual com Fermat, como se o livro tivesse virado um talismã.

Mas naquela noite não conseguia focar os pensamentos nem em Fermat nem em seu teorema. Vinha-lhe o tempo todo à cabeça a imagem do Dr. Forbes imóvel, o olhar fixo num ponto da baía de Carenage.

Não sabia explicar por que aquilo a incomodava tanto.

Por fim, fechou o livro, subiu até seu quarto e ligou o Powerbook. Nem pensar em navegar na internet. O hotel não dispunha de ADSL, mas Lisbeth tinha um modem interno que podia ser ligado ao celular, o que lhe permitia mandar e receber e-mails. Redigiu uma mensagem breve endereçada a praga_xyz_666@hotmail.com:

[Sem ADSL. Preciso informações sobre um tal dr. Forbes da Fundação Santa Maria, e a mulher dele, domiciliados em Austin, Texas. 500 dólares a quem fizer a *research* pra mim. Wasp.]

Anexou sua chave PGP oficial, criptografou o e-mail com a chave PGP de Praga e clicou em Enviar. Então viu as horas e constatou que passava um pouco das sete e meia.

Desligou o computador, trancou a porta do quarto a chave, percorreu quatrocentos metros até a praia, atravessou a estrada de São Jorge e foi bater na porta do galpão atrás do Coconut. George Bland tinha dezesseis anos, estudava em São Jorge. Queria ser médico ou advogado, ou quem sabe astronauta, e era mais ou menos tão magrela quanto Lisbeth Salander e não muito mais alto que ela.

Lisbeth conhecera George Bland na praia, na sua primeira semana em Granada e um dia depois de chegar a Angra Grande. Dera um longo passeio na praia e estava sentada à sombra de umas palmeiras, olhando as crianças que jogavam futebol à beira d'água. Abrira o *Dimensions* e estava mergulhada na leitura, quando ele viera sentar-se poucos metros à sua frente, aparentemente sem reparar em sua presença. Ela o observou em silêncio. Um jovem negro de sandálias, calça preta e camisa branca.

Como ela, estava com um livro aberto, mergulhado na leitura. Como ela, estudava um livro de matemática - *Basics 4.*

Aparentemente concentrado no assunto, começou a rabiscar as páginas de um caderno. Só ao cabo de cinco minutos, quando ela deu uma tossidinha, ele reparou na sua presença e sobressaltou-se, assustado. Desculpou-se por estar incomodando e estava para ir embora quando ela perguntou se ele achava matemática difícil.

Algebra. Em poucos segundos, ela sublinhou um erro fundamental no cálculo dele. Meia hora depois, eles tinham terminado a tarefa. Uma hora depois, tinham percorrido o capítulo seguinte e ela lhe explicara com muita pedagogia as artimanhas das operações. Ele a contemplara com veneração. Duas horas depois, ele contara que sua mãe morava no Canadá, em Toronto, que seu pai morava em Grenville, do outro lado da ilha, e que ele próprio vivia num galpão atrás do Coconut, mais adiante na praia. Era o caçula da família, com três irmãs mais velhas.

Lisbeth Salander achou a companhia dele surpreendentemente relaxante. A situação era inusitada. Ela raras vezes, para não dizer nunca, entabulava conversa com outras pessoas para um simples bate-papo. Não se tratava de timidez. Para ela, as conversas tinham uma função prática: onde é que eu posso encontrar uma farmácia ou quanto custa o quarto? A função de uma conversa também tinha a ver com trabalho. Quando trabalhava para Dragan Armanskij como investigadora na Milton Security, não tivera o menor problema em manter conversas delirantes a fim de obter informações.

Em contrapartida, detestava conversas pessoais que sempre desandavam numa averiguação em regra do que ela julgava pertencer ao âmbito do privado.

—Que idade você tem?

—Adivinha.

—Você acha a Britney Spears legal?

—Quem é essa?

—Você gosta dos desenhos de Carl Larsson?

—Nunca parei para pensar no assunto

—Você é lésbica?

—Vá se catar!

George Bland era desajeitado e ao mesmo tempo seguro de si, e como era também educado tentou manter uma conversa inteligente sem entrar em competição com ela nem investigar sua

vida privada. Como ela, parecia sozinho. Dava a impressão de simplesmente aceitar o fato de uma deusa da matemática ter surgido na praia de Angra Grande, e parecia satisfeito que ela se dignasse a fazer-lhe companhia. Depois de muitas horas na praia, quando o sol se aproximava do horizonte, levantaram-se para ir embora. Ele a acompanhou até o hotel, e no caminho mostrou o barraco que lhe fazia às vezes de quarto de estudante, perguntando se podia lhe oferecer um chá. Ela aceitou o que pareceu surpreendê-lo.

Sua habitação era das mais simples: um galpão com uma mesa em mau estado, dois caixotes, uma cama e um guarda-roupa. A iluminação consistia numa pequena luminária de mesa ligada a um fio puxado do Coconut. O fogão era um fogareiro de camping. Ele ofereceu arroz com legumes, que serviu em pratos plásticos de camping. Também a convidou a fumar uma substância ilegal da região, e ela aceitou.

Não era nada difícil para Lisbeth perceber que sua presença o perturbava e que ele não sabia como se comportar. Num impulso, decidiu deixar que ele a seduzisse, o que se revelou um processo penoso e complicado. Ele captara os sinais, mas não tinha a mais vaga idéia de que atitude devia tomar. Ficou enrolando, com uma frustração evidente, até que ela perdeu a paciência, derrubou-o na cama com determinação e tirou a regata.

Era a primeira vez que ela se mostrava nua para alguém desde a cirurgia. Quando saíra da clínica com seus seios novos, a sensação tinha a ver com pânico, e precisara de algum tempo até perceber que ninguém estava olhando para ela. A Lisbeth Salander que normalmente não estava nem aí para o que os outros pensavam a seu respeito parecia um tanto acanhada naquele dia.

Consciente de que cedo ou tarde teria de dar aquele passo, acolhera George Bland como uma estreia perfeita, mesmo sendo ele de uma timidez alarmante. Depois de conseguir tirar seu sutiã (não sem uma certa dose de incentivo), apagara a lâmpada junto da cama antes de tirar a roupa. Lisbeth tornou a acendê-la. Observara atentamente as suas reações enquanto ele a tocava sem jeito. Só muito depois conseguiu relaxar e constatar que ele considerava

seus seios absolutamente naturais. Embora ele talvez não tivesse visto muitos seios de mulher.

Ela não tivera nenhuma intenção de encontrar um amante adolescente em Granada. Acontecera num impulso e, quando ela o deixou, tarde da noite, não cogitava revê-lo. Mas já no dia seguinte cruzou novamente com ele na praia e se deu conta de que aquele jovem noviço era uma companhia agradável. Nessas sete semanas que passara em Granada, George Bland se tornara se não um elemento estável, pelo menos um elemento da sua existência. Constatou que, quando passeavam juntos, deviam parecer dois adolescentes. *Sweet sixteen.*

Ele provavelmente devia achar que a vida se tornara mais interessante. Tinha encontrado uma mulher que lhe dava aulas de matemática e erotismo. Ele abriu a porta e dirigiu-lhe um sorriso maravilhado. —Quer companhia? - ela perguntou.

Lisbeth Salander deixou um George Bland bobo de satisfação pouco depois das duas da manhã. Ela própria experimentava uma sensação de calor no corpo e preferiu seguir pela praia, em vez de pela estrada, para voltar ao Keys Hotel. Caminhava sozinha no escuro, sabendo muito bem que George Bland a seguia uns cem metros mais atrás.

Ele sempre fazia isso. Ela nunca ficara para dormir na casa dele. George protestava com veemência à mera idéia de uma mulher andar sozinha à noite para voltar ao hotel. Ele insistia que seu dever era acompanhá-la até lá. Principalmente porque, muitas vezes, já era tarde da noite. Lisbeth Salander escutava com atenção seus argumentos antes de interromper a conversa com um simples não. *Vou aonde eu quiser e quando eu quiser.* End of discussion. E *não, não quero ser escoltada.* Na primeira vez que percebeu que ele a seguia, ficou tremendamente irritada, até compreender que aquilo fazia parte do caráter de George Bland. Agora até via um certo charme nesse instinto protetor e fingia ignorar sua presença logo atrás dela, sabendo que ele só voltaria para casa depois de vê-la entrar no hotel.

Perguntava-se o que ele faria se ela fosse atacada de repente.

Quanto a ela, pretendia usar o martelo que comprara no departamento de ferragens da MacIntyre e que carregava no bolso

externo da sacola. Segundo Lisbeth Salander, eram poucas as situações de perigo que um bom e velho martelo não pudesse resolver.

Apesar de uma lua crescente muito brilhante, o céu resplandecia de estrelas. Ela ergueu os olhos e reconheceu Régulus, da constelação de Leão. Estava quase chegando ao hotel quando estacou de súbito. Acabava de avistar um vulto na praia, à beira d'água, pertinho do hotel. Era a primeira vez que via alguém na praia depois do anoitecer. Uns cem metros os separavam, mas Lisbeth reconheceu facilmente o indivíduo.

Era o distinto Dr. Forbes, do quarto 32.

Recuou rapidamente alguns passos e se escondeu entre algumas árvores. Quando se virou para conferir, percebeu que George Bland também se escondera. O homem à beira d'água andava para lá e para cá devagarinho. Fumava um cigarro. Detinha-se regularmente e se inclinava à frente como que examinando a areia. Aquela pantomima prosseguiu durante uns vinte minutos, quando de repente ele deu meia-volta, retornou à porta do hotel que dava para a praia, e entrou.

Lisbeth esperou um minuto, cenho franzido, antes de ir até o local onde o homem do quarto 32 estivera. Devagar, descreveu um semicírculo e observou o solo. Só o que viu foi areia, alguns pedregulhos e conchas. Ao fim de dois minutos, interrompeu sua inspeção, perplexa, e subiu em direção ao hotel.

Saiu para a sacada de seu quarto, debruçou-se na balaustrada e observou a sacada dos vizinhos. Tudo calmo e tranqüilo. Aparentemente, a briga daquela noite já terminara. Instantes depois foi buscar sua sacola, pegou papel e enrolou um baseado com a provisão que George Bland lhe fornecera. Sentou-se numa cadeira da sacada e contemplou a água escura do mar do Caribe, fumando e refletindo.

E de repente teve a impressão de abrigar dentro de si um sistema de alerta cujas luzes vermelhas estavam piscando.

2 - SEXTA-FEIRA 17 DE DEZEMBRO

Nils Erik Bjurman, advogado, cinquenta e cinco anos, largou a xícara e café e contemplou a multidão que passava em frente ao café Hedon, na Praça de Stureplan. Seus olhos acompanhavam o fluxo dos transeuntes sem observar ninguém em particular.

Estava pensando em Lisbeth Salander. Pensava frequentemente em Lisbeth Salander.

Pensar nela punha seu sangue em ebulição.

Ele a odiava com a intensidade máxima do seu registro emocional. Lisbeth Salander o aniquilara. Ele jamais esqueceria aquele momento. Ela assumira as rédeas e o humilhara. Ela o maltratara de tal forma que subsistiam em seu corpo marcas indeléveis. Mais especificamente, elas ocupavam vinte centímetros quadrados de sua barriga até logo acima dos órgãos sexuais. Ela o amarrara em sua própria cama, o torturara e tatuara uma mensagem sobre cujo sentido ninguém poderia ter nenhuma dúvida e que seria muito difícil de apagar:

SOU UM PORCO SÁDICO, UM CANALHA ESTUPRADOR

Que o conteúdo da mensagem fosse absolutamente verídico, não contava. O ódio de Bjurman não era racional.

Lisbeth Salander fora declarada juridicamente irresponsável pelo tribunal de primeira instância de Estocolmo. Bjurman fora designado seu tutor, o que a deixava em situação de total dependência em relação a ele. Desde a primeira vez que encontrara Lisbeth Salander, começara a tecer fantasias com ela. Não sabia explicar o porquê, mas ela lhe suscitava esse tipo de comportamento. Ele se aproveitara de sua posição para violentá-la.

Do ponto de vista puramente intelectual, o Dr. Nils Bjurman sabia que o ato que cometera não era socialmente aceitável nem permitido. Sabia que agira mal. Sabia também que, em termos jurídicos, seus atos eram indefensáveis e passíveis de vários anos de prisão.

Do ponto de vista emocional, todo aquele saber intelectual não tinha muito peso. Só servia para reconhecer a gravidade dos seus atos e aceitar que não havia justificativa para eles. A partir do

momento em que conhecera Lisbeth Salander dois anos antes, num mês de dezembro, soubera que ela era o seu joguete. As leis, as regras, a moral e a responsabilidade não vinham absolutamente ao caso.

Aquela moça era esquisita - adulta, mas com uma aparência tal que podia ser confundida com uma menor. Ele detinha o controle da vida dela - podia dispor de Lisbeth Salander. Era perfeito.

Ela fora declarada maior de idade incapaz e sua biografia, sob a forma de registros médicos, a transformava numa criatura sem credibilidade, caso lhe ocorresse à idéia de protestar. Também não se tratava do estupro de uma menina inocente - seu dossiê indicava que ela tivera uma porção de experiências sexuais e podia inclusive ser considerada como uma pessoa de hábitos dissolutos. O relatório de um assistente social revelava que aos dezessete anos Lisbeth provavelmente oferecia serviços sexuais mediante pagamento. O que originara esse relatório fora a notificação de uma patrulha policial que avistara um notório depravado na companhia de uma moça num banco do parque de Tantolunden. A viatura parou e os policiais interpelaram o casal; a moça se negou a responder às perguntas e o sujeito estava bêbado demais para dar uma explicação coerente sobre o que eles estavam aprontando.

Para o Dr. Bjurman, a conclusão se impunha: Lisbeth era uma puta de baixa categoria. Estava em seu poder. Não havia o menor risco. Mesmo que ela protestasse junto à Comissão de Tutelas, ele poderia se apoiar em sua própria credibilidade e méritos para descartá-la enquanto mentirosa descarada.

Ela era o brinquedinho ideal - adulta, depravada, socialmente incompetente e entregue ao seu bel-prazer.

Era a primeira vez que ele se aproveitava de um cliente. Antes disso, nunca cogitara tirar vantagem de alguém com quem mantivesse relações profissionais. Para dar vazão a suas exigências peculiares em matéria de jogos sexuais, sempre recorrera a prostitutas. Era discreto e prudente e nunca economizara no preço; o único problema é que as prostitutas não o satisfaziam. Elas representavam, faziam de conta. Ele remunerava uma mulher que gemia, gritava e encenava um papel, mas aquilo era tão falso quanto uma imitação desastrosa do quadro de um mestre.

Ele tentara dominar sua mulher na época em que era casado, e acabara igualmente insatisfeito. Ela consentia, mas também nesse caso tudo não passava de encenação.

Lisbeth Salander era a pessoa ideal. Estava indefesa. Não tinha família nem amigos. Era a legítima vítima, totalmente vulnerável. A ocasião faz o ladrão.

E *então, de repente, ela o aniquilara.*

Ela revidara com uma força e uma resolução de que ele jamais teria suspeitado. Ela o humilhara. Ela o torturara. Ela praticamente o destruíra.

Durante os quase dois anos que haviam se passado, a vida de Nils Bjurman sofrera uma mudança radical. Nos primeiros tempos após a visita de Lisbeth Salander a seu apartamento naquela noite, ele ficara paralisado - incapaz de pensar ou agir. Trancara-se em casa, sem atender ao telefone e sem disposição para manter contato com seus clientes habituais. Depois de duas semanas, pedira uma licença médica. Sua secretária cuidava da correspondência no escritório, desmarcava os compromissos e procurava responder às perguntas dos clientes irritados.

Todos os dias era obrigado a contemplar seu corpo no espelho da porta do banheiro. Por fim, havia tirado o espelho.

Só voltara ao escritório no início do verão. Selecionara alguns poucos clientes, encaminhando a maioria para colegas seus. Só ficou com as empresas para as quais fazia correspondências jurídicas, mas com as quais não precisava se envolver. A única cliente ativa que lhe restava era Lisbeth Salander - todo mês ele preparava um balanço financeiro e um relatório para a Comissão de Tutelas. Fazia exatamente o que ela mandara - os relatórios eram pura invenção e determinavam que de modo algum ela precisava de um tutor.

Cada relatório vinha dolorosamente lembrá-lo da existência de Lisbeth Salander, mas ele não tinha escolha.

Bjurman passara o verão e o outono numa ruminação que o impedia totalmente de agir. Em dezembro, enfim recomposto, comprou uma passagem de avião para a França. Marcara uma consulta numa clínica perto de Marselha que descobrira pela

internet e foi consultar um cirurgião sobre a possibilidade de retirar a tatuagem.

O médico, estupefato, examinou sua barriga mutilada. Por fim, propôs um tratamento. O método mais simples seriam sessões de laser, mas a tatuagem era tão extensa e a agulha fora tão profundamente plantada que o único método realista talvez fosse uma série de transplantes de pele. Era caro e levaria tempo.

Nesses dois anos, ele só se encontrara uma vez com Lisbeth Salander.

Na noite em que o havia atacado e se apossara das rédeas de sua vida, ela se apropriara igualmente de uma cópia das chaves do seu escritório e do apartamento. Dissera que pretendia vigiá-lo e visitá-lo quando ele menos esperasse. Dez meses depois, ele já quase começava a acreditar que não passara de uma ameaça à toa, mas não se atreveu a trocar as fechaduras. A ameaça fora explícita - se ela o pegasse com alguma mulher na cama, tornaria pública a gravação de noventa minutos que o mostrava violentando-a da maneira mais brutal. Então, certa noite de meados de janeiro do ano anterior, ele acordara de repente às três da manhã. Não sabia o que o tinha feito acordar, acendeu a lâmpada de cabeceira e por pouco não urrou de terror quando a viu ali parada ao pé da cama. Era como um fantasma materializado em seu quarto. Seu rosto estava pálido e inexpressivo. Na mão, segurava aquele maldito cacetete elétrico. Ela o contemplou em silêncio por vários minutos.

—Bom dia, doutor Bjurman - acabou dizendo. —Lamento tê-lo acordado desta vez.

Meu Deus, isso significa que então ela já veio outras vezes? E *eu estava dormindo.*

Ele não conseguia definir se ela estava blefando ou não. Nils Bjurman limpou a garganta e abriu a boca. Ela o interrompeu com um gesto.

—Eu te acordei por um único motivo. Vou viajar em breve, e por um bom tempo. Você vai continuar redigindo os relatórios mensais, contando como estou indo bem, só que em vez de postar uma cópia para o meu endereço, vai mandar para um endereço do hotmail.

Ela tirou do bolso um papel dobrado ao meio e o deixou em cima da cama.

—Se a Comissão de Tutelas quiser entrar em contato comigo, ou se qualquer outra coisa exigir a minha presença escreva um e-mail para este endereço. Entendeu?

Ele fez que sim com a cabeça.

—Entendi...

—Cala a boca. Não quero ouvir a sua voz.

Ele cerrou os dentes. Nunca se atrevera a entrar em contato com ela, já que ela o tinha expressamente proibido. Caso a contatasse, ela mandaria o vídeo às autoridades. Em vez disso, ficara meses cogitando no que lhe diria quando ela fizesse contato. Compreendera que não tinha argumento para justificar o que tinha feito. Só lhe restava apelar para a generosidade dela. Se ao menos Lisbeth lhe desse a oportunidade de falar, ele poderia convencê-la de que agira em estado de desatino passageiro - que se arrependia e queria se redimir. Concordaria em rastejar na poeira para amansá-la e desativar a ameaça que ela representava.

—Preciso falar com você - ele ensaiou, com uma voz patética. —Queria pedir que me perdoasse...

Ela recebeu seu surpreendente pedido com olhos inquiridores. Por fim, inclinou-se sobre a travessa inferior da cama e desfechou-lhe um olhar cruel.

—Escute aqui, seu gordo nojento: você é um lixo. Nunca vou te perdoar. Mas se você se comportar direitinho, vou te deixar em paz no dia em que revogarem a minha tutela.

Ela esperou até ele abaixar os olhos. *Ela está me obrigando a rastejar.*

—O que eu disse um ano atrás continua em vigor. Se você bobear, eu divulgo o vídeo. Se entrar em contato comigo de um jeito diferente do que eu determinei, eu divulgo o vídeo. Se eu por acaso morrer num acidente, o vídeo será divulgado. Se você encostar em mim de novo, eu te mato.

Ele acreditou. Não havia espaço para dúvidas nem negociações.

—Outra coisa. No dia em que eu te deixar ir embora, você faz o que quiser. Mas até lá, não vai pôr os pés nessa clínica de cirurgia estética em Marselha. Se você voltar lá e começar um tratamento, eu faço outra tatuagem em você. E desta vez na testa.

Puta merda. Como é que ela soube de Marselha?

No instante seguinte, ela tinha desaparecido. Ele ouviu um cliquezinho quando ela girou a chave na porta de entrada. Era realmente como se tivesse recebido a visita de um fantasma.

Desde então, passara a odiar Lisbeth Salander com uma intensidade que flamejava em sua mente feito aço em brasa e transformava a sua existência numa insana ânsia de acabar com ela. Fantasiava sobre a morte dela. Imaginava que a forçava a rastejar para implorar o seu perdão. Ele seria impiedoso. Sonhava em lhe pôr as mãos em volta do pescoço e apertar até ela sufocar. Queria arrancar-lhe os olhos das órbitas e o coração da caixa torácica. Queria eliminá-la da superfície da terra.

Paradoxalmente, foi também nesse momento que ele sentiu que voltava a funcionar e recobrava um estranho equilíbrio mental. Sabia que estava obcecado por Lisbeth Salander e focava na existência dela cada minuto que passava acordado. Mas descobriu que voltara a pensar de forma racional. Para conseguir acabar com ela, precisava reassumir as rédeas de sua mente. Sua vida voltou a ter um objetivo.

Naquele dia, parou de fantasiar sobre a morte dela e começou a planejá-la.

Mikael Blomkvist passou a menos de dois metros atrás do Dr. Nils Bjurman quando, no café Hedon, ziguezagueou com dois copos quentíssimos de *caffè latte* nas mãos até chegar à mesa de Erika Berger, diretora da *Millennium.* Nem ele nem Erika nunca tinham ouvido falar no Dr. Nils Bjurman e não repararam nele.

Erika franziu o nariz e afastou um cinzeiro para dar espaço aos copos.

Mikael pendurou o paletó no encosto da cadeira, puxou o cinzeiro para o seu lado da mesa e acendeu um cigarro. Erika detestava fumaça de cigarro e olhou para ele com uma expressão desolada. Ele soprou a fumaça para o lado, como que se desculpando.

—Achei que você tivesse parado.

—Recaída temporária.

—Vou parar de dormir com homens que cheiram a fumaça - ela disse, com um sorriso adorável.

—No *problem.* Existe um monte de mulheres que não são tão exigentes - disse Mikael, retribuindo o sorriso.

Erika Berger ergueu os olhos para o alto.

—Qual é o problema? Tenho que encontrar com o Charlie daqui a vinte minutos. Vamos ao teatro.

Charlie era Charlotta Rosenberg, a mais antiga amiga de infância de Erika.

—A nossa estagiária está me provocando. É filha de uma amiga sua. Faz duas semanas que está com a gente e vai ficar mais oito na redação. Não demora, vou quebrar a cabeça dela.

—E, percebi que ela te come com os olhos. Espero claro, que você se comporte como um *gentleman.*

—Erika, essa garota tem dezessete anos, e a idade mental dela é de cerca de dez anos, de modo que estou sendo generoso.

—Ela só está impressionada por te conhecer. Um pouco de idolatria, na certa.

—Ontem à noite, às dez e meia, ela *tocou* a campainha do meu prédio propondo que a gente dividisse uma garrafa.

—Uau! - fez Erika Berger.

—Uau para você! Ricky, essa fulana só tem vento na cabeça. Daria uma perfeita perua num *sitcom* da tevê. É um avião, belos peitos, bumbum bonitinho e *tutti quantí.* Se eu tivesse uns vinte anos menos, provavelmente não pensaria duas vezes para dar em cima dela. Mas, puxa, ela tem dezessete. E eu tenho quarenta e cinco.

—Não precisa me lembrar disso. Temos a mesma idade - disse Erika Berger.

Mikael Blomkvist recostou-se na cadeira e derrubou a cinza do cigarro.

*** * ***

—Mikael Blomkvist observara, evidentemente, que o caso Wennerström lhe trouxera um curioso status de celebridade. Ao longo do ano, recebera convites para festas e eventos nos lugares mais improváveis e de vagos conhecidos em cuja casa nunca tinha estado e com os quais nunca tivera o menor contato.

—É claro que quem o convidava desejava muito trazê-lo para o seu círculo; daí por que os beijinhos de boas-vindas de pessoas a quem ele quando muito havia apertado a mão algum dia, mas que

queriam parecer seus amigos íntimos. Não eram tanto colegas de imprensa - que ele já conhecia e com quem mantinha um relacionamento bom ou ruim -, e sim as chamadas personalidades do mundo cultural, atores, polemistas mais ou menos conhecidos e semiestrelas. Dava prestígio ter Mikael Blomkvist como convidado no lançamento de um livro ou numa festa particular. Por isso a avalanche de convites e pedidos de participação neste ou naquele evento. Tinha se tornado uma espécie de hábito para ele responder com um “Eu adoraria mas, lamento, já tenho um compromisso”.

—Entre as desvantagens da condição de estrela, Mikael também descobrira, estavam os boatos que corriam à solta. Um conhecido seu ligara, muito preocupado com sua saúde; a pergunta tinha origem no boato de que ele dera entrada numa clínica a fim de se submeter a um tratamento de desintoxicação. Na verdade, o abuso de drogas de Mikael se resumia, desde a adolescência, a uns poucos baseados e ao fato de numa ocasião bem particular, quinze anos antes, ter experimentado cocaína com uma cantora holandesa de um grupo de rock. Já seu consumo de álcool era bem mais acentuado, embora se limitasse a algumas bebedeiras isoladas e turbinadas durante um jantar ou uma festa. Nos bares, pouco consumia além de uma boa cerveja de marca, e tomava um simples chope de bom grado. Em casa, tinha algumas garrafas de vodca ou uísque que ganhara de presente e as abria tão raramente que chegava a ser cômico.

Não era segredo para ninguém, tanto em seu círculo de amizades como fora dele, que Mikael era um solteiro com inúmeros relacionamentos e histórias de amor ocasionais, embora isso desse margem a outros boatos. Seu conhecido caso com Erika Berger fora objeto de incontáveis especulações ao longo dos anos. Ultimamente, às fofocas vinham se somando afirmações de que ele passava de uma cama para outra, flertava sem discernimento e aproveitava sua notoriedade para trepar com a inteira clientela feminina dos bares de Estocolmo. Um jornalista que ele mal conhecia chegara a lhe perguntar certa vez se ele já tinha consultado um profissional a respeito de sua compulsão por sexo, isso porque um famoso ator americano acabava de se internar com

esse problema. Mikael respondera que não era um ator americano famoso e não sentia nenhuma necessidade de ajuda nessa área.

É certo que Mikael tivera inúmeros relacionamentos episódicos e até se embrenhara em vários casos ao mesmo tempo. Ele hesitava sobre que explicação dar a isso. Sabia que fisicamente não era de se jogar fora, mas nunca se achara superatraente. Em compensação, acabara percebendo que tinha, aparentemente, algo que interessava às mulheres. Erika Berger lhe explicara que ele transmitia ao mesmo tempo firmeza e segurança, e que tinha o dom de fazer as mulheres se sentirem, com ele, descontraídas e livres de obrigações. Ir para a cama com Mikael não era nem ameaçador, nem desgastante, nem complicado - era algo sem exigências e eroticamente agradável. Portanto, segundo Mikael, era como deveria ser.

Ao contrário do que a maioria de seus amigos imaginava Mikael nunca fora um galinha. Na melhor das hipóteses, sinalizava que estava ali, disponível, mas sempre deixava a iniciativa para a mulher. A relação sexual surgia como decorrência natural do relacionamento. As mulheres com as quais ele dormia raramente eram anônimas de uma noite só - e, quando fora assim, a experiência se revelara um tanto insatisfatória. Os melhores relacionamentos de Mikael eram com pessoas que ele aprendera a conhecer em um ou outro contexto, e das quais gostava. Não por acaso, portanto, iniciara um caso com Erika Berger vinte anos atrás - eram amigos atraídos um pelo outro.

Sua recente celebridade, contudo, aumentara o interesse das mulheres de um jeito que ele achava estranho e incompreensível. O que mais o surpreendia é que mulheres bem mais jovens dessem impulsivamente em cima dele nas situações mais inesperadas.

O fascínio de Mikael, porém, voltava-se para um tipo de mulher muito diferente das menores de idade exaltadas, apesar de suas superminissaias e de seus corpos bem-proporcionados. Quando mais jovem, suas parceiras muitas vezes eram mais velhas que ele, e uma ou outra tinham até sido muito mais velhas e experientes. Com a idade, ampliara seu espectro, mas sua ligação com Lisbeth Salander, um ano antes - ela tinha então vinte e cinco anos -,

certamente representava um declínio bastante claro da média de idade de suas parceiras habituais.

Esse era o motivo daquele encontro precipitado com Erika.

Para fazer um favor a uma amiga de Erika, a *Millennium* contratara uma estagiária de uma escola técnica de comunicação. Isso em si não tinha nada de extraordinário; todo ano eles contratavam vários estagiários. A moça em questão tinha dezessete anos. Mikael se mostrara educado com ela e rapidamente constatara que seu interesse por jornalismo era um tanto vago, a não ser pelo fato de que ela queria “aparecer na tevê” e, Mikael achava, poderia usar o prestígio de ter estagiado na *Millennium.*

Mikael logo percebeu que ela não perdia uma oportunidade de se debruçar em sua direção para valorizar os seios. Fingia não notar suas abordagens ostensivas, o que só a fez redobrar os esforços. Estava ficando difícil.

Erika Berger caiu na gargalhada.

—Não me diga, você vítima de assédio sexual no trabalho...

—Está mesmo difícil, Ricky. Não quero magoar nem constranger a menina. Mas ela é quase tão sutil como uma égua no cio. Fico pensando como vai ser a próxima investida.

—Mikael, ela tem só dezessete anos, está saturada de hormônios e provavelmente você a impressiona para valer. Está apaixonada por você, só que é jovem demais e não sabe como se expressar.

—Desculpe, mas você está enganada. Ela sabe muito bem como se expressar. Há algo perverso no jeito como ela age, e ela está ficando nervosa porque eu não mordo a isca. Além disso, não faço a menor idéia do que ela deve estar contando para as amigas. Eu passaria muito bem sem mais uma onda de boatos me transformando num velho libidinoso no cio à caça de carne fresca.

—Tudo bem, entendo o seu problema. Com que então ela foi tocar no seu interfone ontem à noite.

—Com uma garrafa de vinho. Disse que estava saindo da festa de um “xará” ali do bairro e tentou me explicar que, por “um acaso supermaneiro”, estava passando perto da minha casa.

—O que você respondeu?

—Não deixei ela entrar. Menti que não era um bom momento, que eu estava com visita, uma mulher.

—E como ela reagiu?

—Ficou tiririca, mas foi embora.

—O que você quer que eu faça?

—Dê um jeito de me livrar dela. Segunda-feira pretendo ter uma conversa com ela olho no olho. Ou ela para com essa palhaçada, ou mando ela embora da redação.

—Erika Berger refletiu.

—Não - disse. - Não diga nada. Vou falar com ela.

—Não tenho escolha.

—Ela está querendo um amigo, não um amante.

—Não sei o que ela está querendo, mas...

—Mikael. Já estive no lugar dela. Estou dizendo que vou falar com ela.

Como todos que tinham assistido tevê ou lido jornal naquele ano, Nils Bjurman tinha ouvido falar em Mikael Blomkvist. Ainda assim, não o reconheceu e mesmo que reconhecesse não teria tido qualquer reação. Ignorava totalmente que existia um vínculo entre a redação da *Millennium* e Lisbeth Salander.

E mesmo que soubesse desse vínculo, nada garante que teria reagido - estava por demais imerso nos próprios pensamentos para reparar no mundo à sua volta.

Quando sua paralisia mental finalmente se atenuara, um ano antes, começou aos poucos a analisar sua situação pessoal, pondo-se a pensar numa maneira de aniquilar Lisbeth Salander.

O problema girava em torno de um único e exclusivo obstáculo. Lisbeth Salander dispunha do vídeo de noventa minutos que tinha gravado com uma câmera oculta, no qual ele aparecia violentando-a. Ele assistira ao vídeo. O filme não deixava espaço para uma interpretação favorável. Se a fita chegasse às mãos de um procurador - ou, pior ainda, se chegasse às mãos da mídia - seria o fim da sua vida, da sua carreira e da sua liberdade. Conhecendo as penas cabíveis por violação agravada, abuso de pessoa em situação de dependência, golpes e ferimentos e golpes e ferimentos agravados, calculou que se arriscava a pegar seis anos de prisão.

Um procurador zeloso até poderia usar uma sequência do filme para alegar tentativa de assassinato.

Ele quase a sufocara durante o estupro ao comprimir um travesseiro sobre seu rosto. Lamentava não ter ido até o fim - livrar-se do corpo lhe teria trazido menos problemas do que tê-la deixado viver.

Eles não entenderiam que ela estava jogando o tempo todo. Ela o tinha provocado, tinha jogado com seus adoráveis olhos infantis e o seduzira com o corpo que poderia ser o de uma menina de doze anos. Ela se deixara estuprar. Era culpa dela. Eles jamais entenderiam que ela, na verdade, produzira uma representação teatral. Ela tinha planejado...

Qualquer que fosse a atitude que tomasse a condição *sine qua non* era obter pessoalmente aquele vídeo e se assegurar de que não existiam cópias. *Aí é que está o xis do problema.*

Muito provavelmente, uma sacana como Lisbeth Salander tivera tempo de criar muitos inimigos no decorrer dos anos. O Dr. Bjurman, porém, possuía uma clara vantagem. Diferentemente de todos aqueles que, por um motivo ou outro, ela já havia tirado do sério, ele tinha acesso ilimitado a todas as suas fichas médicas, investigações sociais e avaliações psiquiátricas. Era uma das raras pessoas na Suécia que conhecia seus segredos mais íntimos.

O dossiê que a Comissão de Tutelas tinha lhe repassado quando ele aceitara a missão de ser seu tutor era sucinto e breve - pouco mais de quinze páginas forneciam uma visão principalmente de sua vida adulta, um resumo do diagnóstico fornecido pelos especialistas psiquiátricos juramentados, a decisão de colocação sob tutela do tribunal de instâncias e a análise de sua situação financeira no ano anterior.

Ele tinha lido e relido o dossiê. Depois, começou a reunir sistematicamente informações sobre o passado de Lisbeth Salander.

Como advogado, estava perfeitamente a par dos procedimentos necessários para colher informações nos registros oficiais das autoridades. Na qualidade de tutor de Lisbeth Salander era-lhe permitido penetrar no sigilo que cercava seus dossiês. Era um dos poucos que podiam obter qualquer documento a seu respeito.

No entanto, precisara de meses para reconstituir sua vida, detalhe por detalhe, desde as primeiras notas na escola primária até as investigações policiais e os autos do tribunal de instâncias. Entrara pessoalmente em contato com o Dr. Jesper H. Lõderman e discutira a situação com ele. Lõderman era o psiquiatra que recomendara sua internação quando ela completara dezoito anos. Foram todos muito prestativos. Uma mulher da Comissão Social chegara a cumprimentá-lo por seu zelo em tentar compreender todos os aspectos da vida de Lisbeth Salander.

A verdadeira mina de informações foi o achado de dois cadernos numa caixa que estava mofando com um funcionário da Comissão de Tutelas. As anotações tinham sido redigidas pelo antecessor de Bjurman, o Dr. Holger Palmgren, que aparentemente conhecera Lisbeth Salander melhor que ninguém. Palmgren conscienciosamente fornecera à comissão um breve relatório anual, mas Bjurman supunha que Lisbeth ignorasse o fato de Palmgren ter registrado com tantos detalhes cada um de seus encontros e suas próprias reflexões sob a forma de um diário. Tratava-se evidentemente de um material particular de trabalho, mas quando Palmgren sofrera um derrame dois anos antes, os cadernos tinham ido parar na Comissão de Tutelas, onde ninguém se dera ao trabalho de abri-los e lê-los.

Eram os originais. Não existiam cópias.

Perfeito.

Palmgren apresentava uma visão de Lisbeth Salander bem diferente da que se deduzia das investigações do Serviço Social. Bjurman acompanhara o difícil percurso da adolescente indócil que se tornou uma jovem adulta empregada na Milton Security - um trabalho obtido graças aos contatos de Palmgren. Cada vez mais surpreso, Bjurman se dera conta de que Lisbeth não era de forma alguma a subalterna encarregada da copiadora e da cafeteira - pelo contrário, tinha um trabalho qualificado, que consistia em investigar pessoas para o diretor da Milton, Dragan Armanskij. Ficava claro que Armanskij e Palmgren se conheciam e de vez em quando trocavam informações sobre sua protegida.

Nils Bjurman gravou o nome de Dragan Armanskij. Entre todos que figuravam na vida de Lisbeth Salander, só duas pessoas vinham

a ser seus amigos e pareciam considerá-la uma protegida. Palmgren saíra de cena. Armanskij era o único que ainda poderia constituir uma ameaça em potencial. Bjurman poderia tê-lo contatado e pedido informações sobre Salander na qualidade de um tutor que se preocupava com ela, mas resolveu manter distância de Armanskij e evitar a todo custo encontrá-lo.

Assim, os cadernos tinham-lhe oferecido um bocado de explicações. Bjurman de repente compreendera como Lisbeth Salander conseguira saber tanto a seu respeito. Continuava sem entender como ela tivera conhecimento da visita extremamente discreta que ele fizera à clínica francesa de cirurgia estética, mas grande parte do mistério que a cercava se dissipara. Era a sua *profissão* vasculhar a vida privada das pessoas. Imediatamente passou a ficar mais atento a seus próprios movimentos. Já que Lisbeth Salander tinha acesso a seu apartamento, melhor não guardar ali documentos que diziam respeito a ela. Juntou toda a documentação numa caixa e a levou para a sua casa de campo em Stallarholmen, onde passava cada vez mais tempo remoendo sozinho no seu canto.

Quanto mais descobria a respeito de Lisbeth Salander, mais convencido ficava de que a garota era uma doente mental. Estremecia ao lembrar que ela o algemara à sua própria cama. Vira-se inteiramente entregue ao seu capricho, e crescia dentro de Bjurman a convicção de que ela cumpriria sem hesitar a ameaça de matá-lo, caso ele a provocasse.

Ela carecia de limites sociais. *Era uma psicopata doentía, uma maluca perigosa. Uma granada sem pino. Uma puta.*

O diário de Holger Palmgren também o pusera na pista da última chave. Em várias ocasiões, Palmgren fazia anotações um bocado pessoais sobre conversas que tivera com Lisbeth Salander. *Completamente gagá, pobre imbecil.* Duas vezes, ele mencionava a expressão “quando Todo o Mal aconteceu”. Palmgren manifestamente transcrevia a expressão usada por Lisbeth Salander, mas não havia pistas do que ela poderia significar.

Bjurman anotou perplexo, as palavras “Todo o Mal” e tentou interpretá-las. Os anos passados nas famílias adotivas? Algum tipo

de abuso? Acabaria encontrando uma explicação na vasta documentação de que já dispunha.

Abriu o relatório do exame de psiquiatria legal de Lisbeth Salander, realizado quando ela completou dezoito anos, e o leu atentamente pela quinta ou sexta vez. E então percebeu que havia uma lacuna no que ele conhecia sobre Lisbeth Salander.

Ele dispunha de extratos de arquivos da escola, um certificado que atestava que a mãe de Lisbeth Salander era incapaz de tomar conta dela, relatórios de diversas famílias de adoção ao longo de sua adolescência e o exame psiquiátrico feito aos dezoito anos.

Alguma coisa desencadeara a loucura por volta de seus doze anos.

Também havia falhas em sua biografia.

Atônito, descobriu que, para começar, Lisbeth Salander tinha uma irmã gêmea sobre a qual não havia a menor referência nos documentos de que dispunha. Meu Deus são duas*!* Mas não encontrou nenhuma menção sobre o que fora feito da irmã.

O pai era desconhecido, e faltava igualmente o motivo pelo qual sua mãe não podia mais tomar conta dela. Até então, Bjurman imaginara que ela havia ficado doente e que isso desencadeara todo o processo de internações de Lisbeth nos centros psiquiátricos. Agora estava convencido de que algo ocorrera com Lisbeth Salander quando ela tinha entre doze e treze anos. *Todo o Mal.* Uma espécie de trauma. Mas não havia nada específico.

No exame de psiquiatria legal, acabara encontrando uma menção a um anexo que faltava, remetendo a uma investigação policial datada de 12/3/1991. O número de referência estava anotado à mão na margem da cópia encontrada no depósito de Assuntos Sociais. Quando tentou solicitá-la para consulta, deparou com uma pedra no meio do caminho. A investigação era considerada segredo de Estado. Ele poderia formular um pedido junto ao governo.

Nils Bjurman estava perplexo. Que um relatório policial referente a uma menina de doze anos fosse secreto não tinha, em si, nada de mais - era normal, por razões de integridade. Mas ele era o tutor de Lisbeth Salander e tinha o direito de pedir qualquer documento em que constasse o nome dela. Não conseguia

entender por que uma investigação era considerada tão secreta a ponto de ele ser obrigado a solicitar autorização do governo para ter acesso a ela.

Fez o pedido na mesma hora. Esperou dois meses até obter uma resposta. Para sua imensa surpresa, o pedido fora rejeitado. Não conseguia entender o que haveria de tão dramático numa investigação policial antiga de quase quinze anos referente a uma menina de doze anos, dramático a ponto de a investigação ser classificada objeto de segurança nacional, como se se tratasse da chave dos arquivos secretos do governo.

Retomou o diário de Holger Palmgren e releu linha por linha, tentando entender o que queria dizer “Todo o Mal”. Mas o texto não fornecia nenhuma pista. O que quer que fosse era obviamente um assunto que havia sido discutido apenas entre Holger Palmgren e Lisbeth Salander, sem nunca ter sido colocado preto no branco. As anotações sobre Todo o Mal apareciam no final do extenso diário. Palmgren simplesmente talvez não tivesse tido tempo de passar a limpo suas anotações antes de sofrer o derrame cerebral.

Com isso, os pensamentos do Dr. Bjurman desandaram para outras direções. Holger Palmgren tinha sido o administrador *ad hoc* de Lisbeth Salander desde seus treze anos e seu tutor a partir dos dezoito. Ou seja, Holger Palmgren estivera presente pouco depois que Todo o Mal acontecera e quando Salander fora internada na psiquiatria infantil. Tudo levava a crer, portanto, que Palmgren sabia o que se passara.

Bjurman voltou aos arquivos da Comissão de Tutelas. Desta vez não pediu para ver os documentos referentes à Lisbeth Salander, e sim o descritivo da missão de Palmgren, tal como determinado pela Comissão dos Assuntos Sociais. Obteve documentos à primeira vista um tanto frustrantes. Duas páginas de informações breves. A mãe de Lisbeth Salander não tinha mais condições de tomar conta das filhas. Devido a circunstâncias particulares, as meninas deviam ser separadas. Camilla Salander foi encaminhada a uma família adotiva pelo Serviço Social. Lisbeth Salander foi encaminhada à clínica de psiquiatria infantil de Sankt Stefan. Não foi sugerida outra alternativa.

Por quê? Havia apenas uma frase enigmática. Com base nos acontecimentos de 12/3/1991, a Comissão de Assuntos Sociais decidiu... Em seguida, outra referência ao número do dossiê da misteriosa investigação policial mantida sob sigilo. Mas desta vez havia mais um detalhe - o nome do policial que conduzira a investigação.

O Dr. Nils Bjurman leu o nome com espanto. Era um nome que ele conhecia bem. Bem até demais.

Isso alterava radicalmente a situação.

Precisou de mais dois meses para, por outro viés, ter a investigação em mãos — uma investigação policial de quarenta e sete páginas numa pasta A4, assim como atualizações em forma de notas somando pouco mais de sessenta páginas, acrescentadas ao longo de seis anos.

De início ele não entendeu o contexto.

Depois achou as fotos tiradas pelo médico-legista e conferiu o nome mais uma vez.

Meu Deus... não é possível!

Então entendeu por que o caso havia sido arquivado como segredo de Estado. O Dr. Nils Bjurman acabava de tirar a sorte grande. Bjurman não estava sozinho.

Ele tinha um aliado. O aliado mais improvável que poderia imaginar. Devagar, começou a arquitetar um plano.

Foi arrancado de suas reflexões pela sombra que se abateu sobre sua mesa no café Hedon. Ergueu os olhos e viu um homem loiro, um gigante, pensaria mais tarde. Por um décimo de segundo, Nils Erik Bjurman recuou, então se recompôs e ergueu uma sobrancelha inquisitiva.

O homem que olhava para ele media mais de dois metros e tinha uma compleição sólida. Excepcionalmente sólida, aliás. Um *bodybuilder,* sem dúvida nenhuma. Bjurman não detectou o menor vestígio de gordura ou flacidez muscular. A impressão geral era de uma força assustadora.

O homem era loiro, cabelos cortados rente nas têmporas, com uma franja curta sobre a testa. O rosto era oval, estranhamente efeminado, quase infantil. Usava uma jaqueta curta de couro preto, camisa azul, gravata preta e calça preta. O que o Dr. Bjurman notou

em seguida foram as mãos. O homem era incontestavelmente grande, mas suas mãos eram enormes.

—Doutor Bjurman?

O homem falava com um sotaque estrangeiro carregado, mas a voz era tão estranhamente fina que Bjurman por pouco não esboçou um sorriso. Meneou a cabeça.

—A gente recebeu a sua carta.

—A gente quem? Era para eu me encontrar com...

O homem de mãos enormes ignorou a pergunta, interrompeu Bjurman e sentou-se à sua frente.

—Está se encontrando comigo. Diga o que quer de nós.

O Dr. Nils Erik Bjurman teve um segundo de hesitação. Detestava a idéia de se abrir com um estrangeiro. Mas era preciso. Lembrou-se de que não era o único que odiava Lisbeth Salander. Precisava encontrar aliados. Em *voz* baixa, começou a explicar o que queria.

3 - SEXTA-FEIRA 17 DE DEZEMBRO - SÁBADO 18 DE DEZEMBRO

Lisbeth Salander acordou às sete da manhã, tomou um banho e desceu para falar com Freddy McBain na recepção. Perguntou se havia um *beach buggy* disponível para alugar por um dia. Dez minutos depois, já tinha pago a caução, ajustado o banco e o retrovisor, verificado a ignição e conferido o combustível. Passou no bar para pedir um *caffè latte* e um sanduíche de queijo para o café da manhã, e uma garrafa de água mineral para levar. Durante o café da manhã, rabiscou uns números no guardanapo e refletiu sobre o ($x^3 + y^3 = z^3$) de Pierre de Fermat.

Pouco depois das oito, o Dr. Forbes desceu até o bar. Estava bem barbeado e vestia um terno escuro, camisa branca e gravata azul. Pediu ovos, torradas, suco de laranja e café preto. Às oito e meia, levantou-se e foi para o táxi que o aguardava.

Lisbeth o seguiu a uma distância razoável. Forbes desceu do táxi no Seascape, bem no início do Carenage, e ficou passeando à beira d'água. Ela o ultrapassou, estacionou na metade do calçadão do porto e esperou pacientemente que ele passasse por ela antes de segui-lo a pé.

A uma da tarde, Lisbeth Salander estava encharcada de suor e com os pés em frangalhos. Caminhara quatro horas a fio, subindo e descendo as ruas de São Jorge. O ritmo tinha sido tranqüilo, mas sem pausas, e as inúmeras subidas começavam a pôr seus músculos à prova. A energia do homem a deixava pasma. Tomou os últimos goles da água mineral e estava começando a cogitar abandonar o caso quando ele subitamente se encaminhou para o Turtleback. Ela esperou dez minutos antes de também entrar no restaurante e ir sentar-se na esplanada. Ocuparam os mesmos lugares do dia anterior e, como no dia anterior, ele tomou uma Coca-Cola contemplando as águas do porto.

Forbes era uma das raríssimas pessoas em Granada que usavam terno e gravata. Ela se espantava de ver como o calor parecia deixá-lo indiferente.

Às três horas, ele interrompeu o fio dos pensamentos de Lisbeth ao pagar a conta de repente e sair do restaurante. Andou pelo Carenage e fez sinal a um micro-ônibus que ia para Angra Grande. Lisbeth estacionou em frente ao Keys Hotel cinco minutos antes de o ônibus chegar e ele descer. Foi até o quarto, preparou um banho e mergulhou na banheira. Estava com dor nos pés. Sua testa exibia vincos fundos.

Os exercícios daquele dia tinham sido reveladores. O Dr. Forbes saía todas as manhãs do hotel, bem barbeado e vestido com rigor, munido de sua pasta. Passava o dia sem fazer absolutamente nada que não fosse matar o tempo. O que quer que estivesse fazendo em Granada, o certo é que não estava se dedicando ao projeto de construção de uma nova escola, mas, por alguma razão, queria dar a entender que estava na ilha a negócios. *Por que a encenação?*

A única pessoa de quem ele até poderia ter razões para esconder uma coisa desse gênero era sua mulher, e nesse caso precisava fazê-la acreditar que estava tremendamente ocupado durante o dia. Mas por quê? Os negócios tinham desandado e ele era orgulhoso demais para admiti-lo? Sua visita a Granada tinha um objetivo bem diverso? Estaria esperando alguém ou alguma coisa?

Ao olhar seu correio eletrônico, Lisbeth Salander encontrou quatro mensagens. A primeira era de Praga, que respondera uma hora depois de receber o e-mail de Lisbeth. A mensagem estava criptografada e continha uma pergunta lacônica: “Você ainda está viva?”. Nunca fora o estilo de Praga escrever e-mails longos, carregados de emoção. Aliás, também não era o estilo de Lisbeth.

Os dois e-mails seguintes tinham sido enviados por volta das duas horas. Um deles continha informações criptografadas mandadas por Praga, dizendo que um conhecido da rede, que assinava Bilbo e morava justamente no Texas, respondera ao seu pedido. Praga informava o endereço de Bilbo e sua chave **PGP**. Minutos depois, o tal Bilbo lhe enviara um e-mail, de um endereço hotmail. A mensagem era breve e avisava que Bilbo acreditava estar

em condições de fornecer informações sobre o Dr. Forbes dentro de vinte e quatro horas.

O quarto e-mail, também assinado Bilbo, fora enviado no final da tarde. Continha o número criptografado de uma conta bancária e um endereço ftp. Lisbeth digitou o endereço e deparou com um arquivo ZIP de 390 kb, que ela baixou para o seu computador. O dossiê continha quatro fotos em baixa resolução e cinco documentos Word.

As quatro fotos estavam em formato jpg. Duas eram retratos do Dr. Forbes, outra tinha sido tirada na estreia de uma peça de teatro e mostrava Forbes na companhia da mulher. A quarta foto mostrava Forbes no púlpito de uma igreja.

O primeiro documento tinha onze páginas de texto — era o relatório de Bilbo. O segundo, oitenta e quatro páginas de textos baixados da internet. Os dois documentos seguintes eram cópias escaneadas de recortes do jornal local *Austin-American Statesman,* e o último documento um panorama da congregação do Dr. Forbes, a Presbyterian Church of Austin South.

Tirando o fato de que sabia o Levítico de cor — no ano anterior, fora levada a se interessar por castigos bíblicos — os conhecimentos de Lisbeth Salander em história das religiões eram modestos. Tinha uma vaga noção da diferença entre as religiões judia, presbiteriana e católica, e sabia que a igreja judia se chamava sinagoga. Por um breve instante, receou ter de assimilar detalhes teológicos, depois refletiu que não estava nem aí para o tipo de congregação a que Forbes pertencia.

O Dr. Richard Forbes, também conhecido como reverendo Richard Forbes segundo o recorte anexado tinha quarenta e dois anos. A tela de apresentação do site da Church of Austin South informava que a Igreja tinha sete funcionários, com o reverendo Duncan Clegg encabeçando a lista, o que dava a entender que era ele a figura teológica emblemática. Uma foto mostrava um homem robusto, com abundantes cabelos grisalhos e uma barba grisalha bem-cuidada.

Richard Forbes aparecia em terceiro lugar, como responsável pelas questões de educação. Associada a seu nome, estava a Holy Water Foundation, entre parênteses.

Lisbeth leu a introdução da mensagem da Igreja.

Através da oração e das ações de graça, queremos servir o povo de Austin South oferecendo-lhe a estabilidade, a teologia e a ideologia repleta de esperança defendida pela Igreja Presbiteriana da América. Enquanto servos de Cristo, oferecemos refúgio às pessoas desesperadas e uma promessa de redenção através da oração e da bênção batista. Alegremo-nos no amor de Deus. Nosso dever é derrubar os muros existentes entre os homens e afastar as barreiras que prejudicam a compreensão da mensagem do amor de Deus.

Logo abaixo, vinha o número da conta-corrente da Igreja e a exortação a uma demonstração concreta de amor a Deus.

A biografia fornecida por Bilbo era breve e perfeita. Lisbeth descobriu que Richard Forbes nascera em Cedar's Bluff, em Nevada. Tinha sido agricultor, homem de negócios, guarda de escola, correspondente local de um jornal do Novo México e empresário de um grupo de rock cristão antes de aderir à Church of Austin South aos trinta e um anos de idade. Era formado em contabilidade e também estudara arqueologia. Bilbo não encontrara, no entanto, nenhum diploma de doutor.

Na congregação, Forbes conhecera Geraldine Knight, única filha do fazendeiro William F. Knight, também ele membro fundador de Austin South. Richard e Geraldine se casaram em 1997, após o que a carreira de Richard Forbes decolara no seio da congregação. Ele se tornara chefe da Fundação Santa Maria, cuja missão era "investir o dinheiro de Deus em projetos educacionais para os necessitados".

Forbes tinha sido preso em duas ocasiões. Aos vinte e cinco anos, em 1987, fora acusado de lesões corporais graves por ocasião de um acidente de carro. Foi absolvido no processo. Até onde Lisbeth pôde avaliar pela leitura dos recortes, ele era de fato inocente. Em 1995, fora acusado de desvio de dinheiro pelo grupo de rock do qual era empresário. Também dessa vez foi absolvido.

Em Austin, tornou-se uma figura conhecida, membro da Comissão de Educação do município. Era filiado ao Partido Democrata, participava assiduamente das festas beneficentes e angariava fundos para financiar a educação de crianças pobres. A

Church of Austin South concentrava boa parte de suas atividades em famílias hispanoparlantes.

Em 2001, Forbes fora acusado de irregularidades nas contas da Fundação Santa Maria. O artigo de um jornal insinuava que ele aplicara em fundos de investimento uma quantia mais alta do que estipulava o estatuto. As acusações foram refutadas pela congregação, e o pastor Clegg apoiou firmemente Forbes na polêmica que se seguiu. Não houve nenhuma ação na Justiça, e uma investigação na contabilidade nada revelou.

Lisbeth dedicou um interesse reflexivo ao relatório sobre as contas pessoais de Forbes. Ele desfrutava de uma renda anual de sessenta mil dólares, o que era considerado um salário pertinente, mas não possuía bens pessoais. Quem respondia pela estabilidade econômica da família era Geraldine Forbes. Em 2002 falecera seu pai, o fazendeiro William Knight. A filha era a única herdeira de uma fortuna de mais de quarenta milhões de dólares. O casal não tinha filhos.

Richard Forbes dependia, portanto, da boa vontade da esposa. Lisbeth franziu o cenho. Não era a situação ideal para bater na mulher.

Lisbeth se conectou e mandou uma lacônica mensagem criptografada a Bilbo, agradecendo o relatório. Também transferiu quinhentos dólares para a conta corrente que ele indicara.

Foi até a sacada e debruçou-se na balaustrada. O sol estava se pondo. Súbito, notou que um vento crescente sacudia as folhas das palmeiras junto ao muro que dava para a praia. Granada estava no limiar da rota do Mathilda. Lisbeth seguiu o conselho de Ella Carmichael e enfiou na sacola de náilon o computador, *Dimensions in Mathemathics,* alguns objetos pessoais e uma muda de roupa, deixando-a depois em cima da cama. Em seguida, desceu para o bar e pediu um prato de peixe e uma garrafa de Carib.

O único fato digno de interesse que observou foi Forbes, no balcão do bar, inquirindo avidamente Ella Carmichael sobre as tribulações do Mathilda. Não parecia preocupado. Tinha mudado de roupa, usava sapatos esportivos, camisa polo clara e bermuda, uma corrente com crucifixo no pescoço, e estava superatraente.

Lisbeth Salander sentia-se exausta depois de ter passado o dia inteiro andando a esmo por toda São Jorge. Fez um rápido passeio depois do jantar, mas o vento soprava com força e a temperatura baixara sensivelmente. Resolveu ir para o quarto e se deitou às nove da noite. Escutou o barulho do vento rente à janela. Tinha pensado em ler um pouco, mas pegou no sono quase em seguida.

Acordou sobressaltada com uma enorme barulheira. Olhou o relógio: 23hl5. Fez um esforço para sair da cama, abriu a porta da sacada e, sem querer, deu um passo atrás, surpreendida pelas rajadas de vento que se atiravam em cima dela. Apoiou-se no vão da porta, deu um passo cauteloso pela sacada e olhou ao redor.

Lâmpadas suspensas em volta da piscina, balançadas pelo vento, criavam no pátio um impressionante jogo de sombras. Avistou vários clientes do hotel enfileirados diante da abertura praticada no muro, olhando para a praia. Outros mantinham-se próximos do bar. Ao norte, avistavam-se as luzes de São Jorge. O céu estava encoberto, mas não chovia. Por causa da escuridão, não conseguia enxergar o mar, embora o som das ondas estivesse muito mais forte que de costume. Não fazia frio, mas, pela primeira vez desde que chegara às Antilhas Menores, Lisbeth estremeceu de repente.

Estava ali parada quando alguém bateu com insistência à porta. Ela se enrolou num lençol e foi abrir. Freddy McBain parecia preocupado.

—Desculpe incomodar, mas a tempestade parece estar chegando.

—Mathilda.

—Mathilda - confirmou McBain. —Passou lá pelos lados de Tobago no final da tarde e estão falando em prejuízos consideráveis.

Lisbeth visualizou o mapa das Antilhas, Trinidad-Tobago situava-se a cerca de duzentos quilômetros a sudoeste de Granada. Fez uns cálculos de cabeça: um ciclone tropical podia sem problema nenhum se estender por um raio de cem quilômetros e seu olho podia se deslocar a uma velocidade de trinta a quarenta quilômetros por hora. O que queria dizer que Mathilda podia estar, naquele exato momento, prestes a bater às portas de Granada. Tudo dependia da direção que ele iria tomar.

—Não há perigo iminente - continuou McBain. —Mas não vamos correr nenhum risco. Queria que você pusesse seus objetos de valor numa sacola e fosse até a recepção. O hotel está oferecendo café e sanduíches.

Lisbeth seguiu seu conselho. Passou a cabeça debaixo da torneira para acordar direito, enfiou uma calça jeans, sapatos e uma camisa de flanela e jogou a sacola no ombro. Antes de sair do quarto, abriu a porta do banheiro e acendeu a luz. Nenhum lagarto verde à vista, ele já tinha se enfiado em algum buraco por aí. *Nada bobo, o bichinho.*

No bar, dirigiu-se tranqüilamente para o seu lugar habitual e observou Ella Carmichael mandando os funcionários encherem as garrafas térmicas com bebidas quentes. Um instante depois veio ter com Lisbeth.

—Olá. Você parece que acabou de acordar.

—Eu estava dormindo. O que vai acontecer agora?

—Vamos esperar. A tempestade está ao largo e recebemos de Trinidad um alerta de ciclone. Se piorar e se o Mathilda vier na nossa direção, vamos para o porão. Você podia dar uma mãozinha para a gente?

—O que quer que eu faça?

—Temos na recepção sessenta cobertores que precisam ser levados para o porão. E mais um monte de coisas para pôr ao abrigo.

Lisbeth passou a hora seguinte ajudando a carregar cobertores para o porão e a juntar vasos, mesas, espreguiçadeiras e outros objetos que estavam em volta da piscina. Satisfeita, Ella a dispensou agradecendo, então Lisbeth dirigiu-se até a abertura do muro que dava para a praia e andou uns passos no escuro. O mar rugia perigosamente e rajadas de vento a açoitaram com tamanha força que ela foi obrigada a se inclinar para conseguir ficar em pé. As palmeiras batiam a cadência ao longo do muro.

Voltou ao bar, pediu um *caffè latte* e sentou-se ao balcão. Era cerca de meia-noite. Um evidente clima de preocupação reinava entre hóspedes e funcionários. Nas mesas, as conversas seguiam em voz baixa entre pessoas que espiavam regularmente o céu. Ao todo, havia no Keys Hotel trinta e dois clientes e uma equipe de uns

dez funcionários. De repente, Lisbeth notou Geraldine Forbes sentada a uma mesa bem ao fundo, para o lado da recepção. Seu semblante estava tenso e ela tinha um drinque na mão. Seu marido não estava por perto.

Lisbeth estava tomando seu café e começava a refletir sobre o teorema de Fermat quando Freddy McBain saiu do escritório e parou no meio do hall de entrada.

—Atenção, por favor. Acabo de receber a confirmação de que uma forte tempestade do tipo furacão atingiu a Pequena Martinica. Vou então pedir a todos que desçam até o porão.

Freddy McBain cortou qualquer tentativa de questionamento e conversa e conduziu os hóspedes para a escada de acesso ao porão, atrás da recepção. A Pequena Martinica era uma ilhota do arquipélago das Granadinas, situada a poucas milhas náuticas da ilha principal. Lisbeth olhou discretamente para Ella Carmichael e esticou o ouvido quando ela se aproximou de Freddy McBain.

—Está ficando ruim a esse ponto? - perguntou Ella.

—Não sei. O telefone parou de funcionar - respondeu McBain em voz baixa.

Lisbeth desceu para o porão e colocou sua sacola em cima de um cobertor a um canto. Refletiu alguns instantes e então subiu de volta, na contracorrente, até a recepção. Deteve Ella Carmichael e perguntou se podia ajudar em alguma coisa. Ella meneou a cabeça com ar compenetrado.

—Vamos ver o que acontece. Essa Mathilda é uma sacana.

Lisbeth reparou num grupo de cinco adultos e uma dúzia de crianças se engolfando na porta de entrada. Freddy McBain os acolheu e os encaminhou para a escada do porão.

Uma preocupação repentina tomou conta de Lisbeth.

—Imagino que a esta hora todo mundo esteja se escondendo no porão - ela disse em voz baixa.

Ella Carmichael olhou para a família em frente à escada.

—Infelizmente, o nosso é um dos raros porões de Angra Grande. Na certa, outras pessoas virão procurar abrigo aqui.

Lisbeth olhou atentamente para Ella.

—E os outros, fazem o quê?

—Os que não têm porão? — Ela riu com um riso amargo. - Se escondem dentro de casa ou se protegem do jeito que der. Entregam nas mãos de Deus.

Lisbeth deu meia-volta, atravessou correndo o hall de entrada e saiu pela porta.

George Bland.

Ouviu o chamado de Ella, mas não parou para explicar.

Ele mora numa casinha furreca que vai desabar na primeira rajada.

Assim que pôs os pés na estrada para São Jorge, o vento a apanhou e ela perdeu o equilíbrio. Apressou o passo com determinação. O vento vinha em sentido contrário e rajadas fortíssimas a faziam cambalear. Precisou de quase dez minutos para percorrer os quatrocentos metros que a separavam da casa de George Bland. Não avistou vivalma em todo o trajeto.

A chuva surgiu de repente do nada, feito uma ducha glacial lançada por uma mangueira, no exato momento em que Lisbeth bifurcava em direção ao galpão de George Bland e avistava a luz do lampião por uma fresta entre as tábuas. Num instante, ficou encharcada até os ossos e a visibilidade se reduziu a poucos metros. Tamborilou na porta. George Bland abriu e arregalou os olhos.

—O que está fazendo aqui? - ele berrou, para encobrir o vento.

—Vem. Você tem que vir para o hotel. Lá tem um porão.

George Bland parecia surpreso. Súbito, o vento bateu a porta e ele levou vários segundos até conseguir abri-la. Lisbeth agarrou-o pela camiseta e o puxou para fora. Enxugou a água que lhe escorria pelo rosto, pegou na mão dele e se pôs a correr. Ele a seguiu.

Optaram pelo caminho da praia, cem metros mais curto que a estrada, que fazia uma curva pelo interior. Na metade do trajeto, Lisbeth percebeu que fora provavelmente um erro. Na praia, não tinham nenhuma proteção. O vento e a chuva caíam sobre eles com tanta força que foram obrigados a parar. Areia e galhos de árvores voavam pelo ar. O barulho era de apavorar. Depois do que lhe pareceu ser uma eternidade, Lisbeth finalmente avistou o muro do hotel se materializando e apressou o passo. No instante em que se

achavam em frente à porta, promessa de segurança, ela deu uma olhada por cirna do ombro na direção da praia. Estacou de súbito.

Em meio a uma rajada, avistou dois vultos claros a uns cinquenta metros dali, na praia. George Bland puxou-a pelo braço para que ela atravessasse o portão. Ela rechaçou sua mão e se encostou no muro, tentando enxergar melhor. Por um momento, perdeu os vultos de vista através da chuva, até que um relâmpago iluminou o céu.

Ela já sabia que se tratava de Richard e Geraldine Forbes. Eles estavam mais ou menos no lugar em que ela observara as idas e vindas de Richard Forbes na noite anterior.

Quando o raio seguinte explodiu, viu que Richard Forbes parecia estar puxando a mulher e que ela resistia.

De repente, as peças do quebra-cabeça se encaixaram. A dependência econômica. As acusações de irregularidades financeiras em Austin. A errância inquieta dele e sua imóvel matutação no Turtleback.

Ele pretende assassiná-la. Quarenta milhões estão em jogo. O furacão vai servir de camuflagem. É agora ou nunca.

Lisbeth Salander empurrou George Bland portão adentro, olhou ao redor e viu a cadeira bamba do guarda-noturno, que, com a tempestade, tinham esquecido de guardar. Pegou a cadeira, quebrou-a com toda a força de encontro ao muro e armou-se de um de seus pés. Atônito, George Bland ficou gritando às suas costas enquanto ela disparava em direção à praia.

Cada rajada por pouco não a derrubava, mas ela cerrou os dentes e avançou, passo a passo. Estava quase chegando à altura do casal quando um raio iluminou a praia. Viu Geraldine Forbes de joelhos na beira d'água e Richard Forbes inclinado sobre ela, o braço erguido para bater nela. Ele empunhava alguma coisa parecida com um cano de metal. Viu o seu braço descrever um arco na direção da cabeça da mulher, que parou de se mexer.

Richard Forbes não viu Lisbeth Salander.

Só sentiu uma dor fulgurante quando ela bateu com o pé da cadeira em sua nuca. Ele caiu de bruços.

Lisbeth Salander se inclinou e agarrou Geraldine Forbes. Enquanto a chuva as açoitava, virou o corpo. Suas mãos ficaram

cobertas de sangue. Geraldine Forbes estava com um ferimento grande na cabeça. Pesava toneladas e Lisbeth lançou um olhar desesperado em volta, perguntando-se como conseguiria carregar o corpo até o muro do hotel. No segundo seguinte, George Bland se materializou a seu lado. Gritou alguma coisa que Lisbeth não chegou a ouvir por causa da tempestade.

Lisbeth olhou de relance para Richard Forbes. Estava de costas para ela, mas se reerguendo, de quatro. Ela agarrou o braço esquerdo de Geraldine Forbes, passou-o em volta de seu pescoço e fez sinal para que George Bland pegasse o outro braço. Começaram, com dificuldade, a arrastar o corpo pela praia.

A meio-caminho do muro do hotel, Lisbeth se sentiu absolutamente extenuada, como se todas as suas forças a estivessem abandonando. Seu coração deu um salto mortal dentro do peito quando sentiu de repente uma mão agarrando seu ombro. Soltou a cintura de Geraldine Forbes, virou-se e deu um pontapé com o pé direito na virilha de Richard Forbes. Ele cambaleou e caiu de joelhos. Ela tomou impulso e desfechou-lhe um pontapé no meio da cara. Lisbeth deparou com o olhar apavorado de George Bland. Deu-lhe meio segundo de atenção antes de tornar a agarrar Geraldine Forbes e recomeçar a carregá-la.

Segundos depois, virou-se novamente. Avistou Richard Forbes a uns dez metros atrás deles. Ele tinha se levantado e cambaleava feito um bêbado em meio às rajadas.

Mais um relâmpago riscou o céu e Lisbeth Salander arregalou os olhos. Pela primeira vez, sentiu um pavor paralisante.

Atrás de Richard Forbes, a uns cem metros dentro d'água, enxergou o dedo de Deus.

Uma imagem instantânea, congelada à luz do relâmpago, uma coluna negra como tinta que se alçava e sumia no espaço onde os olhos não alcançavam.

Mathilda.

Não é possível.

Um furacão - sim.

Um tornado - impossível.

Granada não está situada numa zona de tornados.

Uma megatempestade maluca numa zona em que supostamente não se formam tornados.

Tornados não se formam no mar.

Ei tem um erro científico aí!

Coisa de louco, essa história.

E essa coisa vai me arrastar *para a porra desse céu de merda.* George Bland também tinha visto o tornado. De repente, os dois gritaram ao mesmo tempo para andarem depressa, sem escutar o que o outro dizia.

Ainda tinham vinte metros a percorrer até o muro. Dez. Lisbeth tropeçou e caiu de joelhos. Cinco. Chegada ao portão, Lisbeth olhou por cima do ombro. Teve um breve vislumbre de Richard Forbes sendo tragado pelas águas como por uma mão invisível. Então ele sumiu, e com a ajuda de George Bland ela arrastou seu fardo pela abertura do muro. Atravessaram o pátio cambaleando e, em meio à fúria da tempestade, Lisbeth escutou o barulho de vidraças se quebrando e um lamento dissonante de chapa metálica dobrando-se em algum lugar. Surgida não se sabe de onde, uma tábua passou voando rente ao nariz de Lisbeth. No instante seguinte, ela sentiu uma dor quando alguma coisa bateu em suas costas. A pressão do vento diminuiu quando eles conseguiram chegar ao hall de entrada.

Lisbeth deteve George Bland e o agarrou pela gola. Puxou-lhe a cabeça para pertinho de sua boca e gritou-lhe no ouvido:

—A gente encontrou ela na praia. Não vimos o marido. Entendeu? Ele fez que sim com a cabeça.

Arrastaram Geraldine Forbes escada abaixo e Lisbeth deu um pontapé na porta do porão. Freddy McBain veio abrir e os fitou, boquiaberto. Então segurou Geraldine Forbes e os deixou entrar, batendo a porta em seguida.

Em um segundo, o barulho do ciclone baixou de uma quantidade insuportável de decibéis para um crepitar, com um trovejar em pano de fundo. Lisbeth inspirou profundamente.

Ella Carmichael serviu café quente num copinho e lhe ofereceu. Lisbeth Salander estava tão exausta que mal teve forças para estender o braço. Estava sentada no chão, passivamente recostada na parede. Alguém cobrira Lisbeth e George com cobertores. Encharcada até os ossos, tinha um ferimento abaixo do joelho que

sangrava abundantemente. Em sua calça jeans havia um rasgo de dez centímetros cuja causa ela não recordava. Sem a menor emoção, observou Freddy McBain e alguns hóspedes cuidarem de Geraldine Forbes e colocarem uma bandagem em sua cabeça. Pescou umas palavras soltas aqui e ali e entendeu que havia um médico no grupo. Notou que o porão estava lotado e que pessoas de fora tinham se juntado aos hóspedes no abrigo. Por fim, Freddy McBain veio ter com Lisbeth e se agachou. —Ela está viva.

Lisbeth não respondeu.

O que aconteceu?

A gente a encontrou na praia, perto do muro.

Faltavam três pessoas quando contei os clientes aqui no porão. Você e o casal Forbes. Ella me disse que você saiu feito louca na hora que a tempestade começou.

Fui buscar o meu amigo George. —Lisbeth indicou seu companheiro com um gesto de cabeça. —Ele mora mais adiante na estrada, num barraco que a esta hora certamente não está mais de pé.

Foi um gesto idiota, e sem dúvida muito corajoso - disse Freddy McBain, olhando para George Bland. —Vocês viram o marido dela, Richard Forbes?

—Não - respondeu Lisbeth com um olhar inexpressivo. George Bland olhou para Lisbeth e meneou a cabeça. Ella Carmichael fitou Lisbeth Salander com um olhar severo. Lisbeth retribuiu, sem a menor expressão nos olhos.

Geraldine Forbes voltou a si por volta das três da manhã. Lisbeth Salander dormia, a cabeça apoiada no ombro de George Bland.

Milagrosamente, Granada sobreviveu àquela noite. Quando amanheceu, a tempestade amainara e fora substituída pela pior chuva que Lisbeth já tinha visto. Freddy McBain convidou os hóspedes a subir para o hotel.

O Keys teria de realizar enormes reparos. A devastação do hotel, como em toda a costa, era considerável. O bar externo de Ella Carmichael, sob um toldo em frente à piscina, desaparecera por completo, e uma varanda estava inteiramente destruída. Venezianas haviam sido arrancadas em toda a fachada, e uma parte saliente do

telhado se dobrara ao meio. A recepção era um verdadeiro caos de materiais diversos. Mas, no conjunto, o hotel continuava no lugar.

Cambaleando, Lisbeth conduziu, vacilando, George Bland para o seu quarto. Pendurou provisoriamente um cobertor em frente ao vão da janela vazia, para impedir que a chuva entrasse. George Bland cruzou o olhar com o dela.

—A gente vai ter menos coisa para explicar se dissermos que não vimos o marido - disse Lisbeth, antes de ele ter tempo de fazer perguntas.

Ele assentiu com a cabeça. Ela tirou a roupa, deixou-a amontoada no chão e bateu na beira da cama a seu lado. Mais uma vez ele assentiu com a cabeça, despiu-se e se deitou junto dela. Caíram quase imediatamente no sono.

Despertou por volta do meio-dia, com o sol brilhando por uns rasgos entre as nuvens. Cada músculo de seu corpo doía e seu joelho estava tão inchado que ela mal conseguia dobrar a perna. Saiu devagarinho da cama e entrou no chuveiro, dirigindo um cumprimento de cabeça ao lagarto verde que estava de volta à parede, debaixo do teto. Enfiou um short e uma regata e saiu do quarto mancando, sem acordar George Bland.

Ella Carmichael ainda estava atarefada. Parecia cansada, mas já pusera o bar em funcionamento no hall de entrada. Manquejando, Lisbeth foi sentar-se a uma mesa perto do balcão, pediu café e um sanduíche. Olhou pelas janelas desfeitas da entrada e viu um carro de polícia estacionado. Acabavam de lhe entregar o café quando Freddy McBain saiu de sua sala, atrás do balcão da recepção, seguido por um sujeito de uniforme. McBain avistou-a e disse alguma coisa ao policial antes de ir até a mesa de Lisbeth.

—Esse é o agente Fergusson. Ele quer lhe fazer umas perguntas. Lisbeth concordou educadamente com a cabeça. O agente Fergusson parecia cansado. Pegou um bloco e uma caneta e anotou o nome de Lisbeth.

—Miss Salander, eu soube que a senhorita, junto com um amigo, encontrou a senhora Richard Forbes durante a tempestade desta noite.

Lisbeth assentiu com a cabeça.

—Onde encontrou a senhora Forbes?

—Na praia, perto do portão - respondeu Lisbeth. —A gente praticamente tropeçou nela.

Fergusson tomou nota.

Ela disse alguma coisa? Lisbeth negou com a cabeça.

Ela estava desmaiada?

Lisbeth meneou a cabeça com ar entendido.

Ela estava com um ferimento feio na cabeça. Lisbeth meneou mais uma vez a cabeça.

Sabe o que causou esse ferimento?

Lisbeth balançou a cabeça. Fergusson parecia meio irritado com a falta de respostas.

—Havia um monte de destroços voando pra tudo quanto era lado disse ela, cooperativa. —Por pouco não levei uma tábua na cabeça. Fergusson meneou a cabeça, sério.

—A senhorita machucou a perna?

Fergusson apontou para o curativo de Lisbeth. Ela assentiu com a cabeça.

O que houve?

Não sei. Só vi o ferimento quando cheguei ao porão.

A senhorita estava com um rapaz. Lisbeth meneou a cabeça.

Qual o nome dele?

George Bland.

Onde ele mora?

—No galpão atrás do Coconut, na estrada que vai para o aeroporto. Quer dizer, se é que ainda existe galpão.

Lisbeth se absteve de mencionar que, no momento, George Bland dormia em sua cama no andar de cima.

—A senhorita viu o marido dela, o Richard Forbes? Lisbeth balançou a cabeça. O agente Fergusson aparentemente não tinha mais nada a perguntar e fechou seu bloco de anotações.

Obrigado, senhorita Salander. Tenho que ir registrar o óbito.

Ela morreu?

—A senhora Forbes? Não, está no hospital de São Jorge. Ela sem dúvida deve agradecer à senhorita e ao seu amigo por estar viva. Mas o marido morreu. Foi encontrado no estacionamento do aeroporto duas horas atrás.

Mais de seiscentos metros ao sul!

Estava bem machucado - explicou Fergusson.

Coitado - disse Lisbeth Salander, sem dar mostras de estar muito chocada.

Depois que McBain e Fergusson foram embora, Ella Carmichael apareceu e sentou-se à mesa de Lisbeth. Trazia dois copinhos de rum. Lisbeth interrogou-a com os olhos.

—Depois de uma noite dessas, a gente precisa de um revigorante. A rodada é por minha conta. Também estou pagando o seu café da manhã.

As duas mulheres se olharam. Então, ergueram os copos e brindaram.

Mathilda ainda seria por muito tempo objeto de estudos científicos e nos institutos meteorológicos das Antilhas e dos Estados Unidos. Tornados da envergadura do Mathilda eram quase desconhecidos na região. Era até mesmo considerado impossível que se formassem no mar. Por fim, os especialistas chegaram a um consenso e declararam que uma configuração articularmente estranha de frentes meteorológicas havia criado um pseudotornado - de fato, não se tratava de um legítimo tornado, só parecia ser um. Alguns opositores aventaram teorias envolvendo o efeito estufa e um desequilíbrio ecológico.

Lisbeth Salander não prestou atenção à discussão teórica. Ela sabia o que tinha visto e resolveu tentar evitar para todo o sempre ficar no caminho de alguma irmã de Mathilda.

Várias pessoas tinham saído feridas naquela noite. Por milagre, só havia uma morte a lamentar.

Ninguém conseguia entender o que levara Richard Forbes a sair em meio ao furacão, a não ser, eventualmente, a imprudência que sempre parecia estar associada aos turistas americanos. Geraldine Forbes não tinha nenhuma explicação a oferecer. Estava com um grave traumatismo craniano e só guardava imagens fragmentadas do que acontecera naquela noite. Em compensação, estava inconsolável por se encontrar viúva.

II – DA RÚSSIA COM AMOR 10 DE JANEIRO A 23 DE MARÇO

Uma equação contém em geral uma ou várias incógnitas, muitas vezes designadas por x, y, z etc. Diz-se que os valores dessas incógnitas, que garantem a igualdade efetiva dos dois membros da equação, satisfazem a equação ou constituem sua solução.

Exemplo: 3x + 4 = 6x - 2 (x = 2)

4 - SEGUNDA-FEIRA 10 DE JANEIRO – TERÇA-FEIRA 11 DE JANEIRO

Lisbeth Salander aterrissou no aeroporto de Estocolmo às seis e meia da manhã. Viajara vinte e seis horas, nove das quais passadas no aeroporto Grantly Adams de Barbados, onde a British Airways negara-se a autorizar a decolagem do avião sem antes neutralizar uma ameaça terrorista e isolar um passageiro de aparência árabe suspeita, a fim de interrogá-lo. Em Londres, perdera a conexão do último voo para a Suécia e tivera de esperar durante horas até que encontrassem um lugar para ela no primeiro voo da manhã.

Lisbeth se sentia um saco de bananas esquecido ao sol uma tarde inteira. Só levava uma bagagem de mão, com seu Powerbook, o Dimensions e algumas roupas bem compactadas. Passou pela porta verde da alfândega sem que lhe perguntassem nada. No ponto de ônibus, foi recebida pela lama da neve e uma temperatura próxima de zero.

Hesitou um instante. A vida inteira, por causa de suas evidentes limitações materiais, sempre optara pela alternativa mais barata, e ainda era difícil para ela se habituar à idéia de que dispunha de perto de três bilhões de coroas que roubara astuciosamente, utilizando a internet e um bom velho golpe à antiga. Um minuto foi suficiente para ela deixar para lá a regra geral e acenar Para um táxi. Deu seu endereço na Lundagatan e adormeceu quase imediatamente no banco traseiro.

Quando o táxi parou na Lundagatan e o motorista a acordou, percebeu que tinha dado o endereço errado. Corrigiu-se e pediu que ele fosse até a Gõtgatsbacken. Pagou em dólares americanos, deixando uma generosa gorjeta, e soltou um palavrão ao pisar numa poça d’água na sarjeta. Vestia calça jeans, camiseta e uma jaqueta leve. Nos pés, usava sandálias e meias finas. Foi, vacilante, até o supermercado da esquina, onde comprou xampu, pasta de dentes, sabonete, coalhada, queijo, ovos, pão, pãezinhos de canela congelados, café, chá em saquinhos, pepinos em conserva, maçãs,

um pacote gigante de Billys Pan Pizza e um maço de Marlboro light. Pagou com cartão Visa.

Ao voltar para a rua, ficou em dúvida quanto ao caminho a seguir. Podia escolher a Svartensgatan, onde já estava, ou a Hökensgatan, mais para baixo na direção de Slussen. A desvantagem da Hökensgatan é que teria de passar bem em frente à redação da Millennium, onde sempre corria o risco de cruzar com Mikael Blomkvist. Acabou decidindo que não ia ficar dando voltas só para evitar Mikael. Tomou, portanto, a direção de Slussen, embora na verdade se tratasse de um pequeno desvio, e virou à direita pela Hökensgatan até a praça de Mosebacke. Passou pela estátua das Irmãs na frente do Sôdra Teatern e chegou à Fiskaregatan pela escadaria. Lá, parou e contemplou pensativamente um edifício. Não conseguia sentir que era de fato “a sua casa”.

Olhou ao redor. Em todos os sentidos do termo, tratava-se de um recanto isolado em pleno Södermalm. Nenhuma grande artéria de tráfego, o que lhe convinha muito bem. Dali também se identificava rapidamente quem quer que passasse pelas redondezas. Talvez fosse um lugar de passeio apreciado no verão, mas no inverno só passava gente com algum motivo para estar naquele bairro. Não havia absolutamente ninguém à vista — principalmente ninguém que ela conhecesse e que, por conseguinte também poderia reconhecê-la. Teve de colocar o saco do supermercado na lama da neve para pegar a chave. Foi de elevador até o último andar e abriu a porta em que estava escrito o nome V. Kulla.

Uma das primeiras medidas que havia tomado no ano anterior, quando de uma hora para a outra se vira de posse de uma quantia confortável, tornando-se assim economicamente independente pelo resto da vida (ou, pelo menos, pelo tempo que imaginava poder viver com quase três bilhões de coroas), fora sair para procurar outro apartamento. As transações imobiliárias eram para ela uma experiência nova. Nunca na vida tinha investido dinheiro em algo mais importante que objetos utilitários que podia pagar em dinheiro ou mediante um crédito razoável. Os dois maiores débitos da sua contabilidade tinham sido o equipamento de informática e sua Kawasaki de baixa cilindrada, adquirida por sete mil coroas, uma oportunidade inesperada. Comprara peças avulsas por mais ou menos a mesma quantia e passara ela própria vários meses desmontando e ajeitando a moto. Teria preferido um carro, mas hesitara em comprar um sem saber como iria financiá-lo.

Já um apartamento, ela percebeu, era um negócio de dimensões bem diferentes. Começara lendo anúncios de

apartamentos à venda na edição *on-line* do *Dagens Nyheter.* Uma legítima ciência à parte, como ela não demorou a se dar conta.

Apto *qto sl + s. jant. boa local. prox. estação. P:* 2,7 *U. Condom. 5510/mês.*

Apto 2 dorm, vista p/ parque, Högalid. 2,9 *U*

Apto qto sl, 47m2, banh. reform, encanam, novo 1998. Gotlandsgatan. 1,8 V. Condom: 2200.

Ela coçara a cabeça e tentara ligar para alguns anúncios ao acaso, mas não sabia o que deveria perguntar e logo se sentiu tão ridícula que interrompeu o exercício. Depois, no primeiro domingo de janeiro, se aventurara a visitar alguns apartamentos à venda. Um deles situava-se no Vindragarvägen sobre o Reimersholme, e o outro na Heleneborgsgatan, perto de Horntull. O de Reimersholme era um três dormitórios claro e espaçoso com vista para Lângholmen e Essingen. Teve a impressão de que poderia se sentir bem ali. O apartamento da Heleneborgsgatan era um reduto sórdido com vista para o prédio da frente.

O problema é que ela não sabia como queria morar, que cara deveria ter a sua casa e o que ela deveria exigir do seu domicílio enquanto moradora. Nunca imaginara que poderia ter mais do que os quarenta e nove metros quadrados da Lundagatan, onde passara a infância e cujo usufruto lhe cabia desde a maioridade graças a seu tutor Holger Palmgren. Então se acomodara no sofá embolotado da sua sala-escritório integrada para refletir.

O apartamento da Lundagatan ficava no fundo de um pátio interno, era exíguo e pouco confortável. Da janela do quarto avistava a parede cega do prédio vizinho. A janela da cozinha dava para os fundos do edifício principal e para uma entrada de porão. Da sala, avistava-se um poste de iluminação e uns galhos de bétula.

A primeira exigência era que seu novo apartamento tivesse uma vista bonita.

Ela gostava de sacadas e sempre invejara seus vizinhos mais favorecidos dos andares superiores do prédio, que passavam os dias quentes de verão na sacada, à sombra de um toldo e com uma cerveja fresca. A segunda exigência era que sua nova moradia tivesse uma sacada.

Como deveria ser esse apartamento? Pensou no apartamento de Mikael Blomkvist — um único cômodo de sessenta e cinco metros quadrados num *loft* da Bellmansgatan com vista para a

prefeitura e Slussen. Sentira-se bem na casa dele. Queria um apartamento agradável, fácil de mobiliar e de manter. Esse foi o terceiro ponto da sua lista de exigências.

Fazia anos que vivia apertada. Na sua cozinha de dez metros quadrados, mal dava para acomodar uma mesinha e duas cadeiras. A sala tinha vinte metros quadrados, o quarto doze. Sua quarta exigência era que a nova moradia fosse espaçosa e provida de vários armários. Queria uma verdadeira sala de trabalho e um quarto grande onde pudesse se esparramar.

Seu atual banheiro era um reduto sem janela, com lajotas de cimento cinza no piso, uma banheira de assento antiga com um revestimento de plástico que continuava encardido mesmo depois de esfregado horas a fio. Ela agora queria cerâmica e uma banheira grande. Queria ter sua própria lavadora de roupas no apartamento e não ter mais que usar a máquina comunitária dos inquilinos num porão úmido. Queria seu banheiro com um cheiro bom, e poder arejá-lo.

Então entrou na internet para procurar imobiliárias. No dia seguinte, levantou cedo e foi até a Nobel, que tinha fama de ser a melhor imobiliária de Estocolmo. Vestia sua calça jeans preta surrada, botinas e uma jaqueta de couro preta. Foi até o balcão e olhou distraidamente para uma mulher loira de uns trinta anos que estava ocupada atualizando o site da imobiliária e carregando fotos de apartamentos. Por fim, um homem rechonchudo de uns quarenta anos, cabelos ruivos e finos, veio atendê-la. Lisbeth perguntou que apartamentos eles tinham para oferecer, e por alguns instantes ele olhou para ela estupefato, antes de adotar um tom paternal e zombeteiro.

—Então senhorita, seus pais sabem que está pretendendo abandonar o ninho?

Lisbeth Salander o fitou em silêncio com seus olhos imensos até que a risadinha dele cessasse.

—Preciso de um apartamento - ela especificou.

Ele deu uma tossidinha e olhou de relance para a colega.

—Entendo. E o que a senhorita tem em mente?

—Quero um apartamento no Söder. Tem que ter uma sacada e vista para a água, pelo menos três dormitórios, e um banheiro com

janela e espaço para uma máquina de lavar roupa. E precisaria ter um lugar com chave para eu guardar a minha moto.

A mulher ao computador interrompeu seu trabalho e virou-se para encarar Lisbeth, curiosa.

—Moto? - perguntou o homem de cabelos finos. Calmamente, Lisbeth assentiu com a cabeça.

—Posso perguntar... hã, qual o seu nome?

Lisbeth Salander se apresentou. Fez por sua vez a mesma pergunta e o homem se apresentou como Joakim Persson.

—Bem, quer dizer... *um apartamento aqui em* Estocolmo custa relativamente caro...

Lisbeth olhou para ele em paciente silêncio. Perguntou que apartamentos ele tinha para oferecer e disse que não se preocupava muito com o preço.

—A senhorita trabalha em que ramo?

Lisbeth refletiu por um instante. Formalmente, ela era sua própria chefe. Na prática, só trabalhara para Dragan Armanskij na Milton Security, mas isso fora de maneira irregular durante o ano anterior, e nos últimos três meses não assumira nenhuma missão.

—No momento, não estou fazendo nada em especial - respondeu com franqueza.

—Entendo... estudante, imagino.

—Não, não sou estudante.

Joakim Persson viera até o lado de cá do balcão e, delicadamente, pusera um braço em volta dos ombros de Lisbeth. Deu uma risadinha enquanto a conduzia com gentileza até a porta.

—Pois é, senhorita, será muito bem-vinda daqui a alguns anos, mas terá que trazer um pouco mais do que o dinheiro do seu cofrinho. Aqui a sua mesada não chega a ser suficiente, sabe. - Deu-lhe um beliscão paternal na bochecha. - Mas não hesite em nos procurar, vamos tentar achar algo simpático para a senhorita.

Lisbeth Salander ficou plantada na calçada em frente à imobiliária Nobel durante uns bons minutos. Perguntava-se o que Joakim Persson iria achar se ela jogasse um coquetel Molotov na vitrine. Então, voltou para casa e ligou o Powerbook.

Levou dez minutos para piratear a rede interna da Nobel graças aos códigos de acesso que ela observara distraidamente quando a

mulher de trás do balcão se conectara para baixar as fotos. Levou mais três minutos para perceber que o computador da mulher era também o servidor da empresa - *será possível ser tão burro? --* e outros três para ter acesso aos catorze computadores que compunham a rede. Em pouco mais de duas horas, esmiuçou a contabilidade de Joakim Persson e constatou que ele sonegara ao fisco perto de setecentos e cinquenta mil coroas nos últimos dois anos.

Baixou todos os arquivos indispensáveis e os reuniu num pacote coerente, que enviou por e-mail para o Tesouro Público usando o endereço anônimo de um fornecedor de acesso americano. Feito isso, expulsou Joakim Persson do pensamento.

Dedicou o restante do dia a percorrer as ofertas de apartamentos interessantes da Imobiliária Nobel. O imóvel mais caro era um pequeno castelo próximo a Mariefred, onde ela não tinha a menor vontade de se instalar. Só para perturbar, escolheu o segundo imóvel mais caro entre as ofertas da Nobel, um apartamento grandioso na Fiskaregatan, perto de Mosebacke Torg.

Passou um bom tempo examinando as fotos e estudando o mapa da cidade. Por fim, concluiu que o apartamento da Fiskaregatan preenchia perfeitamente todas as exigências de sua lista. O antigo proprietário era um diretor da ABB que saíra de cena depois de conceder a si mesmo um sensacional e criticadíssimo pacote de demissão de um bilhão de coroas.

À noite, pegou o telefone e ligou para Jeremy MacMillan, um dos sócios do escritório de advocacia MacMillan & Marks em Gibraltar. Já tivera assuntos a tratar com MacMillan. Fora ele quem, mediante uma generosa remuneração, criara para ela um certo número de empresas de fachada. Essas empresas eram titulares das contas bancárias que geriam a fortuna que ela surrupiara do financista Hans-Erik Wennerström no ano anterior.

Tornou a solicitar os serviços de MacMillan. Desta vez, pediu que ele atuasse em nome de sua empresa Wasp Enterprises e entabulasse negociações com a Imobiliária Nobel no intuito de adquirir o gracioso apartamento da Fiskaregatan, próximo a Mosebacke Torg. A transação durou quatro dias, e a fatura final representava uma quantia que a fez erguer uma sobrancelha. Mais cinco por cento de comissão para MacMillan. Antes do final da

semana, ela já tinha feito a mudança de duas caixas de roupas, roupa de cama, um colchão e alguns poucos utensílios de cozinha. Então habitara — ou pelo menos dormira num colchão — o apartamento por três semanas, durante as quais tratara de procurar clínicas de cirurgia estética, resolver algumas pendências administrativas (entre elas, uma conversa noturna com um certo Dr. Nils Bjurman) e pagar antecipadamente algumas despesas fixas, condomínio, energia elétrica etc.

Depois disso, comprara a passagem para ir até a clínica na Itália. Quando, uma vez efetuada a cirurgia, tivera alta da clínica, hospedara-se num hotel em Roma a fim de pensar sobre o que iria fazer. Deveria voltar à Suécia e começar a organizar sua vida, mas, por diversos motivos, só de pensar em Estocolmo lhe dava náuseas.

Não tinha uma profissão de fato. A impressão é de que não havia futuro para ela na Milton Security. Não por culpa de Dragan Armanskij. Ele gostaria que ela integrasse o quadro de funcionários fixos e se tornasse um elemento importante dentro da empresa, mas, aos vinte e cinco anos, ela ainda não possuía nenhuma formação. Não queria chegar aos cinquenta anos para descobrir que ainda passava a vida investigando delinquentes do mundo empresarial. Aquilo era um passatempo divertido, não a vocação de uma vida.

Um dos motivos de sua resistência a voltar para Estocolmo atendia pelo nome de Mikael Blomkvist. Em Estocolmo, ela corria seriamente o risco de topar com aquele Maldito Super-Blomkvist, o que no momento era uma das últimas coisas que ela queria. Ele a machucara. Tinha a honestidade de reconhecer que ele não tivera essa intenção. Só podia culpar a si mesma por ter se apaixonado por ele. A mera palavra “apaixonado” era uma contradição, tratando-se dessa Maldita Babaca da Lisbeth Salander, um metro e cinquenta e uma aparência física que necessariamente suscitava comentários, sem esquecer uma bagagem social que a transformava em atração onde quer que aparecesse.

Mikael Blomkvist era um notório mulherengo. Ela representava, quando muito, uma diversão agradável aceita com compaixão num momento em que ele tinha precisado dela e não achara nada melhor, mas ele passaria rapidamente para outra cama com uma companhia muito mais interessante. Ela não tinha a menor chance

nessa área e amaldiçoava a si mesma por ter baixado a guarda e deixado ele se aproximar. Como pudera imaginar algo diferente?

Quando se refizera, cortara qualquer contato com ele. Tinha sido doloroso, mas conseguira se blindar. A última vez que o vira, fora na estação de metrô Gamla Stan - ela estava na plataforma e ele, num trem em direção ao centro. Ficara olhando para ele durante um minuto e então resolvera que não nutria nem um átimo de sentimento por ele, pois isso significaria sangrar até morrer. *Vá se danar!* Ele a avistara no exato momento em que as portas se fechavam e fixara os olhos nela antes que ela desse meia-volta e fosse embora enquanto o metrô se punha em movimento.

Ela não entendia por que ele teimava em querer manter contato com ela, em mandar e-mails, como se ela fosse para ele um maldito projeto social. Enfurecia-se ao constatar que ele aparentemente não se dava conta de que a cada e-mail que mandava, e que ela apagava sem ler, era como se seu coração se despedaçasse.

Não, Estocolmo não a atraía nem um pouco. Tirando o dono da Milton Security, alguns antigos parceiros de cama e as meninas do ex-grupo de rock Evil Fingers, com quem mantinha uma amizade superficial e tomava uma cerveja no Moulin uma vez por mês, não conhecia praticamente ninguém na sua cidade natal.

A única pessoa por quem nutria um respeito desconfortável era Dragan Armanskij. Achava difícil definir seu sentimento por ele. Sempre se sentira vagamente confusa por experimentar essa atração um tanto incômoda. Se ele não fosse casado, se fosse um pouco mais moço e um pouco menos conservador no seu modo de encarar a vida, ela poderia ter cogitado chegar mais perto para ver.

Por fim, pegara a agenda e a abrira na parte do atlas. Nunca tinha ido para a Austrália nem para a África. Tinha visto as pirâmides e Angkor Vat em fotos, mas nunca ao vivo. Nunca andara no *Star Ferry* entre Kowloon e Victoria em Hong Kong, nunca praticara mergulho nas Antilhas, nunca fora a uma praia da Tailândia. Com exceção de algumas viagens rápidas de trabalho para os países bálticos e países nórdicos e, evidentemente, Zurique e Londres, nunca na vida tinha saído da Suécia. Na verdade, raras vezes saíra de Estocolmo.

Não tivera condições para isso.

No hotel de Roma, ficou na janela contemplando a via Garibaldi. Roma era uma cidade que lembrava um monte de ruínas. Ela então se decidiu, vestiu a jaqueta e foi até a recepção perguntar se havia uma agência de viagens ali perto. Na agência, comprou uma passagem de ida para Tel-Aviv e, nos dias seguintes, passeou pela antiga Jerusalém, contemplando a mesquita Al-Aqsa e o Muro das Lamentações. Desconfiada, observou em cada esquina os soldados armados até os dentes, em seguida voou para Bangcoc e prosseguiu assim até o final do ano.

Só lhe restava uma coisa importante a fazer. Foi até Gibraltar, para ver quem era o homem a quem confiara a gestão de seu dinheiro e conferir se ele estava fazendo o seu trabalho direito.

Girar a chave do apartamento que agora lhe pertencia foi uma sensação esquisita.

Largou a sacola de compras e a bolsa de viagem no hall de entrada e teclou rapidamente o código de quatro algarismos que desligava o alarme eletrônico. Tirou a roupa molhada e deixou-a cair no chão. Completamente nua, deu uma voltinha na cozinha, ligou a geladeira e guardou as compras antes de ir para o banheiro. Passou os dez minutos seguintes debaixo do chuveiro. Comeu uma maçã em fatias e uma Billys Pan Pizza, que aqueceu no micro-ondas. Abriu uma das caixas da mudança e achou um travesseiro, lençóis e um cobertor com um cheiro suspeito, depois de ter passado um ano encaixotado. Arrumou a cama num colchão, no chão do quarto contíguo à cozinha.

Levou dez segundos para pegar no sono depois que pôs a cabeça no travesseiro, dormiu quase doze horas seguidas e acordou pouco antes da meia-noite. Levantou-se, fez café e se enrolou num cobertor. Pôs o travesseiro diante de uma janela e se instalou com um cigarro para ficar olhando o parque de Djurgârden e a baía de Saltsjön. As luzes a fascinavam. No escuro, refletiu sobre sua vida.

No dia seguinte, Lisbeth Salander teve uma agenda cheia. Fechou a porta de seu apartamento às sete horas. Antes de descer, abriu uma janela de ventilação na escada e pendurou uma cópia da chave com um fino fio de cobre que amarrou atrás da calha. Escaldada por experiências anteriores aprendera como era útil sempre ter à mão uma cópia da chave.

Fazia um frio de rachar. Ela vestia uma velha calça jeans gasta com um rasgo debaixo do bolso de trás, que deixava ver sua calcinha azul. Enfiara uma camiseta e uma blusa de gola alta cuja

costura estava soltando no pescoço. Tirara da caixa sua velha jaqueta de couro surrado, com rebites nos ombros. Concluiu que teria sido melhor deixá-la num costureiro para ele arrumar o forro rasgado e quase inexistente dos bolsos. Estava com meias grossas e sapatos fortes. No geral, sentia calor.

Pegou a Sankt Paulsgatan para ir até o bairro de Zinkensdamm e ao seu antigo endereço na Lundagatan. Primeiro, conferiu se a sua Kawasaki ainda estava em seu lugar no porão. Para abrir a porta do antigo apartamento, precisou empurrar uma pilha imensa de folhetos publicitários.

Antes de sair da Suécia, um ano antes, hesitara sobre o que fazer com aquele apartamento, e a solução mais simples fora o sistema de débito automático para pagar todas as despesas fixas. Ainda restavam alguns móveis, juntados a muito custo em diversos caminhões de lixo seco, canecos rachados, dois computadores velhos e uma considerável papelada. Mas nada de valor.

Pegou na cozinha um saco de lixo preto e levou cinco minutos separando a correspondência da publicidade. A maior parte da pilha foi direto para o lixo. Tinha recebido cartas pessoais do gênero extrato bancário, declaração de rendimentos da Milton Security para o Imposto de Renda ou publicidade disfarçada. Uma vantagem da tutela é que ela nunca precisara tratar da papelada dos impostos - que brilhava pela ausência. Afora isso, durante aquele ano inteiro só recebera três cartas em seu nome.

A primeira era de uma advogada Greta Molander, que tinha sido a administradora *ad hoc* legal de sua mãe. A carta comunicava sucintamente que o inventário de sua mãe estava concluído e que Lisbeth Salander e sua irmã Camilla Salander eram herdeiras de 9312 coroas cada uma. Essa quantia fora depositada na conta da Srta. Salander. Ela poderia, por gentileza, confirmar o recebimento? Lisbeth guardou a carta no bolso interno da jaqueta.

A segunda carta era da Sra. Mikaelsson, diretora da casa de saúde de Appelviken, gentilmente comunicando que ainda estava lá uma caixa com os pertences de sua mãe — ela poderia ter a delicadeza de entrar em contato com Appelviken para dar instruções a respeito? A diretora concluía informando que se não tivessem notícias de Lisbeth ou de sua irmã (cujo endereço desconheciam)

antes do final do ano, jogariam fora os pertences. Verificou o cabeçalho da carta, datada do mês de junho, e pegou o celular. Precisou esperar até que lhe passassem a pessoa certa, e então descobriu que a caixa ainda não havia sido jogada fora. Desculpou-se por não ter dado notícias mais cedo e prometeu aparecer no dia seguinte para apanhar as coisas.

A terceira carta pessoal era de Mikael Blomkvist. Ela pensou um pouco, mas concluiu que ler a carta ainda seria muito doído e jogou-a no lixo.

Acomodou numa caixa alguns objetos e quinquilharias que queria guardar e pegou um táxi para a Fiskaregatan. Subiu rapidamente ao apartamento para se maquiar, pôr óculos, uma peruca loira semilonga, e enfiar na bolsa um passaporte norueguês em nome de Irene Nesser. Olhou-se no espelho e constatou que, embora Irene Nesser fosse um pouco parecida com Lisbeth Salander, tratava-se de uma mulher muito diferente.

Depois de almoçar rapidamente uma baguete com queijo brie e um *caffè latte* no Éden da Götgatan, foi até a autolocadora de Ringvägen, onde Irene Nesser alugou uma Nissan Micra. Então dirigiu-se à Ikea de Kungens Kurva, onde passou três horas percorrendo toda a loja e anotando as referências de que precisava. Tomou decisões bastante rápidas.

Comprou dois estofados cor de areia, cinco poltronas de estrutura flexível, um par de gueridons de bétula envernizados, uma mesa de centro e algumas mesinhas de apoio. Pediu dois armários modulados, duas estantes para livros, um *rack* para a televisão e uma estante com portas. Completou com um armário de três portas acoplado a um módulo de canto e duas cômodas combinando.

Ficou um bom tempo escolhendo uma cama, para a qual levou também colchão e acessórios. Por precaução, comprou, além disso, uma cama para o quarto de hóspedes. Não esperava de fato ter visitas algum dia, mas já que tinha um quarto de hóspedes não custava mobiliá-lo.

O banheiro do apartamento novo já vinha inteiramente equipado com armários e uma lavadora de segunda mão. Contentou-se em comprar um cesto de roupa barato.

Em compensação, faltavam-lhe móveis de cozinha. Depois de hesitar um pouco, escolheu uma mesa de carvalho maciço com tampo de vidro temperado e quatro cadeiras de cores vivas.

Também precisava de móveis para a sua sala de trabalho e ficou boquiaberta ao ver algumas “estações de trabalho” com arranjos engenhosos para a CPU e o teclado. Porém, balançou a cabeça e pediu uma escrivaninha absolutamente comum de aglomerado, revestida com laminado de faia, curvo e com ângulos arredondados, e um armário do mesmo modelo. Demorou-se escolhendo a cadeira - na qual provavelmente iria passar longas horas - e optou por uma das poltronas giratórias mais caras.

Para terminar, deu uma volta e comprou um estoque considerável de lençóis, fronhas, toalhas, edredons, cobertores, um kit de instalação que incluía talheres de todo tipo, louça e panelas, tábuas de corte, e acrescentou três tapetes grandes, várias luminárias de trabalho e uma boa quantidade de material de escritório sob a forma de arquivos, cesto de papel, caixas organizadoras, entre outros.

Terminada a volta na loja, passou no caixa com sua lista. Pagou com o cartão da Wasp Enterprises e mostrou o passaporte de Irene Nesser para comprovar sua identidade. Também pagou adiantado a entrega e a montagem. O total chegava a pouco mais de noventa mil coroas.

Retornou ao Söder por volta das dezessete horas e ainda teve tempo de dar um pulo rápido na Axelssons Radio-Televisão, onde comprou um televisor de dezoito polegadas e um radiocassete. Entrou numa loja da Hornsgatan pouco antes do fechamento e comprou um aspirador. Na Mariahallen, adquiriu um escovão, sabão, um balde, sabão em pó, escova de dente e um pacote grande de papel higiênico.

Saiu exausta de sua louca jornada de compras. Colocou as últimas aquisições na Nissan Micra alugada, foi até a Hornsgatan e desabou no primeiro andar do café Java. Pegou um jornal da tarde na mesa ao lado e descobriu que o partido socialdemocrata continuava com maioria no governo e que nada de capital importância parecia ter acontecido no país durante sua ausência.

Voltou ao apartamento às oito da noite. Aproveitou que estava escuro, descarregou o carro e levou tudo para o apartamento de V. Kulla. Deixou as compras jogadas no hall de entrada e passou meia hora procurando um lugar numa rua lateral para estacionar o carro

alugado. Ao retornar, preparou um banho e ficou uma hora naquele spa em que pelo menos três pessoas poderiam entrar sem se espremer. Por um momento, pensou em Mikael Blomkvist. Até ver a carta, pela manhã, havia meses que não pensava nele. Perguntou-se se ele estaria em casa e se Erika Berger estaria lhe fazendo companhia.

Depois de algum tempo, respirou profundamente, inclinou a cabeça e mergulhou o rosto na água. Colocou as mãos nos seios, beliscou os mamilos com força e prendeu a respiração por vários minutos, até que seus pulmões começassem a doer terrivelmente.

Erika Berger, diretora da *Millennium,* olhou ostensivamente para o relógio quando Mikael Blomkvist chegou quase quinze minutos atrasado à sacrossanta reunião de planejamento de toda segunda terça-feira do mês, onde se definiam as linhas gerais da programação editorial e se tomavam as decisões de longo prazo.

Mikael desculpou-se pelo atraso e resmungou uma explicação que ninguém ouviu, ou que pelo menos ninguém registrou. Além de Erika, estavam presentes à reunião a assistente de redação Malu Eriksson, o sócio e diretor de arte Christer Malm, a jornalista Monika Nilsson e os *freelancers* Lottie Karim e Henry Cortez, que trabalhavam na revista em tempo parcial. Todos tinham a obrigação de participar da reunião de terça-feira, cujo item principal da pauta era o planejamento da edição seguinte. Mikael Blomkvist reparou imediatamente na ausência da jovem estagiária sedutora e na presença de um rosto desconhecido, embora fosse raro alguém de fora ser autorizado a participar das reuniões de planejamento da *Millennium.*

—Quero apresentar a vocês o Dag Svensson - disse Erika Berger. -Vamos comprar um texto dele.

Mikael Blomkvist meneou a cabeça e apertou-lhe a mão. Loiro de olhos azuis, Dag Svensson tinha cabelos bem curtos e uma barba de três dias. Estava em torno dos trinta anos e exalava força e saúde.

—Como todo ano, vamos lançar um ou dois números temáticos - prosseguiu Erika. —Eu queria este assunto para o número de maio. A gráfica já está reservada para 27 de abril. Isso nos dá três meses para produzir os textos.

—E qual é o tema? - perguntou Mikael.

Dag Svensson veio me ver, semana passada, com o esboço de um assunto. Pedi a ele que viesse à reunião. Ele vai poder explicar melhor que eu - disse Erika, voltando-se para Dag.

—Tráfico de mulheres - disse Dag Svensson. —Ou seja, exploração sexual de mulheres. No caso, são principalmente mulheres originárias dos países bálticos e do Leste europeu. Na verdade, estou escrevendo um livro sobre o assunto, por isso entrei em contato com a Erika - já que vocês também têm uma editora.

Todo mundo pareceu achar graça. Até agora, a Millennium Editora só tinha publicado um livro, que vinha a ser o tijolão de Mikael Blomkvist sobre o império financeiro do bilionário Wennerström, lançado um ano antes. O livro estava na sexta edição na Suécia, fora publicado em norueguês, alemão e inglês e estava sendo traduzido para o francês. Aquele sucesso comercial lhes parecia um tanto incompreensível, considerando-se que a história já estava para lá de conhecida e tinha sido contada em inúmeros jornais.

—A nossa produção de livros não é das mais consistentes - disse Mikael, cauteloso.

Dag Svensson esboçou um sorriso.

—Isso eu já entendi. Ainda assim, vocês são uma editora.

—Existem outras maiores - observou Mikael.

—Sem dúvida - disse Erika Berger. —Mas faz um ano que estamos discutindo se partimos de fato para a edição de livros. Levantamos o assunto em duas reuniões do conselho administrativo, e todos se mostraram muito receptivos. A idéia é uma política editorial limitada a três, quatro livros por ano, que seriam apenas, grosso modo, reportagens sobre diferentes temas. Ou seja, típicos produtos jornalísticos. O livro de Dag se inscreve perfeitamente dentro dessa óptica.

—Tráfico de mulheres - disse Mikael Blomkvist. - Fale mais a respeito.

—Estou há quatro anos trabalhando no assunto. De certa forma, fui levado a ele pela minha companheira. Ela se chama Mia Bergman, é criminologista e a pesquisa dela se encaixa nesta área. Ela trabalhou no Conselho de Prevenção Criminal e pesquisou a legislação relacionada ao comércio sexual.

—Conheço a Mia Bergman - interveio Malu Eriksson. —Fiz uma entrevista com ela, dois anos atrás, quando ela publicou um relatório

comparativo sobre o tratamento dado a homens e mulheres num tribunal.

Dag Svensson meneou a cabeça e sorriu.

—É verdade, esse relatório foi muito comentado - disse. —Ela vem pesquisando sobre o tráfico de seres humanos de uns cinco, seis anos para cá. Foi assim que a gente se conheceu. Eu estava investigando o comércio do sexo via internet e me aconselharam a conversar com ela. Resumindo, começamos a trabalhar juntos, eu corno jornalista e ela como pesquisadora, no meio da história viramos um casal e já faz um ano que moramos juntos. Ela está fazendo doutorado, vai defender a tese na primavera. O tema é o tráfico de mulheres.

—Quer dizer que ela escreve a tese e você...?

—Eu escrevo a versão grande público da tese, acrescentando meu trabalho pessoal. E também uma versão resumida em forma de artigo, que foi o que passei para a Erika.

—Certo, vocês formam uma equipe. E qual é a história?

—Grosso modo... temos um governo que aprovou uma lei rigorosíssima para o comércio sexual, temos uma polícia para cuidar da aplicação dessa lei e tribunais para julgar criminosos sexuais - qualificamos os clientes como criminosos sexuais, já que virou crime pagar por serviços sexuais -, temos uma mídia que escreve textos moralizantes e indignados sobre o assunto, e tutti quanti. Mas, paralelamente, a Suécia é um dos maiores consumidores per capita de prostitutas originárias da Rússia e dos países bálticos.

—E você tem como provar?

—Não é nenhum segredo. O assunto, inclusive, está longe de ser novidade. Agora, a novidade é que nós interrogamos uma dúzia de Lilya 4-ever. São, na maioria, garotas entre quinze e vinte anos, estagnadas na miséria social dos países do Leste europeu, trazidas para cá com promessas variadas de emprego e que no fim das contas caem nas garras de uma máfia do sexo absolutamente inescrupulosa. Algumas experiências dessas garotas fazem do *Lilya 4-ever* um entretenimento familiar. E não digo isso desmerecendo o filme de Moodysson, que é excelente. O que eu quero dizer é que essas garotas viveram coisas que simplesmente não dá para descrever num filme.

—Certo.

—Este, por assim dizer, é o cerne da tese da Mia. Mas não do meu livro. Um silêncio instalou-se em volta da mesa.

—Enquanto Mia entrevistava as garotas, eu, por minha vez, estabeleci uma cartografia dos fornecedores e da clientela.

Mikael nunca estivera com Dag Svensson antes, mas de repente sentiu que ele era exatamente o tipo de jornalista que ele apreciava, desses que sabiam se ater ao essencial. Para Mikael, a regra de ouro do jornalismo era que sempre há um responsável. O malvado.

—E você descobriu fatos interessantes?

—Sim, tenho condições de provar que um funcionário do Ministério da Justiça, que trabalhou na elaboração da lei do comércio sexual, explorou no mínimo duas garotas que chegaram aqui através da máfia do sexo. Uma delas tinha quinze anos.

—Uau!

—Estou nessa história há três anos. O livro apresenta estudos com exemplos de clientes sexuais. Tenho pelo menos três tiras, sendo que um deles trabalha na Säpo e outro na Polícia de Costumes. Tenho cinco advogados, um procurador e um juiz. Peguei também três jornalistas, sendo que um deles escreveu vários textos sobre comércio sexual. Na vida privada, ele se entrega a delírios de estupro com uma prostituta adolescente de Tallinn... e nesse caso não se trata exatamente de preferências sexuais partilhadas. Pretendo divulgar os nomes. A minha documentação é superconsistente.

Mikael Blomkvist deu um assobio. Então, parou de sorrir.

—Como voltei a ser o editor responsável pela publicação, faço questão de examinar esses documentos com lente de aumento - disse. —A última vez que descuidei na conferência das minhas fontes, acabei pegando três meses de cadeia.

—Se vocês aceitarem publicar minha história ponho à disposição os documentos que quiser. Mas só vendo o assunto para a *Millennium* com uma condição.

—Dag quer que a gente também publique o livro - disse Erika erger.

—De fato, quero que o livro seja publicado. Quero que ele caia feito uma bomba, e no momento a Millennium é a revista com maior credibilidade e mais impertinente da cidade. Dificilmente outra editora ousaria publicar um livro como esse.

—Ou seja, sem livro não há artigo - resumiu Mikael.

—Por mim, acho que faz sentido - disse Malu Eriksson.

—Artigo e livro são duas coisas diferentes. No caso do artigo na revista, Mikael é o responsável pela publicação. No que diz respeito ao livro, o autor é que é responsável.

—Eu sei - disse Dag Svensson. —Isso não me preocupa. No exato momento da publicação do livro, Mia vai denunciar todos os caras que eu cito.

—Vai ser um auê - disse Henry Cortez.

—Isso é só metade da história - disse Dag Svensson. —Também investiguei as redes que ganham dinheiro com esse comércio. Porque se trata realmente de crime organizado.

—E quem você descobriu?

—Aí é que a coisa fica especialmente trágica. A máfia do sexo não passa de um bando sórdido de pés-rapados. Não sei bem o que eu esperava quando comecei a pesquisa, mas de algum modo fomos levados a pensar - ou pelo menos eu fui levado a pensar - que essa “máfia” era um bando de gente chique da elite social, que circula em carros de luxo. Imagino que alguns filmes americanos que abordam o tema contribuíram para eu formar essa imagem. O seu trabalho sobre o Wennerström - Dag lançou um olhar para Mikael - mostrou que esse pode ser o caso. Mas o Wennerström era uma das exceções. Eu me deparei foi com um amontoado de cretinos sádicos e brutais que mal sabem ler e escrever, e são uns perfeitos idiotas no que se refere a organização e estratégia. Esses caras trabalham em associação com grupos de motoqueiros e outros círculos um pouco mais estruturados, mas, no geral, o comércio sexual é tocado por um bando de gente burra.

—Isso transparece claramente no seu artigo - disse Erika Berger. —Nós temos leis, um corpo policial e uma justiça financiados por milhões de coroas saídos do bolso do contribuinte, que supostamente deveriam cuidar dessa delinquência lucrativa, e não conseguem prender um bando de idiotas.

—O inteiro comércio sexual não passa de uma grande violação dos direitos humanos, e as garotas envolvidas estão num nível tão baixo da escala social que juridicamente não apresentam o menor interesse. Elas não votam. Tirando o vocabulário necessário para fechar um negócio, elas mal falam sueco. Dos crimes ligados ao comércio sexual, 99,9% nunca foram registrados na polícia e muito menos chegam aos tribunais. É provavelmente o maior iceberg na paisagem da criminalidade sueca. Imaginem se os assaltos a mão armada fossem tratados com o mesmo descaso, e só uma ínfima parte fosse denunciada. Minha conclusão é que essa atividade não continuaria nem mais um dia sequer não fosse o fato de que a Justiça simplesmente *não* quer pôr um fim a ela. Os abusos sexuais contra adolescentes de Tallinn e Riga simplesmente não são uma questão prioritária. Uma puta é uma puta. Faz parte do sistema.

—É... triste realidade - disse Monika Nilsson.

—Então, o que vocês acham? - perguntou Erika Berger.

—A idéia me atrai - disse Mikael Blomkvist. —Vamos nos arriscar, mas esse era o objetivo quando lançamos a *Millennium* anos atrás.

—É por isso que eu ainda trabalho aqui. O gerente é capaz de dar um salto mortal de vez em quando - disse Monika Nilsson.

Todo mundo riu, menos Mikael.

—É, o Mikael foi o único bobo o suficiente para aceitar ser o responsável pela publicação - disse Erika Berger. —Vamos pegar esse assunto para maio. Com o livro saindo na esteira.

—O livro está pronto? - perguntou Mikael.

—Não. Estou com a sinopse toda, mas ainda falta redigir metade. Se vocês concordarem em publicar e me derem um adiantamento, posso trabalhar nele em tempo integral. A pesquisa está praticamente concluída. Só falta completar alguns anexos, na verdade confirmações daquilo que eu já sei - e ainda tenho que me encontrar com os clientes que vou denunciar.

—Vamos fazer o que fizemos com o livro do Wennerström. Nunca entendi por que os editores costumam exigir dezoito meses para produzir um livro de umas poucas centenas de páginas. Precisamos de uma semana para a diagramação - Christer Malm assentiu com a cabeça - e duas para a impressão. Fazemos as

revisões em março e abril e um resumo de quinze páginas, que vão ser as últimas. Precisamos do manuscrito fechado em 15 de abril, para dar tempo de checar todas as fontes.

—Como funciona o contrato e essas coisas todas? Erika Berger franziu o cenho:

—Nunca redigi um contrato de edição, vou ter que ver isso com o nosso advogado. Mas proponho empregar você por quatro meses, de fevereiro a maio, até você terminar o projeto. E saiba que nossos salários não são mirabolantes.

—Para mim está bem. Preciso de um salário-base para poder me concentrar no livro em tempo integral.

—Fora isso, em regra, meio a meio sobre as vendas do livro, uma vez deduzidas as despesas. O que você acha?

—Parece perfeito - disse Dag Svensson.

—Divisão de tarefas - disse Erika Berger. —Malu, quero você de assistente editorial deste número temático. Vai ser a sua tarefa a partir do mês que vem; você vai trabalhar com Dag Svensson na redação do manuscrito. Lottie, isso quer dizer que você vai assumir temporariamente a assistência de redação, de março a maio. Vai passar a trabalhar em período integral, e Malu ou Mikael vão lhe dar uma mão dependendo da disponibilidade deles.

Malu Eriksson assentiu com a cabeça.

—Mikael, faço questão que você seja o editor desse livro. - Erika olhou para Dag Svensson. —Mikael não gosta de admitir, mas ele escreve muito bem e, além disso, tem experiência em pesquisa. Ele vai pôr cada palavra do seu livro num microscópio. Para mim, é uma honra você querer publicar esse livro com a gente, mas saiba que na *Millennium* temos problemas bem específicos. Temos alguns desafetos que adorariam nos ver enfiar os pés pelas mãos. Quando a gente se atreve a publicar alguma coisa, ela tem que estar cem por cento irretocável. Não podemos nos permitir nada menos que isso.

—Nem eu gostaria que fosse diferente.

—Ótimo. Mas você vai aguentar uma pessoa em cima de você, enchendo você de críticas a primavera inteira?

Dag Svensson riu e olhou para Mikael.

—Vai, pode começar.

Mikael meneou a cabeça. Erika prosseguiu:

—Se vamos fazer um número temático, precisamos de mais artigos. Mikael, quero que você escreva algo sobre as finanças do comércio sexual. Quanto ele consome anualmente? Quem acumula os lucros e onde vai parar o dinheiro? Temos como provar que parte dele se encontra nos cofres do Estado? Monika, quero que você trabalhe no abuso sexual em geral. Contate o SOS-Mulheres, pesquisadores, médicos e autoridades. Monika e Mikael, portanto, mais o Dag, assinam os textos principais. Henry, quero uma entrevista com a companheira do Dag, Mia Bergman. Dag, logicamente, não pode fazer isso. Um perfil: quem é ela, os temas que ela pesquisa e quais são suas conclusões. Também gostaria que você se detivesse em alguns casos esmiuçados em investigações policiais. Christer: fotos. Não sei como vamos poder ilustrar isso. Pense no assunto.

—Pois esse tema é dos mais fáceis de ilustrar. Tem muita força. Não tem problema.

—Se me permitem acrescentar uma coisa - disse Dag Svensson. —Alguns tiras fazem realmente um bom trabalho. Talvez valesse a pena entrevistar um deles.

—Você tem nomes? - perguntou Henry Cortez.

—Tenho até os telefones - respondeu Dag Svensson.

—Perfeito - disse Erika Berger. —O tema do número de maio será, portanto, o comércio sexual. Com ele, teria que ficar claro que o tráfico de mulheres é um legítimo atentado aos direitos humanos e que os criminosos que o organizam têm de ser presos e tratados como qualquer criminoso de guerra ou de esquadrão da morte. Bem, crianças, ao trabalho!

5 - QUARTA-FEIRA 12 DE JANEIRO – SEXTA-FEIRA - 14 DE JANEIRO

Äppelviken lhe passou a impressão de um lugar estranho e desconhecido quando Lisbeth, pela primeira vez em um ano e meio, dirigiu-se para os prédios ao volante da sua Nissan Micra alugada. Desde seus quinze anos, algumas vezes por ano, visitava regularmente a mãe, que fora acolhida nesta casa de saúde depois que Todo o Mal acontecera.

Chamava-se Agneta Sofia Salander. Seus catorze últimos anos tinham sido marcados por uma seqüência reiterada de pequenos derrames cerebrais, rupturas de vasos sangüíneos finos como fios de cabelo, que a impediram de cuidar de si mesma e de realizar as tarefas cotidianas. Em certos momentos, estivera incapaz de se comunicar, tivera dificuldade em reconhecer Lisbeth e formular seus pensamentos em palavras.

Lisbeth Salander não gostava muito de pensar na mãe. Tais pensamentos a conduziam invariavelmente a um sentimento de vulnerabilidade e noite escura. Sua atitude neste assunto era de uma profunda ambivalência. Por um lado, tentara realmente estabelecer contato com a mãe. Na adolescência, fantasiara uma possível recuperação da mãe e um tipo de relacionamento que elas poderiam ter. Intelectualmente, sabia que esse jamais seria o caso.

De baixa estatura, sua mãe tinha sido magra, mas não ao estilo anoréxico de Lisbeth, longe disso. Pelo contrário, sempre fora uma mulher bonita, bem-proporcionada. Como a irmã de Lisbeth. *Camilla.*

Lisbeth evitava pensar na irmã.

Considerava a diferença entre ela e a irmã uma brincadeira do destino. Eram gêmeas, nascidas com vinte minutos de intervalo. Lisbeth era a primeira. Camilla era bonita.

Eram tão diferentes que parecia improvável terem se formado no mesmo útero, e mais estranho ainda serem geneticamente consideradas gêmeas univitelinas, que deveriam ser idênticas. Não fosse um defeito no código genético de Lisbeth Salander, ela teria sido tão bonita como a irmã.

E provavelmente tão debiloide quanto.

Desde a mais tenra idade, Camilla fora extrovertida, popular e coberta de êxito na escola. Lisbeth fora calada e fechada, raramente respondia às perguntas dos professores, obtendo, desse modo, médias bastante baixas. Desde a escola primária, Camilla se distanciara de tal modo da irmã que elas até iam para a escola por caminhos diferentes. Os professores e demais alunos notavam que as duas meninas nunca se falavam nem sentavam uma ao lado da outra. A partir do ginásio, não ficaram na mesma classe. Com doze anos, e depois que Todo o Mal aconteceu, haviam crescido cada qual na sua família adotiva. Não se viam desde que fizeram dezessete anos, e naquele dia o encontro terminara com um olho roxo para Lisbeth e um lábio partido para Camilla. Lisbeth não sabia por onde Camilla andava e também não tinha procurado saber.

Não existia amor entre as irmãs Salander.

Aos olhos de Lisbeth, Camilla era hipócrita, depravada e manipuladora. No entanto, fora em Lisbeth que a decisão do tribunal recaíra, determinando que ela não tinha juízo perfeito.

Deixou o carro no estacionamento para visitantes, abotoou a jaqueta surrada e, debaixo de chuva, subiu para a entrada principal. Parou diante de um banco do jardim e olhou ao redor. Fora ali, naquele banco, que vira sua mãe pela última vez, um ano e meio antes. Passara sem avisar na casa de saúde de Appelviken, quando estava ajudando o Super-Blomkvist a pegar um assassino em série, louco sem dúvida, mas perfeitamente articulado. Sua mãe estava agitada, não a reconheceu, e mesmo assim não queria deixá-la ir embora. Tinha segurado sua mão e pousado na filha um olhar perplexo. Lisbeth estava com pressa. Soltara a mão, dera um abraço na mãe e correra até a moto para ir embora.

A diretora de Áppelviken, Agnes Mikaelsson, pareceu contente em ver Lisbeth. Cumprimentou-a com simpatia e a acompanhou ao lugar onde estava guardada a caixa. Lisbeth ergueu-a. Pesava poucos quilos e não tinha muito a exibir como patrimônio de uma vida.

—Eu não sabia o que fazer com as coisas da sua mãe - disse a Sra. Mikaelsson. —Mas tinha o sentimento de que você ia aparecer um dia.

—Eu estava viajando - disse Lisbeth.

Agradeceu-lhe por ter guardado a caixa, carregou-a até o carro e foi embora de Áppelviken pela última vez.

Lisbeth voltou à Fiskaregatan pouco depois do meio-dia e levou a caixa de sua mãe até o apartamento marcado V. Kulla. Guardou-a sem abrir no armário da entrada e tornou a sair.

Ao abrir a porta do prédio, viu um carro de polícia passando com a velocidade de uma lesma. Lisbeth deteve-se e observou atentamente a autoridade diante de seu prédio. Como os tiras não parecessem querer partir para o ataque, ela os deixou passar.

A tarde, foi à H & M e à Dressman renovar seu guarda-roupa. Adquiriu um legítimo enxoval de roupas básicas sob a forma de calças, jeans, camisetas e meias. As caras roupas de marca não a interessavam, mas mesmo assim sentiu certo prazer em poder comprar meia dúzia de jeans de uma vez sem ser obrigada a contar moedinhas.

Comprou um bom par de sapatos de inverno na Skoman e dois pares mais leves, para interiores. Depois cedeu ao impulso de levar também uma botina preta de salto alto, que a deixava alguns centímetros mais alta. Além disso, achou um casaco quente de inverno, de camurça marrom e gola de pele.

Sua aquisição mais extravagante foi na Twilfit, onde comprou uma verdadeira coleção de calcinhas e sutiãs. Eram, de novo, artigos básicos, mas, depois de meia hora de uma constrangida hesitação, levou também um conjunto que ela considerava “sexy”, ou até “safado”, e que antes nunca teria pensado em comprar. À noite, quando experimentou o conjunto, sentiu-se de um ridículo sem tamanho. O que ela via no espelho era uma garota de corpo magro e tatuado, paramentada com uma fantasia grotesca. Livrou-se dos penduricalhos e jogou tudo no lixo.

Mia Bergman, futura doutora em criminologia, partiu a *cheesecake* e decorou-a com sorvete de framboesa. Serviu primeiro Erika Berger e Mikael Blomkvist, e em seguida Dag Svensson e ela própria. Malu Eriksson se negara categoricamente a comer sobremesa e se contentou com um café preto servido numa xícara de porcelana florida tremendamente retrô.

—Esta louça era da minha avó - disse Mia, ao ver que Malu examinava a xícara.

—A Mia morre de medo que quebrem uma dessas xícaras - disse Dag Svensson. —Só usamos com convidados especiais.

Mia Bergman sorriu.

—Eu me criei, por vários anos, na casa da minha avó e essas xícaras são praticamente tudo que me restou dela.

—São mesmo encantadoras - disse Malu. —Eu, de louça, só tenho da cem por cento Ikea.

Mikael, que não estava nem um pouco interessado em xícaras de café floridas, lançou um olhar desconfiado para o prato de *cheesecake.* Considerou inclusive a hipótese de afrouxar o cinto. Erika estava pensando o mesmo.

—Ai, ai, ai, eu não deveria ter aceitado a sobremesa - disse, olhando de relance para Malu como que se desculpando, antes de pegar a colher com uma mão firme.

O jantar era supostamente uma reuniãozinha de trabalho para, por um lado, selar sua colaboração e, por outro, continuar discutindo a edição do número temático da *Millennium.* Dag Svensson propusera que se encontrassem em sua casa para comerem alguma coisa, e Mia Bergman aproveitara a oportunidade para servir o melhor frango agridoce que Mikael já tinha comido. A refeição foi regada com duas garrafas de vinho espanhol encorpado, e Dag aproveitou a sobremesa para perguntar se alguém aceitava uma taça de Tullamore Dew. Erika foi a única a cometer a besteira de dizer não, e Dag pegou as taças.

Dag Svensson e Mia Bergman moravam num quarto-e-sala em Enskede.

Já namoravam havia alguns anos, e um ano antes tinham resolvido se mudar para aquele apartamento.

Haviam se encontrado por volta das seis e, duas horas e meia depois, terminada a sobremesa, nenhuma palavra ainda fora dita sobre o verdadeiro objetivo do jantar. Em compensação, Mikael descobrira que gostava de Dag Svensson e Mia Bergman, e que apreciava a companhia deles.

Foi Erika quem por fim encaminhou a conversa para o assunto que supostamente deveriam discutir. Mia Bergman foi buscar uma cópia de sua tese e a colocou em cima da mesa diante de Erika. O título era, no mínimo, irônico - “Da Rússia com amor”, alusão

evidente ao clássico 007 de Ian Fleming. O subtítulo já era bem menos irônico: *Tráfico de mulheres, crime organizado e medidas tomadas pelas autoridades.*

—Que fique bem clara a diferença entre a minha tese e o livro do Dag — disse ela. — O livro é a versão de um agitador, focada nos beneficiários do tráfico de mulheres. Já a minha tese é composta de estatísticas, pesquisa de campo, textos da lei e uma análise do comportamento da sociedade e dos tribunais com relação às vítimas.

—Ou seja, as garotas.

—Sim, e garotas jovens, em geral entre quinze e vinte anos, da classe operária, com baixo nível de educação. Muitas vezes são meninas vindas de um meio familiar conturbado, que muitas vezes já foram vítimas de uma ou outra forma de abuso na infância - se vieram para a Suécia é porque, obviamente, alguém contou a elas um monte de lorotas.

—Os mercadores do sexo.

—Um aspecto que a minha tese põe bem em perspectiva é a diferença entre homens e mulheres. É raro um pesquisador ter condições de estabelecer tão claramente os papéis entre os sexos. Garotas: as boazinhas; homens: os malvados. Com exceção de algumas poucas mulheres que se beneficiam do comércio do sexo, não existe nenhuma outra forma de criminalidade em que os papéis masculino e feminino sejam condição indispensável para o crime. Também não existe outra forma de criminalidade com tão ampla aceitação na sociedade e tão pouco empenho para acabar com ela.

—Se eu entendi bem, a Suécia, apesar de tudo, dispõe de uma legislação bastante rigorosa contra o tráfico de mulheres e o comércio do sexo - disse Erika.

—Não me faça rir. Centenas de meninas, não existem estatísticas precisas, são trazidas todo ano para a Suécia para servirem de puta, o que concretamente significa entregar o corpo a estupros sistemáticos. Desde que entrou em vigor, a lei do tráfico de mulheres só foi aplicada umas poucas vezes pela Justiça. A primeira vez foi em abril de 2003, no caso daquela velha cafetina maluca que mudou de sexo. E que, evidentemente, foi inocentada.

—Espere, eu achei que ela tivesse sido condenada.

—Sim, como dona de bordel. Mas se livrou da acusação de tráfico de mulheres. Ocorre que as meninas, as vítimas, que também eram as testemunhas de acusação, voltaram para os países bálticos. As autoridades tentaram trazê-las para o processo, a Interpol chegou a ir buscá-las. Mas elas tinham sumido sem deixar rastro nos seus países de origem e não foram encontradas depois de meses de buscas.

—Bem. E o que aconteceu com elas?

—Nada. O programa *Insider,* da tevê, retomou a investigação e enviou uma equipe até Tallinn. Os repórteres levaram uma tarde, mais ou menos, para achar duas dessas meninas, que estavam morando com os pais. A terceira tinha ido morar na Itália.

—Ou seja, a polícia de Tallinn não se mostrou muito eficiente.

—Depois disso, conseguimos obter algumas condenações, mas em geral para indivíduos interpelados por outros crimes, ou que tinham sido de uma estupidez tão espantosa que não havia como não prendê-los. Essa lei é uma cortina de fumaça. Não é aplicada.

—Percebo.

—O problema é que, atualmente, os crimes são estupro agravado, não raro acompanhado de golpes e ferimentos, também agravados, e ameaças de morte, em alguns casos acrescidas de sequestro - acrescentou Dag Svensson. —Essa é a sina diária de muitas dessas meninas, que são maquiadas, vestidas com minissaias e trancadas numa casa de subúrbio. Elas não têm opção. Ou bem aceitam transar com um cara nojento, ou bem se arriscam a serem maltratadas e torturadas pelo cafetão. Não têm como fugir; não falam a língua, não conhecem as leis nem a regulamentação e não sabem a quem recorrer. Não têm como voltar para seu país. Uma das primeiras medidas é confiscar o passaporte delas, e no caso da cafetina as meninas estavam sequestradas dentro de um apartamento.

—É muito parecido com escravidão. Essas meninas ganham alguma coisa?

—Ganham, sim - respondeu Mia Bergman. —Para pôr panos quentes, dão a elas uma parte do bolo. Elas trabalham, em média, uns dois ou três meses antes de poderem voltar para casa. Em geral, levam uma bela quantia: vinte, até trinta mil coroas, o que em

moeda russa representa uma pequena fortuna. Infelizmente, também voltam com graves problemas de álcool ou drogas, e um nível de consumo que faz com que torrem rapidamente o dinheiro. Conclusão, o sistema é autossuficiente; depois de algum tempo elas retornam, por assim dizer, de livre e espontânea vontade, para o seu carrasco.

—Qual o faturamento anual dessa atividade? - perguntou Mikael. Mia Bergman virou-se para Dag Svensson e pensou um instante antes de responder.

—É muito difícil dar uma resposta precisa para esta pergunta. Já fizemos todo tipo de cálculo, mas muitos dos nossos números acabam não passando de estimativa.

—E grosso modo?

—Bem, sabemos, por exemplo, que a cafetina, essa que foi condenada por proxenetismo e inocentada do tráfico de mulheres, mandou trazer, em cerca de dois anos, trinta e cinco mulheres do Leste. Ficavam aqui por períodos que variavam de algumas semanas a alguns meses. No processo, se ficou sabendo que naqueles dois anos elas engordaram o caixa em pouco mais de dois milhões de coroas. Calculei que uma garota rende quase sessenta mil coroas por mês, das quais umas quinze mil são deduzidas para despesas diversas: deslocamentos, roupas, moradia etc. Não é uma vida luxuosa, e muitas vezes elas são obrigadas a dividir um apartamento fornecido pelos traficantes. Das quarenta e cinco mil coroas restantes, o bando retém entre vinte e trinta mil. 0 chefe embolsa a metade, digamos quinze mil, e reparte a outra metade entre seus funcionários: motorista, capangas e outros. Sobram de dez a doze mil coroas para a garota.

—Por mês...

—Digamos que um bando tenha duas ou três garotas na labuta. Isso quer dizer que elas rendem mais de duzentas mil coroas por mês. Cada bando é constituído por duas ou três pessoas que vivem disso. É mais ou menos assim que funciona a economia do estupro.

—E isso envolve quantas pessoas... calculando por cima?

—Considere que sempre há cerca de cem garotas em atividade, que de um modo ou de outro são vítimas do tráfico de mulheres. Isso significa que o faturamento total na Suécia gira, todo

mês, em torno de seis milhões de coroas, o que *dá* mais ou menos cerca de setenta milhões de coroas por ano. E só estamos falando nas garotas que são vítimas do tráfico de mulheres.

—É mixaria, ao que parece.

—De fato, mixaria. Só que, para juntar essas modestas quantias, cem meninas precisam ser estupradas. Fico louca com isso.

—Você não parece ser uma pesquisadora objetiva. Mas se são necessários três caras para uma menina, quer dizer que entre quinhentos e seiscentos homens enchem os bolsos dessa maneira.

—Menos, provavelmente. Eu diria pouco mais de trezentos.

—Não parece um problema insuperável - disse Erika.

—Nós votamos leis e nos indignamos na mídia, mas quase ninguém já conversou com uma prostituta da ex-União Soviética nem ninguém tem a mínima idéia do que seja a vida dela.

—Como é que a coisa funciona? Quero dizer, na prática. Deve ser meio difícil trazer de Tallinn uma menina de dezesseis anos sem ninguém perceber. O que acontece quando elas chegam? - perguntou Mikael.

—Quando comecei a pesquisar o assunto, achava que fosse uma atividade muito bem organizada, gerida por uma espécie de máfia profissional que fazia as meninas atravessarem a fronteira com alguma elegância.

—Não é o caso? - perguntou Malu Eriksson.

—O tráfico até que é organizado, mas fiquei, se é que posso falar assim, profundamente decepcionada ao descobrir que, na verdade, são vários bandos, pequenos e meio desorganizados. Esqueçam os ternos vistosos e o carro esporte - o bando médio tem dois ou três membros, a metade é de russos ou bálticos, a outra metade de suecos. Quanto ao chefe, imaginem um sujeito de uns quarenta anos, camiseta regata, entornando uma cerveja e coçando a barriga, socialmente retardado em alguns aspectos e tendo tido problemas a vida inteira.

—Mas que romântico.

—A imagem que ele tem das mulheres data da idade da pedra. É conhecido por sua violência, volta e meia fica bêbado e arrebenta a cara de quem quer que se atreva a protestar. No bando, cada um

tem seu lugar na hierarquia e os colaboradores geralmente têm medo dele.

Os móveis da Ikea foram entregues três dias depois, por volta das nove e meia da manhã. Dois grandalhões apertaram a mão da loira Irene Nesser, que falava com um divertido sotaque norueguês. Depois, fizeram o transporte num elevador subdimensionado e trataram de montar mesas, armários e camas. Os homens eram de uma eficiência assustadora e pareciam saber de cor o manual de instalação. Irene foi até a feira de Söder comprar comida grega para viagem e os convidou para almoçar.

Os homens da Ikea terminaram às cinco da tarde, juntaram todas as caixas e levaram tudo embora. Depois que eles saíram, Lisbeth Salander tirou a peruca e ficou andando pelo apartamento se perguntando se ia se sentir bem na nova casa. A mesa da cozinha parecia elegante demais para seu estilo. No cômodo contíguo, que dava tanto para o hall de entrada como para a cozinha, ela instalara a sua sala de estar, com sofás modernos e um conjunto de poltronas em volta de uma mesinha em frente à janela. Estava satisfeita com seu quarto, e sentou-se de mansinho no colchão para testar o quanto era confortável.

Deu uma olhada na sala de trabalho com vista para as águas do Saltsjön. *Aprovado, funciona. Vou poder trabalhar aqui.*

Não sabia exatamente no que ia trabalhar e, quanto ao resto, sentia-se hesitante e crítica ao olhar para os móveis.

Bem, vamos ver no que vai dar.

Lisbeth passou o resto da tarde abrindo pacotes e organizando suas coisas. Arrumou a cama e guardou toalhas, lençóis e fronhas no armário. Abriu as sacolas com as roupas novas e pendurou no guarda-roupa. Apesar do volume das compras, só preencheu uma ínfima parte do espaço. Instalou as luminárias e guardou panelas, louça e talheres nos armários da cozinha.

Olhou perplexa para as paredes vazias e se deu conta de que deveria ter comprado pôsteres, quadros, coisas do gênero. Pessoas normais tinham isso nas paredes e ela deveria ter também. Uma planta também não cairia mal.

Em seguida, abriu as caixas que trouxera da Lundagatan e separou livros, jornais, recortes e a documentação acumulada em

suas pesquisas, que ela na certa deveria jogar fora. Despachou generosamente camisetas velhas e meias furadas. De repente, deparou com um pênis artificial ainda na embalagem. Deu um sorriso de esguelha. Tinha sido um dos presentes de aniversário birutas de Mimmi, dois anos antes, e ela se esquecera totalmente de sua existência, nunca o tinha sequer experimentado. Decidiu corrigir isso e colocou o pênis, erguido em sua base, sobre a cômoda perto da cama.

Então tornou a ficar séria. *Mimmi.* Sentia uma pontinha de remorso. Tinha saído meio regularmente com Mimmi durante um ano e depois a abandonara por Mikael Blomkvist sem nenhuma explicação. Nem sequer se despedira ou comunicara sua intenção de deixar a Suécia. Nem sequer avisara sobre a viagem ou trocara qualquer palavra com Dragan Armanskij ou as meninas do Evil Fingers, que deviam achar que ela tinha morrido. A não ser que tivessem se esquecido dela - Lisbeth nunca fora uma figura central no grupo. Era como se tivesse dado as costas a todo mundo. De repente se lembrou que também não se despedira de George Bland em Granada e se perguntou se ele continuava esperando por ela na praia. Refletiu sobre o que Mikael Blomkvist lhe dissera a respeito da amizade. *Eu não cuido dos meus amigos.* Perguntou-se se Mimmi ainda existia, ali, na cidade, em algum lugar, e se deveria lhe dar notícias.

Ficou até tarde da noite organizando documentos em sua sala de trabalho, instalando o computador e navegando na internet. Conferiu seus investimentos e constatou que estava mais rica do que um ano atrás.

Fez um controle de rotina no computador do Dr. Nils Erik Bjurman, mas não achou nada interessante nos e-mails e concluiu que ele estava se precavendo. Não encontrou nenhum sinal de que tivesse tido contato com a clínica de Marselha. Bjurman até dava a impressão de ter reduzido suas atividades pessoais e profissionais, e passar a vida vegetando. Raramente usava o correio eletrônico e, quando navegava na rede, era mais para visitar sites pornográficos.

Ela só se desconectou lá pelas duas da manhã. Foi para o quarto, despiu-se e jogou a roupa numa cadeira. Depois foi ao banheiro. O canto perto da porta tinha espelhos em ângulo do piso

ao teto. Ficou um bom tempo se olhando. Examinou atentamente o rosto anguloso e enviesado, os seios novos e a enorme tatuagem nas costas. Era bonita, um longo dragão serpenteante, vermelho, verde e preto, que começava no ombro e cuja cauda fina se estendia por toda a nádega direita, indo terminar na coxa. No ano em que estivera viajando, deixara crescer o cabelo até os ombros, mas na última semana em Granada pegara de repente a tesoura e o cortara bem curto. Ainda estava com pontas desfiadas para todos os lados.

Súbito, sentiu que uma mudança fundamental tinha ocorrido, ou estava para ocorrer, em sua vida. Talvez fosse esse o perigo de a gente de repente dispor de bilhões e não ser mais obrigada a pensar em cada centavo. Talvez fosse também o mundo adulto começando a contaminá-la. Talvez fosse o fato de perceber que a morte de sua mãe pusera um ponto final em sua infância.

Durante as viagens do ano anterior, tinha se desfeito de muitos de seus *piercings.* Na clínica de Gênova, uma argola no mamilo fora abolida por razões puramente médicas, relacionadas à cirurgia. Em seguida, tirara a argola do lábio inferior e, em Granada, a argola sutilmente situada entre as coxas, que a machucava, e ela nem sabia mais direito por que tinha posto um *piercing* naquele lugar.

De repente, abriu a boca e desatarraxou o pino que atravessava sua língua e que ela já usava havia sete anos. Deixou-o numa tigela, na prateleira ao lado da pia. Sua boca parecia vazia. Com exceção de algumas argolas na orelha, só lhe restavam dois *piercings,* uma argola na sobrancelha esquerda e uma joia no umbigo.

Quando, mais tarde, enfiou-se debaixo do edredom novinho, descobriu que a cama que tinha comprado era gigantesca e que só ocupava uma mínima parte dela. Tinha a impressão de estar deitada na beira de um campo de futebol. Enrolou o corpo no edredom e ficou um bom tempo refletindo.

6 - DOMINGO 23 DE JANEIRO – SÁBADO 29 DE JANEIRO

Lisbeth Salander pegou o elevador do estacionamento no subsolo até o quarto andar, o último dos três andares do edifício comercial de Slussen ocupado pela Milton Security. A cópia de uma chave mestra que ela tivera o cuidado de conseguir anos atrás ainda funcionava. Consultou maquinalmente o relógio de pulso ao sair no corredor mergulhado no escuro. Três horas e dez minutos da madrugada de domingo. O guarda-noturno estava no centro de vigilância do segundo andar e ela sabia que muito provavelmente estaria sozinha no quarto andar.

Como sempre, ficou pasma ao verificar que uma empresa especializada em segurança deixava brechas tão óbvias no seu próprio sistema.

Poucas coisas haviam mudado no corredor do quarto andar naquele ano. Foi primeiro até sua própria sala, um cubículo atrás de uma divisória de vidro no corredor, onde Dragan Armanskij a instalara. A porta não estava trancada. Uma mesa, uma cadeira de escritório, um cesto de papel e uma estante vazia, o velho PC Toshiba de 1997 com um disco rígido mixuruca; Lisbeth não levou nem trinta segundos para constatar que naquele seu ano de ausência absolutamente nada tinha mudado em “sua” sala, afora alguém ter deixado uma caixa com uma papelada antiga no chão, bem do lado da porta.

Nada indicava que Dargan tivesse posto outra pessoa ali. Viu nisso um bom sinal, embora sabendo que não significava nada. Os quatro metros quadrados daquela salinha não podiam mesmo ser de grande utilidade.

Lisbeth fechou a porta e andou silenciosamente por todo o corredor conferindo se algum notívago não estaria trabalhando em algum canto. Estava sozinha. Parou em frente à máquina de café e pegou um copinho de *capuccino* antes de seguir até a sala de Dragan Armanskij e abrir a porta com sua chave pirateada.

A sala de Armanskij estava, como sempre, irritantemente arrumada. Deu uma volta, e uma olhada na estante antes de se sentar à mesa e ligar o computador.

Tirou um CD do bolso interno do casaco de camurça novinho e o inseriu no leitor para abrir um programa chamado Asphyxia 1.3, que ela mesma criara e cuja única função era atualizar a Internet Explorer no disco rígido de Armanskij. O processo durou cerca de cinco minutos.

Feito isso, tirou o CD do leitor e reiniciou o computador com a nova versão do Internet Explorer. O programa parecia ser a antiga versão e se comportou de modo exatamente igual, só estava um átimo mais pesado e um microssegundo mais lento. Todas as configurações eram idênticas ao original, inclusive a data de instalação. Do novo arquivo, nem vestígio.

Entrou no endereço de um servidor FTP na Holanda e obteve um menu. Clicou no ícone *copy,* digitou *Armanskij/MiltSec* e clicou em Entrar. O computador imediatamente começou a copiar o disco rígido de Dragan Armanskij no servidor holandês. Um relógio avisou que o processo levaria trinta e quatro minutos.

Durante a transferência, pegou a cópia da chave da mesa de Armanskij, que ele guardava num vaso decorativo sobre a estante. Passou a meia hora seguinte atualizando-se nos dossiês da gaveta superior direita, onde Armanskij costumava guardar os casos em andamento e urgentes. Quando o computador avisou que a transferência estava concluída, recolocou os dossiês exatamente na ordem em que os tinha encontrado.

Em seguida desligou o computador, apagou a luminária de mesa e pegou o copinho de *capuccino* vazio. Eram 4h12 quando entrou no elevador. Saiu da Milton Security do mesmo jeito que tinha entrado.

Voltou a pé para a Fiskaregatan, sentou-se diante de seu Powerbook, conectou-se ao servidor holandês e abriu uma cópia do Asphyxia 1.3. Uma vez aberto o programa, apareceu uma janela com uma seleção de discos rígidos. Havia cerca de quarenta opções, e ela rolou a barra do menu. Passou pelo disco rígido de *NilsEBjurman,* que ela abria mais ou menos a cada dois meses. Parou um instante em *MikBlom/laptop* e *MikBlom/office.* Não clicava nesses ícones havia mais de um ano e cogitou vagamente mandá-los para a lixeira. Por princípio, porém, resolveu mantê-los - já que um dia ela havia clonado esses computadores, seria bobagem

apagar a informação para, quem sabe, um dia ter de refazer todo o processo. Isso também valia para um ícone intitulado *Wennerström,* que não abria havia muito tempo. O dono tinha morrido. O ícone *Armanskíj/MiltSec* era o último a ter sido criado e se achava bem no final da lista.

Ela poderia ter clonado o disco rígido dele antes, mas nunca se dera ao trabalho porque, trabalhando na Milton Security, tinha todas as condições de pôr a mão em informações que Armanskij queria ocultar das pessoas que o cercavam. A invasão de seu computador não tinha nenhuma má intenção. Ela só queria saber no que a empresa vinha trabalhando e qual era sua situação geral. Clicou e abriu-se instantaneamente uma nova pasta intitulada **[ARMANSKIJDD**]. Confirmou que conseguia abrir o disco rígido e constatou que todos os arquivos estavam no lugar.

Ficou no computador, lendo os relatórios, balanços financeiros e e-mails de Armanskij, até as sete da manhã. Por fim, balançou a cabeça, preocupada, e desligou o computador. Foi ao banheiro escovar os dentes e depois seguiu para o quarto, onde se despiu, deixando a roupa amontoada no chão. Deitou-se e dormiu até meio-dia e meia.

Na última sexta-feira de janeiro, teve lugar a assembléia geral anual da *Millennium.* Participavam o contador da empresa, um auditor fiscal, os quatro sócios - Erika Berger (detentora de trinta por cento das ações), Mikael Blomkvist (vinte por cento), Christer Malm (vinte por cento) e Harriet Vanger (trinta por cento). Fora igualmente convocada para a reunião a assistente de redação Malu Eriksson, representante dos funcionários na qualidade de presidente da unidade sindical da revista, composta por ela própria, Lottie Karim, Henry Cortez, Monika Nilsson e Sonny Magnusson, responsável pela publicidade. Era a primeira vez que Malu participava de uma assembléia geral da diretoria da empresa.

A reunião teve início às quatro da tarde em ponto e terminou pouco mais de uma hora depois. Grande parte dela foi dedicada ao balanço financeiro e ao detalhamento do saldo. A assembléia pôde constatar facilmente que a *Millennium* estava com uma base financeira estável se comparada ao período de crise que atingira a empresa dois anos antes. O saldo apresentava um excedente de

2,1 milhões de coroas, dos quais um milhão provinha das vendas do livro de Mikael Blomkvist sobre o caso Wennerström.

Por sugestão de Erika Berger, ficou decidido que um milhão seria aplicado visando estancar futuras crises, duzentas e cinquenta mil coroas seriam investidas numa reforma da área de redação, na compra de novos computadores e outros equipamentos técnicos, e trezentas mil seriam aproveitadas para um aumento geral dos salários e a proposta de período integral a Henry Cortez. Para o restante, a proposta era repassar cinquenta mil coroas a cada sócio e um bônus salarial de cem mil coroas a ser equanimemente dividido entre os quatro colaboradores fixos, quer trabalhassem meio período, quer período integral. O responsável pela publicidade, Sonny Magnusson, não receberia bônus, já que por contrato lhe cabia uma percentagem sobre os anúncios que conseguia, o que às vezes o tornava o assalariado mais bem pago de todos. A proposta foi aceita por unanimidade.

Uma proposta de Mikael Blomkvist suscitou um breve debate sobre a possibilidade de reduzir o orçamento para *freelancers* e investir futuramente em mais um funcionário de meio período. Mikael pensava em Dag Svensson, que assim poderia usar a *Millennium* como base de uma atividade *freelancer* e, quem sabe mais tarde, passar para período integral. A proposta contou com a oposição de Erika Berger, que achava que seria difícil a revista não recorrer a frilas. Erika teve o apoio de Harriet Vanger, enquanto Christer Malm se absteve. Ficou então decidido não se mexer no orçamento dos frilas. Todos, porém, tinham muita vontade de trabalhar com Dag Svensson pelo menos em período parcial.

Depois de uma rápida discussão sobre o futuro direcionamento e os projetos em andamento, Erika Berger foi reeleita presidente do conselho administrativo para o exercício seguinte. Com isso, a assembléia foi encerrada. Malu Eriksson não pronunciara uma só palavra durante esse seu primeiro conselho administrativo; um breve cálculo de cabeça lhe permitira constatar que os funcionários iriam receber um bônus de vinte e cinco mil coroas, ou seja, mais de um mês de salário. Não viu nenhum motivo para protestar contra essa decisão.

Terminada a assembléia geral, Erika Berger convocou os sócios para uma reunião extraordinária. Erika, Mikael, Christer e Harriet permaneceram na sala, enquanto os demais se retiraram. Assim que fecharam a porta, Erika começou a reunião.

—Temos um único item em pauta. Harriet, segundo o acordo firmado com Henrik Vanger, sua participação seria por um período de dois anos. Chegamos ao fim do contrato. Portanto precisamos saber o que vai ser da sua participação - ou, mais precisamente, a de Henrik.

Harriet meneou a cabeça.

—Todo mundo aqui sabe que a participação de Henrik resultou de um impulso diante de uma situação bem específica - disse ela. —Essa situação não existe mais. Gostaria de saber a opinião de vocês a respeito.

Christer Malm se mexeu na cadeira. Era o único na sala que não sabia exatamente que situação específica era aquela. Sabia que Mikael e Erika lhe escondiam uma história, mas Erika explicara que se tratava de um assunto altamente pessoal, que dizia respeito a Mikael e sobre o qual ele não queria falar de jeito nenhum. Christer não era bobo e entendeu que o silêncio de Mikael estava ligado aos acontecimentos de Hedestad e a Harriet Vanger. Enendia também que não precisava saber mais que isso para tomar uma decisão de princípios, e respeitava Mikael o suficiente para não criar caso por isso.

—Conversamos, os três, sobre a questão e chegamos a um consenso - disse Erika. Fez uma pausa e fitou Harriet dentro dos olhos. —Antes de expor nosso ponto de vista, gostaríamos de saber qual a sua posição.

O olhar de Harriet Vanger passou de Erika para Mikael, depois para Christer. Seus olhos se demoraram em Mikael, mas não conseguiu ler nada no rosto deles.

—Se quiserem comprar a minha parte de volta, isso lhes custaria três milhões de coroas mais os juros, quantia que a família Vanger investiu na *Millennium.* Vocês têm condições de pagar? - perguntou Harriet suavemente.

—Sim, temos condições - disse Mikael com um sorriso.

—Henrik Vanger pagara cinco milhões de coroas pelo trabalho que Mikael realizara para ele. Detalhe irônico: um dos objetivos da missão tinha sido encontrar Harriet Vanger.

—Nesse caso, a decisão está na mão de vocês - disse Harriet. —O contrato determina que a partir de hoje vocês podem abrir mão da participação dos Vanger. De minha parte, nunca teria formulado um contrato tão vago como este do Henrik.

—Poderíamos comprar a sua parte se fôssemos obrigados a isso - disse Erika. —A questão, portanto, é saber o que você pretende. Você dirige um grupo empresarial, dois grupos, para ser mais precisa. O nosso orçamento anual equivale ao que vocês negociam no intervalo do cafezinho. Que interesse você poderia ter em desperdiçar seu tempo em algo tão modesto como a *Millennium?* Reunimos o conselho administrativo a cada três meses, e desde que substituiu o Henrik você tem conscienciosamente se dado ao trabalho de estar presente a todas as reuniões.

Harriet Vanger encarou a presidente do conselho administrativo com um olhar doce. Guardou silêncio por um longo momento. Então disse, voltando-se para Mikael:

—Desde o dia em que nasci sempre fui proprietária de uma coisa ou de outra. E passo os meus dias dirigindo um grupo onde há mais intrigas que num romance popular. Quando comecei a participar deste conselho, era para cumprir um dever ao qual não podia me furtar. Mas vou dizer uma coisa: nesse último ano e meio, descobri que este é o conselho administrativo do qual eu mais gosto de participar.

Mikael meneou a cabeça com ar compenetrado. Harriet olhou para Christer.

—Estar na *Millennium* é como brincar de conselho administrativo. Os problemas aqui são mínimos, compreensíveis e visíveis. A empresa tem, evidentemente, a obrigação de gerar lucro e ganhar dinheiro, é uma condição *sine qua non.* Mas o objetivo da atividade se situa num outro nível: vocês querem fazer as coisas avançar.

Tomou um gole de água e fitou Erika.

—O que isso significa exatamente ainda é um pouco vago para mim. Vocês não são um partido político, não são uma organização

sindical. Não têm contas a prestar a ninguém a não ser vocês mesmos. Mas apontam para falhas na sociedade e não hesitam em perturbar as personalidades que não lhes agradam. Vocês, muitas vezes, querem mudar as coisas. Mesmo que finjam ser uns cínicos e uns niilistas, é a moral de vocês, e mais nada, que aponta o rumo da revista, e tive a oportunidade de constatar que a moral de vocês é muito especial. Não sei que nome dar a isso, mas a *Millennium* tem alma E o único conselho administrativo de que me orgulho de participar.

Calou-se e ficou em silêncio por tanto tempo que Erika, de repente, começou a rir.

—Isso é muito bacana. Mas você ainda não respondeu à pergunta.

—Eu me sinto bem na companhia de vocês, me faz um bem incrível participar disto aqui. É a coisa mais maluca e esquisita que já vivenciei. Se quiserem que eu fique, para mim será um prazer.

—Bem - disse Christer. —Nós discutimos todos os aspectos e estamos todos de acordo. Vamos romper o contrato hoje e comprar sua parte de volta.

Os olhos de Harriet se arregalaram ligeiramente.

—Vocês querem se livrar de mim?

—Quando assinamos o contrato, estávamos com o pescoço na forca, só esperando que puxassem a corda. Não tínhamos escolha. Desde então, ficamos só esperando o dia de poder comprar de volta a parte de Henrik Vanger.

Erika abriu uma pasta e pôs sobre a mesa uns documentos que ela empurrou na direção de Harriet Vanger com um cheque no valor exato indicado por Harriet. Esta percorreu o contrato com os olhos. Sem uma palavra, pegou uma caneta e assinou.

—Pronto - disse Erika. —Simples como o quê. Eu queria agradecer ao Henrik Vanger por esse tempo que passamos juntos e sua contribuição para a *Millennium.* Obrigada, desde já, por transmitir isso a ele.

—Vou transmitir - respondeu Harriet Vanger em tom neutro.

Ela não demonstrava o que sentia, mas estava ao mesmo tempo magoada e profundamente decepcionada por eles a terem deixado dizer que gostaria de permanecer no conselho para em

seguida a expulsarem com tamanha leviandade. *Parecia tão desnecessário, não dava para entender.*

—Por outro lado, gostaria de chamar sua atenção para um outro contrato, bem diferente - disse Erika Berger.

Pegou outro maço de papéis e o empurrou sobre a mesa.

—Queríamos saber se você gostaria de se tornar pessoalmente sócia da *Millennium.* O custo é exatamente a quantia que você acaba de receber. A diferença é que este contrato não estipula prazo nem tem cláusulas de exclusão. Você entraria na empresa como sócia efetiva, com responsabilidades e deveres iguais aos nossos.

Harriet ergueu as sobrancelhas.

—Por que proceder assim?

—Porque cedo ou tarde teríamos que passar por isso - disse Christer Malm. —Poderíamos ir renovando o outro contrato ano após ano, de uma assembléia para outra, ou até a gente brigar para valer no conselho e expulsar você. Era imprescindível uma revisão.

Harriet se apoiou num cotovelo e perscrutou-o com o olhar. Seus olhos passaram em seguida para Mikael e Erika.

—Acontece que assinamos o contrato com o Henrik por pura necessidade econômica - disse Erika. —Já este novo contrato nós estamos propondo porque é nosso desejo. E, contrariamente ao que estipulava o anterior, não vai ser muito fácil tirar você no futuro.

—Isso faz uma diferença enorme para a gente - disse Mikael em voz baixa.

Essa foi sua única contribuição na discussão.

—A gente simplesmente acha que você traz para a *Millennium* algo mais do que as garantias econômicas ligadas ao nome Vanger - disse Erika Berger. —Você é uma pessoa sensata e ponderada e encontra soluções construtivas. Até agora esteve retraída, como um observador de passagem. Mas você traz a esta diretoria uma estabilidade e uma firmeza que nunca tivemos antes. Você entende de negócios. Você um dia me perguntou se podia confiar em mim, e eu me fazia mais ou menos a mesma pergunta a seu respeito. Hoje nós duas sabemos onde estamos pisando. Gosto muitíssimo de você - todos nós gostamos. Não queremos você aqui por uma

obrigação formulada e registrada em papel num momento de desespero. Queremos você como nossa parceira e sócia efetiva.

Harriet pegou o contrato e o leu escrupulosamente linha por linha durante cinco minutos. Por fim, levantou a cabeça.

—E vocês três concordam com isso? - perguntou.

Os três aquiesceram. Harriet pegou a caneta e assinou. Empurrou o cheque para o outro lado da mesa. Mikael rasgou-o.

Os sócios da *Millennium* jantaram no Samirs Gryta em Tavastgatan. Um bom vinho e cuscuz de cordeiro constituíram o menu de uma reunião tranquila para festejar a nova sociedade. A conversa estava descontraída e Harriet, visivelmente mexida. Pairava no ar um leve toque de primeiro encontro, quando as duas partes sabem que algo vai acontecer, mas ainda não sabem exatamente o quê.

Às sete e meia da noite, Harriet Vanger deixou o restaurante, dizendo que precisava ir para o hotel dormir. Erika Berger tinha que ir para casa ao encontro do marido e acompanhou Harriet por um trecho do caminho. Despediram-se em Slussen. Mikael e Christer ainda se demoraram um pouco, até que chegou a vez de Christer se levantar e ir para casa.

Harriet Vanger pegou um táxi para o hotel Sheraton e subiu até seu quarto no sexto andar. Despiu-se, tomou banho, enxugou-se e enfiou o roupão oferecido pelo hotel. Depois se sentou diante da janela para apreciar a vista sobre Riddarholmen. Abriu um maço de Dunhill e acendeu um cigarro. Fumando três ou quatro cigarros por dia, ela se via praticamente como uma não-fumante, o que lhe permitia desfrutar umas tragadas travessas sem se sentir culpada.

Às nove, bateram à sua porta. Ela abriu e deixou Mikael Blomkvist entrar.

—Safado - disse ela.

Mikael sorriu e deu-lhe um beijo.

—Por um segundo, achei mesmo que vocês estivessem me dispensando.

—A gente nunca teria te dispensado dessa maneira. Entendeu por que queríamos refazer o contrato?

—Sim. Parece bastante honesto.

Mikael abriu o roupão, pôs uma mão em seu seio e apertou suavemente.

—Safado - ela repetiu.

Da rua, ela avistara a janela iluminada, e agora ouvia música lá dentro. Lisbeth Salander parou em frente à porta onde estava escrito Wu. Deduziu que Miriam Wu ainda morava em sua quitinete na Tomtebogatan, próximo à Praça Sankt Eriksplan. Era noite de sexta-feira e Lisbeth, de certa forma, torcia para que Mimmi tivesse saído para alguma balada e que o apartamento estivesse escuro e silencioso. Restava saber se Mimmi ainda a queria e se estaria sozinha e disponível. Tocou a campainha.

Mimmi abriu a porta e ergueu as sobrancelhas, surpresa. Então se encostou no batente da porta, mão no quadril.

—Salander! Pensei que você tivesse morrido ou qualquer coisa assim.

—Qualquer coisa assim - disse Lisbeth.

—O que você quer?

—Existem muitas respostas para essa pergunta.

Miriam Wu deixou os olhos vagarem pela escada antes de tornar a pousá-los em Lisbeth.

—Fale uma delas, só para eu ver.

—Bem, conferir se você ainda está solteira e se gostaria de companhia hoje à noite.

Mimmi ficou boquiaberta alguns segundos, antes de repentinamente cair na gargalhada.

—Só conheço uma pessoa capaz de aparecer na minha casa depois de um ano e meio de silêncio para me perguntar se estou a fim de trepar.

—Quer que eu vá embora?

Mimmi parou de rir. Permaneceu calada por alguns segundos.

—Lisbeth... meu Deus, você está falando sério! Lisbeth aguardou.

Por fim, Mimmi suspirou e abriu toda a porta.

—Entre. Posso pelo menos te oferecer um café.

Lisbeth a seguiu e sentou num dos dois banquinhos que Mimmi tinha posto de um lado e outro de uma mesa de jantar, na entrada, bem atrás da porta. O apartamento de vinte e quatro metros

quadrados compunha-se de uma sala exígua e de uma entrada onde mal e mal dava para colocar alguns móveis. A cozinha encontrara um lugar num cantinho da entrada, onde Mimmi instalara água corrente puxando um cano do banheiro.

Enquanto Mimmi preparava o café, Lisbeth a olhou disfarçadamente. Miram Wu era filha de uma chinesa de Hong Kong e um sueco de Boden. Usava o sobrenome da mãe. Lisbeth sabia que os pais dela continuavam casados e moravam em Paris. Mimmi estava matriculada no curso de sociologia da Universidade de Estocolmo. Tinha uma irmã mais velha que estudava antropologia nos Estados Unidos. Os genes de sua mãe se manifestavam sob a forma de cabelos negros lisos, que ela usava bem curtos, e vagas feições asiáticas. Do pai herdara olhos azuis que lhe davam um aspecto singular. A boca era larga, e ela tinha covinhas que não vinham nem da mãe nem do pai.

Tinha trinta e um anos. Gostava de ostentar roupas de vinil e frequentar boates que apresentavam shows, dos quais ela própria às vezes participava. Lisbeth não punha os pés numa boate desde os dezesseis anos.

Além de fazer sociologia, Mimmi trabalhava um dia por semana como vendedora na Domino Fashion, numa rua transversa da Sveavägen. A clientela da Domino tinha uma necessidade vital de roupas provocativas, do tipo uniforme de enfermeira de látex ou conjunto de bruxa em couro preto, e a loja respondia pelo design e fabricação dessas peças. Mimmi era coproprietária da butique com umas amigas, o que representava alguns milhares de coroas por mês para reforçar o crédito estudantil. Lisbeth Salander descobrira Mimmi alguns anos antes, quando ela se apresentava num show durante a Gay Pride; mais tarde naquela noite cruzara com ela numa barraca de cerveja. Mimmi usava um vestido esquisito de plástico verde-limão, que mais mostrava do que escondia. Lisbeth teve dificuldade em encontrar alguma nuança erótica naquela vestimenta, mas estava bêbada o bastante para, de repente, sentir vontade de dar em cima de uma mulher fantasiada de limão. Para a imensa surpresa de Lisbeth, o limão concedera-lhe um olhar e a beijara sem nenhum constrangimento, dizendo: *Quero você!* Tinham ido para a casa de Lisbeth e feito amor a noite inteira.

Eu sou assim — disse Lisbeth. — Caí fora para me afastar de tudo e de todos. Deveria ter me despedido de você.

Pensei que tinha acontecido alguma coisa com você. Mas é verdade que a gente não vinha tendo muito contato nos últimos meses antes de você sumir.

Eu estava superocupada.

Você é mesmo uma garota misteriosa. Nunca fala de você, não sei onde você trabalha, e eu não sabia para quem ligar quando parou de atender o celular.

—No momento estou sem nenhum trabalho específico e, dá licença, você era exatamente igual a mim. Queria trepar comigo, mas não estava particularmente interessada em mim, e prefere viver sozinha. Não é verdade? Mimmi olhou para Lisbeth.

—É verdade - disse por fim.

—E comigo era igual. Eu queria trepar, mas não queria ser um casal com você. Eu nunca prometi nada.

—Você mudou - disse Mimmi.

—Nem tanto.

—Parece mais velha. Mais madura. Está vestida diferente. E recheou o sutiã com alguma coisa.

Lisbeth se remexeu na cadeira, mas não respondeu. Mimmi acabava de tocar no ponto sensível, e ela não conseguia definir como ia explicar o assunto para as pessoas que a conheciam. Mimmi a tinha visto nua e necessariamente iria notar uma mudança. Por fim, baixou os olhos e murmurou:

—Eu mandei colocar uns seios.

—O que você está dizendo?

Lisbeth ergueu os olhos e falou mais alto, sem perceber o tom desafiador que estava adotando.

—Estive numa clínica, na Itália, para fazer uns implantes. Foi por isso que eu sumi. Depois, eu simplesmente continuei viajando. Agora estou de volta.

—Está brincando?

Lisbeth fitou Mimmi com um olhar inexpressivo.

—Ah, que boba que eu sou. Você nunca brinca *mademoiselle Spock.*

—Eu sou assim e não pretendo me desculpar. Estou sendo honesta com você. Se quiser que eu vá embora, é só dizer. Quer que eu vá embora?

—Espera aí, você realmente fez implante de seios?

Lisbeth meneou a cabeça. Mimmi Wu caiu na gargalhada. Lisbeth murchou.

—Seja como for, você nem pense em ir embora sem eu ver. Por favor, minha linda. *Please.*

—Mimmi, eu sou assim. Você também. Você dá em cima de tudo o que em seios, e até de alguém como eu, que não tinha seio nenhum. Por isso é que eu gostava tanto de trepar com você. Você não botava o nariz nas minhas histórias e se eu estivesse ocupada procurava outra. E você não dá a mínima para o que as pessoas acham de você.

Mimmi meneou a cabeça. Entendera que era lésbica já na época do colégio e, depois de alguns tateios difíceis, fora finalmente iniciada nos mistérios do erotismo aos dezessete anos, quando, por acaso, acompanhara uma amiga a uma festa organizada pela Associação pela Igualdade Sexual de Göteborg. A partir dali, nunca sequer cogitara viver de outra maneira. Uma única vez, estava então com vinte e três anos, tentara fazer amor com um homem. Cumprira o ato e fizera tudo aquilo que se esperava dela. Não sentira prazer algum. Em compensação, as mulheres, de todo tipo e formato, despertavam nela um desejo infinito. Ela pertencia também à minoria dentro da minoria das que não experimentavam nem casamento, nem fidelidade, nem noites aconchegantes em casa.

—Voltei para a Suécia faz umas poucas semanas. Só queria saber se preciso sair caçando por aí ou se você ainda está topando.

Mimmi se levantou e se acercou de Lisbeth. Inclinou-se e beijou-a suavemente na boca.

Eu pretendia trabalhar hoje à noite. Abriu o primeiro botão da camisa de Lisbeth.

—Puxa vida...

Beijou-a de novo e abriu outro botão.

—Eu tenho que ver isso. Mais um beijo.

—Que bom que você voltou.

Harriet Vanger adormeceu por volta das duas da manhã, enquanto Mikael Blomkvist ficou acordado escutando sua respiração. Acabou se levantando e roubando um cigarro na bolsa dela. Sentou-se, nu, numa cadeira ao lado da cama e ficou olhando para ela.

Mikael não planejara tornar-se amante ocasional de Harriet. Pelo contrário, depois do período passado em Hedestad, sua vontade era manter distância da família Vanger. Reencontrara-se com Harriet na primavera, nas reuniões do conselho administrativo, e mantivera uma distância polida; cada um conhecia os segredinhos do outro e os guardava para si, mas, a não ser pelas obrigações de Harriet na diretoria da *Millennium,* nada mais os ligava em termos de trabalho.

No ano anterior, depois de meses sem aparecer em sua cabana de Sandham, Mikael passara um tempo lá no feriado de Pentecostes, só para ficar em paz, sentar em frente ao mar e ler um romance policial. Na sexta-feira à tarde, poucas horas depois de sua chegada, quando foi a pé até o quiosque para comprar cigarros, topou inopinadamente com Harriet Vanger. Ela sentira vontade de se afastar de Hedestad e fizera uma reserva de fim de semana no hotel de Sandham, lugar que não via desde a infância. Tinha dezesseis anos quando fugira da Suécia, e cinquenta e três quando voltara depois que Mikael encontrara sua pista.

A surpresa de se encontrarem assim por acaso tinha sido mútua. Depois de algumas frases banais, ela se calou, constrangida. Mikael conhecia a história dela. E ela sabia que ele cedera em seus princípios para encobrir os terríveis segredos da família Vanger. Entre outras coisas, para poupá-la.

Mikael a convidara para conhecer sua cabana. Tinham ficado um bom tempo no pontão, batendo papo. Era a primeira vez que conversavam seriamente depois que ela voltara para a Suécia. Mikael tinha que fazer a pergunta.

—O que vocês fizeram com tudo aquilo que estava no porão de Martin Vanger?

—Você quer mesmo saber? Ele meneou a cabeça.

—Eu mesma fiz a faxina. Queimei tudo o que era possível queimar. Mandei derrubar a casa. Não teria conseguido morar lá,

nem vender ou deixar outra pessoa morar ali. Para mim, ela estava totalmente associada ao mal. Pretendo mandar construir outra casa, menor, naquele terreno.

—E ninguém reclamou quando você mandou derrubar? Afinal, era uma magnífica mansão moderna.

Ela sorriu.

—Dirch Frode espalhou o boato de que havia tamanho problema de umidade na casa que ficaria mais caro mandar consertar.

Dirch Frode era o advogado e faz-tudo da família Vanger.

—Como vai o Frode?

—Está para fazer setenta anos. Eu o mantenho ocupado.

Jantaram juntos e Mikael de repente se deu conta de que Harriet estava lhe contando os detalhes mais íntimos e pessoais de sua vida. Ele a interrompeu e perguntou por quê. Ela refletiu um instante e respondeu que talvez ele fosse a única pessoa no mundo de quem não tinha motivo para esconder o que quer que fosse. Além do quê, achava difícil guardar segredos de um menino do qual fora *baby-sitter* quarenta anos antes.

Ela experimentara o sexo com três homens em sua vida. Primeiro seu pai, depois seu irmão. Matara o pai e fugira para longe do irmão. De um jeito ou de outro, sobrevivera, encontrara um homem e construíra uma vida nova.

—Ele era carinhoso e muito amoroso. A gente não... quero dizer, a gente não tinha uma vida íntima exuberante, mas ele era honesto e me dava segurança. Fui feliz com ele. Vivemos juntos vinte anos, até ele ficar doente.

—Por que nunca se casou de novo? Ela deu de ombros.

—Eu era mãe de dois filhos na Austrália, e proprietária de uma grande empresa agrícola. Imagino que eu nunca tive de fato disponibilidade para escapar em fins de semana românticos. Sexo nunca me fez falta.

Ficaram um momento calados.

—Está tarde. Preciso voltar para o hotel. Mikael concordou com a cabeça.

—Você está a fim de me seduzir?

—Sim - ele respondeu.

Mikael se levantou, pegou-a pela mão, eles entraram na cabana e subiram até o mezanino. Ela o deteve.

—Não sei bem como me comportar - disse. —Não é todo dia que faço essas coisas.

Passaram o fim de semana juntos e, desde então, viam-se uma noite a cada três meses, quando se reunia o conselho administrativo da *Millennium.* Não era uma relação muito prática nem duradoura. Harriet Vanger trabalhava vinte e quatro horas por dia e viajava a maior parte do tempo. Ela passava um mês na Suécia e outro na Austrália. Contudo, começara a apreciar aqueles encontros irregulares e esporádicos com Mikael.

Duas horas depois, Mimmi preparava o café enquanto Lisbeth permanecia deitada, nua e suada, em cima da colcha. Fumou um cigarro, contemplando as costas de Mimmi pela porta entreaberta. Invejava o corpo dela, com seus músculos impressionantes. Mimmi se exercitava três noites por semana, uma delas treinando luta tailandesa ou alguma coisa parecida com caratê, que deixara seu corpo naquele insolente condicionamento físico.

Ela era simplesmente gostosa. Não era bonita como uma modelo, mas era atraente. Mimmi adorava provocar e excitar. Quando se fazia de louca numa festa, vestida com seus trajes singulares, conseguia fascinar qualquer pessoa. Podia seduzir quem quisesse. Lisbeth não entendia por que Mimmi se interessava por uma bobinha anoréxica como ela.

Mas ficava contente que fosse assim. Trepar com Mimmi era tão libertador que Lisbeth se soltava, gozava, dava e tomava.

Mimmi voltou com duas canecas e as colocou sobre um banquinho. Subiu na cama e se inclinou para beijar um dos seios de Lisbeth.

—Bem, dão para o gasto - disse.

Lisbeth não falou nada. Olhou para os seios de Mimmi, diante de seus olhos. Mimmi também tinha seios um tanto pequenos, mas pareciam totalmente naturais no corpo dela.

—Sinceramente, Lisbeth, você está mais do que atraente.

—Não brinque comigo. Os seios não mudam nada, mas pelo menos agora eu tenho seios.

—Você tem uma fixação com corpo.

—Logo quem falando, você se exercita feito uma maluca.

—Eu me exercito feito uma maluca porque gosto de me exercitar. É que nem tomar uma dose, quase tão forte como sexo. Você devia experimentar.

—Eu faço boxe - disse ela.

—Sei. Você só ia de dois em dois meses, e isso porque sentia um prazer maligno em encher de porrada aqueles babacas que ficavam se pavoneando. Isso não é treinar para se sentir bem.

Lisbeth deu de ombros. Mimmi se escarranchou em cima dela.

—Lisbeth, você é tão egocêntrica e fixada no próprio corpo que até me irrita. Tente entender: se eu gostava de ter você na minha cama, não era pelo seu físico, mas pelo seu comportamento. Para mim, você é tremendamente sexy. E você sabe como é que eu funciono.

—Você também. Por isso estou voltando para você.

—Então não é amor? - perguntou Mimmi com uma voz fingidamente magoada.

Lisbeth balançou a cabeça.

—Você está com alguém?

Mimmi hesitou um instante antes de menear a cabeça.

—Pode ser. De certa forma. Pode-se dizer que sim. É meio complicado.

—Não estou te perguntando mais nada.

—Eu sei. Eu é que quero falar. Digamos que estou com uma mulher que trabalha na faculdade, um pouco mais velha que eu. Está casada há vinte anos e a gente, de certa forma, se encontra escondido do marido dela. Sabe como é, casarão no subúrbio, essa coisa toda. Uma sapata enrustida.

Lisbeth assentiu com a cabeça.

—O marido dela viaja um bocado, de modo que a gente se encontra de tempos em tempos. Já dura desde o outono e está meio que começando a cair na rotina. Mas ela é realmente bonita. Fora isso, continuo me encontrando com o pessoal de sempre, claro.

—A minha pergunta, na verdade, era: posso voltar aqui para te ver? Mimmi fez que sim com a cabeça.

—Sim, quero muito que você me dê notícias.

—Mesmo que eu suma de novo por seis meses?

—Mantenha contato. Faço questão de saber se você ainda está viva. E, acredite se quiser, lembro do dia do seu aniversário.

—Sem cobranças? Mimmi suspirou e sorriu.

—Sabe, você é uma mulher com quem eu poderia viver. Você ia me deixar na minha quando me dá vontade de ficar na minha.

Lisbeth não disse nada.

—Além do quê, na verdade, você não é lésbica. Não de fato. Bissexual, talvez. Acho que, acima de tudo, você é difícil de definir sexualmente. Ou seja: você gosta de sexo, não importa com quem seja. Tenho a impressão de que você, antes de mais nada, é um fator de caos permanente.

—Eu não sei o que eu sou — disse Lisbeth. — Mas voltei para Estocolmo e não sou muito boa em relacionamentos. Resumindo, não conheço absolutamente ninguém aqui. Você é a primeira pessoa com quem eu estou falando desde que cheguei.

Mimmi encarou-a com um jeito sério.

Você está mesmo querendo conhecer pessoas? Você, a mulher mais anônima e inacessível que eu conheço? Ficaram um momento caladas.

Mas esses seios novos estão realmente ótimos.

Pôs um dedo sob um mamilo e puxou a pele.

— Ficam muito bem em você. Não são nem muito grandes nem muito pequenos.

Lisbeth suspirou de alívio ao ver que as críticas iam pelo caminho certo.

— E, quando a gente toca, parecem de verdade.

Ela apertou com tanta força que Lisbeth abriu a boca, sem fôlego. Elas se olharam. Então Mimmi se inclinou e a beijou gulosamente. Lisbeth apertou Mimmi junto a si. O café esfriou antes que elas o tomassem.

7 - SÁBADO 29 DE JANEIRO – DOMINGO 13 DE FEVEREIRO

O gigante loiro entrou na aldeia de Svavelsjõ, entre Jàrna e Vagnharad, por volta das onze da manhã de sábado. O lugarejo compunha-se de umas quinze casas. Parou o carro na última construção, cerca de cento e cinquenta metros fora da aldeia. Era um antigo prédio industrial desbotado onde antes funcionara uma gráfica, mas que, de acordo com uma placa, hoje sediava o Moto Clube de Svavelsjõ. Embora o tráfego fosse inexistente, ele olhou em volta com atenção antes de abrir a porta. O ar estava frio. Vestiu luvas de couro marrom e tirou uma sacola esportiva do porta-malas.

Não que receasse ser notado. A velha gráfica estava localizada de tal modo que era quase impossível estacionar um carro sem ser visto. Se os tiras quisessem vigiar a construção, teriam de equipar seus homens com roupa de camuflagem e posicioná-los numa vala do outro lado do pasto, munidos de telescópios. Seriam rapidamente avistados pelas pessoas da aldeia, que comentariam e, como três daquelas casas pertenciam a membros do Moto Clube, em pouco tempo a notícia chegaria ao diretor do clube.

Em compensação, não queria entrar na casa. Os tiras já tinham feito duas ou três blitze na sede do clube, e vá saber se não tinham instalado um discreto sistema de escuta. Isso fazia que as conversas lá dentro se limitassem a carro, mulher e cerveja, ou até a projetos econômicos, e raramente girassem em torno de segredos de importância capital.

O gigante loiro esperou pacientemente, portanto, que Carl-Magnus Lundin saísse para o pátio. Magge Lundin, trinta e seis anos, era o presidente do clube. A princípio de constituição magra, tinha adquirido tantos quilos em alguns anos que ostentava a barriga característica dos bebedores de cerveja. Seu cabelo loiro era preso num rabo de cavalo e ele usava botinas, calça jeans preta e um casaco grosso de inverno. O sujeito tinha cinco condenações no currículo. Duas por pequenas infrações ligadas a droga, uma por receptação agravada e uma por roubo de carro e dirigir embriagado. A quinta condenação, mais séria, valera-lhe um ano de prisão por

golpes e ferimentos agravados, um ato desnecessário e inteiramente gratuito cometido vários anos antes, quando, sob efeito do álcool, detonara um bar em Estocolmo.

Apertaram-se as mãos. Magge Lundin fez um sinal com a cabeça e eles puseram-se a andar devagar ao longo da cerca do pátio.

—Fazia meses que a gente não se via - disse Magge. O gigante loiro assentiu com a cabeça.

—Estamos num golpe. Mais de três quilos de metanfetamina, 3060 gramas para ser mais preciso.

—Igual à outra vez?

—Meio a meio.

Magge Lundin tirou um maço de cigarros do bolso interno do casaco. Meneou a cabeça. Gostava de fazer negócios com o gigante loiro. A metanfetamina era revendida nas ruas entre cento e sessenta e duzentas e trinta coroas por grama, conforme a oferta do momento. Aqueles 3060 gramas representavam mais de seiscentas mil coroas. Concretamente, o MC Svavelsjö distribuiria os três quilos em porções de cerca de duzentos e cinquenta gramas para revendedores fixos. Naquele elo da corrente, o preço era apenas cento e vinte ou cento e trinta coroas por grama, o que evidentemente reduzia o lucro teórico.

Era um bom negócio para o **MC** Svavelsjö. Diferentemente dos outros fornecedores, o gigante loiro nunca insistia para ser pago adiantado e nem impunha seus preços. Entregava a mercadoria e exigia cinquenta por cento dos lucros, um quinhão perfeitamente razoável. As duas partes sabiam, grosso modo, o quanto ganhariam com um quilo de metanfetamina; o valor exato dependeria da eficiência de Magge Lundin na hora da venda. Previa-se uma diferença de algumas cédulas de mil para mais ou para menos, mas, uma vez terminado o negócio, o gigante loiro voltaria para embolsar uma quantia de cerca de cento e noventa mil coroas e o mesmo tanto ficaria no caixa do MC Svavelsjö.

Fazia muitos anos que o negócio entre eles funcionava nesse sistema. Magge Lundin sabia que o gigante loiro poderia duplicar seus ganhos tratando pessoalmente da distribuição. Sabia também por que o gigante loiro aceitava um lucro menor: permanecia na

moita, enquanto o MC Svavelsjö assumia todos os riscos. E, à diferença de todos os outros fornecedores que Lundin conhecia, a relação se baseava nos princípios comerciais do crédito e da boa vontade. Nunca se elevava o tom de voz, nunca havia complicações ou ameaças.

Uma vez, inclusive, num fornecimento de armas que tinha dado errado, o gigante loiro tivera de engolir um prejuízo de quase cem mil coroas. Magge Lundin não conhecia ninguém no ramo capaz de absorver um prejuízo desses com uma calma tão estoica. Ele próprio estava apavorado de ter de se encontrar com ele para contar o que tinha acontecido. Explicara em detalhes por que o negócio tinha gorado, e por que um tira do Centro de Prevenção Criminal dera uma batida na casa de um dos membros da Fraternidade Ariana no Vármland. O gigante, porém, nem sequer levantou a sobrancelha. Até se mostrou simpático. Essas coisas aconteciam. Magge Lundin não tivera o lucro esperado e cinquenta por cento de nada era igual a zero. Assunto encerrado.

Magge Lundin não era desprovido de inteligência. Compreendia que um lucro menor, mas com relativamente pouco risco, era simplesmente uma boa idéia comercial.

Nunca cogitara enrolar o gigante loiro. Não teria sido *fair-play.* O gigante loiro e seus sócios aceitavam um lucro pequeno desde que as contas fossem honestas. Se ele tentasse enrolar o gigante, o cara viria ter com ele de qualquer jeito, e Magge Lundin tinha todos os motivos para achar que nessa ele perderia a vida. De modo que nem pensar em discutir.

—Quando você pode entregar?

O gigante loiro largou a sacola esportiva no chão.

—Está entregue.

Magge Lundin não se deu ao trabalho de abrir a sacola e conferir o conteúdo. Contentou-se em estender a mão para demonstrar que eles tinham um acordo e que cabia a ele cumprir sua parte.

—Tem outra coisa - disse o gigante loiro.

—O quê?

—A gente queria te contratar para um serviço especial.

—Pode falar.

O gigante loiro pegou um envelope do bolso interno da jaqueta. Magge Lundin o abriu e tirou uma foto de identidade e um papel contendo dados pessoais. Ergueu as sobrancelhas num ponto de interrogação.

—Ela se chama Lisbeth Salander, mora na Lundagatan, no Södermalm, em Estocolmo.

—Está anotado.

—Ela deve estar no exterior no momento, mas vai acabar aparecendo uma hora dessas.

—A gente vai estar lá.

—O meu patrão queria ter uma conversinha particular com ela sem ser incomodado. Ela precisa ser entregue viva. Por exemplo, naquele hangar perto de Yngern. Tem que providenciar alguém para fazer uma faxina depois da conversa. Ela deve sumir sem deixar rastro.

—Dá para fazer. Como a gente vai saber que ela chegou?

—Eu aviso quando for a hora.

—Quanto?

—Dez milhões no total. Não é um serviço complicado. Você vai até Estocolmo, pega a moça e me entrega.

Apertaram-se as mãos mais uma vez.

Na sua segunda visita à Lundagatan, Lisbeth se sentou no sofá para refletir. Precisava tomar algumas decisões estratégicas, e uma delas era resolver se ficava ou não com aquele apartamento.

Acendeu um cigarro, soprou a fumaça para o teto e jogou a cinza numa latinha vazia de Coca.

Não havia nenhum motivo para ela gostar do apartamento, para o qual se mudara com a mãe e a irmã quando tinha quatro anos. A mãe ocupava a sala, ao passo que ela e Camilla dividiam o quartinho. Com doze anos, quando Todo o Mal acontecera, ela primeiro tinha sido internada numa clínica pediátrica e depois, aos quinze anos, passara por diferentes famílias adotivas. Seu administrador *ad hoc* legal, Holger Palmgren, sublocara o apartamento e dera um jeito para que ela o recuperasse quando atingiu a maioridade e precisou de um lugar para morar.

Nunca fora para ela um apartamento da felicidade, mas representara um ponto de referência durante a maior parte de sua

existência. Embora não precisasse dele, a idéia de abandoná-lo e que estranhos viessem andar em seu piso a revoltava.

O problema logístico era que toda a sua correspondência oficial — até onde ela recebia correspondência — chegava na Lundagatan. Abandonar o apartamento a obrigaria a adotar um novo endereço. Lisbeth Salander não tinha muita vontade de ser uma pessoa concretamente presente em arquivos de todos os tipos. Mentalmente, funcionava no âmbito da paranóia e ela não tinha motivo nenhum para confiar nas autoridades nem, aliás, em quem quer que fosse.

Pela janela, viu o muro do pátio dos fundos que contemplara a sua vida inteira. Súbito, sentiu-se aliviada por ter decidido sair do apartamento. Nunca se sentira à vontade ou em segurança dentro dele. Sóbria ou bêbada de cair, cada vez que virava a esquina e se aproximava do portão do prédio dava uma boa olhada nos arredores, nos carros estacionados, nos pedestres. Tinha todos os motivos para achar que em algum lugar havia pessoas querendo lhe fazer mal, e muito provavelmente essas pessoas passariam ao ataque quando ela estivesse entrando ou saindo de casa.

Nunca houvera, no entanto, nenhuma agressão nem acontecera absolutamente nada. Mas nem por isso ela relaxava a vigilância. O endereço da Lundagatan estava em todos os arquivos oficiais, e em todos aqueles anos ela nunca tivera como incrementar sua segurança senão ficando permanentemente alerta. Não queria, de jeito nenhum, que alguém soubesse do seu novo endereço na Fiskaregatan. Seu instinto lhe dizia para se manter tão anônima quanto possível.

Isso, porém, não resolvia a questão do que ela deveria fazer com o apartamento. Ficou mais algum tempo quebrando a cabeça, depois pegou o celular e ligou para Mimmi.

—Oi, sou eu.

—Oi, Lisbeth. Desta vez está dando notícias depois de uma semana?

—Estou na Lundagatan.

—Sei.

—Fiquei pensando se você se interessaria em ficar com o meu apartamento.

—Como assim, ficar com o seu apartamento?

—Você mora numa caixa de sapatos.

—Mas me sinto bem aqui. Você pretende se mudar?

—Eu já me mudei. O apartamento está vazio. Mimmi hesitou do outro lado da linha.

—E está me perguntando se quero ficar com ele? Ora, Lisbeth, não tenho condições para isso.

—Ele está quitado. São 1480 coroas de condomínio por mês, o que deve ser menos do que você paga pela sua caixa de sapatos. E já está pago por um ano.

—Mas você pretende vender. Quero dizer, ele deve valer muito mais que um milhão.

—Um e meio, segundo os anúncios das imobiliárias.

—Eu não tenho condições.

—E eu não tenho intenção de vender. Você pode se mudar ainda hoje, pode morar aqui o tempo que quiser e não vai ter condomínio para pagar durante um ano. Não tenho o direito de sublocar, mas posso mencionar no contrato que você é minha companheira, assim você evita problemas com o condomínio.

—Espera aí, Lisbeth, você está me pedindo em casamento! — riu Mimmi.

O rosto de Lisbeth ficou de uma seriedade papal.

—O apartamento não me serve para nada e não tenho a intenção de vender.

—Quer dizer que eu posso morar aí de graça... Não é gozação?

—Não.

—Por quanto tempo?

—Pelo tempo que você quiser. Te interessa?

—Mas claro. Não é todo dia que me oferecem um apartamento de graça no Söder, e morar num bairro chique é tentador.

—Só tem uma coisa.

—Eu sabia.

—Você pode morar aqui o tempo que quiser, mas este vai continuar sendo o meu endereço, e a minha correspondência vai vir para cá. Só o que eu te peço é para pegar a correspondência e me avisar se tiver algo que interesse.

—Lisbeth, você é a mulher mais maluca que eu conheço. O que você está aprontando? Onde vai morar?

—A gente fala nisso outra hora — disse Lisbeth, evasiva.

Combinaram de se encontrar mais no final da tarde para que Mimmi conhecesse o apartamento. Com as coisas assim acertadas, Lisbeth se sentiu bem melhor. Consultou o relógio e concluiu que ainda tinha muito tempo antes de Mimmi chegar. Levantou-se e foi a pé até o Handelsbanken, na Hornsgatan, onde pegou uma senha e esperou pacientemente até um caixa ficar livre.

Mostrou sua carteira de identidade e explicou que tinha ficado algum tempo fora do país e queria consultar o extrato de sua poupança. Seu capital oficialmente declarado era de 82670 coroas. A conta tinha ficado parada por mais de um ano, a não ser por um depósito de 9312 coroas feito no outono. A herança de sua mãe.

Lisbeth Salander sacou a quantia correspondente à herança. Refletiu um momento. Queria usar esse dinheiro em alguma coisa que teria agradado à sua mãe. Alguma coisa especial. Foi até a agência de correios da Rosenlundsgatan e, sem que ela própria entendesse o porquê desta escolha, fez uma doação anônima na conta do SOS-Mulheres.

Eram oito da noite de sexta-feira, quando Erika desligou o computador e se espreguiçou. Tinha passado nove horas fazendo a última revisão da edição de março da *Millennium* e, como Malu Eriksson estava trabalhando em tempo integral no número temático de Dag Svensson, ela mesma tivera de fazer boa parte da redação. Henry Cortez e Lottie Karim até tinham lhe dado uma mão, mas eles tinham mais experiência como correspondente e repórter do **QUE EM** escrever.

De modo que Erika Berger se sentia cansada, e com o traseiro dolorido, mas no conjunto estava satisfeita com o seu dia e com a vida em geral. As finanças da revista andavam estáveis, as curvas dos gráficos estavam na direção certa, os textos chegavam antes do prazo-limite ou, pelo menos, sem muito atraso, os funcionários estavam satisfeitos e, passado um ano, continuavam estimulados pela injeção de adrenalina que o caso Wennerstrôm representara.

Passou uns momentos tentando massagear a nuca, pensou que uma chuveirada lhe faria muito bem e cogitou utilizar o

banheirinho que ficava atrás da copa. Mas sentiu preguiça e contentou-se em descansar os pés sobre a mesa, constatando que ia fazer quarenta e cinco anos dali a três meses e que o tal futuro de que todo mundo falava estava começando a fazer cada vez mais parte do passado. O contorno dos seus olhos e boca já apresentava uma fina rede de pequenas rugas, mas ela sabia que ainda era bonita, e sua rotina incluía duas sessões infernais de academia por semana. Reconhecia que andava tendo mais dificuldade para subir no topo do mastro, quando fazia cruzeiros com o marido. Era sempre ela que subia quando necessário - Lars, seu marido, sofria de vertigem.

Também ponderou que seus primeiros quarenta e cinco anos de vida, apesar de alguns altos e baixos, no geral haviam sido felizes. Ela tinha dinheiro, status social, uma casa sensacional e um trabalho que adorava. Tinha um marido carinhoso que a amava e pelo qual ainda era, depois de quinze anos de casados, loucamente apaixonada. E, além disso, um amante agradável e aparentemente incansável que sem dúvida não satisfazia sua alma, mas seu corpo, nos momentos de necessidade urgente.

Sorriu, de repente, ao pensar em Mikael Blomkvist. Perguntou-se quando ele iria criar coragem para lhe confessar que tinha um caso com Harriet Vanger. Nem Mikael nem Harriet haviam sequer mencionado seu relacionamento, mas Erika não tinha nascido ontem. Por causa de um súbito palpite durante a reunião de agosto do conselho administrativo, e de uma troca de olhares entre Mikael e Harriet, ela percebera que havia alguma coisa entre os dois. Esperta, tentara ligar mais à noite para o celular de um e de outro e não se surpreendeu ao ver que estavam desligados. Claro que isso em si não constituía uma prova decisiva, mas nas reuniões seguintes observou que Mikael também nunca era encontrado à noite. Foi até engraçado ver com que rapidez Harriet deixara o restaurante depois da assembléia geral, pretextando cansaço e necessidade de dormir. Erika não sentia ciúmes nem vontade de levar a investigação adiante, mas pretendia mexer com os dois a respeito.

Nem pensava em se meter nas histórias de Mikael com as mulheres — que eram muitas e complicadas; só esperava que a

relação dele com Harriet não resultasse em problemas na diretoria. Mas não chegava a se preocupar; Mikael não só era mestre em deixar suas amizades femininas bobas de satisfação como sabia terminar um caso sem criar nenhum drama. Sempre se tornava um bom amigo de suas ex-amantes e muito raramente se vira em dificuldades.

Quanto a Erika, adorava ser amiga e confidente de Mikael. Em certos aspectos, ele era absolutamente tapado e em outros, tão perspicaz que parecia um oráculo. Mikael nunca compreendera o amor que ela nutria pelo marido. Achava difícil aguentar Lars Beckman e nunca entendera por que Erika o considerava um ser fascinante, ardoroso, excitante e generoso, e, principalmente, desprovido dos tantos defeitos que ela detestava em muitos homens. Lars era o homem com quem ela queria envelhecer. Queria ter tido filhos com ele, mas isso se revelara impossível e agora já era tarde demais. Em sua escolha por um parceiro de vida, porém, não podia imaginar alternativa melhor e mais estável - um homem em quem podia confiar totalmente e estava sempre presente quando precisava dele.

Mikael era diferente. Era um homem com traços de caráter tão cambiantes que, a seu ver, às vezes parecia dotado de múltiplas personalidades. No lado profissional, era teimoso e quase doentiamente focado no trabalho. Apossava-se de uma história e ia avançando obstinadamente por ela até o ponto, próximo à perfeição, em que todos os fios se desatavam. Nos seus melhores momentos, era simplesmente brilhante e quando acontecia de ele ser ruim, ainda assim era muito acima da média. Parecia possuir um talento quase intuitivo para pôr o dedo em histórias que tinham dente-de-coelho e deixar para lá as que nunca passariam de bagatelas sem interesse. Nunca, em momento algum, Erika Berger se arrependera de ter se associado a Mikael.

Também nunca se arrependera de ter se tornado sua amante.

O único que entendia a paixão sexual de Erika Berger por Mikael Blomkvist era seu marido, e entendia porque ela tinha coragem de conversar sobre suas necessidades com ele. Não se tratava de infidelidade, mas de um desejo. Dormir com Mikael

mergulhava-a em delícias que nenhum outro homem, inclusive Lars, sabia lhe dar.

O sexo era importante para Erika Berger. Ela perdera a virgindade aos catorze anos e passara boa parte de sua adolescência frustrada buscando a satisfação. Adolescente, experimentara de tudo: flertes avançados com colegas de escola, relação complicada com um professor bem mais velho, sexo por telefone e sexo com um neurótico. Provara de tudo o que lhe interessava no campo do erotismo. Se ensaiara em práticas sadomasoquistas, fora membro do clube Xtreme, que organizava festas pouco recomendáveis. Em várias oportunidades, experimentara o sexo com outras mulheres e concluíra, decepcionada, que não era a praia dela e que as mulheres eram incapazes de excitá-la como um homem. Ou dois homens. Experimentara o sexo com dois homens - Lars e um conhecido galerista. Percebera que seu marido tinha uma tendência bissexual muito acentuada, e que ela própria ficava quase paralisada de gozo ao sentir dois homens acariciando-a e satisfazendo-a, assim como sentia um túrbido prazer ao ver seu marido ser acariciado por outro homem. Lars e ela tinham repetido essa prática com parceiros regulares e a apreciaram.

Assim, não é que sua vida sexual com Lars fosse tediosa ou insatisfatória. É que simplesmente Mikael Blomkvist lhe oferecia uma experiência muito diversa.

Ele tinha talento. Era simplesmente um Amante Danado de Bom.

Tão bom que ela tinha a impressão de ter alcançado o equilíbrio perfeito com Lars como marido e Mikael como amante substituto segundo as necessidades. Não podia passar sem nenhum dos dois e não tinha a menor intenção de optar por um deles.

O que mais a atraía na relação com Mikael é que ele não tinha a menor propensão para controlá-la. Não era nem um pouco ciumento, e se ela própria tivera várias crises de ciúmes no início do seu relacionamento, vinte anos atrás, descobrira que, no caso dele, não tinha por que ter ciúmes. Sua relação era baseada na amizade, e ele era de uma lealdade sem limites na amizade. Sua relação podia sobreviver aos piores golpes.

Erika Berger tinha consciência de pertencer a um círculo de pessoas cujo estilo de vida não seria aprovado pela Associação das Donas de Casa Cristãs da Suécia Profunda. O que para ela não era nenhum problema. Desde jovem resolvera que o que ela fazia na cama e o seu jeito de viver a vida só diziam respeito a si mesma. Mas ficava irritada de ver tantos amigos seus comentarem sua relação com Mikael Blomkvist, e sempre pelas costas.

Mikael era homem. Podia ir de uma cama a outra sem que ninguém sequer piscasse. Ela era mulher, e o fato de ter um amante, um só, e isso com a aprovação do marido - e ainda por cima ser fiel a esse amante há vinte anos -, suscitava conversas no mínimo interessantes nos jantares da cidade. As *pessoas realmente não têm mais o que fazer!* Refletiu um instante, então pegou o telefone e ligou para o marido.

—Sou eu. Querido, o que você está fazendo?

—Estou escrevendo.

Lars Beckman não era apenas artista plástico; era sobretudo especialista em história da arte e autor de vários livros sobre o assunto. Participava regularmente de debates públicos, e grandes empresas de arquitetura o consultavam com freqüência. Nos últimos seis meses, vinha trabalhando na importância da decoração artística dos edifícios e a questão do bem-estar que as pessoas sentiam em certos prédios e em outros não. O livro assumira ares de panfleto sobre funcionalidade e, na opinião de Erika, iria sacudir o debate estético.

—Tudo bem com você?

—Tudo. Tudo tranqüilo. E com você?

—Acabo de fechar o último número. Ele vai para a gráfica na quinta-feira.

—Parabéns.

—Estou absolutamente exausta.

—Tenho a impressão que você está tramando alguma coisa.

—Você planejou alguma coisa para hoje à noite? Ficaria muito chateado se eu não dormisse em casa hoje?

—Diga ao Blomkvist que ele está brincando com fogo — disse Lars.

—Acho que ele não liga.

—Certo. Diga a ele que você é uma bruxa insaciável e que ele vai envelhecer antes do tempo.

—Ele já sabe.

—Nesse caso, só me resta o suicídio. Vou ficar escrevendo até cair de sono. Divirta-se.

Trocaram beijos ao telefone e então Erika ligou para Mikael. Ele estava na casa de Dag Svensson e Mia Bergman, em Enskede, acabavam de acertar alguns detalhes meio confusos do livro de Dag. Ela perguntou se ele tinha algum compromisso à noite ou se aceitaria fazer massagem numas costas doloridas.

—Você tem a chave - disse Mikael. —Sinta-se em casa.

—É o que eu pretendo fazer - ela respondeu. —Nos vemos em uma hora.

Levou dez minutos para ir a pé até a Bellmansgatan. Despiu-se, tomou um banho, preparou um *espresso,* enfiou-se na cama de Mikael e esperou nua e impaciente.

Ocorreu-lhe que a satisfação ideal para ela provavelmente seria um *ménage à trois* com seu marido e Mikael Blomkvist, o que, com uma probabilidade próxima dos cem por cento, jamais aconteceria. Mikael era tão hétero que, só para provocá-lo, ela o acusava de ser homofóbico. Ele nunca sequer experimentara com homens. Suspiro. Era apenas a prova de que não se pode ter tudo neste mundo.

Irritado, o gigante loiro franziu o cenho enquanto, ao volante do carro, avançava a quinze quilômetros por hora numa pista florestal tão malcuidada que por um breve instante chegou a pensar que de algum modo tinha entendido errado as indicações que lhe deram. Começava a anoitecer quando a estrada se fez mais larga e a casa, enfim, apareceu. Estacionou, desligou o motor e olhou em volta. A casa estava a uns bons cinquenta metros.

Ficava próxima de Stallarholmen, não muito longe de Mariefred. Era uma casinha bem simples dos anos 1950, construída em plena mata. Em meio às árvores, avistava uma faixa clara de gelo sobre o lago Mãlaren.

Tinha a maior dificuldade em entender como alguém podia gostar de passar seu tempo livre num mato isolado daqueles. Desceu do carro, fechou a porta e imediatamente se sentiu pouco à vontade. A mata lhe parecia imensa e ameaçadora. Sentia-se

observado. Começou a andar em direção ao pátio, então escutou um súbito farfalhar que o fez estacar.

Olhou fixamente para a mata. Estava tudo quieto e calmo no crepúsculo. Permaneceu uns dois minutos parado, os sentidos alertas, até avistar com o rabo dos olhos um vulto se mexendo de mansinho entre as árvores. Quando focou o olhar, o vulto ficou absolutamente imóvel, a uns trinta metros mato adentro, e o encarou.

O gigante loiro teve uma vaga sensação de pânico. Procurou distinguir mais detalhes. Viu um rosto sombrio e anguloso. A criatura parecia um anão de cerca de um metro de altura, e usava roupas de camuflagem que lembravam uma fantasia feita de musgo e ramos de pinheiro. *Um gnomo da floresta? Um duende? Será que eram perigosos?*

Por um instante, o gigante loiro prendeu a respiração. Sentiu os cabelos se eriçarem na cabeça.

Então piscou vigorosamente os olhos e balançou a cabeça. Quando tornou a olhar, a criatura tinha se deslocado uns dez metros para a direita. *Não havia nada.* Ele sabia que estava tendo uma alucinação. Mesmo assim, enxergava com nitidez a criatura no meio das árvores. E, de repente, a criatura se mexeu, aproximando-se. Parecia avançar depressa e descrever um semicírculo irregular para se pôr em posição de ataque.

O gigante loiro se recompôs e tratou de alcançar a casa. Bateu à porta meio forte demais, de um jeito meio ansioso demais. Assim que escutou movimentos humanos lá dentro, o pânico o abandonou. Deu uma olhada por cima do ombro. Não *havia nada.*

Só relaxou, porém, quando a porta se abriu. O Dr. Nils E. Bjurman o cumprimentou educadamente e o convidou a entrar.

Miriam Wu estava sem fôlego quando voltou da lixeira, para onde descera o último saco de lixo das coisas deixadas por Lisbeth Salander. O apartamento estava assepsiado e cheirava a sabão, tinta e café quente. Este último era obra de Lisbeth. Sentada num banquinho, ela contemplava, pensativa, o apartamento vazio em que as cortinas, os tapetes, os cupons de desconto grudados na geladeira e sua tradicional bagunça no hall de entrada tinham

desaparecido milagrosamente. Estava surpresa de ver o quanto o apartamento agora parecia grande.

Miriam Wu e Lisbeth Salander não tinham o mesmo gosto, quer se tratasse de roupas, mobília ou estímulo intelectual. Mais especificamente: Miriam Wu tinha preferências e opiniões precisas quanto a decoração, os móveis que queria e as roupas que tinham estilo. Lisbeth Salander, segundo Mimmi, não tinha gosto nenhum.

Depois de ela inspecionar o apartamento da Lundagatan com um olhar especulativo, ambas conversaram e Mimmi concluiu que teria de tirar mais ou menos tudo o que havia ali. Principalmente o sofá amarronzado puído da sala. Lisbeth queria ficar com alguma coisa? *Não.* Mimmi passara então alguns dias, e algumas horas toda noite durante quinze dias, jogando fora os velhos móveis resgatados nos caminhões de lixo seco, limpando os armários, areando, esfregando a banheira e pintando a cozinha, a sala, o quarto e o hall de entrada, passando sinteco no assoalho da sala.

Lisbeth era absolutamente refratária a esse tipo de exercício, mas aparecera para dar uma olhada e descobrira, fascinada, a obra de Mimmi. O apartamento estava vazio, com exceção de uma pequena mesa de cozinha de madeira maciça que Mimmi pretendia lixar e envernizar, dois sólidos banquinhos de que Lisbeth se apossara quando um morador do prédio fizera uma limpa no sótão e uma estante robusta na sala, na qual Mimmi achava que podia dar um jeito.

—Estou me mudando no fim de semana. Tem certeza de que não vai se arrepender?

—Eu não preciso deste apartamento.

—Mas é um apê irado. Quero dizer, existem outros maiores e melhores, mas não aqui no Söder, e o condomínio é baixíssimo. Lisbeth, você está abrindo mão de uma fortuna não vendendo isto aqui.

—Tenho o suficiente para me virar.

Mimmi se calou, sem saber direito como interpretar os comentários lacônicos de Lisbeth.

—Onde você vai morar? Lisbeth não respondeu.

—Posso ir te visitar?

—Por enquanto não.

Lisbeth abriu a bolsa e pegou uns documentos que entregou a Mimmi.

—Já cuidei do contrato com o condomínio. Como eu te falei, não posso sublocar. O mais simples, portanto, é eu declarar que você mora comigo e que estou te vendendo metade do apartamento. O preço de venda é uma coroa. Você tem que assinar o contrato.

Mimmi pegou a caneta e pôs sua assinatura e data de nascimento no documento.

—É só isso?

—Só isso.

—Lisbeth, eu não questionei o seu bom senso, mas você se dá conta de que está me dando metade deste apartamento de presente? Nada contra, mas não queria que você de repente se arrependesse e isso gerasse um problema entre nós.

—Não vai haver problema nenhum. Eu quero que você more aqui. Para mim está bem.

—Mas assim, sem nada em troca? Você está louca.

—Você vai cuidar da minha correspondência. É a única condição.

—Vai me custar quatro segundos por semana. Você pretende aparecer de vez em quando para fazer amor?

Lisbeth fitou Mimmi. Não falou nada por alguns instantes.

—Mimmi, tenho muita vontade de fazer amor com você, mas isso não faz parte do contrato. Você pode recusar quando quiser.

Mimmi suspirou.

—E eu que estava justamente começando a gostar da idéia de ser uma mulher teúda e manteúda. Sabe, com uma patroa que me paga um apartamento e dá as caras de vez em quando para uma transa. Lisbeth, saiba que eu te acho completamente biruta.

Lisbeth não respondeu. Então Mimmi se levantou, decidida, foi até a sala e apagou a lâmpada que pendia do teto.

—Vem cá. Lisbeth a seguiu.

—Eu nunca fiz amor no chão de um apartamento recém-pintado e sem nenhum móvel dentro. Mas um dia assisti a um filme com o Marlon Brando, ele estava com uma garota, era em Paris.

Lisbeth baixou os olhos para o chão.

—Estou a fim de me divertir. E você?

—Estou quase o tempo todo a fim.

—Hoje estou a fim de brincar de dominadora. Sou eu quem decide. Tire a roupa.

A fisionomia de Lisbeth se iluminou de repente num sorriso de esguelha se despiu. Levou dez segundos.

—Deite no chão. De bruços.

Lisbeth obedeceu. O assoalho estava frio e ela logo ficou toda arrepiada.

Mimmi pegou a camiseta de Lisbeth, com os dizeres *You have the right to remain silent,* para lhe amarrar as mãos nas costas.

Lisbeth lembrou de repente que o canalha do Dr. Nils Bjurman a tinha amarrado do mesmo jeito dois anos antes.

Mas as semelhanças acabavam aí.

Com Mimmi, Lisbeth só experimentava uma espera abarrotada de desejo. Submeteu-se com docilidade quando Mimmi rolou-a de costas e abriu suas pernas. Na penumbra, observou enquanto Mimmi se despia por sua vez, ficou fascinada com a curva dos seios dela. Então Mimmi tapou-lhe os olhos com a camiseta que acabava de tirar. Lisbeth escutou as roupas farfalhando enquanto Mimmi acabava de se despir. Segundos depois, sentiu a língua de Mimmi em sua barriga, logo acima do umbigo, e seus dedos entre suas coxas. Ficou subitamente mais excitada do que havia muito tempo não ficava. Cerrou os olhos por trás da venda e deixou que Mimmi ditasse o ritmo.

8 - SEGUNDA-FEIRA 14 DE FEVEREIRO – SÁBADO 19 DE FEVEREIRO

Dragan Armanskij ergueu os olhos ao ouvir a batidinha dada na porta com a ponta de um sapato e avistou Lisbeth Salander. Ela vinha equilibrando dois copinhos trazidos da máquina de *capuccíno.* Devagar, ele largou a caneta e empurrou o relatório para o lado.

—Oi - disse ela.

—Oi - respondeu Armanskij.

—Visita de amiga - disse ela. —Posso entrar? Dragan Armanskij fechou os olhos por um segundo. Depois apontou a poltrona dos visitantes. Deu uma olhada no relógio. Seis e meia da tarde. Lisbeth Salander lhe ofereceu um dos copinhos e se sentou. Permaneceram algum tempo se observando.

—Mais de um ano - disse Dragan. Lisbeth assentiu com a cabeça.

—Está chateado?

—Deveria estar?

—Eu não me despedi. Dragan fez um muxoxo. Era um alívio constatar que pelo menos Lisbeth não estava morta. Sentiu também uma violenta irritação, e cansaço.

—Não sei o que dizer. Você não tem nenhuma obrigação de me prestar contas das suas idas e vindas. O que você quer?

Sua voz soava mais fria do que ele gostaria.

—Não sei exatamente. Acho que só passei mesmo para dar um oi.

—Está precisando de trabalho? Não tenho mais intenção de contar com você.

Ela balançou a cabeça.

—Está trabalhando em outro lugar?

Ela balançou novamente a cabeça. Parecia estar procurando as palavras. Dragan esperou.

—Eu estive viajando - ela disse por fim. —Faz pouco tempo que voltei à Suécia.

Armanskij meneou a cabeça, pensativo, e examinou-a. Percebeu de repente que Lisbeth Salander tinha mudado. Havia uma espécie

de nova... maturidade na escolha das roupas e no comportamento. E também tinha posto um enchimento no sutiã.

—Você está mudada. Por onde andou?

—Por aí... - ela respondeu, evasiva, mas se endireitou ao ver o olhar irritado dele. —Estive na Itália, aí segui pelo Oriente Médio e depois Hong-Kong, via Bangcoc. Fiquei um pouco na Austrália e na Nova Zelândia e dei um pulo nas ilhas do Pacífico. Passei um mês no Taiti. Depois atravessei os Estados Unidos e, nos últimos meses, fiquei nas Antilhas.

Ele meneou a cabeça.

—Não sei por que eu não me despedi.

—Porque, para dizer as coisas como elas são, você não liga a mínima para os outros - disse Dragan Armanskij com um tom objetivo.

Lisbeth Salander mordeu os lábios. Ficou um momento pensativo. O que ele estava dizendo talvez fosse verdade, mas mesmo assim sentia que a acusação era injusta.

—Em geral, os outros é que não ligam a mínima para mim.

—Que nada - respondeu Armanskij. —Você tem um problema de atitude e trata feito lixo quem realmente tenta ser seu amigo. É simples assim.

Silêncio.

—Quer que eu vá embora?

—Faça como quiser. É o que você sempre fez. Mas se for embora agora não quero te ver nunca mais.

Súbito, Lisbeth Salander teve medo. Sentiu que aquele homem, que ela respeitava, estava rejeitando-a. Não sabia o que dizer.

—Faz dois anos que Holmer Palmgren teve o derrame. Você não foi visitá-lo nem uma vez - prosseguiu Armanskij, inexorável.

Lisbeth fitou Armanskij com olhos repentinamente chocados.

—Palmgren está vivo?

—Quer dizer que você nem sabe se ele está vivo ou morto?

—Os médicos disseram que ele...

—Os médicos disseram muita coisa sobre ele - interrompeu Armanskij. —Ele estava muito mal e não podia se comunicar. Neste último ano, o estado dele melhorou bastante. Está com dificuldade para falar, gagueja, e a gente tem que prestar muita atenção para

entender o que ele diz. Precisa de ajuda para muita coisa, mas pode ir ao banheiro sozinho. As pessoas que se importam com ele vão visitá-lo.

Lisbeth ficou calada. Fora ela quem achara Palmgren sem sentidos em seu apartamento, quando ele tivera o ataque dois anos atrás. Chamara a ambulância, e os médicos tinham balançado a cabeça dizendo que o prognóstico não era nada animador. Na primeira semana, ela acampara no hospital até um deles lhe dizer que Palmgren estava em coma e havia pouquíssimos sinais indicando que ele haveria de acordar um dia. Naquele momento, deixara de se preocupar e o riscara de sua vida. Levantara-se e deixara o hospital sem olhar para trás. E ao que parece, sem conferir os fatos.

Franziu o cenho. A partir de então o Dr. Nils Bjurman começara a perturbar sua vida, e o canalha tinha monopolizado boa parte de sua atenção. Mas ninguém, nem mesmo Armanskij, lhe dissera que Palmgren ainda vivia, e muito menos que talvez estivesse se recuperando. Quanto a ela, nunca sequer aventara essa possibilidade.

De repente sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Nunca tinha se achado tão desprezível, pequena e egoísta. E nunca tinha levado uma bronca num tom tão duro e contido. Abaixou a cabeça.

Permaneceram calados por alguns instantes. Foi Armanskij quem quebrou o silêncio.

—Como você está?

Lisbeth deu de ombros.

—Está vivendo do quê? Está trabalhando?

—Não, não estou trabalhando e não sei em que tipo de coisa quero trabalhar. Mas tenho dinheiro suficiente para me virar.

Armanskij perscrutou-a com seu olhar penetrante.

—Só passei para dar um oi... não estou procurando trabalho. Não sei... ainda assim, eu talvez gostasse de fazer um serviço para você, se uma hora você precisar de mim, mas teria de ser algo interessante.

—Imagino que você não queira me contar o que aconteceu em Hedestad no ano passado?

Lisbeth não disse nada.

—Aconteceu alguma coisa. O Martin Vanger morreu num acidente de carro depois que você esteve aqui pedindo equipamento de vigilância emprestado porque vocês tinham sofrido ameaças. E a irmã dele ressuscitou dos mortos. Que foi um furo, isso foi.

—Eu prometi não falar sobre isso. Armanskij assentiu com a cabeça.

—E imagino que você também não possa falar sobre o seu papel no caso Wennerström?

—Eu ajudei o Super-Blomkvist nas pesquisas. - A voz dela esfriou de repente. —Só isso. Não quero ser envolvida.

—Mikael Blomkvist procurou por você feito louco. Liga pelo menos uma vez por mês para saber se tive notícias suas. Ele também está apreensivo.

Lisbeth ficou calada, mas Armanskij notou que sua boca se transformara num traço rígido.

—Não sei o que pensar sobre esse homem - prosseguiu Armanskij. —Mas, como eu, ele se preocupa seriamente com você. Encontrei com ele no outono. Ele também não queria falar sobre Hedestad.

Lisbeth Salander não queria falar sobre Mikael Blomkvist.

—Só passei para dar um oi e comunicar que estou de volta à cidade. Não sei se vou ficar. Aqui está o número do meu celular e o meu novo endereço de e-mail, se precisar falar comigo.

Ela estendeu um papel para Armanskij e se levantou. Ele o pegou. Ela já tinha alcançado a porta quando ele a chamou.

—Espere um pouco. O que você vai fazer?

—Vou visitar Holger Palmgren. - Muito bem. Mas eu quis dizer... que trabalho?

Ela olhou para ele com um olhar pensativo.

—Não sei.

—Mas você precisa ganhar a vida.

—Já disse que tenho o suficiente para me virar. Armanskij se recostou na poltrona e refletiu. Tratando-se de Lisbeth Salander, ele nunca sabia direito como interpretar suas palavras.

—Fiquei tão furioso depois que você sumiu que praticamente decidi nunca mais contar com você... —Ele fez uma careta. —Você

não é confiável. Mas é uma fuçadora excepcional. Tenho um trabalho que talvez lhe interesse.

Ela balançou a cabeça. Mas voltou para a mesa dele.

—Eu não quero seu trabalho. Quero dizer, não estou precisando de dinheiro. Falando sério. Sou financeiramente independente.

Dragan Armanskij franziu o cenho num gesto de dúvida. Por fim, meneou a cabeça.

—Certo, você é financeiramente independente, seja lá o que isso signifique. Acredito na sua palavra. Mas se precisar de trabalho...

—Dragan, você é a segunda pessoa que eu procurei desde que voltei. Não preciso do seu dinheiro. Agora, durante anos você foi uma das raras pessoas que eu respeitei.

—Está bem. Mas todo mundo precisa ganhar a vida.

—Sinto muito, mas não estou mais interessada em fazer investigações para você. Só me chame se estiver com um problema de verdade.

—Que tipo de problema?

—Um problema do tipo que você não consegue resolver. Se empacar, se ficar sem saber o que fazer e a situação for desesperadora. Para eu trabalhar para você, teria de me oferecer uma coisa que me interesse. Quem sabe na linha da intervenção.

—Intervenção? Você? Que desaparece sem deixar rastro quando bem entende?

—Pare com isso. Eu nunca furei depois de aceitar um trabalho. Dragan Armanskij fitou-a, desamparado. A noção de unidade de intervenção era um jargão deles que significava trabalho de campo. Ia desde proteção cerrada por um guarda-costas até missões de vigilância particular em exposições de arte. Sua equipe de intervenção constituía-se de veteranos robustos e sólidos, não raro com um passado na polícia. Além disso, noventa por cento eram homens. Lisbeth Salander era o extremo oposto de todos os critérios que ele estabelecera para o pessoal das unidades de intervenção da Milton Security.

—Bem... - disse ele, hesitante.

—Não precisa ficar quebrando a cabeça. Só aceito trabalhos que me interessem, quer dizer que as chances de eu recusar são altas.

Avise-me se estiver com um problema realmente difícil. Eu sou boa em enigmas.

Girou os calcanhares e saiu pela porta. Dragan Armanskij balançou a cabeça. *Ela é doida mesmo. Doida de atar.*

No instante seguinte, Lisbeth Salander estava de novo à sua porta.

—A propósito... Dois dos seus homens ficaram um mês protegendo aquela atriz, a Christine Ruterford, do louco que escreve cartas de ameaça anônimas para ela. Pelos detalhes que o remetente sabe da vida dela, vocês estão achando que é coisa de uma pessoa próxima.

Dragan Armanskij fitou Lisbeth Salander. Uma corrente elétrica percorreu seu corpo. *Lá vem ela de novo.* E falando de um assunto que ela não tinha mesmo como conhecer. *Ela não pode estar sabendo.*

—Ééé...?

—Esqueça. É uma farsa. Ela e o namorado é que escrevem as cartas para chamar a atenção. Ela vai receber mais uma carta daqui uns dias e eles vão deixar vazar para a imprensa na semana que vem. Tem grandes chances de ela acusar a Milton por esse vazamento. Você deveria riscá-la da sua lista de clientes.

Antes que Dragan Armanskij tivesse tempo de formular uma pergunta, ela já havia sumido. Ele fitou a porta vazia. Ela não tinha como saber do caso Ruterford. Obviamente, tinha um informante dentro da Milton. Mas ele próprio, o chefe do grupo de intervenção e as poucas pessoas que estavam investigando as ameaças... eram todos profissionais seguros e confiáveis. Armanskij coçou o queixo. Ou então, por um incrível acaso, ela talvez conhecesse Christine Ruterford ou algum amigo dela, ou...

Ele olhou para a sua mesa de trabalho. O dossiê do caso Ruterford estava trancado a chave na gaveta. A mesa era ligada ao alarme. Mordeu os lábios, pensativo, verificou novamente as horas e concluiu que Harry Fransson, o chefe do setor técnico, já tinha ido embora. Abriu o programa de correio eletrônico e mandou uma mensagem para Fransson, pedindo que ele instalasse em sua sala uma câmera de vigilância oculta no dia seguinte.

Lisbeth voltou direto para casa, na Fiskaregatan. Apressou o passo, com um súbito sentimento de urgência.

Ligou para o hospital de Söder e, depois de algum tempo insistindo em diferentes setores, conseguiu localizar Holger Palmgren. Ele estava há catorze meses no centro de reabilitação de Ersta. Vieram-lhe à mente imagens da casa de saúde onde sua mãe estivera internada, não devia ser muito diferente. Quando ligou, disseram que ele estava dormindo, mas que ela poderia ir visitá-lo no dia seguinte.

À noite, Lisbeth ficou andando para lá e para cá no apartamento. Sentia-se incomodada. Finalmente, foi se deitar cedo e adormeceu quase imediatamente. Acordou às sete horas, tomou uma ducha e foi tomar o café da manhã no 7-Eleven. Por volta das oito, foi à locadora de Ringvagen. Eu *preciso ter um carro.* Alugou o mesmo Nissan Micra no qual tinha ido buscar as coisas de sua mãe.

Sentiu um súbito nervosismo ao estacionar no centro de Ersta, mas criou coragem, entrou na recepção e pediu para visitar Holger Palmgren.

A recepcionista, Margit, de acordo com o crachá, consultou uns documentos e explicou que ele estava na sessão de fisioterapia e só voltaria depois das onze. Lisbeth poderia aguardar na sala de espera ou então voltar mais tarde. Lisbeth retornou ao estacionamento, sentou-se no carro e fumou três cigarros enquanto esperava. Às onze horas, voltou à recepção. Indicaram-lhe o refeitório, à direita no corredor e depois à esquerda.

Parou na porta e procurou Holger Palmgren com os olhos no refeitório semivazio. Seu rosto estava voltado em sua direção, mas toda a sua atenção se concentrava num prato. Ele segurava o garfo com mão desajeitada e fazia um esforço enorme para levar os alimentos à boca. Fracassava em média uma a cada três vezes, derrubando o conteúdo do garfo.

Estava sombrio e prostrado, e aparentava ter cem anos. O rosto parecia estranhamente rígido. Estava numa cadeira de rodas. Só então Lisbeth Salander aceitou o fato de que ele estava vivo e que Armanskij não havia mentido.

Holger Palmgren blasfemou intimamente quando, pela terceira vez, tentou juntar com o garfo uma porção de macarrão gratinado. Aceitava o fato de não poder andar e não poder realizar uma série de gestos. Mas odiava não conseguir comer direito e babar que nem bebê.

Racionalmente, sabia o que precisava fazer. Inclinar o garfo na direção certa, empurrar, erguer e levá-lo à boca. Mas havia um problema de coordenação. A mão parecia ter vida própria. Quando ele dava a ordem de levantar, a mão empurrava lentamente para o lado. Quando levava o garfo à boca, a mão mudava de direção na última hora e escapava para a bochecha ou o queixo.

Mas ele sabia que a fisioterapia estava dando resultados. Apenas seis meses antes, sua mão tremia de tal maneira que ele não conseguia levar uma garfada à boca sozinho. Atualmente, as refeições ainda transcorriam devagar, sem dúvida, mas ele já conseguia se alimentar sozinho. Não tinha a intenção de desistir enquanto não recuperasse o controle de todos os seus membros.

Estava baixando o garfo para juntar mais uma garfada, quando uma mão adiantou-se por trás, pegando o garfo com delicadeza. Reconheceu imediatamente a mão fina de boneca, virou-se e deu com os olhos de Lisbeth Salander a menos de dez centímetros de seu rosto. Seu olhar era de expectativa. Ela parecia angustiada.

Palmgren permaneceu imóvel alguns instantes, fitando o rosto dela. Seu coração de repente pôs-se a bater de um jeito incrível. Então ele abriu a boca e aceitou o alimento.

Ela o alimentou, garfada por garfada. Em geral, Palmgren detestava ser assistido nas refeições, porém compreendeu a necessidade de Lisbeth Salander. Não se tratava dele, um fardo impotente. Ela o alimentava numa espécie de gesto de humildade - atitude afetuosa extremamente rara nela. Preparava as garfadas no tamanho certo e esperava que ele acabasse de mastigar. Quando ele apontou o copo com o canudo, ela o estendeu calmamente para que ele bebesse.

Não trocaram uma palavra durante toda a refeição. Quando ele engoliu a última garfada, ela largou o garfo e o interrogou com os olhos. Ele fez que não com a cabeça. *Não, obrigado, não quero mais.*

Holger Palmgren se recostou na cadeira de rodas e respirou profundamente. Lisbeth pegou o guardanapo e limpou-lhe a boca. De repente ele se sentiu como o padrinho da máfia de um filme americano a quem um *capo di tutti capi* manifestasse seu respeito. Imaginou-a depositando um beijo em sua mão, e essa imagem esquisita o fez sorrir.

—Você acha que é possível conseguir um café? - ela perguntou. Ele gaguejou. Seus lábios e língua não queriam articular corretamente os sons. Sua boca estava rígida.

—Crinho dsrvs ncan. *Carrinho de serviço ali no canto.*

—Você quer? Com leite e sem açúcar como antes?

Ele fez que sim com a cabeça. Ela retirou a bandeja e voltou um minuto depois com duas xícaras de café. Ele reparou que ela estava tomando café preto, o que era inusitado. Sorriu ao ver que ela guardara o canudo do copo de leite para a xícara de café. Não falaram nada. Holger Palmgren tinha mil coisas para dizer, mas de repente era incapaz de articular uma sílaba que fosse. Em compensação, os olhos dos dois se cruzaram várias vezes. Lisbeth Salander parecia estar se sentindo tremendamente culpada. Por fim, ela quebrou o silêncio.

—Eu pensei que você tivesse morrido - disse. — uro, eu não sabia que você estava vivo. Se eu soubesse, jamais teria... eu teria vindo te visitar há muito tempo.

Ele meneou a cabeça.

—Me perdoe.

Ele meneou a cabeça novamente. Sorriu. Um sorriso enviesado, uma curvatura de lábios.

—Você estava em coma e os médicos diziam que ia morrer. Achavam que ia morrer dali a vinte e quatro horas, e eu simplesmente fui embora. Será que um dia você vai conseguir me perdoar?

Ele ergueu a mão e colocou-a sobre a mãozinha de Lisbeth. Segurou-a com firmeza, apertou-a e enfim respirou.

—Ctim smidu. *Você tinha sumido.*

—Você conversou com o Dragan Armanskij. Ele assentiu com a cabeça.

—Eu viajei. Fui obrigada a ir embora. Não me despedi de ninguém e me fui, simplesmente. Você ficou preocupado comigo?

Ele balançou a cabeça.

—Você nunca vai ter que se preocupar comigo.

—Nca mprocpei. Cesempr sdabe. Mas Armsji tva procpad. *Eu nunca me preocupei. Você sempre se dá bem. Mas o Armanskij estava preocupado.*

Ela sorriu pela primeira vez e Holger Palmgren relaxou. Era o seu sorriso de esguelha de sempre. Ele a examinou, comparou a lembrança que tinha dela com a moça que via à sua frente. Ela havia mudado. Estava bem-arrumada, limpa e cuidada. Não estava mais com a argola no lábio e... hmm... a tatuagem do marimbondo no pescoço também sumira. Ela estava com um jeito adulto. Súbito, ele riu pela primeira vez em muitas semanas. Parecia um acesso de tosse.

O sorriso de Lisbeth ficou ainda mais oblíquo e então ela sentiu um calor lhe invadir o coração, um calor que havia muito não sentia.

—Ceci deube. *Você se deu bem.* Apontou para as roupas dela. Ela assentiu.

—Estou me dando muito bem.

—Cmé unov ttor? *Como é o novo tutor?*

Holger Palmgren viu o rosto de Lisbeth se alterar e ensombrecer. A boca se contraiu um pouco. Ela olhou para ele com olhos cândidos.

—E legal... estou com ele na palma da mão.

As sobrancelhas de Palmgren se contraíram em um ponto de interrogação. Lisbeth olhou em redor, a sala de jantar, e mudou de assunto.

—Faz quanto tempo que você está aqui?

Palmgren não tinha nascido ontem. Sofrera um derrame e estava com dificuldade para falar e coordenar os movimentos, mas sua capacidade de compreensão estava intacta e seu radar captou de imediato a mudança no tom de voz de Lisbeth Salander. Nos anos em que convivera com ela, aprendera que ela nunca mentia diretamente, mas que tampouco era inteiramente sincera. Seu jeito de mentir consistia em desviar a atenção. Era óbvio que o novo tutor

não constava na sua lista de pessoas preferidas. O que não surpreendia Holger Palmgren nem um pouco.

Súbito, sentiu-se triste. Diversas vezes tivera a intenção de entrar em contato com seu colega Nils Bjurman para perguntar como ia Lisbeth Salander, e se abstivera outras tantas vezes. E por que não questionara a colocação de Lisbeth sob tutela, quando ainda tinha energia para fazê-lo? Sabia por que - muito egoisticamente, queria manter-se em contato com ela. Gostava daquela pivete danada de complicada como se fosse a filha que ele não teve, e queria um motivo para manter esse contato. E agora também era muito difícil, e pesado demais para um fardo como ele, numa casa de saúde, começar a investigar a situação, no estado em que se achava, sem sequer conseguir abrir sozinho o zíper da calça quando ia ao banheiro. Tinha a impressão de que, na verdade, ele é que traíra Lisbeth Salander. *Mas ela ainda sobrevive... É a pessoa mais competente que já conheci.*

—O trbn.

—Não entendi.

—O tribnal.

—O tribunal? O que você quer dizer?

—Temq nul su cl... colc colcas...

O rosto de Holger Palmgren ficou vermelho e se contorceu, porque ele não conseguia articular as palavras. Lisbeth pôs a mão em seu braço e apertou-o suavemente.

—Holger... Não se preocupe comigo. Tenho planos de cuidar em breve da minha colocação sob tutela. Não é mais tarefa sua se preocupar com isso... mas é possível que eu precise dos seus conselhos no momento oportuno. Está bem assim? Você pode ser meu advogado se eu precisar de você?

Ele balançou a cabeça.

—Mto vlho. - Ele bateu na mesa com as articulações da mão. —Vlho... bbo.

—Sim, você vai ser um velho bobo babaca se adotar essa atitude. Preciso de um advogado. E é você que eu quero. Você pode não conseguir fazer um arrazoado no tribunal, mas vai poder me aconselhar quando preciso. Combinado?

Ele balançou a cabeça mais uma vez. E depois, assentiu.

—Ta tra?

—Não entendi.

—Ta trab nquê? Não Rmskich. Está *trabalhando no quê? Não é com o Armanskij.*

Lisbeth hesitou um instante, enquanto pensava na melhor maneira de explicar a situação. Estava ficando complicado.

—Holger, não estou mais trabalhando para o Armanskij. Não preciso mais trabalhar para ele para ganhar o meu pão. Tenho dinheiro e estou bem.

As sobrancelhas de Palmgren se contraíram outra vez.

—Pretendo vir te visitar regularmente a partir de agora. Vou te contar... mas vamos com calma. Agora, neste momento, tem outra coisa que estou com vontade de fazer.

Ela se inclinou, puxou uma sacola para cima da mesa e lá de dentro tirou um tabuleiro de xadrez.

—Faz dois anos que não tenho a oportunidade de ganhar de você.

Ele se resignou. Ela estava tramando alguma coisa suspeita que não queria contar. Tinha certeza de que ela seria reticente, mas também confiava nela o suficiente para saber que o que quer que Lisbeth fizesse, embora pudesse ser juridicamente duvidoso, não seria um crime contrário às Leis de Deus. Pois, à diferença da maioria das pessoas, Holger Palmgren tinha certeza de que Lisbeth Salander era uma pessoa autenticamente moral. O problema era que a moral dela nem sempre correspondia ao que preconizava a lei.

Ela dispôs o tabuleiro à sua frente e ele percebeu, com um choque, que era o seu próprio tabuleiro. *Ela provavelmente o roubara no seu apartamento depois do derrame. Como recordação?* Ela lhe passou as brancas. Súbito, sentiu-se feliz como um garoto.

Lisbeth Salander permaneceu duas horas com Holger Palmgren. Já o derrotara três vezes quando uma enfermeira veio interromper a batalha dos dois em torno do tabuleiro, explicando que estava na hora da sessão de fisioterapia da tarde. Lisbeth juntou as peças e dobrou o tabuleiro.

—A senhora poderia me dizer no que consiste essa fisioterapia? - perguntou à enfermeira.

—Exercícios musculares e de coordenação. E estamos fazendo progressos, não estamos?

A pergunta era endereçada a Holger Palmgren. Ele meneou a cabeça.

—O senhor já consegue andar vários metros. No verão, vai poder passear sozinho no parque. É a sua filha?

Os olhos de Lisbeth e Holger se cruzaram.

—Fi dtiva. *Filha adotiva.*

—Que bacana você ter vindo. *Tradução: caraca, por onde você andou esses meses todos?*

Lisbeth ignorou a crítica subentendida. Inclinou-se e beijou-o no rosto.

—Venho te ver na sexta-feira.

Holger Palmgren se levantou da cadeira de rodas com esforço. Ela foi com ele até o elevador, e ali se separaram. Assim que as portas do elevador se fecharam, ela correu para a recepção e pediu para falar com o responsável. Indicaram-lhe um certo Dr. A. Sivarnandan, que ela encontrou numa sala mais adiante no corredor. Apresentou-se e explicou que era a filha adotiva de Holger Palmgren.

—Eu queria saber como ele está e o que vai acontecer com ele.

O Dr. Sivarnandan abriu a pasta de Holger Palmgren e leu as primeiras páginas. Tinha a pele marcada pela varíola e um bigode fino que irritava Lisbeth. Acabou levantando os olhos. Surpreendentemente, falava com sotaque finlandês. Lembrava, sem tirar nem pôr, uma personagem do Moomin.*

—Não tenho aqui nenhum registro de que o sr. Palmgren tenha uma filha, ou filha adotiva. Na verdade, seu parente mais próximo parece ser um primo de oitenta e seis anos residente no Jámtland.

—Ele cuidou de mim desde os meus treze anos até ter o derrame. Nessa época eu tinha vinte e quatro.

Ela procurou no bolso interno do casaco e jogou uma caneta na mesa, diante do Dr. A. Sivarnandan.

—Meu nome é Lisbeth Salander. Anote na pasta dele. Sou sua parente mais próxima neste mundo.

—Pode ser - respondeu A. Sivarnandan, inabalável. —Mas se você é a parente mais próxima, vamos reconhecer que demorou para dar notícias. Até onde eu sei, só uma pessoa, que nem é da família, vem visitá-lo de vez em quando. É a pessoa que deve ser avisada caso o estado dele se agrave ou ele venha a falecer.

—Dragan Armanskij, sem dúvida.

O Dr. A. Sivarnandan ergueu as sobrancelhas e meneou pensativamente a cabeça.

—O nome é esse. Então você o conhece.

—Pode ligar para ele e verificar quem eu sou.

—Não vai ser necessário. Acredito em você. Me contaram que você ficou duas horas jogando xadrez com o sr. Palmgren. Mas, seja como for, não posso falar com você sobre o estado de saúde dele sem que ele consinta.

—Ele nunca que vai consentir, teimoso como é, essa mula velha. Ele cismou que não tem que me passar os sofrimentos dele e que ainda é responsável por mim, não o contrário. Vou lhe explicar... por dois anos, pensei que Palmgren estivesse morto. Só ontem soube que estava vivo. Se eu tivesse sabido que... é difícil explicar, mas quero saber qual é o prognóstico e se ele vai se recuperar.

O Dr. Sivarnandan pegou a caneta e anotou minuciosamente o nome de Lisbeth Salander na pasta de Holger Palmgren. Pediu o número de sua identidade e do telefone.

—Está bem, agora você é oficialmente a filha adotiva dele. Talvez não seja lá muito conforme as regras, mas afinal você é a primeira pessoa que vem visitá-lo desde o Natal, quando o Sr. Armanskij esteve aqui... Você o viu há pouco e pôde constatar que ele tem problemas de coordenação e dificuldade para falar. Ele teve um derrame cerebral.

—Eu sei. Fui eu que o encontrei e chamei a ambulância.

—Ah... Pois saiba que ele passou três meses na UTI. Ficou em coma por um longo período. No mais das vezes, os pacientes não costumam sobreviver, mas acontece. Ao que parece, não era a hora dele. Primeiro foi transferido para um serviço de geriatria para doentes crônicos totalmente incapazes de cuidar de si mesmos. Contra todas as expectativas, apresentou sinais de melhora e então o transferimos para a fisioterapia, nove meses atrás.

—E o prognóstico?

O Dr. A. Sivarnandan afastou as mãos num gesto de impotência.

—Para isso eu teria que ter uma bola de cristal melhor do que a minha. Para ser sincero, não faço a menor idéia. Ele pode ter outro derrame esta noite e estar morto amanhã de manhã. Como pode ter uma vida relativamente normal por mais vinte anos. Não sei. Digamos que Deus é quem decide.

—E se ele viver mais vinte anos?

—A fisioterapia tem sido árdua para ele, e só nos últimos meses é que pudemos notar uma sensível melhora. Há seis meses, ele ainda não conseguia comer sozinho. Há um mês, praticamente não conseguia se levantar da cadeira, inclusive porque seus músculos se atrofiaram pelo tanto que ele permaneceu de cama. Hoje ele pelo menos consegue andar distâncias curtas.

—Ele vai ficar melhor?

—Vai. Bem melhor, até. Foi difícil transpor o primeiro degrau, mas agora observamos progressos a cada dia que passa. Ele perdeu quase dois anos de vida. Daqui alguns meses, no verão, espero vê-lo passeando sozinho ali no parque.

—E a fala?

—O problema é que o centro da palavra foi atingido, junto com a motricidade. Ele permaneceu muito tempo em estado vegetativo. Depois, foi estimulado a readquirir o controle de seu corpo e a reaprender a falar. Tem dificuldade em se lembrar do termo que precisa usar, vai ter que se reapropriar das palavras. Mas também não é como ensinar uma criança a falar - ele compreende o sentido da palavra, só não consegue expressá-la. Dê a ele mais uns meses e vai ver que a fala vai melhorar muito se comparada com hoje. A mesma coisa quanto à orientação. Nove meses atrás, era difícil para ele perceber a diferença entre direita e esquerda, e subir ou descer de elevador.

Lisbeth meneou a cabeça, pensativa. Refletiu alguns minutos e de repente se deu conta de que gostava do Dr. A. Sivarnandan, com sua cara de índio e sotaque finlandês.

—O que significa o A.? - perguntou bruscamente. Ele lançou-lhe um olhar divertido.

—Anders.

—Anders?

—Eu nasci no Sri Lanka, mas fui adotado em Àbo quando tinha poucos meses.

—Muito bem. Anders me diga no que posso ajudar o Holger.

—Visite-o. Ofereça-lhe um estímulo intelectual.

—Posso vir todos os dias.

—Não quero você aqui todos os dias. Se ele gosta de você, prefiro que ele se anime com a expectativa das visitas, e que elas não o aborreçam.

—Será que algum tipo de tratamento especializado poderia aumentar as chances dele? Eu pago o que for preciso.

Ele sorriu de repente para Lisbeth Salander, e então, também de repente, voltou a ficar sério.

—Receio que o tratamento especializado sejamos nós mesmos. Claro que eu gostaria de dispor de mais recursos e que parassem de cortar a nossa verba, mas posso garantir que ele tem sido tratado com muita competência.

—E se não houvesse essa preocupação com o corte de verbas? O que poderiam lhe oferecer?

—Se eu dispusesse dos recursos necessários... bem, o ideal para pacientes como Holger Palmgren seria, evidentemente, um terapeuta ocupacional particular em tempo integral. Mas faz muito tempo que não dispomos de verbas para esse fim na Suécia.

—Contrate um.

—Como?

—Contrate um terapeuta ocupacional para Holger Palmgren. O melhor. E faça isso amanhã. Providencie para que ele tenha o necessário em termos de equipamento técnico, essas coisas todas. Vou fazer que o dinheiro para o salário dele e o equipamento necessário seja depositado antes do final da semana.

—Isso é alguma brincadeira?

Lisbeth fitou o Dr. Anders Sivarnandan com seus grandes olhos inexpressivos, destituídos de qualquer traço de humor.

Mia Bergman freou e parou o Fiat rente à calçada em frente à estação de metrô Gamla Stan, no seu caminho de volta para casa. Dag Svensson abriu a porta e sentou-se no banco do passageiro.

Inclinou-se e deu-lhe um beijo enquanto ela movimentava o carro de volta para o fluxo de automóveis, pondo-se atrás de um ônibus.

—Oi - disse ela, sem tirar os olhos do trânsito. - Você estava com uma cara séria quando eu cheguei. Aconteceu alguma coisa?

Dag Svensson suspirou e pôs o cinto de segurança.

—Não, nada sério. Estou penando um pouco com o texto.

—Ou seja?...

—Só falta um mês para o *deadline.* Fiz nove das vinte e duas confrontações previstas. Estou tendo problemas com o Björck, da Säpo. O babaca está de licença médica e não atende o telefone em casa.

—Será que ele não está no hospital?

—Não sei. Você por acaso já tentou conseguir uma informação na Säpo? Eles nem sequer confirmam se o cara trabalha para eles.

—Você não tentou os pais dele?

—Mortos, os dois. Ele não é casado. Tem um irmão que mora na Espanha. O fato é que não sei o que fazer para encontrar o Björck.

Mia Bergman deu uma olhada de esguelha para o companheiro, enquanto pilotava o carro pelo cruzamento da Slussen em direção ao túnel de Nynáshamnsleden.

—Na pior das hipóteses, a gente tira a parte sobre o Björck. O Blomkvist faz questão que todos os caras que vamos citar tenham a oportunidade de serem ouvidos antes de serem denunciados.

—Seria uma pena deixar de lado um representante da polícia secreta frequentador das putas. O que você vai fazer?

—Procurar por ele, e encontrar, claro. E você, como andam as coisas?

—Mais calma que eu, só morrendo. Ele fez cócegas nas costelas dela.

—Não está nervosa?

—Nem um pouco. Daqui a um mês vou defender minha tese e virar doutora, e me sinto absolutamente serena.

—Você domina bem o assunto. Então, por que se preocupar?

—Dê uma olhada no banco de trás.

Dag Svensson se virou e viu uma sacola. Enfiou a mão lá dentro e...

—Mia... está pronta! - ele exclamou. E agitou no ar uma tese impressa.

Da Rússia com amor Tráfico de mulheres, crime organizado e medidas adotadas pelas autoridades por Mia Bergman

—Pensei que só fosse ficar pronta na semana que vem. Caramba... chegando em casa, temos que abrir uma garrafa de vinho. Parabéns, doutora.

Ele se inclinou e lhe deu outro beijo no rosto.

—Calma lá... Só vou ser doutora daqui a três semanas. E segure as suas mãos quando estou dirigindo.

Dag Svensson riu. E tornou a ficar sério.

—A propósito, só para dar uma de desmancha-prazeres... você entrevitou uma moça chamada Irina P., um ano atrás.

—Irina P, vinte e dois anos, de São Petersburgo. Veio à Suécia pela primeira vez em 1999, depois disso foi e voltou mais algumas vezes. Por quê?

—Estive hoje com o Gulbrandsen. O policial que conduziu a invesigação sobre o bordel de Södertälje. Você leu, semana passada, que eles acharam uma garota boiando no canal de Södertälje. Deu manchete nos jornais da tarde.

—Sei.

—Era a Irina P.

—Que horror!

Passaram em frente ao Skanstull em silêncio.

—Ela aparece na minha tese - disse afinal Mia Bergman. —Sob o pseudônimo de Tamara.

Dag Svensson abriu “Da Rússia com amor” na parte das entrevistas e folheou até chegar em Tamara. Leu concentradamente enquanto Mia passava por Gullmarsplan e Globen.

—Quem a trouxe para cá foi alguém que você chama de Anton.

—Não quis usar os nomes verdadeiros. Avisaram-me que posso ser criticada por isso na defesa, mas não quero divulgar o nome das garotas. Elas correriam o risco de ser espancadas até a morte. Portanto, também não posso divulgar o nome dos canalhas: eles iam descobrir rapidinho que garotas eu entrevistei. Por isso só ponho pseudônimos e pessoas anônimas em todos os meus estudos de caso, sem detalhes particulares.

—Quem é Anton?

—Ele provavelmente se chama Zala. Nunca consegui identificá-lo, mas acho que é polonês ou iugoslavo, e que na verdade seu nome é outro. Falei com Irina P. quatro ou cinco vezes, e foi só no quarto encontro que ela me deu o nome dele. Ela estava botando a vida em ordem e pretendia parar com tudo, mas tinha um medo tremendo dele.

—Hmmm... - fez Dag Svensson.

—Hmmm o quê?

—Estou pensando... Topei com o nome de Zala uma semana, ou duas atrás.

—Onde?

—Fiz uma confrontação com o Sandström. Você sabe o escroto do cliente jornalista. Droga. Esse cara é um verdadeiro calhorda.

—Como assim?

—Na verdade, ele não é jornalista. Ele cria folhetos publicitários para empresas. Mas tem umas fantasias realmente doentias ligadas a estupro, que ele põe em prática com essa garota...

—Eu sei. Fui eu que a entrevistei.

—Bem, mas você sabe que foi ele que coordenou a produção de um *folder* sobre doenças sexualmente transmissíveis para o Instituto de Saúde Pública?

—Eu não sabia.

—Encurralei o cara na semana passada. Um verdadeiro lixo. Claro, ele desabou quando peguei toda a documentação e perguntei por que ele usa putas menores de idade dos países do Leste europeu para praticar suas fantasias. Ele acabou me dando uma espécie de explicação.

—Ah, é?

—No passado, Sandström se viu numa situação em que não era apenas cliente da máfia do sexo, mas também lacaio. Ele me deu os nomes que conhecia e mencionou o nome de Zala. Não falou nada em especial sobre ele, mas não é um nome muito comum.

Mia Bergman olhou-o de relance e franziu o cenho.

—Você não sabe quem ele é? - perguntou Dag.

—Não. Não consegui identificar. Continua sendo só um nome que surge de vez em quando. As mulheres parecem morrer de medo

dele e ninguém falou nada.

—Hmm - fez Dag Svensson.

9 - DOMINGO 6 DE MARÇO – SEXTA-FEIRA 11 DE MARÇO

O Dr. A. Sivarnandan diminuiu o passo ao avistar Holger Palmgren e Lisbeth Salander pelo corredor envidraçado da sala de jantar. Estavam debruçados sobre um tabuleiro de xadrez. Ela parecia ter criado o hábito de visitá-lo uma vez por semana, geralmente aos domingos. Chegava sempre por volta das três da tarde e ficava algumas horas jogando xadrez com ele. Ia embora lá pelas oito horas, quando ele tinha de ir se deitar. Observara que ela o tratava sem o menor sinal de desrespeito, e como se ele não estivesse doente - pelo contrário, pareciam brigar carinhosamente e ela aceitava naturalmente ser servida, deixando que ele fosse buscar o café.

O Dr. A. Sivarnandan franziu o cenho. Não conseguia definir essa moça estranha que se considerava filha adotiva de Holger Palmgren. Sua aparência era absolutamente singular e ela dava a impressão de espreitar todos à sua vollta com a maior desconfiança. Brincar com ela era algo impossível. Também parecia quase impossível manter uma conversa normal com ela. Certa vez, tinha lhe perguntado qual era sua profissão e ela respondera de forma muito evasiva.

Dias depois da primeira visita, voltara com um calhamaço de documentos anunciando a criação de uma fundação que tinha por objetivo patrocinar a casa de saúde em seu trabalho de restabelecimento de Holger Palmgren. O presidente da fundação era um advogado domiciliado em Gibraltar. O escritório constituía-se de duas pessoas - outro advogado residente em Gibraltar e um auditor fiscal chamado Hugo Svensson, de Estocolmo. A fundação destinara dois milhões e meio de coroas, das quais o Dr. A. Sivarnandan podia dispor como bem lhe aprouvesse, sendo que o objetivo expresso era que a verba fosse empregada para oferecer a Holger Palmgren todos os cuidados imagináveis. Para poder utilizar esses fundos, Sivarnandan precisava endereçar um pedido ao auditor, que em seguida efetuava os depósitos.

Era um arranjo simplesmente inusitado, para não dizer único.

Sivarnandan refletira durante alguns dias sobre a possibilidade de esse arranjo conter algum aspecto contrário à ética. Não encontrou nada reprovável e resolveu, então, contratar Johanna Karolina Oskarsson, de trinta e nove anos, como assistente e terapeuta ocupacional particular de Holger Palmgren. Ela era fisioterapeuta formada, com especialização em psicologia e uma grande experiência em tratamentos de reabilitação. Oficialmente, era empregada da fundação e, para imensa surpresa de Sivarnandan, a primeira mensalidade foi paga adiantada, logo após a assinatura do contrato. Até então ele se perguntara vagamente se não se tratava de algum tipo de brincadeira idiota.

E os resultados não tardaram a aparecer. No decorrer do último mês, a coordenação e o estado geral de Holger Palmgren tinham apresentado uma melhora considerável, como atestavam os testes semanais. Sivarnandan se perguntou até onde deveria atribuí-los à terapia ocupacional ou às visitas de Lisbeth Salander. Saltava aos olhos que, como um garoto à espera de Papai Noel, Holger Palmgren se esforçava ao máximo e ficava feliz com a expectativa das visitas. E dava a impressão de que era um prazer para ele ser regularmente derrotado no xadrez.

O Dr. Sivarnandan lhes tinha feito companhia durante uma partida. Partida engraçada. Holger Palmgren estava com as brancas, fizera uma abertura siciliana conforme as regras. Refletira demoradamente antes de cada jogada. Fossem quais fossem suas limitações físicas decorrentes do derrame, sua acuidade intelectual funcionava à perfeição.

Lisbeth Salander estava mergulhada num livro sobre o estranhíssimo tema da calibragem de freqüência dos radiotelescópios em estado de microgravidade. Pusera uma almofada sobre a cadeira para alcançar uma altura aceitável à mesa. Quando Palmgren mexeu seu peão, ela ergueu os olhos e movimentou uma peça, aparentemente sem nem refletir, e em seguida retomou a leitura. Palmgren capitulara na vigésima sétima jogada. Salander erguera outra vez a cabeça e contemplara o tabuleiro por alguns segundos, testa franzida.

—Não - disse ela. —Você tem chance de fazer um pate. Palmgren suspirou e examinou o tabuleiro durante cinco minutos.

Por fim, fitou Lisbeth Salander nos olhos.

—Me mostre.

Ela girou o tabuleiro e assumiu o jogo de Palmgren. Conseguiu o pate na trigésima nona jogada.

—Caramba - disse Sivarnandan.

—Ela é a-a-ssi-sim. Nunca jogue com ela a dinheiro - disse Palmgren. Ele ainda gaguejava um pouco.

Sivarnandan jogava xadrez desde menino e, adolescente, participara do campeonato de Abo, ficando em segundo lugar. Considerava-se um amador competente. Percebeu que Lisbeth Salander era uma jogadora temível. Aparentemente, nunca jogara por um clube e, quando ele mencionou que aquela partida parecia ser uma variante de uma clássica partida de Lasker, ela mostrou-se perplexa. Parecia nunca ter ouvido falar em Emmanuel Lasker. Ele morria de vontade de perguntar se o talento dela era inato e, se fosse, se tinha outros talentos que poderiam interessar a um psicólogo.

Mas não perguntou nada. Só constatou que Holger Palmgren parecia se sentir melhor do que nunca desde a chegada de Lisbeth Salander a Ersta.

0 Dr. Nils Bjurman chegou em casa tarde da noite. Passara quatro semanas seguidas na casa de campo perto de Stallarholmen. Estava abatido. Tirando o fato de que o gigante loiro trouxera o recado de que a proposta dele os interessava — o que lhe custaria cem mil coroas —, não acontecera nada que mudasse fundamentalmente sua mísera situação.

Um monte de correspondência se acumulara atrás da porta do hall de entrada. Juntou os envelopes e deixou-os na mesa da cozinha. Sentia um imenso vazio e desenvolvera um acentuado desinteresse por tudo que se referia ao trabalho e ao mundo exterior. Só mais tarde da noite seu olhar recaiu sobre a pilha de correspondência e ele a folheou meio distraído.

Um dos envelopes trazia o logotipo do Handelsbanken. Abriu-o e quase teve um choque ao descobrir que era a cópia de um extrato de débito de 9312 coroas efetuado na conta de Lisbeth Salander.

Ela estava de volta.

Foi até o escritório e pôs o documento sobre a escrivaninha. Contemplou-o com um olhar cheio de ódio por mais de um minuto, enquanto se recuperava do susto. Precisava achar o número do telefone. Então, pegou o aparelho e discou o número de um celular anônimo, de cartão. Visualizou o gigante loiro com o ligeiro sotaque.

—Sim?

—Aqui é o Nils Bjurman.

—O que você quer?

—Ela voltou para a Suécia.

Um breve silêncio se fez do outro lado da linha.

—Certo. Não ligue mais para este número.

—Mas...

—Em breve você vai receber instruções.

Para sua grande irritação, a ligação foi cortada. Bjurman blasfemou consigo mesmo. Foi até o bar e se serviu de uns dez centilitros de *bourbon.* Esvaziou o copo em duas talagadas. *Preciso reduzir o álcool,* pensou. Em seguida, serviu-se de mais um fundo de copo e o levou consigo para o escritório, onde mais uma vez contemplou o extrato do Handelsbanken.

Miriam Wu massageava as costas e a nuca de Lisbeth Salander. Fazia uns bons vinte minutos que ela amassava aplicadamente uma Lisbeth que, em suma, contentava-se em soltar um ou outro suspiro de satisfação. Ser massageada por Mimmi era incrivelmente bom e Lisbeth se sentia como um gatinho que só deseja uma coisa: dormir e agitar as patinhas.

Conteve um suspiro de decepção quando Mimmi lhe deu uns tapinhas no bumbum, informando que já estava bem assim. Ficou um instante sem se mexer, na vã esperança de que a amiga continuasse, mas quando ouviu Mimmi pegar uma taça de vinho, virou-se de costas.

—Obrigada - disse.

—Desconfio que você passa o dia parada na frente do computador. Por isso é que está com dor nas costas.

—Eu distendi um músculo, só isso.

As duas estavam nuas na cama de Mimmi, no apartamento da Lundagatan. Algumas taças de vinho as tinham deixado meio altas. Lisbeth franziu o cenho. Desde que retomara o contato com Miriam

Wu, parecia que nunca se fartava. Adquirira o péssimo hábito de ligar para Mimmi o tempo todo - para ser sincera, com muito mais freqüência do que exigiria um mero e saudável desejo. Olhou para Mimmi e repetiu a si mesma que de modo algum podia se apegar novamente a uma pessoa. No fim da história, só sobrariam machucados.

Súbito, Miriam Wu inclinou-se para trás, sobre a borda da cama, e abriu a gaveta do criado-mudo. Pegou um pacotinho achatado embrulhado num papel de presente florido e preso com uma fita dourada, e o jogou no colo de Lisbeth.

—O que é isso?

—Seu presente de aniversário.

—Falta mais de um mês para o meu aniversário.

—Do aniversário do ano passado. Não consegui te achar na época. Encontrei o pacote quando fiz a mudança.

Lisbeth ficou um instante calada.

—Abro?

—Claro, se quiser.

Ela largou o copo, chacoalhou o pacote e abriu devagarinho. Era uma linda cigarreira de metal preto e azul, ornada com símbolos chineses.

—Você devia parar de fumar - disse Miriam Wu. —Mas se tiver mesmo que continuar, pelo menos guarde os cigarros numa embalagem com alguma estética.

—Obrigada - disse Lisbeth. —Você é a única pessoa que me dá presentes de aniversário. Você sabe o que significam esses símbolos?

—Como vou saber? Não sei chinês. É só uma coisinha que eu achei num mercado das pulgas.

—É uma cigarreira muito bonita.

— Uma bobagem. Mas achei que você ia gostar. Sabe que não temos mais nada para beber?... Vamos sair para tomar uma cerveja em algum lugar?

—Quer dizer que a gente tem que levantar e se vestir?

—Acho que sim. De que serve morar num bairro como o Söder se a gente não vai num bar de vez em quando?

Lisbeth suspirou.

—Vamos -.disse Miriam Wu, brincando com a bijuteria no umbigo de Lisbeth. —Você está fixada em sexo. Mas a gente pode voltar para cá depois.

Lisbeth suspirou de novo, pôs um pé no chão e se esticou para pegar a calcinha.

Dag Svensson estava instalado a uma mesa que tinham lhe cedido a um canto da redação da *Millennium,* quando se surpreendeu com o ruído da fechadura da porta de entrada. Olhou para o relógio e percebeu que já eram nove da noite. Mikael Blomkvist ficou tão surpreso quanto ele ao topar com uma pessoa na redação.

—Então, fazendo hora extra? Olá, Micke. Eu, trabalhando no livro, nem vi o tempo passar. O que o traz aqui?

—Só passei para pegar um livro que eu esqueci. Está tudo certo?

—Está, bem, não... Faz três semanas que estou tentando achar uma pista desse canalha do Björck, da Säpo. Até parece que ele foi raptado por algum serviço de informações estrangeiro. Nem sinal dele.

Dag relatou seus reveses. Mikael pegou uma cadeira, sentou-se e refletiu alguns instantes.

—Você tentou o truque do sorteio premiado?

—Como?

—Crie um logotipo grandiloquente, escreva uma carta comunicando que ele ganhou um celular com GPS ou coisa do gênero. Imprima direitinho na sua impressora e mande para o endereço dele - no caso, a caixa postal. A manha é falar que ele já ganhou o celular. Ele só precisa dizer onde quer ir pegá-lo. E como ele tem direito ao bônus, é uma das vinte pessoas que ainda podem ganhar cem mil coroas. Tudo que ele precisa fazer é participar de uma pesquisa sobre diversos produtos. A pesquisa seria realizada em uma hora, por um pesquisador profissional. Depois... bem, você entendeu.

Dag Svensson olhou para Mikael, boquiaberto.

—Está falando sério?

—Por que não? Você já tentou de tudo, e até um figurão da Säpo deveria ser capaz de entender que a chance de ganhar cem

mil coroas é bem aceitável, se ele já é um dos vinte selecionados.

Dag Svensson, de repente, deu por si chorando de rir.

—Você é completamente doido. Isso é legal?

—Acho difícil achar que seria ilegal dar um celular de presente.

—Puta merda! Você é mesmo incrível.

Dag Svensson ainda ficou rindo mais algum tempo. Mikael hesitou. Na verdade, estava indo para casa e não tinha o hábito de frequentar bares, mas gostava da companhia de Dag Svensson.

—O que você acha de a gente tomar uma cerveja? - perguntou. Dag Svensson consultou o relógio.

—Acho tentador - disse. —Por que não? Mas tem que ser rapidinho. Vou dar uma ligada para a Mia. Ela saiu com umas amigas, ficou de me pegar na volta.

Foram até o Moulin, principalmente por ser mais prático, era pertinho. Dag Svensson volta e meia caía na risada enquanto compunha de cabeça a carta que ia escrever para Björck. Mikael olhou de esguelha, cético, para aquele seu colaborador tão fácil de divertir. Um casal estava saindo na hora em que chegaram, e ficaram com a mesa deles, bem perto da porta. Cada um pediu um chope, aproximaram-se um do outro e se puseram a conversar sobre o tema que, no momento, monopolizava a vida profissional de Dag Svensson.

Mikael Blomkvist não viu Lisbeth Salander no bar com Miriam Wu. Lisbeth deu um passo atrás de modo a deixar Mimmi entre ela e Mikael. Com o semblante neutro, observou-o por cima do ombro de Mimmi.

Era a primeira vez que ela saía desde que voltara à Suécia, e é claro que tinha que topar logo com ele. Maldito Super-Blomkvist.

Era a primeira vez que o via em mais de um ano.

—O que houve? - perguntou Mimmi.

—Nada - disse Lisbeth Salander.

Continuaram a conversar. Ou melhor, Mimmi continuou contando a história de uma garota que ela havia conhecido durante uma viagem a Londres alguns anos antes. Tinha a ver com uma galeria de arte e uma situação que ia ficando cada vez mais cômica à medida que Mimmi tentava dar em cima dela. Lisbeth meneava a

cabeça de vez em quando e, como sempre, perdeu o ponto alto da história.

Constatou que Mikael Blomkvist não tinha mudado muito. Estava tremendamente bonito; descontraído e de bem consigo, mas ainda assim com um ar sério. Escutava o que seu companheiro de mesa dizia e meneava regularmente a cabeça. A conversa não parecia estar muito divertida.

Lisbeth transferiu o olhar para o amigo de Mikael. Um rapaz loiro de cabelos muito curtos, alguns anos mais jovem que Mikael, que falava com ar compenetrado e parecia estar explicando alguma coisa. Ela nunca vira o cara antes e não fazia a mínima idéia de quem ele era.

Súbito, um grupo de pessoas acercou-se da mesa de Mikael para cumprimentá-lo. Uma das mulheres lhe deu um tapinha amigável no rosto e disse algo que fez todo mundo rir. Mikael pareceu constrangido, mas riu com os outros. Era claramente tratado como celebridade desde seu sucesso no caso Wennerström.

Lisbeth Salander franziu o cenho.

—Você não está me escutando - disse Mimmi.

—Estou sim.

—Você não é de nada como companheira de bar. Desisto. Quer ir embora e transar?

—Daqui a pouco - disse Lisbeth.

Chegou mais perto de Mimmi, pôs uma mão em seu quadril e deslizou discretamente o indicador debaixo da blusa dela para acariciar sua barriga. Mimmi baixou os olhos para ela.

—Estou a fim de te dar um beijo na boca.

—Não faça isso.

—Está com medo que as pessoas pensem que você é lésbica?

—Neste exato momento eu não quero chamar a atenção.

—Então vamos embora. Estou a fim de me divertir.

—Agora não. Espera um pouquinho.

Não precisaram esperar muito. Vinte minutos depois que eles chegaram, o homem que estava com Mikael recebeu uma ligação no celular. Esvaziaram seus copos de chope e se levantaram ao mesmo tempo.

—Ei, olhe aquele cara - disse Mimmi. —É o Mikael Blomkvist. Ficou famoso que nem estrela de rock depois do caso Wennerström.

—Ah, é? - fez Lisbeth.

—Você perdeu essa. Foi mais ou menos na época em que você se mandou para o exterior.

—Eu ouvi falar.

Lisbeth esperou mais cinco minutos antes de encarar Mimmi.

—Você estava a fim de me beijar na boca. Mimmi olhou para ela, surpresa.

—Era para implicar com você.

Lisbeth se ergueu na ponta dos pés, puxou o rosto de Mimmi para perto do seu e tascou-lhe um beijo de dois minutos. As pessoas bateram palmas.

—Você é completamente biruta - disse Mimmi.

Lisbeth Salander só voltou para casa por volta das sete da manhã. Puxou a camiseta para cheirar as axilas, pensou em tomar um banho, mas deixou para lá. Largou a roupa amontoada no chão e se deitou. Dormiu até as quatro da tarde, levantou-se e foi tomar café da manhã no Mercado do Söder.

Pensava em Mikael Blomkvist e em sua própria reação ao se defrontar com ele. Sua presença a incomodara demais, mas constatou também que já não doía vê-lo. Ele tinha virado um pontinho no horizonte, uma ligeira perturbação em sua existência.

Havia perturbações muito piores na vida.

Lamentou de repente não ter tido coragem de ir cumprimentá-lo. Ou, no outro extremo, de espancá-lo.

Ela hesitava entre as duas possibilidades, e de repente ficou muito curiosa para saber no que ele estava trabalhando. A tarde, fez algumas compras, voltou para casa lá pelas sete horas, ligou o Powerbook e iniciou o programa Asphyxia 1.3. O ícone MikB*lom/laptop* ainda constava no servidor holandês.

Clicou duas vezes e abriu uma cópia do disco rígido de Mikael Blomkvist Era sua primeira visita ao computador dele desde que deixara a Suécia havia mais de um ano. Notou, satisfeita, que ele ainda não atualizara a última versão do MacOS, o que teria significado a eliminação do Asphyxia e o fim da clonagem. Pensou

também que teria de reescrever o software para evitar que uma atualização o destruísse.

O volume do disco rígido aumentara 6,9 gb desde sua última visita. Boa parte desse aumento consistia em arquivos PDF e cópias Quark de todos os números da *Millennium.* Os documentos Quark não ocupavam tanto espaço, à diferença dos arquivos de imagens, mesmo as comprimidas. Desde que voltara a ser o editor responsável pela publicação, ele aparentemente arquivara uma cópia de cada número da revista.

Ela organizou o disco rígido por data, com os documentos mais antigos em cima, e observou que nos últimos meses Mikael se ocupara principalmente de uma pasta intitulada [DAG **SVENSSON**], que era manifestamente o projeto de um livro. Depois abriu os e-mails de Mikael e passou em revista sua lista de contatos.

A certa altura, franziu o cenho. Dia 26 de janeiro, Mikael recebera um e-mail da Maldita Harriet Vanger. Abriu o e-mail e leu umas poucas linhas sobre uma assembléia geral da *Millennium* que aconteceria em breve, que terminavam com a informação de que Harriet tinha reservado o mesmo quarto de hotel que da outra vez.

Lisbeth levou um breve instante para digerir a informação. Depois deu de ombros e baixou os e-mails de Mikael Blomkvist, o manuscrito de Dag Svensson intitulado Os *sanguessugas,* com o subtítulo Os *beneficiários da indústria da prostituição.* Achou também a cópia de uma tese intitulada “Da Rússia com amor”, escrita por uma tal de Mia Bergman.

Ela se desconectou e foi até a cozinha ligar a cafeteira. Depois se acomodou no sofá novo da sala com seu PowerBook. Abriu a cigarreira que Mimmi lhe dera, acendeu um Marlboro light e dedicou-se à leitura.

Por volta das nove da noite, concluiu a leitura da tese de Mia Bergman. Mordeu pensativa, o lábio inferior.

Às dez e meia, terminou o livro de Dag Svensson. E percebeu que a *Millennium* não demoraria para voltar às manchetes.

Às onze e meia, quando estava acabando a leitura dos e-mails de Mikael Blomkvist, ergueu-se de repente, arregalando os olhos. Sentiu um arrepio percorrer suas costas.

Tratava-se de um e-mail de Dag Svensson para Mikael Blomkvist.

Svensson dizia que andava se fazendo algumas perguntas sobre um gângster do Leste europeu, um tal de Zala, que poderia, eventualmente, virar, sozinho, um capítulo do livro - mas constatava que não lhe restava muito tempo até a data de entrega do manuscrito. Mikael não respondera a esse e-mail.

Zala.

Lisbeth Salander permaneceu imóvel, refletindo, até que interveio o protetor de tela.

Dag Svensson largou seu bloco de anotações e coçou a cabeça. Contemplou, pensativo, a única palavra escrita bem no alto da página aberta. Quatro letras.

Zala.

Desconcertado, passou uns três minutos rabiscando uma série de círculos labirínticos em volta do nome. Então levantou-se e foi pegar uma xícara de café na copa. Olhou o relógio e pensou que deveria ir para casa dormir, mas descobrira que gostava de ficar trabalhando até tarde na redação da *Millennium,* quando o local estava calmo e tranqüilo. O prazo-limite para a entrega dos originais se aproximava inexoravelmente. Ele dominava bem o tema, mas, pela primeira vez desde que entrara no projeto, sentia uma vaga dúvida. Perguntava-se se poderia estar deixando passar um detalhe essencial.

Zala.

Até então, estivera impaciente para terminar o manuscrito e ver o livro publicado. Agora, gostaria de poder dispor de mais tempo.

Pensou no relatório da autópsia que o inspetor Gulbrandsen tinha lhe dado para ler. Irina P. fora encontrada no canal de Södertälje, vítima de extrema violência, provavelmente por meio de uma ferramenta pesada. Seu rosto e a caixa torácica apresentavam marcas fortes de contusão. A *causa mortis* tinha sido a nuca quebrada, mas pelo menos dois outros ferimentos foram considerados fatais. Ela estava com seis costelas quebradas e o pulmão esquerdo perfurado. O baço estava estraçalhado devido às pavorosas pancadas que levara. A origem dos ferimentos era difícil de determinar. A autópsia aventara a hipótese de um malho de

madeira enrolado num pano. Ninguém conseguia explicar por que um assassino teria forrado a arma com tecido, mas os ferimentos não apontavam para nada que fosse característico dos instrumentos corriqueiros.

O crime ainda não fora desvendado, e Gulbrandsen observara que as chances de se encontrar um culpado eram extremamente escassas.

O nome de Zala tinha surgido em quatro oportunidades no material que Mia Bergman acumulara nos últimos anos, mas sempre de maneira periférica, fugidio como um fantasma. Ninguém sabia quem ele era ou mesmo se existia de fato. Algumas meninas referiam-se a ele como as crianças costumam falar no Bicho-Papão ou em algum monstro impreciso - uma ameaça não identificada que constituía um perigo para os desobedientes. Ele passara uma semana tentando obter mais informações sobre Zala, tinha questionado policiais, jornalistas e as diversas fontes relacionadas ao comércio sexual que ele havia reunido.

Mais uma vez fizera contato com o jornalista Per-Åke Sandström, que ele pretendia denunciar sem pruridos em seu livro. A esta altura, Sandström tinha começado a perceber que a situação era séria. Suplicara a Dag Svensson que tivesse piedade dele. Oferecera-lhe dinheiro. Como Dag Svensson pretendia mesmo denunciá-lo, valera-se, sem pudor nenhum, de sua posição de força para arrancar o máximo de Sandström.

O resultado foi frustrante. Sandström era um canalha corrompido que fizera o jogo da máfia do sexo. Nunca tinha estado com Zala, mas falara com ele por telefone e sabia que ele existia. Talvez. Não, não tinha o telefone dele. Não, não podia revelar quem fizera o contato. *Piedade, eu lhe imploro.*

De repente, Dag Svensson compreendeu que Per-Åke Sandström estava com medo. Um medo maior que a ameaça de ser denunciado. Ele temia por sua vida. *Por quê?*

10. SEGUNDA-FEIRA 14 DE MARÇO – DOMINGO 20 DE MARÇO

Usar o transporte coletivo para ir até o centro de reabilitação de Ersta representava uma enorme perda de tempo e era quase tão

complicado quanto alugar um carro toda vez que visitava Holger Palmgren. Em meados de março, Lisbeth Salander resolveu comprar um carro e começou a procurar um estacionamento. O que se revelou mais problemático do que a compra do carro.

Ela dispunha de uma vaga na garagem do subsolo de seu prédio da Fiskaregatan, mas não tinha a menor intenção de usá-la. O carro ficaria associado ao proprietário e Lisbeth não queria que houvesse nenhuma ligação entre ela e o prédio. Em compensação, muitos anos antes, ela se candidatara a uma vaga na garagem de seu antigo apartamento na Lundagatan, para o caso de um dia vir a comprar um carro. Ligou para saber como estava a espera e descobriu que ela já era a primeira da lista. Melhor ainda: no próximo mês haveria uma vaga livre. Uma sorte e tanto. Ligou para Mimmi e pediu que ela corresse para assinar os papéis. No dia seguinte, saiu em busca de um carro; leou exatamente quatro horas e vinte minutos para encontrar um.

Tinha dinheiro suficiente para comprar um Rolls-Royce ou uma Ferrari cor de tangerina, mas não fazia questão de um automóvel vistoso que chamasse a atenção das pessoas. Esteve em dois revendedores de carros usados em Nacka e escolheu um velho Honda cor de vinho com câmbio automático. Durante uma hora, para imenso desespero do vendedor, examinou a fundo o motor. Regateou por uma questão de princípio, conseguiu baixar o preço em algumas notas de mil, e então pagou em dinheiro.

Depois foi dirigindo o Honda até a Lundagatan e subiu ao apartamento de Mimmi para deixar uma cópia das chaves. Mimmi poderia usar o carro, claro, desde que avisasse antes. Como a vaga da garagem só estaria disponível no começo do mês, enquanto isso deixaram o carro estacionado na rua.

Mimmi estava de saída para um encontro seguido de cinema, atividade tão excitante para Lisbeth quanto um debate orçamentário no Parlamento. Além do que, ia sair com uma amiga da qual Lisbeth nunca tinha ouvido falar. Como Mimmi estava exageradamente maquiada, vestia uma roupa *trash* e ostentava uma espécie de coleira de cachorro no pescoço, Lisbeth imaginou que se tratava de uma de suas namoradas e, embora Mimmi a convidasse para ir junto, ela recusou. Não tinha a menor vontade de se envolver num

drama triangular com uma das amigas de Mimmi, de pernas longas, provavelmente supersexy e que a faria sentir-se uma idiota. Foram juntas até o metrô Hötorget, e ali se separaram.

Lisbeth fez a pé o trajeto até a OnOff de Sveavägen e entrou na loja dois minutos antes de ela fechar. Comprou um cartucho para a sua impressora a laser e pediu que o retirassem da embalagem para poder levá-lo na mochila.

Ao sair da loja, estava com um vaziozinho no estômago. Foi até o Stureplan, onde entrou, por puro acaso, no Café Hedon, um lugar descolado onde nunca tinha estado. Reconheceu imediatamente o doutor Nils Erik Bjurman, quase de costas, e recuou para perto da porta. Colocou-se próxima ao janelão que dava para a calçada e esticou o pescoço a fim de observar seu tutor, protegida por um balcão.

A visão de Bjurman não despertou nenhuma emoção especial em Lisbeth Salander. Não sentiu raiva, ódio ou medo. No que lhe dizia respeito, o mundo seria, sem dúvida alguma, um lugar melhor sem aquele cara, mas ele estava vivo porque ela resolvera que ele lhe seria mais útil assim. Voltou o olhar para o homem sentado em frente a ele e sobressaltou-se quando o homem se levantou de repente.

Clique.

O homem era particularmente alto, dois metros de altura pelo menos, e muito bem-apessoado. Excepcionalmente bem-apessoado, aliás. Tinha um rosto delicado, cabelos loiros rente às têmporas e uma franja curta. A impressão geral, porém, era de uma forte virilidade.

Lisbeth viu o gigante loiro inclinar-se e sussurrar algo para Bjurman, que meneou a cabeça. Apertaram-se as mãos e Lisbeth reparou que Bjurman retirava rapidamente a sua.

Ora, ora, quem é você? E o que está fazendo aí com o Bjurman?

Lisbeth Salander desceu depressa alguns metros rua abaixo e se postou à entrada de uma tabacaria. Estava observando as manchetes dos jornais quando o loiro saiu do Hedon e pegou à esquerda sem olhar para os lados. Passou a menos de trinta

centímetros das costas de Lisbeth. Ela lhe deu uma vantagem de quinze metros e começou a segui-lo.

O passeio a pé não se estendeu. O gigante loiro entrou em seguida no metrô da Birger Jarlsgatan e comprou um bilhete na máquina. Esperou na plataforma da direção sul - que de todo modo era a direção de Lisbeth- e entrou no metrô para Norsborg. Desceu em Slussen e tomou a direção de Farsta, mas logo desceu em Skanstull e foi caminhando até o Café Blomberg, na Götgatan.

Lisbeth ficou do lado de fora. Observou, pensativa, o homem com quem o gigante loiro foi se sentar. *Clique.* Lisbeth lhe atribuiu o perfil *más notícias.* Um sujeito gordo, com um rosto magro e uma barriga de bebedor de cerveja. Tinha cabelos loiros presos num rabo de cavalo e um bigode loiro. Vestia jeans preto, uma jaqueta jeans e usava botinas de salto. No dorso da mão direita, tinha uma tatuagem cujo desenho Lisbeth não conseguia distinguir àquela distância. Usava uma corrente de ouro no pulso e fumava Lucky Strike, a julgar pelo maço em cima da mesa. Lisbeth reparou no seu olhar errante, que ela associava a pessoas que se dopam. Reparou também que ele usava um colete por baixo da jaqueta jeans. Fez imediatamente a associação com motoqueiros.

O gigante loiro não fez nenhum pedido. Parecia falar em voz baixa. Explicava alguma coisa. O homem da jaqueta jeans meneava regularmente a cabeça, mas parecia não contribuir para o diálogo. *Droga, por que não estou com meu microfone ultrassensível?*

Passados cinco minutos, o gigante loiro se levantou e deixou o Café Blomberg. Lisbeth afastou-se depressa, mas ele nem sequer olhou em sua direção. Andou uns quarenta metros e subiu a escadaria da Allhelgonagatan, onde entrou num Volvo branco. Deu a partida e entrou devagarinho na rua. Lisbeth estava tão perto que teve tempo de anotar o número da placa antes de ele dobrar a esquina e sumir.

Lisbeth ficou alguns segundos pensativa, olhando para o lugar onde o Volvo estivera estacionado. Então voltou correndo ao Café Blomberg. Ausentara-se menos de três minutos, mas a mesa já estava vazia. Deu meia-volta, verificou a calçada nas duas direções, e não viu o homem de rabo de cavalo e jaqueta jeans. Então olhou do outro lado da rua e o avistou empurrando a porta do McDonald’s.

Foi obrigada a entrar para poder vê-lo outra vez. Estava sentado no fundo, na companhia de outro homem que usava roupas semelhantes às dele e claramente conotativas. Este usava o colete por cima da jaqueta jeans. Lisbeth leu os dizeres MOTO-CLUB SVAVELSJÖ. Com uma roda de moto estilizada que lembrava a cruz celta enfeitada com um machado.

Lisbeth saiu para a rua e ficou um momento indecisa antes de pegar a direção norte e voltar para casa. Caminhava com a sensação de que todo o seu sistema de alarme tinha disparado.

Lisbeth parou no 7-Eleven da Götgatan para fazer as compras da semana: um pacote grande de pizzas congeladas, três peixes gratinados, três tortas de bacon, um quilo de maçãs, dois pães, um pedaço grande de queijo, leite, café, um pacote de Marlboro light e os jornais da tarde. Pegou a Svartensgatan para subir na direção da Fiskaregatan e olhou atentamente em volta antes de digitar o código do prédio. Pôs uma das tortas de bacon no micro-ondas e tomou leite direto da caixa. Ligou a cafeteira elétrica e em seguida se instalou na frente do computador. Clicou em Asphyxia 1.3, entrou no servidor holandês e depois na reprodução do disco rígido do Dr. Bjurman. Passou o conteúdo do computador dele a pente fino.

Não encontrou absolutamente nada digno de interesse. Bjurman parecia usar muito pouco o correio eletrônico e ela só achou uma dúzia de e-mails breves e pessoais trocados com amigos. Nada na correspondência dele tinha alguma relação com Lisbeth Salander.

Achou um arquivo novo com fotos de pornografia explícita que mostravam que ele ainda se interessava por mulheres submetidas a situações sádicas. Seu olhar se endureceu um pouco, mas aquilo não constituía uma transgressão à regra que o proibia de frequentar mulheres.

Copiou o arquivo que continha os documentos relativos à missão de Bjurman como tutor da denominada Lisbeth Salander e leu com atenção os relatórios mensais. Todos correspondiam escrupulosamente às cópias que ela ordenara que ele enviasse por e-mail para um de seus inúmeros endereços no hotmail.

Estava tudo absolutamente normal.

Com exceção, talvez, de uma pequena variante... Quando conferiu a listagem, constatou que ele em geral criava os documentos bem no início do mês, dedicava uma média de quatro horas para redigir cada relatório e o enviava pontualmente à Comissão de Tutelas todo dia 20 do mês. Estavam em meados de março e ele ainda não cuidara do relatório mensal. *Negligência? Atraso? Ocupado com outras coisas? Tramando algo suspeito?* Uma ruga vincou a testa de Lisbeth Salander.

Desligou o computador, sentou-se no recanto da janela e abriu a cigarreira que Mimmi lhe dera. Acendeu um cigarro e fitou a escuridão lá fora. Dava-se conta de que descuidara sua vigilância sobre Bjurman. Esse *canalha é mais traiçoeiro que uma hiena.*

Foi sendo tomada por uma profunda inquietação. *Primeiro o Maldito Super-Blomkvist, depois Zala e agora o Maldito Canalha do Nils Bjurman na companhia de um macho inflado de anabolizantes e em contato com uma gangue de motoqueiros.* Em poucos dias, tinham aparecido várias pedrinhas na existência organizada que Lisbeth Salander estava tentando construir.

Às duas e meia daquela madrugada, Lisbeth Salander abriu a porta do prédio em que o Dr. Nils Bjurman morava. Parou na frente do apartamento, levantou bem devagarinho a portinhola da correspondência e introduziu o microfone extremamente sensível que tinha adquirido na Counterspy Shop de Mayfair, em Londres. Nunca tinha ouvido falar em Ebbe Carlsson, mas naquela mesma loja ele comprara o famoso material de escuta que, no final dos anos 1980, obrigara o ministro da Justiça sueco a se demitir bruscamente. Colocou as escutas no lugar e ajustou o volume.

Escutou o zumbido surdo de um refrigerador e os sonoros tiquetaques de pelo menos dois relógios, um deles um relógio de parede na sala, à esquerda da porta de entrada. Ajustou o volume e escutou, prendendo a respiração. Ouviu todo tipo de estalidos e ruídos no prédio, mas nenhum som de atividade humana. Levou um minuto para identificar os fracos ruídos de uma respiração pesada e regular.

Nils Bjurman estava dormindo.

Tirou o microfone e o enfiou no bolso interno da jaqueta de couro. Vestia uma calça jeans escura e tênis. Sem fazer barulho,

introduziu a chave na fechadura e entreabriu a porta. Antes de abri-la totalmente, tirou do bolso um cacetete elétrico. Não trouxera nenhuma outra arma. Não julgava precisar de mais que isso para dominar Bjurman.

Entrou no hall, fechou a porta e deslizou pé ante pé pelo corredor até o quarto dele. Estacou ao perceber a luz de uma lâmpada, mas àquela altura já conseguia escutar os roncos sem a ajuda do microfone. Deslizou até o quarto. Na beira da janela havia uma luz acesa. O *que há com você, Bjurman? Está com medo de dormir no escuro?*

Aproximou-se da cama e o contemplou por vários minutos. Estava envelhecido e parecia desmazelado. Um cheiro dentro do quarto indicava que vinha negligenciando a higiene.

Não sentiu a menor compaixão. Por um segundo, o clarão de um ódio implacável brilhou em seus olhos em geral tão inexpressivos. Reparou num copo no criado-mudo e se inclinou para cheirá-lo. Álcool.

Por fim, saiu do quarto. Deu uma voltinha na cozinha, não encontrou nada de especial, continuou pela sala e se deteve à porta do escritório. Tirou do bolso uma dúzia de pedacinhos de torrada e os jogou no escuro pelo chão. Se alguém se esgueirasse pela sala, o ruído a alertaria.

Instalou-se à escrivaninha do Dr. Nils Bjurman e deixou o cacetete elétrico ao alcance da mão. Pôs-se a vasculhar metodicamente as gavetas. Examinou os extratos bancários das contas pessoais de Bjurman e deu uma olhada nas diversas operações efetuadas. Notou que ele estava ficando desorganizado e mais esporádico nas atualizações, mas não encontrou nada digno de interesse.

A última gaveta da escrivaninha estava fechada a chave. Lisbeth Salander franziu o cenho. Quando o visitara um ano atrás, todas as gavetas estavam abertas. Seu olhar se turvou quando tentou imaginar o conteúdo da gaveta. Na época, havia nela uma câmera fotográfica, uma teleobjetiva, um pequeno dictafone Olympus, um álbum de fotos encadernado em couro e uma caixinha com colares, jóias e uma aliança de ouro com a inscrição *Tilda e Jacob Bjurman - 23 de abril de 1951.* Lisbeth sabia que eram os

nomes dos pais dele e que os dois já eram falecidos. Imaginou que ele guardava a aliança como recordação. Em suma, objetos que tinham algum valor afetivo. *Certo, ele tranca a chave o que considera precioso.*

Começou a examinar a prateleira com porta de correr que ficava atrás da escrivaninha e tirou duas pastas relativas à sua missão como tutor. Passou quinze minutos lendo minuciosamente todos os documentos, folha por folha. Os relatórios eram impecáveis e davam a entender que Lisbeth Salander era uma jovem boazinha e cuidadosa. Quatro meses antes, apresentara um relatório declarando que a seu ver ela parecia tão racional e competente que seria certamente o caso, quando da avaliação do ano seguinte, de se abrir uma discussão sobre a pertinência de se manter a tutela. Estava elegantemente formulado e constituía a primeira pedra para a anulação de sua colocação sob tutela.

A pasta continha igualmente anotações manuscritas mostrando que Bjurman fora procurado por uma certa Ulrika von Liebenstaahl, da Comissão de Tutelas, para uma conversa sobre a situação de Lisbeth. Estavam sublinhadas as palavras “necessidade de uma avaliação psiquiátrica”.

Lisbeth fez um muxoxo, guardou as pastas no lugar e olhou em volta. À primeira vista, não havia do que reclamar. Bjurman parecia estar se comportando escrupulosamente segundo suas instruções. Mordeu os lábios. Mesmo assim, tinha a impressão de que alguma coisa estava errada.

Levantou-se, e já ia apagar a luz quando se deteve. Tornou a pegar as pastas e examinou-as outra vez. Estupefata.

Elas deveriam conter muito mais que aquilo. Um ano antes, havia um resumo da Comissão de Tutelas cobrindo sua vida desde a infância. Esse relatório não estava mais lá. Por *que Bjurman tiraria documentos de uma pasta?* Franziu o cenho. Não conseguia pensar em nenhum motivo válido. A menos que ele guardasse outras informações em outro lugar. Deu uma olhada na prateleira de portas de correr e então baixou os olhos para a última gaveta da escrivaninha.

Não tinha trazido chave mestra e voltou pé ante pé ao quarto de Bjurman. Pescou seu molho de chaves no paletó pendurado no

cabide. Na gaveta estavam os mesmos objetos de um ano atrás. Mas à coleção se somara uma caixa rasa com a foto de um Colt 45 Magnum na tampa.

Seu olhar se turvou mais uma vez ao repassar mentalmente a pesquisa que fizera sobre Bjurman dois anos antes. Ele praticava tiro num clube. Tinha porte de armas para um Colt 45 Magnum.

A contragosto, concluiu que ele estava certo em manter a gaveta trancada a chave.

Aquele estado de coisas não lhe agradava, mas no momento não via nenhum motivo para acordar Bjurman e quebrar a cara dele.

Mia Bergman acordou às seis e meia. Ouviu baixinho, o noticiário da tevê na sala e sentiu cheiro de café. Também ouviu o som do teclado do iBook de Dag Svensson. Sorriu.

Nunca tinha visto seu companheiro tão envolvido numa tarefa. A *Millennium* era um trabalho legal. Dag ainda era um pouco convencido, mas o contato com Blomkvist, Berger e os demais estava sendo benéfico para ele. Era cada vez mais frequente ele voltar para casa abatido depois de Blomkvist lhe apontar algumas falhas e desmontar algum raciocínio seu. Depois disso, trabalhava duas vezes mais.

Pôs a mão sobre o ventre e se perguntou se aquele seria o momento certo de perturbar a concentração dele. Sua menstruação estava três semanas atrasada. Não tinha certeza, mas um teste de gravidez da farmácia acabaria com a dúvida.

Perguntava-se se era mesmo um bom momento.

Ia fazer trinta anos. Dali a um mês, defenderia sua tese. Doutora Bergman! Sorriu novamente e resolveu não dizer nada a Dag antes de ter certeza, ou quem sabe até ele terminar o livro e ela própria festejar sua tese.

Ficou mais dez minutos na cama antes de se levantar e ir até a sala, enrolada num lençol. Ele ergueu os olhos.

—Sabe que não são nem sete horas? - perguntou ela.

—É o Blomkvist esmiuçando detalhes de novo - ele respondeu.

—Ele foi malvado com você? Isso não é ruim para você. Você gosta dele, não é?

Dag Svensson se recostou no sofá e seus olhares se encontraram. Passados alguns instantes, ele assentiu com a

cabeça.

—A *Millennium é* um bom lugar para se trabalhar. Conversei com o Mikael no Moulin, outra noite, antes de você me pegar. Ele perguntou quais eram os meus planos depois que eu terminar este projeto.

—A-há... E o que você respondeu?

—Que eu não sabia. Faz tantos anos que estou ralando como frila. Queria um troço mais estável.

—A *Millennium.*

Ele fez que sim com a cabeça.

—Micke sondou o terreno, perguntou se meio período me interessava. Um contrato igual ao do Henry Cortez e da Lottie Karim. Eu teria uma sala e a *Millennium* me pagaria um salário-base, e o resto ficaria por minha conta.

—Você acha bom?

—Se eles me fizerem uma proposta concreta, sim.

—Certo, mas ainda não são nem sete horas e hoje é sábado.

—Tss. Eu só queria mexer em mais uma coisinha aqui num capítulo.

—E eu acho que você devia era voltar para a cama e mexer em outra coisinha lá.

Ela lhe lançou um bonito sorriso e abriu um lado do lençol. Ele colocou o computador em espera.

Lisbeth Salander passou a maior parte dos dias e noites seguintes na frente do Powerbook, pesquisando em diferentes direções; houve momentos em que já nem sabia exatamente o que procurava.

Parte do levantamento de dados era simples. Com base em arquivos da imprensa, reconstituiu o histórico do **MC** Svavelsjö. O clube aparecia pela primeira vez nas notas dos jornais em 1991, com o nome Tálje Hog Riders, quando a polícia fizera uma blitz em sua sede, na época uma escola abandonada nas proximidades de Södertälje. Vizinhos preocupados tinham avisado a polícia sobre tiros ouvidos na antiga escola; os tiras chegaram em peso, interrompendo uma festa copiosamente regada a cerveja e que havia descambado para um concurso de tiro com um rifle AK4, que

se descobriu ter sido roubado do antigo 20a regimento de infantaria de Vãsterbotten no início dos anos 1980.

De acordo com o quadro traçado por um jornal vespertino, o MC Svavelsjö contava com seis ou sete membros e uma dúzia de *hangarounds.* Todos os membros efetivos haviam sido uma ou mais vezes condenados pela justiça por crimes relativamente pequenos mas que não excluíam a violência. Dois sujeitos do clube se destacavam. O chefe do MC Svavelsjö era um tal Carl-Magnus, o "Magge" Lundin, de quem o site do *Aftonbladet* traçava o perfil depois de a polícia ter feito outra blitz na sede do clube em 2001. Lundin fora condenado cinco vezes entre o final dos anos 1980 e início dos anos 1990. Três condenações por roubo, receptação e infrações ligadas à droga. Uma delas decorria de um registro criminal mais sério, com golpes e ferimentos agravados que lhe valeram dezoito meses de xadrez. Lundin foi solto em 1995 e promovido, pouco depois, a "presidente" dos Tálje Hog Riders, rebatizados de MC Svavelsjö.

O número dois do clube, de acordo com a polícia, era um tal de Benny Nieminen, de trinta e sete anos, com nada menos que vinte e três condenações registradas na ficha policial. Dando início à sua carreira com dezesseis anos de idade, fora submetido a um controle judiciário e medidas educativas. Durante os dez anos seguintes, Benny Nieminen fora condenado cinco vezes por roubo, uma vez por roubo agravado, duas por ameaça, duas por infrações relacionadas com drogas, chantagem, violência contra um funcionário público, duas vezes por porte ilegal de armas e uma por porte ilegal de arma agravado, direção em estado de embriaguez e nada menos que seis casos de golpes e ferimentos. Segundo um critério incompreensível para Lisbeth Salander, tinha sido condenado, além do controle judiciário, a multas e a períodos de um ou dois meses de prisão, até ser condenado em 1989 a dez meses de detenção por golpes e ferimentos agravados e roubo seguido de violência. Libertado meses depois, ficara quieto até outubro de 1990, quando seu envolvimento numa briga de bar em Södertälje, seguida de assassinato, resultara numa pena de seis anos de prisão. Nieminen tornara a sair em 1995 e, desde então, era o amigo mais chegado de Magge Lundin.

Em 1996, foi preso por cumplicidade no assalto a mão armada de um carro-forte. Não participara diretamente do assalto, mas fornecera as armas necessárias a três jovens. Foi sua segunda derrocada. Condenado a quatro anos de prisão, foi solto em 1999. Depois disso, Nieminen conseguira o milagre de não ser pego por outros crimes. Segundo um artigo publicado num jornal em 2001, que não citava seu nome, mas fornecia um histórico tão detalhado que não era difícil perceber de quem se tratava, Nieminen era suspeito de cumplicidade em pelo menos um assassinato, quando um membro do clube tinha sido morto.

Lisbeth baixou umas fotos de Nieminen e Lundin. Nieminen tinha um rosto bonito, cabelos castanhos crespos e olhos agressivos. Magge Lundin tinha cara de débil mental. Identificou facilmente Lundin como o homem que se encontrara com o gigante loiro no Café Blomberg, e Nieminen como o homem que o esperava no McDonald's.

Uma invasão no Registro de Minas permitiu que encontrasse a pista do proprietário do Volvo branco usado pelo gigante loiro. Tratava-se de uma autolocadora, a Auto-Expert, de Eskilstuna. Discou o número, e do outro lado da linha atendeu um tal de Refik Alba.

—Alô, bom dia, meu nome é Gunilla Hansson. Meu cachorro foi atropelado ontem por um carro que não parou. O canalha fugiu, mas o número da placa mostra que o carro foi alugado aí. Era um Volvo branco.

Ela deu o número.

—Sinto muito.

—Exijo mais que isso. Quero o nome desse escroto para mandar para ele um pedido de indenização.

—A senhora deu parte à polícia?

—Não, prefiro resolver essa história amigavelmente.

—Sinto muito, mas não posso fornecer o nome dos nossos clientes se não houver um boletim de ocorrência.

A voz de Lisbeth Salander murchou. Perguntou se era mesmo uma boa política da empresa obrigá-la a denunciar seus clientes em vez de tentar um acordo amigável. Refik Alba lamentou mais uma vez e disse que infelizmente não podia fazer nada. Ela ainda

argumentou por mais alguns minutos, mas não conseguiu obter o nome do gigante loiro.

O nome de Zala também parecia conduzir a um beco sem saída. Com dois intervalos para comer uma pizza acompanhada de uma garrafa grande de Coca, Lisbeth Salander passou a maior parte das vinte e quatro horas seguintes na frente do computador.

Encontrou centenas de Zalas - desde atletas italianos de alto nível até um compositor argentino -, mas não o que estava procurando.

Tentou Zalachenko, e não encontrou nada que prestasse.

Frustrada, finalmente cambaleou até o quarto e dormiu doze horas seguidas. Acordou às onze da manhã, ligou a cafeteira e preparou um banho de hidromassagem com óleo espumante. Levou o café e fatias de pão para o banheiro e tomou o café da manhã refestelada na banheira, sonhando cora a presença de Mimmi a seu lado. Mas isso era impossível. Ainda nem tinha lhe contado onde morava.

Por volta do meio-dia, saiu da água, se secou e enfiou um roupão. Tornou a ligar o computador.

Obteve melhores resultados com os nomes de Dag Svensson e Mia Bergman. Conseguiu rapidamente ter uma idéia das atividades dos dois nos últimos anos. Baixou algumas cópias de artigos de Dag e achou uma foto dele a guisa de assinatura. Sem grande surpresa, constatou que era o homem que vira em companhia de Mikael Blomkvist no Moulin dias antes. Agora o nome tinha um rosto, e vice-versa.

Achou vários textos sobre, ou de, Mia Bergman. Anos antes destacara-se com um relatório sobre as diferentes maneiras como homens e mulheres eram tratados pela Justiça. O relatório tinha sido citado em editoriais e artigos de opinião nas revistas de várias organizações feministas; a própria Mia Bergman contribuíra para o debate com diversos artigos. Lisbeth Salander leu com bastante atenção. Algumas feministas julgavam suas conclusões importantes, ao passo que outras criticavam Mia Bergman e a acusavam de “espalhar ilusões burguesas”, mas nem por isso esclarecendo que ilusões burguesas seriam essas.

Por volta das duas da tarde, entrou no Asphyxia 1.3, mas em vez de *MikBlom/laptop* escolheu *MikBlom/office*, o computador de Mikael Blomkvist na redação da *Millennium.* Sabia, por experiência própria, que o computador da sala de Mikael não continha praticamente nada. Embora o utilizasse vez ou outra para navegar na internet, ele trabalhava quase o tempo todo no seu iBook. Em compensação, Mikael tinha o direito de controlar toda a redação da *Millennium.* Ela encontrou rapidamente a informação necessária com o código de acesso à rede interna da revista.

Para entrar nos demais computadores da *Millennium,* o espelhamento do disco rígido no servidor holandês não bastava; o original do *MikBlom/office* tinha de estar ligado e conectado à rede interna. Ela estava com sorte, Mikael Blomkvist parecia estar na revista e seu computador estava ligado. Esperou dez minutos e não percebeu nenhum sinal de atividade. Interpretou isso como um indício de que Mikael tinha ligado o computador ao chegar ao escritório, talvez o tivesse usado para navegar na internet e o deixara ligado enquanto cuidava de outras coisas ou trabalhava em seu computador portátil.

Precisava ir com calma. Durante uma hora, Lisbeth Salander pirateou os computadores um por um e carregou e-mails de Erika Berger, Christer Malm e uma tal de Malu Eriksson, que ela não conhecia. Por fim, achou o computador de Dag Svensson, segundo a informação do sistema um velho Macintosh PowerPC com disco rígido de 750 MB**, ou** seja, uma máquina antiga que provavelmente só era usada por usuários ocasionais para tratamento de texto. Estava ligado, o que significava que Dag Svensson se encontrava na redação da *Millennium* naquele momento. Ela carregou seu correio eletrônico e percorreu seu disco rígido. Encontrou um arquivo intitulado, simplesmente, [**ZALA].**

O gigante loiro estava insatisfeito e incomodado. Acabava de obter duzentas e três mil coroas em dinheiro, o que era mais do que ele esperava pelos três quilos de metanfetamina entregues a Magge Lundin no final de janeiro. Era igualmente um lucro razoável para umas poucas horas de trabalho efetivo - pegar a anfetamina com o intermediário, guardá-la por algum tempo, entregá-la a Magge Lundin e então embolsar cinquenta por cento do lucro. O MC

Svavelsjö parecia não ter nenhuma dificuldade em levantar mensalmente uma quantia daquelas, e o bando de Magge Lundin era apenas um entre três operadores similares - os outros dois operavam nas áreas de Göteborg e Malmö. Juntos, os três bandos chegavam a render mais de meio milhão de coroas de lucro líquido por mês.

No entanto, sentia-se tão incomodado que parou no acostamento e desligou o motor. Não dormia havia quase trinta horas e se sentia entorpecido Abriu a porta para esticar as pernas e urinou na beira da estrada. Fazia frio e o céu estava limpo. Estava em frente a um campo, nas proximidades de Jârna.

O conflito era antes de natureza ideológica. A oferta de metanfetamina a menos de quatrocentos quilômetros de Estocolmo era ilimitada. A demanda no mercado sueco, indiscutível. O resto não passava de logística — como transportar o produto de um ponto A até um ponto B ou, mais precisamente, de um porão de Tallinn para o porto franco de Estocolmo?

Esse problema logístico se apresentava o tempo todo - como garantir um transporte regular da Estônia para a Suécia? Era o ponto crucial e o elo realmente frágil da cadeia, já que, depois de muitos anos de esforço, ainda estavam no nível da improvisação constante e das soluções temporárias.

O problema era que, nos últimos tempos, a engrenagem andava emperrando demais. Ele se orgulhava de seu talento para a organização. Em apenas poucos anos, criara uma engrenagem bem azeitada de contatos, mantidos com doses bem calculadas de cenoura e chicote. Ele é que tinha administrado o aspecto prático, identificado os parceiros, negociado acordos e cuidado para que a entrega chegasse ao lugar certo.

A cenoura era o estímulo oferecido a intermediários como Magge Lundin — um bom lucro praticamente sem riscos. O sistema era impecável. Magge Lundin nunca precisara levantar um só dedo para que lhe entregassem os produtos - nada de viagens complicadas nem negociações obrigatórias com todo tipo de gente, desde tiras da Brigada de Entorpecentes até a máfia russa, que poderia muito bem lhe passar a perna. Lundin sabia que o gigante loiro entregava e depois embolsava seus cinquenta por cento.

O chicote era necessário, já que cada vez mais vinha entrando areia na engrenagem. Um traficantezinho de bairro bom de faro acabara sabendo demais e por pouco não comprometera o MC Svavelsjö. O loiro fora obrigado a intervir e punir.

O gigante loiro era bom em punições.

Suspirou.

Sentia que a atividade estava se ampliando demais. Estava simplesmente diversificada *demais.*

Acendeu um cigarro e esticou as pernas na beira da estrada.

A metanfetamina era uma excelente fonte de renda, discreta e fácil de lidar — lucro amplo com risco mínimo. O negócio de armas se justificava até certo ponto, quando serviços embutidos pouco pertinentes podiam ser identificados e evitados. Considerando-se os riscos, o fato é que não era economicamente defensável fornecer dois revólveres por umas míseras notas de mil a uns pivetes muito doidos que sonhavam assaltar o quiosque da esquina.

Alguns casos de espionagem industrial ou contrabando de componentes eletrônicos para países do Leste até se justificavam, embora o mercado tivesse encolhido dramaticamente nos últimos anos.

Em compensação, as putas dos países bálticos eram indefensáveis do ponto de vista econômico. As putas só davam dinheiro para o gasto e representavam, antes de mais nada, uma complicação capaz de a qualquer momento suscitar matérias hipócritas na mídia e debates naquele estranho Parlamento sueco, chamado Riksdag, onde as regras do jogo, na opinião do gigante loiro, eram no mínimo pouco claras. A vantagem das putas é que elas não representavam praticamente nenhum risco jurídico. Todo mundo gosta de puta - o procurador, o juiz, os tiras e um parlamentar aqui e ali. Ninguém ia ficar cavoucando para pôr um fim a essa atividade.

E uma puta morta não causava necessariamente complicações. Se a polícia conseguisse prender um suspeito óbvio em poucas horas, e se o suspeito ainda estivesse com sangue na roupa, ele evidentemente era condenado a alguns anos de prisão ou internado em algum obscuro estabelecimento psiquiátrico. Mas se nenhum suspeito fosse encontrado em quarenta e oito horas, o loiro sabia

por experiência que a polícia não demorava a ir cuidar de coisas mais importantes.

De qualquer modo, o gigante loiro não gostava do comércio de putas. Não gostava das putas, com seus rostos exageradamente maquiados e suas risadas estridentes de alcoólatras. Não eram puras. Eram capital humano, do tipo que dá tanta despesa quanto lucro. E tratando-se de capital humano, sempre havia o risco de uma das putas ter um surto e achar que podia pedir demissão ou começar a fazer denúncias para tiras, jornalistas e outros bisbilhoteiros. Então ele era obrigado a intervir e punir. E se as revelações fossem suficientemente precisas, a rede de procuradores e tiras era obrigada a agir - para não haver gritaria no maldito Parlamento. O comércio de putas só dava confusão.

Os irmãos Atho e Harry Ranta eram um exemplo típico de confusão - dois parasitas inúteis que sabiam muito mais do que deveriam sobre a atividade. Por ele, teria amarrado uma corrente no pescoço deles e afundado os dois no porto. Em vez disso, acompanhara esses senhores à balsa para Tallinn e pacientemente esperou que embarcassem. As férias forçadas se deviam a um maldito jornalista que começara a fuçar nas histórias deles, e a saída tinha sido eles permanecerem invisíveis até que o alerta passasse.

Suspirou mais uma vez.

O gigante loiro não gostava, principalmente, de serviços paralelos do tipo Lisbeth Salander. No que lhe dizia respeito, ela não oferecia o menor interesse. Não representava nenhum lucro.

Ele não gostava do Dr. Nils Bjurman e não conseguia entender por que tinham resolvido acatar o seu pedido. Mas agora a bola já estava rolando. Ordens tinham sido dadas e a missão, terceirizada com o **MC** Svavelsjö.

O fato era que a atual conjuntura não lhe agradava. Estava com um mau pressentimento.

Ao jogar fora o cigarro no barranco, seus olhos passaram pelo campo mergulhado na escuridão. De repente, captou um movimento com o canto do olho. Imobilizou-se, apurou o olhar. Não havia luz alguma além de uma tênue lua crescente, mas ainda assim conseguia distinguir o contorno de uma figura sombria rastejando

em sua direção a uns trinta metros da estrada. A criatura avançava lentamente, fazendo pequenas pausas.

O gigante sentiu de repente um suor frio na testa.

Detestava a criatura do campo.

Ficou mais de um minuto praticamente paralisado, olhos grudados no avanço lento, mas constante, do vulto. Quando este chegou tão perto que ele conseguiu distinguir seus olhos cintilando no escuro, deu meia-volta e correu para o carro. Abriu a porta com um gesto seco e procurou nervosamente pela chave. Sentiu o pânico crescer até que por fim conseguiu dar a partida e ligar os faróis. A criatura tinha alcançado a estrada e o gigante loiro pôde enfim enxergá-la em detalhe à luz dos faróis. Parecia uma enorme raia-manta se arrastando pelo chão. Tinha um ferrão igual ao do escorpião.

Uma coisa era certa. Não era uma criatura deste mundo. Não estava descrita em nenhum livro de fauna conhecido. Era um monstro saído diretamente do inferno.

Engatou a primeira marcha e arrancou, cantando os pneus. Quando o carro passou pela criatura, viu que ela tentou um ataque, sem conseguir atingi-lo. Ele só parou de tremer muitos quilômetros depois.

Lisbeth Salander passou a noite lendo o resultado das investigações de Dag Svensson e da *Millennium* sobre o tráfico de mulheres. Aos poucos, foi obtendo um quadro bastante completo, ainda que baseado em fragmentos enigmáticos extraídos do correio eletrônico a que ela recorria para montar o seu quebra-cabeça.

Erika Berger mandava uma pergunta a Mikael Blomkvist sobre o andamento das confrontações; ele sucintamente respondia que estavam tendo dificuldades para achar o homem da Tcheka. Ela deduziu que um dos indivíduos a serem desmascarados na reportagem trabalhava na Säpo. Malu Eriksson anexava para Dag Svensson o resumo de uma pesquisa, com cópia para Mikael Blomkvist e Erika Berger. Svensson e o Super-Blomkvist respondiam com comentários e sugestões de aprofundamentos. Mikael e Dag trocavam e-mails várias vezes ao dia. Dag Svensson relatava uma confrontação que tivera com um tal de Per-Âke Sandström, jornalista.

Vendo os e-mails de Dag Svensson, pôde também constatar que ele se comunicava com um certo Gulbrandsen por um endereço Yahoo. Levou algum tempo até entender que Gulbrandsen devia ser um tira e que a comunicação entre eles se dava de forma confidencial através de um endereço neutro, e não pelo endereço de Gulbrandsen na polícia. O sujeito era, portanto, uma fonte.

A pasta [ZALA] era de uma exiguidade frustrante, continha apenas três documentos Word. O maior, de 128 Kb, tinha o nome [Irina P.] e continha fragmentos da vida de uma prostituta. Pelo relatório de autópsia fornecido por Dag Svensson, Lisbeth compreendeu que a garota estava morta.

Até onde Lisbeth conseguia entender, Irina P. tinha sofrido violências tão intensas que três de seus ferimentos foram mortais.

Lisbeth reconheceu no texto uma citação, palavra por palavra, da tese de Mia Bergman. Na tese, tratava-se de uma mulher chamada Tamara. Lisbeth deduziu que Irina P. e Tamara eram a mesma pessoa, e leu atentamente o trecho da entrevista com ela na tese.

O segundo documento, [Sandström], era muito mais sucinto. Continha o mesmo resumo enviado por Dag Svensson num e-mail ao Super-Blomkvist demonstrando que um jornalista chamado Per-Åke Sandström era um dos clientes sexuais que explorara uma menina de um país báltico, mas também tinha sido o homem da máfia do sexo e fora pago em drogas ou em sexo. Lisbeth ficou fascinada ao ver que em paralelo à sua produção de jornais empresariais, Sandström também tinha escrito diversos artigos num jornal diário condenando com indignação o comércio do sexo. Revelava entre outras coisas que um empresário sueco, cujo nome omitia, andara frequentando um bordel em Tallinn.

O nome de Zala não aparecia nem em [Sandström] nem em [Irina P.], mas Lisbeth imaginou que se os dois arquivos estavam guardados numa pasta intitulada [ZALA] havia necessariamente uma relação. O terceiro e último documento da pasta [ZALA] também se chamava [ZALA]. Era sucinto, redigido em forma de lista.

De acordo com Dag Svensson, o nome Zala aparecera nove vezes, vinculado a entorpecentes, armas ou prostituição, desde meados dos anos 1990. Ninguém parecia saber quem era Zala, mas

diferentes fontes o mencionavam como iugoslavo, polonês e, eventualmente, tcheco. Todas as informações eram de segunda mão; nenhuma das pessoas com quem Dag Svensson conversara parecia ter alguma vez se encontrado com Zala.

Dag Svensson conversara extensamente sobre Zala com a *fonte* G. (Gulbrandsen?) e aventava a teoria de que Zala poderia ser o responsável pelo assassinato de Irina P. Se, por um lado, não se mencionava a opinião da *fonte* G. sobre tal teoria, Lisbeth descobriu que, por outro, um ano antes Zala fora tema de discussão numa reunião do "grupo especial de investigação sobre o crime organizado". O nome aparecera tantas vezes que a polícia começou a fazer perguntas e tentou formar uma opinião sobre a realidade da existência de Zala.

Segundo o que Dag Svensson conseguira descobrir, o nome Zala surgira pela primeira vez por ocasião do assalto de um carro-forte em Orkelljunga, em 1996. Os assaltantes puseram as mãos em mais de três milhões e trezentas mil coroas, mas pisaram tanto na bola que em vinte e quatro horas a polícia identificou e prendeu a quadrilha. No dia seguinte mais uma pessoa foi presa: o criminoso profissional Benny Nieminen, membro do **MC** Svavelsjö, suspeito de ter fornecido as armas utilizadas no assalto, o que lhe valeu sua segunda condenação de peso, com quatro anos de xadrez.

Uma semana depois do assalto ao carro-forte de 1996, mais três pessoas foram detidas como cúmplices. A quadrilha compunha-se, portanto, de oito pessoas, das quais sete se negaram categoricamente a falar. A oitava, um garoto de apenas dezenove anos, Birger Nordman, não aguentou e entregou tudo nos interrogatórios. O processo foi uma vitória fácil para o procurador, o que poderia explicar (sugeria a fonte policial de Dag Svensson) por que, dois anos mais tarde, depois de desfrutar de uma autorização para sair e se divertir, Birger Nordman foi achado enterrado num areai de Vãrmland.

De acordo com a *fonte G., a* polícia suspeitava que Benny Nieminen era o homem-chave por trás da gangue. Suspeitava também que Nordman havia sido morto por ordem de Benny Nieminen, mas nada confirmava essas suposições. Nieminen era considerado extremamente perigoso e desprovido de escrúpulos.

Na cadeia, estabelecera-se um vínculo entre Nieminen e a Fraternidade Ariana, uma organização nazista dentro das prisões, ligada por sua vez à Fraternidade Wolfpack e a outras, tanto gangues criminosas no universo dos motoqueiros como diversas organizações nazistas idiotas e violentas no estilo Movimento de Resistência Sueca etc.

O interesse de Lisbeth Salander, porém, era por algo bem distinto. Durante os interrogatórios, o assaltante Birger Nordman confessara que as armas usadas no assalto provinham de Nieminen, que por sua vez as obtivera de um iugoslavo que Nordman não conhecia, denominado “Sala”.

Dag Svensson concluía que se tratava de um sujeito muito discreto no mundo do crime. Como o nome Zala não correspondia a ninguém no registro civil, Dag imaginava se tratar de um apelido, mas também podia ser um delinquente especialmente precavido agindo sob nome falso.

O último ponto da lista consistia num breve relatório das informações sobre Zala fornecidas por Sandström, o jornalista cliente. Era muito pouco. Segundo Dag Svensson, Sandström certa vez falara ao telefone com uma pessoa com esse nome. As anotações não mencionavam o conteúdo da conversa.

Por volta das quatro da manhã, ela desligou o Powerbook, sentou-se no recanto da janela e contemplou a baía de Saltsjön. Permaneceu umas duas horas imóvel, fumando pensativamente um cigarro atrás do outro. Ia ser obrigada a tomar algumas decisões estratégicas e precisava fazer uma análise das conseqüências.

Começava a pensar que era chegada a hora de encontrar Zala e, de uma vez por todas, pôr fim aos probleminhas entre eles.

No sábado à noite da semana anterior à Páscoa, Mikael Blomkvist foi visitar uma antiga namorada na Slipgatan, perto de Hornstull. Fato raríssimo, tinha aceitado seu convite para uma festa. Ela hoje estava casada e nem um pouco interessada num relacionamento mais profundo com Mikael, mas trabalhava na imprensa e eles trocavam um alô quando se cruzavam. Ela acabava de publicar um livro gestado por pelo menos dez anos, que abordava o curioso tema de como era vista a mulher no mundo da

mídia. Como contara um pouco com a colaboração de Mikael, convidara-o para a festa.

A participação de Mikael limitara-se à pesquisa de uma questão bem simples. Ele pegara os planos de igualdade entre os sexos que a agência de notícias TT, *Dagens Nyheter, Rapport* e alguns outros veículos afirmavam respeitar, e então assinalara quem era homem e quem era mulher na direção dessas empresas nos cargos superiores a assistente de redação. O resultado foi lamentável. Presidente: homem. Presidente do conselho administrativo: homem. Redator-chefe: homem. Responsável do domínio estrangeiro: homem. Diretor de redação: homem... e assim por diante, até que aparecesse a primeira mulher, geralmente uma exceção do tipo Christina Jutterström ou Amelia Adamo.

A festa daquela noite era particular e os convidados, principalmente pessoas que de um modo ou de outro tinham trazido alguma contribuição ao livro.

A reunião estava muito festiva, a comida, boa, e a conversa, descontraída. Mikael pretendia ir embora cedo, mas a maioria dos convidados eram velhos conhecidos que raramente se encontravam. Sem contar que, só para variar, ninguém insistiu em falar no caso Wennerström. A animação foi se estendendo e só lá pelas duas da manhã de domingo é que o grosso do pessoal começou a ir embora. Desceram juntos até a Lângholmsgatan, onde se separaram.

Mikael viu o ônibus noturno passando antes de ele conseguir chegar ao ponto, mas a noite estava agradável e ele resolveu voltar a pé em vez de esperar pelo ônibus seguinte. Seguiu pela Högalidsgatan até a igreja e dobrou na Lundagatan, o que imediatamente lhe despertou antigas recordações.

Desde dezembro Mikael vinha mantendo sua promessa de parar de passar pela Lundagatan na esperança de topar com Lisbeth Salander. Nesta noite, parou na calçada defronte ao prédio dela. Sentiu vontade de atravessar a rua e tocar a campainha dela, mas ponderou que era muito improvável ela estar de volta e com vontade de falar com ele.

Por fim, deu de ombros e prosseguiu sua caminhada na direção de Zinkensdamm. Tinha percorrido uns cinquenta metros quando

escutou um barulho. Virou a cabeça e seu coração disparou. Dificilmente alguém se confundiria ao ver aquele corpo raquítico. Lisbeth Salander acabava de sair do prédio e ia se afastando. Ela parou diante de um carro estacionado.

Mikael estava abrindo a boca para chamá-la quando de repente as palavras travaram em sua garganta: avistou um vulto surgindo de um dos carros estacionados rente à calçada. Era um homem, indo na direção de Lisbeth Salander. Mikael teve a impressão de que ele era alto e tinha uma barriga proeminente. O cabelo estava preso num rabo de cavalo.

Lisbeth Salander escutou um barulho e percebeu um movimento com o rabo dos olhos no momento em que ia introduzir a chave na fechadura do Honda cor de vinho. Ele chegou meio de lado, por trás, e ela se virou um segundo antes que ele a atingisse. Identificou-o imediatamente: Carl-Magnus, vulgo “Magge” Lundin, trinta e seis anos, do MC Svavelsjö, que dias antes estivera com o gigante loiro no Café Blomberg.

Notou os cento e vinte quilos de Magge Lundin e suas más intenções. Usou as chaves do carro como um soco-inglês e não hesitou um microssegundo sequer antes de retalhar-lhe profundamente o rosto, da base do nariz até a orelha, com uma rapidez reptilínea. O punho de Lundin deu um soco no ar, e então Lisbeth Salander pareceu sumir dentro da terra.

Mikael Blomkvist viu quando Lisbeth Salander atacou seu agressor. Um décimo de segundo depois, ela jogou-se no chão e rolou entre as rodas do

Quase instantaneamente, Lisbeth se pôs de pé do outro lado do carro pronta para a luta ou para a fuga. Cruzou o olhar com o inimigo por sobre o capô e no ato optou pela segunda possibilidade. Do rosto do homem escorria sangue. Antes de ele sequer ter tempo de vê-la direito, ela já corria pela Lundagatan em direção à igreja de Högalid.

Mikael ficou petrificado e boquiaberto vendo o agressor acelerar de repente e se lançar rua afora ao encalço de Lisbeth Salander. Parecia um tanque de assalto perseguindo um brinquedinho.

Lisbeth galgou, de quatro em quatro, os degraus da escadaria da Lundagatan. Ao chegar lá em cima, deu uma olhada por sobre o

ombro e viu seu perseguidor colocando o pé no primeiro degrau. *Puta merda, esse cara corre rápido!* Quase tropeçou, mas no último instante avistou as placas de sinalização e os montes de areia de uma obra da prefeitura.

Magge Lundin já estava quase chegando ao topo da escadaria quando Lisbeth Salander voltou a entrar em seu campo de visão. Teve tempo de perceber que ela estava atirando alguma coisa, mas não de reagir antes que o paralelepípedo atingisse sua têmpora. Não foi um golpe preciso, mas a pedra era pesada e abriu um segundo corte em seu rosto. Sentiu que perdia o equilíbrio e que o mundo oscilava quando caiu de costas na escadaria. Conseguiu interromper a queda segurando-se no corrimão, mas perdera vários segundos.

A paralisia de Mikael cessou quando o homem desapareceu perto da escadaria. Berrou para que ele parasse imediatamente.

Lisbeth já tinha atravessado metade do pátio quando ouviu a voz de Mikael Blomkvist. *Que merda é esta?* Mudou de direção e olhou sobre a grade de segurança do terraço. Três metros abaixo, viu Mikael Blomkvist na rua, um pouco mais adiante. Hesitou um décimo de segundo antes de voltar a correr.

Enquanto saía correndo em direção à escadaria, Mikael viu um Dodge Van arrancando em frente ao prédio de Lisbeth Salander, bem ao lado do carro que ela tinha tentado abrir. O veículo passou por Mikael na direção de

Zinkensdamm, e ele chegou a vislumbrar um rosto. A placa estava ilegível sob a luz fraca da iluminação pública.

Indeciso, Mikael ficou olhando para a caminhonete enquanto corria ao encalço do perseguidor de Lisbeth. Alcançou-o no alto da escadaria. O homem tinha parado de costas para Mikael, estava imóvel, olhando ao redor.

Quando Mikael estava quase alcançando-o, ele se virou e desfechou-lhe um violento tapa no rosto. Mikael foi pego totalmente de surpresa. Despencou de cabeça por todos os degraus.

Lisbeth ouviu o grito abafado de Mikael e quase parou. O *que está acontecendo, porra?* Então olhou por cima do ombro e viu Magge Lundin, uns quarenta metros atrás dela, dando um pique na sua direção. *Ele é mais rápido. Vai me alcançar.*

Não teve dúvida, virou à esquerda e subiu a toda uns poucos degraus até o terraço entre os prédios. Desembocou num pátio onde não havia o menor lugar para se esconder e percorreu a distância até a esquina seguinte num tempo que teria arrancado um bocado de medalhas de Caroline Klüft nos jogos olímpicos. Virou à direita, percebeu que estava entrando num beco sem saída e deu uma guinada de cento e oitenta graus. Nenhum esconderijo à vista, e no exato momento em que chegava ao ângulo do prédio seguinte avistou Magge Lundin no alto da escada que dava para o pátio. Continuou fora do seu campo de visão por mais alguns metros e mergulhou atrás de um pé de rododendro, num canteiro rente ao prédio.

Escutou, sem vê-lo, os passos pesados de Magge Lundin. Permaneceu totalmente imóvel atrás do arbusto, espremida contra a parede do prédio.

Lundin passou em frente ao esconderijo e parou a menos de cinco metros. Demorou-se uns dez segundos e então continuou correndo pelo pátio. Um minuto depois, estava de volta. Deteve-se no mesmo lugar. Desta feita, ficou parado por uns trinta segundos. Lisbeth contraiu os músculos, pronta para fugir imediatamente caso fosse descoberta. Então ele recomeçou a andar. Passou a menos de dois metros de onde ela estava. Ela escutou seus passos se afastarem do pátio.

A nuca e o maxilar de Mikael doíam quando ele a muito custo conseguiu ficar de pé. Sentia gosto de sangue no lábio rebentado. Experimentou dar alguns passos, e tropeçou.

Tornou a subir a escadaria e olhou em volta. Viu as costas do agressor a cem metros, lá embaixo na rua. O homem do rabo de cavalo parou para espiar entre os prédios, em seguida recomeçou a correr. Segundos depois, sumiu no fim da rua. Mikael foi até o parapeito e procurou-o com os olhos. O homem estava atravessando a Lundagatan e entrando no Dodge Van que já estava arrancando em frente ao prédio de Lisbeth. Logo depois o carro sumiu na esquina, para os lados de Zinkensdamm.

Mikael subiu devagar a Lundagatan à procura de Lisbeth Salander. Não a viu em lugar nenhum. Aliás, não viu uma alma sequer e ficou espantado de constatar como uma rua de Estocolmo

podia estar tão vazia às três da manhã de um domingo de março. Instantes depois, voltou para a frente do prédio de Lisbeth, mais abaixo na Lundagatan. Ao passar pelo local onde ocorrera a agressão, pisou em alguma coisa e descobriu que era o chaveiro de Lisbeth. Quando se abaixou para apanhá-lo, viu a bolsa dela debaixo do carro.

Mikael ficou um bom tempo esperando, em dúvida sobre que atitude tomar. Por fim, foi testar as chaves na porta do prédio. Não eram as chaves certas.

Lisbeth Salander ficou escondida por quinze minutos atrás do arbusto, só se mexendo para olhar o relógio. Pouco depois das três, escutou uma porta se abrindo e fechando, e passos se dirigindo ao bicicletário do pátio.

Quando o ruído cessou, ela se ajoelhou devagar e apontou a cabeça para fora do arbusto. Examinou os mínimos recantos do pátio, mas não viu Magge Lundin em parte alguma. Voltou para a rua com passos leves, o tempo todo prestes a dar meia-volta e fugir. Parou no alto da escadaria, perscrutou a parte baixa da Lundagatan e, súbito, avistou Mikael Blomkvist em frente ao seu prédio. Estava com a sua bolsa na mão.

Ela permaneceu absolutamente imóvel, escondida por um poste de luz, quando o olhar de Mikael Blomkvist percorreu o parapeito do nível superior. Ele não a viu.

Mikael Blomkvist ficou na frente do seu prédio por quase meia hora. Ela o observou pacientemente sem se mexer, até que ele resolveu ir embora, na direção de Zinkensdamm. Depois que ele sumiu, ela ainda esperou algum tempo antes de começar a refletir sobre os acontecimentos. Era difícil entender como ele tinha entrado em cena daquele jeito, surgindo do nada. Quanto à agressão em si, não dava margem a muita interpretação. *O canalha do Carl-Magnus Lundin.* Magge Lundin havia estado com o gigante loiro que ela avistara em companhia do Dr. Nils Bjurman.

O maldito canalha do Nils Bjurman.

Esse escroto nojento pagou um maldito macho de merda para acabar comigo. E olhe que eu expliquei direitinho para ele que consequência isso poderia ter.

Súbito, Lisbeth Salander começou a ferver por dentro. Estava tão furiosa que chegou a sentir um gosto de sangue na boca. Desta vez, seria obrigada a puni-lo.

III – EQUAÇÕES IMPOSSÍVEIS 23 DE MARÇO A 2 DE ABRIL

As *equações absurdas, para as quais nenhuma solução é adequada, são qualificadas de impossíveis.*

$(a + b)(a - b) = a^2 - b^2 + 1$

11 - QUARTA-FEIRA 23 DE MARÇO – QUINTA - FEIRA 24 DE MARÇO

Mikael Blomkvist pousou a ponta da caneta vermelha na margem do manuscrito de Dag Svensson e escreveu um ponto de exclamação seguido de “nrp”. O que significava que ele queria uma nota de rodapé referindo a fonte do que estava sendo afirmado.

Era quarta-feira, véspera da Quinta-feira Santa, e a *Millennium* fizera mais ou menos feriado a semana toda. Monika Nilsson estava no exterior. Lottie Karim tinha ido para as montanhas com o marido. Henry Cortez viera atender o PABX por algumas horas, mas Mikael o tinha liberado, pois não havia ninguém telefonando e, de todo modo, ele próprio ia ficar na redação. Com um sorriso pasmo, Henry se escafedeu para ir se encontrar com a namorada da vez.

Dag Svensson não tinha aparecido. Mikael estava sozinho, revisando seu manuscrito. Tinha acabado por definir que o livro teria duzentas e noventa páginas divididas em doze capítulos. Dag Svensson entregara a versão final de nove capítulos, Mikael Blomkvist esmiuçara cada palavra e devolvera o texto para que ele esclarecesse ou reformulasse alguns pontos de acordo com suas indicações.

Mikael, no entanto, considerava Dag Svensson um ótimo escritor, e sua contribuição se limitava a algumas observações marginais. Tinha dificuldade inclusive, em achar onde aplicar seu rigor. No decorrer das semanas em que o calhamaço do manuscrito fora se avultando sobre a mesa de Mikael, só tinham discordado num trecho de mais ou menos uma página, que Mikael queria eliminar e Dag defendera com diversos argumentos. Mikael vencera Mas eram ninharias.

Em suma, o livro que a *Millennium* tinha no prelo era sólido e Mikael estava convencido de que ia dar no que falar. Dag Svensson era tão impiedoso em sua denúncia dos clientes sexuais, e amarrava tão bem a história, que ninguém mais poderia ignorar as deficiências do sistema. A redação era perfeita e os dados apresentados por Dag Svensson seguiam um método tradicional, sem dúvida, porém mais que eficaz.

Nesses últimos meses, Mikael descobrira três coisas acerca de Dag. Era um jornalista meticuloso que amarrava cuidadosamente todos os fios. Não empregava a retórica que costuma carregar tantas reportagens sobre a sociedade, deixando-as incompreensíveis. O livro era mais que uma reportagem; era uma declaração de guerra. Mikael sorriu tranqüilo. Dag Svensson era quase quinze anos mais moço que ele, mas Mikael reconhecia facilmente sua própria paixão quando, um dia, saíra em cruzada contra os jornalistas econômicos medíocres e escrevera um livro escandaloso que algumas redações ainda não tinham lhe perdoado.

O problema era que o livro de Dag Svensson tinha que aguentar firme até o fim. Um jornalista que aceita um desafio deste porte precisa estar cem por cento seguro do terreno em que está pisando, senão mais vale desistir de publicar. Dag Svensson estava noventa e oito por cento seguro. Ainda faltava esmiuçar alguns pontos fracos e afirmações que, no entender de Mikael, ele não documentara a contento.

Por volta das cinco e meia, abriu a gaveta da mesa e pegou um cigarro. Erika Berger decretara proibição absoluta de se fumar nas salas, mas ele estava sozinho e ninguém iria aparecer durante o feriadão. Trabalhou por mais quarenta e cinco minutos antes de juntar as folhas e deixar o capítulo na mesa de Erika para ela ler. Dag Svensson se comprometera a enviar por e-mail a versão final dos três capítulos restantes na manhã seguinte, o que daria a Mikael a possibilidade de relê-los no feriado. Estava marcada uma reunião para a terça-feira depois da Páscoa, na qual Dag, Erika, Mikael e Malu iriam dar sinal verde para a versão final do livro, e também para os artigos da Millennium.

Só faltava a diagramação, que cabia a Christer Malm, e depois mandar para a gráfica. Mikael nem sequer fizera uma licitação - resolvera confiar mais uma vez na Hallvigs Reklam de Morgongâva, que imprimira o livro sobre o caso Wennerström e oferecia um preço e um serviço incomparáveis no mercado.

Mikael olhou as horas e presenteou-se com mais um cigarro clandestino. Sentou-se à janela e contemplou a Götgatan lá embaixo. Com a ponta da língua, tocou de leve no corte na parte interna do lábio. Estava cicatrizando. Pela milésima vez, perguntou-

se o que realmente tinha se passado na frente do prédio de Lisbeth Salander na Lundagatan.

Suas únicas certezas eram que Lisbeth Salander estava obviamente viva e de volta à cidade.

Durante a semana, tentara entrar em contato com ela todos os dias. Tinha mandado e-mails para o endereço que ela usava mais de um ano antes, sem obter resposta. Passara diariamente pela Lundagatan. Estava começando a perder as esperanças.

A placa de identificação tinha mudado para Salander-Wu. Havia duzentos e trinta Wu no registro civil, dos quais pouco mais de cento e quarenta habitavam a área de Estocolmo. Mas nenhum residia na Lundagatan. Mikael pão tinha a menor idéia de quem poderia estar morando com Lisbeth, se ela estava com um namorado ou sublocando o apartamento. Ninguém tinha atendido quando ele tocara a campainha.

Por fim, resolvera escrever uma boa e velha carta à moda antiga.

Olá Sally,

Não sei o que aconteceu um ano atrás, mas a esta altura até o pateta que eu sou já entendeu que você cortou qualquer relação comigo. É um direito e um privilégio seu escolher com quem você quer conviver e não tenho intenção de insistir. Constato simplesmente que ainda a considero minha amiga, sinto falta da sua companhia e seria um prazer tomar um café com você, se a idéia lhe atrai.

Não sei no que você anda metida, mas a briga na Lundagatan me preocupa. Se precisar de ajuda, pode me ligar a qualquer hora. Como sabe, tenho uma dívida imensa com você.

Além disso, estou com a sua bolsa. Se quiser pegá-la, basta dar um sinal de vida. Se não quiser se encontrar comigo, é só deixar um endereço para onde eu possa mandá-la. Você já demonstrou claramente que não quer nenhum contato comigo, portanto não vou tentar te ver.

MIKAEL

É claro que não obtivera resposta.

Ao voltar para casa naquela manhã, depois da agressão na Lundagatan, ele abrira a bolsa de Lisbeth e enfileirara o conteúdo

sobre a mesa da cozinha. Havia uma carteira com um cartão de conta dos Correios, cerca de seiscentas coroas suecas e duzentos dólares americanos, assim como um cartão mensal de transportes coletivos em Estocolmo. Um maço de Marlboro light aberto, três isqueiros descartáveis, uma caixa de pastilhas para a garganta, um pacote de lenços de papel, uma escova, uma pasta de dentes e três tampões num bolso à parte, um pacote intacto de preservativos cuja etiqueta revelava que haviam sido comprados no Gatwick Airport de Londres, um caderninho capa dura formato A5, cinco canetas esferográficas, uma bomba lacrimogênea, um estojinho com batom e maquiagem, um rádio FM com fones de ouvido, mas sem pilhas e o *Aftonbladet* da véspera.

O objeto mais fascinante da bolsa era um martelo facilmente acessível num bolso externo. O ataque, porém, fora tão brutal que Lisbeth não tivera tempo de pegar nem o martelo nem a bomba lacrimogênea. Aparentemente, usara as chaves como soco-inglês — ainda apresentavam vestígios de sangue e pele.

O chaveiro continha seis chaves. Três eram chaves típicas de apartamento - uma da porta da rua, uma comum da porta do apartamento e uma para a fechadura de segurança. Nenhuma delas, porém, abria a porta da Lundagatan.

Mikael tinha aberto e folheado página por página do caderninho. Reconheceu a letra miúda e caprichada de Lisbeth e logo constatou rapidamente que não se tratava exatamente do diário íntimo e secreto de uma moça. Cerca de três quartos estavam cobertos do que pareciam ser rabiscos matemáticos. No alto da primeira página estava uma equação que ele reconhecia mesmo não sendo a matemática nem um pouco a sua praia.

(x3 + y3 = z3)

Mikael Blomkvist nunca tivera dificuldade com números. Passara no vestibular com as melhores notas em matemática, o que não queria dizer que tivesse jeito para a coisa, e sim que simplesmente soubera aproveitar o ensino do colégio. As páginas do caderninho de Lisbeth Salander continham uma rabiscalhada que ele não entendia e não tinha a menor intenção de tentar entender. Uma equação se estendia por duas páginas inteiras e acabava com rasuras e alterações. Era difícil para ele definir se eram fórmulas

matemáticas sérias com soluções acertadas, mas, conhecendo os talentos de Lisbeth Salander, imaginou que os cálculos deviam estar corretos e conter algum significado hermético.

Ficou um bom tempo folheando o caderninho. As equações eram mais ou menos tão compreensíveis para ele como se tivesse nas mãos um caderno de signos chineses. Mas entendeu o que ela estava tentando fazer, x3 + y3 = z^3. Ficara fascinada pelo enigma de Fermat, um clássico de que ele tinha ouvido falar. Suspirou profundamente.

A última folha do caderninho trazia uma anotação sucinta e misteriosa que não tinha absolutamente nada a ver com matemática mas mesmo assim lembrava algum tipo de fórmula.

(Loiro + Magge) = NEB

Estava sublinhada e enquadrada, e não explicava estritamente nada. Bem embaixo da página estava o número de telefone de uma autolocadora, a Auto-Expert de Eskilstuna.

Mikael não procurou interpretar essas anotações. Concluiu que eram rabiscos que ela fizera enquanto refletia sobre alguma coisa.

Por fim, apagou o cigarro, vestiu o casaco, ligou o alarme da redação e foi caminhando até o terminal de Slussen, onde pegou o ônibus para Lánnersta, o bairro *yuppíe* da moda. Tinha sido convidado para jantar com sua irmã Annika Blomkvist, cujo sobrenome de casada era Giannini, para festejar seus quarenta e dois anos.

Erika Berger começou o feriadão de Páscoa com uma corrida, três quilômetros de preocupações e raiva que terminaram no pontão da balsa em

Saltsjöbaden. Ela relaxara sua freqüência à academia nos últimos meses e se sentia enrijecida e fora de forma. Voltou para casa caminhando normalmente. Seu marido estava dando uma palestra numa exposição do Museu de Arte Moderna e não voltaria antes das oito. Erika planejava abrir uma boa garrafa de vinho, ligar a sauna e seduzir seu marido. Isso a distrairia do problema que vinha remoendo.

Quatro dias antes, tinha sido convidada para almoçar pelo diretor de um dos grupos de mídia mais importantes da Suécia. Entre duas garfadas de salada e com muita seriedade na voz, ele

lhe comunicara a intenção de contratá-la como redatora-chefe do *Svenska Morgon-Posten,* o maior jornal diário do grupo, o Grande Dragão como era chamado no meio jornalístico. A *diretoria considerou vários nomes e todos nós pensamos que você seria um trunfo sensacional para o jornal. Queremos você.* A proposta de trabalho vinha acompanhada de um salário que fazia soar como brincadeira o que ela ganhava na *Millennium.*

A oferta caíra feito um raio e a deixara estupefata. *Por que justo eu?*

De início, ele fora vago, mas acabara confessando que ela era famosa, respeitada e considerada por todos uma executiva competente. Era impressionante o modo como arrancara a *Millennium* do lamaçal em que a revista atolara dois anos antes. Em seguida, confessou que o Grande Dragão precisava de sangue novo. O jornal tinha um ar antiquado, que vinha reduzindo constantemente o número de assinantes da nova geração. Erika era conhecida por ser uma jornalista ousada. Era atraente. Colocar uma mulher, feminista ainda por cima, à frente da instituição mais conservadora da Suécia dos Machos era um desafio, era ousado. Estavam todos de acordo. Quase todos, digamos. Quem de fato contava estava de acordo.

—Mas eu não partilho a visão política de base do jornal.

—Não faz mal. Você também não chega a ser uma adversária declarada. Você seria a chefe - não um supervisor político - e, quanto à questão editorial, dá-se um jeito.

Ele não disse, mas era também uma questão de classe social. Erika tinha um passado adequado, e vinha do meio social adequado.

Ela respondeu que estava inclinada a considerar a proposta, mas não podia responder de imediato. Primeiro precisava refletir, e eles combinaram que ela lhe comunicaria sua decisão nos próximos dias. O diretor explicou que se o motivo de sua hesitação era o salário, era provável que ela pudesse negociar aqueles valores para cima. Talvez lhe propusessem, além disso, um pacote de demissão particularmente atrativo. *Está na hora de você começar a pensar na aposentadoria, colega.*

Ela estava chegando aos quarenta e cinco anos. No início, comera o pão que o diabo amassou. Conseguira criar a *Millennium* e se tornara diretora da publicação por seus próprios méritos. Aproximava-se inexoravelmente a hora em que seria obrigada a pegar o telefone para dizer sim ou não, e ela não sabia o que responder. Durante a semana, tivera várias vezes a intenção de conversar com Mikael a respeito, o que acabara não acontecendo. Sabia que, pelo contrário, tinha lhe ocultado a história, o que a deixava com uma pontinha de sentimento de culpa.

As desvantagens eram óbvias. Um sim significaria romper sua parceria com Mikael. Ele jamais iria com ela para o Grande Dragão, mesmo que ela lhe fizesse uma proposta com cobertura de chocolate. Ele não precisava do dinheiro e estava muito-bem-obrigado, cuidando de seus próprios textos no seu próprio ritmo.

Ela se sentia bem no seu papel de chefe da *Millennium.* Ele lhe propiciara, no meio jornalístico, uma posição que ela julgava quase imerecida. Não era ela quem produzia as informações. Não era a sua praia - não achava que tinha um especial talento para a escrita. Em contrapartida, era uma boa jornalista de rádio e televisão e, principalmente, uma diretora brilhante. Gostava do trabalho de improvisação que seu papel de diretora da *Millennium* lhe impunha.

Mas Erika Berger sentia-se tentada. Nem tanto pelo salário como pelo fato de que aquele emprego a transformaria definitivamente numa das personagens mais influentes do mundo da mídia. *Não vai haver uma segunda oferta,* dissera o diretor.

Quando passou em frente ao hotel de Saltsjöbaden percebeu, para seu grande desespero, que não conseguiria dizer não. E tremia só de pensar em comunicar a notícia a Mikael Blomkvist.

Como sempre, o jantar com a família Giannini transcorreu numa doce atmosfera de caos. Annika tinha dois filhos - Monica, de treze anos, e Jennie, de dez. Seu marido, Enrico Giannini, que dirigia na Escandinávia urna empresa de biotecnologia internacional, tinha a guarda de Antonio, dezesseis anos, filho de um primeiro casamento. Os demais convidados eram Antonia, mãe de Enrico; Pietro, irmão de Enrico; sua mulher, Eva-Lotta; e seus dois filhos, Peter e Nicola. E ainda a irmã de Enrico, Marcella, que morava no mesmo bairro com seus quatro filhos. Também fora convidada tia Angelina,

considerada pela família extremamente esquisita ou, em todo caso, extremamente excêntrica, que vinha acompanhada de seu novo namorado.

O fator caos estava, portanto, relativamente elevado em volta da mesa de jantar de generosas dimensões. A conversa ou, às vezes, várias conversas simultâneas, transcorria numa mescla dissonante de sueco e italiano, e a situação de Mikael não ficava melhor com Angelina perguntando a noite inteira por que ele ainda estava solteiro e sugerindo candidatas adequadas entre suas amigas. Mikael acabou declarando que até se casaria de bom grado não fosse a sua amante infelizmente já ser casada. Com isso, calou a boca de Angelina por algum tempo.

Às sete e meia, o celular de Mikael tocou. Ele pensou que o tivesse desligado e por pouco não perdeu a chamada tentando tirá-lo às pressas do bolso interno do casaco, que alguém pusera no cabide para chapéus no hall de entrada. Era Dag Svensson.

—Estou atrapalhando?

—Não muito. Estou jantando na casa da minha irmã, com um forte contingente da família do marido dela. O que foi?

—Duas coisas. Estou tentando falar com o Christer Malm, mas ele não atende o telefone.

—Ele e o namorado iam ao teatro hoje à noite.

—Droga. Combinei de me encontrar com ele na redação amanhã de manhã e levar as fotos e ilustrações que queremos pôr no livro. Christer ficou de dar uma olhada durante o feriado. Mas a Mia acaba de decretar que quer ir para Dalécarlie na Páscoa, visitar os pais e mostrar a tese para eles. De modo que estamos viajando amanhã de manhã.

—Certo.

—Não posso mandar por e-mail, é um material impresso. Eu poderia mandar alguém levar para você hoje à noite?

—Bem, sim... mas, olha só, estou no Länersta. Vou ficar mais um tempo por aqui e depois vou para casa. Não vai ser uma volta muito grande assar por Enskede. Posso pegar as fotos na sua casa. Tudo bem se eu chegar por volta das onze?

Para Dag Svensson estava ótimo.

—Outra coisa... e acho que você não vai gostar.

—Fale.

—Estou com um problema no texto.

— Sei.

—Topei aqui com uma coisa que eu queria conferir antes de o livro ir para a gráfica.

—O que é?

—Zala, com Z.

—Zala, o que é isso?

—Zala é um gângster, provavelmente de algum país do Leste, Polônia quem sabe. Eu te falei nele num e-mail, uma ou duas semanas atrás.

—Desculpe, eu tinha esquecido.

—Ele está sempre aparecendo aqui e ali nas minhas histórias. As pessoas parecem ter medo, ninguém quer falar nele.

—Ah, é?

—Faz alguns dias, topei com o nome dele de novo. Acho que ele está na Suécia e que deveria fazer parte da lista dos clientes sexuais do capítulo sete.

—Dag, você não vai alterar tudo faltando três semanas para o livro ser impresso.

—Eu sei. Mas ele é uma espécie de curinga que reaparece constantemente no jogo. Conversei com um tira que também tinha ouvido falar em Zala e... acho que vale a pena dedicar uns dias da semana que vem para verificar isso.

—Por quê? Você já está com *escrotos* suficientes nesse texto.

—Esse me parece ser um escroto bem especial. Ninguém sabe de fato quem ele é. Tem um passarinho me contando que pode ser interessante fuçar mais um pouco.

—Nunca se deve subestimar os passarinhos - disse Mikael. — Mas sinceramente... não dá para adiar o *deadline* a esta altura do campeonato. A ata está reservada na gráfica e o livro tem que sair junto com a *Millennium.*

—Eu sei - respondeu Dag Svensson com um tom de voz abatido.

Mia Bergman acabava de fazer café e colocado na garrafa térmica quando tocaram a campainha. Eram quase nove da noite. Dag Svensson estava mais perto da porta e, achando que era

Mikael Blomkvist chegando mais cedo que o previsto, abriu imprudentemente a porta sem olhar pelo olho mágico. Em vez de Mikael, viu-se diante de uma moça que lhe era uma total estranha, uma moça miudinha que parecia uma boneca e que ele confundiu com uma adolescente.

—Eu queria falar com Dag Svensson e Mia Bergman - disse a moça.

—Eu sou Dag Svensson.

—Queria falar com o senhor.

Dag consultou o relógio maquinalmente. Mia Bergman apareceu no hall de entrada e mostrou um rosto curioso atrás de seu companheiro.

—Acho que está meio tarde para uma visita - disse Dag. A moça olhou para ele, calada e cheia de paciência.

—Qual seria o assunto? - ele perguntou.

—Queria falar sobre o livro que você pretende publicar na *Millennium.* Dag e Mia trocaram um olhar.

—E você, quem é?

—O assunto me interessa. Posso entrar ou vamos ficar de papo aqui na porta?

Dag Svensson hesitou um momento. A moça era sem dúvida uma total desconhecida e o horário da visita não era dos mais habituais, mas parecia suficientemente inofensiva para que ele abrisse a porta toda. Conduziu-a até a mesa de jantar da sala.

—Aceita um café? - perguntou Mia. Dag olhou irritado para a companheira.

—Quem sabe você responde a minha pergunta: quem é você?

—Aceito, obrigada. Quero dizer, o café. Meu nome é Lisbeth Salander. Mia deu de ombros e abriu a garrafa térmica. Já tinha trazido as xícaras prevendo a visita de Mikael Blomkvist.

—E o que a leva a crer que pretendo publicar um livro pela *Millen*nium? - perguntou Dag Svensson.

Súbito, foi tomado por uma forte desconfiança, mas a moça o ignorou e, em vez disso, encarou Mia Bergman. Fez uma careta que podia ser interpretada como um sorriso de esguelha.

É uma tese interessante - disse ela. Mia Bergman ficou estupefata.

—O que você sabe sobre a minha tese?

—Topei com uma cópia dela -respondeu a moça, misteriosa. A irritação de Dag Svensson duplicou.

—Agora, acho que está na hora de você me dizer o que quer - falou com voz rude.

O olhar da moça cruzou com o seu. Ele observou, de repente, que sua pupila era tão escura que, na luz, seus olhos pareciam carvão. Compreendeu que se enganara quanto à sua idade - ela era mais velha do que ele julgara de início.

—Quero saber por que você anda fazendo perguntas sobre Zala, Alexander Zala, por toda parte - disse Lisbeth Salander. —E antes de mais nada, quero saber exatamente o que você sabe sobre ele.

Alexander Zala - pensou Dag Svensson, subitamente chocado. —Nunca tinha escutado o primeiro nome antes.

Dag Svensson examinou a moça à sua frente. Ela ergueu a xícara e tomou um gole de café sem desviar o olhar do dele. Seus olhos eram desprovidos de calor. De repente ele se sentiu vagamente incomodado.

Ao contrário de Mikael e outros adultos do grupo, e embora fosse o seu aniversário, Annika Giannini tomara apenas uma cerveja. Abstivera-se de beber vinho ou *aquavit** no jantar. De modo que, por volta das dez e meia, estava absolutamente sóbria e, como em determinadas circunstâncias considerava seu irmão mais velho um perfeito imbecil que precisava de cuidados, ofereceu-se generosamente para levá-lo em casa de carro, via Enskede. De qualquer modo, já tinha planejado levá-lo até o ponto de ônibus de Vãrmdòvágen, e esticar até o centro não tomaria muito mais tempo.

—Por que não compra um carro? - queixou-se assim mesmo, enquanto Mikael punha o cinto de segurança.

—Porque, ao contrário de você, moro suficientemente perto do meu trabalho para ir a pé, e só preciso de carro mais ou menos uma vez por ano.

Além do mais, eu não poderia dirigir, já que o seu marido me fez tomar não sei quantos copos de aquavit.

—Ele está virando sueco. Dez anos atrás, teria te empurrado alguma bebida italiana.

Aproveitaram o trajeto de carro para ter uma conversa de irmãos. Tirando uma tia muito resistente do lado paterno, duas tias um pouco menos resistentes do materno e alguns primos-irmãos ou primos distantes, Mikael e Annika eram os únicos remanescentes da família. Seus três anos de diferença de idade os mantiveram um pouco afastados na adolescência, mas, uma vez adultos, se redescobriram até melhor.

Annika se formara em direito e Mikael a considerava a mais brilhante dos dois. Fizera o curso de vento em popa, passara alguns anos trabalhando num tribunal rural e depois como assistente de um dos mais famosos advogados suecos, até que pediu demissão e abriu seu próprio escritório. Annika se especializara em direito de família, o que aos poucos se transformara num projeto igualitário. Engajara-se como advogada de mulheres maltratadas, escrevera um livro sobre o assunto e se tornara um nome respeitado entre as feministas. Para completar, alinhara-se politicamente com os socialdemocratas, o que dava a Mikael motivo para caçoar dela e chamá-la de oportunista. Mikael, por seu lado, desde muito jovem decidira que não poderia aderir a nenhum partido político se quisesse manter sua credibilidade como jornalista. Até evitava votar e, nas vezes em que o fizera, sempre se negara a revelar em quem, inclusive para Erika Berger.

—Como é que você está? - perguntou Annika enquanto eles passavam pela ponte de Skurubron.

—Estou bem.

—Então qual é o problema?

—Problema?

—Eu te conheço, Micke. Você passou todo o jantar com aquele seu ar pensativo.

Mikael ficou um instante calado.

—É uma história complicada. Estou com dois problemas. Um tem a ver com uma garota que eu conheci há uns dois anos e que me ajudou no caso Wennerström. Aí ela sumiu da minha vida sem uma palavra de explicação. Não tive nenhuma notícia dela por mais de um ano, até a semana passada.

Mikael contou a agressão na Lundagatan.

—Você deu queixa? - Annika logo perguntou.

—Não.

—Por que não?

—Essa garota é muito ciosa da sua vida pessoal. Ela é que foi agredida. Cabe a ela dar queixa.

Mikael desconfiava que essa não devia ser a prioridade de Lisbeth Salander.

—Teimoso - disse Annika dando um tapinha no rosto de Mikael. —Sempre querendo cuidar de tudo. E o segundo problema?

—Estamos para publicar na *Millennium* uma matéria que vai fazer barulho. Passei a noite me perguntando se eu não deveria te consultar. Quero dizer, como advogada.

Annika olhou, surpresa, para o irmão.

—Me consultar! - exclamou. —Essa é nova.

—A matéria em questão tem a ver com tráfico de mulheres e violência contra a mulher. Você trabalha com violência contra a mulher e é advogada. Eu sei que você não lida com liberdade de imprensa, mas gostaria muito que lesse o texto que vamos publicar. São artigos para a revista e também um livro, é um bocado de coisa para ler.

Annika não disse nada enquanto virava na altura da zona industrial de Hammarby e passava pela eclusa de Sickla. Pegou umas ruazinhas estreitas, paralelas à Nynäsvägen, até subir a Enskedevägen.

—Sabe, Mikael, eu só fiquei realmente chateada com você uma vez na vida.

—Ah, é? - fez Mikael, surpreso.

—Quando você foi condenado no caso Wennerström e pegou aqueles três meses de prisão por difamação. Quase explodi de raiva com você.

—Por quê? Eu me enganei, só isso.

—Você já se enganou um monte de vezes na vida. Mas daquela vez precisava de um bom advogado e o único que você não procurou fui eu. Em vez disso, deixou que te arrastassem na lama, tanto na mídia como no julgamento. Você nem sequer se defendeu. Aquilo me deixou louca.

—Era uma situação especial. Você não podia fazer nada.

—Não, mas isso eu só entendi um ano depois, quando a *Millennium* voltou à cena e vocês reduziram o Wennerström à condição de pano de chão. Até aí, fiquei muito decepcionada com você.

—Você não podia ter feito nada para ganhar o processo.

—Tem uma coisa que você não sacou, mano. Também sei que era um caso perdido. Eu li o veredicto. Mas o que me deixou louca é você não ter me pedido ajuda. Tipo: Oi, mana, estou precisando de um advogado. Por isso é que você não me viu no tribunal.

Mikael refletiu.

—Sinto muito. É, eu deveria ter feito isso.

—É claro que deveria.

—Eu estava exausto naquele ano. Não conseguia falar com ninguém. Eu só queria morrer.

—Não foi bem isso que você fez.

—Me desculpe.

Annika Giannini sorriu de repente.

—Sensacional. Um pedido de desculpas dois anos depois. Tudo bem. Vou ler seu texto. É urgente?

—É. Vai ser impresso em breve. Ali você dobra à esquerda.

Annika Giannini estacionou do lado oposto do prédio da Björneborgsvägen, onde Dag Svensson e Mia Bergman moravam.

—É só um minuto - disse Mikael.

Atravessou a rua a passos rápidos e digitou o código da porta.

Assim que entrou, percebeu que alguma coisa não estava bem. Escutou vozes agitadas ecoando na escada e subiu a pé os três andares até o apartamento de Dag Svensson e Mia Bergman. Só quando chegou ao patamar é que entendeu que a agitação vinha do apartamento deles. Cinco vizinhos discutiam no corredor. A porta de Dag e Mia estava entreaberta.

—O que foi? - perguntou Mikael, mais por curiosidade que por preocupação.

As vozes se calaram. Cinco pares de olhos se voltaram para ele. Três mulheres e dois homens, todos com idade de aposentados. Uma das mulheres estava de camisola.

—Pareciam tiros. —O homem que lhe respondeu tinha uns setenta anos e estava de roupão marrom.

—Tiros? - repetiu Mikael com uma expressão estúpida.

—Agora há pouco. Deram um tiro neste apartamento faz um minuto. A porta estava aberta.

Mikael se adiantou e tocou na campainha enquanto entrava no apartamento.

—Dag? Mia? - chamou. Não obteve resposta.

De repente, sentiu um frio percorrer-lhe a nuca. Notou um cheiro de enxofre. Então se aproximou da porta da sala. A primeira coisa que viu, *meu-Deusporramerda foi* Dag Svensson de bruços numa enorme poça de sangue de um metro de largura, em frente à mesa onde ele e Erika haviam jantado meses antes.

Mikael correu para Dag enquanto pegava o celular e discava o 112 do SOS-Brigada. Atenderam imediatamente.

—Meu nome é Mikael Blomkvist. Preciso de uma ambulância e da polícia.

Deu o endereço.

—O que houve?

—Um homem. Parece ter levado um tiro na cabeça, está desacordado. Mikael se inclinou e procurou o pulso carotídeo. Então viu a imensa cratera na parte posterior da cabeça de Dag e se deu conta de que estava pisando no que devia ser a maior parte do cérebro de Dag Svensson. Lentamente, tirou a mão.

Nenhuma ambulância no mundo poderia salvar Dag Svensson.

De repente, e sem nenhuma coerência racional, reparou nos estilhaços de uma das xícaras de café que Mia Bergman tinha herdado da avó e que eram tão importantes para ela. Levantou-se rapidamente e olhou em volta.

—Mia! - gritou.

0 vizinho de roupão marrom o seguira até o hall de entrada. Mikael se virou na porta da sala e ergueu a mão.

—Fique onde está! - berrou. —Volte para o corredor.

O vizinho de início pareceu que ia protestar, mas depois obedeceu.

Mikael quedou-se imóvel alguns segundos. Então, contornou a poça de sangue, passou devagarinho na frente de Dag Svensson e seguiu em direção ao quarto.

Mia Bergman estava deitada de costas no chão, ao pé da cama.

NãonãonãoaMiatambémputaquepariu. Tinham lhe atirado no rosto. A bala entrara pelo maxilar inferior debaixo da orelha esquerda. O orifício de saída, na têmpora, tinha o tamanho de uma laranja, e sua órbita direita estava aberta e vazia. A hemorragia era ainda maior que a de seu companheiro, se é que isso era possível. O impacto da bala fora tão violento que a parede à cabeceira da cama, a vários metros de Mia, estava respingada.

Mikael percebeu que estava apertando o celular com a mão crispada, ainda conectado ao 112, e que estivera retendo a respiração. Inspirou profundamente e ergueu o celular.

—Precisamos da polícia. Duas pessoas. Acho que estão mortas. Venham logo.

Escutou uma voz respondendo alguma coisa, mas não estava em condições de entender as palavras. Teve a súbita impressão de que sua audição não funcionava mais. Estava tudo quieto à sua volta. Não escutou o som da própria voz quando tentou dizer alguma coisa. Abaixou o celular e saiu do apartamento andando de costas. Ao chegar à escada, percebeu que seu corpo inteiro tremia e seu coração batia de um jeito anormal. Sem dizer palavra, abriu caminho em meio ao petrificado grupo de vizinhos e sentou-se num degrau. Ouvia, de longe, os vizinhos fazendo perguntas. O *que houve? Eles estão feridos? Aconteceu alguma coisa?* O som das vozes parecia vir de dentro de um túnel.

Mikael estava como que paralisado. Percebeu que estava em estado de choque. Deixou a cabeça cair entre os joelhos. Então começou a pensar. *Caramba - eles foram assassinados. Acabam de atirar neles. O assassino ainda pode estar lá dentro... não, eu teria visto. O apartamento só tem cinquenta e cinco metros quadrados.* Não conseguia parar de tremer. Dag caíra de bruços e Mikael não vira seu rosto, mas a visão do rosto dilacerado de Mia estava incrustada em sua retina.

De repente, sua audição voltou como se alguém tivesse girado o botão do volume. Levantou de um salto e olhou para o vizinho de roupão marrom.

—O senhor - disse ele. —Fique aqui e não deixe ninguém entrar no apartamento. A polícia e a ambulância já estão a caminho. Vou esperar lá embaixo e abrir a porta para eles.

Mikael desceu os degraus de quatro em quatro. No térreo, olhou para a escada do porão e estacou. Deu um passo em direção ao porão. No meio da escada, havia um revólver, para quem quisesse ver. Mikael notou que parecia um Colt 45 Magnum - a arma que matara Olof Palme.*

Conteve o impulso de pegar a arma e deixou-a onde estava. Subiu até o hall de entrada, bloqueou a porta na posição aberta e saiu para o ar livre. Quando ouviu uma buzinada breve, lembrou que a irmã o esperava no carro. Atravessou a rua.

Annika Giannini abriu a boca para caçoar da eterna lerdeza dele. Então viu a expressão em seu rosto.

—Você viu alguém passar por aqui enquanto esperava? - perguntou Mikael.

Sua voz parecia rouca e pouco natural.

—Não. Quem? O que houve?

Mikael ficou calado alguns segundos, enquanto verificava os arredores. A rua estava calma e tranqüila. Procurou no bolso e achou um maço velho amassado no qual ainda havia um cigarro esquecido. Estava acendendo-o quando ouviu ao longe o som das sirenes se aproximando. Olhou o relógio. Onze e dezessete.

—Annika, esta vai ser uma noite longa - ele disse sem olhar para ela, quando o carro da polícia entrou na rua.

Os primeiros a chegarem ao local foram os policiais Magnusson e Ohlsson. Estavam voltando da Nynäsvägen, onde tinham ido atender a um chamado que se revelara uma brincadeira de mau gosto. Vinham seguidos por um veículo de intervenção que trazia o delegado Oswald Mártensson, encarregado das intervenções externas, que estava em Skanstull quando recebeu o chamado da central de operações. Chegaram praticamente ao mesmo tem po, vindo de direções opostas, e viram no meio da rua um homem de jeans e casaco escuro erguendo a mão. Enquanto isso, uma mulher desceu de um carro estacionado a poucos metros do homem.

Os três policiais esperaram alguns segundos. A central do SOS-Brigada tinha relatado que duas pessoas haviam sido mortas

por tiros, e aquele homem segurava um objeto escuro na mão esquerda. Levaram alguns segundos para entender que se tratava de um celular. Desceram dos carros ao mesmo tempo, ajustaram o cinturão e foram ver os dois indivíduos mais de perto. Mârtensson assumiu imediatamente o comando.

—Foi o senhor quem notificou os tiros?

O homem assentiu com a cabeça. Parecia seriamente abalado. Fumava um cigarro e sua mão tremia quando o levava à boca.

—Seu nome?

—Mikael Blomkvist. Duas pessoas foram mortas a tiros há poucos minutos nesse prédio. Chamam-se Dag Svensson e Mia Bergman. No terceiro andar. Alguns vizinhos estão no corredor.

—Meu Deus - disse a mulher.

—Quem é a senhora? - perguntou Mârtensson.

—Meu nome é Annika Giannini.

—Mora aqui?

—Não - respondeu Mikael Blomkvist. —Eu vim falar com o casal que foi morto. Ela é minha irmã e me trouxe aqui depois de um jantar.

—O senhor afirma que duas pessoas foram mortas a tiros. Viu o que aconteceu?

—Não. Encontrei os dois assim.

—Vamos lá dar uma olhada - disse Mârtensson.

—Espere - disse Mikael. —Os vizinhos disseram que os tiros ocorreram pouco antes de eu chegar. Dei o alerta imediatamente. De lá para cá. não passaram nem cinco minutos. Isso significa que o assassino ainda está bem perto daqui.

—Mas o senhor não tem uma descrição dele?

—Não vimos ninguém. Mas é possível que os vizinhos tenham visto alguma coisa.

Mârtensson fez um sinal para Magnusson, que pegou o rádio e começou a mandar, em voz baixa, um relatório para a central. Virou-se para Mikael.

—Me mostre onde é - disse.

Quando entraram no hall do prédio, Mikael parou e apontou em silêncio para a escada do porão. Mârtensson se inclinou e olhou

para a arma. Desceu até o final da escada e tentou abrir a porta do porão. Estava trancada.

—Ohlsson, fique aqui e abra o olho - disse Mârtensson.

Na frente do apartamento de Mia e Dag, o grupo se reduzira. Dois vizinhos tinham voltado para casa, mas o homem do roupão marrom continuava a postos. Pareceu aliviado ao ver os uniformes.

—Não deixei ninguém entrar - disse.

—Muito bem - responderam ao mesmo tempo Mikael e Mârtensson.

—Parece que há rastros de sangue na escada - disse o agente Magnusson.

Todos olharam para as pegadas. Mikael olhou para os seus mocassins italianos.

—As marcas devem ser minhas - disse Mikael. —Eu entrei no apartamento. Tem muito sangue lá dentro.

Mârtensson lançou um olhar inquisitivo para Mikael. Usou uma caneta para empurrar a porta do apartamento e constatou que havia mais marcas de sangue no hall.

—A direita. Dag Svensson está na sala e Mia no quarto. Mârtensson procedeu a uma rápida inspeção do apartamento e voltou segundos depois. Solicitou pelo rádio o reforço da polícia criminal. Nisso, chegaram os paramédicos. Mârtensson os deteve enquanto concluía a chamada.

—Duas pessoas. Até onde posso avaliar, já não precisam de socorro. Um de vocês poderia dar uma olhada, tentando não mexer na cena do crime?

Não foi preciso muito tempo para ficar claro que os paramédicos eram desnecessários. O médico de plantão que os acompanhava determinou que não havia necessidade de transportar os corpos ao hospital para tentar reanimá-los. Não havia o que fazer. Mikael foi tomado de repente por fortes náuseas e virou-se para Mârtensson.

—Vou sair. Estou precisando de ar.

—Infelizmente não posso deixá-lo ir embora.

—Não se preocupe - disse Mikael. —Vou só me sentar no degrau na frente da porta.

—Me mostre sua identidade.

Mikael pegou a carteira e a entregou nas mãos de Mârtensson. Então deu meia-volta sem dizer uma palavra, desceu e foi se sentar no degrau na frente do prédio, onde Annika continuava esperando com o agente Ohlsson Ela sentou-se ao lado dele.

—Micke, o que aconteceu? - perguntou.

—Duas pessoas de quem eu gostava muito foram assassinadas. Dag Svensson e Mia Bergman. Era o manuscrito dele que eu queria que você lesse.

Annika Giannini percebeu que não era hora de bombardear Mikael com perguntas. Em vez disso, pôs o braço em volta dele e o manteve apertado contra si, enquanto chegavam mais carros da polícia. Do outro lado da rua começava a se juntar um punhado de notívagos curiosos. Mikael fitou-os em silêncio, enquanto os policiais isolavam a área. Tinha início uma investigação policial.

Eram pouco mais de três horas quando Mikael e Annika puderam finalmente deixar a sede da Criminal. Tinham passado uma hora em Enskede, na frente do prédio, dentro do carro de Annika, esperando que um procurador de plantão chegasse para dar início ao inquérito preliminar. Depois - já que Mikael era amigo das vítimas e já que tinha encontrado os corpos e dado o alerta - pediram-lhes que fossem até a delegacia central de Kungsholmen para, segundo disseram, ajudar na investigação.

Esperaram um bom tempo antes de serem ouvidos por uma inspetora, Anita Nyberg. Era loira e parecia uma adolescente.

Estou ficando velho, pensou Mikael.

Por volta das duas e meia, já havia tomado tanto café requentado que estava totalmente desembriagado e definitivamente nauseado. Fora obrigado a interromper o interrogatório para ir ao banheiro pôr as tripas para fora. Tinha o tempo todo na retina a visão do rosto estraçalhado de Mia Bergman. Tomou vários copinhos de água e lavou o rosto com cuidado antes de voltar para o interrogatório. Tentou juntar as idéias e responder tão detalhadamente quanto possível às perguntas de Anita Nyberg.

Dag Svensson e Mia Bergman tinham inimigos?

Não que eu saiba.

Tinham recebido ameaças?

Não que eu saiba.

Como era o relacionamento deles?

Pareciam apaixonados. O Dag me disse um dia que iam tentar ter um filho depois que a Mia terminasse o doutorado. *Eles usavam drogas?*

Não faço idéia. Acho que não, e se usavam, devia ser só um baseado por diversão, em ocasiões especiais.

Como se explica o senhor ir à casa deles assim tão tarde?

Mikael explicou o contexto.

Não é inusitado ir visitá-los assim tão tarde?

Sim. Sem dúvida. Essa foi a primeira vez.

Como *os conheceu?*

Pelo trabalho. Mikael deu explicações que não acabavam mais.

E as perguntas não paravam, procurando definir os estranhos horários.

Os tiros tinham sido ouvidos em todo o prédio. Foram disparados a menos de cinco segundos de intervalo. O homem de setenta anos de roupão marrom era o vizinho mais próximo, e comandante da defesa costeira aposentado. Ao segundo tiro, levantara do sofá onde estava assistindo tevê e saíra imediatamente no corredor. Considerando-se que tinha um problema no quadril e dificuldades para se levantar, ele próprio calculava que devia ter levado uns trinta segundos para abrir a porta do apartamento. Nem ele nem nenhum vizinho tinham visto o culpado.

Segundo as estimativas dos vizinhos, Mikael chegara à porta do apartamento menos de dois minutos depois dos disparos.

Considerando-se que ele e Annika tinham tido uma visão da rua inteira por quase trinta segundos enquanto Annika rodava até o prédio, estacionava e trocava umas palavras com Mikael antes de ele atravessar a rua e subir a escada, havia uma lacuna de tempo calculada em cerca de trinta a quarenta segundos. Durante esse intervalo, o autor do duplo assassinato tinha tido tempo de sair do apartamento, descer a escada, jogar a arma no térreo, sair do prédio e desaparecer antes que Annika estacionasse o carro. Tudo isso sem ser visto por ninguém.

Concluíram que Mikael e Annika deviam ter se desencontrado do assassino por alguns segundos.

Durante um vertiginoso instante, Mikael percebeu que a inspetora Anita Nyberg brincava com a idéia de que ele poderia ser o culpado, que simplesmente descera até o andar de baixo e fingira estar chegando ao local depois que os vizinhos acorreram. Mas Mikael tinha um álibi na pessoa da sua irmã, e uma explicação plausível de como havia passado seu tempo. Seus passos, inclusive a conversa telefônica com Dag Svensson, podiam ser confirmados por muitos membros da família Giannini.

Annika acabou protestando. Mikael oferecera toda a colaboração possível e imaginável. Estava visivelmente cansado e não se sentia bem. Era hora de deixá-lo ir para casa. Lembrou que era a advogada de seu irmão e que ele tinha certos direitos estabelecidos por Deus ou, pelo menos, pelo Parlamento.

Uma vez lá fora, ficaram os dois um bom tempo em silêncio diante do carro de Annika.

—Vá para casa dormir - disse ela. Mikael balançou a cabeça.

—Não, preciso ir até a casa da Erika - disse ele. —Ela também conhecia os dois. Não posso simplesmente contar por telefone e não quero que ela fique sabendo pelo rádio quando acordar.

Annika Giannini hesitou um instante, mas reconheceu que o irmão estava certo.

—Para Saltsjóbaden, então - disse ela.

—Você ainda se sente em condições de me levar?

—E para que serve uma irmã menor?

—Se você me deixar no centro de Nacka, eu pego um táxi ou um ônibus.

—Está brincando. Entre, eu levo você.

12 - QUINTA-FEIRA SANTA 24 DE MARÇO

Annika Giannini também estava visivelmente cansada, e Mikael conseguiu convencê-la a desistir do longo desvio de quase uma hora pelo promontório de Lánnersta e deixá-lo no centro de Nacka. Deu-lhe um beijo no rosto, agradeceu sua ajuda naquela noite e esperou ela dar a volta no carro e desaparecer pela rua antes de chamar um táxi.

Fazia mais de dois anos que Mikael Blomkvist não vinha a Saltsjöbaden. Antes disso, só em raras oportunidades tinha visitado Erika e o marido. Sinal de imaturidade, sem dúvida, pensava ele.

Mikael ignorava totalmente a maneira como o casal Erika e Lars funcionava. Conhecia Erika desde o início dos anos 1980 e pretendia manter a relação com ela até ficar velho demais para sair de uma cadeira de rodas. Essa relação só fora interrompida durante um curto período no final dos anos 1980, depois que os dois se casaram. A interrupção durara mais de um ano, até ambos se tornarem infiéis.

Pelo lado de Mikael, a situação acabara em divórcio. Pelo de Erika, Lars Beckman concluiu que uma paixão assim era provavelmente um presente da natureza. Imaginar que as convenções ou a moral social poderiam manter aqueles dois longe da cama um do outro era pura ilusão. Ele também explicou que não queria se arriscar a perder Erika como Mikael tinha perdido a mulher.

Quando Erika confessou sua infidelidade, Lars Beckman fora bater à porta de Mikael Blomkvist. Mikael estivera aguardando e temendo essa visita - sentia-se um lixo. Mas Lars Beckman não quebrara a sua cara, e sim lhe propusera uma turnê pelos bares. Três *pubs* do Södermalm depois, suficientemente bêbados para terem uma conversa séria, tinham se explicado, sentados num banco público do Mariatorget ao raiar do dia.

Mikael mal acreditou quando Lars Beckman lhe explicou, de saída, que se ele tentasse sabotar seu casamento com Erika Berger ele voltaria sóbrio e armado de uma clava, mas que se a questão

era apenas desejo da carne e incapacidade da alma para a moderação e a contenção, para ele estava tudo bem.

Mikael e Erika tinham, portanto, mantido seu relacionamento com a aprovação de Lars Beckman e sem tentar lhe esconder o que quer que fosse. Até onde Mikael sabia, o casamento de Lars e Erika continuava feliz. Contentava-se em saber que Lars aceitava o relacionamento deles sem protestar, a ponto de Erika só precisar pegar o telefone, ligar para ele e comunicar que pretendia passar a noite com Mikael quando lhe dava vontade, o que era regularmente o caso.

Lars Beckman nunca expressara a mínima crítica em relação a Mikael. Pelo contrário, parecia achar que a relação de Erica com Mikael tinha um lado bom e que seu próprio amor por Erika se fortalecia pelo fato de ele nunca ter como certa a presença da mulher.

Em contrapartida, Mikael nunca se sentira à vontade na companhia de Lars, duro lembrete de que até os relacionamentos mais livres tinham um preço. De modo que só aparecera no Saltsjöbaden em raras ocasiões, quando Erika dava alguma festa grande em que a ausência de Mikael soaria como provocação.

Ele parou em frente à casa deles, de duzentos e cinquenta metros quadrados. Apesar da sua repulsa em trazer notícias tão ruins, apertou resolutamente o dedo na campainha e o manteve ali por quase quarenta segundos, até que escutou passos. Lars Beckman veio abrir, uma toalha de banho amarrada na cintura e o rosto dormido cheio de uma raiva que se transformou em perplexidade mal desperta quando deu com o amante da mulher na soleira da porta.

—Oi, Lars - disse Mikael.

—Oi, Blomkvist. Que horas são?

Lars Beckman era loiro e magro. Tinha uma quantidade enorme de pelos no peito e nenhum cabelo na cabeça. Tinha uma barba de uma semana e uma enorme cicatriz acima da sobrancelha direita, recordação de um acidente de veleiro que por pouco não acabara mal, muitos anos antes.

—Um pouco mais de cinco horas - disse Mikael. —Você poderia acordar a Erika? Preciso falar com ela.

Lars Beckman imaginou que, se Mikael Blomkvist vencera sua resistência a vir a Saltsjöbaden e encontrar com ele, algo fora do comum estava acontecendo. Além disso, Mikael parecia muito necessitado de um drinque, ou pelo menos de uma cama para recuperar o sono atrasado. Portanto abriu a porta e o fez entrar.

—O que aconteceu? - perguntou.

Antes que Mikael tivesse tempo de responder, Erika Berger desceu a escada, atando o cinto de um roupão atoalhado branco. Estacou a meio caminho quando viu Mikael no hall de entrada.

—Mikael! O que aconteceu?

—Dag Svensson e Mia Bergman - disse Mikael.

Sua fisionomia revelou imediatamente que notícia ele vinha trazer.

—Não!

Ela tapou a boca com a mão.

—Estou vindo da delegacia. Dag e Mia foram assassinados esta noite.

—Assassinados?! - exclamaram Erika e Lars a uma só voz. Erika lançou um olhar cético para Mikael.

—Você quer dizer assassinados mesmo? Mikael meneou a cabeça pesadamente.

—Alguém entrou no apartamento de Enskede e deu um tiro na cabeça deles. Fui eu que encontrei os dois.

Erika sentou-se num degrau da escada.

—Eu não queria que você ficasse sabendo pelo noticiário da manhã - disse Mikael.

Faltava um minuto para as sete, na manhã daquela quinta-feira, quando Mikael e Erika chegaram à redação da *Millennium.* Erika ligara para Christer Malm a fim de acordá-lo, assim como para a assistente de redação Malu Eriksson, comunicando que Dag e Mia haviam sido mortos naquela noite. Ambos moravam perto, já tinham chegado na redação e ligado a cafeteira elétrica na copa.

—Mas afinal que história é essa? - perguntou Christer Malm. Malu Eriksson agitou a mão para que se calassem e aumentou o volume do noticiário das sete.

Duas pessoas, um homem e uma mulher, foram mortos a tiros tarde da noite de ontem num apartamento em Enskede. A polícia confirma tratar-se de um duplo assassinato. Nenhuma das vítimas

era conhecida da polícia. Ignora-se totalmente o motivo. Nossa repórter Hanna Olofsson está no local.

Pouco antes da meia-noite, a polícia foi alertada sobre disparos ocorridos num prédio da Björneborgsvagen, aqui em Enskede. De acordo com um vizinho, houve vários tiros no apartamento. Não foi dado nenhum tipo de explicação e até agora ninguém foi preso. A polícia interditou o apartamento e o exame técnico está em andamento.

—Bem conciso - disse Malu, baixando o volume.

E então desatou em prantos. Erika pôs um braço em volta dos seus ombros.

—Puta merda, que horror! - disse Christer Malm, dirigindo-se a ninguém em particular.

—Sentem-se - disse Erika Berger com voz firme. —Mikael... Mikael contou uma vez mais o que acontecera durante a noite. Com voz monocórdia e na prosa neutra de jornalista, descreveu a descoberta dos corpos de Dag e Mia.

—Puta merda, que horror - repetiu Christer Malm. —Isso é uma loucura.

Malu se deixou novamente dominar por seus sentimentos. Recomeçou a chorar sem procurar esconder as lágrimas.

—Desculpem - disse ela.

—Sabe, eu também estou com vontade de chorar - disse Christer. Mikael se perguntou por que não conseguia chorar. Sentia apenas um imenso vazio, mais ou menos como se estivesse anestesiado.

—Por enquanto não sabemos muito - disse Erika Berger. —Precisamos discutir duas coisas. Primeiro, estamos para imprimir o trabalho do Dag Svensson daqui a três semanas. Seguimos com isso? Podemos publicar? Primeira questão. Sobre a segunda, Mikael e eu já começamos a conversar no caminho para cá.

—Não sabemos o porquê desses assassinatos - disse Mikael. - Pode ser alguma coisa na vida particular do Dag e da Mia ou obra de um demente. Mas não podemos excluir que talvez tenha alguma relação com o trabalho deles.

Fez-se um silêncio em volta da mesa. Por fim, Mikael clareou a garganta.

—Estamos, portanto, prestes a publicar um assunto superindigesto, revelando o nome de pessoas que fazem questão de não serem ligadas a essa história. Dag começou a entrevistá-las duas semanas atrás. A minha idéia é que uma dessas...

—Espere - disse Malu Eriksson. —Estamos denunciando três tiras, sendo que um deles trabalha na Säpo e outro na Polícia de Costumes, vários advogados, um procurador e um juiz, e alguns jornalistas nojentos conhecidos. Você está querendo dizer que um deles teria cometido um duplo assassinato para impedir a publicação do livro?

—Sim, não, não sei - disse Mikael, pensativo. —Eles têm um bocado a perder, mas num primeiro impulso eu diria não ser muito esperto da parte deles achar que podem abafar uma história como essa matando um jornalista. Mas a gente também está denunciando um bom número de cafetões e, mesmo usando nomes fictícios, não é muito difícil perceber quem são eles. Alguns já foram condenados por violência.

—Certo - disse Christer. —Mas você descreveu esses assassinatos como verdadeiras execuções. Se entendi bem o que o Dag Svensson tentava mostrar em seu livro é que se trata de um pessoal que não prima pela inteligência. Seriam capazes de cometer um duplo assassinato e se safarem?

—Tem que ser inteligente para usar um berrante? - perguntou Malu.

—Estamos especulando sobre algo que não sabemos - interrompeu Erika Berger. —Mas temos que nos colocar essa pergunta. Se os artigos do Dag - ou, por outra, a tese da Mia - foram o motivo desses assassinatos, precisamos reforçar a segurança aqui da redação.

—E há uma terceira questão - disse Malu. —Será que temos de informar esses nomes à polícia? O que você contou para eles esta noite?

—Respondi a todas as perguntas que me fizeram. Contei sobre o trabalho do Dag, mas não me pediram detalhes e eu não citei nenhum nome.

—É, sem dúvida, o que a gente deveria fazer - disse Erika Berger.

—Não é tão simples - respondeu Mikael. —A rigor, podemos fornecer uma lista de nomes, mas o que a gente vai fazer se a polícia perguntar como chegamos a eles? Não temos o direito de revelar fontes que desejam permanecer anônimas. Isso envolve várias garotas com as quais a Mia conversou.

—Que confusão!- disse Erika. —Voltamos à primeira pergunta - publicamos ou não publicamos?

Mikael levantou a mão.

—Esperem. Podemos até votar, mas acontece que eu sou o editor responsável pela publicação e pela primeira vez na vida estou pretendendo tomar uma decisão sozinho. A resposta é não. Não podemos publicar esse número. É absolutamente impossível se ater ao que estava planejado.

Um silêncio caiu em volta da mesa. Ele prosseguiu:

—Ou, para ser mais exato, tenho muita vontade de publicar, mas na certa, vamos ter que alterar um bocado de coisas. O Dag e a Mia é que respondiam pela maior parte da documentação, e o tema se baseava no fato de que Mia pretendia dar queixa contra as pessoas que iríamos citar. Ela era a especialista na matéria. E nós?

A porta de entrada bateu e Henry Cortez apareceu à porta da sala.

—São o Dag e a Mia? - ele perguntou, ofegante. Todos menearam a cabeça.

—Puta merda. É uma loucura total!

—Como você ficou sabendo? - perguntou Mikael.

—Saí ontem à noite com a minha namorada, e a gente estava voltando para casa quando escutou no rádio do táxi. Os tiras queriam saber se algum motorista tinha pego um cliente naquela região. Reconheci o endereço. Eu tinha que vir.

Henry Cortez parecia tão abalado que Erika se levantou e o abraçou antes de mandá-lo sentar-se. Ela retomou a palavra.

—Acho que o Dag teria gostado que a gente publicasse a história dele.

—E eu acho que a gente deve publicar. O livro, sem nem pensar duas vezes. Mas na atual situação, vamos ter que adiar a publicação.

—E o que a gente vai fazer? - perguntou Malu. —Não é só um artigo que vai ter que ser alterado; é um número temático, vamos precisar refazer toda a revista.

Erika ficou um instante em silêncio. Então sorriu. Seu primeiro sorriso exausto do dia.

—Você estava contando com uns dias feriados na Páscoa, Malu? - ela perguntou. —Pode esquecer. Vamos fazer o seguinte... Você, Malu, eu e o Christer vamos pensar num número totalmente novo, sem Dag Svensson. Quem sabe conseguimos pegar alguns textos que estavam previstos para o número de junho. Mikael... Quantos capítulos prontos do livro do Dag Svensson você tem em mãos?

—Estou com a versão final de nove capítulos, de um total de doze. Estou com a penúltima versão dos capítulos dez e onze. Dag estava para me mandar por e-mail as versões finais, vou ver na minha caixa postal, mas só tenho fragmentos do capítulo doze, que é o último. É onde ele ia fazer uma síntese e apresentar suas conclusões.

—Mas você e o Dag tinham discutido todos os capítulos.

—Eu sei o que ele pretendia escrever, se é o que você quer dizer.

—Bem, você vai cuidar dos textos - do livro e do artigo. Quero saber o quanto falta e se temos como reconstituir o que Dag não teve tempo de entregar. Será que você consegue me dar uma estimativa ainda hoje?

Mikael meneou a cabeça.

—Também quero que você pense sobre o que a gente vai dizer à polícia. Defina o que é inofensivo e a partir de que ponto começamos a ferir a proteção das fontes. Ninguém aqui da revista está autorizado a falar enquanto você não der o seu aval.

—Acho que está bem assim - disse Mikael.

—Você acredita mesmo que o trabalho do Dag pode ter motivado o assassinato dos dois?

—Ou a tese da Mia... não sei. Mas não dá para descartar essa possibilidade.

Erika Berger refletiu um instante.

—Não, não dá para descartar. Você assume as rédeas.

—Que rédeas?

—Da investigação.

—Que investigação?

—A nossa, a nossa investigação, porra! - De repente, Erika Berger ergueu a voz. —O Dag Svensson era jornalista e trabalhava para a *Millennium.* Se ele foi morto por causa do trabalho, quero saber. Vamos tentar descobrir o que aconteceu. Você se encarrega disso. Para começar, revise todo o material que Dag Svensson nos passou e procure ver se o motivo do crime pode estar ali.

Virou-se para Malu Eriksson.

—Malu, se você me ajudar a esboçar um número novo a partir de hoje, Christer e eu faremos o grosso do trabalho. Mas você trabalhou bastante com o Dag Svensson e nos demais textos do número monográfico. Quero que acompanhe o andamento da investigação policial com o Mikael.

Malu Eriksson meneou a cabeça.

—Henry... você poderia trabalhar hoje?

—É claro.

—Para começar, ligue para os outros colaboradores da *Millennium* e dê a notícia a eles. Depois ligue para a polícia para tentar descobrir em que pé estão as coisas. Tente descobrir se está prevista uma coletiva de imprensa. A gente tem que se manter a par dos acontecimentos.

—Certo. Primeiro vou ligar para o nosso pessoal, depois dou um pulo até em casa para tomar um banho e comer alguma coisa. Volto em quarenta e cinco minutos, a menos que de lá eu vá direto para a delegacia de Kungsholmen.

—Ficamos em contato durante o dia. Fez-se um breve silêncio em volta da mesa.

—Bem disse Mikael por fim. —Terminamos?

—Acho que sim - disse Erika. —Você está com pressa?

—Estou. Preciso dar um telefonema.

Harriet Vanger estava tomando um café da manhã composto de café e torradas com queijo e geleia de laranja na varanda envidraçada da casa de Henrik Vanger, em Hedeby, quando seu celular tocou. Ela atendeu sem olhar para a tela.

—Bom dia, Harriet - disse Mikael Blomkvist.

—Ora essa. Achei que você era dessas pessoas que nunca se levantam antes das oito.

Exato, desde que eu tenha ido dormir. O que não é o caso hoje. Aconteceu alguma coisa? Você não viu o noticiário? Mikael fez um breve resumo dos acontecimentos daquela noite. Que horror - disse Harriet Vanger. —Como é que você está? Obrigado por perguntar. Já estive melhor. Mas estou te ligando porque afinal você integra o conselho administrativo da *Millennium* e é justo que você seja informada do que está acontecendo. Aposto que logo algum jornalista vai descobrir que fui eu que encontrei os corpos, o que vai gerar especulações, e quando souberem que o Dag vinha trabalhando para a gente numa revelação de peso, vão chover perguntas.

—Você quer dizer que eu preciso estar preparada. O que eu estou autorizada a falar?

—A verdade. Você foi informada do que aconteceu. Esses assassinatos brutais te deixaram chocada, claro, mas como você não está por dentro do trabalho da redação não pode comentar sobre essas especulações. Cabe à polícia solucionar o crime, não à *Millennium.*

—Obrigada por me avisar. Posso ajudar em alguma coisa?

—Por enquanto não. Qualquer coisa eu te digo.

—Está bem, Mikael... me mantenha informada, por favor.

13 - QUINTA-FEIRA SANTA 24 DE MARÇO

Às sete horas da Quinta-feira Santa, a responsabilidade formal pelo inquérito preliminar sobre o duplo assassinato de Enskede fora parar na mesa do procurador Richard Ekström. O procurador de plantão da noite, um jurista relativamente jovem e inexperiente, entendera que os assassinatos de Enskede extrapolavam, e muito, o padrão. Telefonara para acordar o procurador-adjunto do departamento, que por sua vez acordou o adjunto do secretário de segurança do departamento. Em comum acordo decidiram passar o caso para um procurador zeloso e experiente. A escolha recaiu sobre Richard Ekström, de quarenta e dois anos.

Ekström era um homem magro e atlético de um metro e sessenta e sete, tinha cabelos loiros e finos e usava cavanhaque. Estava sempre impecavelmente vestido e, devido à sua baixa estatura, andava com sapatos de salto compensado. Iniciara a carreira de jurista como adjunto do procura dor de Uppsala, onde fora recrutado como investigador pelo Ministério Justiça para adaptar a lei sueca à União Européia. Saíra-se tão bem que fora nomeado chefe de seção. Sobressaíra-se num inquérito sobre as disfunções da segurança judiciária, quando clamara antes por mais eficiência do que pelo aumento de recursos exigido por algumas autoridades. Depois de quatro anos no Ministério da Justiça, passara para o Ministério Público de Estocolmo, onde cuidara de vários casos ligados a assaltos sensacionais ou a crimes de sangue.

No interior da administração, era considerado um socialdemocrata, mas na verdade Ekström era absolutamente alheio a política partidária. Começava a despertar certo interesse na mídia, e nos corredores do poder era um homem que seus superiores observavam de perto. Era definitivamente um candidato potencial para altos cargos e dispunha de uma ampla rede de contatos tanto no meio político como policial. Entre os policiais, as opiniões sobre os talentos de Ekström eram divididas. Seus relatórios ao Ministério de Justiça não apoiavam em nada os grupos que, dentro da polícia, defendiam que a melhor maneira de garantir a segurança judiciária era recrutar um número maior de policiais. Por outro lado, Ekström

se sobressaía por sua absoluta firmeza quando conduzia um caso ao tribunal.

Informado pela Criminal sobre os acontecimentos da noite em Enskede, Ekström logo concluiu que aquele era um caso que sem dúvida alguma mexeria fortemente com a mídia. Não se tratava de assassinatos comuns. As vítimas eram uma pesquisadora em criminologia prestes a defender sua tese e um jornalista - palavra que ele detestava ou adorava, conforme a situação.

Pouco depois das sete horas, Ekström teve uma rápida conversa telefônica com o chefe da Criminal regional. Às sete e quinze, pegou o telefone e acordou o inspetor Jan Bublanski, apelidado de Bubolha pelos colegas. Bublanski estava tirando uns dias de folga na Semana Santa para compensar as inúmeras horas extras que acumulara ao longo do ano, mas pediram que interrompesse seu feriado e se apresentasse imediatamente na superintendência da polícia para dirigir as investigações no inquérito dos assassinatos de Enskede.

Bublanski tinha cinquenta e dois anos e trabalhara mais da metade da vida como policial, desde os vinte e três anos. Passara seis anos numa viatura fazendo patrulhas, fora nomeado para a repressão do tráfico de armas e roubos antes de fazer alguns cursos de formação permanente e integrar a seção de crimes violentos na Criminal regional. Nos últimos dez anos, participara precisamente de trinta e três investigações de assassinato ou homicídio. Das dezessete que comandara, catorze foram elucidadas e duas consideradas elucidadas do ponto de vista policial, o que significava que a polícia sabia quem era o culpado, mas não tinha provas suficientes para levá-lo à Justiça. Bublanski e seus colaboradores haviam fracassado em um único caso, seis anos antes. O caso de um alcoólatra, encrenqueiro notório, apunhalado na sua residência, em Bergshamra. O local do crime era um pesadelo de impressões digitais e vestígios de DNA de dezenas de indivíduos que, ao longo dos anos, tinham bebido ou brigado naquele apartamento. Bublanski e seus colegas estavam convencidos de que o assassino pertencia ao círculo de amigos suspeitos do homem, todos alcoólatras e toxicômanos, mas, apesar de um intenso trabalho de investigação, o

assassino continuava escarnecendo a polícia. 0 caso, na verdade, estava arquivado.

Ao todo, Bublanski somava uma boa percentagem de êxito e era visto entre os colegas como particularmente qualificado.

Os colegas, porém, consideravam-no um tipo original, em boa parte porque era judeu e usava um quipá em algumas festas da superintendência da polícia. Isso um dia suscitara o comentário de um superintendente, atualmente aposentado, de que era inadequado usar um quipá na superintendência, assim como não aceitaria que um policial andasse por aí de turbante. No entanto, nunca chegou a existir uma verdadeira discussão sobre o assunto. Um jornalista que havia interceptado o comentário começou a fazer perguntas, o que levou o superintendente depressa a se retirar para a sua sala.

Bublanski pertencia à comunidade do Söder, e pedia refeições vegetarianas caso não houvesse comida *kasher.* Mas não era ortodoxo a ponto de não trabalhar no dia do sabá. Desde o primeiro instante, Bublanski percebeu que o duplo assassinato de Enskede não seria uma investigação rotineira. Richard Ekström tivera uma conversa particular com ele assim que cruzara a porta, pouco depois das oito horas.

—Parece ser uma história pesada - disse Ekström, cumprimentando-o. —O casal assassinado era um jornalista e uma criminologista. E não é só isso. Foi também um jornalista quem os encontrou.

Bublanski meneou a cabeça. Era praticamente uma garantia de que o caso seria acompanhado de perto e esmiuçado pela mídia.

—E, para completar, o jornalista que encontrou o casal é Mikael Blomkvist, da *Millennium.*

—Uau! - exclamou Bublanski.

—Conhecido por todo aquele barulho em torno do caso Wennerström.

—Já se tem alguma idéia de qual foi o motivo?

—Até o momento, nenhuma. As vítimas não são conhecidas nos nossos serviços. Tudo indica que era um casal tranqüilo. A mulher estava para defender a tese em breve. Resumindo: prioridade máxima para esse caso.

Bublanski meneou a cabeça. Para ele, qualquer homicídio sempre tinha prioridade absoluta.

—Vamos destacar uma equipe para o caso. Você vai ter que trabalhar depressa e eu vou cuidar para que disponha de todos os recursos. O Hans Faste e o Curt Bolinder vão te auxiliar. Também vamos chamar o Jerker Holmberg. Ele está trabalhando no assassinato de Rinkeby, mas parece que o culpado fugiu para o exterior. O Holmberg é um investigador sem igual nas cenas dos crimes. Se for preciso, você também pode apelar para os investigadores da Criminal Nacional.

—Eu queria a Sonja Modig.

—Ela não é meio jovem?

Bublanski ergueu uma sobrancelha e encarou Ekström, surpreso.

—Tem trinta e nove anos, ou seja, só alguns anos menos que você, e além disso é espertíssima.

—Está bem, escolha quem quiser para a sua equipe, mas seja rápido. A direção já se manifestou.

Isso Bublanski considerou um exagero descarado. Àquela hora da manhã, a direção nem sequer tinha tido tempo de sair da mesa do café da manhã.

A investigação policial começou de fato com uma reunião, pouco antes das nove horas, em que o inspetor Bublanski reuniu sua tropa numa sala da Criminal regional. Bublanski contemplou a equipe. Não estava inteiramente satisfeito com sua composição.

Das pessoas presentes, Sonja Modig era em quem ele mais confiava. Ela estava na polícia havia doze anos, dos quais quatro na Brigada de Crimes Violentos, onde participara de várias investigações dirigidas por Bublanski. Era minuciosa e metódica, mas Bublanski percebera rapidamente que também possuía a qualidade que ele considerava mais preciosa nas investigações difíceis: imaginação e capacidade de fazer associações. Em pelo menos dois casos complexos, Sonja Modig estabelecera ligações estranhas e um pouco forçadas que os demais haviam deixado passar e que trouxeram novas possibilidades à investigação. Além disso, Sonja Modig possuía um humor espirituoso que Bublanski apreciava.

Bublanski também estava satisfeito em ter Jerker Holmberg na equipe. Com cinquenta e cinco anos, Holmberg era originário de Angermanland. Era um homem direto e tedioso, totalmente desprovido dessa imaginação que tornava Sonja Modig tão preciosa. Em compensação, talvez fosse, na opinião de Bublanski, o melhor investigador de cenas do crime de toda a polícia sueca. Haviam trabalhado juntos em várias investigações ao longo dos anos, e Bublanski estava convicto de que se havia alguma coisa para ser encontrada no local do crime, Holmberg a encontraria. Sua primeira tarefa, portanto, seria assumir o comando das operações no apartamento de Enskede.

Bublanski conhecia muito pouco seu colega Curt Bolinder. Era um homem forte e taciturno, de cabelo loiro tão curto que de longe parecia totalmente calvo. Bolinder tinha trinta e oito anos e acabava de chegar à Brigada depois de passar vários anos na polícia de Huddinge investigando gangues criminosas. Tinha fama de ter pavio curto e pulso de ferro, o que era um eufemismo para dizer que ele talvez empregasse com sua clientela métodos não totalmente conformes ao regulamento. Dez anos antes, Curt Bolinder fora indiciado por golpes e ferimentos, mas a investigação o inocentara inteiramente.

A reputação de Curt Bolinder se baseava em outro incidente. Em outubro de 1999 ele estivera em Alby, juntamente com um colega, para prender um delinquente da região para interrogatório. O sujeito já era conhecido da polícia. Fazia vários anos que vinha espalhando o terror entre os vizinhos de seu prédio, e seu comportamento ameaçador resultara em algumas queixas contra ele. Graças a uma informação recebida pela polícia, ele agora era suspeito de ter assaltado uma loja em Norsborg. A intervenção, relativamente simples, desandou por completo quando o sujeito puxou uma faca em vez de acompanhar docilmente os policiais. O colega ficara com vários ferimentos nas mãos ao tentar enfrentá-lo, e com o polegar esquerdo decepado, antes que o malfeitor voltasse a atenção para Curt Bolinder, que pela primeira vez em sua carreira foi obrigado a usar sua arma de serviço. Deu três tiros. O primeiro foi um aviso. O segundo, disparado com o objetivo de atingir o malfeitor, errara o alvo, o que era um feito, considerando-se que a

distância não chegava a três metros. O terceiro tiro, em compensação, atingiu o sujeito rompendo sua aorta, e em poucos minutos o homem sucumbira a uma hemorragia interna. A investigação que se seguiu eximiu Curt Bolinder de qualquer responsabilidade, mas o fato deu ensejo a uma polêmica na mídia que focalizava o monopólio estatal da violência e na qual Curt Bolinder foi citado no mesmo nível que os dois policiais espancadores do caso Osmo Vallo.

De início Bublanski se mostrara reticente em relação a Curt Bolinder, mas passados seis meses ainda não descobrira o que quer que fosse que merecesse sua crítica direta ou sua ira. Pelo contrário, Bublanski aos poucos passara a nutrir certo respeito por sua competência taciturna.

O último membro da equipe de Bublanski era Hans Faste, quarenta e sete anos e veterano da Brigada de Crimes Violentos havia quinze anos. Faste era o motivo direto da insatisfação de Bublanski com a composição da equipe. Faste tinha um lado positivo e outro negativo. O positivo era sua grande experiência e o fato de estar acostumado a investigações complexas. O negativo, segundo Bublanski, era ele ser egocêntrico, adepto de um humor meio pesado capaz de aborrecer qualquer pessoa normal, em particular o próprio Bublanski. O caráter e as atitudes de Faste simplesmente não lhe agradavam. Ainda assim, quando bem controlado, era um investigador competente. Além disso, tornara-se uma espécie de mentor para Curt Bolinder, que não parecia se incomodar com seu lado reclamão. Não raro trabalhavam em dupla nas investigações.

Também tinham sido convidados para a reunião a inspetora Anita Nyberg, da Criminal de plantão, para relatar o interrogatório de Mikael Blomkvist que ela conduzira na noite anterior, e o delegado Oswald Mârtensson, para informar sobre todos os acontecimentos, desde que tinham recebido o chamado. Estavam ambos esgotados e queriam ir para casa dormir o quanto antes, mas Anita Nyberg já obtivera fotos do local do crime e as fez circular pela equipe.

Meia hora depois, já tinham uma idéia do desenrolar dos fatos. Bublanski resumiu a situação:

—Ainda no aguardo da análise técnica do local, que está em andamento, os fatos parecem ser os seguintes... uma pessoa desconhecida, que não foi vista por nenhum vizinho ou testemunha, entrou num apartamento em Enskede e matou o casal Svensson e Bergman.

—Ainda não sabemos se a arma encontrada é a arma do crime, mas já foi para o laboratório - disse Anita Nyberg. —Prioridade absoluta. Encontramos também, na parede, relativamente intacto, um fragmento da bala que atingiu Dag Svensson. Em compensação, a bala que matou Mia Bergman está tão espedaçada que duvido que dê para aproveitar alguma coisa.

—Obrigado por esse pouco. Um Colt Magnum, um maldito revólver de caubói que devia ser totalmente proibido. Já temos o número de série?

—Ainda não - disse Oswald Mårtensson. —Mandei a arma e o fragmento da bala direto para o laboratório por um portador especial. Achei melhor eles olharem em vez de eu começar a mexer na arma.

—Está certo. Ainda não tive tempo de ir ao local, mas vocês dois estiveram lá. Quais são suas conclusões?

Anita Nyberg e Oswald Mårtensson trocaram um olhar. Nyberg deixou que seu colega mais velho respondesse.

—Em primeiro lugar, achamos que o assassino estava sozinho. Trata-se de uma verdadeira execução, não de um assassinato comum. A sensação é de que alguém tinha um motivo muito forte para matar Svensson e Bergman, e agiu com muita calma.

—E o que te faz pensar assim? - inquiriu Hans Faste.

—O apartamento estava limpo e em ordem. Não foi um assalto, não houve luta corporal ou coisa assim. Foram disparadas duas balas, e as duas atingiram o alvo bem na cabeça, com muita precisão. Logo, estamos lidando com alguém que sabe manejar uma arma.

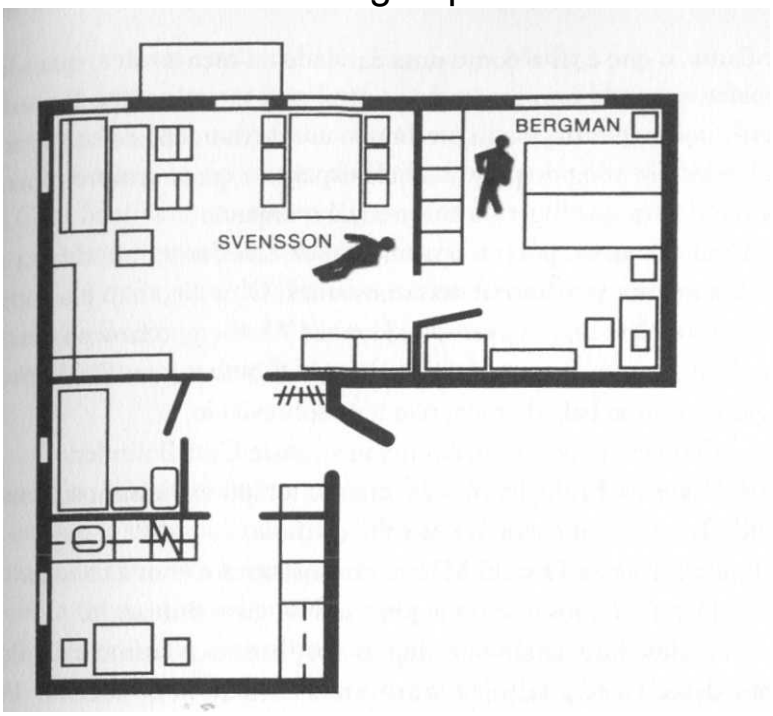
—Certo.

—Se a gente der uma olhada aqui no desenho... fizemos uma simulação no local em que o homem, Dag Svensson, foi morto, de muito perto... podemos dizer que foi à queima-roupa. Há queimaduras muito claras em volta do ferimento penetrante. Eu diria

que ele foi morto primeiro. Foi projetado contra a mesa de jantar. O assassino provavelmente estava na porta do hall ou na entrada da sala.

—Certo.

—De acordo com as testemunhas, os tiros se sucederam em alguns segundos. Mia Bergman foi morta de longe. Estava provavelmente na porta do quarto e tentou se desviar. A bala atingiu sua orelha esquerda e saiu logo acima do olho direito. A violência do impacto a impeliu para dentro do quarto onde foi encontrada. Ela caiu na beirada da cama e escorregou para o chão.



—Um atirador acostumado a manejar armas - confirmou Faste.

—É mais que isso. Não há nenhuma pegada indicando que o assassino tenha entrado no quarto para verificar quem ele acabava de matar. Ele sabia que a tinha atingido, virou as costas e saiu do apartamento. Foram dois tiros, dois mortos, e em seguida ele foi embora.

—Sim?

—Sem querer me adiantar à análise técnica, desconfio que o assassino usou munição de caça. A morte deve ter sido instantânea. As duas vítimas apresentam ferimentos pavorosos.

Houve um breve silêncio em volta da mesa. Nenhum dos presentes precisava ser lembrado de que existem dois tipos de

munição - balas duras inteiramente cobertas de metal, que atravessam o corpo de lado a lado causando um estrago relativamente modesto, e munições flexíveis que se dilatam dentro do corpo e causam um estrago enorme. Há uma imensa diferença entre o estrago que uma bala de nove milímetros de diâmetro pode causar e o de uma bala que se expande até dois ou três centímetros. Este tipo é chamado “munição de caça”, ou “bala expansiva”, e seu objetivo é causar uma hemorragia abundante, o que é visto como uma caridade na caça ao alce, quando se trata de abater o animal o mais rápido possível sem que ele sofra. Por outro lado, as convenções internacionais proíbem o uso de munição de caça nas guerras, já que o infeliz atingido por uma bala expansiva quase sempre morre, pouco importando em que lugar do corpo se dá o impacto.

A polícia sueca, porém, em sua grande sabedoria, introduzira as munições de caça em seu arsenal dois anos antes. O motivo não era muito claro, mas o certo é que se, por exemplo, Hannes Westberg, o famoso manifestante atingido no ventre durante os tumultos de Göteborg em 2001, tivesse sido atingido por uma bala de caça, não teria sobrevivido.

—O objetivo, portanto, era matar - disse Curt Bolinder. Referia-se a Enskede, mas ao mesmo tempo expressava sua opinião no debate silencioso que ocorria em volta da mesa.

Anita Nyberg e Oswald Mârtensson assentiram com a cabeça.

—Depois, temos esse *timing* incrível - disse Bublanski.

—Exato. Imediatamente depois dos tiros, o assassino saiu do apartamento, desceu a escada, jogou a arma fora e sumiu noite adentro. Pouco depois, provavelmente em questão de segundos, Blomkvist e a irmã chegaram de carro.

—Hmm - fez Bublanski.

—Resta a possibilidade de o assassino ter saído pelo porão. Há uma porta de serviço que ele pode ter usado para chegar ao pátio e alcançar uma rua paralela, atravessando o gramado. Isso se ele tivesse a chave do porão.

—Existe alguma indicação de que ele tenha saído por lá?

—Não.

—Não temos nenhuma pista - disse Sonja Modig. —Mas por que ele jogou a arma fora? Se a tivesse levado - ou simplesmente jogado fora do prédio -, teríamos demorado para achar.

Todo mundo deu de ombros. Ninguém sabia responder àquela pergunta.

—O que pensar sobre Blomkvist? - perguntou Hans Faste.

—Ele estava manifestamente em estado de choque - disse Mârtensson. —Mas agiu de forma correta e coerente, deixou uma impressão positiva. A irmã dele confirmou o telefonema e o trajeto de carro. Não creio que **ELE** esteja envolvido no caso.

—É um jornalista conhecido - disse Sonja Modig.

—Isso vai fazer o maior barulho na imprensa - confirmou Bublanski. - Mais um motivo para solucionar o caso o mais depressa possível. Bem... Jerker, você, é claro, se encarrega do local do crime e dos vizinhos. Faste, você e o Curt ficam com as vítimas. Quem eram, profissão, círculo de amizades, quem teria motivo para matá-las? Sonja, nós dois vamos trabalhar nos depoimentos da noite passada. Depois você vai reconstituir a agenda de Dag Svensson e Mia Bergman nas vinte e quatro horas que antecederam o assassinato. Vamos tentar nos reunir de novo lá pelas duas e meia.

Quando se pôs ao trabalho, Mikael Blomkvist primeiro se instalou na sala que estivera à disposição de Dag Svensson durante a primavera. De início permaneceu um bom tempo parado, como se estivesse sem coragem de empreender a tarefa. Então ligou o computador.

Dag Svensson tinha seu próprio laptop e fizera boa parte do trabalho em casa, mas nos últimos tempos também ficara dois dias por semana na redação, ou até mais. Na *Millennium,* usara um antigo PowerMac G3 instalado na sala dos colaboradores. Mikael ligou a máquina e deparou com a miscelânea de coisas em que Dag Svensson estivera trabalhando. Ele usara o G3, sobretudo para pesquisas na internet, mas também havia ali vários arquivos que ele copiara do laptop. Por outro lado, mantinha um backup completo em dois discos ZIP que ele guardava numa gaveta fechada a chave. Todos os dias fazia uma cópia do material novo ou das atualizações.

Não tinha aparecido na redação por vários dias, e a última cópia de segurança datava do domingo à noite. Faltavam três dias.

Mikael fez uma cópia do disco ZIP e trancou-a no armário de sua própria sala. A seguir, passou quarenta e cinco minutos percorrendo o conteúdo do disco original, que continha cerca de trinta pastas e inúmeras subpastas. O conjunto representava quatro anos de pesquisa acumulada para o projeto de Dag Svensson sobre o tráfico de mulheres. Leu o nome dos arquivos e procurou o que poderia conter algum material *top secret* - ou seja, o nome das fontes protegidas de Dag Svensson. Reparou que Dag Svensson era escrupuloso com suas fontes.-.estava tudo reunido numa pasta denominada [**FONTES/SIGILO**]. A pasta continha cento e trinta e quatro arquivos de variados tamanhos - a maioria pouco volumosos. Mikael selecionou e apagou todos os arquivos. Não os enviou para a lixeira, e sim para um ícone do programa Burn, que apagava em modo seguro.

Em seguida verificou os e-mails de Dag Svensson. Dag ganhara um endereço temporário no *Millennium* que ele usava tanto na redação como em seu computador pessoal. Tinha uma senha particular, o que não constituía um problema, já que Mikael era o administrador da conta e tinha acesso ao servidor da caixa de mensagens. Baixou uma cópia da correspondência de Dag Svensson e gravou-a num CD.

Por fim, debruçou-se sobre a imensa papelada que incluía obras de referência, notas, recortes de jornal, julgamentos e correspondência que Dag Svensson fora acumulando no caminho. Para não deixar margem ao acaso, ligou a fotocopiadora e fez uma cópia de tudo que parecia ter alguma importância. O processo envolvia um bom milhar de páginas e lhe custou três horas.

Selecionou todo o material que, de uma forma ou de outra, poderia estar relacionado com uma fonte sigilosa. O resultado foi um pacotinho de mais de quarenta páginas A4, principalmente na forma de notas oriundas de dois blocos A4 que Dag Svensson mantivera guardados a chave em sua mesa. Mikael pôs esse pacote num envelope e o levou para a sua própria sala. Depois recolocou a sala de Dag Svensson em ordem.

Só então conseguiu relaxar, e desceu até o 7-Eleven para tomar um café e comer um pedaço de pizza. Imaginava, erroneamente, que a polícia logo iria aparecer para examinar o conteúdo da sala de Dag Svensson.

Bublanski foi brindado com um impulso inesperado nas investigações pouco depois das dez horas, quando o Dr. Lennart Granlund, do Laboratório Criminalístico de Estado, em Linkóping, telefonou.

—É sobre o duplo assassinato de Enskede. -Já?

—Recebemos a arma hoje cedo e ainda não terminei totalmente a análise, mas tenho uma informação que imagino deva interessá-lo.

—Que bom. Me conte tudo o que descobriu - pediu Bublanski, contendo a impaciência.

—A arma é um Colt 45 Magnum, fabricado nos Estados Unidos em 1981.

—A-há!

—Encontramos impressões digitais e, talvez, vestígios de DNA, mas a análise vai levar algum tempo. Também examinamos os projéteis que mataram o casal. Como era de se prever, as balas são mesmo dessa arma. Costuma ser assim, quando uma arma é encontrada na escada do local do crime. As balas estão superfragmentadas, mas conseguimos um pedacinho para poder comparar. Trata-se muito provavelmente da arma do crime.

—Uma arma ilegal, imagino. Você tem um número de série?

—A arma é absolutamente legal. Pertence a um advogado, o doutor Nils Bjurman, e foi comprada em 1983. Ele é membro do clube de tiro da polícia. Há um endereço em nome dele na Upplandsgatan, perto da Odenplan.

—Caramba!

—Encontramos várias digitais na arma. De pelo menos duas pessoas.

—A-há...

—É de se supor que um dos grupos de digitais seja de Bjurman, a não ser que a arma tenha sido roubada ou vendida, mas não há nenhuma indicação de que isso tenha acontecido.

—Ahã... Em outras palavras, temos um indício, como se diz nos filmes.

—Temos, nos nossos arquivos, uma ocorrência relacionada com a segunda pessoa. Digital do polegar e do indicador, mão direita.

—Quem é?

—Uma mulher nascida em 30 de abril de 1978. Foi detida por golpes e ferimentos no metrô da Gamla Stan em 1995. As digitais foram tiradas nessa ocasião.

—E ela tem nome?

—Sim. Lisbeth Salander.

Bublanski, vulgo Bubolha, ergueu as sobrancelhas e anotou o nome e a data de nascimento num bloco que havia em sua mesa.

Ao voltar para a redação depois do seu almoço tardio, Mikael Blomkvist foi direto trancar-se em sua sala, sinalizando assim que não queria ser incomodado. Ainda não tinha tido tempo de conferir todas as informações secundárias nos e-mails e anotações de Dag Svensson. No momento, precisava reavaliar o livro e os artigos com um novo olhar, considerando que seu autor estava morto e já não poderia responder às perguntas espinhosas.

Precisava tomar uma decisão sobre a publicação do livro, assim como descobrir se alguma coisa no meio do material poderia constituir o motivo do assassinato. Ligou o computador e se pôs ao trabalho.

Jan Bublanski ligou para o responsável pelo inquérito preliminar, Richard Ekström, para comunicar-lhe as novidades do laboratório. Decidiram que Bublanski e sua colega Sonja Modig entrariam em contato com o dr. Bjurman para uma conversa - que poderia se transformar em interrogatório ou, inclusive, em indiciamento, se fosse o caso -, ao passo que seus colegas Hans Faste e Curt Bolinder deveriam se concentrar em Lisbeth Salander, pedindo-lhe que explicasse como suas impressões digitais tinham ido parar na arma do crime.

Localizar o Dr. Bjurman de início não apresentou nenhum problema maior. Seu endereço constava no cadastro de contribuintes, no registro de armas e no registro de documentos de carros, além de figurar oficialmente na lista telefônica. Bublanski e

Modig foram até Odenplan e conseguiram entrar no prédio da Upplandsgatan na hora em que um rapaz saía.

Depois as coisas se complicaram. Quando tocaram a campainha, ninguém atendeu. Foram até o escritório de Bjurman, em Sankt Eriksplan, e repetiram a manobra, com o mesmo resultado frustrante.

—Ele talvez esteja no tribunal - sugeriu a inspetora Sonja Modig.

—Talvez tenha fugido para o Brasil depois de cometer um duplo homicídio - disse Bublanski.

Sonja Modig meneou a cabeça, enquanto olhava de esguelha para o colega. Sentia-se bem na companhia dele. De bom grado o aceitaria como amante se não fosse mãe de dois filhos e se, tal como Bublanski, não fosse casada e feliz no casamento. Olhando para as placas de latão das demais portas do andar, observou que havia um Norman, dentista, uma empresa de nome N-Consulting e um Rune Hâkansson, advogado.

Bateram à porta de Hâkansson.

—Bom dia, meu nome é Modig e esse é o inspetor Bublanski. Somos da polícia e estou tentando entrar em contato com seu colega e vizinho doutor Bjurman. Por acaso saberia onde podemos encontrá-lo? Hâkansson balançou a cabeça.

—Eu o tenho visto pouco nesses últimos tempos. Ele esteve muito doente há dois anos e praticamente interrompeu toda a sua atividade. A placa continua na porta, mas ele aparece aqui muito pouco, eu diria que a cada dois meses.

—Muito doente?

—Não sei bem. Era uma pessoa muito ativa, e de repente adoeceu. Câncer, sei lá. Não o conheço muito.

—O senhor acha, ou sabe que ele teve câncer? - perguntou Sonja Modig.

—Bem... não sei. Ele tinha uma secretária, Britt Karlsson, ou Nilsson, uma coisa assim. Uma mulher já de certa idade. Foi demitida, e foi ela quem me contou que ele tinha ficado doente, mas eu não sei exatamente o que era. Foi na primavera de 2003. Só voltei a vê-lo no final do ano, e ele tinha envelhecido uns dez anos,

estava magro, o cabelo tinha ficado grisalho... então eu pensei em câncer. Por quê? Ele fez alguma coisa?

—Não que a gente saiba - respondeu Bublanski. —Mas queremos falar com ele sobre um caso urgente.

Voltaram ao apartamento da Upplandsgatan e tocaram mais uma vez a campainha de Bjurman. Nenhuma resposta. Por fim, Bublanski pegou o celular e discou o número do celular de Bjurman. A resposta foi: o *número chamado não está disponível no momento. Por favor, tente mais tarde.*

Tentou o telefone fixo do apartamento. Do corredor, escutaram vagamente o toque do outro lado da porta, até que uma secretária eletrônica atendeu pedindo que fosse deixado um recado. Entreolharam-se e deram de ombros. Era uma da tarde.

—Um café?

—Melhor, um hambúrguer.

Foram até o Burger King da Odenplan. Sonja Modig comeu um Whopper e Bublanski pediu um hambúrguer vegetariano antes de voltarem para a superintendência.

O procurador Ekström convocou uma reunião em sua sala para as duas da tarde. Bublanski e Modig sentaram-se lado a lado na mesa de reunião, perto da janela. Curt Bolinder chegou dois minutos depois e sentou-se na frente deles. Jerker Holmberg entrou carregando uma bandeja cheia de copinhos de papelão com café. Tinha dado um pulo em Enskede e pretendia voltar para lá mais tarde, depois que os técnicos concluíssem seu trabalho.

—Onde está o Faste? - perguntou Ekström.

—Na Comissão de Assuntos Sociais. Ligou há cinco minutos para dizer que ia se atrasar um pouco - respondeu Curt Bolinder.

—Certo. Vamos começar sem ele. O que é que nós temos? - começou Ekström sem fazer cerimônia.

Apontou primeiro para Bublanski.

—Tentamos encontrar o doutor Nils Bjurman. Ele não estava nem em casa nem no escritório. Segundo um conhecido dele, ficou doente há dois anos e praticamente abandonou suas atividades.

Sonda Modig prosseguiu.

—Bjurman tem cinquenta e seis anos e nenhuma ficha criminal. Atua principalmente como advogado de empresas. Não tive tempo

de examinar o passado dele.

—Mas ele é mesmo o dono da arma usada em Enskede?

—Isso é certo. Tem porte de armas e é membro do clube de tiro da polícia - disse Bublanski, meneando a cabeça. —Falei com o Gunnarsson, do departamento de armas; é o presidente do clube e conhece muito bem o nosso homem. Bjurman se tornou membro em 1978 e atuou como tesoureiro de 1984 a 1992. Gunnarsson descreve Bjurman como excelente atirador, calmo, ponderado e muito direto.

—Interessado em armas?

—Segundo o Gunnarsson, Bjurman estava mais interessado na vida social do que no tiro propriamente dito. Gostava das competições, mas nunca passou a imagem de um fanático por armas. Em 1983, participou do campeonato sueco e ficou em décimo terceiro lugar. Nos dez últimos anos, sua presença no tiro diminuiu, só tem aparecido nas assembléias e coisas assim.

—Ele tem outras armas?

—Desde que se tornou membro do clube de tiro, obteve licença de porte para quatro armas de punho. Além do Colt, tinha uma Beretta, uma Smith & Wesson e uma pistola de competição da marca Rapid. Essas três foram vendidas há dez anos por intermédio do clube, e as licenças foram transferidas para outros membros. Nada irregular.

—Nós só não sabemos onde ele se encontra atualmente.

—É verdade. Mas só estamos procurando desde as dez da manhã. Talvez tenha ido passear em Djurgârden, ou esteja hospitalizado, ou seja lá o que for.

Nisso, chegou Hans Faste. Parecia sem fôlego.

—Desculpem o atraso. Tenho novidades, passo agora para vocês? Ekström fez um gesto convidando-o a falar.

—Lisbeth Salander é um nome realmente interessante. Passei o dia na Assuntos Sociais e na Comissão de Tutelas.

Tirou a jaqueta de couro e colocou-a no encosto da cadeira antes de se sentar e abrir um bloco de anotações.

—Comissão de Tutelas? - perguntou Ekström com o cenho franzido.

—É uma fulana superperturbada - disse Hans Faste. —Foi declarada incapaz e colocada sob tutela. E adivinhem quem é o tutor? —Fez uma pausa oratória. —O doutor Nils Bjurman, proprietário da arma usada em Enskede.

Todos franziram o cenho.

Hans Faste levou quinze minutos repassando as informações que reunira sobre Lisbeth Salander.

— Resumindo — disse Ekström, quando Faste concluiu —, temos na arma do crime as impressões digitais de uma mulher que passou a adolescência entrando e saindo do hospital psiquiátrico, que se supõe que ganhe a vida se prostituindo, declarada incapaz pelo tribunal e com tendência manifesta à violência. Como é que ela anda à solta pelas ruas?

—Ela apresentou tendências à violência desde a pré-escola - disse Faste. —Parece uma legítima psicopata.

—Mas ainda não temos nada que a vincule ao casal de Enskede. —Ekström tamborilou com a ponta dos dedos na mesa. —Bem, quem sabe esse duplo homicídio afinal não seja tão difícil de solucionar? Temos o endereço dessa Salander?

—Oficialmente, ela mora na Lundagatan, em Södermalm. O fisco informa que em alguns períodos trabalhou como assalariada na Milton Security, uma empresa de segurança.

—E que tipo de trabalho ela fazia?

—Não sei. Mas era um salário anual bastante modesto, por alguns anos. Faxineira, ou algo assim.

—Hmm - fez Ekström. —Logo saberemos. Mas, por enquanto, me parece urgente encontrar esta Salander.

—Concordo - disse Bublanski. - Mais tarde a gente cuida dos detalhes. Com que, então, temos um suspeito. Faste, você e o Curt corram para a Lundagatan e tentem pegar a Salander. Sejam prudentes - não se sabe se ela tem outra arma nem até que ponto vai a loucura dela.

—Combinado.

—Bubolha - interrompeu Ekström. —O chefe da Milton Security se chama Dragan Armanskij. Eu o conheci há alguns anos durante uma investigação. Pode confiar nele. Vá até lá e converse com ele

sobre a Salander. Deve dar tempo de você alcançá-lo antes de ele sair do escritório.

Bublanski parecia irritado, em parte porque Ekström tinha usado o seu apelido e também porque tinha formulado sua proposta como se fosse uma ordem. Seco, meneou a cabeça e voltou o olhar para Sonja Modig.

—Modig, continue procurando o doutor Bjurman. Pergunte nos apartamentos vizinhos. Acho que também é urgente encontrá-lo.

—Está bem.

—Temos que encontrar a ligação entre Salander e o casal de Enskede. E teríamos que conseguir situar Salander em Enskede na hora do crime. Jerker, pegue umas fotos dela para mostrar aos vizinhos. Operação porta a porta no final da tarde. Leve uns policiais uniformizados com você.

Bublanski fez uma pausa e coçou a nuca.

—Caramba, com alguma sorte a gente resolve essa confusão ainda hoje. E eu que achei que ia ser um caso arrastado.

—Outra coisa - disse Ekström. —A mídia está nos pressionando. Prometi uma coletiva às quinze horas. Posso cuidar disso, se alguém da assessoria de imprensa me ajudar. Imagino que alguns jornalistas liguem direto para vocês. Salander e Bjurman ficam em sigilo até segunda ordem.

Todos menearam a cabeça.

Dragan Armanskij planejara deixar o escritório mais cedo que de costume. Era Quinta-feira Santa, e ele e a mulher planejavam passar o feriadão da Páscoa na casa de campo em Blidö. Acabava de fechar sua pasta de documentos e vestir o casaco quando a recepção ligou, avisando que um certo inspetor Jan Bublanski desejava vê-lo. Armanskij não conhecia Bublanski, mas o fato de haver um policial procurando por ele bastou para ele soltar um suspiro e recolocar o casaco no cabide. Não estava com a menor vontade de atender o visitante, porém a Milton Security não podia se dar ao luxo de esnobar a polícia. Foi receber Bublanski no elevador.

—Obrigado por me ceder um pouco do seu tempo - disse Bublanski à guisa de cumprimento. —Meu chefe, o procurador Richard Ekström, mandou lembranças.

Apertaram-se as mãos.

—Ekström. Sim, de fato, estivemos em contato uma ou duas vezes. Já faz alguns anos. Aceita um,.café?

Armanskij parou na frente da máquina antes de abrir a porta de sua sala e convidar Bublanski a sentar-se na confortável poltrona dos visitantes, perto da janela.

—Armanskij... é um nome russo? - perguntou Bublanski, curioso. —O meu nome também é, com *ski.*

—*A* minha família é de origem armênia. E a sua?

—Polonesa.

—No que posso ajudá-lo?

Bublanski pegou um bloco de anotações e abriu-o.

—Estou investigando o duplo homicídio de Enskede. Imagino que já tenha visto o noticiário de hoje.

Armanskij aquiesceu com um gesto de cabeça.

—O Ekström me disse que o senhor é discreto.

—Na minha posição, não vale a pena brigar com a polícia. Sei ficar de boca fechada, se é o que quer saber.

—Muito bem. Nesse momento, estamos procurando uma pessoa que trabalhou para o senhor. O nome dela é Lisbeth Salander. O senhor a conhece?

Armanskij sentiu de repente uma bola de cimento se formando em sua barriga. Permaneceu impassível.

—Por que estão procurando a senhorita Salander?

—Digamos que temos motivos para considerá-la interessante para a investigação.

A bola de cimento na barriga de Armanskij se dilatou. A dor era quase física. Desde a primeira vez em que vira Lisbeth Salander, tivera um forte pressentimento de que a vida daquela moça se encaminhava para uma catástrofe. Mas sempre a vira como vítima, não como culpada. Seu rosto continuava impassível.

—Vocês suspeitam que Lisbeth Salander tenha cometido o duplo assassinato de Enskede, é isso? Estou entendendo direito?

Bublanski hesitou por um instante antes de concordar com a cabeça.

—O que pode me dizer sobre Salander?

—O que quer saber?

—Para começar... onde ela pode ser encontrada?

—Ela mora na Lundagatan. Preciso verificar o endereço exato. Tenho o número do celular dela.

—O endereço nós já temos. O número do celular nos interessa. Armanskij procurou o número no caderno de endereços. Leu em voz alta enquanto Bublanski anotava.

—Ela trabalhava para o senhor.

—Como *freelancer.* De vez em quando passava um ou outro serviço para ela. Isso de 1998 até mais ou menos um ano e meio atrás.

—Que tipo de serviço?

—Pesquisa.

Bublanski ergueu os olhos do bloco de anotações com um ar espantado.

—Pesquisa? - repetiu.

—Investigações sobre pessoas, para ser mais preciso.

—Um momento... estamos falando da mesma moça? - perguntou Bublanski. —A Lisbeth Salander que estamos procurando nem concluiu o segundo grau e foi declarada incapaz.

—Não se diz mais “declarada incapaz” - observou Armanskij suavemente.

—Não me interessa como se diz. De acordo com os dados de arquivo, a moça que estamos procurando parece ser tremendamente perturbada e ter predisposição à violência. Além disso, há um relatório da Comissão de Assuntos Sociais dando a entender que ela se prostituía no final dos anos 1990. Nada no dossiê dela indica que pudesse ter um trabalho qualificado.

—Os dossiês são uma coisa. Os seres humanos são outra.

—Quer dizer que ela é qualificada para fazer investigações sobre pessoas para a Milton Security?

—Não só isso. É incontestavelmente a melhor investigadora que eu conheço.

Devagar, Bublanski colocou a caneta de lado e franziu a testa.

—O senhor parece que... a respeita bastante.

Armanskij olhou para as próprias mãos. A pergunta o punha diante de uma encruzilhada. Ele sempre soubera que mais cedo ou mais tarde Lisbeth Salander se veria em maus lençóis. Ele tinha a maior dificuldade em entender o que poderia tê-la envolvido no

duplo assassinato de Enskede - quer como culpada, quer como cúmplice -, mas era obrigado a admitir que pouco sabia da vida pessoal dela. No *que é que ela foi se meter?* Armanskij lembrou de sua súbita visita à empresa, quando misteriosamente afirmara que tinha dinheiro suficiente para se virar e não estava precisando de trabalho.

O mais prudente, o mais sensato naquele momento, era permanecer distante de tudo que dizia respeito à Lisbeth Salander, tanto do ponto de vista pessoal como, e principalmente, da Milton Security. Armanskij ponderou que Lisbeth Salander era sem dúvida a criatura mais sozinha que ele conhecia.

—Respeito à competência dela. E isso vocês não vão encontrar nem no histórico escolar e nem nos arquivos.

—Então conhece o passado dela?

—Sei que ela foi posta sob tutela e que teve uma infância difícil, sim.

—Mesmo assim o senhor a contratou.

—Foi justamente por isso que eu a contratei.

—Explique melhor.

—O antigo tutor dela, Holger Palmgren, era o advogado do velho J. F. Milton. Começou a tomar conta dela na adolescência e me convenceu a lhe dar um trabalho. De início, pedi para ela separar a correspondência, fazer fotocópias, esse tipo de coisa. Depois me dei conta de que ela tinha talentos inesperados. E o tal relatório do Serviço Social dizendo que ela de vez em quando se prostituía, pode esquecer. Isso é besteira. Lisbeth Salander teve uma infância lamentável e era, sem sombra de dúvida, meio selvagem, o que não é nenhum crime. Acho que prostituição seria a última coisa que ela faria.

—O novo tutor dela se chama Nils Bjurman.

—Não o conheço. Palmgren teve um derrame há dois anos. Pouco depois, Lisbeth Salander reduziu os serviços que me prestava. O último foi em outubro, há um ano e meio.

—Por que deixou de recorrer a ela?

—Não foi escolha minha. Ela é que cortou o contato e sumiu, foi para o exterior sem nenhuma palavra de explicação.

—Sumiu no exterior?

—Ficou fora mais de um ano.

—Não está batendo. O doutor Bjurman enviou relatórios mensais sobre ela no ano passado todo. Temos as cópias na delegacia central.

Armanskij deu de ombros, sorrindo de leve.

—Quando a viu pela última vez?

—Faz mais ou menos dois meses, no início de fevereiro. Ela apareceu do nada, para uma visita de cortesia. Fazia mais de ano que eu não tinha notícias dela. Passou o ano todo fora, percorrendo a Ásia e as Antilhas.

—Me desculpe, mas estou meio perplexo. Eu vim para cá com a impressão de que Lisbeth Salander era uma garota com problemas psiquiátricos, que não tinha nem terminado a escola e estava sob tutela. Agora o senhor vem me dizer que a contratou como investigadora altamente qualificada, que ela trabalha como *freelancer* e ganha o suficiente para tirar um ano sabático e dar a volta ao mundo, isso sem que o tutor dela dê o alerta. Alguma coisa não está batendo.

—Muitas coisas não batem quando se trata de Lisbeth Salander.

—Posso lhe perguntar... o que acha dela? Armanskij refletiu um instante.

—Acho que é a pessoa mais inflexível que eu já conheci, chega a ser irritante - ele acabou dizendo.

—Inflexível?

—Ela não faz nada que não sinta vontade de fazer. Não dá a mínima para o que os outros pensam a seu respeito. É de uma competência extraordinária. E é completamente diferente das outras pessoas.

—Louca?

—Qual é a sua definição dessa palavra?

—Ela seria capaz de matar duas pessoas a sangue-frio? Armanskij permaneceu um bom tempo calado.

—Lamento - disse por fim. —Não posso responder a essa pergunta. Sou um cínico. Acho que todo mundo tem em si a capacidade de matar alguém. Por desespero, ódio, ou pelo menos para se defender.

—Isso significa que não exclui a possibilidade.

—Lisbeth Salander não faz nada sem motivo. Se ela matou alguém, é porque achou que tinha um bom motivo para isso. Queria perguntar uma coisa... Em que se baseia a sua suspeita de que ela estaria envolvida nos assassinatos de Enskede?

Bublanski hesitou um pouco. Seu olhar cruzou com o de Armanskij.

—Que fique só entre nós.

—Com toda a certeza.

—A arma do crime pertence ao tutor dela. E tem as digitais dela. Armanskij cerrou os dentes. Era uma circunstância agravante.

—Eu só ouvi falar desse assassinato pelo rádio. Qual foi o motivo? Drogas?

—Ela tem alguma ligação com o mundo das drogas?

—Não que eu saiba. Mas, como eu disse, a infância dela foi bem complicada, e aconteceu de uma vez ela ser presa na rua por embriaguez. Suponho que o dossiê dela diga que a droga fazia parte do quadro.

—O problema é que não temos a menor idéia do motivo desses assassinatos. Era um casal exemplar. Ela, criminologista, prestes a defender uma tese de doutorado. Ele, um jornalista. Dag Svensson e Mia Bergman. Isso lhe diz alguma coisa?

Armanskij balançou a cabeça.

—Estamos tentando entender a ligação entre eles e a Lisbeth Salander.

—Nunca ouvi falar neles. Bublanski se levantou.

—Obrigado por ter me cedido seu tempo. A conversa foi fascinante. Não sei se estou saindo daqui mais bem informado do que cheguei, mas espero que isto fique entre nós.

—Sem nenhum problema.

—E espero poder voltar aqui, se necessário. E, claro, se a Lisbeth Salander aparecer...

- Claro... - respondeu Dragan Armanskij. Apertaram-se as mãos. Quando Bublanski chegou à porta, deteve-se e virou-se mais uma vez para Armanskij.

—O senhor por acaso sabe com quem ela anda? Algum amigo, conhecido...

Armanskij balançou a cabeça.

—Não conheço nada, por assim dizer, da vida pessoal dela. Uma das poucas pessoas que contam para ela é o Holger Palmgren. Ela certamente procurou entrar em contato com ele. Ele está internado num centro de reabilitação em Ersta.

—Ela nunca recebeu nenhuma visita quando trabalhava aqui?

—Não. Ela trabalhava em casa, só aparecia para me entregar os relatórios. Inclusive, era muito raro ela encontrar com um cliente. A não ser talvez...

Uma idéia repentina passou pela mente de Armanskij.

—O quê?

—Bem, existe outra pessoa que ela talvez tenha procurado. Um jornalista com quem ela conviveu bastante dois anos atrás e que ficou o tempo todo me pedindo notícias quando ela esteve fora.

—Um jornalista?

—O nome dele é Mikael Blomkvist. Lembra do caso Wennerström? Bublanski soltou lentamente a maçaneta da porta e se voltou para Dragan Armanskij.

—Foi o Mikael Blomkvist que encontrou os corpos em Enskede. O senhor acaba de estabelecer uma ligação entre Salander e as vítimas.

Armanskij sentiu o peso da bola de cimento em sua barriga.

14 - QUINTA-FEIRA SANTA 24 DE MARÇO

Sonja Modig tentou ligar três vezes para o Dr. Nils Bjurman num intervalo de meia hora. Foi atendida todas às vezes pela gravação da secretária eletrônica.

Por volta das três e meia, pegou o carro, foi até a Upplandsgatan e tocou a campainha. O resultado foi tão frustrante quanto já fora mais cedo. Passou vinte minutos fazendo um porta a porta no prédio, em busca de algum vizinho que soubesse onde Bjurman estava.

Em onze dos dezenove apartamentos em que tocou ninguém atendeu. Consultou o relógio. Aquela não era, evidentemente, uma boa hora para fazer um porta a porta. E era bem provável que não fosse melhor durante o feriadão da Páscoa. Nos oito apartamentos onde havia alguém em casa, as Pessoas foram muito prestativas. Cinco sabiam quem era Bjurman — aquele senhor polido e bem-educado do terceiro andar. Ninguém sabia onde ele estava. Acabou descobrindo que Bjurman parecia ter relações pessoais com uns dos vizinhos, um empresário chamado Sjöman. Mas ninguém atendeu quando ela bateu à porta com a identificação Sjöman.

Frustrada, Sonja Modig pegou o telefone e resolveu deixar um recado secretária eletrônica de Bjurman. Apresentou-se, deixou o número de seu celular e pediu que Bjurman entrasse em contato com ela imediatamente.

Voltou para a porta do apartamento de Bjurman, pegou seu bloco de anotações e escreveu um bilhete, pedindo que ele lhe ligasse. Juntou seu cartão de visitas e jogou o bilhete pela portinhola da correspondência. Quando ia soltando a portinhola, ouviu o telefone tocar dentro do apartamento. Inclinou-se e escutou atentamente. Depois de quatro toques, a secretária atendeu, mas ela não conseguiu escutar o recado.

Soltou a portinhola da correspondência e fitou a porta. Não soube explicar o impulso que a levou a estender a mão para a maçaneta, mas, para sua imensa surpresa, a porta não estava trancada. Abriu-a e deu uma espiada no hall de entrada.

—Tem alguém aí? - ela chamou baixinho, e apurou o ouvido. Não escutou nenhum barulho.

Deu um passo para dentro do hall e deteve-se, hesitante. O que ela acabava de fazer ao atravessar a porta poderia certamente ser considerado como invasão de domicílio. Ela não tinha ordem judicial para fazer uma busca, nem direito de entrar no apartamento do Dr. Bjurman, mesmo que a porta estivesse aberta. Deu uma espiada à esquerda e vislumbrou boa parte da sala. Acabava de resolver sair do apartamento quando seu olhar topou com uma cômoda no hall. Viu a caixa de um revólver Colt.

Súbito, Sonja Modig sentiu um forte mal-estar. Abriu a jaqueta e puxou a arma, coisa que praticamente nunca fizera.

Puxou a trava de segurança e manteve o cano apontado para o chão enquanto avançava para dar uma olhada na sala. Não notou nada de especial, mas seu mal-estar continuava aumentando. Recuou e olhou na cozinha. Vazia. Entrou num pequeno corredor e abriu a porta do quarto.

O Dr. Nils Bjurman estava atravessado na cama. Seus joelhos encostavam no chão. Parecia estar ajoelhado para sua oração da noite. Estava nu.

Ela o via de perfil. De onde estava Sonja Modig já podia perceber que ele não estava vivo. Metade de sua testa tinha sido arrancada por um tiro na nuca.

Sonja Modig saiu do apartamento andando de costas, e ainda segurava sua arma quando, no corredor, pegou o celular e ligou para o inspetor Bublanski. Não conseguiu falar com ele. Então ligou para o procurador Ekström. Anotou a hora: 16h 18.

Hans Faste contemplou a porta do prédio da Lundagatan onde Lisbeth Salander era oficialmente domiciliada e, portanto, supostamente morava. Olhou de esguelha para Curt Bolinder e depois para o relógio: 16hl0.

Depois de obterem o código de acesso com o síndico, entraram e ficaram escutando em frente à porta identificada como Salander-Wu. Não ouviram nenhum ruído no apartamento e ninguém atendeu quando tocaram. Voltaram para o carro e se posicionaram de modo a vigiar o portão.

Telefonando do carro, descobriram que a pessoa recentemente incluída no contrato habitacional do apartamento era uma certa Miriam Wu, nascida em 1974, antes domiciliada em Sankt Eriksplan, Estocolmo.

Estavam com uma foto de identidade de Lisbeth Salander afixada acima do rádio. Faste, sem cerimônia, declarou que ela não tinha uma cara boa.

—Caramba, as putas estão cada vez mais feias. Tem que estar mesmo a perigo para pegar uma dessas.

Curt Bolinder não respondeu.

Às 16h20, Bublanski ligou avisando que estava saindo do escritório de Armanskij e ia até a *Millennium.* Pediu que Faste e Bolinder o esperassem na Lundagatan. Precisavam levar Lisbeth Salander para interrogatório, mas o procurador ainda não a considerava vinculada aos assassinatos de Enskede.

—Pois é - disse Faste. —Mais um procurador querendo primeiro uma confissão para indiciar alguém.

Curt Bolinder não disse nada. Distraidamente, ficaram observando as pessoas que passavam nas redondezas.

Às 16h40, o procurador Ekström ligou para o celular de Hans Faste.

—Aconteceram coisas. Encontramos o doutor Bjurman assassinado com um tiro em seu apartamento. Está morto há pelo menos vinte e quatro horas.

Hans Faste se endireitou no assento.

—Entendido. E o que a gente faz?

—Emiti um alerta de busca para Lisbeth Salander. Ela é suspeita de ter cometido três assassinatos. Estou emitindo um alerta de busca nacional. Precisamos apanhá-la. Deve ser considerada perigosa e pode estar armada.

—Entendido.

—Estou mandando uma brigada para a Lundagatan. São eles que vão entrar para neutralizar o apartamento.

—Entendido.

—Vocês têm notícias do Bublanski?

—Ele está na *Millennium.*

—E aparentemente desligou o celular. Tentem entrar em contato com ele e passar as informações.

Faster e Bolinder trocaram um olhar.

—A questão é saber o que a gente faz se ela aparecer - disse Curt Bolinder.

—Se estiver sozinha e tudo parecer tranqüilo, a gente prende. Se ela tiver tempo de entrar no apartamento, a brigada é que vai intervir. Essa fulana é completamente doida e pelo jeito virou uma assassina. Pode ter outras armas em casa.

Mikael Blomkvist estava exausto quando largou o manuscrito em cima da mesa de Erika Berger e se sentou pesadamente diante dela na poltrona dos visitantes, ao lado da janela que dava para a Götgatan. Passara à tarde tentan-do definir o encaminhamento do livro inacabado de Dag Svensson.

Era uma questão delicada. Fazia pouquíssimas horas que Dag estava morto e seu empregador já pensava numa maneira de administrar seu material jornalístico. Mikael tinha consciência do aspecto cínico e insensível que outros poderiam ver naquela situação. Ele próprio não enxergava as coisas assim. Tinha a impressão de estar em estado de microgravidade. Uma síndrome bem conhecida de todo jornalista investigativo nos momentos de crise.

Enquanto alguns afundam na tristeza, o jornalista investigativo cresce em competência. Apesar da bordoada recebida por todos na redação da *Millennium* na quinta-feira de manhã, o profissionalismo falou mais alto e foi canalizado para um trabalho intenso.

Para Mikael, isso era uma evidência. Dag era da mesma têmpera e teria reagido da mesma forma se estivesse no lugar dele. Teria se perguntado o que poderia fazer por Mikael. Dag deixara os originais de um livro explosivo. Trabalhara vários anos coletando dados e selecionando fatos, uma tarefa na qual investira a alma e que não teve oportunidade de levar a cabo.

E, além do mais, ele trabalhava na *Millennium.*

O assassinato de Dag Svensson e Mia Bergman não significava um trauma nacional como o de Olof Palme, por exemplo, e não haveria luto oficial. Para os funcionários da *Millennium,* porém, talvez fosse um choque maior - afetava-os diretamente. E Dag

Svensson possuía uma ampla rede de contatos no meio jornalístico, que iriam exigir uma resposta a suas indagações.

Cabia agora a Mikael e Erika concluir o trabalho de Dag para o livro, e também responder às perguntas quem e por quê.

—Posso reconstituir o texto - disse Mikael. —Malu e eu vamos ter que retomar o livro linha por linha e acrescentar elementos da nossa pesquisa para conseguir responder às perguntas. De forma geral, basta seguir o fio das anotações de Dag, só fica o problema dos capítulos quatro e cinco, que acima de tudo se baseiam nas entrevistas da Mia, e aí nós simplesmente desconhecemos as fontes. Mas, a não ser por umas poucas exceções, acho que podemos usar as referências da tese dela como fonte primária.

—Falta o último capítulo.

—É verdade. Mas tenho o rascunho do Dag, e falamos tantas vezes sobre isso que sei perfeitamente o que ele tinha a intenção de dizer. Sugiro que a gente o coloque num pós-escrito, onde eu também poderia comentar o raciocínio dele.

—Está bem. Mas vou querer ver antes de dar o meu aval. A gente não pode sair falando como se fosse ele.

—Não se preocupe. Meu capítulo vai ser uma reflexão pessoal, assinada por mim. Vai ficar bem claro que sou eu que está escrevendo e não ele. Vou contar por que ele começou a trabalhar nesse livro e que tipo de homem ele era. E vou concluir recapitulando o que ele me disse em mais de dez conversas que tivemos nos últimos meses. Também posso citar vários trechos do rascunho dele. Pode resultar em algo bem respeitável.

—Droga... estou com uma vontade incrível de publicar esse livro - disse Erika.

Mikael meneou a cabeça. Entendia perfeitamente o que ela queria dizer. Também ele estava impaciente.

—Você tem alguma novidade? - ele perguntou.

Erika Berger depositou os óculos de leitura sobre a mesa e balançou a cabeça. Levantou-se e serviu duas xícaras de café da garrafa térmica, depois se instalou na frente de Mikael.

—O Christer e eu temos um rascunho para o próximo número. Vamos pegar dois artigos que iam para o número seguinte, e

pedimos contribuições para os frilas. Só vai ficar um número meio misturado, sem um tema de fato.

Permaneceram um momento calados.

—Você viu o noticiário? - perguntou Erika. Mikael balançou a cabeça.

—Não. Já sei o que eles vão dizer.

—O assassinato ocupa a maior parte do noticiário. Fora isso, só falam numa tomada de posição dos liberais.

—O que significa que não está acontecendo absolutamente mais nada no país.

—A polícia ainda não divulgou o nome de Dag e Mia. Eles são descritos como um casal “exemplar”. Ainda não disseram que foi você que os encontrou.

—Aposto como os tiras vão fazer de tudo para esconder essa informação. Isso, pelo menos, joga a nosso favor.

—Por que a polícia ia querer ocultar isso?

—Porque a polícia, por princípio, não gosta do estardalhaço que a mídia faz. Eu tenho algum valor como objeto de informação, portanto os tiras acham muito bom que ninguém saiba que fui eu que encontrei os dois. Imagino que a coisa vá acabar vazando hoje à noite ou amanhã.

—Tão jovem e já tão cínico.

—Não estamos mais tão jovens, Ricky querida. Pensei nisso quando aquela policial me interrogou na noite passada. Ela parecia ter idade de ainda estar na escola.

Erika deu uma risadinha. Ela conseguira dormir algumas horas na noite anterior, mas também começava a sentir cansaço. Em breve, iria surpreender todo mundo apresentando-se como redatora-chefe de um dos maiores jornais do país. Não - *não é um bom momento para anunciar a novidade ao Mikael.*

—O Henry Cortez me ligou agora há pouco. Um tal de Ekström, que está à frente do inquérito preliminar, deu uma espécie de coletiva de imprensa lá pelas três da tarde - disse ela.

—Richard Ekström?

—Sim. Você conhece?

—Uma figura política. Barulho garantido na mídia. As vítimas não eram dois feirantes imigrados. Vai haver o maior estardalhaço

em torno dessa história.

—Em todo caso, ele afirma que a polícia está seguindo algumas pistas e tem esperança de que irá resolver o caso rapidamente. Em suma: não disse nada. Em compensação, a sala da coletiva estava lotada de jornalistas.

Mikael deu de ombros. Esfregou os olhos.

—Não consigo me livrar da visão do corpo da Mia. Já pensou? Eu acabava de conhecer os dois.

Erika meneou tristemente a cabeça.

—Só nos resta esperar. Deve ser um louco varrido...

—Não sei. Fiquei pensando nisso o dia todo.

—O que você quer dizer?

—A Mia foi atingida de lado. Vi que a bala entrou de um lado do pescoço e saiu pela testa. O Dag foi morto de frente, com um tiro na testa, e a bala saiu por trás da cabeça. Até onde pude ver, só houve dois disparos. Não dá a impressão de ser coisa de um demente.

Erika contemplou o colega, pensativa.

—O que você está tentando me dizer?

—Se não é coisa de um demente, é que deve haver um motivo. E quanto mais eu penso nisso, mais tenho a impressão que este manuscrito é a porra do motivo.

Mikael apontou para o calhamaço de papéis em cima da mesa de Erika. Erika acompanhou seu olhar. Então seus olhares se cruzaram.

—Não há necessariamente uma relação com o livro em si. Eles talvez tenham fuçado demais e conseguido... não sei. Alguém se sentiu ameaçado.

—E contratou um matador. Micke, essas coisas acontecem nos filmes americanos. Esse livro é sobre clientes sexuais. Envolve principalmente tiras, políticos, jornalistas... Quer dizer que um deles é que teria matado o Dag e a Mia?

—Não sei, Ricky. Mas estávamos a três semanas de publicar a bomba mais explosiva que já se publicou na Suécia sobre tráfico de mulheres.

Nisso, Malu Eriksson apontou a cabeça no vão da porta e anunciou que um tal inspetor Jan Bublanski desejava falar com Mikael Blomkvist.

Bublanski apertou a mão de Erika Berger e Mikael Blomkvist e sentou-se na terceira poltrona perto da janela. Observou Mikael Blomkvist e viu um homem com olhos fundos e o rosto coberto por uma barba de dois dias.

—Alguma novidade? - perguntou Mikael Blomkvist.

—Talvez. Quer dizer que foi o senhor quem descobriu o casal em Enskede ontem à noite e alertou a polícia.

Mikael meneou a cabeça, cansado.

—Eu sei que já contou tudo à brigada de plantão, mas gostaria que me esclarecesse alguns detalhes.

—O que quer saber?

—Por que o senhor foi à casa de Svensson e Bergman tão tarde da noite?

—Isso não é um detalhe, é uma novela inteira — disse Mikael com um sorriso cansado. —Eu estava jantando na casa da minha irmã, ela mora no gueto dos novos-ricos, em Stàket. O Dag Svensson me ligou no celular dizendo que não ia ter tempo de ir até a redação na Quinta-feira Santa, hoje, portanto, como havíamos combinado de manhã. Ele precisava deixar umas fotos para o Christer Malm. Explicou que ele - a Mia tinham resolvido passar a Páscoa com os pais dela e queriam viajar bem cedo. Perguntou se poderia deixar as fotos na minha casa antes de viajar. Falei que como eu estava mesmo ali perto, podia fazer um desvio e pegar as fotos quando saísse da casa da minha irmã.

—Quer dizer então que o senhor foi até Enskede para pegar umas fotos.

Mikael assentiu.

—Vocês conseguem imaginar algum motivo para matarem Svensson e Bergman?

Mikael e Erika trocaram um olhar discreto. Ambos permaneceram em silêncio.

—Sim, estou escutando... - disse Bublanski.

—É claro que nós conversamos sobre o assunto hoje, mas não concordamos totalmente. Ou melhor: concordamos, só que não estamos muito seguros. Não dá para falar bobagem.

—Fale assim mesmo.

Mikael explicou o conteúdo do livro de Dag Svensson e uma eventual relação com os assassinatos que Erika e ele tinham imaginado. Bublanski ficou alguns instantes calado, digerindo a informação.

—Se eu entendi bem, Dag Svensson estava prestes a denunciar alguns policiais.

Ele não estava gostando nada do rumo da conversa e já podia imaginar uma “pista policial” circulando algum tempo na mídia, enfeitada com todo tipo de delírio sobre um vasto complô.

—Não - respondeu Mikael. —O Dag Svensson estava prestes a denunciar criminosos, sendo que entre eles, por acaso, há alguns policiais. Também há gente da minha profissão, ou seja, jornalistas.

—E vocês estão pretendendo tornar pública essa informação? Mikael virou-se vagamente para Erika.

—Não - disse Erika Berger. —Passamos o dia cancelando o trabalho do próximo número, que já estava em andamento. Muito provavelmente, vamos publicar o livro de Dag Svensson, mas só quando soubermos o que aconteceu, e nas atuais circunstâncias o livro precisa ser retrabalhado. Não temos a menor intenção de sabotar a investigação da polícia sobre o assassinato de dois amigos nossos, se é isso que o preocupa.

—Vou precisar dar uma olhada na sala de Dag Svensson, e, como se trata da redação de uma revista, um mandato de busca poderia mexer com algumas suscetibilidades.

—Vai encontrar todo o material no laptop do Dag - disse Erika.

—Ótimo - disse Bublanski.

—Revistei a sala do Dag Svensson - disse Mikael. —Peguei algumas anotações que identificam fontes que desejam permanecer anônimas. O resto está à sua disposição, e já deixei um cartaz pedindo para que não mexam em nada e nem mudem nada de lugar. Mas tem também o conteúdo do livro de Dag Svensson, que está sob sigilo até ser publicado. Não queremos que o manuscrito vá parar nas mãos da polícia, principalmente porque estamos prestes a denunciar policiais.

Droga, pensou Bublanski. *Por que não mandei alguém aqui já de manhã cedo?* Então deixou o assunto de lado.

- Bem. Há uma pessoa que gostaríamos de ouvir sobre esses assassinatos. Tenho motivos para acreditar que o senhor a conhece. Gostaria que me dissesse tudo o que sabe sobre uma mulher chamada Lisbeth Salander.

Pelo espaço de um segundo, Mikael Blomkvist ficou parecendo um ponto de interrogação vivo. Bublanski observou Erika Berger lançar um olhar penetrante para Mikael.

—Não estou entendendo.

—O senhor conhece a Lisbeth Salander.

—Sim, conheço a Lisbeth Salander.

—Conhece como?

—Por que está me perguntando isso? Bublanski fez um gesto irritado com a mão.

—Acabei de dizer, queremos ouvi-la sobre os assassinatos. Como é que o senhor a conhece?

—Mas... isso não faz sentido. A Lisbeth Salander não tem a menor ligação com o Dag Svensson ou a Mia Bergman.

—Esse ponto vai ser examinado com todo o cuidado - respondeu Bublanski pacientemente. —Mas a pergunta permanece. Como conheceu Lisbeth Salander?

Mikael passou a mão nas faces ásperas e esfregou os olhos, enquanto os pensamentos davam voltas em sua cabeça. Por fim, sustentou o olhar de Bublanski.

—Contratei a Lisbeth Salander para fazer uma pesquisa para mim num outro caso, dois anos atrás.

—Do que se tratava?

—Lamento, mas aí entramos em questões relativas à constituição e à proteção de fontes, esse tipo de coisa. Vai ter que acreditar na minha palavra: não tinha absolutamente nada a ver com Dag Svensson e Mia Bergman. Era um outro caso, que hoje já está encerrado.

Bublanski avaliou as palavras de Mikael. Não gostava quando alguém afirmava que existem segredos que não podem ser revelados, mesmo no contexto de uma investigação de homicídio, mas optou por deixar para lá por enquanto.

—Qual foi a última vez que viu Lisbeth Salander? Mikael refletiu antes de responder.

—A situação é a seguinte: no outono de dois anos atrás, convivi com Lisbeth Salander. Nosso relacionamento se encerrou na época do Natal. Depois disso, ela saiu da cidade. Fiquei mais de um ano sem vê-la, até uma semana atrás.

Erika Berger ergueu uma sobrancelha. Bublanski supôs que aquilo fosse novidade para ela.

—Fale sobre esse encontro.

Mikael inspirou fundo e então descreveu sucintamente o incidente em frente ao prédio de Lisbeth Salander, na Lundagatan. Bublanski escutou, cada vez mais surpreso, tentando definir se Blomkvist estaria inventando aquilo tudo ou dizendo a verdade.

—Quer dizer então que não falou com ela?

—Não, ela sumiu entre os prédios no alto da Lundagatan. Esperei um bom tempo, mas ela não voltou. Escrevi uma carta pedindo para ela me dar notícias.

—E não sabe de nenhuma ligação entre ela e o casal de Enskede?

—Nenhuma.

—Bem... pode me descrever essa pessoa que o senhor diz que a agrediu?

—Eu não estou apenas dizendo. Ela foi atacada, se defendeu e fugiu. Eu estava a uns cinquenta metros. Era bem de noite e estava escuro.

—O senhor tinha bebido?

—Eu estava meio alto, sem dúvida, mas não bêbado de cair. Ele era loiro, tinha um rabo de cavalo. Usava uma jaqueta curta escura. Tinha uma barriga imensa. Quando cheguei ao alto da escadaria da Lundagatan, só o vi de costas, e ele se virou para me bater. Tive a impressão de que era um rosto magro, com olhos claros muito juntos.

—Por que não me contou isso antes? - perguntou Erika Berger. Mikael Blomkvist deu de ombros.

—Teve o final de semana, e você foi para Göteborg participar daquele maldito debate na tevê. Na segunda, você não estava, e na terça, a gente mal se cruzou. A história foi se diluindo.

—Mas considerando-se o que houve em Enskede... por que não contou esse incidente para a polícia? - perguntou Bublanski.

—E por que contaria? Sendo assim, eu também podia contar que um mês atrás peguei no ato um batedor de carteiras tentando me roubar no metrô. Não há nenhuma relação significativa entre a Lundagatan e o que aconteceu em Enskede.

—Mas o senhor não comunicou a agressão à polícia?

—Não - Mikael hesitou. —A Lisbeth Salander é uma pessoa que gosta do anonimato. Pensei em prestar queixa, mas depois achei que cabia a ela fazer isso. Eu queria, pelo menos, falar com ela antes.

—E o senhor não fez isso?

—Não falo com Lisbeth Salander desde o Natal do ano passado.

—Por que a... relação de vocês, se é que a palavra é essa, acabou?

O olhar de Mikael se ensombreceu. Ele pensou na resposta antes de falar.

—Não sei. Ela cortou contato comigo da noite para o dia.

—Aconteceu alguma coisa?

—Se está pensando em alguma briga ou esse tipo de coisa, não. Estávamos em muito bons termos. Um dia depois do Natal, ela parou de atender ao telefone. Depois, sumiu da minha vida.

Bublanski refletiu sobre a explicação de Mikael. Parecia sincera e era confirmada por Dragan Armanskij, cuja descrição do sumiço de Lisbeth Salander da Milton Security era mais ou menos parecida. Aparentemente, acontecera alguma coisa com Lisbeth Salander no inverno do ano anterior. Virou-se para Erika Berger.

—Também conhece a Lisbeth Salander?

—Só nos vimos uma vez. O senhor poderia me explicar por que está fazendo todas essas perguntas sobre a Lisbeth Salander, relacionadas ao crime de Enskede? - perguntou Erika Berger.

Bublanski balançou a cabeça.

—Existe uma ligação entre ela e o local do crime. É só o que posso dizer. Em compensação, posso dizer que quanto mais ouço falar em Lisbeth Salander, mais perplexo eu fico. Como é que ela era, como pessoa?

—Sob que ponto de vista? - perguntou Mikael.

—Como o senhor a descreveria?

Mikael permaneceu um bom tempo em silêncio.

—É uma pessoa muito sozinha e diferente. Socialmente fechada. Não gostava de falar de si mesma. Ao mesmo tempo, é dotada de uma vontade muito forte. E tem um grande senso moral.

—Moral?

—Sim. Uma moral muito própria. Ninguém consegue obrigá-la a nada que não seja da vontade dela. No mundo da Lisbeth, as coisas ou são “boas” ou são “ruins”, por assim dizer.

Bublanski pensou que Mikael Blomkvist, mais uma vez, a descrevia do mesmo modo que Dragan Armanskij. Dois homens que a conheciam a avaliavam da mesma maneira.

—Conhece Dragan Armanskij? - perguntou Bublanski.

—Nos vimos duas ou três vezes. Tomei uma cerveja com ele no ano passado, na época em que eu tentava descobrir o que era feito da Lisbeth.

—O senhor disse que ela era uma investigadora competente - repetiu Bublanski.

—A melhor que eu já conheci - repetiu Mikael.

Bublanski tamborilou com os dedos durante uns segundos, enquanto contemplava pela janela a multidão que andava pela Götgatan. Sentia-se estranhamente dividido. O dossiê da psiquiatria legal que Hans Faste obtivera na Comissão de Tutelas afirmava que Lisbeth Salander era uma pessoa marcada por transtornos psíquicos profundos, inclinada à violência e praticamente retardada. As respostas fornecidas tanto por Armanskij como por Blomkvist contrariavam com veemência a imagem que a avaliação psiquiátrica firmara ao longo de anos de observação. Ambos a descreviam como uma pessoa diferente, mas ambos tinham também uma pontinha de admiração na voz.

Blomkvist também dizia que tinha convivido com ela por algum tempo o que indicava algum tipo de relação sexual. Bublanski se perguntava que regras eram levadas em conta quando se declarava uma pessoa incapaz. Blomkvist poderia ter cometido alguma forma de abuso sexual ao explorar uma pessoa em situação de dependência?

—E como o senhor encarava a deficiência de socialização dela? - perguntou.

—Deficiência? - perguntou Mikael.

—A colocação sob tutela e seus problemas psíquicos.

—Colocação sob tutela? - exclamou Mikael.

O olhar de Bublanski passou de Mikael Blomkvist para Erika Berger. *Eles não sabem. Eles realmente não sabem.* Súbito, Bublanski ficou muito irritado com Armanskij, Blomkvist e, sobretudo, com Erika Berger e suas roupas chiques e seu escritório elegante com vista para a Götgatan. *Essa aí é das que impõem suas opiniões aos outros.* Direcionou, porém, sua irritação a Mikael.

—Não consigo entender qual o problema com o senhor e com Armanskij - disse.

—Como?

—A Lisbeth Salander andou entrando e saindo do HP desde a adolescência - Bublanski disse afinal. - Um exame de psiquiatria legal e um julgamento proferido pelo tribunal de instâncias determinaram que ela não tem condições de gerir a própria vida. Foi declarada incapaz. Ela tem uma comprovada tendência à violência e manteve relações conflituadas com as autoridades a vida inteira. E agora é altamente suspeita de... cumplicidade num duplo homicídio. Mas tanto o senhor como Armanskij falam nela como se fosse uma espécie de princesa.

Mikael Blomkvist quedou-se absolutamente imóvel e fitou Bublanski.

—Permitam que eu coloque as coisas assim - prosseguiu Bublanski. —Estávamos procurando um elo entre Lisbeth Salander e o casal de Enskede. E o que se descobriu é que esse elo é o senhor, que encontrou os corpos. Gostaria de comentar esse fato?

Mikael se recostou na cadeira. Fechou os olhos e tentou recapitular a situação. Lisbeth Salander era suspeita de ter assassinado Dag e Mia. Não *pode ser. É absurdo.* Ela seria capaz de matar? De repente, Mikael se lembrou do rosto dela, dois anos antes, quando se jogara sobre Martin Vanger com um taco de golfe. *Ela o teria matado sem pensar duas vezes. Não matou porque teve de parar para salvar a minha vida.* Tocou maquinalmente o pescoço, no lugar onde o nó corrediço de Martin Vanger o apertara. Agora, Dag e Mia... *não faz sentido.*

Ele tinha consciência de que Bublanski o observava atentamente. Tal como Dragan Armanskij, ele tinha uma escolha a fazer. Se Lisbeth Salander era suspeita de assassinato, mais cedo ou mais tarde ele seria obrigado a decidir de que lado do ringue queria ficar. *Culpada ou inocente?*

Antes que tivesse tempo de responder, o telefone da mesa de Erika tocou. Ela atendeu e passou o aparelho para Bublanski.

—Um tal de Hans Faste quer falar com o senhor.

Bublanski pegou o telefone e escutou com atenção. Mikael e Erika viram sua fisionomia se alterar.

—Vão entrar quando? Silêncio.

—Qual é mesmo o endereço?... Lundagatan... entendido, não é muito longe, estou indo.

Bublanski se levantou de repente.

—Me desculpem, preciso interromper nossa conversa. Acabam de achar o atual tutor de Lisbeth Salander morto com um tiro, e a partir de agora ela está sendo procurada e acusada, à revelia, de três assassinatos.

Erika Berger ficou boquiaberta. Mikael Blomkvist parecia ter sido atingido por um raio.

Entrar no apartamento da Lundagatan foi um procedimento relativamente simples do ponto de vista tático. Hans Faste e Curt Bolinder se encostaram no capô do carro e ficaram esperando os homens do grupo de intervenção, pesadamente armados, ocuparem a escadaria e entrarem no pátio.

Passados dez minutos, o comando constatara o que Faste e Bolinder já sabiam. Ninguém atendia quando batiam na porta.

Hans Faste olhou para a rua que, para irritação dos passageiros do ônibus 66, estava bloqueada entre a Zinkensdamm e a igreja de Högalid. Um ônibus se achava preso na subida da área interditada e não podia mais avançar nem recuar. Por fim, Faste se aproximou e ordenou a um policial uniformizado que se afastasse e deixasse o ônibus seguir. Da passarela sobre a Lundagatan, uma porção de curiosos contemplava a cena caótica.

—Deve haver um jeito mais simples - disse Faste.

—Mais simples que o quê? - perguntou Bolinder.

—Mais simples que chamar um comando toda vez que se vai prender um delinquente nos dias de hoje.

Curt Bolinder se absteve de fazer um comentário.

—Afinal, trata-se de uma mina de um metro e cinquenta que deve pesar uns quarenta quilos - disse Faste.

Ficara decidido que não seria preciso arrombar a porta. Bublanski chegou enquanto eles esperavam que um chaveiro furasse a fechadura e se afastasse para deixar entrar a tropa no apartamento. Levaram cerca de oito segundos para inspecionar os quarenta e nove metros quadrados e concluir que Lisbeth Salander não estava escondida debaixo da cama, nem no banheiro, nem dentro de um armário. Em seguida, fizeram sinal para que Bublanski entrasse.

Os três policiais examinaram com olhar curioso o apartamento impecavelmente limpo e arrumado com muito bom gosto. Os móveis eram simples. As cadeiras da cozinha tinham sido pintadas em diferentes tons pastel. Nas paredes havia fotos artísticas em preto e branco, emolduradas. Num vão do hall de entrada, uma prateleira com um CD-player e uma vasta coleção de discos. Bublanski observou que a seleção era ampla, indo do *hard rock* à ópera. Parecia tudo muito *in.* Estético. De muito bom gosto.

Curt Bolinder examinou a cozinha e não achou nada de especial. Folheou uma pilha de jornais e verificou a bancada, os armários e o congelador.

Faste abriu os armários e as gavetas da cômoda do quarto. Deu um assobio ao descobrir umas algemas e um bocado de brinquedos sexuais. Num armário, encontrou uma coleção de roupas de látex que deixaria sua mãe encabulada, mesmo que ela desse só uma rápida olhada naquilo.

—Essas duas parece que não se entediam! - disse ele, brandindo um vestido de vinil que, de acordo com a etiqueta, era uma criação da Domino Fashion. —Sabe lá o que é isto.

Bublanski notou, sobre o móvel do hall, uma pequena pilha de cartas ainda fechadas e endereçadas a Lisbeth Salander. Deu uma olhada e constatou que se tratava de faturas e extratos bancários, além de uma carta pessoal. Era de Mikael Blomkvist. Quer dizer que, até aí, a história de Blomkvist estava batendo. Em seguida,

abaixou-se para juntar a correspondência no chão, atrás da porta, pisoteada pela tropa de intervenção. Estavam ali a revista *Thai Pro Boxing,* o jornal gratuito *Sòdermalmsnytt* e três envelopes. Todos endereçados a Miriam Wu.

Bublanski foi tomado por uma suspeita desagradável. Entrou no banheiro e abriu o armário acima da pia. Encontrou uma caixa de analgésicos e meio frasco de Citadon. O Citadon só era vendido com receita médica. A etiqueta do frasco mencionava Miriam Wu. Havia uma única escova de dente no armário.

—Faste, por que está escrito Salander-Wu na porta? - perguntou. —Não faço idéia — respondeu Faste. —Está bem, vou perguntar de outro jeito: por que tem correspondência para uma tal de Miriam Wu no hall e um frasco de Citadon para Miriam Wu no armário do banheiro? Por que só há uma escova de dente? E por que... se, de acordo com as informações, Lisbeth Salander tem mesmo o tamanho de uma menina... por que esta calça de couro que você tem na mão parece servir numa pessoa que mede no mínimo um metro e setenta e cinco?

Houve um silêncio constrangido no apartamento. Foi quebrado por Curt Bolinder.

—Merda! - disse ele simplesmente.

15 - QUINTA-FEIRA 24 DE MARÇO

Christer Malm se sentia cansado e deprimido quando finalmente voltou para casa depois daquele dia de trabalho imprevisto. Da cozinha vinha o aroma de um prato exótico, e ele foi dar um beijo no namorado.

—Como você está? - perguntou Arnold Magnusson.

—Como um saco de merda - disse Christer.

—Falaram no assunto o dia inteiro no noticiário. Ainda não deram nenhum nome. Mas é uma história horrorosa.

—É bem isso, uma história horrorosa. O Dag trabalhava para nós. Era um amigo, eu gostava muito dele. Eu não conheci a companheira dele, a Mia, mas o Micke conheceu, e a Erika também.

Christer olhou para a cozinha. Eles acabavam de comprar aquele apartamento no Allhelgonatan e fazia só três meses que tinham se mudado. De repente, o apartamento se transformara num mundo completamente estranho.

O telefone tocou. Christer e Arnold se olharam e decidiram ignorar. Em seguida, a secretária eletrônica foi acionada e eles ouviram uma familiar.

—Christer. Você está aí? Atende.

Erika Berger estava ligando para avisar que a polícia suspeitava que a antiga investigadora de Mikael Blomkvist era a autora do assassinato de Dag e Mia.

Christer recebeu a notícia com uma sensação de irrealidade.

Henry Cortez perdera a invasão da Lundagatan pelo simples motivo de que estivera o tempo todo em frente ao centro de comunicação da polícia e, concretamente, ainda estava lá, esperando por notícias. Nada de novo surgira desde a breve coletiva de imprensa no início da tarde. Ele estava cansado, com fome e nervoso por ser regularmente rechaçado pelas pessoas que tentava contatar. Só por volta das seis horas, depois de terminada a blitz no apartamento de Lisbeth Salander, é que ele conseguiu interceptar um comentário de que a polícia tinha um suspeito. O mais irritante é que essa informação vinha de um colega da imprensa vespertina mais enturmado com a sua redação. Pouco

depois, Henry finalmente conseguiu o número do celular pessoal do procurador Richard Ekström. Apresentou-se e fez as perguntas apropriadas: quem, como e por quê.

—De que veículo o senhor disse que era? - perguntou Richard Ekström.

—Da revista *Millennium.* Eu conhecia uma das vítimas. De acordo com uma fonte, a polícia está procurando por uma pessoa específica. O que está acontecendo?

—Não posso adiantar nada por enquanto.

—Quando o senhor vai poder me dizer alguma coisa?

—Talvez haja outra coletiva de imprensa mais tarde.

O procurador Richard Ekström parecia evasivo. Henry Cortez mexeu na argola de ouro que usava na orelha.

—As coletivas de imprensa são mais dirigidas aos jornalistas de informação geral, que repassam o fato para divulgação imediata. Eu trabalho para uma revista mensal e temos um interesse bem pessoal em saber o que anda acontecendo.

—Não posso ajudá-lo. Vai ter que esperar como todo mundo.

—De acordo com as minhas fontes, estão procurando por uma mulher. De quem se trata?

—Não posso dizer nada.

—O senhor desmente que estejam procurando uma mulher?

—Não, já disse: não posso dizer nada...

O inspetor Jerker Holmberg estava parado na porta do quarto contemplando, pensativo, a enorme poça de sangue no lugar onde Mia Bergman tinha sido encontrada. Virando a cabeça, sem mudar de lugar, avistava uma poça semelhante ali onde estivera Dag Svensson. Pensava na grande quantidade de sangue. Havia muito mais sangue que em outros ferimentos a bala que ele já tinha visto, o que indicava que tinham usado uma munição capaz de causar um estrago terrível, o que, por sua vez, confirmava a hipótese do delegado Mártensson de que o assassino usara munição de caça. O sangue coagulado se tornara uma mancha preta e cor de ferrugem que cobria tão extensamente o piso que os paramédicos e técnicos tinham sido obrigados a pisar nela, deixando assim marcas em todo o apartamento. Holmberg cobrira seus tênis com sacos de plástico azul.

Para ele, a verdadeira investigação do crime começava agora. Os corpos das duas vítimas tinham sido removidos. Jerker Holmberg estava sozinho no local depois da saída dos dois técnicos. Eles tinham fotografado as vítimas, medido os respingos de sangue nas paredes e discutido sobre as áreas respingadas e a velocidade dos pingos. Holmberg conhecia aquele tipo de especulação, mas só mostrara um interesse distraído pelos exames técnicos. O trabalho dos técnicos iria resultar num relatório volumoso que revelaria detalhadamente onde o assassino se posicionara em relação às vítimas e a que distância e em que ordem os tiros tinham sido disparados, e quais impressões digitais poderiam ter alguma importância. Para Jerker Holmberg, porém, isso não apresentava o menor interesse. Os exames técnicos não forneceriam uma só palavra sobre a identidade do assassino nem sobre o motivo que ele ou ela - já que o principal suspeito era uma mulher - tivera para cometer aqueles crimes. Eram essas perguntas que cabia a ele elucidar.

Jerker Holmberg começou pelo quarto. Colocou uma pasta surrada numa cadeira e pegou um ditafone, uma câmera digital e um bloco de anotações.

Primeiro, abriu as gavetas de uma cômoda que ficava atrás da porta. As duas gavetas superiores continham roupa de baixo, pulôveres e um porta-joias que obviamente tinham pertencido a Mia Bergman. Dispôs os objetos sobre a cama e examinou o porta-joias em detalhes, concluindo que não continha nada de grande valor. Na gaveta de baixo achou dois álbuns de fotos e duas pastas com contas domésticas. Ligou o ditafone.

“Relatório de apreensão na Bjôrneborgsvägen, número 8b. Dormitório, gaveta inferior da cômoda. Dois álbuns de fotografias encadernados, formato A4. Uma pasta preta intitulada ‘Doméstico’ e uma pasta azul intitulada ‘Certidões de Propriedades’, com documentos referentes ao financiamento e à amortização de um apartamento. Uma caixa com cartas, postais e objetos pessoais.”

Levou os objetos até o hall e os enfiou numa sacola de viagem. Prosseguiu nas gavetas dos criados-mudos de um lado e outro da cama de casal, porém não encontrou nada de interessante. Abriu os armários e separou as roupas, tateou todos os bolsos e xeretou os

sapatos em busca de algum objeto esquecido ou escondido, depois voltou a atenção para as prateleiras superiores. Abriu caixas grandes e pequenas. Encontrou aqui e ali papéis e objetos que, por diferentes motivos, incluiu no relatório de apreensão.

A um canto do quarto, tinham conseguido encaixar uma escrivaninha. Era um minúsculo espaço de trabalho, com um computador Compaq e um monitor antigo. Embaixo da escrivaninha havia um móvel com rodinhas e, ao lado, uma prateleira baixa. Sabendo que naquele espaço de trabalho é que ele provavelmente daria com os achados mais importantes - na medida em que houvesse achados - ele o deixou para o fim. Voltou, portanto, à sala e prosseguiu o exame do local do crime. Abriu a cristaleira e conferiu minuciosamente cada pote, cada caixa e cada prateleira. Depois seu olhar convergiu para a estante grande de livros que formava um ângulo com a parede externa e a parede do banheiro. Pegou uma cadeira e primeiro verificou se havia algo escondido no topo do móvel. Depois inspecionou as prateleiras, uma por uma, tirando os livros, para se certificar de que não tinha nada escondido atrás deles, e folheando-os rapidamente. Uma boa meia hora depois, guardou o último volume na estante. Na mesa de jantar achava-se agora uma pequena pilha de livros que, por um motivo ou outro, chamaram sua atenção. Ligou o ditafone e falou.

"Da estante de livros da sala. Um livro de Mikael Blomkvist, O banqueiro da máfia. *Um livro em alemão intitulado* Der Staat und die Autonomen, *um livro sueco intitulado* Terrorismo revolucionário, *além de um livro inglês,* Islamic Jihad."

Pegou automaticamente o livro de Mikael Blomkvist, uma vez que o autor fora mencionado na investigação preliminar. Os outros três pareciam mais obscuros. Jerker Holmberg ignorava se os assassinatos tinham alguma conotação política - não dispunha de nenhum elemento que indicasse que Dag Svensson e Mia Bergman eram politicamente engajados. Os livros podiam expressar um simples interesse geral pela política, ou mesmo estar ali por serem necessários para algum trabalho jornalístico. Em compensação, ponderou que se havia dois cadáveres num apartamento que continha livros sobre terrorismo político, fazia todo o sentido

registrar o fato. Os livros foram, portanto, colocados na sacola de objetos apreendidos.

Depois, passou alguns minutos examinando as gavetas de uma pequena cômoda antiga e bastante danificada. Sobre ela havia um CD-player, e as gavetas continham uma vasta coleção de discos. Jerker Holmberg gastou trinta minutos abrindo todas as caixinhas de CD para conferir se o disco correspondia à capa. Achou uma dúzia de capas não impressas, ou seja, CDs gravados em casa ou pirateados; colocou cada um deles no aparelho de CD e concluiu que não continham nada além de música. Deteve-se um bom tempo diante do *rack* abarrotado de videocassetes, junto à porta do quarto. Testou vários deles e observou que havia de tudo, desde filmes de ação copiados até uma miscelânea de programas de variedades e reportagens, Os *fatos falam, Insider* e *Contra-investigação.* Mencionou trinta e seis cassetes no relatório de apreensão. Então foi até a cozinha, abriu uma garrafa térmica de café e fez uma breve pausa antes de prosseguir.

Na prateleira de um armário da cozinha, ele pegou certa quantidade de frascos e caixinhas, que obviamente constituíam a reserva de medicamentos da casa. Colocados num saco plástico, foram todos fazer companhia aos demais objetos apreendidos. Ele tirou os alimentos do armário e do refrigerador, e abriu cada pote, cada pacote de café e cada garrafa já em uso. Num vaso de flores no peitoril da janela, encontrou 1220 coroas e uns recibos de caixa. Imaginou que fosse uma espécie de fundo para as compras do dia a dia. Não achou nada de fundamental importância. No banheiro, não fez nenhuma apreensão. Em compensação, o cesto de roupa suja estava transbordando e ele verificou todas as roupas. Do armário do hall de entrada, tirou casacos e jaquetas e examinou os bolsos.

Encontrou a carteira de Dag Svensson no bolso interno de uma jaqueta, e a incluiu no relatório de apreensão. Havia um cartão de sócio de um clube esportivo, um cartão de crédito do Handelsbanken e quase quatrocentas coroas em dinheiro. Achou a bolsa de Mia Bergman e revistou por alguns minutos seu conteúdo. Ela também tinha um cartão do mesmo clube esportivo, um cartão bancário, um cartão das lojas Konsum e outro de um clube chamado Horisont, cujo logotipo era um globo terrestre. Havia, além disso,

pouco mais de duas mil e quinhentas coroas em dinheiro, o que era uma quantia relativamente importante, mas não absurda, considerando-se que os dois planejavam passar o fim de semana prolongado fora de casa. O fato de o dinheiro estar na carteira diminuía, além disso, a probabilidade de ter sido um assassinato por roubo.

"Da bolsa de Mia Bergman na prateleira do hall. Uma agenda de bolso do tipo ProPlan, um caderno de endereços e um bloco de anotações encadernado."

Holmberg fez outra pausa para um café e ponderou que, por enquanto, fato bastante raro, não encontrara nada de doloroso ou de foro íntimo e privado no apartamento do casal Svensson-Bergman. Nenhum acessório sexual escondido, nenhuma roupa íntima loucamente sexy nem gavetas com filmes pornôs. Não encontrara um esconderijo de ervas nem sinal de nenhuma atividade criminosa. Tudo indicava que se tratava de um casal comum de subúrbio, a rigor (do ponto de vista policial) um pouco mais sem graça que o normal.

Para encerrar, voltou ao quarto e se instalou em frente à mesa de trabalho. Abriu a gaveta de cima. Passou a hora seguinte separando papéis. Não demorou para perceber que a escrivaninha e a prateleira continham uma quantidade considerável de documentos e livros de referência para a tese de doutorado de Mia Bergman, "Da Rússia com amor". A documentação estava cuidadosamente classificada, como numa boa investigação policial, e ele ficou algum tempo concentrado em certas passagens do texto. *Essa Mia Bergman teria sido perfeita na brigada,* constatou. Parte da prateleira estava meio vazia e continha, aparentemente, documentos que pertenciam a Dag Svensson. Eram sobretudo recortes de jornal de artigos seus e de temas do seu interesse.

Ficou algum tempo conferindo o computador. Continha quase 5 GB de dados, pastas, cartas, artigos e arquivos em PDF baixados da internet. Ou seja, ele não teria como ler aquilo tudo até a noite. Acrescentou o computador e alguns CDs ao material apreendido, assim como um leitor com cerca de trinta disquetes ZIP.

Depois mergulhou por um breve instante numa reflexão um tanto desorientada. Até onde conseguia avaliar, o computador

continha o material de Mia Bergman. Dag Svensson era jornalista e deveria ter um computador como principal ferramenta de trabalho, mas naquela máquina não havia sequer e-mails em seu nome. Portanto o computador de Dag Svensson devia estar em algum outro lugar. Jerker Holmberg se levantou e, refletindo, deu uma volta pelo apartamento. No hall de entrada havia uma mochila preta com o compartimento para computador vazio, mas que continha alguns blocos de anotação de Dag Svensson. Não achou nenhum laptop em lugar nenhum do apartamento. Pegou as chaves e desceu até o pátio para examinar o carro de Mia Bergman e o porão. Também não encontrou nenhum laptop por lá.

O que havia de estranho com aquele cachorro, meu caro Watson, é que ele não latia.

No relatório de apreensão, registrou que, no momento, parecia estar faltando um computador.

Bublanski e Faste se encontraram com o procurador Ekström na sala dele por volta das seis e meia da tarde, assim que voltaram da Lundagatan. Por telefone, Curt Bolinder fora enviado à Universidade de Estocolmo para interrogar o orientador de Mia Bergman. Jerker Holmberg ainda estava em Enskede e Sonja Modig ficara incumbida de examinar o local do crime em Odenplan. Pouco mais de dez horas haviam transcorrido desde que Bublanski fora designado chefe das investigações, e sete horas desde o início da caçada a Lisbeth Salander. Bublanski resumiu o que acontecera na Lundagatan.

—E quem é Miriam Wu? - perguntou Ekström.

—Ainda não sabemos grande coisa sobre ela. Não tem ficha na polícia. O Hans Faste vai se encarregar de procurá-la a partir de amanhã.

—Quer dizer que a Salander não está na Lundagatan?

—Nada indica que ela more lá. Para começar, as roupas que estão no armário não são do tamanho dela.

—E que roupas, precisava ver! - disse Hans Faste.

—O que têm as roupas? - perguntou Ekström.

—Não são bem do tipo que se dá de presente no Dia das Mães.

—Nesse momento, não sabemos nada sobre Miriam Wu - disse Bublanski.

—Caramba, o que mais a gente precisa? O armário dela está cheio de uniformes de puta.

—Uniformes de puta? - espantou-se Ekström.

—Quer dizer, couro, vinil, cinta-liga e mais umas tralhas fetichistas e brinquedos sexuais numa gaveta. E não parece coisa barata.

—Você está querendo dizer que Miriam Wu é uma prostituta?

—Neste momento, não sabemos nada sobre Miriam Wu - repetiu Bublanski, para ser mais claro.

—A investigação feita pelo Serviço Social alguns anos atrás dava a entender que Lisbeth Salander tinha um pé nesse universo - disse Ekström.

—O Serviço Social costuma saber do que está falando - observou Faste.

—O relatório do Serviço Social não se baseia em nenhuma interpelação ou investigação - disse Bublanski. —A Salander foi pega no Parque de Tantolunden, quando tinha dezessete anos, na companhia de um homem muito mais velho. No mesmo ano, foi detida por embriaguez. Também na companhia de um homem de muito mais idade.

—Você quer dizer que não devemos tirar conclusões precipitadas - disse Ekström. —Certo. Mas chama a atenção o tema da tese de Mia Bergman: tráfico de mulheres e prostituição. Existe, portanto, uma possibilidade de ela ter tido contato com a Salander e com essa Miriam Wu por causa do trabalho, que as tenha provocado de alguma maneira e que isso tenha servido de motivo para o crime.

—A Bergman talvez tenha entrado em contato com o tutor e desencadeado uma espécie de avalanche - sugeriu Faste.

—Pode ser - disse Bublanski. —Mas cabe à investigação esclarecer esse ponto. O que importa no momento é encontrar Lisbeth Salander. Ela aparentemente não mora nesse endereço da Lundagatan. O que significa que também temos que encontrar Miriam Wu e perguntar como ela foi parar nesse apartamento e qual a relação dela com a Salander.

—E como a gente faz para encontrar a Salander?

—Ela está lá fora, em algum lugar. O problema é que o único endereço que ela teve a vida inteira é esse da Lundagatan. Não comunicou nenhuma mudança.

—Não esqueça que ela também esteve internada no Sankt Stefan e entregue a diversas famílias adotivas.

—Não esqueço. - Bublanski conferiu sua papelada. —Quando ela tinha quinze anos, foi adotada por três famílias diferentes. Não deu muito certo. Desde um pouco antes de completar dezesseis anos até os dezoito anos, morou com um casal de Hàgersten, Fredrik e Monika Gullberg. Curt Bolinder vai vê-los hoje à noite, depois de falar com o orientador da Mia Bergman na universidade.

—E sobre a coletiva de imprensa, o que a gente faz? —Faste quis saber.

Às sete da noite, o clima na sala de Erika Berger estava pesado. Mikael Blomkvist permanecera calado e praticamente imóvel desde que o inspetor Bublanski fora embora. Malu Eriksson tinha ido de bicicleta até a Lundagatan para cobrir a intervenção da força policial. Voltou para contar que aparentemente ninguém tinha sido preso e que o trânsito na rua já estava liberado. Henry Cortez ligara para comunicar que a polícia estava procurando uma mulher cujo nome ainda não fora divulgado. Erika o informou sobre a identidade da mulher.

Erika e Malu conversaram sobre a conduta que deveriam adotar, mas não chegaram a nada sensato. A situação se complicava pelo fato de Mikael e Erika conhecerem o papel de Lisbeth Salander no caso Wennerstrôm - na qualidade de uma *hacker* de primeira categoria, ela tinha sido a fonte secreta de Mikael. Malu Eriksson desconhecia esse fato e nunca ouvira falar em Lisbeth Salander antes disso. Daí os misteriosos silêncios em meio à conversa.

—Vou para casa - disse Mikael Blomkvist, levantando-se de repente. —Estou tão cansado que não consigo mais pensar. Preciso dormir.

Olhou para Malu.

—Temos bastante pano para manga. Amanhã é Sexta-feira Santa e pretendo aproveitar para dormir e separar uns documentos. Malu, você poderia trabalhar no fim de semana?

—Eu tenho escolha?

—Não. Começamos no sábado ao meio-dia. Você não iria lá para casa em vez de ficar aqui na redação?

—Combinado.

—Quero reformular as diretrizes que definimos hoje de manhã. Já não se trata apenas de descobrir se as revelações do Dag e da Mia tiveram alguma relação com o crime. Agora se trata de descobrir quem matou o Dag e a Mia.

Malu se perguntou como eles poderiam fazer isso, mas não disse nada. Mikael acenou despedindo-se de Malu e Erika e saiu sem mais nenhum comentário.

Às sete e quinze, Bublanski, o responsável pela investigação, acompanhou a contragosto o chefe do inquérito preliminar Ekström até o estrado do centro de comunicação da polícia. A coletiva de imprensa fora marcada para as dezenove horas, e eles estavam quinze minutos atrasados. Ao contrário de Ekström, Bublanski não tinha o menor interesse em ficar sob as luzes da ribalta diante de uma dúzia de câmeras de televisão. Ser a estrela desse tipo de situação deixava-o, acima de tudo, em pânico - nunca iria se acostumar a se ver na tevê e nunca sentiria prazer nisso.

Ekström, em contrapartida, estava como um peixe dentro d'água. Ajustou os óculos, exibindo uma fisionomia séria e adequada. Deixou que os fotógrafos disparassem seus flashes por alguns instantes antes de erguer as mãos e pedir silêncio na sala. Falou como se estivesse lendo um discurso pronto.

—Permitam-me desejar boas-vindas a todos nesta coletiva de imprensa um tanto apressada, sobre os assassinatos ocorridos ontem à noite em Enskede. Temos novas informações que gostaríamos de lhes comunicar. Meu nome é Richard Ekström, sou procurador, e esse é o inspetor Jan Bublanski, da brigada criminal regional, que está à frente das investigações. Vou ler um comunicado e em seguida os senhores podem fazer perguntas.

Ekström calou-se e contemplou aquela tropa do corpo jornalístico que se mobilizara em apenas meia hora. Os assassinatos de Enskede eram um assunto sensacional, em vias de crescer ainda mais. Constatou, satisfeito, que *Aktuellt, Rapport* e a TV4 estavam presentes, e reconheceu repórteres da agência TT e

de vários jornais matutinos e vespertinos. Havia, além disso, um grande número de repórteres que ele não conhecia. Ao todo, vinte e cinco jornalistas, pelo menos, estavam reunidos na sala.

—Como sabem, duas pessoas foram brutalmente assassinadas em Enskede ontem, pouco antes da meia-noite. Ao ser examinado o local do crime, foi encontrada uma arma, um Colt 45 Magnum. O Laboratório Criminalístico do Estado confirmou hoje que se trata da arma do crime. Sabemos quem é o proprietário da arma e procuramos por ele durante o dia de hoje.

Ekström fez uma pausa oratória.

—Hoje, por volta das dezessete horas, o proprietário da arma foi encontrado morto em sua casa, próxima de Odenplan. Foi atingido por um tiro e provavelmente já estava morto na hora do duplo homicídio de Enskede. A polícia —Ekström virou a mão na direção de Bublanski - tem fortes motivos para acreditar que se trata de um mesmo e único culpado, indivíduo este que, portanto, está sendo procurado por três assassinatos.

Fez-se um burburinho entre os jornalistas quando muitos deles começaram a sussurrar ao mesmo tempo em seus celulares. Ekström elevou um pouco a voz.

—Vocês têm algum suspeito? - gritou um repórter de rádio.

—Agradeço se não me interromperem, já estou terminando. A situação, neste momento, é de que uma pessoa foi identificada e que a polícia gostaria de interrogá-la sobre os três assassinatos.

—De quem se trata?

—De uma mulher. A polícia está procurando uma mulher de vinte e seis anos que tem uma ligação com o proprietário da arma e que, sabemos, esteve no local do crime em Enskede.

Bublanski franziu o cenho e assumiu um ar severo. Estavam justamente abordando o item da pauta em que ele e Ekström tinham discordado, ou seja, se o comando das investigações iria revelar o nome da pessoa fortemente suspeita de haver cometido os três assassinatos. Bublanski achava melhor adiar. Já Ekström acreditava que não podiam mais esperar.

Os argumentos de Ekström eram irrefutáveis. A polícia procurava uma mulher conhecida, psiquicamente perturbada e com suspeitas bem fundamentadas de haver cometido três assassinatos.

Durante o dia, já fora lançado um alerta em nível regional, e depois um nacional. Ekström afirmava que Lisbeth Salander tinha de ser considerada perigosa, e portanto era do interesse geral que fosse detida o quanto antes.

Os argumentos de Bublanski eram mais vagos. Na sua opinião, seria mais sensato o comando das investigações aguardar o resultado do exame técnico no apartamento do Dr. Bjurman antes de aderir de forma tão unívoca a uma só hipótese.

Ao que Ekström replicara que, de acordo com todos os elementos disponíveis, Lisbeth Salander era uma mulher psiquicamente perturbada com propensão à violência e que alguma coisa havia desencadeado um surto homicida. Nada podia garantir que os atos de violência iriam cessar.

—O que vamos fazer se, nas próximas vinte e quatro horas, ela entrar em outro apartamento e assassinar mais alguém? —Ekström disparou.

Bublanski não tivera argumento para retrucar e Ekström lembrara que não faltavam precedentes. Quando o triplo assassino Juha Valjakkala, de Amsele, tinha sido caçado em todo o país, a polícia divulgara um alerta de busca com seu nome e sua foto justamente por ser considerado uma ameaça pública. Como o mesmo argumento podia ser aplicado ao caso de Lisbeth Salander, Ekström decidiu que o nome dela deveria ser divulgado.

Ekström levantou a mão para interromper a barulheira dos repórteres. A revelação de que uma mulher estava sendo procurada por triplo assassinato ia suscitar manchetes enormes. Fez um sinal indicando que Bublanski ia falar. Bublanski pigarreou duas vezes, ajeitou os óculos e olhou fixamente para o papel contendo as informações sobre as quais tinham concordado.

—A polícia está procurando uma mulher de vinte e seis anos chamada Lisbeth Salander. Uma foto dela será distribuída. No momento, não sabemos onde ela se encontra, mas supomos que ainda esteja em Estocolmo. A polícia pede a ajuda da população para encontrar essa mulher o quanto antes. Lisbeth Salander tem um metro e cinquenta de altura e uma constituição franzina.

Inspirou profunda e nervosamente. Ele transpirava e sentiu suas axilas molhadas.

—Lisbeth Salander recebeu tratamento numa clínica psiquiátrica e considera-se que ela possa representar um perigo a si mesma e aos outros. Gostaríamos de destacar que no momento não temos como afirmar categoricamente que é ela a assassina, mas as circunstâncias nos levam a querer interrogá-la o quanto antes sobre os assassinatos de Enskede e Odenplan.

—Que enrolação! - gritou o repórter de um jornal vespertino. — Ou ela é suspeita ou não é.

Bublanski lançou um olhar desamparado ao procurador Ekström.

—A polícia está realizando amplas investigações, e é claro que trabalhamos com vários cenários. Mas, no momento, as suspeitas recaem sobre essa mulher e, para a polícia, é urgente que ela seja presa. As suspeitas com relação a ela se baseiam em provas técnicas encontradas nos locais dos crimes.

—Que tipo de provas?

A pergunta irrompeu instantaneamente da platéia.

—No momento, não podemos divulgar as provas técnicas.

Vários jornalistas falavam ao mesmo tempo. Ekström ergueu a mão, depois indicou um repórter do *Dagens Eko* que ele conhecia e considerava uma pessoa equilibrada.

—O inspetor Bublanski disse que ela recebeu tratamento psiquiátrico. Por que motivo?

—Essa mulher teve uma... infância difícil e um bocado de problemas ao longo dos anos. Está sob tutela e o proprietário da arma era seu tutor.

—Quem é ele?

—Trata-se de uma pessoa que foi morta em seu apartamento, perto de Odenplan. Não queremos revelar seu nome em consideração à família, que ainda não foi informada.

—Qual seria o motivo dos assassinatos? Bublanski pegou o microfone.

—No momento, não queremos abordar essa questão.

—Ela já tem ficha na polícia?

—Sim.

Então veio a pergunta de um repórter com voz densa e peculiar, que se fazia ouvir acima das demais.

—Ela deve ser considerada perigosa?

Ekström hesitou um instante. Então meneou a cabeça.

—O que sabemos sobre o passado dela leva a crer que, em situações em que se sente acuada, ela pode recorrer à violência. Se estamos divulgando esse alerta de busca é porque queremos entrar em contato com ela rapidamente.

Bublanski mordeu os lábios.

* * *

Às nove da noite, a inspetora Sonja Modig ainda se encontrava no apartamento do Dr. Bjurman. Já tinha ligado para casa a fim de explicar a situação ao marido. Depois de onze anos casados, ele acabara aceitando o fato de que o trabalho da mulher nunca seguiria uma rotina das nove às cinco. Ela estava à mesa de Bjurman, no escritório, examinando documentos que achara nas gavetas, quando bateram à porta. Viu Bublanski equilibrando-se com dois copos de café e um saco de papel azul da confeitaria da esquina. Com um gesto cansado, fez sinal para que ele entrasse.

—No que é que eu posso encostar? - perguntou Bublanski automaticamente.

—Os técnicos já terminaram aqui. Ainda estão trabalhando no quarto e na cozinha. O corpo ainda está aí.

Bublanski puxou uma cadeira e sentou-se em frente à sua colega. Modig abriu o pacote e pegou um pãozinho com canela.

—Obrigada. Eu estava louca por um café. Saborearam o lanche em silêncio.

—Se eu entendi bem, não deu muito certo na Lundagatan - disse Modig, engolindo o último bocado de pão e lambendo os dedos.

—Não havia ninguém lá. Até tinha correspondência para a Salander, ainda fechada, mas quem mora lá é uma tal de Miriam Wu. Ainda não foi encontrada.

—Quem é ela?

—Não sei direito. O Faste está pesquisando o passado dela. Foi incluída no contrato habitacional há pouco mais de um mês, mas a impressão que dá é que no apartamento só mora uma pessoa. Acho que a Salander se mudou sem comunicar o novo endereço.

—Ela pode ter planejado tudo isso.

—O quê? Um triplo assassinato? - Bublanski balançou a cabeça com ar resignado. —Isto está virando um verdadeiro caos. O Ekström insistiu em dar uma coletiva de imprensa e agora vamos

ficar um tempão com a mídia no nosso pé. A coisa promete. Achou alguma coisa?

—Tirando Bjurman no quarto... Achamos uma embalagem de Magnum vazia... Foi para as Impressões Digitais. O Bjurman tem um arquivo com as cópias dos relatórios mensais sobre Salander que ele mandava para a Comissão de Tutelas. A julgar por esses relatórios, Salander é um anjo.

—Ele também? Não! - exclamou Bublanski.

—Ele também o quê?

—Mais um admirador da Lisbeth Salander.

Bublanski resumiu o que ele descobrira com Dragan Armanskij e Mikael Blomkvist. Sonja Modig escutou sem interromper. Quando ele se calou, ela passou os dedos no cabelo e esfregou os olhos.

—Tudo isto está parecendo uma loucura - disse.

Bublanski meneou a cabeça, pensativo, e contraiu o lábio inferior. Sonja Modig olhou de lado para ele e conteve um sorriso. Seu rosto de feições grosseiras parecia quase brutal. Mas, quando estava incomodado ou incerto, assumia um jeito quase emburrado. Nessas horas ela achava que o apelido Bubolha lhe caía bem. Ela nunca o chamara assim e não sabia de onde o apelido surgira. Mas caía-lhe como uma luva.

—Muito bem - disse ela. —Até que ponto temos certeza?

—O procurador parece ter certeza. Agora à noite foi emitido um alerta de busca nacional a Lisbeth Salander - disse Bublanski. —Ela esteve todo o ano passado no exterior e é possível que tente sair do país.

—Até que ponto temos certeza? - ela repetiu. Ele deu de ombros.

—Já prendemos pessoas com bases muito mais frágeis que essas - respondeu.

—Temos as impressões digitais na arma do crime de Enskede. Temos o tutor morto também. Sem querer pôr a carroça na frente dos bois, aposto como foi usada a mesma arma. Amanhã vamos saber. Os técnicos acharam um fragmento de bala relativamente em bom estado no colchão.

—Certo.

—Há uns cartuchos do revólver aqui na gaveta de baixo da escrivaninha. Bala com núcleo de chumbo e ponta de carboneto de tungstênio.

—Certo.

—Temos vários documentos declarando que a Salander é louca. Bjurman era o tutor dela, é o proprietário da arma.

—Mmm... - fez Bubolha, emburrado.

Temos um elo entre a Salander e o casal de Enskede na pessoa de Mikael Blomkvist.

—Mmm... - ele repetiu.

—Você parece em dúvida.

—Não consigo formar uma imagem de Lisbeth Salander. Os arquivos dizem uma coisa, e tanto Armanskij como Blomkvist dizem outra. De acordo com os documentos, ela é uma psicopata praticamente retardada. E de acordo com o que dizem os dois, é uma investigadora sem igual. Há uma distância enorme entre as duas versões. Não temos motivo no que diz respeito a Bjurman, nem a menor confirmação de que ela conhecia o casal de Enskede.

—E uma doida psicótica precisa de motivo?

—Não fui até o quarto. Como está a coisa?

—Achei o Bjurman de bruços sobre a cama, de joelhos no chão. Como se estivesse rezando antes de dormir. Está nu. Com uma bala na cabeça.

—Uma bala só? Como em Enskede.

—Até onde pude ver, só havia uma bala. Tudo indica que Salander, se foi mesmo ela que fez isso, o obrigou a se ajoelhar na frente da cama antes de atirar. A bala entrou atrás da cabeça e saiu pelo lado da testa.

—Bala na nuca. Estilo execução.

—Exatamente.

—Eu estava pensando... alguém deve ter escutado o tiro.

—O quarto dá para o pátio dos fundos e os vizinhos de cima e de baixo viajaram no feriadão da Páscoa. A janela estava fechada. Além disso, ela usou um travesseiro para abafar o som.

—Muito esperto.

Nisso, Gunnar Samuelsson, do departamento técnico-legal, apontou a cabeça pela abertura da porta.

—Oi, Bubolha - ele exclamou, e voltou-se para a colega. — Modig, a gente virou o corpo para tirar ele do lugar. Você tem que vir dar uma olhada numa coisa.

Foram com ele até o quarto. O corpo de Nils Bjurman tinha sido deitado numa maca, de costas, primeira etapa do trajeto para o instituto médico-legal. Ninguém podia questionar a *causa mortis.* A testa exibia um ferimento enorme, de uns dez centímetros de largura, com um bom pedaço do osso frontal pendurado num farrapo de pele. Os respingos na cama e na parede falavam por si só.

Bublanski fez um muxoxo.

—No que a gente tem que dar uma olhada? - perguntou Modig. Gunnar Samuelsson ergueu o lençol, descobrindo o baixo-ventre de Bjurman. Bublanski pôs os óculos antes de se inclinar, como Modig, para ler o texto tatuado na barriga de Bjurman. As letras eram grosseiras e irregulares - o texto não era, evidentemente, obra de um tatuador profissional. Mas a mensagem aparecia com toda a clareza: **SOU UM PORCO SÁDICO, UM CANALHA ESTUPRADOR.**

Modig e Bublanski olharam um para o outro, estupefatos.

—Será que estamos olhando para um princípio de motivo? — Modig disse afinal.

A caminho de casa, Mikael Blomkvist comprou quatrocentos gramas de macarrão pré-cozido no 7-Eleven e colocou o pacote para esquentar no micro-ondas enquanto se despia para um banho de três minutos. Pegou um garfo e comeu em pé, direto da embalagem. Estava com fome, mas sem apetite, só queria engolir a comida o mais rápido possível. Feito isso, abriu uma Vestfyn e tomou a cerveja no gargalo.

Sem acender nenhuma luz, foi até a janela que dava para a cidade velha e permaneceu um bom tempo ali parado, tentando não pensar.

Exatamente vinte e quatro horas atrás, ele ainda estava jantando na casa da irmã quando Dag Svensson ligara para seu celular. Dag e Mia ainda estavam vivos.

Fazia trinta e seis horas que ele não dormia e já ia longe o tempo em que podia varar uma noite impunemente. Também sabia

que não ia conseguir dormir sem pensar no que tinha visto. As imagens de Enskede estavam gravadas para sempre em sua retina.

Por fim, desligou o celular e se enfiou debaixo do edredom. As onze da noite, ainda não estava dormindo. Levantou e pôs a cafeteira para funcionar. Ligou o CD-player e escutou Debbie Harry cantar “Maria”. Enrolou-se num cobertor e sentou no sofá da sala para tomar o café e pensar em Lisbeth Salander.

O que ele de fato sabia a seu respeito? Praticamente nada.

Sabia que ela tinha memória fotográfica e que era uma *hacker* diabólica.

Sabia que era uma mulher singular e fechada, que não falava de si mesma e não tinha a menor confiança nas autoridades.

Sabia que ela podia ser de uma violência brutal. Motivo pelo qual ele próprio ainda estava vivo.

Mas ignorava totalmente que ela estivesse sob tutela e que passara parte da adolescência num hospital psiquiátrico. Ele precisava escolher um lado.

Em algum momento depois da meia-noite, resolveu que simplesmente não estava a fim de acreditar nas conclusões da polícia, que acusava Lisbeth de ter matado Dag e Mia. Devia-lhe pelo menos uma chance de se explicar antes de condená-la.

Não percebeu que estava pegando no sono, e acordou no sofá às quatro e meia da manhã. Foi titubeando até a cama e tornou a dormir.

16 - SEXTA-FEIRA SANTA 25 DE MARÇO – SÁBADO DE ALELUIA 26 DE MARÇO

Malu Eriksson recostou-se no sofá de Mikael Blomkvist. Sem pensar, pôs os pés em cima da mesinha de centro - como teria feito em sua casa - e imediatamente os recolocou no chão. Mikael Blomkvist sorriu com gentileza.

—Não tem problema - disse. —Relaxe, sinta-se em casa.

Ela retribuiu o sorriso e tornou a pôr os pés em cima da mesa.

Na sexta-feira, Mikael trouxera para casa todas as cópias da papelada de Dag Svensson da redação da *Millennium.* Tinha separado o material no chão da sala. No sábado, ele e Malu tinham passado oito horas revendo e-mails, anotações, rabiscos no bloco de notas e, principalmente, os textos do futuro livro.

De manhã, Mikael recebera a visita de sua irmã, Annika Giannini. Ela trazia os jornais da tarde com manchetes belicosas e a foto da carteira de identidade de Lisbeth Salander estampada em tamanho grande na primeira página. Um dos jornais atinha-se aos fatos:

PROCURADA POR TRIPLO ASSASSINATO

O outro incrementara a manchete:

POLÍCIA PROCURA PSICOPATA ASSASSINA EM SÉRIE

Conversaram por uma hora, quando Mikael contou sua relação com Lisbeth Salander e por que ele tinha dúvidas sobre ela ser culpada. Por fim, perguntou à irmã se ela poderia considerar a hipótese de vir a representar Lisbeth Salander caso ela fosse presa.

—Já representei mulheres em casos de estupro e maus-tratos, mas não sou uma advogada criminal.

—Você é a advogada mais esperta que eu conheço e Lisbeth vai precisar de alguém confiável. Acho que ela vai te aceitar.

Annika Giannini pensou um pouco antes de dizer, com alguma hesitação, que conversaria com Lisbeth Salander se fosse o caso.

A uma da tarde do sábado, a inspetora Sonja Modig ligou, perguntando se podia passar na casa de Mikael em seguida para pegar a bolsa de Lisbeth Salander. Aparentemente, a polícia tinha encontrado, e lido, a carta que ele enviara para a Lundagatan.

Modig chegou vinte minutos depois e Mikael a convidou para sentar-se com Malu Eriksson à mesa da sala de jantar. Foi buscar a bolsa de Lisbeth, que ele havia deixado numa prateleira ao lado do micro-ondas. Hesitou um instante, então abriu a bolsa e tirou o martelo e a bomba de gás lacrimogêneo. *Subtração de provas materiais.* A bomba lacrimogênea era considerada uma arma ilegal e resultaria em condenação. O martelo inevitavelmente suscitaria algumas associações com a natureza violenta de Lisbeth. Ela não precisava disso, julgou Mikael.

Ofereceu café a Sonja Modig.

—Posso fazer umas perguntas? - indagou a inspetora.

—Pois não.

—Na sua carta a Lisbeth Salander, que encontramos no apartamento dela da Lundagatan, o senhor diz que tem uma dívida para com ela. A que se refere?

—Lisbeth me prestou um imenso favor.

—Do que se trata?

—De um favor de caráter puramente pessoal do qual não tenho intenção de falar.

Sonja Modig fitou-o atentamente.

—Trata-se de uma investigação de assassinato, sabe?

—E eu espero que vocês prendam o quanto antes o canalha que matou o Dag e a Mia.

—Não acredita que a Salander seja culpada?

—Não.

—Nesse caso, quem, na sua opinião, teria assassinado seus amigos?

—Não sei. Mas o Dag Svensson estava prestes a denunciar vários homens que tinham muito a perder. Um deles pode ser o culpado.

—E por que um desses homens teria matado o Nils Bjurman?

— Não faço idéia. Ainda.

Seu olhar tinha a estabilidade da certeza. Sonja Modig sorriu de repente. Sabia que ele era conhecido como Super-Blomkvist. Estava entendendo por quê.

—Mas o senhor pretende descobrir?

—Se possível. Pode dizer isso para o Bublanski.

—Não vou deixar de dizer. E se a Lisbeth Salander der notícias, espero que nos informe.

—Não acho que ela vá me dar algum sinal de vida e assumir que é culpada dos assassinatos, mas se ela entrar em contato vou fazer de tudo para convencê-la a se entregar à polícia. Se isso acontecer, também vou fazer de tudo para ajudá-la. Ela vai precisar de um amigo.

—E se ela disser que é inocente?

—Então espero que ela tenha condições de esclarecer o que aconteceu.

—Senhor Blomkvist, cá entre nós e sem muito alarde. Espero que entenda que a Lisbeth Salander precisa ser detida, e também espero que não cometa nenhuma besteira caso ela dê notícias. Se estiver enganado e ela for culpada, pode ser extremamente perigoso não levar a situação a sério.

Mikael meneou a cabeça.

—Espero que não tenhamos que colocá-lo sob vigilância. O senhor sabe que é contra a lei ajudar uma pessoa procurada. O senhor pode ser condenado por proteger um criminoso.

—E eu espero que vocês dediquem alguns minutos para pensar em outros possíveis culpados.

—Vamos fazer isso. Outra pergunta. Tem idéia de que tipo de computador Dag Svensson usava para trabalhar?

—Ele tinha um Mac de segunda mão, um iBook 500 branco, com tela de catorze polegadas. Igual ao meu, mas com uma tela maior.

Mikael mostrou seu equipamento, que tronava sobre a mesa de jantar.

—Sabe onde ele guardava esse computador?

—O Dag em geral o carregava numa mochila preta. Imagino que ainda esteja na casa dele.

—Não está. Poderia estar no local onde ele trabalhava?

—Não. Eu olhei na sala de Dag, e ele não está lá. Ficaram um instante em silêncio.

—Devo concluir então que o computador do Dag Svensson sumiu? —Mikael perguntou por fim.

Mikael e Malu tinham identificado um número considerável de pessoas que teoricamente poderiam ter algum motivo para matar Dag Svensson. Cada nome foi anotado em folhas grandes de rascunho, que Mikael afixou nas paredes da sala. A lista constituía-se exclusivamente de homens, clientes sexuais ou cafetões que constavam no livro. Às oito da noite, dispunham de uma lista com trinta e sete nomes. Destes, vinte e nove podiam ser identificados e apenas oito apareciam sob pseudônimo na apresentação de Dag Svensson. Vinte dos homens identificados eram clientes que em diferentes ocasiões tinham usado uma ou outra garota.

Conversaram também sobre o aspecto puramente prático da publicação do livro de Dag Svensson. O problema era que grande parte das afirmações se baseava em informações que Dag ou Mia detinham pessoalmente e que só eles poderiam escrever, cabendo a um autor menos inteirado no assunto a obrigação de conferir ou de aprofundá-lo.

Constataram que cerca de oitenta por cento do atual manuscrito poderia ser publicado sem maiores dificuldades, mas uma boa pesquisa seria necessária para que a *Millennium* se atrevesse a publicar os outros vinte por cento. Se Dag Svensson estivesse vivo, publicariam sem nenhuma hesitação - Dag e Mia teriam sabido lidar com a situação e rejeitar eventuais objeções ou críticas.

Mikael olhou pela janela. Anoitecera e estava chovendo. Perguntou a Malu se ela queria mais café. Ela recusou.

—Tudo bem - disse Malu. —Os originais estão sob controle. Mas ainda não achamos um mínimo vestígio sequer do assassino do Dag e da Mia.

—Pode ser um desses nomes na parede - disse Mikael.

—Também pode ser alguém que não tenha nada a ver com o livro. Ou pode ser essa sua amiga.

—A Lisbeth - disse Mikael.

Malu lançou-lhe um olhar de esguelha. Fazia um ano e meio que ela trabalhava na *Millennium,* na qual entrara em pleno caos do caso Wennerström. Depois de anos trabalhando como substituta e em projetos temporários, aquele era seu primeiro emprego fixo. Estava adorando. Trabalhar na *Millennium* eqüivalia a um importante status social. Ela tinha boas relações com Erika Berger e com o

resto do pessoal, porém sempre se sentira vagamente desconfortável na companhia de Mikael Blomkvist. Não havia um motivo real para isso, mas de todos os profissionais Mikael era o que ela achava mais fechado e inacessível.

No decorrer daquele ano, ele muitas vezes havia chegado tarde à redação, ficando depois sozinho em sua salinha ou na sala de Erika Berger. Andava distraído e, nos primeiros meses, Malu tivera a impressão de que ele frequentava mais os estúdios de tevê do que a redação. Estava constantemente viajando, ou ocupado em outro lugar. Sua companhia era tudo, menos camarada e, a julgar pelos comentários que ouvira de outros funcionários, Mikael tinha mudado. Tornara-se mais quieto e inacessível.

—Se a minha tarefa é descobrir por que o Dag e a Mia foram mortos, então preciso saber mais sobre a Salander. Não sei por onde começar, se não...

Deixou a frase em suspenso. Mikael olhou para ela com o rabo dos olhos. Por fim, sentou-se na poltrona que formava um ângulo reto com o sofá onde Malu estava e pôs os pés ao lado dos dela.

—Você gosta de trabalhar na *Millennium?* - perguntou inopinadamente. —Quero dizer, faz um ano e meio que você está com a gente, mas no ano passado corri tanto de lá para cá que nunca deu tempo de a gente se conhecer de fato.

—É maravilhoso trabalhar na *Millennium* - disse Malu. —Vocês estão satisfeitos comigo?

Mikael sorriu.

—Erika e eu comentamos mais de uma vez que nunca tivemos uma assistente de redação tão competente. Achamos você uma verdadeira pérola. E me perdoe não ter dito isso antes.

Malu sorriu satisfeita. Os elogios do grande Mikael Blomkvist eram mais do que bem-vindos.

—Mas não foi bem isso que eu perguntei - isse ela.

—Você está curiosa sobre a ligação entre a Lisbeth e a *Millennium.*

—Você e a Erika são muito econômicos nas informações.

Mikael meneou a cabeça e cruzou o olhar com o dela. Erika, assim como ele, tinha total confiança em Malu Eriksson, mas existiam coisas que ele não podia conversar com ela.

—Concordo com você - disse ele. —Se a gente vai remexer no assassinato do Dag e da Mia, você precisa de mais informações. Sou uma fonte de primeira mão e, também, o vínculo entre ela e o Dag e a Mia. Vamos lá, pode perguntar que eu respondo na medida do possível. Se eu não puder responder, te digo.

—Por que todos esses segredinhos? Quem é Lisbeth Salander e qual a relação dela com a Millennium?.

—Vou te explicar. Há dois anos contratei Lisbeth Salander como investigadora para um trabalho extremamente complicado. E aí é que está o problema. Não posso te contar que tipo de serviço a Lisbeth fez para mim. Erika sabe do que se trata e está presa ao sigilo profissional.

—Há dois anos... foi antes de você encerrar o caso Wennerström. Devo concluir que as investigações dela tiveram a ver com aquele contexto?

—Não, não deve concluir nada. Não vou dizer nem sim nem não, não vou confirmar nada nem negar nada. O que posso dizer é que contratei a Lisbeth para um caso bem diferente e que ela fez um trabalho sensacional.

—Certo. Na época você morava em Hedestad e vivia como um ermitão, se entendi direito. E Hedestad não foi um ponto esquecido no mapa da mídia daquele verão. Com a Harriet Vanger ressuscitando dos mortos e tudo mais. Acho bastante curioso a Millennium não ter escrito uma palavra sequer sobre a ressurreição da Harriet.

—Portanto... nem sim nem não. Imagine o que quiser, só que a probabilidade de acertar é praticamente nula. - Ele sorriu. —Se a gente não falou sobre a Harriet é porque ela faz parte do conselho administrativo. Deixamos que os outros jornais tratassem dela. E quanto à Lisbeth... acredite, Malu, quando digo que o que ela fez por mim não tem a menor ligação plausível com o que aconteceu em Enskede. Simplesmente não tem nada a ver.

—Está certo.

—Aceite um conselho. Não tente adivinhar. Não tire nenhuma conclusão. Contente-se em saber que ela trabalhou para mim e que eu não posso dizer do que se trata. Mas me deixe acrescentar que ela fez mais uma coisa por mim. Lá pelas tantas da história, ela

salvou a minha vida. No sentido literal da expressão. Tenho uma imensa dívida de gratidão para com ela.

Malu pareceu chocada. Nunca tinha ouvido falar sobre isso na *Millennium.*

—Então isso significa que você a conhece relativamente bem, se entendi direito.

—Tão bem quanto alguém pode conhecer Lisbeth Salander. Ela é provavelmente a criatura mais fechada que eu já vi.

De repente, Mikael se levantou e contemplou a escuridão lá fora.

—Não sei se você também quer, mas vou preparar uma vodca com limão para mim - ele disse por fim.

Malu sorriu.

—Aceito. É melhor que mais um café.

Dragan Armanskij passou o feriadão da Páscoa em sua casa de campo em Blidö pensando em Lisbeth Salander. Seus filhos eram adultos e tinham optado por não passar a Páscoa com os pais. Para Ritva, sua mulher há vinte e cinco anos, não era um problema notar que em determinados momentos ele estava a anos-luz dali. Ele mergulhava numa ruminação silenciosa e só respondia de modo incoerente quando ela falava com ele. Todas as manhãs, pegava o carro e ia comprar os jornais na mercearia da aldeia. Acomodava-se diante da janela da varanda e lia os artigos sobre a caça a Lisbeth Salander.

Dragan Armanskij estava decepcionado consigo mesmo. De um lado, por ter se enganado tão radicalmente sobre Lisbeth Salander. Há muitos anos sabia que ela tinha problemas psíquicos. A idéia de que ela pudesse passar subitamente para a violência e ferir quem a ameaçasse não lhe era estranha. Que ela tivesse agredido seu tutor - sem dúvida ela o encarava como alguém que se intrometia em seus assuntos e atos pessoais - era compreensível em certo nível racional. Ela considerava qualquer tentativa de controlar sua vida como provocação e, talvez, como ataques hostis.

Em compensação, não conseguia entender o que a fizera ir até Enskede e atirar em duas pessoas que, segundo todas as fontes disponíveis, eram perfeitas desconhecidas para ela.

Dragan Armanskij esperava que a qualquer momento se estabelecesse uma ligação entre Salander e o casal de Enskede - que descobrissem que um deles tivera alguma coisa com ela ou que tinham feito algo que a deixara furiosa. Nenhuma ligação do gênero aparecia nos jornais, que não faziam mais que especular sobre uma Lisbeth doente mental que devia ter tido algum tipo de surto.

Ligou duas vezes para o inspetor Bublanski para saber novidades sobre os rumos da investigação, mas ele tampouco conseguia estabelecer qualquer vínculo entre Salander e Enskede que não fosse Mikael Blomkvist. Nesse ponto, porém, a investigação empacava. Mikael Blomkvist conhecia tanto Salander como o casal de Enskede, mas não havia nenhuma prova de que ela, Salander, conhecia ou até já ouvira falar em Dag Svensson e Mia Bergman. Por conseguinte, a investigação tinha dificuldade em definir o andamento dos fatos. Se não fosse pela arma do crime com suas impressões digitais e pelo vínculo indiscutível com sua primeira vítima, o Dr. Bjurman, a polícia estaria tateando no escuro.

Depois de ir ao banheiro, Malu Eriksson tornou a sentar-se no sofá.

—Resumindo - disse ela. —A nossa missão consiste em definir se a Lisbeth Salander matou o Dag e a Mia como afirma a polícia. Mas não faço a mínima idéia de por onde começar.

—Encare isso como uma exploração. A gente não vai fazer uma investigação policial. Em compensação, vamos nos basear na investigação que a polícia está fazendo e tentar descobrir o que eles sabem. Como em qualquer trabalho investigativo, com a diferença de que não vamos necessariamente publicar o que a gente descobrir.

—Mas, se a Salander for culpada, tem que haver um elo entre ela, Dag e Mia. E esse elo é você.

—No caso, eu não sou elo nenhum. Faz mais de um ano que eu não vejo a Lisbeth. Nem sei como ela soube da existência deles.

Mikael calou-se de repente. Ninguém mais sabia, só ele, que Lisbeth Salander era uma *hacker* de gabarito internacional. Lembrou de repente que no seu iBook havia a correspondência com Dag Svensson, diferentes versões do livro de Dag, além de uma cópia digital da tese de Mia Bergman. Não sabia se Lisbeth Salander

estava ou não entrando em seu computador, mas era uma forma de ela ter descoberto que ele conhecia Dag Svensson.

O único problema é que Mikael não conseguia imaginar o menor motivo para que Lisbeth tivesse ido até Enskede matar Dag e Mia. Pelo contrário - eles estavam trabalhando numa reportagem que falava da violência contra a mulher, tema que Lisbeth teria incentivado com veemência. A menos que ele estivesse enganado sobre ela.

—Parece que você acabou de se lembrar de alguma coisa - disse Malu.

Mikael não tencionava dizer o que quer que fosse sobre os talentos de Lisbeth no campo da informática.

—Não, só estou cansado, com a cabeça confusa - respondeu.

—Agora, ocorre que ela não é suspeita apenas do assassinato do Dag e da Mia, mas também do seu tutor, e aí a ligação fica visível. O que você sabe sobre ele?

—Nadica de nada. Nunca ouvi falar nesse doutor Bjurman. Aliás eu nem sabia que ela tinha um tutor.

—Mas a probabilidade de outra pessoa ter matado os três é ínfima. Quero dizer, mesmo que alguém tenha matado o Dag e a Mia por causa da matéria deles, não havia nenhum motivo para esse alguém matar o tutor de Lisbeth Salander.

—Eu sei, e já matutei sobre isso até enjoar. Mas consigo imaginar pelo menos um cenário em que uma pessoa de fora poderia matar tanto o Dag e a Mia como o tutor de Lisbeth.

—Qual?

—Bem, digamos que o Dag e a Mia foram mortos porque estavam investigando o comércio do sexo, e que a Lisbeth estivesse indiretamente envolvida de alguma maneira. Se o Bjurman era o tutor de Lisbeth, existe a possibilidade de ela ter simplesmente se aberto com ele e ele ter virado uma testemunha. Ou então ele soube de alguma coisa que fez com que também fosse morto.

Malu refletiu alguns instantes.

—Entendo o que você quer dizer - ela falou hesitante. —Mas você não tem nenhuma prova dessa teoria.

—Não. Nenhuma.

—O que você acha? Ela é ou não culpada? Mikael demorou para responder.

—Vou colocar as coisas assim: se ela é capaz de matar? A resposta é sim. Lisbeth Salander tem uma natureza violenta. Eu a vi em ação quando...

—Quando salvou sua vida? Mikael assentiu com a cabeça.

—Não posso contar em que contexto. Mas um homem pretendia me matar e estava prestes a conseguir. Ela interveio e o machucou seriamente com um taco de golfe.

—E você não contou nada disso para a polícia.

—Absolutamente nada. Fica só entre nós dois.

—Certo.

Ele olhou para ela com um ar tremendamente sério.

—Malu, eu preciso confiar em você nesta situação.

—Não vou falar nada do que nós dois conversamos para ninguém. Nem para o Anton. Você não é só o meu chefe; eu gosto de você e não quero te prejudicar.

Mikael meneou a cabeça.

—Desculpe - disse ele.

—Pare de ficar o tempo todo se desculpando. Ele riu e depois voltou a ficar sério.

—Estou convencido de que, se necessário, ela o teria matado para me defender.

—Certo.

—Mas o fato é que também a vejo como uma pessoa muito racional.

Singular, isso sim, mas absolutamente racional de acordo com seus próprios princípios. Ela agiu com violência porque era preciso e não porque estava a fim. Ela teria que ter uma razão para matar, ser ameaçada e provocada ao extremo.

Ele refletiu mais um pouco. Malu o observava pacientemente.

—Não posso falar sobre o tutor. Não sei nada a respeito dele. Mas para mim é impossível imaginar Lisbeth matando o Dag e a Mia. Não acredito nisso.

Ficaram mais algum tempo em silêncio. Malu deu uma olhada no relógio e percebeu que eram nove e meia.

—Já é tarde. Vou para casa - disse ela. Mikael meneou a cabeça.

—Passamos o dia inteiro nisso. Amanhã a gente continua botando os neurônios para funcionar. Não, deixe a louça para lá... eu cuido disso.

Na noite de sábado para o domingo de Páscoa, Armanskij estava com insônia, escutando a respiração barulhenta de Ritva. Ele tampouco conseguia esclarecer aquela tragédia. Por fim, se levantou, enfiou as pantufas, vestiu um roupão e foi até a sala. O ar estava frio e ele pôs mais lenha na salamandra, abriu uma cerveja e sentou-se para contemplar a noite por sobre o canal de Furusund.

O *que é que eu sei?*

Dragan Armanskij podia confirmar sem muito problema que Lisbeth Salander era doida e imprevisível. Quanto a isso não havia a menor dúvida.

Ele sabia que alguma coisa tinha acontecido no inverno de 2003, quando ela de repente deixara de trabalhar para ele e sumira no exterior, naquele ano sabático. Estava convencido de que Mikael Blomkvist estava de algum modo envolvido nesse sumiço repentino. Mas Mikael tampouco sabia o que tinha acontecido, nem por que ela sumira de repente.

Ela tinha voltado e lhe fizera uma visita. Afirmara ser "financeiramente independente", o que Armanskij havia interpretado como um modo de dizer que ela tinha dinheiro suficiente para se virar por algum tempo.

Ela visitara Holger Palmgren durante toda a primavera. Não entrara em contato com Mikael Blomkvist.

De repente, matara três pessoas, sendo que duas, aparentemente, eram perfeitas desconhecidas para ela. *Não bate. Não faz sentido.*

Armanskij bebeu direto no gargalo e acendeu uma cigarrilha. Também se sentia culpado, o que contribuía para o mal-estar que vinha arrastando durante todo o feriado.

Quando Bublanski fora vê-lo, não hesitara em fornecer todas as informações que pudessem ajudar na captura de Lisbeth Salander. Parecia-lhe incontestável que ela precisava ser detida - quanto antes melhor. Mas sentia-se culpado por ter uma opinião tão ruim

sobre Lisbeth a ponto de ter aceitado, sem questionar, o fato de ela estar sendo acusada. Armanskij era realista. Se a polícia afirmava que uma pessoa era suspeita de assassinato, havia grandes chances de que ela fosse mesmo. Logo, Lisbeth Salander era culpada.

Mas a polícia não levava em conta o fato de que Lisbeth Salander talvez julgasse ter um motivo para agir como agira - circunstâncias atenuantes ou, pelo menos, uma explicação plausível para sua fúria. A tarefa da polícia era prendê-la e provar que ela tinha disparado aqueles tiros, e não vasculhar seus neurônios e explicar o porquê daquilo. Eles se contentavam em descobrir uma motivação mais ou menos plausível para os atos dela, mas também estavam prontos, caso não achassem explicação, para afirmar que se tratara do gesto de uma demente. *Lisbeth Salander constitui uma doente mental assassina ideal.* Ele balançou a cabeça.

Dragan Armanskij não gostava dessa explicação.

Lisbeth Salander nunca fazia nada contra a sua vontade e sem pesar as conseqüências.

Especial, sim. Louca, não.

Portanto, havia uma explicação, mesmo que obscura e inacessível para alguém de fora.

Por volta das duas da manhã ele tomou uma decisão.

17 - DOMINGO DE PÁSCOA 27 DE MARÇO – TERÇA-FEIRA 29 DE MARÇO

Dragan Armanskij se levantou cedo no domingo, depois de uma noite de ruminações agitadas. Desceu de mansinho, sem acordar a mulher, preparou café e umas fatias de pão. Depois abriu o laptop e se pôs a escrever.

Usou o mesmo formulário de relatório que a Milton Security utilizava na investigação de pessoas. Preencheu o relatório com todos os dados que conseguia juntar sobre a personalidade de Lisbeth Salander.

Por volta das nove, Ritva desceu para tomar café. Perguntou o que ele estava fazendo. Ele respondeu de forma evasiva enquanto seguia escrevendo com obstinação. Ela conhecia suficientemente o marido para saber que ele estaria inacessível pelo resto do dia.

Mikael se enganara, sem dúvida porque era Páscoa e a delegacia estava relativamente vazia. Precisou esperar até domingo de manhã para que a mídia descobrisse que ele é quem tinha encontrado os corpos de Dag e Mia. O primeiro a ligar, quando Mikael ainda estava deitado, foi um repórter *Aftonbladet,* um velho conhecido seu.

— Oi, Blomkvist. Aqui é o Nicklasson.

—Oi, Nicklasson - disse Mikael.

—Foi você que encontrou o casal de Enskede? Mikael confirmou.

— Tenho um informante que diz que eles estavam trabalhando para a *Millennium.*

—O seu informante está meio certo e meio errado. O Dag Svensson estava trabalhando como *freelancer* numa reportagem para a *Millennium.* Mia Bergman, não.

—Caramba. Que puta furo.

—É, imagino que sim - disse Mikael, cansado.

—Por que vocês não fizeram um comunicado?

—O Dag Svensson era um amigo e um colega. Achamos mais correto deixar a família saber do acontecido antes de publicar qualquer coisa a respeito.

Mikael sabia que não seria citado nesse ponto.

—Certo. No que o Dag Svensson estava trabalhando?

—Num tema para a *Millennium.*

—Sobre o quê?

—Que informação exclusiva o *Aftonbladet* pretende publicar amanhã?

—Quer dizer que é uma informação exclusiva?

—Não enche Nicklasson.

—Ah, Bloomy, seja bonzinho, vai. Você acha que os assassinatos têm alguma coisa a ver com a matéria em que o Dag Svensson estava trabalhando?

—Se você me chamar de Bloomy outra vez, eu desligo e fico o resto do ano sem falar com você.

—Desculpe. Você acha que o Dag Svensson foi morto por causa do trabalho de investigação jornalística?

—Não faço a menor idéia do motivo por que o Dag Svensson foi morto.

—O trabalho dele tinha alguma coisa a ver com a Lisbeth Salander?

—Não, nada a ver.

—Você sabe se o Dag conhecia a maluca da Salander?

—Não.

—O Dag já escreveu um bocado de textos sobre a cibercriminalidade. Era nesse tipo de assunto que ele estava trabalhando para a *Millennium?*

—*Puxa, cara, você não desgruda* - pensou Mikael, já a ponto de mandar Nicklasson ir catar coquinho, mas então conteve-se bruscamente e se endireitou na cama. Duas idéias paralelas lhe ocorreram de repente. Nicklasson disse mais alguma coisa.

—Nicklasson, espere um minuto. Fique na linha. Eu já volto. Mikael se levantou e pôs a mão no aparelho. Súbito, achava-se num outro planeta.

Desde os assassinatos, Mikael vinha se torturando pensando num jeito de contatar Lisbeth Salander. Era grande a probabilidade de ela ler suas declarações, onde quer que estivesse. Se ele negasse que a conhecia, ela poderia interpretar isso como abandono da parte dele, ou que ele a tivesse entregado para a

mídia. Se a defendesse, os outros interpretariam que Mikael sabia mais do que dizia sobre os assassinatos. Se ele se pronunciasse de forma adequada, poderia fazer que Lisbeth tivesse a idéia de procurá-lo. Era uma oportunidade boa demais para deixar escapar. Ele precisava dizer alguma coisa. *Mas o quê?*

—Desculpe Nicklasson. Voltei. O que você estava dizendo?

—Eu perguntei se o Dag Svensson não estava escrevendo sobre cibercriminalidade.

—Se quiser uma declaração minha, eu dou.

—Sinal verde.

—Você vai ter que me citar fielmente.

—De que outro jeito eu poderia te citar?

—Prefiro não responder a essa pergunta.

—O que você quer me dizer?

—Te mando um e-mail dentro de quinze minutos.

—O quê?

—Dê uma olhada nos seus e-mails daqui a quinze minutos - disse Mikael, e desligou.

Mikael sentou-se à escrivaninha e ligou o iBook e o Word. Depois se concentrou dois minutos antes de começar a escrever.

Erika Berger, diretora da *Millennium,* está profundamente tocada pelo assassinato do jornalista *freelancer* Dag Svensson, que era também seu colaborador. Espera que esses crimes sejam rapidamente elucidados.

Mikael Blomkvist, jornalista responsável pela Millennium, foi quem encontrou seu colega e a namorada, assassinados na noite de Quinta-feira Santa.

“Dag Svensson era um jornalista fora de série e um ser humano de quem eu gostava muito. Ele tinha várias idéias para reportagens. Estava, entre outras coisas, trabalhando numa grande matéria sobre a ciberpirataria”, confidenciou Mikael ao Aftonbladet.

Nem Mikael Blomkvist nem Erika Berger querem arriscar nenhum tipo de especulação sobre o culpado dos crimes ou sobre seus possíveis motivos.]

Em seguida, Mikael pegou o telefone e ligou para Erika Berger.

—Oi, Ricky, você acaba de ser entrevistada pelo *Aftonbladet.*

—Ah, é?

Ele leu rapidamente o texto que havia escrito.

—Por que isso? - perguntou Erika.

—Porque é a verdade. O Dag trabalhou uns dez anos como frila, e uma das áreas de atuação dele era justamente segurança em computação. Conversei várias vezes com ele sobre o assunto e até tínhamos pensado na possibilidade de retomar um texto dele depois da matéria sobre o tráfico de mulheres.

Ele esperou uns segundos antes de prosseguir.

—Você conhece mais alguém que se interesse por essas questões ligadas à ciberpirataria? - perguntou.

Erika Berger ficou um instante calada. Então entendeu o que Mikael estava tentando fazer.

—Muito esperto Mikael. Realmente esperto. Está bem, vá em frente. Nicklasson ligou um minuto depois de receber o e-mail de Mikael.

—Essa declaração não vale um tostão furado.

—Mas é só isso, e é mais do que qualquer outro jornal vai conseguir. Ou você publica tudo, ou então não publica nada.

Tão logo enviou as declarações para Nicklasson, Mikael sentou-se novamente à sua mesa. Pensou um pouco e então começou a digitar no teclado.

[Cara Lisbeth,

Escrevo esta carta sabendo que mais cedo ou mais tarde você vai lê-la no meu disco rígido. Lembro de como você invadiu o disco de Wennerström há dois anos e imagino que também tenha aproveitado a oportunidade para clonar o meu. A esta altura, já entendi que você não quer nada comigo. Ainda não sei por que você rompeu nossa relação daquele jeito, mas não tenho a intenção de te perguntar e você não precisa me explicar.

Infelizmente, você querendo ou não, os acontecimentos dos dois últimos dias tornaram a nos aproximar. A polícia afirma que você matou a sangue-frio duas pessoas de quem eu gostava muitíssimo. Não tenho como questionar a brutalidade desses assassinatos - fui eu quem encontrou o Dag e a Mia poucos minutos depois que atiraram neles. O problema é que não acho que tenha sido você. Em todo caso, espero que não. Se, como a polícia afirma você for uma assassina psicopata, isso quer dizer que me enganei

redondamente a seu respeito, ou então que você mudou incrivelmente no último ano. E se não for você a assassina, isso significa que a polícia está caçando o suspeito errado.

Neste ponto, eu deveria te aconselhar a desistir e se entregar para a polícia. Desconfio, porém, que estaria falando com as paredes. O fato é que a sua situação é insustentável e, mais cedo ou mais tarde, você será detida. E quando for detida vai precisar de um amigo. Se não quiser contar comigo, eu tenho uma irmã. o nome dela é Annika Giannini, ela é advogada. Falei com ela e ela está disposta a te representar se você entrar em contato com ela. Pode confiar totalmente nela.

Na *Millennium,* começamos nossa própria investigação sobre os assassinatos do Dag e da Mia. No momento, estou montando uma lista das pessoas que teriam bons motivos para calar Dag Svensson. Não sei se estou na pista certa, mas vou passar em revista, uma por uma, as pessoas dessa lista.

O problema é que não vejo onde o Dr. Nils Bjurman entra nessa história. Ele não consta no material do Dag, e não encontro nenhum elo entre ele, o Dag e a Mia.

Ajude-me, *please.* Qual é esse elo? Mikael.

P. S. Você deveria tirar outra foto para a sua carteira de identidade. Essa não lhe faz justiça.]

Ele pensou mais um pouco e então deu ao documento o nome [Para Sally]. Depois, criou uma pasta [**LISBETH SALANDER**] e colocou bem à vista na área de trabalho do seu iBook.

Na terça-feira de manhã, Dragan Armanskij convocou três pessoas para uma reunião em torno da mesa redonda da sua sala da Milton Security.

Johan Frãklund, de sessenta e dois anos, ex-inspetor de polícia em Solna, era o chefe da unidade de intervenção da Milton. Frãklund respondia pelo planejamento e análises. Armanskij o recrutara no funcionalismo do Estado dez anos antes e, com o passar do tempo, passou a considerá-lo um dos mais competentes funcionários da empresa.

Armanskij também chamou Steve Bohman, de quarenta e oito anos, e Niklas Eriksson, de vinte e nove. Bohman, tal como Frãklund, era um ex-policial. Formado na brigada de intervenção de

Norrmalm nos anos 1980, chegara à brigada criminal, onde conduzira dúzias de investigações pesadas. Bohamn fora um dos protagonistas da investigação sobre o Homem do Laser no início dos anos 1990 e, em 1997, depois de alguma persuasão e a proposta de um salário consideravelmente maior, passara para a Milton.

Niklas Eriksson não possuía uma ficha desse nível. Estudara na escola de polícia, mas na última hora, um pouco antes de prestar o exame, descobriu que sofria de uma insuficiência cardíaca congênita que não só exigia uma intervenção cirúrgica de peso como significava que sua futura carreira como policial estava indo para o brejo.

Frãklund - antigo colega do pai de Eriksson - sugeriu que Armanskij lhe desse uma chance. Como estivesse abrindo uma vaga na unidade de intervenção, Armanskij aceitou contratá-lo. Nunca se arrependeu. Eriksson estava na Milton havia cinco anos. Ele não tinha a mesma familiaridade com o terreno que a maioria dos funcionários, em compensação, destacava-se pela perspicácia de seus recursos intelectuais.

—Bom dia a todos, sentem-se e para começar leiam isto aqui - disse Armanskij.

Distribuiu três pastas que continham umas cinquenta cópias de recortes de jornal relatando a caçada a Lisbeth Salander, além de um resumo de três páginas sobre seu passado. Armanskij passara a segunda-feira depois da Páscoa redigindo o documento. Eriksson foi o primeiro a terminar a leitura e largar a pasta. Armanskij esperou que Bohman e Frãklund também terminassem.

—Imagino que nenhum de vocês deixou de ver as manchetes dos tabloides durante o feriado - disse Dragan Armanskij.

—Lisbeth Salander - disse Frãklund com voz neutra. Steve Bohman balançou a cabeça.

Niklas Eriksson olhou para o nada com uma expressão impenetrável, esboçando um sorriso triste.

Dragan Armanskij encarou o trio com um olhar perscrutador.

—Uma de nossas funcionárias - disse ele. —Vocês chegaram a conhecê-la nos anos em que ela esteve conosco?

—Tentei brincar com ela uma vez - disse Niklas Eriksson com ar constrangido. —Não deu muito certo. Pensei que ela fosse me decapitar. Era uma desmancha-prazeres, acho que nunca troquei mais de umas dez frases com ela.

—Ela era um tanto especial - disse Frãklund. Bohman deu de ombros.

—Era completamente doida, uma verdadeira peste para se conviver. Eu sabia que ela era maluca, mas não perturbada a esse ponto.

—Ela era uma figura estranha nesta empresa - reforçou Frãklund. —Eu nunca fui próximo dela, não dá para dizer que a gente alguma vez teve um contato caloroso.

Dragan Armanskij assentiu com a cabeça.

—Ela seguia seus próprios caminhos - disse. —Não era uma pessoa fácil de lidar. Mas eu a contratei porque era a melhor investigadora que já conheci. Sempre chegava a resultados fora do comum.

—Está aí uma coisa que eu nunca entendi - disse Frãklund. —Nunca saquei como ela podia ser tão incrivelmente competente e ao mesmo tempo tão antissocial.

Os três concordaram com a cabeça. - É evidente que a explicação está no estado psíquico dela - disse Armanskij, mostrando uma das pastas. —Ela foi declarada incapaz.

—Eu não sabia disso — disse Eriksson. — Quer dizer, ela não andava com um cartaz nas costas anunciando que estava sob tutela. E você nunca comentou nada.

—Não - reconheceu Armanskij. —Nunca comentei nada porque achava que ela não precisava ser ainda mais estigmatizada do que já era. Acho que todo mundo merece uma chance.

—Dá para ver, pelo resultado dessa experiência em Enskede - disse Bohman.

—Quem sabe.

Armanskij hesitou um instante. Não queria revelar sua fraqueza por Lisbeth Salander aos três profissionais que o contemplavam, olhos repletos de expectativa. O tom deles fora bastante neutro durante a conversa, mas Armanskij também sabia que Lisbeth Salander era abertamente detestada pelos três, bem como por

todos os funcionários da Milton Security. Ele não podia se mostrar frágil ou desconcertado. Era fundamental, portanto, apresentar a situação de modo a criar uma certa dose de entusiasmo e profissionalismo.

—Pela primeiríssima vez, decidi usar parte dos recursos da Milton para cuidarmos de um caso estritamente interno - disse. —Não podemos chegar a quantias astronômicas, mas pretendo afastar vocês dois, Bohman e Eriksson, do trabalho do dia a dia. A missão de vocês será, para usar uma expressão curinga, “estabelecer a verdade” sobre Lisbeth Salander.

Bohman e Eriksson dirigiram um olhar cético para Armanskij.

—Quero que você, Frãklund, assuma as rédeas da investigação. Quero saber o que aconteceu e o que levou Lisbeth Salander a matar seu tutor e o casal de Enskede. Deve, necessariamente, haver uma explicação plausível.

—Desculpe, mas isso está parecendo uma verdadeira investigação policial - objetou Frãklund.

—Sem dúvida - Armanskij retrucou imediatamente. —Mas temos certa vantagem em relação à polícia. Conhecemos Lisbeth Salander e temos uma idéia de como ela funciona.

—Hmm - disse Bohman com um tom cético. —Não acredito que alguém nesta empresa conheça a Salander ou tenha a mais vaga idéia do que se passa na cabeça dela.

—Não faz mal - respondeu Armanskij. —Ela trabalhava para a Milton Security. Considero nossa responsabilidade estabelecer a verdade.

—A Salander não trabalha com a gente desde... quanto tempo faz? Quase dois anos - disse Frãklund. —Não acho que a gente seja tão responsável assim pelo que ela faz. E não acho que a polícia ia gostar que a gente se metesse na investigação deles.

—Pelo contrário - disse Armanskij.

Ele estava jogando seu trunfo e tinha que jogar com habilidade.

—Como assim? - perguntou Bohman.

—Ontem eu tive uma longa conversa com o chefe do inquérito preliminar, o procurador Ekström, e com o inspetor que está conduzindo a investigação, Bublanski. O Ekström está sendo pressionado. Não se trata de um acerto de contas qualquer entre

gângsteres, e sim de um acontecimento com imenso potencial midiático - foram executados um advogado, uma criminologista e um jornalista. Expliquei a eles que, considerando-se que a principal suspeita é uma ex-funcionária da Milton Security, tínhamos decidido iniciar uma investigação própria sobre o caso.

Armanskij fez uma pausa antes de prosseguir.

—O Ekström e eu concordamos que o importante no momento é que a Lisbeth Salander seja detida o quanto antes, para não ter tempo de fazer mais estragos, a si mesma ou aos outros - disse. —Já que, como pessoa, a conhecemos mais que a polícia, podemos contribuir. O Ekström e eu decidimos então que vocês dois - apontou para Bohman e Eriksson - vão se mudar para a delegacia central e se juntar à equipe de Bublanski.

Os três lançaram a Armanskij um olhar perplexo.

—Desculpe uma pergunta idiota... mas nós somos civis - disse Bohman. —A polícia vai nos abrir as portas de uma investigação de assassinato como esta, sem mais nem menos?

—Vocês vão trabalhar sob o comando do Bublanski, mas também vão me manter informado. Vão ter livre acesso à investigação. Todo o material que nós já temos e o que vocês descobrirem será passado ao Bublanski. Para a polícia, isso significa que a equipe do Bublanski simplesmente vai ganhar um reforço extra. E nenhum de vocês foi civil a vida inteira. Frãklund e Bohman, vocês trabalharam muitos anos como policiais antes de vir para cá, e você, Eriksson, cursou a escola da polícia.

—Mas isso é contra os princípios...

—De jeito nenhum. A polícia recorre frequentemente a consultores civis em diversas investigações. Podem ser psicólogos nas investigações sobre crimes sexuais ou intérpretes nas investigações que envolvam estrangeiros. Vocês vão simplesmente intervir enquanto consultores civis que têm algum conhecimento a mais do principal suspeito.

Frãklund meneou a cabeça devagar.

—Certo. A Milton se junta à investigação da polícia e procura contribuir para a prisão da Salander. Mais alguma coisa?

—Uma só: a missão de vocês, no que diz respeito à Milton, é estabelecer a verdade. Mais nada. Quanto a mim, quero saber se a

Salander matou mesmo essas três pessoas, e nesse caso por quê.

—Então ainda existe alguma dúvida quanto à culpa dela? - perguntou Eriksson.

—Os indícios de que a polícia dispõe são muito comprometedores para ela. Mas quero saber se existe outra dimensão para essa história, se existe um cúmplice que desconhecemos e que talvez tenha empunhado a arma do crime, ou se há circunstâncias que ignoramos.

—Acho difícil encontrar circunstâncias atenuantes para um triplo assassinato - disse Frãklund. —Teríamos que partir do princípio de que existe uma chance de ela ser inocente. E eu não acredito nisso.

—Nem eu - reconheceu Armanskij. —Mas a missão de vocês será colaborar com a polícia de todas as formas possíveis e contribuir para a sua rápida detenção.

—E de quanto vai ser a nossa verba? - perguntou Frãklund.

—O normal. Quero que me mantenham informados dos custos, e se chegarem a quantias faraônicas a gente desiste. Mas considerem que vão trabalhar em tempo integral nessa história por pelo menos uma semana a partir de agora.

Mais uma vez, hesitou um instante.

—Sou eu quem conhece melhor a Lisbeth Salander. Isso significa que vocês devem me ver como um dos protagonistas dessa história e que eu devo estar entre as pessoas que vocês vão interrogar - disse ele, por fim.

Sonja Modig atravessou o corredor com passos rápidos e conseguiu chegar à sala de interrogatório quando as últimas cadeiras acabavam de ser movidas. Sentou-se ao lado de Bublanski, que convocara toda a equipe de investigação, inclusive o chefe do inquérito preliminar. Hans Faste lançou a Sonja um olhar irritado por causa do atraso e então se concentrou na introdução: cabia a ele iniciar a reunião.

Ele continuara pesquisando os inúmeros conflitos entre a burocracia do Serviço Social e Lisbeth Salander, a suposta “pista psicopata” como ele a chamava, e inegavelmente tivera tempo de reunir um farto material. Hans Faste clareou a garganta.

—Apresento-lhes o doutor Peter Teleborian, médico-chefe da clínica psiquiátrica do Hospital Sankt Stefan, em Uppsala. Ele teve a gentileza de vir até Estocolmo para deixar à nossa disposição tudo o que sabe sobre a Lisbeth Salander.

Sonja Modig voltou o olhar para Peter Teleborian. Era um homem baixo, de cabelo castanho crespo, óculos com armação metálica e um cavanhaque miúdo. Vestia-se com descontração, paletó bege de veludo cotelê, jeans e camisa listrada aberta no colarinho. Tinha feições acentuadas, com um quê de garoto. Sonja já vira Peter Teleborian diversas vezes, mas nunca tinha falado com ele. Ele dera algumas aulas sobre transtornos psíquicos quando ela estava no último ano da escola de polícia e, em outra ocasião, num estágio de formação continuada, havia falado sobre psicopatas e comportamentos psicopatas entre os jovens. Ela também assistira ao processo de um estuprador em série em que ele fora chamado a testemunhar como especialista. Por ter se manifestado durante vários anos nos debates públicos, era um dos psiquiatras mais conhecidos do país. Destacara-se por sua crítica severa aos cortes brutais no orçamento dos tratamentos psiquiátricos, que resultaram no fechamento de hospitais psiquiátricos e no abandono puro e simples de pessoas vítimas de evidente indigência psíquica, condenando-as a um destino de pessoas sem-teto e transformando-as em casos sociais. Após o assassinato de Anna Lindh, ministra das Relações Exteriores, Teleborian integrara a Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a decadência dos serviços psiquiátricos.

Peter Teleborian cumprimentou os presentes com um movimento de cabeça e se serviu de água mineral num copo plástico.

—Vamos ver se posso ser útil - ele começou cauteloso. — Detesto ver meus prognósticos se cumprindo nesse tipo de contexto.

—Prognósticos? - perguntou Bublanski.

—Sim. Pode-se falar em ironia. Na noite dos assassinatos de Enskede, participei de um painel na televisão em que se falou da bomba-relógio que está ativada em mais ou menos toda a nossa sociedade. É assustador. Eu de certo não estava pensando em

Lisbeth Salander naquele momento, mas citei uma série de exemplos - anônimos, claro - de pacientes que francamente deveriam estar em instituições de tratamento em vez de andando livres pelas ruas. Eu diria que, só neste ano, a polícia terá de solucionar pelo menos meia dúzia de homicídios ou assassinatos cujo culpado pertence a esse grupo de pacientes, de número bastante limitado.

—E o senhor quer dizer que a Lisbeth Salander faz parte desses loucos de atar? - perguntou Hans Faste.

—A expressão “loucos de atar” não é muito pertinente. Mas ela faz parte, sim, dessa clientela abandonada pela sociedade. É, sem dúvida, um desses indivíduos dilacerados que eu não teria deixado à solta por aí, se tivessem pedido a minha opinião.

—O senhor quer dizer que ela deveria ter sido internada antes que cometesse um crime? - perguntou Sonja Modig. —Não seria muito coerente com os princípios de uma sociedade de direito.

Hans Faste franziu o cenho e lançou-lhe um olhar irritado. Sonia Modig se perguntou por que Faste parecia estar sempre mostrando as garras para ela.

—Você está coberta de razão - respondeu Teleborian, vindo assim, indiretamente, em seu socorro. —Não é coerente com a sociedade de direito, pelo menos não na sua forma atual. Mas existe um equilíbrio a manter entre o respeito pelo indivíduo e o respeito pelas vítimas potenciais que um ser humano mentalmente perturbado pode deixar pelo caminho. Nenhum paciente é igual ao outro, e eles precisam ser tratados caso a caso. É evidente que nos serviços de tratamento psiquiátrico também cometemos erros e damos alta a pessoas que não deveriam estar em liberdade.

—Talvez não seja preciso nos aprofundarmos em política social no caso que nos interessa - disse Bublanski diplomaticamente.

—Tem razão - concordou Teleborian. —Trata-se aqui de um caso específico. Mas permitam-me apenas dizer que é importante entender que Lisbeth Salander é uma pessoa doente que necessita de cuidados, como qualquer paciente que sofre de dor de dente ou de insuficiência cardíaca precisa de cuidados. Ela pode se curar, e poderia estar curada hoje se tivesse recebido a ajuda adequada quando ainda era receptiva ao tratamento.

—O senhor, então, era o médico dela - disse Hans Faste.

—Sou uma das diversas pessoas que lidaram com Lisbeth Salander. Ela foi minha paciente no início da adolescência, e fui um dos médicos que a avaliaram antes da decisão de colocá-la sob tutela quando ela atingiu a maioridade.

—Fale-nos sobre ela - pediu Bublanski. —O que poderia tê-la levado a Enskede para matar duas pessoas desconhecidas, e o que poderia tê-la levado a matar seu tutor?

Peter Teleborian caiu na gargalhada.

— Não, isso eu não tenho como dizer. Não acompanho a evolução dela há vários anos, e não sei em que grau de psicose ela se encontra. Agora, o que posso adiantar é que duvido muito que ela não conhecesse o casal de Enskede.

—O que o faz pensar assim? - perguntou Hans Faste.

—Uma das fragilidades no tratamento da Lisbeth Salander é que nunca houve um diagnóstico completo sobre ela. Isso porque ela não foi receptiva ao tratamento. Sempre se negou a responder às perguntas ou participar de qualquer forma de tratamento terapêutico.

—De modo que o senhor não tem certeza se ela é mesmo doente? - perguntou Sonja Modig. —Quero dizer, já que não existe um diagnóstico.

—Veja o seguinte - disse Peter Teleborian. —Eu recebi a Lisbeth Salander quando ela estava para fazer treze anos. Era psicótica, tinha problemas fóbicos e sofria de uma evidente mania de perseguição. Foi minha paciente por dois anos, depois de ser compulsoriamente internada no Sankt Stefan. O motivo desse internamento compulsório é que, ao longo de toda a infância, ela havia demonstrado um comportamento particularmente violento com colegas de escola, professores e pessoas conhecidas. Vários incidentes foram comunicados ao diretor, ela atingiu e feriu pessoas. Mas a violência sempre foi dirigida a pessoas com quem ela convivia, ou seja, alguém que tinha dito ou feito alguma coisa que ela considerava uma ofensa. Não há nenhum caso em que ela tenha atacado um perfeito desconhecido. Por isso, acredito que existe uma ligação entre ela e o casal de Enskede.

—Com exceção do ataque no metrô quando ela tinha dezessete anos - disse Hans Faste.

—Nesse caso, temos que considerar que ela é que foi comprovadamente agredida e não fez mais que se defender - disse Teleborian. —A pessoa em questão era um conhecido criminoso sexual. Esse é também um bom exemplo da maneira como ela age. Ela poderia ter se afastado ou procurado proteção junto aos outros passageiros. Mas optou por golpear e ferir gravemente. Quando se sente ameaçada, ela chega às vias de fato.

—Mas então, qual é a doença dela? - perguntou Bublanski.

—Como acabei de dizer, não dispomos de fato de um diagnóstico. Eu diria que ela sofre de esquizofrenia e está sempre se equilibrando nas fronteiras da psicose. Carece de empatia e, por vários motivos, pode ser qualificada como uma sociopata. Confesso que me surpreende ela ter se saído tão bem depois da maioridade. Quer dizer que, mesmo sob tutela, ela se movimentou oito anos pela sociedade sem cometer nenhum ato que resultasse numa queixa ou detenção. Mas o prognóstico...

—O prognóstico?

—Nesse tempo todo, ela não recebeu tratamento. Eu seria capaz de apostar que a doença dela, que talvez pudéssemos ter amainado ou tratado há dez anos, agora já faz parte da sua personalidade. Meu prognóstico é que, uma vez detida, ela não será condenada à prisão. Terá de ser internada numa instituição.

—Então como se explica que o tribunal de instâncias decidiu conceder a ela um visto para a vida em sociedade? - resmungou Hans Faste.

—Isso na certa deve ser entendido como a conjunção de alguns fatores: um advogado bom de lábia, somado a restrições orçamentárias e à eterna liberalização. Em todo caso, foi uma decisão à qual eu me opus quando o serviço de medicina legal me consultou. Mas eu não tinha poder de decisão.

—Mas esse prognóstico de que o senhor fala se baseia necessariamente em suposições - sugeriu Sonja Modig. —Quero dizer, na verdade o senhor não sabe nada do que aconteceu com ela desde que ela atingiu a maioridade.

—É mais que uma suposição. É a minha experiência.

—Ela pode representar um perigo para si mesma? - perguntou Sonja Modig.

—Você quer dizer: se ela poderia cometer suicídio? Não, duvido muito. Ela é uma psicopata egomaníaca. O que conta é ela mesma. Todas as outras pessoas à sua volta não têm a menor importância.

—O senhor disse que a reação dela pode se traduzir em chegar às vias de fato - disse Hans Faste. —Ou seja, ela pode ser vista como uma pessoa perigosa.

Peter Teleborian o contemplou demoradamente. Então, inclinou a cabeça e coçou a testa antes de responder.

—Vocês não imaginam como é difícil afirmar com exatidão corno uma pessoa vai reagir. Eu não gostaria que Lisbeth Salander fosse ferida quando vocês a prenderem... mas digamos que, tratando-se dela, eu tomaria cuidado para que a detenção se desse com a máxima cautela. Se ela estiver armada, há um grande risco de ela usar a arma.

18 - TERÇA-FEIRA 29 DE MARÇO – QUARTA-FEIRA 30 DE MARÇO

Três investigações paralelas sobre os assassinatos de Enskede estavam, portanto, em andamento. A primeira era a do inspetor Bublanski, que tinha a vantagem de representar a autoridade do Estado. Tudo indicava que a solução estava bem ao alcance da mão; tinham uma suspeita e uma arma do crime associada a essa suspeita. Tinham uma ligação incontestável com a primeira vítima e uma possível ligação, através de Mikael Blomkvist, com as duas outras vítimas. Para Bublanski, praticamente só faltava encontrar Lisbeth Salander e enfiá-la numa cela da casa de detenção de Kronoberg.

A investigação de Dragan Armanskij estava formalmente subordinada à investigação oficial da polícia, mas Armanskij também tinha uma agenda própria. Sua intenção era, de certa forma, cuidar dos interesses de Lisbeth Salander - descobrir a verdade e, de preferência, uma verdade com circunstâncias atenuantes.

A investigação mais incômoda era a da *Millennium. A* revista careciatotalmente dos recursos de que dispunham tanto a polícia como a empresa de Armanskij. Ao contrário da polícia, Mikael Blomkvist não estava particularmente interessado em descobrir um motivo plausível que pudesse ter levado Lisbeth Salander a Enskede para matar seus dois amigos. Em dado momento, durante os feriados da Páscoa, ele concluíra que simplesmente não acreditava naquela história. Se Lisbeth Salander estava envolvida de alguma maneira nos assassinatos, era necessariamente por motivos bem diversos dos que a investigação oficial dava a entender. Outra pessoa tinha segurado a arma, ou então alguma coisa escapara do controle de Lisbeth Salander.

Niklas Eriksson permaneceu calado no trajeto de táxi entre Slussen e a delegacia central de Kungsholmen. Estava deslumbrado por se ver afinal, e sem aviso prévio, em meio a uma legítima investigação policial. Olhou de lado para Steve Bohman, que relia

mais uma vez o resumo de Armanskij. Então sorriu de repente consigo mesmo.

Aquela missão lhe oferecia uma chance totalmente inesperada de viver uma ambição que nem Armanskij nem Steve Bohman conheciam ou sequer adivinhavam. Achava-se, de repente, em condições de apanhar Lisbeth Salander. Esperava poder contribuir para sua detenção. Esperava que ela fosse condenada à prisão perpétua.

Todo mundo sabia que Lisbeth Salander não era muito popular na Milton Security. A maioria dos colaboradores que tinham lidado com ela a consideravam uma chave de cadeia. Mas nem Bohman nem Armanskij desconfiavam até que ponto Niklas Eriksson odiava Lisbeth Salander.

A vida havia sido injusta com Niklas Eriksson. Ele era um sujeito bonito. Um homem na flor da idade. Além disso, era inteligente. Ainda assim, estava excluída para sempre qualquer possibilidade de ele vir a ser o que sempre sonhara, ou seja, um policial. Seu problema era um sopro no coração, causado por uma lesão microscópica de uma válvula. Ele fora operado e o defeito, corrigido, mas, pelo fato de ter tido um problema cardíaco, fora definitivamente desclassificado e julgado um ser humano de categoria inferior.

Quando lhe propuseram trabalhar na Milton Security, ele aceitou. Mas foi sem o menor entusiasmo. Considerava a Milton uma lixeira de indivíduos inúteis - tiras aposentados e que já não estavam à altura. E ele era um desses rejeitados, sem ser responsável por isso.

Quando começou a trabalhar na Milton, uma de suas primeiras missões foi auxiliar a unidade de intervenção. Ele tinha que fazer uma análise de segurança para a proteção pessoal de uma cantora mundialmente famosa, e já não tão jovem, que vinha sofrendo ameaças de um admirador demasiado afoito, que além disso era um paciente psiquiátrico foragido. A cantora morava sozinha numa mansão em Södertörn, onde a Milton havia instalado um sistema de vigilância e um alarme, e deixado um guarda-costas de plantão. Certa noite, já bem tarde, o admirador afoito tentou entrar arrombando a casa. O guarda-costas neutralizou rapidamente o

sujeito, que foi depois condenado por ameaças e arrombamento, e despachado de volta para o asilo.

Por duas semanas, Niklas Eriksson fora várias vezes à mansão de Södertörn, acompanhando outros funcionários da Milton. Achava que a cantora madurona tinha um ar altivo de megera esnobe, e olhara espantada para ele quando ele bancou o sedutor. Ela deveria era se dar por feliz de um admirador ainda se lembrar dela.

Desprezava a maneira como o pessoal da Milton lambia as botas daquela mulher. Mas, evidentemente, não expressara sua opinião.

Certa tarde, pouco antes da prisão do admirador, a cantora e mais dois funcionários da Milton achavam-se à beira de uma pequena piscina nos fundos da casa, enquanto ele próprio estava lá dentro tirando fotos das portas e janelas que precisariam eventualmente ser reforçadas. Andara de um cômodo a outro até chegar ao quarto da mulher, e de repente não resistira à tentação de abrir uma cômoda. Encontrara uma dúzia de álbuns fotográficos datando da sua época de glória, nos anos 1970 e 1980, quando ela e sua orquestra faziam turnês pelo mundo inteiro. Encontrara também uma caixa com fotos muito pessoais da cantora. Fotos relativamente inocentes, mas que, com alguma imaginação, poderiam ser vistas como “ensaios eróticos”. *Meu Deus, que mocreia!* Ele roubara cinco das fotos mais ousadas, aparentemente tiradas por algum amante e decerto guardadas como recordação.

Fizera cópias e em seguida repusera os originais no lugar. Depois, esperou cinco meses antes de vendê-las a um tabloide inglês. Tinham-lhe pagado nove mil libras. As fotos deram o que falar.

Ele até hoje não sabia como Lisbeth Salander tinha feito. Pouco depois de as fotos serem publicadas, ela o procurou. Sabia que era ele quem vendera as fotos. Ameaçou denunciá-lo a Dragan Armanskij se voltasse a fazer coisas daquele tipo. Ela o teria denunciado se pudesse se fundamentar em documentos - o que aparentemente ela não estava em condições de fazer. Mas, a partir daquele dia, sentiu que ela o vigiava. Assim que ele se virava, deparava com seus olhinhos suínos.

Ele se sentira acuado e frustrado. O único revide possível tinha sido minar a credibilidade dela alimentando fofocas a seu respeito na sala dos funcionários, mas sem muito êxito. Não ousava chamar muita atenção, pois sabia, como todos na empresa, que por algum motivo incompreensível ela era protegida pelo próprio Armanskij. Eriksson se perguntava que espécie de poder ela tinha sobre o presidente da Milton, ou se era o caso de pensar que o velho safado a comia escondido. Embora ninguém na Milton gostasse muito de Lisbeth Salander, os funcionários respeitavam Armanskij e aceitavam a presença daquela garota estranha. Niklas Eriksson experimentara um alívio enorme com sua progressiva saída de cena e o cessar de suas atividades na Milton.

Uma oportunidade de lhe dar o troco acabava de surgir. Finalmente, sem risco algum. Ela poderia acusá-lo do que quisesse - ninguém iria acreditar. Nem Armanskij daria crédito a uma assassina psicopata.

O inspetor Bublanski viu Hans Faste sair do elevador na companhia de Bohman e Eriksson, da Milton Security. Faste tinha ido buscar os novos colaboradores na entrada de segurança. Bublanski não se entusiasmava muito com a idéia de abrir os arquivos de uma investigação por homicídio para pessoas de fora, mas era decisão de seus superiores e... afinal, Bohman era um policial de verdade, já com bons quilômetros rodados. E Eriksson, egresso da escola de polícia, não podia ser um total imbecil. Bublanski indicou a sala de reuniões.

A caçada a Lisbeth Salander estava em seu sexto dia e era hora de fazer um balanço. O procurador Ekström não participava da reunião. Estavam presentes os inspetores Sonja Modig, Hans Faste, Curt Bolinder e Jerker Holmberg, reforçados por quatro colegas da unidade de investigação da Criminal Nacional. Bublanski começou apresentando os novos colaboradores da Milton Security e perguntou se um deles gostaria de dizer algumas palavras. Bohman clareou a garganta.

— Já faz algum tempo que deixei esta casa, mas alguns de vocês me conhecem e sabem que fui um dos seus durante muitos anos, antes de passar para o setor privado. O motivo da nossa presença aqui é que a Salander trabalhou vários anos para nós e,

de certa forma, nos sentimos um pouco responsáveis. Nossa missão é colaborar no que for possível para a rápida prisão de Salander. Podemos fornecer algumas informações pessoais sobre ela. Portanto, não estamos aqui para atrapalhar a investigação nem para aprontar com vocês por baixo do pano.

—Que tipo de colega ela era? - perguntou Faste.

—Não exatamente uma pessoa que dava vontade de abraçar respondeu Niklas Eriksson.

Ele se calou quando Bublanski levantou a mão.

—Teremos oportunidade de abordar mais detalhes durante a reunião. Mas vamos analisar as coisas dentro de uma certa ordem, para obtermos uma visão coerente da situação. Terminada a reunião, vocês dois vão se encontrar com o procurador Ekström para assinar um juramento de segredo profissional. Agora, vamos começar com Sonja.

—É frustrante. Apenas fizemos progresso poucas horas depois do assassinato, quando identificamos Salander. Localizamos seu domicílio, ou o que pensamos ser seu domicílio. Depois, nem uma mínima pista sequer. Recebemos umas trinta ligações de pessoas que a teriam visto, mas até agora todas se revelaram falsas. Ela parece ter evaporado.

—O que é meio incompreensível - disse Curt Bolinder. —Ela tem uma aparência física bem característica, usa tatuagens, não deveria ser difícil encontrá-la.

—A polícia de Uppsala fez uma blitz ontem, dessas com fanfarra e banda de música, baseada numa informação dessas. Tudo isso para pôr as mãos num garoto de catorze anos parecido com a Salander, que levou um susto daqueles. Os pais não ficaram lá muito contentes, posso garantir.

—Imagino que não ajude estarmos buscando uma pessoa que aparenta ter catorze anos. Ela pode sumir no meio de turmas de jovens.

—Mas com a publicidade que a mídia vem fazendo em torno dela, alguém teria que ter visto alguma coisa - objetou Bolinder. —Ela vai passar no *Procura-se* desta semana, vamos ver se dá em alguma coisa.

—Custo a acreditar, quando penso que ela foi manchete de todos os jornais suecos - disse Hans Faste.

—Isso significa que a gente talvez tenha que mudar o raciocínio - disse Bublanski. —Ela pode ter conseguido fugir para o exterior, mas é mais provável que esteja escondida em algum lugar, esperando.

Bohman levantou a mão. Bublanski lhe fez um sinal com a cabeça.

—A imagem que temos dela não indica que ela seja autodestrutiva. É uma fina estrategista e planeja suas ações como um jogador de xadrez. Não faz nada sem analisar as conseqüências. Esta é, pelo menos, a opinião de Dragan Armanskij.

—É também a opinião do ex-psiquiatra dela. Mas vamos deixar de lado, por enquanto, a personalidade dela - disse Bublanski. —Mais cedo ou mais tarde ela vai ter que fazer algum movimento. Jerker, quais são os recursos financeiros dela?

—Esta vocês vão adorar - disse Jerker Holmberg. —Há muitos anos ela tem uma conta no Handelsbanken. Esse é o dinheiro que ela declara. Ou melhor, que o doutor Bjurman declarava. Há um ano, essa conta acusava um saldo de cem mil coroas. No outono de 2003, ela sacou toda essa quantia.

—Ela precisou de dinheiro líquido no outono de 2003. Segundo Armanskij, foi quando ela parou de trabalhar na Milton Security - disse Bohman.

—Pode ser. A conta ficou zerada por duas semanas. Depois, a mesma quantia voltou a ser depositada.

—Ela pode ter achado que ia precisar do dinheiro para alguma coisa, acabou não usando e pôs o dinheiro de volta no banco.

—Faz sentido. Em dezembro de 2003, ela usou essa conta para pagar algumas faturas, inclusive às taxas de condomínio do ano seguinte. O saldo ficou em setenta mil coroas. Depois disso, nenhuma movimentação durante um ano, com exceção de um depósito de nove mil coroas e alguma coisa. Verifiquei, era a herança da mãe dela.

—Certo.

—Em março deste ano, ela sacou o dinheiro da herança, a quantia exata era de 9312 coroas. Foi à única vez que ela mexeu

nessa conta.

—Mas então do que é que ela vive caramba?

—Escutem esta. Em janeiro deste ano, ela abriu outra conta. Desta vez no SEB. Depositou dois milhões de coroas.

—O quê?

—De onde saiu esse dinheiro? - perguntou Modig.

—Foi transferido para a conta dela a partir de um banco das ilhas anglo-normandas.

O silêncio tomou conta da sala de reuniões.

—Não estou entendendo - disse Sonja Modig por fim.

—Quer dizer que esse dinheiro ela não declarou? - perguntou Bublanski.

—É, mas tecnicamente ela não precisa declarar antes do próximo ano. Observe que essa quantia não consta no relatório mensal de Bjurman sobre a situação financeira de Salander.

—Você quer dizer que ou ele não estava a par, ou eles estavam tramando alguma coisa juntos. Jerker, em que pé estamos no aspecto técnico?

—Ontem à noite fiz um balanço com o chefe do inquérito preliminar. 0 que sabemos é o seguinte. Primeiro: temos condições de estabelecer a ligação entre Salander e os dois locais dos crimes. Achamos suas impressões digitais na arma do crime e nos estilhaços de uma xícara de café quebrada em Enskede. Estamos aguardando a resposta sobre as amostras de DNA que colhemos... mas não há quase nenhuma dúvida de que ela esteve no apartamento.

—Certo.

—Segundo: temos suas impressões digitais na embalagem da arma encontrada no apartamento do doutor Bjurman.

—Certo.

—Terceiro: temos, finalmente, uma testemunha que a viu no local do crime em Enskede. O balconista de uma tabacaria se manifestou dizendo que Lisbeth Salander comprou um pacote de Marlboro light na sua loja na noite do crime.

—E levou todo esse tempo para resolver falar.

—Ele viajou no feriadão, como todo mundo. O fato é que a tabacaria fica na esquina, aqui - Jerker Holmberg mostrou um mapa

-, a uns cento e noventa metros do local do crime. Ela entrou um pouco antes de a loja fechar, às vinte e duas horas. Ele nos deu uma descrição perfeita.

—A tatuagem no pescoço? - perguntou Curt Bolinder.

—Ele foi meio vago sobre isso. Acha que se lembra de uma tatuagem. Mas notou com segurança que ela tinha um *piercing* na sobrancelha.

—E o que mais?

—Não há muito mais que isso como prova puramente técnica. Mas é o suficiente.

—Faste, e o apartamento da Lundagatan?

—Achamos as digitais dela, mas não acredito que ela more lá. Viramos o apartamento de ponta-cabeça e tudo parece pertencer a Miriam Wu. Ela só foi incluída no contrato em fevereiro deste ano.

—O que se sabe sobre ela?

—Nenhuma condenação. Lésbica assumida. Participa às vezes de shows e coisas assim, na Gay Pride. Ela faz de conta que estuda sociologia e é coproprietária de uma butique pornô na Tegnérgatan. A Domino Fashion.

—Butique pornô? - perguntou Sonja Modig, erguendo as sobrancelhas.

Uma vez, para agradar o marido, ela havia comprado uma lingerie sexy na Domino Fashion. Coisa que não tinha a menor intenção de revelar aos homens daquela mesa.

—É, eles vendem algemas e roupa de puta, coisas assim. Se estiver procurando um chicote...

—Não é uma butique pornô, é uma butique de moda para pessoas que gostam de lingerie refinada - ela disse.

—Dá na mesma.

—Prossiga - disse Bublanski, irritado. —Não temos nenhuma pista da Miriam Wu.

—Nenhuma.

—Ela pode ter viajado no feriado - sugeriu Sonja Modig.

—Ou então a Salander acabou com ela também - sugeriu Faste. —Ela talvez queira varrer do mapa todos os seus conhecidos.

—Com que então, a Miriam Wu é lésbica. Devemos concluir que a Salander e ela estão juntas?

—Acho que podemos tranqüilamente concluir que existe uma relação sexual - disse Curt Bolinder. —Me baseio em várias coisas. Primeiro, achamos as digitais da Lisbeth Salander em torno da cama do apartamento. Também achamos digitais nas algemas, que obviamente foram usadas como brinquedo sexual.

—Então ela decerto vai apreciar as algemas que estou reservando para ela - disse Hans Faste.

Sonja Modig suspirou profundamente.

—Prossiga - disse Bublanski.

—Segundo: temos a informação de que a Miriam Wu flertou pesado no Moulin com uma garota cuja descrição corresponde à de Salander. Foi há uns quinze dias. O informante diz que conhece a Salander, que já cruzou com ela no Moulin, embora este ano ela não tenha sido vista por lá, já que estava no exterior. Não tive tempo de verificar com os funcionários. Vou ver isso hoje à tarde.

—O dossiê dela no Serviço Social não menciona que ela é lésbica. Na adolescência, ela volta e meia fugia das famílias adotivas para dar em cima dos homens nos bares. Foi pega várias vezes na companhia de homens mais velhos.

—Ela além de tudo rodava a bolsinha! - disse Hans Faste.

—O que se sabe sobre os amigos dela? Curt?

—Praticamente nada. Ela não foi interpelada desde os dezoito anos. Conhece o Dragan Armanskij e o Mikael Blomkvist, isso a gente sabe. E também a Miriam Wu, claro. A mesma fonte que me falou sobre ela e a Wu no Moulin disse que antigamente ela andava com um grupo de meninas. O grupo atendia pelo nome de Evil Fingers.

—Evil Fingers? O que é isso? - Bublanski quis saber.

—Parece um troço de ocultismo. Elas costumavam se encontrar para farrear.

—Não me diga que a Salander também é uma maldita satanista - disse Bublanski. —A mídia vai adorar.

—Um grupo de lésbicas satanistas - sugeriu Faste generosamente.

—Hans, você tem uma visão medieval das mulheres - disse Sonja Modig. —Até eu já ouvi falar nas Evil Fingers.

—Ah, é? - disse Bublanski, surpreso.

—Era um grupo feminino de rock do final dos anos 1990. Não eram superestrelas, mas teve uma época em que foram relativamente famosas.

—Ou seja, lésbicas satânicas tocando *hard rock* — disse Hans Faste.

—Está bem, chega - disse Bublanski. —Hans, você e o Curt se informem sobre as integrantes do Evil Fingers e falem com elas. A Salander tinha outros amigos?

—Não muitos além do seu ex-tutor, Holger Palmgren. Mas ele está passando por um tratamento prolongado depois que teve um derrame, parece que é bem grave. Não, não posso dizer que descobri um círculo de amizades. Aliás, também não descobrimos onde a Salander mora, nem um caderno de endereços, mas não parece que ela tenha muitos amigos próximos.

—Mesmo assim, ninguém pode andar por aí feito um fantasma, sem deixar vestígios. O que pensar de Mikael Blomkvist?

—A gente não o seguiu propriamente, mas ficamos dando sinal de vida durante o fim de semana - disse Faste. —Para o caso de a Salander se manifestar. Ele foi para casa depois do trabalho e parece não ter saído do apartamento durante o feriado.

—Acho difícil Mikael Blomkvist estar envolvido no assassinato - disse Sonja Modig. —A versão dele faz sentido e ele nos forneceu um cronograma detalhado de seus passos na noite do crime.

—Mas ele conhece a Salander. É o elo entre ela e o casal de Enskede. E há também o depoimento dele sobre os dois homens que agrediram a Salander uma semana antes dos assassinatos. O que pensar disso?

—Com exceção do Blomkvist, não há nenhuma outra testemunha dessa agressão... ou dessa suposta agressão - disse Faste.

—Você acha que o Blomkvist está inventando ou mentindo?

—Talvez, para desviar a atenção da Salander.

—Nada disso faz realmente sentido. Foi o Blomkvist que aventou a teoria de que o casal de Enskede foi morto por causa do

livro que o Dag Svensson estava escrevendo.

—Isso é balela - disse Faste. —Foi a Salander. Por que alguém iria assassinar o tutor dela para calar o Dag Svensson? E quem... um cara da polícia?

—Se o Blomkvist publicar essa teoria vamos ficar numa pior, com pistas policiais para todo lado — disse Curt Bolinder.

Todos menearam a cabeça.

—Certo - disse Sonja Modig. —Ela matou o Bjurman por quê?

—E o que significa aquela tatuagem? - perguntou Bublanski, mostrando a foto da barriga de Bjurman.

SOU UM PORCO SÁDICO, UM CANALHA ESTUPRADOR. Um breve silêncio caiu sobre o grupo.

—O que dizem os médicos? - quis saber Bohman.

— A tatuagem data de três anos. Eles podem ver isso pela pele, conforme a profundidade do sangramento - disse Sonja Modig.

—Podemos pressupor que o Bjurman não mandou fazer a tatuagem por livre e espontânea vontade.

—Verdade que existem tarados por toda parte, mas imagino que essa não seja uma tatuagem corriqueira, mesmo entre os fanáticos.

Sonja Modig balançou o indicador.

—O médico legista diz que, tecnicamente falando, é uma péssima tatuagem, o que eu mesma também constatei. Conclusão: foi feita por um amador. A agulha não foi aplicada sempre com a mesma profundidade, e é uma tatuagem imensa numa parte muito sensível do corpo. Deve ter sido um procedimento extremamente doloroso, que pode quase ser colocado no mesmo nível de golpes e ferimentos agravados.

—A não ser pelo fato de o Bjurman nunca ter dado queixa - disse Faste.

—Eu também não daria queixa se me tatuassem um *slogan* desses na barriga — observou Curt Bolinder.

—Tenho outra coisa aqui - disse Sonja Modig - que talvez possa reforçar a mensagem da tatuagem. É sobre o Bjurman ser um porco sádico.

Ela abriu uma pasta com fotos impressas e as fez circular.

—Só imprimi uma pequena amostra. Mas está aí o que encontrei num arquivo do disco rígido do Bjurman. São fotos baixadas da internet. O computador dele contém mais de duas mil fotos desse tipo.

Faste deu um assobio e mostrou a foto de uma mulher amarrada numa posição brutal e desconfortável.

—Talvez seja algo para a Domino Fashion ou as Evil Fingers - disse ele.

Bublanski fez um gesto irritado com a mão para que Faste calasse a boca.

—Como devemos interpretar isso? - perguntou Bohman.

—A tatuagem tem, digamos... dois anos - disse Bublanski. —Foi mais ou menos na época em que Bjurman ficou doente. Nem o médico legista nem o arquivo médico dele registram qualquer doença grave além da hipertensão. Logo, podemos imaginar que exista uma relação.

—A Salander se mudou no decorrer desse mesmo ano - disse Bohman. —Parou, de repente, de trabalhar para a Milton e se mandou para o exterior.

—Todos concordam que pode haver alguma relação aí também? Se a mensagem da tatuagem estiver certa, o Bjurman teria estuprado alguém. Salander era, sem dúvida, indicada para isso. Nesse caso, seria um bom motivo para um assassinato.

—Mas também poderia haver outras interpretações - disse Hans Faste. —Imagino muito bem um cenário em que a Salander e a china oferecem uma espécie de serviço de acompanhamento ligeiramente sadomasô. Sendo o Bjurman um desses birutas que gozam quando chicoteados por menininhas. Ele pode ter desenvolvido uma espécie de relação de dependência com a Salander e as coisas azedaram.

—Mas isso não explica por que ela teria ido até Enskede.

—Se o Dag Svensson e a Mia Bergman estavam prestes a denunciar o comércio do sexo, eles podem ter topado com a Salander e a Wu. Aí pode ter surgido um motivo para a Salander matar os dois.

—O que nos deixa com mais especulações ainda - disse Sonja Modig. A reunião se estendeu por mais uma hora, e também foi

debatido o sumiço do computador de Dag Svensson. Quando pararam para almoçar, sentiam-se todos frustrados. A investigação estava com mais pontos de interrogação do que nunca.

Erika Berger telefonou para Magnus Borgsjö, da direção do *Svenska Morgon-Posten,* assim que chegou à redação na terça-feira de manhã.

—Estou interessada - disse ela.

—Eu tinha certeza.

—Eu pretendia te comunicar a minha decisão logo depois do feriado da Páscoa, mas, como você pode imaginar a redação aqui está um verdadeiro caos.

—O assassinato de Dag Svensson. Meus sinceros pêsames. É uma história feia essa.

—Então você entende que não é uma boa hora para eu anunciar que vou abandonar o barco.

Ele ficou um instante em silêncio.

—Estamos com um problema - disse Borgsjö.

—Qual?

—Quando conversamos a primeira vez, eu disse que o cargo teria de ser preenchido no dia 1° de agosto. Mas ocorre que Hãkan Morander, o redator-chefe que você deverá substituir, não está nada bem de saúde. Está com problemas cardíacos e precisa reduzir as atividades. Ele conversou com o médico há alguns dias e acabo de saber que ele vai deixar o cargo em 1- de julho. Pensei que ele ficaria até o outono e que você poderia ir tomando pé da situação junto com ele, em agosto e setembro. Mas na atual situação temos uma crise. Erika precisamos de você aqui a partir de 1- de maio; 15 de maio no mais tardar.

—Meu Deus. Isso é daqui a umas poucas semanas.

—Você continua interessada?

—Sim... mas significa que só tenho um mês para organizar as coisas na Millennium.

—Eu sei, Erika, sinto muito. Mas sou obrigado a pressioná-la. Agora, um mês deveria ser mais que suficiente para você encerrar suas pendências numa revista que tem meia dúzia de funcionários.

—Mas isso significa eu largar tudo bem no meio do caos.

—Você vai largar de qualquer jeito. Só estamos antecipando em algumas semanas.

—Quero colocar umas condições.

—Estou escutando.

—Vou continuar no conselho administrativo da *Millennium.*

—Não é muito pertinente. Está certo que a *Millennium* é uma revista mensal, e muitíssimo menor, mas do ponto de vista técnico somos concorrentes.

—Não importa. Eu ficaria totalmente alheia às atividades da redação da *Millennium,* mas não tenho a menor intenção de vender minha parte. De modo que permaneço no C. A.

—Está certo, a gente dá um jeito.

Marcaram um encontro com a direção da empresa na primeira semana de abril a fim de discutirem alguns detalhes e redigir o contrato.

* * *

Mikael Blomkvist teve uma sensação de *déjà vu* ao examinar a lista de suspeitos que tinha elaborado com Malu no fim de semana. Nela constavam trinta e sete nomes que Dag Svensson maltratava sem dó nem piedade em seu livro. Entre eles, vinte e um eram de clientes que ele tinha conseguido identificar.

Mikael se lembrou de repente da sua caçada a um assassino em Hedestad, dois anos antes, cuja galeria de suspeitos, no início, somava quase cinquenta pessoas. Ele fora obrigado a se deter em especulações sobre a eventual culpabilidade de cada uma.

Por volta das dez horas de terça-feira, fez um sinal pedindo a Malu Eriksson que viesse até sua sala. Fechou a porta e convidou-a a se sentar.

Permaneceram em silêncio enquanto tomavam um cafezinho. Por fim, ele lhe passou a lista dos trinta e sete nomes levantados no fim de semana.

—O que a gente faz?

—Para começar, vamos mostrar essa lista para a Erika daqui a uns dez minutos. Depois, vamos tentar analisar nome por nome. Pode ser que alguém da lista tenha relação com os assassinatos.

—E como a gente faz para analisar?

—Eu vou me concentrar nos vinte e um clientes sexuais nominalmente citados no livro. Eles têm mais a perder do que os outros. Vou retomar onde o Dag parou e visitar um por um.

—Certo.

—Tenho duas tarefas para você. Primeiro, temos aqui sete nomes sem identificação, dois clientes e cinco aproveitadores. A sua tarefa, nos próximos dias, vai ser tentar identificá-los. Alguns nomes estão na tese da Mia; talvez haja referências que possam nos ajudar a descobrir os verdadeiros nomes deles.

—Está bem.

—Segundo, sabemos muito pouco sobre o Nils Bjurman, o tutor da Lisbeth. Os jornais publicaram um currículo sumário, mas imagino que metade esteja errada.

—Então vou dar uma fuçada no passado dele.

—Exatamente. Veja o que consegue encontrar.

* * *

Harriet Vanger ligou para Mikael Blomkvist por volta das cinco da tarde.

—Você pode falar?

—Um pouquinho.

—Essa moça que eles estão procurando... foi ela que ajudou a me achar, não foi?

Harriet Vanger e Lisbeth Salander nunca tinham se encontrado.

—Foi - respondeu Mikael. —Me desculpe, não tive tempo de te ligar para te manter informada. Mas foi ela, sim, de fato.

—O que isso significa?

—No que lhe diz respeito... nada, espero.

—Mas ela sabe tudo sobre mim e sobre o que aconteceu dois anos atrás.

—Sim, ela sabe tudo o que aconteceu. Harriet ficou calada do outro lado da linha.

—Harriet... não acredito que ela seja culpada. Sou obrigado a pensar que ela é inocente. Eu confio na Lisbeth Salander.

—Se acreditarmos no que dizem os jornais...

—Não dá para acreditar no que dizem os jornais. É simplista demais. Ela deu a palavra dela que não ia trair você. Acho que vai

cumpri-la pelo resto da vida. Pelo que percebi, ela tem princípios.

—E se ela não cumprir?

—Não sei, Harriet. Vou fazer de tudo para descobrir o que realmente aconteceu.

—Está bem.

—Não se preocupe.

—Não estou preocupada. Só quero estar preparada para o pior. Como você está, Mikael?

—Não muito bem. Estamos em pé de guerra com esses assassinatos. Harriet Vanger calou-se um instante.

—... Nesse momento, estou aqui em Estocolmo. Pego o avião para a Austrália amanhã e vou ficar um mês fora.

—Ah, é?

—Estou hospedada no mesmo hotel.

—Não sei bem o que dizer. Estou me sentindo um caco. Tenho que trabalhar esta noite e não vou ser uma companhia muito agradável.

—Você não precisa ser uma companhia agradável. Venha só relaxar um pouco.

Mikael voltou para casa por volta da uma da manhã. Estava cansado e chegou a pensar em deixar tudo para lá e ir dormir, mas mesmo assim ligou o iBook e checou a caixa postal. Não havia nada de interessante.

Abriu a pasta [LISBETH SALANDER] e encontrou um arquivo recente. Intitulava-se [Para MikBlom] e estava bem junto do documento intitulado [Para Sally].

Foi quase um choque deparar de repente com aquele arquivo em seu computador. *Ela está aqui. Lisbeth Salander entrou no meu computador.* Tal*vez ainda esteja aí.* Clicou duas vezes.

Não saberia dizer o que esperava. Uma carta. Uma resposta. Protestos de inocência. Uma explicação. A resposta de Lisbeth Salander a Mikael Blomkvist era frustrante, de tão breve. A mensagem consistia numa única palavra. Quatro letras.

[Zala.]

Mikael fitou aquele nome.

Dag Svensson tinha falado em Zala ao telefone, duas horas antes de ser morto.

O que ela está tentando dizer? Será que Zala é o elo entre o Bjurman, o Dag e a Mia? Como? Por quê? Quem é ele? E como é que a Lisbeth sabe? De que modo está envolvida nisso?

Abriu as propriedades do arquivo e viu que o texto tinha sido criado havia menos de quinze minutos. Então abriu um sorriso. O arquivo mostrava *Mikael Blomkvist* como autor. Ela criara o arquivo no próprio computador dele, e com o seu programa. Era melhor que um e-mail, não deixava pistas nem um IP que pudesse ser rastreado, embora Mikael tivesse quase certeza de que Lisbeth Salander jamais poderia ser rastreada pela rede. E isso simplesmente provava que ela tinha operado um *hostile takeover* - era assim que ela chamava - do seu computador.

Aproximou-se da janela e olhou para o prédio da prefeitura. Não conseguia se livrar da sensação de estar sendo observado por Lisbeth naquele momento, era quase como se ela estivesse ali na sala contemplando-o através da tela do iBook. Concretamente, ela podia estar em qualquer lugar do mundo, mas ele suspeitava que ela estava muito mais perto. Em algum lugar no centro de Estocolmo. Num raio de um quilômetro de onde ele se achava.

Refletiu alguns instantes, em seguida sentou-se e criou um novo arquivo Word que intitulou [Sally-2] e salvou-o na área de trabalho. Escreveu uma mensagem veemente.

[Lisbeth,

Que diacho de menina complicada você está me saindo... Quem é esse Zala? Ele é que é o elo? Você sabe quem matou Dag & Mia? Se sabe, me diga, para a gente conseguir desfazer este nó e ir para casa dormir. Mikael.]

Ela estava dentro do iBook de Mikael Blomkvist. A resposta chegou menos de um minuto depois. Um novo arquivo se materializou na sua área de trabalho, desta vez intitulado [Super-Blomkvist].

[O jornalista é você. Trate de descobrir.]

As sobrancelhas de Mikael se contraíram. Ela estava de gozação com ele, e ainda usando aquele apelido que, ela sabia muito bem, ele detestava. E não fornecia um indício sequer. Ele digitou o arquivo [Sally-3] e o salvou na área de trabalho.

[Lisbeth,

Um jornalista descobre as coisas perguntando às pessoas que sabem. E eu te pergunto: você sabe por que o Dag e a Mia foram mortos e quem os matou? Se souber, me diga. Dê-me uma pista para que eu possa avançar. Mikael.]

Foi desanimando enquanto esperava, horas a fio, por uma resposta. Eram mais de quatro da manhã quando desistiu e foi se deitar.

19 - QUARTA-FEIRA 30 DE MARÇO – SEXTA-FEIRA 1º DE ABRIL

Na quarta-feira, não aconteceu nada de particularmente interessante. Mikael gastou o dia passando um pente-fino no material de Dag Svensson para achar todas as referências ao nome de Zala. Como fizera Lisbeth Salander, procurou a pasta [ZALA] no computador de Dag Svensson e leu os três arquivos, [Irene P.], [Sandström] e [Zala], e, assim como Lisbeth, percebeu que Dag Svensson tivera uma fonte na polícia que atendia pelo nome de Gulbrandsen. Conseguiu localizá-lo na Criminal de Södertälje, mas quando ligou disseram que Gulbrandsen estava viajando a trabalho e só voltaria na segunda-feira.

Observou que Dag Svensson dedicara muito tempo a Irene P. Leu o relatório da autópsia e descobriu que a mulher fora morta lentamente, de maneira brutal. O assassinato ocorrera no final de fevereiro. A polícia não tinha nenhuma pista do assassino, mas partia do princípio de que, sendo Irene uma prostituta, o assassino devia ser um de seus clientes.

Mikael se perguntou por que Dag Svensson teria guardado o arquivo sobre Irene P. na pasta [ZALA]. Isso indicava uma ligação entre Zala e Irene P., mas o texto não fazia nenhuma referência a isso. Ou seja, Dag Svensson estabelecera a ligação só na sua cabeça.

O arquivo [Zala] era tão sucinto que lembrava anotações de trabalho provisórias. Mikael concluiu que Zala (supondo que ele de fato existisse) aparecia como uma espécie de fantasma no mundo do crime. Aquilo não parecia ser muito realista e o texto não remetia a nenhuma fonte.

Fechou o arquivo e coçou a cabeça. Desvendar o assassinato de Dag e Mia era uma tarefa muito mais complicada do que ele tinha imaginado. E, sem querer, sentia-se o tempo todo com uma dúvida. O problema é que, na verdade, ele não dispunha de nenhum indício apontando claramente que Lisbeth não tinha ligação com os assassinatos. Ele apenas se fundamentava no absurdo que era ela ter ido até Enskede para matar dois amigos dele.

Sabia que recursos financeiros não lhe faltavam; ela usara seus talentos como hacker para surrupiar uma quantia fabulosa de vários bilhões de coroas. Nem Lisbeth sabia que ele sabia. Exceto ele ter sido obrigado (com a autorização de Lisbeth) a contar dos seus talentos em computação para Erika Berger, jamais revelara os segredos dela para ninguém.

Negava-se a acreditar que Lisbeth Salander fosse culpada dos assassinatos. Tinha para com ela uma dívida que jamais poderia pagar. Ela não só lhe salvara a vida quando Martin Vanger estava prestes a matá-lo, como também salvara sua carreira e, provavelmente, a revista Millennium, ao entregar a cabeça daquele financista corrupto que era o Wennerstrôm.

Essas são coisas que vinculam. Sentia uma imensa lealdade em relação a Lisbeth Salander. Fosse ela culpada ou não, pretendia fazer de tudo para ajudá-la quando, mais cedo ou mais tarde, ela fosse detida.

Mas tinha de admitir que não sabia coisa alguma a seu respeito. Os vários laudos psiquiátricos, o fato de ela ter sido internada numa das instituições mais respeitadas do país, sendo inclusive declarada incapaz, indicavam claramente que a cabeça dela não funcionava muito bem. A mídia dera muito espaço ao médico-chefe Peter Teleborian, da clínica psiquiátrica Sankt Stefan, em Uppsala. Por discrição, ele não se pronunciara especificamente sobre Lisbeth Salander, no entanto não perdera a oportunidade de bater na sua tecla da decadência do tratamento dos doentes mentais. Teleborian era uma autoridade respeitada não só na Suécia como no mundo inteiro, enquanto eminente especialista em doenças psíquicas. Tinha sido muito convincente e conseguira expressar sua simpatia pelas vítimas e por suas famílias, e ao mesmo tempo dar a entender que se preocupava imensamente com o bem-estar de Lisbeth.

Mikael se perguntou se deveria entrar em contato com Peter Teleborian para convencê-lo a colaborar de alguma maneira. Mas conteve-se. Ponderou que Peter Teleborian teria muito tempo para ajudar Lisbeth Salander depois que ela fosse detida.

Por fim, foi até a copa pegar um café na caneca com o logotipo do Partido Moderado, e entrou na sala de Erika Berger.

—Estou com uma lista imensa de clientes sexuais e cafetões para entrevistar - disse.

Ela meneou a cabeça com ar preocupado.

—Vou levar uma semana, talvez duas, para dar conta da lista toda. Eles estão espalhados entre Strängnäs e Norrköping, não muito distantes de Estocolmo. Vou precisar de um carro.

Ela abriu a bolsa e pegou as chaves da sua BMW.

Posso?

Claro que sim. Eu posso vir trabalhar tanto de carro como de trem. Qualquer coisa, eu pego o carro do Lars.

—Obrigado.

—Só tem uma condição.

—Ah, é?

—Alguns desses caras são verdadeiros trogloditas. Se você está saindo numa cruzada contra os cafetões para desvendar o assassinato do Dag e da Mia, quero que leve sempre isto no bolso.

E colocou uma bomba de gás lacrimogêneo sobre a mesa.

—Onde você arranjou isso?

—Comprei nos Estados Unidos no ano passado. Já pensou uma mulher sozinha na rua, à noite, sem arma?

—E você imagina o bafafá que vai dar se eu usar isso aí e me prenderem por porte ilegal de arma?

—Melhor do que ter de escrever o seu necrológio. Mikael... não sei se deu para perceber, mas às vezes me preocupo muito com você.

—Ah, é?

—Você assume riscos e é tão metido que não consegue recuar depois que começou uma besteira.

Ele sorriu e deixou a bomba na mesa de Erika.

—Obrigado por sua preocupação. Mas não vou precisar.

—Micke, eu insisto.

—Pode insistir. Mas já estou preparado.

Enfiou a mão no bolso do paletó e tirou o cartucho de gás lacrimogêneo que tinha achado na bolsa de Lisbeth Salander e trazia consigo desde então. Erika suspirou.

Bublanski bateu à porta da sala de Sonja Modig e sentou-se na cadeira dos visitantes em frente à sua mesa.

—O computador do Dag Svensson - disse ele.

—Também pensei nisso - ela respondeu. —Fui eu que fiz a reconstituição das últimas vinte e quatro horas de Svensson e Bergman. Ainda há umas lacunas, mas o Dag Svensson não esteve na redação da *Millennium* naquele dia. Em compensação, andou pela cidade e, por volta das quatro da tarde, encontrou um antigo colega de escola. Um encontro casual num café da Drottninggatan. Esse colega afirma que Dag Svensson estava realmente com um laptop na mochila. Ele viu, e os dois inclusive falaram sobre o assunto.

—E por volta das onze da noite, depois que ele foi morto, o computador não estava na casa dele.

—Isso mesmo.

—Que conclusão a gente pode tirar?

—Ele pode ter ido a algum outro lugar e, por um motivo qualquer, ter deixado ou esquecido o computador lá.

—Faz sentido?

—Não muito. Mas ele pode ter deixado para uma revisão ou no conserto. E tem também a possibilidade de ele trabalhar em outro lugar que a gente não conhece. Ele já havia alugado uma vez uma sala numa agência de frilas em Sankt Eriksplan, por exemplo.

—Sei.

—E é claro que também existe a possibilidade de o assassino ter levado o computador.

—Segundo Armanskij, a Lisbeth Salander é perita em computação.

—É - Sonja Modig assentiu com a cabeça.

—Hmm. A teoria do Blomkvist é que Dag Svensson e Mia Bergman foram assassinados por causa da pesquisa que o Svensson estava fazendo. E que devia estar no computador.

—Estamos com vários trens de atraso. Três vítimas, são tantas pistas para retraçar que nos cria um problema de tempo, mas o fato é que ainda não efetuamos uma busca em regra no local de trabalho do Dag Svensson na *Millennium.*

—Falei com a Erika Berger agora de manhã. Diz ela que estão surpresos de ainda não termos ido lá dar uma olhada nas coisas dele. Ficamos muito concentrados na Lisbeth Salander, para

prendê-la o quanto antes, e a verdade é que sabemos muito pouco sobre o motivo. Você poderia...

—Marquei com a Berger uma visita para amanhã.

—Obrigado.

Na quinta-feira, Mikael estava conversando com Malu Eriksson em sua sala quando ouviu o telefone da redação tocar. Avistou Henry Cortez pela fresta da porta e não prestou mais atenção. Então, no fundo de seu cérebro, registrou que era o telefone da sala de Dag Svensson que estava tocando. Interrompeu-se em meio a uma frase e levantou-se de um salto.

—Pare, não toque nesse aparelho! - gritou.

Henry Cortez acabava de pôr a mão no telefone. Mikael entrou correndo na sala. Como *é que era mesmo a droga do nome que ele...*

—Índigo Marketing, bom dia, quem fala é o Mikael. No que posso ajudá-lo?

—Hã... bom dia, meu nome é Gunnar Björck. Recebi uma carta dizendo que ganhei um celular.

—Meus parabéns - disse Mikael Blomkvist. —Trata-se de um Sony Ericsson, o último modelo.

—E é de graça?

—Inteiramente de graça. A única coisa é que, para receber seu prêmio, o senhor precisa responder a uma pesquisa. Trabalhamos com análise de mercado e análises aprofundadas para diversas empresas. O senhor teria de gastar uma horinha respondendo a algumas perguntas. E, se aceitar, passa para a segunda etapa concorrendo a cem mil coroas.

—Entendi. E é possível fazer isso por telefone?

—Não, sinto muito. Parte da pesquisa inclui a identificação de diversos logotipos de empresas que precisamos lhe mostrar. Também iremos lhe perguntar que tipo de imagem publicitária lhe parece a mais atraente, mostrando-lhe várias alternativas. Um dos nossos colaboradores irá visitá-lo.

—Ah, sim... E por que eu fui escolhido?

—Realizamos esse tipo de pesquisa duas ou três vezes por ano. Neste estudo de agora, estamos dando ênfase a homens da

sua idade com boa situação profissional. Depois, a escolha foi feita ao acaso, pelos registros de identidade.

Por fim, Gunnar Björck aceitou receber a visita de um colaborador da Índigo Marketing. Informou que estava em licença médica, em repouso numa casa de campo em Smädalarö. Explicou como ir até lá. Marcaram o encontro para sexta-feira de manhã.

—YES! - exclamou Mikael depois de desligar.

Deu um soco no ar. Malu Eriksson e Henry Cortez trocaram um olhar perplexo.

Paolo Roberto aterrissou em Arlanda às onze e meia da quinta-feira. Dormira a maior parte do voo procedente de Nova York e, pela primeira vez, não sentia os efeitos do fuso horário.

Tinha passado um mês nos Estados Unidos debatendo sobre boxe, assistindo a lutas amistosas e buscando idéias para uma produção que ele pretendia vender à Strix Television. Constatou nostálgico, que sua carreira agora estava definitivamente encerrada, em parte por causa de uma suave pressão da família, em parte porque estava passando da idade. Não havia muito mais que ele pudesse fazer a não ser tentar manter a forma, o que ele fazia por meio de intensas sessões de treinamento pelo menos uma vez por semana. Ainda era um nome importante no mundo do boxe e imaginou que de um jeito ou de outro continuaria trabalhando com esse esporte o resto da vida.

Apanhou sua mala na esteira. Foi detido para revista ao passar pela alfândega. Mas um dos agentes sabia das coisas e o reconheceu.

—Olá, Paolo. Imagino que só tenha luva de boxe na sua mala.

Paolo Roberto garantiu que não levava nenhum objeto contrabandeado e deixaram-no entrar no país.

Estava deixando o hall de desembarque e pegando a rampa em direção ao ônibus para Arlanda quando estacou de repente, ao deparar com o rosto de Lisbeth Salander nas manchetes dos jornais vespertinos. De início não entendeu o que estava vendo. Perguntou-se se, afinal, não estava sentindo o efeito do fuso horário. Então voltou a ler a manchete.

CAÇADA A LISBETH SALANDER

Seu olhar passou para a segunda manchete.

EXCLUSIVO! PSICOPATA PROCURADA POR TRIPLO ASSASSINATO

Indeciso, entrou na revistaria e comprou os jornais vespertinos, também os matutinos, e dirigiu-se a uma lanchonete. Leu com uma sensação de irrealidade.

Ao chegar a seu apartamento da Bellmansgatan por volta das onze da noite, na quinta-feira, Mikael Blomkvist estava cansado e deprimido. Planejava ir dormir cedo e tentar recuperar um pouco do sono atrasado, mas não resistiu à tentação de se conectar a internet e dar uma olhada na sua caixa postal.

Não recebera nada de muito interessante, mas por desencargo de consciência abriu a pasta [**LISBETH SALANDER**]. Seu coração disparou quando encontrou um arquivo novo, intitulado [**MB2**]. Clicou duas vezes.

[O procurador E. está despejando informações na mídia. Pergunte a ele por que não repassou o antigo relatório policial.]

Mikael contemplou estupefato, a misteriosa mensagem. O que ela queria dizer com isso? Que antigo relatório policial? Não entendia o que ela estava sugerindo. Que menina danada de complicada! Por que ela sempre tinha que redigir as mensagens em forma de charada? Um instante depois, ele criou um novo documento, que chamou de [Críptica].

[Olá, Sally. Estou supercansado, não parei quieto desde os assassinatos. Estou sem ânimo para brincar de adivinha. Pode ser que você não esteja nem aí, ou que não leve a situação a sério, mas eu quero saber quem matou os meus amigos. M]

Esperou em frente à tela. A resposta [Críptica 2] chegou no minuto seguinte.

[O que você faria no meu lugar?] Ele respondeu com [Críptica 3].

[Lisbeth, se você pirou de vez, só o Peter Teleborian, na certa, pode te ajudar. Mas não acredito que você tenha matado o Dag e a Mia. Espero não estar enganado.

O Dag e a Mia pretendiam denunciar o comércio do sexo. Minha hipótese é que isso de alguma forma motivou os crimes. Mas não tenho nada para fundamentar essa hipótese.

Não sei o que deu errado entre nós, mas um dia conversamos sobre amizade. Eu te disse que a amizade se baseia em duas

coisas - respeito e confiança. Mesmo que você não goste de mim, pode confiar em mim totalmente. Nunca revelei seus segredos. Nem mesmo o que aconteceu com os bilhões de Wennerström. Confie em mim. Não sou seu inimigo. M.]

A resposta demorou tanto que Mikael já tinha perdido a esperança. Mas uns cinquenta minutos depois apareceu, de repente, o [Críptica 4].

[Vou pensar no assunto.]

Mikael enfim respirou aliviado. Vislumbrou, de súbito, um pequeno clarão de esperança. A resposta significava exatamente isso. Ela ia pensar no assunto. Era a primeira vez, desde que sumira repentinamente da sua vida, que ela aceitava se comunicar com ele. Ela estar disposta a pensar no assunto significava que ia pesar os prós e os contras antes de falar com ele. Ele escreveu [Críptica 5].

[Está bem, eu espero. Mas não demore demais.]

O inspetor Hans Faste atendeu a ligação no celular quando rodava pela Lângholmsgatan em direção à ponte de Vãsterbron para ir trabalhar na sexta-feira de manhã. A polícia não tinha verba suficiente para vigiar ininterruptamente o apartamento da Lundagatan. Tinham combinado com um vizinho de porta, um policial aposentado, que ficasse de olho no apartamento.

—A china acabou de chegar - disse o vizinho.

Hans Faste não poderia estar num lugar mais propício. Fez um retorno proibido diante do ponto de ônibus da Heleneborgsgatan, em frente à ponte, e dirigiu-se para a Lundagatan via Högalidsgatan. Estacionou menos de dois minutos depois do telefonema, atravessou a rua a passo acelerado e entrou no prédio pela entrada dos carros.

Miriam Wu ainda estava em frente à porta do apartamento, olhando para a fechadura arrombada e as fitas adesivas, quando ouviu passos na escada. Virou-se e viu um homem forte, de porte atlético e olhar intenso se aproximar. Sentiu-o como alguém hostil, largou a mala no chão e preparou-se para uma demonstração de boxe tailandês, se necessário.

—Miriam Wu? - ele perguntou.

Para sua imensa surpresa, o homem apresentou uma insígnia policial.

—Sim - respondeu Mimmi. —Do que se trata?

—Onde você esteve na semana passada?

—Viajando. O que aconteceu? Fui assaltada? Faste olhou para ela.

—Vou ter de lhe pedir que me acompanhe até Kungsholmen - disse, pondo uma mão no ombro de Miriam Wu.

Bublanski e Modig viram uma Miriam Wu razoavelmente irritada sendo escoltada por Faste até a sala de interrogatório.

—Sente-se. Sou o inspetor criminal Jan Bublanski e essa é minha colega Sonja Modig. Lamento termos sido obrigados a trazê-la aqui desta maneira, mas temos umas perguntas para lhe fazer.

—Ah, é? Por quê? O seu colega ali não é de falar muito. Mimmi apontou o polegar na direção de Faste.

—Faz mais de uma semana que estamos procurando você. Pode me dizer por onde andava?

—Sim, claro. Mas não estou com vontade e, até onde eu sei, isso não lhe diz respeito.

Bublanski ergueu uma sobrancelha.

—Chego em casa, dou com a porta arrombada e lacrada pela polícia, e aí um macho entupido de anabolizantes me arrasta até aqui. Não tenho direito a alguma explicação?

—Você não gosta de machos? - perguntou Hans Faste.

Miriam Wu olhou para ele chocada. Bublanski e Modig o fitaram com olhos severos.

—Devo deduzir que você não leu os jornais na semana passada? Estava fora do país?

Abalada, Miriam Wu começava a se sentir insegura.

—Não, não li os jornais. Passei quinze dias em Paris, visitando meus pais. Acabo de chegar da estação.

—Veio de trem?

—Não gosto de avião.

—E não leu as manchetes dos jornais?

—Acabo de descer do trem noturno, fui para casa de metrô.

O inspetor Bubolha refletiu. Nem todos os jornais da manhã davam Lisbeth Salander nas manchetes. Levantou-se, saiu da sala e voltou um minuto depois com a edição de Páscoa do *Aftonbladet,* cuja primeira página estava tomada pela foto de Lisbeth Salander.

Miriam Wu por pouco não desmaiou.

Mikael Blomkvist seguiu as instruções fornecidas por Gunnar Björck, sessenta e dois anos, para chegar à casa de campo de Smàdalarõ. Estacionou o carro e constatou que a “casinha” era uma casa moderna e muito confortável, da qual se avistava um pedaço da angra de Jungfrufjãrden. Subiu uma trilha de cascalhos e tocou a campainha. Gunnar Björck era exatamente igual à sua foto da identidade que Dag Svensson tinha conseguido.

—Bom dia - disse Mikael.

—Bom dia, foi fácil de achar?

—Foi, sim.

—Entre. Vamos ficar na cozinha.

—Parece ótimo.

Gunnar Björck parecia estar bem de saúde, mas mancava ligeiramente.

—Estou de licença médica - disse ele.

—Nada grave, espero - disse Mikael.

—Estou aguardando uma cirurgia de hérnia de disco. Aceita um café?

—Não, obrigado - disse Mikael.

Sentou-se à mesa, abriu a sacola e tirou de dentro uma pasta. Björck sentou-se à sua frente.

—Tenho a impressão de que já o conheço. Já nos vimos em algum lugar?

—Não - disse Mikael.

—Seu rosto me parece realmente familiar.

—Talvez tenha me visto no jornal.

—Como é mesmo o seu nome?

—Mikael Blomkvist. Sou jornalista, trabalho na revista *Millennium.* Gunnar Björck pareceu intrigado. Então as peças do quebra-cabeça se encaixaram. *Super-Blomkvist. O caso Wennerström.* Mas ainda não entendia as implicações.

—*Millennium.* Não sabia que vocês faziam pesquisa de mercado.

—Só excepcionalmente. Eu queria que o senhor desse uma olhada nessas três fotos e me dissesse que modelo prefere.

Mikael espalhou sobre a mesa as fotos de três mulheres. Uma das fotos tinha sido baixada de um site pornô da internet e impressa na impressora. As outras duas eram ampliações de fotos coloridas de carteira de identidade.

Gunnar Björck ficou lívido.

—Não estou entendendo.

—Não? Esta é Lidia Komarova, dezesseis anos, de Minsk, na Bielo-Rússia. Ao lado dela, Myang So Chin, também conhecida como Jo-Jo, da Tailândia. Vinte e cinco anos. Por fim, Yelena Barasowa, dezenove anos, de Tallinn. Você comprou serviços sexuais dessas três mulheres e eu gostaria de saber de qual gostou mais. Pode considerar como uma pesquisa de mercado.

Bublanski encarou Miriam Wu com um olhar cético e ela devolveu-lhe o olhar.

—Resumindo, você afirma que conhece Lisbeth Salander há pouco mais de três anos. Sem nenhuma contrapartida, ela a incluiu no contrato do apartamento agora na primavera, e foi morar em outro lugar. Vocês se encontram na cama uma vez ou outra, quando ela dá sinal de vida, mas você não sabe onde ela mora nem no que ela trabalha ou como ganha a vida. E quer que eu acredite nisso?

—Estou me lixando se acredita ou não. Não cometi nenhum crime, e minha opção de vida e parceiros sexuais não lhe dizem respeito, nem a mais ninguém.

Bublanski suspirou. Tinha recebido a notícia do aparecimento de Miriam Wu com uma sensação de libertação. *Enfim, uma abertura.* As respostas que ela lhe oferecia, porém, eram tudo menos esclarecedoras. Para dizer a verdade, eram até mesmo estranhas. O problema é que ele acreditava nela. Miriam Wu respondia com precisão e sem hesitar. Sabia dizer com precisão em que lugares e em que ocasiões tinha encontrado com Lisbeth Salander, e descreveu com tantos detalhes as circunstâncias que a fizeram se mudar para a Lundagatan que tanto Bublanski como Modig concluíram que uma história tão esquisita só podia ser verídica.

Hans Faste assistira ao interrogatório de Miriam Wu com uma crescente sensação de irritação, mas conseguira manter a boca fechada. Achava que Bublanski estava sendo mole demais com a

china. Aquela cachorra arrogante ficava aumentando as explicações para evitar responder à única pergunta que interessava, ou seja, onde, porra, a puta safada da Lisbeth Salander estava escondida.

Mas Miriam Wu não sabia onde Lisbeth Salander estava. Não tinha a menor idéia de qual era o trabalho de Lisbeth Salander. Nunca ouvira falar na Milton Security. Nunca ouvira falar em Dag Svensson ou em Mia Bergman, e tampouco sabia responder a uma única pergunta interessante. Ignorava totalmente que Salander estava sob tutela, que havia sido internada na adolescência e que tinha laudos psiquiátricos eloquentes no currículo.

Em compensação, confirmou que ela e Lisbeth tinham estado no Moulin, que haviam se beijado, voltado em seguida para a Lundagatan, e se despedido na manhã seguinte. Poucos dias depois, Miriam Wu pegara o trem para Paris e deixara de ver todas as manchetes dos jornais suecos. A não ser por uma rápida aparição de Lisbeth para deixar as chaves do carro, não a via desde a noite no Moulin.

—Chaves do carro? - perguntou Bublanski. — Salander não tem carro.

Miram Wu explicou que ela tinha comprado um Honda cor de vinho que estava estacionado na frente do prédio. Bublanski se levantou e olhou para Sonja Modig.

—Você pode continuar o interrogatório? - perguntou, saindo da sala. Precisava encontrar Jerker Holmberg e pedir um exame técnico no Honda cor de vinho. Precisava, antes de mais nada, ficar sozinho para pensar.

Na sua cozinha com uma bela vista para o mar, Gunnar Björck, em licença médica, chefe-adjunto da Brigada dos Estrangeiros na Säpo, tinha adquirido a cor de um fantasma. Mikael o contemplava com olhos neutros e pacientes. Agora estava convencido de que Björck nada tinha a ver com os assassinatos de Enskede. Dag Svensson não tinha tido tempo de se encontrar com ele, Björck ignorava totalmente que em breve seu nome e sua foto estariam numa reportagem que revelaria muita coisa sobre os clientes do comércio do sexo.

A contribuição de Björck limitava-se a um único detalhe interessante. Ele era amigo pessoal do dr. Nils Bjurman. Tinham se

conhecido no clube de tiro da polícia, do qual Björck era membro ativo há vinte e seis anos. Em certa época, inclusive, participara da diretoria do conselho administrativo junto com Bjurman. Não era uma amizade profunda, mas haviam saído duas ou três vezes para jantar.

Não, fazia vários meses que não via Bjurman. Até onde era capaz de lembrar, a última vez remontava ao verão anterior, quando tinham tomado uma cerveja na esplanada de um café. Lamentava que Bjurman tivesse sido morto por aquela psicopata, mas não pretendia ir ao enterro.

Mikael achou curiosa essa coincidência, mas acabou deixando para lá. Bjurman devia ter conhecido centenas de pessoas na sua vida profissional e associativa. Não era improvável nem estatisticamente estranho ele conhecer uma pessoa que constava nos registros de Dag Svensson. Mikael descobrira que ele próprio conhecia um jornalista que também constava.

Precisava acabar com aquilo. Björck já tinha passado por todas as etapas de praxe. Primeiro a negação, depois - quando Mikael mostrara parte da documentação - raiva, ameaças, tentativa de suborno e, por fim, súplicas. Mikael ignorara pacientemente todos as investidas.

—Percebe que vai destruir a minha vida se publicar isso? — disse Björck afinal.

—Percebo - respondeu Mikael.

—Mas vai publicar assim mesmo.

—Sem pensar duas vezes.

—Por quê? Podia ter um pouco de compaixão. Estou doente.

—Interessante você evocar a compaixão como argumento.

—O que custa ter um pouco de humanidade?

—Também acho, meu chapa. Você está aí se lamentando porque estou destruindo a sua vida, mas não hesitou em destruir a vida de muitas garotas, e transgredindo a lei. Temos provas no caso de três meninas. Sabe lá quantas outras passaram pelas suas mãos. Onde estava a sua caridade humana nessa hora?

Ele se levantou, juntou os documentos e guardou-os na bolsa do computador.

—Sei onde é a saída.

Encaminhou-se para a porta, então deteve-se e virou-se novamente para Björck.

—A propósito, você por acaso já ouviu falar num indivíduo chamado Zala? — perguntou.

Björck olhou fixamente para ele. Ainda estava tão abalado que mal ouviu as palavras de Mikael. O nome Zala pouco lhe importava. Então, seus olhos se arregalaram. *Zala!*

Não é possível.

Bjurman!

Será mesmo possível?

Mikael percebeu a alteração e se reaproximou da mesa da cozinha.

—Por que está me falando em Zala? - perguntou Björck. Ele parecia ter tomado um choque.

—Porque esse cara me interessa - disse Mikael.

Um silêncio denso tomou conta da cozinha. Mikael podia ver, literalmente, as engrenagens girando na cabeça de Björck. Por fim, Björck pegou um maço de cigarros no peitoril da janela. Era o primeiro cigarro que ele acendia desde a chegada de Mikael.

—Se eu sei alguma coisa sobre Zala... quanto vale isso para você? - perguntou, de repente mais seguro.

—Depende do que você sabe.

Björck refletiu. Os pensamentos se atropelavam em sua cabeça. *Como é que o Blomkvíst pode saber sobre o Zalachenko?*

—Fazia muito tempo que eu não escutava esse nome - disse Björck por fim.

—Então você sabe quem ele é - disse Mikael.

—Eu não disse isso. O que está procurando? Mikael hesitou um instante.

—É um dos nomes da minha lista de pessoas que estavam na mira de Dag Svensson.

—Quanto vale?

—Quanto vale o quê?

—Se eu te levar até o Zala... você consideraria esquecer de mim nessa reportagem?

Mikael sentou-se devagar. Depois de Hedestad, ele tinha decidido nunca mais negociar uma matéria jornalística. Não

pretendia negociar com Björck e, o que quer que acontecesse, iria denunciá-lo. Por outro lado, Mikael sabia que era suficientemente desprovido de escrúpulos para fazer jogo duplo e fazer um acordo com Björck. Não sentia nenhuma dor na consciência. Björck era um canalha. Se ele sabia o nome de um possível assassino, sua obrigação era intervir - e não usar a informação para negociar em proveito próprio. Mikael não tinha o menor problema em deixar Björck na esperança de que se safaria numa troca de informações sobre um outro canalha. Pôs a mão no bolso do paletó e ligou o ditafone que havia desligado ao se levantar da mesa.

—Pode falar - disse.

Sonja Modig estava furiosa com Hans Faste, mas nada em seu semblante revelava o que pensava dele. O interrogatório de Miriam Wu, depois que Bublanski deixara a sala, estava sendo tudo menos rigoroso, e Faste ignorava solenemente todos os seus olhares enfurecidos.

Modig também estava surpresa. Nunca gostara de Hans Faste e do seu lado machão, mas considerava-o um policial competente. Hoje, não se via nada dessa competência. Era óbvio que Faste se sentia provocado por uma mulher bonita, inteligente e assumidamente lésbica. Também era óbvio que Miriam Wu percebia a irritação de Faste e a alimentava sem dó nem piedade.

—Quer dizer que você achou o pênis artificial na minha cômoda? Que tipo de fantasia ele te despertou? - perguntou Miriam Wu com um sorrisinho de curiosidade.

Faste quase explodiu.

—Cala a boca e responde minha pergunta - disse.

—Você perguntou se eu uso esse pênis para trepar com a Lisbeth Salander. E eu respondo que não lhe interessa.

Sonja Modig levantou a mão.

—Pausa no interrogatório de Miriam Wu para um rápido intervalo às llhl2.

Modig desligou o gravador.

—Miriam, fique aqui, por favor, quero trocar uma palavrinha com você.

Miriam Wu sorriu com ar inocente quando Faste lhe desfechou um olhar furibundo e seguiu Modig até o corredor. Modig se virou e

pôs o nariz a dois centímetros do nariz de Faste.

—Bublanski me pediu para continuar o interrogatório. A sua contribuição é zero.

—Qual é? Essa vadia é pior que uma enguia.

—Essa metáfora é algum tipo de simbologia freudiana?

—O quê?

- Nada. Vá procurar o Curt Bolinder e lance um desafio bem macho para ele, ou então vá gastar energia no estande de tiro, ou seja, lá o que for. Mas fique longe desse interrogatório.

—Modig, por que você está desse jeito?

—Você está sabotando o meu interrogatório.

—Ela te deixa tão excitada que você quer interrogá-la a sós?

A mão de Sonja Modig foi tão rápida que ela não teve tempo de se conter. Tascou uma bofetada em Hans Faste. No mesmo instante, arrependeu-se do gesto, mas já era tarde. Olhou de relance para os dois lados do corredor e constatou que, felizmente, não havia testemunhas.

Hans Faste de início pareceu surpreso. Depois deu uma risadinha de escárnio, jogou a jaqueta no ombro e saiu. Sonja Modig ia chamá-lo para se desculpar, mas resolveu ficar quieta. Esperou um minuto até se acalmar, e então foi pegar dois cafés na máquina e voltou para junto de Miriam Wu.

Não disseram nada durante algum tempo. Por fim, Modig encarou Miriam Wu.

—Me desculpe. Este provavelmente é um dos piores interrogatórios da história desta delegacia.

—Esse cara deve ser uma simpatia de colega. Se eu entendi bem, ele é um hétero divorciado que fica contando piada de bicha perto da máquina de café.

—Ele é... uma espécie de relíquia de algum lugar. É só o que posso dizer.

—E não é o seu caso?

—Digamos que não sou homofóbica.

—Certo.

—Miriam, eu... faz dez dias que estamos todos esgotados, vinte e quatro horas por dia. Estamos cansados e tensos. Estamos tentando solucionar um duplo assassinato assustador em Enskede e

um assassinato igualmente assustador num apartamento de Odenplan. A sua amiga está ligada aos dois locais do crime. Temos provas técnicas disso, e ela está sendo procurada em todo o território nacional. Você precisa entender que queremos encontrá-la a qualquer custo antes que ela faça mal a alguém ou a si mesma.

—Eu conheço a Lisbeth Salander... Não consigo acreditar que ela tenha matado alguém.

—Você não consegue ou não quer acreditar? Miriam, a gente não lança um alerta de busca nacional sem bons motivos para isso. Mas posso te dizer que o meu chefe, o inspetor Bublanski, também não está totalmente convencido da culpa dela. Estamos cogitando a possibilidade de ela ter um cúmplice ou de ter sido envolvida nisso tudo de outra maneira. Mesmo assim precisamos encontrá-la. Você acha que ela é inocente, Miriam, mas o que vai acontecer se estiver enganada? Você mesma diz que não sabe quase nada sobre a Lisbeth Salander.

—Não sei no que acreditar.

—Então ajude a gente a descobrir a verdade.

—Eu estou sendo acusada de alguma coisa?

—Não.

—Então posso sair daqui quando eu quiser?

—Teoricamente, sim.

—E sem ser teoricamente?

—Para nós, você vai ficar sendo um ponto de interrogação. Miriam Wu refletiu sobre essas palavras.

—Está bem. Vá lá, faça as perguntas. Se elas me incomodarem, não vou responder.

Sonja Modig tornou a ligar o gravador.

20 - SEXTA-FEIRA 1° DE ABRIL – DOMINGO 3 DE ABRIL

Miriam Wu ficou uma hora com Sonja Modig. Já no final do interrogatório, Bublanski retornou à sala e sentou-se, escutando calado. Miriam Wu o cumprimentou educadamente, mas continuou a falar com Sonja.

Por fim, Modig olhou para Bublanski e perguntou se ele tinha alguma pergunta a acrescentar. Bublanski balançou a cabeça.

—Então declaro encerrado o interrogatório de Miriam Wu. São 13h09. Desligou o gravador.

—Ouvi dizer que houve um problema com o inspetor Faste - disse Bublanski.

—Ele estava meio desconcentrado - explicou Sonja Modig com voz neutra.

—Ele é um idiota - disse Miriam Wu.

—O inspetor Faste tem muitos méritos, mas não é, sem dúvida, o mais indicado para interrogar uma moça - disse Bublanski, olhando nos olhos de Miriam Wu. —É óbvio que eu não deveria ter deixado isso para ele. Peço que me desculpe.

Miriam Wu pareceu surpresa.

—Desculpas aceitas. Eu também fui meio difícil no começo.

Bublanski fez um gesto descartando suas palavras. Olhou para ela.

—Posso agora fazer umas perguntas fora do protocolo? Sem o gravador. —Mas é claro.

—Quanto mais escuto falar na Lisbeth Salander, mais perplexo fico. A imagem que me passam as pessoas que a conhecem é incompatível com a imagem transmitida pelos papéis e documentos médico-legais do Serviço Social.

—Ah, é?

—Seria bacana se você conseguisse responder de forma objetiva, sem rodeios.

—Vamos lá.

—O laudo psiquiátrico feito quando Lisbeth Salander completou dezoito anos dá a entender que ela é mentalmente retardada e deficiente.

—Bobagem. A Lisbeth deve ser mais inteligente que nós dois juntos.

—Ela não terminou a escola, não há nenhum boletim que mostre que ela sabe ler e escrever.

—A Lisbeth Salander lê e escreve muito melhor que eu. Ela às vezes se distrai rabiscando umas fórmulas matemáticas. Álgebra pura. Complicado demais para mim.

—Matemática?

—É uma espécie de *hobby* dela. Bublanski e Modig ficaram quietos.

—*Hobby?* - perguntou Bublanski depois de alguns instantes.

—Acho que são equações. Nem sei o que significam aqueles símbolos. Bublanski suspirou.

—O Serviço Social fez um relatório depois que ela foi detida no parque de Tantolunden na companhia de um homem de idade, quando ela tinha dezessete anos. Ficou subentendido que ela se prostituía.

—Lisbeth, puta? Que baboseira. Não sei nada sobre o trabalho dela, mas não me surpreende nem um pouco ela ter trabalhado na Milton Security.

—Como é que ela ganha a vida?

—Não sei.

—Ela é lésbica?

—Não. A Lisbeth transa comigo, mas isso não quer dizer que seja homossexual. Acho que ela nem está segura da sua orientação sexual. Eu diria que ela é bissexual.

—Vocês usam algemas e esse tipo de coisa... Lisbeth Salander tem alguma propensão ao sadismo, ou como é que você a descreveria?

—Acho que você entendeu tudo errado. A gente às vezes usa as algemas como encenação, não tem nada a ver com sadismo, violência ou abuso. É um jogo.

—Já aconteceu de ela ficar violenta com você?

—Não. Eu é que tendo a ser a dominadora nos nossos jogos. Miriam exibiu seu sorriso inocente.

A reunião da tarde, às quinze horas, se encerrou com o primeiro desentendimento sério daquela investigação. Bublanski

resumiu a situação e em seguida explicou que sentia necessidade de ampliar as pesquisas.

—Desde o primeiro dia, concentramos toda a nossa energia em encontrar Lisbeth Salander. Ela é altamente suspeita - e com bases objetivas -, mas a imagem que fazemos dela se choca com resistências por parte de todos que convivem com ela hoje em dia. Nem o Armanskij nem o Blomkvist, e agora nem Miriam Wu, vêem nela uma assassina psicopata. Por isso, eu gostaria que a gente ampliasse um pouco a maneira de ver as coisas e começasse a pensar em outros culpados em potencial, ou na possibilidade de Salander ter um cúmplice, ou de ela simplesmente ter estado presente quando foram disparados os tiros.

A colocação de Bublanski desencadeou uma discussão acirrada, na qual ele se deparou com a firme oposição de Hans Faste e Steve Bohman, da Milton Security. Ambos defendiam que a explicação mais simples costuma ser a melhor e que considerar um segundo culpado eqüivalia a aderir francamente à tese do grande complô.

—A Salander até podia não estar sozinha na hora dos tiros, mas não temos nenhum vestígio de um cúmplice.

—Pronto, agora só falta voltar para a pista policial do Blomkvist! - disse Hans Faste duramente.

Sonja Modig foi a única que apoiou Bublanski no debate. Curt Bolinder e Jerker Holmberg limitaram-se a fazer comentários vagos. Niklas Eriksson, da Milton Security, não disse uma palavra durante toda a discussão. Finalmente, o procurador Ekström levantou a mão.

—Bublanski, imagino que você também não pretende riscar a Salander da investigação.

—Não, é evidente que não. Temos as impressões digitais dela. Mas até agora procuramos exaustivamente um motivo e não achamos. Eu queria que a gente raciocinasse sobre outras eventuais pistas. Será que mais pessoas poderiam estar envolvidas? Será que existe afinal alguma relação com o livro sobre comércio sexual que o Dag Svensson estava escrevendo? O Blomkvist tem razão quando diz que muitas pessoas mencionadas no livro teriam motivos para matar.

—E o que você está pensando em fazer? - perguntou Ekström.

—Queria que dois de vocês se dedicassem a descobrir assassinos alternativos. Sonja... e você, Niklas, trabalhem juntos nisso.

—Eu? - perguntou Niklas Eriksson, surpreso.

Bublanski o escolhera por ser o mais jovem e, talvez, o mais capaz de um raciocínio não ortodoxo.

—Você vai trabalhar com a Modig. Revejam tudo o que a gente já sabe e tentem descobrir o que deixamos passar. Faste, você, o Curt Bolinder e o Bohman, continuem procurando a Salander. É a prioridade absoluta.

—O que eu devo fazer? - perguntou Jerker Holmberg.

—Você vai se focar no doutor Bjurman. Examine o apartamento dele mais uma vez. Veja se não deixamos escapar alguma coisa. Perguntas?

Ninguém tinha nenhuma pergunta.

—Muito bem. Vamos ser discretos sobre o aparecimento da Miriam Wu. Ela pode ter mais coisa para nos contar e não quero que a mídia se jogue em cima dela.

O procurador Ekström aprovou o plano de Bublanski.

—Bem - disse Niklas Eriksson, fitando Sonja Modig. —Você é que é da polícia, então você é que decide o que vamos fazer.

Estavam no corredor em frente à sala de reuniões.

—Acho que vamos começar conversando mais uma vez com o Mikael Blomkvist - disse ela. —Mas antes tenho que dar uma palavrinha com o Bublanski. Como hoje é sexta à tarde, e eu não trabalho sábado e domingo, vamos começar só na segunda-feira. Aproveite o fim de semana para refletir sobre o que já temos.

Deram-se até-logo. Sonja Modig entrou na sala de Bublanski no momento em que ele se despedia do procurador Ekström.

—Você teria um minuto?

—Sente-se.

—Faste me deixou tão furiosa que me descontrolei.

—Ele me disse que você o agrediu. Acho que sei o que aconteceu. Foi por isso que entrei na sala para apresentar minhas desculpas a Miriam.

—Ele disse que eu queria ficar a sós com a Miriam porque ela me excitava.

—Prefiro que a gente não entre em detalhes. Mas isso preenche todos os quesitos de assédio sexual. Acho. Você quer dar queixa?

—Enfiei a mão na cara dele. É suficiente.

—Está certo. Se entendi bem, ele te fez perder a paciência.

—Exatamente.

—O Hans Faste tem um problema com mulheres de personalidade forte.

—É, eu percebi.

—Você é uma mulher de personalidade forte e uma excelente policial.

—Obrigada.

—Eu agradeceria se você parasse de espancar o pessoal da equipe.

—Isso não vai se repetir. Não tive tempo para examinar a sala do Dag Svensson na *Millennium* hoje.

—A gente já estava mesmo atrasado nessa parte. Vá para casa e aproveite o fim de semana. Na segunda-feira você recomeça com energia renovada.

Niklas Eriksson parou na estação central para tomar um café no bar do George. Sentia-se estranhamente desmoralizado. Estivera a semana inteira esperando que Lisbeth Salander fosse detida a qualquer momento. Caso ela opusesse resistência à prisão, com alguma sorte um policial compassivo poderia inclusive enchê-la de balas.

E ele gostava dessa fantasia.

O problema é que Salander continuava à solta. Como se não bastasse, Bublanski agora ainda começava a especular sobre culpados alternativos. A situação não estava avançando na direção certa.

Ele já achava insuportável estar subordinado a Steve Bohman - era o sujeito mais chato e mais destituído de imaginação que havia na Milton -, e não é que agora, ainda por cima, via-se subordinado a Sonja Modig?

Era ela quem mais questionava a pista Salander e, provavelmente, quem azia Bublanski hesitar. Ele se perguntou se esse cara que chamavam de Bubolha não teria um caso com aquela cretina. Não seria surpresa. Ela faz o que quer com ele. De todos os tiras envolvidos na investigação, Faste era o único que tinha peito de falar o que pensava.

Niklas Eriksson refletiu.

De manhã, ele e Bohman tinham tido uma rápida conversa com Armanskij e Frãklund, na Milton. Uma semana de investigação não trouxera nenhum resultado e Armanskij estava frustrado por ninguém ter achado uma explicação para os assassinatos. Frãklund insinuara que a Milton Security precisava se questionar sobre a utilidade da missão - Bohman e Eriksson teriam mais a fazer do que ficar oferecendo colaboração gratuita às forças da ordem.

Armanskij refletira um momento e então decidira que Bohman e Eriksson prosseguiriam por mais uma semana. Se não houvesse resultado, interromperiam o projeto.

Em outras palavras, Niklas Eriksson tinha um prazo de uma semana antes que a porta da investigação se fechasse. Estava em dúvida sobre seus próximos passos.

Instantes depois pegou o celular e ligou para Tony Scala, um jornalista *freelancer* que escrevia bobagens numa revista masculina e com quem Niklas Eriksson já cruzara várias vezes. Trocados os cumprimentos, declarou que tinha informações sobre os assassinatos de Enskede. Explicou de que maneira se vira de repente no meio da investigação policial mais espinhosa dos últimos anos. Como previsto, Scala mordeu a isca, já que isso podia significar uns frilas para um jornal mais importante. Marcaram encontro para dali uma hora no café Aveny, na Kungsgatan.

O traço mais marcante de Tony Scala é que ele era gordo. Muito gordo.

—Se você quer que eu lhe repasse informações, tenho duas condições.

—Pode falar!

—Primeiro a Milton Security não pode ser mencionada no texto. O nosso papel é de meros consultores, e se a Milton for mencionada alguém poderia desconfiar que estou na origem do vazamento.

—Mas não deixa de ser um furo a Salander ter trabalhado na Milton.

—Só faxina e coisas do gênero - interrompeu Eriksson. —Não tem nada de furo.

—Certo.

—Segundo, você vai ter que redigir a matéria de modo que pareça que uma mulher é que está por trás do vazamento.

—Por quê?

—Para desviar as suspeitas de mim.

—Está bem. O que você pode me contar?

—A amiguinha lésbica da Salander acaba de aparecer.

—Uau! A tal que estava no contrato do apartamento da Lundagatan e andava sumida?

—A Miriam Wu. Isso vale alguma coisa?

—Se vale. Onde ela estava?

—No exterior. Garante que não tinha nem ouvido falar dos assassinatos.

—Ela é suspeita de alguma coisa?

—Por enquanto não. Foi interrogada hoje, deixaram ela ir embora há três horas.

—Ahã. Você acredita na história dela?

—Acho que é uma tremenda de uma enrolona. Ela sabe de alguma coisa.

—Estou anotando.

—Mas dê uma verificada no passado dela. Afinal, é uma mulher que pratica sexo sadomasô com a Salander.

—E você sabe disso, é?

—Ela confessou no interrogatório. Encontraram algemas, roupas de couro, chicotes e essa coisa toda durante as buscas.

Os chicotes já eram um pouco de exagero. Bem, era pura mentira, mas a safada da china na certa já tinha brincado com chicote também.

—Está brincando? - disse Tony Scala.

* * *

Paolo Roberto foi um dos últimos visitantes a sair da biblioteca na hora de ela fechar. Passara a tarde lendo exaustivamente tudo que se escrevera sobre a caçada a Lisbeth Salander.

Ao sair na Sveavägen, sentiu-se desanimado e inquieto. E faminto. Entrou num McDonald's, pediu um hambúrguer e sentou-se a um canto.

Lisbeth Salander tripla assassina. Não conseguia acreditar. Aquela menininha frágil e completamente doida. A questão era se ele deveria cuidar disso. E, nesse caso, fazendo o quê?

Miriam Wu pegou um táxi para voltar à Lundagatan e entrou no seu apartamento recentemente renovado para contemplar o desastre. Os armários, caixas e gavetas da cômoda tinham sido esvaziados, e seu conteúdo, separado. Havia pó de impressões digitais por todo o apartamento. Seus brinquedos sexuais particularmente íntimos estavam jogados numa pilha em cima da cama. Até onde conseguia avaliar, não faltava nada.

Sua primeira providência foi ligar para o SOS-chaveiro de Södermalm para mandar instalar uma fechadura nova. O chaveiro chegaria em menos de uma hora.

Ligou a cafeteira e sentou-se no meio do desastre balançando a cabeça. *Lisbeth, Lisbeth, no que é que você foi se meter?*

Pegou o celular e tentou ligar para o número de Lisbeth mas deparou com a mensagem de que o número estava indisponível. Ficou um bom tempo sentada à mesa da cozinha tentando organizar os pensamentos. A Lisbeth Salander que ela conhecia não era uma assassina mentalmente desequilibrada, contudo Miriam não a conhecia muito bem. Lisbeth era tórrida na cama, sem dúvida, mas também sabia se mostrar fria feito um peixe quando seu humor se alterava.

Ponderou que não decidiria no que acreditar antes de ver Lisbeth e ouvir uma explicação. Sentiu-se, de súbito, a ponto de começar a chorar e atirou-se, compulsiva, na faxina.

Às sete da noite, estava com uma fechadura nova e o apartamento já tinha readquirido seu aspecto habitual. Tomou um banho e acabava de se sentar na cozinha, vestindo um robe oriental de seda preta e dourada, quando tocaram a campainha. Foi abrir a porta e se viu diante de um homem excepcionalmente gordo, um tanto desalinhado e de barba malfeita.

—Olá, Miriam, eu sou Tony Scala, jornalista. Você poderia me responder umas perguntas?

Ele vinha acompanhado de um fotógrafo, que lhe desfechou um *flash* em pleno rosto.

Miriam Wu chegou a pensar num *dropkick* e um cotovelo no nariz, mas teve presença de espírito para perceber que só dariam fotos ainda mais saborosas.

—Você viajou com a Lisbeth Salander? Sabe onde ela está? Miriam Wu bateu a porta e trancou-a com a fechadura nova. Tony Scala ergueu a portinhola da correspondência e falou pela fresta.

—Miriam, mais cedo ou mais tarde você vai ter que falar com a imprensa. Eu posso te ajudar.

Ela cerrou o punho e bateu com força na portinhola. Tony Scala soltou um grito de dor. Então ela correu para o quarto e se deitou na cama, fechando os olhos. *Lisbeth, quando eu puser as mãos em você, eu te estrangulo.*

Depois da visita a Smädalarö, Mikael Blomkvist tinha passado a tarde na casa de outro cliente que Dag Svensson pretendia denunciar. Com isso, percorrera seis dos trinta e sete nomes no final da semana. O último citado era um juiz aposentado que morava em Tumba e que, em várias ocasiões, atuara em casos de prostituição. O canalha do juiz, e isso por um lado era reconfortante, não tinha negado os fatos, nem ameaçado, nem pedido compaixão. Pelo contrário, reconhecera sem rodeios que sim, claro, tinha comido as putas do Leste europeu. Não, não se arrependia. A prostituição era uma profissão honrada, e ele achava que tinha prestado um favor às garotas ao ser cliente delas.

Mikael estava passando por Liljeholmen quando Malu Eriksson ligou, por volta das dez da noite.

—Oi - disse Malu. —Você viu a edição *on-line* daquele tabloide sensacionalista?

—Não, o que foi?

—A amiga da Lisbeth Salander acaba de voltar.

—O quê? Quem?

—Miriam Wu, a lésbica que mora no apartamento da Lundagatan. Wu, pensou Mikael. *Salander-Wu afixado na porta.*

—Obrigado. Estou indo para lá.

Miriam Wu acabara desligando o telefone fixo e o celular. Às sete e meia, a notícia havia sido publicada nos sites de um dos

jornais matutinos. Pouco depois, o *Aftonblatet* tinha ligado e, três minutos mais tarde, foi a vez do *Expressen* lhe pedir uma declaração. Na tevê, A*ktuellt* deu a notícia sem citar o nome de Miriam, mas às nove nada menos que dezesseis repórteres de diferentes mídias já tinham tentado entrevistá-la.

Em duas ocasiões, tinham tocado a campainha. Miriam Wu não abriu a porta e apagou as luzes do apartamento. Estava com ganas de quebrar o nariz do próximo jornalista que viesse perturbá-la. Por fim, ligou o celular e telefonou para uma amiga que morava em Hornstull, um trajeto que ela podia fazer a pé, e pediu para dormir na casa dela.

Transpôs a porta do prédio que dava na Lundagatan menos de cinco minutos antes de Mikael Blomkvist estacionar e tocar, em vão, a campainha de seu apartamento.

Bublanski ligou para Sonja Modig pouco depois das dez horas do sábado. Ela dormira até as nove e depois brincara um pouco com as crianças antes que o marido as levasse à loja do bairro para fazer as compras semanais de balas e chocolates.

—Já leu os jornais de hoje?

—Não. Faz só uma hora que acordei e fiquei cuidando das crianças. Aconteceu alguma coisa?

—Alguém da equipe está deixando vazar informações para a imprensa.

—A gente já sabia disso. Há alguns dias alguém entregou o relatório médico-legal de Salander.

—Foi o procurador Ekström.

—Ah, é?

—Sim. Claro. Mesmo que ele jamais admita. Ele está tentando aumentar o interesse no caso, porque lhe convém. Mas desta vez é diferente. Um jornalista chamado Tony Scala falou com um policial que lhe passou uma série de informações sobre a Miriam Wu. Entre outras coisas, detalhes do que foi dito no interrogatório de ontem. Coisas que a gente tinha decidido não divulgar. Com essa, o Ekström ficou furibundo.

—Que droga.

—O jornalista não cita nomes. A fonte é descrita como alguém que ocupa “uma posição central na investigação”.

—Puta merda - disse Sonja Modig.

—A certa altura da matéria, entende-se que se trata de uma mulher. Sonja Modig ficou em silêncio uns vinte segundos, tempo para assimilar a informação. Ela era a única mulher da equipe.

—Bublanski... eu não disse uma palavra sequer para jornalista nenhum. Não conversei sobre essa investigação com ninguém fora aqui do corredor. Nem com o meu marido.

—Acredito em você. Em nenhum momento achei que você fosse a responsável pelo vazamento. Mas, infelizmente, é o que o procurador Ekström está achando. E o Hans Faste, que é quem ficou de plantão neste fim de semana, está, é claro, aproveitando para aumentar a história com suas insinuações.

Sonja Modig sentiu-se, de repente, completamente arrebentada.

—E agora, o que vai acontecer?

—O Ekström vai exigir que você seja afastada da investigação enquanto analisam a acusação.

—Isso é loucura. Como é que eu vou provar...

—Você não vai ter que provar nada. O investigador é que vai ter que provar.

—Eu sei, mas... que droga. Essa investigação vai levar quanto tempo?

—Ela já aconteceu.

—O quê?

—Eu lhe fiz uma pergunta. Você respondeu que não deixou vazar nenhuma informação. Isso significa que a investigação está concluída e que só preciso escrever meu relatório. Nos vemos segunda, às nove, na sala do Ekström para avaliar isso tudo.

—Obrigada, Bublanski.

—De nada.

—Só tem um problema.

—Eu sei.

—Se não fui eu, outro membro da equipe deixou vazar a informação.

—Quem você sugere?

—Num primeiro impulso, fico tentada a achar que é o Faste... mas sem acreditar de fato.

—Concordo com você. Mas ele também sabe ser um completo idiota, e ontem estava simplesmente irado.

Bublanski gostava de caminhar, dependendo de como estava o tempo e do tempo de que dispunha. Era um dos poucos exercícios físicos que ele se concedia. Morava na Katarina Bangata, em Södermalm, não muito longe da redação da *Millennium* nem da Milton Security, onde Lisbeth Salander trabalhara, e não muito longe também da Lundagatan, onde ela tinha morado. Além disso, podia ir a pé à sinagoga da Sankt Paulsgatan. Na tarde de sábado, saiu para caminhar e passou por todos esses lugares.

No início do passeio, sua mulher, Agnes, o acompanhou. Estavam casados havia vinte e três anos e ele tinha sido fiel sem o mínimo desvio durante todos aqueles anos.

Fizeram uma parada na sinagoga e conversaram com o rabino. Bublanski era judeu polonês, ao passo que a família de Agnes - amplamente dizimada em Auschwitz - era originária da Hungria.

Depois disso, se separaram - Agnes tinha umas compras para fazer e seu marido preferia continuar o passeio. Precisava ficar sozinho e caminhar para refletir sobre aquela difícil investigação. Reavaliou as medidas que havia tomado desde que ela fora parar na sua mesa na manhã da Quinta-feira Santa, ou seja, fazia nove dias, e não percebeu grandes falhas.

A não ser pelo erro de não ter imediatamente mandado alguém até a redação da *Millennium* para revistar a sala de Dag Svensson. Quando afinal resolvera fazê-lo - ele próprio efetuara a verificação -, Mikael Blomkvist já tinha feito a faxina e tirado sabe Deus o quê.

Outro erro foi a investigação ter passado ao largo do carro que Lisbeth Salander havia comprado. Jerker Holmberg, no entanto, relatara que o carro não continha nada de interessante. Tirando esse carro esquecido, porém, a investigação estava tão correta como seria de se esperar.

Parou em frente a um quiosque de jornais na Zinkensdamm e contemplou pensativo, uma manchete. A foto de Lisbeth Salander estava reduzida ao tamanho de uma vinheta, pequena mas reconhecível, no canto superior, e a ênfase estava nas notícias mais frescas.

A POLÍCIA INVESTIGA UMA TURMA DE LÉSBICAS SATÂNICAS

Comprou o jornal e o folheou até a página em que se via a foto de cinco garotas no final da adolescência, vestidas de preto, jaquetas de couro com ilhoses, jeans rasgados e camisetas supercolantes. Uma das meninas brandia uma bandeira com um pentagrama e outra fazia um gesto com o indicador e o dedo mínimo. Leu a legenda. *Lisbeth Salander frequentava um grupo de* death metal *que tocava em pequenos clubes. Em 1996, o grupo homenageava a Church of Satan e seu grande sucesso era uma música intitulada "Etiquette of Evil".*

O nome das Evil Fingers não era citado e os rostos estavam desfocados. No entanto, quem conhecesse os membros do grupo de rock não teria dificuldade em reconhecer as meninas.

As duas páginas seguintes se concentravam em Miriam Wu e vinham ilustradas com a fotografia de um show no Berns do qual ela participara. Na foto, Miriam estava com os seios à mostra e usando uma boina de oficial russo. A foto tinha sido tirada de baixo para cima. Como o das meninas do Evil Fingers, seu rosto estava desfocado. Era citada como "a mulher de trinta e um anos".

A amiga de Salander, autora de textos sobre lésbicas e sadomasoquismo, é conhecida nos bares descolados de Estocolmo. Não procurou esconder que flertava com mulheres e gostava de dominar sua parceira.

O repórter tinha inclusive achado uma tal de Sara, que, segundo ele, tinha sido paquerada pela amiga de Salander. O namorado de Sara tinha ficado "perturbado" pela tentativa. A matéria esclarecia que o grupo era uma variante feminista suspeita e elitista da periferia do movimento gay e que se expressava, entre outras coisas, num *"bondage workshop"* durante a Gay Pride. De resto, o texto fundamentava-se em citações de um artigo de Miriam Wu de seis anos antes que poderia eventualmente ser qualificado de provocador, publicado num fanzine feminista e desencavado por um repórter. Bublanski percorreu o texto e em seguida jogou o tabloide numa lixeira.

Refletiu algum tempo sobre Hans Faste e Sonja Modig. Dois investigadores competentes. Faste, porém, era um problema. Mexia com os nervos das pessoas. Bublanski percebeu que precisaria ter

uma conversa com Faste, mas achava difícil acreditar que o vazamento de informações viera dele.

Ao erguer os olhos, percebeu que estava na Lundagatan, em frente ao prédio de Lisbeth Salander. Um ato irrefletido, porém revelador. Aquela mulher o deixava perplexo.

Subiu os degraus da passarela que conduzia ao alto da Lundagatan e ficou um bom tempo apoiado na balaustrada, pensando na história de Mikael Blomkvist sobre Lisbeth ter sido agredida. Era uma história que também não levava a coisa alguma. Ninguém tinha dado queixa, não havia nenhum nome nem uma descrição consistente. Blomkvist afirmava que não conseguira ver o número da placa do furgão que deixara o local.

Isso se a história tivesse realmente acontecido.

Ou seja, mais um impasse.

Bublanski contemplou o Honda cor de vinho que tinha ficado esse tempo todo estacionado na rua. De repente, viu Mikael Blomkvist caminhando em direção à porta do prédio.

Miriam Wu acordou tarde, toda enrolada nos lençóis, e quase entrou em pânico ao sentar-se na cama e se ver num quarto desconhecido.

Ela aproveitara o assédio da mídia como desculpa para ligar para uma amiga e pedir abrigo. Mas também tinha fugido, ela sentia isso muito bem, porque de repente teve medo que Lisbeth Salander fosse bater à sua porta.

O interrogatório da polícia e as matérias nos jornais a tinham abalado mais do que ela teria imaginado. É claro que ela tomara a decisão de não julgar Lisbeth antes que esta pudesse explicar o que tinha acontecido, mas ainda assim começava a acreditar que ela era culpada.

Deu uma olhada em Viktoria Viktorsson, trinta e sete anos, apelido Dobrevê, que era cem por cento lésbica. Estava deitada de bruços e resmungava dormindo. Miriam Wu se esgueirou até o banheiro e tomou um banho. Em seguida foi comprar pão. Só que no caixa da loja próxima ao café Cinnamon, na Verkstadsgatan, seu olhar bateu nas manchetes dos jornais. Voltou correndo para se refugiar no apartamento de Dobrevê.

Mikael Blomkvist passou pelo Honda cor de vinho e parou diante do prédio de Lisbeth Salander, digitou o código e entrou. Ficou dois minutos lá dentro e depois saiu. Ninguém em casa? Blomkvist olhou para os dois lados da rua, aparentemente indeciso. Bublanski o observava, pensativo.

O que o preocupava era que, caso Blomkvist tivesse mentido sobre a agressão na Lundagatan, era de se pensar que estava fazendo um jogo que, na pior das hipóteses, poderia significar que ele, de algum modo, era cúmplice dos assassinatos. Mas caso tivesse falado a verdade - e não havia nenhum motivo para duvidar de sua palavra - significava que havia uma equação oculta naquela tragédia. O que significava que havia outros protagonistas além dos que estavam visíveis, e que o assassinato poderia se revelar algo muito mais complicado do que o simples gesto de uma garota mentalmente desequilibrada em surto de loucura.

Quando Blomkvist começou a andar em direção a Zinkensdamm, Bublanski o chamou. Ele parou, avistou o policial e foi ao seu encontro. Apertaram-se as mãos embaixo da escada.

—Olá, Blomkvist. Procurando a Lisbeth Salander?

—Não. Estou procurando a Miriam Wu.

—Ela não está. A imprensa foi informada, não sei por quem, que ela reapareceu.

—O que ela tinha para contar?

Bublanski fitou atentamente Mikael Blomkvist. O Super-Blomkvist.

—Vamos caminhar um pouco? - propôs Bublanski. —Preciso de um café.

Passaram em frente à igreja de Högalid em silêncio. Bublanski o levou ao café Lillasyster, na ponte de Liljeholmen, e pediu um *espresso* duplo com uma colher de leite frio, ao passo que Mikael pediu um *caffè latte.* Sentaram-se na área de fumantes.

-—Fazia tempo que eu não pegava um caso tão frustrante - disse Bublanski. —Posso conversar com você sem acabar lendo metade do que vou dizer no *Expressen* de amanhã de manhã?

—Eu não trabalho para o *Expressen.*

—Você sabe o que eu quero dizer.

—Bublanski, não acredito que a Lisbeth seja culpada.

—E está investigando por conta própria? É por isso que chamam você de Super-Blomkvist?

Mikael sorriu.

—E me parece que chamam você de inspetor Bubolha. Bublanski deu um sorriso amarelo.

—Por que não acredita que a Salander seja culpada?

—Não sei nada sobre esse tutor, mas ela simplesmente não tinha motivo para matar o Dag e a Mia. Principalmente a Mia. A Lisbeth detesta homens que odeiam mulheres, e a Mia estava justamente acuando uma grande quantidade de clientes sexuais. O que a Mia estava fazendo tinha tudo a ver com os interesses da Lisbeth. A Lisbeth tem ética.

—Eu não consegui formar uma opinião sobre ela. Um caso psiquiátrico pesado ou uma investigadora competente?

—A Lisbeth é diferente. É tremendamente antissocial, mas não há nada de errado com a cabeça dela. Pelo contrário. Eu diria que ela é muito mais inteligente que nós dois juntos.

Bublanski suspirou. Mikael Blomkvist estava falando igual à Miriam Wu.

—Seja como for, ela tem que ser detida. Não posso entrar em detalhes, mas temos provas técnicas de que ela estava no local do crime, e ela está diretamente ligada à arma do crime.

Mikael assentiu com a cabeça.

—Imagino que isso signifique que vocês encontraram as digitais dela. Mas não significa que ela atirou.

Bublanski balançou a cabeça.

—O Dragan Armanskij também tem suas dúvidas. É cauteloso demais para dizer isso claramente, mas ele também está tentando provar a inocência dela.

—E você? O que acha?

—Eu sou tira. Prendo as pessoas e as interrogo. No momento, a situação da Lisbeth Salander me parece bastante complicada. Assassinos já foram condenados com provas muito mais frágeis.

—Você não respondeu à minha pergunta.

—Não sei. Se ela for inocente... quem, na sua opinião, teria interesse em matar tanto o tutor como os seus amigos?

Mikael pegou um maço de cigarros e o estendeu a Bublanski, que balançou a cabeça. Não queria mentir para a polícia e supunha que deveria mencionar suas reflexões sobre o homem chamado Zala. Também deveria falar sobre o delegado Gunnar Björck, da Säpo.

Mas Bublanski e seus colegas também tinham acesso ao material de Dag Svensson contendo o arquivo [**ZALA**]. Só precisavam lê-lo. Em vez disso, avançavam feito um tanque de guerra, revelando toda a intimidade de Lisbeth Salander para a mídia.

Ele tinha uma idéia, mas não sabia no que ia dar. Não queria mencionar Björck antes de ter certeza. *Zalachenko.* Era esse o elo, tanto com Bjurman como com Dag e Mia. O único problema era que Björck não tinha falado nada.

—Deixe eu fuçar mais um pouco, e aí te apresento uma teoria alternativa.

—Que não seja uma pista que aponte para a polícia. Mikael sorriu.

—Não. Ainda não. O que a Miriam Wu disse?

—Mais ou menos o mesmo que você. Elas tinham um caso. Ele espreitou a reação de Mikael.

—Isso não me diz respeito - disse Mikael.

—A Miriam Wu e a Salander se frequentaram durante três anos. A Miriam não sabe nada do passado de Salander nem sabe onde ela trabalha. Difícil de engolir. Mas acho que ela falou a verdade.

—A Lisbeth é extremamente fechada - disse Mikael. Ficaram um instante em silêncio.

—Você tem o telefone da Miriam Wu?

—Tenho.

—Pode me passar?

—Não.

—Por quê?

—Mikael, trata-se de uma investigação policial. Não precisamos de investigadores particulares com teorias bizarras.

—Ainda não tenho nenhuma teoria. Mas acredito que a solução do enigma está no material do Dag Svensson.

—Você provavelmente não vai ter dificuldade em obter o telefone da Miriam Wu se se esforçar um pouco.

—Provavelmente. Mas é mais simples perguntar a quem já sabe. Bublanski suspirou. Mikael sentiu-se, de súbito, profundamente irritado com ele.

—Será que os policiais são mais inteligentes que as pessoas comuns que você chama de investigadores particulares? - perguntou.

—Não, acho que não. Mas a polícia tem uma formação, e sua missão é investigar os crimes.

—As pessoas comuns também têm uma formação - disse Mikael, devagar. —E pode acontecer de um investigador particular ser muito mais competente que um policial para investigar um crime.

—Isso é você quem diz.

—Estou convencido disso. Veja o caso de Joy Rahman. Os policiais ficaram cinco anos sentados de olhos fechados, enquanto Rahman, que era inocente, estava preso pelo assassinato de uma idosa. Ainda estaria preso se uma professora não tivesse passado anos fazendo uma investigação séria. E ela fez isso sem todos os recursos de que você dispõe. Não só provou que ele era inocente como também apontou um indivíduo que, ao que tudo levava a crer, era o verdadeiro assassino.

—O caso Rahman acabou virando uma questão de prestígio. O procurador se negava a escutar os fatos.

Mikael Blomkvist contemplou demoradamente Bublanski.

—Bublanski... Vou te dizer uma coisa. Neste exato momento, o caso Salander também já virou uma questão de prestígio. Eu afirmo que ela não matou o Dag e a Mia. E vou provar. Vou descobrir um assassino alternativo e quando isso acontecer, vou escrever uma matéria que você e seus colegas vão achar superdoída de ler.

A caminho de casa, Bublanski sentiu necessidade de debater o assunto com Deus, mas, em vez de ir à sinagoga, foi à igreja católica da Folkungagatan. Escolheu um banco lá no fundo e ficou ali sentado tranqüilo por mais de uma hora. Como judeu, teoricamente não tinha nada a fazer numa igreja, mas era um lugar sereno onde ele volta e meia aparecia quando precisava organizar os pensamentos. Achava que a igreja era um lugar como outro

qualquer para refletir, e tinha certeza que Deus não se incomodava. Além disso, nesse aspecto havia uma grande diferença entre o catolicismo e o judaísmo. Ele ia à sinagoga para buscar a companhia de outras pessoas. Os católicos iam à igreja porque queriam ficar em paz com Deus. A igreja convidava ao silêncio e exigia que os visitantes fossem deixados em paz.

Ele pensou sobre Lisbeth Salander e Miriam Wu. E pensou sobre o que Erika Berger e Mikael Blomkvist estariam ocultando. Estava convencido de que eles sabiam alguma coisa sobre Salander que não tinham contado. Perguntou-se que tipo de "pesquisa" Lisbeth Salander fizera para Mikael Blomkvist. Em dado momento, ponderou que Salander havia trabalhado com Blomkvist pouco antes de ele trazer o caso Wennerström à luz, mas acabou eliminando essa possibilidade. Lisbeth Salander não tinha simplesmente nenhuma ligação com aquele tipo de drama e parecia fora de cogitação que tivesse contribuído de algum modo. Por maior que sua competência fosse investigar pessoas.

Bublanski estava preocupado.

Não gostava daquela certeza absoluta que Mikael Blomkvist tinha da inocência de Salander. Que ele próprio, como policial, tivesse alguma dúvida, era uma coisa - duvidar era a sua função. Coisa bem diferente era Mikael Blomkvist lançar um desafio como investigador particular.

Não gostava de investigadores particulares. Em geral eles vinham com teorias conspiratórias, excelentes para alimentar manchetes de jornais, mas que, no mais das vezes, acabavam redundando num trabalho extra e totalmente inútil para os policiais.

Esta investigação por assassinato já se tornara a mais maluca que ele já tinha realizado. Sentia que, de algum modo, estava perdendo as estribeiras. Uma investigação de assassinato deve seguir uma linha de conclusões lógicas.

Quando um jovem de dezessete anos é encontrado apunhalado na Mariatorget, há que identificar as turmas de *skinheads* ou as gangues de adolescentes que estavam nos arredores da praça e da Sõdra Station uma hora antes. Existem amigos, conhecidos, testemunhas e, rapidamente, suspeitos.

Quando um homem de quarenta e dois anos é apagado com três tiros de pistola num bar de Skàrholmen e descobre-se que ele era um faz-tudo da máfia iugoslava, há que tentar descobrir qual dos jovens novatos está tentando assumir o controle do contrabando de cigarros.

Quando uma mulher de vinte e seis anos, de um ambiente respeitável e de vida pacata, é encontrada estrangulada em seu apartamento, há que tentar descobrir quem era o seu namorado ou a última pessoa com quem ela conversou no café na noite da véspera.

Bublanski chefiara tantas investigações desse tipo que poderia realizá-las até dormindo.

A investigação atual até havia começado muito bem. Tinham achado um principal suspeito já nas primeiras horas. Lisbeth Salander era perfeita para o papel - um caso psiquiátrico comprovado com incontroláveis surtos de violência a vida inteira. Concretamente, só faltava pegá-la, obter uma confissão ou, dependendo das circunstâncias, mandá-la para uma sala acolchoada. Mas então tudo desandara.

Salander não morava em seu endereço. Tinha amigos como Dragan Armanskij e Mikael Blomkvist. Mantinha uma relação com uma lésbica declarada adepta do sexo com algemas e que desencadeava o entusiasmo da mídia numa situação já suficientemente inflamada. Tinha dois milhões e meio de coroas na sua conta bancária e nenhum emprego conhecido. E agora Blomkvist ainda vinha com teorias sobre tráfico de mulheres e outras conspirações - e ele, na condição de jornalista famoso, tinha realmente condições de criar um caos completo na investigação por meio de um único artigo bem colocado.

E, sobretudo, a principal suspeita revelava-se impossível de achar, embora fosse uma tampinha, com um aspecto físico peculiar e tatuagens no corpo inteiro. Os assassinatos já completavam duas semanas e eles ainda não tinham a menor sombra de uma pista de onde ela poderia estar.

* * *

Gunnar Björck, em licença médica por causa de uma hérnia de disco, chefe-adjunto da Säpo, passara vinte e quatro miseráveis horas depois que Mikael Blomkvist atravessara sua porta. Uma dor surda e permanente instalara-se em suas costas. Ficara andando pela casa que tinham lhe emprestado, incapaz de relaxar ou de tomar qualquer iniciativa. Tentava raciocinar, mas as peças do quebra-cabeça teimavam em não se encaixar.

Ele não conseguia entender os meandros daquela história.

Quando tivera notícia do assassinato de Nils Bjurman, no dia seguinte à descoberta do corpo do advogado, tinha ficado atônito. Mas não ficara surpreso quando Lisbeth Salander fora apontada, quase de imediato, como a principal suspeita e começaram a caçá-la. Escutou com atenção cada palavra do que foi dito na tevê e saiu para comprar todos os jornais que conseguisse encontrar, lendo conscienciosamente cada palavra das diversas reportagens.

Não duvidava nem por um instante que Lisbeth Salander fosse uma desequilibrada mental capaz de matar. Não tinha nenhum motivo para questionar sua culpabilidade ou as conclusões do inquérito policial; pelo contrário, tudo o que sabia sobre Lisbeth Salander sugeria que ela era uma psicopata. Ele quase tinha dado um telefonema a fim de colaborar na investigação com conselhos apropriados, ou pelo menos para verificar se estava sendo conduzida de forma correta, mas depois concluíra que o caso não lhe dizia mais respeito. Já não era da sua alçada, e havia gente competente para administrá-lo. Sem falar que um telefonema seu poderia despertar a indesejável atenção que ele justamente queria evitar. Resolvera relaxar e seguir acompanhando as notícias de modo mais distante.

A visita de Mikael Blomkvist viera transtornar por completo a sua tranqüilidade. Jamais lhe passara pela cabeça que a orgia assassina de Salander pudesse envolvê-lo pessoalmente - que uma das vítimas fosse um cretino de um jornalista prestes a denunciar a Suécia inteira.

E muito menos imaginara que o nome de Zala poderia ressurgir como uma granada sem pino no meio da história, e menos ainda que Mikael Blomkvist conhecia esse nome. Era tão incrível que ultrapassava qualquer tentativa de entendimento.

No dia seguinte à visita de Mikael, pegara o telefone e ligara para o seu ex-chefe, setenta e oito anos e residente em Laholm. Precisava dar um jeito de tentar entender a história sem dar a perceber que estava ligando por motivos outros que não mera curiosidade e preocupação profissional. A conversa foi relativamente breve.

—É o Björck. Imagino que você tenha lido os jornais.

—De fato. Ela voltou.

—E não mudou muito.

—Isso já não nos diz respeito.

—Então você não acha que...

—Não, não acho. Isso tudo está morto e enterrado. Ninguém vai fazer a relação.

—Mas é que se trata de Bjurman, e não de um qualquer. Imagino que ele não se tornou tutor dela por acaso.

Houve um silêncio do outro lado da linha.

—Não, não foi por acaso. Há três anos, parecia uma boa idéia. Quem poderia prever o que está acontecendo?

—O que o Bjurman sabia?

O chefe, de repente, deu uma risadinha.

—Você sabe como ele era. Não era exatamente um ator nato.

—Quero dizer... ele sabia da ligação? Existe alguma coisa nos documentos dele que poderia levar a...

—Não, claro que não. Entendo o que você quer saber, mas não precisa se preocupar. Salander sempre foi um fator incontrolável nessa história. Demos um jeito de o Bjurman conseguir esse cargo, mas foi só porque nos convinha ter um tutor no qual a gente pudesse ficar de olho. Era melhor que um sujeito desconhecido. Se ela tivesse começado a falar, ele teria procurado a gente. Agora está tudo acabando da melhor maneira possível.

—Como assim?

—Ora, quando tudo isso terminar, a Salander vai ficar no hospital psiquiátrico um bocado de tempo.

—Vamos supor que sim.

—Logo, não há com que se preocupar. Você pode ficar tranqüilo aí na sua licença médica.

Mas isso era justamente o que Gunnar Björck não conseguia fazer. Por culpa de Mikael Blomkvist. Sentou-se à mesa da cozinha e ficou contemplando a angra de Jungfrufjärden enquanto tentava fazer um balanço da sua situação. Estava ameaçado pelos dois lados.

Mikael Blomkvist ia denunciá-lo como cliente de prostituição. Havia o perigo iminente de ele terminar sua carreira de policial preso por infringir a lei do comércio sexual.

Porém ainda mais grave era Mikael Blomkvist estar atrás de Zalachenko. De algum modo, Zalachenko estava envolvido na história. O que, de novo, levava diretamente a Björck.

O seu ex-chefe parecia convencido de que não havia nada de comprometedor nos documentos deixados por Bjurman. Estava enganado. Havia o relatório de 1991. E ele, Gunnar Bjórck, é que entregara o relatório a Bjurman.

Tentou visualizar sua conversa com Bjurman mais de nove meses atrás. Tinham se encontrado na cidade velha. Bjurman ligara para ele uma tarde, no trabalho, e o convidara para tomarem uma cerveja. Tinham conversado sobre tiro com pistola e uma porção de outras coisas, mas Bjurman o tinha contatado por um motivo específico. Precisava de um favor. Fizera algumas perguntas sobre Zalachenko...

Björck se levantou e se aproximou da janela da cozinha. Naquele dia, tinha bebido um pouco além da conta. Bastante até. O que Bjurman tinha lhe pedido?

—A *propósito... estou com um caso em que um velho conhecido resolveu reaparecer...*

—Ah, é? Quem?

—Alexander Zalachenko. Lembra dele?

—Se lembro. Não é uma pessoa que se esqueça facilmente.

—O que foi feito dele?

Teoricamente, aquilo não dizia respeito a Bjurman. Seria até o caso de ficar de olho nele só por estar perguntando... não fosse o fato de ele ser o tutor de Lisbeth Salander. Ele disse que precisava do relatório antigo. *E eu dei a ele.*

Cometera um erro monumental. Partira do pressuposto de que Bjurman já estava por dentro - o contrário teria sido simplesmente

impensável. E Bjurman colocara as coisas como uma simples tentativa de pegar um atalho em meio à lentidão da burocracia, em que tudo trazia o selo *top secret* e poderia levar meses. Principalmente num caso envolvendo Zalachenko.

Eu dei a ele o relatório, ainda com o selo top secret *Bjurman, porém, tinha um motivo justo e compreensível, e não era homem de vacilar. Um idiota, sem dúvida, mas que sempre soubera ficar de bico calado. Que problema poderia haver... depois de tantos anos?*

Bjurman o tinha enrolado. Dera a entender que se tratava de formalidades burocráticas. Quanto mais pensava no assunto, mais convencido ficava de que Bjurman escolhera as palavras com perfeita precisão e extrema prudência.

O que ele estava buscando? E por que Salander o tinha matado?

Mikael Blomkvist foi mais quatro vezes até a Lundagatan naquele sábado, na esperança de topar com Miriam Wu, mas esta brilhava pela ausência.

Passou boa parte do dia no Café da Hornsgatan com seu iBook, e releu a correspondência eletrônica de Dag Svensson endereçada à *Millennium. se,* assim como o conteúdo da pasta [**ZALA**]. Nas últimas semanas antes do assassinato, Dag Svensson fora dedicando cada vez mais tempo a pesquisas sobre Zala.

Mikael teria adorado poder ligar para Dag Svensson e perguntar por que o arquivo [Irina P.] estava dentro da pasta dedicada a Zala. A única conclusão plausível a que ele conseguia chegar era que Dag suspeitava que Zala fosse o assassino de Irina.

Por volta das cinco da tarde, Bublanski ligara de repente para lhe dar o telefone de Miriam Wu. Mikael não entendeu o que poderia ter levado o policial a mudar de idéia, mas assim que teve o número em mãos começou a ligar mais ou menos de meia em meia hora. Somente por volta das onze da noite, quando ligou o celular, é que ela atendeu. A conversa foi rápida.

—Boa noite, Miriam. Meu nome é Mikael Blomkvist.

—E quem é você, que já vem de novo me encher o saco?

—Sou jornalista, trabalho para uma revista chamada *Millennium.* Miriam Wu expressou seus sentimentos com muita veemência.

—Ah, sei. O Blomkvist, aquele. Pois vá se danar, jornalistazinho do inferno!

E cortou a ligação antes que Mikael tivesse chance de pronunciar uma só palavra para explicar o que queria. Amaldiçoou intimamente Tony Scala e tentou ligar de novo. Ela não atendeu. Em desespero de causa, mandou uma mensagem de texto para o celular dela.

Por *favor. É importante.*

Ela não respondeu.

No sábado à noite bem tarde, já quase no domingo, Mikael desligou o computador, despiu-se e foi para a cama. Sentia-se frustrado. Teria gostado que Erika Berger estivesse com ele.

IV – TERMINATOR MODE 24 DE MARÇO A 8 DE ABRIL

A *raiz de uma equação é um algarismo que, substituindo a incógnita, faz da equação uma identidade. Diz-se que a raiz satisfaz a equação.*

Para solucionar uma equação, deve-se determinar todas as suas raízes. Quando uma equação é satisfeita por todos os valores imagináveis das incógnitas, fala-se em identidade.

$(a + b)^2 = a^2 + 2ab + b^2$

21 - QUINTA-FEIRA SANTA 24 DE MARÇO – SEGUNDA-FEIRA 4 DE ABRIL

Lisbeth Salander passou sua primeira semana como foragida longe de qualquer acontecimento dramático. Ficou tranqüilamente em seu apartamento da Fiskaregatan, em Mosebacke. Tinha desligado o celular e retirado o cartão **SIM**. Não pretendia mais usar aquele telefone. Acompanhava com os olhos cada vez mais arregalados as manchetes dos jornais on-line e os telejornais.

Descobriu, muito irritada, a foto de sua carteira de identidade divulgada na internet e logo transformada em ícone dos temas do momento na tevê. Naquela foto ela estava com cara de louca.

Depois de anos de esforço para chegar ao anonimato, transformara-se na pessoa mais conhecida e pública do país. Com surpresa, percebeu que a busca, em escala nacional, de uma garota de baixa estatura suspeita de triplo assassinato era um dos fatos mais sensacionais do ano, mais ou menos da mesma dimensão dos abusos sexuais e financeiros e do crime perpetrado Pelo guru da seita de Knutby. Acompanhou os comentários e as explicações da mídia, sobrancelhas pensativamente erguidas, fascinada de ver que autos lacrados como confidenciais, relativos às suas dificuldades mentais, pareciam acessíveis a todos em todas as redações. Um título despertou velhas recordações enterradas.

INTERPELADA POR ATOS VIOLENTOS EM GAMLA STAN

Um repórter da área jurídica da agência TT passara à frente dos concorrentes ao pôr as mãos numa cópia da investigação médico-legal realizada depois que Lisbeth fora detida por enfiar o pé na cara de um passageiro na estação de metrô de Gamla Stan.

Lisbeth lembrava-se perfeitamente daquele incidente no metrô. Ela estava voltando para a casa da sua família adotiva temporária, em Hágersten. Na estação Rådmansgatan, um homem que ela nunca vira mais gordo, e que parecia absolutamente sóbrio, subira no trem e pusera-se imediatamente a espreitá-la. Mais tarde viria a descobrir que ele se chamava Karl Evert Blomgren, tinha cinquenta e dois anos e era um antigo jogador de bandy domiciliado em Gâvle. Quando o vagão ficou meio vazio, sentou-se ao lado dela e

começou a assediá-la. Pusera a mão em seu joelho e tentara iniciar um papo do tipo: “Eu te dou duzentos paus se você for até a minha casa”. Como ela o ignorasse e não respondesse, ele foi ficando mais insistente e a chamara de vadia. O fato de ela não retrucar e mudar de lugar na Centralen não o desanimou.

O metrô estava chegando a Gamla Stan quando ele a abraçou por trás e enfiou as mãos debaixo de sua blusa, cochichando em seu ouvido que ela era uma puta. Lisbeth Salander não gostava de ser chamada de puta por perfeitos desconhecidos dentro do metrô. Respondeu com uma cotovelada no olho, então se segurou com firmeza numa barra de ferro e lhe enfiou o salto na base do nariz. O cara sangrou com abundância.

Ela tivera oportunidade de escapar quando o trem parou na estação, mas como estava vestida como uma *punk* e com o cabelo pintado de azul, um amante da ordem se jogou em cima dela e a manteve no chão até a chegada da polícia.

Ela amaldiçoou seu sexo e sua baixa estatura. Se fosse um cara, ninguém teria ousado se jogar em cima dela.

Nunca procurou explicar por que dera um chute na cara de Karl Evert Blomgren. Julgava inútil tentar explicar o que quer que fosse a uma autoridade de uniforme. Por princípio, negava-se inclusive a responder às perguntas dos psicólogos quando eles resolviam avaliar seu estado mental. Felizmente, outros passageiros tinham acompanhado os fatos, entre eles uma mulher insuportável de Hãrnõsand, que se revelou ser uma deputada centrista. A mulher ofereceu imediatamente seu testemunho, dizendo que Blomgren assediara Salander antes de ela atacar. Mais tarde, descobriu-se que Blomgren já tinha duas condenações por atentado ao pudor, e o procurador resolveu encerrar o processo. Mas nem por isso se interrompeu a investigação social, e pouco depois o tribunal de primeira instância declarou Lisbeth Salander incapaz. Com isso, ficara primeiro sob a tutela de Holger Palmgren e depois de Nils Bjurman.

E agora todos esses detalhes íntimos e protegidos por sigilo profissional estavam expostos na internet para quem quisesse ver. Sua ficha vinha acrescida de descrições fabulosas de todos os conflitos que ela tivera com as pessoas desde a escola primária, e

de sua internação numa clínica de psiquiatria infantil no início da adolescência.

O diagnóstico que a mídia apresentava sobre Lisbeth Salander variava segundo as edições e os jornais. Ela era descrita ora como psicótica, ora como esquizofrênica com sérias tendências à mania de perseguição. Todos os jornais a descreviam como retardada mental - ela não conseguira assimilar o conteúdo escolar e saíra do colégio sem um boletim de avaliação. Os leitores só podiam concluir que ela era desequilibrada e inclinada à violência.

Quando a mídia descobriu que Lisbeth Salander era amiga da lésbica Miriam Wu, um linchamento em regra se desencadeou em diversos jornais. Miriam Wu se apresentara no show de Benita Costa por ocasião da Gay Pride, um show provocante em que Mimmi fora fotografada com os seios à mostra, calças de couro com suspensórios e botas de verniz com salto agulha. Além disso, escrevera artigos numa revista gay frequentemente citada na mídia e algumas vezes fora entrevistada por causa de sua participação em diferentes shows. A combinação lésbica/assassina em série/sexo sadomasô era aparentemente imbatível para aumentar as tiragens.

Vários jornais aventaram a possibilidade de que a tese de Mia Bergman, que versava sobre o comércio do sexo, pudesse ter motivado Lisbeth Salander a cometer os crimes, já que, de acordo com o Serviço Social, ela era uma prostituta.

No final da semana, a mídia descobriu que Salander também tinha vínculos com um grupo de garotas que flertavam com o satanismo. O grupo chamava-se Evil Fingers, o que incitou um jornalista cultural, homem de certa idade, a escrever um longo texto sobre a instabilidade da juventude e o perigo, oculto em toda parte, que ia desde a cultura *skinhead* até o hip-hop.

A essa altura, o público estava saturado de informações sobre Lisbeth Salander. Somadas as informações dos diferentes veículos, a polícia procurava uma lésbica psicótica, membro de um grupo satânico que pregava o sexo sadomasoquista e odiava a sociedade em geral e os homens em particular. Considerando-se que Salander estivera fora do país um ano antes, não estavam excluídos contatos internacionais.

Uma única vez Lisbeth Salander reagiu com uma espécie de emoção ao que era veiculado com alarde pela mídia. Uma manchete chamou sua atenção.

"A GENTE TINHA MEDO DELA"

Ela ameaçava nos matar, dizem professores e colegas.

Quem falava assim era uma antiga professora, uma certa Birgitta Miââs, que atualmente trabalhava com pinturas em seda. Ela contava que Lisbeth Salander ameaçara seus colegas de sala de aula e que até os professores tinham medo dela.

Lisbeth, de fato, havia cruzado com Miââs. E o encontro entre elas não fora dos melhores.

Ela mordeu o lábio inferior e lembrou que tinha onze anos na época. Lembrava-se de Miââs como de uma péssima professora substituta de matemática, que teimara em lhe fazer uma pergunta à qual ela já havia respondido de forma correta, só que erradamente segundo o manual. Na verdade, o manual estava errado, o que, na opinião de Lisbeth, devia estar evidente para todo mundo. Mas Miââs teimara mais e mais, e Lisbeth fora ficando cada vez menos disposta a discutir o assunto. Por fim, permaneceu imóvel, a boca formando um traço fino com o lábio inferior puxado para a frente até que Miââs, totalmente frustrada, a pegou pelo ombro e a sacudiu para chamar sua atenção. Lisbeth reagira jogando o livro na cara de Miââs, o que resultou em alguma confusão. Ela cuspia e dava pontapés enquanto seus colegas tentavam contê-la.

A matéria ocupava um bom espaço num jornal vespertino e também dava lugar a alguns depoimentos, colocados como legenda num boxe que trazia um de seus ex-colegas de sala fotografado em frente à sua escola na época. O menino chamava-se David Gustavsson e atualmente se declarava assistente financeiro. Afirmava que os alunos tinham medo de Lisbeth Salander porque um dia "ela proferiu ameaças de morte". Lisbeth lembrava-se de David Gustavsson como um de seus maiores atormentadores na escola, um brutamonte dotado de QI mínimo que raramente perdia uma oportunidade de distribuir ofensas e cotovelado pelos corredores. Certa vez, ele a agredira atrás do ginásio no intervalo do almoço e, como sempre, ela se defendera. Fisicamente, não tinha a menor chance, mas preferia morrer a capitular. O incidente escapou

do controle e uma quantidade enorme de alunos se juntou em volta deles para assistir David Gustavsson bater sem parar em Lisbeth Salander. Até certo ponto, tinham achado graça, mas a boba não cuidava de seu próprio interesse; limitou-se a ficar no chão sem sequer começar a chorar ou a implorar piedade.

Momentos depois, os próprios alunos já não suportavam aquela cena. David era tão superior e Lisbeth tão indefesa, que David começou a contabilizar pontos negativos. Ele tinha começado uma coisa que já não sabia como encerrar. Por fim, tascou dois belos socos em Lisbeth, um dos quais lhe partiu o lábio e o outro cortou-lhe o fôlego. Os demais alunos a abandonaram num estado lamentável atrás do ginásio e, rindo, contornaram o prédio e ali desapareceram.

Lisbeth Salander fora para casa tratar dos ferimentos. Dois dias depois, voltou com um taco de beisebol. No meio do pátio, desfechou uma tacada na cabeça de David, em cima da orelha. Quando ele foi ao chão, totalmente chocado, ela apertou-lhe o taco na garganta, inclinou-se sobre ele e sussurrou que se um dia ele encostasse nela outra vez ela o mataria. Nisso, os adultos perceberam que estava acontecendo alguma coisa, levaram David para a enfermaria, ao passo que Lisbeth teve de se apresentar ao diretor para receber seu veredicto: castigo, notificação no seu histórico e uma investigação social.

Nos últimos quinze anos, Lisbeth nunca mais pensara em Miââs ou em Gustavsson. Anotou mentalmente que assim que tivesse um tempinho precisava verificar qual era a ocupação atual dos dois.

* * *

Tudo o que se escrevia sobre Lisbeth Salander a transformava numa celebridade nacional. Seu passado era examinado e esquadrinhado, publicado nos mínimos detalhes, desde as crises da escola primária até a internação na clínica de psiquiatria infantil de Sankt Stefan, perto de Uppsala, onde ficara por mais de dois anos.

Atentou o ouvido quando o médico-chefe Peter Teleborian foi entrevistado na tevê. Estava oito anos mais velho desde a última vez em que Lisbeth o vira, na época das deliberações no tribunal de

instâncias que a declarara incapaz. Tinha vincos acentuados na testa e coçou o cavanhaquezinho ao virar-se para o repórter e explicar, muito preocupado, que estava preso ao sigilo profissional e não podia, portanto, falar especificamente sobre uma paciente. Só o que ele podia dizer é que Lisbeth Salander era um caso bastante complexo que exigia tratamento especializado e que o tribunal decidira, contra a sua recomendação, colocá-la sob tutela e inseri-la na sociedade em vez de oferecer-lhe o tratamento de que ela precisava numa instituição. Foi escandaloso, afirmou Teleborian. Lamentou que três pessoas tivessem morrido em virtude daquele erro de avaliação e aproveitou para denunciar de passagem os cortes no orçamento da psiquiatria que o governo aprovara à força nas últimas décadas.

Lisbeth observou que nenhum jornal revelava que a forma de tratamento mais comum, no serviço fechado de psiquiatria infantil coordenado pelo Dr. Teleborian, era colocar “os pacientes agitados e difíceis” numa sala qualificada como “destituída de estímulos”. A mobília da sala era constituída apenas de uma cama com correias. A justificativa científica era que crianças agitadas não deviam receber “estímulos” passíveis de desencadear alguma crise.

Mais velha, descobrira que existia outro termo para isso. *Privação sensorial.* Expor prisioneiros a uma privação sensorial era considerado desumano pela convenção de Genebra. Era um elemento recorrente das experiências de lavagem cerebral realizadas periodicamente por diferentes ditaduras. Existiam documentos demonstrando que os prisioneiros políticos que confessaram toda sorte de crimes fantasiosos nos processos de Moscou dos anos 1930 haviam recebido esse tipo de tratamento.

Quando viu o rosto de Peter Teleborian na tevê, o coração de Lisbeth virou um cubo de gelo. Perguntou-se se ele ainda usava a mesma loção pós-barba nojenta. Ele fora o responsável pelo que se definira como terapia. Ela nunca entendera o que esperavam dela, a não ser que de algum modo ela estava recebendo um tratamento e que se tornaria consciente de seus atos. Lisbeth compreendera rapidamente que uma “paciente agitada e difícil” eqüivalia a uma paciente que questionava o raciocínio e o saber de Teleborian.

Na mesma época, Lisbeth Salander descobriu que o método terapêutico mais difundido para o combate da doença mental no século XVI ainda era aplicado no Sankt Stefan no limiar do século XXI.

Passara mais ou menos metade do seu período no Sankt Stefan deitada na cama da sala “destituída de estímulos”. Ao que parecia, tinha sido uma espécie de recorde.

Teleborian nunca a tocara sexualmente. Nunca a tocara senão em contextos absolutamente inocentes. Só uma vez pusera a mão em seu ombro para repreendê-la quando ela se encontrava amarrada no isolamento.

Ela se perguntou se as marcas de seus dentes ainda estariam visíveis na falange do dedo mínimo de Teleborian.

A situação assumira ares de um duelo no qual Teleborian detinha todas as cartas. A estratégia de Lisbeth fora entrincheirar-se e desconhecer totalmente sua presença na sala.

Tinha doze anos quando duas policiais femininas a levaram para Sankt Stefan. Fora poucas semanas depois que Todo o Mal acontecera. Lembrava-se de tudo nos mínimos detalhes. Primeiro, pensara que as coisas iam se acertar de um jeito ou de outro. Tentara explicar sua versão aos policiais, aos assistentes sociais, aos funcionários do hospital, enfermeiras, médicos, psicólogos, e até a um pastor que queria que ela rezasse com ele. Quando ia sentada na traseira da viatura policial e passaram pelo Wenner-Gren Center a caminho de Uppsala, ainda não sabia para onde a levavam. Ninguém tinha lhe informado. Foi então que começou a desconfiar que nada ia se ajeitar.

Tinha tentado explicar a Peter Teleborian.

O resultado de tanto esforço foi que na noite de seus treze anos ela se achava amarrada em cima de uma cama.

Peter Teleborian era sem dúvida o sádico mais nojento e mais abjeto que Lisbeth Salander tinha conhecido na vida. A seu ver, ele superava Bjurman em vários aspectos. Bjurman era um perverso brutal que ela conseguira controlar. Já Peter Teleborian se protegia atrás de uma cortina de documentos, avaliações, méritos universitários e jargões psiquiátricos. Absolutamente nenhum de seus atos jamais podia ser denunciado e contestado.

O *Estado o incumbira da missão de amarrar menininhas desobedientes com correias.*

E toda vez que Lisbeth Salander era amarrada de costas e ele apertava o arreio e cruzava o olhar com o seu, ela podia ver sua excitação. Ela sabia. Ele sabia que ela sabia. A mensagem tinha sido dada.

Na noite de seus treze anos, ela resolveu nunca mais trocar uma palavra sequer com Peter Teleborian nem com nenhum outro psiquiatra ou médico da cabeça. Era o presente que ela se dava de aniversário. E mantivera a promessa. Sabia que isso frustrara Peter Teleborian, e decerto contribuíra mais que qualquer outra coisa para que noite após noite ela fosse amarrada com o arreio. Ela estava disposta a pagar o preço.

Aprendeu tudo sobre autocontrole. Não tinha mais crises e não jogava mais objetos à sua volta nos dias em que a tiravam do isolamento.

Mas não falava com os médicos.

Em compensação, falava educadamente e sem restrições com as enfermeiras, funcionários da cantina e faxineiras. Isso não passou despercebido. Uma enfermeira simpática chamada Carolina, a quem Lisbeth se afeiçoara até certo ponto, perguntou-lhe um dia por que ela agia daquele modo.

Por *que você não fala com os médicos?*

Porque eles não escutam o que eu digo.

Essa resposta não era nada impulsiva. Era sua maneira de se comunicar com os médicos apesar dos pesares. Sabia perfeitamente que todo comentário seu era registrado em seu dossiê, e assim ela atestava que seu silêncio era fruto de uma decisão racional.

No último ano em Sankt Stefan, Lisbeth fora deixada com cada vez menos freqüência na cela de isolamento. E quando isso acontecia era sempre porque de algum modo ela havia irritado Peter Teleborian, o que ela sempre conseguia fazer assim que ele punha os olhos nela. Ele tentava constantemente romper o silêncio obstinado de Lisbeth e forçada a reconhecer a existência dele.

Um dia, Teleborin resolveu lhe administrar um tipo de tranqüilizante que a deixava com dificuldade para respirar e para

pensar, o que, por sua vez, lhe causava angústia. Ela então se negara a tomar o remédio, donde a decisão de obrigá-la a engolir os comprimidos à força três vezes ao dia.

Sua resistência fora tão violenta que os funcionários tiveram de segurada, abrir sua boca e forçá-la a engolir. Na primeira vez, Lisbeth enfiou imediatamente os dedos na garganta e vomitou o almoço na enfermeira mais próxima. 0 resultado foi que passaram a amarrá-la para que tomasse os comprimidos. A resposta de Lisbeth foi aprender a vomitar sem precisar enfiar os dedos na garganta. A violência de sua recusa e o trabalho extra que isso implicava para os funcionários resultaram na interrupção do experimento.

Ela acabava de completar quinze anos quando a trouxeram de volta a Estocolmo, para uma família adotiva. A mudança a pegou de surpresa. Nessa época, Peter Teleborian ainda não era o médico-chefe de Sankt Stefan e Lisbeth Salander estava convencida de que esse era o único motivo de sua súbita libertação. Se Teleborian pudesse decidir sozinho, ela ainda estaria amarrada na cama do isolamento.

E eis que agora ela tornava a vê-lo na tevê. Perguntou-se se ele ainda esperava tê-la de novo como paciente, ou se ela agora já estava muito velha para satisfazer os seus fantasmas. Sua contestação à decisão do tribunal de não interná-la mostrou-se eficaz e despertou a indignação também da repórter que o entrevistava, que aparentemente não tinha a menor idéia do que deveria estar lhe perguntando. Ninguém podia se permitir contradizer Peter Teleborian. O médico-chefe anterior de Sankt Stefan já havia morrido. O juiz do tribunal de instâncias que presidira o caso Salander, e que agora deveria, em parte, assumir o papel do malvado da tragédia, estava aposentado. Negava-se a prestar declarações à imprensa.

Lisbeth descobriu um dos textos mais desnorteantes no site de um jornal local do centro da Suécia. Leu-o três vezes antes de desligar o computador e acender um cigarro. Sentou-se na almofada do vão da janela e contemplou a iluminação pública noturna com um sentimento de resignação.

"ELA É BISSEXUAL", DIZ UMA AMIGA DE INFÂNCIA

A mulher de vinte e seis anos que está sendo procurada por três assassinatos é descrita como uma pessoa solitária e fechada, com grandes dificuldades de adaptação escolar. Apesar das várias tentativas no sentido de socializá-la, sempre se manteve à margem.

"Ela manifestamente tinha algum problema grande de identidade sexual, recorda Johanna, uma de suas raras amigas na escola. Desde cedo ficou muito claro que ela era diferente e bissexual. Estamos preocupados com ela."

O texto continuava descrevendo alguns episódios de que Johanna se recordava. Lisbeth franziu o cenho. Não se lembrava daqueles episódios nem de que tinha tido uma amiga próxima chamada Johanna. Aliás, não conseguia se lembrar de ter tido alguma vez alguém que se pudesse qualificar de amigo próximo e tivesse tentado integrá-la à sociedade nos tempos de escola.

O texto era vago em relação à época em que os episódios teriam ocorrido, mas, concretamente, ela saíra da escola aos doze anos. Isso significava que sua preocupada colega de infância teria descoberto a bissexualidade de Lisbeth no primeiro ano do ginásio!

Em meio ao *tsunami* enlouquecido de textos delirantes durante a semana, a entrevista de Johanna foi a que mais a atingiu. Tinha obviamente sido forjada. Ou o repórter topara com uma completa mitômana, ou ele próprio inventara tudo aquilo. Memorizou o nome dele e o acrescentou à lista de objetos futuros de pesquisa.

Nem mesmo as reportagens mais compassivas, temperadas com uma pontinha de crítica ao sistema, que exibiam manchetes como "Uma falha da sociedade" ou "Ela nunca recebeu a ajuda de que precisava", conseguiam minorar seu papel de inimigo público número um - uma assassina que, num acesso de loucura, executara três respeitáveis cidadãos.

Lisbeth leu as interpretações de sua vida com certo fascínio e observou uma evidente lacuna naquilo que o público estava conhecendo. Apesar do acesso aparentemente ilimitado aos detalhes mais íntimos de sua vida lacrados com o selo confidencial, a mídia passara totalmente ao largo de Todo o Mal, que ocorrera pouco antes de seus treze anos. O que sabiam de sua vida ia da pré-escola até por volta dos onze anos e, depois, a partir dos quinze

anos, quando tivera alta da clínica de psiquiatria infantil e fora encaminhada para uma família adotiva.

Aparentemente, alguém da investigação policial estava fornecendo informações à mídia mas, por razões que Lisbeth Salander ignorava, resolvera omitir Todo o Mal. Isso a intrigava. Se a polícia fazia tanta questão de enfatizar sua tendência à violência extrema, essa investigação constituiria a acusação mais pesada de seu dossiê, sendo muito mais séria que todas as bobagens do recreio da escola. Estava na origem de sua transferência para Uppsala e da internação no Sankt Stefan.

No domingo de Páscoa, Lisbeth começou a ter um panorama razoável da investigação policial. As informações da imprensa lhe proporcionaram uma boa visão dos participantes. Notou que o procurador Ekström coordenava o inquérito preliminar e era, em geral, quem se pronunciava nas coletivas de imprensa. A investigação de campo estava sendo chefiada pelo inspetor criminal Jan Bublanski, homem dotado de ligeiro excesso de peso, que usava um paletó mal cortado e assistia Ekström em algumas coletivas.

Dias depois, identificou Sonja Modig, a única mulher da equipe, que descobrira o corpo de Bjurman. Anotou o nome de Hans Faste e de Curt Bolinder, mas deixou passar o de Jerker Holmberg, que não aparecia em nenhuma reportagem. Criou uma pasta no computador para cada um deles e começou a alimentá-las com dados.

As informações sobre o andamento da investigação policial encontravam-se, evidentemente, nos computadores dos investigadores, cuja base de dados achava-se armazenada no servidor da delegacia. Lisbeth Salander sabia que era extremamente difícil piratear a rede interna da polícia, mas não impossível. Já fizera isso uma vez.

Por ocasião de um trabalho para Dragan Armanskij, quatro anos antes, ela mapeara a estrutura da rede da polícia e avaliara as possibilidades de entrar no registro das fichas criminais para efetuar suas próprias pesquisas. Lamentavelmente, fracassara em suas tentativas de invasão ilegal - os *firewall* da polícia eram demasiado

sofisticados, e minados por todo tipo de armadilhas capazes de dar o alerta.

A rede interna da polícia era estruturada conforme as regras da arte, com cabos próprios, separados de qualquer cabeamento externo e de internet. Ou seja, para fazer uma pesquisa através dela, Lisbeth precisaria de um tira autorizado a usar a rede ou, segunda possibilidade, que a rede interna da polícia pensasse que ela era uma pessoa autorizada. Nesse aspecto, os especialistas em segurança da polícia felizmente haviam deixado aberta uma imensa porta dos fundos. Inúmeras delegacias do país estavam conectadas à rede central, sendo que muitas não passavam de pequenas unidades locais que fechavam à noite e não contavam com alarme ou vigilância. A delegacia próxima a Lângvik, nos arredores de Vàsterâs, era uma delas. Ocupava cento e trinta metros quadrados no mesmo prédio da biblioteca municipal e da Previdência Social e, durante o dia, o plantão era feito por três policiais.

Na época, Lisbeth Salander não conseguira entrar na rede para a investigação que estava realizando, mas pensou que valia a pena dedicar algum tempo e energia procurando um acesso, visando investigações futuras. Examinara as possibilidades que se ofereciam e então entrara com um pedido de emprego temporário de verão como faxineira na biblioteca de Lángvik. Paralelamente ao manejo de baldes e esfregões, gastou cerca de dez minutos nas dependências do Urbanismo Municipal para obter as plantas detalhadas do local. Pegara as chaves do prédio, mas não das dependências da polícia. Em compensação, descobrira que podia, sem muita dificuldade, penetrar no local por uma janela de banheiro do primeiro andar, que ficava entreaberta à noite no verão, por causa do calor. A delegacia era vigiada apenas por um guarda da Securitas que passava por ali duas ou três vezes por noite. Ridículo.

Demorou uns cinco minutos para descobrir o login e a senha, escondidos no risque-rabisque do oficial de polícia local, e levou cerca de uma noite fazendo experimentos a fim de entender a estrutura da rede e identificar que tipo de acesso essa pessoa dispunha e que tipo de acesso era proibido àquela equipe. De quebra, obteve também os login e as senhas de mais dois policiais. Um deles era Maria Ottosson, de trinta e dois anos. Em seu

computador. Lisbeth descobriu que ela solicitara, e obtivera um cargo de investigadora na brigada de fraudes da polícia de Estocolmo. Lisbeth tirou a sorte grande com Ottosson: a inocente Maria deixara seu computador portátil, um Dell, numa gaveta destrancada! Maria Ottosson era, portanto, uma policial que usava seu computador pessoal no trabalho. Sublime! Lisbeth iniciou o computador e inseriu seu **CD** com o programa Asphyxia 1.0, a primeiríssima versão do seu programa de espionagem. Instalou-o em dois lugares: como parte ativa e integrada do Microsoft Explorer e como backup do caderno de endereços de Maria Ottosson. Lisbeth imaginou que se Ottosson comprasse um computador novo, iria transferir seu caderno de endereços, e também era grande a possibilidade de transferi-lo para seu computador de trabalho na brigada de fraudes de Estocolmo, quando assumisse seu cargo dali a algumas semanas.

Também instalou programas nos computadores fixos dos policiais, o que lhe permitiria buscar informações externas. Apropriando-se simplesmente das identidades deles, poderia pesquisar no registro dos arquivos judiciários. Em compensação, tinha de avançar pé ante pé para que as invasões não fossem notadas. O departamento de segurança da polícia, por exemplo, acionava um alarme automático caso um policial local se conectasse fora do serviço, e se o fato se repetisse, ou se o número de buscas aumentasse consideravelmente. E caso ela colhesse dados sobre investigações em que a polícia local não tinha nenhum envolvimento plausível, o alarme disparava igualmente.

Ao longo do ano seguinte, ela tinha trabalhado com seu colega *hacker* Praga para assumir o controle da rede da polícia. A tarefa apresentara dificuldades tão insuperáveis que eles acabaram abandonando o projeto. Durante a tentativa, porém, tinham armazenado perto de cem identidades de policiais existentes, que podiam tomar emprestadas se necessário.

Praga vencera uma etapa importante ao conseguir piratear o computador pessoal do chefe do departamento de segurança de informática da polícia. 0 sujeito era um consultor em economia sem grandes conhecimentos de informática, mas dispunha de uma profusão de informações em seu laptop. Embora não pudessem

piratear toda a rede da polícia, Lisbeth e Praga estavam pelo menos em condições de infestá-la com vírus malignos de diversos tipos - o que não tinham o menor interesse em fazer. Eram *hackers,* e não sabotadores. Queriam ter acesso às redes, e não destruí-las.

Lisbeth Salander conferiu sua lista e constatou que nenhuma das pessoas de quem roubara a identidade trabalhava na investigação do triplo assassinato - seria pedir demais. Em compensação, podia, sem grandes dificuldades, entrar e ler os detalhes do alerta de busca nacional, inclusive atualizações a seu respeito. Descobriu que havia sido vista e caçada em Uppsala, Norrkõping, Göteborg, Malmõ, Hássleholm e Kalmar, entre outros, e que fora divulgada uma atualização sigilosa com o *morphing,* dando uma idéia melhor de sua aparência física.

Uma das raras vantagens de Lisbeth, considerando-se a atenção que a mídia vinha lhe dedicando, era que dispunham de pouquíssimas fotos suas. Com exceção da foto do pasSäporte e da carteira de habilitação, de quatro anos atrás, e de uma foto dos arquivos da polícia de quando tinha dezoito anos (totalmente irreconhecível), só havia umas poucas fotografias esparsas colhidas em álbuns antigos ou tiradas por um professor durante uma excursão à reserva natural de Nacka, quando ela tinha doze anos. As fotos da excursão mostravam uma figura desfocada, sentada sozinha longe dos demais.

Na foto do passaporte ela aparecia com olhos fixos e arregalados, a boca como um traço mínimo e a cabeça levemente inclinada, o que confirmava a idéia de uma assassina antissocial retardada, mensagem que a mídia reproduzia até dizer chega. A única coisa positiva naquela foto é que estava tão irreconhecível que poucas pessoas a identificariam na vida real.

Acompanhou com interesse os perfis que haviam sido traçados das três vítimas. Na terça-feira, a mídia começou a patinar e, na falta de novas revelações sensacionais na busca a Lisbeth Salander, o interesse voltou a se centrar nas vítimas. Dag Svensson, Mia Bergman e Nils Bjurman eram descritos num longo artigo de fundo de um jornal vespertino. O que ressaía é que três cidadãos honrados haviam sido abatidos por motivos incompreensíveis.

Nils Bjurman aparecia como um advogado respeitado e socialmente engajado, membro do Greenpeace e ostentando “um autêntico compromisso com os jovens”. Uma coluna foi ocupada por um amigo próximo e colega de Bjurman, Rune Hâkansson, que tinha um escritório no mesmo prédio que ele. Hâkansson confirmou a imagem de Bjurman como um homem afeito à defesa dos direitos das pessoas simples. Um funcionário da Comissão de Tutelas mencionava “seu autêntico engajamento com sua protegida Lisbeth Salander”.

Lisbeth Salander esboçou seu primeiro sorriso enviesado do dia.

Era grande o interesse em torno de Mia Bergman, a vítima feminina da tragédia. Era descrita como uma mulher jovem e bonita, dotada de rara inteligência, com um currículo já impressionante, e diante da qual se abria uma brilhante carreira. Amigos chocados, colegas de curso e seu orientador eram citados. A pergunta que se repetia era “por quê?”. Fotos mostravam buquês de flores e velas acesas em frente a seu prédio em Enskede.

Em comparação, era pouco o espaço dedicado a Dag Svensson. Ele era descrito como um repórter perspicaz e corajoso, mas sua companheira roubava a cena.

Lisbeth observou ligeiramente surpresa, que foi preciso esperar até o domingo de Páscoa para alguém descobrir que Dag Svensson vinha trabalhando numa grande reportagem para a revista *Millennium.* Sua surpresa aumentou ao perceber que não se mencionava a natureza exata desse trabalho.

Não chegou a ler as declarações de Mikael Blomkvist na edição *on-line do Aftonbladet.* Só na terça-feira, quando foram reproduzidas num telejornal, foi que se deu conta de que Blomkvist repassara informações totalmente erradas. Segundo Mikael, Dag Svensson tinha sido contratado para escrever uma reportagem sobre “segurança e invasão ilegal em computação”.

Lisbeth franziu o cenho. Sabia que a afirmação era falsa e se perguntou qual era o jogo da *Millennium.* Então compreendeu a mensagem e esboçou seu segundo sorriso enviesado do dia. Conectou-se ao servidor holandês e clicou duas vezes no ícone *Mik-Blom/laptop.* Deparou com a pasta [**LISBETH SALANDER**] e com o

arquivo [Para Sally] bem à vista na área de trabalho. Clicou duas vezes e leu.

Então, ficou um longo tempo parada diante da carta de Mikael. Dentro dela, enfrentavam-se sentimentos contraditórios. Até o momento, tivera a Suécia inteira contra si, o que, por sua simplicidade, era uma equação relativamente clara e compreensível. Agora, via-se de repente com um aliado, ou pelo menos um aliado potencial que afirmava acreditar em sua inocência. E é claro que tinha de ser justamente o único homem da Suécia que ela não queria ver de jeito nenhum. Suspirou. Mikael Blomkvist era, como sempre, uma alma danada de boa repleta de ingenuidade. Lisbeth Salander não era inocente desde os dez anos de idade.

Inocentes não existem. Em compensação, existem diferentes níveis de responsabilidade.

Nils Bjurman morrera porque escolhera não jogar de acordo com as regras que ela havia decretado. Tivera todas as chances e, no entanto tinha contratado um maldito macho anabolizado para lhe fazer mal. Ela não tinha culpa.

Mas não dava para subestimar a entrada em cena do Super-Blomkvist. Ele poderia ser útil.

Ele era bom em adivinhações e dono de uma teimosia incomparável. Ela descobrira isso em Hedestad. Quando encasquetava com alguma coisa, aguentava firme, mesmo levando um tombo. Quanta ingenuidade! Só que ele tinha liberdade de movimentos, enquanto ela era obrigada a permanecer invisível. Poderia usá-lo até que pudesse deixar o país tranqüilamente. E imaginava que muito em breve seria obrigada a fazê-lo.

Infelizmente, Mikael Blomkvist era ingovernável. Ele próprio tinha de querer. E precisava de um pretexto moral para agir.

Em outras palavras, era bastante previsível. Refletiu alguns instantes e então criou um novo arquivo, que chamou [Para MikBlom], e escreveu uma única palavra.

[Zala.]

Já lhe daria no que pensar.

Ela ainda estava matutando quando percebeu que Mikael Blomkvist acabava de ligar o computador. A resposta veio pouco depois de ele ler a resposta dela.

[Lisbeth,

Que diacho de menina complicada você está me saindo... Quem é esse Zala? Ele é que é o elo? Você sabe quem matou Dag & Mia? Se sabe, me diga, para a gente conseguir desfazer este nó e ir para casa dormir. Mikael]

O.k. Hora de fisgá-lo.

Criou mais um documento e o intitulou [Super-Blomkvist]. Sabia que isso iria irritá-lo. E escreveu uma mensagem breve.

[O jornalista é você. Trate de descobrir.]

Como previsto, ele respondeu no ato pedindo-lhe para ser mais conciliadora, e mais explícita. Ela sorriu e fechou o disco rígido de Mikael.

* * *

Já que havia chegado a esse ponto em suas invasões, resolveu continuar e abriu o disco rígido de Dragan Armanskij. Leu pensativa o relatório que ele fizera sobre ela na segunda-feira após a Páscoa. O destinatário do relatório - pra mencionado, mas ela refletiu que a única possibilidade era Armanskij estar colaborando com os tiras para prendê-la.

Passou algum tempo percorrendo a correspondência eletrônica de Armanskij, sem encontrar, porém, nada de interessante. Estava prestes a sair do disco rígido quando deparou com o e-mail endereçado ao responsável técnico da Milton Security. Armanskij solicitava a instalação de uma câmera de vigilância oculta em sua sala.

Epa! Epa!

Conferiu a data e percebeu que o e-mail tinha sido enviado apenas uma hora depois de sua visita de cortesia no final de janeiro.

Isso significava que ela precisaria reajustar certos processos do sistema automático de vigilância antes de empreender novas visitas à sala de Armanskij.

22 - TERÇA-FEIRA 29 DE MARÇO – DOMINGO 3 DE ABRIL

Na manhã de terça-feira, Lisbeth Salander entrou nos arquivos da Cri minai Nacional e efetuou uma busca sobre Alexander Zalachenko. Ele não constava na lista, o que não era grande surpresa, já que, até onde ela sabia, nunca fora condenado na Suécia e sequer constava nos registros civis.

Para entrar nos arquivos, assumira a identidade do delegado Douglas Skiõld, de cinquenta e cinco anos, do distrito policial de Malmõ. Sobressaltou-se quando seu computador emitiu um barulhinho e um ícone do menu começou a piscar, alertando que alguém procurava por ela no chat do ICQ-

Teve um momento de hesitação. Seu primeiro impulso foi desconectar-se. Então raciocinou. Skiõld não tinha ICQ no seu computador. Poucas pessoas de mais idade tinham esse programa, que antes de mais nada era um software usado por jovens e usuários experientes afeitos aos *chat.*

Isso queria dizer que alguém estava tentando entrar em contato com ela. E nesse caso as possibilidades não eram muitas. Abriu o ICQ e escreveu:

[O que foi, Praga?]

[Olá, Wasp. Difícil te achar. Você nunca lê seus e-mails?] [Como você conseguiu?]

[Skiõld. Também tenho essa lista. Imaginei que você fosse usar uma das identidades com direito a acesso máximo.] [O que você quer?]

[Quem é esse Zalachenko que você está procurando?] **[NTI.]**

[?]

[Não Te Interessa.]

[O que está acontecendo?]

[Praga, vá se...]

[Eu achava que eu tinha uma deficiência de socialização, como você sempre diz. Mas, se eu for acreditar na imprensa, perto de você eu sou absolutamente normal.]

[??]

[Uma banana para você também. Está precisando de ajuda?]

Lisbeth hesitou um segundo. Primeiro Blomkvist, agora Praga. Aquilo não tinha fim, era uma multidão acorrendo em seu auxílio! O problema, com Praga, é que ele era um solitário de cento e sessenta quilos que só se comunicava com o mundo pela internet, fazendo Lisbeth Salander parecer um milagre de competência social. Como ela não respondia, Praga teclou mais uma linha.

[Você ainda está aí? Precisa de ajuda para sair do país?] [Não.]

[Por que você apagou os caras?] [Vá se...]

[Você pretende apagar mais gente? E nesse caso tenho que me preocupar? Acho que sou o único capaz de te rastrear.]

[Vá cuidar da sua vida, assim não vai precisar se preocupar.]

[Não estou preocupado. Me contate pelo hotmail se precisar de alguma coisa. Arma? PasSäporte novo?]

[Você é um sociopata.]

[Comparado com você?]

Lisbeth saiu do ICQ e se sentou no sofá para pensar. Passados dez minutos, voltou para o computador e mandou uma mensagem para o endereço hotmail de Praga.

[O procurador Rickard Ekström, que está conduzindo o inquérito preliminar, reside em Täby. É casado, dois filhos, e tem cabo em casa. Eu preciso ter acesso ao laptop e/ou computador pessoal de mesa dele. Preciso lê-lo em tempo real. Hostile takeover com espelhamento do disco rígido.]

Sabia que Praga raramente saía de seu apartamento em Sundbyberg e esperava que ele pudesse contar com algum adolescente espinhento para fazer o trabalho de campo. Não assinou o e-mail, seria supérfluo. Quinze minutos depois, ele a chamou pelo ICQ**.**

(Quanto você está pagando?]

[10000 na sua conta + despesas e 5000 para o seu colaborador.] [Volto a entrar em contato.]

Na quinta-feira de manhã, recebeu um e-mail de Praga. Continha apenas um endereço ftp. Lisbeth ficou pasma. Não esperava um resultado antes de duas semanas, no mínimo. Montar um *hostile takeover,* mesmo com os programas geniais de Praga e seus softwares sob medida, era um procedimento laborioso que implicava pequenos fragmentos de informação serem injetados num

computador, kilobyte por kilobyte, até que se criasse um programa simples. O tempo necessário dependia da freqüência com que o computador era utilizado. Depois, ainda eram precisos alguns dias para transferir toda a informação para um disco rígido espelhado. Fazer tudo isso em quarenta e oito horas não apenas era incrível como teoricamente impossível. Lisbeth ficou impressionada. Chamou-o pelo **ICQ.**

[Como você conseguiu?]

[São quatro pessoas com PC na casa. Nem te conto sobre a falta de firewall Segurança zero. Foi só entrar no cabo e carregar. Deu seis mil coroas de despesas. Não é demais para você?]

[Tá beleza. Mais um bônus pela rapidez.]

Hesitou um instante, então transferiu trinta mil coroas para a conta de Praga via internet. Não queria brindá-lo com quantias exageradas. Depois, instalou-se confortavelmente e abriu o laptop do chefe do inquérito preliminar, o procurador Ekström.

Uma hora depois, já tinha lido todos os relatórios que o inspetor Jan Bublanski lhe enviara. Lisbeth ponderou que, de acordo com o regulamento, relatórios desse tipo não deveriam sair da delegacia, e que Ekström estava simplesmente passando por cima do regulamento ao levar trabalho para casa por meio de uma conexão de internet particular e sem *firewall.*

Isso só vinha provar mais uma vez que nenhum sistema de segurança é melhor que o mais idiota dos colaboradores. Graças ao computador de Ekström, encontrou vários elementos indispensáveis de informação.

Primeiro, descobriu que Dragan Armanskij destacara dois colaboradores para juntar-se gratuitamente ao grupo de investigação de Bublanski, o que na prática significava que a Milton Security estava patrocinando a busca dos tiras para apanhá-la. A tarefa deles era contribuir de todas as formas possíveis para a captura de Lisbeth Salander. *Muito obrigada, Armanskij. Não vou me esquecer disso.* Ficou preocupada ao descobrir quem eram os colaboradores. Embora achasse Bohman meio rígido, ele sempre tivera um comportamento correto com ela. Niklas Eriksson era um torpe miserável que se aproveitara de sua posição na Milton Security para extorquir uma cliente da empresa.

A ética de Lisbeth Salander era seletiva. Não era avessa à idéia de extorquir clientes da empresa, desde que isso fosse merecido, mas jamais faria isso depois de aceitar um serviço que exigisse sigilo profissional.

Em seguida, Lisbeth descobriu que o anônimo que vinha repassando informações para a mídia era o próprio chefe do inquérito preliminar. Isso aparecia na correspondência eletrônica de Ekström, quando ele respondia às perguntas referentes à investigação médico-legal de Lisbeth e à ligação entre ela e Miriam Wu.

O terceiro elemento de informação fundamental era que a equipe de Bublanski não tinha a menor pista sobre onde deveria procurar Lisbeth Salander. Leu com o maior interesse um relatório que enumerava as medidas tomadas e os endereços colocados sob vigilância esporádica. A lista era sucinta.

Lundagatan, evidentemente, mas também o endereço de Mikael Blomkvist, o antigo endereço de Miriam Wu, perto de Sankt Eriksplan, e o Moulin, onde tinha sido vista. *Droga, o que foi que me deu naquele dia para me expor daquele jeito com a Mimmi? Só uma retardada completa mesmo!*

Na sexta-feira, os investigadores de Ekström também tinham achado a pista das Evil Fingers. Imaginou que, em conseqüência disso, mais endereços passariam a ser vigiados. Franziu o cenho. Com isso, as meninas do Evils iam sumir do seu círculo de conhecidos, mesmo que não tivesse tido nenhum contato com elas desde sua volta à Suécia.

Quanto mais pensava no assunto, mais perplexa ficava. O procurador Ekström estava deixando vazar na mídia todo tipo de nojeira a seu respeito. Não era difícil entender o objetivo de Ekström; a publicidade lhe era favorável e ele preparava o terreno para o dia em que fosse indiciá-la.

Mas por que não havia divulgado o relatório policial de 1991? Estava ali a razão de seu internamento no Sankt Stefan. Por que ele estava ocultando aquele caso?

Entrou no computador de Ekström e passou uma hora verificando os arquivos. Quando terminou, acendeu um cigarro. Não

tinha encontrado uma única referência ao que acontecera em 1991. Isso levava a uma estranha conclusão. Ele não sabia do relatório.

Ficou em dúvida sobre o rumo a tomar. Então deu uma olhada no Powerbook. Ali estava um belo desafio para o *maldito Super-Blomkvist.* Reiniciou o computador, entrou no disco rígido de Blomkvist e criou o documento [MB2].

[O procurador E. está despejando informações na mídia. Pergunte a ele por que ele não repassou o antigo relatório policial.]

Deveria ser suficiente para lhe dar um impulso. Esperou pacientemente umas duas horas até que Mikael se conectasse. Ele primeiro conferiu os e-mails e demorou quinze minutos para ver seu documento, depois outros cinco para responder pelo arquivo [Críptica]. Não tinha mordido a isca. Em vez disso, repetia que queria saber quem tinha matado os amigos dele.

Aquele era um argumento ao alcance de Lisbeth. Ela amansou um pouco e respondeu com [Críptica 2],

[O que você faria no meu lugar?]

Essa era, na verdade, uma pergunta pessoal. Ele respondeu com [Críptica 3]. Ela ficou abalada.

[Lisbeth, se você pirou de vez, só o Peter Teleborian, na certa, pode te ajudar. Mas não acredito que você tenha matado o Dag e a Mia. Espero não estar enganado.

O Dag e a Mia pretendiam denunciar o comércio do sexo. Minha hipótese é que isso de alguma forma motivou os crimes. Mas não tenho nada para fundamentar essa hipótese.

Não sei o que deu errado entre nós, mas houve um momento em que conversamos sobre amizade. Eu te disse que a amizade se baseia em duas coisas - respeito e confiança. Mesmo que você não goste de mim, pode confiar em mim totalmente. Nunca revelei seus segredos. Nem mesmo o que aconteceu com os bilhões de Wennerstrôm. Confie em mim. Não sou seu inimigo. M.]

Mikael se referir a Peter Teleborian de início deixou-a furiosa. Então entendeu que ele não estava querendo aborrecê-la. Desconhecia por completo quem era Peter Teleborian, era provável que só o tivesse visto na tevê, onde ele aparecia como um especialista responsável e mundialmente respeitado em psiquiatria infantil.

Mas o que de fato a abalou foi a menção aos bilhões de Wennerstrôm. Não conseguia entender como ele descobrira. Estava convencida de que não cometera nenhuma falha e que ninguém no mundo sabia o que ela tinha feito.

Releu várias vezes a carta.

A referência à amizade lhe causou mal-estar. Não sabia o que responder. Por fim, criou o [Críptica 4],

[Vou pensar no assunto.]

Desconectou-se e acomodou-se no vão em frente à janela.

* * *

Foi só por volta das onze da noite de sexta-feira, nove dias depois dos assassinatos, que Lisbeth Salander saiu do seu apartamento em Mosebacke. Seu estoque de Billys Pan Pizza e de outras provisões, assim como o derradeiro farelo de pão e queijo, esgotara-se havia vários dias. Nos três últimos, alimentara-se com um pacote de flocos de aveia comprado por impulso num dia em que tinha jurado se alimentar melhor. Descobrira que dez centilitros de flocos de aveia, mais umas uvas passas e vinte centilitros de água, deixados sessenta segundos no microondas, transformavam-se num mingau comestível.

A falta de comida não era o único motivo de sua saída. Precisava ver uma pessoa. Infelizmente, não podia fazê-lo trancada num apartamento na Praça de Mosebacke Torg. Abriu o armário, pegou a peruca loira e muniu-se do passaporte norueguês com o nome de Irene Nesser.

Irene Nesser existia de fato. Tinha alguma semelhança com Lisbeth Salander e perdera o pasSäporte havia cerca de três anos. Fora parar nas mãos de Lisbeth graças a Praga, e nos últimos dezoito meses ela usara a identidade de Irene Nesser ao sabor da necessidade.

Lisbeth tirou a argola que usava na sobrancelha e se maquiou diante do espelho do banheiro. Enfiou uma calça jeans escura e um pulôver marrom com sobrecostura amarela, simples, mas quente, e botinas de salto. Tinha numa caixa um pequeno estoque de cartuchos de gás lacrimogêneo, e pegou um. Também pegou um cacetete elétrico que havia um ano não pegava e carregou-o.

Colocou uma muda de roupa numa sacola de náilon. Tarde da noite, então, deixou o apartamento. Primeiro, foi até o McDonald's da Hornsgatan. Escolheu esse porque ali, diferentemente do de Slussen ou da Medborgarplatsen, havia menos perigo de cruzar com um de seus ex-colegas da Milton Security. Comeu um Big Mac regado com uma Coca máxi.

Quando terminou, pegou o ônibus *n°* 4 em Vásterbron e foi até Sankt Eriksplan. Andou até Odenplan e chegou ao endereço do falecido Dr. Bjurman, na Upplanksgatan, pouco depois da meia-noite. Não esperava que o apartamento estivesse sendo vigiado, mas reparou que havia luz numa janela vizinha, no mesmo andar, e foi dar uma volta para os lados de Vanadisplan. Quando voltou, uma hora depois, o apartamento vizinho estava escuro.

* * *

Com passos leves como pluma e sem acender a luz, subiu a escada até o apartamento de Bjurman. Com um estilete, cortou com capricho a fita adesiva que a polícia grudara na porta. Penetrou no apartamento sem fazer nenhum ruído.

Acendeu a luz do hall que, sabia não se via da rua, e então ligou uma lanterna pequena e foi direto para o quarto. As persianas estavam baixadas. Deixou o feixe de luz percorrer a cama ainda respingada de sangue. Passou-lhe pela cabeça que ela própria quase morrera naquela cama, então sentiu-se profundamente satisfeita por Bjurman ter enfim sumido de sua vida.

O objetivo de sua visita ao local do crime era achar uma resposta a duas perguntas. Em primeiro lugar, não entendia qual a relação entre Bjurman e Zala. Estava convencida de que existia necessariamente uma relação, mas não conseguira identificá-la examinando o conteúdo do computador de Bjurman.

Em segundo lugar, uma dúvida vinha preocupando-a. Em sua visita noturna de algumas semanas atrás, notara que Bjurman havia tirado da pasta "Lisbeth Salander" um documento a seu respeito. As páginas que faltavam eram parte da descrição da tarefa que lhe fora atribuída pela Comissão de Tutela, na qual o estado psíquico de Lisbeth Salander era resumido de modo bastante sucinto. Bjurman não precisava daquilo e era bem possível que simplesmente tivesse

dado uma limpa na pasta e jogado as páginas fora. Ia contra essa hipótese o fato de que advogados nunca jogam fora documentos relativos a um caso em andamento. Podiam até ser documentos supérfluos, mas livrar-se deles não tinha muita lógica. No entanto, não estavam na pasta e ela tampouco os vira em outro lugar no escritório.

Descobriu que a polícia tinha levado as pastas referentes à sua humilde pessoa, além de outros documentos. Ficou duas horas passando um pente-fino pelo apartamento para se certificar de que a polícia não tinha deixado escapar alguma coisa, e foi com uma ligeira frustração que constatou que não fora esse o caso.

Na cozinha, achou uma lata com todo tipo de chave. Ali estavam as chaves do carro e outras duas numa argola, sendo uma a chave de um prédio e a outra a de um cadeado. Foi silenciosamente até o sótão, onde tateou todos os cadeados até achar o box de Bjurman. Ele guardara ali alguns móveis velhos, um armário com roupas não usadas, esquis, uma bateria de carro, caixas com livros e outras velharias. Não achou nada de interessante, desceu a escada e usou a chave do prédio para abrir a garagem. Deparou com a Mercedes dele e dedicou-lhe um tempinho até perceber que não continha nada de útil.

Não foi ao escritório. Estivera lá poucas semanas antes, quando fizera sua visita noturna ao apartamento, e sabia que fazia dois anos ele não usava o escritório. Tudo que havia lá era poeira.

Retornou ao apartamento e sentou-se no sofá para pensar. Minutos depois, levantou-se, voltou à cozinha e pegou a lata das chaves. Examinou uma por uma. Havia chaves especiais de segurança e uma chave rústica, estilo antigo, enferrujada. Franziu o cenho. Então ergueu os olhos para uma prateleira acima da bancada, onde Bjurman pusera uns vinte pacotes de sementes. Pegou-os e constatou que se tratava de sementes para uma horta de ervas aromáticas.

Ele tem uma casa de campo! Ou então uma horta em algum lugar, com uma cabana. Está aí o que eu deixei passar.

Levou alguns minutos para achar, na contabilidade de Bjurman, um recibo de seis anos antes relativo ao pagamento da fatura de uma empresa que efetuara obras de aterramento em seu terreno, e

mais um minuto para encontrar recibos do seguro de uma construção perto de Stallarholmen, para os lados de Mariefred.

Às cinco da manhã, parou no 7-Eleven que ficava aberto vinte e quatro horas, no alto da Hantverkaregatan, perto da Fridhemsplan. Comprou uma quantidade expressiva de Billys Pan Pizza, leite, pão, queijo e outros produtos de primeira necessidade. Também comprou um jornal matutino cuja manchete deixou-a fascinada.

A MULHER PROCURADA TERÁ DEIXADO O PAÍS?

Por razões que Lisbeth ignorava, o jornal optara por não citar seu nome. Referia-se a ela como “a mulher de vinte e seis anos”. O texto informava que segundo uma fonte da polícia ela talvez tivesse deixado o país e poderia estar em Berlim. Não explicava por que ela teria fugido para Berlim, mas, segundo a tal fonte, sua presença tinha sido assinalada num clube “anarco-feminista de Kreuzberg. O clube era descrito como um antro de jovens fanáticas por mais ou menos qualquer coisa, desde terrorismo político até antiglobalização e satanismo.

Pegou o ônibus da manhã para voltar a Södermalm, desceu na Rosenlundsgatan e seguiu a pé até seu apartamento. Desceu o lixo e pôs as pilhas de jornais acumulados em dois *sacos* plásticos que guardou no armário do hall. Lavou roupa, primeiro as roupas íntimas e as camisetas, depois os jeans. Encheu e ligou a máquina de lavar louça e, por fim, passou aspirador e um pano úmido no chão.

Eram nove da noite e ela estava encharcada de suor. Encheu a banheira com uma generosa porção de espuma para banho. Entrou na água, fechou os olhos e ficou matutando. Quando acordou, era meia-noite e a água estava gelada. Saiu do banho irritada e se enxugou antes de ir se deitar. Adormeceu quase instantaneamente.

No domingo de manhã, Lisbeth Salander ficou subitamente furiosa quando ligou o PowerBook e leu a montoeira de bobagens que haviam escrito sobre Miriam Wu. Sentiu-se arrasada e cheia de culpa. Não tinha imaginado que iriam atacar Mimmi a este ponto. E o único crime de Mimmi era ser... hmm.. sua namorada? Amiga? Amante?

Não sabia bem que palavra usar para definir sua relação com Mimmi, mas imaginava que qualquer que fosse a forma que tivesse assumido, agora estava terminada. Lisbeth teria de riscar o nome de

Mimmi da sua lista, já não muito longa, de conhecidos. Depois de tudo o que aqueles retardados tinham escrito, duvidava que Mimmi ainda quisesse ter contato com aquela louca psicótica da Lisbeth Salander.

Era mesmo de dar raiva.

Memorizou o nome de Tony Scala, o jornalista que iniciara a perseguição. E resolveu também descobrir quem era o cronista particularmente desagradável de um jornal vespertino cujo artigo, com pretensões ao humor, recorria a todo instante à expressão “lésbica sadomasô”.

A lista das pessoas de que Lisbeth tencionava cuidar estava começando a ficar comprida.

Mas primeiro precisava encontrar Zala.

E não sabia muito bem o que iria acontecer quando o encontrasse.

* * *

Mikael foi acordado pelo telefone às sete e meia da manhã do domingo Ainda sonolento, estendeu a mão e atendeu.

—Bom dia - disse Erika Berger.

—Mmmm - respondeu Mikael.

—Você está sozinho?

—Infelizmente, sim.

—Então sugiro que tome uma ducha e prepare um café. Vai receber uma visita daqui a uns quinze minutos.

—É mesmo?

—Paolo Roberto.

—O boxeador? O rei do ringue?

—Em pessoa. Ele me ligou, a gente conversou uma meia hora.

—Por quê?

—Por que ele me ligou? Bem, a gente se conhece o suficiente para se dar oi quando se cruza por aí. Nos conhecemos quando fiz uma longa entrevista com ele no lançamento de *Stockholmsnatt,* sabe, o filme do Hildebrand sobre a vida de Paolo e a violência das gangues juvenis. Temos nos cruzado regularmente nesses anos.

—Eu não sabia. Mas o que eu queria saber é: por que ele está vindo aqui?

—Porque... Não, acho melhor ele mesmo explicar.

Mikael mal tinha saído do chuveiro e enfiado a calça quando Paolo Roberto tocou a campainha. Foi atender e pediu ao boxeador que sentasse à mesa da sala de jantar enquanto ele procurava uma camisa e preparava dois *espressos* duplos, que ele serviu com uma colher de leite. Paolo olhou para o café, impressionado.

—Você queria falar comigo?

—Foi a Erika Berger que aconselhou.

—O.k., pode falar, estou escutando.

—Eu conheço a Lisbeth Salander. Mikael ergueu as sobrancelhas.

—Ah, é?

—Fiquei meio surpreso quando a Erika Berger me disse que você também a conhecia.

—Acho melhor você começar do começo.

—Está bem. Vou explicar. Cheguei anteontem, depois de passar um mês em Nova York, e dei com a cara da Lisbeth estampada na primeira página de todas essas porras de jornais. Estão escrevendo um monte de merda sobre ela. Parece que não tem um único maldito tabloide falando bem dela.

—Você já conseguiu colocar um porra, um merda, um maldito na sua fala.

Paolo caiu na gargalhada.

—Desculpe. É que estou furioso. Na verdade, liguei para a Erika porque precisava conversar, e não sabia direito com quem. Como o jornalista morto em Enskede trabalhava para a *Millennium* e eu conhecia a Erika Berger, liguei para ela.

—Certo.

—Quer dizer, mesmo que a Salander tenha ficado louca e feito tudo o que a polícia diz que ela fez, mesmo assim tem que jogar limpo com ela. Estamos numa sociedade de direito e ninguém pode ser condenado sem ser ouvido.

—É exatamente essa a minha opinião - disse Mikael.

—Foi o que a Erika me explicou. Quando liguei, achei que vocês todos da *Millennium* estavam querendo a cabeça dela, já que o Dag Svensson trabalhava lá. Mas a Erika me disse que você acha que ela é inocente.

—Eu conheço a Lisbeth Salander. Acho difícil imaginá-la como essa assassina ensandecida.

Paolo riu mais uma vez.

—A menina é birutinha... mas é do bem. Gosto dela.

—De onde você a conhece?

—Faço boxe com a Salander desde que ela tem dezessete anos.

Mikael Blomkvist fechou os olhos uns dez segundos antes de tornar a fitar Paolo Roberto. Lisbeth Salander sempre haveria de surpreendê-lo.

—Mas eu sou mesmo um babaca! Lisbeth Salander lutando boxe com Paolo Roberto... E, claro, vocês estão na mesma categoria de peso!

—Estou falando sério.

—Está bem, acredito. Um dia ela me contou que fazia um pouco de *sparring* com uns caras num clube de boxe.

—Espere, vou explicar. Há dez anos, a A. S. de Zinken me convidou para ser treinador suplente dos juniores interessados em boxe. Eu era um boxeador conhecido e eles achavam que eu poderia atrair um público, então eu ia lá à tarde ser o *sparring* dos caras.

—Ah, sim.

—O fato é que fiquei nessa todo o verão e parte do outono. Eles tinham lançado uma campanha, com cartaz e tudo, e esperavam atrair os jovens para o boxe. E atraíram um bocado de caras na faixa dos quinze, dezesseis, até vinte anos. Muitos imigrantes. O boxe era uma boa alternativa para não ficar de bobeira na rua aprontando besteira. Sei do que estou falando.

—Entendi.

—Então, um belo dia, no meio do verão, eis que surge do nada aquela magricela. Sabe como ela é. Chegou ali e me disse que queria aprender a lutar boxe.

—Posso imaginar a cena.

—Tinha ali uma meia dúzia de caras, todos mais ou menos pesando o dobro que ela, muito maiores, e eles caíram na gargalhada. Eu fui um dos que acharam graça. Quero dizer, nada sério, mas a gente curtiu um pouco com a cara dela. A gente

também tem uma turma feminina, e eu falei um troço idiota, tipo a gente só deixa as gatinhas lutarem boxe às quintas-feiras, algo assim.

—Imagino que ela não achou a menor graça.

—*Niet.* Ela não riu. Olhou furiosa para mim. Depois vestiu um par de luvas que alguém tinha deixado numa cadeira. Não estavam amarradas nem nada, e eram muito grandes para ela. E a gente riu mais ainda. Está entendendo?

—Essa história está prometendo. Paolo deu mais uma risada.

—Como eu era o dirigente, fui lá e fiz de conta que dava uns *jabs.*

—Ai, ai, ai.

—Mais ou menos. De repente, ela me tascou um puta de um direto no meio da cara.

Ele riu de novo.

—Imagina só a cena, eu, ali de palhaçada com ela, não estava preparado para aquilo. Ela ainda teve tempo de me dar mais dois ou três antes de eu conseguir me esquivar. Ou seja, ela era força zero nos músculos, e eu tinha a impressão de estar apanhando com uma pluma. Mas quando comecei a defender os golpes, ela mudou de tática. Boxeava instintivamente e me atingiu mais umas vezes. Então comecei a me defender de verdade, e descobri que ela era mais rápida que a porra de um réptil. Se fosse mais alta e mais forte, até teria tido luta, se é que você me entende.

—Entendo, sim.

—Então ela mudou mais uma vez de tática e me tascou um puta *swing* na virilha. Esse eu senti.

Mikael meneou a cabeça.

—Com essa, mandei ver um *jab* e atingi o rosto dela. Quer dizer, não foi com muita força nem nada, só um pof. Aí ela me deu um pontapé no joelho. Quer dizer, não foi pouca coisa. Eu era três vezes mais alto e mais pesado que ela, ela não tinha nenhuma chance, mas continuou me espancando como se a vida dela dependesse daquilo.

—Você tinha zombado dela.

—Depois eu entendi. E fiquei com vergonha. Quer dizer... a gente tinha colocado cartazes para tentar atrair os jovens para o

clube, e quando ela vem e pede, muito séria, para aprender boxe, topa com um bando de idiotas rindo da cara dela. Eu também teria tido um treco se me tratassem daquele jeito.

Mikael meneou a cabeça.

—A história durou um bom tempo. Por fim, eu a agarrei, pus ela no chão e fiquei segurando até ela parar de se mexer. Pode não acreditar, mas ela estava com lágrimas nos olhos e me encarou com tanta raiva que... você sabe.

—Aí você começou a lutar boxe com ela.

—Quando ela se acalmou, eu soltei ela e perguntei se era sério, se ela queria mesmo aprender a lutar. Ele me jogou as luvas na cara e foi em direção à saída. Então fui atrás e não deixei ela passar. Pedi desculpas e disse que se ela estava falando sério, eu ensinava para ela e, nesse caso, era só ela aparecer no dia seguinte às cinco da tarde.

Calou-se e seus olhos se perderam ao longe.

—Na tarde seguinte, era o horário das meninas e ela apareceu. Coloquei ela no ringue com uma menina chamada Jennie Karlsson, que tinha dezoito anos e lutava boxe havia um ano. O problema é que não tínhamos ninguém com mais de doze anos na categoria de peso da Lisbeth. Instruí a Jennie para simular os golpes e ir devagar com a Salander, pois ela era claramente uma novata.

—E como foi?

—Sinceramente... em dez segundos, a Jennie estava com um lábio partido. O tempo de um *round.* A Salander conseguiu alinhar os golpes e esquivar tudo o que a Jennie tentava. Quer dizer, estamos falando de uma garota que nunca tinha posto os pés num ringue antes disso. No segundo *round,* Jennie estava tão furiosa que bateu de verdade, e não conseguiu acertar uma. Fiquei bobo. Nunca tinha visto um boxeador de verdade se movimentar tão rápido. Se eu tivesse metade da habilidade da Salander, já ficaria feliz.

Mikael meneou a cabeça.

—Só que, claro, o problema da Salander é que os golpes dela não valiam nada. Comecei a treiná-la. Ela ficou na turma das garotas algumas semanas e perdeu várias lutas porque, mais cedo ou mais tarde, a adversária conseguia se alinhar e aí a gente era obrigado a parar a luta, tipo mandar ela para o vestiário porque ela

ficava brava e começava a dar pontapé, morder e dar soco para todo lado.

—Isso é a cara da Lisbeth.

—Ela nunca desistia. No fim, ela tinha enfurecido tantas meninas que o treinador mandou ela embora.

—Ih...

—Sim, era simplesmente impossível lutar com ela. Ela só conhecia uma posição, que a gente chamava de *terminator mode,* que consistia em tascar golpes de direita no adversário, fosse um aquecimento ou um treino amistoso. E as meninas volta e meia iam para casa com hematomas porque elas tinham levado sapatadas da Lisbeth. Foi então que eu tive uma idéia. Eu estava com um problema com um cara chamado Samir. Ele tinha dezessete anos, originário da Síria. Era um bom boxeador de estrutura sólida e tinha *punch...* mas não sabia se movimentar. Ficava parado o tempo todo.

—Sei.

—Aí eu pedi para a Salander aparecer no clube uma tarde em que eu ia treinar o Samir. Ela se trocou e eu a mandei para o ringue com ele, de capacete, protetor bucal e tudo mais. No início, Samir recusou o *sparring* com ela porque era uma “chata de uma menina”, aquele discurso machista todo. Então eu falei bem alto para todo mundo ouvir, que aquilo não era um *sparring,* e apostei quinhentos paus que ela ia acabar com ele. Para a Salander, eu disse que ela não estava ali para treinar e que o Samir ia nocautear ela de verdade. Ela me olhou com aquele jeito cético dela, você sabe. O Samir ainda estava discutindo quando o gongo soou. Ela partiu para cima dele como se a vida dela estivesse em jogo, e tascou-lhe um no meio da cara e ele caiu de bunda. Nessa época, eu já tinha treinado com ela o verão todo e ela já estava começando a pôr um pouco mais de músculo e peso nos golpes.

—Imagino que o Samir deve ter adorado.

—Nem me diga, falaram nessa história durante meses. O Samir simplesmente tomou uma surra. Ela ganhou nos pontos. Se tivesse mais força física, teria machucado o cara. Depois de um tempo, o Samir estava tão frustrado que passou a bater com toda a força. Fiquei com medo que ele acabasse com ela, a gente ia ter que chamar uma ambulância. Ela ficou com hematomas tentando se

proteger com os ombros uma ou outra vez, e ele conseguiu jogar ela nas cordas porque ela não aguentava o peso dos golpes. Mas ele estava a dez mil léguas de atingir ela para valer.

—Caramba. Eu queria ter visto isso.

—A partir desse dia, os caras do clube começaram a respeitar a Salander. Principalmente o Samir. E eu acabei colocando ela como *sparring-partner* dos caras bem maiores e mais pesados. Ela era a minha arma secreta, e foram uns supertreinos aqueles. A gente preparava sessões em que a Lisbeth tinha por objetivo atingir cinco partes diferentes do corpo... o queixo, a testa, a barriga, e assim por diante. E os caras que ela enfrentava tinham que se defender e proteger aquelas partes. No fim, virou uma glória ter lutado com a Lisbeth Salander. Era um pouco como lutar contra um vespão. Aliás, o apelido dela era vespa, e ela se tornou uma espécie de mascote do clube. Acho que ela gostava, porque um dia apareceu com uma vespa tatuada no pescoço.

Mikael sorriu. Lembrava-se perfeitamente da vespa. Estava até incluída na descrição dos avisos de busca.

—Quanto tempo durou isso?

— Uma noite por semana por quase três anos. Eu assumi em tempo integral só no verão, depois ficou mais esporádico. O treino da Salander ficou com o Putte Karlsson, o treinador júnior. Depois ela começou a trabalhar e já não tinha como ir tão seguido, mas até o ano passado ela ainda aparecia por lá uma vez por mês. Estive com ela umas quatro, cinco vezes no ano para fazer aula. Muito legal, só para treinar, e garanto que a gente suava para valer Ela quase não falava com ninguém. Quando estava sem parceiro, era capaz de ficar duas horas batendo no saco de areia como se fosse um inimigo mortal.

23 - DOMINGO 3 DE ABRIL – SEGUNDA-FEIRA 4 DE ABRIL

Mikael preparou mais dois *espressos.* Desculpou-se ao acender um cigarro. Paolo Roberto deu de ombros. Mikael fitou-o pensativo.

Paolo Roberto tinha fama de ser um garganta que falava tudo que lhe vinha à cabeça. Mikael logo percebeu que também era garganta no trato pessoal, mas que era um homem inteligente e, no fundo, humilde. Lembrou que Paolo Roberto apostara numa carreira política como candidato ao Parlamento pelos socialdemocratas. Aparecia cada vez mais como um homem com alguma coisa na cabeça. Mikael flagrou-se gostando da figura.

—Por que você está me trazendo essa história?

—A Salander está na maior encrenca. Não sei o que dá para fazer, só acho que ela precisa de um amigo.

Mikael meneou a cabeça.

—O que te fez pensar que ela é inocente? - perguntou Paolo Roberto. —É difícil de explicar. A Lisbeth é uma pessoa superintransigente, mas simplesmente não acredito nessa história de ela ter matado o Dag e a Mia. Principalmente a Mia. Por um lado, ela não tinha motivo nenhum... —Nenhum que a gente saiba.

—Certo, a Lisbeth não teria escrúpulo em recorrer à violência com alguém que merecesse. Mas não sei. Desafiei o Bublanski, o tira que está conduzindo a investigação. Acho que existe um motivo por trás do assassinato do Dag e da Mia. E acho que esse motivo está na reportagem em que o Dag vinha trabalhando.

—Se você estiver certo, a Salander não só precisa de um amigo para segurar a mão dela quando for presa; precisa de ajuda da artilharia pesada.

—Concordo.

Um brilho perigoso cintilou nos olhos de Paolo Roberto.

—Se ela for inocente, terá sido vítima de um dos piores escândalos judiciários da história. Foi apontada como assassina pela mídia e pela polícia, e toda essa porcariada que escreveram...

—Também concordo.

—Então, o que a gente pode fazer? Será que posso ser útil de alguma forma?

Mikael refletiu.

—A melhor ajuda que podemos oferecer, claro, é apresentar outro culpado. Estou trabalhando nisso. Além do mais, para ajudá-la temos que pegada de qualquer jeito, antes que um tira acabe com ela. A Lisbeth não é bem do tipo que vai se entregar de boa vontade.

Paolo meneou a cabeça.

—E como a gente faz para encontrá-la?

—Não sei. Mas tem uma coisa que você poderia fazer. Uma coisa prática, se você tiver tempo e vontade.

—A minha mulher não está, vou estar solteiro na semana que vem. Com tempo e disposição.

—Certo, eu estava pensando no fato de você ser boxeador...

—Sim?

—A Lisbeth tem uma amiga, a Miriam Wu, os jornais falaram sobre ela.

—Apresentada como uma sapatão sadomasô... É, os jornais falaram nela.

—Tenho o celular dela e tentei entrar em contato. Mas ela desliga assim que vê que quem está falando é um jornalista.

—Dá para entender.

—Não estou com tempo para ir atrás da Miriam Wu. Mas li em algum lugar que ela pratica boxe tailandês. Fiquei pensando que se um boxeador conhecido ligar...

—Entendi. E você espera que ela possa nos levar até a Salander.

—Quando a polícia a interrogou, ela disse que ignorava totalmente o paradeiro da Lisbeth. Mas vale a pena tentar.

—Me dê o número. Acho ela para você.

Mikael passou o celular e o endereço na Lundagatan.

Gunnar Björck tinha passado o fim de semana analisando a situação. Seu futuro estava por um fio tênue e ele precisava jogar suas escassas cartas com sutileza.

Mikael Blomkvist era um canalha de primeira. A questão era saber se dava para convencê-lo a calar... o fato de ele ter recorrido aos serviços daquelas piranhas. O que ele fizera era passível de processo e não tinha dúvida de que, caso fosse divulgado, ele seria

despedido. Os jornais fariam picadinho dele. Um agente da Säpo abusa de prostitutas adolescentes... se pelo menos aquelas malditas não fossem tão jovens.

Mas ficar sem fazer nada eqüivalia a selar sua sorte. Tivera o bom senso de não falar nada para Mikael Blomkvist. Decifrara a fisionomia de Blomkvist e registrara sua reação. Blomkvist estava preocupado. Queria informações. Mas teria de pagar. O preço era o seu silêncio. Era a única saída.

Zala alterava a equação de toda a investigação.

Dag Svensson tinha andado atrás de Zala.

Bjurman tinha procurado Zala.

E o delegado Gunnar Björck era o único, a saber, que existia um elo entre Zala e Bjurman, o que significava que Zala era um elo entre Enskede e Odenplan.

Isso colocava outro problema dramático para o futuro bem-estar de Gunnar Björck. Ele é quem passara a Bjurman a informação sobre Zalachenko - na maior amizade, esquecendo que essa informação ainda era mantida em segredo. Parecia pouco, mas isso na verdade o tornava culpado de um delito.

Além disso, desde a visita de Mikael Blomkvist, na sexta-feira, tornara-se culpado de outro delito. Ele era tira e, se detinha uma informação relacionada com uma investigação por homicídio, era seu dever alertar imediatamente a polícia. Só que, se passasse a informação para Bublanski ou o procurador Ekström, estaria automaticamente denunciando a si mesmo. Tudo viria a público. Nem tanto as putas, mas todo o caso Zalachenko.

No sábado, fizera uma breve aparição no seu trabalho, na Säpo de Kungsholmen. Pegara os antigos dossiês sobre Zalachenko e relera todos. Ele próprio redigira os relatórios, mas isso já fazia vários anos. Os mais antigos datavam de quase trinta anos. E o último documento, de dez anos.

Zalachenko.

Deslizando feito uma cobra nojenta. *Zala.*

O próprio Gunnar Björck inscrevera o apelido na investigação, só não conseguia lembrar se alguma vez o utilizara.

Mas a ligação era clara como água de rocha. Com Enskede. Com Bjurman. E com Salander.

Gunnar Björck refletiu. Ainda não entendia como todas as peças do quebra-cabeça se encaixavam, mas julgava saber por que Lisbeth Salander tinha ido até Enskede. Também podia facilmente imaginar Lisbeth Salander matando Dag Svensson e Mia Bergman num ataque de raiva, se eles tivessem se negado a cooperar ou se a tivessem provocado. Ela tinha um motivo que só Gunnar Björck, e talvez mais duas ou três pessoas em todo o país, era capaz de entender.

É uma doente mental completa. Espero, pelo amor de Deus, que um tira acabe com ela quando for presa. Ela sabe. E, se ela falar, pode revelar a história toda.

Mas, por mais que Gunnar Björck raciocinasse para lá e para cá, permanecia o fato de que Mikael Blomkvist era sua única saída - o que, em sua atual situação, era a única questão digna de interesse. Seu desespero não parava de crescer. Precisava fazer que Mikael Blomkvist o tratasse como uma espécie de fonte sigilosa e convencê-lo a guardar silêncio sobre seus... pecadilhos com as malditas putas. *Quem dera a Salander acertasse as contas com o Blomkvist.*

Contemplou o número de telefone de Zalachenko e pesou os prós e os contras de ligar para ele. Não conseguia se decidir.

Mikael transformara numa virtude o fato de reavaliar constantemente suas pesquisas. Depois que Paolo Roberto saiu, dedicou uma hora a isso. Tornara-se quase um diário íntimo, em que ele dava livre curso aos pensamentos enquanto registrava em detalhe todas as conversas, encontros e buscas que fazia. Criptografava diariamente o documento com o PGP e mandava cópias por e-mail a Erika Berger e Malu Eriksson, para manter suas colaboradoras a par de tudo.

Dag Svensson se concentrara em Zala nas últimas semanas que precederam sua morte. O nome surgira na última conversa que tivera ao telefone com Mikael, apenas duas horas antes de ser assassinado. Gunnar Björck afirmava ter informações sobre Zala.

Mikael passou quinze minutos resumindo tudo o que descobrira sobre Björck, o que em suma era pouco.

Björck tinha sessenta e dois anos, era solteiro e nascera em Falun. Trabalhava na polícia desde os vinte e um anos. Começara

como policial, depois fizera o curso de direito e assumira um cargo de agente secreto com apenas vinte e seis ou vinte e sete anos. Isso fora em 1969 ou 70, no final do mandato de Per-Gunnar Vinge na chefia da Säpo.

Vinge fora demitido por afirmar, em conversa com o presidente da Câmara de Vereadores de Norrbotten, Ragnar Lassinanti, que Olof Palme era espião dos russos. Depois vieram o caso IB, o Holmér, o Carteiro, e então o assassinato de Palme e os escândalos que se sucederam. Mikael desconhecia totalmente o papel de Gunnar Björck nos dramas internos da polícia secreta nos últimos trinta anos.

A carreira de Björck, entre 1970 e 1985, era em suma uma folha em branco, o que não era de surpreender tratando-se da Säpo, já que tudo que se referia à sua atividade trazia o lacre do sigilo. Björck tanto podia ter sido nomeado apontador de lápis como agente secreto na China. Esta última hipótese, porém, era bastante improvável.

Em outubro de 1985, Björck fora para Washington, onde trabalhara dois anos na embaixada sueca. Em 1988, reassumira seu cargo na Säpo em Estocolmo. No ano de 1996, tornou-se uma figura oficial, sendo nomeado chefe-adjunto da Brigada dos Estrangeiros. Mikael não dispunha de muitos dados sobre a exata natureza de suas atribuições. Depois de 1996, Björck aparecera diversas vezes na mídia pronunciando-se sobre a expulsão de algum árabe suspeito. Em 1998, estivera na berlinda quando vários diplomatas iraquianos foram expulsos do país.

Qual a relação disso tudo com a Lisbeth Salander e os assassinatos do Dag e da Mia? Nenhuma, provavelmente.

Mas Gunnar Björck sabe de alguma coisa sobre Zala.

O que significa que necessariamente existe uma relação.

Erika Berger não tinha contado a ninguém, nem a seu marido, de quem normalmente não escondia nada, que ia se transferir para o *Svenska Morgon-Posten.* Só lhe restava cerca de um mês na *Millennium,* depois disso iria trabalhar para o Grande Dragão. Estava angustiada. Sabia que os dias iriam voar com uma rapidez alucinada e que, de repente, seria o último dia.

Sentia-se também tremendamente preocupada com Mikael. Lera seu último e-mail com uma sensação de impotência. Reconhecia os sinais. Era a mesma obstinação que o fizera fincar pé em Hedestad dois anos antes, e a mesma obsessão com que atacara Wennerstrôm. Desde a última quinta-feira, nada mais existia para ele a não ser descobrir quem matara Dag e Mia e, de alguma maneira, conseguir inocentar Lisbeth Salander.

Embora aquela ambição contasse com toda a sua simpatia - Dag e Mia também eram amigos de Erika -, havia um lado em Mikael que lhe causava mal-estar. Ele desenvolvia uma certa falta de escrúpulos quando sentia cheiro de sangue.

Assim que ele ligara na véspera, dizendo que tinha lançado um desafio a Bublanski e começado a medir forças com ele no mais puro estilo caubói, ela compreendera que a caçada a Lisbeth Salander iria consumi-lo nos próximos tempos. Sabia, por experiência própria, que ele ficaria insuportável enquanto não solucionasse o problema. Ia oscilar entre o egocentrismo e a depressão. E, em algum ponto da equação, também assumiria riscos totalmente irrefletidos.

E Lisbeth Salander? Erika cruzara com ela uma única vez, e o pouco que sabia sobre aquela garota estranha não bastava para que conseguisse partilhar da convicção de Mikael quanto à sua inocência. E se Bublanski estivesse certo? E se ela fosse culpada? E se Mikael conseguisse encontrá-la e deparasse com uma doente mental de arma na mão?

A ligação de Paolo Roberto pela manhã não contribuíra para deixada mais calma. Era evidentemente muito bom Mikael não ser, afinal, o único a acreditar em Lisbeth Salander, mas Paolo Roberto também era do tipo fanfarrão.

Além disso, ela ainda precisava achar um sucessor para assumir o leme da *Millennium.* Agora era urgente. Pensou em ligar para Christer Malm e conversar sobre o assunto com ele, mas percebeu que não podia informá-lo e continuar ocultando a notícia de Mikael.

Mikael era um repórter brilhante, mas seria um desastre como diretor. Nesse aspecto, ela e Christer tinham muito mais em comum, só não era certo que Christer topasse. Malu era muito jovem e

indecisa. Monica Nilsson, egocêntrica demais. Henry Cortez era um bom repórter, mas jovem demais e inexperiente. Lottie Karim, sensível demais. E Erika não estava segura de que Christer e Mikael aceitariam contratar alguém de fora.

Estava no maior aperto.

Não queria encerrar dessa maneira seus anos de *Millennium.*

No domingo à noite, Lisbeth Salander tornou a abrir o Asphyxia 1.3 e entrou no disco rígido espelhado de *[MikBlom/laptop].* Viu que ele não estava conectado à internet, então passou algum tempo lendo tudo o que fora acrescentado nos dois últimos dias.

Leu o diário de investigação de Mikael e se perguntou vagamente se era por causa dela que ele escrevia com tantos detalhes e, nesse caso, o que aquilo significava. Ele sabia, evidentemente, que ela entrava em seu computador, e a conclusão óbvia era que Mikael queria que ela lesse o que ele escrevia. A questão era descobrir o que ele não escrevia. Sabendo que Lisbeth navegava em seu computador, ele podia manipular o fluxo de informações. Ela observou, de passagem, que ele manifestamente não conseguira muito mais do que desafiar Bublanski a um duelo sobre sua eventual inocência. Aquilo a irritou. Mikael, em geral, não era homem de basear suas conclusões em sentimentos, e sim em fatos. A *ingenuidade desse cara é alucinante!*

Mas ele tinha dado atenção a Zala. *Bem pensado, Super-Blomkvist.* Perguntou-se se ele teria se interessado por Zala caso ela não tivesse lhe mandado o nome.

Em seguida, notou com ligeira surpresa que Paolo Roberto aparecia de repente nos documentos. Boa notícia. Abriu um sorriso. Gostava daquela garganta. Era machista até o último fio de cabelo. Quando se enfrentavam no ringue, não hesitava em dar porrada. Desde que ela deixasse, claro.

Súbito, pulou da cadeira ao ler o último e-mail de Mikael Blomkvist para Erika Berger.

Gunnar Björck, da Säpo, detém informações sobre Zala.

Gunnar Björck conhecia o Bjurman.

O olhar de Lisbeth se turvou ao traçar mentalmente um triângulo. Zala. Bjurman. Björck. *Damned, não é que faz sentido!* Ela nunca tinha considerado o problema por esse ângulo. Mikael

Blomkvist talvez não fosse tão bobo assim, afinal. Só que ele, obviamente, não entendia o contexto. Nem ela entendia, embora estivesse mais por dentro do que tinha acontecido. Pensou um pouco sobre Bjurman e se deu conta de que o fato de ele ter conhecido Björck o transformava numa peça um pouco mais importante do que ela imaginara.

Concluiu que provavelmente seria obrigada a fazer uma visita a Smádalarõ.

Em seguida, entrou no disco rígido de Mikael e criou um novo arquivo dentro da pasta [**LISBETH SALANDER**]. Chamou-o de [Canto do ringue]. Ele o veria na próxima vez que abrisse o iBook.

1. Fique longe de Teleborian. Esse cara é um sanguessuga.

2.Miriam Wu não tem absolutamente nada a ver com essa história.

3. Você está certo em se concentrar em Zala. Ele é a chave. Mas não vai encontrá-lo em nenhum registro.

4. Existe um elo entre Bjurman e Zala. Não sei qual é, mas estou trabalhando nisso. Björck?

5. Importante. Existe um relatório de polícia constrangedor a meu respeito, datado de fevereiro de 1991. Não sei o número do cadastro e não estou encontrando em lugar nenhum. Por que Ekström não o divulgou para a imprensa? Resposta: não está no PC dele. Conclusão: ele desconhece sua existência. Como é possível?]

Pensou um pouco e acrescentou mais um parágrafo.

[P. S. Mikael, eu não sou inocente. Mas não matei o Dag e a Mia nem tenho nada a ver com o assassinato deles. Estive com eles na noite da matança, mas fui embora antes de eles serem mortos. Obrigada por acreditar em mim. Diga ao Paolo que ele tem um esquerdo de mulherzinha.]

Pensou mais um pouco e percebeu que era realmente doloroso demais não saber, para uma viciada em informações do seu calibre. Acrescentou mais uma linha.

[P. S. 2. Como é que você sabe sobre o Wennerstrôm?]

Mikael Blomkvist viu o arquivo de Lisbeth três horas depois. Leu a mensagem, linha por linha, cinco vezes ou mais. Pela primeira vez, ela afirmava claramente alguma coisa. Dizia que não tinha matado Dag e Mia. Ele acreditou e sentiu um alívio imenso.

Finalmente ela estava falando com ele, ainda que, como sempre, de forma misteriosa.

Reparou também que ela negava apenas o assassinato de Dag e Mia, sem mencionar Bjurman. Mikael preferiu achar que era porque ele só falara em Dag e Mia no seu e-mail. Depois de refletir um pouco, criou o [Canto do ringue 2].

[Olá, Sally,

Obrigado por finalmente dizer que é inocente. Acreditei em você, mas também fui influenciado por toda a tempestade da mídia e cheguei a sentir alguma dúvida. Me fez bem ouvir isso diretamente do seu teclado.

Então só nos resta encontrar o verdadeiro assassino. É algo que nós dois já fizemos. Avançaríamos mais depressa se você não fosse tão misteriosa. Imagino que esteja lendo o meu diário de investigação. Então sabe mais ou menos o que ando fazendo e como tenho raciocinado. Acho que o Björck sabe de alguma coisa e vou conversar de novo com ele um dia desses.

Estou na pista errada ao me focar nos clientes sexuais?

Essa história de relatório policial me intriga. Vou instruir a Malu, minha colaboradora, para que o encontre. Na época, você tinha doze ou treze anos, é isso? Do que se trata?

Registrei seu conselho quanto ao Teleborian. M.

P.S. Você deixou passar um troço no golpe do Wennerstrôm. Eu já sabia o que você tinha feito quando estivemos em Sandhamm no Natal, mas não perguntei nada porque você não tocou no assunto. E não pretendo dizer qual foi o seu erro, a menos que você me convide para um café.]

A resposta chegou três horas depois.

[Esqueça os clientes. O que interessa é o Zala. E um gigante loiro. Mas o relatório da polícia é interessante porque parece que alguém está querendo escondê-lo. Não pode ser por acaso.]

O procurador Ekström estava aborrecido quando juntou a equipe de Bublanski para uma reunião na segunda-feira de manhã. Mais de uma semana perseguindo um suspeito identificado e com uma aparência física bastante singular não dera nenhum resultado.

O humor de Ekström não melhorou quando Curt Bolinder, que estivera de plantão no fim de semana, relatou os últimos

acontecimentos.

—Intrusão? - exclamou Ekström, sem disfarçar sua surpresa.

—O vizinho me ligou no domingo à noite quando percebeu que o lacre na porta de Bjurman tinha sido rompido. Fui até lá verificar.

—E no que deu sua verificação?

—Os lacres foram cortados em três lugares. Provavelmente com gilete ou estilete. Um bom trabalho. Mal dava para notar.

—Assalto? Existem bandidos especializados em defuntos...

—Não foi assalto. Examinei o apartamento. Estavam lá todos os objetos de valor corriqueiros, videocassete e coisas assim. Em compensação, a chave do carro de Bjurman estava em cima da mesa da cozinha.

—A chave do carro? - disse Ekström.

—O Jerker Holmberg esteve no apartamento na quarta passada para dar uma revisada, vai que a gente tivesse deixado escapar alguma coisa. Entre outras coisas, conferiu o carro. Ele jura que não tinha nenhuma chave de carro na mesa da cozinha quando saiu do apartamento, e que ele repôs o lacre.

—Ele pode ter esquecido de guardar a chave. Todo mundo pode se enganar.

—O Holmberg não usou aquela chave. Ele usou uma cópia do chaveiro do Bjurman que estava com a gente.

Bublanski passou a mão no queixo.

—Ou seja, não foi um assalto no sentido usual?

—Intrusão. Alguém entrou no apartamento do Bjurman para bisbilhotar. E só pode ter sido entre a quarta-feira e o domingo à noite, quando o vizinho notou que os lacres estavam rompidos.

—Em outras palavras, alguém foi procurar alguma coisa... Jerker?

—Não havia nada lá que a gente já não tivesse apanhado.

—Pelo menos que a gente saiba. O motivo dos assassinatos ainda não está muito claro. Partimos da hipótese de que a Salander é uma psicopata, mas até os psicopatas precisam de um motivo.

—O que você sugere?

—Não sei. Que alguém dedique um tempo passando o apartamento do Bjurman a pente-fino. Precisamos responder a duas

perguntas. Primeira: quem? Segunda: por quê? O que deixamos passar?

Fez-se silêncio por alguns instantes.

—Jerker...

Jerker Holmberg deu um suspiro resignado.

—Está bem. Vou voltar lá no Bjurman passar um pente-fino no apartamento.

Eram onze horas de segunda-feira quando Lisbeth Salander acordou. Ficou meia hora preguiçando na cama antes de se levantar, ligar a cafeteira e tomar um banho. Feito isso, preparou dois sanduíches e sentou-se diante do Powerbook para se atualizar sobre o que se passava no computador do procurador Ekström e ler as edições *on-line* de vários jornais. Observou que o interesse pelos assassinatos de Enskede diminuía. Então abriu a pasta de investigação de Dag Svensson e leu atentamente suas anotações sobre o confronto com o jornalista Per-Åke Sandström, o cliente que fazia o jogo da máfia do sexo e sabia de alguma coisa sobre Zala. Ao terminar a leitura, serviu-se de mais um café e sentou-se no canto da janela para refletir.

Por volta das quatro da tarde, encerrou suas reflexões.

Precisava de dinheiro. Dispunha de três cartões de crédito. Um em nome de Lisbeth Salander, e logo, inutilizável na prática. O segundo em nome de Irene Nesser, mas Lisbeth evitava usado pois teria de apresentar o pasSäporte de Irene Nesser como documento de identidade, o que implicava algum risco. O terceiro estava em nome da Wasp Enterprises, referente a uma conta que continha mais de dez milhões de coroas e que podia ser movimentada via internet. Qualquer pessoa poderia usar o cartão, desde que mostrasse, evidentemente, um documento de identidade.

Foi até a cozinha, abriu uma lata de biscoitos e tirou de dentro um maço de cédulas. Restavam-lhe novecentas e cinquenta coroas, o que era pouco. Felizmente, também tinha mil e oitocentos dólares americanos que estavam ali desde que voltara para a Suécia e que ela podia trocar anonimamente em qualquer agência de câmbio. Assim já ficava melhor.

Enfiou a peruca de Irene Nesser, vestiu-se com cuidado e pôs uma muda de roupa e um estojo de maquiagem numa mochila.

Então empreendeu sua segunda expedição para fora de casa. Foi até a Folkungagatan a pé, depois à Erstagatan, onde entrou na Watski pouco antes de a loja fechar. Comprou fita isolante, uma cábrea de duas roldanas e oito metros de um cordão de algodão forte.

Pegou o 66 para voltar. Na Medborgarplatsen, viu uma mulher esperando o ônibus. De início não a reconheceu, mas um alarme disparou no fundo de seu cérebro, olhou de novo e viu que era Asa Flemstrõm, que cuidava dos salários na Contabilidade da Milton Security. Estava com um penteado novo, mais na moda. Lisbeth desceu discretamente do ônibus enquanto Flemstrõm subia. Olhou ao redor com todo o cuidado, à espreita de um rosto que lhe parecesse familiar. Lisbeth passou em frente ao prédio da Bofill e chegou à Sõdra Station, onde pegou o trem do subúrbio na direção norte.

A inspetora Sonja Modig apertou a mão de Erika Berger, que imediatamente lhe ofereceu um café. Ao ir pegá-lo na cozinha, Erika sorriu ao ver as canecas desparelhadas, todas com logotipos de diferentes partidos políticos, sindicatos e empresas.

—Dão essas canecas para a gente nas reuniões eleitorais ou depois de alguma entrevista - explicou Erika Berger, estendendo-lhe uma com o logo dos jovens liberais.

Sonja Modig passou três horas sentada à mesa de Dag Svensson, auxiliada em sua tarefa pela assistente de redação Malu Eriksson, em parte para entender do que tratava o livro e o artigo de Dag Svensson, em parte para navegar pelo seu material de pesquisa. Sonja Modig ficou pasma ao descobrir a extensão dessa pesquisa. O sumiço do laptop de Dag Svensson representara um sério inconveniente para a investigação da polícia, que, com isso, pensou que não fosse ter acesso a seu trabalho. Mas na realidade fora feito, regularmente, um backup da maioria dos dados na redação da *Millennium.*

Mikael Blomkvist não estava, mas Erika Berger forneceu a Sonja Modig uma lista dos elementos que ele tirara da sala de Dag Svensson - principalmente anotações referentes à identidade das fontes. Modig acabou ligando para Bublanski para explicar a situação. Ficou decidido que todo o material da sala de Dag

Svensson, inclusive o computador da *Millennium,* seria apreendido por razões técnicas de investigação. O chefe do inquérito preliminar voltaria lá para negociar caso se justificasse exigir também os elementos retidos por Mikael. Sonja Modig então preencheu um protocolo de apreensão e pediu ajuda a Henry Cortez para levar tudo até o carro.

Na segunda-feira à noite, Mikael sentiu-se profundamente frustrado. Desde a semana anterior, passara em revista dez dos nomes que Dag Svensson tivera a intenção de revelar. A cada vez, vira-se diante de homens preocupados, indignados e chocados. Constatou que a renda anual média desses sujeitos era de cerca de quatrocentas mil coroas. Era um amontoado patético de homens assustados.

Em nenhum momento, porém, teve a impressão de que os sujeitos lhe escondiam alguma coisa em relação aos assassinatos de Dag Svensson e Mia Bergman. Pelo contrário; muitos achavam que sua situação iria ficar catastrófica quando a mídia começasse a denunciar nomes, os deles, associados aos homicídios.

Mikael abriu seu iBook para ver se havia uma nova mensagem de Lisbeth. Não havia. Em compensação, na mensagem anterior ela avisara que os clientes sexuais não tinham nenhum interesse para o caso e que ele estava gastando tempo à toa. Amaldiçoou-a com termos que Erika Berger teria qualificado de sexistas, além de inovadores. Estava com fome, mas não tinha a menor vontade de cozinhar. Sem falar que, tirando o leite do mercadinho da esquina, não tinha comprado nada para comer nos últimos quinze dias. Enfiou o casaco e desceu até a taberna grega da Hornsgatan, onde pediu cordeiro grelhado.

Lisbeth Salander tinha verificado a escada e ao anoitecer dera duas voltas discretas em torno dos prédios vizinhos. Eram edificiozinhos baixos onde, ela desconfiava, todos os ruídos deviam vazar com facilidade, o que não lhe facilitava as coisas. O jornalista Per-Ake Sandström morava num apartamento de canto no segundo andar, ou seja, no último. A escada continuava até uma porta de sótão. Deveria servir.

O único problema é que todas as janelas do apartamento estavam escuras, sinal de que o proprietário não se encontrava em

casa.

Achou uma pizzaria algumas quadras adiante, pediu uma Hawaii, sentou-se a um canto e leu os jornais vespertinos. Pouco antes das nove horas, comprou um *caffè latte* numa revistaria e voltou para o pequeno edifício. As luzes do apartamento continuavam apagadas. Foi até a escada e sentou-se no patamar do sótão, de onde avistava a porta do apartamento de Per-Ake Sandström, meio andar abaixo. Tomou o café enquanto esperava pacientemente.

Foi no estúdio de gravação Recent Trash Records, num setor industrial de Alvsjó, que o inspetor Hans Faste enfim conseguiu encontrar Cilla Norén, vinte e oito anos, líder do grupo satanista Evil Fingers. O choque cultural foi comparável ao do primeiro encontro entre portugueses e índios caraibanos.

Depois de várias tentativas infrutíferas junto aos parentes de Cilla Norén, Faste afinal conseguira, com a irmã, uma pista levando àquele estúdio onde Cilla seria "assistente" de produção de um **CD** do grupo Cold Wax de Borlánge. Faste, que nunca tinha ouvido falar nesse grupo, reparou que era aparentemente constituído por uns caras na faixa dos vinte anos. Já no corredor de acesso ao estúdio, foi acolhido por um *tsunami* sonoro que lhe tirou o fôlego. Observou o Cold Wax através de um vidro e esperou que se abrisse uma brecha na cortina sonora.

Cilla Norén tinha cabelos negros compridos, com mechas vermelhas e verdes, e usava maquiagem preta. Era um pouco rechonchuda e vestia um pulôver curto que deixava à mostra sua barriga com um *piercing* no umbigo. Usava um cinto com tachas nos quadris e tinha toda a aparência de uma personagem de filme de terror.

Faste mostrou sua identificação policial e pediu para ter uma conversa com ela. Ela estava mascando chiclete e olhava para ele com ceticismo. Por fim, indicou uma porta e o conduziu pelo que parecia ser uma espécie de cozinha com mesa e cadeiras, onde ele por pouco não se estatelou ao tropeçar num saco de lixo largado bem atrás da porta. Norén encheu uma garrafa plástica com água e bebeu quase a metade, depois sentou-se à mesa e acendeu um

cigarro. Fitou Hans Faste com seus olhos azul-celeste. Ele não sabia por onde começar.

—O que é a Recent Trash Records? Ela parecia mortalmente entediada.

—É um selo que produz novos grupos de jovens.

—Qual é a sua função?

—Técnica de som. Faste olhou para ela.

—Você tem formação para isso?

—Não. Aprendi na prática.

—Dá para viver disso?

—A resposta é mesmo importante?

—Eu só queria saber. Imagino que você tenha lido as matérias sobre Lisbeth Salander nesses últimos tempos.

Ela fez que sim com a cabeça.

—Disseram que você a conhece. É verdade?

—Pode ser.

—Sim ou não?

—Depende do que quer saber.

—Quero encontrar uma destrambelhada suspeita de três assassinatos. Quero informações sobre Lisbeth Salander.

—Não tenho notícias da Lisbeth desde o ano passado.

—Quando esteve com ela pela última vez?

—No outono, há dois anos. No Moulin. Ela ia lá de vez em quando, depois não soubemos mais dela.

—Você tentou entrar em contato com ela?

—Liguei algumas vezes para o celular. O número não existe mais.

—E você sabe onde eu poderia encontrada?

—Não.

—O que é o Evil Fingers?

Cilla Norén mostrou uma expressão divertida.

—O senhor não lê os jornais?

—Por quê?

—Todos eles escreveram que somos um grupo satanista.

—Isso é verdade?

—Eu tenho cara de satanista?

—Não sei que cara tem uma satanista.

—Escute, não sei quem está mais biruta, se a polícia ou os jornais.

—Escute aqui, senhorita, essa é uma pergunta séria.

—Se a gente é satanista?

—Responda às minhas perguntas, em vez de ficar enrolando.

—E qual é a sua pergunta?

Hans Faste fechou os olhos por um segundo e pensou na visita profissional que fizera, na Grécia, durante suas férias alguns anos antes. Na Grécia, apesar de todos os problemas, a polícia tinha uma enorme vantagem em relação à polícia sueca. Lá, se Cilla Norén adotasse a mesma atitude, ele a teria algemado e nocauteado com o cassetete. Olhou para ela.

—A Lisbeth Salander fazia parte do Evil Fingers?

—Acho que não.

—O que quer dizer?

—A Lisbeth talvez seja a pessoa mais hermética em relação a música que eu já conheci.

—Hermética em relação a música?

—Ela sabe distinguir um trompete de uma bateria, mas seu talento musical acaba mais ou menos por aí.

—Eu quis dizer: ela pertencia ao grupo Evil Fingers?

—Acabo de responder à pergunta. O que o senhor acha que era o Evil Fingers?

—Me conte.

—Está conduzindo uma investigação policial lendo as matérias de uns jornais idiotas.

—Responda à pergunta.

—Evil Fingers era um grupo de rock. A gente era um grupo de garotas que, em meados dos anos 1990, gostava de hard rock e tocava para se divertir. Para ficarmos conhecidas, a gente chamava a atenção com pentagramas e um pouco de *sympathy for the Devil.* Depois, paramos de tocar e eu sou a única que continuou trabalhando com música.

—E a Lisbeth Salander não fazia parte do grupo?

—É o que acabo de dizer.

—Por que as nossas fontes afirmam que a Salander fazia parte do grupo?

—Porque as suas fontes são quase tão idiotas quanto os jornais.

—Explique-se.

—Nós éramos cinco meninas, e continuamos nos encontrando de vez em quando. Antes, a gente se encontrava no Moulin uma vez por semana. Agora, é mais ou menos uma vez por mês. A gente mantém contato.

—E o que vocês fazem quando se encontram?

—O que é que as pessoas fazem no Moulin? Hans Faste suspirou.

—Quer dizer que vocês se encontram para beber.

— A gente toma uma cervejinha. Fala besteira. E o senhor, faz o que quando encontra com os amigos?

—E a Lisbeth Salander entra onde nesta história?

—Eu conheci Lisbeth na komvux quando eu tinha dezoito anos. Ela ia até o Moulin de vez em quando se juntar ao grupo e tomar uma cerveja com a gente.

—O Evil Fingers não poderia ser visto como uma organização? Cilla Norén o encarou como se ele viesse de outro planeta.

—Vocês são lésbicas?

—Quer levar um tabefe?

—Responda à pergunta.

—O que a gente é ou deixa de ser não lhe diz respeito.

—Calminha. Você não vai conseguir me tirar do sério.

—Alô... alô?... A polícia diz que Lisbeth Salander assassinou três pessoas e aí vem me fazer perguntas sobre as minhas preferências sexuais. Ah, vá se catar.

—Epa... eu posso te pôr no xadrez.

—Com que motivo? Aliás, esqueci de mencionar que estou no terceiro ano de direito e que o meu pai é o Ulf Norén, do escritório Norén & Knape. A gente se vê no tribunal?

—Pensei que você trabalhasse com música.

—Faço isso porque é legal. Ou você acha que eu conseguiria viver disso?

—Não faço idéia do que você vive.

—Não é de nenhuma atividade satanista e lésbica, se é isso que está pensando. Se essa é a premissa da polícia para procurar a

Lisbeth Salander, entendo que vocês não consigam prendê-la.

—Você sabe onde ela está?

Cilla Norén começou a balançar o corpo, erguendo as mãos à sua frente.

—Eu sinto que ela está muito perto... espere, vou me conectar por telepatia.

—Pare com essa bobagem.

—Eu já disse que não sei dela há quase dois anos. Não faço idéia de onde ela está. Mais alguma coisa?

Sonja Modig ligou o computador de Dag Svensson e passou o final da tarde inventariando o conteúdo do disco rígido e dos ZIP. Ficou até as dez e meia da noite lendo o livro de Dag Svensson.

Ela se deu conta de duas coisas. Primeiro, descobriu que Dag Svensson era um escritor brilhante, cuja prosa era de uma objetividade fascinante quando descrevia os mecanismos do comércio do sexo. Gostaria que ele tivesse dado uma palestra na escola de polícia - seus conhecimentos seriam uma bem-vinda complementação ao curso. Hans Faste, por exemplo, era um que poderia se beneficiar dos conhecimentos de Svensson.

Em segundo lugar, ela compreendeu, de repente, o ponto de vista de Mikael Blomkvist, que achava que a investigação de Dag poderia constituir um motivo para os assassinatos. A denúncia dos clientes sexuais que Dag Svensson planejava fazer não iria prejudicar só um punhado de pessoas. Era uma denúncia brutal. Algumas figuras mais conhecidas, que já haviam sido condenadas em processos contra a moral e os bons costumes, ou que tinham participado de debates públicos sobre o tema, seriam totalmente aniquiladas. Mikael Blomkvist estava certo. O livro era um motivo para matar.

O único problema era que, mesmo que um cliente perigando ser denunciado tivesse resolvido matar Dag Svensson, não havia nenhum elo com o Dr. Nils Bjurman. Ele nem sequer constava no material de Dag Svensson, o que não só limitava consideravelmente o peso dos argumentos de Blomkvist como reforçava a imagem de Lisbeth Salander como única suspeita possível.

Embora o motivo fosse pouco claro no tocante aos assassinatos de Dag Svensson e Mia Bergman, Lisbeth Salander

estava associada ao local e à arma do crime. Indícios técnicos tão evidentes dificilmente poderiam ser mal interpretados. Indicavam que Salander era mesmo a pessoa que disparara os tiros mortais no apartamento de Enskede.

A arma significava, além disso, um elo direto com o assassinato do Dr. Bjurman. E, no caso de Bjurman, existia incontestavelmente um vínculo pessoal e um motivo possível - a julgar pela decoração artística na barriga dele, podia se tratar de algum tipo de abuso sexual ou, em todo caso, de uma relação sadomasoquista entre eles. Era difícil imaginar que Bjurman tivesse permitido se deixar tatuar daquela forma estranha, o que levaria a supor que ele experimentava uma espécie de gozo na humilhação, ou então que Salander - se era mesmo ela quem tinha feito a tatuagem - o reduzira a uma condição de impotência. Modig não tinha vontade de especular sobre como ela teria feito aquilo.

E Peter Teleborian confirmara que a violência de Lisbeth Salander se dirigia a pessoas que, por motivos variados, ela considerava ameaçadoras ou que a teriam ofendido.

Sonja Modig refletiu um instante sobre o que Teleborian dissera sobre Lisbeth Salander. Ele parecera autenticamente preocupado em proteger sua ex-paciente e não queria que ela fosse machucada. Ao mesmo tempo, a investigação se fundamentava mais que nada na análise que ele apresentara - de uma desequilibrada social no limite da psicose.

Mas a teoria de Mikael Blomkvist era subjetivamente atraente.

Ela mordeu de leve o lábio inferior enquanto tentava visualizar outro cenário que não o de Lisbeth Salander como assassina solitária. Por fim, pegou uma caneta e escreveu hesitante, uma linha no bloco de anotações à sua frente.

Dois motivos totalmente distintos? Dois assassinos? Uma única arma do crime?

Uma idéia fugaz que ela não conseguia formular ficava passando por sua cabeça, uma pergunta que ela pretendia levantar na próxima reunião matinal de Bublanski. Não conseguia de fato explicar por que se sentia de repente tão pouco à vontade com a idéia de Lisbeth Salander no papel de única assassina.

Em seguida, decidiu que já tinha trabalhado o bastante, desligou resolutamente o computador e trancou os **ZIP** na gaveta da escrivaninha. Enfiou a jaqueta, apagou a luz e estava fechando a porta à chave quando ouviu um ruído no corredor, mais adiante. Franziu o cenho. Julgava estar sozinha àquela hora no escritório, e foi caminhando pelo corredor até chegar em frente à sala de Hans Faste. A porta estava entreaberta e ela o escutou falando ao telefone.

—Sem dúvida alguma, isso liga uma coisa à outra - escutou-o dizer. Ficou indecisa um instante, antes de inspirar fundo e bater na moldura da porta. Hans Faste ergueu dois olhos surpresos ao vê-la. Ela o cumprimentou levantando dois dedos no ar.

—Modig ainda está na casa - disse Faste ao telefone. Escutou e meneou a cabeça, sem tirar os olhos de Sonja Modig. —O.k. Eu falo para ela.

E desligou.

—Era o Bubolha - explicou. —O que você queria?

—O que é que liga uma coisa à outra? - ela inquiriu. Ele perscrutou-a.

—Anda ouvindo atrás da porta, é?

—Não, mas a porta estava aberta e você falou isso bem na hora em que eu ia bater.

Faste deu de ombros.

—Eu liguei para o Bubolha para dizer que o laboratório enfim forneceu algo aproveitável.

—Ah, é?

—O Dag Svensson tinha um celular com cartão Comviq. Finalmente conseguiram uma lista das chamadas. Foi confirmada a ligação dele para o Mikael Blomkvist às 20h 12. Blomkvist ainda estava na casa da irmã a essa hora.

—Muito bem. Mas não acho que o Blomkvist tenha qualquer relação com esses assassinatos.

—Nem eu. Mas Dag Svensson fez outra ligação naquela noite. Às 2lh34. A conversa durou três minutos.

—E?

—Foi uma ligação para o telefone fixo do Dr. Nils Bjurman. Em outras palavras, existe um elo entre os dois assassinatos.

Sonja Modig deixou-se cair lentamente na cadeira de visitantes de Hans Faste.

—Por favor. Sente-se. Ela ignorou a alfinetada.

—Certo. O que diz o cronograma? Pouco depois das oito da noite, Dag Svensson liga para Mikael Blomkvist e marca um encontro para mais tarde naquela noite. Às nove e meia, Svensson liga para Bjurman. Pouco antes das dez da noite, Salander compra cigarro na tabacaria de Enskede, que estava quase fechando. Pouco depois das onze, Mikael Blomkvist e a irmã chegam a Enskede e, as onze e onze, ele liga para o SOS - Brigada.

—Isso mesmo, Miss Marple.

—Mas não está batendo de jeito nenhum. Segundo o legista, Bjurman foi morto entre dez e onze da noite. Nessa hora, Salander já estava em Enskede. A gente sempre achou que primeiro ela tinha matado o Bjurman c depois o casal de Enskede.

—Isso não quer dizer nada. Eu falei com o legista. Só descobrimos o Bjurman na noite seguinte, quase vinte e quatro horas depois. O médico diz que a hora da morte pode variar em pelo menos uma hora.

—Mas o Bjurman tem que ser a primeira vítima, já que encontramos a arma dele em Enskede. Isso quer dizer que ela matou o Bjurman em algum momento após as 21h34, hora em que Svensson ligou para o Bjurman, e foi imediatamente para Enskede comprar cigarro na tabacaria. Dava tempo para ir de Odenplan até Enskede?

—Dava. Ela não pegou o transporte coletivo como a gente achava de início. Ela tinha um carro. Eu e o Steve Bohman fizemos o trajeto para conferir, e deu tempo de sobra.

—Mas ela ainda esperou meia hora antes de matar Dag Svensson e Mia Bergman. O que ela fez nesse meio-tempo?

—Tomou um café com eles. As digitais dela estão na xícara.

Ele lançou-lhe um olhar triunfante. Sonja Modig suspirou. Ficou em silêncio alguns minutos.

—Hans, para você este caso é um lance de prestígio. Você às vezes sabe ser um cretino e tira as pessoas do sério, mas acontece que vim bater à sua porta para pedir desculpas pela bofetada. Foi injustificada.

Ele a fitou demoradamente.

—Modig, você até pode achar que eu sou um cretino. Mas eu acho que você não é muito profissional e não tinha nada que estar na polícia. Pelo menos não neste nível.

Sonja Modig considerou diferentes respostas, mas acabou dando de ombros e se levantando.

—Certo. Assim fica claro como a gente se coloca um em relação ao outro - disse ela.

—Assim fica claro. E, pode crer, você não fica muito tempo por aqui. Sonja Modig fechou a porta atrás de si com mais força do que pretendia.

Não deixe esse escroto te tirar do sério. Desceu até a garagem para pegar o carro. Hans Faste sorria, satisfeito, do outro lado da porta.

Mikael Blomkvist acabava de chegar quando seu celular tocou.

—Oi. É a Malu. Você pode falar?

—Mas é claro.

—Ontem teve uma coisa que me chamou a atenção.

—Sei.

—Estava lendo os recortes sobre a caçada à Salander que estão lá na redação, e achei aquela matéria grande sobre o passado dela nos hospitais psiquiátricos.

—Sei.

—Eu até posso estar procurando pelo em ovo, mas fico pensando no porquê de uma lacuna tão grande na biografia dela.

—Lacuna?

—É. Existe uma profusão de detalhes sobre todas as histórias em que ela se envolveu na escola. Com os professores e os outros alunos, você sabe.

—Estou lembrado. Havia uma professora dizendo que tinha medo da Lisbeth no início do ginásio.

—A Birgitta Miáãs.

—Isso mesmo.

—Bem. E também há um bocado de detalhes sobre a Lisbeth na psiquiatria infantil. E um monte de outros detalhes sobre ela nas famílias adotivas em que ficou durante a adolescência, aquela agressão na Gamla Stan e tudo mais.

—Sei. Aonde você quer chegar?

—Ela foi internada na psiquiatria pouco antes de fazer treze anos.

—Sei.

—Mas não há uma só palavra explicando por que ela foi internada. Mikael ficou calado.

—Você quer dizer...

—Quero dizer que se uma menina de doze anos é internada na psiquiatria, é porque alguma coisa provocou isso. E no caso da Lisbeth deve ter sido uma coisa imensa, quer dizer, uma puta de uma crise, e isso deveria constar na biografia dela. Só que não há nenhuma explicação.

Mikael franziu o cenho.

—Malu, eu sei de fonte segura que existe um relatório policial sobre a Lisbeth, datado de fevereiro de 1991, quando ela tinha doze anos. Não está no cadastro. Eu ia mesmo te pedir para tentar encontrar esse relatório.

—Se existe um relatório, ele necessariamente tem que estar registrado no cadastro. Senão, é ilegal. Você verificou mesmo?

—Não, mas a minha fonte diz que o relatório não consta no cadastro. Por um momento, Malu não disse nada.

—E essa sua fonte é boa?

—Muito boa.

Malu ficou mais um tempo em silêncio. Ela e Mikael chegaram juntos à mesma conclusão.

—A Säpo - disse Malu.

—Björck - disse Mikael.

24 - TERÇA-FEIRA 5 DE ABRIL

Per-Ake Sandström, jornalista *freelancer,* quarenta e sete anos, voltou para casa, em Solna, pouco depois da meia-noite. Estava um pouco alto e sentia uma bola de pânico se formando em sua barriga. Per-Ake Sandström estava pura e simplesmente com medo.

Ia fazer quinze dias que Dag Svensson tinha sido assassinado em Enskede. Sandström assistira, estupefato, ao noticiário na tevê no dia seguinte. Experimentara uma onda de alívio e esperança - Svensson estava morto e, com ele, talvez também o livro sobre tráfico de mulheres com que pretendia denunciá-lo como delinquente sexual. *Droga, uma maldita puta além da* con*ta e lá estava ele encrencado até o pescoço.*

Ele odiava Dag Svensson. Tinha suplicado, rastejado diante daquele escroto.

Um dia depois dos assassinatos, ficara eufórico demais para conseguir pensar com lucidez. Só no dia seguinte começou a raciocinar. Se o Dag Svensson estava trabalhando num livro em que ele ia ser citado como estuprador com tendências pedófilas, então não era improvável que a polícia começasse a bisbilhotar seus pequenos deslizes. Caramba... ele podia se tornar suspeito dos assassinatos.

O pânico diminuíra um pouco quando o rosto de Lisbeth Salander aparecera em todos os jornais do país. *Quem será essa Lisbeth Salander?* Nunca tinha ouvido falar. Mas os tiras manifestamente a consideravam suspeita e, de acordo com o procurador, os assassinatos estavam prestes a ser solucionados. O interesse por ele talvez não chegasse a se materializar. Mas ele sabia, por experiência própria, que os jornalistas sempre guardam seus documentos e anotações. *Millennium. Uma revista de merda com uma reputação totalmente superestimada. Era igual às outras. Bisbilhotavam, vituperavam e atingiam os outros.*

Ignorava em que pé estava o andamento do livro. Não sabia o que é que eles sabiam. Não tinha para quem perguntar. A sensação era a de estar dentro de um vazio.

No decorrer da semana, seu comportamento oscilara entre o pânico e a embriaguez. Os tiras não tinham vindo procurá-lo. Quem sabe - se desse uma sorte incrível - conseguisse se sair dessa. Se não desse sorte, sua vida estava acabada.

Enfiou a chave na fechadura e girou-a. No instante em que abriu a porta, escutou um ruído atrás de si e sentiu uma dor paralisante na parte inferior das costas.

Gunnar Björck ainda não tivera tempo de ir dormir, quando o telefone tocou. Estava sentado de roupão e pijama na escuridão da cozinha, remoendo seu dilema. No decorrer da sua longuíssima carreira, nunca estivera nem perto de uma situação tão inextricável.

De início, pensou em não atender o telefone. Olhou para o relógio e viu que era mais de meia-noite. Mas o telefone continuou tocando e, depois do décimo toque, ele não resistiu. Podia ser importante.

—Aqui é o Mikael Blomkvist - ele ouviu dizer do outro lado da linha. Que *droga.*

—Já passa da meia-noite. Eu estava dormindo.

—Sinto muito. Mas achei que você ia se interessar pelo que eu tenho para falar.

—O que é que você quer?

—Amanhã, às dez horas, vou dar uma coletiva de imprensa sobre os assassinatos de Dag Svensson e Mia Bergman.

Gunnar Björck engoliu em seco.

—Pretendo relatar detalhes do livro sobre comércio sexual que o Dag Svensson estava terminando de escrever. O único cliente que eu vou citar é você.

—Você prometeu me dar um tempo... Ouviu o pânico na própria voz e parou.

—Já se passaram vários dias. Você prometeu me ligar depois do feriado da Páscoa. Amanhã é terça-feira. Ou você fala, ou minha coletiva fica mesmo para amanhã.

—Se você der essa coletiva, nunca vai saber nada sobre Zala.

—Pode ser. Mas aí não vai ser mais problema meu. Você vai ter que falar com os investigadores oficiais. E com a imprensa do país inteiro, claro.

Não havia nenhum espaço para negociação.

Aceitou se encontrar com Mikael Blomkvist, e conseguiu adiar o encontro para a quarta-feira. Uma pequena trégua. Mas ele estava pronto. Ia apostar todas as fichas, ou vai ou racha.

Sandström não saberia dizer quanto tempo ficou desacordado, mas quando voltou a si estava deitado no chão da sala. Seu corpo inteiro doía e ele não conseguia se mexer. Levou algum tempo para perceber que suas mãos estavam presas às costas com o que parecia ser uma fita adesiva e seus pés, amarrados. Havia um pedaço de fita colado em sua boca. As luzes da sala estavam acesas e as persianas, baixadas. Era incapaz de entender o que tinha acontecido.

Percebeu sons que pareciam vir de seu escritório. Ficou imóvel e escutou, ouviu uma gaveta se abrindo e fechando. *Um assalto?* Escutou um barulho de papel, alguém vasculhava suas gavetas.

Uma eternidade depois, escutou passos atrás de si. Tentou virar a cabeça, mas não enxergou ninguém. Fez um esforço para se manter calmo.

De repente, alguém passou um cordão de algodão forte por cima de sua cabeça. Um nó corrediço apertou seu pescoço. O pânico por pouco não o fez soltar o esfíncter. Ergueu os olhos e viu a corda correr até uma roldana pendurada no gancho onde normalmente ficava o lustre da sala. Então seu inimigo entrou no seu campo de visão. A primeira coisa que viu foi um par de botinas pretas.

Não sabia exatamente o que esperava, mas o choque não poderia ter sido maior quando ergueu o olhar. De início, não reconheceu a psicopata demente cuja foto vinha enfeitando todos os quiosques desde o feriado da Páscoa. Tinha cabelos pretos curtos e não se parecia com a foto dos jornais. Estava inteiramente vestida de preto - jeans, jaqueta curta de algodão aberta, camiseta e luvas pretas.

Mas o que mais o assustou foi seu rosto. Ela estava maquiada. Usava batom preto, delineador e uma sombra verde-escura vulgar e ostensiva. O restante do rosto estava todo branco. Atravessando o rosto na diagonal, do lado esquerdo da testa ao lado direito do queixo, passando pelo nariz, havia um largo risco vermelho.

Era uma máscara grotesca. Ela parecia completamente louca.

O cérebro de Sandström resistiu. Estava mergulhado em plena irrealidade.

Lisbeth Salander pegou o cordão e puxou. Ele sentiu a corda afundar no pescoço e, por alguns segundos, não conseguiu respirar. Então lutou para retomar apoio nos pés. Com a roldana, ela não precisava fazer nenhum esforço para obrigá-lo a ficar ereto. Quando ele ficou bem aprumado sobre os pés, ela parou de içá-lo e enrolou a corda em volta do cano do aquecedor, travando-a com um nó.

Então deixou-o ali e sumiu de seu campo de visão. Ficou ausente por mais de quinze minutos. Quando voltou, puxou uma cadeira e sentou-se bem à sua frente. Ele procurou não olhar para aquele rosto maquiado de forma grotesca, mas não conseguiu resistir. Ela pôs uma pistola em cima da mesa. A *dele. Ela a achara na caixa de sapatos do guarda-roupa.* Uma Colt 1911 Government. Uma pequena arma ilegal que ele tinha desde muitos anos, comprada por impulso de um amigo que a estava vendendo, e que nunca usara, nem para testes. Diante de seus olhos, ela puxou o carregador e colocou uma bala. Per-Âke Sandström por pouco não desmaiou. Obrigou-se a cruzar o olhar com o dela.

—Nunca vou entender por que os homens sempre têm necessidade de guardar lembrancinhas das suas perversões - disse ela.

Tinha uma voz suave, mas glacial. Falava com uma voz baixa, mas clara. Ergueu uma foto que ela tinha imprimido do disco rígido dele.

—Imagino que se trate da estoniana Ines Hammujàrvi, dezessete anos, originária da aldeia de Riepalu, perto de Narva. Foi divertido com ela?

Uma pergunta retórica. Per-Ake Sandström não podia responder. Sua boca continuava selada com a fita adesiva e seu cérebro, incapaz de formular uma resposta. A foto mostrava... *caramba, para que fui guardar essas fotos?*

—Você sabe quem eu sou? Faça um sinal com a cabeça. Per-Ake Sandström meneou a cabeça.

—Você é um porco sádico, um canalha estuprador. Ele não se moveu.

—Faça um sinal com a cabeça.

Ele meneou a cabeça. Súbito, seus olhos se encheram de lágrimas.

—Vamos estabelecer as regras - disse Lisbeth Salander. —Na minha opinião, você deveria ser executado imediatamente. Você sair vivo ou não daqui esta noite, para mim dá no mesmo. Entendeu?

Ele meneou a cabeça.

—A esta altura, você necessariamente já sabe que eu sou louca e adoro matar gente. Sobretudo homens.

Ela apontou para os jornais vespertinos dos últimos dias, que ele tinha guardado numa pilha em cima da mesa.

—Vou tirar a fita adesiva da sua boca. Se você gritar ou erguer a voz, zapeio você com isso aqui.

Brandiu um cassetete elétrico.

— Esta coisa feia manda ver setenta e cinco mil volts. E depois, mais ou menos uns sessenta mil, se eu já usei uma vez e não recarreguei. Entendido?

Ele pareceu hesitar.

—Isso significa que os seus músculos param de funcionar. Foi o que você sentiu ali na porta, quando entrou.

Ela sorriu.

—Isso significa que as suas pernas não vão mais te aguentar e você vai enforcar a si próprio. E depois de acabar com você, eu vou me levantar e sair do apartamento, é simples.

Ele meneou a cabeça. *Oh, meu Deus, ela é louca, uma legítima assassina.* De repente, à sua revelia, lágrimas começaram a escorrer incontrolavelmente pelas suas faces. Ele fungou.

Ela se levantou e arrancou a fita adesiva. Seu rosto grotesco ficou a apenas poucos centímetros do seu.

—Fique quieto - disse ela. —Nem uma palavra. Se falar sem ser convidado, acabo com você.

Ela esperou até ele parar de fungar e olhar para ela.

—Você só tem uma chance de sair vivo daqui esta noite - disse ela. —Uma chance, não duas. Vou fazer uma série de perguntas. Se você responder, te deixo viver. Se me entendeu, faça que sim com a cabeça.

Ele fez que sim com a cabeça.

—Se você se negar a responder a uma pergunta, eu te aniquilo. Entendeu?

Ele meneou a cabeça.

—Se mentir ou responder com evasivas, eu te aniquilo. Ele meneou a cabeça.

—Não vou negociar com você. Não vou te dar uma segunda chance. Ou você responde imediatamente às minhas perguntas, ou morre. Se eu ficar satisfeita com as suas respostas, você sai vivo daqui. É simples assim.

Ele meneou a cabeça. Acreditava nela. Não tinha escolha.

—Por favor - disse. —Eu não quero morrer... Ela o fitou com gravidade.

—Você decide se vai viver ou morrer. Mas acaba de transgredir a primeira regra, que é: você não tem o direito de falar sem a minha autorização.

Ele apertou os lábios. *Caramba, ela é completamente doente.*

Mikael Blomkvist se sentia a tal ponto frustrado e febril que já não sabia o que fazer. Por fim, vestiu o casaco e um cachecol, andou ao acaso até Sõdra Station, passou em frente do prédio da Bofill, e acabou na redação da *Millennium,* na Götgatan. Estava tudo apagado e calmo. Não acendeu nenhuma luz, mas ligou a cafeteira, quedou-se em frente à janela olhando para a rua lá embaixo enquanto esperava a água escorrer pelo filtro. Tentava colocar ordem nas suas idéias. Até onde ele percebia, a investigação sobre os assassinatos de Dag Svensson e Mia Bergman era um mosaico quebrado, e alguns pedaços eram discerníveis ao passo que outros faltavam totalmente.

Em algum ponto desse mosaico, havia um desenho. Dava para adivinhá-lo, mas não para ver. Faltavam pedaços demais.

Foi assaltado pela dúvida. *Ela não é uma louca assassina,* pensou, como um tipo de lembrete. Ela escrevera que não havia matado Dag e Mia. E ele acreditava. Mas mesmo assim, de algum modo incompreensível, ela estava intimamente ligada ao enigma dos assassinatos.

Pôs-se lentamente a revisar a teoria que vinha defendendo desde o dia em que entrara no apartamento de Enskede. Para ele era óbvio que a reportagem de Dag Svensson sobre tráfico de

mulheres era o único motivo plausível para os assassinatos de Dag e Mia. Agora, tardiamente, começava a aceitar a afirmação de Bublanski de que isso não explicava o assassinato de Bjurman.

Salander tinha escrito para ele deixar os clientes sexuais para lá e se concentrar em Zala. Como? O que ela queria dizer? Mulherzinha complicada. Por que não podia dizer as coisas de forma compreensível?

Mikael voltou à copa e se serviu de café numa caneca com o logotipo da Esquerda Jovem. Sentou-se no sofá, no meio da redação, pôs os pés na mesa de centro e acendeu um cigarro clandestino.

Bjórck estava na lista dos clientes sexuais. Bjurman era ligado a Salander. Não podia ser por acaso que tanto Bjurman como Bjórck tinham trabalhado na Säpo. E que um relatório policial sobre Salander tinha sumido.

Poderia haver mais de um motivo?

Ficou um momento parado e deteve-se nessa idéia. Inverteu a perspectiva.

Será que Lisbeth Salander poderia ser o motivo?

Mikael reteve aquela idéia que ele não conseguia formular em palavras. Havia ali uma coisa inexplorada, mas ele não conseguia explicar a si mesmo por que Lisbeth Salander poderia ser o motivo dos assassinatos. Teve a sensação fugaz de uma revelação a ponto de brotar.

Então percebeu que estava cansado demais, jogou o café na pia e foi para casa dormir. No escuro de seu quarto, retomou o fio da idéia e ficou acordado por mais duas horas, tentando entender o que ele queria dizer.

Lisbeth Salander acendeu um cigarro e se acomodou confortavelmente na cadeira à sua frente. Cruzou as pernas, a direita sobre a esquerda, e encarou-o. Per-Åke Sandström nunca tinha visto um olhar tão intenso. Quando ela voltou a falar, sua voz continuava baixa.

—Você visitou Ines Hammujãrvi pela primeira vez, no apartamento dela em Norsborg, em janeiro de 2003. Ela acabava de completar dezesseis anos. Por que foi até lá?

Per-Ake Sandström não sabia o que responder. Nem sabia explicar como aquilo tudo começara e por que ele... Ela ergueu o cacetete elétrico.

—Eu... eu não sei. Eu queria a Ines. Ela era tão linda.

—Linda?

—É. Ela era linda.

—E você achou que isso te dava o direito de amarrar e comer a mulher.

—Ela concordou. Juro. Ela concordou.

—Você pagou?

Per-Ake Sandström mordeu a língua.

—Não.

—Por que não? Ela era uma puta. Em geral, as putas são pagas.

—Ela era um... era um presente.

—Um presente? - repetiu Lisbeth Salander. Sua voz assumiu de repente um tom perigoso.

—Ela foi oferecida em troca de um favor que eu tinha feito para uma pessoa.

—Per-Ake... - disse Lisbeth Salander num tom suave. —Você não está tentando evitar a minha pergunta?

—Eu juro. Vou responder tudo o que você quiser. Não vou mentir.

—Muito bem. Que favor e para quem?

—Eu trouxe esteroides anabolizantes para a Suécia. Eu tinha ido à Estônia fazer umas reportagens, estava com uns amigos, e trouxe os comprimidos no carro. Viajei com um homem chamado Harry Ranta. Mas ele não estava no meu carro.

—Como é que você conheceu esse Harry Ranta?

—Conheço o Harry há anos. Desde os anos 1980. Era um amigo, só isso. A gente saía para tomar uns tragos juntos.

—E foi o Harry Ranta que te ofereceu a Ines Hammujãrvi de... presente?

—Sim... não, desculpe, isso foi depois, aqui em Estocolmo. Foi o irmão dele, Atho Ranta.

—Quer dizer que o Atho Ranta veio bater na sua porta perguntando se você estava a fim de ir a Norsborg comer a Ines?

—Não... eu estava numa... tinha uma festa em... droga, não lembro onde era...

De repente, pôs-se a tremer de forma incontrolável, sentiu que os joelhos começavam a ceder e teve que se enrijecer para conseguir ficar de pé.

—Responda tranqüilamente sem entrar em pânico - disse Lisbeth Salander. —Não vou te enforcar só porque você precisa de um tempo para concatenar as idéias. Mas se eu perceber que você está escorregando, aí... pof!

Ela alçou as sobrancelhas e adotou um ar angelical. Até onde era possível vislumbrar um anjo por trás daquela máscara grotesca.

Per-Ake Sandström meneou a cabeça. Engoliu em seco. Estava com sede, sua boca estava super-ressecada e sentia a corda apertando o seu pescoço.

—Aí... não interessa o lugar onde você estava enchendo a cara. Como foi que Atho Ranta te ofereceu a Ines?

—A gente estava falando de... a gente... eu disse que queria... De repente, começou a chorar descontroladamente.

—Você disse para ele que queria uma daquelas putas. Ele meneou a cabeça.

—Eu estava bêbado. Ele disse que ela precisava... precisava...

—Precisava do quê?

—Atho disse que ela precisava de um corretivo. Ela estava criando problemas. Não fazia o que ele queria.

—E o que ele queria que ela fizesse?

—Que ela trabalhasse na rua para ele. Ele me propôs... Eu estava bêbado e não sabia o que estava fazendo. Eu não queria... Desculpe.

Ele fungou.

—Não é para mim que você tem que pedir desculpa. Então você se ofereceu para ajudar o Atho a dar um corretivo na Ines e vocês foram até a casa dela.

—Não foi bem assim.

—Então conta como foi. Por que você foi com o Atho até a casa da Ines?

Ela brincou com o cacetete elétrico equilibrado em seus joelhos. Ele se pôs a tremer.

—Eu fui na casa da Ines porque eu a queria. Ela estava lá e estava à venda. Ines morava na casa de uma amiga do Harry Rant. Não lembro o nome dela. Atho amarrou a Ines na cama e eu... eu fiz amor com ela. O Atho ficou olhando.

—Não... Você não fez amor com ela. Você estuprou. Ele não respondeu.

—Não foi?

Ele meneou a cabeça.

—O que disse a Ines?

—Não disse nada.

—Ela protestou?

Ele balançou a cabeça.

—Quer dizer que ela achou legal ser amarrada e comida por um gordo nojento de cinquenta anos.

—Ela estava bêbada. Não estava nem aí. Lisbeth Salander deu um suspiro resignado.

—Certo. E depois disso você continuou visitando a Ines.

—Ela era tão... ela me queria.

—Conta outra!

Ele lançou um olhar desesperado para Lisbeth Salander. Então meneou a cabeça.

—Eu... eu estuprava. Harry e Atho tinham me dado autorização. Eles queriam que ela... que ela fosse domada.

—Você pagou para eles? Ele meneou a cabeça.

—Quanto?

—Era um preço de amigo. Eu tinha ajudado no contrabando.

—Quanto?

—No total, algumas notas de mil.

—Numa das fotos, a Ines está aqui no seu apartamento.

—Harry mandou ela vir. Ele fungou de novo.

—Ou seja, por umas cédulas de mil, você ganhou uma mulher com quem podia fazer o que bem entendesse. Quantas vezes você a estuprou?

—Não sei... algumas vezes.

—Certo. Quem é o chefe desse bando?

—Eles vão me matar se eu disser.

—E eu com isso? Neste momento, eu sou um problema bem maior para você do que os irmãos Ranta.

Ela levantou o cacetete elétrico.

—Atho é o chefe. É o mais velho. Harry é o homem do terreno.

—Quem mais faz parte do bando?

—Só conheço o Harry e o Atho. A garota do Atho também participa. E um cara que eles chamam de... não lembro. Olle alguma coisa. É sueco. Não sei quem é. É viciado e presta alguns favores.

—A garota do Atho?

—Silvia. É uma puta.

Lisbeth ficou um instante em silêncio, refletindo. Então ergueu os olhos.

—Quem é Zala?

Per-Ake Sandström empalideceu visivelmente. A *mesma pergunta tão repisada por Dag Svensson.* Ele ficou tanto tempo sem dizer nada que notou que a louca estava começando a se irritar.

—Eu não sei - disse. —Não sei quem ele é. Lisbeth Salander se aborreceu.

—Até aqui você se comportou direitinho. Não desperdice a sua chance - disse ela.

—Juro por tudo que é mais sagrado. Não sei quem ele é. Esse jornalista que você matou...

Calou-se, percebendo de súbito que talvez não fosse uma boa idéia evocar a orgia assassina dela em Enskede.

—Sim?

—Ele me perguntou a mesma coisa. Eu não sei. Se soubesse, diria. Juro. É uma pessoa que o Atho conhece.

—Você já falou com ele?

—Um minuto só, por telefone. Falei com um cara que dizia se chamar Zala. Ou melhor, ele falou comigo.

—A troco do quê?

Per-Ake Sandström pestanejou. Gotas de suor rolaram dos seus olhos e ele sentiu ranho escorrendo pelo queixo.

—Eu... eles queriam que eu fizesse mais um favorzinho para eles.

—Essa sua história está começando a se enredar - alertou Lisbeth Salander.

—Eles queriam que eu fizesse outra viagem até Tallinn para trazer um carro pronto. Anfetaminas. Eu não quis.

—Não quis por quê?

—Era demais. Eles eram verdadeiros gângsteres. Eu queria me afastar. Eu tinha o meu trabalho.

—Você quer dizer que era apenas um gângster ocasional.

—Não sou assim, de verdade - disse ele, miserável.

—Ah, é?

Sua voz vinha carregada de tanto desprezo que Per-Ake Sandström fechou os olhos.

—Continue. Como é que o Zala veio parar nessa história?

—Um legítimo pesadelo.

Ele se calou e, súbito, suas lágrimas voltaram a rolar. Mordeu o lábio com tanta força que se cortou e começou a sangrar.

—Está se enredando - disse Lisbeth Salander, em voz clara.

—O Atho insistiu comigo várias vezes. O Harry me avisou, disse que o Atho estava começando a ficar bravo e não sabia o que poderia acontecer. Por fim, topei me encontrar com o Atho. Foi em agosto do ano passado. Fui com o Harry até Norsborg...

Sua boca se mexia, mas as palavras se extinguiram. Os olhos de Lisbeth Salander viraram duas fendas. Ele recobrou a voz.

—O Atho estava enlouquecido. Ele é muito brutal. Você não faz idéia da brutalidade dele. Disse que era tarde demais para eu cair fora e que se eu não fizesse o que ele estava mandando, não ia sair vivo. Queria me dar uma demonstração.

—Sim?

—Me obrigaram a ir com eles. Fomos na direção de Södertälje. Atho me mandou usar um capuz. Um saco que ele me amarrou na cabeça, tapando os meus olhos. Eu estava morto de medo.

—Com que então você viajou com um saco na cabeça. E o que aconteceu depois?

—O carro parou. Não sei onde.

—Em que lugar eles te puseram o saco?

—Pouco antes de Södertälje.

—E depois, quanto tempo levaram para chegar?

Talvez... talvez pouco mais de meia hora. Eles me tiraram do carro. Era uma espécie de armazém.

—Continue.

—Harry e Atho me fizeram entrar. Havia luz lá dentro. A primeira coisa que eu vi foi um pobre coitado no piso de cimento. Estava amarrado. Tinha sido tremendamente espancado.

—Quem era?

—O nome dele era Kenneth Gustafsson. Mas isso eu só soube depois. Eles não pronunciaram o nome dele.

—O que aconteceu?

—Tinha um homem lá. O homem mais alto que eu já vi. Era imenso. Puro músculo.

—Me descreva esse cara.

—Loiro. Parecia mesmo o diabo em pessoa.

—O nome dele?

—Ele não disse.

—Certo. Um gigante loiro. Quem mais estava lá?

—Um outro homem. Loiro também. Com um rabo de cavalo. *Magge Lundin.*

—E quem mais?

—Só eu, o Harry e o Atho.

—Continue.

—O loiro... quer dizer, o gigante, me passou uma cadeira. Não disse uma palavra. O Atho era quem falava. Disse que o cara que estava no chão era um dedo-duro. Ele queria que eu visse o que acontecia com quem criava caso.

Per-Àke Sandstróm chorava sem se conter.

—Está se enredando de novo - disse Lisbeth Salander.

—O loiro levantou o cara do chão e o colocou numa cadeira na minha frente. A gente estava a um metro um do outro. Eu podia olhar dentro dos olhos dele. O gigante ficou atrás dele e pôs as mãos em volta do pescoço do cara. E ele... ele...

—Estrangulou o cara - interrompeu Lisbeth, para ajudá-lo.

—Sim... não... ele apertou até matar. Acho que quebrou a nuca dele com as mãos. Escutei a nuca se quebrar e ele morreu ali, na minha frente.

Per-Ake Sandström oscilava preso na corda. Suas lágrimas corriam a cântaros. Ele nunca tinha contado isso a ninguém. Lisbeth lhe concedeu um minuto para se refazer.

—E depois?

—O outro homem, o do rabo de cavalo, ligou uma serra elétrica e cortou a cabeça e as mãos dele. Quando acabou, o gigante chegou perto de mim. Pôs as mãos em volta do meu pescoço. Tentei me soltar. Usei toda a minha força, e ele não se mexeu um milímetro sequer. Mas não me estrangulou... só ficou com as mãos ali um bocado de tempo. Enquanto isso, o Atho pegou o celular e ligou para alguém. Falava em russo. Depois disse que o Zala queria falar comigo e segurou o telefone no meu ouvido.

—E o que disse o Zala?

—Só disse que fazia questão que eu fizesse o favor que o Atho tinha pedido. Perguntou se eu ainda estava querendo cair fora. Prometi ir até Tallinn buscar o carro com as anfetaminas. Eu não tinha escolha.

Lisbeth ficou um bom tempo em silêncio. Pensativa, contemplava o jornalista que fungava, pendurado na corda; parecia estar refletindo sobre alguma coisa.

—Me descreva a voz dele.

—A voz... não sei. Parecia bem normal.

—Voz baixa, clara?

—Baixa. Comum. Áspera.

—Vocês falaram em que língua?

—Sueco.

—Algum sotaque?

—Sim... um pouco, talvez. Mas ele falava bem o sueco. Atho e ele falavam em russo.

—Você entende russo?

—Um pouco. Não tudo. Só um pouco.

—O que o Atho falou para ele?

—Só disse que a demonstração tinha acabado. Mais nada.

—Você contou isso tudo para alguém?

—Não.

—Para o Dag Svensson?

—Não... não.

—O Dag Svensson esteve aqui. Sandström fez que sim com a cabeça.

—Não ouvi.

—Sim.

—Por quê?

—Ele sabia que eu tinha... as putas.

—O que ele perguntou?

—Ele queria saber...

—Sim?

—Zala. Perguntou sobre Zala. Foi na segunda visita.

—Segunda visita?

—Ele já tinha me contatado duas semanas antes de morrer. Foi a primeira vez que veio aqui. Depois ele voltou, dois dias antes que você... que ele...

—Antes que eu atirasse nele?

—Isso.

—E então ele fez perguntas sobre o Zala?

—Sim.

—E o que você falou?

—Nada. Eu não podia falar nada. Admiti que tinha falado com ele por telefone. Só isso. Não falei nada sobre o monstro loiro nem sobre o que eles fizeram com o Gustafsson.

—Certo. O que o Dag Svensson te perguntou exatamente?

—Eu... ele queria saber do Zala. Só isso.

—E você não falou nada?

—Nada de interessante. Na verdade, eu não sei de nada.

Lisbeth Salander ficou um instante em silêncio. *Ele estava evitando dizer alguma coisa.* Mordeu, pensativa, o lábio inferior. Sim, claro.

—Para quem você contou sobre as visitas do Dag Svensson? Sandström empalideceu.

Lisbeth sacudiu o cacetete elétrico.

—Liguei para o Harry Ranta.

—Quando?

Ele engoliu em seco.

—Na noite em que o Dag Svensson veio aqui pela primeira vez.

Ela continuou o interrogatório por mais meia hora, mas logo percebeu que ele só tinha repetições e mais alguns detalhes soltos a oferecer. Por fim, levantou-se e pôs a mão na corda.

—Você deve ser o canalha mais miserável que eu já conheci - disse Lisbeth Salander. —O que você fez com a Ines merece pena de morte. Mas prometi que você ia viver se respondesse às minhas perguntas. Sempre cumpro as minhas promessas.

Ela se inclinou e desfez o nó. Per-Åke Sandström desabou lamentavelmente no chão. Seu alívio chegava a ser eufórico. Do assoalho, viu que ela punha um banco em cima da mesinha, subia em cima e desprendia a roldana. Juntou a corda e colocou-a numa mochila. Desapareceu no banheiro, onde ficou uns dez minutos. Ele ouviu a água correndo. Quando voltou, estava sem maquiagem.

Seu rosto parecia nu e desencardido.

—Você mesmo pode se soltar. Largou uma faca de cozinha no chão.

Ele escutou ela fazer uns ruídos no hall durante vários minutos. Parecia estar trocando de roupa. Depois, ouviu a porta se abrir e se fechar. Só meia hora depois conseguiu cortar a fita adesiva. Ao sentar-se no sofá da sala, descobriu que ela tinha levado o seu Colt 1911 Government.

Lisbeth Salander só chegou em casa às cinco da manhã. Tirou a peruca de Irene Nesser e foi imediatamente se deitar, sem ligar o computador para ver se Mikael Blomkvist solucionara o enigma do relatório policial desaparecido.

Acordou às nove horas e passou a terça-feira coletando dados sobre os irmãos Atho e Harry Ranta.

Atho Ranta possuía uma ficha criminal lamentável. Cidadão finlandês, mas originário de uma família estoniana, chegara à Suécia em 1971. Entre 1972 e 1978, trabalhara como marceneiro na construção civil. Despedido depois de ser flagrado roubando numa obra, foi condenado a sete meses de prisão. De 1980 a 1982, trabalhou para uma empresa bem menor. Foi despedido depois de chegar várias vezes bêbado ao trabalho. No restante dos anos 1980, ganhara a vida como segurança de cabaré, técnico numa empresa de manutenção de caldeiras, lavador de pratos e vigia numa escola. Fora mandado embora de todos esses empregos depois de aparecer razoavelmente bêbado ou se envolver em todo tipo de briga. Seu trabalho de vigia se encerrou poucos meses

depois de ser contratado, quando uma professora registrou queixa contra ele por assédio sexual e comportamento ameaçador.

Em 1987, foi condenado a pagar uma multa e a três meses de prisão por roubo de carro, condução em estado de embriaguez e receptação. No ano seguinte, foi multado por porte ilegal de armas. Em 1990, condenado por um delito contra a moral e os bons costumes, de natureza não especificada no registro criminal. Em 1991, processado por ameaças, mas absolvido. No mesmo ano, condenado a multa e a uma pena de prisão condicional por contrabando de álcool. Em 1992, pegou três meses por golpes e ferimentos numa amiga, e ameaças à irmã desta última. Então se manteve na linha até 1997, quando foi condenado por receptação e golpes e ferimentos agravados. Dessa feita, pegou dez meses de prisão.

Seu irmão caçula, Harry, viera encontrá-lo na Suécia em 1982, para trabalhar nos anos 1980 como controlador de estoque. Sua ficha criminal mostrava que fora condenado em três ocasiões. Em 1990, por fraude em seguros; em 1992, a dois anos por golpes e ferimentos agravados, receptação, roubo, roubo agravado e estupro. Expulso para a Finlândia, voltou à Suécia em 1996, quando foi novamente condenado a dez meses de prisão por golpes e ferimentos agravados e estupro. Recorreu, e a corte de apelação seguiu a linha de defesa de Harry Ranta, absolvendo-o da acusação de estupro. Em contrapartida, a condenação por golpes e ferimentos foi mantida e ele cumpriu seis meses. Em 2000, Harry Ranta foi mais uma vez acusado por ameaças e estupro; a queixosa, porém, voltou atrás e o caso foi arquivado.

Ela obteve os endereços mais recentes dos dois: Atho Ranta morava em Norsborg e Harry em Alby.

Paolo Roberto sentiu-se frustrado quando, pela cinquentésima vez, digitou o número de Miriam Wu e deu caixa postal. Tinha ido ao endereço da Lundagatan várias vezes por dia desde que aceitara a missão de se encontrar com ela. A porta do apartamento permanecia fechada.

Deu uma olhada no relógio. Oito e pouco da noite de terça-feira. Em algum momento ela teria que voltar para casa. Ele entendia o desejo de Miriam Wu de se manter afastada, mas a imprensa já

tinha se acalmado um pouco. Ele ponderou que, em vez de ficar indo e vindo, poderia se instalar em frente ao prédio dela para o caso de ela aparecer, mesmo que só para pegar uma muda de roupa ou sabe Deus o quê. Encheu uma garrafa com café e preparou uns sanduíches. Antes de sair de casa, fez o sinal da cruz diante de um crucifixo.

Estacionou a uns trinta metros da porta do prédio da Lundagatan e recuou o banco para dar mais espaço para as pernas. Ligou o rádio num volume baixo e grudou no painel uma foto de Miriam Wu recortada de um jornal vespertino. Achava aquela garota um avião. Contemplou pacientemente os raros transeuntes. Miriam Wu nunca estava entre eles.

A cada dez minutos, tentava ligar. Desistiu por volta das nove horas, quando seu celular o alertou de que a bateria estava para acabar.

Per-Ake Sandström passou a terça-feira num estado próximo da apatia. Tinha dormido no sofá da sala, incapaz de ir até a cama e incapaz de conter os súbitos acessos de choro que o acometiam regularmente. Na terça de manhã, fora até o Monopólio dos Espirituosos, no centro de Solna, para comprar um quarto de litro de *aquavit,* depois voltara para o seu sofá e bebera mais ou menos metade do conteúdo.

Só à noite começou a ter consciência do seu estado e se pôs a pensar no que poderia fazer. Queria nunca ter ouvido falar nos irmãos Atho e Harry Ranta e nas suas putas. Não conseguia entender como tinha sido tão idiota e se deixado levar para aquele apartamento de Norsborg, onde Atho havia amarrado, de pernas abertas, Ines Hammujärvi, de dezesseis anos e altamente drogada, desafiando-o depois a ver quem tinha a ereção maior. Tinham se alternado, e ele ganhou o concurso executando, durante a noitada, quantidade de performances sexuais de diversos tipos.

Em dado momento, Ines Hammujárvi voltara a si e começara a reclamar. Então Atho ficara meia hora batendo nela e fazendo-a beber, e quando ela se acalmara, Atho convidara Per-Ake a prosseguir seus exercícios.

Maldita puta.

Como ele tinha sido idiota.

Não podia contar com nenhuma compaixão por parte da Millennium. Eles viviam desse tipo de escândalo.

Ele morria de medo daquela louca da Salander. Para não falar no monstro loiro. Ele não podia se dirigir à polícia.

Não podia se virar sozinho. Seria ilusão achar que os problemas iam sumir por si sós.

Só restava uma tênue alternativa para obter um pouquinho de simpatia e, quem sabe, algum tipo de solução. Percebeu que era uma tábua de salvação bem frágil.

Mas era sua única possibilidade.

À tarde, se armou de coragem e discou o número do celular de Harry Ranta. Ninguém atendeu. Continuou tentando ligar para Harry Ranta até as dez da noite, e então desistiu. Depois de pensar algum tempo (e se fortalecer com a *aquavit* que ainda restava), ligou para Atho Ranta. Silvia, a companheira de Atho, atendeu. Foi informado de que os irmãos Ranta estavam de férias em Tallinn. Não, Silvia não sabia como entrar em contato com eles. Não, não tinha idéia de quando eles voltavam - estavam na Estônia por tempo indeterminado.

Silvia parecia satisfeita.

Per-Ake Sandström deixou-se cair no sofá. Não saberia dizer se estava abatido ou aliviado por Atho não estar em casa e, assim, não precisar se explicar. Mas a mensagem era clara. Por diversos motivos, os irmãos Ranta tinham baixado a bola e estavam dando um tempo em Tallinn. O que não contribuiu para acalmar Per-Ake Sandström.

25 - TERÇA-FEIRA 5 DE ABRIL – QUARTA-FEIRA 6 DE ABRIL

Paolo Roberto não pegara no sono, mas estava tão imerso em seus pensamentos que levou alguns segundos para avistar a mulher que vinha chegando a pé da direção da igreja de Högalid por volta das onze horas. Avistou-a pelo retrovisor. De início, ela não chamou sua atenção, mas quando passou sob um poste de iluminação a cerca de setenta metros atrás dele, Paolo virou rapidamente a cabeça e de imediato reconheceu Miriam Wu.

Endireitou-se no banco. Seu primeiro impulso foi descer do carro. Então percebeu que poderia assustá-la e que o melhor seria esperar ela chegar na frente do prédio.

No exato momento em que essa idéia lhe ocorreu, viu uma caminhonete escura arrancar mais adiante na rua e frear ao lado de Miriam Wu. Estupefato, Paolo Roberto viu um homem - um brutamontes loiro incrivelmente alto - descer pela porta de correr lateral e agarrar Miriam Wu. Ela foi pega totalmente de surpresa. Tentou se soltar recuando para trás, mas o gigante loiro segurava seu braço com força.

Paolo ficou boquiaberto ao ver a perna direita de Miriam Wu se erguer e descrever uma curva rápida. *É mesmo, ela pratica kick-boxing.* Ela desfechou Pontapé na cabeça do gigante loiro. O golpe pareceu deixá-lo indiferente. Em compensação, levantou a mão e deu uma bofetada em Miriam Wu. Mesmo de longe, Paolo escutou o som da pancada. Miriam Wu caiu, como atingida por um raio. O gigante loiro se inclinou, pegou-a apenas com uma mão e jogou-a dentro da caminhonete. Só então Paolo Roberto fechou a boca e caiu em si. Saltou do carro e correu para a caminhonete.

Logo percebeu a vacuidade do seu gesto. O veículo em que Miriam Wu fora jogada feito um saco de batatas arrancou silenciosamente, fez um retorno e afastou-se rua afora antes mesmo que Paolo Roberto ganhasse velocidade. O carro sumiu na direção da igreja de Högalid. Paolo correu de volta para o seu carro e se atirou ao volante. Arrancou a toda, também fez o retorno e seguiu na direção da igreja. A caminhonete tinha desaparecido quando ele

chegou ao cruzamento. Freou e olhou para o lado da Högalidsgatan, então optou por dobrar à esquerda em direção à Hornsgatan.

Chegando à altura da Hornsgatan, o sinal estava vermelho, mas não havia trânsito e ele avançou um pouco para poder dar uma olhada. Os únicos faróis traseiros que conseguiu enxergar estavam entrando à esquerda rumo à ponte de Liljeholmen, perto da Lângholmsgatan. Não conseguiu ver se era mesmo a caminhonete, mas como era o único carro à vista Paolo pôs o pé na tábua. Foi detido por um sinal fechado na Lângholmsgatan e obrigado a deixar passar os carros que vinham de Kungsholmen, enquanto os segundos voavam. Quando o cruzamento ficou vazio, pisou fundo no acelerador e atravessou o sinal fechado, rezando para que nenhum carro de polícia estivesse por ali para detê-lo justo agora.

Ultrapassou, e muito, a velocidade permitida na ponte de Liljeholmen e acelerou ainda mais depois que passou a ponte. Não fazia idéia de onde poderia estar a caminhonete que avistara e não sabia se ela tinha virado na direção de Grõndal ou de Arsta. Resolveu arriscar mais uma vez e pisou fundo no pedal. Estava a mais de cento e cinquenta quilômetros por hora e passou em disparada pelos motoristas cumpridores da lei, refletindo que mais de um deles devia estar anotando sua placa.

À altura de Bredãng, tornou a avistar a caminhonete. Reduziu a distância entre eles a uns cinquenta metros, para poder conferir se era mesmo o veículo certo. Diminuiu a velocidade para noventa quilômetros por hora e se manteve a cerca de duzentos metros da caminhonete. Só então voltou a respirar.

* * *

Miriam Wu sentiu sangue escorrendo pelo pescoço quando caiu dentro da caminhonete. Seu nariz sangrava. A pancada cortara seu lábio inferior e possivelmente lhe quebrara o nariz. O ataque a pegara totalmente de surpresa e toda a sua resistência fora descartada em menos de um segundo. Sentiu o carro arrancando antes mesmo que seu agressor tivesse tempo de fechar a porta. Por um momento, o gigante loiro perdeu o equilíbrio enquanto o carro dava meia-volta.

Miriam Wu se virou e firmou o quadril no piso. Quando o gigante loiro se virou para ela, desfechou-lhe um pontapé. Atingiu-o na têmpora. Viu uma marca no lugar onde o salto bateu. O normal seria ele se machucar.

Ele olhou para ela, chocado. Então sorriu.

Meu Deus, que diabo de Terminator será esse?

Ela deu outro pontapé, mas ele agarrou-lhe a perna e torceu seu pé com tanta brutalidade que ela urrou de dor e foi obrigada a virar de bruços.

Então ele se inclinou sobre ela e esbofeteou-a com a palma da mão. Miriam Wu ficou atordoada, como que atingida por uma maça. Ele se escanchou nas suas costas. Ela tentou empurrá-lo, mas era tão pesado que não conseguiu demovê-lo um milímetro sequer. Ele dobrou-lhe brutalmente os braços às costas e prendeu-os com algemas. Ela estava indefesa. De repente, Miriam Wu se sentiu paralisada de medo.

Mikael Blomkvist passou pelo Globe quando voltava de Tyresjõ. Estivera toda a tarde e noitinha visitando três sujeitos da lista de clientes sexuais. Não dera em absolutamente nada. Topara com indivíduos apavorados, já abalados por Dag Svensson e prontos para ver seu mundo ruir. Tinham suplicado, implorado. Mikael riscara todos de sua lista pessoal de assassinos potenciais.

Ao passar pela ponte de Skanstull pegou o celular e ligou para Erika Berger. Ela não atendeu. Tentou Malu Eriksson. Também não atendeu. Droga. Era tarde. Queria conversar com alguém.

Perguntou-se se Paolo Roberto tinha descoberto alguma coisa sobre Miriam Wu e discou o número dele. Ouviu tocar cinco vezes antes que Paolo atendesse.

- Paolo.

—Oi. É o Blomkvist. Só queria saber como vão as coisas...

—Blomkvist, estou... *ssscrrp ssscrrp* num carro com a Miriam.

—Não estou escutando.

—*Srcp, scrrrraaaap, scrrraaaap.*

—A sua voz está sumindo. Não estou escutando. E então a ligação caiu.

Paolo Roberto soltou um palavrão. A bateria do celular acabava de apagar na sua mão, quando passava por Fittja. Apertou no ON e

conseguiu reanimar o aparelho. Discou o número do SOS-Brigada, mas assim que atenderam o celular tornou a desligar.

Droga.

Ele tinha um carregador que funcionava no isqueiro do carro, só que estava em casa, em cima do móvel do hall. Jogou o celular no banco do passageiro e se concentrou nos faróis traseiros da caminhonete, que ele queria manter na mira. Dirigia uma BMW com tanque cheio e não havia a mínima possibilidade de a maldita caminhonete se distanciar. Mas não queria ser notado e deixou o espaço entre eles crescer várias centenas de metros.

Um mastodonte movido a anabolizantes nocauteia uma garota na minha frente. Ainda pego esse canalha para trocar umas palavrinhas com ele.

Se Erika Berger estivesse ali o teria chamado de caubói machão. Paolo Roberto chamava isso de ficar bravo.

Mikael Blomkvist passou pela Lundagatan e viu que o apartamento de Miriam Wu estava às escuras. Tentou ligar para Paolo Roberto mais uma vez, só para ser informado que o número estava indisponível. Resmungou um palavrão e voltou para casa para preparar café e sanduíches.

O trajeto durou mais tempo do que Paolo Roberto imaginara. Passaram por Södertälje, depois pegaram a E20 em direção a Stràngnás. Um pouco depois de Nykvarn, a caminhonete entrou à esquerda por estradas secundárias no interior de Sõrmland.

Com isso, aumentava o risco de ele chamar atenção e ser flagrado. Paolo Roberto tirou o pé do acelerador e abriu mais distância entre ele e a caminhonete.

Paolo não era muito bom em geografia, mas até onde podia perceber, passaram a oeste do lago Yngern. Perdeu a caminhonete de vista e acelerou. Chegou a uma linha reta e freou.

A caminhonete tinha sumido. Estradinha não era o que faltava naquele lugar. Ele tinha perdido os canalhas.

Miriam Wu estava com a nuca e o rosto doendo, mas tinha dominado o pânico e a angústia de se ver assim indefesa. Ele tinha parado de bater nela. Ela se sentara, recostada no banco do motorista. Suas mãos estavam algemadas nas costas e havia uma

fita adesiva larga tampando sua boca. Tinha uma narina cheia de sangue e sentia dificuldade em respirar.

Fitou o gigante loiro. Desde que a tinha amordaçado, ele não dissera uma palavra sequer e a ignorara solenemente. Ela olhou a marca no lugar onde lhe dera o pontapé que em princípio deveria ter causado algum estrago. Ele parecia nem ter notado. Isso não era normal.

Ele era alto e tremendamente forte. Seus músculos mostravam que ele passava horas por semana numa academia. Mas não era para bombar. Os músculos pareciam naturais. As mãos lembravam enormes frigideiras. Ela entendeu por que tinha tido a impressão de levar uma bordoada quando ele a esbofeteara.

A caminhonete avançava aos solavancos numa estrada em más condições.

Não fazia a menor idéia de onde se encontrava, só achava que tinham rodado pela E4 na direção sul por um bom tempo até enveredar por estradas menores.

Sabia que mesmo que estivesse com as mãos soltas não teria nenhuma chance contra o gigante loiro. Sentia-se totalmente impotente.

Malu Eriksson ligou para Mikael pouco depois das onze da noite, quando ele acabava de chegar e ligar a cafeteira. Estava preparando um sanduíche na cozinha.

—Desculpe eu ligar tão tarde. Faz horas que estou tentando, você não atendia.

—É que eu desliguei o celular enquanto conversava com os clientes sexuais.

—Achei uma coisa que pode ser interessante.

—Estou escutando.

—O Bjurman. Você pediu para eu vasculhar o passado dele.

—Sim.

—Ele nasceu em 1950 e começou o curso de direito em 1970. Formou-se em 1976 e começou a trabalhar no escritório Klang & Reine em 1978, antes de abrir seu próprio escritório em 1989.

—Sei.

—Nesse meio-tempo, entre outras coisas, ele trabalhou um breve período como estagiário no tribunal de instâncias, só umas

poucas semanas em 1976. Logo depois do exame, em 1976, trabalhou dois anos, até 1978, como jurista na direção geral da Polícia Nacional.

—Sei.

—Verifiquei as funções dele. Não foi fácil achar. Mas ele instruía casos jurídicos na Säpo. Trabalhava na Brigada dos Estrangeiros.

—Puta merda, repita isso!

—Em outras palavras, ele deve ter trabalhado lá na mesma época que este Bjôrck de Smädalarö.

—Que filho-da-mãe! Björck. Ele não me contou que tinha trabalhado com o Bjurman.

A caminhonete tinha que estar nas redondezas. Paolo Roberto havia ficado tão para trás que em alguns momentos perdera o carro de vista, mas toda vez voltara a localizá-lo, por alguns segundos, até perdê-lo de novo. Fez o retorno pelo acostamento e voltou na direção norte. Dirigia devagar, atento às bifurcações.

A apenas cento e cinquenta metros, avistou de súbito um cone de luz brilhando numa brecha em meio à mata. Divisou uma estradinha florestal do outro lado do caminho e virou naquela direção. Percorreu uns dez metros e estacionou. Não se deu ao trabalho de trancar o carro, voltou correndo para a estrada principal e pulou o barranco. Lamentou não ter trazido uma lanterna enquanto ziguezagueava entre arbustos e mudas de árvores.

A mata formava uma tira estreita rente à estrada e de repente ele se viu num pátio de cascalhos. Avistou algumas construções sombrias e baixas e já ia se aproximando devagar, quando a iluminação sobre o portão de carregamento se acendeu.

Paolo se agachou e não se mexeu mais. Um segundo depois, uma luz foi acesa dentro de uma das construções. O armazém media uns trinta metros de comprimento e ostentava uma estreita fileira de janelas no alto da fachada. O pátio estava cheio de contêineres e, à direita, estava estacionado um caminhão amarelo. Ao lado do caminhão, avistou um Volvo branco. À luz da iluminação externa, percebeu de repente a caminhonete, estacionada apenas vinte e cinco metros adiante.

Uma porta de passagem abriu-se dentro do portão de carregamento bem à sua frente. Um homem loiro de barriga grande

saiu do armazém e acendeu um cigarro. Quando ele virou a cabeça, Paolo avistou um rabo de cavalo à luz da abertura.

Paolo não mexeu um dedo, joelho apoiado no chão. Estava totalmente visível, a menos de vinte metros do homem, mas o clarão do isqueiro prejudicara sua visão noturna. Então, Paolo, e também o homem, aparentemente, escutou um grito abafado na caminhonete. Quando o rabo de cavalo avançou em direção ao veículo, Paolo, devagar, deitou-se de bruços.

Ouviu a porta de correr da caminhonete se abrindo e viu o gigante loiro descer, depois inclinar-se para dentro do veículo e tirar de lá Miriam Wu. Pegou-a debaixo do braço e carregou-a sem dificuldade, apesar das tentativas dela de se soltar. Os dois homens trocaram algumas palavras, mas Paolo não conseguiu ouvir o que diziam. Então o homem do rabo de cavalo abriu a porta do motorista e subiu. Arrancou e atravessou o pátio, fazendo uma curva apertada. O feixe dos faróis passou a poucos metros de Paolo. A caminhonete desapareceu num caminho de acesso e Paolo escutou o barulho do motor se distanciando.

Com Miriam Wu debaixo do braço, o gigante loiro entrou no armazém pela porta de passagem. Em seguida, Paolo viu sua silhueta passando por trás das vidraças. Teve a impressão que ele se dirigia a uma área mais afastada da construção.

Levantou-se, todos os sentidos alertas. Sua roupa estava úmida. Sentia-se ao mesmo tempo aliviado e preocupado. Aliviado por ter conseguido achar a caminhonete e estar com Miriam Wu ao alcance da mão, mas também cheio de respeito pelo preocupante gigante loiro que a tratava como se ela não passasse de uma sacola de compras da Konsum. Paolo reparava principalmente em sua enorme estatura e na impressão de força imensa que ele transmitia.

O mais lógico teria sido ir embora e chamar a polícia. Mas seu celular estava mudo e ele tinha apenas uma vaga idéia de onde se encontrava; não estava certo se conseguiria indicar o caminho para chegar até ali. Também não fazia a menor idéia do que estava acontecendo lá dentro com Miriam Wu.

Devagar, deu um semicírculo em volta da construção e constatou que aparentemente só havia uma entrada. Dois minutos depois, estava de volta, ciente de que precisava tomar uma decisão.

Paolo já tinha entendido que o gigante loiro não era um mocinho nessa história. O sujeito tinha nocauteado Miriam Wu. Paolo não estava realmente com medo - tinha muita confiança em si próprio e sabia que podia se mostrar eficiente caso fosse preciso chegar às vias de fato. A questão era se o homem lá dentro estava armado, e se havia mais de um. Hesitou. Não devia haver mais ninguém.

O portão de carregamento, amplo o suficiente para dar passagem ao caminhão amarelo estacionado lá fora, tinha uma porta de entrada comum, embutida. Aproximou-se dessa porta, pegou na maçaneta e abriu. Viu-se num grande armazém iluminado por umas poucas lâmpadas, cheio de tralhas, caixas rasgadas e material desarrumado.

Miriam Wu sentia as lágrimas lhe escorrerem no rosto. Não chorava tanto de dor, e sim de medo. Durante o trajeto, o gigante a ignorara totalmente. Quando a caminhonete parou, ele tinha arrancado a fita adesiva. Erguera-a e carregara-a sem nenhum esforço, e a jogara no piso de cimento sem dar ouvidos as suas súplicas e protestos. Quando olhava para ela, era com um olhar gelado.

Miriam Wu compreendeu, de repente, que iria morrer naquele armazém.

Ele lhe deu as costas, se aproximou de uma mesa, abriu uma garrafa de água mineral e bebeu largos goles. Não prendera as suas pernas, e Miriam Wu começou a se levantar.

Ele voltou-se para ela e sorriu. Estava mais perto da porta que ela. Não havia a menor chance de passar na frente dele. Resignada, quedou-se ajoelhada e se enfureceu consigo mesma. *Você vai ver se eu me rendo sem lutar.* Ficou de pé e cerrou os dentes. *Vamos lá, seu Terminator idiota!*

Mãos algemadas atrás das costas sentiu-se desajeitada e sem equilíbrio, mas, quando ele se aproximou, ela começou a girar e procurar uma brecha. Desfechou-lhe um pontapé nas costelas, deu uma viravolta e desfechou outro na virilha. Atingiu-o no quadril, recuou um metro e trocou de perna para o golpe seguinte. Com as mãos nas costas, não tinha equilíbrio suficiente para atingir o rosto, mas tascou-lhe um pontapé vigoroso no peito.

Ele estendeu uma mão, agarrou-lhe o ombro e a virou como se ela fosse uma folha de papel. Deu-lhe um soco só, não particularmente forte, na lombar. Miriam Wu urrou enlouquecida quando uma dor paralisante lhe transpassou o diafragma. Caiu de joelhos. Ele ainda lhe deu uma bofetada e ela desmoronou no chão. Ele levantou o pé e desferiu-lhe um pontapé no flanco. Ela ficou sem fôlego e ouviu umas costelas se quebrando.

Paolo Roberto não viu aquela surra, mas de repente ouviu Miriam Wu urrar de dor, um grito forte e estridente, logo interrompido. Voltou a cabeça na direção do som e cerrou os dentes. Havia outra sala, atrás de uma parede divisória. Atravessou o local sem fazer ruído e deu uma olhada cautelosa pela porta entreaberta no instante em que o gigante loiro empurrava Miriam Wu de costas. Ele sumiu alguns segundos de seu campo de visão e voltou de repente com uma serra elétrica que depositou no chão diante dela. Paolo Roberto franziu o cenho.

—Quero uma resposta para uma pergunta simples.

Sua voz era estranhamente aguda, parecia quase a voz de um menino. Paolo notou um sotaque estrangeiro.

—Onde está Lisbeth Salander?

—Eu não sei - murmurou Miriam Wu.

—Essa não é a resposta correta. Vou lhe dar uma segunda chance antes de ligar este negócio.

Ele se agachou e deu uns tapinhas na serra elétrica.

—Onde Lisbeth Salander está se escondendo? Miriam Wu balançou a cabeça.

Paolo hesitou. Mas quando o gigante loiro estendeu a mão para pegar a serra elétrica, deu três passadas decididas sala adentro e enfiou-lhe um gancho de direita na lombar.

Paolo Roberto não se tornara um boxeador mundialmente famoso dando mostras de delicadeza no ringue. Tinha no currículo trinta e três lutas profissionais, das quais vencera vinte e oito. Quando batia em alguém, esperava uma reação. Reação essa que seria, por exemplo, o alguém em questão cair de joelhos e sentir dor em algum lugar. Desta vez, porém, teve a sensação de ter acertado uma parede de cimento. Nunca vivera nada parecido naqueles anos todos de ringue. Olhou estupefato, para o colosso à sua frente.

O gigante loiro se virou e encarou Paolo Roberto com igual estupefação.

—O que você acha de enfrentar alguém da sua categoria? - perguntou Paolo Roberto.

Bateu uma série de direita-esquerda-direita na direção do diafragma, botando força. Legítimas bordoadas. E, de novo, teve a impressão de estar batendo numa parede. O único efeito foi o gigante loiro recuar meio passo, mais surpreso do que abalado pela força dos golpes. E, súbito, sua fisionomia se iluminou num sorriso.

—Você é o Paolo Roberto! - disse.

Paolo estacou, pasmo. Acabava de enfiar quatro golpes que, de acordo com as regras, teriam jogado o gigante loiro no chão, e ele próprio deveria estar voltando para o seu lado do ringue enquanto o juiz abria a contagem. Nenhum dos golpes parecia ter surtido o menor efeito.

Caramba. Isso não é normal.

Depois viu, quase em câmera lenta, o gancho de direita do loirinho cortar o ar. O cara era lento e seu golpe, previsível. Paolo esquivou-se e aparou parcialmente com o ombro esquerdo. Teve a sensação de ter sido atingido por um cano de ferro.

Paolo Roberto recuou dois passos, cheio de um renovado respeito por seu adversário.

Algo está errado. Ninguém bate desse jeito, porra.

Aparou maquinalmente um gancho de esquerda com o antebraço e sentiu de chofre uma dor fulgurante. Não teve tempo de aparar o gancho de direita que surgiu do nada e veio parar em sua testa.

Feito bêbado, Paolo recuou cambaleando até a porta. Estatelou-se ruidosamente contra uma pilha de bancos de madeira e balançou a cabeça. Sentiu imediatamente o sangue escorrendo, abundante, no seu rosto. *Arrancou-me o supercílio. Vão ter que me costurar. De novo!*

No instante seguinte, o gigante entrou em seu campo de visão e Paolo jogou-se instintivamente para o lado. Esquivou por um fio mais uma bordoada do punho imenso. Recuou rápido três, quatro passos e conseguiu levantar os braços em posição de defesa. Paolo Roberto estava abalado.

O gigante loiro fitou-o com olhos curiosos, quase divertidos. Então adotou a mesma posição de defesa de Paolo Roberto. É *um boxeador.* Começaram lentamente a se cercar.

Os cento e oitenta segundos que se seguiram foram à luta mais esquisita que Paolo Roberto já tinha enfrentado. Não havia cordas nem luvas. Auxiliares e juiz, inexistentes. Nenhum gongo interrompendo a luta e mandando cada combatente para o seu canto do ringue fazer uma pausa de alguns segundos, com água, sais de amoníaco e uma toalha para limpar o sangue dos olhos.

Paolo Roberto entendeu de repente que lutava por sua vida. Todo o treino, todos aqueles anos batendo em sacos de areia, todo o *sparring* e toda a sua experiência de todas as lutas se concentraram na energia que ele produziu rapidamente enquanto sentia a adrenalina circular como nunca.

Já não punha surdina em seus golpes. Ele e o adversário se enfrentavam numa luta em que Paolo investia toda a sua força e todos os seus músculos. Esquerda, direita, esquerda, esquerda de novo e um *jab* de direita no rosto, se abaixar para o gancho de esquerda, um passo atrás, ataque de direita. Cada golpe desferido por Paolo Roberto atingia o adversário.

Estava enfrentando a luta mais importante de sua vida. Brigava tanto com o cérebro como com os punhos. Conseguia se abaixar e evitar cada golpe que o gigante desfechava.

Aplicou-lhe um puríssimo gancho de direita no maxilar, que deveria ter derrubado o adversário no chão. Teve a sensação de rebentar os ossos da mão. Olhou para as suas juntas e viu que estavam cobertas de sangue. Observou vermelhões e hematomas no rosto do gigante loiro. O adversário de Paolo dava a impressão de nem perceber os golpes.

Paolo recuou e fez uma pausa enquanto avaliava o adversário. *Ele não é boxeador. Movimenta-se como um boxeador, mas está a dez mil milhas de saber lutar boxe. Está fazendo de conta. Não sabe aparar. Ele telegrafa seus golpes. E é incrivelmente lento.*

No instante seguinte, o gigante enfiou um gancho de esquerda na caixa torácica de Paolo. Foi seu segundo lance sério. Paolo sentiu a dor atravessando seu corpo quando as costelas estalaram. Tentou recuar e tropeçou na tralha espalhada no chão e caiu de

costas. No espaço de um segundo, viu o gigante se erguer à sua frente, mas teve tempo de rolar para o lado e em seguida se pôr de pé, meio atordoado.

Recuou e tentou concentrar forças.

O gigante vinha mais uma vez para cima dele, mas Paolo já estava na defensiva. Esquivou, esquivou de novo e recuou. Sentia dor toda vez que aparava um golpe com o ombro.

Então chegou o momento que todo boxeador já experimentou, assustado, uma vez ou outra. Uma sensação que pode surgir bem no meio da luta. A sensação de não estar dando conta. A certeza. *Droga estou perdendo.*

É o momento decisivo de quase todas as lutas de boxe.

O momento em que, súbito, falta força e a adrenalina circula tão depressa que vira uma carga paralisante, e uma capitulação resignada aparece no ringue, qual fantasma. É o momento que distingue o amador do profissional, o vencedor do perdedor. Poucos boxeadores, ao enfrentarem esse abismo, encontram força suficiente para reverter à luta e transformar em vitória uma derrota garantida.

Paolo Roberto foi tomado por essa certeza. Experimentou-a como um súbito frêmito na cabeça que o atordoou totalmente, e viveu aquele instante como se observasse a cena de fora, como se olhasse para o gigante loiro através da lente de uma câmera fotográfica. Naquele momento, era ganhar ou morrer.

Paolo Roberto recuou, descrevendo um amplo semicírculo para concentrar forças e ganhar tempo. O gigante seguiu-o. metódica mas lentamente, como se soubesse que o fim já estava dado e quisesse estender o *round. Ele está boxeando, só que não sabe boxear. Ele sabe quem eu sou. Quer acabar comigo. A força dele é quase inconcebível e ele parece totalmente insensível aos golpes.*

Os pensamentos giravam num turbilhão pela cabeça de Paolo enquanto ele tentava avaliar a situação e decidir o que fazer.

Súbito, reviveu a noite de Mariehamn, dois anos antes. Sua carreira profissional se encerrara de maneira brutal no seu encontro com o argentino Sebastián Luján. Experimentara o primeiro K. O. de sua vida e ficara desacordado durante quinze minutos.

Tinha repensado inúmeras vezes no que havia dado errado. Ele estava em excelente forma. Estava concentrado. Sebastián Luján não era melhor que ele. Mas o argentino conseguira desfechar um golpe perfeitamente puro, e de repente o *round* se transformara em naufrágio.

Mais tarde, no vídeo, vira a si mesmo titubeando indefeso. O *knock-out* acontecera vinte e três segundos depois.

Sebastián Luján não era melhor que ele, nem mais bem treinado. A margem era tão tênue que o resultado da luta poderia perfeitamente ter sido o inverso.

A única diferença que ele via, a posteriori, é que Sebastián Luján havia sido mais guloso. Quando Paolo subiu ao ringue em Mariehamn, queria vencer, mas não estava com vontade de boxear. Já não era, para ele, uma questão de vida ou morte. Uma derrota não seria nenhuma tragédia.

Um ano e meio depois, continuava boxeando. Não era mais profissional e só aceitava lutas amistosas como *sparring.* Mas ele ainda treinava. Não ganhara peso nem exibia pneuzinhos na cintura. Não era, evidentemente, um instrumento tão afinado como às vésperas de uma luta por um título, com o corpo exercitado meses a fio, mas era *Paolo Roberto* e tinha, sim, muito brio. E, à diferença daquela de Mariehamn, esta luta no armazém ao sul de Nykvarn era literalmente de vida ou morte.

Paolo Roberto se decidiu de repente. Estacou e deixou o gigante loiro chegar bem perto. Fintou com o esquerdo e investiu tudo o que tinha num gancho de direita. Jogou todas as suas forças e explodiu num golpe que atingiu boca e nariz. Seu ataque foi totalmente inesperado, depois de ter batido em retirada por tanto tempo. Enfim, ouviu alguma coisa cedendo. Completou com esquerdo-direito-esquerdo e desferiu os três golpes em pleno rosto.

O gigante loiro lutava em câmera lenta e ripostou com o direito. Telegrafou o golpe com muita antecedência, Paolo percebeu e se abaixou diante do punho imenso. Viu quando ele passou o peso para o outro lado e notou que o gigante pretendia continuar com o esquerdo. Em vez de aparar, Paolo se inclinou para trás e deixou o gancho de esquerda passar na frente de seu nariz. Respondeu com um golpe poderoso no lado do corpo, logo abaixo das costelas.

Quando o gigante se esquivou para aparar o ataque, mais uma vez surgiu o gancho de esquerda de Paolo, abatendo-se em seu nariz.

Então sentiu que tudo o que fazia estava certo e que detinha o absoluto controle do combate. O inimigo, por fim, recuava. Sangrava pelo nariz. Não sorria mais.

Então o gigante loiro deu um pontapé.

O pé veio e pegou Paolo Roberto totalmente de surpresa. Por força do hábito, Paolo entrara em ritmo normal de boxe e não esperava o pontapé. Foi como uma martelada na lateral da coxa, logo acima do joelho, e uma dor fulgurante perpassou sua perna. *Não.* Deu um passo atrás quando a perna direita cedeu e tropeçou mais uma vez nos troços espalhados pelo chão.

O gigante olhou para ele. Por um breve segundo, seus olhos se encontraram. A mensagem era clara. A *luta terminara.*

Então os olhos do gigante se arregalaram quando Miriam Wu lhe desfechou um pontapé por trás, no meio das pernas.

Cada músculo do corpo de Miriam Wu doía, mas de algum modo ela tinha conseguido passar as mãos algemadas por baixo das nádegas, ficando assim com as mãos na frente do corpo. No seu estado, foi uma façanha de acrobacia e tanto.

Sentia dor nas costelas, na nuca, nas costas, na lombar, e só a muito custo pusera-se de pé. Por fim, cambaleou em direção à porta e, estupefata, viu Paolo Roberto - *de onde saiu esse aí?* - atingir o gigante com seu gancho de direita, depois a seqüência de golpes no rosto antes de ser ceifado pelo pontapé.

Miriam Wu percebeu que não estava minimamente interessada em saber como e por que Paolo Roberto tinha aparecido ali. Ele era do time dos mocinhos. Pela primeira vez na vida, experimentou o desejo assassino de machucar alguém. Deu alguns passos rápidos e mobilizou suas últimas migalhas de energia e os músculos que ainda estavam intactos. Avançou para o gigante pelas costas e enfiou-lhe um pontapé entre as pernas. Não era, decerto, o boxe tailandês segundo as regras da arte, mas o pontapé surtiu efeito.

Miriam Wu meneou a cabeça consigo mesma, com ar entendido. Os caras até podiam ser do tamanho de uma casa e feitos de granito, mas suas bolas ficavam sempre no mesmo lugar.

E seu pontapé tinha sido tão puro que deveria ser registrado no *Livro Guinness dos recordes.*

Pela primeira vez o gigante loiro pareceu abalado. Soltou um gemido, levou a mão aos genitais e caiu de joelhos.

Miriam ficou um ou dois segundos indecisa, até se dar conta de que tinha que prosseguir e tentar acabar com aquilo. Optou por um pontapé na cara, mas ele conseguiu erguer um braço. Normalmente, seria impossível ele se recuperar tão depressa. E era como chutar o tronco de uma árvore. Ele agarrou bruscamente o seu pé, derrubou-a e começou a puxá-la para si. Ela viu o punho dele se levantar, contorceu-se desesperadamente e deu um golpe com sua perna livre. Atingiu-o na orelha no exato instante em que o soco se abatia em sua têmpora. Miriam Wu teve a sensação de ter dado de cabeça numa parede. Viu estrelas e tudo ficou preto diante de seus olhos.

O gigante loiro começou a se levantar.

Foi então que Paolo Roberto acertou a cabeça dele com a tábua na qual tropeçara. O gigante loiro caiu duro, batendo no chão com estardalhaço.

Paolo Roberto contemplou o armazém com uma sensação de irrealidade. O gigante loiro se contorcia no chão. Miriam Wu estava com os olhos vidrados e parecia totalmente nocauteada. Os esforços conjuntos dos dois lhes concediam uma trégua momentânea.

Paolo Roberto tinha dificuldade em se apoiar na perna machucada, desconfiava que um músculo cedera logo acima do joelho. Manquejou até Miriam Wu e colocou-a de pé. Ela começou a se mexer, mas o olhar que lhe dirigiu estava muito incerto. Sem uma palavra, ele puxou-a sobre o ombro e, mancando, se encaminhou para a porta. A dor no joelho direito era tanta que ele vez ou outra pulava numa perna só.

Foi uma libertação ver-se lá fora, no ar escuro e frio. Mas nem pensar em parar. Atravessou o pátio de cascalho e penetrou na mata, refazendo o caminho por onde viera. Assim que chegou no meio das árvores, tropeçou na raiz de um pinheiro caído e desabou. Miriam Wu gemeu e ele ouviu a porta do armazém se abrindo ruidosamente.

O gigante loiro apareceu, silhueta monumental no retângulo iluminado da abertura da porta. Paolo pôs uma mão sobre a boca de Miriam Wu. Inclinou-se e sussurrou em seu ouvido que ficasse em absoluto silêncio.

Então tateou o chão em volta da raiz e achou uma pedra, maior que seu punho fechado. Fez o sinal da cruz. Pela primeira vez em sua vida pecadora, Paolo Roberto estava preparado para matar um ser humano. Machucado e maltratado como estava, não aguentaria mais um *round.* Mas ninguém, nem aquele monstro loiro que era uma aberração da natureza, podia lutar com a cabeça quebrada. Ele apertou a pedra na mão e sentiu que ela tinha forma oval e uma borda afiada.

O gigante loiro foi até a esquina da construção e, dali, deu uma volta ampla pelo pátio. Parou a menos de dez metros de Paolo, que prendia a respiração. O gigante escutou, espreitou - mas não podia saber para que lado eles tinham se esvanecido noite adentro. Depois de espiar alguns minutos, pareceu entender a inutilidade do seu gesto. Entrou na construção a passos rápidos, ausentando-se um ou dois minutos. Apagou a luz, saiu com uma sacola e dirigiu-se para o Volvo branco. Arrancou a toda e disparou pelo caminho de acesso. Paolo ficou escutando em silêncio, até o ruído do motor sumir ao longe. Baixou o olhar e viu os olhos de Miriam cintilando no escuro.

—Olá, Miriam - disse. —Meu nome é Paolo Roberto, e você não precisa ter medo de mim.

—Eu sei.

A voz dela estava fraca. Esgotado, ele se recostou na imensa raiz e sentiu refluir, no seu corpo, o nível da adrenalina.

—Não sei como vou fazer para chegar lá - disse Paolo -, mas estou com um carro estacionado do outro lado da estrada. A uns cento e cinquenta metros daqui.

*** * ***

O gigante loiro freou e entrou numa área de parada na estrada a leste de Nykvan. Estava chacoalhado, abalado, e sentia uma coisa estranha na cabeça.

Era a primeira vez na vida que apanhava numa briga. E o homem que lhe passara o corretivo era Paolo Roberto... o famoso boxeador. Parecia um sonho absurdo, do tipo que ele às vezes tinha em noites agitadas. Não conseguia entender de onde Paolo Roberto surgira. Ele simplesmente aparecera do nada no armazém.

Uma coisa totalmente insana.

Ele não sentira os golpes de Paolo Roberto. Isso não o surpreendia. Mas sentira o pontapé entre as pernas. E o tremendo golpe na cabeça quase o nocauteara. Com os dedos, apalpou a nuca e encontrou um galo enorme. Apertou, e não sentiu nenhuma dor. Mesmo assim, sua cabeça rodava. Surpreso, ao tatear com a língua notou que perdera um dente da arcada superior. Sua boca estava com gosto de sangue. Segurou o nariz com o polegar e o indicador, e movimentou-o devagar. Ouviu um estalo na cabeça e constatou que o nariz estava quebrado.

Agira corretamente ao pegar a sacola e sair do armazém antes que a polícia chegasse. Mas cometera um erro colossal. Tinha visto no Discovery Channel que os investigadores eram capazes de achar grande quantidade de provas médico-legais no local de um crime. Sangue. Cabelos, DNA**.**

Não estava com a menor vontade de voltar para o armazém, mas não tinha escolha. Precisava fazer uma faxina. Deu meia-volta e saiu em sentido contrário. Pouco antes de chegar a Nykvarn, cruzou com um carro sem nem prestar atenção nele.

O trajeto de volta a Estocolmo foi um pesadelo. Paolo Roberto estava com sangue nos olhos e tinha apanhado tanto que seu corpo lhe fazia sofrer um martírio. Ia dirigindo de qualquer jeito e percebeu que ziguezagueava de um lado para o outro da estrada. Enxugou os olhos com uma mão e apalpou o nariz devagarinho. Estava doendo muito mesmo, e ele só conseguia respirar pela boca. Espreitava constantemente um Volvo branco, e teve a impressão de ter cruzado com um perto de Nykvarn.

Ao chegar à E20, ficou mais fácil dirigir. Pensou em parar em Södertälje, mas não tinha idéia de onde poderia ir. Deu uma olhada em Miriam Wu, ainda algemada e arriada, sem cinto de segurança, no banco traseiro. Tivera que carregá-la até o carro, e ela tinha desmaiado assim que foi puxada para dentro. Não sabia se estava

desacordada por causa dos ferimentos ou se tinha simplesmente se desconectado de pura exaustão. Hesitou. Por fim, pegou a E4 em direção a Estocolmo.

Mikael Blomkvist estava dormindo havia apenas uma hora quando o telefone começou a tocar. Olhou o relógio, viu que eram pouco mais de quatro da manhã e se esticou para atender, ainda sonolento. Era Erika Berger. De início, não entendeu o que ela dizia.

—Onde é que está o Paolo Roberto?

—No hospital de Sôder, com a Miriam Wu. Ele tentou te ligar, mas você não atendeu o celular e ele não tem o número do seu telefone fixo.

—Desliguei o celular. O que ele está fazendo no hospital? A voz de Erika Berger estava paciente, mas firme.

—Mikael. Pegue um táxi e vá correndo até lá ver o que foi. Ele estava completamente confuso quando me ligou, falou numa serra elétrica, numa casa no meio do mato e num monstro que não sabia lutar boxe.

Mikael pestanejou, sem entender. Então balançou a cabeça e estendeu o braço para pegar a calça.

Paolo Roberto parecia péssimo, deitado de cuecas numa maca. Fazia mais de uma hora que Mikael esperava para vê-lo. O nariz estava tapado por um curativo. O olho esquerdo estava todo inchado e a sobrancelha ostentava um esparadrapo cirúrgico no lugar em que levara cinco pontos de sutura. Tinha uma bandagem em volta das costelas e ferimentos e arranhões no corpo inteiro. O joelho esquerdo estava envolto numa atadura bem apertada.

Mikael Blomkvist lhe ofereceu café num copinho de papelão da máquina do corredor, e examinou seu rosto com jeito crítico.

—Você está parecendo um carro depois de uma batida - disse. —Me conte o que aconteceu.

Paolo Roberto balançou a cabeça e seu olhar cruzou com o de Mikael.

—Puta de um monstro - ele disse.

—O que aconteceu?

Paolo Roberto balançou mais uma vez a cabeça e olhou para os próprios punhos. As juntas estavam tão machucadas que ele mal

conseguia segurar o copinho. Tinham lhe aplicado curativos. A mulher dele apreciava o boxe com restrições e ia ficar furiosa.

—Eu sou um boxeador - disse. —Quero dizer, quando eu estava na ativa, não tinha medo de entrar num ringue contra quem quer que fosse. Levei boas bordoadas, sei dar e receber. Quando ataco alguém, é para o cara cair e sentir dor.

—E não foi isso que aconteceu.

Paolo Roberto balançou a cabeça pela terceira vez. Contou calmamente, em detalhes, os acontecimentos daquela noite.

—Eu acertei o cara umas trinta vezes, pelo menos. Catorze, quinze vezes na cabeça. Atingi o maxilar quatro vezes. No começo, me contive; não queria matar, só me defender. No fim, dei absolutamente tudo de mim. Um golpe meu teria que ter quebrado o maxilar dele. E o puta do monstro só se sacudiu um pouco e continuou batendo. Porra de merda, aquilo não era um ser humano normal.

—Como é que ele é?

—Tem a estrutura de um robô antitanque. Não estou exagerando. Mede mais de dois metros e deve pesar uns cento e trinta, cento e quarenta quilos. Não estou brincando quando eu digo que ele é puro músculo e tem uma ossatura de cimento armado. Um puta gigante loiro que simplesmente não sente dor.

—Você nunca o tinha visto antes?

—Nunca. Não é um boxeador. Mas, estranhamente, ainda assim é um boxeador.

—O que você quer dizer?

Paolo Roberto refletiu um instante.

—Ele ignora tudo de boxe. Eu podia fintar e obrigar ele a abrir a guarda, e ele não tinha a menor idéia de como se movimentar para evitar os golpes. Não dava uma dentro. Mas, ao mesmo tempo, tentava se movimentar igual a um boxeador. Levantava o braço do jeito certo e ficava o tempo todo em posição de partida, feito um boxeador de verdade. Parecia que já tinha treinado boxe, só que sem escutar nada do que os treinadores falavam.

—Certo.

—O que salvou a minha vida, e a vida da garota, é que ele se movimentava superdevagar. Mandava uns *swings* de amador,

avisando com meses de antecedência, de modo que eu conseguia esquivar ou aparar. Levei dois murros: um na cara, e você pode ver o resultado, e outro no corpo, que me quebrou uma costela. Mas foram dois quase-golpes. Se ele tivesse se posicionado direitinho, teria me arrancado a cabeça.

Paolo Roberto começou a rir de repente. Um riso estrondoso.

—O que foi?

—Eu venci. Esse louco varrido tentou me matar, e eu venci. Consegui derrubá-lo. Mas tive que usar a merda de uma tábua para dar o que ele merecia.

Tornou a ficar sério.

—Se a Miriam Wu não tivesse chutado as bolas dele na hora certa, vai saber como isso teria acabado.

—Paolo, estou muito, muito feliz por você ter vencido esta luta. A Miriam Wu vai dizer a mesma coisa quando acordar. Você tem alguma informação sobre o estado dela?

—Está mais ou menos do mesmo jeito que eu. Concussão cerebral, várias costelas partidas, nariz quebrado e um estrago nos rins.

Mikael se inclinou e pôs a mão no joelho de Paolo Roberto.

—Se algum dia você precisar de um favor... - disse Mikael. Paolo Roberto meneou a cabeça e sorriu suavemente.

—Blomkvist, se você precisar de mais um favor...

—Sim.

—...chame o Sebastián Luján.

26 - QUARTA-FEIRA 6 DE ABRIL

O inspetor criminal Jan Bublanski estava de péssimo humor quando se encontrou com Sonja Modig no estacionamento do hospital de Söder, pouco antes das sete da manhã. Tinha sido acordado pelo telefonema de Mikael Blomkvist. Depois de alguns instantes, compreendera que algo dramático tinha acontecido durante a noite e, por sua vez, tinha ligado e acordado Modig. Encontraram Mikael no hall e foram juntos até o quarto de Paolo Roberto.

Bublanski estava custando a assimilar todos os detalhes, mas acabou por entender que Miriam Wu tinha sido raptada e Paolo Roberto tinha dado uma surra no raptor. Isto posto, ao olhar mais de perto para o ex-boxeador profissional, não ficava claro quem tinha dado uma surra em quem. No que dizia respeito a Bublanski, os acontecimentos da noite tinham alçado a investigação sobre Lisbeth Salander a um novo patamar de complicação. Nada, na porra daquele caso, parecia normal.

Sonja Modig fez a primeira pergunta pertinente, querendo saber como Paolo Roberto tinha entrado na trama.

—Eu sou amigo de Lisbeth Salander. Bublanski e Modig trocaram um olhar cético.

—E o senhor a conhece de onde?

—Salander era minha *sparring-partner* nos treinos.

Bublanski fixou os olhos num ponto da parede atrás de Paolo Roberto. Sonja Modig caiu numa risada repentina e inconveniente. Ou seja, nada nesse caso parecia normal, simples e descomplicado. Mesmo assim, tinham aos poucos tomado nota de todos os fatos.

—Agora eu gostaria de fazer umas observações - disse Mikael Blomkvist,

seco.

Todos olharam para ele.

—Primeiro. A descrição do homem ao volante da caminhonete corresponde à descrição que eu fiz da pessoa que agrediu Lisbeth Salander, exatamente no mesmo local, na Lundagatan. Um cara alto e loiro, com rabo de cavalo e um barrigão. Certo?

Bublanski meneou a cabeça.

—Segundo. O objetivo desse rapto era obrigar Miriam Wu a revelar o esconderijo de Lisbeth Salander. Logo, os dois bonitões loiros estão atrás da Salander desde pelo menos uma semana antes dos assassinatos. Entendido?

Modig fez que sim com a cabeça.

—Terceiro. Se existem outros personagens nesta história, Lisbeth Salander não é mais a “demente solitária” que quiseram pintar.

Nem Bublanski nem Modig retrucaram.

—Vai ficar difícil argumentar que o cara de rabo de cavalo é membro de um grupo de lésbicas satânicas.

Modig esboçou um sorriso.

—E quarto, para concluir. Acho que esta história tem alguma coisa a ver com um sujeito chamado Zala. O Dag Svensson estava se concentrando nele nas duas últimas semanas. Todas as informações estão no computador dele. O Dag Svensson associava o tal Zala ao assassinato, em Södertälje, de uma prostituta chamada Irina Petrova. A autópsia revelou que ela sofreu violências graves. Tão graves que pelo menos três ferimentos foram mortais. 0 relatório da autópsia é vago no que toca ao instrumento utilizado para matá-la, mas os ferimentos são surpreendentemente parecidos com a violência sofrida pela Miriam Wu e o Paolo. O instrumento, no caso, poderia ser as mãos de um gigante loiro.

—E o Bjurman? - perguntou Bublanski. —Até aceito que alguém pudesse ter um motivo para silenciar o Dag Svensson. Mas quem poderia ter um motivo para eliminar o tutor de Lisbeth Salander?

—Não sei. As peças do quebra-cabeça não estão todas no lugar, mas em algum ponto existe um elo entre o Bjurman e o Zala. É a única explicação plausível. O que vocês acham de começar a desenvolver outro raciocínio? Se a Lisbeth Salander não for culpada, isso significa que outra pessoa cometeu os assassinatos. Acho que esses crimes têm alguma coisa a ver com o comércio do sexo. E a Salander preferiria morrer a se envolver numa coisa desse tipo. Eu já disse, ela é de uma moralidade inabalável.

—Neste caso, qual seria o papel dela?

—Não sei. Testemunha? Adversária? Ela talvez tenha aparecido em Enskede para avisar o Dag e a Mia que a vida deles corria perigo. Não esqueçam que ela é uma investigadora excepcional.

Bublanski pôs a engrenagem para funcionar. Ligou para a polícia de Södertälje e passou o itinerário fornecido por Paolo Roberto, pedindo que achassem um armazém desativado a sudeste do lago Yngern. Depois, ligou para o inspetor Jerker Holmberg - que morava em Flemingsberg e era quem estava mais próximo, portanto, de Södertälje - pedindo que fosse, mais depressa que um raio, se encontrar com a polícia de Södertälje para assisti-los no exame do local.

Jerker Holmberg ligou uma hora mais tarde. Acabava de chegar ao local. A polícia de Södertälje localizara sem dificuldades o armazém. Ele acabava de se incendiar totalmente, com mais dois galpões existentes no mesmo terreno, e os bombeiros estavam apagando o que sobrara do fogo. Não havia dúvida de que fora um incêndio criminoso - dois galões de gasolina tinham sido encontrados nos escombros.

Bublanski sentiu uma frustração muito próxima da fúria.

Que baderna era aquela? Quem era esse gigante loiro? Quem era de fato Lisbeth Salander? E por que era tão impossível encontrá-la?

A situação não ficou nada melhor quando o procurador Richard Ekström veio participar da reunião das nove horas. Bublanski fez um relatório dos trágicos acontecimentos daquela noite. Sugeriu que se dessem outras prioridades à investigação, já que alguns fatos misteriosos tinham vindo complicar o roteiro que servia de base aos trabalhos.

O relato de Paolo Roberto só veio reforçar a história da agressão de Lisbeth Salander na Lundagatan. Com isso, perdia força a hipótese de que os assassinatos eram um ato de loucura cometido por uma mulher sozinha e doente mental. Isso não significava que Lisbeth Salander estivesse livre das suspeitas que pesavam sobre ela - para tanto, precisavam primeiro encontrar uma explicação plausível para as suas digitais na arma do crime -, mas significava que a investigação agora tinha de se concentrar

seriamente na possibilidade de um outro culpado. Nesse caso, só existia uma hipótese por enquanto: a teoria de Mikael Blomkvist segundo a qual os homicídios tinham relação com as iminentes revelações de Dag Svensson sobre o comércio sexual. Bublanski apresentou três pontos fundamentais.

A tarefa mais importante no momento consistia em identificar o homem alto e loiro e seu cúmplice de rabo de cavalo, que tinham raptado e torturado Miriam Wu. O homem alto e loiro tinha um aspecto físico tão peculiar que não deveria ser difícil encontrá-lo.

Curt Bolinder observou, com pertinência, que Lisbeth Salander também tinha um aspecto físico peculiar e que depois de três semanas de buscas a polícia ainda ignorava totalmente seu paradeiro.

A segunda tarefa implicava em a direção das investigações ter de destacar um grupo para se concentrar ativamente na suposta lista de clientes sexuais existente no computador de Dag Svensson. Havia nisso um problema logístico. Sem dúvida, o grupo de investigação estava de posse do computador da *Millennium* utilizado por Dag Svensson, e dos backups em discos ZIP do *lap-top* desaparecido, mas eles continham pesquisas acumuladas em vários anos, eram literalmente milhares de páginas que eles levariam um tempo enorme para catalogar e entender. O grupo precisava de um reforço, e Bublanski imediatamente designou Sonja Modig para dirigir as operações.

A terceira tarefa consistia em focalizar uma pessoa desconhecida chamada Zala. Para tanto, a equipe pediria ajuda ao grupo especial de investigação sobre o crime organizado, que avisara já ter topado com esse nome em várias oportunidades. A tarefa foi confiada a Hans Faste.

Por fim, Curt Bolinder coordenaria o prosseguimento das buscas a Lisbeth Salander.

O relatório de Bublanski durou apenas seis minutos, mas desencadeou uma discussão de uma hora. Hans Faste estava irredutível em sua resistência a Bublanski, e não procurou disfarçar. Isso muito surpreendeu Bublanski, que decerto nunca gostara de Faste mas sempre o tivera como um policia] competente.

Hans Faste julgava que a investigação devia se concentrar em Lisbeth Salander, pouco importando todas aquelas informações secundárias. Segundo ele, o conjunto de indícios contra Salander era tão claro que no momento seria um absurdo se meter a buscar culpados alternativos.

—Quero dizer, isso tudo é puro blablablá. Temos um caso psiquiátrico que só veio se confirmando ano após ano. Você acha realmente que todos os relatórios do hospital psiquiátrico e do médico legista são pura brincadeira? Ela está ligada ao local do crime. Temos provas de que roda bolsinha e tem uma quantia alta de dinheiro não declarado na conta bancária.

—Estou ciente disso.

—Ela participa de uma espécie de culto lésbico do sexo. E ponho a mão no fogo como essa outra sapatão, a Cilla Norén, sabe mais do que está dizendo.

Bublanski elevou a voz.

—Faste. Pare com isso. Você está completamente obcecado pela perspectiva gay. Não está sendo profissional.

Lamentou imediatamente ter se pronunciado diante do grupo em vez de conversar a sós com Faste. O procurador Ekström interrompeu a discussão. Parecia indeciso sobre o rumo a ser tomado. Por fim, declarou que a linha de Bublanski era válida; passar por cima dele eqüivaleria a afastá-lo do comando da investigação.

—Vamos fazer o que o Bublanski decidiu.

Bublanski deu uma olhada para Steve Bohman e Niklas Eriksson, da Milton Security.

—Pelo que entendi, vocês só estão disponíveis por mais três dias, temos que aproveitar. Bohman, você vai ajudar o Curt Bolinder na busca de Lisbeth Salander. Eriksson, você continua com a Modig.

Ekström refletiu um instante e levantou a mão quando todo mundo estava prestes a sair.

—Outra coisa. Essa história do Paolo Roberto fica entre nós. A mídia vai ficar histérica se entrar outra celebridade na investigação. Portanto, nenhuma palavra sobre isso fora desta sala.

Sonja Modig foi ter com Bublanski logo depois da reunião.

—Perdi a paciência com o Faste. Não foi muito profissional da minha parte - disse Bublanski.

—Eu sei como é - ela sorriu. —Comecei a trabalhar no computador do Svensson na segunda-feira.

—Eu sei. Em que pé estão as coisas?

—Há lá uma dúzia de versões do manuscrito dele, uma quantidade enorme de documentos de pesquisa, e está difícil decidir o que é importante e o que não tem nenhum interesse. Vou precisar de dias e dias só para abrir e percorrer todos os arquivos.

—Niklas Eriksson?

Sonja Modig hesitou. Então se virou e fechou a porta da sala de Bublanski.

—Não quero jogar o cara na lama, mas francamente ele não tem sido muito útil.

Bublanski franziu o cenho.

—Diga lá.

—Não sei. Ele não é um policial de verdade, como o Bohman já foi. Fala um monte de bobagem, demonstra mais ou menos a mesma postura que o Hans Faste em relação a Miriam Wu, e a missão não parece ter grande interesse para ele. Não consigo perceber o que é, mas está na cara que ele tem algum problema com a Lisbeth Salander.

—Ou seja?

—Tenho a sensação de que algo podre está fermentando em algum lugar.

Bublanski meneou a cabeça devagar.

—Sinto muito. O Bohman é legal, mas, para ser sincero, não gosto de ter pessoas de fora na investigação.

Sonja Modig meneou a cabeça.

—Então, o que a gente faz?

—Você vai ter que aguentar até o final da semana. O Armanskij já disse que eles vão parar se não houver nenhum resultado. Vá lá, comece a pesquisar e conforme-se em fazer tudo sozinha.

Sonja Modig interrompeu sua pesquisa quarenta e cinco minutos depois de começar, quando foi afastada da investigação. Foi repentinamente convocada à sala do procurador Ekström, onde Bublanski já se encontrava. Os dois homens estavam vermelhos. O

jornalista *freelancer* Tony Scala acabava de publicar o furo de que Paolo Roberto tinha livrado a sapatona sadomasô Miriam Wu de um sequestrador. O texto continha vários detalhes que nenhuma pessoa alheia à investigação poderia conhecer. Insinuava que a polícia considerava a possibilidade de indiciar Roberto por golpes e ferimentos agravados.

Ekström já havia recebido vários telefonemas de jornalistas pedindo esclarecimentos sobre o papel do boxeador. Estava a ponto de surtar quando acusou Sonja Modig de ser a responsável pelo vazamento. Modig rechaçou prontamente a acusação, mas foi inútil. Ekström fazia questão de afastá-la da investigação. Bublanski estava furioso. Sem nenhuma hesitação, tomou o partido de Modig.

—A Sonja está dizendo que não foi ela que deixou vazar. Para mim é o suficiente. É loucura afastar uma investigadora experiente, que já está perfeitamente por dentro do caso.

Ekström retrucou com escancarada desconfiança em relação à Sonja Modig. Por fim, sentou-se à sua mesa e fechou-se num mutismo irredutível. Não houve como fazê-lo mudar de idéia.

—Modig, não posso provar que você é a responsável pelos vazamentos, mas não tenho a menor confiança em você nesta investigação. A partir deste momento considere-se afastada. Tire uns dias de folga até o final da semana. Na segunda-feira, vai ser encaminhada para outra missão.

Modig não tinha escolha. Meneou a cabeça e dirigiu-se para a porta. Bublanski a deteve.

—Sonja. Quero afirmar alto e bom som: não acredito um segundo sequer nesta acusação, e você tem toda a minha confiança. Mas não sou eu quem decide. Passe na minha sala antes de ir para casa.

Ela assentiu com a cabeça. Ekström parecia furioso. A fisionomia de Bublanski adquirira uma coloração preocupante.

* * *

Sonja Modig voltou para sua sala, onde ela e Niklas Eriksson estavam trabalhando no computador de Dag Svensson. Sentia-se furiosa e prestes a cair no choro. Eriksson olhou-a dissimuladamente, notou que algo não estava bem, mas não disse

nada e ela o ignorou. Sentou-se à sua mesa e ficou olhando para a frente. Um silêncio pesado tomou conta da sala.

Por fim, Eriksson se desculpou e disse que precisava ir ao banheiro. Perguntou se queria que ele lhe trouxesse um café. Ela balançou a cabeça.

Depois que ele saiu, ela se levantou, vestiu a jaqueta, pegou a bolsa e foi até a sala de Bublanski. Ele lhe indicou a cadeira dos visitantes.

—Sonja, eu não vou largar essa história de mão, a menos que o Ekström me afaste da investigação também. Não aceito o que está acontecendo e pretendo ir até o fim. Por enquanto você fica, por ordem minha. Entendeu?

Ela meneou a cabeça.

—Não vai ficar o resto da semana em casa como o Ekström mandou. Eu lhe ordeno que vá à redação da *Millennium* e converse mais uma vez com o Mikael Blomkvist. Depois, peça simplesmente para ele guiar você pelo disco rígido do Dag Svensson. Eles têm uma cópia lá na *Millennium.* A gente vai ganhar muito tempo se tiver alguém que já conheça o material e possa eliminar os dados desimportantes.

Sonja Modig respirava um pouco melhor.

—Eu não falei nada para o Niklas Eriksson.

—Eu cuido disso. Ele vai ficar com o Curt Bolinder. Você viu o Hans Faste, por acaso?

—Não. Ele saiu de manhã, logo depois da reunião. Bublanski suspirou.

Mikael Blomkvist deixara o hospital de Söder por volta das oito horas e voltara para casa. Percebeu que nem de longe preenchera sua cota de sono e era absolutamente necessário que estivesse em boa forma para a entrevista daquela tarde com Gunnar Björck em Smådalaro. Despiu-se e pôs o despertador para tocar às dez e meia, o que lhe deu duas horas de um sono bem merecido. Ao acordar, tomou um banho, fez a barba e vestiu uma camisa limpa antes de sair. Acabava de passar pela praça de Gullmarsplan, quando Sonja Modig ligou para o seu celular. Mikael respondeu que tinha um compromisso e não podia vê-la de jeito nenhum. Ela explicou o que queria e ele a encaminhou para Erika Berger.

Sonja Modig foi até a redação da *Millennium.* Observou Erika Berger e concluiu que gostava daquela mulher assertiva e segura de si, com suas covinhas e sua franja loira curta. Erika lembrava um pouco uma Laura Palmer com mais idade. Perguntou-se, saindo um pouco do assunto, se Berger também era lésbica, já que, segundo Hans Faste, todas as mulheres desta investigação pareciam ter esta orientação sexual, depois lembrou de ter lido em algum lugar que ela era casada com o artista Lars Beckman. Erika escutou seu pedido de ajuda para percorrer o conteúdo do disco rígido de Dag Svensson. Pareceu incomodada.

—Só tem um problema - disse Erika Berger.

—Diga - disse Sonja Modig.

—Não que a gente não queira que os assassinatos sejam esclarecidos, ou não queira colaborar com a polícia. Aliás, vocês já estão com todo o material do computador do Dag Svensson. O problema é um dilema ético. Mídia com polícia não dá um bom casamento.

—Acredite. Pude entender isso muito bem hoje de manhã - Sonja Modig sorriu.

—Como assim?

—Nada. Foi só uma observação.

—Certo. Para manter sua credibilidade, a imprensa deve observar uma distância bem clara em relação às autoridades. Os jornalistas que andam pelas delegacias colaborando nas investigações policiais acabam virando lacaios da polícia.

—Já cruzei com alguns tipos assim - disse Modig. —Se entendi bem, a recíproca também é verdadeira. Policiais que viram lacaios de alguns jornais.

Erika Berger riu.

—É verdade. Infelizmente, devo informar que aqui na *Millennium* a gente simplesmente não tem recursos para praticar este tipo de jornalismo interesseiro. Não estamos falando de um interrogatório dos colaboradores da *Millennium* - a gente acataria sem discutir - e sim de um pedido formal para que a *Millennium* colabore ativamente na investigação colocando à disposição seu material jornalístico. Sonja Modig meneou a cabeça.

—Existem dois aspectos. Primeiro, trata-se do assassinato de um colaborador desta revista. Por esse prisma, é evidente que vamos fornecer toda a ajuda que vocês pedirem. Mas o outro aspecto é que existem coisas que não podemos entregar à polícia. Falo das nossas fontes.

—Eu sei ser flexível. Posso me comprometer a proteger as fontes de vocês. Aliás, elas não me interessam.

—Não se trata das suas boas intenções e nem da confiança que temos em você. Trata-se do fato de que nunca se revela uma fonte, qualquer que seja a circunstância.

—Certo.

—E também existe o fato de que, aqui na *Millennium,* estamos fazendo nossa própria investigação sobre os assassinatos, o que deve ser encarado como um trabalho jornalístico. Estou pronta a fornecer informações à polícia quando tivermos algo para publicar. Mas não antes.

Erika Berger franziu a testa e refletiu. Por fim, meneou a cabeça, pensativa, e prosseguiu.

—Mas eu também tenho que conseguir me olhar no espelho. Vamos fazer assim... Você vai trabalhar com a nossa colaboradora Malu Eriksson. Ela conhece muito bem o material e tem a competência necessária para definir os limites. Ela fica encarregada de guiar você pelo livro do Dag Svensson, do qual você já tem uma cópia. O objetivo será estabelecer um inventário compreensível das pessoas que podemos considerar suspeitos em potencial.

Irene Nesser desconhecia o drama que se desenrolara naquela noite quando pegou o trem de subúrbio de Sõdra Station para Södertälje. Vestia uma jaqueta de couro semilonga, calças escuras e um pulôver vermelho bem-cuidado. Usava óculos, erguidos sobre a cabeça.

Em Södertälje, achou o ônibus para Strángnãs e comprou uma passagem para Stallarholmen. Desceu ao sul de Stallarholmen pouco depois das onze da manhã. Estava num ponto de ônibus e dali não avistava nenhuma habitação. Visualizou mentalmente o mapa. O lago Mãlaren ficava poucos quilômetros a nordeste, e pelo campo se espalhavam várias casas de veraneio, mas também algumas habitadas o ano inteiro. A propriedade do Dr. Nils Bjurman

situava-se numa zona de casas de veraneio, a cerca de três quilômetros do ponto do ônibus. Tomou um gole de água da garrafa plástica e se pôs a caminho. Chegou quarenta e cinco minutos depois.

Primeiro deu uma volta pelo lugar, só para ter uma idéia da vizinhança. À direita, a casa mais próxima ficava a mais de cento e cinquenta metros. Não havia ninguém. À esquerda, estendia-se um fosso comprido. Passou mais duas casas antes de chegar a uma aldeiazinha de veraneio, onde o único sinal de presença humana era uma janela aberta e o som de um rádio. Mas isso era a trezentos metros da casa de Bjurman. Poderia trabalhar com relativa tranqüilidade.

Tinha trazido as chaves encontradas no apartamento de Bjurman e não teve dificuldade para entrar. Sua primeira providência foi abrir uma veneziana nos fundos, o que lhe oferecia uma saída de emergência em caso de problema pela frente. O problema que ela imaginava era algum tira de repente ter a idéia de visitar a casa.

A casa de Bjurman era uma construção antiga e pequena que comportava uma sala, um quarto e uma cozinha integrada com água corrente. A toalete ficava nos fundos do jardim. Lisbeth passou vinte minutos vasculhando armários, roupeiros e cômodas. Não achou nenhum pedaço de papel relacionado com Lisbeth Salander ou Zala.

Por fim, saiu para o jardim e examinou a toalete e um depósito de lenha. Não havia nada interessante e nenhum documento. Tinha feito aquela viagem por nada.

Sentou-se nos degraus da entrada, tomou água e comeu uma maçã.

Quando passou pelo hall para fechar a veneziana, seu olhar topou com uma escada de alumínio. Voltou para a sala e examinou o teto de lambri. O alçapão do sótão, entre duas vigas, era praticamente invisível. Foi buscar a escada, abriu o alçapão e deparou de imediato com cinco arquivos A4.

O gigante loiro estava aborrecido. As coisas tinham dado errado e ocorrera uma sucessão de catástrofes.

Sandström tinha entrado em contato com os irmãos Ranta. Apavorado, contara que Dag Svensson estava preparando uma

reportagem revelando as histórias de puta dele e denunciando os irmãos Ranta. Até aí, o problema não era tão grande. A imprensa denunciar Sandström não afetava o gigante loiro, e os irmãos Ranta poderiam ficar na moita por uns tempos. Eles então cruzaram o Mar Báltico a bordo do *Baltic Star* para tirar umas férias. Havia pouca chance de essas bobagens acabarem no tribunal, mas, se acontecesse o pior, eles saberiam se virar. Estava estipulado no contrato.

Em compensação, Lisbeth Salander tinha conseguido escapar de Magge Lundin. Não dava para entender, já que a Salander era do tamanho de uma boneca se comparada a Lundin, e a missão dele se limitava a enfiá-la num carro e levá-la até o armazém ao sul de Nykvarn.

Depois, Sandström recebera outra visita, e desta vez Dag Svensson estava na pista de Zala. Isso mudava completamente a situação. Entre o pânico de Bjurman e a bisbilhotice de Dag Svensson, criara-se uma situação potencialmente perigosa.

Um amador é um gângster que não está preparado para assumir as conseqüências. Bjurman era um completo amador. O gigante loiro desaconselhara Zala a ter qualquer tipo de negócio com Bjurman. Mas, para Zala, o nome de Lisbeth Salander era irresistível. Ele odiava Salander. Era algo absolutamente irracional. Agira por impulso.

Tinha sido puro acaso o gigante loiro estar na casa de Bjurman na noite em que Dag Svensson ligou. O mesmo jornalista escroto que já tinha criado problema com Sandström e os irmãos Ranta. O gigante tinha ido até lá para acalmar o advogado, ou ameaçá-lo se necessário, por causa do rapto falhado de Lisbeth Salander, e o telefonema de Svensson deixara Bjurman num pânico tremendo. Ele se mostrara tapado e irredutível. E de repente quis cair fora.

Para completar, Bjurman foi buscar aquele revólver de caubói dele para ameaçá-lo. O gigante loiro encarou Bjurman, pasmo, e arrancou-lhe a arma. Estava de luvas e não corria o risco de deixar impressões digitais. Na verdade, não tivera escolha, uma vez que Bjurman começara a amarelar.

Bjurman sabia da existência de Zala. E nesse sentido representava um fardo. O gigante loiro não saberia explicar por que

tinha obrigado Bjurman a tirar a roupa, a não ser pelo fato de querer deixar bem claro o quanto o detestava. Quase fraquejou ao ver a tatuagem em sua barriga:

SOU UM PORCO SÁDICO, UM CANALHA ESTUPRADOR.

Por um breve instante, quase sentiu pena de Bjurman. Era um idiota completo. Mas o gigante loiro atuava num ramo em que não podia permitir que tais sentimentos secundários viessem perturbar as atividades práticas. Levara-o, portanto, até o quarto, obrigara-o a se ajoelhar e então usara um travesseiro como silenciador.

Ficara cinco minutos vasculhando o apartamento de Bjurman, vendo se havia algo que pudesse ser um elo com Zala. A única coisa que encontrou foi o número de seu próprio celular. Por precaução, pegara o celular de Bjurman.

Dag Svensson era o problema seguinte. Quando encontrassem Bjurman morto, Dag Svensson obviamente iria ligar para a polícia. Poderia contar que Bjurman fora assassinado poucos minutos depois de eles terem falado ao telefone a respeito de Zala. Não era preciso muita imaginação para ver que aquilo transformaria Zala em objeto de amplas especulações.

O gigante loiro se considerava um cara esperto, mas tinha um respeito enorme pelo temível talento estratégico de Zala.

Eles trabalhavam em colaboração havia quase doze anos. Tinha sido uma década frutífera, e o gigante loiro via Zala com respeito, quase como um mentor. Podia ficar horas escutando Zala discorrer sobre a natureza humana e suas fraquezas, e como tirar vantagem delas.

De repente, porém, os negócios tinham dado para balançar. As coisas estavam começando a sair errado.

Fora direto da casa de Bjurman para Enskede e estacionara o Volvo branco duas quadras adiante. Por sorte, a porta do hall não estava bem fechada. Subira e tocara a campainha da porta identificada como Svensson-Bergman.

Não tivera tempo de vasculhar o apartamento nem de pegar documentos. Dera dois tiros - havia também uma mulher no apartamento. Depois, pegou o computador de Dag Svensson na mesa da sala, deu meia-volta, desceu a escada, foi até o carro e saiu de Enskede. Seu único furo tinha sido deixar cair o revólver na

escada enquanto tentava pegar a chave do carro ao mesmo tempo que equilibrava o computador, tudo para ganhar tempo. Detivera-se por um décimo de segundo, mas o revólver tinha rolado pela escada do porão e ele achou que ia demorar muito se tentasse recuperá-lo. Sabia muito bem que as pessoas se lembravam dele depois de vê-lo uma vez, e o mais importante era sumir dali antes que alguém o visse.

O revólver perdido lhe valera uma reprimenda de Zala. Mas ambos tiveram a maior surpresa da vida quando a polícia se lançou atrás de Lisbeth Salander. A arma transformara-se assim num feliz e inacreditável acaso.

Infelizmente, ela criava também mais um problema. Salander era o único elo frágil que restava. Conhecia Bjurman e conhecia Zala. Sabia somar dois mais dois. Zala e ele concordaram quando discutiram o assunto. Precisavam encontrar Salander e enterrá-la em algum lugar. Seria perfeito se nunca a encontrassem. A investigação dos assassinatos iria aos poucos para os arquivos e se cobriria de poeira.

Tinham apostado que Miriam Wu os levaria até Salander. E, de repente, tudo dera errado de novo. *Paolo Roberto.* Entre tanta gente. Surgido do nada. E, segundo a imprensa, era igualmente amigo de Lisbeth Salander.

O gigante loiro estava atônito.

Depois de Nykvarn, havia buscado refúgio na casa de Magge Lundin em Svavelsjõ, a apenas poucas centenas de metros do quartel-general do MC Svavelsjö. Não era o esconderijo ideal, mas ele não tinha muita alternativa e precisava a todo custo de um lugar para se entocar até que sumissem os hematomas do seu rosto e que ele pudesse deixar discretamente a região de Estocolmo. Mexeu no nariz quebrado e apalpou o galo na nuca. Já não estava tão inchado.

Ele fizera bem em voltar lá e atear fogo naquela droga toda. Era sempre bom fazer uma faxina ao sair.

De repente, ficou paralisado.

Bjurman. Ele se encontrara com Bjurman uma vez, muito rapidamente, na casa de campo dele, perto de Stallarholmen, no início de fevereiro, quando Zala concordara em se encarregar da

Salander. Bjurman possuía um arquivo, que ele tinha folheado, com documentos sobre Salander. Droga, como é que ele tinha deixado passar isso? O arquivo poderia levar até Zala.

Ele desceu até a cozinha e explicou a Magge Lundin por que este devia ir com a maior urgência até Stallarholmen e acender mais um braseiro.

O inspetor criminal Bublanski dedicou seu intervalo de almoço tentando colocar ordem naquela investigação que, ele sentia, estava saindo dos trilhos. Passou um bom tempo com Curt Bolinder e Steve Bohman, coordenando a caçada a Lisbeth Salander. Tinham chegado novas pistas de Göteborg e Norrkõping, entre outros. Göteborg foi rapidamente eliminada, mas a pista de Norrkõping tinha um ligeiro potencial. Passaram a informação para os colegas de lá e destacaram uma vigilância discreta num endereço em que fora assinalada a presença de uma garota que lembrava Lisbeth Salander.

Tentou ter uma conversa diplomática com Hans Faste, mas este não estava na casa e não atendia o celular. Depois da reunião tumultuada daquela manhã, Faste tinha sumido, espumando de raiva.

Então Bublanski se confrontou com o chefe das investigações preliminares, Richard Ekström, para tentar resolver o problema Sonja Modig. Gastou um bom tempo expondo as razões objetivas que o levavam a achar uma insensatez afastá-la da investigação. Ekström negou-se a ouvir e Bublanski resolveu deixar passar o fim de semana antes voltar a tocar naquele assunto idiota. A relação entre o chefe das investigações e o chefe do inquérito preliminar estava ficando insustentável.

Pouco depois das três, ele passou no corredor e viu Niklas Eriksson saindo da sala de Sonja Modig, onde ele ainda estava revisando o conteúdo do disco rígido de Dag Svensson. O que, na opinião de Bublanski, tinha se tornado absurdo já que Eriksson não contava mais com um legítimo funcionário da polícia para auxiliá-lo na pesquisa. Resolveu juntar Niklas Eriksson e Curt Bolinder pelo resto da semana.

Mas, antes que eles tivessem tempo de trocar uma palavra, Eriksson desapareceu no banheiro no fim do corredor. Bublanski

coçou a orelha e se aproximou da sala de Sonja Modig para aguardar a volta de Eriksson. Em pé diante da porta aberta, contemplou a cadeira vazia de Sonja.

Então seu olhar bateu no celular de Niklas Eriksson, largado na prateleira atrás da mesa de trabalho.

Bublanski hesitou um segundo e deu uma olhada em direção à porta do banheiro, ainda fechada. Depois, cedendo a um impulso, entrou na sala, pegou o celular, voltou a passos rápidos para sua própria sala e fechou a porta atrás de si. Percorreu a lista de chamadas feitas.

Às 9h57, cinco minutos antes de acabar a tumultuada reunião daquela manhã, Niklas Eriksson ligara para um número com prefixo 070. Bublanski pegou o telefone fixo de sua mesa e discou o número. O jornalista Tony Scala atendeu.

Ele desligou e ficou olhando o celular de Eriksson. Depois, se levantou feições alteradas pela raiva. Tinha dado dois passos em direção à porta quando o telefone de sua mesa tocou. Voltou e rugiu o seu nome no aparelho.

—É o Jerker. Continuo aqui no armazém de Nykvarn.

—Ah, é?

—O incêndio acabou. Já faz duas horas que estamos examinando o local. A polícia de Södertälje mandou trazerem um cachorro para farejar a área, para o caso de haver alguém entre os escombros.

—E?

—Não havia ninguém. Mas fizeram um intervalo para o cachorro descansar um pouco o focinho. Diz o adestrador que é necessário, porque no local de um incêndio os cheiros são realmente muito fortes.

—Vá logo ao que interessa.

—Ele foi dar uma volta e soltou o cachorro um pouco mais adiante. 0 bicho se manifestou uns setenta e cinco metros atrás do armazém, já no meio do mato. Cavaram. Faz dez minutos, acharam uma perna humana, com pé e sapato. Tudo indica que é um sapato de homem. Os pedaços não estavam enterrados muito fundo.

—Droga! Jerker, você tem que...

—Já assumi o comando das operações no local da descoberta e interrompi a escavação. Quero um médico legista e técnicos de verdade antes de continuar.

—Excelente trabalho, Jerker.

—Não é só isso. Há uns cinco minutos, o cachorro voltou a se manifestar, a uns cem metros do primeiro ponto.

Lisbeth Salander tinha feito café no fogão de Bjurman, comido outra maçã e passado duas horas lendo, página por página, a investigação que Bjurman fizera sobre ela. Estava impressionada. Ele pusera um bocado de energia na tarefa e sistematizara as informações como se se tratasse de um apaixonante passatempo. Encontrara informações a seu respeito de cuja existência ela própria ignorava.

Leu o diário de Holger Palmgren com sentimentos contraditórios. Eram dois blocos de anotações encadernados. Ele começara a redigir aquelas notas quando ela tinha quinze anos e acabava de fugir de sua segunda família adotiva, um casal idoso de Sigtuna, cujo marido era sociólogo e a mulher, escritora de livros infantis. Lisbeth tinha ficado doze dias com eles, sentira que eles estavam extremamente orgulhosos por cumprirem uma obra social ao se compadecerem dela, e esperavam que ela expressasse uma profunda gratidão. Lisbeth não aguentou quando sua mãe adotiva absolutamente temporária se autoelogiara para uma vizinha, destacando a importância de tomar conta de jovens com problemas manifestos. *Não sou uma porcaria de um projeto social,* ela queria gritar toda vez que sua mãe adotiva a exibia aos amigos. Passados doze dias, roubara cem coroas do cofrinho do casal e pegara o ônibus para Upplands-Vásby, e em seguida o trem de subúrbio para Estocolmo. A polícia a encontrara seis semanas depois, refugiada na casa de um vovô de sessenta e sete anos em Haninge.

Ele tinha sido correto. Oferecera-lhe teto e comida. Ela não precisou fazer muita coisa em troca. Ele queria olhar para ela pelada. Jamais encostava em Lisbeth. Ela sabia que o velho era considerado um pedófilo, mas nunca sentira nenhuma ameaça da parte dele. Via-o como uma criatura fechada e socialmente deficiente. Posteriormente, chegava até a sentir um estranho

sentimento de parentesco quando pensava nele. Os dois viviam completamente à margem.

Um vizinho acabara reconhecendo-a e alertara a polícia. Uma assistente social fizera esforços imensos para convencê-la a dar queixa por abuso sexual. Ela se negara obstinadamente a admitir que acontecera alguma coisa imprópria, e de todo modo tinha quinze anos e já era sexualmente maior de idade. *Vão se catar!* Em seguida, Holger Palmgren interviera e a tirara de lá. Palmgren começara a escrever um diário sobre ela, no que parecia uma tentativa frustrada de lidar com suas próprias dúvidas. As primeiras frases tinham sido registradas em dezembro de 1993.

L. parece, definitivamente, ser a menina mais difícil que já conheci. A questão é saber se estou agindo certo ao me opor a uma nova internação no Sankt Stefan. Ela já deu cabo de duas famílias adotivas em três meses e corre um risco evidente de sofrer conseqüências por suas fugas. Tenho que decidir se desisto, ou não, desta missão e se peço que ela seja encaminhada a especialistas. Não sei o que seria bom ou mau. Hoje tive uma conversa séria com ela.

Lisbeth recordava cada palavra daquela conversa séria. Era véspera de Natal. Holger Palmgren a levara para sua casa e lhe oferecera o quarto de hóspedes. Preparara um espaguete à bolonhesa para o jantar, depois a convidara a se sentar no sofá da sala, sentando-se ele próprio numa cadeira diante dela. Ela se perguntara vagamente se Palmgren também ia querer vê-la pelada. Em vez disso, ele falara com ela como se ela fosse adulta.

Foi um monólogo de duas horas. Ela mal respondeu a suas perguntas. Ele explicou as coisas da vida real, ou seja, que ela agora podia optar entre ser novamente internada em Sankt Stefan ou ir morar com uma família adotiva. Prometeu que tentaria achar uma família adequada para ela e exigiu que ela aceitasse a escolha dele. Tinha resolvido convidá-la a passar o Natal com ele para lhe dar tempo de pensar em seu futuro. A escolha era toda dela, mas no dia seguinte ao Natal, o mais tardar, ele esperava uma resposta e uma promessa. Ela teria de prometer que, caso tivesse algum problema, recorreria a ele em vez de fugir. Depois disso mandou-a

para a cama e sentou-se para escrever as primeiras linhas do seu diário sobre Lisbeth Salander.

A ameaça - a opção de ser mandada de volta para o Sankt Stefan depois do Natal - lhe causava mais medo do que Holger Palmgren seria capaz de imaginar. Ela passou um Natal infeliz, espreitando, desconfiada, os mínimos gestos de Palmgren. No dia seguinte, ele ainda não tinha tentado bulir com ela, nem dera sinal de querer espiá-la disfarçadamente. Pelo contrário, ficara furioso quando ela o provocara, indo nua do quarto de hóspedes até o banheiro. Ele tinha fechado a porta do banheiro com força, num gesto seco. Por fim, ela lhe fizera as promessas que ele exigia. E cumprira com sua palavra. Mais ou menos...

No diário, Palmgren comentava metodicamente cada um de seus encontros. Ora em três linhas, ora com páginas inteiras de reflexões. Alguns trechos deixaram-na estupefata. Palmgren era mais perspicaz do que ela suspeitara e, vez ou outra, acrescentava pequenos comentários sobre situações em que ela tentara enganá-lo e que ele notara perfeitamente.

Em seguida, abriu o relatório policial de 1991.

De repente, as peças do quebra-cabeça se encaixaram. Teve a sensação de que o chão começava a balançar.

Leu o relatório médico-legal escrito por um tal de dr. Jesper H. Lõderman, no qual um certo dr. Peter Teleborian era uma das principais referências.

Lõderman tinha sido o trunfo do procurador quando este tentara mandada internar por ocasião da sua maioridade.

Então achou um envelope contendo uma correspondência entre Peter Teleborian e Gunnar Björck. As cartas datavam de 1991, pouco depois que Todo o Mal acontecera.

Nada nas cartas era dito de modo explícito, mas de repente um alçapão se abriu sob os pés de Lisbeth Salander. Levou alguns minutos para entender todas as implicações. Gunnar Björck referia-se a uma provável conversa particular. A carta era formulada de maneira impecável, mas nas entrelinhas Björck dizia que seria bom para todo mundo se Lisbeth Salander passasse o resto da vida trancada num asilo de loucos.

É importante que a menina tome um recuo em relação à situação atual. Eu não saberia avaliar seu estado psíquico nem os cuidados de que ela necessita, mas quanto mais ela puder ser mantida numa instituição, menores serão os riscos de que ela involuntariamente crie problemas no caso que nos preocupa.

O *caso que nos preocupa.*

Lisbeth Salander avaliou a expressão por um instante.

Peter Teleborian fora o responsável por seu tratamento em Sankt Stefan. Não tinha sido por acaso. Só pelo tom da correspondência, ela já podia concluir que essas cartas nunca haviam sido escritas para se tornar públicas.

Peter Teleborian conhecia Gunnar Björck.

Lisbeth Salander mordeu o lábio inferior enquanto refletia. Nunca havia investigado Teleborian, mas ele iniciara sua carreira no Instituto Médico-Legal, e a própria Säpo vez ou outra precisava consultar médicos legistas ou psiquiatras em diferentes investigações. Compreendeu, de súbito, que se começasse a fuçar, encontraria algum elo. Em algum momento, no início da carreira de Teleborian, seu caminho se cruzara com o de Björck. Quando Björck precisara de alguém para enterrar Lisbeth Salander, dirigira-se a Teleborian.

Era assim que as coisas tinham acontecido. O que até então parecera puro acaso assumia de repente outra dimensão.

Permaneceu um bom tempo parada, fitando um ponto à frente. Não existem inocentes. Só existem diferentes graus de responsabilidade. E havia alguém responsável por Lisbeth Salander. Ela, sem dúvida nenhuma, precisava dar uma chegada a Smådalarô. Imaginou que ninguém no irrepreensível sistema judiciário do Estado estaria disposto a discutir o assunto com ela e que, portanto, na falta de opção melhor, uma conversa com Gunnar Björck já serviria.

A perspectiva desse encontro já a deixava satisfeita.

Não precisava levar todos os arquivos. Uma vez lidos, ficavam indelevelmente gravados em sua memória. Pegou os dois diários de Holger Palmgren, o relatório policial de Björck de 1991, a investigação médico-legal de 1996 que servira de base para

declará-la incapaz, assim como a correspondência entre Peter Teleborian e Gunnar Björck. Sua mochila ficou abarrotada.

Fechou a porta e ainda não tinha dado a volta na chave quando escutou o barulho de uma moto. Olhou em volta. Era tarde demais para tentar se esconder, e sabia que não tinha a menor chance de escapar daqueles dois motoqueiros em suas Harley Davidson. Na defensiva, desceu os degraus em frente à casa e cruzou com eles no meio do pátio.

Possesso, Bublanski saiu no corredor e verificou que Eriksson ainda não retornara à sala de Sonja Modig. O banheiro, no entanto, estava vazio. Seguiu pelo corredor e o avistou de repente, com um copinho de plástico na mão, na sala de Curt Bolinder e Steve Bohman.

Sem ser visto, Bublanski deu meia-volta e subiu ao andar de cima, até a sala do procurador Ekström. Foi entrando sem bater e interrompeu Ekström em plena conversa telefônica.

—Venha cá - disse ele.

—O quê? - fez Ekström.

—Desligue e venha comigo.

A expressão de Bublanski era tal que Ekström obedeceu. A esta altura, era fácil entender por que os colegas o tinham apelidado de Bubolha. Seu rosto assumira o aspecto de uma enorme bolha de chiclete cor-de-rosa. Desceram e foram juntar-se ao cordial intervalo do café na sala de Curt Bolinder.

Bublanski foi direto para cima de Eriksson, agarrou-o com pulso firme pelos cabelos e virou-o para Ekström.

—Ai! O que é isso? Você tá maluco?

—Bublanski! - exclamou Ekström, apavorado.

Ekström parecia alarmado. Curt Bolinder e Steve Bohman estavam boquiabertos.

—Isto aqui é seu? - perguntou Bublanski, brandindo o celular.

—Me solte!

—ESTE CELULAR É SEU?

—É, sim, porra. Me solte!

—É claro que não. Você está preso.

—O quê?

—Você está preso por violação de sigilo e obstrução de investigação policial. A menos que tenha uma explicação plausível para o telefonema dado às 9h57 da manhã de hoje para um jornalista chamado Tony Scala, logo depois da nossa reunião e pouco antes de o Scala divulgar as informações que tínhamos decidido manter confidenciais. A ligação consta na lista de chamadas do seu celular.

Magge Lundin mal conseguiu acreditar nos próprios olhos quando viu Lisbeth Salander no pátio em frente à casa de campo de Bjurman. Ele tinha consultado o mapa rodoviário e o gigante loiro lhe fornecera uma descrição precisa do trajeto. Assim que recebeu ordem de ir até Stallarholmen e provocar um incêndio, foi até a sede do clube, na gráfica abandonada na periferia de Svavelsjõ, chamar Benny Nieminen para ir com ele. Estava quente, um tempo perfeito para pegar as motos pela primeira vez depois do inverno. Vestiram os macacões de couro e fizeram o trajeto de Svavelsjõ a Stallarholmen a uma velocidade tranqüila.

E eis que Lisbeth Salander estava ali esperando por eles. Podia até estar usando uma peruca loira, ele a reconhecia assim mesmo. A altura, o jeito, só podia ser ela.

Era um legítimo bônus, e ia deixar o gigante loiro estupefato. Avançaram, cada um de um lado, e detiveram-se a dois metros de Lisbeth.

Uma vez desligados os motores, o silêncio na mata era absoluto. De início, Lundin não sabia bem o que dizer, mas acabou recuperando a fala.

—Ora, ora. Faz um tempinho que estamos te procurando, Lisbeth Salander.

Sorriu de repente. Lisbeth Salander contemplava Lundin com olhos inexpressivos. Notou que ele ainda tinha no maxilar uma marca vermelha, recém-cicatrizada, no lugar onde ela o arranhara com o molho de chaves. Ergueu o olhar e fitou o cimo das árvores atrás dele. Então baixou-o novamente. Seus olhos estavam de um preto inquietante.

—Tive uma semana de merda e estou com um humor execrável. E sabe o que é pior? A cada passo que eu dou, deparo com um monte de merda com um barrigão, atravancando o meu

caminho e se achando grande coisa. Agora eu estou me mandando. Sai da frente.

Magge Lundin abriu a boca. Primeiro, achou que tinha ouvido mal. Depois, sem querer, começou a rir. A situação era hilária. Uma magricela que ele até poderia enfiar no bolso dando uma de esperta diante de dois homens adultos, que usavam jaquetas com o logotipo do MC Svavelsjõ, ou seja: Malvados dos mais perigosos que em breve seriam membros efetivos dos Hell's Angels. Eles podiam fazer picadinho dela e guardar numa lata de biscoito. E ela ali se exibindo, que idiota!

Mas mesmo que a garota fosse totalmente doida - o que parecia ser o caso, de acordo com os jornais e com o que ele estava vendo com seus próprios olhos, ali, diante da casa -, as jaquetas deveriam lhe impor algum respeito. O que aparentemente não era o caso. Era uma história de rolar de rir, mas inadmissível. Ele se virou para Benny Nieminen.

—Ai, ai, não seria nada mau essa sapatão dar uma provada num pinto - disse ele, baixando a escora e descendo da Harley.

Deu dois passos lentos na direção de Lisbeth Salander e baixou os olhos para ela. Lisbeth não se moveu um milímetro sequer. Magge Lundin balançou a cabeça e soltou um suspiro sinistro. Então desfechou uma bofetada com aquela força considerável que Mikael Blomkvist experimentara no incidente da Lundagatan.

Bateu no ar. No instante em que a mão ia tocar em seu rosto, Lisbeth deu um passo atrás e parou, fora de alcance.

Apoiado na direção da Harley, Benny Nieminen contemplava o amigo com um sorriso nos lábios. Lundin ficou rubro e deu rapidamente dois passos na direção de Lisbeth. Ela recuou de novo. Lundin acelerou.

Lisbeth Salander estacou de repente e esvaziou metade do conteúdo da bomba lacrimogênea direto na cara dele. Seus olhos começaram a queimar como fogo. Lisbeth Salander lhe enfiou, com toda a força, a ponta da bota no meio das pernas, transformando-a em energia cinética com uma pressão de cerca de cento e vinte newtons por centímetro quadrado. Sem fôlego, Magge Lundin caiu de joelhos, ficando assim a uma altura mais confortável para Lisbeth Salabeth. Ela pegou um impulso e lhe tascou um pontapé no meio

da cara, como quem cobra um escanteio. Um estalo desagradável fez-se ouvir antes de Magge Lundin desabar, sem um ruído, feito um saco de batatas.

Benny Nieminen precisou de vários segundos para entender que algo impossível acabava de ocorrer diante de seus olhos. Primeiro pensou em baixar a escora de sua Harley, não a encontrou com o pé, precisou olhar. Depois, pensou em pegar a pistola que estava no bolso interno da jaqueta. Estava prestes a baixar o zíper, quando percebeu um movimento com o canto dos olhos.

Ergueu o olhar e deu com Lisbeth vindo para cima dele feito bala de canhão. Ela pulou de pés juntos e o atingiu em cheio no quadril, o que não bastava para machucá-lo, mas bastou para derrubá-lo, com a moto junto. Por um triz ele evitou que a perna ficasse presa sob a moto e deu uns passos trôpegos para trás antes de recuperar o equilíbrio. Quando tornou a situá-la em seu campo de visão, viu o braço dela se mover e uma pedra do tamanho de um punho voar pelos ares. Abaixou-se instintivamente. A pedra passou a poucos centímetros de sua cabeça.

Conseguiu afinal pegar a pistola e tentou soltar a trava de segurança, mas quando ergueu os olhos pela terceira vez Lisbeth Salander estava diante dele. Viu ódio em seu olhar e, atônito, pela primeira vez sentiu medo de verdade.

— Boa noite — disse Lisbeth Salander.

Ela enfiou-lhe o cacetete elétrico na parte inferior do ventre e descarregou setenta e cinco mil volts, mantendo os eletrodos em contato com o corpo dele por pelo menos vinte segundos. Benny Nieminen se transformou num vegetal sem vontade própria.

Lisbeth escutou um ruído atrás de si, virou-se e contemplou Magge Lundin. A muito custo, ele conseguira ficar de joelhos e estava prestes a se levantar. Ela o fitou. Cego, ele tateava com os braços na névoa ardente do gás lacrimogêneo.

—Eu vou te matar! - ele berrou de repente.

Ainda resmungou qualquer coisa incompreensível, tateando às cegas na tentativa de achar Lisbeth Salander. Ela inclinou a cabeça e o contemplou pensativa. Ele berrou mais uma vez.

—Sua puta!

Lisbeth Salander se abaixou, juntou a pistola de Benny Nieminen e constatou que se tratava de uma Wanad P-83 polonesa.

Abriu o carregador e conferiu se estava com a munição adequada, Makarov nove milímetros. Então puxou a corrediça e enfiou uma bala no cano. Passou por cima de Benny Nieminen, aproximou-se de Magge Lundin, mirou segurando a arma com as duas mãos e disparou-lhe uma bala no pé. Ele berrou com o impacto e tornou a cair.

Ela o contemplou e pensou se valeria a pena perguntar quem era o gigante loiro que ela vira com ele no Café Blomberg e que, de acordo com o jornalista Per-Ake Sandström, assassinara uma pessoa num armazém, junto com Magge Lundin. Humm. Ela talvez devesse ter perguntado antes de atirar.

Magge Lundin não parecia em condições de manter uma conversa clara, e, além disso, existia a possibilidade de alguém ter ouvido o disparo. Era melhor sair dali imediatamente. Poderia encontrar Magge Lundin mais tarde e interrogá-lo de um jeito mais tranqüilo. Tornou a acionar a trava de segurança, enfiou a arma no bolso e pegou sua mochila.

Já havia percorrido uns dez metros de estrada quando parou e se virou. Voltou lentamente para a casa de Nils Bjurman e examinou a moto de Magge Lundin. Harley Davidson - pensou. —*Cool.*

27 - QUARTA-FEIRA 6 DE ABRIL

Estava um dia esplêndido de primavera quando Mikael, no carro de Erika Berger, tomou a estrada de Nynàs em direção ao sul. Já se podia vislumbrar certa tendência para o verde nos campos negros e o ar estava repleto de um calor real. Um tempo perfeito para esquecer todos os problemas e tirar alguns dias de descanso na cabana de Sandhamm.

Ele tinha marcado com Gunnar Björck por volta da uma da tarde, mas como estava adiantado parou em Dalarõ para tomar um café e ler os jornais. Não havia se preparado para o encontro. Björck tinha algo para revelar e Mikael estava firmemente determinado a não sair de Smädalarö sem descobrir algumas coisas sobre Zala. Coisas que poderiam ajudá-lo a avançar.

Björck recebeu-o no pátio. Parecia mais desafiador e seguro de si do que dois dias antes. O *que você está aprontando, meu chapa?* Mikael evitou apertar sua mão.

—Posso te fornecer informações sobre Zala - disse Gunnar Björck. —Mas tenho umas condições.

—Estou ouvindo.

—Meu nome não pode ser mencionado na reportagem da *Millennium.*

Björck pareceu surpreso. Blomkvist aceitara facilmente e sem discutir o ponto para o qual previra uma discussão mais demorada. Era o seu único trunfo. Informações sobre os assassinatos em troca de anonimato. E Blomkvist aceitava suprimir, sem dificuldades, o que deveria constituir uma manchete.

—Estou falando sério - disse Björck, desconfiado. —Quero isso por escrito, preto no branco.

—Posso colocar preto no branco, se você faz questão, mas um documento desses não vale um tostão furado. Você infringiu a lei e sabe disso. Na verdade, a minha obrigação seria denunciá-lo à polícia. Você sabe de coisas que eu quero obter e está usando isso para comprar o meu silêncio. Eu já tinha pensado nessa possibilidade, e aceito. Estou facilitando as coisas para o seu lado,

comprometendo-me a não citar o seu nome na *Millennium.* Ou você confia em mim, ou não confia.

Björck refletiu.

—E eu também tenho uma condição - prosseguiu Mikael. —O preço do meu silêncio é você me contar tudo o que sabe. Se eu descobrir que está me escondendo alguma coisa, nosso acordo fica anulado. Aí eu ponho você em todas as manchetes do país, como fiz com o Wennerstrôm.

Björck estremeceu ao se lembrar disso.

—Está bem - disse. —Não tenho escolha. Você me garante que o meu nome não vai ser citado na *Millennium* e eu digo quem é Zala. E para isso exijo ser protegido enquanto fonte.

Ele estendeu a mão. Mikael apertou-a. Acabava de prometer que iria dissimular uma infração à lei, o que em si não o perturbava. Só estava prometendo que ele próprio e a *Millennium* não escreveriam nada sobre Björck. Dag Svensson já escrevera em seu livro toda a história de Björck. E o livro de Dag Svensson seria publicado. Mikael estava firmemente decidido a se empenhar para que fosse.

O alerta foi lançado ao posto de polícia de Strângnãs às 15h 18. O chamado chegou direto no PABX do posto, sem passar pela central de socorro. O proprietário de uma casa de campo a leste de Stallarholmen, um certo Õberg, relatava que tinha ouvido um tiro e fora conferir no local. Encontrara dois homens gravemente feridos. Um deles talvez nem tão ferido, mas sentindo muita dor. E, a propósito, a casa era de Nils Bjurman. Quer dizer, o Dr. Nils Bjurman assassinado de que os jornais tanto haviam falado.

A polícia de Strángnàs tivera uma manhã cheia devido a um amplo controle rodoviário no território da comuna, já previsto de longa data. À tarde, a vigilância do tráfego fora interrompida quando uma mulher de cinquenta e sete anos fora morta por seu companheiro na residência do casal, em Finninge. Quase ao mesmo tempo, irrompera um incêndio num prédio de Storgãrdet, com uma vítima, e, como a cereja do bolo, dois carros tinham colidido de frente na altura de Vargholmen, estrada de Enkõping. Os alertas se sucederam num intervalo de poucos minutos e, com isso, boa parte do efetivo policial de Strángnàs estava indisponível.

Mas o oficial de plantão no posto, uma mulher, tinha acompanhado os acontecimentos em Nykvarn de manhã e percebeu que havia ali alguma relação com aquela Lisbeth Salander procurada por toda parte. Estando Nils Bjurman ligado à mesma investigação, ela tirou suas conclusões. E tomou três providências. Despachou para Stallarholmen, com urgência, o único veículo de intervenção disponível em Strángnàs naquele dia cheio. Ligou para seus colegas de Södertälje e pediu ajuda. A polícia de Södertälje não estava menos assoberbada, já que grande parte de seus recursos concentrava-se nas escavações em torno de um armazém incendiado ao sul de Nykvarn, mas um possível elo entre Nykvarn e Stallarholmen fez que o oficial de plantão em Södertälje imediatamente despachasse dois carros para Stallarholmen, como reforço ao veículo de intervenção de Strángnàs. Por fim, a policial de plantão no posto de Strángnàs pegou o telefone e chamou o inspetor Jan Bublanski, em Estocolmo. Conseguiu contatá-lo no celular.

Bublanski estava na Milton Security, numa difícil discussão com o diretor Dragan Armanskij e seus dois colaboradores, Frãklund e Bohman. O colaborador Niklas Eriksson brilhava pela ausência.

A reação de Bublanski foi ordenar que Curt Bolinder fosse com urgência até a casa de campo de Bjurman. E que levasse Hans Faste junto, caso conseguisse encontrá-lo. Depois de pensar um pouco, Bublanski ligou também para Jerker Holmberg, que ainda estava ao sul de Nykvarn, e tinha, portanto, uma distância menor a percorrer. Holmberg tinha novas informações.

—Estava para te ligar. Acabam de identificar o corpo da escavação.

—Não é possível. Não tão cedo.

—Tudo fica mais fácil quando os presuntos fazem a gentileza de ficar com a carteira no bolso, e uma identidade plastificada.

—Certo. Quem é?

—É um conhecido nosso. Kenneth Gustafsson, de quarenta e quatro anos, domiciliado em Eskilstuna. Seu apelido era Vagabundo. Isso te lembra alguma coisa?

—Claro. Evidente. Quer dizer então que o Vagabundo estava enterrado em Nykvarn. Não lidei diretamente com esse malandro,

mas parece que ele operou um bocado nos anos 1990. Pertencia à fauna dos traficantes, dos pequenos ladrões e viciados.

—Ele mesmo. Pelo menos é a identidade dele que está dentro da carteira. Os legistas vão tratar da identificação definitiva. Vão passar trabalho para juntar os pedaços. O cara está todo em peças avulsas, cinco ou seis partes pelo menos.

—Humm. Paolo Roberto contou que o loirinho com quem ele lutou tinha ameaçado a Miriam Wu com uma serra elétrica.

—O recorte pode mesmo ter sido feito com serra elétrica. Não olhei de perto. Acabam de começar as escavações em outros pontos. Estão montando a barraca.

—Muito bem. Jerker, eu sei que você teve um dia cheio, mas daria para você passar por aqui no final da tarde?

—Está certo. Mas primeiro vou dar um pulo em Stallarholmen. Bublanski desligou e esfregou os olhos.

O destacamento de Strängnás chegou à casa de campo de Bjurman às 15h44. No caminho de acesso, literalmente colidiram com um homem que tentava deixar o local numa Harley Davidson instável, que foi se cravar na dianteira do camburão. Não foi um choque muito violento. Os policiais desembarcaram e reconheceram Benny Nieminen, de trinta e sete anos, assassino conhecido do meio policial nos anos 1990. Nieminen não parecia muito em forma, e puseram-lhe as algemas. Ao fechá-las em seus pulsos, os policiais descobriram, com alguma surpresa, que sua jaqueta de couro estava rasgada nas costas. Bem no meio, faltava um quadrado de cerca de vinte centímetros por vinte, o que causava uma impressão bastante curiosa. Benny Nieminen não quis comentar o fato.

Em seguida, percorreram os cerca de duzentos metros até a casa. Lá, encontraram um ex-estivador chamado Oberg colocando uma bandagem de apoio no pé de um tal de Carl-Magnus Lundin, de trinta e seis anos e chefe do nem tão desconhecido grupo de delinquentes do MC Svavelsjö.

O comandante do veículo de intervenção era o inspetor Nils-Henrik Johansson. Ele desceu, ajeitou o cinturão e contemplou a triste figura estendida no chão. Proferiu a clássica fala policial.

—O que está acontecendo aqui?

O estivador aposentado interrompeu seus cuidados ao pé de Magge Lundin e dirigiu um rápido olhar para Johansson.

—Fui eu que liguei.

—O senhor falou em tiros.

—Falei que ouvi um tiro, vim ver e topei com esses caras. Este aqui levou uma bala no pé e uma bela de uma surra. Acho que precisa de uma ambulância.

Oberg dirigiu o olhar para o camburão.

—Ah, vocês pegaram o outro canalha. Estava fora do ar quando cheguei, mas não parecia ferido. Depois de um tempo, ele se recuperou e não quis ficar.

Jerker Holmberg chegou com os policiais de Södertälje quando a ambulância estava deixando o local. O destacamento de Strángnàs lhe fez um breve resumo do que tinha observado. Nem Lundin nem Nieminen quiseram explicar o motivo de sua presença no local. Lundin, aliás, não estava em condições de falar.

—Ou seja, dois motoqueiros de macacão de couro, uma Harley Davidson, um ferimento a bala e nenhuma arma. Entendi tudo direito? - perguntou Holmberg.

O comandante Johansson assentiu com a cabeça. Holmberg refletiu um instante.

—É de se supor que eles não vieram os dois numa moto.

—Acho que ser um mero passageiro é visto como pouco viril, no meio deles - disse Johansson.

—Nesse caso, está faltando uma moto. Também está faltando a arma, o que nos leva a concluir que um terceiro bandido já se mandou.

—Parece plausível.

—O que nos deixa com um problema lógico. Se os dois cavalheiros de Svavelsjõ chegaram cada um numa moto, falta também o veículo utilizado pelo terceiro elemento. Ele não pode ter saído com seu próprio veículo e mais a moto. E é meio longe vir a pé da estrada de Strángnàs para cá.

—A menos que o terceiro elemento morasse na casa.

—Humm - fez Jerker Holmberg. —Essa casa pertencia ao falecido doutor Bjurman, que definitivamente não mora mais aí.

—Também pode ter havido um quarto elemento, que teria ido embora de carro.

—Mas então por que não foram embora juntos? Tenho a impressão de que esta história não se limita ao roubo de uma Harley Davidson, embora elas sejam muito cobiçadas.

Refletiu um instante, então pediu que o destacamento mandasse dois agentes procurar um veículo abandonado em alguma trilha florestal das redondezas, e também bater à porta das casas próximas para perguntar se alguém tinha visto algo fora do comum.

—Nesta época do ano não mora muita gente por aqui - disse o comandante do destacamento, prometendo, porém, fazer o possível.

Depois, Holmberg abriu a porta da casa, que não fora trancada. Deparou imediatamente com os arquivos deixados na mesa da cozinha, contendo a investigação de Bjurman sobre Lisbeth Salander. Sentou-se e se pôs a folheá-los, estupefato.

Jerker Holmberg estava com sorte. Apenas trinta minutos depois de começar a operação porta a porta entre as poucas casas habitadas, toparam com Anna Viktoria Hansson, de setenta e dois anos, que passara aquele dia de primavera limpando um jardim na bifurcação da aldeia de veraneio. Sim, ela tinha vista boa. Sim, vira uma garota baixinha de jaqueta escura passando por ali a pé, por volta do meio-dia. Mais ou menos umas três da tarde, dois homens passaram de moto, fazendo uma barulheira daquelas. E pouco depois a garota tinha passado de volta, numa das motos. E depois chegaram os carros da polícia.

Enquanto Jerker Holmberg recebia esse relatório, Curt Bolinder chegou à casa de campo.

—Como é essa história? - ele perguntou. Jerker Holmberg fitou o colega com ar deprimido.

—Não sei bem de que jeito te explicar isso tudo - respondeu Holmberg.

—Jerker, você está querendo que eu engula que a Lisbeth Salander apareceu na casa do Bjurman e, sozinha, deu no dirigente do MC Svavelsjõ a maior surra da vida dele? - perguntou Bublanski, no telefone.

Sua voz parecia exasperada.

—Ora, pois se ela foi treinada pelo Paolo Roberto...

—Cale a boca, Jerker.

—Estou só repassando os fatos. Magnus Lundin ferido com uma bala no pé. Periga ficar manco o resto da vida. A bala saiu pelo lado do calcanhar.

—Pelo menos ela não atirou na cabeça.

—Não deve ter sido necessário. Se entendi direito o pessoal da brigada, Lundin está com ferimentos graves no rosto, o maxilar estourado e dois dentes quebrados. Os paramédicos temiam uma concussão cerebral. Além do ferimento no pé, está com muita dor no baixo-ventre.

—Como vai o Nieminen?

—Parece ter saído ileso. Mas, segundo o velho que nos chamou, quando ele chegou lá o Nieminen estava estatelado no chão, sem sentidos. Não conseguia falar nada, mas se recobrou depois de algum tempo e estava tentando deixar o local quando a polícia de Strängnás apareceu.

Pela primeira vez em muito tempo, Bublanski ficou totalmente mudo.

—Um detalhe misterioso... - disse Jerker Holmberg.

—O que foi agora?

—Não sei como descrever isso. A jaqueta de couro do Nieminen... é, ele chegou lá de moto.

—Sim?

—Está em mau estado.

—Como assim, em mau estado?

—Falta um pedaço. Alguém recortou um quadrado de mais ou menos vinte centímetros nas costas. Bem no lugar onde fica o logotipo do MC Svavelsjö.

Bublanski ergueu as sobrancelhas.

—Por que a Lisbeth Salander iria recortar um pedaço da jaqueta? Como troféu?

—Não faço a menor idéia. Mas pensei numa coisa - disse Jerker Holmberg.

—O quê?

—O Magnus Lundin tem uma barriga enorme, é loiro e usa rabo de cavalo. Um dos caras que raptaram a amiga de Salander, a Miriam Wu, era loiro, tinha rabo de cavalo e uma barriga de bebedor de cerveja.

Fazia anos que Lisbeth Salander não sentia aquela sensação vertiginosa, desde quando experimentara uma queda livre no parque de diversões de Grõna Lund. Tinha dado três voltas e poderia ter dado mais três se não estivesse sem dinheiro.

Constatou também que uma coisa era pilotar uma Kawasaki 125, que na verdade não passava de uma bicicleta motorizada melhorada, e outra, bem diferente, era controlar uma Harley Davidson de 1450 cilindradas. Os primeiros trezentos metros na pista florestal de Bjurman, de manutenção precária, valeram todas as montanhas-russas do mundo. Sentiu-se um autêntico giroscópio. Por pouco não se espatifou na floresta umas duas vezes, mas conseguiu retomar a tempo o controle da máquina. Tinha a impressão de estar cavalgando um alce assustado.

Além disso, o capacete teimava em escorregar o tempo todo sobre seus olhos, embora o tivesse forrado com um pedaço de couro recortado na jaqueta grossa de Benny Nieminen.

Temendo não conseguir lidar com o peso da moto, achou melhor não parar. Era baixinha demais para poder apoiar um pé no chão e tinha medo que a Harley caísse. Nesse caso, jamais teria forças suficientes para erguê-la.

Ficou mais fácil quando entrou na pista mais larga que levava à aldeia de veraneio. Minutos depois, quando pegou a estrada de Strángnàs, atreveu-se a soltar uma mão do guidão para ajeitar o capacete. Então acelerou com tudo. Fez o trajeto até Södertálje em tempo recorde, com um sorriso maravilhado grudado no rosto o tempo inteiro. Pouco antes de Södertálje, cruzou com dois carros com as luzes giratórias acesas, sirenes a toda.

O mais sensato, evidentemente, teria sido abandonar a Harley em Södertálje e deixar que Irene Nesser pegasse o trem de subúrbio para Estocolmo, mas Lisbeth Salander não soube resistir à tentação. Tomou cuidado para não ultrapassar o limite de velocidade, enfim, não muito, mas continuava com a impressão de estar em queda livre. Só quando chegou à altura de Àlvsjõ é que ela

pegou o acesso para o parque de Exposições de Estocolmo, onde estacionou sem derrubar o monstrengo. Com dor na alma, abandonou a moto, junto com o capacete e o pedaço de couro da jaqueta de Benny Nieminen, e foi a pé para a estação. Sentia frio. Desceu na estação seguinte, voltou a pé para casa e foi depressa se esticar na banheira.

—O nome dele é Alexander Zalachenko - disse Gunnar Björck. —Mas ele não existe de fato. Não vai encontrá-lo no registro civil.

Zala. Alexander Zalachenko. Enfim um nome.

—Quem é ele, e como posso encontrá-lo?

—Não é uma pessoa que a gente tem vontade de encontrar.

—Acredite, tenho muita, muita vontade de me encontrar com ele.

—O que eu vou te passar agora são informações consideradas segredo de Estado. Se souberem que fui eu que contei, fico sujeito a uma condenação pesada. É um dos maiores segredos da Defesa Nacional sueca. Você vai entender por que é tão importante que eu seja protegido como fonte.

—Eu já fiz isso, não fiz?

—Você tem idade para lembrar da guerra fria. Mikael meneou a cabeça. *Vamos, fale logo!*

—Alexander Zalachenko nasceu em 1940 em Estalingrado, na Ucrânia, que na época pertencia à União Soviética. Ele tinha um ano de idade quando foi lançada a Operação Barbarossa, com a ofensiva alemã no fronte do Leste. Os pais de Zalachenko morreram ambos na guerra. Pelo menos, é o que Zalachenko acredita. Nem ele sabe o que aconteceu durante a guerra. Suas primeiras lembranças são de um orfanato uraliano.

Mikael meneou a cabeça para mostrar que estava acompanhando.

—O orfanato ficava numa cidade de guarnição e era mantido pelo Exército Vermelho. Pode-se dizer que Zalachenko teve uma formação militar bastante precoce. Isso foi durante os piores anos do stalinismo. Depois da queda da União Soviética, foram encontradas pilhas de documentos comprovando a realização de diversos experimentos no sentido de criar um esquadrão de

soldados de elite especialmente treinados e recrutados entre os órfãos a cargo do Estado. Zalachenko era um deles.

Mikael meneou outra vez a cabeça.

—Resumindo. Com cinco anos de idade, ele foi colocado num colégio militar. Lá, perceberam que ele era muito inteligente. Quando fez quinze anos, em 1955, foi transferido para uma escola militar em Novossibirsk, onde, com outros dois mil alunos, passou por um treinamento equivalente ao das *spetsnaz,* as unidades de elite russas.

—Certo. Um soldadinho valoroso.

—Em 1958, já com dezoito anos, foi mandado para Minsk a fim de receber a formação especial do GRO**.** Sabe o que era o GRO**?**

—Acho que sim.

—Literalmente, significa *Glavnoe razvedivatelnoe oupravlenie,* o serviço de informações e ação militar diretamente subordinado ao mais alto comando militar do Exército. Não confundir o **GRO** com a KGB**,** que era a polícia secreta civil.

—Eu sei.

—Nos filmes de James Bond, os grandes espiões que atuam no estrangeiro são, em geral, caras da KGB. Na verdade, a KGB era antes de mais nada um serviço de segurança interno do regime que geria campos de prisioneiros na Sibéria e eliminava os opositores do regime com uma bala na nuca nos porões da Lubianka. Quem respondia pela espionagem e pelas operações além das fronteiras era em geral o pessoal do GRO**.**

—Isso está ficando com cara de aula de história. Continue.

—Aos vinte anos, Alexander Zalachenko obteve sua primeira nomeação no estrangeiro. Foi mandado para Cuba. Era uma fase de treinamento, ele na época só tinha a patente correspondente ao alferes. Mas permaneceu lá dois anos, e viveu a crise cubana e a invasão da Baía dos Porcos.

—Certo.

—Em 1963, voltou para Minsk a fim de prosseguir sua formação. Então foi nomeado, primeiro na Bulgária, depois na Hungria. Em 1965, foi promovido a tenente e obteve seu primeiro posto na Europa Ocidental, em Roma, onde serviu durante um ano.

Foi sua primeira missão *under cover.* Era, portanto, um civil com um passaporte falso e sem nenhum contato com a embaixada.

Mikael meneou a cabeça. Sem querer, estava começando a ficar fascinado.

—Em 1967, foi transferido para Londres. Lá, organizou a execução de um desertor da KGB. Nos dez anos seguintes, tornou-se um dos melhores agentes do GRO. Pertencia à legítima elite dos soldados políticos dedicados. Tinha sido adestrado desde menino. Fala fluentemente pelo menos seis línguas. Já se fez passar por jornalista, fotógrafo, designer, marinheiro... o que você puder imaginar. Era especialista na arte da sobrevivência, especialista em camuflagem e manobras diversionistas. Tinha seus próprios agentes e organizava ou efetuava suas próprias operações. Muitas eram missões de eliminação, das quais boa parte se deram no Terceiro Mundo, mas ele lidou igualmente com chantagem, ameaças ou qualquer tipo de ação que seus superiores queriam que ele efetuasse. Em 1969, passou a capitão, em 1972 a comandante e, em 1975, foi promovido a tenente-coronel.

—Como ele veio parar na Suécia?

—Estou chegando lá. Com o passar dos anos, foi se envolvendo com corrupção e juntou, aqui e ali, um pequeno pé-de-meia. Bebia demais e se metia em muitas histórias com mulheres. Seus superiores estavam a par, mas ele ainda era um dos favoritos e fizeram vista grossa enquanto tudo não passou de coisas sem importância. Em 1976, foi enviado numa missão na Espanha. Não vou entrar em detalhes, mas ele tomou um porre e fez um belo de um estrago. A missão fracassou e, de repente, ele caiu em desgraça e recebeu ordem de voltar para a Rússia. Optou por ignorar essa ordem e acabou numa situação ainda pior. O GRO ordenou a um adido militar da embaixada em Madri que entrasse em contato com ele e lhe desse uns conselhos. Alguma coisa simplesmente desandou na conversa e Zalachenko matou o homem da embaixada. Com isso, já não tinha escolha. Não podia voltar atrás e resolveu saltar às pressas do trem em movimento.

—Entendo.

—Desertou na Espanha, forjando uma pista que parecia levar a Portugal e, eventualmente, a um acidente de barco. Também

plantou uma pista sugerindo que fugira para os Estados Unidos. Na verdade, optou por se refugiar no país mais improvável da Europa. Veio para a Suécia, entrou em contato com a Säpo e pediu asilo político. O que, na verdade, foi muito bem pensado, já que a probabilidade de um esquadrão da morte da KGB ou do GRO ir procurar por ele aqui era praticamente nula.

Gunnar Björck calou-se.

—E então?

—O que faz um governo quando um dos maiores espiões da União Soviética de repente resolve jogar tudo para o alto e pedir asilo político na Suécia? Foi bem na época em que estávamos com um governo de direita, e, aliás, esse foi um dos primeiros casos que tratamos com o novo primeiro-ministro, políticos, medrosos como são, tentaram, é claro, se livrar dele o mais rápido possível, mas também não podiam mandá-lo de volta para a União Soviética. Teria sido um escândalo colossal. Em vez disso, tentaram mandá-lo para s Estados Unidos ou Inglaterra, mas o Zalachenko recusou. Não gostava os Estados Unidos e, segundo ele, a Inglaterra era um país em que a União Soviética mantinha agentes de informação de primeiríssimo nível. Ele não queria ir para Israel porque não gostava de judeus. Portanto, resolveu que iria se estabelecer na Suécia mesmo.

Aquilo tudo parecia tão inverossímil que Mikael se perguntou vagamente se Gunnar Björck não estaria enrolando.

—E ele acabou ficando na Suécia?

—Exatamente.

—E isso tudo nunca veio a público?

—Foi, por muitos anos, um dos segredos militares mais bem guardados a Suécia. Ocorre que Zalachenko era muito útil para nós. Durante certo período, no final dos anos 1970 e início dos 1980, ele foi a joia da coroa dos desertores, mesmo se comparado ao que acontecia além das fronteiras sueis. Nunca o chefe de operações de um dos comandos de elite do GRO tinha desertado.

—Isso quer dizer que ele tinha informações para nos vender?

—Exato. Ele manejava bem seus trunfos e destilava informações quando era mais favorável para ele. Informações suficientes para que pudéssemos identificar um agente no quartel-

general da OTAN em Bruxelas; um agente ilegal em Roma; o contato de uma rede de espiões em Berlim; o nome dos assassinos profissionais que ele contratara em Ankara ou Atenas. Ele não sabia muito sobre a Suécia, mas detinha informações sobre operações no exterior que podíamos igualmente repassar em troca de outras coisas. Ele era a nossa mina de ouro.

—Em outras palavras, vocês passaram a colaborar com ele.

—Conseguimos uma nova identidade para ele, só tivemos que oferecer um passaporte e algum dinheiro, depois ele se virou sozinho. Ele tinha sido treinado exatamente para isso.

Mikael calou-se alguns instantes a fim de digerir essas informações. Então ergueu os olhos para Björck.

—Você mentiu na última vez em que estive aqui.

—Como assim?

—Você disse que tinha conhecido Bjurman no clube de tiro da polícia nos anos 1980. Na verdade, vocês se conheceram bem antes.

Gunnar Björck meneou a cabeça, pensativo.

—Foi uma reação automática. Isso tudo é confidencial e não havia motivo para eu contar como conheci o Bjurman. Foi só quando você perguntou sobre o Zala que eu fiz a relação.

—Conte como foi.

—Eu tinha trinta e três anos e trabalhava na Säpo havia três. Bjurman tinha vinte e seis e acabava de se formar. Conseguiu um emprego na instrução de alguns casos jurídicos da Säpo. Na verdade, era mais um estágio. O Bjurman era de Karlskrona, o pai dele trabalhava no serviço de informação militar.

—E aí?

—Nem eu nem o Bjurman, diga-se, estávamos capacitados para lidar com um homem como o Zalachenko, mas ele nos contatou no dia das eleições, em 1976. A delegacia estava praticamente deserta - tinham todos saído no feriado, ou estavam em serviço de vigilância e coisas do gênero. E foi exatamente quando o Zalachenko escolheu entrar na delegacia de Norrmalm para declarar que estava pedindo asilo político e queria falar com alguém da Säpo. Säpo citou nenhum nome. Eu estava de plantão, achei que se tratava de um refugiado comum, então chamei o

Bjurman para instruir o caso comigo. Foi lá, na delegacia de Norrmalm, que conhecemos o Zalachenko. Björck esfregou os olhos.

—Ele ficou ali sentado, contando calmamente e de forma bem neutra como se chamava, quem era e no que trabalhava. Bjurman tomava nota. Passado algum tempo me dei conta de quem estava ali na minha frente e caí das nuvens. Então interrompi a entrevista e, mais que depressa, levei o Zalachenko e o Bjurman para longe da polícia oficial. Não sabia o que fazer, então reservei um quarto no Hotel Continental e o acomodei lá. Deixei o Bjurman de *baby-sitter* e desci até a recepção para telefonar para o meu chefe.

Súbito, ele caiu na gargalhada.

—Lembrei várias vezes dessa nossa atitude, de legítimos amadores. Mas enfim, foi assim que aconteceu.

—Quem era o seu chefe?

—Não interessa. Não pretendo citar mais ninguém.

Mikael deu de ombros e deixou passar esse detalhe sem discutir.

—Tanto eu como o meu chefe entendemos que tínhamos de agir no maior sigilo e envolver o menor número possível de pessoas no caso. O Bjurman não tinha nada a ver com a história — que estava muito além do nível dele - mas, uma vez que já estava a par, era melhor mantê-lo do que envolver mais uma pessoa. E imagino que o mesmo raciocínio se aplicava a um júnior como eu. Ao todo, sete pessoas ligadas à Säpo sabiam da existência de Zalachenko.

—E hoje, quantas pessoas sabem dessa história?

—De 1976 até o início dos anos 1990... umas vinte pessoas no total, do governo, do Estado-maior e da Säpo.

—E depois do início dos anos 1990? Björck deu de ombros.

—Assim que a União Soviética se esfacelou, ele deixou de ter qualquer interesse para nós.

- Mas o que aconteceu com Zalachenko depois que ele se instalou na Suécia?

Björck permaneceu tanto tempo calado que Mikael começou a se remexer na cadeira.

—Para ser bem sincero... O Zalachenko se transformou numa estrela e todos os envolvidos no caso construímos nossa carreira

em cima disso. Entenda, também era um trabalho em tempo integral. Fui nomeado mentor de Zalachenko na Suécia, e nos dez primeiros anos a gente deve ter se encontrado, se não diariamente, pelo menos várias vezes por semana. Foram os anos mais cruciais, quando ele estava cheio de informações novas. Mas também tinha a ver com ficar de olho nele.

—Como assim?

—O Zalachenko era uma víbora. Podia ser incrivelmente encantador como incrivelmente paranóico, doido. Passava por períodos de bebedeira, e se tornava violento. Em mais de uma oportunidade, tive de intervir à noite para ajeitar as confusões em que ele se metia.

—Por exemplo...?

—Por exemplo, ele ia a um restaurante, brigava com alguém e quebrava a cara dos dois seguranças que tentavam acalmá-lo. Era um homem meio baixinho e magro, mas tivera uma ótima formação no corpo a corpo e algumas vezes, infelizmente, exibia toda a sua competência. Aconteceu inclusive de eu ter de buscá-lo na delegacia.

—Estou achando esse cara meio pirado. Afinal, estava se arriscando a chamar a atenção. Não me parece muito profissional.

—Mas ele era assim. Não tinha cometido nenhum crime na Suécia e nunca era interrogado ou detido por motivo nenhum. Nós lhe fornecemos um pasSäporte sueco, uma carteira de identidade e um nome sueco. E a Säpo pagava para ele um apartamento num subúrbio de Estocolmo. Ele também recebia da Säpo um salário para ficar permanentemente à nossa disposição. Mas não podíamos proibir que ele frequentasse restaurantes ou tivesse seus rolos com as mulheres. Só nos restava fazer a faxina depois que ele passava. Essa foi minha missão até 1985, quando fui transferido e meu sucessor assumiu o bastão como guia de Zalachenko.

—E qual era o papel do Bjurman nisso tudo?

—Para ser sincero, Bjurman era um peso. Não era especialmente brilhante, e era o homem errado no lugar errado. Fora envolvido no caso Zalachenko por mero acaso. Ele só participou bem no início, e em raras ocasiões, quando precisávamos

lidar com algumas formalidades jurídicas. O meu chefe resolveu o problema com o Bjurman.

—Como?

—Da maneira mais simples. O Bjurman conseguiu um emprego fora da polícia, num escritório de advocacia que era, por assim dizer, próximo...

—Klang & Reine.

Gunnar Björck lançou a Mikael um olhar cortante. Então meneou a cabeça.

—Intelectualmente falando o Bjurman não era aquilo tudo, mas se saiu bem. Ao longo dos anos, sempre efetuou algumas missões, pequenas investigações, coisas assim, para a Säpo. De modo que ele também, de certa forma, construiu sua carreira em torno do Zalachenko.

—E onde está o Zala atualmente? Björck hesitou um instante.

—Não sei. Depois de 1985 meu contato com ele foi se espaçando, e faz quase doze anos que não o vejo. A última coisa que eu soube é que ele saiu da Suécia em 1992.

—Mas, manifestamente, está de volta. O nome dele surgiu num contexto envolvendo armas, drogas e tráfico de mulheres.

—Não que eu devesse ficar surpreso suspirou Björck. - Mas nada prova que seja o mesmo Zala, pode ser algum outro.

—A probabilidade de aparecerem dois Zala nessa história deve ser microscópica. Qual era o nome sueco dele?

Björck encarou Mikael.

—Isso eu não pretendo revelar.

—Você prometeu não criar caso.

—Você queria saber quem era o Zala. Eu contei. Mas não pretendo lhe entregar a última peça do quebra-cabeça sem ter certeza de que você vai cumprir sua parte no trato.

—O Zala provavelmente cometeu três assassinatos e a polícia está perseguindo uma inocente. Você está muito enganado se acha que eu vou largar do seu pé antes de saber o nome do Zala.

—Como você sabe que a Lisbeth Salander não é a assassina?

—Eu sei.

Gunnar Björck sorriu para Mikael. Sentiu-se, de repente, muito mais seguro.

—Eu acho que o assassino é o Zala - disse Mikael.

—Errado. O Zala não matou ninguém.

—Como você sabe?

—Porque o Zala tem atualmente sessenta e cinco anos e está bastante debilitado. Teve um pé amputado e caminha com dificuldade. Ele não foi até Odenplan ou Enskede para atirar em ninguém. Se fosse cometer um assassinato, teria primeiro que chamar uma ambulância.

Malu Eriksson sorriu educadamente para Sonja Modig.

—Isso você tem que perguntar ao Mikael.

—Está bem.

—Não posso conversar sobre a investigação dele com você.

—Mas se o tal Zala é um possível culpado...

—É com o Mikael que você deve falar sobre isso - repetiu Malu. —Posso te ajudar a pegar as informações do trabalho do Dag Svensson, mas não da nossa própria investigação.

Sonja Modig suspirou.

—Eu entendo o princípio. O que você pode me dizer sobre as pessoas desta lista?

—Só o que o Dag Svensson escreveu nada sobre as fontes. Mas acho que posso revelar que o Mikael entrou em contato com uma dúzia dessas pessoas e as eliminou da lista. Talvez isso ajude.

Sonja Modig meneou a cabeça, hesitante. *Não, não ajuda. A polícia vai ter que procurar cada um deles e realizar um interrogatório formal. Um juiz. Três advogados. Vários políticos e jornalistas... e alguns colegas. Vai ser uma festa.* Sonja Modig ponderou que a polícia deveria ter cuidado daquela lista já no dia seguinte aos assassinatos.

Seu olhar bateu num nome da lista. Gunnar Björck.

—Esse nome está sem endereço.

—É.

—Por quê?

—Ele trabalha na Säpo, o endereço dele é sigiloso. Mas no momento está de licença médica. O Dag Svensson não conseguiu encontrá-lo.

—E vocês, conseguiram? – perguntou Sonja Modig, sorrindo.

—Pergunte ao Mikael.

Sonja Modig fitou a parede acima da mesa de Dag Svensson. Refletiu.

—Eu posso lhe fazer uma pergunta pessoal?

—Pois não.

—Aqui na *Millennium,* quem vocês acham que é o assassino dos seus amigos e do doutor Bjurman?

Malu Eriksson não disse nada. Gostaria que Mikael Blomkvist estivesse ali para lidar com aquelas perguntas. Era desagradável ser inquirida daquele jeito, mesmo sendo absolutamente inocente. Mais desagradável ainda era não poder explicar em que pé estavam as conclusões da *Millennium.* Nisso, escutou a voz de Erika Berger atrás de si.

—Partimos do princípio de que os assassinatos visavam impedir a divulgação de uma das denúncias em que o Dag Svensson vinha trabalhando. Mas não sabemos quem atirou. O Mikael está se concentrando num desconhecido chamado Zala.

Sonja Modig se virou e olhou para a diretora da *Millennium.* Erika Berger ofereceu uma caneca de café para Malu e outra para Sonja. Uma ostentava o logotipo do sindicato dos funcionários e a outra, dos democrata-cristãos. Erika Berger sorriu educadamente. Em seguida, voltou para sua sala.

Retornou três minutos depois.

—Modig. O seu chefe acaba de telefonar. Seu celular está desligado. E para você ligar para ele.

O incidente na casa de campo de Bjurman desencadeou a tarde toda, uma atividade febril. Foi lançado um alerta nacional com a informação de que Lisbeth Salander enfim dera sinal de vida. O alerta informava que ela provavelmente estava se locomovendo numa Harley Davidson pertencente a Magge Lundin. Esclarecia que Salander estava armada e tinha atirado numa pessoa em frente a uma casa de campo perto de Stallarholmen.

A polícia colocou barreiras nos acessos a Strángnàs e Mariefred, e em todos os acessos a Södertälje. Os trens de subúrbio entre Södertälje e Estocolmo foram revistados à noite durante várias horas. Porém, nenhuma moça baixinha, com ou sem Harley Davidson, foi encontrada.

Só por volta das dezenove horas é que um carro de polícia encontrou uma Harley abandonada, estacionada em frente ao Parque de Exposições de Estocolmo em Àlvsjõ, o que transferiu as investigações de Södertálje para Estocolmo. De Àlvsjõ também chegou a notícia de que um pedaço de jaqueta de couro com o logotipo do mc Svavelsjõ havia sido encontrado. O achado levou o inspetor Bublanski a empurrar os óculos para a testa e contemplar, aborrecido, a escuridão lá fora, em Kungsholmen.

Aquele dia se transformara numa total escuridão. O sequestro da amiga de Salander, a intervenção de Paolo Roberto, mais um incêndio criminoso e delinquentes enterrados nas matas de Södertálje. E, para encerrar, um caos incompreensível em Stallarholmen.

Bublanski foi até a sala grande de trabalho e examinou um mapa de Estocolmo e redondezas. Seu olhar passou de Stallarholmen para Nykvarn, depois para Svavelsjõ, detendo-se em Àlvsjõ, as quatro localidades que, por motivos totalmente distintos, tinham entrado na história. Então pôs o olhar em Enskede e suspirou. Tinha a desagradável sensação de que a polícia estava quilômetros atrás do desenrolar dos fatos. Não conseguia entender nada. Quaisquer que fossem os bastidores dos assassinatos de Enskede eram muito mais complexos do que eles tinham pensado inicialmente.

Mikael Blomkvist nada sabia dos acontecimentos dramáticos de Stallarholmen. Deixou Smädalarö por volta das três da tarde. Parou num posto de gasolina para tomar um café, enquanto tentava resumir a situação.

Mikael estava bastante frustrado. Björck lhe fornecera muitos detalhes que o deixaram estupefato, mas também se negara categoricamente a lhe entregar a última peça do quebra-cabeça, relativa à identidade sueca de Zalachenko. Mikael se sentia enganado. A história terminava de repente e Björck recusava-se a revelar seu final.

—Nós temos um trato - insistiu Mikael.

—E eu cumpri a minha parte. Contei quem é o Zalachenko. Se quiser mais informações, vamos ter de redefinir o trato. Preciso de

garantias de que meu nome será deixado de fora e de que não vai haver nenhum desdobramento.

—Mas como eu posso lhe dar essas garantias? Não sou o dono da investigação policial, e mais cedo ou mais tarde eles vão chegar até você.

— O que me preocupa não é a investigação policial. O que eu quero são garantias de que você nunca vai me denunciar por causa das putas.

Mikael notou que Björck parecia mais preocupado em ocultar sua ligação com o comércio do sexo do que por ter passado informações tidas como segredo de Estado. Isso revelava um bocado sobre sua personalidade.

—Já prometi não escrever uma só palavra sobre você e essa história.

—Mas agora quero garantias de que nunca vai citar meu nome em relação com o Zalachenko.

Mikael não tinha a menor intenção de oferecer esse tipo de garantia. Ele até podia dar a Björck o tratamento de uma fonte anônima na trama de fundo, mas não tinha como garantir anonimato absoluto. Por fim, ambos haviam concordado em refletir um ou dois dias e então retomar a conversa.

Mikael tomava o seu café no posto de gasolina quando sentiu que havia alguma coisa bem ali, ao alcance de sua mão. Tão próximo que era quase um vulto, sem que ele conseguisse, porém, focalizar a imagem. Então ocorreu-lhe que talvez outra pessoa pudesse lançar alguma luz sobre aquela história. Mikael estava nas proximidades do Centro de Reeducação de Ersta. Consultou o relógio, levantou-se rapidamente e foi fazer uma visita a Holger Palmgren.

Gunnar Björck estava preocupado. O encontro com Mikael Blomkvist deixara-o completamente esgotado. Suas costas doíam como nunca. Tomou três analgésicos e se deitou no sofá da sala. Os pensamentos rodopiavam em sua cabeça. Depois de uma hora, levantou-se, pôs água para ferver e pegou uns saquinhos de chá. Sentou-se à mesa da cozinha e ficou matutando.

Será que podia confiar em Blomkvist? Ele jogara todos os seus trunfos e agora dependia da boa vontade do infeliz daquele

jornalista. Mas ele preservara a informação mais importante. A identidade de Zala e seu verdadeiro papel nos acontecimentos. Uma carta decisiva que ele guardava na manga.

Como é que ele tinha se metido naquela encrenca? Não era nenhum criminoso. Só tinha pago por algumas putas. Era solteiro. Aquela fedelha desgraçada de dezesseis anos nem sequer tinha fingido que gostava dele. Olhara para ele cheia de nojo.

Cretina. Se ao menos ela não fosse tão jovem. Se tivesse mais de vinte e um anos, ele não estaria naquela confusão. A mídia ia acabar com ele se descobrisse a história. Blomkvist também o detestava. Nem tentava disfarçar. *Zalachenko.*

Um cafetão. Que ironia. Ele tinha comido umas putas do Zalachenko. Mas Zalachenko era esperto o bastante para ficar na moita. O *Bjurman e a Salander. E o Blomkvist.* Uma saída.

Depois de refletir durante uma hora, foi até seu escritório e pegou o pedaço de papel com o número de telefone que ele anotara quando de uma visita ao seu local de trabalho no início da semana. Não era só isso que ele omitira a Mikael Blomkvist. Sabia exatamente onde se encontrava Zalachenko, mas fazia doze anos que não falava com ele. E não tinha a menor vontade de voltar a falar.

Mas Zalachenko era uma raposa esperta. Compreenderia o problema. Saberia sumir da face da terra. Ir se aposentar no exterior. Desastre mesmo seria ele ser preso. Então tudo era capaz de desabar.

Hesitou um bocado antes de pegar o telefone e discar o número.

—Olá. É o Sven Jansson - disse.

Um pseudônimo que ele não usava havia muito tempo. Zalachenko se lembrava muito bem dele.

28 - QUARTA-FEIRA 6 DE ABRIL – QUINTA-FEIRA 7 DE ABRIL

Bublanski se encontrou com Sonja Modig para tomarem um café com um sanduíche no Wayne's da Vasagatan lá pelas oito da noite. Ela nunca tinha visto seu chefe tão abatido. Ele a inteirou de tudo que acontecera naquele dia. Ela permaneceu muito tempo calada. Por fim, estendeu a mão e colocou-a no pulso de Bublanski. Era a primeira vez que ela o tocava e não havia outra intenção em seu gesto que não a amizade. Ele sorriu, triste, e da mesma forma amistosa deu uns tapinhas na mão dela.

—Talvez seja hora de eu me aposentar - disse ele. Ela sorriu com indulgência.

—Essa investigação está indo para o brejo - ele prosseguiu. — Aliás, já foi. Contei ao Ekström tudo o que aconteceu hoje e a única instrução que ele me deu foi "Faça o melhor possível". Ele parece incapaz de qualquer tipo de ação.

—Não quero falar mal dos meus superiores, mas no que me diz respeito o Ekström pode ir plantar coquinho.

Bublanski assentiu com a cabeça.

—Você está oficialmente de volta à investigação. Imagino que ele não vá lhe pedir desculpas.

Ela deu de ombros.

—Neste momento, tenho a impressão de que a investigação se limita a mim e a você — disse Bublanski. - O Faste saiu às pressas hoje de manhã, louco de raiva, e deixou o celular desligado o dia inteiro. Se ele não aparecer até amanhã, vou ser obrigado a emitir um alerta de busca.

—Por mim, o Faste pode ficar de fora. O que vai acontecer com o Niklas Eriksson?

—Nada. Eu queria que ele fosse indiciado, mas o Ekström não se atreveu. Mandamos o cara embora e fui ter uma conversinha com o Dragan Armanskij. Encerramos a colaboração da Milton, o que significa, infelizmente, que também perdemos o Steve Bohman. Pena. É um policial competente.

—E o Armanskij, como reagiu?

—Ficou arrasado. O interessante é que...

—É que...?

—O Armanskij me contou que a Lisbeth Salander nunca gostou do Eriksson. Lembrou que há alguns anos ela o aconselhou a despedir o cara. Disse que ele era um canalha, mas não quis explicar por quê. O Armanskij, obviamente, não seguiu o conselho dela.

—Humm.

—O Curt ainda está em Södertälje. Estão para efetuar uma busca na casa do Carl-Magnus Lundin. O Jerker está desenterrando o ex-presidiário Kenneth Gustafsson, vulgo Vagabundo, para os lados de Nykvarn. E pouco antes de eu chegar aqui ligou para dizer que também tem um corpo no segundo túmulo. Pela roupa, é uma mulher. Parece que já faz um tempinho que está ali.

—Um cemitério dentro da mata. Jan, tenho a impressão que essa história é muito mais monstruosa do que a gente pensava. A Salander não está sendo acusada dos assassinatos de Nykvarn, está?

Bublanski sorriu, pela primeira vez em muitas horas.

—Não. Dessa ela vai se livrar. Mesmo assim, está armada e atirou no Lundin.

—Chama a atenção ela ter atirado no pé e não na cabeça. No caso do Magge Lundin, talvez não faça muita diferença, mas a gente sempre achou que o assassino de Enskede era um excelente atirador.

- Sonja... Isso tudo é um completo absurdo. O Magge Lundin e o Benny Nieminen são dois grandalhões violentos com uma ficha criminal quilométrica. Lundin ganhou um pouco de peso, é verdade, e não está no melhor de sua forma, mas é perigoso. E o Nieminen é um patife brutal que costuma assustar até os fortões. Não consigo acreditar que uma magrelinha como a Salander tenha conseguido quebrar a cara deles desse jeito. O Lundin está seriamente ferido.

—Humm.

—Não estou dizendo que ele não merece. Mas não entendo como ela conseguiu fazer isso.

—A gente pergunta quando ela for pega. Mas existe um consenso de que ela é violenta.

—Seja como for, não consigo sequer imaginar o que aconteceu por lá. Estamos falando de dois sujeitos que o Curt Bolinder teria pensado duas vezes em enfrentar sozinho. E o Curt Bolinder não é particularmente um sujeito doce.

—A questão é saber se ela tinha algum motivo para atacar o Lundin e o Nieminen.

—Uma moça sozinha com dois psicopatas, dois cretinos puros-sangues, numa casa de campo deserta. Até posso imaginar os motivos - disse Bublanski.

—Será que ela teve a ajuda de alguém? Será que havia mais gente no local?

—Nada no exame técnico indica isso. A Salander entrou na casa. Havia uma xícara de café em cima da mesa. E, além disso, temos Anna Viktoria Hansson, que, do alto dos seus setenta e dois anos, dá uma de zeladora e repara em todo mundo que transita por ali. Ela jura que só passaram a Salander e os dois caras de Svavelsjõ.

—Como é que ela entrou na casa?

—Com uma chave. Acho que ela pegou no apartamento do Bjurman. Lembre...

—...dos lacres rompidos. É. Essa mocinha não para.

Sonja Modig tamborilou os dedos na mesa por alguns segundos, depois foi por outra direção.

—Deu para confirmar que o Lundin participou do sequestro da Miriam Wu?

Bublanski assentiu com a cabeça.

—Pedimos para o Paolo Roberto dar uma olhada nas fotos de uns cinquenta motoqueiros. Ele identificou o Lundin imediatamente, sem pensar duas vezes. Diz que é o mesmo homem que ele viu no armazém de Nykvarn.

—E o Mikael Blomkvist?

—Não consegui falar com ele. Ele não atende o celular.

—Bem. Mas o Lundin bate com a descrição do agressor da Lundagatan. Podemos então definir que o mc Svavelsjõ vem perseguindo a Salander já há algum tempo. Por quê?

Bublanski afastou os braços.

—Será que a Salander estava na casa de campo de Bjurman esse tempo todo em que vem sendo procurada? - quis saber Sonja Modig.

—Também pensei nessa hipótese. Mas o Jerker acha que não. A casa não parecia ter sido ocupada recentemente, e temos essa testemunha afirmando que ela só apareceu na aldeia hoje.

—Por que ela foi até lá? Custo a acreditar que tivesse um encontro marcado com o Lundin.

—Tem razão, é pouco provável. Ela deve ter ido lá buscar alguma coisa. E só encontraram uns arquivos que parecem ser uma investigação particular do Bjurman sobre a Lisbeth Salander. Uma pilha de documentos do Serviço Social e da Comissão de Tutelas referentes a Salander, e também antigas anotações sobre a escolaridade dela. Mas faltam alguns arquivos. Eles estão numerados. Temos o 1, o 4 e o 5.

—Faltam o 2 e o 3.

—E talvez outros depois do 5.

—O que leva a uma pergunta: por que a Salander iria procurar informações sobre si mesma?

—Vejo dois motivos. Ou está querendo esconder algo que ela sabe que Bjurman registrou a seu respeito, ou está tentando descobrir alguma coisa. Mas fica também outra pergunta.

—Ah, é?

—Por que o Bjurman fez uma pesquisa tão ampla sobre ela e depois escondeu tudo na casa de campo? Aparentemente, a Salander descobriu os arquivos no sótão. Ele era o tutor dela, tinha por missão cuidar de suas finanças e coisas do tipo. Mas os arquivos dão a impressão de que ele estava era obcecado pela vida dela a ponto de querer esmiuçar tudo.

—O Bjurman está cada vez mais parecendo uma figurinha meio suspeita. Pensei nisso hoje enquanto analisava a lista dos clientes sexuais na *Millennium.* Estava quase esperando topar com o nome dele.

—Bem pensado. Afinal, existe aquela coleção de sexo explícito no computador dele. Merece atenção. Descobriu alguma coisa?

—Não sei bem. O Mikael Blomkvist está se encontrando com todos os caras da lista, mas essa moça da *Millennium,* a Malu

Eriksson, diz que ele não descobriu nada de interessante. Jan... preciso te dizer uma coisa.

—O quê?

—Não acho que foi a Salander que fez tudo isso. Quero dizer, Enskede e Odenplan. No início, eu estava convencida da culpa dela, como todo mundo, mas não acredito mais nisso. E não sei nem explicar por quê.

Bublanski meneou a cabeça. E percebeu que concordava com Sonja Modig.

O gigante loiro andava para lá e para cá na casa de Magge Lundin em Svavelsjõ, preocupado. Parou em frente à janela da cozinha e espiou a estrada. Àquela hora, eles já deviam ter voltado. Sentiu a preocupação corroer-lhe as tripas. Tinha acontecido alguma coisa.

Além disso, não gostava de ficar sozinho na casa de Magge Lundin. Não conhecia a casa. Havia um sótão do lado do quarto dele, no piso superior, e a casa estalava o tempo todo de forma desagradável. Tentou se livrar daquele mal-estar. O gigante loiro sabia que era bobagem, mas nunca tinha gostado de ficar sozinho. Não sentia nenhum medo dos seres humanos de carne e osso, mas achava que casas de campo vazias tinham algo tremendamente inquietante. Os vários ruídos atiçavam sua imaginação. Não conseguia se livrar da sensação de que algo obscuro e maligno o observava pela fresta de uma porta. Às vezes tinha até a impressão de ouvir uma respiração.

Quando era mais jovem, caçoavam dele por causa de seu medo do escuro. Ou melhor, tinham caçoado até ele dar uma surra nos colegas e, eventualmente, em pessoas mais velhas que sentiam prazer nesse tipo de diversão. Ele era bom de surra.

Mas era um problema. Ele tinha horror a escuro e solidão. Odiava os seres que povoavam o escuro e a solidão. Queria que Lundin voltasse já. A presença de Lundin restabeleceria o equilíbrio, mesmo que eles não conversassem, mesmo que não estivessem no mesmo cômodo. Ele escutaria ruídos de verdade, movimentos, e saberia que havia seres humanos por perto.

Tentou se livrar do mal-estar escutando uns discos. Não se aguentando no lugar, procurou alguma coisa para ler nas prateleiras

de Lundin. Infelizmente, a veia intelectual de Lundin deixava muito a desejar e ele teve de se contentar com uma coleção de revistas antigas sobre motos, revistas masculinas e romances policiais maltratados do tipo que nunca o fascinara. Passou algum tempo limpando e azeitando a arma de fogo que guardava na sacola, o que o acalmou por uns momentos.

Por fim, incapaz de continuar na casa, saiu para dar uma voltinha no pátio e tomar ar. Manteve-se longe da vista dos vizinhos, mas parou de modo a enxergar janelas iluminadas onde havia gente. Ficando totalmente imóvel, podia ouvir uma música ao longe.

Quando quis entrar de novo na casa de Lundin, seu mal-estar tornou-se aterrador e ele ficou um tempão nos degraus da frente, coração disparado, até conseguir fazer um esforço e abrir resolutamente a porta.

As sete horas, desceu até a sala e ligou a tevê para assistir ao noticiário da **TV**4. Atônito, escutou as manchetes e, depois, a descrição dos incidentes na casa de campo de Stallarholmen. Era o tema central do noticiário.

Galgou os degraus da escada de quatro em quatro até o quarto de hóspedes, e enfiou suas coisas numa sacola. Dois minutos depois, saiu pela porta e arrancou com o Volvo branco num estardalhaço.

Saiu bem a tempo. A um quilômetro apenas de Svavelsjõ, cruzou com dois carros de polícia, luzes giratórias azuis ligadas, entrando na aldeia.

Depois de muito esforço, Mikael Blomkvist conseguiu se encontrar com Holger Palmgren por volta das dezoito horas de quarta-feira. Muito esforço porque precisou convencer os funcionários a que o deixassem entrar. Insistiu com tamanha energia que uma enfermeira ligou para um tal de Dr. A. Sivarnandan, que aparentemente morava bem perto da casa de saúde. Sivarnandan chegou depois de quinze minutos e assumiu o problema do jornalista persistente. De início, foi categórico. Nas duas últimas semanas, vários jornalistas tinham conseguido localizar Holger Palmgren e apelado para métodos quase desesperados a fim de obter alguma declaração. Holger Palmgren, por sua vez, teimara em

rechaçar todas essas visitas, e os funcionários tinham recebido ordem de não deixar entrar ninguém.

Sivarnandan também tinha acompanhado o caso com imensa preocupação. Estava apavorado com as manchetes sobre Lisbeth Salander na mídia e observou que seu paciente mergulhara numa profunda depressão que, na sua interpretação, era fruto da incapacidade em que Palmgren se via de fazer alguma coisa. Interrompera a reabilitação e passava os dias lendo os jornais e acompanhando a caçada a Lisbeth Salander pela tevê. O resto do tempo ficava matutando no quarto.

Mikael, teimoso, fincou pé diante da sala do Dr. Sivarnandan, explicando que não tinha a menor intenção de expor Holger Palmgren a qualquer situação desagradável e que não estava ali para obter uma declaração. Explicou que era amigo de Lisbeth Salander, que tinha dúvidas sobre a culpa dela e estava desesperadamente em busca de informações que pudessem lançar uma luz sobre alguns detalhes do seu passado.

O Dr. Sivarnandan não se deixava seduzir assim tão facilmente. Mikael precisou se sentar e explicar com calma seu papel naquele drama. Sivarnandan só cedeu ao fim de meia hora de discussão. Pediu que Mikael esperasse enquanto ele subia até o quarto de Holger Palmgren para perguntar se este aceitava recebê-lo.

Sivarnandan voltou após dez minutos.

—Ele concordou em recebê-lo. Se não for com a sua cara, vai mandá-lo embora. Você não está autorizado a entrevistá-lo nem a comentar esta visita na imprensa.

—Eu lhe garanto que não vou escrever uma linha sequer a respeito.

Holger Palmgren tinha um quarto pequeno com uma cama, uma cômoda, uma mesa e algumas cadeiras. Estava um espantalho, magro, de cabelos brancos, com evidentes problemas de desequilíbrio, mas ainda assim se levantou quando Mikael entrou. Não estendeu a mão, porém apontou para uma das cadeiras ao lado da mesa. Mikael sentou-se. Sivarnandan permaneceu no quarto. De início, Mikael custou a entender as palavras balbuciadas por Holger Palmgren.

—Quem é o senhor, para se apresentar como amigo de Lisbeth Salander, e o que quer?

Mikael inclinou-se para trás. Refletiu por um instante.

—Holger, o senhor não é obrigado a falar comigo. Mas peço que escute o que eu tenho a dizer antes de decidir se me põe daqui para fora.

Palmgren assentiu rapidamente com a cabeça e se arrastou até a cadeira em frente à de Mikael.

—Conheci Lisbeth Salander há mais ou menos dois anos. Contratei-a para fazer uma pesquisa para mim sobre um assunto que prefiro não abordar ou lembrar. Ela esteve comigo num lugar onde eu estava morando temporariamente e trabalhamos juntos por várias semanas.

Ele se perguntou até onde deveriam ir suas explicações a Palmgren. Resolveu se manter o mais próximo possível da verdade.

—No meio do caminho, aconteceram duas coisas. Uma delas é que a Lisbeth salvou a minha vida. A outra é que estivemos muito próximos durante um período. Aprendi a conhecê-la e gostava imensamente dela.

Sem entrar em detalhes, Mikael falou sobre sua relação com Lisbeth e do fim repentino dessa relação depois das festas de Natal do ano anterior, quando Lisbeth viajara para fora do país.

Em seguida falou sobre seu trabalho na *Millennium* e os assassinatos de Dag Svensson e Mia Bergman, e explicou como se via de repente envolvido na busca de um assassino.

—Entendo que o senhor andou sendo importunado por jornalistas recentemente e que os jornais publicaram bobagem que não acaba mais. Só o que posso fazer é lhe garantir que não estou aqui para obter material para um enésimo artigo. Sou provavelmente uma das raríssimas pessoas neste país que, neste momento, sem hesitar e sem segundas intenções, estão do lado de Lisbeth Salander. Acho que ela é inocente. Acho que um homem chamado Zalachenko está por trás desses assassinatos.

Mikael fez uma pausa. Alguma coisa faiscara nos olhos de Palmgren quando ele pronunciou o nome de Zalachenko.

—Se quiser contribuir com qualquer coisa que esclareça o passado dela, este é o momento. Se não quiser ajudá-la, vou estar

desperdiçando o meu tempo e sabendo, também, qual a sua posição.

Holger Palmgren não dissera sequer uma palavra durante o discurso de Mikael. No último comentário, houve outro brilho em seus olhos. Mas ele falou de um modo mais pausado e articulado que conseguiu.

—E o senhor quer mesmo ajudá-la. Mikael fez que sim com a cabeça. Holger Palmgren se inclinou para a frente.

—Descreva-me o sofá da sala dela. Mikael retribuiu o sorriso.

—Quando estive lá, havia um troço velho absolutamente imundo que só poderia interessar um antiquário. Início dos anos 1950, eu diria. Tinha umas almofadas de tecido marrom com uma estampa amarela. O tecido estava rasgado em vários pontos e o enchimento saindo para fora.

Holger Palmgren caiu na gargalhada. Mais parecia estar limpando a garganta. Olhou para o Dr. Sivarnandan.

—Ele pelo menos esteve no apartamento dela. Diga-me, doutor, posso pedir café para o meu convidado?

—Mas é claro.

Sivarnandan se levantou e saiu do quarto. Deteve-se na porta e, com a cabeça, acenou para Mikael.

—Alexander Zalachenko - disse Holger Palmgren, assim que a porta fechou.

Mikael arregalou os olhos.

—Conhece esse nome?

Holger Palmgren meneou a cabeça.

—A Lisbeth me disse o nome dele. Acho que é importante eu contar história para alguém... caso me dê na telha morrer de repente, o que não improvável.

—A Lisbeth? Como ela sabia da existência dele?

—Ele é o pai da Lisbeth Salander.

Num primeiro momento, Mikael custou a entender o que Holger Palmmer dizia. Aos poucos, as palavras abriram caminho dentro dele.

—O que está dizendo?

—O Zalachenko chegou aqui nos anos 1970. Era uma espécie de refugiado político - nunca entendi muito bem essa história e

Lisbeth sempre foi muito muquirana em matéria de informação. Esse era um assunto no qual ela não queria tocar de jeito nenhum.

A *certidão de nascimento. Pai desconhecido.*

—O Zalachenko é o pai da Lisbeth - Mikael repetiu.

—Nesses anos todos desde que a conheço, ela só contou o que tinha acontecido uma única vez. Foi mais ou menos um mês antes de eu sofrer o derrame. O que eu entendi foi o seguinte: o Zalachenko chegou em meados dos anos 1970. Conheceu a mãe da Lisbeth em 1977, eles se tornaram um casal e o resultado foram duas crianças.

—Duas?

—A Lisbeth e sua irmã, Camilla. Elas são gêmeas.

—Meu Deus - quer dizer que tem outra igual a ela!

—Elas são muito diferentes. Mas essa é outra história. A mãe da Lisbeth se chamava Agneta Sofia Sjõlander. Tinha dezessete anos quando conheceu Alexander Zalachenko. Não sei de detalhes, mas pelo que entendi, ela era uma moça um tanto imatura e foi uma presa fácil para um homem mais velho e experiente. Ficou impressionada com ele e, como é provável, se apaixonou perdidamente.

—Entendo.

—O Zalachenko se mostrou tudo, menos simpático. Era muito mais velho que ela. Imagino que estivesse procurando uma mulher fácil, mais nada.

—O senhor deve ter razão.

—Ela decerto fantasiava um futuro seguro ao lado dele, só que ele não tinha a menor intenção de se casar. Aliás, eles nunca se casaram, mas em 1979 ela mudou o sobrenome de Sjõlander para Salander. Deve ter sido o jeito que ela encontrou de mostrar que estavam juntos.

—Como assim?

—Zala. *Salander.*

—Caramba! — exclamou Mikael.

—Comecei a me debruçar sobre o assunto bem na época em que fiquei doente. O que aconteceu depois é que o Zalachenko se revelou um psicopata de primeira. Bebia e espancava Agneta. Pelo que pude entender, essa violência se estendeu por toda a infância

das meninas. Lisbeth se lembra que o Zalachenko aparecia regularmente. Ás vezes se ausentava por longos períodos e, de repente, estava de novo na Lundagatan. E toda vez era a mesma coisa. Ele vinha pelo sexo e para beber, e a história sempre acabava com Agneta Salander sofrendo diferentes maus-tratos. Lisbeth me contou detalhes que dão a entender que não eram apenas maus-tratos físicos. Ele vinha armado, ameaçador, parecia muito um sádico que curte o terror psicológico. Pelo que eu soube, só foi piorando com os anos. A mãe de Lisbeth passou grande parte da década de 1980 aterrorizada.

—Ele também batia nas filhas?

—Não. Aparentemente, não tinha o menor interesse pelas filhas. Mal as cumprimentava. A mãe em geral as mandava para o quarto quando o Zalachenko chegava, e elas não podiam sair sem permissão. Uma ou outra vez pode ter acontecido de ele dar um tapa em Lisbeth ou na irmã, mas era mais porque elas estavam atrapalhando ou no meio do caminho. A violência era toda dirigida à mãe.

—Puta merda. Coitada da Lisbeth. Holger Palmgren assentiu com a cabeça.

—A Lisbeth me contou isso cerca de um mês antes de eu sofrer o derrame. Era a primeira vez que ela falava abertamente sobre o que havia acontecido. Eu tinha acabado de decidir que daria um basta àquela bobagem de tutela. A Lisbeth é tão inteligente como qualquer um de nós, e eu estava me preparando para rediscutir o caso dela no tribunal de instâncias. Aí sofri o derrame... e quando acordei, estava aqui.

Fez um gesto largo com o braço. Uma enfermeira bateu à porta e entrou com o café. Palmgren se manteve calado até ela sair do quarto.

—Há coisas que não entendo nessa história. Agneta Salander foi obrigada a ir para o hospital uma dúzia de vezes. Li o dossiê dela. Era manifestamente vítima de maus-tratos severos e o Serviço Social teria de ter intervindo. Mas nada aconteceu. A Lisbeth e a Camilla eram encaminhadas para eles quando a mãe estava hospitalizada, mas assim que ela tinha alta voltava para casa para esperar pelo próximo *round. A* única explicação que me ocorre é

que a rede de proteção social inteira falhou em sua missão e que a Agneta tinha medo demais para fazer qualquer coisa além de esperar pelo seu torturador. Então, alguma coisa aconteceu. A Lisbeth chama isso de Todo o Mal.

—E o que vem a ser isso?

—Fazia vários meses que Zalachenko não aparecia. Lisbeth acabava de completar doze anos. Estava começando a acreditar que ele tinha sumido de vez. O que, evidentemente, não era o caso. Um dia ele voltou. Primeiro, Agneta fechou Lisbeth e a irmã no quarto. Em seguida, teve relações com o Zalachenko. E depois ele começou a espancá-la. Sentia prazer em torturá-la. Só que dessa vez não eram duas criancinhas que estavam fechadas no quarto... As meninas tiveram outra reação. Camilla tinha verdadeiro pânico de que alguém descobrisse o que acontecia em casa. Reprimia tudo e fazia de conta que não via que a mãe era maltratada. Quando os golpes cessavam, Camilla costumava ir fazer um carinho no pai como se estivesse tudo muito bem.

—Era o jeito dela de se proteger.

—É. Mas a Lisbeth era de outro calibre. Dessa vez, ela interrompeu a sessão de violência. Foi até a cozinha, pegou uma faca e enfiou-a no ombro de Zalachenko. Ela o apunhalou cinco vezes, até que ele conseguiu tomar a faca e lhe dar um soco. Os cortes não foram fundos, mas ele começou a sangrar feito um porco, e deu no pé.

—Isso é bem a cara da Lisbeth. Palmgren riu.

—É. É melhor não deixar Lisbeth Salander nervosa. A atitude dela com as pessoas à sua volta é: se alguém a ameaça com um revólver, ela consegue um revólver maior. É o que me assusta tanto neste caso agora.

—Todo o Mal foi isso?

—Não. Agora vão acontecer duas coisas. Mas eu não consigo entender. O Zalachenko saiu suficientemente ferido para precisar ir até o hospital. Deveria ter havido uma investigação policial.

—Mas?

—Mas até onde sei não houve absolutamente nada. Lisbeth afirma que um homem foi falar com Agneta. Não sabe o que eles

disseram nem quem ele era. Depois disso, a mãe disse a Lisbeth que o Zalachenko tinha perdoado tudo.

—Perdoado?

—Foram as palavras dela. De repente, Mikael entendeu.

Björck. Ou um dos colegas de Björck. Era preciso fazer a limpeza atrás do Zalachenko. Que canalha! Ele fechou os olhos.

—O que foi? - perguntou Palmgren.

—Acho que sei o que aconteceu. E desta vez alguém vai pagar por isso. Mas continue.

—O Zalachenko ficou meses sem aparecer. Lisbeth esperava por ele e se preparava. Matava aula o tempo todo para vigiar a mãe. Morria de medo que Zalachenko a machucasse. Tinha doze anos e se sentia responsável por aquela mãe que não ousava procurar a polícia e não conseguia romper com Zalachenko, ou que talvez não percebesse a gravidade da situação. Mas, justamente no dia em que o Zalachenko voltou, a Lisbeth estava na escola. Chegou em casa quando ele estava saindo do apartamento. Ele. não disse nada. Apenas riu. A Lisbeth entrou e deparou com a mãe desacordada no chão da cozinha.

—E o Zalachenko não encostou na Lisbeth?

—Não. Ela o alcançou quando ele já estava entrando no carro. Ele baixou o vidro, provavelmente para lhe dizer alguma coisa. A Lisbeth tinha se preparado. Jogou dentro do carro uma caixa de leite que ela tinha enchido de gasolina. E então riscou um fósforo.

—Meu Deus!

—Duas vezes ela tentou matar o pai. Desta vez, houve conseqüências. Um homem ardendo feito uma tocha dentro de um carro na Lundagatan não podia passar despercebido.

—Seja como for, ele sobreviveu.

—O Zalachenko ficou muito mal, com queimaduras graves. Teve que amputar um pé. Ficou com o rosto seriamente queimado, e com queimaduras no corpo inteiro. E Lisbeth acabou na psiquiatria infantil do Sankt Stefan.

Embora já soubesse de cor cada palavra, Lisbeth Salander releu atentamente os documentos a seu respeito que tinha encontrado na casa de campo de Bjurman. Depois acomodou-se no recanto da janela e abriu a cigarreira que Miriam Wu lhe dera de

presente. Acendeu um cigarro e contemplou Djurgârden. Descobrira detalhes sobre sua vida que não conhecia.

Tantas peças do quebra-cabeça estavam se encaixando que ela chegou a ficar gelada. O que a interessava antes de mais nada era o relatório policial redigido por Gunnar Björck em fevereiro de 1991. Não poderia afirmar quem era Björck entre todos os adultos que haviam falado com ela, mas julgava saber quem ele era. Apresentara-se com outro nome. Sven Jansson. Lembrava-se de cada nuança de seu rosto, de cada palavra dita e de cada gesto dele nas três ocasiões em que se encontraram.

Tinha sido um caos completo.

Dentro do carro, Zalachenko ardia feito uma tocha. Tinha conseguido abrir a porta e rolar para a calçada, mas sua perna ficara presa no cinto de segurança em meio ao fogo. Algumas pessoas acorreram e abafaram as chamas. Os bombeiros chegaram para apagar o incêndio do carro. Veio a ambulância, e ela tentou convencer os paramédicos a deixar Zalachenko para lá e ir cuidar de sua mãe. Eles a rechaçaram. Veio a polícia e algumas testemunhas apontaram para ela. Ela tentou explicar o que havia acontecido, mas teve a impressão de que ninguém a escutava, e de repente se viu no banco traseiro de um carro da polícia, e tinham se passado minutos, minutos e mais minutos que quase viraram uma hora, antes que a polícia finalmente entrasse no apartamento e encontrasse sua mãe.

Agneta Sofia Salander estava desacordada. Tinha lesões cerebrais. O primeiro de uma longa série de derrames fora desencadeado pelas pancadas. Ela nunca viria a se recuperar.

Lisbeth compreendeu de repente por que ninguém lera o relatório policial, por que Holger Palmgren não conseguira lhe pôr as mãos e por que hoje o procurador Richard Ekström, que comandava a caçada contra ela, não tinha acesso a ele. O relatório não fora redigido pela polícia comum. Fora escrito por um idiota da Säpo. Havia nele carimbos indicando que a investigação era considerada confidencial com base na lei de segurança nacional.

Alexander Zalachenko tinha trabalhado para a Säpo.

Não se tratava de uma investigação. Tratava-se do abafamento de um caso. Zalachenko era mais importante que Agneta Salander.

Não podia ser identificado ou denunciado. Zalachenko não existia.

Zalachenko não era o problema - o problema era Lisbeth Salander, a garota maluca que ameaçava detonar um dos maiores segredos da nação.

Um segredo de que ela não tinha nenhum conhecimento. Pôs-se a raciocinar. Zalachenko conhecera sua mãe quase em seguida quando chegara à Suécia. Tinha se apresentado com seu verdadeiro nome. Ainda não ganhara um nome de fachada nem a identidade sueca. O que explicava Lisbeth não ter encontrado seu nome em nenhum registro oficial naqueles anos todos. Ela sabia o seu nome verdadeiro. Mas o Estado sueco lhe dera um novo nome.

Ela captou a idéia geral. Se Zalachenko fosse indiciado por golpes e ferimentos agravados, o advogado de Agneta Salander ia começar a sondar o passado dele. *Onde é que o senhor trabalha, senhor Zalachenko? Qual o seu verdadeiro nome?*

Se Lisbeth Salander ficasse no Serviço Social, alguém talvez começasse a fuçar. O que também aconteceria se o atentado com coquetel Molotov fosse minuciosamente investigado, embora ela fosse jovem demais para ser indiciada. Imaginou as manchetes dos jornais. O relatório precisava, portanto, ser redigido por uma pessoa de confiança. E, depois, arquivado como *top secret* e muito bem enterrado, para que ninguém pudesse encontrá-lo. E Lisbeth Salander também tinha de ser tão bem enterrada que ninguém pudesse achá-la.

Gunnar Björck.

Sankt Stefan.

Peter Teleborian.

A explicação a deixou fora de si.

Prezado Estado... Vou ter uma conversinha com você caso um dia eu descubra com quem devo falar.

Perguntou-se rapidamente o que o ministro de Assuntos Sociais iria achar se um coquetel Molotov atravessasse as portas do seu ministério. Na falta de responsáveis, porém, Peter Teleborian era um bom substituto. Anotou mentalmente que teria que cuidar muito bem do caso dele assim que resolvesse todo o resto.

Mas ela ainda não entendia todos os meandros. Zalachenko reaparecera de repente depois de todos esses anos. Corria o risco

de ser denunciado por Dag Svensson. *Dois tiros. Dag Svensson e Mia Bergman.* Uma arma que tinha as impressões digitais dela...

Zalachenko, ou quem ele enviara para executar a sentença, evidentemente não podia saber que ela achara o revólver na gaveta de Bjurman e o manipulara. Isso tinha sido puro acaso, mas para ela estava claro desde o começo que devia haver um vínculo entre Bjurman e Zala.

Mesmo assim, algo não estava colando naquela história. Ficou refletindo e experimentando, uma por uma, as peças do quebra-cabeça.

Só existia uma resposta plausível.

Bjurman.

Bjurman tinha feito uma investigação sobre ela. Estabelecera o elo entre ela e Zalachenko. E voltara-se para Zalachenko.

Ela tinha um filme que mostrava Bjurman violentando-a. Era a sua espada na nuca de Bjurman. Bjurman devia ter imaginado que Zalachenko poderia obrigar Lisbeth a revelar onde estava o filme.

Afastou-se da janela e foi pegar o CD na gaveta da escrivaninha, no qual escrevera “Bjurman” com a caneta-marcador. Não tinha sequer guardado o CD numa capinha. Não o tinha assistido desde que o mostrara em pré-estreia há Bjurman dois anos antes. Segurou-o um instante, e em seguida guardou-o de volta na gaveta.

Bjurman fora um idiota. Se tivesse cuidado da vida dele, ela o teria deixado em paz desde que conseguisse reverter sua tutela. Já o Zalachenko nunca o teria deixado em paz. Bjurman se tornaria para todo sempre o cãozinho de estimação de Zalachenko. O que não deixava de ser um merecido castigo.

A rede de Zalachenko. Tentáculos que se estendiam até o mc Svavelsjõ.

O *gigante loiro.*

Ele era a chave.

Precisava encontrá-lo e obrigá-lo a revelar onde Zalachenko se escondia.

Acendeu mais um cigarro e contemplou o castelo de Skeppsholmen. Deslocou o olhar para as montanhas-russas do parque de diversões de Grõna Lund. Súbito, falou consigo mesma

em voz alta. Imitou uma voz que tinha ouvido um dia num filme da tevê.

Daaaaddyyyyy, I am coming to get yoooou.

Se alguém escutasse, diria que ela era louca de atar. Às sete e meia da noite, ligou a tevê para ver as últimas notícias da caça a Lisbeth Salander. Teve o maior choque de sua vida.

Bublanski conseguiu localizar Hans Faste no celular pouco antes das vinte horas. Não foram gentilezas que eles trocaram pela rede de telecomunicações. Bublanski não perguntou a Faste onde ele tinha estado apenas comunicou-lhe friamente os acontecimentos do dia.

Faste estava abalado.

Cansara-se daquele circo que estava a delegacia e fizera uma coisa que nunca tinha feito antes em serviço. Furioso, fora até o centro da cidade. Desligara o celular e se sentara num *pub* da Estação Central, onde tomara duas cervejas, fervendo de raiva.

Depois, voltou para casa, tomou uma ducha e caiu no sono. Estava precisando dormir.

Acordou a tempo de assistir *Rapport,* e seus olhos quase saltaram das órbitas quando viu o noticiário. Um cemitério em Nykvarn. Lisbeth Salander tinha atirado no chefe do mc Svavelsjõ. Caçada humana pelos subúrbios da zona sul. O cerco estava se fechando.

Ligou o celular.

O diacho do Bublanski telefonou quase em seguida, informando que a partir daquele momento a investigação passava oficialmente a procurar outro culpado também. E mandou-o substituir Jerker Holmberg no exame do local do crime em Nykvarn. Bem agora que a investigação Salander chegava ao fim, Faste ia juntar guimba de cigarro no meio do mato. E a Salander ia ficar para os outros.

O que o MC Svavelsjõ estava fazendo nessa história?

Afinal, talvez houvesse algum nexo no que aquela puta de uma lésbica da Modig falava.

Não, não era possível.

Tinha que ser a Salander.

Queria ser ele a prendê-la. Tinha tanta vontade de prendê-la que apertou o celular até quase machucar a mão.

Holger Palmgren observou calmamente Mikael Blomkvist, que andava de lá para cá em frente à janela do pequeno quarto. Eram cerca de sete e meia da noite e fazia quase uma hora que eles estavam conversando sem interrupção. Por fim, Palmgren bateu na mesa para chamar a atenção de Mikael.

—Sente-se, ou vai gastar a sola dos sapatos - disse, passando a tratá-lo por “você”.

Mikael se sentou.

—Quantos segredos - disse ele. —Eu não tinha percebido qual era o elo até você me contar sobre o passado de Zalachenko. Só tinha visto as avaliações do estado de Lisbeth declarando que ela era psicologicamente perturbada.

—Peter Teleborian.

—Ele só pode ter um tipo de acordo com o Björck. Deve ser alguma espécie de colaboração.

Mikael meneou a cabeça, pensativo. O que quer que acontecesse, Peter Teleborian seria objeto de uma investigação jornalística.

—Lisbeth pediu que eu ficasse longe dele. Disse que ele era do mal. Holger Palmgren fitou-o com atenção.

—Quando ela disse isso?

Mikael ficou quieto. Então sorriu e olhou para Palmgren.

—Mais segredos. Caramba. Eu me comuniquei com ela enquanto ela estava foragida. Pelo computador. Mensagens sucintas e herméticas da parte dela, mas o tempo todo me orientando na direção certa.

Holger Palmgren suspirou.

—E é claro que você não contou isso à polícia - disse ele.

—Não. Não exatamente.

—Oficialmente, você também não contou para mim. Mas ela entende bastante de informática.

Você nem imagina o quanto.

—Confio muito na capacidade que ela tem de se virar. Ela até pode viver modestamente, mas é uma batalhadora.

Nem tão modestamente. Ela roubou quase três bilhões de coroas. Não vai morrer de fome. Tem um cofre cheio de moedas de ouro, igual ã Píppi Meialonga.

—O que eu não entendo - disse Mikael - é por que você não tomou nenhuma atitude nesses anos todos.

Holger Palmgren deu outro suspiro. Sentia-se imensamente triste.

—Eu fracassei - disse. —Quando fui indicado como seu administrador *ad hoc,* ela era só mais uma no meio de um batalhão de jovens problemáticos. Tive dezenas deles. Foi o Bengt Brâdhensjõ quem me confiou essa missão, quando era chefe do Serviço Social. A Lisbeth já estava em Sankt Stefan na época e eu nem sequer estive com ela no primeiro ano. Falei umas vezes com o Teleborian e ele me explicou que ela era psicótica e estava recebendo todos os cuidados possíveis e imagináveis. Naturalmente, acreditei. Mas falei também com o Jonas Beringer, que, na época, era chefe do setor. Não creio que ele estivesse envolvido nessa história. Fez uma avaliação a pedido meu, e concordamos em tentar reinseri-la na sociedade por meio de uma família adotiva. Ela estava com quinze anos.

—E a partir daí você a acompanhou por todos esses anos?

—Não o suficiente. Briguei por ela depois do episódio do metrô. Eu já a conhecia melhor e gostava muito dela. Ela tinha personalidade. Consegui evitar que fosse internada. O compromisso que conseguimos firmar com as autoridades foi que ela seria declarada incapaz e eu me tornaria seu tutor.

—Também não dá para supor que o Björck tenha conseguido influenciar a decisão do tribunal. Isso teria chamado a atenção. Ele queria que ela fosse trancafiada e, para alcançar seus fins, tentou passar uma imagem bem negativa dela através das avaliações psiquiátricas, graças, entre outros, ao Teleborian, na esperança de que o tribunal tomasse a decisão lógica. Em vez disso, o tribunal adotou o seu ponto de vista.

—Eu nunca achei que ela devia ser colocada sob tutela. Mas, para ser sincero confesso que não me esforcei muito para tentar reverter essa decisão. Eu deveria ter agido com mais vigor, e mais cedo. Mas eu gostava muito da Lisbeth e... ficava o tempo todo adiando. Estava com casos demais para cuidar. Depois, acabei caindo doente.

Mikael assentiu com a cabeça.

—Não acho que tenha motivos para se recriminar. Você é uma das poucas pessoas que a apoiaram nesses anos todos.

—O problema era que eu não sabia que tinha de intervir. A Lisbeth era minha cliente, mas nunca mencionou o Zalachenko. Depois que teve alta no Sankt Stefan, ela precisou de vários anos para demonstrar umas migalhas de confiança em mim. Só depois do processo é que eu senti que, aos poucos, ela estava começando a se comunicar comigo para além das formalidades obrigatórias.

—Como foi que ela passou a falar no Zalachenko?

—Imagino que, apesar de tudo, ela estava começando a confiar em mim. Além disso, eu já tinha aventado várias vezes a possibilidade de mandar suspender a tutela. Ela pensou sobre o assunto por alguns meses. Depois, ligou um dia para marcar um encontro. Tinha terminado de pensar. E então me contou toda a história do Zalachenko e a interpretação dela sobre o que tinha acontecido.

—Entendo.

—Então talvez entenda que, para mim, esse era um prato e tanto para digerir. Foi quando comecei a remexer nessa história. E não consegui sequer achar o Zalachenko num registro civil sueco. Tinha horas em que era difícil saber se ela não estava inventando aquilo tudo.

—Quando você sofreu o derrame, o tutor passou a ser o Bjurman. Certamente não foi por acaso.

—Não foi. Não sei se algum dia vamos conseguir provar, mas tenho a impressão de que se cavoucarmos bem fundo vamos achar... o sujeito, quem quer que seja ele, que ficou no lugar do Björck cuidando da faxina do caso Zalachenko.

—Não me parece nada difícil entender a recusa absoluta da Lisbeth em falar com psicólogos e autoridades - disse Mikael. — Toda vez que ela tentou, as coisas só pioraram. Ela tentou explicar o que tinha acontecido para dezenas de adultos e ninguém a escutou. Tentou, sozinha, salvar a vida da mãe e defendê-la de um psicopata. Acabou fazendo a única coisa que podia fazer. E em vez de ouvir um “você fez bem” e “você é uma boa menina”, foi trancafiada num asilo de doidos.

—Não é assim tão simples. Espero que você perceba que existe algo estranho com a Lisbeth - disse Palmgren com ar grave.

—O que você quer dizer?

—Você deve saber que ela teve um bocado de problemas na infância, dificuldades escolares e tudo mais.

—Os jornais repetiram isso à exaustão. Eu com certeza também teria tido uma escolaridade difícil se tivesse tido a infância dela.

—Os problemas da Lisbeth vão bem além daqueles do seu ambiente familiar. Li todas as avaliações psiquiátricas sobre ela e não há um diagnóstico sequer. Mas acho que nós dois concordamos que a Lisbeth Salander não é uma pessoa igual às outras. Você já jogou xadrez com ela?

—Não.

—Ela tem memória fotográfica.

—Isso eu sei. Deu para perceber na convivência com ela.

—Certo. Ela adora enigmas. Uma vez, quando veio me visitar no Natal, dei uns problemas de um teste de inteligência da Mensa para ela resolver. Um teste desses que mostram cinco símbolos similares e a gente tem que definir qual é o sexto símbolo.

—Ah, sei.

—Eu mesmo tinha tentado fazer esse teste e acertei mais ou menos à metade. E fiquei duas noites quebrando a cabeça. Ela deu uma olhada no papel e respondeu corretamente a todas as perguntas.

—Certo - disse Mikael. —A Lisbeth é uma menina muito especial.

—Ela tem muita dificuldade em se comunicar com os outros. Pensei numa modalidade da síndrome de Asperger, ou algo assim. Se você ler a descrição clínica dos portadores da síndrome de Asperger, algumas coisas têm tudo a ver com a Lisbeth, mas outras não.

Calou-se por alguns instantes.

—Ela não é nem um pouco perigosa para quem a deixa em paz e a trata com respeito.

Mikael assentiu com a cabeça.

—Mas ela é violenta, sem dúvida - disse Palmgren em voz baixa. —Quando provocada ou ameaçada, pode revidar com extrema violência.

Mikael meneou a cabeça mais uma vez.

—A questão é saber o que a gente faz agora - disse Holger Palmgren.

—A gente agora tem que achar o Zalachenko - respondeu Mikael. Nisso, o Dr. Sivarnandan bateu na porta.

—Espero não estar atrapalhando. Mas se estão interessados na Lisbeth Salander, vale a pena ligar a tevê e assistir o *Rapport.*

29 - QUARTA-FEIRA 6 DE ABRIL – QUINTA-FEIRA 7 DE ABRIL

Lisbeth Salander tremia de raiva. De manhã, tinha tranqüilamente ido até a casa de campo de Bjurman. Não ligava o computador desde a noite anterior e, durante o dia, estivera ocupada demais para ouvir o noticiário. Estava preparada para a confusão de Stallarholmen ocasionar umas manchetes, mas foi pega totalmente de surpresa pela tempestade que desabou sobre ela com as notícias da tevê.

Miriam Wu estava no hospital de Söder, rebentada por um gigante loiro que a raptara em frente à sua casa na Lundagatan. Seu estado era considerado grave.

Paolo Roberto a salvara. Como ele tinha ido parar no armazém de Nykvarn era um mistério. Foi entrevistado ao sair do hospital, mas não quis fazer nenhuma declaração. Pelo seu rosto, até dava para supor que estava saindo de dez *rounds* disputados com as mãos atadas às costas.

Tinham sido desenterrados no mato os despojos de duas pessoas, na mesma área para onde Miriam Wu havia sido levada. A polícia comunicava que no final do dia fora descoberto um terceiro ponto que seria escavado. Talvez ainda houvesse outros túmulos no terreno.

Em seguida, a caçada a Lisbeth Salander.

O cerco se fechava em volta dela. Durante o dia, a polícia a localizara numa aldeia de veraneio nas proximidades de Stallarholmen. Estava armada e era perigosa. Tinha atirado num dos Hell's Angel, talvez em dois. A agressão se dera na casa de campo de Nils Bjurman. A polícia acreditava que ela conseguira furar o cerco e deixar a região.

O chefe do inquérito preliminar, Richard Ekström, deu uma coletiva de imprensa. Suas respostas foram evasivas. Não, não podia dizer se Lisbeth Salander tinha alguma relação com os Hell's Angels. Não, não podia confirmar que Lisbeth Salander tinha sido vista no armazém de Nykvarn. Não, nada indicava que se tratasse de um acerto de contas entre gângsteres. Não, não estava definido que Lisbeth Salander era a única culpada dos assassinatos de

Enskede - a polícia jamais afirmara que era ela a assassina - disse Ekström. Só estavam à sua procura para ouvir o que ela tinha a dizer sobre o caso.

Lisbeth Salander franziu o cenho. Aparentemente, alguma coisa acontecera nos bastidores da investigação policial.

Ela correu para a internet e leu, para começar, as páginas dos jornais, e depois entrou sucessivamente no disco rígido do procurador Ekström, no de Dragan Armanskij e no de Mikael Blomkvist.

A caixa postal de Ekström continha várias mensagens interessantes, notadamente um memorando enviado pelo inspetor Jan Bublanski às 17h22. Era sucinto e bastante crítico quanto à maneira como Ekström vinha conduzindo o inquérito preliminar. O e-mail terminava com o que decerto devia ser considerado um ultimato. Bublanski procedia por pontos. Exigia (a) que a inspetora Sonja Modig fosse imediatamente reintegrada à sua equipe, (b) que fosse alterada a orientação da investigação no sentido de obter culpados alternativos para os assassinatos de Enskede e (c) que se abrisse uma verdadeira investigação sobre o misterioso indivíduo conhecido pelo nome de Zala.

[As acusações contra Lisbeth Salander baseiam-se num único e pesado indício - suas impressões digitais na arma do crime. Isso constitui de fato, como você sabe muito bem, uma prova de que ela manipulou a arma, mas não uma prova de que ela a usou, e muito menos de que a apontou para as vítimas.

Na atual situação, sabemos que outros atores estão envolvidos nessa tragédia, que a polícia de Södertalje descobriu dois corpos enterrados e vai cavar um terceiro ponto. O tal depósito pertence a um primo de Carl-Magnus Lundin. A mim parece evidente que Lisbeth Salander, não obstante a sua violência e qualquer que seja o seu perfil psicológico, não tem nada a ver com isso tudo.]

Bublanski concluía declarando que, se suas exigências não fossem atendidas, se sentiria obrigado a se retirar das investigações, o que não faria sem um certo alarde. Ekström lhe respondera que fizesse o que achasse melhor.

No disco rígido de Dragan Armanskij, Lisbeth achou outras informações, mas essas a deixaram um tanto perplexa. Uma breve

troca de e-mails com o departamento contábil esclarecia que Niklas Eriksson estava deixando a empresa. Receberia o proporcional de férias e os três meses de indenização por demissão. Um e-mail endereçado ao vigia determinava que, tão logo entrasse no prédio, Eriksson fosse obrigatoriamente escoltado até sua sala para pegar seus objetos pessoais, e em seguida conduzido para fora. Um e-mail para o setor técnico determinava que solicitassem a Eriksson sua chave mestra.

O mais interessante, porém, era uma troca de e-mails entre Dragan Armanskij e Frank Alenius, o advogado da Milton Security. Dragan perguntava qual a melhor maneira de representar Lisbeth Salander, caso ela fosse presa. A princípio, Alenius respondia que não havia nenhum motivo para a Milton se comprometer na defesa de uma ex-funcionária acusada de assassinato - o fato de a empresa se envolver num caso desses podia passar uma imagem negativa. Armanskij retrucava, furioso, que a afirmação de que Lisbeth Salander teria cometido assassinato ainda precisava ser provada e que a questão era apoiar uma ex-funcionária que ele, Dragan Armanskij, considerava inocente.

Lisbeth abriu o disco rígido de Mikael Blomkvist e constatou que não havia nada escrito, ele nem sequer abrira o computador desde o dia anterior bem cedo. Não havia nada de novo.

Steve Bohman depositou a pasta em cima da mesa de reuniões, na sala de Dragan Armanskij. Sentou-se pesadamente. Fräklund pegou a pasta, abriu-a e pôs-se a ler. Dragan Armanskij estava em frente à janela, contemplando a cidade velha.

—Acho que essas são as últimas informações que vou poder passar. Estou fora da investigação a partir de hoje - disse Bohman.

—Não é culpa sua - disse Frãklund.

—Não, não é culpa sua -repetiu Armanskij, sentando-se.

Ele reunira, numa pilha sobre a mesa, todo o material fornecido por Bohman naquelas quase duas semanas.

—Você fez um bom trabalho, Steve. Falei com o Bublanski. Ele chegou a lamentar estar te perdendo, mas não teve escolha, por causa do Eriksson.

—Tudo bem. Eu me dei conta de que estou bem melhor aqui do que em Kungsholmen.

—Você pode nos dar um resumo da situação?

—Bem, se o objetivo era achar Lisbeth Salander, fracassamos lamentavelmente. Foi uma investigação caótica, com conflitos no nível da direção, e Bublanski talvez não tenha tido controle absoluto das averiguações.

—Hans Faste...

—O Hans Faste é um canalha. Mas o problema não é só o Faste e uma investigação caótica. O Bublanski fez questão de que todas as possibilidades fossem examinadas com o maior cuidado. O fato é que a Salander tem mesmo talento para apagar as pistas atrás de si.

—Mas a sua tarefa não era só pegar a Salander - interrompeu Armanskij.

—Não, e ainda bem que não informaram o Niklas Eriksson da minha segunda tarefa quando começamos. De fato, eu também assumi ser seu informante e espião, e cuidar para que a Salander não viesse a ser enforcada caso fosse inocente.

—E qual é, hoje, a sua opinião?

—Quando a gente começou, eu tinha certeza de que ela era culpada. Hoje já não sei mais. Surgiram tantas contradições...

—Sim?

—...que já não a considero a principal suspeita. Estou mais inclinado a concordar com o Mikael Blomkvist.

—Isso significa que precisamos achar culpados alternativos. Vamos repassar toda a investigação desde o começo - disse Armanskij, e serviu café para os participantes da reunião.

Lisbeth Salander vivia uma das piores noites de sua vida. Lembrou-se do momento em que jogara a bomba incendiaria pelo vidro do carro de Zalachenko. A partir daquele momento, seus pesadelos tinham cessado e ela experimentara uma verdadeira paz interior. Com o passar dos anos, outros problemas haviam surgido, mas eles sempre diziam respeito a ela mesma, e Lisbeth soubera administrá-los. Agora, porém, tratava-se de Mimmi.

Mimmi estava no hospital de Söder com o corpo todo quebrado. Mimmi era inocente. Não tinha nada a ver com essa história. Seu único crime era conhecer Lisbeth Salander.

Lisbeth se amaldiçoou. Era culpa sua. Deixou-se tomar pelo sentimento de culpa. Tinha mantido em segredo seu próprio endereço e pensara cuidadosamente em se proteger de todas as maneiras possíveis. E depois instalara Mimmi no endereço que todo mundo conhecia. Como pudera ser inconsciente a esse ponto? Era como se ela própria a tivesse moído de pancadas. Sentia-se tão infeliz que seus olhos se encheram de lágrimas. *Lisbeth Salander não chora nunca.* Enxugou as lágrimas.

Por volta das dez e meia, estava tão febril que não conseguia mais ficar no apartamento. Vestiu o casaco e se esgueirou noite adentro. Andou por ruas secundárias até chegar à Ringvägen, onde ficou parada em frente ao acesso do hospital de Söder. Tinha vontade de ir até o quarto de Mimmi, acordá-la e dizer que tudo ia acabar bem. Então avistou a luz azul de uma viatura para os lados de Zinken e entrou numa rua transversal antes que a vissem.

Voltou para casa pouco depois da meia-noite. Estava com frio, despiu-se e foi para a cama. Não conseguia dormir. À uma da manhã, levantou-se e, nua, atravessou o apartamento mergulhado no escuro. Entrou no quarto de hóspedes, no qual instalara uma cama e uma cômoda e onde nunca mais pusera os pés. Sentou-se no chão, encostada na parede, e fitou a escuridão. *Lisbeth Salander com um quarto de hóspedes. Isso é uma piada?* Ficou ali até as duas horas, tremendo de frio. Então se pôs a chorar. Não se lembrava de já ter chorado algum dia.

* * *

Às duas e meia, Lisbeth Salander tinha tomado um banho e se vestido. Ligou a cafeteira, preparou uns sanduíches e foi para o computador. Entrou no disco rígido de Mikael Blomkvist. Estava intrigada por ele não ter atualizado seu diário da investigação, mas não tinha tido energia para pensar no assunto durante a noite.

O diário continuava sem abrir, e ela foi dar uma olhada na pasta [LISBETH SALANDER]. Descobriu em seguida um documento novo intitulado [LISBETH-IMPORTANTE]. Verificou as propriedades do documento. Tinha sido criado à 00h52. Clicou duas vezes e leu a mensagem.

[Lisbeth, entre imediatamente em contato comigo. Esta história é pior do que tudo que eu podia imaginar. Estou sabendo quem é Zalachenko e acho que sei o que aconteceu. Conversei com Holger Palmgren. Entendi qual o papel de Teleborian e por que era importante trancar você na psiquiatria infantil. Acho que sei quem matou o Dag e a Mia. Acho que sei por que, mas estão me faltando umas peças essenciais deste quebra-cabeça. Não entendo qual o papel do Bjurman. **ME LIGUE IMEDIATAMENTE, PODEMOS SOLUCIONAR ISSO TUDO.** Mikael]

Lisbeth leu duas vezes o documento. O Super-Blomkvist tinha se esforçado. Primeiro da classe. *Um danado de um primeiro da classe.* Ele ainda acreditava que era possível resolver o que quer que fosse.

Ele queria o bem. Queria ajudar.

Não entendia que, o que quer que viesse a acontecer, para ela a vida estava acabada.

Sua vida tinha acabado antes de ela completar treze anos. Não existia solução nenhuma.

Abriu um novo documento e tentou redigir uma resposta para Mikael Blomkvist, mas os pensamentos rodopiavam dentro de sua cabeça... havia tantas coisas que ela queria dizer.

Lisbeth Salander estava apaixonada. Era de morrer de rir.

Ele jamais saberia. Ela jamais lhe daria o gostinho de achar graça no que ela sentia por ele.

Arrastou o documento para a lixeira e fitou a tela vazia. Mas ele também não merecia um silêncio completo de sua parte. Ele permanecera fiel no seu canto do ringue, feito um valente soldadinho. Ela criou um novo documento e escreveu uma linha só.

[Obrigada por ter sido meu amigo.]

Antes de mais nada, ela tinha que tomar algumas decisões logísticas. Precisava de um meio de transporte. Usar o Honda cor de vinho estacionado na Lundagatan era tentador, mas estava descartado. Nada no laptop do procurador Ekström indicava que alguém da investigação descobrira que ela havia comprado um carro, na certa porque a compra era tão recente que ela nem tivera tempo de mandar os papéis de emplacamento e do seguro. Mas Mimmi talvez tivesse dado com a língua nos dentes ao ser

interrogada pelos tiras. Lisbeth não podia apostar no silêncio dela e sabia que a Lundagatan estava sob vigilância.

A polícia sabia que ela tinha uma moto, e a moto era ainda mais complicada de pegar na Lundagatan. Além disso, depois de alguns dias de um calor quase estivai, estava previsto um tempo instável com chuva, e ela não tinha muita vontade de sair de moto por estradas escorregadias.

Claro, ela poderia alugar um carro em nome de Irene Nesser, mas isso implicava algum risco. Sempre havia a possibilidade de alguém reconhecê-la, e o nome de Irene Nesser ficar queimado. O que seria uma catástrofe, já que representava sua única possibilidade de deixar o país.

Então sua boca exibiu uma contração que pretendia ser um sorriso. Havia, evidentemente, outra possibilidade. Ligou o computador e entrou na rede da Milton Security, navegou até a frota de veículos administrada por uma secretária na recepção da empresa. A Milton Security dispunha de noventa e cinco veículos, a maioria carros de vigilância com o logotipo da empresa. A maior parte ficava em diferentes estacionamentos da cidade. Mas também havia alguns carros à paisana que podiam ser utilizados, quando necessário, para deslocamentos de trabalho. Esses carros ficavam na garagem da sede da Milton, do lado Slussen. Praticamente na esquina da rua.

Verificou o arquivo dos funcionários e escolheu Marcus Hedin, que acabava de sair de férias por quinze dias. Deixara o número de telefone de um hotel nas Ilhas Canárias. Ela alterou o nome do hotel e inverteu os algarismos do telefone de contato. Depois, inseriu uma observação dizendo que a última medida de Hedin antes de sair de férias fora levar um dos carros para o conserto, mencionando uma embreagem encrencada. Escolheu um Toyota Corolla automático que ela já tinha usado uma vez e alertou que o carro estaria de volta em uma semana.

Por fim, entrou no sistema e desprogramou as câmeras de vigilância nos locais onde teria de passar. Entre quatro e meia e cinco horas, elas retransmitiriam o filme da meia hora anterior, só que com o horário atualizado.

Pouco antes das quatro, sua mochila estava pronta. Continha duas mudas de roupa, duas bombas lacrimogêneas e o cacetete elétrico carregado. Olhou as duas armas que tinha angariado. Deixou de lado a Colt 1991 Government de Sandström e escolheu a P-83 Wanad polonesa de Benny Nieminen, com uma bala a menos no carregador. Era mais fina e se adaptava melhor à sua mão. Enfiou-a no bolso da jaqueta.

Lisbeth desligou o Powerbook, mas deixou-o no mesmo lugar em cima da mesa. Tinha transferido o conteúdo do disco rígido para um backup criptografado na internet, apagando em seguida todo o disco rígido com um programa criado por ela que tornava impossível a reconstituição do conteúdo. Achava que não ia precisar do PowerBook, que só iria atrapalhá-la. Em vez disso, levou seu Palm Tungsten de bolso.

Olhou ao redor. Teve a sensação de que nunca mais voltaria ao apartamento da Fiskaregatan e se deu conta de que estava deixando atrás de si segredos que talvez fosse melhor destruir. Então consultou o relógio e viu que não lhe restava muito tempo. Deu uma última olhada e apagou a luz do escritório.

Foi a pé até a Milton Security, entrou pela garagem e pegou o elevador para chegar aos escritórios. Não cruzou com ninguém nos corredores vazios e não foi difícil pegar a chave do carro no armário da recepção, que não estava trancado.

Trinta segundos depois, estava de volta à garagem, abrindo o Corolla com o controle remoto. Jogou a mochila no banco do passageiro e ajustou a posição do banco do motorista e do retrovisor. Usou sua antiga chave mestra para abrir a porta da garagem.

Um pouco antes das quatro e meia, deixou Söder Málarstrand pela ponte de Vãsterbron. O dia começava a raiar.

Mikael Blomkvist acordou às seis e meia. Não tinha ligado o despertador e só dormira três horas. Levantou-se, ligou o iBook e abriu a pasta [**LISBETH SALANDER**]. Viu imediatamente a breve resposta dela.

[Obrigada por ter sido meu amigo.]

Mikael sentiu um arrepio percorrer-lhe as costas. Não era a resposta que ele esperava. Mais parecia uma despedida. *Lisbeth*

Salander sozinha contra o resto do mundo. Foi até a cozinha ligar a cafeteira, depois ao banheiro. Vestiu um jeans enxovalhado e se deu conta de que não tinha tido tempo de lavar roupa nas últimas semanas - não lhe restava uma só camisa limpa. Vestiu um moletom por baixo do paletó cinza.

Enquanto preparava sanduíches na cozinha, vislumbrou de repente um reflexo metálico na bancada, entre o microondas e a parede. Franziu o cenho e usou um garfo para puxar um molho de chaves.

As chaves de Lisbeth Salander, que ele encontrara depois da agressão na Lundagatan e colocara em cima do micro-ondas, junto com a bolsa. Deviam ter caído. Com isso, tinha deixado de entregá-las com a bolsa para Sonja Modig.

Fitou o molho de chaves. Três chaves grandes e três pequenas. As maiores correspondiam à entrada de um prédio e de um apartamento com duas fechaduras. O *apartamento dela.* Não correspondiam às fechaduras da Lundagatan. Droga, onde é que ela estava morando?

Olhou mais de perto as três chaves menores. Uma delas devia ser da Kawasaki. A outra era uma típica chave de armário ou roupeiro. Ergueu a terceira. Havia o número 24914 gravado em cima. A informação o pegou de chofre.

Uma caixa postal. Lisbeth Salander tem uma caixa postal.

Passou em revista, na lista telefônica, as agências de correio do bairro de Södermalm. Ela tinha morado na Lundagatan. A agência de Ringen não ficava muito longe. Quem sabe a da Hornsgatan. Ou a da Roseralundsgatan.

Desligou a cafeteira, deixou o café da manhã para lá, pegou a BMW de Erika Berger e foi direto para a Rosenlundsgatan. A chave não entrou. Seguiu até a agência de correio da Hornsgatan. A chave encaixou perfeitamente na caixa postal n°- 24914. Abriu-a e encontrou vinte e duas cartas, que ele enfiou no bolso externo da maleta do computador.

Continuou rodando pela Hornsgatan, estacionou em frente ao Cine do Bairro e foi tomar café da manhã no Copacabana. Enquanto esperava seu *caffè latte,* examinou as cartas uma a uma. Eram todas endereçadas à Wasp Enterprises. Nove cartas tinham sido

postadas na Suíça, oito nas Ilhas Caimãs, uma nas Ilhas Anglo-Normandas e quatro em Gibraltar. Sem nenhum pudor, abriu os envelopes. Os vinte e um primeiros continham extratos bancários e diversos resumos e avisos de operações. Mikael Blomkvist constatou que Lisbeth Salander estava montada na grana.

A vigésima segunda carta era mais volumosa. O endereço estava escrito a mão. O envelope trazia um logotipo impresso indicando o remetente, um endereço na Buchanan House, Queensway Quay, em Gibraltar. O papel timbrado da carta mostrava que fora enviada por Jeremy S. MacMillan, *Solicitor.* A letra era caprichada.

Jeremy S. *MacMillan Solicitor*

Dear Ms Salander,

This is to confirm that the final payment of your property has been concluded as of january 20. As agreed, I'm enclosing copies of all documentation but will keep the original set. I trust this will be to your satisfaction.

Let me add that I hope everything is well with you, my dear. I very much enjoyed the surprise visit you made last summer and, must say, I found your presence refreshing. I'm looking forward to, if needed, be of additional service. Yours faithfully,

*J. S. M.**

A carta datava de 24 de janeiro. Lisbeth Salander, aparentemente, não verificava sua caixa postal com muita freqüência. Mikael deu uma olhada nos documentos anexos. Era o contrato de venda de um apartamento na Fiskaregatan, número 9, em Mosebacke.

Em seguida, por pouco não engasgou com o café. O custo da aquisição era de vinte e cinco milhões de coroas, pagas em duas prestações com um ano de intervalo.

Lisbeth Salander viu um homem moreno e forte abrir a porta lateral da Auto-Expert em Eskilstuna. Tratava-se de uma garagem de estacionamento e oficina de reparos, mas também de uma autolocadora. Uma dessas empresas comuns que se vê em qualquer lugar. Faltavam dez para as sete e, de acordo com uma placa na porta principal, a loja só abria às sete e meia. Ela

atravessou a rua, abriu a porta lateral e seguiu o homem dentro da loja. Ele a ouviu e se virou.

—Refik Alba? - ela perguntou.

—Sim. Quem é você? Ainda não está aberto.

Ela ergueu a P-83 Wanad de Benny Nieminen e a apontou para o rosto dele, segurando a pistola com as duas mãos.

* Jeremy S. MacMillan Advogado.

Prezada Srta. Salander,

Escrevo-lhe para confirmar que a quitação final da sua propriedade foi concluída em 20 de janeiro. Conforme combinado, envio em anexo cópia de toda a documentação, os originais ficam conosco. Espero que fique satisfeita.

Permita-me acrescentar, minha cara, que desejo que esta a encontre bem. Apreciei muitíssimo a visita surpresa que nos fez no último verão e, devo dizer, achei sua presença muito agradável. Será um prazer, caso necessário, poder servi-la no futuro.

Atenciosamente, J. S. M.

—Estou sem ânimo para conversar, e com pressa. Quero ver o seu registro de carros alugados. Quero ver agora. Você tem dez segundos.

Refik Alba tinha quarenta e dois anos. Era curdo, nascido em Diyarbakir, e já tivera sua cota de armas. Ficou paralisado. Então compreendeu que se uma maluca entrava na sua sala segurando uma pistola, não havia muito que discutir.

—Está no computador - disse ele.

—Ligue-o. Ele obedeceu.

—O que tem atrás desta porta? - ela perguntou enquanto o computador era iniciado e a tela começava a brilhar.

—É só um depósito.

—Abra a porta.

Ela avistou uns macacões de trabalho.

—Está bem. Entre tranqüilamente aí dentro, assim não vou precisar te machucar.

Ele obedeceu sem protestar.

—Pegue o seu celular, ponha no chão e empurre para mim. Ele fez o que ela mandou.

—Muito bem. Agora feche a porta.

Era um PC antigo com Windows 95 e um disco rígido de 280 **MB.** Levou uma eternidade para abrir o documento do Excel com o arquivo das locações. Constatou que o Volvo branco conduzido pelo gigante loiro tinha sido alugado duas vezes. Em janeiro, por duas semanas, e depois a partir de *1°* de março. Ainda não fora devolvido. Ele pagava toda semana por um aluguel de longa duração.

O nome dele era Ronald Niedermann.

Ela examinou as pastas da prateleira acima do computador. Na lombada de uma delas, estava caprichadamente escrito **DOCUMENTOS DE IDENTIDADE.** Ela pegou a pasta e folheou até chegar a Ronald Niedermann. Ao alugar o carro, em janeiro, ele apresentara o passaporte e Refik Alba apenas fizera uma fotocópia. Lisbeth reconheceu de imediato o gigante loiro. De acordo com o passaporte, ele era alemão, tinha trinta e cinco anos e nascera em Hamburgo. O fato de Refik Alba ter feito uma cópia do passaporte indicava que Ronald Niedermann era um cliente comum, e não um conhecido que só tinha tomado o carro emprestado.

Bem embaixo, Refik Alba anotara um número de celular e o endereço de uma caixa postal em Göteborg.

Lisbeth guardou o arquivo no lugar e desligou o computador. Olhou ao redor e viu no chão uma cunha de borracha que servia para manter a porta da frente trancada na posição aberta. Pegou-a, aproximou-se do armário e bateu na porta com o cano da pistola.

—Você aí dentro, está me ouvindo?

—Sim.

—Sabe quem eu sou? Silêncio.

Ele deve ser cego se não me reconheceu.

—Está certo. Você sabe quem eu sou. Está com medo de mim?

—Estou.

—Não precisa ter medo, seu Alba. Não vou lhe fazer nenhum mal. Estou quase acabando. Desculpe o transtorno.

—Hã... Está bem.

—Você tem ar suficiente aí dentro para respirar?

—Sim... a propósito, o que está procurando?

—Queria conferir se uma certa mulher alugou um carro aqui há dois anos - ela mentiu. — Não consegui achar o que eu estava

procurando. Mas não é culpa sua. Vou embora daqui a uns minutinhos.

—Certo.

—Vou enfiar esse troço de borracha debaixo da porta para bloqueá-la. A porta é fininha, você vai conseguir arrombar, só que vai levar um tempo. Não precisa chamar a polícia. Não vai me ver nunca mais, pode abrir a loja hoje normalmente e fazer de conta que este incidente não aconteceu.

A probabilidade de ele não chamar a polícia era praticamente zero, mas não custava sugerir que ele pensasse em outra alternativa. Ela deixou a loja e voltou para o seu Toyota Corolla emprestado na esquina da rua, e ali rapidamente se transformou em Irene Nesser.

Estava irritada por não ter achado o verdadeiro endereço do gigante loiro, de preferência na região de Estocolmo, em vez de uma caixa postal do outro lado da Suécia. Mas era a única pista que ela tinha. *Bem, então toca para Göteborg.*

Rodou até o acesso para a E20 e em Arboga seguiu na direção oeste. Ligou o rádio, mas acabava de perder o noticiário e, caindo numa estação comercial, escutou alguém cantar *putting out fire with gasoline.* Não sabia que era David Bowie cantando e não conhecia aquela música, mas entendeu que eram palavras proféticas.

30 - QUINTA-FEIRA 7 DE ABRIL

Mikael contemplou a porta do hall de entrada do número 9 da Eiskaregatan, em Mosebacke. O endereço era um dos mais exclusivos c discretos de Estocolmo. Ele enfiou a chave na fechadura e ela entrou perfeitamente. O painel na escada não foi de grande ajuda. Mikael ponderou que a maioria dos apartamentos daquele prédio devia abrigar sedes de empresas, com exceção de alguns poucos moradores comuns. A ausência do nome de Lisbeth Salander no painel não o surpreendia, mas era difícil imaginá-la escondendo-se ali.

Subiu as escadas, lendo as placas das portas andar por andar. Nenhum nome fazia sentido para ele. Até que no último andar leu V. *Kulla* na porta.

Mikael bateu com a mão na testa. Villa Villerkulla, a casa de Píppi Meia-longa! Sorriu de repente. Em que outro lugar o Super-Blomkvist poderia encontrar Lisbeth Salander? Mas refletiu que aquela escolha podia não ter a ver com ele pessoalmente.

Tocou a campainha e esperou um minuto. Então pegou o molho de chaves e abriu a fechadura de segurança e a fechadura normal junto à maçaneta.

Quando abriu a porta, o alarme começou a uivar.

* * *

O celular de Lisbeth Salander tocou quando ela estava na E20, à altura de Glanshammar, perto de Orebro. Ela freou imediatamente o carro e parou no acostamento de emergência. Apanhou o Palm no bolso e ligou-o ao celular.

Há quinze segundos, alguém tinha aberto a porta de seu apartamento. O alarme não estava conectado a uma empresa de segurança. Servia para avisá-la diretamente sobre qualquer intrusão ou tentativa de arrombamento. Passados trinta segundos, o alarme disparava e o intruso tinha a desagradável surpresa de ser aspergido com o conteúdo de uma lata de tinta instalada sobre o que parecia ser uma tomada de derivação atrás da porta. Ela sorriu, excitada, e contou os segundos.

Mikael contemplou frustrado, o painel de alarme ao lado da porta. Francamente, não lhe passara pela cabeça que o apartamento pudesse ter alarme. Viu um contador digital marcando os segundos. Na *Millennium,* o alarme disparava quando o código de quatro algarismos não era digitado em trinta segundos; em seguida apareciam os grandalhões de uma empresa de segurança.

Seu primeiro impulso foi fechar a porta e deixar rapidamente o local. Mas ficou como paralisado.

Quatro algarismos. Digitar o código certo ao acaso era totalmente impossível. 25,24,23,22... *Caraca, sua Píppi Meia...* 19, 18...*Que código você foi escolher?* 15, 14, 13...Sentiu-se tomado pelo pânico.10, 9, 8... Então ergueu a mão e digitou o único número que lhe vinha à mente. 9277. Os algarismos correspondentes às letras WASP nas teclas do celular.

Para grande surpresa de Mikael, a contagem regressiva parou seis segundos antes do fim. Então a sirene piou uma última vez, o contador voltou ao zero e uma luz verde se acendeu.

Lisbeth arregalou os olhos. Achou que não tinha enxergado direito e até sacudiu o computador de mão, num gesto que ela sabia ser totalmente irracional. A contagem regressiva tinha parado seis

segundos antes de a bomba de tinta ser acionada. E um instante depois o contador voltou ao zero.

Impossível.

Ninguém conhecia aquele código. E não havia nenhuma empresa de segurança conectada ao alarme, que pudesse desativá-lo. *Como?*

Não conseguia entender. A polícia? Não. Zala? Negativo.

Discou um número no celular e esperou que a câmera de segurança se conectasse e enviasse imagens de baixa resolução para o celular. A câmera estava escondida dentro do que parecia ser um detector de fumaça no teto, e captava uma imagem por segundo. Ela repassou toda a seqüência desde o começo - o instante zero em que a porta tinha sido aberta e o alarme ativado. Então um sorriso enviesado se abriu lentamente em seu rosto quando viu Mikael Blomkvist executando, por quase trinta segundos, uma pantomima nervosa, até digitar o código e em seguida se apoiar no vão da porta como quem acaba de escapar de um ataque cardíaco.

Esse danado do Super-Blomkvist tinha achado!

Ele estava com as chaves que ela tinha perdido na Lundagatan. Era esperto o bastante para lembrar que Wasp era o seu pseudônimo na internet. E se ele tinha achado o apartamento, talvez também tivesse descoberto que era propriedade da Wasp Enterprises. Então ela viu que ele se deslocava, nervoso, pelo hall e desaparecia rapidamente do campo da objetiva.

Droga. Como é que eu posso ter sido tão previsível? E por que deixei... agora todos os meus segredos estão bem diante dos olhos futriqueiros do Super-Blomkvist.

Depois de um breve instante de reflexão, concluiu que aquilo não tinha mais importância. Ela apagara o disco rígido. Isso é que importava. Talvez até fosse uma vantagem ter sido justamente Mikael Blomkvist a encontrar seu esconderijo. Ele já sabia mais sobre seus segredos do que qualquer outro ser humano. O primeiro aluno da classe faria o que precisava ser feito. Não ia entregá-la, ela pensou. Engatou a primeira e continuou pensativa, seu trajeto para Göteborg.

Malu Eriksson topou com Paolo Roberto na escada da redação da *Millennium* quando chegou ao trabalho às oito e meia da manhã. Reconheceu-o imediatamente, apresentou-se e o convidou a entrar na redação. Ele estava mancando para valer. Ela sentiu cheiro de café e concluiu que Erika Berger já tinha chegado.

—Olá, Berger. Obrigado por me receber assim de improviso - disse Paolo.

Impressionada, Erika examinou sua coleção de hematomas e gaios no rosto antes de se inclinar e lhe dar um beijo no rosto.

—Você está mesmo com uma cara péssima - disse ela.

—Não é a primeira vez que eu quebro o nariz. O que você fez com o Blomkvist?

—Ele foi para algum lugar brincar de detetive. Como sempre, está incomunicável. A não ser por um e-mail estranho que ele me mandou ontem à noite, estou sem notícias dele desde ontem de manhã. Obrigada por ter... enfim, obrigada.

Ela apontou para o rosto dele. Paolo Roberto riu.

—Quer um café? Você disse que tinha uma coisa para me contar. Malu, você vem com a gente?

Sentaram-se nas confortáveis poltronas da sala de Erika.

—É o idiota do grandalhão loiro com quem eu briguei. Eu disse ao Mikael que o boxe dele não vale nada. Mas o estranho é que ele ficava o tempo todo com os punhos na posição de defesa e se movia em círculos como se fosse um boxeador. Deu-me a impressão de que ele já tinha tido algum tipo de treinamento.

—O Mikael me disse isso ontem ao telefone - observou Malu.

—Eu não conseguia tirar essa imagem da cabeça e, ontem à tarde, quando voltei para casa, sentei no computador e mandei uns e-mails para vários clubes de boxe da Europa. Contei o que tinha acontecido e passei uma descrição detalhada do cara.

—Certo.

—Acho que funcionou.

Pôs diante de Erika e Malu uma foto transmitida por fax. Parecia ter sido tirada durante um treino numa sala de boxe. Dois boxeadores escutavam as instruções de um homem gordo, já não tão jovem, que usava um abrigo de moletom e um chapéu de couro de aba estreita. Em volta do ringue, havia umas seis pessoas

escutando. Ao fundo, um homem alto, segurando uma caixa de papelão. Lembrava um *skinhead,* com a cabeça raspada. Alguém circulara sua imagem com caneta.

—A foto é de dezessete anos atrás. O cara ali no fundo se chama Ronald Niedermann. Tinha dezoito anos nesta foto, de modo que hoje deve estar beirando os trinta e cinco. Bate com o gigante que sequestrou a Miriam Wu. Não posso afirmar que é ele com cem por cento de certeza. A foto é meio antiga e a qualidade está bem ruim. Mas posso dizer que a semelhança é impressionante.

—De onde saiu essa foto?

—Recebi uma resposta do Dynamic, de Hamburgo. De um velho treinador chamado Hans Münster.

—Sim?

—Ronald Niedermann lutou boxe durante um ano nesse clube, no fim da década de 1980. Ou melhor, tentou lutar. Recebi o e-mail hoje de manhã e liguei para o Münster antes de vir para cá. Resumindo o que diz o Münster: Ronald Niedermann é natural de Hamburgo, andava com uma turma de *skins* nos anos 1980. Tinha um irmão um pouco mais velho, um boxeador realmente talentoso, e foi através desse irmão que ele entrou no clube. O Niedermann tinha uma força colossal e um físico único. Diz o Münster que nunca, nem entre os melhores, tinha visto alguém bater com tanta força. Um dia, mediram o golpe dele e, por assim dizer, ele rebentou o dinamômetro.

—Ao que parece, ele podia ter feito carreira no boxe - disse Erika. Paolo Roberto balançou a cabeça.

—De acordo com o Münster, era impossível mantê-lo dentro de um ringue. Por vários motivos. Primeiro, ele não conseguia aprender a lutar boxe. Ficava parado no lugar, mandando ver *swings* de amador. Era incrivelmente desajeitado, o que bate com o cara de Nykvarn. Mas o pior é que ele não controlava a própria força. De vez em quando, conseguia acertar um golpe que causava o maior estrago nos coitados dos *sparring-partners.* Resultado: narizes quebrados e maxilares detonados, ferimentos desnecessários o tempo todo. Eles simplesmente não podiam mantê-lo.

—Ele sabia lutar, sem saber - disse Malu.

—Isso mesmo. Mas o verdadeiro motivo de ele parar de lutar boxe foi um motivo médico.

—Como assim?

—O cara parecia praticamente invulnerável. Podiam chover golpes em cima dele, ele só se sacudia e continuava lutando. Descobriram que ele tinha uma doença extremamente rara, chamada analgesia congênita.

—O quê? Repita...

—Analgesia congênita. Procurei na internet. É uma falha genética que faz com que a transmissão no que eles chamam de fibras C não funcione como deveria. Resumindo, ele não sente dor.

—Nossa! Mas não é esse o sonho de todo boxeador?... Paolo Roberto balançou a cabeça.

—Pelo contrário. É uma doença que põe a vida da pessoa em risco. A maioria dos pacientes morre bastante jovem, lá pelos vinte, vinte e cinco anos. A dor é um sistema de alarme que avisa o cérebro de que algo não vai bem. Se você põe a mão numa chapa incandescente, dói e você tira a mão rapidinho. Quem tem essa doença não se dá conta de nada até sentir cheiro de carne queimada.

Malu e Erika trocaram um olhar.

—Você está falando sério? - perguntou Erika.

—Seriíssimo. O Ronald Niedermann não pode sentir nada, é como se ele estivesse sob poderosa anestesia local vinte e quatro horas por dia. Ele se safou porque tem sorte de ter outra particularidade genética para compensar. É dono de uma constituição física extraordinária, com uma ossatura extremamente forte, que o torna quase invulnerável. A força natural dele é, a bem dizer, única. E ele também deve cicatrizar com facilidade.

—Estou começando a perceber como essa luta que você travou com ele deve ter sido interessante.

—Foi sim. Mas não gostaria de repetir a dose. A única coisa que causou um esboço de reação nele foi quando a Miriam Wu lhe enfiou um pontapé no saco. Ele caiu de joelhos por um segundo... deve haver algum tipo de motricidade ligado a esse tipo de golpe, já que dor ele não deve ter sentido. E pode acreditar, eu, pessoalmente, morria se levasse um golpe desses.

—Mas então como se explica você ter vencido a luta?

—As pessoas que têm essa doença ficam feridas, claro, do mesmíssimo jeito que as pessoas comuns. Tudo bem o Niedermann ter um esqueleto de aço. Mas quando eu bati com a tábua, ele desabou. Concussão cerebral, provavelmente.

Erika olhou para Malu.

—Vou ligar para o Mikael agora mesmo - disse Malu.

Mikael escutou o toque do celular, mas estava tão abalado que só respondeu no quinto sinal.

—É a Malu. O Paolo Roberto acha que identificou o gigante loiro.

—Ótimo - disse Mikael distraidamente.

—Onde você está?

—Difícil de explicar.

—Você está esquisito.

—Desculpe. O que você estava dizendo? Malu resumiu a história de Paolo.

—Está bem - disse Mikael. —Continuem vendo isso e descubra se ele está fichado em algum lugar. Acho que é urgente. Me ligue no celular.

Para espanto de Malu, Mikael encerrou a conversa sem nem se despedir.

Naquele momento, Mikael estava diante de uma janela e admirava a vista magnífica que se estendia da cidade velha até bem longe sobre o Saltsjön. Sentia-se entorpecido, quase chocado. Dera uma volta no apartamento de Lisbeth Salander. Havia uma cozinha à direita, no hall de entrada. Depois uma sala, um escritório, um quarto e, por fim, um quartinho de hóspedes que parecia nunca ter sido usado. O colchão continuava embalado no plástico e não tinha lençóis. Todos os móveis eram novos e impecáveis, vindos diretamente da Ikea.

O problema não era esse.

O que perturbava Mikael era Lisbeth Salander ter comprado um dos ex-apartamentos do bilionário Percy Barnevik, avaliado em vinte e cinco milhões de coroas. Ele devia ter, tranqüilamente, uns trezentos e cinquenta metros quadrados.

Mikael passou pelos corredores desertos e fantasmagóricos e por peças imensas com parquete em marchetaria de diferentes madeiras e papéis de parede decorados de Tricia Guild, do tipo que Erika Berger mencionava com um respeitoso deslumbramento. O apartamento se organizava em torno de uma sala magnífica, com uma lareira que Lisbeth parecia não ter utilizado. Havia uma sacada imensa com uma vista fantástica, lavanderia, sauna, sala de ginástica, despensas e um banheiro com banheira *king size.* Havia até uma adega de vinhos, vazia, a não ser por uma garrafa de porto Quinta do Noval - *Nacional!* - de 1976. Mikael custava a imaginar Lisbeth Salander com uma taça de vinho do porto na mão. Um cartão de visitas indicava que se tratava de um presente de boas-vindas da imobiliária.

A cozinha era equipada com tudo que se podia imaginar, em torno de um cintilante fogão francês a gás, um Corradi Château 120 de que Mikael nunca tinha ouvido falar e no qual Lisbeth só fervera água para o chá.

Em compensação, sentiu enorme respeito pela máquina de café expresso que tronava à parte, uma Jura Impressa modelo X7 com resfriador de leite incorporado. A máquina tampouco parecia ter sido usada, já devia estar no apartamento quando Lisbeth o comprara. Mikael sabia que uma Jura era a Rolls-Royce do mundo dos *espressos* - um aparelho profissional para uso doméstico que custava em torno de setenta mil coroas. Ele próprio possuía uma máquina bem mais modesta, comprada na John Wall, que já custava quase três mil e quinhentas coroas - uma das raras extravagâncias com que se permitira equipar sua cozinha.

Dentro da geladeira havia uma caixa aberta de leite, queijo, manteiga, pasta de peixe e um vidro de pepinos em conserva pela metade. No armário, achou quatro frascos semiconsumidos de vitaminas, saquinhos de chá, café para uma cafeteira absolutamente comum que estava na bancada, dois pães e um pacote de torradas. Na mesa da cozinha, um cesto com maçãs. O congelador abrigava um gratinado de peixe e três tortas de bacon. No lixo, sob a bancada, ao lado do fogão de luxo, encontrou várias caixas vazias de Billys Pan Pizza.

Era tudo absolutamente fora de proporção. Lisbeth tinha surrupiado alguns bilhões e comprara um apartamento onde poderia hospedar a corte real inteirinha. Mas só usava os quatro cômodos que havia mobiliado. Os outros dezoito estavam totalmente vazios.

Mikael encerrou sua turnê pelo escritório. Não havia, em todo o apartamento, uma única planta. Nenhum quadro nas paredes, nem mesmo pôsteres. Não havia tapetes ou guardanapos. Em lugar nenhum viu alguma saladeira decorativa, um castiçal ou um bibelô tipo suvenir que acrescentasse algum calor humano ao ambiente ou que ela pudesse ter guardado por razões sentimentais.

Mikael sentiu seu coração se apertar. Queria a todo custo encontrar Lisbeth Salander e abraçá-la.

No mínimo, ela iria mordê-lo, se ele tentasse. *Canalha do Zalachenko!*

Depois se sentou à mesa de trabalho e abriu a pasta com o relatório de Björck de 1991. Não leu tudo, só percorreu as páginas tentando resumir.

Abriu o Powerbook com tela de dezessete polegadas, disco rígido de 200 **GB** e 1000 MB de memória RAM. Vazio. Ela tinha feito uma limpeza. Não era um bom presságio.

Abriu as gavetas e deparou imediatamente com um Colt 1911 Government single action de nove milímetros e um carregador cheio com sete cartuchos. Era o revólver que Lisbeth Salander pegara do jornalista Per-Åke Sandström, mas isso Mikael ignorava. Ainda não tinha chegado na letra S da sua lista de clientes sexuais.

Depois, achou o **CD** marcado “Bjurman”.

Enfiou-o no iBook e, horrorizado, descobriu o conteúdo do filme. Ficou parado, chocado ao ver Lisbeth Salander sendo maltratada, estuprada e quase assassinada. O filme fora obviamente rodado com uma câmera oculta. Não o assistiu inteiro, mas foi passando, de uma para outra, as seqüências que iam se superando num horror crescente.

Bjurman.

O tutor de Lisbeth Salander a tinha estuprado e ela possuía um testemunho do fato nos mínimos detalhes. Uma data digital revelava que o filme datava de dois anos. Antes de eles se conhecerem. Várias peças do quebra-cabeça se encaixaram no lugar.

Björck e Bjurman com Zalachenko nos anos 1970.

Zalachenko e Lisbeth Salander e um coquetel Molotov artesanal numa caixa de leite no início dos anos 1990.

Então, Bjurman novamente, agora seu tutor depois de Holger Palmgren. O círculo se fechava. O sujeito tinha violentado a sua tutelada. Vira nela uma doente mental indefesa, mas Lisbeth Salander não era indefesa. Era a menina que aos doze anos comprara uma briga com um matador profissional aposentado do GRO e o transformara num inválido.

Lisbeth Salander era a mulher que odiava os homens que não gostavam de mulheres.

Recordou a época em que aprendera a conhecê-la, em Hedestad. Devia ter sido poucos meses depois do estupro. Não lembrava de ela ter dito uma palavra sequer sugerindo o fato. No total, não revelara muita coisa sobre si mesma. Mikael não conseguia nem imaginar o que ela tinha feito com Bjurman - mas, estranhamente, não o tinha matado. Pois nesse caso Bjurman teria morrido dois anos mais cedo. Ela provavelmente tinha bolado um jeito de mantê-lo sob controle, com um objetivo que ele nem imaginava. Então Mikael se deu conta de que estava com o instrumento de controle bem diante de si, sobre a mesa. O CD**.** Enquanto ela estivesse de posse do **CD,** Bjurman seria seu escravo impotente. E Bjurman tinha se voltado para o homem que ele julgava ser um aliado. Zalachenko. O pior inimigo de Lisbeth. Seu pai.

Depois disso, um encadeamento de fatos. Bjurman assassinado, e também Dag e Mia.

Mas como...? O que poderia ter transformado Dag Svensson numa ameaça?

E, súbito, Mikael compreendeu o que *com toda a certeza* tinha acontecido em Enskede.

Logo em seguida, Mikael viu o pedaço de papel, no chão, junto à janela. Lisbeth imprimira uma página, amassara e jogara no chão. Desamassou o papel. Era uma edição *on-line* do *Aftonbladet* sobre o sequestro de Miriam Wu.

Mikael não sabia qual o papel de Miriam Wu naquele drama - se é que ela tinha algum papel -, mas ela fora uma das raras amigas

de Lisbeth. Talvez a única. Lisbeth lhe dera seu antigo apartamento. E agora ela estava gravemente ferida no hospital. *Niedermann e Zalachenko.*

Primeiro sua mãe. Depois Miriam Wu. Lisbeth devia estar louca de ódio. Aqueles caras tinham esticado a sua corda. E agora ela estava atrás deles.

Por volta do meio-dia, Dragan Armanskij recebeu uma ligação do centro de reeducação de Ersta. Vinha esperando um telefonema de Holger Palmgren fazia algum tempo, e até evitara entrar em contato com ele. Temia ser obrigado a admitir que Lisbeth Salander era culpada. Agora pelo menos tinha a possibilidade de dizer que existiam dúvidas pertinentes quanto a essa culpa.

—Como andam as coisas? - perguntou Palmgren, pulando as palavras de cortesia.

—Que coisas? - disse Armanskij.

—Sua investigação sobre a Salander.

—E o que o leva a crer que estou fazendo uma investigação desse tipo?

—Não desperdice o meu tempo. Armanskij suspirou.

—Tem razão - disse.

—Quero que venha me ver - disse Palmgren.

—Está bem. Posso passar aí neste fim de semana.

—Não serve. Quero que você venha hoje no final do dia. Temos muito que conversar.

Mikael tinha feito café e preparado sanduíches na cozinha de Lisbeth. Uma parte dele esperava ouvir, de repente, o barulho das chaves dela na fechadura. Mas, claro, era uma esperança vã. O disco rígido vazio do Power-Book mostrava que ela tinha saído da toca de vez. Descobrira seu endereço tarde demais.

Às duas e meia, ainda estava sentado à mesa de trabalho de Lisbeth.

Tinha lido três vezes o relatório do simulacro de investigação de Björck, redigido em forma de memorando para um superior anônimo. A recomendação era simples: que encontrassem um psiquiatra cooperativo que conseguisse internar Salander na psiquiatria infantil por alguns anos. De qualquer modo, a menina era mesmo perturbada, seu comportamento o indicava claramente.

Mikael pretendia debruçar-se mais detidamente sobre Björck e Teleborian num futuro próximo. Essa idéia o deixou satisfeito. Seu celular pôs-se a tocar e atrapalhou o rumo de seus pensamentos.

—Oi de novo. Ê a Malu. Tenho impressão que achei alguma coisa.

—O quê?

—Não existe nenhum Ronald Niedermann no registro civil sueco. Ele não consta na lista telefônica nem no cadastro de contribuintes, de placas de automóveis, em lugar nenhum.

—Percebo.

—Mas escute esta. Em 1998, foi criada uma sociedade anônima, para cujo nome foi feito um registro de marca. Chama-se KAB Import S. A. e o endereço é uma caixa postal em Göteborg. A empresa atua em importação de material eletrônico. O presidente se chama Karl Axel Bodin, ou seja, KAB**,** e nasceu em 1941.

—Isso não me diz absolutamente nada.

—Nem para mim. O restante da diretoria é composto de um auditor fiscal que atua em algumas dezenas de empresas, para as quais ele faz a contabilidade. Parece ser um desses contadores que trabalham para várias empresas pequenas ao mesmo tempo. Essa, porém, permaneceu inativa praticamente desde o começo.

—Percebo.

—O terceiro membro da diretoria é um tal de R. Niedermann. Consta uma data de nascimento, mas nenhum número de identidade. O que significa que ele não tem registro na Suécia. Nasceu em 18 de janeiro de 1970, e é citado como representante da empresa no mercado alemão.

—Legal, Malu. Legal. Tem algum outro endereço além da caixa postal?

—Não, mas descobri o Karl Axel Bodin. Ele mora no Oeste da Suécia e seu endereço é a caixa postal n- 612 de Gosseberga. Eu verifiquei, parece ser uma fazenda perto de Nossebro, a nordeste de Göteborg.

—O que se sabe sobre ele?

—Há dois anos, ele declarou uma renda de duzentas e sessenta mil coroas. Não tem ficha criminal, segundo aquele nosso amigo da polícia. Possui porte de armas para uma carabina de caça

ao alce e uma espingarda de chumbo. Tem dois carros, um Ford e um Saab, ambos modelo antigo. Nada consta na Receita. É solteiro e se declara agricultor.

—Um anônimo sem nenhum caso na Justiça.

Mikael refletiu alguns segundos. Precisava fazer uma escolha.

—Outra coisa. O Dragan Armanskij, da Milton Security, ligou várias vezes para você durante o dia.

—Está bem. Obrigado, Malu. Vou ligar para ele.

—Mikael... Está tudo bem?

—Não, não está tudo bem. Te ligo depois.

Sabia que não estava se comportando como deveria. Como bom cidadão, deveria pegar o telefone e ligar imediatamente para Bublanski. Se fizesse isso, porém, seria obrigado a contar a verdade sobre Lisbeth Salander, ou ficaria numa situação enrolada entre meias-mentiras e partes omitidas. Mas o problema ainda não era esse.

Lisbeth Salander tinha ido atrás de Niedermann e Zalachenko. Mikael não sabia onde ela estava, mas se Malu tinha conseguido achar a caixa postal *n*° 612 em Gosseberga, Lisbeth Salander também podia ter conseguido. Era grande, portanto, a possibilidade de ela estar a caminho de Gosseberga. Seria a próxima etapa natural.

Se Mikael ligasse para a polícia e revelasse onde Niedermann estava entocado, seria obrigado a contar que Lisbeth Salander estava provavelmente indo para lá naquele momento. Ela estava sendo procurada por três assassinatos e uso de arma em Stallarholmen. Isso significava que a força de intervenção nacional, ou sabe Deus lá que comando do gênero, seria despachada para prendê-la.

E era provável que Lisbeth Salander resistisse violentamente. Mikael pegou um papel e uma caneta, e fez uma lista do que ele não podia ou não queria contar à polícia. Para começar, escreveu o *endereço.*

Lisbeth tivera o maior cuidado em constituir um endereço secreto. Ah estavam sua vida e seus segredos. Ele não tinha a intenção de traí-la. Depois, escreveu *Bjurman,* seguido de um ponto de interrogação.

De relance, olhou para o CD em cima da mesa à sua frente. Bjurman tinha estuprado Lisbeth. Por pouco não a matara, e se aproveitara vergonhosamente de sua condição de tutor. Não havia a menor dúvida sobre isso. Ele tinha de ser denunciado como o canalha que era. Só que nesse ponto surgia um problema ético. Lisbeth não prestara queixa contra ele. Será que iria querer ser jogada à mídia através de uma investigação policial cujos detalhes mais íntimos vazariam em poucas horas? Ela jamais o perdoaria. O CD constituía uma prova, e alguns trechos causariam um belo impacto nos tabloides.

Ponderou alguns instantes e concluiu que, afinal, cabia a Lisbeth decidir como queria agir. Mas, se ele tinha encontrado o apartamento, mais cedo ou mais tarde a polícia conseguiria fazer o mesmo. Guardou o CD num envelope e o enfiou em sua sacola.

Escreveu, em seguida, O *relatório de Björck.* O relatório de 1991 era considerado segredo de Estado. Esclarecia tudo o que se passara. Citava o nome de Zalachenko, explicava o papel de Björck e, com a lista dos clientes sexuais do computador de Dag Svensson, Björck iria passar momentos difíceis com Bublanski. Graças à correspondência, Peter Teleborian também se veria em maus lençóis.

O arquivo iria direcionar a polícia para Gosseberga... mas pelo menos Mikael teria algumas horas de vantagem.

Por fim, abriu o Word e escreveu, item por item, todos os fatos importantes que havia descoberto nas últimas vinte e quatro horas graças às conversas com Björck e Palmgren e aos documentos encontrados na casa de Lisbeth. A tarefa tomou-lhe uma hora. Gravou o documento num CD, junto com sua própria investigação.

Perguntou-se se deveria dar notícias a Dragan Armanskij, mas resolveu deixar para lá. Já tinha coisas demais para cuidar.

Mikael passou na redação da *Millennium* e se trancou na sala com Erika Berger.

—Ele se chama Zalachenko - disse Mikael sem nem cumprimentá-la. —É um antigo assassino soviético do serviço de informações. Desertou em 1976 e ganhou um visto de permanência na Suécia, além de um salário pago pela Säpo. Depois do fim da União Soviética, virou gângster em tempo integral, como tantos

outros, e opera com tráfico de mulheres, armas e drogas. Erika Berger largou a caneta.

—Certo. Por que é que eu não estou surpresa de ver a KGB metida nessa história?

—Não é a KGB. É o GRO**. O** serviço de informações militares.

—Então é coisa séria. Mikael meneou a cabeça.

—Você está dizendo que foi ele quem matou o Dag e a Mia?

- Não pessoalmente. Mandou alguém matar. Esse Ronald Niedermann que a Malu descobriu.

—Você tem como provar?

—Grosso modo. Ainda restam umas zonas obscuras. Mas o Bjurman foi morto porque pediu ajuda ao Zalachenko para cuidar da Lisbeth.

Mikael contou o que ele tinha visto no filme que Lisbeth guardava na gaveta da escrivaninha.

—Zalachenko é o pai dela. Bjurman trabalhou oficialmente para a Säpo em meados dos anos 1970, foi um dos que acolheram Zalachenko quando ele abandonou o barco. Depois, tornou-se advogado e virador em tempo integral, e prestava serviços para um grupo restrito dentro da Säpo. Aparentemente, existe uma panelinha que se reúne de vez em quando numa sauna para controlar o mundo e manter segredo sobre Zalachenko. Acho que o restante da Säpo nunca ouviu falar nesse canalha. A Lisbeth ameaçava revelar o segredo. Conclusão: foi internada num hospital psiquiátrico infantil.

—Não pode ser.

—Pode - disse Mikael. —Tudo bem, é um caso bastante especial, Lisbeth não era muito fácil de se lidar na época, como também não é hoje em dia... mas desde os doze anos ela representa uma ameaça para a segurança da nação.

Ele fez um apanhado sucinto da história toda.

—É muita coisa para digerir - disse Erika. —E o Dag e a Mia...

—Foram mortos porque o Dag descobriu o elo entre o Bjurman e o Zalachenko.

—E o que vai acontecer agora? A gente não devia contar tudo isso à polícia?

—Algumas partes, sim, mas não tudo. Reuni toda a informação essencial neste **CD**, por segurança, nunca se sabe. A Lisbeth foi

atrás do Zalachenko. Vou tentar encontrada. Nada do que está neste CD pode vazar.

—Mikael... eu não estou gostando nada disso. Agente não pode ocultar informações numa investigação de homicídio.

—Não vamos ocultar nada. Eu pretendo ligar para o Bublanski. Mas acho que a Lisbeth está a caminho de Gosseberga. Ela está sendo procurada por triplo assassinato e, se chamarmos a polícia, eles vão enviar forças de intervenção com armas de alto calibre, e a chance de ela resistir é enorme. Aí, tudo pode acontecer.

Ele parou e sorriu, sem alegria.

—Temos que manter a polícia fora disso, para evitar as forças de intervenção que podem acabar causando mortos e feridos. Tenho que pôr as mãos na Lisbeth antes disso.

Erika Berger estava cética.

—Não pretendo revelar os segredos da Lisbeth. O Bublanski que descubra por si próprio. Quero que você faça um favor para mim. Nessa pasta, está o relatório do Björck de 1991 e uma correspondência entre o Björck e o Teleborian. Queria que você tirasse uma cópia e mandasse, por portador, para o Bublanski ou a Modig. Quanto a mim, estou pegando o trem para Göteborg daqui a vinte minutos.

—Mikael...

—Eu sei. Mas pretendo estar do lado da Lisbeth durante a batalha. Erika Berger apertou os lábios e não disse nada. Depois, meneou a cabeça. Mikael foi em direção à porta.

—Tenha cuidado - disse Erika, mas ele já tinha saído.

Ela achou que deveria ter ido com ele. Era a única coisa decente a ser feita. Mas ainda não tinha contado que ia pedir demissão da *Millennium* e que estava tudo acabado, o que quer que acontecesse. Pegou a pasta e foi tirar uma cópia dos documentos.

A caixa postal ficava na agência de correios de um centro comercial. Lisbeth não conhecia Göteborg e não sabia muito bem onde estava, mas localizara a agência e sentara-se numa cafeteria de onde podia avistar a caixa postal por uma fresta estreita entre os *banners* publicitários dos Novos Correios Suecos pendurados por alguns fios.

Irene Nesser estava maquiada com mais discrição do que Lisbeth Slander. Usava um colar ridículo e lia *Crime e castigo,* encontrado num sebo algumas ruas mais ao norte. Não tinha pressa e virava regularmente as páginas. Começara sua vigilância lá pelo meio-dia e ignorava por completo a que horas a caixa costumava ser aberta, se todos os dias ou se a cada duas semanas, se já tinha sido aberta naquele dia ou se alguém ainda viria. Mas era sua única pista, e ela tomou vários *caffè latte* enquanto esperava.

Estava quase cochilando, de olhos bem abertos, quando viu de repente que estavam abrindo a caixa. Olhou a hora: 13h45. *Uma baita de uma sorte.*

Lisbeth se levantou rapidamente, aproximou-se da vidraça e viu do outro lado um homem de jaqueta de couro preta saindo do setor de caixas postais. Alcançou-o já na rua. Era um rapaz magro de uns vinte anos. Virou a esquina e abriu a porta de um Renault estacionado ali. Lisbeth Salander memorizou o número da placa e correu para o Corolla que ela tinha deixado na mesma rua, cem metros adiante. Já estava atrás dele quando ele virou na Linnegatan. Seguiu-o até a Avenyn e depois, quando ele subiu em direção a Nordstan.

Mikael Blomkvist mal teve tempo de pegar o X2000 das 17hl0. Comprou o bilhete dentro do trem com o cartão de crédito, foi sentar-se no vagão-restaurante vazio e pediu o jantar.

Uma angústia lancinante lhe retorcia as entranhas. Temia chegar tarde demais, mas alimentava a esperança de que Lisbeth Salander ligaria para ele, mesmo sabendo que não o faria.

Ela tinha tentado matar Zalachenko em 1991. E agora, anos depois, ele acabava de dar o troco.

Holger Palmgren fizera uma análise acertada de Lisbeth Salander. Ela adquirira uma sólida experiência prática sobre o quão inútil era recorrer às autoridades.

Mikael deu uma olhada na bolsa de seu computador. Pegara o Colt encontrado na gaveta de Lisbeth. Não sabia ao certo por que tinha pegado a arma, mas seu instinto lhe disse para não deixá-la no apartamento. Admitia que não era um raciocínio muito lógico.

O trem passava pela ponte de Ársta quando ele pegou o celular e ligou para Bublanski.

—O que você quer? - perguntou Bublanski, irritado.

—Acabar - disse Mikael.

—Acabar o quê?

—Com essa confusão toda. Você quer saber quem matou o Dag, a Mia e o Bjurman?

—Se você tem alguma informação, eu gostaria de saber.

—O assassino se chama Ronald Niedermann. É o gigante loiro que lutou com o Paolo Roberto. É cidadão alemão, tem trinta e cinco anos e trabalha para um canalha chamado Alexander Zalachenko, também conhecido como Zala.

Bublanski ficou um tempo sem dizer nada. Depois suspirou ruidosamente. Mikael ouviu um ruído de papel e o clique de uma esferográfica.

—Você tem certeza?

—Tenho.

—Muito bem. E onde estão o Niedermann e esse tal Zalachenko?

—Ainda não sei. Mas assim que descobrir eu te falo. Daqui a pouco a Erika Berger vai mandar te entregar um relatório policial com data de 1991. Ela só está tirando uma cópia. Ali você vai achar todo tipo de informação sobre o Zalachenko e a Lisbeth Salander.

—Como assim?

—O Zalachenko é o pai da Lisbeth. É um espião russo dissidente da guerra fria, um assassino.

—Um espião russo! - repetiu Bublanski com a voz cheia de dúvida.

—Foi coberto por uma turminha da Säpo, que ocultou todos os crimes dele.

Mikael ouviu Bublanski pegando uma cadeira para se sentar.

—Acho melhor você passar por aqui e prestar um depoimento formal.

—Lamento, estou sem tempo.

—Como?

—Não estou em Estocolmo. Mas assim que eu encontrar o Zalachenko te dou um toque.

—Blomkvist... Você não precisa provar nada. Eu também tenho dúvidas quanto à culpa da Salander.

—Posso te lembrar que sou um simples investigador particular que não entende nada do trabalho da polícia?

Sabia que estava sendo pueril, mas cortou a conversa sem mais formalidades. Em seguida, ligou para Annika Giannini.

—Oi, mana.

—Oi. Alguma novidade?

—Dá para dizer que sim. Provavelmente vou precisar de um bom advogado amanhã.

Ela suspirou.

—O que você aprontou?

—Por enquanto, nada sério, mas pode ser que eu seja detido por obstrução de investigação policial, ou algo assim. Mas não é por isso que estou ligando. Você não vai poder me representar.

—E por que não?

—Porque quero que você se encarregue da defesa da Lisbeth Salander, e você não pode defender os dois.

Mikael contou resumidamente do que se tratava. Annika Giannini permaneceu num silêncio fúnebre.

—E você tem documentos para se basear... - disse finalmente.

—Tenho.

—Vou ter que pensar. A Lisbeth precisa de um advogado criminalístico...

—Você será perfeita.

—Mikael...

—Escuta mana, não é você que estava sentida porque eu não pedi ajuda quando precisei?

Finda a conversa, Mikael ficou um tempo refletindo. Então pegou o telefone e ligou para Holger Palmgren. Não tinha nenhum motivo especial para isso, mas achava que afinal o senhor idoso, lá no seu centro de reabilitação, tinha de ser informado sobre as pistas que Mikael estava seguindo e sobre sua esperança de que o caso se encerrasse nas próximas horas.

O problema, evidentemente, era que Lisbeth Salander também estava seguindo suas pistas.

Lisbeth Salander se abaixou para pegar uma maçã na mochila, sem tirar os olhos da granja. Estava deitada na orla de um matinho, em cima do tapete do Corolla como proteção. Tinha trocado de

roupa e usava uma calça verde de algodão pesado com bolsos nas pernas, um pulôver grosso e uma jaqueta curta forrada e bem quente.

O lugarejo de Gosseberga situava-se a cerca de quatrocentos metros da estrada departamental e compunha-se de dois grupos de edifícios. O principal estava a uns cento e vinte metros à sua frente. Era um sobrado de madeira comum, pintado de branco. Havia um galpão e um estábulo setenta metros adiante. O portão do estábulo emoldurava a frente de um carro branco. Ela podia apostar que era um Volvo, mas estava longe demais para ter certeza.

À direita, entre ela e a casa, um campo de pouco mais de duzentos metros se estendia até um açude. A trilha de acesso cortava o campo ao meio e desaparecia numa área arborizada em direção à estrada.

Na entrada da propriedade havia outra construção, com todo o jeito de sítio abandonado; as janelas estavam tapadas com tecidos claros. Ao norte dessa construção, uma área arborizada servia de cortina para o lado do vizinho mais próximo, um grupo de casas a cerca de seiscentos metros dali. O sítio à sua frente era, portanto, relativamente isolado.

Estava nas proximidades do lago Anten, numa paisagem de vales com campos cortados por pequenas aldeias e áreas de mata densa. O mapa rodoviário não dava nenhuma informação detalhada da região, mas ela seguira o Renault preto de Göteborg pela E20, dobrando para oeste em Alingsâs, na direção de Sollebrun. Mais ou menos quarenta e cinco minutos depois, o carro entrara de repente num caminho florestal, onde uma placa indicava Gosseberga. Ela estacionara atrás de uma granja, num matinho a uns cem metros ao norte da bifurcação e refizera o caminho a pé.

Nunca tinha ouvido falar em Gosseberga, mas, até onde podia perceber, o nome se aplicava a casa e ao estábulo diante dela. Passara na frente da caixa de correspondência colocada na beira da estrada. A placa indicava 612 - K. A. Bodin. O nome não lhe dizia nada.

Descrevera um semicírculo em volta da construção a fim de escolher com cuidado seu ponto de observação. Estava com o sol da tarde nas costas. Desde que chegara, por volta das três e meia,

praticamente só uma coisa acontecera: as quatro, o motorista do Renault tinha saído da casa. Na soleira da porta, trocara algumas palavras com uma pessoa que ela não conseguiu ver. Depois, fora embora dirigindo o carro e não tinha voltado. No mais, nenhum movimento na granja. Esperou pacientemente e observou a construção com um pequeno binóculo Minolta com grau oito de aumento.

Irritado, Mikael Blomkvist tamborilou com os dedos na mesa do vagão-restaurante. O X2000 estava preso em Katrineholm. O trem já estava parado havia quase uma hora em função de um misterioso problema técnico que precisava ser solucionado - era o que diziam os alto-falantes. A companhia se desculpava pelo atraso.

Ele deu um suspiro frustrado e foi buscar mais um café. Só quinze minutos depois o trem partiu, com uma sacudidela. Olhou o relógio. Oito da noite.

Deveria ter ido de avião ou alugado um carro.

A sensação de que estava chegando tarde demais só fez aumentar.

Por volta das seis horas, acenderam a luz no térreo e, pouco depois, uma lâmpada externa foi acesa acima dos degraus da porta. Lisbeth vislumbrou algumas sombras no que ela imaginou ser a cozinha, à direita da porta de entrada, mas não conseguiu distinguir nenhum rosto.

De repente, a porta se abriu e o gigante loiro chamado Ronald Niedermann saiu. Usava uma calça escura e uma blusa de gola alta colante que destacava seus músculos. Lisbeth meneou a cabeça consigo mesma. Enfim uma confirmação de que estava no lugar certo. Constatou mais uma vez que Niedermann era de fato corpulento. Mas era feito de carne e osso como qualquer ser humano, o que quer que Paolo Roberto e Miriam Wu tivessem passado com ele. Niedermann deu a volta na casa e sumiu alguns minutos na direção do carro no estábulo. Voltou com uma sacola pequena na mão e tornou a entrar na casa.

Minutos depois, saiu de novo, desta vez acompanhado de um homem de certa idade, baixo e magro, que mancava e se apoiava numa bengala. Estava escuro demais para que Lisbeth conseguisse distinguir as feições de seu rosto, mas sentiu um frio glacial na nuca.

Daaaddyy, I am heeeeree...

Observou Zalachenko e Niedermann caminharem pela trilha de acesso. Eles pararam um pouco no galpão, onde Niedermann pegou algumas toras de lenha. Depois voltaram para a casa e fecharam a porta.

Lisbeth Salander permaneceu imóvel vários minutos depois que eles entraram. Então baixou o binóculo e recuou cerca de dez metros, até ficar totalmente dissimulada pelas árvores. Abriu a mochila, pegou uma garrafa térmica, serviu-se de café preto e pôs na boca um torrão de açúcar, que começou a chupar. Comeu um sanduíche de queijo embalado em plástico que havia comprado num posto de gasolina da estrada de Göteborg. E refletiu.

Terminado o lanche, tirou da mochila a P-83 Wanad de Benny Nieminen. Tirou o carregador e conferiu que não havia nada bloqueando o orifício ou o cano. Fez de conta que atirava. No carregador havia seis balas Makarov calibre nove milímetros. Devia ser suficiente. Reposicionou o carregador e engatou uma bala. Acionou a trava de segurança e guardou a arma no bolso direito da jaqueta.

Lisbeth começou a ofensiva em direção à construção com um movimento circular através da mata. Tinha percorrido cerca de trezentos metros quando estacou de repente, no meio de uma passada.

Na margem de seu exemplar do *Aritmética,* Pierre de Fermat havia rabiscado: *Descobri uma demonstração maravilhosa. Não cabe na estreiteza desta margem.*

O quadrado tinha se transformado em cubo (x3 + y3 = z3), e os matemáticos haviam passado séculos tentando resolver o enigma de Fermat. Para enfim solucioná-lo, no final do século xx, Andrew Wiles tinha batalhado dez anos, usando os programas mais avançados do mundo.

E, súbito, ela entendeu. A resposta era de uma simplicidade absolutamente desarmante. Um jogo com algarismos se alinhando e de repente se encaixando no lugar, numa fórmula simples que tinha de ser vista, antes de mais nada, como uma charada.

Fermat não dispunha de um computador, e a solução de Andrew Wiles fundamentava-se numa matemática que ainda não

tinha sido inventada quando Fermat formulou seu teorema. Fermat não poderia ter produzido a prova que Andrew Wiles tinha apresentado. A solução de Fermat era, evidentemente, bem distinta.

Ela ficou tão surpresa que precisou se sentar sobre um cepo. Ficou olhando fixamente à frente enquanto repassava a equação.

Era isso que ele queria dizer. Não é de surpreender que os matemáticos tenham arrancado os cabelos.

Então ela caiu na gargalhada.

Um filósofo teria tido mais chances de resolver o enigma. Gostaria de ter conhecido Fermat. Era um baita de um garganta.

Pouco depois, levantou-se e continuou sua ofensiva através da mata. Ao chegar mais perto, o estábulo ergueu-se entre ela e a casa.

31 - QUINTA-FEIRA 7 DE ABRIL

Lisbeth Salander entrou no estábulo por uma porta de acesso a uma antiga fossa de purina. Não havia animais na granja. Olhou ao redor e constatou que havia três carros, mais nada - o Volvo branco da Auto-Expert, um velho Ford e um Saab um pouco mais novo. Mais ao fundo, havia um destorroador enferrujado e outras máquinas da época em que a granja estava em atividade.

Demorou-se na penumbra do estábulo, observando a casa. Anoitecera e a luz estava acesa em todos os cômodos do térreo. Ela não percebia nenhum movimento, mas tinha a impressão de vislumbrar o trêmulo clarão de um televisor. Deu uma olhada no relógio. Sete e meia. A *hora do* Rapport *na tevê.*

Intrigava-a Zalachenko ter optado por uma casa tão isolada. Não era do feitio do homem que ela conhecera tantos anos atrás. Não esperava encontrá-lo no campo, numa pequena granja pintada de branco e sim numa casa anônima no subúrbio ou em algum lugar de veraneio no exterior. Ele devia ter colecionado, ao longo da vida, mais inimigos que Lisbeth Salander. Achava perturbador o lugar ser aparentemente tão pouco protegido. Mas ponderou que ele devia ter armas em casa.

Depois de uma longa hesitação, esgueirou-se no crepúsculo para fora do estábulo. Atravessou o pátio com passos ágeis e parou encostada na fachada da casa. Chegaram-lhe aos ouvidos fracas notas musicais. Sem um ruído, contornou a casa e tentou espiar pelas janelas, mas elas ficavam muito no alto.

Lisbeth desgostava, instintivamente, daquela situação. Tinha vivido a primeira metade da sua existência com um terror constante daquele homem dentro de casa. A outra metade, depois de não ter conseguido matá-lo, ficara esperando ele ressurgir em sua vida. Desta vez, não pretendia cometer nenhum erro. Por mais que Zalachenko fosse um velho aleijado, era também um assassino tarimbado que sobrevivera a mais de uma batalha.

E também tinha que levar em conta Ronald Niedermann.

Teria preferido surpreender Zalachenko lá fora, ao ar livre, em algum ponto do pátio onde ele estaria vulnerável. Não sentia muita

vontade de falar com ele, e gostaria de ter um fuzil com luneta. Mas não tinha, e o cara tendo dificuldades para andar, não havia por que ele sair. Só o vira naqueles minutos em que ele caminhara até o galpão de lenha, e não podia esperar que ele tivesse vontade de dar um passeio noturno. Ou seja, se quisesse aguardar uma melhor oportunidade, teria de se retirar e passar a noite na mata. Não tinha saco de dormir e, mesmo o anoitecer estando ameno, a noite seria fria. Agora que finalmente o tinha ao alcance da mão, não queria correr o risco de que tornasse a escapar. Pensou em Miriam Wu e em sua mãe.

Lisbeth mordeu o lábio inferior. Teria que entrar na casa, o que era a pior alternativa. Poderia, evidentemente, bater na porta e descarregar parte da munição assim que alguém abrisse, e depois entrar para pegar o outro patife. Mas desse modo o que estivesse lá dentro ficaria de sobreaviso, provavelmente armado. *Análise das conseqüências. Quais eram as outras possibilidades?*

Súbito, avistou o perfil de Niedermann passando por uma janela a apenas poucos metros dali. Ele olhava para dentro da sala por sobre o ombro, falando com alguém.

Estão os dois na sala à esquerda da entrada.

Lisbeth se decidiu. Pegou a pistola no bolso da jaqueta, soltou a trava de segurança e subiu, sem fazer barulho, os degraus da porta. Segurava a arma na mão esquerda enquanto, bem devagarinho, girava a maçaneta. A porta não estava trancada. Franziu o cenho e hesitou. Havia fechaduras duplas de segurança.

Zalachenko não deixaria a porta destrancada. Sentiu um arrepio na nuca.

Algo não estava batendo.

A entrada estava mergulhada no escuro. À direita, avistou uma escada para o andar de cima. Havia duas portas à sua frente e outra à esquerda. Podia ver a luz vindo por uma fresta acima da porta. Ficou imóvel e escutou. Então ouviu uma voz e o ranger de uma cadeira na sala da esquerda.

Deu dois passos grandes, abriu a porta e apontou a arma para... *a sala estava deserta.*

Ouviu um farfalhar de roupas atrás de si e virou-se como um réptil. No momento em que tentava mirar, o punho imenso de

Ronald Niedermann fechou-se qual anel de aço em volta de seu pescoço, enquanto o outro agarrou a mão que segurava a arma. Ele pegou-a pela nuca e ergueu-a no ar como se fosse uma boneca.

Por um segundo, ela agitou as pernas no ar. Então se virou e deu um pontapé em direção da entreperna de Niedermann. Errou o golpe e atingiu-o no quadril. Foi como chutar o tronco de uma árvore. Começou a ver tudo preto quando ele apertou seu pescoço; Lisbeth sentiu que soltava a arma.

Droga.

Então Ronald Niedermann jogou-a dentro da sala. Ela caiu brutalmente em cima de um sofá e escorregou para o chão. Sentiu o sangue afluir de novo para a cabeça e se pôs de pé, ainda atordoada. Viu um pesado cinzeiro triangular de vidro maciço em cima de uma mesa, pegou-o e atirou-o ao se virar. Niedermann interceptou seu braço em pleno gesto. Ela enfiou a mão livre no bolso esquerdo da calça, pegou o cacetete elétrico, virou-se e enfiou-o na entreperna de Niedermann.

Sentiu em si mesma a descarga elétrica descarregada no braço que Niedermann segurava. Esperava que ele desabasse de dor. Em vez disso, ele olhou para ela com uma expressão atônita. Os olhos de Lisbeth Salander se arregalaram de espanto. Obviamente, o homem sentia algum incômodo, mas no geral não sabia o que era dor. *Esse cara não é normal.*

Niedermann se abaixou, pegou o cacetete e o examinou ainda atônito. Então deu-lhe uma bofetada com o dorso da mão. Foi como uma bordoada.

Ela desabou no chão, diante do sofá. Ergueu os olhos e encontrou os olhos de Ronald Niedermann. Ele a encarou com curiosidade, como se perguntando qual seria seu próximo movimento. Como um gato se preparando para brincar com sua presa.

Então ela pressentiu um movimento pela fresta de uma porta, mais adiante. Voltou a cabeça.

Ele caminhou devagar para dentro da luz.

Apoiava-se numa bengala inglesa e ela viu que uma de suas pernas terminava numa prótese.

A mão esquerda era uma bola atrofiada à qual faltavam dois dedos.

Ela ergueu o olhar para o rosto dele. O lado esquerdo era um *patchwork* de cicatrizes deixadas pelas queimaduras. Não restava quase nada da orelha e não havia sobrancelhas. Ele estava careca. Ela se lembrava dele como um homem viril e atlético, de cabelos pretos ondulados. Não media mais que um metro e setenta e cinco e estava esquelético.

—Oi, papai - disse ela com voz inexpressiva.

Alexander Zalachenko olhou para a filha com a mesma falta de expressão no rosto.

Ronald Niedermann acendeu a luz do teto. Apalpou sua jaqueta para verificar se ela não tinha outra arma, então pôs a trava de segurança na P-83 Wanad e tirou o carregador. Zalachenko se arrastou até uma poltrona e brandiu um controle remoto.

O olhar de Lisbeth bateu na tela da tevê atrás dele. Zalachenko clicou e ela viu surgir de repente uma imagem cintilante e esverdeada da área atrás do estábulo e um trecho da trilha de acesso. *Câmera ótica com infravermelho. Eles viram quando ela se aproximou.*

—Eu estava começando a achar que você não ia ter coragem de aparecer - disse Zalachenko. - Estamos te observando desde as quatro da tarde. Você fez disparar quase todos os alarmes da granja.

—Detectores de movimento - disse Lisbeth.

—Dois na trilha de acesso e quatro no arvoredo do lado de lá do campo. Você estabeleceu seu posto de vigilância bem no lugar onde instalamos o alarme. É dali que se tem a melhor visão da granja. Em geral, quem chega muito perto são os alces ou cabritos, e às vezes pessoas juntando bagas. Mas é raro ver alguém se aproximando de arma na mão. Ele ficou um instante em silêncio.

—Você achava mesmo que Zalachenko ia ficar totalmente exposto numa casinha de campo?

Lisbeth massageou a nuca e fez menção de se levantar.

—Fique no chão - disse Zalachenko com dureza.

Niedermann parou de mexer na pistola de Lisbeth e contemplou-a calmamente. Alçou uma sobrancelha e sorriu para

ela. Lisbeth lembrou do rosto massacrado de Paolo Roberto que tinha visto na tevê e concluiu que era uma boa hora para ficar no chão. Deu um suspiro e se recostou no sofá.

Zalachenko estendeu a mão direita intacta. Niedermann pegou uma arma no bolso da calça, puxou a corrediça e estendeu para ele. Lisbeth notou que era uma Sig Sauer, a arma-padrão da polícia. Zalachenko fez um sinal com o queixo. Sem outra forma de comunicação, Niedermann deu meia-volta e vestiu um casaco. Saiu da sala e Lisbeth ouviu a porta da rua se abrir e tornar a se fechar.

—Só para você não começar a pensar em bobagem. À menor tentativa de se levantar, eu te encho de chumbo.

Lisbeth relaxou. Dava tempo de ele atirar duas balas, ou até três, antes que ela o alcançasse, e ele provavelmente usava uma munição que a mataria de hemorragia em poucos minutos.

—Que cara ruim essa sua - disse Zalachenko, indicando a argola que ela usava na sobrancelha. —Parece uma puta.

Lisbeth o encarou.

—Mas você tem os meus olhos - disse ele.

—Isso dói? - ela perguntou, fazendo um gesto da cabeça em direção à prótese.

Zalachenko fitou-a demoradamente.

—Não. Não mais. Lisbeth meneou a cabeça.

—Seu sonho é me matar - ele disse.

Ela não respondeu. Ele caiu na gargalhada.

—Pensei em você nesses anos todos. Mais ou menos cada vez que me olho no espelho, eu penso em você.

—Você devia ter deixado a minha mãe em paz. Zalachenko riu.

—A sua mãe era uma puta.

Os olhos de Lisbeth ficaram negros como tinta.

—Ela não era uma puta. Era caixa num supermercado e tentava nos sustentar com seu salário.

Zalachenko riu novamente.

—Guarde as suas fantasias sobre ela para você. Eu sei que ela era uma puta. E rapidinho ela deu um jeito de ficar grávida, e depois tentou me empurrar um casamento. Até parece que eu ia me casar com uma puta!

Lisbeth não disse nada. Fitava o cano da arma, na esperança de que ele relaxasse a concentração por um momento.

—Aquela bomba incendiária foi uma coisa muito esperta. Eu odiei você. Mas depois tudo isso deixou de ter importância. Você não merecia que eu gastasse tanta energia. Se você não tivesse aparecido, eu nem teria feito nada.

—Mentira. O Bjurman te contratou para acabar comigo.

—Não tinha nada a ver. Era um acordo comercial. Ele precisava de um filme que está com você e eu dirijo um pequeno negócio.

—E você achou que eu ia te dar o filme.

—Sim, querida filha. Estou convencido de que você teria me dado esse filme. Você não imagina o quanto as pessoas ficam cooperativas quando o Ronald pede alguma coisa para elas. Principalmente quando ele liga uma serra elétrica e corta um pé delas fora. No meu caso, seria inclusive uma compensação adequada... um pé por um pé.

Lisbeth pensou em Miriam Wu nas mãos de Ronald Niedermann, no armazém de Nykvarn. Zalachenko interpretou mal sua expressão.

—Não se preocupe. Não pretendemos decepar você. Ele olhou para ela.

—O Bjurman realmente estuprou você? Ela não respondeu.

—Que puta mau gosto tinha esse cara. Li no jornal que você é meio que uma sapatona nojenta. Não me surpreende. Entendo que nenhum homem queira saber de você.

Lisbeth continuou calada.

—Eu devia pedir para o Niedermann te dar um trato. Você parece que está precisando.

Ele refletiu sobre o assunto.

—Mas o Niedermann não trepa com mulher. Não, ele não é gay. Ele não trepa, só isso.

—Então você mesmo vai ter que me dar um trato - lançou Lisbeth, para provocá-lo.

Aproxime-se. Cometa um erro.

—Ora, é claro que não. Não sou perverso a esse ponto. Ficaram calados durante algum tempo.

—O que a gente está esperando? - perguntou Lisbeth.

—O meu sócio volta logo. Ele só foi tirar o seu carro e tratar de um negócio. Onde está a sua irmã?

Lisbeth deu de ombros.

—Responda.

—Não faço idéia e, para ser bem franca, estou pouco me lixando. Ele riu novamente.

—E o amor entre irmãs? Camilla sempre foi a que tinha alguma coisa na cabeça, enquanto você só servia para o lixo.

Lisbeth não respondeu.

—Mas admito que é realmente uma satisfação tornar a ver você assim de perto.

—Zalachenko - disse ela -, você está me cansando à beça. Foi o Niedermann quem matou o Bjurman?

—Mas é claro. Ronald Niedermann é um perfeito soldado. Não só obedece às ordens como também toma iniciativas quando necessário.

—Onde você foi achar esse cara?

Zalachenko olhou para a filha com uma expressão estranha. Abriu a boca como para dizer alguma coisa, mas hesitou e se manteve calado. Deu uma olhada para a porta da rua e sorriu de repente.

—Quer dizer que você ainda não entendeu - disse. —E isso que, segundo dizia o Bjurman, você é uma investigadora especialmente talentosa.

Então Zalachenko caiu na gargalhada.

—Nós começamos a ter contato na Espanha, no início dos anos 1990, quando eu ainda estava convalescendo daquela sua bombinha incendiária. Ele não é meu empregado... Temos uma parceria. Dirigimos um empreendimento próspero.

—Tráfico de mulheres. Ele deu de ombros.

—Dá para dizer que andamos diversificando e cobrimos várias áreas e serviços. A idéia é a nossa empresa ficar na moita, sem a gente aparecer. Quer dizer então que você realmente não entendeu quem é o Ronald Niedermann?

Lisbeth não disse nada. Não tinha a mínima idéia do que ele estava insinuando.

—O Ronald é seu irmão - disse Zalachenko.

—Não! - fez Lisbeth, sentindo-se sufocar.

Zalachenko riu de novo. Mas o cano da pistola continuava firmemente apontado para ela.

—Ou pelo menos seu meio-irmão - esclareceu Zalachenko. —O fruto de uma diversão, durante uma missão que eu efetuei na Alemanha em 1970.

—Você transformou seu filho num assassino.

—Que nada, eu só o ajudei a realizar seu potencial. Ele era capaz de matar muito antes de eu me encarregar da educação dele. E, quando eu não estiver mais aqui, ele vai tocar com sucesso o negócio da família.

—Ele sabe que eu sou irmã dele?

—Claro. Mas se está achando que vai poder apelar para os sentimentos fraternais dele, esqueça. A família dele sou eu. Você não passa de um vago zumbido no horizonte. Devo esclarecer que ele não é o seu único meio-irmão. Você tem pelo menos mais quatro, e três irmãs também, em diferentes países. Um desses seus irmãos é um abobado, mas um deles tem um certo potencial. Ele cuida da filial de Tallinn. Mas o Ronald é o único dos meus filhos que realmente faz justiça aos genes dos Zalachenko.

—Pelo jeito não há espaço para as minhas irmãs nessa empresa familiar.

Zalachenko pareceu estupefato.

—Zalachenko... você não passa de um reles calhorda que não gosta de mulher. Por que vocês mataram o Bjurman?

—O Bjurman era um idiota. Caiu das nuvens quando descobriu que você era minha filha. Ele era uma das raríssimas pessoas neste país que conhecia o meu passado. Confesso que fiquei preocupado quando ele me procurou de repente, mas em seguida tudo se ajeitou da melhor maneira. Ele morreu e você é que foi acusada.

—Mas por que vocês o mataram? - insistiu Lisbeth.

—Não estava nos planos. Eu estava satisfeito com a idéia de trabalhar com ele por mais alguns anos, e é sempre útil ter um discreto acesso à Sapo, mesmo que através de um idiota. Mas aquele jornalista de Enskede descobriu uma ligação entre nós dois e ligou para o Bjurman bem quando o Ronald estava na casa dele. O Bjurman entrou em pânico e se descontrolou totalmente. O Ronald

foi obrigado a tomar uma decisão de última hora. E fez exatamente o que tinha que ser feito.

O coração de Lisbeth caiu como uma pedra dentro do peito quando seu pai confirmou o que ela já intuíra. Dag Svensson tinha descoberto o elo. Ela havia conversado com Dag e Mia por mais de uma hora. Gostara imediatamente de Mia, ao passo que seus sentimentos por Dag Svensson eram mais misturados. Ele lhe lembrava demais Mikael Blomkvist — um insuportável salvador do mundo que achava que podia mudar as coisas publicando um livro. Mas ela acreditara em suas boas intenções.

De modo geral, a visita a Dag e Mia tinha sido perda de tempo. Eles não podiam levá-la até Zalachenko. Dag Svensson topara com o nome e começara a escavar, mas não conseguira identificá-lo.

Em compensação, ela cometera um erro fatal durante a visita. Como sabia que existia um elo entre Bjurman e Zalachenko, tinha feito perguntas sobre Bjurman para tentar descobrir se Dag Svensson tinha topado com o nome dele. Não fora o caso, mas ele tinha um bom faro. Focara imediatamente no tal de Bjurman e a enchera de perguntas.

Embora Lisbeth não revelasse grande coisa para Dag Svensson, ele percebeu que ela estava envolvida na trama. Percebeu também que ele próprio tinha informações que ela queria. Haviam combinado de tornar a se encontrar depois da Páscoa. Depois disso, Lisbeth Salander voltou para casa e foi dormir. Ao acordar de manhã e ver o noticiário, ficou sabendo que duas pessoas haviam sido assassinadas num apartamento em Enskede.

Durante sua visita, oferecera a Dag Svensson uma única pista utilizável. O nome de Nils Bjurman. Dag Svensson devia ter pego o telefone e ligado para Bjurman assim que ela saiu do apartamento.

O elo era ela. Se não tivesse ido visitar Dag Svensson, ele e Mia ainda estariam vivos.

Zalachenko riu.

—Você não avalia a nossa surpresa quando a polícia começou a te procurar pelos homicídios.

Lisbeth mordeu o lábio inferior. Zalachenko examinou-a.

—Como foi que você me achou? - ele perguntou. Ela deu de ombros.

—Lisbeth... o Ronald vai voltar daqui a pouco. Posso pedir para ele quebrar todos os ossos do seu corpo até você responder. Poupe-nos esse trabalho.

—A caixa postal. Segui a pista do carro alugado de Niedermann e esperei que o carinha cheio de espinhas aparecesse para pegar a correspondência.

—Uau, bom trabalho! Obrigado. Vou me lembrar disso.

Lisbeth refletiu um instante. A arma continuava apontada para a parte superior de seu corpo.

—E você acha mesmo que essa tempestade vai se acalmar? - perguntou Lisbeth. —Você cometeu muitos erros, a polícia vai acabar te identificando.

—Eu sei - respondeu seu pai. —O Björck ligou ontem e contou que um jornalista da *Millennium* já farejou a história e que agora é tudo uma questão de tempo. É possível que a gente seja obrigado a cuidar do jornalista.

—Vai ser uma lista grande — disse Lisbeth. — Mikael Blomkvist, a chefe dele, Erika Berger, a assistente de redação e vários funcionários da *Millennium.* Sem falar no Dragan Armanskij e em dois ou três empregados da Milton Security. E Bublanski, e vários outros tiras da investigação. Quantas pessoas você vai matar para abafar essa história? Eles vão acabar te pegando.

Zalachenko riu mais uma vez.

—E daí? Eu não matei ninguém e não existe nenhuma prova técnica contra mim. Eles que identifiquem quem bem entenderem. Acredite... eles podem vir revistar esta casa que não vão achar um único grão de poeira me relacionando com alguma atividade criminosa. Foi a Säpo que te jogou no hospício, não eu, e eles decerto não vão estar muito interessados em colocar todas as cartas na mesa.

—Niedermann - lembrou Lisbeth.

—Amanhã de manhã, o Ronald vai sair de férias no exterior por algum tempo, enquanto aguardamos o desenrolar dos fatos.

Zalachenko encarou Lisbeth com olhos triunfantes.

—Você continuará sendo a principal suspeita dos assassinatos. De modo que o mais indicado é você desaparecer pura e simplesmente, sem alarde.

Quase uma hora se passou até Ronald Niedermann voltar. Estava usando botas.

Lisbeth Salander deu uma olhada no homem que, segundo seu pai, era seu meio-irmão. Não conseguia detectar nenhuma semelhança. Pelo contrário, ele era-lhe diametralmente oposto. Em contrapartida, Lisbeth tinha a sensação muito clara de que algo estava errado com Ronald Niedermann. Sua estrutura, o rosto flácido e a voz que ainda não amadurecera de fato, tudo evocava algum tipo de falha genética. Ele não sentira o cacetete elétrico, suas mãos eram enormes. Nada em Ronald Niedermann parecia complemente normal.

Tudo indica que existe um monte de falhas genéticas na família Zalaenko - ela pensou com amargura.

—Está pronto? - perguntou Zalachenko.

Niedermann meneou a cabeça. Estendeu a mão para pegar a sua Siguer de volta.

—Eu vou junto - disse Zalachenko. Niedermann hesitou.

—Vamos ter que caminhar um bocado.

—Eu vou junto. Pegue o meu casaco.

Niedermann deu de ombros e fez o que ele tinha mandado. Então, começou a mexer na arma enquanto Zalachenko se vestia e sumia por um breve instante no cômodo ao lado. Lisbeth observou Niedermann, que parafusava **o** adaptador com silencioso de confecção caseira.

—Vamos lá - disse Zalachenko, próximo à porta.

Niedermann se inclinou e ergueu Lisbeth, pondo-a de pé. Ela cruzou o olhar com o dele.

—Eu vou matar você também - ela disse.

—Vamos admitir, você tem confiança em si mesma - disse seu pai.

Niedermann sorriu com suavidade e a empurrou na direção da porta e, depois, pelo pátio. Segurava-a pela nuca com mão firme. Seus dedos davam tranqüilamente a volta em seu pescoço. Levou-a para a mata ao norte do estábulo.

Avançavam devagar e Niedermann parava de tempos em tempos para esperar por Zalachenko. Tinham se munido de lanternas potentes. Quando chegaram ao meio das árvores,

Niedermann soltou seu pescoço. A um metro de distância, apontava a pistola para suas costas.

Seguiram por uma trilha impraticável por cerca de quatrocentos metros. Lisbeth tropeçou duas vezes e nas duas vezes foi recolocada de pé.

—Pegue à direita - disse Niedermann.

Uns dez metros depois chegaram a uma clareira. Lisbeth viu o buraco no chão. À luz da lanterna de Niedermann, notou uma pá cravada em uma elevação de terra. Então entendeu o que Niedermann tinha ido fazer. Ele a empurrou para o buraco, ela tropeçou e caiu de quatro. Suas mãos afundaram profundamente na areia. Levantou a cabeça e olhou para ele sem nenhuma expressão. Zalachenko vinha devagar e Niedermann o esperava calmamente. Em momento algum a pistola deixou de apontar para Lisbeth.

Zalachenko estava ofegante. Precisou de mais de um minuto até conseguir falar.

—Eu deveria dizer alguma coisa, mas acho que não tenho nada para te falar - disse.

—Por mim, tudo bem - disse Lisbeth. —Também não tenho muito para falar.

Ela endereçou-lhe um sorriso enviesado.

—Vamos acabar com isso - disse Zalachenko.

—Fico feliz de saber que a última coisa que eu fiz foi te encurralar - disse Lisbeth. —A polícia vai bater na sua casa ainda esta noite.

—Balela. Eu sabia que você ia tentar alguma coisa desse tipo. Você veio i para me matar, só isso. Não falou para ninguém.

O sorriso de Lisbeth cresceu. Súbito, exibiu uma expressão malévola.

—Deixa eu te mostrar uma coisa, paizinho.

Ela enfiou lentamente a mão no bolso da perna esquerda e tirou um eto quadrado. Ronald Niedermann espreitava o menor de seus *gestos.*

— Cada palavra que você pronunciou nesta última hora foi divulgada internet.

Ela brandiu seu PDA Palm Tungsten T3.

Uma ruga rasgou a testa de Zalachenko no lugar onde deveriam estar as sombrancelhas.

—Me mostra isso aí - disse ele, estendendo a mão ilesa. Lisbeth jogou-lhe o PDA. Ele o pegou no ar.

—Balela - disse Zalachenko. —É só um Palm comum.

Quando Ronald Niedermann se inclinou para ver o PDA**,** Lisbeth Salander jogou-lhe um punhado de areia direto nos olhos. Ele ficou cego na hora, mas disparou maquinalmente a pistola provida de silencioso. Lisbeth já tinha dado dois passos para o lado, e a bala atingiu o vazio. Ela apanhou a pá e bateu com a lâmina na mão que segurava a arma. Atingiu com toda a força as juntas dos dedos e viu sua Sig Sauer fazer uma ampla curva no ar e ir cair no meio de uns arbustos. Viu jorrar sangue de um corte profundo na falange do indicador.

Era para ele estar urrando de dor.

Niedermann tateou o ar com a mão ferida enquanto com a outra esfregava os olhos, desesperado. A única chance de Lisbeth vencer o combate era causar rapidamente estragos consideráveis; se houvesse um corpo a corpo, ela estaria perdida. Precisava de uma trégua de cinco segundos para sumir dentro da mata. Puxou a pá para trás e tornou a balançada com toda a força. Tentou virar o cabo para atingido com o gume, mas estava mal posicionada. Foi o dorso da pá que bateu no rosto de Niedermann.

Ele resmungou quando seu nariz se quebrou pela segunda vez em poucos dias. Continuava cegado pela areia, mas fez um movimento largo com o braço direito e conseguiu empurrar Salander. Ela foi para trás e seu pé pisou numa raiz. Caiu por um segundo no chão, levantando-se logo de um salto. Niedermann estava fora do páreo por enquanto. *Eu vou conseguir.*

Deu dois passos em direção ao mato, quando, com o rabo do olho - *clique* -, viu Alexander Zalachenko levantar o braço.

Esse velho cretino também está com uma pistola.

A descoberta estalou feito uma chicotada em sua cabeça.

Mudou de direção no exato momento em que ele atirou. A bala raspou seu quadril e a fez vacilar e perder o equilíbrio.

Ela não sentiu dor.

A segunda bala atingiu-lhe as costas e parou junto a escapula esquerda. Uma dor aguda e paralisante atravessou seu corpo.

Caiu de joelhos. Durante alguns segundos, não foi capaz de se mexer. Tinha consciência de que Zalachenko estava atrás dela, a uns cinco, seis metros. Num derradeiro esforço, levantou-se e deu um passo titubeante em direção ao escudo protetor dos arbustos.

Zalachenko teve tempo de sobra para mirar.

A terceira bala atingiu-a cerca de dois centímetros acima da orelha esquerda. Perfurou o osso da cabeça, causando uma rede de fissuras irradiantes no crânio. A bala de chumbo penetrou em sua cabeça, alojando-se na massa cinzenta, quatro centímetros abaixo da crosta cerebral.

Para Lisbeth Salander, a descrição médica da situação não passava de jargão científico. Em termos práticos, a bala resultou num traumatismo amplo e imediato. Sua última percepção foi a de um choque vermelho se transformando em luz branca.

Em seguida, escuridão.

Clique.

Zalachenko tentou apertar mais uma vez o gatilho, mas suas mãos tremiam tanto que não conseguia mirar. *Por pouco ela não se safa.* Por fim, percebeu que ela já estava morta e abaixou a arma, tremendo, enquanto a adrenalina afluía por todo o seu corpo. Olhou para a arma. Chegara a pensar em deixar a pistola em casa, mas acabara enfiando-a no bolso, como se precisasse de um mascote. *Aquela garota era um monstro.* Estavam ali dois homens adultos, sendo um deles Ronald Niedermann, e ainda por cima armado com uma Sig Sauer. *E essa puta nojenta por pouco não se safa.*

Deu uma olhada no corpo da filha. À luz da lanterna, parecia uma boneca de pano ensanguentada. Acionou a trava de segurança e enfiou a pistola no bolso, depois acercou-se de Ronald Niedermann. Ele estava completamente desamparado, lágrimas nos olhos e sangue escorrendo da mão e do nariz. O nariz ainda não tinha sarado desde a luta decisiva contra Paolo Roberto, e o dorso da pá fizera novamente estragos consideráveis.

—Acho que quebrei o nariz de novo - disse ele.

—Imbecil - disse Zalachenko. —Por pouco ela não se safa mais uma vez.

Niedermann continuou a esfregar os olhos. Não sentia dor, mas as lágrimas escorriam e ele estava quase totalmente cego.

—Endireite-se, porra! - Zalachenko balançou a cabeça com desprezo. —Puta merda, o que seria de você sem mim?

Niedermann piscou desesperadamente. Zalachenko manquejou até o corpo da filha e agarrou sua jaqueta pelo alto das costas. Ergueu-a e puxou-a na direção do túmulo, que não passava de um buraco no chão, pequeno demais para ela poder descansar deitada. Suspendeu o corpo de modo que os pés ficassem acima do buraco, e então deixou-a cair feito um saco de batatas. Lisbeth caiu em posição fetal, para a frente, com os joelhos dobrados sob o corpo.

—Tape isso aí, para a gente poder ir para casa - ordenou Zalachenko. Ronald Niedermann, ainda meio cego, precisou de algum tempo para pôr a terra no buraco. Jogou a sobra pelo terreno em volta com pazadas vigorosas.

Zalachenko fumou um cigarro enquanto contemplava o trabalho de Niedermann. Continuava tremendo, mas a adrenalina começava a refluir. Sentiu de repente um alívio por ela ter sido eliminada. Ainda lembrava de seus olhos no instante em que jogara a bomba incendiária, tantos anos atrás.

Eram nove da noite quando Zalachenko olhou ao redor e meneou a cabeça. Conseguiram achar a Sig Sauer de Niedermann no meio dos arbustos. Então, voltaram para casa. Zalanchenko se sentia extremamente satisfeito. Dedicou um tempo a cuidar da mão de Niedermann. O golpe com a pá deixara um corte fundo, e ele precisou pegar linha e agulha para costurá-lo - uma coisa que aprendera a fazer na escola militar de Novossibirsk quando tinha quinze anos. Pelo menos não precisava de anestesia. Em compensação, a ferida podia ser séria a ponto de obrigar Niedermann a ir para o hospital. Fez um curativo com tala.

Quando terminou, abriu uma cerveja para si, enquanto Niedermann enxaguava os olhos no banheiro.

32 - QUINTA-FEIRA 7 DE ABRIL

Mikael Blomkvist chegou à estação central de Göteborg pouco depois das nove da noite. O X2000 recuperara parte do atraso, mas não totalmente. Mikael passara a última hora da viagem ligando para autolocadoras. Primeiro tentou conseguir um carro em Alingsâs, pensando em descer do trem ali, as isso revelou-se impossível àquela hora da noite. Acabou desistindo e coseguindo um Volkswagen através de uma reserva de hotel em Göteborg. O carro estaria disponível em Jãrntorget. Deixou para lá o complexo transporte coletivo de Göteborg, com seu incompreensível sistema de bilhetes que só um engenheiro espacial seria capaz de entender. Pegou um táxi.

Quando finalmente pegou o carro, descobriu que não havia um mapa rodoviário no porta-luvas. Foi até um posto de gasolina vinte e quatro horas e fez umas provisões. Comprou, além do mapa, uma lanterna, uma garrafa de água mineral e um café para viagem que ele acomodou no painel, no espaço previsto para essa finalidade. Já eram mais de dez e meia da noite quando passou por Partille, saindo de Göteborg em direção ao norte. Pegou a estrada para Alingsâs.

Às nove e meia, uma raposa macho passou junto ao túmulo de Lisbeth Salander. Parou e olhou em volta, preocupada. Sabia, por instinto, que havia algo enterrado ali, mas achou que a presa estava difícil demais de alcançar e que não valia a pena cavar. Podia encontrar presas mais fáceis.

Muito perto dali, um animal noturno inconsciente do perigo fez um barulho e a raposa imediatamente ergueu as orelhas. Deu um passo cauteloso. Mas antes de prosseguir na caçada levantou a pata traseira e marcou seu território com uma mijada.

Bublanski não tinha por hábito dar telefonemas de trabalho à noite, mas desta vez não resistiu. Tirou o fone do gancho e discou o número de Sonja Modig.

—Desculpe eu te ligar tão tarde. Está acordada?

—Não se preocupe.

—Terminei agora de ler o relatório de 1991.

—Eu também não conseguia parar de ler.

—Sonja... como você interpreta tudo que está acontecendo?

—O Gunnar Björck, um nome bem em evidência na lista dos clientes sexuais, aparentemente mandou internar a Lisbeth Salander num hospício depois que ela tentou proteger a si mesma e à mãe de um assassino de mente perturbada que trabalhava para a Säpo. Para isso, o Björck contou com a ajuda do Peter Teleborian, que fez uma avaliação do estado psíquico da Lisbeth Salander, avaliação essa em que nós, por nossa vez, baseamos boa parte do nosso julgamento.

—Isso muda completamente a imagem dela.

—E explica algumas coisas.

—Sonja, você pode vir me pegar amanhã às oito?

—Claro.

—Vamos para Smädalarö ter uma conversinha com o Gunnar Björck. Mandei tirar informações sobre ele. Está de licença médica.

—Eu vou adorar.

—Acho que vamos precisar rever a nossa avaliação da Lisbeth Salander.

Lars Beckman olhou de esguelha para a mulher. Erika Berger, em pé em frente à janela da sala, contemplava a baía. Estava com o celular na mão e ele sabia que ela esperava uma ligação de Mikael Blomkvist. Parecia tão infeliz que ele se aproximou e pôs o braço em seus ombros.

—O Blomkvist já é bem crescidinho - disse. —Mas se você está tão preocupada, deveria ligar para aquele tira.

—Eu deveria ter feito isso há horas. Mas não é por isso que estou mal.

—É algo que eu deveria saber? - perguntou Lars. Ela meneou a cabeça.

—Fala.

—Tem uma coisa que eu não te contei. Nem para o Mikael. Nem para ninguém da redação.

—O quê?

Ela se virou para o marido e contou que tinha aceitado o cargo de redatora-chefe do *Svenska Morgon-Posten.* Lars Beckman ergueu as sobrancelhas.

—Não entendo por que não contou nada - disse ele. —É uma super-notícia para você. Meus parabéns.

—Acho que é porque eu simplesmente tenho a sensação de estar cometendo uma traição.

—O Mikael vai entender. Chega uma hora em que cada um tem que traçar seu próprio caminho. Essa hora chegou para você.

—Eu sei.

—Você está mesmo decidida?

—Estou. Já resolvi. Mas ainda não tive coragem de contar a ninguém. E tenho a sensação de estar abandonando o navio no meio do caos.

Ele estreitou a mulher nos braços.

Dragan Armanskij esfregou os olhos e fitou a escuridão para além das janelas do centro de reabilitação de Ersta.

—Seria melhor chamar o Bublanski - disse.

—Não - disse Holger Palmgren. —Nem Bublanski, nem autoridade nenhuma nunca levantou um dedo para defender a Lisbeth. Agora deixe ela fazer o que tem que fazer.

Armanskij olhou para o antigo tutor de Lisbeth Salander. Continuava espantado com a evidente melhora do estado de saúde de Palmgren desde sua última visita, no Natal. Palmgren ainda gaguejava, mas estava com uma nova vitalidade no olhar. E também com uma raiva que ele nunca havia visto. Naquele entardecer, Palmgren tinha lhe contado a história que Mikael Blomkvist descobrira. Armanskij estava em choque.

—Ela vai tentar matar o pai.

—É possível - disse Palmgren calmamente.

—Ou então o Zalanchenko vai tentar matá-la.

—Também é possível.

—E a gente vai ficar aqui esperando?

—Dragan... você é um cara legal. Mas o que a Lisbeth Salander faz ou deixa de fazer, se ela vai morrer ou sobreviver, não é responsabilidade sua.

Palmgren fez um gesto amplo com o braço. Estava de repente com uma capacidade de coordenação que há muito não tinha. Parecia que o drama das últimas semanas tinha afiado seus sentidos deficientes.

—Nunca tive nenhuma simpatia por pessoas que assumem o lugar da lei. Por outro lado, nunca soube de ninguém que tivesse tão bons motivos para isso. Mesmo ao risco de parecer cínico... o que vai acontecer esta noite há de acontecer independentemente do que eu ou você achamos. Está escrito nas estrelas desde o nascimento da Lisbeth. E só o que nos resta fazer é decidir qual será a nossa atitude em relação a ela se ela voltar.

Armanskij soltou um suspiro infeliz e olhou furtivamente para o velho advogado.

—E se ela passar os próximos dez anos na prisão, terá sido escolha dela. E eu vou continuar sendo seu amigo.

—Eu não sabia que você tinha essa visão tão libertária do ser humano.

—Nem eu - disse Holger Palmgren.

Miriam Wu fitou o teto. Tinha deixado a lamparina acesa e o rádio tocando música num volume baixo. O programa da noite tocava “On a slow boat to China”. Ela acordara no hospital no dia anterior, depois de Paolo Roberto levá-la até lá. Tinha dormido e acordado agitada, depois dormira de novo, tudo sem muita lógica. Os médicos diziam que ela estava com uma concussão cerebral. De qualquer forma, precisava de repouso. Estava também com o nariz quebrado, três costelas partidas e ferimentos por todo o corpo. Sua sobrancelha esquerda estava tão inchada que o olho não passava de uma fresta estreita. Sentia dor assim que tentava mudar de posição. Sentia dor quando tentava encher os pulmões de ar. Sua nuca doía, e tinham-lhe posto um colete ortopédico, nunca se sabe. Os médicos garantiam que ela ficaria totalmente boa.

Quando acordara, no final da tarde, Paolo Roberto estava ali. Ele riu e perguntou como ela estava. Tinha curiosidade em saber se sua aparência estava tão ruim quanto a dele.

Ela fizera perguntas e ele tinha explicado tudo. Estranhamente, já não parecia tão improvável ele ser amigo da Lisbeth Salander. Era um garganta. A Lisbeth gostava dos gargantas e detestava os metidos cheios de si. A diferença era muito sutil, mas Paolo Roberto pertencia à primeira categoria.

Ela ouvira a explicação sobre a repentina chegada dele, surgido do nada, ao armazém de Nykvarn. Ficou estupefata com a

obstinação de Paolo em seguir a caminhonete. E descobriu, apavorada, que a polícia estava desenterrando três cadáveres no terreno em volta da construção.

—Obrigada - disse ela. —Você salvou a minha vida. Ele balançou a cabeça e ficou um bom tempo calado.

—Tentei explicar para o Blomkvist. Ele não entendeu direito. Acho que você pode entender. Porque você também luta boxe.

Ela sabia o que ele queria dizer. Ninguém que não tivesse estado no armazém de Nykvarn podia entender qual a sensação de lutar com um monstro insensível à dor. Sentira-se totalmente impotente.

Por fim, eles pararam de falar e ela ficara só segurando a mão enfaixada dele. Não havia nada a dizer. Quando voltou a acordar, ele não estava mais lá. Gostaria que Lisbeth Salander desse notícias.

Era ela que o Niedermann estava procurando.

Miriam Wu sentiu medo que ele a encontrasse.

Lisbeth Salander não conseguia respirar. Perdera a noção do tempo, mas sabia que seu corpo tinha sido atingido por balas e percebia - mais por instinto que por dedução racional - que estava enterrada. Seu braço esquerdo estava imprestável. Não conseguia mexer um músculo sequer sem que ondas de dor lhe varassem o ombro, e qualquer pensamento evoluía numa espécie de estado nebuloso. *Preciso de ar.* A cabeça estava a ponto de explodir com o pulsar de uma dor como ela nunca havia sentido.

A mão direita tinha ido parar sob o seu rosto, e ela instintivamente começou a cavar a fim de tirar a terra da frente do nariz e da boca. Era uma terra arenosa e relativamente seca. Conseguiu abrir uma cavidade do tamanho de um punho diante do rosto.

Não fazia idéia de quanto tempo já estava naquele túmulo. Mas sabia que sua vida estava em perigo. Por fim, conseguiu formular um pensamento coeso.

Ele me enterrou viva.

Esta certeza a deixou em pânico. Não conseguia respirar. Não conseguia se mexer. Uma tonelada de terra a mantinha prisioneira.

Tentou mexer uma perna, mas não conseguia estender os músculos. Então, cometeu o erro de tentar se levantar. Empurrou a cabeça para o alto e imediatamente a dor a transpassou pelas têmporas feito uma descarga elétrica. *Não posso vomitar.* Tornou a cair numa vaga inconsciência.

Quando conseguiu pensar novamente, conferiu com cautela que partes do seu corpo ainda podiam ser usadas. O único membro que ela conseguia mexer uns poucos centímetros era a mão direita na frente do rosto. *Preciso de ar.* O ar estava acima dela, acima do túmulo.

Lisbeth Salander começou a cavoucar. Pressionou o cotovelo e conseguiu criar um pequeno espaço de manobra. Com o dorso da mão, ampliou a cavidade na frente de seu rosto, afastando a terra. *Eu tenho que cavar.*

Depois de algum tempo, percebeu que, em virtude de sua posição fetal, criara-se um espaço vazio num ponto cego debaixo e entre suas coxas. Ali é que estava boa parte do ar usado que ainda a mantinha viva. Pôs-se a torcer o tórax desesperadamente e sentiu a terra afundando embaixo de si. A pressão sobre o peito cedeu um pouco. De repente conseguiu mexer o braço alguns centímetros.

Minuto a minuto, trabalhou num estado próximo da inconsciência. Foi raspando a terra arenosa do rosto e enfiando-a no espaço oco debaixo de si, punhado por punhado. Por fim, conseguiu soltar o braço o necessário para tirar a terra acima da cabeça. Centímetro por centímetro, foi liberando a cabeça. Sentiu algo duro e de repente se viu segurando na mão uma pequena raiz ou pedaço de galho. Cavou para o alto. A terra ainda estava solta, não muito compacta.

Eram pouco mais de dez horas quando a raposa tornou a passar junto ao túmulo de Lisbeth Salander, ao voltar para sua toca. Tinha comido uma ratazana e sentia-se satisfeita, quando, de súbito, percebeu uma presença. Imobilizou-se e ergueu as orelhas. O focinho e o bigode estremeceram.

Súbito, os dedos de Lisbeth Salander emergiram da terra como algo não muito vivo surgindo das trevas. Se um espectador humano estivesse por ali, provavelmente teria tido a mesma reação da raposa. Pernas para que te quero.

Lisbeth sentiu o ar fresco se espalhar pelo braço. Voltava a respirar.

Precisou de mais meia hora para se libertar do túmulo. Não se lembrava muito bem do processo. Achava estranho não poder usar a mão esquerda, mas raspou energicamente a terra e a areia com a direita.

Precisava de uma ferramenta para cavar. Depois de algum tempo, descobriu um jeito. Puxou o braço para dentro do buraco e conseguiu alcançar o bolso interno da jaqueta e pegar a cigarreira que Miriam Wu tinha lhe dado. Abriu-a e usou-a como vertedouro. Foi escoando a terra de grão em grão, jogando-a para fora com um gesto seco do punho. Súbito, conseguiu mexer o ombro direito e pressioná-lo contra a camada de terra. Depois, raspou para tirar à areia e a terra e conseguiu erguer a cabeça. Com isso, ficou com o braço direito e a cabeça fora do túmulo. Depois que conseguiu desprender parte do tórax, foi possível começar a se torcer e ir subindo centímetro por centímetro até que de repente a terra soltasse suas pernas.

Afastou-se do túmulo rastejando, olhos fechados, e só parou quando seu ombro esbarrou num tronco de árvore. Virou o corpo devagar para se recostar na árvore e limpou a sujeira dos olhos com o dorso da mão antes de abrir as pálpebras. Era noite escura e o ar estava gélido. Ela transpirava. Sentiu uma dor surda na cabeça, no ombro esquerdo e no quadril, mas não gastou energia pensando no assunto. Permaneceu imóvel uns dez minutos, respirando. Então se deu conta de que não podia ficar ali.

Foi uma luta conseguir ficar de pé, enquanto o mundo inteiro girava.

Sentiu-se imediatamente enjoada e se inclinou para a frente a fim de vomitar.

Então, começou a andar, sem saber em que direção. Tinha dificuldades para mexer a perna esquerda, tropeçava o tempo todo, caía de joelhos. A cada vez, uma dor intensa lhe varava a cabeça.

Não sabia bem há quanto tempo estava andando, quando repentinamente avistou uma luz com o canto do olho. Mudou de direção e continuou avançando aos tropeções. Só quando chegou

ao galpão ao lado do pátio percebeu que tinha voltado direto para a casa de Zalachenko. Deteve-se, cambaleando como uma bêbada.

Células fotoelétricas na trilha de acesso e no arvoredo. Ela tinha vindo pelo outro lado. Eles não teriam notado.

Ficou perturbada. Compreendeu que não estava em condições de travar outra luta com Niedermann e Zalachenko. Contemplou a casa branca.

Clique. Lenha. *Clique.* Fogo.

Pôs-se a tecer fantasias com um galão de gasolina e um fósforo.

Com muito custo, virou-se para o galpão e cambaleou até uma porta fechada com uma tranca. Conseguiu erguê-la empurrando com o ombro direito. Ouviu o barulho quando a tranca caiu no chão esbarrando na porta. Deu um passo no escuro e olhou em volta.

Era um galpão de lenha. Ali não havia gasolina.

Na mesa da cozinha, Alexander Zalachenko ergueu os olhos ao ouvir o som da tranca se chocando contra a porta do galpão. Afastou a cortina e estreitou os olhos para a escuridão lá fora. Levou alguns segundos até seus olhos se habituarem. O vento estava mais forte. A meteorologia anunciara um fim de semana agitado. Então, viu a porta do galpão entreaberta.

Ele tinha ido, à tarde, buscar lenha com Niedermann. Uma caminhada inútil, cujo principal objetivo fora confirmar para Lisbeth Salander que ela tinha chegado ao endereço certo, e assim atraí-la.

Niedermann teria se esquecido de recolocar a tranca? Como ele podia ser tão negligente? Deu uma olhada para a porta da sala, onde Niedermann adormecera no sofá, mas pensou que podia deixá-lo dormir. Levantou-se da cadeira.

Para achar gasolina, Lisbeth seria obrigada a ir até o estábulo onde estavam guardados os carros. Apoiou-se num cepo e respirou pesadamente. Precisava descansar. Estava sentada havia um minuto apenas, quando escutou os passos arrastados da prótese de Zalachenko na frente do galpão.

Por causa da escuridão, Mikael errou de estrada em Mellby, ao norte de Sollebrunn. Em vez de virar na direção de Nossebro, continuou para o norte e só se deu conta do erro ao chegar a Trõkõrna. Parou e consultou o mapa rodoviário.

Soltou um palavrão, deu meia-volta e retornou para o sul rumo a Nossebro.

Com a mão direita, Lisbeth Salander apanhou um machado que estava em cima do cepo um segundo antes de Alexander Zalachenko entrar no galpão. Como não tivesse forças suficientes para erguê-lo acima da cabeça, segurou-o com uma mão só e traçou uma curva de baixo para cima, jogando o peso sobre o quadril intacto e fazendo um meio giro sobre si mesma.

Zalachenko estava pressionando o interruptor quando a lâmina o golpeou de viés do lado direito do rosto, quebrou-lhe o osso da face e penetrou alguns milímetros em sua testa. Não teve tempo de entender o que estava acontecendo, mas, no instante seguinte, seu cérebro registrou a dor e ele se pôs a urrar feito um demente.

Ronald Niedermann acordou num sobressalto e se sentou atordoado. Ouviu um berro que, de início, julgou não ser humano. Vinha lá de fora. Depois percebeu que quem berrava era Zalachenko. Levantou-se rapidamente.

Lisbeth Salander tomou impulso e jogou o machado mais uma vez, só que seu corpo não obedeceu à ordem. Sua intenção tinha sido erguer o machado e plantá-lo na cabeça do seu pai, mas suas forças haviam se esgotado e o golpe o atingiu bem mais embaixo, logo abaixo do joelho. O peso, porém, fez a lâmina se cravar tão fundo que o machado ficou preso e escapou de sua mão quando Zalachenko caiu de cabeça dentro do galpão. Ele não parava de urrar.

Ela se inclinou para pegar o machado de volta. O chão começou a balançar quando a dor irradiou para sua cabeça. Foi obrigada a se sentar. Estendeu a mão e apalpou os bolsos de Zalachenko. Ele ainda estava com a pistola no bolso direito do casaco, e ela focou o olhar enquanto a terra balançava.

Uma Browning calibre 22.

Um brinquedinho de escoteiro!

Por isso ela ainda estava viva. Se tivesse sido atingida por uma bala da Sig Sauer de Niedermann, ou por uma munição mais grossa, estaria com um buraco enorme no cérebro.

Nesse exato instante, ouviu os passos de Niedermann, que ainda sonolento surgiu de repente no vão da porta. Ele estacou e

contemplou a cena com olhos esbugalhados, repletos de incompreensão. Zalachenko urrava feito louco. Seu rosto não passava de uma máscara de sangue. Tinha um machado enfiado no joelho. Uma Lisbeth Salander ensanguentada e cheia de terra estava sentada no chão a seu lado. Parecia saída diretamente de um desses filmes de terror que Niedermann tanto assistia.

Ronald Niedermann, insensível à dor e com um físico de robô antitanque, nunca tinha gostado do escuro. Até onde era capaz de lembrar, a escuridão sempre fora para ele sinônimo de ameaça.

Ele já tinha visto, com os próprios olhos, umas criaturas no escuro, e um terror indescritível o espreitava constantemente. E agora o horror acabava de se materializar.

A garota que estava sentada no chão estava morta. Sem sombra de dúvida. Ele próprio a tinha enterrado.

Por conseguinte, a criatura ali no chão não era uma garota, e sim uma alma do outro mundo que não poderia ser combatida com forças humanas ou com uma arma.

A metamorfose de ser humano em morto-vivo já havia começado. Sua pele se transformara numa carapaça igual à dos lagartos. Seus dentes à mostra eram presas afiadas prestes a arrancar pedaços da carne de sua vítima. Sua língua de réptil apontou e lambeu o contorno da boca. Suas mãos cheias de sangue tinham garras que eram como lâminas de uns dez centímetros de comprimento. Ele viu os olhos incandescentes cintilarem. Podia ouvida rosnar e a viu estender os músculos para saltar na sua garganta.

Ele viu, súbita, nitidamente, que ela tinha uma cauda, que se curvou e começou a açoitar o piso para ameaçá-lo.

Então ela ergueu a pistola e atirou. A bala passou tão perto da orelha de Niedermann que ele sentiu o calor de seu sopro. Viu sua boca lançando-lhe uma labareda.

Foi demais.

Ele parou de pensar.

Deu meia-volta e correu para salvar a vida. Ela ainda disparou mais um tiro, que passou longe dele, mas pareceu lhe dar asas. Ele transpôs uma cerca num salto de cabrito e foi engolido pela

escuridão do campo na direção da estrada. Corria levado por um terror irracional.

Lisbeth Salander observou atônita, enquanto ele sumia de vista.

Arrastou-se até a porta e espiou na escuridão, mas não avistou Niedermann. Depois de algum tempo, Zalachenko parou de gritar, só continuou gemendo, ainda em choque. Ela abriu a pistola, viu que só sobrava uma bala e cogitou dispará-la na cabeça de Zalachenko. Então se lembrou de que Niedermann ainda estava lá fora no escuro e que seria melhor guardar a última bala. Caso ele atacasse, ela decerto precisaria de muito mais que uma calibre 22. Mas era melhor que nada.

Levantou-se com dificuldade, saiu do galpão manquejando e bateu a porta. Precisou de cinco minutos para repor a tranca no lugar. Atravessou o pátio com passos vacilantes, entrou na casa e achou o telefone sobre um balcão da cozinha. Digitou o número que não utilizava havia dois anos. Ele não estava em casa. Atendeu a secretária eletrônica.

Olá. Você ligou para o Mikael Blomkvist. Não posso atender no momento. Deixe seu nome e o número de seu telefone que eu ligo de volta assim que puder.

Biiip.

—Mig-g-kral - disse ela, e percebeu que sua voz estava um mingau. Engoliu em seco. —Mikael. É a Salander.

Então não soube mais o que dizer. Desligou devagar.

A Sig Sauer de Niedermann estava desmontada para limpeza na mesa da cozinha à sua frente, ao lado da P-83 Wanad de Benny Nieminen. Ela largou a Browning de Zalachenko no chão, cambaleou até a mesa, pegou a Wanad para conferir o carregador. Encontrou também seu PDA Palm e enfiou-o no bolso. Depois, foi vacilando até a pia e encheu uma xícara de café com água gelada. Tomou quatro xícaras. Súbito, ao levantar a cabeça, deparou com seu próprio rosto num espelhinho na parede. Por pouco não apertou o gatilho, tal o susto que levou.

O que ela viu lembrava mais um bicho que um ser humano. Viu uma demente com o rosto torto e uma enorme boca aberta. Estava coberta de sujeira. O rosto e o pescoço eram uma pasta ressecada

de sangue e lama. Compreendeu então o que Ronald Niedermann tinha visto no galpão.

Chegou mais perto do espelho e se deu conta que sua perna esquerda vinha se arrastando atrás dela. Estava com muita dor no quadril, onde fora atingida pela primeira bala de Zalachenko. A segunda bala a pegara no ombro e paralisara o braço esquerdo. Doía.

Mas a dor de cabeça é que a fazia cambalear, de tão forte que era. Devagar, levantou a mão direita e apalpou a parte de trás da cabeça. Seus dedos depararam com a cratera que a bala abrira ao entrar.

Apalpou o buraco no crânio e percebeu de repente, apavorada, que tocava em seu próprio cérebro, que seus ferimentos eram tão graves que ela já devia estar agonizando ou, quem sabe, morta. Não entendia como ainda se mantinha em pé.

Um cansaço paralisante bruscamente tomou conta dela. Não sabia bem se estava a ponto de desmaiar ou de cair no sono, mas acercou-se do banco, deitou-se devagarinho e descansou o lado direito da cabeça, que não estava ferido, numa almofada.

Precisava se deitar para recobrar as forças, mas sabia que não podia se permitir pegar no sono com Niedermann lá fora. Mais cedo ou mais tarde ele ia voltar. Mais cedo ou mais tarde, Zalachenko conseguiria sair do galpão de lenha e se arrastar até a casa, mas ela não tinha mais forças para ficar de pé. Estava com frio. Soltou a trava de segurança.

* * *

Ronald Niedermann estava parado, indeciso, na beira da estrada entre Sollebrunn e Nossebro. Ele estava sozinho. A noite, totalmente escura. Voltara a pensar de maneira racional e se envergonhava de ter fugido. Não entendia como era possível, mas chegara à conclusão lógica de que ela devia ter sobrevivido. *De um jeito ou de outro, ela tinha conseguido cavar e sair do túmulo.*

Zalachenko precisava dele. Tinha, portanto, que voltar para casa e torcer o pescoço daquela Lisbeth Salander.

Ao mesmo tempo, Ronald Niedermann tinha a sensação de que estava tudo acabado. Essa sensação vinha já de algum tempo. As

coisas começaram a dar errado, e continuaram dando errado, desde que Bjurman fizera contato com eles. Zalachenko se transformara totalmente ao ouvir o nome de Lisbeth Salander. Todas as regras da prudência e da reserva que Zalachenko pregava havia tantos anos tinham deixado de vigorar.

Niedermann hesitou.

Zalachenko precisava de cuidados médicos. Se é que ela já não o tinha matado. Isso suscitava algumas questões. Mordeu o lábio inferior.

Já fazia muitos anos que era parceiro do pai. Anos repletos de sucesso. Ele economizara algum dinheiro e, além disso, sabia onde Zalachenko escondera sua fortuna. Possuía recursos e as competências necessárias para levar adiante sua atividade. O mais racional seria ir embora sem olhar para trás. Se alguma coisa Zalachenko conseguira lhe incutir, era exatamente isto: ter a capacidade de abandonar sem pruridos uma situação que se tornara incontrolável. Era a regra básica de sobrevivência. *Não levante um dedo sequer por uma causa perdida.*

Ela não era sobrenatural. Mas era sinônimo de más notícias. Era sua meia-irmã.

Ele a subestimara.

Ronald Niedermann estava dividido entre duas vontades. Parte dele queria voltar lá e torcer o pescoço dela. Outra parte queria continuar fugindo noite adentro.

Estava com o passaporte e a carteira no bolso de trás. Não tinha vontade de voltar para a granja. Não havia nada, lá, de que ele precisasse. A não ser um carro, quem sabe.

Ainda estava ali tergiversando quando, por trás de uma elevação, viu o clarão dos faróis de um carro se aproximando. Virou a cabeça. Ele talvez pudesse achar outro meio de transporte. Só precisava de um carro para ir até Göteborg.

Pela primeira vez na vida - pelo menos desde que saíra da infância -, Lisbeth Salander sentia-se incapaz de tomar as rédeas da situação. Ao longo dos anos, ela se envolvera em brigas, fora vítima de maus-tratos, objeto de uma internação compulsória decretada pelo Estado e de abusos praticados por pessoas físicas. Seu corpo

e sua alma tinham recebido muito mais pancadas do que um ser humano deveria receber.

Toda vez, porém, soubera se revoltar. Recusara-se a responder às perguntas de Teleborian, e quando fora vítima de violência física soubera escapar e se recolher.

Podia viver com um nariz quebrado.

Mas não podia viver com um buraco no crânio.

Desta vez não ia dar para ela se arrastar até a cama, puxar o cobertor sobre a cabeça e dormir dois dias seguidos, para depois se levantar e voltar à rotina como se nada tivesse acontecido.

Estava tão gravemente ferida que não poderia resolver a situação sozinha. Estava tão cansada que seu corpo não obedecia a seus comandos.

Preciso dormir um pouco - pensou. Mas teve a súbita certeza de que, se relaxasse e fechasse os olhos, provavelmente nunca mais acordasse. Analisou essa conclusão e, aos poucos, decidiu que tanto fazia. Pelo contrário. Essa idéia até a atraía. *Poder descansar. Não precisar acordar.*

Seu último pensamento foi para Miriam Wu.

Perdoa-me, Mimmi.

Ainda segurava na mão a pistola de Benny Nieminen, com a trava de segurança solta, quando cerrou os olhos.

Mikael Blomkvist avistou Ronald Niedermann de longe, à luz dos faróis, e o reconheceu de imediato. Era difícil ignorar um gigante loiro de mais de dois metros, com um físico de Terminator. Niedermann acenou com os braços. Mikael passou para a luz baixa e freou. Estendeu a mão até a bolsa do computador e tirou do bolso externo o Colt 1911 Government que encontrara na escrivaninha de Lisbeth Salander. Parou a uns bons cinco metros de Niedermann e antes de abrir a porta desligou o motor.

—Obrigado por parar - disse Niedermann, ofegante. Ele tinha corrido. —Meu carro enguiçou. O senhor poderia me levar até a cidade?

A voz dele era estranhamente aguda.

—É claro que posso - disse Mikael Blomkvist. Apontou a arma para Niedermann. —Deite-se no chão.

As provações de Ronald Niedermann naquela noite pareciam não ter fim. Ele olhou para Mikael de um jeito cético.

Niedermann não tinha medo nenhum da pistola, nem do sujeito que a segurava. Em compensação, respeitava armas. Passara a vida inteira entre armas e violência. Partia do princípio de que se alguém apontava um revólver para ele era porque a pessoa estava desesperada e disposta a usá-lo. Estreitou os olhos e tentou avaliar o homem atrás da pistola, mas os faróis do carro o transformavam num vulto escuro. *Um tira? Não tinha cara. Os tiras costumam se identificar. Pelo menos é o que eles fazem nos filmes.*

Calculou suas chances. Sabia que, atirando-se feito um selvagem, conseguiria pegar a arma. Mas o homem parecia determinado e estava protegido pela porta do carro. Niedermann levaria uma bala, talvez duas. Se fosse rápido, o homem talvez errasse o tiro, ou não atingisse nenhum órgão vital, mas mesmo que ele sobrevivesse às balas iriam dificultar sua fuga, ou até torná-la impossível. O mais certo era esperar uma oportunidade melhor.

—**DEITE-SE NO CHÃO, AGORA**! — berrou Mikael.

Desviou o cano da arma alguns centímetros e deu um tiro no chão, na beira da estrada.

—A próxima bala vai ser no seu joelho - disse Mikael com voz forte e autoritária.

Ronald Niedermann se ajoelhou, cegado pelos faróis.

—Quem é você? - perguntou.

Mikael enfiou a mão na porta do carro e pegou a lanterna que tinha comprado no posto de gasolina. Iluminou o rosto de Niedermann.

—Mãos nas costas - ordenou. —Afaste as pernas. Esperou que Niedermann, a contragosto, obedecesse.

—Eu sei quem você é. Se fizer alguma besteira, eu atiro sem hesitar. Vou mirar no pulmão, debaixo da escapula. Você provavelmente consegue me pegar... mas vai custar caro.

Soltou a lanterna no chão, tirou o cinto, amarrou-o num laço como tinha aprendido na infantaria ligeira durante o serviço militar, vinte anos antes. Colocando-se entre as pernas do gigante loiro, prendeu o laço em volta de seus braços, apertando acima dos

cotovelos. O imenso Niedermann ficava, assim, praticamente indefeso.

E depois? Mikael olhou ao redor. Estavam absolutamente sozinhos na escuridão da estrada. Paolo Roberto não tinha exagerado quando descrevera Niedermann. Era um colosso. A questão era saber por que um colosso daqueles surgia correndo na noite, como fugindo do diabo em pessoa.

—Estou procurando Lisbeth Salander. Imagino que você tenha encontrado com ela.

Niedermann não respondeu.

—Onde está Lisbeth Salander? - perguntou Mikael. Niedermann endereçou-lhe um olhar estranho. Não compreendia nada do que estava acontecendo naquela noite esquisita, em que tudo parecia estar dando errado.

Mikael deu de ombros. Voltou para o carro, abriu o porta-malas e achou uma corda de reboque. Não podia deixar Niedermann amarrado no meio da estrada, e olhou em volta. Trinta metros adiante, uma placa brilhava à luz dos faróis. Travessia de alces.

—Levante-se.

Encostou o cano da arma na nuca de Niedermann, fez com que ele andasse até a placa e o forçou a se sentar no acostamento, ordenando que se encostasse na placa. Niedermann hesitou.

—É muito simples - disse Mikael. —Você matou o Dag Svensson e a Mia Bergman. Eles eram meus amigos. Não pretendo deixar você solto na estrada. Ou você fica amarrado aqui, ou eu disparo uma bala no seu joelho. Você escolhe.

Niedermann se sentou. Mikael passou-lhe a corda em volta do pescoço e imobilizou a cabeça. Depois, usou dezoito metros de corda para amarrar o tórax do gigante no poste, até a cintura. Reservou um pedaço da corda para prender também os braços no poste e arrematou com uns nós de marinheiro bem firmes.

Quando terminou, Mikael ainda perguntou mais uma vez onde estava Lisbeth Salander. Não obteve resposta, então deu de ombros e abandonou Niedermann ali. Só quando chegou ao carro sentiu a adrenalina afluindo e teve consciência do que acabava de fazer. A imagem de Mia Bergman cintilou diante de seus olhos.

Mikael acendeu um cigarro e bebeu água mineral direto da garrafa. Contemplou no escuro o vulto junto à placa do alce. Depois sentou-se ao volante, consultou o mapa rodoviário e concluiu que faltava um quilômetro para a bifurcação que levava à granja de Karl Axel Bodin. Arrancou com o carro e passou na frente de Niedermann.

Foi dirigindo devagar e ultrapassou a bifurcação com a placa de Gosseberga, indo estacionar ao lado de uma granja, numa trilha florestal uns cem metros mais ao norte. Pegou a pistola e acendeu a lanterna. Descobriu marcas frescas de pneus na lama e concluiu que outro carro estivera estacionado ali antes, mas não se deteve para pensar no assunto. Voltou a pé para a bifurcação de Gosseberga e iluminou a caixa de correspondência. 612 - K. A. Bodin. Foi seguindo pela trilha.

Era quase meia-noite quando avistou a luz da granja de Bodin. Parou e escutou. Permaneceu vários minutos imóvel, mas só ouviu os ruídos normais da noite. Em vez de pegar a trilha que levava diretamente à granja, foi ladeando o campo e se aproximou da construção pelo estábulo. Parou no pátio, a uns trinta metros da casa. Todos os seus sentidos estavam alertas. Niedermann ter corrido para a estrada indicava que alguma coisa tinha acontecido ali.

Mikael estava no meio do pátio quando ouviu um ruído. Virou-se e deixou-se cair de joelhos, arma em riste. Levou alguns segundos para localizar o som, que vinha de um galpão. Parecia alguém gemendo. Avançou rapidamente pela grama e parou em frente ao galpão. Olhando por uma fresta, conseguiu ver que havia uma luz acesa lá dentro.

Ficou à escuta. Alguém se mexia. Ergueu a tranca e abriu a porta, e foi recebido por um par de olhos apavorados em meio a um rosto ensanguentado. Viu o machado no chão.

—*CarambaMeuDeus* - murmurou.

Então viu a prótese.

Zalachenko.

Lisbeth Salander, definitivamente, tinha passado por ali. Difícil imaginar o que teria acontecido. Fechou a porta depressa e repôs a tranca no lugar.

Com Zalachenko no galpão de lenha e Niedermann amarrado na estrada de Sollebrunn, Mikael atravessou o pátio a passos céleres e dirigiu-se para a casa. A presença de uma terceira pessoa que ele não conhecesse e que pudesse representar um perigo não estava excluída, mas a casa parecia vazia, quase inabitada. Apontou a arma para o chão e, devagar, abriu a porta. Viu-se num hall de entrada escuro e percebeu um retângulo de luz na cozinha. O único som que ouviu foi o tiquetaque de um relógio de parede. Ao transpor a porta da cozinha, avistou de imediato Lisbeth Salander deitada no banco.

Por um breve instante, ficou como petrificado, contemplando o corpo maltratado. Notou que ela segurava uma pistola na mão, que pendia frouxamente. Aproximou-se devagarinho e caiu de joelhos. Lembrou de quando tinha encontrado Dag e Mia e, por um segundo, achou que ela estivesse morta. Então percebeu um leve movimento na caixa torácica e escutou um fraco estertor.

Estendeu a mão e, suavemente, começou a tirar a pistola. Súbito, a mão em volta da coronha se endureceu. Ela abriu os olhos em duas frestas estreitas e fitou-o por longos minutos. Seu olhar estava instável. Então ouviu-a murmurar, com uma voz tão baixa que custou a entender o que ela dizia.

Maldito Super-Blomkvist.

Ela fechou os olhos e soltou a pistola. Ele pôs a arma no chão, pegou o celular e discou o número do SOS-Brigada.

STIEG LARSSON

A RAINHA DO CASTELO DE AR

Tradução

Dorothée de Bruchard



I. ENCONTRO NUM CORREDOR 8 A 12 DE ABRIL

Calcula-se em seiscentos o número de mulheres soldados que combateram na Guerra de Secessão. Alistaram-se travestidas de homem. Hollywood deixou passar batido todo um aspecto da história cultural — ou será que esse aspecto incomoda muito do ponto de vista ideológico? Os livros de história sempre tiveram dificuldade em falar de mulheres que não respeitam os padrões de gênero, e em nenhuma área essa limitação é tão evidente como na guerra e no que se refere ao manejo de armas.

No entanto, da Antigüidade aos tempos modernos a história é fértil em relatos protagonizados por guerreiras — as amazonas. Os exemplos mais conhecidos constam nos livros de história em que essas mulheres têm o estatuto de "rainhas", ou seja, de representantes da classe no poder. Com efeito, a sucessão política regularmente coloca uma mulher no trono, por mais desagradável que essa verdade soe. Sendo as guerras insensíveis ao gênero e ocorrendo até mesmo quando uma mulher dirige o país, o resultado é que os livros de história são obrigados a registrar certo número de rainhas guerreiras levadas, conseqüentemente, a se comportar como qualquer Churchill, Stálin ou Roosevelt. Semíramis de Nínive, fundadora do Império Assírio, e Boadiceia, que liderou uma das mais sangrentas revoltas contra os romanos, são dois exemplos. Esta última, aliás, tem uma estátua à margem do Tâmisa, em frente ao Big Ben. Não deixemos de cumprimentá-la caso estejamos passando por ali.

Em compensação, os livros de história são, em geral, bastante discretos sobre as guerreiras que atuaram como simples soldados, exercitando-se no manejo das armas, integrando os regimentos e participando das batalhas contra exércitos inimigos em condições idênticas às dos homens. Essas mulheres, contudo, sempre existiram. Praticamente nenhuma guerra foi travada sem alguma participação feminina.

1. SEXTA-FEIRA 8 DE ABRIL

Pouco antes da uma e meia da manhã, o Dr. Anders Jonasson foi acordado pela enfermeira Hanna Nicander.

— O que foi? — Perguntou, meio atordoado.

— Helicóptero chegando. Dois pacientes. Um homem de idade e uma mulher jovem. Ela levou um tiro.

— Estou indo, estou indo — disse Anders Jonasson, cansado.

Ainda não se sentia muito desperto, embora na verdade nem tivesse chegado a dormir; só dera um cochilo de meia hora. Estava de plantão no pronto-socorro do Hospital Sahlgrenska, em Göteborg. O início da noite tinha sido particularmente exaustivo. Às seis horas, quando o plantão começara, o hospital havia recebido quatro vítimas de uma colisão frontal nas proximidades de Lindome. Uma delas estava gravemente ferida e outra fora declarada morta pouco depois de chegar. Ele também tinha tratado da garçonete de um restaurante da Avenyn cujas pernas tinham sido escaldadas na cozinha, e salvara a vida de um menino de quatro anos que dera entrada no hospital com parada respiratória depois de engolir a rodinha de um carrinho de brinquedo. Além disso, tivera tempo de remendar uma adolescente que caíra de bicicleta num buraco. A Secretaria de Obras Públicas, muito esperta, escolhera a saída de uma ciclovia para abrir o buraco e, evidentemente, alguém ainda tinha jogado as barreiras de proteção dentro dele. A garota levara catorze pontos no rosto e ia precisar de dois dentes incisivos novos. Jonasson também costurara a ponta de um polegar que um entusiasmado marceneiro de fim de semana aplainara por inadvertência.

Por volta das onze horas, o número de pacientes da emergência diminuíra. Ele tinha feito sua ronda e conferido o estado dos internados, e então se recolhera a uma sala de descanso para tentar relaxar um pouco. Seu turno ia até as seis da manhã. Ele raramente dormia quando estava de plantão, mesmo que não

houvesse novas entradas, mas justo nessa noite adormecera quase de imediato.

Hanna Nicander ofereceu-lhe uma caneca de chá. Ainda não tinha maiores detalhes sobre os novos pacientes.

Anders Jonasson deu uma olhada pela janela e viu relâmpagos enormes riscando o céu acima do mar. Ia ser difícil para o helicóptero. De repente, desabou uma chuva violenta. A tempestade se abateu sobre Göteborg.

Ele ainda estava diante da janela quando ouviu o barulho do motor e avistou o helicóptero que, sacudido pelas rajadas, se aproximava da área de pouso. Prendeu a respiração ao ver que o piloto parecia ter dificuldade para controlar a aproximação. Então o aparelho sumiu de seu campo de visão e ele ouviu a turbina reduzindo a marcha. Tomou um gole e largou a caneca.

Anders Jonasson recebeu os paramédicos na entrada do pronto-socorro. Sua colega de plantão, Katarina Holm, assumiu o primeiro paciente que chegava deitado numa maça, um homem de idade com um ferimento grande no rosto. Coube ao Dr. Jonasson cuidar da mulher que levara um tiro. Uma rápida avaliação mostrou que se tratava de uma adolescente, gravemente ferida e toda suja de terra e sangue. Ele ergueu o cobertor no qual os paramédicos a tinham envolvido e notou que alguém fechara as lesões do quadril e do ombro com uma larga fita adesiva prateada, o que lhe pareceu uma iniciativa particularmente perspicaz. A fita adesiva bloqueava a entrada das bactérias e a saída do sangue. Uma bala a atingira na parte externa do quadril e atravessara o tecido muscular de lado a lado. Ele ergueu o ombro dela e identificou, nas costas, o orifício de entrada da bala. Não havia orifício de saída, o que significava que a bala estava cravada em algum ponto do ombro. Só restava esperar que não tivesse perfurado o pulmão. Como ele não viu sangue na boca da jovem, concluiu que esse devia ser o caso.

— Radiografia — disse à enfermeira que o assistia. Bastava como instrução.

Por fim, cortou o curativo que os paramédicos tinham usado na cabeça da jovem. Estremeceu ao apalpar o orifício de entrada com a ponta dos dedos. Ela tinha sido alvejada na cabeça. Ali também não havia orifício de saída.

Anders Jonasson deteve-se por um segundo e contemplou a jovem. De repente, sentiu-se invadido pelo pessimismo. Por várias vezes já tinha comparado seu trabalho com o de um goleiro. Todos os dias chegavam a seu local de trabalho, pessoas nas mais diversas condições, e todas com uma única intenção — conseguir ajuda. Entre elas, aquela senhora de setenta e quatro anos que tivera uma parada cardíaca e desabara na galeria comercial de Nordstan, o menino de catorze anos com o pulmão perfurado por uma chave de fenda e a menina de dezesseis que consumira ecstasy e dançara dezoito horas seguidas para então desabar, com o rosto todo azul. Elas eram vítimas de acidentes de trabalho ou de maus-tratos. Eram crianças pequenas atacadas por pitbulls na Praça Vasa e homens de mãos habilidosas cuja intenção fora apenas cortar umas tábuas com uma serra tico-tico e que acabaram talhando o pulso até o osso.

Anders Jonasson era o goleiro posicionado entre os pacientes e a agência funerária. Seu trabalho consistia em decidir quais eram as providências adequadas. Se tomasse a decisão errada, o paciente morria ou, talvez, acordava com uma invalidez permanente. No mais das vezes, tomava a decisão certa, e isso porque a maioria dos feridos tinha um problema específico e compreensível. Uma facada no pulmão ou uma lesão decorrente de um acidente de carro eram ferimentos inteligíveis e claros. A sobrevida do paciente dependia da natureza do ferimento e da habilidade de Jonasson.

Havia dois tipos de ferimento que Anders Jonasson detestava. De um lado, certas queimaduras, que na maioria dos casos, quaisquer que fossem os recursos utilizados, resultavam numa vida de sofrimentos. De outro, os ferimentos na cabeça.

Aquela jovem diante dele poderia viver com uma bala no quadril e outra no ombro. Mas uma bala num ponto qualquer do cérebro já

era um problema de outra dimensão. De repente, percebeu que a enfermeira dizia alguma coisa.

— Como?

— É ela.

— Ela quem?

— Lisbeth Salander. A garota que vem sendo procurada há várias semanas por triplo assassinato em Estocolmo.

Anders Jonasson fitou o rosto da paciente. Hanna estava certa. Era a foto daquela jovem que ele e quase todos os suecos estavam vendo estampada nas bancas de jornais desde a Páscoa. E ali estava a assassina, ferida, o que decerto acabava sendo uma forma impressionante de justiça.

Mas isso não lhe dizia respeito. Seu trabalho era salvar a vida de sua paciente, fosse ela uma tríplice assassina ou uma ganhadora do prêmio Nobel. Ou ambas as coisas.

Em seguida, houve aquela confusão controlada que caracteriza todo serviço de emergência. A equipe que trabalhava com Jonasson era tarimbada e sabia o que fazer. As roupas que Lisbeth Salander ainda vestia foram recortadas. Uma enfermeira informou sua pressão arterial — dez por sete — enquanto ele punha o estetoscópio no peito da paciente e escutava os batimentos cardíacos, que pareciam relativamente regulares; a respiração, nem tanto.

O Dr. Jonasson não hesitou, de saída, em classificar o estado de Lisbeth Salander como crítico. Os ferimentos do ombro e do quadril podiam esperar, aplicando-se compressas ou até deixando ali os pedaços de fita adesiva, já colocados por uma alma inspirada. O mais urgente era a cabeça. Jonasson ordenou que a passassem pelo tomógrafo no qual o hospital investira dinheiro do contribuinte.

Anders Jonasson era um homem loiro de olhos azuis, originário do norte da Suécia, mais precisamente de Umea. Fazia vinte anos que trabalhava nos hospitais Sahlgrenska e Ostra, revezando-se

nas funções de pesquisador, patologista e médico do pronto-socorro. Havia nele uma particularidade que perturbava seus colegas e deixava os funcionários orgulhosos de trabalhar com ele: por princípio nenhum paciente deveria morrer nos seus plantões e, de algum modo milagroso, ele conseguira manter seu escore em zero. Alguns pacientes seus tinham falecido, é claro, mas durante cuidados posteriores ou por motivos não relacionados com a sua intervenção.

Algumas vezes Jonasson também tinha uma visão pouco ortodoxa da medicina. Segundo ele, os médicos tendiam a tirar conclusões que depois eram incapazes de justificar, e por isso desistiam com muita facilidade, ou então dedicavam tempo demais tentando definir exatamente o problema para só então prescrever o tratamento adequado. De fato, esse era o método preconizado pelo manual, mas o detalhe é que o paciente corria o risco de morrer enquanto o corpo médico se perdia em ponderações. Na pior das hipóteses, o médico concluía que o caso era desesperador e interrompia o tratamento.

Contudo, era a primeira vez que Anders Jonasson recebia um paciente com uma bala no crânio. Provavelmente um neurocirurgião seria indispensável. Essa não era sua especialidade, mas de repente lhe ocorreu que talvez estivesse com mais sorte do que merecia. Antes de lavar as mãos e vestir a roupa esterilizada, gritou para Hanna Nicander:

— Tem um professor americano, chamado Frank Ellis, que trabalha no Karolinska de Estocolmo, mas está em Göteborg no momento. É um neurologista famoso e, além do mais, um bom amigo meu. Está hospedado no Hotel Radisson, na Avenyn. Tente descobrir o telefone.

Enquanto Anders Jonasson esperava o resultado das tomografias, Hanna Nicander voltou com o número do Hotel Radisson. Anders Jonasson deu uma olhada no relógio — 1h42 — e tirou o fone do gancho. O recepcionista da noite do Radisson mostrou-se bastante avesso à idéia de transferir uma chamada

àquela hora, e o médico precisou falar com bastante veemência para explicar a gravidade da situação e ter a ligação completada.

— Oi, Frank — disse Anders Jonasson quando ele finalmente atendeu. — É o Anders. Soube que você estava em Göteborg. Você não daria um pulo aqui no Sahlgrenska para me assistir numa cirurgia de cérebro?

— Are you bullshitting me? — inquiriu uma voz cética do outro lado da linha. Embora morasse na Suécia havia vários anos e falasse fluentemente sueco — com sotaque americano, claro —, ele preferia o inglês. Anders Jonasson falou em sueco e Ellis respondeu em inglês.

— Frank, lamento ter perdido sua conferência, mas achei que você pudesse me dar umas aulas particulares. Estou aqui com uma mulher com uma bala na cabeça. O orifício de entrada é bem acima da orelha esquerda. Eu não te ligaria se não precisasse de uma segunda opinião. E não conheço ninguém mais competente nesse tipo de assunto.

— Não é brincadeira? — perguntou Frank Ellis.

— A moça tem uns vinte e cinco anos.

— E qual o aspecto do ferimento?

— Orifício de entrada, nenhum orifício de saída.

— Mas ela está viva?

— Pulso fraco, porém regular, respiração nem tão regular, pressão dez por sete. Ela também está com uma bala no ombro e um ferimento de bala no quadril. Disso eu posso cuidar.

— Parece bem promissor — disse o professor Ellis.

— Promissor?

— Quando alguém está com uma bala na cabeça e continua vivo, a situação deve ser considerada muito auspiciosa.

— Você poderia me assistir?

— Confesso que passei a noite na companhia de uns amigos. Fui dormir à uma da manhã e muito provavelmente estou com um nível impressionante de álcool no sangue...

— Eu tomo as decisões e faço a cirurgia. Mas preciso de alguém que me acompanhe e me avise se eu estiver cometendo alguma aberração. E, verdade seja dita, mesmo um professor Ellis completamente bêbado sem dúvida tem mais condições que eu de avaliar danos cerebrais.

— Está bem. Estou indo. Mas você me deve um favor.

— Tem um táxi esperando você na frente do hotel.

O professor Frank Ellis ergueu os óculos sobre a testa e cocou a nuca. Concentrou o olhar na tela do monitor que mostrava todos os pontos e meandros do cérebro de Lisbeth Salander. Ellis tinha cinqüenta e três anos, cabelos negros com um fio branco aqui e ali, uma barba escura incipiente, e lembrava um ator secundário do seriado E. R. Seu corpo dava a entender que ele passava algumas horas por semana na academia.

Frank Ellis gostava de morar na Suécia. Chegara ao país como jovem pesquisador de um intercâmbio no final da década de 1970 e ficara por dois anos. Retornara depois várias vezes, até que lhe ofereceram um cargo de professor no Instituto Karolinska. Seu nome já era respeitado no mundo inteiro. Anders Jonasson conhecia Frank Ellis havia catorze anos. Tinham se visto pela primeira vez durante um seminário em Estocolmo, quando descobriram um entusiasmo em comum pela pesca com isca artificial. Anders o convidara para pescar na Noruega. Mantiveram contato ao longo dos anos e participaram de muitas outras pescarias. Em compensação, nunca haviam trabalhado juntos.

— O cérebro é um mistério — disse o professor Ellis. — Faz vinte anos que pesquiso sobre ele. Até mais.

— Eu sei. Desculpe ter te incomodado, mas...

— Deixa disso. — Frank Ellis fez um gesto com a mão para que o amigo não dramatizasse. — Vai lhe custar uma garrafa de Cragganmore na próxima vez que a gente for pescar.

— Combinado. Você não cobra caro.

— Esse caso me lembra de um outro, alguns anos atrás, quando eu trabalhava em Boston — e que descrevi no New England Journal of Medicine. Era uma garota da mesma idade da sua paciente. Estava indo para a universidade, quando atiraram nela com uma besta. A flecha entrou pela borda da sobrancelha esquerda, atravessou a cabeça e saiu quase no meio da nuca.

— E ela sobreviveu? — perguntou Jonasson, pasmo.

— Quando ela chegou ao pronto-socorro foi aquela confusão. Cortaram a flecha e passaram a cabeça dela pelo tomógrafo. A flecha atravessava o cérebro de lado a lado. Pela lógica e pelo bom senso, ela deveria estar morta, ou pelo menos em coma, dada a extensão do traumatismo.

— E em que condição ela estava?

— Ficou consciente o tempo todo. E não só: é claro que estava apavorada, mas se manteve absolutamente coerente. Seu único problema era aquela flecha atravessada no cérebro.

— O que você fez?

— Bem, peguei uma pinça e extraí a flecha, depois fiz um curativo. Mais ou menos isso.

— E ela se safou?

— Ficou em estado crítico por um bom tempo, até receber alta. Mas, para ser franco, poderia ter ido para casa no mesmo dia em que deu entrada no hospital. Nunca tinha visto um paciente com uma saúde tão boa.

Anders Jonasson se perguntou se o professor Ellis não estava zombando da cara dele.

— Por outro lado — Ellis prosseguiu —, alguns anos atrás tive um paciente de quarenta e dois anos, em Estocolmo, que tinha batido a cabeça na beirada de uma janela, uma pancadinha no cérebro. Ele estava com náuseas e seu estado piorou tão depressa que foi levado de ambulância para o pronto-socorro. Estava desacordado quando o recebi. Apresentava um inchaço pequeno e uma hemorragia mínima. Mas não voltou a acordar e morreu depois de nove dias de cuidados intensivos. Até hoje não sei do que ele morreu. No relatório da autópsia, colocamos "hemorragia cerebral em razão de acidente", mas nenhum de nós ficou satisfeito com essa conclusão. A hemorragia era minúscula, situada num lugar onde não poderia causar dano nenhum. Mesmo assim, o fígado, os rins, o coração e os pulmões foram parando de funcionar, um depois do outro. Quanto mais velho fico, mais chego à conclusão de que isso tudo parece uma loteria. Na minha opinião, nunca vamos descobrir como, exatamente, o cérebro funciona. O que você pretende fazer?

Ele tamborilou no monitor com uma caneta.

— Eu estava esperando que você me dissesse.

— Primeiro, me diga como você vê a situação.

— Bem, para começar, parece ser uma bala de calibre pequeno. Entrou pela têmpora e se alojou uns quatro centímetros dentro do cérebro. Ainda está junto ao ventrículo lateral, e há uma hemorragia.

— Providências necessárias?

— Para usar a sua terminologia: pegar uma pinça e extrair a bala por onde ela entrou.

— Excelente sugestão. Mas meu conselho é que você use a pinça mais fina que tiver.

— Simples assim?

— Num caso desses, o que mais se pode fazer? Podemos deixar a bala onde está, e a garota talvez viva até os cem anos, mas

é só uma aposta. Ela pode vir a sofrer de epilepsia, de enxaquecas terríveis, todo tipo de complicação. E não dá muita vontade de deixar para abrir a cabeça dela só daqui a um ano, quando o ferimento em si já vai estar curado. A bala está um pouco afastada das grandes veias. Meu conselho é extraí-la, mas...

— Mas o quê?

— A bala não é o que mais me preocupa. Isso é o fascinante nos traumatismos cerebrais — se ela sobreviveu à entrada da bala no crânio, é sinal de que também vai sobreviver à saída. O maior problema se situa neste ponto. — Frank Ellis pôs o dedo na tela. — Em volta do orifício de entrada há um monte de estilhaços de osso. Estou vendo pelo menos uma dúzia de fragmentos de uns poucos milímetros de comprimento. Alguns se cravaram no tecido cerebral. É isso que pode matá-la, se você não tomar cuidado.

— Essa parte do cérebro é associada à fala e à aptidão com números. Ellis deu de ombros.

— Isso é besteira. Não faço a menor idéia de que função tem essas células cinzentas. Quanto a você, tudo o que precisa fazer é dar o melhor de si. Você é quem vai operar. Vou estar logo atrás de você. Posso vestir um jaleco? E onde é que eu lavo as mãos?

Mikael Blomkvist olhou para o relógio e constatou que eram três e pouco da manhã. Estava com algemas nos pulsos. Fechou os olhos por um instante. Sentia-se extenuado, mas a adrenalina ajudava a agüentar o tranco. Tornou a abrir os olhos e encarou agressivamente o delegado Thomas Paulsson, que retribuiu com um olhar constrangido. Estavam sentados ao redor de uma mesa de cozinha, numa granja de um lugarejo chamado Gosseberga, em algum lugar perto de Nossebro, do qual Mikael ouvira falar pela primeira vez não fazia nem doze horas.

A catástrofe acabava de ser confirmada.

— Idiota — disse Mikael.

— Escute...

— Idiota — repetiu Mikael. — Puta merda, eu falei que ele era um perigo mortal ambulante. Avisei que precisava ser tratado como uma granada sem pino. Ele matou pelo menos três pessoas, tem o físico de um tanque de guerra e mata com as próprias mãos. E o senhor manda dois guardinhas irem buscá-lo, como se ele fosse um bêbado de festa de aldeia.

Mikael voltou a fechar os olhos. Perguntou-se o que mais poderia dar errado naquela noite.

Tinha encontrado Lisbeth Salander pouco depois da meia-noite, gravemente ferida. Ligara para a polícia e conseguira convencer o sos-Brigada a mandar um helicóptero a fim de transportar Lisbeth ao Hospital Sahlgrenska. Descrevera em detalhes os ferimentos dela e o buraco que a bala deixara em sua cabeça, e recebera o apoio de uma pessoa inteligente e sensata, que havia se dado conta de que Lisbeth precisava de cuidados imediatos.

Ainda assim, o helicóptero demorara meia hora para chegar. Mikael tinha tirado os dois carros do galpão que fazia às vezes de garagem e acendera os faróis para indicar uma zona de pouso, iluminando o pasto em frente à casa.

O piloto do helicóptero e os dois paramédicos mostraram-se profissionais experientes. Um dos paramédicos efetuara os procedimentos de emergência em Lisbeth Salander, enquanto o outro cuidava de Karl Axel Bodin, cujo verdadeiro nome era Zalachenko, pai de Lisbeth Salander e seu pior inimigo. Ele havia tentado matá-la, mas fracassara. Mikael encontrara o sujeito, gravemente ferido, num galpão de lenha anexo àquela granja isolada, com o rosto dilacerado por uma machadada nada gentil e um ferimento na perna.

Enquanto esperava o helicóptero, Mikael fizera todo o possível por Lisbeth. Pegara um lençol limpo num armário, que retalhara e usara como uma bandagem improvisada. Observara que o sangue havia coagulado, formando um tampão no orifício de entrada da cabeça, e não sabia se devia se atrever a aplicar um curativo. Por

fim, tinha amarrado frouxamente o lençol em volta da cabeça, mais para evitar que o ferimento ficasse exposto a bactérias e sujeira. Em compensação, detivera a hemorragia causada pelas balas no quadril e no ombro da maneira mais simples. Encontrara dentro de um armário um rolo grande de fita adesiva prateada e com ela simplesmente colara os ferimentos. Também enxugara o rosto de Lisbeth com uma toalha úmida, fazendo o possível para limpar a sujeira.

Não fora até o galpão de lenha para cuidar de Zalachenko. No íntimo, reconhecia que, para ser sincero, não estava nem aí para aquele homem.

Enquanto esperava o sos-Brigada, telefonara ainda para Erika Berger, a fim de lhe explicar a situação.

— Você está ferido? — perguntou Erika.

— Eu estou bem — respondeu Mikael. — Lisbeth é que está ferida.

— Pobre menina — disse Erika Berger. — Li o relatório do Björck para a Sapo no final da tarde. Como você vai administrar tudo isso?

— Estou sem energia para pensar nisso agora — disse Mikael. Enquanto conversava com Erika, sentado no chão ao lado da banqueta, mantinha um olhar atento em Lisbeth. Tinha tirado os sapatos e a calça dela para fazer o curativo no quadril e, em dado momento, sua mão encostou na roupa que jogara no chão, junto à banqueta. Sentiu um objeto num dos bolsos; era um Palm Tungsten T3.

Franziu a testa e contemplou, pensativo, o computador de mão. Ao ouvir o barulho do helicóptero, enfiou o Palm no bolso interno do seu casaco. Depois — enquanto ainda estava sozinho — inclinou-se e deu uma olhada em todos os bolsos de Lisbeth. Encontrou outro molho de chaves do apartamento de Mosebacke e um passaporte

em nome de Irene Nesser. Sem perder tempo, guardou tudo no compartimento externo da mochila de seu computador.

Minutos depois de o helicóptero da Brigada aterrissar, chegou a primeira viatura, trazendo Fredrik Torstensson e Gunnar Andersson, da polícia de Trollhattan. Eles vinham acompanhados do delegado responsável, Thomas Paulsson, que imediatamente assumiu o comando das operações. Mikael se apresentou e se pôs a explicar o que tinha acontecido. O delegado passou-lhe a impressão de um sujeito obtuso e cheio de si. Assim que Paulsson chegou, as coisas começaram a dar errado.

Paulsson obviamente não entendia nada do que Mikael estava explicando. Parecia estranhamente assustado, e a única informação que conseguiu captar foi que a jovem em estado deplorável, deitada no chão diante da banqueta da cozinha, era Lisbeth Salander, a tríplice assassina procurada pela polícia, e que aquela era uma captura de peso. Em três ocasiões, Paulsson perguntou ao paramédico se a jovem estava em condições de ser presa de imediato. Por fim, o paramédico se levantou e berrou para Paulsson que se afastasse.

Depois disso, Paulsson concentrou sua atenção em Alexander Zalachenko, bastante machucado no galpão de lenha, e Mikael ouviu Paulsson anunciar pelo rádio que Salander, de acordo com todas as evidências, havia tentado matar mais uma pessoa.

A essa altura, Mikael estava tão irritado com Paulsson, o qual obviamente não escutava uma palavra sequer do que ele tentava dizer, que ergueu a voz e o aconselhou a ligar imediatamente para o inspetor Jan Bublanski em Estocolmo. Pegou o celular e se ofereceu para discar o número. Paulsson não estava interessado.

Então Mikael cometeu dois erros.

Declarou taxativamente que o tríplice assassino era, na verdade, um homem chamado Ronald Niedermann, que tinha o porte de um robô antitanque, sofria de analgesia congênita e naquele momento estava amarrado num barranco da estrada de

Nossebro. Mikael indicou onde Niedermann se encontrava e recomendou à polícia que mobilizasse um batalhão de infantaria com armamento pesado para prendê-lo. Paulsson perguntou como Niedermann fora parar no barranco, e Mikael admitiu que ele próprio, sob a ameaça de uma arma, o deixara naquela situação.

— Ameaça com arma... — enfatizou o delegado Paulsson.

Naquele momento, Mikael deveria ter percebido que Paulsson era um cretino. Deveria ter pegado o celular e ligado ele mesmo para Jan Bublanski, pedindo-lhe que interviesse e dissipasse a névoa em que Paulsson parecia mergulhado. Em vez disso, Mikael cometera seu segundo erro, tentando lhe entregar a arma que tinha no bolso — uma Colt 1911 Government que ele encontrara mais cedo, naquele dia, no apartamento de Lisbeth Salander em Estocolmo e usara para dominar Ronald Niedermann.

Gesto infeliz, que levara Paulsson a dar voz de prisão a Mikael Blomkvist no ato, por porte ilegal de arma. Nisso, Paulsson ordenou que os agentes Torstensson e Andersson fossem até o local indicado por Mikael, na estrada de Nossebro, para verificar se havia um mínimo de veracidade na história daquele indivíduo, que afirmava ter deixado lá um homem amarrado a uma placa de estrada sinalizadora de travessia de alces. Se fosse o caso, os policiais deveriam algemar a pessoa em questão e trazê-la até a granja de Gosseberga.

Mikael protestara com veemência, explicando que Ronald Niedermann não era um homem que se pudesse apenas prender com algemas, e sim um assassino perigoso. Como Paulsson optasse por ignorar os protestos de Mikael, o cansaço levou a melhor. Mikael chamou Paulsson de babaca incompetente e berrou para Torstensson e Andersson que em hipótese alguma soltassem Ronald Niedermann antes de pedirem reforços.

O resultado de sua bronca foi que o algemaram e enfiaram no banco traseiro do carro do delegado Paulsson, de onde ele assistiu, furioso, à partida de Torstensson e Andersson no carro deles. A única luz naquela escuridão completa era que Lisbeth Salander fora

levada para o helicóptero que já desaparecia acima das árvores em direção ao Sahlgrenska. Mikael sentiu-se absolutamente impotente e excluído do fluxo de informações. Só lhe restava esperar que Lisbeth fosse entregue em mãos competentes.

O Dr. Anders Jonasson efetuou duas incisões profundas, até o osso do crânio, e dobrou a pele em volta do orifício de entrada. Manteve a abertura com pinças. Uma enfermeira inseriu um aspirador para tirar o sangue. Em seguida veio um momento desagradável, quando o Dr. Jonasson usou uma furadeira para ampliar o buraco do osso. A manobra progredia com uma lentidão desesperadora.

Depois de obter, afinal, um buraco suficientemente amplo para conseguir ter acesso ao cérebro de Lisbeth Salander, introduziu uma sonda bem devagar, alargando em alguns milímetros a abertura do ferimento. Em seguida, introduziu uma sonda mais fina e localizou a bala. Graças à radiografia do crânio, viu que a bala tinha desviado e se alojado a um ângulo de quarenta e cinco graus em relação à lesão. Utilizou a sonda para tocar suavemente na borda da bala e, após uma série de tentativas frustradas, conseguiu erguê-la o suficiente para recolocá-la em seu lugar inicial.

Por fim, introduzindo uma pinça comprida e muito fina, conseguiu apanhar a base da bala e a apertou com firmeza. Puxou a pinça em sua direção. A bala veio junto sem praticamente nenhuma resistência. Ele a segurou diante da luz por um segundo, constatou que parecia intacta e então a jogou numa vasilha.

— Esponja — pediu, e foi imediatamente atendido.

Deu uma olhada no eletrocardiograma, o qual indicava que sua paciente ainda gozava de uma atividade cardíaca regular.

— Pinça.

Puxou para si a fortíssima lente suspensa e focalizou a região desnudada.

— Devagar — disse o professor Frank Ellis.

Nos quarenta e cinco minutos seguintes, Anders Jonasson extraiu nada menos que trinta e dois estilhaços de osso encravados em volta do orifício de entrada. O menor deles era invisível a olho nu.

Enquanto Mikael, frustrado, tentava puxar o celular do bolso interno do casaco — tarefa que se revelou impossível com as mãos algemadas —, várias viaturas chegaram a Gosseberga trazendo policiais e técnicos. Informados pelo delegado Paulsson, receberam ordens de colher provas técnicas irrefutáveis no galpão de lenha e proceder a um exame profundo da casa, na qual várias armas tinham sido apreendidas. Resignado, Mikael acompanhou os movimentos deles do seu ponto de observação, a traseira do carro de Paulsson.

Já se passara uma boa hora quando Paulsson pareceu se dar conta de que os agentes Torstensson e Andersson ainda não tinham voltado da missão de prender Ronald Niedermann. De súbito, mostrou um ar preocupado e mandou trazer Mikael Blomkvist à cozinha, pedindo mais uma vez que ele descrevesse a estrada.

Mikael fechou os olhos.

Ainda estava na cozinha com Paulsson quando voltaram os reforços enviados para socorrer os dois policiais. O policial Gunnar Andersson fora encontrado morto, com a nuca quebrada. Seu colega Fredrik Torstensson ainda estava vivo, mas gravemente ferido. Ambos haviam sido encontrados à beira da estrada, ao lado da placa sinalizadora de travessia de alces. Suas armas de serviço e a viatura policial tinham sido levadas.

Se de início o delegado Thomas Paulsson tivera de administrar uma situação relativamente clara, agora se deparava com o homicídio de um policial e com um bandido em fuga.

— Idiota — repetiu Mikael Blomkvist.

— Ofender a polícia não vai adiantar nada.

— Nisso nós concordamos. Mas ainda vou denunciá-lo por erro profissional, e a coisa vai feder. Antes de eu terminar, todas as manchetes do país já terão lhe apontado como o policial mais estúpido da Suécia.

Aparentemente, a ameaça de ser exposto na mídia era a única coisa capaz de impressionar Thomas Paulsson. Pareceu preocupado.

— O que você sugere?

— Exijo que você ligue para o inspetor Jan Bublanski em Estocolmo. Agora.

A inspetora Sonja Modig acordou sobressaltada com o toque de seu celular, que ela deixara carregando do outro lado do quarto. Deu uma olhada no despertador em cima do criado-mudo e constatou desesperada que passava um pouco das quatro da manhã. Olhou para o marido que continuava roncando tranqüilamente. Ele continuaria dormindo mesmo que sofressem um ataque da artilharia. Ela cambaleou para fora da cama e achou o botão do celular para atender.

Jan Bublanski — ela pensou —, quem mais poderia ser?

— Desastre absoluto nos lados de Trollháttan — declarou seu chefe, sem outro tipo de cumprimento. — O X2000 para Göteborg sai às 5hl0.

— O que aconteceu?

— O Blomkvist encontrou a Salander, o Niedermann e o Zalachenko. Está detido por desacato à autoridade, resistência e porte ilegal de arma. A Salander foi levada para o hospital Sahlgrenska com uma bala na cabeça. O Zalachenko está no Sahlgrenska com um machado na cara. O Niedermann está à solta por aí. Matou um policial esta noite.

Sonja Modig piscou duas vezes e sentiu o cansaço. Antes de mais nada, sua vontade era voltar para a cama e tirar um mês de férias.

— X2000 às 5h10. Está certo. O que eu devo fazer?

— Você pega um táxi até a estação. O Jerker Holmberg vai com você. Vocês vão entrar em contato com um tal de Thomas Paulsson, delegado de Trollhättan, que, aparentemente, é o responsável pela confusão desta noite e que, de acordo com o Blomkvist, é um, abre aspas, babaca de marca maior, fecha aspas.

— Você falou com o Blomkvist?

— Ele está algemado. Consegui convencer o Paulsson a me deixar falar rapidamente com ele. Estou a caminho de Kungsholmen, e do centro das operações vou tentar descobrir o que está acontecendo. Ficamos em contato pelo celular.

Sonja Modig conferiu mais uma vez a hora. Depois chamou um táxi e tomou uma chuveirada de um minuto. Escovou os dentes, passou um pente no cabelo, vestiu uma calça preta, uma camiseta preta e uma jaqueta cinza. Guardou a arma de serviço na sacola e escolheu um sobretudo três-quartos de couro vermelho escuro. Então sacudiu o marido, explicou aonde estava indo e pediu que ele tomasse conta das crianças de manhã. Atravessou a porta do prédio no exato instante em que o táxi estacionava junto ao meio-fio.

Não precisou procurar seu colega Jerker Holmberg. Sabia que ele provavelmente estaria no vagão-restaurante, e não se enganou. Ele já havia comprado um sanduíche e um café para ela. Permaneceram calados por uns cinco minutos, tomando o café da manhã. Por fim, Holmberg empurrou sua xícara.

— A gente talvez devesse mudar de profissão — disse ele.

Às quatro da manhã, o inspetor Marcus Ackerman, da Brigada Criminal de Göteborg, chegou finalmente a Gosseberga e assumiu a investigação do assoberbado Thomas Paulsson. Ackerman era um cinquentão grisalho e rechonchudo. Uma de suas primeiras medidas foi livrar Mikael Blomkvist das algemas e lhe oferecer pãezinhos e café de uma garrafa térmica. Acomodaram-se na sala para uma conversa em particular.

— Falei com o Bublanski, de Estocolmo — disse Ackerman. — A gente se conhece há muitos anos. Nós dois lamentamos muito o comportamento do Paulsson.

— Ele conseguiu que um policial fosse morto esta noite — disse Mikael. Ackerman assentiu com a cabeça.

— Eu conhecia pessoalmente o agente Gunnar Andersson. Ele serviu em Gõteborg antes de se mudar para Trollháttan. Tinha uma menina de três anos.

— Sinto muito. Eu tentei alertar...

— Eu sei. E falou alto demais para o gosto dele, por isso mandou algemado. Foi você quem pegou o Wennerström. O Bublanski disse que você é um jornalista bastante metido e um investigador particular totalmente maluco, mas que decerto sabe do que está falando. Poderia me fornecer um quadro compreensível?

— Estamos perto da solução dos assassinatos dos meus amigos Dag Svensson e Mia Bergman, cometidos em Enskede, e de uma pessoa que não era minha amiga... o advogado Nils Bjurman, tutor de Lisbeth Salander.

Ackerman fez que sim com a cabeça.

— Como você sabe, desde a Páscoa a polícia está atrás de Lisbeth Salander, por suspeita de triplo homicídio. Antes de mais nada, você precisa aceitar que Lisbeth Salander não é culpada desses assassinatos. Se ela tem algum papel neste caso, é o de vítima.

— Não me envolvi no caso Salander, mas depois de tudo o que saiu na mídia acho difícil engolir que ela é totalmente inocente.

— Mas essa é a verdade. Ela é inocente. Ponto-final. O verdadeiro assassino é Ronald Niedermann, esse que matou o seu colega Gunnar Andersson esta noite. Ele trabalha para Karl Axel Bodin.

— O tal Bodin que está no Sahlgrenska com um machado na cara.

— De um ponto de vista puramente técnico, o machado não está mais na cara dele. Suponho que foi a Lisbeth quem o agrediu. O verdadeiro nome dele é Alexander Zalachenko. Ele é pai da Lisbeth e ex-agente dos serviços secretos militares russos. Ele desertou nos anos 1970 e depois disso trabalhou para a Sapo até a queda da União Soviética. De lá para cá, atua como gângster freelancer.

Ackerman contemplou, pensativo, o homem sentado à sua frente na banqueta. Mikael Blomkvist estava brilhando de suor e parecia enregelado e exausto. Até o momento, argumentara de modo racional e coerente, mas o delegado Thomas Paulsson — no qual Ackerman não confiava muito — o alertara sobre os delírios de Blomkvist acerca de agentes russos e assassinos alemães, coisas que não faziam parte da rotina da polícia sueca. Blomkvist parecia estar chegando ao ponto da história que Paulsson tinha preferido rejeitar. Mas um policial fora morto e outro fora gravemente ferido no acostamento da estrada de Nossebro, e Ackerman estava pronto para ouvir. Não conseguiu disfarçar, contudo, uma pitada de incredulidade na voz.

— Certo. Um agente russo.

Blomkvist exibiu um sorriso pálido, consciente de que sua história parecia meio fantasiosa.

— Um ex-agente russo. Posso provar tudo o que estou afirmando.

— Continue.

— Nos anos 1970, Zalachenko estava no auge de sua carreira de espião. Abandonou o navio, e a Sapo lhe ofereceu asilo. Até onde entendi, não se trata de um caso único na esteira do desmantelamento da União Soviética.

— Certo.

— Não sei exatamente o que aconteceu aqui esta noite, mas ao que parece a Lisbeth veio atrás do pai, que fazia quinze anos ela não via. Ele maltratava a tal ponto a mãe dela que a infeliz acabou morrendo. Ele tentou matar a Lisbeth e é ele, por intermédio do Ronald Niedermann, quem está por trás dos assassinatos do Dag Svensson e da Mia Bergman. Além disso, é o responsável pelo seqüestro da Miriam Wu, a amiga da Lisbeth — a famosa luta decisiva que o Paolo Roberto encarou em Nykvarn.

— Se Lisbeth Salander cravou um machado na cabeça do pai, não dá para dizer que ela seja inocente.

— Só que a Lisbeth Salander está com três balas no corpo. Acho que podemos alegar certo grau de legítima defesa. Eu me pergunto...

— Sim?

— A Lisbeth estava tão coberta de terra e lama que seu cabelo era uma crosta de argila endurecida. Estava com a roupa cheia de areia. Parecia ter sido enterrada. E o Niedermann tem, visivelmente, certa tendência a enterrar as pessoas. A polícia de Södertälje descobriu dois túmulos num armazém próximo de Nykvarn, de propriedade do MC Svavelsjö.

— Três túmulos, na verdade. Descobriram mais um ontem, tarde da noite. Mas se eles atiraram em Lisbeth Salander e depois a enterraram, como se explica ela andando por aí de machado na mão?

— Já disse, não sei o que aconteceu, mas a Lisbeth é uma garota de muitos recursos. Tentei convencer o Paulsson a mandar para cá uma patrulha de cães...

— Eles estão chegando.

— Ótimo.

— O Paulsson o prendeu por desacato à autoridade.

— Contesto isso. Eu o chamei de idiota, babaca incompetente e cretino. Na atual circunstância, nenhum desses adjetivos é insultuoso a ele.

— Mas você também está preso por porte ilegal de arma.

— Cometi o erro de querer entregar uma arma para ele. De resto, não tenho nada a declarar antes de falar com o meu advogado.

— Certo. Vamos deixar isso pra lá por enquanto. Temos coisas mais sérias para tratar. O que você sabe sobre esse Niedermann?

— É um assassino. E há algo errado com ele: mede mais de dois metros de altura e tem o físico de um tanque de guerra. Pergunte ao Paolo Roberto, que andou se enfrentando com ele. Ele sofre de analgesia congênita. É uma doença, as chamadas fibras C não funcionam, e ele é incapaz de sentir dor. É alemão, nasceu em Hamburgo e foi skinhead quando jovem. É extremamente perigoso e está solto por aí.

— Tem alguma idéia de onde ele poderia se esconder?

— Não. Só sei que eu tinha amarrado ele direitinho. Só faltava prendê-lo, quando esse cretino de Trollháttan assumiu as rédeas da situação.

Pouco antes das cinco da manhã, Anders Jonasson tirou suas luvas de látex sujas e jogou-as na lixeira. Uma enfermeira aplicou compressas no ferimento do quadril. A operação tinha durado três horas. Ele olhou para a cabeça raspada e maltratada de Lisbeth Salander, já envolta nas bandagens.

Sentiu uma súbita ternura, a mesma que costumava sentir pelos pacientes que operava. De acordo com os jornais, Lisbeth Salander era uma assassina em série psicopata, mas à seus olhos ela lembrava, antes de mais nada, um passarinho machucado. Balançou a cabeça e então virou-se para Frank Ellis, que o fitou com um olhar divertido.

— Você é um cirurgião excelente — disse Ellis.

— Posso te convidar para um café da manhã?

— Aqui dá para pedir panqueca com geléia?

— Dá para pedir filhos — disse Anders Jonasson. — Na minha casa. Vou avisar minha mulher e a gente pega um táxi. — Ele parou e consultou o relógio. — Pensando bem, acho melhor não ligar.

A Dra. Annika Giannini, advogada, acordou sobressaltada. Virou a cabeça para a direita e constatou que eram 5h58. Tinha uma primeira reunião com um cliente às oito horas. Virou a cabeça para a esquerda e contemplou o marido, Enrico Giannini, que dormia serenamente e, na melhor das hipóteses, acordaria por volta das oito. Determinada, piscou várias vezes, saiu da cama e foi ligar a cafeteira antes de ir para o chuveiro. Tomou banho sem pressa e vestiu em seguida uma calça preta, uma blusa de gola rolê branca e um blazer vermelho. Torrou duas fatias de pão, juntou a elas geléia de laranja, queijo e uns pedaços de maçã e levou seu café da manhã para a sala bem a tempo de pegar o noticiário das seis e meia na tevê. Tomou um gole de café e estava abrindo a boca para morder uma torrada quando ouviu a manchete.

Um policial morto e outro gravemente ferido. Uma noite trágica, com a prisão da assassina Lisbeth Salander.

De início, custou a organizar as idéias, pois sua primeira impressão fora que Lisbeth Salander havia matado um policial. As informações eram esparsas, mas ela acabou entendendo que quem estava sendo procurado pelo assassinato do policial era um homem. Fora lançado um alerta nacional de busca para um homem de trinta e sete anos, de identidade ainda desconhecida. Lisbeth Salander, ao que parecia, estava gravemente ferida no Hospital Sahlgrenska de Göteborg.

Annika mudou de canal, mas não conseguiu descobrir mais nada. Pegou o celular e digitou o número de seu irmão, Mikael Blomkvist. Uma gravação respondeu que o número chamado estava indisponível. Sentiu uma pontada de medo. Mikael ligara na noite anterior, a caminho de Göteborg. Estava indo atrás de Lisbeth Salander. E de um assassino chamado Ronald Niedermann.

Ao raiar do dia, um policial observador notou vestígios de sangue no terreno atrás do galpão de lenha. Um cão farejador seguiu o rastro até um buraco aberto numa clareira, a cerca de quatrocentos metros a nordeste da granja de Gosseberga.

Mikael acompanhou o inspetor Ackerman. Examinaram o local, pensativos. Não foi difícil descobrir uma quantidade grande de sangue dentro e ao redor do buraco.

Também acharam uma cigarreira amassada, que claramente tinha sido usada como pá. Ackerman guardou a cigarreira num saco plástico para evidências e lhe pôs uma etiqueta. Juntou também amostras de torrões da terra manchada de sangue. Um policial fardado chamou sua atenção para uma guimba sem filtro da marca Pall Mall a poucos metros do buraco. A guimba também foi guardada num saco plástico etiquetado. Mikael lembrou de ter visto um maço de Pall Mall na bancada da cozinha de Zalachenko.

Ackerman deu uma olhada no céu e avistou nuvens pesadas de chuva. A tempestade que castigara Göteborg durante a noite parecia estar passando pelo sul da região de Nossebro e a chuva ia começar dali a pouco. Virou-se para um policial e pediu-lhe que achasse uma lona para cobrir o buraco.

— Acho que você tem razão —Ackerman disse afinal para Mikael. — O exame de sangue vai provavelmente dizer que Lisbeth Salander foi enterrada aqui, e aposto que vão achar impressões digitais na cigarreira. Ela foi baleada, enterrada, mas de alguma maneira sobreviveu, conseguiu sair do túmulo e...

— ... e voltou até a granja e jogou o machado na cara do Zalachenko — concluiu Mikael. — No quesito obstinação, ela é nota dez.

— Mas como foi que ela se virou com o Niedermann?

Mikael deu de ombros. Nesse ponto, estava tão perplexo quanto Ackerman.

2. SEXTA-FEIRA - 8 DE ABRIL

Sonja Modig e Jerker Holmberg chegaram à estação central de Göteborg pouco depois das oito da manhã. Bublanski tinha ligado e passado novas instruções; era para deixarem Gosseberga para lá e pegarem um táxi até a chefatura de polícia, em Nya Ullevi, sede da polícia criminal de Vástra Götaland. Aguardaram quase uma hora até o inspetor Ackerman chegar de Gosseberga, acompanhado de Mikael Blomkvist. Mikael cumprimentou Sonja Modig, que ele já conhecia, e apertou a mão de Jerker Holmberg. Em seguida, um colega de Ackerman juntou-se a eles trazendo um relatório atualizado da busca a Ronald Niedermann. O relatório era sucinto.

— Dispomos de um grupo de investigação dirigido pela Criminal. Foi lançado, claro, um aviso de busca em todo o país. Encontraram a viatura da polícia em Alingsâs, às seis da manhã. Por enquanto, a pista acaba aí. Desconfiamos que ele trocou de carro, mas não foi registrada nenhuma queixa de roubo de carro.

— E a imprensa? — inquiriu Modig, com um olhar de desculpas para Mikael Blomkvist.

— Trata-se do assassinato de um policial, e a mobilização é geral. Vai haver uma coletiva de imprensa às dez horas.

— Alguém por acaso sabe alguma coisa sobre o estado da Lisbeth Salander? — perguntou Mikael. Estranho, mas não sentia quase nenhum interesse por tudo o que dizia respeito à caçada a Niedermann.

— Ela foi operada durante a madrugada. Extraíram uma bala da cabeça dela. Ainda não acordou.

— Algum prognóstico?

— Pelo que entendi, não há como saber antes de ela acordar. Mas o médico que fez a cirurgia diz que ela tem boas chances de sobreviver se não houver nenhuma complicação.

— E o Zalachenko?

— Quem? — perguntou o colega de Ackerman, que ainda não estava inteirado de todos os meandros complicados da história.

— Karl Axel Bodin.

— Ah, sim, ele também foi operado de madrugada. Levou uma machadada feia no rosto e outra logo abaixo da patela. Está em péssimo estado, mas os ferimentos não apresentam risco de morte.

Mikael assentiu com a cabeça.

— Você parece cansado — disse Sonja Modig.

— Pode-se dizer que sim. Estou começando meu terceiro dia sem dormir praticamente nada.

— Ele dormiu no carro, voltando de Nossebro — disse Ackerman.

— Você teria condições de nos contar a história toda desde o início? — perguntou Holmberg. — Parece que os investigadores particulares estão dando de três a zero na polícia.

Mikael tentou sorrir.

— Essa é uma fala que eu gostaria de ouvir da boca do Bublanski — disse.

Acomodaram-se na cafeteria da chefatura de polícia para tomar o café da manhã. Mikael passou cerca de meia hora explicando, tintim por tintim, de que modo reconstituíra a complexa história de Zalachenko. Quando concluiu, os policiais mantiveram um silêncio pensativo.

— Existem umas lacunas na sua história — disse Jerker Holmberg afinal.

— E bem possível.

— Você não explicou como teve acesso ao relatório secreto da Sapo sobre o Zalachenko.

Mikael assentiu com a cabeça.

— Eu o encontrei ontem na casa da Lisbeth Salander, depois que finalmente descobri o esconderijo dela. Quanto a ela, decerto achou o relatório na casa de campo do doutor Nils Bjurman.

— Quer dizer que você descobriu o esconderijo da Lisbeth Salander — disse Sonja Modig.

Mikael assentiu com a cabeça.

— E?

— Vou deixar para vocês a tarefa de descobrir o endereço por seus próprios meios. A Lisbeth fez um esforço enorme para conseguir aquele endereço secreto, e agora não vou ser eu quem vai deixar vazar.

Modig e Holmberg ficaram meio acabrunhados.

— Mikael... trata-se de uma investigação de homicídio — disse Sonja Modig.

— E vocês ainda não sacaram que a Lisbeth Salander é inocente e que a polícia pisoteou a vida pessoal dela de um jeito que não dá para entender. De onde vocês tiraram aquela história de lésbicas satânicas? Tenho certeza de que a própria Lisbeth, se quiser, vai contar para vocês onde ela mora.

— Tem outra coisa que não consegui entender direito — insistiu Holmberg. — Onde é que o Bjurman entra nessa história? Você disse que foi ele quem desencadeou tudo isso quando contatou o Zalachenko e pediu que ele matasse a Salander..., mas por que ele faria uma coisa dessas?

Mikael teve um longo momento de hesitação.

— Tenho a impressão de que ele contratou o Zalachenko para se livrar da Lisbeth Salander. O objetivo era ela ir parar no armazém de Nykvarn.

— Ele era o seu tutor. Que motivo teria para se livrar dela?

— É complicado.

— Explique.

— Ele tinha um puta motivo. Foi uma coisa que ele fez, e a Lisbeth estava sabendo. Ela era uma ameaça para o futuro pessoal e financeiro dele.

— O que foi que ele fez?

— Acho melhor a própria Lisbeth explicar essa parte. Seu olhar cruzou com o de Holmberg.

— Deixe eu adivinhar — disse Sonja Modig. — O Bjurman se comportou mal com a sua protegida.

Mikael assentiu com a cabeça.

— Posso deduzir que ele a submeteu a algum tipo de violência sexual? Mikael deu de ombros e se absteve de qualquer comentário.

— Você está sabendo da tatuagem na barriga do Bjurman?

— Tatuagem?

— Uma tatuagem feita por um amador, um texto que ocupa a barriga toda... Sou um porco sádico, um canalha estuprador. A gente andou se perguntando sobre o significado disso tudo.

De repente, Mikael caiu na risada.

— O que foi?

— Fiquei pensando no que a Lisbeth teria feito para se vingar. Mas, já disse, não quero discutir isso com vocês, pelo mesmo motivo. Trata-se da vida pessoal dela. A Lisbeth é que foi objeto de um crime. Ela é que é a vítima. Ela é quem deve decidir o que vai querer ou não contar para vocês. Sinto muito.

Ele parecia estar quase se desculpando.

— O certo, em caso de estupro, é dar queixa — disse Sonja Modig.

— Concordo. Mas esse estupro aconteceu há dois anos e a Lisbeth ainda não contou nada à polícia. O que prova que ela não pretende contar. Posso até não concordar, mas ela é quem decide. Além disso...

— Sim?

— Ela não tem motivo algum para confiar na polícia. Da última vez que tentou explicar a que ponto Zalachenko era um canalha, foi trancafiada num hospital psiquiátrico.

Richard Ekström, o responsável pelo inquérito preliminar, estava um tanto ansioso naquela manhã de sexta-feira, quando, pouco antes das nove horas, convidou o chefe das investigações, Jan Bublanski, para se sentar à sua frente. Ekström ajeitou os óculos e esfregou a barba bem cuidada. Para ele, aquela situação era caótica e ameaçadora. Durante um mês, ele fora o responsável pela investigação preliminar, o homem que caçava Lisbeth Salander. Ele a tinha descrito abertamente como uma psicopata, uma doente mental perigosa para a população. Tinha deixado vazar informações que seriam vantajosas para ele num eventual processo. Tudo parecia às mil maravilhas.

Na sua cabeça, não havia dúvida de que Lisbeth Salander era de fato culpada do triplo homicídio e que o processo resultaria numa vitória tranqüila, uma mera encenação de marketing com ele próprio no papel principal. E eis que tudo tinha desandado e lá estava ele às voltas com um assassino bem diferente e um caos que parecia não ter fim. Droga de Salander.

— Estamos com uma autêntica baderna para resolver — disse ele. — O que você descobriu esta manhã?

— Emitimos um pedido nacional de busca para Ronald Niedermann, mas ele ainda está foragido. Por enquanto, está sendo procurado apenas pelo assassinato do policial Gunnar Andersson, mas imagino que a gente deva incluir os três homicídios aqui de

Estocolmo. Talvez você devesse convocar uma coletiva de imprensa.

Bublanski só estava sugerindo a coletiva para sacanear Ekstrõm, a quem detestava.

— Acho melhor esperar um pouco — respondeu Ekström depressa. Bublanski fez um esforço para não sorrir.

— Os últimos acontecimentos dizem respeito principalmente à polícia de Göteborg — retomou Ekström, para ser mais claro.

— É, mas estamos com a Sonja Modig e o Jerker Holmberg no local, em Göteborg, e iniciamos uma colaboração...

— Vamos esperar mais informações antes de convocar uma coletiva — interrompeu Ekström com voz autoritária. — O que eu queria saber é até que ponto você tem certeza de que o Niedermann está envolvido nos assassinatos aqui de Estocolmo.

— Como policial, estou convencido disso. Mas, de fato, não temos muitas provas. Não existe testemunha dos assassinatos nem nenhuma prova técnica irrefutável. O Magge Lundin e o Benny Nieminen, do MC Svavelsjö, negam-se a prestar uma declaração e afirmam que nunca ouviram falar do Niedermann. Em compensação, é certo que ele vai ser condenado pelo homicídio do Gunnar Andersson.

— Está bem — disse Ekström. — O que nos interessa no momento é o assassinato do policial. Mas me conte... Há algo que indique que a Salander estaria, apesar de tudo, envolvida nos assassinatos? Daria para supor que ela e o Niedermann agiram juntos?

— Duvido. Eu é que não divulgaria uma teoria dessas.

— Mas então qual é o papel dela nisso tudo?

— É uma história super complicada. Como o Mikael Blomkvist vem afirmando desde o começo, é esse sujeito, o Zala... Alexander Zalachenko.

Ao ouvir o nome de Mikael Blomkvist, o procurador Ekstrõm estremeceu visivelmente.

— O Zala é um espião russo fora de atividade, obviamente desprovido de qualquer escrúpulo, que atuava na época da guerra fria — prosseguiu Bublanski. — Chegou aqui nos anos 1970, e é o pai de Lisbeth Salander. Foi apoiado por um grupo da Sapo, que o cobria quando ele infringia a lei. Um policial da Sapo também deu um jeito de a Lisbeth Salander ser internada, aos treze anos, numa clínica de psiquiatria infantil, quando ela ameaçou revelar a verdade sobre o Zalachenko.

— Admita que é meio difícil engolir tudo isso. Não dá para tornar pública uma história dessas. Se entendi bem, tudo o que diz respeito ao Zalachenko é considerado segredo de Estado.

— Mas é a pura verdade. Tenho documentos que comprovam isso.

— Posso ver esses documentos?

Bublanski empurrou na direção dele o arquivo contendo o relatório policial datado de 1991. Ekström, pensativo, contemplou o selo que classificava o documento como segredo de Estado, e o número do arquivo, que ele de imediato identificou como proveniente da Sapo. Folheou rapidamente as cerca de cem páginas e leu algumas ao acaso. Por fim, largou o relatório.

— Temos que tentar acalmar as coisas para que a situação não escape das nossas mãos. Com que então a Lisbeth Salander foi internada num hospital de loucos porque tentou matar o pai... o tal Zalachenko. E agora cravou um machado na cabeça dele. Não dá para não entender isso como uma tentativa de homicídio. E ela também tem que ser acusada por ter atirado no Magge Lundin em Stallarholmen.

— Acuse quem você quiser, mas eu, no seu lugar, avançaria pisando em ovos.

— Vai ser um escândalo daqueles se essa história envolvendo a Sapo for divulgada.

Bublanski deu de ombros. Sua missão era elucidar crimes, e não administrar escândalos.

— E esse canalha da Sapo, o Gunnar Björck, o que se sabe sobre o papel dele nisso tudo?

— Ele é um dos protagonistas. Atualmente está de licença médica por causa de uma hérnia de disco e está passando um tempo em Smâdalarö.

— Certo... por enquanto não se fala na Sapo. Trata-se de um policial morto, só isso. O nosso papel não é criar confusão.

— Acho que vai ser difícil de abafar.

— Como assim?

— Mandei o Curt Bolinder deter o Björck para um interrogatório. — Bublanski consultou o relógio. — À essa hora ele deve estar em plena ação.

— O quê?

— Na verdade, minha intenção era eu mesmo ter o prazer de ir até Smâladarö, mas não pude por causa do assassinato do policial.

— Não emiti nenhuma autorização para a prisão de Björck.

— Correto. Mas não se trata de prisão. Mandei que o trouxessem para interrogá-lo.

— Não estou gostando nada disso.

Bublanski se inclinou para a frente e assumiu um ar confidencial.

— Richard... a questão é a seguinte. A Lisbeth Salander foi vítima de uma série de abusos judiciários, que tiveram início quando ela não passava de uma criança. Não preterido deixar que isso continue. Você pode escolher me afastar das investigações, mas

nesse caso vou ser obrigado a escrever um relatório incisivo a respeito.

Richard Ekström ficou com cara de quem chupou um limão.

Gunnar Björck, em licença médica do seu cargo de chefe-adjunto da Brigada dos Estrangeiros na Sapo, abriu a porta de sua casa de campo em Smâladarö e se viu frente a frente com um homem corpulento, de cabelos loiros e curtos e jaqueta de couro preta.

— Gostaria de falar com Gunnar Björck.

— Sou eu.

— Curt Bolinder, de Assuntos Criminais. O homem mostrou sua identificação.

— Pois não?

— Vou pedir que me acompanhe até a chefatura de polícia de Kungsholmen para auxiliar na investigação sobre Lisbeth Salander.

— Hã... deve haver algum engano.

— Não há nenhum engano — disse Curt Bolinder.

— O senhor não está entendendo. Eu também sou da polícia. Sugiro que verifique com seu chefe.

— É o meu chefe que quer falar com o senhor.

— Preciso dar um telefonema e...

— Vai poder telefonar de Kungsholmen.

De repente, Gunnar Björck entregou os pontos. Droga de Mikael Blomkvist. Droga de Salander.

— Estou sendo detido? — perguntou.

— Por enquanto não. Mas acho que se pode dar um jeito, se o senhor acha indispensável.

— Não... não, vou acompanhá-lo, claro. Faço questão de auxiliar meus colegas da polícia oficial.

— Melhor assim — disse Curt Bolinder, entrando na casa. Manteve um olhar atento em Gunnar Björck enquanto ele ia pegar o casaco e desligar a cafeteira.

Às onze da manhã, Mikael Blomkvist soube que o seu carro alugado continuava estacionado atrás de uma granja na entrada de Gosseberga, mas no estado de exaustão em que se encontrava não tinha energia para ir buscá-lo, e muito menos para dirigir uns tantos quilômetros sem se transformar em vim perigo para o trânsito. Pediu conselho ao inspetor Marcus Ackerman, que generosamente propôs que um técnico da Criminal de Göteborg fosse buscar o carro.

— Encare isso como uma compensação pela maneira como você foi tratado na noite passada.

Mikael assentiu com a cabeça e pegou um táxi para o City Hotel, na Lorensbergsgatan, perto da Avenyn. Pediu um quarto simples por uma diária de oitocentas coroas e subiu imediatamente. Despiu-se, sentou-se nu sobre a cama, tirou do bolso interno do casaco o Palm Tungsten T3 de Lisbeth Salander e avaliou seu peso com a mão. Ainda estava surpreso de o computador de mão não ter sido apreendido quando o delegado Thomas Paulsson o revistara, mas Paulsson partira do princípio de que aquele era o computador de Mikael, e ele não fora formalmente acusado de nada nem destituído de seus objetos pessoais. Refletiu um instante e então colocou o Palm no compartimento da mochila de seu computador, onde já estava guardado o DVD Bjurman, de Lisbeth, que Paulsson também deixara passar. Estava ciente de que, do ponto de vista legal, era uma retenção de provas, mas aqueles eram objetos que Lisbeth aparentemente não ia querer que fossem parar em mãos erradas.

Pegou seu celular, observou que a bateria estava quase no fim e colocou-o para carregar. Telefonou para sua irmã, a Dra. Annika Giannini.

— Oi, mana.

— Você tem alguma coisa a ver com o assassinato do policial da noite passada? — ela foi logo perguntando.

Ele explicou rapidamente o que tinha acontecido.

— Certo. Quer dizer que a Salander está na UTI.

— Isso. Só vão saber da gravidade dos ferimentos depois que ela acordar, mas ela vai precisar de um advogado.

Annika Giannini ponderou alguns instantes.

— Você acha que ela vai me aceitar?

— É provável que não aceite nenhum advogado. Pedir ajuda não é o estilo dela.

— Tudo indica que ela vai precisar de um advogado criminal. Preciso dar uma olhada nos documentos que você tem aí.

— Fale com a Erika Berger e peça uma cópia para ela.

Assim que terminou de falar com a irmã, Mikael ligou para Erika Berger. Como ela não atendesse o celular, discou o número da redação da Millennium. Henry Cortez atendeu.

— A Erika saiu — disse Henry.

Mikael deu um resumo da situação e pediu a Henry que repassasse a informação para a diretora da Millennium.

— Certo. E o que a gente faz? — perguntou Henry.

— Hoje, nada — disse Mikael. — Preciso dormir. Volto amanhã para Estocolmo, se não houver nenhum imprevisto. A Millennium vai dar sua versão do caso no próximo número, isto é, daqui a quase um mês.

Desligou, enfiou-se na cama e em menos de trinta segundos estava dormindo.

A adjunta do chefe de polícia do Departamento, Monica Spângberg, bateu com uma caneta na borda do seu copo de água

mineral para pedir silêncio. Dez pessoas — três mulheres e sete homens — estavam em volta da mesa de reuniões de sua sala, na chefatura de polícia. Eram eles o diretor da Brigada Criminal, seu adjunto, três inspetores criminais, entre eles Marcus Ackerman, e o assessor de comunicação da polícia de Göteborg. Também tinham sido convocados para a reunião a responsável pelo inquérito preliminar, Agneta Jervas, do Ministério Público, e os inspetores criminais Sonja Modig e Jerker Holmberg, de Estocolmo. Estes últimos estavam presentes para demonstrar a boa vontade dos colegas de Estocolmo em colaborar e também, quem sabe, para mostrar como se conduz uma investigação de verdade.

Spångberg, em geral a única mulher naquele ambiente masculino, não tinha fama de desperdiçar tempo com formalidades nem amenidades. Explicou que o chefe de polícia do departamento estava em uma viagem de trabalho, uma conferência da Europol em Madri, que interrompera a viagem ao ser avisado do assassinato de um policial, mas que só deveria chegar tarde da noite. Depois, dirigindo-se diretamente ao diretor da Brigada Criminal, Arne Pehrzon, pediu-lhe um resumo da situação.

— Há pouco mais de dez horas nosso colega Gunnar Andersson foi morto na estrada de Nossebro. Sabemos o nome do assassino, Ronald Niedermann, mas não temos nenhuma foto do indivíduo.

— Em Estocolmo temos uma foto dele de vinte anos atrás. Foi o Paolo Roberto quem conseguiu, mas quase não dá para aproveitar — disse Jerker Holmberg.

— Certo. Encontraram a viatura roubada em Alingsâs hoje cedo. Estava estacionada numa rua lateral, a cerca de trezentos metros da estação. Não houve nesta manhã nenhuma queixa de carro roubado na área.

— E quanto às investigações?

— Estamos verificando os trens que chegam a Estocolmo e Malmö. Emitimos um pedido nacional de busca e informamos a polícia norueguesa e a dinamarquesa. No momento estamos com

cerca de trinta policiais trabalhando diretamente no caso e, é claro, com todos os agentes de olhos bem abertos.

— Nenhuma pista?

— Nada ainda. Mas não deve ser impossível localizar um homem com o físico do Niedermann.

— Alguém tem notícias do Fredrik Torstensson? — perguntou um dos inspetores da Criminal.

— Está no hospital de Sahlgrenska. Ficou bem machucado, mais ou menos como se tivesse sofrido um acidente de carro. É difícil acreditar que um ser humano possa ter causado tantas lesões apenas com as mãos. Além das fraturas e das costelas quebradas, ele está com uma vértebra machucada e corre o risco de ficar parcialmente paralisado.

Todos refletiram sobre a situação do colega durante alguns segundos, até que Spângberg retomou a palavra. Voltou-se para Ackerman.

— O que de fato aconteceu em Gosseberga?

— Em Gosseberga? Aconteceu o Thomas Paulsson.

Um gemido unânime foi ouvido por parte de vários participantes da reunião.

— Por que ninguém aposenta esse cara? Ele é uma puta de uma catástrofe ambulante.

— Conheço bem o Paulsson — disse Monica Spângberg em tom áspero. — Mas ninguém se queixou dele nesses... digamos, últimos dois anos.

— O prefeito de lá é uni velho conhecido do Paulsson e deve ter achado melhor mantê-lo por perto. A intenção era boa, claro, não se trata de uma crítica. Mas, na noite passada, o Paulsson se comportou de um modo tão estranho que vários colegas relataram o fato.

— O que ele fez?

Marcus Ackerman olhou de soslaio para Sonja Modig e Jerker Holmberg. Parecia sem graça de revelar as imperfeições de sua organização diante dos colegas de Estocolmo.

— O mais estranho, sem dúvida, foi ele destacar um agente do departamento técnico para fazer um inventário do galpão de lenha onde o Zalachenko foi encontrado.

— Inventário do galpão de lenha? — espantou-se Spångberg.

— É... quer dizer... ele queria saber exatamente quantas toras de lenha tinha ali. Para fazer um relatório bem completo.

Fez-se um silêncio expressivo em volta da mesa de reuniões, até que Ackerman prosseguiu:

— Hoje de manhã, descobrimos que o Paulsson consome pelo menos dois psicotrópicos, o Xanor e o Efexor. Na verdade, era para ele estar de licença médica, mas escondeu seu estado dos colegas.

— Que estado? — perguntou Spångberg, ríspida.

— E claro que não sei exatamente do que se trata — sigilo profissional dos médicos, sabe como é —, mas esses psicotrópicos que ele toma são um ansiolítico fortíssimo e um estimulante. Na noite passada, ele estava simplesmente dopado.

— Meu Deus — disse Spångberg, enfática. Lembrava a tempestade que passara sobre Göteborg naquela manhã. — Quero o Paulsson aqui para uma conversa. Agora.

— Vai ser difícil. Ele desmoronou hoje de manhã e foi internado no hospital por estresse. Foi mesmo um azar para a gente ele estar de plantão.

— Uma pergunta — disse o diretor da Brigada Criminal. — Quer dizer que na noite passada o Paulsson pediu o indiciamento de Mikael Blomkvist?

— Ele deixou um relatório em que registra desacato à autoridade, resistência violenta a um funcionário e porte ilegal de arma.

— O Blomkvist admite alguma dessas coisas?

— Admite o desacato, mas afirma que foi em legítima defesa. Segundo ele, a resistência consistiu numa tentativa verbal um pouco extremada de impedir que Torstensson e Andersson fossem prender o Niedermann sozinhos e sem reforços.

— Alguma testemunha?

— Só os agentes Torstensson e Andersson. Permita-me dizer que não acredito em nada no relatório do Paulsson quando ele fala em resistência violenta. Claramente se trata de uma forma de se proteger de eventuais queixas do Blomkvist.

— Mas ele, o Blomkvist, tinha conseguido dominar o Niedermann sozinho? — perguntou a procuradora Agneta Jervas.

— Ele o ameaçou com uma arma.

— Então o Blomkvist tinha uma arma. Ou seja, o indiciamento de Blomkvist tem fundamento. Onde ele conseguiu a arma?

— O Blomkvist não quer falar sobre isso antes de consultar um advogado. Mas o Paulsson indiciou o Blomkvist quando ele tentava lhe entregar a arma.

— Posso fazer uma sugestão informal? — perguntou cautelosamente Sonja Mondig.

Todos olharam para ela.

— Estive com o Mikael Blomkvist várias vezes durante a investigação, e acho que ele é um sujeito legal, apesar de ser jornalista. Suponho que a decisão de indiciá-lo ou não seja sua... — Ela fitou Agneta Jarvas, que assentiu a cabeça. — Neste caso, essa história de desacato e resistência é pura bobagem, e imagino que vai arquivá-la imediatamente.

— E provável. Mas porte ilegal de arma já é coisa mais séria.

— Sugiro que espere um pouco antes de apertar o gatilho. O Blomkvist reconstituiu toda esta história, sozinho e está muito à frente da polícia. Seria melhor mantermos boas relações com ele e cooperarmos. E mais vantajoso do que dar margem para ele detonar a polícia toda na mídia.

Ela se calou. Passados alguns segundos, Marcus Ackerman pigarreou. Se Sonja Mondig podia empinar o nariz, ele não iria ficar para trás.

— Concordo. Também acho o Blomkvist um sujeito sensato. Apresentei nossas desculpas pelo modo como foi tratado na noite passada. Ele parece disposto a deixar por isso mesmo. Além do que, é um cara íntegro. Descobriu o endereço da Lisbeth Salander, mas se nega a nos fornecer. Não tem medo de enfrentar uma discussão aberta com a polícia... e está numa posição em que a voz dele vai ter tanto peso na mídia quanto qualquer denúncia do Paulsson.

— Mas e se ele se negar a dar informações sobre a Salander para a polícia?

— Diz ele que é só a gente perguntar para a Lisbeth.

— Que tipo de arma era essa? — perguntou Jervas.

— Uma Colt 1991 Government. Número de série desconhecido. Mandei para o laboratório, e ainda não sabemos se foi usada em algum contexto criminal na Suécia. Se for o caso, vamos ter que reconsiderar.

Monica Spângberg ergueu a caneta.

— Agneta, você decide se quer abrir um inquérito preliminar sobre o Blomkvist. Imagino que esteja esperando os resultados do Laboratório. Continuando... Esse sujeito, o Zalachenko... vocês, de Estocolmo, o que podem nos dizer sobre ele?

— Acontece que até ontem à tarde nós também nunca tínhamos ouvido falar nem em Zalachenko nem em Niedermann — respondeu Sonja Modig.

— Eu achava que em Estocolmo vocês andavam atrás de um grupo de lésbicas satânicas — disse um dos policiais de Göteborg. Alguns homens esboçaram um sorriso. Jerker Holmberg começou a examinar as próprias unhas. Sonja Modig que respondesse àquela pergunta.

— Cá entre nós, na Brigada a gente também tem um "Thomas Paulsson", e é a ele que a gente deve essa história de bando de lésbicas satânicas.

E então Sonja Modig e Jerker Holmberg passaram toda uma meia hora relatando suas investigações.

Quando concluíram, um longo silêncio se fez em volta da mesa.

— Se essa informação sobre o Gunnar Björck estiver certa, quem vai ficar com as orelhas ardendo é a Sapo — disse, por fim, o adjunto do diretor da Brigada Criminal.

Todos assentiram com a cabeça. Agneta Jervas levantou a mão.

— Se eu entendi bem, boa parte das suspeitas de vocês está fundada em suposições e presunções. Como procuradora, fico um pouco preocupada com a falta de provas concretas.

— Temos consciência disso — disse Jerker Holmberg. — Julgamos saber, de forma geral, o que aconteceu, mas ainda existem muitos pontos de interrogação para resolver.

— Pelo que entendi, vocês estão cuidando das escavações em Nykvarn, perto de Södertälje — disse Spångberg. — Este caso envolve quantos homicídios, afinal?

Jerker Holmberg pestanejou, cansado.

— Começamos com três assassinatos em Estocolmo — que são os assassinatos pelos quais a Lisbeth Salander estava sendo

procurada, o do doutor Bjurman, o do jornalista Dag Svensson e o da doutoranda Mia Bergman. No armazém de Nykvarn, até agora encontramos três túmulos. Em um deles foi identificado um receptador, bandido notório, cortado em pedaços. No outro, uma mulher não identificada. Ainda não tiveram tempo de abrir completamente o terceiro túmulo. Parece mais antigo. Além disso, o Mikael Blomkvist descobriu uma ligação com o assassinato de uma prostituta em Södertälje uns meses atrás.

— Portanto, com o agente Gunnar Andersson, em Gosseberga, são pelo menos oito homicídios... esse número chega a causar arrepios. O tal Nieder-mann é suspeito de todos esses assassinatos? Isso significaria que se trata de um doido varrido, um assassino em série.

Sonja Modig e Jerker Holmberg trocaram um olhar. Precisavam definir até onde estavam preparados para avançar em suas declarações. Por fim, Sonja Modig assumiu a palavra.

— Mesmo que nos faltem provas concretas, o meu chefe, o inspetor Bublanski, e eu mesma tendemos a acreditar em Mikael Blomkvist quando ele diz que os três primeiros assassinatos são obra do Niedermann. Isso equivaleria à inocência da Salander. Quanto aos túmulos de Nykvarn, o Niedermann está ligado ao local pelo seqüestro da amiga da Salander, a Miriam Wu. Ela seria, evidentemente, a quarta vítima da lista, e um túmulo esperava por ela também. Mas o armazém em questão é propriedade do presidente do MC Svavelsjö, e vamos ter que esperar até a identificação dos despojos para tirar conclusões.

— E esse bandido que vocês identificaram...

— Kenneth Gustafsson, quarenta e quatro anos, conhecido receptador e delinqüente desde a adolescência. Assim, sem pensar muito, eu diria que se trata de um acerto de contas. O MC Svavelsjö está ligado a vários tipos de criminalidade, inclusive distribuição de metanfetaminas. Portanto, o local pode ser considerado um

cemitério informal para pessoas que se indispunham com o MC Svavelsjö. Mas...

— Sim?

— A prostituta, essa foi morta em Södertälje... Seu nome era Irina Petrova e ela tinha vinte e dois anos.

— Certo.

— A autópsia diz que ela foi vítima de uma agressão particularmente brutal. O mesmo tipo de ferimento que pode ser encontrado numa pessoa morta a golpes de taco de beisebol ou algum instrumento parecido. Os traumatismos foram difíceis de interpretar e o médico-legista não teve condições de afirmar qual foi, exatamente, o instrumento utilizado. O Blomkvist observou bem: os ferimentos de Irina Petrova poderiam perfeitamente ter sido causados por mãos...

— Niedermann?

— É uma suposição plausível. Ainda faltam as provas.

— O que a gente faz agora? — perguntou Spângberg.

— Tenho que ver com o Bublanski, mas pela lógica o próximo passo seria interrogar o Zalachenko. De nossa parte, estamos interessados no que ele tem a dizer sobre os homicídios de Estocolmo, e vocês querem pegar o Niedermann.

Um inspetor de Gõteborg levantou o dedo.

— Tenho uma pergunta... o que encontraram na granja de Gosseberga?

— Pouca coisa. Quatro armas pequenas. Uma Sig Sauer desmontada, que estava sendo lubrificada, na mesa da cozinha. Uma Wanad P-83 polonesa no chão, do lado da banqueta. Uma Colt 1911 Government — essa é a pistola que o Blomkvist tentou entregar para o Paulsson. Por fim, uma Browning calibre 22, que no meio das outras mais parece um brinquedinho. A suspeita é que

essa foi a arma usada contra a Salander, já que ela continua viva mesmo depois de uma bala no cérebro.

— E fora isso?

— Foi apreendida uma sacola contendo pouco mais de duzentas mil coroas. A sacola estava num quarto do andar de cima, ocupado pelo Niedermann.

— Como é que vocês sabem que era o quarto dele?

— Bem, ele usa roupa GG. O Zalachenko, a rigor, usa M.

— Existe alguma coisa vinculando o Zalachenko a uma atividade criminosa? — perguntou Jerker Holmberg.

Ackerman balançou a cabeça.

— Tudo depende de como vamos interpretar a apreensão das armas. Mas fora as armas e o fato de o Zalachenko dispor de uma vigilância eletrônica bastante sofisticada para a sua residência, não encontramos nada que diferencie a granja de Gosseberga de qualquer outra casa no campo. Tem pouquíssimos móveis.

Pouco antes do meio-dia, um policial fardado bateu à porta e entregou um papel para a adjunta do chefe de polícia, Monica Spângberg. Ela levantou a mão.

— Acabamos de receber um alerta sobre uma pessoa desaparecida em Alingsâs. Uma assistente de odontologia de vinte e sete anos, Anita Kaspersson, saiu de sua casa às sete e meia da manhã. Deixou o filho na creche e deveria ter chegado ao trabalho antes das oito. Não chegou. Ela trabalha para um dentista cujo consultório fica a uns cem metros de onde foi encontrada a viatura roubada.

Ackerman e Sonja Modig consultaram simultaneamente o relógio.

— Quer dizer que ele tem quatro horas de vantagem. Qual é o carro dela?

— Um Renault velho azul-escuro. O número da placa está aqui.

— Emitam imediatamente um aviso de busca para o veículo. A essa altura, ele pode estar em qualquer lugar entre Oslo, Malmõ e Estocolmo.

Trocaram mais algumas palavras e encerraram a reunião, depois de decidirem que Sonja Modig e Marcus Ackerman iriam, juntos, interrogar Zalachenko.

Henry Cortez franziu o cenho e seguiu Erika Berger com o olhar quando ela saiu de sua sala e foi para a copa. Ela voltou, segundos depois com uma caneca de café. Fechou a porta atrás de si.

Henry Cortez não conseguia de fato atinar o que havia de errado. A Millennium era um local de trabalho pequeno, onde os funcionários acabavam ficando muito próximos. Fazia quatro anos que ele trabalhava meio período na revista e já tinha vivenciado tempestades tremendas, principalmente na época em que Mikael Blomkvist cumprira três meses de prisão por difamação e a revista por pouco não afundara. Ele também passara pelo assassinato do colaborador Dag Svensson e da companheira de Dag, Mia Bergman.

Durante todas aquelas tempestades, Erika Berger se mostrara uma fortaleza que nada, aparentemente, seria capaz de abalar. Não o surpreendia que ela o tivesse chamado tão cedo de manhã, e também Lottie Karim, pedindo que começassem logo o trabalho. O caso Salander estava implodindo, e Mikael Blomkvist estava envolvido no assassinato de um policial em Góteborg. Até aí, tudo bem. Lottie Karim tinha ficado de plantão na chefatura de polícia tentando obter alguma informação plausível. Henry passara a manhã ao telefone procurando reconstituir os acontecimentos da noite anterior. O celular de Blomkvist não atendia, mas, através de várias outras fontes, Henry já tinha um panorama bastante claro do que havia acontecido.

Em compensação, Erika Berger estivera com a cabeça longe a manhã toda. Era raro ela fechar a porta de sua sala. Isso praticamente só acontecia quando recebia alguma visita ou estava

trabalhando de forma intensa em algum problema. Naquela manhã, não houvera nenhuma visita e ela não estava trabalhando. Henry tinha batido na porta da sala duas ou três vezes para lhe passar informações e dera com ela na poltrona em frente à janela, imersa em pensamentos, fitando a multidão lá embaixo na Gõtgatan com um olhar ausente.

Algo não estava bem.

A campainha da porta interrompeu suas reflexões. Ao abri-la, deparou com Annika Giannini. Henri Cortez já cruzara com a irmã de Mikael Blomkvist várias vezes, mas não a conhecia muito bem.

— Bom dia, Annika — disse ele. — O Mikael hoje não está.

— Eu sei. Eu vim falar com a Erika.

Em sua poltrona diante da janela, Erika Berger ergueu os olhos e se recompôs rapidamente quando Henry introduziu Annika. As duas mulheres ficaram a sós.

— Bom dia — disse Erika. — O Mikael hoje não está. Annika sorriu. Mas já tinha percebido o mal-estar.

— Sim, eu sei. Estou aqui por causa do relatório do Bjõrck para a Sapo. O Micke pediu que eu desse uma olhada nele, já pensando na possibilidade de eu eventualmente vir a representar a Salander.

Erika assentiu com a cabeça. Levantou-se e apanhou uma pasta em cima da mesa.

Annika pegou a pasta e hesitou um instante, prestes a sair. Então mudou de idéia e sentou-se diante de Erika.

— Bem, fora isso, qual é o problema?

— Estou saindo da Millennium. E ainda não consegui contar para o Mikael. Ele andou tão envolvido neste caso da Salander que não achei o momento certo de tocar no assunto, e também não quero contar para os outros antes de contar para ele. Por isso é que estou me sentindo uma merda.

Annika Giannini mordeu o lábio inferior.

— E então, em vez disso, está contando para mim. Qual é o seu projeto?

— Vou assumir a chefia de redação do Svenska Morgon-Posten.

— Puxa! Nesse caso, congratulações são mais apropriadas do que choro e lamentações.

— Só que não era assim que eu tinha imaginado a minha saída da Millennium. No meio deste turbilhão incrível. A coisa desabou como um raio em cima de mim, não tive como recusar. Quer dizer, é uma oportunidade única. Mas a proposta aconteceu um pouco antes de o Dag e a Mia serem assassinados, depois foi uma confusão tão grande aqui dentro que acabei não falando nada. Agora estou me sentindo tremendamente culpada, você não imagina o quanto.

— Imagino, sim. E você está com medo de falar para o Micke.

— Eu não falei para ninguém. Eu só ia começar no SMP depois do verão, e achei que tinha bastante tempo para contar. Mas agora eles estão querendo que eu assuma o quanto antes.

Calou-se e olhou para Annika. Estava a ponto de chorar.

— Concretamente, significa que esta é minha última semana na Millennium. Semana que vem vou viajar e depois... Preciso de uma semana de férias para recarregar as baterias. Vou assumir no SMP em primeiro de maio.

— E como ia ser se você tivesse sido atropelada? Em menos de um minuto eles iam ficar sem redator-chefe.

Erika ergueu os olhos.

— Só que eu não fui atropelada. Ocultei conscientemente essa história semanas a fio.

— Entendo que seja uma situação difícil, mas tenho a impressão que o Mikael, o Christer e os outros vão saber enfrentá-

la. Mesmo assim, acho que você deveria contar logo para eles.

— É, mas hoje o danado do seu irmão está em Gõteborg. Está dormindo e não atende o telefone.

— Eu sei. Pouca gente tem o talento do Mikael para não atender telefone. Porém o assunto não é só entre você e o Mikael. Eu sei que faz vinte anos que vocês trabalham juntos, que já andaram transando e tudo mais, mas você tem que pensar no Christer e no pessoal da redação.

— Mas o Mikael vai...

— O Mikael vai ter um treco. Claro. Mas se ele não puder aceitar que, depois de vinte anos, você sinta vontade de conduzir seu próprio barco, então isso significa que ele não merece esse tempo todo que você gastou com ele.

Erika suspirou.

— Vamos lá, coragem. Peça que o Christer e os demais venham até aqui. Agora.

Christer Malm permaneceu abalado por alguns segundos depois que Erika reuniu os colaboradores na salinha de reuniões da Millennium. Ela ligara para o ramal de cada um deles bem no momento em que, por ser sexta-feira, ele se preparava para sair mais cedo. Ele trocou olhares com Henry Cortez e Lottie Karim, tão surpresos quanto ele. Nem a assistente de redação, Malu Eriksson, parecia estar entendendo, tampouco a jornalista Monika Nilsson e o responsável pela publicidade, Sonny Magnusson. Só faltava Mikael Blomkvist, que estava em Gõteborg.

Meu Deus. O Mikael não está sabendo, pensou Christer Malm. Como será que ele vai reagir?

Então ele percebeu que Erika Berger tinha terminado de falar e que um silêncio pesado tomava conta da sala. Balançou a cabeça, levantou-se, deu um abraço em Erika e tascou-lhe um beijo no rosto.

— Parabéns, Ricky — disse ele. — Redatora-chefe do SMP. Uma bela ascensão, para quem vem do nosso barquinho.

Henry Cortez acordou e deu início a uma espontânea salva de palmas. Erika ergueu as mãos.

— Alto lá — disse ela. — Hoje eu não estou merecendo nenhum aplauso.

Calou-se por um instante e observou seus colaboradores daquela pequena redação.

— Olha... estou super chateada com o rumo que as coisas foram tomando. Minha intenção era contar para vocês várias semanas atrás, mas a coisa se perdeu no meio da catástrofe que se seguiu aos assassinatos. O Mikael e a Malu trabalharam feito doidos e simplesmente não surgiu uma oportunidade. Por isso é que estamos nesta situação.

Com uma lucidez fantástica, Malu Eriksson percebeu a que ponto a redação carecia de pessoal efetivo e a que ponto a saída de Erika iria deixar um vazio. Em qualquer circunstância, e qualquer que fosse o caos da vez, ela sempre fora o rochedo em que Malu podia se segurar, sempre inabalável em meio à tempestade. Pois é... não era de admirar que o ilustre jornal matutino a tivesse contratado. Mas e agora? Como é que eles iam se virar? Erika sempre fora a pessoa-chave da Millennium.

— Temos algumas coisinhas para acertar. Entendo perfeitamente que a minha saída possa desnortear um pouco a redação. Não era essa a minha intenção, mas, enfim, aconteceu. Em primeiro lugar: não estou abandonando de vez a Millennium. Vou continuar sendo sócia e participar das reuniões do conselho administrativo. Por outro lado, é claro que não vou mais ter nenhuma influência no trabalho de redação; isso me causaria um conflito de interesses.

Christer Malm assentiu com a cabeça, pensativo.

— Em segundo lugar: oficialmente, paro de trabalhar no dia 30 de abril. Mas, na verdade, hoje é o meu último dia. Como vocês sabem, vou viajar na semana que vem, já estava combinado havia tempo, e não faz sentido eu voltar ao comando só para cumprir uns poucos dias de transição.

Calou-se por alguns instantes.

— O próximo número está pronto no meu computador. Só falta acertar uns detalhezinhos. Vai ser meu último número. Depois, alguém vai ter que assumir o leme. No final da tarde vou limpar a minha mesa.

Houve um silêncio denso.

— O melhor seria o conselho administrativo decidir contratar um redator-chefe. Mas é um assunto que também deve ser discutido entre vocês da redação.

— O Mikael — disse Christer Malm.

— Não. O Mikael não. Ele seria, indiscutivelmente, o pior redator-chefe que vocês poderiam escolher. Ele é perfeito como editor responsável e é sensacional para revisar e dar um jeito em textos problemáticos que precisam ser publicados. Mas ele também trava o fluxo das coisas. Um redator-chefe deve ser alguém que jogue na ofensiva. Além disso, o Mikael tem tendência a mergulhar nas matérias dele e às vezes fica ausente semanas a fio. Ele é ótimo nos períodos de tensão, mas é um zero à esquerda no trabalho de rotina. Vocês sabem disso.

Christer Malm assentiu com a cabeça.

— Se a Millennium deu tão certo até agora, é porque você e o Mikael se completavam.

— Não é só isso. Lembrem de quando o Mikael ficou quase um ano enfurnado naquele povoado de Hedestad. A Millennium funcionou sem ele, e agora vai ter que funcionar sem mim.

— Certo. E qual é a sua idéia?

— Eu escolheria você para redator-chefe, Christer...

— Nunca, jamais. — Christer Malm fez um gesto com as mãos, como querendo frear aquela idéia.

— ... mas como eu já sabia que você ia recusar, pensei numa outra solução. Malu. Você assume a partir de hoje como redatora-chefe temporária.

— Eu?! — exclamou Malu.

— Isso mesmo, você. Você faz um supertrabalho como assistente de redação.

— Mas eu...

— Faça uma experiência. Vou esvaziar a minha sala à tarde. Você pode se mudar para lá já na segunda de manhã. A edição de maio está praticamente pronta — uma tarefa a menos. Em junho, sai uma edição dupla e depois disso temos um mês de férias. Se não der certo, a empresa vai ter que achar outra pessoa para agosto. Henry, você passa a trabalhar em tempo integral e substitui a Malu como assistente de redação. Mais tarde vocês vão ter que contratar mais um colaborador. Mas a decisão é de vocês e do conselho administrativo.

Ela se calou um instante e contemplou-os pensativamente.

— Mais uma coisa. Eu vou trabalhar numa outra publicação. O SMP e a Millennium não são propriamente concorrentes, mas de qualquer modo significa que não quero saber mais do que já sei sobre o conteúdo do próximo número. A partir de agora, vocês tratam desse assunto com a Malu.

— E o que a gente faz em relação ao caso Salander? — perguntou Henry Cortez.

— Você vê isso com o Mikael. Eu tenho informações sobre a Salander, mas vou pôr um lacre nessa história. Não vou repassar para o SMP.

De repente, Erika sentiu um alívio imenso.

— Bem, era isso — disse, encerrando a reunião. Então se levantou e retornou à sua sala sem mais comentários.

A redação da Millennium permaneceu aturdida. Uma hora mais tarde, Malu Eriksson foi bater na porta da sala de Erika.

— Olá.

— Sim? — disse Erika.

— O pessoal tem uma coisa para te dizer.

— O quê?

— Você tem que ir até lá.

Erika se levantou e acompanhou Malu. Na mesa, havia café e uma torta enorme.

— Pensei em dar um tempinho para a verdadeira festa de despedida — disse Christer Malm. — Por enquanto, vamos nos contentar com torta e café.

Pela primeira vez naquele dia, Erika Berger sorriu.

3. SEXTA-FEIRA 8 DE ABRIL – SÁBADO 9 DE ABRIL

Alexander Zalachenko estava acordado desde as oito da manhã quando Sonja Modig e Marcus Ackerman apareceram, por volta das sete da noite. Passara por uma cirurgia relativamente séria, envolvendo o ajuste e fixação do osso malar com parafusos de titânio. Tinha a cabeça tão enfaixada que apenas o olho esquerdo permanecia visível. Um médico explicou-lhes que a machadada tinha quebrado o osso malar e machucado o frontal, rebentado boa parte da carne do lado direito do rosto e deslocado a órbita ocular. Seus ferimentos eram extremamente dolorosos. Zalachenko estava tomando doses fortes de analgésico, mas ainda assim se mantinha mais ou menos coerente e capaz de falar. A polícia, porém, teria de ficar atenta para não cansá-lo.

— Boa noite, senhor Zalachenko — cumprimentou Sonja Modig. Ela se apresentou, e apresentou seu colega Ackerman.

— Meu nome é Karl Axel Bodin — disse Zalachenko com esforço, entre dentes cerrados. Sua voz estava calma.

— Sei muito bem quem é o senhor. Li o seu currículo na Sapo.

O que não era totalmente verdade, já que a Sapo ainda não havia fornecido nenhum documento sobre Zalachenko.

— Isso foi há muito tempo — disse Zalachenko. — Atualmente, eu sou Karl Axel Bodin.

— Como se sente? — prosseguiu Modig. — Está em condições de conversar?

— Eu gostaria de dar queixa contra a minha filha. Ela tentou me matar.

— Estamos sabendo. Vai haver uma investigação sobre isso, no devido tempo — disse Ackerman. — No momento, temos assuntos mais urgentes para discutir.

— O que é mais urgente que uma tentativa de homicídio?

— Queríamos interrogá-lo a respeito de três homicídios em Estocolmo, no mínimo três homicídios em Nykvarn, além de um seqüestro.

— Eu não sei de nada. Quem é que morreu?

— Senhor Bodin, temos bons motivos para acreditar que o seu sócio, Ronald Niedermann, trinta e sete anos, é o culpado desses crimes — disse Ackerman. — Além disso, na noite passada, o Niedermann matou um policial de Trollháttan,

Sonja Modig ficou um tanto surpresa que Ackerman se rendesse à vontade de Zalachenko e o chamasse de Bodin. Zalachenko virou um pouco a cabeça, de modo a enxergar Ackerman. Sua voz se suavizou.

— Eu... lamento. Não sei das atividades do Niedermann. Quanto a mim, não matei nenhum policial. Em compensação, tentaram me matar na noite passada.

— O Ronald Niedermann está sendo procurado. Tem uma idéia de onde ele pode estar escondido?

— Não sei que círculos ele freqüenta. Eu... — Zalachenko hesitou alguns segundos. Sua voz assumiu um tom confidencial. — Tenho que admitir... cá entre nós... que o Niedermann chegou a me preocupar algumas vezes.

Ackerman inclinou-se um pouco na sua direção.

— Como assim?

— Descobri que ele podia ser violento. E, tenho medo dele.

— Quer dizer que o senhor se sentia ameaçado pelo Niedermann? — perguntou Ackerman.

— Exato. Já sou um homem de idade. Não posso me defender.

— O senhor poderia nos explicar qual a sua relação com o Niedermann?

— Eu sou deficiente físico. — Zalachenko mostrou o pé. — Esta é a segunda vez que a minha filha tenta me matar. Anos atrás, contratei o Niedermann como ajudante. Achei que ele poderia me proteger..., mas, na verdade, ele se apossou da minha vida. Ele faz o que quer e a minha opinião não importa.

— E ele o ajuda no quê? — interrompeu Sonja Modig. — A fazer o que o senhor não consegue fazer sozinho?

Zalachenko fitou demoradamente Sonja Modig com seu único olho visível.

— Pelo que entendi, ela jogou uma bomba incendiaria dentro do seu carro há mais de dez anos — disse Sonja Modig. — Poderia me explicar o que a levou a cometer esse ato?

— Melhor perguntar para a minha filha. Ela é uma doente mental. Sua voz estava mais uma vez hostil.

— Quer dizer que o senhor não vê nenhum motivo para Lisbeth Salander tê-lo atacado em 1991?

— Minha filha é uma doente mental. Existem documentos comprovando isso.

Sonja Modig inclinou a cabeça. Observou que Zalachenko respondia de modo muito mais agressivo e negativo quando era ela quem fazia as perguntas. Percebeu que Ackerman também tinha notado. Certo... o bom tira, o mau tira. Sonja Modig levantou a voz.

— O senhor não acha que esse gesto dela podia estar relacionado com o fato de o senhor maltratar a mãe dela a ponto de ela ter ficado com lesões cerebrais irreversíveis?

Zalachenko fitou calmamente Sonja Modig.

— Isso é besteira. A mãe dela era uma puta. Vai ver, algum cliente deu uma surra nela. Eu só estava passando por ali.

Sonja Modig ergueu as sobrancelhas.

— Quer dizer que o senhor é totalmente inocente?

— Mas é claro.

— Zalachenko... vamos ver se eu entendi direito. O senhor nega, então, ter maltratado sua namorada daquela época, Agneta Sofia Salander, mãe de Lisbeth Salander, embora o assunto merecesse um extenso relatório secreto do seu mentor na Sapo, Gunnar Bjòrck.

— Eu nunca fui condenado pelo que quer que seja. Não fui sequer indiciado. Não tenho culpa dos delírios de um palhaço da polícia secreta. Se tivessem suspeitado de mim, teriam no mínimo me interrogado.

Sonja Modig estava atônita. Zalachenko parecia sorrir por trás das ataduras.

— Portanto eu queria dar um depoimento sobre a minha filha. Ela tentou me matar.

Sonja Modig suspirou.

— Estou começando a entender por que a Lisbeth Salander achou necessário enfiar um machado na sua cara.

Ackerman pigarreou.

— Desculpe, senhor Bodin... A gente talvez pudesse voltar ao que o senhor sabe sobre as atividades do Ronald Niedermann.

Sonja Modig ligou para o inspetor Jan Bublanski do corredor do hospital, em frente ao quarto de Zalachenko.

— Nada — disse ela.

— Nada? — repetiu Bublanski.

— Ele registrou uma queixa contra a Lisbeth Salander, por golpes e ferimentos agravados e tentativa de assassinato. Declara que não tem nada a ver com os homicídios de Estocolmo.

— E como é que ele explica a Lisbeth Salander ter sido enterrada no terreno dele em Gosseberga?

— Diz ele que estava resfriado e dormiu praticamente o dia inteiro. Que se alguém atirou na Salander em Gosseberga, deve ter sido o Ronald Niedermann.

— Certo. O que é que nós temos?

— Ela foi baleada por uma Browning calibre 22. Por isso ainda está viva. Encontramos a arma. O Zalachenko admite que é dele.

— Ahã. Então ele sabe que vamos descobrir as digitais dele na arma.

— Sabe. Mas ele diz que a última vez que a viu ela estava guardada na gaveta da escrivaninha.

— Portanto, o maravilhoso Ronald Niedermann é quem deve ter apanhado a arma enquanto o Zalachenko dormia e atirado na Salander. Temos como provar o contrário?

Sonja Modig refletiu alguns segundos antes de responder.

— Ele deve conhecer a legislação sueca e os métodos da polícia. Não admite nadica de nada e tem o Niedermann como bode expiatório. Não sei o que a gente vai poder provar. Pedi que o Ackerman mandasse a roupa dele para o laboratório, para descobrir se existem vestígios de pólvora, mas ele com toda a certeza vai alegar que andou treinando tiro justamente com essa arma dois dias antes.

Lisbeth Salander sentiu um cheiro de amêndoas e etanol. Era como se estivesse com álcool na boca. Tentou engolir, mas era como se a língua estivesse entorpecida e paralisada. Tentou abrir os olhos, em vão. Ouviu uma voz ao longe que parecia estar falando com ela, porém não foi capaz de captar as palavras. De repente, a voz se tornou clara e precisa.

— Acho que ela está acordando.

Sentiu alguém tocando em sua testa e tentou afastar a mão importuna. Nisso, uma dor fulgurante transpassou-lhe o ombro esquerdo. Ela relaxou.

— Está me ouvindo? Cai fora.

— Consegue abrir os olhos? Quem é esse babaca me perturbando?

Por fim, abriu os olhos. De início só enxergava estranhos pontos luminosos, mas logo uma silhueta desenhou-se em seu campo de visão. Tentou focalizar o olhar, porém a silhueta sumia o tempo todo. Sua impressão era de estar com uma ressaca monumental e de que a cama não parava de jogar para trás.

— Grmlml — fez ela.

— O que você disse?

— Abaca — disse ela.

— Está bem. Dá para abrir os olhos mais uma vez?

Ela exibiu duas frestas estreitas. Avistou um rosto desconhecido e memorizou cada detalhe. Um homem loiro de olhos azuis intensos e um rosto anguloso e oblíquo, a poucas dezenas de centímetros do seu.

— Olá. Meu nome é Anders Jonasson. Eu sou médico. Você está num hospital. Foi gravemente ferida e está acordando depois de uma cirurgia. Você sabe como se chama?

— Pschalandr — disse Lisbeth Salander.

— Certo. Eu queria que você fizesse um favor para mim. Conte até dez.

— Um, dois, quatro... não... três, quatro, cinco, seis... E então caiu no sono.

O Dr. Anders Jonasson, no entanto, estava satisfeito com a reação que observara. Ela dissera o próprio nome e tinha começado a contar. Isso mostrava que seu intelecto estava mais ou menos intacto e que seu estado ao acordar não fora o de um vegetal. Anotou a hora em que ela acordou, 21h06, pouco mais de dezesseis horas depois de ele terminar a cirurgia. Quanto a ele, dormira boa

parte do dia e voltara ao Sahlgrenska lá pelas sete da noite. Na verdade, era seu dia de folga, mas estava com uma montanha de papéis para pôr em dia.

E não tinha resistido a dar uma passada na UTI para ver a paciente em cujo cérebro ele remexera de madrugada.

— Ela pode continuar dormindo, mas fiquem de olho no eletroencefalograma. Pode ocorrer algum edema ou hemorragia cerebral. Tive a impressão de que ela estava com muita dor no ombro quando tentou mexer o braço. Se ela acordar, pode dar dois miligramas de morfina de hora em hora.

Sentiu-se estranhamente otimista enquanto saía pela entrada principal do Sahlgrenska.

Pouco antes das duas da manhã, Lisbeth Salander acordou de novo. Abriu os olhos lentamente e avistou um cone luminoso no teto. Passados vários minutos, virou a cabeça e se deu conta de que estava com um colete ortopédico. A cabeça doía e sentiu uma ferroada aguda no ombro quando tentou deslocar o peso do corpo. Fechou os olhos.

Hospital. Como é que eu vim parar aqui?

Sentia-se absolutamente esgotada.

De início, sentiu dificuldade para focalizar os pensamentos. Então, algumas lembranças esparsas foram voltando aos poucos.

Por alguns segundos entrou em pânico quando brotaram uns fragmentos de memória — viu a si mesma cavando para sair de dentro de um túmulo. Então cerrou os dentes com força e se concentrou na respiração.

Constatou que estava viva. Não sabia se isso, na verdade, era uma boa ou uma má notícia.

Lisbeth Salander não se lembrava direito do que havia acontecido, mas tinha na cabeça um mosaico desfocado de

imagens do galpão de lenha. Via a si mesma erguendo um machado e acertando no rosto de seu pai. Zalachenko. Não sabia se ele estava vivo ou morto.

Não conseguia se lembrar do que acontecera com Niedermann. Tinha a vaga impressão de haver se espantado ao vê-lo dar no pé a toda velocidade e de não ter entendido por quê.

De repente, se lembrou de ter visto o danado do Super-Blomkvist. Talvez fosse só um sonho, mas se lembrava de uma cozinha — provavelmente a cozinha de Gosseberga — e tinha a impressão de que ele viera em sua direção. Deve ter sido alucinação.

Os acontecimentos de Gosseberga pareciam muito distantes ou então não passavam de um sonho demente. Concentrou-se no atual momento.

Estava ferida. Isso ninguém precisava lhe dizer. Ergueu a mão direita e apalpou a cabeça, inteiramente coberta de ataduras. Então se lembrou. Niedermann. Zalachenko. O velho cretino também estava com uma pistola. Uma Browning calibre 22, que, se comparada com outras armas, era tida como relativamente inofensiva. Só por isso ela ainda estava viva.

Fui atingida na cabeça. Eu até consegui enfiar o dedo no orifício que a bala fez ao entrar e toquei no meu cérebro.

Surpreendeu-se de ainda estar viva. Percebeu que se sentia estranhamente alheia, que na verdade para ela tanto fazia. Se a morte era aquele vazio escuro do qual acabava de emergir, então a morte não era nada preocupante. Nunca iria perceber a diferença.

Com essa reflexão esotérica, fechou os olhos e voltou a adormecer.

Cochilara apenas uns minutos quando escutou um movimento e entreabriu as pálpebras. Viu uma enfermeira vestida de branco debruçando-se sobre ela. Fechou os olhos e fingiu que estava dormindo.

— Acho que você está acordada — disse a enfermeira.

— Hmm — fez Lisbeth Salander.

— Olá, meu nome é Marianne. Você entende o que eu falo? Lisbeth tentou assentir com a cabeça, mas se deu conta de que sua nuca estava imobilizada pelo colete ortopédico.

— Não, não tente se mexer. Não precisa ter medo. Você foi ferida e passou por uma cirurgia.

— Quero água.

Marianne lhe deu água para beber com um canudinho. Enquanto bebia, notou outra pessoa aparecendo à sua esquerda.

— Olá, Lisbeth. Está me ouvindo?

— Mmm — respondeu Lisbeth.

— Sou a doutora Helena Endrin. Você sabe onde está?

— Hospital.

— Você está no Hospital Sahlgrenska, em Gõteborg. Acaba de ser operada e se encontra na UTI.

— Hum.

— Não se assuste.

— Fui baleada na cabeça.

A Dra. Endrin hesitou por um instante.

— Isso mesmo. Você se lembra do que aconteceu?

— O velho cretino estava com uma pistola.

— Hã... sim, foi isso.

— Calibre 22.

— Ah, é? Eu não sabia.

— Estou muito machucada?

— O prognóstico é bom. Você esteve muito mal, mas achamos que tem boas chances de se recuperar completamente.

Lisbeth ponderou a informação. Então fixou o olhar na Dra. Endrin. Notou que via tudo fora de foco.

— O que aconteceu com o Zalachenko?

— Quem?

— O velho cretino. Está vivo?

— Você quer dizer Karl Axel Bodin.

— Não. Quero dizer Alexander Zalachenko. E o verdadeiro nome dele.

— Não estou sabendo. Mas o idoso que deu entrada junto com você está em estado grave, porém fora de perigo.

O coração de Lisbeth bateu com menos força. Ficou pensando nas palavras da médica.

— Onde ele está?

— No quarto ao lado. Mas não se preocupe com ele agora. O que você precisa fazer é se concentrar na sua recuperação.

Lisbeth fechou os olhos. Por um momento, perguntou-se se teria forças para sair da cama, encontrar alguma coisa que pudesse servir de arma e acabar o que tinha começado. Então afastou esses pensamentos. Mal conseguia manter os olhos abertos. Ou seja, havia fracassado em seu propósito de matar Zalachenko. Ele vai me escapar mais uma vez.

— Eu queria examiná-la um pouco. Depois você pode dormir de novo — disse a Dra. Endrin.

Mikael Blomkvist acordou de repente, sem saber por quê. Levou alguns segundos para se dar conta de onde estava, então se lembrou que tinha se hospedado num quarto do City Hotel. O quarto

estava totalmente às escuras. Ele acendeu a luz de cabeceira e olhou as horas. Duas e meia da manhã. Tinha dormido quinze horas direto.

Levantou-se e foi ao banheiro urinar. Depois, refletiu um momento. Sabia que não conseguiria dormir de novo e foi para o chuveiro. Em seguida, enfiou uma calça jeans e um moletom cor de vinho que precisava urgentemente passar por uma máquina de lavar. Estava com uma fome de leão e ligou para a recepção perguntando se era possível conseguir café e sanduíches àquela hora. Era.

Pôs os mocassins e o casaco, desceu até a recepção para comprar café e um sanduíche pronto, e voltou em seguida para o quarto. Enquanto comia o pão com patê de fígado e salada, ligou o iBook e se conectou à rede. Abriu a edição on-line do Aftonbladet. Como era de se prever, a principal manchete falava da prisão de Lisbeth Salander. Embora extremamente confusa, a matéria da primeira página agora estava na direção certa. Ronald Niedermann, trinta e sete anos, era procurado pelo assassinato do policial, e a polícia também queria ouvi-lo sobre os homicídios de Estocolmo. A polícia ainda não se pronunciara sobre o estado de Lisbeth Salander nem citava o nome Zalachenko. Este último era descrito como um proprietário rural de sessenta e seis anos, residente em Gosseberga; aparentemente, a mídia ainda o tratava como uma possível vítima.

Quando, ao terminar a leitura, Mikael pegou seu celular, viu que tinha vinte mensagens. Três pedindo que ele ligasse para Erika Berger. Duas eram de Annika Giannini. Catorze tinham sido deixadas por jornalistas de diversos veículos. Uma das mensagens de texto, bastante incisiva, era de Christer Malm: Seria bom você voltar no primeiro trem.

Mikael franziu o cenho. Vinda de Christer Malm, era uma mensagem estranha. Fora enviada às sete da noite do dia anterior. Resistiu ao impulso de ligar e acordar alguém às três da manhã. Em vez disso, verificou o horário de trens na internet e viu que o primeiro para Estocolmo saía às 5h20.

Abriu um novo arquivo Word. Então acendeu um cigarro e ficou uns três minutos parado, fitando a tela branca. Por fim, levantou os dedos e se pôs a escrever.

[Seu nome é Lisbeth Salander e a Suécia aprendeu a conhecê-la através das entrevistas coletivas da polícia e das manchetes dos jornais vespertinos. Tem vinte e sete anos e um metro e cinqüenta de altura. Foi descrita como uma psicopata, uma assassina e uma lésbica satânica. Não houve limites para as elucubrações tecidas às suas custas. Neste número, a Millennium relata a história de Lisbeth Salander, vítima das maquinações de funcionários do Estado com o intuito de acobertar um assassino patológico.]

Escreveu devagar e pouco corrigiu daquele primeiro jorro. Trabalhou concentrado por cinqüenta minutos e nesse espaço de tempo preencheu duas páginas A4 basicamente dedicadas à recapitulação da noite em que encontrara os corpos de Dag Svensson e Mia Bergman e à explicação para o fato de a polícia ter apontado Lisbeth Salander como a possível assassina. Citava as manchetes dos jornais vespertinos que evocaram lésbicas satânicas e esperavam assassinatos tingidos de um saboroso sadomasoquismo.

Por fim, consultou o relógio e fechou rapidamente o iBook. Arrumou sua sacola e desceu até a recepção. Pagou com o cartão de crédito e tomou um táxi para a estação central de Gõteborg.

Mikael Blomkvist dirigiu-se imediatamente ao vagão-restaurante e pediu um café da manhã. Em seguida, tornou a ligar o iBook e releu o texto que tivera tempo de escrever naquelas primeiras horas do dia. Estava a tal ponto imerso na concepção da história de Zalachenko que só percebeu a presença da inspetora Sonja Modig quando ela pigarreou e perguntou se podia juntar-se a ele. Mikael ergueu os olhos e fechou o computador.

— Está voltando para casa? — perguntou Modig. Ele fez que sim com a cabeça.

— Você também, imagino. Ela fez que sim com a cabeça.

— O meu colega vai ficar mais um dia.

— Alguma notícia sobre o estado da Lisbeth Salander? Eu só fiz dormir desde que nos separamos.

— Ela só acordou ontem à noite. Mas os médicos calculam que ela vai sair dessa e se recuperar. Teve uma sorte incrível.

Mikael assentiu com a cabeça. De repente se deu conta de que não tinha se preocupado com ela. Partira do princípio de que ela iria sobreviver. Qualquer outra hipótese era inimaginável.

— Alguma novidade? — perguntou.

Sonja Modig hesitou enquanto olhava para ele. Perguntava-se até que ponto podia confiar no jornalista, que na verdade sabia mais do que ela sobre aquela história. Por outro lado, ela é que se convidara para sentar à mesa dele, e uma centena de jornalistas decerto já tinha entendido o que estava acontecendo na chefatura de polícia.

— Prefiro que não mencione o meu nome — disse ela.

— Perguntei por interesse puramente pessoal.

Ela assentiu com a cabeça e explicou que a polícia estava procurando Ronald Niedermann em todo o território nacional, mas principalmente na região de Malmò.

— E o Zalachenko? Vocês o interrogaram?

— Interrogamos.

— E?

— Isso eu não posso dizer.

— Deixa disso, Sonja. Eu vou descobrir tudo o que vocês conversaram uma hora depois de chegar à redação em Estocolmo. E não vou escrever nenhuma palavra do que você me disser.

Ela hesitou um bocado antes de cruzar o olhar com o dele.

— Ele registrou uma queixa contra a Lisbeth Salander de que ela teria tentado matá-lo. Ela talvez seja indiciada por golpes e ferimentos agravados mais tentativa de homicídio.

— E ela, muito provavelmente, vai alegar legítima defesa.

— É o que eu espero — disse Sonja Modig. Mikael lançou-lhe um olhar brusco.

— Essa não é uma observação que se espere de um policial — ele disse, em tom neutro.

— O Bodin... o Zalachenko, ele é escorregadio e tem resposta para todas as perguntas. Estou absolutamente convencida de que tudo que você nos contou ontem, de modo geral, é verdade. Isso significa que a Salander foi vítima de abusos judiciais seguidos desde os doze anos.

Mikael assentiu com a cabeça.

— Essa é a história que eu vou publicar — disse.

— E que não vai ser bem recebida em alguns círculos. Ela hesitou mais um instante. Mikael esperou.

— Falei com o Bublanski há meia hora. Ele não disse muito, mas o inquérito preliminar sobre a Salander em relação aos seus amigos parece ter sido abandonado. Eles agora estão se concentrando no Niedermann.

— Isso quer dizer...

Ele deixou a pergunta suspensa entre eles. Sonja Modig deu de ombros.

— Quem vai ficar encarregado da investigação sobre a Salander?

— Não sei. O pessoal de Gõteborg provavelmente tenha prioridade no caso Gosseberga. Mas eu diria que é para alguém de Estocolmo que vai ficar a tarefa de reunir todo o material para um indiciamento.

— Entendo. Você quer apostar como a investigação vai ser transferida para a Sapo?

Ela balançou a cabeça.

Pouco antes de chegar a Alingsâs, Mikael inclinou-se para ela.

— Sonja... imagino que você esteja percebendo o que nos espera. Caso a história do Zalachenko se torne pública, vai ser um enorme escândalo. Membros da Sapo armaram com um psiquiatra para internar a Salander num asilo de doidos. A única saída para eles é fincar pé na versão de que Lisbeth Salander é de fato uma doente mental e que a internação compulsória de 1991 se justificava.

Sonja Modig aquiesceu.

— Vou fazer de tudo para pôr areia num plano desse tipo. Quer dizer, a Lisbeth Salander é tão equilibrada como eu ou você. Tudo bem, ela é esquisita, mas não se pode pôr em dúvida a capacidade intelectual dela.

Sonja Modig assentiu com a cabeça. Mikael fez uma pausa, dando tempo para que suas palavras fossem assimiladas.

— Eu precisaria de alguém de confiança lá dentro — disse ele. Ela o encarou.

— Não tenho competência para determinar se a Lisbeth Salander é psiquicamente perturbada — ela respondeu.

— Não, mas tem competência para avaliar se ela está sendo, ou não, vítima de abuso judicial.

— O que você sugere?

— Não vou pedir que você denuncie seus colegas, mas que me avise se perceber que estão tramando para expor a Salander a mais um abuso judicial.

Sonja Modig permaneceu calada.

— Não quero que você me revele nenhum detalhe técnico da investigação. Isso você é quem decide. Mas preciso saber em que pé está a ação judicial contra a Salander.

— Parece um ótimo jeito de ser mandada embora.

— Você é uma fonte. Não vou te citar nem te botar numa encrenca. Pegou um caderninho e anotou um endereço de e-mail.

— Este é um endereço anônimo no hotmail. Você pode usar, caso queira me dizer alguma coisa. De preferência, não use seu endereço habitual, o que todo mundo conhece. Crie um endereço temporário no hotmail.

Ela apanhou o pedaço de papel e o enfiou no bolso interno do casaco. Não prometeu nada.

Às sete da manhã de sábado, o inspetor Marcus Ackerman foi acordado pelo toque do telefone. Ouviu vozes na televisão e sentiu cheiro de café na cozinha, onde sua mulher já estava em atividade. Chegara à sua casa em Mõlndal à uma da manhã e dormira cinco horas. Antes disso, atuara a todo vapor por exatamente vinte e duas horas. Estava longe, portanto, de ter preenchido sua cota de sono quando se esticou para atender o telefone.

— Oi, é o Lundqvist, do serviço de investigações, plantão noturno. Está acordado?

— Não — respondeu Ackerman. — Mal tive tempo de pegar no sono. O que foi?

— Novidades. Encontraram Anita Kaspersson.

— Onde?

— Perto de Seglora, ao sul de Borâs. Ackerman visualizou o mapa mentalmente.

— Direção sul — disse. — Ele está passando por estradas secundárias. Deve ter pegado a nacional 180 via Borâs, e depois virou para o sul. Malmõ já foi avisada?

— Sim, e também Helsingborg, Landskrona e Trelleborg. E Karlskrona. Estou pensando nas balsas do mar Báltico.

Ackerman se levantou e esfregou a nuca.

— Ele está com quase vinte e quatro horas de dianteira. De repente, até já deixou o país. Como é que encontraram a Kaspersson?

— Ela bateu à porta de uma casa na entrada de Seglora.

— O quê?

— Ela bateu...

— Eu escutei. Quer dizer que ela está viva?

— Desculpe. Estou cansado e devo estar me expressando meio mal. Anita Kaspersson conseguiu chegar a Seglora às 3hl0. Ela acordou e assustou uma família com crianças pequenas ao bater na porta da casa. Estava descalça, com uma hipotermia avançada e as mãos atadas nas costas. Nesse momento está no hospital de Borâs, e o marido já está lá com ela.

— Veja só. Acho que ninguém aqui acreditava que ela ainda estivesse viva.

— Às vezes acontece uma surpresa.

— E das boas, ainda por cima.

— Então já posso te dar as más notícias. A adjunta do chefe de polícia, a senhora Spângberg, está aqui desde as cinco da manhã. Ela pediu que você acordasse imediatamente e fosse até Borâs pegar o depoimento da Kaspersson.

Como era sábado de manhã, Mikael imaginou que a redação da Millennium estivesse deserta. Ligou para Christer Malm enquanto o X2000 atravessava a ponte de Arsta e perguntou o que havia por trás da sua mensagem de texto.

— Você já tomou café da manhã? — perguntou Christer Malm.

— Tomei, no trem.

— Certo. Venha até a minha casa, vou te oferecer algo mais consistente.

— O que está havendo?

— Eu conto quando você chegar.

Mikael pegou o metrô até a Medborgarplatsen, e de lá foi a pé até a Allhelgonagatan. O companheiro de Christer, Arnold Magnusson, foi quem abriu a porta. Por mais que tentasse evitar, sempre que o via Mikael tinha a sensação de estar diante de uma publicidade. Arnold Magnusson passara pelo Teatro Dramaten e era um dos atores mais requisitados da Suécia. Estar diante dele era sempre perturbador. Em geral, Mikael não se impressionava com celebridades, mas Arnold Magnusson tinha uma aparência de fato singular e estava tão associado a alguns papéis do cinema e da tevê, principalmente o de Gunnar Frisk, delegado mal-humorado de uma série de televisão muito popular, que Mikael sempre esperava que ele se comportasse exatamente como Gunnar Frisk.

— Oi, Micke — disse Arnold.

— Oi — respondeu Mikael.

— Ele está na cozinha — disse Arnold, dando-lhe passagem. Christer Malm serviu filhos quentes com geléia de amora amarela e café.

Mikael já estava com água na boca antes mesmo de se sentar, por isso atacou o prato. Christer Malm quis saber o que tinha acontecido em Gosseberga, e Mikael recapitulou tudo com detalhes. Estava no terceiro filho quando perguntou o que estava rolando.

— Tivemos um probleminha na Millennium quando você estava em Gõteborg — disse ele.

Mikael ergueu as sobrancelhas.

— O que foi?

— Nada sério. Só que a Erika Berger virou redatora-chefe do Svenska Moron-Posten. Ontem foi o último dia dela na Millennium.

Mikael ficou paralisado, com um filho na mão a vinte centímetros da boca. Levou vários segundos para assimilar o real significado da informação.

— Por que ela não disse nada antes? — perguntou, afinal.

— Porque ela queria primeiro falar com você, e você tem corrido de lá para cá há várias semanas e ninguém conseguia te contatar. Ela deve ter achado que você já tinha problemas suficientes com essa história da Salander. E como queria que você fosse o primeiro à saber, também não contou nada pra gente, e os dias foram se passando... E isso. De repente, ela se viu com um puta sentimento de culpa e estava super deprimida. E a gente simplesmente nem percebeu.

Mikael fechou os olhos.

— Merda — disse ele.

— Eu sei. No fim, você foi o último da redação a ficar sabendo. Fiz questão de te contar para poder explicar como as coisas aconteceram e para você não pensar que agimos pelas suas costas.

— Nem me ocorreu uma coisa dessas. Mas puxa vida! E muito legal para ela ter conseguido esse emprego, isso se ela estiver mesmo a fim de trabalhar no SMP... E nós? Como é que a gente vai descascar esse abacaxi na redação?

— A Malu foi nomeada redatora-chefe temporária, e ela começa na próxima edição.

— A Malu?

— Se você não quiser ser o redator-chefe...

— Nem pensar!

— Foi o que eu imaginei. Logo, a Malu assume o cargo.

— E quem vai ser o assistente de redação?

— O Henry Cortez. Faz quatro anos que ele trabalha conosco e já não é exatamente um estagiário balbuciante.

Mikael avaliou todas as sugestões.

— Posso dar uma opinião? — perguntou.

— Não — disse Christer Malm.

— Certo. Vai ser como vocês decidiram. A Malu não é de se assustar, mas é meio insegura. O Henry atira a esmo em tudo que se movimenta um pouco além da conta. Vamos ter que ficar de olho neles.

— Isso.

Mikael se calou. Pensou no vazio que Erika iria deixar; ele não fazia idéia de como seria a revista dali para a frente.

— Preciso ligar para a Erika e...

— Não é uma boa idéia.

— Por quê?

— Ela está dormindo na redação. O melhor seria ir até lá acordá-la.

Mikael encontrou Erika Berger na redação, profundamente adormecida no sofá-cama de sua sala. Tinha passado a noite tirando objetos pessoais das prateleiras e gavetas e separando os papéis que queria levar. Enchera cinco caixas de mudança. Mikael ficou um bom tempo contemplando-a da porta antes de entrar e sentar-se na beira do sofá para acordá-la.

— Você pode me explicar por que, quando quer passar a noite trabalhando, não vai dormir na minha casa, que é aqui pertinho? — perguntou ele.

— Oi, Mikael — disse ela.

— O Christer já me contou.

Ela começou a falar alguma coisa, mas ele se inclinou e deu-lhe um beijo no rosto.

— Você está chateado?

— Super chateado — ele disse, seco.

— Sinto muito. Eu simplesmente não podia recusar essa proposta. Mas não me parece certo, tenho a sensação de estar deixando vocês numa encrenca daquelas aqui na Millennium.

— Não acho que eu seja a pessoa certa para criticar você por abandonar o navio. Há dois anos, fui embora e te deixei numa encrenca bem pior do que esta de agora.

— São situações muito diferentes. Você estava dando um tempo. Já eu estou me demitindo pra valer e não contei a vocês. Sinto muito, de verdade.

Mikael ficou um instante em silêncio. Então exibiu um sorriso pálido.

— Quando chega a hora, é porque é a hora. Quando uma mulher recebe uma missão, ela tem que cumpri-la. Às suas ordens, meu coronel!

Erika sorriu. Era mais ou menos o que ela tinha dito a ele quando Mikael fora morar em Hedeby. Ele estendeu a mão e despenteou-lhe carinhosamente o cabelo.

— Entendo que você não queira mais trabalhar nesta empresa de malucos, mas você querer virar chefe no jornal dos velhos babacas mais medíocres da Suécia, isso eu ainda vou levar um tempo para digerir.

— Tem um bocado de mulheres trabalhando lá.

— Que nada! Dê uma olhada no editorial. Velharia, só velharia. Você por acaso é masoquista? Vamos tomar um café?

Erika se sentou.

— Você precisa me contar o que aconteceu em Gõteborg na outra noite.

— Estou escrevendo a matéria — disse Mikael. — E vai ser uma guerra depois que a gente publicar.

— A gente, não. Quando vocês publicarem.

— Eu sei. Vamos publicar na mesma época do julgamento. Mas imagino que você não vá levar o assunto para o SMP. A verdade é que eu queria que você escrevesse alguma coisa sobre o caso Zalachenko antes de sair da Millennium.

— Micke, eu...

— O seu último editorial. Você pode escrever quando quiser. Não deve ser publicado antes do julgamento, e só Deus sabe quando isso vai ser.

— Talvez não seja uma boa idéia. Sobre o que seria esse editorial?

— Sobre a moral — disse Mikael Blomkvist. — E sobre o fato de um dos nossos colaboradores ter sido assassinado porque o Estado não cumpriu seu papel há quinze anos. •

Nem era preciso explicar mais nada. Erika Berger sabia muito bem que tipo de editorial ele queria. Refletiu rápido. Afinal, ela estava no comando no dia em que Dag Svensson tinha sido assassinado. De repente, sentiu-se muito melhor.

— Está bem — disse. — Meu último editorial.

4. SÁBADO 9 DE ABRIL - DOMINGO 10 DE ABRIL

À uma da tarde de sábado, a procuradora Martina Fransson, de Sõdertalje, concluíra suas reflexões. O cemitério natural na floresta de Nykvarn era uma encrenca bem feia e a área criminal já somara uma quantidade incrível de horas extras desde a quarta-feira, quando Paolo Roberto travara sua luta de boxe contra Ronald Niedermann no armazém. Estavam diante do homicídio de pelo menos três pessoas, cujos corpos haviam sido enterrados no terreno, um seqüestro com uso de violência seguido de golpes e ferimentos agravados contra Miriam Wu, amiga de Lisbeth Salander, e por fim um incêndio criminoso. Também tinham que associar Nykvarn ao incidente de Stallarholmen, que não se situava no mesmo distrito policial, mas do qual Carl-Magnus Lundin, do MC Svavelsjõ, era figura-chave. No momento, Lundin estava no hospital de Sõdertãlje com um pé engessado e uma placa de metal no maxilar. De qualquer forma, todos esses crimes estavam sob a autoridade da polícia local, o que significava que Estocolmo é que daria a palavra final.

Na sexta-feira, haviam deliberado acerca da expedição das ordens de prisão. Lundin estava ligado a Nykvarn, isso era certo. Com algum atraso, conseguiram estabelecer que o armazém era propriedade de uma certa Anneli Karlsson, de cinqüenta e dois anos, residente em Puerto Banus, na Espanha.

Era prima de Magge Lundin, não tinha ficha na polícia e, nesse contexto, parecia cumprir, sobretudo, o papel de testa de ferro.

Martina Fransson fechou a pasta do inquérito preliminar. A instrução estava em seu estágio inicial e ainda seria alimentada com várias centenas de páginas antes de resultar num processo. Mas Martina Fransson precisava desde já tomar uma decisão sobre alguns pontos. Olhou para seus colegas policiais.

— Temos material suficiente para abrir uma ação judicial contra Lundin por cumplicidade no seqüestro de Miriam Wu. Paolo Roberto

o identificou como o motorista do furgão. Também vou detê-lo por provável cumplicidade no incêndio criminoso. Sobre as acusações de cumplicidade no homicídio das três pessoas desenterradas no terreno, vamos esperar pelo menos até todas serem identificadas.

Os policiais assentiram com a cabeça. Não esperavam outra coisa.

— E quanto ao Benny Nieminen, a gente faz o quê?

Martina Fransson folheou os documentos sobre sua mesa até encontrar o do Nieminen.

— Esse senhor tem um currículo impressionante. Roubo a mão armada, posse ilegal de arma, agressões de todo tipo, homicídio e infrações ligadas a drogas. E desse modo ele foi preso em Stallarholmen, junto com Lundin. Estou convencida de que ele está envolvido nisso tudo — o contrário seria surpreendente. O problema é que não temos nada contra ele.

— Ele afirma que nunca esteve no armazém de Nykvarn, que só estava dando uma volta de moto com o Lundin — disse o inspetor criminal de Sõdertãlje encarregado de Stallarholmen. — Diz que desconhecia totalmente o que o Lundin ia fazer em Stallarholmen.

Martina Fransson se perguntou se não haveria um jeito de repassar o caso para o procurador Richard Ekstrõm, de Estocolmo.

— Nieminen se recusa a contar o que aconteceu, mas nega veementemente ser cúmplice de um crime — prosseguiu o inspetor criminal.

— É, daqui a pouco nós vamos achar que ele e o Lundin é que são as vítimas de Stallarholmen — disse Martina Fransson tamborilando com os dedos, irritada. — Lisbeth Salander — acrescentou, deixando transparecer uma dúvida na voz. — Estamos falando de uma jovem que aparenta ter mal e mal passado da puberdade, mede um metro e cinqüenta e certamente não possui força física para dominar Nieminen e Lundin.

— A menos que estivesse armada. Com uma pistola, ela pode compensar as desvantagens do físico de passarinho que tem.

— Mas isso não bate totalmente com a reconstituição.

— Não. Ela usou gás lacrimogêneo e deu uns pontapés no meio das pernas e no rosto do Lundin com tamanha fúria que rebentou um testículo dele e quebrou seu maxilar. A bala no pé deve ter sido disparada depois. Mas custo a acreditar que ela é que estivesse armada.

— O laboratório identificou a arma que acertou o Lundin. Trata-se de uma Wanad P-83 polonesa, com munição Makarov. Foi encontrada em Gosseberga, próximo a Gõteborg, e traz as impressões digitais da Salander. É bem possível que ela tenha levado a pistola para Gosseberga.

— Sim. Mas o número de série mostra que ela foi roubada há quatro anos durante o assalto ao depósito de armas de Orebro. O ladrão acabou sendo preso, mas já tinha se livrado das armas. Era um talento ali da região, com problemas de drogas e que atuava em círculos próximos ao MC Svavelsjó. Estou tendendo a achar que a pistola era do Lundin ou do Nieminen.

— Pode ser simplesmente que o Lundin estivesse com a pistola, a Salander tentou pegar a arma e ela disparou sozinha, atingindo o pé dele. Seja como for, não houve intenção de matar, já que ele continua vivo.

— Ou então ela atirou no pé por puro sadismo. Sei lá! Mas como é que ela conseguiu dar conta do Nieminen? Ele não tem nenhum machucado aparente.

— Tem, sim, uma coisinha. Duas queimaduras pequenas no peito.

— E?

— Parece marca de cassetete elétrico.

— Quer dizer que a Salander estaria armada com um cassetete elétrico, gás lacrimogêneo e uma pistola. Quanto pesa tudo isso? Não, acho que foi o Lundin ou o Nieminen que trouxe a arma e ela conseguiu desarmá-los. Só vamos saber exatamente como o Lundin levou o tiro quando um dos protagonistas resolver falar.

— Certo.

— A situação é a seguinte: Lundin está cumprindo prisão temporária pelas acusações que já mencionei. Em compensação, não temos absolutamente nada contra o Nieminen. Vou ser obrigada a soltá-lo hoje à tarde.

Benny Nieminen estava com um humor detestável quando saiu da cela da carceragem da chefatura de polícia de Estocolmo. Estava também com sede, a ponto de parar imediatamente numa tabacaria para comprar uma Pepsi, que ele entornou num gole só. Comprou também um maço de Lucky Strike e um pacote de rape. Pegou o celular, conferiu o estado da bateria e em seguida digitou o número de Hans-Ake Waltari, trinta e três anos e número três na hierarquia do MC Svavelsjó. Ouviu o telefone tocar quatro vezes antes de Waltari atender.

— Nieminen. Estou fora.

— Parabéns.

— Onde você está?

— Em Nykõping.

— Fazendo o que em Nykõping?

— Quando você e o Magge foram presos, a gente achou melhor se encolher um pouco até ter uma idéia melhor da situação.

— Agora você já sabe qual é. Onde está todo mundo?

Hans-Ake Waltari explicou onde estavam os outros cinco membros do MC Svavelsjõ. A explicação não bastou para acalmar ou contentar Benny Nieminen.

— E quem está tocando o barco enquanto vocês ficam escondidos que nem mulherzinha?

— Não é justo. Você e o Magge somem para fazer um serviço, a gente nem desconfia do que se trata, e de repente vocês estão envolvidos num tiroteio com essa piranha que está com a polícia sueca toda atrás dela, o Magge leva um tiro e você vai para o xadrez. E, para completar, os tiras estão desenterrando uns presuntos no armazém de Nykvarn.

— Sim, e daí?

— Daí que a gente começou a se perguntar se você e o Magge não estavam escondendo alguma coisa.

— Escondendo o quê? Não é a gente que consegue os negócios para o grupo?

— Mas eu nunca ouvi dizer que o armazém também era um cemitério escondido no meio do mato. Quem são esses presuntos?

Benny Nieminen estava com uma resposta cortante na ponta da língua, mas se conteve. Hans-Ake Waltari era um perfeito idiota, porém a situação não era das mais propícias para começar uma briga. Tinham que agir depressa para consolidar as forças. Depois de passar por cinco interrogatórios em que negara absolutamente tudo, seria pouco esperto de sua parte sair clamando num celular, a duzentos metros da delegacia, que ele estava, afinal, por dentro do caso.

— Sei lá — disse. — Não dá bola para esses presuntos. Mas o Magge está encrencado. Vai ficar um bom tempo preso, e na ausência dele quem manda sou eu.

— Tudo bem. E quais são os próximos passos? — perguntou Waltari.

— Se vocês todos estão escondidos, quem está vigiando o local?

— O Danny Karlsson ficou por lá para controlar as posições. A polícia fez uma blitz no dia que vocês foram presos. Não acharam nada.

— O Danny K.! — exclamou Nieminen. — Mas o Danny K. é um novatozinho de merda, um fedelho ranhento!

— Fica frio. Ele está com o loirinho, sabe, o cara que você e o Magge às vezes levam com vocês.

Benny Nieminen gelou de repente. Deu uma rápida olhada ao redor e se afastou alguns metros da porta da tabacaria.

— O que foi que você disse? — perguntou em voz baixa.

— Sabe aquele loiro idiota que você e o Magge encontram de vez em quando? Ele apareceu pedindo ajuda para achar um esconderijo.

— Puta que pariu, Waltari, ele está sendo procurado no país inteiro pelo assassinato de um tira.

— E... por isso ele precisava de um esconderijo. O que a gente podia fazer? E um brother seu e do Magge.

Benny Nieminen fechou os olhos por uns dez segundos. Ronald Niedermann tinha passado muitos serviços e dado lucros enormes ao MC Svavelsjõ por vários anos. Mas não era um amigo, de jeito nenhum. Era um canalha perigoso e um psicopata, e ainda por cima um psicopata procurado a ferro e fogo pela polícia. Benny Nieminen não confiaria um segundo sequer em Ronald Niedermann. O melhor seria que ele fosse encontrado com uma bala na cabeça. No mínimo, daria uma acalmada no ânimo dos tiras.

— E o que vocês fizeram com ele?

— O Danny K. está cuidando disso. Levou ele até o Viktor.

Viktor Gõransson era o tesoureiro e contador do clube, morava para os lados de Jãrna. Gõransson tinha um diploma profissionalizante em economia e começara a carreira como consultor financeiro de um iugoslavo que reinava em alguns

cabarés, até o bando todo ser preso por sonegação fiscal. Conheceu Magge Lundin na prisão de Kumla, no início dos anos 1990. Era o único do MC Svavelsjõ que sempre andava de terno e gravata.

— Waltari, você pega o caixa e vem se encontrar comigo em Sõdertãlje. Me procure em frente à estação ferroviária do subúrbio daqui a quarenta e cinco minutos.

— Tá bom, tá bom. Por que tanta pressa?

— Porque eu tenho que assumir o controle da situação o quanto antes.

Hans-Ake Waltari observava disfarçadamente Benny Nieminen, que mantinha um silêncio emburrado enquanto rodavam para Svavelsjõ. Ao contrário de Magge Lundin, Nieminen não era uma pessoa simpática. Era bonito e parecia doce, mas na verdade tinha pavio curto e sabia ser um bocado perigoso, principalmente depois de tomar umas e outras. No momento estava sóbrio, mas Waltari estava um pouco preocupado com a idéia de que Nieminen ia assumir o comando. Magge sempre soubera, de um jeito ou de outro, acalmar o jogo de Nieminen. Perguntava-se o que viria pela frente com Nieminen como presidente temporário do clube.

Danny K. não se encontrava no local. Nieminen tentou ligar duas vezes para o celular dele, mas não obteve resposta.

Foram para a casa de Nieminen, a um bom quilômetro do clube. Também lá a polícia realizara uma busca, mas não achara nada que servisse para a investigação sobre Nykvam. Sem nada do que ser acusado, Nieminen estava livre.

Tomou um banho e trocou de roupa enquanto Waltari esperava pacientemente na cozinha. Depois, caminharam cento e cinqüenta metros pelo mato atrás da casa de Nieminen e destaparam um baú superficialmente enterrado ali que continha seis armas, incluindo um AK-5, uma boa quantidade de munição e dois quilos de explosivos. Era o estoquezinho particular de Nieminen. Duas armas do baú

eram Wanad P-83 polonesas. Pertenciam ao mesmo lote da pistola que Lisbeth Salander surrupiara de Nieminen em Stallarholmen.

Nieminen afastou Lisbeth Salander da mente. Aquele era um assunto delicado. Na cela da carceragem, em Estocolmo, repassara com freqüência a cena em que ele e Magge Lundin chegavam à casa de campo de Nils Bjurman e deparavam com Salander no pátio.

A seqüência dos acontecimentos fora absolutamente inesperada. Ele e Magge Lundin tinham ido lá pôr fogo na casa por ordem daquele maldito gigante loiro. E toparam com a piranha da Lisbeth Salander — sozinha, um metro e meio e um palito de magra. Nieminen se perguntava quanto ela pesava. De repente, as coisas tinham desandado numa orgia de violência para a qual nenhum dos dois estava preparado.

De um ponto de vista meramente técnico, ele conseguia entender a seqüência. Salander tinha esvaziado um cartucho de gás lacrimogêneo na cara de Magge Lundin. Magge deveria ter esperado por isso, mas não foi o caso. Ela então lhe desfechara dois pontapés, e para quebrar um maxilar não é preciso ter muita força muscular. Ela o pegara de surpresa. Dava para entender.

Mas aí ela atacara a ele, Benny Nieminen, o homem que os caras sarados pensavam duas vezes antes de provocar. Ela se movia com uma rapidez incrível. Ele tivera dificuldades para pegar a arma. Ela o esmagara com a humilhante facilidade de quem está simplesmente enxotando um mosquito com a mão. Tinha um cassetete elétrico. Tinha...

Quando acordou, não se lembrava de quase nada, Magge Lundin levara uma bala no pé e a polícia estava a caminho. Depois de alguma discussão entre a polícia de Stãngnás e a de Sõdertãlje, fora parar na cadeia de Sõdertãlje. E a pilantra ainda havia roubado a Harley Davidson do Magge Lundin. Tinha recortado, na jaqueta dele, o logo do MC Svavelsjõ — o mesmo símbolo que, nos botecos, fazia as pessoas se afastarem e conferia um prestígio que o sueco comum não podia entender. Ela o humilhara.

De repente, Benny Nieminen começou a ferver por dentro. Permanecera calado durante os interrogatórios. Jamais poderia contar o que tinha acontecido em Stallarholmen. Até então, Lisbeth Salander não significava absolutamente nada para ele. Era só um projetinho secundário de que Magge Lundin estava tratando — a pedido, mais uma vez, do maldito Niedermann.

Mas agora nutria por ela um ódio apaixonado que o surpreendia. Ele em geral era frio e lúcido, ao passo que agora só pensava em ter, qualquer dia, a oportunidade de se vingar e apagar a vergonha. Mas primeiro precisava pôr ordem no caos em que a Salander e o Niedermann, juntos, tinham lançado o MC Svavelsjõ.

Nieminen pegou duas pistolas polonesas que ainda estavam no baú, carregou-as e entregou uma para Waltari.

— Você tem algum plano?

— Vamos ter uma conversinha com o tal Niedermann. Ele não é dos nossos e nunca foi preso. Não sei como vai reagir se for pego, mas se ele abrir a boca pode acabar com a gente. Íamos todos em cana rapidinho.

— Quer dizer que a gente vai...

Nieminen já tinha decidido eliminar Niedermann, mas percebeu que não era hora de assustar Waltari.

— Não sei. Vamos ver qual é a dele. Se ele tiver um plano e puder se mandar logo para fora do país, a gente pode dar uma mãozinha. Mas enquanto ele estiver correndo o risco de ser preso, vai representar uma ameaça para a gente.

O sítio de Viktor Gõransson, próximo de Jãrna, estava às escuras quando, ao entardecer, Nieminen e Waltari entraram no pátio. Isso em si já parecia um mau sinal. Ficaram esperando algum tempo no carro.

— Talvez eles tenham saído — sugeriu Waltari.

— Tudo a ver. Eles podem ter ido até o boteco tomar um trago com o Niedermann — disse Nieminen, abrindo a porta do carro.

A porta da casa não estava trancada. Nieminen acendeu a luz. Passaram por todos os cômodos. Estava tudo limpo e arrumado, provavelmente graças à mulher com quem o Gõransson vivia.

Deram com Gõransson e sua companheira no porão, jogados na lavanderia.

Nieminen se inclinou e observou os cadáveres. Estendeu o dedo e encostou na mulher, cujo nome não lembrava. Estava gelada e rígida. Isso significava que podiam estar mortos havia umas vinte e quatro horas.

Nieminen não precisava do parecer de um médico-legista para saber como eles tinham morrido. O pescoço da mulher havia se partido quando a cabeça dela foi girada cento e oitenta graus. Vestia jeans e camiseta e não aparentava nenhum outro ferimento.

Já Viktor Gõransson estava apenas de cueca. Fora seriamente espancado e seu corpo estava coberto de ferimentos e hematomas. Os dois braços tinham sido quebrados e apontavam em várias direções, feito galhos tortos de pinheiro. Sofrerá maus-tratos prolongados que só podiam ser qualificados como tortura. Até onde Nieminen podia avaliar, fora enfim morto com um forte golpe na garganta. A laringe estava afundada no pescoço.

Benny Nieminen se levantou, subiu a escada do porão e saiu da casa. Waltari foi atrás dele. Nieminen atravessou o pátio e seguiu até a granja a cinqüenta metros dali. Soltou a tranca e abriu a porta.

Deparou com um Renault azul-escuro.

— Qual é o carro do Gõransson? — perguntou.

— Ele anda com um Saab.

Nieminen assentiu com a cabeça. Tirou as chaves do bolso e abriu uma porta no fundo da granja. Uma olhada rápida lhe informou

que chegara tarde demais. Um armário pesado onde se guardavam as armas estava aberto de par em par.

Nieminen fez uma careta.

— Pouco mais de oitocentas mil coroas — disse.

— O quê?

— Pouco mais de oitocentas mil coroas é o que o MC Svavelsjõ tinha neste armário. A nossa grana.

Três pessoas sabiam onde o MC Svavelsjõ guardava o dinheiro a ser investido ou lavado. Viktor Gõransson, Magge Lundin e Benny Nieminen. Niedermann estava fugindo. Precisava de dinheiro vivo. Sabia que Gõransson era quem cuidava do financeiro.

Nieminen fechou a porta e saiu sem pressa da granja. Raciocinava febrilmente, tentando formar um panorama do desastre. Uma parte dos recursos do MC Svavelsjõ estava investida em títulos a que ele poderia ter acesso e outra parte poderia ser reconstituída com o auxílio de Magge Lundin. Mas uma boa parte dos investimentos só estava registrada na cabeça de Gõransson, a menos que ele tivesse passado instruções claras para Magge Lundin. Nieminen duvidava muitíssimo disso — Magge nunca fora um gênio da economia. Por cima, Nieminen avaliou que com a morte de Gõransson o MC Svavelsjõ podia ter perdido até sessenta por cento de seu capital. Um golpe tremendo. Era sobretudo dinheiro vivo de que precisavam para as despesas diárias.

— O que a gente faz agora? — perguntou Waltari.

— Agora a gente informa a polícia sobre o que aconteceu.

— Informar a polícia?

— Claro, porra. As minhas digitais estão por toda a casa. Só quero que eles encontrem o Gõransson e a mulher o quanto antes e o legista possa determinar que eles foram mortos quando eu ainda estava detido.

— Entendo.

— Melhor assim. Descubra onde está o Danny K. Quero falar com ele. Quer dizer, se ele ainda estiver vivo. Depois disso, vamos atrás do Ronald Niedermann. A ordem, para os nossos contatos em todos os clubes da Escandinávia, é abrir o olho. Quero a cabeça desse calhorda. Ele provavelmente está usando o Saab do Gõransson. Descubra o número da placa.

Quando Lisbeth Salander acordou, às duas da tarde de sábado, estava sendo examinada por um médico.

— Boa tarde — disse ele. — Meu nome é Sven Svantesson, sou médico. Está sentindo alguma dor?

— Sim — disse Lisbeth Salander.

— Daqui a pouco vamos te dar um analgésico. Mas primeiro eu queria olhar você.

Ele apertou e apalpou seu corpo machucado. Antes de ele terminar, Lisbeth já estava claramente irritada, mas sentia-se exausta demais para começar sua temporada no Sahlgrenska com uma discussão, por isso optou por ficar quieta.

— Como é que eu estou? — perguntou.

— Acho que você vai ficar bem — disse o médico, que fez algumas anotações antes de se levantar.

Não era uma resposta das mais brilhantes.

Depois que ele saiu, apareceu uma enfermeira que ajudou Lisbeth com a comadre. Em seguida, ela pôde voltar a dormir.

Alexander Zalachenko, aliás, Karl Axel Bodin, ingeria um almoço constituído de alimentos líquidos. Qualquer movimento, mesmo mínimo, dos músculos faciais lhe causava dores fortíssimas no maxilar e no osso malar, e mastigar não era sequer cogitável.

Porém, mesmo a dor sendo tremenda, ele sabia administrá-la. Zalachenko estava acostumado com a dor. Nada se comparava àquela que experimentara semanas e meses a fio quinze anos

antes, depois de arder feito uma tocha dentro do carro junto a uma calçada da Lundagatan. O tratamento não passara de uma interminável maratona de dor.

Os médicos o julgavam fora de perigo, mas dada a gravidade de seus ferimentos e por causa de sua idade, permaneceria na uri por mais alguns dias.

Naquele sábado, ele recebeu quatro visitas.

Por volta das dez da manhã, o inspetor Ackerman tornou a aparecer. Dessa vez, tinha deixado aquela babaquinha da Sonja Modig em casa e vinha acompanhado do inspetor Jerker Holmberg, claramente mais simpático. Fizeram mais ou menos as mesmas perguntas que tinham feito na noite anterior sobre Ronald Niedermann. Ele estava com a sua versão bem ensaiada e não cometeu nenhum erro. Quando começaram a bombardeá-lo com perguntas sobre sua eventual participação no tráfico de mulheres e em outras atividades criminosas, ele mais uma vez negou saber qualquer coisa sobre o assunto. Vivia da sua pensão de invalidez e não sabia do que estavam falando. Jogou tudo nas costas de Ronald Niedermann e se ofereceu para colaborar no que fosse possível para localizar o assassino do policial.

Infelizmente, na prática ele não tinha muito como ajudar. Desconhecia os círculos que Niedermann freqüentava e não fazia idéia de a quem ele poderia pedir refúgio.

Por volta das onze horas, recebeu a breve visita de um representante do Ministério Público, que lhe comunicou formalmente que ele era suspeito de cumplicidade em golpes e ferimentos agravados, e mesmo tentativa de homicídio, contra Lisbeth Salander. Zalachenko respondeu pacientemente, explicando que a vítima era ele e que, na verdade, Lisbeth Salander é quem tentara matá-lo. O sujeito do Ministério Público lhe ofereceu ajuda jurídica na forma de um advogado de ofício. Zalachenko disse que ia pensar.

Isso ele não tinha a menor intenção de fazer. Já possuía um advogado e sua primeira medida, naquela manhã, fora ligar para ele pedindo que viesse o quanto antes. De modo que Martin Thomasson foi seu terceiro visitante. Entrou, com um ar descontraído, passou a mão na cabeleira loira, ajeitou os óculos e apertou a mão de seu cliente. Era um falso magro e um verdadeiro sedutor. E certo que pairava sobre ele a suspeita de ter pertencido à máfia iugoslava, caso que ainda estava sendo investigado, mas também tinha a reputação de ganhar seus processos.

Um contato de negócios encaminhara Zalachenko para Thomasson cinco anos antes, quando precisara redistribuir um capital relacionado com uma pequena empresa de investimentos que ele possuía no Liechtenstein. Não eram quantias fabulosas, mas Thomasson atuara com mãos de mestre e Zalachenko deixara de pagar as taxas obrigatórias. Depois disso, recorrera a ele em outras ocasiões. Thomasson compreendia que o dinheiro provinha de uma atividade criminosa, o que não parecia perturbá-lo. Por fim, Zalachenko decidira fundir todas as suas atividades numa nova empresa, pertencente a ele próprio e a Niedermann. Tinha procurado Thomasson e o convidara a participar como terceiro sócio oculto, encarregado de tudo que se relacionasse ao financeiro. Thomasson aceitara sem pensar duas vezes.

— E então, senhor Bodin, isso tudo não está me parecendo lá muito agradável.

— Fui vítima de golpes e ferimentos agravados e tentativa de assassinato — disse Zalachenko.

— E o que estou vendo. Uma tal Lisbeth Salander, se entendi direito. Zalachenko baixou a voz.

— O nosso parceiro Niedermann se meteu numa encrenca daquelas, como você deve ter percebido.

— Foi o que entendi.

— A polícia suspeita que eu esteja envolvido nessa história...

— O que obviamente não é o caso. Você é uma vítima, e é importante plantar depressa essa idéia nos meios de comunicação. A senhorita Salander já teve um bocado de publicidade negativa... Vou cuidar disso.

— Obrigado.

— Mas vou avisando que não sou advogado criminal. Você vai precisar de um especialista. Vou procurar alguém em quem você possa confiar.

A quarta visita chegou às onze da noite e conseguiu passar pela barragem das enfermeiras exibindo sua identidade e especificando que vinha por causa de um assunto urgente. Indicaram-lhe o quarto de Zalachenko. O paciente ainda não estava dormindo, achava-se em plena reflexão.

— Meu nome é Jonas Sandberg — cumprimentou o visitante, estendendo uma mão que Zalachenko optou por ignorar.

O homem tinha cerca de trinta e cinco anos. Tinha cabelo cor de areia e vestia um jeans descontraído, camisa xadrez e jaqueta de couro. Zalachenko contemplou-o em silêncio por uns quinze segundos.

— Eu estava justamente me perguntando quando é que um de vocês ia aparecer.

— Eu trabalho na Sapo — disse Jonas Sandberg, mostrando as credenciais.

— É claro que não — disse Zalachenko.

— Como?

— Você talvez seja funcionário da Sapo, mas não trabalha para eles. Jonas Sandberg ficou um momento calado, olhando ao redor. Pegou a cadeira destinada aos visitantes.

— Se eu vim assim tão tarde, foi para não chamar atenção. Andamos discutindo sobre uma maneira de ajudá-lo e precisamos

combinar mais ou menos o que vai acontecer. Estou aqui simplesmente para escutar a sua versão e ver quais são as suas intenções, para que a gente possa montar uma estratégia conjunta.

— E qual seria essa estratégia, a seu ver?

Jonas Sandberg contemplou pensativamente o homem deitado na cama. Por fim, afastou as mãos.

— Senhor Zalachenko... Receio que já esteja em curso um processo envolvendo danos difíceis de avaliar. Discutimos a situação. O túmulo encontrado em Gosseberga e os três tiros que a Salander levou são fatos difíceis de minimizar. Mas nem tudo está perdido. O conflito entre o senhor e sua filha pode explicar por que tem tanto medo dela e por que tomou medidas tão drásticas. Receio, porém, que isso signifique alguns meses de prisão.

Zalachenko se sentiu alegre de repente e teria dado uma boa gargalhada se isso não fosse impossível nas suas condições. O resultado foi apenas um leve tremor nos lábios. Qualquer coisa, além disso, seria dolorida demais.

— Então essa é nossa estratégia conjunta?

— Senhor Zalachenko. O senhor conhece o conceito de controle dos danos. É indispensável que encontremos uma via comum. Vamos fazer o possível para ajudá-lo, fornecendo um advogado e a assistência necessária, mas vamos precisar da sua colaboração e de algumas garantias.

— Vou lhe dar uma garantia. Vocês vão dar um jeito de sumir com tudo isso. — Ele fez um gesto com a mão. — O Niedermann vai servir de bode expiatório, e garanto que ele nunca será encontrado.

— Existem provas formais que...

—- Deixe as provas formais para lá. O importante é como a investigação vai ser conduzida e como os fatos vão ser apresentados. A minha garantia é a seguinte... se vocês não usarem sua varinha mágica para dar um sumiço em tudo isto, eu vou

convocar a imprensa para uma entrevista coletiva. Eu conheço nomes, datas, fatos. Não me diga que eu preciso lembrar você de quem eu sou...

— O senhor não está entendendo...

— Estou entendendo muito bem. Você não passa de um boy. Transmita para o seu chefe o que acabei de dizer. Ele vai entender. Diga que eu tenho cópias de... tudo. Vou detonar vocês.

— Temos que tentar entrar num acordo.

— A conversa está encerrada. E agora dê o fora. E fale para eles me mandarem um homem da próxima vez, um adulto com quem eu possa conversar.

Zalachenko virou a cabeça de maneira a interromper o contato visual com o visitante. Jonas Sandberg contemplou-o um breve instante. Então deu de ombros e se levantou. Já estava chegando à porta quando ouviu novamente a voz de Zalachenko.

— Outra coisa. Sandberg se virou.

— Salander.

— O que tem ela?

— Ela precisa sumir.

— O que o senhor quer dizer?

Por um momento, Sandberg pareceu tão preocupado que Zalachenko foi obrigado a sorrir, apesar da dor que lhe transpassou o maxilar.

— Vocês são todos uns bundas-moles e eu sei que têm escrúpulos demais para matá-la. Sei também que vocês não têm condições para isso. Quem iria cuidar disso... você? Mas ela precisa sumir. O testemunho dela tem que ser declarado inaceitável. Ela tem que voltar para uma instituição e ali ficar o resto da vida.

Lisbeth Salander escutou os passos no corredor em frente a seu quarto. Não conseguira distinguir o nome Jonas Sandberg, e

era a primeira vez que escutava aqueles passos.

A porta de seu quarto tinha ficado aberta desde o final da tarde, já que as enfermeiras vinham vê-la mais ou menos de dez em dez minutos. Tinha escutado o homem chegar e explicar a uma enfermeira, bem perto de sua porta, que precisava de qualquer forma ver o Sr. Karl Axel Bodin para tratar de um assunto urgente. Imaginou que ele estivesse apresentando suas credenciais, mas não foi dita nenhuma palavra que pudesse fornecer uma pista sobre seu nome ou a natureza dessas credenciais.

A enfermeira pediu que ele esperasse enquanto ia verificar se o Sr. Karl Axel Bodin estava acordado. Lisbeth Salander concluiu então que as credenciais deviam ser bem convincentes.

Percebeu que a enfermeira seguiu no corredor pela esquerda e deu dezessete passos até chegar a seu destino, e que o visitante percorreu a mesma distância com apenas catorze passos. O que dava uma média de 15,5 passos. Ela calculou o comprimento dos passos em sessenta centímetros, o que, multiplicado por 15,5, indicava que Zalachenko estava num quarto situado a novecentos e trinta centímetros do lado esquerdo do corredor. Bem, digamos dez metros. Calculou que seu quarto tinha cerca de cinco metros de largura, o que queria dizer que Zalachenko se encontrava a duas portas dali.

De acordo com os números verdes do relógio digital no criado-mundo, a visita durou exatos nove minutos.

Zalachenko permaneceu um bom tempo acordado depois que Jonas Sandberg o deixou. Imaginou que aquele não era seu verdadeiro nome, a experiência lhe ensinara que os espiões amadores suecos tinham fixação em nomes de fachada mesmo que não fossem absolutamente necessários. De todo modo, aquele Jonas (ou qualquer que fosse seu nome) era um primeiro sinal de que a Seção estava ciente de sua situação. Com aquele estardalhaço da imprensa, seria difícil não estar. Mas sua visita também confirmava que sua situação inspirava cuidados. Como não poderia deixar de ser.

Ele pesou as vantagens e as desvantagens, alinhou possibilidades e rejeitou alternativas. Já tinha entendido e aceitado que as coisas haviam desandado pra valer. Num mundo ideal, àquela altura ele estaria em casa, em Gosseberga, Ronald Niedermann estaria a salvo no exterior e Lisbeth Salander enterrada a seis palmos debaixo da terra. Mesmo que, de um ponto de vista racional, compreendesse o que tinha acontecido, tinha a maior dificuldade em entender como ela conseguira sair de dentro da cova, voltar para a granja e destruir a existência dele com duas machadadas. Ela realmente dispunha de recursos incríveis.

Em compensação, percebia muito bem o que acontecera com Ronald Niedermann e por que ele fugira para se salvar em vez de acabar de uma vez por todas com Salander. Sabia que Niedermann tinha algum problema na cabeça, que ele tinha visões, que via fantasmas. Mais de uma vez tivera de intervir ao ver Niedermann se comportando de maneira irracional e se encolhendo de pavor.

Aquilo o preocupava. Considerando que Ronald Niedermann ainda não havia sido detido, Zalachenko tinha certeza de que ele funcionara normalmente nos dias seguintes à fuga de Gosseberga. Talvez tentasse ir até Tallinn, onde obteria ajuda com algum contato do império criminoso de Zalachenko. Sua preocupação é que não dava para prever em que momento Niedermann ficaria paralisado. Se acontecesse durante a fuga, ele cometeria algum erro, e se cometesse algum erro acabaria sendo preso. E como não iria se entregar tão fácil, policiais iriam morrer, e muito provavelmente ele também.

Essa idéia afligia Zalachenko. Não queria que Niedermann morresse. Niedermann era seu filho. Por outro lado, por mais lamentável que fosse, a verdade é que Niedermann não podia ser apanhado vivo. Niedermann nunca fora detido pela polícia e Zalachenko não conseguia imaginar qual seria sua reação num interrogatório. Desconfiava, infelizmente, que Niedermann não saberia ficar calado. Seria melhor, portanto, que fosse morto ao ser capturado. Zalachenko prantearia o filho, mas a outra alternativa seria pior. Significaria ele próprio passar o resto da vida na prisão.

Entretanto, quarenta e oito horas já haviam transcorrido desde a fuga de Niedermann e ele ainda não tinha sido pego. Era um bom sinal. Mostrava que Niedermann ainda estava em movimento, e um Niedermann em movimento era imbatível.

A longo prazo, esboçava-se outra preocupação. Ele se perguntava como Niedermann iria se virar sozinho, sem o pai a seu lado para conduzi-lo na vida. Tinha observado, naqueles anos todos, que quando deixava de dar instruções ou soltava as rédeas para que Niedermann tomasse suas próprias iniciativas, este tendia a cair num estado de passividade e apatia.

Mais uma vez Zalachenko constatou como essas particularidades de seu filho representavam uma verdadeira calamidade. Ronald Niedermann era sem dúvida uma pessoa muito inteligente, dotada de qualidades físicas que o transformavam num homem temível e temido. Além disso, era um executor excelente, que sabia manter o sangue-frio. Seu único problema era não ter instinto de liderança. Precisava sempre de alguém que lhe dissesse o que devia ser feito.

Mas tudo isso estava, no momento, fora de seu controle. Ele, Zalachenko, é que era a questão. Sua situação era delicada, talvez mais delicada do que nunca.

A visita do Dr. Thomasson, mais cedo naquele dia, não lhe soara muito tranqüilizadora. Thomasson era, e continuava sendo, um especialista em direito empresarial, e sua eficiência nessa área não lhe seria de grande ajuda no atual contexto.

Depois, houvera a visita de Jonas Sandberg. Sandberg representava uma tábua de salvação muito mais sólida. Mas uma tábua que também podia se revelar uma armadilha. Ele teria de jogar suas cartas com habilidade e retomar o controle da situação. O controle era fundamental.

E, afinal de contas, ele podia confiar em seus próprios recursos. Por enquanto, precisava de cuidados médicos. Mas dali a alguns dias, uma semana quem sabe, teria recobrado suas forças. Se a situação chegasse a um extremo, só poderia contar consigo mesmo.

O que significava sumir, sumir nas barbas de todos aqueles policiais que o cercavam. Iria precisar de um esconderijo, de um passaporte e de dinheiro vivo. Thomasson podia conseguir tudo isso. Mas, primeiro, precisava se recuperar o suficiente para ter condições de fugir.

A uma hora da manhã, a enfermeira veio ver como ele estava. Fingiu que estava dormindo. Quando ela tornou a fechar a porta, endireitou-se com esforço na cama e jogou as pernas para fora. Ficou um bom tempo sentado sem se mexer, testando seu equilíbrio. Então, devagar, pôs o pé esquerdo no chão. Por sorte, o machado atingira a perna direita, que já era defeituosa. Esticou o braço para apanhar a prótese, no armário junto à cama, e prendeu-a no coto. Em seguida, levantou-se. Jogou o peso para a perna esquerda intacta e tentou apoiar a direita no chão. Uma dor fulgurante o transpassou.

Cerrou os dentes e deu um passo. Precisava de suas bengalas, mas tinha certeza de que o hospital não tardaria a lhe fornecer uma. Apoiou-se na parede e foi manquejando até a porta. Levou vários minutos, sendo obrigado a parar depois de cada passo para dominar a dor.

Apoiou-se sobre a perna sã, abriu a porta bem de leve e verificou o corredor. Não viu ninguém, e pôs a cabeça um pouquinho mais para fora. Escutou vozes abafadas à esquerda e virou a cabeça. A sala de plantão das enfermeiras da noite ficava a uns vinte metros dali, do outro lado do corredor.

Ele virou a cabeça para a direita e avistou a saída, no fim do corredor.

Tinha se informado naquele dia sobre o estado de Lisbeth Salander. Era, apesar de tudo, pai dela. As enfermeiras tinham sido visivelmente instruídas a não falar sobre os pacientes. Uma delas só dissera, em tom neutro, que seu estado era estável. Mas, como que por reflexo, lançara uma olhada rápida para o lado esquerdo do corredor.

Em algum dos quartos entre o seu próprio e a sala das enfermeiras estava Lisbeth Salander.

Fechou a porta devagar, voltou manquejando para a cama e retirou a prótese. Estava encharcado de suor quando finalmente conseguiu se enfiar debaixo da coberta.

O inspetor Jerker Holmberg regressou a Estocolmo no domingo por volta do meio-dia. Estava cansado, com fome e sentia-se esgotado. Pegou o metrô, desceu na estação da prefeitura e seguiu a pé até a chefatura de polícia na Bergsgatan, onde subiu até a sala do inspetor Jan Bublanski. Sonja Modig e Curt Bolinder já estavam lá. Bublanski os convocara para aquela reunião em pleno domingo porque sabia que o chefe do inquérito preliminar, Richard Ekstrõm, estava em um compromisso fora.

— Obrigado por terem vindo — disse Bublanski. — Acho que está mais do que na hora de conversarmos calmamente entre nós para tentarmos lançar uma luz nessa confusão toda. Jerker, alguma novidade?

— Nada que eu já não tenha lhe falado por telefone. O Zalachenko não está cedendo um só milímetro. Ele se diz totalmente inocente e não pode nos ajudar em nada. Vejam só...

— Sim?

— Sonja, você estava certa. É um dos indivíduos mais sinistros que já conheci. Parece meio idiota dizer isso. Sei que a gente não devia raciocinar desse jeito na polícia, mas ele tem uma coisa assustadora por baixo daquele verniz calculista.

— Certo — disse Bublanski, pigarreando. — O que a gente tem? Sonja? Ela exibiu um sorrisinho.

— Os investigadores particulares venceram este round. Não encontro o Zalachenko em nenhum cadastro oficial, ao passo que um tal de Karl Axel Bodin nasceu em 1939 em Uddevalla. Os pais dele eram Marianne e Georg Bodin. Eles existiram, mas morreram num acidente em 1946. Karl Axel Bodin foi criado por um tio na

Noruega. Portanto não temos nada sobre ele até os anos 1970, quando voltou para a Suécia. A versão de Mikael Blomkvist, segundo a qual ele seria um ex-agente russo do GRO, parece impossível de checar, mas tendo a acreditar que ele está certo.

— E isso implicaria o quê?

— Obviamente, ele ganhou uma identidade falsa. E deve ter sido com o consentimento das autoridades.

— A Sapo, portanto?

— É o que o Blomkvist afirma. Mas não sei ao certo como foi. Supõe--se que sua certidão de nascimento e mais um monte de documentos foram falsificados e lançados nos cadastros suecos oficiais. Não me atrevo a opinar sobre o aspecto legal dessa história. Provavelmente vai depender de quem tomou a decisão. Mas só seria legal se a decisão tivesse sido quase em nível de primeiro escalão.

Instalou-se um silêncio na sala de Bublanski, enquanto os quatro inspetores criminais refletiam sobre todas as implicações daquilo.

— Humm — fez Curt Bolinder. — Isso poderia provocar nada menos que uma crise constitucional. Nos Estados Unidos, membros do governo podem ser convocados para um interrogatório diante de um tribunal comum. Na Suécia, têm que passar pela Comissão Constitucional.

— Agora, o que a gente pode fazer é perguntar para o chefe — disse Jerker Holmberg.

— Perguntar para o chefe? — estranhou Bublanski.

— Thorbjõm Fãlldin. Era o primeiro-ministro na época.

— É isso aí. A gente aparece na casa dele, não se sabe onde, e pergunta ao ex-primeiro-ministro se ele falsificou documentos de

identidade para um espião russo dissidente. Não me parece uma boa idéia.

— O Fãlldin mora em As, na comuna de Hárnõsand. Eu nasci naqueles lados, a poucos quilômetros da casa dele. Meu pai é centrista e conhece o Fãlldin muito bem. Cruzei com ele várias vezes quando criança, e quando adulto também. E um sujeito bem descontraído.

Três inspetores criminais lançaram a Jerker Holmberg um olhar atônito.

— Você conhece o. Fãlldin — disse Bublanski, hesitante. Holmberg assentiu com a cabeça. Bublanski fez um muxoxo.

— Realmente... — disse Holmberg. — Daria para resolver um monte de problemas se a gente conseguisse do ex-primeiro-ministro um relatório que ajudasse a nos situar nesta encrenca toda. Eu poderia ir até lá conversar com ele. O pior que pode acontecer é ele não falar. Mas, se falar, talvez nos poupe um bocado de tempo.

Bublanski refletiu sobre a sugestão. Então balançou a cabeça. Com o rabo dos olhos, viu tanto Sonja Modig como Curt Bolinder meneando a deles, pensativos.

— Holmberg... o que você sugere é legal, mas acho que vamos deixar para mais tarde. Vamos voltar ao caso. Sonja?

— Segundo o Blomkvist, o Zalachenko chegou aqui em 1976. Até onde eu sei, só existe uma pessoa que pode ter passado essa informação para ele.

— Gunnar Bjõrck — disse Curt Bolinder.

— O que foi que o Bjõrck disse para a gente? — perguntou Jerker Holmberg.

— Nada de mais. Ele alegou sigilo profissional e disse que não pode comentar o assunto sem autorização dos seus superiores.

— E quem são os superiores dele?

— Ele se recusa a dizer.

— O que vai acontecer com ele então?

— Eu o indiciei por remuneração de serviços sexuais. Graças ao Dag Svensson, dispomos de uma excelente documentação. Isso tirou o Ekstrõm do sério, mas como eu tinha feito um relatório ele pode se complicar se abandonar a investigação — disse Curt Bolinder.

— Ahã. Infração à lei sobre remuneração de serviços sexuais. Isso dá o quê, imagino que uma multa?

— Provavelmente. Mas com essa ele fica no nosso sistema e pode ser chamado outra vez para um interrogatório.

— Mas aí já estamos invadindo a praia da Sapo. Isso pode causar turbulências.

— O problema é que nada do que está acontecendo hoje teria acontecido se a Sapo não estivesse envolvida, de um jeito ou de outro. E possível que o Zalachenko seja de fato um espião russo que pendurou as chuteiras e pediu asilo político. Também é possível que ele tenha trabalhado para a Sapo como agente, ou fonte, não sei bem como dizer, e que haja um bom motivo para terem fornecido a ele uma identidade falsa e o anonimato. Mas existem três poréns. Primeiro, a investigação realizada em 1991 que levou à internação da Lisbeth Salander é ilegal. Segundo, a atividade do Zalachenko a partir dessa data não tem absolutamente nada a ver com segurança nacional. O Zalachenko é um gângster muito do ordinário e provavelmente cúmplice de uma série de homicídios e outros crimes. Terceiro, não resta a menor dúvida de que atiraram na Lisbeth Salander e a enterraram nas terras do Zalachenko em Gosseberga.

— Falando nisso, eu gostaria muito de ler esse famoso relatório — disse Jerker Holmberg.

A expressão de Bublanski se turvou.

— O Ekstrõm pôs as mãos nele na sexta-feira. Quando pedi de volta, ele disse que ia fazer uma cópia, mas nada. Em vez disso, me ligou dizendo que tinha falado com o Ministério Público e que havia um problema. Segundo o procurador-geral da nação, como é um dossiê considerado segredo de segurança nacional, o relatório não pode circular ou ser copiado. O procurador exigiu que lhe fossem entregues todas as cópias até que o caso seja esclarecido. E, portanto, a Sonja foi obrigada a devolver a cópia que ela tinha.

— Quer dizer que não temos mais esse relatório?

— Não.

— Droga — disse Holmberg. — Isso não é um bom sinal.

— Não é mesmo — disse Bublanski. — Mas significa, principalmente, que alguém está agindo contra nós, e o que é pior: agindo rápido e com eficiência. Foi essa investigação que tinha nos posto na pista certa.

— Então vamos precisar descobrir quem está agindo contra nós — disse Holmberg.

— Outra coisa — disse Sonja Modig. — Também tem o Peter Teleborian. Ele colaborou com a nossa investigação apresentando um perfil da Lisbeth Salander.

— Exato — disse. Bublanski com uma voz ainda mais sombria. — E o que ele diz?

— Que estava muito preocupado com a segurança dela, que só queria o bem dela. Mas depois desse blá-blá-blá, acrescentou que ela era muito perigosa e capaz de resistir. E nós baseamos boa parte do nosso raciocínio no que ele falou.

— E ele também deixou o Hans Faste um tanto assustado — disse Holmberg. — Por sinal, alguém tem notícias dele?

— Está de férias — respondeu Bublanski secamente. — A questão é o que a gente vai fazer agora.

Passaram as duas horas seguintes discutindo diferentes possibilidades. A única decisão prática que resultou disso foi que Sonja Modig retornaria a Góteborg no dia seguinte para ouvir Lisbeth Salander, ver se ela tinha algo a dizer. Quando finalmente encerraram a reunião, Sonja Modig e Curt Bolinder desceram juntos até a garagem.

— Estava pensando numa coisa... — Curt Bolinder se interrompeu.

— Sim? — perguntou Sonja Modig.

— É que, quando a gente consultou o Teleborian, você foi a única da equipe que fez algumas perguntas e até discordou dele.

— Foi.

— Foi... pois é. Boa intuição — disse ele.

Curt Bolinder não tinha fama de jogar confete, e de fato era a primeira vez que ele dizia algo positivo ou estimulante para Sonja Modig. Então saiu, deixando-a surpresa ao lado do carro...

5. DOMINGO 10 DE ABRIL

Mikael Blomkvist passara a noite de sábado para domingo na cama com Erika Berger. Não fizeram amor, ficaram apenas conversando. Grande parte da conversa girou em torno dos detalhes do caso Zalachenko. A confiança entre eles era tal que Mikael não se importava nem um pouco com o fato de Erika ir trabalhar num jornal concorrente. E Erika não tinha nenhuma intenção de roubar a matéria dele. Aquele furo era da Millennium, e ela só sentia certa frustração por não participar daquele número. Teria gostado de encerrar com ele seus anos na Millennium.

Conversaram também sobre o futuro e o que a nova situação iria acarretar. Erika estava decidida a manter suas ações na Millennium e permanecer no conselho administrativo. Em compensação, ambos entendiam que ela obviamente não poderia estar à par do trabalho da redação.

— Me dê alguns anos no SMP e... quem sabe? Talvez eu ainda volte para a Millennium quando a minha aposentadoria estiver chegando.

E conversaram sobre sua própria relação complicada. Não tinham a menor vontade de modificar seus hábitos, mas parecia claro que não iam poder se ver com a mesma freqüência. Ia ser como era nos anos 1980, antes de surgir a Millennium, quando ainda trabalhavam em lugares diferentes.

— A solução vai ser a gente marcar um ponto de encontro — concluiu Erika com um sorrisinho.

No domingo de manhã, despediram-se às pressas antes de Erika voltar para junto do marido, Lars Beckman.

— Não sei o que dizer — disse Erika. — Mas estou vendo todos os sinais de que você está totalmente absorvido por uma matéria, e

o resto fica em segundo plano. Sabia que você se comporta como um psicopata quando está trabalhando?

Mikael sorriu e lhe deu um beijo.

Depois que Erika saiu, ele passou a manhã ligando para o Hospital Sahlgrenska para tentar obter alguma informação sobre o estado de Lisbeth Salander. Como todos se negavam a fornecê-la, acabou ligando para o inspetor Marcus Ackerman, que ficou com pena dele e contou que, considerando as circunstâncias, o estado de Lisbeth era satisfatório e que os médicos estavam relativamente otimistas. Mikael perguntou se podia visitá-la. Ackerman respondeu que Lisbeth Salander estava detida por decisão do procurador-geral da nação e que não estava autorizada a receber visitas, mas que, por enquanto, a questão ainda era teórica. Devido a seu estado, não pudera sequer ser interrogada. Mikael conseguiu que Ackerman prometesse avisá-lo caso o estado de Lisbeth piorasse.

Mikael verificou as chamadas recebidas em seu celular e encontrou quarenta e duas ligações e mensagens de texto de vários jornalistas tentando contatá-lo com urgência. A notícia de que, além de estar intimamente envolvido nos acontecimentos, fora ele quem encontrara Lisbeth Salander e acionara o sos-Brigada vinha sendo objeto de intensas especulações na mídia nas últimas vinte e quatro horas.

Mikael apagou todas as mensagens dos jornalistas. Depois ligou para a sua irmã, Annika Giannini, e combinou almoçarem juntos naquele dia.

Em seguida ligou para Dragan Armanskij, presidente da empresa de segurança Milton Security. Conseguiu encontrá-lo, no celular, na sua residência em Lidingõ.

— Cara, você tem o dom de produzir belas manchetes — disse Armanskij secamente.

— Desculpe não ter ligado durante a semana. Recebi o recado de que você estava tentando falar comigo, mas não tive tempo...

— Fizemos nossa própria investigação aqui na Milton. E o Holger Palmgren me disse que você tinha umas informações. Mas parece que você está centenas de quilômetros à nossa frente.

Mikael hesitou um instante, não sabendo direito como colocar a situação.

— Posso confiar em você? — perguntou.

A pergunta pareceu surpreender Armanskij.

— Em que sentido?

— Você está do lado da Salander, ou não? Posso ter certeza de que você quer o bem dela?

— Ela é minha amiga. Como você sabe, isso não significa, necessariamente, que sou amigo dela.

— Eu sei. Mas o que estou perguntando é se você está disposto a ficar do lado dela no ringue e enfrentar os brutamontes que estão contra ela. E essa luta vai ter muitos assaltos.

Armanskij refletiu.

— Eu estou do seu lado — disse ele.

— Posso te dar umas informações e discutir uns pontos com você sem medo de que isso vaze para a polícia ou para qualquer outra pessoa?

— Só está fora de questão eu me envolver em alguma atividade criminosa — disse Armanskij.

— Minha pergunta não foi essa.

— Você pode confiar totalmente em mim desde que não me conte que está envolvido em alguma atividade criminosa ou algo do gênero.

— Para mim está bem assim. Precisamos nos encontrar.

— Estou indo para a cidade hoje. Podemos jantar juntos.

— Não, para mim não vai dar. Mas a gente podia se encontrar amanhã à noite. Precisamos conversar com calma, eu, você e talvez mais umas pessoas.

— Pode ser lá na Milton. Às seis da tarde está bem?

— Perfeito. Outra coisa... daqui a duas horas vou encontrar minha irmã, Annika Giannini. Ela está considerando a possibilidade de representar a Lisbeth, mas evidentemente não pode trabalhar de graça. Posso pagar parte dos honorários do meu bolso. A Milton Security poderia contribuir?

— A Lisbeth vai precisar de um advogado super competente. Com todo o respeito, não acho sua irmã a melhor escolha. Já conversei com o jurista responsável da Milton e ele vai procurar o advogado certo para isso. Pensei, por exemplo, em Peter Althin ou alguém assim.

— Errado. A Lisbeth precisa de um advogado bem diferente. Você vai entender depois que a gente conversar. Mas você poderia injetar algum dinheiro na defesa dela, se necessário?

— Eu já estava prevendo que a Milton contrataria um advogado para ela...

— Isso significa sim ou não? Eu sei o que aconteceu com a Lisbeth. Sei mais ou menos o que existe por trás disso tudo. Eu sei o porquê. E tenho um plano de ataque.

Armanskij riu.

— Está bem. Vou ouvir sua proposta. Se eu não gostar, caio fora.

— Você por acaso pensou na minha proposta de representar a Lisbeth Salander? — perguntou Mikael depois de dar um beijo na irmã e de o café e os sanduíches terem sido servidos.

— Pensei. E me vejo obrigada a recusar. Você sabe que não atuo na área criminal. Mesmo que ela seja inocentada dos assassinatos pelos quais foi procurada, vai haver uma lista imensa

de acusações. Ela vai precisar de alguém de mais gabarito, com uma experiência que eu não tenho.

— Está enganada. Você é advogada e sua competência é mais que reconhecida nas questões dos direitos da mulher. Sei que é exatamente a advogada de que ela precisa.

— Mikael... acho que você não está sacando muito bem o que isso significa. Trata-se de um caso criminal complexo, não de um simples caso de maus-tratos ou assédio sexual. Se eu aceitar defendê-la, a gente corre o risco de provocar uma catástrofe.

Mikael sorriu.

— Acho que você não entendeu aonde eu quero chegar. Se a Lisbeth fosse ser julgada pelos assassinatos do Dag e da Mia, eu contrataria um advogado do estilo do Silbersky ou outro peso-pesado qualquer da criminalística.

Mas esse processo vai tratar de coisas muito diferentes. E você é a melhor advogada que posso imaginar para esse caso. Annika Giannini suspirou.

— Bem, então seria melhor você me explicar.

Conversaram durante quase duas horas. Quando Mikael terminou, Annika Giannini estava convencida. Então Mikael pegou o celular e ligou para Marcus Ackerman em Gõteborg.

— Olá. É o Blomkvist de novo.

— Ainda não tenho nenhuma notícia da Salander — disse Ackerman, irritado.

— Bem, na atual situação notícia nenhuma já é uma boa notícia. Em compensação, eu tenho uma novidade.

— Ah, é?

— E. Ela tem uma advogada, o nome dela é Annika Giannini. Está aqui na minha frente, vou passar para ela.

Mikael passou o celular para a irmã.

— Bom dia. Aqui fala Annika Giannini, e me pediram que representasse a Lisbeth Salander. Portanto preciso entrar em contato com a minha cliente para que ela me aceite como defensora. E preciso do número de telefone do procurador.

— Entendo — disse Ackerman. — Achei que já tinha sido indicado um advogado para ela.

— Hã, hã. E alguém perguntou para a Lisbeth Salander o que ela acha? Ackerman hesitou.

— Na verdade, ainda não tivemos condições de nos comunicar com ela. Esperamos falar com ela amanhã, se seu estado permitir.

— Melhor assim. Então, estou declarando aqui e agora que, a menos que a senhorita Salander seja contra, podem me considerar a advogada dela. Não podem interrogá-la sem que eu esteja presente. Só podem ir falar com ela e perguntar se ela me aceita como advogada ou não. Entendido?

— Sim — disse Ackerman, soltando um suspiro. Ele não sabia direito como estava a situação em termos jurídicos. Pensou um pouco e continuou: — Antes de mais nada, a gente queria perguntar para a Salander se ela tem idéia de onde possa estar o Ronald Niedermann, o assassino do policial. Tudo bem se eu perguntar isso mesmo sem a sua presença?

Annika Giannini hesitou.

— Está bem... Podem perguntar, se for para ajudar a polícia a localizar o Niedermann. Mas não mencionem nada relacionado com eventuais processos ou acusações contra ela. Estamos combinados?

— Acho que sim.

Marcus Ackerman deixou imediatamente a sua sala, subiu a escada e foi bater à porta de Agneta Jervas, que dirigia o inquérito preliminar. Relatou a conversa que acabava de ter com Annika Giannini.

— Eu não sabia que a Salander tinha um advogado.

— Nem eu. Mas a Giannini foi contratada pelo Mikael Blomkvist. Não é certo que a Salander esteja sabendo.

— Mas a Giannini não trabalha na área criminal. Ela lida com direitos da mulher. Assisti a uma palestra dela uma vez, ela é muito competente, mas nem um pouco adequada para este caso.

— Isso quem tem que decidir é a Salander.

— Sendo assim, posso ter de contestar essa escolha diante do tribunal. É importante para a Salander contar com um defensor de fato, e não com uma estrela das primeiras páginas dos jornais. Humm. Além disso, a Salander é tida como uma maior incapacitada. Não sei direito o que se aplica nesse caso.

— O que a gente faz?

Agneta Jervas refletiu um instante.

— Que confusão! Não sei bem, afinal de contas, quem vai cuidar desse caso. Talvez seja repassado para o Ekstrõm em Estocolmo. Mas ela precisa de um advogado. Está bem... pergunte a ela se aceita a Giannini.

Quando chegou em casa, por volta das cinco da tarde, Mikael abriu o iBook e retomou o texto que tinha começado a redigir no hotel. Trabalhou sete horas seguidas, até conseguir identificar os principais furos da história. Ainda tinha um bocado de pesquisa pela frente. Um dos aspectos que os documentos existentes não ajudavam a esclarecer era que elementos da Sapo, afora Gunnar Bjõrck, tinham se juntado para internar Lisbeth Salander no hospício. Ele tampouco conseguia definir a natureza da relação entre Bjõrck e o psiquiatra Peter Teleborian.

Um pouco depois da meia-noite, desligou o computador e foi se deitar. Pela primeira vez em várias semanas, sentiu que poderia relaxar e dormir tranqüilamente. Já tinha uma matéria. Por mais pontos de interrogação que ainda existissem, já contava com material suficiente para desencadear uma avalanche de manchetes.

Sentiu um desejo súbito de ligar para Erika Berger e colocá-la a par da situação. Então lembrou que ela não trabalhava mais na Millennium. Com isso, dormir já se tornou mais difícil.

Na estação central de Estocolmo, o homem de pasta marrom desceu devagar do trem das sete e meia da noite proveniente de Gõteborg e permaneceu um momento parado na multidão até se situar. Iniciara sua viagem em Laholm, pouco depois das oito da noite, rumo a Gõteborg, onde fizera uma parada para almoçar com um velho conhecido antes de seguir para Estocolmo. Fazia dois anos que não vinha a Estocolmo, e na verdade não planejara voltar algum dia. Embora tivesse morado ali durante a maior parte da sua vida profissional, sempre se sentira um estranho no ninho na capital, sentimento que só fora aumentando a cada visita feita desde que se aposentara.

Atravessou devagar o saguão central da estação, comprou os jornais vespertinos e duas bananas na banca de jornal, e contemplou pensativamente duas muçulmanas de lenço que passavam por ele a toda pressa. Não tinha nada contra mulheres de lenço. Se as pessoas queriam se fantasiar, problema delas. Mas o incomodava elas fazerem questão de se fantasiar em plena Estocolmo.

Percorreu a pé os trezentos metros até o Hotel Frey, ao lado do antigo Correio Central na Vasagatan. Sempre se hospedava ali em suas raras visitas a Estocolmo. Era um hotel central e limpo. E além do mais barato, o que era uma necessidade, pois ele próprio estava pagando a viagem. Reservara um quarto na véspera e apresentou-se com o nome de Evert Gullberg.

Assim que chegou a seu quarto, foi ao banheiro. Estava numa idade em que precisava se aliviar o tempo todo. Fazia vários anos que não passava uma noite inteira sem acordar para urinar.

Depois tirou o chapéu, um chapéu de feltro inglês verde-escuro com abas finas, e desfez o nó da gravata. Media um metro e oitenta e quatro e pesava sessenta e oito quilos, sendo, portanto, de constituição magra, raquítica até. Usava um paletó de pied-de-poule

e uma calça cinza-escura. Abriu a pasta marrom e tirou duas camisas, uma gravata extra e a roupa íntima, que guardou na cômoda. Depois pendurou o casaco e o paletó nos cabides do armário atrás da porta.

Era muito cedo para deitar-se. Era muito tarde para se animar a fazer um passeio noturno, que de qualquer modo ele não iria apreciar. Sentou-se na indefectível cadeira de hotel e olhou em volta. Ligou a tevê, mas baixou o volume para ficar livre de todo barulho. Pensou em ligar para a recepção e pedir um café, porém lembrou que já era muito tarde. Em vez disso, abriu o minibar e serviu-se de uma garrafinha de Johnny Walker com algumas gotas de água. Abriu os jornais vespertinos e leu atentamente tudo o que se escrevera naquele dia sobre a caçada a Ronald Niedermann e o caso Lisbeth Salander. Depois de algum tempo, pegou um bloco encadernado em couro e fez algumas anotações.

O ex-chefe de gabinete da Sapo, Evert Gullberg, tinha setenta e oito anos e estava oficialmente aposentado havia catorze. Acontece que velhos espiões nunca morrem, apenas deslizam em meio às sombras.

Pouco depois do fim da guerra, Gullberg tinha dezenove anos e queria seguir carreira na Marinha. Prestou o serviço militar como aspirante a oficial da Marinha, sendo em seguida aceito para fazer a formação de oficial. Mas em vez de um posto tradicional, no mar, como esperava, foi designado para o serviço de informações da Marinha. Podia entender a necessidade de se vigiarem as transmissões inimigas na esperança de descobrir o que se tramava do lado de lá do Báltico, mas achava o trabalho tedioso e desinteressante. No entanto, na escola de intérpretes do Exército teve oportunidade de aprender russo e polonês. Seus conhecimentos lingüísticos foram um dos motivos que o levaram a ser recrutado em 1950 pela Polícia de Segurança. Era a época em que Georg Thulin, homem de uma honestidade inquestionável, dirigia a 3ª. Brigada Policial do Estado. Quando assumiu o cargo, o orçamento global da polícia secreta somava dois milhões e

setecentas mil coroas e o efetivo era de exatamente noventa e seis pessoas.

Quando Evert Gullberg se aposentou oficialmente, o orçamento da Sapo ultrapassava os trezentos e cinqüenta milhões de coroas e ele não saberia dizer ao certo quantos funcionários havia na Casa.

Gullberg tinha passado a vida no serviço secreto nacional, ou pelo menos a serviço do bom povo social-democrata. Uma ironia do destino, já que em todas as eleições ele optara fielmente pelos moderados, com exceção de 1991, quando votara contra eles de forma consciente, por considerar Carl Bildt uma catástrofe da real politik. Naquele ano, conformara-se em dar seu voto a Ingvar Carlsson. Aqueles anos do melhor governo que a Suécia já tivera, quatro anos sob a direção dos moderados, confirmaram igualmente todos os seus temores. O governo moderado constituíra-se na época do desmoronamento da União Soviética, e, na sua opinião, não havia regime mais mal preparado para enfrentar e tirar proveito das novas possibilidades políticas na arte da espionagem que haviam surgido no Leste. O governo de Bildt, pelo contrário, evocara razões econômicas para reduzir o escritório soviético e, no lugar, investir na Bósnia e na Sérvia — como se a Sérvia pudesse algum dia se tornar uma ameaça para a Suécia! O resultado fora a impossibilidade de plantar, em Moscou, informantes a longo prazo, e no dia em que o clima voltasse a ficar tenso — o que, na opinião de Gullberg, era inevitável — surgiriam mais uma vez exigências políticas extravagantes em relação à Sapo e ao serviço militar de informações, como se fosse possível formar agentes num passe de mágica.

Gullberg iniciara sua carreira no escritório russo da 3ª. Brigada da polícia do Estado e depois de dois anos numa repartição pudera dar seus primeiros e hesitantes passos no terreno como adido militar com patente de capitão, na embaixada sueca em Moscou, entre 1952 e 1953. Curiosamente ele seguia os mesmos passos de outro espião famoso. Alguns anos antes, seu cargo havia sido ocupado por um oficial até bem conhecido, o coronel Stig Wennerström.

De volta à Suécia, Gullberg trabalhara na contra-espionagem e, dez anos depois, era um dos agentes mais jovens da Sapo que, em 1963, na equipe dirigida pelo diretor de intervenções Otto Danielsson, prendera Wennerström e o conduzira à prisão perpétua no presídio de Lângholmen.

Quando a polícia secreta foi reestruturada sob o comando de Per Gunnar Vinge, em 1964, tornando-se um departamento de segurança da Direção Geral da Polícia Nacional — DGPN/Sapo, o número de funcionários começou a aumentar. Nessa época, fazia catorze anos que Gullberg trabalhava na Sapo, onde se tornara um dos veteranos de confiança.

Gullberg evitava usar o termo abreviado Sapo, preferindo dizer Polícia de Segurança. Com alguns colegas, ele falava Empresa ou Casa, ou simplesmente Departamento — mas nunca Sapo. Por um motivo simples. A missão mais importante da Casa fora, durantes anos, o controle de pessoas, ou seja, investigar e fichar cidadãos suecos suspeitos de ter opiniões comunistas e de traição à pátria. Na Casa, as expressões "comunista" e "traidor da pátria" eram usadas como sinônimos. A palavra "Sapo", que acabou afinal sendo adotada por todos, fora inicialmente criada pelo Clarté, um jornal comunista traidor da pátria, como um termo pejorativo para designar os caçadores de comunistas da polícia. E Gullberg tinha muita dificuldade em entender por que seu antigo chefe, P. G. Vinge, escolhera Fui chefe da Sapo de 1962 a 1970 como título de suas memórias.

A reestruturação de 1964 viria a ser decisiva para a carreira futura de Gullberg.

A transformação da polícia secreta em DGPN/Sapo significou que esta se transformou no que as notas do Ministério da Justiça qualificavam de organização policial moderna. Isso implicava novos recrutamentos, seguidos de intermináveis problemas de adaptação, o que, numa organização em expansão, levou o Inimigo a ter possibilidades muitíssimo mais fáceis de infiltração de agentes no Departamento. O que, por sua vez, acarretou a necessidade de reforçar o controle de segurança interna — a polícia secreta não

podia mais ser um clube distinto constituído por antigos oficiais, onde todos se conheciam e o mérito mais comum de um novo recruta era ter um pai oficial.

Em 1963, Gullberg fora transferido da contraespionagem para o controle de pessoas, fortalecido pelo desmascaramento de Stig Wennerstrõm. Por essa época é que foram assentadas as bases do cadastro de opiniões, que, no final dos anos 1960, reunia fichas de mais de trezentos mil cidadãos suecos com opiniões políticas pouco convenientes. Mas o controle dos cidadãos suecos era uma coisa; aqui, tratava-se de descobrir um meio de exercer o controle de segurança no seio da própria DGPN/Sapo.

Wennerstrõm desencadeara uma avalanche de complicações para a polícia secreta do Estado. Se um coronel do Estado-Maior da Defesa havia conseguido trabalhar para os russos — sendo, ainda por cima, conselheiro do governo para assuntos relacionados a armas nucleares e política de segurança —, haveria como garantir que os russos não tinham também um agente infiltrado no seio da polícia secreta? A quem caberia assegurar que os diretores e outros responsáveis da Casa na verdade não trabalhavam para os russos? Em suma, quem deveria espionar os espiões?

Em agosto de 1964, Gullberg foi convocado, certa tarde, para uma reunião com o diretor-adjunto da Sapo, o chefe de gabinete Hans Wilhelm Francke. Além dele, participavam da reunião mais duas pessoas da alta esfera da Casa, o secretário-geral e o responsável pelo orçamento. No final daquele dia, a vida de Gullberg tinha adquirido um novo sentido. Ele fora escolhido. Atribuíram-lhe a responsabilidade de uma brigada recentemente criada com o nome provisório de Seção Especial, cuja sigla era SE. A primeira providência de Gullberg foi renomeá-la Seção de Análise. Funcionou durante alguns minutos, até o responsável pelo orçamento observar que SA não era muito melhor que SE. O nome definitivo da organização acabou sendo Seção de Análise Especial, SAE, chamada no dia a dia de Seção, diferentemente de Departamento ou Casa, que se aplicavam ao conjunto da Sapo.

Essa seção fora idéia de Francke. Ele a denominava a última linha de defesa — um grupo ultrassecreto que ocupava posições estratégicas dentro da Casa, embora fosse invisível, não aparecesse nos avisos internos nem nas previsões orçamentárias e não pudesse, desse modo, sofrer infiltrações. Sua missão: cuidar da segurança da nação. Francke tinha poder para tornar isso possível. Precisava contar com o responsável pelo orçamento e com o secretário-geral para criar essa estrutura oculta, mas todos eles eram soldados da velha escola e amigos, após dezenas de escaramuças com o Inimigo.

No primeiro ano, a organização era constituída apenas por Gullberg e três colaboradores escolhidos a dedo. No§.dez anos seguintes, a Seção foi crescendo até contar com onze pessoas; duas eram secretários administrativos da velha escola e as outras, caçadores de espiões profissionais. Numa hierarquia simplificada ao máximo, Gullberg era o chefe e os demais, colaboradores que se reuniam quase diariamente com o chefe. A eficiência era mais valorizada que o prestígio e a burocracia.

Formalmente, Gullberg era subordinado a uma extensa lista de pessoas na hierarquia abaixo do secretário-geral da Sapo, ao qual ele tinha de apresentar relatórios mensais, mas na prática ocupava uma posição única e detinha um poder extraordinário. Ele, e apenas ele, podia resolver investigar de perto as mais altas esferas da Sapo. Podia, se assim lhe aprouvesse, virar do avesso a vida do próprio Per Gunnar Vinge (o que ele de fato fez). Podia iniciar suas próprias investigações ou instalar escutas telefônicas sem ser obrigado a dar explicações ou recorrer às altas instâncias. Seu modelo era o lendário espião americano James Jesus Angleton, que ocupava uma posição similar na CIA e a que ele, por sinal, conhecera pessoalmente.

Na prática, a Seção foi se tornando uma micro-organização dentro do Departamento, acima e à margem do restante da Polícia de Segurança. Isso também trouxe conseqüências geográficas. A Seção contava com algumas salas em Kungsholmen, mas, por

razões de segurança, foi inteiramente transferida para um apartamento particular de onze cômodos em Ostermalm. O apartamento foi discretamente transformado em salas fortes, que nunca ficavam sem tripulação, já que a fiel secretária, Eleanor Badenbrink, passou a habitar de modo permanente dois cômodos situados junto à porta de entrada. Badenbrink era um recurso inestimável em quem Gullberg tinha toda confiança.

Ao montar essa unidade, Gullberg e seus colaboradores evitaram qualquer tipo de visibilidade — eram financiados por um "fundo especial", porém não constavam em lugar nenhum da burocracia formal da Polícia de Segurança, ligada à direção-geral da Polícia Nacional ou ao Ministério da Justiça. O próprio diretor da DGPN/Sapo desconhecia a existência desses homens, os mais secretos entre os secretos, que tinham por missão gerir os casos mais secretos entre os mais secretos.

Por volta dos quarenta anos, portanto, Gullberg estava numa posição de não ter de prestar contas a ninguém e poder iniciar investigações sobre o que bem entendesse.

Desde o início, compreendeu que a Seção de Análise Especial corria o risco de se tornar um grupo politicamente nevrálgico. Sua missão era, no mínimo, um bocado vaga, e as instruções escritas, extremamente escassas. Em setembro de 1964, o primeiro-ministro Tage Erlander assinou uma diretriz estipulando a atribuição de uma verba para a Seção de Análise Especial, cuja missão era gerir investigações particularmente espinhosas e importantes para a segurança da nação. Foi um desses doze casos particularmente espinhosos que o diretor-adjunto da DGPN/Sapo, Hans Wilhelm Fracke, expôs numa reunião. O caso foi de imediato considerado secreto e arquivado no cadastro especial e igualmente secreto da DGPN/Sapo.

A medida do primeiro-ministro, porém, exigia que a Seção fosse uma instituição juridicamente reconhecida. Seu primeiro orçamento anual somava cinqüenta e duas mil coroas. Um orçamento minúsculo, o que o próprio Gullberg considerava um golpe de

mestre. Dava a entender que a criação da Seção não passava de um fato em meio a tantos outros.

Num sentido mais amplo, a diretriz assinada pelo primeiro-ministro significava que ele reconhecia a necessidade de haver um grupo encarregado do "controle interno dos funcionários". Alguns poderiam igualmente interpretar essa assinatura como um aval do primeiro-ministro para a criação de um grupo que poderia também se encarregar do controle de "pessoas especialmente espinhosas" fora da Sapo, por exemplo o próprio primeiro-ministro. Esta última possibilidade é que criava dificuldades políticas potencialmente graves.

Evert Gullberg constatou que seu copo de Johnny Walker estava vazio. Não era particularmente afeito ao álcool, mas tinha sido um longo dia, uma longa viagem, e ele julgava ter chegado a um ponto da vida em que pouco importava se ele tomasse um ou dois uísques. Não precisava hesitar em encher o copo se lhe desse vontade. Serviu-se uma garrafinha de Glenfiddich.

O caso mais delicado fora, evidentemente, o de Olof Palme.

Gullberg recordava nos mínimos detalhes o dia das eleições de 1976. Pela primeira vez na história moderna, a Suécia tinha um governo de direita. Infelizmente, quem se tornou primeiro-ministro foi Thorbjõm Fálldin, e não Gosta Bohman, um homem da velha escola muitíssimo mais adequado. Mas o importante é que Palme fora derrotado e Evert Gullberg podia respirar aliviado.

A pertinência de Palme como primeiro-ministro fora objeto de mais de uma conversa nos corredores mais secretos da DGPN/Sãpo. Em 1969, Per Gunnar Vinge fora demitido depois de expressar sua opinião, partilhada por várias pessoas do Departamento, de que Palme talvez fosse um agente de informações a serviço da KGB russa. A convicção de Vinge não suscitou controvérsias no ambiente que reinava na Casa. Infelizmente, ele discutira o assunto de forma aberta com o governador Ragnar Lassinantti em uma visita à província de Norrbotten. Lassinantti levantara duas vezes as sobrancelhas e

depois informara o gabinete ministerial, o que resultou na convocação de Vinge para uma entrevista particular.

Para a imensa indignação de Evert Gullberg, a questão dos eventuais contatos russos de Palme nunca obteve confirmação. Apesar das constantes tentativas no sentido de estabelecer a verdade e reunir provas definitivas — o revólver ainda fumegante —, a Seção jamais encontrou a menor evidência. Aos olhos de Gullberg, isso de modo algum demonstrava a inocência de Palme, e sim, pelo contrário, que ele talvez fosse um espião particularmente esperto e inteligente, pouco dado a repetir os erros cometidos por outros espiões russos. Palme continuava zombando deles ano após ano. Em 1982, o caso Palme voltara à tona quando ele se tomou primeiro-ministro. Depois, repercutiram os tiros de Sveavägen, e a questão se tornou para sempre mera teoria.

O ano de 1976 fora problemático para a Seção. Dentro da DGPN/Sapo — entre as raras pessoas que sabiam da existência da Seção — começaram a surgir algumas críticas. Nos dez anos anteriores, um total de sessenta e cinco funcionários da Sapo tinham sido afastados da organização em virtude de uma suposta falta de confiabilidade política. Na maioria dos casos, contudo, os documentos eram de tal natureza que nada podia ser provado e, conseqüentemente, alguns chefes dos altos escalões começaram a achar que os funcionários da Seção eram uns paranóicos que enxergavam conspirações em tudo.

Gullberg ainda fervia por dentro quando se lembrava de um dos casos enfrentados pela Seção. Tratava-se de um homem recrutado pela DGPN/Sapo em 1968 e que Gullberg achava especialmente inadequado. Chamava-se Stig Bergling, um inspetor criminal e tenente do Exército sueco que mais tarde viria a se revelar coronel do GRO, o serviço russo de informações militares. Em quatro oportunidades, durante os anos seguintes, Gullberg tentou fazer com que Bergling fosse demitido, mas todas as suas tentativas foram ignoradas. Os ventos só mudaram em 1977, quando Bergling ficou sob suspeita mesmo fora da Seção. Tarde demais. Bergling foi o maior escândalo da história da Polícia de Segurança sueca.

A crítica em relação à Seção crescera durante a primeira metade dos anos 1970 e, em meados da década, Gullberg ouvira diversos comentários sobre uma redução de verbas e inclusive a insinuação de que aquela atividade toda não tinha a menor utilidade.

De forma geral, a crítica significava que o futuro da Seção estava comprometido. Naquele ano, a prioridade da DGPN/Sapo eram as ameaças terroristas, uma triste história do ponto de vista da espionagem que envolvia principalmente jovens perdidos que atuavam para elementos árabes ou pró--palestinos. A grande questão dentro da Sapo era se a atividade de controle das pessoas deveria receber verbas específicas para investigar cidadãos estrangeiros residentes na Suécia, ou se esse era um assunto exclusivo da Brigada dos Estrangeiros.

A partir dessa discussão burocrática um tanto obscura, surgira na Seção a necessidade de poder contar com um colaborador de confiança, encarregado de reforçar o controle dos colaboradores na Brigada dos Estrangeiros — e, sim, de espioná-los.

A escolha recaiu sobre um jovem funcionário que trabalhava na DGPN/ Sapo desde 1970 e cujo passado e credibilidade política permitiam supor que ele poderia ter um lugar entre os colaboradores da Seção. Na vida privada, era membro de uma organização chamada Aliança Democrática, mas que a mídia social-democrata qualificava de extrema-direita. Na Seção, isso não representava um defeito grave. Três outros colaboradores eram membros dessa organização, e a Seção tinha muito a ver com sua criação, além de contribuir um pouco com ela financeiramente. Pelo viés da Aliança Democrática é que o novo colaborador da Seção fora notado e recrutado. Seu nome era Gunnar Bjõrck.

No dia das eleições de 1976, quando Alexander Zalachenko se refugiara na Suécia e entrara na delegacia de Norrmalm pedindo asilo político, para Evert Gullberg foi de fato uma sorte ele ter sido recebido justamente pelo jovem Gunnar Bjõrck — encarregado de

instruir os processos na Brigada dos Estrangeiros, um agente já envolvido com os segredos mais secretos.

Bjõrck tinha uma mente ágil. Percebeu de imediato a importância de Zalachenko e interrompeu o interrogatório. Colocou o desertor num quarto do Hotel Continental. Em seguida, Gunnar Bjõrck chamou Evert Gullberg para dar o alerta, e não seu chefe formal na Brigada dos Estrangeiros. O telefonema chegou numa hora em que as zonas eleitorais já estavam fechadas e todos os prognósticos indicavam a derrota de Palme. Gullberg acabava de chegar em casa e assistia à cobertura das eleições na tevê. Num primeiro momento, desconfiou da informação que aquele rapaz excitadíssimo lhe transmitia. Mas pouco depois dirigiu-se ao Hotel Continental para assumir o caso Zalachenko.

Naquele dia, a vida de Evert Gullberg mudara radicalmente. A palavra "secreto" adquiriu um novo significado e um novo peso. Ele percebeu a necessidade de montar uma estrutura em volta do dissidente.

Optou de saída por incluir Gunnar Bjõrck no grupo Zalachenko. Sábia e justa decisão, uma vez que Bjõrck já sabia da existência do dissidente. Era melhor tê-lo no grupo do que permitir que ele representasse lá fora um risco para a segurança. Assim, Bjõrck foi transferido do seu cargo oficial na Brigada dos Estrangeiros para uma sala no apartamento de Ostermalm.

Na agitação que se seguiu, Gullberg resolveu informar uma única pessoa dentro da DGPN/Sapo, o secretário-geral que já tinha acesso às atividades da Seção. O secretário-geral segurou a informação durante vários dias e depois acabou explicando a Gullberg que quem estava mudando de lado era um peixe tão grande que precisavam informar não só o diretor da DGPN/Sapo como também o governo.

O diretor da DGPN/Sapo, que acabara de assumir o cargo, tinha na época conhecimento da existência da SAE, mas só uma vaga idéia de suas reais atividades. Fora colocado no cargo apenas para dar uma limpa após o caso IB, e já estava a caminho de um

cargo importante na hierarquia policial. Durante algumas entrevistas confidenciais, o diretor da DGPN/Sapo descobrira que a Seção era um grupo secreto criado pelo governo, que operava ao largo das reais atividades da Sapo e sobre o qual não se devia fazer nenhum tipo de pergunta. Como, na época, o diretor era um homem que tomava o maior cuidado em não fazer perguntas capazes de provocar respostas desagradáveis, contentara-se em menear a cabeça e aceitar que existia algo chamado SAE que nada tinha a ver com ele.

Gullberg não estava lá muito entusiasmado com a idéia de ter de falar sobre Zalachenko com o diretor, mas curvou-se à realidade. Enfatizou a necessidade premente de segredo absoluto, no que foi apoiado por seu interlocutor, e decretou medidas segundo as quais nem o próprio diretor da DGPN/Sapo poderia discutir o assunto em sua sala sem adotar procedimentos especiais de segurança. Ficou decidido que Zalachenko seria administrado pela Seção de Análise Especial.

Estava fora de cogitação informar o primeiro-ministro que deixava o cargo. Tendo em vista a agitação em torno da mudança de governo, o novo primeiro-ministro estava ocupado demais com a nomeação de seu ministério e negociando com os outros partidos de direita. Só um mês depois da formação do novo governo é que o diretor da DGPN/Sapo, acompanhado de Gullberg, foi até Rosenbad, na sede do governo, para informar Fálldin, o novo primeiro--ministro. Gullberg opusera-se até o fim a que o governo fosse informado, mas o diretor da DGPN/Sapo insistira — era constitucionalmente indefensável não informar o primeiro-ministro. Durante a reunião, Gullberg usara toda a sua eloqüência para convencer o primeiro-ministro da importância de não divulgar a existência de Zalachenko para além de sua sala — nem o ministro das Relações Exteriores, nem o ministro da Defesa, nem qualquer outro membro do governo poderia ficar sabendo.

Saber que um agente russo de peso buscara asilo político na Suécia mexera com Fálldin. O primeiro-ministro começou a evocar

seu dever constitucional de discutir o assunto com, pelo menos, os presidentes dos dois outros partidos do governo de coalizão. Gullberg estava preparado para essa reação e jogara sua cartada mais consistente. Explicara em voz baixa que, se isso acontecesse, ele se veria obrigado a apresentar de imediato sua demissão. A ameaça surtiu efeito, pois isso significaria o primeiro-ministro ter de arcar pessoalmente com as conseqüências caso o fato viesse à tona e os russos enviassem um comando assassino para eliminar Zalachenko. E se a pessoa que respondia pela segurança de Zalachenko se sentira forçada a se demitir, uma revelação desse porte seria uma catástrofe tanto em termos políticos como de repercussão na imprensa para o primeiro-ministro.

Fálldin, ainda novato e hesitante em seu papel de chefe do governo, capitulou. Deu seu aval para uma diretriz, imediatamente inscrita no registro secreto, estipulando que a Seção responderia pela segurança e pelos interrogatórios de Zalachenko, e que a informação sobre sua existência não deveria sair do gabinete do primeiro-ministro. Ao assinar essa diretriz, Fãlldin demonstrava claramente que havia sido informado, mas também que não estava autorizado a falar sobre o assunto. Em suma, o que ele tinha a fazer era esquecer Zalachenko.

Fãlldin, contudo, insistira para que outra pessoa de seu gabinete fosse informada, um secretário de Estado cuidadosamente escolhido que atuasse como contato nos assuntos relacionados com o dissidente. Gullberg concordou. Não lhe seria difícil manipular um secretário de Estado.

O diretor da DGPN/Sapo estava satisfeito. O caso Zalachenko ficava, assim, coberto do ponto de vista constitucional, o que significava que ele também estava garantido. Gullberg também estava satisfeito. Conseguira criar uma quarentena que lhe permitia controlar o fluxo de informações. Ele era o único que controlava Zalachenko.

Voltando ao seu escritório em Ostermalm, Gullberg sentou-se à sua mesa e estabeleceu uma lista manuscrita das pessoas que sabiam da existência de Zalachenko. Afora ele próprio, nela

constavam Gunnar Bjôrck; Hans von Rottinger, chefe de operações da Seção; Fredrik Clinton, diretor-adjunto; Eleanor Badenbrink, secretária da Seção; e outros dois colaboradores encarregados de reunir e analisar o conteúdo das informações que Zalachenko pudesse fornecer. Ao todo sete pessoas, que, nos anos seguintes, iriam constituir uma seção à parte dentro da Seção. Ele a batizou mentalmente de Grupo Interno.

Fora da Seção, sabiam do segredo o diretor da DGPN/Sapo, o diretor--adjunto e o secretário-geral. Doze pessoas ao todo. Nunca antes um segredo daquela importância fora conhecido por um círculo tão exclusivo.

Mas Gullberg logo se preocupou. Mais uma pessoa sabia do segredo. Bjõrck viera acompanhado de um jurista, Nils Bjurman. Estava fora de questão transformar Bjurman em colaborador da Seção. Além de Bjurman não ser um legítimo policial da Sapo — não passava de um estagiário —, não tinha os conhecimentos e a competência necessários. Gullberg pesou diferentes possibilidades e então optou por ir discretamente afastando Bjurman do caso. Ameaçou-o com prisão perpétua por alta traição caso deixasse escapar uma sílaba sequer a respeito de Zalachenko, corrompeu-o com promessas de missões futuras e com adulações que aumentaram o sentimento de importância de Bjurman. Cuidou para que obtivesse um cargo num renomado escritório de advocacia, assim como um volume de encargos que o mantivesse ocupado. O único problema era Bjurman ser tão medíocre e não saber explorar suas aptidões. Ao fim de dez anos, deixara o escritório de advocacia e abrira seu próprio escritório, com um funcionário, em Odenplan.

Ao longo dos anos, Gullberg manteve Bjurman sob uma discreta, mas constante vigilância. Só relaxou nesses cuidados no final dos anos 1980, quando, com o desmoronamento da União Soviética, Zalachenko deixou de ser um assunto prioritário.

Para a SAE, Zalachenko de início representou a promessa de uma pista para o enigma Palme, um caso que estava constantemente entre as preocupações de Gullberg. De modo que

Palme fora um dos primeiros temas ventilados por Gullberg durante o extenso interrogatório.

Essa expectativa, porém, foi rapidamente pulverizada, já que Zalachenko nunca atuara na Suécia e não conhecia de fato o país. Em compensação, tinha ouvido falar num tal de "Corredor Vermelho", um político do alto escalão sueco, ou quem sabe escandinavo, que trabalhava para a KGB.

Gullberg montou uma lista de nomes que ele relacionava com Palme. Nela constavam Carl Lidbom, Pierre Schori, Sten Andersson, Marita Ulvskog e mais algumas pessoas. Ao longo de sua vida, Gullberg jamais deixou de voltar a essa lista, e jamais encontrou uma resposta.

Gullberg, de repente, estava brincando no pátio dos meninos mais velhos. Passaram a cumprimentá-lo com respeito no exclusivo clube dos guerreiros, em que todos se conhecem e os contatos se dão por intermédio de amigos pessoais e de confiança — e não pelos canais oficiais e intervenções burocráticas. Conheceu James Jesus Angleton e teve a oportunidade de tomar uísque num discreto clube londrino com o chefe do MI-6. Tinha se tornado um dos mais velhos.

A desvantagem de seu ofício é que nunca poderia revelar seus êxitos, nem mesmo em suas memórias póstumas. E vivia sempre com o receio de que o Inimigo reparasse em suas viagens e o pusesse sob vigilância — de que sem querer conduzisse os russos até Zalachenko.

Sob esse ponto de vista, Zalachenko era seu pior inimigo.

No primeiro ano, Zalachenko vivera num apartamento neutro de propriedade da Seção. Ele não constava em nenhum registro ou documento oficial, e o grupo Zalachenko acreditava ter muito tempo pela frente antes de ser obrigado a planejar seu futuro. Só na primavera de 1978 ele recebeu um passaporte com o nome de Karl Axel Bodin, junto com uma história minuciosamente montada — um verdadeiro passado falso passível de ser conferido nos cadastros suecos.

Mas era tarde demais. Zalachenko já tinha se metido com a desgraçada daquela puta da Agneta Sofia Salander, nascida Sjõlander, e se apresentara com seu nome verdadeiro. Para Gullberg, faltava algum parafuso na cabeça do seu protegido. Desconfiava que o dissidente russo queria ser desmascarado. Dava a impressão de querer se mostrar à luz dos refletores. Se não, como se explicava ele às vezes ser tão obtuso?

Eram as putas, eram os períodos de consumo exagerado de álcool, eram as brigas e altercações com os seguranças nos bares. Zalachenko foi detido três vezes pela polícia sueca por embriaguez, e duas por confusão em bares. E todas as vezes a Seção tinha de intervir discretamente para tirá-lo da encrenca, dar sumiço nos documentos e tratar de alterar os registros. Gullberg designou Gunnar Bjõrck para o papel de ama-seca. Seu trabalho consistia em servir de babá para o dissidente quase vinte e quatro horas por dia. Meio complicado, mas também era difícil não agir daquele modo.

Tudo poderia ter sido tranqüilo. No início dos anos 1980, Zalachenko tinha se acalmado e começava a se adaptar. A não ser pelo fato de não querer largar aquela puta da Salander — e, para piorar, ele agora era pai de duas meninas, Camilla e Lisbeth Salander.

Lisbeth Salander.

Gullberg pronunciou o nome com uma sensação de mal-estar.

Quando as meninas tinham nove, dez anos, Gullberg já sentia como que uma câimbra no estômago quando o assunto era Lisbeth Salander. Não precisava ser psiquiatra para perceber que ela não era normal. Gunnar Bjõrck relatara que ela era rebelde, violenta e agressiva com Zalachenko, e ainda por cima parecia não ter nenhum medo dele. Falava muito pouco, mas expressava de mil maneiras seu desagrado com aquele estado de coisas. Ela era um problema em potencial, porém nem em seus maiores delírios da imaginação

Gullberg conseguiria prever as proporções monumentais que aquilo tudo iria assumir. O que ele mais temia era que a situação da

família Salander provocasse uma investigação social que acabasse pondo Zalachenko em foco. Gullberg pedia-lhe constantemente que rompesse com a família e sumisse da vida delas. Zalachenko prometia, mas nunca cumpria a promessa. Ele tinha outras putas. Muitas putas. No entanto, ao fim de alguns meses, sempre voltava para junto de Agneta Sofia Salander.

O idiota do Zalachenko. Um espião que permitia que seu pinto conduzisse sua vida sentimental não podia, evidentemente, ser um bom espião. Era como se Zalachenko estivesse, ou julgasse estar, acima das regras. Se pelo menos ele pudesse trepar com a mulher sem espancá-la sempre que a via, até daria para agüentar, mas o fato é que ele a maltratava sistematicamente. Parecia até que se comportava assim para desafiar os vigilantes do grupo Zalachenko, que ele demolia a mulher só para se divertir e atormentar o grupo.

Gullberg não tinha a menor dúvida de que Zalachenko era um escroto perverso, mas não tinha escolha. Os dissidentes do GRO realmente não nasciam em árvores. Ele só dispunha de um, o qual tinha consciência da própria importância.

Gullberg suspirou. O grupo Zalachenko assumira a função de comando de limpeza. Não dava para negar. Zalachenko sabia que podia tomar suas liberdades que depois os homens ajeitariam gentilmente os problemas. E quando se tratava de Agneta Sofia Salander, ele aproveitava a situação para ultrapassar todos os limites.

Entretanto, sinais de alerta não tinham faltado. Lisbeth Salander acabava de completar doze anos quando apunhalara Zalachenko. Claro, foram ferimentos superficiais, mas mesmo assim exigiram uma passagem no Hospital Sankt Gõran e a necessidade, para o grupo Zalachenko, de realizar uma limpeza considerável. Naquela vez, Gullberg tivera uma Conversa Muito Séria com Zalachenko. Explicou-lhe que ele não podia, em hipótese alguma, retomar o contato com a família Salander, e Zalachenko prometeu. Cumpriu a promessa por mais de seis meses, até que voltou a procurar Agneta Sofia Salander e lhe deu tamanha surra que ela acabou seus dias numa clínica. Mas o que Gullberg nunca teria imaginado é que

Lisbeth Salander era uma psicopata ávida de sangue que sabia fabricar um coquetel Molotov. Aquele dia fora um caos absoluto. Seria de se esperar uma série de investigações, e toda a operação Zalachenko — quem sabe até toda a Seção — estava por um tênue fio. Se Lisbeth Salander falasse, Zalachenko poderia ser desmascarado. Se Zalachenko fosse desmascarado, não só uma série de operações em andamento na Europa nos últimos quinze anos corria o risco de naufragar, como a própria Seção arriscava-se a se tornar objeto de um inquérito oficial. O que precisava ser evitado a todo custo.

Gullberg estava preocupado. Um inquérito oficial faria o caso IB parecer uma inofensiva série de televisão. Se abrissem os arquivos da Seção, descobririam um bom número de situações não totalmente constitucionais, para não falar na vigilância sobre Palme e sobre outros sociais-democratas conhecidos, que se estendera por muitos anos. Isso acarretaria investigações sobre Gullberg e vários outros funcionários da Seção. Pior: jornalistas exaltados, sem pensar duas vezes, lançariam a teoria de que a Seção estava por trás do assassinato de Palme, o que por sua vez conduziria a mais um labirinto de revelações e acusações. O pior era que a direção da Sapo tinha mudado tanto que hoje nem seu chefe principal sabia da existência da Seção. Todos os contatos com a DGPN/Sapo naquele ano iam parar na mesa do novo secretário-geral que, fazia já dez anos, era membro da Seção.

Os colaboradores do grupo Zalachenko viviam um clima de pânico e aflição. Foi Gunnar Bjõrck quem encontrou a solução na forma de um psiquiatra chamado Peter Teleborian.

Teleborian estivera ligado ao departamento de contra-espionagem da DGPN/Sapo em outro caso bem distinto, fazendo as vezes de consultor quando a contra-espionagem tivera de avaliar a personalidade de um espião industrial em potencial. Em certo ponto delicado da investigação, foi preciso determinar de que maneira o homem reagiria se exposto a uma situação de estresse. Teleborian era um jovem psiquiatra promissor que não empregava um jargão obscuro, oferecendo conselhos concretos e sólidos. Tais conselhos

tinham permitido que a Sapo evitasse um suicídio, e o espião em questão fora convertido em agente duplo, fornecedor de desinformação à seus partidários.

Após a agressão de Salander contra Zalachenko, Bjõrck vinculara discretamente Teleborian à Seção, como consultor. E naquele momento, mais do que nunca, estavam precisando dele.

A solução do problema fora bastante simples. Karl Axel Bodin podia desaparecer em algum momento durante seu processo de reeducação. Agneta Sofia Salander desapareceria em meio aos tratamentos de longo prazo, com lesões cerebrais irreversíveis. Todas as investigações policiais ficaram concentradas na DGPN/Sapo e foram repassadas para a Seção através do secretário-geral.

Peter Teleborian acabava de assumir o cargo de médico-chefe adjunto na clínica Sankt Stefan de psiquiatria infantil, em Uppsala. Só precisavam de uma perícia médico-legal redigida em conjunto por Bjõrck e Teleborian, seguida de uma decisão sumária e não muito contestável de um tribunal de instâncias. Só dependia da forma como a questão seria apresentada. A Constituição nada tinha a ver com isso. Afinal, tratava-se da segurança nacional. As pessoas iriam entender.

E Lisbeth Salander era claramente uma doente mental. Alguns anos internada numa instituição psiquiátrica só iriam lhe fazer bem. Gullberg meneara a cabeça e dera seu aval para a operação.

Todas as peças do* quebra-cabeça tinham se encaixado, numa época em que, de qualquer modo, o grupo Zalachenko estava para ser dissolvido. A União Soviética deixara de existir e o período de glória de Zalachenko estava definitivamente relegado ao passado. Sua data de validade estava mais do que vencida.

O grupo conseguira para Zalachenko uma generosa indenização, fornecida por um dos fundos da Sapo. Ofereceram-lhe os melhores tratamentos imagináveis e, seis meses depois, com um suspiro de alívio, acompanharam Karl Axel Bodin ao aeroporto de Arlanda, munido de um bilhete de ida para a Espanha. Explicaram-

lhe que, a partir daquele momento, Zalachenko e a Seção seguiriam caminhos diferentes. Aquele foi um dos últimos casos de Gullberg. Uma semana depois, aposentava-se em função da idade e deixava o lugar a seu herdeiro Fredrik Clinton. Gullberg passou a atuar apenas como consultor e conselheiro em assuntos mais delicados. Permaneceu mais três anos em Estocolmo, trabalhando quase diariamente na Seção, mas as missões foram ficando cada vez mais escassas e ele próprio foi esmorecendo. Voltou para Laholm, sua cidade natal, e realizou alguns trabalhos à distância. Nos primeiros anos, ainda vinha regularmente a Estocolmo, mas mesmo essas viagens foram se tornando mais e mais episódicas.

Nunca mais tinha pensado em Zalachenko. Até o dia em que, ao acordar de manhã, deu com a filha de Zalachenko na primeira página de todos os jornais como suspeita de um triplo homicídio.

Gullberg acompanhou o noticiário com uma sensação de confusão. Percebia claramente que Bjurman não se tornara tutor de Salander por acaso, mas o ressurgimento do velho caso Zalachenko não se afigurava para ele como um perigo iminente. Salander era uma doente mental. Que ela tivesse planejado uma orgia assassina não chegava a surpreendê-lo. Em compensação, nunca lhe ocorrera que Zalachenko pudesse estar ligado ao caso até ver, no noticiário da manhã, o relato dos acontecimentos de Gosseberga. Foi quando começou a dar uns telefonemas e acabou comprando uma passagem de trem para Estocolmo.

A Seção enfrentava sua pior crise desde que a organização fora criada. Tudo ameaçava explodir.

Zalachenko arrastou-se até o banheiro e urinou. Desde que o Hospital Sahlgrenska fornecera-lhe muletas, conseguia se locomover. Dedicara o domingo a breves sessões de exercícios. Uma dor infernal ainda lhe varava o maxilar e ele só ingeria alimentos líquidos, mas já conseguia se levantar e percorrer uns poucos metros.

Como já usasse uma prótese fazia quase quinze anos e estava acostumado com bengalas, treinou locomover-se com as muletas

sem fazer barulho, dando voltas dentro do quarto. A cada vez que seu pé encostava no chão, uma dor fulgurante lhe transpassava a perna.

Cerrou os dentes. Pensou em Lisbeth Salander que — se tinha entendido direito — achava-se num quarto próximo, à esquerda, duas portas adiante.

Por volta das duas da manhã, dez minutos depois da última visita da enfermeira da noite, estava tudo calmo e silencioso. Zalachenko levantou-se a muito custo e tateou em busca das muletas. Aproximou-se da porta, mas não escutou nada. Abriu a porta e foi para o corredor. Caminhou até a saída no fundo do corredor, abriu a porta e deu uma espiada na escada. Havia elevadores. Voltou para o corredor. Ao passar em frente à porta de Lisbeth Salander, deteve-se e se apoiou uns trinta segundos nas muletas.

Naquela noite, as enfermeiras tinham fechado a porta. Lisbeth Salander abriu os olhos ao escutar um ligeiro som de atrito no corredor. Não conseguia identificar esse som. Parecia alguém arrastando devagarinho alguma coisa no chão. Por um momento, tudo ficou quieto e ela se perguntou se não seria uma alucinação. Um minuto depois, tornou a ouvir o mesmo ruído se afastando. Relaxou e deitou a cabeça no travesseiro.

Pouco depois, apalpou a comadre e descobriu os botões que a mantinham fechada. Abriu-os e derrubou a comadre no chão. De repente, respirar ficou mais fácil.

Gostaria de ter uma arma ao alcance da mão ou força suficiente para se levantar e se livrar dele de uma vez por todas.

Por fim, apoiou-se nos cotovelos e se ergueu. Acendeu a luz lateral e observou o quarto à sua volta. Não viu nada que pudesse servir de arma. Então seu olhar se deteve na mesa das enfermeiras, a três metros da cama. Constatou que alguém deixara um lápis sobre ela.

Esperou a visita da enfermeira, que naquela noite parecia vir ocorrendo a cada meia hora. Imaginou que verificações menos freqüentes significavam que os médicos viam uma melhora em seu estado, já que antes vinham vê--la de quinze em quinze minutos, ou até menos. Quanto a ela, não percebia nenhuma diferença.

Uma vez sozinha, juntou suas forças e se sentou, balançando as pernas sobre a beirada da cama. Os eletrodos presos à seu corpo registravam seu pulso e sua respiração, mas os fios seguiam todos na mesma direção do lápis. Levantou-se bem devagar e titubeou de repente, totalmente sem equilíbrio. Por um segundo, achou que ia desmaiar, mas apoiou-se na cama e focou o olhar na mesa em frente. Deu três passos vacilantes, estendeu a mão e apanhou o lápis.

Recuou até a cama. Estava completamente esgotada.

Depois de alguns instantes, achou forças para puxar o cobertor sobre si. Ergueu o lápis e verificou a ponta. Era um lápis de madeira comum. Fora recentemente apontado, estava afiado feito uma agulha. Daria uma arma adequada para enfiar num rosto ou nos olhos.

Deixou o lápis facilmente acessível junto ao quadril e voltou a dormir.

6 - SEGUNDA-FEIRA - 11 DE ABRIL

Na segunda-feira de manhã, Mikael Blomkvist se levantou pouco depois das nove e ligou para Malu Eriksson, que acabava de chegar à redação da Millennium.

— Bom dia, senhora redatora-chefe — disse ele.

— Ainda estou em estado de choque com a saída da Erika e por saber que vocês me aceitaram como redatora-chefe.

— Ah, é?

— Ela foi embora. A sala dela está vazia.

— Então parece ser uma boa idéia você dedicar o dia para se instalar na sala.

— Não sei o que fazer. Não estou me sentindo muito à vontade.

— Pois não deveria. Todo mundo concorda que você é a melhor escolha na atual situação. E você pode pedir ajuda para o Christer ou para mim.

— Obrigada pela confiança.

— Deixe disso — disse Mikael. — Continue trabalhando como sempre. Por um tempo, a gente vai lidar com os problemas à medida que eles aparecerem.

— Certo. O que você tem em mente?

Ele explicou que pretendia ficar o dia inteiro em casa escrevendo. Malu se deu conta, de repente, de que ele estava prestando conta, como — provavelmente — prestaria a Erika Berger, de seu trabalho. Ele esperava um comentário dela. Ou estaria enganada?

— Você tem alguma instrução para me passar?

— Niet. Pelo contrário, se você tiver alguma, é só me ligar. Estou por aqui. Eu continuo com as rédeas da encrenca Salander e decido tudo sobre o caso, mas no que se refere a tudo o mais na revista a bola está com você. Tome as decisões. Eu te dou uma força.

— E se eu tomar a decisão errada?

— Se eu sentir ou perceber alguma coisa, te falo. Mas só se for alguma coisa absurda. Em geral, não existem decisões cem por cento boas nem cem por cento más. Você vai tomar as suas decisões, que talvez não sejam as que a Erika tomaria. E se fosse eu a decidir, teríamos uma terceira variante. Mas agora as suas é que vão prevalecer.

— Entendido.

— Se você for uma boa chefe, vai debater as questões que surgirem com as outras pessoas. Primeiro com o Henry e o Christer, depois comigo e, por fim, discutimos os problemas realmente espinhosos nas reuniões de redação.

— Vou fazer o melhor possível.

— Ótimo.

Ele se sentou no sofá da sala com o iBook no colo e trabalhou sem nenhuma pausa a metade da segunda-feira. Quando terminou, dispunha de uma primeira versão bruta de dois textos de vinte e uma páginas no total. Essa parte da matéria se centrava no assassinato de seu colaborador Dag Svensson e da companheira dele, Mia Bergman — no que eles vinham trabalhando, por que tinham sido mortos e quem era o assassino. Calculava, por alto, que teria de produzir mais umas quarenta páginas para a edição temática do próximo verão. E precisava resolver de que modo poderia introduzir Lisbeth Salander no texto sem ferir a integridade dela. Sabia coisas a seu respeito que ela decerto gostaria de não ver divulgadas.

Naquela segunda-feira, Evert Gullberg tomou um café da manhã composto por uma única fatia de pão e uma xícara de café preto, na Cafeteria Frey.

Em seguida, pegou um táxi que o levou até a Artillerigatan, em Õstermalm. Às 9hl5, tocou o interfone, apresentou-se e imediatamente lhe abriram a porta. Subiu até o quinto andar, onde foi recebido por Birger Wadensjõõ, de cinqüenta e quatro anos. Era o novo diretor da Seção.

Wadensjõõ era um dos mais jovens recrutas da Seção na época em que Gullberg se aposentara. Não sabia bem o que pensar a respeito dele.

Gostaria que o enérgico Fredrick Clinton ainda estivesse lá. Clinton sucedera Gullberg e fora diretor da Seção até 2002, quando um diabetes e problemas cardiovasculares de certa forma o obrigaram a se aposentar. Gullberg não conseguia identificar qual era realmente o perfil de Wadensjõõ.

— Olá, Evert — disse Wadensjõõ, apertando a mão de seu antigo chefe. — Obrigado por reservar um tempinho para nos fazer uma visita.

— Tempo é quase tudo o que me resta — disse Gullberg.

— Sabe como é. A gente não é muito bom em manter contato com nossos ex-fiéis servidores.

Evert Gullberg ignorou a observação. Entrou à esquerda em sua antiga sala, instalando-se a uma mesa redonda de reuniões próxima à janela. Wadensjõõ (Gullberg supôs que fosse mesmo ele) pusera nas paredes reproduções de Chagall e Mondrian. No seu tempo, Gullberg tinha posto plantas de navios históricos como o Kronan e o Wasa. Sempre sonhara com o mar e era, de origem, oficial da Marinha, embora só tenha passado alguns poucos meses no mar durante o serviço militar. Havia também computadores na sala. No mais, ela estava praticamente igual à que ele deixara ao se aposentar. Wadensjõõ serviu um café.

— O pessoal não deve demorar — disse ele. — Pensei que a gente poderia conversar um pouco primeiro.

— Quantas pessoas da minha época ainda estão na Seção?

— Além de mim, só o Otto Hallberg e o Georg Nystrõm. O Hallberg se aposenta este ano e o Nystrõm está para fazer sessenta anos. Fora eles, praticamente só temos gente nova. Você já deve ter cruzado com alguns deles.

— Quantas pessoas trabalham na Seção atualmente?

— Andamos reorganizando as coisas por aqui.

— Ah, é?

— No momento, estamos com sete pessoas em período integral. Ou seja, houve uma redução. Além disso, a Seção tem trinta e um colaboradores na DGPN/Sapo. A maioria nunca aparece, faz o trabalho de rotina, e os serviços que eles realizam para nós são mais um extra discreto.

— Trinta e um colaboradores.

— Mais sete. Acontece que foi você quem criou este sistema. Nós só aperfeiçoamos, e ainda hoje se fala em uma organização interna e outra externa. Quando recrutamos uma pessoa, ela fica lotada aqui por um tempo para adquirir experiência com a gente. O Hallberg é quem cuida do treinamento. O estágio básico dura seis semanas. É realizado na Escola da Marinha. Depois o novato reassume seu posto efetivo na DGPN/Sapo, mas alocado aqui com a gente.

— Ah,é?

— O sistema é meio fantástico. Os colaboradores, na sua maioria, ignoram tudo uns sobre os outros. E aqui na Seção a gente funciona antes de mais nada como receptores de relatórios. As regras são as mesmas da sua época. Para todos os efeitos, somos uma organização banal.

— Unidade de intervenção?

Wadensjõõ franziu o cenho. Nos tempos de Gullberg, a Seção tivera uma pequena unidade de intervenção de quatro pessoas comandadas por Hans von Rottinger, um sujeito experiente.

— Bem, não exatamente. O Rottinger morreu há cinco anos. Temos aqui um jovem talentoso que faz algum trabalho de campo, mas em geral recorremos a alguém da organização externa quando é preciso. Sem contar que tecnicamente ficou mais complicado, por exemplo, montar uma escuta telefônica ou entrar num apartamento. Hoje em dia existem alarmes e lixos desse tipo em todo lugar.

Gullberg concordou com a cabeça.

— Orçamento? — perguntou.

— Contamos com pouco mais de onze milhões por ano. Um terço vai para os salários, um terço para a manutenção e o outro terço para as atividades.

— Quer dizer que o orçamento foi reduzido?

— Um pouco. Mas temos menos pessoal, o que significa que a verba para as atividades aumentou.

— Entendi. Me fale um pouco sobre a nossa relação com a Sapo — disse Gullberg, sem se preocupar se podia ou não usar esse termo.

Wadensjõõ balançou a cabeça.

— O secretário-geral e o encarregado do orçamento são nossos. Formalmente, o secretário-geral é talvez o único que tem acesso às nossas atividades. Como sempre, somos secretos a ponto de não existirmos. Mas, ha verdade, alguns chefes-adjuntos sabem da nossa existência. Fazem o possível para nem ouvir falar na gente.

— Sei. Isso significa que caso haja algum problema a atual direção da Sapo vai ter uma surpresa desagradável. E a direção da Defesa? E o governo?

— A direção da Defesa foi afastada já faz uns dez anos. E os governos, você sabe, vão e vêm.

— Quer dizer que, se o tempo fechar, estamos completamente sozinhos?

Wadensjõõ assentiu com a cabeça.

— E o inconveniente desse arranjo. Em compensação, há vantagens óbvias. Mas as nossas tarefas também mudaram. A real politik na Europa já não é a mesma desde a queda da União Soviética. Nosso trabalho está menos centrado na detecção de agentes de informação. Agora tudo gira mais em torno do terrorismo e, principalmente, da adequação política de tal ou tal pessoa para os cargos nevrálgicos.

— Tudo sempre girou em torno disso.

Bateram à porta. Gullberg viu um homem bem-apessoado de uns sessenta anos e outro mais jovem, de jeans e paletó.

— Olá, pessoal. — E virando-se para Gullberg: — Esse é o Jonas Sandberg. Ele trabalha aqui há quatro anos e participa da frente de intervenções. Já lhe falei sobre ele. E esse é o Georg Nystrõm, vocês já se conhecem.

— Olá, Georg — disse Gullberg.

Apertaram-se as mãos. Gullberg então se virou para Jonas Sandberg.

— E você, vem de onde? — perguntou, enquanto o examinava.

— Nesse momento, de Gõteborg — brincou Sandberg. — Fui fazer uma visita.

— Zalachenko... — disse Gullberg.

Sandberg fez que sim com a cabeça.

— Senhores, queiram sentar-se — disse Wadensjõõ.

— Bjõrck? — disse Gullberg, e franziu o cenho quando Wadensjõõ acendeu uma cigarrilha. Tinha tirado o paletó e estava recostado na poltrona diante da mesa de reuniões. Wadensjõõ lançou um olhar para Gullberg e se impressionou com a extrema magreza do velho.

— Ele foi acusado de infringir a lei de remuneração de serviços sexuais na sexta-feira passada — disse Georg Nystrõm. — A ação judicial ainda não teve início, mas ele a princípio confessou e voltou para casa com o rabo entre as pernas. Está morando em Smâdalarõ durante sua licença médica. A mídia ainda não divulgou nada.

— Houve um tempo em que Bjõrck era um dos melhores aqui na Seção — disse Gullberg. — Tinha um papel-chave no caso Zalachenko. O que aconteceu depois que eu me aposentei?

— Ele deve ser um dos raríssimos colaboradores internos que deixaram a Seção para voltar à atividade externa. Mas já no seu tempo ele andava um bocado entre lá e cá.

— É, ele precisava de um descanso e queria ampliar seus horizontes. Na década de 1980 ficou dois anos licenciado da Seção, sem vencimentos, atuando como adido no serviço de informações. Ele tinha trabalhado feito louco com o Zalachenko, praticamente vinte e quatro horas por dia desde 1976, e achei que ele estava precisando mesmo de um tempo. Ficou fora de 1985 a 1987 e depois voltou para cá.

— Pode-se dizer que ele deixou de trabalhar na Seção em 1994, quando passou para a organização externa. Em 1996, virou chefe-adjunto da Brigada dos Estrangeiros e se viu num cargo difícil, de muito trabalho. E claro que manteve contato constante com a Seção, e posso sem dúvida lhe dizer também que conversamos regularmente por telefone mais ou menos uma vez por mês até bem pouco tempo atrás.

— E agora ele está doente.

— Nada sério, mas muito doloroso. Está com uma hérnia de disco. Ela o incomodou várias vezes nos últimos tempos. Há dois

anos tirou uma licença médica de quatro meses. E em agosto passado ficou mal de novo. Era para ele voltar ao trabalho em 1- de janeiro, mas a licença foi prorrogada e agora é mais uma questão de esperar a cirurgia.

— E ele passou a licença médica correndo atrás das putas — disse Gullberg.

— Pois é, ele é solteiro e, se entendi direito, já freqüenta as putas há vários anos — disse Jonas Sandberg, que em quase meia hora não pronunciara uma palavra sequer. — Eu li o relatório do Dag Svensson.

— Ahã. Mas alguém poderia me explicar o que realmente aconteceu?

— Até onde pudemos entender, deve ter sido o Bjõrck quem desencadeou esta confusão toda. E a única explicação para o relatório de 1991 ter ido parar nas mãos do doutor Bjurman.

— Que também vive correndo atrás das putas? — perguntou Gullberg.

— Não que a gente saiba. Pelo menos ele não aparece no material do Dag Svensson. Em compensação, era o tutor da Lisbeth Salander.

Wadensjõõ suspirou.

— Tenho de admitir que a culpa é minha. Você e o Bjõrck pegaram a Lisbeth Salander em 1991, quando ela foi internada na psiquiatria. A gente achou que ela ia ficar lá por muito tempo, mas ela tinha um guardião legal, o advogado Holger Palmgren, que conseguiu tirá-la de lá. Ela foi encaminhada para uma família adotiva. Nessa época, você já tinha se aposentado.

— E depois disso, o que aconteceu?

— Ela foi mantida sob vigilância. Enquanto isso, a irmã dela, a Camilla Salander, foi encaminhada para outra família adotiva em Uppsala. Quando elas tinham dezessete anos, a Lisbeth Salander

de repente começou a vasculhar seu passado. Procurava por Zalachenko e esquadrinhou todos os registros oficiais que conseguiu achar. De um modo ou de outro, não sabemos bem como, ela obteve a informação de que a irmã sabia onde estava o Zalachenko.

— E isso procede?

Wadensjõõ deu de ombros.

— Na verdade, não faço idéia. Fazia muitos anos que as gêmeas não se viam, até que a Lisbeth foi atrás da Camilla tentando obrigar a irmã a dizer o que sabia. A história acabou numa discussão feia e numa briga daquelas entre as duas.

— Ah, é?

— A Lisbeth foi mantida sob estreita vigilância durante meses. Também já tinham avisado a Camilla Salander que a irmã era violenta e mentalmente perturbada. Foi ela quem nos contatou depois da visita repentina da Lisbeth, o que fez com que reforçássemos a segurança.

— Quer dizer que a irmã é que era sua informante?

— A Camilla Salander tinha pânico da irmã. De qualquer modo, a Lisbeth também chamou a atenção por outras vias. Teve várias discussões com o pessoal das instâncias sociais e avaliamos que ela continuava sendo uma ameaça para o anonimato do Zalachenko. Depois disso houve o incidente no metrô.

— Ela atacou um pedófilo...

— Exato. Ela tendia claramente para a violência e era psicologicamente perturbada. Achamos que seria melhor para todos os interessados se ela sumisse de novo numa clínica, e aproveitamos a oportunidade. O Fredrik Clinton e o Rottinger é que intervieram. Apelaram mais uma vez para o Peter Teleborian e travaram, por tabela, um combate no Tribunal de Instâncias para que ela fosse internada novamente. Holger Palmgren representou Lisbeth Salander e, contrariando as expectativas, o Tribunal

escolheu a alternativa dele — com a condição de que ela fosse posta sob tutela.

— Mas como é que o Bjurman acabou se envolvendo nessa história?

— O Palmgren teve um derrame cerebral no outono de 2002. Sempre somos informados quando a Salander aparece em algum banco de dados, e dei um jeito para que o Bjurman se tornasse seu novo tutor. Veja bem, ele não sabia que ela era filha do Zalachenko. A idéia era simplesmente que, se ela começasse a delirar a respeito do Zalachenko, ele reagisse e nos alertasse.

— O Bjurman era um idiota. Ele nunca deveria ter tido nada a ver com o Zalachenko, muito menos com a filha dele. — Gullberg encarou Wadensjõõ. — Foi um erro grave.

— Eu sei — disse Wadensjòõ. — Mas na época parecia a coisa certa. Eu nunca ia imaginar que...

— E agora, onde está a irmã, a Camilla Salander?

— Ninguém sabe. Quando ela completou dezenove anos, fez as malas e deixou a casa da família adotiva. Desde então não tivemos mais notícias dela. Desapareceu.

— Certo, continue.

— Tenho um informante entre os tiras oficiais, e ele falou com o procurador Richard Ekstrõm — disse Sandberg. — O inspetor Bublanski, que conduz as investigações, acha que o Bjurman estuprou a Salander.

Gullberg encarou Sandberg com genuína surpresa. Depois cocou o queixo, pensativo.

— Estuprou? — disse.

— O Bjurman tinha uma tatuagem na barriga, que dizia: "Sou um porco sádico, um canalha estuprador".

Sandberg pôs uma foto colorida da autópsia em cima da mesa. Gullberg, com os olhos arregalados, examinou a barriga de Bjurman.

— E a filha do Zalachenko é quem teria feito isso?

— E difícil explicar a situação de outro jeito. Mas ela, aparentemente, não é inofensiva. Deu uma surra que quase matou os dois hooligans do MC Svavelsjõ.

— A filha do Zalachenko — repetiu Gullberg. — Voltou-se para Wadensjõõ. — Sabe, eu acho que você deveria contratá-la.

Wadensjõõ pareceu tão surpreso que Gullberg precisou explicar que era brincadeira.

— Certo. Vamos admitir, como hipótese de trabalho, que o Bjurman estuprou a garota e ela se vingou. O que mais?

— O único capaz de dizer exatamente o que aconteceu seria, claro, o próprio Bjurman, o que agora é meio difícil, já que ele está morto. Porém o fato é que no começo ele não sabia que ela era filha do Zalachenko, isso não consta em nenhum registro oficial. Mas no meio do caminho, em algum momento, o Bjurman fez a relação.

— Puta merda, Wadensjõõ, só que ela sabia perfeitamente quem era o pai dela e pode ter contado ao Bjurman em algum momento.

— Eu sei. Nós... eu não pensei direito nesta história.

— Isso é de uma incompetência imperdoável — disse Gullberg.

— Eu sei. E já me xinguei por isso dúzias de vezes. Mas o Bjurman era uma das raras pessoas que sabiam da existência do Zalachenko, e o meu raciocínio foi que era melhor ser ele a descobrir que ela era filha do Zalachenko do que um tutor desconhecido. Na verdade, ela poderia ter contado para qualquer pessoa.

Gullberg beliscou a ponta da orelha.

— Bem... continue.

— Não passa de uma hipótese — disse Georg Nystrõm suavemente. — Mas estamos supondo que o Bjurman violentou a Salander e que ela se vingou com isso... — Ele apontou a tatuagem na fotografia da autópsia.

— E bem filha do pai dela — disse Gullberg. Havia em sua voz uma pontinha de admiração.

— O resultado foi que o Bjurman entrou em contato com o Zalachenko pedindo que ele desse um jeito na filha. O Zalachenko tem bons motivos para odiar a Lisbeth Salander, o senhor sabe disso tanto quanto eu. E o Zalachenko, por sua vez, terceirizou o caso para o MC Svavelsjõ e para esse tal Niedermann que anda com ele.

— Mas como é que o Bjurman entrou em contato... — Gullberg calou--se. A resposta era óbvia.

— O Bjórck — disse Wadensjõõ. — A única maneira de explicar como o Bjurman conseguiu achar o Zalachenko é o Bjõrck ter lhe passado a informação.

— Puta que pariu — disse Gullberg.

Lisbeth Salander sentia um mal-estar crescente, além de uma forte irritação. Pela manhã, duas enfermeiras tinham vindo arrumar sua cama. Toparam imediatamente com o lápis.

— Olha só! Como é que isso veio parar aqui? — disse uma das enfermeiras, enfiando o lápis no bolso enquanto Lisbeth a fitava com um olhar assassino.

Lisbeth estava novamente desarmada e, além disso, tão fraca que nem conseguiu protestar.

Sentira-se mal todo o fim de semana. Estava com uma enxaqueca insuportável e haviam lhe ministrado analgésicos potentes. Sentia uma dor constante no ombro, que volta e meia se transformava numa facada quando ela se mexia descuidadamente

ou deslocava o peso do corpo. Estava deitada de costas e usando a comadre. Ainda ficaria vários dias com ela, até que o corte da cabeça começasse a cicatrizar. Domingo tinha tido febre, com um pico de 38,7 graus. A Dra. Helena Endrin concluiu que ela estava com alguma infecção. Ou seja, sua saúde não ia muito bem. Lisbeth não precisava de um termômetro para perceber isso.

Constatou que estava novamente entrevada num leito do Estado, embora dessa vez não houvesse correias para prendê-la no lugar. O que teria sido supérfluo. Não tinha forças nem para se erguer, muito menos para sair andando por aí.

Lá pelo meio-dia da segunda-feira, o Dr. Anders Jonasson veio vê-la. Ele lhe parecia familiar.

— Olá. Lembra de mim? Ela tentou balançar a cabeça.

— Você estava meio atordoada, mas fui eu que te acordei depois da cirurgia. E fui eu que te operei. Só vim ver como você está se sentindo e se está tudo bem.

Lisbeth Salander arregalou os olhos. Parecia óbvio que não estava tudo bem.

— Ouvi dizer que você tirou a comadre na noite passada. Ela tentou dizer que sim com a cabeça.

— Esse colete ortopédico não está aí só de bobeira; é para você ficar com a cabeça imóvel nessa etapa da sua recuperação.

Ele contemplou a garota calada.

— Está bem — disse afinal. — Eu só dei uma passada para ver como você estava.

Ele já estava na porta quando escutou a voz dela.

— Jonasson, não é?

Ele se virou e dirigiu-lhe um sorriso surpreso.

— É isso mesmo. Se você lembra do meu nome é porque deve estar num estado melhor do que eu imaginava.

— Foi você quem tirou a bala?

— Foi.

— Você pode me dizer como eu estou? Ninguém ainda me deu uma resposta coerente.

Ele voltou para junto da cama e olhou-a nos olhos.

— Você teve sorte. Levou uma bala na cabeça, mas aparentemente nenhuma zona vital foi afetada. Neste momento, o risco é você ter alguma hemorragia no cérebro. Por isso a gente quer que você fique quietinha. Você está com uma infecção em alguma parte do corpo. Ao que tudo indica, é Por causa do ferimento no ombro. Talvez seja preciso operar mais uma vez se a gente não conseguir combater a infecção com antibióticos. Você deve estar preparada para um período dolorido durante o processo de recuperação. Mas, pelo que estou vendo até agora, minha expectativa é que você saia dessa totalmente curada.

— Eu posso ficar com alguma seqüela no cérebro? Ele hesitou antes de menear a cabeça.

— Sim, esse risco existe. Mas tudo indica que você se saiu muito bem. Há também a possibilidade de se formarem cicatrizes no seu cérebro que poderiam gerar algum problema, por exemplo, você desenvolver uma epilepsia ou algo do gênero. Mas, com toda a franqueza, isso não passa de especulação. Por enquanto, tudo parece perfeito. Você está se recuperando. Se aparecerem alguns problemas no meio do caminho, a gente vai administrando. A resposta foi bastante clara?

Ela esboçou um movimento de cabeça.

— Quanto tempo ainda vou ter que ficar assim?

— Quer dizer, no hospital? Vai levar algumas semanas até a gente te deixar sair.

— Não, quero saber quanto tempo até eu conseguir me levantar, começar a andar e me mexer.

— Não sei. Depende da cicatrização. Mas conte com pelo menos duas semanas, até você poder começar algum tipo de fisioterapia.

Ela o contemplou, séria, durante um longo momento.

— Você não teria um cigarro? — ela perguntou.

Anders Jonasson soltou um riso espontâneo e balançou a cabeça.

— Sinto muito. É proibido fumar aqui. Mas posso pedir uns adesivos ou chicletes de nicotina para você.

Ela refletiu um pouco antes de dizer que aceitava do jeito que podia. Depois encarou-o novamente.

— Como vai o velho babaca?

— Quem? Você quer dizer...

— O homem que deu entrada junto comigo.

— Imagino que ele não seja um amigo seu. Olha, ele até que não está mal. Vai sobreviver e até já andou, se levantando e caminhando de muletas. Em termos físicos, está mais machucado que você e tem um ferimento extremamente doloroso no rosto. Pelo que entendi, você enfiou um machado na cara dele.

— Ele tentou me matar — disse Lisbeth em voz baixa.

- Isso não é legal. Agora eu preciso ir. Quer que eu volte outra hora para te ver?

Lisbeth Salander pensou um pouco. Então esboçou um sim. Depois que ele fechou a porta atrás de si, ela fitou pensativamente o teto. Zalachenko está de muletas. Foi esse o barulho que escutei na noite passada.

Pediram a Jonas Sandberg, o mais jovem do grupo, que fosse buscar o almoço. Ele voltou com sushis e cerveja, que foram servidos na mesa de reuniões. Evert Gullberg foi invadido por um sentimento nostálgico. Era exatamente assim que ele vivia antes,

quando uma operação atingia um estágio crítico e eles trabalhavam dia e noite.

A diferença, constatou, é que talvez naquela época não tivesse ocorrido a ninguém essa esquisitice de pedir peixe cru para o almoço. Ele teria preferido que Sandberg trouxesse almôndegas com purê de batatas e mirtilos. Mas como não estava com fome pôde rejeitar os sushis sem muita aflição. Comeu um pedaço de pão e bebeu água mineral.

Continuaram a discutir enquanto comiam. Tinham chegado ao ponto em que precisavam fazer um balanço da situação e resolver que medidas se faziam necessárias. Havia decisões a ser tomadas.

— Não cheguei a conhecer o Zalachenko — disse Wadensjöö. — Como é que ele era?

— Exatamente como é hoje, imagino — respondeu Gullberg. — Tem uma inteligência notável e uma memória quase fotográfica para detalhes. Mas, na minha opinião, é um idiota de primeira. E meio maluco, me parece.

— Jonas, você esteve com ele ontem. Qual é a sua conclusão? Jonas Sandberg soltou os talheres.

— Ele ainda está no controle. Já falei no ultimato que ele deu. Ou damos sumiço em tudo num passe de mágica, ou ele revela a existência da Seção.

— O que faz esse idiota achar que a gente pode dar sumiço em algo que a mídia já repetiu milhões de vezes? — perguntou Georg Nystrõm.

— Não se trata do que a gente pode fazer ou deixar de fazer. Trata-se da necessidade que ele tem de nos controlar — disse Gullberg.

— E então, qual a sua impressão? Ele vai cumprir a ameaça? Vai falar Cotn a mídia? — perguntou Wadensjöö.

Gullberg respondeu devagar.

— E praticamente impossível responder. Zalachenko não é do tipo que ameaça à toa e vai fazer o que for conveniente para ele. Nesse sentido, ele é previsível. Se for vantajoso para ele contatar a mídia... se isso lhe garantir uma anistia ou uma redução de pena, ele faz. Ou se se sentir traído e quiser nos sacanear.

— Sejam quais forem as conseqüências?

— Especialmente por causa das conseqüências. Para ele o que importa é se mostrar mais forte que todos nós juntos.

— Mas mesmo que o Zalachenko abra o bico, não é certeza que o levem a sério. Para conseguir provar alguma coisa, vão precisar dos nossos arquivos. Ele não sabe da existência desse endereço.

— Você está disposto a arriscar? Vamos supor que o Zalachenko abra o bico. Quem mais vai fazer o mesmo em seguida? O que a gente faz se o Bjõrck confirmar a história dele? E o Clinton com a diálise dele... o que vai acontecer se ele virar um crente amargurado e começar a detestar o mundo inteiro? E se ele resolver confessar? Acreditem, se alguém começar a falar, vai ser o fim da Seção.

— Então... o que a gente faz?

Instalou-se um silêncio em volta da mesa. Foi Gullberg quem retomou o assunto.

— É um problema complexo. Primeiro, parece que concordamos sobre as conseqüências caso Zalachenko abra a boca. Toda a maldita Suécia constitucional iria cair em cima da gente. Seríamos aniquilados. Imagino que vários funcionários da Seção acabariam presos.

— A atividade é juridicamente legal, não se esqueça de que a gente trabalha sob as ordens do governo.

— Deixe de besteira — disse Gullberg. — Você sabe tão bem quanto eu que um documento redigido de forma nebulosa em meados dos anos 1960 não vale um tostão furado hoje em dia.

Aposto que nenhum de nós tem vontade de saber o que aconteceria exatamente se o Zalachenko resolvesse falar — acrescentou.

Mais silêncio.

— Então, nosso ponto de partida é necessariamente fazer com que o Zalachenko fique quieto — acabou dizendo Geog Nystrõm.

Gullberg assentiu com a cabeça.

— E para fazê-lo ficar quieto temos que lhe oferecer algo substancial. O problema é que ele é imprevisível. Seria até capaz de nos fritar por pura maldade. Precisamos pensar num jeito de manter o homem sob controle.

— E sobre essas exigências dele? — perguntou Jonas Sandberg. — Que a gente dê um sumiço na história toda e que a Salander volte para uma clínica psiquiátrica?

— Na Salander, a gente dá um jeito. O problema é o Zalachenko. Mas isso nos leva ao outro aspecto do problema — a redução de prejuízos. O relatório de Teleborian de 1991 vazou e potencialmente representa uma ameaça tão séria quanto o próprio Zalachenko.

Georg Nystrõm deu uma tossidinha.

— Assim que percebemos que o relatório tinha vindo à tona e estava nas mãos da polícia, tomei algumas providências. Fui até o jurista Forelius, na DGPN/Sãpo, e ele contatou o Ministério Público. O Ministério Público ordenou que o relatório fosse tirado da polícia; está proibido de ser divulgado ou reproduzido.

— O que o Ministério Público sabia?

— Nada. O procurador-geral da nação atendeu a um pedido oficial da DGPN/Sapo, o caso tem relação com um material arquivado como segredo de Estado e o procurador não tinha escolha. Ele não poderia ter feito outra coisa.

— Certo. Quem, na polícia, leu o relatório?

— Havia duas cópias, e elas foram lidas pelo Bublanski, pela colega dele Sonja Modig e, por fim, pelo responsável pelo inquérito preliminar, Richard Ekstrõm. É de se supor que mais dois policiais, no mínimo... — Nystrõm folheou suas anotações — um tal de Curt Bolinder e um tal de Jerker Holmberg, sabiam do seu conteúdo.

— Ou seja, quatro policiais e um procurador. O que sabemos sobre eles?

— O procurador Ekstrõm tem quarenta e dois anos. E visto como uma estrela em ascensão. Foi investigador do Ministério da Justiça e conduziu alguns casos que chamaram a atenção. Meticuloso. Ávido por publicidade. Carreirista.

— Social-democrata? — perguntou Gullberg.

— Provavelmente. Mas não militante.

— Bem, e o Bublanski é quem está coordenando as investigações. Eu o vi numa coletiva de imprensa na tevê. Não parecia muito à vontade diante das câmeras.

— Ele tem cinqüenta e dois anos e um currículo impressionante, mas também tem fama de ser resmungão. É judeu e bastante ortodoxo.

— E a mulher... quem é?

— E a Sonja Modig. Casada, trinta e nove anos, mãe de dois filhos. Fez uma carreira bastante rápida. Falei com o Peter Teleborian, que a descreve como alguém emocional. Ela não parava de questioná-lo.

— Certo.

— O Curt Bolinder é um osso duro de roer. Trinta e oito anos. Veio da Brigada Antigangue de Sõderort e foi alvo de comentários, anos atrás, quando atirou num delinqüente. Foi totalmente inocentado no inquérito. Aliás, foi ele que o Bublanski mandou para prender o Gunnar Bjõrck.

— Entendi. Guarde isso de ele ter matado um homem. Se for preciso lançar alguma suspeita na equipe de Bublanski, daria para focar os refletores num tira ruim. Imagino que ainda mantemos contatos interessantes na mídia... E o outro sujeito?

— Jerker Holmberg. Cinqüenta e cinco anos. Originário do Norrland e especialista na análise de cenas de crime. Há alguns anos lhe ofereceram um treinamento para ele se tornar delegado, mas ele recusou. Parece gostar do que faz.

— Algum desses dois tem atuação política?

— Não. O pai de Holmberg foi conselheiro municipal centrista nos anos 1970.

— Humm. Tem todo o jeito de ser uma equipe bacana. Dá para imaginar que sejam bastante unidos. Há algum jeito de isolá-los?

— Existe um quinto policial no grupo — disse Nystrõm. — Hans Faste, de quarenta e sete anos. Pelo que entendi, há uma rixa meio séria entre o Faste e o Bublanski. Séria o suficiente para o Faste ter pedido uma licença médica.

— O que se sabe sobre ele?

— Senti vários tipos de reação quando fiz essa pergunta. Ele tem um extenso currículo, e nos relatórios não consta de fato nenhuma crítica contra ele. É um profissional. Mas difícil de conviver. Aparentemente a desavença com o Bublanski tem a ver com a Lisbeth Salander.

— Como assim?

— O Faste teria ficado obcecado com aquela história sobre um grupo de lésbicas satânicas que os jornais andaram alardeando. Ele não gosta nem um pouco da Salander e parece considerar a existência dela uma afronta pessoal. Provavelmente ele é quem está por trás de metade dos boatos que andaram surgindo. Um ex-colega me confidenciou que ele tem dificuldades em colaborar com as mulheres em geral.

— Interessante — disse Gullberg. Ele refletiu um instante. — Já que os jornais mencionaram um grupo de lésbicas, talvez valha a pena continuar fantasiando com esse assunto. Isso realmente não contribui para aumentar a credibilidade da Salander.

— Os policiais que leram o relatório do Bjõrck constituem, portanto, um problema. Será que a gente consegue isolá-los? — perguntou Sandberg.

Wadensjõõ acendeu outra cigarrilha.

— Quem está conduzindo o inquérito preliminar é o Ekstrõm...

— Mas é o Bublanski quem comanda o barco — disse Nystrõm.

— Sim, só que ele não pode ir contra decisões administrativas. — Wadensjõõ ficou pensativo. Olhou para Gullberg. — Você tem mais experiência que eu, mas essa história já está com tantos fios e ramificações... Minha impressão é que seria bom afastar o Bublanski e a Modig da Salander.

— É isso, Wadensjõõ — disse Gullberg. — E exatamente o que nós vamos fazer. O Bublanski é o chefe da investigação do assassinato de Bjurman e do casal de Enskede. A Salander já não é notícia nesse contexto. O foco agora é esse alemão, o Niedermann. Portanto o Bublanski e a sua equipe vão se concentrar na caça ao Niedermann.

— Certo.

— O caso deles não é mais a Salander. Temos também a investigação sobre Nykvarn... trata-se de três assassinatos antigos. Eles têm a ver com o Niedermann. No momento, a investigação está a cargo de Sõdertalje, mas vão juntá-la com a outra. Ou seja, o Bublanski vai ficar ocupado por um bom tempo. Quem sabe... ele talvez prenda o Niedermann.

— Humm.

— O tal Faste... haveria como fazer com que ele voltasse ao trabalho? Ele parece ser a pessoa ideal para investigar as suspeitas

contra a Salander.

— Entendo aonde você quer chegar — disse Wadensjõõ. — A idéia é levar o Ekstrõm a separar um caso do outro. Mas para isso teríamos que controlar o Ekstrõm.

— Isso não deverá ser um grande problema — disse Gullberg. Ele olhou para Nystrõm, que concordou com a cabeça.

— Posso cuidar do Ekstrõm — disse Nystrõm. — Algo me diz que ele preferiria nunca ter ouvido falar em Zalachenko. Ele devolveu o relatório do Bjõrck assim que a Sapo pediu, e já afirmou que está disposto a se submeter a tudo que diga respeito à segurança nacional.

— O que você pretende fazer? — perguntou Wadensjõõ, desconfiado.

— Me deixe pensar num plano — disse Nystrõm. — Imagino que vamos apenas, de maneira muito elegante, explicar-lhe o que se espera que ele faça se quiser evitar que sua carreira seja brutalmente interrompida.

— O terceiro ponto é o que representa o maior problema — disse Gullberg. — A polícia não descobriu o relatório do Bjõrck sozinha... foi um jornalista que repassou para eles. Todos vocês já entenderam que a mídia é, evidentemente, um problema para nós. Millenníum.

Nystrõm abriu seu caderno de anotações.

— Mikael Blomkvíst — disse.

Todos naquela mesa já tinham ouvido falar no caso Wennerstrõm e conheciam o nome de Mikael Blomkvist.

— Dag Svensson, o jornalista assassinado, era colaborador da Millenníum. Estava trabalhando numa matéria ligada ao tráfico de mulheres. Foi assim que ele chegou ao Zalachenko. E foi o Mikael Blomkvist quem encontrou o corpo. Além disso, ele conhece a Lisbeth Salander e nunca deixou de acreditar na inocência dela.

— Como é que ele conhece a filha do Zalachenko... É coincidência demais, não pode ser um simples acaso.

— A gente não acha que seja por acaso — disse Wadensjõõ. — Achamos que a Salander, de alguma maneira, é o elo entre todos eles. Não sabemos explicar direito como, mas é a única hipótese plausível.

Gullberg permanecia calado, desenhando círculos concêntricos no seu caderninho. Por fim, ergueu os olhos.

— Preciso pensar um pouco sobre isso. Vou dar uma caminhada. Nos encontramos aqui dentro de uma hora.

A escapadinha de Gullberg durou quase quatro horas, e não uma como ele dissera. Ele caminhou por apenas uns dez minutos, até encontrar um café que oferecia um monte de variedades bizarras dessa bebida. Pediu uma xícara de café preto comum e sentou-se a uma mesa num canto perto da entrada. Refletiu intensamente, tentando esclarecer os diferentes aspectos do problema. De tempo em tempo, registrava um breve lembrete numa agenda.

Depois de uma hora e meia, um plano começava a ganhar forma.

Não era um bom plano, mas, depois de virar e revirar todas as possibilidades, percebeu que o problema exigia medidas drásticas.

Felizmente, havia recursos humanos disponíveis. Era um plano viável.

Levantou-se, procurou uma cabine telefônica e ligou para Wadensjõõ.

— Vamos ter que adiar a reunião para mais tarde — disse. — Preciso fazer uma coisa. Podemos nos encontrar às duas horas?

Em seguida, Gullberg desceu até a Stureplan e fez sinal para um táxi. Na verdade, sua parca aposentadoria de funcionário público

não lhe permitia aquele luxo, mas, por outro lado, chegara a uma idade em que não havia mais motivo para economizar nas extravagâncias. Indicou ao taxista vim endereço em Bromma.

Chegando lá, foi a pé até um bairro mais ao sul e bateu à porta de uma casinha. Uma mulher de uns quarenta anos atendeu.

— Bom dia. Estou procurando Fredrick Clinton.

— É da parte de quem?

— Sou um antigo colega dele.

A mulher meneou a cabeça e o fez entrar na sala, onde Fredrick Clinton, devagar, levantou-se do sofá. Tinha apenas sessenta e oito anos, mas parecia muito mais. O diabetes e alguns problemas coronários haviam deixado suas marcas.

— Gullberg? — exclamou Clinton, estupefato. Contemplaram-se por um longo momento. Então os dois velhos espiões se abraçaram.

— Não imaginava que voltaria a ver você um dia — disse Clinton. — Suponho que aquilo ali é que tenha te tirado da toca.

Apontou para a capa de um jornal vespertino que ostentava uma foto de Ronald Niedermann e a manchete "Assassino de policial caçado na Dinamarca".

— Como é que você está? — perguntou Gullberg.

— Doente — disse Clinton.

— Estou vendo.

— Se não me derem um rim novo, vou morrer em breve. E a probabilidade de ganhar um rim novo não é muito grande.

Gullberg assentiu com a cabeça.

A mulher reapareceu na porta da sala e perguntou a Gullberg se ele aceitava tomar alguma coisa.

— Aceito um café — disse.

Depois que ela saiu, ele se virou para Clinton.

— Quem é essa mulher?

— E minha filha.

Gullberg assentiu com a cabeça. Era fascinante que, apesar de tantos anos de intimidade dentro da Seção, pouquíssimos colaboradores mantivessem contato fora do trabalho. Gullberg conhecia os mínimos traços da personalidade de cada um, suas forças e fraquezas, mas só tinha uma vaga idéia da vida familiar deles. Glinton talvez tivesse sido seu colaborador mais próximo durante vinte anos. Ele sabia que Clinton fora casado e que tinha filhos. Mas não sabia o nome de sua filha, o nome de sua ex-mulher nem onde Clinton costumava passar férias. Era como se tudo fora da Seção fosse sagrado e não devesse ser comentado.

— O que você quer? — perguntou Clinton.

— Posso lhe perguntar sua opinião sobre o Wadensjõõ? Clinton balançou a cabeça.

— Não quero me envolver nessa história.

— Eu não estou pedindo isso. Você o conhece. Ele trabalhou dez anos com você.

Clinton tornou a balançar a cabeça.

— Atualmente é ele quem dirige a Seção. O que eu penso sobre ele não tem nenhuma importância.

— Ele está dando conta?

— Ele não é nada bobo.

— Mas...?

— É um analista. Genial para quebra-cabeças. Tem instinto. É um administrador brilhante que deu uma equilibrada no orçamento de um jeito que ninguém achava possível.

Gullberg fez um gesto de assentimento com a cabeça. O que importava era a qualidade que Clinton não estava mencionando.

— Você por acaso estaria disposto a voltar ao trabalho?

Clinton ergueu os olhos para Gullberg. Hesitou por um longo momento.

— Evert... a cada dois dias, eu passo nove horas no hospital fazendo diálise. Não posso subir nenhuma escada sem ficar praticamente sufocado. Não tenho mais energia. Nenhuma energia.

— Preciso de você. Uma última operação.

— Não posso.

— Pode. E você vai poder fazer as suas nove horas de diálise a cada dois dias. Vai andar de elevador em vez de subir escadas. Posso dar um jeito para te carregarem numa maça, se for o caso. Preciso do seu cérebro.

Clinton suspirou.

— Fale — disse ele.

— No momento, estamos diante de uma situação extremamente espinhosa, que exige operações em campo. O Wadensjõõ tem lá um jovem novato muito seguro de si, o Jonas Sandberg, que constitui sozinho o departamento de intervenção, e não creio que o Wadensjõõ tenha audácia para fazer o que deve ser feito. Ele até pode ser um puta especialista em fazer malabarismos com o orçamento, mas tem medo de tomar decisões de intervenção e tem medo de envolver a Seção no trabalho de campo, que no entanto é necessário.

Clinton fez que sim com a cabeça. Exibiu um sorriso pálido.

— Esta operação vai se dar em duas frentes distintas. A primeira se refere ao Zalachenko. Preciso fazer com que ele se torne razoável, e acho que sei como conseguir isso. A outra deve se realizar aqui em Estocolmo. O problema é que não tem ninguém na Seção para cuidar disso. Preciso de você para assumir o comando.

Uma última contribuição. Tenho um plano. O jonas Sandberg e o Georg Nystrõm vão fazer o serviço de campo. E você vai dirigir a operação.

— Você não sabe o que está me pedindo.

— Sei, sim... sei perfeitamente o que estou lhe pedindo. E você é quem decide se quer participar ou não. Mas se nós, os veteranos, não nos mobilizarmos e cumprirmos com a nossa parte, a Seção deixa de existir em poucas semanas.

Clinton dobrou o braço no encosto do sofá e descansou a cabeça sobre a palma da mão. Refletiu por uns dois minutos.

— Me conte qual é o seu plano — acabou dizendo.

Evert Gullberg e Fredrik Clinton conversaram por cerca de duas horas.

Wadensjõõ arregalou os olhos quando Gullberg voltou às 13h57, acompanhado de Fredrick Clinton. Clinton tinha o aspecto de um esqueleto. Parecia andar e respirar a muito custo, e vinha com uma mão apoiada no ombro de Gullberg.

— O que significa...? — perguntou Wadensjõõ.

— Vamos prosseguir a reunião — disse Gullberg secamente. Voltaram a se sentar ao redor da mesa da sala de Wadensjõõ. Clinton deixou-se cair em silêncio na cadeira que lhe ofereceram.

— Todos aqui já conhecem o Fredrick Clinton — disse Gullberg.

— Sim — disse Wadensjõõ. — A pergunta é: o que ele está fazendo aqui?

— O Clinton resolveu voltar à ativa. Vai coordenar o setor de intervenções até o final desta crise.

Gullberg ergueu a mão, interrompendo o protesto de Wadensjõõ antes que ele tivesse tempo até mesmo de formulá-lo.

— O Clinton está cansado. Vai precisar de assistência. Precisa ir regularmente ao hospital para fazer diálise. Wadensjõõ, você vai

recrutar dois assistentes particulares para ajudá-lo em todas as tarefas práticas. Mas que fique muito claro: no que se refere a esse caso, o Clinton é quem vai tomar todas as decisões de intervenção.

Calou-se e esperou. Nenhum protesto se fez ouvir.

— Eu tenho um plano. Acho que com ele estaremos seguros, mas precisamos agir rápido para não perdermos as oportunidades — disse ele. — Depois, tudo depende da atual determinação de vocês aqui na Seção.

Wadensjõõ percebeu um desafio nas palavras de Gullberg.

— Diga qual é o seu plano.

— Primeiro: já passamos a polícia em revista. Vamos fazer exatamente o que a gente combinou: tentar isolá-los na investigação deles, levando-os para uma pista secundária na caça ao Niedermann. Essa vai ser a tarefa de Georg Nystrõm. O que quer que aconteça, o Niedermann não tem a menor importância. Vamos dar um jeito de o Faste ficar encarregado de investigar a Salander.

— Não deve ser difícil — disse Nystrõm. — Basta eu ter uma conversinha discreta com o procurador Ekström.

— E se ele torcer o nariz...

— Não acredito nisso. Ele é um carreirista, sabe cuidar dos seus interesses. Mas posso apelar para um argumento qualquer, se necessário. Ele detestaria se envolver em algum escândalo.

— Muito bem. O segundo ponto é a Millennium e o Mikael Blomkvist. Por isso o Clinton voltou à ativa. Esse ponto requer medidas fora do padrão.

— Desconfio que não vou gostar nada disso — disse Wadensjõõ.

— É provável, mas a Millennium não pode ser manipulada do mesmo jeito simples. Em compensação, a ameaça que eles representam se fundamenta numa única coisa, ou seja, no relatório policial de Bjõrck de 1991. Na atual situação, imagino que esse

relatório se encontre em dois lugares, talvez três. Quem o descobriu foi a Lisbeth Salander, mas de alguma maneira o Mikael Blomkvist também pôs as mãos nele. O que significa que havia algum tipo de contato entre o Blomkvist e a Salander enquanto ela estava foragida.

Clinton levantou um dedo e proferiu suas primeiras palavras desde que chegara.

— Isso também nos revela algo do caráter do nosso adversário. O Blomkvist não tem medo de se arriscar. Lembrem do caso Wennerstrõm.

Gullberg meneou a cabeça.

— O Blomkvist passou o relatório para a chefe dele, Erika Berger, que por sua vez o encaminhou ao Bublanski. Quer dizer, ela também leu. Ê de se supor que tenham feito uma cópia de segurança. Eu arriscaria dizer que o Blomkvist está com uma cópia e que existe mais uma na redação.

— Parece plausível — disse Wadensjõõ.

— A Millennium é uma revista mensal, o que significa que eles não vão publicar nada de hoje para amanhã. Temos tempo. Mas precisamos pôr as mãos nesses dois exemplares do relatório. E para isso não podemos passar pelo procurador-geral da nação.

— Entendo.

— Portanto vamos dar início a uma fase de intervenção, entrando ilegalmente na casa do Blomkvist e na redação da Millennium. Você saberia organizar essa parte, Jonas?

Jonas Sandberg deu uma olhada de soslaio para Wadensjõõ.

— Evert, você tem que entender... a gente não faz mais esse tipo de coisa — disse Wadensjõõ. — Os tempos mudaram, a gente agora lida com pirataria informática e vigilância eletrônica, se é que você me entende. Não temos mais recursos para manter um setor de intervenção.

Gullberg se debruçou para a frente.

— Wadensjõõ. Então cabe a você arranjar recursos para isso, e depressa. Pegue gente de fora. Alugue um bando de fortões da máfia iugoslava para dar uma surra no Blomkvist, se for o caso. Mas temos que pegar essas duas cópias custe o que custar. Sem elas, eles ficam sem nenhum documento e jamais poderão provar nada. Se você não for capaz de dar um jeito numa coisa assim, te deixo aqui chupando o dedo e esperando a Comissão Constitucional vir bater na porta.

Gullberg e Wadensjõõ fitaram-se por um longo momento.

— Posso cuidar disso — disse Jonas Sandberg de repente. Gullberg lançou um olhar de esguelha para o jovem novato.

— Tem certeza de que sabe organizar esse tipo de ação? Sandberg assentiu com a cabeça.

— Ótimo. A partir de agora, seu chefe é o Clinton. É dele que você recebe as ordens.

Sandberg aquiesceu.

— Vai ser, em boa parte, uma questão de vigilância. Esse setor de intervenção precisa ser reforçado — disse Nystrõm. — Tenho alguns nomes para sugerir. Temos um cara na organização externa, ele trabalha na segurança dos figurões da Sapo, o nome dele é Mârtensson. Não tem medo de nada e é um sujeito que promete. Faz tempo que eu venho pensando em transferi-lo aqui para a organização interna. Chego a pensar que ele poderia ser meu sucessor.

— Parece muito bom — disse Gullberg. — A última palavra vai ser do Clinton.

— Tem mais uma coisa — disse Georg Nystrõm. — Tenho a impressão de que ainda existe outra cópia.

— Onde?

— Eu soube hoje à tarde que a Lisbeth Salander está com uma advogada. O nome dela é Annika Giannini. É irmã do Mikael Blomkvist.

Gullberg fez um gesto de concordância com a cabeça.

— Bem pensado. O Blomkvist deve ter dado uma cópia para a irmã. Seria absurdo ele não dar. Ou seja, durante algum tempo vamos ter que vigiar os três de perto: Berger, Blomkvist e Giannini.

— Acho que não precisamos nos preocupar com a Berger. A imprensa divulgou hoje que ela é a nova redatora-chefe do Svenska Morgon-Posten. Não tem mais nada a ver com a Millennium.

— Certo. Mesmo assim vamos ficar de olho nela. Quanto à Millennium, temos que instalar um sistema de escuta, evidentemente, na casa deles e na redação. E um controle da correspondência eletrônica. Precisamos descobrir com quem eles se encontram e com quem conversam. E estamos muito, muito dispostos a acompanhar a edição das revelações que eles têm a fazer. Mas, antes de tudo, temos que pegar esse relatório. Ou seja, há um bocado de trabalho pela frente.

Wadensjõõ parecia hesitar.

— Evert, você está nos pedindo para realizar uma operação de intervenção na redação de um jornal. Estamos nos aventurando num terreno muito perigoso.

— Você não tem escolha. Ou arregaça as mangas, ou deixa a chefia para outra pessoa.

O desafio pairou como uma nuvem acima da mesa.

— Acho que consigo administrar a Millennium — disse, por fim, Jonas Sandberg. — Mas nada disso resolve o problema de fundo. O que fazer com o Zalachenko? Se ele abrir o bico, nossos esforços não terão servido de nada.

Gullberg balançou a cabeça devagar.

— Eu sei. Essa vai ser a minha parte. Acho que tenho um argumento capaz de convencer o Zalachenko a calar a boca. Mas vai exigir um bocado de preparação. Vou para Gõteborg ainda hoje à tarde.

Calou-se e percorreu o olhar pela sala. Então cravou os olhos em Wadensjõõ.

— O Clinton toma as decisões quanto à intervenção enquanto eu estiver fora — decretou.

Passados alguns instantes, Wadensjõõ fez que sim com a cabeça.

Foi preciso esperar até a noite de segunda-feira para que a Dra. Helena Endrin, de comum acordo com seu colega Anders Jonasson, decidisse que o estado de Lisbeth Salander estava suficientemente estável para que ela pudesse receber visitas. Os primeiros visitantes foram os dois inspetores criminais, a quem foram concedidos quinze minutos para perguntas. Quando entraram em seu quarto e se sentaram, ela contemplou os policiais em silêncio.

— Bom dia. Sou o inspetor criminal Marcus Ackerman. Trabalho na Brigada Criminal aqui de Gõteborg. Essa é a minha colega Sonja Modig, da polícia de Estocolmo.

Lisbeth Salander não deu bom-dia. Permaneceu totalmente impassível. Reconheceu Sonja Modig como uma das policiais da equipe de Bublanski. Ackerman dirigiu-lhe um sorriso aberto.

— Soube que não é do seu feitio falar de boa vontade com as autoridades. E, se me permite, você não precisa falar nada. Em compensação, eu agradeceria muito se nos ouvisse. Temos vários assuntos para tratar, e hoje não nos deram muito tempo. Haverá outras oportunidades.

Lisbeth Salander não disse nada.

— Então, para começar, eu queria informar que o seu amigo Mikael Blomkvist nos avisou que uma advogada chamada Annika Giannini está disposta a representar você e já está inteirada do

caso. Diz ele que já falou com você sobre ela. Preciso que você me confirme isso, e queria saber se você aceita que a doutora Giannini venha para Gõteborg assisti-la.

Lisbeth Salander continuou calada.

Annika Giannini. A irmã de Mikael Blomkvist. Ele mencionara o nome dela num e-mail. Na verdade, não ocorrera a Lisbeth que ela iria precisar de um advogado.

— Desculpe, mas tenho de pedir que responda a essa pergunta. Basta dizer sim ou não. Se for sim, o procurador aqui de Gõteborg entrará em contato com a doutora Giannini. Se for não, um tribunal vai indicar um defensor público. O que você prefere?

Lisbeth refletiu sobre a proposta. Ponderou que, realmente, precisava i um advogado, mas ter a irmã do Maldito Sacana do Super-Blomkvist para defendê-la era meio difícil de engolir. Ele ia adorar. Por outro lado, um defensor público, desconhecido, não era melhor. Por fim, abriu a boca e grasnou uma só palavra rouca.

— Giannini.

— Ótimo. Obrigado. E agora eu queria lhe fazer uma pergunta. Você não precisa dizer nada antes da chegada de sua advogada, mas até onde posso ver não é uma pergunta que se refira diretamente a você nem ao seu bem--esrar. A polícia está procurando um cidadão alemão chamado Ronald Niedermann, de trinta e sete anos, suspeito de ter assassinado um policial.

Lisbeth franziu o cenho. Isso, para ela, era novidade. Ignorava tudo o que se passara depois de ter enfiado o machado na cabeça de Zalachenko.

— A gente aqui em Gõteborg queria pegar esse Niedermann o quanto antes. A minha colega aqui, de Estocolmo, também queria ouvir você sobre os três assassinatos dos quais você era suspeita inicialmente. Estamos pedindo a sua ajuda. Queríamos saber se você tem alguma idéia... se você pode nos dar alguma pista do paradeiro dele.

O olhar de Lisbeth passou, desconfiado, de Ackerman para Modig.

Eles não sabem que ele é meu irmão.

Em seguida, perguntou-se se tinha vontade de ver Niedermann preso ou não. O que ela queria mesmo era levá-lo em frente a um buraco cavado na terra de Gosseberga e enterrá-lo lá dentro. Finalmente, ela deu de ombros. O que não deveria ter feito, já que uma dor lancinante transpassou, no ato, seu ombro esquerdo.

— Que dia é hoje? — ela perguntou.

— Segunda-feira. Ela refletiu.

— A primeira vez que escutei o nome de Ronald Niedermann foi na quinta-feira da semana passada. Segui a pista dele até Gosseberga. Não faço idéia de onde ele se encontra nem de para onde poderia ter ido. Mas posso apostar que ele vai tentar, bem depressa, se colocar a salvo no exterior.

— Por que você acha que ele tentaria fugir do país? Lisbeth refletiu.

-— Porque quando o Niedermann saiu para cavar um túmulo para mim, o Zalachenko comentou comigo que este caso vinha recebendo muita publicidade e que já estava tudo planejado para o Niedermann passar algum tempo no exterior.

Lisbeth Salander nunca trocara tantas palavras com um policial desde seus doze anos.

— Quer dizer que o Zalachenko... é seu pai.

Pelo menos isso eles conseguiram descobrir. Coisa do Maldito Super-Blomkvist, decerto.

— Preciso também informar que o seu pai registrou uma queixa contra você por tentativa de homicídio. No momento, o dossiê está com o procurador, que deverá se decidir a favor ou contra uma ação judicial. De qualquer forma, já está claro que você será indiciada por

golpes e ferimentos agravados. Você cravou um machado na cabeça do Zalachenko.

Lisbeth não disse nada. Fez-se um longuíssimo silêncio. Então Sonja Modig se inclinou para a frente e falou baixinho.

— Eu só queria lhe dizer que na polícia não estamos dando muito crédito à versão do Zalachenko. Chame a sua advogada para uma conversa aprofundada, e a gente, enquanto isso, vai aguardar um pouco.

Ackerman concordou com a cabeça. Os policiais se levantaram.

— Obrigada por nos ajudar com o Niedermann.

Lisbeth espantou-se ao constatar que os policiais tinham sido muito corretos e quase gentis. Ficou um pouco surpresa com a fala de Sonja Modig. Ela deve ter segundas intenções, pensou.

7. SEGUNDA-FEIRA - 11 DE ABRIL – TERÇA-FEIRA 12 DE ABRIL

Às 17h45 da segunda-feira, Mikael Blomkvist fechou o seu iBook e levantou do seu lugar, à mesa da cozinha do seu apartamento da Bellmansgatan. Vestiu um paletó e foi a pé até a sede da Milton Security, perto de Slussen. Pegou o elevador para subir à recepção, no segundo andar, e foi imediatamente introduzido numa sala de reuniões.

— Olá, Dragan — disse ele estendendo a mão. — Obrigado por aceitar fazer esta reunião informal aqui.

Olhou em volta. Além de Dragan Armanskij e ele, estavam ali Annika Giannini, Holger Palmgren e Malou Eriksson. O ex-inspetor criminal Steve Bohman, da Milton, que desde o primeiro dia, por ordem de Armanskij, acompanhara a investigação sobre Salander, também estava presente.

Holger Palmgren estava saindo pela primeira vez depois de dois anos. Seu médico, o Dr. A. Sivarnandan, não ficara muito entusiasmado com a idéia de deixá-lo sair do centro de reabilitação de Ersta, mas Palmgren tinha insistido. Efetuara o trajeto num carro particular, acompanhado de sua enfermeira pessoal, Johanna Karolina Oskarsson, de trinta e nove anos, cujo salário era pago por um fundo criado por um benfeitor misterioso e que tinha por objetivo oferecer a Palmgren o melhor tratamento possível. Karolina Oskarsson aguardava numa área de descanso em frente à sala de reuniões. Tinha trazido um livro. Mikael fechou a porta.

— Para quem não conhece: essa é a Malu Eriksson, a nova redatora-chefe da Millennium. Pedi-lhe que viesse à reunião porque o que vamos conversar aqui vai afetar o trabalho dela.

— Certo — disse Armanskij. — Está todo mundo aqui. Estamos ouvindo.

Mikael se aproximou do quadro branco de Armanskij e pegou uma caneta. Seu olhar percorreu a sala.

— Acho que nunca vivi nada tão delirante — disse. — Quando tudo isso acabar, vou fundar uma associação beneficente. Vou chamá-la de Os Cavaleiros da Távola Biruta, e sua missão será organizar um jantar anual para falar mal da Lisbeth Salander. Vocês todos serão membros.

Fez uma pausa.

— A realidade se parece com o seguinte — disse ele, traçando umas colunas no quadro de Armanskij. Falou durante uma boa meia hora. A discussão que se seguiu durou quase três horas.

Uma vez formalmente encerrada a reunião, Evert Gullberg sentou-se frente a frente com Fredrick Clinton. Conversaram em voz baixa durante alguns minutos, até que Gullberg se levantou. Os dois velhos irmãos de armas apertaram-se as mãos.

Gullberg voltou de táxi para o Hotel Frey, juntou suas coisas, pagou a conta e pegou um trem que saía à tarde para Gõteborg. Escolheu a primeira classe e ficou com um vagão inteiro só para ele. Depois que o trem passou a ponte de Ársta, ele pegou uma esferográfica e um bloco de papel de cartas. Refletiu alguns instantes e em seguida se pôs a escrever. Preencheu cerca de metade da página, então se deteve e destacou-a do bloco.

Documentos falsificados não eram sua especialidade, ele não se considerava um entendido no assunto, mas naquele caso sua tarefa estava sendo facilitada pelo fato de que as cartas que estava escrevendo levavam a sua assinatura. A dificuldade é que nenhuma palavra poderia ser verdadeira.

Ao passar por Nykõping, ainda se desfez de uma boa quantidade de rascunhos, mas já começava a ter uma idéia de como deveria formular as cartas.

Ao chegar a Gõteborg, estava satisfeito com as doze cartas de que dispunha. Cuidou para que suas impressões digitais ficassem

nítidas e claras no papel.

Na estação central de Gõteborg, conseguiu achar uma copiadora e fez urnas fotocópias. Depois comprou selos e envelopes e jogou a correspondência na caixa postal que seria esvaziada às nove da noite.

Gullberg pegou um táxi para ir ao City Hotel, na Lorensbergsgatan, onde Clinton lhe reservara um quarto. De modo que se hospedou no mesmo hotel em que Mikael Blomkvist pernoitara dias antes. Em seguida foi para o quarto e desabou sobre a cama. Estava extremamente cansado e se deu conta de que comera apenas duas fatias de pão o dia inteiro. Continuava sem fome. Despiu-se, deitou-se e adormeceu quase em seguida.

Lisbeth Salander acordou sobressaltada ao escutar a porta se abrindo. Soube de imediato que não se tratava da enfermeira da noite. Abriu os olhos em duas fendas estreitas e avistou, à porta, a silhueta com muletas. Zalachenko não se movia e contemplava-a da fresta de luz do corredor que passava pela abertura da porta.

Sem se mover, ela virou os olhos para o relógio e viu que eram 3h10.

Desviou o olhar alguns milímetros e avistou o copo d'água na beirada do criado-mudo. Mal podia alcançá-lo sem ter que movimentar o corpo.

Levaria uma fração de segundo para estender o braço e, num gesto decidido, quebrá-lo contra a beirada do criado-mudo. Levaria meio segundo para enfiar a borda cortante na garganta de Zalachenko se ele se debruçasse sobre ela. Avaliou outras possibilidades, mas percebeu que aquela era a única arma possível.

Relaxou e esperou.

Zalachenko permaneceu uns dois minutos à porta, sem se mexer.

Depois, fechou-a devagar. Ela escutou o fraco arrastar das muletas enquanto ele se afastava tranqüilamente do quarto.

Passados cinco minutos, ela se ergueu apoiando-se nos cotovelos, pegou o copo e tomou um gole grande. Balançou as pernas por cima da beira da cama e tirou os eletrodos dos braços e do peito. Levantou-se e ficou em pé, cambaleando. Levou um bom minuto para reassumir o controle do corpo.

Foi mancando até a porta, apoiou-se na parede e recobrou o fôlego. Suava frio. Então, teve um acesso de fúria contida.

Fuck you, Zalachenko. Vamos acabar logo com isso!

Precisava de uma arma.

Nisso, ouviu passadas rápidas no corredor.

Droga. Os eletrodos.

— Caramba, o que você está fazendo aí em pé? — exclamou a enfermeira.

— Preciso... ir... ao banheiro — disse Lisbeth Salander, sem fôlego.

— Volte imediatamente para a cama.

Pegou na mão de Lisbeth e a ajudou a voltar para a cama. Em seguida foi buscar uma comadre.

— Se você precisar ir ao banheiro, chame a gente. Este botão aqui serve para isso — explicou a enfermeira.

Lisbeth não disse nada. Concentrou-se para conseguir produzir umas poucas gotas.

Na terça-feira, Mikael Blomkvist acordou às dez meia, tomou banho, ligou a cafeteira e em seguida se instalou diante do seu iBook. Depois da reunião na Milton Security na noite anterior, tinha vindo para casa e trabalhado até as cinco da manhã. Sentia que, finalmente, sua matéria começava a tomar forma. A biografia de Zalachenko continuava cheia de buracos — ele só dispunha, para se orientar, das informações que arrancara de Bjõrck e dos detalhes

acrescentados por Holger Palmgren. A história de Lisbeth Salander estava praticamente concluída. Ele explicava com detalhes de que maneira ela se vira confrontada com um bando de frios combatentes da DGPN/Sapo e internada numa clínica de psiquiatria infantil para que não viesse à tona o segredo envolvendo Zalachenko.

Estava satisfeito com seu texto. Era uma matéria espetacular que iria estremecer as bancas de jornais e, além disso, criar problemas nas altíssimas esferas da burocracia do Estado.

Acendeu um cigarro enquanto refletia.

Restavam-lhe duas grandes lacunas para preencher. Uma era administrável. Precisava enfrentar Peter Teleborian, tarefa que ele encarava com prazer. Depois que acabasse com ele, o famoso psiquiatra infantil seria um dos homens mais odiados da Suécia.

O outro problema era um tanto mais complicado.

A maquinação contra Lisbeth Salander — ele apelidara esses conspira-dores de Clube Zalachenko — ocorrera dentro da Sapo. Ele conhecia um nome, Gunnar Bjõrck, mas Gunnar Bjòrck não podia, de modo algum, ser o único responsável. Havia necessariamente um grupo, uma espécie de equipe. Havia necessariamente chefes, responsáveis, e alguma verba. Só que ele não tinha a menor idéia de como identificar essas pessoas. Não sabia por onde começar. As informações que possuía sobre a organização da Sapo eram apenas rudimentares.

Na segunda-feira, começara sua pesquisa mandando Henry Cortez percorrer vários sebos de Sõdermalm com a instrução de comprar todos os livros que, de algum modo, mencionassem a Sapo. Cortez chegara à casa de Mikael Blomkvist por volta das quatro da tarde, levando seis livros. Mikael contemplou a pilha em cima da mesa.

Espionagem na Suécia [Spionage y Sverige] (Tempus, 1988); Eu fui chefe da Sapo de 1962 a 1970 [Sâpochef 1962-70]; Poderes secretos, de Jan Ottosson e Lars Magnusson [Hemliga makter: svensk hemlig militar under-ráttelsetjänst frân unionstiden till det

kalla kriget] (Tiden, 1991); Luta pelo controle da Sapo, de Erik Magnusson (Corona, 1989) [Maktkamp om SAPO]; Missão, de Carl Lidbom (w&w, 1990) [Ett Uppdrag], além do — um tanto surpreendente — An agent in place (Ballantine, 1966), sobre o caso Wen-nerstrõm. O caso dos anos 1960, portanto, e não o de Mikael Blomkvist, do início do século xxi.

Mikael passara boa parte da noite de terça-feira lendo, ou pelo menos folheando, os livros encontrados por Henry Cortez. Concluída a leitura, chegou a algumas conclusões. Em primeiro lugar, a maioria dos livros já escritos sobre a Sapo tinha aparentemente sido publicada no final dos anos 1980. Uma pesquisa na internet mostrou que não existia nenhuma literatura recente sobre o tema.

Em segundo lugar, tudo indicava que não existia um resumo compreensível das atividades da polícia secreta sueca ao longo dos anos. Isso se explicava pela quantidade de casos considerados segredo de segurança nacional, dificilmente abordáveis, portanto, mas tudo indicava não haver uma única instituição, um único pesquisador ou órgão de imprensa disposto a lançar um olhar crítico sobre a Sapo.

Também chamou sua atenção o fato de não existir, em nenhum dos livros reunidos por Henry Cortez, referência a outras obras. As notas de rodapé remetiam invariavelmente a artigos em jornais vespertinos ou a entrevistas pessoais feitas com algum aposentado da Sapo.

Poderes secretos era fascinante, mas tratava, sobretudo, da época anterior e contemporânea à Segunda Guerra Mundial. Mikael via nas memórias de P. G. Vinge, antes de mais nada, um livro de propaganda escrito em defesa própria por um diretor da Sapo duramente criticado e demitido do cargo. An agent in place continha, desde o primeiro capítulo, tantas esquisitices sobre a Suécia que ele simplesmente jogou o livro no lixo. Os únicos volumes com a clara intenção de descrever o trabalho da Sapo eram Luta pelo controle da Sapo e Espionagem na Suécia. Apresentavam datas, nomes e organogramas. Achou o livro de Erik Magnusson particularmente

interessante. Embora não trouxesse resposta às suas perguntas imediatas, oferecia um bom panorama do que tinham sido a Sapo e de suas atividades nas décadas passadas.

Sua maior surpresa, contudo, foi Missão, de Carl Lidbom, que descrevia os problemas enfrentados pelo antigo embaixador em Paris quando, por ordem do governo, investigou sobre a Sapo na esteira do assassinato de Palme e do caso Ebbe Carlsson. Mikael nunca tinha lido Carl Lidbom e se surpreendeu com sua linguagem irônica permeada de observações mordazes. Mas o livro de Carl Lidbom também não ajudou Mikael a encontrar resposta às suas perguntas, embora ele começasse a ter uma vaga idéia da confusão que tinha pela frente.

Depois de refletir por algum tempo, pegou o celular e ligou para Henry Cortez.

— Oi, Henry. Obrigado pelo trabalho de ontem.

— Humm. O que você quer?

— Tenho mais uns servicinhos para você.

— Micke, eu tenho trabalho a fazer. Eu agora sou assistente de redação.

— Um belo avanço na carreira.

— Desembucha!

— Nesses anos todos, foram feitas algumas investigações públicas sobre a Sapo - Uma delas pelo Carl Lindbom. Deve haver um bocado de investigações desse tipo.

— Ahã.

— Me traga tudo o que tenha a ver com o Parlamento: orçamentos, inquéritos oficiais do Estado, discussões decorrentes de interpelações da Câmara, esse tipo de coisa; E compre os anais da Sapo, até o mais antigo que conseguir.

— Às suas ordens, capitão.

— Ótimo. E... Henry...

— Sim?

— ... eu só vou precisar disso amanhã.

Lisbeth Salander passou o dia pensando em Zalachenko. Sabia que ele estava dois quartos adiante do seu, que rondava pelos corredores à noite e viera até o seu quarto às 3hl0.

Ela o seguira até Gosseberga com o propósito de matá-lo. Fracassara, Zalachenko ainda estava vivo e se achava a menos de dez metros de distância. Ela estava encrencada. Era difícil definir até que ponto, mas imaginava que teria de fugir e desaparecer discretamente no exterior se não quisesse se arriscar a ser trancafiada outra vez com os loucos, tendo Peter Teleborian como guardião.

O problema, claro, é que ela não tinha forças sequer para se sentar na cama. Percebia alguns sinais de melhora. A dor de cabeça persistia, mas vinha por ondas em vez de ser constante. A dor no ombro estava superficial, só explodindo quando ela tentava se mexer.

Escutou passos no corredor e viu uma enfermeira abrir a porta e introduzir uma mulher de calças pretas, camisa branca e casaco escuro. Uma mulher bonita, magra, de cabelos castanhos bem curtos e que emanava uma calma autoconfiança. Carregava uma pasta preta. Lisbeth imediatamente reconheceu os olhos de Mikael Blomkvist.

— Bom dia, Lisbeth. Meu nome é Annika Giannini — disse ela. — Posso entrar?

Lisbeth contemplou-a sem nenhuma expressão. De repente, não estava com a mínima vontade de conhecer a irmã de Mikael Blomkvist e se arrependeu de ter aceitado a proposta de tê-la como advogada.

Annika Giannini entrou, fechou a porta atrás de si e puxou uma cadeira. Ficou sentada em silêncio alguns instantes, observando sua cliente.

Lisbeth Salander não parecia nada bem. Sua cabeça não passava de um pacote de bandagens. Enormes hematomas vermelhos circundavam seus olhos injetados de sangue.

— Antes de a gente começar a conversa, preciso saber se você realmente me quer como advogada. Em geral, eu só atuo em casos civis, representando vítimas de estupro e maus-tratos. Não sou advogada criminal. Em compensação, estou à par dos mínimos detalhes do seu caso e com muita vontade de representar você, se concordar. Devo dizer também que o Mikael Blomkvist é meu irmão — isso eu acho que você já sabe — e que ele e o Dragan Armanskij estão pagando meus honorários.

Ela esperou um instante, mas como não obteve nenhuma reação por parte de sua cliente, prosseguiu.

— Se me aceitar como advogada, vou trabalhar para você. Quero dizer, não estou trabalhando para o meu irmão nem para o Armanskij. Além disso, para tudo que estiver relacionado com o direito penal, vou contar com o auxílio do seu antigo tutor, Holger Palmgren. Está aí um homem de fibra, que deixou seu leito no hospital para te ajudar.

— O Palmgren? — disse Lisbeth Salander.

— É.

— Você esteve com ele?

— Estive. Ele vai ser meu conselheiro.

— Como é que ele está?

— Está furioso, mas não me pareceu particularmente preocupado com você.

Lisbeth Salander esboçou um sorrisinho de esguelha. O primeiro desde que ela chegara ao Hospital Sahlgrenska.

— Como você está se sentindo? — perguntou Annika Giannini.

— Um lixo — disse Lisbeth Salander.

— Ahã. Você quer que eu cuide da sua defesa? O Armanskij e o Mikael estão pagando os meus honorários e...

— Não.

— Como assim?

- Eu mesma vou pagar. Não vou aceitar um ore do Armanskij ou do Suer-Blomkvist. Mas só vou poder lhe pagar quando eu tiver acesso à internet.

— Entendo. Na hora certa a gente dá um jeito nisso e, seja como for, 0 Ministério Público é quem vai pagar a maior parte do meu salário. Então você aceita que eu faça a sua defesa?

Lisbeth Salander assentiu brevemente com a cabeça.

— Ótimo. Para começar, vou lhe passar um recado do Mikael. Ele falou em código, mas disse que você entenderia.

— Ah, é?

— Ele mandou dizer que me contou quase tudo, tirando umas coisinhas. A primeira se refere aos seus talentos, que ele descobriu em Hedestad.

Mikael sabe que eu tenho memória fotográfica... e que sou uma hacker. Ele guardou segredo.

— Certo.

— A segunda é sobre o DVD. Não sei do que se trata, mas ele disse que você é quem deve decidir se quer falar sobre isso comigo ou não. Você entende o que isso quer dizer?

— Entendo.

— Bem...

Annika Giannini hesitou de repente.

— Estou meio irritada com o meu irmão. Mesmo tendo me contratado, ele só me conta o que convém a ele. Você também pretende me esconder alguma coisa?

Lisbeth refletiu.

— Não sei.

— A gente vai ter que conversar bastante. Estou sem tempo agora, tenho um encontro com a procuradora Agneta Jervas daqui a quarenta e cinco minutos. Eu só precisava confirmar que você me aceitava como advogada. Também preciso lhe passar uma instrução...

— Ah, é?

— É o seguinte: se eu não estiver presente, você não deve dizer uma palavra sequer à polícia. Mesmo que eles a provoquem e a acusem de tudo que é coisa. Pode me prometer isso?

— Não vai ser difícil — disse Lisbeth Salander.

Exausto pela tensão da segunda-feira, Evert Gullberg acordou às nove horas da terça, quase quatro horas depois de seu horário habitual. Foi até o banheiro, lavou-se e escovou os dentes. Contemplou demoradamente seu rosto no espelho antes de apagar a luz e ir se vestir. Escolheu a única camisa limpa que lhe sobrava na pasta e pôs uma gravata estampada marrom.

Desceu até a sala de café da manhã do hotel, tomou uma xícara de café preto e comeu uma fatia de pão de forma torrada com queijo e um pouco de geléia de laranja. Bebeu um copo grande de água mineral.

Em seguida, foi até o hall do hotel e ligou de uma cabine telefônica para o celular de Fredrik Clinton.

— Sou eu. Como está a situação?

— Bastante agitada.

— Fredrik, você vai conseguir dar conta disso tudo?

— Sim, como antigamente. Só é pena que o Hans von Rottinger não esteja vivo. Ele era melhor que eu para planejar as operações.

— Você e ele tinham o mesmo gabarito. Podiam ocupar o lugar um do outro a qualquer momento. Aliás, vocês fizeram isso mais de uma vez.

— Havia uma diferença pequena, mínima, entre nós. Ele sempre foi um tantinho melhor que eu.

— Em que pé vocês estão?

— O Sandberg é mais esperto do que parecia. Chamamos o Mártensson como reforço. É um garoto de recados, mas nos será útil. O Blomkvist já está sob escuta, celular e telefone fixo de casa. Hoje, durante o dia, vamos cuidar dos telefones da Giannini e da Millennium. Estamos estudando a planta dos escritórios e dos apartamentos. Vamos entrar assim que possível.

— Primeiro você tem que localizar todas as cópias...

— Isso já foi feito. Tivemos uma sorte incrível. A Annika Giannini ligou para o Blomkvist agora às dez da manhã para perguntar, justamente, quantas cópias estão circulando, e descobrimos, pela conversa, que o Mikael Blomkvist é quem está com o único exemplar. A Berger fez uma cópia do relatório, mas mandou para o Bublanski.

— Ótimo. Não temos um segundo a perder.

- Eu sei. Mas precisamos pegar tudo de uma vez. Se não juntarmos todas as cópias do relatório do Bjõrck ao mesmo tempo, não vamos conseguir.

— Eu sei.

— Complicou um pouco porque a Giannini foi até Gõteborg hoje de manhã. Despachei uma equipe de colaboradores externos atrás dela. A essa hora eles estão no avião.

— Ótimo.

Gullberg não lembrava de mais nada para dizer. Ficou um bom tempo calado.

— Obrigado, Fredrik — disse por fim.

— Eu é que agradeço. Essa história é mais divertida do que ficar esperando por um rim que nunca chega.

Despediram-se. Gullberg pagou a conta do hotel e saiu. A sorte estava lançada. Agora era só esperar que a coreografia desse certo.

Primeiro, foi a pé até o Park Avenue Hotel e perguntou se poderia usar o fax. Não queria fazer isso no mesmo hotel onde tinha se hospedado. Enviou as cartas que escrevera no trem no dia anterior. Em seguida, saiu na Avenyn e procurou um táxi. Parou em frente a uma lixeira e rasgou as cópias que fizera das cartas.

Annika Giannini conversou por quinze minutos com a procuradora Agneta Jervas. Queria saber que acusações, a procuradora pretendia fazer contra Lisbeth Salander, mas percebeu rapidamente que Jervas ainda não sabia bem o que ia acontecer.

— Por enquanto, vou me limitar a indiciá-la por golpes e ferimentos agravados, acompanhados de tentativa de homicídio. Refiro-me à machadada que Lisbeth Salander desfechou no pai. Suponho que a senhora vá alegar legítima defesa.

— Pode ser.

— Mas, para ser sincera, minha prioridade no momento é o Niedermann, o assassino do policial.

— Compreendo.

— Conversei com o procurador-geral da nação. No momento, estão tentando decidir se todas as acusações contra a sua cliente não deveriam ser centralizadas por um procurador de Estocolmo e vinculadas ao que aconteceu lá.

— Estou partindo do princípio de que o caso vai ser transferido para Estocolmo.

— Ótimo. Seja como for, preciso ter a oportunidade de ouvir a Lisbeth Salander. Quando pode ser?

— Tenho aqui uma declaração do médico dela, o doutor Anders Jonasson. Ele diz que durante alguns dias Lisbeth Salander ainda não terá condições de enfrentar um interrogatório. Além dos ferimentos no corpo, ela está sob o efeito de sedativos fortíssimos.

— Foi mais ou menos o que me disseram. Mas você há de compreender que é frustrante para mim. Repito, minha prioridade no momento é o Ronald Niedermann. Sua cliente diz que não sabe onde ele está.

— E é verdade. Ela não conhece o Niedermann. Só o que ela fez foi descobrir quem ele era e ir atrás dele.

— Muito bem — disse Agneta Jervas.

Evert Gullberg segurava um buquê de flores quando entrou no elevador do Hospital Sahlgrenska junto com uma mulher de cabelos curtos e casaco escuro. Segurou educadamente a porta e deixou que ela passasse à sua frente para se dirigir à recepção.

— Meu nome é Annika Giannini. Sou advogada e preciso falar de novo com a minha cliente, Lisbeth Salander.

Evert Gullberg virou a cabeça e olhou, surpreso, para a mulher que viera com ele no elevador. Desviou o olhar para a sua pasta, enquanto a enfermeira verificava a identidade de Giannini e consultava uma lista.

— Quarto número 12 — disse a enfermeira.

— Obrigada. Já estive aqui, sei onde é.

Pegou a pasta e desapareceu do campo visual de Gullberg.

— Posso ajudar? — perguntou a enfermeira.

— Sim, obrigado, eu queria deixar essas flores para Karl Axel Bodin.

— Ele não está autorizado a receber visitas.

— Eu sei, só queria deixar as flores.

— Posso cuidar disso.

Gullberg só trouxera o buquê como pretexto. Queria ter uma idéia da burocracia de entrada. Agradeceu e se dirigiu para a saída. No caminho, cassou em frente ao quarto de Zalachenko, o número 14 segundo Jonas Sandberg.

Esperou no patamar. Pela porta de vidro, viu a enfermeira pegar o buquê que ele acabara de trazer e entrar no quarto de Zalachenko. Assim que ela voltou para a sua mesa, Gullberg empurrou a porta, dirigiu-se rapidamente para o quarto número 14 e entrou.

— Olá, Zalachenko — disse.

Zalachenko fitou, espantado, aquele visitante inesperado.

— Achei que você já estivesse morto a esta altura — disse ele.

— Ainda não — disse Gullberg.

— O que você quer? — perguntou Zalachenko.

— O que você acha?

Gullberg puxou a cadeira dos visitantes e se sentou.

— Me ver morto, provavelmente.

— Sim, até que eu ia gostar. Como você conseguiu ser tão idiota? Nós lhe demos uma vida nova, e aqui está você de novo.

Se Zalachenko pudesse sorrir, sem dúvida o teria feito. Para ele, a Segurança sueca era composta de amadores, entre os quais Evert Gullberg e Sven Jansson, ou melhor, Gunnar Bjõrck. Para não falar naquele inepto do dr. Nils Bjurman.

— E mais uma vez a gente é que tem que apagar o seu incêndio.

A metáfora não foi muito do agrado de Zalachenko, que já tinha sido vítima de graves queimaduras,

— Pare de me dar sermão. Vocês têm que me tirar daqui.

— E sobre isso que quero falar com você.

Pôs a pasta no colo, pegou um novo bloco de anotações e abriu uma página em branco. Depois, observou Zalachenko.

— Uma coisa me intriga: você seria capaz de nos fritar depois de tudo que fizemos por você?

— O que você acha?

— Depende do tamanho da sua loucura.

— Não me chame de louco. Sou um sobrevivente. Faço o que tenho que fazer para sobreviver.

Gullberg balançou a cabeça.

— Não, Alexander, você faz o que faz porque é ruim e depravado. Você queria saber qual a posição da Seção. Pois estou aqui para te informar. Desta vez não vamos levantar um dedo para te ajudar.

Pela primeira vez, Zalachenko pareceu hesitar.

— Você não tem escolha — disse.

— Sempre se tem escolha — disse Gullberg.

— Eu vou...

— Você não vai fazer coisa nenhuma.

Gullberg respirou fundo, enfiou a mão no bolso externo da pasta marrom e pegou uma Smith & Wesson 9 milímetros com coronha banhada a ouro. A arma era um presente de vinte e cinco anos atrás do serviço de informações inglês — fruto de uma informação inestimável que ele extorquira de Zalachenko e transformara numa sólida moeda de troca: o nome de um

estenógrafo do MI-5 inglês que, no bom e velho espírito de Philby, trabalhava para os russos.

Zalachenko pareceu surpreso. Deu uma risada.

— E o que você vai fazer com isso? Me matar? Vai passar o resto da sua miserável vida na cadeia.

— Acho que não — disse Gullberg.

De repente, Zalachenko já não sabia se Gullberg estava blefando ou não.

— Vai ser um escândalo e tanto.

— Também acho que não. Vai dar só algumas manchetes. Daqui a uma semana ninguém mais vai se lembrar do nome Zalachenko.

Os olhos de Zalachenko se estreitaram.

— Seu canalha — disse Gullberg, com uma voz tão fria que Zalachenko ficou gelado.

Ele apertou o gatilho e enfiou a bala no meio da testa de Zalachenko no exato momento em que este começava a puxar a prótese sobre a beira da cama. Zalachenko foi projetado para trás, sobre o travesseiro. Seu corpo se agitou em alguns movimentos espasmódicos, depois se aquietou. Gullberg viu os respingos formarem uma flor vermelha na parede atrás da cabeceira da cama. O tiro ecoava em seus ouvidos e ele esfregou maquinalmente o canal auditivo com o dedo indicador livre.

Em seguida levantou-se, acercou-se de Zalachenko, pressionou o cano da arma em sua têmpora e atirou mais duas vezes. Queria ter certeza de que o velho canalha estava realmente morto.

Lisbeth Salander ergueu-se de um salto quando o primeiro tiro foi disparado. Sentiu uma dor intensa no ombro. Quando os dois tiros seguintes ecoaram, tentou jogar as pernas sobre a beira da cama.

Annika Giannini estava conversando com Lisbeth havia poucos minutos quando ouviram os tiros. De início, ficou paralisada, tentando entender de onde vinha o disparo. A reação de Lisbeth Salander lhe mostrou que algo estava acontecendo.

— Não se mexa! — gritou. Pôs automaticamente a mão no peito de Lisbeth Salander, prendendo sua cliente na cama com tanta força que Lisbeth se sentiu sufocar.

Então Annika atravessou depressa o quarto e abriu a porta. Avistou duas enfermeiras correndo em direção a um quarto duas portas adiante. A primeira estacou de chofre ao entrar. Annika ouviu-a gritar: "Não faça isso" e dar um passo atrás, esbarrando na outra.

— Ele está armado. Corra.

Annika viu as duas enfermeiras abrirem a porta do quarto vizinho ao de Lisbeth e se refugiarem lá dentro.

No instante seguinte, viu o homem magro de cabelos grisalhos e paletó pied-de-poule aparecer no corredor. Segurava uma pistola na mão. Annika reconheceu o homem que subira com ela no elevador poucos minutos antes.

Então seus olhares se cruzaram. Ele pareceu embaraçado. Em seguida, viu que ele virava a arma em sua direção e dava um passo à frente. Ela levou a cabeça para trás, bateu a porta e olhou em volta, desesperada. Bem à seu lado havia uma mesa alta de enfermagem. Puxou-a num gesto brusco para junto da porta e prendeu-a debaixo da maçaneta.

Escutou um movimento, virou a cabeça e viu que Lisbeth Salander tentava sair da cama novamente. Alcançou sua cliente em poucas passadas e pegou-a no colo. Arrancou os eletrodos e o gotejador para levá-la até o banheiro, onde a acomodou sobre a tampa do vaso sanitário. Virou-se e fechou a porta a chave. Em seguida, pegou o celular no bolso do casaco e ligou para o 112.

Evert Gullberg se aproximou do quarto de Lisbeth Salander e tentou mover a maçaneta da porta. Estava bloqueada com alguma

coisa. Não se mexeu um milímetro sequer.

Por um instante, ficou indeciso diante da porta. Sabia que Annika Giannini estava no quarto e se perguntou se uma cópia do relatório de Bjõrck não estaria em sua bolsa. Não podia entrar no quarto e não tinha forças suficientes para arrombar a porta.

Mas isso não fazia parte do plano. O encarregado de Giannini e da ameaça que ela podia representar era o Clinton. A parte dele limitava-se a Zalachenko.

Gullberg olhou em volta no corredor e percebeu que estava sendo observado por cerca de vinte enfermeiras, pacientes e visitantes que esticavam a cabeça pela abertura das portas. Ergueu a pistola e deu um tiro num painel afixado no fundo do corredor. Sua platéia desapareceu como num passe de mágica.

Lançou um último olhar para a porta fechada, voltou resolutamente para o quarto de Zalachenko e fechou a porta. Sentou-se na poltrona dos visitantes e contemplou o dissidente russo que durante tantos anos fora parte integrante de sua vida.

Permaneceu imóvel durante quase dez minutos, até que ouviu a agitação no corredor e percebeu que a polícia estava chegando. Não pensou em nada de especial.

Então ergueu a pistola uma última vez, apontou-a para a própria têmpora e apertou o gatilho.

Os acontecimentos que se seguiram demonstraram a imprudência de tentar se suicidar no Hospital Sahlgrenska. Evert Gullberg foi levado com urgência ao serviço de traumatologia do hospital, sendo recebido pelo Dr. Anders Jonasson, que imediatamente deu início a uma série de medidas destinadas a manter suas funções vitais.

Pela segunda vez em menos de uma semana, Jonasson realizou uma cirurgia de emergência para extrair uma bala dos tecidos cerebrais humanos.

Após cinco horas de cirurgia, o estado de Gullberg permanecia crítico. Mas ele estava vivo.

Os ferimentos de Evert Gullberg, porém, eram bem mais graves que os de Lisbeth Salander. Durante vários dias ele oscilou entre a vida e a morte.

Mikael Blomkvist estava no Kaffebar, na Hornsgatan, quando escutou no rádio a notícia de que um homem de cerca de sessenta anos, ainda não identificado e que estava sendo acusado de tentar matar Lisbeth Salander, havia sido morto com um tiro no Hospital Sahlgrenska em Gõteborg. Ele largou a xícara, apanhou a sacola do computador e correu para a redação na Gõtgatan. Atravessou a Mariatorget e estava entrando na Sankt Paulsgatan quando seu celular tocou. Atendeu sem parar de caminhar.

— Blomkvist.

— Oi, é a Malu.

— Acabo de ouvir o noticiário. Já se sabe quem atirou?

— Ainda não. O Henry Cortez está indo atrás.

— Eu estou indo para aí. Chego em cinco minutos.

Na porta da Millennium, Mikael cruzou com Henry Cortez, que ia saindo.

— O Ekstròm vai dar uma entrevista coletiva às três da tarde — disse Henry. — Estou indo para Kungsholmen.

— E o que já se sabe? — gritou Mikael às suas costas.

— Malu — disse Henry, e desapareceu.

Mikael dirigiu-se à sala de Erika Berger... opa, de Malu Eriksson. Ela estava ao telefone, tomando notas febrilmente num post-it amarelo. Fez com a mão um sinal para que ele saísse. Mikael foi até a copa e encheu de café com leite duas canecas, uma com o logotipo da Juventude Cristã-Democrata e outra com o do Círculo da

Juventude Social-Democrata. Quando voltou à sala de Malu, ela estava encerrando a ligação. Ele lhe ofereceu a caneca do cjs.

— Bem — disse Malu. — O Zalachenko foi morto hoje às 13h15. Ela olhou para Mikael.

— Acabo de falar com uma enfermeira do Sahlgrenska. Diz ela que o assassino é um homem de certa idade, em torno dos setenta anos, que foi levar flores para o Zalachenko minutos antes do assassinato. Deu vários tiros à queima-roupa na cabeça do Zalachenko e depois apontou a arma para si mesmo. O Zalachenko está morto. O assassino sobreviveu, está sendo operado.

Mikael respirou aliviado. Desde que ouvira a notícia no Kaffebar, estava com um aperto no coração e a sensação, bem próxima do pânico, de que Lisbeth Salander é que tivesse disparado a arma. O que iria realmente complicar seu plano.

— Já sabem o nome do assassino? — ele perguntou.

Malu balançava a cabeça quando o telefone voltou a tocar. Ela atendeu e, pela conversa, Mikael percebeu que era um freelancer enviado por Malu até o Sahlgrenska. Ele fez um gesto com a mão e foi para a sua sala.

Tinha a impressão de que era a primeira vez, em semanas, que ia para a redação da Millennium. Decididamente, empurrou de lado uma pilha de correspondência ainda fechada. Ligou para a irmã.

— Giannini.

— Oi. E o Mikael. Você soube do que aconteceu no Sahlgrenska?

— É, pode-se dizer que sim.

— Aonde você está?

— No Sahlgrenska. O canalha apontou a arma para mim.

Mikael permaneceu calado por vários segundos até entender o que sua irmã estava dizendo.

— Puta merda... você estava aí?

— Estava. Foi a pior experiência que já tive na vida.

— Você está ferida?

— Não. Mas ele tentou entrar no quarto da Lisbeth. Eu bloqueei a porta e me tranquei com ela no banheiro.

Mikael, de repente, sentiu seu mundo balançar. Sua irmã por pouco não...

— Como está a Lisbeth? — ele perguntou.

— Está tudo bem. Quero dizer, tudo bem quanto a essa tragédia de hoje.

Ele respirou um pouco melhor.

— Annika, você sabe alguma coisa sobre o assassino?

— Nadica de nada. É um homem de idade, bem-vestido. Achei seu ar um pouco perturbado. Nunca o tinha visto, mas ele estava comigo no elevador minutos antes do assassinato.

— E o Zalachenko está mesmo morto?

— Está. Eu escutei três tiros e, pelo que ouvi por aqui, atiraram nele três vezes. Foi um caos absoluto, os policiais correndo para lá e para cá, e um setor inteiro de pessoas gravemente feridas, que não podem ser removidas, teve de ser evacuado. Quando a polícia chegou, alguém até tentou interrogar a Salander sem entender até que ponto ela está mal. Fui obrigada a falar grosso.

O inspetor Marcus Ackerman avistou Annika Giannini no quarto de Lisbeth Salander pela abertura da porta. A advogada estava com o celular junto ao ouvido e ele esperou que ela terminasse a ligação.

Duas horas depois do assassinato, um caos mais ou menos organizado ainda reinava no corredor. O quarto de Zalachenko estava interditado. Alguns médicos haviam tentado intervir logo após os tiros, mas desistiram em seguida. Zalachenko não precisava

mais de ajuda. Seu corpo fora levado ao necrotério e o exame da cena do crime estava em andamento.

O celular de Ackerman tocou. Era Frank Malmberg, da equipe de investigação.

— Temos uma identificação segura do assassino — disse Malmberg. — Seu nome é Evert Gullberg, tem setenta e oito anos. Meio velho para um assassino!

— E quem é o puto desse Evert Gullberg?

— Aposentado. Mora em Laholm. Parece que é advogado empresarial. Recebi uma ligação da DGPN/Sapo dizendo que recentemente eles abriram um inquérito preliminar sobre ele.

— Quando e por quê?

— Quando eu não sei. Por quê... bem, porque ele tinha o péssimo hábito de mandar cartas ameaçadoras e sem pé nem cabeça para figuras públicas.

— Para quem, por exemplo?

— Para o ministro da Justiça.

Marcus Ackermann suspirou. Quer dizer, um louco. Um justiceiro.

— Hoje de manhã a Sapo recebeu ligações de vários jornais para os quais o Gullberg tinha escrito cartas. O Ministério da Justiça também telefonou, depois que o tal Gullberg ameaçou expressamente o Karl Axel Bodin de morte.

— Quero uma cópia dessas cartas.

— Da Sapo?

— Claro, porra. Vá até Estocolmo buscá-las pessoalmente, se preciso. Quero as cartas na minha mesa quando eu voltar para a chefatura de polícia. Ou seja, daqui a uma hora mais ou menos.

Ele refletiu um instante e fez mais uma pergunta.

— Foi a Sapo que ligou para você?

— Foi o que eu disse.

— Quero dizer, foram eles que ligaram para você, e não o contrário?

— Isso mesmo.

— Certo — disse Marcus Ackerman, e desligou o celular.

Perguntou-se o que dera na telha da Sapo para, de repente, ter a iniciativa de contatar a polícia comum. Em geral, era praticamente impossível conseguir que ela desse o menor sinal de vida.

Com um gesto brusco, Wadensjõõ abriu a porta do quarto que Fredrik Clinton usava para repousar na Seção. Clinton se ergueu com cautela na cama.

— Eu gostaria de saber que baderna é essa — berrou Wadensjõõ. — O Gullberg matou o Zalachenko e depois deu um tiro na cabeça.

— Eu sei — disse Clinton.

— Você sabe? — exclamou Wadensjõõ.

Ele estava escarlate e parecia prestes a ter um derrame cerebral.

— Já pensou, o idiota deu um tiro em si próprio. Tentou se suicidar. Ele por acaso pirou?

— Quer dizer que ele ainda está vivo?

— Por enquanto, sim, mas está com lesões enormes no cérebro. Clinton suspirou.

— Que pena — disse, a voz repleta de tristeza.

— Pena?! — gritou Wadensjõõ. — Ora essa, o Gullberg está é completamente maluco. Você não percebe que...

Clinton interrompeu-o.

— O Gullberg está com câncer. No estômago, no cólon e na bexiga. Faz meses que ele está morrendo e, na melhor das hipóteses, só teria mais dois meses de vida.

- Câncer?

- Faz seis meses que ele carregava essa arma com ele, firmemente disposto a usá-la quando a dor se tornasse insuportável e antes que ele próprio se transformasse num pacote humilhado em alguma UTI. Com isso, ele pôde prestar um último serviço à Seção. Foi uma saída triunfal.

Wadensjöò parecia atônito.

__Você sabia que ele pretendia matar o Zalachenko.

— É evidente. A missão dele era dar um jeito para o Zalachenko nunca mais ter a oportunidade de falar. E você sabe muito bem que ele não se deixava ameaçar, muito menos convencer.

— Mas você não percebe o escândalo que isso vai provocar? Você está tão maluco quanto o Gullberg?

Clinton levantou-se com dificuldade. Fitou Wadensjöò olho no olho e lhe passou uma pilha de faxes.

— A decisão depende do setor de intervenções. Eu lamento pelo meu amigo, mas é bem provável que eu o siga muito em breve. Quanto a esta história de escândalo... Um ex-perito em assuntos fiscais escreveu cartas claramente paranóicas, fruto de uma mente perturbada, e mandou para os jornais, a polícia e o Ministério da Justiça. Aqui tem uma. O Gullberg acusa o Zalachenko de tudo que é coisa, desde o assassinato do Palme até uma tentativa de envenenar a população sueca com cloro. As cartas foram manifestamente escritas por um doente mental, em certos trechos a letra está ilegível, com maiúsculas, sublinhados e pontos de exclamação. Gosto do jeito como ele escreve na margem.

Wadensjöò leu as cartas, enquanto seu espanto crescia. Passou a mão pela testa. Clinton olhou para ele.

— O que quer que aconteça, a morte de Zalachenko não vai ter nada a ver com a Seção. Quem atirou foi um aposentado desnorteado e demente.

Ele fez uma pausa.

— O mais importante, a partir de agora, é você se manter na linha. Não fique se agitando dentro da canoa, que ela pode virar!

Cravou o olhar em Wadensjõò. De súbito, o olhar daquele homem exibiu uma dureza de aço.

— Você precisa entender que a Seção é figura de proa no conjunto da Defesa sueca. Somos a última linha de defesa. Nossa missão é zelar pela segurança do país. O resto não tem a menor importância.

Wadensjõõ mirou Clinton fixamente, com um olhar de dúvida.

— Nós somos aqueles que não existem. Somos aqueles a quem ninguém agradece. Somos aqueles que precisam tomar as decisões que ninguém mais consegue tomar... muito menos os políticos.

Havia desprezo em sua voz quando pronunciou a última palavra.

— Faça o que eu estou dizendo, e a Seção talvez sobreviva. Mas para que isso aconteça vamos precisar ter muita determinação e não usar meias-medidas.

Wadensjõõ sentiu-se invadido pelo pânico.

Henry Cortez anotou febrilmente tudo o que era dito no tablado durante a entrevista coletiva da chefatura de polícia em Kungsholmen. O procurador Ekstrõm foi quem abriu a coletiva. Explicou que, naquela manhã, eles haviam decidido entregar a um procurador da jurisdição de Gõteborg a instrução do assassinato de um policial em Gosseberga, pelo qual Ronald Niedermann era procurado, mas que qualquer outra investigação referente a

Niedermann seria dirigida por ele próprio. Niedermann era, portanto, suspeito dos assassinatos de Dag Svensson e Mia Bergman. O dr. Bjurman não foi mencionado. Ekstrõm também iria investigar Lisbeth Salander e entrar com uma ação na Justiça cobrindo uma extensa lista de infrações.

Ele explicou que decidira tornar pública essa informação após os acontecimentos de Gõteborg naquele dia, já que o pai de Lisbeth Salander, Karl Axel Bodin, havia sido morto a tiros. O primeiro motivo daquela entrevista coletiva é que ele queria desmentir algumas informações já divulgadas pela imprensa, sobre as quais já recebera várias ligações.

— Com base nas informações de que dispomos no momento, posso dizer que a filha de Karl Axel Bodin, que se encontra detida por tentativa de homicídio contra o seu pai, não tem nada a ver com os acontecimentos desta manhã.

— E quem é o assassino? — gritou um jornalista do Dagens Eko.

— Foi identificado o homem que, às 13hl5 de hoje, fez os disparos que mataram Karl Axel Bodin e depois tentou se suicidar. E um aposentado de setenta e oito anos, que fazia algum tempo vinha se tratando de uma doença fatal e dos problemas psíquicos decorrentes dessa doença.

- Existe alguma ligação com Lisbeth Salander?

- Não. Podemos refutar essa hipótese com toda a segurança. Essas duas pessoas nunca se viram e não se conhecem. O homem de setenta e oito anos é uma figura trágica. Ele agiu sozinho, levado por suas próprias fantasias, claramente paranóicas. Não faz muito tempo, a Sapo iniciou uma investigação sobre ele por causa de uma quantidade de cartas confusas que ele escreveu para políticos de destaque e para a imprensa. Ainda hoje de manhã, cartas desse homem chegaram aos jornais e a autoridades, contendo ameaças de morte contra Karl Axel Bodin.

— Por que a polícia não colocou Bodin sob proteção?

— As cartas foram enviadas ontem à noite e, pelo que se sabe, chegaram justamente no instante em que ele cometia o assassinato. Não houve nenhuma margem de ação para nós.

— Qual o nome desse homem?

— Não podemos divulgar o nome dele antes que a família tenha sido informada.

— Sabe-se alguma coisa do passado dele?

— Pelo que entendi até agora, ele era auditor e especialista em assuntos fiscais. Estava aposentado havia quinze anos. As investigações continuam, mas, como mostram as cartas, essa tragédia talvez pudesse ter sido evitada se a sociedade fosse mais vigilante.

— Ele ameaçou outras pessoas?

— Segundo me informaram, ameaçou, mas não tenho mais detalhes.

— O que isso significa para o processo de Lisbeth Salander?

— Por enquanto, nada. Dispomos do depoimento que o próprio Karl Axel Bodin prestou aos policiais que o interrogaram e temos provas técnicas consideráveis contra ela.

— E quanto à informação de que Bodin teria tentado matar a filha?

— Isso está sendo investigado, mas há fortes indícios de que é verdade. Tudo parece indicar que estamos diante de sérios antagonismos de uma família desfeita de modo trágico.

Henry Cortez parecia pensativo. Cocou a orelha. Observou que seus alegas tomavam notas tão febrilmente quanto ele.

Gunnar Bjõrck sentiu o pânico invadi-lo ao escutar a notícia dos tiros no Sahlgrenska. Estava com dores terríveis nas costas.

Primeiro, permaneceu indeciso por mais de uma hora. Depois, pegou o telefone e tentou ligar para seu antigo protetor, Evert

Gullberg, em Laholm. Ninguém atendeu.

Assistiu ao noticiário e ouviu o resumo do que havia sido dito na entrevista coletiva da polícia. Zalachenko morto por um justiceiro.

Caramba. Setenta e oito anos.

Tentou ligar mais uma vez para Evert Gullberg, sem sucesso.

Por fim, o pânico e a angústia prevaleceram. Ele não podia ficar na casa que tinham lhe emprestado em Smâdalarõ, pois ali se sentia cercado e exposto. Precisava de tempo para pensar. Enfiou roupa, analgésicos e objetos de higiene pessoal numa sacola. Preferiu não usar o telefone e foi mancando até uma cabine, em frente à mercearia, a fim de ligar para Landsort e fazer uma reserva no velho farol transformado em pousada. Landsort ficava no fim do mundo, e pouca gente iria procurá-lo lá. Fez uma reserva para duas semanas.

Consultou o relógio. Precisava correr se quisesse pegar a última balsa e voltar para casa tão depressa quanto suas costas doloridas permitiam. Passou pela cozinha para conferir se a cafeteira elétrica estava desligada, e foi até o hall de entrada apanhar a sacola. Deu uma última olhada na sala e se deteve, atônito.

De início, não entendeu o que via.

O lustre fora misteriosamente retirado e colocado sobre a mesa de centro. Em seu lugar, havia uma corda presa no gancho, acima de um banquinho que costumava ficar na cozinha.

Bjõrck olhou para a corda sem entender.

Então escutou um movimento atrás de si e sentiu as pernas fraquejarem.

Virou-se lentamente.

Eram dois homens de cerca de trinta anos. Observou que tinham um tipo mediterrâneo. Não teve tempo de reagir quando o agarraram delicadamente, cada um por um braço, ergueram-no e o

puxaram para trás em direção ao banquinho. Quando ele tentou resistir, a dor transpassou-o como uma facada nas costas. Estava quase paralisado quando sentiu que o colocavam sobre o banco.

Tonas Sandberg estava acompanhado de um homem de cerca de cinqüenta anos, apelidado de Falun, que quando jovem fora assaltante profissional e mais tarde se tornara chaveiro. Hans von Rottinger, da Seção, recrutara Falun em 1986 para uma operação que consistia em arrombar a casa do líder de uma organização anarquista. Depois disso, Falun tinha sido regularmente recrutado até meados dos anos 1990, quando esse tipo de ação perdera o fôlego. Cedo, pela manhã, Fredrik Clinton reativara o relacionamento contatando Falun para uma missão. Falun ia ganhar dez mil coroas livres de impostos para trabalhar cerca de dez minutos. Em troca, comprometera-se a não roubar nada no apartamento visado; a Seção, afinal, não tinha uma atuação criminosa.

Falun não sabia ao certo o que Clinton representava, mas supunha que tinha alguma relação com o Exército. Ele lera Jan Guillou. Não fazia perguntas. Em compensação, estava feliz por voltar à ativa após tantos anos de silêncio por parte do sócio.

Sua função era abrir portas. Era especialista em arrombamentos e utilizava uma picareta elétrica. Contudo, precisou de cinco minutos para forçar as fechaduras do apartamento de Mikael Blomkvist. Depois, Falun esperou no patamar enquanto Jonas Sandberg passava pela porta.

— Entrei — disse Sandberg ao microfone do seu headset.

— Ótimo — disse Fredrik Clinton no seu receptor. — Fique calmo e aja com prudência. Descreva-me o que está vendo.

— Estou no hall de entrada, há um armário e uma prateleira para chapéus à direita e um banheiro à esquerda. O resto do apartamento é uma sala grande, de uns cinqüenta metros quadrados. Tem uma pequena cozinha americana à direita.

— Por acaso tem uma mesa de trabalho ou...

— Tenho a impressão de que ele trabalha na mesa da cozinha, ou então no sofá... espere.

Clinton esperou.

— É. Tem uma pasta na mesa da cozinha com o relatório do Bjõrck. Parece ser o original.

— Ótimo. Há mais alguma coisa interessante em cima da mesa?

— Livros. As memórias de I. G. Vinge. Luta pelo controle da Sapo, de Krik Magnusson. Uns seis livros desse tipo.

— Computador?

— Não.

— Armário com chave?

— Não... não estou vendo.

- Certo. Não tenha pressa. Examine cada metro quadrado do apartamento. O Mártensson está me informando que o Blomkvist continua na vedação. Você está usando luvas?

— É claro.

Marcus Ackerman esperou que Annika Giannini terminasse a ligação para entrar no quarto de Bishelh Salander. Estendeu a mão para Annika e se apresentou. Depois cumprimentou Bishelh e perguntou-lhe como estava se sentindo. Bishelh Salander não disse nada. Ele se virou para Annika (íiannini.

— Eu queria fazer umas perguntas.

— Tudo bem.

— Poderia me contai o que aconteceu?

Annika Giannini contou o que ela linha vivenciado c sua atuação ale o momento em que se trancou com Lisbeth no banheiro.

Ackerman pareceu pensativo. Olhou para Bishelh Salander e depois para a advogada.

— Então a senhora acha que ele vinha para este quarto.

— Eu ouvi, ele tentou abrir a porta.

- Tem certeza? A gente imagina um monte de coisa quando está com medo ou enlouquecido.

— Eu ouvi. Ele me viu. Apontou a arma paia num.

— Acha que ele também estava tentando matar a senhora?

— Não sei. Pus a cabeça para dentro e bloqueei a porta.

— Fez muito bem. E fez melhor ainda quando escondeu sua cliente no banheiro. Essas portas são tão finas que as balas provavelmente teriam atravessado a madeira caso ele atirasse. O que estou tentando entender é se ele quis de fato apontar a arma para a senhora ou se apenas reagiu porque a senhora estava olhando. Estava muito perto dele, no corredor.

— É verdade.

- Tive a impressão de que ele a conhecia, ou reconhecia, quem sabe?

- Na verdade, não.

— Você poderia conhecê-la dos jornais? A senhora foi mencionada em vários casos importantes.

— Pode ser. Não sei.

— E a senhora nunca o tinha visto antes?

— Vi no elevador, quando cheguei aqui.

— Ali, isso eu não sabia. Vocês conversaram?

— Não. Olhei para ele durante talvez meio segundo. Ele estava com um buquê de flores numa mão e uma pasta na outra.

— Vocês fizeram contato visual?

— Não. Ele estava olhando para a frente.

— Ele foi o primeiro a entrar no elevador, ou foi a senhora? Annika refletiu.

— Acho que entramos mais ou menos na mesma hora.

— Ele parecia perturbado ou...

— Não. Distava ali parado segurando as flores.

— O que aconteceu em seguida?

— Saí do elevador. Ele também saiu, e eu fui me encontrar com a minha cliente.

— Veio direto para o quarto?

— Sim... não. Ouça! Primeiro fui até a recepção me identificar. O procurador decretou proibição de visitas para a minha cliente.

— Onde estava o homem nessa hora?

Annika Giaimini hesitou.

— Não tenho certeza. Imagino que tenha vindo atrás de mim. Espere... Ele saiu do elevador primeiro, mas parou e segurou a porta para mim. Eu não posso jurar, mas acho que ele também foi até a recepção. Eu só fui mais rápida que ele.

Um assassino aposentado muito galante, pensou Ackerman.

— É verdade, ele foi ate a recepção — ele confirmou. — Falou com a enfermeira e entregou o buquê de flores para ela. Mas a senhora não viu isso?

— Não, acho que não.

Marcus Ackerman pensou uni pouco, mas não se lembrou de mais nada para perguntar. Uma sensação de frustração o incomodava. Já tivera essa sensação e aprendera a interpretá-la como um alerta de seu instinto.

O assassino fora identificado como Evert Gullberg, setenta e oito anos, ex-auditor, eventual consultor de empresas e especialista em assuntos fiscais. Um homem de idade avançada. Um homem que estava sofrendo um inquérito preliminar aberto recentemente pela Sapo, porque ele era um doido que mandava cartas com ameaças para celebridades.

Sabia, por sua experiência como policial, que existia um bocado de gente doida, gente obcecada que ficava assediando celebridades e ia em busca do amor fixando residência num bosque atrás das mansões delas. E, ao não ser correspondido, esse amor podia rapidamente se transformar num ódio cego. Existiam assediadores que saíam da Alemanha ou da Itália para declarar sua paixão à jovem cantora de um famoso grupo pop, e ficavam injuriados quando ela não permitia uma relação de intimidade. Existiam os justiceiros que ficavam ruminando ofensas reais ou imaginárias e podiam apresentar um comportamento bastante ameaçador. Existiam os psicopatas puros e os doidos obcecados por conspirações, capazes de detectar mensagens ocultas que escapavam ao resto do mundo.

Também não faltavam exemplos de malucos que faziam seus fantasmas entrar em ação. O assassinato de Anna Lindh não seria justamente o impulso de um doente desses? Talvez sim. Talvez não.

Mas o inspetor Marcus Ackerman não gostou nem um pouco que um ex-especialista em assuntos fiscais, ou outra profissão qualquer, psiquicamente perturbado, tivesse conseguido entrar no Hospital Sahlgrenska com um buquê de flores na mão e uma pistola na outra e executado uma pessoa que, naquele momento, era objeto de investigação policial — a sua investigação. Um homem que nos registros oficiais tinha o nome de Karl Axel Bodin, mas que, segundo Mikael Blomkvist, chamava-se Zalachenko e era um maldito agente russo dissidente, além de assassino.

Zalachenko, no melhor dos casos, era uma testemunha, e no pior, estava envolvido numa série de homicídios. Ackerman tivera a oportunidade de interrogar Zalachenko duas vezes e em momento algum acreditara em seus protestos de inocência.

Além disso, o assassino mostrara interesse por Lisbeth Salander ou, pelo menos, por sua advogada. Tinha tentado entrar em seu quarto.

Depois tentara se suicidar com um tiro na cabeça. Segundo os médicos, parecia estar tão mal que a tentativa provavelmente seria bem-sucedida, embora seu corpo ainda não tivesse entendido que chegara a hora de abandonar o jogo. Tudo levava a crer que Evert Gullberg nunca compareceria diante de um juiz.

Marcus Ackerman não estava gostando da situação. Nem um pouco. Mas nada provava que os disparos de Gullberg eram algo além do que pareciam. De qualquer modo, resolveu não descartar nada. Olhou para Annika Giannini.

— Decidi transferir Lisbeth Salander para outro quarto. Ainda tem um vago no pedacinho de corredor à direita da recepção que, do ponto de vista da segurança, é muito melhor que este. Fica visível da recepção e da sala das enfermeiras do dia e da noite. Toda visita está proibida, com exceção da senhora. Ninguém vai entrar no quarto dela sem autorização, a não ser um médico ou enfermeira conhecidos no Sahlgrenska. Vou mandar instalar uma vigilância vinte e quatro horas na frente do quarto.

— Acha que ela está ameaçada?

— Nada indica isso. Mas não quero correr nenhum risco.

Lisbeth Salander escutou atentamente a conversa entre sua advogada e seu adversário policial. Estava impressionada de ouvir Annika Giannini responder com tanta precisão e clareza, e com tantos detalhes. Estava ainda mais impressionada pela atuação lúcida da advogada num momento de estresse.

Afora isso, estava com uma tremenda dor de cabeça desde que Annika a puxara da cama e carregara para o banheiro. Por instinto, queria ter o mínimo possível a ver com a equipe do hospital. Não gostava de pedir ajuda e dar sinais de fragilidade. Mas a dor de

cabeça era tão arrasadora que ela não conseguia concatenar as idéias. Estendeu a mão e apertou a campainha.

Annika Giannini planejara a viagem a Gòteborg como o prólogo de um trabalho de fôlego. Pensara em conhecer Lisbeth Salander, informar-se sobre seu real estado de saúde e traçar um primeiro esboço da estratégia que ela e Mikael Blomkvist tinham combinado com vistas ao processo. De início, imaginara voltar para Estocolmo naquela noite, mas os extraordinários acontecimentos do Sahlgrenska impediram que conversasse com Lisbeth Salander. O estado de sua cliente era bem pior do que ela tinha entendido quando os médicos o classificaram como estável. Lisbeth continuava atormentada por uma dor de cabeça terrível e estava com muita febre, motivo pelo qual uma médica chamada Helena Endrin prescrevia-lhe analgésicos fortes, antibióticos e repouso. Tão logo sua cliente foi transferida para o novo quarto e um policial foi designado para a sua vigilância, Annika foi expulsa de lá.

Ela resmungou e consultou o relógio, que indicava quatro e meia da tarde. Hesitou. Se fosse para Estocolmo, provavelmente teria de voltar a Gõteborg no dia seguinte. Podia passar a noite ali, mas também se arriscar a que no dia seguinte sua cliente não estivesse em condições de suportar uma visita. Não tinha reservado um quarto num hotel; afinal, ela era apenas uma advogada com orçamento reduzido que representava mulheres expostas à violência e sem recursos, portanto procurava não inchar suas despesas com faturas caras de hotel. Ligou primeiro para casa, depois para sua colega Lillian Josefsson, membro da Rede de Mulheres e uma velha amiga da universidade. Fazia dois anos que não se viam e conversaram um pouco antes de Annika contar por que estava ligando.

— Estou em Gótehorg — disse. — Eu tinha planejado voltar no final da tarde, mas aconteceram umas coisas e vou ser obrigada a passar a noite aqui. Achei que talvez você pudesse me convidar para ficar um pouco na sua casa.

— Ótimo. Adoro parasitas. Faz uma eternidade que a gente não se vê.

— Não vou incomodar?

— Não, claro que não. Eu me mudei. Estou morando perto da Linnegatan. Tenho um quarto de hóspedes. A gente podia dar uma volta pelos bares à noite.

— Se eu tiver energia. A que horas posso ir para aí? Combinaram que Annika apareceria por volta das seis da tarde. Annika pegou o ônibus para a Linnegatan e passou a hora seguinte num restaurante grego. Estava faminta, pediu um espetinho com salada. Refletiu demoradamente sobre os acontecimentos do dia. Estava meio trêmula, agora que o pico de adrenalina tinha baixado, mas contente consigo mesma. Agira sem hesitação diante do perigo, com calma e eficiência. Era bom ter essa segurança sobre suas próprias capacidades.

Por fim, pegou sua agenda Filofax dentro da pasta e deu uma folheada na parte das anotações. Leu concentradamente. O que seu irmão lhe explicara a deixava perplexa. Na hora, tinha parecido lógico, mas na verdade havia belas lacunas naquele plano. Contudo, ela não tinha intenção de recuar.

Às seis horas, pagou, foi a pé para o prédio de Lillian Josefsson, na Olivedalsgatan, e teclou o código de acesso que sua amiga lhe fornecera. Quando entrou no hall e começou a procurar o elevador com os olhos, o ataque caiu sobre ela feito um raio. Sem nenhum tipo de aviso, foi brutal e violentamente jogada contra a parede de tijolos do hall. Bateu a testa e sentiu uma dor lancinante.

No instante seguinte, ouviu passos que se afastavam rapidamente, e a porta se abrindo e fechando. Levantou-se, apalpou a testa e viu sangue em sua mão. Caramba! Confusa, olhou em volta e foi para a rua. Avistou as costas de um homem dobrando a esquina da Sveaplan. Ficou atordoada, sem se mover, durante um longo minuto.

Então percebeu que sua pasta não estava mais ali, que acabava de ser roubada. Demorou alguns segundos para que as conseqüências disso chegassem até seu cérebro. Não! O dossiê Zalachenko. Sentiu o choque se espalhando a partir do estômago e deu alguns passos hesitantes atrás do homem que fugia. Não ia adiantar. Ele já havia sumido.

Sentou-se devagar na beira da calçada.

Então, de um salto, se pôs de pé e vasculhou o bolso do casaco. A agenda. Graças a Deus. Ao sair do restaurante ela a tinha guardado no bolso em vez de na pasta. Continha, item por item, a primeira versão da sua estratégia no caso Lisbeth Salander.

Correu para a porta, teclou novamente o código, entrou e subiu a escada até o terceiro andar, onde se pôs a martelar na porta de Lillian Josefsson.

Já eram mais de seis e meia quando Annika, recuperada de suas emoções, conseguiu ligar para Mikael Blomkvist. Estava com um olho roxo e um corte aberto no supercílio, que Lillian Josefsson tinha limpado com álcool antes de aplicar um curativo. Não, Annika não queria ir para o hospital. Sim, aceitava uma xícara de chá. Só então começou a pensar racionalmente. Sua Primeira medida foi chamar seu irmão.

Mikael Blomkvist ainda estava na redação da Millennium, buscando informações sobre o assassino de Zalachenko junto com Henry Cortez e Malu Eriksson. Escutou o relato de Annika com um espanto crescente.

— Você está bem? — perguntou.

— Olho roxo. Vou estar em condições de agir depois que eu me acalmar.

— Puta merda, roubo seguido de violência?

— Levaram a minha pasta com o dossiê Zalachenko que você tinha me dado. Sumiu.

— Não faz mal, posso fazer uma cópia.

Ele se interrompeu, sentindo os cabelos se arrepiarem de repente na cabeça. Primeiro Zalachenko. Agora Annika.

— Annika... eu já te ligo.

Fechou o iBook, enfiou-o na sacola e saiu depressa da redação, sem uma palavra. Correu até em casa, na Bellmansgatan, e subiu os degraus da escada de quatro em quatro.

A porta estava trancada.

Assim que entrou no apartamento, percebeu que a pasta azul que tinha deixado na mesa da cozinha havia desaparecido. Nem se deu ao trabalho de procurá-la. Sabia exatamente onde havia deixado a pasta quando saíra do apartamento. Deixou-se cair devagar numa cadeira diante da mesa enquanto os pensamentos borbulhavam em sua cabeça.

Alguém tinha entrado no apartamento. Alguém estava tentando apagar o rastro de Zalachenko.

A sua cópia e a de Annika haviam sumido.

Bublanski ainda tinha o relatório.

Ou?

Mikael se levantou e foi até o telefone, mas parou, com o fone na mão. Alguém tinha entrado no apartamento. De repente, olhou desconfiado para o telefone e apalpou o bolso do casaco em busca do celular.

Serd que é possível pôr um celular sob escuta?

Devagar, deixou o celular ao lado do aparelho fixo e olhou em volta.

Estou lidando com profissionais. Será possível colocar um apartamento inteiro sob escuta?

Voltou a se sentar à mesa da cozinha.

Fitou a sacola do computador.

Será que é fácil interceptar e-mails? A Lisbeth sabe bem disso, ela consegue em cinco minutos.

Ficou um bom tempo refletindo antes de voltar ao telefone e ligar para a sua irmã em Gõteborg. Escolheu as palavras com cuidado.

— Oi... tudo bem?

— Estou bem, Mike.

— Me conte o que aconteceu desde que você saiu do Sahlgrenska até ser agredida.

Ela levou dez minutos para fazer um balanço do seu dia. Mikael não comentou nada sobre o impacto do que ela estava relatando, mas foi encaixando algumas perguntas até se sentir satisfeito. Passava a impressão de um irmão preocupado, mas ao mesmo tempo seu cérebro atuava em outro nível, estabelecendo pontos de referência.

Às quatro e meia da tarde, ela tinha resolvido ficar em Gõteborg e ligara do celular para a sua amiga, que lhe fornecera o endereço e o código da entrada do prédio dela. O ladrão estava esperando por ela no hall às seis em ponto.

O celular de sua irmã estava grampeado. Era a única explicação.

O que significava que o seu também estava.

Senão, não teria sentido.

— Mas eles pegaram o dossiê Zalachenko — repetiu Annika.

Mikael hesitou um instante. Quem tinha roubado o dossiê já sabia que Mikael tinha sido roubado. Era natural que contasse a Annika por telefone.

— O meu também — disse ele.

— O quê?

Ele explicou que viera correndo para casa e que a pasta azul sobre a mesa da cozinha havia desaparecido.

— Certo — disse Mikael com voz surda. — E um desastre. O dossiê Zalachenko evaporou. Era o ponto forte da nossa argumentação.

— Mike... eu sinto muito.

— Eu também — disse Mikael. — Droga! Mas não é culpa sua. Eu deveria ter divulgado o relatório no dia em que o encontrei.

— E agora, o que a gente faz?

— Não sei. É a pior coisa que podia acontecer. Nosso plano todo foi para o espaço. Não temos nem sombra de prova contra o Bjõrck e o Teleborian.

Conversaram mais uns dois minutos, então Mikael encerrou a conversa.

— Queria que você voltasse para Estocolmo amanhã — disse ele.

— Lamento. Preciso ver a Salander.

— Faça isso de manhã. Volte à tarde. Temos que nos encontrar para pensar no que fazer.

Encerrada a conversa, Mikael permaneceu imóvel no sofá, fitando um ponto à sua frente. Então um sorriso se espalhou por seu rosto. Quem tinha escutado a conversa agora sabia que a Millennium tinha perdido o relatório Bjõrck de 1991, assim como a correspondência entre Bjõrck e Teleborian, o médico de doidos. Sabia que Mikael e Annika estavam desesperados.

A desinformação é a base de toda espionagem, pelo menos isso Mikael aprendera ao estudar a história da Sapo na noite anterior. E ele acabava de plantar uma desinformação que, a longo prazo, podia se revelar inestimável.

Abriu a sacola do computador e tirou a cópia que fizera para Dragan Armanskij, mas que ainda não tivera tido tempo de lhe passar. Era o único exemplar remanescente. Não pretendia perdê-lo. Pelo contrário, pretendia fazer de imediato cinco cópias, no mínimo, e distribuí-las em locais apropriados.

Então deu uma olhada no relógio e ligou para a redação da Millennium. Malu Eriksson ainda estava lá, mas já de saída.

— Por que você saiu correndo daquele jeito?

— Você poderia esperar um pouco para ir embora? Vou voltar para a redação e preciso ver uma coisa com você antes de você sair.

Havia semanas que não punha a roupa para lavar. Não tinha tido tempo. Todas as suas camisas estavam no cesto de roupa suja. Pegou o barbeador e Luta pelo controle da Sapo, junto com o único exemplar remanescente do relatório de Bjõrck. Foi caminhando até a Dressman, comprou quatro camisas, duas calças e dez cuecas, e levou as compras para a redação. Malu Eriksson esperou enquanto ele tomava um banho rápido. Perguntou o que ele estava tramando.

— Alguém arrombou o meu apartamento e roubou o relatório Zalachenko. Alguém agrediu a Annika em Gõteborg e roubou a cópia dela. Tive a confirmação de que o telefone dela está grampeado, o que significa que o meu, e talvez o seu, e talvez todos os telefones da Millennium estejam sob escuta. E imagino que se alguém se deu ao trabalho de entrar na minha casa, seria burrice não ter aproveitado para pôr o apartamento inteiro sob escuta.

— Ah — disse Malu Eriksson com voz apagada. Ela olhou para o seu celular que estava em cima da mesa, à sua frente.

— Continue trabalhando normalmente. Use o celular, mas não passe nenhuma informação. Amanhã a gente avisa o Henry Cortez.

— Está bem. Ele saiu faz uma hora. Deixou uma pilha de investigações do Estado em cima da sua mesa. Mas o que você está fazendo aqui...?

— Pretendo dormir na Millennium esta noite. Se eles hoje mataram o Zalachenko, roubaram os relatórios e colocaram o meu apartamento sob vigilância, tudo leva a crer que estão só começando, e ainda não tiveram tempo de cuidar da Millennium. Teve gente aqui o dia inteiro. Não quero que a redação fique deserta durante a noite.

— Você acha que o assassinato do Zalachenko... Mas o assassino era um velho perturbado de setenta e oito anos.

— Não acredito nesse tipo de acaso nem por um segundo. Alguém está apagando o rastro do Zalachenko. Não estou nem aí para quem é esse velho e para quantas cartas piradas ele mandou para os ministros. Ele era uma espécie de matador de aluguel. Foi até lá com a intenção de matar o Zalachenko... e talvez a Lisbeth Salander.

— Mas ele se matou depois, ou pelo menos tentou. Um matador de aluguel faria isso?

Mikael refletiu um instante. Seu olhar cruzou com o da redatora-chefe.

— Sim, se tiver setenta e oito anos e, talvez, nada a perder. Ele está envolvido nisso tudo e, depois de cavarmos bastante, nós vamos conseguir provar.

Malu Eriksson observou com atenção o semblante de Mikael. Nunca o tinha visto tão friamente seguro e decidido. De repente, sentiu um arrepio. Mikael notou a reação dela.

— Outra coisa. Nós agora não estamos jogando contra um bando de criminosos, mas contra uma autoridade de Estado. A coisa vai esquentar.

Malu concordou com a cabeça.

— Nunca pensei que isso fosse tão longe. Malu, se você quiser tirar o time de campo, é só dizer.

Ela hesitou um instante. Perguntou-se o que Erika Berger teria respondido. Então, desafiadoramente, disse não com a cabeça.

II. HACKER REPUBLIC 1º. A 22 DE MAIO

Uma lei irlandesa do ano 697 proíbe as mulheres de serem soldados — o que significa que, antes disso, as mulheres de fato foram soldados. Como exemplo de povos que, em diferentes momentos da história, tiveram mulheres soldados, podemos mencionar, entre outros, os árabes, os berberes, os curdos, os rajput, os chineses, os filipinos, os maoris, os papuas, os aborígenes australianos, os micronésios e os índios americanos.

São abundantes as lendas de temíveis guerreiras na Grécia antiga. Essas histórias falam de mulheres treinadas desde a infância na arte da guerra, no manejo das armas e nas privações físicas. Viviam separadas dos homens e iam para a guerra com seus próprios regimentos. São abundantes nessas histórias trechos indicando que elas venciam os homens nos campos de batalha. Na literatura grega, as amazonas são mencionadas, por exemplo, na Ilíada de Homero, narrativa que data de cerca de sete séculos antes de Cristo.

E também aos gregos que devemos o termo "amazonas". A palavra significa, literalmente, "sem peito". A explicação que costuma ser difundida é que elas praticavam a ablação do seio direito para melhor estenderem o arco. Embora dois dos mais importantes médicos gregos da história, Hipócrates e Galiano, concordem que tal operação de fato aumentava a capacidade de manejo das armas, não se sabe ao certo se ela era mesmo praticada. Oculta-se aí um ponto de interrogação lingüístico — não é certo que o prefixo "a" de "amazona" signifique de fato "sem", e foi sugerido que significaria justamente o contrário — de que a amazona era uma mulher com seios particularmente volumosos. Não existe nenhum exemplo, em museu algum, de uma imagem, um amuleto ou uma estátua representando uma mulher desprovida do seio direito, e, fosse a lenda verídica, esse deveria ter sido um tema freqüente.

8. DOMINGO 15 DE MAIO – SEGUNDA-FEIRA 2 DE MAIO

Erika Berger inspirou fundo antes de abrir a porta do elevador e entrar na redação do Svenska Morgon-Posten. Eram 10h 15. Estava discretamente vestida com uma calça preta, um pulôver vermelho e um casaco escuro. O tempo, naquele primeiro dia de maio, estava magnífico, e ao atravessar a cidade ela observara que o movimento operário estava reunindo suas tropas. Constatara que, no que lhe dizia respeito, não participava de um desfile de 1º. de Maio havia mais de vinte anos.

Por um rápido instante, deixou-se ficar sozinha e invisível em frente ao elevador. Era o primeiro dia em seu novo local de trabalho. De onde estava, enxergava boa parte da redação central, com a editoria de Atualidades no meio. Ergueu um pouco o olhar e viu as portas envidraçadas da sala do redator--chefe que, pelo próximo ano, seria sua.

Não estava totalmente convencida de que era a pessoa certa para dirigir a monstruosa organização que o Svenska Morgon-Posten constituía. Era um passo gigantesco entre a pequena Millennium, com seus cinco funcionários, e um jornal diário que empregava oitenta jornalistas e outros noventa profissionais, incluindo administração, pessoal técnico, designers gráficos, fotógrafos, área comercial, distribuição e tudo mais relacionado à produção de um jornal. Somava-se a isso uma editora, uma empresa de produção e uma empresa de gerenciamento. Ao todo, mais de duzentas e trinta pessoas.

Por um breve instante, perguntou-se se não tinha cometido um erro monumental.

Então a recepcionista mais velha percebeu quem acabava de chegar à redação e saiu de trás de seu balcão, aproximando-se com a mão estendida.

— Senhora Berger. Seja bem-vinda ao SMP.

— Obrigada. Bom dia.

— Meu nome é Beatrice Sahlberg. Seja bem-vinda entre nós. Vou levá-la ao redator-chefe, o senhor Morander... enfim, quero dizer, ao redator-chefe que vai deixar o cargo.

— Obrigada, mas vejo que ele está ali no aquário — disse Erika, sorrindo. — Acho que posso achar o caminho. De qualquer modo, obrigada.

Atravessou a redação num passo rápido e observou que o burburinho diminuía um pouco. Sentiu de repente todos os olharem se voltarem para ela. Deteve-se diante da editoria de Atualidades semi-vazia e meneou cordialmente a cabeça.

— Vamos ter tempo de nos apresentarmos daqui a pouco — disse e, prosseguindo, foi bater na porta envidraçada.

Com cinqüenta e nove anos, Hâkan Morander, redator-chefe demissionário, passara doze anos no aquário em frente à redação do SMP. Como Erika, ele viera de outro veículo e fora cuidadosamente escolhido — também fizera, portanto, o trajeto que ela acabava de percorrer para ir ter com ele. Olhou-a perturbado, deu uma olhada no relógio e se levantou.

— Bom dia, Erika — cumprimentou. — Achei que você só começaria na segunda-feira.

— Não agüentei ficar mais um dia em casa, portanto aqui estou. Morander estendeu a mão.

— Bem-vinda. Estou feliz por você assumir o meu lugar.

— E a sua saúde, como vai? — perguntou Erika.

Ele deu de ombros. Beatrice, a recepcionista, entrou trazendo café e leite.

— Tenho a impressão de já estar funcionando em meia fase. Na verdade, prefiro não falar sobre isso. A gente passa a vida se sentindo um adolescente imortal e, de repente, só tem pouquíssimo

tempo pela frente. E uma coisa é certa: não pretendo desperdiçar esse pouco tempo aqui dentro deste aquário.

Inconscientemente, ele esfregou o peito. Seus problemas cardiovasculares eram o motivo de sua súbita demissão e de Erika ter de começar vários meses antes da data combinada a princípio.

Erika se virou e contemplou a paisagem das mesas da redação. Estavam semi-ocupadas naquele feriado. Um jornalista e um fotógrafo dirigiam-se ao elevador, decerto para irem cobrir o desfile de 1º. de Maio, ela pensou.

— Se eu estiver atrapalhando, ou se você estiver ocupado, é só dizer que eu vou embora.

— Hoje o meu trabalho é escrever um editorial de quatro mil e quinhentos caracteres sobre os desfiles do 1- de Maio. Já escrevi tantos que posso fazer isso até dormindo. Se os sociais-democratas querem declarar guerra à Dinamarca, tenho de explicar no que eles estão errados. Se os sociais-democratas querem evitar a guerra com a Dinamarca, tenho de explicar no que eles estão errados.

— Dinamarca? — perguntou Erika.

— Pois é, parte da mensagem do 1- de Maio fala do conflito da questão da integração. E, seja lá o que digam, os sociais-democratas estão sempre errados.

Ele caiu na risada.

— Você me parece bem cínico — disse Erika.

— Bem-vinda ao Svenska Morgon-Postenl

Erika nunca tivera nenhuma opinião especial sobre Hâkan Morander. Ele detinha um poder anônimo em meio à elite dos diretores de redação. Quando lia seus editoriais, ela o achava tedioso, conservador e um especialista em lamentações contra os impostos, um típico liberal militando pela liberdade de expressão, mas nunca tivera a oportunidade de encontrá-lo pessoalmente ou de ter contato com ele.

— Me fale sobre o trabalho — disse ela.

— Eu saio no final de junho. Vamos trabalhar dois meses juntos, por isso me permiti tratá-la logo com informalidade, é uma regra da casa. Você vai descobrir coisas positivas e negativas a meu respeito. Sou um cínico, você tem razão, de modo que meu olhar se volta, principalmente, acho, para as coisas negativas.

Ele se levantou e ficou ao lado dela, diante do vidro.

— Você vai perceber que fora deste aquário você tem um certo número de adversários — redatores-chefes diurnos e alguns veteranos, entre os redatores, que criaram seus próprios imperiozinhos ou clubes particulares dos quais você não vai poder participar. Vão tentar forçar os limites, impor suas manchetes e visões pessoais; cabe a você ser rigorosa para conseguir resistir.

Erika meneou a cabeça.

— Os redatores-chefes da noite, Billinger e Karlsson... são um capítulo à parte. Eles se odeiam e, por sorte, não formam uma equipe, mas se comportam como se fossem responsáveis pela publicação e redatores-chefes. Na editoria de Atualidades, você tem o Lukas Holm, com quem, necessariamente, vai ter muito contato. Tenho certeza de que vocês vão se atritar mais de uma vez. Na verdade, ele é quem produz diariamente o SMP. Temos aqui jornalistas que são legítimas prima-donas e outros que na verdade deveriam estar aposentados.

— Há algum colaborador decente no meio disso tudo? Morander caiu na risada.

— Sim. Mas cabe a você descobrir com quem vai se entender. Temos alguns jornalistas que são mesmo muito bons.

— E quanto à direção?

— O Magnus Borgsjõ é o presidente do conselho administrativo. Foi ele quem a contratou. É cheio de charme, metade velha escola, metade renovador, mas, antes de mais nada, é quem decide. Junte a isso alguns membros do conselho, vários

deles oriundos da família proprietária do jornal que mais parecem figurantes, e outros que agitam como profissionais de conselhos administrativos.

— Você não parece muito satisfeito com o conselho administrativo.

— Cada um na sua. Você produz o jornal. Eles cuidam das finanças. Para todos os efeitos, eles não se metem no conteúdo do jornal, mas sempre surgem umas situações problemáticas. Para ser bem sincero, Erika, você vai passar alguns apuros.

— Por quê?

— A tiragem baixou praticamente cento e cinqüenta mil exemplares desde a belle époque dos anos 1960, e o SMP está a ponto de começar a operar no vermelho. Já racionalizamos e eliminamos mais de cento e oitenta cargos de 1980 para cá. Passamos para o formato tablóide — o que já devíamos ter feito há vinte anos. O SMP ainda está entre os grandes jornais, mas falta pouco para cairmos para a segunda divisão. Se é que já não caímos. __Mas, então, por que me escolheram? — perguntou Erika.

— Porque a idade média dos leitores do SMP é de cinqüenta anos ou mais, e os leitores na faixa dos vinte anos são praticamente zero. O SMP precisa se renovar. E o raciocínio da direção foi chamar o redator-chefe mais improvável que se pudesse imaginar.

— Uma mulher?

— Não qualquer mulher. A mulher que derrubou o império Wennerstrõm e é aclamada como a rainha do jornalismo investigativo, com fama de ser dura na queda. Ponha-se no lugar deles. É irresistível. Se você não conseguir renovar o jornal, ninguém mais conseguirá. O SMP não está, portanto, contratando apenas Erika Berger, mas, principalmente, a reputação de Erika Berger.

Mikael Blomkvist saiu do Café Copacabana, ao lado do cinema Kvartersbion em Hornstull, pouco depois das duas da tarde. Pôs os

óculos escuros e estava chegando ao Passeio de Bergsund, a caminho da estação de metrô, quando avistou o Volvo cinza estacionado na esquina. Continuou andando sem alterar o passo e constatou que a placa era a mesma e que não havia ninguém no carro.

Era a sétima vez em quatro dias que ele reparava naquele carro! Não sabia dizer desde quando ele vinha gravitando à sua volta, a verdade é que o notara por mero acaso. Na primeira vez que viu o carro, ele estava a caminho da redação da Millennium. Era quarta-feira de manhã e o veículo estava estacionado perto do seu prédio, na Bellmansgatan. Seu olhar havia batido na placa, que começava com as letras KAB, O que lhe chamara a atenção já que aquele era o nome da empresa inativa de Alexander Zalachenko, a Karl Axel Bodin S.A. Provavelmente ele não teria mais pensado no assunto se não tivesse visto o mesmo carro, com a mesma placa, horas depois, enquanto almoçava com Henry Cortez e Malou Eriksson na Medborgarplats. Dessa vez, o Volvo estava estacionado numa rua transversal à da redação da Millennium.

Perguntou-se vagamente se estava ficando paranóico, mas passado algum tempo, naquela mesma tarde, quando foi visitar Holger Palmgren no centro de reabilitação de Ersta, lá estava o Volvo cinza no estacionamento dos visitantes. Não podia ser apenas coincidência. Mikael Blomkvist começou a vigiar os arredores. Não se surpreendeu quando, na manhã seguinte, tornou a ver o carro.

Em nenhum momento chegara a ver o motorista. Mas uma ligação para o departamento de trânsito revelou que o veículo pertencia a um certo Gõran Mârtensson, de quarenta anos, residente na Vittangigatan, em Vállingby. Uma rápida pesquisa revelou que Gõran Mârtensson era consultor de empresas, tinha seu próprio negócio, com uma caixa postal por endereço, na Fleminggatan sobre Kungsholmen. Por volta dos dezoito anos, em 1983, prestara o serviço militar numa unidade especial da defesa costeira, ingressando em seguida na Defesa. Fora promovido a tenente antes de se demitir, em 1989, com o intuito de mudar de rumo, e entrara para a Escola de Polícia em Solna. De 1991 a 1996,

trabalhara na polícia de Estocolmo. Em 1997, desaparecera e, em 1999, abrira sua empresa.

Conclusão: Sapo.

Mikael mordeu o lábio inferior. Um jornalista investigativo sério podia ficar paranóico por muito menos. Mikael concluiu que estava sob discreta vigilância, e realizada com tal inabilidade que ele tinha percebido.

Mas será que era mesmo inábil? Só tinha notado o carro por causa da placa, que por acaso tinha um significado para ele. Se não fosse pelo KAB, não teria sequer reparado.

Na sexta-feira, KAB se fez notar por sua ausência. Mikael não tinha certeza absoluta, mas achava que talvez nesse dia tivesse tido a companhia de um Audi vermelho, cuja placa não conseguiu identificar. No sábado, o Volvo estava de volta.

Exatamente vinte segundos depois que Mikael Blomkvist saiu do Café Copacabana, Christer Malm ergueu sua Nikon digital e tirou, do seu lugar à sombra da varanda do Café Rossos, uma seqüência de doze fotos do outro lado da rua. Fotografou dois homens que saíam do café logo atrás de Mikael e o seguiam em frente à Kvartersbion.

Um deles era de uma meia-idade difícil de definir, mais para jovem do que para velho, cabelos loiros. O outro parecia ser mais velho, tinha cabelos finos de um loiro ardente e usava óculos escuros. Ambos vestiam jeans e jaquetas de couro escuras.

Separaram-se ao chegar ao Volvo cinza. O mais velho abriu a porta, enquanto o mais jovem seguiu Mikael Blomkvist a pé na direção do metrô.

Christer Malm largou a máquina fotográfica e deu um suspiro. Não sabia por que Mikael o chamara a um canto e insistira que ele desse uma volta pelo bairro do Copacabana no domingo à tarde e procurasse um Volvo cinza com determinada placa. Ele teria que se posicionar de modo a conseguir fotografar a pessoa que, segundo

Mikael, muito provavelmente iria abrir a porta do carro pouco depois das três horas. Ao mesmo tempo, tinha que ficar de olhos bem abertos para tentar descobrir se alguém seguia Mikael Blomkvist.

Aquilo estava com todo o jeito de um novo episódio das aventuras do Super-Blomkvist. Christer Malm sempre ficava na dúvida se Mikael Blomkvist era um paranóico por natureza ou se tinha talentos extrassensoriais. Desde os acontecimentos de Gosseberga, Mikael andava extremamente fechado e avesso à comunicação. Isso não tinha nada de estranho, claro, já que ele estava trabalhando numa matéria complexa — Christer já observara a mesma obsessão e os mesmos segredinhos durante o caso Wennerstrôm, mas dessa vez era ainda mais evidente.

Em compensação, não foi difícil para Christer constatar que Mikael Blomkvist estava de fato sendo seguido. Perguntou-se que encrenca estaria vindo pela frente e que provavelmente exigiria tempo, energia e os recursos da Millennium. Christer Malm achava que Mikael tinha escolhido uma péssima hora para dar uma de Super-Blomkvist, com a diretora da revista desertando para o Grande Dragão e com a estabilidade duramente conquistada da Millennium ameaçada.

Por outro lado, não pretendia ir ao desfile — fazia pelo menos dez anos que não participava de uma manifestação pública, com exceção da Gay Pride — e não tinha nada melhor para fazer, naquele domingo 1- de maio, do que quebrar um galho para o Mikael. Levantou-se e acompanhou com passos indolentes o homem que seguia Mikael Blomkvist. Isso não fazia parte das instruções que recebera. Porém, perdeu o homem de vista assim que entraram na Lângholmsgatan.

Ao perceber que seu telefone, muito provavelmente, estava sob escuta, uma das primeiras medidas de Mikael Blomkvist foi mandar Henry Cortez comprar alguns celulares em promoção. Cortez conseguira numa ponta de estoque um Ericsson TIO a preço de banana. Mikael comprou cartões Conviq, ficou com um telefone para si mesmo e distribuiu os outros para Malu Eriksson, Henry Cortez,

Annika Giannini, Christer Malm e Dragan Armanskij. Seriam usados exclusivamente para conversas confidenciais. As ligações comuns seriam feitas dos números habituais. O resultado é que todos eles tinham que carregar dois celulares.

Mikael foi do Copacabana para a Millennium, onde Henry Cortez estava assumindo o plantão do fim de semana. Depois do assassinato de Zalachenko, Mikael estabelecera um rodízio, para que sempre houvesse alguém na redação da Millennium, inclusive para dormir. O rodízio incluía ele próprio, Henry Cortez, Malu Eriksson e Christer Malm. Ficaram de fora Lottie Karim, Monika Nilsson e Sonny Magnusson, o responsável pela publicidade. Nem sequer tinham sido convocados. Lottie Karim não escondia que tinha medo do escuro e jamais teria aceitado dormir na redação. Monika Nilsson não tinha esse tipo de problema, mas trabalhava feito louca em seus artigos e era dessas pessoas que voltam para casa no fim da jornada de trabalho. E Sonny Magnusson tinha sessenta e um anos, não estava envolvido no trabalho da redação e em breve iria tirar férias.

— Alguma novidade? — perguntou Mikael.

— Nada de especial — disse Henry Cortez. — As notícias de hoje estão obviamente ligadas ao 1- de Maio.

Mikael assentiu com a cabeça.

— Vou ficar aqui por uma ou duas horas. Tire o dia de folga e volte só à noite, lá pelas nove.

Assim que Henry Cortez saiu, Mikael pegou o celular novo em sua mesa. Ligou para Daniel Olofsson, um jornalista freelancer de Gõteborg. A Millennium publicara vários textos de Olofsson ao longo dos anos e Mikael tinha a maior confiança na sua capacidade jornalística de colher material de base.

— Olá, Daniel. É o Mikael Blomkvist. Você está disponível?

— Estou.

— Tenho um trabalho de pesquisa para você. Você vai poder faturar cinco dias e não vai precisar escrever nenhum texto. Sendo mais claro: se você quiser escrever alguma coisa, a gente topa publicar, mas o que nos interessa, acima de tudo, é a pesquisa.

— Sou todo ouvidos.

— E um pouco delicado. Você só vai poder falar sobre o assunto comigo e utilizar apenas o hotmail para se comunicar comigo. Não quero que comente com ninguém que está fazendo uma pesquisa para a Millennium.

— Trabalhinho simpático. O que você está procurando?

— Queria que você fosse ao Hospital Sahlgrenska fazer uma reportagem sobre determinado setor de trabalho. A reportagem vai se chamar "Plantão Médico", e para todos os efeitos vai mostrar as diferenças entre a realidade e o seriado da tevê. Queria que você acompanhasse por alguns dias o trabalho do pronto-socorro e da UTI. Que conversasse com os médicos, as enfermeiras, o pessoal da limpeza, todos que trabalham lá. Quais as condições de trabalho, as tarefas, esse tipo de coisa. Com fotos, evidentemente.

— UTI? — disse Olofsson.

— Isso mesmo. Queria que você se concentrasse nos cuidados dispensados aos pacientes do setor 11C, que apresentam ferimentos graves. Quero um mapa do setor, que pessoas trabalham ali, de que tipo elas são e qual o passado delas.

— Humm — disse Daniel Olofsson. — Ou muito me engano, ou uma tal de Lisbeth Salander está internada no 11C.

Ele não tinha nascido ontem.

— Ah é? — disse Mikael Blomkvist. — Interessante. Descubra em que quarto ela está, o que há nos quartos vizinhos e qual a rotina de atendimento.

— Imagino que essa reportagem vá tratar de algo bem diferente — disse Daniel Olofsson.

— Como eu dizia... Só estou interessado na pesquisa que você vai fazer. Trocaram seus endereços hotmail.

Lisbeth Salander estava deitada de costas no chão de seu quarto no Sahlgrenska, quando a enfermeira Marianne abriu a porta.

— Humm — disse Marianne, expressando suas reservas sobre a pertinência de se ficar deitada no chão numa unidade de terapia intensiva. Mas reconheceu que era o único lugar possível para fazer um pouco de exercício.

Lisbeth Salander estava molhada de suor depois de passar trinta minutos tentando fazer flexões de braços, alongamentos e abdominais, de acordo com as recomendações de seu fisioterapeuta. Havia uma seqüência de movimentos que ela precisava executar todos os dias para reforçar a musculatura das escapulas e do quadril após a cirurgia de três semanas antes. Respirou pesadamente e sentiu que tinha perdido muito de sua forma. Cansava-se rápido e seu ombro repuxava e latejava ao menor esforço. Mas sem dúvida nenhuma estava se recuperando. A dor de cabeça que a atormentara nos primeiros dias após a cirurgia se abrandara e só se manifestava de vez em quando.

Ela se sentia restabelecida o suficiente para deixar o hospital sem hesitação ou, pelo menos, para dar uma rápida saída, se fosse possível, o que ainda não era o caso. De um lado, os médicos não a tinham declarado restabelecida e, por outro, a porta de seu quarto continuava fechada a chave e vigiada por um maldito tira da Securitas que ficava plantado numa cadeira, no corredor.

Em compensação, estava em condição de ser transportada para um setor de reabilitação comum. Porém, depois de discutirem por longo tempo o assunto, a polícia e a direção do hospital haviam concluído que era melhor ela ficar no quarto 18 até segunda ordem. O motivo alegado era que o quarto podia ser facilmente vigiado, pois sempre havia alguém da equipe por perto, e que o quarto ficava num corredor em L. Era mais simples, portanto, mantê-la no setor 11C, onde a equipe de lá, após o assassinato de Zalachenko, já havia assimilado as regras de segurança e já estava à par dos

problemas que a cercavam, do que transferi-la para um novo setor com tudo o que isso implicaria em termos de mudança na rotina.

De qualquer modo, sua permanência no Sahlgrenska era, quando muito, questão de semanas. Assim que os médicos assinassem a alta, seria transferida para a casa de detenção de Kronoberg, em Estocolmo, onde aguardaria o julgamento. E a decisão caberia ao dr. Anders Jonasson.

Tinham se passado dez dias do tiroteio em Gosseberga, quando o Dr. Jonasson autorizou a polícia a realizar o primeiro interrogatório de fato, o que aos olhos de Annika Giannini era magnífico.

Depois do caos decorrente do assassinato de Zalachenko, ele fizera uma avaliação do estado de Lisbeth Salander. A conclusão foi que ela havia, obviamente, sido exposta a um elevado nível de estresse, considerando-se que ficara sob a suspeita de haver cometido um triplo assassinato. Anders Jonasson nada sabia sobre sua eventual culpa ou inocência e, como médico, a resposta não o interessava nem um pouco. Limitou-se a afirmar que Lisbeth Salander tinha sido exposta a um estresse. Levara três tiros, um dos quais atingira seu cérebro e por pouco não a matara. Estava com uma febre persistente e uma forte dor de cabeça.

Ele optara pela cautela. Suspeita de assassinato ou não, ela era sua paciente e o trabalho dele era cuidar para que se recuperasse o quanto antes. Em virtude disso, decretou uma proibição de visitas que nada tinha a ver com a proibição da procuradora, cujo embasamento era jurídico. Prescreveu um tratamento médico e repouso absoluto.

Visto que Anders Jonasson acreditava que o isolamento era uma forma desumana de punir pessoas, francamente equiparável à tortura, e que ninguém poderia ficar bem estando afastado dos amigos, decidiu que a advogada de Lisbeth Salander, Annika Giannini, faria as vezes de amiga. Conversou com ela a sós e explicou que Annika poderia visitar Lisbeth Salander todos os dias, por uma hora. Durante a visita poderia conversar com ela ou

simplesmente lhe fazer companhia, sem dizer nada. Na medida do possível, o assunto não deveria abordar os problemas de Lisbeth Salander nem as batalhas jurídicas que tinha pela frente.

— Lisbeth Salander levou um tiro na cabeça e se machucou gravemente — ele explicou. — Acho que ela está fora de perigo, mas sempre existe o risco de uma hemorragia ou de alguma outra complicação. Ela precisa de repouso e de tempo para se recuperar. Só depois vai poder começar a pensar nos seus problemas jurídicos.

Annika Giannini percebeu a lógica do raciocínio do dr. Jonasson. Teve com Lisbeth Salander algumas conversas de ordem geral, mencionando qual era a sua estratégia e a de Mikael, mas nos primeiros dias não teve a menor condição de desenvolver nenhum raciocínio muito detalhado. Lisbeth Salander estava simplesmente entorpecida pela medicação, e tão exausta que quase todas as vezes caía no sono no meio da conversa.

Dragan Armanskij examinou a série de fotos que Christer Malm tirara dos dois homens que haviam seguido Mikael Blomkvist. Estavam bem nítidas.

— Não — disse ele. — Nunca vi esses homens antes.

Mikael Blomkvist balançou a cabeça. Estavam na sala de Armanskij, da Milton Security, na segunda-feira de manhã. Mikael entrara no prédio pela garagem.

— O mais velho é Gõran Mârtensson, o proprietário do Volvo, portanto. Ele me seguiu feito consciência pesada durante no mínimo uma semana, mas quem sabe faz até mais tempo.

— E você acha que ele é da Sapo.

Mikael contou sobre a carreira pregressa de Mârtensson, que ele havia reconstituído. Era muito eloqüente. Armanskij hesitou. A revelação de Blomkvist o deixava dividido.

Tudo bem, os agentes secretos do Estado pisavam muitas vezes na bola. Era a ordem natural das coisas, não só na Sapo como provavelmente em todos os serviços de informação do mundo. Pois se a polícia secreta francesa tinha até mandado uma equipe de mergulhadores à Nova Zelândia para torpedear o Rainbow Warrior, do Greenpeace! Tratava-se, sem dúvida, da operação de informações mais idiota da história mundial, com exceção, talvez, do arrombamento do Watergate do presidente Nixon. Com um comando tão tolo, não era de surpreender que escândalos acontecessem. Em compensação, seus êxitos nunca eram revelados. Pelo contrário, a mídia literalmente caía em cima da polícia secreta quando acontecia alguma coisa ilícita, estúpida ou algum fracasso, assumindo a atitude de bem-que-eu-falei, tão fácil de adotar depois.

Armanskij nunca entendera a relação da mídia sueca com a Sapo.

De um lado, a mídia tinha na Sapo uma ótima fonte, e praticamente toda falha política impensada acabava nas manchetes. A Sapo suspeita... Uma declaração da Sapo era tinha peso para a primeira página.

De outro, a mídia e os políticos de todas as tendências não hesitavam em execrar como se deve, quando desmascarados, os agentes da Sapo envolvidos na espionagem de cidadãos suecos. Era tão paradoxal que Armanskij mais de uma vez concluíra que tanto os políticos como a mídia se perdiam completamente nessa questão.

Armanskij nada tinha contra a existência da Sapo. Afinal, alguém precisava cuidar para que algum iluminado nacional-bolchevique que tivesse lido Bakunin ou outro guru qualquer até enjoar não resolvesse fabricar uma bomba com adubo químico e petróleo e colocá-la num furgão em frente ao Palácio Rosenbad, só para explodir com todo o governo sueco. Armanskij achava que a Sapo era indispensável e que um pouco de espionagem anódina

não fazia mal enquanto seu objetivo fosse zelar pela segurança dos cidadãos.

O problema é que, evidentemente, uma organização cuja tarefa era espionar os cidadãos precisava, de forma obrigatória, estar sujeita a um rígido controle, e cabia à Constituição garantir acesso às informações. Ora, era praticamente impossível que políticos ou deputados conseguissem manter um olhar sobre a Sapo, mesmo quando o primeiro-ministro designava um investigador especial que, no papel, teria acesso a tudo. Armanskij tomara emprestado Uma missão, de Carl Lidbom, que lera com um espanto crescente. Nos Estados Unidos, pelo menos uns dez cabeças da Sapo já teriam sido detidos por obstrução da justiça e intimados a comparecerem perante uma comissão do Congresso. Na Suécia, eles eram aparentemente inatacáveis.

O caso Lisbeth Salander mostrava que havia algo de podre no seio da organização, mas quando Mikael Blomkvist aparecera para lhe dar um telefone celular seguro, a primeira reação de Dragan Armanskij fora achar que Blomkvist estava paranóico. Contudo, depois de estudar os detalhes e examinar as fotos de Christer Malm, foi forçado a reconhecer, a contragosto, que as suspeitas de Blomkvist tinham fundamento. E isso não prenunciava nada de bom; pelo contrário, indicava que a maquinação que derrubara Lisbeth Salander quinze anos antes não era algo à toa.

Havia simplesmente coincidências demais para ser algo fortuito. Em último caso, até se poderia aceitar que Zalachenko tivesse sido morto por um justiceiro solitário. Mas já não dava para acreditar nessa hipótese quando se sabia que, no mesmo instante, era roubado, tanto de Mikael Blomkvist como de Annika Giannini, o documento que constituía o fundamento da argumentação deles. Aquilo era uma verdadeira calamidade. E, ainda por cima, a principal testemunha resolvera se enforcar.

— Bem — disse Armanskij, juntando a documentação de Mikael. — Estamos de acordo que eu transmita isto aqui para o meu contato?

— Já que se trata de uma pessoa em quem você diz ter inteira confiança...

— Sei que é uma pessoa de muita ética e com um comportamento absolutamente democrático.

— Dentro da Sapo — disse Mikael Blomkvist, com evidente desconfiança na voz.

— Nós precisamos estar de acordo. Tanto eu como o Holger Palmgren aceitamos o seu plano e estamos colaborando. Mas posso garantir que não vamos conseguir apenas com nossos recursos. Se a gente não quiser que isto acabe mal, temos de encontrar aliados na administração governamental.

— Está bem — disse Mikael a contragosto. — E que estou acostumado a esperar que a Millennium esteja impressa para me sentir desobrigado. Nunca entreguei uma informação relativa a uma matéria antes de ela estar publicada.

— Mas foi o que você fez neste caso. Já contou para mim, para a sua irmã e para o Palmgren.

Mikael fez um gesto de concordância com a cabeça.

— E se fez isso, é porque você mesmo percebe que este caso é muito maior do que uma matéria .de capa da sua revista. Aqui você não é um jornalista neutro, e sim um personagem da trama.

Mikael concordou de novo com a cabeça.

— E, enquanto personagem, precisa de ajuda para atingir seus objetivos. Mikael meneou a cabeça mais uma vez. Sabia perfeitamente que não tinha contado toda a verdade nem para Armanskij nem para Annika Giannini. Ainda partilhava alguns segredos com Lisbeth Salander. Apertou a mão de Armanskij.

9. QUARTA-FEIRA - 4 DE MAIO

Por volta do meio-dia da quarta-feira, três dias depois de Erika Berger ter assumido o cargo de redatora-chefe no SMP, ainda sob a orientação do redator-chefe Hâkan Morander, ele morreu. Ele passara a manhã no aquário enquanto Erika, acompanhada do assistente de redação Peter Fredriksson, participava de uma reunião com a equipe de Esportes para conhecer os colaboradores e avaliar como a editoria funcionava. Fredriksson tinha quarenta e cinco anos e, como Erika Berger, era relativamente novo no SMP. Fazia apenas quatro anos que trabalhava no jornal. Era taciturno, de modo geral competente e agradável, e Erika já resolvera contar com os conhecimentos de Fredriksson quando assumisse o comando do barco. Ela gastava boa parte de seu tempo tentando definir em quem confiar e quem integrar de imediato no seu novo esquema. Fredriksson, definitivamente, era um dos candidatos. Estavam retornando à área central da redação quando viram, no aquário, Hâkan Morander se levantar e se aproximar da porta.

Parecia estupefato.

Então ele se curvou e agarrou o encosto de uma cadeira por alguns segundos, desabando em seguida no chão.

Já estava morto quando a ambulância chegou.

O clima da redação durante a tarde foi confuso. O presidente do conselho administrativo, Magnus Borgsjõ, chegou por volta das duas horas e reuniu todos os colaboradores para uma rápida homenagem. Falou sobre Morander, que dedicara os últimos quinze anos de sua vida ao jornal, e sobre o preço que o jornalismo às vezes cobrava. Propôs um minuto de silêncio. Depois olhou inseguro à sua volta, como se não soubesse direito como continuar.

Morrer no local de trabalho não é comum — é mesmo bastante raro. É de bom-tom se retirar para morrer. Desaparecer na aposentadoria ou no sistema de saúde e um dia, de repente, virar

assunto de conversa na cafeteria da empresa. "Por falar nisso, você viu que o velho Karlsson morreu na sexta-feira? E, do coração. O sindicato decidiu mandar uma coroa de flores para o enterro." Morrer no local de trabalho, na frente dos colegas, incomoda muito mais. Erika percebeu o choque que pairava sobre a redação. O SMP estava sem leme. De repente, se deu conta de que diversos funcionários olhavam para ela. A carta desconhecida.

Sem ter sido convidada e sem saber de fato o que dizer, deu uma tossidinha, um passo à frente e falou com voz forte e segura.

— Conheci o Hâkan Morander há apenas três dias. E pouco tempo, mas, pelo pouco que pude observar, posso dizer com toda a sinceridade que gostaria de ter tido a oportunidade de conhecê-lo melhor.

Fez uma pausa quando viu, pelo canto do olho, que Borgsjõ a observava. Parecia surpreso por ela ter tomado a palavra. Ela deu mais um passo à frente. Não sorria. Você não pode sorrir. Iria parecer insegura. Ela ergueu um pouco a voz.

— O falecimento repentino de Morander vai criar problemas aqui na redação. Estava previsto que eu o sucedesse daqui a dois meses, e eu gostava da idéia de ter mais tempo para absorver a experiência dele.

Percebeu que Borgsjõ abria a boca para falar.

— Mas não é assim que vai ser, e durante algum tempo nós vamos passar por algumas mudanças. Acontece que o Morander era redator-chefe de um jornal diário, e esse jornal terá de sair amanhã. Neste momento, temos nove horas até a última impressão, e quatro horas até a última prova da página dos editoriais. Posso perguntar... quem de vocês era o melhor amigo e confidente de Morander?

Houve um breve silêncio enquanto os funcionários se entreolhavam. Por fim, Erika escutou uma voz à sua esquerda.

— Acho que era eu. Gunder Storman, tenho sessenta e um anos, sou assistente de redação da página dos editoriais e estou há trinta e cinco anos no SMP.

— Alguém precisa escrever o obituário do Morander. Não posso fazer isso... seria muita presunção da minha parte. Você se sente capaz de escrever esse texto?

Gunder Storman hesitou um instante, depois assentiu com a cabeça.

— Eu me encarrego disso.

— Vamos usar a página dos editoriais inteira e tirar todo o resto. Gunder concordou com a cabeça.

— Precisamos de fotos...

Ela olhou à direita para o editor de fotografia, Lennart Torkelsson. Ele fez um sinal de assentimento com a cabeça.

— Precisamos pôr mãos à obra. Pode haver alguma turbulência nos próximos dias. Quando eu precisar de ajuda para tomar decisões, vou consultá-los e confiar na competência e experiência de vocês. Vocês sabem como fazer este jornal, ao passo que eu ainda vou ter que passar algum tempo no banco da escola.

Voltou-se para Peter Fredriksson, o assistente de redação.

— Peter, o Morander comentou que tinha absoluta confiança em você. Você será o meu mentor nos próximos dias, e vai ficar um pouco mais atarefado que de costume. Vou te pedir para ser meu conselheiro. Tudo bem para você?

Ele fez que sim com a cabeça. O que mais poderia fazer? Voltou-se novamente para o Editorial.

— Outra coisa... hoje de manhã o Morander estava redigindo o editorial. Gunder, você poderia ver no computador dele se ele tinha acabado? Mesmo que não esteja totalmente pronto, vamos publicá-lo. É o último editorial de Hâkan Morander e seria vergonhoso não

publicá-lo. O jornal em que estamos trabalhando hoje ainda é o jornal de Hâkan Morander.

Silêncio.

— Se vocês sentirem necessidade de fazer uma pausa para pensar nele, façam, sem culpa nenhuma. Vocês sabem quais são os deadlines.

Silêncio. Ela reparou que algumas pessoas meneavam de leve a cabeça em sinal de aprovação.

— Bem, ao trabalho todo mundo — disse ela em voz baixa.

Jerker Holmberg afastou as mãos num gesto de impotência. Jan Bublanski e Sonja Modig estavam com uma expressão cética e Curt Bolinder com uma expressão neutra. Os três contemplavam o resultado do inquérito preliminar que Holmberg concluíra naquela manhã.

— Nada? — disse Sonja Modig. Ela parecia surpresa.

— Nada — disse Holmberg, balançando a cabeça. — O relatório do legista chegou hoje de manhã. Nada indica que não tenha sido mesmo suicídio por enforcamento.

Seus olhares percorreram as fotografias tiradas na sala da casa de campo de Smâladarõ. Tudo indicava que Gunnar Bjõrck, chefe-adjunto da Brigada dos Estrangeiros da Sapo, prendera uma corda no gancho do lustre, passara-a em volta do pescoço e, resolutamente, chutara o banquinho a uma distância de vários metros. O médico-legista tinha hesitado quanto à hora exata da morte, mas acabara definindo que fora na tarde de 12 de abril. Bjõrck fora encontrado no dia 17 por Curt Bolinder. Bublanski tentara entrar em contato com Bjõrck várias vezes, acabara se irritando e mandara Bolinder ir buscá-lo.

Em algum momento entre essas datas, o gancho se soltara do teto com o peso, e o corpo caíra no chão. Bolinder vira Bjõrck através de uma janela e dera o alerta. Bublanski e os outros que foram até o local tinham, de saída, considerado a casa como o

cenário de um crime; tiveram a impressão que Bjõrck tinha sido garroteado por alguém. Em seguida, a equipe técnica descobriu o gancho no teto. Coubera a Jerker Holmberg a tarefa de estabelecer de que modo Bjõrck tinha morrido.

— Nada indica que tenha havido um crime nem que Bjõrck estivesse com alguém naquele momento — disse Holmberg.

— O lustre...

— O lustre tem as digitais do proprietário da casa — que o instalou há dois anos — e as do próprio Bjõrck. O que mostra que ele tirou a lâmpada.

— De onde saiu a corda?

— Do mastro do pavilhão atrás da casa. Alguém cortou mais de dois metros da corda. Havia uma faca no peitoril da janela, em frente à porta do terraço. O proprietário diz que a faca era dele. Ele geralmente a guardava numa caixa de ferramentas debaixo da pia. As digitais de Bjõrck estão tanto no cabo e na lâmina como na caixa de ferramentas. .— Humm — fez Sonja Modig.

— Qual era o tipo de nó? — perguntou Curt Bolinder.

— Eram nós comuns. O nó corrediço propriamente dito não passa de um simples laço. Essa talvez seja a única coisa meio estranha. O Bjõrck velejava e sabia dar nós de verdade. Mas vai saber se um homem prestes a se suicidar se dá ao trabalho de pensar em nós.

— Alguma droga?

— Segundo o laudo toxicológico, no sangue de Bjõrck há vestígios de analgésicos potentes. São remédios vendidos com receita e que tinham sido prescritos para ele. Também há vestígios de álcool, mas uma quantidade mínima. Ou seja, ele estava praticamente sóbrio.

— O médico-legista escreveu que ele estava com algumas escoriações.

— Uma, de três centímetros de comprimento, na face externa do joelho esquerdo. Um arranhão. Pensei nisso, mas pode ter acontecido de mil maneiras... ele pode, por exemplo, ter esbarrado numa cadeira ou algo do gênero.

Sonja Modig ergueu uma foto que mostrava o rosto deformado de Bjõrck. O nó corrediço penetrara a pele com tal profundidade que já não se enxergava a corda propriamente dita. Seu rosto apresentava um inchaço grotesco.

— Dá para afirmar que ele ficou pendurado ali várias horas, quase vinte e quatro, antes de o gancho ceder. O sangue se concentrou, de um lado, na cabeça, onde o nó corrediço não permitiu que ele fluísse para o resto do corpo, e de outro, nas extremidades inferiores. Quando o gancho cedeu, ele bateu com a caixa torácica na quina da mesa de jantar. Mas essa lesão ocorreu muito tempo depois da morte.

— Que jeito escroto de morrer — disse Curt Bolinder.

— Não tenho tanto certeza. A corda era tão fina que penetrou profundamente a pele e deteve o fluxo sangüíneo. Ele deve ter perdido a consciência em poucos segundos e morreu em um ou dois minutos.

Bublanski fechou o inquérito preliminar com cara de nojo. Não estava gostando nem um pouco. Não gostava nada de Zalachenko e Bjõrck terem morrido no mesmo dia. Um, eliminado por um justiceiro demente, e o outro por suas próprias mãos. Mas, qualquer que fosse a especulação, não se podia negar o fato de que o exame da cena do crime em nada corroborava a tese de que alguém teria ajudado Bjórck a morrer.

— Ele vinha sofrendo uma pressão enorme — disse Bublanski. — Sabia que o caso Zalachenko estava sendo desmantelado, que ele próprio corria o risco de ser pego por infringir a lei de remuneração de serviços sexuais e também de ficar exposto na mídia. Estava doente e convivia com uma dor crônica fazia já algum tempo... Não sei. Eu gostaria que ele tivesse deixado uma carta ou algo assim.

— Muitos candidatos ao suicídio não escrevem cartas de despedida.

— Eu sei. Tudo bem. Não temos escolha. Vamos arquivar o Bjórck.

Erika Berger foi incapaz de se instalar de imediato na cadeira de Morander dentro do aquário e separar os objetos pessoais dele. Combinou com Gunder Storman que ele falaria com a viúva e pediria que ela viesse pegar o que pertencera ao marido quando fosse conveniente para ela.

Por enquanto, contentou-se em abrir um pequeno espaço de trabalho no meio do oceano da redação, onde colocou seu laptop e assumiu o comando. Foi um caos. Mas três horas depois de ela prontamente assumir o leme do SMP, a página do editorial estava no prelo. Gunder Storman redigira quatro colunas sobre a vida e a obra de Hâkan Morander. A página estava montada em torno de uma foto de Morander, no centro, com seu editorial inacabado à esquerda e uma série de fotos na parte inferior. A diagramação estava precária, mas tinha um toque de emoção que tornava as imperfeições aceitáveis.

Pouco antes das seis da tarde, Erika percorria os títulos da primeira página e discutia alguns textos com o chefe de redação, quando Borgsjõ apareceu e tocou seu ombro. Ela ergueu os olhos.

— Eu queria falar com você.

Foram juntos até a máquina de café na sala dos funcionários.

— Eu só queria dizer que gostei muito da maneira como você assumiu o comando hoje. Acho que surpreendeu a todos nós.

— É que eu não tinha muito por onde escapar. Mas as coisas vão ficar meio instáveis até eu pegar o jeito.

— A gente sabe.

— A gente?

— Quero dizer, tanto os funcionários como a direção. Especialmente a direção. Mas depois de tudo que aconteceu hoje estou mais do que convencido de que você é a pessoa de que precisamos. Caiu como sopa no mel e teve de assumir as rédeas numa situação muito difícil.

Erika por pouco não enrubesceu, coisa que não acontecia desde seus catorze anos.

— Posso lhe dar um conselho?

— Naturalmente.

— Ouvi dizer que haveria divergências entre você e o chefe de Atualidades, o Lukas Holm.

— Nós discordamos quanto à orientação do texto .sobre a proposta fiscal do governo. Ele tinha opinado demais na página de Atualidades. A gente deve manter a neutralidade quando se trata de informação bruta. As opiniões ficam para as páginas dos editoriais. E, por falar nisso: pretendo escrever um editorial de vez em quando, mas como não milito em nenhum partido político vamos ter de decidir quem vai assumir a frente dos editoriais.

— O Storman pode cuidar disso até segunda ordem — disse Borgsjõ. Erika deu de ombros.

— Quem você escolher para mim está bom. Mas, a princípio, precisa ser alguém que responda pelas posições do jornal.

— Entendo. O que eu queria dizer é que seria bom você deixar certa margem de manobra para o Holm. Ele já está há tempos no SMP e faz quinze anos que é chefe de Atualidades. Ele sabe o que faz. Às vezes se mostra meio obtuso, mas é praticamente indispensável.

— Sei disso. O Morander me falou. Mas no que diz respeito à nossa política de atualidades, tenho a impressão que eu vou precisar colocá-lo na linha. Afinal, vocês me contrataram para renovar o jornal.

Borgsjõ balançou a cabeça, pensativo.

— Está bem. O jeito é ir resolvendo os problemas à medida que eles aparecerem.

Annika Giannini estava não só cansada como irritada na quarta-feira à noite, quando pegou o X2000 na estação central de Gõteborg para voltar a Estocolmo. Tinha a impressão de estar morando no trem naquele último mês. A família fora relegada a segundo plano. Foi buscar um café no vagão--restaurante e, ao retornar ao seu lugar, abriu a pasta que continha as anotações de sua última entrevista com Lisbeth Salander. Ela também era uma das razões de seu cansaço e irritação.

Ela está escondendo coisas, pensou Annika Giannini. Essa idiota não está me dizendo a verdade. E o Mike também está me ocultando alguma coisa. Só Deus sabe o que eles estão aprontando.

Considerando-se que não houvera nenhuma comunicação entre seu irmão e sua cliente, as manobras deles — se é que havia manobra — deviam ser fruto de algum acordo tácito e natural. Ela não sabia do que se tratava, mas supunha ser algo que Mikael Blomkvist julgava importante esconder.

Temia que fosse alguma questão moral, o ponto fraco de seu irmão. Ele era amigo de Lisbeth Salander. Annika o conhecia muito bem e sabia que ele era leal até as raias da estupidez com aqueles que classificava definitivamente como amigos, mesmo que o amigo em questão fosse insuportável e estivesse errado de A a Z. Ela também sabia que Mikael era capaz de tolerar muitas bobagens, mas que havia uma fronteira que não podia ser ultrapassada. Em que ponto exatamente se situava essa fronteira, isso variava de acordo com a pessoa, mas ela sabia que duas ou três vezes Mikael rompera com amigos próximos porque eles tinham se comportado de um jeito que ele considerava imoral ou inaceitável. Nesses casos, ficava intransigente. A ruptura era total, definitiva e irrevogável. Mikael nem atendia mais o telefone, mesmo que a

pessoa em questão estivesse ligando para se ajoelhar aos seus pés e pedir perdão.

Annika Giannini sabia muito bem o que Mikael Blomkvist tinha em mente. Em compensação, não fazia idéia do que se passava pela cabeça de Lisbeth Salander. Em alguns momentos, tinha a impressão de que nela reinava o vazio absoluto.

Mikael insinuara que Lisbeth Salander podia se mostrar explosiva e extremamente reservada com as pessoas à sua volta. Antes de conhecê-la, Annika pensava que seria uma situação passageira e que tudo era uma questão de confiança. Mas constatara, depois de um mês de convívio — embora as duas primeiras semanas não contassem, já que Lisbeth estava muito fraca para conversar —, que a comunicação quase sempre se dava num sentido só.

Annika também reparara que Lisbeth Salander às vezes parecia mergulhada em uma profunda depressão e não manifestava nenhum interesse aparente em resolver sua situação e seu futuro. Parecia simplesmente não entender — ou não estava nem aí — que para Annika a única possibilidade de oferecer uma defesa adequada era se inteirar dos fatos. Ela não podia trabalhar no escuro.

Lisbeth Salander era teimosa e fechada. Fazia longas pausas para pensar e em seguida expressava com precisão o pouco que dizia. Com freqüência não respondia a coisa alguma, ou às vezes respondia de repente a uma pergunta que Annika fizera vários dias antes. Durante os interrogatórios da polícia, Lisbeth Salander ficara sentada em sua cama sem dizer uma palavra, o olhar fixo à frente. Salvo uma exceção, não trocara nenhuma palavra com os policiais. A exceção foi quando o inspetor Marcus Ackerman lhe perguntou o que ela sabia sobre Ronald Niedermann; ela então olhara para ele e respondera às perguntas com precisão. Assim que ele mudou de assunto, ela se desinteressara totalmente e voltara a olhar fixo para a frente.

Annika estava preparada para que Lisbeth não dissesse nada à polícia. Por princípio, ela não falava com autoridades. O que, no

atual caso, era compreensível. Embora Annika tivesse repetidamente encorajado sua cliente a responder as perguntas da polícia, no fundo estava muito satisfeita com o silêncio compacto de Salander. O motivo era simples. Era um silêncio coerente. Assim não poderiam acusá-la de nenhuma mentira ou raciocínios contraditórios capazes de causar má impressão no processo.

Mesmo preparada, porém, para o silêncio, Annika se perturbou ao ver o quanto ele era inabalável. Quando ficaram a sós, perguntou a Lisbeth por que ela se negava tão ostensivamente a falar com a polícia.

— Eles vão desvirtuar tudo o que eu disser e usar contra mim.

— Mas se você não se explicar, vai ser condenada.

— Azar, que seja. Não tenho nada a ver com esta confusão. Se eles quiserem me condenar, não é problema meu.

Para Annika, Lisbeth Salander fora contando aos poucos, mesmo que tivesse sido preciso arrancar dela, quase tudo que se passara em Stallarholmen. Tudo, menos uma coisa. Ela não explicou como Magge Lundin levara uma bala no pé. Por mais que Annika perguntasse e implorasse, Lisbeth Salander apenas a encarou com um ar cínico e esboçou seu sorriso enviesado.

Ela também contou o que acontecera em Gosseberga. Mas sem mencionar por que tinha ido atrás do pai. Teria ido lá para matá-lo — como sugeria a procuradora — ou para tentar fazê-lo cair em si? Do ponto de vista jurídico a diferença era considerável.

Quando Annika tocou no assunto do antigo tutor, o advogado Nils Bjurman, Lisbeth mostrou-se ainda mais lacônica. Sua resposta-padrão era que ela não o matara e que isso tampouco constava nas acusações que lhe faziam.

E quando Annika chegou ao ponto central de toda a trama, o papel desempenhado pelo Dr. Peter Teleborian em 1991, Lisbeth se transformou numa compacta parede de silêncio.

Esta história não vai dar certo, constatou Annika. Se a Lisbeth não confiar em mim, vamos perder a causa. Preciso falar com o Mikael.

Lisbeth Salander estava sentada na beira da cama, olhando pela janela. Dali ela via a fachada que ficava do outro lado do estacionamento. Permanecera imóvel, sem ser incomodada, durante mais de uma hora depois que Annika Giannini se levantara e fora embora batendo a porta, furiosa. A dor de cabeça tinha voltado, mas inofensiva e distante. Em compensação, sentia-se pouco à vontade.

Estava irritada com Annika Giannini. De um ponto de vista pragmático, podia entender por que sua advogada a pressionava para obter detalhes sobre seu passado. Racionalmente, entendia por que Annika precisava dispor de todos os fatos. Mas não tinha a menor vontade de falar sobre seus sentimentos ou suas ações. Achava que sua vida só dizia respeito a si mesma. Não tinha culpa se seu pai era um sádico patológico e um assassino. Não tinha culpa se seu irmão era um legítimo açougueiro. E, graças a Deus, ninguém sabia que era seu irmão, pois do contrário seria mais um ponto contra ela na avaliação psiquiátrica que tinha pela frente. Ela não matara Dag Svensson e Mia Bergman. Não era ela que tinha designado um tutor que se revelara um porco e que a violentara.

No entanto, era a vida dela que eles queriam revirar, e era dela que vinham exigir explicações e desculpas por ter se defendido.

Queria ser deixada em paz. Afinal, ela é que era obrigada a conviver consigo mesma. Não esperava que ninguém se tornasse seu amigo. Essa Maldita Annika Giannini provavelmente estava do seu lado, mas era uma amizade profissional, já que ela era uma advogada. O Maldito Super-Blomkvist estava lá fora, em algum lugar — Annika não falava muito sobre o irmão e Lisbeth nunca perguntava. Não esperava que ele se desdobrasse particularmente por ela agora que o assassinato de Dag Svensson estava solucionado e que ele fechara a sua matéria.

Perguntava-se o que Dragan Armanskij pensava a seu respeito depois de tudo o que acontecera.

Perguntava-se como Holger Palmgren via a situação.

Segundo Annika Giannini, ambos estavam do seu lado, mas isso eram apenas palavras. Eles nada podiam fazer para resolver seus problemas pessoais.

Perguntava-se o que Miriam Wu sentia por ela.

Perguntava-se o que ela sentia por si mesma, e acabou se dando conta de que a vida lhe inspirava, antes de mais nada, indiferença.

De súbito, foi interrompida pelo vigia da Securitas, que enfiou a chave na fechadura e fez entrar o Dr. Anders Jonasson.

— Boa noite, senhorita Salander. Como está se sentindo?

— Tudo bem — disse ela.

Ele conferiu sua ficha e constatou que Lisbeth não tinha mais febre. Ela se acostumara com as visitas dele, que aconteciam duas ou três vezes por semana. Em meio a todas as pessoas que a manipulavam e tocavam, ele era o único em quem ela sentia um pouco de confiança. Em nenhum momento tivera a impressão de que ele a olhava atravessado. Entrava no quarto, conversava um pouco e observava como estava seu corpo. Não fazia perguntas sobre Ronald Niedermann ou Alexander Zalachenko, nem sobre sua eventual loucura, e não perguntava por que a polícia a mantinha a sete chaves. Parecia se interessar exclusivamente pela condição de seus músculos, pela recuperação de seu cérebro e por seu estado geral. Desde o começo ele a tratara por você", e ela também o tratava por "você"; parecia natural.

Além disso, ele tinha literalmente fuçado seu cérebro. Uma pessoa que fazia isso merecia ser tratada com respeito. Ela se deu conta, para sua imensa surpresa, que achava as visitas de Anders agradáveis, ainda que ele a tocasse e analisasse os gráficos da temperatura.

— Posso dar uma olhada em você?

Ele realizou o exame rotineiro, examinou suas pupilas, escutou sua respiração, tomou seu pulso e conferiu a pressão.

— Como é que eu estou? — ela perguntou.

— Está a caminho da recuperação total, isso é certo. Mas deve se esforçar mais nos exercícios físicos. E está cocando a casquinha na cabeça. Tem que parar com isso.

Ele fez uma pausa.

— Posso fazer uma pergunta pessoal?

Ela o olhou com o rabo do olho. Ele esperou até que ela dissesse sim com a cabeça.

— Essa tatuagem, o dragão... eu não vi inteira, mas dá para perceber que é imensa e cobre boa parte de suas costas. Por que você fez isso?

— Você não viu o dragão? Ele sorriu de repente.

— Quero dizer, eu vi de longe, mas quando você esteve totalmente nua na minha frente eu estava mais preocupado em deter as hemorragias e extrair as balas do seu corpo, com coisas assim.

— Por que você quer saber?

— Pura curiosidade.

Lisbeth Salander refletiu por um bom tempo. Por fim, olhou para ele.

— Eu fiz por um motivo pessoal sobre o qual não estou a fim de falar. Anders Jonassoji meditou sobre a resposta, depois meneou a cabeça, pensativo.

— Certo. Desculpe ter perguntado.

— Quer dar uma olhada nela? Ele pareceu surpreso.

— Quero, por que não?

Ela virou de costas e tirou a camisola pela cabeça. Posicionou-se de modo a que a claridade vinda da janela batesse em suas costas. Ele observou que o dragão cobria boa parte do lado direito das costas. Começava na escapula, na altura do ombro, e acabava numa cauda na parte inferior do quadril. Era lindo, executado pela mão de um profissional. Uma verdadeira obra de arte.

Passados alguns instantes, ela virou a cabeça.

— Satisfeito?

— E muito bonito. Mas deve ter doído à beca.

— E — ela admitiu. — Doeu.

Anders Jonasson deixou o quarto de Lisbeth Salander levemente desconcertado. Estava satisfeito com a recuperação dela. Mas não conseguia entender aquela garota estranha. Não precisava de um mestrado em psicologia para concluir que ela não estava mentalmente muito bem. O modo como ela falava com ele era educado, mas repleto de uma áspera desconfiança. Sabia que ela também era educada com o restante da equipe, porém se fechava como ostra quando a polícia aparecia. Metia-se dentro da carapaça e sempre estabelecia uma distância entre ela e os outros.

A polícia a pusera em prisão cautelar e um procurador pretendia indiciá-la por tentativa de homicídio e golpes e ferimentos agravados. Ele duvidava seriamente que uma garota tão miúda e com uma constituição tão frágil tivesse tido a força física necessária para esse tipo de ato violento, mesmo porque as agressões tinham sido contra homens adultos.

Ele perguntara sobre o dragão principalmente para poder conversar algo mais pessoal com ela. Não estava de fato interessado em saber por que ela se enfeitara daquele jeito exagerado, mas imaginava que se ela optara por marcar seu corpo com uma tatuagem daquele tamanho é porque aquilo tinha para ela

bastante importância. Conclusão, era um bom assunto para iniciar uma conversa.

Ele adquirira o hábito de ir vê-la várias vezes por semana. As visitas, na verdade, ficavam fora do seu expediente, e a Dra. Helena Endrin é que era a médica dela. Mas Anders Jonasson era o chefe do serviço de traumatologia e estava extremamente satisfeito com sua própria contribuição na noite em que Lisbeth Salander chegara ao pronto-socorro. Tomara a decisão certa ao optar por extrair a bala e, até onde podia avaliar, ela não tivera seqüelas do ferimento a bala, como lapsos de memória, funções corporais diminuídas ou qualquer outra deficiência. Se a recuperação continuasse assim, ela deixaria o hospital sem mais complicações que uma cicatriz no couro cabeludo. Já quanto à cicatriz formada em sua alma, ele não saberia dizer.

Ao voltar para a sua sala, deparou com um homem de casaco escuro esperando por ele, encostado na parede ao lado da porta. Tinha cabelos emaranhados e uma barba bem-cuidada.

— Doutor Jonasson?

— Sim.

— Bom dia. Meu nome é Peter Teleborian. Sou médico-chefe da clínica psiquiátrica de Sankt Stefan, em Uppsala.

— Sim, estou reconhecendo o senhor.

— Bem, eu gostaria de ter uma conversa particular com o senhor, se tiver um instante livre.

Anders Jonasson destrancou a porta de sua sala.

— O que posso fazer pelo senhor? — perguntou.

— É sobre uma de suas pacientes. Lisbeth Salander. Preciso vê-la.

— Humm. Nesse caso, terá de pedir autorização à procuradora. Ela está sob prisão cautelar, proibida de receber visitas. Todas as

visitas também devem ser comunicadas de antemão para a advogada da Salander...

— Sim, sim, eu sei disso. Achei que nós dois pudéssemos dispensar toda essa burocracia. Sou médico, portanto o senhor pode, sem nenhum problema, me dar acesso a ela por motivos médicos.

— Sim, talvez se justifique. Mas não estou vendo a relação.

— Durante vários anos fui o psiquiatra de Lisbeth Salander, quando ela esteve internada na Sankt Stefan, em Uppsala. Eu a acompanhei até ela completar dezoito anos, quando o Tribunal de Instâncias a reconduziu à sociedade, embora sob tutela. Talvez seja bom eu enfatizar que naturalmente me opus a essa decisão. Depois a deixaram sair por aí sem rumo, e aí está o resultado.

— Entendo — disse Anders Jonasson.

— Ainda me sinto bastante responsável por ela e queria ter a oportunidade de avaliar o agravamento de sua condição nesses dez últimos anos.

— Agravamento?

— Comparado a quando ela recebia tratamento especializado na adolescência. Pensei que poderíamos pensar numa solução adequada, cá entre nós, como médicos.

— A propósito, antes que eu me esqueça... O senhor talvez possa me esclarecer um aspecto que não entendi direito, quero dizer, cá entre nós, como médicos. Quando ela deu entrada aqui no Sahlgrenska, pedi um exame clínico extenso. Um colega pediu que eu desse uma olhada na investigação médico-legal relativa a Lisbeth Salander. Que era assinada pelo doutor Jesper H. Lõderman.

— Exato. Eu fui o orientador de Jesper em seu doutorado.

- Entendo. Mas observei que essa investigação médico-legal está extremamente vaga.

— Ah,é?

— Não apresenta nenhum diagnóstico, lembra mais a análise convencional de um paciente que se recusa a falar. Peter Teleborian deu uma risada.

— É, ela não é fácil. Como a investigação demonstrou, ela se negava categoricamente a participar das entrevistas com o Lõderman. Por isso ele viu-se obrigado a se expressar em termos tão vagos. Ele foi muito correto.

— Entendo. Mesmo assim, recomendou que ela fosse internada.

— Com base no passado dela. Temos total experiência sobre a doença dela, que se estende por vários anos.

— Pois então, é isso que não consigo entender direito. Quando ela deu entrada aqui, tentamos conseguir a ficha dela na Sankt Stefan. Mas ainda não foi enviada.

— Sinto muito. E um arquivo considerado sigiloso por decisão do Tribunal de Instâncias.

— Sei. E como é que a gente, aqui no Sahlgrenska, pode dar a ela o tratamento adequado sem termos acesso a esse arquivo? Acontece que, hoje, nós é que somos os médicos responsáveis por ela.

— Tratei da Lisbeth Salander desde que ela tinha doze anos e acho que nenhum médico na Suécia sabe tanto sobre a doença dela quanto eu.

— Que é...?

— Ela sofre de um grave desequilíbrio psíquico. Como o senhor sabe, a psiquiatria não é uma ciência exata. Não gosto de me sentir limitado por um diagnóstico preciso. Mas ela tem alucinações manifestas com traços esquizofrênicos paranóicos muito claros. Acrescente-se a isso períodos maníaco-depressivos, e que ela carece de empatia.

Anders Jonasson perscrutou o Dr. Peter Teleborian durante uns dez segundos antes de fazer um gesto incisivo de mãos.

— Não vou contestar o seu diagnóstico, doutor Teleborian, mas o senhor nunca considerou a possibilidade de um diagnóstico mais simples?

— Como assim?

— A síndrome de Asperger, por exemplo. Claro, eu não a submeti a nenhum exame psiquiátrico, mas, se me perguntassem, minha primeira opinião seria alguma forma de autismo. O que explicaria sua incapacidade em se subjugar às convenções sociais.

— Lamento, mas os pacientes de Asperger não costumam atear fogo nos pais. Acredite, nunca deparei com uma sociopata tão claramente definida.

— O que eu vejo é uma pessoa fechada em si mesma, mas não uma sociopata paranóica.

— Ela é manipuladora ao extremo — disse Peter Teleborian. — Ela se comporta como acha que o senhor gostaria que se comportasse.

Anders Jonasson franziu imperceptivelmente o cenho. Peter Teleborian estava, de repente, contrariando sua própria avaliação de Lisbeth Salander. E se havia uma coisa que ele não percebia nela era a manipulação. Pelo contrário; era uma pessoa que mantinha uma imperturbável distância dos outros e não demonstrava nenhuma emoção. Tentou conciliar o quadro traçado por Teleborian com a idéia que ele próprio formara de Lisbeth Salander.

— O senhor esteve muito pouco com ela, e quando seus ferimentos a condenaram à prostração. Eu assisti às suas crises de violência e ao seu ódio desmedido. Passei anos tentando ajudar Lisbeth Salander. Por isso estou aqui. Proponho uma colaboração entre o Sahlgrenska e a Sankt Stefan.

— Em que tipo de colaboração o senhor está pensando?

— Vocês estão cuidando dos problemas físicos, e estou certo de que ela terá o melhor tratamento possível. Mas estou muito preocupado com o estado psíquico dela, e gostaria de intervir rapidamente. Estou pronto para oferecer todo o auxílio que estiver ao meu alcance.

— Entendo.

— Para começar, preciso ver a Lisbeth para avaliar seu estado.

— Entendo, mas, infelizmente, não posso fazer nada pelo senhor.

— Como assim?

— É como eu disse, ela está detida. Se quiser começar um tratamento psiquiátrico, precisa entrar em contato com a procuradora Jervas, que é quem toma as decisões nesses casos, e isso deve ser feito com a concordância da advogada Annika Giannini. Como se trata de uma avaliação psiquiátrica legal, o senhor precisa ser designado pelo Tribunal de Instâncias.

— Eram justamente esses trâmites burocráticos todos que eu queria evitar.

— É, mas como eu sou o responsável por ela e ela vai comparecer diante de um tribunal num futuro próximo, teremos que justificar todas as medidas que tomarmos. De modo que é necessário seguir os trâmites burocráticos.

— Entendo. Sendo assim, devo informá-lo que o procurador Richard Ekstrõm, de Estocolmo, já solicitou que eu faça uma avaliação psiquiátrica legal na época do julgamento.

— Melhor assim. Quer dizer que o senhor vai obter uma autorização para visita sem que a gente precise contornar o regulamento.

— Mas enquanto tratamos da burocracia, existe o perigo de o estado dela se agravar. Só o que me interessa é a saúde dela.

— A mim também — disse Anders Jonasson. — E, cá entre nós, posso adiantar que não vejo nela o menor sinal de qualquer tipo de doença psíquica. Ela está bastante machucada e passando por um grande estresse. Mas não acredito, de maneira alguma, que seja esquizofrênica ou sofra de fobias paranóicas.

O Dr. Peter Teleborian ainda passou um bom tempo tentando fazer Anders Jonasson mudar de idéia. Quando afinal entendeu que estava perdendo tempo, levantou-se bruscamente e se despediu.

Anders Jonasson demorou-se algum tempo contemplando a cadeira na qual Teleborian estivera sentado. Claro, era comum que outros médicos o procurassem para dar conselhos ou opiniões sobre um tratamento. Mas eram quase sempre pacientes que já tinham um médico responsável por algum tipo de tratamento em curso. Nunca vira nenhum psiquiatra aparecer daquele jeito, feito um óvni, e insistir para ter acesso a uma paciente passando por cima do regulamento, paciente essa que ele, aparentemente, já não tratava havia muitos anos. Depois de alguns instantes, Anders Jonasson consultou o relógio e viu que eram quase sete da noite. Pegou o telefone e ligou para Martina Karlgren, a psicóloga de plantão que o Sahlgrenska oferecia aos pacientes da traumatologia.

— Olá. Imagino que já tenha encerrado seu dia de trabalho. Estou atrapalhando?

— Não se preocupe. Estou em casa, mas não estou fazendo nada de especial.

— São umas dúvidas aqui que eu tenho. Você conversou com a nossa paciente Lisbeth Salander. Poderia me dizer que impressão teve dela?

— Olhe, estive três vezes com ela, propondo uma conversa. Ela recusou, gentil, mas firmemente.

— Que impressão ela lhe passa?

— Em que sentido?

— Martina, eu sei que você não é psiquiatra, mas é uma pessoa experiente e sensata. Que impressão ela lhe passa?

Martina Karlgren hesitou um instante.

— Não sei bem o que dizer. Estive com ela duas vezes pouco depois que foi internada. Estava tão mal que não tivemos de fato nenhum contato. Depois disso, fiz uma visita há mais ou menos uma semana, a pedido da Helena Endrin.

— Por que a Helena pediu que você falasse com ela?

— A Lisbeth Salander está em recuperação. Passa a maior parte do tempo deitada, olhando para o teto. A Endrin queria que eu desse uma olhada nela.

— E como foi?

— Eu me apresentei. Conversamos alguns minutos. Perguntei como ela estava e se sentia necessidade de ter alguém para conversar. Ela disse que não. Perguntei se eu podia ajudar em alguma coisa. Ela pediu que eu lhe conseguisse um maço de cigarros.

— Ela estava irritada ou hostil? Martina Karlgren refletiu um instante.

— Não, não dá para dizer isso. Estava calma, mas mantinha uma distância enorme. Levei seu pedido para eu conseguir cigarros mais como uma brincadeira do que como algo sério. Perguntei se ela queria ler alguma coisa, se eu podia levar uns livros. De início, ela não quis, mas depois perguntou se eu tinha alguma revista científica sobre genética e pesquisas sobre o cérebro.

— Sobre o quê?

— Genética.

— Genética?

— É. Eu disse que havia uns livros mais genéricos sobre o assunto na nossa biblioteca. Ela não se interessou. Disse que já

tinha lido alguns livros a respeito e citou algumas obras mais básicas das quais eu nunca tinha ouvido falar. Ou seja, ela estava mais interessada na pesquisa científica nessa área.

— Ah, é? — disse Anders Jonasson, estupefato.

— Eu disse que decerto não haveria livros tão especializados na biblioteca do hospital, que havia mais Philip Marlowe do que literatura científica, mas que eu ia tentar conseguir alguma coisa para ela.

— E conseguiu?

— Peguei emprestados uns exemplares da Nature e do New England Journal of Medicine. Ela ficou satisfeita e me agradeceu pelo esforço.

— Mas essas revistas são um bocado áridas, trazem principalmente artigos científicos e pesquisa pura.

— Ela está lendo com muito interesse. Anders Jonasson ficou um instante sem voz.

— Como você avalia o estado psíquico dela?

— Ela é fechada. Não conversou nada pessoal comigo.

— Você tem a impressão de que ela é psiquicamente perturbada, maníaco-depressiva ou paranóica?

— Não, de jeito nenhum. Nesse caso, eu teria dado o alerta. Ela é especial, sem dúvida, tem problemas sérios e está passando por um estresse enorme. Mas é calma e objetiva, e parece capaz de administrar a situação.

— Ótimo.

— Por que está perguntando? Aconteceu alguma coisa?

— Não, nada. É só que eu não consigo formar uma imagem precisa sobre ela.

10. SÁBADO - 7 DE MAIO – QUINTA-FEIRA - 12 DE MAIO

Mikael Blomkvist largou a pasta com os resultados da pesquisa enviada pelo freelancer Daniel Olofsson, de Gõteborg. Olhou, pensativo, pela janela e contemplou o fluxo de transeuntes na Gõtgatan. Gostava demais da localização da Míllennium. A Gõtgatan era cheia de vida a qualquer hora do dia ou da noite, e quando se sentava diante da janela nunca se sentia realmente sozinho ou isolado.

Estava estressado, embora não estivesse às voltas com nenhuma urgência. Continuara trabalhando obstinadamente nos textos com que pretendia montar a edição de verão da Millennium, mas acabara percebendo que seu material era tão vasto que nem um número temático seria suficiente. Diante outra vez da mesma situação em que se vira no caso Wennerstrõm, decidira publicar um livro com aquelas informações. Já tinha material suficiente para mais de cento e cinqüenta páginas e calculava que o livro todo teria entre trezentas e trezentas e cinqüenta páginas.

A parte mais simples estava pronta. Descrevera os assassinatos de Dag Svensson e Mia Bergman, contando como acabara sendo ele quem descobrira os corpos. Explicara por que tinham suspeitado de Lisbeth Salander. Reservou um capítulo inteiro de trinta e sete páginas para detonar violentamente de um lado, tudo o que a mídia havia escrito sobre Lisbeth Salander e, de outro, o procurador Richard Ekstrõm — e indiretamente toda a investigação conduzida pela polícia. Depois de algumas ponderações, suavizara a crítica a Bublanski e seus colegas. Isso depois de assistir a um vídeo de uma entrevista coletiva de Ekstrõm que revelava de maneira evidente como Bublanski estava pouquíssimo à vontade e obviamente descontente com as conclusões precipitadas de Ekstrõm.

Depois desses dramáticos acontecimentos iniciais, Mikael voltava no tempo para contar a chegada de Zalachenko à Suécia, a infância de Lisbeth Salander e os fatos que a tinham conduzido para

trás das grades da Sankt Stefan, em Uppsala. Tomava especial cuidado em acabar com o dr. Peter Teleborian e com o falecido Gunnar Bjõrck. Apresentava a avaliação psiquiátrica legal de 1991 e explicava por que Lisbeth Salander se tornara uma ameaça para funcionários anônimos do Estado que haviam tomado para si a missão de proteger o dissidente russo. Reproduzia extensos trechos da correspondência entre Teleborian e Bjõrck.

Ele revelava a nova identidade de Zalachenko e seu campo de atividade como gângster em tempo integral. Descrevia seu assistente Ronald Nieder-mann, o rapto de Miriam Wu e a intervenção de Paolo Roberto. Por fim, fazia um resumo do desenlace em Gosseberga, onde Lisbeth Salander fora enterrada viva depois de levar uma bala na cabeça, e explicava por que um policial fora morto desnecessariamente, quando Niedermann já havia sido capturado.

Depois disso, sua história já não era tão fácil de ser contada. O problema de Mikael era que ela ainda continha muitas lacunas. Gunnar Bjõrck não agira sozinho. Por trás dos elementos havia necessariamente um grupo importante e influente que dispunha de recursos. Senão teria sido impossível. Acima de tudo, ele concluíra que o modo como Lisbeth Salander havia sido tratada, desrespeitando-se seus direitos mais elementares, não podia ter sido autorizado pelo governo ou pela direção da Sapo. Chegava a essa conclusão não por uma confiança absoluta no poder do Estado, mas por sua fé na natureza humana. Uma operação daquele calibre jamais teria permanecido secreta se tivesse alguma raiz política. Alguém teria tido contas para acertar com °utro alguém e já teria aberto a boca, e há muitos anos a mídia teria enfiado o nariz no caso Zalachenko.

Ele imaginava o clube Zalachenko como um grupelho de ativistas anônimos. O problema é que ele era incapaz de identificar qualquer um deles, a não ser, talvez, Gõran Mârtensson, quarenta anos, policial em missão secreta que passava o tempo seguindo Mikael Blomkvist.

A idéia era o livro estar impresso e pronto para ser distribuído no dia em que teria início o julgamento de Lisbeth Salander. Com Christer Malm, ele planejava uma edição de bolso envolta em celofane e vendida como suplemento do número de verão da Millennium, cujo preço seria um pouco maior. Ele dividira as tarefas entre Henry Cortez e Malu Eriksson, que iam preparar textos sobre a história da Sapo, sobre o caso do IB, o serviço secreto de informações militares cuja existência fora revelada em 1973 por dois colegas da revista Folket i Bild/Kulturfront, e outros casos semelhantes.

Pois ele agora tinha a certeza de que seria aberto um processo contra Lisbeth Salander.

O procurador Richard Ekstrõm a indiciara por golpes e ferimentos agravados no caso Magge Lundin, e golpes e ferimentos agravados acompanhados de tentativa de homicídio no caso Karl Axel Bodin, aliás Alexander Zalachenko.

A data do julgamento ainda não estava marcada, mas Mikael pegara no ar o comentário de alguns colegas. Aparentemente Ekstrõm previa o julgamento para julho, dependendo do estado de saúde de Lisbeth Salander. Mikael adivinhava a sua intenção. Um julgamento no meio do verão sempre chamava menos atenção que em outras épocas do ano.

Ele franziu a testa e olhou pela janela de sua sala na redação da Millennium.

Essa história ainda não acabou. A conspiração contra Lisbeth continua. E a única explicação para os telefones sob escuta, a agressão a Annika e o roubo do relatório Salander de 1991. E, quem sabe, para o assassinato de Zalachenko.

Só que ele não tinha provas.

Com a concordância de Malu Eriksson e Christer Malm, Mikael decidira que as edições Millennium também iriam publicar o livro de Dag Svensson sobre o tráfico de mulheres, de olho no julgamento. Era melhor apresentar o pacote inteiro de uma vez; não havia por

que esperar para publicá-lo. Pelo contrário — em nenhum outro momento o livro despertaria mais interesse. Malu assumira a redação final do livro de Dag Svensson, ao passo que Henry Cortez assessorava Mikael na redação do livro sobre o caso Salander. Lottie Karim e Christer Malm (contra a sua vontade) também tinham virado assistentes de redação temporários da Millennium, uma vez que Monika Nilsson era a única jornalista disponível. O resultado dessa carga extra de trabalho sobrecarregou a redação da Millennium, e Malu Eriksson contratara vários free-lancers para redigir os textos. Ia custar caro, mas eles não tinham escolha.

Mikael anotou num post-it que precisava acertar a questão dos direitos autorais do livro com a família de Dag Svensson. Ele se informara que os pais de Dag moravam em Orebro e eram seus únicos herdeiros. Em princípio, não precisava de autorização para publicar o livro com o nome de Dag Svensson, mas mesmo assim pretendia ir até Orebro conversar com eles para obter seu aval. Vinha adiando o tempo todo essa visita por andar muito ocupado, mas já era mais do que na hora de acertar esse detalhe.

Depois disso, restavam apenas dezenas de outros detalhes! Alguns estavam ligados ao modo de se referir a Lisbeth Salander nos textos. Para definir isso de uma vez por todas, seria obrigado a ter uma conversa particular com ela e obter sua autorização para contar a verdade, ou pelo menos a verdade parcial. E essa conversa particular era impossível de conseguir, já que Lisbeth estava sob prisão cautelar e proibida de receber visitas.

Nesse aspecto, Annika Giannini não lhe era de nenhuma ajuda. Ela seguia escrupulosamente o regulamento em vigor e não tinha a intenção de transmitir recados sigilosos de Mikael Blomkvist. Annika também não lhe contava sobre o que ela e sua cliente conversavam, com exceção de episódios relativos à maquinação contra ela, para os quais Annika precisava de ajuda. Era frustrante, mas correto. Mikael, portanto, ignorava totalmente se Lisbeth revelara a Annika que seu ex-tutor a violentara e que ela se vingara tatuando-lhe uma mensagem gritante na barriga. Enquanto Annika não abordasse o assunto, Mikael tampouco poderia fazê-lo.

O isolamento de Lisbeth Salander constituía, antes de mais nada, uma autêntica complicação. Ela era perita em informática, uma hacker, o que Mikael sabia, mas Annika não. Mikael prometera a Lisbeth nunca revelar seu segredo e mantivera a promessa. O problema era que, no momento, ele próprio estava necessitadíssimo de suas competências técnicas.

Logo, precisava estabelecer de alguma maneira um contato com Lisbeth Salander.

Suspirou, voltou a abrir a pasta de Daniel Olofsson e separou duas folhas. Uma era uma ficha do cadastro de passaportes em nome de Idris Ghidi, nascido em 1950. Era um homem de bigode, pele morena e cabelo preto grisalho nas têmporas.

O outro documento era o resumo que Daniel Olofsson fizera do passado de Idris Ghidi.

Ghidi era um refugiado curdo que viera do Iraque. Daniel Olofsson ob-tivera mais dados decisivos sobre Idris Ghidi do que sobre qualquer outro funcionário. A explicação desse desequilíbrio era que, durante algum tempo, Idris Ghidi gozara de certa notoriedade na mídia e constava nos arquivos da imprensa.

Nascido na cidade de Mossul, no norte do Iraque, Idris Ghidi se formara em engenharia e participara do grande boom econômico dos anos 1970. Em 1984, começara a lecionar na escola técnica de Mossul. Não estava ligado a nenhuma atividade política conhecida. Infelizmente, era curdo e, por definição, um criminoso potencial no Iraque de Saddam Hussein. Em outubro de 1987, o pai de Idris Ghidi foi preso, sob suspeita de ativismo curdo. Não foi dada nenhuma pista sobre a natureza de seu crime. Foi executado como traidor da pátria, provavelmente em janeiro de 1988. Dois meses depois, a polícia secreta iraquiana foi buscar Idris Ghidi, que estava começando a dar uma aula sobre a resistência dos materiais aplicada à construção de pontes. Foi levado para uma prisão fora de Mossul, onde durante onze meses foi submetido a torturas ferozes que pretendiam fazê-lo confessar. Idris Ghidi não entendia direito o

que esperavam que ele confessasse, de modo que a tortura se prolongou.

Em março de 1989, um tio de Idris Ghidi pagou uma quantia equivalente a cinqüenta mil coroas suecas para o chefe local do Partido Baas, decerto uma espécie de compensação suficiente pelos estragos que Idris Ghidi causara ao Estado iraquiano. Dois dias depois, ele foi solto e entregue ao tio. Pesava trinta e nove quilos e não conseguia caminhar. Antes de soltá-lo, haviam quebrado seu quadril esquerdo com uma grande quantidade de golpes, para impedi-lo de andar por aí e cometer futuras besteiras.

Idris Ghidi ficou entre a vida e a morte durante várias semanas. Quando finalmente sentiu-se um pouco melhor, seu tio o levou para um sítio a seiscentos quilômetros de Mossul. Ele refez as energias durante o verão até ficar forte o bastante para reaprender a andar de muletas de modo mais ou menos aceitável. Sabia perfeitamente que nunca se restabeleceria por completo. A questão agora era o que ele faria dali em diante. Em agosto, seus dois irmãos foram presos pela polícia secreta. Jamais tornaria a vê-los. Deviam estar enterrados em algum lugar nos subúrbios de Mossul. Em setembro, seu tio descobriu que a polícia secreta de Saddam Hussein estava novamente procurando Idris Ghidi. Ele então resolveu procurar um atravessador anônimo, que, por uma quantia equivalente a trinta mil coroas, fez Idris Ghidi cruzar a fronteira turca e, com um passaporte falso, levou-o para a Europa.

Idris Ghidi aterrissou no aeroporto de Arlanda, em Estocolmo, em 19 de outubro de 1989. Não falava uma palavra de sueco, mas tinham lhe explicado que ele deveria se apresentar na polícia de fronteiras e imediatamente pedir asilo político, o que ele fez usando um inglês precário. Foi transferido para um centro de refugiados em Upplands-Vãsby, e ali passou os dois anos seguintes, até que o Ministério da Imigração concluiu que não havia motivos suficientes para Idris Ghidi obter um visto de residência na Suécia.

A essa altura, Ghidi já havia aprendido a falar sueco e recebido tratamento médico para o seu quadril esmagado. Passara por duas cirurgias e conseguia se locomover sem muletas. Nesse meio-

tempo, houvera o "não" dos moradores de Sjõbo aos imigrantes, alguns centros de refugiados tinham sido alvo de atentados e Bert Karlsson fundara o Partido Nova Democracia.

O motivo exato pelo qual Idris Ghidi constava nos arquivos da imprensa era que, no último instante, um novo advogado reunira a imprensa para explicar a situação. Outros curdos que viviam na Suécia se mobilizaram a favor de Idris Ghidi, entre os quais alguns membros da combativa família Baksi. Houve reuniões de protesto, e abaixo-assinados foram enviados ao ministro da Imigração, Birgit Friggebo. A repercussão na mídia foi tanta que o Ministério da Imigração acabou modificando sua decisão. Ghidi obteve um visto de residência e um emprego no reino da Suécia. Em janeiro de 1992, deixou o centro de refugiados de Upplands-Vãsby na condição de homem livre.

Ao deixar o centro de refugiados, um novo desafio aguardava Idris Ghidi. Ele precisava encontrar trabalho enquanto ainda fazia fisioterapia no seu quadril destruído. Idris Ghidi logo iria descobrir que o fato de ele ter uma sólida formação como engenheiro civil, com anos de experiência e diplomas legalmente reconhecidos não queria dizer nada. Nos anos que se seguiram trabalhou como entregador de jornais, lavador de pratos, gari e motorista de táxi. Viu-se obrigado a pedir demissão do emprego de entregador de jornais Simplesmente não conseguia subir escadas no ritmo necessário. Gostava do trabalho de taxista, mas havia dois problemas. Não conhecia minimamente a rede viária de Estocolmo e não conseguia ficar imóvel mais de uma hora seguida sem que a dor no quadril se tornasse insuportável.

Em maio de 1998, Idris Ghidi se mudou para Gõteborg. Um parente distante se compadecera de sua situação e lhe oferecera um emprego fixo numa firma de limpeza. Como Idris Ghidi não podia trabalhar em tempo integral, deram-lhe um serviço de meio período como chefe de uma das equipes de faxineiros do Hospital Sahlgrenska, que terceirizava os serviços. Seu trabalho, fácil e metódico, consistia em lavar o piso de alguns setores, entre eles o 11C, seis dias por semana.

Mikael Blomkvist leu o resumo de Daniel Olofsson e examinou a foto de Idris Ghidi no cadastro de passaportes. Em seguida, abriu o site dos arquivos de imprensa e selecionou vários que haviam servido de base para o resumo de Olofsson. Leu atentamente e depois passou um bocado de tempo refletindo. Acendeu um cigarro. A proibição de fumar na redação fora rapidamente abolida depois da saída" de Erika Berger. Henry Cortez chegava a deixar um cinzeiro sobre sua mesa, à vista de todos.

Por fim, Mikael pegou a folha A4 que Daniel Olofsson produzira sobre Anders Jonasson. Leu o texto, e sulcos profundos foram marcando sua testa.

Mikael Blomkvist não estava vendo o carro com a placa KAB nem tinha a sensação de estar sendo seguido, mas preferiu não dar chance ao azar na segunda-feira, quando foi da livraria universitária à entrada secundária da loja de departamentos NK, saindo em seguida pela porta principal. Para conseguir vigiar alguém dentro de uma loja de departamentos, só sendo um super-homem. Desligou os dois celulares e foi a pé até a Praça Gustaf Adolf. Entrou na galeria, passou em frente ao Hotel do Parlamento e penetrou na cidade velha. Até onde podia avaliar, não estava sendo seguido. Deu várias voltas pelas pequenas vielas até chegar ao endereço que queria e bateu à porta da editora Svartvitt.

Eram duas e meia da tarde. Mikael não avisara que ia aparecer, mas o redator Kurdo Baksi estava lá e seu rosto se iluminou ao ver Mikael Blomkvist.

- Ora, como vai — disse Baksi cordialmente. — Por que não vem mais nos visitar?

- Aqui estou — disse Mikael.

- Sim, mas deve fazer uns três anos, no mínimo, desde a última vez.

Apertaram-se as mãos.

Mikael Blomkvist conhecia Kurdo Baksi desde os anos 1980. Mikael fora um dos que tinham ajudado Baksi quando ele lançara a Svartvitt, que eles ainda imprimiam à noite e às escondidas na Federação dos Sindicatos. Kurdo fora flagrado por Per-Erik-Astrõm, o futuro caçador de pedófilos do Radda Bamen. Certa noite, Astrõm entrou na gráfica da Federação e deu com pilhas de páginas do primeiro número da Svartvitt e com um Kurdo Baksi totalmente sem graça. Astrõm contemplou a diagramação horrorosa da primeira página e declarou que não era daquele jeito que se fazia a droga de uma revista. Em seguida, desenhou o logotipo que apareceria no cabeçalho da Svartvitt por quinze anos, até a revista ser enterrada e sucedida pela editora Svarvitt. Na época, Mikael encerrava um período odioso como responsável pelo setor de atualidades na Federação — sua única e exclusiva passagem por essa área. Per-Erik Astrõm o convencera a corrigir as provas da Svartvitt e a dar uma mãozinha na redação dos textos. A partir daí, Kurdo Baksi e Mikael Blomkvist se tornaram amigos.

Mikael Blomkvist sentou-se num sofá enquanto Kurdo Baksi ia buscar café na máquina do corredor. Conversaram durante algum tempo, como é natural quando as pessoas não se vêem há muito, mas a todo momento eram mterrompidos pelo celular de Kurdo. Ele tinha breves diálogos em curdo, ou quem sabe em turco, ou árabe, ou sabe Deus em que outra língua que Mikael não entendia. Toda vez que Mikael fora à editora Svartvitt tinha sido a mesma coisa. Gente ligando do mundo inteiro para falar com Kurdo.

— Meu caro Mikael, você parece preocupado. O que o traz aqui? — Perguntou Kurdo Baksi por fim.

— Você poderia desligar o celular por uns cinco minutos para a gente Poder falar em paz?

Kurdo desligou o celular.

—- É o seguinte... preciso de um favor. Um favor importante, e ainda por cima tem que ser rápido e não pode ser comentado fora desta sala.

— Diga.

— Em 1989, um refugiado curdo chamado Idris Ghidi chegou à Suécia vindo do Iraque. Quando ameaçaram expulsá-lo, a sua família, Kurdo, o ajudou, e é graças a ela que ele acabou conseguindo um visto de permanência. Não sei se quem o ajudou foi seu pai ou alguma outra pessoa da família.

— Foi meu tio, Mahmut Baksi, quem ajudou o Idris Ghidi. Eu conheço o Idris. O que houve com ele?

— Ele agora trabalha em Gõteborg. Preciso da sua ajuda para um serviço simples. Eu pago.

— Que tipo de serviço?

— Você confia em mim, Kurdo?

— Mas é claro. Sempre fomos amigos.

— Trata-se de um serviço especial. Muito especial. Não quero dizer em que ele consiste, mas garanto a você que não é nada ilegal e que não vai criar nenhum problema para você nem para o Idris Ghidi.

Kurdo Baksi fitou Mikael Blomkvist atentamente.

— Entendo. Mas você não quer me dizer do que se trata.

— Quanto menos você souber, melhor. Mas preciso que você me ponha em contato com o Idris, para que ele ouça o que eu tenho a dizer.

Kurdo refletiu um instante. Então foi até sua mesa e abriu uma caderneta. Procurou um pouco até encontrar o número do telefone de Idris Ghidi. Pegou o fone. A conversa se deu em curdo. Pela expressão de Kurdo, Mikael percebeu que ela começou com as frases e os preâmbulos rituais de gentileza. Depois, ficou sério e explicou o que queria. Passado um momento, virou-se para Mikael.

— Quando você quer se encontrar com ele?

— Na sexta à tarde, se possível. Pergunte se posso ir à casa dele. Kurdo falou mais um pouco e encerrou a ligação.

— O Idris Ghidi mora em Angered — disse Kurdo Baksi. — Você tem o endereço?

Mikael fez que sim com a cabeça.

— Ele vai te esperar em casa, na sexta-feira, às cinco da tarde.

— Obrigado, Kurdo — disse Mikael.

— Ele trabalha no Hospital Sahlgrenska, na limpeza — disse Kurdo Baksi.

- Eu sei — disse Mikael.

- Soube pelos jornais que você está envolvido nesse caso Salander.

___ É verdade.

— Andaram atirando nela. .— Isso mesmo.

— É interessante que ela esteja justamente no Sahlgrenska.

— Isso também é verdade.

Kurdo Baksi também não tinha nascido ontem.

Percebeu que Blomkvist tramava algo suspeito, era a especialidade dele. Conhecia Mikael desde os anos 1980. Nunca tinham sido muito próximos, mas Mikael sempre atendera quando Kurdo lhe pedira algum favor. Nos últimos anos, tinha acontecido de eles tomarem uma ou outra cerveja juntos, quando se cruzavam numa festa ou num bar.

— Será que eu não estou me envolvendo em alguma coisa que eu deveria saber? — perguntou Kurdo.

— Você não está se envolvendo em nada. Seu papel é apenas fazer o favor de me apresentar um conhecido seu. E repito... o que eu vou pedir para o Idris Ghidi fazer não é ilegal.

Kurdo assentiu com a cabeça. Esta garantia lhe bastava. Mikael se levantou.

— Fico te devendo essa.

— Uma vez eu, outra você... a gente está sempre se devendo algum favor — disse Kurdo Baksi.

Henry Cortez pôs o fone no gancho e tamborilou tão ruidosamente os dedos na beira da mesa que Monika Nilsson, irritada, ergueu uma sobrancelha e lançou-lhe um olhar mortífero. Notou que ele estava profundamente imerso em seus pensamentos. Estava com os nervos à flor da pele e resolveu não descontar em Henry.

Monika Nilsson sabia que Blomkvist andava de segredos com Cortez, Malu Eriksson e Christer Malm em razão do caso Salander, enquanto esperavam que ela e Lottie Karim fizessem o grosso do trabalho para o próximo numero de uma revista que, na verdade, estava sem direção desde a saída de

Erika Berger. Não havia o que criticar em Malu, mas ela não tinha nem a experiência nem o peso de Erika Berger. E Cortez não passava de um garoto.

A irritação de Monika Nilsson não vinha de ela se sentir excluída ou querer estar no lugar deles — era, aliás, a última coisa que ela iria querer. Seu trabalho consistia em observar o governo, o Parlamento e o funcionalismo pela Millennium. Gostava desse trabalho e conhecia todos os seus meandros. Também estava envolvida em muitas outras tarefas, entre outras coisas escrever uma coluna semanal para um jornal sindical e um trabalho voluntário para a Anistia Internacional. Isso era inconciliável com o cargo de redatora--chefe da Millennium, que a levaria a trabalhar no mínimo doze horas por dia, além de sacrificar fins de semana e feriados.

Tinha, porém, a impressão de que algo mudara na Millennium. Não estava reconhecendo a revista. E não conseguia detectar o que soava errado.

Como sempre, Mikael Blomkvist vinha tendo um comportamento irresponsável, sumindo em suas viagens

misteriosas e entrando e saindo quando bem entendesse. Claro, ele era co-proprietário da Millennium e tinha o direito de decidir o que queria fazer, mas era legítimo exigir dele um mínimo de responsabilidade.

Christer Malm era o outro coproprietário, mas não ajudava mais do que quando estava de férias. Era, sem dúvida alguma, muito talentoso e já assumira o posto de redator-chefe quando Erika estava de licença ou ocupada, porém de modo geral só organizava o que já havia sido decidido pelos outros. Era brilhante em tudo que se relacionava com criação gráfica e diagramação, mas completamente inútil para planejar uma revista.

Monika Nilsson franziu o cenho.

Não, estava sendo injusta. O que a irritava era alguma coisa ter acontecido na redação. Mikael trabalhava com Malu e Henry, e os demais ficavam, de certa forma, excluídos. Eles tinham formado uma panelinha e se trancavam na sala de Erika... de Malu, e saíam de lá sem dizer uma palavra. Sob a direção de Erika, tudo era coletivo. Monika não entendia o que acontecera, mas entendia que estava sendo deixada de lado.

Mikael estava trabalhando no caso Salander e não deixava escapar uma palavra sobre o assunto. Isso, porém, não era novidade. Ele tampouco dissera alguma coisa na época do caso Wennerstrõm — a própria Erika não soubera de nada —, mas desta vez tinha Henry e Malu como confidentes.

Em suma, Monika estava irritada. Estava precjsando de férias. Precisando de distância. Viu Henry Cortez vestir seu casaco de veludo cotelê.

— Vou dar uma volta — disse ele. — Você pode dizer para a Malu que eu vou ficar fora por umas duas horas?

— O que houve?

— Acho que talvez eu tenha descoberto alguma coisa. Um superfuro. Sobre vasos sanitários. Preciso conferir uns detalhes,

mas, se estiver tudo certo, vamos ter um texto legal para o número de junho.

— Vasos sanitários? — espantou-se Monika Nilsson, enquanto ele saía.

Erika Berger cerrou os dentes e largou devagar o texto sobre o futuro julgamento de Lisbeth Salander. Não era longo, duas colunas, destinado à página 5 com as atualidades nacionais. Eram três e meia da tarde de uma quinta-feira. Fazia doze dias que ela estava trabalhando no SMP. Pegou o telefone e ligou para o chefe de Atualidades, Lukas Holm.

— Olá, é a Berger. Você poderia procurar o jornalista Johannes Frisk e vir com ele agora mesmo até a minha sala, por favor?

Ela desligou e esperou pacientemente até Holm chegar ao aquário, seguido por Johannes Frisk. Erika olhou o relógio.

— Vinte e dois — disse ela.

— O quê? — disse Holm.

— Vinte e dois minutos. Você precisou de vinte e dois minutos para se levantar de sua mesa, percorrer os quinze metros que te separam da mesa de Johannes Frisk e se dignar a vir até aqui.

— Você não falou que era urgente. Estou razoavelmente ocupado.

— Eu não falei que era urgente. Falei que era para você buscar o Johannes Frisk e vir até a minha sala. Eu disse "agora mesmo", o que queria dizer imediatamente, e não hoje à noite ou na semana que vem, ou quando fosse conveniente para você tirar a bunda da cadeira.

— Ei, eu estou achando...

— Feche a porta.

Ela esperou Lukas Holm fechar a porta atrás de si. Erika o observou em silêncio. Ele era, sem dúvida, um chefe de Atualidades

particularmente competente, cujo papel era cuidar para que as páginas do SMP sempre trouxessem bons textos, compreensíveis e organizados no espaço definido durante a reunião da manhã. Lukas Holm, de fato, fazia diariamente malabarismo com uma quantidade gigantesca de tarefas. E fazia isso sem deixar cair nenhuma bola.

O problema é que ele ignorava sistematicamente as decisões de Erika Berger. Por quase duas semanas, ela tentara achar um jeito de conseguir trabalhar com ele. Argumentara com cordialidade, experimentara ordens diretas, o estimulara a pensar de forma diferente e, no geral, fizera de tudo para ele entender qual a concepção que ela tinha do jornal.

Nada disso funcionara.

Um texto recusado por ela à tarde aparecia no jornal à noitinha, quando ela voltava para casa. E que excluímos um texto e ficamos com uma lacuna que tínhamos que preencher de qualquer maneira, ele dizia.

O título escolhido por Erika de repente era rejeitado e substituído por outro bem diferente. Nem sempre era ruim, mas isso acontecia sem que ela fosse consultada. Acontecia, inclusive, de maneira provocativa e ostensiva.

Sempre se tratava de ninharias. A reunião da redação prevista para as catorze horas era adiantada para as 13h50 de uma hora para outra, sem que ela fosse informada, a maioria das decisões já estava tomada quando ela por fim chegava. Oh, me desculpe... esqueci completamente de te avisar.

Era muito difícil para Erika Berger entender por que Lukas Holm assumia essa atitude em relação a ela, mas o fato é que as conversas cordiais e as reprimendas discretas não funcionavam. Até então, achara melhor não discutir o problema na presença de outros colaboradores da redação, procurando limitar sua irritação às conversas pessoais e confidenciais. Nada surtira efeito, de modo que chegara a hora de se expressar mais claramente, dessa vez na presença do colaborador Johannes Frisk, garantia de que o teor da conversa se espalharia por toda a redação.

— A primeira coisa que eu disse quando comecei a trabalhar aqui foi que tenho um particular interesse por tudo o que diz respeito a Lisbeth Salander. Expliquei que queria ser informada de todos os artigos que estivessem previstos e que queria olhar e aprovar tudo o que fosse ser publicado. Já lembrei você disso pelo menos uma dúzia de vezes, sendo que a última vez foi na reunião da redação de sexta-feira passada. Que parte dessa instrução você não entendeu?

— Todos os textos previstos ou já na fase de redação estão nas pautas diárias na intranet. Eles são sistematicamente enviados para o seu computador. Você é informada o tempo todo.

— Balela. Quando recebi o SMP na minha caixa de correspondência hoje de manhã, encontrei três colunas sobre a Salander e o acompanhamento do caso de Stallarholmen no espaço nobre de Atualidades.

— Era o texto da Margareta Orring. Ela é frila e só mandou o texto ontem lá pelas sete da noite.

— A Margareta Orring ligou para oferecer o artigo ontem às onze da manhã. Você aceitou e encomendou o trabalho por volta das onze e meia. E não disse uma palavra sobre assunto na reunião das duas da tarde.

— Mas ele consta na pauta do dia.

— Ah, é? Na pauta do dia consta o seguinte: "Margareta Orring, entrevista com a procuradora Martina Fransson. Cf. apreensão de entorpecentes em Sõdertälje".

— O assunto de base era uma entrevista com a Martina Fransson a respeito de uma apreensão de esteroides anabolizantes, que resultou na prisão de um membro do MC Svavelsjõ.

— Tá bom! E na pauta do dia não aparece uma palavra sobre o MC Svavelsjõ nem sobre o fato de que o artigo iria se articular em torno de Magge Lundin e Stallarholmen e, portanto, em torno de Lisbeth Salander.

— Imagino que a coisa tenha se definido no decorrer da entrevista...

— Lukas, não sei qual o motivo, mas você está mentindo para mim enquanto olha nos meus olhos. Eu falei com a Margareta Orring, que escreveu o texto. Ela lhe explicou muito claramente qual era o assunto central da entrevista.

— Sinto muito, mas acho que não entendi que ela ia focar na Salander. Acontece que recebi o texto muito tarde, já de noite. O que eu devia fazer? Jogar tudo fora? E um bom texto, esse da Orring.

— Nesse ponto nós concordamos. E um texto excelente. E chegamos à sua terceira mentira em mais ou menos três minutos. Porque a Orring entregou o texto às três e vinte da tarde, ou seja, muito antes das seis horas, quando eu saí.

— Berger, eu não estou gostando do seu tom.

— Ótimo. Então posso dizer que eu também não gosto do seu tom, nem dos seus pretextos, nem das suas mentiras.

— Quem ouve até pode achar que eu estou armando algum tipo de conspiração contra você.

— Você ainda não respondeu a minha pergunta. E agora mais esta: hoje chega à minha mesa este texto do Johannes Frisk. Não lembro de termos falado sobre ele na reunião das duas horas. Como pode um dos nossos jornalistas ter passado o dia trabalhando sobre a Salander sem que eu estivesse á par?

johannes Frisk se remexeu na cadeira. Teve o bom senso de permanecer calado.

— Mas afinal... a gente está produzindo um jornal. Deve haver centenas de textos que você não conhece. Aqui no SMP a gente tem uma rotina, e cabe a cada um se adaptar a ela. Não tenho nem tempo nem condições de me deter em certos textos específicos.

— Eu não lhe pedi que se detivesse em certos textos específicos. Eu exigi, primeiro, ser informada de tudo o que diz respeito ao caso Salander e, segundo, poder endossar tudo o que fosse publicado sobre o assunto. Então vou repetir a pergunta: que parte dessa instrução você não entendeu?

Lukas Holm suspirou e exibiu uma expressão atormentada.

— Está bem — disse Erika Berger. — Então vou ser mais clara ainda. Não tenho a intenção de ficar discutindo. Vamos ver se você entende a seguinte mensagem. Se essa situação se repetir, tiro você da editoria de Atualidades. Vai ser o maior bafafá, e depois disso você vai ficar redigindo a página Família, ou Lazer, ou algo assim. Não posso ficar com um editor de Atualidades em quem não confio, ou com quem não posso trabalhar, e que passa o tempo todo boicotando as minhas decisões. Está entendido?

Lukas Holm fez um gesto de mãos para expressar como achava um delírio as acusações de Erika Berger.

— Entendeu? Ou não?

— Estou escutando.

— Eu perguntei se você entendeu ou não.

— Você acha mesmo que vai se safar desse jeito? Esse jornal só sai porque eu e outras peças desta engrenagem nos matamos de trabalhar. O conselho administrativo vai...

— O conselho vai fazer o que eu mandar. Estou aqui para renovar o jornal. Tenho uma missão expressa, que a gente negociou juntos com o maior cuidado e que me dá o direito de fazer mudanças de peso na redação no nível das chefias. Posso me desfazer do supérfluo e contratar sangue novo quando eu quiser. E, Holm, para mim você está começando a parecer cada vez mais supérfluo.

Ela se calou. Holm cruzou o olhar com o seu. Parecia furioso.

— É só isso — disse Erika Berger. — Sugiro que você reflita seriamente no que acabamos de falar.

— Não tenho a intenção...

— Só depende de você. É só. Pode se retirar.

Ele deu meia-volta e saiu do aquário. Ela o viu atravessar o formigueiro da redação e desaparecer na sala dos funcionários. Johannes Frisk se levantou para ir atrás dele.

— Você fica, Johannes. Sente-se.

Ela pegou o texto dele e o percorreu com os olhos mais uma vez.

— Pelo que entendi, você está aqui como substituto.

— Sim. Faz cinco meses, esta é a minha última semana.

— Quantos anos você tem?

— Vinte e sete.

— Lamento ter te colocado nesta briga entre mim e o Holm. Me fale sobre o seu artigo.

— Me passaram uma informação hoje de manhã e eu comuniquei ao Holm. Ele falou para eu tocar em frente.

— Certo. Quer dizer que, no momento, a polícia está trabalhando com a hipótese de que a Lisbeth Salander estaria envolvida numa venda de esteróides anabolizantes. O seu artigo tem alguma relação com o texto de ontem, sobre Sõdertälje, que também falava em anabolizantes?

— Não sei, pode ser. Essa história de anabolizantes surgiu da relação dela com o boxeador. O Paolo Roberto e os amigos dele.

— Porque o Paolo Roberto usa anabolizantes?

— O quê? Não, claro que não. Tem mais a ver com o ambiente do boxe. A Salander treina boxe com uns caras meio suspeitos num

clube do Sõder. Mas essa é a visão da polícia, não a minha. Foi em algum ponto por aí que surgiu a idéia de que ela estaria metida com a venda de anabolizantes.

— Portanto o artigo não se fundamenta em nada, a não ser num boato à toa?

— Não é um boato, é uma hipótese que a polícia está considerando. Se eles estão certos ou errados, aí já não faço idéia.

— Perfeito, Johannes. Quero que você saiba que o que eu estou conversando com você agora não tem nada a ver com a minha relação com o Lukas Holm. Acho você um excelente jornalista. Escreve bem e é atento aos detalhes. Em suma, esse artigo que você escreveu está muito bom. Meu único problema é que não acredito numa só palavra do conteúdo dele.

— Posso garantir que ele está absolutamente correto.

— Vou te explicar por que esse artigo traz um erro fundamental. Quem lhe passou a informação?

— Uma fonte policial.

— Quem?

Johannes Frisk hesitou. Sua reticência era instintiva. Como qualquer jornalista no mundo inteiro, ele não gostava de revelar suas fontes. Por outro lado, Erika Berger era a redatora-chefe e, portanto, uma das poucas pessoas que podiam exigir que ele desse essa informação.

— Um policial da Brigada Criminal chamado Hans Faste.

— Foi ele que ligou ou você?

— Ele.

Erika Berger suspirou.

— E por que você acha que ele te ligou?

— Eu o entrevistei várias vezes durante a caçada à Salander. Ele sabe quem eu sou.

— E ele sabe que você tem vinte e sete anos, que é um jornalista substituto e que pode ser útil quando ele quiser plantar informações que o procurador gostaria de divulgar.

— Sim, entendo. Mas, veja bem, eu recebo uma informação de um investigador, vou tomar um café com o Faste e o que ele me conta é isso. Reproduzo fielmente a história dele. Então, o que devo fazer?

— Tenho certeza de que você transcreveu tudo corretamente. O certo teria sido você levar a informação para o Lukas Holm, que me procuraria para explicar a situação, e assim a gente decidiria juntos como encaminhar o caso.

- Entendo. Mas eu...

- Você entregou o material ao Holm, que é o chefe de Atualidades.

- Você fez o certo. O Holm é que pisou na bola. Mas vamos dar uma analisada no seu texto. Primeiro, por que o Faste quer que essa informação se torne pública?

Johannes Frisk deu de ombros.

— Isso quer dizer que você não sabe ou que não está nem aí?

— Que eu não sei.

— Tudo bem. Se eu disser que o seu artigo é mentiroso e que a Salander não tem nada a ver com esteróides anabolizantes, você vai responder o quê?

— Que eu não posso provar o contrário.

— Exato. Isso quer dizer que, segundo você, a gente pode publicar um artigo que talvez seja mentiroso só porque não temos nada em contrário.

— Não, a gente tem uma responsabilidade jornalística. Mas sempre se deve achar um equilíbrio. Não dá para deixar de publicar alguma coisa que uma fonte afirma expressamente.

— Essa é uma filosofia. A gente também pode se perguntar por que a fonte quer divulgar essa informação. Deixe eu explicar por que dei ordem para que tudo o que diz respeito à Salander passe pela minha mesa. Tenho informações particulares sobre esse assunto que mais ninguém aqui no SMP tem. O jurídico foi informado de que eu detenho essas informações e que não posso discuti-las com eles. A Millennium vai publicar uma matéria e, por contrato, não posso revelar nada ao SMP, embora eu esteja trabalhando aqui. Obtive essa informação na qualidade de diretora da Millennium e, no momento, estou numa situação delicada. Você entende o que quero dizer?

— Sim.

— E o que eu sei através Millennium me autoriza, sem hesitação, a declarar que esse artigo é mentiroso e visa prejudicar a Lisbeth Salander antes do julgamento.

— E difícil prejudicar mais a Lisbeth Salander. Com todas as revelações que já foram feitas sobre ela...

— Revelações que são, na maioria, mentirosas e deturpadas. O Hans Faste é uma das principais fontes de todas essas revelações de que Lisbeth Salander seria uma lésbica paranóica e violenta que mexe com satanismo e sadomasoquismo. E a mídia engoliu a versão do Faste apenas porque ele é uma fonte aparentemente séria e porque sempre é divertido escrever sobre sexo Agora ele está enveredando por outra linha de tiro, que pretende condenar a Lisbeth Salander perante a opinião pública, e ele quer que o SMP contribua nessa divulgação. Lamento, mas não sob o meu comando.

— Entendo.

— Tem certeza? Ótimo. Então posso resumir o meu discurso numa só frase. A sua missão como jornalista é questionar e manter

um olhar crítico, e não repetir tolamente qualquer declaração, mesmo que ela venha de um figurão das altas esferas administrativas. Você é um redator de primeira, mas seu talento não vai ter valor nenhum se você se esquecer da sua missão.

— Certo.

— Pretendo invalidar este artigo.

— Tudo bem.

— Ele não se sustenta. Não acredito no que ele diz.

— Entendo.

— Isso não significa que eu não confie em você.

— Obrigado.

— Por isso vou te mandar de volta para a sua mesa com a proposta de um outro artigo.

— Ah, é?

— Tem a ver com o meu contrato com a Millennium. Eu não posso revelar o que sei sobre o caso da Lisbeth Salander. Ao mesmo tempo, sou redatora-chefe de um jornal que está sujeito a dar uma tremenda pisada na bola, já que a redação não dispõe das mesmas informações que eu.

— Humm.

— Isso não é bom. Estamos numa situação única, que só diz respeito à Salander. Por isso resolvi escolher um jornalista e guiá-lo na direção certa para a gente não ficar com cara de bobo quando a Millennium sair.

— E você acha que a Millennium vai publicar algo excepcional sobre a Salander?

— Eu não acho. Eu sei. A Millennium está preparando um furo que vai dar uma reviravolta completa no caso Salander, e eu fico doida por não poder publicar a matéria. Porém isso é impossível.

— Mas você disse que vai rejeitar o meu texto porque sabe que ele esta errado. - Então significa que você já está sabendo que existe alguma coisa no caso que os outros jornalistas deixaram passar.

- Exato.

- Me desculpe, mas é difícil acreditar que a mídia sueca inteirinha

tenha caído numa armadilha dessas...

- A Lisbeth Salander foi vítima de uma perseguição da mídia. Em casos assim, as regras deixam de ter valor e qualquer bobagem pode ir parar na primeira página.

— Você está dizendo que a Salander não é o que aparenta ser.

— Tente imaginar que ela é inocente das acusações que estão lhe fazendo, que a imagem dela, construída pelas manchetes sensacionalistas, é falsa e que estão envolvidas forças bem diferentes das que se viram até agora.

— Você está dizendo que esse é o caso? Erika Berger fez que sim com a cabeça.

— E isso significa que o que eu acabo de escrever faz parte da campanha que tem sido feita contra ela.

— Exato.

— Mas você não pode dizer o porquê disso tudo?

— Não.

Johannes Frisk cocou a cabeça. Erika Berger esperou que ele terminasse de pensar.

— Está bem... o que você quer que eu faça?

— Volte para a sua mesa e comece a pensar num outro artigo. Não precisa se estressar, mas pouco antes de começar o julgamento eu queria publicar um texto longo, talvez de duas

páginas, que analisasse a veracidade de todas as afirmações que já foram feitas sobre a Lisbeth Salander. Para começar, leia todos os artigos que saíram na imprensa, faça uma lista de tudo o que foi dito sobre ela e questione todas as afirmações, uma por uma.

— Ahã...

— Pense como repórter. Descubra quem está espalhando essa história, por que ela se espalhou e quem pode se beneficiar com ela.

— O detalhe é que não sei se ainda vou estar no SMP quando o julgamento começar. Como eu disse, esta é a minha última semana como substituto.

Erika pegou uma pasta de plástico da gaveta da escrivaninha, tirou de lá de dentro um papel e o colocou diante de Johannes Frisk.

— Já prorroguei a sua substituição por mais três meses. Esta semana você continua normalmente, e volta a se apresentar na segunda-feira que vem.

— Hum...

— Quer dizer, isso se você estiver interessado em continuar aqui.

— Claro que sim.

— Você foi contratado para um serviço de investigação fora do trabalho normal da redação. Vai trabalhar diretamente sob as minhas ordens. Será o nosso enviado especial no julgamento Salander.

— O chefe de Atualidades vai estrilar...

— Não se preocupe com o Holm. Já falei com o chefe do jurídico, e ele vai cuidar para que não haja problema com eles. Mas você vai meter o nariz nos bastidores, em vez de ficar levantando informações comuns. Está bem assim?

— Está ótimo.

— Bem... então era isso. Até segunda.

Ela fez um sinal para que ele se retirasse. Quando tornou a levantar os olhos, percebeu que Lukas Holm olhava para ela do outro lado do polo central. Ele baixou os olhos e fingiu não vê-la.

11. SEXTA-FEIRA 13 DE MAIO - SÁBADO 14 DE MAIO

Mikael Blomkvist tomou o maior cuidado para não ser seguido quando, na sexta-feira bem cedo, foi a pé da redação da Millennium até o antigo endereço de Lisbeth Salander na Lundagatan. Precisava ir a Gõteborg se encontrar com Idris Ghidi. A questão era achar um meio de transporte seguro, sem riscos de ser identificado e que não deixasse pistas. Depois de muito ponderar, rejeitara o trem, por não querer usar seu cartão de banco. Em geral, pegava emprestado o carro de Erika Berger, mas isso já não era possível. Chegara a pensar em pedir que Henry Cortez, ou outra pessoa, alugasse um carro para ele, mas isso também acabaria deixando pistas em alguma papelada.

Por fim, descobriu a solução óbvia. Sacou uma quantia significativa num caixa automático da Gõtgatan. Usou as chaves de Lisbeth Salander para abrir a porta do Honda cor de vinho dela, que estava abandonado na frente de sua residência desde o mês de março. Ajustou o assento e constatou que o tanque estava pela metade. Deu a partida e dirigiu-se para a E4 pela ponte de Liljeholmen.

Em Gõteborg, estacionou às 14h50 numa rua transversal à Avenyn. Pediu um almoço tardio no primeiro bar que encontrou. As 16hl0, pegou o bonde para Angered e desceu no centro. Levou vinte minutos para achar o endereço de Idris Ghidi. Estava dez minutos atrasado para o encontro.

Idris Ghidi mancava. Abriu a porta, apertou a mão de Mikael Blomkvist e o convidou a entrar numa sala de mobília espartana. Sobre uma cômoda ao lado da mesa em que convidou Mikael a se sentar, havia uma dúzia de fotografias emolduradas, que Mikael contemplou.

— Minha família — disse Idris Ghidi.

Falava com um sotaque carregado. Mikael calculou que ele não sobreviveria ao teste de proficiência no idioma proposto pelos

moderados.

— São seus irmãos?

— Meus dois irmãos, à esquerda, foram assassinados por Saddam nos anos 1980, assim como meu pai, que está ali no meio. A minha mãe morreu em 2000. Minhas três irmãs estão vivas. Moram no exterior. Duas na Síria e a caçula em Madri.

Mikael meneou a cabeça. Idris Ghidi serviu um café turco.

— O Kurdo Baksi mandou lembranças.

Idris Ghidi fez um gesto de assentimento com a cabeça.

— Ele lhe explicou o que eu queria?

— O Kurdo me disse que você queria me contratar para um serviço, mas não disse o que era. Já vou dizendo que não aceito fazer nada ilegal. Não posso me dar ao luxo de me envolver nesse tipo de coisa.

Mikael balançou a cabeça.

— Não há nada de ilegal no que eu vou lhe pedir, mas é uma coisa meio incomum. O serviço vai durar várias semanas, e seu trabalho propriamente dito deverá ser feito todos os dias. Por outro lado, vai levar apenas poucos minutos por dia. Estou disposto a lhe pagar mil coroas por semana. O dinheiro vai para você direto, nem precisa passar pelo fisco.

— Entendo. O que eu teria que fazer?

— Você trabalha no setor de limpeza do Hospital Sahlgrenska. Idris Ghidi fez que sim com a cabeça.

— Uma das suas tarefas diárias — ou pelo menos seis dias por semana, pelo que entendi — consiste em fazer a faxina do setor 11C, ou seja, a unidade de tratamento intensivo.

Idris Ghidi meneou a cabeça.

— O que eu queria de você é o seguinte.

Mikael Blomkvist se inclinou para a frente e explicou sua proposta.

O procurador Richard Ekstrõm contemplou, pensativo, seu visitante. Era a terceira vez que se encontrava com o delegado Georg Nystrõm. Viu um rosto enrugado, emoldurado por cabelos grisalhos. Georg Nystrõm o visitara pela primeira vez nos dias que se seguiram ao assassinato de Zalachenko. Exibira uma carteira profissional provando que trabalhava para a DGPN/Sãpo. Tiveram uma longa conversa em voz baixa.

— É importante que o senhor entenda que de maneira alguma estou tentando interferir na sua atuação ou fazer o seu trabalho — disse Nystrõm.

Ekstrõm fez um gesto de assentimento com a cabeça.

— Queria também enfatizar que em hipótese alguma o senhor poderá tornar pública a informação que vou lhe passar.

— Entendo — disse Ekstrõm.

Para ser sincero, Ekstrõm não entendia muito bem, mas não queria parecer tolo fazendo perguntas demais. Percebera que o caso Zalachenko era algo a ser tratado com a máxima cautela. Percebera também que as visitas de Nystrõm eram totalmente informais, mesmo havendo uma conexão com o chefe da Segurança.

— Estamos falando de vidas humanas — explicara Nystrõm já no primeiro encontro. — Para nós, da Sapo, tudo o que se refere à verdade sobre o caso Zalachenko é considerado segredo de Estado. Posso confirmar que se trata de um ex-agente secreto que desertou da espionagem militar soviética e uma das figuras-chave na ofensiva dos russos contra a Europa Ocidental nos anos 1970.

— Pois é... aparentemente, é o que afirma o Mikael Blomkvist.

— Nesse caso, o Mikael Blomkvist está coberto de razão. Ele é jornalista e deparou com um dos casos mais secretos da Defesa sueca em todos os tempos.

— Ele vai publicar essa história.

— Evidentemente. Ele representa a imprensa, com todas as suas vantagens e desvantagens. Vivemos numa democracia e não temos nenhuma influência sobre o que circula na mídia. A desvantagem, nesse caso, é que o Blomkvist obviamente só conhece uma parte ínfima da verdade sobre o Zalachenko, e muito do que ele sabe está errado.

— Entendo.

— O que o Blomkvist não percebe é que, se a verdade sobre o Zalachenko vier à tona, os russos vão conseguir identificar os nossos informantes e as nossas fontes entre eles. Isso significa que pessoas que arriscaram a vida pela democracia poderiam ser mortas.

— Mas a Rússia também se tornou uma democracia, não é? Quero dizer, se tudo isso aconteceu no tempo dos comunistas, então...

— Que ilusão! Estamos falando de gente que fez espionagem contra a Rússia — nenhum regime do mundo aceitaria uma coisa dessas, mesmo que tenha acontecido há vários anos. E muitas dessas fontes ainda estão em atividade...

Esses agentes não existiam, mas isso o procurador Ekstrôm não tinha como saber. Era obrigado a aceitar o que Nystrõm dizia. E, contra a sua vontade, sentia-se lisonjeado por partilhar, daquele modo informal, informações consideradas segredo de segurança nacional. Estava vagamente surpreso que a Segurança sueca tivesse conseguido penetrar na defesa russa até onde Nystrõm dava a entender e entendia perfeitamente que aquele tipo de informação sem dúvida não podia ser divulgado.

— Quando me encarregaram de entrar em contato com o senhor, realizamos uma avaliação minuciosa a seu respeito — disse Nystrõm.

Para seduzir uma pessoa, sempre é preciso identificar seus pontos fracos. O ponto fraco do procurador Ekstrõm era a convicção que ele tinha de sua própria importância, e, como todo mundo, ele apreciava a lisonja. O objetivo era ele pensar que havia sido escolhido.

— E constatamos que o senhor goza da maior confiança dentro da polícia... e também, é claro, nas esferas governamentais — acrescentou Nystrõm.

Ekstrõm se sentia no céu. Que pessoas não mencionadas das esferas governamentais confiassem nele era uma informação que indicava, sem ser claramente dito, que ele poderia contar com alguma gratidão se soubesse jogar suas cartas com habilidade. Era uma boa perspectiva para a sua carreira.

— Entendo... e o que vocês desejam?

— Falando de maneira simples, minha missão é lhe fornecer elementos da forma mais discreta possível. O senhor entende, claro, a que ponto essa história é incrivelmente complicada. Por um lado, há um inquérito preliminar dentro das normas, pelo qual o senhor é o responsável. Ninguém... nem 0 governo, nem a Segurança, nem quem quer que seja pode interferir na maneira como o senhor conduz esse inquérito. O seu trabalho consiste em descobrir a verdade e indiciar os culpados. E uma das funções mais importantes que existem num Estado de direito. Ekstrõm assentiu com a cabeça.

— Por outro lado, seria uma catástrofe nacional de proporções quase inconcebíveis se toda a verdade sobre o Zalachenko fosse revelada.

— Qual é, então, o objetivo de sua visita?

— Primeiro, cabe a mim chamar sua atenção para essa situação delicada. Não creio que a Suécia tenha estado numa situação mais vulnerável desde a Segunda Guerra Mundial. Pode-se dizer que o destino do país está, em certa medida, nas suas mãos.

— Quem é o seu chefe?

— Lamento, mas não posso revelar o nome das pessoas que estão trabalhando nesse caso. Mas posso lhe garantir que as minhas instruções vêm do escalão mais alto que se possa imaginar.

Meu Deus. Ele está agindo por ordem do governo. Mas isso não pode ser dito, pois isso desencadearia um desastre político.

Nystrõm viu que Ekstrõm estava mordendo a isca.

— Em compensação, o que posso fazer é ajudá-lo fornecendo informações. Estou autorizado a lhe repassar, na medida em que me parecer pertinente, um material considerado dos mais secretos que temos no país.

— Entendo.

— Isso quer dizer que, quando o senhor tiver perguntas a fazer, quaisquer que sejam, deverá dirigir-se a mim. Não deverá falar com mais ninguém da Segurança, só comigo. Minha missão é guiá-lo nesse labirinto, e se houver qualquer risco de um choque de interesses, vamos ter de encontrar juntos uma solução.

— Entendo. Nesse caso, permita-me dizer que fico muito grato por o senhor e seus colegas estarem dispostos a facilitar as coisas para mim, como estão fazendo.

— Fazemos questão que as vias jurídicas sigam seu curso normal, embora a situação seja delicada.

— Melhor assim. Posso garantir que serei de uma discrição absoluta. Não é a primeira vez que trabalho com dados sigilosos.

— Sim, estamos informados.

Ekstrõm fizera uma dúzia de perguntas, que Nystrüm anotara meticulosamente para tentar lhe trazer mais tarde respostas tão completas quanto possível. Durante uma terceira visita, Ekstrõm teria a resposta para várias dessas perguntas. A mais importante era o que havia de verídico no relatório de Bjõrckdel991.

— Isso é um problema para nós — disse Nystrõm. Ele parecia preocupado.

— Talvez eu deva explicar, antes de mais nada, que desde que esse relatório veio à tona temos um grupo de análise trabalhando quase vinte e quatro horas por dia para esclarecer exatamente o que aconteceu. E já estamos, afinal, chegando a algumas conclusões. São conclusões bastante desagradáveis.

— Posso entender, já que o relatório prova que a Sapo e o psiquiatra Peter Teleborian conspiraram para mandar internar Lisbeth Salander num hospital psiquiátrico.

— Antes tivesse sido assim — disse Nystrõm com um sorrisinho.

— O que o senhor quer dizer?

— Bem, se tivesse sido assim, tudo seria muito simples. Teria havido uma infração à lei que poderia resultar em indiciamento. O problema é que o relatório não corresponde ao que está nos nossos arquivos.

— Como assim?

Nystrõm pegou uma pasta azul e a abriu.

— O que eu tenho aqui é o verdadeiro relatório que Gunnar Bjõrck redigiu em 1991. Temos também nos nossos arquivos os originais da correspondência entre ele e o Teleborian. O problema é que as duas versões não batem.

— Me explique melhor.

— É um tremendo azar o Bjõrck ter se enforcado. Supõe-se que ele tenha feito isso por causa das revelações sobre seus desvios sexuais, que iam ser publicadas em breve. A Millennium pretendia denunciá-lo. Eles o levaram a tal desespero que ele preferiu acabar com a própria vida.

— Sei...

— O relatório original é uma investigação sobre a tentativa de Lisbeth Salander de matar o pai, Alexander Zalachenko, com um coquetel Molotov.

As trinta primeiras páginas que o Blomkvist descobriu batem com o original. Essas páginas não trazem nenhuma informação sensacional. É só a partir da página 33, quando o Bjórck tira suas conclusões e emite um parecer, que aparece a divergência.

— De que jeito?

— Na versão original, o Bjõrck faz cinco recomendações muito claras. Não vou esconder que ele propõe que o caso Zalachenko desapareça dos noticiários. O Bjõrck sugere que a recuperação de Zalachenko — que ficou gravemente queimado — fosse feita no exterior. Coisas desse tipo. Sugere também que seja oferecido a Lisbeth Salander o melhor tratamento psiquiátrico.

— Ah, é?

— O problema é que um bocado de frases foram alteradas, de maneira bem sutil. Na página 34, há um trecho em que o Bjõrck parece sugerir que a Salander seja declarada psicótica, de modo a desacreditá-la caso alguém começasse a fazer perguntas sobre o Zalachenko.

— E essa sugestão não consta no relatório original?

— Exatamente. O Gunnar Bjõrck jamais sugeriu nada do gênero. Sem contar que teria sido contra a lei. Ele sugeriu que ela recebesse o tratamento de que de fato precisava. Na cópia do Blomkvist, isso tudo vira uma maquinação.

— Posso ler o original?

— Pois não. Mas preciso levá-lo comigo quando sair. E, antes que o leia, permita-me chamar sua atenção para o anexo, a correspondência que posteriormente se estabeleceu entre o Bjõrck e o Teleborian. Foi quase que toda falsificada. E nesse caso não se trata de alterações sutis, e sim de falsificações grosseiras.

— Falsificações?

— Acho que a palavra é essa. O original mostra que Peter Teleborian foi indicado pelo Tribunal de Instâncias para fazer uma avaliação psiquiátrica legal de Lisbeth Salander. O que não é nada estranho. Lisbeth Salander tinha doze anos e havia tentado matar o pai com um coquetel Molotov. Estranho seria se não tivesse havido nenhuma avaliação psiquiátrica.

— Sim, claro.

— Se o senhor fosse procurador naquela época, imagino que também teria pedido não só uma investigação social como uma avaliação psiquiátrica.

— Sem dúvida.

— Já naquela época o Teleborian era um psiquiatra infantil conhecido e respeitado, além de já ter trabalhado com medicina legal. Foi indicado e realizou um exame absolutamente normal, concluindo que Lisbeth Salander apresentava perturbações psíquicas... desculpe se estou deixando de lado os termos técnicos.

— Sim, sim...

— O Teleborian registrou todas as suas conclusões num relatório, que ele enviou ao Bjõrck e que posteriormente foi apresentado ao Tribunal de Instâncias, o qual decidiu que a Salander deveria ser tratada na clínica Sankt Stefan.

— Entendo.

— Na versão do Blomkvist, não consta a avaliação feita pelo Teleborian. Em seu lugar, há uma correspondência entre o Bjõrck e o Teleborian insinuando que o Bjõrck orienta o Teleborian a apresentar um exame psiquiátrico forjado.

— E, segundo o senhor, essa correspondência é falsa.

— Sem dúvida.

— E quem teria interesse em fazer essas falsificações? Nytstrõm largou o relatório e franziu o cenho.

— Agora o senhor pôs o dedo no nó da questão.

— E a resposta é...

— Não sabemos. O nosso grupo de análise está dando um duro justamente para descobrir a resposta a essa pergunta.

— Seria possível imaginar que o Blomkvist forjou tudo isso? Nystrõm riu.

— No começo também pensamos assim. Mas parece inverossímil. Achamos que essas falsificações foram feitas muito tempo atrás, provavelmente na época em que o relatório original foi escrito.

— Ah, é?

— O que nos leva a conclusões desagradáveis. Quem fez essa falsificação estava bem por dentro do caso. Além disso, o falsário tinha acesso à mesma máquina de escrever do Bjõrck.

— Está querendo dizer que...

— Não sabemos onde o Bjõrck redigiu o relatório. Pode ter usado uma máquina de escrever em casa, ou no seu trabalho, ou em qualquer outro lugar- Estamos considerando duas alternativas. O falsário era uma pessoa do meio psiquiátrico ou médico-legal que, por algum motivo, queria desacreditar o Teleborian. Ou então a falsificação foi feita por outro motivo bem diferente por alguém da Sapo.

— Por quê?

— Isso aconteceu em 1991. Poderia ser que um agente russo infiltrado na DGPN/Sãpo tivesse farejado o Zalachenko. Essa possibilidade nos levou a verificar, atualmente, uma boa quantidade de arquivos pessoais.

— Mas se a KGB tivesse ouvido rumores do... isso teria sido revelado há alguns anos.

— Bem pensado. Mas não esqueça que foi justamente nessa época que a União Soviética caiu e a KGB foi dissolvida. Não sabemos o que deu errado. Quem sabe uma operação planejada acabou sendo abortada. A KGB era realmente mestra em falsificar documentos e em desinformação.

— Mas por que a KGB faria uma coisa dessas?

— Também não sabemos. Mas um motivo plausível, claro, seria humilhar o governo sueco.

Ekstrõm beliscou o lábio inferior.

— Está querendo dizer que a avaliação médica da Salander está correta?

— Se está! Sem sombra de dúvida. A Salander é completamente insana, com o perdão da expressão. Não tenha o menor receio quanto a isso. A decisão de interná-la numa instituição foi totalmente justificada.

— Vasos sanitários! — disse, incrédula, a redatora-chefe interina Malu Eriksson. Pelo visto, ela achava que Henry Cortez estava de gozação com ela.

— Vasos sanitários — repetiu Henry Cortez meneando a cabeça.

— Você pretende fazer um artigo sobre vasos sanitários para a Millennium?

Monika Nilsson deu uma súbita e inoportuna gargalhada de escárnio. Ela notara o mal disfarçado entusiasmo dele ao chegar à reunião de sexta-feira e identificara todos os sintomas do jornalista às voltas com um bom assunto para um artigo.

— Certo, explique-se.

— É muito simples — disse Henry Cortez. — A maior indústria sueca em todas as categorias, é a da construção civil. É uma indústria que, na prática, não pode ser transferida para outro lugar, mesmo que a Skanska finja ter escritórios em Londres e coisas do gênero. Seja como for, os prédios têm de ser construídos na Suécia.

— Sim, isso não é novidade.

— Não. O que é mais ou menos uma novidade é que a construção civil está anos-luz atrás de todas as demais indústrias suecas quando se trata de concorrência e eficiência. Se a Volvo fabricasse automóveis do mesmo jeito, um carro último modelo estaria custando um ou dois milhões. Qualquer indústria normal só pensa em baixar os preços. Na construção civil, é o oposto. Eles não estão nem aí para os preços, o custo do metro quadrado aumenta o tempo todo e o Estado tem de oferecer subsídio com o dinheiro do contribuinte para que o negócio simplesmente não se inviabilize.

— E isso dá matéria?

— Espere. E complicado. Se o preço do hambúrguer tivesse subido do mesmo jeito de 1970 para cá, um Big Mac estaria custando umas cento e cinqüenta coroas ou mais. Prefiro não imaginar o quanto estaria custando com as batatas fritas e uma Coca. Meu salário aqui da Millennium não seria suficiente. Quantos de vocês aqui em volta desta mesa topariam comprar um hambúrguer por cem coroas?

Ninguém respondeu.

— Têm razão. Mas quando a NCC ergue rapidinho em Gâshaga uns contêineres de latão que eles chamam de moradia, ela tem a ousadia de pedir dez ou doze mil coroas de aluguel mensal por dois dormitórios. Quantos de vocês podem pagar isso?

— Eu, pelo menos, não posso — disse Monika Nilsson.

— Não pode. E olhe que você já mora num quarto-e-sala em Danvikstull, que seu pai comprou para você há vinte anos e que

você poderia vender por, digamos, um milhão e meio. Mas o que faz um jovem de vinte anos que quer sair do ninho? Não tem condições. Ele então faz uma sublocação, ou até uma subsublocação, ou fica morando com a velha mãezinha dele até se aposentar.

— E onde é que entram os vasos sanitários? — perguntou Christer Malm.

— Estou chegando lá. O fato é que a gente deve se perguntar por que os apartamentos são tão caros. Ora, porque o pessoal que encomenda os prédios não sabe como se faz. Para simplificar, o caso é o seguinte: um promotor municipal chama uma empresa de construção civil como a Skanska, diz que deseja encomendar cem apartamentos e pergunta quanto vai custar. A Skanska faz uns cálculos e liga de volta dizendo que vai custar, digamos, quinhentos milhões de coroas. O que significa que o preço por metro quadrado é xis coroas, e vai lhe custar uns dez mil paus por mês se você quiser morar ali. Porque, diferentemente do que acontece no caso do MacDonald's, você não pode não morar em algum lugar. É obrigado, portanto, a pagar o quanto custa.

— Por favor, Henry... vamos aos fatos.

— Mas o fato é justamente esse. Por que me custa dez mil paus morar num desses malditos caixotes em Hammarbyhamnen? Vou explicar. É porque as construtoras não se preocupam em segurar os preços. O cliente paga seja lá o que for. Um dos maiores custos é o material de construção. O comércio de material de construção passa pelos atacadistas, que estabelecem seus próprios preços. Como não há concorrência de fato, uma banheira, na Suécia, custa cinco mil coroas. Na Alemanha, a mesma banheira, do mesmo fabricante, custa duas mil coroas. Não sei como se explica essa diferença de preço.

— Certo.

— Boa parte disso tudo pode ser lida num relatório da Comissão do Governo para Custos de Construção, que se movimentou bastante no final dos anos 1990. De lá para cá, as coisas não avançaram muito. Ninguém negocia com os construtores

para denunciar essa aberração de preços. Os clientes pagam documente o preço que custar e, no fim de tudo, os locatários ou os contribuintes é que pagam a conta.

— E os vasos sanitários, Henry?

— Depois que a Comissão para Custos de Construção foi criada, os poucos avanços ocorreram em nível local, principalmente na periferia de Estocolmo. Alguns clientes se cansaram dos preços altos. Um exemplo é a Karlskronahem, que constrói mais barato que qualquer outra, simplesmente comprando ela própria os seus materiais. Além disso, a Federação de Comércio sueca andou se envolvendo. Eles acham os preços do material de construção completamente delirantes e têm tentado facilitar as coisas para os clientes importando produtos equivalentes mais baratos. O que resultou num pequeno conflito na Feira da Construção de Àlvjõ um ano atrás. O comércio sueco tinha trazido um sujeito da Tailândia que estava liquidando vasos sanitários por pouco mais de quinhentas coroas a unidade.

— Ahã. E daí?

— O concorrente imediato era um atacadista sueco, a Vitavara S.A., que vende autênticos vasos sanitários suecos por mil e setecentas coroas cada um. E alguns consumidores mais espertos, em quase todos os municípios, estão começando a cocar a cabeça e se perguntar por que eles devem morrer com mil e setecentas coroas quando poderiam conseguir um vaso sanitário equivalente, made in Tailândia, por quinhentos paus.

— Talvez seja de melhor qualidade? — perguntou Lottie Karim.

— Não. É um produto equivalente.

— Tailândia — disse Christer Malm. — Isso cheira a trabalho infantil clandestino, coisas assim. O que talvez explique o preço inferior.

— Não — disse Henry Cortez. — Na Tailândia, o trabalho infantil é praticado principalmente na indústria têxtil e de suvenires.

Além de no comércio de pedofilia, claro. Estou falando em indústria de verdade. A ONU tem estado de olho no trabalho infantil, e eu verifiquei a empresa. Nada a opor. Trata-se de uma grande emprega, moderna e respeitável, de produtos sanitários.

— Bem... estamos falando de um país em que os salários são baixos, e podemos acabar escrevendo uma matéria clamando para que a indústria sueca seja eliminada pela concorrência tailandesa. Despeçam os operários suecos, fechem as empresas e importem da Tailândia. Com essa você não vai crescer na estima dos operários suecos.

Um sorriso iluminou o rosto de Henry Cortez. Ele se inclinou para trás e adotou um ar escandalosamente fanfarrão.

— Nã nã nã — disse. — Adivinhem onde é que a Vitavara S.A. fabrica seus vasos sanitários de mil e setecentos paus?

Fez-se um silêncio na redação.

— No Vietnã — disse Henry Cortez.

— Não acredito! — exclamou Malu Eriksson.

— Mas é, minha cara — disse Henry. — Faz pelo menos dez anos que eles terceirizam lá a fabricação de vasos sanitários. Os operários suecos já foram despedidos nos anos 1990.

— Puta merda!

— Mas a cereja do bolo é a seguinte: se a gente importasse diretamente da fábrica vietnamita, o preço seria pouco mais de trezentas e noventa coroas. Adivinhem como se explica a diferença de preço entre a Tailândia e o Vietnã?

__Não vai me dizer que...

Henry Cortez fez que sim com a cabeça. O sorriso transbordava em seu rosto.

— A Vitavara S.A. entrega a fabricação a uma coisa chamada Fong Soo Industries. Ela consta na lista da ONU das empresas que,

pelo menos numa investigação de 2001, empregava crianças. Mas a maior parte dos operários é de prisioneiros.

Malu Eriksson sorriu de repente.

— Isso é bom — disse ela. — Realmente muito bom. Assim você vai acabar virando jornalista quando crescer. Quando é que você acha que pode terminar esse texto?

— Daqui a duas semanas. Ainda tenho que checar várias coisas sobre o comércio internacional. Além disso, vamos precisar de um bad guy para o artigo, e preciso me informar sobre os donos da Vitavara S.A.

— Podemos publicar no número de junho? — perguntou Malu, esperançosa.

— No problem.

O inspetor Jan Bublanski contemplou o procurador Richard Ekstrõm com um olhar sem expressão. A reunião tinha durado quarenta minutos, e Bublanski sentia uma imensa vontade de estender a mão para pegar o exemplar de A Lei do reino que estava na ponta da mesa de Ekstrõm e debochar do procurador. O que sem dúvida resultaria em grandes manchetes nos tablóides e, provavelmente, num indiciamento por golpes e ferimentos. Descartou a idéia. A vantagem de ser um homem civilizado é não ceder a esse tipo de impulso, qualquer que seja a provocação do adversário. E, em geral, era justamente quando alguém cedia a um impulso desse tipo que se recorria ao inspetor Bublanski.

— Ótimo — disse Ekstrõm. — Parece que estamos de acordo.

— Não, não estamos — respondeu Bublanski, levantando-se. — Mas o senhor é quem está à frente do inquérito preliminar.

Ele resmungou baixinho ao virar no corredor de sua sala e em seguida reuniu os inspetores Curt Bolinder e Sonja Modig, que compunham toda a sua equipe naquela tarde. Jerker Holmberg tivera a péssima idéia de tirar duas semanas de férias.

— Na minha sala — disse Bublanski. — Tragam café.

Depois que se acomodaram, Bublanski abriu sua caderneta com as anotações da reunião com Ekstrõm.

— A atual situação é que o nosso chefe do inquérito preliminar descartou todas as acusações contra Lisbeth Salander relativas aos assassinatos pelos quais ela foi procurada. De modo que, no que nos diz respeito, ela não está mais incluída no inquérito preliminar.

— Bem, temos que ver isso como um avanço — disse Sonja Modig. Curt Bolinder, como sempre, não disse nada.

— Não tenho tanta certeza — disse Bublanski. — A Salander ainda está sendo acusada de infrações graves em Stallarholmen e Gosseberga. Mas isso não faz mais parte da nossa investigação. O que sobrou para a gente é encontrar o Niedermann e explicar o cemitério selvagem de Nykvarn.

— Entendi.

— O certo é que, agora, quem vai indiciar a Lisbeth Salander é o Ekstrõm. O caso foi transferido para Estocolmo e foram pedidas investigações bem diferentes.

— Ah, é?

— E adivinhe quem vai investigar a Salander.

— Já estou temendo o pior.

— O Hans Faste voltou. Vai assessorar o Ekstrõm.

— Que absurdo! O Faste não é, de jeito nenhum, a pessoa certa para investigar a Salander.

— Eu sei. Mas o Ekstrõm tem bons argumentos. O Faste estava de licença médica desde que teve um... humm... esgotamento em abril, e estão dando a ele uma investigaçãozinha simples.

Silêncio.

— Portanto, vamos repassar para ele hoje à tarde todo o nosso material sobre a Salander.

— E a história do Gunnar Bjórck, e da Sapo, e do relatório de 1991...

— O Ekstrõm e o Faste vão cuidar dessa parte.

- Não estou gostando nada disso — disse Sonja Modig.

- Nem eu. Mas o chefe é o Ekstrõm, e ele tem contatos lá em cima. Ou a nossa tarefa ainda é encontrar o assassino. Curt, em que pé estamos?

Curt Bolinder balançou a cabeça.

- O Niedermann continua sumido. Devo confessar que nesses anos todos de casa nunca passei por nada igual. Não temos um único informante que conheça o sujeito ou aparente saber onde ele se encontra.

— Muito suspeito — disse Sonja Modig. — Em todo caso, ele está sendo procurado pelo homicídio do policial de Gosseberga, por golpes e ferimentos agravados contra um policial, tentativa de assassinato de Lisbeth Salander e rapto agravado mais golpes e ferimentos sobre Anita Kaspersson, a assistente de odontologia. E também pelos assassinatos de Dag Svensson e Mia Berg-son. Em todos esses casos, as provas técnicas são satisfatórias.

— Deve ser suficiente. E como vai a investigação sobre o consultor financeiro do MC Svavelsjõ?

— Viktor Gõransson e sua companheira Lena Nygren. Temos provas técnicas que ligam o Niedermann ao local. Impressões digitais e DNA no corpo do Gõransson. O Niedermann ralou o dorso das mãos quando deu uma surra nele.

— Certo. Novidades sobre o MC Svavelsjõ?

— O Benny Nieminen assumiu a chefia enquanto o Magge Lundin está em prisão preventiva, aguardando o julgamento pelo rapto da Miriam Wu. Corre o boato de que o Nieminen prometeu

uma bela recompensa para quem der uma pista do paradeiro do Niedermann.

— O que torna ainda mais estranho o fato de o cara ainda não ter sido encontrado. E o carro de Gõransson?

— Como o carro da Anita Kaspersson foi encontrado no sítio de Gõransson, estão achando que o Niedermann mudou de carro. Não temos nenhuma pista sobre esse outro.

— E de se perguntar, então, se o Niedermann ainda está entocado em algum lugar da Suécia — e, nesse caso, onde e com quem — ou se já teve tempo de se pôr em segurança no exterior. O que o pessoal está achando?

— Nada indica que ele foi para o exterior, mas não deixa de ser a única Possibilidade lógica.

— Nesse caso, onde é que ele abandonou o carro?

Num mesmo gesto, Sonja Modig e Curt Bolinder balançaram a cabeça O trabalho da polícia, nove em cada dez vezes, era razoavelmente simples quando se tratava de procurar um indivíduo cujo nome se sabia. Bastava criar uma cadeia lógica e começar a puxar os fios. Quem eram seus amigos? Com quem dividira uma cela no xadrez? Em que área seu celular fora usado recentemente? Onde estava o carro dele? No final da cadeia, em geral se encontrava a pessoa procurada.

O problema com Ronald Niedermann é que ele não tinha amigos, não tinha namorada, nunca tinha sido preso e não tinha celular conhecido.

Grande parte da investigação havia se concentrado, portanto, em procurar o carro de Viktor Gõransson, que Niedermann supostamente estava usando. Se encontrassem o carro, já seria uma indicação de por onde prosseguir as buscas. De início, imaginaram que o carro iria aparecer em alguns dias, provavelmente num estacionamento de Estocolmo. Mas, apesar dos avisos de busca, o veículo continuava se destacando pela ausência.

— Se ele estiver no exterior... onde estará?

— Ele é cidadão alemão, o mais natural seria ele tentar ir para a Alemanha.

— Ele está sendo procurado na Alemanha. E não parece ter mantido contato com seus antigos amigos de Hamburgo.

Curt Bolinder agitou as mãos.

— Se o plano dele era se mandar para a Alemanha... por que, neste caso, ele iria para Estocolmo? O certo seria ele pegar a direção de Malmõ e a ponte de 0resund, ou de uma das balsas.

— Eu sei. Nos primeiros dias o Marcus Ackerman, de Gõteborg, direcionou o grosso das buscas nessa direção. A polícia da Dinamarca está informada sobre o carro do Gõransson, e podemos afirmar com segurança que ele não pegou nenhuma balsa.

— Mas ele foi a Estocolmo, até o MC Svavelsjõ, trucidou o tesoureiro e — supõe-se — roubou uma quantia ignorada de dinheiro. Qual seria o passo seguinte?

— Ele precisa deixar a Suécia — disse Bublanski. — O mais natural seria ele pegar uma balsa para os Países Bálticos. O Gõransson e a companheira foram mortos bem tarde da noite de 9 de abril. Isso quer dizer que o Niedermann pode ter pego uma balsa de manhã. Só fomos avisados dezesseis horas i p0js da morte deles, e desde então estamos procurando o carro.

- Se ele pegou a balsa de manhã, o carro do Gõransson deveria estar estacionado perto de um dos portos — constatou Sonja Modig.

Curt Bolinder meneou a cabeça.

— De repente, é muito mais simples. Talvez não tenhamos encontrado o carro do Gõransson porque o Niedermann saiu do país pelo norte, via Haparanda. É um tremendo desvio contornar o Golfo de Bótnia, mas em dezesseis horas ele certamente teve tempo de atravessar a fronteira finlandesa.

— É, mas depois ele teria que abandonar o carro em algum lugar da Finlândia e, a essa altura, nossos colegas finlandeses já deveriam tê-lo encontrado.

Ficaram um bom momento calados. Por fim, Bublanski se levantou e foi para a frente da janela.

— É contra toda a lógica e probabilidade, mas o fato é que o carro do Gõransson continua desaparecido. Será que ele conseguiu achar um esconderijo e está entocado esperando a hora certa, uma casa de campo ou...

— Dificilmente pode ser uma casa de campo. Nessa época do ano, todos os proprietários estão ajeitando e enfeitando as casas para o verão.

— E não deve ser nada ligado ao MC Svavelsjõ. Imagino que sejam as últimas pessoas que ele quer ver pela frente.

— Portanto, daria para excluir o círculo dele... Será que existe uma namorada e a gente não sabe?

As especulações eram muitas, mas eles não dispunham de nenhum dado concreto.

Assim que Curt Bolinder foi embora, Sonja Modig retornou à sala de Jan Bublanski e bateu no batente da porta. Ele fez sinal para ela entrar.

— Você teria dois minutinhos?

— O que foi?

— A Salander.

— Pode falar.

— Não gosto nem um pouco desse novo planejamento, com o Ekstrõm e o Faste e um novo processo. Você leu o relatório do Bjõrck. Eu li o relatório do Bjõrck. A Salander foi sabotada em 1991, e o Ekstrõm sabe disso. Que diabos está acontecendo?

Bublanski tirou seus óculos fundo de garrafa e guardou-os no bolso da camisa.

— Eu não sei.

— Você não tem nenhuma idéia?

— O Ekstrõm diz que o relatório do Bjõrck e a correspondência dele com o Teleborian foram falsificados.

— Mentira. Se tivessem sido falsificados, o Bjõrck teria dito isso quando foi interrogado.

— Diz o Ekstrõm que o Bjõrck se negava a falar disso por ser um assunto sigiloso de segurança nacional. Ele me censurou por eu ter me adiantado e detido o Bjõrck.

— Cada dia que passa detesto mais o Ekstrõm.

— Ele está sendo pressionado.

— Isso não é desculpa.

— Nós não temos o monopólio da verdade. O Ekstrõm afirma que lhe apresentaram provas de que o relatório é falso; não existe nenhuma investigação de fato cadastrada com esse número. Ele diz também que a falsificação foi muito benfeita e que é uma mescla de verdade e de invenção.

— Que parte é verdadeira e que parte foi inventada?

— O conjunto está mais ou menos certo. O Zalachenko é pai da Lisbeth Salander, um cretino que espancava a mãe dela. A história de sempre — a mãe nunca queria dar queixa, de modo que a situação se manteve daquele jeito por anos a fio. A tarefa do Bjõrck era descobrir o que aconteceu quando a Lisbeth tentou matar o pai com um coquetel Molotov. Ele mantinha uma correspondência com o Teleborian, mas, no conjunto, a correspondência que nós vimos era falsificada. O Teleborian fez uma avaliação psiquiátrica de rotina na Salander e constatou que ela era louca, e um procurador resolveu desistir das acusações que pesavam contra ela. Ela precisava de tratamento e foi internada na Sankt Stefan.

— Mas foi tudo uma encenação... Quem teria feito isso, e com que objetivo?

Bublanski fez um gesto separando as mãos.

— Você está de gozação?

- Pelo que entendi, o Ekstrõm vai exigir outro exaustivo exame psiquiátrico da Salander.

- Não consigo aceitar isso.

- Não é mais assunto nosso. Fomos desligados do caso Salander.

- E o Hans Faste foi ligado... Jan, pretendo alertar a imprensa se esses nojentos atacarem de novo a Salander...

— Não, Sonja. Você não vai fazer isso. Primeiro, porque não temos mais acesso à investigação; logo, você não tem mais como provar o que vai dizer. Vão te achar uma paranóica de primeira e a sua carreira acaba num piscar de olhos.

— Eu ainda estou com o relatório — disse Sonja Modig com voz débil. — Eu tinha feito uma cópia para o Curt Bolinder, mas não tive tempo de entregar antes de o Ministério Público recolher tudo.

— Se você deixar vazar esse relatório, não só vai ser despedida como vai incorrer em falha profissional grave por colocar um relatório sigiloso nas mãos da imprensa.

Sonja Modig ficou um instante calada e encarou seu chefe.

— Sonja, me prometa que não vai fazer nada. Ela hesitou.

— Não, Jan, não posso prometer isso. Tem algo de podre nessa história. Bublanski concordou com a cabeça.

— Tem, sim. Mas no momento não sabemos quem são nossos inimigos. Sonja Modig inclinou a cabeça.

— E você, tem a intenção de fazer alguma coisa?

— Isso eu não vou lhe contar. Confie em mim. Estamos no final da tarde de sexta-feira. Curta o seu fim de semana. Vá para casa. Essa conversa nunca aconteceu.

Era uma e meia da tarde de sábado quando o agente da Securitas Niklas Adamsson ergueu os olhos do livro de economia política que estava estudando para um exame que ocorreria dali a três semanas. Acabava de ouvir o discreto zumbido das escovas rotativas do carrinho de faxina e viu que se datava do imigrante manco. O sujeito sempre o cumprimentava educada-rtlente, mas não falava muito e nunca ria nas vezes em que Adamsson tentava brincar com ele. Observou-o enquanto ele pegava um frasco e vaporizava o balcão da recepção, enxugando em seguida com um pano. Depois, ele pegou a vassoura com franjas e passou-a pelos cantos da recepção que as escovas do carrinho não alcançavam. Niklas Adamsson tornou a enfiar o nariz no livro e continuou sua leitura.

O funcionário da limpeza levou dez minutos para chegar à cadeira de Adamsson, no fim do corredor. Cumprimentaram-se com um gesto de cabeça. Adamsson se levantou e deixou o faxineiro cuidar do piso em volta de sua cadeira, em frente ao quarto de Lisbeth Salander. Ele via aquele homem praticamente todos os dias desde que começara seu plantão em frente ao quarto, mas seria incapaz de lembrar o nome dele. De qualquer modo, era um nome de turco. Adamsson não via realmente necessidade de controlar a identidade dele. De um lado, o imigrante não ia fazer faxina dentro do quarto da prisioneira — duas mulheres cuidavam disso de manhã — e, de outro, aquele manco não parecia representar nenhuma ameaça.

Quando o homem terminou a limpeza no fim do corredor, abriu com a chave a porta vizinha ao quarto de Lisbeth Salander. Adamsson o observou com o rabo dos olhos, mas isso tampouco significava um desvio da rotina. Ali, no fim do corredor, ficava o armário das vassouras. Ele passou os cinco minutos seguintes esvaziando o balde, limpando as escovas e enchendo o carrinho

com sacos plásticos para o lixo. Em seguida, empurrou o carrinho para dentro do armário.

Idris Ghidi estava ciente da presença do vigilante da Securitas no corredor. Era um rapaz loiro de uns vinte e cinco anos mais ou menos, que em geral ficava de plantão dois ou três dias por semana e lia livros de economia política. Ghidi concluíra que ele trabalhava meio período na Securitas e ao mesmo tempo estudava, e prestava tão pouca atenção ao que se passava em volta quanto um tijolo da parede.

Idris Ghidi perguntou-se o que Adamsson faria se alguém tentasse de fato entrar no quarto de Lisbeth Salander.

Idris Ghidi também se perguntou o que Mikael Blomkvist teria em mente. Estava perplexo. Ele, claro, tinha lido os jornais e fizera a associação com a Lisbeth Salander do 11C, e sua expectativa era que Mikael Blomkvist quisesse que ele introduzisse alguma coisa clandestinamente no quarto. Nesse caso ele teria sido obrigado a recusar, pois não tinha acesso ao quarto nem nunca o tinha visto. A proposta que ele lhe fizera, porém, não tinha nada a ver com isso.

Ele não via nada de ilegal em sua tarefa. Deu uma olhada pela fresta da porta e viu que Adamsson voltara a se sentar na cadeira em frente à porta e estava lendo seu livro. Estava satisfeito por não haver mais ninguém por perto o que geralmente era o caso, já que o armário das vassouras ficava no fim do corredor. Enfiou a mão no avental e pegou um celular novo, um Sony Eriksson Z600. Idris Ghidi vira aquele modelo num folheto publicitário e sabia que custava mais de três mil e quinhentas coroas no mercado e dispunha de todos os macetes imagináveis.

Olhou para o mostrador e notou que o celular estava ligado, mas com o som de chamada no silencioso e o vibrador desativado. Então ficou na ponta dos pés e desencaixou o tampo branco e redondo de um sistema de ventilação que ia até o quarto de Lisbeth Salander. Colocou o celular dentro do conduto, fora do alcance da vista, exatamente como Mikael Blomkvist lhe pedira.

A manobra durou cerca de trinta segundos. No dia seguinte, levaria cerca de dez. Sua tarefa então seria pegar o celular, trocar a bateria e colocar o aparelho de volta no conduto de ventilação. Levaria a bateria usada para casa e a recarregaria durante a noite.

Era só o que Idris Ghidi precisava fazer.

Contudo, isso não ajudaria Lisbeth Salander. Do lado de lá, havia uma grade parafusada na parede. Ela jamais conseguiria pegar o celular se não tivesse acesso a uma chave de fenda cruciforme e a uma escada.

— Eu sei — dissera Mikael. — Mas ela não vai precisar tocar no celular.

Idris Ghidi teria de realizar essa tarefa todos os dias, até Mikael Blomkvist avisar que ela não era mais necessária.

E para isso Idris Ghidi receberia mil coroas líquidas por semana. Além disso, poderia ficar com o celular depois de concluído o serviço.

Ele balançou a cabeça. Sabia, é claro, que Mikael tramava alguma coisa, mas não conseguia imaginar o quê. Colocar um celular ligado, mas não conectado, num sistema de ventilação fechado a chave era uma idéia tão esquisita que Ghidi não entendia para que servia. Se Blomkvist queria se comunicar com Lisbeth Salander, seria mais inteligente subornar uma enfermeira para lhe passar o telefone. Não havia nenhuma lógica naquela operação.

Ghidi balançou a cabeça. Por outro lado, não se negaria a fazer esse favor para Mikael Blomkvist enquanto ele lhe pagasse mil coroas por semana. E não pretendia fazer perguntas.

O Dr. Anders Jonasson diminuiu o passo ao avistar um homem de uns quarenta anos apoiado na grade da entrada de seu prédio, na Hagagatan. O homem, que lhe parecia vagamente familiar, dirigiu-lhe um sinal de reconhecimento com a cabeça.

— Doutor Jonasson?

— Sou eu.

— Lamento incomodá-lo assim, na rua, na frente da sua casa. Mas não queria procurá-lo no seu trabalho e preciso falar com o senhor.

— Do que se trata, e quem é o senhor?

— Meu nome é Mikael Blomkvist. Sou jornalista da revista Millennium. Trata-se de Lisbeth Salander.

— Ah, sim, estou lembrado. Foi o senhor que ligou para o sos-Brigada quando ela foi encontrada... Também foi o senhor que colocou fita adesiva nos ferimentos?

— Fui.

— Foi um gesto inteligente. Mas lamento. Não estou autorizado a falar sobre os meus pacientes com os jornalistas. Vai ter de fazer como todo mundo e ver com a área de comunicação do Sahlgrenska.

— O senhor não me entendeu. Não estou atrás de informações, estou aqui em caráter privado. Não precisa me dizer nada nem me passar informações. Na verdade, é o contrário. Eu é que gostaria de lhe passar alguns dados.

Anders Jonasson franziu o cenho.

— Por favor — suplicou Mikael Blomkvist. — Não costumo assediar cirurgiões no meio da rua, mas é extremamente importante que eu fale com o senhor. Há um café mais adiante, ali na esquina. Posso convidá-lo para tomar alguma coisa?

— Nós vamos falar sobre o quê?

— Sobre o futuro e o bem-estar de Lisbeth Salander. Eu sou amigo dela.

Anders Jonasson hesitou bastante. Sabia que se fosse outra pessoa que não Mikael Blomkvist que o abordasse assim no meio

da rua, se fosse um desconhecido qualquer, teria recusado. Mas Blomkvist era uma figura conhecida e, de repente, Anders Jonasson convenceu-se de que não se tratava de uma brincadeira de mau gosto.

— Não quero, de jeito nenhum, ser entrevistado e não vou falar sobre a minha paciente.

— Para mim está bem — disse Mikael.

Por fim, Anders Jonasson assentiu rapidamente com a cabeça e acompanhou Blomkvist até o café.

— Do que se trata? — ele perguntou num tom neutro, depois que foram servidos. — Estou ouvindo, mas não pretendo fazer nenhum comentário.

— O senhor tem medo que eu o cite ou o exponha na imprensa. Quero que fique absolutamente claro desde já que não se trata de nada disso. No que me diz respeito, esta conversa nunca aconteceu.

— Certo.

— Gostaria de lhe pedir um favor. Mas antes preciso explicar exatamente o porquê, para que o senhor possa julgar se é moralmente aceitável para o senhor me fazer esse favor.

— Não estou gostando do rumo desta conversa.

— Só o que estou lhe pedindo é que me escute. Como médico da Lisbeth Salander, cabe ao senhor zelar pelo bem-estar físico e mental dela. Como amigo da Lisbeth, cabe a mim fazer o mesmo. Não sou médico, portanto não posso remexer na cabeça dela para extrair balas de lá, por exemplo. Mas tenho outro tipo de competência, tão importante quanto, para o bem-estar dela.

— Ahã.

— Sou jornalista e, cavando aqui e ali, descobri a verdade sobre tudo o que aconteceu.

— Certo.

— Posso lhe contar, em linhas gerais, para que o senhor possa avaliar Por si mesmo.

— Ahã.

— Eu talvez deva dizer, para começar, que Annika Giannini é a advogada da Lisbeth Salander. O senhor já cruzou com ela.

Anders Jonasson fez que sim com a cabeça.

— Annika é minha irmã e sou eu que a estou pagando para defender a Lisbeth,

— Ah, é?

— Pode verificar no cartório de registro civil que ela é mesmo minha irmã. Não posso pedir esse favor para a Annika. Ela não fala comigo sobre a Lisbeth. Está presa ao sigilo profissional e sujeita a regras bem diferentes.

— Humm.

— Imagino que o senhor leu o que os jornais falam sobre a Lisbeth. Jonasson concordou com a cabeça.

— Ela foi pintada como uma assassina em série lésbica, psicótica e doente mental. Isso tudo é bobagem. A Lisbeth Salander não é psicótica; é talvez tão psiquicamente saudável quanto eu e o senhor. E as preferências sexuais dela não interessam a ninguém.

— Se entendi direito, houve uma reviravolta. Atualmente, o tal alemão é que está sendo acusado dos assassinatos.

— É a mais pura verdade. O Ronald Niedermann é culpado, é um assassino sem nenhum escrúpulo. Mas a Lisbeth tem inimigos. Inimigos de verdade, fortes e cruéis. Alguns deles estão dentro da Sapo.

Anders Jonasson.ergueu as sobrancelhas com ar cético.

— Quando a Lisbeth tinha doze anos, ela foi internada na psiquiatria infantil de um hospital em Uppsala porque tinha topado com um segredo que a Sapo tentava ocultar a todo custo. O pai dela, Alexander Zalachenko, que foi assassinado no hospital, era um ex-espião russo dissidente, uma relíquia da guerra fria. Era também um homem extremamente violento com as mulheres e durante anos espancou a mãe da Lisbeth. Quando a Lisbeth estava com doze anos, ela revidou e tentou matar o Zalachenko com um coquetel Molotov. Por isso é que ela foi internada na psiquiatria infantil.

— Não estou entendendo. Se ela tentou matar o pai, talvez houvesse motivo para interná-la para um tratamento psiquiátrico.

— A minha teoria, que pretendo publicar, é que a Sapo sabia o que tinha acontecido, mas optou por proteger o Zalachenko porque ele era uma fonte importante de informações. Eles bolaram um diagnóstico fajuto e deram um jeito de a Lisbeth ser internada.

Anders Jonasson exibiu tamanho ar de dúvida que Mikael teve de sorrir.

— Tenho provas de tudo o que estou dizendo. E vou publicar um texto detalhado antes do julgamento da Lisbeth. Acredite, vai fazer um barulho e tanto.

— Entendo.

- Vou denunciar e bater feio em dois médicos que serviram de paus-mandados da Sapo e contribuíram para que a Lisbeth fosse enviada para o hospício. Vou acabar com eles sem dó nem piedade. Um deles é uma autoridade pública respeitada. E, insisto, disponho de todas as provas.

— Entendo. Se houve um médico envolvido nessa tramóia, é uma vergonha para a classe médica.

— Não, não acredito em culpa coletiva. É uma vergonha para todos os envolvidos. Isso também vale para a Sapo. Há certamente gente honesta trabalhando lá. Mas nesse caso temos um grupo

paralelo. Quando a Lisbeth completou dezoito anos, eles mais uma vez fizeram o possível para ela ser internada. Não deu certo, mas ela foi posta sob tutela. No julgamento, vão acusá-la ao máximo. Eu e minha irmã vamos lutar pela inocência da Lisbeth e para que seja posto um fim à tutela.

— Certo.

— Mas ela precisa de munição. São as condições deste jogo. É bom que o senhor saiba que alguns policiais estão apoiando a Lisbeth nesta batalha. Ao contrário da pessoa que dirige o inquérito preliminar e que a indiciou.

— Ahã.

— A Lisbeth vai precisar de ajuda para o julgamento.

— Ahã. Mas eu não sou advogado.

— Não. Mas é médico, e tem acesso à Lisbeth. Os olhos de Anders Jonasson se estreitaram.

— O que eu vou lhe pedir não é ético, e talvez até possa ser considerado infração à lei.

— Ai.

— Mas, moralmente, é a coisa certa a fazer. Os direitos dela estão sendo ultrajados por pessoas que deveriam protegê-la.

— Ah, é?

— Vou dar um exemplo. Como o senhor sabe, a Lisbeth está proibida de receber visitas e não tem o direito de ler jornais ou de se comunicar com ninguém. Além disso, o procurador impôs silêncio à sua advogada. Annika tem cumprido estoicamente as normas. Em compensação, o procurador é a principal fonte de informações dos jornalistas, que continuam escrevendo bobagens sobre a Lisbeth Salander.

— É mesmo?

— Veja este artigo, por exemplo. — Mikael brandiu um tabloide da semana anterior. — Uma fonte interna da investigação afirma que a Lisbeth é irresponsável. Resultado: o jornal faz um monte de especulações sobre o estado mental dela.

— Eu li o artigo. É pura bobagem.

— Então o senhor não considera a Salander uma louca?

— Não posso me pronunciar a respeito. Agora, o que sei é que não foi feita nenhuma avaliação psiquiátrica.

— Certo. Mas tenho provas de que essas informações foram divulgadas por um policial chamado Hans Faste e que ele trabalha para o procurador Ekstrõm.

— Puta merda!

— O Ekstrõm vai exigir que o julgamento se dê a portas fechadas, o que significa que nenhum estranho ao caso vai poder conferir e avaliar as provas contra ela. Mas, o que é pior... a partir do momento em que o procurador mandou isolar a Lisbeth, ela não tem como fazer as pesquisas necessárias para preparar sua defesa.

— Eu achava que a advogada era quem estava tratando disso.

— Como o senhor a esta altura já deve ter percebido, a Lisbeth é uma pessoa muito especial. Ela tem alguns segredos que eu conheço mas não posso revelar para a minha irmã. Em compensação, cabe à Lisbeth avaliar se vai querer usá-los para se defender no julgamento.

— Ahã.

— E, para isso, ela precisa disto aqui.

Mikael colocou entre eles, sobre a mesa, um Palm Tungsten T3, o computador de mão de Lisbeth Salander, além de um carregador.

— Essa é a arma mais importante do arsenal da Lisbeth. Ela precisa dela.

Anders Jonasson olhou para ele, desconfiado.

— Por que não o entrega à advogada dela?

— Porque só a Lisbeth sabe o que fazer para ter acesso às provas de sua defesa.

Anders Jonasson permaneceu um longo tempo em silêncio, sem tocar no computador de bolso.

_— Deixe eu lhe falar sobre o doutor Peter Teleborian — disse Mikael, pando a pasta em que reunira todo o material essencial, passaram duas horas conversando em voz baixa.

Eram oito e pouco da noite de sábado quando Dragan Armanskij deixou sua sala na Milton Security e foi a pé até a sinagoga do Sbder, na Sankt Paulsgatan. Bateu à porta, apresentou-se e foi recebido pelo rabino.

— Marquei um encontro aqui com uma pessoa — disse Armanskij.

— Primeiro andar. Vou lhe mostrar o caminho.

O rabino ofereceu um quipá, que Armanskij vestiu após alguma hesitação. Tinha sido criado numa família muçulmana, em que o uso do quipá e visitas à sinagoga não faziam exatamente parte da rotina. Sentia-se pouco à vontade com o barrete judeu na cabeça.

Jan Bublanski também estava usando um quipá.

— Olá, Dragan. Obrigado por ter vindo. Pedi uma sala emprestada ao rabino para podermos conversar sem sermos interrompidos.

Armanskij sentou-se na frente de Bublanski.

— Imagino que você tenha bons motivos para esses segredinhos.

— Não vou ficar dando voltas. Sei que você é amigo da Lisbeth Salander. Armanskij fez que sim com a cabeça.

— Quero saber o que você e o Blomkvist combinaram para ajudar a Salander.

— O que o faz pensar que combinamos alguma coisa?

— O procurador Richard Ekstrõm já me perguntou no mínimo uma dúzia de vezes qual o verdadeiro acesso da Milton Security à investigação Salander. Ele não me perguntou à toa, e sim porque tem medo que você tente fazer alguma coisa que venha a repercutir na imprensa.

— Humm.

— E se o Ekstrõm está preocupado é porque ele sabe que você está com alguma coisa articulada, ou tem receio disso. Ou, como eu estou achando, ele pelo menos conversou com alguém que tem esse receio.

— Alguém?

— Dragan, não se trata de um jogo de esconde-esconde. Você sabe que a Salander foi vítima de abuso de poder em 1991, e temo que ela seja vítima de mais um quando o julgamento começar.

— Você é policial de uma democracia. Se tem alguma informação, cabe a você agir.

Bublanski meneou a cabeça.

— Eu pretendo agir. O problema é saber como.

— Vá direto aos fatos.

— Quero saber o que você e o Blomkvist combinaram. Imagino que vocês não estejam aí parados, de braços cruzados.

— E complicado. Como é que eu vou saber se posso confiar em você?

— Tem aquele relatório de 1991, que o Mikael Blomkvist tinha encontrado...

— Estou sabendo.

— Eu não tenho mais acesso a esse relatório.

— Nem eu. Os dois exemplares, o do Blomkvist e o da irmã dele, se perderam.

— Se perderam? — Bublanski surpreendeu-se.

— O exemplar do Blomkvist foi roubado depois de invadirem a casa dele, e a cópia de Annika Giannini sumiu quando ela sofreu uma agressão em Gõteborg. Os dois roubos ocorreram no mesmo dia em que o Zalachenko foi assassinado.

Bublanski ficou um longo tempo em silêncio.

— Por que a gente não ouviu falar disso?

— Como diz o Mikael Blomkvist: só existe um momento certo para publicar, e um número incalculável de momentos inadequados.

— Quer dizer que vocês... que ele pretende publicar? Armanskij assentiu rapidamente com a cabeça.

— Uma agressão em Gõteborg e uma invasão de domicílio aqui em Estocolmo. No mesmo dia. Bublanski, isso significa que os nossos adversários são bem organizados. Posso também te dizer que temos provas de que o telefone da Giannini estava grampeado.

— Alguém anda cometendo um bocado de infrações por aqui.

— A questão, então, é descobrir quem são nossos adversários — disse Dragan Armanskij.

- É verdade, eu também acho. À primeira vista, a Sapo é quem teria interesse em abafar o relatório do Bjõrck. Mas, Dragan... estamos falando na polícia de Segurança sueca. Trata-se de uma autoridade de Estado. Custo a acreditar que este caso conte com o aval da Sapo. Nem sequer acredito que e]a tenha competência para orquestrar uma coisa assim.

— Eu sei. Também custei a acreditar. Sem falar no fato de um homem entrar no Sahlgrenska e enfiar uma bala na cabeça do Zalachenko.

Bublanskí calou-se. Armanskij deu a última cartada.

— E no meio disso tudo o Bjõrck resolve se enforcar.

— Quer dizer que você acha que foram assassinatos organizados. Eu conheço o Marcus Ackerman, que era responsável pela investigação em Gõteborg. Ele não descobriu nada indicando que aquele assassinato pudesse ser mais que o gesto impulsivo de um indivíduo insano. E a gente investigou minuciosamente a morte de Bjõrck. Tudo leva a crer que foi suicídio.

Armanskij balançou a cabeça.

— Evert Gullberg, setenta e oito anos, com câncer e condenado à morte, tratado de uma depressão poucos meses antes do assassinato. Pedi que o Fráklund revirasse os documentos oficiais atrás de tudo o que se relaciona com o Gullberg.

— E?

— Ele fez o serviço militar em Karlskrona nos anos 1940, depois cursou direito e virou consultor fiscal no mercado privado. Teve um escritório aqui em Estocolmo por mais de trinta anos, discreto, clientes particulares... não se sabe quem eram. Aposentou-se em 1991. Voltou para a sua cidade natal, Laholm, em 1994... Nada que chame muita atenção.

— Mas?

— A não ser por uns detalhes intrigantes. O Frãklund não consegue encontrar uma única referência a Gullberg em nenhum tipo de contexto. Ele nunca foi mencionado na imprensa e ninguém sabe quem eram seus clientes. É como se ele nunca tivesse existido na vida profissional.

— O que você está tentando dizer?

— A Sapo é a ligação óbvia. O Zalachenko era um dissidente russo, e quem teria lidado com ele se não a Sapo? Há também essa capacidade para Orquestrar o internamento psiquiátrico da Lisbeth Salander em 1991. Sem talar em roubo a domicílio, agressão e escutas telefônicas quinze anos depois... Mas também não acho que a Sapo é que esteja por trás disso tudo. O Mikael Blomkvist o

chama de Clube Zalachenko... um grupinho de sectários formado por combatentes da guerra fria saídos da hibernação e escondidos em algum lugar num corredor escuro da Sapo.

Bublanski meneou a cabeça.

— Então, o que a gente pode fazer?

12. DOMINGO 15 DE MAIO – SEGUNDA-FEIRA 16 DE MAIO

O delegado Torsten Edklinth, chefe do serviço de Proteção à Constituição na DGPN/Sapo, beliscou o lóbulo da orelha e contemplou, pensativo, o presidente da respeitada empresa de segurança privada Milton Security, que havia ligado e, sem preâmbulos, insistido que ele fosse jantar em sua casa, em Lindingõ, no domingo. Ritva, a mulher de Armanskij, servira uma deliciosa carne salteada. Eles tinham comido e conversado educadamente. Edklinth se perguntava o que Armanskij teria em mente. Após o jantar, Ritva se retirara para a frente da tevê e os deixara a sós à mesa de jantar. Armanskij começara a contar a história de Lisbeth Salander.

Edklinth girava lentamente sua taça de vinho tinto.

Dragan Armanskij não era nenhum maluco. Isso ele sabia.

Conheciam-se havia doze anos, desde que uma deputada de esquerda recebera uma série de ameaças de morte anônimas. Ela relatara os fatos ao presidente do grupo do seu partido, o qual informara o setor de segurança do Parlamento. Tratava-se de ameaças escritas, vulgares, contendo informações que indicavam que o autor anônimo conhecia certos aspectos pessoais da vida da deputada. A Sapo então se debruçara sobre a história e, durante as averiguações, a deputada fora mantida sob proteção.

Naquela época, Proteção à Pessoa era o setor da Sapo com orçamento mais magro. Seus recursos eram limitados. A área era encarregada da proteção da família real e do primeiro-ministro, além de, individualmente, ministros e presidentes de partidos políticos, quando houvesse necessidade. Como essas necessidades costumam extrapolar as verbas, na prática a maioria dos políticos suecos carece de uma proteção pessoal rigorosa. A deputada ficava sob vigilância durante algumas aparições oficiais, mas era abandonada no fim de sua jornada de trabalho, ou seja, na hora em que era mais provável que um biruta partisse para a agressão. A

desconfiança da deputada em relação à capacidade da Sapo de protegê-la só fora crescendo.

Ela morava numa mansão em Nacka. Certa noite, ao voltar tarde para casa depois de uma contenda na Comissão de Finanças, descobriu que alguém tinha arrombado as portas do terraço, penetrado na sala, pixado as paredes com expressões de cunho sexual degradantes e em seguida ido ao seu quarto se masturbar. Ela pegara imediatamente o telefone e pedira que a Milton Security cuidasse de sua segurança pessoal. Não informou a Sapo sobre a decisão e, no dia seguinte, enquanto ela dava uma palestra numa escola de Táby, houve um confronto entre os agentes do Estado e os agentes privados.

Na época, Torsten Edklinth era chefe-adjunto interino da Proteção à Pessoa. Detestava, instintivamente, situações em que hooligans privados eram encarregados de executar tarefas que os hooligans pagos pelo Estado supostamente deveriam executar. Admitia, porém, que a deputada tinha todos os motivos para estar descontente — sua cama manchada era uma prova suficiente da ineficiência do Estado. Em vez de se começar a comparar seus talentos recíprocos, Edklinth se acalmara e marcara um almoço com o dono da Milton Security, Dragan Armanskij. Concluíram que a situação era sem dúvida mais séria do que a Sapo de início imaginara e que seria o caso de reforçar a proteção à deputada. Edklinth era sensato o bastante para perceber que não só os homens de Armanskij tinham a competência exigida para a tarefa, como possuíam uma formação no mínimo equivalente e um equipamento técnico superior. Tinham resolvido o problema entregando à equipe de Armanskij a responsabilidade pela proteção pessoal, ao passo que a Polícia de Segurança se encarregaria da investigação propriamente dita e pagaria a conta.

Os dois homens tinham descoberto também que se apreciavam mutuamente e trabalhavam bem em conjunto. Com o passar dos anos, haviam tornado a se encontrar em outras colaborações. Edklinth, portanto, nutria imenso respeito pela competência profissional de Dragan Armanskij, e quando este o convidou para

jantar, pedindo que tivessem uma conversa confidencial estava absolutamente disposto a ouvi-lo.

Em compensação, não estava preparado para que Armanskij lhe jogasse no colo uma bomba com o pavio aceso.

— Se entendi direito, você está afirmando que a Polícia de Segurança anda envolvida numa atividade claramente criminosa.

— Não — disse Armanskij. — Você não entendeu nada. Estou afirmando que algumas pessoas, funcionários da Polícia de Segurança, andam envolvidos nessa atividade. Não acredito nem por um segundo que eles tenham o aval da direção da Sapo ou qualquer outra forma de autorização do Estado.

Edklinth olhou para as fotografias de Christer Malm que mostravam o homem subindo num carro cujas placas começavam com as letras KAB.

— Dragan... você não está de brincadeira comigo?

— Bem que eu gostaria que fosse brincadeira. Edklinth refletiu um instante.

— E como você supõe que eu vou me sair dessa?

No dia seguinte, Torsten Edklinth limpava cuidadosamente seus óculos, enquanto refletia. Tinha cabelos grisalhos, orelhas grandes e uma fisionomia enérgica. No momento, porém, sua fisionomia estava mais perplexa do que enérgica. Encontrava-se em sua sala no Palácio da Polícia, na ilhota de Kungsholmen, e passara boa parte da noite ruminando as conclusões a serem tiradas da informação fornecida por Dragan Armanskij.

Eram reflexões pouco agradáveis. A Sapo era uma instituição sueca que, com raras exceções, todos os partidos consideravam de um valor inestimável para o país. Mas também era uma instituição de que todos pareciam desconfiar, responsabilizando-a pelos mais variados e descabidos planos conspiratórios. Era inegável que os escândalos tinham sido muitos, sobretudo nos anos 1970, com os radicais de esquerda, quando certos... disparates constitucionais

haviam de fato ocorrido. Mas depois de cinco comissões públicas de inquérito sobre a Sapo, duramente criticada, surgira uma nova geração de funcionários. Elementos trabalhadores, recrutados nas brigadas financeiras, de armas e fraudes da polícia comum — policiais acostumados a investigar crimes de verdade e não fantasias políticas.

A Sapo se modernizara, e a ênfase fora direcionada para a Proteção à Constituição. Sua missão, tal como estabelecida nas diretrizes governamentais, era prevenir e contornar ameaças à segurança interna do país. Em outras palavras, impedir toda atividade ilegal que se utilize de violência, ameaças ou constrangimento com o objetivo de alterar nossa Constituição, levando órgãos políticos ou autoridades decisórias a tomar decisões orientadas ou impedir o cidadão de desfrutar das liberdades e dos direitos que a Constituição lhe garante.

A missão de Proteção à Constituição era, portanto, defender a democracia sueca de complôs antidemocráticos reais ou imaginados. Estes últimos eram esperados, principalmente, de anarquistas e nazistas. Anarquistas, porque eles insistiam em praticar a desobediência civil provocando incêndios criminosos nas lojas de peles. Nazistas, porque eram nazistas e, portanto, por definição, adversários da democracia.

Formado inicialmente em direito, Torsten Edklinth começara sua carreira como procurador, trabalhando em seguida na Sapo por vinte e um anos. Primeiro em campo, como administrador da Proteção à Pessoa, depois na Proteção à Constituição, onde ascendera da análise e direção administrativa até a poltrona de chefe de gabinete. Em outras palavras, era o chefe supremo da área policial da defesa da democracia sueca. O delegado Torsten Edklinth considerava-se um democrata. Nesse sentido, a definição era simples. A Constituição era votada pelo Parlamento, e sua missão era zelar para que ela se mantivesse intacta.

A democracia sueca se fundamenta numa única lei, que pode ser resumida em três letras: YGL, abreviação de yttrandefrihetsgrundlagen, a lei fundamental sobre liberdade de

expressão. A YGL estabelece o direito imprescritível de dizer, ter como opinião, pensar e acreditar em qualquer coisa. Esse direito é concedido a todos os cidadãos suecos, do nazista mais retardado ao anarquista apedrejador, passando por todos os intermediários.

Todas as outras leis fundamentais, como por exemplo a Constituição, não passam de floreios de ordem prática em torno da liberdade de expressão. A YGL, por conseguinte, é a lei que garante a sobrevivência da democracia. Edklinth julgava que sua principal tarefa era defender a liberdade que os suecos tinham de pensar e dizer exatamente o que queriam, mesmo ele não partilhasse um segundo sequer com o teor desses pensamentos e declarações.

Tal liberdade, no entanto, não significa que tudo seja permitido, o que alguns xiitas da liberdade de expressão, notadamente pedófilos e grupos racistas procuram fazer valer no debate da política cultural. Toda democracia tem seus limites, e os limites da YGL são regulados pela lei da liberdade de imprensa, a tryckfrihetsfõrordningen, ou TF, que em princípio define quatro restrições dentro da democracia. E proibido publicar pornografia envolvendo crianças e determinadas cenas de violência sexual, qualquer que seja o nível artístico reivindicado pelo autor. E proibido estimular a revolta e incitar o crime. E proibido difamar e caluniar um concidadão. E é proibido incitar o ódio racial.

A liberdade de imprensa também foi ratificada pelo Parlamento e constitui uma restrição à democracia social e democraticamente aceitável, ou seja, o contrato social que estabelece os padrões de uma sociedade civilizada. Em essência, a legislação assegura que ninguém tem o direito de perseguir ou humilhar outro ser humano.

Posto que a liberdade de expressão e a liberdade de imprensa são garantidas por leis, há que haver uma autoridade que assegure a obediência a essas leis. Na Suécia, essa função é partilhada por duas instituições, cabendo a uma delas, o justitiekanslern, ou JK, o chanceler da justiça, autuar judicialmente os contraventores da liberdade de imprensa.

Nesse aspecto, Torsten Edklinth estava longe de se sentir satisfeito. Achava o JK muitíssimo condescendente no tocante às autuações judiciais referentes a infrações diretas cometidas contra a Constituição sueca. O JK costumava retrucar que o princípio da democracia tinha tamanha importância que só em casos extremos ele podia intervir e mover um processo. Tal atitude, porém, vinha sendo mais e mais contestada nos últimos anos, principalmente depois que o secretário-geral do comitê de Helsinque na Suécia, Robert Hârdh, desenterrara um relatório analisando a falta de iniciativa do JK ao longo de vários anos. O relatório constatava que era praticamente impossível mover um processo e condenar alguém por incitação ao ódio racial.

A segunda instituição era o departamento da Sapo para a Proteção à Constituição, e o delegado Torsten Edklinth levava muito a sério a sua missão. Julgava que era o mais belo cargo, e o mais importante, que um policia sueco poderia ocupar, e não o teria trocado por nenhum outro em toda a Suécia judicial ou policial. Ele era simplesmente o único policial do país que tinha por missão cumprir o papel de policial político. Era uma função delicada que exigia grande sabedoria e um senso de justiça extremamente acurado já que a experiência de vim número excessivo de países mostrava que uma polícia política podia com facilidade se transformar na maior ameaça contra a democracia.

A mídia e a população pensavam que o principal objetivo da Proteção à Constituição era administrar nazistas e militantes vegetarianos. Esse tipo de manifestante decerto interessava muitíssimo à Proteção à Constituição, mas existia, além disso, toda uma série de instituições e acontecimentos que também faziam parte das atribuições do departamento. Se, por exemplo, o rei ou do comandante em chefe do Exército pusesse na cabeça que o sistema parlamentar estava superado e que o Parlamento deveria ser substituído por uma ditadura militar, a Proteção à Constituição ficaria imediatamente de olho no rei ou no comandante em chefe. E se um grupo de policiais resolvesse interpretar livremente a lei a tal ponto que os direitos constitucionais de um indivíduo ficassem prejudicados, cabia também à Proteção à Constituição reagir. Além

disso, em casos graves, a investigação ficava sob as ordens do procurador-geral da nação.

O problema, evidentemente, era que a Proteção à Constituição tinha a tarefa quase que apenas de análise e averiguação, e nenhuma ação de intervenção. Por isso, em geral, era a polícia comum ou outras divisões da Sapo que intervinham quando da prisão de nazistas.

Torsten Edklinth julgava essa realidade profundamente insatisfatória. Quase todos os países normais mantêm, de uma forma ou de outra, um tribunal constitucional independente com o objetivo específico de zelar para que as autoridades não lesem a democracia. Na Suécia, essa função era confiada ao procurador-geral da Coroa, ou o justitieombudsman, um indivíduo designado pelo Parlamento para cuidar que os funcionários do Estado respeitassem a lei no exercício de suas funções, tendo, porém, de se conformar às decisões de outros indivíduos. Se a Suécia tivesse um tribunal constitucional, a advogada de Lisbeth Salander poderia ter movido imediatamente um processo contra o Estado sueco por violação de direitos constitucionais. O tribunal poderia, assim, ter exigido a apresentação de todos os documentos ter intimado qualquer pessoa, inclusive o primeiro-ministro, até que o caso fosse solucionado. Na atual situação, a advogada poderia, a rigor, alertar o institieombudsman, o qual, contudo, não tinha autoridade para ir até a Sapo e exigir examinar os documentos.

Torsten Edklinth fora durante vários anos um caloroso defensor da implantação de um tribunal constitucional. Se fosse assim, ele poderia lidar de uma forma muito simples com a informação repassada por Dragan Armanskij, dando um depoimento à polícia e comunicando os fatos ao tribunal. Desse modo, um processo inexorável seria posto em andamento.

No atual estado de coisas, Torsten Edklinth não possuía competência jurídica para abrir um inquérito preliminar.

Ele suspirou e serviu-se de uma pitada de rape.

Caso as informações de Dragan Armanskij procedessem, isso significava que alguns ocupantes de cargos superiores da Sapo haviam fechado os olhos para uma série de delitos graves contra uma mulher sueca, e mais tarde tinham mandado internar sua filha, com bases falsas, num hospital psiquiátrico e, por fim, tinham deixado livre um ex-espião da elite russa, para que ele se dedicasse ao tráfico de armas, de drogas e de mulheres. Torsten Edklinth fez uma careta. Nem queria começar a contar quantas infrações à lei não teriam ocorrido ao longo do caminho. Para não falar no roubo ao domicílio de Mikael Blomkvist, na agressão à advogada de Lisbeth Salander e talvez até — o que Edklinth se negava a acreditar — em cumplicidade no assassinato de Alexander Zalachenko.

Torsten Edklinth não tinha a menor vontade de se envolver numa confusão daquelas. Infelizmente, porém, já fora envolvido desde o instante em que Dragan Armanskij o convidara para jantar.

A questão agora era descobrir uma maneira de administrar a situação. Formalmente, a resposta era simples. Se o relato de Armanskij fosse verídico, as liberdades e os direitos constitucionais de Lisbeth Salander tinham sido completamente desrespeitados. O mais provável era topar com um autêntico ninho de cobras, considerando-se que órgãos políticos ou autoridades com poder de decisão podiam ter sido influenciados em suas sentenças, o que punha o dedo no cerne das funções da Proteção à Constituição. Torsten Edklinth era um policial com conhecimento de um crime, e seu dever, portanto, seria alertar um procurador. De modo mais informal, a resposta não era tão simples. Era, por sinal, bastante complicada.

A inspetora Rosa Figuerola, apesar de seu nome incomum, nascera na Dalecarlia, numa família estabelecida na Suécia desde os tempos de Gustavo Vasa. Era uma dessas mulheres em que as pessoas reparam, e por diversos motivos. Tinha trinta e seis anos, olhos azuis, e não media menos de um metro e oitenta e quatro. Era bonita, e seu jeito de se vestir a tornava ainda mais atraente.

E tinha o corpo excepcionalmente bem definido.

Na adolescência, praticara atletismo de alto nível e, aos dezessete anos, por pouco não se classificara pela equipe sueca para os Jogos Olímpicos. De lá para cá, abandonara o atletismo, mas malhava cinco vezes por semana feito uma condenada numa academia. Malhava com tanta freqüência que as endorfinas funcionavam como droga, o que a deixava em abstinência quando interrompia as atividades físicas. Praticava corrida e musculação, jogava tênis, lutava caratê e, além disso, já se dedicara ao bodybuilding por dez anos. Contudo, reduzira consideravelmente essa variante extrema do culto ao corpo dois anos antes, numa época em que ficava duas horas por dia puxando ferro. Atualmente, cumpria apenas uma meia horinha diária, mas sua forma física era tal, e seu corpo tão musculoso, que alguns colegas pouco simpáticos a chamavam de Sr. Figuerola. Quando vestia regatas ou vestidos de verão, ninguém conseguia não reparar em seus bíceps e deltóides.

Sua constituição física, portanto, incomodava vários de seus colegas homens, e também o fato de seu papel não ser meramente decorativo. Concluíra o secundário com as melhores notas e aos vinte anos ingressara na Escola de Polícia, trabalhando depois por nove anos na polícia de Uppsala, enquanto em seu tempo livre estudava direito. Só por brincadeira, prestara exame para Ciências Políticas, e também passara. Não tinha o menor problema em memorizar e analisar dados. Raramente lia romances policiais ou qualquer literatura de lazer. Em compensação, mergulhava com o maior interesse nos assuntos mais variados, do direito internacional à história da Antigüidade.

Na polícia, deixara de ser agente — o que representara uma perda imensa para a segurança das ruas de Uppsala — para assumir o cargo de inspetora criminal, primeiro na Brigada Criminal, depois na brigada especializada em crimes financeiros. Em 2000, solicitara um posto na Polícia de Segurança de Uppsala e, em 2001, fora transferida para Estocolmo. Começara trabalhando na contra-espionagem, mas fora quase imediatamente chamada para a Proteção à Constituição por Torsten Edklinth, que conhecia o pai de Rosa Figuerola e acompanhara a carreira dela ao longo dos anos.

Quando Edklinth finalmente concluiu que precisava agir com rapidez a respeito da informação fornecida por Dragan Armanskij, refletiu um momento, e então pegou o telefone e convocou Rosa Figuerola para sua sala. Como ainda não fazia três anos que ela trabalhava na Proteção à Constituição, Figuerola ainda estava mais próxima de uma autêntica policial que de uma burocrata escaldada.

Naquele dia, usava uma calça jeans justa, sandálias de saltinho turquesa e uma jaqueta azul-marinho.

— No momento, você está trabalhando em quê? — perguntou Edklinth cumprimentando-a, para então convidá-la a sentar-se.

— Estamos investigando o assalto àquela mercearia de Sunne, sabe, que aconteceu há duas semanas.

Certamente não era papel da Sapo se encarregar de assaltos a mercearias. Esse tipo de trabalho de base cabia exclusivamente à polícia comum. Rosa Figuerola coordenava, na Proteção à Constituição, uma área com cinco colaboradores que lidava com análise de criminalidade política. Sua ferramenta mais importante era um certo número de computadores em rede com o arquivo dos incidentes relatados pela polícia comum. Praticamente todos os depoimentos dados à polícia, em qualquer ponto da Suécia, passavam pelos computadores chefiados por Rosa Figuerola. Esses computadores continham um software que rastreava automaticamente todos os relatórios policiais e era programado para reagir a trezentas e dez palavras específicas, tais como turco, skinhead, suástica, imigrante, anarquista, saudação hitleriana, nazista, nacional-democrata, traidor da pátria, puta judia ou muçulmano. Assim que uma palavra desse tipo aparecia num relatório policial, o computador dava o alerta e o relatório em questão era baixado e examinado de perto. Caso o contexto justificasse, era possível pedir acesso ao inquérito preliminar e aprofundar as investigações.

Uma das tarefas da Proteção à Constituição era publicar anualmente um relatório intitulado Ameaças à segurança de Estado, que constituía no único levantamento estatístico confiável sobre

criminalidade política. Essa estatística baseava-se exclusivamente nos depoimentos colhidos nas delegacias locais. No caso do assalto à mercearia de Sunne, o software reagira a três palavras-chave — imigrante, dragona e turco. Dois jovens, usando máscaras e armados com uma pistola, tinham limpado a mercearia, de propriedade de um imigrante. Levaram a quantia de 2780 coroas e um pacote de cigarros. Um dos delinqüentes usava uma jaqueta de couro com dragonas representando a bandeira sueca. O outro bandido tinha gritado várias vezes "seu turco de merda" para o proprietário da loja e o obrigara a se deitar no chão.

Era o que bastava para a equipe de Figuerola acessar o inquérito preliminar com o objetivo de descobrir se os ladrões estavam mancomunados com as gangues nazistas do Vármland, e nesse caso, se o assalto poderia ser considerado crime racial, já que um dos ladrões se expressara nesse sentido. Conforme o caso, o assalto poderia constar em estatísticas futuras, que mais tarde seriam analisadas e lançadas na estatística européia que os escritórios da União Européia de Viena preparavam todos os anos. Poderia também acontecer de os ladrões serem escoteiros que tinham comprado uma jaqueta com a bandeira sueca e que não passasse de mero acaso o proprietário da loja ser um imigrante e a palavra "turco" ter sido pronunciada. Se assim fosse, a área de Figuerola apagaria aquele assalto das estatísticas.

— Tenho uma missão arriscada para você — disse Torsten Edklinth.

— Ah, é? — fez Rosa Figuerola.

— Um serviço que pode te jogar no mais profundo descrédito ou até afundar sua carreira.

— Entendo.

— Mas se você for bem-sucedida e as coisas acontecerem do jeito certo, pode significar um passo enorme na sua carreira. Pretendo transferir você para a unidade de intervenção da Proteção à Constituição.

— Lamento informar, mas a Proteção à Constituição não tem unidade de intervenção.

— Tem, sim — disse Torsten Edklinth. — Agora tem. Eu criei essa unidade hoje de manhã. Por enquanto, conta com uma só pessoa. Você.

Rosa Figuerola pareceu hesitar.

—A tarefa da Proteção à Constituição é proteger a Constituição de ameaças internas, o que, grosso modo, quer dizer nazistas e anarquistas. Mas o que a gente faz se a ameaça à Constituição vier da nossa própria organização?

Torsten Edklinth passou a meia hora seguinte contando em detalhe a história que Dragan Armanskij lhe relatara na noite anterior.

— Quem é a fonte dessas informações? — perguntou Rosa Figuerola.

— Por enquanto não tem a menor importância. Concentre-se na informação que temos.

— O que eu quero saber é se você confia nessa fonte.

— Conheço essa fonte há muitos anos e considero-a extremamente confiável.

— Isso tudo é simplesmente... bem, não sei. Se eu chamar de "inverossímil", vai ser pouco.

Edklinth meneou a cabeça.

— Como um romance de espionagem — disse ele.

— Bem, e o que você quer de mim?

— A partir de agora, está desligada de todas as suas demais missões. Agora você só tem uma: descobrir até que ponto essa história é verdadeira. Ou você confirma, ou rejeita essas afirmações. Preste contas diretamente para mim, e para mais ninguém.

— Meu Deus — disse Rosa Figuerola. —Agora entendo o que você quis dizer quando avisou que eu poderia me queimar.

— E. Mas se for verdade... se uma parte mínima dessas informações for verdade, estaremos diante de uma crise constitucional que vamos ter de administrar.

— Por onde eu começo? E como?

— Comece pelo mais simples. Leia o tal relatório que o Gunnar Bjõrck escreveu em 1991. Em seguida, identifique o pessoal que estaria vigiando o Mikael Blomkvist. De acordo com a minha fonte, o proprietário do carro é um tal de Gõran Mârtensson, um policial de quarenta anos que mora na Vittangi-gatan, em Vàllingby. Depois disso, identifique o outro cara que aparece nas fotos tiradas pelo fotógrafo do Mikael Blomkvist. O mais jovem, este loiro aqui.

— Certo.

— Depois, levante o passado do Evert Gullberg. Nunca ouvi falar nesse sujeito, mas, pelo que diz minha fonte, ele necessariamente tem uma ligação com a Polícia de Segurança.

— O que significaria que alguém daqui teria encomendado o assassinato de um espião a um velho de setenta e oito anos. Não acredito.

— Mesmo assim, verifique. E sua investigação deve ser sigilosa. Antes de tomar qualquer atitude, quero ser informado. Não quero nenhum furo.

— Você está me pedindo uma investigação gigantesca. Como é que vou fazer tudo isso sozinha?

— Você não vai fazer sozinha. Só vai cuidar dessa primeira investigação. Se me disser que não descobriu nada, fica por isso mesmo. Se descobrir qualquer coisa suspeita, aí a gente vê.

Rosa Figuerola passou o intervalo do almoço puxando ferro na academia do Palácio da Polícia. Seu almoço propriamente dito consistia num café preto e num sanduíche de almôndegas com

salada de beterraba, que ela foi comer em sua sala. Fechou a porta, abriu espaço na mesa e começou a ler o relatório de Gunnar Bjôrck enquanto comia o sanduíche.

Leu também o anexo com a correspondência entre Bjõrck e o Dr. Peter Teleborian. Anotou todos os nomes e fatos do relatório que seriam objeto de investigação. Ao fim de duas horas, levantou-se e foi até a máquina buscar mais um café. Ao sair da sala, trancou a porta, seguindo um dos procedimentos rotineiros da Sapo.

Primeiro, conferiu o número do cadastro. Ligou para o arquivista, que confirmou não existir nenhum relatório com aquele número. Segundo, consultou os arquivos da imprensa, o que foi mais proveitoso. Os dois jornais vespertinos e um matutino mencionavam uma pessoa gravemente ferida no incêndio de um carro na Lundagatan naquele dia de 1991. A vítima era um homem de meia-idade cujo nome não era citado. Um dos vespertinos publicava o relato de uma testemunha dizendo que o incêndio fora provocado por uma garota. Seria, portanto, o famoso coquetel Molotov que Lisbeth Salan-der teria jogado num agente russo chamado Zalachenko. Em todo caso, o incidente parecia ter ocorrido de fato.

Gunnar Bjòrck, autor do relatório, era um indivíduo de carne e osso conhecido, com poder de decisão e um alto cargo na Brigada dos Estrangeiros. Ele estava de licença médica, quando, infelizmente, se suicidara.

O departamento pessoal, contudo, não podia dizer nada sobre as atividades de Gunnar Bjòrck em 1991. Eram informações sigilosas até para os colaboradores da Sapo. Tudo muito normal.

Foi fácil verificar que Lisbeth Salander morava na Lundagatan em 1991 e que passara os dois anos seguintes na ala de psiquiatria infantil da clínica Sankt Stefan. Pelo menos até aí, a realidade não parecia contradizer o relatório.

Peter Teleborian era um psiquiatra conhecido, com freqüentes aparições na tevê. Trabalhara na Sankt Stefan em 1991, sendo hoje em dia seu médico-chefe.

Rosa Figuerola refletiu demoradamente no significado daquele relatório. Depois, ligou para o chefe-adjunto do departamento pessoal.

— Tenho uma pergunta cabeluda para lhe fazer — ela disse.

— Qual?

— Estamos com um caso de análise aqui na Proteção à Constituição. Trata-se de avaliar a credibilidade de uma pessoa e sua saúde psíquica. Eu precisaria consultar um psiquiatra, ou algum outro especialista habilitado em lidar com informações consideradas sigilosas. Me falaram no doutor Peter Teleborian e eu queria saber se posso recorrer a ele.

A resposta custou um pouco a chegar.

— O doutor Peter Teleborian atuou como consultor externo da Sapo em algumas ocasiões. Ele está autorizado e, em termos gerais, você pode conversar com ele sobre informações sigilosas. Mas antes de entrar em contato com ele, você vai precisar seguir alguns procedimentos administrativos. O seu chefe tem que dar o aval e entrar com um pedido formal para você poder consultar o Teleborian.

O coração de Rosa Figuerola pôs-se a bater mais depressa. Ela acabava de obter a confirmação de algo que pouquíssima gente devia saber. Peter Teleborian já fora ligado à Sapo. O que reforçava a credibilidade do relatório.

Ela abandonou um pouco aquele ponto e passou para outros aspectos do dossiê que Torsten Edklinth lhe passara. Examinou as duas pessoas das fotos tiradas por Christer Malm, que teriam seguido Mikael Blomkvist depois de ele sair do Café Copacabana em 1º. de maio.

Consultou o cadastro de emplacamentos e constatou que Gõran Mârtensson existia de fato e era proprietário de um Volvo cinza com a placa mencionada. Em seguida, o departamento pessoal da Sapo confirmou que ele era um de seus funcionários.

Aquele era o controle mais elementar que ela poderia fazer, e essa informação também parecia correta. Seu coração bateu um pouco mais rápido.

Gõran Mártensson trabalhava no serviço de Proteção à Pessoa. Era guarda-costas. Fazia parte do grupo de colaboradores que em diversas ocasiões respondera pela segurança do primeiro-ministro. Havia algumas semanas, porém, estava temporariamente locado na contra-espionagem. Sua licença tivera início em 10 de abril, poucos dias depois de Alexander Zalachenko e Lisbeth Salander terem dado entrada no Hospital Sahlgrenska, mas transferências desse tipo eram bastante comuns, caso faltasse pessoal para um caso urgente.

Rosa Figuerola ligou em seguida para o chefe-adjunto da contra-espionagem, um homem que ela conhecia pessoalmente e para quem trabalhara durante sua breve passagem pelo departamento. Perguntou se Gõran Mártensson estava trabalhando num caso importante ou se poderia ficar à disposição da Proteção à Constituição para uma investigação.

O chefe-adjunto da contra-espionagem ficou perplexo. Ela devia ter sido mal informada. Gõran Mártensson, da Proteção à Pessoa, nunca trabalhara na contraespionagem. Sinto muito.

Rosa Figuerola colocou o fone no gancho e ficou dois minutos contemplando o aparelho. Na Proteção à Pessoa, achavam que Mártensson estava locado na contra-espionagem. Na contra-espionagem, ninguém solicitara seus serviços. Transferências desse tipo eram concedidas e administradas pelo secretário-geral. Estendeu a mão para telefonar para o secretário-geral, mas mudou de idéia. Se a Proteção à Pessoa cedera Mártensson, o secretário-geral necessariamente dera o aval. Mártensson, porém, não se encontrava na contra-espionagem. O que devia ser do conhecimento do secretário-geral. E se Mártensson estava à disposição de um departamento que vinha seguindo Mikael Blomkvist, o secretário-geral também devia saber disso.

Torsten Edklinth lhe pedira para não deixar furos. Fazer essa pergunta ao secretário-geral seria como jogar um enorme paralelepípedo numa poça d'água.

Erika Berger sentou-se à sua mesa no aquário, pouco depois das dez e meia da manhã de segunda-feira, e suspirou profundamente. Estava bem precisada da xícara de café que acabava de trazer da sala dos funcionários. Passara as primeiras horas do seu dia de trabalho em duas reuniões. A primeira, uma reunião de quinze minutos em que o assistente de redação Peter Fredriksson apresentara as principais linhas de trabalho do dia. Considerando-se sua falta de confiança em Lukas Holm, vinha sendo cada vez mais obrigada a se fiar no julgamento de Fredriksson.

A segunda reunião, que se estendera por mais de uma hora, fora com o presidente do conselho administrativo, Magnus Borgsjõ, o diretor financeiro do SMP, Christer Sellberg, e o responsável pelo orçamento, Ulf Flodin. Tinham passado em revista a baixa do mercado de anúncios e a queda das vendas por exemplar. O chefe de orçamento e o diretor financeiro se uniam para pedir medidas que reduzissem o déficit do jornal.

— Este ano, só fechamos o primeiro trimestre graças a uma pequena alta do mercado de anúncios e à aposentadoria de dois funcionários no Ano--Novo. Os dois cargos tinham ficado vagos, dissera Ulf Flodin. Vamos, sem dúvida, conseguir fechar o atual trimestre com um déficit insignificante. Mas, ao que tudo indica, os jornais gratuitos Metro e Stockholm City continuam beliscando o mercado de anúncios de Estocolmo. Nosso prognóstico é que o terceiro trimestre do ano vai registrar um déficit acentuado.

— E qual será nossa resposta? — perguntara Borgsjõ.

— A única solução lógica seria realizar cortes radicais. Não tivemos nenhuma demissão desde 2002. Calculo que, antes do final do ano, pelo menos dez cargos precisem ser eliminados.

— Quais? — perguntara Erika Berger.

— Vamos ter que cortar a gordura e escolher um cargo aqui, outro ali. Esportes dispõe no momento de seis cargos e meio. A idéia é conseguir reduzir para cinco cargos de período integral.

— Se entendi direito, o pessoal de Esportes já está sobrecarregado. Isso significaria então uma redução na cobertura dos eventos esportivos.

Flodin dera de ombros.

— Se tiver alguma idéia melhor, sou todo ouvidos.

— Não tenho nenhuma idéia melhor, mas o princípio é que, se reduzirmos o pessoa, vamos ter que fazer um jornal mais fino, e se fizermos um jornal mais fino o número de leitores vai diminuir e, conseqüentemente, o número de anunciantes também.

— O eterno círculo vicioso — dissera o diretor financeiro, Sellberg.

— Fui contratada para inverter essa tendência, e isso significa apostar todas as minhas fichas na ofensiva com o objetivo de introduzir mudanças no jornal e torná-lo mais atraente para os leitores. Mas não posso fazer isso cortando pessoal.

Ela se voltara para Borgsjõ.

— O jornal pode sangrar durante quanto tempo? Que déficit podemos agüentar antes de chegarmos a um ponto sem volta?

Borgsjõ fizera um muxoxo.

— Desde o início dos anos 1990, o SMP vem mordendo boa parte dos seus fundos. Nossa carteira de ações perdeu quase trinta por cento do valor nos últimos dez anos. Muitos desses fundos foram usados para investimentos na área de informática. Ou seja, realmente despesas vultosas.

— Reparei que o SMP desenvolveu seu próprio programa de textos, essa coisa chamada AXT. Quanto custou?

— Em torno de cinco milhões de coroas.

— Para mim, é uma lógica difícil de entender. Existem programas baratos no mercado. Por que o SMP fez questão de desenvolver seu próprio software?

— Erika... eu bem que gostaria que alguém me explicasse. Mas foi o ex--diretor de tecnologia que nos convenceu a fazer isso. Ele dizia que, a longo prazo, acabaríamos ganhando e que, além disso, o SMP poderia vender a licença do software para outros jornais.

— E houve quem comprasse?

— Sim, de fato, um jornal da Noruega.

— Uau, que maravilha! — dissera Erika secamente. — Próxima pergunta: estamos hoje com computadores de cinco, seis anos...

— Está fora de cogitação investir em computadores novos este ano — dissera Flodin.

A discussão prosseguira. Erika percebera muito bem que Flodin e Sellberg ignoravam suas observações. Para eles, o único argumento válido eram os cortes, o que era compreensível para um chefe de orçamento e um diretor financeiro, mas inaceitável para uma nova redatora-chefe. O que a irritara era eles rejeitarem sistematicamente seus argumentos com sorrisos amáveis que faziam com que ela se sentisse uma colegial sendo sabatinada na frente da turma. Sem que uma só palavra inconveniente fosse pronunciada, a atitude deles em relação a ela era tão clássica que chegava a ser cômica. Não canse sua cabecinha com esses assuntos complicados, minha criança.

Borgsjõ não fora de grande auxílio. Mantivera-se na expectativa e deixara os demais participantes dizerem tudo o que tinham para dizer, embora ela não sentisse a mesma atitude aviltante da parte dele.

Suspirou, abriu o celular e verificou seu correio eletrônico. Recebera dezenove e-mails. Quatro eram spams de alguém que queria: 1) que ela comprasse Viagra, 2) propor-lhe um cibersexo com The sexiest Lolitas on the net por apenas quatro dólares por

minuto, 3) fazer uma oferta um pouco mais explícita de Animal sex, the juiciest horse fuck in the universe, além de 4) propor uma assinatura da newsletter Mode.nu, editada por uma empresa pirata que inundava o mercado com ofertas promocionais e não parava de lhe mandar aquele lixo, ignorando seus reiterados pedidos. Sete e-mails eram pretensas cartas da Nigéria, enviadas pela viúva do antigo diretor do Banco Nacional de Abu Dhabi, que prometia lhe remeter somas fantásticas desde que ela pudesse investir um pequeno capital no intuito de estabelecer uma confiança recíproca, e outras excentricidades do gênero.

Os demais e-mails eram a pauta da manhã, a pauta do meio-dia, três e-mails de Peter Fredriksson, o assistente de redação, indicando as correções do editorial, um e-mail do seu contador pessoal marcando uma reunião para fazerem os acertos decorrentes da alteração do seu salário com a mudança da Millennium para o SMP, e um e-mail de seu dentista confirmando sua consulta trimestral. Anotou a consulta na agenda eletrônica e percebeu imediatamente que teria de transferi-la, pois já tinha na mesma data uma importante reunião de redação.

Por fim, abriu o último e-mail, enviado por centralred@smpost.se, com o assunto [aos cuidados da redatora-chefe]. Largou, devagar, a xícara de café.

[PUTA NOJENTA! QUEM VOCÊ ACHA QUE É, SUA CRETINA, NÃO PENSE QUE PODE IR CHEGANDO ASSIM COM SEU NARIZ EMPINADO. VAI TOMAR UMA CHAVE DE FENDA NA BUNDA, SUA PUTA NOJENTA! MELHOR VOCÊ SE MANDAR BEM RAPIDINHO.]

Erika Berger ergueu os olhos e procurou o chefe de Atualidades, Lukas Holm. Ele não estava à sua mesa e ela não conseguia avistá-lo em nenhum lugar da redação. Conferiu o remetente, pegou o telefone e ligou para Peter Fleming, o diretor de tecnologia do SMP.

— Oi. Quem é o usuário do endereço centralred@smpost.se?

— Ninguém. Não temos esse endereço aqui.

— Pois acabo de receber um e-mail desse endereço.

— Foi forjado. Veio com algum vírus?

— Não. Pelo menos o antivírus não detectou nada.

— Certo. Esse endereço não existe. Mas é muito fácil criar um endereço com jeito de autêntico. Existem sites na rede que transmitem esse tipo de e-mail.

— Há como descobrir a origem dele?

— É quase impossível, mesmo que a pessoa seja idiota o bastante para ter mandado do seu computador pessoal. Pode-se eventualmente seguir a pista do número do IP até um servidor, mas se ele usou uma conta aberta no hotmail, por exemplo, a pista acaba aí.

Erika agradeceu a informação e em seguida refletiu por alguns instantes. Não era a primeira vez que recebia uma mensagem com ameaças ou com o recado de algum maluco. Esse e-mail se referia claramente a seu novo cargo de redatora-chefe no SMP. Ficou imaginando se seria um doido que a identificara no funeral de Morander ou se o remetente trabalhava na empresa.

Rosa Figuerola refletia exaustivamente sobre a forma de agir a respeito de Evert Gullberg. Uma das vantagens de trabalhar na Proteção à Constituição era ela ter legitimidade para consultar praticamente toda investigação policial sueca ligada a um crime racial ou político. Constatou que Alexander Zalachenko era um imigrante, sendo a missão dela, entre outras coisas, examinar a violência exercida contra pessoas nascidas no exterior e determinar possíveis motivações racistas. Estava, portanto, autorizada a ler a investigação sobre o assassinato de Zalachenko para definir se Evert Gullberg estava ligado a alguma organização racista ou expressara opiniões racistas no momento do assassinato. Solicitou a investigação e leu-a atentamente. Deparou com cartas enviadas

ao ministro da Justiça e constatou que, além de alguns ataques pessoais degradantes e de caráter revanchista, havia nelas também as expressões "capacho dos turcos" e "traidor da pátria".

A essa altura, já eram cinco da tarde. Rosa Figuerola trancou todo o material no cofre-forte de sua sala, pegou a caneca de café, desligou o computador e bateu o ponto para sair. Andou a passos rápidos até uma academia na Praça de Sankt Erik e dedicou a hora seguinte a um treino soft.

Em seguida, voltou a pé para o seu quarto e sala na Pontonjârgatan, tomou um banho e ingeriu um jantar tardio mas dieteticamente correto. Considerou a possibilidade de ligar para Daniel Mogren, que morava a três prédios dali, na mesma rua. Daniel era marceneiro e bodybuilder e, de três anos para cá, seu colega de treino regular. Nos últimos meses tinham também se encontrado para alguns momentos eróticos entre amigos.

Fazer amor era quase tão satisfatório quanto uma sessão intensa na academia, mas agora que já tinha passado bastante dos trinta e se aproximava dos quarenta, Rosa Figuerola começava a pensar que deveria se interessar por um homem de forma mais permanente e por uma situação mais estável. Quem sabe até ter filhos. Mas não com Daniel Mogren.

Depois de hesitar um pouco, concluiu que, na verdade, não estava querendo ver ninguém. Foi se deitar com um livro sobre história da Antigüidade. Adormeceu pouco antes da meia-noite.

13. TERÇA-FEIRA 17 DE MAIO

Na terça-feira, Rosa Figuerola acordou às seis e dez, fez um jogging puxado ao longo da Norr Mãlarstrand, tomou um banho e às oito e dez bateu o ponto no Palácio da Polícia. Passou a primeira hora da manhã redigindo um relatório com as conclusões a que chegara no dia anterior.

Às nove horas, Torsten Edklinth chegou. Ela esperou vinte minutos, para que ele tivesse tempo de abrir sua correspondência da manhã, e em seguida foi bater à sua porta. Esperou dez minutos enquanto seu chefe lia seu relatório. Ele leu duas vezes as quatro folhas A4 de ponta a ponta. Por fim, ele a fitou.

— O secretário-geral — disse, pensativo. Ela assentiu com a cabeça.

— Ele necessariamente deve ter aprovado a recolocação do Mârtensson. Por conseguinte, deve saber que o Mârtensson não está na contraespionagein, onde, de acordo com a Proteção à Pessoa, deveria estar.

Torsten Edklinth tirou os óculos, pegou um lenço de papel e limpou-os meticulosamente. Pôs-se a refletir. Estivera em reuniões com o secretário-geral Albert Shenke um número incalculável de vezes, mas não podia dizer que o conhecia bem. Era um sujeito relativamente baixo, de cabelos finos e loiro-arruivados, cuja cintura fora crescendo com o passar dos anos. Sabia que Shenke tinha pelo menos cinqüenta e cinco anos e que trabalhara na Sapo por pelo menos vinte e cinco, talvez mais. Era secretário-geral havia dez anos, antes disso fora secretário-geral adjunto ou ocupara outros cargos dentro da administração. Via Shenke como uma pessoa taciturna que não hesitava em recorrer à força. Edklinth não fazia idéia de como Shenke ocupava seu tempo livre, mas lembrava de tê-lo visto certo dia na garagem do Palácio da Polícia, vestido informalmente e carregando tacos de golfe no ombro. Também

cruzara com Shenke na ópera uma vez, por acaso, muitos anos antes.

— Uma coisa me chamou a atenção — disse Rosa.

— Estou te escutando.

— Evert Gullberg. Ele fez o serviço militar nos anos 1940, depois virou um advogado especializado em assuntos fiscais e desapareceu nos anos 1950.

— Sim?

— Quando falamos nisso, falamos como se ele tivesse sido um matador de aluguel.

— Sei que pode parecer forçação de barra, mas...

— O que me chamou a atenção é que o passado dele, nos documentos, é tão tênue que parece quase fabricado. Nos anos 1950 e 1960, a Sapo, assim como o serviço secreto do Exército, estabeleceu unidades fora da matriz.

Torsten Edklinth meneou a cabeça.

— Eu estava me perguntando quando ia lhe ocorrer essa possibilidade.

— Preciso de uma autorização para entrar nos arquivos dos funcionários dos anos 1950 — disse Rosa Figuerola.

— Não — disse Torsten Edklinth, balançando a cabeça. — Não dá para entrar nos arquivos sem autorização do secretário-geral, e não queremos chamar a atenção antes de termos algo mais nas mãos.

— Então como a gente faz, na sua opinião?

— Mârtensson — disse Edklinth. — Descubra no que ele está trabalhando.

No seu quarto fechado a chave, Lisbeth Salander examinava cuidadosamente o sistema de ventilação quando ouviu a porta se

abrir e o Dr. Anders Jonasson entrou. Passava das dez da noite de terça-feira. Ele interrompeu seus Projetos de fuga do Sahlgrenska.

Depois de medir a parte de ventilação da janela, constatara que conseguiria passar a cabeça e que não deveria encontrar muita dificuldade corri o resto do corpo também. Havia três andares entre ela e o térreo, mas uma combinação de lençóis rasgados com a extensão de três metros de uma lâmpada de apoio deveria resolver o problema.

Em pensamento, já planejara sua fuga nos mínimos detalhes. O problema eram as roupas. Estava usando calcinha e camisola do Conselho Geral e sandálias de plástico emprestadas. Tinha as duzentas coroas em dinheiro que Annika Giannini lhe dera para que pudesse pedir doces no quiosque do hospital. Era o suficiente para comprar uma calça jeans e uma camiseta no Fourmis, desde que conseguisse localizar o brechó em Gõteborg. O restante do dinheiro deveria ser suficiente para ela ligar para Praga. Depois, as coisas entrariam nos eixos. Ela cogitava aterrissar em Gibraltar poucos dias depois da fuga e a partir daí construir uma nova identidade em algum lugar do mundo.

Anders Jonasson fez um gesto de cumprimento com a cabeça e se sentou na poltrona dos visitantes. Ela fez o mesmo em sua cama.

— Olá, Lisbeth. Desculpe não ter tido tempo de vir visitá-la nesses últimos dias, mas me aprontaram horrores no pronto-socorro e, ainda por cima, fui indicado para servir como mentor de dois jovens médicos.

Ela assentiu com a cabeça. Não esperava que o tal Anders Jonasson lhe fizesse visitas pessoais.

Ele pegou a ficha dela e examinou com atenção o gráfico da temperatura e sua medicação. Observou que a temperatura tinha se estabilizado entre 37 e 37,5 graus e que, naquela semana, ela não precisara de analgésicos para a dor de cabeça.

— A sua médica é a doutora Endrin. Você se dá bem com ela?

— Ela é legal — respondeu Lisbeth sem muito entusiasmo.

— Tudo bem se eu examinar você?

Ela fez que sim com a cabeça. Ele tirou do bolso uma lanterna-caneta, inclinou-se sobre ela e iluminou seus olhos para verificar a contração das pupilas. Pediu que ela abrisse a boca e examinou a garganta. Em seguida, pos suavemente as mãos em seu pescoço e virou sua cabeça para a frente e para trás, e depois para os lados, várias vezes.

— Nenhum problema na nuca? — ele perguntou. Ela negou com a cabeça.

- E a dor de cabeça?

- Aparece de vez em quando, mas depois passa.

- O processo de cicatrização ainda não está completo. A dor de cabeça vai sumir aos poucos.

O cabelo dela ainda estava tão curto que ele só precisou afastar um pequeno tufo para apalpar a cicatriz acima da orelha. Não apresentava nenhum problema, mas ainda havia uma casquinha.

— Você andou cocando a ferida de novo. Pare com isso, está ouvindo? Ela concordou com a cabeça. Ele pegou seu cotovelo esquerdo e levantou-lhe o braço.

— Você consegue erguer o braço, sozinha? Ela ergueu o braço.

— Sente alguma dor ou incômodo no ombro? Ela fez que não com a cabeça.

— Ele não repuxa?

— Um pouco.

— Acho que você deveria trabalhar mais os músculos do ombro.

— Difícil, num quarto trancado. Ele sorriu.

— Isso não vai durar para sempre. Você está fazendo os exercícios que a fisioterapeuta indicou?

Ela assentiu com a cabeça.

Ele pegou o estetoscópio e encostou-o no próprio pulso para aquecê-lo. Depois, sentou-se na beirada da cama, desabotoou a camisola de Lisbeth, auscultou-lhe o coração e tomou seu pulso. Pediu que ela se inclinasse para a frente e colocou o estetoscópio em suas costas para auscultar os pulmões.

— Tussa. Ela tossiu.

— Certo. Pode abotoar a camisola. Clinicamente falando, você está mais ou menos recuperada.

Ela meneou a cabeça. Esperou que ele se levantasse, prometendo voltar a vê-la em alguns dias, mas ele permaneceu sentado na beirada da cama. Não ralou nada por um bom tempo, parecia refletir. Lisbeth aguardou pacientemente.

— Sabe por que eu me tornei médico? — ele perguntou de repente.

Ela fez que não com a cabeça.

— Venho de uma família de operários. Eu sempre quis ser médico. Na verdade, quando eu era adolescente queria ser psiquiatra. Eu era todo intelectual.

Lisbeth observou-o com uma súbita atenção assim que ele pronunciou a palavra "psiquiatra".

— Mas eu não tinha certeza se conseguiria terminar o curso. Por isso, depois do colégio, me formei como soldador e exerci essa profissão durante alguns anos.

Balançou a cabeça, como se para confirmar que o que dizia era verdade.

— Eu achava uma boa idéia ter um diploma no bolso para o caso de dar zebra no curso de medicina. E a diferença entre um

médico e um soldador não é muito grande. Nos dois casos, trata-se de uma espécie de bricolagem. E atualmente trabalho aqui no Sahlgrenska consertando pessoas como você.

Ela franziu o cenho perguntando-se, desconfiada, se ele estava zoando com ela. Mas ele parecia absolutamente sério.

— Lisbeth... eu estava pensando...

Ele ficou calado tanto tempo que Lisbeth quase teve vontade de perguntar o que ele queria. Mas controlou-se e esperou.

— Eu estava pensando se você ficaria aborrecida se eu fizesse uma pergunta pessoal, íntima. Quero dizer, não como médico. Não vou anotar sua resposta e não vou comentar com quem quer que seja. Você não precisa responder se não quiser.

— O que é?

— É uma pergunta pessoal e indiscreta. O olhar dela cruzou com o dele.

— Na época em que internaram você na Sankt Stefan, em Uppsala, quando você tinha doze anos, você se negou a responder todas as vezes que um psiquiatra tentou falar com você. Como pode ser isso?

Os olhos de Lisbeth Salander escureceram um pouco. Ela fitou Anders Jonasson com um olhar sem emoção. Permaneceu calada por uns dois minutos.

— Por que está perguntando isso? — ela quis saber, por fim.

— Para ser sincero, não sei muito bem. Acho que estou tentando entender alguma coisa.

A boca de Lisbeth se contraiu ligeiramente.

- Não falo com os médicos de doidos porque eles nunca escutam o que eu digo.

Anders Jonasson assentiu com a cabeça e então, de repente, começou a rir.

— Está certo. Me diga... o que você acha do Peter Teleborian? Anders Jonasson soltara aquele nome de um jeito tão inesperado que Lisbeth quase se sobressaltou. Seus olhos se estreitaram um bocado.

— Que porra é essa? Uma pegadinha? O que você está querendo?

De repente, a voz dela soava como lixa. Anders Jonasson inclinou-se tanto em sua direção que estava quase invadindo seu espaço pessoal.

— E que um... como você disse mesmo?... um médico de doidos chamado Peter Teleborian, que não é exatamente desconhecido na minha área, tentou me convencer duas vezes, nesses últimos dias, a lhe dar uma oportunidade para te examinar.

Lisbeth sentiu de repente uma corrente gelada percorrer suas costas.

— O Tribunal de Instâncias vai designá-lo para fazer sua avaliação psíquica legal.

— E?

— Eu não gosto do Peter Teleborian. Não permiti que ele tivesse acesso a você. Na segunda vez, ele apareceu sem avisar e tentou entrar escondido, passando a conversa numa enfermeira.

Lisbeth cerrou a boca.

— O comportamento dele me pareceu meio estranho e insistente demais para ser normal. Por isso minha vontade de saber o que você acha dele.

Então foi a vez de Anders Jonasson esperar pacientemente que Lisbeth Salander se dispusesse a falar.

— O Teleborian é um canalha — ela respondeu afinal.

— Existe uma questão pessoal entre vocês?

— Pode-se dizer que sim.

— Também tive uma conversa com um sujeito lá de cima que, por assim dizer, gostaria que eu permitisse que o Teleborian tivesse acesso a você.

— E?

— Perguntei se ele tinha competência técnica para avaliar o seu estado e aí mandei ele se catar. Só que com termos um pouco mais diplomáticos.

— Certo.

— Só mais uma pergunta. Por que você está me dizendo tudo isso?

— Você é que perguntou.

— Sei. Mas eu sou médico e fiz psiquiatria. Então por que você está falando comigo? Devo deduzir que você confia um pouco em mim?

Ela não respondeu.

— Bem, prefiro interpretar assim. Saiba que você é minha paciente. Isso significa que trabalho para você e para mais ninguém.

Ela o fitou, desconfiada. Ele a observou em silêncio durante algum tempo. Então se pôs a falar em tom casual.

— Do ponto de vista médico, você está mais ou menos restabelecida. Só precisa de mais algumas semanas de convalescência. Infelizmente, você está ótima.

— Infelizmente?

— Sim. — Ele lhe endereçou um sorrisinho. — Definitivamente, você está bem até demais.

— O que está querendo dizer?

— Quero dizer que não tenho mais nenhum motivo para mantê-la aqui isolada e que a procuradora logo vai poder pedir sua transferência para uma casa de detenção em Estocolmo, até o

julgamento, que deve ocorrer daqui a seis semanas. Na minha opinião, esse pedido deve ocorrer já na próxima semana. E isso significa que o Peter Teleborian vai ter a oportunidade de examinar você.

Ela ficou completamente imóvel na cama. Anders Jonasson pareceu aborrecido e se inclinou para ajeitar o travesseiro dela. Falou claro, como se estivesse pensando em voz alta.

— Você não tem mais dor de cabeça e está sem febre, é provável que a doutora Endrin lhe dê alta.

Ele se levantou de repente.

— Obrigado por ter falado comigo. Ainda venho te ver antes de você ser transferida.

Já estava na porta quando ela falou.

— Doutor Jonasson.

Ele se virou em sua direção.

— Obrigada.

Ele meneou brevemente a cabeça antes de sair e fechar a porta à chave.

Lisbeth Salander permaneceu um bom tempo com os olhos fixos na norta trancada. Por fim, deitou-se e olhou para o teto.

Foi então que descobriu que havia algo duro debaixo de sua nuca. Ergueu o travesseiro e teve a surpresa de ver um saquinho de pano que certamente não se encontrava ali antes. Abriu-o e descobriu, sem entender nada, um computador de mão Palm Tungsten T3 e um carregador de bateria. Então olhou melhor para o computador e percebeu uma ranhura na borda superior. Seu coração deu um salto. E o meu Palm! Mas como... Atônita, desviou o olhar para a porta trancada. Anders Jonasson era um homem cheio de surpresas. Ligou o computador, mas logo viu que ele estava protegido por uma senha.

Olhou, frustrada, para a tela que piscava impaciente. E como é que esses idiotas acham que eu vou... Então olhou para o saquinho de pano e descobriu, lá dentro, um pedaço de papel dobrado. Pegou-o, abriu e leu a linha escrita numa caligrafia caprichada.

Você não é a rainha dos hackers? Pois então descubra! Super B.

Lisbeth riu pela primeira vez desde várias semanas. Obrigada por pagá-la na mesma moeda! Refletiu alguns segundos. Então pegou a canetinha do Palm e escreveu a combinação 9277, que correspondia às letras WASP no teclado. Era o código que o Maldito Super-Blomkvist tinha sido obrigado a descobrir quando entrara no apartamento dela na Fiskargatan, em Mosebacke, para desativar o alarme.

Não funcionou.

Tentou o 78737, que correspondia às letras SUPER.

Também não funcionou. Era óbvio que o Maldito Super-Blomkvist queria que ela usasse o computador, portanto devia ter escolhido uma senha relativamente simples. Tinha assinado Super-Blomkvist, apelido que ele detestava. Ela fez algumas associações, refletiu um instante. Com toda certeza, envolveria alguma alfinetada. Teclou 3434, equivalente a FIFI.

O computador ligou suavemente.

Ainda teve direito a um emoticon sorridente munido de um balão.

[Está vendo? Não foi tão difícil. Proponho que você clique em Meus Documentos.]

Ela imediatamente encontrou o documento [Olá Sally] bem no alto da lista. Abriu e leu.

[Antes de mais nada: isto fica só entre nós. A sua advogada, ou seja, a minha irmã Annika, ignora por completo que você está com esse computador. Deve continuar sendo assim.

Não faço idéia de até que ponto você está a par do que se passa fora desse seu quarto trancado, mas saiba que estranhamente, apesar desse seu temperamento, alguns babacas cheios de lealdade estão trabalhando por você. Quando tudo isso acabar, vou fundar uma associação beneficente que vou chamar de Os Cavaleiros da Távola Biruta, cujo único objetivo será organizar um jantar anual em que a gente vai morrer de rir falando mal de você. (Não, você não será convidada.)

Bem. Vamos aos fatos. A Annika está se preparando para o julgamento. Um problema, nesse contexto, é que ela obviamente trabalha para você e é adepta dessa bobajada toda de integridade. Isso significa que nem comigo ela comenta o que vocês duas conversam, o que é meio limitador. Por sorte, ela aceita receber informações.

Eu e você precisamos estar de acordo.

Não use meu endereço de e-mail.

Eu talvez seja meio paranóico, mas tenho bons motivos para achar que não sou o único a consultar minha caixa postal. Se tiver alguma coisa para me enviar, entre no grupo Yahoo [Tavola-Biruta]. Login: Fifi e senha: l9i2f7i7.]

Lisbeth leu duas vezes a carta de Mikael e olhou, perplexa, para o computador de mão. Depois de um período de celibato informático absoluto, estava num estado de incalculável cibercarência. Achou que o Super-Blomkvist tinha mesmo raciocinado com os pés quando dera um jeito de lhe passar clandestinamente um computador, esquecendo por completo que ela precisava de um celular para acessar a rede.

Estava nesse ponto de suas reflexões quando escutou passos no corredor.

Jogou imediatamente o computador e enfiou-o debaixo do travesseiro. A chave estava girando na fechadura quando ela percebeu que o saquinho de e o carregador ainda estavam sobre o criado-mudo. Estendeu a mão, enfiou depressa o saquinho debaixo

do cobertor, e prendeu o cabo e o carregador no meio das pernas. Estava comportadamente deitada, olhando para o teto quando a enfermeira da noite entrou, cumprimentou-a com gentileza e perguntou-lhe como estava e se precisava de alguma coisa.

Lisbeth falou que estava tudo bem e que só precisava de um maço de cigarros. O pedido foi gentil, mas firmemente recusado. Porém teve direito a um pacote de chiclete de nicotina. Quando a enfermeira tornou a fechar a porta, Lisbeth avistou o vigia da Securitas a postos em sua cadeira no corredor. Lisbeth esperou até escutar os passos se distanciando para pegar o computador de mão.

Ligou-o e tentou se conectar.

A sensação foi próxima de um choque quando o computador, de repente, indicou que tinha encontrado uma conexão. Uma conexão. Não é possível.

Ela pulou da cama tão depressa que sentiu uma explosão de dor no quadril machucado. Lançou um olhar abobalhado pelo quarto. Como? Deu uma volta devagar, examinando os mínimos recantos... Não, não há nenhum celular neste quarto. No entanto, estava conseguindo se conectar à rede. Então, um sorriso enviesado se espalhou em seu rosto. A conexão era necessariamente sem fio e estava sendo feita através de um celular com Bluetooth, que operava facilmente num raio de dez a doze metros. Seu olhar se dirigiu para a grade de ventilação no alto da parede.

O Super-Blomkvist havia plantado um telefone bem do lado do seu quarto. Era a única explicação possível.

Mas por que não trazer simplesmente o telefone para dentro do quarto... A bateria. Claro!

O seu Palm precisava ser recarregado mais ou menos a cada três dias. Um celular, que ela forçaria até o limite ao navegar, iria consumir rapidamente a bateria. Blomkvist, ou melhor, a pessoa que

ele recrutara e que estava ali fora, devia carregar regularmente a bateria.

Em compensação, ele lhe fornecera, é claro, o carregador do Palm. Ela Precisava tê-lo à mão. Era mais fácil esconder e utilizar um objeto em vez de dois. O Super-Blomkvist, afinal, não era tão burro assim.

Lisbeth primeiro se perguntou onde poderia esconder o computador Precisava de um esconderijo. Além da tomada elétrica ao lado da porta, havia outra no painel atrás da cama, onde ficavam ligados a luz de cabeceira e o relógio digital. Como o rádio tinha sido tirado da cabeceira, havia ali uma cavidade. Ela sorriu. Tanto o carregador como o computador de bolso cabiam dentro dela. Podia usar a tomada do criado-mudo para deixar o computador carregando durante o dia.

Lisbeth Salander estava feliz. Seu coração batia disparado quando, pela primeira vez depois de dois meses, ligou o computador de mão e entrou na internet.

Navegar com um computador de mão Palm, uma tela minúscula e uma canetinha não era tão simples como surfar com um PowerBoolc e um monitor de dezessete polegadas. Mas ela estava conectada. Da sua cama no Sahlgrenska, podia alcançar o mundo inteiro.

Para começar, entrou num site que anunciava fotos relativamente desinteressantes de um fotógrafo amador chamado Bill Bates, em Jobsville, Pensilvânia. Um dia, Lisbeth tinha verificado e chegado à conclusão que Jobsville não existia. Ainda assim, Bates tinha tirado mais de duzentas fotos daquela localidade e as pusera em seu site em forma de pequenas abas. Foi passando pelas fotos até chegar ao número 167 e clicou na lente de aumento. A foto mostrava a igreja de Jobsville. Posicionou o cursor no topo do campanário e clicou. Imediatamente surgiu uma janela pedindo seu login e sua senha. Pegou a canetinha e escreveu Remarkable no campo do login e A(89) Cx#magnolia no da senha.

Abriu-se uma janela: [ERROR — You have the wrong password] e um botão [O.K. — Tryagain]. Lisbeth sabia que se clicasse em [O.K. — Try again] e tentasse outra senha, iria dar na mesma janela — podia tentar ano após ano ao infinito. Em vez disso, clicou na letra O da palavra [ERROR].

A tela ficou preta. Em seguida, abriu-se uma porta de animação e apareceu uma figura parecida com Lara Croft. Materializou-se um balão com os dizeres [WHO GOES THERE?].

Ela clicou no balão e escreveu a palavra Wasp. A resposta foi imediata: [PROVE IT — OR ELSE...] enquanto a Lara Croft animada soltava a trava de segurança de uma pistola. Lisbeth sabia que a ameaça não era de todo fictícia. Se escrevesse a senha errada três vezes seguidas, a página se apagaria nome Wasp seria riscado da lista dos membros. Escreveu com bastante cuidado a senha MonkeyBusiness.

A tela mudou novamente de forma e exibiu um fundo azul com o texto:

[Welcome to Hacker Republic, citizen Wasp. It is 56 days since your last visit. There are 10 citizens online. Do you want to (a) Browse the Fórum (b) Send a Message (c) Search the Archive (d) Talk (e) Get laid?]

Ela clicou em [(d) Talk], passou para o menu [Who's online?} e obteve uma lista com os nomes Andy, Bambi, Dakota, Jabba, BuckRogers, Mandrake, Pred, Slip, Sisterjen, Six Of One e Trinity.

[Hi, gang], escreveu Wasp.

[Wasp. That really U?], escreveu SixOfOne imediatamente.

[Look who's home.]

[Onde você andava?], perguntou Trinity.

[Praga falou que você estava com problemas], escreveu Dakota.

Lisbeth não tinha certeza, mas achava que Dakota era uma mulher. Os outros membros on-line, inclusive Sisterjen, eram homens. A Hacker Republic tinha ao todo (da última vez que ela se conectara) sessenta e dois membros, dos quais quatro eram mulheres.

[Olá, Trinity], escreveu Lisbeth. [Olá, todo mundo.]

[Por que você só dá olá para Trin? A gente não está atacado pela peste], escreveu Dakota.

[A gente já saiu junto], escreveu Trinity. [Wasp só freqüenta pessoas inteligentes.]

Ele imediatamente recebeu cinco vá se...

Dos sessenta e dois membros, Wasp se encontrara com dois na vida real. Um deles era Praga, que excepcionalmente não estava on-line. Trinity era o outro. Era inglês, residente em Londres. Dois anos antes, ela estivera com ele por algumas horas, quando ele a ajudara, e ao Mikael, na caçada a Harriet Vanger, instalando uma escuta telefônica clandestina no pacato subúrbio de St. Albans. Lisbeth estava se atrapalhando com a pouco prática canetinha eletrônica e lamentava não dispor de um teclado.

[Você ainda está aí?], perguntou Mandrake.

Ela marcou as letras, uma por uma.

[Sorry. Estou com um Palm. E meio lerdo.]

[O que houve com o seu computador?], perguntou Pred.

[O meu computador vai bem. Eu é que estou com problemas.]

[Conte aqui para o seu irmão mais velho], escreveu Slip.

[O Estado me mantém prisioneira.]

[O quê? Por quê?] A resposta veio, de imediato, de três membros.

Lisbeth resumiu sua situação em cinco linhas, que foram recebidas pelo que parecia ser um murmúrio de preocupação.

[Como você está?], perguntou Trinity.

[Estou com um buraco na cabeça.]

[Não estou vendo nenhuma diferença], constatou Bambi.

[Wasp sempre teve vento na cabeça], disse Sisterjen, antes de engatar uma série de fantasias pejorativas sobre as capacidades intelectuais de Wasp.

Lisbeth sorriu. A conversa foi retomada com uma réplica de Dakota.

[Esperem. Estamos diante de um ataque a um cidadão da Hacker Republic. Qual será nossa resposta?]

[Ataque nuclear sobre Estocolmo?], sugeriu SixOfOne.

[Não, seria um exagero], disse Wasp.

[Uma bomba em miniatura?]

[Vá se catar, SixOO.]

[Agente poderia apagar Estocolmo], sugeriu Mandrake.

[Um vírus que apaga o governo?]

Os cidadãos da Hacker Republic não costumavam espalhar vírus. Pelo contrário — eram hackers e, conseqüentemente, ferozes adversários dos idiotas que lançam vírus com o único objetivo de sabotar a rede e fazer naufragar computadores. Eram viciados em informação e queriam manter a rede funcionando para poder pirateá-la.

Em compensação, a proposta de apagar o governo sueco não era uma ameaça à toa. A Hacker Republic era um clube super exclusivo que contava com os melhores entre os melhores, uma força de elite a que qualquer Defesa Nacional teria pago somas

colossais em troca de ajuda para objetivos ciber-militares, se é que the citizen podiam ser levados a nutrir uma lealdade desse tipo com um Estado. Não parecia provável.

Por outro lado, eles também eram computer wizards perfeitamente sintonizados com a arte da fabricação de vírus. Tampouco era difícil convencê-los a realizar campanhas especiais caso a situação exigisse. Anos antes, a patente de um citizen da Hacker Rep, um freelancer criador de softwares da Califórnia, tinha sido roubada por uma start-up, que ainda por cima tivera o atrevimento de levar o cidadão aos tribunais. Isso fizera com que todos os ativistas da Hacker Rep dedicassem, durante seis meses, uma energia considerável a piratear e destruir todos os computadores da empresa. Cada segredo comercial e cada e-mail — e também alguns documentos forjados, sugerindo que a empresa praticava fraude fiscal — eram alegremente exibidos na internet, assim como informações sobre a amante secreta do presidente da empresa e fotos de uma festa em Hollywood em que esse presidente aparecia cheirando cocaína. A empresa fora à falência em seis meses e, embora já tivessem transcorrido vários anos, alguns membros rancorosos da milícia popular da Hacker Republic continuavam assombrando o antigo presidente.

Caso cerca dos cinqüenta hackers mais eminentes do mundo decidissem se unir numa ofensiva conjunta contra um Estado, esse Estado provavelmente sobreviveria, mas não sem antes enfrentar problemas consideráveis. Os custos, sem dúvida, chegariam a bilhões se Lisbeth apontasse o polegar para cima. Ela refletiu um pouco.

[Por enquanto, não. Mas se as coisas não andarem do jeito que eu quero, talvez eu peça ajuda.]

[É só falar], disse Dakota.

[Faz tempo que a gente não perturba nenhum governo], disse Mandrake.

[Tenho uma proposta, a idéia geral é inverter o sistema de pagamento de impostos. Um programa feito sob medida para um país pequeno como a Noruega], escreveu Bambi.

[Muito bom, só que Estocolmo fica na Suécia], escreveu Trinity.

[E daí? Só o que a gente tem que fazer é...]

Lisbeth Salander se recostou no travesseiro e acompanhou a conversa com um sorrisinho. Perguntou-se por que ela, que tinha tanta dificuldade em falar de si mesma quando se via frente a frente com alguém, não tinha problemas em revelar seus segredos mais íntimos pela internet para um bando de malucos totalmente desconhecidos. O fato é que se Lisbeth Salander tinha alguma família e pertencia a algum grupo, era justamente a esse bando de loucos. Nenhum deles tinha de fato condições de ajudá-la em seus dissabores com o Estado sueco. Mas ela sabia que, se fosse preciso, gastariam um tempo e uma energia consideráveis em demonstrações de força bem pertinentes. Graças à rede da internet, ela também poderia achar esconderijos no exterior. Praga fora quem a ajudara a obter o passaporte norueguês em nome de Irene Nesser.

Lisbeth não tinha a menor idéia da aparência física dos cidadãos da Hacker Rep nem do que faziam fora da internet — os cidadãos eram particularmente vagos sobre suas identidades. SixOfOne, por exemplo, declarava-se um cidadão negro, do sexo masculino e de origem católica residente em Toronto, Canadá. Poderia também ser uma mulher, branca, luterana e residente em Skõvde, na Suécia.

Quem ela conhecia melhor era Praga — fora ele quem um dia a apresentara à família, e ninguém se tornava membro daquela sociedade exclusiva sem recomendações muito bem fundamentadas. Além disso, o novo membro tinha de conhecer pessoalmente outro cidadão — no caso de Lisbeth, era o Praga.

Na internet, Praga era um cidadão inteligente e socialmente talentoso.

Na verdade, era um trintão obeso e antissocial que recebia uma pensão por invalidez e vivia em Sundbyberg. Era óbvio que tomava banho de vez em quando e seu apartamento fedia. Lisbeth limitava ao máximo as visitas à casa dele. Freqüentá-lo na rede era mais que suficiente.

Enquanto o bate-papo prosseguia, Wasp ia baixando os e-mails de sua caixa postal da Hacker Rep. Um e-mail de Poison continha uma versão melhorada do seu programa Asphyxia 1.3, disponível nos arquivos a todos os cidadãos da república. O software Asphyxia permitia controlar o computador de outras pessoas via internet. Poison explicou que usara o programa com êxito e que sua versão melhorada cobria as últimas versões do Unix, do Apple e do Windows. Ela enviou uma resposta breve e agradeceu a atualização.

Na hora seguinte, enquanto a noite caía sobre os Estados Unidos, mais meia dúzia de citizens foi se conectando, dando as boas-vindas a Wasp e se envolvendo na discussão. Quando Lisbeth finalmente se retirou, o debate tratava da possibilidade de fazer com que o computador do primeiro-ministro sueco enviasse mensagens educadas, mas totalmente delirantes, para outros chefes de governo mundo afora. Criara-se um grupo de trabalho para aprofundar a questão. Lisbeth acabou oferecendo uma rápida contribuição com a ponta de sua canetinha.

[Continuem conversando, mas não façam nada sem a minha aprovação. Volto assim que eu puder me conectar.]

Todos mandaram "bjs, bjs" e recomendaram que cuidasse bem do buraco da sua cabeça.

Uma vez desconectada da Hacker Republic, Lisbeth entrou em [www. yahoo.com] e conectou-se ao newsgroup [Tavola-Biruta]. Descobriu que a usta de discussão comportava dois membros, ela própria e Mikael Blomkvist. Na caixa de entrada havia um único e-mail, enviado dois dias antes. O assunto era [Leia isto primeiro].

[Olá, Sally. A situação atual é a seguinte:

A polícia ainda não descobriu seu endereço e não teve acesso ao DVD do estupro do Bjurman. Esse DVD constitui uma prova de peso, mas não quer entregá-lo para a Annika sem sua autorização. Também estou com as chaves d seu apartamento e com o passaporte em nome de Irene Nesser.

Em compensação, a polícia está com a mochila que você levou para Gos seberga. Não sei se contém algo comprometedor.]

Lisbeth refletiu por um momento. Que nada. Uma garrafa térmica de café semi-vazia, umas maçãs e uma muda de roupa. Não havia com que se preocupar.

[Você vai ser processada por golpes e ferimentos agravados, seguidos de tentativa de homicídio contra Zalachenko, assim como golpes e ferimentos agravados contra Carl-Magnus Lundin, do MC Svavelsjõ em Stallarholmen — eles partem do princípio que você atirou no pé dele e deu um pontapé que quebrou seu maxilar. Uma fonte confiável da polícia, no entanto, informa que em ambos os casos as provas são um tanto vagas. É importante:

(1) Antes de o Zalachenko ser morto, ele negou tudo e afirmou que o Niedermann é que tinha atirado em você e te enterrado no mato. Ele deu queixa contra você por tentativa de homicídio. O procurador vai insistir no fato de que foi a segunda vez que você tentou matar o Zalachenko.

(2) Nem o Magge Lundin nem o Benny Nieminen disseram uma palavra sequer sobre o que aconteceu em Stallarholmen. O Lundin está detido pelo seqüestro da Míriam Wu. O Nieminen foi solto.]

Lisbeth refletiu sobre as palavras de Mikael e deu de ombros. Já havia conversado sobre tudo aquilo com Annika Giannini. Era uma situação ruim, mas até aí nada de novo. Com o coração na mão, ela relatara o que tinha acontecido em Gosseberga, porém sem entrar em detalhes sobre Bjurman.

[Durante quinze anos, o Zala foi protegido, independentemente do que ele aprontasse. Algumas carreiras se construíram em torno da importância que se dava ao Zalachenko. Algumas vezes,

ajudavam a fazer uma limpeza depois que o Zala aprontava. Isso é crime. Ou seja, autoridades suecas ajudaram a ocultar crimes contra pessoas.

Se isso vier à tona, haverá um escândalo político que provavelmente irá atingir tanto governos de direita como social-democratas. Isso significa, antes de mais nada, que alguns altos funcionários da Sapo seriam jogados aos leões e apontados como responsáveis por atividades criminosas e imorais. Mesmo que os crimes individuais estejam prescritos, haverá escândalo. Trata-se de pesos-pesados que hoje estão aposentados, ou quase.

Eles vão fazer de tudo para reduzir os danos, e aí é que você de repente volta a ser um peão no jogo. Dessa feita, porém, não se trata de sacrificar um peão do tabuleiro — trata-se de eles reduzirem esses danos de maneira decisiva e por conta própria. Portanto, você vai acabar ficando sem saída.

Pensativa, Lisbeth mordeu o lábio inferior.

[A coisa funciona assim: eles sabem que não vão conseguir manter o Zalachenko em segredo por muito mais tempo. Eu sei da história e eu sou um jornalista. Eles sabem que mais cedo ou mais tarde eu vou publicar. Agora eles estão lutando é pela sobrevida deles. Por isso os seguintes pontos estão no topo da lista de prioridades deles:

(1) Eles precisam convencer o tribunal de grande instância (ou seja, a opinião pública) de que a decisão de internar você na Sankt Stefan em 1991 foi legítima — que você estava de fato psiquicamente perturbada.

(2) Precisam separar o "caso Lisbeth Salander" do "caso Zalachenko". Eles estão tentando se colocar em condições de afirmar que "Claro, o Zalachenko era um calhorda, mas isso nada teve a ver com a decisão de internar a filha dele. Ela foi internada porque era uma doente mental — qualquer afirmação diferente disso não passa de invencionices doentias de jornalistas amargurados. Não, não apoiamos o Zalachenko em nenhum crime;

isso não passa de divagação ridícula de uma adolescente doente mental".

(3) O problema, portanto, é que se você for inocentada no próximo julgamento, o tribunal terá declarado que você não é louca, o que provará que sua internação em 1991 tinha algo de suspeito. Isso quer dizer que eles precisam condená-la a todo custo a um tratamento psiquiátrico numa instituição. Se o tribunal estabelecer que você é psiquicamente perturbada, a imprensa já não vai estar tão interessada em revolver o caso Salander. A imprensa funciona assim.

Você está acompanhando?

Lisbeth meneou a cabeça para si mesma. Já havia chegado a essas conclusões havia muito tempo. O problema é que ela não sabia muito bem como solver a situação.

Lisbeth — isso é sério —, esse jogo vai se dar na imprensa e não na sala de audiências. Infelizmente, por "razões de integridade", o julgamento vai ser a portas fechadas.

No dia em que o Zalachenko foi morto, meu apartamento foi assaltado. Não houve arrombamento nem mexeram em nada — com exceção de uma coisa. O dossiê que estava na casa de campo de Bjurman e que continha o relatório de 1991 do Gunnar Bjõrck desapareceu. No mesmo dia, minha irmã foi atacada e a cópia que ela tinha foi roubada. Esse dossiê é a sua prova mais importante.

Fingi que tínhamos perdido os documentos Zalachenko. Na verdade, tenho um terceiro exemplar, que eu ia passar para o Armanskij. Fiz várias cópias, que espalhei por aí.

Nosso adversário, que reúne algumas autoridades e alguns psiquiatras, também está tratando de montar o processo, é claro, com a ajuda do procurador Richard Ekstrõm. Tenho uma fonte que fornece algumas informações sobre o que está se tramando, mas imagino que você tenha mais condições de obter informações adequadas... Se for esse o caso, não temos muito tempo.

O procurador vai tentar fazer com que você seja condenada a uma internação psiquiátrica. Para isso, conta com o auxílio do seu velho amigo Peter Teleborian.

A Annika não vai poder se lançar numa campanha de imprensa no mesmo nível que o Ministério Público, que pode deixar vazar informações como bem lhe convém. Ou seja, ela está de mãos atadas.

Já eu, não estou preso por restrições desse tipo. Posso escrever rigorosamente o que quiser — e tenho, além disso, uma revista à minha disposição.

Faltam dois detalhes importantes:

(1) Primeiro, você precisaria de alguma coisa demonstrando que o procurador Ekstrõm está colaborando com o Teleborian de maneira indevida, e sempre com o objetivo de interná-la com os loucos. Eu queria poder aparecer no horário nobre da televisão e apresentar documentos acabando com os argumentos do procurador.

(2) Para poder sustentar uma guerra na imprensa contra a Sapo, preciso discutir em público coisas que você provavelmente considera de sua esfera privada. Desejar o anonimato a esta altura é meio que pedir demais, levando-se em conta tudo que foi dito na imprensa a seu respeito desde a Páscoa. Preciso ter condições de construir na mídia uma imagem sua inteiramente nova — mesmo que a seu ver isso represente uma agressão à sua intimidade —, e de preferência com o seu aval. Você entende o que eu quero dizer?]

Ela abriu a pasta [Tavola-Biruta]. Continha vinte e seis arquivos de tamanhos variados.

14. QUARTA-FEIRA 18 DE MAIO

Rosa Figuerola se levantou às cinco da manhã na quarta-feira e fez um rápido jogging antes de tomar um banho e vestir uma calça jeans preta, uma regata branca e uma jaqueta leve de linho cinza. Preparou sanduíches e encheu uma garrafa térmica de café. Também vestiu o cinturão e tirou sua Sig Sauer do armário de armas. Pouco depois das seis horas, saiu no seu Saab 9-5 branco e foi até a Vittangigatan em Vâllingby.

Gõran Mârtensson morava no segundo e último andar de um prediozinho do subúrbio. Na terça-feira, ela levantara tudo o que conseguira sobre ele nos arquivos públicos. Era solteiro, o que não queria dizer que não morasse com alguém. Não havia nada sobre ele na Receita, ele não possuía nenhuma fortuna e seu nível de vida não parecia extravagante. Raramente faltava por motivo de saúde.

O único aspecto que poderia parecer digno de atenção era ele ter licença para dezesseis armas de fogo, sendo três espingardas de caça e pistolas de diferentes tipos. Ele ter porte de armas obviamente não constituía um crime, mas Rosa Figuerola nutria uma bem fundada desconfiança por pessoas que possuíam grande quantidade de armas.

O Volvo com a placa com as iniciais KAB estava num estacionamento a cerca de quarenta metros da praça em que Rosa Figuerola parou o carro. Ela serviu de meio copo de café preto e comeu um sanduíche de queijo e salada Depois descascou uma laranja e chupou demoradamente seus gomos.

Durante a visita matinal, Lisbeth Salander não estava em boa forma, sentia uma dor de cabeça terrível. Pediu um Alvedon, que lhe deram sem discutir.

Uma hora depois, a dor de cabeça tinha piorado. Tocou a campainha para chamar a enfermeira e pediu mais um Alvedon, que não fez efeito. Lá pelo meio-dia, Lisbeth estava com tanta dor de

cabeça que a enfermeira chamou a Dra. Endrin, a qual, após um rápido exame, prescreveu analgésicos potentes.

Lisbeth deixou os comprimidos debaixo da língua e cuspiu-os fora assim que ficou sozinha.

Por volta das duas da tarde, começou a vomitar. Os vômitos recomeçaram por volta das três horas.

Por volta das quatro horas, chegou o Dr. Anders Jonasson, pouco antes de a Dra. Helena Endrin ir embora. Conversaram rapidamente.

— Ela está com náuseas e uma dor de cabeça muito forte. Receitei Dexofen. Não entendo o que está acontecendo... Ela vinha evoluindo tão bem nas últimas semanas. Pode ser algum tipo de gripe...

— Ela está com febre? — perguntou o Dr. Jonasson.

— Não, estava com 37,2 há uma hora. A pressão está normal.

— Certo. Vou ficar de olho nela esta noite.

— O problema é que estou saindo de férias por três semanas — disse Endrin. — Você ou o Svantesson é que vão ter que cuidar dela. Mas o Svantesson não acompanhou o caso direito...

— Certo. Passo a ser o médico responsável por ela enquanto você estiver fora.

— Maravilha. Se houver alguma crise e você precisar de ajuda, não hesite em me ligar.

Foram juntos visitar Lisbeth. Ela estava na cama, com o cobertor puxado até o nariz, e parecia péssima. Anders Jonasson pôs a mão em sua testa e verificou que estava úmida.

— Acho que vou ter que dar uma examinada nela.

Ele agradeceu à Dra. Endrin e deu-lhe boa-noite.

Por volta das cinco da tarde, o Dr. Jonasson notou que a temperatura de Lisbeth subira rapidamente para 37,8 graus, o que foi registrado na ficha. Ele foi vê-la três vezes no início da noite e anotou na ficha que a temperatura se mantinha estável em torno dos 38 graus — muito alta para ser considerada normal e muito baixa para constituir um problema de fato. Por volta das oito da noite, pediu uma tomografia do crânio.

Ao receber as tomografias, examinou-as minuciosamente. Não detectou nada digno de nota, mas constatou que havia uma área mais escura logo ao redor do orifício de entrada da bala. Registrou na ficha uma observação cuidadosamente formulada e inconclusiva:

"As tomografias não permitem nenhuma conclusão definitiva, mas o estado da paciente decaiu sensivelmente durante o dia. Não é de se excluir o surgimento de uma pequena hemorragia, não visível nas tomografias. Nos próximos dias, a paciente deverá permanecer em repouso e sob estrita vigilância."

Erika Berger encontrou vinte e três e-mails ao chegar ao SMP na quarta-feira às seis e meia da manhã.

Um deles tinha como remetente o endereço redaktion-sr@sverigesradio.com

O texto era breve. Apenas duas palavras.

[PUTA NOJENTA]

Ela suspirou e estava prestes a apagar o e-mail quando, no último instante, mudou de idéia. Repassou todos os e-mails recebidos e abriu aquele enviado dois dias antes. O remetente era centralred@smpost.se. Humm. Dois e-mails com as palavras "puta nojenta" enviados por falsos remetentes da mídia. Criou uma pasta chamada [PIRADODAMÍDIA] e nela guardou as duas mensagens. Em seguida, passou à pauta das atualidades daquela manhã.

Gõran Mârtensson saiu de casa às 7h40. Pegou seu Volvo, tomou a direção do centro da cidade e entrou pela Stora Essingen e Grõndal rumo a Ardermalm. Foi pela Hornsgatan e chegou à

Bellmansgatan via Brãnnkyrka. n Dobrou à esquerda na Tavastgatan, na altura do pub Bishop's Arms, e estacionou na esquina.

Rosa Figuerola teve uma sorte enorme. No exato momento em que chegou na frente do Bishop's Arms, uma caminhonete saiu, deixando-lhe uma vaga para que ela estacionasse na Bellmansgatan. Ficou com o capo exatamente na esquina da Bellmansgatan com a Tavastgatan. Da elevação onde estava, defronte ao Bishop's Arms, tinha uma visão perfeita. Enxergava um pedacinho do vidro traseiro do Volvo de Mârtensson na Tavastgatan. Logo em frente, na ladeira íngreme que descia em direção a Pryssgrãnd, ficava o número 1 da Bellmansgatan. Ela enxergava a lateral da fachada, de modo que não podia ver propriamente a porta de entrada, mas conseguia ver quando alguém saía. Não tinha a menor dúvida de que aquele endereço era o motivo da visita de Mârtensson ao bairro. Era a entrada do prédio de Mikael Blomkvist.

Rosa Figuerola se deu conta de que era um pesadelo vigiar a área em torno do número 1 da Bellmansgatan. Os únicos pontos de onde se podia observar diretamente a porta, na baixada da Bellmansgatan, eram a calçada e a passarela no alto da rua, no nível dos elevadores públicos e da Casa Laurin. Não havia mais lugar para estacionar lá em cima, e um observador na passarela se destacaria tão claramente como uma andorinha num antigo fio de telefone. O lugar em que Rosa Figuerola estacionara era a princípio o único em que ela podia ficar dentro do carro e ter condições de observar toda a área. Mas era também um lugar ruim, pois qualquer pessoa mais atenta poderia avistá-la facilmente dentro do carro.

Ela virou a cabeça. Não queria sair do carro e começar a zanzar pelo bairro; sabia que chamava facilmente a atenção. Para seu trabalho de tira, seu físico também tinha suas desvantagens.

Mikael Blomkvist saiu de seu prédio às nove e dez. Rosa Figuerola anotou a hora. Ela percebeu seu olhar percorrendo a passarela que transpunha o alto da Bellmansgatan. Ele começou a subir a ladeira vindo diretamente em sua direção.

Rosa Figuerola pegou no porta-luvas um mapa de Estocolmo e o deixou aberto no banco do passageiro. Depois abriu um caderno de anotações, tirou Uma caneta do bolso, pegou o celular e fingiu estar conversando. Mantinha a cabeça baixa de modo a que a mão que segurava o telefone escondesse parte do rosto.

Viu Mikael Blomkvist dando uma rápida olhada na Tavastgatan. Ele sabia que estava sendo vigiado e devia ter visto o carro de Mârtensson, mas continuou andando sem demonstrar nenhum interesse pelo carro. Agiu calma e friamente. Outros teriam rebentado a porta e dado uma surra no motorista.

Logo em seguida, ele passou pelo carro. Rosa Figuerola estava ocupadíssima procurando um endereço no mapa de Estocolmo enquanto falava ao celular, mas sentiu que Mikael olhou para ela ao passar. Desconfia de tudo que vê. Viu suas costas no retrovisor do passageiro enquanto ele seguia em direção à Hornsgatan. Já o tinha visto algumas vezes na tevê, mas era a primeira vez que o via pessoalmente. Usava jeans, camiseta e um paletó cinza. Estava com uma sacola pendurada no ombro e andava com grandes passadas indolentes. Até que era um cara bonito.

Gõran Mârtensson surgiu na esquina do Bishop's Arms e acompanhou Mikael Blomkvist com o olhar. Estava com uma sacola esportiva um tanto volumosa no ombro e concluía uma ligação no celular. Rosa Figuerola imaginou que ele fosse seguir Mikael Blomkvist, mas para sua surpresa ele atravessou a rua bem na frente de seu carro, dobrou à esquerda e desceu a ladeira em direção ao prédio de Mikael Blomkvist. No instante seguinte, um homem de macacão de trabalho passou pelo carro de Rosa Figuerola e foi andando atrás de Mârtensson. Ora, ora, de onde você surgiu?

Pararam em frente à porta do prédio de Mikael Blomkvist. Mârtensson teclou o código e os dois sumiram na escadaria. Eles estão querendo examinar o apartamento. A festa dos amadores. Esse aí acha que pode tudo.

Em seguida, Rosa Figuerola levantou os olhos para o retrovisor e teve um sobressalto ao ver Mikael Blomkvist. Ele tinha voltado e estava uns dez metros atrás dela, próximo o suficiente para avistar Mârtensson e seu assistente ali da parte mais elevada da rua que dominava o número 1. Ela observou seu rosto. Ele não estava olhando para ela. Em compensação, viu quando Gõran Mârtensson sumiu pela porta. Um instante depois, Blomkvist deu meia-volta e seguiu em direção à Hornsgatan.

Rosa Figuerola permaneceu imóvel por uns trinta segundos. Ele sab& que está sendo seguido. Está observando o que acontece a sua volta. Mas por não faz nada? Uma pessoa normal já teria mexido céus e terras... ele tem algum plano.

Mikael Blomkvist desligou e contemplou, pensativo, o bloco de notas sobre sua mesa. O Departamento de Trânsito acabava de lhe informar que o carro que ele notara no alto da Bellmansgatan pertencia a uma tal de Rosa Fieuerola, nascida em 1969 e com endereço na Pontonjãrgatan em Kungsholmen. Como ele vira uma mulher dentro do carro, Mikael supôs que se tratava da própria Rosa Figuerola.

Ela estava falando ao celular e consultando um mapa da cidade, aberto no banco do passageiro. Mikael não tinha nenhum motivo para imaginar que ela tivesse algo a ver com o bando Zalachenko, mas ele costumava registrar qualquer coisa que fugisse da rotina à sua volta, principalmente nas proximidades de sua casa.

Ergueu a voz e ligou para Lottie Karim.

— Quem é essa mulher? Consiga uma foto dela, descubra onde trabalha e tudo o que puder sobre o seu passado.

— Está bem, chefe — disse Lottie Karim, e voltou para sua sala.

O diretor financeiro do SMP, Christer Sellberg, parecia simplesmente atônito. Afastou a folha A4 com os nove itens sucintos que Erika Berger apresentara na reunião semanal da comissão de orçamento. O chefe do orçamento, Ulf Flodin, parecia preocupado.

Borgsjõ, o presidente do conselho administrativo, exibia seu costumeiro ar neutro.

— Impossível — decretou Sellberg com um sorriso educado.

— Por quê? — perguntou Erika Berger.

— O conselho nunca vai aceitar isso. Vai contra o bom-senso.

— Vamos retomar do início — sugeriu Erika Berger. — Fui contratada Para fazer o SMP voltar a ser rentável. Para conseguir isso, preciso ter condições de trabalhar, não é?

— É, mas...

— Não posso produzir o conteúdo de um jornal diário num passe de Mágica, torcendo para tudo dar certo trancada naquele aquário.

— Você não entende nada da realidade econômica.

— Pode até ser. Mas sei fazer um jornal. E a realidade é que de quinze anos para cá o número de funcionários do SMP sofreu uma redução de cento e dezoito pessoas. Até entendo que a metade era de designers gráficos que foram substituídos pelos avanços tecnológicos etc. e tal, mas o número de jornalistas que produzem texto sofreu uma redução de quarenta e oito pessoas nesse período.

— Foram cortes necessários. Sem eles, o jornal já teria deixado de existir há muito tempo.

— Vejamos o que é necessário e o que não é. Nesses três últimos anos, dezoito cargos de jornalistas foram eliminados. Além disso, hoje, nove cargos estão vagos e parcialmente cobertos por freelancers. A seção de Esportes tem um déficit enorme de pessoal. Deveria haver lá nove funcionários e, por mais de um ano, dois cargos ficaram sem ser preenchidos.

— Trata-se de economia. Simples assim.

— Três cargos não preenchidos na Cultura. Um cargo na editoria de Economia. A editoria de Direito não existe na prática, mas... temos ali um redator--chefe que quando necessário apela para os jornalistas da Geral. E tem muito mais, e pior. O SMP não faz nenhuma cobertura digna desse nome sobre os serviços estatais e as autoridades há pelo menos oito anos. Para isso, dependemos totalmente de freelancers e das informações repassadas pela TT... e, como vocês sabem, faz séculos que a TT desativou sua área de Serviços Públicos. Ou seja, não existe uma única redação na Suécia em condições de observar os Serviços Públicos e as autoridades do Estado.

— A imprensa escrita está passando por uma situação delicada...

— A realidade é que ou o SMP fecha as portas imediatamente, ou a direção resolve passar para o ataque. Temos hoje menos funcionários produzindo mais textos por dia. Os textos são medíocres, superficiais e carecem de credibilidade. Resultado: as pessoas deixam de ler o SMP.

— Parece que você não está entendendo...

— Estou cheia de ouvir vocês dizerem que eu não estou entendendo. Não sou nenhuma colegial estagiária que está aqui para se divertir.

— Mas a sua postura é insensata.

— Ah, é? Por quê?

— Está sugerindo que o jornal não gere receita.

- Escute, Sellberg, este ano você vai distribuir uma alta quantia de dinheiro em dividendos para os vinte e três acionistas do jornal. Acrescente-se bônus delirantes para os nove membros do conselho administrativo, que deverá custar ao SMP perto de dez milhões de coroas. Claro, estamos longe dos bônus que alguns diretores se auto-atribuíram na Skandia, mas a meu ver vocês não valem nem um centavo. Espera-se que o bônus seja dado quando alguém faz

alguma coisa que fortaleça o SMP. Na verdade, as demissões que vocês promoveram enfraqueceram o SMP e só serviram para aumentar a crise.

— O que você está dizendo é muito injusto. O conselho ratificou todas as medidas que eu tomei.

— O conselho ratifica as suas medidas porque você garantiu uma distribuição anual de dividendos. É isso que deve acabar aqui e agora.

— Você está propondo a sério que o conselho tome a decisão de abolir toda a distribuição de dividendos e todos os bônus? Você imagina mesmo que os acionistas vão aceitar?

— Estou propondo um sistema de lucro zero para este ano. Isso equivaleria a uma economia de quase vinte e um milhões de coroas e à possibilidade de fortalecer a equipe e as finanças do SMP. Eu ganho por mês oitenta e oito mil coroas, o que é uma insanidade pura num jornal que não tem sequer condições de garantir os cargos da seção de Esportes.

— Então você quer reduzir seu próprio salário? Está defendendo uma espécie de comunismo dos salários, é isso?

— Não fale besteira. Você ganha cento e doze mil coroas por mês, contando o bônus anual. Isso é uma loucura. Se o jornal estivesse firme e os lucros fossem astronômicos, você poderia se conceder quantos bônus quisesse. Mas o momento, este ano, não é de aumentos. Proponho dividir pela metade o salário de todos os diretores.

— O que você não entende é que os nossos acionistas são acionistas Porque querem ganhar dinheiro. Isso se chama capitalismo. Se propuser que eles percam dinheiro, não vão mais querer ser acionistas.

— Não estou propondo que eles percam dinheiro, mas também é possível que se chegue a isso. Ser proprietário implica responsabilidades. Você mesmo disse: aqui quem manda é o

capitalismo. Os donos do SMP querem lucrar. Mas nas regras do capitalismo quem decide se vai haver lucro ou prejuízo é o mercado. Pelo seu raciocínio, você gostaria que essas regras valessem para todos os funcionários do SMP, mas que você e os acionistas fossem exceções.

Sellberg suspirou e ergueu os olhos para o céu. Desamparado, procurou Borgsjõ com o olhar. Borgsjõ estudava, pensativo, o programa de nove itens de Erika Berger.

Rosa Figuerola esperou quarenta e nove minutos até que Gõran Mârtensson e o desconhecido saíssem do prédio da Bellmansgatan. Quando começaram a subir a ladeira em sua direção, ela ergueu sua Nikon com teleobjetiva de trezentos milímetros e tirou duas fotos. Guardou a câmera no porta-luvas e voltou a se ocupar com seu mapa de Estocolmo, quando deu uma olhada na direção dos elevadores públicos. Não acreditou no que via. No alto da Bellmansgatan, bem do lado das portas do elevador, uma mulher morena estava filmando Mârtensson e seu assistente com uma câmera digital. Caramba... que porra é essa? Um congresso de espionagem na Bellmansgatan?

Mârtensson e o desconhecido se separaram no alto da rua sem se falar. Mârtensson foi até seu carro, na Tavastgatan. Ligou o motor, se afastou da calçada e saiu do campo de visão de Rosa Figuerola.

Ela desviou o olhar para o retrovisor e viu as costas do homem de macacão. Ergueu os olhos e viu que a mulher da câmera concluíra as filmagens e, indo na direção dele, chegava em frente à Casa Laurin.

Cara ou coroa? Ela já sabia quem era Gõran Mârtensson e qual sua profissão. Tanto o homem de macacão como a mulher da câmera eram cartas desconhecidas. Mas se ela saísse do carro, corria o risco de ser notada pela mulher da câmera.

Não se moveu. Pelo retrovisor, viu o homem de macacão dobrar na Brãnnkyrkagatan. Esperou que a mulher da câmera chegasse ao cruzamento à sua frente. Porém, em vez de seguir o

homem de macacão, a mulher virou cento e oitenta graus e desceu em direção ao número 1 da Bellmansgatan. Rosa Figuerola viu uma mulher de uns trinta e cinco anos. Tinha cabelos castanhos curtos e usava calça jeans escura e jaqueta preta. Quando a mulher se distanciou um pouco mais, Rosa Figuerola abriu às pressas a porta do carro e correu em direção à Brãnnkyrkagatan. Não conseguia avistar o homem de macacão. Logo em seguida, uma caminhonete Toyota se afastou da calçada. Rosa Figuerola viu o homem de perfil e memorizou a placa. Mesmo que errasse número, conseguiria encontrá-lo. As laterais da caminhonete exibiam um núncio da Chaves e Ferraduras Lars Faulsson, com o número de telefone.

Não tentou correr até seu carro para seguir a Toyota. Andou calmamente chegou ao alto do morro bem a tempo de ver a mulher com a câmera desaparecendo dentro do prédio de Mikael Blomkvist.

Tornou a entrar no carro e anotou no caderninho o número da placa e do telefone de Chaves e Fechaduras Lars Faulsson. Depois, cocou a cabeça. Quanta movimentação misteriosa em torno do endereço de Mikael Blomkvist! Ergueu os olhos e avistou o telhado do prédio no número 1 da Bellmansgatan. Sabia que Blomkvist tinha um apartamento no último andar, mas, ao conferir os mapas do serviço municipal, observara que era um apartamento de fundos que dava para o lago de Riddarfjärden e a cidade velha. Um endereço chique num antigo bairro histórico. Perguntou-se se ele se gabava disso.

Esperou nove minutos até que a mulher com a câmera saísse do prédio. Em vez de subir a ladeira em direção à Tavastgatan, a mulher continuou descendo e dobrou à direita na esquina da Pryssgrãnd. Humm. Se ela estivesse com um carro estacionado na baixada da Pryssgrãnd, Rosa Figuerola não teria como segui-la. Mas se estivesse a pé, só tinha um caminho a fazer — subir a Brànnkyrkagatan por Pustegránd, mais próximo de Slussen.

Rosa Figuerola saiu do carro e se dirigiu para os lados de Slussen na Brànnkyrkagatan. Estava quase chegando a Pustegránd quando a mulher da câmera apareceu diante dela. Bingo! Seguiu-a quando passou em frente ao Hilton, pela Praça de Sõdermalm,

defronte ao Museu da Cidade de Slussen. A mulher andava a passos rápidos e decididos, sem olhar para os lados. Rosa Figuerola deu-lhe uns trinta metros de vantagem. Ela entrou no metrô de Slussen e Rosa Figuerola apressou o passo, mas se deteve ao ver que a mulher se dirigia à banca de jornal em vez de passar pelas roletas.

Rosa Figuerola ficou observando a mulher na fila. Tinha cerca de um metro e setenta de altura e, com seu tênis, um jeito mais esportivo. De repente, ao vê-la ali, com os pés firmemente plantados em frente à banca de jornal, Kosa Figuerola teve a sensação de que se tratava de uma policial. A mulher comprou algo que parecia ser uma caixa de pastilhas, em seguida voltou para a Praça de Sõdermalm e entrou à direita na Katarinavãgen.

Rosa Figuerola foi atrás dela. Estava relativamente segura de que a mulher não a notara. Desapareceu na esquina pouco depois do McDonald's com Rosa Figuerola a cerca de quarenta metros atrás dela.

Ao virar a esquina, não viu mais sinal da mulher. Droga! Passou devagar em frente às várias entradas. Então seu olhar bateu numa placa. Milton Security.

Rosa Figuerola meneou a cabeça e retornou a pé para a Bellmansgatan.

Dirigiu até a Gõtgatan, onde ficava a redação da Millennium, e passou a meia hora seguinte percorrendo as ruas nas proximidades da redação. Não viu o carro de Mârtensson. Por volta do meio-dia, voltou para o Palácio da Polícia em Kungsholmen e foi puxar ferro na academia por uma hora.

— Estamos com um problema — disse Henry Cortez.

Malu Eriksson e Mikael Blomkvist levantaram os olhos do manuscrito do futuro livro sobre Zalachenko. Era uma e meia da tarde.

— Sente-se — disse Malu.

— Trata-se da Vitavara S.A., a empresa que fabrica vasos sanitários no Vietnã para vender jx>r mil e setecentas coroas a peça.

— Hum. E qual é o problema? — perguntou Mikael.

— A Vitavara S.A. pertence quase integralmente a uma empresa-mãe, a SveaBygg S.A.

— Ahã. É uma firma grande.

— É. O presidente do conselho administrativo se chama Magnus Borgsjõ. É um profissional em conselhos administrativos. Entre outros, é presidente do conselho administrativo do Svenska Morgon-Posten e detém quase dez por cento do jornal.

Mikael lançou um olhar penetrante para Henry Cortez.

— Tem certeza?

— Tenho. O chefe da Erika Berger é um puta de um safado que explora criancinhas no Vietnã.

— Merda! — fez Malu Eriksson.

O assistente de redação Peter Fredriksson parecia pouco à vontade quando bateu suavemente à porta do aquário de Erika Berger por volta das duas da tarde.

— Sim?

- Bem, é um assunto meio delicado. Mas alguém aqui na redação recebeu um e-mail seu.

— Meu?

— Sim. — Suspiro.

— Do que se trata?

Ele lhe passou umas folhas A4 com e-mails endereçados a Eva Carlsson, uma substituta de vinte e seis anos da editoria de Cultura.

O remetente, de acordo com o cabeçalho, era erika.berger@smpost.se

[Minha Eva adorada. Tenho vontade de acariciar e beijar teus seios. Estou ardendo de tesão e mal consigo me controlar. Eu te suplico, corresponda aos meus sentimentos. A gente poderia se encontrar? Erika.]

Eva Carlsson não respondera a essa abordagem, o que resultará em mais dois e-mails nos dias seguintes.

[Eva, minha amada adorada. Eu te suplico, não me rejeite. Estou louca de desejo. Quero você nua. Quero, custe o que custar. Você vai ficar bem comigo. Não vai se arrepender. Vou beijar cada centímetro da sua pele nua, seus seios magníficos e sua doce gruta. Erika.]

[Eva. Por que não me responde? Não tenha medo de mim. Não me rejeite. Você não é nenhuma sonsa. Sabe do que eu estou falando. Quero fazer amor com você e você será ricamente recompensada. Se for boazinha comigo, serei boazinha com você. Você pediu para estender seu contrato de substituta. Está em meu poder atendê-la, e inclusive transformá-lo num contrato permanente. Venha encontrar-se comigo às 21 horas no meu carro, na garagem. Sua Erika.]

— Ah, sim — disse Erika Berger. — E agora ela está se perguntando se sou mesmo eu quem está mandando essas propostas obscenas.

— Não é bem isso... quer dizer... hã.

— Peter, não fale escondido atrás da barba.

— Ela talvez tenha mais ou menos acreditado no primeiro e-mail pelo menos ficou bastante surpresa. Mas depois ela entendeu que era um loucura total, nada a ver com seu estilo, e aí...

— E aí?

— Bem, ela acha constrangedor e não sabe direito o que fazer. Devo dizer que ela tem muita admiração por você, gosta de você... quero dizer, corno chefe. Então ela veio se aconselhar comigo.

— Entendo. E o que você disse a ela?

— Disse que alguém falsificou o seu endereço para assediá-la. Ou assediar vocês duas. E prometi que ia falar com você.

— Obrigada. Você poderia pedir para ela vir falar comigo daqui a uns dez minutos?

Erika aproveitou esse tempo para escrever um e-mail realmente seu.

[Vejo-me na obrigação de informar a todos que uma de nossas colegas recebeu mensagens eletrônicas aparentemente enviadas por mim. Esses e-mails contêm alusões sexuais extremamente grosseiras. Quanto a mim, recebi mensagens de conteúdo chulo de um remetente que se diz "centralred" no SMP. Como sabem, esse endereço não existe no SMP.

Consultei o diretor de tecnologia, e ele me afirmou ser muito fácil forjar um endereço de remetente falso. Não sei como se faz, mas aparentemente existem sites na internet que oferecem esses serviços. Chego à triste conclusão de que existe um doente entre nós que se compraz com esse tipo de coisa.

Gostaria de saber se outros funcionários receberam e-mails estranhos. Caso positivo, gostaria que entrassem imediatamente em contato com o assistente de redação Peter Fredriksson. Se essa coisa vergonhosa persistir, teremos de pensar em registrar queixa na polícia.

Erika Berger, redatora-chefe.]

Imprimiu uma cópia do e-mail e em seguida clicou em Enviar, para que a mensagem fosse para todos os funcionários do SMP. Nisso, Eva Carlsson bateu à porta.

— Bom dia, sente-se — disse Erika. — Soube que você recebeu e-mails em meu nome.

- Ora, não pensei um segundo sequer que pudessem ser mesmo seus.

- Em todo caso, no instante em que você entrou aqui você estava recebendo um e-mail meu. Um e-mail que eu de fato escrevi e que mandei para todos os funcionários.

Mostrou para Eva Carlsson a cópia impressa.

- Certo. Compreendo — disse Eva Carlsson.

- Lamento que tenham usado você como alvo nessa campanha desagradável.

__Você não tem culpa se um maluco inventa esse tipo de coisa.

- Eu só queria estar segura de que você não guarda nenhuma suspeita em relação a mim nessa história.

— Jamais pensei que isso tivesse partido de você.

— Perfeito, obrigada — disse Erika, e sorriu.

Rosa Figuerola passou a tarde levantando informações. Primeiro, pediu uma foto de Lars Faulsson, para conferir se era a mesma pessoa que ela vira em companhia de Góran Mártensson. Depois, digitou o nome dele no cadastro das fichas policiais e obteve imediatamente um resultado.

Lars Faulsson, de quarenta e sete anos e conhecido pelo apelido de Fa-lun, iniciara sua carreira aos dezessete anos com roubos de carro. Nos anos 1970 e 1980, fora interrogado duas vezes e acusado de arrombamento, roubo agravado e receptação. Fora condenado uma primeira vez a uma pena moderada, e na segunda, a três anos de prisão. Na época, era considerado um indivíduo com um futuro promissor no meio da delinqüência, e fora interrogado como suspeito de pelo menos mais três assaltos, um deles envolvendo a quebra de um cofre bastante complexo e intrincado numa loja de departamentos de Vàsteras. Depois de

cumprir a pena, mantivera-se na unha — ou, pelo menos, não cometera nenhuma infração que o levasse a ser detido e julgado. Em compensação, convertera-se — por coincidência — em chaveiro e, em 1987, abrira seu próprio negócio, o Chaves e Fechaduras Lars Faulsson, situado em Norrtull.

Identificar a mulher desconhecida que filmara Mártensson e Faulsson se revelou mais fácil do que Rosa imaginara. Ela simplesmente ligou para a recepção da Milton Security e alegou que estava procurando uma de suas funcionárias, que conhecera algum tempo atrás mas cujo nome esquecera Podia, no entanto, fornecer uma boa descrição da mulher. A recepção lhe in formou que parecia se tratar de Susanne Linder, e passou a ligação. Quando Susanne Linder atendeu, Rosa Figuerola se desculpou dizendo que discara o número errado.

Entrou nos arquivos do registro civil e constatou que existiam dezoito Susanne Linder na região de Estocolmo. Três tinham em torno de trinta e cinco anos. Uma residia em Norrtälje, a outra em Estocolmo, a terceira em Nacka. Pediu as fotos e identificou de imediato a mulher que ela seguira naquela manhã como sendo a Susanne Linder que residia em Nacka.

Resumiu as atividades do dia num relatório e foi até a sala de Torsten Edklinth.

Por volta das cinco da tarde, Mikael Blomkvist fechou o arquivo da pesquisa de Henry Cortez. Christer Malm largou o texto, que ele já lera quatro vezes. Henry Cortez estava sentado no sofá da sala de Malu Eriksson, aparentando um ar de culpa.

— Café? — perguntou Malu, levantando-se. Voltou com quatro canecas e a cafeteira.

Mikael suspirou.

— É uma puta de uma história — disse. — Pesquisa impecável. Documentada do início ao fim. Muito bem narrada, com um calhorda que extorque os suecos utilizando o sistema — o que é absolutamente legal —, mas que é suficientemente ganancioso e

maléfico para recorrer a uma empresa que explora crianças no Vietnã.

— E ainda por cima está muito bem escrita — disse Christer Malm. — No dia seguinte à publicação, o Borgsjõ será persona non grata na vida econômica do país. A tevê vai reagir a esse texto. Ele vai ficar na mesma situação que os diretores da Skandia e outros tubarões. Um verdadeiro furo da Millennium. Boa, Henry.

Mikael assentiu com a cabeça.

— Só tem esse problema com a Erika para estragar a festa — disse ele. Christer Malm meneou a cabeça.

— E por que isso seria um problema? — perguntou Malu. — A escroque é a Erika. A gente tem o direito de investigar qualquer presidente de conselho administrativo, mesmo que, por acaso, ele seja o chefe da Erika.

- Mesmo assim, é um problema e tanto — disse Mikael.

- A Erika Berger não foi embora totalmente — disse Christer Malm.

- Ela ainda detém trinta por cento da Millennium e faz parte do nosso conselho administrativo. É inclusive presidente do conselho administrativo, até a gente poder eleger a Harriet Vanger na próxima assembléia, que vai ser em agosto. E a Erika trabalha para o SMP, também participa do conselho de lá, e nós vamos denunciar o presidente dela.

Silêncio morno.

— Bem, o que a gente faz? — perguntou Henry Cortez. — Esquecemos o texto?

Mikael fitou Henry Cortez, olho no olho.

— Não, Henry. Não vamos esquecer o texto. Não é assim que a gente trabalha aqui na Millennium. Mas isso vai nos custar um bocado de tarefas ingratas. Não dá simplesmente para jogar isso em cima da Erika sem falar com ela antes.

Christer Malm fez um gesto de concordância com a cabeça e balançou um dedo.

— Vamos colocar a Erika numa encrenca daquelas. A única saída para ela vai ser vender a sua parte e se demitir de imediato do conselho administrativo da Millennium, ou, no pior dos casos, ser demitida do SMP. Seja como for, ela vai ficar num tremendo conflito de interesses. Francamente, Henry... concordo com o Mikael sobre publicar o artigo, mas talvez a gente tenha que adiar por um mês.

Mikael meneou a cabeça.

— Pois a gente também está com um conflito de lealdades — disse.

— Quer que eu ligue para ela? — perguntou Christer Malm.

— Não — disse Mikael. — Eu ligo e marco um encontro. Tipo hoje à noite.

Torsten Edklinth escutou com atenção Rosa Figuerola resumir todo o Clrco armado em torno do prédio de Mikael Blomkvist no número 1 da Bell-niansgatan. Sentiu o chão balançar ligeiramente.

— Com que então um funcionário da Sapo entrou no prédio do Mikael Blomkvist acompanhado de um ex-arrombador de cofres-fortes reconvertido em chaveiro.

— Exato.

— Na sua opinião, o que eles fizeram depois que atravessaram a porta?

— Não sei. Mas ficaram lá dentro quarenta e nove minutos. E de se supor que o Faulsson abriu a porta e o Mârtensson entrou no apartamento de Blomkvist.

— Para fazer o quê?

— Dificilmente seria só para instalar material de escuta, pois isso não leva mais que um minuto. O Mârtensson deve ter

vasculhado os papéis do Blomkvist, ou o que quer que ele guarde em casa.

— Mas o Blomkvist está escaldado... já roubaram o relatório do Bjõrck da casa dele.

— Isso mesmo. Ele sabe que está sendo vigiado, e está vigiando os que o vigiam. Ele está impassível.

— Como assim?

— Ele tem um plano. Está reunindo provas e pretende denunciar o Gõran Mârtensson. É a única explicação.

— E aí aparece essa mulher, a tal Linder.

— Susanne Linder, trinta e quatro anos, que mora em Nacka. E uma ex-policial.

— Policial?

— Ela cursou a Escola de Polícia e trabalhou seis anos nas Brigadas de Intervenção em Sõdermalm. Então, de repente, pediu demissão. Nada na ficha dela explica por quê. Ficou alguns meses desempregada até ser contratada pela Milton Security.

— Dragan Armanskij — disse Edklinth, pensativo. — Quanto tempo ela ficou no prédio?

— Nove minutos.

— Que ela ocupou de que maneira?

— Eu diria, já que ela estava filmando o Mârtensson e o Faulsson na rua, que ela está reunindo provas das atividades deles. Isso quer dizer que a Milton Security está trabalhando com o Blomkvist e instalou câmeras de vigilância apartamento ou na escada. Ela provavelmente foi até lá recolher as informações das câmeras.

Edklinth suspirou. Aquele caso Zalachenko estava começando a ficar altamente complicado.

- Bem. Obrigado. Vá para casa. Preciso pensar sobre tudo isso.

Rosa Figuerola foi até a academia da Praça Sankt Erik e fez uma aula de spinning.

Mikael Blomkvist usou seu telefone extra Ericsson TIO azul para ligar para Erika Berger no SMP. Interrompeu-a em meio a uma discussão com os redatores sobre a orientação a ser dada a um texto sobre terrorismo internacional.

— Que surpresa! Oi... espere um pouquinho.

Erika tapou o aparelho com a mão e olhou em redor.

— Acho que terminamos — disse, e passou umas últimas instruções. Quando ficou sozinha no aquário, voltou ao telefone.

— Oi, Mikael. Lamento não ter dado notícias. Estou abarrotada de trabalho e com mil coisas para assimilar.

— Eu também não ando muito parado — disse Mikael.

— Como vai o caso Salander?

— Vai bem. Mas não é por isso que estou ligando. Preciso ver você. Hoje à noite.

— Eu adoraria, mas vou ficar aqui até as oito horas. E estou exausta. Estou trabalhando desde as seis.

— Ricky... não estou falando em alimentar sua vida sexual. Preciso falar com você. É importante.

Erika ficou um instante calada.

— É sobre o quê?

— Eu falo quando a gente se encontrar. Mas o assunto não tem a menor graça.

— Tudo bem. Passo na sua casa lá pelas oito e meia.

— Não, na minha casa não. E uma longa história, mas o meu apartamento está interditado por um tempo. A gente se encontra no

Samirs Gryta e toma uma bela cerveja.

— Estou-dirigindo.

— Então a gente toma cerveja sem álcool.

Erika Berger estava levemente irritada quando chegou ao Samirs Gryta por volta das oito e meia. Sentia-se culpada de não ter dado sinal de vida a Mikael desde que pusera os pés no SMP. Mas ela nunca trabalhara tanto como agora.

Mikael Blomkvist fez um sinal com a mão lá da mesa do canto em frente à janela. Ela se demorou à porta. Por um instante, Mikael lhe pareceu uma pessoa totalmente estranha e sentiu que olhava para ele de um jeito diferente. Quem é esse? Meu Deus, estou cansada. Então ele se levantou e lhe deu um beijo, e ela se deu conta, consternada, que não pensava nele havia semanas e que ele lhe fazia uma falta tremenda. Era como se o tempo passado no SMP tivesse sido um sonho e que, de repente, ela fosse acordar no sofá da sede da Millennium. Parecia irreal.

— Olá, Mikael.

— Olá, senhora redatora-chefe. Já comeu?

— São oito e meia. Não tenho seus detestáveis horários de refeições.

Em seguida percebeu que estava com uma fome de leoa. Samir apareceu com o cardápio e ela pediu uma cerveja sem álcool e uma porção pequena de lula e batata frita. Mikael pediu um cuscuz e uma cerveja.

— Como você está? — ela perguntou.

— Estamos vivendo um momento interessante. Ando ocupado.

— Como vai a Salander?

— Ela faz parte das coisas interessantes.

— Micke, eu não tenho a intenção de me apropriar da sua matéria.

— Desculpe... eu não estou evitando responder. Nesse momento, as coisas estão meio enroladas. Posso até te contar, mas vai levar metade da noite. Como é ser chefe no SMP?

— Não é exatamente como na Millennium. Ela ficou um instante em silêncio.

— Quando chego em casa, caio no sono e apago como uma vela sopra" da, e acordo com cálculos de orçamento colados na retina. Você me fez falta. Eu queria que a gente fosse para a sua casa dormir. Estou cansada demais para fazer amor, mas gostaria de te abraçar e dormir do seu lado.

- Sinto muito, Ricky. O meu apartamento não é o melhor lugar neste momento.

- Por que não? Aconteceu alguma coisa?

- Bem... Uns engraçadinhos andaram instalando microfones no apartamento e escutam cada palavra que eu digo. Da minha parte, instalei umas câmeras de segurança que mostram o que acontece ali quando eu não estou. Acho que podemos poupar o mundo da visão da sua bunda nua.

— Você está falando sério? Ele balançou a cabeça.

— Estou. Mas não é por isso que eu precisava te ver sem falta.

— O que aconteceu? Você está estranho.

— Bem... você foi para o SMP. E nós, na Millennium, topamos com uma história que vai detonar o presidente do seu conselho administrativo. Ele está envolvido num caso de exploração de menores e prisioneiros políticos no Vietnã. Parece que estamos entrando num conflito de interesses.

Erika largou o garfo e olhou para Mikael. Percebeu imediatamente que ele não estava brincando.

— Vou resumir — disse ele. — O Borgsjõ é presidente do conselho administrativo e acionista majoritário de uma empresa chamada SveaBygg, que por sua vez tem uma filial chamada

Vitavara S.A. Eles mandam fabricar vasos sanitários numa empresa vietnamita que está fichada na ONU por exploração de trabalho infantil.

— Você poderia repetir?

Mikael contou os detalhes da história reconstituída por Henry Cortez. Abriu sua pasta e tirou uma cópia dos documentos. Erika leu, devagar, o artigo de Cortez. Por fim, ergueu os olhos e cruzou o olhar com Mikael. Sentiu um pânico irracional mesclado de desconfiança.

— Como se explica que a primeira medida da Millennium depois que eu saí foi passar pelo crivo os membros do conselho administrativo do SMP?

— Não foi assim que aconteceu, Ricky.

Ele contou de que modo o artigo fora se encorpando.

— E desde quando você sabe disso?

— Desde hoje à tarde. Não gosto nem um pouco do rumo que as coisa estão tomando.

— O que vocês pretendem fazer?

— Não sei. A gente tem que publicar. Não dá para abrir uma exceção só porque se trata do seu chefe. Mas nenhum de nós quer te prejudicar.

Fez um gesto com a mão. — Estamos meio desesperados. Principalmente o Henry.

— Eu continuo fazendo parte do conselho administrativo da Millennium. Sou acionista... É claro que as pessoas vão pensar que...

— Sei exatamente o que as pessoas vão pensar. Você vai ficar encrencada no SMP.

Erika sentiu-se invadida pelo cansaço. Cerrou os dentes e resistiu ao impulso de pedir a Mikael que abafasse o caso.

— Puta merda — disse ela. — E vocês têm certeza de que está tudo fundamentado...?

Mikael assentiu devagar com a cabeça.

— Passei o final da tarde repassando toda a documentação do Henry. Estamos com o Borgsjõ prontinho para o matadouro.

— O que vocês vão fazer?

— O que você teria feito se topássemos com essa história há dois meses? Erika Berger observou com atenção seu amigo e amante de mais de vinte anos. Então, baixou os olhos.

— Você sabe o que eu teria feito.

— Isso tudo é um acaso infeliz. Não é nada contra você. Eu sinto muito mesmo. Por isso insisti em te ver imediatamente. A gente precisa decidir que atitude tomar.

— A gente?

— Digamos... que esse artigo era para a edição de junho. Eu adiei. Vai ser publicado no mínimo em agosto, e pode ser adiado um pouco mais se você precisar.

— Entendo.

Sua voz adquirira um tom amargo.

— Proponho que a gente não decida nada hoje. Você pega a documentação e vai para casa pensar. Não faça nada antes de a gente elaborar uma estratégia conjunta. Temos tempo.

- Estratégia conjunta?

- Ou você tem que se demitir do conselho administrativo da Millennium muito antes de a gente publicar, ou tem que se demitir do SMP. Você não pode ficar em cima do muro.

Ela concordou com a cabeça.

- As pessoas me identificam tanto com a Millennium que ninguém vai acreditar que eu não tenho nada a ver com isso, mesmo que eu me demita.

- Há uma alternativa. Você pega o artigo para o SMP, põe o Borgsjõ contra a parede e exige a saída dele. Tenho certeza que o Henry Cortez concordaria. Mas, por favor, não faça nada sem estarmos todos de acordo.

— E eu começo na minha nova função dando um jeito para que a pessoa que me contratou seja demitida.

— Sinto muito.

— Ele não é má pessoa.

Mikael fez que sim com a cabeça.

— Acredito. Mas é um ganancioso.

— Vou para casa.

— Ricky, eu...

Ela o interrompeu.

— Eu estou esgotada, só isso. Obrigada por ter me avisado. Preciso pensar nas conseqüências disso tudo.

Mikael meneou a cabeça.

Ela foi embora sem lhe dar um beijo e deixando-lhe a conta.

Erika Berger estacionara o carro a duzentos metros do Samirs Gryta, e estava a meio caminho dele quando sentiu o coração bater tão depressa que precisou parar e se apoiar na parede. Estava com náuseas.

Ficou um bom tempo assim, respirando o frescor da noite de maio. De repente, se deu conta de que vinha trabalhando uma média de quinze horas Por dia desde 1- de maio. Quase três semanas. Como estaria se sentindo dali a três anos? Como se sentia Morander quando desabara, morto, na redação?

Passados dez minutos, ela voltou para o restaurante e encontrou Mikael, que estava deixando o local. Ele estacou, surpreso.

— Erika...

— Não fale nada, Mikael. A gente é amigo há tanto tempo que nada poderia estragar isso. Você é o meu melhor amigo e o que está acontecendo agora é exatamente igual a quando você foi se enfurnar em Hedestad dois anos atrás, só que ao contrário. Estou me sentindo estressada e infeliz.

Ele assentiu com a cabeça e a abraçou. Ela sentiu seus olhos se encherem de lágrimas.

— Três semanas no SMP já acabaram comigo — disse, com um sorriso amargo.

— Calma. Acho que é preciso mais que isso para acabar com Erika Berger.

— O seu apartamento é inviável. Estou cansada demais para ir até minha casa em Saltsjòbaden. Vou acabar dormindo na direção e me matando. Acabei de tomar uma decisão. Vou caminhar até o Scandic Crown e pedir um quarto. Venha comigo.

Ele meneou a cabeça.

— O nome agora é Hilton.

— E o que é que tem?

Fizeram o breve trajeto a pé. Nenhum dos dois falava. Mikael estava com o braço no ombro de Erika. Ela o olhou de lado e percebeu que ele estava tão cansado quanto ela.

Foram direto para a recepção, pediram um quarto duplo e pagaram com o cartão de crédito de Erika. Subiram até o quarto, se despiram e se deitaram na cama. Erika estava com dores musculares, como se acabasse de correr na maratona de Estocolmo. Trocaram dois ou três beijos e caíram num sono profundo.

Nenhum dos dois percebera que estavam sendo vigiados. Não viram o homem que os observava à entrada do hotel.

15. QUINTA-FEIRA 19 DE MAIO – DOMINGO 22 DE MAIO

Lisbeth Salander passou a maior parte da noite de quinta-feira lendo os artigos de Mikael Blomkvist e os capítulos de seu livro que estavam quase concluídos. Uma vez que o procurador Ekstrõm contava com o julgamento em julho, Mikael estipulara 20 de junho como o prazo de impressão. Isso significava que o Super-Blomkvist dispunha de um mês para terminar a redação e preencher todas as lacunas do texto.

Lisbeth não entendia como ele ia achar tempo, mas esse era um problema de Mikael, não dela. Seu problema era definir que atitude tomar em relação às questões que ele lhe propusera.

Pegou seu Palm e entrou em [Tavola-Biruta] para ver se ele tinha escrito alguma coisa desde o dia anterior. Viu que não. Então abriu o documento que ele intitulara [Questões centrais]. Já sabia o texto de cor, mas mesmo assim releu-o mais uma vez.

Era um esboço da estratégia que Annika Giannini já lhe expusera. Enquanto Annika falava, ela escutara com um interesse distraído e distante, um Pouco como se não estivesse interessada. Mas Mikael Blomkvist conhecia segredos seus que Annika Giannini não conhecia. Por isso ele conseguia apresentar a tal estratégia de forma mais substancial. Ela foi para o quarto parágrafo.

[A única pessoa que pode determinar como será o seu futuro é você mesma Pouco importam os esforços de Annika para te ajudar, ou os meus esforços de Armanskij, os de Palmgren e os de outras pessoas para te apoiar. Não pretendo te convencer a agir. Cabe a você decidir o que fazer. Ou você reverte o processo a seu favor, ou deixa que eles te condenem. Mas se quiser vencer, vai ter que lutar.]

Ela se desconectou e fitou o teto. Mikael pedia sua autorização para contar a verdade em seu livro. A intenção dele era omitir o estupro de Bjurman. O capítulo já estava escrito e ele juntava as pontas partindo do princípio de que Bjurman iniciara uma

colaboração com Zalachenko, na qual tinha entrado areia quando Bjurman se apavorou e Niedermann se viu obrigado a matá-lo. Mikael não mencionava os motivos de Bjurman.

O Maldito Super-Blomkvist estava complicando a vida de Lisbeth Salander.

Ela refletiu por um longo tempo.

Às duas da manhã, ligou o Palm e abriu o editor de texto. Clicou em Novo Arquivo, pegou a canetinha digital e começou a marcar as letras no teclado.

[Meu nome é Lisbeth Salander. Nasci em 30 de abril de 1978. Minha mãe se chamava Agneta Sofia Salander. Tinha dezessete anos quando eu nasci. Meu pai era um psicopata, um assassino e um espancador de mulheres chamado Ale-xander Zalachenko. Ele havia trabalhado na Europa Ocidental como operador ilegal do GRO, O serviço de informações militares soviético.]

O texto avançava muito devagar, pois ela era obrigada a marcar letra por letra. Formulava cada frase mentalmente antes de escrevê-la. Não fez uma única alteração no que tinha escrito. Trabalhou até as quatro da manhã, quando desligou o computador de mão e guardou-o na cavidade atrás do criado-mudo. Produzira o equivalente a duas folhas A4 com entrelinhas simples.

Erika Berger acordou às sete horas. Sentia-se longe de ter preenchido cota de sono, mas dormira sem interrupção por oito horas. Lançou um olhar para Mikael Blomkvist, que ainda dormia pesadamente.

Antes de mais nada, ligou o celular e conferiu se tinha alguma mensagem. A tela indicou que seu marido, Lars Beckman, ligara-lhe onze vezes. Dro&z. Esqueci de avisar. Discou o número dele, explicou onde estava e por que não tinha voltado para casa na noite anterior. Ele estava aborrecido.

— Erika, nunca mais faça isso. Você sabe que não é por causa do Mikael, mas eu passei a noite toda louco de preocupação. Fiquei

com medo que tivesse acontecido alguma coisa. Você precisa me avisar quando não vem para casa. Não pode esquecer, nunca.

Lars Beckman sabia perfeitamente que Mikael Blomkvist era amante de sua mulher. A relação existia com seu aval e consentimento. Mas sempre que Erika resolvia passar a noite na casa de Mikael Blomkvist, ela ligava para o marido e explicava a situação. Dessa vez, tinha ido para o hotel sem pensar em nada além de dormir.

— Me desculpe — disse ela. — Eu estava de-mo-li-da ontem à noite. Ele ainda resmungou mais um pouco.

— Não fique bravo, Lars. Não estou com energia para isso agora. À noite você me dá uma bronca.

Ele resmungou um pouco menos e prometeu lhe dar uma bronca quando pusesse as mãos nela.

— Bem. Como vai o Blomkvist?

— Está dormindo. — Ela riu de repente. — Não estou pedindo para você acreditar, mas caímos no sono cinco minutos depois de deitar. E a primeira vez que isso acontece.

— Erika, isso é sério. Você talvez devesse consultar um médico. Terminada a conversa com o marido, ela ligou para o PABX do SMP e deixou um recado para o assistente de redação, Peter Fredriksson. Explicou que tinha tido um imprevisto e chegaria um pouco mais tarde. Pediu que ele desmarcasse uma reunião agendada com os colaboradores da editaria de Cultura.

Depois, procurou sua bolsa, pegou uma escova de dentes e foi até o banheiro. Então voltou para a cama e acordou Mikael.

— Oi — ele murmurou.

— Oi — disse ela. — Vá depressa até o banheiro tomar um banho de gato e escovar os dentes.

— Quê... o quê?

Ele se sentou e olhou em volta tão espantado que ela precisou lembrá-lo de que estavam no Hotel Hilton de Slussen. Ele meneou a cabeça.

— Vamos. Já para o banheiro.

— Por quê?

— Porque assim que você sair de lá, vou fazer amor com você. Ela consultou o relógio.

— E seja rápido. Tenho uma reunião às onze e preciso de pelo menos meia hora para ajeitar o rosto. E ainda vou ter que comprar uma blusa a caminho do trabalho. Só temos duas horas para recuperar um monte de tempo perdido.

Mikael correu para o banheiro.

Jerker Holmberg estacionou o Ford de seu pai no pátio da casa do ex-primeiro-ministro Thprbjõrn Fàlldin, em As, próximo a Ramvik, na comuna de Hàrnõsand. Desceu do carro e deu uma olhada ao redor. Era quinta-feira de manhã. Garoava e os campos estavam claramente verdes. Aos setenta e nove anos, Fálldin já não era um agricultor em atividade e Holmberg se perguntou quem plantava e colhia ali. Fazia parte das regras do campo. Ele próprio tinha se criado em Hálledal, perto de Ramvik, a poucos metros de distância de Sandõbron, um dos lugares mais belos do mundo. Na opinião de Jerker Holmberg.

Ele subiu os degraus da frente e bateu na porta.

O antigo líder dos centristas estava envelhecido, mas ainda parecia cheio de vigor.

— Como vai, Thorbjórn? Meu nome é Jerker Holmberg. Já nos encontramos, mas faz alguns anos que nos vimos pela última vez. Meu pai é Gustav Holmberg, ele foi vereador centrista da comuna nos anos 1970 e 1980.

— Como vai? Sim, claro que estou reconhecendo você, Jerker. Você e policial em Estocolmo, se não me engano. Deve fazer uns

dez, quinze anos que não nos vemos.

— Acho que até mais. Posso entrar?

Sentou-se à mesa da cozinha e Thorbjõrn Fãlldin tratou de servir um café.

— Espero que seu pai esteja bem. Não é por isso que você veio?

— Não. Meu pai está bem. Está refazendo o telhado da casa de campo.

— Com que idade ele está?

— Fez setenta e um há dois meses.

— Sim — disse Fãlldin, sentando-se. — Então, a que devo a honra da sua visita?

Jerker Holmberg olhou pela janela e viu uma gralha aterrissando ao lado de seu carro e ficar observando o chão. Virou-se para Fãlldin.

— Eu vim sem ser convidado e trago um problema enorme. E possível que no final desta conversa eu seja demitido. Estou aqui por motivo de trabalho, mas o meu chefe, o inspetor Jan Bublanski, da Brigada Criminal de Estocolmo, não está sabendo.

— Parece coisa séria.

— Vou estar bem encrencado se os meus superiores souberem desta visita.

— Entendo.

— Mas receio que, se eu não agir, um erro judicial terrível possa acontecer, e pela segunda vez.

— Seria melhor você se explicar.

— É a respeito de um homem chamado Alexander Zalachenko. Ele era espião do GRO russo e veio procurar asilo na Suécia no dia

das eleições de 1976. O asilo foi concedido e ele passou a trabalhar para a Sapo. Tenho motivos para acreditar que você conhece essa história.

Thorbjõrn Fãlldin fitou Jerker Holmberg atentamente.

— É uma longa história — disse Holmberg, e começou a falar sobre o inquérito preliminar que o mantivera ocupado naqueles últimos meses.

Erika Berger rolou de bruços e descansou a cabeça sobre as mãos.

— Mikael, nunca lhe passou pela cabeça que na verdade nós dois somos completamente doidos?

— Como assim?

— No meu caso, pelo menos. Tenho por você um desejo incrível. lVIe sinto como uma adolescente maluquete.

— Ah, é?

— E depois quero voltar para casa e fazer amor com o meu marido. Mikael riu.

— Conheço um bom terapeuta — disse ele. Ela tamborilou o dedo na barriga dele.

— Mikael, estou começando a achar que essa história do SMP não passa de um erro tremendo.

— Bobagem! E uma oportunidade fantástica para você. Se existe alguém capaz de reanimar aquele cadáver velho, esse alguém é você.

— É, pode ser. Mas o problema é justamente esse. O SMP tem todo o jeito de um cadáver. E ontem à noite você ainda me entregou esse presente do Magnus Borgsjõ. Não sei o que estou fazendo lá.

— Deixe a poeira baixar um pouco.

— Sim. Mas não vejo a menor graça nesse caso Borgsjõ. Não faço idéia de como vou administrar esse problema.

— Eu também não. Mas vamos achar um jeito. Ela ficou um instante calada.

— Sinto sua falta.

Ele assentiu com a cabeça e a fitou.

— Eu também sinto sua falta — disse.

— O que seria preciso para você ir para o SMP e se tornar chefe da Atualidades?

— Nem pensar. O editor de Atualidades não é um tal de Holm?

— É. Um cretino.

— Concordo.

— Você o conhece?

— Claro. Eu fui substituto sob as ordens dele, durante três meses, nos anos 1980. É um idiota que fica jogando as pessoas umas contra as outras. Além disso...

— Além disso o quê?

— Ah, nada. Não quero ficar repassando fofoca.

— Conta para mim.

— Uma mulher chamada Ulla qualquer coisa, também substituta, afirmava que ele a assediava sexualmente. Não sei se é verdade ou não, mas 3o houve intervenção do sindicato e ela não conseguiu prorrogar o contrato que tinha sido combinado de início.

Erika Berger olhou a hora e suspirou, jogou as pernas para fora da cama desapareceu no chuveiro. Mikael não se mexeu quando ela voltou se secando e se vestiu rapidamente.

— Vou ficar mais um pouco — disse ele.

Ela tascou-lhe um beijo no rosto, acenou com a mão e foi embora.

Rosa Figuerola estacionou a vinte metros do carro de Gõran Mârtensson na Luntmakaregatan, bem ao lado da Rua Olof Palmes gata. Viu Mârtensson percorrer a pé os sessenta metros que o separavam do parquímetro. Ele foi até a Sveavãgen.

Rosa Figuerola dispensou o pagamento. Ela o perderia de vista se parasse na máquina. Seguiu Mârtensson até a Kungsgatan, onde ele dobrou à esquerda. Empurrou a porta do Kungstornet. Ela reclamou, mas não tinha escolha e esperou três minutos antes de ir atrás dele dentro do café. Ele estava sentado no térreo e falava com um homem loiro, de uns trinta e cinco anos, com jeito de fortão. Um tira, pensou Rosa Figuerola.

Reconheceu-o como o homem que Christer Malm fotografara em frente ao Copacabana em 1º. de maio.

Ela pediu um café, sentou-se do outro lado do Kungstornet e abriu o Nagens Nyheter. Mârtensson e seu companheiro falavam em voz baixa. Ela não conseguia captar as palavras. Pegou o celular e fingiu ligar para alguém — o que foi inútil, já que nenhum dos dois olhava para ela. Tirou uma foto com o celular, sabendo perfeitamente que seria de 72 dpi, portanto de baixa qualidade para ser impressa. Em compensação, poderia servir como prova de que o encontro realmente acontecera.

Passados pouco mais de quinze minutos, o homem loiro se levantou e saiu do Kungstornet. Rosa Figuerola soltou intimamente um palavrão. Por que ela não tinha ficado lá fora? Ela o teria reconhecido quando ele saísse do café. Teve vontade de se levantar e recomeçar a caçada. Mas Mârtensson estava ali tranqüilamente, terminando seu café. Não queria chamar a atenção dele ao se levantar para seguir seu amigo não identificado.

Um minuto depois, Mârtensson se levantou e foi ao banheiro. Assim que fechou a porta, Rosa Figuerola levantou-se de um salto e saiu pela Kungsgatan Espiou nas duas direções, mas o homem loiro tivera tempo de desaparecer.

Ela apostou no tudo ou nada e correu para o cruzamento da Sveavãgen Não o via em lugar algum e desceu no metrô. Sem nenhuma esperança.

Retornou ao Kungstornet. Mârtensson também tinha sumido.

Erika Berger não conteve um palavrão quando chegou ao local onde estacionara sua BMW na noite anterior, a duas quadras do Samirs Gryta.

O carro ainda estava lá, mas, durante a noite, alguém havia furado seus quatro pneus. Seus porra de uns putos de uns ratos de merda!, exclamou intimamente, fervendo de raiva.

Não havia alternativa. Ligou para a oficina mecânica e explicou a situação. Não tinha tempo para ficar ali esperando, portanto enfiou a chave no cano de escapamento para que os mecânicos pudessem abrir o carro. Depois foi até a Mariatorget e pegou um táxi.

Lisbeth Salander entrou no site da Hacker Republic e constatou que Praga estava conectado. Chamou-o.

[Olá, Wasp. Como é estar no Sahlgrenska?]

[Repousante. Preciso da sua ajuda.]

[Não diga!!!]

[Eu não achava que fosse precisar.]

[Deve ser coisa séria.]

[Gõran Mârtensson, residente em Vallingby. Preciso ter acesso ao computador dele.]

[O.k.]

[Todo o material deve ser transferido para o Mikael Blomkvist, da Millen-nium.]

[O.k. Eu cuido disso.]

[O Big Brother está vigiando o telefone do Super-Blomkvist e provavelmente os e-mails também. Você tem que mandar para um endereço hotmail.]

[O.k.]

[Se eu não estiver disponível, o Blomkvist vai precisar da sua ajuda. Ele tem que poder te contatar.] [Humm.]

[Ele é meio certinho, mas você pode confiar nele.] [Humm.] [Quanto você vai querer?]

Praga ficou calado por alguns segundos.

[Isso tem algo a ver com a sua atual situação?]

[Tem.]

[E vai te ajudar?]

[Vai.]

[Então eu pago essa rodada.]

[Obrigada. Mas eu sempre pago as minhas dívidas. Vou precisar da sua ajuda até o julgamento. Pago 30 mil.]

[Você tem como pagar?]

[Tenho como pagar.]

[O.k.]

[Acho que vamos precisar do Trinity. Você acha que consegue fazer com que ele venha até a Suécia?]

[Para quê?]

[Para fazer o que ele sabe fazer de melhor. Pago honorários-padrão + despesas.]

[O.k. Quem?]

Ela explicou o que queria que ele fizesse.

O dr. Anders Jonasson parecia preocupado na sexta-feira de manhã enquanto fitava um inspetor Hans Faste um tanto irritado sentado do outro lado da mesa.

— Lamento — disse Anders Jonasson.

— Não consigo entender. Pensei que a Salander estivesse recuperada.

Vim até Gõteborg não só para interrogá-la mas para organizar a transferência dela para uma cela de Estocolmo, onde é o lugar dela.

— Lamento — Anders Jonasson repetiu. — Estou com muita vontade de me livrar dela, mesmo porque não temos muitos leitos. Mas...

— Existe a possibilidade de ela estar fingindo? Anders Jonasson riu.

— Não acho provável. Veja bem. A Lisbeth Salander tem um ferimento na cabeça. Extraí uma bala do cérebro dela; casos assim são uma loteria no que diz respeito às chances de sobrevivência. Ela sobreviveu, e o prognóstico foi particularmente bom... tão bom que eu e meus colegas estávamos prestes a lhe dar alta. Então aconteceu, ontem, essa nítida regressão. Ela se queixou de uma forte dor de cabeça e vem apresentando uma febre intermitente. Ontem estava com 38, e vomitou duas vezes. Durante a noite, a febre baixou e a temperatura estava quase normal, achei que tinha sido algo passageiro. Mas quando a examinei de manhã, estava com quase 39, e isso é sério. Durante o dia, a febre baixou de novo.

— Mas qual é o problema?

— Não sei, porém o fato de a temperatura oscilar desse modo mostra que não se trata de uma gripe ou algo do gênero. Contudo, não posso afirmar exatamente o que é, pode ser uma simples alergia a algum medicamento ou a outra coisa que ela tenha tocado.

Ele exibiu uma foto no computador e mostrou a tela para Hans Faste.

— Pedi uma tomografia do crânio. Como você vê, aqui temos uma parte mais escura, bem no local do ferimento. Não consigo definir o que é. Pode ser o ferimento cicatrizando, mas também uma pequena hemorragia. Só que antes de definir o problema não posso dar alta, por mais urgente que seja.

Hans Faste concordou com a cabeça, resignado. Não chegara a ponto de argumentar com um médico, profissional com poder de vida e morte, o que mais se aproxima de um representante de Deus na terra. Exceção feita aos policiais. De qualquer forma, ele não se sentia competente nem tinha conhecimentos para definir até que ponto Lisbeth Salander estava mal.

— E o que vai acontecer agora?

— Recomendei repouso completo e a interrupção da fisioterapia, de que ela precisa por causa dos ferimentos no ombro e no quadril.

- Certo... preciso entrar em contato com o procurador Ekstrõm em Estocolmo. Isso tudo aconteceu meio de surpresa. O que digo a ele?

— Há dois dias, eu estava prestes a autorizar a transferência talvez para o fim de semana. Na atual situação, vamos ter que aguardar algum tempo. Deve avisá-lo de que eu provavelmente não tome nenhuma decisão nesta semana, talvez ainda demore umas duas semanas até que vocês possam transferi-la para a casa de detenção de Estocolmo. Tudo vai depender da evolução do caso.

— A data do julgamento está marcada para julho...

— Se não houver nenhum imprevisto, ela deverá estar de pé bem antes disso.

O inspetor Jan Bublanski contemplou com desconfiança a mulher musculosa sentada do outro lado da mesa do café. Estavam numa esplanada da Norr Málarstrand. Era sexta-feira, 20 de maio, e fazia um dia de verão. Ela fora apanhá-lo às cinco da tarde, quando ele estava indo para casa, e exibira suas credenciais, que

anunciavam Rosa Figuerola, da Segurança. Propusera uma conversa particular acompanhada por uma xícara de café.

De início, Bublanski se mostrara reticente e rabugento. Depois de algum tempo, ela o olhara nos olhos e disse que não estava em missão oficial para interrogá-lo, e que obviamente ele não tinha que falar com ela se não quisesse. Ele perguntara o que ela queria e ela explicara com toda a franqueza que seu chefe a incumbira de investigar o que havia de falso e de verdadeiro no pretenso caso Zalachenko, às vezes chamado de caso Salander. Explicara também que não tinha certeza de estar autorizada a lhe fazer perguntas e que cabia a ele optar por responder ou não.

— O que você quer saber? — Bublanski acabou perguntando.

— Me conte o que você sabe sobre Lisbeth Salander, Mikael Blomkvist, Gunnar Bjõrck e Alexander Zalachenko. Como é que essas peças todas acabam se juntando?

Conversaram por mais de duas horas.

Torsten Edklinth refletiu exaustivamente, tentando achar uma forma de prosseguir. Após cinco dias de investigação, Rosa Figuerola lhe fornecera uma seqüência de elementos claros e precisos que indicavam algo de muito ruim ocorrendo dentro da Sapo. Ele percebia a necessidade de agir com cautela, até dispor de provas suficientes para fundamentar suas afirmações. Na atual situação, ele mesmo se via em meio a certa desorientação constitucional, já que não tinha competência para levar adiante investigações secretas de intervenção, muito menos contra seus próprios colaboradores.

Portanto, precisava encontrar uma maneira de legitimar sua atuação. Em uma situação de crise, poderia apelar para sua condição de policial e para o dever que tem um policial de elucidar crimes — mas o crime em questão era de uma natureza constitucional tão delicada que ele provavelmente seria demitido se desse um passo em falso. Passou a sexta-feira em meio a ruminações solitárias dentro de sua sala.

As conclusões a que chegava eram de que Dragan Armanskij estava certo, mesmo que parecesse inverossímil. Existia uma conspiração dentro da Sapo, e algumas pessoas estavam atuando além de suas atividades regulares, ou paralelamente a elas. Considerando-se que fazia anos que tais atividades vinham se desenvolvendo — desde 1976, no mínimo, quando Zalachenko chegara à Suécia —, isso significava que elas eram organizadas e contavam com o aval de algumas "autoridades dentro da hierarquia. Ele ignorava até que nível remontava essa conspiração.

Escreveu três nomes num bloco de anotações.

Gõran Mârtensson. Proteção à Pessoa. Inspetor criminal.

Gunnar Bjõrck, chefe-adjunto da Brigada dos Estrangeiros. Falecido. (Suicídio?)

Albert Shenke, secretário-geral, DGPN/Sapo.

Rosa Figuerola concluíra que pelo menos o secretário-geral devia ter orquestrado o caso quando Mârtensson, da Proteção à Pessoa, fora transferido, embora não de fato, para a contra-espionagem. Ele passava o tempo vigiando o jornalista Mikael Blomkvist, o que não tinha absolutamente nada a ver com atividades de contraespionagem.

A essa lista cabia acrescentar outros nomes de fora da Sapo.

Peter Teleborian, psiquiatra Lars Faulsson, chaveiro

Teleborian fora contratado algumas vezes pela Sapo como consultor em psiquiatria no final dos anos 1980 e início dos 1990. Isso se dera, mais precisamente, três vezes, e Edklinth examinara os relatórios dos arquivos. A primeira fora uma ocasião extraordinária: a contra-espionagem identificara um informante russo infiltrado na indústria de telefonia sueca, e o passado daquele espião levava a pensar que ele poderia recorrer ao suicídio caso fosse desmascarado. Teleborian fizera uma análise, elogiada por sua precisão, sugerindo que o informante fosse convertido em agente duplo. Nas duas outras ocasiões, Teleborian fora consultado

para avaliações de menor importância, uma de um funcionário da Sapo com problemas de alcoolismo e outra de um diplomata de um país africano com um estranho comportamento sexual.

Nem Teleborian nem Faulsson, porém — e muito menos Faulsson —, eram empregados da Sapo. No entanto, pelas missões que lhes confiavam, tinham algum vínculo com... com quê?

A conspiração estava intimamente ligada ao falecido Alexander Zalachenko, agente russo desertor do GRO e que, de acordo com as fontes, chegara à Suécia no dia das eleições de 1976. E do qual ninguém nunca ouvira falar. Como era possível?

Edklinth tentou imaginar o que poderia ter acontecido caso ele estivesse entre os executivos dirigentes da Sapo em 1976, quando Zalachenko havia desertado. Como ele teria se comportado? Discrição absoluta. Evidentemente. A deserção só podia ser do conhecimento de um pequeno círculo exclusivo, para evitar o risco de a informação chegar até os russos e... Que tipo de pequeno círculo?

Uma seção de intervenção?

Uma seção de intervenção desconhecida?

Se tudo tivesse sido feito dentro das normas, Zalachenko teria sido entregue à contra-espionagem. No melhor dos casos, o serviço de informação militar teria cuidado dele. Só que eles não tinham nem recursos nem competência para realizar esse tipo de intervenção. Então tinha sido a Sapo.

E a contra-espionagem jamais tivera esses recursos e competência. A chave era Bjõrck; ele obviamente tinha sido um dos que administraram Zalachenko. Mas Bjõrck nunca tivera nenhuma ligação com a contra-espionagem Bjõrck era um mistério. Oficialmente, desde os anos 1970 ele tinha um cargo na Brigada dos Estrangeiros, mas na prática ninguém o vira no departamento antes dos anos 1990, quando foi repentinamente nomeado chefe-adjunto.

Bjõrck, no entanto, era a principal fonte de informações de Blomkvist. Como Blomkvist conseguira que Bjõrck lhe revelasse tamanhas bombas em potencial? A ele, um jornalista?

As prostitutas. Bjõrck freqüentava prostitutas adolescentes e a Millennium pretendia denunciá-lo. Blomkvist devia ter chantageado Bjõrck.

Em seguida, Lisbeth Salander entrara na história.

O falecido Dr. Nils Bjurman trabalhara na Brigada dos Estrangeiros na mesma época que o falecido Bjõrck. Eles é que receberam Zalachenko. Mas o que tinham feito com ele?

Alguém havia, necessariamente, tomado as decisões. Com um desertor daquele gabarito, a ordem tinha que ter vindo do alto.

Do governo. Devia haver uma ligação. Ou seria impensável.

Impensável?

O mal-estar fazia Edklinth suar frio. Em termos oficiais, aquilo tudo era compreensível. Um desertor da importância de Zalachenko precisava ser tratado com o maior sigilo. Ele próprio teria decidido assim. E era isso que o governo Falldin devia ter decidido. Fazia sentido.

Em compensação, o que acontecera em 1991 não era nem um pouco normal. Bjõrck contratara Peter Teleborian para mandar internar Lisbeth Salander numa clínica de psiquiatria infantil, com o pretexto de que ela era psiquicamente perturbada. Isso constituía um crime. Um crime tão gigantesco que Edklinth tornou a suar frio.

Alguém tomara essas decisões. Nesse caso, não podia ter sido o governo... Ingvar Carlsson fora primeiro-ministro, seguido por Carl Bildt. Mas nenhum político se atreveria a considerar uma decisão que ia tão totalmente contra qualquer lei e qualquer justiça, e que resultaria num escândalo catastrófico caso fosse descoberta.

Se o governo estava envolvido nesse caso, a Suécia não era melhor que a pior ditadura do mundo.

E isso não era possível.

Depois, vieram os fatos de 12 de abril em Sahlgrenska. Zalachenko muito oportunamente morto por um justiceiro doente mental, enquanto um assalto ocorria no apartamento de Mikael Blomkvist, e Annika Giannini sofria una agressão. Em ambos os casos, o estranho relatório de 1991 de Bunnar Biõrck fora roubado. Essa era uma informação passada por Dragan Armanskij ern caráter confidencial. Porque nenhuma queixa havia sido registrada.

E, simultaneamente, Gunnar Bjõrck resolvera se enforcar. Logo ele que, entre tantos outros, Edklinth teria gostado de enfrentar numa conversa séria, olhos nos olhos.

Torsten Edklinth não acreditava no acaso quando este assumia tais dimensões. O inspetor criminal Jan Bublanski não acreditava num acaso assim. Mikael Blomkvist não acreditava. Edklinth pegou novamente a caneta.

Evert Gullberg, setenta e oito anos. Especialista em assuntos fiscais???

Quem era esse maldito Evert Gullberg?

Pensou em ligar para o diretor da Sapo, mas desistiu, pelo simples fato de que ignorava até que escalão remontava a conspiração. Ou seja, ele não sabia em quem confiar.

Tendo eliminado a hipótese de procurar alguém da Sapo, considerou por um momento procurar a polícia comum. Jan Bublanski conduzia as investigações sobre Ronald Niedermann e certamente teria interesse em alguma informação anexa. Mas, do ponto de vista político, isso era impossível.

Sentiu um fardo enorme pesar sobre seus ombros.

No fim das contas, só lhe restava uma saída constitucionalmente correta e que talvez representasse uma proteção caso, no futuro, caísse em desgraça política. Precisava dirigir-se ao chefe a fim de obter apoio político para seus atos.

Olhou a hora. Quase quatro da tarde. Pegou o telefone e ligou para o ministro da Justiça, que conhecia havia muitos anos e com quem estivera em inúmeras palestras no ministério. Conseguiu tê-lo na linha em menos de cinco minutos.

— Olá, Torsten — disse o ministro da Justiça. — Quanto tempo! A que se deve esta chamada?

— Para ser franco, acho que estou ligando para conferir qual a minha credibilidade junto a você.

— Credibilidade? Que pergunta. Sua credibilidade comigo é muito grande. Por que essa pergunta esquisita?

— Porque depois dela vem um pedido sério e fora do comum... Preciso me encontrar com você e com o primeiro-ministro, e com urgência.

— Só isso?

— Para poder explicar, gostaria que estivéssemos bem confortáveis e a sós. Estou com um caso tão espantoso aqui na minha mesa que queria informar você e o primeiro-ministro a respeito.

— Parece sério.

— É sério.

— Tem alguma coisa a ver com terrorismo ou ameaças...

— Não. E ainda mais sério. Com esta ligação para você, estou arriscando a minha reputação e a minha carreira. Eu não teria esse tipo de conversa se não julgasse que a situação é extremamente grave.

— Compreendo. Por isso a pergunta sobre sua credibilidade... Você queria se encontrar com o primeiro-ministro quando?

— Ainda hoje à noite, se possível.

— Você está me deixando preocupado.

— Receio que você tenha todos os motivos para ficar preocupado.

— O encontro deve durar quanto tempo? Edklinth refletiu.

— Acho que vou precisar de uma hora para resumir todos os detalhes.

— Eu ligo para você daqui a pouco.

O ministro da Justiça ligou quinze minutos depois dizendo que o primeiro-ministro tinha a possibilidade de receber Torsten Edklinth em sua residência naquela noite, às nove e meia. Edklinth estava com as mãos úmidas quando desligou. Bem, puxa vida, não é impossível que amanhã de manhã minha carreira esteja encerrada.

Pegou o telefone e ligou para Rosa Figuerola.

— Oi, Rosa. Apresente-se às vinte e uma horas para o serviço. Traje adequado obrigatório.

— Estou sempre com um traje adequado — disse Rosa Figuerola.

O primeiro-ministro contemplava o diretor da Proteção à Constituição com um olhar que só poderia ser qualificado de cético. Edklinth podia imaginar engrenagens rodando a toda a velocidade por trás dos óculos do homem.

O primeiro-ministro desviou o olhar para Rosa Figuerola, que não abrira boca durante a uma hora de explanação. Viu uma mulher muito alta e musculosa que retribuía seu olhar com uma polidez repleta de expectativa.

Então voltou-se para o ministro da Justiça, que empalidecera ligeiramente durante a explanação.

Por fim, o primeiro-ministro respirou fundo, tirou os óculos e deixou seu olhar se perder ao longe.

— Acho que vamos precisar de mais um café — disse por fim.

— Sim, obrigada — disse Rosa Figuerola.

Edklinth meneou a cabeça e o ministro da Justiça pegou a garrafa térmica.

— Deixem eu fazer um resumo para ter certeza de que entendi tudo direito — disse o primeiro-ministro. — Vocês desconfiam que exista uma conspiração dentro da Sapo, a qual estaria extrapolando suas atribuições constitucionais, e que, com o passar dos anos, essa conspiração manteve atividades que só podemos qualificar de criminosas.

Edklinth fez que sim com a cabeça.

— E vocês vieram me procurar porque não confiam na direção da Sapo.

— Sim e não — respondeu Edklinth. — Resolvi procurá-lo porque esse tipo de atividade contraria a Constituição, mas desconheço o objetivo da conspiração e não sei se posso ter interpretado mal algum elemento. Essa atividade poderia, afinal, ser legítima, e pode ter o aval do governo. Nesse caso, eu estaria partindo de informações erradas ou mal interpretadas e estaria arriscado a revelar uma operação secreta em andamento.

O primeiro-ministro olhou para o ministro da Justiça. Ambos compreendiam que Edklinth tomasse suas precauções.

— Nunca ouvi falar em nada parecido. Você está a par de alguma coisa?

— Em absoluto — respondeu o primeiro-ministro. — Não vi nada em nenhum relatório da Segurança que pudesse confirmar essa história.

— O Mikael Blomkvist acha que se trata de um grupo dentro da Sapo. Ele o chama de clube Zalachenko.

— Nunca ouvi falar nisso. A Suécia teria acolhido e mantido um dissidente russo desse calibre... Quer dizer que ele desertou durante o governo de Fälldin...

— Custo a acreditar que Fälldin tenha ocultado uma história dessas. - disse o ministro da Justiça. — Uma deserção dessa importância era para ser passada em absoluta prioridade para o governo seguinte.

Edklinth pigarreou.

— O governo de direita deixou para Olof Palme. Não é segredo para ninguém que alguns dos meus antecessores na Sapo tinham uma opinião bem particular sobre Palme...

— Quer dizer que alguém teria esquecido de informar o governo social -democrata...

Edklinth concordou com a cabeça.

— Eu gostaria de lembrar que Fälldin cumpriu dois mandatos. Em ambas as ocasiões, o governo rachou. Na primeira vez, ele cedeu o lugar para Ola Ullsten, cujo governo era minoritário em 1979. Depois, o governo se fragmentou pela segunda vez, quando os moderados abandonaram o barco e Fälldin governou com os liberais. Desconfio que a chancelaria do governo estava próxima do caos durante essas transferências de poder. É até possível que um caso como o de Zalachenko tenha permanecido num círculo tão restrito que o primeiro-ministro Fälldin nem tomou conhecimento dele, de forma que nunca teve coisa alguma para repassar ao Palme.

— Nesse caso, quem seria o responsável? — perguntou o primeiro-ministro.

Todos, com exceção de Rosa Figuerola, balançaram a cabeça.

— Suponho que seja inevitável a imprensa ficar sabendo — disse o primeiro-ministro.

— O Mikael Blomkvist e a Millennium vão publicar. Ou seja, estamos numa posição incômoda.

Edklinth tivera o cuidado de usar a palavra nós. O primeiro-ministro meneou a cabeça. Entendia a gravidade da situação.

— Bem. Em primeiro lugar, queria lhe agradecer por ter me informado desse caso tão rapidamente. Não costumo aceitar encontros desse tipo sem aviso prévio, mas o ministro da Justiça me garantiu que o senhor era um homem sensato e que necessariamente algo extraordinário estava acontecendo, para que quisesse me ver assim, driblando todos os canais de praxe.

Edklinth respirou um pouco melhor. O que quer que acontecesse, não ria fulminado pela fúria do primeiro-ministro.

- Agora só nos resta resolver como administrar tudo isso. O senhor tem alguma sugestão?

— Talvez — respondeu Edklinth, hesitante.

Permaneceu calado por tanto tempo que Rosa Figuerola acabou dando uma tossidinha.

— Posso falar?

— Pois não — disse o primeiro-ministro.

— Se é mesmo verdade que o governo não está a par dessa operação, isso significa que ela é ilegal. Em casos assim, o criminoso é o responsável, ou seja, é o funcionário, ou os funcionários do Estado, que extrapolou suas atribuições. Se conseguirmos provar tudo o que Mikael Blomkvist afirma, significa que um grupo de funcionários da Segurança dedicou-se a uma atividade criminosa. O problema assume então dois aspectos.

— O que você quer dizer com isso?

— Em primeiro lugar, precisamos responder às perguntas: como isso foi possível? Quem é o responsável? Como uma conspiração dessas pode ter se realizado no âmbito de um órgão policial legitimamente estabelecido? Permita-me lembrar que eu mesma trabalho para a DGPN/Sapo, e me orgulho disso. Como isso pode ter se prolongado por tanto tempo? Como essa atividade pôde ser dissimulada e financiada?

O primeiro-ministro concordou com a cabeça.

— Esse aspecto vai ser abordado em livros que serão publicados — prosseguiu Rosa Figuerola. — Mas uma coisa é certa: existe necessariamente um financiamento, e ele deve girar em torno de vários milhões de coroas por ano. Examinei o orçamento da Segurança e não encontrei nada que pudesse ser chamado de clube Zalachenko. Mas, como sabem, existem alguns fundos secretos a que o secretário-geral e o diretor do orçamento têm acesso, e eu não.

O primeiro-ministro balançou a cabeça com tristeza. Por que a gestão da época sempre significava pesadelo?

— O outro aspecto diz respeito aos personagens principais dessa história. Mais precisamente, às pessoas que convém apanharmos.

O primeiro-ministro fez um muxoxo.

— Na minha opinião, as respostas a essas perguntas dependem da decisão que o senhor vai tomar dentro de alguns minutos.

Torsten Edklinth prendeu a respiração. Se pudesse, teria desfechado um pontapé na tíbia de Rosa Figuerola. Ela acabava de entrar de sola na retórica afirmando que o primeiro-ministro era pessoalmente responsável. Ele próprio cogitara chegar a essa conclusão, mas somente após uma longa digressão diplomática.

— Que decisão a senhora acha que devo tomar? — perguntou o primeiro-ministro.

— Quanto a nós, temos interesses em comum. Eu trabalho há três anos na Proteção à Constituição e considero essa missão de uma importância crucial para a democracia sueca. Nesses últimos anos, a Segurança se conduziu corretamente, dentro da Constituição. Para nós, é importante deixar claro que se trata de uma atividade criminosa comandada por indivíduos que agiram por conta própria.

— Esse tipo de atividade não conta, definitivamente, com o aval do governo — disse o ministro da Justiça.

Rosa Figuerola meneou a cabeça e refletiu por alguns segundos.

— De sua parte, imagino que o senhor não queira que esse escândalo atinja o governo, o que aconteceria se o governo tentasse ocultar o caso — disse ela.

— O governo não tem o hábito de ocultar atividades criminosas — disse o ministro da Justiça.

— Não, mas vamos, hipoteticamente, supor que ele tenha vontade de fazer isso. Nesse caso, o escândalo seria incalculável.

— Prossiga — disse o primeiro-ministro.

— A situação atual se complica com o fato de nós, da Proteção à Constituição, sermos obrigados a praticar ações que contrariam o regulamento para termos uma chance mínima de elucidar essa história. Gostaríamos que isso se desse do modo jurídica e constitucionalmente correto.

— É o que todos nós queremos — disse o primeiro-ministro.

— Sendo assim, sugiro que, na qualidade de primeiro-ministro, o senhor ordene que a Proteção à Constituição esclareça essa confusão o quanto antes. Que nos forneça uma ordem de missão por escrito e as autorizações necessárias.

- Não estou certo de que o que está sugerindo seja legal — disse o ministro da Justiça.

— Sim, é legal. O governo tem poder para tomar decisões mais amplas caso de ameaça à Constituição. Se um grupo de militares ou policiais começar a conduzir uma política independente do Ministério de Relações Exteriores, significa que houve um golpe de Estado em nosso país.

- Relações Exteriores? — perguntou o ministro da Justiça.

O primeiro-ministro balançou subitamente a cabeça.

— O Zalachenko era um dissidente de uma potência estrangeira — disse Rosa Figuerola. — Segundo o Mikael Blomkvist, ele transmitia informações para serviços de inteligência estrangeiros. Se o governo não foi informado, significa que houve um golpe de Estado.

— Entendo aonde você quer chegar — disse o primeiro-ministro. — Agora, deixe-me expressar a minha opinião.

O primeiro-ministro se levantou e deu a volta na mesa. Parou diante de Edklinth.

— O senhor tem uma colaboradora inteligente. E que, além disso, fala sem papas na língua.

Edklinth engoliu em seco e meneou a cabeça. O primeiro-ministro voltou-se para o seu ministro da Justiça.

— Chame seu secretário de Estado e o diretor jurídico. Amanhã de manhã, quero um documento que dê à Proteção à Constituição poderes extraordinários para atuar neste caso. A missão consiste em definir o grau de veracidade das afirmações que nos preocupam, reunir uma documentação sobre sua amplitude e identificar as pessoas responsáveis ou implicadas.

Edklinth assentiu com a cabeça.

— Esse documento não diz que vocês vão conduzir um inquérito preliminar; posso estar enganado, mas acho que nesse estágio só o procurador-geral da nação pode indicar o responsável por um inquérito preliminar. Em compensação, posso encarregá-lo da missão de conduzir sozinho uma investigação com o objetivo de descobrir a verdade. Portanto, vai conduzir uma investigação oficial do Estado. Está me acompanhando?

— Sim. Mas, se me permite observar, eu mesmo sou um ex-procurador.

— Humm. Vamos pedir que o diretor jurídico dê uma olhada e defina 0 que é oficialmente correto. Seja como for, o senhor é o único responsável por essa investigação. Pode designar os colaboradores de que vai precisar. Se encontrar provas de alguma atividade criminosa, deverá transmiti-las ao Ministério Público, que decidirá sobre eventuais ações judiciárias.

— Tenho que verificar nos textos o que, exatamente, está em vigor, mas me parece que o senhor tem obrigação de informar o porta-voz do governo e a Comissão Constitucional... isso tudo virá à tona rapidamente — disse o ministro da Justiça.

— Ou seja, vamos ter que agir depressa — disse o primeiro-ministro.

— Humm — fez Rosa Figuerola.

— O que foi? — perguntou o primeiro-ministro.

— Ainda há dois problemas... Em primeiro lugar, a publicação da Millennium poderia se chocar com a nossa investigação e, em segundo, o julgamento da Lisbeth Salander vai começar em poucas semanas.

— Temos como saber quando a Millennium pretende publicar?

— Não custa perguntar — disse Edklinth. — A última coisa que queremos é nos envolver no trabalho da imprensa.

— No que diz respeito à Salander... — começou a dizer o primeiro--ministro. Refletiu por um momento. — Seria terrível descobrir que ela realmente foi vítima dos abusos relatados pela Millennium... isso pode ser mesmo verdade?

— Creio que sim — disse Edklinth.

— Nesse caso, precisamos garantir que ela seja indenizada e, antes de mais nada, que não volte a ser vítima de outro abuso de poder — disse o primeiro-ministro.

— E como vamos fazer isso? — perguntou o ministro da Justiça. — O governo não pode, de modo algum, interferir numa

ação judicial em andamento. E contra a lei.

— Talvez pudéssemos falar com o procurador...

— Não — disse Edklinth. — Como primeiro-ministro, o senhor não pode influenciar no processo judiciário.

— Em outras palavras, a Salander terá que travar seu combate no tribunal — disse o ministro da Justiça. — E só se ela perder o processo e apelar e que o governo pode intervir para indultá-la ou ordenar ao Ministério Público que avalie se é o caso de reabrir o processo.

E acrescentou:

- Mas isso só vale se ela for condenada a uma pena prisional. Se ela for condenada a uma internação psiquiátrica, o governo nada pode fazer. Quando se trata de uma questão de ordem médica, não compete ao primeiro-ministro determinar se ela é mentalmente sã ou não.

Às dez da noite de sexta-feira, Lisbeth Salander escutou a chave na fechadura. Desligou imediatamente o computador de mão e o enfiou debaixo do travesseiro. Quando levantou os olhos, viu Anders Jonasson fechando a porta.

— Boa noite, senhorita Salander — disse ele. — Como vai?

— Estou com uma dor de cabeça terrível e me sinto febril — disse Lisbeth.

— Isso não é nada bom.

Lisbeth não parecia particularmente incomodada com a febre nem com a dor de cabeça. Anders Jonasson examinou-a por dez minutos. Verificou que no início da noite a febre tornara a subir bastante.

— E uma pena que isso esteja acontecendo agora, quando você estava se restabelecendo tão bem. Infelizmente, não vou poder lhe dar alta antes de pelo menos duas semanas.

— Duas semanas são suficientes. Ele fitou-a demoradamente.

A distância entre Londres e Estocolmo pela estrada é, por alto, de mil e oitocentos quilômetros, e teoricamente são necessárias vinte horas para percorrê-los. Na prática, foram quase vinte horas só para chegar à fronteira da Alemanha com a Dinamarca. O céu estava coberto por nuvens pesadas como chumbo, e na segunda-feira, enquanto o homem que se apresentava como Trinity atravessava a ponte de 0resund, a chuva desabou. Ele reduziu a velocidade e acionou os limpadores do pára-brisa.

Trinity achava um pesadelo dirigir na Europa, com o continente inteiro teimando em andar do lado errado da estrada. Preparara sua caminhonete no sábado de manhã e pegara a balsa de Doves para Calais, em seguida atravessara a Bélgica passando por Liège. Cruzara a fronteira alemã em Aix-la-Chapel-le e subira pela auto-estrada em direção a Hamburgo e depois Dinamarca.

Seu sócio, Bob the Dog, dormia no banco traseiro. Tinham se revezado na direção e, exceto por algumas paradas de uma hora para comer, mantiveram uma velocidade regular de noventa quilômetros por hora. Com dezoito anos de idade, a caminhonete não tinha condições de andar mais rápido.

Havia maneiras mais simples de ir de Londres a Estocolmo, mas infelizmente era pouco provável que se pudesse entrar na Suécia com cerca de trinta quilos de equipamento eletrônico fazendo um vôo regular. Embora tivessem cruzado seis fronteiras durante o trajeto, Trinity não fora parado por nenhum aduaneiro ou policial. Ele era um ardente partidário da União Européia, cujas regras simplificavam as visitas ao continente.

Trinity estava com trinta e dois anos e nascera na cidade de Bradford, mas desde criança morava no norte de Londres. Tivera uma formação bastante medíocre, uma escola profissionalizante que lhe fornecera um diploma de técnico em telefonia, e depois dos dezenove anos, ele de fato trabalhara como instalador na British Telecom por três anos.

Na verdade, tinha conhecimentos teóricos em eletrônica e informática que lhe permitiam encarar sem problema discussões em que superava qualquer especialista no assunto. Vivera no meio de computadores desde os dez anos, e pirateara seu primeiro computador aos treze. Isso aguçara sua vontade e, aos dezesseis anos, já evoluíra tanto, que podia ser comparado aos melhores do mundo. Em determinada ocasião, passara cada minuto do seu dia acordado diante da tela do computador, criando seus próprios programas e jogando spams na rede. Conseguiu se infiltrar na BBC, no Ministério da Defesa inglês e na Scotland Yard. Conseguiu até assumir por algum tempo o comando de um submarino nuclear britânico que patrulhava o Mar do Norte. Felizmente, Trinity era mais um curioso do que um gênio do mal da informática. Seu fascínio acabava assim que conseguia invadir um computador e descobria um acesso a seus segredos. Quando muito, permitia-se uma brincadeira de moleque do tipo configurar um computador de submarino para que ele convidasse o capitão a limpar a bunda quando este solicitava uma posição. Esse incidente provocara uma série de reuniões de emergência no Ministério da Defesa, e Trinity acabara entendendo que talvez não fosse uma boa idéia se gabar de seus conhecimentos numa época em que os governos não estavam brincando quando ameaçavam condenar os hackers a pesadas penas de prisão.

Trinity fizera o curso de técnico em telefonia porque já sabia como funcionava a rede telefônica. Logo constatara como tudo estava desesperadoramente obsoleto e se tornara consultor de segurança para instalação de alarmes e supervisão de sistemas contra roubo. Para alguns clientes cuidadosamente selecionados, ele também podia oferecer serviços exclusivos, como vigilância e escuta telefônica.

Era um dos fundadores da Hacker Republic, da qual Wasp era uma das cidadãs.

Eram sete e meia da noite de domingo quando Trinity e Bob the Dog entraram no subúrbio de Estocolmo. Estavam passando por

Kungens kurva, em Skárholmen, quando Trinity pegou o celular e discou um número que havia decorado.

— Praga — disse Trinity.

— Onde vocês estão?

— Você pediu para eu ligar quando a gente passasse pela Ikea.

Praga explicou como chegar ao albergue da juventude de Lângholmen, onde fizera uma reserva para seus colegas ingleses. Embora Praga quase nunca saísse de seu apartamento, combinaram de se encontrar lá às dez horas do dia seguinte.

Depois de refletir um instante, Praga resolveu fazer um esforço imenso e encarou a louça suja, a faxina e a ventilação do local para receber seus convidados.

III. BISC CRASH 27 DE MAIO A 6 DE JUNHO

O historiador Diodoro da Sicília, do século I antes de Cristo (que alguns historiadores consideram uma fonte pouco confiável), conta sobre as amazonas da Líbia, que naquela época abrangia do Norte da África ao Oeste do Egito. Esse império de amazonas era uma ginecocracia, ou seja, somente às mulheres era permitido exercer funções oficiais, inclusive as militares. Reza a lenda que o país era governado por uma rainha, Myrina, que com trinta mil mulheres na infantaria e três mil cavaleiras atravessou o Egito, a Síria, até o mar Egeu, submetendo uma série de exércitos masculinos pelo caminho. Quando a rainha Myrina foi enfim derrotada, seu exército se dispersou.

O exército de Myrina, porém, deixou marcas na região. As mulheres da Anatólia pegaram em armas para debelar uma invasão do Cáucaso depois que os soldados homens foram aniquilados num imenso genocídio. Essas mulheres eram treinadas em todo tipo de armas, incluindo o arco, a espada, o machado de guerra e a lança. Copiaram dos gregos as cotas de malha de bronze e as armaduras.

Recusavam o casamento, que consideravam uma sujeição. Para fins de procriação, eram decretados feriados, durante os quais elas praticavam o coito com homens anônimos escolhidos ao acaso nas aldeias das redondezas. Só tinha o direito de abandonar a virgindade a mulher que houvesse matado um homem em combate.

16. SEXTA-FEIRA 11 DE MAIO TERÇA-FEIRA 31 DE MAIO

Mikael Blomkvist deixou a redação da Millennium às dez e meia da noite de sexta-feira. Desceu até o térreo, mas, em vez de sair para a rua, virou à esquerda no hall de entrada, atravessou o porão, subiu até o pátio interno e saiu na Hökens gata, passando pelo prédio vizinho. Cruzou com um grupo de jovens que saíam da Mosebacke, mas ninguém prestou atenção nele. Se por acaso alguém o estivesse vigiando ia achar que ele estava passando a noite na redação, como de costume. Ele estabelecera esse esquema em abril. Na verdade, era Christer Malm que ficava à noite de plantão na redação.

Por uns quinze minutos, passeou pelas ruazinhas e vielas dos arredores de Mosebacke, antes de rumar para o número 9 da Fiskargatan. Entrou depois de digitar o código de acesso e subiu a pé até o apartamento lá do alto, usando as chaves de Lisbeth Salander para abrir a porta. Desligou o alarme. Ainda se sentia perturbado quando entrava naquele apartamento de vinte e um cômodos, dos quais apenas três estavam mobiliados.

Preparou café e sanduíches antes de entrar no escritório de Lisbeth e ligar o PowerBook.

Desde meados de abril, quando o relatório de Bjórck havia sido roubado. Mikael percebera que estava sendo vigiado, ele montara seu quartel-general particular no apartamento de Lisbeth. Transferira para lá toda a documentação importante. Passava várias noites por semana no apartamento, dormia na cama de Lisbeth e trabalhava no computador dela. Lisbeth apagara todos os dados antes de ir para Gosseberga acertar as contas com Zalachenko. Mikael achava que ela provavelmente não tivera a intenção de voltar. Ele usara os HDS de Lisbeth para pôr a máquina em funcionamento outra vez.

Desde abril ele não usava seu próprio computador com ADSL. Usava a conexão de Lisbeth, abria o ICQ e se comunicava com o

número que ela criara para ele e lhe passara através do grupo Yahoo [Tavola-Biruta].

[Oi, Sally.]

[Fala.]

[Mexi nos dois capítulos sobre os quais discutimos durante esta semana. Você pode encontrar a nova versão no Yahoo. E com você, em que pé estão as coisas?]

[Terminei dezessete páginas. Estou postando agora no Tavola-Biruta.]

Pling.

[O.k. Peguei. Deixe eu dar uma lida, depois a gente conversa.]

[Tenho mais uma coisa. 1

[O quê

?

[Criei um grupo Yahoo chamado Os-Cavaleiros.] Mikael sorriu.

[O.k. Os Cavaleiros da Távola Biruta.]

[Senha yacaracal2.]

[O.k.]

[Quatro membros. Eu, você, Praga e Trinity.]

[Seus misteriosos amigos da internet.]

[Estou me protegendo.]

[O.k.]

[O Praga pegou informações do computador do procurador Ekstrõm. A gente já tinha pirateado a máquina em abril.]

[O.k.]

[Se eu perder meu computador de bolso, ele te manterá informado.]

[Certo. Obrigado.]

Mikael se desconectou do ICQ e entrou no novo grupo Yahoo [Os-Cavaleiros]- A única coisa que encontrou foi um link de Praga para um endereço http anônimo, composto de apenas oito algarismos. Copiou o endereço no Explorer, deu Enter e entrou imediatamente num site de 16 gb em algum lugar da internet, e que constituía o disco rígido do procurador Richard Ekstrõm.

Praga aparentemente facilitara as coisas para si mesmo copiando todo o disco rígido de Ekstrõm. Mikael passou uma hora selecionando o conteúdo. Rejeitou arquivos de sistema, programas e uma imensa quantidade de inquéritos preliminares que pareciam remontar a vários anos. Por fim, baixou quatro arquivos. Três tinham os nomes [INQPRELIM/SALANDER], [LIXEIRA/SA-LANDER] e [INQPRELIM/NIEDERMANN]. O quarto era uma cópia dos e-mails recebidos pelo procurador Ekstrõm até as catorze horas do dia anterior.

— Obrigado, Praga! — disse Mikael Blomkvist em voz alta, no apartamento vazio.

Passou três horas lendo o inquérito preliminar de Ekstrõm e sua estratégia para o processo de Lisbeth Salander. Como era de se esperar, muita coisa girava em torno de seu estado mental. Ekstrõm pedia um exame psiquiátrico aprofundado e enviara um bom número de e-mails mandando que fosse transferida para a casa de detenção de Kronoberg o quanto antes.

Mikael constatou que as investigações de Ekstrõm para encontrar Niedermann pareciam estar marcando passo. Bublanski era quem comandava as buscas. Ele conseguira juntar uma documentação técnica acusando Niedermann do assassinato de Dag Svensson e de Mia Bergman, assim como do assassinato do Dr. Bjurman. O próprio Mikael Blomkvist contribuíra com boa parte daquelas provas nos três longos interrogatórios a que fora

submetido em abril, e seria obrigado a testemunhar caso Niedermann fosse preso. O DNA identificado em alguns pingos de suor e dois fios de cabelo colhidos no apartamento de Bjurman puderam finalmente ser associados com o DNA colhido no quarto de Niedermann em Gosseberga. Uma grande quantidade do mesmo DNA também havia sido encontrada no corpo do consultor financeiro do MC Svavelsjõ, Viktor Gõransson.

Em compensação, surpreendentemente, Ekstrõm possuía poucas informações sobre Zalachenko.

Mikael acendeu um cigarro e, enquanto fumava, virou-se para a janela a fim de contemplar a vista sobre o Djurgárden.

Ekstrõm chefiava dois inquéritos preliminares, que haviam sido separados um do outro. O inspetor Hans Faste era a autoridade responsável nela investigação de tudo o que se referia a Lisbeth Salander. Bublanski tratava exclusivamente de Niedermann.

O mais natural teria sido Ekstrõm entrar em contato com o diretor-geral da Sapo assim que o nome de Zalachenko surgiu no inquérito preliminar para perguntar sobre a real identidade dele. Mikael não achou nenhum contato desse tipo entre os e-mails de Ekstrõm, nem em seu diário ou anotações. Em contrapartida, tudo indicava que ele tinha algumas informações sobre Zalachenko. Entre as anotações, Mikael encontrou algumas afirmações intrigantes.

O relatório sobre a Salander foi forjado. O original de Bjõrck não corresponde à versão de Blomkvist. Arquivado como confidencial.

Humm. Mais adiante, uma série de anotações sustentava que Lisbeth Salander tinha esquizofrenia paranóica.

Foi certo internar Salander em 1991.

Em [LIXEIRA/SALANDER] Mikael encontrou aquilo que ligava um inquérito ao outro, ou seja, informações acessórias que o procurador julgava não estar associadas ao inquérito preliminar e que, por conseguinte, não seriam utilizadas no processo nem fariam

parte das provas contra ela. Praticamente tudo o que se referia ao passado de Zalachenko estava ali.

Mikael tinha diante de si uma investigação lamentável.

Perguntou-se até que ponto tudo aquilo era acaso e até que ponto havia sido manipulado. Onde estava a fronteira entre as duas coisas? Ekstrõm teria consciência de que havia uma fronteira?

Ou alguém estaria fornecendo a Ekstrõm, de propósito, informações verossímeis porém enganosas?

Por fim, entrou no hotmail e passou os dez minutos seguintes consultando a meia dúzia de contas anônimas que havia criado. Todos os dias, religiosamente, ele dava uma olhada no endereço hotmail que havia fornecido à inspetora Sonja Modig. Não tinha muita esperança de que ela se manifestasse, por isso ficou agradavelmente surpreso ao abrir a caixa postal e encontrar um e-mail de viagemtrem9deabril@hotmail.com. A mensagem continha uma linha apenas.

[Café Madalena, primeiro andar, sábado 11 horas.]

Mikael Blomkvist meneou a cabeça, pensativo.

Praga entrou em contato com Lisbeth Salander por volta da meia-noite, interrompendo-a enquanto ela escrevia sobre sua vida na época em que Holger Palmgren era seu tutor. Irritada, olhou para a tela.

[O que você quer?]

[Trinity acertou tudo em tempo recorde.]

[Como?]

[O Sr. doutor dos doidos não para quieto. Fica o tempo todo indo de Uppsala para Estocolmo e não dá para fazer um hostile takeover.]

[Eu sei. Como ele conseguiu?]

[O Teleborian joga tênis duas vezes por semana. Duas boas horas. Deixou o computador no carro num estacionamento coberto.]

[Ha ha.]

[Trinity neutralizou facilmente o alarme do carro e pegou o computador. Bastou meia hora para copiar tudo via Firewire e instalar o Asphyxia.]

[Onde eu encontro o material?]

Praga deu o endereço http do servidor onde estava o disco rígido de Peter Teleborian.

[Como diz o Trinity... This is some nasty shit.)

[?]

[Dê uma olhada no disco rígido dele.]

Lisbeth Salander se despediu de Praga e procurou na internet o servidor que ele indicara. Passou as três horas seguintes verificando, um por um, os arquivos do computador de Teleborian.

Descobriu uma correspondência entre Teleborian e uma pessoa com Uma conta no hotmail que lhe enviava e-mails criptografados. Como ela tinha a chave PGP de Teleborian, não encontrou dificuldade em ler a mensagem.

Seu nome era Jonas, sem sobrenome. Jonas e Teleborian demonstravam um interesse anormal pelos problemas de saúde de Lisbeth Salander.

Yes... podemos provar que existe uma conspiração.

Mas o que mais interessou a Lisbeth Salander foram as quarenta e sete pastas com 8756 fotos pornográficas pesadas de crianças. Uma após outra ela abriu as fotos que mostravam crianças de uns quinze anos ou menos Algumas eram de crianças muito pequenas. A maioria, meninas. Várias fotos tinham um caráter sádico.

Descobriu links de pelo menos uma dúzia de pessoas de vários países que trocavam figurinhas sobre pedofilia.

Lisbeth mordeu o lábio inferior. No mais, seu rosto não demonstrava expressão nenhuma.

Lembrou-se de quando tinha doze anos e das noites em que ficava amarrada num quarto desprovido de estímulos sensoriais na clínica de psiquiatria infantil de Sankt Stefan. Teleborian nunca deixava de ir até o quarto para contemplá-la à luz fraca do clarão que passava pela porta.

Ela sabia. Ele nunca encostara nela, mas ela sempre soubera.

Ela sentiu muita raiva de si mesma. Há muitos anos deveria ter cuidado de Teleborian. Mas se reprimira, tentando ignorar a existência dele.

Ela o deixara livre para agir.

Depois de alguns instantes, chamou Mikael Blomkvist pelo ICQ.

Mikael Blomkvist passou a noite no apartamento de Lisbeth Salander na Fiskargatan. Só desligou o computador às seis e meia da manhã. Adormeceu com as fotos pornográficas infantis ainda na retina e acordou às dez e quinze. Pulou da cama, tomou um banho e chamou um táxi, que foi apanhá-lo em frente ao Sõdra Teatern. Saltou na Birger Jarlsgatan às cinco para as onze e seguiu a pé até o Café Madalena.

Sonja Modig o aguardava diante de uma xícara de café preto.

— Oi — disse Mikael.

— Estou me arriscando muito — disse ela, sem cumprimentá-lo. Vou ser demitida e posso ser processada se alguém souber que me encontrei com você.

— Eu é que não vou contar para ninguém.

Ela parecia estressada.

__Um colega meu visitou recentemente o ex-primeiro-ministro ThorbVirn Fálldin. Foi em caráter pessoal, e ele também está correndo um sério risco.

— Entendo.

— Exijo, portanto, que o nosso anonimato seja preservado.

— Eu nem sei de que colega você está falando.

— Eu vou te contar. Quero que você prometa que vai protegê-lo como fonte.

— Tem minha palavra. Ela espiou o relógio.

— Você está com pressa?

— Estou. Vou me encontrar com meu marido e meus filhos na galeria Sture daqui a dez minutos. Meu marido acha que estou trabalhando.

— E o Bublanski não está sabendo.

— Não.

— O.k. Você e seu colega são minhas fontes e estão totalmente protegidos. Os dois. Isso vale até o túmulo.

— O meu colega é o Jerker Holmberg, que você conheceu em Gõteborg. O pai dele é um militante centrista e o Jerker conhece o Fãlldin desde menino. Foi visitá-lo em caráter particular para falar sobre o Zalachenko.

— Sei.

O coração de Mikael disparou.

— O Fãlldin parece ser um homem decente. O Holmberg contou sobre o Zalachenko e perguntou o que o Fãlldin sabia sobre a deserção dele. O Fãlldin não disse nada. Então o Holmberg falou que achamos que Lisbeth Salander foi internada na psiquiatria pelo pessoal que protegia o Zalachenko. O Fãlldin ficou revoltadíssimo.

— Entendo.

— O Fãlldin contou que o diretor da Sapo, na época, e um colega dele loram procurá-lo pouco depois de ele se tornar primeiro-ministro. Contaram Uma história extraordinária sobre um espião russo dissidente que tinha se refugiado na Suécia. Nesse dia, o Fálldin soube que esse era o segredo militar Úteis delicado da Suécia... imagine, em toda a Defesa sueca, não lhe chegava nem aos pés em termos de importância.

— Humm.

— O Fãlldin explicou que não sabia como administrar o caso. Acabava de ser nomeado e seu governo não tinha nenhuma experiência. Fazia mais de quarenta anos que os socialistas estavam no poder. Os homens responderam que as decisões cabiam a ele e que a Sapo se eximiria de qualquer responsabilidade caso ele consultasse seus colegas de governo. Isso foi muito desagradável para o Fãlldin. Ele simplesmente não sabia o que fazer.

— Certo.

— Por fim, o Fãlldin se sentiu obrigado a agir como aqueles senhores da Sapo sugeriam. Redigiu uma diretriz que outorgava à Sapo a guarda exclusiva de Zalachenko. Comprometeu-se a nunca mais falar sobre o assunto com ninguém. Ele nunca soube qual era o nome do dissidente.

— Entendo.

— Depois disso, o Fãlldin praticamente não ouviu mais falar no caso durante seus dois mandatos. Em compensação, fez algo muito sensato. Insistiu para que um secretário de Estado fosse posto a par de tudo para atuar como intermediário entre o gabinete do governo e os homens que protegiam o Zalachenko.

— Ah,é?

— Esse secretário de Estado era Bertil K. Janeryd. Hoje ele tem sessenta e três anos e é embaixador da Suécia em Haya.

— Só isso?

— Quando o Fãlldin se deu conta da gravidade desse inquérito preliminar, escreveu uma carta ao Janeryd.

Sonja Modig passou um envelope a Mikael, que o abriu e leu.

Caro Bertil,

O segredo que ambos guardamos durante meu mandato no governo esta sendo seriamente ameaçado. O indivíduo envolvido hoje está morto e não pode mais ser implicado. Em compensação, outras pessoas podem.

É de suma importância obtermos a resposta para algumas perguntas necessárias.

O portador desta carta trabalha oficiosamente e tem toda a minha confiança. Peço que ouça seu relato e responda às suas perguntas.

Faça uso desse seu incontestável poder de discernimento.

- Esta carta, portanto, faz menção ao Jerker Holmberg.

- Não. O Holmberg pediu ao Fãlldin que o nome dele não fosse citado.

Declarou expressamente que não sabia quem iria até Haya.

- Você quer dizer...

— Eu e o Jerker conversamos sobre isso. Já estamos tão mergulhados nesta história que precisaríamos é de um bote salva-vidas, e não de uma simples bóia. Não temos legitimidade para ir à Holanda conversar com o embaixador. Você, em compensação, pode fazer isso.

Mikael dobrou a carta e estava colocando-a no bolso do paletó quando Sonja Modig segurou sua mão. Apertou-a com força.

— Uma mão lava a outra — disse ela. — Depois vamos querer saber o que o Janeryd te contou.

Mikael fez que sim com a cabeça. Sonja Modig se levantou. Mikael deteve-a.

— Espere. Você disse que o Fãlldin recebeu duas pessoas da Sapo. Uma era o diretor. Quem era o colega dele?

— O Fàlldin só o viu aquela vez e não consegue lembrar o nome dele. Não foi feito nenhum registro. Ele se recorda de um homem magro com um bigode fino. Foi apresentado como chefe da Seção de Análise Especial, ou algo assim. Mais tarde, o Fãlldin olhou num organograma da Sapo e não encontrou a tal seção.

O clube Zalachenko, pensou Mikael.

Sonja Modig tornou a se sentar. Parecia medir as palavras.

— Certo — disse ela por fim. — Mas estou me arriscando a ir para o paredão de fuzilamento. Existe um registro que não ocorreu nem ao Fãlldin nem aos seus visitantes.

— Qual?

— O registro dos visitantes do Fãlldin no Palácio Rosenbad.

— E?

— O Jerker pediu para ver esse registro. É um documento oficial, mantido na sede do governo.

— E?

Sonja Modig hesitou mais uma vez.

— O registro indica apenas que o primeiro-ministro encontrou-se com o diretor da Sapo mais um colega, para discutir assuntos gerais.

— E há um nome?

— Sim, E. Gullberg. Mikael sentiu o sangue subir à cabeça.

— Evert Gullberg — disse ele. Sonja Modig parecia estar cerrando os dentes, levantou-se e saiu.

Mikael Blomkvist ainda estava no Café Madalena quando pegou o celular para reservar uma passagem aérea para Haya. O avião saía de Arlanda às 14h 50. Foi até a Dressman da Kungsgatan, onde comprou uma camisa e roupa de baixo, e em seguida à farmácia de Klara, onde adquiriu uma escova de dentes e outros produtos de higiene pessoal. Tomou o maior cuidado para não ser seguido quando correu para apanhar a van que levava ao aeroporto. Chegou dez minutos adiantado.

Às seis e meia da tarde, pediu um quarto num hotel desbotado a uns dez minutos a pé da estação central.

Passou duas horas tentando localizar o embaixador sueco e conseguiu contatá-lo por telefone por volta das nove horas. Recorreu a toda a sua capacidade de persuasão, destacando que o assunto era da mais alta importância e precisava ser discutido sem demora. O embaixador acabou cedendo e aceitou encontrar-se com Mikael no domingo, às dez da manhã.

Em seguida Mikael pediu um jantar leve num restaurante próximo do hotel. Foi dormir por volta das onze horas.

O embaixador Bertil K. Janeryd não estava muito loquaz enquanto servia o café em sua residência.

— Muito bem... O que seria tão urgente a este ponto?

— Alexander Zalachenko. O dissidente russo que chegou à Suécia em 1976 — disse Mikael, estendendo-lhe a carta de Fälldin.

Janery pareceu estupefato. Leu a carta, soltando-a depois devagarinho. Mikael passou a meia hora seguinte explicando as questões centrais do problema e por que Fàlldin tinha escrito aquela carta.

— Eu... eu não posso falar sobre isso — disse Janeryd por fim.

Meneou a cabeça, levantando-se.

— É claro que pode.

— Não, só diante da Comissão Constitucional.

— E muito provável que o senhor tenha a oportunidade de fazer isso também. Mas a carta pede que o senhor use sua capacidade de discernimento.

— O Fàlldin é um homem decente.

— Não tenho a menor dúvida disso. E não estou querendo constranger o senhor nem o Fãlldin. Não é preciso revelar nenhum segredo militar que o Zalachenko eventualmente tenha contado.

— Não conheço segredo nenhum. Eu nem sabia que o nome dele era Zalachenko... Eu só conhecia o nome de guerra.

— Que era?

— Ele era chamado de Ruben.

— Muito bem.

— Não posso falar sobre isso.

— Mas é claro que pode — repetiu Mikael, acomodando-se melhor. — Daqui a pouco toda essa história vai se tornar pública. E, quando isso acontecer, ou a imprensa vai atacá-lo com tudo, ou vai tratá-lo como um funcionário honesto do Estado que fez o possível para consertar uma situação abominável. O senhor foi incumbido pelo Fãlldin de servir como intermediário entre ele e o pessoal que cuidava do Zalachenko. Isso eu já sei.

Janeryd balançou a cabeça.

— Fale sobre isso.

Janeryd permaneceu em silêncio por quase um minuto.

— Eles não me davam nenhuma informação. Eu era muito jovem... não sabia bem como administrar a situação. Estive com eles umas duas vezes por ano naquele período. Diziam que Ruben... Zalachenko estava bem de saúde, colaborando, e que as informações que ele passava eram valiosas. Nunca soube detalhes. Não precisava saber.

Mikael esperou.

— O dissidente tinha atuado em outros países e não conhecia nada da Suécia, motivo pelo qual nunca foi considerado uma prioridade pela nossa política de segurança. Informei o primeiro-ministro em duas ou três oportunidade, mas de modo geral não havia nada a dizer.

— Certo.

— Eles repetiam que ele estava sendo tratado como era de praxe nesses casos e que as informações fornecidas por ele seguiam o processo habitual através dos nossos canais regulares. O que eu podia dizer? Quando perguntava o que isso significava, eles sorriam e diziam que isso estava acima do meu nível de competência. Eu me sentia um idiota.

— O senhor nunca achou que havia algo estranho nessa história?

— Não. Não havia nada estranho. Eu partia do princípio de que o pessoal da Sapo sabia o que estava fazendo, que eles tinham a experiência e a prática necessárias. Mas não posso falar sobre isso.

A essa altura, Janeryd já estava falando havia vários minutos.

— Tudo isso não tem muita importância. Só uma coisa interessa no momento.

— O quê?

— O nome das pessoas com quem o senhor se encontrava. Janeryd interrogou Mikael com o olhar.

— Os homens que cuidavam do Zalachenko extrapolaram, e muito, suas funções. Envolveram-se em uma atividade criminosa grave e vão ser objeto de um inquérito preliminar. Por isso o Fälldin me mandou aqui. O Fälldin não sabe os nomes. Quem encontrava com essas pessoas era o senhor.

Janeryd piscou nervosamente e apertou os lábios.

— O senhor esteve com o Evert Gullberg... ele era o chefe. Janeryd concordou com a cabeça.

— Quantas vezes esteve com ele?

— Ele participou de todos os encontros, menos um. Foram uns dez encontros no período em que Fãlldin foi primeiro-ministro.

— E onde aconteciam esses encontros?

— No lobby de um hotel. Em geral, no Sheraton. Uma vez foi no Amaranten, em Kungsholmen, e algumas vezes no pub do Continental.

— E quem mais participava? Janeryd piscou com ar resignado.

— Foi há tanto tempo... Não lembro.

— Tente lembrar.

— Havia um... Clinton. Como o presidente americano.

— E o primeiro nome?

— Fredrik Clinton. Estive com ele quatro ou cinco vezes.

— Certo... mais algum?

— Hans von Rottinger. Eu o conhecia através da minha mãe.

— Da sua mãe?

— É, minha mãe conhecia a família Von Rottinger. Hans von Rottinger era um homem simpático. Antes de vê-lo de repente numa reunião com Gullberg, eu ignorava que ele trabalhava para a Sapo.

— Ele não trabalhava para a Sapo — disse Mikael. Janeryd empalideceu.

— Ele trabalhava para uma coisa chamada Seção de Análise Especial — disse Mikael. — O que lhe disseram sobre esse grupo?

— Nada... quer dizer, eram eles que cuidavam do dissidente.

— Sim. Mas admita que é esquisito eles não constarem no organograma da Sapo.

— E um absurdo...

— Não é? Como vocês marcavam as reuniões? Eram eles que ligavam ou o senhor?

— Não... a data e o local do encontro seguinte eram decididos na reunião.

— E se o senhor precisasse contatá-los? Para mudar a data do encontro, por exemplo?

— Eu tinha um número de telefone.

— Qual era o número?

— Sinceramente, não lembro.

— Era o número de quem?

— Não sei. Nunca usei.

— Certo. Outra pergunta: quem sucedeu ao senhor?

— Como assim?

— Quando o Fálldin renunciou. Quem ficou no seu lugar?

— Não sei.

— O senhor redigiu algum relatório?

— Não, era tudo confidencial. Eu não era sequer autorizado a fazer anotações.

— E o senhor nunca instruiu nenhum sucessor?

— Não.

— O que aconteceu então?

— Bem... o Fãlldin renunciou e passou o bastão para Ola Ullsten. Me disseram que teríamos de ficar afastados até as eleições seguintes. Então o Fãlldin foi reeleito e as reuniões foram retomadas. Em seguida, houve as eleições de 1985 e os socialistas ganharam. E suponho que Palme tenha indicado alguém para me

suceder. Depois disso, comecei minha carreira diplomática no Ministério das Relações Exteriores. Estive no Egito, depois na Índia.

Mikael prosseguiu com as perguntas por mais alguns minutos, mas estava convencido de que já sabia tudo o que Janeryd tinha para contar. Três nomes.

Fredrik Clinton.

Hans von Rottinger.

E Evert Gullberg — o homem que matara Zalachenko.

O clube Zalachenko.

Agradeceu Janeryd pelas informações e pegou um táxi para voltar à estação. Só quando já estava acomodado no táxi é que enfiou a mão no bolso para desligar o gravador.

Às sete e meia da noite do domingo, já estava de volta ao aeroporto de Estocolmo.

Erika Berger contemplou, pensativa, a foto na tela. Ergueu os olhos e observou a redação semi-vazia do lado de lá do aquário. Aparentemente, ninguém demonstrava o menor interesse por ela, nem aberto nem dissimulado. Tampouco tinha motivo para achar que alguém da redação lhe desejasse algum mal.

O e-mail chegara um minuto antes. O remetente era redax@aftonbladet.com

Por que justamente Aftonbladet? Mais um endereço fajuto.

A mensagem de hoje não continha texto. Só uma imagem JPEG que ela abriu no Photoshop.

Era uma foto pornográfica de uma mulher nua com seios imensos e uma coleira de cachorro no pescoço. Estava de quatro e se deixando sodomizar.

O rosto da mulher tinha sido modificado. O retoque não estava muito bom, o que decerto nem era o objetivo. O rosto de Erika Berger havia sido colado no lugar do rosto original. A foto era a que

lhe servia de assinatura na Millennium e podia ser baixada na internet.

Embaixo da foto, duas palavras tinham sido escritas com a ferramenta Aerógrafo do Photoshop.

Puta nojenta.

Era a nona mensagem anônima que ela recebia chamando-a de "puta nojenta" e parecia ter sido enviada por um grande grupo de comunicação sueco. Ela estava claramente sendo vítima de um ciberassédio.

As escutas telefônicas eram mais difíceis de instalar do que a vigilância de computadores. Trinity não tivera nenhuma dificuldade em localizar o cabo do telefone fixo do procurador Ekstrõm; o problema era que Ekstrõm nunca usava esse telefone, ou só usava raramente, para fazer ligações de trabalho. Trinity nem se esforçou para grampear o telefone de Ekstrõm no Palácio da Polícia de Kungsholmen. Para isso precisaria ter acesso à rede de cabos sueca, o que Trinity não tinha.

Em compensação, Trinity e Bob the Dog passaram praticamente a semana inteira rastreando o celular de Ekstrõm em meio aos ruídos de fundo de quase duzentos mil outros celulares num raio de um quilômetro em torno do Palácio da Polícia.

Trinity e Bob the Dog utilizaram uma técnica chamada Random Frequency Tracking System, a RFTS. Era uma técnica conhecida, desenvolvida pela americana National Security Agency, a NSA, e integrada a um número indeterminado de satélites que vigiavam, de modo pontual, focos de crise particularmente interessantes e capitais que ocorriam no mundo todo.

A NSA dispunha de imensos recursos e usava uma espécie de rede para captar uma quantidade grande de ligações por celular efetuadas simultaneamente num dado perímetro. Cada ligação era individualizada e passada digitalmente para programas criados com o objetivo de reagir a determinados termos, por exemplo, "terrorista"

ou "kalachnikov". Se o termo era localizado, o computador enviava automaticamente um sinal, um operador entrava, escutava a conversa e decidia se ela tinha ou não algum interesse.

A coisa complicava quando era preciso identificar um celular específico. Cada celular tem sua assinatura exclusiva — como uma impressão digital —, que é o seu número telefônico. Com aparelhos extremamente sensíveis, a NSA conseguia focalizar determinada área, para distinguir e escutar chamadas feitas por celulares. A técnica era simples, mas não cem por cento segura. As ligações geradas eram especialmente difíceis de identificar, ao passo que as ligações recebidas eram mais fáceis, pois iniciavam com a própria impressão digital destinada ao aparelho chamado para que ele captasse o sinal.

A diferença entre as ambições de Trinity e da NSA em matéria de escuta telefônica era de ordem financeira. A NSA dispunha de um orçamento anual de vários bilhões de dólares, cerca de doze mil agentes em tempo integral e acesso a uma tecnologia de ponta incontestável em computação e telefonia. Trinity, por sua vez, dispunha de uma caminhonete contendo o equivalente a trinta quilos de equipamento eletrônico, boa parte dele feita em casa por Bob the Dog. Graças à sua vigilância global através de satélite, a NSA podia apontar suas antenas extremamente sensíveis para qualquer edifício de qualquer lugar do mundo. Trinity possuía uma única antena fabricada por Bob the Dog, com um alcance efetivo de cerca de quinhentos metros.

A técnica de que Trinity dispunha o obrigava a estacionar a caminhonete na Bergsgatan, ou numa rua próxima, e a muito custo calibrar seu equipamento até ele identificar a impressão digital representada pelo número do celular do procurador Richard Ekstrõm. Como Trinity não falava sueco, era obrigado a redirecionar as chamadas para outro celular, o de Praga, que se incumbia da escuta propriamente dita.

Durante cinco dias e cinco noites, um Praga de olhos cada vez mais fundos tinha escutado até a exaustão um número assustador de chamadas feitas para ou do Palácio da Polícia e nos prédios

vizinhos. Ouviu fragmentos de investigações em andamento, gravou uma série de ligações contendo bobagens sem interesse. No quinto dia, tarde da noite, Trinity mandou um sinal que um mostrador digital identificou imediatamente como sendo o número do celular do procurador Ekstrõm. Praga bloqueou a antena parabólica na freqüência exata.

A técnica funcionava melhor para chamadas externas dirigidas a Ekstrõm. A parabólica de Trinity captou facilmente a busca do número de celular de Ekstrõm lançada aos céus da Suécia inteira.

Assim que Trinity começou a gravar as chamadas de Ekstrõm, conseguiu igualmente a impressão de sua voz, sobre a qual Praga pôde trabalhar.

Praga inseriu devagar a voz digitalizada de Ekstrõm num programa chamado VPRS, Voiceprint Recognition System. Em seguida, indicou uma dúzia de palavras empregadas com freqüência pelo procurador, como "combinado" ou "Salander". Assim que conseguiu reunir cinco exemplos de palavras diferentes, ele compilou o tempo necessário para pronunciá-la, sua altura e freqüência, a tônica final e mais uma dúzia de outros marcadores. Depois de obter, desse modo, uma representação gráfica, Praga passou a escutar também as ligações feitas pelo procurador Ekstrõm. Sua parabólica estava o tempo todo ligada, à espreita de uma chamada em que constasse exatamente o esquema gráfico de uma das palavras utilizadas com freqüência; elas eram doze no total. A técnica estava longe de ser perfeita, mas eles calculavam que cinqüenta por cento das ligações feitas por Ekstrõm pelo celular, dentro do Palácio da Polícia ou de algum local próximo, estavam sendo ouvidas e gravadas.

Infelizmente, a técnica tinha um sério inconveniente. Assim que o procurador Ekstrõm deixava o Palácio da Polícia, acabavam as possibilidades de escuta, a não ser que Trinity soubesse para onde ele ia e estacionasse a caminhonete nas proximidades.

Agora que dispunha de uma ordem vinda de cima, Torsten Edklinth podia criar uma unidade de intervenção, pequena sem

dúvida, mas legítima. Selecionou a dedo quatro colaboradores, jovens talentos originários da polícia comum e recrutados pela Sapo havia pouco tempo. Dois haviam passado pela Brigada de Fraudes, um pela Brigada Criminal e outro havia cuidado de casos financeiros. Eles foram chamados à sala de Edklinth e informados sobre a natureza da missão e da necessidade de sigilo absoluto. Edklinth frisou que a investigação era um pedido expresso do primeiro-ministro. Rosa Figuerola era a chefe e conduzia os trabalhos com uma energia proporcional ao seu físico.

Mas a investigação avançava devagar, principalmente porque nenhum deles tinha muita certeza de quem era o alvo de suas pesquisas. Várias vezes, Edklinth e Figuerola pensaram em deter apenas Mârtensson, para interrogá-lo. Mas depois sempre optavam por esperar mais um pouco. Uma detenção tornaria pública toda a investigação.

Na terça-feira, porém, onze dias depois da conversa com o primeiro-ministro, Rosa Figuerola bateu à porta da sala de Edklinth.

— Acho que temos alguma coisa.

— Sente-se.

— Evert Gullberg.

— Sim?

— Um dos investigadores conversou com o Marcus Ackerman, que está chefiando a investigação sobre o assassinato do Zalachenko. Ackerman diz que a Sapo procurou a polícia de Gõteborg para informar sobre as cartas ameaçadoras de Gullberg duas horas depois do assassinato.

— Agiram rápido.

— E. Aliás, rápido demais. A Sapo passou para a polícia de Gõteborg, por fax, nove cartas cujo autor seria o Gullberg. Só tem um problema.

— Qual?

— Duas cartas eram endereçadas ao Ministério da Justiça: uma ao ministro da Justiça e outra ao ministro da Democracia.

— Sim, eu sei disso.

— Pois é, só que a carta para o ministro da Democracia foi registrada pelo ministério apenas no dia seguinte. Estava em outra leva.

Edklinth olhou fixamente para Rosa Figuerola. Pela primeira vez, temeu de fato que as suspeitas tivessem fundamento. Inflexível, Rosa prosseguiu:

— Em outras palavras, a Sapo mandou o fax de uma carta que ainda não tinha chegado ao destinatário.

— Meu Deus! — disse Edklinth.

— Foi um funcionário da Proteção à Pessoa que mandou o fax.

— Quem?

— Não acredito que ele tenha algo a ver com isso. Encontrou as cartas sobre sua mesa de manhã e, pouco depois do assassinato, pediram que ele contatasse a polícia de Gõteborg.

— Quem deu a ordem?

— O secretário do secretário-geral.

— Meu Deus, Rosa... Você percebe o que isso significa?

— Percebo.

— Significa que a Sapo está envolvida no assassinato de Zalachenko.

— Não. Significa, definitivamente, que algumas pessoas dentro da Sapo sabiam do assassinato antes de ele ser cometido. A questão é descobrir quem.

— O secretário-geral...

— Sim. Mas estou começando a achar que esse clube Zalachenko fica fora da casa.

— Como assim?

— O Mârtensson. Ele foi transferido do Serviço de Proteção à Pessoa e trabalha sozinho. Nós o mantivemos sob vigilância em tempo integral a semana toda. Até onde pudemos perceber, ele não teve contato com ninguém da casa. Recebe chamadas num celular que não conseguimos escutar. Não temos o número desse celular, mas de qualquer forma não é o dele. Ele se encontrou com um homem loiro que ainda não identificamos.

Edklinth franziu a testa. Nisso, Niklas Berglund bateu à porta. Era o colaborador da nova equipe de intervenção que tinha atuado em assuntos financeiros.

— Acho que descobri o Evert Gullberg — disse Berglund.

— Entre — disse Edklinth.

Berglund depositou uma fotografia amassada sobre a mesa. Edklinth e Figuerola observaram a foto. Os dois reconheceram imediatamente o lendário coronel espião Stig Wennerstrõm. Dois robustos policiais à paisana o conduziam através de uma porta.

— Essa foto, da editora Áhlén & Ákerlund, foi publicada na revista Se na primavera de 1964. Foi tirada durante o julgamento em que Wennerstrõm foi condenado à prisão perpétua.

— Ahã.

— Ao fundo, dá para ver três pessoas. À direita, o delegado Otto Danielsson, que foi quem prendeu o Wennerstrõm.

— Sim...

— Vejam o homem à esquerda, atrás do Danielsson.

Edklinth e Figuerola viram um homem alto, de bigode fino e chapéu. Parecia vagamente o escritor Dashiell Hammet.

— Comparem esse rosto com a foto de identificação do Gullberg. Ele tinha setenta anos quando tirou essa foto.

Edklinth franziu o cenho.

— Eu não me arriscaria a jurar que se trata da mesma pessoa...

— Mas eu sim — disse Berglund. — Vire a foto.

No verso, um carimbo indicava que a foto era propriedade da editora Ahlén & Akerlund e que o fotógrafo se chamava Julius Estholm. Havia um texto escrito a lápis. Stig Wennerström, ladeado por dois policiais, entrando no Tribunal de Instâncias de Estocolmo. Ao fundo, O. Danielsson, E. Gullberg e H. W. Francke.

— Evert Gullberg — disse Rosa Figuerola. — Da Sapo.

— Não — disse Berglund. — Do ponto de vista meramente técnico, ele não era. Pelo menos não quando essa foto foi tirada.

— Ah, é?

— A Sapo só seria criada quatro meses depois. Nessa foto, ele ainda era da polícia secreta do Estado.

— Quem é H. W. Francke? — perguntou Rosa Figuerola.

— Hans Wilhelm Francke — disse Edklinth. — Morreu no início dos anos 1990, mas foi diretor-adjunto da polícia secreta do Estado no final dos anos 1950 e início dos 1960. Era uma espécie de lenda, assim como o Otto Danielsson. Estive com ele uma ou duas vezes.

— Ah, sim — disse Rosa Figuerola.

— Ele deixou a Sapo no final dos anos 1960. Francke e P. G. Vinge nunca se deram bem. Imagino que ele tenha sido demitido quando estava com uns cinqüenta, cinqüenta e cinco anos. Abriu sua própria empresa.

— Sua própria empresa?

— É, ele virou consultor de segurança para a indústria privada. Tinha um escritório em Stureplan, mas de vez em quando também

dava palestras nos cursos internos da Sapo. Foi assim que o conheci.

— Entendo. Que desentendimento foi esse entre o Vinge e o Francke?

— Eles não se suportavam. O Francke fazia o gênero caubói, enxergava agentes da KGB por toda parte, e Vinge era um burocrata da velha escola. Verdade é que Vinge foi demitido pouco depois. Era até engraçado, porque ele estava convencido de que o Palme trabalhava para a KGB.

— Humm — fez Rosa Figuerola, examinando a foto em que Gullberg e Francke apareciam lado a lado.

— Acho que chegou a hora de ter outra conversa com o Ministério da Justiça — disse Edklinth.

— Hoje saiu a Millennium — disse Rosa Figuerola. Edklinth lançou-lhe um olhar penetrante.

— Nem uma palavra sobre o caso Zalachenko — disse ela.

— Isso significa que temos, provavelmente, um mês pela frente até o nróximo número. É bom saber. Mas precisamos cuidar do Blomkvist. Ele está corno uma granada sem pino no meio de toda essa encrenca.

17. QUARTA-FEIRA 1º. DE JUNHO

Nada fizera Mikael Blomkvist desconfiar de que havia alguém na escadaria quando ele dobrou o último patamar em frente ao seu soft no número 1 da Bellmansgatan. Eram sete da noite. Ele estacou ao ver uma mulher loira, de cabelos curtos e cacheados, sentada no último degrau. Identificou-a imediatamente como sendo Rosa Figuerola, da Sapo, lembrava-se muito bem da foto que Lottie Karim conseguira.

— Olá, Blomkvist — disse ela com um jeito alegre, fechando o livro que estivera lendo.

Mikael deu uma olhada no título e viu que era um livro em inglês sobre os deuses na Antigüidade. Afastou os olhos do livro para examinar sua inesperada visitante. Ela se levantou. Usava um vestido branco de verão de mangas curtas e pendurara uma jaqueta de couro vermelho-tijolo no corrimão da escada.

— A gente precisava falar com você — disse ela.

Mikael Blomkvist observou-a. Era alta, mais alta que ele, e essa impressão era reforçada pelo fato de ela estar dois degraus acima dele. Observou seus braços, baixou o olhar para as pernas e percebeu que ela era muito mais musculosa que ele.

- Você deve passar várias horas por semana na academia — disse ele.

Ela sorriu e mostrou suas credenciais.

- Eu me chamo...

- Você se chama Rosa Figuerola, nasceu em 1969 e mora na Pontojárcatan, em Kungsholmen. Originária de Borlänge, trabalhou como policial em Uppsala. Está há três anos na Sapo, na Proteção à Constituição. Obcecada por musculação, houve um tempo em que era atleta de alto nível e por pouco não integrou a equipe sueca nos Jogos Olímpicos. O que quer de mim?

Ela ficou surpresa, mas meneou a cabeça e se recompôs rapidamente.

— Melhor assim — disse ela com um tom casual. — Você já sabe quem eu sou, portanto sabe também que não tem nada a temer da minha parte.

— Não tenho?

— Algumas pessoas estão precisando conversar calmamente com você. Como o seu apartamento e o seu celular parecem estar sob escuta, e há motivos para permanecermos discretos, me mandaram aqui para lhe fazer o convite.

— E por que eu iria a algum lugar com uma pessoa da Sapo? Ela refletiu por um instante.

— Bem... você pode me acompanhar, atendendo a esse convite pessoal e amigável, ou, se preferir, posso lhe passar as pulseiras e levá-lo.

Ela exibiu um sorriso encantador. Mikael retribuiu.

— Escute, Blomkvist... entendo que você não tenha motivo para confiar em ninguém da Sapo. Mas acontece que nem todos que trabalham lá são seus inimigos, e há muitos bons motivos para você aceitar bater um papo com meus chefes.

Ele esperou.

— Então, o que você escolhe? As pulseiras ou a boa vontade?

— Já fui detido uma vez pela polícia este ano. Já tive a minha cota. Aonde vamos?

Ela tinha um Saab 9-5 novo, que estava estacionado na esquina da Pryssgránd. Ao subir no carro, pegou o celular e ligou para um número pré--gravado.

— Estaremos lá em quinze minutos — disse.

Pediu que Mikael Blomkvist pusesse o cinto de segurança e então pegou por Slussen, foi até Östermalm e estacionou numa rua

lateral da Artillerigatan. Ficou um instante parada olhando para ele.

— Blomkvist... é uma reunião amistosa. Você não corre nenhum perig0 Mikael Blomkvist não respondeu. Preferia aguardar o que ia acontecer

antes de fazer um julgamento. Ela digitou o código de entrada. Subiram ao terceiro andar pelo elevador, até um apartamento em que havia uma placa com o nome Wahlõf.

— É vim apartamento que pegamos emprestado para a reunião desta noite — disse Rosa Figuerola, abrindo a porta. — A sala fica à direita.

Mikael avistou primeiro Torsten Edklinth, o que não era nenhuma surpresa já que a Sapo estava envolvida no caso e Edklinth era o chefe de Rosa Figuerola. O fato de o diretor da Proteção à Constituição ter se dado ao trabalho de procurá-lo mostrava que havia alguém preocupado.

Em seguida avistou, diante de uma janela, uma figura que se virou para ele. O ministro da Justiça. Isso, sim, era surpreendente.

Então ouviu um ruído à direita e viu uma pessoa extremamente familiar levantar-se de uma poltrona. Nunca teria imaginado que Rosa Figuerola o levaria a uma reunião noturna de conspiradores. O primeiro-ministro!

— Boa noite, senhor Blomkvist — cumprimentou o primeiro-ministro. Peço desculpas por trazê-lo a esta reunião de forma tão precipitada, mas andamos discutindo sobre a situação e todos concordamos que era necessário falar com o senhor. Posso lhe oferecer um café ou algo para beber?

Mikael olhou em volta. Viu uma mesa grande de madeira escura repleta de copos, xícaras de café vazias e restos de uma torta salgada. Já deviam estar ali havia várias horas.

— Uma Ramlõsa — disse.

Rosa Figuerola serviu-lhe a água mineral. Acomodaram-se nos sofás em volta de uma mesinha de centro, enquanto ela permaneceu à parte.

— Ele me reconheceu. Sabia meu nome, onde moro, onde trabalho e que sou viciada em musculação — disse Rosa Figuerola.

O primeiro-ministro olhou rapidamente para Torsten Edklinth, depois para Mikael Blomkvist. De súbito, Mikael sentiu-se fortalecido, numa posição favorável para falar. O primeiro-ministro precisava dele para alguma coisa e talvez ignorasse até que ponto Mikael Blomkvist estava informado.

— Estou tentando me situar em meio às personagens dessa confusão - disse Mikael em tom casual.

Experimente blefar com o primeiro-ministro.

- E como conseguiu descobrir o nome da senhorita Figuerola? — perguntou Edklinth.

Mikael olhou de lado para o diretor da Proteção à Constituição. Não fazia a menor idéia do motivo que levara o primeiro-ministro a organizar uma reunião secreta com ele num apartamento emprestado de Ostermalm, mas sentia-se inspirado. Na verdade, não havia mil maneiras de as coisas acontecerem. Tudo começara com Dragan Armanskij passando informações para alguém de sua confiança. Que fora necessariamente Edklinth ou alguém próximo a ele. Mikael arriscou.

— Um conhecido em comum lhe contou — disse ele a Edklinth. — O senhor pediu à senhorita Figuerola que investigasse o que estava sendo tramado e ela descobriu que alguns membros da Sapo mantêm escutas telefônicas ilegais e invadiram meu apartamento, esse tipo de coisa. Isso significa que o senhor teve a confirmação da existência do clube Zalachenko. E isso o deixou tão perturbado que sentiu necessidade de levar as coisas adiante, mas ficou algum tempo em seu escritório sem saber a quem se dirigir. Então foi falar com o ministro da Justiça, que por sua vez dirigiu-se ao primeiro-ministro. E aqui estamos nós. O que espera de mim?

Mikael falava de um jeito que dava a entender que ele dispunha de uma fonte bem situada e acompanhara cada passo de Edklinth. Pelos olhos arregalados dele, percebeu que seu blefe tinha dado certo. Prosseguiu.

— O clube Zalachenko está me vigiando, eu o vigio, vocês vigiam o clube Zalachenko e, a esta altura, o primeiro-ministro está furioso e preocupado porque sabe que no fim desta conversa restará um escândalo ao qual o governo talvez não sobreviva.

Rosa Figuerola sorriu de repente, mas disfarçou erguendo seu copo. Percebera o blefe de Blomkvist e sabia como ele tinha feito para surpreendê-la, sabendo seu nome e que número ela calçava.

Ele me viu dentro do carro na Bellmansgatan. Ele é tremendamente atento. Anotou a placa do carro e me identificou. O resto não passa de suposição.

Ela não disse nada.

O primeiro-ministro pareceu preocupado.

— É isso que nos espera? — perguntou. — Um escândalo que irá derrubar o governo?

— O governo não é problema meu — disse Mikael. — Minha missão consiste em revelar merdas como o clube Zalachenko.

O primeiro-ministro balançou a cabeça.

— E a minha consiste em dirigir o país de acordo com a Constituição

— Isso significa que o meu problema é um problema específico do governo. Enquanto a recíproca não é verdadeira.

— Será que poderíamos parar de falar e não dizer nada? Por que acha que eu organizei esta reunião?

— Para descobrir o que eu sei e o que pretendo fazer.

— Em parte, é isso mesmo. Mas seria mais certo dizer que estamos diante de uma crise constitucional. Permita que eu lhe diga,

em primeiro lugar, que o governo não tem nada a ver com isso. Fomos pegos totalmente de surpresa. Eu nunca tinha ouvido falar nesse... nisso que o senhor chama de clube Zalachenko. O ministro da Justiça nunca tinha ouvido falar. Torsten Edklinth, que tem um alto cargo na Sapo há vários anos, nunca tinha ouvido falar.

— Continua não sendo problema meu.

— Eu sei. O que nós queremos saber é quando você pretende publicar o seu texto, e também gostaríamos de saber o que pretende publicar. Estou apenas fazendo uma pergunta. Não tem nada a ver com algum tipo de controle sobre possíveis prejuízos.

— Não?

— Blomkvist, a pior coisa que eu poderia fazer nesta situação seria tentar interferir no conteúdo da sua matéria. Em compensação, pretendo lhe propor uma colaboração.

— Explique.

— Agora que confirmamos que existe uma conspiração dentro de uma ramificação excepcionalmente delicada da administração do Estado, dei ordem para que seja feita uma investigação. — O primeiro-ministro voltou-se para o ministro da Justiça. Poderia nos explicar no que consiste exatamente essa ordem do governo?

— É muito simples. Torsten Edklinth foi incumbido de verificar se e possível provar isso tudo. A tarefa dele consiste em reunir provas, que serão encaminhadas ao procurador-geral da nação, o qual, por sua vez, ficará incumbido de avaliar a necessidade de se entrar com uma ação judicial. Trata-se, portanto, de uma instrução bastante precisa.

Mikael assentiu com a cabeça.

- Esta noite, Edklinth nos relatou como a investigação tem avançado.

Tivemos uma longa conversa sobre aspectos constitucionais. Fazemos questão evidentemente, que tudo corra dentro da

legalidade.

__Naturalmente — disse Mikael, com um tom que dava a entender que ele não confiava nem um pouco nas promessas do primeiro-ministro.

__ No momento, a investigação se encontra numa fase delicada. Ainda não identificamos exatamente os envolvidos. Para isso, precisamos de tempo. Por isso pedimos que a senhorita Rosa Figuerola o convidasse para esta reunião.

— Ela foi bastante direta. Não tive muita escolha.

O primeiro-ministro franziu o cenho e olhou de esguelha para Rosa Figuerola.

— Esqueça o que eu disse — disse Mikael. — Ela teve um comportamento exemplar. O que vocês querem?

— Queremos saber quando você pretende publicar. No momento, a investigação está sendo conduzida dentro do maior sigilo, e se você agir antes que o Edklinth conclua, poderá pôr tudo a perder.

— Humm. E quando querem que eu publique? Depois das eleições?

— O senhor é quem decide. Não posso influenciar em nada. O que lhe peço é que nos diga quando vai publicar, para que possamos saber qual o deadline da investigação.

— Compreendo. O senhor mencionou uma colaboração... O primeiro-ministro fez que sim com a cabeça.

— Antes de mais nada eu queria dizer que em tempos normais eu jamais pensaria em trazer um jornalista para uma reunião desse tipo.

— Em tempos normais, o senhor provavelmente faria de tudo para manter os jornalistas à distância de uma reunião desse tipo.

— Sim. Mas, pelo que entendi, o senhor tem diversos motivos. E um jornalista com fama de pegar pesado quando se trata de corrupção. Quanto a isso, não há divergência entre nós.

— Não?

— Não. Nenhuma. Ou melhor... as possíveis divergências são decerto de caráter jurídico, porém não há nenhuma no que diz respeito a objetivos. E esse clube Zalachenko existe, trata-se não só de um grupo criminoso, mas de uma ameaça à segurança da nação. Eles precisam ser detidos e os responsáveis devem responder por seus atos. Suponho que estamos de acordo sobre esse ponto, certo?

Mikael fez que sim com a cabeça.

— Pelo que entendi, não há quem saiba mais sobre este caso do que o senhor. Nossa proposta é que divida conosco as suas informações. Caso se tratasse de uma investigação policial regular sobre um crime comum, o responsável pelo inquérito preliminar poderia convocá-lo para um interrogatório. Mas estamos numa situação extrema, como sabe.

Mikael permaneceu calado por um breve momento, avaliando a situação.

— E o que eu ganho em troca, se cooperar?

— Nada. Não estou negociando. Se quiser publicar tudo amanhã, publique. Não posso enveredar por uma negociação questionável do ponto de vista constitucional. Estou lhe pedindo para cooperar pelo bem do país.

— O bem pode assumir inúmeras facetas — disse Mikael Blomkvist. — Deixe eu lhe explicar uma coisa... estou furioso. Furioso com o Estado, com o governo, com a Sapo e com esses idiotas que internaram sem motivo uma menina de doze anos num hospital psiquiátrico, e depois deram um jeito de declará-la incapaz.

— Lisbeth Salander se tornou um assunto de Estado — disse o primeiro-ministro, chegando a sorrir. — Mikael, estou pessoalmente

revoltado com o que aconteceu com ela. E acredite em mim quando digo que os responsáveis terão de se explicar. Mas antes precisamos descobrir quem são os responsáveis.

— O senhor tem seus próprios problemas. O meu é que quero que a Lisbeth Salander seja absolvida e recupere seus direitos civis.

— Não posso ajudá-lo nesse aspecto. Não estou acima da lei e não posso dirigir as decisões do procurador e dos tribunais. A absolvição dela precisa vir de um tribunal.

— Perfeito — disse Mikael Blomkvist. — Vocês querem colaboração. Me dêem acesso à investigação do Edklinth e eu digo quando e o que pretendo publicar.

— Não posso lhe conceder esse acesso. Isso eqüivaleria a me colocar, em relação ao senhor, na mesma posição em que o antecessor do ministro da Justiça se colocou diante de um certo Ebbe Carlsson antes de irromper o escândalo das revelações sobre o assassinato de Palme.

-— Eu não sou Ebbe Carlsson — disse Mikael calmamente.

— Isso eu entendi. No entanto, o próprio Torsten Edklintb pode decidir se está disposto a partilhar com o senhor informações de sua missão.

— Está bem, está bem — disse Mikael Blomkvist. — Quero saber quem era Evert Gullberg.

Fez-se um silêncio em torno dos sofás.

— Evert Gullberg foi, provavelmente por vários anos, o chefe da seção da Sapo que o senhor chama de clube Zalachenko — disse Edklinth.

O primeiro-ministro lançou um olhar severo para Edklinth.

— Acho que isso ele já sabe — desculpou-se Edklinth.

— É verdade — disse Mikael. — Ele começou a trabalhar na Sapo nos anos 1950 e se tornou diretor de uma coisa chamada

Seção de Análise Especial. Foi ele que administrou todo o caso Zalachenko.

O primeiro-ministro meneou a cabeça suspirando.

— O senhor sabe mais do que deveria. Eu gostaria de saber como descobriu. Mas não vou perguntar.

— Estou com várias lacunas na minha matéria — disse Mikael. — Gostaria de preenchê-las. Me dêem as informações, não vou aprontar com vocês.

— Na condição de primeiro-ministro, não posso passar essas informações. E o Torsten Edklinth ficaria numa situação delicada se o fizesse.

— Isso é bobagem. Eu sei o que vocês querem. Vocês sabem o que eu quero. Se me derem essa informação, vou tratá-los como fontes, com todo o anonimato que isso requer. Não me entendam mal, na minha reportagem vou contar a verdade tal como a vejo. Se estiverem envolvidos, vou acusados e dar um jeito para que nunca mais sejam eleitos. Mas no momento não tenho motivos para pensar assim.

O primeiro-ministro lançou um olhar de esguelha para Edklinth. Depois de um momento, balançou a cabeça. Mikael interpretou isso como um sinal de que o primeiro-ministro acabava de infringir a lei — por mais teórica que ela fosse — e dar seu silencioso consentimento para que Mikael fosse inteirado de informações confidenciais.

— Podemos resolver tudo isso de maneira bem simples — disse Edkhnth. — Eu sou o único investigador e eu mesmo decido que colaboradores contrato para a investigação. O senhor não pode ser formalmente contratado como investigador, pois seria obrigado a assinar um compromisso de sigilo. Mas posso contratá-lo como um consultor externo.

Desde que Erika Berger assumira a chefia de redação no lugar de Hâkan Morander, sua vida andava lotada de reuniões e de uma

pilha de trabalho tanto de dia como de noite. Sentia-se o tempo todo despreparada, inadequada e uma não iniciada.

Somente na quarta-feira à noite, quase duas semanas depois de Mikael Blomkvist ter lhe passado o dossiê de Henry Cortez sobre o presidente do conselho administrativo, Magnus Borgsjõ, é que Erika teve tempo de encarar o problema. Ao abrir o dossiê, percebeu que aquele adiamento vinha também do fato de que não tinha vontade de enfrentá-lo. Sabia de antemão que, qualquer que fosse sua atitude, a situação terminaria em catástrofe.

Voltou para sua casa, em Saltsjõbaden, um pouco cedo, por volta das sete da noite, desligou o alarme da entrada e constatou, surpresa, que seu marido, Lars Beckman, não estava. Depois de alguns instantes, lembrou que o beijara com especial carinho de manhã porque ele estava indo para Paris, onde daria algumas palestras, e não voltaria antes do fim de semana. Deu-se conta de que ignorava por completo para quem eram as palestras, sobre o que ele iria falar e quando fora decidida a conferência.

Oh, meu Deus, me perdoe, mas me afastei do meu marido! Sentiu-se como uma personagem de um livro do dr. Richard Schwarts e se perguntou se não estaria necessitada de uma terapia de casal.

Foi para o andar de cima, preparou um banho e se despiu. Levou o dossiê para a banheira e passou a meia hora seguinte lendo toda a matéria. Terminada a leitura, não pôde deixar de sorrir. Henry Cortez ainda seria um jornalista formidável. Tinha vinte e seis anos e trabalhava na Millennium desde que se formara na faculdade de jornalismo, quatro anos antes. Ela sentiu um certo orgulho. A matéria sobre os vasos sanitários e o Borgsjõ trazia do início ao fim a marca da Millennium, e cada linha escrita estava documentada.

Contudo, sentiu-se também muito triste. Magnus Borgsjõ era um homem decente e ela gostava dele. Não fazia muito alarde, sabia escutar, tinha charme e parecia ser uma pessoa simples. Além disso, era seu chefe e empregador. Borgsjõ, seu puto. Como você pôde ser tão burro?

Refletiu por um instante, tentando achar outras ligações ou circunstâncias atenuantes, mas já sabia que seria impossível negar as evidências.

Pôs o dossiê na beirada da janela e se esticou dentro da banheira para pensar.

Era inevitável, a Millennium ia publicar a matéria. Se ela ainda fosse diretora da revista, não hesitaria um segundo sequer, e o fato de a Millennium ter lhe passado discretamente a informação nada mais era que uma tentativa de amenizar um pouco os estragos para o seu lado. Se a situação fosse inversa, se o SMP tivesse desencavado bandalheiras parecidas sobre o presidente do conselho administrativo da Millennium (que vinha a ser ela própria, Erika Berger!), ela tampouco teria hesitado em publicar.

A publicação iria prejudicar seriamente Magnus Borgsjõ. No fundo, o mais grave não era a sua empresa Vitavara S.A. ter encomendado vasos sanitários a uma empresa do Vietnã que constava na lista negra da ONU como empresa exploradora do trabalho infantil e, no caso, de prisioneiros usados como escravos. Sem esquecer também que, com toda a certeza, alguns desses prisioneiros poderiam ser considerados prisioneiros políticos. O mais grave era Magnus Borgsjõ estar a par dessa situação e ainda assim ter optado por continuar encomendando vasos sanitários da Fong Soo Industries. Era uma atitude gananciosa que, a exemplo da de outros gângsteres capitalistas como o ex-presidente da Skandia, o povo sueco não aceitava com facilidade.

Magnus Borgsjõ iria naturalmente afirmar que não fora informado sobre a situação da Fong Soo, mas Henry Cortez tinha provas consistentes do contrário, e no momento em que Borgsjõ tentasse se justificar com essas bobagens estaria se revelando um mentiroso. Pois em junho de 1997 Magnus Borgsjõ estivera no Vietnã para assinar os primeiros contratos. Passara dez dias no país e, entre outras coisas, visitara as fábricas da empresa. Se afirmasse não ter percebido que diversos operários da fábrica não tinham mais que doze ou treze anos, passaria por um rematado estúpido.

Além disso, a questão de Borgsjõ querer alegar uma eventual ignorância ficava definitivamente esclarecida pelas provas que Henry Cortez tinha de que a comissão da ONU contra o trabalho infantil incluíra a Fong Soo em sua lista de empresas exploradoras de crianças em 1999. Isso resultará em alguns artigos nos jornais, além de duas ONGS — independentes uma da outra e que atuavam contra o trabalho infantil, sendo uma delas a prestigiosa International Joint Effort Against Child Labour de Londres — terem escrito cartas às empresas que tinham negócios com a Fong Soo. Nada menos que sete cartas haviam sido enviadas à Vitavara S.A., duas pessoalmente endereçadas a Magnus Borgsjó. A organização de Londres tivera o maior prazer em repassar a documentação para Henry Cortez, frisando que em momento algum tivera uma resposta da Vitavara S.A.

Em compensação, Magnus Borgsjó estivera no Vietnã em duas outras ocasiões, em 2001 e 2004, para renovar os contratos. Era o golpe de misericórdia. Acabava aí qualquer possibilidade de Borgsjó tentar fingir que desconhecia a situação.

A atenção que a mídia daria ao assunto só poderia ter uma conseqüência. Se Borgsjó tivesse algum bom-senso, reconheceria seu erro e pediria demissão de seus cargos nos conselhos administrativos. Caso se mostrasse recalcitrante, acabaria sendo engolido no processo.

Que Borgsjó fosse ou não presidente do conselho administrativo da empresa Vitavara era a menor das preocupações de Erika Berger. O grave, para ela, era ele ser também presidente do SMP. A revelação o forçaria a pedir demissão. Num momento em que o jornal vinha se equilibrando à beira do abismo e estava se iniciando um trabalho de renovação, o SMP não podia se permitir ter um presidente com práticas duvidosas. O jornal sofreria com isso. Ele precisava, portanto, deixar o SMP.

Para Erika Berger, configuravam-se duas linhas de conduta.

Ela poderia ir falar com Borgsjó, pôr as cartas na mesa e mostrar a documentação, para que ele próprio concluísse que era

preciso se demitir antes que a matéria fosse publicada.

Ou, caso ele resistisse, ela teria de convocar uma reunião extraordinária e urgente do conselho administrativo, pôr os membros a par da situação e exigir que o conselho administrativo o demitisse. Caso o conselho não quisesse seguir esse caminho, ela própria se veria obrigada a pedir imediatamente demissão do cargo de redatora-chefe do SMP.

Quando Erika chegou a esse ponto de suas reflexões, a água do banho ja tinha esfriado. Ela tomou uma ducha, enxugou-se e foi até o quarto vestir um roupão. Em seguida, pegou o celular e ligou para Mikael Blomkvist. Como não obtivesse resposta, desceu ao andar de baixo, preparou um café e, pela primeira vez desde que começara a trabalhar no SMP, foi olhar se, por acaso, não havia um filme decente na tevê que ela pudesse assistir para relaxar.

Ao passar diante da janela da sala, sentiu uma dor forte no pé, baixou os olhos e descobriu que estava sangrando abundantemente. Deu mais um passo e a dor transpassou-lhe o pé inteiro. Pulando num pé só, alcançou uma cadeira e se sentou. Ergueu o pé e viu, horrorizada, um estilhaço de vidro cravado em seu calcanhar. De início, sentiu que fraquejava. Então se recompôs, segurou o estilhaço e o extraiu. Doeu à beca e o sangue jorrou através do corte.

Ela abriu às pressas a gaveta da cômoda do hall de entrada, onde guardava seus lenços, luvas e gorros. Achou um lenço de seda e usou-o para enrolar o pé, apertando com força. Não foi suficiente, e ela reforçou com outra bandagem improvisada. A hemorragia conteve-se um pouco.

Olhou, estarrecida, para o caco de vidro ensangüentado. Como é que isso veio parar aqui? Então encontrou outros fragmentos de vidro no piso do hall. Que porra de... Levantou-se, deu uma olhada na sala e percebeu que a ampla janela panorâmica com vista para a bacia de Saltsjõn estava quebrada, e o chão repleto de estilhaços de vidro.

Recuou até a porta de entrada e calçou os sapatos que havia tirado ao entrar. Ou melhor, calçou um dos sapatos e enfiou os dedos do pé ferido no outro, e foi meio que saltitando até a sala para conferir o desastre.

Então viu o tijolo no meio da mesa.

Foi mancando até a porta do terraço e saiu para o pátio dos fundos.

Tinham pichado duas palavras na fachada, com letras de um metro de altura.

PUTA NOJENTA

Eram pouco mais de nove da noite quando Rosa Figuerola abriu a porta de seu carro para Mikael Blomkvist. Deu a volta no veículo e sentou-se no banco do motorista.

— Quer que eu o leve em casa ou prefere que eu o deixe em algum outro lugar?

O olhar de Mikael Blomkvist estava sem expressão.

— Para ser bem sincero... nem sei direito onde estou. Essa foi a primeira vez que chantageei um primeiro-ministro.

Rosa Figuerola riu muito.

— Você até que administrou muito bem suas cartadas — disse ela. — Eu não sabia que você tinha talento para o pôquer de blefe.

— Cada palavra minha foi sincera.

— Sim, o que eu quis dizer é que você fingiu saber muito mais do que na verdade sabe. Percebi isso no momento em que entendi como você me identificou.

Mikael voltou a cabeça e olhou para o perfil dela.

— Você anotou o número da placa do meu carro quando eu estava estacionada na ladeira em frente à sua casa.

— Por que não disse nada?

Ela lhe lançou um breve olhar e virou na Grev Turegatan.

— São as regras do jogo. Eu não devia ter ficado ali. Mas foi o único lugar onde consegui estacionar.

— Você anda superatento a tudo que se passa à sua volta, ou estou enganada?

— Você estava com um mapa no banco da frente e falava ao telefone. Anotei o número da placa e apenas verifiquei por desencargo de consciência. Verifico todos os carros que me chamam a atenção. Em geral não dá em nada. No seu caso, descobri que trabalhava na Sapo.

— Eu estava vigiando o Mârtensson. Depois descobri que você também o vigiava através da Susanne Linder, da Milton Security.

— O Armanskij a encarregou de ficar de olho em tudo o que acontece em torno do meu apartamento.

— E como a vi entrando no seu prédio, imagino que o Armanskij tenha instalado algum tipo de vigilância oculta na sua casa.

— Exato. Temos um vídeo excelente de quando eles entram lá e revistam a minha papelada. O Mârtensson tinha com ele uma fotocopiadora portátil. Vocês identificaram o ajudante do Mârtensson?

— Ele não tem a menor importância. É um chaveiro com passado criminoso, que provavelmente foi pago para arrombar a sua porta.

— O nome dele?

— Fonte protegida?

— É evidente.

— Lars Faulsson. Quarenta e sete anos. Conhecido como Falun. Foi condenado por arrombamento de cofre-forte nos anos

1980, mais outras coi-sinhas. Tem uma loja em Norrtull.

— Obrigado.

— Mas vamos deixar os segredos para amanhã.

A reunião terminara com um acordo firmado entre eles, estabelecendo que Mikael Blomkvist iria no dia seguinte à Proteção à Constituição para dar início a um intercâmbio de informações. Mikael refletiu. Estavam passando pela praça de Sergelstorg.

— Sabe o que mais? Estou com uma fome e tanto. Almocei lá pelas duas horas e estava pretendendo cozinhar um macarrão ao chegar em casa, quando você me deteve. E você, já comeu?

— Já faz um tempinho.

— Você não nos levaria a um restaurantezinho que sirva algo comível?

— Toda comida é comível. Ele olhou de lado para ela.

— Achei que você fosse viciada em dietas.

— Não, sou viciada em musculação. Quem se exercita pode comer o que quiser. Nos limites do razoável, claro.

Ela entrou no viaduto de Klaraberg e considerou as opções. Em vez de ir na direção de Sõdermalm, seguiu reto rumo a Kungsholmen.

— Não sei como são os restaurantes do Sõder, mas conheço um, bósnio, na Fridhemsplan. Serve uns bórek fabulosos.

— Para mim está ótimo — disse Mikael Blomkvist.

Lisbeth Salander digitava seu relato letra por letra. Trabalhava em média cinco horas por dia. Expressava-se com muita precisão. Também tomava o cuidado de omitir qualquer detalhe que pudesse ser usado contra ela.

O fato de estar trancada a chave se transformara numa vantagem. Podia trabalhar assim que ficava sozinha no quarto, e o

tilintar do molho de chaves ou a chave sendo introduzida na fechadura sempre a alertava quando tinha de dar sumiço no computador de mão.

[Eu já estava quase trancando a casa de Bjurman, em Stallarholmen, quando Carl-Magnus Lundin e Benny Nieminen chegaram nas suas motos. Corno fazia algum tempo que vinham me procurando e não me encontravam, p0r ordem de Zalachenko/Niedermann, ficaram surpresos de me ver ali. Maggi Lundin desceu da moto dizendo que "não seria nada mau essa sapatão dar urna provada num pinto". Lundin e Nieminen estavam tão ameaçadores que fuj obrigada a me defender. Deixei o local na moto de Lundin, que abandonei mais tarde junto ao Parque de Exposições de Alvsjõ.]

Ela releu o trecho e meneou a cabeça em sinal de aprovação. Não havia motivo para contar que Magge Lundin também a chamara de puta nojenta e que então ela se abaixara para apanhar a Wanad P-83 de Benny Nieminen e castigara Lundin baleando-o no pé. Os tiras decerto poderiam imaginar essa parte, sozinhos, mas cabia a eles provar como ela tinha feito. Não pretendia facilitar a tarefa deles confessando algo que a levaria à prisão por violências agravadas.

O texto já tinha trinta e três páginas e estava chegando ao fim. Em certos trechos ela era especialmente parcimoniosa nos detalhes, e tomava o maior cuidado para nunca tentar introduzir provas com o objetivo apenas de confirmar várias de suas afirmações. Chegou inclusive a ocultar certas provas evidentes, preferindo deixar que os fatos se encadeassem naturalmente no texto.

Refletiu um instante, então rolou a tela para cima e releu os trechos em que relatava o estupro violento e sádico que sofrerá do Dr. Nils Bjurman. Era o trecho em que ela mais tinha se demorado e um dos poucos que ela refizera várias vezes antes de se dar por satisfeita. Contava de maneira objetiva como ele a espancara, jogara de bruços na cama, algemara e amordaçara sua boca com fita adesiva. Relatou então que durante a noite toda ele a sujeitara a diversos atos sexuais violentos, incluindo penetrações anais e orais.

Contava que em dado momento do estupro ele envolvera seu pescoço com a própria camiseta dela e a estrangulara por um período tão longo que ela chegou a perder momentaneamente os sentidos. Em seguida, descrevia em poucas linhas os apetrechos que ele utilizara no estupro, um chicote pequeno, uma bijuteria anal, um pênis artificial enorme e pinças, que ele aplicara em seus mamilos.

Lisbeth franziu a testa e examinou o texto. Por fim, pegou a canetinha digital e acrescentou-lhe mais algumas linhas.

[Em dado momento, quando eu ainda estava amordaçada, Bjurman comentou o fato de eu ter algumas tatuagens e piercings, inclusive uma argola no mamilo esquerdo. Perguntou se eu gostaria de fazer outro piercing e saiu do quarto por alguns instantes. Retornou com um alfinete, que ele espetou no meu mamilo direito.]

Depois de reler o novo parágrafo, ela balançou a cabeça. O tom burocrático dava ao texto um caráter tão surrealista que ele mais parecia uma absurda fabulação.

A história simplesmente não era crível.

E era exatamente essa a intenção de Lisbeth Salander.

Nisso, escutou o tilintar do molho de chaves do vigia da Securitas. Desligou o computador no ato e enfiou-o no buraco atrás do painel da cabeceira. Era Annika Giannini. Franziu o cenho. Eram mais de nove da noite e Giannini não costumava aparecer assim tão tarde.

— Olá, Lisbeth.

— Olá.

— Como você está?

— Ainda não estou pronta. Annika Giannini suspirou.

— Lisbeth... marcaram o julgamento para 13 de julho.

— Está bem.

— Não, não está bem. O tempo está voando e você se recusa a confiar em mim. Estou começando a achar que cometi um erro enorme ao aceitar ser sua advogada. Se a gente quiser ter alguma chance, você tem de confiar em mim. Nós precisamos trabalhar juntas.

Lisbeth observou Annika Giannini por um bom tempo. Por fim, inclinou a cabeça para trás e fitou o teto.

— Agora sei o que a gente vai fazer — disse. — Entendi o plano de Mikael. E ele está certo.

— Não tenho tanta certeza disso — disse Annika.

— Mas eu tenho.

— A polícia quer te interrogar mais uma vez. Um tal de Hans Faste, de Estocolmo.

— Ele pode me interrogar. Não vou dizer uma só palavra.

— Você precisa dar alguma explicação.

Lisbeth lançou um olhar duro para Annika Giannini.

— Repito. Não vamos dizer uma só palavra à polícia. Quando chegarmos ao tribunal, o procurador não pode ter uma sílaba sequer de interrogatório nenhum para se apoiar. Eles só vão ter o relato que eu estou escrevendo e que em boa parte vai parecer exagerado. E só o terão poucos dias antes do julgamento.

— E quando é que você vai se sentar, de caneta na mão, para redigir esse relato?

— Você vai receber daqui a alguns dias. Mas só vai ser entregue ao procurador poucos dias antes do julgamento.

Annika Giannini mostrou um ar cético. Lisbeth dirigiu-lhe de repente um cauteloso sorriso enviesado.

— Você fala em confiança... Será que você pode confiar em mim?

— Claro.

— Certo, você pode me trazer ilegalmente um computador de mão, para eu poder contatar umas pessoas pela internet?

— Não. E claro que não. Se descobrissem, eu seria processada e perderia minha licença de advogada.

— Mas se outra pessoa me fornecesse um computador, você avisaria a polícia?

Annika ergueu as sobrancelhas.

— Se eu não estiver sabendo...

— Mas se você estivesse sabendo, o que faria? Annika refletiu demoradamente.

— Eu fecharia os olhos. Por quê?

— Esse computador hipotético vai lhe enviar em breve um e-mail hipotético. Depois que você tiver lido, quero que venha me ver.

— Lisbeth...

— Espere. Veja bem o que está acontecendo. O procurador está jogando com cartas marcadas. O que quer que eu faça, estou em posição de inferioridade, e o objetivo desse processo é me internar na psiquiatria.

— Eu sei.

— Se eu quiser sobreviver, também preciso usar métodos ilícitos.

Annika Giannini acabou concordando com a cabeça.

— Quando você veio me ver pela primeira vez, trouxe um recado do Mikael Blomkvist. Ele dizia que tinha te contado praticamente tudo, tirando alguns detalhes. Um desses detalhes são uns talentos que eu tenho, que ele descobriu quando estávamos em Hedestad.

— Sei.

— Ele estava se referindo ao fato de eu ter habilidades incríveis em computação. Sou tão boa nisso que posso ler e copiar o conteúdo do computador do procurador Ekstrõm.

Annika Giannini empalideceu.

— Você não pode se envolver com isso. Portanto, você não pode usar esse material no julgamento — disse Lisbeth.

— De fato.

— Portanto, você nem sabe que ele existe.

— Certo.

— Em compensação, outra pessoa, digamos o seu irmão, pode publicar trechos desse material. Você precisa levar isso em conta ao montar nossa estratégia para o julgamento.

— Entendo.

— Annika, vai ganhar esse julgamento quem melhor souber utilizar a força.

— Sei disso.

— Estou feliz por você ser minha advogada. Confio em você e preciso da sua ajuda.

— Humm.

— Mas se você se opuser a que eu também lance mão de métodos pouco éticos, nós vamos perder o processo.

— Sim.

— Por isso, preciso saber agora de você. Senão vou ter que lhe agradecer I procurar outro advogado.

— Lisbeth, eu não posso infringir a lei.

— Não se trata de infringir a lei. Mas de fechar os olhos por eu estar infringindo. Você seria capaz disso?

Lisbeth Salander esperou pacientemente por quase um minuto até que Annika Giannini assentisse com a cabeça.

— Muito bem. Deixe eu lhe contar, em linhas gerais, o meu relato. Conversaram por duas horas.

Rosa Figuerola estava certa. Os bõrek do restaurante bósnio eram sensacionais. Mikael Blomkvist lançou-lhe um olhar de esguelha quando ela voltou do toalete. Ela se movia com a graça de uma bailarina clássica, mas tinha um corpo que... Mikael não conseguia evitar, estava fascinado. Refreou o impulso de estender a mão para apalpar os músculos de suas pernas.

— Há quanto tempo você faz musculação? — ele perguntou.

— Desde a adolescência.

— E você malha quantas horas por semana?

— Duas horas por dia. Às vezes três.

— Por quê? Quero dizer, eu sei por que as pessoas malham, mas...

— Você acha um exagero.

— Não sei direito o que eu acho.

Ela sorriu, aparentemente nem um pouco irritada com suas perguntas.

— Talvez você se incomode de ver uma mulher musculosa e acha que isso não é muito feminino nem erótico.

— Não. Nada disso. Eu diria que fica bem em você. Você é tremendamente sexy.

Ela riu de novo.

— Ando diminuindo o ritmo. Há dez anos, eu praticava um bodyhuüding puro e pesado. Era legal. Mas agora só preciso cuidar para que meus músculos não se transformem em gordura e eu fique toda flácida. Assim, só puxo um pouco de ferro uma vez por semana, e o resto do tempo eu como, nado, jogo peteca, esse tipo de coisa. É mais exercício do que treino enlouquecido.

— Já não é pouca coisa!

— Faço isso porque acho gostoso. É um fenômeno bem comum em quem se dedica a fundo. O corpo produz uma substância relaxante que deixa a gente dependente. Depois de certo tempo, a gente tem sintomas de abstinência se não corre todo dia. Quando a gente dá tudo de si, é como uma injeção de bem-estar. Quase tão bacana como fazer amor.

Mikael riu.

— Você também deveria fazer — disse ela. — A sua cintura está um pouco fora de forma.

— Eu sei — disse ele. — Minha consciência me cutuca o tempo todo. Às vezes eu recomeço a correr. Me livro de alguns quilos, mas logo me envolvo em alguma outra coisa e não encontro mais tempo durante um mês ou dois.

.— De fato você andou bem ocupado nos últimos meses. Ele ficou sério de repente. Então meneou a cabeça.

— Li muitas coisas à seu respeito nas duas últimas semanas. Você deu de dez a zero na polícia ao encontrar o Zalachenko e identificar o Niedermann.

— A Lisbeth Salander foi ainda mais rápida.

— Como foi que você chegou a Gosseberga? Mikael deu de ombros.

— Trabalho rotineiro de pesquisa, tudo direitinho. Não fui eu que localizei os dois, foi nossa assistente de redação, a Malu Eriksson, que agora é nossa redatora-chefe. Ela conseguiu

encontrá-los pelo cadastro de empresas. Ele constava do conselho administrativo da empresa de Zalachenko, a K. A. B.

— Entendo.

— Por que você entrou na Sapo? — ele perguntou.

— Você pode não acreditar, mas sou tão antiquada quanto democrata. Considero a polícia necessária e que uma democracia precisa de segurança política. Por isso me orgulho de trabalhar na Proteção à Constituição.

— Humm — fez Mikael Blomkvist.

— Você não gosta muito da Segurança.

— Não gosto muito de instituições que estão acima do controle parlamentar. São um convite a abusos de poder, mesmo que essas instituições sejam boas. Por que você se interessa por mitologia antiga?

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Você estava lendo um livro sobre isso na escadaria do meu prédio.

— Ah, é verdade. Sou fascinada pelo assunto.

— Ahã.

— Eu me interesso por um bocado de coisas. Fiz direito e ciências políticas nos meus anos de policial. Antes, eu tinha estudado história das mentalidades e filosofia.

— Você não tem nenhum ponto fraco?

— Não leio ficção, nunca vou ao cinema e na televisão só vejo o noticiário. E você? Por que se tornou jornalista?

— Porque existem instituições como a Sapo, às quais o Parlamento não tem acesso e que precisam ser constantemente denunciadas.

Mikael sorriu e então prosseguiu.

— Francamente, não sei direito. Na verdade, a resposta é a mesma que a sua. Acredito numa democracia constitucional e de vez em quando é preciso defendê-la.

— Como foi o caso com o financista Hans-Erik Wennerstrõm?

— Por aí.

— Você é solteiro. Você namora a Erika Bergman?

— A Erika Bergman é casada.

— Está certo. Quer dizer que todos os boatos sobre vocês são pura besteira. Você tem namorada?

— Nenhuma permanente.

— Quer dizer que esses boatos também são verdadeiros. Mikael deu de ombros e sorriu outra vez.

A redatora-chefe Malu Eriksson ficou até o amanhecer à mesa da cozinha de sua casa em Ârsta. Estava debruçada sobre umas cópias do orçamento da Millennium e tão envolvida que seu amigo Anton acabou desistindo de tentar conversar com ela. Lavou a louça, preparou um sanduíche e café para mais tarde da noite. Depois, deixou-a tranqüila e se acomodou na frente de uma reprise de C.S.I. na televisão.

Até então, Malu Eriksson nunca administrara algo mais sofisticado que um orçamento doméstico, mas havia trabalhado com Erika Berger nos orçamentos mensais e entendia os princípios da coisa. Tornara-se redatora-chefe e isso a fazia responsável também pela parte financeira da revista. Em dado momento, depois da meia-noite, concluiu que, acontecesse o que acontecesse, iria precisar de um assistente para ajudá-la naquele malabarismo. Ingela Oscarsson, que cuidava da contabilidade uma vez por semana, não tinha competência em matéria de orçamento e não ajudava em nada quando ela tinha de decidir quanto poderiam pagar para um frila ou se tinham condições de comprar uma impressora a laser nova

usando uma verba extra e não aquela reservada para investimento tecnológico. Na prática, era uma situação ridícula. A Millennium tinha claramente uma boa folga, mas isso graças a Erika, que sempre conseguira se equilibrar mesmo com um orçamento zero. Algo tão elementar como uma impressora colorida de quarenta e cinco mil coroas ficava reduzido a uma impressora em preto e branco de oito mil coroas.

Por um momento, invejou Erika Berger. No SMP, ela dispunha de um orçamento em que uma despesa dessas equivalia a uns trocados para o café.

A situação financeira da Millennium fora declarada boa na última assembléia, mas talvez o excedente no orçamento se explicasse pelas vendas do livro de Mikael Blomkvist sobre o caso Wennerstrõm. Investido em aplicações, esse excedente vinha diminuindo a uma velocidade preocupante. Um dos motivos eram os gastos de Mikael no caso Salander. A Millennium não dispunha dos recursos necessários para manter os gastos correntes de um colaborador, muito menos quando ele incluía aluguel de carro, quartos de hotel, táxis, compra de material tecnológico de ponta, celulares e tudo mais!

Malu registrou uma nota do freelancer Daniel Olofsson em Góteborg. Ela suspirou. Mikael Blomkvist aprovara a quantia de catorze mil coroas para uma semana de pesquisa sobre um assunto que nem sequer ia ser publicado. A remuneração de um tal Idris Ghidi, de Góteborg, seria lançada na conta de honorários para fontes anônimas, que por definição não dava mais detalhes sobre sua identidade, o que significava que o revisor da contabilidade iria criticar a falta de nota e o caso iria virar assunto da próxima reunião do conselho administrativo. A Millennium também pagava honorários para Annika Giannini, que evidentemente também receberia dinheiro dos cofres públicos, mas que, afinal, de imediato, precisava de algum para pagar suas viagens de trem etc.

Ela largou a caneta e contemplou o total obtido. Mikael Blomkvist usara sem nenhum prurido cento e cinqüenta mil coroas

para o caso Salander, totalmente fora do orçamento. Aquilo não podia continuar.

Percebeu que precisaria ter uma conversa com ele.

Erika Berger passou o final do dia no pronto-socorro do hospital de Nacka, e não relaxando no sofá, em frente à tevê, como pretendia. O caco de vidro penetrara tão fundo que a hemorragia não parava, e durante o exame perceberam que ainda havia um estilhaço pontiagudo alojado no calcanhar que precisava ser extraído. De modo que ela foi brindada com uma anestesia local e três pontos.

Durante toda a sua permanência no hospital, Erika Berger ficou reclamando intimamente e tentando ligar ora para Lars Beckman, ora para Mikael Blomkvist. Porém nem seu marido nem seu amante se dignaram a responder. Por volta das dez da noite, seu pé estava empacotado numa enorme bandagem. Emprestaram-lhe muletas e ela pegou um táxi para voltar para casa.

Mancando sobre um pé e a ponta dos artelhos do outro, passou algum tempo varrendo a sala e encomendando uma vidraça nova à SOS Vidros. Teve sorte. A noite estava calma no centro da cidade e o vidraceiro chegou em vinte minutos. Então a sorte virou. A janela da sala era tão grande que não tinham vidro adequado em estoque. O vidraceiro sugeriu que a tapassem provisoriamente com uma chapa de compensado, o que ela aceitou agradecida.

Enquanto o homem instalava o compensado, ela ligou para o plantão da empresa de segurança NIP, Nacka Integrated Protection, e perguntou por quê, porra, o sofisticado alarme não tinha disparado quando jogaram um tijolo na maior janela da sua casa de duzentos e cinqüenta metros quadrados.

Um carro da NIP foi despachado para verificar e constatou-se que o técnico que fizera a instalação vários anos antes esquecera de ligar os fios da janela da sala.

Erika Berger ficou sem voz.

A NIP se ofereceu para remediar a situação na manhã seguinte. Erika retrucou que não precisava. Ligou para a emergência da Milton Security, explicou a situação e pediu um sistema completo de alarme para o mais breve possível. Sim, eu sei que tenho que assinar um contrato, mas diga ao Dragan Armanskij que a Erika Berger ligou, e dê um jeito para que o alarme seja instalado já de manhã.

Por fim, ligou para a polícia. Disseram-lhe que não havia nenhuma viatura disponível para ir colher seu depoimento. Aconselharam-na a procurar a delegacia mais próxima no dia seguinte. Obrigada! Vão se catar!

Depois disso, ficou um bom tempo fervendo por dentro até que a adrenalina começou a baixar e ela se deu conta de que ia dormir sozinha numa casa sem alarme enquanto alguém que a chamava de puta nojenta e mostrava inclinações à violência rondava as proximidades.

Por um breve momento, perguntou-se se não seria melhor ir para o centro e passar a noite num hotel, mas Erika Berger era dessas pessoas que não gostam nem um pouco de se sentir vítimas de ameaças, e menos ainda de ceder a elas. Nem pensar num canalha de merda me expulsar da minha própria casa.

Para compensar, tomou algumas medidas extras de segurança.

Mikael Blomkvist lhe contara como Lisbeth Salander enfrentara o matador em série Martin Vanger com um taco de golfe. Então ela foi até a garagem e passou dez minutos revirando tudo até encontrar sua sacola de golfe, que ela não usava havia uns quinze anos. Escolheu um ferro 7 e colocou-o a uma confortável distância da cama. Deixou um putter no hall de entrada e outro taco de ferro na cozinha. Pegou um martelo na caixa de ferramentas do porão e o pôs no banheiro da sua suíte.

Tirou da bolsa a bomba de gás lacrimogêneo e deixou-a na mesa de cabeceira. Por fim, achou um calço de borracha, trancou a porta do quarto e travou-a com ele. Estava quase desejando que o

merdinha que a chamava de puta e estourava sua janela fosse idiota o bastante para voltar durante a noite.

Já era uma da manhã quando se julgou suficientemente protegida. Precisava estar no SMP às oito. Consultou a agenda e viu que tinha quatro reuniões marcadas a partir das dez horas. Seu pé estava muito dolorido e ela não conseguia caminhar normalmente. Despiu-se e enfiou-se na cama. Não tinha camisola e se perguntou se não seria melhor vestir uma camiseta ou outra coisa qualquer, mas como dormia nua desde a adolescência, concluiu que não era um tijolo pela janela da sala que iria mudar seus hábitos.

Evidentemente, não conseguiu pegar no sono e ficou ruminando.

Puta nojenta.

Recebera nove e-mails contendo essas palavras e que pareciam ter vindo de diferentes redações. O primeiro, inclusive, era da redação que ela dirigia, mas com um remetente falso.

Saiu da cama e foi buscar o novo laptop Dell que ganhara ao assumir o cargo no SMP.

O primeiro e-mail — o mais vulgar e ameaçador, que propunha currá-la com uma chave de fenda — chegara no dia 16 de maio, ou seja, dez dias antes.

O segundo chegara dois dias mais tarde, em 18 de maio.

Depois tivera uma semana de trégua, até que os e-mails voltaram, com intervalos regulares de cerca de vinte e quatro horas. E agora o ataque à sua residência. Puta nojenta.

Nesse meio-tempo, Eva Carlsson, da Cultura, recebera aqueles e-mails esquisitos com sua assinatura, ou melhor, assinados Erika Berger. E se Eva Carlsson recebera e-mails esquisitos, era bem possível que o verdadeiro autor das mensagens tivesse se divertido

com mais alguém — que outras pessoas tivessem recebido e-mails "seus" que ela desconhecia por completo.

Era um pensamento desagradável.

O mais preocupante, porém, era o ataque à sua casa.

O ataque significava que alguém havia se dado ao trabalho de ir até Saltsjõbaden, achar sua residência e jogar um tijolo pela janela. O ataque fora planejado — o agressor trouxera tinta spray. Em seguida, sentiu um calafrio percorrê-la quando percebeu que talvez devesse acrescentar outra agressão à lista. Seu carro amanhecera com os quatro pneus furados na noite que ela estivera com Mikael Blomkvist no Hilton de Slussen.

A conclusão era tão desagradável quanto óbvia. Ela estava sendo perseguida por um maníaco perigoso.

Em algum lugar lá fora havia um sujeito que, por alguma razão, gastava seu tempo assediando Erika Berger.

Que sua casa fosse objeto de um ataque, era compreensível — ela não podia ser removida nem escondida. Mas se seu carro sofria um ataque quando estava estacionado casualmente numa Rua de Sõdermalm, isso queria dizer que o tal maníaco rondava o tempo todo as proximidades.

18. QUINTA-FEIRA 2 DE JUNHO

Erika Berger foi despertada pelo toque de seu celular às 9h05.

— Bom dia, senhorita Berger. Quem fala é Dragan Armanskij. Soube que teve problemas esta noite.

Erika explicou o que acontecera e perguntou se a Milton Security poderia substituir a Nacka Integrated Protection.

— Podemos pelo menos instalar um alarme que funcione — disse Armanskij em tom sarcástico. — O problema é que o nosso veículo mais próximo à noite fica no centro de Nacka. Ele levaria uns trinta minutos para chegar aí. Se fecharmos negócio, vou ter que terceirizar o serviço para a sua casa. Temos um acordo com uma empresa de segurança local, a Adam Sakerhet, em Fisksätra, que se compromete a chegar ao local num prazo de dez minutos, se tudo funcionar como deve.

— Melhor do que a NIP, que nem chega.

— É preciso dizer que se trata de uma empresa familiar, com o pai, dois filhos e alguns primos. São gregos, pessoas honestas, conheço o pai há vários anos. Eles dão cobertura trezentos e sessenta e cinco dias por ano. Nos dias em que não podem vir, devido a férias e coisas assim, avisam com antecedência e o nosso carro de Nacka assume o serviço.

— Para mim está bem.

— Vou lhe mandar alguém agora de manhã. O nome dele é David Rosin e já está a caminho. Vai fazer uma análise de segurança. Ele vai precisa da chave, se você não estiver em casa, e de uma autorização sua para per correr a casa do porão ao sótão. Vai tirar fotografias da casa, do terreno e das proximidades.

— Entendo.

— O Rosin tem muita experiência. Depois, vamos lhe apresentar sugestões de segurança. Teremos um projeto no papel

em alguns dias. Vai incluir o alarme contra ataque e contra incêndio, a evacuação e uma proteção contra arrombamento.

— Perfeito.

— Também vamos querer que você saiba o que fazer, se for o caso, durante os dez minutos que o carro de Fisksátra vai levar para chegar à sua casa.

— Sei.

— Vamos instalar o sistema hoje à tarde. Depois você terá de assinar o contrato.

Logo depois do telefonema de Dragan Armanskij, Erika se deu conta de que não tinha acordado a tempo. Pegou o celular e ligou para Peter Fredriksson, o assistente de redação, explicou que tinha se machucado e pediu que ele desmarcasse a reunião das dez.

— Você está bem? — ele perguntou.

— Fiz um belo corte no pé — disse Erika. — Vou chegar mancando o mais rápido possível.

Primeiro foi ao banheiro de seu quarto. Então vestiu uma calça preta e pegou emprestada do marido uma pantufa que ela conseguia calçar com o pé machucado. Escolheu uma camisa preta e foi buscar o casaco. Antes de tirar o calço de borracha que enfiara debaixo da porta, armou-se com a bomba de gás lacrimogêneo.

Andou pela casa, todos os sentidos alertas, e então ligou a cafeteira. Tomou o café da manhã à mesa da cozinha, o tempo todo espreitando o mais leve ruído. Acabava de se servir de uma segunda xícara de café quando David Rosin, da Milton Security, bateu à porta.

Rosa Figuerola foi a pé até a Bergsgatan e reuniu seus quatro colaboradores para uma conversa matinal.

- Agora temos um deadline — disse Rosa Figuerola. — Nosso trabalho precisa estar concluído até 13 de julho, quando começa o

julgamento de Lisbeth Salander. Isso significa que temos pouco mais de um mês pela frente. Vamos repassar a situação e decidir o que é mais importante no momento. Quem quer começar?

Berglund deu uma tossidinha.

— O loiro que se encontra com o Mârtensson. Quem é ele? Todos balançaram a cabeça. A conversa começou.

— Temos fotos dele, mas não fazemos idéia de onde encontrá-lo. E não dá para lançar uma ordem de busca.

— E quanto ao Gullberg? Deveria ser possível conseguir alguma coisa. Sabemos que estava na polícia secreta do Estado desde o início dos anos 1950 até 1964, quando a Sapo foi criada. Depois disso, evaporou no espaço.

Figuerola meneou a cabeça.

— Devemos deduzir que o clube Zalachenko foi fundado em 1964? Ou seja, muito antes da chegada do Zalachenko?

— Se for assim, o objetivo inicial devia ser outro... uma organização secreta dentro da organização.

— Isso foi depois do caso Stig Wennerstrõm. Todo mundo ficou paranóico.

— Uma espécie de Segurança secreta da Segurança?

— Existem paralelos em outros países. Nos Estados Unidos, um grupo autônomo de caçadores de espiões foi criado dentro da CIA nos anos 1960. Era dirigido por um tal de James Jesus Angleton e por pouco não sabotou a CIA toda. A turma do Angleton era um bando de paranóicos exaltados — suspeitavam que todo mundo na CIA fosse um agente russo. Um dos resultados da atuação deles foi paralisar inúmeros setores de atividade da CIA.

— Mas isso são só especulações...

— Onde estão guardados os arquivos antigos dos funcionários?

— O Gullberg não consta neles. Já verifiquei.

— E o orçamento? Uma operação dessas tem de ser necessariamente financiada...

A discussão prosseguiu até a hora do almoço, quando Rosa Figuerola pediu licença e foi para a academia, a fim de poder pensar com calma.

Erika Berger só chegou, mancando, na redação do SMP por volta do meio-dia. Sentia tanta dor no pé que não conseguia apoiá-lo no chão. Saltitou até seu aquário e deixou-se cair, aliviada, na cadeira. Peter Fredriksson avistou-a de seu lugar no pólo central. Ela o chamou com um aceno.

— O que aconteceu?

— Pisei num caco de vidro, ele se quebrou e ficou preso dentro do meu calcanhar.

— Ai, que horror!

— Pois é. Me diga uma coisa, Peter, alguém mais recebeu algum e-mail esquisito?

— Não que eu saiba.

— Certo. Abra bem os ouvidos. Eu quero ficar sabendo se acontecerem coisas estranhas no SMP.

— O que você quer dizer com isso?

— Desconfio que um pirado que gosta de mandar e-mails perversos me pegou para cristo. Portanto quero ser informada se você souber que alguma coisa está acontecendo.

— E-mails do tipo que a Eva Carlsson recebeu?

— Qualquer coisa que saia do comum. De minha parte, recebi uma avalanche de e-mails ridículos me acusando de tudo que é tipo de coisa e me propondo um monte de coisas perversas.

Peter Fredriksson ficou preocupado.

— Faz tempo que isso vem acontecendo?

— Há algumas semanas. Agora me conte. O que vamos ter no jornal de amanhã?

— Humm.

— Como assim, humm?

— O Holm e o responsável pela editoria de Direito estão caminhando juntos para a guerra.

— Ah, é? Por quê?

— Por causa do Johannes Frisk. Você estendeu o contrato dele e deu uma reportagem para ele fazer, mas ele não quer dizer qual é o assunto.

__Ele não pode dizer. São ordens minhas.

— Foi o que ele disse. Mas com isso o Holm e o editor de Direito ficaram bem irritados com você.

— Entendo. Marque uma reunião com o pessoal da editoria de Direito para as três horas, vou explicar a situação para eles.

— O Holm está meio furioso...

— Eu também estou meio furiosa com o Holm, portanto estamos quites.

— Ele está tão furioso que foi se queixar ao conselho.

Erika ergueu os olhos. Droga. Ainda preciso cuidarão Borgsjõ.

— O Borgsjõ vai passar por aqui à tarde. Quer falar com você. Desconfio que o Holm esteja por trás disso.

— Tudo bem. A que horas?

— Às duas.

E ele começou a expor a pauta do meio-dia.

O Dr. Anders Jonasson foi ver Lisbeth Salander na hora do almoço. Ela afastou o prato com legumes refogados. Como sempre, ele a examinou rapidamente, mas ela observou que ele deixara de se empenhar ao fazer os exames.

— Você está recuperada — ele observou.

— Humm. Você deveria tomar uma providência sobre a comida.

— A comida?

— Você não poderia me conseguir uma pizza ou algo do gênero?

— Lamento. Restrições orçamentárias.

— Foi o que eu pensei.

— Lisbeth, amanhã nós vamos fazer uma minuciosa avaliação do seu estado de saúde...

— Compreendo. E eu estou recuperada.

— Está suficientemente recuperada para poder ser transferida para a casa de detenção de Kronoberg em Estocolmo.

Ela assentiu com a cabeça.

— Talvez eu ainda conseguisse adiar a transferência por mais uma semana, mas meus colegas já andam me fazendo perguntas.

— Não faça isso.

— Tem certeza?

Ela fez que sim com a cabeça.

— Estou pronta. E isso vai ter que acontecer mais cedo ou mais tarde. Ele fez um gesto de concordância.

— Bem — disse Anders Jonasson. —Amanhã vou dar o sinal verde para sua alta. Isso significa que você talvez seja transferida rapidamente.

Ela meneou a cabeça.

— É possível que isso aconteça já no fim de semana. A direção do hospital não faz questão de ficar com você aqui.

— Dá para entender.

— Hã... conseqüentemente, o seu brinquedinho...

— Vai estar no vão atrás do criado-mudo. Ela mostrou o lugar.

— Certo.

Permaneceram um instante em silêncio e então Anders Jonasson se levantou.

— Preciso visitar outros pacientes que estão mais precisados da minha ajuda.

— Obrigada por tudo. Fico lhe devendo uma.

— Eu só fiz o meu trabalho.

— Não. Fez muito mais. Não vou esquecer.

Mikael Blomkvist entrou no Palácio da Polícia em Kungsholmen pela porta da Polhemsgatan. Rosa Figuerola o recebeu e o acompanhou até a sede da Proteção à Constituição. Olharam-se disfarçada e silenciosamente dentro do elevador.

— Será que é prudente eu aparecer aqui no Palácio da Polícia? — perguntou Mikael. — Alguém poderia me ver e ficar imaginando coisas.

Rosa Figuerola balançou a cabeça.

— Esta vai ser a única vez. Depois vamos nos encontrar num pequeno escritório que alugamos na Fridhemsplan. Vamos poder usá-lo a partir de manhã. Mas por hoje não tem problema. A Proteção à Constituição é uma pequena unidade praticamente autônoma e ninguém da Sapo presta atenção gente. Aliás, nem estamos no mesmo andar do restante da Sapo. Com um gesto da cabeça, cumprimentou Torsten Edklinth sem lhe apertar a mão e

mais dois colaboradores que aparentemente trabalhavam na investigação. Eles se apresentaram como sendo Stefan e Niklas. Mikael reparou que eles não mencionaram os sobrenomes.

— Por onde a gente começa? — perguntou Mikael.

— Poderia ser com um café... Rosa?

— Obrigada, aceito — disse Rosa Figuerola.

Mikael viu que o chefe da Proteção à Constituição hesitou um instante antes de se levantar e pegar ele próprio a cafeteira e colocá-la na mesa de reuniões, onde já estavam as xícaras. Torsten Edklinth na certa quisera dizer a Rosa que servisse o café. Mikael também observou que Edklinth sorria consigo mesmo, o que interpretou como um bom sinal. Então Edklinth ficou sério.

— Para ser franco, não sei como administrar uma situação como esta. Creio que nunca um jornalista participou das reuniões da Sapo. Boa parte das informações que vamos discutir agora é segredo de segurança nacional.

— Não estou interessado em segredos militares. Só me interessa o clube Zalachenko.

— Precisamos fazer um acordo. Em primeiro lugar, os colaboradores não devem ser citados nos seus textos.

— Combinado.

Edklinth lançou um olhar surpreso para Mikael Blomkvist.

— Em segundo lugar, você não pode falar com outros colaboradores que não eu e a Rosa Figuerola. Nós é que determinamos o que podemos lhe revelar.

— Se você tinha tantas exigências, deveria ter me falado ontem.

— Ontem eu ainda não tinha tido tempo de pensar no assunto.

— Então vou lhe contar uma coisa. Esta deve ser a primeira e única vez na minha carreira profissional que vou revelar o conteúdo

de um artigo ainda não publicado para um policial. Portanto, e citando você... para ser franco, nao sei como administrar esta situação.

Fez-se um breve silêncio em volta da mesa.

— A gente talvez pudesse...

— O que vocês acham...

Edklinth e Rosa Figuerola começaram a falar ao mesmo tempo e s calaram.

— Estou querendo pegar o clube Zalachenko. Vocês querem denunciar o clube Zalachenko. Não vamos discutir além disso — disse Mikael.

Edklinth meneou a cabeça.

— O que você já tem?

Edklinth relatou o que Rosa Figuerola e sua equipe tinham descoberto Mostrou a foto de Evert Gullberg com o coronel espião Stig Wennerstrõm.

— Ótimo. Eu queria uma cópia dessa foto.

— Pode ser encontrada nos arquivos da Ãhlén & Ákerlund — disse Rosa Figuerola.

— Também está na mesa à minha frente. Com um texto no verso — disse Mikael.

— Certo. Dê uma cópia para ele — disse Edklinth.

— Isso significa que Zalachenko foi morto pela Seção.

— Assassinado por um homem que estava morrendo de câncer e se suicidou em seguida. O Gullberg ainda está vivo, mas os médicos lhe dão poucas semanas. Suas lesões no cérebro são tamanhas, depois da sua tentativa de suicídio, que ele está como um vegetal.

— E ele era o principal responsável pelo Zalachenko quando este desertou.

— Como você sabe?

— O Gullberg esteve com o primeiro-ministro Thorbjõrn Fálldin seis semanas após a deserção de Zalachenko.

— Você tem como provar?

— Tenho. No registro das visitas da chancelaria do governo. O Gullberg estava acompanhado do diretor da Sapo na época.

— Que hoje está morto.

— Mas o Fálldin está vivo e concorda em falar sobre isso.

— Você...

— Não, eu não falei com o Fálldin. Mas outra pessoa falou. Não posso dizer quem é. Estou protegendo minha fonte.

Mikael contou como Thorbjõrn Fálldin reagira à informação sobre Zalachenko e como ele próprio tinha ido aos Países Baixos interrogar Janeryd.

- Conclusão: o clube Zalachenko fica em algum lugar aqui da casa - disse Mikael, apontando para a foto.

- Em parte. Achamos que se trata de uma organização dentro da organização. O clube Zalachenko não poderia existir sem o apoio de pessoas-chave desta casa. Mas suspeitamos que a suposta Seção de Análise Especial se estabeleceu em algum lugar lá fora.

— Se entendi direito como isso funciona, uma pessoa pode ser empregada da Sapo, receber seu salário pela Sapo e depois fazer seus relatórios para outro empregador.

— E mais ou menos isso.

— Então quem, aqui, apoia o clube Zalachenko?

— Ainda não sabemos. Mas temos alguns suspeitos.

— O Mârtensson — sugeriu Mikael. Edklinth concordou com a cabeça.

— O Mârtensson trabalha para a Sapo e, quando precisam dele no clube Zalachenko, ele é liberado de suas funções habituais — disse Rosa Figuerola.

— Como isso é possível na prática?

— Ótima pergunta — disse Edklinth com um sorrisinho. — Você não gostaria de vir trabalhar para a gente?

— Nem pensar — disse Mikael.

— Estou brincando. Mas é exatamente essa a pergunta que deve ser feita. Temos um suspeito, mas nada que nos autorize a passar da desconfiança às provas.

— Vejamos... é necessariamente alguém que goza de alguma autoridade administrativa.

— Suspeitamos do secretário-geral Albert Shenke — disse Rosa Figuerola.

— O que nos leva ao primeiro obstáculo — disse Edklinth. — Nós lhe dissemos o nome, mas a informação não pode ser confirmada. De que jeito você pensa usar isso?

— Não posso publicar um nome sem provas em que me apoiar. Se o Shenke for inocente, pode processar a Millennium por difamação.

— Muito bem. Então estamos de acordo. Essa colaboração deve se basear na confiança recíproca. Agora é sua vez. O que você tem?

— Tenho três nomes — disse Mikael. — Os dois primeiros eram membros do clube Zalachenko nos anos 1980.

Edklinth e Figuerola aguçaram imediatamente o ouvido.

— Hans vou Rottinger e Fredrik Clinton. Rottinger está morto. O Qinton está aposentado. Mas ambos faziam parte do círculo mais

próximo de Zalachenko.

— E o terceiro nome? — perguntou Edklinth.

— O Teleborian tem uma ligação com um tal de]onas. Não sabemos seu sobrenome, apenas que ele fazia parte da turma de 2005 do clube Zalachenko... Temos motivos para acreditar que ele é quem aparece com o Mârtensson nas fotos do Copacabana.

— E esse nome Jonas surgiu em que contexto?

— A Lisbeth Salander invadiu o computador de Peter Teleborian, e estamos em condições de acompanhar uma correspondência mostrando que o Teleborian tem conspirado com o Jonas do mesmo jeito que conspirava com o Bjõrck em 1991. Jonas dá instruções a Teleborian. E aqui chegamos ao segundo obstáculo — disse Mikael, sorrindo para Edklinth. — Posso provar o que digo, mas não posso mostrar as provas sem revelar minha fonte. Vocês vão ter que acreditar na minha palavra.

Edklinth pareceu pensativo.

— Um colega do Teleborian em Uppsala, quem sabe — disse ele. — Certo. Vamos começar pelo Clinton e o Rottinger. Conte o que você sabe.

O presidente do conselho administrativo Magnus Borgsjõ recebeu Erika Berger em sua sala, ao lado da sala de reuniões da diretoria. Parecia preocupado.

— Me disseram que você estava machucada — disse, indicando seu pé.

— Vai passar — disse Erika. Ela apoiou as bengalas na mesa enquanto sentava-se na poltrona dos visitantes.

— Ah, que bom. Erika, faz um mês que você está aqui e gostaria que fizéssemos um balanço dessa experiência. Qual a sua avaliação?

Preciso falar com ele sobre a Vitavara. Mas como? Quando?

— Estou começando a me situar. Há dois aspectos. De um lado, o SMP enfrenta problemas financeiros e o orçamento está estrangulando o jornal. De outro, há uma quantidade incrível de peso morto na redação. __Não há nenhum aspecto positivo?

— Há, sim. Vários profissionais tarimbados que sabem como tocar o trabalho. O problema é que existem outros que atrapalham o tempo todo.

— O Holm me falou...

— Eu sei.

Borgsjõ ergueu as sobrancelhas.

— Ele tem um bocado de coisas a dizer sobre você. Praticamente todas negativas.

— Não faz mal. Eu também tenho um bocado de coisas a dizer sobre ele.

— Negativas? Não é bom que vocês não consigam trabalhar juntos...

— Eu não tenho nenhum problema em trabalhar com ele. Em compensação, ele tem problemas para trabalhar comigo.

Erika suspirou.

— Ele me deixa louca. O Holm tem experiência, é sem dúvida duas vezes um dos editores de Atualidades mais competentes que já conheci. Mas também é um cretino. Fica fazendo intriga e jogando as pessoas umas contra as outras. Eu trabalho na imprensa há vinte e cinco anos e nunca cruzei com um homem assim num cargo executivo.

— Ele é obrigado a ter mão de ferro para dar conta do trabalho. É pressionado de todos os lados.

— Mão de ferro, tudo bem. Mas isso não significa que ele precise ser um idiota. Infelizmente, o Holm é desastroso. Com ele é

quase impossível fazer o pessoal trabalhar em equipe. Ele parece achar que o trabalho dele consiste em administrar dividindo.

— Você não mede as palavras.

— Vou dar ao Holm um mês para que ele mude de atitude. Senão, tiro ele da chefia de Atualidades.

— Você não pode fazer isso. Seu trabalho não é detonar a organização do trabalho.

Erika se calou e examinou o presidente do conselho administrativo.

— Me desculpe, mas não se esqueça que foi exatamente para isso que você me chamou. Nós, inclusive, assinamos um contrato que me dá carta branca para eu fazer as mudanças que julgar necessárias na redação. Minha missão é renovar o jornal, e só posso fazer isso modificando a organização certos hábitos.

— O Holm dedicou a vida dele ao SMP.

— E. E está com cinqüenta e oito anos e vai se aposentar daqui a seis - não posso me dar ao luxo de mantê-lo aqui como um fardo esse tempo todo Assim que me instalei naquele aquário, minha principal missão na vida passou a ser melhorar a qualidade do SMP e aumentar a tiragem. O Holm pode escolher entre fazer as coisas do meu jeito ou ir fazer outra coisa. Pretendo passar por cima de quem quer que se ponha no meu caminho ou que esteja prejudicando o SMP.

Droga... preciso falar da história da Vitavara. O Borgsjõ vai ser despedido. Borgsjõ sorriu de repente.

— Parece que você também tem mão de ferro.

— É verdade, e nesse caso é uma pena, porque não precisaria ser assim. Meu trabalho é fazer um bom jornal, mas só posso conseguir isso se houver uma diretoria que funcione e colaboradores que gostem do que fazem.

Depois da reunião com Borgsjõ, Erika voltou mancando para o aquário. Sentia-se pouco à vontade. Falara com Borgsjõ durante quarenta e cinco minutos e não dissera nada que lembrasse a Vitavara. Em outras palavras, não fora especialmente franca ou sincera com ele.

Quando Erika Berger ligou o computador, viu que recebera um e-mail de MikBlom@millenium.nu Como sabia muito bem que esse endereço eletrônico não existia na Millennium, não foi difícil deduzir que era um novo sinal de vida do seu ciberassediador. Abriu o e-mail.

[ESTÁ ACHANDO QUE O BORGSJÕ VAI PODER TE SALVAR, SUA PUTINHA NOJENTA? COMO VAI O SEU PÉ?]

Ergueu os olhos e fitou instintivamente a redação. Seu olhar bateu em Holm. Ele olhava para ela. Então ele lhe acenou com a cabeça e sorriu. Esses e-mails são de alguém aqui do SMP.

A reunião na Proteção à Constituição não terminou antes das cinco da tarde. Marcaram outra para a semana seguinte e combinaram que Mikael Rlomkvist deveria procurar Rosa Figuerola caso precisasse entrar em contato com a Sapo antes disso. Mikael pegou a mochila com seu computador e se levantou.

- Como eu faço para encontrar a saída? — perguntou.

- Acho que você não deveria andar sozinho por aqui — disse Edklinth.

- Eu o acompanho — sugeriu Rosa Figuerola. — Espere um pouco,

vou só pegar umas coisas na minha sala.

Saíram juntos pelo parque de Kronoberg na direção da Fridhemsplan.

— O que vai acontecer agora? — perguntou Mikael.

— Vamos ficar em contato — disse Rosa Figuerola.

— Estou começando a gostar desse contato com a Sapo — disse Mikael, sorrindo para ela.

— O que você acha de jantarmos juntos mais à noite?

— No restaurante bósnio de novo?

— Não, não tenho condições de jantar fora toda noite. Pensei numa coisinha simples lá em casa.

Ela parou e sorriu para ele.

— Pra ser sincera, sabe o que eu estou com vontade de fazer agora, neste momento? — disse ela.

— Não.

— Estou com vontade de te levar rapidinho para a minha casa e tirar a sua roupa.

— Isso pode ficar complicado.

— Eu sei. Não tenho propriamente a intenção de comentar com o meu chefe.

— Não faço idéia de como toda essa história vai evoluir. A gente talvez acabe em lados opostos da trincheira.

— Eu assumo o risco. Você vem por vontade própria ou vou ter que algemá-lo?

Ele balançou a cabeça. Ela passou o braço pelo ombro dele e conduziu-o até a Pontonjargatan. Estavam nus trinta segundos depois que a porta do apartamento dela se fechou.

David Rosin, consultor de segurança da Milton Security, esperava Eric Berger quando ela chegou em casa por volta das sete da noite. Ela estava com uma dor terrível no pé e foi se arrastando até a cozinha, onde se deixou cair na primeira cadeira que encontrou. Ele tinha feito um café e serviu-lhe uma xícara.

— Obrigada. O café está incluído nos serviços da Milton?

Ele sorriu educadamente. David Rosin era um homem rechonchudo de uns cinqüenta anos de idade.

— Obrigado por ter me emprestado a cozinha durante o dia todo.

— Era o mínimo que eu podia fazer. Como vão as coisas?

— Nossos técnicos vieram instalar um alarme decente. Daqui a pouco eu mostro como funciona. Também passei um pente-fino na sua casa, do porão ao sótão, e examinei as redondezas. Na seqüência desta operação, eu vou conversar sobre a sua situação com os meus colegas da Milton, e daqui a alguns dias teremos uma análise pronta para discutir com a senhora. Enquanto isso, há algumas coisinhas que precisaríamos ver.

— Estou escutando.

— Em primeiro lugar, temos uns papéis para assinar. Mais tarde vamos redigir o contrato definitivo, dependendo de que serviços a senhora vai querer, mas tenho aqui um formulário pelo qual a senhora incumbe a Milton de instalar o alarme que já instalamos hoje. É um contrato-padrão recíproco, pelo qual nós da Milton estabelecemos algumas exigências e, em troca, nos comprometemos a algumas coisas, entre elas o sigilo profissional, esse tipo de coisa.

— Vocês fazem exigências?

— Sim. Um alarme é um alarme e não significa muito se houver um louco furioso armado com uma metralhadora na sua sala. Para ter certeza de que ele será útil, a senhora e o seu marido terão de considerar alguns pontos e aceitar algumas medidas. Vamos analisar esses pontos juntos.

— Vamos lá.

— Não posso antecipar a análise definitiva, mas por enquanto vejo a situação da seguinte maneira. A senhora e o seu marido moram numa casa. Atrás da casa há uma praia e algumas casas

grandes na vizinhança. Até onde percebi, os vizinhos não têm uma visão de sua casa, que fica relativamente isolada.

— Exato.

- Isso significa que um intruso tem boas condições de se aproximar da sua casa sem ser visto.

— Os vizinhos da direita viajam a maior parte do ano, e à esquerda mora um casal idoso que costuma dormir cedo.

— Exato. Além disso, as casas dão uma para a outra pela lateral, onde há poucas janelas. Caso um intruso penetre no seu terreno, e ele só precisa de cinco segundos para vir da estrada até os fundos, não há como ninguém perceber. Os fundos estão cercados por uma sebe alta, uma garagem e outra construção isolada.

— É o ateliê do meu marido.

— Pelo que entendi, ele é artista.

— Isso. E o que mais?

— O intruso que quebrou a janela e pichou a fachada pôde fazer isso com toda a tranqüilidade. Ele apenas se arriscou a que o barulho de vidro quebrado fosse ouvido e alguém reagisse, mas como a casa forma um L, o barulho é abafado pela fachada.

— Puxa.

— Outro ponto é que vocês têm uma casa grande, de duzentos e cinqüenta metros quadrados, sem contar o sótão e o porão. São onze cômodos distribuídos em dois pisos.

— Essa casa é monstruosa. E a casa de infância do Lars, que ele herdou dos pais.

— Pode-se também entrar na casa de várias maneiras. Pela porta da frente, pelo terraço dos fundos, pela varanda do andar de cima e pela garagem. Além disso, há janelas no térreo e seis janelas no porão sem proteção nenhuma. Por fim, pode-se entrar usando

também a escada de incêndio nos fundos da casa, passando pela lucarna do sótão, que está fechada com um simples trinco.

— De fato, as portas desta casa não são muito herméticas. O que precisamos fazer?

— O alarme que instalamos hoje é apenas provisório. Vamos voltar na semana que vem e fazer uma instalação em regra, com alarme em todas as janelas do térreo e do porão. Será uma proteção contra arrombamento, para quando vocês viajarem.

— Hum.

— Mas a atual situação é que a senhora foi ameaçada diretamente n um indivíduo específico. O que é muito mais sério. Ignoramos de quem trata, quais suas motivações e até onde ele pretende ir, mas podemos tira algumas conclusões. Se se tratasse de uma simples correspondência anônima com ameaças, faríamos apenas uma avaliação do grau de ameaça, mas no caso estamos falando de uma pessoa que se deu ao trabalho de vir até a sua casa (e Saltsjõbaden não fica logo ali...) para praticar esse atentado. Isso não é um bom sinal.

— Concordo inteiramente.

— Conversei com o Armanskij hoje e nós dois achamos que a ameaça é clara e direta.

— Ah, é?

— Até sabermos mais sobre a pessoa que a está ameaçando, não podemos deixar nada ao acaso.

— O que significa...

— Em primeiro lugar, o alarme que instalamos hoje é composto por dois elementos. De um lado, um alarme anti-intrusão comum, que fica ligado quando vocês não estão na casa, e, de outro, um sensor de movimentos, que deve ficar ligado quando vocês estão no andar de cima à noite.

— Certo.

— Não é muito prático, porque vocês vão ter que desligar o alarme toda vez que descerem para o térreo.

— Entendo.

— Em segundo lugar, trocamos a porta do seu quarto.

— Trocaram a porta do meu quarto?

— Sim. Instalamos uma porta de segurança de aço. Não se preocupe, ela é pintada de branco, parece uma porta comum. A diferença é que ela se tranca automaticamente quando fechada. Para abri-la por dentro, basta girar a maçaneta, como em qualquer porta. Mas para abrir por fora é preciso digitar um código de acesso de três algarismos numa placa integrada a maçaneta.

— Certo.

— Portanto, se por acaso a sua casa for invadida, a senhora terá um cômodo seguro onde vai poder se trancar. As paredes são fortes, e seria demorado pôr essa porta abaixo, mesmo com ferramentas. Em terceiro lugar, vamos instalar uma câmera de vídeo que vai lhe permitir observar o que acontece no pátio dos fundos e no térreo, quando estiver no quarto. Vamos instalar na semana que vem, junto com os sensores de movimento na área externa da casa.

— Pelo jeito, o meu quarto não vai ser um lugar muito romântico.

— É um monitor bem pequeno. Pode ficar num armário qualquer ou num guarda-roupa, assim a senhora não precisa ficar vendo o tempo todo.

— Certo.

— Durante a semana, eu também gostaria de trocar a porta do escritório e de algum outro cômodo do térreo. Se acontecer alguma coisa, a senhora tem como se pôr a salvo rapidamente e fechar a porta enquanto aguarda socorro.

— Entendo.

— Caso acione o alarme anti-intrusão por engano, a senhora deve ligar imediatamente para a central da Milton e cancelar a intervenção. Para cancelar, terá de informar o código. Se não se lembrar do código, a intervenção irá ocorrer e a fatura será debitada na sua conta.

— Entendo.

— Em quarto lugar, existem atualmente alarmes contra agressão em quatro pontos da casa. Aqui na cozinha, no hall de entrada, no escritório do andar de cima e no seu quarto. Esse alarme tem dois botões que devem ser pressionados ao mesmo tempo por três segundos. Isso pode ser feito com uma mão só, mas não há como fazer por engano.

— Ah...

— Caso o alarme contra agressão seja acionado, vão acontecer três coisas. Uma: a Milton manda carros até aqui. O carro mais próximo vem da Adam Säkerhet, em Fisksätra. Dois sujeitos fortões vão estar aqui em dez ou doze minutos. Duas: um carro da Milton vai vir de Nacka. Vai levar no mínimo vinte minutos, mas é mais provável que leve vinte e cinco. Três: a polícia é avisada automaticamente. Ou seja, vários carros chegam ao local com alguns minutos de intervalo.

— Caramba!

— Não dá para cancelar um alarme anti-agressão como se pode fazer com um anti-intrusão. Não dá para ligar dizendo que foi engano. A senhora até pode nos receber na porta de casa e dizer que foi engano, mas a polícia vai entrar do mesmo jeito. Só para conferir se não tem ninguém apontando um revólver para a cabeça do seu marido ou algo do gênero. Só se deve acionar o alarme anti-agressão quando houver um perigo real.

— Entendo.

— Não necessariamente uma agressão física. Pode ser que alguém tente arrombar a casa ou apareça no pátio dos fundos, por

exemplo. A senhora deve acioná-lo quando se sentir ameaçada, mas usando o bom senso.

— Prometo.

— Reparei que há tacos de golfe espalhados por quase toda a casa.

— Pois é. Eu dormi sozinha aqui esta noite.

— Se fosse eu, teria ido para um hotel. Não há problema, a senhora pode tomar suas próprias precauções, mas espero que entenda que, com um taco de golfe, pode-se matar facilmente um agressor.

— Humm.

— Faça isso e com toda certeza será acusada de homicídio. Se, além disso, disser que tinha deixado os tacos pela casa para ter uma arma ao alcance da mão, pode acrescentar premeditação a esse crime.

— Ou seja, eu tenho que...

— Não diga nada. Já sei o que vai dizer.

— Se alguém me atacar, mesmo assim vou tentar arrebentar a cabeça dele.

— Entendo. Mas se a senhora chamou a Milton Security foi para ter uma alternativa. Agora vai poder chamar por socorro e, principalmente, não se verá na situação de ter que arrebentar a cabeça de ninguém.

— Combinado.

— Aliás, de que adiantam tacos de golfe se ele tiver uma arma de fogo? Quando se pensa em segurança, a idéia é estar um passo à frente da pessoa que quer nos fazer mal.

— Como eu faço quando estou com um cara aparentemente na minha cola?

— Dê um jeito para que ele nunca tenha uma chance de se aproximar. No caso, não vamos concluir a instalação antes de alguns dias, e depois vamos ter que conversar também com o seu marido. Ele precisa ter o mesmo desejo de segurança que a senhora.

— Humm.

— Até lá, eu preferiria que a senhora não ficasse aqui.

— Não tenho condições de ir para outro lugar. Meu marido volta daqui a alguns dias. Mas tanto ele quanto eu viajamos com freqüência, e às vezes acontece de um de nós ficar sozinho.

— Entendo. Mas estou falando só de alguns dias, até terminarmos de fazer a instalação. Não tem um amigo com quem possa ficar?

Erika pensou no apartamento de Mikael Blomkvist, então lembrou que não seria uma boa idéia.

— Obrigada..., mas prefiro ficar em casa.

— Era o que eu temia. Nesse caso, quero que alguém venha para cá e fique até o fim de semana.

— Humm.

— Conhece alguém que poderia vir dormir aqui?

— Sem dúvida. Mas não às sete e meia da noite e se houver um assassino maluco rondando o pátio dos fundos.

David Rosin refletiu por um instante.

— Muito bem. A senhora se importaria de ter a companhia de uma colaboradora da Milton? Posso ligar para Susanne Linder e ver se ela está disponível hoje à noite. Acho que ela concordaria em ganhar umas notas de cem como extra.

— Quanto iria custar?

— E preciso ver com ela. Isso não faz parte dos arranjos formais, que fique claro. Mas realmente eu não gostaria que a senhora ficasse sozinha.

— Eu não tenho medo do escuro.

— Não duvido nem um pouco. Ou não teria ficado aqui ontem à noite. Mas a Susanne Linder é uma ex-policial. E seria só por alguns dias. Se tivéssemos de organizar uma proteção pesada, seria diferente, e muito mais caro.

A seriedade de David Rosin começou a contagiá-la. De repente, Erika Berger se deu conta de que ele estava lembrando, com a maior tranqüilidade, que a vida dela podia estar ameaçada. Exagero? Seria caso de considerar a preocupação daquele homem como meramente profissional? Então, por que ela havia ligado para a Milton Security para pedir que instalassem um alarme?

— Tudo bem. Vou arrumar o quarto de hóspedes.

Rosa Figuerola e Mikael Blomkvist só saíram do quarto às dez da noite enrolados nos lençóis, para ir à cozinha de Rosa preparar uma salada de ma carrão com atum, bacon e outras sobras encontradas na geladeira. Estavam bebendo água. De repente, Rosa começou a gargalhar.

— O que foi?

— Imagino que o Edklinth ficaria meio chocado se nos visse agora. Não acho que ele estava me estimulando a dormir com você quando disse que era para eu ficar em contato.

— Foi você que começou. Eu só podia escolher entre vir algemado ou por vontade própria.

— Eu sei. Mas não foi tão difícil te convencer.

— Você talvez não tenha consciência, embora eu ache que sim, que tudo em você é um convite para o sexo. Você acha que algum homem resistiria?

— Obrigada. Mas não me acho tão sexy. E não vou para a cama com alguém tão rápido.

— Humm.

— Verdade. Não é muito freqüente eu acabar na cama com um homem. Andei mais ou menos namorando um cara na primavera. Mas acabou.

— Por quê?

— Ele até que era bonitinho, mas acabou virando uma queda de braço meio cansativa. Eu era mais forte que ele e ele não agüentou.

— Ah.

— Você é do tipo que vai querer fazer queda de braço comigo?

— Você está querendo saber se eu sou o tipo de homem que se incomoda se você estiver mais em forma e mais malhada do que eu? Não.

— Seja sincero. Reparei que muitos homens ficam interessados, mas depois começam a entrar numas de desafio e tentam achar um jeito de me dominar. Principalmente quando descobrem que sou tira.

— Não pretendo competir com você. O que eu sei fazer, faço melhor que você. E o que você sabe fazer, faz melhor que eu.

— Ótimo. Está aí uma postura que combina comigo.

— Por que você deu em cima de mim?

— Eu costumo seguir os meus impulsos. E você foi um desses impulsos.

— Certo. Mas você é uma policial da Sapo, o que não é pouca coisa, e por acaso está envolvida numa investigação em que eu sou um dos personagens...

- Você está querendo dizer que eu não fui profissional. Tem razão.

Mão deveria ter feito isso. E estarei encrencada se souberem. Edklinth ficaria furioso.

— Eu é que não vou dedurar.

— Obrigada.

Ficaram calados por um instante.

— Não sei no que isso vai dar. Pelo que entendi, você é um cara cheio de mulheres no currículo. Confere?

— Sim. Infelizmente. E acho que não estou procurando namorada fixa.

— Certo. Estou avisada. Acho que eu também não estou procurando um namorado fixo. Você concorda se a gente ficar na amizade?

— Prefiro assim. Rosa, não vou contar para ninguém que ficamos juntos, mas, se alguma coisa der errado, eu poderia ficar numa saia justa com seus colegas.

— Acho que não. O Edklinth é legal. E estamos muito dispostos a pegar esse clube Zalachenko. Parece uma loucura, se as suas teorias estiverem certas.

— Vamos ver.

— Você também teve um caso com a Lisbeth Salander. Mikael ergueu os olhos e encarou Rosa.

— Ei... eu não sou um diário íntimo que todo mundo pode ler. Ninguém tem nada a ver com a minha relação com a Lisbeth.

— Ela é filha do Zalachenko.

— É. E tem que conviver com isso. Mas ela não é o Zalachenko. Tem uma enorme diferença aí.

— Não foi isso que eu quis dizer. Eu só estava me perguntando sobre o seu envolvimento nessa história.

— A Lisbeth é minha amiga. É razão mais que suficiente.

Susanne Linder, da Milton Security, estava usando jeans, uma jaqueta de couro preta e tênis de corrida. Chegou a Saltsjõbaden por volta das nove da noite, foi inteirada da situação por David Rosin e deu uma volta pela casa com ele. Trazia um laptop, um cassetete da polícia, uma bomba de gás lacrimogêneo, algemas e uma escova de dentes numa mochila militar verde que ela abriu no quarto de hóspedes de Erika Berger. Erika lhe ofereceu um café.

— Obrigada. A senhora talvez me veja como uma visita e ache que tem obrigação de me agradar de todas as maneiras possíveis. Na verdade, não tenho nada de visita. Sou um mal necessário que apareceu de repente na sua vida, mesmo que seja só por uns dias. Trabalhei seis anos como policial e quatro na Milton Security. Tenho diploma de guarda-costas.

— Ahã.

— Existe uma ameaça contra a senhora e estou aqui como sua guardiã, para que a senhora possa dormir tranqüila, trabalhar, ler um livro, fazer o que tiver vontade. Se precisar conversar, estou pronta para escutá-la. Se não, eu trouxe um livro para me fazer companhia.

— Ótimo.

— O que eu quero dizer é que a senhora pode seguir com a sua vida sem se sentir no dever de me dar atenção. Senão, logo vai começar a me sentir como uma intrusa no seu dia a dia. O melhor seria me considerar uma colega ocasional.

— A verdade é que não estou acostumada com este tipo de situação. Já recebi ameaças na época em que era diretora da Millennium, mas tinha a ver com meu trabalho. Agora trata-se de uma pessoa superdesagradável que...

— Que pegou no seu pé.

— É, por aí.

— Se tivermos mesmo que montar uma proteção pessoal, isso vai lhe custar os olhos da cara e teríamos que conversar com o Dragan Armanskij. Só valeria a pena se a ameaça fosse muito clara e específica. Faço isso apenas para ganhar um dinheirinho extra. Cobro quinhentas coroas por noite para dormir aqui até o final da semana, em vez de dormir na minha casa. Não é caro, é muito menos do que eu pediria se pegasse esse serviço por intermédio da Milton. Está bem para a senhora?

— Está muito bem.

— Se acontecer o que quer que seja, quero que se tranque no quarto e deixe o agito por minha conta. A senhora só precisa acionar o alarme anti-agressão.

— Entendo.

— Estou falando sério. Não quero a senhora me atrapalhando se houver confusão.

Erika Berger foi se deitar por volta das onze horas. Ouviu o estalido da fechadura quando fechou a porta do quarto. Despiu-se, pensativa, e deitou-se na cama.

Embora sua convidada a tivesse encorajado a não lhe dar atenção, passara duas horas com Susanne Linder à mesa da cozinha. Descobrira que elas se entendiam bem e que a conversa fluía sem dificuldade. Tinham falado sobre psicologia e essa tendência que leva alguns homens a perseguir mulheres. Susanne Linder afirmara que não estava nem aí para a lenga-lenga psicológica. Disse que era importante deter os malucos, que gostava muitíssimo do seu trabalho na Milton Security e que sua missão era, em boa parte, servir de medida preventiva contra os doidos.

— Por que você saiu da polícia? — perguntou Erika Berger.

— Pergunte antes por que me tornei policial.

— Certo. Por que você se tornou policial?

— Porque, quando eu tinha dezessete anos, uma amiga íntima minha foi agredida e estuprada por três marginais dentro de um carro. Eu me tornei policial porque tinha uma imagem romântica da polícia, achava que ela existia para impedir esse tipo de crime.

— Sim...

— Não consegui impedir coisíssima nenhuma. Como policial, eu sempre chegava ao local depois que o crime já tinha sido cometido. Não agüentei ser a idiota que faz perguntas idiotas na viatura da polícia. E logo descobri que certos crimes nunca são solucionados. Você é um bom exemplo. Você tentou avisar a polícia do que aconteceu?

— Tentei.

— E a polícia veio correndo para cá?

— Não exatamente. Sugeriram que eu fizesse um B. O. na delegacia mais próxima.

— Bem, então você entende. Agora trabalho para o Armanskij e entro em cena antes de o crime ser cometido.

— Ameaças contra mulheres?

— Trabalho em várias direções. Análise de segurança, proteção pessoal vigilância etc. Mas muitas vezes se trata de pessoas que receberam ameaças e gosto muito mais disso que da polícia.

— Humm.

— Mas reconheço que também existe um inconveniente.

— Ah, é? Qual?

— Só oferecemos ajuda aos clientes que podem pagar.

Deitada, Erika Berger refletia sobre o que Susanne Linder tinha dito. Nem todo mundo tinha condições de pagar para ter segurança. Quanto a ela aceitara sem piscar a sugestão de David Rosin para

trocar várias portas, chamar os técnicos e instalar sistemas duplos de alarme e tudo mais. A conta de todas aquelas medidas chegaria a cinqüenta mil coroas. Ela podia pagar.

Refletiu um instante sobre sua impressão de que quem a ameaçava tinha alguma ligação com o SMP. Essa pessoa sabia que ela estava com o pé machucado. Pensou em Lukas Holm. Não gostava dele, o que contribuía para dirigir suas suspeitas a ele, mas por outro lado a notícia de que ela machucara o pé tinha se espalhado depressa na redação, assim que ela chegara usando muletas.

E ela ainda precisava enfrentar o problema Borgsjõ.

Sentou-se na cama de repente, franziu o cenho e olhou em volta. Perguntava-se onde havia deixado a pasta de Henry Cortez sobre Borgsjõ e a Vitavara S.A.

Erika se levantou, enfiou o roupão e apoiou-se na bengala. Então abriu a porta do quarto, foi até o seu escritório, acendeu a luz. Não, ela não tinha voltado ao escritório desde que... desde que lera o dossiê na banheira na noite anterior. Deixara-o na beira da janela.

Entrou no banheiro. A pasta não estava na janela.

Permaneceu um bom tempo imóvel, refletindo.

Eu saí da banheira, depois fui ligar a cafeteira, pisei no caco de vidro e minha cabeça ficou envolvida com outras coisas.

Ela não lembrava de ter visto a pasta de manhã. Não a tinha guardado em outro lugar.

De repente, sentiu que gelava. Passou os cinco minutos seguintes vasculhando o banheiro sistematicamente, revirando pilhas de papéis e jornais na cozinha e em seu quarto. Por fim, viu-se obrigada a reconhecer que a pasta havia sumido.

Em algum momento depois que ela pisara no caco de vidro e antes que ! David Rosin aparecesse naquela manhã, alguém tinha

entrado no banheiro e pegado os documentos da Milennium sobre a Vitavara S.A.

Então ela se lembrou que guardava outros segredos em casa. Foi mancando até o quarto e abriu a gaveta de baixo, junto à cama. Seu coração se desfez dentro do peito. Todo mundo tem seus segredos. Erika Berger guardava os seus na cômoda do quarto. Não mantinha um diário íntimo regular, mas o fizera em certos períodos. Na gaveta estavam também antigas cartas de amor de sua adolescência.

Havia também um envelope com fotos que tinham tido graça quando foram tiradas, mas que eram impróprias para publicação. Quando Erika tinha uns vinte e cinco anos, fora membro do Clube Extremo, que organizava festas particulares para amantes do couro e do látex. Havia fotos suas, tiradas nessas festas, em que ela não parecia nada bem no quesito sobriedade.

E desastre total: havia um vídeo feito durante umas férias no início dos anos 1990, quando ela e o marido tinham se hospedado na casa do artista vidreiro Torkel Bollinger, na Costa dei Sol. Nessas férias, Erika descobrira que seu marido tinha uma clara tendência bissexual, e os dois haviam acabado na cama de Torkel. Tinham sido férias maravilhosas. Na época, as câmeras de vídeo ainda eram um fenômeno relativamente recente e o filme que haviam produzido não era do tipo que se deixa ao alcance das crianças.

A gaveta estava vazia.

Como eu pude ser burra a esse ponto?

No fundo da gaveta, alguém pichara as duas palavras que já haviam se tornado familiares.

19. SEXTA-FEIRA 3 DE JUNHO – SÁBADO 4 DE JUNHO

Lisbeth Salander terminou de escrever sua biografia por volta das quatro da manhã de sexta-feira, e mandou uma cópia para Mikael Blomkvist pelo grupo Yahoo [Tãvola-Biruta]. Depois ficou deitada, imóvel, contemplando o teto.

Deu-se conta que no dia 30 de abril completara vinte e sete anos, mas que não tinha se lembrado de seu aniversário. Estava no cativeiro. Tivera a mesma experiência na clínica de psiquiatria infantil de Sankt Stefan e, se os ventos não virassem a seu favor, estava arriscada a passar vários outros aniversário numa instituição qualquer.

Isso ela não pretendia aceitar.

A última vez que tinha sido trancafiada, ainda não era uma adolescente. Agora, era adulta, com outros conhecimentos e competências. Perguntou-se quanto tempo precisaria para fugir, colocar-se em segurança em algum lugar no exterior e conseguir uma nova identidade e uma nova vida.

Levantou-se da cama, foi ao banheiro e olhou-se no espelho. Não mancava mais. Apalpou o quadril no lugar onde o ferimento causado pela bala criara uma cicatriz. Girou os braços e esticou o ombro. Sentiu umas pontadas, mas ela estava praticamente restabelecida. Deu umas batidinhas na cabeça. Supunha que seu cérebro não havia sofrido grandes danos, apesar de ter sido perfurado por uma bala.

Tivera muita sorte.

Quando ainda estava sem seu computador de mão, tinha se ocupado pensando numa maneira de fugir daquele quarto trancado do hospital Sahlgrenska.

Depois, Anders Jonasson e Mikael Blomkvist haviam atropelado seus planos fornecendo-lhe o computador. Ela lera os textos de Mikael Blomkvist e refletira bastante. Tinha analisado as

conseqüências, pensado no plano de Mikael e avaliado as possibilidades. E resolvera, pela primeira vez, que iria aceitar a sugestão dele. Ia testar o sistema. Mikael Blomkvist a convencera de que ela realmente não tinha nada a perder, e oferecia-lhe uma possibilidade de fuga bem diferente. Se o plano fracassasse, só lhe restaria pensar numa forma de fugir da clínica Sankt Stefan ou de algum outro hospital de doidos.

O que a convencera a aceitar o plano de Mikael fora sua sede de vingança.

Ela não perdoava.

Zalachenko, Bjõrck e Bjurman estavam mortos.

Mas Teleborian ainda estava vivo.

Assim como Ronald Niedermann, seu irmão. Mesmo que, a princípio, ele não fosse problema dela. Certo, ele estivera ali para assassiná-la e enterrá-la, mas ainda assim ela o considerava secundário. Se eu topar com ele algum dia, aí a gente vê, mas até lá ele é um problema da polícia.

Mikael tinha razão. Por trás da conspiração havia outros rostos desconhecidos que haviam contribuído para moldar a vida dela. Ela precisava saber os nomes e currículos desses rostos anônimos.

Assim, resolvera seguir o plano de Mikael e escrevera a verdade nua sobre sua vida, sem maquiagem, na forma de uma biografia fria e seca de quarenta páginas. Tomara o maior cuidado com suas afirmações. Todas as frases eram verídicas. Aceitara o raciocínio de Mikael segundo o qual a mídia sueca já havia divulgado tantas fantasias grotescas sobre ela, que uma cota verdadeira de loucura não iria prejudicar sua reputação.

Em compensação, a biografia era falsa porque ela não contava de fato toda a verdade sobre si mesma e sobre sua vida. Não tinha nenhum motivo para isso.

Voltou para a cama e se enfiou debaixo das cobertas. Sentia uma irritação que não conseguia definir. Esticou-se para apanhar o

bloco de anotações que Annika Giannini lhe dera e que praticamente não usara. Abriu a primeira página, onde anotara apenas uma linha.

(x'+f=z')

No inverno anterior ela havia passado várias semanas nas Antilhas queimando neurônios até quase pirar, tentando solucionar o teorema de Fermat. Ao voltar para a Suécia, e antes de ser envolvida na caçada a Zalachenko, continuara brincando com as equações. Seu problema agora era a sensação enervante de ter vislumbrado uma solução... de ter vivenciado uma solução.

Mas não conseguia se lembrar.

Não se lembrar de alguma coisa era um fenômeno desconhecido para Lisbeth Salander. Ela fizera alguns testes, entrando na internet e pinçando ao acaso alguns códigos HTML, que ela lera de um jato e decorara, e depois reconstituíra corretamente.

Não tinha perdido sua memória fotográfica, que ela vivenciava como uma maldição.

Tudo estava como sempre fora na sua cabeça.

A não ser por isto: tinha a impressão de ter visto uma solução para o teorema de Fermat, mas não conseguia se lembrar onde, quando ou como.

O pior é que não sentia o menor interesse pelo enigma. O teorema de Fermat já não lhe interessava. Mau sinal. Era bem assim que ela funcionava. Ficava fascinada por um enigma, mas depois que o desvendava perdia o interesse por ele.

Era exatamente o que sentia em relação a Fermat. Ele já não era aquele diabinho saltitando em seu ombro, pedindo atenção e atiçando sua inteligência. Não passava de uma fórmula insípida, de rabiscos numa folha de papel, e ela não tinha a menor vontade de mexer nisso.

O que era preocupante. Largou o bloco de anotações.

Ela deveria ir dormir.

Em vez disso, tornou a pegar o computador de mão e conectou-se à internet. Refletiu por um momento e então entrou no disco rígido de Dragan Armanskij, que ela não visitava desde que recebera o computador. Armanskij vinha colaborando com Mikael Blomkvist, mas ela não sentira uma necessidade imediata de ver no que ele trabalhava.

Leu distraidamente sua correspondência eletrônica.

Então deparou com a análise de segurança feita por David Rosin para a residência de Erika Berger. Franziu o cenho.

Erika Berger estava com um ciberassediador na sua cola.

Encontrou o relatório de uma funcionária chamada Susanne Linder, que aparentemente pernoitara na casa de Erika Berger e enviara um relatório por e-mail à noite. Deu uma olhada no horário. O e-mail fora enviado pouco antes das três da manhã e relatava que Berger descobrira que diários íntimos, cartas e fotografias, além de um vídeo de caráter estritamente pessoal, haviam sido roubados de uma cômoda de seu quarto.

[Depois de conversarmos sobre o incidente, concluímos que o roubo deve ter ocorrido enquanto a Sra. Berger ainda se encontrava no hospital de Nacka, depois de ter pisado num caco de vidro. Por um período de mais ou menos duas horas e meia, a casa ficou sem vigilância e com o alarme incompleto da NIP fora de funcionamento. Exceto isso, ou Berger ou David Rosin estiveram o tempo todo na casa até o roubo ser descoberto.

Pode-se deduzir que o assediador da Sra. Berger devia estar nas proximidades e viu quando ela saiu de táxi, como decerto também viu que ela estava mancando e com o pé machucado. Então aproveitou a oportunidade para entrar na casa.

Lisbeth fechou o discou rígido de Armanskij e desligou, pensativa, o computador de mão. Estava tomada por sentimentos

contraditórios.

Não tinha motivo nenhum para gostar de Erika Berger. Ainda se lembrava de como se sentira humilhada ao vê-la desaparecer na Hornsgatan com Mikael Blomkvist um ano e meio atrás, no dia 30 de dezembro.

Fora o momento mais idiota de toda a sua vida e ela nunca mais se permitiria sentir aquilo de novo.

Lembrava-se do ódio irracional que a invadira e do desejo de alcançá-los e de machucar Erika Berger.

Fora doloroso.

Ela estava curada.

Ótimo. Portanto, não tinha motivo nenhum para gostar de Erika BemP&er.

No instante seguinte, perguntou-se qual seria o conteúdo do vídeo de caráter estritamente pessoal de Berger. Ela também possuía um vídeo de caráter estritamente pessoal que mostrava o calhorda do Nils Bjurman violentando. O vídeo estava agora com Mikael Blomkvist. Perguntou-se como ela reagiria se alguém entrasse em sua casa e roubasse o filme. Que era o que Mikael Blomkvist, afinal, tinha feito, embora não com o objetivo de prejudicá-la.

Humm.

Complicado.

Erika Berger não conseguiu dormir na noite de sexta para sábado. Ficou andando incansavelmente pela casa, manquejando, enquanto Susanne Linder ficava de olho nela. Sua angústia pairava na casa como uma verdadeira neblina.

Por volta das duas e meia, Susanne Linder conseguiu convencer Berger a pelo menos se deitar para descansar um pouco, mesmo sem dormir. Deu um suspiro de alívio quando Berger fechou a porta do quarto. Abriu seu lap-top e resumiu o que se passara

num e-mail para Dragan Armanskij. Mal tinha tido tempo de enviar o e-mail, quando voltou a ouvir Erika Berger de pé, se movimentando.

Por volta das sete da manhã, conseguira convencer Erika Berger a ligar para o SMP dizendo que estava doente e que não iria ao jornal naquele dia. A contragosto, Erika admitira que não trabalharia com muita eficiência com os olhos se fechando de sono. Em seguida, dormira no sofá da sala, diante da janela vedada com a chapa de compensado. Susanne Linder fora pegar um cobertor. Depois fizera um café e ligara para Dragan Armanskij, a fim de explicar sua presença no local e como fora chamada por David Rosin.

— Eu também não preguei o olho esta noite — disse Susanne Linder.

— Certo. Fique aí com a Berger. Vá se deitar e durma algumas horas — disse Armanskij.

— Não sei como vou faturar isso...

— Depois a gente dá um jeito.

Erika Berger dormiu até as duas e meia da tarde. Quando acordou, deu com Susanne Linder dormindo numa poltrona do outro lado da sala.

Rosa Figuerola perdeu a hora na sexta-feira de manhã e não teve tempo de fazer sua corrida matinal antes de ir trabalhar. Pôs a culpa em Mikael, tomou um banho e o fez sair da cama rapidinho.

Mikael Blomkvist foi até a Millennium, e todos se surpreenderam ao vê-lo chegar tão cedo. Ele resmungou uma explicação qualquer, foi pegar um café e chamou Malu Eriksson e Henry Cortez à sua sala. Passaram três horas revisando os textos para a edição temática que estava para sair e conferiram o andamento da produção de livros.

— O livro do Dag Svensson foi para a gráfica ontem — disse Malu. — Vai sair em formato de bolso.

— Certo.

— A revista vai sair com o título The Lisbeth Salander Story — disse Henry Cortez. — Estão alterando a data, mas o julgamento está marcado para a quarta-feira 13 de julho. A revista já vai estar impressa, porém vamos esperar até o meio da semana para começar a distribuição. Você é que decide a data em que ela deve estar nas bancas.

— Ótimo. Então só falta o livro do Zalachenko, que no momento está um verdadeiro pesadelo. Título: A Seção. A primeira parte, na verdade, é o que vamos publicar na Millennium. O ponto de partida é o assassinato de Dag Svensson e Mia Bergman, depois temos a caçada a Lisbeth Salander, Zalachenko e Niedermann. A segunda parte do livro vai falar do que sabemos sobre a Seção.

— Mikael, mesmo que a gráfica faça todo o possível, temos que entregar os originais definitivos, prontos para imprimir, no máximo em 30 de junho — disse Malu. — O Christer precisa de uns dois, três dias para diagramar. lemos pouco mais de duas semanas. Não vejo como a gente vai conseguir.

— Não vamos ter tempo de levantar a história toda — admitiu Mikael. — Mas acho que não conseguiríamos nem que tivéssemos um ano pela frente. O que vamos fazer nesse livro é expor o que aconteceu. Se não conseguirmos nenhuma fonte para dar uma declaração, eu mesmo escrevo e dou a minha declaração. Se ficarmos só especulando, isso vai transparecer. De um lado, a gente escreve o que aconteceu e não podemos provar; de outro, o que a gente acha que aconteceu.

— Ou seja, uma coisa capenga — disse Henry Cortez. Mikael balançou a cabeça.

— Se eu disser que alguém da Sapo entrou no meu apartamento e provo isso com um vídeo, então está provado. Se eu disser que quem mandou fazer isso foi a Seção, é especulação, mas, diante de todas as revelações que vamos fazer, é uma especulação plausível. Entende?

— É...

— Não vou ter tempo de escrever todos os textos sozinho. Henry, estou com uma lista de textos para você rever. São umas cinqüenta páginas do livro. Malu, você dá assistência ao Henry, como quando a gente fez o livro do Dag Svensson? Nós três vamos assinar o livro. Tudo bem para vocês?

— Claro — disse Malu. — Só que temos outros problemas.

— Quais?

— Enquanto você enlouquecia com o caso Zalachenko, a gente aqui ficou com um puta trabalho para fazer...

— Você quer dizer que eu não ando disponível? Malu Eriksson fez que sim com a cabeça.

— Tem razão. Desculpe.

— Não se desculpe. Todos nós sabemos que quando você fica obcecado com um caso, o resto deixa de existir. Mas com a gente não funciona assim. Não funciona comigo. A Erika Berger podia contar comigo. Eu tenho o Henry, e ele é bárbaro, mas está trabalhando na sua matéria tanto quanto você. Mesmo contando com você, ainda faltam duas pessoas na redação.

— Certo.

— E eu não sou a Erika Berger. Ela tinha uma quilometragem que eu não tenho. Ainda estou aprendendo. A Monika Nilsson está se matando de trabalhar. E a Lottie Karim também. Só que ninguém tem tempo nem de parar para pensar.

— Tudo isso é passageiro. Assim que o julgamento começar...

— Não, Mikael. Não vai passar. Quando o julgamento começar, vai ser um inferno. Lembre-se do caso Wennerstrõm. O que vai acontecer é que não vamos te ver por uns dois meses, enquanto você estiver se exibindo no horário nobre da tevê.

Mikael suspirou. Balançou a cabeça devagar.

— O que você sugere?

— Se quisermos dar conta da Millennium desse outono, vamos precisar contratar pelo menos duas pessoas, talvez mais. Não temos condições de fazer o que estamos pretendendo e...

— E?

— E nem tenho certeza se quero mesmo fazer isso.

— Entendo.

— Estou falando sério. Eu sou uma ótima assistente editorial, e as coisas rolavam numa boa com a Erika na chefia. Combinamos de fazer um teste no verão... Bem, a gente tentou. Não sou uma boa redatora-chefe.

— Isso é bobagem — disse Henry Cortez. Malu meneou a cabeça.

— Certo — disse Mikael. — Estou entendendo. Mas considere que estamos passando por uma situação atípica.

Malu sorriu para ele.

— Você deve encarar isso como a reclamação de uma funcionária — disse ela.

A unidade de intervenção da Brigada de Proteção à Constituição passou a sexta-feira tentando elucidar a informação fornecida por Mikael Blomkvist. Dois colaboradores se instalaram num escritório provisório na Fridhemsplan, e ali ficou centralizada toda a documentação. Era pouco prático, já que todo o sistema de computação ficava no Palácio da Polícia e os colaboradores, portanto, tinham de ir e vir todos os dias. Mesmo sendo um trajeto de apenas minutos, era incômodo. Ao meio-dia, já dispunham de uma ampla documentação mostrando que tanto Fredrik Clinton como Hans von Rottinger tinham sido ligados à Sapo nos anos 1960 e início dos 1970.

Rottinger era originário do serviço de informações militares e trabalhara vários anos na agência coordenando Defesa e

Segurança. Fredrik Clinton tinha passado pela Força Aérea e começara a trabalhar no controle de pessoal da Sapo em 1967.

Ambos, porém, haviam saído da Sapo no início dos anos 1970; Clinton em 1971 e Rottinger em 1973. Clinton voltara para a vida civil como consultor e Rottinger tinha sido contratado para fazer investigações pela Agência Internacional de Energia Atômica. Fora baseado em Londres.

A tarde já ia longe quando Rosa Figuerola foi bater à porta de Edklinth para contar que tudo indicava que as carreiras de Clinton e Rottinger, desde que haviam deixado a Sapo, tinham sido forjadas. A carreira de Clinton era difícil de rastrear. Trabalhar como consultor para o setor industrial pode significar praticamente qualquer coisa. A pessoa não tem obrigação de prestar contas de suas atividades ao Estado. As declarações de renda de Clinton mostravam que ele ganhava muito dinheiro; infelizmente, sua clientela parecia ser formada, sobretudo, por empresas anônimas sediadas na Suíça e em países similares. Portanto, não era muito fácil provar que tudo aquilo não passava de fachada.

Rottinger, em compensação, nunca pusera os pés no escritório de Londres onde supostamente trabalhava. Em 1973, na verdade o prédio onde ficava o tal escritório havia sido demolido e substituído por uma extensão da King's Cross Station. Era óbvio que alguém se enganara redondamente ao criar aquela lenda. Durante o dia, a equipe de Figuerola conversou com vários colaboradores aposentados da Agência Internacional de Energia Atômica. Nenhum deles sequer ouvira falar em Rottinger.

— Já temos as informações — disse Edklinth. — Agora só nos resta descobrir quais as reais atividades desses senhores.

Rosa Figuerola concordou com a cabeça.

— E quanto ao Blomkvist, o que a gente faz?

— Como assim?

— Nós prometemos mantê-lo informado do que descobríssemos sobre Clinton e Rottinger.

Edklinth refletiu.

— Está certo. E ele mesmo vai acabar descobrindo se continuar vasculhando. Mais vale mantermos boas relações com ele. Você conta para o Blomkvist. Mas use a cabeça.

Rosa Figuerola prometeu. Conversaram alguns minutos sobre a agenda do fim de semana. Dois colaboradores de Rosa iam continuar trabalhando. Ela estaria de folga.

Ela bateu seu ponto e foi até a academia da Praça Sankt Erik, onde passou duas horas se recuperando desenfreadamente do treino que havia perdido. Ao voltar para casa por volta das sete da noite, tomou um banho, preparou uma refeição leve e ligou a tevê para ver o noticiário. Por voltas das sete e meia, já estava zanzando à toa e calçou o tênis de corrida. Deteve-se à porta de casa e pensou um pouco. Maldito Blomkvist! Pegou o celular e ligou para o de Mikael.

— Descobrimos umas duas, três coisas sobre o Rottinger e o Clinton.

— Fale — disse Mikael.

— Se você vier me visitar eu te conto.

— Humm — fez Mikael.

— Acabei de pôr o tênis de corrida para ir gastar meu excesso de energia — disse Rosa Figuerola. — Saio ou te espero?

— Está bem para você se eu chegar depois das nove?

— Está ótimo.

Por volta das oito da noite de sexta-feira, o Dr. Anders Jonasson foi ver Lisbeth Salander. Ele se sentou na poltrona dos visitantes e recostou-se.

— Vai me examinar? — perguntou Lisbeth Salander.

— Não. Hoje não.

— Que maravilha!

— Fizemos uma avaliação do seu estado hoje e informamos o procurador de que estamos prontos para lhe dar alta.

— Entendo.

— Eles queriam transferir você para a casa de detenção de Gõteborg esta noite mesmo.

— Tão rápido?

Ele assentiu com a cabeça.

— Parece que Estocolmo está pressionando. Eu disse que ainda tinha uns testes para fazer com você amanhã e que não ia liberá-la antes de domingo.

— Por quê?

— Não sei. A pressa deles me irritou.

Lisbeth Salander sorriu de verdade. Ela sem dúvida conseguiria transformar o Dr. Anders Jonasson num bom anarquista, se lhe dessem alguns anos. Pelo menos tendências à desobediência civil ele tinha.

— Fredrik Clinton — disse Mikael Blomkvist, olhos fixos no teto acima da cama de Rosa Figuerola.

— Acenda esse cigarro e eu apago ele no seu umbigo — disse Rosa. Mikael olhou, surpreso, para o cigarro que acabava de tirar do bolso do paletó.

— Desculpe — disse ele. — Você me empresta a sua sacada?

— Só se você escovar os dentes depois.

Ele concordou balançando a cabeça e se enrolou num lençol. Ela o seguiu até a cozinha e encheu um copo grande com água fria. Apoiou-se no vão da porta da sacada.

— Fredrik Clinton?

— Ele ainda está vivo. É o elo com o passado.

— Ele está morrendo. Precisa de um rim, e passa a maior parte do tempo fazendo diálise ou algum outro tratamento.

— Mas está vivo. Poderíamos entrar em contato com ele e perguntar diretamente. Ele talvez queira falar.

— Não — disse Rosa. — Em primeiro lugar, trata-se de um inquérito preliminar e a polícia é que está investigando. Nós não existimos nessa história. Em segundo lugar, como foi combinado com Edklinth, você está recebendo as informações, mas se comprometeu a não atrapalhar a investigação.

Mikael olhou para ela e sorriu. Apagou o cigarro.

— Epa — disse ele. — Olha a Sapo puxando a coleira... De repente, ela pareceu preocupada.

— Mikael, eu não estou brincando.

Quando Erika Berger foi para o Svenska Morgon-Posten no sábado de manhã, estava com um nó no estômago. Sentia que começava a dominar o modo de fazer o jornal e na verdade planejara tirar folga no fim de semana — pela primeira vez desde que entrara no SMP—, porém ter descoberto que suas lembranças mais pessoais e íntimas haviam sumido junto com o relatório sobre Borgsjõ a impedia de relaxar totalmente.

Durante sua noite em claro, passada em boa parte na cozinha com Su-sanne Linder, Erika esperara que Pena Podre atacasse outra vez e que imagens suas, que podiam ser tudo menos lisonjeiras, fossem rapidamente divulgadas. A internet era uma arma perfeita para os canalhas. Meu Deus, um vídeo em que eu apareço trepando com meu marido e outro homem, e eu vou sair nos jornais sensacionalistas do mundo inteiro. Não poderia haver coisa mais íntima.

Durante toda a noite, fora torturada pelo pânico e pela angústia.

Por fim, Susanne Linder a obrigara a ir se deitar.

Levantou-se às oito horas e foi para o SMP. Não conseguia ficar longe por muito tempo. Se havia uma tempestade esperando por ela, queria ser a primeira a enfrentá-la.

Mas na equipe de redação, reduzida por ser sábado, estava tudo normal. As pessoas a cumprimentaram cordialmente quando ela passou pelo pólo central. Lukas Holm não estava trabalhando. Peter Fredriksson chefiava Atualidades.

— Oi, achei que você não vinha trabalhar hoje.

— Eu também. Mas ontem eu não estava bem, e tenho umas pendências. Alguma novidade?

— Não, o noticiário está fraco. O que temos de mais excitante é a divulgação de uma melhora na situação do setor madeireiro na Dalecarlia e um assalto em Norrkõping com um ferido.

— Certo. Vou trabalhar um pouco na primeira página.

Sentou-se, apoiou as muletas na estante de livros e se conectou à internet. Primeiro, abriu os e-mails. Tinha recebido vários, mas nada do Pena Podre. Franziu o cenho. Já haviam se passado dois dias desde o assalto a sua casa e ele ainda não reagira ao que deveria representar um autêntico tesouro de possibilidades. Por quê? Será que está pretendendo mudar de tática? Quer me deixar em suspense?

Como ela não tinha nenhum trabalho especial para fazer, abriu o arquivo da estratégia para o SMP que estava escrevendo. Ficou olhando para a tela por uns quinze minutos, sem nem ver as letras.

Tinha tentado falar com Lars, sem sucesso. Nem sabia se o celular dele funcionava em outro país. Claro que poderia localizá-lo se fizesse um esforço, mas sentia-se completamente apática. Ou melhor, sentia-se desesperada e paralisada.

Tentou ligar para Mikael Blomkvist no intuito de avisar que o dossiê Borgsjõ havia sido roubado. Ele não atendia.

Às dez da manhã, ainda não tinha feito nada de importante e resolveu voltar para casa. Estava estendendo a mão para desligar o computador quando seu ICQ tilintou. Atônita, fitou o menu. Sabia o que era o ICQ, mas raramente entrava em chats e nunca usara aquele programa desde que começara no SMP.

Hesitante, clicou em Responder.

[Oi, Erika.]

[Oi. Quem é?]

[É particular. Você está sozinha?]

Uma armadilha? Pena Podre?

[Estou. Quem é você?]

[A gente se conheceu no apartamento do Super-Blomkvist quando ele voltou de Sandhamn.]

Erika contemplou a tela. Levou alguns segundos até entender. Lisbeth Salander, isso é impossível.

[Você está aí?] [Estou.]

[Sem citar nomes. Você sabe quem eu sou?] [Como posso saber que não é uma armadilha?] [Eu sei como o Milcael adquiriu aquela cicatriz no pescoço.]

Erika engoliu em seco. Apenas quatro pessoas no mundo sabiam como ele adquirira aquela cicatriz. Lisbeth Salander era uma delas.

[Certo. Mas como você está conseguindo falar comigo?] [Eu costumo me sair bem em computação.]

A Lisbeth Salander é fera em computação. Mas queria que alguém me explicasse como ela consegue se comunicar estando em Sahlgrenska e isolada desde abril.

[Certo.]

[Posso confiar em você?]

[Em que sentido?]

[Esta conversa tem que ficar entre nós.]

Ela não quer que a polícia saiba que ela tem acesso à internet. Claro. Por isso é que ela está batendo papo com a redatora-chefe de um dos maiores jornais da Suécia.

[Não tem problema. O que você quer?] [Ressarcir.] [Como assim?] [A Millennium me apoiou.] [Fizemos o nosso trabalho.] [Ao contrário de outros veículos.]

[Você não é culpada das acusações que estão lhe fazendo.] [Tem um canalha assediando você.]

O coração de Erika disparou. Hesitou por um bom tempo.

[O que você sabe?]

[Vídeo roubado. Arrombamento.] [Sim. Você pode fazer alguma coisa?]

Erika Berger custou a acreditar que ela mesma tinha feito aquela pergunta. Era uma loucura absoluta. Lisbeth Salander estava hospitalizada em Sahlgrenska e já estava mais que saturada de problemas. Era a pessoa menos provável para Erika pedir ajuda.

[Não sei. Deixe eu tentar.] [Como?]

[Pergunta. Você acha que esse cretino é do SMP?] [Não tenho como provar.] [Por que você acha que ele é do SMP?]

Erika ponderou por algum tempo antes de responder.

[É uma sensação. Começou quando eu entrei no SMP. Outras pessoas do jornal também receberam e-mails desagradáveis do Pena Podre como se tivessem sido mandados por mim.]

[Pena Podre?]

[E assim que eu chamo esse canalha.]

[Certo. Por que o Pena Podre estaria mirando em você e não em outra pessoa?]

[Não sei.]

[Há alguma coisa que indique que é pessoal?]

[Como assim?]

[Quantos funcionários tem no SMP?]

[Cerca de 230, incluindo a editora.]

[Quantos você conhece pessoalmente?]

[Não sei dizer ao certo. Conheci vários jornalistas e colaboradores ao longo dos anos, em diferentes situações.]

[Você já se indispôs com algum deles?]

[Não. Nada especial.]

[Alguém pode estar querendo se vingar?]

[Se vingar? Do quê?]

[A vingança é um motivo poderoso.]

Erika olhou para a tela tentando entender a que Lisbeth Salander estaria referindo.

[Você está aí?]

[Estou. Por que você falou em vingança?]

[Eu li a lista do Rosin com todos os incidentes que você associa ao Pena Podre.]

Por que é que eu não estou surpresa?

[Certo???]

[Ele não tem jeito de assediador.]

[O que você quer dizer?]

[Um assediador é alguém dominado pela obsessão sexual. Esse parece que está imitando o tipo assediador. Chave de fenda na bunda... imagina, isso é pura paródia.]

[Ah, é?]

[Já vi assediadores de verdade. São muito mais perversos, vulgares e grotescos. Expressam amor e ódio ao mesmo tempo. Essa história não está batendo direito.]

[Você acha que não está suficientemente vulgar.]

[Não. O e-mail para a Eva Carlsson não tem nada a ver. Isso é alguém querendo te perturbar.]

[Sei. Eu não estava vendo as coisas por esse ângulo.]

[Não é um maníaco sexual. E algo contra você, pessoal.]

[Bem, e o que você sugere?]

[Você confia em mim?]

[Talvez.]

[Preciso acessar a rede do SMP.]

[Ei, calma lá!]

[Não demora, eu vou ser transferida e vou ficar sem internet.]

Erika hesitou por uns dez segundos. Entregar o SMP a... a quem? A uma verdadeira maluca? Claro, Lisbeth era inocente dos assassinatos de que fora acusada, porém, definitivamente, não era uma pessoa normal.

Mas o que ela tinha a perder?

[Como?]

[Preciso instalar um programa no seu computador.]

[A gente tem firewall.]

[Você vai me ajudar. Entre na internet.]

[Isso eu já estou.]

[Explorer?]

[Sim.]

[Vou escrever um endereço. Copie e cole no Explorer.]

[Pronto.]

[Você está vendo uma lista com uma quantidade de programas. Clique em Asphyxia Server e carregue.]

Erika seguiu as instruções.

[Pronto.]

[Inicie o Asphyxia. Clique em Instalar e escolha o Explorer.]

A operação levou três minutos.

[Pronto. Certo. Agora você tem que reiniciar o computador. Vamos perder o contato por um momento.]

[Certo.]

[Quando nos reconectarmos, vou transferir o seu disco rígido para um servidor da internet.]

[Certo.]

[Pode reiniciar. Até daqui a pouco.]

Erika Berger olhou fascinada para a tela enquanto seu computador reiniciava devagar. Perguntava-se se estava totalmente bem da cabeça. Então seu ICQ tilintou.

[Olá de novo.]

[Olá.]

[Vai ser mais rápido se você fizer. Conecte-se à internet e copie o endereço que vou lhe passar por e-mail.]

[Certo.]

[Você vai ver uma pergunta. Clique em Start.]

[Certo.]

[Agora estão pedindo que você dê um nome ao disco rígido. Ponha SMP-2.]

[Certo.]

[Pode ir buscar um café. Vai demorar um tempinho.]

Rosa Figuerola acordou, no sábado, por volta das oito da manhã, quase duas horas depois de seu horário habitual. Sentou-se na cama e contemplou Mikael Blomkvist. Ele roncava. Bem, ninguém é perfeito.

Perguntou-se aonde aquela história com Mikael Blomkvist iria levá-la. Ele não era do tipo fiel, com quem se podia investir num relacionamento a longo prazo — isso ela logo viu ao analisar a biografia dele. Por outro lado, ela não tinha realmente certeza de estar buscando um relacionamento estável, com noivo, geladeira e crianças. Depois de uma dúzia de tentativas fracassadas desde a adolescência, achava cada vez mais que o mito do relacionamento estável era superestimado. Seu relacionamento mais duradouro se mantivera por dois anos, com um colega de Uppsala.

Ela tampouco era o tipo de mulher que se envolvia em aventuras sexuais de uma só noite, mesmo achando que muitas pessoas se esqueciam do valor inestimável do sexo como um remédio para praticamente tudo. E o sexo com Mikael Blomkvist era muito legal. Mais que legal, aliás. Ele era um cara bacana. Dava vontade de repetir.

Aventura de férias? Namorico? Estaria apaixonada?

Foi até o banheiro, passou uma água no rosto, escovou os dentes, enfiou um short e uma camiseta de corrida e saiu do apartamento pé ante pé. Fez um alongamento e trotou quarenta e cinco minutos em volta do hospital de Râlambshov, via Fredhàll, retornando por Smedsudden. Voltou para casa às nove horas e viu

que Blomkvist ainda dormia. Inclinou-se e mordiscou-lhe a orelha até ele abrir uns olhos enevoados.

— Bom dia, meu querido. Estou precisando de alguém para esfregar as minhas costas.

Ele a olhou fixamente e resmungou alguma coisa.

— O que você disse?

— Você não precisa tomar banho. Já está hiper molhada.

— Eu fui correr. Você deveria ir comigo.

— Se eu tentar acompanhar o seu ritmo, você vai ter que chamar uma ambulância. Parada cardíaca na Norr Málastrand.

— Não diga bobagem. Vamos lá. Você precisa acordar.

Ele esfregou-lhe as costas e ensaboou seus ombros. E quadris. E barriga. E seios. Momentos depois, Rosa Figuerola perdera totalmente o interesse pelo banho e o arrastou de volta para a cama. Só saíram por volta das onze horas, para tomar um café no Norr Malastrand.

— Você tem tudo para virar um mau hábito — disse Rosa. — Faz só alguns dias que a gente se conhece.

— Tenho um tesão louco por você. Mas acho que isso você já sabe. Ela fez que sim com a cabeça.

— Por quê?

— Ah, eu não sei dizer. Nunca entendi por que uma mulher de repente me atrai enquanto outra não me interessa nem um pouco.

Ela sorriu, pensativa.

— Hoje eu não trabalho — disse.

— E eu sim. Tenho um monte de coisas para fazer antes do início do julgamento, e passei as três últimas noites na sua casa em vez de trabalhar.

— Que pena.

Ele se levantou e deu-lhe um beijo no rosto. Ela o segurou pela manga da camisa.

— Blomkvist, tenho muita vontade de continuar vendo você.

— Eu também — disse ele. — Mas vai haver altos e baixos até que a gente consiga levar essa, história para um final feliz.

Ele desapareceu na direção de Hantverkargatan.

Erika Berger retornara com seu café e observava a tela. Não havia acontecido nada durante quarenta e cinco minutos, a não ser o protetor de tela entrando de tempos em tempos. Por fim seu ICQ tilintou novamente.

[Pronto. Tem um monte de porcaria no seu disco rígido, inclusive dois vírus.] [Sinto muito. E o que vem agora?] [Quem é o administrador da rede do SMP?]

[Não sei. Provavelmente o Peter Fleming, que é o diretor de tecnologia.] [Certo.]

[O que eu devo fazer?] [Nada. Volte para casa.] [Assim, simplesmente?]

[Eu dou notícias.]

[Tenho que deixar o computador ligado?]

Mas Lisbeth Salander já tinha saído do ICQ. Erika Berger olhou para a tela, frustrada. Por fim, desligou o computador e saiu, buscando uma cafeteria onde pudesse refletir sem ser interrompida.

20. SÁBADO 4 DE JUNHO

Mikael Blomkvist desceu do ônibus em Slussen, pegou o elevador Katarina para subir até Mosebacke e em seguida rumou para o número 9 da Fiskargatan, subindo até o apartamento. Tinha comprado pão, leite e queijo no mercadinho em frente ao Conselho Geral e, antes de mais nada, guardou as compras na geladeira. Depois ligou o computador de Lisbeth Salander.

Após pensar um instante, ligou também seu Ericsson TIO azul. Deixou para lá o celular normal, já que, de todo modo, não queria falar com ninguém que não estivesse relacionado com o caso Zalachenko. Verificou que recebera seis chamadas nas últimas vinte e quatro horas, três de Henry Cortez, duas de Malu Eriksson e uma de Erika Berger.

Ligou primeiro para Henry Cortez, que estava num café da Vasastan e tinha umas coisinhas para lhe mostrar, mas nada urgente.

Malu Eriksson tinha ligado só para dar notícias.

Em seguida ligou para Erika Berger, mas estava ocupado.

Entrou no grupo Yahoo [Tavola-Biruta] e encontrou a versão final da biografia de Lisbeth Salander. Balançou a cabeça, sorrindo, imprimiu o documento e iniciou imediatamente a leitura.

Lisbeth Salander teclava no seu Palm Tungsten T3. Passara uma hora explorando a rede do SMP através da conta de usuário de Erika Berger. Nem entrara na conta de Peter Fleming, pois não precisava dos direitos de usuário. 0 que a interessava era ter acesso à administração do SMP e daí aos arquivos dos funcionários. E Erika Berger tinha esse direito de acesso.

Lamentava amargamente que Mikael Blomkvist não tivesse tido a gentileza de lhe repassar seu PowerBook, com um teclado de verdade e uma tela de dezessete polegadas, em vez do computador de mão. Fez o download de uma lista de todos que trabalhavam no

SMP e se pôs ao trabalho. Eram duzentas e vinte e três pessoas, das quais oitenta e duas eram mulheres.

Para começar, eliminou todas as mulheres. Não que as mulheres estivessem isentas da loucura, mas as estatísticas demonstravam que a esmagadora maioria das pessoas que assediavam mulheres era homem. Restavam cento e quarenta e uma pessoas.

As estatísticas também indicavam que os Penas Podres eram, em sua maioria, adolescentes ou pessoas de meia-idade. Como não havia nenhum adolescente empregado no SMP, ela traçou uma curva de idade e eliminou todos os que tinham mais de cinqüenta e cinco anos e menos de vinte e cinco. Restavam cento e três pessoas.

Refletiu por um momento. Não dispunha de muito tempo. Talvez menos de vinte e quatro horas. Tomou rapidamente uma decisão. De uma ceifada só, eliminou todos os funcionários da distribuição, publicidade, imagem, manutenção e suporte técnico. Com isso, concentrou-se no grupo "jornalistas e equipe de redação" e obteve uma lista com quarenta e oito homens entre vinte e seis e cinqüenta e quatro anos.

Escutou o tilintar de um molho de chaves, desligou imediatamente o computador e o colocou debaixo do cobertor, entre suas coxas. Seu último almoço de sábado em Sahlgrenska acabava de chegar. Resignada, contemplou o refogado de repolho. Sabia que, depois do almoço, poderia trabalhar durante algum tempo sem ser interrompida. Enfiou o Palm na cavidade atrás do criado-mudo e armou-se de paciência enquanto duas africanas passavam o aspirador de pó e arrumavam sua cama.

Uma das moças, que se chamava Sara, deu-lhe dois cigarros. Sara passara alguns Marlboro light a Lisbeth durante aquele mês. Também lhe dera um isqueiro, que Lisbeth escondia atrás do criado-mudo. Lisbeth era-lhe grata por poder fumar na frente do sistema de ventilação, à noite, quando não havia mais perigo de ninguém aparecer.

A tranqüilidade só retornou por volta das duas da tarde. Lisbeth pegou o Palm e se conectou. Pensara inicialmente em voltar aos arquivos do SJVfP mas se lembrou que tinha seus próprios problemas para administrar. Efetuou a varredura diária, começando pelo grupo Yahoo [Tavola-Biruta]. Constatou que Mikael Blomkvist não aparecera com nenhuma novidade nos últimos três dias e se perguntou o que ele andava fazendo. Não me espantaria esse safado estar se divertindo com uma perua bem peituda.

Em seguida entrou no grupo Yahoo [Os-Cavaleiros] para conferir se Praga tinha deixado alguma contribuição. Nada.

Depois examinou o disco rígido do procurador Richard Ekstrõm (uma correspondência pouco interessante, relacionada com o julgamento por vir) e o do Dr. Peter Teleborian.

Cada vez que entrava no disco rígido de Teleborian, Lisbeth tinha a impressão de que sua temperatura corporal baixava alguns graus.

Deparou com a avaliação psiquiátrica legal sobre ela, que ele já redigira, mas que, claro, oficialmente não poderia estar escrita antes que ele a examinasse. Ele tinha aprimorado sua prosa, mas no geral não trazia nada de novo. Ela leu, um por um, todos os e-mails de Teleborian das últimas vinte e quatro horas, e quase deixou passar uma breve mensagem fundamental.

[Sábado, 15 horas no poço da estação central. Jonas.]

Merda. Jonas. Aparece num monte de e-mails para o Teleborian. Tem uma conta hotmail. Não identificado.

Lisbeth Salander olhou para o relógio digital sobre o criado-mudo. 14h28. Chamou imediatamente Mikael Blomkvist pelo ICQ. Não obteve resposta.

Mikael Blomkvist imprimira as duzentas e vinte páginas do manuscrito que já estavam prontas. Depois, desligara o computador e se instalara à mesa da cozinha de Lisbeth Salander com um lápis para corrigir as provas.

Estava satisfeito com a narrativa. Só que ainda havia um buraco imenso.

Como ele iria descobrir o resto da Seção? Malu Eriksson estava certa. Era possível. Ele não dispunha de tempo.

Frustrada, Lisbeth Salander resmungou um palavrão e tentou achar Praga no ICQ. Ele não respondeu. Ela olhou para o relógio. 14h30.

Sentou-se na beira da cama e tentou lembrar de outras contas do ICQ. Primeiro, tentou Henry Cortez, depois Malu Eriksson. Ninguém respondeu. Hoje é sábado. Eles não estão trabalhando. Olhou a hora. 14h32.

Em seguida tentou Erika Berger. Sem sucesso. Eu falei para ela ir para casa. Droga. 14h33.

Podia mandar uma mensagem de texto para o celular de Mikael Blomkvist..., mas ele estava grampeado. Mordeu o lábio inferior.

Por fim, virou-se desesperada para o criado-mudo e tocou a campainha para chamar a enfermeira. O relógio marcava 14h35 quando escutou a chave na fechadura. Uma enfermeira de uns cinqüenta anos, Agneta, apontou a cabeça.

— Oi. Algum problema?

— O doutor Anders Jonasson está no hospital?

— Você não está se sentindo bem?

— Eu estou bem, mas precisava falar com ele. Se possível.

— Eu vi o doutor Anders não faz muito tempo. Sobre o que seria?

— Preciso falar com ele.

Agneta franziu o cenho. A paciente Lisbeth Salander raramente chamava as enfermeiras, a não ser que estivesse com muita dor de cabeça ou algum outro problema sério. Nunca tinha criado caso e até então nunca havia pedido para falar com determinado médico.

No entanto Agneta tinha reparado que Anders Jonasson se demorava com aquela paciente com mandato de prisão, que, aliás, costumava se mostrar fechada com as pessoas. Ele talvez tivesse conseguido estabelecer algum tipo de contato com ela.

— Está bem. Vou ver se ele está disponível — disse Agneta com gentileza, e fechou a porta. A chave. O relógio marcava 14h36, então passou para 14h37.

Lisbeth saiu da cama e se aproximou da janela. De tempo em tempo, dava uma olhada no relógio. 14h39. 14h40.

Às 14h44, ouviu passos no corredor e o tilintar do molho de chaves do vigia da Securitas. Anders Jonasson lançou-lhe um olhar inquisitivo e estacou ao ver o olhar desesperado de Lisbeth.

— Aconteceu alguma coisa?

— Está acontecendo neste exato momento. Você tem um celular?

— O quê?

— Um celular. Preciso fazer uma ligação.

Anders Jonasson deu uma espiada na porta, hesitante.

— Anders... Preciso de um celular. Agora!

Ele percebeu o desespero em sua voz, enfiou a mão no bolso e estendeu seu Motorola para Lisbeth. Ela praticamente o arrancou de suas mãos. Não podia ligar para Mikael Blomkvist, já que ele parecia estar sob escuta do inimigo. O problema é que ele não lhe passara o número do seu Ericsson sigiloso, o TIO azul. Não havia por quê, pois a princípio estava fora de questão ela ligar do isolamento de seu quarto. Lisbeth hesitou um décimo de segundo, então ligou para o celular de Erika Berger. Ouviu o telefone tocar três vezes antes de Erika atender.

Erika Berger estava na sua BMW, a um quilômetro de casa em Saltsjõbaden, quando recebeu uma chamada inesperada. E Lisbeth Salander já a surpreendera um bocado naquela manhã.

— Berger.

— Salander. Não dá tempo de eu explicar. Você teria o número do celular sigiloso do Mikael? O que não está grampeado?

— Tenho.

— Ligue para ele. Agora! O Teleborian vai se encontrar com Jonas às três da tarde no poço da estação central, sabe, aquela rótula grande aberta para os três andares.

— O que é...

— Ande logo. Teleborian, Jonas. Poço da estação central. Três horas. Ele só tem quinze minutos.

Lisbeth desligou o celular para que Erika não se visse tentada a desperdiçar segundos preciosos com perguntas inúteis. Olhou para o relógio quando ele estava justamente passando para 14h46.

Erika Berger freou e estacionou à beira da estrada. Inclinou-se para pegar caderninho de endereços da bolsa e o folheou procurando o número que Mikael lhe passara na noite em que tinham se encontrado no Samirs Gryta.

Mikael Blomkvist escutou o toque do celular. Levantou-se da mesa da cozinha, voltou ao escritório de Lisbeth Salander e pegou o celular em cima da mesa.

— Sim?

— Erika.

— Oi.

— O Teleborian vai se encontrar com o Jonas no poço da estação central às três horas. Você só tem alguns minutos para ir até lá.

— O quê? O quê?

— O Teleborian...

— Eu escutei. Como você sabe disso?

— Pare de discutir e se mande. Mikael espiou a hora. 14h47.

— Obrigado. Tchau.

— Pegou a mochila do laptop e desceu pela escada em vez de esperar pelo elevador. Enquanto corria, teclou o número do TIO de Henry Cortez.

— Cortez.

— Onde você está?

— Na livraria da universidade.

— O Teleborian vai se encontrar com o Jonas no poço da estação central às três horas. Estou voando para lá, mas você está mais perto.

— Puta merda! Estou indo.

Mikael foi correndo até a Gõtgatan e depois correu ainda mais rápido na direção de Slussen. Olhou para o relógio ao chegar, sem fôlego, a Slussplan. Rosa Figuerola estava certa ao insistir que ele deveria começar a correr. 14h56. Não ia dar tempo. Buscou um táxi com o olhar.

Lisbeth Salander estendeu o celular a Anders Jonasson.

— Obrigada — disse.

— Teleborian? — inquiriu Anders Jonasson. Acabará ouvindo o nome dele.

Ela assentiu com a cabeça e cruzou o olhar com Anders Jonasson.

— O Teleborian é perverso, você nem imagina o quanto.

— Não imagino. Mas vejo que alguma coisa a deixou agitada de um jeito que eu ainda não tinha visto nesse tempo todo em que cuidei de você Espero que saiba o que está fazendo.

Lisbeth dirigiu um sorrisinho enviesado a Anders Jonasson.

— Logo você vai ter a resposta para essa sua pergunta — disse ela.

Henry Cortez saiu da livraria universitária feito um louco. Na altura da ponte de Mãster Samuelsgatan atravessou a Sveavagen e seguiu reto para a Klara Norra, subindo pela Klaraberg e entrando na Vasagatan. Atravessou a Klarabergsgatan entre um ônibus e dois carros que buzinaram freneticamente e transpôs o portão da estação central às três horas em ponto.

Desceu pela escada rolante até o piso central, saltando de três em três degraus, e chegou correndo à banca de jornal, onde reduziu o passo para não chamar atenção. Examinou atentamente as pessoas que se encontravam nas proximidades do poço.

Não avistou Teleborian nem o homem que Christer Malm fotografara em frente ao Copacabana e que eles julgavam ser Jonas. Consultou o relógio. 15h01. Ele respirava como se acabasse de participar da maratona de Estocolmo.

Tentou a sorte e precipitou-se pelo saguão para sair na Vasagatan. Parou e olhou ao redor, examinando uma por uma as pessoas próximas. Nada de Peter Teleborian. Nada de Jonas.

Deu meia-volta e retornou à estação. 15h03. Estava tudo deserto para os lados do poço.

Então ergueu os olhos e, num relance, vislumbrou o perfil descabelado com cavanhaque de Peter Teleborian no instante em que ele saía da banca de jornal do outro lado do saguão. No momento seguinte, materializava-se ao lado dele o sujeito das fotos de Christer Malm. Jonas! Os dois atravessaram o hall e desapareceram na Vasagatan pelo portão norte.

Henry Cortez respirou. Enxugou o suor da testa com a palma da mão e orneÇ°u a seguir os dois homens.

Às 15h07, Mikael Blomkvist chegou de táxi à estação central de Estocolmo. Entrou imediatamente no saguão central, mas não

avistou nem Teleborian nem Jonas. Nem Henry Cortez, por sinal.

Pegou seu TIO e ia ligar para Henry Cortez quando o telefone começou a tocar em sua mão.

— Achei os dois. Estão no pub Les Trois Hanaps, na Vasagatan, perto da descida para a linha de Akalla.

— Legal, Henry. E você, onde está?

— Estou no bar. Tomando uma cerveja. Merecida.

— Certo. Como eles me conhecem, vou ficar do lado de fora. Imagino que você não tem a menor condição de ouvir o que eles estão falando.

— Sem chance. Estou vendo as costas do Jonas, e o safado do Teleborian só está murmurando, nem dá para ver os lábios dele se mexerem.

— Entendo.

— Mas pode surgir um problema.

— Qual?

— O Jonas deixou a carteira e o celular em cima da mesa. E, junto, as chaves de um carro.

— Tudo bem. Eu cuido disso.

O celular de Rosa Figuerola emitiu o toque polifônico da trilha sonora de Era uma vez no Oeste. Ela largou o livro sobre os deuses na Antigüidade, que, aparentemente, nunca conseguiria terminar.

— Oi. E o Mikael. O que você está fazendo?

— Estou em casa separando umas fotos de ex-amantes. O último me abandonou covardemente hoje de manhã.

— Me desculpe. O seu carro está nas redondezas?

— Na última vez que eu olhei ele estava lá embaixo, no estacionamento.

— Ótimo. Que tal uma voltinha pelo centro?

— Não me atrai muito. O que aconteceu?

— Neste exato momento, o Peter Teleborian está tomando uma cerveja com o Jonas na Vasagatan. E como eu estou trabalhando em parceria com a Sapo e essa burocracia estilo Stasi, achei que talvez te interessasse vir até aqui...

Rosa já estava de pé apanhando as chaves do carro.

— Você não está de sacanagem comigo?

— Não exatamente. E o Jonas deixou as chaves de um carro em cima da mesa.

— Estou indo.

Malu Eriksson não atendeu o telefone, mas Mikael Blomkvist teve sorte e conseguiu falar com Lottie Karim, que estava na Âhléns comprando um presente de aniversário para o seu marido. Mikael lhe impôs umas horas extras e pediu que ela fosse com a maior urgência até o pub ajudar Henry Cortez. Depois ligou para Cortez.

— O plano é o seguinte. Vou estar com um carro no local daqui a cinco minutos. Vamos estacionar na Jãrnvâgsgatan, embaixo do pub.

— Certo.

— A Lottie Karim está chegando daqui a pouco para te ajudar.

— Ótimo.

— Quando eles saírem do pub, você cuida do Jonas. Vá a pé atrás dele e me diga, por celular, onde vocês estão. Assim que ele se aproximar de um carro, você me avisa. A Lottie vai cuidar do Teleborian. Se a gente não chegar a tempo, anote o número da placa.

— Combinado.

Rosa Figuerola estacionou em frente ao Nordic Light Hotel, próximo ao ônibus do aeroporto de Arlanda. Mikael Blomkvist abriu a porta do motorista um minuto depois.

— Em que pub eles estão? Mikael indicou.

— Preciso pedir reforços.

— Não se preocupe. Estamos de olho neles. Cozinheiros demais podem azedar o molho.

Rosa Figuerola fitou-o, desconfiada.

— E como você ficou sabendo desse encontro?

— Sinto muito. Fontes protegidas.

— Vocês têm seu próprio maldito serviço de informações na Millennium 0u o quê? — ela exclamou.

Mikael parecia satisfeito. Era sempre um prazer ganhar da Sapo no próprio terreno deles.

Na verdade, ele não fazia a menor idéia de como tinha sido possível Erika Berger ligar para ele, como um relâmpago riscando o céu azul, para avisar que Teleborian e Jonas iam se encontrar. Ela não tinha acesso ao trabalho da Millennium desde 10 de abril. É claro que sabia quem era Teleborian, mas Jonas só entrara em cena em maio e, até onde Mikael sabia, Erika não tinha noção da existência dele, muito menos que ele suscitava suspeitas tanto da Millennium como da Sapo.

Precisava ter uma conversa séria com Erika o quanto antes.

Lisbeth Salander deu um estalo com a língua e contemplou a tela do seu computador de mão. Após a ligação feita pelo celular do Dr. Anders Jonasson, deixara de pensar na Seção e se concentrara nos problemas de Erika Berger. Depois de muito ponderar, riscou todos os homens do grupo vinte e seis/cinqüenta e quatro anos que eram casados. Sabia que trabalhava com um espectro muito amplo e que não havia nenhum motivo racional, estatístico e científico por trás de sua decisão. Pena Podre podia perfeitamente ser um

homem casado com cinco filhos e um cachorro. Podia ser um faxineiro. Podia, afinal, ser uma mulher, mesmo que Lisbeth não acreditasse nisso.

Ela queria simplesmente reduzir o número de nomes da lista e, com esta última decisão, sua amostra passara de quarenta e oito para dezoito pessoas. Constatou que ela se compunha em boa parte de repórteres importantes, chefes ou subchefes com mais de trinta e cinco anos de casa. Se não achasse nada de interessante entre eles, poderia facilmente ampliar a lista.

Às quatro da tarde, entrou no site da Hacker Republic e repassou a lista para Praga. Ele deu sinal de vida alguns minutos depois.

[18 nomes. O que é isso?]

[Um projetinho secundário. Considere como um exercício.]

[E?]

[Um dos nomes é de um canalha. Descubra quem é.] [Quais são os critérios?]

[Tem que ser rápido. Amanhã vão me desconectar. Você precisa descobrir isso antes.]

Ela fez um resumo da história do Pena Podre de Erika Berger.

[Certo. Eu ganho alguma coisa com isso?]

Lisbeth Salander pensou um pouco.

[Ganha. Não vou aparecer em Sundbyberg para tocar fogo na sua casa.]

[Você seria capaz?]

[Eu pago toda vez que te peço para fazer uma coisa para mim. Dessa vez não é para mim. Considere como retenção de impostos.]

[Você está começando a dar sinais de competência social.]

[E então?]

[Combinado.]

Ela lhe mandou os códigos de acesso à redação do SMP e saiu do ICQ.

Henry Cortez ligou às 16h20.

— Parece que estão começando a se mexer.

— Certo. Estamos prontos. Silêncio.

— Estão se despedindo na frente da porta. O Jonas está indo para o norte. A Lottie segue o Teleborian para o sul.

Mikael ergueu um dedo e apontou para Jonas, que ia passando na Vasagatan. Rosa Figuerola fez um sinal com a cabeça. Alguns segundos depois, Mikael também viu Henry Cortez. Rosa Figuerola ligou o carro.

__Atravessou a Vasagatan e está indo para a Kungsgatan — disse Henry Cortez pelo celular.

- Mantenha distância, ele não pode te ver.

- Fica frio, as ruas estão cheias de gente.

Silêncio.

— Ele está subindo a Kungsgatan no sentido norte. -— Kungsgatan, norte — disse Mikael.

Rosa Figuerola engatou a marcha e entrou na Vasagatan. Ficaram um instante parados no sinal vermelho.

— Onde é que vocês estão? — perguntou Mikael, quando eles entraram na Kungsgatan.

— Na altura da loja PUB. Ele está indo depressa. Atenção, está pegando a Drottninggatan no sentido norte.

— Drottninggatan, norte — disse Mikael.

— Certo — disse Rosa Figuerola, que fez um retorno proibido para passar pela Klara Norra e entrar rapidamente na Olof Palmes gata e parar em frente ao prédio da SIF. Jonas estava atravessando a Olof Palmes gata e se dirigia para a Sveavãgen. Henry Cortez o seguia do outro lado da rua.

— Ele virou para leste...

— Certo. Estamos vendo vocês dois.

— Está entrando na Hollândaregatan... Alô! Está me ouvindo? Carro. Audi vermelho.

— Carro — disse Mikael, e anotou o número da placa que Cortez informou correndo.

— Ele está estacionado em que direção? — perguntou Rosa Figuerola.

— De frente para o sul — relatou Cortez. — Vai aparecer na frente de vocês na Olof Palmes gata... agora.

Rosa Figuerola já estava em movimento e passou a Drottninggatan. Buzinou e fez sinal para que alguns pedestres que tentavam atravessar o semáforo no vermelho recuassem.

— Obrigado, Henry. Daqui para a frente a gente assume.

O Audi vermelho vinha descendo a Sveavãgen rumo ao sul. Rosa Figuerola o seguiu enquanto pegava o celular e teclava um número com a mão esquerda. .

— Eu queria uma pesquisa sobre o número de uma placa, Audi vermelho — disse ela, e passou o número fornecido por Henry Cortez. — Sim estou ouvindo. Jonas Sandberg, nascido em 1971. O que você disse?... j-[e] singõrsgatan, em Sollentuna. Obrigada.

Mikael anotou os dados obtidos por Rosa Figuerola.

Seguiram o Audi vermelho pela Hamngatan, pela Strandvàgen e em seguida pela Artillerigatan. Jonas Sandberg estacionou a um

quarteirão do Museu do Exército. Atravessou a rua e desapareceu pela porta de um prédio estilo 1900.

— Humm — fez Rosa Figuerola, olhando para Mikael com ar entendido.

Ele assentiu com a cabeça. Jonas Sandberg acabava de entrar num edifício situado a apenas poucas ruas do prédio em que o primeiro-ministro emprestara um apartamento para uma reunião privada.

— Bom trabalho — disse Rosa.

Neste exato momento, Lottie Karim ligou contando que o Dr. Peter Teleborian subira a Klaragatan pela escada rolante da estação central e fora para o Palácio da Polícia em Kungsholmen.

— Palácio da Polícia. Às cinco da tarde de um sábado? — surpreendeu-se Mikael.

Rosa Figuerola e Mikael Blomkvist se olharam, céticos. Rosa refletiu concentradamente por alguns segundos. Então pegou o celular e ligou para o inspetor Jan Bublanski.

— Olá. É a Rosa, da Segurança. Nós nos vimos na Norr Malastrand algum tempo atrás.

— O que você quer? — perguntou Bublanski.

— Você tem alguém de plantão neste fim de semana?

— A Sonja Modig — disse Bublanski.

— Eu preciso de um favor. Você sabe se ela está em casa?

— Duvido. Está um dia lindo, e em pleno sábado à tarde...

— Certo. Você poderia tentar contatá-la, ou contatar alguma outra pessoa da investigação que pudesse dar uma olhada no corredor do procurador Richard Ekströ̃m? Desconfio que pode estar havendo uma reunião na sala dele agora.

— Uma reunião?

— Não dá tempo de explicar. Eu precisava saber se ele está com alguém neste exato momento. E, se estiver, com quem.

— Você está me pedindo para espionar um procurador, e que é o meu chefe?

Rosa Figuerola fez uma careta. Então deu de ombros.

— Estou — respondeu.

— Está bem — disse ele ao desligar.

Sonja Modig encontrava-se mais perto do Palácio da Polícia do que Bublanski temia. Ela e o marido estavam tomando café na varanda da casa de uma amiga na Vasastan. Fazia uma semana que estavam sem os filhos, que os pais de Sonja tinham levado em uma viagem de férias, e ela e o marido tinham planejado fazer algo bem convencional, como comer alguma coisa num restaurante antes de irem ao cinema.

Bublanski explicou o que queria.

— E que desculpa eu vou dar para aparecer na sala do Ekstrõm?

— Eu tinha prometido entregar para ele ontem, antes de ir embora, uma atualização do caso Niedermann, mas me esqueci. A pasta está na minha sala.

— Certo — disse Sonja Modig.

Ela olhou para o marido e para sua amiga.

— Preciso dar um pulo no palácio. Vou pegar o carro e, se eu tiver sorte, estou de volta daqui uma hora.

Seu marido suspirou. Sua amiga suspirou.

— Afinal, estou de plantão — justificou Sonja Modig.

Ela estacionou na Bergsgatan, subiu até a sala de Bublanski e pegou as três folhas A4 que constituíam o parco resultado das

investigações para encontrar Ronald Niedermann, o assassino de um policial. Nada de espetacular, pensou.

Foi até a escadaria e subiu um andar. Parou na frente da porta de acesso ao corredor. O Palácio da Polícia estava praticamente deserto naquele final de tarde de um lindo dia. Não procurou dissimular nada. Apenas caminhou bem devagar. Deteve-se diante da porta fechada de Ekstrõm. Ouviu o som de vozes e mordeu o lábio.

De repente, a coragem a abandonou e ela se sentiu muito tola. Em uma situação normal, teria batido, aberto a porta e exclamado: Ah, oi, você ainda está aí, e teria entrado. Naquele momento, no entanto, parecia impossível agir dessa forma.

Olhou ao redor.

Por que Bublanski tinha ligado para ela? Que reunião era aquela?

Dirigiu-se à salinha de reuniões em frente à sala de Ekstrõm, planejada para umas dez pessoas. Muitas vezes estivera ali para ouvir comunicados.

Entrou na sala e fechou a porta sem fazer barulho. As persianas estavam abaixadas, e as cortinas da janela de vidro que dava para o corredor, fechadas. A sala estava imersa na penumbra. Pegou uma cadeira, sentou-se e afastou uma das cortinas para obter uma fresta pequena que lhe permitisse observar o corredor.

Sentia-se pouco à vontade. Se alguém abrisse a porta, seria muito difícil explicar o que estava fazendo ali. Pegou o celular para ver as horas. Quase seis. Colocou o aparelho no modo silencioso, recostou-se na cadeira e ficou observando a porta fechada da sala de Ekstrõm.

Às sete da noite, Praga chamou Lisbeth Salander.

[Pronto. Já sou o administrador do SJVÍP.] [Onde?]

Ele baixou um endereço http.

[Em 24 horas não vai dar. Mesmo que a gente consiga todos os e-mails dos 18 homens, vai levar dias para piratear os computadores pessoais deles. A maioria provavelmente nem está conectada num sábado à noite.]

[Pragua, concentre-se nos computadores pessoais e eu cuido dos computadores do SJVÍP.]

[É o que eu tinha pensado. Seu computador de mão é meio limitado. Quer que eu foque alguém em especial?]

[Não. Qualquer um serve.]

[Certo.]

[Praga.]

[Sim.]

[Se a gente não achar nada até amanhã, quero que você continue.]

[Certo.]

[Nesse caso, eu vou pagar.]

[Que nada. Na verdade, estou me divertindo.]

Ela saiu do ICQ e entrou no endereço http em que Praga havia baixado todos os direitos de administração do SMP. Para começar, verificou se Peter Fleming estava conectado e se se encontrava na redação. Não estava. Lisbeth então usou seu login para entrar no servidor do correio eletrônico do SMP. Conseguiu acesso a um longo histórico, inclusive a e-mails deletados desde muito tempo das contas de usuários particulares.

Começou com Ernst Teodor Billing, quarenta e três anos, um dos chefes do SMP no turno da noite. Abriu seu e-mail e foi voltando no tempo. Demorou cerca de dois segundos em cada e-mail, só para ter uma idéia do remetente e do assunto. Passados alguns minutos, já apreendera a correspondência de rotina em forma de

menus, planejamento e outras coisas sem nenhum interesse. Pulou essa parte.

Conferiu e-mail por e-mail num período de três meses. Em seguida, foi olhando de mês em mês, mas verificando apenas o assunto e só abrindo a mensagem se alguma coisa lhe chamava a atenção. Soube que Ernst Billing relacionava-se com uma certa Sofia, à qual se dirigia num tom desagradável. Constatou que não havia nada de estranho nisso, pois Billing tinha um tom desagradável com a maioria das pessoas com quem se comunicava — jornalistas, designers gráficos e outros. Achou incrível, porém, que vim homem pudesse se dirigir sem nenhum constrangimento à sua namorada chamando-a de balofa, sua abobada ou estúpida.

Depois de ver os e-mails de até um ano antes, ela parou. Entrou então no Explorer de Billing e analisou a maneira como ele navegava na internet. Observou que, como a maioria dos homens de sua faixa etária, ele acessava regularmente páginas pornográficas, mas que a maior parte de sua navegação parecia estar relacionada com o trabalho. Constatou também que se interessava por carros e visitava com freqüência sites que apresentavam novos modelos.

Depois de quase uma hora de exploração, encerrou a pesquisa sobre Billing e eliminou-o da lista. Passou para Lars Õrjan Wollberg, cinqüenta e um anos, jornalista veterano da editoria de Direito.

Torsten Edklinth chegou ao Palácio da Polícia, em Kungsholmen, por volta das sete e meia da noite de sábado. Rosa Figuerola e Mikael Blomkvist o aguardavam. Estavam sentados à mesa de reuniões que Blomkvist já conhecia desde o dia anterior.

Edklinth achava que tinha se aventurado sobre uma camada de gelo muito fina e que algumas regras internas haviam sido infringidas quando autorizara Blomkvist a entrar naquele corredor. Definitivamente, Rosa Figuerola não devia tê-lo convidado. Via de regra, nem mesmo as esposas e os maridos eram autorizados a pisar nos corredores secretos da Sapo — tinham de aguardar lá embaixo, na portaria, quando vinham visitar seus companheiros. E

Blomkvist, ainda por cima, era jornalista! No futuro, Blomkvist só receberia permissão para entrar no escritório provisório da Fridhemsplan.

Por outro lado, pessoas não autorizadas também costumavam circular pelos corredores com um convite especial. Colegas estrangeiros, pesquisadores, professores universitários, consultores ocasionais... Ele podia incluir Blomkvist na categoria "consultores ocasionais". Afinal, essa história de classificação de segurança não passava de conversa-fiada. Sempre havia alguém para concluir que outro alguém podia ser considerado "pessoa autorizada". E Edklinth resolvera que, caso houvesse críticas, iria declarar que ele próprio incluíra Blomkvist entre as pessoas autorizadas.

Desde que o caso não enveredasse para o enfrentamento. Edklinth se sentou e fitou Rosa Figuerola.

— Como você soube dessa reunião?

— O Blomkvist me ligou lá pelas quatro da tarde — ela respondeu sorrindo.

— E você, como soube?

— Uma fonte me passou a dica — disse Mikael Blomkvist.

— Devo concluir que você colocou o Teleborian sob algum tipo de vigilância?

Rosa Figuerola negou com a cabeça.

— Foi o que eu também pensei no início — disse ela com voz alegre, como se Mikael Blomkvist não estivesse na sala. — Mas não faz sentido. Mesmo que alguém tivesse seguido o Teleborian a pedido de Blomkvist, esse alguém não tinha como deduzir de antemão que ele ia se encontrar justamente com o Jonas Sandberg.

Edklinth balançou a cabeça devagar.

— Então... o que mais pode ser? Escuta ilegal ou o quê?

— Posso garantir que não pratico escuta ilegal com quem quer que seja, nem sequer ouvi dizer que esse tipo de coisa poderia acontecer — disse Mikael Blomkvist, só para lembrar que estava presente na sala. — Seja um pouco realista. As escutas ilegais são competência do Estado.

Edklinth fez uma expressão melindrada.

— Quer dizer que você não vai me contar como soube desse encontro.

— Vou, sim. Já disse. Uma fonte me passou a dica. A fonte é protegida. E se a gente se concentrasse no resultado dessa dica?

— Não gosto de floreios — disse Edklinth. — Mas tudo bem. O que a gente tem?

— O cara se chama Jonas Sandberg — disse Rosa. — Diploma de mergulhador de combate, cursou a Escola de Polícia no início dos anos 1990. Trabalhou primeiro em Uppsala, depois em Sõdertälje.

— Você também esteve em Uppsala.

— E, mas nos desencontramos por questão de um ano ou dois. Eu entrei justamente quando ele foi para Sõdertälje.

— Certo.

— Ele foi recrutado pela contra-espionagem da Sapo em 1998. Em 2000, recolocado num posto secreto no exterior. De acordo com a nossa própria documentação, encontra-se oficialmente na embaixada de Madri. Verifiquei na embaixada. Não fazem a menor idéia de quem é Jonas Sandberg.

— A mesma coisa com o Mârtensson. Oficialmente, foi transferido para um lugar onde ele não está.

— Só o secretário-geral da administração tem condições de fazer regularmente esse tipo de coisa e dar um jeito para que funcione.

— Numa situação normal, isso seria explicado como uma confusão na papelada burocrática. Nós só percebemos porque estamos mexendo com isso. Se alguém insistir, eles vão simplesmente alegar sigilo ou que o caso tem a ver com terrorismo.

— Ainda temos um bocado de contabilidade para conferir.

— O chefe do orçamento?

— Pode ser.

— Certo. Que mais?

— Jonas Sandberg mora em Sollentuna. Não é casado, mas tem um filho com uma professora de Sõdertãlje. Não há nada que o desabone em lugar nenhum. Licença para porte de duas armas de fogo. Tranqüilo, não bebe. A única coisa que pega um pouco é ele ser crente; era seguidor da Palavra de Vida nos anos 1990.

— Como você sabe?

— Falei com o meu antigo chefe de Uppsala. Ele se lembra muito bem de Sandberg.

— Certo. Um mergulhador de combate cristão com duas armas e um filho em Sõdertãlje. Que mais?

— Faz só três horas que o identificamos. Até que a gente trabalhou bem rápido.

— Desculpe. O que se sabe sobre o prédio da Artillerigatan?

— Por enquanto, não muita coisa. O Stefan teve que recorrer a uma pessoa da prefeitura para consultar a planta do imóvel. E um prédio de direito cooperativo construído em 1900. Cinco andares, vinte e dois apartamentos ao todo, mais oito num edifício anexo no pátio. Investiguei os moradores, mas não achei nada muito fora do comum. Dois moradores têm passagem na polícia.

— Quem?

— Um tal de Lindstrõm, do térreo. Sessenta e três anos. Condenado por fraudar o seguro nos anos 1970. E um tal de

Wittfelt, do segundo andar. Quarenta e sete anos. Condenado em duas ocasiões por violência contra a ex-mulher.

— Humm.

— As pessoas que moram ali são do tipo classe média bem-comportada. Só um apartamento chama a atenção.

— Qual?

— No último andar. Onze cômodos, tem todo o jeito de um apartamento para eventos. Pertence a uma empresa chamada Bellona S.A.

— Que faz o quê?

— Só Deus sabe. Eles fazem análise de marketing e têm um faturamento anual de mais de trinta milhões de coroas. Todos os donos da Bellona no exterior.

— Ahá.

— Como assim, ahá?

— Só isso, ahá. Continue com a Bellona.

Nesse instante, o funcionário que Mikael só conhecia pelo nome de Stefan entrou na sala e dirigiu-se a Torsten Edklinth.

— Olá, chefe. Achei um negócio engraçado. Verifiquei o que há por trás do apartamento da Bellona.

— E então? — perguntou Rosa Figuerola.

— A empresa Bellona foi fundada nos anos 1970 e comprou o apartamento dos herdeiros da antiga proprietária, uma tal de Kristina Cederholm, nascida em 1917.

— E?

— Ela era casada com Hans Wilhelm Francke, o caubói que criava caso com o P. G. Winge quando a Sapo foi fundada.

— Ótimo — disse Torsten Edklinth. — Ótimo. Rosa, quero que o prédio seja vigiado dia e noite. Encontre todos os telefones. Quero saber quem entra e quem sai, que carros que visitam o prédio. Enfim, a rotina.

Edklinth deu uma olhada para Mikael Blomkvist. Pareceu que ia dizer alguma coisa, mas desistiu. Mikael ergueu as sobrancelhas.

— Satisfeito com o volume de informações? — Edklinth acabou perguntando.

— Acho que não falta nada. E você, satisfeito com a contribuição da Millennium?

Edklinth balançou a cabeça devagar.

— Você se dá conta de como eu posso me encrencar por causa dessa história toda? — ele perguntou.

— Não por minha causa. Estou tratando toda informação que consigo aqui como protegida. Vou revelar os fatos, mas sem dizer como cheguei a eles. Antes de publicar, vou fazer uma entrevista normal com você. Se você não quiser responder, é só dizer: Sem comentários. Ou então você pode denegrir à vontade a Seção de Análise Especial. Você é quem sabe.

Edklinth fez um gesto de assentimento com a cabeça.

Mikael estava satisfeito. Em poucas horas, a Seção ganhara uma form concreta. Era um furo e tanto.

Frustrada, Sonja Modig se deu conta de que a reunião na sala do procurador Ekstrõm estava se estendendo demais. Achou uma garrafa de água mineral deixada por alguém na mesa de reuniões. Ligou para o marido duas vezes para avisar que ia se atrasar, e prometeu compensá-lo depois com uma noite bem bacana assim que chegasse. Começava a se impacientar e se sentia como um voyeur de plantão.

A reunião só terminou por volta das sete e meia. Sônia foi pega de surpresa quando a porta se abriu e Hans Faste saiu para o

corredor. Logo atrás dele vinha o Dr. Peter Teleborian. Em seguida, um homem mais velho, grisalho, que Sonja Modig nunca tinha visto. Por fim surgiu o procurador Ekstrõm, vestindo o paletó enquanto apagava a luz. Em seguida fechou a porta a chave.

Sonja Modig ergueu o celular entre a fresta da cortina e tirou duas fotos de baixa resolução do grupo em frente à sala de Ekstrõm. Eles se demoraram alguns segundos antes de saírem pelo corredor.

Ela prendeu a respiração quando eles passaram pela sala onde ela estava escondida. Quando finalmente ouviu a porta da escada se fechando, percebeu que estava molhada de um suor frio. Ao levantar-se, tinha as pernas bambas.

Bublanski ligou para Rosa Figuerola pouco depois das oito da noite.

— Você queria saber se o Ekstrõm estava com alguém.

— Isso — disse Rosa.

— A reunião terminou neste momento. O Ekstrõm estava com o doutor Peter Teleborian, com um antigo colaborador meu, o inspetor Hans Faste, e com um homem mais velho que não conhecemos.

— Espere só um pouco — disse Rosa Figuerola, tapando o fone com a mão e virando-se para os demais: — A gente estava certo. O Teleborian foi direto para a sala do procurador Ekstrõm.

— Alô?

— Desculpe. Você tem uma descrição do desconhecido, do terceiro homem?

— Melhor que isso. Vou lhe mandar uma foto.

- Uma foto! Sensacional. Fico te devendo um favor e tanto.

— Eu faria até melhor se soubesse o que está acontecendo.

— Eu volto a te ligar.

Por um instante, o silêncio tomou conta da sala de reuniões.

— Certo — disse Edklinth por fim. — O Teleborian se encontra com a Seção e depois vai direto falar com o procurador Ekstrõm. Eu pagaria muito caro para saber sobre o que eles conversaram.

— Se quiser, pode perguntar para mim — sugeriu Mikael Blomkvist. Edklinth e Figuerola olharam para ele.

— Eles se encontraram para acertar os detalhes da estratégia que vai derrubar a Lisbeth Salander no julgamento, daqui a um mês.

Rosa Figuerola o fitou. Então meneou a cabeça devagar.

— Isso não passa de suposição — disse Edklinth. — A menos que você tenha dons paranormais.

— Não é uma suposição — disse Mikael. — Eles se encontraram para revisar os detalhes da avaliação psiquiátrica da Salander. O Teleborian tinha acabado de redigi-la.

— Isso é um absurdo. A Salander ainda nem foi examinada. Mikael Blomkvist deu de ombros e abriu a sacola de seu computador.

— O Teleborian nunca perdeu tempo com futilidades como essa. Aqui está a última versão da avaliação psiquiátrica dele. Como podem ver, a data é a da semana em que vai ter início o julgamento.

Edklinth e Figuerola olharam para os papéis à sua frente. Então trocaram um olhar e se viraram para Mikael Blomkvist.

— E como você conseguiu pôr as mãos nisso? — perguntou Edklinth.

— Lamento. Eu protejo as minhas fontes — disse Mikael Blomkvist.

— Blomkvist... A gente tem que confiar um no outro. Você está retendo informações. Você tem mais alguma surpresa desse tipo?

— Tenho. É claro que eu tenho os meus segredos. Assim como estou convencido de que você não me deu carta branca para ver

tudo o que vocês têm aqui na Sapo. Não é?

— E diferente.

— Não. É exatamente igual. O nosso acerto significa colaboração. Como você disse, a gente tem que confiar um no outro. Não estou omitindo nada que possa ajudar sua investigação a traçar uma imagem da Seção ou detecta os diversos crimes que foram cometidos. Já entreguei um material provando que o Teleborian cometeu crimes com o Bjõrck em 1991 e avisei que ele vai ser chamado a fazer a mesma coisa agora. E aqui está o documento comprn_ vando que é verdade.

— Mas você guarda alguns segredos.

— É evidente. Você pode escolher entre encerrar a nossa colaboração ou se conformar.

Rosa Figuerola ergueu um dedo diplomático.

— Me desculpe, mas por acaso isso significa que o procurador Ekstrõm trabalha para a Seção?

Mikael franziu o cenho.

— Eu não sei. Tenho a impressão de que ele é mais um idiota útil manobrado pela Seção, isso sim. Ele é um carreirista, mas acho que é honesto, e meio tapado. Em compensação, uma fonte me contou que ele engoliu praticamente tudo o que o Teleborian falou sobre a Lisbeth Salander quando ela ainda estava sendo procurada.

— Você quer dizer que ele é fácil de se manipular?

— Exato. E o Hans Faste é um cretino que acha que a Lisbeth Salander é uma lésbica satanista.

Erika Berger estava sozinha em casa, em Saltsjõbaden. Sentia-se paralisada e incapaz de se concentrar em qualquer trabalho sério. Esperava que a qualquer momento alguém ligaria dizendo que havia fotos dela num site qualquer da internet.

Surpreendeu-se várias vezes pensando em Lisbeth Salander e se deu conta de que estava esperando demais dela. Salander estava trancafiada em Sahlgrenska. Não podia receber visitas e nem tinha o direito de ler os jornais. Mas era uma garota de muitos recursos. Apesar de seu isolamento, conseguira entrar em contato com Erika pelo ICQ, e depois por telefone. E, sozinha, fizera ruir o império de Wennerstrõm e salvara a Millennium dois anos antes.

Às oito da noite, Susanne Linder bateu à porta. Erika sobressaltou-se como se tivessem disparado um tiro na sala.

— Oi, Erika. Você parece mesmo angustiada, sozinha assim no escuro.

Erika assentiu com a cabeça e acendeu a luz. —- Oi. Vou fazer um café...

— Não. Deixe que eu faço. Alguma novidade?

Ah, claro. Lisbeth Salander deu notícias e assumiu o controle do meu computador. E ligou para dizer que o Teleborian e um sujeito chamado Jonas iam se encontrar hoje à tarde na estação central.

— Não, nada — disse ela. — Mas eu queria trocar uma idéia com você.

— Tudo bem.

— O que você acha da possibilidade de não se tratar de um assediador, e sim de alguém próximo a mim querendo me perturbar?

— Qual é a diferença?

— Um assediador é uma pessoa desconhecida que teria desenvolvido uma fixação por mim. A outra variante é alguém querendo se vingar ou sabotar a minha vida por motivos pessoais.

— E uma idéia interessante. De onde você tirou?

— Eu... eu conversei sobre o assunto hoje com uma pessoa. Não posso te dizer quem é, mas ela veio com a tese de que as

ameaças de um autêntico pervertido sexual seriam de outro jeito. E, principalmente, que esse tipo de cara jamais teria escrito aquele e-mail para a Eva Carlsson, da Cultura. E um comportamento completamente fora do contexto.

Susanne Linder meneou a cabeça devagar.

— O que você está dizendo faz sentido. Sabe que eu ainda não li esses e-mails? Você me mostra?

Erika pegou seu laptop e abriu-o sobre a mesa da cozinha.

Ao saírem do Palácio da Polícia por volta das dez da noite, Rosa Figuerola deu carona para Mikael Blomkvist. Pararam no mesmo local do dia anterior, no parque de Kronoberg.

— Aqui estamos nós, no mesmo lugar. Você pretende sumir para trabalhar ou quer ir para a minha casa fazer amor?

— Bem...

— Mikael, não se sinta pressionado. Se você está precisando trabalhar, fique à vontade.

— Caramba, Rosa, você é mesmo viciada.

— E você não quer depender de ninguém. E o que você está querendo dizer?

— Não. Não desse jeito. Mas eu tenho que falar com uma pessoa hoje à noite, e vai levar um tempinho. Ou seja, até eu me liberar você já vai estar dormindo.

Ela balançou a cabeça.

— Até.

Ele beijou-a no rosto e começou a andar até o ponto de ônibus de Frid-hemsplan.

— Blomkvist! — ela gritou.

— O que foi?

— Eu não trabalho amanhã também. Se tiver tempo, venha tomar o café da manhã comigo.

21. SÁBADO 4 DE JUNHO – SEGUNDA-FEIRA 6 DE JUNHO

Lisbeth Salander sentiu uma onda de vibrações negativas assim que começou a trabalhar no chefe de Atualidades Lukas Holm. Ele tinha cinqüenta e oito anos e estava fora do padrão, mas Lisbeth o incluíra mesmo assim, já que ele e Erika Berger andavam se estranhando. Era um intrigante, do tipo que fica mandando e-mails comentando que Fulano fez um trabalho lamentável.

Lisbeth constatou que Holm não gostava de Erika Berger e que gastava um tempo considerável com comentários sobre essa mulherzinha que andou fazendo isso e aquilo. Quanto à internet, ele navegava exclusivamente em sites relacionados com seu trabalho. Se tinha outros interesses, dedicava-se a eles durante seu tempo livre ou usando outro computador.

Ela o manteve como candidato ao papel de Pena Podre, mas isso seria bom demais. Por um momento, Lisbeth se perguntou por que não acreditava realmente que fosse ele e concluiu que Holm era tão cheio de si que não iria querer se esconder atrás de e-mails anônimos. Se quisesse chamar Erika de puta nojenta, ele o faria abertamente. E não parecia ser do tipo que se dá ao trabalho de arrombar a casa de Erika Berger no meio da noite.

Por volta das dez da noite, ela fez uma pausa e entrou em [Tavola-Biruta], só para constatar que Mikael Blomkvist ainda não aparecera. Sentiu uma onda de irritação e se perguntou o que ele andava fazendo, se tinha chegado a tempo ao encontro de Teleborian.

Em seguida, voltou ao servidor do SMP.

Pegou o nome seguinte da lista, o assistente de redação da página de Esportes, Claes Lundin, vinte e nove anos. Acabava de abrir a caixa postal dele quando se deteve e mordeu o lábio inferior. Deixou Lundin para lá e abriu a correspondência de Erika Berger.

Foi percorrendo a lista de e-mails, mas ela era relativamente pequena, já que sua conta só fora aberta em 2 de maio. O primeiro e-mail era uma pauta da manhã enviada pelo assistente de redação Peter Fredriksson. Naquele primeiro dia, várias pessoas tinham lhe enviado um e-mail de boas-vindas.

Lisbeth leu com atenção cada um dos e-mails recebidos por Erika Berger. Reparou no tom hostil, desde o primeiro dia, da correspondência com o editor de Atualidades Lukas Holm. Eles pareciam não concordar em nada, e Lisbeth constatou que Holm complicava as coisas mandando dois ou três e-mails por qualquer bobagem.

Ela pulou propagandas, spams e pautas só de notícias. Concentrou-se nas mensagens de tom pessoal. Leu cálculos de orçamentos, resultados das áreas de publicidade e marketing, uma troca de e-mails com o diretor financeiro Christer Sellberg que se estendia por uma semana e quase podia ser classificada como um mega desentendimento sobre cortes de pessoal. Ela recebera e-mails exasperados do editor de Direito sobre um substituto chamado Johannes Frisk, que Erika Berger aparentemente incumbira de uma matéria que não agradava. Com exceção dos primeiros e-mails de boas--vindas, tinha-se a impressão de que nenhum funcionário em cargo de chefia via nada de positivo nos argumentos ou nas propostas de Erika.

Pouco depois, ela voltou ao início da lista e fez um cálculo mental. Constatou que, de todos os executivos de alto nível do SMP que rodeavam Erika Berger, apenas quatro não tentavam solapar sua posição: Borgsjõ, o presidente do conselho administrativo; Peter Fredriksson, assistente de redação; Gunder Storman, responsável pelo editorial; e Sebastian Strandlund, chefe da seção Cultura.

Será que eles nunca ouviram falar em mulher no SMP? Os chefes são todos homens.

A pessoa com quem Erika Berger tinha menos envolvimento era o editor da seção de Cultura. Desde que trabalhava lá, Erika trocara apenas dois e-mails com Sebastian Strandlund. Os e-mails

mais cordiais, e manifestamente os mais simpáticos, vinham do redator editorial Storman. Borgsjõ era sucinto e áspero. Todos os demais chefes estavam envolvidos numa autêntica guerrilha.

Por que essa merda de grupo de homens foi contratar a Erika Berger, se só o que eles querem é acabar com ela?

A pessoa com quem ela parecia ter mais contato era o assistente de redação Peter Fredriksson. Era sempre ele quem redigia as atas das reuniões. Ele preparava os caminhos, brifava Erika sobre diferentes textos e problemas, fazia girar a engrenagem.

Trocava uns doze e-mails por dia com Erika.

Lisbeth reuniu todos os e-mails de Peter Fredriksson para Erika e os leu um por um. Duas ou três vezes, ele tinha se oposto a uma decisão de Erika. Explicara quais eram seus motivos. Erika Berger parecia confiar nele, pois voltara atrás em suas decisões ou aceitara seus argumentos. Ele nunca fora hostil. Em compensação, não havia nenhum indício de uma relação pessoal com Erika.

Lisbeth fechou a caixa postal de Erika Berger e refletiu por um instante.

Então abriu a conta de Peter Fredriksson.

Praga revirara os computadores pessoais de vários funcionários do SMP desde o início da noite, em vão. Conseguira entrar na casa do chefe de Atualidades, Lukas Holm, já que ele tinha uma conexão permanente com sua sala na redação, para poder intervir a qualquer momento do dia ou da noite na coordenação dos trabalhos. O computador pessoal de Holm era um dos mais tediosos que Praga já tinha pirateado. Em compensação, fracassaia com os outros dezoito nomes da lista de Lisbeth Salander. Um dos motivos é que nenhum deles estava on-line num sábado à noite. Começava a se cansar um pouco daquela tarefa impossível quando Lisbeth Salander deu sinal, por volta das dez e meia.

[O quê foi?]

[Peter Fredriksson.]

[Certo.]

[Deixe os outros para lá. Concentre-se nele.]

[Por quê?]

[Pressentimento.]

[Vai demorar um tempinho.]

[Existe um atalho. O Fredriksson é assistente de redação e trabalha com um programa chamado Integrator para verificar de casa o que acontece no seu computador do SMP.]

[Não sei nada sobre o Integrator.]

[E um programinha que foi lançado há alguns anos. Já está ultrapassado. O Integrator tem um bug. Está nos arquivos da Hacker Rep. Teoricamente, você pode inverter o programa e entrar no computador pessoal dele a partir do SMP.]

Praga soltou um suspiro profundo. Aquela garota, que tinha sido sua aluna, estava mais por dentro que ele.

[Certo. Vou ver isso.]

[Se encontrar alguma coisa, passe para o Super-Blomkvist caso eu não esteja mais on-line.]

Mikael Blomkvist voltou ao apartamento de Lisbeth Salander, em Mose-backe, pouco antes da meia-noite. Estava cansado, e a primeira coisa que fez foi tomar um banho. Depois ligou a cafeteira e em seguida o computador de Lisbeth Salander. Chamou-a pelo ICQ.

[Até que enfim.] [Desculpe.]

[Onde você andou nesses últimos dias?] [Na cama com uma agente secreta. E atrás de Jonas.] [Você conseguiu ir ao encontro?] [Sim. Foi você que avisou a Erika?] [Era o único jeito de contatar você.] [Garota esperta.]

[Vou se transferida amanhã para a casa de detenção.] [Eu sei.]

[O Praga vai te ajudar com a internet.]

[Ótimo.]

[Só falta a grande final.]

Mikael meneou a cabeça para si mesmo.

[Sally... a gente vai fazer o que tem de ser feito.] [Eu sei. Você é previsível.] [E você, encantadora como sempre.] [Há mais uma coisa que eu deva saber?] [Não.]

[Nesse caso, tenho um bocado de coisas para fazer na internet.] [Tudo bem. Se cuide.]

O ruído em seu fone de ouvido despertou Susan Linder num sobressalto. Alguém acionara o detector de movimentos que ela instalara no hall de entrada, no térreo da casa de Erika Berger. Apoiou-se num cotovelo para ver a hora, eram 5h23 de domingo. Saiu da cama sem fazer barulho e enfiou jeans, camiseta e tênis. Colocou a bomba de gás lacrimogêneo no bolso de trás e levou o cassetete telescópico.

Passou silenciosamente pela porta do quarto de Erika Berger, verificou que estava fechada e, portanto, trancada.

Deteve-se no alto da escada para escutar. Ouviu um tinido fraco e um movimento no térreo. Desceu a escada devagar e se deteve no hall de entrada para escutar.

Uma cadeira rangeu na cozinha. Segurando o cassetete com mão firme, dirigiu-se em silêncio para a porta da cozinha, onde viu um homem calvo e não barbeado sentado à mesa com um copo de suco de laranja, lendo o SMP. Ele sentiu sua presença e ergueu os olhos.

— Quem é você? — ele perguntou.

Susanne Linder relaxou e se apoiou no batente da porta.

— Imagino que seja Lars Berger. Eu sou Susanne Linder.

— Ah, sim. Vai me rachar a cabeça com esse cassetete ou aceita um suco de laranja?

— Com prazer — disse Susanne, largando o cassetete. — Quero dizer o suco de laranja.

Lars Beckman se esticou para apanhar um copo no escorredor de louça e serviu-lhe o suco de uma embalagem de papelão.

— Eu trabalho para a Milton Security — disse Susanne Linder. — Acho que seria melhor se a sua mulher lhe explicasse por que estou aqui.

Lars Beckman se levantou.

— Aconteceu alguma coisa com a Erika?

— A sua mulher está bem. Mas houve uns probleminhas. Tentamos contatá-lo em Paris.

— Em Paris? Mas eu estava em Helsinque, caramba.

— Ah. Desculpe, sua mulher achava que era Paris. Lars dirigiu-se à porta.

— A porta do quarto está fechada a chave. Precisa de um código para abri-la — disse Susanne Linder.

— Código?

Ela lhe passou os três algarismos que ele teria de teclar para abrir a porta do quarto. Ele galgou os degraus de quatro em quatro. Susanne Linder estendeu o braço e juntou o SMP que ele tinha deixado ali.

Às dez horas do domingo, o dr. Anders Jonasson entrou no quarto de Lisbeth Salander.

— Olá, Lisbeth.

— Olá.

— Eu só queria te avisar que a polícia vai chegar lá pelo meio-dia.

— Tudo bem.

— Você não me parece muito preocupada.

— Não estou mesmo.

— Tenho um presente para você.

— Um presente? Por quê?

— Você foi uma das pacientes mais divertidas que eu já tive.

— Ah, é? — disse Lisbeth Salander, desconfiada.

— Pelo que entendi, você é fascinada por DNA e genética.

— Quem disse... aposto que foi a psicóloga.

Anders Jonasson assentiu com a cabeça.

— Se você estiver se chateando na casa de detenção... aqui está a última novidade em matéria de pesquisa sobre o DNA.

Ele entregou-lhe um tijolão intitulado Spirals — Mysteries of DNA, escrito por um certo professor Yoshito Takamura, da Universidade de Tóquio. Lisbeth Salander abriu o livro e examinou o sumário.

— Bacana — disse ela.

— Um dia, seria interessante descobrir como é isso de você ler artigos de pesquisadores que nem eu entendo.

Assim que Anders Jonasson saiu do quarto, Lisbeth pegou o computador de mão. A reta final. Verificando no departamento de pessoal do SMP, Lisbeth calculou que Peter Fredriksson trabalhava havia seis anos no jornal. Nesses seis anos, estivera em licença médica por dois períodos bastante longos. Os arquivos do departamento pessoal informavam Lisbeth que, nas duas vezes, ele havia surtado. Em certo momento, Morander, o antecessor de Erika

Berger, questionara a capacidade de Fredriksson em permanecer como assistente de redação.

Palavras, palavras, palavras. Nada de concreto em que se prender.

Quinze para o meio-dia, Praga chamou-a pelo ICQ.

[O que foi? j

[Você ainda está em Sahlgrenska?]

[Adivinhe.]

[É ele.]

[Tem certeza?]

[Ele entrou no computador de casa para trabalhar faz uma meia hora. Aproveitei para visitar o computador pessoal dele. Tem umas fotos da Erika Berger escaneadas no disco rígido.]

[Obrigada.]

[Ela até que é bonitona.]

[Praga.]

[Eu sei. O que eu tenho que fazer?]

[Ele colocou as fotos na internet?]

[Não que eu tenha visto.]

[Você consegue atacar o computador dele?]

[Isso eu já fiz. Se ele tentar mandar as fotos por e-mail ou colocar algo com mais de 20 kb na internet, o disco rígido bate as botas.] [Sensacional.]

[Estou querendo dormir. Você agora se vira sozinha?] [Como sempre.]

Lisbeth saiu do ICQ. Verificou a hora e se deu conta de que já era quase meio-dia. Redigiu rapidamente uma mensagem que

endereçou para o grupo Yahoo [Tavola-Biruta].

[Mikael. Importante. Ligue imediatamente para Erika Berger e diga a ela que Peter Fredriksson é o Pena Podre.]

Quando estava enviando a mensagem, ouviu uma movimentação no corredor. Ergueu o Palm Tungsten T3 e deu um beijo na tela. Depois desligou-o e o guardou na cavidade atrás do criado-mudo.

— Oi, Lisbeth — disse, lá da porta, sua advogada Annika Giannini.

— Oi.

— A polícia vem te buscar daqui a pouco. Eu trouxe algumas roupas. Espero que o tamanho esteja certo.

Lisbeth olhou, desconfiada, para uma coleção de calças escuras elegantes e camisas claras.

Duas mulheres com uniforme da polícia de Gõteborg é que foram buscar Lisbeth Salander. Sua advogada a acompanhou até a casa de detenção.

Quando saíram do quarto e seguiram pelo corredor, Lisbeth reparou que vários membros da equipe a fitavam, curiosos. Ela acenou gentilmente com a cabeça e um deles abanou a mão em resposta. Anders Jonasson, por acaso, estava na recepção. Eles se olharam e trocaram um cumprimento. Antes que elas virassem no corredor, Lisbeth notou que Anders Jonasson já se dirigia ao quarto dela.

Durante todo o procedimento que a conduzira à casa de detenção, Lisbeth Salander não disse uma palavra sequer aos policiais.

Mikael Blomkvist desligou o iBook e parou de trabalhar às sete da manhã de domingo. Permaneceu por algum tempo à mesa de Lisbeth Salander olhos fixos no nada à sua frente.

Então foi até o quarto e contemplou a gigantesca cama de casal de Lisbeth. Minutos depois, voltou ao escritório, abriu seu laptop e chamou Rosa Figuerola.

— Oi. É o Mikael.

— Oi, você. Já de pé?

— Parei de trabalhar neste instante e vou me deitar. Só queria dar um alô.

— Homens que ligam só para dar um alô têm algo na cabeça. Ele riu.

— Blomkvist, pode vir dormir aqui se quiser.

— Não vou ser uma companhia divertida.

— Eu me acostumo.

Ele pegou um táxi para a Pontonjárgatan.

Erika Berger passou o domingo na cama com Lars Beckman, ora conversando, ora cochilando. A tarde, vestiram-se e fizeram um longo passeio até o pontão do barco a vapor e deram uma volta em torno do vilarejo.

— O SMP foi um erro — disse Erika Berger quando chegaram em casa.

— Não diga isso. Está difícil agora, mas você sabia que ia ser assim. Quando você pegar o ritmo, as coisas se ajeitam.

— O problema não é o trabalho. Com isso eu lido numa boa. É a atitude.

— Humm.

— Não me sinto bem lá. Mas não posso pedir demissão depois de poucas semanas.

Sentou-se, triste, à mesa da cozinha e ficou olhando para o vazio, sem animo. Lars Beckman nunca tinha visto sua mulher tão

resignada.

O inspetor Hans Faste encontrou com Lisbeth Salander pela primeira vez ao meio-dia e meia de domingo, quando uma policial de Gõteborg a acompanhou até a sala de Marcus Ackerman.

— Foi uma trabalheira danada conseguir te pegar — disse Hans Faste.

Lisbeth Salander examinou-o demoradamente, então concluiu que era um abobado e que não pretendia gastar mais que poucos segundos pensando na existência dele.

— A inspetora Gunilla Wãring vai com vocês até Estocolmo — disse Ackerman.

— Ah, é? — disse Faste. — Bem, então vamos indo. E que tem um bocado de gente querendo falar com você, Salander.

Ackerman disse até-logo a Lisbeth Salander. Ela o ignorou.

Ficara resolvido que seria mais prático realizar a transferência da prisioneira para Estocolmo numa viatura policial. Gunilla Waring foi dirigindo. No começo, Hans Faste, sentado no banco do passageiro, à frente, foi com a cabeça virada para trás, tentando falar com Lisbeth Salander. A altura de Alingsâs, começou a ficar com torcicolo e desistiu.

Lisbeth Salander contemplava a paisagem pela janela. A impressão era de que Faste não existia no seu mundo.

O Teleborian está certo. Essa aí é completamente retardada, pensou Faste. Em Estocolmo a gente resolve isso.

De vez em quando ele dava uma espiada em Lisbeth Salander, tentando formar uma opinião sobre a mulher que ele perseguira durante tanto tempo. E o próprio Hans Faste tinha suas dúvidas ao ver a fragilidade daquela garota. Lembrou-se de que ela era lésbica e, portanto, não era uma mulher de verdade.

Em compensação, era possível que a história do satanismo fosse exagero. A garota não parecia ser muito satânica.

Por ironia, dava-se conta de que teria preferido, de longe, prendê-la pelos três assassinatos de que a acusavam no início, mas a realidade se impusera à investigação. Até uma garota magricela pode manejar uma pistola. Atualmente, ela estava detida por golpes e ferimentos agravados contra o supremo dirigente do MC Svavelsjõ, e disso ela era culpada sem sombra de dúvida; que também havia provas técnicas caso ela pretendesse negar.

Rosa Figuerola acordou Mikael Blomkvist por volta da uma da tarde. Ela ficara na sacada terminando seu livro sobre os deuses da Antigüidade, enquanto escutava os roncos de Mikael no quarto. Um momento tranqüilo.

Quando entrou no quarto e olhou para ele, percebeu que havia muitos anos não se sentia tão atraída por um homem.

Era uma sensação agradável, mas preocupante. Mikael Blomkvist não parecia ser um elemento estável em sua existência.

Depois que ele acordou, desceram até Norr Málarstrand para tomar um café- Em seguida, ela o arrastou de volta para sua casa e fizeram amor pelo resto da tarde. Ele foi embora lá pelas sete da noite. Ela sentiu sua falta assim que ele deu um beijo em seu rosto e fechou a porta ao sair.

Por volta das oito horas da noite de domingo, Susanne Linder tocou a campainha da casa de Erika Berger. Não ia dormir lá, pois Lars Beckman estava de volta, e a visita, portanto, não tinha nada de profissional. As poucas noites que passara com Erika as aproximaram bastante em suas longas conversas na cozinha. Descobriu que gostava de Erika Berger e a via como uma mulher desesperada que todos os dias ia para o trabalho vestindo uma máscara, como se estivesse tudo bem. Mas a verdade é que Erika era uma pilha de angústia ambulante.

Susanne Linder desconfiava que a angústia não se devia apenas ao Pena Podre. Mas ela não era assistente social, e a vida e os problemas de Erika Berger não lhe diziam respeito. Assim, foi até a casa dos Berger apenas para dar um alô e perguntar se estava tudo bem. Encontrou Erika e o marido na cozinha, imersos numa atmosfera surda e pesada. Pareciam ter passado o domingo conversando sobre coisas sérias.

Lars Beckman fez um café. Não fazia muito tempo que Susanne Linder estava com eles quando o celular de Erika tocou.

Naquele dia, Erika Berger atendera todas as ligações com uma sensação de naufrágio iminente.

— Berger.

— Oi, Ricky.

Mikael Blomkvist. Droga. Ainda não contei para ele que o dossiê Borgsjô sumiu.

— Oi, Micke.

— A Salander foi transferida hoje à tarde para a casa de detenção de Gõteborg e deve ser levada para Estocolmo amanhã.

— Sei.

— Ela me passou um... recado para você.

— Ah, é?

— Meio misterioso.

— O que é?

— Ela mandou dizer que o Pena Podre é o Peter Fredriksson.

Erika Berger ficou calada por uns dez segundos, enquanto os pensamentos pipocavam em seu cérebro. Impossível. O Peter não é assim. A Salander deve ter se enganado.

— Mais alguma coisa?

— Não. Esse é o recado. Você sabe do que se trata?

— Sei.

— Ricky, afinal, o que você e a Lisbeth andam tramando? Ela ligou para você para dar o toque sobre o Teleborian e...

— Obrigada, Micke. Depois a gente conversa.

Ela desligou o celular e fitou Susanne Linder com olhos apavorados.

— Conta — disse Susanne Linder.

Susanne Linder experimentava sentimentos contraditórios. Erika Berger acabava de receber um recado avisando que seu assistente de redação, Peter Fredriksson, era o Pena Podre. Suas palavras tinham jorrado como um rio quando ela começara a falar. Então, Susanne Linder lhe perguntara como ela sabia que Fredriksson era o sujeito que a vinha assediando.

Então, Erika Berger se calara. Susanne observou seus olhos e percebeu que alguma coisa mudara na atitude da redatora-chefe. De repente, Erika Berger parecia incomodada.

— Eu não posso dizer...

— Como assim?

— Susanne, eu sei que o Pena Podre é o Fredriksson. Mas não posso dizer como consegui essa informação. O que eu faço?

— Você tem que me dizer se quiser*que eu te ajude.

— Eu... eu não posso. Você não entende.

Erika Berger se levantou e foi até a janela da cozinha, dando as costas nara Susanne Linder. Por fim, se virou.

— Vou à casa desse canalha falar com ele.

— Nem pensar. Você não vai a lugar nenhum, muito menos na casa de um sujeito que, tudo leva a crer, sente um ódio violento de

você.

Erika Berger pareceu hesitar.

— Sente-se. Me conte o que aconteceu. Era o Mikael Blomkvist no telefone, não era?

Erika meneou a cabeça.

— Eu... hoje eu pedi que um hacker desse uma olhada nos computadores pessoais dos funcionários.

— Ahã. E com essa você provavelmente incorreu num crime de informática agravado. E não quer dizer quem é o hacker.

— Eu prometi não falar... Não são as mesmas pessoas. Um caso em que o Mikael está trabalhando.

— O Blomkvist está sabendo sobre o Pena Podre?

— Não, ele só me repassou o recado.

Susanne Linder inclinou a cabeça e observou Erika Berger. De repente, uma cadeia de associações foi se criando em sua mente.

Erika Berger. Mikael Blomkvist. Millenium. Policiais suspeitos invadiram o apartamento do Blomkvist e instalaram microfones. Eu vigiei os vigias dele. O Blomkvist está trabalhando como um doido numa matéria sobre a Lisbeth Salander.

Que a Lisbeth Salander era fera em computação, todo mundo sabia na Milton Security. Ninguém tinha idéia de onde vinham esses conhecimentos, e Susanne nunca ouvira dizer que Salander era uma hacker. Mas Dragan Armanskij mencionara certa vez que Salander entregava relatórios simplesmente espantosos quando fazia investigações sobre pessoas. Uma hacker...

Mas, puta merda, a Salander está isolada em Gõteborg!

Não fazia sentido.

— Estamos falando da Salander? — perguntou Susanne Linder. Foi como se Erika Berger tivesse sido atingida por um raio.

— Não posso contar a origem da informação. Nenhuma palavra sobre isso.

De repente, Susanne Linder começou a rir.

É a Salander. A confirmação da Erika não poderia ser mais clara. Ela está completamente perdida.

Só tem uma impossibilidade séria.

Mas o que está acontecendo, porra?

Durante seu cativeiro, Lisbeth Salander teria se encarregado da tarefa de descobrir quem era Pena Podre. Possibilidade zero.

Susanne Linder refletiu intensamente.

Não fazia nenhuma idéia muito precisa sobre Lisbeth Salander ou sobre o que as pessoas diziam a respeito dela. Tinha cruzado com Lisbeth umas cinco vezes, talvez, durante os anos em que ela trabalhara na Milton Security, e nunca tiveram uma só conversa pessoal. A imagem que tinha de Salander era de uma criadora de casos, uma pessoa tão antissocial e com uma couraça tão dura que nem uma perfuradora seria capaz de romper. Também havia constatado que Dragan Armanskij estendera sobre Lisbeth Salander suas asas protetoras. Como Susanne Linder respeitava Dragan Armanskij, supunha, portanto, que ele tivesse bons motivos para adotar essa atitude em relação àquela moça complicada.

Peter Fredriksson é o Pena Podre.

Será que ela estava certa? Será que havia provas?

Em seguida, Susanne Linder passou uma hora interrogando Erika Berger sobre tudo que ela sabia a respeito de Peter Fredriksson, qual era o papel dele no SMP e como era a relação profissional entre os dois. As respostas não levavam a lugar nenhum.

Erika Berger hesitou até se sentir frustrada, oscilando entre o desejo de ir à casa de Fredriksson ouvir suas explicações e a dúvida sobre a veracidade da informação. Por fim, Susanne Linder a

convenceu de que não podia correr para Peter Fredriksson com acusações — se ele fosse inocente, Berger faria papel de idiota.

Susanne Linder prometeu cuidar do caso. Uma promessa de que se arrependeu assim que a pronunciou, pois não fazia idéia de como poderia cumpri-la.

Em todo caso, estacionou seu Fiat Strada o mais próximo possível do apartamento de Fredriksson, em Fisksátra. Trancou as portas e olhou ao redor. Não estava muito certa do que faria, mas ponderou que deveria chamá-lo na casa dele e, de alguma maneira, induzi-lo a responder a algumas perguntas. Tinha consciência de que aquilo nada tinha a ver com o trabalho combinado com a Milton Security e de que Dragan Armanskij ficaria furioso se soubesse o que ela estava aprontando.

Não era um bom plano. E, de todo modo, fracassou antes mesmo que ela tivesse tempo de colocá-lo em ação.

Quando estava entrando no pátio e aproximando-se do prédio de Peter Fredriksson, a porta se abriu. Susanne Linder o reconheceu de imediato, lembrando-se da foto do departamento pessoal que vira no computador de Erika Berger. Ela seguiu em frente e os dois se cruzaram. Susanne Linder parou, hesitante, virou-se e o viu desaparecer na direção da garagem. Então constatou que eram quase onze da noite e que Peter Fredriksson estava indo para algum lugar. Perguntou-se para onde ele poderia estar indo e correu até seu próprio carro.

Mikael Blomkvist permaneceu um bom tempo contemplando seu celular depois que Erika Berger interrompeu a ligação. Perguntou-se o que estava acontecendo. Lançou um olhar frustrado ao computador de Lisbeth Salan-der. Aquela hora ela já teria sido transferida para a casa de detenção de Gõteborg e não havia a menor possibilidade de lhe perguntar nada.

Ligou seu TIO azul e telefonou para Idris Ghidi, em Angered.

— Oi. É o Mikael Blomkvist.

— Oi — disse Idris Ghidi.

— Era só para dizer que você pode encerrar o serviço que estava fazendo para mim.

Idris Ghidi assentiu com a cabeça sem falar nada. Já imaginava que Mikael Blomkvist iria ligar, uma vez que Lisbeth Salander tinha sido levada para a casa de detenção.

— Entendo — disse.

— Você pode ficar com o celular, conforme a gente combinou. Te mando seu pagamento durante a semana.

— Obrigado.

— Eu é que agradeço pela ajuda.

Ligou seu iBook e se pôs ao trabalho. Em função dos acontecimentos dos últimos dias, boa parte do original teria de ser alterado, e uma história nova precisaria, sem dúvida, ser incluída. Ele suspirou.

Às onze e quinze da noite, Peter Fredriksson estacionou o carro a três quarteirões da casa de Erika Berger. Susanne Linder já sabia para onde ele ia e se distanciara para não chamar a atenção. Continuou rodando por mais de dois minutos depois que ele estacionou. Constatou que o carro estava vazio. Passou pela casa de Erika Berger e foi um pouco mais adiante, para estacionar sem ser vista. Suas mãos estavam molhadas de suor.

Pegou uma lata de Catch Dry e pôs na boca um pouco de fumo de mascar.

Então abriu o carro e olhou em redor. Assim que percebera que Fredriksson se dirigia para Saltsjõbaden, compreendeu que a pista oferecida por Salander estava certa. Ignorava como Salander tinha conseguido descobrir, mas não havia mais nenhuma dúvida de que Fredriksson era Pena Podre. Com toda certeza, ele não estava indo à noite para Saltsjõbaden por acaso. Alguma coisa estava sendo tramada.

O que era perfeito para que ela o pegasse em flagrante.

Pegou o cassetete telescópico no compartimento lateral da porta e avaliou seu peso rapidamente. Destravou o cabo, soltando o pesado fio de aço flexível. Cerrou os dentes.

Por isto deixara de trabalhar na patrulha de intervenção de Sõdermalm.

Certo dia, ficara absolutamente enfurecida quando a patrulha, pela terceira vez em três dias, fora a um endereço em Hâgersten depois de uma mulher, sempre a mesma, ter chamado a polícia e gritado por socorro porque o marido a espancava. E, como nas duas primeiras vezes, a situação se acalmara antes de a patrulha chegar.

Por pura rotina, levaram o homem para a escadaria do prédio enquanto interrogavam a mulher. Não, ela não queria registrar uma queixa. Não, era um engano. Não, ele era bonzinho... na verdade, a culpa era dela. Ela é que tinha provocado...

Enquanto isso, o safado ficara rindo o tempo todo, encarando Susanne Linder.

Não saberia explicar por que tinha agido daquela maneira. Mas de repente alguma coisa explodiu dentro dela, ela pegou o cassetete e o golpeou na boca. O primeiro golpe teve pouca força. Ele se esquivou e ela só lhe estourou o lábio. Nos dez segundos que se seguiram — até que seus colegas a agarrassem e a levassem para fora à força — deixara as cassetadas choverem nas costas do homem, na lombar, nos quadris e nos ombros.

Não tinha sido indiciada. Pedira demissão naquela mesma tarde e fora para casa, onde passara uma semana chorando. Então se recobrou e foi bater à porta de Dragan Armanskij. Contou-lhe o que tinha feito e por que saíra da polícia. Estava procurando emprego. Armanskij hesitou e lhe pediu um prazo para pensar. Ela já tinha perdido as esperanças quando ele ligara, seis semanas depois, dizendo-se disposto a contratá-la para um período de experiência.

Susanne Linder fez uma careta de ódio e enfiou o cassetete no cinturão, às costas. Verificou se a bomba de gás lacrimogêneo estava mesmo no bolso direito da jaqueta e se os cadarços de seu tênis estavam bem amarrados. Caminhou até a casa de Erika Berger e se esgueirou pelo terreno.

Sabia que o detector de movimentos no pátio dos fundos ainda não estava instalado e avançou sem fazer barulho pelo gramado rente à sebe que contornava o terreno. Não estava vendo o homem. Deu a volta na casa e parou, imóvel. Avistou-o de repente, uma sombra em meio à escuridão, junto ao ateliê de Lars Beckman.

Ele não se dá conta do quanto é estúpido voltar aqui. Não consegue deixar de vir.

Ele estava agachado e tentando espiar, por uma fresta entre as cortinas, dentro de uma saleta contígua à sala de estar. Então subiu ao terraço e espreitou pelos vãos das persianas fechadas, ao lado da janela panorâmica ainda tapada com o compensado.

De repente, Susanne Linder sorriu.

Esgueirou-se pelo pátio até a esquina da casa enquanto ele estava de costas para ela. Escondeu-se atrás de umas groselheiras e esperou. Conseguia vê-lo através dos ramos. De onde estava, Fredriksson devia estar enxergando o hall de entrada e boa parte da cozinha. Ele topara com algo interessante para olhar e dez minutos se passaram antes que se pusesse de novo em movimento. Aproximou-se de Susanne Linder.

Quando ele estava prestes a virar a esquina da casa, passando na frente dela, Susanne Linder se ergueu e falou baixinho:

— Oi, Fredriksson!

Ele estacou e virou-se para ela.

Ela viu seus olhos cintilando no escuro. Não conseguia enxergar seu rosto, mas podia ouvir que o choque o havia feito perder o fôlego.

— Existem duas maneiras de lidar com isso, uma simples e uma complicada — disse ela. —Vamos até o seu carro e...

Ele deu meia-volta e começou a correr.

Susanne Linder ergueu o cassetete telescópico e desfechou um golpe doloroso e arrasador na parte externa de seu joelho esquerdo.

Ele caiu, produzindo um som abafado.

Ela ergueu o cassetete para bater mais uma vez, mas se conteve. Podia sentir os olhos de Dragan Armanskij em sua nuca.

Inclinou-se e o fez ficar de bruços, então enfiou-lhe um joelho na parte inferior das costas. Apanhou a mão direita dele e torceu-lhe o braço por trás, algemando-o. Ele estava fraco e não opôs nenhuma resistência.

Erika Berger apagou a luz da sala e subiu a escada mancando. Não precisava mais das muletas, mas a planta do pé ainda doía quando jogava seu peso em cima. Lars Beckman apagou a luz da cozinha e seguiu os passos da mulher. Nunca tinha visto Erika tão mal. Nada do que ele dizia parecia acalmá-la nem atenuava sua angústia.

Ela se despiu e deitou-se na cama, de costas para ele.

— Não é nada com você, Lars — disse ela, quando o escutou se deitar.

— Você realmente não parece estar bem — disse ele. — Quero que fique alguns dias em casa.

Passou o braço em volta dos ombros dela. Ela não tentou rechaçá-lo, mas estava totalmente passiva. Ele se inclinou, beijou-lhe o pescoço com suavidade e a abraçou.

— Não há nada que você possa dizer ou fazer para melhorar a situação. Eu sei que estou precisando de um tempo. Me sinto como num trem expresso que acabei de perceber que vai sair dos trilhos.

— A gente podia passear de barco por uns dias. Deixar tudo isso para lá e fazer uma parada.

— Não. Eu não quero deixar tudo isso para lá.

Virou-se para ele.

— O pior que eu poderia fazer agora seria fugir, aí é que está. Vou resolver esse problema. E depois a gente faz o passeio.

— Tudo bem — disse Lars. — Só acho que não posso ser de grande ajuda para você.

Ela quase sorriu.

— É verdade. Mas obrigada por estar aqui. Amo você muito, muito, você sabe disso.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Não consigo acreditar que é o Peter Fredriksson — disse Erika Berger. — Nunca senti nenhuma hostilidade da parte dele.

Ao ver as luzes do térreo se apagarem, Susanne Linder se perguntou se deveria bater à porta de Erika. Olhou para Peter Fredriksson. Ele não dissera uma só palavra. Estava totalmente passivo. Ela refletiu alguns instantes antes de se decidir.

Inclinou-se, segurou as algemas, puxou-o para que ele ficasse em pé e encostou-o na parede da casa.

— Você consegue ficar de pé? — perguntou. Ele não respondeu.

— Bem, então vamos simplificar as coisas. Se você esboçar qualquer tipo de resistência, vai receber o mesmo tratamento na perna direita. E, se insistir, eu arrebento seus braços. Está me entendendo?

Percebeu que ele respirava depressa. Medo?

Empurrou-o à sua frente para a rua, até o carro dele, a três quarteirões de distância. Ele mancava. Ela o amparava. Ao

chegarem ao carro, cruzaram com um homem que fazia seu passeio noturno com o cachorro. Ele parou e fitou as algemas de Peter Fredriksson.

— Polícia — disse Susanne Linder com voz decidida. — Vá para casa. Ela o acomodou no banco traseiro e o levou para a casa dele em Fisksátra.

Era meia-noite e meia e eles não cruzaram com ninguém na frente do prédio. Susanne Linder apanhou suas chaves e o fez subir a escada até seu apartamento, no segundo andar.

— Você não pode entrar na minha casa — disse Peter Fredriksson.

Eram suas primeiras palavras desde que ela o tinha algemado.

— Você não tem o direito. Precisa de um mandato...

— Eu não sou tira — ela sussurrou. Ele olhou para ela com ar cético.

Ela o agarrou pela camisa e o empurrou para a sala, onde o deixou cair no sofá. Era um apartamento de três cômodos, limpo e bem-arrumado. O quarto ficava à esquerda, a cozinha do outro lado do hall de entrada, o pequeno escritório junto à sala.

Ela deu uma olhada no escritório e soltou um suspiro de alívio. A arma do crime! Avistou imediatamente fotos do álbum de Erika Berger espalhadas sobre a mesa de trabalho, ao lado do computador. Ele afixara umas trinta fotos na parede. Susanne Linder contemplou a exposição de sobrancelhas erguidas. Erika Berger era superbonita. E a vida sexual dela parecia ser mais divertida que a sua.

Escutou Peter Fredriksson se mexendo e voltou para a sala a fim de pegá-lo. Deu-lhe uma cassetada, puxou-o até o escritório e o fez sentar-se no chão.

— Não se mexa — disse.

Foi até a cozinha e pegou uma sacola de papel da Konsum. A seguir foi retirando as fotos da parede, uma por uma. Achou o álbum de fotos vazio e os diários íntimos de Erika Berger.

— Cadê o vídeo? — perguntou.

Peter Fredriksson não respondeu. Susanne Linder foi até a sala e ligou a tevê. Havia uma fita dentro do aparelho, mas precisou tatear alguns instantes até descobrir o botão no controle remoto.

Ejetou a fita, e então ficou um bom tempo conferindo se ele não tinha feito alguma cópia.

Achou as cartas de amor da adolescência de Erika e o relatório sobre Borgsjõ. Notou que ele tinha um escâner Microtek conectado a um computador IBM. Ergueu a tampa do escâner e encontrou uma foto esquecida que mostrava Erika Berger numa festa do Club Xtreme no Ano-Novo de 1986, a julgar por uma bandeirola pendurada numa parede.

Ligou o computador e se deu conta de que ele estava protegido por uma senha.

— Qual é a senha? — ela perguntou.

Peter Fredriksson permaneceu sentado no chão, teimosamente imóvel e recusando-se a falar.

De repente, Susanne Linder sentiu-se muito calma. Sabia que, tecnicamente falando, cometera uma série de infrações no decorrer da noite, incluindo o que se poderia qualificar como constrangimento, ou mesmo seqüestro agravado. Não estava nem aí. Pelo contrário, estava até satisfeita.

Passado algum tempo, acabou dando de ombros e pegou no bolso seu canivete suíço. Desligou todos os fios do computador, virou a parte traseira da CPU para a frente e usou a chave cruciforme para abri-lo. Levou breves quinze minutos para desmontar o computador e tirar dali o disco rígido.

Olhou em volta. Tinha pegado tudo, mas por segurança examinou minuciosamente todas as gavetas da mesa, as pilhas de papel e as prateleiras. De súbito, seu olhar bateu num antigo anuário de escola deixado na beirada da janela. Constatou que era o anuário do liceu de Djursholm, 1978. Erika Berger não pertencera à nata de Djursholm...? Abriu o anuário e percorreu, uma a uma, todas as turmas do último ano.

Encontrou Erika Berger com dezoito anos, usando o chapéu dos formandos e ostentando um sorriso feliz de belas covinhas. Usava um vestido elegante de algodão branco e segurava um buquê de flores na mão. O autêntico clichê de uma adolescente ingênua com menção honrosa em todas as matérias.

Por pouco Susanne Linder não deixou o elo passar, mas ele estava na página seguinte. Jamais o teria reconhecido na foto, porém a legenda não deixava dúvida. Peter Fredriksson. Estava em outra classe, no mesmo ano que Erika Berger. Viu um garoto magrela e de semblante sério encarando a objetiva por sob a viseira do boné.

Ela ergueu os olhos e eles cruzaram com os de Peter Fredriksson.

— Ela já era uma puta nojenta naquela época.

— Fascinante — disse Susanne Linder.

— Trepava com todos os caras do colégio.

— Acho difícil.

— Ela não passava de uma...

— Não fale. O que aconteceu? Ela não quis dar para você?

— Ela me tratava como se eu fosse vento. Ria de mim pelas costas. E quando entrou no SMP nem me reconheceu.

— Certo, certo — disse Susanne Linder, cansada. — Você deve ter tido uma juventude difícil. Vamos falar sério um pouquinho?

— O que você quer?

— Eu não sou tira — disse Susanne Linder. — Pertenço ao time das pessoas que lidam com gente da sua espécie.

Esperou, deixando que a imaginação de Fredriksson fizesse a sua parte.

— Quero saber se você colocou as fotos dela em algum lugar da internet. Ele negou com a cabeça.

— Verdade verdadeira? Ele assentiu com a cabeça.

— A Erika Berger é quem vai decidir se quer dar queixa contra você por assédio, ameaças e invasão de domicílio, ou se prefere resolver tudo amigavelmente.

Ele não disse nada.

— Se ela resolver te ignorar — o que, na minha opinião, é o único tipo de atenção que você merece —, quem vai ficar de olho em você sou eu.

Ela mostrou o cassetete telescópico.

— Se por acaso você tentar se aproximar de novo da casa da Erika Berger, ou mandar e-mails, ou-perturbar de alguma maneira, eu volto aqui. E vou te quebrar de um jeito que nem sua mãe vai te reconhecer. Está entendendo?

Ele não respondeu.

— Em outras palavras, você tem uma chance de influir no final dessa história. Está interessado?

Ele assentiu lentamente com a cabeça.

— Nesse caso, vou sugerir à Erika Berger que deixe tudo por isso mesmo. Você não precisa mais ir trabalhar. Está sendo demitido desde já.

Ele meneou a cabeça.

— Você some da vida dela e de Estocolmo. Não estou nem aí para o que você vai fazer ou para onde vai. Ache um emprego para os lados de Gõteborg ou Malmõ. Peça outra licença médica. Faça o que quiser. Mas deixe Erika Berger em paz.

Ele concordou com a cabeça.

— Estamos combinados?

De repente, Peter Fredriksson começou a chorar.

— Eu não queria fazer nenhum mal — disse. — Só queria...

-— Queria transformar a vida dela num inferno, e conseguiu. Você me Já a sua palavra?

Ele fez que sim com a cabeça.

Ela se inclinou, virou-o de bruços e abriu as algemas. Saiu levando a sacola da Komsum contendo a vida de Erika Berger e deixando o sujeito estatelado no chão.

Eram duas horas e meia da madrugada de segunda-feira quando Susan-ne Linder deixou o prédio de Fredriksson. Pensou em esperar o dia nascer para agir, mas se deu conta de que, se fosse com ela, teria gostado de saber logo. Além disso, seu carro continuava estacionado em Saltsjõbaden. Chamou um táxi.

Lars Beckman abriu a porta antes que ela tivesse tempo de apertar a campainha. Estava de calça jeans e não parecia nada sonolento.

— A Erika está acordada? — perguntou Susanne Linder. Ele assentiu com a cabeça.

— Alguma novidade? — perguntou.

Ela fez um gesto indicando que sim e sorriu.

— Entre. A gente estava conversando na cozinha. Entraram.

— Olá, Erika — disse Susanne. — Você precisa aprender a dormir de vez em quando.

— O que houve?

Susanne estendeu-lhe a sacola.

— O Peter Fredriksson promete te deixar em paz daqui para a frente. Não sei se dá para confiar nele, mas se ele cumprir com a promessa vai ser menos doloroso do que registrar uma queixa e enfrentar um processo. Você decide.

— Então era ele mesmo?

Susanne Linder meneou a cabeça. Lars Bergman ofereceu café, mas Susanne não aceitou. Já tomara muito café nos últimos dias. Sentou-se e contou o que tinha acontecido em frente à casa deles durante a noite.

Erika Berger permaneceu um bom tempo calada. Depois, foi ao anda de cima e voltou com seu exemplar do anuário do colégio. Contemplou demoradamente o rosto de Peter Fredriksson.

— Eu me lembro dele — disse por fim. — Mas nem de longe iria imaginar que se tratava do mesmo Peter Fredriksson do SMP. Eu nem me lembrava do nome dele antes de consultar o anuário.

— Ele diz que você o tratava como vento. Erika balançou a cabeça.

— E deve ser verdade. Eu não o conhecia, ele não fazia parte do nosso grupinho.

— Ele era algum saco de pancada, ou algo assim?

— Não, imagina! Eu nunca gostei desse tipo de coisa. A gente inclusive fazia campanhas antiperseguição no colégio, e eu era a presidente do conselho de alunos. Não consigo lembrar se ele alguma vez chegou a falar comigo ou se cheguei a trocar alguma palavra com ele.

— Certo — disse Susanne Linder. — Seja como for, ele obviamente tinha um ressentimento contra você. Ele tirou uma licença médica por estresse duas vezes, e por períodos longos.

Parecia totalmente arrasado. Pode haver outros motivos que não conhecemos para essas licenças médicas.

Ela se levantou é vestiu a jaqueta de couro.

— Vou ficar com o disco rígido dele. Tecnicamente falando, é um objeto roubado que não pode ser encontrado na sua casa. Não se preocupe, vou destruir assim que chegar em casa.

— Susanne, espere... Como posso te agradecer?

— Bem, você pode me apoiar quando a fúria do Armanskij desabar como um raio sobre mim.

Erika a encarou, séria.

— Você vai se encrencar por causa disso?

— Não sei... realmente não sei.

— A gente poderia te pagar para...

— Isso não. Mas talvez o Armanskij lhe cobre por essa noite. Espero que cobre, assim é uma forma de ele aprovar o que eu fiz e dificilmente vai poder me demitir.

— Vou dar um jeito de ele cobrar.

Erika Berger se levantou e abraçou Susanne Linder demoradamente.

— Obrigada, Susanne. Se um dia precisar de mim, saiba que eu sou sua arniga- Para qualquer coisa.

__Obrigada. Não deixe essas fotos por aí. Ah, a propósito: a Milton Security oferece a instalação de uns armários de segurança muito legais.

Erika Berger sorriu.

22. SEGUNDA-FEIRA 6 DE JUNHO

Erika Berger acordou às seis da manhã na segunda-feira. Embora não tivesse dormido mais que uma hora, sentia-se maravilhosamente repousada. Imaginou que fosse uma espécie de reação física. Pela primeira vez desde vários meses, pôs o tênis de corrida e foi até o pontão da barca a vapor num ritmo puxado. Quer dizer, correu com energia durante uns cem metros, até o seu calcanhar machucado começar a doer e obrigá-la a reduzir o passo e a continuar num ritmo mais calmo. A cada passo, experimentava prazer na dor do calcanhar.

Sentia-se literalmente renascer. Era como se a Foice tivesse passado em frente à sua porta, mudado de idéia no último minuto e entrado na casa vizinha. Não conseguia sequer entender que sorte incrível tinha sido Peter Fredriksson ficar com as fotos durante quatro dias sem fazer nada. Se ele as escaneara, era sinal de que sua mente de fato planejava algo, só que ele ainda não tomara nenhuma atitude.

Seja como for, daria um presente de Natal bem caro e surpreendente para Susanne Linder no fim do ano. Iria procurar alguma coisa realmente original para ela.

As sete e meia, deixou Lars dormindo, entrou na sua BMW e foi para a redação do SMP em Norrtull. Deixou o carro na garagem, pegou o elevador até a redação e se instalou no seu aquário. Sua primeira providência foi chamar um faxineiro.

— O Peter Fredriksson se demitiu do SMP — disse ela. — Encontre uma caixa, recolha todos os objetos pessoais da sala dele e cuide para que sejam levados à casa dele agora de manhã.

Contemplou o pólo Atualidades. Lukas Holm acabava de chegar. Ele cruzou o olhar com o dela e dirigiu-lhe um aceno de cabeça.

Ela retribuiu.

Holm era um babaca nojento, mas depois da briga de poucas semanas antes ele tinha parado de criar caso. Se continuasse com a mesma atitude positiva, talvez sobrevivesse como chefe de Atualidades. Talvez.

Sentiu que ia conseguir dar uma guinada.

Às 8h45, viu Borgsjo saindo do elevador e desaparecendo na escada interna em direção à sua sala, no andar de cima. Preciso falar com ele ainda hoje.

Foi buscar café e então dedicou algum tempo à pauta da manhã. Era uma manhã pobre em notícias. O único texto interessante era uma notinha bem neutra informando que Lisbeth Salander tinha sido transferida para a casa de detenção de Gõteborg no domingo. Deu sinal verde para a matéria e enviou para Lucas Holm por e-mail.

Às 8h59, Borgsjo ligou.

— Berger. Venha imediatamente à minha sala. E desligou.

Magnus Borgsjo estava lívido quando Erika Berger abriu a porta da sala. Estava de pé, virou-se para ela e então jogou uma pilha de papéis em cima da mesa.

— Que porcaria é essa? — berrou.

O coração de Erika Berger se desmanchou dentro do peito. Uma rápida olhada na primeira página foi suficiente para ela entender o que Borgsjo tinha encontrado na correspondência da manhã.

Fredriksson não tivera tempo de cuidar das fotos. Mas tivera tempo de mandar o artigo de Henry Cortez para Borgsjo.

Ela se sentou calmamente diante dele.

— É um texto escrito pelo jornalista Henry Cortez que a revista Millen-nium planejava publicar na edição da semana passada.

Borgsjõ parecia desesperado.

— Mas que porra de jeito de agir é esse? Eu te trouxe para o SMP e a primeira coisa que você faz é manobrar pelas minhas costas. Quem é você alguma puta de merda da mídia?

Os olhos de Erika Berger se estreitaram e ela ficou gelada. Estava saturada da palavra "puta".

— Você acha mesmo que alguém vai dar importância a isso? Acha que pode me derrubar inventando besteiras? E por que me mandar isso anonimamente, puta que pariu?

— Não foi assim que as coisas aconteceram, Borgsjõ.

— Então como foi?

— Quem te mandou esse texto anonimamente foi o Peter Fredriksson. Eu o despedi ontem do SMP.

— O que você está dizendo?

— É uma longa história. Mas faz mais de duas semanas que estou enrolando com esse texto, sem saber como tocar no assunto com você.

— Você é que está por trás desse texto.

— Não, não sou. O Henry Cortez investigou e escreveu isso. Eu não sabia de nada.

— E quer que eu acredite nisso?

— Quando meus colegas da Millennium perceberam que você era mencionado no texto, o Mikael Blomkvist freou a publicação. Ele me chamou e me deu uma cópia. Para me poupar. Essa cópia foi roubada e agora apareceu aqui. A Millennium fazia questão que eu pudesse conversar com você antes que eles publicassem. Isso vai acontecer na edição de agosto.

— Nunca conheci um jornalista tão sem escrúpulos. Essa você ganhou disparado.

— Bem. Já que você leu a reportagem, talvez também tenha dado uma olhada no índice de referências. A versão do Cortez faz

sentido para ser publicada. E você sabe disso.

— Isso significa o quê, exatamente?

— Se você ainda estiver no cargo de presidente do conselho administrativo quando a Millennium for para a impressão, vai prejudicar o SMP. Eu já quebrei a cabeça tentando achar uma solução, mas não achei.

— O que você quer dizer com isso?

— Você precisa se demitir.

— Está brincando? Não cometi rigorosamente nenhuma infração à lei

— Magnus, você não está percebendo o alcance dessa revelação. Não me obrigue a convocar o conselho administrativo. Seria doloroso demais.

— Você não vai convocar coisa nenhuma. Seu tempo no SMP acabou.

— Sinto muito. Só o conselho administrativo é que pode me mandar embora. Acho que você vai ter que convocar uma reunião extraordinária. Sugiro que seja hoje à tarde.

Borgsjõ deu a volta na mesa e se colocou tão próximo de Erika que ela sentiu seu hálito.

— Berger... você ainda tem uma chance de sobrevida por aqui. Você vai falar com os seus malditos colegas da Millennium e dar um jeito para esse artigo nunca ser publicado. Se você agir direito, posso considerar a hipótese de esquecer o que você fez.

Erika Berger suspirou.

— Magnus, você não está percebendo que a coisa é séria. Não tenho nenhuma influência no que a Millennium publica ou deixa de publicar. Eu posso falar o quanto quiser, essa história vai vir a público. A única coisa que me interessa é saber que conseqüências isso vai ter para o SMP. Por isso é que você precisa se demitir.

Borgsjõ pôs as mãos no encosto da cadeira e se inclinou na direção de Erika.

— Os seus amiguinhos da Millennium talvez pensem duas vezes se souberem que você vai ser despedida assim que eles tornarem públicas essas asneiras.

Ele se reergueu.

— Estou indo hoje para uma reunião em Norrkõping. — Olhou para ela e acrescentou uma palavra, com ênfase: — Svea-Bygg.

— Ah, é?

— Até a minha volta, amanhã, você vai me deixar um relatório contando que o caso está encerrado. Entendido?

Ele vestiu o paletó. Erika Berger ficou observando-o, olhos semicerrados.

— Conduza esse caso direitinho e talvez você sobreviva no SMP. E agora saia da minha sala.

Ela se levantou, voltou para o aquário e permaneceu uns vinte minutos totalmente imóvel em sua cadeira. Então pegou o telefone e pediu a Lukas Holm que viesse até sua sala. Ele aprendera a lição de seus erros passados e chegou um minuto depois.

— Sente-se.

Lukas Holm ergueu uma sobrancelha e se sentou.

— Bem, o que foi que eu fiz desta vez? — perguntou, irônico.

— Lukas, hoje é o meu último dia de trabalho no SMP. Estou me demitindo neste momento. Vou chamar o vice-presidente e os demais membros do conselho para uma reunião na hora do almoço.

Ele a fitou com genuína surpresa.

— Pretendo indicar você para redator-chefe interino.

— O quê?

— Tudo bem para você?

Lukas Holm se recostou na poltrona e observou Erika Berger.

— Puta merda, mas eu nunca quis ser redator-chefe — disse ele.

— Eu sei. Mas você tem a fibra necessária. E é capaz de passar por cima de muitos cadáveres para conseguir publicar uma boa matéria. Eu só queria que tivesse um pouco mais de bom-senso nessa sua cabeça.

— O que aconteceu?

— Tenho um estilo diferente do seu. Nós dois brigamos o tempo todo sobre a maneira de orientar as matérias e nunca vamos nos entender.

— É, é verdade que a gente nunca vai se entender — disse ele. — Pode ser que o meu estilo é que seja meio ultrapassado.

— Não sei se "ultrapassado" é a palavra certa. Você é fera em Atualidades, mas age como um idiota. Não precisava. O que mais nos dividiu é você ter sustentado o tempo todo que, como editor de Atualidades, não pode deixar que considerações de ordem pessoal influenciem a avaliação das notícias.

De repente, Erika Berger sorriu maldosamente para Lukas Holm. Abriu sua bolsa e pegou o original do artigo sobre Borgsjõ.

— Vamos fazer um teste sobre a sua capacidade de avaliar uma notícia. Estou aqui com um artigo que o Henry Cortez me passou, ele é colaborador da revista Millennium. Decidi, agora de manhã, que vamos pegar esse texto como a matéria principal do dia.

Jogou a pasta no colo de Holm.

— Você é o chefe de Atualidades. Vai ser interessante ver se você partilha a minha opinião.

Lukas Holm abriu a pasta e começou a ler. Já na introdução, seus olhos se arregalaram. Aprumou-se na cadeira e fitou Erika Berger. Em seguida baixou os olhos e leu o texto inteiro, do começo ao fim. Abriu a parte das "referências" e leu atentamente. Levou uns dez minutos. Então foi largando devagar a pasta na mesa.

— Vai ser um puta de um escândalo.

— Eu sei. Por isso é que hoje é o meu último dia de trabalho aqui. A Mülennium pretendia publicar a matéria na edição de junho, mas o Mikael Blomkvist deu uma segurada. Ele me passou o texto para que eu pudesse conversar com o Borgsjõ antes de ser publicado.

— E?

— O Borgsjõ me mandou abafar o caso.

— Entendo. Aí você pensou em publicar no SMP por puro despeito.

— Não. Por despeito, não. É a única solução. Se o SMP publicar a matéria, temos uma chance de escapar dessa confusão com a dignidade intacta. O Borgsjõ precisa sair. Mas isso também significa que eu não posso ficar.

Holm se manteve calado por cerca de dois minutos.

— Puta merda, Berger... Eu não imaginava que você tivesse tanta coragem. Nunca pensei que um dia eu ainda fosse dizer isto, mas se você tem essa audácia toda, francamente, vou lamentar sua saída.

— Você também poderia impedir a publicação do texto, mas se nós dois aprovarmos... Você pretende ir em frente?

— Sim, é claro que vamos publicar. Cedo ou tarde isso vai vir a público.

— Exato.

Lukas Holm se levantou e parou, hesitante, diante da mesa de Erika.

— Vá trabalhar — disse Erika.

Depois que Holm saiu, ela esperou cinco minutos e pegou o telefone para ligar para Malu Eriksson, da Milennium.

— Oi, Malu. O Henry Cortez está por aí?

— Está na sala dele.

— Você pode pedir a ele que venha até sua sala e depois ligar o viva-voz? Precisamos conversar.

Henry Cortez apareceu em quinze segundos.

— O que houve?

— Henry, hoje eu fiz uma coisa amoral.

— Ah, é?

— Dei o seu artigo sobre a Vitavara para o Lukas Holm, o editor de Atualidades aqui do SMP.

— Sim...

— Mandei ele publicar o artigo no SMP de amanhã. Assinado por você. E você vai receber por isso, claro. É só dar o preço.

— Erika... que confusão é essa?

Ela resumiu os acontecimentos das últimas semanas e contou como Peter Fredriksson por pouco não acabara com ela.

— Puta merda! — disse Henry Cortez.

— Eu sei que a matéria é sua, Henry. Mas eu simplesmente não tenho escolha. Você pode nos dar essa força?

Henry Cortez permaneceu calado por alguns segundos.

— Obrigado por ligar, Erika. Tudo bem vocês publicarem a matéria, assinada por mim. Quero dizer, se estiver tudo bem para a Malu.

— Por mim tudo bem — disse Malu.

— Certo — disse Erika. —Vocês poderiam informar o Mikael? Imagino que ele ainda não esteja aí.

— Eu falo com o Mikael — disse Malu Eriksson. — Mas, Erika, isso não significa que a partir de hoje você está desempregada?

Erika começou a rir.

— Resolvi tirar umas férias até o final do ano. Acredite, essas poucas semanas no SMP foram mais que suficientes.

— Não é uma boa idéia começar a fazer planos para as férias — disse Malu.

— Por que não?

— Você poderia dar um pulo aqui na Millenníum hoje à tarde?

— Por quê?

— Preciso de ajuda. Se você quiser ser redatora-chefe, pode começar amanhã de manhã.

-— Malu, a redatora-chefe da Millennium é você. Nem pensar em mudar isso.

— Tudo bem. Então você poderia começar como assistente de redação disse Malu, rindo.

— Você está falando sério?

— Porra, Erika, você me faz tanta falta que eu estou desabando. Aceitei esse emprego na Millennium, entre outras coisas, para ter a oportunidade de trabalhar com você. E aí você pega e vai para outro veículo.

Erika Berger ficou calada durante um minuto. Nem tinha tido tempo de pensar na possibilidade de voltar para a Millennium.

— E eu seria bem-vinda? — ela perguntou, devagar.

— O que você acha? Imagino que para começar a gente faria uma megafesta, organizada por você. E você voltaria exatamente na hora de a gente publicar você sabe o quê.

Erika olhou para o relógio da sua sala. 9h55. Em uma hora, o seu mundo tinha desabado. De repente, sentiu o quanto tinha vontade de voltar a subir a escada da Millennium.

— Tenho umas duas, três coisas a fazer aqui no SMP nas próximas horas. Tudo bem se eu passar aí lá pelas quatro?

Susanne Linder encarou Dragan Armanskij olho no olho enquanto lhe contava detalhadamente o que acontecera à noite. A única coisa que ela omitiu foi sua súbita convicção de que a invasão do computador de Peter Fredriksson era obra de Lisbeth Salander. Absteve-se por dois motivos. Por um lado, achava muito irreal. Por outro, sabia que Dragan Armanskij estava intimamente ligado ao caso Salander junto com Mikael Blomkvist.

Armanskij escutou atentamente. Uma vez concluído o seu relato, Susanne Linder aguardou em silêncio a reação dele.

— O Lars Beckman ligou uma hora atrás — disse ele.

— Ah, é?

— Ele e a Erika Berger vão passar por aqui durante a semana para assinar alguns contratos. Fazem questão de agradecer a Milton Security pela intervenção, e principalmente a sua.

— Entendo. É legal quando os clientes ficam satisfeitos.

— Ele também quer encomendar um armário de segurança para a casa dele. Vamos fechar o kit de alarmes e instalar durante a semana.

— Que bom.

— Ele insiste que a gente cobre pela sua intervenção desse fim de semana.

— Humm.

— Em outras palavras, vai ser uma conta salgada para eles.

— Ahã. Armanskij suspirou.

— Susanne, você está ciente de que o Fredriksson pode ir à polícia dar queixa contra você por uma série de coisas.

Ela fez que sim com a cabeça.

— É claro que ele também seria preso, em grande estilo, mas ele pode achar que vale a pena.

— Não acho que ele tenha colhões para ir à polícia.

— Que seja, mas você agiu contra todas as instruções que eu lhe dei.

— Eu sei — disse Susanne Linder.

— E na sua opinião, como eu deveria reagir?

— Isso só você pode decidir.

— Mas como é que você acha que deveria ser a minha reação?

— O que eu acho não interessa. Você pode me mandar embora.

— É difícil. Não posso me permitir perder um colaborador do seu calibre.

— Obrigada.

— Mas se você me aprontar outra dessas de novo, eu vou ficar muito, muito zangado.

Susanne Linder assentiu com a cabeça.

— O que você fez com o disco rígido?

— Destruí. Prendi o disco num torno hoje de manhã. Ficou reduzido a farelos,

— Certo. E^ntão vamos virar a página.

Erika Berger passou a manhã ligando para os membros do conselho administrativo do SMP. Localizou o vice-presidente na sua casa de campo em l Vaxholm e conseguiu que ele concordasse em pegar o carro e ir o quanto \ antes para a redação. Depois do almoço, reuniu-se um conselho bastante f reduzido. Erika Berger passou uma hora relatando a origem do dossiê Cortez e suas conseqüências.

Como era previsto, assim que ela acabou de falar surgiram propostas de que eles encontrassem uma solução alternativa. Erika explicou que pretendia publicar a matéria no jornal do dia seguinte. Explicou também que aquele era o seu último dia de trabalho e que sua decisão era irrevogável.

Erika fez com que o conselho administrativo aprovasse e registrasse em ata duas decisões. Primeiro, Magnus Borgsjõ seria convidado a deixar vago, imediatamente, seu cargo no conselho e, segundo, Lukas Holm seria nomeado redator-chefe interino. Em seguida, pediu licença para sair da sala e deixou os membros do conselho discutirem a situação entre si.

Às duas da tarde, desceu ao departamento pessoal para firmar um contrato. Depois subiu até a editoria de Cultura e pediu para falar com o chefe, Sebastian Strandlund, e com a jornalista Eva Carlsson.

— Pelo que percebi, a Eva Carlsson é vista como uma jornalista talentosa e competente aqui no Cultura.

— É verdade — disse Strandlund.

— E nas solicitações de verba desses dois últimos anos vocês pediram que a área fosse reforçada com pelo menos mais duas pessoas.

— Sim.

— Eva, levando em conta os e-mails que você recebeu, talvez surjam uns boatos desagradáveis se eu lhe oferecer um cargo fixo. Você está interessada assim mesmo?

— Mas é claro.

— Nesse caso, a minha última decisão aqui no SMP vai ser assinar essa contratação.

— Última?

— E uma longa história. Vou embora hoje. Pediria para vocês guardarem sigilo' por mais uma horinha.

— O que...

— Tenho uma reunião daqui a um minuto.

Erika Berger assinou o contrato e o passou para Eva Carlsson, do outro lado da mesa.

— Boa sorte — disse ela, sorrindo.

— O homem desconhecido e já de uma certa idade que no sábado participou da reunião na sala do Ekstrõm se chama Georg Nystrõm. Ele é delegado — disse Rosa Figuerola, dispondo as fotos sobre a mesa diante de Torsten Edklinth.

— Delegado — resmungou Edklinth.

— O Stefan o identificou ontem à noite. Ele chegou de carro ao apartamento da Artillerigatan.

— O que se sabe sobre ele?

— Ele era da polícia comum e trabalha na Sapo desde 1983. Desde 1996, tem um cargo de confiança como investigador. Ele cuida dos controles internos e da avaliação dos casos arquivados da Sapo.

— Muito bem.

— De sábado para cá, um total de seis pessoas com algum interesse passou por aquela porta. Além de Jonas Sandberg e Georg Nystrõm, Fredrik Clinton está no prédio. De manhã, ele foi para a diálise de ambulância.

— Quem são os outros?

— Um tal de Otto Hallberg. Ele trabalhou na Sapo nos anos 1980, mas na verdade pertence ao estado-maior da Defesa. Atua na Marinha e com informações militares.

— Ahã. Por que será que eu não estou surpreso? Rosa Figuerola mostrou mais uma foto.

— Este aqui ainda não foi identificado. Ele almoçou com o Hallberg. Vamos tentar identificá-lo quando ele voltar para casa hoje à noite.

— Certo.

— Mas o mais interessante é este cara aqui. Colocou outra foto sobre a mesa.

— Esse eu reconheço — disse Edklinth.

— Ele se chama Wadensjõõ.

— Isso. Há uns quinze anos, ele trabalhava para a Brigada Antiterrorista. Um general de escritório. Era um dos candidatos ao cargo de chefe supremo aqui da Casa. Não sei que fim levou.

— Ele se demitiu em 1991. Adivinhe com quem ele almoçou uma hora atrás?

Colocou a última foto sobre a mesa.

— O secretário-geral Albert Shenke e o chefe do orçamento, Gustav Atterbom. Quero esses sujeitos vigiados dia e noite. Quero saber exatamente com quem eles se encontram.

— Impossível. Só tenho quatro homens. E alguém precisa trabalhar na documentação.

Edklinth meneou a cabeça e beliscou, pensativo, o lábio inferior. Passados alguns instantes, voltou a olhar para Rosa Figuerola.

— Precisamos de mais gente — disse ele. — Você acha que poderia contatar discretamente o inspetor Jan Bublanski e perguntar se ele aceitaria jantar comigo hoje, depois do expediente? Lá pelas sete horas, digamos.

Edklinth pegou o telefone e discou um número de cabeça.

— Oi, Armanskij. É o Edklinth. Queria retribuir aquele jantar simpático que você me ofereceu outro dia... Não, eu insisto. Lá pelas sete horas está bem para você?

Lisbeth Salander passou a noite na casa de detenção de Kronoberg, numa cela de mais ou menos quatro metros por quatro. A mobília era bastante modesta. Adormeceu cinco minutos depois de trancarem sua porta e, obedecendo ao fisioterapeuta do Sahlgrenska, acordou cedo na segunda--feira para fazer os exercícios de alongamento recomendados. Depois disso, tomou o café da manhã e ficou sentada em silêncio em seu catre, fitando um ponto à frente.

Às nove e meia, foi levada para uma sala de interrogatório na outra extremidade do corredor. O guarda era um homem idoso, baixinho e careca, de rosto redondo e óculos com armação de tartaruga. Tratou-a com correção e complacência.

Annika Giannini cumprimentou-a gentilmente. Lisbeth ignorou Hans Faste. Depois, encontrou-se pela primeira vez com o procurador Richard Ekstrõm, e passou a meia hora seguinte sentada numa cadeira fitando teimosamente um ponto na parede, pouco acima da cabeça de Ekstrõm. Ng0 pronunciou uma palavra sequer e não moveu nenhum músculo.

Às dez horas, Ekstrõm interrompeu o interrogatório fracassado. Estava irritado por não ter conseguido arrancar dela uma resposta sequer. Pela primeira vez, teve alguma dúvida ao observar Lisbeth Salander. Como é que aquela jovem miudinha, com jeito de boneca, tinha sido capaz de derrubar Magm Lundin e Benny Nieminen em

Stallarholmen? O tribunal estaria preparado para aceitar essa versão, mesmo que ele apresentasse provas convincentes?

Ao meio-dia, serviram a Lisbeth um almoço leve, e ela gastou a hora seguinte resolvendo umas equações de cabeça. Concentrou-se no capítulo "Astronomia esférica" de um livro que tinha lido dois anos antes.

Às duas e meia, foi novamente levada para a sala de interrogatório. Dessa vez, o guarda era uma mulher bastante jovem. A sala estava vazia. Ela se sentou numa cadeira e continuou matutando sobre uma equação particularmente árdua.

Passados dez minutos, a porta se abriu.

— Bom dia, Lisbeth — cumprimentou-a cordialmente Peter Teleborian. Ele sorriu. Lisbeth Salander ficou gelada. Os componentes da equação, que ela edificara no ar à sua frente, desabaram no chão. Ela ouviu os números e os signos quicarem e tilintarem como se fossem de fato caquinhos reais.

Peter Teleborian ficou parado, observando-a, por um minuto e então se sentou diante dela. Ela continuou olhando para a parede.

Passado algum tempo, ela moveu os olhos e o encarou.

— Lamento que você esteja passando por essa situação — disse Peter Teleborian. — Vou fazer o possível para tentar te ajudar. Espero que a gente consiga estabelecer uma relação de confiança.

Lisbeth examinava cada centímetro do sujeito sentado diante dela. O cabelo desalinhado. A barba. O pequeno espaço entre os dentes da frente. Os lábios finos. O paletó marrom. A camisa de gola aberta. Escutava sua voz doce e traiçoeiramente amigável.

— Também espero poder ajudar mais do que na última vez que nos encontramos.

Ele colocou um bloco de anotações e uma caneta na mesa à sua frente. Lisbeth baixou os olhos e contemplou a caneta. Um comprido cilindro prateado e pontudo.

Análise das conseqüências.

Refreou o impulso de estender a mão e se apoderar da caneta.

Seu olhar se voltou para o dedo mínimo da mão esquerda de Teleborian percebeu um risco fino e branco no lugar em que, quinze anos antes, ela cravara os dentes e cerrara o maxilar com tanta força que quase cortara o dedo fora. Tinha sido necessário que três enfermeiros se juntassem para segurá-la e abrir à força seu maxilar.

Naquela época, eu era uma menininha apavorada que mal entrara na adolescência. Hoje sou adulta. Posso matar você quando quiser.

Fixou os olhos num ponto da parede atrás de Teleborian, recolheu do chão os números e os símbolos matemáticos que haviam caído e, lentamente, recomeçou a equacioná-los.

O Dr. Peter Teleborian contemplou Lisbeth Salander com uma expressão imperturbável. Não teria se tornado um psiquiatra internacionalmente respeitado se lhe faltassem conhecimentos sobre o ser humano. Possuía uma boa capacidade para ler os sentimentos e os estados de ânimo. Sentiu que uma sombra gelada percorria a sala, mas interpretou-a como um sinal de medo e vergonha da paciente por trás daquela fachada impassível. Entendeu-a como uma indicação positiva de que, apesar de tudo, ela reagia à presença dele. Também estava satisfeito de o comportamento dela não haver mudado. Ela vai sabotar a si mesma no tribunal.

A última medida tomada por Erika Berger no SMP foi sentar-se no aquário e escrever um comunicado dirigido a todos os colaboradores. Estava razoavelmente irritada quando começou e, sem querer, a irritação se transformou em três mil caracteres, através dos quais ela explicava por que se demitira do SMP e emitia sua opinião sobre algumas pessoas. Depois, apagou tudo e recomeçou em tom mais neutro.

Não mencionou Peter Fredriksson. Isso poderia atrair muita atenção sobre ele e fazer com que os verdadeiros motivos de Erika

desaparecessem debaixo de manchetes sobre um assédio sexual.

Ela apresentou dois motivos. O mais sério deles era que sua proposta de os dirigentes e proprietários do jornal baixarem seus salários e dividendos havia enfrentado uma sólida resistência da direção. Em vista disso, seria obrigada a começar seu trabalho no SMP fazendo cortes radicais na equipe, o que para ela não só contrariava as perspectivas com que haviam lhe acenado quando aceitara o emprego, mas também constituía uma medida que inviabilizava quaisquer tentativas de mudança a longo prazo e de fortalecimento do jornal

O segundo motivo era a revelação a respeito de Borgsjõ. Ela explicou que recebera a ordem de abafar a matéria, o que era incompatível com a sua posição. Portanto, ela não tinha escolha e precisava deixar a redação. Concluiu dizendo que o problema do SMP não estava na sua equipe, e sim na sua direção.

Releu o comunicado, corrigiu um erro de ortografia e o enviou por e-mail a todos os funcionários do grupo. Mandou com cópia para a Pressenstidning e para o órgão sindical Journalisten. Em seguida, guardou o laptop na mochila e foi falar com Lukas Holm.

— Bom, então tchau — disse ela.

— Tchau, Berger. Foi dureza trabalhar com você. Trocaram um sorriso.

— Tenho um último pedido — disse ela.

— Qual?

— O Johannes Frisk estava trabalhando numa matéria para mim.

— Sim, aliás, ninguém sabe o que ele anda fazendo.

— Dê uma força para ele. O Frisk já avançou bastante e eu vou me manter em contato com ele. Deixe ele terminar essa matéria. Prometo que você vai sair ganhando.

Lukas Holm pareceu hesitar. Então concordou com a cabeça.

Apertaram-se as mãos. Ela deixou a chave da redação na mesa de Holm e desceu até a garagem para pegar sua BMW. Pouco depois das quatro da tarde, estacionou nas proximidades da redação da Millennium.

IV. REBOOTING SYSTEM 1°- DE JULHO A 7 DE OUTUBRO

Apesar da farta coletânea de lendas sobre as amazonas da Grécia antiga, América do Sul, África e outras regiões, só existe um exemplo histórico comprovado de mulheres guerreiras. Trata-se do exército feminino dos Fons, uma etnia do Daomé, na África ocidental, país hoje rebatizado de Benim.

Essas mulheres guerreiras nunca são mencionadas na história militar oficial, não foi rodado nenhum filme em que elas sejam as heroínas e atualmente elas só existem, quando muito, em notas históricas de rodapé. Uma única obra científica foi escrita sobre essas mulheres, Amazons of Black Sparta, do historiador Stanley B. Alpern (Hurst & Co Ltd, Londres, 1998). Era, contudo, um exército capaz de lutar, entre as várias forças que ameaçavam seu país, contra qualquer exército de elite de soldados homens da época.

Não se sabe quando o exército feminino dos Fons foi constituído, mas algumas fontes situam o fato no século XVII. Esse exército surgiu originalmente como uma guarda real, porém, foi crescendo até se tornar um efetivo militar de seis mil soldados com status quase divino. Sua função não era nem um pouco decorativa. Durante mais de dois séculos, elas foram a unidade de elite dos Fons contra a invasão dos colonos europeus. Eram temidas pelo exército francês, vencido em diversas batalhas O exército feminino só foi derrotado em 1892, depois que a França mandou vir por navio o reforço de tropas mais bem equipadas, com artilharia, soldados da Legião Estrangeira e um regimento de infantaria da Marinha e da Cavalaria.

Ignora-se quantas guerreiras caíram nessa batalha. As sobreviventes sustentaram uma guerrilha por vários anos, e até meados dos anos 1940 veteranas desse exército ainda estavam vivas, deixando-se entrevistar e fotografar.

23. SEXTA-FEIRA 1º. DE JULHO DOMINGO – 10 DE JULHO

Duas semanas antes do processo de Lisbeth Salander, Christer Malm concluiu a diagramação do livro de 364 páginas, sobriamente intitulado A Seção. A capa trazia as cores da Suécia, letras amarelas sobre um fundo azul. Christer Malm colocara sete fotos de primeiros-ministros suecos, do tamanho de um selo postal, na parte inferior. Acima deles, pairava a foto de Zalachenko. Ele usara a foto do passaporte de Zalachenko, aumentando o contraste para que somente as partes mais escuras aparecessem, como uma espécie de sombra sobre toda a capa. Um design não muito sofisticado, mas eficiente. Assinavam o livro Mikael Blomkvist, Henry Cortez e Malu Eriksson.

Eram cinco e meia da manhã, Christer Malm passara a noite trabalhando. Sentia um pouco de náusea e uma enorme necessidade de ir para casa dormir. Malu Eriksson lhe fizera companhia a noite toda, propondo aqui e ali umas últimas correções que Christer aprovara antes de imprimir. Ela caíra no sono no sofá da redação.

Christer Malm reuniu o texto, as fotos e o arquivo de fontes numa pasta. Abriu o programa Toast e gravou dois CDS. Guardou um no armário de segurança da redação. O outro foi levado por um Mikael Blomkvist sonolento, que havia chegado pouco antes das sete da manhã.

— Vá para casa dormir — disse Mikael.

— Estou indo.

Deixaram Malu Eriksson dormindo na redação e ligaram o alarme. Henry Cortez chegaria às oito horas para o seu turno. Apertaram-se as mãos e se despediram na frente do prédio.

Mikael Blomkvist foi a pé até a Lundagatan, onde mais uma vez pegou emprestado o Honda esquecido de Lisbeth Salander. Ele mesmo foi entregar o CD a Jan Kõbin, dono da Hallvigs Reklam,

uma gráfica instalada num modesto edifício de tijolo aparente, ao lado da linha de trem, em Morgongâva, perto de Sala. Era uma entrega que ele não queria confiar aos correios.

Dirigiu devagar e, chegando ao local, esperou tranqüilamente que o impressor conferisse se estava tudo certo com os arquivos. Assegurou-se de que o livro de fato estaria pronto no primeiro dia do julgamento. O problema não era tanto a impressão do miolo, e sim a da capa, que poderia demorar mais. Mas Jan Kõbin garantiu que pelo menos quinhentos exemplares, de uma primeira edição de dez mil, em formato bolso grande, seriam entregues na data combinada.

Mikael verificou ainda se estava bem claro para todos os funcionários da gráfica que eles precisavam manter sigilo. Recomendação, decerto, um tanto desnecessária. Dois anos antes, Hallvigs Reklam imprimira o livro de Mikael sobre o financista Hans-Erik Wennerstrõm em circunstâncias semelhantes. Eles sabiam que os livros da pequena editora Millennium eram particularmente promissores.

Em seguida, Mikael voltou com toda a calma para Estocolmo. Estacionou em frente ao seu prédio na Bellmansgatan e deu um pulo ao seu apartamento para pegar uma pequena mala, na qual enfiou uma muda de roupa, um barbeador e uma escova de dentes. Seguiu até o pontão de Stavsnâs, em Vármdõ, onde estacionou o carro e pegou a balsa para Sandhamn.

Era a primeira vez, desde o Natal, que ia para a sua cabana. Abriu todas as venezianas para arejar o ambiente e bebeu uma garrafa de água mineral. Como sempre acontecia ao encerrar um trabalho, quando o texto já estava na gráfica e nada mais podia ser alterado, sentia-se vazio.

Passou uma hora varrendo, tirando pó, limpando o chuveiro, ligando a geladeira, conferindo os registros de água e trocando a roupa de cama do mezanino. Deu um pulo na mercearia e comprou o necessário para o fim de semana. Depois, ligou a cafeteira elétrica, foi sentar-se no pontão, lá fora e fumou um cigarro sem pensar em nada de especial.

Pouco antes das cinco da tarde, desceu até o cais para ir buscar Rosa Figuerola.

— Achei que você não ia conseguir se liberar — disse ele, dando-lhe um beijo.

— Eu também. Mas simplesmente expliquei ao Edklinth em que pé estavam as coisas. Que eu tinha trabalhado cada minuto em que estive acordada nessas últimas semanas e que estava começando a ficar improdutiva. Que precisava de dois dias de folga para recarregar as baterias.

— Em Sandhamm?

— Eu não contei para onde estava indo — disse ela, com um sorriso. Durante alguns instantes, Rosa vasculhou todos os cantos dos vinte e

cinco metros quadrados da cabana de Mikael. Examinou a copa ao fundo, o banheiro e o mezanino, antes de balançar a cabeça, satisfeita. Refrescou-se rapidamente e pôs um vestido leve de verão enquanto Mikael preparava umas costelas de cordeiro ao molho de vinho e arrumava a mesa no pontão. Comeram em silêncio, contemplando os vários veleiros que entravam e saíam da marina de Sandhamm. Dividiram uma garrafa de vinho.

— E maravilhosa a sua cabana. É para cá que você traz todas as suas namoradas? — perguntou, de repente, Rosa Figuerola.

— Nem todas. Só as mais importantes.

— A Erika Berger já veio aqui?

— Várias vezes.

— E a Lisbeth Salander?

— Ela passou umas semanas aqui quando eu estava escrevendo o livro sobre o Wennerstrõm. E há dois anos passamos o Natal, aqui, juntos.

— Conclusão, a Berger e a Salander são importantes na sua vida?

— A Erika é a minha melhor amiga. Somos amigos há mais de vinte e cinco anos. A Lisbeth é outra história. Ela é muito especial, é a pessoa mais antissocial que eu já vi. Mas confesso que ela realmente me impressionou quando a conheci. Gosto dela. E uma amiga.

— Você tem pena dela?

— Não. Ela própria atraiu boa parte da encrenca em que está metida Mas sinto uma enorme simpatia por ela e a compreendo muito.

— E você não está apaixonado por ela ou pela Berger?

Ele deu de ombros. Rosa Figuerola acompanhou com os olhos um Amigo 23 retornando tardiamente ao porto, luzes acesas, motor roncando.

— Se estar apaixonado significa gostar imensamente de alguém, então imagino que eu esteja apaixonado por várias pessoas — disse ele.

— Inclusive por mim agora?

Mikael assentiu com a cabeça. Rosa Figuerola fez uma careta e observou-o.

— Isso te incomoda? — ele perguntou.

— Que tenha havido várias mulheres na sua vida? Não. Mas me perturba não saber exatamente o que está acontecendo entre a gente. Eu não vou conseguir ter um relacionamento com um cara que fica transando à toa por aí...

— Eu não pretendo me desculpar pela vida que levo.

— Mas eu também penso que, de algum modo, você me atrai exatamente por ser do jeito que é. E fácil fazer amor com você porque você é descomplicado, eu me sinto segura ao seu lado. Mas

isso só começou porque cedi a um impulso maluco. Não é coisa que me aconteça com freqüência, eu não tinha planejado. E agora estamos no estágio em que eu sou uma das mulheres que foram convidadas para vir aqui.

Mikael ficou um instante calado.

— Você não precisava vir.

— Precisava. Claro que precisava. Puxa, Mikael, que merda...

— Eu sei.

— Estou mal. Eu não queria me apaixonar por você. Vai doer para caramba quando acabar.

— Eu herdei essa cabana depois que meu pai morreu e que minha mãe foi para Norrland. Eu e minha irmã fizemos uma divisão, ela ficou com o apartamento e eu com a cabana. Vai fazer vinte e cinco anos.

— Ahã.

— Com exceção de alguns conhecidos ocasionais no início dos anos 1980, antes de você estiveram aqui exatamente cinco mulheres. A Erika, a Lisbeth, a minha ex, com quem vivi no início dos anos 1980, uma moça com quem namorei firme no final dos anos 1990 e uma mulher alguns anos mais velha que eu, que conheci há dois anos e com a qual me encontro de vez em guando. Uma situação meio especial...

—Ah, sim.

— Eu tenho essa cabana para poder fugir da cidade e ficar em paz. Venho para cá quase sempre sozinho. Leio livros, escrevo, relaxo, e fico no pontão olhando os barcos. Aqui não é nenhum trepódromo secreto de um solteirão.

Ele se levantou e foi pegar a garrafa de vinho que deixara à sombra, ao lado da porta.

— Eu não vou prometer nada — disse ele. — O meu casamento acabou porque eu e a Erika não conseguíamos nos comportar. Você estava aonde? Fazendo o quê? Que camiseta é essa?

Ele encheu as taças.

— Há séculos eu não conhecia uma pessoa tão interessante como você. E como se a nossa relação funcionasse com tudo desde o primeiro dia. Acho que eu me entreguei naquele momento em que você estava me esperando na escadaria do meu prédio. Nas poucas vezes em que dormi na minha casa, acordei no meio da noite desejando você. Não sei se quero uma relação estável, mas tenho um medo tremendo de te perder.

Ele olhou para ela.

— Então, o que você acha que a gente faz?

— Precisamos pensar — disse Rosa Figuerola. — Eu também sinto uma atração enorme por você.

— Essa história está ficando séria — disse Mikael.

Ela concordou com a cabeça e, de repente, sentiu uma imensa melancolia. Ficaram um bom tempo calados. Quando começou a anoitecer, tiraram a mesa e entraram na cabana fechando a porta atrás de si.

Na sexta-feira da semana anterior ao julgamento, Mikael parou na banca de jornal de Slussen e deu uma olhada nas manchetes. O diretor e presidente do conselho administrativo do Svenska Morgon-Posten, Maguns Borgsjõ, cedera e anunciara sua demissão. Ele comprou os jornais e foi a pé até o Java da Hornsgatan para tomar um café da manhã tardio. Borgsjõ alegava razões familiares para sua repentina demissão. Não queria comentar os boatos que associavam sua demissão ao fato de Erika Berger ter se sentido obrigada ela própria a se demitir depois de ele ordenar que ela omitisse o envolvimento dele na Vitavara S.A. Contudo, um boxe informava que, no intuito de esclarecer a situação dos profissionais,

o presidente da Svenskt Náringsliv decidira criar uma comissão de ética para investigar o comportamento das empresas suecas em relação a empresas do Extremo Oriente que exploravam o trabalho infantil.

De repente, Mikael Blomkvist caiu na risada.

Então voltou a dobrar os jornais matutinos, pegou seu Ericsson TIO e ligou para a Moça da TV4, deixando um pouco de lado seu sanduíche.

— Oi, querida — disse Mikael Blomkvist. — Imagino que você continue não querendo sair comigo uma noite dessas.

— Oi, Mikael — respondeu a Moça da TV4, rindo. — Sinto muito, é que você é mais ou menos o oposto do meu tipo de homem. Mas digamos que você é divertido.

— Mas será que você poderia pelo menos considerar jantar comigo hoje para falarmos de trabalho?

— O que você está aprontando desta vez?

— A Erika Berger fez um acordo com você há dois anos sobre o caso Wennerstrõm. Funcionou legal. Queria fazer um acordo do mesmo tipo.

— Fale.

— Não antes de acertarmos as condições. A gente vai fazer exatamente o que fez no caso Wennerstrõm: publicar um livro junto com uma edição temática da revista. Uma matéria que vai fazer barulho. Minha proposta é te passar todo o material com exclusividade, e em troca você não deixa vazar nada antes da publicação. Nesse caso, a publicação está mais complicada porque deve acontecer numa data determinada.

— Que tipo de barulho essa matéria vai fazer?

— Maior que o do Wennerstrõm — disse Mikael Blomkvist. — Está interessada?

— Sério? Onde a gente se encontra?

— Sabe o Samirs Gryta? A Erika Berger também vai.

— Que história é essa com a Berger? Ela voltou para a Millennium depois que foi despedida do SMP?

— Ela não foi despedida. Ela se demitiu de uma hora para outra porque divergiu de opinião com o Borgsjõ.

— Tenho a impressão que esse cara é um perfeito idiota.

— E é mesmo — disse Mikael Blomkvist.

Fredrik Clinton ouvia Verdi com seus fones de ouvido. A música era a única coisa que lhe restava capaz de levá-lo para longe dos aparelhos de diálise e de uma dor crescente na parte inferior das costas. Ele não cantarolava. Estava de olhos fechados e acompanhava a melodia com uma mão direita que flutuava no ar e que parecia ter vida própria junto a seu corpo em plena deterioração.

A vida é assim. A gente nasce. Vive. Fica velho. Morre. Ele já concluíra o seu ciclo. Só lhe restava a deterioração.

Sentia-se estranhamente satisfeito com a vida.

Tocava para seu amigo Evert Gullberg.

Era sábado, 9 de julho. Faltava menos de uma semana para o julgamento começar e a Seção poder arquivar aquele caso infeliz. Ele tinha sido avisado naquela manhã. Gullberg resistira mais do que muita gente. Quem dispara uma bala de nove milímetros contra a própria cabeça está preparado para morrer. Porém, três meses haviam transcorrido antes que o corpo de Gullberg abandonasse o jogo, o que talvez se devesse mais ao acaso do que ao Dr. Anders Jonasson, que, em sua teimosia, negava-se a aceitar a derrota. O câncer, e não a bala, é que acabara pondo fim à situação.

Sua morte, contudo, fora dolorosa, e isso entristecia Clinton. Gullberg ficara sem condições de se comunicar, mas em alguns momentos estivera numa espécie de estado consciente. A equipe

médica notou que ele sorria quando alguém lhe acariciava o rosto e resmungava quando parecia sentir algo desagradável. Uma vez ou outra, tentara se comunicar com os enfermeiros proferindo sons que ninguém entendia.

Ele não tinha família, e nenhum amigo foi visitá-lo no hospital. Sua última percepção da vida foi uma enfermeira da noite, nascida na Eritréia, chamada Sara Kitama, que estava à sua cabeceira segurando sua mão quando ele deu o último suspiro.

Fredrik Clinton estava convencido de que logo seguiria seu antigo companheiro de armas. Não nutria nenhuma ilusão quanto a isso. O transplante de rim de que precisava desesperadamente parecia cada dia mais hipotético e a deterioração de seu corpo prosseguia. A cada exame, seu fígado e intestino mostravam-se mais devastados.

Esperava viver até o Natal.

Mas estava satisfeito. Sentia uma satisfação quase sobrenatural e excitante por ter voltado à ativa nos últimos meses, e de maneira tão inesperada.

Uma bênção que ele nunca teria esperado.

As últimas notas de Verdi se desvaneceram no momento em que Birger Wadensjõõ abriu a porta do quartinho de descanso de Clinton no Q. G. da Seção, na Artillerigatan.

Clinton abriu os olhos.

Acabara se dando conta de que Wadensjõõ era um fardo. Ele era completamente inadequado para o cargo de chefe da unidade de elite mais importante da Defesa sueca. Não conseguia entender como ele próprio e Hans von Rottinger podiam ter feito, um dia, uma avaliação tão equivocada, considerando Wadensjõõ um herdeiro natural.

Wadensjõõ era um guerreiro que precisava de ventos que o direcionassem. Em períodos de crise, mostrava-se fraco e incapaz de tomar uma decisão. Um pequeno veleiro. Um peso inerte e

assustado que carecia de aço na espinha; se dependesse dele, ficaria paralisado, sem ação, e deixaria a Seção afundar.

Simples assim.

Alguns possuíam o dom. Outros sempre se trairiam na hora decisiva.

— Você queria falar comigo — disse Wadensjõõ.

— Sente-se — disse Clinton. Wadensjõõ se sentou.

— Estou numa idade em que não tenho mais tempo para preâmbulos. Vou ser direto. Quando tudo isso acabar, quero que você deixe a direção da Seção.

— Ah, é?

Clinton suavizou o tom.

— Você é um cara legal, Wadensjõõ, mas infelizmente não serve de jeito nenhum para assumir a responsabilidade depois do Gullberg. Nunca deveria ter assumido. Foi realmente um erro eu e o Rottinger não termos nos envolvido de maneira mais clara na sucessão depois que eu fiquei doente.

— Você nunca gostou de mim.

— Aí é que você se engana. Você era um excelente administrador quando eu e o Rottinger chefiávamos a Seção. Teríamos ficado perdidos sem você e também confio demais no seu patriotismo. Não confio é na sua capacidade de tomar decisões.

De repente, Wadensjõõ sorriu amargamente.

— Então não sei se quero continuar na Seção.

— Agora que o Gullberg e o Rottinger se foram, eu preciso tomar, sozinho, as decisões finais. Você rejeitou sistematicamente tudo que eu decidi nesses últimos meses.

— Repito: suas decisões são insanas. Isso vai acabar em catástrofe.

— Pode ser. Mas a sua falta de firmeza seria para nós a garantia de um naufrágio. Em todo caso, no momento temos uma chance, e parece estar dando certo. A Millennium está sem margem de manobra. Eles talvez desconfiem que a gente exista de algum modo, mas não têm provas e não têm a mínima chance de encontrar uma, ou de nos descobrir. Estamos controlando pesadamente tudo o que eles fazem.

Wadensjõõ olhou pela janela. Avistou os telhados de alguns prédios vizinhos.

— O único fio solto é a filha do Zalachenko. Se alguém for levantar a história dela e ouvir o que ela tem a falar, tudo pode acontecer. Mas, enfim, o julgamento começa daqui a uns dias, e então tudo isso acaba. Dessa vez, vamos ter que enterrá-la bem fundo para ela nunca mais nos assombrar.

Wadensjõõ balançou a cabeça.

— Não entendo essa sua atitude — disse Clinton.

— Pois é. Compreendo que você não entenda. Você acaba de completar sessenta e oito anos. Está morrendo. Suas decisões não são racionais, mas mesmo assim parece que conseguiu enfeitiçar o Georg Nystrõm e o Jonas Sandberg. Eles lhe obedecem como se você fosse o Todo-Poderoso.

— Eu sou o Todo-Poderoso em tudo o que diz respeito à Seção. Estamos trabalhando de acordo com um plano. A nossa determinação deu uma chance à Seção. E me sinto muito seguro de dizer que a Seção nunca mais vai se ver numa situação de tanta fragilidade. Uma vez terminado esse caso, vamos fazer uma revisão geral da nossa atividade.

— Entendo.

— O Georg Nystrom vai ser o novo chefe. Na verdade, ele está velho demais, mas é o único que pode ser levado em consideração, e ele prometeu ficar pelo menos mais seis anos. O Sandberg é

muito jovem, e seu estilo de chefia mostra toda a sua inexperiência. A formação dele já deveria estar concluída.

— Clinton, você não tem noção do que fez. Você assassinou um homem. O Bjõrck trabalhou trinta e cinco anos para a Seção, e você mandou matá-lo. Você não percebe que...

— Você sabe muito bem que era preciso. Ele tinha nos traído e jamais suportaria a pressão quando a polícia começasse a apertá-lo de jeito.

Wadensjõõ se levantou.

— Eu ainda não terminei.

— Então fica para mais tarde. Tenho trabalho a fazer, enquanto você fica aí deitado com suas fantasias de onipotência divina.

Wadensjõõ se encaminhou para a porta.

— Se você está moralmente tão indignado, por que não vai falar com o Bublanski e confessa seus crimes?

Wadensjõõ virou-se para o doente.

— Essa idéia chegou a me passar pela cabeça. Mas, apesar do que você acha, eu defendo a Seção com todas as minhas forças.

Ao abrir a porta, deu de cara com Georg Nystrom e Jonas Sandberg.

— Olá, Clinton — disse Nystrom. — Temos umas duas, três coisas para conversar.

— Entrem. O Wadensjõõ estava mesmo de saída. Nystrom esperou a porta se fechar.

— Fredrik, estou começando a ficar seriamente preocupado — disse Nystrom.

— Por quê?

— O Sandberg e eu andamos pensando. Estão acontecendo umas coisas que a gente não está entendendo direito. Hoje de manhã, a advogada da Salander entregou a autobiografia dela para o procurador.

— O quê!?

O inspetor criminal Hans Faste contemplava Annika Giannini enquanto o procurador Richard Ekstrõm servia café de uma garrafa térmica. Ekstrõm estava estupefato com o documento que tinham lhe apresentado naquela manhã assim que chegou ao escritório. Lera, junto com Faste, as quarenta páginas que constituíam o relato de Lisbeth Salander. Tinham discutido demoradamente sobre o estranho documento. Por fim, sentira-se no dever de chamar Annika Giannini para uma conversa informal.

Sentaram-se à uma mesinha de reuniões na sala de Ekstrõm.

— Obrigado por ter vindo — começou Ekstrõm. — Eu li esse... relatório que a senhora me encaminhou hoje pela manhã e senti a necessidade de esclarecer alguns pontos...

— Sim? — disse Annika Giannini para ajudá-lo.

— Na verdade não sei como lidar com isso. Para começar, eu talvez deva dizer que tanto eu como o inspetor Faste estamos extremamente desconcertados.

— Ah, é?

— Quero entender qual é a sua intenção.

— Como assim?

— Qual é o objetivo dessa autobiografia, ou seja lá como isso deve ser chamado?

— Para mim, parece bastante óbvio. Minha cliente faz questão de expor sua própria versão de tudo que aconteceu.

Ekstrõm riu com simpatia. Passou a mão no cavanhaque, num gesto familiar que, por algum motivo, havia começado a irritar

Annika.

— Sim, mas a sua cliente teve vários meses para se explicar. Ela não disse uma só palavra nos interrogatórios a que foi submetida pelo Faste.

— Pelo que me consta, não existe nenhuma lei que a obrigue a falar quando convém ao inspetor Faste.

— Não, mas quero dizer... O julgamento da Lisbeth Salander começa daqui a dois dias e ela resolve me entregar isso na última hora. Isso me faz sentir uma espécie de responsabilidade que extrapola um pouco o meu papel de procurador.

— Ah, é?

— Não quero, de modo algum, me expressar de uma maneira que possa lhe parecer ofensiva. Não é essa a minha intenção. Temos que respeitar as formas processuais de nosso país. Mas, doutora Giannini, a senhora advoga no direito da mulher e nunca representou um cliente em um processo criminal. Eu não acusei a Lisbeth Salander por ela ser mulher, e sim por ser a autora de violências agravadas. Tenho certeza de que a senhora mesma deve ter percebido que ela está seriamente perturbada em termos psíquicos e que precisa do tratamento e da assistência oferecidos pela sociedade.

— Permita que eu lhe dê uma ajuda — disse gentilmente Annika Giannini. — O senhor tem medo que eu não garanta a Lisbeth Salander unia defesa satisfatória.

— Não estou insinuando nada que a desabone — disse Ekstrõm. — Não estou questionando a sua competência. Só estou observando que lhe falta experiência.

— Entendo. Então deixe-me dizer que estou de pleno acordo. Me falta muita experiência em casos criminais...

— No entanto, rejeitou sistematicamente a ajuda que lhe foi oferecida por advogados muito mais experientes...

— Esse era o desejo da minha cliente. A Lisbeth Salander quer que eu seja sua advogada e pretendo representá-la perante o tribunal daqui a dois dias.

Ela sorriu educadamente.

— Muito bem. Mas posso saber se pretende mesmo apresentar ao tribunal esse relato?

— Mas é claro. Trata-se da história da Lisbeth Salander.

Ekstrõm e Faste consultaram-se com um olhar. Faste ergueu as sobrancelhas. Não compreendia por que Ekstrõm insistia tanto. Se Giannini não percebia que ia prejudicar sua cliente, esse não era exatamente um problema do procurador. Só lhe restava aceitar, agradecer e arquivar o caso.

Ele não tinha a menor dúvida de que Salander era completamente maluca. Mobilizara todos os seus talentos para tentar fazer com que ela ao menos dissesse onde morava. Durante os interrogatórios, porém, aquela maldita garota tinha permanecido muda feito uma porta, olhando para a parede atrás dele. Não se movera um milímetro sequer. Recusara os cigarros que ele tinha oferecido, assim como o café e os sucos. Não reagira nem quando ele suplicara, nem nos momentos de irritação, quando ele erguera o tom de voz.

Tinham sido, provavelmente, os interrogatórios mais frustrantes que o inspetor Hans Faste já conduzira.

Ele suspirou.

— Doutora Giannini — disse Ekstrõm por fim —, considero que sua cliente deveria ser dispensada desse julgamento. Ela é doente. Estou me baseando num exame psiquiátrico altamente qualificado. Ela merece receber, de uma vez por todas, os cuidados psiquiátricos que lhe faltaram nesses anos todos.

— Nesse caso, suponho que o senhor vá comunicar sua opinião ao tribunal.

— Vou fazer isso. Não cabe a mim lhe dizer como conduzir a defesa. Mas se realmente pretende seguir essa linha, a situação é um absurdo completo. Essa autobiografia contém acusações insanas e infundadas contra várias pessoas... e principalmente contra o antigo tutor dela, o doutor Bjurman, e o doutor Peter Teleborian. Espero que a senhora não acredite de fato que o tribunal vai aceitar esses argumentos que, sem nenhuma prova, põem o Teleborian em xeque. Esse documento vai ser o prego final do caixão da sua cliente, com o perdão da expressão.

— Entendo.

— A senhora pode passar o processo inteiro negando que ela é doente e exigir uma avaliação psiquiátrica suplementar, e o caso então pode ser encaminhado à supervisão de Medicina Legal para avaliação. Mas, para ser bem franco, depois desse relato da Salander não resta dúvida que os demais psiquiatras juramentados vão chegar à mesma conclusão que Peter Teleborian. Esse relato só vem reforçar as evidências de que ela sofre de esquizofrenia paranóica.

Annika Giannini sorriu educadamente.

— Mas existe outra possibilidade — disse ela.

— E qual seria? — perguntou Ekstrõm.

— Ora, a de que o relato dela seja verdadeiro e que o tribunal resolva acreditar nele.

O procurador Ekstrõm pareceu surpreso. Então sorriu educadamente e acariciou o cavanhaque.

Fredrik Clinton estava sentado diante da janela de seu quarto. Escutava com atenção o que Georg Nystrõm e Jonas Sandberg diziam. Seu rosto estava repleto de rugas, mas seus olhos eram atentos e concentrados.

— Desde abril estamos controlando as ligações telefônicas e o correio eletrônico dos principais funcionários da Millennium — disse Clinton.

- Constatamos que o Mikael Blomkvist, a Malu Eriksson e o tal Cortez praticamente se resignaram. Lemos a sinopse do próximo número da Millennium Parece que o próprio Blomkvist recuou para uma posição em que, afinal considera a Salander louca. Ele defende a Lisbeth Salander, mas apenas no plano social; argumenta que ela não recebeu o apoio que deveria da sociedade e que, portanto, de certa forma, não é culpa dela se tentou matar o pai... essa opinião, porém, não significa absolutamente nada. Não há uma só palavra sobre a invasão ao apartamento dele, nem sobre a agressão à irmã dele em Góteborg, nem sobre o sumiço dos relatórios. Ele sabe que não pode provar nada.

— Esse é o problema — disse Jonas Sandberg. — O mais lógico é que o Blomkvist soubesse que há algo errado. No entanto ele desconhece a resposta para todos os pontos de interrogação. Me desculpe, mas isso não se parece nada com o estilo da Millennium. Além disso, a Erika Berger voltou à redação. Esse número da Millennium está tão vazio e sem conteúdo que até parece piada.

— Você quer dizer que... é uma farsa? Jonas Sandberg assentiu com a cabeça.

— A edição de verão da Millennium já deveria ter saído na última semana de junho. Pelo que concluímos dos e-mails da Malu Eriksson para o Mikael Blomkvist, esse número vai ser impresso em uma gráfica de Sõdertâlje. Mas eu verifiquei hoje com a empresa, e eles ainda não receberam nenhuma arte final. Eles só têm lá um pedido de orçamento com data de um mês atrás.

— Humm — disse Fredrik Clinton.

— Onde eles imprimiram das outras vezes?

— Numa gráfica chamada Hallvigs Reklam, em Morgongáva. Eu liguei para lá e perguntei como andava a impressão — fingi que trabalhava na Millennium. O chefe da Hallvigs não quis me dizer nada. Pensei em passar por lá hoje à noite para dar uma olhada.

— Entendi. Georg?

— Examinei todas as ligações desta semana — disse Georg Nystrõm. — É estranho, mas nenhum funcionário da Millennium fala sobre nada que diga respeito ao julgamento ou ao caso Zalachenko.

— Nada?

— Nada. Esses assuntos só são mencionados quando um funcionário conversa com pessoas de fora da Millennium. Escute isto aqui, por exemplo É o Mikael Blomkvist recebendo uma ligação de um repórter do Aftonbladet que pergunta se ele tem alguma declaração a fazer sobre o julgamento que está para começar.

Ele pegou um gravador.

— Lamento, mas não tenho nada a dizer.

— Você está envolvido nesse caso desde o começo. Foi você que encontrou a Lisbeth Salander em Gosseberga. E ainda não publicou nem uma palavra a respeito. Quando pretende publicar alguma coisa?

— No momento oportuno. Desde que eu tenha alguma coisa para publicar.

— E é esse o caso?

— Bem, acho que você vai ter de comprar a Millennium para saber. Ele desligou o gravador.

— Verdade que a gente não tinha pensado nisso antes, mas voltei a escutar as gravações meio ao acaso. É o tempo todo assim. Ele quase nunca fala no caso Zalachenko, a não ser de modo bem geral. Nem com a irmã, que é a advogada da Salander.

— Pode ser que ele não tenha nada a dizer.

— Ele se nega sistematicamente a especular sobre o que quer que seja. Parece morar na redação vinte e quatro horas por dia e quase nunca está no seu apartamento da Bellmansgatan. Se está trabalhando assim dia e noite, poderia ter produzido algo melhor do que se vê no próximo número da Millennium.

— E continuamos sem nenhuma chance de colocar escutas na redação?

— Não tem como — disse Jonas Sandberg, intervindo na conversa. — Sempre fica alguém lá de plantão, de dia e de noite. Isso também é revelador.

—- Humm.

— Desde que entramos no apartamento do Blomkvist, sempre fica alguém na redação. O Blomkvist passa por lá o tempo todo e a luz da sala dele está permanentemente acesa. Quando não é ele, é o Cortez ou a Malu Eriksson, ou aquele veado... hã, o Christer Malm.

Clinton cocou o queixo. Refletiu um instante.

— Certo. Quais suas conclusões? Georg Nystrõm hesitou um pouco.

— Bem... a menos que me apresentem outra explicação, acho que eles estão encenando.

Clinton sentiu um arrepio percorrer-lhe a nuca.

— E como é que a gente não percebeu isso antes?

— A gente ficou escutando o que eles diziam, e não o que eles não diziam. Ficamos satisfeitos ao ouvir, ou constatar pelos e-mails, como ficaram perturbados. O Blomkvist percebeu que alguém roubou, dele e da irmã, o relatório Salander de 1991. Mas o que ele poderia fazer, porra?

— Eles não deram queixa? Nystrõm fez que não com a cabeça.

— AGiannini participou dos interrogatórios da Salander. Ela é muito educada, mas não disse nada importante. E a Salander não disse nada de nada.

— Isso é uma vantagem para nós. Quanto mais ela ficar de bico calado, melhor. O que diz o Elkstrõm?

— Estive com ele há duas horas. Ele tinha acabado de receber o relato da Salander.

Apontou a cópia que estava no colo de Clinton.

— O Ekstrõm está preocupado. Para um não iniciado, esse relato tem todo jeito de uma teoria da conspiração insana com toques de pornografia. Mas ela de fato atira bem próximo do alvo. Conta exatamente o que aconteceu quando foi internada na Sankt Stefan, sustenta que o Zalachenko trabalhava para a Sapo e coisas do gênero. Ela diz que deve haver uma pequena seita dentro da Sapo, o que significa que ela suspeita da existência de alguma coisa parecida com a Seção. No geral, é uma descrição muito precisa sobre nós. Mas, como eu disse, ninguém vai acreditar. O Ekstrõm está perturbado pelo que parece ser a defesa que a Giannini vai apresentar na audiência.

— Droga! — exclamou Clinton.

Ele inclinou a cabeça para a frente e refletiu intensamente durante vários minutos. Por fim, ergueu a cabeça.

— Jonas, vá até Morgongâva hoje à noite e veja se eles estão produzindo alguma coisa. Se estiverem imprimindo a Millennium, quero uma cópia.

— Vou levar o Falun comigo.

— Ótimo. Georg, quero que você sonde o Ekstrõm agora à tarde. Por enquanto tudo estava indo às mil maravilhas, mas de fato não posso ignorar o que vocês acabam de me dizer.

— Não pode. Clinton ficou mais um instante calado.

— O melhor seria não haver julgamento... — disse afinal.

Ergueu a cabeça e fitou Nystrõm no olho. Nystrõm meneou a cabeça. Sandberg meneou a cabeça. Entendiam-se perfeitamente.

— Nystrõm, verifique quais são as possibilidades.

Jonas Sandberg e o chaveiro Lars Faulsson, mais conhecido como Falun, deixaram o carro um pouco antes da linha de trem e atravessaram Morgongâva a pé. Eram oito e meia da noite. Ainda estava muito claro e era cedo demais para tentarem alguma coisa, mas eles pretendiam fazer o reconhecimento do terreno e ter uma visão geral da área.

— Se tiver alarme eu não me meto — disse Falun.

Sandberg assentiu com a cabeça.

— Então é melhor só dar uma olhada pela janela. Se der para ver alguma coisa, você joga unia pedra, pega o que te interessa e se manda.

— Está certo — disse Sandberg.

— Se você só precisa de um exemplar da revista, a gente pode ver se tem algum carrinho de lixo atrás do prédio. Sempre tem algum papel caído, umas provas, esse tipo de coisa.

A gráfica Hallvigs ficava num prédio baixo de tijolo aparente. Eles se aproximaram vindo do sul, do outro lado da rua. Sandberg estava prestes a atravessar quando Falun segurou seu braço.

— Siga em frente — disse.

— O quê?

— Siga em frente, como se a gente estivesse passeando. Passaram em frente à gráfica e deram uma volta pelo bairro.

— O que foi? — perguntou Sandberg.

— Você precisa ficar de olhos abertos. Este lugar não está só protegido por um alarme. Tinha um carro estacionado ao lado do prédio.

— E havia alguém lá dentro?

— Era um carro da Milton Security. Puta merda! Essa gráfica está sob vigilância pesada.

— Milton Security! — exclamou Fredrik Clinton. Ele acusou o golpe bem no estômago.

— Se não fosse o Falun, eu teria caído direitinho na armadilha — disse Jonas Sandberg.

— Eu falei, eles estão tramando alguma coisa não muito católica — disse Georg Nystrõm. — Não tem sentido uma pequena gráfica de um vilarejo perdido contratar a Milton Security para fazer vigilância permanente.

Clinton meneou a cabeça. Sua boca tinha a forma de um traço rígido. Eram onze da noite e ele precisava descansar.

— Isso significa que a Míllenníum está tramando alguma coisa — disse Sandberg.

— Isso eu já entendi — disse Clinton. — Certo. Vamos examinar a situação. Qual seria o pior cenário? O que eles podem estar sabendo?

Olhou para Nystrõm, estimulando-o a responder.

— Deve ter alguma ligação com o relatório Salander de 1991 — disse Nystrõm. — Eles aumentaram a segurança depois que roubamos as cópias. Devem ter desconfiado que estavam sendo vigiados. Na pior das hipóteses, eles tinham mais uma cópia do relatório.

— Mas o Blomkvist parecia desesperado por ter perdido o relatório.

— Eu sei. Mas ele podia estar enrolando a gente. Não dá para desconsiderar essa possibilidade.

Clinton concordou com a cabeça.

— Vamos partir dessa idéia. Sandberg?

— Temos a vantagem de conhecer a defesa da Salander. Ela conta a verdade tal como a viveu. Reli a pretensa autobiografia dela. Na verdade, até facilita para a gente. Contém acusações de estupro

e abuso do Poder Judiciário tão grandes que a história toda vai parecer os delírios de uma mitômana.

Nystrõm fez um gesto de concordância com a cabeça.

— Além disso, ela não pode provar nada do que afirma. O Ekström vai virar o tal relato contra ela. Vai esmagar a credibilidade dela.

— Certo. O novo relatório do Teleborian está excelente. É claro que resta a possibilidade de a Giannini vir com seu próprio especialista afirmando que a Salander não é louca, e aí o caso vai parar na supervisão de Medicina Legal. Mas repito: a menos que a Salander mude de tática, se ela se negar a falar com eles também, eles vão concluir que o Telebonan tem razão e que ela é maluca. Ela é a pior inimiga de si mesma.

— Mesmo assim, o melhor seria não haver julgamento — disse Clinton. Nystrõm balançou a cabeça.

— Isso é praticamente impossível. Ela está trancada na casa de detenção de Kronoberg, sem contato com os outros presos. Tem direito a uma hora de exercícios por dia no pátio do terraço, mas também ali não temos acesso a ela. E não temos nenhum contato entre o pessoal da casa de detenção.

— Entendo.

— Se quiséssemos pegá-la, deveríamos ter feito isso quando ela estava no Sahlgrenska. Agora, só em plena luz do dia. É quase cem por cento certo que o assassino seria apanhado. Onde encontrar um atirador que aceite essas condições? Em tão pouco tempo, é impossível organizar um suicídio ou um acidente.

— Foi o que eu pensei. Sem contar que mortes inesperadas tendem a levantar dúvidas. Certo, vamos ver o que acontece no tribunal. Concretamente, nada mudou. Estivemos o tempo todo preparados para um contra-ataque deles, que aparentemente é essa tal autobiografia.

— O problema é a Millennium — disse Jonas Sandberg. Os três menearam a cabeça.

— A Millennium e a Milton Security — disse Clinton, pensativo. — A Salander trabalhou para o Armanskij, e o Blomkvist teve um caso com ela. Devemos concluir que eles abraçaram essa causa?

— E possível, considerando-se que a Milton Security está vigiando a gráfica que está imprimindo a Millennium. Não pode ser um acaso.

— Certo. Quando é que eles pretendem lançar a revista? Sandberg, você disse que eles já atrasaram o lançamento em duas semanas, em relação à data normal de circulação. Supondo que a Milton Security esteja vigiando a gráfica para impedir que alguém ponha as mãos na Millennium antes da hora, isso por um lado significa que eles pretendem publicar alguma coisa que não querem revelar antes da hora, e, por outro, que a revista já deve estar impressa.

— Junto com o julgamento — disse Jonas Sandberg. — É a única hipótese que faz sentido.

Clinton assentiu com a cabeça.

— O que será que tem nessa revista? Qual seria o pior cenário?

Os três ficaram um bom tempo refletindo. Nyström foi quem quebrou o silêncio.

— Portanto, no pior dos casos, eles têm uma cópia do relatório de 1991. Clinton e Sandberg menearam a cabeça. Tinham chegado à mesma conclusão.

— O problema é saber o que eles podem fazer com isso — disse Sandberg. — O relatório implica o Bjõrck e o Teleborian. O Bjõrck está morto. Eles vão pressionar o Teleborian, mas ele pode alegar que apenas fez uma avaliação médica absolutamente normal. Vai ser a palavra dele contra a deles, e é claro que ele

saberá demonstrar uma perfeita consternação diante das acusações.

— O que a gente faz se eles publicarem o relatório? — perguntou Nyström.

— Acho que temos uma vantagem — disse Clinton. — Se o relatório causar alguma turbulência, quem vai ficar no foco é a Sapo, não a Seção. E quando os jornalistas começarem a fazer perguntas, a Sapo vai tirar o relatório dos arquivos...

— E será outro relatório — disse Sandberg.

— O Shenke colocou nos arquivos uma versão modificada, ou seja, a versão lida pelo procurador Ekstrõm. Ele já deu um número de cadastro para ela. Podemos passar rapidamente a desinformação para a imprensa... Estamos com o original que o Bjurman tinha conseguido e do qual a Millennium só tem uma cópia. Podemos inclusive divulgar uma nota sugerindo que o Blomkvist falsificou o relatório original.

— Certo. O que mais o pessoal da Millennium pode estar sabendo?

— Eles não têm como saber da Seção. É impossível. Ou seja, eles vão se concentrar na Sapo, dando a impressão de que o Blomkvist está obcecado por conspirações, e a Sapo vai sustentar que ele está completamente pirado.

— Ele é bastante conhecido — disse Clinton devagar. — Depois do caso Wennerström, ele passou a gozar de boa credibilidade.

Nyström concordou com a cabeça.

— Será que existe um jeito de reduzir essa credibilidade? — perguntou Jonas Sandberg.

Nystrõm e Clinton trocaram um olhar. Então, os dois assentiram Clin-ton olhou para Nystrõm.

— Você acha que poderia conseguir... digamos, cinqüenta gramas de coca?

— Talvez, com os iugoslavos.

— Certo. Não custa tentar. Mas é urgente. O julgamento começa daqui a dois dias.

— Não estou entendendo... — disse Jonas Sandberg.

— É um truque tão velho quanto a nossa profissão. Mas continua especialmente eficaz.

— Morgongâva? — perguntou Torsten Edklinth, franzindo o cenho. Ele estava de roupão, sentado no sofá de sua sala relendo pela terceira vez a autobiografia de Salander, quando Rosa Figuerola ligou. Como já passava havia muito da meia-noite, percebeu que algo estranho estava acontecendo.

— Morgongâva — repetiu Rosa Figuerola. — O Sandberg e o Lars Faulsson estiveram lá por volta das sete da noite. O Curt Bolinder e o pessoal do Bublanski seguiram os dois o tempo todo, e ainda com a facilidade de termos uma escuta no carro do Sandberg. Eles estacionaram perto da antiga estação, depois deram uma volta pelo bairro, pegaram o carro e voltaram para Estocolmo.

— Entendo. Eles se encontraram com alguém ou...?

— Não. Isso é que é estranho. Desceram do carro, deram uma volta, subiram no carro e retornaram a Estocolmo.

— Ah. E por que você está me chamando à meia-noite e meia para me contar isso?

— Levamos um tempinho para entender. Eles passaram na frente do prédio onde fica a gráfica Hallvigs Reklam. Conversei com o Mikael Blomkvist. E lá que a Millennium está sendo impressa.

— Puta merda! — exclamou Edklinth.

Ele percebeu as implicações imediatamente.

— Se o Falun estava junto, é porque eles pretendiam fazer uma visitinha à gráfica, mas tiveram que interromper a excursão — disse Rosa Figuerola.

— Por quê?

— Porque o Blomkvist pediu que o Dragan Armanskij vigiasse a gráfica até o dia da distribuição da revista. Eles devem ter visto o carro da Milton Security. Achei que você ia gostar de ter essa informação logo.

— Tem razão. Isso significa que eles estão começando a desconfiar que há alguma coisa esquisita nesta história...

— Seja como for, algum alarme deve ter começado a soar na cabeça deles quando viram o carro. O Sandberg deixou o Falun no centro e em seguida voltou ao prédio da Artillerigatan. Sabemos que o Fredrik Clinton está lá. O Georg Nystrõm chegou quase ao mesmo tempo. O problema é saber o que eles vão fazer.

— O julgamento começa na terça-feira... Ligue para o Blomkvist e diga a ele para reforçar a segurança na Millennium. Só por prevenção.

— Eles já estão com uma boa segurança. E o jeito deles de criar cortina de fumaça nos telefones grampeados não fica devendo nada aos profissionais. O Blomkvist está tão paranóico que aperfeiçoou uns métodos para desviar a atenção que podem até nos ser úteis.

— Certo. Mas ligue para ele assim mesmo.

Rosa Figuerola desligou o celular e o colocou sobre o criado-mudo. Ergueu os olhos e fitou Mikael Blomkvist, semideitado, nu, recostado na ponta da cama.

— É para eu te ligar pedindo que você reforce a segurança da Millennium — disse ela.

— Obrigado pela sugestão — disse ele, lacônico.

— Falando sério. Se eles começarem a desconfiar de alguma coisa, há o risco de agirem sem pensar. E um assalto é fácil de acontecer.

— O Henry Cortez está dormindo lá esta noite. E temos um alarme anti--invasão diretamente ligado à Milton Security, que fica a três minutos dali.

Ele ficou em silêncio por um instante.

— Ah, paranóia... — resmungou.

24. SEGUNDA-FEIRA – 11 DE JULHO

Eram seis horas da manhã de segunda-feira quando Susanne Linder, da Milton Security, ligou para Mikael Blomkvist no seu TIO azul.

— Você não dorme nunca? — perguntou Mikael, mal e mal acordado. Espiou Rosa Figuerola, já de pé e vestida com uma bermuda esporte, mas ainda sem a camiseta.

— Durmo. Mas fui acordada pelo guarda da noite. O alarme silencioso que instalamos no seu apartamento disparou às três da manhã.

— Ah, é?

— Aí precisei ir até lá ver o que estava acontecendo. Não é coisa simples. Você poderia dar uma chegada na Milton Security agora de manhã? Ou melhor, a gora mesmo?

— A coisa está ficando séria — disse Dragan Armanskij.

Passava um pouco das oito horas quando se reuniram diante de uma tela na sala de reuniões da Milton Security. Estavam presentes Armanskij, Mikael Blomkvist e Susanne Linder. Armanskij também mandara chamar Johan Frâklund, de sessenta e dois anos, antigo inspetor criminal da polícia de Solna, que dirigia a unidade de intervenção da Milton, e o ex-inspetor criminal Steve Bohman, de quarenta e oito anos, que acompanhara o caso Salander desde o começo. Todos refletiam sobre o vídeo que Susanne Linder acabava de exibir.

— O que se vê é o Jonas Sandberg abrindo a porta do apartamento de Mikael Blomkvist às 3h17. Ele tem suas próprias chaves... Lembrem que Faulsson, o chaveiro, fez um molde das chaves de Blomkvist há algumas semanas, quando ele e o Gõran Mârtensson entraram no apartamento.

Armanskij, semblante sério, meneou a cabeça.

— O Sandberg fica no apartamento pouco mais de oito minutos. Nesse período, ele faz o seguinte: vai até a cozinha, pega um saco plástico e enche esse saco com alguma coisa. Depois, desparafusa a grade de um vão que tem lá na sua sala, Mikael. E coloca o saco lá dentro.

— Humm — disse Mikael Blomkvist.

— O fato de ele pegar um saco na sua cozinha é muito revelador.

— É um saco de mini-pães do Konsum — disse Mikael. — Eu sempre uso para guardar queijo e coisas desse tipo.

— Eu também faço isso lá em casa. O que é revelador, obviamente, é o saco ter as suas impressões digitais. Em seguida, ele pega um SMP velho na lixeira de papéis do hall de entrada. Usa uma página do jornal para enrolar um objeto que ele coloca no alto do armário.

— Humm — fez Mikael novamente.

— Mesma coisa. O jornal tem suas impressões digitais.

— Entendo — disse Mikael Blomkvist.

— Eu entrei no seu apartamento por volta das cinco horas. Encontrei isto aqui. No vão da sua sala há neste momento cento e oitenta gramas de cocaína. Peguei um grama como amostra, aqui está.

Ela colocou um saco plástico para perícia em cima da mesa.

— E dentro do armário, o que tem lá? — perguntou Mikael.

— Cerca de cento e vinte mil coroas em dinheiro.

Armanskij fez sinal para que Susanne Linder parasse o vídeo. Olhou para Frâklund.

— E assim Mikael Blomkvist está envolvido com o tráfico de cocaína — disse Frâklund, afável. — Ao que parece, eles

começaram a se preocupar com o que o Blomkvist estaria aprontando.

— É um contra-ataque — disse Mikael Blomkvist.

— Contra-ataque?

— Eles descobriram os guardas da Milton em Morgongâva ontem à noite.

Ele relatou o que Rosa Figuerola lhe contara sobre a excursão de Sandberg a Morgongâva.

— Garoto safado — disse Steve Bohman.

— Mas por que agora?

— Eles devem estar preocupados com o que a Millennium poderá provocar quando o julgamento tiver início — disse Fraklund. — Se o Blomkvist for preso por tráfico de drogas, a credibilidade dele diminui consideravelmente.

Susanne Linder meneou a cabeça. Mikael Blomkvist parecia hesitar.

— Bem, como é que a gente vai lidar com isso? — perguntou Ar-manskij.

— Por enquanto, a gente não faz nada — sugeriu Fraklund. — Temos várias cartas na manga. Temos uma excelente documentação provando que o Sandberg plantou provas no seu apartamento, Mikael. Vamos deixar a armadilha se fechar. A gente vai poder provar sua inocência na hora e, além disso, teremos mais uma prova de uma atitude criminosa da Seção. Eu adoraria ser o procurador quando esses engraçadinhos passarem pelo banco dos réus.

— Não sei — disse Mikael Blomkvist devagar. — O julgamento começa depois de amanhã. A Millennium deve sair na sexta-feira, no terceiro dia da audiência. Se eles quiserem me pegar por tráfico de cocaína, vai ter que ser antes... e eu não vou poder me explicar

antes de a revista sair. Ou seja, corro o risco de ser preso e perder o começo do julgamento.

— Em outras palavras, você tem bons motivos para sair de circulação esta semana — propôs Armanskij.

— Bem... eu tenho um trabalho para fazer com a TV4, e também estou preparando outras coisas. Realmente, não é uma boa hora...

— Por que bem agora? — Susanne Linder perguntou de repente.

— O que você quer dizer? — perguntou Armanskij.

— Eles tiveram três meses para jogar o Blomkvist na lama. Por que estão agindo bèm agora? O que quer que eles façam, não vão conseguir impedir a publicação.

Todos permaneceram em silêncio por um momento.

— Pode ser que eles não estejam entendendo o que você vai publicar Mikael — disse Armanskij devagar. — Eles sabem que você está tramando alguma coisa..., mas talvez achem que você só está com o relatório de Bjõrck de 1991.

Mikael assentiu lentamente com a cabeça.

— Eles não se deram conta de que você pretende denunciar toda a Seção. Sendo só o relatório do Bjõrck, basta criar um clima de desconfiança em torno de você. As suas eventuais revelações vão se perder no meio da sua prisão e indiciamento. Superescândalo. O famoso jornalista Mikael Blomkvist preso por tráfico de drogas. De seis a oito anos de prisão.

— Posso ficar com duas cópias do filme da câmera de vigilância? — perguntou Mikael.

— O que você pretende fazer?

— Uma cópia vai para o Edklinth. E eu devo encontrar o pessoal da TV4 daqui a três horas. Acho que seria legal se a gente

estivesse pronto para jogar isso na tevê quando a tempestade desabar.

Rosa Figuerola desligou o leitor de DVD e deixou o controle remoto em cima da mesa. Estavam no escritório provisório da Fridhemsplan.

— Cocaína — disse Edklinth. — Eles estão pegando pesado! Rosa Figuerola pareceu hesitar. Olhou de esguelha para Mikael.

— Não estou gostando nada disso — falou. — Tem todo o jeito de uma ação impensada. Eles devem saber muito bem que você não vai deixar de se defender se te mandarem para a cadeia por tráfico de drogas.

— Claro — disse Mikael.

— Mesmo que você seja condenado, eles correm um sério risco de as pessoas acreditarem em você. E os seus colegas da Millennium não vão ficar quietos.

— Além do quê, isso tudo está saindo caro — disse Edklinth. — Então eles dispõem de um orçamento suficiente para aparecer assim de repente com cento e vinte mil coroas mais o que custou a coca.

— Eu sei — disse Mikael. — Mas o plano deles é muito bom. Eles imaginam que a Lisbeth Salander vai ser mandada para um hospital psiquiátrico e que eu vou desaparecer num turbilhão de acusações. Também devem estar imaginando que todas as atenções vão se concentrar na Sapo, e não na Seção Como ponto de partida não é nada mal.

— Mas como eles vão convencer a Narcotráficos a fazer uma busca na sua casa? Quero dizer, uma denúncia anônima não basta para arrombarem a porta de um jornalista célebre. E, para a coisa funcionar, você tem que se transformar em um suspeito nesses próximos dias.

— Bem, não conhecemos o cronograma deles — disse Mikael. Sentia-se cansado e gostaria que tudo já tivesse acabado.

Levantou-se.

— Aonde você vai? — perguntou Rosa Figuerola. — Queria saber onde posso te encontrar nos próximos dias.

— Vou passar na TV4 no início da tarde. E às seis vou comer um cordeiro salteado no Samirs Gryta com a Erika Berger. Vamos preparar uns releases para a imprensa. Mais tarde, imagino que eu vá estar na redação.

Os olhos de Rosa Figuerola se estreitaram um pouco ao ouvir o nome de Erika Berger.

— Quero que você mantenha contato durante o dia. De preferência, que mantenha um contato direto até o julgamento começar.

— Certo. Quem sabe eu não me mudo para a sua casa por alguns dias — disse Mikael de brincadeira, sorrindo.

O semblante de Rosa Figuerola endureceu. Ela olhou rapidamente para Edklinth.

— A Rosa está certa — disse Edklinth. — O melhor seria você ficar meio escondido até tudo isso acabar. Se a Narcotráficos te pegar, fique calado até o início do julgamento.

— Calma — disse Mikael. — Não pretendo entrar em pânico nem pôr nada a perder. Vocês cuidam da sua parte que eu cuido da minha.

A Moça da TV4 mal conseguia disfarçar a excitação diante do material em vídeo que Mikael Blomkvist lhe entregara. Mikael sorriu ao ver seu deleite. Tinham passado uma semana trabalhando como condenados para editar um material sobre a Seção que fosse compreensível para a televisão. Tanto o produtor para o qual ela trabalhava como o chefe de Atualidades da TV4 tinham percebido o tamanho do furo. O programa fora produzido no maior sigilo, e por apenas alguns profissionais. Tinham aceitado a exigência de Mikael de só levar a matéria ao ar na noite do terceiro dia do julgamento. Decidiram lançá-la numa edição especial do noticiário.

Mikael fornecera uma boa quantidade de imagens fixas para que ela pudesse usar, mas em televisão nada melhor que imagens em movimento E aquele vídeo absolutamente nítido que mostrava um policial identificado plantando cocaína no apartamento de Mikael Blomkvist a deixara simplesmente alucinada.

— Isso aqui é televisão de primeira — disse ela. — Na vinheta: A Sapo plantando cocaína no apartamento do jornalista.

— A Sapo não... a Seção — corrigiu Mikael. — Não cometa o erro de confundir uma com a outra.

— Mas o Sandberg trabalha na Sapo — ela protestou.

— Sim, só que, concretamente, ele deve ser considerado um agente infiltrado. Você deve deixar essa diferença muito clara.

— Certo. Quem está na berlinda é a Seção. E não a Sapo. Mikael, você poderia me explicar como é que você está sempre envolvido em matérias polêmicas? Você tem razão. Isso aqui vai fazer mais barulho do que o caso Wennerström.

— Acho que eu tenho algumas habilidades. Parece ironia do destino, mas essa história também começa com um caso Wennerström. Quero dizer, com aquele caso de espionagem dos anos 1960.

Às quatro horas, Erika Berger ligou. Estava reunida com a Tidningsutgivarna para comunicar aos dirigentes de imprensa seu ponto de vista sobre as demissões previstas no SMP, operação que provocara um conflito sindical sério depois que ela deixara o jornal. Ela avisou que chegaria atrasada ao Samirs Gryta, provavelmente por volta de seis e meia.

Jonas Sandberg ajudou Fredrik Clinton a passar da cadeira de rodas para a cama da sala de repouso que constituía o centro de comando do QG da Seção na Artillerigatan. Clinton estava voltando da diálise, que tinha se prolongado por toda a tarde. Sentia-se com cem anos e esgotado. Mal dormira nos últimos dias e desejava que

aquilo tudo acabasse logo. Nem bem tinha se acomodado na cama quando Georg Nystrõm juntou-se a eles.

Clinton reuniu suas energias.

— Está tudo ajeitado? — perguntou.

Georg Nystrõm fez um gesto de assentimento com a cabeça.

— Acabo de encontrar com os irmãos Nikoliç — disse. — Vai custar cinqüenta mil.

— Podemos pagar — disse Clinton. Puta merda, se eu ainda fosse jovem.

Ele virou a cabeça e examinou alternadamente Georg Nystrõm e Jonas Sandberg.

— Sem escrúpulos? — ele perguntou. Ambos balançaram a cabeça.

— Quando? — perguntou Clinton.

— Nas próximas vinte e quatro horas — disse Nystrõm. — Está difícil descobrir onde o Blomkvist se meteu, mas na pior das hipóteses eles vão agir na frente da redação.

Clinton aquiesceu.

— Talvez tenhamos uma brecha já no fim da tarde, daqui a umas duas horas — disse Jonas Sandberg.

— Ah, é?

— A Erika Berger ligou há pouco tempo. Eles vão jantar no Samirs Gryta. E um restaurante que fica para os lados da Bellmansgatan.

— Berger... — disse Clinton, escandindo as sílabas.

— Só espero que ela... — disse Georg Nystrõm.

— Não seria necessariamente ruim — interrompeu Jonas Sandberg.

— Então, resumindo: Blomkvist constitui a maior ameaça para nós e é provável que ele publique alguma coisa no próximo número da Millennium. Já que não podemos impedir a publicação, temos que acabar com a credibilidade dele. Se ele for morto no que parece ser um acerto de contas e depois a polícia encontrar droga e dinheiro no apartamento dele, o inquérito vai tirar certas conclusões.

Clinton concordou com a cabeça.

— Acontece que Erika Berger é amante do Blomkvist — disse Sandberg, destacando bem as palavras. — É casada e infiel. Se ela também morrer de forma violenta, isso levará a mais um monte de especulações.

Clinton e Nystrõm trocaram um olhar. Sandberg era um gênio em criar cortinas de fumaça. Ele aprendia depressa. Mas tanto Clinton como Nystrõm tiveram um instante de dúvida. Sandberg sempre tinha aquele jeito despreocupado quando se tratava de decidir sobre a vida e a morte. Isso não era bom O assassinato era uma decisão extrema que não podia ser tomada só porque a oportunidade surgia. Não era uma solução pronta, e sim uma saída a se recorrer apenas quando não houvesse alternativa.

Clinton balançou a cabeça.

Danos colaterais, pensou. De repente, sentiu-se enojado com o encaminhamento de todo aquele caso.

Depois de uma vida inteira a serviço da nação, aqui estamos nós como meros assassinos. Zalachenko fora necessário. Bjõrck fora... lamentável, mas Gullberg estava certo. Bjõrck teria cedido. Blomkvist era... provavelmente necessário. Mas Erika Berger não passava de uma testemunha inocente.

Deu uma olhada de esguelha em Jonas Sandberg. Esperava que o rapaz não evoluísse para a psicopatia.

— E os irmãos Nikoliç, o que eles estão sabendo?

— Nada. Quero dizer, sobre a gente. Eu fui o único que estive com eles, usei outra identidade e eles não têm como chegar até

mim. Eles acham que o assassinato está ligado ao tráfico de mulheres.

— E depois do assassinato, o que os irmãos Nikoliç vão fazer?

— Vão deixar a Suécia imediatamente — disse Nystrõm. — Como aconteceu depois do Bjõrck. Se a investigação da polícia não der em nada, eles vão poder voltar, discretamente, algumas semanas mais tarde.

— E o plano?

— Modelo siciliano. Eles vão simplesmente se aproximar do Blomkvist, descarregar a arma nele e dar no pé.

— Arma?

— Eles têm uma automática. Não sei o tipo.

— Espero que não espirrem sangue pelo restaurante todo...

— Não se preocupe. Eles são do tipo tranqüilo e sabem o que têm de fazer. Mas se a Berger estiver sentada na mesma mesa que o Blomkvist...

Danos colaterais.

— Escutem — disse Clinton. — E importante que o Wadensjõõ não saiba do nosso envolvimento nisso. Principalmente se a Erika Berger acabar sendo uma das vítimas. Ele já está a ponto de rebentar de tão tenso. Tenho a impressão de que vamos precisar aposentá-lo quando isso tudo acabar.

Nystrõm assentiu.

— Isso significa que, quando recebermos a notícia da morte do Blomkvist vamos ter que fazer um jogo de cena. Vamos convocar uma reunião de emergência e fingir que estamos atônitos. Vamos especular sobre quem poderia estar por trás do homicídio, mas sem falar nada sobre a droga etc, até a polícia descobrir as evidências.

Mikael Blomkvist despediu-se da Moça da TV4 pouco antes das cinco horas. Tinham passado a tarde revisando os pontos ainda

obscuros do material, e em seguida Mikael havia sido maquiado e concedera uma extensa entrevista.

Tinham-lhe feito uma pergunta que ele tivera dificuldade em responder de forma coerente, e na qual eles haviam insistido várias vezes.

Como funcionários do Estado chegaram a ponto de cometer assassinatos?

Mikael se fizera essa mesma pergunta muito antes da Moça da TV4. A Seção deve ter visto em Zalachenko uma enorme ameaça incrível, mas essa não era uma resposta satisfatória. A resposta que ele acabou dando tampouco era satisfatória.

— A única explicação que me ocorre é que, com o passar do tempo, a Seção foi se transformando em uma seita, no sentido real da palavra. Eles ficaram iguais à seita de Knutsby, ao pastor Jim Jones e a pessoas desse tipo. Eles escrevem suas próprias leis, nas quais a noção de bem e de mal não tem mais importância, e parecem estar completamente afastados da sociedade.

— Como uma espécie de doença mental?

— Essa sua definição não está totalmente errada.

Ele pegou o metrô para Slussen e se deu conta de que era cedo demais para ir ao Samirs Gryta. Demorou-se algum tempo na praça de Sôdermalm. Estava preocupado, mas, por outro lado, a vida voltara a ter sentido. Só quando Erika Berger reassumira a Millennium é que ele se deu conta de como ela lhe fizera falta. De um modo catastrófico. E o fato de o leme estar de novo nas mãos dela não criara nenhum conflito interno, pelo contrário. Malu estava felicíssima por recuperar seu cargo de assistente de redação, sentia-se exultante por a vida (como ela dizia) ter voltado ao seu curso normal.

O retorno de Erika também tornara evidente o déficit de pessoal nos três meses anteriores. Erika tivera de voltar às pressas e, com a ajuda de Malu Eriksson, conseguira dominar boa parte do trabalho

de organização que havia se acumulado e sido deixado um pouco para lá. De uma boa reunião de redação saíra a decisão de que a Millennium precisava crescer e contratar pelo menos um colaborador, provavelmente dois. Não tinham, porém, a menor idéia de onde buscar recursos para tanto.

Por fim, Mikael comprou os jornais da tarde e entrou no Java da Hornsgatan para tomar um café e fazer hora até se encontrar com Erika.

A procuradora Ragnhild Gustavsson, do Ministério Público, largou seus óculos de leitura sobre a mesa de reuniões e observou os presentes. Tinha cinqüenta e oito anos e cabelos grisalhos curtos que emolduravam um rosto rechonchudo e riscado de rugas. Ela havia sido procuradora por vinte e cinco anos e trabalhava no Ministério Público desde o início dos anos 1990.

Apenas três semanas tinham transcorrido desde que ela fora repentinamente chamada ao gabinete oficial do procurador-geral da nação para encontrar-se com Torsten Edklinth. Naquele dia, estava encerrando alguns casos rotineiros e preparando-se para umas férias de seis semanas na sua casa de campo de Husarõ. Em vez disso, fora incumbida de conduzir uma investigação sobre um grupo de funcionários de alto nível do Estado, reunidos por enquanto sob o termo "a Seção". Todos os seus planos de férias tinham sido rapidamente abandonados. Descobrira que aquela seria sua principal tarefa por tempo indeterminado e tinham-lhe deixado quase inteiramente livre para organizar ela própria seu trabalho e tomar as decisões necessárias.

— Esse caso vai ser uma das investigações criminais mais espetaculares da história da Suécia — dissera o procurador-geral da nação.

Ela não tinha como não concordar.

Em seguida, fora tendo surpresa atrás de surpresa quando Torsten Edklinth lhe fez um resumo do caso e da investigação que ele realizara por ordem do primeiro-ministro. A investigação não

estava concluída, mas ele achava que tinha chegado a um ponto em que precisava apresentar o caso a um procurador.

Primeiro ela quis ter uma visão do conjunto do material que Torsten

Edklinth lhe repassara. Mas à medida que a extensão dos crimes cometidos começou a se definir, percebeu que tudo o que ela estava fazendo e todas as decisões que iria tomar seriam julgados pelos futuros livros de história. A partir daí, passou a dedicar cada minuto do seu dia a tentar formar uma visão coerente daquela lista quase inconcebível de crimes com que estava lidando. Era um caso único na história do direito sueco e, já que se tratava de desenterrar atos criminosos que vinham sendo cometidos havia pelo menos trinta anos, compreendeu a necessidade de uma organização muito estrita do trabalho. Lembrou-se dos agentes italianos que investigaram oficialmente a máfia e de como eles tiveram de trabalhar quase clandestinamente para sobreviver aos anos 1970 e 1980. Entendia que Edklinth tivesse sido obrigado a agir em segredo. Ele não sabia em quem confiar.

A primeira providência de Ragnhild Gustavsson foi chamar três colaboradores do Ministério Público. Escolheu gente que ela conhecia fazia anos. Em seguida, contratou um historiador conhecido do Conselho de Prevenção da Criminalidade para esclarecê-la sobre o surgimento das polícias de segurança ao longo das décadas. Por fim, nomeou Rosa Figuerola para comandar de forma oficial as investigações.

Assim, o inquérito sobre a Seção assumira um caráter constitucional. Já era possível tratá-lo como uma investigação policial qualquer, mesmo tendo sido decretado seu sigilo.

Durante as duas últimas semanas, a procuradora Gustavsson convocara uma considerável quantidade de pessoas para interrogatórios formais, porém muito discretos. Além de Edklinth e Figuerola, ela falara com os inspetores Bublanski, Sonja Modig, Curt Bolinder e Jerker Holmberg. Em seguida, com Mikael Blomkvist, Malu Eriksson, Henry Cortez, Christer Malm, Annika Giannini,

Dragan Armanskij, Susanne Linder e Holger Palmgren. Com exceção dos funcionários da Millennium, que por princípio não respondiam a perguntas que pudessem comprometer a proteção de suas fontes, todos ofereceram obsequiosamente provas e relatórios detalhados.

Ragnhild Gustavsson não tinha gostado nada, nada quando lhe foi apresentado um cronograma definido pela Millennium que indiretamente a obrigava a se decidir pela prisão de determinado número de pessoas numa data determinada. De sua parte, calculava que iria precisar de vários meses até alcançar aquele estágio da investigação. Nesse caso específico, porém, não tivera escolha. Mikael Blomkvist, da revista*. M/7/ennzum, mostrara-se irredutível. Não estava subordinado a nenhum decreto ou regulamento oficial e sua intenção era publicar a matéria no terceiro dia do julgamento de Lisbeth Salander. Ragnhild Gustavsson, portanto, fora obrigada a se adaptar e, simultaneamente, a agir para que suspeitos e provas eventuais não tivessem tempo de desaparecer. Blomkvist, diga-se, gozava do surpreendente apoio de Edklinth e Figuerola, e, aos poucos, a procuradora foi percebendo que o modelo blomkvistiano tinha lá suas vantagens. Como procuradora, ela iria poder contar com a bem orquestrada mãozinha da imprensa de que precisaria para conduzir a acusação. Além disso, o processo seria tão rápido que a delicada investigação não teria tempo de vazar pelos corredores da administração e chegar aos ouvidos da Seção.

— Para o Blomkvist, antes de mais nada trata-se de fazer justiça a Lisbeth Salander. Desmascarar a Seção é mera conseqüência — constatou Rosa Figuerola.

O julgamento de Lisbeth Salander começaria dali a dois dias, na quarta--feira, e a reunião desta segunda tinha por objetivo revisar todo o material disponível e distribuir tarefas.

Treze pessoas participavam da reunião. Do Ministério Público, Ragnhild Gustavsson trouxera seus dois colaboradores mais próximos. Da Proteção à Constituição, estava presente a chefe das investigações, Rosa Figuerola, com seus colegas Stefan Bladh e

Niklas Berglund. O diretor da Proteção à Constituição, Torsten Edklinth, participara como observador.

Ragnhild Gustavsson decidira, contudo, que um caso daquela importância não poderia, por uma questão de credibilidade, se limitar à Sapo. Motivo pelo qual chamara o inspetor Jan Bublanski e sua equipe, Sonja Modig, Jerker Holmberg e Curt Bolinder, da polícia comum. Eles vinham trabalhando no caso Salander desde a Páscoa e conheciam perfeitamente a história. Além disso, solicitara a presença da procuradora Agneta Järvas e do inspetor Marcus Ackerman, de Gõteborg. A investigação sobre a Seção tinha uma ligação direta com o inquérito sobre o assassinato de Alexander Zalachenko.

Quando Rosa Figuerola mencionou que o ex-primeiro-ministro Thorbjõrn Fälldin deveria eventualmente ser chamado para testemunhar, Jerker Holmberg e Sonja Modig se mexeram na cadeira, incomodados.

Durante cinco horas, eles examinaram, um por um, nomes de pessoas identificadas como ativas na Seção, o que os fez concluir que a lei estava sendo infringida e que seria preciso efetuar algumas prisões. Sete pessoas ao todo, foram identificadas e relacionadas com o apartamento da Artillerigatan. Outras nove pessoas identificadas estariam ligadas à Seção, mas nunca apareciam na Artillerigatan. Trabalhavam sobretudo na Sapo, em Kungsholmen, porém já tinham se encontrado com um ou outro membro ativo da Seção.

— No momento, é impossível dizer até onde se estende essa conspiração. Não sabemos em que circunstâncias essas pessoas se encontram com Wadensjõõ ou com outro membro qualquer. Podem ser informantes ou podem ter sido levadas a acreditar que estão trabalhando para investigações internas ou algo assim. Fica, portanto, a dúvida sobre o envolvimento delas, e essa dúvida só será resolvida quando pudermos ouvi-las. São, além disso, pessoas que só notamos durante as semanas de vigilância; pode haver outras pessoas implicadas que ainda não conhecemos.

— Mas o secretário-geral e o chefe do orçamento...

— Não podemos afirmar com segurança que eles trabalham para a Seção.

Eram seis horas da tarde de segunda-feira quando Ragnhild Gustavsson resolveu fazer um intervalo de uma hora para que todos pudessem comer alguma coisa antes de voltarem à reunião.

Quando todos estavam se levantando e começando a se movimentar, Jesper Thoms, o colaborador de Rosa Figuerola na unidade de intervenção da Proteção à Constituição, pediu atenção para comunicar o que surgira de novo nas últimas horas de investigação.

— O Clinton esteve na diálise boa parte do dia e voltou para a Artillerigatan por volta das três horas. O único que fez alguma coisa diferente foi o Georg Nystrõm, só que não temos bem certeza do que foi.

— Ah, é? — disse Rosa Figuerola.

— Hoje, à uma e meia da tarde, o Nystrõm foi até a estação central se encontrar com dois sujeitos. Eles foram a pé até o hotel Sheraton e tomaram um café no bar. A conversa durou pouco mais de vinte minutos, e em seguida o Nystrõm voltou para a Artillerigatan.

— Humm. E quem eram esses sujeitos?

— Não sabemos. São umas caras novas. Dois homens na faixa dos trinta anos, com jeito de quem vem do Leste europeu. Infelizmente, nosso investigador os perdeu de vista quando pegaram o metrô.

— Ah, é? — disse Rosa Figuerola, cansada.

— Tiramos umas fotos deles — disse Jesper Thoms, passando-lhe uma seqüência de fotografias.

Ela examinou aqueles rostos, que via pela primeira vez.

— Certo, obrigada — disse, e, deixando as fotos em cima da mesa de reuniões, levantou-se para ir buscar alguma coisa para comer.

Curt Bolinder, que estava a seu lado, baixou os olhos para as fotos.

— Puta merda! — disse ele. — Os irmãos Nikoliç estão metidos nisso? Rosa Figuerola se deteve.

— Quem?

— Esses dois aqui são uns verdadeiros bandidos — disse Curt Bolinder. — Tomi e Miro Nikoliç.

— Você conhece?

— Conheço. São dois irmãos, eles vêm de Huddinge. Sérvios. Já vigiamos os dois em várias ocasiões, quando eles tinham seus vinte anos, na época eu estava na Brigada Antigangue. O mais perigoso dos dois é o Miro Nikoliç. Aliás, faz um ano que está sendo procurado por violências agravadas. Eu pensei que eles tivessem voltado para a Sérvia e virado políticos ou coisa do gênero.

— Políticos?

— É. Eles estiveram na Iugoslávia na primeira metade dos anos 1990 para dar uma mãozinha na faxina étnica. Trabalhavam para o chefão da máfia, o Arkan, que mantinha uma espécie de milícia fascista particular. Eles tinham a fama de ser shooters.

— Shooters?

— Matadores de aluguel. Circulavam entre Belgrado e Estocolmo. O tio deles tem um restaurante em Norrmalm, onde eles oficialmente trabalhavam de vez em quando. Tivemos várias indicações de que teriam participado de pelo menos dois assassinatos, ligados a acertos de conta internos, naquela guerra dos cigarros dos iugoslavos, mas nunca conseguimos prendê-los por motivo nenhum.

Rosa Figuerola, calada, olhou para as fotos da investigação. Então ficou lívida. Fitou Torsten Edklinth.

— O Blomkvist! — ela exclamou, em pânico. — Eles não vão se contentar em detonar a reputação dele. Vão matá-lo e deixar que a polícia encontre a cocaína durante o inquérito e tire suas próprias conclusões.

Edklinth encarou-a fixamente.

— Ele ia se encontrar com a Erika Berger no Samirs Gryta — disse Rosa Figuerola. Ela tocou no ombro de Curt Bolinder. — Você está armado?

— Estou...

— Venha comigo.

Rosa Figuerola saiu correndo da sala de reuniões. Sua sala ficava três portas adiante no corredor. Destrancou a porta e pegou sua arma de serviço na gaveta da mesa. Desrespeitando o regulamento, deixou a porta de sua sala escancarada enquanto corria para os elevadores. Curt Bolinder ficou um segundo indeciso.

— Vá — disse Bublanski. — Sonja... vá com eles.

Mikael Blomkvist chegou ao Samirs Gryta às 18h20. Erika Berger acabava de sentar-se a uma mesa vazia ao lado do bar, perto da entrada. Ele beijou-a no rosto. Pediram uma boa cerveja e um salteado de cordeiro cada um, e a cerveja logo foi servida.

— Como estava a Moça da TV4? — perguntou Erika Berger.

— Vistosa como sempre. Erika Berger riu.

— Se você não se cuidar, ela vai acabar virando uma obsessão. Já pensou, uma mulher resistindo ao charme de Blomkvist?

— Um monte de mulheres resistiu nesses anos todos — disse Mikael Blomkvist. — Como foi seu dia?

— Um desperdício. Mas aceitei participar de um debate sobre o SMP no Clube dos Articulistas. Foi minha última contribuição para

essa história.

— Maravilha.

— Você não sabe como é sensacional estar de volta à Mülennium — disse ela.

— E você nem imagina como é maravilhoso ter você de volta. Ainda estou todo emocionado.

— Ir para o trabalho voltou a ser uma coisa legal.

— Humm.

— Estou feliz.

— E eu preciso ir ao banheiro — disse Mikael levantando-se.

Deu alguns passos e por pouco não esbarrou num homem de uns trinta anos que acabava de entrar no restaurante. Mikael notou que ele tinha a aparência de alguém do Leste europeu e que o encarava. Então viu a metralhadora.

Estavam passando por Riddarholmen quando Torsten Edklinth ligou avisando que nem Mikael Blomkvist nem Erika Berger estavam atendendo o celular. Decerto tinham desligado seus aparelhos para jantar em paz.

Rosa Figuerola soltou um palavrão e atravessou a praça de Sõdermalm a quase oitenta quilômetros por hora, a mão grudada na buzina. Quando fez violentamente a curva da Hornsgatan, Curt Bolinder precisou se segurar na porta. Ele tinha puxado sua arma e conferia se estava carregada. Sonja Modig fazia o mesmo no banco de trás.

— Vamos ter que pedir reforços — disse Curt Bolinder. — Com os irmãos Nikoliç não se brinca.

Rosa Figuerola concordou.

— Vamos fazer o seguinte — disse ela. — Eu e a Sonja vamos entrar direto no Samirs Gryta, na esperança de que estejam lá. Curt,

você, que conhece os irmãos, fica do lado de fora de olho bem aberto.

— Certo.

— Se estiver tudo tranqüilo, levamos imediatamente o Blomkvist e a Berger para o carro, e para Kungsholmen. Se sentirmos qualquer coisa no ar, ficamos no restaurante e pedimos reforços.

— Certo — disse Sonja Modig.

Rosa Figuerola ainda estava na Hornsgatan quando o rádio do painel começou a chiar.

Todas as unidades. Alerta de tiroteio na Tavastgatan, em Sõdermalm. Tiroteio no restaurante Samirs Gryta.

De repente, Rosa Figuerola sentiu seu estômago se torcer.

Erika Berger viu Mikael Blomkvist esbarrar num homem de uns trinta anos enquanto ia até o banheiro, que ficava perto da entrada. Ela franziu o cenho sem saber direito por quê. Tinha a impressão de que o desconhecido fitava Mikael com uma expressão surpresa. Perguntou-se se não seria algum conhecido dele.

Então viu o homem dar um passo para trás e largar uma sacola no chão. De início, ela não entendeu o que via. Ficou paralisada quando percebeu que ele apontava uma arma automática para Mikael.

Mikael Blomkvist reagiu sem pensar. Segurou o cano com a mão esquerda e apontou-o para o teto. Por um microssegundo, a boca da arma passou diante de seu rosto.

Naquele lugar minúsculo, o crepitar da pistola-metralhadora foi ensurdecedor. Uma chuva de gesso e vidro do lustre pulverizado desabou sobre Mikael enquanto Miro Nikoliç soltava uma rajada de uma dezena de balas. Por um instante, Mikael Blomkvist olhou nos olhos do homem que queria a sua morte.

Então Miro Nikoliç deu um passo para trás. Arrancou a arma das mãos de Mikael, que, pego de surpresa, soltou o cano. Mikael percebeu de repente que sua vida corria perigo. Sem pensar, jogou-se sobre o agressor em vez de se esconder. Mais tarde, saberia que se tivesse agido de outra forma, se tivesse se abaixado ou recuado, teria sido morto no ato. Mais uma vez, conseguiu segurar o cano da arma. Usou todo o seu peso para encurralar o homem contra a parede. Ainda escutou seis ou sete tiros sendo disparados e pressionou desesperadamente a metralhadora tentando apontar o cano para o chão.

Erika Berger se abaixou instintivamente quando veio a segunda rajada de tiros. Caiu e bateu a cabeça numa cadeira. Então se encolheu no chão, ergueu os olhos e viu os três buracos que as balas tinham deixado na parede, no lugar exato em que ela estava sentada no minuto anterior.

Abalada, virou a cabeça e viu Mikael Blomkvist lutando com o homem perto da entrada. Estava caído de joelhos, segurando a metralhadora com as duas mãos e tentando apoderar-se dela. Viu o agressor lutando para se soltar Com o punho, batia sem parar no rosto e na têmpora de Mikael.

Rosa Figuerola freou bruscamente em frente ao Samirs Gryta, abriu a porta do carro com violência e correu para o restaurante. Estava com a Sig Sauer na mão quando notou o carro estacionado bem em frente ao restaurante.

Viu Tomi Nikoliç ao volante e apontou a arma para o rosto dele do outro lado do vidro.

— Polícia. Mostre as mãos! — gritou. Tomi Nikoliç levantou as mãos.

— Saia do carro e deite no chão — ela berrou com a voz cheia de raiva. Virou a cabeça e olhou rapidamente para Curt Bolinder. — O restaurante — disse.

Curt Bolinder e Sonja Modig atravessaram a rua o mais rápido possível.

Sonja Modig pensou em seus filhos. Ia contra todas as normas policiais correr para um prédio de arma na mão sem uma boa retaguarda no local, sem colete à prova de balas e sem uma visão total da situação...

Então ela ouviu o som de um tiro disparado dentro do restaurante.

Mikael Blomkvist conseguira enfiar o dedo médio entre o gatilho e o protetor do gatilho, quando Miro Nikoliç recomeçou a atirar. Ouviu um vidro se quebrando atrás dele. Sentiu uma dor atroz quando o atirador acionou o gatilho várias vezes seguidas, prensando seu dedo; mas enquanto o dedo estivesse ali os tiros não podiam ser disparados. Os socos choviam na lateral de seu rosto e ele de repente se sentiu com quarenta e cinco anos e realmente com um péssimo condicionamento físico.

Eu não vou conseguir. Isto precisa acabar.

Foi seu primeiro pensamento racional desde que vira o homem com a metralhadora.

Cerrou os dentes e enfiou ainda mais o dedo atrás do gatilho.

Então, inclinando-se e pressionando o piso com os pés, jogou o ombro no corpo do matador. Soltou a mão direita da metralhadora e ergueu o cotovelo para se proteger dos golpes. Miro Mikoliç começou a bater em sua axila e nas costelas. Por um segundo, ficaram mais uma vez face a face.

No momento seguinte, Mikael sentiu que afastavam o matador dali Sentiu uma última dor fulgurante no dedo e avistou a figura imensa de Curt Bolinder. Bolinder levantou Miro Nikoliç literalmente pela pele do pescoço e bateu sua cabeça contra a parede. Miro Nikoliç desabou feito um pacote flácido.

— Deitado — ouviu Sonja Modig gritar. — Polícia. Fique deitado! Virou a cabeça e a viu de pé, pernas afastadas e segurando a arma com ambas as mãos, enquanto tentava formar

uma idéia da caótica situação. Por fim, ergueu a arma para o teto e voltou o olhar para Mikael Blomkvist.

— Você está ferido? — perguntou.

Mikael olhou para ela, destruído. O nariz e as sobrancelhas sangravam.

— Acho que um dedo quebrou — disse ele, e sentou-se no chão.

Rosa Figuerola recebeu ajuda da Brigada de Sõdermalm menos de um minuto depois de ter feito Tomi Nikoliç se deitar na calçada. Ela se identificou e deixou que os policiais fardados cuidassem do prisioneiro, correndo ela própria para o restaurante. Ao chegar à porta parou, tentando avaliar a situação.

Mikael Blomkvist e Erika Berger estavam sentados no chão. Mikael tinha sangue no rosto e parecia em estado de choque. Rosa soltou um suspiro de alívio. Ele estava vivo. Então franziu a testa quando viu Erika Berger passar o braço pelos ombros dele.

Sonja Modig estava agachada, examinando a mão de Blomkvist. Curt Bolinder punha as algemas em Miro Nikoliç, que parecia ter sido atropelado por um trem expresso. Avistou, no chão, um policial militar do Exército sueco.

Ergueu os olhos e viu os funcionários do restaurante chocados, clientes apavorados e um cenário de louças quebradas, cadeiras e mesas viradas e outros estragos causados pelos inúmeros tiros. Sentiu cheiro de pólvora. Mas não via nenhum morto ou ferido no local. Os policiais da viatura de apoio entraram' empunhando armas. Ela estendeu a mão e tocou no ombro de Curt Bolinder. Ele se levantou.

— Você disse que Miro Nikoliç estava sendo procurado?

— Isso mesmo. Violências agravadas, há cerca de um ano. Uma briga em Hallunda.

— Certo. Nós vamos fazer o seguinte. Eu vou sumir rapidinho com o Blomkvist e a Berger. Você fica. Versão oficial: você e a Sonja Modig vieram jantar aqui juntos, você reconheceu o Nikoliç do tempo que passou na Brigada Antigangue. Tentou interpelá-lo, ele puxou a arma e começou a atirar feito doido. Você o prendeu.

Curt Bolinder pareceu surpreso.

— Não vai colar... há testemunhas.

— As testemunhas vão dizer que umas pessoas brigaram e deram uns tiros. O importante é a minha história colar até saírem os jornais de amanhã à tarde. Portanto, a versão é que os irmãos Nikoliç foram presos por acaso porque você os reconheceu.

Curt Bolinder contemplou o caos ao seu redor. Então concordou rapidamente com a cabeça.

Rosa Figuerola abriu caminho na rua em meio à multidão de policiais e acomodou Mikael Blomkvist e Erika Berger no banco de trás do seu carro. Virou-se para o comandante e falou com ele em voz baixa por uns trinta segundos. Fez um sinal na direção do carro em que estavam Mikael e Erika. O comandante pareceu perturbado, mas acabou assentindo com a cabeça. Ela dirigiu até Zinkensdamm, estacionou e virou-se para trás.

— Você está muito machucado?

— Levei alguns socos. Meus dentes continuam no lugar. Estourei o dedo.

— Vamos para o pronto-socorro de Sankt Gõran.

— O que aconteceu? — perguntou Erika Berger. — Quem é você?

— Me desculpem — disse Mikael. — Erika, essa é a Rosa Figuerola. Ela trabalha na Sapo. Rosa, essa é a Erika Berger.

— Eu imaginei — disse Rosa Figuerola com uma voz sem expressão. Ela não encarava Erika Berger.

— Eu e a Rosa nos conhecemos durante as investigações. Ela é o meu contato na Sapo.

— Entendo — disse Erika Berger, que de repente começou a tremer por causa do choque.

Rosa Figuerola observou Erika Berger.

— O que aconteceu? — perguntou Mikael.

— A gente entendeu errado o lance da cocaína — disse Rosa Figuerola. — Achamos que eles tinham preparado uma armadilha para te comprometer. Na verdade, a intenção deles era te matar e deixar a polícia encontrar a cocaína durante o exame técnico do seu apartamento.

— Que cocaína? — perguntou Erika Berger. Mikael fechou os olhos por um instante.

— Me leve para Sankt Gõran — disse.

— Presos? — exclamou Fredrik Clinton. Sentiu um ligeiro aperto no coração.

— Achamos que não há perigo — disse Georg Nystrõm. — Parece que foi puro acaso.

— Acaso?

— O Miro Nikoliç estava sendo procurado por uma história antiga de golpes e ferimentos. Um tira da Segurança Pública o reconheceu e prendeu quando ele entrou no Samirs Gryta. O Nikoliç entrou em pânico e tentou escapar atirando.

— E o Blomkvist?

— Não se envolveu no incidente. Nem sabemos se ele estava no Samirs Gryta na hora da prisão.

— Porra, eu não acredito — disse Fredrik Clinton. — O que os irmãos Nikoliç sabem?

— Sobre nós? Nada. Eles acham que o Bjõrck e o Blomkvist eram serviços ligados ao tráfico de mulheres.

— Mas eles sabem que o alvo era o Blomkvist?

— Sabem, mas eles não vão sair contando que aceitaram um serviço. Vão ficar'bem quietinhos até o julgamento. Vão ser condenados por porte ilegal de armas e, imagino, por agressão a um agente do governo.

— Autênticos amadores — disse Clínton.

— É, eles pisaram mesmo na bola. Só nos resta deixar o Blomkvist à solta por enquanto, mas nada está perdido.

Eram onze da noite quando Susanne Linder e dois saradões da proteção pessoal da Milton Security vieram buscar Mikael Blomkvist e Erika Berger em Kungsholmen.

— Pode-se dizer que você realmente não perde uma — disse Susanne Linder para Erika Berger.

— Pois é... — respondeu Erika com voz neutra.

Só dentro do carro, a caminho do hospital de Sankt Góran, é que Erika se deu conta do que havia acontecido. De repente concluiu que tanto ela como Mikael Blomkvist por pouco não haviam sido mortos.

Mikael ficou uma hora no pronto-socorro, tempo para que cuidassem do seu rosto, tirassem uma radiografia e enfaixassem seu dedo médio esquerdo. Tinha uma contusão grave na ponta do dedo e provavelmente iria perder a unha. O ferimento mais sério, por ironia do destino, ocorrera durante a intervenção de Curt Bolinder, quando ele puxara Miro Nikoliç para trás. O dedo de Mikael ficara preso no protetor do gatilho e se quebrara na hora. Sentia uma dor insuportável, mas sua vida certamente não corria risco.

Mikael só foi sentir o impacto de tudo aquilo quase duas horas depois, quando chegou à Proteção à Constituição da Sapo para fazer um relatório ao inspetor Bublanski e à procuradora Ragnhild

Gustavsson. De repente, começou a tremer da cabeça aos pés e se sentiu tão cansado que por pouco não dormiu entre uma pergunta e outra. Discutiram um pouco o assunto.

— Não sabemos o que eles pretendem fazer — disse Rosa Figuerola. — Não sabemos se eles queriam dar um fim apenas no Blomkvist ou se a Berger também seria morta. Não sabemos se eles vão tentar de novo nem se mais alguém da Millennium está ameaçado... E por que não matar a Salander, que representa a verdadeira ameaça à Seção?

— Enquanto o Mikael estava sendo atendido, liguei para o pessoal da Millennium para contar o que tinha acontecido — disse Erika Berger. — Eles vão sair um pouco de circulação até a revista ser publicada. A redação vai ficar vazia.

A primeira reação de Torsten Edklinth tinha sido pedir de imediato proteção pessoal para Mikael Blomkvist e Erika Berger. Depois, ele e Rosa Fi-guerola ponderaram que talvez não fosse a melhor coisa chamar a Brigada de Proteção à Pessoa da Sapo.

Erika Berger resolvera o problema declarando que não queria nenhuma proteção policial. Pegou o telefone, ligou para Dragan Armanskij e explicou a situação. Assim, Susanne Linder foi chamada de volta ao trabalho, às pressas, tarde da noite.

Mikael Blomkvist e Erika Berger foram instalados no piso superior de uma safe house situada pouco depois de Drottningholm, na estrada do centro de Ekerõ. Era uma casa grande dos anos 1930, com vista para o mar, um jardim espetacular, construções anexas e cercada de terras. A propriedade pertencia à Milton Security, mas era ocupada por Martina Sjõgren, de sessenta e oito anos, viúva de Hans Sjõgren, um antigo e fiel funcionário, morto num acidente quinze anos antes. Durante uma missão, ele caíra sobre o piso apodrecido de uma casa abandonada na região de Sala. Depois do enterro, Dragan Armanskij conversara com Martina Sjõgren e a contratara como intendente e administradora da propriedade. Ela morava de graça num anexo do térreo e mantinha o primeiro piso em ordem para ocasiões como aquelas, que

ocorriam algumas vezes ao ano, quando a Milton Security precisava abrigar pessoas que, por motivos reais ou imaginários, temiam por sua segurança.

Rosa Figuerola acompanhou-os. Deixou-se cair numa cadeira da cozinha e aceitou o café que Martina Sjõgren lhe servia, enquanto Erika Berger e Mikael Blomkvist iam se instalar no andar de cima e Susanne Linder verificava os alarmes e o equipamento eletrônico de vigilância em volta da propriedade.

— Temos escovas de dentes e artigos de higiene pessoal na cômoda em frente ao banheiro — gritou Martina Sjõgren na escada.

Susanne Linder e os dois guarda-costas da Milton Security se acomodaram num cômodo do andar térreo.

— Eu ainda não parei desde que me acordaram às quatro da manhã — disse Susanne Linder. — Vocês podem montar um rodízio, mas me deixem dormir pelo menos uma hora.

— Pode dormir a noite toda, a gente cuida disso — disse um dos agentes.

— Obrigada — disse Susanne Linder, e foi se deitar.

Rosa Figuerola escutou, distraída, os guarda-costas ligarem os sensores de movimento no jardim e jogarem no palitinho para ver quem ficaria com o primeiro turno do plantão. O perdedor preparou um sanduíche e se instalou numa sala de televisão ao lado da cozinha. Rosa Figuerola examinou as xícaras de café floridas. Ela também estava de pé desde muito cedo e também se sentia esgotada. Estava pensando em voltar para casa quando Erika Berger desceu e serviu-se de uma xícara de café. Sentou-se do outro lado da mesa.

— O Mikael desabou no sono assim que se deitou.

— Uma reação à adrenalina — disse Rosa Figuerola.

— O que vai acontecer agora?

— Vocês vão ficar bem quietinhos por alguns dias. Daqui a uma semana vai estar tudo acabado, seja qual for o fim da história. Como está se sentindo?

— Ufa. Ainda meio abalada. Não é todo dia que acontece uma coisa assim. Acabo de ligar para o meu marido para explicar por que não vou para casa hoje.

— Humm.

— Eu sou casada com...

— Eu sei com quem você é casada.

Silêncio. Rosa Figuerola esfregou os olhos e bocejou.

— Preciso ir para casa dormir — disse.

— Por favor, pare com essa bobagem e vá se deitar com o Mikael — disse Erika.

Rosa Figuerola olhou para ela.

— Está tão na cara assim? — perguntou. Erika balançou a cabeça, negando.

— O Mikael falou alguma coisa...

— Não falou nada. Ele costuma ser bastante discreto sobre suas namoradas. Mas às vezes ele é um livro aberto. E você, quando olha para mim, é descaradamente hostil. Vocês estão tentando esconder alguma coisa.

— É por causa do meu chefe — disse Rosa Figuerola.

— O seu chefe?

— O Torsten Edklinth ficaria furioso se soubesse de mim e do Mikael...

— Entendo. Silêncio.

— Eu não sei o que está havendo entre você e o Mikael, mas eu não sou uma rival — disse Erika.

— Não é?

— O Mikael e eu somos amantes de vez em quando. Mas não sou casada com ele.

— Pelo que entendi, vocês têm um relacionamento especial. Ele falou de você quando estávamos em Sandhamm.

— Ele levou você para Sandhamm? Então é coisa séria.

— Não brinque comigo.

— Rosa... eu espero que você e o Mikael... vou procurar ficar no meu lugar.

— E se você não conseguir? Erika Berger deu de ombros.

— A ex-mulher dele caiu em depressão quando o Mikael foi infiel comigo. Botou ele para fora. Por culpa minha. Enquanto o Mikael estiver solteiro e disponível, não pretendo ter nenhum escrúpulo. Mas prometi a mim mesma que se ele se envolvesse seriamente com alguém eu me afastaria.

— Não sei se me arrisco a investir nessa relação.

— O Mikael é especial. E você está apaixonada por ele.

— Acho que sim.

— Então não o ponha logo contra a parede. E agora vá se deitar.

Rosa refletiu um pouco. Então subiu ao piso superior, despiu-se e deitou-se na cama junto de Mikael. Ele resmungou alguma coisa e pôs o braço em sua cintura.

Erika Berger ficou um bom tempo a sós na cozinha com seus pensamentos. Sentiu-se, de repente, profundamente infeliz.

25. QUARTA-FEIRA 13 DE JULHO – QUINTA-FEIRA 14 DE JULHO

Mikael Blomkvist sempre se perguntara por que os alto-falantes dos tribunais de instância emitiam um som tão baixo e discreto. Teve dificuldade em distinguir as palavras anunciando que o julgamento de Lisbeth Salander teria início às dez horas da manhã na sala 5. No entanto, chegara cedo e postara-se diante das portas da sala de audiência. Foi um dos primeiros a entrar. Instalou-se na fileira do público, do lado esquerdo da sala, de onde teria a melhor visão da mesa da defesa. Os lugares reservados ao público foram ocupados rapidamente. O interesse da mídia aumentara à medida que o julgamento se aproximava, e na última semana o procurador Richard Ekstrõm concedera entrevistas todos os dias.

Ekstrõm não parará quieto.

Lisbeth Salander era acusada de violência e violência agravada contra Carl-Magnus Lundin; de ameaça, tentativa de assassinato e violência agravada contra o falecido Karl Axel Bodin, aliás Alexander Zalachenko; de dois arrombamentos — da casa de campo do Dr. Nils Bjurman e de seu apartamento em Odenplan; de roubo de veículo motorizado — uma Harley Davidson pertencente a um certo Benny Nieminen, membro do MC Svavelsjõ; de porte ilegal de três armas — uma bomba de gás lacrimogêneo, um cassetete elétrico e uma pistola Wanad P-83 polonesa, encontrados em Gosseberga; e de roubo e ocultação de provas — formulação vaga, relacionada com a documentação que ela encontrara na casa de campo de Bjurman e com uma série de delitos menores. No total, Lisbeth Salander tinha contra si dezesseis acusações.

Ekstrõm também deixara vazar insinuações sobre o estado mental de Lisbeth Salander, o qual deixaria a desejar. Fundamentava-se, por um lado, na avaliação psiquiátrica médico-legal do dr. Jesper H. Lõderman, realizada quando ela atingira a maioridade, e, por outro, numa avaliação feita pelo Dr. Peter Teleborian na época de uma audiência preparatória, a pedido do

Tribunal de Instâncias. Visto que a doente mental, como era seu costume, recusara-se categoricamente a falar com os psiquiatras, a análise baseara-se em "observações" feitas após sua prisão na casa de detenção de Kronoberg, em Estocolmo, no mês anterior ao julgamento. Teleborian, que tinha vários anos de experiência com a paciente, declarava que Lisbeth Salander sofria de um grave distúrbio psíquico; ele se apoiava em termos como psicopatia, narcisismo patológico e esquizofrenia paranóica.

A imprensa relatara que ela fora interrogada sete vezes pela polícia. Em todas as ocasiões, a acusada se recusara a dar sequer bom-dia às pessoas que estavam ali para interrogá-la. As primeiras sessões foram conduzidas pela polícia de Gõteborg e as demais ocorreram no Palácio da Polícia de Estocolmo. Os autos registravam simpáticas tentativas de estabelecer contato, persuasões cuidadosas e repetidas perguntas, sem que se obtivesse uma única resposta.

Nem mesmo uma tossidinha.

Em diversas oportunidades, ouvia-se a voz de Annika Giannini nas gravações, intercedendo quando percebia que sua cliente obviamente não tinha a intenção de responder. Assim, a acusação contra Lisbeth Salander baseava-se apenas em provas técnicas e nas informações que a polícia conseguira levantar.

Em alguns momentos, o silêncio de Lisbeth deixara sua advogada numa situação difícil, já que a obrigava a permanecer quase tão calada quanto sua cliente. O que Annika Giannini e Lisbeth Salander conversavam em particular permanecia, é claro, confidencial.

Ekstrõm não fez nenhum segredo de sua intenção de pedir, em primeiro lugar, o internamente psiquiátrico de Lisbeth Salander e, em segundo, uma respectiva pena de prisão. Em situações normais, esses pedidos eram feitos na ordem inversa, mas ele considerava que no caso de Lisbeth Salander os distúrbios psíquicos eram tão evidentes que o tinham deixado sem escolha. Era mesmo muito raro um tribunal se opor a uma avaliação médico-legal.

Ele considerava, além disso, que a tutela de Salander não devia ser anulada. Numa entrevista, declarara com ar preocupado que na Suécia havia um certo número de sociopatas portadores de distúrbios psíquicos tão graves que constituíam um perigo para si mesmos e para os outros, e que cientificamente ele não tinha outra opção senão manter essas pessoas internadas. Citara o caso de Anette, uma jovem violenta cuja vida, durante os anos 1970, fora tema de novela e que, trinta anos depois, ainda estava sendo tratada numa instituição fechada. A cada tentativa de abrandar as restrições ela atacara violenta e insanamente seus pais e a equipe médica, ou então tentara se automutilar. Segundo Ekstrõm, Lisbeth Salander sofria de uma forma semelhante de distúrbio psíquico.

O interesse da mídia também aumentara porque a advogada de Lisbeth Salander não havia se pronunciado. Recusara sistematicamente as entrevistas que lhe ofereciam a oportunidade de expor os pontos de vista da outra parte. A mídia via-se, portanto, diante de uma situação complicada: a acusação a sufocava com informações, ao passo que a defesa, de modo atípico, não oferecia o menor indício sobre a atitude de Salander ou a estratégia para o caso.

Toda essa situação fora analisada por um especialista jurídico contratado por um jornal vespertino para cobrir o caso. Numa crônica, o articulista observara que Annika Giannini era uma advogada respeitada na área de direitos da mulher, mas que era terrivelmente inexperiente em casos fora da sua alçada, concluindo que ela não tinha cacife para defender Lisbeth Salander. Através de sua irmã, Mikael Blomkvist ficou sabendo que vários advogados famosos tinham entrado em contato com ela para oferecer ajuda. Annika Giannini recusara gentilmente todas as propostas.

Enquanto aguardava o início do julgamento, Mikael observou o público. De repente, avistou Dragan Armanskij num lugar próximo à saída.

Seus olhares se cruzaram por um instante.

Ekstrõm tinha uma pilha considerável de papéis sobre sua mesa. Acenava com a cabeça ao reconhecer alguns jornalistas.

Annika Giannini estava sentada à mesa em frente a Ekstrõm. Separava uns papéis e não olhava para ninguém. Mikael teve a impressão de que sua irmã estava um pouco nervosa. Uma ligeira apreensão, pensou.

Então o presidente do tribunal, o assessor e os jurados entraram na sala. O presidente se chamava Jõrgen Iversen, era um homem de cinqüenta e sete anos de cabelos brancos, rosto magro e andar atlético. Mikael pesquisara o passado de Iversen e constatara que ele era tido como um juiz muito experiente e correto, e que já presidira vários julgamentos de repercussão na mídia.

Por último, Lisbeth Salander foi trazida para a sala.

Por mais que Mikael já estivesse acostumado com a capacidade que Lisbeth Salander tinha de se vestir de maneira chocante, ficou estupefato ao ver que Annika Giannini permitira que ela se apresentasse na sala do tribunal vestida com uma saia curta de couro preto, bainha desfeita, e uma regata com os dizeres I am irritated que mal escondia suas tatuagens. Usava coturnos, um cinto com tachas e meias americanas listradas de preto e lilás. Estava com uma dúzia de piercings nas orelhas e argolas no lábio e nas sobrancelhas. Depois da cirurgia seu cabelo crescera como uma espécie de palha preta desgrenhada. Além disso, estava exageradamente maquiada. Usava um batom cinzento, sobrancelhas acentuadas e uma quantidade inédita de rimei preto. Na época em que os dois conviveram, Lisbeth não se interessava particularmente por maquiagem.

Ela parecia um tanto vulgar. Gótica. Lembrava um vampiro de um filme B dos anos 1960. Mikael reparou que vários jornalistas engasgaram de surpresa e exibiram um sorriso divertido ao vê-la surgir. Quando, enfim, tinham a oportunidade de conhecer aquela garota cercada de escândalos, sobre a qual eles tanto haviam escrito, ela correspondia amplamente a suas expectativas.

Então Mikael se deu conta de que Lisbeth Salander estava fantasiada. Em tempos normais, ela se vestia de qualquer maneira, e obviamente sem nenhum bom gosto. Mikael sempre achara que ela não se vestia daquele jeito para seguir uma moda, e sim para marcar sua identidade. Lisbeth Salander demarcava seu território para que ele parecesse hostil. Ele sempre associara as tachas da jaqueta de couro de Lisbeth aos espinhos de um porco-espinho. Era o mesmo mecanismo de defesa. Era um sinal para os que a cercavam. Não tente me afagar. Vai doer.

Mas para sua entrada no tribunal ela acentuara de tal modo o estilo de sua roupa que ele parecia quase paródico de tão exagerado.

Mikael percebeu de repente que não se tratava de acaso, e sim de parte da estratégia de defesa de Annika.

Se Lisbeth Salander chegasse bem penteada, com uma blusa comportada e sapatos sem salto, iria lembrar um bandido querendo vender uma imagem de bonzinho ao tribunal. Era uma questão de credibilidade. Ela estava vindo tal como era, e não como outra pessoa. E num estado ligeiramente exagerado, para deixar as coisas bem claras. Não pretendia ser o que não era. Sua mensagem ao tribunal era que não tinha nenhum motivo para se envergonhar ou fazer de conta. Se para o tribunal sua aparência física era um problema, não era problema de Lisbeth. A sociedade a acusava de uma série de coisas e o procurador a tinha levado a julgamento. Com sua simples aparição, ela já mostrava como o raciocínio do procurador lhe parecia uma bobagem.

Caminhou com segurança e sentou-se no lugar indicado, ao lado de sua advogada. Seu olhar percorreu o público. Não havia a menor curiosidade em seus olhos. Antes de mais nada, eles pareciam captar e registrar, furiosos, as pessoas que já a tinham condenado nas páginas dos jornais.

Era a primeira vez que Mikael a via desde que a encontrara, como uma boneca de pano ensangüentada, no banco da cozinha de Gosseberga, e mais de um ano e meio se passara desde que a vira

em circunstâncias normais. Se é que a expressão "circunstâncias normais" era apropriada tratando-se de Lisbeth Salander. Seus olhares se cruzaram por alguns segundos. O dela passou por ele brevemente, sem dar nenhum sinal de reconhecimento. No entanto, ela observou os hematomas que cobriam a face e a têmpora de Mikael, e o curativo cirúrgico sobre seu supercílio direito. Por um instante, Mikael teve a impressão de vislumbrar um esboço de sorriso nos olhos dela. Não soube dizer se ele apenas havia fantasiado aquilo. Então o juiz Iversen bateu o martelo e a sessão começou.

O público permaneceu na sala do tribunal apenas por meia hora. Ouviu o procurador Ekstrõm apresentar os fatos e expor os tópicos da acusação.

Com exceção de Mikael Blomkvist, todos os repórteres tomaram nota assiduamente, mesmo que já estivessem cansados de saber que acusações Ekstrõm pretendia fazer contra Lisbeth Salander. Quanto a Mikael ele já escrevera seu artigo e só viera ao tribunal para marcar presença e cruzar o olhar com Lisbeth.

A introdução de Ekstrõm durou vinte e dois minutos. Então chegou a vez de Annika Giannini. Sua réplica durou trinta segundos. Sua voz estava firme.

— A defesa refuta todos os tópicos da acusação, menos um. Minha cliente se reconhece culpada de porte ilegal de armas, no caso uma bomba de gás lacrimogêneo. Quanto aos outros tópicos, minha cliente nega toda e qualquer responsabilidade ou intenção criminosa. Vamos demonstrar que as acusações do procurador são falsas e que Lisbeth Salander foi vítima de abuso agravado do Poder Judiciário. Vou solicitar que minha cliente seja declarada inocente, que sua tutela seja anulada e que ela seja posta em liberdade.

Ouviam-se as canetas riscando os blocos de anotação dos repórteres. A estratégia da Dra. Giannini era por fim revelada, e mostrava-se bem diferente daquela que muitos repórteres esperavam. A maioria julgara que Annika Giannini iria apelar para a

doença mental de sua cliente e explorá-la a seu favor. Mikael não conseguiu disfarçar um sorriso.

— Humm — disse o juiz Iversen, anotando alguma coisa. Ele olhou para Annika Giannini. — Já concluiu?

— Minha solicitação já está feita.

— O procurador tem algo a acrescentar? — perguntou Iversen.

Foi então que o procurador Ekstrõm pediu que as deliberações se dessem a portas fechadas, alegando que se tratava do estado psíquico e do bem--estar de uma pessoa sofrida, além de haver detalhes que podiam implicar a segurança da nação.

— Imagino que esteja falando do suposto caso Zalachenko? — perguntou Iversen.

— Exato. Alexander Zalachenko chegou à Suécia como refugiado político, tentando escapar de uma terrível ditadura. Alguns aspectos do caso, vínculos entre algumas pessoas e outros elementos desse tipo, ainda se encontram sob sigilo, embora o senhor Zalachenko esteja morto. Por esse motivo, solicito que a audiência se dê a portas fechadas e que seja imposto o sigilo profissional no momento em que as deliberações se mostrarem especialmente delicadas.

— Entendo — disse Iversen, e em sua testa desenharam-se sulcos profundos.

— Além disso, boa parte das deliberações estará relacionada com a tutela da acusada, o que automaticamente remete a questões quase sempre confidenciais. De modo que é por solidariedade à acusada que eu peço a audiência a portas fechadas.

— Qual a posição da doutora Giannini quanto ao pedido do procurador?

— No que nos diz respeito, é indiferente.

O juiz Iversen refletiu por alguns instantes. Consultou seu assessor e em seguida declarou, para grande irritação dos

presentes, que iria atender à solicitação do procurador. Assim, Mikael Blomkvist foi obrigado a deixar a sala.

Dragan Armanskij aguardava Mikael Blomkvist embaixo da escadaria do Palácio da Justiça. Fazia um calor terrível naquele dia de julho e Mikael sentiu duas manchas de suor começando a se formar em suas axilas. Seus dois guarda-costas o seguiram lá fora. Cumprimentaram Dragan Armanskij com um gesto de cabeça e passaram a examinar os arredores.

— É esquisito andar com guarda-costas — disse Mikael. — E quanto está custando essa brincadeira?

— Presente da empresa — disse Armanskij. — Tenho um interesse pessoal em manter você vivo. E também faturamos o equivalente a duzentas e cinqüenta mil coroas nos últimos meses.

Mikael assentiu com a cabeça.

— Que tal um café? — sugeriu Mikael, apontando para o café italiano da Bergsgatan.

Armanskij concordou. Mikael pediu um caffè latte, enquanto Armanskij optou por um expresso duplo com um pingo de leite. Sentaram-se no terraço, à sombra. Os guarda-costas sentaram-se a uma mesa vizinha diante de um copo de Coca-Cola.

— Portas fechadas — observou Armanskij.

— Era de se esperar. E é até bom, assim a gente domina melhor o fluxo de informações.

— É, tudo bem, mas estou gostando cada vez menos desse Richard Ekstrõm.

Mikael concordou. Tomaram o café contemplando o Palácio da Justiça, onde o futuro de Lisbeth Salander iria ser decidido.

— O contra-ataque foi lançado — disse Mikael.

— E está muito bem preparado — disse Armanskij. — Preciso admitir que sua irmã me impressionou. Quando ela começou a

apresentar sua estratégia, pensei que ela estivesse brincando, mas quanto mais penso sobre isso mais me parece o certo a fazer.

— Esse processo não vai se resolver lá dentro — disse Mikael.

Fazia vários meses que ele repetia essas palavras como se fosse um mantra.

— Você vai ser chamado para testemunhar — disse Armanskij.

— Eu sei. Estou preparado. Mas isso será só depois de amanhã. Pelo menos é com o que estamos contando.

O procurador Richard Ekstrõm tinha esquecido seus óculos bifocais em casa e teve de erguer os olhos de leitura sobre a testa e estreitar os olhos para conseguir ler suas anotações escritas em letra miúda. Esfregou rapidamente o cavanhaque loiro antes de recolocar os óculos e observar a sala.

Lisbeth Salander estava sentada com as costas eretas e contemplava o procurador com um olhar insondável. Sua fisionomia e olhos estavam imóveis. Não parecia estar totalmente presente. Chegara a hora de o procurador iniciar seu interrogatório.

— Gostaria de lembrar, senhorita Salander, que está sob juramento — disse Ekstrõm por fim.

Lisbeth Salander não reagiu. O procurador Ekstrõm parecia esperar algum tipo de reação e aguardou alguns segundos. Ele ergueu os olhos.

— A senhorita está sob juramento — repetiu.

Lisbeth Salander inclinou levemente a cabeça. Annika Giannini estava ocupada lendo alguma coisa no relatório do inquérito preliminar e não parecia interessada no que o procurador Ekstrõm dizia. Ele juntou seus papéis. Depois de alguns minutos de um silêncio desconfortável, ele pigarreou.

— Muito bem — disse Ekstrõm num tom brando. — Vamos diretamente aos fatos ocorridos na casa de campo do falecido doutor Bjurman em Stallarholmen, em 6 de abril deste ano, fatos

que são o ponto de partida da apresentação dos acontecimentos que fiz nesta manhã. Vamos tentar esclarecer os motivos pelos quais a senhorita foi até Stallarholmen e disparou uma bala em Carl-Magnus Lundin.

Ekstrõm exortou Lisbeth Salander com o olhar. Ela continuava não reagindo. De repente, o procurador pareceu exasperado. Afastou as mãos e voltou o olhar para o presidente do tribunal. O juiz Jõrgen Iversen parecia hesitar. Deu uma espiada na direção de Annika Giannini, ainda envolvida com um documento, totalmente alheia ao mundo à sua volta.

O juiz Iversen deu uma tossidinha. Olhou para Lisbeth Salander.

— Devemos entender seu silêncio como uma recusa a responder às perguntas? — perguntou.

Lisbeth Salander virou a cabeça e cruzou o olhar com o do juiz Iversen.

— Estou disposta a responder às perguntas — retrucou. O juiz Iversen meneou a cabeça.

— Então talvez possa responder à pergunta — sugeriu o procurador Ekstrõm.

Lisbeth Salander voltou a olhar para Ekstrõm. Permaneceu calada.

— A senhorita poderia fazer a gentileza de responder à pergunta? — pediu o juiz Iversen.

Lisbeth mais uma vez dirigiu o olhar para o presidente do tribunal e levantou as sobrancelhas. Sua voz era nítida e clara.

— Que pergunta? Por enquanto, esse senhor — ela inclinou a cabeça na direção de Ekstrõm — fez algumas afirmações sem apresentar nenhuma prova. Não ouvi nenhuma pergunta.

Annika Giannini ergueu os olhos. Pôs os cotovelos na mesa e apoiou o queixo na palma da mão com um súbito interesse no olhar.

O procurador Ekstrõm perdeu o fio da meada por alguns segundos.

— Pode repetir a pergunta? — pediu o juiz Iversen.

— Eu perguntei... a senhorita foi até a casa de campo do doutor Bjurman em Stallarholmen com a intenção de atirar em Carl-Magnus Lundin?

— Não, o que o senhor disse foi: "Vamos tentar esclarecer os motivos pelos quais a senhorita foi até Stallarholmen atirar em Carl-Magnus Lundin". Não era uma pergunta. Era uma afirmação antecipando uma resposta. Eu não sou responsável pelas suas afirmações.

— Não seja impertinente. Responda à pergunta.

— Não.

Silêncio.

— Como assim, não?

— Essa é a resposta à pergunta.

O procurador Ekstrõm suspirou. Ia ser um dia longo. Lisbeth Salander o fitou, esperando o resto.

— Talvez seja melhor retomar do início — disse ele. — A senhorita esteve na casa de campo do doutor Bjurman, em Stallarholmen, na tarde de 6 de abril deste ano?

— Sim.

— Como foi até lá?

— Peguei o trem de subúrbio até Sõdertalje e depois o ônibus para Strángnãs.

— Por que a senhorita foi até Stallarholmen? Tinha marcado algum encontro com Carl-Magnus Lundin e seu amigo Benny Nieminen?

— Não.

— Como se explica eles terem aparecido?

— Isso o senhor tem de perguntar para eles.

— Nesse momento, estou perguntando para a senhorita. Lisbeth Salander não respondeu.

O juiz Iversen pigarreou.

— Suponho que a senhorita Salander não está respondendo porque, semanticamente, o senhor está outra vez fazendo uma afirmação — disse Iversen cheio de boa vontade.

Annika Giannini não conteve uma risada, alta o bastante para ser ouvida. Silenciou imediatamente e tornou a mergulhar em sua papelada. Ekstrõm lançou-lhe um olhar irritado.

— Na sua opinião, por que Lundin e Nieminen teriam ido à casa de campo de Bjurman?

— Não sei. Imagino que tenha sido para incendiar a casa. O Lundin estava com um litro de gasolina numa garrafa plástica, na sacola da sua Harley Davidson.

Ekstrõm fez um muxoxo.

— Por que a senhorita foi até a casa de campo do doutor Bjurman?

— Eu estava atrás de informações.

— Que tipo de informação?

— As mesmas informações que, imagino, o Lundin e o Nieminen que. riam destruir e que, portanto, podiam ajudar a descobrir quem tinha matado aquele outro excremento.

— A senhora considera que o doutor Bjurman era um "excremento"? Eu ouvi bem?

— Sim.

— E qual o motivo dessa sua opinião?

— Esse homem era um porco sádico, um canalha estuprador, portanto não passava de um excremento.

Ela citou, palavra por palavra, a frase tatuada na barriga do falecido Dr. Bjurman, reconhecendo assim, indiretamente, que ela era a autora do texto. Essa, porém, não era uma das acusações contra Lisbeth Salander. Bjurman jamais mencionara essa violência à polícia, sendo impossível determinar se ele consentira em se deixar tatuar ou se a tatuagem tinha sido feita à força.

— A afirmação, então, é de que seu tutor teria abusado da senhorita. Poderia nos dizer quando tais abusos ocorreram?

— Na terça-feira 18 de fevereiro de 2003 e, depois, na sexta-feira 7 de março do mesmo ano.

— A senhorita negou-se a responder todas as perguntas dos policiais que tentaram se comunicar consigo durante os interrogatórios. Por quê?

— Eu não tinha nada a dizer para eles.

— Eu li a sua suposta autobiografia, que sua advogada nos apresentou repentinamente alguns dias atrás. Devo dizer que se trata de um documento estranho, voltaremos a ele depois. Mas nele a senhorita afirma que, na primeira vez, o doutor Bjurman a teria obrigado a praticar uma felação e, na segunda vez, a teria estuprado repetidas vezes, torturando-a durante uma noite inteira.

Lisbeth não respondeu.

— É verdade?

— Sim.

— A senhorita denunciou esses estupros à polícia?

— Não.

— Por que não?

— A polícia nunca me escutou nas vezes em que tentei contar alguma coisa. Logo, não fazia nenhum sentido ir denunciar o que quer que fosse.

— A senhorita comentou esses abusos com alguém? Com alguma amiga?

— Não.

— Por que não?

— Porque não dizia respeito a mais ninguém.

— Certo. A senhorita consultou um advogado?

— Não.

— A senhorita foi a algum médico tratar dos ferimentos que lhe teriam sido infligidos?

— Não.

— E não recorreu ao sos-Mulheres.

— Mais uma vez o senhor está fazendo uma afirmação.

— Me desculpe. A senhorita procurou alguma unidade do sos-Mulheres?

— Não.

Ekstrõm voltou-se para o presidente do tribunal.

— Eu gostaria de chamar a atenção do tribunal para o fato de que a ré declarou ter sido vítima de dois abusos sexuais, o segundo extremamente grave. Ela afirma que o autor dos estupros era seu tutor, o já falecido doutor Nils Bjurman. Paralelamente, deve-se levar em conta os seguintes fatos...

Ekstrõm remexeu seus papéis.

— A investigação da Brigada Criminal não encontrou, no passado do doutor Bjurman, nada que confirme a veracidade do relato de Lisbeth Salan-der. Bjurman nunca foi condenado. Jamais

foi objeto de uma denúncia ou de uma investigação policial. Já foi tutor ou administrador legal de vários jovens e nenhum deles revela ter sido vítima de qualquer tipo de abuso. Pelo contrário, insistem que Bjurman sempre se comportou correta e gentilmente com eles.

Ekstrõm virou a página.

— Também devo lembrar que Lisbeth Salander foi diagnosticada como esquizofrênica paranóica. Estão aí vários documentos atestando as tendências violentas dessa jovem e que ela teve, desde o início da adolescência, problemas de convívio social. Passou vários anos numa instituição de psiquiatria infantil e está sob tutela desde os dezoito anos. Mesmo que seja lamentável, existem razões para tanto. Minha convicção é de que ela não deve ser presa, e sim tratada.

Ele fez uma pausa eloqüente.

— Debater sobre o estado mental de uma jovem é um exercício repugnante. Tantas coisas atingem uma vida, e depois o estado mental da pessoa se transforma em objeto de interpretações. No presente caso, porém, podemos nos basear na confusa imagem de mundo da própria Lisbeth Salander. Uma imagem que se manifesta, de um modo que não poderia ser mais claro, em sua suposta autobiografia. Em nenhum lugar sua falta de contato com a realidade aparece de maneira tão evidente. Não há necessidade de testemunhas ou de interpretações que joguem com as palavras. Temos suas próprias palavras. Podemos avaliar nós mesmos a credibilidade de suas afirmações.

Seus olhos pousaram em Lisbeth Salander. Seus olhares se encontraram. Ela sorriu. Ela tinha um ar de poucos amigos. A testa de Ekstrõm se contraiu.

— Doutora Giannini, não tem nada a dizer? — perguntou o juiz Iversen.

— Não — respondeu Annika Giannini. — A não ser que as conclusões do procurador Ekstrõm são fantasiosas.

A tarde, a audiência começou com o interrogatório de uma testemunha, Ulrika von Liebenstaalil, da Comissão de Tutelas, que Ekstrõm convocara na tentativa de esclarecer se já houvera alguma queixa contra o dr. Bjurman. A idéia foi rejeitada com veemência por Liebenstaahl. Esta julgava tal afirmação ofensiva.

— Existe um controle rigoroso nas questões de tutela. O doutor Bjurman já trabalhava para a Comissão de Tutelas havia quase vinte anos quando foi assassinado de forma tão vergonhosa.

Lançou um olhar maldoso para Lisbeth Salander, embora Lisbeth não fosse acusada desse homicídio e já estivesse definido que Bjurman fora morto por Ronald Niedermann.

— Nesses anos todos, nunca houve uma queixa sequer contra o doutor Bjurman. Ele era um homem consciencioso que muitas vezes revelou um profundo envolvimento com seus clientes.

— Então a senhora não acha provável que ele tenha submetido Lisbeth Salander a uma violência sexual?

— Acho essa afirmação absurda. Temos os relatórios mensais enviados pelo doutor Bjurman e estive pessoalmente com ele em várias ocasiões para conversarmos sobre esse caso.

— A doutora Giannini apresentou uma solicitação para que a tutela de Lisbeth Salander seja anulada imediatamente.

— Ninguém mais do que nós, da Comissão de Tutelas, fica feliz quando uma tutela pode ser anulada. Mas infelizmente é nossa responsabilidade seguir as regras em vigor. A comissão, seguindo os procedimentos normais, estabeleceu a exigência de que uma avaliação psiquiátrica declare Lisbeth Salander curada antes que se cogite a possibilidade de anular sua tutela.

— Entendo.

— Isso significa que ela deve se submeter a exames psiquiátricos. E, como se sabe, ela se recusa.

O interrogatório de Ulrika von Liebenstaahl se estendeu por quarenta minutos, durante os quais foram examinados os relatórios mensais de Bjurman.

Annika Giannini fez apenas uma pergunta, pouco antes de o interrogatório terminar.

— A senhora se encontrava no quarto do doutor Bjurman na noite de 7 para 8 de março de 2003?

— É claro que não.

— Em outras palavras, a senhora ignora por completo se as afirmações de minha cliente são verdadeiras ou falsas?

— Essa acusação contra o doutor Bjurman é um disparate.

— Isso é a sua opinião. A senhora tem como oferecer um álibi ou provar de alguma maneira que ele não abusou da minha cliente?

— Isso é obviamente impossível. Mas a probabilidade...

— Obrigada. Era só isso — interrompeu Annika Giannini.

Mikael Blomkvist encontrou-se com a irmã por volta das sete da noite na sede da Milton Security, perto de Slussen, para fazer o balanço daquele dia.

— Tudo transcorreu mais ou menos como previsto — disse Annika. — O Ekstrõrn engoliu a autobiografia da Salander.

— Ótimo. Como ela está se saindo? Annika começou a rir.

— Às mil maravilhas, parece uma perfeita psicopata. Só está se comportando com naturalidade.

— Humm.

— Hoje o assunto foi principalmente Stallarholmen. Amanhã vai ser Gosseberga, o pessoal da Brigada Técnica vai ser interrogado, coisas assim. O Ekstrõm vai tentar provar que a Salander foi até lá para assassinar o pai.

— Certo.

— Mas a gente talvez tenha um problema técnico. Hoje à tarde, o Ekstrõm convocou uma tal de Ulrika von Liebenstaahl, da Comissão de Tutelas. Ela ficou insistindo que eu não tenho o direito de representar a Lisbeth Salander.

— Como assim?

— Ela diz que como a Lisbeth está sob tutela não tem o direito de escolher seu próprio advogado.

— Ah, é?

— Ou seja, tecnicamente falando, não posso ser a advogada dela se eu não for aprovada pela Comissão de Tutelas.

— E aí?

— O juiz Iversen vai se pronunciar a respeito amanhã de manhã. Falei com ele rapidamente depois das deliberações. Mas acho que ele vai decidir que eu continue a representá-la. Aleguei que a Comissão de Tutelas teve três meses para protestar e que é muita cara de pau apresentar uma solicitação dessas agora que o julgamento já começou.

— O Teleborian vai testemunhar na sexta-feira. E tem que ser interrogado por você.

Depois de passar a quinta-feira estudando mapas e fotografias e ouvindo conclusões técnicas verborrágicas sobre o que se passara em Gosseberga, o procurador Ekstrõm conseguira estabelecer que todas as provas indicavam que Lisbeth Salander fora até a casa do pai com a intenção de matá-lo. O elo mais forte na cadeia de provas era ela ter levado consigo uma arma de fogo, uma Wanad P-83 polonesa.

O fato de Alexander Zalachenko (de acordo com o relato de Lisbeth Salander), ou, a rigor, Ronald Niedermann, que assassinara um policial (de acordo com o depoimento dado por Zalachenko antes de ser assassinado no hospital de Sahlgrenska), ter tentado

matar Lisbeth Salander e ela ter sido enterrada num buraco dentro da mata não atenuava em nada o fato de que ela seguira a pista do pai até Gosseberga com a intenção de matá-lo. Aliás por pouco não conseguira, ao golpeá-lo no rosto com um machado. Ekstrõm exigiu que Lisbeth Salander fosse condenada por tentativa de homicídio, homicídio premeditado e, de qualquer forma, por violências agravadas.

Segundo a versão de Lisbeth Salander, ela fora a Gosseberga para se confrontar com o pai e fazê-lo confessar o assassinato de Dag Svensson e Mia Bergman. Esse dado era de fundamental importância no tocante à pre-meditação.

Assim que Ekstrõm havia acabado de interrogar a testemunha Melker Hansson, da Brigada Técnica de Gõteborg, a Dra. Annika Giannini fizera algumas perguntas rápidas.

— Senhor Hansson, existe alguma coisa na sua investigação e em toda a documentação técnica reunida pelo senhor que permita afirmar que Lisbeth Salander está mentindo sobre a premeditação de sua visita a Gosseberga? Tem como provar que ela foi até lá com a intenção de matar o pai?

Melker Hansson refletiu por um instante.

— Não — respondeu afinal.

— A conclusão do procurador Ekstrõm, portanto, embora eloqüente e loquaz, não passa de especulação?

— Suponho que sim.

— Existe algum elemento entre as provas técnicas que contradiga Lisbeth Salander quando ela diz ter levado a pistola polonesa, uma Wanad P-83, por acaso, simplesmente porque a arma estava em sua bolsa e ela não sabia o que fazer com ela depois que a tirou de Benny Nieminen em Stallarholmen, no dia anterior?

— Não.

— Obrigada — disse Annika Giannini, tornando a se sentar. Foram suas únicas palavras no interrogatório de Hansson, que se estendera por uma hora.

Por volta das seis da tarde da quinta-feira, Birger Wandensjõõ deixou o prédio da Seção da Artillerigatan com a sensação de estar cercado por nuvens ameaçadoras e de estar caminhando para um naufrágio iminente. Havia várias semanas percebera que seu título de diretor, e, portanto, de chefe, da Seção de Análise Especial não passava de um rótulo sem sentido. Suas opiniões protestos e súplicas não tinham o menor peso. Fredrik Clinton reassumira o comando. Se a Seção fosse uma instituição aberta e oficial, isso não teria tido importância — ele simplesmente teria se dirigido ao seu superior direto e exposto suas queixas.

Na atual situação, porém, não havia a quem se queixar. Estava sozinho e dependente da boa vontade de um homem que ele considerava um doente mental. E o pior era que a autoridade de Clinton mostrava-se absoluta. Fedelhos do tipo de Jonas Sandberg ou seguidores fiéis como Georg Nystrõm pareciam entrar de imediato no esquema e obedecer religiosamente ao velho moribundo.

Reconhecia que Clinton era uma autoridade discreta que não trabalhava para enriquecimento próprio. Admitia que Clinton trabalhava apenas tendo em mente o bem da Seção. Mas era como se toda a organização estivesse em queda livre, num estado de sugestão coletiva em que profissionais tarimbados se recusavam a perceber que cada movimento, cada decisão tomada e posta em prática só os aproximava cada vez mais do abismo.

Wadensjõõ sentia um peso no peito quando entrou na Linnegatan. Achou um lugar para estacionar, desligou o alarme, pegou as chaves e estava prestes a abrir a porta do carro quando escutou uma movimentação atrás de si. Ele se virou. A contraluz o atrapalhou. Precisou de alguns segundos para reconhecer o homem alto parado na calçada.

— Boa noite, senhor Wadensjõõ — disse Torsten Edklinth, diretor da Proteção à Constituição. — Faz anos que eu não ponho os pés em campo, mas hoje senti que minha presença era necessária.

Wadensjõõ fitou, perturbado, os dois policiais à paisana que acompanhavam Edklinth. Eram Jan Bublanski e Marcus Ackerman. De repente se deu conta do que estava para acontecer.

— Tenho o triste dever de lhe comunicar que, por decisão do Ministério Público, você está sendo detido por uma série tão extensa de delitos e infrações que decerto levará semanas para que se defina a relação completa deles.

— O que significa isso? — disse Wadensjõõ fora de si.

— Significa que você está preso, acusado, e de maneira bem fundamentada, de cumplicidade num homicídio. Também está sendo acusado de chantagem, corrupção, escuta ilegal, de diversos casos de falsificação de documentos agravada e prevaricação agravada, cumplicidade em arrombamento abuso de autoridade, espionagem e outras coisinhas mais. No momento, nós dois vamos até Kungsholmen para ter uma conversa tranqüila e séria já esta noite.

— Eu não matei ninguém — disse Wadensjõõ num sopro.

— Isso quem vai dizer é a investigação.

— Foi o Clinton. Foi o Clinton o tempo todo — disse Wadensjõõ. Torsten Edklinth assentiu com a cabeça, satisfeito.

Qualquer policial sabe perfeitamente que existem duas formas clássicas de conduzir o interrogatório de um suspeito. A do policial malvado e a do policial bonzinho. O policial malvado ameaça, xinga, dá socos na mesa e, de modo geral, se comporta de maneira brutal com o intuito de assustar o acusado, de submetê-lo e induzi-lo a confessar. O policial bonzinho, de preferência um velhinho grisalho, oferece cigarros e café, balança a cabeça com simpatia e adota um tom razoável.

A maioria dos policiais — mas não todos — também sabe que a técnica de interrogatório do policial bonzinho é a mais eficiente. O criminoso veterano, duro na queda, não se impressiona nem um pouco com o policial malvado. E o criminoso amador, inseguro, que se assusta com o policial malvado e acaba confessando, provavelmente acabaria confessando qualquer que fosse a técnica utilizada.

Mikael Blomkvist assistiu ao interrogatório de Birger Wadensjõõ de uma sala contígua. Sua presença fora objeto de algumas discussões internas, até Edklinth decidir que talvez pudesse tirar vantagem das observações de Mikael.

Mikael observou que Torsten Edklinth recorria a uma terceira variante de interrogatório, a do policial indiferente, que nesse caso específico parecia funcionar ainda melhor. Edklinth entrou na sala, serviu café em canecas de porcelana, ligou o gravador e recostou-se na poltrona.

— Já temos contra você todas as provas técnicas que se possa imaginar. De modo geral, não temos nenhum interesse em escutar sua versão, a não ser para confirmar o que já sabemos. Mas gostaríamos de ter a resposta a uma pergunta: por quê? Como vocês podem ter sido loucos a ponto de resolverem eliminar pessoas, aqui na Suécia, como se estivessem no Chile do Pinochet? O gravador está ligado. Se quiser dizer alguma coisa, este é o momento. Se não quiser falar, desligo o gravador, tiramos sua gravata e seus cadarços e te hospedamos na casa de detenção enquanto você espera por seu advogado, pelo julgamento e pela sentença.

Edklinth tomou um gole de café e não disse mais nada. Depois que dois minutos se passaram sem que nenhuma palavra fosse dita, ele estendeu a mão e desligou o gravador. Levantou-se.

— Vou pedir que venham buscá-lo daqui a alguns minutos. Boa noite.

— Eu não matei ninguém — disse Wadensjõõ, quando Edklinth já havia aberto a porta. Edklinth estacou.

— Não estou interessado em conversar amenidades com você. Se quiser se explicar, eu me sento e ligo o gravador. Todas as autoridades suecas — em especial o primeiro-ministro — estão impacientes para ouvir o que você tem a dizer. Se você falar, posso ir até o primeiro-ministro ainda esta noite e contar a ele a sua versão sobre o que aconteceu. Se não falar, será processado e condenado da mesma forma.

— Sente-se — disse Wadensjõõ.

Sua resignação não passou despercebida. Mikael suspirou aliviado. Com ele estavam Rosa Figuerola, a procuradora Ragnhild Gustavsson, Stefan, um colaborador anônimo da Sapo, e mais duas pessoas desconhecidas. Mikael desconfiava que pelo menos uma delas representava o ministro da Justiça.

— Não tenho nada a ver com esses assassinatos — disse Wadensjõõ assim que Edklinth tornou a ligar o gravador.

— Esses assassinatos — disse Mikael Blomkvist para Rosa Figuerola.

— Shhh — ela respondeu.

— Foram o Clinton e o Gullberg. Eu ignorava totalmente o que eles iam fazer. Juro. Fiquei chocado quando soube que o Gullberg tinha matado o Za-lachenko. Custei a acreditar que era verdade... custei a acreditar. E, quando soube o que tinha acontecido com o Bjõrck, por pouco não tive um infarto.

— Me fale sobre o assassinato de Bjõrck — disse Edklinth sem alterar o tom de voz. — Como foi?

— O Clinton contratou uma pessoa. Não sei como foi, mas sei que foram dois iugoslavos. Sérvios, acho. Foi o Georg Nystrõm quem instruiu e pagou os dois. Quando soube, me dei conta de que estávamos caminhando para a catástrofe.

— Que tal a gente voltar ao início de tudo? — propôs Edklinth.

- Quando você começou a trabalhar para a Seção?

- Uma vez que Wadensjõõ se pôs a falar, foi impossível contê-lo. O interrogatório se estendeu por quase cinco horas.

26. SEXTA-FEIRA 15 DE JULHO

No banco das testemunhas, na sexta-feira à tarde, o Dr. Peter Teleborian revelou ser um homem que inspirava confiança. Foi interrogado pelo procurador Ekstrõm por mais de noventa minutos e respondeu com calma e autoridade a todas as perguntas. Em alguns momentos seu semblante assumia um ar preocupado, em outros ele parecia estar se divertindo.

— Ou seja... — disse Ekstrõm, folheando suas anotações — sua impressão, do alto de sua experiência como psiquiatra em todos esses anos, é de que Lisbeth Salander sofre de esquizofrenia paranóica?

— Eu sempre digo que é extremamente difícil fazer uma avaliação precisa do estado dela. A paciente, como sabem, deve ser vista quase como uma autista na sua relação com médicos e autoridades. Calculo que ela sofra de uma doença psíquica grave, mas neste momento não tenho como fornecer um diagnóstico acurado. Também não tenho como definir em que estágio de psicose ela se encontra sem antes proceder a exames mais profundos.

— Seja como for, o senhor considera que ela não goza de boa saúde mental.

— Toda a história de vida dela é uma prova eloqüente disso.

— O senhor teve a oportunidade de ler a suposta autobiografia que Lisbeth Salander escreveu para se explicar e que encaminhou a este tribunal Que comentários o senhor tem a fazer?

Peter Teleborian afastou as mãos e deu de ombros, permanecendo em silêncio.

— Que credibilidade, digamos, o senhor atribui a esse relato?

— Credibilidade nenhuma. Trata-se de uma série de afirmações sobre várias pessoas, uma história mais fantasiosa que a outra. De

modo geral, sua explicação por escrito apenas reforça as suspeitas de que ela sobre de esquizofrenia paranóica.

— O senhor poderia citar alguns exemplos?

— O mais flagrante é o relato do estupro de que ela acusa seu tutor Bjurman.

— Poderia falar um pouco mais sobre isso?

— O relato é extremamente detalhado. É um exemplo clássico do tipo de imaginação delirante que crianças podem apresentar. Existe uma grande quantidade de ocorrências similares nos casos de incesto, em que a criança oferece descrições inaceitáveis de tão impossíveis, e com total falta de provas. Trata-se, digamos, de fantasias eróticas que podem se desenvolver mesmo em crianças muito pequenas... É um pouco como se elas assistissem a filmes de terror na televisão.

— Lisbeth Salander não é mais uma criança, é uma mulher adulta — disse Ekstrõm.

— Sim, e sem dúvida ainda será preciso definir com precisão em que nível mental ela se encontra. Mas o senhor está certo. Ela é adulta e provavelmente acredita no próprio relato.

— Na sua opinião, trata-se de mentiras.

— Não, se ela acredita no que diz não se trata de mentira. É uma história que só demonstra que ela não sabe distinguir entre imaginação e realidade.

— Quer dizer que ela não foi estuprada pelo doutor Bjurman?

— Não. Pode-se considerar a verossimilhança inexistente. Lisbeth Salander necessita de tratamento especializado.

— O senhor é citado no relato de Lisbeth Salander...

— Sim, e é um detalhe que não deixa de ser picante. Mais uma vez, porém, quem está falando é a imaginação dela. A julgar por essa pobre moça, eu seria quase um pedófilo...

Ele sorriu e continuou:

— Mas o que ela expressa lá é o que eu não canso de dizer. A biografia de Salander nos revela que ela foi maltratada ao ser mantida imobilizada na maior parte do tempo que passou em Sankt Stefan e que eu ia visitá-la em seu quarto à noite. Eis aí um caso praticamente clássico de incapacidade de interpretação da realidade. Ou, para ser mais preciso, é desse modo que ela interpreta a realidade.

— Obrigado. E agora a defesa, se a doutora Giannini tiver alguma pergunta...

Como nos dois primeiros dias do julgamento Annika Giannini tinha feito poucas perguntas e objeções, todos esperavam que mais uma vez ela apenas colocasse uma ou outra questão por desencargo de consciência e em seguida concluísse o interrogatório. A atuação da defesa está tão deplorável que começa a ficar constrangedor, pensou Ekstrõm.

— Tenho, sim — disse Annika Giannini. — Tenho diversas perguntas e pode ser que demore algum tempo. São onze e meia da manhã. Sugiro que façamos um intervalo, para que eu possa interrogar a testemunha depois do almoço, sem interrupção.

O juiz Iversen decidiu que o tribunal iria almoçar.

Curt Bolinder estava acompanhado de dois policiais uniformizados quando, ao meio-dia em ponto, pôs sua mão imensa no ombro do delegado Georg Nystrõm em frente ao restaurante Master Anders na Hantverkargatan. Nystrõm olhou estupefato para Curt Bolinder, que brandiu suas credenciais diante do nariz do outro.

— Bom dia. Você está preso por cumplicidade em homicídio e tentativa de homicídio. Os itens da acusação lhe serão comunicados ainda esta tarde pelo procurador-geral da nação. Eu o aconselho a me acompanhar de livre e espontânea vontade — disse Curt Bolinder.

Georg Nystrõm parecia não entender que língua Curt Bolinder estava falando. Mas percebeu que o melhor era seguir aquele homem sem protestar.

O inspetor Jan Bublanski estava acompanhado de Sonja Modig e de sete policiais fardados quando seu colega Stefan Bíadh, da Proteção à Constituição, os introduziu, ao meio-dia em ponto, no departamento confidencial que constituía os domínios da Sapo em Kungsholmen. Eles andaram pelos corredores até Stefan se deter e apontar para uma sala. A secretária do secretário-geral pareceu totalmente atônita quando Bublanski mostrou suas credenciais.

— Fique sentada, por favor. É uma intervenção policial.

Ele foi até a porta interna e interrompeu o secretário-geral Albert Shenke em meio a uma conversa telefônica.

— O que é isso? — perguntou Shenke.

— Sou o inspetor Jan Bublanski. O senhor está preso por infringir a Constituição sueca. Os vários itens da acusação lhe serão comunicados hoje à tarde.

— Isso ultrapassa todos os limites — disse Shenke.

— Sim, exatamente — disse Bublanski.

Ele mandou interditar a sala de Shenke e destacou dois policiais para guardar a porta, com ordens de não deixar ninguém entrar. Estavam autorizados a usar o cassetete, e até a arma, caso alguém tentasse entrar à força.

Continuaram a procissão pelos corredores até Stefan apontar para outra porta, e ali repetiram o procedimento com o chefe da contabilidade Gustav Atterbom.

Jerker Holmberg contava com o auxílio da Brigada de Intervenção de Sôdermalm quando, ao meio-dia em ponto, bateu à porta de um escritório alugado temporariamente no segundo andar de um prédio em frente à redação da revista Millennium, na Gôtgatan.

Como ninguém apareceu para abrir a porta, Jerker Holmberg ordenou que a brigada a arrombasse. Mas a porta se entreabriu antes que o pé de cabra entrasse em ação.

— Polícia — disse Jerker Holmberg. — Deixe as mãos bem à vista.

— Eu sou da polícia — disse o inspetor Gôran Mârtensson.

— Eu sei. E você tem porte de armas para uma porção de armas de fogo.

— Sim, mas sou um policial em serviço.

— Conta outra! — disse Jerker Holmberg.

Com a ajuda dos outros, prensou Mârtensson contra a parede e tirou sua arma.

— Você está preso por escuta ilegal, falta profissional grave, diversas violações do domicílio do jornalista Mikael Blomkvist, na Bellmansgatan, e provavelmente vários outros itens de acusação. Ponham as algemas nele.

Jerker Holmberg realizou uma rápida revista no escritório e constatou que havia ali material eletrônico suficiente para montar um estúdio de gravação. Destacou um policial para vigiar o local, com ordens de ficar sentado numa cadeira e não deixar nenhuma impressão digital.

Quando Mârtensson foi levado pela porta do prédio, Henry Cortez ergueu sua Nikon digital e bateu uma seqüência de vinte e duas fotos. Com certeza ele não era um fotógrafo profissional, e suas fotos deixavam um bocado a desejar no quesito qualidade. Mas foram vendidas no dia seguinte para um tablóide por uma quantia indecente.

Rosa Figuerola foi a única, entre os agentes que participavam das batidas policiais daquele dia, a enfrentar um incidente. Auxiliada pela Brigada de Intervenção de Norrmalm e mais três colegas da Sapo, ao meio-dia em ponto ela entrou no prédio da Artillerigatan e

subiu a escada que levava ao apartamento do último andar, de propriedade da empresa Bellona.

A operação tinha sido montada num espaço muito curto de tempo. Assim que a força de intervenção chegou à porta do apartamento, ela deu o sinal verde. Dois policiais muito fortes e uniformizados da brigada de Norrmalm ergueram um aríete de aço de quarenta quilos e abriram a porta com dois golpes bem dados. A força de intervenção, munida de coletes à prova de balas e armas à altura, ocupou o apartamento nos dez segundos que se seguiram ao arrombamento da porta.

A vigilância montada desde o amanhecer indicava que cinco indivíduos identificados corno colaboradores da Seção haviam passado pela porta durante a manhã. Os cinco foram localizados em poucos segundos e algemados.

Rosa Figuerola usava um colete à prova de balas. Percorreu o apartamento que fora o QG da Seção desde os anos 1960 e, uma por uma, foi abrindo brutalmente as portas. Constatou que ia precisar de um arqueólogo para ajudá-la a fazer a triagem da imensa quantidade de pastas que lotavam os cômodos.

Poucos segundos depois de invadir o apartamento, ela abriu a porta de uma salinha mais afastada e descobriu um quarto de dormir. De repente, viu-se frente a frente com Jonas Sandberg. Ele representara um ponto de interrogação quando as tarefas foram divididas de manhã. Na noite anterior, o investigador encarregado de vigiar Sandberg o perdera de vista. Seu carro estava estacionado em Kungsholmen e ele não fora visto em sua casa à noite. De manhã, não sabiam onde ele estava para ir prendê-lo.

Por motivos de segurança eles mantêm uma equipe noturna. E óbvio. E o Sandberg dormiu aqui depois que seu plantão terminou.

Jonas Sandberg estava apenas de cuecas e parecia mal ter acordado. Vi-rou-se para apanhar a arma no criado-mudo. Rosa Figuerola se inclinou para a frente e empurrou a arma pelo chão para longe de Sandberg.

— Jonas Sandberg, você está preso por cumplicidade nos assassinatos de Gunnar Bjõrck e Alexander Zalachenko, e de cumplicidade na tentativa de assassinato de Michael Blomkvist e Erika Berger. Vista a calça.

Jonas Sandberg levantou o punho na direção de Rosa Figuerola. Ela aparou o golpe por mero reflexo, sem prestar um centésimo de segundo sequer de atenção a Jonas Sandberg.

— Você está brincando? — disse ela. Pegou o braço dele e torceu-lhe o pulso com tanta força que Sandberg caiu de costas no chão. Ela o virou de bruços e enfiou-lhe um joelho na parte inferior das costas. Ela própria o algemou. Era a primeira vez, desde que trabalhava na Sapo, que usava as algemas em serviço.

Deixou Sandberg aos cuidados de um policial e prosseguiu sua busca. Para encerrar, abriu a última porta no fundo do apartamento. De acordo com a planta fornecida pela prefeitura, tratava-se de um pequeno cômodo que dava para um pátio. Deteve-se na soleira da porta e contemplou o espectro mais descarnado que já tinha visto na vida. Percebeu de imediato que se achava diante de um homem que estava morrendo.

— Fredrik Clinton, você está preso por cumplicidade em assassinato, tentativa de homicídio e uma série de outros crimes — disse ela. — Não saia da cama. Vamos chamar uma ambulância para transportá-lo para Kungsholmen.

Christer Malm estava postado junto à entrada do prédio da Artillerigatan. Ao contrário de Henry Cortez, ele sabia manejar sua Nikon digital. Usou uma pequena teleobjetiva e as fotos saíram muito profissionais.

Mostravam os membros da Seção deixando o prédio, um por um, cercados de policiais e sendo empurrados para as viaturas policiais; e por fim uma ambulância vindo buscar Fredrik Clinton. Seus olhos fitaram a objetiva bem no momento em que Christer clicava o botão. Parecia inquieto e preocupado.

Uma foto que mais tarde seria considerada A Foto do Ano.

27. SEXTA-FEIRA 15 DE JULHO

O juiz Iversen bateu o martelo na mesa às doze e trinta e declarou reaberta a sessão do Tribunal Correcional. Reparou imediatamente numa terceira pessoa sentada à mesa de Annika Giannini. Holger Palmgren, numa cadeira de rodas.

— Boa tarde, Holger — disse o juiz Iversen. — Faz séculos que não o vejo numa sala de audiência.

— Boa tarde, juiz Iversen. Você sabe, alguns casos são tão complexos que os jovens precisam de alguma assistência.

— Pensei que você tivesse encerrado suas atividades profissionais.

— Estive doente. Mas a doutora Giannini recorreu a mim para assessorada neste caso.

— Entendo.

Annika Giannini deu uma tossidinha.

— Cabe lembrar, também, que por vários anos Holger Palmgren representou Lisbeth Salander.

— Bem, vamos deixar a conversa de lado — disse o juiz Iversen. Com um sinal de cabeça, indicou que Annika Giannini podia começar.

Ela se levantou. Nunca apreciara o mau hábito sueco de conduzir as audiências num tom informal, todos sentados ao redor de uma mesa intimista, quase como se estivessem num jantar. Sentia-se muito melhor quando podia falar de pé, portanto se levantou.

— Acho que poderíamos começar pelos comentários que encerraram a sessão desta manhã. Senhor Teleborian, por que o senhor desaprova sistematicamente todas as afirmações de Lisbeth Salander?

— Porque está muito claro que elas são falsas — respondeu Peter Teleborian.

Ele estava calmo e relaxado. Annika Giannini meneou a cabeça e se voltou para o juiz Iversen.

— Excelência, Peter Teleborian afirma que Lisbeth Salander está mentindo e fantasiando. A defesa vai demonstrar agora que cada palavra da autobiografia de Lisbeth Salander é verídica. Vamos apresentar provas. Escritas e testemunhais. Nesse estágio do julgamento, o procurador já expôs as linhas gerais de sua argumentação. Nós o ouvimos e agora sabemos no que consistem precisamente as acusações contra Lisbeth Salander.

De repente, Annika Giannini sentiu a boca seca e que sua mão tremia. Respirou fundo e tomou um gole de água mineral. Então segurou com firmeza o encosto da cadeira para que o tremor das mãos não traísse seu nervosismo.

— Da argumentação do procurador, podemos concluir que ele dispõe de uma abundância de opiniões, mas de pouquíssimas provas. Ele acredita que Lisbeth Salander atirou em Carl-Magnus Lundin em Stallarholmen. Ele afirma que ela foi até Gosseberga para matar o pai. Ele supõe que minha cliente sofre de esquizofrenia paranóica e que tem todos os tipos de doenças mentais que se possa imaginar. E ele fundamenta essa suposição nos dados fornecidos por uma única fonte, o doutor Peter Teleborian.

Ela fez uma pausa e acertou sua respiração. Obrigou-se a falar devagar.

— No momento, a situação das provas é tal que a opinião do procurador baseia-se exclusivamente em Peter Teleborian. Se este estiver certo, então está tudo perfeito; nesse caso, seria muito bom que minha cliente pudesse receber a ajuda psiquiátrica adequada conforme o procurador e ele próprio pleiteiam.

Pausa.

— Mas se o doutor Teleborian estiver errado, o caso adquire de imediato outra conotação. Se, além disso, ele estiver mentindo de forma proposital, ficamos numa situação em que minha cliente se vê vítima de abuso do Poder Judiciário, abuso, aliás, que vem ocorrendo há muitos anos. Ela olhou para Ekstrõm.

— Nesta tarde, vamos demonstrar que sua testemunha está errada e que o senhor, como procurador, foi enganado e induzido a aceitar essas falsas conclusões.

Peter Teleborian exibia um sorriso divertido. Afastou as mãos e fez um sinal de cabeça para Annika Giannini, convidando-a a começar. Ela voltou-se novamente para Iversen.

— Excelência, vou demonstrar que a pretensa avaliação psiquiátrica médico-legal do doutor Peter Teleborian foi pura encenação, do começo ao fim. Vou demonstrar que ele está mentindo de modo consciente a respeito de Lisbeth Salander. Vou demonstrar que minha cliente foi vítima de abuso agravado do Poder Judiciário. E vou demonstrar que ela é tão inteligente e sensata como qualquer um de nós aqui presente.

— Me desculpe, mas... — Ekstrõm começou a dizer.

— Um momento. — Ela ergueu um dedo. — Eu o deixei falar sem nenhuma interrupção durante dois dias. Agora é a minha vez.

Virou-se novamente para o juiz Iversen.

— Eu não pronunciaria acusações tão graves num tribunal se não contasse com provas irrefutáveis.

— Por favor, prossiga — disse Iversen. — Mas não quero ouvir falar em grandes conspirações. Tenha em mente que a senhora pode ser processada por difamação, mesmo que seja por declarações feitas perante um tribunal.

— Obrigada. Não vou me esquecer disso.

Virou-se para Teleborian. Ele ainda parecia achar a situação divertida.

— A defesa solicitou várias vezes a consulta ao dossiê de Lisbeth Salander que datava da época em que, ainda adolescente, ela estava internada na sua clínica de Sankt Stefan. Por que não tivemos acesso a esse dossiê?

— Porque o Tribunal de Instâncias declarou que ele era confidencial. A decisão foi tomada para proteger Lisbeth Salander, mas se um tribunal de cassação revisse esse ponto e voltasse atrás, eu evidentemente lhe passaria o dossiê.

— Obrigada. Durante os dois anos que Lisbeth Salander permaneceu em Sankt Stefan, quantas noites ela ficou imobilizada?

— Não me lembro assim de pronto.

— Ela, por sua vez, sustenta que foram trezentas e oitenta noites, das setecentas e oitenta e seis que ela passou na Sankt Stefan.

— Não saberia dizer quantas foram exatamente, mas esse número é um tanto exagerado. De onde foi tirado?

— Da autobiografia dela.

— A senhora está querendo dizer que ela se lembraria com precisão, hoje, de cada uma das noites que passou imobilizada? Impossível.

— Ah, é? Que número o senhor sugere?

— Lisbeth Salander era uma paciente muito agressiva, com tendências à violência, e foi sem dúvida nenhuma necessário colocá-la numa sala de privação sensorial um certo número de vezes. Talvez eu devesse explicar qual a finalidade dessa sala...

— Obrigada, mas não é preciso. Trata-se de uma sala onde um paciente não recebe nenhum estímulo sensorial supostamente passível de perturbá-lo. Quantos dias e quantas noites Lisbeth Salander passou imobilizada numa sala assim quando tinha treze anos?

— Bem... por alto, cerca de trinta vezes durante o período de sua internação.

— Trinta. Isso é uma fração mínima das trezentas e oitenta vezes que ela menciona.

— Sem dúvida.

— Menos de dez por cento do número que ela apresenta.

— Sim.

— O seu dossiê poderia nos informar de modo mais preciso?

— É possível.

— Excelente — disse Annika Giannini, apanhando em sua pasta um volume pesado de papéis. Eu gostaria então de apresentar ao tribunal uma cópia do dossiê da Sankt Stefan sobre Lisbeth Salander. Contei o número de anotações referentes à imobilização e obtive trezentas e oitenta e uma vezes, uma a mais, portanto, do que afirma minha cliente.

Os olhos de Peter Teleborian se arregalaram.

— Espere... são informações confidenciais. Onde conseguiu isso?

— Um jornalista da revista Millennium me passou. Portanto, não é tão confidencial assim se pode andar pelas redações em meio a um monte de outros dossiês. Eu talvez também deva dizer que a revista Millennium está publicando hoje excertos desse dossiê. Me parece que este tribunal deva ter a oportunidade de dar uma olhada nele.

— Isso tudo é ilegal...

— Não. Lisbeth Salander concordou com a publicação dos excertos pois minha cliente não tem nada a esconder.

— Sua cliente é considerada incapaz e não tem o direito de tomar esse tipo de decisão sozinha.

— Daqui a pouco voltaremos à declaração de incapacidade de Lisbeth Salander. Primeiro, vamos examinar o que aconteceu com ela em Sankt Stefan.

O juiz Iversen franziu o cenho e pegou o dossiê que Annika Giannini lhe oferecia.

— Não tirei uma cópia para o procurador Ekstrõm. De qualquer modo, já faz um mês que ele recebeu esses documentos que atentam contra a integridade de minha cliente.

— Como? — perguntou Iversen.

— O procurador Ekstrõm recebeu uma cópia desse dossiê confidencial das mãos do doutor Teleborian no dia 4 de junho deste ano, um sábado, numa reunião realizada em sua sala às dezessete horas.

— Isso é verdade? — perguntou Iversen.

O primeiro impulso de Richard Ekstrõm foi negar. Em seguida se deu conta de que Annika Giannini talvez tivesse provas.

— Pedi para ler partes do dossiê sob sigilo profissional — admitiu Ekstrõm. — Eu precisava conferir se a história da Salander era mesmo como ela declara.

— Obrigada — disse Annika Giannini. — Isso confirma que o doutor Teleborian, além de dizer mentiras, também infringiu a lei entregando um dossiê que ele próprio afirma ser confidencial.

— Registramos o fato — disse Iversen.

O juiz Iversen sentia-se totalmente desperto. De maneira muito inabitual, Annika Giannini acabava de atacar uma testemunha e já reduzira a pó um dado importante de seu depoimento. E ela ainda afirma poder provar tudo o que está dizendo. Iversen ajeitou os óculos.

— Doutor Teleborian, de acordo com esse dossiê criado pessoalmente pelo senhor, pode me dizer, agora, quantas noites Lisbeth Salander passou imobilizada?

— Não me lembro que tenham sido tantas, mas se é o que consta no relatório, então só me resta acreditar.

— Trezentas e oitenta e uma noites. Não é um número impressionante?

— De fato, é muita coisa.

— Como o senhor vivenciaria coisas assim se tivesse treze anos e alguém o deixasse por mais de um ano preso com correias na estrutura metálica de sua cama? Como uma tortura?

— E preciso entender que a paciente representava um perigo para si mesma e para os outros...

— Certo. Um perigo para si mesma. Lisbeth Salander alguma vez feriu a si própria? Sim ou não?

— Era de se temer...

— Repito a pergunta: Lisbeth Salander alguma vez feriu a si própria? Sim ou não?

— Nós, psiquiatras, temos de aprender a interpretar a imagem em seu todo. No que diz respeito a Lisbeth Salander, por exemplo, nota-se que há em seu corpo uma quantidade de tatuagens e piercings que também denotam um comportamento autodestrutivo e uma forma de ferir o próprio corpo. Podemos interpretar isso como uma manifestação de ódio contra si mesma.

Annika Giannini virou-se para Lisbeth Salander.

— Essas tatuagens são uma manifestação do ódio que você tem de si mesma?

Holger Palmgren conteve uma risada, conseguindo transformar o riso numa tossidinha.

— Não, não é isso... as tatuagens também podem fazer parte de um ritual social.

— Então o senhor está querendo dizer que Lisbeth Salander não tem nada a ver com esse ritual social?

— A senhora mesma pode constatar que essas tatuagens são grotescas e cobrem partes amplas do corpo dela. Não se trata de um fetichismo estético comum nem de uma ornamentação do corpo.

— Quantos por cento?

— Como?

— A partir de que percentagem uma superfície tatuada do corpo deixa de ser um fetichismo ligado à estética e passa a ser doença mental?

— A senhora está desvirtuando as minhas palavras.

— É mesmo? Como se explica que, no seu entender, esse seja um ritual social perfeitamente aceitável quando se trata de mim ou de outros jovens, mas se torne uma acusação contra minha cliente quando se trata de avaliar o estado psíquico dela?

— Como eu dizia, enquanto psiquiatra cabe-me observar a imagem em seu todo. As tatuagens são apenas um indício, um dos inúmeros indícios que devo levar em conta ao avaliar seu quadro.

Annika Giannini calou-se por alguns segundos e fitou Peter Teleborian. Falou devagar.

— Mas, doutor Teleborian, o senhor começou a atacar a minha cliente quando ela ainda não tinha completado treze anos. E naquela época não havia tatuagem nenhuma, não é?

Peter Teleborian hesitou por alguns segundos. Annika retomou a palavra.

— Suponho que o senhor não a manteve amarrada por prever que algum dia ela viria se tatuar.

— Não, claro que não. Suas tatuagens não têm nada a ver com seu estado em 1991.

— Voltamos então à minha pergunta inicial. Lisbeth Salander alguma vez feriu a si mesma de uma forma que justificasse ela ser mantida durante um ano imobilizada numa cama? Ela, por exemplo,

se cortou com uma faca ou uma lâmina de barbear, ou algo do gênero?

Por um instante, Peter Teleborian pareceu inseguro.

— Não, mas tínhamos todos os motivos para acreditar que ela constituía um perigo para si mesma.

— Motivos para acreditar. O senhor quer dizer que a deixou amarrada porque supunha alguma coisa...

— Nós fazemos avaliações.

— Faz cinco minutos que eu estou lhe fazendo a mesma pergunta. O senhor afirma que o comportamento autodestrutivo de minha cliente foi um dos motivos pelos quais a manteve imobilizada por mais de um ano, durante os dois anos em que ela esteve sob seus cuidados. O senhor faria a gentileza de me oferecer, afinal, algum exemplo do comportamento autodestrutivo que ela apresentava com doze anos de idade?

— Essa garota estava, por exemplo, absolutamente subnutrida. Isso porque, entre outras coisas, ela se negava a comer. Chegamos a suspeitar que estivesse anoréxica. Fomos obrigados a alimentá-la à força em várias oportunidades.

— E por que motivo?

— Porque ela se negava a comer, claro. Annika Giannini virou-se para sua cliente.

— Lisbeth, é verdade que você se negou a comer na Sankt Stefan?

— É.

— Por quê?

— Porque esse crápula misturava psicotrópicos na minha comida.

— Ahá. Quer dizer que o doutor Teleborian queria lhe dar remédios. E por que você não queria tomá-los?

— Eu não gostava daqueles remédios. Eles me deixavam apática. Eu não conseguia mais pensar e ficava entorpecida boa parte do tempo que passava acordada. Era desagradável. E esse crápula se negava a me dizer o que havia naqueles psicotrópicos.

— Então você se negava a tomá-los?

— Sim. Então eles começaram a colocar aquela porcaria na minha comida. Aí eu parei de comer. Cada vez que aparecia alguma coisa na comida, eu me negava a comer por cinco dias.

— Então você ficava com fome.

— Nem sempre. Várias vezes alguns enfermeiros me deram sanduíches às escondidas. Especialmente um, que me levava alguma coisa para comer tarde da noite. Isso aconteceu diversas vezes.

— Você está dizendo que a equipe da Sankt Stefan percebia que você estava passando fome e lhe dava de comer para você não ficar faminta?

— Isso foi na época em que eu briguei com esse crápula por causa dos psicotrópicos.

— Então havia um motivo perfeitamente racional para que você se recusasse a se alimentar?

— Sim.

— E não era porque você simplesmente recusava os alimentos

— Não. Eu senti fome muitas vezes.

— Está correto afirmar que houve um conflito entre você e o doutor Teleborian?

— Pode-se dizer que sim.

— Você foi internada na Sankt Stefan por ter jogado gasolina no seu pai e ateado fogo.

— É.

— Por que você fez isso?

— Porque ele maltratava a minha mãe.

— Você chegou a contar isso para alguém?

— Sim.

— Para quem?

— Eu contei para os policiais que me interrogaram, para o Serviço Social, para a Comissão para a Infância, para os médicos, para um pastor e para esse crápula.

— Quando diz esse crápula você se refere a...?

— A esse sujeito aí.

Ela apontou para o Dr. Teleborian.

— Por que você o chama de crápula?

— Quando eu cheguei na Sankt Stefan, tentei explicar para ele o que tinha acontecido.

— E o que o doutor Teleborian disse?

— Ele não quis me ouvir. Dizia que eram fantasias minhas. E que, como castigo, eu iria ficar imobilizada até que parasse de fantasiar. Depois ele tentou me entupir de psicotrópicos.

— Isso tudo é um disparate — disse Peter Teleborian.

— E por isso que você não fala com ele?

— Eu jamais dirigi uma única palavra a ele desde a noite em que completei treze anos. Naquela noite eu também estava amarrada. Não falar mais com ele foi um presente de aniversário que eu mesma me dei.

Annika Giannini virou-se mais uma vez para Teleborian.

— Doutor Teleborian, pelo que parece, o motivo pelo qual minha cliente se recusava a comer era não aceitar que o senhor lhe

desse psicotrópicos.

— É possível que ela visse as coisas dessa maneira.

— E como o senhor vê as coisas?

— Eu estava com uma paciente extremamente difícil. Afirmo que seu comportamento já indicava que ela representava um perigo para si mesma embora esse seja um ponto passível de interpretação. Em compensação, ela era violenta e demonstrava um comportamento psicótico. Não há dúvida de que ela representava um perigo para os outros. Não se esqueça de que ela foi mandada para a Sankt Stefan depois de tentar matar o pai.

— Nós vamos chegar lá. O senhor foi o responsável pelo tratamento dela durante dois anos. Manteve-a imobilizada por trezentas e oitenta e uma noites. É lícito supor que o senhor usava a imobilização como castigo, quando minha cliente não obedecia às suas ordens?

— Isso não faz sentido.

— E mesmo? No entanto, no relatório que o senhor fez para a sua paciente reparei que a maioria das imobilizações ocorreu durante o primeiro ano... trezentas e vinte de um total de trezentas e oitenta e uma. Por que as imobilizações cessaram depois?

— O quadro da paciente evoluiu e ela se tornou mais equilibrada.

— Não seria porque a equipe de enfermagem considerava suas medidas brutais e inúteis?

— O que a senhora quer dizer com isso?

— Não seria porque a equipe se queixou, entre outras coisas, da alimentação forçada de Lisbeth Salander?

— É claro que sempre pode haver divergências na maneira de ver as coisas. Isso não é incomum. Mas alimentá-la à força tinha se tornado um fardo porque, em função da violenta resistência dela...

— Porque ela se recusava a tomar psicotrópicos que a deixavam entorpecida e passiva. Ela não tinha nenhum problema em comer quando não estava sob efeito de medicamentos. Não teria sido um tratamento mais razoável não recorrer imediatamente a medidas coercitivas?

— Com todo o respeito, doutora Giannini, acontece que eu sou médico. Suponho que minha competência médica seja superior à sua. Cabe a mim julgar a adequação dos procedimentos médicos a serem adotados.

— E verdade, eu não sou médica, doutor Teleborian. Em compensação, não sou assim tão destituída de competência. Além de advogada, sou também psicóloga formada pela Universidade de Estocolmo. Trata-se de uma competência indispensável à minha profissão de jurista.

Seria possível escutar uma mosca sobrevoando a sala de audiências Ekstrõm e Teleborian fitavam Annika Giannini atônitos. Ela prosseguiu, impiedosa.

— Não é verdade que os seus métodos para tratar minha cliente acabaram por criar sérios conflitos entre o senhor e o seu superior, o médico-chefe daquela época, o doutor Johannes Caldin?

— Não... não é verdade.

— O doutor Caldin faleceu há vários anos e não pode nos prestar seu depoimento. Mas nesta sala de audiências, hoje, está presente uma pessoa que conversou diversas vezes com o doutor Caldin. Refiro-me ao meu assessor, Holger Palmgren.

Ela se virou para ele.

— Você poderia nos esclarecer sobre um aspecto?

Holger Palmgren pigarreou. Ainda se ressentia das seqüelas de seu derrame cerebral e precisava se concentrar para pronunciar as palavras sem gaguejar.

— Fui nomeado administrador legal da Lisbeth depois que sua mãe, em decorrência dos maus-tratos que seu marido lhe inflingia, e que a deixaram deficiente, tornou-se incapaz de cuidar da filha. Ela tinha muitas lesões cerebrais e sofria de repetidas hemorragias.

— Você está falando de Alexander Zalachenko? O procurador Ekstrõm pigarreou mais uma vez.

— Eu gostaria de destacar que estamos entrando num assunto considerado segredo de Estado.

— Não pode ser segredo que Alexander Zalachenko maltratou a mãe de Lisbeth Salander durante vários anos.

Peter Teleborian levantou a mão.

— Os fatos não são tão evidentes como a doutora Giannini apresenta.

— Como assim?

— Não resta dúvida de que Lisbeth Salander foi testemunha de uma tragédia familiar, de que algo desencadeou os inacreditáveis maus-tratos em 1991. Mas não há documentação alguma que prove que essa situação se prolongou por vários anos, como afirma a senhora Giannini. Pode-se tratar de um fato isolado ou de uma briga que degenerou. Verdade seja dita: não existe sequer um documento provando que o senhor Zalachenko era quem maltratava a mãe de Lisbeth. Há informações de que ela se prostituía, e pode haver outros culpados.

Annika Giannini fitou Peter Teleborian surpresa. Durante um instante, deu a impressão de estar sem voz. Então seu olhar se tornou penetrante.

— O senhor poderia explicar melhor? — pediu.

— O que eu quero dizer é que, na prática, só temos as afirmações de Lisbeth para nos basear.

— E?

— Em primeiro lugar, eram duas irmãs. Camilla, a irmã de Lisbeth, nunca fez acusações desse tipo. Negou que essas coisas tivessem acontecido. Além disso, é preciso levar em conta que se tivesse mesmo havido maus-tratos durante todo esse período mencionado por sua cliente, eles teriam, obviamente, sido averiguados pelo Serviço Social.

— Existe algum depoimento de Camilla Salander que possamos consultar?

— Depoimento?

— O senhor tem algum documento que prove que perguntaram a Camilla Salander sobre o que se passava na casa delas?

Lisbeth Salander se remexeu na cadeira quando foi pronunciado o nome da irmã. Ela olhou para Annika Giannini.

— Estou pressupondo que o Serviço Social tenha feito alguma investigação...

— O senhor acabou de afirmar que Camilla Salander nunca fez nenhuma acusação contra Alexander Zalachenko e que, pelo contrário, ela negou que ele maltratasse a mãe dela. A sua declaração foi categórica. De onde o senhor tirou essa informação?

Peter Teleborian permaneceu calado por alguns segundos. Annika Giannini viu seu olhar se alterar quando se deu conta de que cometera um erro. Percebeu por onde ela ia enveredar, mas não tinha mais como escapar da pergunta.

— Tenho impressão de que constava na investigação policial - ele disse por fim.

— O senhor tem a impressão... Quanto a mim, procurei por toda parte uma investigação policial sobre os acontecimentos na Lundagatan, quando Alexander Zalachenko foi gravemente queimado. Só encontrei uns poucos relatórios redigidos pelos policiais enviados ao local.

— É possível...

— Então eu gostaria de saber como é possível o senhor ter lido um relatório policial que não estava disponível para a defesa.

— Não saberia responder a essa pergunta — disse Teleborian. — Tive a oportunidade de consultar esse relatório quando, em 1991, efetuei uma avaliação médico-legal de Lisbeth Salander depois que ela tentou matar o pai.

— E o senhor, procurador Ekstrõm, teve oportunidade de ler esse relatório?

Ekstrõm se remexeu na cadeira e acariciou o cavanhaque. Já percebera que havia subestimado Annika Giannini. Por outro lado, não tinha por que mentir.

— Sim, tive.

— Por que a defesa não teve acesso a esse material?

— Não achei que fosse relevante para o processo.

— O senhor pode me dizer como conseguiu ter acesso a esse relatório? Todas as vezes que me dirigi à polícia, me disseram que esse relatório não existia.

— A investigação foi conduzida pela Sapo. É um relatório confidencial.

— Quer dizer então que a Sapo investigou um caso de maus-tratos agravados contra uma mulher e decidiu arquivá-lo como segredo de Estado?

— Devido ao autor... Alexander Zalachenko. Ele era um refugiado político.

— Quem conduziu a investigação? Silêncio.

— Não ouvi. Qual o nome que constava na primeira página?

— A Investigação foi conduzida por Gunnar Bjôrck, da Brigada dos Estrangeiros da Sapo.

— Obrigada. Será o mesmo Gunnar Bjôrck que, segundo afirma minha cliente, colaborou com o doutor Peter Teleborian para falsificar o relatório médico-legal de 1991 sobre ela?

— Imagino que sim.

Annika Giannini dirigiu sua atenção a Peter Teleborian.

— Em 1991, um Tribunal de Instâncias decidiu internar Lisbeth Salander numa clínica de psiquiatria infantil. O tribunal tomou essa decisão por quê?

— O Tribunal de Instâncias fez uma avaliação cuidadosa dos atos e do estado psíquico de sua cliente; afinal ela tinha tentado matar o pai com um coquetel Molotov. Essa não é uma atitude comum nos adolescentes normais, sejam eles tatuados ou não.

Peter Teleborian sorriu educadamente.

— E em que o Tribunal de Instâncias se baseou nessa avaliação? Pelo que entendi, eles tinham um único parecer médico no qual se orientar. Esse parecer foi redigido pelo senhor e por um policial chamado Gunnar Bjõrck.

— Doutora Giannini, agora entramos com tudo nas teorias da conspiração apresentadas pela senhorita Salander. Nesse ponto, devo...

— Me desculpe, não se preocupe, mas eu não vou me perder — disse Annika Giannini dirigindo-se a Holger Palmgren. — Holger, acabamos de dizer que você esteve com o superior do doutor Teleborian, o médico-chefe Caldin.

— Sim. Eu tinha sido nomeado administrador legal de Lisbeth Salander. Eu ainda não havia estado com ela, mas tínhamos nos cruzado. Como todo mundo, eu acreditava que ela estivesse gravemente afetada no plano psíquico. No entanto, como se tratava da minha tarefa, procurei me informar sobre seu estado geral de saúde.

— E o que disse o médico-chefe Caldin?

— Ela era paciente do doutor Teleborian, e o doutor Caldin não prestara muita atenção nela, além da atenção de praxe que lhe dispensava na hora das avaliações. Somente mais de um ano depois é que comecei a conversar sobre alguma forma possível de reintegrá-la à sociedade. Propus uma família adotiva. Não sei exatamente o que se passou entre as quatro paredes da clínica Sankt Stefan, mas, em dado momento, quando Lisbeth já estava lá havia mais de um ano, o doutor Caldin começou a se interessar por ela.

— De que modo se manifestou esse interesse?

— Tive a sensação de que ele havia feito uma avaliação diferente daquela do doutor Teleborian. Certo dia, ele me disse que decidira fazer algumas mudanças no tratamento. Só mais tarde vim a entender que se tratava da imobilização. O Caldin simplesmente resolveu que ela não seria mais amarrada. Dizia que nada justificava esse procedimento.

— Contrariando a opinião do doutor Teleborian?

— Desculpem, mas tudo isso não passa de falatório — protestou Eks-trõm.

— Não — disse Holger Palmgren. — Não só. Eu solicitei a opinião do doutor Caldin sobre diferentes formas de reintegrar Lisbeth Salander na sociedade. Ele me deu essa opinião por escrito. Ainda está comigo.

Ele estendeu uma folha de papel para Annika Gianníni.

— Pode nos dizer o que está escrito?

— Trata-se de uma carta que o doutor Caldin me escreveu. E de outubro de 1992, ou seja, fazia vinte meses que Lisbeth se encontrava em Sankt Stefan. Citando o que escreveu o doutor Caldin: "Minha decisão de que a paciente não fosse mantida imobilizada nem alimentada à força também obteve o notável resultado de que ela está calma. Os psicotrópicos não são necessários. Contudo, a paciente é extremamente fechada e pouco

comunicativa, precisa de um acompanhamento regular". Fim da citação.

— Portanto, ele deixa claro que a decisão partiu dele.

— Exato. Foi também o doutor Caldin quem decidiu que Lisbeth seria reinserida na sociedade através de uma família adotiva.

Lisbeth fez um gesto de assentimento com a cabeça. Lembrava-se do Dr. Caldin, assim como se lembrava, nos mínimos detalhes, de sua estada na clínica Sankt Stefan. Ela se recusara a falar com o Dr. Caldin, ele era um médico de loucos, mais um entre todos aqueles jalecos brancos que iam vasculhar seus sentimentos. Mas ele fora gentil e complacente. Ela o escutara em sua sala, quando ele tinha lhe explicado de que modo a via.

Ele parecera magoado por Lisbeth não querer falar com ele. Por fim, ela olhara dentro de seus olhos e lhe revelara sua decisão. "Nunca vou falar nem com você nem com nenhum outro psiquiatra. Vocês não escutam o que eu digo. Podem me deixar trancada aqui pelo resto da vida. Isso não vai mudar nada. Não vou falar com vocês". Ele a fitara com olhos surpresos. Então meneara a cabeça como se acabasse de entender alguma coisa.

— Doutor Teleborian... Constatei que foi o senhor quem mandou internar a Lisbeth Salander numa clínica de psiquiatria infantil. Foi o senhor quem forneceu ao Tribunal de Instâncias o relatório que veio a ser a única base do julgamento. Correto?

— Sim, está correto, mas eu acho...

— O senhor terá muito tempo para dizer o que acha. Quando Lisbeth Salander chegou à maioridade, o senhor interveio novamente na vida dela e tentou fazer com que ela fosse internada uma segunda vez.

— Dessa vez não fui eu quem fez a avaliação médico-legal...

— Não, ela foi feita por um certo doutor Jesper H. Lõderman. Por coincidência, na época ele fazia doutorado sob sua orientação.

Logo, também nesse caso foram as suas opiniões que prevaleceram.

— Não há nada de errado ou antiético nessas avaliações. Elas foram realizadas dentro das regras.

— Hoje Lisbeth Salander tem vinte e sete anos e, pela terceira vez, nos vemos numa situação em que o senhor tenta convencer um tribunal de que ela é uma doente mental e que deve ser internada numa instituição.

O Dr. Peter Teleborian respirou fundo. Annika Giannini estava bem preparada. Ela o surpreendera com algumas perguntas maliciosas que o tinham obrigado a alterar suas respostas. Ela não era receptiva ao seu charme e ignorava totalmente sua autoridade. Ele era um homem acostumado a que as pessoas concordassem quando ele falava.

O que ela sabe, afinal?

Lançou um olhar para o procurador Ekstrõm, mas percebeu que não podia esperar nenhuma ajuda dele. Teria que se sair dessa sozinho.

Lembrou-se que, apesar de tudo, era uma autoridade muito respeitada.

Não importa o que ela diga. A minha avaliação fala mais alto.

Annika Giannini pegou na mesa o relatório da avaliação psiquiátrica feita por Teleborian.

— Vamos examinar mais de perto sua última avaliação. O senhor se dedica bastante a analisar a vida espiritual de Lisbeth Salander. Boa parte são interpretações que o senhor faz sobre ela, sobre seu comportamento e seus hábitos sexuais.

— Nessa investigação, procurei oferecer uma imagem completa.

— Ótimo. E partindo dessa imagem completa o senhor conclui que Lisbeth Salander sofre de esquizofrenia paranóica.

— Prefiro não me prender a um diagnóstico preciso.

— Mas o senhor não chegou a essa conclusão conversando com Lisbeth Salander, não é?

— A senhora sabe muito bem que sua cliente nega-se sistematicamente a responder às perguntas feitas por mim ou por qualquer outra autoridade. Só esse comportamento já é bem eloqüente. Uma possível interpretação é que as tendências paranóides da paciente se manifestam de forma tão forte que ela se vê literalmente incapaz de manter uma conversação com qualquer pessoa que represente uma autoridade. Ela acha que todo mundo está tentando prejudicá-la e sente-se tão ameaçada que se fecha atrás de uma couraça impenetrável, ficando literalmente muda.

— Observo que o senhor se expressa com muita cautela. O senhor disse "uma possível interpretação"...

— De fato. Eu me expresso com cautela. A psiquiatria não é uma ciência exata e é meu dever ser cauteloso nas minhas conclusões. Acontece também que nós, psiquiatras, não apresentamos suposições levianas.

— O senhor toma cuidado para se proteger. Na verdade, o senhor não trocou uma palavra sequer com a minha cliente desde a noite em que ela completou treze anos, já que depois disso ela se negou sistematicamente a falar com o senhor.

— Não só comigo. Ela não tem condições de manter uma conversa com um psiquiatra, seja ele quem for.

— Isso significa que, como escreveu aqui, suas conclusões se baseiam na sua experiência e nas suas observações sobre minha cliente.

— Exato.

— O que é possível descobrir observando uma garota que fica sentada de braços cruzados numa cadeira e se nega a falar?

Peter Teleborian suspirou, querendo mostrar o quanto era cansativo ter de explicar o óbvio. Sorriu.

— Sobre um paciente que não diz uma só palavra, é possível descobrir que ele é um paciente que faz isso muito bem: não dizer uma só palavra. O que em si já representa um comportamento perturbado, mas não foi nisso que baseei minhas conclusões.

— Vou chamar aqui, esta tarde, outro psiquiatra para testemunhar. Seu nome é Svante Brandén, e ele é médico-chefe da supervisão de Medicina Legal e especialista em psiquiatria infantil. O senhor o conhece?

Peter Teleborian sentiu-se mais tranqüilo. Sorriu. Ele de fato previra que Giannini ia tirar outro psiquiatra da cartola para tentar questionar suas conclusões. Tinha se preparado para essa situação e saberia enfrentar qualquer objeção, palavra por palavra. Seria mais simples administrar um colega universitário numa discussão amistosa do que uma pessoa como essa Giannini, que não tinha nenhuma ponderação e estava pronta para distorcer suas palavras e ironizá-las.

— Conheço. É um psiquiatra competente e respeitado da área de medicina legal. Mas perceba, doutora Giannini, que uma avaliação desse tipo é um processo acadêmico e científico. A senhora pode discordar das minhas conclusões e outro psiquiatra pode interpretar comportamentos ou algum fato de maneira distinta da minha. Trata-se então de diferentes formas de enxergar as coisas, ou talvez até do conhecimento que o médico tem de seu paciente. O doutor Brandén talvez chegue a uma conclusão muito diferente no caso de Lisbeth Salander. Isso é comum na psiquiatria.

— Não é por isso que o chamei. Ele nunca esteve com Lisbeth Salander nem a examinou, portanto não vai dar nenhuma opinião sobre o estado psíquico dela.

— Ah,é?...

— Eu pedi que ele lesse o seu relatório e toda a documentação redigida pelo senhor sobre Lisbeth Salander, e desse uma olhada no

dossiê dos anos que ela passou na clínica Sankt Stefan. Pedi que ele avaliasse não o estado de saúde da minha cliente, mas se existe, de um ponto de vista técnico, uma base sólida para as suas conclusões tal como são apresentadas no seu parecer.

Peter Teleborian deu de ombros.

— Com todo o respeito... acho que eu conheço melhor a Lisbeth Salander do que qualquer psiquiatra deste país. Acompanhei sua evolução desde que ela tinha doze anos e, infelizmente, só constato que o comportamento dela sempre confirmou minhas conclusões.

— Tanto melhor — disse Annika Giannini. — Vamos ver então suas conclusões. Nos seus relatórios, o senhor diz que o tratamento foi interrompido quando ela tinha quinze anos e que em seguida ela foi encaminhada para uma família adotiva.

— Exato. Um grande erro, aliás. Se tivéssemos continuado o tratamento até o fim, talvez não estivéssemos aqui hoje.

— O senhor está querendo dizer que se tivesse tido a possibilidade de mantê-la imobilizada por mais um ano ela talvez fosse mais dócil?

— Esse comentário é um tanto gratuito.

— Queira me desculpar. O senhor cita repetidamente a avaliação realizada por seu aluno Jesper H. Lõderman pouco antes da maioridade da Lis-beth Salander. Diz que "seu comportamento autodestrutivo e antissocial é confirmado pelos excessos e pela libertinagem que ela exibe desde que teve alta da Sankt Stefan". A que o senhor se refere?

Peter Teleborian se manteve em silêncio por alguns segundos.

— Bem... preciso voltar um pouco no tempo. Depois que saiu da clínica Sankt Stefan, Lisbeth Salander teve, como eu havia previsto, problemas com excesso de álcool e drogas. Foi detida várias vezes pela polícia. Uma investigação do Serviço Social apontou que ela mantinha relações sexuais compulsivas com

homens mais velhos e que provavelmente se entregasse à prostituição.

— Vamos tentar esclarecer esse ponto. O senhor diz que ela se tornou alcoólatra. Com que freqüência ela se embriagava?

— Como?

— Ela ficava bêbada todos os dias depois que recebeu alta até completar dezoito anos? Ficava bêbada uma vez por semana?

— Isso eu evidentemente não posso responder.

— Mesmo assim o senhor concluiu que ela abusava do álcool?

— Ela era menor de idade e tinha sido detida várias vezes pela polícia por embriaguez.

— E a segunda vez que o senhor usa a expressão "detida várias vezes. Isso significa com que freqüência? Uma vez por semana, uma vez a cada duas semanas...?

— Não, não era tão freqüente...

— Lisbeth Salander foi detida por embriaguez na via pública apenas duas vezes, quando tinha dezesseis anos e depois com dezessete anos. Numa dessas ocasiões, estava tão bêbada que foi mandada para o hospital. São essas então as várias vezes de que o senhor fala. Sabe de alguma outra ocasião em que ela tenha estado embriagada?

— Não, mas é de se temer que o comportamento dela...

— Desculpe, será que eu ouvi direito? Então o senhor não sabe se ela se embriagou mais que duas vezes na adolescência, mas teme que tenha sido esse o caso. Ainda assim, declara que Lisbeth Salander embarcou num círculo infernal de álcool e drogas?

— Cabe ao Serviço Social cuidar dessa parte. Não a mim. Tratava-se do estado geral de Lisbeth Salander. Como era esperado, e conforme o prognóstico pessimista oferecido após a interrupção do tratamento, toda a sua vida se transformou num

círculo de álcool, intervenções policiais e libertinagem descontrolada.

— O senhor usa a expressão "libertinagem descontrolada".

— Sim... é um termo que significa que ela não tinha controle sobre sua própria vida. Mantinha relações sexuais com homens bem mais velhos.

— Isso não é contra a lei.

— É verdade, mas não é um comportamento normal numa garota de dezesseis anos. Cabe nos perguntar se ela participava disso por livre e espontânea vontade ou se sofria algum tipo de pressão.

— Mas o senhor afirmou que ela se prostituía.

— Talvez como uma decorrência natural de sua formação precária, de sua incapacidade de acompanhar o ensino escolar e concluir seus estudos e do conseqüente desemprego. Ela talvez enxergasse um pai nos homens mais velhos, com o bônus da compensação financeira por seus serviços sexuais. Seja como for, isso para mim revela um comportamento neurótico.

— O senhor está querendo dizer que uma garota de dezesseis anos que faz amor é uma neurótica?

— A senhora está desvirtuando as minhas palavras.

— Mas o senhor não sabe se alguma vez ela foi remunerada em troca de serviços sexuais?

— Ela nunca foi detida por prostituição.

— O que dificilmente poderia acontecer, já que a prostituição não é proibida por lei.

— Hã, de fato. No caso de Lisbeth Salander, trata-se de um comportamento neurótico compulsivo.

— E com base nesse escasso material o senhor não hesitou em concluir que Lisbeth Salander é uma doente mental. Quando eu

tinha dezesseis anos tomei um porre de rolar no chão com meia garrafa de vodca que eu tinha roubado do meu pai. O senhor diria que eu sou uma doente mental?

— Não, é evidente que não.

— E verdade que o senhor mesmo, quando tinha dezessete anos, participou de uma festa em que se embebedou a ponto de sair com um bando para quebrar vitrines no centro de Uppsala? O senhor foi detido pela polícia e colocado na cela de desembebedamento e ainda ganhou uma multa.

Peter Teleborian pareceu estupefato.

— E verdade?

— Sim... a gente faz tanta bobagem quando tem dezessete anos. Mas...

— Mas isso não o levou a concluir que o senhor sofria de uma grave doença psíquica?

Peter Teleborian estava irritado. Aquela maldita advogada não parava de desvirtuar suas palavras e se concentrava em detalhes específicos. Ela se recusava a ver o todo. E, totalmente fora de propósito, alardeava a quem quisesse ouvir que ele próprio um dia se embebedara... como ela conseguiu descobrir?

Ele deu uma tossidinha e ergueu a voz.

— Os relatórios do Serviço Social eram inequívocos e confirmavam, em todos os aspectos essenciais, que Lisbeth Salander levava uma vida dedicada ao álcool, às drogas e à libertinagem. O Serviço Social concluiu ainda que Lisbeth Salander se prostituía.

— Não. O Serviço Social jamais afirmou que ela se prostituía.

— Ela foi presa em...

— Não. Ela não foi presa. Ela foi interpelada no parque de Tantolun-den quaYido tinha dezessete anos e estava acompanhada

por um homem muito mais velho. No mesmo ano, ela foi pega embriagada, também na companhia de um homem muito mais velho. O Serviço Social talvez receasse que ela estivesse se prostituindo. Mas nunca houve qualquer prova que confirmasse isso.

— A vida sexual dela era muito intensa e ela mantinha relações com um número grande de pessoas, tanto homens como mulheres.

— No seu relatório, e cito aqui a página 4, o senhor se detém nos hábitos sexuais de Lisbeth Salander. Afirma que o relacionamento com sua amiga Miriam Wu confirma suas suspeitas de uma psicopatia sexual. Poderia explicar isso melhor?

Peter Teleborian calou-se de repente.

— Espero sinceramente que o senhor não tenha a intenção de afirmar que a homossexualidade é uma doença. Declarações desse tipo podem acarretar um processo.

— Não, é claro que não. Quero falar nos toques de sadismo sexual presentes no relacionamento delas.

— O senhor está querendo dizer que ela é sádica?

— Eu...

— Tivemos acesso ao depoimento prestado por Miriam Wu à polícia. Não havia nenhum tipo de violência no relacionamento delas.

— Elas praticavam bondage, sadomasoquismo e...

— Prefiro pensar que o senhor leu tabloides demais. Lisbeth Salander e sua amiga Miriam Wu experimentaram vez ou outra jogos eróticos em que Miriam Wu amarrava minha cliente e lhe oferecia satisfação sexual. Isso não chega a ser incomum, e não é proibido. É por esse motivo que o senhor quer internar a minha cliente?

Peter Teleborian abanou a mão para negar.

— Permita-me fazer algumas confidencias. Quando eu tinha dezesseis anos, me embriaguei até dizer chega. Me embebedei várias vezes durante meus anos de colégio. Experimentei drogas. Fumei maconha e até experimentei cocaína uma vez há uns vinte anos. Me iniciei sexualmente aos quinze anos com um colega da minha classe, e tinha uns vinte anos quando me relacionei com um garoto que amarrava minhas mãos na cabeceira da cama. Tinha vinte e dois anos quando mantive, por vários meses, um relacionamento com um homem de quarenta e sete anos. Em outras palavras, eu sou uma doente mental?

— Doutora Giannini... a senhora está apelando para a ironia, mas as suas experiências sexuais não têm nada a ver com o presente caso.

— E por que não? Lendo a sua suposta avaliação de Lisbeth Salander deparo com muitos aspectos que, extraídos do contexto, poderiam ser aplicados a mim mesma. Por que é que eu sou sã de espírito, ao passo que Lisbeth Salander é uma sádica perigosa?

— Não são os detalhes que determinam isso. A senhora não tentou matar seu pai duas vezes...

— Doutor Teleborian, a verdade é que os parceiros sexuais da Lisbeth não dizem respeito a ninguém. O sexo dos parceiros dela não diz respeito ao senhor, nem de que modo ela leva sua vida sexual. No entanto, o senhor vasculha detalhes da vida dela e se serve deles para sustentar a tese de que ela é uma doente mental.

— Desde a escola primária, toda a vida da Lisbeth não passa de uma série de ocorrências registradas nos arquivos médicos e sociais, mostrando violentos acessos de raiva contra professores e colegas.

— Um momento...

A voz de Annika Giannini de repente soou como um raspador de gelo no pára-brisa congelado de um carro.

— Olhe para a minha cliente. Todos olharam para Lisbeth Salander.

— Ela cresceu numa condição familiar execrável, vendo seu pai, por anos e anos, infligir maus-tratos violentos e sistemáticos à sua mãe.

— É...

— Deixe eu terminar. A mãe de Lisbeth Salander tinha um verdadeiro terror por Alexander Zalachenko. Não se atrevia a protestar. Não se atrevia a procurar um médico. Não se atrevia a procurar o sos-Mulheres. Foi massacrada e, por fim, tão seriamente espancada que ficou com lesões cerebrais permanentes. A pessoa responsável pela família, a única pessoa que tentou assumir a responsabilidade da família antes mesmo de chegar à adolescência, foi Lisbeth Salander. Uma responsabilidade que ela foi obrigada a assumir sozinha porque o espião Zalachenko era mais importante que a mãe de Lisbeth.

— Eu não posso...

— E aqui estamos nós, confrontados com uma situação em que a sociedade abandonou a mãe de Lisbeth e suas filhas. O senhor se surpreende que Lisbeth tenha tido problemas na escola? Olhe só para ela. Ela é magra e miudinha. Sempre foi a menina mais baixinha da classe. Era fechada e diferente e não tinha amigas. O senhor sabe como as crianças costumam tratar aquelas que são diferentes do resto da turma?

Peter Teleborian assentiu com a cabeça.

— Eu posso rever os dossiês escolares e anotar, uma por uma, as situações em que Lisbeth se mostrou violenta — disse Annika Giannini. — Sempre havia antes alguma provocação. Reconheço aí, perfeitamente, os sinais da perseguição. Posso lhe dizer uma coisa?

— O quê?

— Eu admiro Lisbeth Salander. Ela tem mais fibra do que eu. Se tivessem me amarrado com correias quando eu tinha treze anos,

é provável que eu tivesse desabado completamente. Ela revidou com a única arma de que dispunha. Em outras palavras, com seu desprezo pelo senhor.

A voz de Annika Giannini se inflamou de repente. Há muito seu nervosismo tinha se dissipado. Sentia que estava no controle.

— Um pouco antes, em seu testemunho, o senhor falou muito em fantasias, chegando a afirmar que a descrição do estupro que Lisbeth sofreu do doutor Bjurman era pura invenção.

— Exato.

— Essa conclusão do senhor se baseia em quê?

— Na minha experiência no hábito que ela tem de fantasiar.

— Na sua experiência no hábito que ela tem de fantasiar... Como o senhor pode ter certeza de que ela fantasia? Quando ela contou ter sido imobilizada por trezentas e oitenta noites, o senhor disse que isso era uma fantasia dela, embora seu próprio relatório demonstre que é verdade.

— Trata-se de algo bem diferente. Não existe a menor sombra de prova de que o Bjurman tenha estuprado Lisbeth Salander. Quero dizer, alfinetes espetados no mamilo e violências tão excessivas que ela sem dúvida deveria ter sido levada de ambulância para o hospital... É muito claro que esses fatos não podem ter ocorrido.

Annika Giannini dirigiu-se ao juiz Iversen.

— Eu havia solicitado um videoprojetor para mostrar um DVD...

— Já está disponível — disse Iversen.

— Podemos fechar as cortinas?

Annika Giannini abriu seu PowerBook e conectou os fios. Virou-se para sua cliente.

— Lisbeth. Nós vamos assistir a um filme. Você está preparada para isso?

— Eu já vivi esse filme — respondeu Lisbeth secamente.

— E tenho sua autorização para mostrá-lo?

Lisbeth disse que sim com a cabeça. Manteve o tempo todo o olhar fixo em Peter Teleborian.

— Você poderia nos dizer quando este filme foi feito?

— No dia 7 de março de 2003.

— Quem filmou?

— Eu. Usei uma câmera oculta, que integra o equipamento-padrão da Milton Security.

— Um momento — exclamou o procurador Ekstrõm. — Isso está começando a parecer um verdadeiro circo.

— O que vamos assistir? — perguntou o juiz Iversen com voz cortante.

— Peter Teleborian sustenta que o relato de Lisbeth Salander é pura invenção. Vou lhe provar que é verídico, palavra por palavra. O filme tem noventa minutos, vou mostrar apenas alguns trechos. Devo alertar que contém cenas desagradáveis.

— Trata-se de alguma espécie de armação? — perguntou Ekstrõm.

— Só há uma maneira de saber — disse Annika Giannini, e deu início à projeção.

— Você não sabe ver as horas? — cumprimentou Bjurman com raiva. A câmera penetrou no seu apartamento.

Passados nove minutos, o juiz Iversen bateu na mesa com o martelo, no exato instante em que o dr. Bjurman era imortalizado tentando enfiar um pênis artificial no ânus de Lisbeth Salander. Annika Giannini regulara o som num volume mais alto. Os gritos de Lisbeth abafados pela fita adesiva que lhe cobria a boca ressoavam na sala de audiências.

— Pare o filme — disse Iversen com voz forte e determinada. Annika Giannini apertou o stop. A luz da sala foi acesa. O juiz Iversen estava vermelho. O procurador Ekstrõm, petrificado. Peter Teleborian, lívido.

— Doutora Giannini, quanto tempo a senhora disse que durava esse filme? — perguntou o juiz Iversen.

— Noventa minutos. O estupro propriamente dito se dividiu em várias partes durante cerca de seis horas, mas minha cliente só guarda uma vaga lembrança da violência das últimas horas. — Annika Giannini virou-se então para Teleborian. — Em compensação, vemos a cena em que o Bjurman fura o mamilo da minha cliente com um alfinete, isso que o doutor Teleborian afirma ser uma manifestação da imaginação desenfreada de Lisbeth Salander. Isso se dá aos setenta e dois minutos, e proponho exibir o episódio aqui e agora.

— Obrigado, mas não será necessário — disse Iversen. — Senhorita Salander...

Por um momento, ele perdeu o fio da meada e não soube como prosseguir.

— Senhorita Salander, por que fez esse filme?

— O Bjurman já tinha me violentado uma vez e estava exigindo mais. Na primeira vez, fui forçada a chupar aquele velho nojento. Achei que ele ia repetir a dose e queria ter provas suficientes para poder chantagear o velho e mantê-lo bem longe de mim. Mas eu o subestimei.

— Mas por que não o denunciou por estupro agravado, já que tinha provas... tão contundentes?

— Eu não falo com policiais — disse Lisbeth Salander em tom monocórdio.

Então, de repente, Holger Palmgren se levantou da cadeira de rodas. Apoiou-se na beira da mesa. Sua voz estava muito clara.

— Por princípio, nossa cliente não fala com policiais e com qualquer pessoa investida de alguma autoridade, muito menos com psiquiatras. O motivo é muito simples. Desde criança, ela tentou o tempo todo contar à polícia, aos assistentes sociais e às autoridades que sua mãe era violentamente agredida por Alexandre Zalachenko. Todas as vezes, ela é que foi punida, porque os funcionários do Estado tinham resolvido que Zalachenko era mais importante que Salander.

Ele pigarreou e prosseguiu.

— Quando ela acabou se dando conta de que ninguém lhe daria ouvidos, a única saída foi tentar salvar a mãe sendo violenta com Zalachenko E aí esse canalha que se diz médico — ele apontou para Teleborian — redigiu um diagnóstico psiquiátrico falsificado, declarando-a doente mental, o que lhe permitiu manter Lisbeth imobilizada na Sankt Stefan por trezentas e oitenta noites. Que merda! E o que eu tenho a dizer.

Palmgren se sentou. Iversen parecia surpreso com a explosão de Palm-gren. Dirigiu-se a Lisbeth Salander.

— A senhorita talvez queira fazer uma pausa...

— Por quê? — perguntou Lisbeth.

— Bem, então vamos continuar. Doutora Giannini, esse vídeo vai ser examinado, vou pedir uma avaliação técnica sobre a autenticidade dele. Por enquanto vamos dar seguimento à audiência.

— Naturalmente. Eu também acho isso muito desagradável. Mas a verdade é que minha cliente foi vítima de abusos físicos, psíquicos e judiciários. E a pessoa responsável por essa situação deplorável é Peter Teleborian. Ele traiu seu juramento de médico e traiu sua paciente. Junto com Gunnar Bjõrck, colaborador de um grupo irregular dentro da Polícia de Segurança, ele forjou uma avaliação psiquiátrica com o objetivo de trancafiar uma testemunha incômoda. Acho que deve ser um caso único na história jurídica da Suécia.

— Essas acusações são inacreditáveis — disse Peter Teleborian. — Eu procurei ajudar Lisbeth Salander da melhor maneira possível. Ela tentou matar o pai. Era evidente que havia algo errado...

Annika Giannini o interrompeu.

— Eu agora gostaria de chamar a atenção do tribunal para outras avaliações psiquiátricas médico-legais da minha cliente realizadas pelo doutor Teleborian. A avaliação mencionada hoje, nesta audiência. Afirmo que ela é falsa, tão falsa quanto a de 1991.

— Mas afinal, isso é...

— Excelência, poderia pedir à testemunha que pare de me interromper?

— Senhor Teleborian...

— Eu vou me calar. Mas são acusações inconcebíveis. É natural que eu me insurja...

— Senhor Teleborian, fique calado até que lhe façam uma pergunta. Prossiga, doutora Giannini.

— Aqui está o relatório de psiquiatria legal que o doutor Teleborian apresentou a este tribunal. Baseia-se em supostas observações da minha cliente, que teriam ocorrido após sua transferência para a casa de detenção de Kronoberg, em 6 de junho, e se estendido até o dia 5 de julho.

— Foi o que entendi — disse o juiz Iversen.

— Doutor Teleborian, é verdade que o senhor não teve a oportunidade de realizar testes ou observações com minha cliente antes do dia 6 de junho? Antes disso, sabemos que ela se encontrava isolada num quarto do hospital Sahlgrenska.

— Sim — disse Teleborian.

— Por duas vezes o senhor tentou ter acesso à minha cliente no Sahlgrenska. Nas duas vezes, esse acesso lhe foi negado.

Correto?

— Sim.

Annika Giannini abriu novamente sua pasta e dela tirou um documento. Contornou a mesa e o entregou ao juiz Iversen.

— Bem, certo — disse Iversen. — É uma cópia da avaliação do doutor Teleborian. O que isso pretende provar?

— Eu gostaria de chamar duas testemunhas que estão aguardando do lado de fora da sala.

— Quem são elas?

— Mikael Blomkvist, da revista Millennium, e o delegado Torsten Edk-linth, diretor da Proteção à Constituição da Polícia de Segurança, ou seja, da Sapo.

— E eles estão esperando lá fora?

— Sim.

— Faça-os entrar — disse o juiz Iversen.

— Isso é contra as regras — reclamou o procurador Ekstrõm, que fazia algum tempo estava calado.

Quase em estado de choque, Ekstrõm se deu conta de que Annika Giannini estava reduzindo a pó sua principal testemunha. O filme era arrasador.

Iversen ignorou Ekstrõm e fez sinal ao meirinho para que abrisse a porta Mikael Blomkvist e Torsten Edklinth entraram.

— Em primeiro lugar, gostaria de chamar Mikael Blomkvist.

— Eu pediria a Peter Teleborian que se retirasse por um instante.

— Já terminou comigo? — perguntou Teleborian.

— Não, longe disso — disse Annika Giannini.

Mikael Blomkvist tomou o lugar de Teleborian no banco das testemunhas. O juiz Iversen passou rapidamente pelas formalidades e Mikael jurou falar apenas a verdade.

Annika Giannini se aproximou de Iversen e pediu emprestado, por um momento, o relatório psiquiátrico médico-legal que acabara de lhe entregar. Estendeu a cópia para Mikael.

— Você já viu este documento?

— Já vi, sim. Tenho três versões dele. Obtive a primeira por volta de 12 de maio, a segunda em 19 de maio e a terceira — esta, portanto — em 3 de junho.

— Poderia nos dizer como essa cópia chegou às suas mãos?

— Eu a obtive, na condição de jornalista, de uma fonte que não pretendo revelar.

Lisbeth Salander tinha os olhos grudados em Peter Teleborian. De repente, ele ficou lívido.

— O que você fez com esse relatório?

— Entreguei a Torsten Edklinth, da Proteção à Constituição.

— Obrigada, Mikael. Vou chamar agora Torsten Edklinth — disse Annika Giannini pegando de volta o relatório. Ela o entregou a Iversen, que o segurou, pensativo.

Repetiu-se a formalidade do juramento.

— Delegado Edklinth, é verdade que o senhor recebeu de Mikael Blomkvist um relatório médico-legal sobre Lisbeth Salander?

— Sim.

— Quando foi isso?

— Está registrado na DGPN/Sâpo em 4 de junho.

— E trata-se da mesma avaliação que acabo de entregar ao juiz Iversen?

— Se a minha assinatura está no verso do relatório, trata-se da mesma avaliação.

Iversen virou o documento e constatou que havia a assinatura de Torsten no verso.

— Delegado Edklinth, poderia nos explicar como é possível o senhor ter recebido uma avaliação psiquiátrica médico-legal de uma pessoa que se encontrava isolada no hospital Sahlgrenska?

— Sim.

— Pode falar.

— A avaliação médico-legal de Peter Teleborian é uma falsificação que ele redigiu junto com um tal de Jonas Sandberg, da mesma forma como em 1991 ele produziu uma falsificação similar junto com Gunnar Bjõrck.

— Isso é mentira — disse Teleborian num fio de voz.

— E mentira? — perguntou Annika Giannini.

— Não, de forma alguma. Eu talvez deva mencionar que Jonas Sandberg é uma das cerca de dez pessoas que foram detidas hoje por ordem do procurador-geral da nação. Ele foi preso por cumplicidade no assassinato de Gunnar Bjõrck. Ele integra um grupo irregular que operava no coração da Polícia de Segurança e protegeu Alexander Zalachenko a partir dos anos 1970. Esse mesmo grupo está por trás da decisão de internar Lisbeth Salander em 1991. Temos uma enorme quantidade de provas, assim como a confissão do chefe do grupo.

Um silêncio mortal caiu sobre a sala.

— Doutor Peter Teleborian, o senhor gostaria de fazer algum comentário sobre o que acaba de ser dito? — perguntou o juiz Iversen.

Teleborian balançou a cabeça.

— Nesse caso, aviso-lhe que o senhor pode ser processado por perjúrio e, eventualmente, sofrer outras acusações — disse o juiz Iversen.

— Se me permite... — disse Mikael Blomkvist.

— Sim? — disse Iversen.

— O Peter Teleborian está com problemas muito mais sérios do que esse. Atrás dessa porta há duas policiais que gostariam de vê-lo.

— O senhor quer dizer que eu deveria mandá-las entrar?

— Sem dúvida seria uma boa idéia.

Iversen fez sinal ao meirinho, que deixou entrar a inspetora Sonja Modig e uma mulher que o procurador Ekstrõm reconheceu de imediato. Chamava--se Lisa Collsjõ, inspetora da Brigada de Proteção de Menores, a unidade da Polícia Nacional que tinha por missão, entre outras, investigar abusos sexuais e pedofilia.

— Por que as senhoras estão aqui? — perguntou Iversen.

— Para dar voz de prisão a Peter Teleborian tão logo seja possível, sem que a nossa intervenção perturbe as deliberações deste tribunal.

Iversen olhou para Annika Giannini.

— Eu ainda não terminei com ele, mas, enfim, tudo bem.

— Façam seu trabalho — disse Iversen.

Lisa Collsjõ acercou-se de Peter Teleborian.

— O senhor está preso por violação agravada das leis de pornografia infantil.

Peter Teleborian já não respirava. Annika Giannini reparou que a luz parecia ter sumido de seus olhos.

— Mais precisamente pela apreensão de mais de oito mil fotos de pornografia infantil em seu computador.

Ela se inclinou e pegou a maleta de Peter Teleborian, onde estava seu computador.

— O computador está sendo apreendido — disse ela.

Enquanto o levavam para fora do tribunal, o olhar de Lisbeth Salander ardia feito fogo nas costas de Peter Teleborian.

28. SEXTA-FEIRA 15 DE JULHO – SÁBADO 16 DE JULHO

O juiz Iversen bateu com a caneta na beirada da mesa para fazer cessar o burburinho que se irrompera depois da prisão de Peter Teleborian. Então, permaneceu um longo momento calado, claramente inseguro quanto à maneira de dar seguimento aos trabalhos. Dirigiu-se ao procurador Ekstrõm.

— O senhor tem algo a acrescentar aos fatos ocorridos nessa última hora?

Richard Ekstrõm não fazia a menor idéia do que dizer. Levantou-se e olhou para Iversen, depois para Torsten Edklinth, antes de virar a cabeça e encontrar o olhar implacável de Lisbeth Salander. Entendeu que a batalha estava perdida. Voltou o olhar para Mikael Blomkvist e se deu conta, repentinamente apavorado, de que ele próprio estava arriscado a aparecer na revista Milennium... O que seria uma catástrofe impensável.

Em compensação, ele, que chegara ao julgamento certo de conhecer todos os diferentes aspectos do caso, não entendia o que se passara.

Ele compreendera o delicado equilíbrio necessário para a segurança da nação após várias conversas francas com o delegado Georg Nystrõm. Tinham lhe garantido que o relatório Salander de 1991 era forjado. Recebera toda a informação confidencial de que precisava. Fizera perguntas — centenas delas — para as quais obtivera todas as respostas. Mentiras. E agora estava reduzido a nada, a julgar pelo que dizia a Dra. Giannini. Ele confiara em Peter Teleborian, que parecia tão... tão competente e sensato. Tão convincente

Meu Deus. No que é que eu fui me meter?

E em seguida:

Como vou fazer para sair desta encrenca?

Passou a mão pelo cavanhaque. Tossiu de leve. Tirou lentamente os óculos.

— Lamento, mas, ao que parece, fui muito mal informado sobre muitos pontos deste processo.

Perguntou-se se poderia incriminar os investigadores e, de repente, veio--lhe a imagem do inspetor Bublanski. Bublanski jamais o apoiaria. Se ele ultrapassasse o limite, Bublanski convocaria no ato uma coletiva de imprensa. Acabaria com ele.

Ekstrõm cruzou o olhar com Lisbeth Salander. Ela esperava pacientemente, com os olhos repletos de curiosidade e sede de vingança.

Não havia concessão possível.

Ele ainda poderia pegá-la por violências agravadas em Stallarholmen. Provavelmente pudesse pegá-la pela tentativa de assassinato de seu pai em Gosseberga. Isso significava que ele teria de modificar, de improviso, toda a sua estratégia e livrar-se de tudo o que estava ligado a Peter Teleborian. Significava que todas as explicações que a faziam passar por uma psicopata iriam ruir, significava também que a versão de Lisbeth estaria retroativamente fortalecida até 1991. A colocação sob tutela também iria ruir e...

E ela ainda tinha o maldito filme que...

Então uma certeza o invadiu.

Meu Deus. Ela é inocente!

— Excelência... eu não sei o que aconteceu, mas percebo que não posso mais me fiar nos documentos que tenho em mãos.

— De fato, é isso mesmo — disse Iversen com um tom seco.

— Acho que preciso solicitar uma pausa, ou a interrupção do julgamento até que eu consiga esclarecer o que aconteceu exatamente.

— Doutora Giannini? — disse Iversen.

— Peço que minha cliente seja inocentada de todos os crimes de que está sendo acusada e seja imediatamente posta em liberdade. Peço também que o tribunal de instâncias se pronuncie sobre a tutela da senhorita Salander. Considero que ela deva ser indenizada pelas violações de que foi vítima.

Lisbeth Salander voltou os olhos para o juiz Iversen.

Sem concessões.

O juiz Iversen desviou o olhar para a autobiografia de Lisbeth Salander, e depois para o procurador Ekstrõm.

— Eu também acho uma boa idéia esclarecer o que aconteceu. Mas temo que o senhor não seja a pessoa indicada para conduzir essa instrução.

Ele refletiu por um momento.

— Nesses anos todos como juiz e magistrado, jamais vivi algo nem parecido com a situação jurídica deste caso. Devo admitir que me sinto acuado. Jamais tinha ouvido falar numa testemunha principal de um procurador que tivesse sido presa em pleno tribunal, durante as deliberações. Jamais tinha visto provas que pareciam tão convincentes se revelarem falsas. Francamente, não sei se, no atual contexto, resta algum ponto de acusação do procurador.

Holger Pahngren deu uma tossidinha, pedindo a palavra.

— Sim? — perguntou Iversen.

— Como representante da defesa, só me resta partilhar seus sentimentos. Às vezes, somos obrigados a dar um passo atrás e deixar que o bom-senso volte a prevalecer. Gostaria de esclarecer que, enquanto juiz, o senhor só viu o começo de um caso que vai abalar a Suécia até o alto de suas instituições. Cerca de dez policiais da Sapo foram presos hoje. Eles serão indiciados por assassinatos e por mais uma lista tão extensa de crimes que vai levar um bocado de tempo até que a instrução se conclua.

— Suponho que eu deva me decidir por uma pausa no julgamento.

— Com todo o respeito, acho que não seria uma boa decisão.

— Estou ouvindo.

Palmgren claramente estava tendo dificuldade em articular as palavras. Mas, falando devagar, conseguiu não gaguejar.

— A Lisbeth Salander é inocente. Sua autobiografia fantasiosa, como dizia o senhor Ekstrõm com tanto desprezo, é verídica. E isso pode ser provado. Ela foi vítima de um escandaloso abuso do Poder Judiciário. Este tribunal pode ater-se às normas e seguir com o julgamento por mais algum tempo, até a absolvição. Mas também temos outra alternativa óbvia. Deixar que uma nova instrução se encarregue de tudo o que diz respeito a Lisbeth Salander.

Esta investigação já está atolada numa lama que cabe ao procurador-geral da nação limpar.

— Entendo o que o senhor está querendo dizer.

— Na condição de juiz, o senhor pode fazer essa escolha agora. O mais sábio, nesse caso, seria rejeitar o inquérito preliminar do procurador e incitá-lo a refazer o seu texto.

O juiz Iversen fitou Ekstrõm, pensativo.

— Justiça seria pôr imediatamente nossa cliente em liberdade. Ela também mereceria um pedido de desculpas, mas sua reabilitação vai levar tempo e vai depender do restante da investigação.

— Compreendo seus pontos de vista, doutor Palmgren. Mas para poder declarar a inocência de sua cliente tenho que entender toda a história. Isso talvez leve algum tempo...

Ele hesitou e olhou para Annika Giannini.

— Caso eu decida suspender o julgamento até segunda-feira e se eu concordar com sua solicitação e decidir que não há mais

motivo para que sua cliente permaneça presa, isso significa que vocês terão razões para esperar que ela não seja condenada a nenhuma pena. Nesse caso, vocês me garantem que ela irá se apresentar para as deliberações quando for chamada?

— Evidentemente — disse Holger Palmgren, rápido.

— Não — disse Lisbeth Salander com voz cortante.

Todos os olhares se voltaram para a personagem central dos acontecimentos.

— O que você quer dizer? — perguntou o juiz Iversen.

— No instante em que o senhor me soltar, eu vou viajar. Não pretendo dedicar mais nem um minuto do meu tempo a esse processo.

O juiz Iversen, estupefato, fitou Lisbeth Salander.

— A senhorita se recusa a se apresentar?

— Exatamente. Se o senhor quiser que eu responda a mais perguntas, terá de me manter na casa de detenção. Assim que me soltar, para mim este caso vira história passada. E isso não inclui ficar à sua disposição, ou à disposição do Ekstrõm e da polícia, por tempo indeterminado.

O juiz Iversen suspirou. Holger Palmgren pareceu abalado.

— Concordo com a minha cliente — disse Annika Giannini. — O Estado e as autoridades é que estão em falta com Lisbeth Salander, e não o contrário. Ela merece sair desta sala levando uma absolvição na bagagem e podendo esquecer essa história toda.

Sem nenhuma concessão.

O juiz Iversen consultou o relógio.

— São quase quinze horas. Isso significa que a senhora está me obrigando a manter sua cliente na detenção.

— Se for essa a sua decisão, nós a acatamos. Como representante de Lisbeth Salander, peço que ela seja absolvida das acusações que o procurador Ekstrõm fez contra ela. Peço que liberte minha cliente desde já. E peço que sua antiga tutela seja anulada e que ela recobre imediatamente seus direitos civis.

— A questão da tutela é processo muitíssimo mais demorado. Vou precisar da opinião de especialistas, que irão examiná-la. Não posso deliberar sobre isso num abrir e fechar de olhos.

— Não — disse Annika Giannini. — Não aceitamos essa proposta.

— Como assim?

— Lisbeth Salander tem os mesmos direitos civis que qualquer sueco. Ela foi vítima de um crime. Sua incapacidade foi declarada tendo como base uma falsificação. Essa falsificação pode ser provada. A decisão de colocá-la sob tutela já não tem, portanto, fundamento jurídico e deve ser anulada incondicionalmente. Não há motivo algum para que minha cliente se submeta a uma avaliação psiquiátrica médico-legal. Ninguém precisa provar que não é louco quando foi vítima de um crime.

O juiz Iversen refletiu por um instante.

— Doutora Giannini — disse ele. — Reconheço que estamos diante de uma situação excepcional. Decreto um intervalo de quinze minutos para que possamos esticar as pernas e nos refazer um pouco. Não tenho o menor desejo que sua cliente passe a noite na casa de detenção se ela for inocente, mas isso significa que esta audiência deverá prosseguir até que tenhamos concluído tudo.

— Para mim parece perfeito — disse Annika Giannini.

Mikael Blomkvist deu um beijo em sua irmã.

— Como foi?

— Mikael, acho que fui brilhante com o Teleborian. Eu literalmente acabei com ele.

— Eu te falei que você ia ser imbatível nesse processo. No fim das contas, o tema principal desta história não são nem os espiões nem os organismos secretos dentro do Estado, e sim a violência de todos os dias cometida contra as mulheres, e os homens que tornam isso possível. Do pouco que eu soube deu para ver que você foi fantástica. Logo ela vai ser absolvida.

— Sim. Não há mais nenhuma dúvida sobre isso.

Após o intervalo, o juiz Iversen bateu novamente na mesa.

— Posso lhe pedir que me conte esta história desde o começo, para que eu possa formar uma opinião sobre o que de fato aconteceu?

— Naturalmente — disse Annika Giannini. — Vamos começar pela espantosa história de um grupo de policiais da Sapo que se autodenomina "a Seção" e que se encarregou de cuidar de um dissidente russo em meados dos anos 1970. Isso tudo está no livro que a Millennium lançou hoje. Aposto como vai ser a principal notícia dos telejornais da noite.

Por volta das seis da tarde, o juiz Iversen decidiu colocar Lisbeth Salan-der em liberdade e anular sua tutela.

Mas com uma condição. O juiz Jõrgen Iversen exigiu que Lisbeth se submetesse a um interrogatório, a fim de depor oficialmente sobre o caso Zalachenko. Lisbeth a princípio se recusou secamente. Seguiu-se um diálogo nervoso, até que o juiz Iversen ergueu o tom de voz. Inclinou-se para a frente e encarou-a com severidade.

— Senhorita Salander, se eu estou anulando a sua tutela isso significa que a senhorita tem exatamente os mesmos direitos que todos os outros cidadãos. Mas significa também que tem os mesmos deveres. Ê seu dever administrar seu orçamento, pagar impostos, obedecer à lei e auxiliar a polícia nas investigações de crimes graves. Será, portanto, convocada a depor como qualquer cidadão que tem informações a oferecer para um inquérito.

A lógica daquele raciocínio pareceu surtir efeito em Lisbeth Salander. Ela esticou o lábio inferior, pareceu descontente, mas parou de argumentar.

— Depois que a polícia colher seu depoimento, o diretor do inquérito preliminar — nesse caso específico, o procurador-geral da nação — irá avaliar a necessidade de chamá-la para depor num eventual futuro processo. Como qualquer cidadão sueco, a senhorita pode se negar a obedecer à convocação. O que a senhorita vai fazer não me diz respeito, mas haverá uma conta a ser paga. Caso se negue a comparecer, poderá ser condenada, como toda pessoa maior de idade, por obstrução da ação da Justiça e perjúrio. Não há exceções.

Lisbeth Salander ficou ainda mais carrancuda.

— O que a senhorita decide? — perguntou Iversen.

Depois de refletir um minuto, ela assentíu rapidamente com a cabeça.

Tudo bem. Uma pequena concessão.

No início da noite, ao repassar o caso Zalachenko, Annika Giannini bateu forte no procurador Ekstrõm. Aos poucos, Ekstrõm foi admitindo que as coisas tinham se passado mais ou menos como Annika Giannini havia descrito. Ele recebera assistência do delegado Georg Nystrõm no inquérito preliminar e aceitara informações de Peter Teleborian. No que lhe dizia respeito, não havia conspiração alguma. Se na condição de chefe do inquérito preliminar ele fizera o jogo da Seção, fora na maior boa-fé. Quando percebeu a extensão do que de fato havia ocorrido, resolveu desistir do processo contra Lisbeth Salander. Tal decisão significava que várias formalidades administrativas poderiam ser descartadas. O juiz Iversen pareceu aliviado.

Holger Palmgren estava exausto ao fim de seu primeiro dia num tribunal depois de tantos anos. Foi obrigado a voltar para o seu quarto no centro de reabilitação de Ersta. Um agente uniformizado da Milton Security o levou até lá. Antes de sair, ele pôs a mão no

ombro de Lisbeth Salander. Entreolharam--se. Depois de alguns instantes ela balançou a cabeça e sorriu ligeiramente.

As sete da noite, Annika Giannini teclou rapidamente o número de Mikael Blomkvist para avisar que Lisbeth Salander fora inocentada de todos os crimes de que era acusada, mas que ainda teria de permanecer algumas horas no Palácio da Polícia para prestar depoimento.

O anúncio chegou quando todos os funcionários da Millennium se encontravam na redação. O telefone não tinha parado de tocar desde que os primeiros exemplares começaram a ser distribuídos por entrega especial para outras redações de Estocolmo. Durante a tarde, a Tv4 levara ao ar os primeiros programas especiais sobre Zalachenko e a Seção. Aquilo estava virando uma verdadeira festa da mídia.

Mikael foi até o meio da sala, pôs os dedos na boca e assobiou forte.

— Acabo de ser informado que a Lisbeth foi totalmente absolvida.

Os aplausos brotaram espontaneamente. Em seguida, cada um continuou falando ao seu telefone como se nada tivesse acontecido.

Mikael ergueu os olhos e observou a tevê ligada no meio da redação. Acabava de começar o Nyheterna na TV4. O tema incluía um trecho do filme que mostrava Jonas Sandberg plantando cocaína no apartamento da Bellmansgatan.

— Aqui, um funcionário da Sapo escondendo cocaína na casa do jornalista Mikael Blomkvist da revista Millennium.

Em seguida, teve início o telejornal.

— Cerca de dez funcionários da Polícia de Segurança foram presos hoje por crimes agravados, entre eles assassinatos. Bem-vindos ao programa desta noite, uma longa edição especial.

Mikael cortou o som quando a Moça da TV4 apareceu e ele viu a si próprio sentado na poltrona do estúdio. Já sabia o que tinha dito. Seu olhar foi para a mesa que Dag Svensson usara para trabalhar. Os vestígios de sua reportagem sobre o tráfico de mulheres haviam desaparecido e a mesa tinha virado um depósito de jornais e pilhas de papéis desarrumados que ninguém guardava.

Naquela mesa é que o caso Zalachenko começara para Mikael. Gostaria muito que Dag Svensson pudesse assistir ao seu final. Alguns exemplares do livro de Dag sobre o tráfico de mulheres, com a tinta ainda fresca, estavam expostos ali, junto com o livro sobre a Seção.

Você teria gostado, Dag.

Ouviu o telefone tocando em sua sala, mas não encontrou forças para ir atender. Fechou a porta e entrou na sala de Erika Berger, deixando-se cair numa das confortáveis poltronas diante da janela. Erika estava ao telefone. Ele olhou ao redor. Fazia um mês que ela tinha voltado, mas ainda não tivera tempo de encher a sala com todos os objetos pessoais que ela havia levado ao partir, em abril. As prateleiras da estante estavam vazias e não havia quadros nas paredes.

— Qual é a sensação? — ela perguntou depois que desligou.

— Acho que estou feliz — disse ele. Ela riu.

— A Seção vai causar devastações. O pessoal está a mil em tudo que é redação. O que você acha de aparecer na Aktuellt agora às nove?

— Não.

— Foi o que eu pensei.

— Vamos ter que falar sobre isso por meses. Não precisamos tirar o pai da forca.

Ela concordou com a cabeça.

— O que você vai fazer hoje à noite?

— Não sei.

Ele mordeu o lábio inferior.

— Erika... eu...

— Rosa — disse Erika Berger, sorrindo. Ele fez que sim com a cabeça.

— E sério?

— Não sei.

— Ela está superapaixonada.

— Acho que eu também estou apaixonado — disse ele.

— Vou manter distância até você ter certeza. Ele meneou a cabeça.

— Talvez — disse ela.

Às oito da noite, Dragan Armanskij e Susanne Linder foram até a redação da Millennium. Achavam que a ocasião pedia champanhe e chegaram com uma sacola repleta de garrafas. Erika Berger abraçou Susanne Linder e lhe mostrou toda a redação, enquanto Armanskij se sentava na sala de Mikael.

Beberam. Durante algum tempo, nenhum dos dois falou. Armanskij foi quem quebrou o silêncio.

— Sabe o que mais, Blomkvist? Quando a gente se conheceu durante aquele caso em Hedestad, eu francamente te detestava.

— Ah, é?

— Vocês dois apareceram depois que você contratou a Lisbeth para fazer umas pesquisas.

— Lembro.

— Acho que fiquei com ciúmes. Vocês se conheciam havia apenas algumas horas. Ela ria com você. Eu tentei ser amigo da Lisbeth durante anos e nunca consegui que ela relaxasse.

— Bem... eu também não consegui grande coisa. Permaneceram algum tempo em silêncio.

— Que bom que acabou — disse Armanskij.

— Amém — disse Mikael.

O interrogatório oficial de Lisbeth Salander foi conduzido pelos inspetores Jan Bublanski e Sonja Modig. Eles tinham acabado de estar com suas respectivas famílias depois de um dia de trabalho especialmente longo, e precisaram voltar quase em seguida para o Palácio da Polícia em Kungsholmen.

Salander estava sendo assistida por Annika Giannini, a qual, porém, não teve motivo para muitas intervenções. Lisbeth Salander expressava de modo bem preciso suas respostas a todas as perguntas de Bublanski e Modig.

Coerente com seu jeito de ser, mentiu em dois pontos centrais. Ao descrever o que se passara durante a luta em Stallarholmen, teimou que Benny Nieminen é quem tinha, por engano, atirado no pé de Carl-Magnus "Magge" Lundin no momento em que ela o atingira com o cassetete elétrico. Onde conseguira o cassetete elétrico? Arrancara-o de Magge Lundin, afirmou.

Tanto Bublanski como Modig exibiram uma expressão bastante cética. Mas não havia nenhuma prova ou testemunha para contradizer sua versão. Benny Nieminen, a rigor, poderia protestar, mas ele se negava a comentar o incidente. O fato é que ele ignorava tudo o que acontecera nos segundos que se seguiram ao seu nocaute pelo cassetete elétrico.

Quanto à viagem de Lisbeth para Gosseberga, ela explicou que o objetivo havia sido se encontrar com o pai e convencê-lo a se entregar para a polícia.

Ao dizer isso, Lisbeth Salander exibiu a maior candura.

Ninguém tinha como definir se ela estava ou não dizendo a verdade. Annika Giannini não tinha a menor idéia a respeito.

A única pessoa que sabia que Lisbeth Salander fora até a granja de Gosseberga com a firme intenção de dar um fim definitivo em seu relacionamento com o pai era Mikael Blomkvist. Mas ele fora retirado da sala de audiências pouco após o reinicio do julgamento. Ninguém sabia que ele e Lisbeth Salander haviam mantido longas conversas noturnas via internet durante a estada dela em Sahlgrenska.

A imprensa perdeu a libertação de Lisbeth Salander. Se o horário tivesse sido divulgado, teria havido um ajuntamento gigantesco diante do Palácio da Polícia. Mas os repórteres estavam exaustos depois do caos instalado naquele dia com a publicação da Millennium, dia em que também alguns policiais da Sapo prenderam outros policiais da Sapo.

A Moça da TV4, como sempre, foi a única jornalista a saber o que estava acontecendo. Sua reportagem de uma hora tornou-se um clássico que, alguns meses depois, receberia o prêmio de Melhor Reportagem Informativa da Televisão.

Sonja Modig tirou Lisbeth Salander do Palácio da Polícia simplesmente levando-a até a garagem çom Annika Giannini e de lá para o escritório da advogada em Kungsholms Kyrkoplan. Ao chegar, trocaram de carro e pegaram o de Annika Giannini. Annika esperou Sonja sumir de vista para ligar o motor. Foi pegando a direção de Sõdermalm. Quando passavam perto do Palácio do Parlamento, ela quebrou o silêncio.

— Para onde vamos? — perguntou. Lisbeth pensou por alguns segundos.

— Você pode me deixar num ponto qualquer da Lundagatan.

— A Miriam Wu não está lá.

Lisbeth lançou um olhar de esguelha para Annika Giannini.

— Ela foi para a França pouco depois que teve alta do hospital. Está morando com os pais, caso queira entrar em contato com ela.

— Por que você não me contou?

— Você não perguntou.

— Humm.

— Ela precisava de um tempo. O Mikael, hoje cedo, me pediu para te entregar isto aqui. Disse que você provavelmente ia querer de volta.

Estendeu um molho de chaves. Lisbeth o pegou sem dizer uma palavra

— Obrigada. Então você pode me deixar em algum ponto da Folkun-gagatan.

— Você não quer dizer onde mora nem para mim?

— Mais tarde. Agora eu quero que me deixem em paz.

— Tudo bem.

Annika tinha ligado o celular ao sair do Palácio da Polícia depois do interrogatório. Quando passaram por Slussen, ele começou a apitar. Ela olhou a tela.

— É o Mikael. Nessas últimas horas ele ligou mais ou menos de dez em dez minutos.

— Eu não quero falar com ele.

— Tudo bem. Posso fazer uma pergunta pessoal?

— Qual?

— O que o Mikael fez para você ter tanto ódio dele? Quero dizer, sem ele você hoje estaria provavelmente sendo internada num hospital psiquiátrico.

— Eu não tenho ódio do Mikael. Ele não me fez nada. Só não quero falar com ele agora.

Annika Giannini observou sua cliente com o canto do olho.

— Não pretendo me meter nas suas histórias, mas você não resistiu aos encantos dele, não foi?

Sem responder, Lisbeth olhou pela janela lateral.

— O meu irmão é totalmente irresponsável quando se trata de relacionamentos. Ele vai transando com as mulheres pela vida, sem perceber que pode machucar aquelas que vêem nele mais do que um caso eventual.

Lisbeth a encarou.

— Eu não quero falar sobre o Mikael com você.

— Tudo bem — disse Annika. Estacionou rente à calçada pouco antes da Erstagatan. Aqui está bom para você?

— Está.

Permaneceram em silêncio. Lisbeth não esboçou nenhum gesto para abrir a porta. Passados alguns momentos, Annika desligou o motor.

— O que vai acontecer agora? — perguntou Lisbeth afinal.

— O que vai acontecer é que a partir de hoje você não está mais sob tutela. Pode fazer o que bem entender. Embora a gente tenha sido muito firme hoje no tribunal, ainda resta uma boa papelada para ajeitar. Vai haver inquéritos de responsabilidade dentro da Comissão de Tutelas, questões sobre a indenização e coisas assim. E a instrução vai seguir seu curso.

— Eu não quero indenização. Quero que me deixem em paz.

— Entendo. Mas o que você acha não tem muita importância. Esse processo vai correr apesar de você. Proponho que contrate um advogado para defender seus interesses.

— Você não quer continuar sendo minha advogada?

Annika esfregou os olhos. Depois de passada toda a tensão daquele dia, sentia-se exaurida. Queria voltar para casa, tomar um banho e deixar que seu marido lhe fizesse uma massagem nas costas.

— Não sei. Você não confia em mim. E eu não confio em você. Não quero me ver envolvida num longo processo, em que tudo que vou receber vai ser um silêncio frustrante quando eu fizer uma sugestão ou quiser discutir alguma coisa.

Lisbeth ficou um bom tempo calada.

— Eu... eu não sou muito boa para me relacionar. Mas confio em você. Pareceu quase uma" desculpa.

— Pode ser. Mas não é problema meu se você é um zero à esquerda em relacionamentos. Só que isso se torna um problema se eu for te representar.

Silêncio.

— Você quer que eu continue sendo sua advogada? Lisbeth assentiu com a cabeça. Annika suspirou.

— Eu moro na Fiskargatan, número 9. Em frente à praça de Moseba-cke. Você pode me levar até lá?

Annika olhou sua cliente com o rabo dos olhos. Por fim, ligou o motor. Deixou que Lisbeth a guiasse até o endereço. Pararam a pouca distância do prédio.

— Bem — disse Annika. — Vamos fazer um teste. Minhas condições são as seguintes. Vou te representar. Quando eu quiser entrar em contato com você, quero que você atenda. Quando quiser saber como você quer que eu atue, vou querer respostas claras. Se eu ligar pedindo que você fale com algum policial, ou procurador, ou seja lá quem for, relacionado à investigação, é porque acho necessário. E exijo que você compareça ao local na hora marcada, sem criar caso. Você pode viver com isso?

— Está certo.

— E se você começar a criar caso, eu deixo de ser sua advogada. Entendeu?

Lisbeth fez que sim com a cabeça.

— Outra coisa. Não quero me ver no meio dessa história entre você e o meu irmão. Se tiver algum problema com ele, resolva com ele. Mas o fato é que ele não é seu inimigo.

— Eu sei. Vou dar um jeito nisso. Mas preciso de um tempo.

— O que você pretende fazer agora?

— Não sei. Você pode entrar em contato comigo por e-mail. Prometo responder o mais rápido possível, mas eu talvez não verifique a caixa postal todo dia...

— Você não vira uma escrava só porque tem uma advogada. Por enquanto é isso. E agora desça do carro. Estou exausta e quero ir para casa dormir.

Lisbeth abriu a porta e desceu do carro. Quando ia fechar a porta, parou. Parecia querer dizer alguma coisa, mas não encontrar as palavras. Por um momento, Annika a percebeu com um jeitinho quase vulnerável.

— Está bem — disse Annika. —Vá dormir. E não se meta em nenhuma encrenca nas próximas semanas.

Lisbeth Salander ficou parada na calçada olhando para Annika Giannini até os faróis traseiros do carro sumirem ao longe.

— Obrigada — disse ela afinal.

29. SÁBADO 16 DE JULHO – SEXTA-FEIRA 7 DE OUTUBRO

Deparou com seu Palm no móvel do hall de entrada. Também estavam ali as chaves do seu "carro e a bolsa que ela tinha perdido na noite em que Magge Lundin a agredira em frente ao prédio da Lundagatan. Havia cartas abertas e outras fechadas, que alguém fora pegar na caixa postal da Hornsgatan. Mikael Blomkvist.

Lentamente, deu uma volta pela parte mobiliada do apartamento. Havia vestígios dele por todos os lados. Ele dormira em sua cama e trabalhara em seu escritório. Usara sua impressora, e no cesto de papéis ela achou os rascunhos do texto dele sobre a Seção, anotações e rabiscos que ele depois jogou fora.

Ele comprou e deixou na geladeira um litro de leite, pão, queijo, pasta de peixe e dez pacotes de Billys Pan Pizza.

Na mesa da cozinha, ela encontrou um pequeno envelope branco com seu nome. Era um bilhete dele. A mensagem era sucinta. O número do seu celular. Mais nada.

Lisbeth Salander percebeu de repente que a bola estava com ela. Ele não pretendia procurá-la. Ele tinha concluído a matéria, devolvera as chaves dela e não estava pensando em dar notícias. Que cara mais teimoso, porra!

Ligou a cafeteira, preparou quatro torradas e em seguida se acomodou no recanto da janela, contemplando o parque de Djurgârden. Acendeu um cigarro e se pôs a refletir.

Tudo tinha acabado, no entanto sua vida lhe parecia mais travada do que nunca.

Miriam Wu tinha ido para a França. A culpa é minha se você quase morreu. Ela receara o momento de rever Miriam Wu, e tinha decidido que, assim que fosse libertada, esta seria sua primeira visita. E a Miriam não está em casa, está na França. Droga!

De repente sentiu-se em dívida com um monte de gente.

Holger Palmgren. Dragan Armanskij. Teria de procurá-los para agradecer. Paolo Roberto. E Praga, e Trinity. Se quisesse ser bem objetiva, até aqueles malditos tiras, Bublanski e Modig, tinham ficado do seu lado. E ela não gostava de dever nada para ninguém. Sentia-se como um peão num jogo sobre o qual não tinha o menor controle.

Maldito Super-Blomkvist. E talvez também Maldita Erika Berger, com suas lindas covinhas, belas roupas e autoconfiança.

Acabou, dissera Annika Giannini quando elas estavam deixando o Palácio da Polícia. Sim. O julgamento tinha acabado. Acabado para Annika Giannini. E acabado para Mikael Blomkvist, que publicara a sua matéria, ia aparecer na tevê e, de quebra, com certeza ainda ia ganhar um ou outro maldito prêmio.

Mas não tinha acabado para Lisbeth Salander. Aquele era só o primeiro dia do resto de sua vida.

Às quatro da manhã, parou de refletir. Jogou sua roupa de punk no chão do quarto e foi até o banheiro tomar um banho. Limpou toda a maquiagem que usara na audiência e vestiu uma calça leve de linho escuro, uma camiseta regata branca e uma jaqueta fina. Preparou uma maleta de mão com alguma roupa de baixo e camisetas, e escolheu sapatos baixos simples.

Pegou seu Palm e em seguida chamou um táxi. Foi para o aeroporto de Arlanda, onde chegou um pouco antes das seis da manhã. Olhou o painel de embarques e comprou uma passagem para o primeiro destino que viu indicado. Usou seu passaporte com o próprio nome. Ficou surpresa que ninguém no balcão de reservas ou no check-in demonstrasse reconhecê-la ou reagisse ao ver seu nome.

Encontrara um lugar num vôo matutino para Málaga, onde aterrissou por volta do meio-dia sob um sol escaldante. Permaneceu algum tempo no terminal, hesitante. Então resolveu consultar um mapa, perguntando-se o que iria fazer na Espanha. Minutos depois, já tomara sua decisão. Não estava com a menor vontade de ficar pensando em ônibus ou em qualquer outro meio de transporte.

Comprou óculos de sol numa loja do aeroporto, saiu do terminal e se acomodou no banco traseiro do primeiro táxi vazio que apareceu.

— Gibraltar. Vou pagar com cartão de crédito.

O trajeto durou três horas pela nova autoestrada ao longo da costa sul. O táxi a deixou no posto de fronteira do território britânico e ela seguiu a pé até a Europa Road e o Rock Hotel, situado na subida do rochedo de quatrocentos e vinte e cinco metros, onde perguntou se tinham um quarto disponível. Tinham um quarto duplo. Fez a reserva por duas semanas e apresentou seu cartão de crédito.

Tomou um banho e se sentou na sacada, enrolada numa toalha de banho, contemplando o estreito de Gibraltar. Avistou uns cargueiros e alguns veleiros. Distinguiu vagamente o Marrocos do lado de lá do estreito. Uma paisagem serena.

Passado algum tempo, voltou para o quarto, deitou-se e dormiu.

Na manhã seguinte, Lisbeth Salander acordou às cinco e meia. Levantou-se, passou rapidamente pelo chuveiro e foi tomar café da manhã no térreo, no restaurante do hotel. Às sete horas, deixou o hotel e foi comprar mangas e maçãs, depois pegou um táxi para o The Peak e foi ver os macacos. Chegou cedo, havia pouquíssimos turistas, portanto se viu quase sozinha com os animais.

Ela gostava de Gibraltar. Era a terceira vez que visitava aquele estranho rochedo que dava para o Mediterrâneo, com sua cidade inglesa de uma densidade populacional absurda. Gibraltar não se parecia com nenhum outro lugar. A cidade permanecera isolada durante décadas, uma colônia que se negava persistentemente a ser anexada à Espanha. Os espanhóis protestavam, é claro, contra a ocupação. Mas Lisbeth achava que era melhor eles calarem a boca enquanto estivessem ocupando o enclave de Ceuta em território marroquino, do outro lado do estreito. Era um lugar curioso, afastado do resto do mundo, uma cidade de pouco mais de dois quilômetros quadrados constituída de um rochedo singular e um aeroporto que avançava sobre o mar. Era uma povoação tão pequena que cada centímetro quadrado era aproveitado e a

expansão se dava necessariamente em direção ao mar. Para entrar na cidade, os visitantes eram obrigados a atravessar a pista de pouso do aeroporto.

Gibraltar era um exemplo notável do conceito de compact living.

Lisbeth viu um macaco macho, grande, trepar numa mureta próxima à trilha de passeio. Olhava para ela com o rabo dos olhos. Um Barbary ape. Ela sabia que não dava para tentar acariciar aqueles bichos.

— E aí, cara? — disse ela. — Sou eu, voltei.

Antes de sua primeira estada em Gibraltar, ela nunca tinha ouvido falar nesses macacos. Subira no alto do Rochedo apenas para admirar a vista e fora pega totalmente de surpresa, quando acompanhava um grupo de turistas, ao se ver no meio de um bando de macacos trepando por tudo, de um lado a outro do caminho.

Tinha sido uma sensação esquisita estar caminhando por uma trilha e topar de repente com mais de vinte macacos. Olhou para eles bem desconfiada. Não eram perigosos nem agressivos. Em compensação, eram fortes o bastante para morder seriamente se estivessem nervosos ou se sentissem ameaçados.

Ela localizou um dos guardas, mostrou sua sacola e perguntou se podia dar frutas aos animais. O homem não fez nenhuma objeção.

Pegou uma manga e colocou-a na mureta, a alguma distância do macho.

— Café da manhã — disse, apoiando-se na mureta para comer uma maçã.

O macaco olhou para ela, arreganhou os dentes e então pegou a manga, feliz da vida.

Cinco dias depois, por volta das quatro da tarde, Lisbeth Salander caiu de um banco do Harry's Bar, numa rua lateral da Main Street, a dois quarteirões de seu hotel. Tinha estado regularmente

bêbada desde que deixara a montanha dos macacos, e a maior parte de sua bebedeira acontecera no bar de Harry O'Connell, o proprietário do bar que tinha um sotaque irlandês adquirido a grande custo, já que nunca na vida pusera os pés na Irlanda. Ele a observava com ar preocupado.

Quando ela pediu o primeiro copo, quatro tardes antes, ele quis ver seu passaporte, julgando estar diante de uma menina. Sabia que seu nome era Lisbeth e a chamava de Liz. Ela em geral chegava na hora do almoço, sentava-se num banco do fundo do bar e se encostava na parede. Em seguida, dedicava seu tempo a enxugar um número considerável de cervejas ou uísques.

Quando tomava cerveja, não ligava para a marca; aceitava o que ele servisse. Quando pedia uísque, sempre escolhia o Tullamore Dew, com exceção de uma vez em que examinara as garrafas atrás do balcão e pedira para experimentar o Lagavulin. Ela havia cheirado o copo, erguido as sobrancelhas e então tomara um gole bem pequeno. Descansara o copo na mesa e continuara olhando para ele durante um minuto, com uma expressão que dava a entender que considerava seu conteúdo um inimigo perigoso.

Acabara empurrando o copo de lado e pedindo que Harry lhe desse alguma coisa não destinada à calafetagem de barcos. Ele voltara a lhe servir Tullamore Dew e ela recomeçou a bebedeira. Nos últimos quatro dias, esvaziara uma garrafa sozinha. Ele não tinha contado as cervejas. Harry estava muito surpreso que uma moça com aquela modesta massa corpórea conseguisse absorver tantas, mas ponderava que se ela estava pretendendo beber, iria beber, fosse no seu bar ou em qualquer outro lugar.

Ela bebia devagar, não falava com ninguém e não criava caso. Sua única ocupação, fora o consumo de álcool, parecia ser brincar com um computador de mão que, de vez em quando, ela conectava ao celular. Ele tinha tentado várias vezes iniciar uma conversa, mas fora recebido por um silêncio obstinado. Ela parecia evitar qualquer companhia. Algumas vezes, quando havia gente demais no bar, ela tinha fugido para o terraço, e em outras ocasiões fora comer num restaurante italiano duas portas adiante. Depois voltara ao Harry's

para pedir mais um Tullamore Dew. Em geral, deixava o bar por volta das nove da noite e seguia na direção norte.

Naquele dia em particular, bebera mais e mais depressa que nos outros, e Harry começou a vigiá-la. Ela já havia entornado sete copos de Tullamore Dew em duas horas, quando ele decidiu que se recusaria a lhe servir mais um. Não teve tempo de pôr em prática sua decisão, pois um estrondo anunciou que ela tinha caído do banco.

Ele largou o copo que estava enxugando, foi para o outro lado do balcão e levantou-a. Ela fez um ar ofendido.

— Acho que você já preencheu sua cota de hoje — disse ele. Ela o fitou com olhos turvos.

— Acho que você tem razão — respondeu, com voz surpreendentemente clara.

Agarrou-se ao balcão com uma das mãos, tirou algumas cédulas do bolso superior da jaqueta e então foi cambaleando em direção à porta. Ele segurou seu ombro com suavidade.

— Espere um pouco. Queria que você fosse até o banheiro vomitar os últimos copos e depois ficasse mais um tempo no bar. Não posso te deixar sair nesse estado.

Ela não reclamou quando ele a acompanhou até o banheiro. Ela enfiou os dedos na garganta e fez o que ele tinha mandado. Quando voltou para o bar, ele lhe serviu um copo grande de água mineral. Ela o tomou inteiro e arrotou. Ele lhe serviu mais um.

— Amanhã, você vai estar com uma ressaca daquelas — disse Harry. Ela concordou com a cabeça.

— Não tenho nada a ver com isso, mas no seu lugar eu passaria a seco por alguns dias.

Ela fez que sim com a cabeça. Em seguida foi vomitar no banheiro outra vez.

Lisbeth Salander permaneceu no Harry's Bar por mais uma hora, até que seu olhar estivesse focado o bastante para que Harry se atrevesse a deixá-la ir embora. Ela saiu de pernas bambas, foi caminhando na direção do aeroporto e em seguida beirando o mar e a marina. Ficou passeando até as oito e meia da noite, hora em que o sol parava de se balançar. Só então voltou ao hotel. Foi direto para o quarto, escovou os dentes, lavou o rosto, trocou de roupa e se encaminhou ao bar do hotel, onde pediu uma xícara de café preto e uma garrafa de água mineral.

Permaneceu sentada em silêncio e sem chamar atenção junto a uma coluna, observando os clientes do bar. Avistou um casal na faixa dos trinta anos conversando em voz baixa. A mulher estava com um vestido claro de verão. O homem segurava a mão dela embaixo da mesa. Duas mesas adiante, havia uma família africana, o homem com as têmporas grisalhas, a mulher com um lindo vestido estampado de amarelo, preto e vermelho. Tinham dois filhos pré-adolescentes. Examinou um grupo de homens de negócios, de camisa branca e gravata, o paletó no encosto da cadeira. Tomavam cerveja. Viu um grupo de aposentados, turistas americanos sem sombra de dúvida. Os homens usavam boné de beisebol, camisa pólo e calças descontraídas. E as mulheres, jeans de marca, tops vermelhos e óculos de sol com um cordãozinho. Viu um homem de paletó de linho claro, camisa cinza e gravata escura entrando na recepção para pegar as chaves antes de se dirigir ao bar e pedir uma cerveja. Estava sentada a três metros dele e seu olhar ficou atento quando ele pegou o celular e começou a falar em alemão.

— Oi, sou eu... tudo bem?... está tudo certo, a próxima reunião é amanhã à tarde... não, acho que vai dar... fico aqui mais uns cinco, seis dias pelo menos, depois vou para Madri... não, só volto no fim da semana que vem... eu também... te amo... claro... eu te ligo durante a semana... beijo.

Ele media um metro e oitenta e cinco, tinha uns cinqüenta, cinqüenta e cinco anos, cabelos grisalhos bem curtos, um queixo para dentro e uns bons quilos a mais na cintura.. Ainda assim, era relativamente bem conservado. Estava lendo o Financial Times.

Quando terminou a cerveja e dirigiu-se ao elevador, Lisbeth Salander se levantou e o seguiu.

Ele apertou o botão do quinto andar. Lisbeth se postou a seu lado e recostou a cabeça na parede do fundo do elevador.

— Estou bêbada — disse. Ele olhou para ela.

— Ah,é?

— É. Esta semana eu não parei. Deixe eu adivinhar. Você é assim uma espécie de executivo, de Hanover ou de algum outro lugar do norte da Alemanha. É casado. Ama a sua mulher. E tem que ficar mais alguns dias aqui em Gibraltar. Foi o que entendi ao escutar seu telefonema lá no bar.

Ele a fitou, estupefato. Ela prosseguiu:

— Eu sou da Suécia. Estou com uma vontade irresistível de transar com alguém. Não estou nem aí se você é casado e não quero o número do seu telefone.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Estou no quarto 711, dois andares acima do seu. Vou para o meu quarto, tirar a roupa, tomar um banho e me deitar. Se quiser me fazer companhia pode bater na porta daqui uma meia hora. Depois disso vou pegar no sono.

— Isso por acaso é alguma pegadinha? — ele perguntou, quando o elevador parou.

— Não. Estou com preguiça de sair para caçar pelos bares. Ou você vem bater na minha porta, ou então azar o seu.

Vinte e cinco minutos depois, bateram na porta do quarto de Lisbeth. Ela foi abrir, enrolada numa toalha.

— Entre — disse.

Ele entrou e lançou um olhar desconfiado pelo quarto.

— Estou sozinha — disse ela.

— A propósito, qual é a sua idade?

Ela estendeu a mão para pegar o passaporte que estava em cima de uma cômoda, e mostrou a ele.

— Você parece mais jovem.

— Eu sei — disse ela, então tirou a toalha e jogou-a em cima da cadeira. Voltou para a cama e dobrou a colcha.

Ele fitou as tatuagens. Ela olhou para ele por cima do ombro.

— Não é nenhuma armadilha. Eu sou mulher, solteira, e vou passar uns dias aqui. Faz meses que não transo.

— E por que você me escolheu?

— Porque você era o único no bar que não parecia estar acompanhado.

— Eu sou casado...

— Eu não quero saber quem é ela nem quem é você. E não quero discutir sociologia. Eu quero trepar. Tire a roupa, ou então volte para o seu quarto.

— Assim, direto?

— E por que não? Eu já sou bem adulta e você sabe o que precisa fazer. Ele pensou por uns trinta segundos. Parecia prestes a ir embora. Ela se sentou na beira da cama e esperou. Ele mordeu o lábio inferior. Então tirou a calça e a camisa, e ficou de cueca, hesitante.

— Tudo — disse Lisbeth Salander. — Não pretendo trepar com um cara de cueca. E você tem que usar camisinha. Eu sei o que eu fiz, mas não sei o que você andou fazendo.

Ele tirou a cueca, aproximou-se dela e pôs a mão em seu ombro. Lisbeth fechou os olhos quando ele se inclinou para beijá-la. Ele tinha um gosto bom. Ela deixou que ele a deitasse na cama. Era pesado em cima dela.

O advogado Jeremy Stuart MacMillan sentiu seu cabelo se eriçar na cabeça no instante em que abriu a porta de seu escritório da Buchanan House, no Queensway Quay, sobre a marina. Sentiu um cheiro de cigarro e ouviu o rangido de uma cadeira. Era um pouco antes das sete da manhã, e a primeira coisa que pensou foi que surpreendera um assaltante.

Em seguida sentiu um cheiro de café vindo da copa. Depois de alguns segundos, foi entrando cautelosamente, cruzou o hall e olhou para a sua sala, ampla e elegante. Lisbeth Salander estava sentada na poltrona dele, de costas, os saltos apoiados no peitoril da janela. O computador estava ligado e ela aparentemente não tivera dificuldade para descobrir sua senha. Também não tivera dificuldade para abrir seu armário de segurança. No colo dela havia uma pasta aberta contendo sua correspondência particular e sua contabilidade.

— Bom dia, senhorita Salander — disse ele por fim.

— Humm — ela respondeu. — Tem café quentinho e uns croissants na copa.

— Obrigado — disse ele, com um suspiro resignado.

Ele havia, sem dúvida, comprado aquele escritório com o dinheiro de Lisbeth Salander, e a pedido dela, mas não esperava que ela fosse aparecer sem avisar. Além disso, ela encontrara, e obviamente folheara, uma revista pornográfica que ele guardava numa gaveta da escrivaninha.

Realmente constrangedor.

Ou talvez não.

Ele tinha a impressão de que Lisbeth Salander era a pessoa mais rígida que ele conhecia no que dizia respeito a pessoas que a irritavam, mas em compensação ela nem sequer erguia a sobrancelha diante das fraquezas pessoais dos outros. Ela sabia que ele era oficialmente heterossexual mas que secretamente sentia-se atraído por homens e que, desde que se divorciara, havia quinze anos, começara a realizar suas fantasias mais íntimas.

Estranho. Me sinto seguro com ela.

Já que estava mesmo em Gibraltar, Lisbeth tinha resolvido fazer uma visita ao Dr. Jeremy MacMillan, que cuidava de suas finanças. Não tinha tido contato com ele desde o Ano-Novo e queria saber se ele aproveitara a oportunidade para arruiná-la durante sua ausência.

Mas não era coisa urgente, e não era esse o motivo de ela ter ido direto a Gibraltar depois de sua libertação. Fora até lá porque sentia uma imperiosa necessidade de mudar de ares, e Gibraltar era perfeito para isso. Passara quase uma semana em estado de embriaguez e mais uns dias fazendo amor com o executivo alemão que acabara dizendo que se chamava Dieter. Duvidava que aquele fosse seu nome verdadeiro, mas não quisera saber mais. Ele passava os dias em reuniões e as noites jantando com ela antes de se recolherem, no seu quarto ou no de Lisbeth.

Ele não era ruim de cama, constatou Lisbeth. Sem muito treino, talvez, e às vezes desnecessariamente brutal.

Dieter de fato parecera surpreso que ela, apenas por impulso, tivesse dado em cima de um executivo alemão com excesso de peso e que nem sequer estava buscando uma aventura. Era casado e não costumava ser infiel ou procurar companhia feminina durante suas viagens de negócios. Mas quando a possibilidade se apresentou na forma de uma garota frágil e tatuada, não resistira à tentação. Foi o que ele disse.

A Lisbeth Salander importava muito pouco o que ele dizia. Seu único objetivo eram alguns bons momentos de sexo, mas surpreendera-se ao ver que ele realmente se esforçava por satisfazê-la. Na quarta noite, a última que passaram juntos, ele tivera de repente um angustiado acesso de pânico e começara a se perguntar o que diria a sua mulher. Lisbeth Salander achava que ele devia ficar de boca fechada e não contar nada para a mulher.

Mas ela não disse o que pensava.

Ele já era bem crescidinho e poderia ter recusado sua oferta. Ela não estava nem aí com os ataques de culpa dele ou se ele iria confessar tudo para a mulher. Ela deu-lhe as costas e o escutou por uns quinze minutos, até que, irritada, ergueu os olhos para o céu, virou-se e sentou escarranchada em cima dele.

— Será que você podia dar um tempo para a sua angústia e me dar prazer mais uma vez? — perguntou.

Já Jeremy MacMillan era outra história. Lisbeth Salander não se sentia nem um pouco atraída por ele. Era um tratante. Estranhamente, lembrava um pouco Dieter. Tinha quarenta e oito anos, algum charme, também uns quilos a mais, cabelos grisalhos penteados para trás. Usava óculos finos com aro de metal dourado.

No passado, fora advogado de empresas, com diploma de Oxbridge e baseado em Londres. Tinha um futuro promissor, era sócio num escritório de advocacia que prestava consultoria para grandes empresas e yuppies cheios da grana que brincavam com questões imobiliárias e fiscais. Passara os alegres anos 1980 freqüentando novos-ricos que brincavam de celebridades. Tinha bebido um bocado e cheirado coca com gente que ele na verdade preferia não encontrar na sua cama ao acordar no dia seguinte. Nunca tinha sido indiciado, mas perdera a mulher e os dois filhos, e depois fora despedido por má gestão e por ter se apresentado embriagado numa audiência de conciliação.

Passada a ressaca, sem parar muito para pensar, fugira de Londres um tanto envergonhado. Não sabia por que tinha escolhido justamente Gibraltar, mas em 1991 associara-se a um advogado local e abrira um modesto escritório de segunda categoria que oficialmente cuidava de sucessões e testamentos não muito glamorosos. De maneira nem tão oficial, o escritório MacMillan & Marks também abria empresas-fantasma e servia de testa de ferro para europeus que optavam por permanecer na sombra. A atividade se mantinha aos trancos e barrancos, até que Lisbeth Salander escolheu Jeremy MacMillan para administrar os 2,4 bilhões de dólares que ela surrupiara do império falido do financista Hans-Erik Wennerström.

MacMillan era inegavelmente um vigarista. Mas Lisbeth o considerava o seu vigarista, e ele próprio se surpreendera ao manter com ela um relacionamento de uma honestidade irretocável. Na primeira vez, ela o contratara para uma tarefa simples. Por uma modesta quantia, ele abrira algumas empresas--fantasma que ela poderia usar e nas quais investira um milhão de dólares. Ela o contatara por telefone e não passara de uma voz longínqua. Ele nunca havia lhe perguntado de onde vinha aquele dinheiro. Contentara-se em agir conforme as instruções dela, separando cinco por cento do negócio para si mesmo. Pouco depois, ela injetara uma quantia maior, que ele deveria usar para abrir uma empresa, a Wasp Enterprises, com a finalidade de comprar um apartamento em Estocolmo. Assim, a relação com Lisbeth Salander se tornara lucrativa, mesmo que para ele se tratasse de pequenas quantias.

Dois meses depois, ela fora visitá-lo repentinamente em Gibraltar. Ligara para ele e propusera que ele fosse jantar com ela no seu quarto do Rock que era, se não o maior, o hotel mais refinado do Rochedo. Ele não sabia bem o que esperar, mas certamente não uma cliente com jeito de boneca, uma garota que aparentava não ter mais que quinze anos. Por um momento, pensou que fosse alguma brincadeira.

Logo mudou de opinião. A garota estranha falava, despreocupada, sem nunca sorrir ou se mostrar calorosa. Aliás, nem distante. Ele ficara paralisado quando, em poucos minutos, ela pusera abaixo a fachada profissional de respeitabilidade mundana que ele fazia questão de exibir.

— O que você quer? — ele perguntou.

— Eu roubei uma quantia de dinheiro — ela respondeu muito séria. — Preciso de um vigarista para administrá-la.

Ele se perguntara se ela batia bem da cabeça, mas entrara educadamente no jogo. Ela era um alvo potencial para uma trapaça passível de render pequenos lucros. Depois, ficara como que fulminado quando ela lhe explicara de quem tinha roubado o

dinheiro, como tinha sido e qual o total da pilhagem. O caso Wennerstrõm vinha sendo o assunto mais discutido no mundo das finanças internacionais.

— Entendi.

Vieram-lhe à cabeça inúmeras possibilidades.

— Você é um bom advogado empresarial e um bom investidor. Se fosse algum idiota, não teria obtido os contratos que obteve nos anos 1980. Agora, você se comportou como um idiota, a ponto de ter sido mandado embora.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Daqui para a frente, eu vou ser sua única cliente.

Ela o fitara com os olhos mais inocentes que ele já tinha visto.

— Tenho duas exigências. A primeira é que você nunca deve cometer nenhum crime ou se envolver com qualquer coisa que possa nos criar problemas e òhamar a atenção das autoridades para as minhas empresas e as minhas contas bancárias. A outra é que você jamais deve mentir para mim. Jamais, está entendendo? Nem uma vez. E por motivo nenhum. Se você mentir, nosso contrato fica imediatamente anulado e, caso eu me aborreça de fato, arruíno você.

Ela lhe serviu uma taça de vinho.

— Não há motivo nenhum para mentir para mim. Já sei tudo o que há para saber sobre sua vida. Sei quanto você ganha nos meses das vacas gordas e nos meses das vacas magras. Sei quanto você gasta. Sei que freqüentemente você fica sem dinheiro. Sei que tem uma dívida de cento e vinte mil libras, a ser quitada a curto e médio prazo, e se arrisca e trapaceia o tempo todo para saldar essa dívida. Você se safa com elegância e tenta manter as aparências, mas está afundando e faz meses que não compra um paletó novo. Em compensação, há duas semanas mandou consertar o forro de um paletó velho. Antigamente, você colecionava livros raros, mas aos poucos foi vendendo todos. No mês passado,

vendeu uma antiga edição de Oliver Twist por setecentas e sessenta libras.

Ela se calou e olhou para ele. Ele engoliu em seco.

— Mesmo assim, na semana passada, você tirou a sorte grande. Uma fraude esperta contra a viúva que você representa. Você passou a mão em seis mil libras que decerto não vão fazer muita falta para ela.

— Droga, como você sabe disso?

— Eu sei que você foi casado, que tem na Inglaterra dois filhos que não querem te ver e que depois do divórcio você deu seu grande salto, mantendo hoje em dia basicamente relações homossexuais. Talvez sinta vergonha, já que foge de boates gays, evita ser visto na cidade com um de seus namorados e sempre atravessa a fronteira espanhola para se encontrar com outros homens.

Com o choque, Jeremy MacMillan tinha ficado mudo. De repente, ficou apavorado. Ignorava como ela descobrira tudo aquilo, mas o fato é que ela tinha informações suficientes para acabar com ele.

— E eu vou falar uma vez só: não me interessa nem um pouco com quem você trepa. Não tenho nada com isso. Quero saber quem você é, mas jamais iria tirar vantagem do que sei. Não tenho a intenção de te ameaçar nem de te chantagear.

MacMillan não era nenhum idiota. Percebeu, obviamente, que o que ela sabia a seu respeito representava uma ameaça. Ela estava no controle. Por um instante, considerou a possibilidade de erguê-la e jogá-la sacada abaixo, mas controlou-se. Nunca na vida havia sentido tanto medo.

— O que você quer? — conseguiu articular.

— Uma associação com você. Você vai encerrar todos os seus outros casos em andamento e trabalhar para mim com exclusividade. Vai ganhar mais dinheiro do que jamais sonhou.

Ela explicou o que queria que ele fizesse e como imaginava as linhas gerais do caso.

— Quero permanecer invisível — ela explicou. — Você administra meus negócios. Tudo na mais perfeita legalidade. O que eu aprontar do meu lado nunca irá te atingir e nunca vai ter relação com os nossos negócios.

— Entendo.

— Então eu vou ser sua única cliente. Você tem uma semana para encerrar com os seus outros clientes e com todas as suas tramoiazinhas.

Ele também percebeu que acabava de receber uma proposta que nunca se repetiria. Refletiu por um minuto, e então aceitou. Tinha apenas uma pergunta a fazer.

— Como você sabe que eu não vou te sacanear?

— Faça isso, e você vai se arrepender pelo resto da sua vidinha miserável.

Não havia motivo nenhum para trapacear. Lisbeth Salander lhe propunha um trabalho que era potencialmente tão vantajoso que seria um absurdo colocá-lo em risco por uma ninharia. Enquanto ele não tivesse grandes pretensões e não fizesse besteira, seu futuro estava garantido.

Não tinha a intenção de sacanear Lisbeth Salander.

Portanto tinha se tornado honesto, ou pelo menos tão honesto quanto pode ser um advogado suspeito que administra uma pilhagem de proporções astronômicas.

Lisbeth não estava nem um pouco interessada em administrar suas finanças. A tarefa de MacMillan era aplicar o dinheiro dela e cuidar para que houvesse saldo suficiente nos cartões bancários que ela utilizava. Conversaram por algumas horas. Ela explicou como queria que suas finanças funcionassem. O trabalho dele consistia em cuidar desse funcionamento.

Boa parte da quantia roubada fora aplicada em fundos estáveis, o que a tornava financeiramente independente pelo resto da vida, mesmo que ela resolve-se gastar a rodo e levar uma existência perdulária. Esses fundos serviriam para abastecer o saldo de seus cartões de crédito.

Quanto ao restante do dinheiro, ele podia brincar de investir à vontade, contanto que não investisse em nada que criasse problemas com a polícia. Ele estava proibido de cometer pequenos furtos ridículos e fraudes insignificantes, que — se o azar resolvesse dar as caras — acarretariam investigações que, por sua vez, poderiam chamar a atenção para ela. Restava definir o quanto ele ganharia com o serviço.

— Os honorários iniciais são de quinhentas mil libras. Você vai poder pagar suas dívidas e ainda ficar com uma bela quantiazinha. Depois disso, você vai ganhar seu próprio dinheiro. Vai abrir uma empresa, tendo a mim como sócia. Vinte por cento dos lucros são seus. Quero que você seja suficientemente rico para não ficar tentado a fazer besteira, mas não rico o bastante para se acomodar.

Ele deu início a seu novo trabalho em 1º. de fevereiro. No final de março, já tinha quitado todas as suas dívidas pessoais e equilibrado seu orçamento. Lisbeth insistira para que ele priorizasse a organização de suas finanças e saísse do vermelho. Em maio, ele encerrou a sociedade com seu colega alcoólatra George Marks, a outra metade da MacMillan & Marks. Sentiu uma pontinha de culpa em relação a seu antigo parceiro, mas estava fora de cogitação envolver Marks nos negócios de Lisbeth Salander.

Ele conversou sobfe o assunto com Lisbeth quando, no início de julho, ela o visitou um dia em Gibraltar e descobriu que MacMillan estava trabalhando em seu apartamento e não no pequeno escritório numa rua afastada que lhe coubera até então.

— O meu sócio é alcoólatra e seria difícil para ele se virar nos nossos assuntos. Pelo contrário, ele representaria um grande fator de risco. Mas quando eu cheguei a Gibraltar, há quinze anos, ele me salvou a vida ao me aceitar como sócio.

Ela refletiu por uns dois minutos, observando MacMillan.

— Entendo. Você é um patife leal. Essa é, sem dúvida, uma qualidade admirável. Sugiro que você abra uma pequena conta para que ele se divirta à vontade. Cuide para que ele ganhe todo mês algumas notas de mil, o suficiente para viver.

— Você me dá sinal verde?

Ela fez que sim com a cabeça e olhou para o apartamento de solteirão dele. MacMillan morava numa quitinete numa das vielas próximas ao hospital. A única coisa agradável era a vista. Embora fosse difícil escapar daquela vista em Gibraltar.

— Você precisa de um escritório e de outro apartamento — disse ela

— Não deu tempo — ele respondeu.

— Tudo bem — disse ela.

E então ela o levou às compras e conseguiu um escritório de cento e trinta metros quadrados com uma pequena sacada com vista para o mar, no Buchanan House, em Queensway Quay, o que em Gibraltar era o suprassumo. Contratou um arquiteto de interiores para repaginar e mobiliar o local.

MacMillan recordou que, enquanto ele se ocupava da papelada, Lisbeth acompanhara pessoalmente a instalação do sistema de alarme, do equipamento de informática e do armário de segurança, esse mesmo que ela havia vasculhado antes de ele chegar ao escritório naquela manhã.

— Caí em desgraça? — ele perguntou.

Ela largou a pasta de correspondência que estava examinando.

— Não, Jeremy. Você não caiu em desgraça.

— Que bom — disse ele, e foi buscar um café. — Você realmente tem o dom de aparecer quando a gente menos espera.

— Andei ocupada nos últimos tempos. Eu só queria me atualizar sobre as últimas notícias.

— Se entendi bem a história toda, você esteve sendo procurada por triplo assassinato, levou uma bala na cabeça e foi acusada de mais um monte de crimes. Teve uma hora em que fiquei realmente preocupado. Achei que você ainda estivesse atrás das grades. Você fugiu?

— Não. Fui absolvida de todas as acusações e me puseram em liberdade. Você ouviu dizer o quê, exatamente?

Ele hesitou um segundo.

— Certo. Não vou mentir. Quando percebi que você estava na pior, contratei uma agência de tradução, que foi me dissecando todos os jornais suecos e me informando do desenrolar da história. Estou relativamente bem informado.

— Se você se baseou no que saiu nos jornais, não pode estar bem informado. Mas imagino que tenha descoberto alguns segredos sobre mim.

Ele fez que sim com a cabeça.

— E agora, o que vai acontecer? — perguntou MacMillan. Ela olhou para ele, surpresa.

— Nada. Vai continuar tudo igual. A nossa relação não tem nada a ver com os meus problemas na Suécia. Me conte o que aconteceu durante a minha ausência. Como é que você se virou?

— Eu não bebo — disse ele. — Se é o que você quer dizer.

— Não. A sua vida pessoal não é assunto meu, desde que não interfira nos meus negócios. O que eu quero dizer é: estou mais ou menos rica do que um ano atrás?

Ele puxou a cadeira das visitas e se sentou. Não via o menor problema em Lisbeth Salander estar sentada no lugar dele. Não havia motivo para entrar numa luta de poder com ela.

— Você me entregou dois bilhões e quatrocentos milhões de dólares. Investimos duzentos milhões em fundos para você. O resto você me deu para brincar.

— Isso.

— Os seus fundos pessoais só variaram nos juros. Posso aumentar seus rendimentos se...

— Não estou interessada em aumentar meus rendimentos.

— Certo. Você só gastou uma quantia ridícula. As maiores despesas foram o apartamento que comprei para você e o fundo beneficente para aquele advogado, o Palmgren. No mais, você teve um consumo normal, pequeno até. Os juros foram vantajosos. Você está mais ou menos com o que tinha no início.

— Ótimo.

— O resto eu investi. No ano passado não conseguimos grande coisa. Eu estava meio enferrujado e levei algum tempo até reaprender como o mercado funciona. Tivemos despesas. Este ano é que vamos começar a ter lucro. Enquanto você esteve presa, tivemos uma entrada de povico mais de sete milhões. De dólares, quero dizer.

— Dos quais vinte por cento são para você.

— Dos quais vinte por cento são para mim.

— Está satisfeito?

— Ganhei mais de um milhão de dólares em seis meses. Sim Estou satisfeito.

— Olha... não seja guloso demais. Você pode se afastar quando estiver satisfeito. Mas continue administrando meus negócios algumas horas, aqui e ali.

— Dez milhões de dólares — disse ele.

— Como?

— Depois que eu juntar dez milhões de dólares, eu paro. Foi bom você ter vindo. Temos umas coisas para conversar.

— Diga-

Ele afastou as mãos.

— Essa coisa toda representa tanto dinheiro que entro meio em pânico. Não sei como lidar com isso. Não sei qual o objetivo das operações, fora ganhar mais e mais. Para que vai servir esse dinheiro todo?

— Não sei.

— Nem eu. Mas o objetivo do dinheiro pode acabar virando o próprio dinheiro. E isso não é bom. Por isso, resolvi parar depois que juntar dez milhões. Não quero mais essa responsabilidade.

— Certo.

— Antes de eu me afastar, queria que você decidisse como quer que sua fortuna seja administrada no futuro. Precisa haver um objetivo, diretrizes e uma organização que assuma a responsabilidade.

— Humm.

— E impossível uma pessoa só aplicar tanto dinheiro assim em múltiplas aplicações. Eu dividi a quantia, de um lado em investimentos fixos a longo prazo: imóveis, títulos, esse tipo de coisa. Tenho uma lista completa no computador.

— Eu li.

— A outra parte eu uso para especular, mas é tanto dinheiro para administrar que não estou dando conta. Por isso, abri uma empresa de investimentos em Jersey. Por enquanto, você tem seis funcionários em Londres. Dois jovens investidores competentes mais um pessoal de escritório.

— A Yellow Ballroom Ltd.? Eu estava mesmo me perguntando o que era isso.

— É a nossa empresa. Aqui, em Gibraltar, eu contratei uma secretária e um jovem e promissor advogado... aliás, eles devem chegar daqui a uma meia hora.

— Ahã. Molly Flint, quarenta e um anos, e Brian Delaney, vinte e seis

anos.

— Você quer conhecer os dois?

— Não. O Brian é seu amante?

— O quê? Não!

Ele pareceu chocado.

— Eu não misturo...

— Muito bem.

— Aliás... carinhas jovens não me interessam... quero dizer, os caras sem experiência.

— Eu sei, você tem atração por uns caras com uma aparência mais sarada do que um garotão pode oferecer. Continua não sendo assunto meu. Mas, Jeremy...

— Sim?

— Tome cuidado.

Lisbeth não tinha programado ficar em Gibraltar mais do que duas semanas para reorientar a sua vida. A certa altura, porém, descobriu que não tinha a menor idéia do que ia fazer nem de que rumo tomar. Ficou doze semanas. Verificava seu correio eletrônico uma vez por dia e respondia com docilidade aos e-mails de Annika Giannini nas raras vezes em que mandava notícias. Não dizia onde estava. Não respondia aos outros e-mails.

Continuava freqüentando o Harry's Bar, mas agora só aparecia no final da tarde para tomar uma cerveja. Passava a maior parte do dia no Rock, ou no terraço, ou na cama. Teve mais um

relacionamento casual, com um oficial trintão da Marinha britânica, mas foi apenas um caso de uma noite e, em suma, uma experiência desinteressante.

Ela percebeu que estava se entediando.

No início de outubro, jantou com Jeremy MacMillan. Os dois tinham se visto poucas vezes durante sua estada. Já anoitecera, e eles bebiam um vinho branco frutado e discutiam a melhor maneira de empregar os bilhões de Lisbeth. De repente, ele a surpreendeu perguntando-lhe o que a estava perturbando.

Ela olhou para ele enquanto refletia. Então, de forma também surpreendente, falou na sua relação com Miriam Wu, de como ela fora espancada e quase morta por Ronald Niedermann. Por sua culpa. A não ser por um alô transmitido por Annika Giannini, Lisbeth não tivera mais notícia de Miriam Wu, que agora estava morando na França.

Jeremy MacMillan ficou algum tempo sem falar nada.

— Você está apaixonada por ela? — perguntou de repente.

Lisbeth Salander pensou antes de responder. Por fim, balançou a cabeça.

— Não. Não acho que eu seja do tipo que se apaixona. Ela era uma amiga. E transava muito bem.

— Ninguém pode evitar de se apaixonar — disse ele. — A gente talvez queira negar, mas a amizade é sem dúvida a forma mais comum de amor.

Ela olhou para ele, estupefata.

— Você vai ficar chateada se eu disser uma coisa pessoal?

— Não.

— Se manda pra Paris, caramba.

Ela aterrissou no aeroporto Charles de Gaulle às duas e meia da tarde, pegou o ônibus para o Arco do Triunfo e passou duas

horas percorrendo as redondezas em busca de um quarto de hotel. Foi na direção do sul e do Sena, e só muito tempo depois encontrou por fim um quarto no pequeno Hotel Victor-Hugo, na Rue Copernic.

Tomou um banho e ligou para Miriam Wu. Elas se encontraram por volta das nove da noite num bar perto de Notre-Dame. Miriam Wu usava uma camisa branca e um blazer. Estava sublime. Lisbeth sentiu-se imediatamente desconfortável. Trocaram beijos.

— Desculpe eu não ter te dado notícias nem ter aparecido no julgamento — disse Miriam Wu.

— Tudo bem. O julgamento acabou sendo a portas fechadas.

— Passei três semanas no hospital e, quando voltei para a Lundagatan, estava tudo um caos. Eu não conseguia dormir. Tinha pesadelos com esse canalha do Niedermann. Liguei para a minha mãe dizendo que queria vir morar com eles.

Lisbeth meneou a cabeça.

— Me desculpe — disse Miriam Wu.

— Não seja boba. Eu é que vim te pedir desculpas.

— Por quê?

— Eu fui muito burra. Em nenhum momento me ocorreu que eu estivesse colocando sua vida em perigo quando deixei o apartamento para você mas continuei oficialmente morando nele. Se você quase morreu, é culpa minha. Entendo que você me odeie.

Miriam pareceu estupefata.

— Isso nem me passou pela cabeça. Quem tentou me matar foi o Ronald Niedermann. Não você.

Permaneceram algum tempo em silêncio.

— Está bem — disse Lisbeth afinal.

— Certo — disse Miriam Wu.

— Eu não vim atrás de você porque estou apaixonada — disse Lisbeth. Miriam fez um gesto de assentimento com a cabeça.

— Você é superboa dê cama, mas eu não estou apaixonada por você — enfatizou Lisbeth.

— Lisbeth... eu acho...

— O que eu queria dizer é que eu espero que... droga.

— O quê?

— Eu não tenho muitos amigos... Miriam Wu assentiu com a cabeça.

— Vou ficar em Paris por um tempo. Meu curso na Suécia não deu certo e acabei me matriculando na universidade daqui. Vou ficar no mínimo um ano.

Lisbeth fez que sim com a cabeça.

— Depois, não sei. Mas vou voltar para Estocolmo. Vou pagar as taxas do apartamento da Lundagatan, eu queria ficar com ele. Se você topar.

— O apartamento é seu. Você faz o que quiser com ele.

— Lisbeth, você é mesmo especial — disse ela. — Eu quero continuar sendo sua amiga.

Conversaram por cerca de duas horas. Lisbeth não tinha nenhum motivo para esconder seu passado de Miriam Wu. Qualquer pessoa que tivesse tido acesso aos jornais suecos conhecia o caso Zalachenko, e Miriam o acompanhara com interesse. Ela contou com detalhes o que acontecera em Nykvarn na noite em que Paolo Roberto salvara sua vida.

Depois, foram até o quarto de estudante de Miriam Wu, perto da universidade.

EPÍLOGO: INVENTÁRIO DE SUCESSÃO: SEXTA-FEIRA 2 DE DEZEMBRO – DOMINGO 18 DE DEZEMBRO

Annika Giannini encontrou-se com Lisbeth no bar do Sõdra Teatern por volta das nove da noite. Lisbeth terminava seu segundo copo de cerveja.

— Desculpe o atraso — disse Annika, dando uma olhada no relógio. — Tive um pepino com outro cliente.

— Ah, é? — disse Lisbeth.

— O que você está comemorando?

— Nada. Apenas me deu vontade de encher a cara.

Annika observou-a com ceticismo e se sentou.

— Você tem sempre essa vontade?

— Eu tomei o maior porre quando me soltaram, mas não tenho tendência ao alcoolismo, se é isso que te preocupa. Apenas tive consciência de que, pela primeira vez na vida, desde que sou maior de idade, estou legalmente autorizada a me embebedar aqui na Suécia.

Annika pediu um Campari.

— Bem — disse ela. — Você quer beber sozinha ou quer companhia?

— Dê preferência, sozinha. Mas se você não falar muito, pode ficar comigo. Imagino que não queira ir até a minha casa dar uma trepada?

— Hein? — disse Annika Giannini.

— Não, foi o que eu pensei. Você é dessas héteros convictas. De repente, Annika Giannini pareceu achar graça.

— É a primeira vez que um cliente me propõe uma trepada.

— Está interessada?

— Nem um pouco, sinto muito. Mas obrigada pelo convite.

— Então, o que você queria comigo, senhora advogada?

— Duas coisas. Ou você começa a atender os meus telefonemas, ou eu renuncio a ser sua advogada aqui e agora. Já conversamos sobre isso quando você foi solta.

Lisbeth fitou Annika Giannini.

— Faz uma semana que estou tentando falar com você. Liguei, escrevi, mandei e-mails.

— Eu estava viajando.

— Você esteve incomunicável quase o outono todo. Não dá para ser desse jeito. Aceitei ser sua representante jurídica em tudo o que diz respeito aos seus problemas com o Estado. Isso implica formalidades e documentos. Papéis para assinar. Perguntas que devem ser respondidas. Preciso ter como te encontrar, e não acho a menor graça em ficar feito uma boba, sem saber onde você se meteu.

— Entendo. Passei duas semanas no exterior. Cheguei ontem e liguei assim que percebi que você estava tentando falar comigo.

— Não basta. Você precisa me manter informada sobre onde você está e me dar notícias pelo menos uma vez por semana até que todas as pendências de indenização e coisas desse tipo estejam resolvidas.

— Estou me lixando para a indenização. Só quero que o Estado me deixe em paz.

— Mas o Estado não vai te deixar em paz, isso não depende de você. A sua absolvição, no julgamento, trouxe uma cadeia de conseqüências. Você não é a única envolvida. O Peter Teleborian vai ser processado pelo que fez com você. Isso significa que você vai ter que testemunhar. O procurador Ekstrõm está sendo investigado por erro profissional, e também pode acabar sendo

indiciado se ficar provado que ele, em sã consciência, negligenciou seu dever como funcionário a pedido da Seção.

Lisbeth ergueu as sobrancelhas. Por um segundo, pareceu quase interessada.

— Não acredito que haja indiciamento. Ele se deixou enganar e, na verdade, não tem nada a ver com a Seção. Mas, ainda na semana passada um procurador abriu um inquérito preliminar sobre a Comissão de Tutelas O ombudsman recebeu várias reclamações e o mediador, uma.

— Eu não dei queixa contra ninguém.

— Não. Mas é óbvio que erros profissionais graves foram cometidos e tudo isso terá que ser investigado. Você não é a única pessoa sob responsabilidade da comissão.

Lisbeth deu de ombros.

— Eu não me sinto envolvida. Mas prometo manter um contato mais regular com você. As duas últimas semanas foram uma exceção. Eu estava trabalhando.

Annika Giannini olhou desconfiada para sua cliente.

— Trabalhando no quê?

— Serviço de consultoria.

— Está bem — ela disse afinal. — O outro assunto é que o inventário da sucessão foi concluído.

— Que inventário?

— O inventário dos bens do seu pai. O advogado do Estado me procurou, já que ninguém sabia onde te achar. Você e sua irmã são as únicas herdeiras.

Lisbeth Salander contemplou Annika sem esboçar nenhuma reação. Depois, capturou o olhar da garçonete e apontou para o seu copo.

— Eu não quero nenhuma herança do meu pai. Pode fazer o que quiser com ela.

— Errado. Você pode fazer o que quiser com essa herança. O meu trabalho é cuidar para que você possa fazer isso.

— Eu não quero um só ore daquele porco.

— Certo. Doe o dinheiro para o Greenpeace, ou para quem você quiser.

— Estou pouco me lixando para as baleias.

De repente, a voz de Annika tornou-se autoritária.

— Lisbeth, se você quer ser maior de idade, já está na hora de se comportar como tal. Não estou nem aí para o que você faz com o seu dinheiro. Só assine aqui dizendo que recebeu e depois pode ficar bebendo à vontade.

Lisbeth olhou de esguelha para Annika, depois para a mesa. Annika supôs que aquilo fosse uma espécie de gesto arrependido, ao qual, quem sabe, se seguiria um pedido de desculpas no limitado repertório de mímicas de Lisbeth Salander.

— Certo. Qual é a quantia?

— E bastante razoável. Seu pai tinha pouco mais de trezentas mil coroas em títulos. A propriedade de Gosseberga, que inclui alguns hectares de floresta, está avaliada em cerca de um milhão e meio de coroas. Além disso, seu pai era proprietário de mais três bens imóveis.

— Bens imóveis?

— Sim. Parece que ele investiu algum dinheiro. Não são propriedades de um valor extraordinário. Ele era dono de um pequeno prédio em Uddevalla, com seis apartamentos, o que gera alguma renda de aluguéis. Mas o prédio está em mau estado, falta manutenção. O fato de ser um imóvel velho até foi mencionado na Comissão de Locações. Isso não vai te deixar rica, mas a venda vai

render uma quantia razoável. Ele também tinha uma casa de campo em Smâland, avaliada em duzentas e cinqüenta mil coroas.

— Ah, é?

— E também um prédio industrial deteriorado próximo a Norrtálje.

— Por que ele juntou essa porcaria toda?

— Não faço a menor idéia. De modo geral, depois de vender tudo e descontando impostos e coisas assim, a herança poderia chegar a quatro milhões e pouco, mas...

— Sim?

— Depois, ela tem que ser dividida igualmente entre você e sua irmã. O problema é que ninguém sabe onde ela se encontra.

Lisbeth fitou Annika Giannini com um silêncio inexpressivo.

— E então?

— Então o quê?

— Onde está sua irmã?

— Não faço idéia. Faz dez anos que eu não sei dela.

— Ela detém informações protegidas como segredo de segurança nacional, mas tiveram a gentileza de me informar que nos cadastros do país ela não consta como residente.

— Ah, é? — disse Lisbeth com um interesse controlado. Annika suspirou, resignada.

— Tudo bem. Então eu sugiro que a gente liquide todos os ativos e deposite a metade do dinheiro no banco até sua irmã ser localizada. Posso dar entrada em todos os papéis, se você me autorizar.

Lisbeth deu de ombros.

— Eu não quero o dinheiro dele.

— Dá para entender. Mas, seja como for, temos que apresentar um balanço. Faz parte das suas responsabilidades como maior de idade.

— Então venda essa porcaria toda. Deposite a metade do dinheiro no banco e o resto você doa para quem quiser.

Annika Giannini ergueu uma sobrancelha. Já percebera que Lisbeth Salander tinha dinheiro guardado, mas não havia se dado conta de que sua cliente era rica o suficiente para se permitir desprezar uma herança de quase dois milhões de coroas, talvez mais. Não fazia a menor idéia de como Lisbeth tinha tanto dinheiro, nem de quanto era exatamente. No entanto, gostaria de encerrar todos aqueles trâmites administrativos.

— Por favor, Lisbeth... Leia o inventário da sucessão e me dê sinal verde para pormos um ponto final nesse assunto.

Lisbeth resmungou um pouco, mas acabou cedendo e enfiou a pasta na bolsa. Prometeu que iria ler o inventário e dar instruções para que Annika Giannini pudesse agir em seu nome. A seguir, concentrou-se em sua cerveja. Annika lhe fez companhia por mais uma hora, atendo-se à água mineral.

Somente muitos dias depois, quando Annika Giannini ligou e insistiu no assunto do inventário, é que Lisbeth Salander tirou da bolsa os papéis amassados e os ajeitou. Sentou-se à mesa da cozinha de seu apartamento da Fiskargatan e leu os documentos.

O inventário da sucessão era composto por várias páginas e continha informações das mais variadas — o aparelho de jantar que havia no armário da cozinha de Gosseberga, roupas, o valor de câmeras fotográficas e de outros objetos pessoais. Alexander Zalachenko não deixara muita coisa valiosa, e nenhum daqueles objetos tinha qualquer significado afetivo para Lisbeth Salander. Ela pensou um pouco e concluiu que sua atitude não mudara desde que se encontrara com Annika no bar. Venda essa porcaria toda e queime o dinheiro. Algo do gênero. Estava absolutamente segura de que não queria um único ore de seu pai, mas também tinha bons motivos para desconfiar que as verdadeiras posses de Zalachenko

estavam enterradas em algum lugar onde oficial de justiça nenhum teria ido procurar.

Em seguida, abriu o descritivo do prédio industrial de Norrtälje.

Tratava-se de uma propriedade de vinte mil metros quadrados, dividida em três construções, situada nas proximidades de Skederid entre Norrtälje e Rimbo.

O oficial de justiça incumbido do inventário fizera uma rápida visita ao local só para constatar que se tratava de uma antiga olaria, mais ou menos abandonada desde que encerrara as atividades nos anos 1970. Ele observara que o local estava em péssimo estado e que não poderia ser reformado para que abrigasse outra atividade. Com péssimo estado ele queria dizer, entre outras coisas, que o chamado "edifício norte" tinha sido devastado pelo fogo e desabara. Alguns consertos, no entanto, haviam sido feitos no "edifício principal".

O que intrigou Lisbeth Salander foi o histórico. Alexander Zalachenko tinha adquirido esse bem imóvel por uma ninharia em 12 de março de 1984, mas Agneta Sofia Salander é que aparecia como compradora.

A mãe de Lisbeth Salander tinha, portanto, sido a proprietária do imóvel. Sua participação, contudo, cessara em 1987. Zalachenko comprara os prédios por duas mil coroas. A partir daí, eles tinham aparentemente ficado abandonados por mais de quinze anos. O inventário da sucessão registrava que, em 17 de setembro de 2004, a empresa KAB contratara a empresa de engenharia NorrBygg S. A. para realizar uma reforma que incluía reparo de pisos e telhado, além de melhorias nas redes de água e energia elétrica. As obras tinham se estendido por quase dois meses, até 30 de novembro de 2004, quando foram interrompidas. NorrBygg enviara uma fatura, que havia sido paga.

Essa propriedade deixada por seu pai era intrigante. Lisbeth Salander franziu o cenho. Seria compreensível seu pai possuir um prédio industrial para ele mostrar que sua empresa legal, a KAB, tinha uma atividade qualquer ou alguns bens. Era compreensível ele

ter usado a mãe de Lisbeth Salander como laranja, ou nome de fachada, na ocasião da compra, para em seguida se apoderar do contrato de compra e venda.

Mas por que diabos ele gastara, em 2004, quase 440 mil coroas para reformar um prédio caindo aos pedaços que, de acordo com o inventariante, continuava sem ser usado em 2005?

Lisbeth Salander estava desconcertada mas não muito interessada. Fechou a pasta e ligou para Annika Giannini.

— Eu li o inventário. Minha decisão permanece igual. Venda essa porcaria toda e faça o que quiser com o dinheiro. Não quero ficar com nada que era dele.

— Certo. Vou cuidar para que metade do valor seja depositada em uma conta para sua irmã. Depois, vou sugerir a você algumas possibilidades de doação.

— Ahã — disse Lisbeth, e desligou sem dizer mais nada.

Sentou-se no recanto da janela, acendeu um cigarro e ficou contemplando a bacia de Saltsjön.

Lisbeth Salander passou a semana seguinte dando assistência a Dragan Armanskij num caso urgente. Tratava-se de seguir a pista e identificar uma pessoa suspeita de ter sido contratada para seqüestrar uma criança cuja guarda era motivo de conflito no divórcio de uma sueca e um cidadão libanês. A contribuição de Lisbeth Salander se limitava a controlar os e-mails da pessoa suspeita de ser o mandante. O serviço terminou quando as duas partes, reconciliadas, aceitaram um acordo diante do juiz.

Dia 18 de dezembro era o domingo anterior ao Natal. Lisbeth acordou às seis e meia e pensou que deveria comprar um presente de Natal para Hol-ger Palmgren. Refletiu por um instante na possibilidade de comprar outros presentes — quem sabe para Annika Giannini. Sem pressa, levantou-se, tomou banho e desfrutou calmamente seu café da manhã, composto por café, torradas com queijo e geleia de laranja.

Não tinha nenhum plano específico para aquele dia e passou algum tempo tirando um monte de papéis e jornais de seu escritório. Nisso, seu olhar bateu na pasta do inventário. Abriu-o e releu a página com a descrição do prédio industrial de Norrtãlje. Por fim, deu um suspiro. Tudo bem. Preciso descobrir o que ele estava aprontando.

Vestiu uma roupa quente e botas de cano alto. Eram oito e meia quando saiu com seu Honda cor de vinho da garagem do subsolo do prédio da Fiskar-gatan, n- 9. Fazia um frio intenso, mas o dia estava ensolarado e o céu, azul-pastel. Passou por Slussen e pela perimetral da Klaraberg e ziguezagueou pela E18 em direção a Norrtãlje. Não tinha pressa. Eram quase dez horas quando parou num posto de gasolina a poucos quilômetros de Skederid para perguntar o caminho da antiga olaria. Quando estava estacionando, percebeu que não seria necessário perguntar.

Encontrava-se num morro que dava para um pequeno vale do outro lado da estrada. À esquerda, na estrada de Norrtãlje, havia uma indústria de tintas e material de construção e um terreno de estacionamento para maquinado de terraplanagem. À direita, beirando a zona industrial, a cerca de quatrocentos metros da estrada principal, erguia-se um prédio sombrio de tijolo aparente com uma chaminé em ruínas. A fábrica tinha o aspecto de uma última sentinela da zona industrial, meio isolada por uma estrada e pequeno riacho. Ela contemplou o prédio, pensativa, e se perguntou o que a levara a reservar o dia para fazer uma visita à cidade de Norrtãlje.

Virou a cabeça e olhou na direção do posto de gasolina, aonde acabava de chegar um caminhão peso pesado ostentando placas TIR.* De súbito, deu--se conta de que estava na artéria principal do porto mercante de Kapellskär, por onde passava boa parte das mercadorias que transitavam entre a Suécia e os Estados bálticos.

Voltou a ligar o carro e retomou a estrada, virando logo em seguida na entrada para a olaria abandonada. Estacionou no meio do pátio e desceu do carro. A temperatura estava abaixo de zero, ela enfiou um boné preto e luvas de couro pretas.

O prédio principal tinha dois andares. No térreo, as janelas estavam todas condenadas, cobertas com chapas de compensado. No andar de cima, ela notou um bom número de vidros quebrados. A olaria era muito maior do que ela imaginara, e parecia tremendamente deteriorada. Lisbeth não conseguia distinguir um vestígio sequer de reforma. Não viu nenhum sinal de vida, mas reparou numa camisinha usada jogada no meio do pátio e que parte da fachada tinha sido alvo de artistas grafiteiros.

Por que o Zalachenko fazia tanta questão de ser dono desse prédio?

Contornou a olaria e, nos fundos, deparou com a ala demolida. Constatou que todas as portas do prédio principal estavam fechadas com correntes e cadeados. Por fim, examinou, frustrada, uma porta lateral. Em todas as outras, os cadeados estavam fixados com parafusos firmes e placas antirroubo O cadeado da porta lateral parecia mais frágil e estava preso apenas por um prego grande. Ora, dane-se, afinal eu sou a proprietária. Deu uma olhada ao redor, encontrou um cano de metal em cima de um monte de tralha e o usou como alavanca para quebrar a presilha do cadeado.

Entrou numa escada que se abria para o céu. Com as janelas tapadas, reinava uma escuridão quase total, exceção feita a algumas esparsas estrias de luz que se esgueiravam pela beirada das placas de aglomerado. Ela ficou parada por alguns minutos, até seus olhos se habituarem à escuridão. Aos poucos foi distinguindo um amontoado de velharias, banquinhos abandonados, peças usadas de maquinaria e madeira de construção, numa sala que devia medir uns quarenta e cinco metros de comprimento por vinte de largura, com o teto sustentado por pilares maciços. Os antigos fornos da olaria tinham virado tanques cheios de água e havia bolor e poças enormes no piso. Daquela bagunça se desprendia um cheiro de mofo e podridão. Ela franziu as narinas.

Lisbeth deu meia-volta e subiu a escada. O andar de cima estava seco e compunha-se de duas salas, uma seguida à outra, de pouco mais de vinte metros por vinte, com pelo menos oito metros de pé-direito. Janelas altas junto ao telhado eram inacessíveis. Não

permitiam, portanto, que se visse o lado de fora, mas traziam uma luz agradável. Ali também reinava a mais incrível miscelânea. Ela passou em frente a dúzias de caixotes de embalagem de um metro de altura empilhadas. Tentou erguer um deles. O caixote nem se moveu. Leu Máquina partes 0-A77 escrito na madeira. Abaixo, o mesmo texto em russo. Ela reparou num monta-cargas a meio caminho da primeira sala.

Uma espécie de depósito de máquinas que não poderiam gerar fortuna alguma enquanto ficassem enferrujando naquela antiga olaria.

Ela foi até a sala dos fundos e percebeu que era ali que a reforma tinha sido feita. A sala estava repleta de velharias, caixotes e móveis de escritório organizados de uma forma labiríntica. Uma parte do piso fora desocupada e recebera um laminado novo. Lisbeth observou que a reforma parecia ter sido interrompida de forma abrupta. As ferramentas, uma serra circular e uma serra de fita, uma pregadora automática, um pé de cabra, uma barra de ferro, assim como caixas de ferramentas, continuavam ali. Ela fez uma careta. Mesmo que as obras tenham sido interrompidas, a empresa responsável deveria ter levado o material. Mas também essa pergunta foi respondida quando ela pegou uma chave de fenda e constatou que a inscrição no cabo estava em russo. Zalachenko tinha importado as ferramentas e também, quem sabe, os operários.

Ela se aproximou da serra circular e girou o botão. Uma lâmpada verde se acendeu. Havia energia elétrica. Desligou a máquina.

No fundo da sala, havia três portas que davam para peças menores, talvez os antigos escritórios. Ela experimentou a maçaneta da porta que ficava mais ao norte. Trancada. Olhou em torno e foi até onde estavam as ferramentas para pegar um pé de cabra. Levou algum tempo para conseguir abrir a porta.

A peça estava na mais completa escuridão e cheirava a mofo. Tateou com a mão e achou um interruptor que acendeu uma lâmpada simples no teto. Lisbeth ficou estarrecida.

A mobília consistia em três camas com colchões sujos e outros três colchões colocados no chão. Lençóis sujos por toda parte. A direita, uma chapa elétrica e algumas panelas ao lado de uma torneira enferrujada. A um canto, um balde de metal e um rolo de papel higiênico.

Alguém havia morado ali* Várias pessoas.

Então, reparou que a porta não tinha maçaneta do lado de dentro do quarto. Um arrepio gelado percorreu suas costas.

No fundo da peça, havia um guarda-roupa grande. Abriu-o e deparou com duas malas. Pegou a que estava em cima. Havia roupas dentro. Vasculhou a mala e tirou de lá uma saia cuja etiqueta estava escrita em russo. Achou uma bolsa e esvaziou seu conteúdo no chão. Dentre a maquiagem e outras miudezas, achou um passaporte emitido para uma mulher morena de mais ou menos vinte anos. O texto estava em russo. Ela decifrou o nome: Valentina.

Lisbeth Salander saiu lentamente da peça com uma sensação de déjà-vu. Examinara um cenário de crime muito similar num porão de Hedestad, dois anos e meio antes. Roupas de mulher. Uma prisão. Ficou um bom tempo parada, refletindo. Preocupava-a que o passaporte e as roupas ainda estivessem ali. Um mau presságio.

Então voltou até onde estavam as ferramentas e revirou tudo ali até encontrar uma lanterna potente. Verificou as pilhas e em seguida voltou ao térreo e entrou na sala grande. A água das poças penetrou em suas botas.

Quanto mais ela avançava pela sala, mais o cheiro de putrefação se tornava insuportável. O fedor parecia atingir seu ponto máximo no meio do cômodo. Deteve-se diante da base de um dos antigos fornos para tijolos. Estava com água quase até a borda. Iluminou a água escura com a lanterna, mas não conseguiu ver nada. A superfície estava parcialmente coberta de algas que formavam um magma verde. Olhou em volta e encontrou uma barra de concreto armado de três metros de comprimento. Enfiou-a dentro do tanque e mexeu. A profundidade da água era de apenas uns cinqüenta centímetros. Quase de imediato, deparou com uma

resistência. Fez força durante alguns segundos até que o corpo subisse à superfície, a começar pelo rosto, uma máscara contorcida de morte e decomposição. Respirou pela boca, contemplou o rosto à luz da lanterna e constatou que se tratava de uma mulher, talvez a mulher do passaporte do piso superior. Não entendia sobre a velocidade de decomposição em água fria e estagnada, mas o corpo parecia estar naquele tanque fazia algum tempo.

De repente, viu algo se mexendo na superfície da água. Algum tipo de larva.

Deixou o corpo voltar para o fundo da água e continuou procurando com a barra. Na borda do tanque, encostou no que parecia ser outro corpo. Recolheu a barra da água, deixou-a no chão e ficou parada em frente ao tanque, mergulhada em pensamentos.

Lisbeth Salander retornou ao andar de cima. Usou o pé de cabra para abrir a porta do meio. O cômodo estava vazio e não parecia ter sido usado.

Aproximou-se da última porta e posicionou o pé de cabra, mas, antes mesmo que começasse a forçá-la, a porta se entreabriu. Não estava trancada. Abriu-a de par em par empurrando com o pé de cabra e olhou em torno.

A sala tinha uns trinta metros quadrados. As janelas ficavam a uma altura normal e davam para o pátio em frente à olaria. Avistou o posto de gasolina no morro acima da estrada. Havia ali uma cama, uma mesa e uma bancada com louça em cima. Então viu uma sacola aberta no chão. Cédulas de dinheiro. Perplexa, deu dois passos à frente antes de perceber que fazia calor ali dentro. Seu olhar foi atraído por uma estufa elétrica no meio da sala. Avistou uma cafeteira elétrica. A luz vermelha estava acesa.

Tem alguém morando aqui. Não estou sozinha.

Deteve-se e logo em seguida saiu correndo. Passou pela sala do fundo, pelas portas intermediárias e se precipitou para a saída na primeira sala. Freou a cinco passos da escada, ao ver que a porta

tinha sido fechada com um cadeado. Estava presa. Virou-se lentamente e olhou em volta. Não viu nada.

— Oi, mana — disse uma voz clara, vindo da lateral.

Virou a cabeça e deu com a estatura imensa de Ronald Niedermann se materializando junto a uns caixotes. Ele tinha uma baioneta na mão.

— Eu tinha esperança de voltar a te ver — disse Niedermann. — Na primeira vez foi tudo muito rápido.

Lisbeth olhou em volta.

— Não adianta — disse Niedermann. — Só estamos nós dois aqui, e a única saída é essa porta trancada atrás de você.

Lisbeth voltou o olhar para seu meio-irmão.

— Como está a sua mão? — perguntou.

Niedermann continuava sorrindo para ela. Ergueu a mão direita para lhe mostrar. Estava sem o dedo mínimo.

— Infeccionou. Fui obrigado a amputar.

Ronald Niedermann sofria de analgesia congênita e era incapaz de sentir qualquer tipo de dor. Lisbeth acertara a mão dele com uma pazada, em Gosseberga, poucos segundos antes de Zalachenko disparar uma bala na cabeça dela.

— Eu deveria ter mirado na sua cabeça — disse Lisbeth Salander com uma voz sem expressão. — O que você está fazendo aqui? Achei que tinha se mandado há meses para o exterior.

Ele sorriu para ela.

Mesmo que quisesse, não poderia responder à pergunta de Lisbeth Salander. Nem ele próprio sabia o que estava fazendo naquela olaria abandonada.

Ele deixara Gosseberga para trás com um sentimento de libertação. Achava que Zalachenko estava morto e que ele iria

assumir a empresa. Sabia que era um excelente organizador.

Trocara de carro em Alingsâs, enfiara no porta-malas Anita Kaspersson, a assistente de odontologia apavorada, e rumara para Borâs. Ele não tinha um plano, ia improvisando. Não dedicara um só pensamento à sorte de Anita Kaspersson. Para ele tanto fazia ela viver ou morrer, e achava que precisaria se livrar de uma testemunha incômoda. Em algum lugar nos arredores de Borâs percebeu de repente que poderia usá-la de outra maneira. Continuara em direção ao sul e descobrira uma área florestal isolada perto de Seglora. Amarrara a mulher numa granja e a abandonara lá. Calculava que em algumas horas ela conseguiria se soltar e então direcionaria as buscas policiais para o sul. E se ela não conseguisse se soltar e morresse ali de fome ou de frio, não era problema dele.

Na verdade, ele voltara a Borâs e seguira em direção ao leste e a Estocolmo. Fora direto ao MC Svavelsjõ, embora tomando o cuidado de evitar as instalações do clube. Era uma chateação Magge Lundin estar na cadeia. Então fora procurar o sergeant at arms do clube, Hans-Âke Waltari, na casa dele. Pedira ajuda e um lugar para se esconder, e Waltari então o mandou procurar o tesoureiro e responsável pela área financeira do clube, Viktor Gõransson. No entanto, ficara com ele apenas por algumas horas.

Teoricamente, Ronald Niedermann não tinha por que se preocupar com dinheiro. Sem dúvida, fora obrigado a deixar em Gosseberga quase duzentas mil coroas em dinheiro, mas possuía quantias muito maiores aplicadas no exterior. Seu problema era que lhe faltava dinheiro vivo. Gõransson administrava as finanças do MC Svavelsjõ, e Niedermann percebeu que havia ali uma bela oportunidade. Fora brincadeira de criança convencer Gõransson a lhe mostrar onde ficava o cofre-forte, na granja, e se abastecer de oitocentas mil coroas em dinheiro.

Niedermann lembrava vagamente de que havia também uma mulher na casa, mas não tinha muita certeza do que havia feito com ela.

Gõransson também tinha um carro, que ainda não estava sendo procurado pela polícia. Niedermann rumou para o norte. Planejava pegar uma das balsas para Tallínn que saíam de Kapellskár.

Ao chegar a Kapellskár, parará num estacionamento. Desligara o motor e ficara trinta minutos observando os arredores. Estava fervilhando de tiras.

Tornara a ligar o carro e continuou rodando ao acaso. Precisava de um esconderijo onde pudesse se entocar por algum tempo. Passando nas proximidades de Norrtalje, lembrara da antiga olaria. Fazia mais de um ano que não pensava nela, desde a reforma. Os irmãos Harry e Atho Ranta usavam o local como depósito intermediário de mercadorias provenientes ou destinadas aos países bálticos, mas eles estavam no exterior havia várias semanas, desde que o jornalista Dag Svensson, da Míllenníum, começara a bisbilhotar o comércio das putas. A olaria estava vazia.

Escondera o Saab de Gõransson num hangar atrás da fábrica e entrara. Tinha sido obrigado a arrombar uma porta do térreo, e uma de suas primeiras iniciativas, depois, fora providenciar uma saída de emergência, uma chapa de compensado removível na lateral menor do térreo. Mais tarde, substituíra o cadeado quebrado. Então se acomodara no quartinho confortável do piso superior.

Uma tarde inteira se passou antes de ele ouvir o ruído nas paredes. No começo pensou que fossem seus fantasmas habituais. Ficou escutando por uma hora, extremamente tenso, e então se levantou e foi escutar na sala grande. Não ouviu nada, mas esperou, até perceber o som de algo raspando.

Encontrou a chave na bancada.

Raramente Ronald Niedermann tinha ficado tão surpreso quanto ficou ao abrir a porta e deparar com as duas putas russas. Até onde entendeu, elas estavam descarnadas daquele jeito por falta de comida, depois que o último pacote de arroz acabou. Tinham sobrevivido à base de chá e água.

Uma das putas estava tão esgotada que não teve energia para se erguer na cama. A outra estava em melhores condições. Só falava russo, mas ele conhecia suficientemente o idioma para entender que ela agradecia a Deus e a ele por salvá-las. Ele a rechaçara, estupefato, recuara e trancara a porta.

Não sabia o que fazer com elas. Preparou uma sopa com os enlatados encontrados na cozinha e serviu a elas enquanto refletia. A mulher mais esgotada que estava de cama parecia recobrar as forças. Ele passara a noite interrogando as duas. Levou algum tempo para entender que elas não eram putas, e sim estudantes que haviam pago aos irmãos Ranta para que as fizessem entrar na Suécia. Eles tinham lhes prometido visto de permanência e um trabalho. Chegaram a Kapellskár em fevereiro e foram levadas diretamente para aquele depósito, onde foram trancafiadas.

Niedermann se aborrecera. Então aqueles malditos irmãos Ranta tinham mantido uma atividade paralela sem que Zalachenko soubesse. Depois, haviam simplesmente esquecido as mulheres, ou talvez as tivessem abandonado de propósito à própria sorte quando deixaram a Suécia às pressas.

A questão era o que fazer com elas. Ele não tinha motivo algum para lhes fazer mal. Mas também não podia se dar ao luxo de libertá-las, pois elas muito provavelmente conduziriam a polícia até a olaria. Simples assim. Não podia mandá-las de volta para a Rússia, pois nesse caso teria de ir com elas até Kapellskar. Parecia arriscado demais. A morena, que se chamava Valentina, oferecera seu corpo em troca de ajuda. Ele não tinha a menor vontade de transar com ela, nem com a outra, mas a proposta transformara a garota em puta. Todas as mulheres eram putas. Simples assim.

Ao fim de três dias, cansara-se de suas súplicas incessantes, apelos e golpes na parede. Não via outra saída. De sua parte, tudo que mais desejava era tranqüilidade. De modo que abrira a porta pela última vez e, rapidamente, dera um fim ao problema. Pedira perdão a Valentina antes de estender as mãos e, num só gesto, quebrar-lhe o pescoço entre a segunda e a terceira vértebra. Depois cuidara da loira, deitada na cama, cujo nome ignorava. Ela ficara

deitada, passiva e sem resistir. Levara os corpos para o térreo e os escondera num tanque cheio de água. Finalmente pudera experimentar uma espécie de paz.

Não tinha a intenção de permanecer na olaria. Só pretendia esperar até grande parte da mobilização policial diminuir. Raspou a cabeça e deixou a barba crescer um centímetro. Isso mudou sua fisionomia. Encontrou um macacão que pertencera a um dos operários da NorrBygg e que era quase do seu tamanho. Vestiu o macacão, pôs um boné esquecido da Beckers Fãrg, enfiou uma trena de marceneiro no bolso e foi fazer compras no posto de gasolina no morro do outro lado da estrada. Tinha bastante dinheiro vivo, roubado do MC Svavelsjõ. Foi no final do dia. Parecia um operário comum parando ali antes de voltar para casa. Ninguém pareceu reparar nele. Habituou-se a fazer compras uma ou duas vezes por semana. No posto de gasolina, o reconheciam logo e o cumprimentavam cordialmente.

Desde o início, dedicara um bom tempo protegendo-se dos seres que povoavam o local. Entocavam-se nas paredes e saíam durante a noite. Ele os ouvia andando pela sala.

Entrincheirou-se no quarto. Depois de alguns dias, se cansou daquilo. Armou-se de uma baioneta encontrada numa gaveta da cozinha e saiu para enfrentar seus monstros. Chegara a hora de acertar as contas com eles.

De repente, percebeu que as criaturas recuavam. Pela primeira vez na vida, a presença delas dependia da vontade dele. Elas fugiam quando ele se aproximava. Podia ver suas caudas e seus corpos deformados atrás dos caixotes e armários. Berrou com elas. Elas fugiram.

Atônito, voltou ao seu quartinho confortável e passou a noite toda acordado, esperando os monstros voltarem. Eles repetiram o ataque ao amanhecer, e mais uma vez foi preciso enfrentá-los. E eles fugiram novamente.

Ele oscilava entre o pânico e a euforia.

A vida inteira tinha sido perseguido por essas criaturas das trevas e, pela primeira vez, sentia que dominava a situação. Não fazia nada. Comia. Dormia. Pensava. Uma vida tranqüila.

Os dias se transformaram em semanas, o verão chegou. Pelo rádio e pelos jornais vespertinos, acompanhou o declínio da caçada a Ronald Niedermann. Observou com interesse os relatos do assassinato de Alexander Zalachenko. Chega a ser engraçado! Um maluco vai e põe um ponto final na vida do Zalachenko. Em julho, seu interesse se reavivou com o julgamento de Lisbeth Salander. Ficou atônito ao ver que ela tinha sido absolvida. Alguma coisa estava errada. Ela estava livre, enquanto ele era obrigado a se esconder.

Comprou a Millennium no posto de gasolina e leu a edição sobre Lisbeth Salander, Alexander Zalachenko e Ronald Niedermann. Um jornalista chamado Mikael Blomkvist descrevia Ronald Niedermann como um assassino e doente mental, um psicopata. Niedermann fez uma careta.

De repente, chegou o outono e ele ainda não tinha ido embora. Quando veio o frio, comprou uma estufa elétrica no posto de gasolina. Não sabia explicar a si mesmo por que não deixava a fábrica.

As vezes apareciam alguns jovens de carro, eles estacionavam no pátio em frente à olaria, mas ninguém nunca fora perturbá-lo nem tentara entrar no prédio. Em setembro, um carro estacionara no pátio e um homem de parca azul mexera na maçaneta das portas e dera uma volta pelo terreno, olhando tudo por ali. Niedermann o observara da janela do andar de cima.

De tempos em tempos, o homem tomava notas num caderninho. Ficara uns vinte minutos, então dera uma última olhada em volta, entrara no carro e deixara o local. Niedermann respirou aliviado. Não tinha idéia de quem era aquele homem nem do que ele procurava, mas ele parecera estar fazendo uma espécie de

avaliação dos prédios. Niedermann não relacionou a morte de Zalachenko com o conseqüente inventário de sucessão.

Ele pensava muito em Lisbeth Salander. Não esperava, nunca mais, cruzar com ela, porém ela o fascinava e o assustava. Ronald Niedermann não tinha medo dos vivos. Mas sua irmã — sua meia-irmã — causara-lhe uma impressão extraordinária. Ninguém o tinha vencido como ela vencera. Ela havia ressurgido apesar de ele a ter enterrado. Ela havia ressurgido e o perseguira. Sonhava com ela todas as noites. Acordava encharcado de um suor frio e percebia que ela substituíra seus fantasmas habituais.

Em outubro, tomou uma decisão. Não deixaria a Suécia antes de encontrar sua irmã e acabar com ela. Não tinha nenhum plano, mas sua vida ganhara um objetivo. Não sabia onde ela estava nem como poderia seguir seu rastro. Ficava sentado na sala do andar de cima da olaria, olhando pela janela, dia após dia, mês após mês.

Até que o Honda cor de vinho estacionou um dia em frente ao prédio e, para sua imensa surpresa, ele viu Lisbeth Salander descer do carro. Deus é misericordioso, pensou. Lisbeth Salander ia ter o mesmo destino que as duas mulheres ali no térreo, cujos nomes esquecera. Sua espera chegara ao fim e agora ele finalmente poderia seguir sua vida.

Lisbeth Salander avaliou a situação e achou que ela estava longe de estar sob controle. Seu cérebro trabalhava sob pressão. Clique, clique, clique. Ainda tinha o pé de cabra na mão, mas percebeu que era uma arma demasiado frágil contra um homem que não sentia dor alguma. Estava trancada numa área de aproximadamente mil metros quadrados junto com um robô assassino saído direto do inferno.

Quando Niedermann de repente se moveu em sua direção, ela jogou o pé de cabra em cima dele. Ele se esquivou com tranqüilidade. Lisbeth Salander pôs o pé num banquinho, tomou impulso e se ergueu sobre um caixote de embalagem, continuando a escalar feito uma aranha os dois caixotes seguintes. Deteve-se e olhou para Niedermann, a pouco mais de quatro metros abaixo.

— Desça — disse ele com calma. — Você não tem como fugir. O fim é inevitável.

Ela se perguntou se ele tinha uma arma de fogo. Isso, sem dúvida, seria um problema.

Ele se inclinou à frente, levantou uma cadeira e jogou-a em cima dela. Ela se abaixou.

De repente, Niedermann pareceu irritado. Pôs o pé no banquinho e começou a subir em sua direção. Ela esperou ele chegar quase no alto antes de tomar impulso em duas passadas rápidas, pular por cima do vão central e aterrissar sobre um caixote alguns metros adiante. Desceu até o chão para pegar o pé de cabra.

Niedermann não era desajeitado, mas sabia que não podia saltar sobre os caixotes, arriscando-se a torcer o pé. Teria de descer devagarinho, até tocar o pé no chão. Era obrigado a se mexer lenta e metodicamente; passara a vida inteira dominando seu corpo. Já estava quase lá embaixo quando ouviu passos atrás de si e mal teve tempo de virar o corpo para aparar o golpe de pé de cabra com o ombro. Perdeu a baioneta.

Lisbeth largou o pé de cabra no instante em que desfechou o golpe. Não teve tempo de pegar a baioneta, mas empurrou-a com o pé para perto dos banquinhos. Em seguida, desviou-se de um tapa da mão imensa de Niedermann e escapou para cima dos caixotes do outro lado do vão central. Com o rabo do olho, viu Niedermann se esticar para agarrá-la. Rápida como um raio, levantou as pernas. Os caixotes de embalagem formavam duas fileiras, empilhados em três níveis de um lado a outro do vão central e em dois níveis do lado externo. Desceu ao segundo nível e, arqueando as costas, usou toda a força das pernas. O caixote devia pesar pelo menos duzentos quilos. Sentiu que ele se moveu, e então caiu no vão central.

Niedermann viu o caixote caindo e mal teve tempo de se jogar para o lado. Um canto do caixote bateu em seu peito, porém ele se safou sem grandes danos. Deteve-se. Mas não é que ela está mesmo resistindo! Subiu na direção de Lisbeth. A cabeça dele

estava alcançando a altura do terceiro nível quando ela desfechou-lhe um pontapé. Sua bota pesada atingiu a testa de Niedermann. Ele resmungou e se ergueu para cima dos caixotes. Lisbeth

Salander fugiu saltando mais uma vez sobre os caixotes do outro lado do vão central. Deixou-se cair atrás deles e sumiu de vista. Ele escutou seus passos e viu quando ela passou pela porta da sala do fundo.

Lisbeth Salander lançou um olhar avaliador à sua volta. Clique. Clique. Sabia que não tinha nenhuma chance. Podia sobreviver enquanto conseguisse se desviar das patas enormes de Niedermann e mantê-lo à distância, mas assim que cometesse um erro — o que aconteceria cedo ou tarde —, seria a morte. Tinha de evitá-lo a qualquer custo. Se ele encostasse a mão nela, seria uma vez só e o combate estaria terminado.

Precisava de uma arma.

Uma pistola. Uma metralhadora. Um obus perfurador e explosivo. Uma mina antipessoal.

Qualquer arma de merda, droga!

Mas não havia armas ali.

Olhou ao redor.

Nenhuma arma.

Só ferramentas. Clique, clique. Seu olhar bateu numa serra de fita, mas teria de ser muito persuasiva para fazê-lo se deitar na bancada. Clique. Avistou uma barra de ferro que poderia servir de lança, mas era pesada demais para ser manejada de forma eficaz. Clique. Deu uma olhada para a porta e viu que Niedermann descera dos caixotes, a uns quinze metros dali. Vinha novamente em sua direção. Ela começou a se afastar da porta. Restavam-lhe uns cinco segundos, talvez, antes que Niedermann a alcançasse. Deu uma última olhada nas ferramentas.

Uma arma... ou um esconderijo. Ela estacou de repente.

Niedermann não tinha pressa. Sabia que não havia saída e que, mais cedo ou mais tarde, pegaria sua irmã. Mas não havia como negar que ela era perigosa. Afinal, era filha de Zalachenko. E ele não queria sair ferido. Era melhor deixar que ela esgotasse suas forças.

Ele parou junto à porta que dava para a sala dos fundos e examinou o monte de ferramentas, lâminas de assoalho semi-instaladas e móveis. Ela não estava visível.

— Sei que você está aí. Vou te encontrar.

Ronald Niedermann parou de se mexer e escutou. A única coisa que ouviu foi a própria respiração. Ela tinha se escondido. Ele sorriu. Ela o desafiava. Sua visita se transformara, de repente, num jogo entre irmãos.

Nisso, ouviu um farfalhar descuidado em algum lugar no meio da sala. Virou a cabeça, sem conseguir identificar de onde vinha o ruído. Então sorriu outra vez. No meio da sala, meio distante do resto de toda aquela tralha, havia uma bancada de trabalho de cinco metros de comprimento, de madeira, com uma fileira de gavetas e portas corrediças na parte inferior.

Aproximou-se do móvel pela lateral e olhou atrás dele para ter certeza de que ela não estava tentando enganá-lo. Nada.

Ela está escondida dentro do móvel. Que imbecilidade.

Arrancou a primeira porta da parte esquerda do armário.

Ouviu imediatamente o barulho de alguém se movimentando dentro do móvel. O ruído vinha da parte central. Deu dois passos rápidos e abriu a porta com ar triunfante.

Nada.

Então ouviu uma série de detonações secas parecidas com tiros de pistola. O som chegou tão rápido que de início custou a entender de onde vinha. Virou a cabeça. Em seguida sentiu uma pressão esquisita no pé esquerdo. Não sentiu nenhuma dor. Olhou

para baixo, a tempo de ver a mão de Lisbeth Salander deslocar a pregadora para o seu pé direito.

Ela está embaixo do armário!

Ficou paralisado durante os segundos de que Lisbeth precisava para mirar a ponta do seu sapato e disparar mais cinco pregos de construção em seu pé.

Ele tentou se mover.

Levou preciosos segundos para entender que seus pés estavam pregados no piso recém-reformado. A mão de Lisbeth Salander deslocou a pregadora para o pé esquerdo. Parecia uma arma automática cuspindo projéteis um atrás do outro. Ela ainda teve tempo de disparar mais quatro pregos de construção antes que ele tivesse presença de espírito para reagir.

Ele começou a se inclinar para a frente com a intenção de segurar a mão de Lisbeth Salander, mas logo perdeu o equilíbrio. Conseguiu se estabilizar apoiando-se no armário, enquanto escutava a pregadora cuspindo pregos cla-blam, cla-blam, cla-blam. Ela voltara ao pé direito. Viu que ela disparava os pregos de viés, pelo calcanhar, para dentro do assoalho.

Ronald Niedermann urrou, repentinamente louco de raiva. Esticou-se uma vez mais em direção à mão de Lisbeth Salander.

De onde estava, embaixo do móvel, Lisbeth Salander viu a perna de sua calça subir, indicando que ele estava se inclinando para a frente. Largou a pregadora. Ronald Niedermann viu sua mão sumir debaixo do armário com a rapidez de um réptil antes que ele pudesse alcançá-la.

Ele avançou a mão para pegar a pregadora, mas, assim que a tocou com a ponta do dedo, Lisbeth Salander puxou-a pelo fio para baixo do móvel.

O espaço entre o chão e o móvel era de pouco mais de vinte centímetros. Ele derrubou o armário, usando toda a força de que era capaz. Lisbeth Salander fitou-o com olhos arregalados e uma

expressão ofendida. Deu um giro na máquina e descarregou-a a uma distância de cinqüenta centímetros. O prego se cravou no meio da tíbia.

No instante seguinte, ela largou a pregadora e, rolando, se afastou rapidamente, tornando a se levantar fora do alcance dele. Recuou dois metros e parou.

Ronald Niedermann tentava se mover, perdeu novamente o equilíbrio, balançava para a frente e para trás, os braços se agitando em círculos amplos. Recuperou o equilíbrio e se inclinou para a frente, louco de raiva.

Dessa vez, conseguiu apanhar a pregadora. Ergueu-a e apontou-a para Lisbeth Salander. Pressionou o botão.

Mas nada aconteceu. Confuso, olhou para o aparelho. Depois ergueu os olhos para Lisbeth Salander. Com expressão vaga, ela indicou a tomada. Ele, com raiva, jogou a pregadora em cima dela. Ela se esquivou rapidamente.

Então ela reconectou o plugue e puxou a pregadora para si.

O olhar dele cruzou com o olhar inexpressivo de Lisbeth Salander e de repente ele se sentiu surpreso. Já sabia que ela havia vencido. Ela é sobrenatural. Tentou instintivamente soltar o pé do chão. Ela é um monstro. Teve força suficiente para levantá-lo alguns milímetros, até ele ser travado pela cabeça dos pregos. Estes tinham se cravado em diferentes ângulos e, para se soltar, Niedermann seria literalmente obrigado a estraçalhar os pés. Nem mesmo mobilizando sua força quase sobre-humana conseguiu soltar-se do chão. Ficou alguns segundos cambaleando como se estivesse prestes a desmaiar. Continuava pregado. Viu uma poça de sangue se formando devagar entre seus sapatos.

Lisbeth Salander sentou-se diante dele numa cadeira sem encosto, tentando captar sinais de que ele teria força para arrancar os pés do chão. Como ele não sentia dor, passar a cabeça dos pregos pelos pés era só uma questão de força. Permaneceu parada,

sem mover um músculo, por dez minutos, contemplando a luta dele. O tempo todo, seus olhos se mantiveram totalmente inexpressivos.

Acabou se levantando e se posicionando atrás dele, e então apontou a pregadora para sua coluna vertebral, logo abaixo da nuca.

Lisbeth Salander refletiu muito. Aquele homem diante dela tinha importado, drogado, maltratado e vendido mulheres no atacado e no varejo. Matara pelo menos oito pessoas, inclusive um policial de Gosseberga e um membro do MC Svavelsjõ. Não fazia idéia de quantas outras mortes seu meio-irmão tinha na consciência, mas, por causa dele, ela própria fora caçada por todo o país como um cão raivoso, acusada de três homicídios cometidos por ele.

Seu dedo pesava sobre o botão.

Ele matara Dag Svensson e Mia Bergman.

Com Zalachenko, também matara a ela, Lisbeth, e a enterrara, em Gosseberga. E agora, de novo, quisera matá-la.

Motivos para se irritar não faltavam.

Não via razão alguma para deixá-lo viver. Ele a odiava com uma intensidade que ela não entendia. O que aconteceria se ela o entregasse à polícia? Um processo? Prisão perpétua? Quando poderia sair? Quando iria fugir? E agora que finalmente já não havia seu pai, por quantos anos ela ainda teria que ficar olhando atrás de si, à espera do dia que seu irmão ressurgisse? Sentiu o peso da pregadora. Podia dar um fim definitivo àquilo tudo.

Análise das conseqüências.

Mordeu o lábio inferior.

Lisbeth Salander não tinha medo nem dos seres humanos nem de coisa nenhuma. Sabia que carecia da imaginação necessária para tanto — mais uma prova de que seu cérebro era absolutamente normal.

Ronald Niedermann a odiava e ela retribuía com um ódio também desmedido. Ele era daqueles homens do tipo Magge Lundin, Martin Vanger Alexander Zalachenko e dezenas de outros canalhas que, a seu ver não tinham por que permanecer entre os vivos. Se pudesse juntar todos numa ilha deserta e jogar uma bomba nuclear em cima deles, ficaria satisfeita.

Mas um assassinato? Será que valia a pena? O que aconteceria com ela se o matasse? Quais eram as chances de ela não ser pega? O que ela estaria pronta a sacrificar em troca da satisfação de acionar a pregadora uma última vez?

Ela poderia alegar legítima defesa... não muito, com os pés dele pregados no chão.

Lembrou-se de repente de Harriet Vanger, que também havia sido assediada pelo pai e pelo irmão. Lembrou-se da discussão que tivera com Mikael Blomkvist, quando ela condenara Harriet Vanger com palavras duras. Era culpa de Harriet Vanger se seu irmão Martin continuara a matar por anos a fio.

— O que você faria? — Mikael tinha perguntado.

— Eu acabaria com aquele traste — ela respondera com uma convicção vinda do mais fundo da sua alma gelada.

E não é que agora ali estava ela exatamente na mesma situação de Harriet Vanger? Quantas mulheres Ronald Niedermann ainda não iria matar se ela o deixasse livre? Ela era maior de idade e socialmente responsável por seus atos. Quantos anos de sua vida estaria pronta a sacrificar? Quantos anos Harriet Vanger aceitara sacrificar?

Então a pregadora foi ficando muito pesada para que ela conseguisse mantê-la apontada para a nuca, mesmo com ambas as mãos.

Abaixou a arma e teve a impressão de estar retornando à realidade. Viu que Ronald Niedermann resmungava palavras

incoerentes em alemão. Falava sobre um diabo que tinha vindo buscá-lo.

Percebeu, de repente, que ele não falava com ela. Niedermann parecia enxergar alguém do outro lado da sala. Virou a cabeça e acompanhou seu olhar. Não havia nada. Sentiu o cabelo se arrepiar.

Deu meia-volta, pegou a barra de ferro e foi até a sala da frente onde estava sua bolsa. Ao se abaixar para pegá-la, viu a baioneta no chão. Ainda estava usando as luvas, e agarrou a arma.

Hesitou por um instante, e então colocou-a bem à vista no vão central, entre os caixotes. Usando a barra de ferro, trabalhou uns três minutos no cadeado que trancava a saída.

Ficou um bom tempo dentro do carro, refletindo. Por fim, pegou o celular. Levou dois minutos para achar o número de telefone da sede do MC Svavelsjõ.

— Sim — disse uma voz do outro lado da linha.

— Nieminen — pediu ela.

— Um momento.

Aguardou três minutos até que Benny Nieminen, presidente em exercício do MC Svavelsjõ, atendesse.

— Quem está falando?

— Não interessa — disse Lisbeth, com uma voz tão baixa que ele mal conseguiu distinguir as palavras. Não saberia sequer dizer se quem estava ligando era um homem ou uma mulher.

— Ahã. E o que você quer?

— Acho que você gostaria de ter uma pista do Ronald Niedermann.

— Ah,é?

— Larga de besteira. Você quer ou não saber onde ele está?

— Estou ouvindo.

Lisbeth descreveu o caminho para chegar à olaria abandonada perto de Norrtälje. Informou que Niedermann estaria ali tempo suficiente para Nieminen ir até lá, desde que fosse logo.

Desligou o celular, ligou o carro e foi até o posto de gasolina do outro lado da estrada. Estacionou de modo a poder ver a olaria bem na sua frente.

Esperou mais de duas horas. Já passava da uma e meia quando avistou uma caminhonete rodando devagar mais abaixo na estrada. O veículo parou num estacionamento. Ficou ali por cinco minutos, depois deu meia-volta e entrou na estrada de acesso à olaria. Já começava a escurecer. O céu cinzento de dezembro não ajudava a melhorar os dias.

Ela abriu o porta-luvas, pegou um binóculo Minolta 2 X 8 e viu a caminhonete estacionando. Viu Benny Nieminen, Hans-Åke Waltari e mais três pessoas que ela não conhecia. Reestruturação. Eles estão tendo que substituir o pessoal.

Assim que Benny Nieminen e seus ajudantes encontraram a entrada lateral do prédio, ela pegou de novo o celular. Escreveu uma mensagem e a enviou por e-mail para o centro de operações da polícia de Norrtâlje.

[R. NIEDERMANN, QUE ASSASSINOU UM POLICIAL, SE ENCONTRA NA ANTIGA OLARIA PRÓXIMA AO POSTO DE GASOLINA DE SKEDERID. NO MOMENTO, ESTÁ SENDO MORTO POR B. NIEMINEN & MEMBROS DO MC SVAVELSJÖ. MULHER MORTA NO TANQUE DO TÉRREO.]

Não viu nenhum movimento na direção da fábrica.

Aguardou pacientemente.

Enquanto esperava, pegou o cartão SIM do telefone e o destruiu, cortando-o em pedaços com uma tesourinha de unhas. Abriu o vidro e jogou os pedaços fora. Depois tirou um cartão SIM novinho da carteira e o inseriu no celular. Ela usava cartões

recarregáveis Comviq, praticamente impossíveis de localizar. Ligou para a Comviq e carregou quinhentas coroas no novo cartão.

Onze minutos haviam se passado quando um camburão da polícia, sem sirene mas com a luz giratória ligada, chegou à olaria vindo de Norrtâlje. O camburão estacionou na estrada de acesso, seguido, um minuto depois, por duas viaturas. Os policiais trocaram algumas palavras e em seguida avançaram em grupo até a olaria, estacionando ao lado da caminhonete de Nieminen. Ela ergueu o binóculo. Viu um dos policiais falando em um radiofone enquanto olhava para a placa da caminhonete. Os policiais olharam em volta, mas não se moveram. Dois minutos depois, ela avistou mais um camburão aproximando-se em alta velocidade.

Compreendeu, então, que estava tudo acabado.

A história que começara no dia em que ela nasceu acabava de chegar ao fim dentro daquela olaria.

Ela estava livre.

Quando os policiais retiraram um arsenal respeitável de dentro do camburão, vestiram coletes à prova de balas e começaram a se posicionar em volta da olaria, Lisbeth Salander entrou no posto de gasolina e comprou um café para viagem e um sanduíche. Comeu em pé diante de uma mesa alta da loja.

Já estava escuro quando voltou para o carro. Ao abrir a porta, ouviu dois disparos distantes, na certa tiros de pistola, do outro lado da estrada. Avistou vultos escuros, policiais à espreita bem junto à fachada, perto da entrada lateral. Escutou as sirenes de mais um carro de intervenção da polícia chegando de Uppsala como reforço. Alguns carros particulares estavam parados à beira da estrada tentando ver o que estava acontecendo.

Ela deu partida no Honda cor de vinho, entrou na E18 e voltou para casa, em Estocolmo.

Eram sete da noite quando Lisbeth Salander, irritadíssima, ouviu a campainha tocando. Estava na banheira, numa água ainda

fumegante. Pensando bem, só uma pessoa teria motivo para vir bater à sua porta.

De início, pensou em ignorar a campainha, mas, ao terceiro toque, suspirou, se enrolou numa toalha e foi respingando gotas d'água no chão do hall de entrada.

— Oi — disse Mikael Blomkvist, quando ela abriu a porta. Ela não respondeu.

— Você viu o noticiário?

Ela fez que não com a cabeça.

—Achei que você talvez gostasse de saber que o Ronald Niedermann está morto. Foi assassinado hoje por um pessoal do MC Svavelsjõ em Norrtälje.

— Olha só... — disse Lisbeth Salander com voz controlada.

— Falei com um policial de plantão em Norrtälje. Parece ter sido um acerto de contas. Ao que consta, o Niedermann foi torturado e retalhado com uma baioneta. Encontraram no local uma sacola com várias centenas de milhares de coras.

— Ah, é?

— A gangue de Svavelsjõ foi pega em flagrante. E eles ainda resistiram. Houve um tiroteio e a polícia teve de pedir reforço para a polícia nacional de Estocolmo. Svavelsjõ se rendeu por volta das seis da tarde.

— Ahá.

— O seu velho amigo Benny Nieminen, de Stallarholmen, já era. Ele se apavorou, ficou atirando feito um louco para se safar.

— Que bom.

Mikael Blomkvist ficou em silêncio por alguns segundos. Os dois se olharam através da porta entreaberta.

— Estou incomodando? — ele perguntou. Ela deu de ombros.

— Eu estava no banho.

— Estou vendo. Quer companhia? Ela lançou-lhe um olhar penetrante.

— Eu não quis dizer na banheira. Eu trouxe uns bagels — disse ele, mostrando um pacote. — Também comprei café para fazer um expresso. Considerando-se que você tem uma Jura Impressa X7 na sua cozinha, devia pelo menos aprender a usá-la.

Ela ergueu as sobrancelhas. Não sabia se ficava decepcionada ou aliviada.

— Só companhia? — ela perguntou.

— Só companhia — ele confirmou. — Sou um bom amigo visitando uma boa amiga. Quer dizer, isso se eu for bem-vindo.

Ela hesitou por alguns segundos. Durante dois anos, mantivera-se o mais longe possível de Mikael Blomkvist. No entanto, ele parecia sempre acabar grudado na sua vida feito chiclete na sola do sapato, tanto na internet como na vida real. Na internet, até podia ser. Ali ele não passava de elétrons e letras. Na vida real, em frente à sua porta, continuava sendo aquele puta homem atraente. E ele conhecia todos os seus segredos, assim como ela conhecia os dele.

Ela observou-o e constatou que não sentia mais nada por ele. Ou pelo menos não aquele tipo de sentimento.

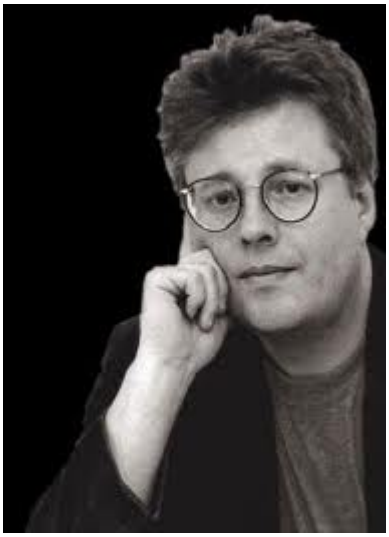
Ele havia de fato sido seu amigo ao longo de todo aquele ano.

Confiava nele. Talvez. Era chato que uma das raras pessoas em quem ela confiava fosse um homem que ela passava o tempo todo evitando.

Ela de repente se decidiu. Bobagem fazer de conta que ele não existia. Vê-lo já não doía mais.

Abriu a porta e tornou a acolhê-lo em sua vida.

AUTOR



Stieg Larsson (1954-2004) foi fundador e editor-chefe da revista sueca Expo, que denuncia grupos neofacistas e racistas. Especialista na atuação das organizações de extrema direita em seu país, é coautor de Extremhögern, livro no qual põe o assunto em evidência. Morreu em sua casa, vítima de um ataque cardíaco, pouco depois de ter entregado os originais dos romances que compõem a trilogia Millennium.

Table of Contents

OS HOMENS QUE NÃO AMAVAM AS MULHERES
PRÓLOGO - SEXTA-FEIRA 1º DE NOVEMBRO
I. INCITAÇÃO - 20 DE DEZEMBRO A 3 DE JANEIRO
- 1. SEXTA-FEIRA 20 DE DEZEMBRO
- 2. SEXTA-FEIRA 20 DE DEZEMBRO
- 3. SEXTA-FEIRA 20 DE DEZEMBRO - SÁBADO 21 DE DEZEMBRO
- 4. SEGUNDA-FEIRA 23 DE DEZEMBRO - QUINTA-FEIRA 26 DE DEZEMBRO
- 5. QUINTA-FEIRA 26 DE DEZEMBRO
- 6. QUINTA-FEIRA 26 DE DEZEMBRO
- 7. SEXTA-FEIRA 3 DE JANEIRO

II. ANÁLISE DAS CONSEQUÊNCIAS - 3 DE JANEIRO A 17 DE MARÇO
- 8. SEXTA-FEIRA 3 DE JANEIRO - DOMINGO 5 DE JANEIRO
- 9. SEGUNDA-FEIRA 6 DE JANEIRO - QUARTA-FEIRA 8 DE JANEIRO
- 10. QUINTA-FEIRA 9 DE JANEIRO - SEXTA-FEIRA 31 DE JANEIRO
- 11. SÁBADO 1º DE FEVEREIRO -TERÇA-FEIRA 18 DE FEVEREIRO
- 12. QUARTA-FEIRA 19 DE FEVEREIRO
- 13. QUINTA-FEIRA 20 DE FEVEREIRO -SEXTA-FEIRA 7 DE MARÇO
- 14. SÁBADO 8 DE MARÇO - SEGUNDA-FEIRA 17 DE MARÇO

III. FUSÕES - 16 DE MAIO A 14 DE JULHO
- 15. SEXTA-FEIRA 16 DE MAIO - SÁBADO 31 DE MAIO
- 16. DOMINGO 1º DE JUNHO - TERÇA-FEIRA 10 DE JUNHO
- 17. QUARTA-FEIRA 11 DE JUNHO - SÁBADO 14 DE JUNHO

18. QUARTA-FEIRA 18 DE JUNHO
19. QUINTA-FEIRA 19 DE JUNHO - DOMINGO 29 DE JUNHO
20. TERÇA-FEIRA 1º DE JULHO - QUARTA-FEIRA 2 DE JULHO
21. QUINTA-FEIRA 3 DE JULHO - QUINTA-FEIRA 10 DE JULHO
22. QUINTA-FEIRA 10 DE JULHO
23. SEXTA-FEIRA 11 DE JULHO
IV. TAKEOVER HOSTIL - 11 DE JULHO A 30 DE DEZEMBRO
24. SEXTA-FEIRA 11 DE JULHO - SÁBADO 12 DE JULHO
25. SÁBADO 12 DE JULHO - SEGUNDA-FEIRA 14 DE JULHO
26. TERÇA-FEIRA 15 DE JULHO - QUINTA-FEIRA 17 DE JULHO
27. SÁBADO 26 DE JULHO - SEGUNDA-FEIRA 28 DE JULHO
28. TERÇA-FEIRA 29 DE JULHO - SEXTA-FEIRA 24 DE OUTUBRO
29. SÁBADO 1° DE NOVEMBRO - TERÇA-FEIRA 25 DE NOVEMBRO
EPÍLOGO: ACERTO DE CONTAS - QUINTA-FEIRA 27 DE NOVEMBRO A TERÇA-FEIRA 30 DE DEZEMBRO
A MENINA QUE BRINCAVA COM FOGO
PRÓLOGO
I - EQUAÇÕES IRREGULARES 16 A 20 DE DEZEMBRO
1 - QUINTA-FEIRA 16 DE DEZEMBRO - SEXTA-FEIRA 17 DE DEZEMBRO
2 - SEXTA-FEIRA 17 DE DEZEMBRO
3 - SEXTA-FEIRA 17 DE DEZEMBRO - SÁBADO 18 DE DEZEMBRO
II - DA RÚSSIA COM AMOR 10 DE JANEIRO A 23 DE MARÇO
4 - SEGUNDA-FEIRA 10 DE JANEIRO - TERÇA-FEIRA 11 DE JANEIRO
5 - QUARTA-FEIRA 12 DE JANEIRO - SEXTA-FEIRA - 14 DE JANEIRO

6 - DOMINGO 23 DE JANEIRO - SÁBADO 29 DE JANEIRO
7 - SÁBADO 29 DE JANEIRO - DOMINGO 13 DE FEVEREIRO
8 - SEGUNDA-FEIRA 14 DE FEVEREIRO - SÁBADO 19 DE FEVEREIRO
9 - DOMINGO 6 DE MARÇO - SEXTA-FEIRA 11 DE MARÇO
III - EQUAÇÕES IMPOSSÍVEIS 23 DE MARÇO A 2 DE ABRIL
11 - QUARTA-FEIRA 23 DE MARÇO - QUINTA - FEIRA 24 DE MARÇO
12 - QUINTA-FEIRA SANTA 24 DE MARÇO
13 - QUINTA-FEIRA SANTA 24 DE MARÇO
14 - QUINTA-FEIRA SANTA 24 DE MARÇO
15 - QUINTA-FEIRA 24 DE MARÇO
16 - SEXTA-FEIRA SANTA 25 DE MARÇO - SÁBADO DE ALELUIA 26 DE MARÇO
17 - DOMINGO DE PÁSCOA 27 DE MARÇO - TERÇA-FEIRA 29 DE MARÇO
18 - TERÇA-FEIRA 29 DE MARÇO - QUARTA-FEIRA 30 DE MARÇO
19 - QUARTA-FEIRA 30 DE MARÇO - SEXTA-FEIRA 1º DE ABRIL
20 - SEXTA-FEIRA 1° DE ABRIL - DOMINGO 3 DE ABRIL
IV - TERMINATOR MODE 24 DE MARÇO A 8 DE ABRIL
21 - QUINTA-FEIRA SANTA 24 DE MARÇO - SEGUNDA-FEIRA 4 DE ABRIL
22 - TERÇA-FEIRA 29 DE MARÇO - DOMINGO 3 DE ABRIL
23 - DOMINGO 3 DE ABRIL - SEGUNDA-FEIRA 4 DE ABRIL
24 - TERÇA-FEIRA 5 DE ABRIL
25 - TERÇA-FEIRA 5 DE ABRIL - QUARTA-FEIRA 6 DE ABRIL
26 - QUARTA-FEIRA 6 DE ABRIL
27 - QUARTA-FEIRA 6 DE ABRIL

28 - QUARTA-FEIRA 6 DE ABRIL - QUINTA-FEIRA 7 DE ABRIL
29 - QUARTA-FEIRA 6 DE ABRIL - QUINTA-FEIRA 7 DE ABRIL
30 - QUINTA-FEIRA 7 DE ABRIL
31 - QUINTA-FEIRA 7 DE ABRIL
32 - QUINTA-FEIRA 7 DE ABRIL
A RAINHA DO CASTELO DE AR
I. ENCONTRO NUM CORREDOR 8 A 12 DE ABRIL
1. SEXTA-FEIRA 8 DE ABRIL
2. SEXTA-FEIRA - 8 DE ABRIL
3. SEXTA-FEIRA 8 DE ABRIL - SÁBADO 9 DE ABRIL
4. SÁBADO 9 DE ABRIL - DOMINGO 10 DE ABRIL
5. DOMINGO 10 DE ABRIL
6 - SEGUNDA-FEIRA - 11 DE ABRIL
7. SEGUNDA-FEIRA - 11 DE ABRIL - TERÇA-FEIRA 12 DE ABRIL
II. HACKER REPUBLIC 1º. A 22 DE MAIO
8. DOMINGO 15 DE MAIO - SEGUNDA-FEIRA 2 DE MAIO
9. QUARTA-FEIRA - 4 DE MAIO
10. SÁBADO - 7 DE MAIO - QUINTA-FEIRA - 12 DE MAIO
11. SEXTA-FEIRA 13 DE MAIO - SÁBADO 14 DE MAIO
12. DOMINGO 15 DE MAIO - SEGUNDA-FEIRA 16 DE MAIO
13. TERÇA-FEIRA 17 DE MAIO
14. QUARTA-FEIRA 18 DE MAIO
15. QUINTA-FEIRA 19 DE MAIO - DOMINGO 22 DE MAIO
III. BISC CRASH 27 DE MAIO A 6 DE JUNHO
16. SEXTA-FEIRA 11 DE MAIO TERÇA-FEIRA 31 DE MAIO
17. QUARTA-FEIRA 1º. DE JUNHO
18. QUINTA-FEIRA 2 DE JUNHO
19. SEXTA-FEIRA 3 DE JUNHO - SÁBADO 4 DE JUNHO
20. SÁBADO 4 DE JUNHO
21. SÁBADO 4 DE JUNHO - SEGUNDA-FEIRA 6 DE JUNHO
22. SEGUNDA-FEIRA 6 DE JUNHO

IV. REBOOTING SYSTEM 1°- DE JULHO A 7 DE OUTUBRO
23. SEXTA-FEIRA 1º. DE JULHO DOMINGO - 10 DE JULHO
24. SEGUNDA-FEIRA - 11 DE JULHO
25. QUARTA-FEIRA 13 DE JULHO - QUINTA-FEIRA 14 DE JULHO
26. SEXTA-FEIRA 15 DE JULHO
27. SEXTA-FEIRA 15 DE JULHO
28. SEXTA-FEIRA 15 DE JULHO - SÁBADO 16 DE JULHO
29. SÁBADO 16 DE JULHO - SEXTA-FEIRA 7 DE OUTUBRO
EPÍLOGO: INVENTÁRIO DE SUCESSÃO: SEXTA-FEIRA 2 DE DEZEMBRO - DOMINGO 18 DE DEZEMBRO
AUTOR